

# Caderno de Resumos do W. ENCONTRO ANPOF

Vol. 1 – Grupos de Trabalhos



REALIZAÇÃO



APOIO



# **ANPOF – Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia**

## **Diretoria 2023-2024**

### **Presidente**

Érico Andrade Marques de Oliveira (UFPE)

### **Secretário-Geral**

Eduardo Vicentini de Medeiros (UFSM)

### **Secretária-Adjunta**

Tessa Moura Lacerda (USP)

### **Tesoureiro-Geral**

Judikael Castelo Branco (PROF-FILO/UFT)

### **Tesoureira-Adjunta**

Francisca Galiléia Pereira da Silva (UFC)

### **Diretora de Comunicação**

Georgia Cristina Amitrano (UFU)

### **Diretora Editorial**

Solange Aparecida de Campos Costa (UESPI)

### **Conselho Fiscal**

Taís Silva Pereira (PPFEN-CEFET/RJ)

Ester Maria Dreher Heuser (Unioeste)

Castor Bartolomé Ruiz (Unisinos)

# **Caderno de Resumos do XX Encontro ANPOF**

**Vol. 1 – Grupos de Trabalho**



© 2024 ANPOF

**Gerente Editorial**

Junior Cunha

**Conselho Editorial**

Ana Karine Braggio

Gustavo Rohte de Oliveira

Jaqueline Thais de Souza

José Francisco de Assis Dias

Júlio da Silveira Moreira

Pietra Maria Gulak Welter

Reginaldo César Pinheiro

Ronaldo de Oliveira

**Produção Editorial**

Ammy Lee Vitória

Daniela Valentini

José Luiz G. Mariani

Medéia Lais Reis

Mônica Chiodi

**Instituto Quero Saber**

[www.institutoquerosaber.org](http://www.institutoquerosaber.org)

[editora@institutoquerosaber.org](mailto:editora@institutoquerosaber.org)

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

E56      XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF.  
            Caderno de resumos do XX Encontro ANPOF -  
            Vol. 1 - grupos de trabalho / - 1. ed. e-book -  
            Toledo, Pr.: Instituto Quero Saber, 2024.  
            2545 p. il: color.

Modo de Acesso: World Wide Web:  
<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>  
ISBN: 978-65-5121-087-7  
DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.116>

1. Filosofia.

CDD 22. ed. 100

Rosimarizy Linaris Montanhano Astol – Bibliotecária CRB/9-1610

Este livro foi editado pelo Instituto Quero Saber em parceria com a ANPOF.

O teor da publicação é de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	8
GT AGOSTINHO DE HIPONA E O PENSAMENTO TARDO-ANTIGO.....	9
GT ALTERIDADE E DESCONSTRUÇÃO .....	39
GT ARISTÓTELES.....	89
GT BENEDICTUS DE SPINOZA .....	108
GT CETICISMO .....	133
GT CRITICISMO .....	149
GT DELEUZE/GATTARRI.....	156
GT DIALÉTICA.....	221
GT EDITH STEIN E O CÍRCULO DE GOTINGA.....	228
GT EPICTETO E MARGINÁLIA FILOSÓFICA.....	241
GT EPISTEMOLOGIA ANALÍTICA .....	255
GT ERIC WEIL E A COMPREENSÃO DO NOSSO TEMPO .....	301
GT ESTÉTICA.....	317
GT ESTUDOS CARTESIANOS .....	396
GT ÉTICA .....	419
GT ÉTICA E CIDADANIA .....	462
GT ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA.....	488
GT ÉTICA E POLÍTICA NA FILOSOFIA DO RENASCIMENTO .....	539
GT FENOMENOLOGIA.....	578
GT FICHTE.....	630
GT FILOSOFAR E ENSINAR A FILOSOFAR.....	639
GT FILOSOFIA ANTIGA.....	767
GT FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA .....	824
GT FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA DE EXPRESSÃO FRANCESA .....	842
GT FILOSOFIA DA CIÊNCIA .....	878

GT FILOSOFIA DA HISTÓRIA E MODERNIDADE .....	904
GT FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO, LATINO-AMERICANA E AFRICANA .....	919
GT FILOSOFIA DA MENTE E DA INFORMAÇÃO.....	964
GT FILOSOFIA DA NEUROCIÊNCIA, X-PHI, I.A. E NEUROÉTICA .....	1022
GT FILOSOFIA DA RELIGIÃO.....	1030
GT FILOSOFIA DA TECNOLOGIA E DA TÉCNICA .....	1080
GT FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS FÍSICAS .....	1109
GT FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS FORMAIS .....	1127
GT FILOSOFIA E DIREITO.....	1143
GT FILOSOFIA E GÊNERO.....	1175
GT FILOSOFIA E POLÍTICA .....	1243
GT FILOSOFIA E PSICANÁLISE.....	1264
GT FILOSOFIA E RAÇA .....	1354
GT FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA.....	1431
GT FILOSOFIA HERMENÊUTICA.....	1496
GT FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA .....	1529
GT FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA .....	1582
GT FILOSOFIA, HISTÓRIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA .....	1642
GT GENEALOGIA E CRÍTICA.....	1648
GT HANS JONAS .....	1661
GT HEGEL .....	1679
GT HEIDEGGER.....	1731
GT HISTÓRIA DA FILOSOFIA DA NATUREZA.....	1781
GT HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL E A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA ANTIGA.....	1785
GT HOBBS .....	1811
GT HUME.....	1821
GT KANT.....	1845

GT LEIBNIZ .....	1877
GT LEVINAS .....	1890
GT LÓGICA .....	1913
GT MARXISMO .....	1930
GT METAFÍSICA ANALÍTICA .....	1985
GT MULHERES NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....	2007
GT NEOKANTISMO E FILOSOFIA DA CULTURA .....	2054
GT NEOPLATONISMO .....	2074
GT NIETZSCHE .....	2080
GT ONTOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS .....	2140
GT PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO .....	2179
GT PENSAMENTO DO SÉCULO XVII .....	2195
GT PENSAMENTO FILOSÓFICO BRASILEIRO .....	2212
GT PLATÃO E O PLATONISMO .....	2238
GT RAÇA, GÊNERO E CLASSE .....	2274
GT ROUSSEAU E O ILUMINISMO .....	2333
GT SCHOPENHAUER .....	2359
GT SEMIÓTICA E PRAGMATISMO .....	2386
GT TEORIA CRÍTICA .....	2400
GT TEORIAS DA JUSTIÇA .....	2483
GT WITTGENSTEIN .....	2523



## APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos este Caderno de Resumos dos Grupos de Trabalho (GTs) do XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, realizado entre os dias 30 de setembro e 4 de outubro de 2024, em Recife. O volume traz os resumos dos trabalhos apresentados nos GTs durante o evento. Este evento é um marco significativo no calendário acadêmico da filosofia brasileira, congregando pesquisadores de todo o país e do exterior, comprometidos com o avanço do pensamento filosófico e a integração entre as diversas áreas do conhecimento.

Os Grupos de Trabalho desempenham um papel essencial no Encontro, reunindo pesquisadores em torno de temáticas variadas e proporcionando um espaço privilegiado para o intercâmbio de ideias e discussões aprofundadas da área. Cada GT é formado por um Núcleo de Sustentação, composto por estudiosos nacionais e internacionais, cuja expertise está ligada a programas de pós-graduação filiados à ANPOF. Com 73 GTs ativos, este evento reflete a diversidade e a riqueza da produção filosófica contemporânea, fortalecendo os laços acadêmicos entre pesquisadores de diferentes instituições e regiões.

O XX Encontro da ANPOF não se limita à apresentação de trabalhos. Os GTs são responsáveis também por mesas temáticas, minicursos e uma série de atividades voltadas para o aprofundamento das discussões filosóficas, promovendo o diálogo e a construção de conhecimento de forma colaborativa e inclusiva. Este Caderno de Resumos é, portanto, um registro do dinamismo que caracteriza os debates filosóficos no Brasil e uma demonstração do vigor da comunidade acadêmica em nossa área.

Esperamos que este volume seja uma fonte rica de consulta e reflexão, contribuindo para o desenvolvimento contínuo da Filosofia em nosso país.

Boa leitura e um excelente Encontro a todos!

*Solange Costa*

Diretora Editorial da ANPOF

Biênio 2023-2024



XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT AGOSTINHO DE HIPONA E O PENSAMENTO TARDO-ANTIGO



## A ASCESE EM SANTO AGOSTINHO

Edvanio De Jesus Nascimento

[ed.vanio@yahoo.com.br](mailto:ed.vanio@yahoo.com.br)

### Resumo

A ascese é um tema caro a Agostinho, apesar de declarar em seus escritos de não conhecer os padres do deserto antes da vida adulta, ou seja, antes de se aproximar do cristianismo. Mesmo que neste período da história o ascetismo cristão esteja bem consolidado, pois segundo a tradição o primeiro que teve a feliz ideia de abandonar o mundo para se consagrar a vida de meditação e oração no deserto foi Santo Antão, ainda na primeira metade do século IV. As pesquisas nos fazem compreender que foram as controvérsias religiosas que impulsionaram um aprofundamento na concepção ascese para Agostinho de Hipona. Fazendo um contra ponto as ideias maniqueístas Agostinho reflete sobre temas como: questões da sexualidade e da procriação, práticas como o Jejum e outros tipos de abstinência. Mergulhar no mistério é fazer a experiência do encontro a partir do que cada indivíduo traz em si, não deixando de lado a capacidade racional, haja vista, em parte já lhe é imanente o desejo de transcendência, mas para que seja invadido pelo “totalmente Outro” deve se encontrar em sua nulidade, seu nada, para se fazer um com o Ser.

### Palavras-Chave

Ascese. Mistério. Experiência.



## A CONSCIÊNCIA MORAL NO PENSAMENTO DE BASÍLIO DE CESAREIA

Marco Antônio Pensak  
[marcopensak@icloud.com](mailto:marcopensak@icloud.com)

### Resumo

Estas reflexões têm o objetivo examinar duas homilias proferidas por São Basílio Magno (330-379), com particular ênfase na identificação de elementos concernentes à consciência moral em uma época em que a doutrina cristã ainda estava sendo plasmada. A primeira delas, a Homilia sobre o início do Livro dos Provérbios, destaca-se não apenas por ser considerada a mais extensa e antiga do corpus basiliano, mas também pela reverberação posterior que teve no pensamento de Santo Alberto Magno, magister de Santo Tomás de Aquino, ao tratar da *sindérese* na questão LXXI do *De Homini*, na *Summa De Creaturis*, e, assim, influenciar diretamente o pensamento de seu discípulo. A segunda, intitulada: Homilia sobre as palavras “Fica atento a ti mesmo”, São Basílio Magno comenta a passagem presente em Dt 15,9: “Fica atento a ti mesmo, para que não surja em teu coração um pensamento vil”, possivelmente também por influência do preceito délfico “Conhece-te a ti mesmo”. Essa homilia se destaca também pela relevância que possui para o entendimento do desenvolvimento do conceito de consciência moral explorado pelo filósofo e teólogo Rogério Miranda de Almeida, especialmente em sua obra intitulada: *A consciência moral: das raízes gregas ao pensamento medieval*, publicada em 2023.

### Palavras-Chave

Consciência Moral. São Basílio Magno. *Sindérese*.



## A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM NA ANTROPOLOGIA AGOSTINIANA

Josias Riberio Costa

[josiasrcosta@gmail.com](mailto:josiasrcosta@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho é tem a pretensão de discutir questões acerca da concepção do homem pela interpretação de Santo Agostinho de Hipona. Devido ao grande repertório e debates em que se envolveu, o bispo de Hipona abre duas possibilidades para a sua antropologia. Sendo elas: a interpretação dualista, em que o homem é composto de alma e corpo, e a interpretação tricotômica, em que o homem é composto de espírito, alma e corpo. Neste sentido, para compreender as influências que Agostinho recebeu em sua formação intelectual, deve-se retomar outros intérpretes não só patrística não só mas também da filosofia antiga, antecessores ao bispo de Hipona para elucidar o campo de debate que estava em voga na época. Havendo a divisão das escolas de interpretação bíblica entre a literal (Antioquia) e alegórica (Alexandria) cada uma com seus principais representantes da época. Porém, deve-se elucidar melhor os teólogos Ireneu de Lyon e Orígenes que se debruçaram sobre o assunto e que tiveram relevância durante vários séculos, nos quais inclui-se o século que Agostinho de Hipona viveu. Além da relevância da formação intelectual do bispo, os textos redigidos por São Agostinho devem ser lidos com um olhar atento, pois, devido ao período em que viveu a Igreja, eram necessárias respostas para perguntas e heresias que estavam surgindo de todos os lados. Sendo o bispo de Hipona mui respeitado pelos líderes da Igreja, era requisitado para que escrevesse contra os pelagianos, maniqueus e entre outros. E, por isso, cada texto de Agostinho deve ser entendido em seu devido contexto. A discussão acerca da antropologia de Santo Agostinho abre portas para interpretação tanto dualista quanto tricotômica e, por isso, buscar-se-á uma apresentação deste debate contendo os principais pontos de cada parte.

### Palavras-Chave

Santo Agostinho. Antropologia. Dualismo. Tricotomia.



## A CONTEMPLAÇÃO DO BELO NA MÍSTICA DE AGOSTINHO DE HIPONA

Messias Nunes Correia  
messiasnc@hotmail.com

### Resumo

A comunicação concentra-se em um dos aspectos da mística agostiniana. Isto é, na contemplação do Belo que acontece mediante uma progressiva purificação dos sentidos corpóreos e da elevação da alma a Deus. Ou seja, a contemplação agostiniana que é racional e, por isso, filosófica tem seu fundamento na graça divina que infunde na alma os meios para que, liberta das coisas inferiores, alcance o Sumo Bem. Nesse sentido, se entende a estrutura ontológica do ser humano que encontra seu ápice no nível superior de acesso ao divino. Seu pensamento filosófico tem como ponto fundante a experiência da fé cristã no Deus revelado e a busca do homem pelo Sumo Bem. Essa busca, porém, não é entendida como invalidação da razão, do esforço do intelecto em elevar-se à verdade, mas como prevalência que direciona a alma a contemplação da Beleza absoluta. Isto é, o ser humano tende a Deus, do qual provém toda a existência do cosmo, pois, o mundo criado irradia a beleza do seu criador e ao contemplá-lo, o ser humano contempla, ainda que em seus limites, a Verdade, a Bem e o Belo. Na concepção de Agostinho, a relação com o Belo se dá em um nível íntimo, de amor e de conhecimento; uma relação que gera uma transformação radical na criatura. Isso, porque o Belo se confunde essencial e indistintamente com a divindade, uma vez que a beleza é, não somente obra da divindade, mas é doação de Si. Para o retor africano, o belo é dotado de harmonia e ordenamento e todas as coisas possuem esses atributos impressos. Nesse sentido, é preciso que haja uma elevação das harmonias das coisas criadas e contingentes para se alcançar, na alma, a harmonia imutável e eterna. Há uma gradação na beleza, uma hierarquia em que se parte das inferiores e se alcança a perfeição que é Deus. Se há uma hierarquia da beleza em Agostinho é possível apresentá-la nos seguintes níveis: a beleza impressa na matéria e na forma; na alma, em suas virtudes, aptidões e atividades; nas boas ações e nos laços de amizade e, por fim, a plenitude da beleza eterna. Isto é, na gradação da beleza é preciso voltar-se inteiramente à Fonte da qual toda beleza provém, a saber, Deus. O hiponense segue a ideia de que é possível, a partir da realidade sensível e das múltiplas

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



formas de beleza, se chegar a unidade que dissipa toda forma de carência e incompletude. Agostinho entende que o caminho decisivo de encontro com a beleza Suprema não se encerra na exterioridade, mas na alma, quando esta repousa em Deus.

## Palavras-Chave

Agostinho. Belo. Mística. Alma. Deus.



## A INFLUÊNCIA DA ESCRITURA JUDAICO-CRISTÃ NA REFLEXÃO SOBRE O MAL EM SANTO AGOSTINHO

James Vasconcellos Mesquita

[jamesmsqt@gmail.com](mailto:jamesmsqt@gmail.com)

### Resumo

A relação entre a condição moral e a origem do mal é extremamente íntima. Os filósofos gregos pré-socráticos e, mormente, os clássicos se detiveram longamente na reflexão desse tema polêmico a ponto de produzirem uma literatura vastíssima. Essa problemática aparentemente insolúvel atravessou os séculos desde então sem ter encontrado uma resposta que solucionasse os debates e desse um ponto final nesse assunto. O Cristianismo entrou na discussão para apresentar uma versão alternativa a partir de uma percepção interpretativa diferente. O porta-voz oficial do problema “moral versus mal” foi Santo Agostinho, o qual se apropriou de alguns pontos platônicos para o desenvolvimento da sua visão. Este projeto de pesquisa tem por objetivo retomar a contribuição da filosofia metafísica agostiniana, valendo-se das interpretações de alguns comentadores as quais serão compiladas para melhor absorção e melhor averiguação por parte do leitor. Com isso, pretende-se trazer ao conhecimento dos atuais interessados na questão moral, os quais se incomodam com o mal que grassa nas plagas sociais em todos os níveis, a proposta do pensamento filosófico-cristão que, por sua vez, exime-se, propositadamente, da ingenuidade costumeiramente constatada na religião, mas que não exclui o elemento da esperança da hegemonia do Bem sobre o Mal.

### Palavras-Chave

Agostinho. Mal. Moral.



## A MENTE (MENS) É IMAGEM DE DEUS (IMAGO DEI) PORQUE É CAPAZ DE DEUS (CAPAX DEI)

José Teixeira Neto  
joseteixeira@uern.br

### Resumo

A comunicação abordará a apropriação por Nicolau de Cusa (1401-1464) da doutrina agostiniana presente no Livro XIV do *De trinitate* segunda a qual a mente (mens) “[...] é imagem de Deus precisamente porque é capaz de Deus”. Em primeiro lugar, portanto, apresentará de forma introdutória a doutrina agostiniana como aparece no Livro XIV do *De trinitate*. Em segundo lugar, o texto analisará o capítulo IV do *De visione dei* (1453) de Nicolau de Cusa. Nessa obra, a partir da metáfora do olhar que tudo vê, Nicolau explorará as virtualidades do olhar infinito de Deus. Especificamente, no quarto capítulo aparece a relação do olhar de Deus com o homem, nesse caso, com o autor da obra, já que o autor escreve em primeira pessoa. O olhar de Deus é dito “[...] bondade máxima que não pode deixar de se comunicar a tudo o que a pode acolher” (omni capaci) e, portanto, que o olhar de Deus jamais poderá abandonar o homem enquanto ele for capaz de acolhe-lo (Ego tui capax fuero). Ainda nesse capítulo, o texto destacará como o “ser capaz de Deus” não é algo terminado no homem, mas é uma tarefa que ele mesmo deve realizar, pois compete ao homem “fazer tudo quanto puder para ser cada vez mais capaz de [...]” acolher a Deus (capax tui). Por fim, para aprofundar a relação com esse aspecto do pensamento agostiniano, em terceiro lugar, a comunicação também analisará o Sermão CCLI (Nos revelata facie) pronunciado por Nicolau de Cusa em 01 de novembro de 1456 na Diocese de Bressanone (Itália). No sermão, o Cardeal cita o *De trinitate* de Agostinho: “E quanto mais a mente é aperfeiçoada [...], tanto mais a imagem é aperfeiçoada e nela mais claramente Deus reluz, por exemplo, como disse Agostinho: a alma é imagem de Deus, porque é capaz de Deus” (anima eo est imago Dei, quo capax Dei). Portanto, espera-se determinar em que consiste esse ser “capaz de Deus”, a sua relação com a doutrina da mente ou da alma como imago dei e como se pode ver aí uma apropriação pro Nicolau de Cusa do *De trinitate* de Agostinho.

### Palavras-Chave

Mente. Alma. Imagem. Agostinho. Nicolau de Cusa.





## A PROVIDÊNCIA DIVINA EM AGOSTINHO DE HIPONA

Juvenal Dias Da Rocha

[juvdr@uol.com.br](mailto:juvdr@uol.com.br)

### Resumo

1. A Vida de Santo Agostinho e a Providência Divina. A vida de Santo Agostinho foi, desde a infância cercada pela Providência Divina. Por ter nascido numa família desafiadora, na qual a mãe Mônica, uma cristã piedosa, de grande senso do temor de Deus. Por outro lado, um pai, Patrício, um homem rude, de caráter firme e violento, pagão, de costumes depravados, muito diferente do modo de vida de sua esposa. Para seu futuro, a mãe almejava uma vida de fé e temor a Deus, enquanto o pai, uma posição de destaque na sociedade, como nobre funcionário do império romano. Deus, porém, em Sua Providência já sabia o que lhe era reservado antes mesmo de ele nascer, na eternidade, como confirma a história conhecida do bispo de Hipona. Aurelius Agostinius viveu sob a influência de sua piedosa mãe, providencialmente, muito mais forte que a do seu indiferente pai. Agostinho não hesita, por isso em agradecer tão grande dádiva da Providência Divina. 1. Sinais da Providência Divina na Vida de Santo Agostinho. Em todo o percurso da vida de Agostinho nunca faltou sinais de que Deus o estava guiando por meio de Sua Providência. A fé inabalável de Mônica se mantinha sempre viva, de tal modo que ela acreditava que um dia veria a conversão de sua família, e nessa direção a Providência Divina lhe guiou até a concretização de sua viva esperança. Seu pai quis enviá-lo a Cartago para completar os estudos, porém, não tendo como sustentar o filho nos estudos fora de casa, contou, providencialmente com um amigo abastado, que se dispôs a ajudar e, Agostinho foi para Cartago; de lá, já formado, e exercendo as funções de professor de retórica, foi convidado para Roma e de lá, para Milão, onde se encontra com o bispo Ambrósio, a quem ouve, com certo desdém; porém, foi tocado pela mensagem do bispo que, habilidosamente, relacionava seus sermões com alguns pontos da filosofia platônica e, não demorou para o Evangelho ser, aos poucos, engendrado nele, até ser alcançado pela graça – e o milagre da regeneração acontecer, com a mudança radical no caráter do futuro bispo de Hipona. 3. A Confiança de Agostinho na Direção Divina Por Meio de Sua Providência. Em seus estudos teológicos e filosóficos Agostinho acreditava ser a Providência Divina

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



o meio pelo qual Deus dirige e comanda o universo, de modo que tudo aconteça de acordo com o propósito que determinou desde a eternidade. “[...] de acordo com a nossa fé, é a divina Providência que dirige o universo” (AGOSTINHO, 1995, p. 25).

## Palavras-Chave

Agostinho. Providência. Piedade.



## A RELAÇÃO ENTRE LIVRE-ARBÍTRIO E MAL EM AGOSTINHO DE HIPONA

Ana Ruth Pereira Padilha  
[ruth.padilha@aluno.uece.br](mailto:ruth.padilha@aluno.uece.br)

### Resumo

É bem conhecida a forma triádica com a qual Agostinho abordou o problema do mal, levando em conta as suas facetas ontológica, moral e física. No nível metafísico-ontológico, Agostinho afirma que o mal não está no cosmos, mas deve ser reconhecido como uma espécie de corrupção da ordem criada. A rigor, o mal é mesmo compreendido como a simples ausência de bem. Entretanto, mais inquietante é a aceção moral do supracitado problema, uma vez que pressupõe a participação direta da vontade, escolha e ação humana. Com o auxílio dos estudos de Gilson (2010) e Costa (2014), pretende-se retomar essa problemática e analisa-la a partir do papel que a noção de voluntariedade desempenha na construção argumentativa de Agostinho em *Sobre o Livre-Arbítrio*. Em que medida é adequado dizer que a ação humana é voluntária? Por assumir que a concepção de livre-arbítrio é nuclear para o tratamento do problema do mal, faz-se necessário revisitar a clássica questão supracitada, investigando o estatuto da ação humana no contexto da opção pelos bens inferiores ou afastamento da ordem criada. Para tal, o presente trabalho irá se concentrar na obra citada, além de recorrer, de modo complementar, ao *Sobre a Vida Feliz e Confissões*. Desta feita, pode-se realizar a exegese do texto agostiniano e dar a ele uma interpretação crítica, com foco para o exame quanto à coerência interna da associação realizada entre o uso do livre-arbítrio e o mal moral.

### Palavras-Chave

Agostinho. Livre-arbítrio. Mal.



## A SENSAÇÃO EM AGOSTINHO: UM COMENTÁRIO AO PARÁGRAFO X.6.8 DO DE TRINITATE

Hélton Pimenta Fernandes

[frayhelton@hotmail.com](mailto:frayhelton@hotmail.com)

### Resumo

Neste parágrafo, Agostinho menciona a “mens” como passível de erro quando se une com grande amor às imagens (istis imaginibus), por ela mesma criadas no processo de conhecimento, a ponto de estimar ser ela mesma como estas imagens que ela cria. A sensação pertence totalmente à alma como uma ação e não ao corpo. Sentir é algo da alma através do corpo. Nesta dinâmica o corpo é passivo e a alma ativa. As sensações são os atos de atenção da alma às modificações excepcionais sofridas pelo corpo. Assim, neste processo de produção, ela forma a sensação a partir de algo de sua própria substância; sendo superior ao corpo, produz imagens deste, desertando-se de si mesma em benefício do que lhe é inferior se acomodando a ele. A mente erra quando se prende a estas imagens perdendo de vista sua própria transcendência, julgando a si mesma, a Deus e tudo o que a rodeia de acordo com estas imagens que são uma inferiorização da alma para se acomodar ao corpo. Segundo Agostinho, vigora na alma a capacidade de discernir aquilo que ela mesma está criando como fantasia a partir das afetações do corpo e da memória sensível daquilo que está fora em relação ao corpo, da realidade em si mesma. Neste parágrafo se percebe a profundidade da teoria de Agostinho sobre as sensações e a relação destas com a alma, tanto em um estado de normalidade como em estados em que o vigor que a alma tem de discernir aquilo que ela mesma cria daquilo que é fora em relação ao corpo fica debilitado. Também se percebe como a alma em si mesma não é uma representação, que ela erra e se inferioriza ao se pensar como sendo totalmente como as coisas que ela sente no processo de elaboração das sensações. A alma nela mesma é transcendente em relação àquilo que ela mesma pode representar com imagens.

### Palavras-Chave

Sensação. Alma. Corpo.



## AGOSTINHO DE HIPONA – UM ESTETA

Ana Kelly

[souto-ana@hotmail.com](mailto:souto-ana@hotmail.com)

### Resumo

O presente estudo tem por objetivo investigar a noção de beleza em Agostinho de Hipona e como essa se fez meio para a educação e aprendizagem. A questão da beleza destaca-se em vários de seus escritos. Em *Confissões*, por exemplo, é mencionada a existência de uma obra perdida intitulada *Do belo e do útil*, que constitui o primeiro problema filosófico enfrentado pelo autor. Problema esse que, perdurará de modo implícito e explícito por toda sua produção filosófica, alcançando e permeando, inclusive, seus escritos concernentes à filosofia cristã. Nesse sentido, o conceito aparece em proeminência já na investigação e obra, *Da Ordem*, no qual a beleza sensível é referendada como própria deste mundo e, nesse sentido, encontrar-se-ia na ordenação e unidade espacial cuja função seria orientar a compreensões superiores, alçando-se, por fim, como educação em seu estágio final e, através dela, antepondo a percepção do incorpóreo que transpassa o corpóreo, regula-o e o compõe. A Educação seria, nesse contínuo, processo gradativo e interior a pessoa, abrangendo o incorpóreo ou o inteligível em um caminhar que parte do exterior para o interior e, do interior para o exterior, como resposta à fenomenalidade externa. Tudo isso, em um diálogo profundo e contínuo rumo a um saber mais e melhor. Assim, contemplando a ordem que tal processo evoca, compreender-se-ia, igualmente, a própria beleza e o resultado de ascese educacional que ela pode propiciar. Para isso, conforme Agostinho, depreende-se a beleza corpórea não só como ponto de partida e alicerce à beleza incorpórea, mas como uma via de várias possíveis que constituiriam a busca por conhecimento em um páthos que vai do sensível ao inteligível, e desse último ao sensível de forma cíclica. Compreendendo tal itinerário, tornar-se-ia facilitado a compreensão do belo em Agostinho de Hipona, atributo capaz de levar à Educação, bem como, tornar-se-ia força propulsora a compreensão inicial do seu conceito de beatitude, conceito esse que se comunica a tentativas sistêmicas de perfectibilidade e de um autoaperfeiçoar-se que o ser humano deve perseguir e, levam conseqüentemente, a uma “vita beata”. Além disso, outras discussões se farão necessárias, tal como a busca da verdade pelo amor



que, por si só, também se faz belo e, desse modo, poder-se-ia dizer que esses atributos — verdade, amor e beleza — não se mostram dissociados, pelo contrário, estão interligados. Isso porque, tanto a verdade quanto o amor, são intrinsecamente belos e,

### **Palavras-Chave**

Beleza. Educação. Ascese.



## AS PESSOAS DA TRINDADE E SUA RELAÇÃO COM A SABEDORIA: SEGUNDO STO AGOSTINHO E STO TOMÁS DE AQUINO

Edson Silva

[edson.silva@alu.ufc.br](mailto:edson.silva@alu.ufc.br)

### Resumo

Como Santo Agostinho de Hipona e Santo Tomás de Aquino conceituam ‘pessoa’ na relação trinitária. A relação entre as Pessoas da Trindade é delicada para o entendimento humano quando a questão trata a respeito da Sabedoria divina. Seria Deus Pai o único poder da Trindade? ou as outras duas Pessoas participam concomitantemente da Grandeza gerada por Ele? São questões que serão vistas e expostas como uma importante reflexão filosófica a partir de um viés teológico. Ademais, há um alinhamento dessas questões na busca da compreensão a respeito do que venha a ser ‘Sabedoria’ do Verbo de Deus, quando aquela não é Ele. Contudo o Verbo coexiste em sua fala enquanto demonstrando a sua deidade por meio do Filho. Pai e Filho são da mesma essência e por isso o Filho favorece a Deus a condição de ser Pai uma vez que nenhum deles se diz em relação a si mesmo, mas se interrelacionam, conforme nos faz pensar Santo Agostinho. Assim, a Sabedoria é do Pai e do Filho por essência e por relação: é a “sabedoria da Sabedoria”. Em outra perspectiva Tomás de Aquino entende que ‘pessoa’ está para além da perfeição natural, mas é algo que subsiste à Razão, por isso, não se pode atribuir a Deus o termo ‘pessoa’ por ser sua essência a perfeição absoluta. É possível tratar de ‘pessoa’ quando esta esteja no conceito de ‘relação’ enquanto aplicado no plural, ou seja, ao indicar as “Pessoas da Trindade”. Quando aplicado no singular denota o entendimento da essência do ser: “Pessoa Divina”. Segue que em Deus há várias pessoas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), como afirmado pelo Bispo de Hipona ao tratar das Pessoas da Trindade, pois apenas estas têm uma relação mútua entre si mesmas em condições subsistentes e não apresentam nenhuma oposição, contudo, são distintas entre si.

### Palavras-Chave

Sabedoria. Santo Agostinho. Santo Tomás de Aquino.



## DE FIDE RERUM QUAE NON VIDENTUR: A INDISPENSABILIDADE DA FÉ NA BUSCA DA VERDADE EM AGOSTINHO

Isabela P. Paula

[isabelappaula@yahoo.com.br](mailto:isabelappaula@yahoo.com.br)

### Resumo

Entre os anos 420-425, o filósofo e sacerdote romano Aurélio Agostinho pregou um sermão sob o nome: *De fide rerum quae non videntur*, no qual o autor formulou uma série de argumentos para defender que a fé é indispensável ao homem virtuoso que procura pela verdade, que não seria apenas uma verdade subjetiva e sim uma verdade em Cristo, que é, ele mesmo, esta verdade e pela fé. Em meio a este contorno, a fé seria um verdadeiro divisor de águas para aqueles que desejavam pisar em solo consagrado. O Bispo propôs, através de argumentos consistentes, que a fé seria necessária para a busca aprofundada e real da verdade, sendo que, sem esta analogia entre ambas, a verdade se encontraria mais distante e talvez quase inalcançável. Este trabalho pretende analisar as argumentações abarcadas no sermão do autor - que tem como um de seus objetivos o fortalecimento da fé contra os pagãos e maus cristãos - com interesse de reiterar a relevância dos pensamentos agostinianos para a atualidade durante os debates expostos na Filosofia e na Ciência da Religião, sem perder de vista que os sermões do período medieval eram levados à vida cotidiana das pessoas, com o objetivo de levar também coerência à vivência do público-alvo de Agostinho.

### Palavras-Chave

Sermão. Fé. Verdade.





## EM ADÃO, O HOMEM TORNA-SE OU É PECADOR? UMA PERGUNTA AGOSTINIANA

Marcone Felipe Bezerra De Lima  
[marconefelipe25@hotmail.com](mailto:marconefelipe25@hotmail.com)

José Tadeu Batista De Souza  
[jose.tadeu@unicap.br](mailto:jose.tadeu@unicap.br)

### Resumo

Segundo Santo Agostinho, por Deus ser perfeito e o pecado uma imperfeição, logo, o Sumo Bem não pode ser seu autor. Assim, pelo direcionamento errôneo do livre-arbítrio, o pecado surge no mundo. Deus concedeu ao homem, no momento da criação, as faculdades intelectivas perfeitas orientando-o para o bem. Antes da Queda, o livre-arbítrio era sinônimo de liberdade, pois Adão poderia não desobedecer a Deus, ou seja, evitar o pecado e, conseqüentemente, a morte. Agora, depois da Queda, o homem encontra-se preso por sua própria ação. Isso mostra que o livre-arbítrio, por si só, não pode resolver a situação da natureza humana, pois o homem continua com seu livre-arbítrio, mas este totalmente diferente daquele que se encontrava no primeiro homem, agora suas escolhas direcionam-se aos seus próprios desejos pecaminosos, uma vez que o pecado corrompeu a natureza afastando o homem do Sumo Bem, o seu criador, Deus. Isto posto, o objetivo aqui é ver como Santo Agostinho concebe a questão do pecado original e suas conseqüências, dentre elas, a perda da liberdade, pois vinculou-se ao sentido de vontade livre, que é, ontologicamente, boa, entretanto está debilitada pela Queda adâmica, cujo resultado diminuiu o poder de realização das escolhas boas. Em vista disso, nesse trabalho, pretendemos analisar, sob a perspectiva agostiniana, a ideia da faculdade do querer o bem na condição da natureza humana atual e refletir como esse bem é realizado por meio da Graça divina a fim de que o homem alcance a liberdade perdida. Destarte, discutir-se-á o conceito de liberdade plena e como essa se dá na submissão da vontade humana à vontade divina.

### Palavras-Chave

Pecado original. Livre-arbítrio. Santo Agostinho.



## HOMO IMPERFECTUM E IMPOTENTE FRENTE AO PECADO

Ana Célia Torres Ibiapina

[annailec@yahoo.com.br](mailto:annailec@yahoo.com.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir a problemática agostiniana sobre as ações humanas. Seu horizonte de reflexão incide sobremaneira na ética da liberdade. Contra todo o socratismo e contra o destino afirmado pelos estóicos, o homem de Agostinho é capaz de conduzir o seu próprio agir. Daí recaí sobre a figura humana toda a responsabilidade sobre seus atos, assim como os que dizem respeito à sua própria salvação. Desse modo, tomaremos como base para aprofundar nosso estudo a obra *De libero arbitrio* e *A Trindade*. A metodologia usada será estritamente bibliográfica e o método será hermenêutico, conclui-se que para o doutor da igreja, Deus é fundamento primeiro e último de toda a realidade e nesse sentido o ser humano é privilégio de toda a criação e não apenas isso é também “imagem e semelhança” divinas, portanto, participa ativamente para a manutenção do ordenamento do mundo ou pelo menos deveria manter essa ordem. Acontece que o antropos foi criado com uma condição especial, pois Deus deu a ele o “livre-arbítrio” um dom para decidir o que fazer do seu agir. Isso acarretou numa condição imperfeita que perpassa toda a sua natureza, que é a queda do homem, sua corrupção e sua aversio a Deus. A condição originária foi comprometida pelo homem no que Agostinho chama de “pecado original”, o que resultou em um afastamento do homem em relação a Deus e, ao mesmo tempo, no comprometimento, por parte do homem, da ordem criada. Assim seu dilema existencial consiste numa relação de busca ou de afastamento.

### Palavras-Chave

Homem imperfeito. Pecado original. Santo Agostinho.



## LIBERDADE E NECESSIDADE A PARTIR DA CONTROVÉRSIA ENTRE AGOSTINHO E PELÁGIO

Fabio Jose Barbosa Correia  
[fabiojcorreia@hotmail.com](mailto:fabiojcorreia@hotmail.com)

### Resumo

A reflexão acerca da existência de Liberdade real ou de Necessidade real na Vontade Humana é um desses temas que provocam debates intermináveis ao longo dos tempos, em diversas áreas do conhecimento. Esse assunto perpassa praticamente toda a história da filosofia. Platão, Aristóteles, Agostinho, Descartes, Leibniz, Espinoza, Locke, Rousseau, Kant, Schopenhauer, Heidegger, Sartre e Foucault são apenas alguns dos grandes nomes da filosofia que, de uma maneira ou de outra, se depararam com essa difícil questão e precisaram pensar sobre ela. Livre-Arbitrio, Predestinação, Determinismo, Graça ou Problema dos Futuros Contingentes são nomenclaturas, desdobramentos e consequências dessa mesma e antiga discussão. O Destino, a fatalidade conduz suavemente aquele que quer e arrasta com violência aquele que não quer” ou, ao contrário, “o homem está condenado a ser livre”, denotando que “somos o que queremos ser, o que escolhemos ser e que sempre poderemos mudar o que somos”? Entendendo a importância e a contribuição de cada filósofo, em suas respectivas épocas, para a compreensão dessa temática tão cara à nossa razão, não podemos deixar de reconhecer: em Agostinho de Hipona, um filósofo além do seu tempo, encontramos o ponto mais alto, denso e profundo desse assunto. Ele tem sido uma das vozes mais poderosas no estudo desse importantíssimo quesito, abordando-o em várias de suas obras, a exemplo de Cidade de Deus, Livre Arbitrio e A Graça. Nesse artigo, procuraremos revisitar os principais pontos envolvidos na histórica controvérsia entre Agostinho de Hipona e Pelágio, cujo debate gira em torno da mesmíssima questão, sob o nome de Predestinação e Livre Arbitrio. Analisaremos, também, a visão antropológica antagônica de ambos, importante chave hermenêutica para o entendimento da visão deles acerca da Liberdade real do Homem. Por fim, faremos uma abordagem das consequências práticas do entendimento de cada um deles acerca dessa matéria, bem como uma apresentação das possíveis atualizações de seus pensamentos sobre Predestinação e Livre Arbitrio, principalmente em pensadores



dos séculos XVI e XVII, como Lutero, Erasmo de Rotterdam, Calvino, Armínio e os Puritanos. Todos esses desenvolveram seus pensamentos olhando para o retrovisor temporal desse debate, com tons de Filosofia e Teologia, entre Agostinho e Pelágio, não sendo preciso acrescentar praticamente nada de novo; fato que revela a magnitude do que fora produzido ali naquele embate.

### **Palavras-Chave**

Agostinho. Pelágio. Liberdade.



## MEU CORAÇÃO, ONDE EU SOU O QUE SOU: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO COR AGOSTINIANO

Silvia Maria De Contaldo  
[silviacontaldo@hotmail.com](mailto:silviacontaldo@hotmail.com)

### Resumo

Conceitos, imagens, metáforas do cor perpassam pela obra *Confissões*, por inteiro. Como órgão vital, não apenas no sentido fisiológico, Agostinho dá ao coração estatuto de maior grandeza. Ao cor estão associados, e dele derivam, nossos julgamentos, nossas vontades, nossos movimentos existenciais. O cor agostiniano é também o lugar onde nós somos, no mais íntimo, onde espera-se, também, estará Deus. Em tempos de identidades fraturadas, corações adoentados pode-se encontrar em *Confissões* conceitos filosóficos, basilares, que são alicerce de um espaço vital chamado coração. Por exemplo, questões sobre o mal, sobre a liberdade, sobre o sentido da vida têm sido interrogações permanentes e, em tempos de crises, afloram com intensidade. Crises de todas as ordens. Expressões como “será que chefe de Estado não tem coração?”, ou “essa pessoa cometeu um ato de racismo mas tem um coração bom”, ou “aquele professor tem um coração grande”, ou ainda “aqui em casa é igual à coração de mãe, cabe todo mundo” apontam ser o coração esse lugar onde ‘somos o que somos’. Refletir sobre ‘o meu coração’ nem sempre nos dará respostas para os muitos males que nos afligem, mas poderá – como efeito medicinal – graças a Agostinho, tratar nossas incompletudes.

### Palavras-Chave

Agostinho. Cor. *Confissões*.



## O CONCEITO DE VERBUM MENTIS NO DE TRINITATE DE AGOSTINHO DE HIPONA

Ronny Dennyson Monteiro Santana

[ronnydennyson@gmail.com](mailto:ronnydennyson@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem por finalidade compartilhar a pesquisa doutoral em andamento sobre o conceito de *verbum mentis* (palavra interior ou verbo gerado pela mente), no pensamento de Agostinho de Hipona, sobretudo na obra *De trinitate*. As primeiras indicações de Agostinho apontam que o conceito *verbum mentis* seria um tipo de pensamento formado a partir do conhecimento da realidade inteligível o qual não pertence a nenhuma língua específica quando é gerado na mente, todavia assume algum sinal sensível para se tornar conhecida por outrem no processo de comunicação. Dessa forma, o conceito de *verbum mentis* está relacionado ao entendimento agostiniano sobre o caráter da universalidade cognitiva e sobre a essencialidade ou natureza da atividade da mente (*mens*), que para o filósofo hiponense, constitui a parte mais sublime e expressão máxima da interioridade da alma. Diante das buscas de compreensão sobre a palavra interior no pensamento de Agostinho, a questão norteadora da presente pesquisa consiste no seguinte problema: A partir do conceito agostiniano de *verbum mentis* como geração processual de um conhecimento original da mente, cujo domínio tem proporções universais, qual o sentido conceitual desta universalidade cognitiva do *verbum mentis*? A nossa tese é que esta palavra interior, concebida da mente, atinge um alto grau de universalidade cognitiva, sendo, portanto, uma espécie de *cogitatio veritatis*, um pensamento de uma verdade perene, pois, segundo Agostinho, na verdade, a visão do pensamento é absolutamente semelhante a visão da ciência. Por conseguinte, temos como hipóteses iniciais que o sentido da universalidade cognitiva da palavra interior decorre da união da mente com os conhecimentos inteligíveis, graças à teoria da iluminação divina, da qual o *verbum mentis*, que não pertence há uma particularidade linguística, está imbricado. É provável que a doutrina agostiniana da iluminação divina e a doutrina do *verbum mentis* são complementares e ambas tratam da natureza da cognição, uma vez que a teoria do *verbum mentis* está na raiz da iluminação agostiniana.

### Palavras-Chave

*Verbum mentis*. Mente. Conhecimento.



## O ERRO DOS ACADÊMICOS PARA AGOSTINHO DE HIPONA

Rafael Rodrigues Lopes  
[rafael.lobes@aluno.uece.br](mailto:rafael.lobes@aluno.uece.br)

### Resumo

O ceticismo dos acadêmicos não era um puro pôr tudo em dúvida a ponto de desconstruir todo conhecimento e duvidar radicalmente de que é possível alcançar a verdade. Tal filosofia combatida por Agostinho está inserida no contexto do helenismo, tendo sua origem na Academia fundada por Platão, pois Sócrates havia afirmado que a vida sem exame (investigação) não é uma vida de homem. Assim, tal escola filosófica tinha por papel a investigação sem fim. O hiponense combate-a ao mesmo tempo que a acolhe como uma iniciação à filosofia platônica. Mas o problema está no erro apontado por ele nessa forma de fazer filosofia na obra *Contra Acadêmicos*. Investigar tal erro é o propósito do presente estudo. Utilizar-se-á a metodologia hermenêutica em *strictu sensu*, no sentido fraco de sua significação; que é diferente da desenvolvida por Gadamer. Tal hermenêutica propõe-se a ser um desenvolvimento mediador no processo da interpretação de textos. Essa interpretação observará os grandes comentadores do autor em questão sem deixar de expressar a própria argumentação do pesquisador.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Academia. Erro.



## O LIVRE ARBÍTRIO E A PREDESTINAÇÃO EM AGOSTINHO

Camila Melo Silva

[camilamelo.adv@gmail.com](mailto:camilamelo.adv@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar, na perspectiva filosófica agostiniana, a relação entre o livre arbítrio humano e a predestinação divina. O recorte metodológico encontra-se delimitado às obras *O Livre Arbítrio* (388-395) e *A Predestinação dos Santos* (428-429), ambas de Agostinho. Inicialmente, será abordado o problema ontológico da origem do mal, a resposta fornecida por Agostinho, bem como a sua causa e consequência após o pecado original. Para Agostinho o mal não é outra substância (oposta ao bem), mas sim uma ação no interior da própria substância: uma corrupção do bem que se tornou mal. Então, o mal é ausência, deficiência ou privação do bem (*privatio boni*), o qual decorre do mau uso da liberdade humana. Também se discorrerá sobre os conceitos de liberdade (*libertas*) e livre arbítrio (*liberum arbitrium*), passando pelas definições de vontade (*voluntas*) e boa vontade (*bona voluntas*). O bispo de Hipona identifica a vontade como uma potência interna, uma espécie de força ou princípio ativo dotado de livre arbítrio que permite ao homem eleger suas próprias escolhas ou decisões. Entretanto, para Agostinho o livre arbítrio foi gravemente afetado pela queda, ficando os homens, a partir daí, marcados por uma tendência natural para o mal. Em seguida, se examinará o conceito de presciência (*praescientiam*) e predestinação (*praedestinatione*) divinas, passando pela definição de graça (*gratia*). A graça divina, uma vez concedida aos predestinados, não anula a liberdade humana, ao contrário, garante que ela seja eficaz, pois quando Deus quer realizar seu propósito Ele obtém a colaboração voluntária dos homens, os inclinando para que acolham à vontade divina, atraindo-os para junto de si. Portanto, o objetivo desta comunicação é concluir se — para Agostinho — há, ou não, uma compatibilidade entre o livre arbítrio humano e a predestinação divina, esclarecendo de que maneira se dá essa relação e quais são suas implicações éticas.

### Palavras-Chave

Livre Arbítrio. Predestinação. Vontade.





## O LIVRE-ARBÍTRIO E O MAL EM SANTO AGOSTINHO EM FACE A SUA CRÍTICA ANTIMANIQUEÍSTA

Thiago Duarte Lopes Da Cruz

[thiago.230296@hotmail.com](mailto:thiago.230296@hotmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, demonstra-se que, para que possa haver uma compreensão do livre-arbítrio e do mal em Santo Agostinho, faz-se necessário, antes de tudo, averiguar a sua forte oposição à doutrina maniqueísta, na qual há uma noção dualista acerca do bem e mal agindo sobre as condutas humanas. Analisa-se também que, a partir do momento em que o mesmo concordou que o mal indica uma ausência ou afastamento do bem da filosofia neoplatônica, nota-se um avanço em relação à ideia substancial e ontológica do mal do Maniqueísmo. E, quando ele se converteu definitivamente ao Cristianismo, o seu pensamento adquiriu uma notável evolução, uma vez que, passou a acreditar no fato de que as coisas maléficas advêm do livre-arbítrio dos homens. Sendo este tido como um dom dado pelo Deus Cristão, que permite aos indivíduos exercerem as suas vontades e, conseqüentemente, terem a possibilidade de escolherem o bem ou o mal. Diferentemente do Maniqueísmo, que não concebia uma noção de livre vontade humana como sendo capaz de levar a condutas benéficas ou maléficas. A partir deste contexto, verifica-se que, há uma distinção perceptível da moral agostiniana em relação à maniqueia, pelo fato de que, enquanto aquela se baseia na concepção da imprescindibilidade da ação da graça de Deus nos homens, esta sustenta uma noção dualística cósmica de bem e mal presentes nas ações dos indivíduos, de modo que estes sejam regidos por estas duas forças. Isso faz com que os mesmos não sejam responsabilizados moralmente pelas suas condutas. Sendo assim, compreende-se o fato de que, para evitarem o mal, faz-se necessário que os maniqueus sigam os ensinamentos ascéticos do profeta Mani, a fim de aperfeiçoarem a alma, que é um princípio divino e, desprezar o corpo, pois este é comandado pelas forças maléficas.

### Palavras-Chave

Livre-arbítrio. Mal. Maniqueísmo.



## O PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER EM DE MAGISTRO

Nadison Walbert Guimarães Silva

[nadsonwalbert@gmail.com](mailto:nadsonwalbert@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação é fruto de investigações acerca do problema do ensino em Agostinho de Hipona. Sua contribuição em referida temática, pode ser percebida em variados pontos das suas mais diversas obras, e partindo delas, de modo particular a obra De Magistro, é possível indagar-se sobre alguns pontos: qual a melhor forma de mediação para se ensinar? Linguagem? Imagens? Mostrar a própria coisa diretamente? A nossa pesquisa tem ciência que, mesmo Agostinho estando longe cronologicamente dos dias atuais, suas questões reverberam e contribuem ao longo da história com importantes reflexões para o tema do ensino-aprendizagem. O texto Agostiniano pode ser percebido em três momentos: o primeiro é a investigação a respeito da palavra, em seguida sobre a melhor forma de mediação para se ensinar e, por fim, concluirá revelando que o conhecimento da coisa em si é muito mais desejável que seus sinais. Agostinho vai argumentar que nós podemos representar as coisas de várias formas, e todas elas possuem sua utilidade no que diz respeito ao conhecer – “a eficácia dos sinais ou da linguagem não é mostrar (ostendere), mas advertir (admonere), isto é, incitar a procurar” (Xavier, In. Agostinho, 1995, p. 42). Contudo, ele busca saber como se dá o conhecimento de fato das coisas. Assim, é nossa meta percorrer o caminho agostiniano e alcançar a compreensão sobre as variadas formas de ensino e aprendizagem, partindo da palavra, passando pelo uso da imagem como método facilitador do ensino, até a realidade em si.

### Palavras-Chave

Palavra. Linguagem. Imagens. Conhecimento.



## REVERBERAÇÕES AGOSTINIANAS DA “TEOLOGIA DA CARNE” NA HERMENÊUTICA DE MICHEL FOUCAULT

Nilo César Batista Da Silva

[nilobsilva@gmail.com](mailto:nilobsilva@gmail.com)

### Resumo

A dimensão carnal do ser humano adquiriu pertinência antropológica graças aos estudos dos Padres da Igreja, nos primeiros séculos da época primitiva cristã, no decorrer da filosofia Patrística, ao tratar da natureza carnal do ser humano, da concepção de corpo/alma e espírito em superação ao dualismo platônico. A distinção entre os termos carne e corpo, foi disputa enfrentada por Agostinho, na luta contra as heresias apolinaristas, suas teses têm como fundamento a proposição geral de que Jesus Cristo assumiu por benevolência as paixões da alma ou afecções da alma, como por exemplo, a tristeza. Portanto, essa temática desenvolvida desde as escolas filosóficas tardias, mas que tem origem no dualismo platônico, foi objeto de estudo dos Padres da Igreja no intuito de defender a condição humana do materialismo exacerbado defendido por algumas escolas da época. Posteriormente, no século XX, o Filósofo Michel Foucault retoma preciosos estudos sobre as escolas filosóficas da antiguidade tardia, através de um programa de cursos no Collège de France (1981-1982), nesse projeto, ele parece deter-se de forma particularizada sobre a questão da subjetividade produzida no cristianismo primitivo, dando ênfase a questão da sexualidade. Obras importantes como, *A Hermenêutica do Sujeito* (1982) e *As Confissões da Carne* (1970) onde Foucault observa que as práticas de si, modeladas na concepção do cuidado da alma estão vinculadas as relações de poder e verdade, no âmbito da cultura greco-romano, as quais tornaram base para o edifício do cristianismo. Desse ponto de vista, o cristianismo reverberou toda a tradição ascética quando se tratou de concebê-lo desde a perspectiva da cognição das filigranas do desejo humano, engendrada no âmbito da moral “da teologia da carne” cristã. O cristianismo assimilou do pensamento tardo-antigo a teoria do cuidado de si, exercício e o conhecimento de si, aquilo que Santo Agostinho se apropriou de interioridade da alma, como objetivo de investigação e de discurso, sobre purificação e salvação, por intermédio de operações que trazem a luz até o fundo de si, conduzindo os segredos



mais profundos até a luz da manifestação redentora. A crítica que Michel Foucault dirige a noção de sexualidade cristã consiste numa série de estudos enfatizando como a tese da moral sexual alicerçou a formação da subjetividade cristã, que fazia da “carne” a sua substância ética visando estruturar a moral cristã no âmbito da sexualidade.

### Palavras-Chave

Agostinho. Carne. Cristianismo. Foucault.



## SOBRE A JUSTIÇA DA LEI: ESTUDO SOBRE LEI ETERNA E HUMANA À LUZ DE AGOSTINHO E CÍCERO

Ricardo Evangelista Brandão

[ricardobrand75@gmail.com](mailto:ricardobrand75@gmail.com)

### Resumo

No presente artigo se investigou a relação entre lei natural e lei positiva (eterna e humana conforme o autor), segundo o prisma de Agostinho e Cícero. A escolha de dois autores com distância temporal de quatro séculos, e, conseqüentemente, com certa disparidade entre os contextos políticos, justifica-se por Cícero se constituir importante fonte teórica para Agostinho na matéria. Assim, no presente texto, por meio do estudo de diversos textos de Agostinho e Cícero se pesquisou os conceitos de ambos sobre os apontados aspectos da lei, e a partir dessa pesquisa, se estabeleceu uma análise dialógica entre os dois para entender os limites da influência de Cícero em Agostinho no assunto. Ambos os filósofos – com algumas variações - defenderam que a lei natural é universal, contém uma exortação para se manter a ordem natural por meio de ordenamentos imperativos e proibitivos, que se faz presente no homem por uma inclinação na razão (reta razão), de sorte que os homens são capazes, por meio desse dom, de construir regramentos jurídicos que considerem os contextos de cada povo, regramentos esses guiados pelos princípios orientadores da lei natural.

### Palavras-Chave

Lei positiva, Justiça, Agostinho.



## SOBRE O MAL E A FELICIDADE EM AGOSTINHO DE HIPONA

André Salatiel Dos Santos  
[andsantos1948@hotmail.com](mailto:andsantos1948@hotmail.com)

### Resumo

No Diálogo sobre o livre arbítrio, Agostinho de Hipona tem por objetivo superar os empasses estabelecidos pelo árduo problema difundido no pensamento filosófico: se Deus existe e é o supremo bem, qual seria a explicação para a existência do mal? Esse questionamento coloca em questão algumas dificuldades de compreensão ao passo que, concebendo Deus como princípio único da criação, isso “recusaria qualquer” explicação para a causalidade do mal, mesmo ele sendo uma realidade inquestionável expressa no mundo. Pois, ao que parece, não há espaço para o mal em um mundo criado por um Deus bom e justo. Vale ressaltar que, neste contexto, o filósofo busca confrontar diretamente os artificios das argumentações maniqueístas no que diz respeito à origem do mal e à natureza divina, pois, para Agostinho, os ensinamentos dos maniqueus sobre esse tema apelavam para incoerência, seja de caráter ou de fé. Nessa medida, a discussão presente nessa obra tem por objetivo apresentar a causa do mal e como a felicidade humana se relaciona com as boas ações.

### Palavras-Chave

Origem do mal. Felicidade. Agostinho de Hipona.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ALTERIDADE E DESCONSTRUÇÃO



## A CRÍTICA AO CAPITALISMO E À MODERNIDADE EM HANNAH ARENDT

Gabriela Antonello De Oliveira  
[gabriela\\_antoniello@hotmail.com](mailto:gabriela_antoniello@hotmail.com)

### Resumo

Essa comunicação possui a finalidade de apresentar alguns aspectos relacionados à crítica ao capitalismo e à modernidade, a partir do pensamento da filósofa Hannah Arendt. É fato que a modernidade, em sua busca incessante de razão, gerou apenas controle e barbárie. Ora, a história, em especial a moderna do período entreguerras, nos gerou uma espécie de paixão alucinada, cega e imaculada pela razão. No entanto, tal razão se baseava em uma lógica calculista, afastando os seres humanos de suas reais criações e de suas existências no mundo. Com isso, ao invés de uma razão que caminharia rumo ao progresso, tal razão entregou apenas o domínio dos homens e da natureza, além da degradação no âmbito moral e humano. Com isso, como nos mostra Arendt, o capitalismo está sempre limítrofe dos crimes, pois não só forçou suas bases econômicas na sociedade, mas também forjou um modo de pensamento de separação entre classes, além da separação do indivíduo da noção coletiva. Sendo assim, o capitalismo está para o totalitarismo assim como a modernidade está para a barbárie. Apesar de ser muito associada apenas por sua análise sobre o totalitarismo, Arendt também tece críticas contundentes sobre o capitalismo. Ela não era marxista, tampouco liberal, e isso não exclui sua posição anticapitalista, visto que para ela não há emancipação total em uma teoria que considere a revolução burguesa como necessária. Arendt nos mostra que o capitalismo é um fenômeno burguês, fruto do imaginário dessa classe, mas que se alastrou em todas as partes da vida humana, e é, sobretudo, uma política de força e não uma lógica global necessária, como pregada pelo Imperialismo. O capitalismo cria a ilusão de que todos os indivíduos estão em ‘pé de igualdade’ para a luta de todos contra todos, eis aqui uma falácia da falsa segurança dada pelo Estado que compele ao crime. Nesse sentido, faremos, então, a tentativa de mostrar que o capitalismo é parte essencial da política da força e do controle.

### Palavras-Chave

Arendt. Capitalismo. Modernidade.





## A DANÇA DOS SÁTIROS COMO TRANSVALORAÇÃO MORAL NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Bárbara Raffaele Carvalho Santos  
[professora.barbara.raffaele@gmail.com](mailto:professora.barbara.raffaele@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o papel da dança na filosofia de Nietzsche e sua importância para a vida. Percebemos que o tema da dança enquanto expressão de uma vida potente permeia toda a sua obra, desde seus escritos de juventude, em que sua tentativa era criar uma metafísica artística, até seus últimos escritos onde sua busca há muito abandonou a metafísica, mas por prezar o corpo, a dança ainda está presente como arte que se iguala à vida. Notando essa ênfase na dança, pretendemos analisar o poema Para o mistral: canção para dançar presente no apêndice de A gaia ciência (1882) intitulado de Canções do príncipe livre como um pássaro e traçar uma comparação com O nascimento da tragédia (1872), por serem obras de períodos diversos é notável a persistência da dança como um afastamento do ser humano que ergueu a moral e a hiper racionalidade sobre si. A dança aparece na filosofia nietzschiana como um encantamento, um êxtase do ritual satírico, uma desconstrução da moral gregária, o poema nos aproxima da natureza, dos ventos que varrem os céus e cantam, assim como a força estética descrita pelos impulsos apolíneo e dionisíaco. Além disso, seus versos do último poema de A gaia ciência são descritos em sua autobiografia Ecce homo (escrita em 1888, publicada em 1908) como uma forma de ultrapassar a moralidade gregária, assim como os impulsos da natureza representados por Apolo e Dionísio são retratados como a força que impede os gregos de recaírem no pessimismo, o ser humano dança para exaltar-se, isso diferencia-se da moralidade socrático-platônica e posteriormente do pensamento judaico-cristão. Assim, pretendemos trazer a dança como uma maneira de retomar o corpo que foi subsumido em detrimento da alma, portanto, o ato de dançar é uma forma de ultrapassar a moral e transvalorar os valores. Outrossim, Nietzsche considera que as palavras e os conceitos não são fortes o suficiente para abarcar o todo da realidade, por isso, toda fala é antes de tudo metafórica, por outro lado, a dança abarcaria algo para além da palavra racional ou poética, o movimento da dança integra a imagem, a música, a



multiplicidade. Em decorrência dessa perspectiva, a dança é uma arte que favorece destruições e reconstruções. Portanto, percebemos essas semelhanças nos escritos de todas as épocas da filosofia de Nietzsche e isso justifica a importância de compreender melhor a dança e suas dimensões comparando-a aos impulsos de imagem e música, respectivamente, apolíneo e dionisíaco.

### Palavras-Chave

Dança. Nietzsche. Corpo.



## A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DA ARTE REVOLTA: REFLEXÕES A PARTIR DE CAMUS E ARENDT

Luiza Anselmo

[luizanselmo99@gmail.com](mailto:luizanselmo99@gmail.com)

### Resumo

A comunicação a seguir visa apresentar os modos pelos quais o(a) fotógrafo(a), a fotografia e o processo de fotografar, ou seja, o sujeito, o objeto e a ação, estão imersos na arte, além de demonstrar suas consequências frente à revolta de Albert Camus e à condição humana de Hannah Arendt. A fotografia, como objeto desta arte, nos prova que os olhares de cada um dos indivíduos que as tiram são diferentes e, assim, é potência à subjetividade. Nesse viés, pela perspectiva dos pensadores Camus e Arendt, como estrutura de recusa e não de renúncia, afirma-se a 'glória de ser humano', posto que nega-se, na própria ação criativa, tudo o que minimiza a condição humana. O efeito da fotografia como Arte pode ser perfeitamente percebido em obras e movimentos estéticos, que realizaram com maestria a função transgressora de recusa ao mundo normatizado; tentando, desse modo, dar a esse mesmo mundo um sentido que se oculta na padronização mecanicista da vida cotidiana. Essas expressões estéticas apresentam-se como críticas à sociedade vigente, onde se justifica a análise desses movimentos estéticos de forma a transcender a mera pesquisa estilística. Por essa perspectiva, o presente recorte volta-se para a compreensão das ações políticas e éticas suscitadas pela fotografia, enquanto expressão artística em particular, mas também como expressão do movimento maior da Arte Revolta. Portanto, o presente trabalho tem como intenção defender que a fotografia, enquanto obra de arte e mesmo com seu caráter mundano e utilitário, possui potência política a partir do despertar da memória e, além disso, pode representar o despertar à filosofia - thaumazein.

### Palavras-Chave

Fotografia. Arte. Revolta.



## ALBERT CAMUS, ENTRE ARTE E REVOLTA: AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A CONTESTAÇÃO DO ABSURDO

André Luiz Pereira Spinieli  
[andre.spinieli@unesp.br](mailto:andre.spinieli@unesp.br)

### Resumo

Albert Camus representou uma das principais consciências morais do último século, ao vocalizar a recusa consciente do absurdo como postura ética coerente. A sua filosofia sustentou que a arte constitui uma categoria intrínseca e indispensável à revolta, na medida em que ela tende a recusar duplamente o mundo: por aquilo que se apresenta e, também, por aquilo que lhe falta. Sem deixar de produzir críticas à estética ocidental, rejeitando qualquer confiança irrestrita na beleza, Camus reconhece que a arte possui a singular capacidade de apresentar (e constituir) uma nova dimensão para a humanidade, em que o simultâneo aceite e recusa do real estão afirmados conjuntamente na obra de arte. O artista-filósofo revelou a importância da arte para a emergência de uma filosofia da revolta ao mostrar que homens que rejeitam a natureza e a beleza tendem a banir da história as necessidades humanas primárias nesta existência: a liberdade e a dignidade. Camus não esconde sua desconfiança na função da estética na existência absurda. No entanto, reconhece que a beleza é incapaz de produzir revoluções, apesar dela necessitarem por ser um instrumento de contestação do real e conferência de unidade. Nesta pesquisa, analisam-se as trajetórias da filosofia camuseana rumo ao resgate do valor ético/político da estética e sua potencialidade para a formação dos sentidos da revolta. Para Camus, as experiências estéticas nos educam quanto à ideia de que o homem não deve ser resumido apenas aos fatores históricos; ele tem uma razão de ser na ordem natural. Em sua filosofia, da mesma forma que a arte não corresponde à recusa irrestrita do real, as experiências estéticas não nascem da ausência de sentido. A compreensão estética camuseana enxerga a arte como uma estrutura de linguagem que, associada à atividade criativa do sujeito, contesta a realidade sem dela se esquivar. Significa afirmar que o lugar da estética no pensamento do artista-filósofo está relacionado à inutilidade das explicações e a consequente perenidade das sensações. Ele compreende que, enquanto estrutura descritiva da realidade, as experiências estéticas nos fornecem justificativas



possíveis para um mundo absurdo, mas nunca meios de rejeitarmos ela. Assim, os diálogos entre a criatividade artística e as proposições morais e políticas têm como função primordial a restauração de uma dignidade perdida pela humanidade a partir do instante em que a ciência deixou de corresponder às reivindicações metafísicas.

### **Palavras-Chave**

Albert Camus. Estética. Ética.



## ALÉM DE VERDADE, NIILISMO E ESPECISMO

Hugo José De Carvalho Vedovato

[hugovedovato@gmail.com](mailto:hugovedovato@gmail.com)

### Resumo

Não soa controverso dizer que a humanidade se permite dispensar tratamento tão hediondo a animais não-humanos por compreender-se — ou ao menos agir como se se compreendesse — separada deles por uma linha traçada aquém da clemência, para além da qual habitariam apenas os indignos de compadecimento. Tampouco soa controverso afirmar que humanos corriqueiramente agem de modo formalmente idêntico com seus próprios pares de espécie, legitimando tais linhas separatórias, tais “nós x eles” com discursos que se arrogam “objetivos”, repletos de “verdade”. Propõe-se aqui uma análise da crítica nietzscheana da verdade, de como este construto sempre foi ardilosamente invocado na busca por domínio, poder, ao mesmo passo em que se discute algumas evidências de que, exatamente por isso, utilizou-se dela para sancionar arbitrariamente a brutalização de determinados grupos – tanto humanos quanto não-humanos. Na medida em que pode se afirmar algo, parece pelo menos até certo ponto pertinente o diagnóstico que aponta vivermos hoje a mais recente edição do niilismo – uma erosão de valores arraigados de modo tão profundo que a consequência de erodirem representa um problema civilizatório praticamente incontornável. Segundo este diagnóstico, postos como horizonte, a perda de cogência destes valores (dentre os quais a verdade) não causaria apenas desorientação resultante da falta de rumo certo para o qual seguir, mas também um desando da conjuntura na qual vivemos, já que ela mesma se constitui de um arranjo que se sustenta, mantém-se funcional e operante precisamente porque os persegue, precisamente para persegui-los; já que o rumar em direção a eles lhe serve de sustentação e alento. Contudo, neste momento de rearranjo também se suscita a possibilidade de aposição de novos valores, donde o ensejo para que se pense o sofrimento que impomos aos animais não-humanos, sua correlação com o que impomos entre nossos pares, e as possibilidades de uma práxis adequada ao nosso alegado desejo de divisar formas de existência quer os dirima.

### Palavras-Chave

Animais. Verdade. Nietzsche.



## APORIAS DA SINGULARIDADE: ALTERIDADE E VIDA MORTE EM JACQUES DERRIDA

Rafaella Franco Binatto  
[rafaellabinatto@gmail.com](mailto:rafaellabinatto@gmail.com)

### Resumo

Segundo Derrida, o eu perpassa uma rede de traços que se repetem indefinidamente através de um sistema de diferenças e o que entendemos ou tratamos por sujeito e subjetividade são rastros, uma série ou sucessão constante de traços, uma repetição numa série diferencial indefinida. O eu, o sujeito, então, não seria uma presença: nem se poderia falar do eu como uma coisa, simplesmente não é uma coisa presente, nunca está presente, nunca esteve. Derrida se pergunta se a experiência da aporia é possível, ou se é possível uma experiência que não seja uma experiência da aporia. É possível provar ou experimentar a aporia? Ao associar a aporia à morte, Derrida considera que é precisamente a passagem da vida para a morte: uma travessia (im)possível. Por aporia, o filósofo franco-magrebino entende aquilo que é irrealizável, impraticável, contraditório e impossível e relaciona-o com o morrer, com aquela passagem da existência à inexistência. O filósofo franco-magrebino não está negando o fenômeno da morte do outro, ao contrário, atribui-lhe um valor importante e essencial em sua reflexão. A frase “minha morte” não é uma expressão minha, qualquer um pode apoderar-se dela, embora ninguém possa morrer no meu lugar ou no lugar do outro. Por isso, vida-morte relaciona o possível ao impossível. A morte de cada um, de todos aqueles que podem dizer “minha morte”, é insubstituível. Minha vida também. Qualquer/radicalmente outro é qualquer/radicalmente outro. Daí uma primeira complicação exemplar da exemplaridade: nada é mais substituível e nada menos do que a frase minha morte do que a individualidade ou subjetividade. Com esta frase, é necessário (il fault) tatear o quão inadequada é a morte como tal: posso apenas dizer minha morte, se for completamente estranha, se for a morte do outro. Cada vez que digo minha morte o que estou desde sempre falando é da morte do outro. É por meio dessa impropriedade da morte, acesso a possibilidade de pensar o meu fim: não tenho contato com a morte senão e apenas pela morte do outro. Esse acesso nada mais é do que uma aproximação, um toque, é a única experiência que podemos chamar

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



propriamente de experiência da morte. E, no momento de enfrentar a morte, de se encontrar diante do profundamente desconhecido, a única ação possível é o silêncio: morrer é começar a calar, a subjetividade ou o cogito se dissolvem completamente no esquecimento de si, torna-se impossível testemunhar, falar ou escrever e, em qualquer situação, dizer eu.

## Palavras-Chave

Aporia. vida-morte. alteridade.





## AUTOIMUNIDADE, RELIGIÃO E POLÍTICA: UMA ANÁLISE CONCEITUAL DA OBRA TARDIA DE JACQUES DERRIDA

Manoel Carlos Uchôa De Oliveira

[manoel.cuo@gmail.com](mailto:manoel.cuo@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação consiste em analisar a noção de autoimunidade construída por Jacques Derrida a partir da relação entre Religião e Política, no percurso final de seu pensamento. Há uma lógica autoimunitária que perpassa os discursos religiosos e políticos na contemporaneidade, principalmente ao final do século XX. De um lado, as doutrinas monoteístas configuram sua posição a partir da constituição e defesa da sua comunidade religiosa. A comunidade persegue sua salvação num mundo cada vez mais fragmentado e conflitivo. Por outro lado, a política se torna uma forma de gerir a segurança da comunidade política vinculado aos Estados. Em ambos os discursos, trata-se de um constituir e proteger uma comunidade em relação a alteridade que a circunda. Desse modo, a alteridade será assimilada ou convertida. Caso contrário, aniquilada. A busca por autonomia, autogoverno, autorreferência dispõe uma dinâmica de mecanismos prontos a fazer esse trabalho de defesa. Entretanto, essa lógica carrega consigo uma inflexão. Na busca de reiterar essa subjetividade autônoma ou um Ego autocentrado, é preciso considerar que os mesmos mecanismos de defesa, isto é, imunização da comunidade religiosa e política, retornam contra o próprio corpo religioso e política que deveriam proteger. No limiar do discurso religioso da salvação e do discurso político da segurança, Derrida propõe que os mecanismos de poder constituídos por esses dois discursos se voltam contra aquilo mesmo que pretendem proteger. Para desenvolver essa interpretação na obra de Derrida, a análise conceitual permite um início voltado aos textos filosóficos. São três obras fundamentais para esse entendimento: *Espectros de Marx* (1993), *Políticas da amizade* (1994) e *Vadios* (2003). Pode-se interpretar no interior da obra do filósofo como uma trilogia da autoimunidade. A construção do conceito passa pela indecibilidade vida-morte, pela inflexão da noção de comunidade e pela desconstrução da soberania. Na leitura desses textos, é possível reconstruir o significado, não menos problemático, da autoimunidade como expressão da vida



político-religiosa contemporânea. Assim, a autoimunidade permite uma compreensão interna dos discursos de salvação religiosa e da segurança política justamente nas suas aporias e contradições. A análise conceitual integra uma reconstrução do marco teórico de um projeto de doutoramento em desenvolvimento na área de Ciências da Religião.

### Palavras-Chave

Autoimunidade. Política. Religião. Comunidade.



## DA HISTÓRIA A CONTRAPELO À FILOSOFIA POPULAR BRASILEIRA

Brendow Gabriel Celli Pereira

[brendow65@gmail.com](mailto:brendow65@gmail.com)

### Resumo

Buscando elaborar outras formas de crítica à colonialidade, este trabalho consiste em aproximar a noção de “história a contrapelo” do texto “Sobre o conceito de história” do filósofo alemão Walter Benjamin, com o conceito de “filosofia popular brasileira” do filósofo brasileiro Rafael Haddock-Lobo, presente em sua obra “Fantasmas da Colônia”. Por um lado, Walter Benjamin procurou fazer uma reflexão teórica sobre a ideia de história, ou, em outros termos, a sua preocupação consistia em pensar sobre como as histórias são contadas e narradas. Em movimento semelhante, Rafael Haddock-Lobo apresenta críticas ao modelo filosófico ocidental que impera nos cursos de filosofia no Brasil. Buscando um asseguramento epistemológico a outras formas de ser e estar no mundo, sua proposta visa, inclusive, um asseguramento do nome filosofia às experiências que não estão dentro cânone filosófico, como, por exemplo, as filosofias ameríndias e afro-diaspóricas, porque, segundo ele, nós não somos unicamente ocidentais. É neste encontro que através de tentativas, falhas e recomeços, busco explodir o cânone ocidental - mas de forma alguma o negando - e todo o continuum histórico que subjuga os pobres e oprimidos pela história oficial. A partir de Benjamin e Haddock-Lobo vemos como a transmissão da tradição filosófica e histórica pode ser contaminada se ousarmos ouvir aqueles e aquelas que tiveram suas narrativas enterradas e suas culturas apagadas.

### Palavras-Chave

Contrapelo. Colonialidade. Filosofia brasileira.



## DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE JACQUES DERRIDA E JOSÉ CASTIANO

Francisco Verissimo De Souza Melo

[francisco.verissimo@upe.br](mailto:francisco.verissimo@upe.br)

### Resumo

Não há como negar, tendo como base aquilo até hoje concebemos como civilização que, resumidamente, a educação estabeleça — voluntária ou involuntariamente — as diretrizes funcionais das sociedades humanas, como afirma Freire e, tão pouco, como diz Anísio, negar o caráter de formação intelectual do “educar-se” e claro, com uma maior aquisição de conhecimento, a oportunidade de tornar-se eficazmente livre — em comparação ao estado anterior. Por outro lado, mesmo corroborando com os enunciados, faz-se necessário que reflexões outras sejam derivadas: de (1) “qual sociedade humana” estamos falando e, claro, sobre (2) qual liberdade este princípio civilizatório está se constituindo. A liberdade que se busca, com a educação, é aquela que dedica-se tão somente ao exercício da liberdade política, como preconiza, quase em sua totalidade, o pensamento liberal? Assim, seria a educação apenas o modo pelo qual se cria as condições essenciais para o prosseguimento da sociedade em questão e, por isso mesmo, pensada pela sociedade anterior em projeção a que lhe substituiria - retirando, ainda que implicitamente, das futuras gerações, as possibilidades de escolha e a construção de novas formas de procedência social. De maneira mais radical, com isso, não seria mais que necessário, então, pensar uma educação “contra as sociedades humanas” até agora desenvolvidas? Retornando a questão da liberdade, parece-me importante, inclusive teorizar sobre os princípios/conceitos que formam (deformam) nossa constituição social. Afinal, esta é uma tese central na organização democrática do século XVIII que, como se sabe, reorganizou o mundo colonizado/colonizador, ratificando a estrutura de um pensamento eurocentrado — que, por sua vez, secundariza a liberdade em relação ao corpo jurídico: “ninguém será obrigado a fazer (ou não fazer), qualquer que seja a coisa, não havendo imputabilidade legal”. Com isso, talvez, além de discutir o papel desta educação-livre, seja também necessário rediscutir os termos que estruturam nosso papel civilizatório. Não se retira, ou ainda, se desqualifica o papel democrático da educação liberal e, mais ainda, o seu relevante



papel histórico, quando do surgimento em oposição ao Estado Conservador. Da mesma forma que, por sua vez, não se retira o valor da educação progressista – que procura se desenvolver apesar do Estado burguês. O ponto aqui é, por outro lado, pensar como estas teorias se desenvolveram ao longo dos últimos três séculos e

### **Palavras-Chave**

Educação. Alteridade. Hospitalidade. Democracia.



## DERRIDA E A DIMENSÃO COSMOLÓGICA DA DESCONSTRUÇÃO

Ricardo Avalone Athanásio Dantas

[ricardo.avalone@gmail.com](mailto:ricardo.avalone@gmail.com)

### Resumo

O pensamento de Derrida transitou por diferentes campos e estes dificilmente permaneceram os mesmos após o seu escrutínio desconstrutivo minucioso. Ao passar por diferentes âmbitos sobre os quais Derrida atuou, tais como os da ontologia, do direito, da justiça e da relação entre humanos e outros que humanos, proporemos uma perspectiva sobre a desconstrução que ressalte seu caráter cosmológico e este como relevante em um duplo aspecto: 1) como um modo de interpretar a desconstrução e 2) como uma forma de pensar a articulação entre desconstrução e questões de ordem ecológica contemporâneas. Nesse sentido, nosso objetivo na presente comunicação será expor a maneira como a crítica derridiana da ontologia (e da metafísica da presença) articulada à noção de justiça como algo que excede o Ser (e, portanto, não está focada estritamente nos seres humanos), necessariamente nos leva a compreender mais que a dimensão cosmológica da desconstrução, mas a desconstrução também como uma cosmologia *sui generis*.

### Palavras-Chave

Cosmologia. Desconstrução. Justiça.



## DERRIDA, GADAMER E O DIÁLOGO COMO HERANÇA: NOTAS SOBRE INTERPRETAÇÃO, METAFÍSICA E POLÍTICA

Gustavo Silvano Batista  
[gustavosilvano@ufpi.edu.br](mailto:gustavosilvano@ufpi.edu.br)

### Resumo

Ao homenagear Hans-Georg Gadamer (1900-2002), por ocasião de uma conferência dedicada a sua memória, na Universidade de Heidelberg em fevereiro de 2003, Jacques Derrida retoma o tema do diálogo tanto como um traço de relação com o filósofo hermeneuta falecido e sua obra, mas também a seu relacionamento filosófico, especialmente em três eventos realizados em 1981, 1988 e 1994. Deste modo, a conferência de Derrida não somente (des)caracteriza o tipo de diálogo travado pelos dois pensadores, enquanto uma conversa decisiva, finita e infinita, mas, antes, remete a uma 'melancolia' própria do modo de ser do diálogo, outrora travado ou não, considerando não somente o que se retém ou o que se esquece da conversa; ou ainda entre o dito e o não dito neste evento. Tal (des)caracterização do diálogo feita por Derrida é, para nós, uma chave de leitura – que lida com uma melancolia dialógica e, ao mesmo tempo, ao coloca-se como relação, a escolha de uma herança. Ou seja, Gadamer como uma herança retomada por Derrida como um diálogo infinito, ou que nunca talvez tenha acontecido. E, por isso, uma melancolia do diálogo. A herança, a escolher melancolicamente, é para nós um motivo de retorno aos encontros entre Gadamer e Derrida, a saber: 1. O encontro de Paris, em 1981, no qual o diálogo filosófico se torna uma questão radical de aproximação e distanciamento entre hermenêutica e desconstrução; 2. O encontro de Heidelberg, em 1988, no qual a herança dialógica é nomeada como Heidegger e seu pensamento filosófico-político; e, por fim, o encontro na Ilha de Capri, em 1994, sob o tema da religião, como um traço melancólico da herança da velha Europa. Este itinerário busca elementos comuns que caracterizem a relação filosófica entre Derrida e Gadamer como um diálogo que nunca termina, mas que se dá melancolicamente.

### Palavras-Chave

Hermenêutica. Desconstrução. Práxis.



## DIANTE DA LEI E OUTRAS FICÇÕES

Guilherme Lanari Bó Cadaval

[guilherme.bo@gmail.com](mailto:guilherme.bo@gmail.com)

### Resumo

“O espaço da literatura não é somente o de uma ficção instituída, mas também o de uma instituição fictícia, a qual, em princípio, permite dizer tudo. [...] A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei. [...] É uma instituição que tende a extrapolar a instituição”. São estas as palavras de Derrida na entrevista “Essa estranha instituição chamada literatura”. Essa possibilidade de “dizer tudo”, aparentemente dada na instituição literária, está ligada certamente a um certo direito civil, aquele que funda os estados democráticos modernos, mas também, nesse mesmo sentido, ao estabelecimento dos direitos autorais relativos ao objeto livro. Com o advento da “ficção”, funda-se simultaneamente a figura do livro, do autor, da reprodução autorizada, da cópia, da tradução, etc. Tudo isso significa dizer que a obra literária se situa, como uma espécie de condição íntima – que lhe pareceria, no entanto, externa – , diante da lei. “Diante da lei” é o título de outro texto de Derrida, fruto de conferência pronunciada no Colóquio de Cerisy em homenagem a Jean-François Lyotard, realizado em 1982. Tal é o texto que nos interessa aqui. Lidando ao mesmo tempo com a obra de Lyotard e com um pequeno texto homônimo de Franz Kafka, Derrida vai indagar precisamente esta condição da obra literária, a qual, nunca existindo enquanto tal, apenas ganha seu estatuto sob a condição de permanecer diante da lei. Ao mesmo tempo, a mesma estrutura jurídica que lhe dá o ser, por assim dizer, é também radicalmente colocada em questão no fazer literário, uma vez que a literatura, por outro lado, se dá a própria lei, é sempre da ordem de um acontecimento singular diante da suposta universalidade da lei. Se a Derrida nunca interessou o “contar histórias” ao qual a literatura talvez seja associada, é porque a dificuldade é anterior: como identificar uma obra? Que tipo de enunciado deve fazer parte dos textos canônicos de um autor? Quais os critérios de legitimação de um corpus? Ou, como teria dito Nietzsche: “Onde está meu guarda-chuva?”.

### Palavras-Chave

Derrida. Literatura. Lei.





## DUALIDADE EM TIM BURTON – UMA CRÍTICA ESTÉTICA FILOSÓFICA

Carina Duarte Blacutt  
[carinablacutt@gmail.com](mailto:carinablacutt@gmail.com)

Órion Blacutt Teixeira  
[oriond.blacutt@gmail.com](mailto:oriond.blacutt@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho busca realizar uma crítica através de um viés artístico a respeito de algumas obras do cineasta Tim Burton, analisando as técnicas de expressão que ele usa para causar dualidade estética no espectador, utilizando formas e cores específicas para esse fim. As formas geométricas mais alongadas e pontudas costumam ser utilizadas na composição de personagens ruins, como vilões, já o cineasta opta por utilizar em personagens bons, tendo seus rostos mais finos, pontudos e alongados. E os vilões com formas redondas, que são consideradas mais aconchegantes. Também aborda filosoficamente o limiar entre essa dualidade, partindo de uma perspectiva do conceito aymará C'hixi, da filósofa Silvia Cusicanqui. O conceito Chixi interpreta a justaposição de cores opostas, como o cinza marmorizado, que confundem a percepção sem nunca misturar-se de fato. Refere-se a algo que é e não é ao mesmo tempo. A lógica do terceiro incluído, a potência do indiferenciado que conjugas os opostos para apresentar uma perspectiva de mundo.

### Palavras-Chave

Tim Burton. Estética. Chixi.



## ENTRE UM CABO E OUTRO CABO: A EXPERIÊNCIA NIETZSCHIANA DA MORTE DE DEUS

Diogo Diniz Da Costa Pereira

[diniz.d@hotmail.com](mailto:diniz.d@hotmail.com)

### Resumo

Na conferência intitulada O outro cabo, de maio de 1990, Derrida realiza uma discussão sobre o rumo da cultura europeia às vésperas do século XXI, encontrando-se historicamente abalada sua posição como “cabo” do mundo, isto é, como centro e télos de toda a cultura humana. Sob a superfície, porém, de tal discussão, desenham-se os contornos de uma reflexão mais ampla, sobre um “destino” que concerne a todos nós, europeus e não europeus, que vivemos, justamente, num mundo a cada dia mais descentralizado, marcado pela ausência de referências absolutas e pela complexidade de sociedades irredutivelmente pluralistas. A crise do eurocentrismo, da Europa como centro do mundo, se revela, nesse sentido, como crise da própria ideia de “centro”, de toda pretensão centralizadora, seja da parte de um Estado ou de uma cultura, ou ainda, mais radicalmente, de todo e qualquer “discurso” que, sob o manto de uma suposta neutralidade, pretendesse ocupar uma posição universal, posição daquilo que se chamou tradicionalmente verdade. Ora, um dos primeiros e até hoje mais pertinentes diagnósticos dessa crise pode ser encontrado na reflexão nietzschiana sobre a “morte de Deus”, como um evento que, decretando o fim da história europeia enquanto “história da verdade”, proporcionaria ao mesmo tempo a chance de uma “mudança de rumo” ou de um “outro cabo”, isto é, de um novo começo para o pensamento. Por outro lado, tanto Nietzsche quanto Derrida se mostraram profundamente céticos com relação à busca por uma “superação” definitiva desse passado, desconfiando, em última instância, da própria possibilidade de nos vermos realmente livres da “verdade”. É por isso que, em sua reflexão, ambos procuram denunciar constantemente os perigos e desafios dessa condição, apontando para uma certa exigência que nos caberia de alguma forma acolher, se quisermos corresponder ao nosso tempo sem cair na armadilha de reproduzir aquele passado que queremos superar. Formular brevemente essa exigência, tal como ela se desvela na experiência nietzschiana da morte de Deus, é o objetivo da presente comunicação, buscando

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



sondar suas correspondências na fala de Derrida, quando ele não se contenta em invocar, contra a tirania de todo e qualquer “cabo”, os direitos de um “outro cabo” (o que seria ainda demasiado fácil), mas faz bifurcar constantemente o pensamento pelo desvio desse outro do cabo, o qual, sem se reduzir a um nem a outro, interpela-nos já, ilimitadamente, desde o mistério desse “entre” ambos.

## Palavras-Chave

Eurocentrismo. morte de Deus. Responsabilidade.



## ESCRITA E IMAGEM: VANTAGENS E PERIGOS DOS SUPLEMENTOS

Danilo Marcos Azevedo Vilaça

[danilovilaca@gmail.com](mailto:danilovilaca@gmail.com)

### Resumo

O trabalho tem o objetivo de relacionar a escrita e a imagem com a dinâmica da suplementariedade na Gramatologia de Derrida. Partindo da ideia de que o suplemento marca a intrusão de elementos do fora no sistema interno da linguagem, situa-se a escrita e a imagem como elementos do exterior que não apenas foram negligenciados pela tradição, mas também foram vistos como perigosos por poderem simular uma presença, pois esses signos podem se passar pela coisa e dispensar a presença do sujeito pensante. Para Derrida, em contrapartida, este perigo é a própria condição de efetividade do signo que como substituto esconde sua função de vicariância e se faz “passar pela plenitude de uma fala cuja carência e enfermidade ele, no entanto, só faz suprir (Derrida, 1973, p. 177). Visto desta forma, o conceito de suplemento determina o de imagem representativa, pois acrescenta-se, é um excesso, uma plenitude enriquecendo uma outra plenitude, a culminação da presença (Ibid.), assim como a arte, a *tékhne*, a imagem, a representação, a convenção etc., vem como suplemento da natureza e são ricas de toda esta função de culminação (Ibid.). A coisa, a existência, a natureza, para se fazerem presentes, sempre precisam de uma suplementação signitativa, se algo supre (mesmo sem completar) é porque existe alguma carência. Assim, da mesma forma que o pensamento precisa do fora, também o mundo (o fora) precisa ser suplementado para ser acessado. Segundo certa tradição metafísica, no entanto, tal suplementariedade requerida pela natureza é vinculada ao mal, sempre artificial e exterior, que vem corromper a bondade natural e interior. Trata-se do perigo da substituição artificiosa – o risco do signo se passar pela coisa, da escrita se passar pela voz e da imagem substituir a realidade – que pode usurpar a presença natural (Ibid., p. 178). Ora, a imagem e a escrita serão temidas justamente por permitirem ausentarmo-nos e agirmos por procuração, por representação, pelas mãos de outrem (Ibid., p. 181). A suplementação simbólica influencia o pensamento e a ação sobre o mundo, logo, o signo, a imagem e a escrita podem mover o universo, este é o escândalo (Ibid.). Por isso, é preciso entender como escrita e imagem podem ser definidas de



forma paradoxal como funestas vantagens, funestas porque por sobreviverem ou dispensarem a vitalidade da natureza e do homem, vantagens porque fazem a economia da presença propiciando a eficácia da linguagem.

### **Palavras-Chave**

Desconstrução. Imagem. Suplemento.



## FILOSOFIA AMERICANA: O PENSAMENTO DO AMERICANO FRANZ FANON

Fábio Borges Do Rosario  
[professorborgesrosario@gmail.com](mailto:professorborgesrosario@gmail.com)

### Resumo

Apresento neste artigo os passos assentados por Franz Fanon em *Os condenados da Terra*, *Peles Negras, máscaras brancas*, *Alienação e liberdade*. Escritos políticos e *Por uma revolução africana* como pistas para as leitoras que identificam a emergência da descolonização da colonialidade e da desconstrução da pesquisa e do ensino da Filosofia Americana. A leitura de Franz Fanon chega na pesquisa como abalo ao prescrito na legislação antirracista quando compromete as pessoas na condição de regentes de turmas tanto na educação básica quanto no ensino superior a ensinar com filósofos africanos e da diáspora. Fanon reúne em seu pensamento tanto as questões das pessoas da África quanto da América, num diálogo que também convida para a gira as pessoas da Ásia, da Oceania e da Europa. Proponho a leitura e pesquisa do pensamento de Franz Fanon como tática para o estabelecimento das condições de possibilidade para a descolonização da colonialidade que ainda assombra a pesquisa sobre a Filosofia Americana e para a desconstrução do ensino, da pesquisa e da extensão da Universidade e da Escola por-*vir*.

### Palavras-Chave

Colonização. Neocolonização e Descolonização.



## FILOSOFIA RASCANTE A PALO SECO: BELCHIOR, FACAS E NAVALHAS

Pâmela Bueno Costa  
[costapamela58@gmail.com](mailto:costapamela58@gmail.com)

### Resumo

O objetivo é apresentar os contornos de uma filosofia rascante, que recolhe sua inspiração a partir do pensamento de Belchior, notadamente exposto no Álbum Alucinação, de 1976. Posteriormente, verificaremos em que medida a filosofia rascante pode estar em harmonia com a concepção de filosofia popular brasileira, pensada nos moldes do filósofo Rafael Haddock-Lobo. O termo rascante é um quase-conceito vinculado ao projeto-tese de doutorado (2023) e pretende designar uma filosofia marcada pela violência, que rasga a pele, corta e faz sangrar diante das atrocidades do mundo. É uma filosofia atravessada pela dor de estar no mundo e, por isso, não silencia perante os cortes políticos, sociais, sexuais que circunscrevem a vida-corpo. A filosofia rascante é um pensamento do assombro. Ela é ardência. É tremor. É uma disposição para o cante a palo seco, como no poema de João Cabral de Melo. Nesse sentido, veremos que ela é escrita com sangue, pois é o cante das entranhas, rascante em verso, que entona das vísceras dos latinos americanos: de sangue e de luta e de América do Sul. Em suma, um rastro inteiramente espectral, o rapaz latino-americano faz parte da filosofia popular, pois, suas composições são como crônicas da realidade brasileira. Como Walter Benjamin, escovando a história, em movimento a contrapelo Belchior entoava uma visão realista e traz a dura realidade sofrida do chegante. Por fim, convocados a dizer sim, em diálogo com o filósofo Rafael Haddock-Lobo, buscaremos acentuar o cruzo entre filosofia, arte e corpo. A partir das elucubrações desse filósofo, pensaremos os desdobramentos do processo violento da colonialidade, com a finalidade de dialogar com as vozes e sotaques que se encontram sob os destroços da violência colonial. Diante de suas inquietações, para termos uma filosofia justa com as alteridades que nos sussurram, em diferentes sotaques, a filosofia brasileira deve se dedicar a ouvir o que tem a nos contar nossa cultura. Logo, uma filosofia rascante se coloca como um pensamento que se desdobra em golpes para sangrar e fazer pensar; porém, distante dos cânones do pensamento ocidental (branco, muito limpo e correto), ela se faz navalha e encosta seu fio na carne do mundo, aproximando-se do cante de Belchior: “sons, palavras são navalhas”.

### Palavras-Chave

Filosofia popular brasileira. Rascante. Belchior.



## HOSPITALIDADE, ALTERIDADE E DESCONSTRUÇÃO A PARTIR DOS SEMINÁRIOS (1995-1997) DE JACQUES DERRIDA

Jéssica Da Silva Ferreira  
[jessicasferreira@yahoo.com.br](mailto:jessicasferreira@yahoo.com.br)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo dedicar-se ao tema da hospitalidade e suas relações com a alteridade a partir do projeto de Desconstrução, elaborado por Jacques Derrida, e o sistema de referenciação que lhe é inerente, tentando dar conta da noção de acolhimento. Entende-se que a hospitalidade seja o grande tema ético e político da nossa época, sobretudo, quando se considera os inúmeros conflitos políticos que envolvem a situação do estrangeiro e do apátrida. É o tema da hospitalidade que melhor revela a tensão entre ética e política que permeia esse debate. Para tanto, considerar-se-á a Desconstrução não como uma destruição, mas como a promoção de uma desmontagem para uma nova montagem, considerando a memória das coisas, a alteridade, a herança, o acolhimento e a hospitalidade. Nesse sentido, falar da desconstrução e da alteridade requer que se considere a relação com o outro enquanto outro que chega e, em alguns casos, nos incita a uma resposta de acolhimento. Alteridade que pode aparecer na forma de linguagem, como questão de metáfora, de significante que torna presente aquilo que está ausente; na subjetividade, na medida em que o outro serve para que eu constitua a minha subjetividade; na política, sobre a questão da hospitalidade, a dimensão do choque cultural considerando os problemas bélicos que deixam inúmeros refugiados espalhados pelo mundo e a crise migratória, além do retorno dos nacionalismos de direita. Assim, é neste contexto de alteridade e desconstrução que o tema da hospitalidade mostra a sua relação e que este trabalho pretende abarcar. Ressaltando a importância desse tema no pensamento de Jacques Derrida, sobretudo nos seminários ministrados nos anos de 1995 a 1997 publicados recentemente sob o título de Hospitalidade.

### Palavras-Chave

Hospitalidade. Alteridade. Desconstrução.





## LER DERRIDA, PENSAR PAULO, COM MILOVIC: SOBRE JUSTIÇA

Rose Dayanne Santos De Brito

[rose@ufpr.br](mailto:rose@ufpr.br)

### Resumo

O último curso ministrado pelo filósofo brasileiro Miroslav Milovic intitula-se “Direito como Justiça”, o autor referenciado é Derrida. O nome do curso guarda um apelo: “tenta-se, sem cessar, aprimorar o direito e o fazemos pela justiça” (Derrida, 2015, p. 18). O objetivo principal é demonstrar as ressonâncias do pensamento de Derrida e de Paulo sobre justiça no referido curso, que adota o projeto da destruição da metafísica à desconstrução. A hipótese defendida é o rastro da escritura “Reading Derrida / Thinking Paul: On Justice” de Theodore W. Jennings, incluído na bibliografia do curso, na compreensão da justiça como dom. Os textos “São Paulo: parusia como mudança do mundo” e “Derrida: pandemia como história” de Milovic são as fontes principais conjuntamente às gravações do curso publicadas em 2024. A justiça fora da lei, para Milovic, parece ter os traços do amor paulino e da hospitalidade incondicional derridiana. Dito isso, parece que Milovic quer mais, quer defender a seguinte tese: “a desconstrução é a possibilidade, talvez, de uma ontologia paulina”. Como correlacionar a desconstrução derridiana à ontologia em Paulo? Essa aporia é a pergunta deste trabalho. No texto sobre Paulo, Milovic menciona que a palavra “ontologia” sequer aparece nas epístolas, na linguagem paulina, e menciona o “encontro infeliz” de Paulo com os filósofos gregos, onde “ninguém entendeu ninguém neste encontro” (Milovic, 2023, p. 27). Nos resultados a serem apresentados, será explicitado que ao ler Derrida, Milovic pensa em Paulo, promovendo um encontro feliz entre eles. Assim, a desconstrução aparece como a possibilidade de realizar o impossível, a ontologia paulina. A justiça se mostra dissociada da violência, de Deus somos coperedores, nós precisamos ajudá-lo, razão pela qual Milovic afirma que o projeto da justiça é nosso, precisa da “intrusão do próprio ser humano”.

### Palavras-Chave

Justiça. Desconstrução. Ontologia.



## LIMA BARRETO, JACQUES DERRIDA E WALTER BENJAMIN: POR UMA OUTRA ÉTICA DO IM-POSSÍVEL

Isaac Moura Quintanilha  
[isaacmouraq@gmail.com](mailto:isaacmouraq@gmail.com)

### Resumo

O exercício central deste trabalho é pensar, a partir da capital da Primeira República Rio de Janeiro, o surgimento de uma ética contrária aos paradigmas modernos importados da Europa como: o positivismo, jacobinismo e o liberalismo na sociedade brasileira. Essa apresentação se dará por meio da análise dos escritos deixados por Lima Barreto, especificamente, a partir do estudo das suas impressões ontológicas encontradas em seu Diário íntimo (1953). Registros tomados pelas suas longas caminhadas pelo centro da cidade e, também, no seu retorno cotidiano ao subúrbio. Compreendemos que essa ética aflorante numa sociedade pós-abolicionista, explicitada por Lima, encontra-se próxima ao que Jacques Derrida (2009) chamou de Vadiocracia [vyoucratie], o qual segundo o autor seria um princípio de contra-poder, isto é, um constante estado de desordem concomitante à ordem democrática. Por primazia à própria democracia, que ao selecionar acolhimento aos que na condição de cidadãos são entendidos como irmãos e semelhantes, exclui, por via de regra, os outros de toda espécie: os vadios [les voyous]; os maus cidadãos. Estes sujeitos são caracterizados pelo seu não-lugar, pelo seu desvio da manutenção moral e sanitária da polis, que fogem ao registro gráfico, que não possuem endereço fixo e, por vezes, não respeitam fronteiras espaciais e linguísticas definidas pelos Estados Nacionais — há dentre os diversos exemplos no Brasil o povo Yanomami. Derrida ao citar o ensaio de Benjamin Zur Kritik der Gewalt, traduzido por Willi Bolle por Crítica da violência: crítica do poder (1986), aponta que estes vadios causam fascínio porque desafiam o Estado, àquele que representa institucionalmente o direito sobre a vida, que detém e assegura o monopólio da violência. Desse modo, em nossa apresentação, ao trabalharmos as considerações derridianas sobre Benjamin, traçaremos um paralelo entre seu conceito de flâneur, o vadio e as práticas deambulatórias de Lima Barreto. Esta responsável por preludiar sua escrita, seus enredos e suas personagens, caracterizados pelo constante trânsito narrativo. Portanto, a apresentação será



dividida em três momentos: contextualização histórica; discussão acerca das prática de arquivamento do eu e a escrita de si em Lima Barreto e debate teórico-conceitual a respeito do conceito de vadio e vadiocracia proposto por Derrida e do flâneur por Benjamin e suas implicações, buscando demarcar diferenças e rastros de semelhança entre os conceitos.

### **Palavras-Chave**

Lima Barreto. Arquivo. Vadiocracia. Flâneur.



## MELANCOLIA, BENJAMIN E O ESTUDO CONTRA HEGEMÔNICO

Allyson Jullyan Dos S. Nascimento  
[allyson.nascimento@aluno.ufop.edu.br](mailto:allyson.nascimento@aluno.ufop.edu.br)

### Resumo

O objetivo do trabalho é fazer uma análise da melancolia tratada por Benjamin no drama barroco/trágico alemão como aquela capaz de produzir conhecimento e disposta a ser uma teoria contra hegemônica para uma doutrina da justificação. A melancolia como o ponto central de um debate que está enraizado na cultura do próprio conhecimento, nos tempos e na história, e da possibilidade de criação de novas ideias. A ideia básica é analisar a partir da leitura do texto: Drama Barroco e Tragédia; na seção III passo a passo o estudo feito por Benjamin da melancolia ligando a ela várias formas e meios de se conceber conhecimento e construção contextual do mesmo. Vamos elencar os passos para essa possibilidade e a originalidade de Benjamin em não tratar de temas caros a filosofia através de ações formais constante em sua época e na história da filosofia. Dentro do contexto apresentado vamos expor nosso trabalho visando esse entendimento: a capacidade benjaminiana de ver em temas que surgem em seu tempo, na modernidade, a possibilidade de estudo ligado a filosofia e ao pensamento.

### Palavras-Chave

Melancolia. Benjamin. Conhecimento.



## NATURALIZAR O INTOLERÁVEL OU NÃO HÁ PERDÃO

Maria Elisa Campelo De Magalhães

[edemagalhaes@eba.ufrj.br](mailto:edemagalhaes@eba.ufrj.br)

### Resumo

Entramos o ano de 2024 sem muito a comemorar. Em 7 de outubro de 2023, um ataque, supostamente do grupo Hamas, a uma festa em território israelense, na fronteira com a Palestina, deu início a um genocídio e etnocídio insuportável. O Estado de Israel vem, desde então, dizimando a população civil palestina, pela posse definitiva de toda a região da Faixa de Gaza e Cisjordânia. O estado sionista de Israel vem promovendo crimes de guerra seguidos, já tendo sido condenado pelo Tribunal Internacional de Haia. De caráter colonialista, a tomada pela força das terras da Autoridade Palestina e a eliminação de seu povo, sobretudo mulheres e crianças, para que não sejam possíveis as descendências, é da ordem da vileza, crueldade e perfídia. A indignação mundial sobre os crimes de guerra que estão sendo cometidos pelo Estado de Israel, transmitidos ao vivo pelas redes, parece aumentar, ainda mais a violência israelense contra os palestinos. Com fome, sede, medo, a população palestina vai, pouco a pouco, perdendo a capacidade de resistência. E a brutalidade chega aos nossos aparelhos quase ao vivo. A Guerra atual lembra uma outra, nos anos 1990, tão pérfida quanto esta, com o mesmo objetivo de etnocídio, a guerra da Bósnia, iniciada em 1992, em meio ao conflito gerado pela queda do muro de Berlim e pela separação da Iugoslávia, e a guerra de Kosovo, em seguida ao conflito na Bósnia. O conflito de Kosovo foi analisado pelo filósofo Paul Virilio no livro *Estatégias da decepção*. No primeiro conflito, croatas e bósnios se enfrentaram, eram lutas de independência e poder, e os croatas foram os que mais sofreram. No segundo conflito, eram os sérvios eliminando ou tentando eliminar do planeta os albaneses, que, como eram maioria na região de Kosovo, ousaram lutar pela a independência. Estupros, de bebês até mulheres muito velhas, saques, humilhação da população derrotada, mulheres levadas à prostituição. Homens mortos com requintes de crueldade. Em ambos os conflitos nos Balcãs – a guerra toda começou em 1991, quando Eslovênia Croácia e Macedônia pediram independência da Iugoslávia e lutavam, contra os sérvios, pela independência de Kosovo, de maioria albanesa. Diferentemente da guerra atual entre Israel e Palestina,



o mundo quase não viu, nem acompanhou o conflito dos Balcãs. O que acontecia no norte da Europa parecia não importar a ninguém, nem a Europa. A colonização contemporânea nos alcança ao vivo, a cores, sem disfarce, sem perdão. Como naturalizar o intolerável?

### Palavras-Chave

Colonização. Altericídio. Genocídio.



## NOTAS SOBRE UM VESTÍGIO DA DIFERENÇA

Lucas Roberto Moraes Barbosa  
[lucasrobertofilosofia@gmail.com](mailto:lucasrobertofilosofia@gmail.com)

### Resumo

Diante de uma tradição filosófica que possui lugares determinados para a produção de sentido e na constatação de suas violências conceituais, busco, com este trabalho, tatear um pensamento da desconstrução desde uma experiência do rastro a partir do filósofo magrebino Jacques Derrida. Interessa investigar as implicações que este movimento produz na história do pensamento contemporâneo, dobrando-se entre política e metafísica, ao radicalizar uma tradição ontológica cujo ser, ente privilegiado no acesso ao mundo, presente e idêntico a si, é o senhor da experiência em geral. Na instabilidade deste percurso, investigo alguns obstáculos que são, aqui, sintomas de uma metafísica da presença, estrutura constatada por Jacques Derrida e levada ao seu limite já em suas primeiras publicações, em especial *Da Gramatologia*. Na primeira dobra do percurso dessa comunicação, a marca da alteridade refaz um caminho onde a ontologia é levada ao limite de sua fragilidade quando, entre outros rastros, todo desvelamento oculta-se ao diferir-se. E o véu que esforça-se por retirar em busca da verdade, da determinação, da clareza e distinção, encobre ainda mais o sentido e sua origem, deixando apenas rastros para o que antes acreditou-se poder desvelar para a compreensão da estrutura do ser. Com a prótese de alguns quase-conceitos e ainda sob a ótica da indecidibilidade, na segunda inflexão, investigo a desconstrução da linguagem de modo a rasurar a passagem que a metafísica ocidental estabeleceu primeiro como natural, original ou verdadeira, segundo como neutra, linear e universal. Ao expor a clausura de uma delimitação fonologocêntrica da linguagem, um rastro de experiência produz, para além do paradigma da presença e da ausência, na distância, no corte, na brecha entre aparição e ocultamento, ser e não ser, significante e significado, a liberação da escritura enquanto movimento da produção de diferenças entre rastros. Por fim, com algum vestígio de diferença, resta produzir o apagamento do rastro como a adequação, posto que inadequado, de algum vestígio de sentido ou significação que já não existe em si ou para si.

### Palavras-Chave

Rastro. Alteridade. Jacques Derrida.



## O ABSURDO DE 'O ESTRANGEIRO' (1957) NA PRÁTICA JURÍDICA BRASILEIRA ATUAL

Rodrigo Do Prado Zago

[rzago@yahoo.com](mailto:rzago@yahoo.com)

### Resumo

Camus, ao refletir a condição humana, conclui ser intrínseco do humano o sentimento do absurdo. O absurdo é oriundo da ausência de uma razão de ser a priori, de um divórcio perpétuo entre o homem e o mundo. Consciente do absurdo, o homem deve refletir se a vida vale ou não a pena ser vivida. Assim, para Camus, o suicídio é a questão primordial da filosofia. Camus aborda o tema de três formas, teatral, com *Calígula* (1944), romanesca, com *O Estrangeiro* (1957), e ensaística-filosófica, com *O mito de Sísifo* (1942). Em *O Estrangeiro* (1957), Camus conta a história de um homem, indiferente à vida, que comete um assassinato e é levado a julgamento. A narrativa permite observar como o protagonista toma consciência do absurdo à medida em que seu julgamento não é conduzido pela verdade e pelos fatos, mas pela verossimilhança. Similar ao romance, três atos jurídicos brasileiros recentes permitem discutir o conceito camusiano de absurdo e propor reflexões sobre a condição humana. A Operação Ouvidos Mucos resultou no suicídio do reitor de uma Universidade Federal. As ações penais do Caso do Sítio de Atibaia e do Caso Triplex, implicaram na prisão de um ex-presidente por 580 dias. Desta forma o trabalho propõe discutir o conceito de absurdo e analisar estes três atos jurídicos sob esta perspectiva. O objetivo é mostrar a atualidade do pensamento camusiano e a necessidade de se filosofar acerca da condição humana.

### Palavras-Chave

Absurdo. Condição humana. Camus.





## O FENÔMENO E O TEMPO ESPIRALAR

Ana Gabriela Colantoni

[anacolantoni@ufg.br](mailto:anacolantoni@ufg.br)

### Resumo

A partir do livro “Performances do tempo espiralar” de Leda Maria Martins, podemos compreender que a sabedoria está no movimento de refazer-se e de acumular-se no Mar-Oceano do tempo ancestral, de maneira espiralar, em que os tempos passado, presente e futuro estão interligados. Interpreto que esse processo de refazer-se e de acumular-se é próprio principalmente da filosofia, que não elimina denominando de ultrapassado o conhecimento de épocas passadas. Inclusive, na filosofia contemporânea, conexões ainda não pensadas anteriormente são permitidas, de tal maneira que, nesse trabalho a hipótese é sobre a possibilidade de conexão do conceito de fenômeno — a partir do europeu Sartre, absorvido de Husserl e de Heidegger — com o conceito de Exu, da cultura ancestral. Segundo Leda Maria, Exu é aquele que porta o axé, o logos, aquele que interpreta o sistema, princípio pelo qual surgem as possibilidades de tradução dos saberes, bem como de criação. Em Sartre, no livro “O ser e o nada”, o fenômeno é o que liga a consciência e o objeto, é o próprio significado. O fenômeno é a somatória das aparições, constituindo a própria essência, quando considerada posteriormente à existência. Sartre esteve em contato com o pan-africanismo, tanto é que escreveu o livro “Orfeu Negro”. Assim, além de procurar conectar o conceito de fenômeno com o de Exu, pretendo também propor a possibilidade de conexão do conceito de projeto original de Sartre com o conceito de Ori da ancestralidade. O projeto original encontra-se no futuro de cada consciência, que será perseguido de tal maneira a promover a constituição dos desenhos da existência, que só poderão ser interpretados a partir do olhar do outro. Mas isso não seria a Cabeça (o Ori), a missão escolhida por cada ser humano, de acordo com as religiões advindas do culto ao Ifá?

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Culto ao Ifá. Encruzilhada.



## O GRILHÃO DE DÍVIDAS COLONIAIS: UMA ANÁLISE SOBRE A APROPRIAÇÃO CULTURAL E OS SIGNOS COLONIZADORES

João Vitor Alcântara Jorge

[joaovitorjorge1998@gmail.com](mailto:joaovitorjorge1998@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem como alvo analisar os atos de apropriação cultural e a usurpação de obras produzidas por culturas colonizadas e africanas em contraposição aos símbolos afirmativos da cultura colonizadora como forma a preservar o sistema racial vigente, a partir da obra de Achille Mbembe. Todo signo diz respeito a uma construção e um conhecimento, diz respeito à constituição de afetos e de territórios, segundo Deleuze. Nesse sentido, compreendendo a gênese dos signos que forjam a sociedade, pode-se compreender concomitantemente a própria sociedade e seus desdobramentos futuros, assim como abarcar quais signos devem ser apagados em detrimento de outros. Por sua vez, Mbembe ao retornar seus escritos para a apropriação cultural efetivada pelo ocidente europeu contra as obras e objetos de culturas africanas e colonizadas, mantendo-as expostas em museus, aponta a disparidade relacionada a essa construção, assim como a construção do não pertencimento social. A produção de uma determinada obra não coaduna com o direito de sua posse ou de seu uso, esses estão ligados a cor da pele e o desenvolvimento inicial da civilização detentora. A vitrine do mundo é uma vitrine racial, na qual expõe-se objetos de culturas que devem ser apagadas e distanciadas. O corpo negro, assim como sua produção, sempre esteve exposto num espetáculo de horrores interminável. Contrariamente a isto, toda produção colonial é glorificada e desejada. Estátuas são erguidas, ruas batizadas em seus nomes, signos erigidos para a manutenção incessante do código racial, garantindo uma hierarquia das raças. Todos esses processos coadunam no que Boa Ventura descreve como epistemicídio, ou seja, nos processos de apagamentos culturais e históricos contra os povos africanos e colonizados afim de preservar a hegemonia branca. O apagamento, assim como a apropriação indevida dos bens culturais, é uma ferramenta eficaz para a produção do negro e do colonizado como culturas subalternas. Apagando-se o conhecimento forjado por esses povos, apaga-se também a possibilidade de expressão cultural e de



confirmação de signos afetivos que assegurem o pertencimento coletivo. Assim sendo, a produção de signos raciais está ligada ao cultivo de uma sociedade excludente e racista, e, concomitantemente, de uma sociedade necropolítica, alicerçada no viés brutalista do poder soberano. O discurso sobre a possibilidade de corpos marcados pelo sinal da morte é apoiado à produção de signos epistêmicos racistas.

### Palavras-Chave

Apropriação cultural. Signos. Mbembe.



## O PREÇO DA DESCONSTRUÇÃO

Gabriel Rezende De Souza Pinto

[grezendesou@gmail.com](mailto:grezendesou@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, forneço subsídios para elaborar uma questão idiomática do pensamento desconstrutivo: “a desconstrução tem um preço?”. A familiaridade dos termos usados na oração esconde uma pergunta cujo sentido é de difícil apreciação. Afinal, se seguirmos os contínuos esforços de Derrida para diferenciar a desconstrução de um tipo qualquer de método de leitura, de técnica de interpretação de textos ou de crítica, concluiremos que a desconstrução não é simplesmente algo que se faça, mas antes algo que acontece: “ça arrive”. Como esse “ça” pode ter um preço? E para além disso: se há um preço, a desconstrução é cara? Quanto ela custa? Podemos pagar por uma desconstrução que ocorre às nossas costas, sem que a percebamos? O encadeamento destas muitas perguntas nos indica uma passagem pela economia. O preço da desconstrução é uma questão econômica porque, como se mostrará, ele inaugura, para Derrida, o problema econômico, isto é, a “lei da casa”. A fim de perseguir esta hipótese, lanço mão de duas estratégias. Na primeira parte da apresentação, seguirei uma sugestão dada por Gunther Teubner de ler os textos econômicos de Derrida em contraste com os escritos de Niklas Luhmann sobre a economia. Entretanto, diferentemente da proposta de Teubner, lerei o dom derridiano não como uma fórmula de transcendência, mas com uma fórmula de contingência contígua ao que os economistas chamam de “escassez”. Na segunda parte da apresentação, utilizo a noção de escassez para pensar o modo como Derrida entendeu a contaminação recíproca entre teoria do valor e teoria do preço. Valendo-me de indícios deixados por ele no texto “Du sans prix”, e de argumentos propostos por Nadja Gernalizk em *Kredit und Kultur*, e, em *Violência e metafísica*, por Petar Bojanić, respondo à pergunta pelo preço da desconstrução sugerindo que ela evoca a escassez como interdito fundamental da economia.

### Palavras-Chave

Desconstrução. Economia. Dom. Escassez. Preço.



## O PROBLEMA ÉTICO DO CRIME LÓGICO NA OBRA POLÍTICA DE ALBERT CAMUS

Alberto Luiz Silva De Oliveira  
[albertoluiz968@hotmail.com](mailto:albertoluiz968@hotmail.com)

### Resumo

O fenômeno totalitário em atividade no século XX deixou uma marca indelével na forma como a cultura Ocidental se percebe e se relaciona com os outros modos de leitura da realidade. Sua influência sobre cultura, política e ética, tanto no passado quanto no presente, destacam a importância de examinar seus diversos aspectos e formas de atuação sobre os indivíduos e o ambiente. As décadas de quarenta e cinquenta geraram uma variedade de interpretações, abordadas por várias disciplinas, que elucidam a prática dos Estados Totalitários e sua ideologia dominante. A reflexão sobre as relações ético-políticas ao longo dos últimos séculos, através das lentes da cultura, economia, desenvolvimento científico e filosofia, revela um uso extremamente original para a época dos elementos da tecnicidade e da ciência para a ação política. Neste contexto, Albert Camus, em sua obra política, objetiva investigar os mecanismos culturais e filosóficos que impulsionam os movimentos totalitários na Europa e legitimam o assassinato em massa pelo Estado. Em *O Homem Revoltado* (1951), Camus estabelece o que parece ser um elemento fundamental para o entendimento deste período, e o que nos parece um problema ético de relevo para a reflexão ética contemporânea. O problema apresentado por Camus inicia com a distinção entre crimes passionais, cometidos por indivíduos, dos crimes ideológicos, planejados e justificados através do Estado Totalitário. Esta modalidade de crime destacada por Camus é marcada pela racionalização e tecnicidade do Estado. Ele argumenta que o século XX foi dominado por esse tipo de crime, substituindo o romantismo passional por uma forma de assassinato mais impessoal e instrumentalizada. Ele introduz o conceito de Crime Lógico para descrever essa modalidade de homicídio, caracterizada pela racionalidade e pela justificativa ideológica. Mediante ao que foi apresentado acima, este trabalho pretende apresentar a análise de Camus sobre o Crime Lógico e demonstrar sua relevância nos dias de hoje, pois, compreendemos que ela reflete um modo operante pelo qual os Estados justificam a exclusão e a eliminação de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



comunidades, seja através do belicismo direto ou da negação de recursos essenciais à vida e à dignidade humana. Suas reflexões éticas permanecem pertinentes para o debate contemporâneo sobre questões ético-políticas.

## Palavras-Chave

Crime. Legitimação. Ética.



## PARA ALÉM DAS ONDAS: AS LUTAS DAS MULHERES NEGRAS NO MOVIMENTO FEMINISTA E NO MOVIMENTO NEGRO

Itaiara Iza Simplicio Da Silva  
[itaiara.iza@gmail.com](mailto:itaiara.iza@gmail.com)

### Resumo

Este estudo propõe analisar as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, destacando suas vivências dentro do contexto do movimento feminista e do movimento negro. Tradicionalmente, o movimento feminista tem sido categorizado em três ondas, uma simplificação que, no entanto, tende a centralizar as pautas das mulheres brancas de classe média dos Estados Unidos e da Europa, deixando de lado as experiências das mulheres negras. Lélia Gonzalez resalta a importância de refletir sobre as contradições internas do movimento feminista, que por muito tempo negligenciou as pessoas negras e indígenas. A exemplo disso, um conceito importante é o da mulher como o Outro, introduzido por Simone de Beauvoir, que destaca a alteridade e a subjugação da mulher em relação ao homem. Beauvoir (1958) expressou o seu fascínio pela universalização, bem como o seu desprezo pela particularidade, prova disso é a sua intenção de entender a condição da mulher, ao invés das condições das mulheres. A obra da filósofa francesa *O segundo sexo*, foi considerado um marco teórico para o movimento feminista e teve influência para além das fronteiras europeias, sem um olhar atento para compreender a necessidade de ajustar aquela produção textual, com elementos próprios de outros territórios. Isso nos leva a refletir: qual é a posição da mulher negra? Podemos observar que o seu lugar é ainda mais distante das camadas privilegiadas do que o da mulher branca, já definida como o Outro. Enquanto as mulheres brancas eram rotuladas como o “sexo frágil”, destinadas a serem “donas de casa”, pelos homens brancos, as mulheres negras trabalhavam tanto quanto os homens negros. Como destaca Angela Davis, as mulheres negras durante a escravidão, enfrentaram a escassez de alimentos, a vulnerabilidade aos ataques sexuais e os castigos cruéis infligidos. Logo, uma visão universal da categoria mulher não consegue abranger as múltiplas desigualdades, por isso, Lélia Gonzalez estabelece uma crítica severa à teoria eurocêntrica, que desconsidera as particularidades locais, pois falar apenas de gênero e não de raça, é um tipo de racionalismo universal abstrato, isto é, a ênfase da luta por direitos desconsiderando as interseções com outras formas de opressão, como a racial.

### Palavras-Chave

Raça. Classe. Gênero.



## PATRIOTA DO CAMINHÃO: CONSCIÊNCIA INAUTÊNTICA E LOUCURA

Marcelo De Mello Rangel  
[mmellorangel@yahoo.com.br](mailto:mmellorangel@yahoo.com.br)

### Resumo

A comunicação tem dois momentos. No primeiro, acompanharemos a figura do patriota do caminhão com base na dialética hegeliana do senhor e do escravo. Nesse sentido, sugerimos que Junior Cesar Peixoto, manifestante que participa de atos bolsonaristas responsáveis pelo bloqueio de estradas federais por todo país no final de 2022, nos remete diretamente à lógica do senhor e do escravo e à figura da consciência inautêntica propostas por Hegel no capítulo IV da Fenomenologia do Espírito, a qual, por sua vez, torna possível certa interpretação da História (“destino”) do Brasil. A História do Brasil se constitui bom base na escravidão e, portanto, em um modo de relação que pode ser descrito, ao menos em parte, a partir do esquema hegeliano. A escravidão (factual) provoca a radicalização de um modo de organização da consciência, o inautêntico: relação com os outros como se fossem objetos próprios à realização dos desejos de determinada figura, a do senhor. Em seguida, temos a resistência – do escravo - e o empenho do tipo senhor no sentido da alienação dos outros que deveriam se comportar em nome da atualização dos seus desejos e da supressão de sua finitude, se tornando ainda mais violento. Temos, então, uma resistência mais significativa e o que chamamos de loucura, a perda de todo e qualquer cuidado de si por parte do senhor, provocando, assim, não apenas a destruição dos que estão ao seu redor, mas, também, a sua própria. É justamente esse modo de relação que sustenta a História do Brasil e que pode ser acompanhado a partir da figura do patriota do caminhão (de sua “loucura”), tornando possível, desse modo, a compreensão de uma lógica que estrutura nossas relações desde a colonização. Em seguida, no segundo momento, proporemos certa leitura do Romance Úrsula, de Maria Firmina, especialmente do personagem comendador Fernando que aparece como essa figura – a da consciência inautêntica - que enlouquece e provoca uma cena de destruição coletiva. Risco ao qual estamos expostos até hoje e que também aparece como uma preocupação significativa da literatura brasileira.

### Palavras-Chave

Patriota do caminhão. Consciência inautêntica.





## PELA PROFANAÇÃO DO SAGRADO: SOBRE NOMEAR A CISGENERIDADE E OFENDER A NORMA

Cello Latini Pfeil  
[mltpfeil@gmail.com](mailto:mltpfeil@gmail.com)

Daniel Gabriel Silva De Brito  
[daniel.sbrito13@gmail.com](mailto:daniel.sbrito13@gmail.com)

### Resumo

O conceito de cisgeneridade surgiu durante a década de 1990, em contexto norte-americano e europeu, tendo sido exportado para outras regiões ao decorrer dos anos 2000. No Brasil, a disseminação desse conceito se deu sob respaldo do movimento transfeminista. Como contraponto à nomeação e patologização da transexualidade, ocorrida durante a segunda metade do século XX pela biomedicina moderna, “cisgeneridade” emerge como uma iniciativa de despatologização, para desnaturalizar o estabelecimento de uma norma que se camufla como natureza. Se a nomeação da transexualidade, pela medicina moderna, produziu “corpos disfóricos”, como pensa Bruno Pfeil, por outro lado a nomeação da cisgeneridade, por parte de movimentos transfeministas, buscou se contrapor à produção normativa de corpos; ou seja, almeja não produzir uma nova norma, mas denunciar seu caráter normativo, e com isso, desnaturalizá-lo. Contudo, em espaços institucionalizados de produção de conhecimento, nos deparamos com o fenômeno de recusa do conceito de cisgeneridade - que Pfeil & Pfeil identificam como ofensa da nomeação. A cisgeneridade institucionalizada se recusa a reconhecer sua própria nomeação, recusando, com isso, a desnaturalização e nomeação da norma enquanto tal. Compreendemos que parte dessa recusa é tributária de um processo de sacralização, na concepção de Agamben - o corpo cisnormativo é tido como original, como sagrado e congruente, de modo a alocar formas de expressão, desejo e identidade não-cisgêneras [e não-heterossexuais, brancas, endossexo etc.] como incongruentes e desviantes. Estabelece-se, com a cisnorma, um parâmetro de medida daquilo que é considerado natural e correto, assim como daquilo que se distancia desse ideal. Diante disso, pensamos em um enfrentamento à normatividade, pelas ideias agambenianas



de profanação e destituição como uma possíveis respostas éticas a essa sacralização. Sendo assim, direcionamos nosso estudo a partir das seguintes interrogações: é possível profanar a norma e destituir a cisgeneridade? É possível ofender a norma ao ponto de destituí-la de seu caráter normativo? Podemos profanar a cisgeneridade como um caminho para desnaturalizá-la? A profanação pode nos servir como estratégia para demonstrar como a norma é caduca? A partir desses questionamentos, nos propomos a pensar o fenômeno de ofensa da nomeação como um analisador da cisgeneridade e da manutenção da norma.

### **Palavras-Chave**

Cisgeneridade. Profanação. Nomeação.



## REVELAÇÃO E VERDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EPISTEMOLOGIA BENJAMINIANA

Gabriel Galbiatti Nunes

[gabriel.galbiatti.nunes@hotmail.com](mailto:gabriel.galbiatti.nunes@hotmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, buscarei trazer ao debate certa abordagem epistemológica que se arraiga ao longo da obra de Benjamin, e que pode ser sintetizada na frase que abre o fragmento introdutório de “A Paris do Segundo Império na obra de Baudelaire”: segundo Benjamin, “A distinção entre o verdadeiro e o falso não constitui para o método materialista um ponto de partida, mas um alvo (Ziel)”. Isto é, para o filósofo, de um ponto de vista epistemológico, a verdade (Wahrheit) não é pensada como um ponto de partida do pensamento – seja esse ponto inicial, por exemplo, a dúvida radical cartesiana, seja o sujeito transcendental kantiano –, que garantiria a validade do conhecimento obtido através do método, mas, de outro lado, a verdade, para o método materialista benjaminiano, é o alvo a ser alcançado, numa trajetória teórica que, como afirma o filósofo neste mesmo fragmento anteriormente citado, “[...]parte do objeto marcado pelo erro e pela doxa”. Em minha comunicação, pretendo analisar como Benjamin fundamenta uma epistemologia que parte do erro e da doxa, e que possa, a partir daí, alcançar a verdade. Para isso, parto da hipótese de que o conceito nuclear, no pensamento benjaminiano, que torna possível de se fazer da verdade um alvo a ser atingido é o conceito teológico de revelação (Offenbarung), presente em suas obras de juventude. Portanto, nesta comunicação, analisarei como o conceito de revelação fundamenta a possibilidade de se pensar na verdade como um alvo a ser atingido, não como um ponto de partida, que garantiria a veracidade do conhecimento, a partir, em especial do ensaio “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” e do “Prefácio” ao livro *Origem o drama barroco alemão*.

### Palavras-Chave

Epistemologia. Revelação. Walter Benjamin.



## TERRORES: DOS MICROPODERES ÀS MÁXIMAS DOS GENOCÍDIOS

Georgia Cristina Amitrano  
[georgiaamitrano@gmail.com](mailto:georgiaamitrano@gmail.com)

### Resumo

A partir das ‘micro ações’ que denotam os apartheids cotidianos ao redor do mundo e seus desdobramentos nas ‘macro ações’ de extermínio, o presente trabalho visa apontar para as relações de poder e para as distorções conceituais que permitem o flagelo de determinados grupos étnicos; e isso a despeito do conceito de raça. Todavia, a idealização social de raça mantém as estruturas genocidas. Portanto, é a partir do mote dos crimes nos espaços micro que se desenrolam os crimes em massa. A negligência deliberada destas análises, infelizmente, nos permite, no nosso tempo presente, assistir ao vivo aos massacres contra determinadas populações inteiras ou grupos específicos dentro de um dado Estado. Ao observarmos os conceitos, mais que modernos, de genocídio e terrorismo, é possível observar as camadas que permitem a exclusão e eliminação de Outros. A Filosofia, nesse sentido, permanece permitindo “tudo”; ou seja, a permissibilidade de transformar assassinos em juízes tem sido o mote de certo olhar filosófico dos últimos três séculos. Do corpo negro chacinado nas favelas brasileiras aos corpos infantis destroçados das crianças palestinas, um mesmo objeto é vislumbrado. Na minha proposição — em uma análise conceitual dos fatos, dos problemas; e, em uma observação empírica da ‘realidade’ apresentada—, as articulações dos ditos crimes hediondos, que são negligenciados (politicamente, midiaticamente e filosoficamente) na imensidão de seus acontecimentos, nada mais são que microcosmos do terror e das práticas terroristas de Estados genocidas. Onde a Filosofia ter de ser conclamada a se pronunciar acerca dos conceitos que permeiam a Guerra e a implementação do terrorismo no seio desta, bem como estabelecer as tangentes do que se compreenda por guerra, para além das conceituações-base. Do mesmo modo, conceitos como os de Europa, Ocidente, terror, terrorismo, colonização e o Outro como um Ser sem Ser são necessários para esta análise; afinal, não há conceitos soltos, tampouco deslocados daquilo que se compreende como uma das inamovíveis da própria filosofia, a saber; a história.

### Palavras-Chave

Terrorismo. Genocídio. História.



## TESSITURAS DE VARAL: ENTRE NIETZSCHE E CLARICE LISPECTOR

Quésia Oliveira Olanda  
olandaquesi@gmail.com

### Resumo

O trabalho que se apresenta tem por objetivo apresentar a metáfora do varal, atrelando a escrita de Nietzsche e Clarice Lispector. É importante salientar que não nos concentraremos em uma obra específica, mas leremos diversos textos simultaneamente, pensando em ambos como escritores, visto que, no entender do filósofo alemão, se trata primeiro de escrever, depois filosofar. Com relação ao varal, podemos notar que é um objeto pertencente ao ordinário. A coisa ordinária, por sua vez, é um elemento de estima, como tece Manoel de Barros em *Matéria de Poesia* (2019). Varal pode ser considerado um dos lugares mais coletivos de uma casa, sendo um elemento que abriga a diferença, pois sua composição é feita com diversas peças de pessoas distintas. Varal é ainda um objeto assimétrico e simboliza deslocamento — para falar nos termos de Jacques Derrida —, pois não está colado, é instável, tem uma certa leveza, suspensão, um devir, portanto. Podendo ser trocado de lugar quando o sol se põe ou quando o tempo muda para vir a chuva. Varal é uma maneira de esboçar a experimentação da escrita de Clarice e Nietzsche, escritas multiformes e plurais, que andam na contramão da escrita sistemática que preponderou. O pensador alemão, além de criticar toda uma tradição metafísica e dualista, escreve de outras maneiras: ora aforismática, ora dissertativa, ora poética, ora metafórica. Em seu *Ecce Homo* (1908), este pensador esboça sua multiplicidade de estados interiores e, por consequência, seus muitos estilos. Sendo assim, não é possível separar o pensamento da forma de tecê-lo e isso se relaciona com a questão do perspectivismo. Lispector segue o mesmo fio. Para a autora de *Água Viva*, escrever era experimentar. Sua tessitura diversa se mostra em contos, crônicas, romances, cartas. Lispector é uma escritora que nunca buscou ser enquadrada, sua escrita não é dogmática, subvertendo, assim como Nietzsche, a lógica do discurso e a escrita literária-filosófica de sua época — cada um à sua maneira. Portanto, partiremos da hipótese de que não se trata apenas de escrever, mas no como se escreve, valorizando mais o estilo do que o método, de modo que a linguagem seja compreendida para além de uma mera comunicação ou transmissão. E se a forma de conceber o mundo é plural, os estilos de escrita seguirão a mesma linha, costurados metaforicamente como varal.

### Palavras-Chave

Escrita. Estilos. Varal.



## UM OUTRO OLHAR PARA A MEMÓRIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: DESCONSTRUÇÃO E ARQUIVO

Viviane Vasconcelos  
[vvasconcelos@gmail.com](mailto:vvasconcelos@gmail.com)

### Resumo

No início de *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), Jacques Derrida estabelece dois caminhos para a compreensão de arquivo, relacionando-o com uma das suas acepções etimológicas, que é *arkhê*. Sendo, ao mesmo tempo, começo e comando, o arquivo não é uma consequência do que se registra em relação ao passado, mas é um resultado de uma escolha autoritária que lhe confere o sentido que será retomado na prática psicanalítica, mas também em outras esferas do saber. Este trabalho pretende propor reflexões que surgem em algumas narrativas das literaturas brasileira e portuguesa da contemporaneidade acerca de procedimentos que constituem uma tarefa crítica de leitura do arquivo. Uma constatação fundamental à qual chega Derrida reside no fato de ser possível pensar na continuidade infinita que se coloca como condição de atualização permanente da ideia de arquivo. Isso nos permite analisar como alguns textos desenvolvem formas de narrar que retomam a ideia de invenção, por exemplo, como estabelece Luiz Antônio Simas, em *Almanaque Brasilidades: um inventário do Brasil popular* (2018).

### Palavras-Chave

Arquivo. Derrida. Literatura.



## UMA AUTOETNOGRAFIA DO ESTUPRO: REFLEXÕES EPISTEMICO-LINGUÍSTICAS SOBRE A REJEIÇÃO DA FALA

Bruna Schneid Da Silva  
[brunaschneid@gmail.com](mailto:brunaschneid@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho não é, e nem pretende ser um artigo filosófico em seus moldes tradicionais, apresentarei aqui, experiências pessoais, pensadas a partir de artigos filosóficos. Por esse motivo, nomeio esse trabalho enquanto uma autoetnografia, metodologia que adota a experiência vivida como fonte de informações. Meu objetivo é investigar, influenciada pelo artigo “Linguistic Injustice: The Fragility of Women and Girl’s Voices in Sexist Contexts” de Layla Raid (2022), como o sistema patriarcal opera na rejeição da fala de mulheres vítimas de violência sexual. Para tal recorro a noção wittgensteiniana trazida por Raid, de que as palavras possuem um papel fundamental na construção do mundo social, para argumentar que, quando mulheres emitem enunciados que vão contra a sociedade patriarcal elas são relegadas ao não pertencimento da comunidade linguística. Não há nada mais comum em nossa sociedade do que emitir um grito de pedido de ajuda e ser imediatamente atendido, ou ter correspondidas nossas expectativas de sermos compreendidas pela nossa comunidade linguística quando proferimos enunciados básicos. Mas quando se refere ao estupro, a vítima tem negada a sua capacidade de usar as palavras. Há aqui uma diferença entre ter sua credibilidade enquanto falante negada e ter negada a capacidade de usar a linguagem e julgar sobre questões básicas. Como defende Layla Raid, “É diferente não acreditar em alguém, mas verificar os fatos para ver se a reclamação é verdadeira; e não verificar nada porque as palavras não são consideradas como verificáveis; elas não são consideradas como afirmações adequadas” (2022, p. 8, Tradução Livre). Há uma espécie de acordo social que permeia alguns assuntos “proibidos”. A ideia de um fracasso forçado quando mulheres decidem denunciar casos de violência sexual é comum em todas as sociedades patriarcais, todavia é apenas quando decidem falar fora do tom que a fala de mulheres assume um caráter plural capaz de produzir novos dispositivos epistemológicos que obrigam um sistema de rejeição a ouvi-las. Pois como escreve Sofia Favero “a violência não para de existir quando paro de me posicionar. A vida é palavra” (2022, p. 40).

### Palavras-Chave

Estupro. Linguagem. Injustiça. Linguística.



## UMA INTRODUÇÃO AO GEOFILOSOFAR

Paulo Irineu Barreto Fernandes  
[paulo.barreto@iftm.edu.br](mailto:paulo.barreto@iftm.edu.br)

### Resumo

Esta comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa de doutoramento que teve como principal objetivo introduzir o “geofilosofar”, entendido como abordagem teórica, campo de estudo e modo de aproximação horizontal entre conhecimentos e áreas, com o intuito de possibilitar um novo olhar – geofilosófico – para problemas inerentes ao viver humano sobre a Terra. O ponto de partida é o conceito “geofilosofia”, apresentado por Deleuze e Guattari no livro *O que é a filosofia? (Qu’est-ce que la philosophie?)*, cujo objetivo fundamental é afirmar a relação de imanência entre a filosofia e a terra: portanto, trata-se de uma “Filosofia da [e sobre a] Terra”. A pertinência do conceito introduzido pelos autores franceses provocou um grande interesse em muitos intelectuais, dentre os quais destacamos Caterina Resta, Luisa Bonesio, Massimo Cacciari e Rodolphe Gasché, possibilitando desdobramentos que nos permitem afirmar que já estamos lidando com distintas geofilosofias e não somente com uma. Além disso, nossos estudos conduziram à proposição de que autores e autoras do passado e contemporâneos/as, dentre os quais, destacam-se Christine de Pisan, Erasmo de Roterdã, Giordano Bruno, Zera Yacob, Immanuel Kant, Milton Santos e Carolina Maria de Jesus, já traziam em seus escritos um “embrião” geofilosófico. No entanto, a conjectura de que a geofilosofia pode constituir, por si mesma, um campo próprio de estudos e uma área específica de pesquisa encontra também quem não a referende; como Marco Baldino, que afirmou “a geofilosofia nada mais é do que uma simples declinação do pós-moderno: desconfie de tudo o que foi adquirido até ontem”. Nesta direção, foi proposta a seguinte questão, que é central neste estudo: “Pode a geofilosofia constituir uma nova área de pesquisa?”. Para respondê-la, também com fundamento em Deleuze e Guattari, para os quais a filosofia é a arte de formar, inventar, e fabricar conceitos, introduzimos o verbo/conceito “geofilosofar”, como corolário de uma pesquisa conceitual que nos permitiu afirmar: “Sim, a geofilosofia constitui-se em um campo próprio de pesquisa, que busca na compreensão e na prática da alteridade, meios para a superação do status quo capitalista”.

### Palavras-Chave

Alteridade. Terra. Geofilosofar.



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ARISTÓTELES



## A BASE FÍSICA DAS CORES EM ARISTÓTELES

Evan Robert Keeling  
[evan@usp.br](mailto:evan@usp.br)

### Resumo

Quanto ao estatuto metafísico das cores, Aristóteles é realista: elas são qualidades de uma superfície transparente. Assim, como todas as outras qualidades físicas, deve ser possível explicar as cores de acordo com a física aristotélica. Este texto tentará fazer isso. Em primeiro lugar, temos que distinguir duas questões: 1) Como as cores surgem? 2) Qual é a base física da transparência, que constitui a matéria das cores? Quanto à questão 1, argumentarei brevemente que a diferença entre preto e branco (que constituem os extremos da contrariedade em cores, das quais todas as outras cores surgem) é determinada pela composição física do objeto colorido. Corpos mais densos, ou seja, os que são constituídos por mais água e terra e menos ar, são mais escuros. Corpos mais claros são, por sua vez, constituídos por mais ar. Quanto à questão 2, Aristóteles reconhece vários níveis distintos de complexidade física. As qualidades físicas que formam a base de tudo físico são quatro: quente/frio e húmido/seco. Nos Meteorológicos IV, Aristóteles argumenta que através da atividade de quente e frio no húmido e seco surge um outro nível físico de outras capacidades emergentes dos corpos uniformes, entre elas: de serem solidificável, flexível, maleável e combustível (Meteor. 385a12-19). A lista não inclui a transparência, provavelmente porque a tarefa de Meteor. IV é estabelecer a base das qualidades necessárias para os corpos de animais e plantas e a transparência não tem função nesse esquema. No entanto, é possível extrair os rudimentos de uma resposta da questão 2. O meio transparente da visão é, principalmente, o ar ou a água, pois o ar e a água são corpos uniformes (a) temporariamente 'moldáveis pela cor de uma superfície colorida e (b) suficientemente unidos até que o 'molde' passe até o olho (De Anima, 435a5-10). A unidade do ar ou da água depende de não terem obstáculos opacos obstruindo a visão. A capacidade de ser 'moldável depende da qualidade do ar: o ar mais moldável pela cor é menos denso, ou seja, mais quente e seco. Como Aristóteles afirma na Geração dos Animais: "Em tudo, o branco se produz pelo ar vaporizado nas coisas" (786a12-13). Assim, a explicação básica da transparência acaba sendo as qualidades físicas básicas: quente/frio e húmido/seco. Se for assim, Aristóteles tem recursos para explicar em termos físicos tanto as cores quanto o transparente, que é a matéria da cor.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Física. Cor. Visão. Percepção.



## A DEFINIÇÃO DE TERMO NOS PRIMEIROS ANALÍTICOS DE ARISTÓTELES

Mateus Ricardo Fernandes Ferreira

[mateusfilosofia@hotmail.com](mailto:mateusfilosofia@hotmail.com)

### Resumo

No primeiro capítulo dos Primeiros Analíticos Aristóteles diz que termo [horos] é aquilo em que uma proposição categórica se decompõe, ou seja, seu sujeito e seu predicado. Ao propor essa definição, no entanto, Aristóteles adiciona a seguinte cláusula: “esteja ‘é’ ou ‘não é’ sendo acrescentado ou separado [prostithemenou e diaroumenou tou einai e me einai]” (24b17-18). Desde a antiguidade, essa cláusula tem causado embaraço aos intérpretes. É-lhes manifesto que Aristóteles se refere à cópula entre o sujeito e o predicado, mas lhes é incompreensível a suposta dupla enunciação do aspecto afirmativo ou negativo de uma proposição, primeiro com a oposição entre ‘prostithemenou’ e ‘diaroumenou’, em seguida com a oposição entre ‘einai’ e ‘me einai’. De fato, Aristóteles com frequência remete ao ato de afirmar ou de negar empregando as palavras ‘composição’ [synthesis] e ‘separação’ [diáresis] e verbos cognatos (Int. 1, 16a12; 3, 16b23-25; Metaph. 5.29 1024b17-19; 6.4, 1027b18-24; 9.10, 1051b1-5). Em se assumindo, então, que a oposição entre os verbos ‘prostithemenou’ e ‘diaroumenou’ se refere ao ato de afirmar ou de negar, não se entendem as duas possibilidades introduzidas na sequência, uma vez que a expressão ‘é’ não separa o predicado do sujeito e a expressão ‘não é’ não os aglutina. Em virtude dessa dificuldade, Waitz (1844, 371) alega que Aristóteles “descuidadamente acrescenta ‘e me einai’”. Ross (1949, 290), a despeito da lição unânime dos códices e das fontes dos comentadores antigos, propõe que a expressão ‘e diaroumenou’ seja atetizada, assimilando o texto dos Primeiros Analíticos ao do De Interpretatione (ver Int. 1, 16a17-18; 12, 21b27). Nosso objetivo nesta apresentação é mostrar que o texto grego deve ficar exatamente como está. Trata-se menos de um caso de corrupção textual do que um caso de falha reiterada de interpretação. A oposição entre análise e síntese é o pano de fundo dos Primeiros Analíticos desde seu primeiro capítulo. Aristóteles quer dizer que, na síntese de uma proposição, as expressões ‘é’ e ‘não é’ são acrescentadas aos termos, que já se encontram estabelecidos, e que na análise de uma proposição já enunciada, essas expressões devem ser separadas dos termos. A



oposição entre os verbos ‘prostithemenou’ e ‘diaroumenou’, acreditamos, deve ser elucidada à luz da oposição entre ‘prosthesis’ e ‘diairesis’ quando esses conceitos são aplicados ao infinito (ver Ph.3.4, 204a6-7; 3.6, 206a15-16).

### Palavras-Chave

Termo. Silogística. Lógica Antiga.



## A DOCTRINA DA MEDIANIA E A DIVISÃO DO TRABALHO NA ALMA VIRTUOSA NA ÉTICA A NICÔMACO

Roberto Grasso

[robgrasso@gmail.com](mailto:robgrasso@gmail.com)

### Resumo

Aristóteles é ambíguo no que diz respeito à contribuição exata das partes não racionais e racionais da alma no comportamento virtuoso. A ambiguidade levou ao debate entre interpretações humanas e anti-humanas. Esse debate parece subestimar uma dificuldade gerada a partir da leitura padrão da doutrina da média, estabelecida por Hursthouse (1981, 2006) e Broadie (1991). Duas afirmações caracterizam essa leitura: (i) : O meio é uma metáfora do que é moralmente certo. (ii) : O meio é atingido de acordo com todos os parâmetros relevantes em uma situação específica. Defendo que, como consequência inescapável de 1108b8-18, devemos acrescentar a afirmação adicional de que (iii): O meio é perfeitamente, não aproximadamente, atingido. Assim, a leitura padrão da doutrina da mediania tem a consequência não intencional de tornar as virtudes de caráter demasiado poderosas, no sentido de que não há mais trabalho a ser desenvolvido pela *phrónēsis*. Tal versão extrema da leitura humana obviamente contradiria a descrição de Aristóteles da *phrónēsis* no livro VI da *Ética a Nicômaco*. Isso não é apenas um passo em falso de Aristóteles, mas uma indicação de que a leitura padrão da doutrina da mediania é questionável. Proponho que rejeitemos (i) e (ii) acima e os substituamos por: (i) \*: A mediania indica a moderação emocional. (ii)mvf \*: O meio termo a ser atingido diz respeito apenas ao parâmetro da maneira em que se deve. Alguns detalhes no tratamento de virtudes particulares de caráter mostram que Aristóteles usa regularmente (mas nem sempre e exclusivamente) o parâmetro  $\omega\varsigma\ \delta\epsilon\acute{\iota}$  para indicar moderação emocional. No artigo, examino uma seleção de passagens interessantes, incluindo algumas que são *prima facie* recalcitrantes à minha proposta. Estes ocorrem no tratamento da generosidade (1120b7-9; 1121a32-3 e b2-3; 1121a16-b30; 1121b23-32), honra (1125b6-8; 1125b19-20), mansidão (1126a9-28). Os demais parâmetros, mencionados pela passagem central (1106b18-24) sob o título quando se deve, não permitem uma aplicação razoável das noções quantitativas de intermediação, excesso e deficiência. Isso não deve ser tomado como uma pista para



uma interpretação metafórica do meio termo – que, aliás, isso incorreria na dificuldade de justificar por que Aristóteles decidiu adotar esse vocabulário em primeiro lugar. Pelo contrário, deve considerar-se um indício de que tais noções quantitativas não se destinam a ser aplicadas a esses parâmetros.

### Palavras-Chave

Virtude. Moralidade. Mediania.



## A EUDAIMONIA ARISTOTÉLICA PODE SER APOLÍTICA?

Giácomo Fioritti Leandro

[gfioritti@outlook.com](mailto:gfioritti@outlook.com)

### Resumo

Por mais central que seja o conceito de εὐδαιμονία na teoria ética aristotélica, ele tem dividido, até recentemente, a opinião dos intérpretes. De fato, na segunda metade do século XX, sobretudo a partir do artigo de Hardie, *The Final Good in Aristotle's Ethics* (1965), destacaram-se dois modos diferentes de compreendê-la, ou como um fim inclusivo, ou como o fim dominante da conduta humana, e o problema ocupou, entre outros, autores como Cooper, Kenny e Kraut. É que se, por um lado, poder-se-ia encontrar, nos textos de Aristóteles, material para identificar a εὐδαιμονία com uma vida completa e de exercício contínuo, no âmbito da cidade, de diversas virtudes como a coragem, a temperança, a liberalidade e a justiça por exemplo (EN. I-V), por outro, certas passagens revelariam que a melhor vida possível corresponderia, na verdade, àquela dedicada à contemplação (θεωρία), isto é, ao estudo e à pesquisa intelectual, notadamente àquela relativa às realidades inteligíveis e divinas (EN. X). O que proponho, nesta comunicação, é revisitar essa dificuldade que se tornou clássica na interpretação da ética aristotélica sinalizando a importância de se não descartar alguns aspectos fundamentais do seu pensamento político. Para tanto, pretendo recordar e discutir não só a formulação, conhecida no aristotelismo, do homem como animal político (Pol. I, 2), mas também aludir às considerações de Aristóteles a respeito da educação e da alternância do poder na cidade 'ideal' (Pol. VII-VIII).

### Palavras-Chave

Aristóteles. Eudaimonia. Política.



## A FUNÇÃO DA DELIBERAÇÃO (BOULEUSIS) NA ETHICA NICOMACHEA DE ARISTÓTELES

Ahmad Suhail Farhat  
[ahmadsufar22@gmail.com](mailto:ahmadsufar22@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é defender a tese de que a noção de deliberação ( $\beta\acute{o}\upsilon\lambda\epsilon\upsilon\sigma\iota\varsigma$ ) pode ser bem compreendida como um procedimento desiderativo-racional para formular prohaireseis, propósitos de longo prazo que determinam cursos de ação e especificam o tipo de agente moral que costumamos ser. Para que toda a minha exposição seja mais bem assimilada, irei dividi-la em três partes distintas. Na primeira delas, abordarei de modo suficientemente pormenorizado em que consiste a relação de interdependência entre *phronēsis* e virtude do caráter. Mostrarei que a virtude do caráter depende da *phronēsis* para garantir que a ação moralmente adequada seja implementada de modo apropriado (cf. EN 1138b 21-25), ao passo que a *phronēsis* depende da virtude do caráter para que lhe seja assegurada a correção moral do alvo em vista do qual a ação moral será implementada (cf. EN 1144a 29-31). Na segunda parte de minha exposição, abordarei de que modo Aristóteles caracteriza a deliberação em EN III.2-3. Mostrarei que, após discutir em detalhes tanto a noção de *prohairesis* (cf. EN 1111b 10-27; 30-35) quanto a noção de deliberação (cf. EN 1112a 30ss; b 11ss), Aristóteles estabelece uma clara conexão entre elas, de modo que a *prohairesis* é caracterizada como um desejo que decorre de deliberação prévia (cf. EN 1112a 15-17). Por fim, na última parte de minha exposição, explorarei uma vertente interpretativa que toma a deliberação como uma estrutura racional que teria a função não apenas de formular *prohaireseis*, mas também, e sobretudo, de justificar as ações morais. A partir de uma análise de seus pressupostos, procurarei mostrar por que razões rejeito essa interpretação e sustento que a deliberação deve ser compreendida como um procedimento desiderativo-noético que permite ao agente moral, na medida em que formula propósitos de longo prazo dotados de valor moral intrínseco, engendrar virtuosamente as ações virtuosas e consolidar o caráter virtuoso.

### Palavras-Chave

Deliberação. *Prohairesis*. *Phronēsis*.





## AÇÕES MORAIS NA ÉTICA A NICÔMACO: RAZÃO E EMOÇÃO

Angelo Antonio Pires De Oliveira

[angeloantoniopiresdeoliveira@gmail.com](mailto:angeloantoniopiresdeoliveira@gmail.com)

### Resumo

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles argumenta que cabe ao caráter e à razão delimitar e implementar as ações morais. O texto aristotélico, no entanto, traz inúmeras dificuldades exegéticas e filosóficas quando se tenta definir precisamente qual o papel desempenhado pelo caráter e pela razão nas ações morais. Há um conjunto de passagens na *Ética a Nicômaco* em que Aristóteles aparentemente defende a seguinte distribuição de tarefas: ao caráter cabe a tarefa de adotar os fins morais, enquanto à razão, representada pela *phronesis*, cabe a tarefa de delimitar como promovê-los. A divisão de trabalho proposta é problemática, pois ela outorga a função de adotar os fins morais a uma capacidade que Aristóteles classifica como não-racional, além de restringir a jurisdição da razão a apenas encontrar meios de alcançar esses fins. Entretanto, em outras passagens, Aristóteles aparentemente argumenta em favor de uma divisão de tarefas diferente dessa. Em tais passagens, o caráter aparece sob a tutela da razão, que lhe serve de guia. As afirmações de Aristóteles parecem revelar uma certa inconsistência na formulação da distribuição de tarefas entre caráter e razão. Minha proposta de apresentação é investigar as formulações feitas por Aristóteles em relação aos papéis desempenhados pelo caráter e pela razão na promoção das ações morais. Minha principal hipótese de leitura é que a divisão de tarefas deve ser entendida no interior de uma psicologia do desenvolvimento moral.

### Palavras-Chave

Aristóteles. *Ética*. Desenvolvimento Moral.



## AS NOÇÕES ARISTOTÉLICAS DE CIÊNCIA E INTELIGÊNCIA

Charles Andrade Santana  
[charlesandradejp@gmail.com](mailto:charlesandradejp@gmail.com)

### Resumo

De acordo com os Segundos Analíticos de Aristóteles, a atividade científica em qualquer área envolve sempre duas disposições, competências, habilidades ou capacidades cognitivas – em outros contextos também chamadas de “virtudes intelectuais” – que são intimamente interligadas, aparentemente indissociáveis, interdependentes, complementares e que funcionam em sinergia: episteme (ciência ou conhecimento científico) e nous (inteligência ou compreensão científica). Para Aristóteles, todas as proposições relevantes no domínio de uma ciência particular só podem ser efetivamente conhecidas de dois modos possíveis: ou elas são conhecidas por demonstração – objeto de episteme –, ou são princípios indemonstráveis – objeto de nous. Vou defender que possuir conhecimento científico (episteme) de um fato constatado qualquer envolve sempre demonstrar esse fato, isto é, explicá-lo a partir de sua causa apropriada, dos seus princípios explicativos apropriados, através de um silogismo demonstrativo; ao passo que possuir inteligência científica (nous) envolve – além da captura pontual dos princípios de uma dada demonstração – certa capacidade, competência ou habilidade de distinguir, dentre as proposições relevantes no domínio de uma ciência particular, quais delas são teoremas ou explananda legítimos, para os quais se deve procurar uma demonstração, e quais são princípios explicativos daquela ciência, para os quais nem sequer faria sentido exigir uma demonstração. Em suma, a ciência (episteme) procura oferecer explicações causais para fatos que despertam nossa curiosidade, sendo sempre motivada por uma pergunta: “por que isto (sujeito) é assim (predicado)?”. A inteligência científica (nous), por sua vez, não pretende saciar uma curiosidade nem é motivada por uma pergunta: ela apenas ocorre ao cientista na medida em que este passa a reconhecer com clareza, após anos de formação e experiência, a organização interna daquela disciplina científica em termos de prioridade explanatória, isto é, as relações assimétricas de causalidade que há entre as proposições mais relevantes naquele campo do saber, e isso ocorre naturalmente à medida que ele se torna cada vez mais familiarizado com o assunto em questão.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Episteme. Nous.



## AS QUATRO CAUSAS DA FÍSICA E A NOÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO DOS SEGUNDOS ANALÍTICOS

Pedro Juan Caldas Veras  
[pedroveras27@gmail.com](mailto:pedroveras27@gmail.com)

### Resumo

A primeira frase da Física, de Aristóteles (184a10) estabelece que em todos os estudos nos quais há princípios, ou causas, ou elementos, conhecemos cientificamente quando reconhecemos quais são estes últimos. Isso ocorre porque julgamos compreender cada coisa a partir do momento em que identificamos suas respectivas causas e princípios primeiros, bem como seus elementos, ou seja, conhecer cientificamente equivale a reconhecer as causas. Este trecho guarda uma notável semelhança com a noção de conhecimento científico apresentado nos Segundos Analíticos (71b9), em que é definido como o reconhecimento da causa pela qual a coisa é. Há uma certa diversidade terminológica entre os trechos das duas obras aqui apresentadas, dado que o conhecimento científico dos Analíticos fala somente em causas, e a Física adiciona as noções de princípio e causa. Analisando, porém, a noção presente nessas duas obras, pretende-se sustentar nesta apresentação, que tal divergência se trata precipuamente da pluralidade de aspectos em que o conhecimento científico pode ser descrito. Ademais, pretende-se igualmente sustentar no presente trabalho que o conhecimento científico se caracteriza como o principal apoio de Aristóteles para fundamentar as chamadas quatro causas. Isso porque o termo causa (*αἰτία* ou *αἰτίων*) que, apesar de não encontramos equivalente nas línguas modernas, refere-se à resposta da pergunta por quê, porém, Aristóteles a utiliza em um sentido mais apropriado à investigação da natureza, referindo-se às propriedades ou causas das quais outras dependem, de tal modo que se tornam determinantes para estas outras propriedades. Nesta esteira de pensamento, então, a proposta de Aristóteles (194b16) de investigar no que concerne à geração, corrupção e toda mudança natural com base no conhecimento de seus próprios princípios, encontra-se em coerência com a definição de conhecimento científico encontrado nos Segundos Analíticos.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Física. Causa.



## CAUSALIDADE, RAZÃO E PROPORCIONALIDADE EM ARISTÓTELES

Rafael Cavalcanti De Souza  
[rafaelc.dsouza97@gmail.com](mailto:rafaelc.dsouza97@gmail.com)

### Resumo

Aristóteles em Segundos Analíticos I. 2, 71b9–12 afirma que todo conhecimento científico é fundamentado em uma relação causal. Esta tese, contudo, causa embaraços aos intérpretes quando o domínio científico é uma ciência matemática. Barnes (1993, p. 162) afirma que tal tese é falsa e que a causalidade é completamente ausente nas ciências matemáticas gregas. No entanto, encontramos evidências textuais nos Comentários Sobre o Primeiro Livro dos Elementos de Euclides de Proclo e na Harmônica de Ptolomeu de que as explicações nas ciências matemáticas na Grécia eram compreendidas, ao menos por estes e outros autores, também como sendo relações causais. De tal modo, é possível afirmar que, em verdade, a tese aristotélica não é uma peculiaridade de Aristóteles e que encontra lastro em outros autores gregos. Defendo que a relação de causalidade na matemática grega, ao menos nestes autores, era entendida como um critério de unidade que, por meio de uma relação de razão, é capaz de ordenar as espécies de um gênero com sua exata proporção.

### Palavras-Chave

Causalidade. Razão. Proporcionalidade. Matemática.



## CONTRA PRINCIPIA NEGANTEM NON EST DISPUTANDUM- DIFICULDADES ENTRE A VERDADE E O CONVENCIMENTO

Constança Barahona  
[barahona.ufrj@gmail.com](mailto:barahona.ufrj@gmail.com)

### Resumo

Em tempos em que as estratégias discursivas operam mecanismos de convencimento desapegados de qualquer compromisso com a verdade, a retomada da consciência dos fojos loquazes, da eloquência e da grandiloquência torna-se um dever imperativo da Universidade, em geral, e dos Estudos Filosóficos, em particular. O presente trabalho possui como objetivo a investigação das noções de verdade e persuasão ou convencimento nos Tópicos e na Retórica de Aristóteles. Lançando foco sobre um aspecto que pareceu merecer não só estudos de caráter teórico como também de teor aplicado. Demonstrar, anunciou Aristóteles, no início dos Primeiros Analíticos, não é perguntar, mas sim afirmar, de sorte que cada silogismo partirá de definições formuladas previamente. A dialética é uma investigação acerca de se as coisas são assim ou não, isto é, trata-se de um processo caracterizado pela alternativa entre certa determinação e sua negação. De fato, a interseção entre retórica e dialética diz respeito à capacidade de argumentação dos contrários, tais como nos discursos jurídicos, de censura ou de elogio. A demonstração retórica, de resto, é a que conta com um arcabouço lógico de entimemas que consideram as opiniões comuns e os diferentes tipos de auditório ou de interlocutores. O aparato conceitual dos tópoi, utilizado por Aristóteles, é anunciado nos Tópicos, porém, aparecem melhor explicitados na Retórica, em casos específicos, explorando os caracteres dos possíveis auditórios. Torna-se essencial a exploração das duas obras, conjuntamente, para uma maior compreensão de ambas, pois o raciocínio de ambas está fundamentado de modo analítico, e estão relacionadas à ideia de demonstração, quer dizer, referenciam as premissas usadas (ou não) para se chegar a uma conclusão. O problema de como convencer alguém da verdade atravessa a Retórica de Aristóteles, permeando o discurso de todos os saberes, além de possuir o seu foco particular na capacidade de descobrir os meios de persuasão acerca de qualquer assunto. A crença numa linguagem provida apenas de racionalidade e toda fundada em silogismos parece



mover espíritos nos três ambientes dos três gêneros retóricos apontados pelo Filósofo de Estagira. É, no entanto, quando a paixão (o páthos, no dizer de Aristóteles) e a ética frequentam o discurso que a lógica se vê obrigada a repensar-se.

### Palavras-Chave

Verdade. Convencimento. Diálogo.



## PRAZER NATURAL A PRAZER ACIDENTAL NO LIVRO VII DA ÉTICA A NICOMAQUEIA DE ARISTÓTELES

Leandra Machado De Oliveira Lobato  
[isecke.leandralobato0@gmail.com](mailto:isecke.leandralobato0@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar as disparidades entre os prazeres corporais acidentais e naturais propostas por Aristóteles no livro VII na *Ética Nicomaqueia* (EN) mais especificamente, no capítulo 14 em 1154a10 até 1154b30. Aristóteles faz uma distinção entre os prazeres, sendo eles: os prazeres por natureza que se desejados de acordo com a mediania são bons; os prazeres contrários à natureza: que são aqueles desejados em excessos, portanto, contrários à natureza, e que não são bons; e por último: os prazeres neutros: estes prazeres são os necessários para a pessoa, são bons se desejados de forma não excessiva. Isso significa que o prazer não deve ser simplesmente reduzido ao estatuto de algo ruim, isso que Aristóteles queria provar com este tratado. O prazer deve ser tratado com acima de tudo com mediania, não sendo colocado em apenas uma régua de moralidade, mas a forma moderada de desejar-lo, ou seja: educar o desejo e habituar-se com ele. O filósofo afirma que certos prazeres servem de remédios para as dores, por isso tem como poder expulsar as dores e conforme a dor for mais intensa, mais intenso será o prazer que será sentido, portanto, por este prazer que o homem estará procurando, ele poderá se tornar intemperante, pelo excesso à busca. Os prazeres que são buscados como forma medicamentosa são chamados de prazeres acidentais, pois, procuram o prazer para que compense as dores, e como disse o filósofo, causa um intenso sentimento, por isso, é buscado, mas este prazer não pode ser considerado bom em si mesmo, apenas acidentalmente. Portanto, que os prazeres em si não são ruins, mas devem ser buscados utilizando a sabedoria prática. É importante ainda afirmar que os prazeres sem dor, ou seja, os prazeres naturais não admitem excessos, porque são prazeres próprios do estado natural e saudável da pessoa, e não envolvem dor, porque não é excessivo (EN 1154b16-21). As pessoas das disposições de caráter intemperantes ou incontinentes, ainda utilizam os prazeres de forma que sejam tão intensos como as dores que eles sentem, pois, eles não conseguem desfrutar de outros prazeres, como diz Aristóteles em EN 1152b1-5.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Prazer. Temperança, Mediania.



## SOBRE A ORIGEM DE UM TRAÇO INTRIGANTE DA TEORIA LÓGICA DE ARISTÓTELES

Paulo Fernando Tadeu Ferreira  
[pauloferreira81@gmail.com](mailto:pauloferreira81@gmail.com)

### Resumo

Em APr. II 15, Aristóteles defende que premissas contraditórias, ou tais que uma implica a contraditória da outra, não deduzem toda e qualquer conclusão, somente uma conclusão que possua conteúdo tópico em comum com as premissas, segundo as formas legítimas de inferência. Assim, somente nas quatro deduções em segunda figura (Camestres MaN,MeN |- NeN, Cesare MeN,MaN |- NeN, Baroco MaN,MoN |- NoN, Festino MeN,MiN |- NeN) e em três das seis deduções em terceira figura (Felapton PeS,PaS |- PoP, Ferison PeS,PiS |- PoP e presumivelmente Bocardo PoS,PaS |- PoP) premissas contrárias ou contraditórias deduzem alguma conclusão. A tese corresponde a uma violação do princípio de explosão (segundo o qual, de uma contradição segue-se qualquer coisa:  $\sim p, p \vdash q$ ) e ao endosso de uma teoria lógica paraconsistente lato sensu (Gomes & D'Ottaviano 2017). Pretendo mostrar que, longe de ser uma anomalia, o resultado decorre de uma condição da noção de dedução em Aristóteles, a qual é tornada manifesta ao se analisar a falácia de non causa pro causa em SE, Top. VIII 11 e APr. II 17. Para Aristóteles, comete-se a falácia de non causa pro causa quando, em uma redução ao absurdo, toma-se como premissa da redução uma premissa que efetivamente é supérflua na obtenção do resultado absurdo. Em vista disso, Aristóteles afirma em SE 6 e Top. VIII 11 que um argumento com uma ou mais premissas ociosas não deduz em virtude dessas coisas serem o caso ( $\tau\tilde{\omega} \tau\alpha\tilde{\upsilon}\tau\alpha \epsilon\tilde{\iota}\nu\alpha\iota$ ), o que corresponde a uma violação da cláusula da definição de dedução em SE 1 e Top. I 1 segundo a qual a conclusão resulta em razão do que foi posto ( $\delta\iota\tilde{\alpha} \tau\tilde{\omega}\nu \kappa\epsilon\tilde{\iota}\mu\tilde{\epsilon}\nu\omega\nu$ ). Assim, para a noção de dedução em Aristóteles não é suficiente (como é suficiente para a noção clássica de dedução válida) que as premissas necessitem a conclusão (ou, o que é o mesmo, que seja impossível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão, falsa). Antes, as premissas devem ser relevantes para a conclusão no sentido de que a dedução não deve possuir premissas ociosas (Woods 2014, Castagnoli 2015), o que sustento ser o requisito que autoriza as deduções a partir de premissas contrárias ou contraditórias elencadas em APr. II 15, e somente as deduções elencadas.

### Palavras-Chave

Dedução. Paraconsistência. Non causa pro causa.





## UMA ABORDAGEM SOBRE PHANTASIA EM ARISTÓTELES

Ayrton Matheus Oliveira Pacheco

[ayrtonmop@gmail.com](mailto:ayrtonmop@gmail.com)

### Resumo

Como a imaginação (phantasia) funciona? De que forma as imagens ocorrem em nossa mente ou alma (psychē)? Quais são os tipos de imagens (phantasmata)? Qual é o impacto que as imagens causam em outros estados mentais ou psíquicos? Esta apresentação tentará responder a essas e outras questões a partir da posição de Aristóteles no livro *De anima*. Inicialmente, será feito uma breve contextualização do livro *De anima* e seus questionamentos. Em seguida, será elucidada a discussão sobre imagens mentais ou psíquicas em Aristóteles, ou seja, pretende-se expor o estado da questão com um determinado panorama da posição dos intérpretes em relação ao livro *De anima* e à discussão sobre imaginação. Posteriormente, será delineado o escopo da capacidade imaginativa em vista de entender qual o âmbito da imaginação ou (Phantasia) e, conseqüentemente, o alcance das imagens ou (phantasmata). Além disso, é importante enfatizar que a perspectiva do intérprete sobre alma ou mente (psychē) ressoa em seu entendimento de como algum estado mental ou psíquico funciona. É importante entender que a imaginação e suas imagens são tipos de estados mentais ou psíquicos. Por exemplo, um autor pode entender que a mente ou alma de Aristóteles é intencional, o que implica que os estados mentais ou psíquicos também serão intencionais. Dessa forma, não somente há a tentativa de resposta às questões iniciais, mas também faz parte desta apresentação uma abordagem específica para as respostas colocadas. Portanto, será utilizada a intencionalidade como hipótese, e, haverá a tentativa de análise da validade ou suficiência da intencionalidade como resposta aos questionamentos estabelecidos.

### Palavras-Chave

Imaginação. Psicologia Aristotélica. *De anima*.



## UMA BREVE HISTÓRIA DA IDENTIFICAÇÃO ENTRE ELEMENTO E CAUSA MATERIAL

Marcos Roberto Santos Pereira  
[marcosrsp.philosophia@gmail.com](mailto:marcosrsp.philosophia@gmail.com)

### Resumo

Esta apresentação é a primeira parte de uma defesa da distinção conceitual entre dois termos caros para a filosofia aristotélica, a saber “causa material” e “elemento”. Conforme se observará, existe um consenso, poucas vezes expresso, entre os estudiosos de Aristóteles em identificar em certa medida ambos os termos. Segundo este consenso, “elemento” significaria algo como uma causa material primordial, ou, nos casos mais extremos deste consenso, uma completa identificação conceitual. De nossa parte, entendemos que essa identificação só é possível à medida em que os elementos exercem a função de causa dentro do escopo científico da física aristotélica. Isto não significa, e é isto que defenderemos futuramente, que os elementos sejam, em si mesmos, causas. É preciso ter em mente que quando Aristóteles trata dos modos de se dizer a causa, ele está nos apresentando um recurso explicativo-científico. Que não apenas é utilizado no âmbito da ciência, mas que o caracteriza. E neste sentido, existem determinadas coisas que podem ser evocadas para explicar o porquê de algo. Aqui, contudo, nos deteremos a demonstrar a existência desse consenso. Acreditamos que apenas afirmar que ele existe possa soar como o levantamento de um espantalho. Justamente por ser consenso, não é extensa a produção bibliográfica que se importa em afirmar de forma clara esta posição. Além disso, o entendimento tradicional acerca dos elementos pode ser motivo para se pensar que nunca houve uma identificação nos termos apontados anteriormente. Portanto, nos limitamos aqui a apresentar alguns exemplos que tornam evidente a existência de uma tal interpretação, tanto de comentadores antigos como de contemporâneos. E se em alguns momentos apresentamos parte da nossa interpretação como contraponto, assim o é de forma breve. E para tanto nos deteremos nos textos ou relatos a respeito de pensadores como Eudemo de Rodes, Alexandre de Afrodísias, Temístio, Porfírio, Simplicio, João Filopono, Ibn al-Samḥ, Ibn Rušd (Averróis), Ibn Sinā (Avicena), São Tomás de Aquino, Hermann Bonitz, Giovanni Reale e Marko Malink, para citar alguns. Isto feito com o



intuito de rastrear o momento em que os conceitos aristotélicos de “elemento” e “causa material” foram considerados idênticos e como isso repercutiu na concepção da literatura secundária sobre Aristóteles, passando por uma identificação do tipo gênero-espécie (como em São Tomás de Aquino) até uma identificação conceitual com Marko Malink (2017).

### **Palavras-Chave**

Aristóteles. Elemento. Causa material.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT BENEDICTUS DE SPINOZA



## A CERTEZA MORAL EM ESPINOSA, UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO

Igor Marques Rodrigues  
[igorsuicmez@gmail.com](mailto:igorsuicmez@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho investiga a concepção de certeza moral em Bento de Espinosa, especialmente no Tratado Teológico-Político (que abreviarei como T.T.P.), contextualizando-a dentro de toda sua obra. O filósofo, apesar do célebre enfoque na ética, trata, no T.T.P., da certeza moral, associada, em geral, às instituições e à norma de um povo. Pretendemos, assim, compreender de que maneira a certeza moral se dá segundo Espinosa, se ela deve ser superada e em que sentido ela se relaciona com uma ética intimamente ligada à compreensão da Substância e das suas afecções. Espinosa negou o livre arbítrio e o desejo faltoso, compreendeu a alma como uma espécie de autômato. Postulou a natureza como um sistema causal fechado cujas partes determinam umas às outras sem qualquer fim. Sendo anticriacionista, recusou o Primeiro Motor imóvel considerando simplesmente que há uma só substância eterna e infinita (Deus ou Natureza). Identificou a perfeição à existência. Construiu uma ética que se desenrola para além do bem e do mal, não sendo coincidência qualquer semelhança com Nietzsche (que em uma carta ao amigo Overbeck, apresenta Espinosa como sendo seu grande precursor). Para Espinosa, não há nada sobrenatural, não há nada além da natureza pois não há além algum além da totalidade. Igualmente, negou que houvesse um desígnio por trás da realidade, uma finalidade, uma espécie de ordem oculta, que seria a “verdade” que deveria ser supostamente descoberta e respeitada.

### Palavras-Chave

Moral. Ética. Substância.



## A EDUCAÇÃO NA TEORIA DOS AFETOS DE SPINOZA

José Edinaldo Gomes Guimarães

[edinaldoguima60@gmail.com](mailto:edinaldoguima60@gmail.com)

### Resumo

Não se sabe ao certo porque Spinoza não escreveu a sua pedagogia, mas o que é valioso é a riqueza dos ensinamentos deixados por esse filósofo e professor que se dá em dois atos: educar e educar-se. Portanto, como deveria constituir-se uma política educacional ou mesmo uma proposta pedagógica balizada sobre a égide da razão? E como educar a razão? É possível? A literatura spinozana já nos deu algumas pistas e propostas de caminhos válidas para se pensar uma educação a partir do filósofo da imanência. Do ponto de vista pedagógico, essa doutrina não traz nenhuma novidade para a educação que pudesse mudá-la radicalmente, pois as pedagogias modernas, cada uma a seu modo, se propõem a ser modelo de educação que favoreça o pleno desenvolvimento das potencialidades individuais e coletivas com vistas à emancipação, a atuação transformadora da realidade social e das liberdades particulares e coletivas, como em Spinoza. No entanto, o que se observa, com raríssimas exceções, é que a escola não consegue favorecer uma educação que seja também uma resistência peremptória às realidades de doutrinação das massas, visto que os homens, em sua maioria, estão guiados apenas pelas paixões passivas. Em outras palavras, mesmo os homens escolarizados continuam sob a sujeição dos mitos, do medo, daquilo que consideram sobrenatural, etc. A partir da teoria dos afetos se traça um caminho para uma possível educação em Spinoza que tem por fundamento a liberdade, a ética e a alegria, com vistas à emancipação do indivíduo, o fortalecimento do coletivo, a luta por direitos e igualdade e o posicionamento crítico frente à educação para a passividade da razão, a partir dos aspectos ontológicos, epistemológicos, psicológicos, éticos e políticos do pensador de Amsterdã.

### Palavras-Chave

Spinoza. Educação. Afetividade.



## A ÉTICA DE ESPINOSA COMO ALTERNATIVA AO UNIVERSALISMO DOS DIREITOS HUMANOS

Francisco Yrallyps Mota Chagas  
[yrallyps@gmail.com](mailto:yrallyps@gmail.com)

### Resumo

Todos os esforços da modernidade estão voltados para a fundamentação do convívio em sociedade. Essa visão de mundo é efetivada com a Revolução Francesa e expressa no 2º da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 que dispõe que “A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Tais direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão”. É desse conjunto de ideias que surge uma concepção de mundo que buscará fundamentar os chamados direitos humanos. O objetivo desta comunicação é tratar da questão da fundamentação universal dos direitos humanos e expor uma concepção contra-hegemônica desses direitos tomando como referencial teórico a filosofia de Baruch de Espinosa (1632-1677), filósofo holandês do século XVII que formulou um sistema filosófico radicalmente distinto da tradição e das filosofias da modernidade. A legitimação da ordem jurídico-política em Espinosa está fundada no conceito de potência, e não na razão. Ademais, Espinosa não recorre a valores essenciais e universais que poderiam servir de fundamento e legitimação da ordem jurídico-política. Nessa perspectiva, o direito em Espinosa tem raízes ontológicas, e não deontológicas, como em Immanuel Kant, já que a filosofia espinosana refuta qualquer perspectiva ética que se baseie em fundamentos universalmente válidos para o julgamento das condutas humanas. É dizer, a concepção ética defendida por Espinosa é oposta à concepção moral desenvolvida por Kant. Buscar-se-á, a partir dessa concepção, defender a tese de que é necessário repensar a concepção hegemônica de direitos humanos engendrada a partir da doutrina moderna do direito natural e do universalismo moral kantiano, por entender que essa concepção não é a mais adequada para legitimar tais direitos na contemporaneidade.

### Palavras-Chave

Direitos Humanos. Legitimação. Ética espinosana.



## A LIBERDADE COMO AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Gilmara Coutinho Pereira

[gilmaracoutinho@servidor.uepb.edu.br](mailto:gilmaracoutinho@servidor.uepb.edu.br)

### Resumo

A liberdade se liga diretamente à ideia spinozista de beatitude, que é a suprema virtude da alma, que nos aproxima de Deus. Ou seja, daquele estado de alegrias ativas, que aumentam nossa potência de ser e nos conduzem à eternidade. De acordo com sua *Ética* (1677), vemos que ser livre é ter entendimento acerca das paixões, que são necessárias, e não o esforço inútil de evitá-las. Mais ainda, é alimentar as paixões que aumentam a potência de existir. A razão é capaz de conduzir o homem à liberdade ao ser usada na deliberação das afecções a serem afirmadas. Nisso surge o conceito de *Conatus* em sua filosofia: uma afirmação consciente do ser que o faz perseverar; enfim, expressão de vida, no sentido de que é a perseverança em ser o que é. Razão (conhecimento) e liberdade (autodeterminação) são as chaves para que o homem consiga controlar suas paixões. Spinoza constrói uma teoria geral do espírito e dos afetos, que culminará na passagem da servidão à liberdade. Para ele, a liberdade está ligada ao poder da mente, à capacidade de conhecimento e ao uso que se faz dela. Trata-se, portanto, de uma filosofia que se orienta no sentido da libertação humana. Ou seja, a razão é capaz de conduzir o homem à liberdade ao ser usada na deliberação das afecções a serem afirmadas. Não há dualismo quando se fala do homem em termos de mente e afetos, um não se sobrepõe ao outro, muito embora esteja na razão a chave para uma possível libertação do estado de servidão em que o homem pode se encontrar. Tem-se assim que a filosofia dos afetos de Spinoza é uma filosofia afirmadora da existência, que pode fundamentar um olhar mais voltado para a complexidade da existência humana, com a presença dos afetos e como esses estão ligados e são condições para o bem viver, desde que se afirmem aqueles potencializadores da existência. Ou seja, deve ser um esforço natural prezar pela conservação da existência e isto se dará com o uso adequado da razão na administração dos afetos.

### Palavras-Chave

Liberdade. Beatitude. Afetos.





## A NATUREZA CURA A SI MESMA: UM CAMINHO HIPOCRÁTICO EM ESPINOSA?

Felipe Bellei Cordeiro  
[felipe.bellei.cordeiro@usp.br](mailto:felipe.bellei.cordeiro@usp.br)

### Resumo

É frequente encontrarmos nos comentadores da obra de Espinosa o uso de expressões vindas da medicina para iluminar e organizar a interpretação de processos conduzidos com os (e nos) afetos ao longo da Ética. Alguns exemplos: remédios para as paixões, terapêutica dos afetos, cura sui, entre outras. Na própria obra, Espinosa mobiliza noções como “pathema do ânimo”, originada da palavra pathos, uma das expressões para “doença” presente nos textos da medicina antiga. Além das palavras, também não é raro encontrar indícios de uma terapêutica que poderia ser extraída da Ética (a passagem da paixão ao afeto ativo, por exemplo). Se há, na Ética, uma terapêutica, então será necessário dar contorno a qual diagnóstico essa terapêutica trata. Um diagnóstico, por sua vez, supõe e exige um conjunto de noções sobre saúde e adoecimento, sobre um funcionamento normal e patológico da natureza humana. A hipótese da presença de uma terapêutica exige não só um esclarecimento do que está sendo tratado, mas também convoca todo o aparato de pensamento que constitui um sistema unificado de operadores próprios à arte médica (semiologia, etiologia, dinâmica, etc). Para isso dirigimos nossa pesquisa ao nascimento dessa arte, com os gregos hipocráticos antigos, ao modo que nasce o método da medicina e seus operadores. Neste trabalho trataremos 10 pontos fundamentais da relação entre physis e tékhne nos escritos dos gregos hipocráticos, a partir do estudo de P. Entralgo “La medicina hipocrática” (1970), que defende a tese de um hipocratismo lato sensu inerente a todo o Corpus Hippocraticum. Daremos enfoque ao modo com que a tékhne hipocrática engendra, a partir da physis, seus grandes operadores. No núcleo do pensamento hipocrático está a concepção da physis como princípio vivo, gerador e produtor de tudo o que há, ontologia que orienta toda a arte do médico e lhe oferece uma posição: ele é assistente de uma natureza que padece e que, desobstruídos os caminhos, oferece e conduz ela mesma a sua própria cura. Daí o dito canônico: “a natureza cura a si mesma” (C.H., tomo VI. livro 1). Aqui vislumbramos um

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



alinhamento para a Ética de Espinosa, que estabelece como princípio ontológico a substância única (Deus sive natura) que é a causa livre de si mesma, geradora de tudo o que há, incluindo a experiência humana. Quais os efeitos desse alinhamento para nossa leitura da Ética como um tratado de medicina?

## Palavras-Chave

Espinosa. Ética. Medicina.



## A TEORIA DOS MODOS NA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Emanuel Angelo Da Rocha Fragoso

[rochafragoso@terra.com.br](mailto:rochafragoso@terra.com.br)

### Resumo

A teoria dos modos de Benedictus de Spinoza (1632-1677) abrange tudo aquilo que não é concebido por si, ou, todas as coisas que não podem existir e nem serem concebidas sem Deus. Os modos são definidos na parte 1 de sua obra maior, a *Ética – Demonstrada em ordem geométrica* (*Ethica – Ordine geometrica demonstrata*). Para Spinoza, os modos são afecções (*affectiones*) da substância ou “aquilo que é em outra coisa (*in alio*), por meio da qual também é concebida” (E1Def5); ou seja, são dependentes ontológicos da substância, determinados e sem autonomia. Podem ser infinitos (*imediato* ou *mediato*) e finitos. Os modos infinitos são resultantes necessários da natureza absoluta de Deus ou da natureza absoluta de qualquer atributo de Deus, sem o concurso de outras circunstâncias. Os modos infinitos mediatos resultam de qualquer atributo de Deus, enquanto é afetado por uma modificação que, em virtude do mesmo atributo, existe necessariamente e é infinita. Os modos finitos são afecções dos atributos de Deus ou modos pelos quais os atributos de Deus se exprimem de maneira certa e determinada; ou ainda: as coisas singulares que percebemos no tempo e no espaço com existência empírica, finita e determinada. A teoria spinozana dos Modos reveste-se de uma dificuldade particular: apesar de definir na *Ética* e em parte de suas *Cartas* os modos infinitos, Spinoza não apresenta exemplos de todos os modos infinitos referentes aos dois atributos que percebemos como constituindo a essência de Deus, o atributo *Pensamento* e o atributo *Extensão*. Assim, a partir da leitura e análise da obra de Spinoza e dos comentadores, como por exemplo, Marilena Chaui, Victor Delbos, Gilles Deleuze, Martial Gueroult, Pierre Macherey, Lívio Teixeira, dentre outros, buscaremos apresentar a Teoria dos Modos de Spinoza, bem como as hipóteses apresentadas pelos comentadores para os exemplos que faltam. Neste sentido, estaremos contribuindo para uma compreensão mais apurada da obra do pensador holandês, tendo em vista a relevância da Teoria dos Modos para sua ética.

### Palavras-Chave

Spinoza. Ética. Modos.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMAGINAÇÃO NO LIVRO II DA ÉTICA DE ESPINOSA

Gabriel Domingues Da Silva  
[dominguess.g@gmail.com](mailto:dominguess.g@gmail.com)

### Resumo

Procuramos apresentar neste trabalho uma leitura acerca de características da imaginação no livro II da *Ética de Espinosa*. Pretendemos mostrar no curso do livro II da *Ética* o que se delineia como uma perspectiva necessária da imaginação em oposição a sua imagem de território da contingência enquanto chave interpretativa conceitual da filosofia de Espinosa. Para tanto, analisamos as declinações conceituais que permitem a exposição da gênese da imaginação sob o ângulo de certos acentos, em especial, da relação entre imaginação corpo e individualidade na *Ética II*. Na filosofia de Espinosa, a imaginação apresenta-se como gênero de conhecimento cuja particularidade consiste na possibilidade do engendramento da ideia de contingência, isto é, lugar próprio da contingência por um lado, necessariamente de outro. Tal encontro entre contingência e necessidade pode surgir a partir da comparação da imaginação como modo de percepção, isto é, do ângulo da mente imaginativa (imaginar que sabe) e a imaginação como gênero de conhecimento (saber que imagina).

### Palavras-Chave

Imaginação. Contingência. Necessidade.



## CONTRIBUIÇÕES ESPINOSANAS PARA PENSAR O AVANÇO DO PODER TEOLÓGICO NO BRASIL DO SÉCULO XXI

Felipe Da Silva Lopes  
[felipe.lopes@ifch.ufpa.br](mailto:felipe.lopes@ifch.ufpa.br)

### Resumo

É difícil negar a importância do debate acerca dos efeitos da incorporação do poder teológico em seu grau de aglutinação e composição do/no tecido social. Com efeito, as eleições de 2018 permitem demonstrar o nível de aderência deste grupo que tem seu princípio nas expressões do cristianismo protestante, passando pelo pentecostalismo até chegar, na mais violenta das faces, o neopentecostalismo. As mudanças das vertentes, bem como a mudança da relação Deus-homem, não significam mera adequação espiritual, mas cumprem, a rigor, um posicionamento para mobilização política e controle de conjunturas. Isso se fundamenta nas diretrizes dadas em Plano de poder (2008), texto de Edir Macedo, o qual demonstra seu projeto de Nação de Deus. A série de ordenamentos de atuação tem como intuito instrumentalizar os fiéis para cada vez mais inserir os representantes dos valores cristãos nas esferas políticas do país. Contudo, a captação deste capital político se dá explorando a miséria humana, isto é, vale-se continuamente do estado de instabilidade econômica e social das classes menos favorecidas. Espinosa, sobretudo no Tratado Teológico-Político (1670), alerta para os perigos de um ordenamento político vinculado a posições de cunho religioso, além de denunciar o uso das paixões tristes como garantia e vigência deste poder. Ora, a condição em que se encontram a maioria dos brasileiros é ideal para penetração e capilarização das instituições religiosas. O Estado burguês é propositalmente negligente e pouco favorece políticas públicas para intervir na situação degradante das camadas populares. Quer dizer, a todo momento a classe trabalhadora é ameaçada em seus sonhos e em sua dignidade — falta de serviços de saneamento básico, insegurança alimentar e afins. Não à toa o grande número de Igrejas evangélicas localizadas nas periferias. É neste cenário que o estrato teológico tem maior eficácia. O indivíduo fragilizado pela fortuna se apega àquilo que lhe é aprazível para sair deste momento de angústia frente a adversidade, se o contrário fosse, jamais recairia em servidão. Esta pesquisa tem como escopo utilizar a perspectiva espinosana para entender os



mecanismos de atuação do poder teológico nas estruturas políticas nas últimas décadas. A partir disto, poder-se-á visualizar a maneira como os sujeitos são cooptados e submetidos às formas de subjetivação que, no mais das vezes, os forçam a lutar por interesses que não correspondem às suas demandas básicas.

### **Palavras-Chave**

Neopentecostalismo. Política. Espinosa.



## DEUS ENQUANTO FIM ÉTICO: UMA ANÁLISE SOBRE A FELICIDADE NA FILOSOFIA DE SPINOZA

Carlos Wagner Benevides Gomes

[wagnercarlos92@gmail.com](mailto:wagnercarlos92@gmail.com)

### Resumo

A felicidade é um dos temas mais relevantes para a metafísica e para a ética filosófica remontando desde a antiguidade grega, com a noção de eudaimonia aristotélica. Na modernidade, o racionalismo do filósofo seiscentista holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677) apresentou uma concepção *sui generis* sobre a felicidade ou beatitude (beatitudo) a partir de uma ontologia segundo a qual Deus aparece como uma causa imanente e autoprodutora da realidade. No pensamento spinozano, Deus e Felicidade tornam-se fins éticos imanentes para o homem, uma vez que este (definido como modo finito) deve reconhecer sua necessária união com Deus, ou seja, a substância absolutamente infinita, e, nesse sentido, ele pode ser feliz ao conhecer a causa de todas as coisas, incluindo seu corpo, mente e afetos. Nesta comunicação, analisaremos a questão da felicidade segundo a leitura e perspectiva de três obras do pensador holandês: Breve Tratado, Tratado da emenda do Intelecto e Ética (mais precisamente sua quinta parte).

### Palavras-Chave

Spinoza. Ética. Felicidade.



## ESPINOSA, LEITOR DE DESCARTES: UM ESTUDO DA GÊNESE DO CONCEITO DE CAUSA SUI E DA SUA APLICAÇÃO

Arthur Alves Almeida Soares De Melo

[arthur.aasm@ufu.br](mailto:arthur.aasm@ufu.br)

### Resumo

René Descartes [1596-1650] desenvolveu, nas Respostas às Primeiras e Quartas Objeções às Meditações Sobre Filosofia Primeira [1641-1642], o conceito de causa de si; em latim, causa sui. Bento de Espinosa [1632-1677] admitiu esse conceito, contudo, o modificou, segundo a perspectiva de uma única e unívoca substância. Assim, diferentemente de Descartes – que entendeu as substâncias extensa e pensante não como sendo causa de si, mas, sim, como sendo causadas pela substância divina –, Espinosa entendeu que toda a substância é necessariamente causa de si e em si. Verificou-se que essa posição que adere a substancialidade à causa sui mostrada na *Ética Demonstrada em Ordem Geométrica* [1675] tem como fonte as explicações contidas nessas respostas de Descartes a seus objetores. Daí resulta a observância de uma estrita correlação entre o Estatuto da Substância [artigos 51 a 53 da obra *Princípios da Filosofia*], escrito por Descartes após [1644] as *Meditações* [1641], e o *Tratado da Substancialidade* [proposições de 1 a 8 da Primeira Parte da *Ética*] escrito por Espinosa. Levando esses elementos em conta, almeja-se, mediante a pesquisa bibliográfica documental realizada pelo método dedutivo de análise textual e interpretativa, abordar a admissão do conceito de causa sui por Espinosa a partir das razões apresentadas por Descartes e de que maneira esse conceito é estendido à noção de uma única substância, assim como qual sua aplicação no interior das perspectivas desses dois pensadores. Acredita-se que esse problema a ser compartilhado com os demais estudiosos de Espinosa e de Descartes, dos quais se espera alguma contribuição, é de considerável relevância para o campo de conhecimento da filosofia moderna.

### Palavras-Chave

Causa sui. Substância. Univocidade.





## LEIS COMO REPRESENTAÇÃO DO CORPO SOCIAL E/OU DETERMINAÇÃO IMPOSITIVA DO ESTADO EM SPINOZA

Jéssica Nunes Chaves

[jenunes@gmail.com](mailto:jenunes@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o pensamento político de Benedictus de Spinoza, no séc. XVIII, bem como, fazer um paralelo com um breve estudo dos casos pontuais na atualidade em consonância com sua Ética. À saber, o presente trabalho consiste em uma investigação acerca da liberdade política individual e social no âmbito de um governo verdadeiramente democrático. E como as leis civis, de fato, irão assegurar a sociedade como um todo o tão sonhado bem-estar que para o autor do Tratado Teológico Político (TTP) será a liberdade. Estará as leis civis de um Estado democrático de direito de acordo com o pensamento spinozano? Quando uma maioria se rebela contra as regras impostas pelo Estado, este estará garantindo a proteção aos seus cidadãos de si mesmo, do inimigo e do mundo? O Estado deve estar a serviço da coletividade em paridade com a individualidade, a fim de, preservar a autoestima e dignidade de todas. Tão logo, essa incumbência não seja realizada o mesmo e tudo que lhe é composto deverá repensar suas normas, regras, leis. Embora haja incômodos dentro da efetividade do Estado, a sua continuidade e eficácia ainda pose se tornar possível. Portanto, com essa comunicação tentaremos demonstrar, brevemente, que o Estado no pensamento do filósofo holandês é, também, uma representação do corpo social como um todo, considerando seus vícios e virtudes.

### Palavras-Chave

Estado. Política. Spinoza.



## O ASPECTO MATEMÁTICO DA NOÇÃO DE HISTÓRIA EM SPINOZA

Sérgio Luís Persch  
slp@academico.ufpb.br

### Resumo

Examinaremos o esquema que Spinoza elabora para descrever o que ele chama de história de alguma coisa. Especificamente, história da mente, no Tratado da emenda do intelecto, e história das profecias, no Tratado teológico-político, duas ocasiões em que Spinoza menciona a noção de história. Em ambos os casos, para construir o esquema, ele enumera quatro modos ou tipos - modos de percepção no primeiro caso e tipos de profecias no segundo. Os modos ou tipos se dispõem conjuntamente de forma a comporem uma equação de quarta proporcional, equivalente àquela que costumamos aplicar a valores numéricos, como, por exemplo, dois está para três assim como quatro está para  $x$ . Essa equivalência nos permite identificar o aspecto lógico ou racional do que Spinoza chama de história. Mas ao invés de relacionar quantidades numéricas numa justa proporção, Spinoza relaciona determinadas referências conceituais, como ouvir dizer experiência vaga, razão, intuição (no primeiro caso), visão, audição, visão e audição e viva voz (no segundo caso). A pergunta que queremos responder então é: como Spinoza articula uma relação de conceitos de forma equivalente à bastante conhecida relação de grandezas numéricas na referida quarta proporcional. Em resposta, pretendemos mostrar que esses conceitos são indicativos de referenciais ou coordenadas geométricas cuja base subjacente consiste numa noção comum de espaço. Os referenciais se coordenam geometricamente, e isso permite que um referencial que, considerado isoladamente, não pareça de todo claro, deixe-se definir como incógnita  $x$  numa relação de quarta proporcional. É o que ocorre com a intuição no primeiro caso e com a revelação de viva voz no segundo. E uma vez constatado que os diversos modos ou tipos que perfazem uma história estão articulados geometricamente, pretendemos identificar também o uso de mão dupla da regra da quarta proporcional, ou seja, o de colocar determinadas grandezas ou referenciais em relação diretamente proporcional e em relação inversamente proporcional. Isso faz com que, embora as duas incógnitas supracitadas sejam verbalmente bastante parecidas, na verdade uma é o inverso da outra. É em tal inversão que Spinoza fundamenta o que chama de usurpação na Escritura, e equivale a uma anamorfose no manuseio imaginativo ou pictórico do espaço.

### Palavras-Chave

Spinoza. Geometria. História.



## O QUE PODE O CORPO – CORPOREIDADE E MOVIMENTO NA ÉTICA DE ESPINOSA

Caroline Santos Da Silva  
[caroliness93@gmail.com](mailto:caroliness93@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, com base na Ética, desenvolvemos observações concernentes à compreensão espinosana em torno das potencialidades do Corpo, tematizando especialmente a corporeidade e o movimento. A proposta de Espinosa é sensível e revolucionária. A um só tempo nos convida a pensar e sentir o ser e o agir enquanto esforços contínuos de perseverança na existência. Um movimento existencial, portanto. Por outro lado, contrário à tradição filosófica ocidental ainda predominante nos nossos dias, apresenta essa dinâmica existencial constituída por um ente conformado pela união entre Corpo e Mente, dimensões distintas do ser, afecções provenientes da Substância única, causa primeira de tudo o que é. Pensar o corpo é tarefa imperiosa para a compreensão dos movimentos da vida. Enseja descobertas e sentidos novos para um existir e coexistir tecidos em plenitude de múltiplas afecções simultâneas. O movimento é central para a filosofia espinosana acerca do Corpo, da Mente e da dinâmica das afecções. Através desse estudo, portanto, pretendemos destacar aquelas proposições que nos pareceram mais relevantes em torno do tema, sugerindo algumas conexões de sentido interessantes para o alcance do pensamento de Espinosa.

### Palavras-Chave

Espinosa. Corporeidade. Movimento.



## POLÍTICA E EDUCAÇÃO EM ESPINOSA: UMA EMENDA DEMOCRATIZANTE?

Victor Fiori Augusto

[vicfiori@gmail.com](mailto:vicfiori@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é evidenciar como a filosofia de Espinosa permite conceber uma prática político-educativa que tem o sentido de uma emenda democratizante do corpo político. Inicialmente, explicaremos em que consiste a ideia de emenda politizadora do direito natural, que Diego Tatián atribui à filosofia política de Espinosa e segundo a qual, a partir da crítica das imagens de que o ser humano é um sujeito atomizado dotado de livre-arbítrio e a vida social uma competição de cada um por si, é possível chegar à compreensão de que os seres humanos necessitam do auxílio mútuo e do estabelecimento e da garantia de direitos comuns para viverem uma vida propriamente humana. Em seguida, buscaremos mostrar como essa emenda politizadora do direito natural tem um sentido democratizante, na medida em que possibilita entender a utilidade da participação política ampla a fim de que uma cidade convenha maximamente com o que dita a razão, havendo na política espinosana uma relação direta entre quantidade e qualidade. Feito isso, poderemos explicitar alguns dos aspectos que julgamos constituintes de uma educação entendida como emenda democratizante do corpo político, como o cultivo (e não o cerceamento) da razão e a crítica à hierarquização.

### Palavras-Chave

Espinosa. Educação. Emenda democratizante.



## SISTEMAS AUTO-ORGANIZADOS E CONATUS: PARALELOS ENTRE HENRI ATLAN E SPINOZA

Claudio De Souza Rocha  
[claudio.rocha@ufersa.edu.br](mailto:claudio.rocha@ufersa.edu.br)

Elainy Costa Da Silva  
[elainycosta123@gmail.com](mailto:elainycosta123@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pretende estabelecer um diálogo entre o biofísico Henri Atlan e o filósofo seiscentista Benedictus de Spinoza. Para isso, será traçado um paralelo entre a teoria de autoconservação de Atlan e o conceito spinozano de conatus, considerado a essência atual da própria coisa, ou melhor, o esforço para perseverar em seu ser. Ao fazer uso de um referencial múltiplo, Atlan analisa a relação entre a auto-organização, no sentido moderno, e o processo de perseverar no ser do indivíduo em Spinoza. Segundo Atlan (2003), a auto-organização é o modo pelo qual é criado aquilo que, para os biólogos, aparece como sendo uma função. Em outras palavras, os sistemas auto-organizados são um modo de descrever uma das propriedades dos organismos, ou seja, sua capacidade de auto-organizarem-se. Isso significa que o organismo humano, assim como outros organismos vivos, é um sistema auto-organizado. Posto isto, seguindo a pesquisa intercrítica de Atlan, ousa-se dizer que a auto-organização, aqui pensada como a natureza inteira, nada mais é que a causa de si mesmo, ou como diria Spinoza, a própria essência das coisas enquanto inseparáveis uma das outras. Conforme Pereira (2008), o esforço de perseveração no ser em Spinoza consiste na conservação da capacidade de ser ativo do indivíduo, o que implica em um esforço de aumento da sua potência de agir e de pensar (conatus). Portanto, seguindo as percepções de Atlan (2003), o conatus, enquanto desejo de devir ou desejo de perseverar no ser, é um esforço de permanecer em um estado dinâmico que, por sua vez, desenvolve-se por meio da dinâmica dos encontros. O mesmo ocorre nas estruturas de funcionamento e desenvolvimento dos organismos. Para a elaboração do presente trabalho, será adotado o método de abordagem qualitativa a partir do levantamento e análise de referenciais teóricos, como artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos.

### Palavras-Chave

Auto-organização. Conatus. Atlan. Spinoza.



## SOBRE OS HOMENS DE CARÁTER AMENDRONTADO E TRISTE: FANTASMAS E DELÍRIOS EM SPINOZA

Valterlan Tomaz Correia  
[valterlancorreia@gmail.com](mailto:valterlancorreia@gmail.com)

### Resumo

O presente texto visa refletir sobre alguns aspectos por meio dos quais Spinoza identifica o medo como a causa da existência desses “homens de caráter amedrontado e triste”. Para o filósofo, este medo é não apenas responsável por estas características, mas por outras tantas que decorrem deste, como é possível inferir em algumas passagens de suas obras, tais como Tratado Teológico-Político, Tratado Político, bem como em algumas trocas de correspondências do filósofo com seus interlocutores, principalmente àquelas em resposta a Hugo Boxel. Nesse sentido, pretendemos mostrar o quão forte e presente está o medo nos nossos dias atuais onde impera, cada vez mais, a vontade, a violência, a corrupção, a tolice, a asneira e tantas outras inadequações da experiência e do pensamento, por assim dizer. Sobretudo, numa pós-pandemia com o advento das fake news, o que tornou latente a insegurança em relação à vida e tudo que a envolve, que colocou em questionamento muitas de nossas certezas. Portanto, este trabalho pretende discutir como precisamos nos reinventar para viver melhor, seguros e mais satisfeitos frente a esta conjuntura política e social.

### Palavras-Chave

Medo. Insegurança. Inadequações.



## SPINOZA E A CRÍTICA AOS LÍDERES RELIGIOSOS: UMA ABORDAGEM POLÍTICA DO FANATISMO RELIGIOSO

Brena Kátia Xavier Da Silva

[brenaxavier.bs@gmail.com](mailto:brenaxavier.bs@gmail.com)

### Resumo

No contexto brasileiro contemporâneo, este projeto visa explorar a intrincada relação entre liderança religiosa, política e fanatismo. Será dada especial atenção à compreensão dos contributos de Benedictus de Spinoza e da associação entre o fanatismo religioso e a emergência da extrema direita. Através de uma exploração de ideias-chave ligadas ao espinosismo, como a liberdade de expressão, a diferenciação entre religião e governo, e as complexidades da emoção humana, tentaremos envolver-nos numa contemplação sobre como as noções do filósofo podem oferecer insights valiosos sobre as dificuldades enfrentadas pela democracia brasileira em meio ao crescente impacto de figuras religiosas no âmbito da política. A defesa da liberdade intelectual de Spinoza e sua crítica à rigidez religiosa estabelecem um quadro teórico significativo para a compreensão da atual fusão entre política e fé no Brasil. O artigo discute a observação de que determinados grupos religiosos ganham força e ampliam seu domínio em contextos em que estão envolvidas questões políticas e sociais. Explorando então as implicações deste alinhamento, analisando as ideias de Spinoza sobre o papel da religião na vida pública e os problemas que podem surgir quando a religião é usada como meio de poder. O conceito de *conatus* de Spinoza, que se refere ao desafio de manter a existência, também é examinado em relação à compreensão do fenômeno do extremismo religioso. O fanatismo, que é tipicamente visto como um desvio das nossas inclinações naturais para a mente aberta e a tolerância, concentra-se, em vez disso, em dogmas rígidos que obstruem o pensamento crítico. O artigo sugere que, ao adotar a filosofia do discurso racional e da aceitação mútua de Spinoza, podemos combater o extremismo religioso e o autoritarismo. Portanto, o trabalho enfatiza a importância das ideias de Spinoza na análise da intrincada interação entre religião, política e sociedade no Brasil.

### Palavras-Chave

Spinoza. Política. Fanatismo religioso.



## SPINOZA E A RELAÇÃO DA TERAPÊUTICA E A CLÍNICA

Wandeilson Silva De Miranda

wandeilson@gmail.com

### Resumo

Afirmção de Spinoza de que a sabedoria é uma meditação sobre a vida, não sobre a morte (EIVPLXVII), possui um duplo significado ou condição, pois se afasta da concepção tradicional cristalizada na filosofia. A primeira é que Spinoza enfatiza a noção intensiva do sujeito quando da sua ação meditativa, ou seja, é necessária uma autocompreensão que dispõe o sujeito em um jogo consigo mesmo: a meditação sobre a vida exige um colocar-se no limiar da verdade do próprio sujeito. Neste caso, o acesso à verdade não é apenas o domínio do conhecimento lógico e verdadeiro do real, mas antes a descoberta da verdade do sujeito que medita sobre a vida. Não há verdade sem colocar-se em perigo. A segunda linha de sua afirmação é a crítica à constituição do conhecimento por suas marcas negativas: a morte, a angústia, a melancolia etc. Spinoza não nega a “terrível sabedoria do Sileno”, associado aqui ao pensamento de Nietzsche, mas denuncia a negligência de uma sabedoria negativa que se justifica pela ignorância do seu saber e redundante no niilismo. Pretende-se apresentar como a concepção Spinozista da verdade do sujeito possibilita uma conexão efetiva sobre a noção da saúde clínica. Em outros termos, o conhecimento é sempre um conhecimento que permite o aumento da potência da mente e do corpo, a saúde não deixa de ser uma medida daquilo que é verdadeiro numa meditação. Neste sentido a ética é uma atividade terapêutica, uma abordagem de si consigo mesmo que apresenta mais geométrico o conhecimento como o mais poderoso dos afetos.

### Palavras-Chave

Ética. Clínica. Terapêutica.





## SPINOZA E CARL SCHMITT, O FALSIFICADOR

Mauricio Rocha  
rocham@puc-rio.br

### Resumo

Os enunciados de Carl Schmitt sobre Spinoza acompanham a intensificação de sua retórica contra a República de Weimar, em um crescendo a partir de 1933, quando ele adere à ditadura nazista, desfruta de posição dominante como jurista e contribui ativamente para o processo de exclusão dos judeus da vida pública na Alemanha. Após a guerra, quando foi preso, interrogado em Nuremberg e teve suas atividades docentes definitivamente suspensas, as referências a Spinoza retornam nos diários de Schmitt, com desinibição dos tons antissemitas. O que leva seus críticos a propor uma revisão da sua obra, antes e depois da República de Weimar, como um “documento histórico” do antissemitismo que anima seus filosofemas – que foram, e ainda são, as expressões da degeneração do direito por ele perpetrada. Durante a República, que ele atacou sem cessar, o jurista lançou mão de fórmulas spinozanas, através de analogias e de variações retóricas de seus conceitos, falsificando-os e invertendo seu sentido. Schmitt fala sobre ou por Spinoza e, embora se aproprie de vestígios das teses spinozanas para validar suas próprias teses, ou auxiliá-lo na crítica a seus oponentes, as imagens do filósofo variam a cada menção. Os modos dessa presença nas obras do jurista indicam que se tratava de uma ameaça ao seu projeto conservador e autoritário.\*

\*[Pesquisa em andamento com Francisco de Guimaraens, PPG Direito PUC Rio]

### Palavras-Chave

Spinoza. Schmitt. Weimar.



## UMA ABORDAGEM ÉTICA E FILOSÓFICA ACERCA DA TOLERÂNCIA RELIGIOSA EM BENEDICTUS DE SPINOZA

Viviane Silveira Machado

[vivianemachado10@gmail.com](mailto:vivianemachado10@gmail.com)

Patrícia Silveira Penha

[patricia.silveira91@gmail.com](mailto:patricia.silveira91@gmail.com)

### Resumo

Segundo o pensamento filosófico do holandês seiscentista, Benedictus de Spinoza (1632-1677), cada indivíduo compreende o mundo de acordo com seu modo de ser. E, portanto, vive e age conforme a ideia que há em sua mente. Isso ocorre porque somos afetados de várias formas. Por isso, sentimos, pensamos e vivemos de formas diferentes, ainda que afetados pelo mesmo objeto. Todavia, o autor afirma que se faz necessário mantermos um equilíbrio, isto é, mantermos uma relação de conveniência entre o pensar e o agir adequado para garantir a convivência harmoniosa em sociedade. No postulado 1 da Parte 3 de sua obra maior, *Ética*, nosso autor cita que “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor”. Ora, conforme seu esclarecimento somos modos singulares finitos que possuem afetos/paixões ativas e passivas. No entanto, “a potência da mente é definida pelo só conhecimento, ao passo que a impotência ou paixão é estimada pela só privação de conhecimento, isto é, por meio daquilo que as ideias são ditas inadequadas; donde segue que padece ao máximo aquela mente cuja maior parte é constituída por ideias inadequadas, [...]” (E5PP20S). Inclusive, essa potência de ser (viver e agir) segundo ideias e causas adequadas é possível a todos. Além do mais, em seu Tratado teológico-político, Spinoza apresenta-nos caminhos que podem contribuir para a manutenção da paz e da concórdia entre os homens. Spinoza enfatiza que uma forma de manter um Estado moderado e seguro é fazer com que os indivíduos evitem as superstições e a intolerância religiosa e busquem manter a liberdade de pensamento e de ensino. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo fundamental abordar sistematicamente a problemática da superstição como forma de intolerância



religiosa analisando suas principais causas. Dessa forma, será possível observar como o autor aponta as diferenças entre a manutenção da servidão e da liberdade em um Estado. E, em que sentido a tolerância religiosa é um caminho para manter a paz e a concórdia. Para tanto, utilizaremos as obras acima citadas como referências primordiais e também algumas ideias de comentadores spinozanos. Em suma, o presente estudo justifica-se pela necessidade de uma abordagem ética e filosófica sobre a importância da tolerância religiosa. Sobretudo, por se tratar de uma questão de grande relevância em nossa atualidade.

### **Palavras-Chave**

Spinoza. Tolerância Religiosa. Liberdade.



## UMA ANÁLISE SOBRE HOMEM E CONHECIMENTO COMPREENDIDO A PARTIR DE SPINOZA EM SUA OBRA ÉTICA

Aparecida Aguiar Moraes Torres  
[aparecida.torres@aluno.uece.br](mailto:aparecida.torres@aluno.uece.br)

### Resumo

Segundo o filósofo Benedictus de Spinoza (1632 - 1677) em sua obra maior a *Ética*, pretende-se apresentar um recorte e fazer uma análise sobre a compreensão do homem por meio da sua realidade tomando como ponto de partida Deus que é causa primeira neste caminho podemos partir do pressuposto que o homem possui dois dos Infinitos atributos divinos sendo eles atributo pensamento e a atributo extensão com isso traçado compreendemos que o homem é parte de um todo mas que ainda é um pouco confuso pois de fato é preciso que conheça pelo que o autor intitula como os gêneros do conhecimento atrelado a questão dos afetos, o primeiro gênero do conhecimento será a imaginação ou opinião no segundo gênero de conhecimento será a razão e o terceiro gênero de conhecimento que será o que advém da ciência intuitiva que é o conhecer pela essência como sair deste campo das paixões e compreender que haja mais do que a realidade que está posta portanto é preciso fazer uma reflexão de forma racional para que a medida que conhecer de forma adequada o hoje seja mais livre.

### Palavras-Chave

Deus. Homem. Conhecimento.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT CETICISMO



## A QUESTÃO DO CETICISMO NO ENSAIO DE LOCKE

Luiz Antonio Alves Eva

[luizeva@hotmail.com](mailto:luizeva@hotmail.com)

### Resumo

Pretendemos expor e discutir em nossa comunicação nossa hipótese geral sobre como John Locke lida com o ceticismo filosófico no seu Ensaio sobre o Entendimento Humano. Pensamos que seja possível identificar nessa obra mais de um sentido diferente de ceticismo. Primeiramente, o ceticismo surge no início da obra como um resultado possível da frustração na pesquisa filosófica sobre a verdade. Trata-se de um sentido recorrente no período e, de algum modo, nos remete ao ceticismo antigo. Locke pretende oferecer uma análise crítica do conhecimento capaz de superar essa situação, mas podem-se notar diversas apropriações de textos propriamente céticos como parte de como ele trata dos efetivos limites de nossas capacidades cognitivas. Porém, Locke dedica sua atenção principalmente ao ceticismo no livro IV do Ensaio, quando está às voltas com um ceticismo de tipo cartesiano. Locke rejeita esse tipo de ceticismo, seja por julgar que os argumentos em que ela se baseia não merecem maior consideração ou por entender que a dúvida metódica não faz mais do que distorcer nossos padrões epistêmicos naturais, sem conduzir ao resultado almejado por Descartes (e antes confirmando, em vez disso, o ceticismo no primeiro sentido). Podem esses diferentes sentidos ser conciliados em uma única concepção coerente acerca dessa filosofia? Pretendemos examinar como esses diferentes aspectos da questão contribuiriam para elucidar a noção lockeana de Conhecimento Sensitivo, a qual responde diretamente a este último gênero do ceticismo, embora não seja tão claro qual papel desempenha para sua resposta global ao ceticismo compreendido no sentido original do termo.

### Palavras-Chave

Locke. Ceticismo. Empirismo.



## ACERCA DO PROBLEMA DA POSSIBILIDADE DA VERDADE: A CRÍTICA DE SANTO AGOSTINHO AO CETICISMO ACADÊMICO

Marcelo Da Costa Maciel  
[marcelocmaciel0208@gmail.com](mailto:marcelocmaciel0208@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem por objetivo realizar uma análise crítica dos argumentos empregados por Santo Agostinho, em sua obra *Contra os Acadêmicos*, para refutar a filosofia da Nova Academia, a qual figurava, para ele, como um desvio com relação à doutrina de Platão. Uma vez que, para Agostinho, a sabedoria é condição para a aquisição da virtude e, com ela, da vida feliz, a questão da procura da verdade (e da possibilidade de encontrá-la) torna-se absolutamente crucial. Faz-se, portanto, necessário remover os dois obstáculos que impedem os homens de encontrar a verdade, quais sejam: desesperar de encontrá-la e imaginar já tê-la encontrado. Com os *Três Livros contra os Acadêmicos*, o jovem Agostinho pretende remover o primeiro daqueles obstáculos. Já na maturidade, o Bispo de Hipona escreve, em suas *Retratações*, que sua intenção com aquele primeiro diálogo filosófico era refutar, “com todas as razões possíveis”, argumentos que também a ele impressionavam. As principais questões formuladas por nossa investigação são: Santo Agostinho, de fato, conseguiu fazê-lo? As razões que sustentariam a sua certeza quanto à possibilidade de encontrar a verdade são mais fortes que as razões apresentadas por Arcesilau e Carnéades para descrerem dessa possibilidade? Que conhecimento Agostinho efetivamente tinha das ideias daqueles escolarcas? A única fonte a ele disponível eram os Acadêmicos, de Cícero, aos quais Agostinho deseja responder. Analisaremos em detalhe algumas de suas respostas. Veremos que, em certos momentos, elas se desviam das reais objeções levantadas pelos Acadêmicos. Em outros momentos, Agostinho parece querer comprometer os Acadêmicos com uma definição de “sabedoria” (eminentemente estoica e não postulada pelos Acadêmicos) a fim de revelar uma contradição fundamental na postura acadêmica. Nossa conclusão é que, aos olhos de Santo Agostinho, a vitória sobre os argumentos dos Acadêmicos mostrava-se necessária e urgente, pois representava a vitória da filosofia sobre os falsos amigos da sabedoria (que se consideravam sábios e, contraditoriamente, diziam duvidar da



sabedoria). Todavia, tal necessidade e urgência parecem ter comprometido a leitura que Agostinho fez dos Academica. Longe de uma rigorosa refutação, o futuro Bispo de Hipona compôs, na verdade, uma enganosa caricatura das ideias debatidas no âmbito da Nova Academia, o que, em parte, será responsável pelo desinteresse que o ceticismo acadêmico receberá da parte dos pensadores medievais.

### **Palavras-Chave**

Verdade. Ceticismo. Nova Academia.





## APROXIMAÇÕES ENTRE O CÉTICO E O DOGMÁTICO: ARISTÓTELES E SEXTO EMPÍRICO

Gabriel Geller Xavier  
[gabriel.xavier@ufop.edu.br](mailto:gabriel.xavier@ufop.edu.br)

### Resumo

Aristóteles é o primeiro filósofo mencionado nas Hipótiposes Pirrônicas no contexto em que Sexto caracteriza e opõe as posições céticas e dogmáticas. O Estagirita é mencionado entre aqueles que figuram no lado dos dogmáticos - juntamente com epicuristas e estóicos - os quais são apresentados como aqueles que acreditam que a investigação filosófica deve alcançar a verdade. A menção a Aristóteles como um dogmático ao molde da caracterização oferecida por Sexto não é escandalosa, tampouco é disputada na história da filosofia grega antiga. Talvez por Aristóteles e Sexto estarem em lados opostos na arena filosófica construída pelos céticos, ou, por Aristóteles ser anterior ao desenvolvimento do ceticismo grego, pouco se investigou a possível relação entre ambos. Em que pese um possível diálogo entre Aristóteles e Sexto se dê sob forte signo da contenda filosófica entre ceticismo e dogmatismo, gostaria de explorar outra perspectiva dessa relação, não mais no registro do contraste e oposição, mas de uma certa aproximação e antecipação de procedimentos céticos, apresentados por Sexto, na teoria aristotélica do conhecimento. Antes da disputa se dar, uma arena comum precisa ser constituída. Assim, num primeiro momento, meu propósito é evidenciar os traços comuns na descrição da *arché* do ceticismo para Sexto e naquela da filosofia para Aristóteles, a saber: a constatação da *aporia*, a investigação da mesma, a tentativa de descobrir um critério e a igual consideração de posições opostas. Em seguida, indicarei que esta *arché* comum permite que a disputa em torno da possibilidade do conhecimento verdadeiro ocorra. Neste ponto, pretendo avançar em como Aristóteles adianta algumas das objeções céticas, especialmente o quarto modo de Agripa apresentado por Sexto, segundo o qual o dogmático assume como ponto de partida algo que não estabelece pelo argumento, mas assume sem demonstração.

### Palavras-Chave

Dogmatismo e Ceticismo. Aristóteles. Sexto Empírico.



## DOGMA FREE DOGMATISM

Vitor Hirschbruch Schwartz

[vschwartz@gmail.com](mailto:vschwartz@gmail.com)

### Resumo

An interesting debate has been going on for the last few decades amongst some Brazilian philosophers on the coherence of skepticism, ancient or contemporary, as a school of thought, a discussion that was partially inspired by the work of Brazilian neo-Pyrrhonist philosopher Oswaldo Porchat. Prompted by an article by Roberto Bolzani (1996), this debate has a profound metaphilosophical character, since the strategy of Bolzani is not so much in the line of a refutation of skepticism but constitutes a critique from the standpoint of metaphilosophical remarks. Referring to the so-called “structural method” in the History of Philosophy, attributed to Victor Goldschmidt, the central figure in the French circles of History of Philosophy in the 20th Century mentioned in the Introduction, Bolzani distinguishes between a “formal truth” and a “material truth”, when we are dealing with philosophical systems. For the proponents of the structural method, a philosophy is not merely, as one may think, a collection of opinions, but it is the very discourse that articulates those different claims, its “concrete movements” and its “rules”. In philosophical systems, the “material truth”, that is, the truth of its propositions, could even be considered subordinated to a “formal truth”, since the system, far beyond hypostatizing its opinions, hypostatizes itself. Those general characteristics of philosophical stances make the case for a very interesting critique against the skeptic way, since it also shares these characteristics, namely, those involved with affirming itself as a philosophical position while expressing no opinion whatsoever. This talk aims to explore that position, as well as some responses such as the one we can find in Plinio Smith.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Pirronismo. Epokhé.



## ELEMENTOS CÉTICOS NO PENSAMENTO DE MICHAEL OAKESHOTT

Theo Magalhães Villaça  
[theomvillaca@gmail.com](mailto:theomvillaca@gmail.com)

### Resumo

Não há um consenso sobre qual corrente do pensamento se encaixa Michael Oakeshott. No entanto, a maioria de seus comentadores o tratam como um pensador cético. Constatando que o ceticismo não é uma doutrina ou uma corrente linear de pensadores, qual exatamente seria o ceticismo desse autor? O objetivo do presente trabalho é pensar como o ceticismo, ou apenas elementos céticos, aparecem na obra de Oakeshott. Em um primeiro momento, pretende-se apresentar as críticas que o autor faz ao que ele chama de Racionalismo e de Políticas da Fé, pois é em oposição a essas formas de entendimento, principalmente no pensamento político e moral, que o ceticismo surge em sua obra. Em um segundo momento será discutido como o ceticismo aparece em ensaios, especialmente os compilados no livro “Racionalismo em Política” e no livro “Políticas da Fé e Políticas do Ceticismo”. Por fim, ao buscar influências para elementos céticos, o próprio Oakeshott coloca, junto com figuras geralmente vistas como céticas (Montaigne e Hume), o pensamento político e moral de Thomas Hobbes, em uma caracterização inusitada que pode iluminar as questões tratadas no presente trabalho.

### Palavras-Chave

Oakeshott. Hobbes. Racionalismo.



## EPOKHÊ COMO TERAPÊUTICA NO CETICISMO SEXTIANO

Gisele Amaral Dos Santos  
[giseleamarals@gmail.com](mailto:giseleamarals@gmail.com)

### Resumo

No último capítulo de suas *Hipótiposes*, Sexto Empírico (160-210 d.C.) descreve o cético como um filantropo que pretende curar o dogmático da presunção e da precipitação características de sua patologia. Assim como os médicos prescrevem remédios para as afecções do corpo, o cético prescreve uma dinâmica de argumentos capazes de livrar o dogmático desse duplo sintoma que o acomete. A exploração da filosofia como recurso terapêutico parece fortemente vinculada à pretensão cética de Sexto Empírico de alcançar a tranquilidade (*ataraxia*) em matéria de opiniões e a moderação das afecções (*metriopatheia*) oriundas de tudo aquilo que não pode ser evitado. Com base nessa pretensão, Sexto apresenta a *epokhê* como o maior trunfo da via cética, além de ser um pressuposto obrigatório para se chegar à *ataraxia*. Definida como *stasis dianoiás*, a *epokhê* consiste numa pausa do pensamento e, por isso, ela tem um papel decisivo no âmbito das ações humanas, pois, uma vez acionado esse freio, tudo mais cessaria, instaurando-se, sobretudo, certo controle das opiniões e ações apressadas que desencadeiam consequências impróprias, impertinentes e, mesmo, indesejáveis. Esta comunicação tem o propósito de tratar a crença como um elemento perturbador da tranquilidade da alma e, nessa direção, examinar em que medida a *epokhê* pode ser entendida como ferramenta terapêutica no âmbito do ceticismo sextiano.

### Palavras-Chave

*Epokhê*. Terapêutica. Ceticismo. Sexto Empírico.



## INFINITISMO MODERADO PRAGMÁTICO: UMA RESPOSTA AO CETICISMO PIRRÔNICO

Dayvide Magalhães De Oliveira  
[dayvide08@ufpi.edu.br](mailto:dayvide08@ufpi.edu.br)

### Resumo

O ceticismo pirrônico, em específico aquele que apela para o argumento do regresso, alega que não podemos saber que algo é o caso (ou que algo não é o caso), pois sempre nos faltará razões (evidências) garantidoras de conhecimento. Isso impõem à epistemologia contemporânea a tarefa de elaborar uma proposta teórica que desabilite a tese cética e ofereça uma resposta adequada e eficaz. Na epistemologia contemporânea, podemos citar pelo menos três caminhos possíveis: o fundacionismo (e suas diversas vertentes), o coerentismo (e suas diversas vertentes) e o infinitismo proposto por Peter Klein. Nossa intenção é de propor que o fundacionismo e o coerentismo não oferecem respostas adequadas e eficazes, mas o infinitismo, se reformulado, sim. A filosofia pragmática de Charles Peirce nos fornecerá a base teórica apropriada para a correta reformulação do infinitismo. Com isso, propomos que o infinitismo de inspiração no pragmatismo oferece uma alternativa adequada e eficaz frente ao ceticismo do regresso epistêmico.

### Palavras-Chave

Infinitismo. Ceticismo pirrônico. Pragmatismo.



## NEOPIRRONISMO, EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA E OS MODOS DE AGRIPA

Plínio Junqueira Smith  
[plinio.smith@gmail.com](mailto:plinio.smith@gmail.com)

### Resumo

No cenário da filosofia contemporânea, surgiu neopirronismo com os trabalhos de Oswaldo porchat e Robert Fogelin. Os assim chamados Modos de Agripa são essencial para a posição cética desses filósofos. Estes são os cinco modos: desacordo, regressão ao infinito, relatividade, hipótese e reciprocidade (ou circularidade). Cada um, isoladamente, deve levar à suspensão do juízo sobre uma determinada proposição  $p$ ; e, em conjunto, devem levar à suspensão do juízo sobre todas as coisas. Há uma interpretação difundida, segundo a qual esses modos se dividem em dois grupos: de um lado, os modos do desacordo e da relatividade levam à suspensão da crença, obrigando uma pessoa a justificá-la. Em seguida, os restantes três modos (regressão, hipótese e circularidade) mostrariam que não é possível justificar uma crença. O trabalho conjunto destes três modos ficou conhecido como o Trilema de Agripa. Pretende-se discutir essa interpretação dos Modos de Agripa: 1) cada um dos modos, considerado isoladamente leva à suspensão do juízo sobre  $p$ ?; 2) Como esses 5 modos se articulam? O propósito é defender, primeiro, que nem todos os modos levam à suspensão do juízo sobre  $p$  (o modo da hipótese não leva à suspensão do juízo sobre  $p$ , mas impede uma maneira de filosofar, a maneira dogmática; o modo da reciprocidade leva à suspensão sobre  $p$  e  $q$ , isto é, sobre duas proposições); segundo, os 5 modos se dividem em dois grupos, aqueles que levam à suspensão sobre  $p$  (isto é, desacordo, regressão e relatividade) e aqueles que levam a resultados diferentes (hipótese e reciprocidade). Essa interpretação explica melhor a ordem pela qual Sexto Empírico apresenta os 5 modos de Agripa.

### Palavras-Chave

Ceticismo neopirrônico. Modos de Agripa. Suspensão.



## O CETICISMO NA HUMILDADE INTELECTUAL NOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

Anna Carolina Velozo Nader Temporao

[carolinavelozo@gmail.com](mailto:carolinavelozo@gmail.com)

### Resumo

Este estudo explora a influência do ceticismo na concepção de humildade intelectual tal como Michel de Montaigne (1533-1592), em seus Ensaios, a apresenta, e sua importância para a Epistemologia das Virtudes moderna. Montaigne, figura proeminente do Renascimento, discute a humildade intelectual não só como um valor moral, mas também como essencial para a aquisição de conhecimento e para a compreensão da existência. Através da análise de trechos selecionados de sua obra, ilustramos como Montaigne antecipa debates da Epistemologia das Virtudes, destacando a consciência das próprias limitações e a abertura ao outro como fundamentais na procura pela verdade. Ao conectar as noções de Montaigne com o pensamento filosófico atual, mostramos a relevância contínua e a evolução da noção de humildade intelectual desde a época da Renascença até o presente. Este trabalho demonstra como a visão de Montaigne sobre a humildade intelectual pode ampliar nossa compreensão atual sobre o tema, proporcionando perspectivas valiosas para dilemas epistemológicos, éticos e educacionais. Propõe-se uma reflexão sobre a importância dessa virtude em ambientes acadêmicos e na vida diária, ressaltando o papel duradouro de Montaigne no pensamento filosófico contemporâneo e na prática reflexiva.

### Palavras-Chave

Montaigne. Humildade Intelectual. Ceticismo.



## ORIGENS DO PENSAMENTO CÉTICO DA NOVA ACADEMIA

Nailane Koloski

[nailanek@hotmail.com](mailto:nailanek@hotmail.com)

### Resumo

A Nova Academia ficou conhecida como o período cético pelo qual essa escola passou durante os séculos III e II a.C., especialmente sob a liderança de Arcesilau de Pitane (aprox. 315-240 a.C) e Carnéades de Cirene (aprox. 219-129 a). Com razão, o que levou com que essa escola fosse denominada cética foi justamente o que caracterizava sua ocupação principal, a saber, o exame e a crítica das posições de outras escolas, sobretudo dos estoicos e principalmente com relação as questões sobre a natureza e a possibilidade do conhecimento. Outros elementos contribuíram para essa designação, como o modo que esses escolarcas atuavam na pratica de suas filosofias utilizando certos recursos argumentativos, estratégias de contraposição e refutação, além de apresentarem certas teses e conceitos que são associadas à atividade do cético. A questão que colocamos aqui é: quais são os principais elementos e estratégias que caracterizam essa filosofia cética e qual a origem e intenção por trás de sua utilização. Os próprios filósofos acadêmicos atribuem sua filiação à filosofia socrático-platônica. Dentre algumas outras fontes, que poderíamos considerar mais hostis à filosofia da academia, algumas remetem-na à filosofia de Pirro; outras à disputa com a Stoa, por motivos de rivalidade e ciúmes; outras ainda, contestam o ceticismo dessa escola atribuindo-lhes doutrinas dogmáticas secretas. Nossa análise principal será a relação entre a filosofia socrática e o ceticismo acadêmico, mas, cabe-nos também considerarmos se as alegações de seus oponentes de que seu ceticismo remonta outras influências têm fundamento. A intenção e finalidade da atuação desses filósofos também é um ponto de debate. Na interpretação da filosofia socrática, considera-se que o procedimento pelo qual se argumenta contra o adversário sem apresentar pontos de vista próprios não é um fim em si mesmo, do contrário a dialética socrática se tornaria apenas uma forma de combate verbal. O objetivo de Sócrates seria sempre um alcance positivo para a verdade. A mesma questão surge na interpretação da atividade dialética da Nova Academia, mas ela é intensificada, porque, como veremos, essa atividade praticada por esses escolarcas apresenta singularidades, podemos dizer que





ela é ampliada e até aperfeiçoada, o que levou a um grande debate sobre a atuação desses escolarcas, suas intenções e a finalidade dessa filosofia, que tentaremos delinear no presente trabalho.

### **Palavras-Chave**

Ceticismo. Nova Academia. Estoicismo. Sócrates.



## RECEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO NEOPIRRONISMO BRASILEIRO

Regiane Rodrigues Oliveira Novais

[renovais24@gmail.com](mailto:renovais24@gmail.com)

### Resumo

Com esta apresentação objetiva-se um primeiro esboço do terceiro capítulo da minha tese intitulada, ainda não em caráter definitivo, *Modéstia humeana: impacto cético na vida prática e a construção de uma filosofia plural brasileira*. Neste capítulo começo a abordar especificamente a filosofia neopirrônica brasileira, valendo-me do pensamento de Oswaldo Porchat e Plínio Smith. Ao longo do capítulo, exploro desde a recepção porchatiana à filosofia cética, pensando, por exemplo, nos problemas filosóficos e a atitude cética frente à eles, até a abordagem de Smith d'A experiência do cético como base de seu fazer filosófico, seja na filosofia, seja na vida ordinária. Nessa abordagem, interessa-me entender a reflexão filosófica de Porchat e Smith tanto pensando o secular conflito filosófico assim como os problemas dogmáticos da filosofia e sua tradução ao campo do fenômeno. Interessa-me como a filosofia é colocada na vida cotidiana e como hoje o ceticismo pode nos ser uma ferramenta terapêutica, ao menos frente à ansiedade (dogma) filosófica. Neste capítulo, ao acompanhar um pouco da trajetória desses dois pensadores céticos brasileiros, sem, no entanto, o objetivo de compará-los, pretendo entender como o pensamento de cada um deles se constrói à luz de um pirronismo que precisa estar atento ao mundo contemporâneo e os desafios que nossa época nos apresenta. Ao mesmo tempo, o que, se é que há, o neopirronismo não pode abrir mão sob o risco de romper com milênios de tradição e, ainda mais grave, ser engolido pelo dogmatismo que, parece-me, ganha novas máscaras capazes de ludibriar o cético atual? Vale dizer que este capítulo é um capítulo de transição: fundamentado na filosofia cética de David Hume e intencionando expandir a filosofia neopirrônica brasileira da qual Porchat e Smith são referências, ousou pensar numa pluralidade reflexiva que podemos almejar, uma via de mão dupla do Brasil e seus contextos para a filosofia e seu impacto cético. Continuar o caminho de Porchat e Smith para o desenvolvimento de uma filosofia cética brasileira é a espinha dorsal deste capítulo e que deságua no próximo: um neopirronismo comprometido com os fundamentos da filosofia cética ao passo que reflete as problemáticas contemporâneas



da realidade brasileira, que devem ser vistas pela filosofia que se pretende prática e atuante, não mais reservada ao deleite dos problemas que estão entre os muros acadêmicos.

### **Palavras-Chave**

Neopirronismo. Brasil. Experiência.



## UMA ABORDAGEM CÉTICA ACERCA DO FUNDAMENTALISMO NEO-ARISTOTÉLICO EM QUOD NIHIL SCITUR

Asriel Do Nascimento

[asrieldonascimento@gmail.com](mailto:asrieldonascimento@gmail.com)

### Resumo

Em Portugal do século 16, o que prevalecia mais fortemente como critério de verdade e de fé era o Tomismo através da segunda escolástica, que abrangia um método neo-aristotélico jesuíta, amalgamando uma visão de mundo baseada na lógica e na ontologia de Aristóteles, na autoridade da igreja católica e em passagens da bíblia. Contudo, esse método estava em xeque por conta da descoberta de novas terras, afinal, quais critérios de verdade poderiam ser ditos sobre algo que nunca foi definido pelas autoridades intelectuais? Não há qualquer menção a algum povo da Oceania ou da América na bíblia, nos ensinamentos da escolástica ou na obra de Aristóteles. Não havia uma definição por categorias ontológicas acerca dos humanos viventes do Novo Mundo, fazendo-nos chegar a possíveis 3 conclusões: a tradição católica está errada, a bíblia não contém critérios de verdade válidos ou a definição neo-aristotélica do que é ser um humano está errada. Independente de qual alternativa esteja errada, o método já estava comprometido. Uma grande crise intelectual teve início, na qual a busca era tanto um critério de verdade quanto um critério de fé e é nesse contexto, influenciado pela retomada do ceticismo, que se encontra Francisco Sanches. Enquanto a Segunda Escolástica tentava manter o método neo-aristotélico jesuíta ativo, Sanches redigia sua obra *Quod Nihil Scitur*, na qual ele desenvolve um pensamento altamente destrutivo e antissistemático. Para ele, os métodos neo-aristotélicos não serviam mais, pois mesmo que alguns conceitos fossem verdadeiros, suas falhas eram o bastante para causar a ruína de todo o sistema, logo era preciso ter a maturidade de jogar a tradição fora e manter apenas o que pode ser usado como método. Para destruir o método neo-aristotélico, Sanches joga conforme suas regras para que os problemas se tornem evidentes, ou seja: ele vai partir do pressuposto de que para ter o saber perfeito de algo é preciso conhecer pelo menos uma de suas quatro causas e que, desconhecendo as causas (ou, em outras palavras, as partes constituintes de um objeto), desconhece-se o objeto como um todo. Com base nisso, Sanches desenvolve sua tese: que nada se sabe.

### Palavras-Chave

Francisco Sanches. Neo-aristotelismo jesuíta.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT CRITICISMO



## A FILOSOFIA DA HISTÓRIA E SEUS PARALELOS COM A TEORIA DO SISTEMA PLANETÁRIO EM KANT

Cleiton Marcolino Isidoro Dos Santos

[cleiton327@hotmail.com](mailto:cleiton327@hotmail.com)

### Resumo

A pesquisa acerca da construção da filosofia da história em paralelo com a teoria do sistema planetário em Kant tem como objetivo evidenciar as similaridades do fundamento metodológico apresentado no texto *Ideia de uma história universal com um propósito cosmopolita* (1784) com a teoria planetária kantiana exposta na obra *História natural e teoria geral do céu* (1755). Em vista disso, serão apresentados pontos de contatos entre ambas obras a fim de indicar correlações acerca de tal fundamento. Nesse cenário, antes de tudo, far-se-á necessário a separação do campo de estudo entre cada texto, a saber, o campo da física (*Teoria do Céu - NTH*) e o campo da filosofia (*Ideia - IaG*); além das plataformas epistemológicas distintas, quais sejam, o período pré-crítico (*NTH*) e crítico (*IaG*). Assim, num primeiro momento, será ressaltados trechos da obra de 55, que estabelecem os paralelos metodológicos dos fundamentos da filosofia da história, utilizadas, nesta obra, enquanto conceitos da teoria planetária. Num segundo momento, será apresentado trechos no texto de 84 que atravessam a similaridade com seu anterior, passando do campo da física ao campo da filosofia. Estabelecidos os pontos de contatos entre ambas obras, mostrar-se-á a extensão arquitetônica da filosofia da história kantiana em referência a concepção da história natural da teoria planetária proposta pelo filósofo 29 anos antes. Isto posto, restará enquanto conclusão desta pesquisa que, em sua obra da filosofia da história, Kant utiliza procedimentos metodológicos já apresentados em sua teoria planetária, demarcando assim, uma constante no pensamento do filósofo acerca dos métodos que entremeiam a exposição do fio condutor da história.

### Palavras-Chave

Teoria planetária. Filosofia da história. Kant.



## DAS DUAS ACEPÇÕES DO MÉTODO ANALÍTICO NOS PROLEGÔMENOS

Fábio César Scherer  
schererfabio@uel.br

### Resumo

Nesta comunicação pretendo defender que Kant apresenta duas formulações distintas do método analítico nos § 4 e § 5 dos Prolegômenos, bem como que elas estão mescladas na resolução da questão transcendental principal: como é possível a matemática pura? Em ambas as descrições, se avança do fundamento para o princípio, do condicionado para a condição, por conseguinte, numa direção é ascendente. Todavia, apesar da semelhança na estrutura externa, essas descrições contêm diferenças significativas, entre elas, quanto ao objetivo do procedimento: encontrar a condição do condicionado (Erklärungsgründe) ou provar o condicionado (Beweisgründe). Na descrição do § 4 se destacam três características. Primeira, o ponto de apoio externo, a partir do qual se parte. Segunda, se caminha do conhecido em direção ao desconhecido, o qual, é procurado tendo como base os dados do ponto de partida. Terceira, esse desconhecido, ao ser encontrado, possibilitará não somente explicar o ponto de partida em particular, mas todo aquele pertencente ao mesmo conjunto. A descrição do método analítico na nota de rodapé do § 5, por sua vez, tem características diferentes. Primeira, e principal, é de que parte de algo hipotético, se parte do que é buscado como se estivesse dado, cuja validade também precisa se provada. Segunda, vai do “desconhecido” em direção ao igualmente desconhecido. Neste sentido, diferentemente do que na descrição do § 4, que visa tão somente a procura da condição, temos aqui duas pontas abertas: precisa se validar tanto a condição procurada quanto o condicionado pressuposto. Terceira, não há indicação de que uma vez encontrada a condição do condicionado pressuposto, ela possa ser estendida para todos os conjuntos similares, tal como na descrição do § 4. Para efeitos de ilustração, é como se Kant tivesse escrito num dia o § 4, tendo como referência o método da ciência da natureza, e em outro dia tivesse voltado à carga § 5, só que com um outro referencial, oriundo da matemática. Qualificar essas diferenças e indicar os seus desdobramentos na resolução da questão sobre como é possível a matemática é o intuito desta comunicação.

### Palavras-Chave

Kant. Método. Análise. Síntese. Matemática.



## EM DIÁLOGO SOBRE A REALIDADE: IMMANUEL KANT E AS DEFINIÇÕES DA REALIDADE DE HÜGLI E LÜBCKE

Wolfgang Theis

[wolfgang.theis1973@gmail.com](mailto:wolfgang.theis1973@gmail.com)

### Resumo

Esta proposta de apresentação é um dos resultados de uma pesquisa de mestrado sobre o conceito da realidade na Crítica da Razão Pura de Immanuel Kant. No uso diário, as pessoas tendem a ver a realidade como um equivalente ao que é seu ambiente externo imediato, assim como uma construção de seus pensamentos que vem junto com ela. O ser humano constrói uma realidade que se acredita ser o que é considerado como real”, mas é realmente assim? A realidade é apenas um produto da imaginação, ou é mais do que isso? A realidade pode ser conhecida? A resposta a esta última pergunta é: sim, ela pode. A pergunta é apenas: como? O sujeito pode fazer isso apenas com a mente, ou os sentidos são o único juiz sobre como a realidade pode ser percebida? Existe a possibilidade transcendental, que combina a mente e os sentidos para perceber a realidade? Essas são perguntas sobre o termo realidade e objetiva-se tentar obter respostas de apenas algumas delas. Em um senso comum, a realidade é considerada como algo que não é uma ilusão e não depende dos desejos e convicções de um único sujeito. Por outro lado, é considerada como algo que parece ser verdade, que tem certas características, não apenas temporárias, e é pura, o que significa que não é distorcida por nenhuma influência. O problema aqui reside no fato de que para cada indivíduo e cada disciplina científica, a realidade é considerada como algo diferente. A percepção da realidade difere de sujeito para sujeito e não se pode considerar como certo que a percepção de um mesmo objeto por sujeitos diferentes fornece os mesmos resultados para cada um deles. A subjetividade da realidade revela-se problemática para uma definição comum e absoluta para todos. Ainda assim, os filósofos Anton Hügli e Poul Lübcke, tentaram classificar o termo realidade por meio de treze definições, como o mundo externa objetividade, a independência da consciência, a facticidade etc. Mais de 200 anos atrás, o Immanuel Kant já conseguiu se posicionar para quase todas dessas definições, principalmente na obra de Crítica da Razão Pura. Apesar de não ter sido a intenção de Hügli e Lübcke entrar em diálogo





com Immanuel Kant sobre esse assunto, as posições de Kant sobre as definições deles valem a pena ser levadas em consideração na discussão sobre a realidade. Esta apresentação vai mostrar as posições de Immanuel Kant em consideração às definições de Hügli e Lübcke, abordando o problema da realidade.

### Palavras-Chave

Classificação da Realidade. Definição de Realidade.



## O MÉTODO DE CONSTRUÇÃO METAFÍSICA NOS PRINCÍPIOS METAFÍSICOS DA CIÊNCIA DA NATUREZA

Orlando Bruno Linhares

[oblinhares@uol.com.br](mailto:oblinhares@uol.com.br)

### Resumo

Na construção das quatro determinações do conceito empírico de matéria nos Princípios metafísicos da ciência da natureza, Kant emprega os métodos de construção matemática e de construção metafísica, redigindo cada capítulo, a partir do segundo, conforme os argumentos e as provas dos anteriores: na dinâmica, a matéria definida como o móvel na medida em que preenche o espaço, pressupõe a definição da foronomia, segundo a qual a matéria é o que é móvel no espaço. O elemento móvel, que tem força motriz, é a definição mecânica da matéria e pressupõe as definições da foronomia e da dinâmica. O elemento móvel, na medida em que pode ser objeto da experiência, é a definição da fenomenologia e pressupõe as definições anteriores. Apesar da importância do método de construção metafísica na construção do conceito empírico de matéria, Kant, além de mencioná-lo uma única vez nos Princípios metafísicos da ciência da natureza, relacionando-o com a construção matemática, é muito reticente e não o define. Apesar destas dificuldades, é possível compreendê-lo ao compará-lo com a construção matemática e distinguir nele dois aspectos: o matemático e o metafísico. O objetivo desta comunicação é analisar o método de construção metafísica e sua função nesta obra.

### Palavras-Chave

Construção matemática. Construção metafísica.



## SOBRE O CARÁTER MORAL COMO CONDIÇÃO SUBJETIVA DA MORALIDADE EM KANT

Alexandre Hahn

[hahn.alexandre@gmail.com](mailto:hahn.alexandre@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho apresentará algumas considerações sobre o papel do caráter moral na concepção kantiana de moralidade. Para tanto, inicia argumentando que o imperativo categórico (lei moral), embora estipule a condição objetiva da moralidade, é insuficiente para instituir a moralidade subjetivamente. Em seguida, discutirá o trecho da Antropologia que aponta o caráter moral como indispensável para a moralidade, uma vez que corresponde à “propriedade da vontade segundo a qual o sujeito se obriga a seguir determinados princípios práticos que prescreveu inalteravelmente para si mediante sua própria razão” (Anth, AA 07, 292). Nesse contexto, além de explicar o que Kant entende por caráter como mentalidade ou modo de pensar (Denkungsart), pretende-se explorar algumas implicações que decorrem desse papel assumido pelo caráter. Dentre as quais, será discutido em especial o problema da aquisição do caráter e a possibilidade de se responsabilizar sujeitos sem caráter (os imitadores) pelas suas ações. Por fim, defender-se-á que a negligência do papel do caráter produz uma visão incompleta e fraca da teoria moral kantiana, sujeita a diversas críticas. O objetivo geral consiste em chamar atenção para um importante aspecto da teoria moral kantiana tardia muitas vezes negligenciado pela literatura especializada.

### Palavras-Chave

Kant. Moralidade. Caráter moral.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT DELEUZE/GATARRI



## À CATA DE ENTRELAÇAMENTOS ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICOS: DO TRAPEIRO AO CINEMA DE PROFANAÇÃO

Lourenço Da Silva Queiroz

[lourenco.queiroz@usp.br](mailto:lourenco.queiroz@usp.br)

Ciro Lubliner

[ciro.lubliner@gmail.com](mailto:ciro.lubliner@gmail.com)

### Resumo

Nas primeiras linhas de *O anti-Édipo* (1972), Deleuze e Guattari declaram: “todos somos bricoleurs”. Ao construir uma concepção maquínica do desejo, enquanto princípio imanente à produção natural-social-histórica, os autores remontam à noção de bricolagem formulada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, na obra *Pensamento Selvagem* (1962). No capítulo inicial desta obra, a bricolagem é definida como um repertório cuja composição é heteróclita, mas que, mesmo sendo extensa, permanece limitada. O bricoleur deve, portanto, criar a partir dos “meios-limites”, de um conjunto finito de materiais e utensílios heterogêneos que estão à mão; por ser obrigado a arranjar-se com os elementos disponíveis, ele deve ser capaz de se apropriar de um material já elaborado, extrair, desviar e recompor os elementos, introduzindo fragmentos em recombinações sempre novas. No caso da arte, podemos entrever a figura baudelairiana do Trapeiro enquanto personagem conceitual que transgride certa função e certo uso originais dos elementos em função de necessidades contingentes, e não de um projeto preestabelecido ou de um modelo que condiciona uma apreensão funcional e abstrata do sensível. Eis um traço fundamental que aproxima o Trapeiro do Bricoleur, em contraponto ao “Engenheiro”, pois este subordina sua criação a modelos normativos e a qualidades e quantidades já determinadas dos elementos. Finalmente, em consonância com o modo de coleta e recomposição de elementos próprios ao Trapeiro, buscaremos discutir exemplos nas artes, especificamente no que chamamos de um “cinema de profanação”, como observado em “Histórias que nosso cinema (não) contava” (2017), da diretora brasileira Fernanda Pessoa.

### Palavras-Chave

Deleuze e Guattari. Trapeiro. Cinema de Profanação.



## A CRIATIVIDADE COMO FATOR OPERATIVO DO REAL E PRINCÍPIO DE PENSAMENTO

Marcio Marques De Carvalho

[marciomcarvalho@gmail.com](mailto:marciomcarvalho@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação abordará a criatividade enquanto fator operativo do real, e seu consequente desdobramento na cognição humana, isto é, como princípio de pensamento. Este desdobramento é atestado por Deleuze em Método da Dramatização quando considera um sistema material sub-representativo a partir do qual se determinam as especificações dos conceitos. O aspecto criativo deste processo é abordado em O que é a Filosofia? e também em Caosmose, de Guattari, em que a função da criatividade na base do pensamento é indicada antes mesmo de sua distinção entre conceitual, funcional e estético. Esta diversidade de aspectos do pensamento deriva do mesmo processo que engendra a biodiversidade: a atualização de uma multiplicidade virtual por linhas de diferenciação, resultante do aspecto intrinsecamente criativo do impulso vital, tratado por Deleuze em Bergsonismo. Segundo Kastrup, Tedesco e Passos, o organismo e seu meio se codeterminam através da cognição inventiva: um efeito emergente da interação pré individual em uma zona de indeterminação pela qual se delimitam domínios de interação autorreferentes, configurando formas de vida. Neste processo a realidade externa do cognoscente se forma em conjunto ao seu contexto interno. A percepção, e consequentemente também a linguagem, delimitam ativamente o sentido do mundo conhecido; não podem portanto ser consideradas representações neutras, mas sim criação. O uso criativo da língua, conforme abordado por Deleuze em Critica e Clinica, favorece o vislumbre de dinâmicas conceituais pré-discursivas, que convergem à perceptos e afectos sob uma lógica propriamente estética, irracional e não linear que induz o pensamento a extrapolar os domínios da representação e o equilíbrio entre as faculdades. A criatividade incita o pensamento a ultrapassar o plano de organização para intuir o plano de consistência.

### Palavras-Chave

Criatividade. Cognição inventiva. Autopoiese.



## A FILOSOFIA DA DIFERENÇA E RELAÇÕES DE PODER NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Lucas Francisco Ferreira De Souza

[lucasfrancisco1106@gmail.com](mailto:lucasfrancisco1106@gmail.com)

Eleonoura Enoque Da Silva

[eleonoura.silva@unicap.br](mailto:eleonoura.silva@unicap.br)

### Resumo

O interesse é olhar possibilidades de uma clínica elabore acerca do problema do poder na construção da subjetividade, utilizando a teoria da Filosofia da Diferença, mais especificamente a Esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Chamamos de uma saída clínica o esforço de forjar conceitos entre Deleuze e Guattari e o conceito de poder apresentado na filosofia Foucaultiana, frente ao enfraquecimento do potencial dos corpos e dos territórios que é atestado começando pela obra *O Anti-Édipo* (1972) e mais adiante reelaborado em *Mil Platôs* (1980). Indicamos o problema do poder na construção da subjetividade, nessa pesquisa, o mais importante problema clínico nas obras deleuzoguattarianas. Enquanto que este é parte das relações de poder que vivemos ao produzirmos como peças técnicas do sistema capitalista. Estabelecemos, nesse sentido, uma forte conexão entre Ética e Linguagem, a partir também de um ponto de vista histórico, considerando que a filosofia deleuzoguattariana depende também de grandes pensadores como, Espinosa e Nietzsche. É um trabalho claro em Deleuze e Guattari repensar a ética, e de alguma forma a linguagem. Pois, a reinvenção do inconsciente (enquanto crítica à psicanálise ortodoxa) como produção desejante proposta por esses autores sugere uma nova abordagem ética, na qual o desejo e a subjetividade são reconfigurados em relação ao poder e à construção social. Na filosofia nômade, como é conhecida também a filosofia da diferença, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma força produtiva que molda a subjetividade e o desejo.

### Palavras-Chave

Subjetividade. Poder. Ética. Desejo.



## A MALDADE ARTIFICIAL E O CONTRATO CONTRA A SUBMISSÃO: SOBRE O ROUSSEAU DE DELEUZE

Caio Hoffmann Cardoso Zanon

[caiohoffmann@gmail.com](mailto:caiohoffmann@gmail.com)

### Resumo

Nos primeiros textos de Deleuze, encontramos críticas a algumas tendências que se tornaram hegemônicas no pensamento político moderno, como a ideia, propagada pela escola contratualista, de que a gênese da sociedade ocorre por meio de um contrato celebrado por homens livres e iguais em estado de natureza, criando uma lei civil que vai limitar suas condutas e, assim, instaurar a vida social. Contra essa tese, Deleuze mobiliza uma série de aliados, dentre os quais gostaríamos de chamar atenção, nesta comunicação, para Jean-Jacques Rousseau, filiado à própria tradição contratualista. Por meio da análise do artigo Jean-Jacques Rousseau precursor de Kafka, de Céline e de Ponge, publicado por Deleuze em 1962, bem como das notas preparatórias para o curso sobre Rousseau ministrado por Deleuze na Sorbonne entre 1959 e 1960, buscamos defender que a referência ao filósofo moderno, apesar de marginal na obra deleuziana, é importante para compreendermos a concepção singular do campo social e de sua gênese que nela se forma. Para tanto, destacaremos alguns aspectos da leitura que Deleuze faz da obra de Rousseau. O texto deleuziano indica uma diferença de procedimento entre Rousseau e os outros contratualistas. Autores como Hobbes e Locke incluem na sua descrição do estado de natureza uma antropologia filosófica que serve para justificar a instauração de um modelo específico de sociedade civil. Deleuze afirma que, em Rousseau, esse movimento é impossível, pois o homem, imaginado em estado de natureza, não pode ser mau, já que as condições objetivas que tornam possíveis a maldade humana e seu exercício não existem na natureza. As faculdades humanas só se desenvolvem em resposta a necessidades e interesses que, por sua vez, surgem em decorrência da instauração de situações objetivas. Para Rousseau, o estado de natureza não é um estado atual das faculdades”, mas um elemento genético, carregado de potencialidades. O procedimento de Rousseau não é apoloético, mas analítico e regressivo. Remetendo uma situação objetiva atual ao estado de natureza virtual, no qual o homem é livre,





torna-se possível retrazar a formação histórica das relações de dominação, bem como imaginar um tipo de relação social que não inclua a submissão de um grupo humano a outro (duplo diagnóstico que, para Deleuze, aparece da leitura conjunta do Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens e de Do contrato social).

### **Palavras-Chave**

Rousseau. Crítica à dominação. Contratualismo.



## A PROBLEMÁTICA DO DESEJO/PODER EM GILLES DELEUZE E MICHEL FOUCAULT

Lauro Iane De Morais  
[laumorais@msn.com](mailto:laumorais@msn.com)

### Resumo

A presente comunicação pretende oferecer novos argumentos a favor da tese da incompatibilidade entre as filosofias de Gilles Deleuze, especialmente aquela escrita em colaboração com Félix Guattari, e Michel Foucault defendida por David Rabouin, em seu artigo *Entre Deleuze et Foucault: le jeu du désir et du pouvoir*, e Wendy Grace, em seu artigo *Faux amis: Foucault and Deleuze on sexuality and desire*, contra os esforços empreendidos por Nicolae Morar e Marjorie Gracieuse de demonstrar uma união harmônica entre ambas as filosofias, exposta no capítulo *Against the Incompatibility Thesis: A rather Different Reading of the Desire-Pleasure Problem (in: Between Deleuze and Foucault)*. Neste processo, buscaremos determinar de que modo as filosofias de Deleuze e Foucault participam de um fundo comum que os encerra em polos opostos e assim suscita a antinomia entre desejo, no caso do primeiro, e poder, no caso do segundo. Uma vez realizado o diagnóstico, sugeriremos que uma possível solução àquela pode ser alcançada por meio de um retorno ao freudo-marxismo, especialmente tal como formulado pela tradição estruturalista de Jacques Lacan, Louis Althusser e seus colaboradores, que estabeleça uma chave para releitura da ontologia deleuziana, mais próxima daquela empreendida em suas obras iniciais como *Diferença e Repetição*, *Lógica do Sentido* ou ainda na *Apresentação de Sacher-Masoch*.

### Palavras-Chave

Psicanálise. Desejo. Poder.



## AS SÍNTESES CONSTITUTIVAS DO INCONSCIENTE EM DELEUZE: ENTRE DIFERENÇA E REPETIÇÃO E O ANTI-ÉDIPO

Arion Keller

[arionkeller@gmail.com](mailto:arionkeller@gmail.com)

### Resumo

No presente trabalho faremos uma análise comparativa entre os dois momentos teóricos mais fundamentais da obra deleuzeana com relação ao conceito de Inconsciente. Trata-se da comparação entre o conceito tal como aparece no segundo capítulo de *Différence et Répétition* (1968), e sua aparição no primeiro capítulo de *L'Anti-Œdipe* (1972). Em ambas as obras, Deleuze apresenta a constituição do inconsciente a partir de sínteses passivas. No primeiro texto, estas sínteses estão diretamente ligadas às sínteses da Repetição e são chamadas por ele, respectivamente, de síntese do Habitus (prazer), síntese de Éros e Mnémósine (memória) e síntese de Thanatos (eterno retorno) (DR, p. 154). No segundo texto, estas sínteses estão diretamente ligadas à produção real do desejo, compreendidas como autoprodução do inconsciente (AE, p. 43), e são descritas como “síntese conectiva de produção” (ligação), “síntese disjuntiva de registro” (sobreposição) e “síntese conjuntiva de consumo” (resíduo e subjetivação) (AE, p. 11-71). Ainda sínteses, ainda três. Assim, apesar das grandes diferenças terminológicas, por si mesmas evidentes, acreditamos que deve haver elementos comuns entre estas descrições, bastante diferentes entre si. Desse modo, para o cumprimento de tal objetivo, analisaremos, em primeiro lugar, as descrições deleuzeanas da tese de 1968 em seus pormenores; em segundo lugar, analisaremos mais detalhadamente as descrições d'O Anti-Édipo; e, finalmente, mostraremos os elementos comuns e os divergentes entre estes dois momentos, assim como projetaremos se tais descrições são compatíveis ou inconciliáveis entre si.

### Palavras-Chave

Deleuze. Inconsciente. Sínteses.



## CAOSMOSE: GUATTARI E A CRIAÇÃO, CARTOGRAFIAS DO POSSÍVEL

Leandro Dal Sasso Masson  
[leandro.masson@aluno.ufop.br](mailto:leandro.masson@aluno.ufop.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em retomar de forma breve alguns problemas levantados por Félix Guattari e que movimentam o programa de pensamento Ecosófico do filósofo. E através de tal exposição buscar tatear a relevância do conceito de Caosmose e como este engendra a problemática do Novo Paradigma Estético diante dos modos de produção da subjetividade capitalística. Para Guattari, pensar os modos em que a vida – para além do horizonte antropológico – é submetida aos modelos das organizações afetivas do capitalismo é também cartografar como opera a produção de sentido, a produção intensiva, que se inscrevem sobre os modos de existência desta produção de subjetividade. As inquietudes que mobilizavam as criações conceituais desde o período de Capitalismo e Esquizofrenia nos anos 1970, e que reverberaram na proposta Ecosófica 20 anos depois, para o filósofo, são as que pensam a vida como processo, portanto também a criação como cartografia e produção do possível, ou Caosmose. Félix Guattari propõe pensar o capitalismo através de seus processos de produção de subjetividade, maneira essa imprescindível para pensar as subjetivações cotidianas bem como a sua relação com o meio coletivo e os recursos naturais. O problema “macro-político” referente aos recursos naturais, nas grandes metrópoles, na perseguição aos gêneros dissidentes, na objetificação do corpo humano e nas indiferenças produzidas cotidianamente com os olhares perante à fome, a pobreza e a miséria, são colocados por este autor como problemas estético-políticos. Problemas sobre a maneira em que os agenciamentos coletivos de enunciação – outrora pensados como sujeitos nas tradições das ciências humanas – se auto produzem e enunciam-se através da sociedade e sua relação com os recursos naturais. Guattari propõe assim sua Ecosofia – transversalidade conceitual e prática com outras áreas do conhecimento – para pensar o quanto as dinâmicas do globo, ecológicas, sociais e da subjetividade humana no fundo, têm a mesma origem: a subjetivação capitalista, como o capitalismo produz e modeliza maneiras e formas de existir. E o núcleo dessa dinâmica – que aniquila os modos de existir dissidentes, desdobrando-se em colapsos ecológicos e convulsões sociais – segundo Guattari, é a produção dos modos maquínicos de existência operadas pelo capitalismo, a produção de subjetividade.

### Palavras-Chave

Ecosofia. Caosmose. Cartografias do Possível.



## DA PULSÃO DE MORTE À MORTE QUE DESEJA (PROVISÓRIO)

Daniela Magioli Ferreira Da Silva

[danielamagioli@id.uff.br](mailto:danielamagioli@id.uff.br)

### Resumo

Em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari dizem que tanto os psicanalistas que afirmaram a pulsão de morte quanto aqueles que o negaram, baseavam-se nas mesmas razões, a saber, que não havia modelo e nem experiência da morte no inconsciente. Para os autores o que se passa é justamente o contrário: “não há instinto de morte porque há modelo e experiência da morte no inconsciente” (AE, 440). A morte é uma peça da máquina desejante, e deve ser avaliada por seu funcionamento e não como um princípio abstrato (AE, p. 440-441). Se na psicanálise o desejo se encontra na ordem do simbólico, aquilo que é apreendido através da simbolização é o que chamaremos de real, ou seja, as pulsões freudianas. Em Freud (1920, Item V), a pulsão de morte é: um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, (...) a expressão da inércia inerente à vida orgânica”. É nesse momento de sua obra que Freud mais aproxima a metapsicologia de uma espécie de metafísica (GARCIA-ROZA, 2009, p. 132), ao substituir o antigo dualismo fraco entre pulsões de autoconservação e sexuais por um mais forte, entre pulsões de vida e de morte. Na “metafísica” freudiana, a pulsão de morte ganha, então, seu caráter ontológico como a tendência natural da vida e do ser vivo. Retornando a *O anti-Édipo*, destacamos que, complexificando a relação entre o CsO e os objetos parciais, Deleuze e Guattari (AE, p. 435-436) afirmam que ambos não se opõem, realmente, entre si, mas juntos se opõem a um organismo organizado de forma a totalizar e limitar a multiplicidade intensiva. São peças diferentes e coexistentes da máquina, de forma que, para os autores, “é absurdo falar de um desejo de morte, que se oporia qualitativamente aos desejos de vida. A morte não é desejada, há somente a morte que deseja, enquanto corpo sem órgãos ou motor imóvel, e há também a vida que deseja, enquanto órgãos de trabalho” (AE, p. 436). Toda intensidade carrega, na própria vida, a experiência da morte e a envolve, pois, cada intensidade investe em si própria a intensidade-zero a partir da qual é produzida. A experiência da morte se faz em vida, a todo momento, em cada



passagem ou devir que um sujeito experimenta (AE, p. 437). Há, portanto, de um duplo caráter da morte: o modelo da morte e a experiência da morte, como dois aspectos irreduzíveis.

### **Palavras-Chave**

Pulsão de morte. Corpo sem órgãos. Desejo.



## DELEUZE E A SUBJETIVIDADE FILOSÓFICA ENQUANTO EFEITO DO MOVIMENTO DE CRIAÇÃO CONCEITUAL

Lucas Santos Marinho

[lucassantosmarinho@gmail.com](mailto:lucassantosmarinho@gmail.com)

### Resumo

Em nossa comunicação, buscaremos destacar em que consiste a subjetividade enquanto efeito da criação conceitual. Nesse sentido, recorreremos ao pensamento do filósofo Gilles Deleuze em algumas das obras de momentos distintos de sua produção filosófica. Nisso, em nossa exposição, usaremos de maneira acentuada o texto intitulado Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume, de 1953; bem como uma de suas mais notáveis contribuições publicadas ainda em vida, a saber, O que é a Filosofia?, de 1991 – sendo este seu último trabalho feito em parceria com o psicanalista Félix Guattari. À vista disso, examinaremos como a subjetividade é tratada por Deleuze a partir de uma determinação como efeito em aberto produzido pela diferença propiciadora de uma ciência do homem que pode encontrar seu caráter medular na substituição de uma psicologia do espírito por uma psicologia das afecções do espírito. Sendo assim, exporemos como a subjetividade filosófica pode conduzir nossas concepções, enquanto decorrentes do movimento de criação conceitual da filosofia, por caminhos que possibilitem com que deixemos de ter noções acentualmente voltadas para um fazer supostamente filosófico que, a despeito de uma má compreensão da imanência na expressão do pensamento, visa mais falar sobre alguma coisa do que fazer parte dela (assim como ela deste) – por meio de uma tessitura do conceito que abrigue e banhe a nudez da coisa em questão em um cromatismo emergente e oriundo da apreensão direta dela no acontecimento do novo, da novidade diferenciativa, proveniente do permanente movimentar dos elementos primordiais de composição do conceito no tecido diagramático do plano de consistência da Filosofia.

### Palavras-Chave

Deleuze. Subjetividade. Criação conceitual.



## DELEUZE E GUATTARI LEITORES DE ESPINOSA

Sandro Kobol Fornazari  
[sandro.kobol@unifesp.br](mailto:sandro.kobol@unifesp.br)

### Resumo

A comunicação pretende apresentar em linhas gerais as hipóteses da pesquisa que se começa a desenvolver a respeito dos estudos de Espinosa feitos por Deleuze e Guattari. É uma vasta produção que atravessa os escritos de Deleuze até sua produção em parceria com Guattari. Inicialmente se pretende investigar como Deleuze lê o tema da univocidade do ser em Baruch de Espinosa em sua tese complementar Espinosa e o problema da expressão (1968) e de que maneira ela é apropriada em Diferença e repetição (1968) e Lógica do sentido (1969). A partir disso, visa-se acompanhar os desdobramentos dessa “presença” frequente, buscando apreender o alcance e o sentido da filosofia espinosana no âmbito de filosofia da diferença formulada por Deleuze e Guattari. Com isso, o conceito de plano de imanência ganha destaque, visto que, segundo nossa hipótese, Espinosa teria instaurado o mais completo plano de imanência junto com a imagem do pensamento que os filósofos franceses poderiam habitar e mobilizar, com suas variações conceituais confluentes e condizentes. No entanto, a pesquisa terá de lidar com a distinção entre o plano de organização e o plano de consistência em Mil platôs, o que exigirá compreender os novos conceitos postos em operação nessa obra, de inspiração fortemente espinosana, como etologia, hecceidade (com sua longitude e latitude), ser unívoco, individuações sem sujeito, entre outros. Outra hipótese que surge nesse contexto é a do abandono, na filosofia tardia de Deleuze e Guattari, do conceito de virtual ou da própria noção de um princípio transcendental ou genético agindo na constituição do plano de imanência.

### Palavras-Chave

Imanência. Hecceidade. Plano de consistência.





## DELEUZE, GUATTARI E DIREITO: ANTES TARDE DO QUE NUNCA

Daniel Carneiro Leão Romaguera

[danielromaguera@hotmail.com](mailto:danielromaguera@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho de pesquisa parte da obra conjunta de Gilles Deleuze e Félix Guattari, vez que são determinantes para compreender o potencial do direito em sua atualidade. Por aproximações da filosofia política, é que se propõe reformular e enfrentar problemáticas do direito. De início, é preciso considerar o direito como aparelho de estado, ou seja, ele opera por captura, em sua condição molar ou macropolítica. Como também, o direito opera por axiomática no contexto do capitalismo global. O que não significa que o direito não tenha dimensão molecular ou micropolítica, quer dizer, ele está em constante relação com as intensidades que afetam a sua condição de existir, mas que também são afetadas pelo direito. Nessa problematização, há um movimento que abre espaço para pensar a produção social não detida aos limites do direito como lei e nem à categoria de sujeito de direito, mas, pensar uma sociedade de controle, diagramática e regulamentar, algo que Deleuze e Guattari tratam à sua maneira, com ênfase na produção social desejante, agenciamentos coletivos e historicização do direito. Com isso, o direito passa a ser investigado pelas diferenças de forças que determinam suas formas, não limitado a características universais, pois, sua justificação é política. A tarefa da filosofia, então, é a de elaborar conceitos no campo do direito a partir de uma pragmática da sua realização, levando-se em consideração a vida política e seus processos. Toda uma economia política se realiza com o direito, importa pensá-los pela sua potência. Dito de outro modo, interessa menos 'o que são' do que o 'como' do direito. É assim que a filosofia desses autores pode contribuir para enfrentar temas do direito, para além de análises sobremodo jurídicas, dogmáticas e detidas ao aporte filosófico de 'grandes teorias', que parecem reproduzir, negar e dissimular os problemas colocados, enquanto se aproximam as críticas de filosofia política ao direito.

### Palavras-Chave

Deleuze. Guattari. Direito. Filosofia. Crítica.



## DESEJO E PRUDÊNCIA EM SPINOZA E DELEUZE

Mariana De Toledo Barbosa

[mari\\_tb@hotmail.com](mailto:mari_tb@hotmail.com)

### Resumo

A influência de Spinoza na filosofia de Deleuze é assumida em diversas ocasiões. Deleuze chega até mesmo a dizer que toda a sua filosofia tendia a uma grande identidade Spinoza-Nietzsche. Por outro lado, a importância de Deleuze na recepção do pensamento de Spinoza pela filosofia do século XX também é dificilmente questionável, embora seja perfeitamente possível apreciar mais ou menos a sua leitura do pensador luso-holandês. Seja como for, Deleuze faz uma inestimável e original contribuição no modo como recupera o desejo e a prudência da *Ética* de Spinoza, introduzindo esses conceitos no campo de sua ética da experimentação. Trata-se de um roubo, visto que Deleuze se considera, como Bob Dylan, um ladrão de pensamentos. E de uma reorientação vertiginosa, uma vez que seu sistema filosófico lida com outras coordenadas. Como consequência, a perspectiva deleuziana torna perceptíveis, sensíveis e pensáveis alguns aspectos próprios ao pensamento de Spinoza. E, além disso, cria com ele, e na companhia de Guattari, uma nova consistência para o desejo e para a prudência espinosanos, com desdobramentos decisivos para sua própria filosofia.

### Palavras-Chave

Desejo. Prudência. Ética.



## DEVIR E RIZOMA NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DINÂMICA COM O FESTIVAL DE TEATRO FILOSÓFICO

Deoclecio Tadeu Alves Barroso  
dadeoclecio@gmail.com

### Resumo

Este estudo investiga a adoção do teatro filosófico como uma abordagem alternativa para lidar com a tendência conteudista predominante no ensino de filosofia no ensino médio. A pesquisa foi conduzida na Escola Técnica Estadual Senador Wilson Campos, situada em Paudalho, Pernambuco. O foco principal foi a integração dos conceitos de devir e rizoma de Deleuze e Guattari, buscando enriquecer a experiência educacional em filosofia e proporcionar uma aprendizagem mais contextualizada e relevante para os alunos. Diferentemente do ensino tradicional, que muitas vezes se limita à transmissão de conteúdos, o teatro filosófico foi implementado como um instrumento pedagógico. Durante o Festival de Teatro Filosófico realizado na escola, os estudantes tiveram a oportunidade de participar ativamente, aplicando e vivenciando conceitos filosóficos em performances teatrais. Esta abordagem prática visava não apenas a compreensão teórica, mas também a aplicação e a experiência direta dos conceitos estudados. Para avaliar o impacto dessa metodologia, foi aplicado um questionário de 10 perguntas aos estudantes, com ênfase na compreensão dos conceitos filosóficos e no desenvolvimento de habilidades críticas e criativas. Os resultados obtidos indicaram que a abordagem do teatro filosófico facilitou um envolvimento mais profundo e ativo dos alunos com a filosofia. Esta experiência promoveu um aprendizado dinâmico, participativo e significativamente mais envolvente, contrastando com a abordagem conteudista tradicional. A implementação do teatro filosófico na Escola Técnica Estadual Senador Wilson Campos se mostrou não apenas como uma alternativa para enfrentar a tendência conteudista, mas também como uma estratégia eficaz para promover um ensino de filosofia mais rico e contextualizado. Além disso, a pesquisa ressalta a importância de futuras investigações para avaliar os efeitos a longo prazo dessa metodologia no desenvolvimento integral dos estudantes e na melhoria do ensino de filosofia, enfatizando a necessidade de abordagens educacionais que valorizem o pensamento crítico, a criatividade e a participação ativa dos alunos.

### Palavras-Chave

Teatro filosófico. Devir. Rizoma.



## DEVIR-COM OU NÃO DEVIR: POR UMA MATRIZ XAMÂNICA DO PENSAMENTO

Jéssica Barbosa

[jessicabarbosa8@yahoo.com.br](mailto:jessicabarbosa8@yahoo.com.br)

### Resumo

Que significa enfrentar o pensamento contra as forças colonizadoras e destruidoras? Uma cosmopolítica jamais pensada pela cabeça ocidental capaz de assegurar um futuro comum nesse planeta. É preciso superar o privilégio epistemológico do pensamento ocidental que comete o ato de “epistemicídio” (e de “etno-eco-cídio”) ao manter uma posição em que o conhecimento por parte do sujeito exige o desconhecimento por parte do objeto. O encontro entre mundos possíveis implica conflito e alteridade entre imagens de pensamento distintas. Quando se mantém o pensamento em sua imagem dogmática, que distribui a posição dos sujeitos de forma sedentária, pressupõe-se que tudo está dado: o que é ser sujeito, o que é cultura, o que é natureza, o que é o homem. E quem pode melhor indagar-nos, tocando na profundidade ontológica suposta em seus procedimentos epistêmicos, senão o xamã? O xamã não objetiva o outro, mas personifica, toma o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido e, assim, intercambia perspectivas como uma forma de arte-política e diplomacia. Em contrapartida, o pensamento ocidental com seu isolamento metafísico essencial, não comete apenas “epistemicídio”, mas um verdadeiro “etno-eco-cídio”. Enquanto este funciona constituindo fronteiras, transformando humanos em corpos-objeto e corpos-de-extração, biodiversidades em monoculturas, o pensamento xamânico funciona abrindo uma zona de comunicação transversal transespecífica de contágio entre humanos e não-humanos, constituindo um saber que produz o múltiplo. O que acontece com o nosso pensamento autocentrado, antropocentrado, eurocentrizado com a intrusão do xamanismo? O que o pensamento xamânico nos ensina é que há apenas essa alternativa: devir-com, ou não devir em absoluto. É o trabalho do xamã por excelência, basilar, avaliar, mediar a cosmopolítica, servir de diplomata e agir em prol do comum, do futuro comum. Por isso que defendemos aqui, um devir-xamânico para nossas pesquisas científicas, filosóficas, pois tal perspectiva é capaz de ter uma visão integrativa necessária aos desafios emergentes atuais, de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



realizar verdadeiras suturas epistemológicas do pensamento etno-eco-cida com o isolamento metafísico ocidental. Nosso diálogo com a obra de Deleuze e Guattari busca encontrar no confronto com seus conceitos a sua potencialidade mais radical: inquietar a segura posição reflexiva do pensamento e o desafiar a produzir na força dos encontros, novos modos de expressão. Foi nesse sentido que propomos desenvolver.

## Palavras-Chave

Imagem de pensamento. Devir. Xamanismo.



## DIFERENÇA NÃO É TRANSTORNO: A NEURODIVERSIDADE COMO NOVA FRENTE DE LUTA PELA ANTIPSIQUIATRIA

Sabrina Iasevitch Menezes  
[sabrinalsevitch@gmail.com](mailto:sabrinalsevitch@gmail.com)

### Resumo

A separação entre seres humanos e o resto da natureza é artificial, já dizia Espinosa. Nós somos natureza, e a natureza é, em sua essência, múltipla e diversa: precisamos de todos os reinos, filos, classes, ordens, famílias, gêneros e espécies, e de todas as variações dentro de cada espécie. Como humanos, somos diversos na cor da pele, na sexualidade, no gênero, na ancestralidade e, também, em nossas configurações neurológicas. Somos, por natureza, neurodiversos — mas há um problema quando uma determinada neurologia é tomada como padrão e passa a orientar toda a organização social humana de acordo com o seu funcionamento específico. Todas as outras que diferirem desta passam a ser consideradas, em relação a ela, minoritárias ou divergentes — e, conseqüentemente, são classificadas como transtornos mentais pela psiquiatria. É contra esta cultura neuronormativa que luta o movimento da neurodiversidade, surgido nos EUA dos anos 1990 e liderado por adultos autistas que se sentiam insultados pelo olhar patologizante da psiquiatria sobre seus corpos e suas existências. Nesse sentido, este movimento defende não existir um modo que seja, de fato, típico ou normal de sentir, pensar e processar a realidade — não existindo, portanto, um perfil neurológico que poderia ser considerado padrão, em relação ao qual todos os outros seriam minoritários. Tudo o que existe é neurodiversidade, e qualquer terapia que opere no sentido de converter o comportamento do autista em algo mais próximo do considerado típico pela medicina tradicional seria não uma promoção de saúde, mas uma prática de intolerância às diferenças. Para os ativistas da neurodiversidade, uma política que seja efetivamente capaz de promover saúde para autistas deve se orientar no sentido de garantir a eles — e a todos — condições para que possam, simplesmente, ser quem são, com todas as suas peculiaridades e esquisitices. Assim, o movimento da neurodiversidade surge como uma nova frente de luta por uma verdadeira política da psiquiatria — ou antipsiquiatria —, como diziam Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*: um movimento que não só desfaz as reterritorializações



que transformam a loucura em doença mental, como também liberta o movimento esquizoide de sua desterritorialização, na medida em que afirma, pelo novo paradigma da neurodiversidade, o direito inalienável à plena manifestação das singularidades de corpos cujas neurologias ainda são tidas como inadequadas, inferiores, defeituosas, transtornadas.

### **Palavras-Chave**

Autismo. Neurodiversidade. Antipsiquiatria.



## EM BUSCA DO PENSAMENTO QUE AFIRMA: LAMPEJOS A PARTIR DE DELEUZE E NIETZSCHE

Amanda De Almeida Romão  
[amanda.romao@unifesp.br](mailto:amanda.romao@unifesp.br)

### Resumo

Ao considerar a afirmação da vida enquanto um problema filosófico, somos convocados a examinar o solo em que se situa os/as nossos/as aliados/as: a quais forças eles/as respondem? É ele/a capaz de expressar a bela afinidade entre pensamento e vida?. Longe de fornecer respostas que mais serviriam para castrar a invenção e audácia necessárias a cada pensador/a dentro de seu próprio tempo, Nietzsche e Deleuze provocam-nos a buscar “um pensamento que fosse até o limite do que a vida pode, um pensamento que conduzisse a vida até o limite do que ela pode” (DELEUZE, 2018, p. 130). E como tornar isso possível? Nessa imensa tarefa existencial, cabe uma série de distinções - das mais ontológicas até as mais práticas, mas cujo percurso extrapolaria a capacidade temporal de uma comunicação. Fiquemos, então, com a indagação sobre o que seria levar um pensamento até o próprio limite da vida. Grosso modo a partir das obras de ambos, para alcançar um pensamento deste nível é necessário saber estar à altura das grandes tarefas a realizar cabíveis a cada filósofo/a - e, para isso, há que se ter todo um preparo do corpo e do espírito (Nietzsche menciona em seu *Ecce Homo* aspectos relacionados à nutrição, lugar e clima, por exemplo). Se consideramos essa questão premente em nossos tempos, apesar de terem sido forjadas no século XIX e XX, é porque manter viva a capacidade crítica da filosofia exige de nós, filósofos/as, uma atenção às forças (ativas ou reativas) presentes no solo no qual o nosso pensamento é fecundado, atitude que nos permite identificar com mais clareza a quais tarefas somos convocados/as pelo presente e a quais delas nos entregaremos. Com essa comunicação, propomos examinar alguns dos lampejos que ambos os filósofos nos legaram a partir de um percurso detido sobre o conceito de seleção e afirmação da vida - suas aproximações e distâncias, mas tendo um foco especial em tecer a argumentação a partir de Nietzsche e a filosofia. Após esse percurso conceitual, estaremos em condições de pensar se e de que forma Nietzsche e Deleuze poderiam ser aliados para enfrentar os problemas da filosofia no Brasil.

### Palavras-Chave

Afirmação. Vida. Pensamento.





## EM TORNO DE CRÍTICA E CLÍNICA – O LUGAR DE UMA OBRA TARDIA NA FILOSOFIA DE GILLES DELEUZE

Leonardo Maia

[leomaiaufrj@gmail.com](mailto:leomaiaufrj@gmail.com)

### Resumo

Crítica e clínica é, talvez, o principal livro de Deleuze dedicado a uma temática curiosamente central em seu pensamento, envolvendo o termo ‘estilo’. A palavra, porém, não se encontra no título da obra... et pour cause. O ataque direto a um tema, mesmo que maior, é raro em Deleuze e, como ele mesmo dirá a respeito de Spinoza, um texto concebido em linha reta é essencialmente desprovido de estilo (a Ética encontrará o seu, sobretudo, nos desvios representados pelos escólios). Assim, Deleuze, desde o título, ordena uma ‘questão de estilo’: esse apresenta dois mundos reunidos. Mas por que esses? A partir da fórmula inicial de titulação, o livro surge como um cairn, uma série de platôs, muro de pedras soltas. Ou outra coisa. O estilo é a própria experimentação criadora, um tateamento (ou uma hodologia, cartografia). Assim, o caminho adotado será amplo, sinuoso, rizomático. A que campo da Filosofia o livro pertence? O conjunto de textos proposto, suas várias linhas, seria também característico de uma obra tardia, última (essa, por exemplo, a concepção de Adorno ou Saïd, porém em referência a outros autores e artistas). A nosso ver, contudo, Deleuze empresta características particulares à sua própria ‘obra final’, que ele adia e persegue indefinidamente. O estilo não resolve a obra, mas é, sim, método. Nesse caso, a construção e desenvolvimento irão reencontrar (e confirmar) um resultado desconcertante, ao mesmo tempo que brilhante, reafirmando a criação, por Deleuze (com Guattari), de todo um domínio novo no pensamento, ainda mal compreendido (e talvez mesmo por ele, Deleuze – mas Kant sabia estar criando o novo plano do transcendental?). O molecular se mostra, então, como essa região à qual o pensamento crescentemente precisaria avançar, e esse é o desafio renovadamente lançado por esse último trabalho. Desafio ao mesmo tempo político, estético, metafísico – crítico e clínico: ele eventualmente indica toda uma reorganização futura de nossas formas de pensar e de existir. Uma revolução... Deixemos então nossa hipótese para o fim: se o contemporâneo filosófico deve se reorganizar em torno de uma clara perspectiva



anti-fascista (pois qual grande autor/a não enfrentou essa temática ao menos em uma página, um parágrafo?), reivindicar crítica e clínica em conjunto envolve a única possível determinação genérica cabível à obra: são esses os dois grandes eixos de uma perspectiva heurística propriamente contemporânea - fabular uma existência não-fascista.

### Palavras-Chave

Deleuze. Crítica. Clínica.



## ENTRE FECHOS E LACRES: MASCULINIDADES QUEER, CULTURA BALLROOM E AFIRMAÇÃO DE VIDA

Isabela Pinto

[isabelaplbezerra@gmail.com](mailto:isabelaplbezerra@gmail.com)

### Resumo

A cultura ballroom surgiu em Nova Iorque em meados dos anos 1970, como uma resposta de mulheres trans e travestis e homens gays, pretos e latinos, ao racismo que estruturava os antigos balls de drag dos Estados Unidos das décadas anteriores. Com o passar dos anos, foi palco de subversão da hegemonia cisheteronormativa, e da produção de novos processos de subjetivação, que se atualizavam em corpos dissidentes de gênero e sexualidade, corpos queer. Logo, consiste num dos elementos mais preciosos da vivência queer e de suas expressões culturais, especialmente por entender sua importância política, ética e estética. “Ballroom”, do inglês, é traduzido como salão de baile, um espaço essencialmente político, estético e artístico de celebração de corpos dissidentes, tecido por agenciamentos e políticas de familiaridade entre pessoas que vivem, e sempre viveram, sob a necropolítica cisheteronormativa que sustenta os dispositivos disciplinares do Estado. Dentre as dissidências de gênero e sexualidade que compõem a ballroom, têm-se as masculinidades queer, que, com toda sua pluralidade e multiplicidade, dão contorno à produção de subjetividades que implicam em novas relações entre corporeidade, gênero e sexualidade. Além disso, nos ajudam a romper com a cisheteronormatividade, que tanto violenta esses corpos e mitiga suas potencialidades, a partir de suas tentativas de uniformização e docilização. Nesse trabalho etnográfico, pensar em como essas masculinidades compõem a ballroom e a operam como um instrumento por meio do qual se afirma vida, como prática de resistência, de celebração das dissidências e de instrumento de produção de uma estética queer, é fundamental e norteador. A partir da imersão no campo, das bibliografias e da tessitura do trabalho, entende-se que as masculinidades queer, assim como a ballroom, propõem uma nova estética de existência, um modo de vida queer, essencialmente contra-colonial, que rompe com a cisheteronormatividade e afirma a vida.

### Palavras-Chave

Masculinidade queer. Dissidências de gênero.



## FILOSOFIA, ESPAÇO-TEMPO CÊNICO E O MARIONETAR DO TEATRO OCIDENTAL

Sócrates Roberto Fusinato

[rumeiro@gmail.com](mailto:rumeiro@gmail.com)

### Resumo

Gilles Deleuze afirma o Teatro como um Movimento que recusa a abstração, a representação. O Movimento do Teatro é criar-em-resistência em cena. Ao definir o ato de criar, Gilles Deleuze afirma o ato de resistência como espaço-tempo de criação. Eis algumas palavras-conceitos da filosofia de Gilles Deleuze que MARIONETAM, feito corpo-pensamento em cena, este escrito: espaço-tempo, criação, resistência, movimento e teatro. MARIONETAR como verbo? Sim, como conjugação que é coexistência; como criação cênica que é resistência. MARIONETAR, em nosso Ocidente de Razão e Autonomia, pode, relacionar-se com o ser manipulado, com o manipular mundo com intenções suspeitas, escondidas, com verdades absolutas, com mentiras que se sustentam. Aqui, a palavra-conceito MARIONETE é verbo que exige conjugação: MARIONETAR. Trata-se de pensá-la, cenicamente, como afirmação de criação-em-resistência de tudo que há. MARIONETAR. Um campo de relações cênicas possíveis. Uma exposição de espaços-tempos de cena que se dão em montagem feita de palavras-imagens-sonoridades, em movimento de criação-em-resistência. Não existe, nesta rumeirança cênica, a possibilidade de rumar meramente espectando. Existe o marionetar, sendo criador-criatura, sendo ator-espectador de espaços-tempos de cena. Em um espaço-tempo de cena tudo se faz corpo-campo de relações cênicas possíveis, sustentáveis, suportáveis. A MARIONETE suporta e dá suporte, é suporte-poema, é suporte-dramaturgia. O MARIONETAR é um suportar em cena teatral; é um suportar para cena teatral. O Teatro, de formas animadas ou não, é um MARIONETAR. Como espectador atua-se; atores-espectadores. Teatralidade é feita de MARIONETAR em cena. MARIONETAMOS em coexistência espaços-tempos comuns.

### Palavras-Chave

Teatro. Espaço-tempo cênico. Marionetar.



## FUTEBOL E CIÊNCIA NÔMADE – UMA INTERPRETAÇÃO POSSÍVEL DA ARGENTINA DE 2022

Vinicius Falcao Oliveira Carneiro  
[pentoxibenzeno@gmail.com](mailto:pentoxibenzeno@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa tem como “mote” dois textos, primeiro a terceira proposição do Platô número doze de “Milles Plateaux” intitulado “Tratado de nomadologia: a máquina de guerra”, onde os autores (Deleuze e Guattari) versão sobre certa oposição entre uma “ciência nômade” (ou menor) e outra “régia” – e mostram, para além de uma oposição dura, entre elas, uma composição constante, uma série de atravessamentos e tentativas de apropriação de um domínio sobre o outro. Por outro lado, o segundo texto que serve de “mote” é de Pasolini, datado de 1971 tem como título (em uma tradução livre) “O futebol é uma linguagem com seus poetas e prosadores” – em que o autor (sob o impacto da seleção brasileira vencedora do tri-campeonato mundial no México em 1970) diferencia um futebol “em prosa” (europeu) de outro em poesia (sulamericano). Esta copa foi marcante por ser a terceira vez que a seleção brasileira vencia a copa, conquistando em definitivo a “taça Jules Rimet”, como era a regra da época. A copa de 2022 é igualmente emblemática porque, depois de vinte anos uma seleção sul-americana voltou a conquistar a copa do mundo, a seleção argentina e jogando de uma maneira completamente fora do usual: modificando os jogadores e as estratégias de acordo com cada adversário, sempre em nome de manter o estilo fluído que marcou a sua preparação, com um chamado “jogo funcional”, contrário ao modelo que se consolidou no século XXI: o jogo de posições. Tal modelo se consolidou nas últimas quatro copas do mundo (que tiveram como campeãs Itália, Espanha, Alemanha e França, respectivamente), mas foi derrotado pela fluída Argentina de 2022. Esta é precisamente a brecha encontrada para desenvolver este trabalho: uma Argentina nômade, fluída, mais preocupada com problemas pontuais que com leis universais, mas que não pode ser entendida pela falta: pela falta de uma lógica de ocupação de espaços, pela falta de uma organização, a Argentina apostou no (e quis o) caos, jogar a favor do caos e assumir como modo de jogo. Nesse sentido, partindo dos textos anunciados anteriormente, esta pesquisa buscará mostrar como, no futebol, seria possível pensar em uma ciência nômade - ou, dito de outro modo, como seria possível encontrar sinais de uma ciência nômade no/do futebol.

### Palavras-Chave

Ciência régia. Ciência nômade. Futebol.



## G. DELEUZE: CANCELAMENTO OU CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DE UM PÓS-HUMANISMO FEMINISTA?

Ruben Alberto Matesan  
[quelalluviatealvie@gmail.com](mailto:quelalluviatealvie@gmail.com)

### Resumo

Se levarmos em conta que a rubrica da humanitas do homem se coloca como “o” cânone hegemônico de uma essência que dominou –e não minou– a postulação de um sujeito arquimédico, autônomo e autosustante, não é estranho que também ignorou a tensão inscrita entre o dado e o construído, o natural e o cultural, o biológico e o artificial –se esta dicotomia existir–. Tal excepcionalidade antropocêntrica, na trama filosófica sobre um sujeito fixo cuja textura guarda basicamente uma relação na emancipação do homem racional –leia-se progresso contínuo da razão e a técnica– tem sido desarticulada por cortes e rupturas, em sua versão pós-moderna ou mais especificamente, na letre de G. Deleuze com sua abordagem em torno da concepção maquínica do sujeito movel, ou melhor, nômade. Nesse sentido, acreditamos que D. Haraway revisita criticamente tal filósofo e cria uma nova concepção do “humano”: o pós-humanismo ciborgue, isto é, um organismo cibernético, um híbrido de máquina e carne, uma criatura da realidade social e também da ficção.

### Palavras-Chave

Sujeito fixo. Sujeito nômade. Lógica ciborgue.



## GEOFILOSOFIA E O PENSAMENTO AFRO-PINDORÂMICO

Ana Carolina Noffke

[pindorama.ana@gmail.com](mailto:pindorama.ana@gmail.com)

Ester Maria Dreher Heuser

[esterheu@hotmail.com](mailto:esterheu@hotmail.com)

### Resumo

Nego Bispo criou o termo “afro-pindorâmico” para se referir aos povos formadores da sociedade brasileira e às suas cosmovisões, com o intuito de retirar o véu do senso comum sob os povos quilombolas, indígenas, politeístas e policultores. Esses povos constituem modos de existência e de saberes consolidados, ainda que marginais em relação aos olhos e ouvidos da filosofia tradicional eurocentrada. A partir de um pensamento circular em relação à terra e à Natureza, contracolonial em relação à colonização da América, e oral em relação à escrita, Bispo propõe um caminho de biointeração como alternativa civilizatória, isto é, um caminho de relação direta e respeitosa com a terra e seus elementos. A partir de uma perspectiva comunitária de desenvolvimento, e de não verticalidade do humano em relação à terra e à Natureza, o pensamento de Nego Bispo, mas também de outros pensadores afro-pindorâmicos, como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, nos oferece uma perspectiva de pensar um devir-outro da filosofia, implicado na criação de modos de existência contracoloniais. Sob influência de Júlio Cabrera, esse estudo se ocupa em abordar as filosofias afro-pindorâmicas como um plano de imanência sob o qual problemas e conceitos são elaborados e criados desde o Brasil. Essa perspectiva se avizinha ao programa de uma Geofilosofia, tal qual apresentam Deleuze e Guattari em seu último trabalho conjunto, mas também a outros traços direcionais do plano de pensamento elaborado pelos dois franceses. Apesar das vizinhanças, o presente estudo modula o questionamento, indiretamente afirmativo, feito por Deleuze e Guattari, de que só alguns países foram capazes de produzir filosofia no sistema capitalista, a saber, França, Alemanha e Itália. Ademais, busca atualizar uma das problemáticas levantada pelos autores de que, no presente, possuímos os conceitos, mas não temos um plano.

### Palavras-Chave

Geofilosofia. Afro-pindorâmico. Contracolonial.



## GILLES DELEUZE E O CONCEITO DE ACONTECIMENTO COMO O ATO DE UMA INDIVIDUAÇÃO INTENSIVA

Carlos Henrique De Moraes Machado

[petrus166@gmail.com](mailto:petrus166@gmail.com)

### Resumo

Se para Deleuze a filosofia se ocupa de criar conceitos, ele foi profícuo nesta tarefa ao longo de sua vida filosófica. Os conceitos funcionam para Deleuze como um patchwork que garantirá a coerência de seu sistema filosófico e como um conjunto de elementos independentes que formam um todo organizado. Dentre os diversos conceitos criados por Deleuze, certos conceitos podem ser tomados como parte da espinha dorsal do seu pensamento. É nesse rol que se encontra o conceito de acontecimento, que pode ser tido como um elemento de suporte para a démarche deleuziana. Nossa tarefa, aqui, será aprofundar o sentido do conceito de acontecimento a partir de três momentos principais: o primeiro presente na Lógica do sentido (1969), o segundo em A dobra: Leibniz e o barroco (1988) e o terceiro na articulação que é feita em O que é a filosofia (1991). O que pretendemos demonstrar, a partir destas três abordagens, é de que modo o acontecimento pode ser tido como o *eventum tantum* impessoal que transforma o tempo de Cronos em Aion, como ele ganha a condição de operador das sínteses disjuntivas entre séries heterogêneas e em que sentido ele funciona como um crivo que faz o virtual mergulhar no atual e, ao mesmo tempo, faz o atual buscar no virtual a sua potência de individuação como um processo no infinitivo.

### Palavras-Chave

Deleuze. Acontecimento. Aion.





## HÁ LIMITES NA EXPRESSÃO ILIMITADA? UM DEBATE ENTRE DELEUZE E CHAUI A RESPEITO DE ESPINOSA

Benito Eduardo Araujo Maeso  
[benito.ly@gmail.com](mailto:benito.ly@gmail.com)

### Resumo

Em Espinosa e o Problema de Expressão, Gilles Deleuze aponta a existência de duas tríades de expressão na filosofia do autor luso-holandês: na primeira, a substância se expressaria em infinitos atributos que indicam qualidades específicas. Na segunda, a expressão de cada atributo ocorre em infinitos encadeamentos causais de infinitos modos, ou modificações específicas da essência da substância expressa por seu respectivo atributo. Se é a mesma potência infinita da Natureza que se expressa de forma simultânea e na mesma ordem e conexão nos modos de todos os atributos, visto que, conforme Espinosa, a ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas, a leitura de Deleuze estabeleceria uma correspondência entre os modos possíveis dos diferentes atributos da Substância, acarretando um tipo de paralelismo ontológico entre a ideia e seu objeto que, para Deleuze, implicaria apenas a correspondência, a equivalência e a identidade entre um modo do pensamento e outro modo tomado num único atributo bem determinado (no caso, a extensão como único outro atributo conhecido: assim o espírito, ou mente, seria a ideia do corpo e de nada mais). Porém, esta operação conceitual, explicitada pelo autor francês, não é isenta de críticas: para Marilena Chaui, a posição deleuziana acabaria por criar um tipo de hierarquia entre tais elementos (modos, atributos e Substância) ao invés de conduzir à percepção de uma multiplicidade de modos geradora de infinitas possibilidades de expressão. Para a autora, a questão deve ser vista como equiparação das potências dos atributos e não a aderência e identidade entre os modos sobre os atributos ou substância, o que nos leva a uma interpretação do conceito de imanência por parte de Chaui em um sentido completamente oposto ao apresentado por Deleuze. A partir desta diferença interpretativa dos autores sobre o espinosismo, ainda em seus estágios iniciais, busca-se iniciar um trabalho de diálogo entre ambos os autores em direção a outras questões levantadas por seus edifícios teóricos.

### Palavras-Chave

Gilles Deleuze. Marilena Chaui. Expressão.



## LINHAS DE UMA FILOSOFIA POLÍTICA (MENOR) PORVIR: EM TORNO DO DEVIR-PALESTINO DE DELEUZE

Ester Maria Dreher Heuser  
[esterheu@hotmail.com](mailto:esterheu@hotmail.com)

### Resumo

Uma confusão fez com que a vergonha entrasse na filosofia: o olho cansado de um filósofo tomou um alemão por um grego, um fascista por um criador de existência e liberdade; perdeu-se ao se enganar de povo, de terra, de sangue. Ao invocar um povo de sangue puro afastou-se também da terra da filosofia. Assim Deleuze e Guattari (1992, p. 141) resumem o movimento abjeto de reterritorialização feito por Heidegger sobre o nazismo e distanciam-se de qualquer ambição de encontrar uma raça pura pela filosofia, mas também de constituir uma terra e um povo ausentes em nossas democracias, pois elas só se orientam por padrões, por majorias submetidas a modos de existência e de pensamento a serviço do mercado. No crepúsculo de suas vidas, nos legam linhas para uma filosofia política (menor) porvir. Filosofia motivada a criar pelo sentimento de vergonha do presente, da baixeza e da vulgaridade dos modos de existência e de pensamento a serviço do mercado, vergonha frente aos valores, ideias e opiniões de nossa época. Filosofia que se produz em uma zona de indiscernibilidade em que entram em relação a filosofia com a não-filosofia, a fim de produzir uma filosofia mestiça, popular: “o filósofo deve tornar-se não filósofo, para que a não-filosofia se torne a terra e o povo da filosofia” (1992, p. 142). Nas linhas que legamos está a mensagem de que cabe a um filósofo político menor reunir as suas forças e invocar um povo, escrever diante dele, enquanto este próprio povo se cria a custas de sofrimentos abomináveis e que, por isso, é incapaz de cuidar de filosofia. Ora, não foi exatamente isto que Deleuze fez ‘diante do povo’ da Palestina quando escreveu, ao menos em quatro ocasiões, sobre o que se passava com eles e com sua terra? Esta comunicação se propõe a elaborar uma montagem desses textos como um gesto de (re)escrita frente ao povo palestino que, abominavelmente, sofre, talvez como nunca, mas que resiste à morte, à servidão, ao intolerável, ao presente e à vergonha de ser humano.

### Palavras-Chave

Filosofia política. Menor. Vergonha.



## MÁQUINAS ABSTRATAS E MÁQUINAS CIBERNÉTICAS DE TIPO 3

Ricardo Araujo Parro

[ricardoaparro@gmail.com](mailto:ricardoaparro@gmail.com)

### Resumo

As máquinas abstratas atuam no nível de um transcendental-histórico prático-desejante-ético, ao nível da liberdade, o que situa um pouco melhor o estatuto da revolução molecular, de uma bifurcação política segundo o diagnóstico filosófico do nosso “tempo do mundo”. A literatura secundária não deixa de apontar para o fato de que os conceitos esquizoanalíticos são muitas vezes contrabandeados das ciências de sua época. Apesar disso, pouco esforço é feito para avaliar o tipo de roubo ou o que esse roubo implica para o próprio conceito. Pretendemos expor brevemente alguns resultados que situam melhor não apenas como a máquina abstrata indicava um embate com a linguística chomskyana, mas o quanto o conceito estava ligado ao nascimento da teoria da computação e às máquinas de Turing. Diante do aparato conceitual nascente na época e que até hoje vemos pulular na superfície do pensamento, Deleuze e Guattari procuraram lançá-lo no caos do sem-fundo do pensamento. Um mero conceito científico, uma noção ou proposição, é assim elevado ao nível ético da própria produção desejante de seu tempo a fim de colocar em jogo a própria política do pensamento.

### Palavras-Chave

Esquizoanálise. Máquina abstrata. Máquina de Turing.



## MICROPOLÍTICAS CONTRACOLONIAIS DO SENSÍVEL NA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim  
[akarraes@gmail.com](mailto:akarraes@gmail.com)

### Resumo

No atual cenário social e político com o avanço do capitalismo neoliberal, há um agravamento das desigualdades sociais, das violações dos direitos humanos e da constituição de uma necropolítica (Mbembe, 2018), produzindo grandes contingentes humanos de vidas precárias (Butler, 2015). Nos contextos latino-americanos, este cenário coloca-se de modo mais grave como efeitos do processo histórico-social da colonização, com profundas marcas deixadas pelo escravismo, entre outras formas de exploração. Essas marcas compõem a colonialidade e a traumatogênese dos processos de subjetivação contemporâneos. Assim, a filosofia da diferença e as humanidades são chamadas a investigar a produção de subjetividades nesses contextos de precariedade da vida humana, considerando os elementos traumáticos e de exploração coloniais e indicando caminhos decoloniais e contracoloniais de resistência capazes de afirmar as vidas. Para isso, os pesquisadores precisam desenvolver abordagens metodológicas capazes de abordar com sensibilidade pessoas e grupos em diferentes contextos socioculturais, o que impõe demandas éticas, estéticas e políticas aos pesquisadores que, não raro, vivenciam realidades muito diversas daquelas estudadas e atualizam, em seu próprio corpo, aspectos da colonialidade. Como formar pesquisadores sensíveis a esses elementos, a essas questões e desafios que se colocam na atualidade? Como produzir na vida universitária espaços de formação e pensamento capazes de promover esta desterritorialização nos modos coloniais que nos habitam? Será que é possível tatear as fronteiras e buscar uma posição marginal, borrada e porosa nas Universidades e núcleos aos quais pertencemos? Investimos o desejo de transitar pelas bordas, as margens que desenham os espaços-tempos acadêmicos para criar passagens, outras paisagens, num exercício de ensinar como transgressão (bell hooks, 2022). Assim, pretendemos discutir alguns fundamentos dos métodos cartográficos de inspiração esquizoanalítica, transversalmente a leituras decoloniais e contracoloniais, de modo a contribuir para o que chamamos de micropolíticas contracoloniais do sensível em pesquisa.

### Palavras-Chave

Micropolítica. Contracolonialidade. Pesquisa.



## MINORIAS E DEVIR DOS POVOS

Zamara Araujo Dos Santos  
[zamaraaraujost@gmail.com](mailto:zamaraaraujost@gmail.com)

### Resumo

Desde a obra Kafka, por uma literatura menor, Deleuze e Guattari buscam as bases que qualificam uma minoria e um povo menor; as conjugações de uma língua e literaturas que escapam a uma maioria como modelo e gravitam em torno de uma enunciação coletiva; a enunciação coletiva de um povo menor, a literatura como agenciamento coletivo de enunciação, máquina de expressa de todos os povos menores. Em Mil Platôs o problema surge como um projeto que se institui no campo político, a saber: compreender as sociedades pelo que elas, a partir delas e nelas fogem, o que consiste em pensá-las menos por suas contradições do que por suas linhas de fuga; aliado a isso, compreender que a definição de sociedade como classe não abarca as conexões e dramas diferenciais que cruzam as relações, e nesse sentido, afirmam que é preciso considerar as minorias em detrimento das classes. A minoria não significa o quantitativo em escala numérica, mas a potência de um devir que tenciona uma maioria como poder ou impotência seja de um estado, um contexto, uma ordem, uma situação..., que se impõem como uma constante que servirá de padronização daquilo que desvia, que escapa... A maioria impõem seus modelos e padrões como unidade universal de forma a rivalizar com o outro que define como uma minoria, estabelecendo as categorias universais do pensamento como padrão: homem, branco etc..., e toda forma de hegemonia exercendo assim sua dominação sobre os povos sujeitados. O que pretendemos com este trabalho é pensar sob que condições o povo constitui uma minoria criadora e de que maneira se deflagra o devir dos povos.

### Palavras-Chave

Deleuze-Guattari. Minoria. Devir dos povos.



## MODOS DE EXISTIR EM DESAFIO À NORMATIVIDADE: UMA PROPOSTA DE SUBVERSÃO DAS ESTRUTURAS DOMINANTES

João Vitor Gaudencio De Lima

[joaogaud555@gmail.com](mailto:joaogaud555@gmail.com)

### Resumo

Essa comunicação explora e questiona algumas das formas de submissão nas relações, nas práticas e nas experimentações que nos perpassam. A discussão se guia a partir de conceitos coletados nas obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na intenção de compreensão, análise e problematização das questões trazidas. A intenção é de voltar o olhar para as micro e macro estruturas que compõem os modos de vida, considerando suas articulações. As estruturas (tanto as micro, quanto as macro) podem realizar um pretenso movimento de organização das relações sociais e experimentações que realizamos e, nesse sentido, essa movimentação pode se submeter a uma normalização das articulações nela inseridas. Um campo social se torna um plano necessariamente de organização quando considera apenas o que sua estrutura é capaz de abarcar. O problema que destacamos neste tipo de movimento de estratificação e organização das práticas e relações sociais é o que ele considera legítimo ou ilegítimo. Num plano de organização, a legitimidade está apenas com as relações, práticas e experiências que sua estrutura considera organizadas. Os critérios dessa legitimação normativa estão localizados, geralmente, nas formas dominantes de raça, gênero e classe. Estamos questionando esta tal legitimidade fundada sobre formas de normalização dos corpos e do que afetam. O que se perde, neste plano de organização, são os movimentos que não se deixam organizar, ou seja, todo os conjuntos de práticas, de relações e de experimentações que fogem do movimento de organização normalizada pretendido por este tipo de plano. Trabalhamos com a hipótese de uma subversão da estrutura organizada; o que implica na promoção da expressão das mais diversas e plurais formas de existir, gerando maior liberdade de expressão e de ação tanto a nível micro quanto macro estruturais. Reverter as formas de normalização social possibilita a efetuação concreta de modos de existir que seriam limitados e negligenciados por uma estrutura normativa dominante. Nesse sentido, as minorias desempenham um papel de protagonismo no campo político quando,



diretamente, desafiam a lógica da normatividade e a razão organizadora dominante. Com Deleuze e Guattari, queremos libertar os corpos e seus modos de existir das movimentações dominantes que os limitam. Subvertendo as estruturas dominantes e revirando as formas de dominação dos corpos e dos afetos, miramos na criação de espaços em contato com o que é diferente e que se nutre da diferença.

### **Palavras-Chave**

Modos de existência. Subversão. Deleuze/Guattari.



## “NÓS FALAMOS A MESMA LÍNGUA, E TODAVIA EU NÃO ENTENDO VOCÊ”: COMO CRIAR PARA SI UM CSO NA COLÔNIA

Gustavo Silva Dos Santos  
[gustavosilva.nave@gmail.com](mailto:gustavosilva.nave@gmail.com)

### Resumo

Achille Mbembe nos alerta para o modo como a história moderna, para sustentar seus empreendimentos, necessitou subsidiar um certo discurso colonial que, na maior parte de seu tempo, se encarregou por produzir, replicar e reiterar imagens e figuras animalizadas, irracionais, objetificantes e fetichizadas quando se voltava para o povo negro e colonizado. Essas imagens são aquelas que serviram de base e deram origem ao sujeito racial enquanto uma espécie de mineral vivo, mercadoria que poderia (e deveria) ser explorada à exaustão para que dela se extraíam recursos valiosos despendendo pouco o nenhum gasto. A colônia é o lugar por excelência onde o colonizador pode deixar os fluxos de desejo correrem livremente. Onde ele é a própria figura do agente sobrecodificador, que instituí quais são os limites apenas para fazê-los se modificarem logo em seguida. É nessa medida que é possível atribuir características e propriedades ao colonizado que oscilam a seu bel-prazer, numa espécie de poder sádico e metamorfoso, que desfaz e refaz o negro a todo tempo, em todo lugar. É por esse motivo que o poder colonial se define por sua arbitrariedade absoluta. O objetivo final do colonizador é submeter ao máximo a existência do negro à sua. O tornar um nada, um vazio que será preenchido apenas por seus comandos. Mas, seria mesmo isso possível? Tratar-se-ia de um jogo perdido, de cartar marcadas, onde não haveria possibilidade de luta e revolução? O que nos interessa demonstrar por meio dessa comunicação é o modo como Mbembe explora, assina-la e nos entrega ferramentas para pensar a existência negra para além do paradigma da morte social e do pessimismo racial. Se é sempre através de um caráter arbitrário, móvel, polimorfo — e por vezes mesmo antinômico — que se opera o poder da violência colonial, é preciso dizer que a feitura desse sujeito plástico não existe sem apresentar qualquer tipo de resistência e disputa com relação ao poder. Em verdade, é precisamente a potência infinita da carne que trará espaço para abertura e reinvenção ali mesmo onde achava-se ser impossível. E isso se dá bem diante dos olhos do colonizador, num jogo





de sombras e meias-verdades, apelando para usos subterrâneos da imagem, bem como da linguagem. Para tanto, Mbembe retraça certa influência deleuzo-guattariana em sua empreitada, ao resgatar conceitos (CsO, viande) que nos levarão a perceber que há na figura do escravizado a chave para se pensar a dimensão de possibilidades infinitas do corpo.

### Palavras-Chave

Corpo sem órgãos. Poder. Raça.



## NOTAS CARTOGRÁFICAS: POR UMA ÉTICA E POLÍTICA DA AMIZADE ENTRE PESSOAS QUE CONSOMEM DROGAS

Indianara Ferreira

[indianarafdes@gmail.com](mailto:indianarafdes@gmail.com)

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim

[akarraes@gmail.com](mailto:akarraes@gmail.com)

Brígida Cavalcanti Alves

[brigida\\_cavalcanti@hotmail.com](mailto:brigida_cavalcanti@hotmail.com)

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano

[viniciuspsicologiapg@gmail.com](mailto:viniciuspsicologiapg@gmail.com)

Yasmim Nascimento De Oliveira

[yasmimnascimento.yno@gmail.com](mailto:yasmimnascimento.yno@gmail.com)

### Resumo

Muitas noções sobre a amizade foram elaboradas no decorrer do pensamento humano, desde os tempos pré-socráticos até os dias atuais. A própria palavra filosofia - *philos* (amizade, amor fraterno, respeito) e *sophia* (sabedoria) - que quer dizer “amizade pela sabedoria”. No entanto, a amizade não é um tema que concerne apenas à filosofia e uma preocupação apenas dos filósofos, não sendo possível uma definição e/ou conceituação da amizade. No trabalho aqui apresentado, não propomos uma definição sobre a amizade com a finalidade de demarcá-la e circunscrevê-la numa gramática explicativa e objetivista uma vez que nos interessamos mais pelos desvios, efeitos e processos de produção da amizade em um plano de imanência que nos permita percorrer o fio de três perguntas: O que pode a amizade com e entre pessoas que consomem múltiplas drogas? A partir de uma pesquisa-intervenção cartográfica, realizamos dispositivos grupais, entrevistas e como meio de análise utilizamos diários de bordo (individuais e coletivos), narrativas escritas e materiais estéticos produzidos pelo coletivo. A partir desta experiência, tecemos um diálogo entre Gilles Deleuze, Félix Guattari, Merlin Sheldrake e Michel Foucault. Neste diálogo, seguimos aqui nosso trajeto a partir de três fios: I) A dimensão ética-política-estética da amizade no



campo das drogas, anunciando outros olhares, experiências e possibilidades que rompem com a concepção hegemônica da amizade enquanto má influência e/ou fator de risco para afirmá-la como produtora de vida e outros mundos possíveis; II) A produção de vida e de outros modos de vida decorrem da produção micropolítica de redes invisíveis de amizade que nomeamos aqui de redes fúngicas: redes que escapam às formações universais do moralismo, proibicionismo e colonialismo (que marcam violentamente e profundamente a vida de pessoas que consomem drogas, principalmente as negras, pobres e periféricas em nosso país) e que também tensionam a esfera macropolítica. III) a amizade como experiência através da qual é possível aprender com o outro evidenciando a produção de saberes profanos e de uma pedagogia profana no campo das drogas – saberes que se encontram marginalizados e minorizados dentro dos discursos hegemônicos sobre drogas. Concluimos que a amizade, em suas dimensões éticas, estéticas e políticas, incidem, portanto, em novos modos de se relacionar com o outro e em novas práticas sociais - individuais e coletivas - numa direção ecosófica da vida e do viver.

## Palavras-Chave

Amizade. Ética. Micropolítica. Drogas.



## O CONCEITO DE DIAGRAMA EM DELEUZE E GUATTARI: UMA RAPIDINHA COM CHARLES SANDERS PEIRCE?

Diego Marques

[diegomarques@unifesspa.edu.br](mailto:diegomarques@unifesspa.edu.br)

### Resumo

O propósito deste trabalho é problematizar a captura que Deleuze & Guattari fazem do conceito de diagrama proposto por Charles Sanders Peirce. Desconfio que Deleuze & Guattari podem ter caído na “armadilha” da redução da filosofia de Peirce à semiótica. A aludida “arapuca” estaria fundada no desconhecimento da ampla arquitetura filosófica de Peirce e seu caráter sistemático. Essa ignorância seria explicada pela indisponibilidade dos textos peirceanos nas décadas de 1970-80. Seja nos livros de Deleuze sobre o cinema, seja no *Mil Platôs* em parceria com Guattari, seja nos livros de específicos de Guattari, como *Caosmose*, os franceses referenciam apenas um texto de Peirce: “*Écrits sur le Signe*”. Esse texto é uma versão francesa que representa uma ínfima parte dos oito volumes dos *Collected Papers* de Charles Sanders Peirce, editados pela Harvard University Press. Nos aludidos textos, Deleuze e Guattari reduzem a noção de diagrama em Peirce a sua classificação semiótica: o segundo grau de um hipóicone. Esse tipo de signo sugere as relações de um dado objeto por meio de suas próprias relações: um ícone de relações. No entanto, a noção de diagrama na arquitetura filosófica de Peirce é anterior à semiótica. É na matemática, a ciência mais abstrata da arquitetura do pensamento peirceano, que o conceito de diagrama é mais trabalhado. Segundo Peirce, não importa ao matemático relações de representação com a realidade. O matemático constrói um mundo possível para o pensamento: o diagrama. Assim, o diagrama na matemática é expressivo e não representativo. É nesse sentido que Peirce sugere que o trabalho do matemático é muito semelhante ao do artista ou do poeta: eles inventam modos imanentes de pensamento. A noção de diagrama no escopo da matemática de Peirce, portanto, é genética, imanente, abstrata, expressiva, ontológica e autopoietica. Agrada-me a ideia de que o diagrama matemático em Peirce seria mais simpático à filosofia de Deleuze & Guattari do que sua atualização semiótica. Assim, se utilizarmos a imagem de que um filósofo “enraba” o outro, os filósofos franceses deram apenas uma “rapidinha” com Peirce. Sugiro que Peirce teria potencial para uma “enrabada” mais sistemática se Deleuze & Guattari tivessem acesso à sua obra completa.

### Palavras-Chave

Filosofia da diferença. Matemática. Semiótica.



## O DIREITO DOS QUE ESTORVAM

Leandro Lelis Matos

[leandrolelism@gmail.com](mailto:leandrolelism@gmail.com)

### Resumo

Em um artigo publicado no *Le Monde*, em 1978, Deleuze denuncia a situação do povo palestino, que se encontra sob o ataque desproporcional pelo Estado sionista de Israel no sul do Líbano. Nas palavras de Deleuze, “Para todo o mundo, os palestinos, gente sem terra nem Estado, são um estorvo” (Deleuze. *Dois regimes de loucos*, p. 169), e a única perspectiva que é posta no horizonte dos palestinos é a morte. O referido texto tem como intento clamar à comunidade internacional o reconhecimento dos palestinos como “interlocutores válidos”, já que foram imersos em um estado de guerra pelo qual não deveriam responder. Ampliando a constatação para outros grupos que sofrem reiteradas violências atualmente, os que “estorvam” são as lutas, não apenas dos palestinos, mas dos povos originários, das populações LGBTQIA+, dos Quilombolas, dos Sem-terra. O que está em jogo nessa leitura é a “luta das minorias”, ou seja, a luta pelo direito de existência dos acometidos por processos de destituição de legitimidade e encontram-se sem corpo, sem terra, sem linguagem; justamente os que deixaram de ser percebidos por não mais corresponderem às exigências dos sistemas dominantes, mas que precisam exercer a sua existência de fato e de direito. Diante desse quadro, pretende-se abordar a “questão de direito” (*quid juris?*), que remonta ao problema do fundamento em Diferença e repetição, até o alcance político em *Mil platôs*, visando o direito de legitimidade da existência de combates que foram tornados invisíveis e inaudíveis. Para enfrentar problemas urgentes referentes às minorias de direito, que afetam o Brasil e parte do mundo em 2024, serão mobilizados os conceitos de minoria, devir, diferença, máquina de guerra, dentre outros. Assim, discutir-se-á a legitimidade filosófica e política das minorias, ou dos que “estorvam”, uma vez que Deleuze, com e sem Guattari, reivindicou o direito de os excluídos existirem por si, seja na filosofia, seja na arte, propiciando assim novas superfícies e maneiras distintas de habitá-las.

### Palavras-Chave

Deleuze. Política. Direito. Existência.



## O ESTILO DE ANDRÉ NOVAIS OLIVEIRA: DIFERENÇA DE TEMPO E AUSÊNCIA DE INTRIGA

Rodrigo Gueron  
[rodrigogueron@gmail.com](mailto:rodrigogueron@gmail.com)

### Resumo

Vamos propor, em nossa apresentação, pensar a partir do cinema de André Novais Oliveira, um dos destacados diretores da produtora Filmes de Plástico, da cidade de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. No cinema de Novais veremos o que pode ser definido como um “estilo” ou, talvez, um “método-estilo”. De maneira geral, poderíamos dizer que esse estilo se caracteriza por uma forma particular de mobilizar a função fabuladora, pela maneira singular de trabalhar em uma zona onde a ficção e o documental se tornam indiscerníveis (ou a mudança do contrato entre ficção e verdade, como sugere Adirley Queirós), pelo jeito especial de entrar nos espaços domésticos, de captar (ou construir?) as situações e os tempos destes espaços e, ainda relacionado a este último aspecto, um modo especial de colocar a câmera em muitos dos seus planos, especialmente em *Ela Volta na Quinta* (2015) o que chamaremos de “câmera íntima”. Mas, sobretudo, vamos enfatizar que é a introdução de uma diferença de tempo a estratégia decisiva do “método-estilo” de André Novais Oliveira. Esta acontece no movimento mesmo em que Novais libera o seu cinema, liberando personagens, imagens e situações, de toda e qualquer intriga. Descreveremos então a intriga como um modo de tipificação, percebida pelo cineasta de Contagem, daquilo que Deleuze chamou, já no seu primeiro livro sobre cinema, *Imagem-Movimento, Cinema 1*, de ligação sensorio motora, ainda que o filósofo não a tenha descrito dessa forma e, talvez, não tenha percebido a importância da intriga para que esta ligação funcione como um esquema de sujeição de imagens e personagens que ajudam a constituir um tempo hegemônico, majoritário. Chamamos então a atenção que Novais cria filmes livres de toda intriga, trabalhando exatamente em espaços e situações onde estas tendem a predominar no cinema majoritariamente feito: os espaços familiares e suas relações, as relações de casal, e mesmo as relações de trabalho, vizinhança e amizade, nesse caso mais ou menos confundidas — saudavelmente confundidas — em *Temporada* (2019). Proporemos então que a operação da diferença de tempo é a que libera os filmes da intriga, focando principalmente na recente obra do diretor *O Dia que te Conheci* (2023).

### Palavras-Chave

André Novais. Estilo. Diferença de Tempo.



## O MORALISMO BOLSONARISTA COMO FUNDAMENTO DO FASCISMO: UMA LEITURA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI

Edinho Benésio Santos  
[edinho.santos@ifto.edu.br](mailto:edinho.santos@ifto.edu.br)

### Resumo

O intuito da pesquisa é de investigar o modo pelo qual o bolsonarismo ascendeu tão rápido a partir do uso de um moralismo que permitiu ataques constantes e violentos à democracia desde o impeachment da Dilma Rousseff. A intenção é mostrar de que modo a ideologia política bolsonarista contribuiu para sufocar a democracia, desconsiderando o aspecto plural da política, o conflito e o diálogo. As transformações sociais e culturais no Brasil durante pouco tempo retrocederam. É sobre esse perigo iminente que a pesquisa tenta se debruçar. Por esta razão, uma interpretação do fenômeno a partir da leitura da obra *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, pode ajudar na compreensão desses comportamentos radicais conservadores que contribuem para promover uma política fascista. O problema do fascismo é o problema da filosofia política. Frente a isso, é importante questionar relações que adotam a violência como regra e que deixam de lado leis fundamentais e racionais para orientar-se por ideologias que disseminam ódio. Diante disso, é preciso resistir e romper com essa arquitetura social, conservadora e cronológica desse tempo que deixou marcas ameaçadoras, inibindo a própria capacidade de experimentação e criando modelos de verdade que acomoda, tornando os indivíduos servos de uma moral e prontos para obedecer. Nesse sentido, o trabalho traz o seguinte problema: como repensar, a partir de Deleuze e Guattari, os afetos na sociedade brasileira, tão abalados depois de uma política nefasta adotada no governo Bolsonaro? O importante é investigar as formas autoritárias de poder que busca justificar, por meio de valores religiosos, uma razão para agir e querer colocar isso como um valor moral absoluto. Depois disso, encontrar saídas pela ética, para uma vida que não pode ser dimensionada por rótulos, por verdades prontas e acabadas. A ética que desponta no pensamento de Deleuze e Guattari pode corroborar para uma desarticulação da ordem moral fascista, daqueles que sugerem modelos com a intenção de tornar submissa a coletividade.

### Palavras-Chave

Bolsonarismo. Ética. Fascismo.



## O PENSAMENTO COMO ARTE DE CRIAR: ESGOTAMENTO E CORPO SEM ÓRGÃOS EM GILLES DELEUZE

Cássia Alves Do Nascimento

[cassia.filosofia@gmail.com](mailto:cassia.filosofia@gmail.com)

### Resumo

A criação de um pensamento sem imagem, que seja capaz de pensar a diferença, é um problema que percorre toda a obra de Gilles Deleuze, mesmo quando tal questão não se encontra diretamente explícita em suas investigações filosóficas. Deleuze critica, na história da filosofia, o desenvolvimento de um pensamento filosófico ligado à ideia de um começo, em afinidade com o verdadeiro e, portanto, preso ao exercício da representação ou da reconhecimento. O pensamento, segundo Deleuze, parte de um encontro com o que nos força a pensar, e que só pode ser concebido através de um empirismo transcendental, único meio de nos colocar em contato com as forças que transcendem o objeto sem, no entanto, situá-las fora do mundo. Se Deleuze associa a filosofia a um empirismo transcendental, ou, empirismo superior, trataremos de compreender o significado dessa proposição e sua ligação com a atividade de um corpo sem órgãos, assim como de um processo de esgotamento do possível, como caminho para a elaboração de uma nova imagem do pensamento, liberta das estruturas formais da representação e como resultado de uma violência, de um arrombamento, ou da contingência de um encontro que nos coloca em permanente contato com o fora. Para tanto, nos dedicaremos ao terceiro capítulo de *Diferença e repetição* e passaremos por obras escritas em conjunto com Félix Guattari, *O anti-Édipo* e *Mil platôs*, mais especificamente o texto *Como criar para si um corpo sem órgãos*. Nos dedicaremos, também, ao texto *O esgotado*, em que Deleuze trata das obras para o teatro, de Samuel Beckett.

### Palavras-Chave

Corpo. Esgotamento. Pensamento.





## O PERCURSO FILOSÓFICO ACERCA DO CONCEITO DE INCONSCIENTE NA OBRA DE GILLES DELEUZE ENTRE 1962 E 1966

Flavio Luiz De Castro Freitas  
fldcfl@gmail.com

### Resumo

Este trabalho pretende explicitar as transformações que o conceito de “inconsciente” sofreu ao longo da obra de Gilles Deleuze entre os anos de 1962 e 1966, especificamente entre os livros: Nietzsche e a filosofia (1962) e Bergsonismo (1966). No livro de 1962, precisamente em seu capítulo 4, Gilles Deleuze afirma que existem dois sistemas ou registros que correspondem à distinção entre a consciência e o inconsciente. A formação do sistema consciente é concebida como resultado de uma evolução, ou seja, no limite entre o fora e o dentro, entre o mundo exterior e o mundo interior. Se ele retém algo dos objetos, é uma imagem direta e modificável, que difere por completo do traço durável ou imutável concernente ao sistema inconsciente. Nesse sentido, com base na filosofia de Nietzsche, Deleuze expõe a diferença entre consciência e inconsciente como sistemas do aparelho reativo. O inconsciente reativo é caracterizado pela existência de traços de memória e pelas marcas duráveis. É um sistema ruminante em que as forças reativas têm por tarefa investir o traço de memória, fixando-o. Contudo, as forças reativas do sistema inconsciente são insuficientes para tanto, fazendo com que seja necessário o sistema de forças conscientes, no qual a reação deixe de ser uma “reação aos traços” para funcionar como uma “reação à excitação” presente ou à imagem direta do objeto. Cabe elucidar que essa construção do conceito de inconsciente no livro de 1962 está localizada no contexto do uso que Deleuze faz da filosofia de Nietzsche para problematizar e ressignificar as noções originalmente esboçadas por Sigmund Freud, o criador da psicanálise. Por sua vez, no trabalho de 1966, precisamente no capítulo 3, Deleuze, com base na filosofia de Bergson e buscando realizar um novo contraponto em relação à obra de Freud, afirma que existem dois tipos de inconsciente: um ontológico em inconsciente psicológico. Dois desses aspectos formam os momentos psíquicos da atualização: translação e rotação. Os outros dois aspectos compõem o momento motor do reconhecimento: movimento dinâmico e movimento mecânico. No caso do movimento dinâmico, trata-se da atitude do corpo necessária ao equilíbrio das atitudes psíquicas. Já no caso do movimento mecânico, ocorre a última fase da atualização.

### Palavras-Chave

Inconsciente. Ontologia. Deleuze.



## O QUE PODE O CINEMA?: A POTÊNCIA DO PENSAMENTO NA IMAGEM-CRISTAL DE GILLES DELEUZE

Gabriel Gnann Belloni Vieira  
[gabrielgnann@hotmail.com](mailto:gabrielgnann@hotmail.com)

### Resumo

Em seus livros *A imagem-movimento* e *A imagem-tempo*, o filósofo francês Gilles Deleuze buscou apresentar uma lógica do cinema (Deleuze, 2017, p. 65), uma filosofia fílmica (Isaacs, 2006, p. 37), através de uma investigação acerca dos conceitos sobre a imagem do cinema, a presença de cortes móveis e da montagem, explorando como o tempo adentra a imagem e a potência do cinema sob a imagem o pensamento, que se dá após a distinção entre os dois regimes de imagem cinematográfica, que dão título às obras. Há, por parte de Deleuze, uma negativa quanto à forma que a Filosofia, mais precisamente as concepções filosóficas do imaginário, enxergaram o cinema. Ao buscar fazer a filosofia do cinema, o autor percebe nos signos linguísticos e psicanalíticos uma falta de expressão para com o cinema e, assim, concebe que o próprio cinema carrega um regime próprio de signos específicos, que constroem um pensamento do cinema. Se partíssemos de uma questão geral, tal qual “Como a Filosofia pensa o cinema?”, estaríamos apenas buscando exemplos, utilizando de filósofos e teorias diversas, elucidando o que uma área das ciências humanas pensa sobre a outra, de forma quase despropositada. O objetivo que temos não é averiguar se o cinema é ou não Filosofia, e sim responder, respaldados na Filosofia de Gilles Deleuze, o que pode o cinema. A proposta deleuziana é mostrar que o cinema enquanto corte móvel permite uma abordagem diferente do tempo, segundo a qual ele transcende a sua vinculação excessiva com o espaço e especialmente isso se verifica a partir da passagem da imagem-movimento para a imagem-tempo, uma vez que, para Deleuze, no cinema moderno passamos a ter uma apreensão direta do tempo, pois é nele que existem as rupturas no esquema sensorio-motor do cinema clássico e, depois, no direcionamento do cinema para a imagem-lembrança, e posteriormente para a imagem-cristal. É sobretudo com a passagem para um cinema-tempo que a potencialidade do pensar se faria presente no cinema.

### Palavras-Chave

Imagem-tempo. Cinema. Deleuze.



## O QUE PODE UM CORPO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA?

Carla De Paula Silva Campos

[carla.paula@ufpe.br](mailto:carla.paula@ufpe.br)

### Resumo

O que pode um corpo na educação? De que forma poderíamos pensar em extrapolar os modelos de educação institucionalizados no nosso ambiente escola? Não sabemos o que pode um corpo na educação. Sabemos pouco sobre potências afetivas ocultadas no nosso modelo escolar tradicional, porque nos ocupamos até hoje, enquanto educadores, com a centralidade dos sujeitos. A consciência tem cumprido o papel principal no nosso alvo educativo. Mas os corpos têm se acoplado e desacoplado segundo agenciamentos que nos escapam. Como identificar essas potências e suas circulações entre crianças, adolescentes e adultos de uma possível escola pública brasileira, por exemplo? Nesse sentido, nossa busca está em captar as linhas de fuga possivelmente atuantes no corpo escolar tradicional comum no nosso território nacional, entendendo elas como forças que sustentam o sentido da escola numa sociedade onde a escola não faz sentido. Os índices de aprendizagem escolar no nosso país atravessam os anos tradicionalmente abaixo do esperado. Portanto, se a aprendizagem não faz sentido, que sentido a escola tem, além de sua funcionalidade capitalista de depositar crianças e jovens enquanto seus pais e cuidadores produzem? Ou mesmo além do controle dos comportamentos para a domesticação à civilidade. Como objetivos, procuramos transitar no formato escolar brasileiro buscando 1. identificar linhas de fuga operando no rizoma afetivo de uma escola; 2. observar fluxos de aprendizagens não curriculares e não conscientes; 3. propor novas experimentações rumo ao nomadismo e menos à fixação à ordem institucional escolar.

### Palavras-Chave

Escola. Corpo. Agenciamento.



## OBSERVAÇÕES ACERCA DAS AULAS DE DELEUZE SOBRE A PINTURA

Veronica Miranda Damasceno

[vmdamasceno@gmail.com](mailto:vmdamasceno@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho visa apresentar algumas observações acerca das aulas de Deleuze sobre a Pintura, ministradas na Université de Vincennes, em 1981. Tais aulas são objeto da Pesquisa que iniciei no Département de Philosophie de l'Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne em 2019. A recente publicação dessas aulas na França, que já estão sendo traduzidas no Brasil, joga uma nova luz aos problemas colocados por ele acerca das Artes Visuais. Temos agora mais um material de Pesquisa, em especial sobre a Pintura. Trata-se de um importante trabalho no qual este pensador apresenta alguns problemas relativos a Pintura e introduz sua compreensão acerca das Artes Visuais Ocidentais. Percebemos uma aproximação dos problemas, apresentados por ele, em sua obra sobre Francis Bacon, mas ao mesmo tempo vislumbramos uma abordagem maior acerca da História da Pintura. Contudo, não se trata de toda a História da Pintura - embora o período, estudado ali, compreenda desde o Egito Antigo até a Arte Contemporânea - mas sim de artistas e problemas colocados por este pensador em torno desse período. Nosso autor trabalha com a distinção de duas grandes vias nas Artes Visuais do Ocidente: a primeira delas se define como a expressão de uma visão aproximada ou de um espaço háptico. Essa expressão ele traz de Aloïs Riegl, na qual háptico vem do grego "aptô", que significa tocar. É importante ressaltar que, para Riegl, a história das artes plásticas pode ser dividida em três grandes períodos: a Antiguidade, a Idade Média e os tempos Modernos. Consideramos que essa distinção, de Riegl, é fundamental para a abordagem de Deleuze. A segunda via é designada pelos termos de visão distanciada ou espaço óptico. Deleuze escolhe o Egito, para começar seu estudo, e vai até a arte contemporânea. Para ele a arte começa com a linha abstrata. Desse modo, a arte pré-histórica não é figurativa, mas abstrata. O baixo-relevo egípcio, de acordo com a leitura que ele faz de Maldiney e de Riegl, pertence à arte háptica, pela sua utilização da superfície abstrata, da proximidade e da linha geométrica abstrata. A segunda etapa, estudada por ele, é a linha orgânica grega, que corresponde a uma liberação da profundidade e do realismo do modelo corporal, rompendo com o



isolamento das figuras. A linha muda indubitavelmente de estatuto e começa a cortar formas concretas, orgânicas, carnais. Surge assim o perfil da representação que, para ele, permanecerá como a maior tendência da arte ocidental.

### **Palavras-Chave**

Pintura. Estética. Háptico. Óptico. Sensação.



## POR UM PERSPECTIVISMO INTERPLANAR DO PENSAMENTO A PARTIR DE CONTRIBUIÇÕES GUATTARO-DELEUZIANAS

Daniel Freire Costa  
[daniel.freire.costa@gmail.com](mailto:daniel.freire.costa@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação possui por objetivo apresentar a fundamentação teórico-metodológico até aqui desenvolvida na preparação de uma experimentação escolar a ser realizada enquanto a parte interventiva de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Filosofia (UERN/CaC). A proposta da pesquisa é a de experimentar uma filosofia minoritária na escola pública de ensino médio por meio da arte e da ciência na qualidade de intercessores de potencialização do ensino. Nesse intento, esta pesquisa recorre ao teatro e à lógica matemática à luz das considerações elaboradas por Gilles Deleuze em “Os intercessores” (“Conversações”), que concebe a assimilação de um intercessor enquanto um pensar-fazer-com, experimentando na transversalidade uma ressonância mútua. Contudo, fica como tarefa prévia da assimilação experimental dos intercessores selecionados um trabalho teórico-metodológico de pensar sua possibilidade como a prática de um perspectivismo transversal e interdisciplinar entre arte, filosofia e ciência, que, a partir de O que é isso a filosofia?, pode ser concebido enquanto um perspectivismo interplanar entre os planos de composição, de imanência e de referência, respectivamente: enquanto três atitudes específicas do pensamento na sua ralação com o caos, cada plano delimita uma perspectiva de criação (composição, imanência e referência), que, por sua vez, ganha suas orientações próprias quando seus respectivos agentes virtuais de enunciação – figuras estéticas, personagens conceituais e observadores parciais – assumem a posição de ponto de vista do plano ao traça-lo, de tal modo que uma ressonância entre os produtos da criação dos agentes das distintas perspectivas, a saber, perceptos-e-afectos, conceitos e funções, assim como uma redução possível de uns a outros, só pode ser concebida a partir dos termos que determinam suas respectivas dinâmicas intraplanares de constituição (hecciedades de sensações, de acontecimentos e de sistemas de referência), caracterizando um trabalho de tradução de uns nos outros pela ressonância de seus componentes diferenciais (elementos de



emanação, de consistência ou de referência), realizado através de uma transposição interplanar entre seus agentes criadores em fórmulas transformacionais reversíveis. A proposta é a da configurar uma constelação prévia da experimentação desse perspectivismo guattaro-deleuziano de filosofia com arte e ciência no ensino de filosofia pela intercessão do teatro e da lógica matemática.

### Palavras-Chave

Perspectivismo-Interplanos. Ressonância-Mútua.



## PROVISÓRIO FABULAÇÃO CINEMATOGRAFICA: DA IDEIA DE FUNÇÃO DE BERGSON À EXPANSÃO CRIATIVA DE DELEUZE

Adhemar Santos De Oliveira  
[adhemar.filosofia@gmail.com](mailto:adhemar.filosofia@gmail.com)

### Resumo

A comunicação tem o propósito de analisar a partir do pensamento de Henri Bergson o conceito de fabulação, e que foi posteriormente desenvolvido por Gilles Deleuze no contexto do cinema. Bergson define a fabulação como um dispositivo que substitui percepções e lembranças reais por falsas, influenciando a maneira como agimos em relação aos objetos, atribuindo a essa fabulação a função de criar ficções. A função fabuladora segundo Bergson não permite ao homem ultrapassar o plano da matéria em direção à duração, pois a fabulação é fixada ao sistema sensório-motor (percepção-afecção-ação), regulando o tempo ao movimento, ou melhor, a inteligência. Ao explorar o pensamento de Deleuze sobre o cinema, a ideia de função fabuladora podemos associa-la ao cinema clássico, onde a montagem organiza a conexão orgânica sensório-motora entre corpo e mundo. Porém, Deleuze rompe essa conexão no cinema ao introduzir o conceito de fabulação como um ato criativo durante a era do cinema moderno, ao apresentar o conceito de imagem-tempo, propondo uma concepção cristalina — inorgânica — simbolizada pelo conceito de Corpo sem Órgãos. Nessa nova visão, o cinema se converte em um espaço de criação, onde a fabulação não se limita à ficção, mas se expande para tornar o impossível algo possível.

### Palavras-Chave

Função Fabuladora. Fabulação criadora. Cinema.





## RIOBALDO E SEU GOSTO DE ESPECULAR CONCEITOS NO GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Lucca Fernandes Barroso

[luc CAFERNANDESBARROSO@OUTLOOK.COM](mailto:luc CAFERNANDESBARROSO@OUTLOOK.COM)

### Resumo

É inegável o apreço que Gilles Deleuze teve pela literatura ao longo de sua vida e trabalho filosófico. De um lado, há comentadores, tal como Roberto Machado (2009), que compreendem que a literatura- ao lado do cinema, teatro e pintura- foi uma dentre as companhias de pensamento do filósofo francês, de modo que não houve, portanto, um espaço privilegiado dado por Deleuze à arte literária. De outro lado, há comentadores, tal como Micolet (2007), que compreendem que a literatura, além de ter sido a companhia de pensamento privilegiada por Gilles Deleuze, foi também a grande responsável por modular sua escrita filosófica. Nesse sentido, Deleuze não se valeu da literatura para ilustrar suas teses filosóficas; muito pelo contrário: o filósofo francês primou por uma escrita na qual filosofia e literatura fossem indiscerníveis, primas-irmãs, confusas a ponto de provocarem em seus leitores uma leitura intensiva: uma leitura filosófica que a todo momento apelasse para uma não-filosofia, isto é, uma filosofia que constantemente apela para o seu fora. Na concepção de Gilles Deleuze, filosofia e literatura são atividades criativas, ou, mais precisamente, filosofia e literatura são dimensões criativas do pensamento, formas de produção de pensamento. Nisso, o que está em jogo para Deleuze é conceber uma relação de horizontalidade entre filosofia, arte e ciência, tal como feita em *O que é a filosofia?* obra terminal, crepuscular, escrita à quatro mãos com Félix Guattari. Na obra citada é bastante explícito que a filosofia é uma atividade criadora na medida em que cria algo específico de modo específico: os conceitos; especificidade essa que também tem a ciência ao criar as funções e a arte ao criar os blocos de perceptos e afectos. Ocorre que, ainda que filosofia, arte e ciência criem seus objetos próprios, há momentos aqueles em que há ecos, partilhas, ressonâncias entre as formas de produção de pensamento, de modo que, por exemplo, a filosofia possa acabar criando aquilo que não é criação filosófica, ou, ainda assim, a literatura possa acabar criando aquilo que não é criação literária. Nessa comunicação, trabalhando com filosofia e literatura, buscarei



demonstrar como as noções empregues por Riobaldo ao longo do Grande Sertão: Veredas, a saber, “mundo misturado”, “balancê” e “matéria vertente” podem ser consideradas como conceitos a partir do momento em que dizem acontecimentos e visam enfrentar problemas que tem íntima ligação para com a vida de Riobaldo.

### Palavras-Chave

Gilles deleuze. Grande sertão: veredas. Criação.



## SER E CAMPO TRANSCENDENTAL – DELEUZE ENTRE A ONTOLOGIA E O PENSAMENTO CRÍTICO

Eladio Craia

[eladio.craia@pucpr.br](mailto:eladio.craia@pucpr.br)

### Resumo

No âmbito da recepção crítica da filosofia de Gilles Deleuze, (para dizê-lo de um modo academicista), uma polemica particularmente delimitada e expressiva se encontra em curso desde os primeiros anos em que Deleuze se tornou objeto de estudo em si mesmo, até nossos dias. Trata-se do debate que interroga a consistência e fertilidade, em termos conceituais, de afirmar a presença axial de uma “ontologia” no pensamento deleuziano, ou se, pelo contrário, seria mais pertinente e preciso filosoficamente reconhecer um “dispositivo crítico” na obra do pensador francês. Pensada desde o ponto de vista de sua relação com a tradição filosófica, a questão poderia ser postulada da seguinte maneira: Deleuze volta a Spinoza, como tantas vezes afirmou, ou continua por vias oblíquas o programa kantiano, como algumas vezes parece sugerir? Os atores desta polêmica são vários e variados nas suas linhagens filosóficas. A modo de exemplo, afirma de modo categórico contra a ontologia F. Zourabichvili: “Não há uma ontologia de Deleuze. Nem no sentido vulgar de um discurso metafísico [...] Nem no sentido profundo de um primado do ser sobre o conhecimento”; por outro lado, e no sentido contrário, afirma A. Gualandi: “A Filosofia de Deleuze é uma doutrina do Ser, uma ontologia que tenta pensar o Ser como Devir”. O objetivo do presente texto não é verificar os vetores internos deste debate visando fortalecer um dos dois setores em pugna, mas, analisar de modo preliminar quais dos elementos conceituais que Deleuze mobiliza permitiriam sustentar a elaboração de um pensamento que demande, para poder manter sua própria eficácia reflexiva, “a afirmação dos dois modelos de abordagem dos fenômenos”. Enfim, pretendemos verificar como a filosofia de Deleuze implica uma articulação entre ontologia e campo transcendental, senda essa sua singularidade mais nevrálgica.



## SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS MANUSCRITOS DE MARX PARA A CONCEPÇÃO DA ANTROPOLOGIA DE O ANTI-ÉDIPLO

Carlos Fernando Carrer Da Cunha

[carlos.cunha03@gmail.com](mailto:carlos.cunha03@gmail.com)

### Resumo

A apresentação pretende dar conta da ainda pouco explorada recepção dos Manuscritos econômico-filosóficos (1844), de Karl Marx, na obra *O anti-Édipo* (1972), de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Sustentamos que, embora sejam frequentemente preteridos em relação aos textos mais maduros de Marx, os Manuscritos são fundamentais para os autores de *O anti-Édipo* no que diz respeito à concepção de certo pensamento antropológico, quer dizer, de certo pensamento interessado em compreender as interações entre ser humano e natureza. Veremos que, de certo modo, Marx parece antecipar a noção deleuzo-guattariana de “matéria inorgânica” na medida em que argumenta, assim como os pensadores franceses, em favor da existência de um laço vital e inquebrantável que une o ser humano à natureza. Depois deste primeiro momento, pretendemos mostrar como Deleuze e Guattari se afastam dos Manuscritos de Marx, na medida em que este ainda conserva certo antropocentrismo incompatível com as teses sustentadas em *O anti-Édipo*.

### Palavras-Chave

Deleuze. Guattari. Marx.



## SPINOZA, DELEUZE E GUATTARI: ENTRE ÁFRICA E AMÉRICA DO SUL

Luiz Manoel Lopes  
[spindelgua.ufca@gmail.com](mailto:spindelgua.ufca@gmail.com)

### Resumo

Os motivos destes estudos incidem em apresentar trabalhos em torno do autores em apreço, com ênfase nas pesquisas que são elaboradas entre os estudiosos que buscam salientar os problemas entre as populações do Sul Global. No século XXI, encontramos livros e artigos publicados que tratam de seguir o que os autores problematizaram em termos de ética, estética, política, ontologia e ecologia. Neste sentido, trabalharemos com preocupações em potencializar debates e conversações com o intuito de nos atualizar, através das pesquisas realizadas em torno da imanência. Neste sentido, problematizaremos as relações entre pesquisa, ensino, extensão e cultura em torno destes autores com o sentido de estabelecermos contatos com os temas que tratam das novas e inúmeras maneiras de sociabilidades, subjetividades e afetividades que emergem em meio considerados inóspitos e impossíveis. As discussões em torno das produções filosóficas a partir de Spinoza, Deleuze e Guattari trarão as relevâncias de pensarmos, sentirmos e resistirmos na imanência.

### Palavras-Chave

Spinoza. Deleuze. Guattari.



## SUBJETIVIDADES MODULADAS E PRECARIZADAS NA CONTEMPORANEIDADE

Felipe Sampaio De Freitas  
[felipe.freitas@ifch.ufpa.br](mailto:felipe.freitas@ifch.ufpa.br)

### Resumo

Nos trabalhos de Deleuze e Foucault há um profundo debate a respeito dos modos de subjetivação contemporânea. Cada pensador enfrenta seus próprios limites históricos e teóricos para a análise das chamadas novas tecnologias, que definiremos como um conjunto amplo e heterogêneo de sistemas-curto-circuitos, amalgamados entre dispositivos virtuais e técnicos. Esta questão é ainda mais complexa quando questionamos o papel das novas tecnologias no processo de produção de subjetividades na contemporaneidade. Foi Deleuze, segundo Savat (2013), quem percebeu uma significativa mudança na maneira como o poder funcionava: de modo “modulatório”, isto é, focado na “prevenção de contingências” e voltado a assegurar todo o tipo de imprevistos. Savat atribui esta tarjeta também a Foucault, apontando que o filósofo de Poitiers observou a mudança na forma como o poder, nas sociedades modernas, passou a não mais ser composto somente por mecanismos jurídico-políticos e disciplinares, mas por algo novo: “práticas de governo onde aumentou-se cada vez mais a ênfase em antecipar eventos, a fim de evitar-se com que ocorram ou, de fato, tentar encorajar a ocorrência de eventos específicos” (Savat, 2013). A nova perspectiva contemporânea não mais pairaria sob a égide de um “poder disciplinar”; a “biopolítica das populações”; ou, sob uma “potência modulatória de comportamentos”: é na intersecção, e não na exclusão, destas tipicidades contemporâneas de poder que Savat (2013) explica a modulação, chamando-a de “potência modulatória”, nestes entremeios, residiria o âmbito modulatório de subjetividades e modos de ser contemporâneos. A seguinte proposta contempla as pesquisas de Foucault e Deleuze, coadunando com o conjunto argumentativo de Savat, propondo a seguinte questão: o efeito contemporâneo de modulação da subjetividade marca a precarização dos modos de vida dos sujeitos? Desenvolveremos este debate da seguinte maneira: em uma primeira tomada, serão observadas e apresentadas as terminologias-chave para o entendimento da discussão, são elas: potência modulatória; modulação e subjetivação;

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▶ 04/10/24

Realização



Apoio



em segundo lugar, traçaremos um breve panorama da atual precarização dos modos de vida, em uma guisa que partirá do trabalho contemporâneo e sua corrosão em meio aos aplicativos; em terceiro lugar, concluiremos como a atual circunstância de nossos modos de vida nos impele à precarização e individualização, em detrimento ao comum e modus coletivo de sociabilidade.

## Palavras-Chave

Modulação. Subjetividade. Tecnologia.



## TOQUE DA DOR: CRUELDADE, ARTE E TRANS/FORMAÇÃO NAS POLÍTICAS IDENTITÁRIAS

Paulo Henrique Rizotte Bueno  
[paulo.rizotte@pucpr.edu.br](mailto:paulo.rizotte@pucpr.edu.br)

### Resumo

Esta discussão propõe uma análise interdisciplinar sobre as dinâmicas de liberdade, anarquismo, trans/formação e da dor, presentes nas políticas identitárias contemporâneas, utilizando como base teórica as obras: Políticas do Toque: sentidos, movimento e soberania, de Erin Manning (2023), Diferença e Repetição de Gilles Deleuze (2018) e A Arte e a Morte de Antonin Artaud (1986). Por meio de uma metodologia bibliográfica, o estudo investiga como essas obras convergem e se complementam na compreensão das relações entre anarquismo, identidade, trans/formação e da dor. Erin Manning, em Políticas do Toque, propõe uma abordagem ético-estética que valoriza a corporeidade e a experiência sensível como pontos de partida para a construção de novas formas de sociabilidade e subjetividade. Gilles Deleuze, em Diferença e Repetição, discute a multiplicidade e a diferença como elementos essenciais para pensar a política e a criação de novos modos de existência. Antonin Artaud, em A Arte e a Morte, oferece uma visão radicalmente crítica das estruturas de poder e normatividade, apresentando de forma embrionária uma estratégia da crueldade sob uma investigação da carne para pensar uma ontologia manifestada pela dor, assim sendo agente de desestabilização e transformação social. Ao integrar essas perspectivas, a discussão argumenta que o toque, entendido não apenas como contato físico, mas como uma forma de relação sensível e ética com o mundo, emerge como uma prática central nas lutas por liberdade e trans/formação identitárias. A partir da análise dessas obras, o estudo propõe que as políticas identitárias não sejam apenas uma questão de reconhecimento em estruturas preestabelecidas, mas sim como processos em que a diferença se manifesta na capacidade de criar e reinventar constantemente as próprias identidades, em constante diálogo com o corpo, o desejo e o ambiente. Assim, "Toque da Dor: Crueldade, Arte e Trans/Formação nas Políticas Identitárias" tem em vista contribuir para um entendimento mais amplo e complexo das dinâmicas políticas e identitárias contemporâneas, oferecendo novas perspectivas para pensar a liberdade, a anarquia, a diferença, a dor e a trans/formação nas sociedades do século XXI.

### Palavras-Chave

Artaud. Deleuze. Crueldade. Dor e Toque.





## UM POVO DO PORVIR, OU, COMO SURGEM AS MÁQUINAS DE GUERRA NÔMADES

Michelle Martins De Almeida  
[michelle.mmartinss@yahoo.com.br](mailto:michelle.mmartinss@yahoo.com.br)

Ester Maria Dreher Heuser  
[esterheu@hotmail.com](mailto:esterheu@hotmail.com)

### Resumo

Esta comunicação tematiza as linhas iniciais de uma pesquisa que aborda as práticas políticas além do discurso consciente, considerando as diferentes modalidades de agenciamentos de forças que as atravessam e influenciam, não limitadas à ideologia e à lógica do significant. Considerando o contexto de uma tanatopolítica, em que o próprio corpo social mortifica a sociedade, agenciamo-nos à Deleuze e Guattari: existe algum meio de subtrair o pensamento ao modelo de Estado? Ou, como surgem as máquinas de guerra nômades? Dada a importância dos processos e movimentos de lutas, o objetivo desta apresentação é corroborar a hipótese de que ante às novas configurações do Estado e suas formas de governo, em que as políticas públicas se dão como equipamentos de efetivação de sua razão governamental, fortalecendo o fenômeno denominado neocolonização, os movimentos sociais nômades operam como movimentos de resistência, máquinas de guerra que se constituem contra os aparelhos de captura do Estado, que se apropriam da máquina e que fazem da guerra sua ocupação e seu objeto. Pensando as articulações e conexões entre as relações de poder, investimentos desejantes e processos de subjetivação, expondo o mapeamento das intensidades e fluxos psicopolíticos que permeiam práticas cotidianas, aquilo que compõe o campo molar e molecular desses movimentos sociais nômades, tais como fluxos de resistência e contra-condutas frente às estruturas de poder estabelecidas; construção de redes horizontais de apoio e colaboração, transcendendo hierarquias e centralizações; fluxos de comunicação e expressão que ampliam a visibilidade e a conscientização sobre questões políticas e sociais; processos de resignificação de territórios e espaços públicos, redefinindo sua função e significado para a comunidade e etc; a fim de estabelecer o que 'está em jogo', o processo metodológico estará

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



orientado desde uma abordagem teórico-filosófica, cartográfica-rizomática e esquizoanalítica de Deleuze e Guattari, especialmente conduzida pelo conceito de devir, — devires minoritários e revolucionários —, considerando o âmbito psicopolítico, o contexto, as lutas, a corporeidade e os enunciados: modus operandi e modus vivendi dos movimentos sociais nômades.

## Palavras-Chave

Máquinas-de-Guerra. Resistência. Porvir.



## UMA PERIGOSA RELAÇÃO: A ESCRITA E A IGNORÂNCIA EM GILLES DELEUZE

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci

[vinci@unicamp.br](mailto:vinci@unicamp.br)

### Resumo

Em seu famoso prólogo à *Diferença e Repetição*, Gilles Deleuze sugeriu haver uma relação ameaçadora entre a escrita e a ignorância e, prolongando tal sugestão, argumentou “uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio” (Deleuze, 1988, p. 18). Ora, ali, o filósofo francês insistia na impossibilidade de pensarmos a escrita como algo de ordem representacional, a escrita não sucede e confere forma a um pensamento previamente determinado, ela não se presta a representar alguma ideia formulada alhures. Se não o faz, qual o estatuto da escrita no interior do corpus deleuziano? Conforme discutimos em outra ocasião (Vinci, 2023), para Deleuze, a escrita se confunde com o próprio ato de pensar, sendo o local para a sua experimentação por excelência. Nesse sentido, uma vez que o pensamento, em um diapasão deleuziano, não ocorre por qualquer voluntarismo e tampouco por alguma predisposição inata, mas sim devido a um encontro violento com signos exteriores que nos leva a pensar, podemos estender esse mesmo diagnóstico também à escrita. Não escrevemos por assim o desejarmos, tampouco por possuímos uma habilidade específica; escrevemos por necessidade, por uma urgência vital que nos violenta e nos impele a escrever. Por esse motivo, só escrevemos sobre o desconhecido, sobre aquilo que não sabemos, sobre aquilo, em suma, que somos levados a experimentar não por desejo, mas por necessidade. Pretendemos, com esse ensaio, explorar a relação entre escrita e ignorância em Gilles Deleuze, recuperando algumas discussões sobre o estatuto da escrita dentro do corpus deleuziano e, também, retomando algumas figuras do escritor revisitadas por Deleuze ao longo de sua obra. De sintomatologista a vidente, Deleuze sempre concebeu os/as escritores/as como aqueles/as que acessaram algo grande demais, algo sempre além do trivial cotidiano. Por acessarem um mundo de qualidades intensivas, forças capazes de promover uma outra sensibilidade contra aquela tacanha a regular nossa vida individuada, nada lhes restou senão escrever. Da escrita como sintomatologia até a



escrita como vidência, percorrendo assim um arco que vai das primeiras obras de Deleuze até sua derradeira, escrita em parceria com Félix Guattari, percebemos que a relação da escrita com a ignorância permanece uma constante no corpus deleuziano, justificando assim a importância de explorarmos essa perigosa relação.

### Palavras-Chave

Gilles Deleuze. Escrita. Figuras do não-saber.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT DIALÉTICA



## A METAFÍSICA ANTE O ETERNO RETORNO DO DETERMINISMO

Humberto Schubert Coelho

[humbertoschubert@yahoo.com.br](mailto:humbertoschubert@yahoo.com.br)

### Resumo

Ainda que sem fundamentação filosófica, ou padecendo de contradições lógicas e erros de definição fundamentais, o sensacionalismo genético e neuronal segue apresentando declarações promissórias acerca da inexistência do livre-arbítrio. Raramente cientes de ser esta uma discussão filosófica, biólogos e neurocientistas lançam anualmente textos de divulgação científica, que se tornou o novo nome para as sínteses filosóficas interpretativas dos avanços da ciência. Seguindo, principalmente, as teorias cientificamente informadas da subjetividade, de Manfred Frank, e o modelo filosoficamente informado de neurociência de Iain McGilchrist, este trabalho mostrará a improcedência dessas narrativas científicas acerca de temas estritamente metafísicos, tais quais o do livre-arbítrio, e por que esses temas só podem ser competentemente abordados por uma filosofia fundamental, também não subordinada a modelos científicas ou a reducionismos outros (ex: psicológico, sociológico). Adicionalmente, o trabalho enfatizará a inevitabilidade de uma abordagem principiológica (filosofia primeira ou fundamental) na construção do pano de fundo metafísico, confrontando a noção científica ou relativista de uma filosofia da ciência capaz de dispensar a metafísica.

### Palavras-Chave

Metafísica. Subjetividade. Livre-arbítrio.



## AS FORMAS DE COMPREENSÃO POÉTICA E PROSAICA EM HEGEL E O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA MÚSICA

Adriano Bueno Kurle  
[adriano.kurle@ufmt.br](mailto:adriano.kurle@ufmt.br)

### Resumo

Neste trabalho, abordo a historicidade da música relacionando-a com a concepção hegeliana de modos de compreensão, apresentada nos Cursos de Filosofia da Arte. Com isso, mostro que o processo sociocultural de passagem de modos de compreensão poéticos e intuitivos para modos de compreensão prosaicos e reflexivos, tal como Hegel pensa no desenvolvimento histórico das sociedades e culminando na modernidade enquanto guiada pelo modo prosaico de compreensão, pode ser aplicado na música erudita ocidental. Assim, pode-se situar a música do século XX, enquanto uma música consciente de seu próprio processo histórico, com a condição moderna da arte, em que o desafio é encontrar constituições poéticas na cotidianidade prosaica que não sejam, ao mesmo tempo, retrógradas, alienadas e anacrônicas. Esta situação traz a discussão do suposto “fim da arte” e, aplicada à música, ao “fim da música”. Para tanto, este trabalho segue seis passos: (1) a apresentação de uma concepção construtivista-historicista da música e a ideia de um desenvolvimento histórico da música; (2) o processo histórico na arte em Hegel; (3) os modos poético e prosaico de cognição sociocultural; (4) a posição da música na concepção de arte hegeliana; (5) o processo histórico da música em relação com a evolução cognitivo-social pelos modos poético e prosaico de compreensão; (6) o problema do “fim da música” na assim chamada “Nova Música” do século XX enquanto problema vinculado à possibilidade da compreensão poética no mundo social prosaico moderno. Concluo com a defesa da ideia de que o “fim da música” é o desafio fundador e constante de toda prática e composição musicais das culturas que trazem consigo a consciência histórica como conteúdo da própria prática musical.

### Palavras-Chave

Hegel. Nova Música. Fim da Arte.



## CONTRA A NATURALIZAÇÃO DE DEUS: A OBJEÇÃO DE KANT A LEIBNIZ

Luciano Carlos Utteich  
[lucautteich@terra.com.br](mailto:lucautteich@terra.com.br)

### Resumo

A despeito da aparente proximidade de fins, principalmente do ponto de vista terminológico, entre os pensamentos de Kant e de Leibniz, é visível a divergência em relação aos pontos de chegada propostos por cada um dos autores. Nesse particular se evidencia a enorme diferença no tratamento do conceito de Deus em ambos os sistemas. Se para Leibniz a noção de Deus devia ser encarada como ínsita na natureza a partir do princípio de razão suficiente, na vinculação com o reino da graça, em Kant a modificação do próprio princípio de razão suficiente para princípio da razão determinante trouxe consigo a separação entre as esferas sensível (fenomênica) e inteligível (numênica), com isso excluindo Deus, totalmente, da esfera do mundo natural. Essa exclusão virá atender a outros objetivos na filosofia transcendental kantiana, enquanto que, pode-se dizer, a inclusão de Deus por Leibniz na esfera do mundo natural havia cumprido também suas tarefas na justificação da existência do mal no mundo (Teodiceia). O objetivo da presente comunicação é explicitar quais eram os presumidos objetivos a serem atendidos pela inserção da noção de Deus em seu vínculo ao mundo natural em Leibniz e, à base disso, em que sentido essa inserção, na perspectiva da razão transcendental kantiana, pode ser considerada uma transgressão dos verdadeiros limites do conhecimento, enquanto introdução a fórceps de Deus na natureza como tentativa de naturalizar ou naturalização de Deus. A crítica contundente de Kant sobre essa tentativa conduzirá à passagem da fase pré-crítica à fase crítica do pensamento kantiano, carregando consigo inúmeras consequências na elaboração da concepção moral do ser humano.

### Palavras-Chave

Razão. Princípio. Deus.





## CREONTE E SUA FORMAÇÃO COMO HERÓI TRÁGICO EM ANTÍGONA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE H. D. F. KITTO

Vanessa Henning  
[nessahen@gmail.com](mailto:nessahen@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a tragédia *Antígona*, de Sófocles, buscando compreender as razões de o autor considerar Creonte a personagem trágica, e, não Antígona, ainda que seja para ela que Sófocles dedica o nome da peça. Creonte é definido a personagem principal da trama, pois sua trajetória em defesa da lei da polis vai erigindo o seu destino trágico. A postura equivocada de Creonte, responsável por lhe trazer uma sequência de tragédias, fará a plateia da tragédia se sentir apiedada com o seu destino, provocando nela, a purgação dos sentimentos, isto é, a catarse, a qual, segundo Aristóteles é característica do herói trágico. Esse sentimento, porém, não é despertado com a personagem Antígona, pois, embora sua condição seja trágica, seu destino já é decidido logo nos primeiros versos da trama, sendo de tal modo que a personagem não deixa de ir a esse encontro. Nesse sentido, não há um trabalho a ser construído com o público da tragédia, visto que sua decisão de enterrar o irmão e, conseqüentemente, de estar condenada ao edito proibitório de Creonte, lhe dá uma morte prevista e rápida. O seu sofrimento já mostra ser a razão para explicar a sua revolta e o seu suicídio. Assim, ainda que Antígona e Creonte sejam considerados as personagens principais da peça, defendemos que Sófocles dedica a tragédia a Creonte. É o destino dessa personagem que vai sendo elaborado, bem como trabalhado de tal modo, para que desperte no público os sentimentos de terror e piedade, características dessas do herói trágico grego.

### Palavras-Chave

Antígona. Creonte. herói trágico.



## O PENSAMENTO DE MIKHAIL BAKHTIN: DIALOGIA, POLIFONIA E ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL

Josue Fernandes

[josuedafer@gmail.com](mailto:josuedafer@gmail.com)

### Resumo

Este estudo visa investigar a compreensão do sujeito na linguagem, utilizando as teorias do filósofo Mikhail Bakhtin como base. Serão analisados os conceitos de dialogismo e polifonia presentes em suas obras, com foco na distinção entre as formas de verdade istina e pravda. Além disso, a pesquisa abordará a ética do pensamento bakhtiniano e suas implicações para a tomada de posição do sujeito, explorando as consequências da separação entre a validade objetiva e a individualidade na construção da identidade e na formação de enunciados. A relação entre o eu e o outro na linguagem será também explorada em consonância com a teoria da Arquitetônica da Consciência. A análise incluirá a perspectiva semiótica, examinando a formação das ideologias a partir do discurso na linguagem e oferecendo respostas para a condição do sujeito. Com uma abordagem teórico-metodológica rigorosa, embasada em um sólido levantamento bibliográfico e análise crítica dos conceitos bakhtinianos, o estudo busca apresentar respostas consistentes para os problemas filosóficos relacionados à linguagem e à constituição do sujeito.

### Palavras-Chave

Polifonia. Dialogismo. Linguagem.



## O SENTIDO JÚSFILOSÓFICO DE KANT: A CONSTRUÇÃO DE AMPLAS ALIANÇAS

Marilda Pereira Dos Santos

[marildapereiradossantos@gmail.com](mailto:marildapereiradossantos@gmail.com)

### Resumo

Entendemos que o estudo com base na Paz Perpétua será um guia, em que podemos organizar estruturalmente o pensamento de Immanuel Kant sobre o cosmopolitismo: uma base para entender filosófica e juridicamente a construção de amplas alianças e comunidades globais. Este estudo elaborado no contexto filosófico kantiano, inclui-se em um esquema conceitual da filosofia política, que ao longo dos anos, aparecem em discussão. Desse modo, foi necessário organizar este estudo, do ponto de vista da filosofia da história, o fundamento de uma história universal que demonstre a tese do progresso humano como ideia reguladora, que se estende no melhoramento moral. A organização aqui proposta torna mais perceptível como o projeto de paz se revela como direito da humanidade. O estudo mostra como é incluído as bases do cosmopolitismo como plano da natureza para o melhoramento moral da humanidade. Metodologicamente, o caminho percorrido é pela filosofia da história em volta do conceito de antagonismo, ou seja, guerra e sociabilidade. Resumidamente, o argumento kantiano mostra que, o antagonismo como panorama da vida humana, próprio da insociável sociabilidade, nos direciona ao entendimento da importância da estruturação sociojurídica para a vida dos indivíduos, como autoridade capaz de regular os conflitos. Podemos citar que, Kant expõe relevantes aspectos do pacifismo jurídico, sobretudo às teorias modernas do direito internacional. De certo modo, ele sistematiza o direito político da paz, onde estão estabelecidos a partir da Fundamentação da metafísica dos costumes, a defesa moral e pelo projeto de paz pela dignidade humana. Isto é, Kant ao demonstrar o projeto jurídico de paz e a construção de alianças, ocupa-se com a dignidade humana pautada no princípio de autonomia, para uma consistente regulamentação dos direitos humanos. Por fim, este estudo tem por objetivo analisar o projeto de paz perpétua, onde ocorre uma correlação entre moral, direito e política em assuntos de guerra e paz nas relações internacionais. Consequentemente, dialogando com os cenários de pós-guerras, compreendendo o cosmopolitismo como referência e possibilidade teórica para o direito internacional e para as relações internacionais no mundo contemporâneo.

### Palavras-Chave

Cosmopolitismo. Humanidade. Projeto.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



## GT EDITH STEIN E O CÍRCULO DE GOTINGA



## A ALMA HUMANA SEGUNDO EDITH STEIN: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO VII DA OBRA A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

Bruno Brandao Morais

[bruno.brandaomorais@gmail.com](mailto:bruno.brandaomorais@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar a caracterização da alma humana no VII capítulo da obra *A Estrutura da Pessoa Humana*, levando em consideração as apropriações e integrações conceituais da fenomenologia de Edith Stein com a tradição aristotélico-tomista. Este estudo visa explorar essa caracterização da alma, destacando as contribuições da autora para a antropologia filosófica. O conceito de alma humana será apresentado nesta comunicação, em sua primeira parte, através das apropriações conceituais da tradição aristotélico-tomista, especialmente a alma enquanto forma substancial. Em sua segunda parte, será abordada a noção de alma humana steiniana a partir do capítulo VII, explorando sua caracterização enquanto alma e espírito e, posteriormente, sua unicidade. Ao longo de suas obras, Stein adota e adapta elementos e categorias filosóficas da escolástica, especialmente de Tomás de Aquino. Sua abordagem fenomenológica, enriquecida pela escolástica, resulta em uma compreensão mais precisa e integral da unidade da pessoa humana. Stein reconheceu na obra de Tomás de Aquino elementos descritivos do ser humano que ela e Husserl também haviam identificado através do método fenomenológico. A análise do capítulo VII de *A Estrutura da Pessoa Humana* revela que Stein utiliza as lentes conceituais da tradição aristotélico-tomista para caracterizar a alma humana. A partir dessa perspectiva, é oferecida uma compreensão abrangente e variada da essência humana, enfatizando a importância central da alma em sua constituição.

### Palavras-Chave

Edith Stein. Antropologia filosófica. Alma humana.



## A EMPATIA DE EDITH STEIN: ENTRE HUSSERL E SCHELER

André Camarero De Oliveira  
[camarero-oliveira@uol.com.br](mailto:camarero-oliveira@uol.com.br)

### Resumo

O trabalho tem como intuito desenvolver a tese de que a abordagem steiniana do problema da empatia, discutido em sua tese de doutoramento, contém influências igualmente importantes do método transcendental - desenvolvido por Husserl e ponto de partida da empreitada de Stein - e daquilo que Max Scheler entendia por fenomenologia. Alguns dos conceitos centrais propostos por Scheler e que nos serão de valia são: contágio afetivo, visão filosófica de mundo - o que pode ser chamado de um personalismo estrito -, e, por último, o marcante dualismo entre Vida e Espírito - tão caro a autores alemães do período que vai da Belle Epoque até a primeira grande guerra. Ora, em nossos autores, esses dois conceitos serão tratados em chave fenomenológica; isto é, como eidética regional. Quanto àquele primeiro trabalho de Stein, nosso foco principal, vale dizer mais algumas palavras. O fenômeno do contágio afetivo, que aparece em quase todas as investigações fenomenológicas da autora, diz respeito a um tipo primitivo, inconsciente e não intencional de intersubjetividade. O conceito, à época muito utilizado pela psicologia para dar conta dos fenômenos de massa, permite a Scheler interrogar-se até que ponto o comportamento coletivo é instintivo, e a partir de que ponto há alguma forma de comunidade de entendimento mútuo - empatia, para Stein; simpatia, para Scheler. Ora, pretendemos mostrar, no fim, que é a partir dessa partilha impessoal de afetos que circulam em um mundo-circundante que a intersubjetividade humana - o reconhecimento racional de uns com os outros como pessoas irrompe. A efeito de conclusão, por mais que Stein parta da noção husserliano-transcendental de subjetividade pura, ela acaba por admitir que, anterior a um eu puro constituente, há um centro-de-vids que vai progressivamente se emancipando da sua condição de puro organismo - através da constituição temporal e intersubjetiva de um eu pessoal racional

### Palavras-Chave

Intersubjetividade. Fenomenologia. Edith Stein.



## A EMPATIA ESTÉTICA E SEU VIÉS ANTROPOLÓGICO EM EDITH STEIN

Renata Cabral Coutinho De Oliveira

[renatacabral\\_art@yahoo.com.br](mailto:renatacabral_art@yahoo.com.br)

### Resumo

Edith Stein empenhou-se na compreensão integral do ser humano e a sua pesquisa é inaugurada evidenciando o seu interesse pelo estudo da empatia, tema de sua tese doutoral, “Zum Problem der Einfühlung” (“O problema da empatia”), de 1916, em que a filósofa já dá provas de sua notável proeminência intelectual, seguindo o rigoroso método fenomenológico. Desde então, Stein concluiu pela imprescindibilidade da relação de empatia para a constituição integral da pessoa humana. Percebendo que a estética é um tema muito precioso para Stein, a ponto de merecer a sua dedicação na produção de todo um capítulo de sua tese de doutorado, a partir de um percurso por meio das elaborações mais relevantes da filósofa alemã, delimitou-se elementos compatíveis com a experiência estética e seus reflexos na formação do ser humano, a partir da sua antropologia filosófica. Propõe-se, portanto, apresentar uma investigação sobre tendências antropológicas de conceitos apreciados na vivência da arte e na experiência estética presentes na filosofia de Stein, especialmente o qual é apontado pela Dra. Stein como Empatia Estética. Objetiva-se evidenciar tais elementos em sua relação com a autoformação do ser humano mediante a ativação de sua dimensão mais elevada, ora a desdobrar, ora a desenvolver o seu núcleo autêntico e singular. Há de se expor, portanto, de que modo esse movimento resulta no reconhecimento da autenticidade, alcançada mediante a apreensão de valores favorecida pela experiência envolvendo a arte.

### Palavras-Chave

Edith Stein. Empatia Estética. Fenomenologia.



## APONTAMENTOS SOBRE O SENTIDO DA FILOSOFIA MADURA DE EDITH STEIN

Juvenal Savian Filho  
[juvenal.savian@unifesp.br](mailto:juvenal.savian@unifesp.br)

### Resumo

Certos elementos parecem já cristalizados em interpretações correntes da filosofia madura de Edith Stein (principalmente aquela registrada na obra *Ser finito e eterno*), mas mereceriam, no entanto, ser discutidos com base nos textos mesmos da filósofa. Alguns desses elementos referem-se, por exemplo, à ideia de que a fé cristã é, para ela, algo como um argumento de autoridade, útil para julgar as filosofias, ou ainda, que ela procura produzir uma filosofia perene no sentido tomista (não tomasiano) da expressão, ou que não apenas discordou mas também desvalorizou o diálogo com Heidegger e com a Modernidade, ou que, de acordo com seu pensar, o ente humano não percebe em si uma cisão entre existência e essência, ou ainda, que a ideia de infinitude é para ela um dado de fé, e não uma ideia obtida com base na descrição de alguma vivência, ou, por fim, haja vista sua articulação entre dados tomasianos com a fenomenologia husserliana, o não-ente não pode ser, de maneira alguma, uma forma de ser. À análise desses elementos dedicar-se-á a presente comunicação.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Metafísica. ser.





## EDITH STEIN E A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Danilo Cortez Gomes  
daniloeadelisan@gmail.com

### Resumo

Este estudo propõe uma análise da relação entre a obra filosófica de Edith Stein, em particular *Uma Investigação sobre o Estado*, e a Doutrina Social da Igreja. A filósofa alemã desenvolveu uma abordagem fenomenológica rica em compreensão sobre questões sociais e políticas, que dialogam de certa forma com os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja, mesmo que não tenha sido esta a intenção primeira da autora, visto que a obra em questão reflete suas convicções e interesses filosóficos antes de sua conversão ao catolicismo e conseqüentemente, sua vida religiosa. Ao examinar o pensamento filosófico de Edith Stein e sua relação com a Doutrina Social da Igreja, podemos destacar não apenas pontos de convergência, mas também áreas em que essas duas fontes de pensamento se complementam e enriquecem mutuamente. Ambas abordam a dignidade intrínseca da pessoa humana e sua centralidade na ordem social. Edith Stein, ao explorar a relação entre o Estado e os indivíduos, destaca a importância da justiça, da solidariedade e do bem comum, princípios fundamentais também presentes na Doutrina Social da Igreja. Assim, questões como responsabilidade social e a promoção da paz social ecoa também nos ensinamentos da Igreja Católica sobre a busca constante pela justiça social e a construção de uma ordem social mais justa e igualitária. No entanto, também podemos identificar áreas de diálogo e reflexão mútua entre as obra steiniana e a Doutrina Social da Igreja, tendo em vista que Stein investiga a natureza do Estado e sua relação com os indivíduos, enquanto a Doutrina Social da Igreja oferece uma visão baseada nos princípios do bem comum, da subsidiariedade e da solidariedade, fornecendo um arcabouço ético e moral para as responsabilidades individuais e coletivas, bem como aos desafios contemporâneos em prol do desenvolvimento humano integral. Portanto, este estudo bibliográfico busca, além de identificar os pontos convergentes entre a obra steiniana e a Doutrina Social da Igreja, também explorar as contribuições que ambas podem oferecer para a compreensão e enfrentamento dos problemas sociais

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



contemporâneos. Ao promover esse diálogo entre a filosofia representada por Edith Stein e a teologia pela Igreja Católica através da Doutrina Social da Igreja, pretendemos enriquecer nossa compreensão no que diz respeito ao ser humano e suas interações, além de procurar caminhos para uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

## Palavras-Chave

Edith Stein. Estado. DSI.



## EDITH STEIN E O SENSO ESTÉTICO: A SENSIBILIDADE ARTÍSTICA ENTRE A SENSACÃO, O SENTIMENTO E O SENTIDO

Gilfranco Lucena Dos Santos

[gilfranco.lucena@academico.ufpb.br](mailto:gilfranco.lucena@academico.ufpb.br)

### Resumo

Se na tradição filosófica alemã o caminho pelo qual a fundação de uma estética com Baumgarten havia conduzido Kant a pensar a sensibilidade em termos de uma simples compreensão transcendental do tempo e do espaço, como fundamento da experiência físico-matemática do objeto do conhecimento científico, desaparecia nesta abstração transcendental o objeto em sua presença viva, manifesta na sensibilidade vivida pelo eu. É especialmente com o alvorecer da fenomenologia que a experiência estética passa a considerar o fenômeno do sensível em conexão direta com a experiência da arte. A estética fenomenológica erigia-se como uma ciência rigorosa da essência do sensível artístico em suas múltiplas formas. Mas independente da forma artística em questão, o trabalho de Stein abre espaço para que seja possível restabelecer a sensibilidade da experiência vivida na qual o objeto é dado, inclusive aquele estético, como horizonte de investigação fenomenológica. A constituição de uma estética fenomenológica, desloca a compreensão dos fenômenos estéticos do campo da sensorialidade e sensibilidade psicofisicamente consideradas, para o campo da sensibilidade considerada fenomenologicamente. Não se trata de uma estesiologia sensorial fundada na investigação de cunho neurocientífico, que, inclusive, tem-se buscado contemporaneamente desenvolver. Em uma estética fenomenológica, ou seja, em uma investigação da sensibilidade desenvolvida segundo o método fenomenológico, a sensibilidade é compreendida como um fenômeno para a consciência intencional fenomenológica, que atravessa a sensação e o sentimento e tem em vista um sentido e mesmo o desenvolvimento de um senso estético. Na obra de Edith Stein a reflexão em torno desse problema se desenvolve a partir de sua tese de doutorado sobre o problema da empatia. Nesta obra, fica nítido que é em conexão com o corpo vivente próprio que os valores estéticos hão de se constituir. Torna-se decisivo na descrição da corporeidade que, para uma estética fenomenológica que possa se constituir sobre este fundamento, as sensações sentimentais ou os sentimentos sensíveis são inseparáveis



das sensações que se fundem no corpo vivente próprio, inclusive nas vivências estéticas constituídas na experiência artística. Neste trabalho teremos o intuito de esclarecer em que medida é possível fundar o senso estético na sensibilidade corpórea própria, que experimenta o fenômeno sensível por meio da arte e articula no sentimento e no intelecto o seu sentido.

### **Palavras-Chave**

Edith Stein. Senso Estético. Sensibilidade.



## EMPATIA E O OUTRO: PESSOA, EDUCAÇÃO E TRANSCENDÊNCIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Flávio Marcilio Cavalcante Silva

[flavio.cavalcante@ifal.edu.br](mailto:flavio.cavalcante@ifal.edu.br)

### Resumo

Stein aponta a educação como espaço de interação de conhecimento onde o sujeito está inserido de maneira relacional, com demais subjetividades que se formam na família no Estado e na Igreja de maneira que cada uma delas têm um papel fundamental. Papel este que busca o bem e sua atuação ética. É nesse elemento da preservação da pessoa que se faz necessário colocar o conceito de pessoa. Aqui adotamos a apreensão feita por Karol Wojtyła: Nesta abordagem :a natureza nos aparece como o fundamento de todo o dinamismo próprio do homem, senão como um momento estritamente determinado desse dinamismo. A natureza se manifesta exclusivamente na atividade/no existir do sujeito humano; as ações contêm a operatividade e esta manifesta o eu concreto como causa da atividade consciente de si. E isto é precisamente uma pessoa. O primeiro momento de atuação da empatia: o reconhecimento do outro. Ela empatia se apresenta como: Um modo de sentir e viver a vida, que faz com que o sujeito que empatiza possa reconhecer que o outro ser humano possui uma humanidade comum a sua. Ela ainda pode ser dia como compreensão de pessoas espirituais, experiência da consciência alheia (como corporeidade, como elemento do psiquismo e das relações fenomenológicas e intersubjetivas). Do imanente (passando pelo corpo – não somos anjos, nem ahistóricos, perpassados pelas dores do cotidiano, pelos vales de lágrimas, mediante nossos atos de percepção externa ninguém ama o que não conhece) para o transcendente reconhecimento de intersubjetividades a partir de outros “eu”s que também existem com o outro para O OUTRO.

### Palavras-Chave

Empatia. Pessoa. Transcendência.



## O CONCEITO DE ALMA EM HUSSERL E EDITH STEIN

Martina Korelc

[martina@ufg.br](mailto:martina@ufg.br)

### Resumo

Na antropologia filosófica de Edith Stein, na explicação da estrutura da pessoa humana, o conceito de alma tem grande importância, tendo a função, entre outras, de mediação entre dois modos de ser, corpo e espírito. Edith Stein analisa a alma fenomenologicamente, a partir de como se dá como fenômeno a partir das vivências, mas pensa-a também metafisicamente, utilizando conceitos da tradição: o conceito aristotélico-tomista de forma e o conceito agostiniano de interioridade. Husserl pensa a alma na sua unidade com o corpo, como vida psíquica e o fluxo de vivências, considerado, porém, de modo naturalista ou objetivista. Na abordagem personalista, na qual o sentido autêntico de pessoa humana pode ser esclarecido, o conceito de alma parece perder importância. Contudo, os dois autores falam da profundidade da pessoa, relacionada sobretudo a vivências de afetividade, Stein referindo-a aos estratos da alma e Husserl à consciência e à pessoa. Pretendo refletir sobre esta diferença da abordagem dos dois autores.

### Palavras-Chave

Pessoa. Alma. Edith Stein. Husserl.



## POSSIBILIDADE DE ALTERAÇÃO DA ESSÊNCIA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Clio Francesca Tricarico  
[clioftricarico@hotmail.com](mailto:clioftricarico@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho consiste em um estudo sobre a possibilidade de alteração da essência da pessoa humana da perspectiva fenomenológica de Edith Stein. Pretende-se mostrar que a argumentação de Stein conduz à problematização da ideia de identidade vinculada ao caráter de imutabilidade, especificamente no que diz respeito à essência singular do ser humano. Com base nas concepções steinianas relativas à constituição da pessoa humana, em particular a noção de núcleo pessoal, entende-se que a identidade é inerente à essência (permanente) e não à existência efetiva (variável) da pessoa. Entretanto, em *Ser finito e eterno*, Stein propõe a possibilidade de o reconhecimento de uma pessoa como a mesma dar-se apenas pela identificação do seu “portador” e não por meio de seus traços caracteriais (personalidade); dito de outro modo, o que ainda permitiria reconhecer esse ser humano como o mesmo consistiria na totalidade dos atributos que constituem a sua unidade como indivíduo, exceto aqueles inerentes ao seu caráter pessoal. Nesse caso, a pensadora afirma que haveria não apenas uma transformação na essência, mas uma completa mutação da essência singular pessoal.

### Palavras-Chave

Edith Stein. Essência singular. Mutabilidade.



## A FENOMENOLOGIA DA CAPTAÇÃO DE VALORES SEGUNDO EDITH STEIN

Acacia Maria Dias Pereira

[magendie@uol.com.br](mailto:magendie@uol.com.br)

### Resumo

O estudo do mundo dos valores apresentado por Edith Stein nos permite começar a compreender fenomenologicamente como se dá a aquisição do valor. Se faz necessário logo de início entender a sensibilidade pura como o que cada indivíduo tem para si e não compartilha com ninguém. E isso pode ser observado nas sensações cujas vivências possuem conteúdos não referidos ao eu, como também em vivências com conteúdo egóico. Essa diferenciação com suas peculiaridades permite investigar as particularidades da sensibilidade e das sensações. Além da sensibilidade externa e das sensações provenientes do próprio corpo, a que Stein denomina sensibilidade interna, a autora descreve os sentimentos que são os estados internos resultantes de estímulos externos acompanhados automaticamente da valoração de prazer ou desprazer. Ao observamos uma bela paisagem, que nos preenche de prazer, não só os dados sensoriais captados como “matéria” dessa contemplação são suficientes para constituir o fundamento do meu prazer. Essa mesma contemplação inclui elementos egóicos como por exemplo o sentimento de bem-estar. Não se pode ignorar a essência própria dos sentimentos e simplesmente reduzi-los a um conjunto de sensações orgânicas. Nos sentimentos espirituais há um caráter intencional. No caso da percepção surge uma apreensão espiritual que converte os conteúdos egóicos em portadores de uma doação de sentido, abrindo o olhar do sujeito para um novo mundo de objetos, o mundo dos valores.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Valores. Edith Stein.



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▶ 04/10/24

Realização



Apoio



## GT EPICTETO E MARGINÁLIA FILOSÓFICA



## A CORAGEM DA VERDADE NO ESTOICISMO

Vilmar Prata Correia

[vilmarlabedisco@gmail.com](mailto:vilmarlabedisco@gmail.com)

### Resumo

A proposta deste trabalho apresenta a possibilidade de reflexão sobre a questão da parrhesia no estoicismo a partir da relação entre mestre e discípulo, trazendo à baila a coragem da verdade de ambos, naquilo que toma seus respectivos papéis, um de instruir e o outro de ser instruído. A importância da verdade nessa relação pedagógica equivale ao êxito no que se refere a alcançar a tranquilidade da alma conforme nos indica a escola estoica. Para auxiliar nessa empreitada teórica, tomarei como ponto de partida a relação mestre-discípulo entre Sêneca e Lucílio, que, aliás, para além de uma relação de ensino-aprendizagem, vislumbramos uma relação de amizade, o que é, diga-se de passagem, de suma importância para os estoicos. A sabedoria como modo de vida é o interesse dos dois e neste sentido podemos nos colocar o seguinte problema: Qual seria essa verdade no estoicismo e que tipo de vida pode ser considerada vivida conforme a sabedoria? Para enfim, poderemos pensar o sujeito da atualidade em sua relação com a sabedoria e com sua própria verdade e a verdade do outro.

### Palavras-Chave

Verdade. Estoicismo. Coragem.



## A CORRUPÇÃO DO COSMOS NA FILOSOFIA ESTOICA (EKPYROSIS)

Joelson Santos Nascimento

[joelsonsant@yahoo.com.br](mailto:joelsonsant@yahoo.com.br)

### Resumo

Após estabelecido como unidade formada de partes distintas, o Cosmos inicia seu movimento através do conjunto dos seres particulares. Transformações de natureza física, como o envelhecimento e a morte, assim como os de natureza psíquica, como linguagem e impulso, dão a tônica a tudo que compõe o Universo. Entretanto, há um momento na história do Cosmos onde os elementos primordiais perdem a conexão entre si e são dissolvidos naquilo que o originou. Isso não significa aniquilação de todas as coisas, isto é, não é uma passagem do Ser ao não-Ser. É um movimento eterno de mudança; um desdobrar de um Deus que, impelido por sua própria atividade, não cessa de expandir e retornar a si. A esse evento cósmico os estoicos chamam de ekpyrosis. Ekpyrosis é uma palavra traduzida para o latim por conflagratio; em português, conflagração, indicando combustão, fogo excessivo ou incêndio que se alastra por uma grande área. O termo define precisamente o Deus estoico, pois, de acordo com a doutrina, o divino é considerado um Fogo que a tudo produz e consome.

### Palavras-Chave

Estoicismo. Cosmos. corrupção.



## A FORÇA DA ALMA

Danilo Ulhano Patutti  
[patutti.danilo@gmail.com](mailto:patutti.danilo@gmail.com)

### Resumo

Segundo Zenão de Cítio, as excelências primárias são conhecimentos e técnicas organizadas por teoremas. No entanto, existem outras excelências que não são conhecimentos, nem técnicas e nem organizadas por teoremas, a saber: a saúde, a beleza, a unidade e a força da alma. Elas são definidas como capacidades (*dynamis*) que resultam de exercício (*askesis*). Ário Dídimo, doxógrafo que legou registrado o pensamento de Zenão, não explica como seriam esses exercícios. Do mesmo modo, ele registra as definições das excelências primárias, mas não as explica enquanto técnicas. A presente pesquisa considera que o conceito de força da alma (*he tes psykhes iskhys*) contribui para a compreensão da prática filosófica estoica por três razões. Em primeiro lugar, porque a finalidade da filosofia é a excelência, isto é, a formação de uma alma harmoniosa em relação a si mesma e em relação ao Cosmos. Essa formação exige tanto o esforço para conhecer a Natureza (assentir a juízos verdadeiros) quanto o esforço para transformar a si mesmo (ordenar os impulsos interiores). Em segundo lugar, os teoremas também precisam ser exercitados. Epicteto de Hierápolis lança luz sobre a prática dos teoremas demonstrando como se exercitar a partir das situações mais fáceis às mais difíceis. Para ele o progresso na formação filosófica é fundado sobre o exercício. Em terceiro lugar, a prudência (*phronesis*) é definida em termos teóricos e práticos muito próximos à definição de força da alma. A tese estoica da inseparabilidade das excelências identifica a *phronesis* com a própria sabedoria (*sophia*). Nesse sentido, parece haver uma relação estreita entre a força da alma e o exercício filosófico. Em síntese, primeiro apresentar-se-á as definições do primeiro estoicismo para a excelência, as excelências primárias e as excelências que são capacidades. Segundo, apresentar-se-á a sua definição de episteme e a definição de Epicteto para dogma. Terceiro, expor-se-á a definição e a aplicação do Teorema Ontológico, isto é, a regra de vida fundamental para Epicteto. E, finalmente, comentar-se-á sobre as possíveis relações entre a força da alma e a transformação interior necessária para a formação de uma alma harmoniosa.

### Palavras-Chave

Epicteto. Exercício. força.



## A PARRHESIA ESTOICA SOB O OLHAR DE FOUCAULT

Vanessa Kiewel Cordeiro  
[vkcordeiro\\_rs@hotmail.com](mailto:vkcordeiro_rs@hotmail.com)

### Resumo

A presente comunicação objetiva analisar a parrhesia estoica sob o olhar foucaultiano. Nossa análise é primordialmente enfocada nas obras do último Foucault, produzidas nos derradeiros cinco últimos anos de sua vida, entre 1980 e 1984, à qual trazemos a contribuição de trechos das obras dos filósofos estoicos Epicteto e Sêneca. Preliminarmente, partimos do conceito de parrhesia deixado por Foucault, que, para além de ser a fala da verdade com requisitos específicos, é sempre por ele enfocada como instrumento do cuidado de si e dos outros, e dele extraímos os três tipos de parrhesia analisados por Foucault, a parrhesia política, a parrhesia filosófica e a parrhesia político-filosófica. Esta última que, tanto para ele quanto para nós, representa o auge da parrhesia, sendo ela não apenas discurso, mas tal discurso sendo o norte da ação dos filósofos estoicos, cínicos e cínico-estoicos, que viviam a vida parrhesiástica, a vida da verdade. Deste último ponto, no qual concentramos nossa análise, decorre a conclusão de que a parrhesia é o centro da ação comunitária ou sócio-política estoica, pela qual somos instados a cumprir o dever cívico e ético de agir em prol do bem comum e maior sempre, posto que somos apenas pequenas partes de um todo muito maior, a natureza, o Cosmos ou Deus, e só agindo em benefício de todos é que podemos agir em nosso próprio benefício, eis que há exata coincidência entre ambos, o que frisa o próprio Foucault ao final de sua análise. Por fim, vemos que, não só é possível aplicar a parrhesia na nossa atual sociedade e em nossas vidas, como é necessário que o façamos caso queiramos mudar o mundo para uma outra vida, fundada nos princípios arcaicos e primordiais da vida conforme a natureza e as virtudes, vivendo, hoje, a vida da verdade ensinada e praticada pelos antigos estoicos e cínico-estoicos e belamente analisada por Foucault.

### Palavras-Chave

Parrhesia. Verdade. Estoicismo.



## A RECEPÇÃO DE EPICTETO DA PSICOLOGIA ESTOICA

Aldo Lopes Dinucci  
[aldodinucci@gmail.com](mailto:aldodinucci@gmail.com)

### Resumo

Neste capítulo, examinamos a recepção de Epicteto à psicologia estoica, dando especial atenção ao papel da teoria estoica do tónus no pensamento de Epicteto e sua relação com virtudes, vícios e paixões, tanto no estoicismo em geral quanto em Epicteto em particular. Mas, antes de fazer isso, é necessário apresentar um esboço da física estoica. Como Hager aponta, a pedra angular de sua física era uma teoria contínua do cosmos [...] todas as mudanças ou processos, sejam locais ou cósmicos, são vistos como alterações na disposição dessa substância única, dinâmica e eterna. A física estoica nos desafia com muitos problemas difíceis: não tentaremos oferecer uma solução para estes aqui, mas apenas uma visão geral dos principais princípios da física estoica, a fim de verificar se esses conceitos fundamentam a psicologia de Epicteto. Na primeira seção, falaremos sobre os (1) dois princípios da física estoica, (2) a versão estoica da distinção clássica dos quatro elementos, (3) e a teoria estoica do pneuma. A seguir, faremos um mapeamento nos corpus epictetiano para averiguar em que medidas ele faz uso dessas concepções ou não.

### Palavras-Chave

Epicteto. Estoicismo. Helenismo.



## A RETÓRICA FILOSÓFICA DE GÓRGIAS DE LEONTINOS EM A DEFESA DE PALAMEDES

Thatiane Santos Meneses  
[thatianesm@hotmail.com](mailto:thatianesm@hotmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os elementos retóricos utilizados por Górgias em seus discursos. Górgias de Leontinos é reconhecido por estudiosos como um de seus principais representantes do movimento sofista e o motivo se deve muito ao grande poder persuasivo e eloquente de seus discursos gorgianos. Acredita-se que o sucesso das comunicações proferidas por Górgias possui íntima relação com o uso frequente de figuras de linguagens, muitas intituladas de “figuras gorgianas”. Por meio do uso das figuras de linguagem o orador pode expressar com maior ênfase suas ideias e suscitar as emoções de seu público e por conta desse seu poder é que se faz necessário o estudo que este recurso estilístico traz para o discurso a ponto de provocar as mais variadas sensações nas pessoas. Além disso, é perceptível que Górgias utiliza a tragédia grega como pano de fundo de alguns de seus discursos, tendo em vista que dos seis textos que nos chegaram, três dele utilizam a guerra como ponto de partida para a construção da enunciação. Em A Defesa de Palamedes o sofista chama a atenção para algumas questões cruciais que ecoam no pensamento humano desde a antiguidade, a exemplo da honra e da influência do poder político na vida das pessoas. O sofista utiliza personagens conhecidos da mitologia grega para fazer seu discurso. A pesquisa tem como objetivos específicos identificar na obra referida os aspectos da retórica filosófica do sofista Górgias. O tema é relevante para a compreensão do estilo do discurso retórico do leontino. O entendimento desses questionamentos dos pensadores antigos lançará luz sobre as discussões atuais quanto a esses temas, nos possibilitando compreender aspectos importantes deste desenvolvimento bem como a transmissão dessas reflexões ao longo do tempo.

### Palavras-Chave

Sofistas. Górgias. Retórica.



## APATIA E EXAME DE CONSCIÊNCIA NA TERAPIA FILOSÓFICA DE SÊNECA

Douglas Giovanni Ezequiel  
[douglas.giovani@outlook.com](mailto:douglas.giovani@outlook.com)

### Resumo

A proposta de comunicação objetiva caracterizar a relação entre moral e terapia da alma no estoicismo de Lúcio Aneu Sêneca (4 d.C-65 d.C.). Para o filósofo estoico, a cura das enfermidades da alma, as aflições emocionais e patológicas, decorrem do comprometimento do sujeito com o seu próprio aperfeiçoamento moral. Num primeiro momento, reconstruiremos a linha de pensamento senequiana sobre a equivalência, de um lado, das noções de “enfermidade” e mal moral, decorrentes dos juízos de valor equivocados, e, de outro, das noções de “racionalidade” e bem moral. Em linhas gerais, ao longo dos tratados morais, e mais evidentemente, ao longo das Cartas a Lucílio (ca. 62 d.C.), Sêneca associa a conduta do filósofo à conformidade com a Natureza (tal conceito é multifacetado; além da *phýsis* grega, “*Φύσις*”, significa ainda “*λόγος*” ou razão, deuses, Deus, Providência e destino). Compreende-se que o mal moral corresponde à dissonância da conduta natural, cujas consequências imediatas são as aflições emocionais ou “paixões” (*πάθος*). Identificamos no pensamento de Sêneca a consolação e a exortação como fases iniciais da terapia filosófica; o enfermo, aquém da sabedoria filosófica, carece dos cuidados de um estoico a fim de mobilizar força interior para a vida virtuosa. Trataremos destes dois momentos brevemente; contudo, somente a autonomia terapêutica pode extinguir as patologias. Nossa hipótese de trabalho consiste em caracterizar o exame de consciência (*meditatio*) enquanto condições do ideal estoico de apatia (*ἀπάθεια*), ausência de afecções perturbadoras, enquanto através do exame de consciência o sujeito enfermo revisa os juízos de valor construídos distorcidamente no passado. A terapia filosófica consiste em interpretar racionalmente as coisas e os acontecimentos do mundo: o indesejável (o vício), o indiferente (a riqueza, a morte, a saúde etc.) e o desejável (a virtude). Em última análise, poderemos concluir que a filosofia, para Sêneca — aliás, a filosofia estoica —, possui função terapêutica, uma vez que o sujeito desejará conformar-se com a Natureza através da virtude, munido do conhecimento de si. Desta forma, a terapia estoica possibilita o ordenamento passional e, por conseguinte, a “tranquilidade” da alma.

### Palavras-Chave

Exame de consciência. Sêneca. Terapia.





## AS DECISÕES E OS DESPUDORES DE HIPÁRQUIA, A FILÓSOFA-CADELA

Raquel Wachtler Pandolpho  
[raquelpandolpho@gmail.com](mailto:raquelpandolpho@gmail.com)

### Resumo

Hipárquia nasceu em Maroneia no ano 330 a.C. É tradicionalmente lembrada como irmã de Metrocles, esposa-cadela de Crates e “discípula” de Diógenes, o cão. Meu intuito aqui, no entanto, não é tratar Hipárquia como “outro-Crates”, ainda que essa expressão tenha sido cunhada respeitosamente por Epicteto, mas apresentá-la enquanto filósofa-cadela autossuficiente, decidida, amante de si mesma, sem-vergonha e livre da ponta da língua tagarela à sola dos pés andarilhos. Introduzo a cadela maronita por meio de suas decisões e de seus despudores enquanto exemplos cínicos que atestam o exercício filosófico praticado por seu modo de vida. Embora seja autora de no mínimo três obras, apenas os títulos destas sobreviveram e para ter acesso à autenticidade irreverente de sua filosofia é preciso consultar os testemunhos sobre sua vida, doxografia escrita por homens. A filósofa-cadela é a única mulher com uma entrada só para si em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, sendo, então, a pensadora de maior reconhecimento na obra de Diógenes Laércio. Hipárquia decidiu viver em cão-samento (*kynogamía*) com seu parceiro, copulando nas ruas e discutindo nos banquetes. Ela marcou a história do pensamento enquanto intempestiva mulher grega que, com destreza, borrou as fronteiras entre público e privado, levando às últimas consequências a filosofia canina de Diógenes de Sínope que “costumava tudo fazer em público”.

### Palavras-Chave

Hipárquia de Maroneia. Cinismo. Filósofa.



## CINISMO: FILOSOFIA OU MODO DE VIDA? UMA ANÁLISE ACERCA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA DE HEGEL

Sabrina Paradizzo Senna

[sp\\_senna@hotmail.com](mailto:sp_senna@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo desse trabalho é apresentar a leitura hegeliana acerca dos cínicos na obra *Vorlesungen Über Die Geschichte Der Philosophie I* (Lições sobre a História da Filosofia). Hegel acreditava que os cínicos não tinham um sistema e nem uma ciência, por isso, os cínicos não faziam filosofia. Para o filósofo alemão, é somente com os estoicos que se chega a uma disciplina filosófica. Mostraremos que essa é uma crítica que perpassa pelos cínicos desde a sua criação com Antístenes, Diógenes e Crates. Na visão de Hegel, a escola cínica não tem influências científicas, ela é só um momento na consciência da totalidade, dos povos. Essa escola se tornou importante para a libertação do homem dos caprichos da natureza, do apego aos prazeres, mas, de forma científica em nada colaborou. Os cínicos prezavam pela fuga do prazer das sensações e fizeram de seu princípio a negação dos prazeres. Para Hegel os cínicos compreenderam que a liberdade concreta, efetiva e real seria esse completo afastamento, tanto da satisfação das necessidades, quanto de uma vida em conjunto na comunidade, e Hegel discorda, porque para ele a liberdade só é capaz de se efetivar justamente através dos desejos e das relações, já que os homens precisam de outros homens para se realizar e se formar. A liberdade dos cínicos é negativa porque ela é privação, e a redução da liberdade como a mera privação é apenas uma liberdade abstrata. A liberdade concreta não é a simples e total negação de todas as coisas, incluindo os prazeres, mas sim, é a satisfação de suas necessidades e da integração social. Toda a independência pregada pelos cínicos não passaria na verdade de dependência. Ao negarem a racionalidade e todos os elementos de uma vida social, os cínicos se tornam cada vez mais dependentes da natureza, se rendendo a dependência de uma vida natural que era inicialmente desprezada por eles. Com isso, Hegel conclui que o cinismo seria um modo de vida e não uma filosofia.

### Palavras-Chave

Cinismo. Hegel. História da Filosofia.



## DE OTIO, DE SÊNECA: UM MODO DE VIDA ESTÓICO RESPALDADO NOS EXEMPLARES GREGOS

Rafael Batista Lopes De Oliveira  
[rblopesoliveira1001@gmail.com](mailto:rblopesoliveira1001@gmail.com)

### Resumo

O objetivo principal é compreender o fragmento senequiano “De otio” como um modo de vida estóico, respaldado nos exemplares gregos, que se confronta com um estoicismo construído na supervalorização do modo de vida pública da fase Imperial Romana. Para isso, 1) evidenciaremos os postulados do estoicismo grego acerca da utilidade, paixões e impressão não-cataléptica nas três primeiras partes do capítulo I. Sobre a utilidade, Diógenes Laércio a apresenta no parágrafo 94 - na exposição da doutrina estóica em “Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres” -, e Sêneca se apropria dela pelo verbo prodesse. Sobre as paixões, Christopher Gill apresenta em seu artigo “A Escola no período imperial romano”, e Sêneca se apropria pelo termo cupiditas. Sobre as impressões não-catalépticas, Robert J. Hankinson apresenta em seu artigo “Epistemologia estóica”, e Sêneca se apropria pelo termo turba vestigiorum. Em seguida, 2) a repulsa do interlocutor ao interpretar a argumentação senequiana como fuga da vida pública e, por isso, uma traição aos estóicos pela mistura com epicurismo na parte 4 do capítulo I. Sobre a repulsa, David Sedley em “A Escola, de Zenon a Ário Dídimos” e Christopher Gill em “A Escola no período imperial romano” apresentam o estoicismo como força política atuante no período Imperial Romano de modo a misturar o ser estóico e o ser patricio. A identificação do interlocutor pela repulsa epicurista se fundamenta pela série de relatos difamatórios de estóicos a Epicuro em “Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres” e pela exposição ciceroniana do epicurismo em “Sobre a natureza dos deuses”. 3) A necessidade, para Sêneca, de se fundamentar o discurso em “exemplum” no capítulo I parte 5 e no capítulo II parte 1. Essa fundamentação acontece pela predileção do cordovês pelos mestre que tenham conduzido (duxerint), não que tenha prescrito (miserint) na parte 5 do I. Também pela predileção senequiana pelos exemplos (exempla), ao invés dos preceitos (praecepta) na parte 1 do II. Por fim, 4) a utilização dos exemplares estóicos nas partes 4 e 5 do capítulo VI como respaldo de sua argumentação. Na parte 4, Sêneca apresenta Zenão



e Crisipo como exemplares que, mesmo sem cargos públicos, tiveram maiores feitos públicos do que os detentores de tais posições. Na parte 5, o cordovês expõe Zenão, Cleantes e Crisipo como exemplares que viveram seus preceitos, agindo muito publicamente apesar de não possuírem função pública.

### Palavras-Chave

Sêneca. Estoicismo Romano. Exemplum.



## EPICTETO E OS INDIFERENTES – UMA BREVE ANÁLISE

André Capistrano Gama Santana  
[andrecgsantana@gmail.com](mailto:andrecgsantana@gmail.com)

### Resumo

Os indiferentes constituem-se como uma categoria conceitual essencial para a filosofia estoica. Por meio dos indiferentes, os estoicos fixam os limites da ação humana e, a partir daí, estabelecem os contornos de sua perspectiva de virtude, sendo ela determinada pelo uso adequado do que está ao nosso encargo. Essa noção é central também no estoicismo epictetiano. O seu Manual inicia-se, exatamente, com a distinção entre o que está ou não ao nosso encargo. Para Epicteto, devemos nos concentrar naquilo que concerne à atividade humana - o juízo, o impulso, o desejo e a aversão e, podemos incluir, o uso das representações - pois somente essas capacidades são livres por natureza. Quanto aos demais elementos de nossa vida, devemos tratá-los como indiferentes, já que não nos podem causar nenhum bem ou mal e, por isso, não são pertinentes à busca pela liberdade e felicidade. Entretanto, os indiferentes não são um elemento ignorado pelo estoicismo. Desde Zenão até Epicteto, os estoicos propuseram diferentes abordagens para lidarmos com essas situações que, apesar de não terem repercussão no alcance da virtude e da vida em conformidade com a natureza, não podem ter a sua realidade negada. Nesse sentido, a proposta dessa fala consistirá em apresentar o panorama sobre a compreensão dos estoicos antigos sobre os indiferentes, por meio da distinção entre vantagens e desvantagens naturais, e a maneira como o estoicismo epictetiano aborda essa questão.

### Palavras-Chave

Estoicismo. Indiferentes. Epicteto.



## O CÍNICO COMO ΚΑΤΑΣΚΟΠΙΟΣ SEGUNDO EPICTETO: UMA LEITURA DA DIATRIBE 3. 22.

Brenner Brunetto Oliveira Silveira

[brenner.tev@hotmail.com](mailto:brenner.tev@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar o conceito de *κατάσκοπος* designado para o filósofo cínico (principalmente Diógenes de Sínope, também conhecido como “o Cão”) segundo a visão do estoico Epicteto, em sua Diatribe 3. 22. Em tal texto, intitulado *Περὶ Κυνισμού* (Sobre o Cinismo), Epicteto nos diz que o filósofo cínico deve entender que sua missão na sociedade é comparada com a missão de um *κατάσκοπος* no campo de batalha. A palavra *κατάσκοπος*, como bem apontou Michel Foucault em seu último curso no Collège de France intitulado *A Coragem da Verdade*, tem conotação militar, pois os *κατάσκοποι* eram os soldados treinados e designados a irem disfarçados no campo de batalha do inimigo com o intuito de coletar informações do exército inimigo (seus planos, suas táticas, suas fraquezas, sua força, etc.). Por este motivo, *κατάσκοπος* pode ser traduzido como “espia”, “espião” ou “batedor”. Desta forma, a missão do filósofo cínico é, na visão de Epicteto, analisar as coisas que são (os vícios) e as que não são (as virtudes) inimigas dos seres humanos, para que ele possa anunciar-lhes a verdade com coragem e franqueza (*παρρησία*).

### Palavras-Chave

Cinismo. Epicteto. *katáskopos*.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT EPISTEMOLOGIA ANALÍTICA



## A ÉTICA DA CRENÇA: É ERRADO CRER SEM EVIDÊNCIAS SUFICIENTES? A DIVERGÊNCIA ENTRE CLIFFORD E JAMES

Bruno Da Silva Tarsitano  
[brunotarsitano@hotmail.com](mailto:brunotarsitano@hotmail.com)

### Resumo

É errado crer sem evidências suficientes? William K. Clifford, em a *Ética da Crença* (1877), argumenta que é sempre errado, para qualquer pessoa, em qualquer circunstância, crer sem evidência suficiente. Por outro lado, William James, em *A Vontade de Crer* (1897), argumenta que nem sempre é errado crer sem evidências suficientes e apresenta algumas exceções à norma de Clifford. As posições de Clifford e James tornaram-se paradigmáticas no campo da *Ética da Crença*. Atualmente, correntes evidencialistas defendem que devemos basear nossas crenças em evidências. Feldman (2003) sustenta que “as atitudes doxásticas de uma pessoa estejam epistemologicamente justificadas se e somente se elas se encaixam na evidência que a pessoa tem”. Embora haja várias correntes dentro do evidencialismo, todas concordam, em geral, que a crença deve ser fundamentada em evidências. Nesse sentido, muitos incluem Clifford entre evidencialistas. E há razões para isso. No entanto, uma leitura estrita da norma de Clifford (É sempre errado crer sem evidências suficientes) revela que ela não é necessariamente equivalente à norma geral do evidencialismo que preconiza a crença com base em evidências. Pretendo explorar as diferenças. Susan Haack (1995) destaca que a compreensão do debate entre Clifford e James passa por diferenciarmos justificção epistêmica e justificção moral, uma vez que há situações em que um sujeito pode estar episteticamente justificado sem estar moralmente justificado. Assim, seria possível apoiar Clifford no sentido de que é episteticamente errado crer sem evidências suficientes, mas, em termos morais, poderíamos apoiar James e defender que há situações em que estamos moralmente justificados a crer sem evidências suficientes. Rima Basu (2019) apresenta um novo desafio ao debate da *Ética da Crença* ao analisar situações em que um sujeito mesmo de posse de evidências suficientes pode não estar justificado a crer (“num mundo que foi e continua a ser estruturado por atitudes e instituições racistas, como resultado, as evidências podem ser acumuladas a favor de crenças racistas”). Mais recentemente,





teorias como a Moral Encroachment e Pragmatic Encroachment lançam luz sobre o debate da Ética da Crença, sugerindo que considerações morais e pragmáticas podem influenciar a justificação epistêmica. Pretendo discutir tais posições com o objetivo de contribuir com a investigação sobre como podemos formar crenças melhores.

### **Palavras-Chave**

Ética. Crença. Evidência.



## A INTENCIONALIDADE REPAGINADA DE MILLIKAN

Ana Paula Monteiro Dos Reis Emmendorfer

[anapaulaemmendorfer@gmail.com](mailto:anapaulaemmendorfer@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação pretendemos traçar um paralelo entre a noção de Intencionalidade de Brentano (1874) e a interpretação repaginada de Millikan (2004). Millikan analisa a Intencionalidade não apenas no âmbito mental, mas também no físico. Diante disso, qualquer signo, qualquer signo, mental ou físico, no sentido amplo é detentor de Intencionalidade, uma vez que essa propriedade tem relação com propósitos. Segundo Millikan (2004), o problema da visão de Brentano (1874) consiste em considerar que apenas signos mentais possuem essa propriedade. Em vista disso, em um primeiro momento, iremos expor a explicação de Brentano (1874) em relação à percepção externa. Para tanto, estipularemos a distinção entre essa percepção advinda de fenômenos externos e após a percepção interna que, de acordo com esse filósofo, são fenômenos psíquicos. Em seguida, trataremos do mapa conceitual da Intencionalidade naturalizada de Millikan. Conforme Millikan (1984, 1993), os signos podem ser caracterizados por suas funções próprias, as quais a partir de seus propósitos representam objetos e/ou estados de coisas. O termo propósito é técnico e amplia o escopo da sua telesemântica por meio da Intencionalidade naturalizada. A investigação de Millikan parte da ideia de propósito como finalidade e em seguida explora as outras etapas da sua teoria por meio da função própria. Uma função própria, por sua vez, indica que algo específico, uma propriedade do organismo, é suposto para ocorrer um efeito x. E a função ocorre caso o organismo tenha sido projetado para tanto e/ou tenha o design apropriado, de acordo com a sua história evolutiva e/ou tenha sido uma cópia de algo, independente das propriedades e/ou disposições atuais (1984, 1993).

### Palavras-Chave

Intencionalidade. Objetos mentais. Objetos físicos.



## A NATUREZA FUNDAMENTAL DA REALIDADE DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS HUMANAS À LUZ DE JOHN SEARLE

Sergio Da Costa Oggioni  
[sergio.oggioni@outlook.com](mailto:sergio.oggioni@outlook.com)

### Resumo

Existem fatos objetivos no mundo que só são fatos por meio de acordos entre os humanos, assim, há coisas em nossa realidade cuja existência depende de acreditarmos que elas existem. Este caráter paradoxal da realidade social instiga John Searle a realizar um projeto filosófico sobre a natureza fundamental da realidade institucional humana. Tal projeto requer a resposta de duas questões: como é possível termos um conhecimento factual objetivo de uma realidade que é criada por opiniões objetivas? E nós temos apenas uma realidade, assim, como a realidade social se encaixa nesta? A primeira questão tem como centro um fenômeno que exige simbolização, o que coloca a linguagem como um elemento fundamental das instituições humanas, por exemplo, podemos imaginar tribos com linguagem e sem casamento, dinheiro ou propriedade, mas não o contrário. Desta forma, por meio de teorias e ferramentas que nos permitem compreender como a linguagem funciona, podemos compreender como a usamos para criar a realidade institucional. Assim, Searle recorre à sua teoria sobre atos de fala para explicar a criação de toda a realidade social. Em seu livro *The construction of social reality*, Searle explica como fatos institucionais são possíveis, apresenta a estrutura destes fatos e, além de responder a estes pontos centrais, também defende teses auxiliares que sustentam sua teoria, como a defesa do realismo e da teoria da verdade como correspondência. Após quinze anos da publicação da sua teoria, Searle publica o *Making the social world*, em que retoma todo o aparato conceitual, dialoga com as críticas e objeções às suas ideias e lapida sua teoria defendendo uma tese ainda mais forte: que toda realidade institucional humana é criada e mantida por representações que se assemelha à forma lógica do ato de fala chamado de declaração. A segunda questão a ser explicada pressupõem a existência de um só mundo e, como consequência, a teoria que explica os fatos sociais deve se adequar às teorias que explicam os fatos brutos, como a teoria atômica e a teoria evolucionista. Portanto, o objetivo da apresentação é avaliar o projeto de Searle, levantando as principais questões e os conceitos fundamentais que explicam como a realidade social é criada e mantida a partir de elementos da linguagem.

### Palavras-Chave

Linguagem. Realidade. Objetividade.



## A RETIFICAÇÃO DO ERRO NA EPISTEMOLOGIA BACHELARDIANA: ANTECIPAÇÃO DE UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Jonhkat Leite Dos Santos

[jnhkltls@gmail.com](mailto:jnhkltls@gmail.com)

### Resumo

O trabalho apresenta elementos da filosofia proposta por Gaston Bachelard (1884) com o intuito de fomentar a discussão a respeito da natureza da ciência e como a retificação do erro constitui a possibilidade de uma abordagem histórica que mais tarde encontraria ecos em Thomas Kuhn (1922) e Imre Lakatos (1922). Argumenta-se que Bachelard, ao enfatizar a retificação do erro como oportunidade de aprendizagem e o exercício científico enquanto atividade humana, e por isso, passível de refutações e construções, antecipa o que eventualmente a tradição analítica da filosofia da ciência veio a reconhecer: 1. não há um único método científico 2. teorias científicas estão em constante revisão, e 3. a ciência é um empreendimento humano sujeito à limitações. Trazemos uma breve discussão a respeito da epistemologia proposta por Bachelard na tentativa de contribuir para uma visão mais adequada ao exercício científico atual, demandando uma postura em que o racional e o empírico estejam em relação, em constante diálogo e não postos enquanto antagonistas. A atividade científica solicita um racionalismo aplicado, uma filosofia plural que acompanha as transformações inerentes aos novos tempos capaz de abranger a complexidade da relação entre razão e experiência.

### Palavras-Chave

Bachelard. Epistemologia. Erro.



## A VERDADE É ÚTIL? A FORMA COMO LORENZ PUNTEL BUSCA SUPERAR O PROBLEMA DO DEFLACIONISMO DA VERDADE

Jean Bras Guerra

[jeanbrasg@gmail.com](mailto:jeanbrasg@gmail.com)

### Resumo

É fato que a temática da verdade na filosofia possui uma longa discussão histórica, desde as famosas teorias antigas como, por exemplo, a teoria da verdade como correspondência, ou teorias que relativizaram esta verdade, ou até mesmo negaram a sua existência (como no caso dos sofistas gregos). A questão posta aqui, porém, seria em torno de uma questão ainda mais contemporânea: a verdade, afinal, é útil? Afirmar que algo é verdadeiro indica algo de novo em uma sentença? Esta questão é posta principalmente devido ao problema do deflacionismo da verdade. Os deflacionistas defendem a tese que “verdadeiro” não seria um atributo positivo, mas apenas uma redundância, ou, ainda mais, uma tautologia, tornando-se deste modo inútil. A forma como o deflacionismo realiza sua tese se justifica pela afirmação de que dizer “é verdade que p’ é o mesmo que dizer: (simplesmente) ‘p’”. O objetivo do presente trabalho será o de apresentar a forma como Lorenz B. Puntel crítica esta teoria, e apresenta uma forma de superá-la, a partir de uma visão catafórica da verdade, com um caráter de determinação, trabalhada a partir de três níveis, de modo que a verdade do terceiro nível é mais determinada que a do primeiro, refutando a tese de que a verdade nada acrescenta a uma sentença.

### Palavras-Chave

Verdade. Deflacionismo, Puntel. Determinação.



## AGÊNCIA SOB OPRESSÃO: CAMINHOS PARA RESISTIR A INJUSTIÇAS EPISTÊMICAS

Ariadne Fernandes Lacerda

[ariadnefl@yahoo.com.br](mailto:ariadnefl@yahoo.com.br)

### Resumo

A discussão sobre injustiça epistêmica – instaurada por Miranda Fricker, mas expandida por diversos autores – chamou atenção para os aspectos éticos e políticos presentes em nossas práticas epistêmicas mais básicas e, a partir disso, para os danos epistêmicos causados a grupos marginalmente situados. Diante disso, criou-se um intenso debate na literatura sobre possíveis soluções para o problema da injustiça epistêmica. Nesse debate, grande parte de literatura orienta a solução do problema para a agência dos grupos que estão em posição privilegiada – como propõe Fricker –, o que, contudo, parece ser inadequado para a resolver o problema e pode estar fadado a uma visão paternalista que desconsidera a possibilidade de agência daqueles que estão em posição marginalizada. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir como podemos enxergar o problema da injustiça epistêmica a partir da agência epistêmica daqueles que estão em posições marginalmente situadas. Para isso, pretende-se discutir como conceber a agência epistêmica dos agentes sob opressão de forma a rejeitar uma posição paternalista sem desconsiderar como estruturas de opressão afetam a agência. Por meio dessa discussão, pretende-se analisar, a partir de Pohlhaus Jr e Lugones, como a inclusão dos agentes epistêmicos marginalizados pode ser tão danosa para a agência quanto a exclusão sistêmica desses agentes e, por fim, pretende-se investigar quais tipos de práticas seriam mais efetivas para resistência à injustiça epistêmica por meio da distinção entre práticas horizontais e verticais.

### Palavras-Chave

Injustiça Epistêmica. Agência Epistêmica.



## ANÁLISE DA DEFINIÇÃO DE CONHECIMENTO DE LINDA ZAGZEBSKI

Mateus Henriques Patricio  
[mateushpatricio@gmail.com](mailto:mateushpatricio@gmail.com)

### Resumo

O empreendimento filosófico de fornecer uma análise do conhecimento que escape objeções tipo-Gettier ocupa a agenda dos epistemólogos de maneira acentuada desde a publicação do famoso artigo *É Crença Verdadeira Justifica Conhecimento?*, em 1963. Recentemente, o debate filosófico ao redor da definição de conhecimento ganhou facetas ausentes na primeira leva de respostas ao artigo de Gettier. Um bom exemplo dessa nova fase da epistemologia é o trabalho de Zagzebski. A filósofa defende que o problema é irresolúvel em seus moldes originais, mesmo assim avança sua própria definição de conhecimento. Sua atitude não é nada inconsistente, já que acompanha uma perspectiva renovada dos objetivos teóricos no contexto epistemológico estrito da definição do conhecimento, bem como em contextos epistemológicos mais gerais. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a definição do conhecimento avançada por Zagzebski na obra *Virtues of the Mind*. Para tanto, em um primeiro momento promover-se-á uma discussão a respeito dos critérios definicionais relevantes para uma definição do conhecimento. Em seguida, apresentar-se-á a definição de conhecimento de Zagzebski. Por fim, analisar-se-á a definição da filósofa seguindo os critérios elencados anteriormente. Segundo Zagzebski, conhecimento é o produto de um ato de virtude intelectual. Mais especificamente, conhecimento é um termo de sucesso, que se refere a uma conexão causal bem-sucedida entre os motivos intelectuais de um sujeito e a verdade. Um sujeito, S, conhece que P se, e somente se, (i) exhibe um motivo característico de uma virtude intelectual, (ii) esse motivo o leva a agir de modo característico da virtude em questão e (iii), mediante a ação, S alcança a verdade.

### Palavras-Chave

análise do conhecimento. Virtudes intelectuais.



## ARGUING FOR AUTONOMOUS EPISTEMIC DEPENDENCE

José Leonardo Annunziato Ruivo

[jleonardo.ruivo@gmail.com](mailto:jleonardo.ruivo@gmail.com)

### Resumo

In 1985, Hardwig argued that our knowledge expansion is inherently tied to our reliance on others, marking the era of epistemic dependence (ED). This era, however, demands a profound shift in our traditional and individualistic epistemology. Hardwig's seminal paper on ED investigates the general phenomenon of trusting in others' testimony, particularly in the context of trusting epistemic authorities. These authorities should be given more credibility when speaking about their area of expertise. The challenge, however, lies in laypeople's ability to identify these authorities. Yet even when correctly identified, how should laypeople receive an expert testimony about  $p$ ? Hardwig defends that they should accept  $p$  passively and acritically, as experts are presumed to possess more knowledge and epistemic capacities. Attempting to reason over  $p$  may mix false or problematic lay reasons with good expert reasons. This kind of reasoning is Hardwig's Dilemma (HD): either we embrace epistemic dependence and give up on epistemic autonomy, or we uphold epistemic autonomy and reject epistemic dependence. The first horn explains why ED is rational yet forces a reevaluation of our traditional and individualistic epistemology. The second horn maintains epistemic autonomy, but in an individualistic fashion which deems all ED relations as irrational. In this presentation, I will argue that HD is only possible given some false assumptions, which once given up, clears up the dilemma. First, I'll argue that one faces serious trouble distinguishing between rational and irrational ED. Second, I'll show that endorsing a moderate version of epistemic autonomy is sufficient to prove that autonomous ED is possible. The dilemma is thus, false. One can reinstate HD, however, by defending that epistemic autonomy is essential in an expert's identification, but not in accepting an expert's testimony. I will argue that this is a Strong ED thesis, presupposed by any form of preemptionism (Zagzebski, Keren, Grundmann): once a layperson  $L$  identifies  $E$  as an expert in  $D$ ,  $L$  cannot refuse  $E$ 's statements on  $D$ , even if they are false, outrageous, or epistemically problematic. This thesis is precarious, because it does not allow for belief revision.





Concluding, I will consider positive forms of epistemic autonomy that I believe offer a viable understanding of how we should treat expert testimony and explain our intellectual dependence on experts, while also allowing for belief revision.

### **Palavras-Chave**

Social Epistemology. Epistemic Dependence.



## AUTONOMIA DEFERENTE: UMA AVALIAÇÃO EPISTÊMICA DO NEGACIONISMO CIENTÍFICO

André Neiva

[andre.neiva@ichca.ufal.br](mailto:andre.neiva@ichca.ufal.br)

### Resumo

Autonomia e deferência epistêmica parecem ser duas posturas intrinsecamente incompatíveis. O conflito é particularmente importante no âmbito do negacionismo científico, que se caracteriza pela rejeição deliberada de juízos científicos consensuais. Pretendo argumentar que agentes racionais podem exercer a deferência epistêmica sem abrir mão de sua autonomia. Em particular, meu objetivo é oferecer uma visão na qual autonomia e deferência são duas atitudes epistêmicas plenamente compatíveis e mutuamente exercíveis. É racional que agentes epistemicamente autônomos defiram ao consenso científico devido à existência de evidência de ordem superior quanto à credibilidade de tal consenso. Assim, o erro fundamental do negacionista consiste em não reconhecer a evidência de credibilidade em virtude da qual se deve deferir ao juízo científico. A compreensão apropriada da relação entre autonomia e deferência epistêmica é um passo fundamental para demonstrar a irracionalidade da posição defendida pelo negacionista científico.

### Palavras-Chave

Autonomia. Deferência. Negacionismo Científico. Racionalidade.



## CAN WE HAVE EPISODIC MEMORY KNOWLEDGE?

Tiegue Vieira Rodrigues  
[tieguevieira@gmail.com](mailto:tieguevieira@gmail.com)

### Resumo

Our memory is not a singular repository; rather, it functions akin to a specialized filing system. Episodic memory serves as a personal diary, capturing detailed autobiographical snapshots of our lives. It encapsulates vivid recollections of specific events, rich with sensory experiences such as sights, sounds, emotions, and even scents. When you vividly recall your best friends birthday party from last year, complete with the taste of cake and the echoes of laughter, it exemplifies the workings of episodic memory. Semantic memory, on the other hand, resembles a vast encyclopedia. Here, we house a wealth of general knowledge accumulated over time, encompassing factual data like country capitals, word meanings, and abstract concepts such as gravity. Semantic memory facilitates language comprehension, aids in navigating novel situations, and helps us interpret the complexities of the world around us. For instance, when explaining the concept of a birthday to someone unfamiliar with the experience, one draws upon semantic memory. Epistemologists have been primarily concerned with evaluating belief. Historically, their focus has leaned heavily towards semantic memory, given its association with propositional knowledge, which forms the crux of their inquiries. Consequently, scant attention has been directed towards the epistemology of its counterpart, episodic memory, as delineated by psychologists. This paper diverges from the conventional epistemological trajectory by scrutinizing episodic memory. Beginning with an elucidation of fundamental concepts, I will conduct a comprehensive analysis of episodic memory before delving into its epistemic implications. I will posit that since episodic memory lacks propositional content, it cannot directly underpin beliefs and, hence, cannot be a conventional vessel for knowledge. However, this does not diminish its significance in the broader landscape of memory knowledge. I contend that episodic memory plays a pivotal role in generating knowledge when beliefs stem from episodic recollections.

### Palavras-Chave

Memory. Knowledge. Episodic memory.



## CARÁTER INTELECTUAL E HIPOCRISIA

Arthur Viana Lopes  
arthurvlandes@gmail.com

### Resumo

O conceito de Hipocrisia é um conceito tradicionalmente tratado apenas pela literatura em filosofia moral. Isto não é nada surpreendente dada sua natureza, afinal, casos de hipocrisia consistem em formas de falhas morais. Um agente que critica alguém por fazer A, quando ela também é culpada por fazer A, parece fazer uma violação moral no seu próprio ato de culpar. Explicar a natureza moral da hipocrisia, portanto, tem sido o foco da literatura filosófica sobre o assunto, e a maioria das abordagens sobre esse conceito focam apenas em componentes morais constitutivos dos casos de hipocrisia (WALLACE 2010; FRITZ E MILLER 2015; TODD 2017). Todavia, existem aspectos da hipocrisia que envolvem dimensões epistêmicas. Suponha por exemplo que um agente sinceramente acredita que S é culpado por A, mas que ele não é culpado por A. Neste caso, supondo que se trata realmente de um caso de hipocrisia, e muitas abordagens recentes insistiriam que sim, então o agente não comete apenas uma falha moral, mas comete também falhas epistêmicas: ele falha em saber que é culpado, em entender a gravidade de suas ações, ele pode estar em um estado de autoengano ou algum tipo de estado irracional, etc. Neste trabalho eu exploro as dimensões epistêmicas da hipocrisia. Em particular, seguindo aspectos da epistemologia das virtudes responsabilista, eu adoto uma abordagem baseada em caráter para argumentar que ao menos certos casos de julgamentos hipócritas são causados pelo caráter intelectual do seu agente, e não seu caráter moral. Em outras palavras, defendo que esses casos possuem componentes epistêmicos. O argumento tem a seguinte estrutura: (P1) um julgamento é hipócrita se (a) consiste numa forma de desaprovação moral, (b) é inconsistente com outros aspectos das atitudes e comportamento duradouros de alguém, e (c) esta inconsistência torna o próprio julgamento e/ou o agente moralmente repreensível; (P2) o agente hipócrita é aquele que apresenta uma disposição de culpabilização diferencial (DCD), i.e., sua disposição para culpar é injustificadamente diferente quando se trata de outras pessoas e quando se trata de si mesmo; (P3) um agente com baixo caráter intelectual pode apresentar DCD porque



tem uma disposição a formar crenças positivas irracionais/injustificadas sobre si mesmo e à autoignorância; (P4) esse agente é epistemicamente (e moralmente) repreensível por seus julgamentos; (C) certos casos de hipocrisia possuem componentes epistêmicos constitutivos.

### **Palavras-Chave**

Caráter intelectual. Hipocrisia. Vício epistêmico.



## CONTRA CRENÇA E JUSTIFICAÇÃO DE GRUPO DEFLACIONÁRIA

Luiz Paulo Cichoski  
[luizpcichoski@yahoo.com.br](mailto:luizpcichoski@yahoo.com.br)

### Resumo

Jennifer Lackey propõe uma posição bastante individualista em Epistemologia Coletiva. Suas teses de crença e justificação de grupo são fortemente ancoradas em propriedades dos membros que compõem o grupo e suas crenças. Uma preocupação muito saliente nas propostas da autora é a acomodação do papel que derrotadores devem desempenhar. Razões assumem um papel de destaque, acarretando em uma abordagem evidencialista sobre justificação (como em uma condição de que a adição das bases das crenças justificadas [i.e. razões] dos membros, resulte em um conjunto de crenças coerentes). Buscarei argumentar que uma estratégia desse tipo é muito fraca para a explicação adequada de propriedades epistêmicas de grupos. Em especial, ela é fraca por não possuir uma explicação de formação de crença de grupo. Há um problema nos critérios modais da proposta: os processos coletivos que levam à formação da crença coletiva são meramente contrafactuais. Em linhas gerais, ainda que uma tese de superveniência possa ser suficiente para explicar propriedades epistêmicas de crenças, como faz a teoria evidencialista de justificação, ela não será suficiente para explicar a existência de crenças coletivas e, portanto, não há objeto apropriado para instanciar propriedades epistêmicas. Busca-se mostrar, portanto, que uma tese sobre crenças coletivas pautada exclusivamente em propriedades individuais (dos membros do grupo) é falsa.

### Palavras-Chave

Crença. Justificação. Coletiva.



## DEVEMOS PLANEJAR ATUALIZAR NOSSOS GRAUS DE CRENÇA POR CONDICIONALIZAÇÃO?

Augusto Kern Hexsel

[augusto.hexsel@protonmail.com](mailto:augusto.hexsel@protonmail.com)

### Resumo

Bayesianos estão tradicionalmente interessados em investigar, com o auxílio de métodos formais, normas de racionalidade epistêmica ideal que governem o sistema de graus de crença de um agente. Para representar esse sistema, é comum utilizar uma função  $cr_i$  que atribui um número real a cada proposição sobre a qual o agente possui uma opinião no momento  $i$ . (Usarei a notação  $_i$  no lugar de um  $i$  subscrito.) Normas de racionalidade podem, então, ser formuladas em termos desse modelo. De acordo com uma delas, a regra do planejamento por condicionalização (RPC), um agente é racional somente se planeja atualizar por condicionalização. Um agente atualiza por condicionalização se e somente se  $cr_{t'} = cr_t(- | A)$ , onde  $t$  antecede  $t'$ ,  $A$  é uma proposição que o agente aprende entre  $t$  e  $t'$ , e  $cr_i(- | A) = cr_i(- \& A)/cr_i(A)$ , com  $cr_i(A)$  diferente de 0. Greaves e Wallace (2006) oferecem um argumento em favor de RPC com base em uma teoria da decisão epistêmica. Eles demonstram que, dado um experimento, o plano de atualizar por condicionalização maximiza utilidade epistêmica esperada, se o agente conhece a partição  $E$  de resultados possíveis do experimento, e sabe que receberá alguma informação  $E_j$  em  $E$ . Pressupondo que agentes racionais maximizam utilidade epistêmica esperada, Greaves e Wallace concluem que agentes racionais devem planejar atualizar por condicionalização, se aquelas duas condições estiverem satisfeitas. Em linhas gerais, o objetivo da minha apresentação é avaliar esse argumento em favor de RPC. Em particular, pretendo tocar em três questões. Em primeiro lugar, esse argumento pode ser usado para dar algum suporte à norma de que devemos, de fato, atualizar por condicionalização? Essa pergunta é relevante porque alguns autores, como Pettigrew (2016), sustentam que atualizar por condicionalização não é uma exigência da racionalidade, ainda que planejar fazê-lo seja. Em segundo lugar, de que modo a pressuposição de que agentes racionais maximizam utilidade epistêmica esperada pode ser justificada, se é que pode? Meu propósito com essa pergunta é principalmente investigar quão apropriado

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



é usar uma teoria da decisão no campo epistêmico. Em terceiro lugar, quão significativa é a condição de que o agente conheça  $E$  e saiba que receberá alguma  $E_j$  em  $E$ ? Meu interesse aqui é entender quão idealizado é o resultado provado por Greaves e Wallace.

## Palavras-Chave

Epistemologia. Bayesianismo. Condicionalização.





## EMOÇÕES E EPISTEMOLOGIA DAS VIRTUDES

Veronica De Sousa Maciel

[veronicauz@gmail.com](mailto:veronicauz@gmail.com)

### Resumo

A proposta desse trabalho é investigar a relação entre uma epistemologia das virtudes e as emoções. Por isso, o ponto de partida é o trabalho de Linda Zagzebski sobre a defesa de uma epistemologia moral ou ética para lidar com os dilemas da epistemologia, tais como internismo e externismo, ou coerentismo e fundacionismo. Sua proposta é pensar nas crenças como oriundas de um processo em que os motivos e as motivações para seu surgimento farão parte da avaliação para concluir se temos uma boa crença ou não. Nesse processo, entrarão as virtudes, onde podem servir de condutoras para as boas crenças, bastando que sejam bem desenvolvidas e propositais para o conhecimento. Portanto, esse trabalho pretende equiparar as emoções às virtudes. Investigando se há, de fato, semelhanças entre elas e como as emoções também podem fazer parte do processo de obtenção do conhecimento ou pelo menos de crenças verdadeiras. Por fim, identificar se é possível que as emoções sejam confiáveis para adquirirmos crenças sob a proposta da epistemologia das virtudes de maneira mais satisfatória.

### Palavras-Chave

Emoção. Virtude. Ética.



## ENFRENTANDO UM DESAFIO À DISTINÇÃO A PRIORI/ A POSTERIORI

Renata Martins Prado Matos Augusto  
[r.matosaug@gmail.com](mailto:r.matosaug@gmail.com)

### Resumo

A distinção a priori/ a posteriori é primariamente uma distinção entre modos de conhecer: conhecemos a priori quando adquirimos conhecimento independentemente da experiência; e a posteriori quando a aquisição de conhecimento ocorre por meio da experiência. Muitos esforços já foram dedicados para demarcar o que recai em um e outro lado da linha teórica traçada pela distinção, em particular o que, se algo, poderia ser conhecido de maneira independente da experiência. Deslocando o eixo da discussão, Timothy Williamson (2007; 2013; 2020) desafiou a relevância da própria distinção a priori/ a posteriori. O autor sustenta que os processos cognitivos na aquisição de conhecimento em casos paradigmáticos de a priori e a posteriori são “quase exatamente similares”. Sua linha de argumentação envolve mostrar que o papel da experiência em ambos os modos de conhecer pode não ser puramente auxiliar nem estritamente justificador. Em razão disso, a distinção seria superficial, já que falha em dividir o domínio do que é conhecido entre proposições que podem ser conhecidas de maneira independente da experiência e aquelas que só podem ser conhecidas por meio da experiência. Nesta comunicação, defenderei que Williamson falha em argumentar pela similaridade dos processos de aquisição de conhecimento a priori e a posteriori, e que, portanto, seu desafio à distinção dos modos de conhecer não é bem-sucedido. Para isso, darei enfoque à descrição do caso paradigmático de a posteriori apresentado pelo autor. Primeiro, argumentarei, na mesma esteira de Boghossian (2020), que Williamson falha em demonstrar a similaridade dos processos de aquisição de conhecimento nos casos apresentados por superestimar o papel da imaginação e subestimar o papel da memória na aquisição de conhecimento no caso paradigmático de a posteriori. Em seguida, apresentarei uma proposta autoral, ainda incipiente, em que a similaridade também poderia ser rejeitada em razão do exemplo apresentado com como um caso paradigmático de a posteriori ser, ao contrário, um caso de a priori, ou mais especificamente, um caso de contingente a priori.

### Palavras-Chave

Distinção epistêmica. A priori. A posteriori.



## EPISTEMOLOGIA INVERTIDA

Breno Ricardo Guimarães Santos

[breno.santos@ufmt.br](mailto:breno.santos@ufmt.br)

### Resumo

Na contramão dos pressupostos idealizados da epistemologia tradicional, que tem o caráter individual da produção de conhecimento como foco de análise e teorização, a epistemologia social, a partir de suas vertentes políticas e aplicadas, tem se ocupado de desmistificar as práticas de produção, manutenção e transmissão de conhecimento a partir da avaliação dos fatores sociopolíticos que operam nas práticas epistemológicas reais e que muitas vezes são dominantes ao ponto de bloquearem a própria produção de conhecimento. Neste trabalho, me ocuparei de apresentar um desses ramos críticos da epistemologia social não-ideal, que tem a cognição social real como foco de análise. Em especial, olharei para a noção de ignorância, como ela surge e se desenvolve na teoria do conhecimento contemporânea, e discutirei tanto suas raízes teóricas na filosofia política radical quanto o seu papel na explicação do que alguns autores e autoras têm compreendido como mecanismos sociopolíticos de produção de epistemologias invertidas, de modos de cognição social defeituosos, sustentados por estruturas de dominação e que retroalimentam tais estruturas.

### Palavras-Chave

Epistemologia invertida. Ignorância. Ideologia.



## EXISTEM DESACORDOS PROFUNDOS?

Paloma De Souza Xavier

[palomasouzaxavier@gmail.com](mailto:palomasouzaxavier@gmail.com)

### Resumo

Wittgenstein aborda o conceito de certezas fulcrais em *Sobre a Certeza* (1969). Essas são proposições das quais raramente falamos, mas que são fundamentos para nosso sistema de crenças. Wittgenstein nos apresenta um exemplo de desacordo entre certezas fulcrais no §92. Nele, G.E. Moore encontra-se com um rei que acredita que a terra nasceu com ele. Desacordos certamente não são novidade na história da filosofia. No entanto, quando se trata de certezas fulcrais, o desacordo parece assumir outra dimensão. Os participantes de um desacordo entre certezas fulcrais discordam das crenças mais fundamentais. Esse tipo de discordância envolve visões de mundo completamente ou quase completamente diferentes. Trata-se de um desacordo no qual os discordantes entram em conflito sobre coisas muito significativas, o que faz com que não abandonem suas convicções por razão alguma. Fogelin em *The Logic of Deep Disagreements* (1985,2005) defende que esse é um desacordo profundo, um tipo peculiar de desacordo que não é resolvido por meio da razão, pois os discordantes não compartilham um solo comum. Essa posição de Fogelin é denominada pessimista, e outros autores como Pereira (2006), Silva (2016) e Jourdan (2021) compartilham dessa interpretação, mas em contextos diferentes. Por outro lado, os otimistas, como Godden e Brenner (2010), Martin (2019) e Coliva e Palmira (2020), defendem que desacordos profundos podem ser resolvidos por via racional. Entretanto, destacamos um problema na caracterização de desacordos profundos de Fogelin: se um desacordo profundo, de fato, não tem nenhum tipo de solo comum compartilhado, como seria possível haver um desacordo? Dito de outra maneira: como pode haver um desacordo onde nem a comunicação é possível? É sabido que, para que seja possível um desacordo, é preciso que se tenha, pelo menos, um ponto em comum. Seja compartilhamento de crenças, seja um reconhecimento, mas é imprescindível que se tenha algum tipo de acordo mínimo para que seja possível discordar. Dessa forma, o desacordo profundo parece ser diluído. Em outras palavras, se a caracterização da noção de desacordos profundos for a de Fogelin, a consequência será: não existem desacordos profundos.

### Palavras-Chave

Desacordos profundos. Fogelin. Argumentação.



## INDIVIDUALISMO EPISTÊMICO E ARBITRARIEDADE

Allysson Vasconcelos Lima Rocha  
[allyssonvlr@gmail.com](mailto:allyssonvlr@gmail.com)

### Resumo

Ao debatermos em justificação epistêmica se evidência pode ou não ser considerada permissiva, temos geralmente a seguinte pergunta em discussão: seriam permissíveis ou não diferentes respostas doxásticas a um mesmo grupo de evidências  $G$ ? Quem argumenta contra essa permissibilidade se apoia, ao mesmo tempo, em uma tese e em uma objeção. A tese é chamada de Unicidade da Evidência (UC). Segundo ela, deveria haver apenas uma resposta doxástica que um sujeito epistêmico poderia ter perante determinado corpo de evidências. Da mesma forma, qualquer pessoa que não conceda a essa tese inevitavelmente endossa uma posição cujo enquadramento comunicaria uma implausibilidade explícita: é problematicamente arbitrário acreditar que há múltiplos estados doxásticos que você poderia ter perante determinada evidência, mas sustentar apenas um. Essa posição, denominada Arbitrariade (A), é formulada com o propósito de defender a UC. Na presente oportunidade, desejo contribuir para esse debate por meio de uma estratégia que entendo fundamental nesse âmbito. Argumento que se considerarmos a dicotomia Individualismo / Anti-individualismo como eixo para reflexão a respeito das teses UC e da objeção A, podemos compreender melhor porque UC deve ser defendida. A fim de dar um maior escopo ao meu argumento, tomo como base o individualismo epistêmico fraco. Nele, a justificação epistêmica é compreendida como superveniente a elementos internos ao sujeito epistêmico, ainda que a mesma justificação seja vulnerável a derrotadores que extrapolam a base de superveniência reconhecida pelo indivíduo. Defendo que o principal problema do debate a respeito da permissibilidade da evidência é se basear apenas nesse tipo de individualismo enquanto eixo de discussão. As coisas podem mudar consideravelmente quando permitimos que evidência e justificação possam se originar de (ou sobrevir a) elementos que ultrapassam elementos internos ao indivíduo. Em outras palavras, argumento em favor da relevância do não individualismo epistêmico como forma de melhor balizar o debate em torno de UC. A conclusão é a de que se UC é uma virtude a ser seguida em nossa vida epistêmica, então individualismo na Epistemologia deveria ser evitado pois constitui um meio de manifestar arbitrariade, tal como descrita em A.

### Palavras-Chave

Justificação. Evidência. Arbitrariade.



## INFILTRAÇÃO PRAGMÁTICA E O ARGUMENTO DE BLAKE ROEBER

Eduardo Alves

[eduardoalves.eas@gmail.com](mailto:eduardoalves.eas@gmail.com)

### Resumo

O impurismo epistêmico é a visão segundo a qual o domínio epistêmico é dependente do domínio prático e moral. Isso significa que os fatores que determinam se uma crença verdadeira é uma instância de conhecimento ou se uma crença é epistemicamente racional dependem de considerações práticas (como os nossos interesses) ou de considerações morais (com a justiça ou a injustiça de uma ação). Uma das instâncias do impurismo é a infiltração pragmática, que é a tese segundo a qual mudanças em considerações práticas implicam em mudanças de conhecimento – um agente pode ganhar ou perder conhecimento dependendo de sua situação prática. Os argumentos mais populares a essa tese são com base na nossa reação intuitiva a casos e na relação entre princípios Conhecimento-Ação. Apesar da popularidade desses argumentos, Blake Roeber (2018) desenvolve um novo argumento a favor da infiltração pragmática, que é independente dos argumentos anteriores. Para Roeber, é possível derivar a infiltração pragmática com base em princípios plausíveis que independem de reação intuitiva a casos e de princípios Conhecimento-Ação. O objetivo deste artigo é analisar a plausibilidade do argumento de Blake para a infiltração pragmática. Para isso, explico a tese da infiltração pragmática e seus dois principais argumentos: com base em intuições e em princípios Conhecimento-Ação. Na segunda seção, explico o argumento de Blake Roeber. Por fim, analiso a plausibilidade e vantagens teóricas do argumento de Roeber em relação aos argumentos tradicionais a favor da infiltração pragmática.

### Palavras-Chave

Infiltração Pragmática. Roeber. Conhecimento.



## JUSTIFICAÇÃO EPISTÊMICA É UM CONCEITO LÓGICO?

Mateus Jurkovski

[mateusjurkovski@gmail.com](mailto:mateusjurkovski@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de realizar um debate entre a posição sellarsiana e a posição haackiana no que diz respeito à natureza da justificação epistêmica. Entendo que há pressupostos filosóficos por trás de cada uma das posições: em Sellars há um pressuposto wittgensteiniano sobre a natureza da linguagem, a qual o filósofo entende que é regida por regras lógicas, e essas regras lógicas operam em todos os âmbitos do uso da linguagem, o que inclui o conhecimento proposicional. Já Haack tem de pano de fundo um entendimento sobre a percepção que vem da psicologia ecológica e auxilia a desenvolver como enxerga os processos de produção de conhecimento em indivíduos. Para iniciar, pretendo esclarecer o que se entende por “lógica”. Posteriormente, é de ampla importância analisar os argumentos que Haack apresenta em *Evidence and Inquiry* em defesa de sua posição, e é de bom tom verificar se há objeções já presentes na literatura ou se é possível articulá-las aqui. Além disso, existe uma semelhança notável entre o que Peirce chama de raciocínio abduutivo e o que Haack entende como sendo o processo de justificação epistêmica. Dessa maneira, eu procedo à investigação dessa semelhança a fim de indagar se Haack, no fim das contas, ainda caracteriza a justificação epistêmica de uma maneira que se encaixa nas regras da lógica. Se a resposta é positiva, os argumentos de Haack perdem sua força. Se a resposta é negativa, é necessário olhar novamente para a suposta estrutura lógica da justificação epistêmica e reavaliar a posição sellarsiana.

### Palavras-Chave

Justificação epistêmica. Haack. Sellars.



## MÉTODOS SENSÍVEIS?: A ANÁLISE DE ADAMS, BARKER E CLARKE (2016) SOBRE O CASO RELÓGIO REGRESSIVO

Taís Regina Chiodelli

[tais\\_uf@hotmail.com](mailto:tais_uf@hotmail.com)

### Resumo

Relógio Regressivo é um caso paradigmático pouco conhecido no meio, que foi proposto por Jonh Williams e Neil Sinhababu (2015), com a pretensão de atestar a permissividade das principais epistemologias modais da literatura, quais sejam: a teoria do Rastreamento da Verdade de Robert Nozick (1981) e suas principais sucessoras: a versão da segurança defendida por Sosa (2002) e as versões da segurança defendidas por Pritchard (2012). Em suma, esse caso é um exemplo típico de Sorte epistêmica em que o sujeito obtém uma crença verdadeira em relação a uma dada proposição por pura sorte, o que o classifica como ignorante no que diz respeito ao seu conhecimento da proposição em questão. A novidade é que, diferentemente dos casos dispostos na literatura até então, os quais envolvem conjunções ou verdades necessárias, esse caso atesta última facie que tais epistemologias tomam inapropriadamente casos de ignorância como casos de conhecimento, o que mostra que elas são irremediavelmente permissivas em termos de extensão. Isso sugere que a noção de Rastreamento da Verdade, o cerne dessas epistemologias, é implausível no que concerne a responder satisfatoriamente ao inquérito filosófico acerca da condição ou condições que, adicionadas à crença verdadeira, excluem o alcance sortudo da verdade: o famoso Problema de Gettier, e por isso deve ser abandonada. Em uma tentativa de salvaguardar essa noção epistêmica no projeto analítico na disciplina de filosofia, Fred Adams, John Barker e Murray Clarke (2016) sugerem uma interpretação da teoria do Rastreamento da Verdade diferente da maioria proposta pelos defensores dessa epistemologia. Segundo eles, as teorias do Rastreamento da Verdade lidam satisfatoriamente com o caso do Relógio Regressivo, uma vez que o que deve rastrear a verdade da crença do sujeito em mundos possíveis não é a crença do sujeito, como comumente é suposto, mas sim o método de formação dessa crença. Neste trabalho, nós analisaremos a plausibilidade dessa interpretação confrontando-a com os aspectos fundamentais dessa epistemologia. Ao final, mostraremos que essa interpretação é





equivocada e que uma teoria nos termos sugeridos pelos autores, no melhor dos mundos, enfrentaria outros problemas no tratamento desse caso, como a correta individualização do método de formação de crenças.

### Palavras-Chave

Relógio Regressivo. Método sensível. Resposta.



## MISUNDERSTANDING GOD CONCEPTS: AN EPISTEMOLOGICAL OBJECTION TO COGNITIVE SCIENCE OF RELIGION

Veronica De Souza Campos

[182vkai@gmail.com](mailto:182vkai@gmail.com)

### Resumo

This talk explores a border between epistemology and the philosophy of religion. I present criticism to a research program within the studies of religion, the so-called Cognitive Science of Religion (CSR). I purport that the way CSR scholars have been defining the concept of god remains unsatisfactory and stands in need of revision. Specifically, I tackle one of CSR leading scholars, professor Justin Barrett and his 2008 paper *Why Santa Claus is not a god*. In this paper he outlined five conditions meant to be jointly sufficient for an agent-concept to elicit faith and religious commitment. In other words, he outlined five requirements for an entity to be a god. His table of criteria was intended as a solution to the so-called Mickey Mouse problem, the problem of explaining why people believe in god(s), but not in other entities, such as Mickey Mouse. Barrett was criticized in a 2010 paper by Gervais & Henrich, who claimed the table yields false positives: some god-concepts meet all five criteria but are not the object of faith and religious commitment, such as Zeus, as well as any god-concepts of every extinct religion. In this paper, I argue along similar lines, but beyond. I show that some of the false positives Barrett's table allows for don't even stand for gods of any genuine religion, extinct or not. CSR has been growing in popularity within philosophy departments worldwide, in spite of the many controversial claims put forward by scholars working in the field. What I attempt here is to explore one of such controversial claims. Although CSR has been progressing remarkably in the past two or three decades and although its analytic style has proved itself valuable to enlarge our understanding of religion, many hiccups appear to stand in its way and to cast doubt on its overall project. My paper isn't but a friendly and creative reminder of the risks of oversimplification that I believe CSR sometimes falls prey to, and that contemporary epistemology has the ability to uncover.

### Palavras-Chave

Epistemology. God concepts.



## O CONHECIMENTO DO QUE AS COISAS SÃO: UMA VISÃO EROTÉTICA

Andre Joffily Abath  
[andreabath@gmail.com](mailto:andreabath@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, é proposta e desenvolvida uma teoria para o conhecimento do que as coisas são, tendo como foco tipos de coisas ou categorias, sejam elas naturais, como a água, ou sociais, como o casamento. A grosso modo, de acordo com tal teoria, a que chamo de Visão Erotética, saber o que é uma dada coisa  $x$  é uma questão de se encerrar com sucesso uma investigação dirigida à questão “O que é  $x$ ?. Mais precisamente, de acordo com a Visão Erotética, um sujeito  $S$  sabe o que  $x$  é em um contexto  $c$  e somente se  $S$  conhece uma proposição (ou proposições) que responda apropriadamente à pergunta sobre o que  $x$  é em  $c$ , onde uma resposta adequada a uma pergunta é aquela que é verdadeira e resolve (ou encerra) a questão em um dado contexto. Assim, um sujeito  $S$  sabe, por exemplo, o que é o COVID-19 em um contexto  $c$  se e somente se  $S$  conhece uma proposição (ou proposições) que responda apropriadamente à pergunta sobre o que é o COVID-19 em  $c$ . O desenvolvimento dessa teoria faz uso de ferramentas advindas da filosofia da linguagem e da linguística — em especial da semântica das questões —, assim como de ferramentas advindas da epistemologia da investigação, a qual toma os agentes epistêmicos como engajados em investigações, isto é, em atividades que visam descobrir coisas, ou, mais precisamente, que visam descobrir coisas respondendo a certas perguntas.

### Palavras-Chave

Conhecimento. Conhecimento erotético. Perguntas.



## O DEBATE ENTRE QUINE E CARNAP A RESPEITO DA NOÇÃO DE ANALITICIDADE

Paulo Andrade Vitoria  
[pauloandradebh@gmail.com](mailto:pauloandradebh@gmail.com)

### Resumo

Quine e Carnap foram protagonistas de uma prolongada discussão a respeito da noção de analiticidade. Na filosofia de Carnap essas sentenças possuem um papel fundamental na fundamentação da matemática e da lógica, enquanto Quine tenta minar tal concepção, e procura estabelecer a lógica e a matemática em termos de critérios observacionais. Carnap propôs diversos modos de definir verdades analíticas. Contudo, podemos dizer que para ele verdade analítica é uma noção relativa à linguagem (1947). Nesse sentido, as declarações analíticas são verdadeiras e imunes a revisão, mas apenas em relação a um determinado sistema de linguagem. Na verdade, as verdades analíticas definem em grande parte o que transforma algo numa “linguagem” no sentido especializado. Quine atacou a noção de analiticidade desenvolvida por Carnap, no texto *Dois dogmas do Empirismo* (1951). Para Quine não existe nenhum tipo de distinção entre proposições analíticas e sintéticas. Quine entende que a proposta semântica carnapiana de definir analiticidade no seio de linguagens artificiais com “regras semânticas” precisas fracassa. Isto porque, quando fornecemos regras para determinar qual das expressões da linguagem podem ser consideradas analíticas, estamos tentando atribuir uma propriedade que, de alguma forma, já foi compreendida. Diz Quine: “regras semânticas que determinam enunciados analíticos de uma linguagem artificial têm interesse apenas na medida em que já compreendemos a noção de analiticidade” (QUINE, 1951/2010, p. 59). Qual seria essa propriedade ou compreensão? Isso nos leva de volta à circularidade entre as noções de sinonímia e analiticidade. Quine conclui dizendo que, “apesar de toda a sua razoabilidade a priori, uma fronteira entre afirmações analíticas e sintéticas não tem como ser traçada. Para Quine a distinção é feita como um dogma não empírico dos empiristas, um artigo de fé metafísico” (QUINE, 1951/2010, p. 59). O debate entre Carnap e Quine sobre a noção de analiticidade nos coloca diante de um problema: temos como sustentar a distinção analítico/sintético depois dos ataques de Quine?



Minha resposta é que possível sustentar, isso porque o desacordo entre Carnap e Quine a respeito da noção de analiticidade é resultado de seus diferentes métodos epistemológicos.

### **Palavras-Chave**

Analiticidade. Sinonímia. Epistemologia.



## O PAPEL DAS EMOÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE VIRTUDES INTELLECTUAIS

Matheus Oliva Da Costa  
[matheusolivacosta@gmail.com](mailto:matheusolivacosta@gmail.com)

### Resumo

A abordagem da epistemologia das virtudes (EV), desde sua formulação por Sosa em 1980, tem ganhado cada vez mais espaço e mostrado seu valor enquanto teoria que responde aos problemas do tipo Gettier – clássicos da epistemologia analítica. Também para contextos não clássicos, como o da Educação, a noção de virtudes intelectuais do agente epistêmico tem destacadas contribuições, como as de Baehr. No entanto, ao contrário de boa parte das teorias das virtudes da antiguidade, de Aristóteles a Xun, as virtudes apontadas na EV geralmente não incluem suficientemente o papel que emoções desempenham para o desenvolvimento das virtudes intelectuais – e nem mesmo a contribuição de fenômenos afins, como afetos e humores (em sentido contemporâneo). Mesmo que autores/as de relevância na área, como Zagzebski em *On Epistemology*, tenham atribuído uma importância significativa às emoções como a admiração, de forma geral as emoções ainda foram pouco exploradas na EV. Contudo, dada a inevitabilidade das emoções na constituição humana e o fato de que cada vez mais pesquisas em neurociências mostram que a cognição inclui processos afetivos, fica claro que é preciso dar mais atenção às emoções nas investigações epistêmicas. Para exemplificar, emoções que geralmente denominamos de “alegria” e de “raiva” tendem a provocar vieses cognitivos, enquanto estados como a “melancolia” nos ajudam a refletir com mais precisão e profundidade. Numa acepção confiabilista, memória, atenção e percepção, por exemplo, podem se tornar mais virtuosas quando potencializadas pelas emoções adequadas. No caso da EV, dada a relevância da noção de virtudes intelectuais (bem como da contraparte dos vícios intelectuais), e de como emoções impactam e participam dos processos cognitivos, defendo que é preciso a investigação do papel das emoções para o desenvolvimento de virtudes intelectuais. Na presente apresentação, a partir de alguns resultados de pesquisas empíricas em neuropsicologia (Russel; Barrett; Haidt; Eysenck e Keane) proponho investigar como diferentes emoções impactam o processo de o desenvolvimento de virtudes intelectuais, numa concepção confiabilista.

### Palavras-Chave

Afetos. Virtude intelectual. Agente epistêmico.



## O QUE FAZER SE A VIDA TE DER CONCEITOS?

Breno Emanuel De Castro Meneses

[brenocmeneses@hotmail.com](mailto:brenocmeneses@hotmail.com)

### Resumo

A metafilosofia é área filosófica que investiga os próprios fundamentos da filosofia e trata questões como “O que é filosofia?” e “Qual seu objeto de estudo?” (Williamson, 2007). Apesar de existirem uma ampla quantidade de trabalhos que tratem desses temas ao longo da história, só recentemente está havendo uma consolidação da área como um campo de estudo institucionalizado, assim como uma maior sistematização das teses e argumentos (Cappelen; Plunkett, 2020). Dentro da filosofia analítica a ideia de que os conceitos são os objetos próprios da filosofia é relativamente bem aceita, mas mesmo entre esse grupo de filósofos, os conceitualistas (Williamson, 2007), há aqueles que divergem sobre qual é a natureza da atividade filosófica. Tradicionalmente há aqueles que almejam realizar análises e produzir definições que representem adequadamente os nossos conceitos a partir de condições necessárias e suficientes (Daly, 2010), mas há também aqueles focados em empreendimentos alternativos, como os defensores da engenharia conceitual e ética conceitual (Cappelen; Plunkett, 2020). Apresentarei uma parte central para esses projetos alternativos: a avaliação conceitual. Buscarei diferenciar essa atividade da clássica análise conceitual, relatar como ela é feita, quais são as suas motivações e sua relevância. A partir da pesquisa bibliográfica realizada observei que enquanto a análise conceitual é um projeto descritivo, a avaliação de conceitos articula noções normativas para julgar se um determinado conceito é bom, no que ele é bom, por que ele é bom e se há opções melhores disponíveis (Burgess; Plunkett, 2013). Um questão avaliativa seria: Qual conceito de conhecimento deveríamos usar? Essa avaliação pode ocorrer por meio de vários prismas diferentes, inclusive simultaneamente, seja a partir do uso de normas morais, epistêmicas ou prudenciais (Burgess; Plunkett, 2013). Esses campos possuem escopos distintos, já que a análise busca ganhar consciência sobre os nossos conceitos (Wilson; 2001) e a avaliação saber se deveríamos usá-los considerando os nossos mais diversos objetivos para assim melhorar nosso esquema conceitual e cognitivo em diferentes aspectos (Burgess; Plunkett, 2013). Considerando o exposto é possível concluir que os

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



projetos de avaliação se inserem como um importante ramo dos caminhos da filosofia analítica por possibilitar o estudo de elementos importantes que eram negligenciados ou tratados com menos sistematização dentro da tradição.

## Palavras-Chave

Metafilosofia. Avaliação Conceitual.





## O VERITISMO E A FORMA DE UMA VIDA EPISTÊMICA

Galen Barry

[gpb3r@virginia.edu](mailto:gpb3r@virginia.edu)

### Resumo

O holismo na teoria do valor é a tese segundo a qual o valor dos compostos não pode ser reduzido ao valor dos seus componentes. O atomismo, a visão concorrente do holismo, afirma que o valor das partes do composto sempre determinam o valor da sua soma, pelo menos se as unidades apropriadas forem utilizadas para quantificar o valor dessas partes. O debate entre holistas e atomistas tem gerado discussões crescentes ultimamente em meio ao debate específico sobre a “forma” de uma vida. Uma vida é uma soma de partes temporais – sejam minutos, dias, décadas, etc. – e o debate sobre a forma de uma vida questiona se a estrutura da soma afeta o valor da soma. Existe uma intuição de que as vidas com tendências ascendentes são, em geral, melhores do que as vidas com tendências descendentes. Os holistas tratam esta intuição como evidência do holismo: quando se trata de calcular o valor de uma vida inteira, não importa apenas quantos anos bons uma vida contém, mas em qual ordem esses anos ocorrem. Os atomistas tentam explicar por que é falsa a intuição de que uma vida em melhoria é melhor do que uma vida em piora, ou tentam argumentar que ela é consistente com o atomismo, por exemplo, porque a vida com tendência ascendente teria, de fato, uma maior quantidade de bens componentes. Este artigo trata do debate geral sobre o holismo e o atomismo e o aplica a um contexto epistemológico. Em primeiro lugar, defendo que existe uma questão sobre o valor epistêmico de um corpus – a soma total da produção epistêmica de um agente, incluindo suas crenças – que dá origem a respostas tanto holísticas como atomísticas. O atomista diz que o valor do corpus é uma função do valor de suas partes, por exemplo, da proporção entre crenças verdadeiras e falsas que o agente possui. O holista diz que a ordem dessas partes também importa, por exemplo, se um agente melhora mais tarde na vida do que piora. Em segundo lugar, defendo que a resposta holista recorre a um paralelismo entre os contextos epistêmico e não-epistêmico—o holismo sobre o valor epistêmico é tão plausível quanto o holismo sobre o valor prudencial. Terceiro, termino mostrando que a resposta holística, se verdadeira, constitui um argumento poderoso contra as



principais formas de veritismo, a visão segundo a qual o portador final do valor epistêmico é a representação verdadeira e o portador final do desvalor epistêmico é a representação falsa.

### **Palavras-Chave**

Holismo. Veritismo. Valor epistêmico.



## OPRESSÕES EPISTÊMICAS E INJUSTIÇA CONTRIBUTIVA

Milena Oliveira Pires

[milenaoliveirapires@hotmail.com](mailto:milenaoliveirapires@hotmail.com)

### Resumo

A contribuição de Kristie Dotson sobre a opressão epistêmica, especialmente em seus artigos *A cautionary tale: On limiting epistemic oppression* (2012) e *Conceptualizing epistemic oppression* (2014), expande e complementa as ideias propostas por Miranda Fricker sobre as injustiças epistêmicas. Enquanto Fricker aborda principalmente as injustiças relacionadas a questões sociais e políticas, Dotson destaca que as opressões epistêmicas englobam dimensões além do escopo discutido por Fricker. A opressão epistêmica ocorre quando um sistema epistemológico falha em abranger adequadamente as experiências sociais marginalizadas. Essa forma de opressão é uma exclusão contínua no campo do conhecimento, resultante das limitações desse sistema em compreender essas experiências marginalizadas de forma precisa e abrangente. Essa exclusão epistêmica viola a capacidade de agência epistêmica, restringindo a participação ativa de indivíduos na produção e no acesso ao conhecimento. Embora Dotson considere os dois tipos de injustiça epistêmica propostos por Fricker, ela se destaca ao introduzir um terceiro tipo de opressão chamado injustiça contributiva, que Fricker negligencia. Dotson classifica as injustiças epistêmicas de natureza testemunhal e hermenêutica como opressões epistêmicas de primeira e segunda ordem, respectivamente. Essas categorias representam ferramentas que auxiliam na compreensão de questões complexas e na busca por possíveis soluções. Por sua vez, a injustiça contributiva é considerada uma opressão epistêmica de terceira ordem, ampliando ainda mais o escopo dessas teorias. Segundo Dotson, Fricker desconsidera a diversidade de recursos hermenêuticos, pois ao considerar recursos hermenêuticos definidos, pressupõe-se a existência de apenas um conjunto único de recursos. No entanto, diferentes grupos sociais utilizam diferentes recursos para interpretar e compreender a realidade em que vivem. Essa falta de reconhecimento desempenha um papel fundamental na perpetuação da opressão epistêmica de terceira ordem, além de gerar uma lacuna na abordagem de justiça epistêmica, uma vez que esta se limita a enxergar apenas um sistema epistêmico. Por essa razão, Dotson argumenta que Fricker



falha em não reconhecer a presença de epistemologias alternativas e em abordar adequadamente o papel do poder na restrição dos recursos hermenêuticos disponíveis para as populações marginalizadas.

### **Palavras-Chave**

Opressões epistêmicas. Injustiça Contributiva.



## OS LIMITES DAS VIRTUDES À JUSTIÇA EPISTÊMICA: QUE OUTRA VIA PODE PROMOVER TAL JUSTIÇA?

Kariane Marques Da Silva  
[kariane.marques@gmail.com](mailto:kariane.marques@gmail.com)

### Resumo

Injustiça epistêmica é um problema ético-político-epistemológico, que denuncia a implicação direta de preconceitos identitários em diversas práticas epistêmicas. Uma via de solução sugerida é por meio de práticas virtuosas, que são de natureza híbrida - ética e intelectual. Miranda Fricker, proponente desta reflexão, sugere atentar para o conhecimento a partir de como as pessoas o produz, perpétua, mantém, adquirem e transmitem. Embora esta abordagem faça crítica às desatenções de epistemologias que desconsideram a vida social imbuída nas práticas epistêmicas, Fricker parece manter aspectos idealistas e individualistas ao situar em sujeitos individuais as engrenagens da solução do problema. O presente trabalho propõe avaliar os limites das virtudes para a justiça epistêmica e, com isso, sugerir possibilidades outras - virtudes de caráter não individual ou, ainda, práticas que não sejam em termos de virtudes - que promovam justiças epistêmicas.

### Palavras-Chave

Conhecimento. Injustiça epistêmica. virtudes.



## PENSAMENTO CRÍTICO, VIESES COGNITIVOS E CRENÇAS

Christiano Pereira De Almeida  
[christiano.almeida@ufjf.br](mailto:christiano.almeida@ufjf.br)

### Resumo

O trabalho apresenta as diretrizes para uma pesquisa que busca ampliar as discussões a respeito da abordagem dos vieses cognitivos e da formação de crenças nos cursos de pensamento crítico, que geralmente são estruturados com base nos procedimentos da lógica informal e das teorias da argumentação. Em geral, os cursos de Pensamento Crítico têm como objetivo desenvolver habilidades que promovam a capacidade de analisar e construir argumentos do modo como estes ocorrem nas mais diversas situações de interação cotidianas, enfatizando aspectos como o cuidado com a verdade ou a plausibilidade das premissas utilizadas, a delimitação dos termos empregados e os pressupostos implícitos em afirmações, perguntas e enunciados em geral. Como método de análise, normalmente são adotados os procedimentos da lógica informal ou pragmática lógica, que busca identificar as formas dos argumentos e enunciados do modo como esses ocorrem na linguagem natural, sem recorrer, necessariamente, à lógica simbólica. Desse modo, uma das principais habilidades desenvolvidas nos cursos de Pensamento Crítico diz respeito ao cuidado com a reconstrução e a reparação dos argumentos abordados, devendo-se sempre atender às exigências do princípio de caridade, assumindo que, “na avaliação de um argumento, este seja representado por sua forma mais específica, quando há essa opção”, de modo que o método crítico torne possível “avaliar de forma imparcial e razoável os pontos fortes e fracos dos argumentos” (WALTON, p. 185; 1, 2021 [1989]). Contudo, o trabalho com a análise de argumentos talvez não seja suficiente para criar hábitos de pensamento a serem aplicados em diferentes áreas da atividade humana, excedendo o contexto das aulas em que esses conteúdos são abordados, de modo a desenvolver competências mentais gerais, aplicáveis a diversos domínios do conhecimento e da vida em geral (HANSSON, 2019; WILLINGHAM, 2008). Além disso, a identificação de falhas no raciocínio por meio da má formação de argumentos pode não ser suficiente para mitigar a existência de vieses e também para lidar com alguns tipos de crença (MASSOLO & TRAVERSI, 2021; THAGARD, 2011; BATTERSBY & BAILIN, 2013; MAYNES, 2015). Diante disso, o presente pretende fazer um estudo cuidadoso dessas questões, por meio da análise de textos que tratam desses temas.

### Palavras-Chave

Pensamento crítico. Vieses cognitivos. Crenças.



## PODE O DESIDERATO DE DESCOBERTA CIENTÍFICA LEGITIMAR INGERÊNCIAS EPISTÊMICAS?

Luís Estevinha

[luisestevinha@ufc.br](mailto:luisestevinha@ufc.br)

### Resumo

A ingerência epistêmica (epistemic trespassing) ocorre quando especialistas numa determinada área do conhecimento passam opinião (juízo) noutras áreas como se nelas também fossem especialistas; todavia não o sendo por não possuírem a evidência e competência, necessárias e suficientes, pertencentes à área invadida que lhes permitissem abordar os tópicos e questões de que se apropriam, assim, ilegitimamente. Gerken (2018), Ballantyne (2019, 2021) e Di Paolo (2021) identificam este tipo de transgressão epistêmica, mostrando algumas das suas causas e consequências nefárias. Pavličić et al. (2024) vieram a terreiro defender um efeito epistêmico e científico virtuoso de certas ingerências epistêmicas, a saber, a capacidade de, a espaços, conforme alegadamente revela a história da ciência, esse tipo de transgressão epistêmica, ou desvio epistêmico, contribuir para gerar descoberta e inovação científica. Proponho nesta comunicação uma análise deste argumento e respetiva proposta com o intuito de indagar sobre a sua plausibilidade.

### Palavras-Chave

Ingerência. Permissivismo. Descoberta.



## POR UMA DIMENSÃO SOCIAL DA SABEDORIA

Daniel Amaral Cardoso Dos Santos  
[daniel.santosamarall@gmail.com](mailto:daniel.santosamarall@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é destacar um aspecto da natureza da sabedoria que parece não ter sido explorado na literatura contemporânea sobre teorias da sabedoria, a dimensão social da sabedoria. Para isso, eu procuro resgatar uma intuição sobre a sabedoria acerca da natureza social em que ela é formada. O que pretendo destacar é que há indícios que sugerem a existência de uma dependência de relações sociais e comunitárias para o desenvolvimento da sabedoria. Nossa consideração sobre o fenômeno da sabedoria não deveria se restringir à dimensão individual, mas também expandir a nossa investigação para incluir considerações sociais inerentes a esse fenômeno. Nesse sentido, para compreendermos melhor o conceito de sabedoria, como ele tem sido concebido pelas teorias da sabedoria contemporâneas, seria preciso considerar a existência dessa dependência social e comunitária. Se for esse o caso, então as teorias da sabedoria na epistemologia contemporânea deveriam dar conta de explicar essa dimensão social necessária para o desenvolvimento da sabedoria. Eu divido o meu trabalho em três partes. Na primeira parte, eu proponho, a partir de um diálogo crítico com o trabalho de Aristóteles, em especial *A Política e Ética Nicomachea*, que é possível estender a natureza social e comunitária humana para o fenômeno epistêmico da sabedoria, algo que as concepções de sabedoria propostas na epistemologia contemporânea não tem considerado. Na segunda parte, irei me centrar na teoria da sabedoria da filósofa Sharon Ryan (2021), fazendo o uso de um exemplo hipotético para criticar sua teoria da sabedoria e mostrar como ela falha em satisfazer uma consideração sobre a natureza social da sabedoria. Como a literatura sobre a natureza da sabedoria se divide em duas abordagens principais para definir esse fenômeno — em termos de conhecimento ou de entendimento —, é razoável argumentar que a dependência epistêmica, comum tanto ao conhecimento quanto ao entendimento, também se aplica à sabedoria. Por último, eu pretendo indicar como essa consideração proposta acerca da natureza social da sabedoria pode abrir espaço também para a consideração de um aspecto diacrônico no fenômeno da sabedoria, algo que já tem sido sugerido por alguns pesquisadores da filosofia e da psicologia, como é o caso de Hélène Landemore (2012), Stephen Grimm (2017) e Kaili Zhang et al. (2022).

### Palavras-Chave

Sabedoria. Epistemologia Social. Aristóteles.





## SABEDORIA: A CONDIÇÃO ANTI-TOLICE

Felipe De Matos Müller  
[matos.muller@gmail.com](mailto:matos.muller@gmail.com)

### Resumo

A distinção entre sabedoria e tolice tem sido um tema explorado ao longo da história da Filosofia, recebendo contribuições significativas de pensadores como John Kekes, Sharon Ryan, Robert Sternberg, Sarah Wright. O estudo foca na análise da tolice como ausência de sabedoria e as implicações dessa deficiência no comportamento e julgamento humanos. Essa comunicação visa elucidar a natureza da tolice em contraste com a sabedoria, destacando o impacto de acreditar em informações falsas e a importância de basear crenças em boa evidência. Proponho uma reflexão sobre o falibilismo e a irrepreensibilidade epistêmica, explorando como esses conceitos se aplicam na distinção entre ser feito de tolo e ser tolo. A natureza da tolice reside na desproporcionalidade entre crenças e evidências disponíveis, caracterizada pela credulidade e pela falha em ajustar crenças com base em informações confiáveis. A sabedoria, por outro lado, manifesta-se através da proporcionalidade entre crenças e evidências, refletindo uma postura epistemicamente irrepreensível. A capacidade de cometer erros sem perder a sabedoria destaca a natureza falível da sabedoria humana. Argumento que ser enganado (feito de tolo) não implica necessariamente em ser tolo, desde que a justificção para as crenças seja baseada em boa evidência. O conceito de culpabilidade epistêmica é crucial para entender a tolice. Quem crê em proposições falsas sem questionar a confiabilidade das evidências ou a fonte das informações tende a ser epistemicamente culpado, evidenciando a falta de diligência intelectual. Por conseguinte, o sábio é caracterizado pela sua capacidade de alinhar suas crenças com as evidências disponíveis, evitando culpa epistêmica por suas convicções. Diferentemente, o tolo está predisposto à culpa ou reprovação epistêmica, tendo suas crenças frequentemente desproporcionais às evidências. O trabalho pretende trazer contribuições ao debate sobre sabedoria e tolice, oferecendo uma análise detalhada das dimensões epistêmicas desses conceitos. A abordagem falibilista e foco na culpabilidade epistêmica proporcionam uma perspectiva sobre a importância da relação entre crença e evidência para a sabedoria.

### Palavras-Chave

Sabedoria. Evidência. Culpabilidade epistêmica.



## VARIIDADES DE HUMILDADE INTELECTUAL: CONCILIANDO CONCEPÇÕES INTERNISTAS E EXTERNISTAS

Ian Salles Botti

[iansallesbotti@gmail.com](mailto:iansallesbotti@gmail.com)

### Resumo

Há diversas concepções de humildade intelectual (doravante, humildade) em disputa no debate filosófico contemporâneo. Dada a multiplicidade de concepções rivais e o fracasso em se chegar a um consenso a respeito de qual é a correta ou, ao menos, a melhor dentre as alternativas disponíveis, há a suspeita de que o desacordo entre os debatedores é meramente verbal: eles não estariam falando da mesma coisa, mas de coisas diferentes, apesar de usarem a mesma palavra para nomeá-las. Essa perspectiva cética resulta em um insulamento teórico, no qual o debate é encerrado devido à incomensurabilidade entre concepções de humildade. Mas por que supor haver uma única concepção correta de humildade que deve emergir vitoriosa do debate teórico? Proponho que a multiplicidade de concepções deve ser interpretada como evidência de que há uma variedade de aspectos e manifestações fundamentais da humildade ou, se preferirmos, uma variedade de virtudes de mesmo nome. É precisamente a multiplicidade de concepções presente na pesquisa filosófica e a persistência do conflito entre elas que faz emergir um quadro conceitual abrangente com os aspectos fundamentais da humildade: o cognitivo, o conativo (i.e., sua dimensão interna), o interpessoal e o existencial (i.e., sua dimensão externa). A fim de evitar a objeção de que esta perspectiva conciliatória seja um artifício ad hoc, apresento duas razões para considerá-la mais fiel à pesquisa filosófica sobre a humildade do que a perspectiva cética. Primeiro, a divisão das concepções em duas categorias, a saber, internistas (com ênfase ora no aspecto cognitivo, ora no conativo) e externistas (com ênfase ora no aspecto interpessoal, ora no existencial) emerge do próprio debate, em vez de ser uma maneira artificial de pôr ordem na casa. Em segundo lugar, um exame genealógico do conceito de humildade mostra que essas categorias têm uma origem comum no pensamento ocidental, remontando pensadores medievais e, mais além, à cultura Homérica da Grécia Antiga. Há diferentes maneiras de conceitualizar a humildade, que não são necessariamente concorrentes, mas isso não implica que o desacordo a seu



respeito seja epistemicamente fútil. Antes, a legitimidade de concepções internistas e externistas é vindicada, independentemente de qualquer pretensão de consenso, pelo fato de ambas pertencerem ao espaço lógico de possibilidades comportado pelo conceito de humildade herdado pela cultura ocidental.

### Palavras-Chave

Epistemologia da virtude. Humildade intelectual.



## VIRTUE EPISTEMOLOGY AND THE LEARNING OF LOGIC

Marcelo Meireles Braga Cabral  
[evelyn.f.erickson@gmail.com](mailto:evelyn.f.erickson@gmail.com)

Evelyn Fernandes Erickson  
[evelyn.f.erickson@gmail.com](mailto:evelyn.f.erickson@gmail.com)

### Resumo

Humans are prone to cognitive bias and are not particularly good at group deliberation. Alessandra Tanesini (2021) reflects on these facts and argues that one should not hold a bleak outlook, since there is room for improvement. She points out that some groups deliberate well, while others do not, and proposes two kinds of psychological differences between individuals that contribute to the groups' better or worse outcome in deliberation: need for closure versus for cognition and pro-self versus pro-social motivation. Groups decide better if they are driven by a pro-social need for cognition. She says that it is possible to elicit change regarding one's individual disposition, and this can be achieved via habituation akin to virtue cultivation. She goes on to list epistemic virtues that can contribute to the improvement of group performance in deliberation. While this can work for individual people, it is also relevant to reflect on structural solutions. This talk proposes to reframe the issue, through the learning of logic, based on Catarina Dutilh Novaes' (2021) account of deduction. While what goes by Logic these days involves mainly the capacity to elaborate deductive proofs of statements, if we return to Logic's dialogical roots, one finds that at a deeper level, deductive practices encompass both cooperative and adversarial stances, in that they are both pro-social and strive for cognition. Dutilh Novaes argues that logic has been developed as a cultural technology that, while cognitively costly, manages to overcome many of the same biases that get in the way of performing well in group deliberation. The present talk plans to show how some of the epistemic virtues highlighted by Tanesini underlie those that are involved in the learning of Logic. References: Dutilh Novaes, Catarina (2021). *The Dialogical Roots of Deduction: Historical, Cognitive, and Philosophical Perspectives on Reasoning*. Cambridge, UK: Cambridge UP. Tanesini, Alessandra (2021). "Virtues and Vices in Public and Political Debates". In: *The Routledge Handbook of Political Epistemology*, Michael Hannon and Jeroen de Ridder (eds). New York: Routledge.

### Palavras-Chave

Epistemologia das Virtudes. Lógica.

ENCONTRO  
**XX ANPOF**

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24

Realização



Apoio



## GT ERIC WEIL E A COMPREENSÃO DO NOSSO TEMPO



## A CRISE NA DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA: UMA DISCUSSÃO A LUZ DE ERIC WEIL

Luana Linhares De Miranda  
[luanalinharesm@gmail.com](mailto:luanalinharesm@gmail.com)

### Resumo

A crise na democracia contemporânea é constante, a humanidade entra em divergências a todo momento e essas divergências levam os sistemas democráticos a um possível declínio. Uma sociedade democrática, necessita de cidadãos educados e guiados pela razão, que possam debater ideias e deliberar o melhor para todos, então a democracia aconteceria em sua perfeição. “No entanto, nem de longe o mundo se tornou mais harmonioso e nem tampouco as pessoas se tornaram mais pacíficas e tolerantes depois de serem instruídas.” (BRANCO e DA ROCHA, 2018, p. 73). Então, discutir as perspectivas para o futuro, compreendendo como a política e a democracia estão postas no mundo contemporâneo é fundamental. Assim, a filosofia política deve se voltar ao estudo da crise na democracia contemporânea, para que se debata os conflitos que estão atualmente postos no mundo, e que podem em futuro próximo se levantar novamente, isto porque a polarização política é constante, e sabemos que isso pode levar a acreditar na violência contra a democracia como uma saída para o estabelecimento da ordem. Educar para política e para a democracia deve partir disso, sociedades devem ser construídas a partir da liberdade e da não violência, quaisquer atos que vão de contra isso leva à barbárie e à decadência da democracia em governos autoritários. Podemos então compreender o papel da educação dos cidadãos nas palavras de Hannah Arendt (2016, p. 188): “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, como tal, gesto salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens ponto”. Cultivar a democracia é cultivar a existência da sociedade em um espaço que os discursos de violência não retornem mais ao poder. Só podemos combater as crises que conhecemos, suas raízes e seus frutos. A democracia não é imutável, ela muda conforme a necessidade da sociedade, mas estará sempre sendo ameaçada por aqueles que não a respeitam. Weil afirma: “A democracia e a marcha rumo à razão, à educação perpétua do homem por si mesmo, para que o homem seja



homem plena e verdadeiramente. A democracia plenamente realizada não existe: ela está sempre por se realizar” (WEIL, 2021, p. 226). Desta forma, é de nossa responsabilidade compreendê-la e fortalecê-la por meio da busca constante pelo conhecimento, pois a partir daí poderemos construir as perspectivas para um futuro próximo realmente democrático.

### **Palavras-Chave**

Democracia. Crise. Educação.



## A HISTÓRIA DA FILOSOFIA COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM?

Luís Manuel Aires Ventura Bernardo  
[lm.bernardo@fctsh.unl.pt](mailto:lm.bernardo@fctsh.unl.pt)

### Resumo

Jürgen Habermas publicou em 2019 uma obra cujo título, *Auch eine Geschichte der Philosophie* (Também uma História da Filosofia), sugere uma complexidade de intenções autorais. O primeiro intitulado, bloqueado pelos editores, é bastante mais explícito sobre o que o autor pretende e que, não obstante, acaba por resultar ainda e também, numa história da filosofia: «Da genealogia do pensamento pós-metafísico. Uma outra história da filosofia, tendo por leitmotiv os discursos sobre a fé e o saber». Trata-se, assim, de uma história não historiográfica, mas hermenêutica, que visa a compreensão do presente, o qual é concebido como moderno em função do modo como pratica um tipo de pensamento qualificado pós-metafísico, e procura identificar o papel que cabe à filosofia nesse desenvolvimento. Este tipo de relação retroprojetada implica o reconhecimento de um valor pedagógico inerente ao exercício genealógico, de que a história se oferece à vez substrato e resíduo. Ao invés das dificuldades sentidas pela historiografia, orientada pela busca de objetividade, em conviver com a ideia de que a história possa dar lições, Habermas faz valer essa dimensão de aprendizagem da perspetivação genealógica, relativamente ao autoconhecimento da filosofia na sua historicidade. Uma tal «autorreflexividade prática em termos de progresso e de aprendizagem» atravessa igualmente a *Lógica da Filosofia* de Eric Weil, em moldes bem diversos, mas com uma surpreendente afinidade temática. A seu modo, essa obra magistral encena um conjunto de possibilidades de enunciação e de vida em resposta à pergunta sobre o que é próprio da filosofia, cuja exposição esquemática, enquanto se relaciona profundamente com a história da filosofia e supõe uma filosofia da história, assume uma inequívoca função de aprendizagem, tanto do que foi/é a filosofia, como do que cabe ser a continuidade do filosofar. Nesta comunicação, pretendemos explorar algumas das muitas aporias suscitadas por esse autodidatismo, esteado na compreensão histórica do nosso tempo, contribuindo, por essa via, para o esclarecimento de um certo paradigma filosófico, partilhado por ambos os autores.

### Palavras-Chave

Eric Weil. História da Filosofia. Aprendizagem.





## A INVENTIVIDADE MORAL COM VIRTUDE NA FILOSOFIA MORAL DE ERIC WEIL

Marcelo Perine  
[mperine@gmail.com](mailto:mperine@gmail.com)

### Resumo

Na obra *Filosofia moral*, Eric Weil afirma que a invenção moral é exigida de cada um, pois só ela dá a possibilidade de viver a moral e de viver moralmente. Não basta controlar suas máximas e vigiar suas paixões, por indispensável que isso seja; é preciso, ademais, que a ação seja a expressão de uma vida moral que se compreende como vida essencialmente não solitária, e que compreende o próximo como unidade viva, não como o eterno suspeito a ser arrastado diante do tribunal. A inventividade moral se exerce à luz da “universalidade, mediatizada por uma moral histórica e pelos deveres que impõe ao indivíduo empírico”, o que “deixa o homem livre para inventar, dar um sentido à sua existência”. A moral formal (da universalidade) só se compreende como moral do homem e para o homem porque encontra, nessa inventividade, a possibilidade da sua aplicação: é pela invenção de um mundo mais justo do que o mundo presente (de cada época) que a universalidade deixa de ser critério para informar a vida. Não basta dizer que a justiça deve reinar, é preciso ainda encontrar o lugar exato em que ela deve se inserir na vida da comunidade, o lugar em que ainda domina a injustiça, aquilo que é sentido *hic et nunc*, por todo homem razoável, como inadmissível, o lugar em que a justiça pode e deve ser realizada, e realizada modificando isto, introduzindo aquilo. É essa mesma inventividade que faz que a vida seja moral, porque é ela que torna agentes todas as “virtudes”, isto é, cumpre todos os deveres, o da prudência em primeiro lugar, os outros, em seguida, sem os quais a prudência seria apenas uma palavra vã, e os torna agentes, não só no nível da ação sobre a comunidade, como muito amiúde se supõe, mas também, e sobretudo, nas relações mais pessoais, que devem ser informadas por ela se a ação à distância, isto é, sobre a comunidade e sobre os desconhecidos, não deve ser “desmoralizada” para se tornar ação de pura eficácia e, no limite, de simples violência.

### Palavras-Chave

Moral histórica. Moral formal. Inventividade moral.



## A NÃO VIOLÊNCIA DE ERIC WEIL E JUDITH BUTLER

Elystefane Nascimento Mendes

[mendeselys@gmail.com](mailto:mendeselys@gmail.com)

### Resumo

Para Eric Weil o homem é capaz de escolher entre a razão e a violência. A escolha pela violência se daria no plano da irracionalidade. Mas a violência não teria apenas aspectos negativos, se demonstra a partir do seu desenvolvimento rumo à razão. É a partir desse caráter dicotômico que homem se compreende como razão e violência. Judith Butler, por sua vez, compreende que a violência faz parte de jogos de forças políticas, estando situada entre a filosofia moral e a política. A violência nesse sentido acabaria por afetar de maneira negativa os laços sociais. O objetivo geral deste trabalho é compreender o conceito de não violência a partir das perspectivas de Eric Weil e Judith Butler. Tendo como objetivos específicos: 1) identificar o conceito de não violência em Weil. 2) elucidar o conceito de não violência em Butler; 3) relacionar as concepções não violência a partir das perspectivas dos dois autores. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a bibliográfica, para isso, se faz necessário analisar Lógica da Filosofia, Filosofia Política e Filosofia Moral de Éric Weil e A força da não violência: um vínculo Ético Político de Judith Butler. Conclui-se, que segundo Weil, sendo jamais totalmente razão e por compreender a si mesmo como violência, o homem traz junto de si a condição da não violência, sendo assim, cabe ao homem a transformação dessa violência em um estado de não violência. Butler, recorre a concepção de não violência como um compromisso ético e político na busca pela igualdade social, política e econômica. Nesse sentido, a não violência teria um caráter prático e não de passividade diante da construção do mundo.

### Palavras-Chave

Não violência. Eric Weil. Judith Butler.



## DEUS E SUAS RETOMADAS NA LÓGICA DA FILOSOFIA

Onésimo Alves De Mesquita

[randeky@gmail.com](mailto:randeky@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo intitulado Deus e suas retomadas na Lógica da Filosofia, tem como objetivo identificar a importância da categoria Deus e do conceito de retomada para o empreendimento teórico fundamentado pelo filósofo Eric Weil, a fim de compreender de que modo é possível considerá-lo como um fundamento ético e político essencial, capaz de conduzir as ações humanas na direção do Sentido. Para tanto, a partir de uma hermenêutica filosófica, o texto fará uma breve exposição do que o filósofo pretende nos ensinar a partir da categoria Deus dentro da sua obra Magna, apontando também os desdobramentos e o uso das retomadas para que a atitude do homem seja compreensível para o nosso tempo. Weil apresenta a categoria Deus no percurso argumentativo fundamentado na obra para, a seguir, indicar sua importância para a autocompreensão do próprio homem que para falar de Deus necessita de retomadas, tendo em vista que o sujeito não possui a linguagem da revelação. Por fim, será feita uma exposição da relevância das retomadas que possibilitam o discurso sobre Deus a partir da análise das categorias Certeza, na qual Deus aparece como o ser, Personalidade, que é de relevância fulcral para a teologia cristã, e Sentido que, para Weil, é o ponto de chegada do discurso humano.

### Palavras-Chave

Deus. Sentido. Retomada.



## EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E META-AVALIAÇÃO SEGUNDO ERIC WEIL

Evanildo Costeski

costeski@ufc.br

### Resumo

Os escritos de Weil sobre Educação são relativamente bem conhecidos e debatidos entre os weilianos. Basta pensar aqui na distinção basilar entre Educação e Instrução e na indispensável relação entre Educação e Democracia. Bem menos discutidos são os conceitos de Avaliação e Meta-avaliação. Se entendermos avaliação como “emissão de juízos” e “estabelecimento de critérios”, necessários para uma correta “tomada de decisões”, e Meta-avaliação como uma “avaliação da avaliação”, como bem definiu Michael Scriven, em seu emblemático livro “Avaliação: um guia de Conceitos”, veremos que essas definições, pelo menos indiretamente, reverberam nos escritos de Weil. No artigo sobre a ideia de educação no sistema de ensino americano, de 1946, Weil afirma que é preciso “saber julgar com pertinência” e que é “preciso saber escolher entre os valores: discernir o valor autêntico e comprometer-se com ele”. Já sobre o conceito de meta-avaliação, é interessante observar que o próprio comentário de Weil sobre o “Relatório do Comitê de Harvard”, empreendido por Weil no texto citado acima, pode ser entendido como uma “avaliação da avaliação” ou meta-avaliação. Ademais, pode-se aproximar ainda o conceito de meta-avaliação com a Lógica da Filosofia, entendida como uma “filosofia da filosofia” ou meta-filosofia. É o que pretendemos discutir no presente texto.

### Palavras-Chave

Educação. Avaliação. Meta-Avaliação.



## FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA EM ERIC WEIL

Aparecido De Assis  
cidoassis@gmail.com

### Resumo

O tema “Filosofia e violência” constitui o núcleo central como ponto de partida e como ponto de chegada da Logique de la philosophie. Por que acrescentarmos a educação? Porque, na perspectiva weiliana, o fim da filosofia é fazer com que o homem, em sua liberdade de escolha, opte pela razão contra a violência. Em princípio, é necessário que o homem se convença de que ele precisa mudar, de que é necessário haver uma transformação em sua vida, fazendo com que a razão tome o lugar da violência. Tal mudança e tal transformação atribuída ao homem só é possível por meio da educação. Ao percebermos que, em Weil, o homem é livre para fazer suas escolhas, é possível que ele seja educado a escolher máximas que sejam boas. As máximas ruins fazem parte da violência, em que suas ações se voltam para o que não é razoável. Nessa perspectiva, a violência é caracterizada como algo contrário à razão. Mas de que tipo de violência Weil fala? Como a violência pode estar relacionada à capacidade humana de praticar o mal? Por que a violência faz parte da vida do homem na mesma medida que a razão? Em que a educação pode contribuir para o enfraquecimento da violência no indivíduo humano e na sociedade? Constatamos, assim, que a filosofia de Éric Weil foi construída a partir de um momento histórico em que ele viveu. A atitude da violência humana tornou-se uma categoria importante para a análise e a compreensão da própria realidade histórica do homem. Nesse entendimento, há uma dimensão dialética quando se trata de “filosofia e violência”. Os dois termos são compreendidos numa relação dialética, em que um se opõe ao outro, mas que também não deixa de ter um ponto de encontro. Para entendermos essa relação entre esses dois termos, recorreremos aos tipos de violência que Callois apresenta em seu artigo sobre Éric Weil. Para Callois, é preciso distinguir três estados de violência: primeiro, a violência natural, que consiste na agressividade espontânea, um procurando destruir o outro num ataque de raiva. Segundo, a violência passional, que ocorre quando os indivíduos movidos pelos seus desejos, crenças (morais e religiosas) e o uso de suas liberdades individuais, desobedecem às regras de sua comunidade. Terceiro, a violência pela

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



violência, que consiste na transgressão consciente da lei moral, do universal e da razão. Callois acrescenta, nesse terceiro estado de violência, a barbárie voluntária que é a destruição da alma humana.

## Palavras-Chave

Éric Weil. Violência. Educação.



## MOTOR DA VIOLÊNCIA PURA: O HOMEM DA OBRA

Daniel Benevides Soares

[benevides.soares@gmail.com](mailto:benevides.soares@gmail.com)

### Resumo

A categoria da obra em Eric Weil é a categoria que apresenta, pela estratégia do empréstimo à violência de uma linguagem filosófica, uma compreensão dessa categoria pela filosofia. Essa categoria, mostrada como a exacerbação de uma das possibilidades fundamentais e irreduzível do ser humano - a violência - é a categoria da violência pura. Descrita na Lógica da Filosofia como a décima quarta possibilidade componente do discurso filosófico, pode ser compreendida como uma negação extrema da possibilidade filosófica vista na categoria do absoluto. Entre os vários elementos constitutivos presentes na categoria da obra (violência pura, tédio, criação, ironia, retomadas), um deles é a descrição do chamado homem da obra, aquele cujo sentimento violento é a realização da obra e que atua como seu dínamo de pura violência, necessário para a ignição e manutenção do movimento da obra, sem o qual ela, como uma roda cuja força cinética se esvai, tomba sobre si mesma. O homem da obra também aparece no texto de Weil *Masses et individus historiques*, integrando uma tipologia de líderes, surgindo como o chamado líder das multidões desamparadas. O objetivo da presente proposta de trabalho é traçar um retrato dessa figura combinando tanto sua descrição conforme vista na categoria da obra com aquela vista no texto *Masses et individus historiques*. Isso porque conhecer seu retrato é importante para detectá-lo quando do seu surgimento e impedir sua ascensão.

### Palavras-Chave

Homem da obra. Violência. Categoria.



## O CONTRATO SOCIAL E A LÓGICA DA COMUNIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE ROUSSEAU E ERIC WEIL

Liano Levy Almir Gonçalves Vieira

[lianolevy@alu.ufc.br](mailto:lianolevy@alu.ufc.br)

### Resumo

Por notório, acreditamos que já seria possível, nos dias de hoje, encher uma biblioteca com tudo o que se escreveu sobre Rousseau e suas obras, daí por que não vamos nos estender falando do conteúdo da obra, dado que a sua grandeza e relevância para a história da filosofia política e das sociedades modernas é por demais conhecida, contudo, em que pese as conquistas dos últimos anos, no tocante à produção dos estudos weilianos, notadamente as dissertações de mestrado e as teses de doutorado, sem contar os diversos artigos já publicados, além da tradução de suas obras fundamentais, se comparado à Rousseau, ainda há espaço para explorar a filosofia de Weil, sobretudo no que diz respeito à sua Filosofia Política. Embora nossas preliminares reflexões devam girar em torno de uma específica parte da Introdução da Lógica da filosofia, sobretudo relacionando-as com o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Do Contrato Social, de Rousseau, a expectativa é seguir para a Filosofia política, para não perder de vista, sob hipótese alguma, o problema central na obra de Weil, a questão da violência, sobretudo porque este problema se mantém atual e pujante, é nosso problema e precisa ser superado e, a nosso ver, essa superação pode encontrar fundamento na história, na política mas, sobretudo na filosofia, posto que, para Weil, o problema da filosofia é a compreensão e o enfrentamento da violência. O objetivo é desenvolver uma reflexão, e um possível diálogo entre os filósofos Jean-Jacques Rousseau e Eric Weil, notadamente destacando elementos das obras dos textos anteriormente citados apresentando como hipótese, o fato de que, saindo do estado de natureza (Rousseau) os “verdadeiros” homens só conseguiriam viver comunitariamente se tendo aceito as regras do jogo do discurso da atitude do seu tempo (Weil).

### Palavras-Chave

Lógica comunidade. contrato social. não violência.





## O QUE PODE A AÇÃO FRENTE AOS CONTRAGOLPES DA OBRA?

Francisco Valdério  
fderio@gmail.com

### Resumo

É ponto pacífico em meio aos comentadores da Lógica da filosofia altamente gabaritados, entre os quais Paul Ricoeur (1982), Jean Labarrière (1982 e 1983), Marcelo Perine (2013) e Luís Manuel Bernardo (2021), que as transições das últimas categorias do discurso filosófico são, no mínimo, desafiadoras. Segundo Ricoeur, p. ex., as ultrapassagens ali são somente conquistadas ao preço da extenuação (1982, p. 421) e há quem defenda, como Labarrière, que elas sequer acontecem a contento. Nesse último caso, o êxito do máximo projeto filosófico de Eric Weil estaria, por assim dizer, arruinado. Todo esse debate, com suas respectivas e interessantíssimas posições, está muito bem configurado nos anais disponíveis acerca da filosofia weiliana, tendo eu mesmo já me manifestado modestamente sobre algumas delas (Valdério, 2015). Portanto, não é exatamente sobre esse problemática que pretendo me debruçar, gostaria de propor aqui uma outra ordem de problema que embora talvez tributário desta polêmica originária, como tentamos demonstrar, não se limita a ela. Aliás, essa moldura enseja alargamentos para horizontes epistêmicos outros que exigem serem contrastados com as formulações contidas nas atitudes-categorias mais contemporâneas no quadro da Lógica da filosofia – para ser mais preciso no arco que compreende as chamadas categorias da revolta, ainda mais exatamente obra e ação – e cujas consequências é o que justamente buscamos determinar. Preliminarmente é bastante ilustrativa a posição de Tosel ao afirmar que o que vincula as três categorias da revolta é fato delas não se satisfazerem com o absoluto, porém, diferentemente da obra e do finito que se voltam contra ele, a ação quer realizá-lo. E assim, por ser a última categoria do discurso filosófico, a ação, tendo ultrapassado as duas anteriores e desejosa de encerrar o bloco da revolta, visaria, em tacaca única, “reconciliar o absoluto com o finito por uma obra na condição” (Tosel, 1981, p. 1160). A intuição deste interprete nos parece bastante acertada, sobretudo se tomamos como perspectiva os desdobramentos que faz a Filosofia política sob o plano da condição. Ora, a consciência pragmática da ação impõe que ela opere concretamente no seio do mundo, portanto, ao nível da história, território por excelência da violência.

### Palavras-Chave

Lógica. Filosofia. Eric Weil.



## POLÍTICA E VIOLÊNCIA: SOBRE O CONCEITO DE INIMIGO NA INTRODUÇÃO À LÓGICA DA FILOSOFIA DE ERIC WEIL

Mario Sawatani Guedes Alcoforado

[mariosawatani@gmail.com](mailto:mariosawatani@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho pergunta sobre a possibilidade do conceito de inimigo na Introdução à Lógica da Filosofia de Eric Weil, tendo, como perspectiva e fio condutor, a articulação entre política e violência, porposta por Weil na referida obra, Lógica da Filosofia. O conceito de inimigo remonta à antiguidade, tendo sido objeto de estudos da história e até da filosofia. Por isso, pretende-se demonstrar a importância do significado do conceito de inimigo, tanto para o entendimento do campo do político, como para compreensão da violência que pode ser inerente à própria ação política, especificamente, na obra indicada acima. Certamente, quando Weil articula política e violência, vislumbra a possibilidade de se evitar, ou de até se enfrentar, a chamada política da violência. Se, para Eric Weil, na Introdução à Lógica da Filosofia, o inimigo mais perigoso de todos é aquele que emprega a violência no interior da comunidade, contra seus semelhantes; resta-nos, então, perguntar: em que termos podemos articular e demonstrar, na filosofia política desse autor, o conceito de inimigo? Desse modo, o presente trabalho propõe a possibilidade de se pensar o conceito de inimigo em Weil, já posto, de forma clara, na Introdução à Lógica da Filosofia do autor, mas ainda com poucos estudos a respeito.

### Palavras-Chave

Política. Violência. Eric Weil.



## QUANDO DEUS E CÉSAR NÃO ESTÃO DE ACORDO: A TOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO PROBLEMA POLÍTICO EM ERIC WEIL

Judikael Castelo Branco

[judikael79@hotmail.com](mailto:judikael79@hotmail.com)

### Resumo

Embora não seja possível afirmar que a religião constitua um tema central no pensamento político de Eric Weil, o filósofo não se furtou a refletir sobre a questão. Ele destaca, em particular, a importância do conceito de secularização para a compreensão da cultura ocidental, bem como a centralidade da noção de tolerância religiosa para as sociedades modernas. É este segundo argumento que abordamos nesta comunicação, concentrando-nos em *Religion and politics*, de 1955, no qual o autor aponta os limites de uma teoria da tolerância irrestrita da religião. Para Weil, essa seria uma “solução perfeita”, “se as pessoas apenas pensassem e falassem, mas não agissem de acordo com suas convicções”. A resposta weiliana ressalta, por fim, que “só pode haver tolerância em relações de reciprocidade”, logo, é absolutamente crucial, sobretudo em comunidades democráticas, repensar o que deve ser de fato tolerado quando se trata da determinação dos problemas de interesse coletivo, do reconhecimento da igual dignidade de todos e do devido tratamento a cada um. Dito em poucas palavras, pensar o papel e o limite da religião diante de alguns imperativos da sociedade moderna.

### Palavras-Chave

Eric Weil. Política. Tolerância religiosa.



## SCIENCE, FIRST SCIENCE, AND THE SCIENTIFIC

Sequoya Yiaueki

[sequoya.yiaueki@univ-lille.fr](mailto:sequoya.yiaueki@univ-lille.fr)

### Resumo

In his article, “La philosophie est-elle scientifique” Eric Weil claims that philosophy “is not a science [...] but that it could be scientific.” This claim might seem bizarre, notably since in the beginning of the *Logic of Philosophy*, Weil tells a story about the way that philosophy came to be “first science,” or the science of being qua being. However, if we look closer at Weil’s work, notably at his distinction between “metaphysical” and “philosophical” categories, things become clearer. For Eric Weil, philosophical categories correspond to the discursive grasp of an “attitude,” or the way a concrete human individual positions themselves within a specific historical situation. This attitude is the position from which the individual grasps social and historical conditions, themselves, the world, reality, etc. Metaphysical categories, on the other hand, are the tools that the individual uses to do so. In this way, metaphysical categories correspond to the specific concepts that are elaborated by the particular sciences, concepts like cause and effect, space and time, form and matter. However, following his definition of philosophical categories, the content of the metaphysical categories, those concepts used by the different particular sciences, are not themselves freestanding but depend on the attitudes in which the scientist is positioned. In other words, different ways of positioning oneself in the world leads to different uses and different understandings of the basic scientific concepts. This is what allows the identity between philosophy and first science, but also what reveals that this identity, so important to the philosophical tradition, is just one single human possibility among many. In other words, there are a variety of scientific attitudes. In order to understand why Eric Weil thinks that this is the case, this presentation will look at the difference that Eric Weil makes between science, first science, the particular sciences, and the scientific. This will allow us to both better understand Weil’s overall philosophical project in relation to science and the role of science in our human practices.

### Palavras-Chave

Eric Weil. Science. Metaphysics, categories. Attit.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ESTÉTICA



## A CÂMERA EM “MENOS-VALIA” DE ROSÂNGELA RENNÓ

Cecília Samel Côrtes Fernandes

[cecilia.samel@gmail.com](mailto:cecilia.samel@gmail.com)

### Resumo

As duas versões de “Menos-valia” por Rosângela Rennó — Troca-Troca (2005-2007) e Leilão (2010) — elucidam as dinâmicas das instituições artísticas. Enquanto a primeira foca em um ato duchampiano de exibir objetos em um contexto institucional, a segunda visa dar continuidade ao ciclo de uma obra de arte ao colocá-la em leilão dentro do museu onde ela foi exposta. Essa obra, além de questionar uma teoria institucional da arte, submete o maquinário fotográfico a uma transformação. O objetivo deste trabalho é traçar a mudança da câmera produtora de imagens para uma imagem em si. Todos os objetos que formam “Menos-valia” estão relacionados a alguma forma de fotografia analógica, um tipo de tecnologia que se tornou incrementalmente obsoleta com a difusão da fotografia digital. Esses objetos acabaram em feiras de segunda mão, onde eles foram adquiridos por Rennó e colocados no museu, transformando-os em objetos estético no processo. Os conceitos de índice e reinvenção do “medium” de Rosalind Krauss são úteis para discutir a condição da câmera fotográfica nesse contexto. Na chamada produção “pós-medium” na arte contemporânea, artistas se deparam com a obsolescência de seus mediums e os transformam em tema de suas obras, resultando em novos mediums. A obra de Rennó é um exemplo de como o medium pode se dobrar sobre si mesmo: assim como uma fotografia pode ser vista como a impressão daquilo que ela retrata, a câmera se torna um índice da fotografia analógica.

### Palavras-Chave

Rosângela Rennó. Fotografia. Rosalind Krauss.



## A CONSTITUIÇÃO DA FOTOGRAFIA COMO OBJETO FILOSÓFICO NA OBRA DE WALTER BENJAMIN

Ana Beatriz Barbosa De Carvalho E Silva

[anabeatrizbcs@gmail.com](mailto:anabeatrizbcs@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, mapearemos os escritos de Walter Benjamin que tratam da fotografia para mostrar como a fotografia se constitui como objeto de seu projeto crítico-filosófico. Primeiro, listaremos os textos em que a fotografia aparece como tema, observando como o autor se apropria de fotografias e referências citadas. Em seguida, tomaremos como base passagens desses escritos e cartas, com especial atenção à *A Pequena História da Fotografia* (1931), e à resenha *Novidades sobre as Flores (Neues von Blumen)* (1927) para entender os propósitos de sua reflexão sobre a fotografia. Apoiados em interpretações de Rolf Krauss (1998), Bernd Stiegler (2006) e Jessica Nitsche (2011;2019), veremos como o ensaio sobre a fotografia se aproxima mais a um comentário de cunho pessoal e singular a respeito de uma coletânea de fotografias do que uma história no sentido tradicional do termo. Veremos também que a leitura da *Pequena História da Fotografia* deve ser feita tendo em vista o projeto das *Passagens*, de modo que a fotografia seja tomada como fragmento de uma cultura, contendo em si as contradições da modernidade. Ela se torna, assim, um objeto condensado de processos históricos mais amplos. A fotografia é retomada desde seu nascimento como uma nova técnica, um novo modo de se relacionar e apreender o mundo exterior, cuja característica de reprodutibilidade altera a própria natureza da arte. A interligação entre esses textos de Benjamin revelará a questão de fundo que os permeia: como a fotografia amplia a percepção humana através do que será denominado inconsciente óptico e funciona como metáfora para a relação de cognoscibilidade. Assim, Benjamin explora a dimensão concreta da fotografia para extrair seu objeto filosófico, qual seja, um agente de transformação da arte e da percepção dentro do sentido de história do autor.

### Palavras-Chave

Fotografia. Walter Benjamin. Percepção.



## A DEFINIÇÃO DE SI MESMO NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Geraldo Márcio Silva  
[geraldo.silva@seduc.go.gov.br](mailto:geraldo.silva@seduc.go.gov.br)

### Resumo

Este trabalho investiga a definição de si mesmo na construção da personagem segundo Jean-Jacques Rousseau. Nos Diálogos Rousseau Juiz de Jean-Jacques, Rousseau pensa em dois personagens que se interagem ao longo de três atos, a tecitura teatral é construída a partir de um enredo que se desenvolve entre um genebrino que lhe atribui o nome de “Rousseau” e uma outra personagem que lhe denomina de “Francês”. Decorre do diálogo entre as personagens uma terceira personagem que lhe é atribuída, por mera coincidência, o nome de “Jean-Jacques” ou “J-J”, que por sinal não interfere nas conversas das personagens protagonistas. É neste interim que a autodefinição emerge do mise en scene na voz da personagem “Rousseau” que defina a “razão prática” no contexto do amor-próprio caracterizado como *modus operandi* da condição da personagem. Neste contexto, Rousseau apresenta na cena teatral os diálogos satíricos de Théodore Agrippa d’Aubigné que foi publicado entre os anos de 1617 e 1630 na persona da personagem “Feneste” que para os gregos decodifica-se como “aparência”. Neste contexto a aparência para Rousseau possui um significado particular no mundo representativo da sociedade civil que torna-se objeto de crítica e desvelamento por meio da personagem. Ao trazer para a cena teatral as personagens, Rousseau promove o desvelar-se, na autodeclaração quando a luz teatral está projetada na definição explícita do “teatro”. A teorização de si torna-se o desvelar para o outro a essência originária na trama do discurso filosófico. É neste contexto que este trabalho busca, por meio da ação cênica, desvelar a apologia que Rousseau faz contra as vilipendiadoras leituras feitas do seu trabalho.

### Palavras-Chave

Definição de si. Personagem. Rousseau.





## A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E O CUIDADO DE SI: O CONCEITO DE ASCETISMO EM NIETZSCHE E FOUCAULT.

Natália De Andrade Pereira  
[natalia.ap@aluno.ufop.edu.br](mailto:natalia.ap@aluno.ufop.edu.br)

### Resumo

A presente comunicação se debruça em investigar em que medida a noção de ascese em seu sentido positivo se mostra como condição para que o espírito livre se realize através de um cuidado de si. A intenção aqui é apresentar uma visão positiva do conceito de ascese que foi fortemente disseminada pela cultura cristã como uma ferramenta que nega e recusa o corpo. Está presente em Nietzsche a tentativa de renaturalizar a ascese como ele mesmo escreve: “Eu quero renaturalizar também a Ascética; em vez das tendências de negação, as tendências para fortalecimento; uma ginástica da vontade; uma privação e períodos de jejum voluntários de todas as formas, também no sentido espiritual” (Nietzsche, 1887, p.9[93], apud, Clademir, 2020, p.64). Na Hermeneutica do Sujeito, Foucault também apresenta uma visão positiva da noção de ascese, ou seja, o filósofo francês retorna a Grécia Antiga para afirmar a existência de uma ascese filosófica: “Parece-me que na ascese pagã, na ascese filosófica, na ascese da prática de si da época de que lhes falo, trata-se de encontrar a si mesmo como fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver” (Foucault, 2010, p. 296). Nosso projeto mostra que Nietzsche e Foucault apresentam o ascetismo filosófico como um caminho para a estetização da vida, ou seja, um caminho percorrido pelos Antigos e que poderia retirar o homem moderno da decadência moral e política. Com isso, neste trabalho buscaremos responder a duas questões de pesquisa, a saber: i) Por que Nietzsche afirma que deseja renaturalizar a ascética? ii) Qual a interferência do conceito de ascetismo na construção do espírito no livre em Nietzsche e no cuidado de si em Foucault? Para responder às questões, iremos tomar como base as obras de maturidade dos filósofos, nas quais afirmam a existência de uma ascese helenística e imanente capaz de apontar caminhos para uma estetização da existência, construindo, assim, um modo de vida ético e estético.

### Palavras-Chave

Ascetismo. Cuidado de si. Estética da existência.



## A ESTÉTICA POBRE EM GILDA DE MELLO E SOUZA: DO MODERNISMO AOS ANOS 1970

Taisa Palhares  
taisa74@unicamp.br

### Resumo

O objetivo da minha comunicação é investigar a ideia de estética pobre tal como esta elaborada pela crítica de arte e ensaísta Gilda de Mello e Souza (1919-2005) em seu texto *A Estética rica e a estética pobre dos professores franceses* (1972), que foi resultado da aula inaugural ministrada pela autora no Departamento de Filosofia da USP em 1972. Por meio de uma análise que adota um partido memorialístico, Gilda faz um balanço de sua formação como uma das primeiras alunas do curso de Filosofia da universidade e a o papel de cada um de seus mestres franceses: Jean Maugüé, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide. Ao reconstruir as bases do ensino de Estética por parte dos três pensadores, apresenta a noção particular de estética pobre como uma possível via de compreensão de uma estética genuinamente brasileira. Neste sentido, tentaremos demonstrar como tal expressão se associa tanto aos movimentos artísticos de vanguarda em curso no Brasil e no exterior naquele momento, quanto à visão sociológica de Bastide sobre a arte e a cultura brasileiras e, sobretudo, como Gilda dialoga, mesmo que de forma velada, com o pensamento modernista de Mário de Andrade.

### Palavras-Chave

Gilda de Mello e Souza. Estética Pobre. Vanguarda.



## “A IMAGEM COMO RASGADURA”: CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO EM GEORGES DIDI-HUBERMAN

Marcella Nicoli Sousa Imparato  
[marcellaimparato@gmail.com](mailto:marcellaimparato@gmail.com)

### Resumo

No livro *Diante da imagem*: questão colocada aos fins de uma história da arte, Georges Didi-Huberman desafia a noção de representação mimética clássica, tal como assimilada pela tradição humanista da história da arte. Contestando a ideia de que representação seria sinônimo de cópia ou imitação, o autor defende uma abordagem centrada no sintoma e na figurabilidade. Ao examinar o conceito clássico de representação mimética, Didi-Huberman identifica suas limitações, apresentando uma interpretação na qual a figuração é referida como “sintoma”, isto é, como aquilo que coloca em crise a própria ideia de representação. Nesse contexto, Didi-Huberman propõe substituir o modelo de legibilidade da imagem centrado na busca pela decodificação da obra de arte a partir de um sistema de signos decifráveis – o que resulta numa redução da experiência sensível ao que pode ser descrito, de acordo com a abordagem iconológica de matriz panofskiana – por uma abordagem mais antropológica e fenomenológica, opondo o “visível” ao que ele denomina de “visual”. O debate é em parte suscitado pela pesquisa do autor em torno da iconografia cristã, cuja interpretação não conseguiria ser compreendida simplesmente a partir dos esquematismos desenvolvidos por essa “história da arte humanista”, isto é, uma história da arte que herda suas noções fundamentais de Vasari e do neokantismo. Pensando a partir do tema da encarnação, Didi-Huberman busca dialetizar essa noção de representação com aquilo que se apresenta como seus limites e insuficiências, ou, em suas palavras, como “sintomas, crises ou rasgaduras”.

### Palavras-Chave

Didi-Huberman. Representação. Rasgadura.



## A PERVIVÊNCIA DAS IMAGENS RUPESTRES: ANCESTRALIDADE NO PRESENTE

Carla Milani Damiao

[cmdw16@gmail.com](mailto:cmdw16@gmail.com)

### Resumo

Entre os conceitos que podemos considerar ao refletir sobre imagens rupestres milenares, o conceito de Fortleben, central no ensaio A tarefa do tradutor de Walter Benjamin e traduzido como pervivência por Haroldo de Campos, parece ser relevante. Como base da discussão, estão os conceitos de vida e de traduzibilidade. O primeiro conceito varia muito de significado no jovem Benjamin que o abandona no momento em que o materialismo o fez tomar distância do vocabulário das chamadas “filosofias da vida”. Lemos nesse ensaio que “faz-se plena justiça a esse conceito de vida quando se lhe reconhece onde há história”. A aproximação com a história torna-se tão evidente que alguns intérpretes entendem que entre vida e história ocorre uma identidade de termos, pois da ideia de vida é retirada a característica espiritual e da ideia de natureza, a animalidade e a sensação. O que a ideia de Fortleben supõe é que, independentemente do tradutor/narrador, a “obra” continua a viver. Mesmo que não exista um tradutor/narrador, a obra pervive na condição de “traduzível”. Fortleben difere de “sobrevivência” (Überleben), palavra que Benjamin utiliza entre aspas em seu ensaio, porque a sobrevivência nos aproximaria apenas da vida orgânica. No caso de pinturas rupestres, esta vida, como sobrevivência orgânica, está não só em risco constante, como já sucumbiu a ele, aos pesticidas, às intempéries e bioturbações. Quanto ao sentido histórico da pervivência, afasta-se a “aura”, o mito e a organicidade, reunindo-se à demanda de certa arqueologia que no Brasil prefere empregar a categoria “História Antiga” e não “Pré-história” ao referir-se ao período pré-colonial. Trata-se de uma requisição também de lideranças dos povos indígenas que querem ser ouvidos menos como “seres restritos ao ambiente natural” e mais como narradores/tradutores de sua história. Entre as lideranças indígenas no mundo da arte contemporânea, Denilson Baniwa entende que a arte indígena é uma tradução das “vozes da floresta” e que transita entre o ancestral e o moderno. Algumas de suas colagens são conhecidas por criarem essa correspondência, particularmente em séries



que emulam pinturas rupestres sob imagens de épocas mais recentes. Propomos um olhar para tais obras como traduzibilidade e pervivência dessas imagens do passado remoto no presente. Essa proposta participa das pesquisas em Estética Decolonial.

### **Palavras-Chave**

Pinturas rupestres. Traduzibilidade. Arte indígena.



## A POSSIBILIDADE DO TRÁGICO

Isabela Pimentel Peixoto

[isabelapimentelpeixoto@yahoo.com.br](mailto:isabelapimentelpeixoto@yahoo.com.br)

### Resumo

O problema do trágico vem da tragédia grega e a ela retorna, de forma que há séculos debate-se o que seria, então, o trágico. No século XX, no esteio de diversas descobertas dos historiadores helenistas, formou-se uma forte corrente entre aqueles que acreditam que o trágico pertence tão e somente ao universo grego. Indissociável de suas origens religiosas, sociais e culturais, o trágico estaria confinado à materialidade da qual adveio, e à forma artística da tragédia ática, desta forma, não poderia funcionar como uma espécie de essência atemporal. A tragédia moderna não poderia almejar o trágico se não obedece aos princípios da tragédia ática, ou se não surge do contexto específico do século V a.C. Da mesma forma, uma filosofia trágica não poderia existir. Diante dessa questão, nos questionamos acerca da possibilidade tanto de tragédias modernas e contemporâneas, quanto de um trágico filosófico, como visto entre os alemães no século XIX, ou Kierkegaard, ou Clément Rosset nos anos 1960. Os gregos não elaboraram uma teoria do trágico, mesmo com a Poética de Aristóteles não se vê exatamente o trágico enquanto forma de cosmovisão, mas como uma descrição normativa de como a tragédia deve ser composta. Diante de um possível abismo entre o trágico e a tragédia, Albin Lesky nos propõe uma independência de um em relação ao outro, da qual partiremos. A ideia do trágico se manteve engessada ideologicamente na modernidade, como nos diz Raymond Williams, tanto por alguns critérios normativos herdados da Poética, mas também por necessidades políticas e teóricas de como acomodar a tragédia moderna. Desde a exigência do status nobre do herói, à necessidade de um conflito inconciliável, à preponderância de Édipo como a tragédia exemplar, uma combinação de fatores nos impede, diz Williams, de ver as pessoas na base da pirâmide social como detentoras de possibilidades trágicas. Os mais afetados pelas guerras, pela destruição ambiental, pela fome e pela miséria, foram sistematicamente excluídos da possibilidade do trágico. “Nem todo sofrimento é trágico” nos diz Hegel, mas porque não seria possível ver a peripeteia (a enorme virada negativa no destino do personagem), na vida de alguém não nobre, ou não burguês?



Pensaremos então a possibilidade tanto de um trágico literário que não se restringe à tragédia ática, mas que também traz um potencial filosófico para além daquele que a tradição filosófica lhe atribuiu

### Palavras-Chave

Tragédia. Trágico. Filosofia trágica.



## A PROSTITUTA E A ARTE: UM ESTUDO SOBRE OLYMPIA, DE MANET

Pedro Marques Silva Mauad

[psmauad@gmail.com](mailto:psmauad@gmail.com)

### Resumo

A ideia é lançar mão do conceito de igualdade axiomática em Rancière para pensar Olympia (de Manet) em sua época, em sua feitura e em seus significados. Partirei do diagnóstico de que a arte moderna instaura um novo regime de sensibilidade que manifesta e expressa uma igualdade radical, uma igualdade que não é um objetivo a ser conquistado, mas um princípio. Um princípio que passa a valer como condição da existência humana à revelia de todos os sistemas de valoração e hierarquia. Sendo assim, tentarei demonstrar como Olympia, por não se limitar a representar o visível, torna visível, entre outras coisas, essa igualdade axiomática da vida compartilhada. Essa igualdade, por sua vez, será interpretada como o escândalo que o capitalismo, ou, melhor, a burguesia não suporta e que Olympia encarna. Desse modo, veremos como esse quadro aparece, tanto por seu tema como por seu modo de produção, tendo por referência Sérgio Ferro, ao modo de um sintoma social perturbador que desestabiliza - de diferentes maneiras - a ordem sensível. Um sintoma que a maioria do público se recusa a encarar, como o retorno de algo recalcado.

### Palavras-Chave

Olympia. Manet. Rancière.





## A REFLEXÃO DO TRÁGICO ANTIGO NO TRÁGICO MODERNO NA OBRA OU-OU EM SOREN KIERKEGAARD

Michel Platinir Silva Damasceno Platinir

[michelplatinir2017@gmail.com](mailto:michelplatinir2017@gmail.com)

### Resumo

Esse breve resumo parte da premissa que o trágico antigo nos moldes aristotélico, quando adentra a modernidade, desperta certa reflexão no autor dinamarquês. Para ele, a estética moderna estava aprisionada a um tipo de determinismo universal. Todavia, para Kierkegaard, o trágico antigo deixa-se assimilar para dentro da modernidade, elencando assim, a visibilidade trágica para a estética moderna. Para tal, a tragédia de Sófocles e sua amplitude hereditária, que alcança a sua filha Antígona, à determina como modelo de culpabilidade estética. Ora, na tragédia moderna, não a determinação pre-estabelecida, nem legado hereditário, mais sim um sujeito que ergue-se e cai, acima de tudo, por suas próprias ações trágicas. Assim sendo, a culpa estética abre espaço para o advento da culpa ética, levando o indivíduo a entregar-se a si mesmo por sua própria culpa, não refém do estético oriundo da tragédia Antiga a exemplo da tragédia Sófocles e Antígona. Para Kierkegaard, a culpa estética é poética, é breve até durar o instante imediato. Já na culpa ética, o herói parte do trágico para romper com a tragédia universal que determinava a estética moderna. Doravante, quando o trágico singular, superar o trágico da linhagem hereditária, como no caso da Antígona Antiga, assim então, se estabelece a nova Antígona moderna, aquela que supera o determinismo do pesar da culpa estética, pela escolha da dor que aponta sempre para uma reflexão carregada de dúvidas e perguntas, característica intrínseca da sua condição trágica. Na tragédia Kierkegardiana, a dor eleva a reflexão sobre sofrimento temporal, suprimindo assim o pesar grego oriundo do determinismo antigo dos gregos.

### Palavras-Chave

Ética. Estética. Modernidade. Tragédia. Indivíduo.



## A SOBREVIDA DA HERANÇA CULTURAL: OS FUTUROS AMANTES DE CHICO BUARQUE

Vinicius Jose Fecchio Gualdo

[viniciusgualdo@gmail.com](mailto:viniciusgualdo@gmail.com)

### Resumo

A questão da herança cultural entendida como uma luta entre grupos, ou estratos sociais, pela apropriação de produções passadas adere, como reforça György Lukács, uma conotação eminentemente política à história dos objetos estéticos. Além disso, a problemática dessa herança abarca uma dimensão histórica mais ampla, no sentido de como as obras do passado interagem com as do presente. Uma maneira de abordar essa dupla determinação em relação à tradição, tal como formulada por Walter Benjamin, pode ser assim condensada: o primeiro polo dessa determinação versa sobre como a matéria social foi enformada em cada caso, ou seja, a maneira pela qual as tensões sociais foram trabalhadas nesse mundo estético próprio expõe, segundo suas próprias leis, uma reflexão sobre a realidade – muitas vezes a despeito das intenções de quem o concebeu. Já o segundo, a influência entre um conjunto de produções de períodos distintos, manifesta como a história se faz por saltos, isto é, como o florescer de uma nova obra carrega consigo elementos passados ao reelaborá-los em um novo contexto, ou, por outra via, como uma nova conjuntura agrega (ou escamoteia) outras camadas de significação a uma obra já criada. Sendo assim, mais do que propor reestruturações técnico formais, os objetos estéticos pensam os vestígios do passado e, não raras vezes, tensionam o presente ao organizar demandas reprimidas. Dizendo o mesmo nos termos de Herbert Marcuse, o impulso contestatório de Eros (tanto como sensibilidade, quanto como sensualidade) retorna, ainda que as relações sociais estejam submetidas ao princípio do desempenho. No campo da cultura nacional, uma canção de Chico Buarque, lançada em 1993 no disco *Paratodos*, toma esse tópico como sua matéria-prima: *Futuros amantes*, cujo tema, aparentemente, seria o amor; logo revela que seu teor é a conexão entre o ecos de antigas palavras e a perspectiva de um futuro no qual a experiência amorosa plena seria possível. Articula-se, na imanência desse microcosmos, que somente pela inter-relação entre as ruínas do passado (diegéticos e aludidos pelos recursos utilizados) e a projeção de um novo modelo



societário (não nomeado, mas apontado) que essa estranha civilização em que vivemos poderá, enfim, deixar de esperar em silêncio. Caminha nesse sentido a análise (da letra e da música) que proponho da canção em questão.

### **Palavras-Chave**

Walter Benjamin. Chico Buarque. Tradição cultural.



## A SUPOSTA IMUNIDADE DA CULTURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POLÍTICA CULTURAL ITALIANA DURANTE O FASCISMO

Isabela De Oliveira Salinas

[belabx@gmail.com](mailto:belabx@gmail.com)

### Resumo

É sabido que durante o governo totalitário de Benito Mussolini a cultura foi um dos principais canais de afirmação da pauta nacionalista. Desde 1925, o Dulce não só se apresenta como um defensor da cultura e da arte, mas também da arte moderna italiana, inclusive da vanguarda futurista. Ao contrário do que aconteceu na Alemanha, a questão cultural foi tratada na Itália de modo diverso: desde as intervenções na Biennale di Venezia, o projeto da Enciclopédia Treccani conduzida pelo filósofo Giovanni Gentile, o incentivo ao aspecto social da pintura muralista, até as grandes exposições de arte italiana no exterior. Assim, as políticas culturais durante o fascismo foram levadas a cabo sob um paradigma muito familiar a nós hoje: uma exaltação da tradição e do nacionalismo que superaria as divergências entre partidos e posições políticas. Tudo isso contribuiu para a interpretação de uma suposta imunidade da cultura no contexto do fascismo. Hoje, no governo de Giorgia Meloni algo muito parecido volta a acontecer. Meloni promete tutelar o patrimônio artístico e cultural italiano, investindo também na ideia de devolver a cultura italiana para os italianos. Entre outras iniciativas, Meloni promoveu uma grande reforma na RAI TV, a estatal de rádio-televisão mais importante da Itália, apelidada de “TeleMeloni”, justamente pela intervenção feita não somente na programação, mas toda uma reconfiguração de cargos e diretrizes. Mobilizando símbolos e instituições, inclusive fascistas, Meloni reivindica a necessidade de “garantir a comparação entre diferentes visões e sensibilidades: a livre comparação entre diferentes ideias é fonte de riqueza para todos. Sob esse ponto de vista, o caso italiano nos coloca uma novamente a questão de uma suposta imunidade da cultura: como lidar, interpretar, confrontar iniciativas que parecem garantir o “progresso” da cultura, que investem em instituições e atividades culturais, mas que ideologicamente promovem a segregação e a violência. A partir desse panorama, pretendo discutir algumas iniciativas tanto do governo Mussolini quanto do governo Meloni para traçar como se dá o diálogo entre



arte, cultura, público e estado em governos de direita que não minam ou destroem a cultura deliberadamente como estamos acostumados a ver, isto é, governos que tem a pauta cultural como ponto principal das suas agendas. Nosso objetivo é mostrar como a ‘guerra ideológica’ que ambos sustentam tem necessariamente que acontecer por dentro das instituições.

### **Palavras-Chave**

Nacionalismo. Itália. Cultura.



## ANTIMONUMENTOS EM MINIATURA

Francisco Thiago Camêlo Da Silva

[ftcamelo@outlook.com](mailto:ftcamelo@outlook.com)

### Resumo

Em diagnóstico sobre a arte brasileira das últimas três décadas (1990-2020), a crítica Maria Angélica Melendi (2021) observa, em certos trabalhos, um retorno ao passado, para nele encontrar aquilo que foi apagado, silenciado ou esquecido pela História oficial. Escavando o passado, alguns artistas comportam-se à maneira de historiadores: visitam arquivos, releem a contrapelo documentos legados por viajantes e cronistas, buscando trazer à luz histórias minúsculas, cuja força insurgente interpela o tempo de agora. Em que medida essa atitude artística de se voltar para o passado, a fim de expor o reprimido e o esquecido às novas gerações, pode ser aproximada da visão de cultura como documento de barbárie formulada por Walter Benjamin em suas teses sobre “O conceito de história” (1940)? Estariam tais gestos artísticos revestidos de uma “força de levante”, nos termos de Georges Didi-Huberman, para quem os levantes são ações, desejos, ritmos, palavras que desafiam o autoritarismo? Entre arte e saber histórico, propõe-se endereçar essas questões a obras selecionadas de Jaime Lauriano, Rosana Paulino, Evandro Prado e Paul Setúbal. Fazendo uso de uma prática de contra-arquivo da colonização e do passado escravista brasileiro, esses artistas constroem obras com pequenos objetos, alguns dos quais ligados a certo imaginário da infância (miniaturas, brinquedos). Interessa sondar a potência desconstrutora dessas obras enquanto antimonumentos que se insurgem, pelo pequeno, contra monumentos culturais que legitimam simbolicamente situações de violência e opressão.

### Palavras-Chave

Miniatura. Antimonumentos. Walter Benjamin.



## ARQUEOLOGIA DA MODERNIDADE E ESTÉTICA DAS MÍDIAS – WALTER BENJAMIN E O ESPECTADOR MODERNO.

Luis Inácio Oliveira Costa

[luis.inacio@ufma.com](mailto:luis.inacio@ufma.com)

### Resumo

Ao longo dos anos de 1930, Walter Benjamin ocupou-se de um arrojado projeto de investigação histórico-filosófica da modernidade industrial, o qual denominou algumas vezes de “arqueologia da modernidade”. A Benjamin interessava compreender as transformações estruturais da experiência que constituíram a modernidade do século XIX. Nesse sentido, para o seu materialismo expressivo, o desenvolvimento das condições históricas materiais e técnicas do capitalismo industrial ganhou expressão em transformações culturais amplas e profundas e, mais especificamente, em transformações estéticas e midiáticas. As radicais transformações midiáticas representadas pelo desenvolvimento da fotografia e do cinema importaram em mudanças nas formas de percepção e de recepção, mudanças ligadas aos fenômenos conexos da reprodutibilidade técnica e da massificação, com um desconcertante impacto nas formas tradicionais de linguagem e de comunicação. É nesse contexto que tem lugar a figura do espectador moderno como uma configuração histórica ligada ao que alguns filósofos das mídias descreveram em termos de produção e recepção em série ou em massa de “imagens técnicas” (Vilém Flusser) ou de reordenações perceptivas produzidas pelas “mídias óticas” (Friedrich Kittler). O presente trabalho pretende apresentar algumas formulações críticas iniciais sobre a figura do espectador moderno a partir da leitura cruzada de dois ensaios seminais de Benjamin da década de 1930, a saber, A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica e Sobre alguns temas em Baudelaire.

### Palavras-Chave

Modernidade. Estética. Mídias.



## ARTE E BELEZA EM TOMÁS DE AQUINO

Matheus Monteiro Redig De Oliveira

[monteiromatheus95@gmail.com](mailto:monteiromatheus95@gmail.com)

### Resumo

Qual é a relação entre arte e beleza? Meu trabalho visa elucidar esse problema à luz do pensamento do filósofo e teólogo dominicano Tomás de Aquino (1225-1274). Na contemporaneidade, parece evidente que existe uma categoria de obras humanas cujo fim é a beleza. Chamam-se belas-artes ou artes do belo. Todavia, da Antiguidade à Renascença, essa conexão entre arte (isto é, técnica) e beleza não recebeu um tratamento filosófico profundo. Na própria obra de Tomás não há um tratado destinado às obras de arte que visam a beleza (tal como a música, a pintura, a escultura, etc.), ainda que as contribuições do autor para as noções de arte e de beleza tenham inegável notoriedade. Ainda assim, no século XX, neotomistas como Étienne Gilson, Jacques Maritain e Edgar De Bruyne recuperaram as noções de arte e de beleza da escolástica, atualizando-as conforme as novas demandas da Estética. O resultado desses esforços permite-me investigar com mais propriedade o tema. Sendo assim, convém questionar: de que maneira Tomás associa a arte, beleza e moral? Qual a definição tomista desses conceitos? Qual a diferença entre arte em sentido estrito e as obras de arte? Qual a relação entre as obras de arte e a prudência? Qual a relação entre as obras de arte e a natureza? Fundamentais para a concepção tomista são a definição objetiva ou essencial da beleza (que identifica nela três características: proporção, integridade e clareza), a definição subjetiva da beleza ou definição pelos efeitos (ou seja, a beleza “agrada a vista”), além dos aspectos próprios dos sentidos humanos que permitem a experiência de contemplação da beleza (tanto na natureza quanto nas obras de arte). A partir desses elementos, pretendo elucidar as bases metafísicas e as bases psicológicas da estética de Tomás.

### Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Belo. Estética.





## AS MULHERES E O REGIME ESTÉTICO DAS ARTES

Lucia Dias Costa Barros

[luciadcbarrros94@gmail.com](mailto:luciadcbarrros94@gmail.com)

### Resumo

Para Jacques Rancière o século XIX foi o momento de aparição de novos sujeitos no solo da política. Em *A Noite dos Proletários* (1988) o filósofo discute a tomada da noite pelos trabalhadores do século XIX que, ao invés de descansarem para o trabalho nas fábricas, escrevem e com isso transtornam a lógica de tarefas que define os modos de vida. Ainda nesse mesmo contexto, Rancière aponta para o surgimento de uma história das mulheres enquanto agentes de transformação do comum e não mais apenas objetos suscetíveis às mudanças sociais. Da mesma forma que o surgimento dessa política que é imbricada com a estética é situado historicamente, Rancière constata a nascente de um novo regime de identificação das artes, também no século XIX, que é igualmente conectado com a política. O Regime Estético das Artes rompe com a hierarquia entre gêneros, tais como pintura, literatura, teatro e com um sistema de dignidade temática. Ou seja, solapa não só as distinções entre linguagens, mas também a categoria de temas mais ou menos elevados. Rancière dará destaque à literatura para pensar o momento em os anônimos, os qualquer um, se tornam um tema artístico. Ou seja, quando os protagonistas dos romances têm a chance de serem oriundos da plebe e não mais da alta nobreza. Assim, podemos observar que o encontro da política com a estética estabelece um duplo jogo entre tornar-se artista e tornar-se tema da arte; proletários poetas, proletários protagonistas de romances. Todavia, é possível pensar esse duplo jogo em relação às mulheres no século XIX? Quais são os limites e os diálogos entre a arte feminista e o Regime Estético das Artes? Que zonas de contato e de conflito podem ser mapeadas entre a história das mulheres, ou uma política feminista, que surge no século XIX e a presença/ausência das mulheres na arte e em sua história canônica?

### Palavras-Chave

Arte. Política. Feminismo.



## COM DIDI-HUBERMAN: IMAGEM-PROJETO COMO HIPÓTESE DO PRESENTE

Paolo Colosso

[paolo.colosso@ufsc.br](mailto:paolo.colosso@ufsc.br)

### Resumo

O trabalho revisita a obra de Georges Didi-Huberman acerca do estatuto da imagem, com o objetivo de sustentar a relevância do que denominaremos imagem-projeto. Partindo do pressuposto segundo o qual transformações sociais necessitam abrir novos espaços, trata-se de defender que, em contextos de efervescência coletiva, uma imagem-projeto dá densidade sensível a hipóteses espaciais até então da ordem do inimaginável. De saída reconstituimos formulações de Didi-Huberman acerca do modo de conhecer diante da imagem, ou se quisermos, sobre a imaginação como trabalho de montagem de alta intensidade. Três operadores que redefinem o estatuto da imagem são relevantes. O primeiro, a imagem contém em si sua “rasgadura”, encontrada seja por regressão num material ainda pouco explorado, seja num trecho esquecido, seja na limitação de um enquadramento analítico. Assumi-la deste modo implica “dialetrizar”, trabalhar a potência do negativo. Segundo, a imagem é “sintoma” de uma formação cultural. Diante dela, tem-se uma solicitação a interpretar que põe o sujeito em uma ramificação ascendente de associações, um jorro exponencial de todas as suas condições de sentido. Terceiro, a imagem tem função de “encarnação”, isto é, torna presente, sensível, dá carne à ideia. No contexto religioso cristão, uma imagem presentifica o Verbo divino. O que formulamos aqui como imagem-projeto se mantém na dialética do sensível, à medida que ainda envolve imaginação, uma atividade ao mesmo tempo cognitiva e emotiva de aproximação ao objeto, uma postura investigativa de alta intensidade. A imagem-projeto é disparadora de movimento que visa dar feições espaciais à hipóteses que, até então, eram inconcebíveis. Seu trabalho avança à medida que a hipótese se mostra tecnicamente viável, socialmente necessária e espacialmente habitável. A imagem-projeto precisa alcançar nível ótimo nos três fatores, mas isto não significa culminar na representação fidedigna da hipótese. Isto seria recair no projeto enquanto norma, diante do qual só resta a execução. Não, a imagem-projeto mantém a consciência crítica em movimento de pesquisa



investigativa, traça cenários possíveis e por esta via se multiplica. Por entradas e aproximações, cria um campo de correspondências e diferenças. Quando os três fatores da imagem-projeto se encontram em ponto ótimo, esta ganha materialidade, mas sempre por sínteses precárias, deslocadas, atravessadas de outras condicionantes. Produzem portanto outras combinações de objeto

### **Palavras-Chave**

Georges Didi-Huberman. Imaginação. Imagem-projeto.



## DE MACUNAÍMA À MACUNÁIMÃ – O MODERNO E O CONTEMPORÂNEO NA ARTE BRASILEIRA

Eliana Henriques Moreira

[henriques1@hotmail.com](mailto:henriques1@hotmail.com)

### Resumo

Neste trabalho nos propomos a refletir sobre alguns aspectos da arte brasileira, à luz da “Estética da libertação” de Henrique Dussel, para quem na “colonização estética”, ocultou-se o próprio de cada uma das diversas culturas e artes latino-americanas e se exaltou uma estética pretensamente mundial, ocidental e eurocêntrica. O movimento modernista da década de 1920 deu um passo significativo nesse sentido de “descolonização” e uma das obras que mais se destacaram foi “Macunaíma” de Mário de Andrade. Muito embora todo valor que esse movimento e essa obra carregue, a contemporaneidade revisa essa modernidade ao trazer um protagonismo inédito dos povos indígenas brasileiros, o protagonismo da autoria na arte literária. Jaider Esbell, artista makuxi, refunda o mito trazendo uma leitura inovadora de Macunaíma, com a obra Macunáimã, entrelaçando contemporaneidade, modernidade e tradição. Nosso diálogo busca compreender melhor essa relação e esse entrelaçamento entre o moderno e o contemporâneo na arte brasileira, tendo como fio condutor a proposta de uma Estética da libertação de Dussel.

### Palavras-Chave

Estética da libertação. Arte contemporânea.



## DIALÉTICA DO KITSCH: ARTE E DESEJO NA CRISE DA CULTURA

Cícero Samuel Dias Silva  
[zamuldias@gmail.com](mailto:zamuldias@gmail.com)

### Resumo

A reflexão em torno do fenômeno do kitsch – marca, em língua germânica, para obras de arte, objetos ou espetáculos de mau gosto que, embora implícita ou explicitamente comerciais, pretendem exhibir valores sublimes – acompanhou o conjunto radical de transformações que se deu na indústria do belo, que, desde o século XIX, operou uma mudança profunda na arte e na cultura ocidental. A discussão parece apontar para um inegável conjunto de contradições presente no conceito de kitsch, o que deu origem a uma literatura densa, por vezes destoante quanto a sua demarcação e ainda longe de uma palavra definitiva. Assumindo esta hipótese, o presente escrito investiga o caráter dialético do kitsch, assumindo que este carrega em si uma tênue ambivalência ao apontar para a tensão entre extremos no mesmo conceito. Em um primeiro momento, remontaremos à discussão dos anos 30 do século XX, com Hermann Broch e Clement Greenberg, para retrarmos a origem das acepções do kitsch, como via de capturarmos a construção de seu conceito. Em seguida, partindo do diálogo com Walter Benjamin e Theodor Adorno, buscaremos delimitar o possível caráter dialético do kitsch perante a arte de massas. Dado o percurso, poderemos refletir sobre a relação entre kitsch, arte e desejo na crise da cultura.

### Palavras-Chave

Kitsch. Dialética. Crise da cultura.



## DO ENSAIO FUTURO À INTERVENÇÃO PRESENTE: A PANDEMIA NO BRASIL E A POLITIZAÇÃO DA ARTE DE NUNO RAMOS

Pedro Duarte

[p.d.andrade@gmail.com](mailto:p.d.andrade@gmail.com)

### Resumo

Em 2020, o artista brasileiro contemporâneo Nuno Ramos fez uma intervenção artística e política em São Paulo, durante a pandemia de Covid-19: colocou carros em uma carreta às avessas, pois de marcha ré, percorrendo a Avenida Paulista até o Cemitério da Consolação, com o hino nacional tocado ao revés. Com isso, operava uma crítica à gestão da pandemia pelo governo federal de então, mas também continuava sua lembrança, ou luto, diante da banalização da morte que percorre toda a história do Brasil. Sua sensibilidade parece atada à filosofia crítica de Walter Benjamin: como o anjo da história de que falava o autor alemão, aqui também, “onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”. Como o progresso é visto à imagem de uma tempestade que impele para o futuro enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu, ao invés de ser um móbil para a melhoria humana, cabe uma resposta presente. Diante da urgência política, manifestada com o descaso diante da pandemia de Covid-19, Nuno Ramos deu uma resposta através da arte. Desse modo, a intervenção de 2020 cristalizava uma transformação no seu pensamento sobre o país, que, embora sempre trouxesse uma negatividade, passava agora da intuição de uma formação em aberto para o futuro (“ensaio geral”) para um poço de repetição em um presente que não cessa de retornar como violência (“o mesmo”). O objetivo desta apresentação é analisar filosoficamente a crescente politização da estética de Nuno Ramos, que resulta desta transformação em sua interpretação do Brasil expressa em seus ensaio e que culmina na intervenção artística de 2020.

### Palavras-Chave

Pandemia. Ensaio. Política.



## ENTRE O BAHSESE E O BAHSAMORI: ESBOÇOS DE UMA FILOSOFIA DA ARTE DOS POVOS RIGONEGRINOS

Theo Machado Fellows

[theo@ufam.edu.br](mailto:theo@ufam.edu.br)

### Resumo

O universo artístico brasileiro tem visto, nos últimos anos, cada vez mais artistas de origem indígena ganhando espaço nos principais eventos do país e do exterior. Nomes como Denílson Baniwa, Glicéria Tupinambá e Uyra Sodoma se tornaram referências indispensáveis para pensarmos a arte brasileira contemporânea. Contudo, a compreensão dos universos simbólicos e imagéticos que servem de inspiração para as obras destes artistas permanece restrita aos trabalhos antropológicos ou aos estereótipos reducionistas. Resta ainda, à Estética, a tarefa de oferecer um olhar aprofundado sobre as diversas práticas dos povos originários do território brasileiro que, mesmo sabendo dos problemas desta classificação, costumamos designar como artes indígenas. O objetivo da presente pesquisa consiste precisamente em trazer para o debate estético e filosófico algumas questões levantadas em estudos antropológicos sobre a arte, porém não respondidas de forma plena: podemos, por exemplo, realmente chamar as danças, canções, pinturas corporais e em cerâmica produzidas pelos povos originários de arte? É possível pensar em uma contemplação puramente estética nestas culturas? Como é que nós, que não estamos inseridos nas culturas responsáveis pela produção destes objetos e performances, podemos nos relacionar esteticamente com estes objetos e performances? Para tentar responder estas perguntas, tomarei como base as práticas e a cultura dos povos Tukano, da região amazônica do Alto Rio Negro. Apoiando-me no trabalho de tradução filosófica da cosmogonia Tukano realizadas por pesquisadores indígenas ligados à Universidade Federal do Amazonas, pretendo trazer para esta discussão dois elementos centrais da cultura destes povos: um deles são os bahsese, conjunto de práticas de intervenção nos corpos e espaços, que envolvem desde a comunicação com os espíritos até a assepsia dos alimentos. Do outro lado, temos os bahsamori, ou poose, que são as cerimônias, em geral envolvendo cantos e danças, que marcam a passagem das estações do calendário Tukano. Não se tratam, naturalmente, de práticas artísticas, se as



encararmos com o olhar ocidental; contudo, a investigação das performances e dos artefatos por elas produzidos pode nos oferecer uma atualização do conceito de arte que o adequa à realidade cultural e artística brasileira, e, em especial, à amazônica.

### **Palavras-Chave**

Arte indígena. Tukano. Estética.





## ESTÉTICA E CRIAÇÃO POÉTICA NA RESENHA DE SCHILLER SOBRE OS POEMAS DE MATTHISSON

Pedro Augusto Da Costa Franceschini  
[pedro.franceschini@gmail.com](mailto:pedro.franceschini@gmail.com)

### Resumo

Relativamente escasso quando comparado a sua produção poética e teórico-filosófica, o trabalho de Schiller como resenhista assume frequentemente um lugar secundário nos estudos sobre o autor. Com efeito, na maior parte dos casos, ele não se destaca pela originalidade no tratamento imanente de obras particulares, como no tipo de crítica de arte que teve em algum de seus contemporâneos exemplos eminentes. Em contraste, Schiller parece ter utilizado essas oportunidades, antes de tudo, para a exposição de princípios poetológicos que sintetizam suas reflexões filosóficas, fazendo desses textos casos especiais para a investigação de alguns núcleos de seu pensamento e das exigências que fazia à estética a partir das recentes revoluções filosóficas. Com esse intuito, gostaríamos de tratar principalmente de sua resenha “Sobre os poemas de Matthisson”, publicada em 1794, na medida em que oferece um marco para a compreensão de seu desenvolvimento no período. A partir de um tema bastante circunscrito e marginal em sua obra – a poesia de paisagem –, Schiller desenvolve uma teoria geral sobre a poesia mediante dois aspectos aparentemente contraditórios: o aprofundamento na verdade objetiva, quanto ao que é representado, e a elevação à universalidade subjetiva, operada pelo poeta em relação a si mesmo e visada na capacidade de recepção. Da mediação entre essas qualidades opostas, o pensador concebe a verdadeira criação como uma operação simbólica, na qual o modo de tratamento, mais do que o tema representado, permitirá alcançar o que denomina de “puro objeto”. Pretendemos mostrar, por um lado, como esse conceito de criação remete às primeiras formulações filosóficas schillerianas em seu contato com a filosofia de Kant, quando passa a buscar um conceito objetivo de beleza. Por outro lado, discutiremos como essa noção de uma operação simbólica da poesia adentrará suas conversas com Goethe, não por acaso iniciadas nesse mesmo momento, indicando um programa estético comum aos dois poetas alemães, mas concebido de maneiras diametralmente opostas.

### Palavras-Chave

Schiller. Símbolo. Objetividade.



## ESTÉTICAS AMEFRICANAS – A ANCESTRALIDADE E A GRANDE RECUSA

Fabiana Vieira Da Costa  
[fabivieiracosta@gmail.com](mailto:fabivieiracosta@gmail.com)

### Resumo

“A grande recusa [na perspectiva marcuseana] se manifesta de várias formas” (Marcuse, Ensaio sobre a libertação, p.5) sendo a abertura para o protesto em prol da libertação, noutras palavras, ela é a manifestação contra a ordem social repressora em busca da transformação dos modos de vida e da sociedade – das relações entre o indivíduo e o social. Nesse sentido, pela via das canções amefricanas produzidas no Brasil (como o sistema de som do Baiana System e as produções de Luedji Luna), queremos trazer a expressão da pluralidade histórico e social que é parte estruturante da subjetividade de nós, amefricanos, dando força à resistência, criando caminhos de consciência racial e social que podem propiciar a transmutação da realidade em curso, assumindo-se como a grande recusa ao establishment (racista e subalternizante) propiciando possibilidades outras de enfrentamento as feridas coloniais. Nossa defesa compreende a memória como o caminho da lembrança e do orgulho que encontra o autoconhecimento e, a ancestralidade como uma extensão aplicada da memória, de modo a possibilitar a construção de uma identidade. E, nesse caminho, a oralidade (a voz e a canção) é o que faz transitar a memória e infundir o conhecimento – falamos sobre o aprendizado que é parte da comunidade e, também é, da construção no imaginário de algumas lacunas que possibilitam a origem duma outra narrativa e de outras memórias dos afetos que nos falta por conta de todas as dinâmicas impostas pelo sistema opressor.

### Palavras-Chave

Amefricanidades. Grande recusa. Ancestralidade.



## ESTÉTICAS DA AMÉRICA LATINA: EXPERIMENTAÇÃO, ARQUIVO E PERFORMANCE EM RODOLFO KUSCH

Natacha Muriel Lopez Gallucci

[natacha.gallucci@ichca.ufal.br](mailto:natacha.gallucci@ichca.ufal.br)

### Resumo

A pesquisa em andamento forma parte do Projeto: Arquivo, memória e performance (FiloMove, ICHCA, PROPEP - UFAL). Propõe a investigar arquivos no campo da filosofia, do audiovisual e das artes que evidenciam obras experimentais de artistas e pensadores latinoamericanos. Nesse sentido abordamos diversos arquivos e fragmentos registrados das produções audiovisuais realizadas pelo filósofo, docente e dramaturgo Rodolfo Kusch (Argentina, 1922-1979) nos seus Puchometrajes, desenvolvidos aproximadamente, entre 1968 e 1971. Essas ações híbridas roteirizadas – com manipulação de diapositivos, textos lidos ao vivo, gravações e música –, demonstram o profundo interesse do filósofo pela expressão ensaística (Adorno, 2003; Corrigan, 1995) de ideias em termos performáticos. Enquanto exploração formal, sua proposta recai na que atualmente é nomeada experimentação intermedial, fundamentalmente no uso de recursos de transposição textual e montagem como o corte, o flashback ou a fotografia abstrata, dentro de um contexto estético relacional, envolvendo músicos e atores. As sessões ao vivo ressignificam, bordeiam, interpolam e superpõem os limites entre poesia oral, a fotografia, a música, o teatro e o ensaio filosófico. No contexto histórico argentino de fines da década de 1960, marcado por um forte questionamento em redor da relação arte e política, na nossa América, e fundamentalmente dos valores do popular diante do desenvolvimentismo emergente, essas experiências públicas “que se projetavam” – segundo difundia o próprio Kusch seus Puchometrajes (Soneira e Pérez, 2020, p. 253-266) –, expressam um exercício estético ao aproximar o público retroativamente de ritos americanos latentes, de vivências populares nas arenas circulares do circo criollo, da contemplação do tempo na mesa ‘del café’, do ensaio fotográfico, das colagens das vanguardas e do radioteatro costumbrista rioplatense dos anos 1930 e 1940. Enquanto filosofia-performance, vinculando o corpo do filósofo ao espaço dispositivo, essas projeções eram concebidas como forma comunicativa de uma experiência sensível e coletiva em relevo;

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



antecipando certas discussões teóricas no campo do audiovisual expandido e em diálogo com a performances contemporâneas das artes de neovanguarda latino-americanas. Buscamos aprofundar neste campo proposto entre arquivos e performance e indagar os recursos epistemológicos elencados pela experimentação kuscheana à luz da sua estética do americano.

## Palavras-Chave

Estética. América Latina. Rodolfo Kusch.



## FILOSOFIA, LITERATURA E A SUBJETIVIDADE EXISTENCIAL: A LITERATURA COMO ATELIÊ DA EXISTÊNCIA ESTÉTICA

José Alan Da Silva Pereira

[josealan462@gmail.com](mailto:josealan462@gmail.com)

Sandro Cozza Sayão

[sandro.sayao@ufpe.br](mailto:sandro.sayao@ufpe.br)

### Resumo

A relação entre filosofia, literatura e a constituição da subjetividade existencial é foco aqui de análise. O objetivo do texto que apresentamos é compreender em que medida podemos pensar numa interpretação existencialista de nós mesmos, considerando a influência da experiência estética como mola propulsora de toda dinamicidade que nos constitui enquanto entes de liberdade e de notória capacidade de transformação e reconfiguração. A proposta é partir de uma análise filosófica da experiência estética, compreender em que medida a literatura serve a fins de construção da própria vida individual, isso reconhecendo e assumindo as narrativas literárias como promotoras de tensões no próprio indivíduo, seja através das funções catárticas ou hedonísticas presentes na estética literária. A literatura é uma “fábrica”, ou uma espécie de ateliê de sentimentos, sentidos e de fazer sentir. Seja de modo construtivo ou destrutivo, com a capacidade de estimular novos horizontes interpretativos da realidade ou de reforçar estigmas e preconceitos, tem ela o poder singular de influenciar pensamentos e, com isso, moldar escolhas e decisões que se façam tanto numa perspectiva individual como coletiva. Grosso modo, a mesma literatura que quebra com formas de pensar engessadas em velhos esquemas, também podem manipular, reforçar e mesmo reproduzir ideologias que não são mais bem vindas numa sociedade que anseia por uma vida livre da indiferença e da própria violência de categorias que aviltam e tolgem a vida em todas as suas potencialidades. A depender da finalidade com a qual ela é escrita, visto que a literatura é um dispositivo de poder que disputa espaços nos mais diversos campos, ela é por si só uma potência criadora, seja de liberdade, seja da manutenção de prisões imaginárias e de velhos esquemas valorativos. Considerando agora nossa própria individualidade e seu trânsito no mundo, se a literatura tem, a



partir dessa dinâmica de criticidade e criatividade, certa força de afetação da cultura e dos elementos presentes em nossa sociedade, ver-se-á que ela pode ainda ser radicalmente importante naquilo que se pode chamar de porta de entrada para o “eu profundo”, isto é, uma metáfora para nomear, acessar e falarmos a respeito da subjetividade existencial comprometida com o ato de existir por meio da estética. isto diz respeito a falarmos do sujeito como detentor de um autoconhecimento mais refinado e que pode ser promovido pela experiência com a literatura também.

### Palavras-Chave

Estética. Literatura. Subjetividade.



## FORMA AMADORA: O ENSAIO EM ANNE CARSON

Rafael Zacca Fernandes

[zacca.rafael@gmail.com](mailto:zacca.rafael@gmail.com)

### Resumo

Tradutora de dramas do grego antigo, pesquisadora dos poetas mélicos arcaicos, filóloga rigorosa. Ao lado dessas classificações, podemos também anexar outras ao trabalho da canadense contemporânea Anne Carson: tradutora experimental, escritora performativa, artista legatária do trabalho das vanguardas. Tudo isto converge na prática ensaística de Carson. Esta apresentação procura caracterizar a prática do ensaio e do poema-ensaio em Anne Carson, a partir de uma investigação: de seus escritos e entrevistas sobre o tema; da forma de seus poemas-ensaios, em especial o “Ensaio sobre aquilo em que mais penso”; e da teoria do ensaio em autores como Montaigne, Theodor Adorno e Timothy Corrigan. Analisando uma definição de Carson sobre si mesma, quando afirma que não é poeta, mas alguém que faz coisas com as palavras, tentaremos delinear princípios operantes em sua atuação intelectual distantes das noções de especialidade ou de erudição (apesar de sua formação e carreira docente na área de Estudos Clássicos). Para tanto, a apresentação mobiliza as categorias de erro, dúvida, amatorismo e prazer e se pergunta sobre a sua relação com a noção de especialidade, contra a qual a noção de ensaio emerge na contemporaneidade.

### Palavras-Chave

Anne Carson. Ensaio. Poema-ensaio.



## FREUD, ALGUMAS FICÇÕES, E SUAS RECEPÇÕES

Bernardo Barros Coelho De Oliveira

[bernardobarros@id.uff.br](mailto:bernardobarros@id.uff.br)

### Resumo

A escrita literária é também uma forma de recepção. Nas escolhas formais e temáticas de um autor se manifesta a tradição ficcional em que este se inscreve. Tentaremos mostrar como aspectos da obra contística de três autoras contemporâneas, as argentinas Mariana Enriquez e Samanta Schweblin, e a sul-coreana Bora Chung, retomam a tradição que foi catalisada teoricamente por Freud no famoso ensaio *Das Unheimliche*, de 1919. Este, que tem como interlocutor o conto *O homem da areia*, de E. T. A Hoffmann, e o tema do duplo, previamente mapeado por Otto Rank, característico do romantismo literário europeu do início do século XIX, lança na discussão estética um tema não totalizante, porque ligado a apenas alguns exemplares de obras, o do sentimento de estranheza, inquietude, infamiliaridade e incômodo, para citar quatro traduções brasileiras deste título intraduzível do criador da psicanálise. As autoras a que nos referimos retomam, no século XXI, nuances distintas do sentimento, visando reproduzi-lo em seus leitores, apostando na pertinência e atualidade deste. A tentativa de Jacques Rancière de situar a interpretação freudiana da linhagem edípica no ensaio *O inconsciente estético*, linhagem que inclui o personagem Nathanael do conto de Hoffmann, será decisiva para explorar aspectos das obras das autoras para além do paradigma biografista que predomina nas leituras que Freud faz da ficção literária. Apostando em um *unheimlich* proveniente do tipo de pacto literário proposto pela ficção, e não dos acontecimentos que incidem na trilha biográfica do personagem, que é uma possibilidade apontada pelo próprio Freud na terceira sessão do seu ensaio de 1919, veremos que a atualidade desta tradição, representada pelas três ficcionistas contemporâneas acima citadas, se deve em sua maior parte a uma exploração do que Freud denominou de princípio de realidade e sua tensão com a “fantasia”, tópico explorado por Freud em um conjunto de textos do período entre 1906 e 1913, denominado por comentadores de ciclo da fantasia.

### Palavras-Chave

Freud. Ficção. Recepção.





## FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA DA MÚSICA: HISTÓRIA E ESTÉTICA EM CARL DAHLHAUS

Reginaldo Rodrigues Raposo  
[reginaldo.raposo@usp.br](mailto:reginaldo.raposo@usp.br)

### Resumo

O trabalho consiste em um exame crítico e propositivo a respeito de uma das principais obras do musicólogo alemão do século XX, Carl Dahlhaus, a saber, os Fundamentos da história da música (1977). Trata-se de um livro, cuja realização ocorreu em concomitância a uma de suas principais contribuições para a historiografia musical – A música do século XIX, publicada pela primeira vez em O novo manual da musicologia (1980, 13 volumes), do qual também é coeditor. Ela consiste, portanto, em reflexões sobre a particularidade da tarefa historiográfico-musical, na atenção a um “objeto estético” (música e obras musicais) segundo um “sujeito” ou “fundamento” histórico, de acordo com os métodos de organização e tratamento da documentação desse objeto. Com o fito de “escrever uma história da música que faça igual justiça à história e à música” (Dahlhaus, Carl. Grundlagen der Musikgeschichte. Colônia: Musikverlag Hans Gerig, 1977, p. 138), Dahlhaus expõe as dificuldades que encontra na prática e em um contexto de relativa precariedade, diante da opinião pública, da história enquanto disciplina – a ideia já anacrônica da “memória tornada científica”, como diz; além de observar a profunda divergência entre metodologias historiográficas na Berlim dividida da época. Ao mesmo tempo, ele observa que “o conceito de ‘obra’, e não de ‘evento’, é a categoria central da história da música, cujo objeto, aristotelicamente falando, se constitui por meio da poiesis, no criar das formas [Gebilden], e não na praxis, na ação social” (Ibidem, p. 14), e a antítese entre estética e história – tão tematizada ao longo de toda sua obra – determina encaminhamentos intrinsecamente ligados, não somente à historiologia, mas sobretudo à história da filosofia. Discutiremos também como suas observações mantêm relevância em um contexto de questionamento da “obra” ela mesma, dos cânones musicais e da atenção (sempre renovada) a seus momentos obscurecidos, sombreados pela vigência de paradigmas estéticos do passado. Além disso, a presente proposta alinha-se a um debate contemporâneo sobre o livro, que culminou na sua reedição em 2017 e que gerou diversas publicações (cf. Carl Dahlhaus’ Grundlagen der Musikgeschichte: eine Re-lecture. Paderborn: Wilhelm Fink, 2016).

### Palavras-Chave

Carl Dahlhaus. Grundlagen der Musikgeschichte.



## GILDA DE MELLO E SOUZA, UMA ENSAÍSTA A ENSAIAR A SI MESMA

Rafael Lopes Do Valle  
[rafael.valle@estudante.ufscar.br](mailto:rafael.valle@estudante.ufscar.br)

### Resumo

Ao questionar a possibilidade de definir o ensaio, Jean Starobinski, lendo Montaigne, distingue duas vertentes do gênero: uma objetiva, outra subjetiva. A primeira diz respeito à matéria ensaiada fornecida pelo mundo à percepção do autor. A segunda, ao movimento reflexivo que leva o ensaísta a ensaiar a si mesmo. Starobinski observa que Montaigne atribuiu fundamental importância ao estudo de si e que por isso mesmo nos Ensaaios adviria uma pintura do eu. Mas deve-se sublinhar que não se trata de autobiografia nem de diário íntimo. Montaigne se pinta quando fala de assuntos de interesse geral, como a amizade, a educação, a vaidade, o Estado, o massacre de indígenas e a confissão sob tortura. No fim das contas, as duas vertentes, objetiva e subjetiva, estão indissociavelmente relacionadas. Uma vez que a matéria-prima dos Ensaaios é o seu próprio autor, não poderíamos conjecturar o mesmo a respeito dos ensaios de Gilda de Mello e Souza? A autora de Exercícios de leitura não estaria ensaiando — ou exercitando — uma leitura de si mesma no emaranhado de suas especulações sobre a moda, a pintura, o cinema, o teatro e a literatura? O fato de Gilda de Mello e Souza se declarar uma crítica bissexta, permitindo-se escolher as obras com as quais tem afinidade, parece estreitar ainda mais o laço entre a ensaísta e aquilo sobre a qual ela ensaia. Ao diagnosticar a “miopia feminina” de Clarice Lispector, não estaria Gilda de Mello e Souza também se autodiagnosticando? A vertiginosa São Paulo retratada nas pinturas de Gregório Gruber não seria a cidade em que vive? A elegância, elo de identidade e concordância entre a roupa e a pessoa que a veste, segundo a definição dada pela ensaísta, e que ao mesmo tempo permite que a roupa exista como arte, não seria aquela mesma elegância que seus colegas reconheceram como sendo seu traço característico? E o que dizer dos inúmeros ensaios sobre Mário de Andrade? Que discorrem ao mesmo tempo sobre o escritor modernista e o primo que a recebeu em sua casa e a orientou até o seu ingresso no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo. São essas questões suscitadas pela leitura dos ensaios de Gilda de Mello e Souza que a presente comunicação visa debater.

### Palavras-Chave

Gilda de Mello e Souza. Ensaio. Estética no Brasil.



## IMAGEM E COMOÇÃO

Hélder De Moraes P. A. De Matos

[helderagostini1@gmail.com](mailto:helderagostini1@gmail.com)

### Resumo

Como se sabe, Rancière ressalta que pensar o comum a partir da dimensão estética, isto significa, por um lado, pensar a questão da política e, por outro, a questão da arte. Ambas as atividades tem em comum a indeterminação da comunidade sensível que nelas se desdobra. Essa indeterminação se opõe, então, à distribuição policial dos recortes do comum, bem como à distribuição representativa dos afazeres das artes, distribuições estas que oficializam a relação do comum e de suas imagens. Como estrutura de racionalidade que constrói o quadro no seio do qual as coisas, os temas, as situações e os acontecimentos são identificados, a ficção artística cria, assim, imagens segundo modos distintos da indeterminação. São eles o modo romântico, o modo dinâmico e o modo pensativo. Estes modos compõem a configuração sensível da estética porquanto seja um regime de imagem modular. Alguns filmes tem trabalhado estes modos de imagem nos últimos vinte anos. Mas em um passado menos recente, pode-se destacar, *Some came running* (1958), de Vincente Minnelli, filme no qual Rancière aponta dois destes modos presentes na obra cinematográfica. O presente escrito tem por objetivo desenvolver, primeiramente, e de modo mais amplo, a relação estética citada entre as imagens e a ficção: que modos são esses, o romântico, o dinâmico e o pensativo? Em que consiste o teor de imagem estética que eles desempenham? A partir do que encaminha, mais precisamente, a leitura do filme em questão. Como se dá o entrelaçamento dos dois modos de imagem tal como se pode depreender da obra de Minnelli, segundo o filósofo francês? De que maneira eles operam uma configuração heterogênea do sensível? Estas e outras questões norteiam, enfim, a investigação estética e dramatúrgica deste escrito.

### Palavras-Chave

Imagem. Estética. Ficção.



## IMPASSES ENTRE CORPO E TÉCNICA NA OBRA DE BECKETT, A PARTIR DA LIQUIDAÇÃO DO TRÁGICO SEGUNDO ADORNO

Daniel Alves Gilly De Miranda  
[danielgilly@hotmail.com](mailto:danielgilly@hotmail.com)

### Resumo

Na presente comunicação apresento a leitura de Theodor Adorno acerca da peça “Fim de Partida”, de Samuel Beckett, como uma possível resposta à proposta do teatro brechtiano de uma superação da tragédia pelo teatro de vanguarda. Longe de apontar para possíveis caminhos emancipatórios, Adorno escreve em “Tentativa de entender Fim de Partida”, a dissolução do conflito trágico entre indivíduo e meio social é escancarada na dramaturgia beckettiana como uma submissão irrestrita do corpo humano à dominação capitalista. Ecoando o argumento utilizado na Dialética do Esclarecimento sobre o fenômeno da liquidação do trágico no contexto da indústria cultural, Adorno apresenta a obra de Beckett a partir da confirmação de um estado de decadência do conflito dramático tradicional fundamentada na supressão das particularidades subjetivas na emergência do mundo administrado. Afirmo também que esta é uma possível resposta aos escritos de Walter Benjamin e sua defesa do papel da arte como ferramenta emancipatória na medida em que esta auxilia a adaptação do corpo humano ao aparelho capitalista, apontando para uma relação entre corpo e técnica mais harmoniosa, o que, por sua vez, poderia levar à prática de sua virtual reconfiguração social. Beckett responderia a isso, segundo Adorno, com uma prática teatral na qual tudo que resta da figura humana no palco se degrada em uma reação cega e irrefletida aos procedimentos técnicos que condicionam seu aparecimento. Por fim, contraponho a esta leitura a crítica realizada por J. M. Coetzee à obra beckettiana na qual o autor aponta para os limites da noção de racionalidade em que esta se fundamenta. Proponho com isso também uma reavaliação do diagnóstico adorniano e sua aposta na preservação de categorias filosóficas da tradição europeia que ainda resguardam uma dicotomia inconsciente que perpassa a relação entre corpo e racionalidade e que acabam por influenciar tanto sua defesa do teatro de Beckett quanto sua crítica à estética de Brecht e Benjamin.

### Palavras-Chave

Teatro. Beckett. Adorno.



## LEITURA-VIVÊNCIA, LEITURA-EXPERIÊNCIA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Roberta C. Browne  
[robertabrowne@usp.br](mailto:robertabrowne@usp.br)

### Resumo

12 de novembro de 1915, em Cherbourg (uma comuna francesa localizada na Normandia), em plena Primeira Guerra Mundial, nasce Roland Gérard Barthes. Antes de completar um ano de vida ele já é marcado: seu pai, Louis Barthes, morre em um naufrágio. Sessenta e quatro anos depois, outro acidente marcante vem marcar o seu fim: um carro de uma lavanderia o atropela quando estava voltando de um almoço. Resultado veio um mês depois, internado desde então, vem a falecer em 25 de março de 1980. Muitos Barthes poderiam ser levantados aqui, mas é o Barthes que traz o corpo do escritor no qual iremos nos esmiuçar. O livro *O prazer do texto*, escrito em 1973, nos mostra uma forma de se aproximar do texto literário que muito nos aqui interessa – o afeto e a sensualidade como ponto de partida. Ao abrir um livro, ao receber aquelas inúmeras histórias a serem codificadas, algo acontece – antes, durante e depois da leitura dada por terminada. Da ansiedade da história ainda não lida, da diminuição da velocidade de leitura ao ver as páginas chegando ao seu fim, da satisfação e por vezes tristeza de aquele mundo não mais poder ser adentrado da mesma forma. Como pensar o prazer de um texto? É possível em palavras explicar isso que, com Barthes, estamos chamando de prazer? Delimitá-lo? Justificá-lo? Nós, leitores suportamos sem nenhuma vergonha a contradição, nós leitores demandamos contradição, nós somos contra heróis quando ao prazer da leitura nos entregamos. Na leitura, Babel não é mais uma punição, Babel é o nosso lugar de fruição, lugar em que o contraditório existe, onde ele cohabita. Na leitura, em *Felicidade Clandestina*, nossa narradora, sem dinheiro e devoradora por sua vez, aceita qualquer humilhação em busca desse recôndito canto de prazer que são todos aqueles livros que ela ainda não leu, mas que lá na livraria se encontravam, que lá, nas mãos de uma menina-má residiam. Nessa entrega ao prazer, abrir um livro é uma ação que pode modificar todo um espaço ao redor. Uma leitura-experiência, quem sabe. Uma leitura-vivência. Ler postergando o seu fim seja talvez um dos atos mais belos que a literatura pode nos proporcionar: meu corpo inteiro pede o devorar, meu corpo inteiro pede o ruminar. Nesse jogo temos o desconhecido como foco e como guia. A tmesse literária barthesiana aqui surge.

### Palavras-Chave

Linguagem. Experiência. Prazer.



## MARÍLIA GARCIA: A PERGUNTA, O ENSAIO, O TESTE

Jessica Di Chiara Salgado

[jessica.dichiara@gmail.com](mailto:jessica.dichiara@gmail.com)

### Resumo

O que uma criança, um filósofo e um cientista têm em comum? Os três costumam nos fazer muitas perguntas. Se levarmos em consideração a poesia de Marília Garcia, podemos passar a incluir também os poetas nessa lista. “Perguntas” – essa é a palavra que inaugura a obra da autora em seu livro de estreia, 20 poemas para o seu walkman (2007). Se é sob esse signo que sua obra é inaugurada, será apenas a partir de Um teste de resistores (2014), entretanto, que a forma da pergunta passará a compor os poemas e o ritmo de sua obra de modo enfático. Sobre este último livro, Maurício Gutierrez (2015) afirma que seus poemas são “o que se passa quando não se é capaz de responder a uma pergunta” e Danielle Magalhães (2015) que o livro se faz por meio de “perguntas sem respostas”. Às perguntas sem respostas, somam-se, ainda, “vozes teóricas diluídas em oralidade prosaica” e procedimentos de uma escrita que, “entre o processo e a performance”, sob o paradigma perloffiano da citacionalidade – “com cortes, repetições, montagens, flertes com diferentes formas de arte, links, listas, ferramentas de busca do Google” –, resultam num livro que “caminha por uma estrutura inespecífica e por uma escrita (...) que vai se fazendo (...) com hipóteses, com a dúvida, de modo ensaístico” (MAGALHÃES, 2015). Se o ensaio é, para Jean Starobinski (1985) “experimento, teste, prova” e para Max Bense (1954) uma peça em prosa que não perde de vista a poesia, de que tipo de teste estamos falando quando um livro de poesia é escrito com hipóteses, com a dúvida e de modo ensaístico além de abordar, em seus poemas, procedimentos e reflexões em torno da escrita? Estaríamos diante, na expressão de Christy Wampole (2013), da “ensaificação” do poema? Ou da “poemificação” do ensaio? Ou, ainda, diante de uma outra coisa, quem sabe até de uma nova forma, o poema-ensaio?

### Palavras-Chave

Marília Garcia. Ensaio. Poema-ensaio.



## MAU-OLHADO ENQUANTO FORÇA ESTÉTICA E A ARTE DAS CARRANCAS COMO PROTEÇÃO SIMBÓLICA

Miguel Gally  
gally@unb.br

### Resumo

Dentro do universo da cultura popular, são vastamente conhecidos os efeitos causados pelo mau-olhado, que incluem relatos de doenças e mortes de seres humanos, animais e de plantas. A origem desse mau-olhado é popularmente associada ora à inveja simplesmente ora ao desejo intencionado e manifesto (ou não) de possuir algo admirado, seja conscientemente ou inconscientemente, mas também tem uma origem no olhar de ódio ou raiva. Suas presenças em culturas orientais e ocidentais estão espalhadas pelo globo. No Ocidente, um dos primeiros registros escritos sobre o assunto foram feitos por Plinius Secundus (23-79 d.C) e retomados por Aulus Gellius (123-165 d.C). Tal força do olhar será pensada aqui enquanto uma força estética, na medida em que pode ser entendida com os recursos clássicos do conceito de uma percepção ou olhar interessados, parte de uma estética instrumentalizada. Enquanto proteção simbólica, as carrancas, obras de arte presentes sobretudo na vida cotidiana das culturas das margens do médio Rio São Francisco nos interessam porque criaram um espaço artístico de combate e neutralização dessa força maligna enquanto ao mesmo tempo atualizava seus usos tradicionais em franca decadência desde início da segunda metade do século XX. Originalmente, as carrancas, enquanto figuras de proa, são obras de arte presentes nas embarcações fenícias, egípcias, vikings, portuguesas etc. do tipo das cabeças fantásticas ou monstruosas meio humanas meio animais talhadas em madeira para afastar as forças das águas e seus monstros, e o medo dos navegantes, barqueiros e remadores, além de servir de identificação para as embarcações. Usadas inicialmente nas embarcações que desafiavam o perigoso Rio São Francisco a partir do século XIX, as carrancas, quase em desaparecimento já em meados do século XX, ganharam um novo uso: afastar o mau-olhado em geral. Essas carrancas eram feitas também em madeira, como as das proas, mas começaram a ter na argila uma matéria prima alternativa, sendo assentadas ou posicionadas nas entradas das casas e de estabelecimentos comerciais. Partindo do contexto



contemporâneo das discussões sobre estética decolonial e desracialização das artes, esta comunicação pretende analisar algumas obras de Ana das Carrancas (1923-2008), de Petrolina, e investigar a herança cultural e artística das carrancas de argila na inauguração desse novo uso: proteção simbólica das forças estéticas do mau-olhado.

### Palavras-Chave

Mau-olhado. Carrancas. Proteção.





## MENTIRAS, INSINCERIDADES E DESINFORMAÇÃO NA COMUNICAÇÃO PICTÓRICA E ARTÍSTICA

Daniel Dobrigkeit Chinellato

[dobrigkd@hu-berlin.de](mailto:dobrigkd@hu-berlin.de)

### Resumo

O foco desta proposta são mentiras e insinceridades na comunicação pictórica e artística. Entre as principais tentativas de definições de mentira na atual filosofia da linguagem (Carson, 2006; Fallis, 2012; Stokke, 2014), defendo que uma definição baseada no compromisso, conforme proposta por Viebahn (2019), é a mais apta a capturar insinceridades na comunicação não verbal. Pode-se sintetizar essa definição da seguinte maneira: A mente para B se, e somente se, existe uma proposição p tal que: (C1) A realiza um ato comunicativo  $\varphi$  dirigido a B com o conteúdo p (C2) Ao realizar  $\varphi$ , A se compromete com p, e (C3) A acredita que p é falso. Argumento ainda que as atuais tentativas de englobar insinceridades a partir da ideia de um compromisso com uma proposição, especialmente a de Viebahn (2019), carecem de esclarecimento sobre o significado de compromisso. Proponho que esse esclarecimento pode ser buscado na Máxima da Qualidade de Grice, que postula que os interlocutores devem apenas dizer o que acreditam ser verdade, assegurando a integridade da comunicação colaborativa (Grice, 1989). Nessa proposta, Qualidade funcionaria de forma análoga a uma norma de veracidade em contextos conversacionais. Atos comunicativos insinceros violariam um suposto compromisso com essa norma. Em seguida, pretendo mostrar que, tanto na comunicação pictórica quanto na artística, a possibilidade de um ato comunicativo insincero depende de expectativas dos espectadores. São essas expectativas que permitem a ativação de normas de veracidade, possibilitando que um ato comunicativo seja insincero. Com isso, indivíduos que empregam imagens ou obras de arte com o objetivo de enganar ou ludibriar podem atuar intencionalmente para alterar o contexto, visando ativar uma norma de veracidade em um ato comunicativo específico. Por fim, proponho que obras de arte e imagens podem simultaneamente engajar e desengajar normas de veracidade em um mesmo ato comunicativo. Esta proposta diverge do entendimento de que Qualidade esteja sempre totalmente ativada ou desativada (Dixon, 2020), em prol de uma concepção mais plural da insinceridade



na comunicação pictórica e artística. Ao conectar o discurso filosófico sobre mentiras linguísticas com formas não verbais de insinceridade, busco enriquecer a compreensão da desinformação em diferentes meios comunicacionais.

### **Palavras-Chave**

Desinformação. Comunicação pictórica. Veracidade.



## METÁFORAS EM SENTIDO LITERAL: DESLOCAMENTOS, VISÕES, RUÍDO BRANCO

Eduardo Pellejero

[edupellejero@gmail.com](mailto:edupellejero@gmail.com)

### Resumo

Sabemos que, assim como não existe uma teoria da imagem, também não existe um método para olhar. A proliferação incomparável do sensível encontra no caráter polímorfo da atenção um suplemento inesperado. E, contudo, conduzir uma experiência no sensível não é uma expressão vazia. Conhecemos práticas e procedimentos, casos que merecem a nossa atenção e aconselham o estudo – digamos: modos de ver e dar a ver. Colocar fora de lugar aquilo que de ordinário damos por assente, instalar o extraordinário no âmbito do familiar, dar corpo a imagens desfazem e refazem sem cessar um mundo banal, ou distorcer os símbolos sob os quais tende a ocultar-se a doação e a exigência do real, são procedimentos estéticos nesse sentido, que devolvem o seu sentido literal à metáfora e, como tais, restituem uma potência própria da arte que passa despercebida quando pensada sob o horizonte do sistema da representação. Procurando ser fiel às experiências de Varda, Herzog e Hendrix, o presente ensaio procura articular elementos para repensar esse conceito chave da estética, ao mesmo tempo em que visa situar a labor artística nesse cruzamento do dado e do imaginário, do involuntário e do voluntário, da realidade e do desejo.

### Palavras-Chave

Metáfora. Literalidade. Varda. Herzog. Hendrix.



## MÔNADA E JOGO: A CONSTELAÇÃO DA MINIATURA ENTRE ORIGEM DO DRAMA TRÁGICO ALEMÃO E KARL KRAUS

Chaianne Maria Da Silva Faria

[chaianne.faria@usp.br](mailto:chaianne.faria@usp.br)

### Resumo

O objetivo é discutir proximidades e distâncias entre Origem do drama trágico alemão (ODTA) e dois textos de Benjamin sobre Karl Kraus. Essa aproximação tensional será trabalhada em torno dos conceitos de jogo e de mônada, esta presente sob a forma da constelação da miniatura. Minha hipótese é de que a reapresentação do plexo conceitual da miniatura e do jogo nas reflexões de Benjamin sobre Kraus permite, pela sua transposição a um novo contexto e pela exposição de relações implícitas no livro de 1925, expandir a noção de jogo como miniaturização tal como apresentada no capítulo Jogo e reflexão da ODTA para abarcar o conceito de encolhimento - em ação na obra de Benjamin desde As afinidades eletivas de Goethe. O tema da miniatura tem lugar, em sentido próximo ao fixado em Jogo e reflexão, no texto Karl Kraus lê Offenbach. Aí, Benjamin explicitamente compara Kraus ao marionetista ao tratar as transformações que o jornalista produz na obra de Offenbach ao lê-la em apresentações públicas: A obra de Offenbach sofre uma crise mortal. Contrain-se, desfaz-se de tudo o que é supérfluo, [...] e reaparece em segurança, mais real do que antes. [...] Aqui, ele [Kraus] deliberada e legalmente explode sua noite [...] e afeta o ouvinte da mesma maneira que os próprios textos [...], sempre de forma destrutiva[...]. Nisto, ele só pode ser comparado ao marionetista. (GS, IV, 516-7, Suhrkamp, 1991). O encolhimento é a contração a que é submetida a obra de Offenbach, contração esta que é uma forma de destruição dos textos a qual coincide, nos termos de As afinidades eletivas..., com a assimilação do teor de verdade pelo teor de coisa. Este sofre uma desmontagem no interior da qual se desdobra historicamente o teor de verdade. Daí que, contraída, a obra de O. reapareça mais real que antes. Em Karl Kraus, que retoma o tema das leituras públicas, o encolhimento ocorre também na prática da citação, e sugiro articulá-lo ao jogo no sentido em que este fora pensado, na ODTA, no contexto da miniatura e do teatro de marionetes, embora dessa vez em registro mais expressamente aparentado ao aparato técnico. Na prática da citação, Kraus impõe aos



textos jornalísticos um encolhimento semelhante ao sofrido pelos textos de Offenbach. Assim, o jornalista mobiliza o material oferecido pelo aparato da imprensa para o transformar pelo emprego da mesma técnica que o produzira. O uso da técnica por Kraus se distingue por descobrir novas relações em lugar de apenas repor as que descrevem o real.

### **Palavras-Chave**

Mônada. Jogo. Miniatura.



## MONSTERS. UM DIÁLOGO ENTRE REI KAWAKUBO E VILÉM FLUSSER.

Luciana Nunes Nacif

[nacif.lu@gmail.com](mailto:nacif.lu@gmail.com)

### Resumo

O que a coleção de outono-inverno 2014/2015 da marca Comme des Garçons tem em comum com a fábula Vampyroteuthis Infernalis de Vilém Flusser? O objetivo desta comunicação é criar um diálogo entre as formas e os sentidos dos monstros kawakubanos e a lula-vampira-do-inferno flusseriana, e descobrir como eles podem contribuir para uma reflexão crítica sobre a face oculta da moda: a produção de roupas e acessórios no Sul Global. No entanto, outros monstros podem surgir: no deserto do Atacama, onde os dejetos da moda são lançados; nos escombros do Rana Plaza em Bangladesh, onde trabalhadoras de sweatshops são soterradas; nos oceanos, formados por pequenos fragmentos de plásticos que se desprendem das roupas ao serem lavadas; no Uzbequistão, onde milhões de hectares de algodão sugam as águas do mar de Aral; ou nos abatedouros brasileiros, de onde sai o couro para a produção de bolsas e sapatos. Eles estão por todas as partes, mas dificilmente podemos vê-los. Seu ocultamento faz parte da mistificação fundamental da indústria da moda.

### Palavras-Chave

Moda. Flusser. Kawakubo.



## MÚSICA, LINGUAGEM E NEGATIVIDADE: WELLMER E A TEORIA CRÍTICA DA MÚSICA DEPOIS DE ADORNO

Ricardo R. Lira Da Silva  
[ricardo.r.lira@gmail.com](mailto:ricardo.r.lira@gmail.com)

### Resumo

Um dos traços distintivos da chamada segunda geração da Teoria Crítica, representada sobretudo por Jürgen Habermas, foi o esforço de reformular o quadro teórico a partir do qual a reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea deveria ser realizada, de modo a superar os impasses teórico-práticos legados pela geração de Horkheimer e Adorno. Tal reformulação, que tem como um dos aspectos marcantes a aproximação com a filosofia da linguagem, não deixou de ter consequências importantes também para o campo da estética. Coube a Albrecht Wellmer, contemporâneo de Habermas, refletir de modo mais aprofundado sobre essas consequências, em especial no que se refere à música. Em *Versuch über Musik und Sprache* (Ensaio sobre música e linguagem – em livre tradução), último livro publicado em vida por Wellmer em 2009, podemos encontrar uma espécie de síntese retrospectiva dessa reflexão. A partir de um quadro teórico próximo da filosofia da linguagem e da hermenêutica, Wellmer retoma criticamente aspectos centrais da teoria da música adorniana. São discutidas em nova chave categorias fundamentais como a de material musical, de obra musical enquanto processo e da negatividade como aspecto constitutivo da experiência estética. Além disso, Wellmer retoma outra dimensão importante dos modelos críticos de Adorno: a atenção aos desenvolvimentos concretos da música de seu tempo, propondo uma reflexão sobre os desdobramentos e consequências das vanguardas tardias do pós-guerra para a produção musical dos anos 1970 em diante. O objetivo desta comunicação é apresentar as linhas principais da reflexão proposta por Wellmer, tendo como pano de fundo sua relação com a filosofia adorniana. Procurarei sustentar que, por um lado, a reformulação de alguns dos problemas centrais da teoria crítica da música, sob a chave de uma virada linguística, fornece alternativas para certas limitações do quadro adorniano, sobretudo do Adorno de *Filosofia da Música Nova*. Por outro lado, a consideração da negatividade constitutiva da experiência estética, ainda que em termos hermenêutico-linguísticos, coloca em evidência a vinculação de Wellmer com o Adorno tardio da Teoria Estética e da *musique informelle*.

### Palavras-Chave

Música. Linguagem. Teoria Crítica.



## NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE O ORNAMENTO PSICOLÓGICO

José Feres Sabino

[joseferes@hydra.com.br](mailto:joseferes@hydra.com.br)

### Resumo

Embora tenha tido uma atuação intensa em sua época, tanto nos debates filosóficos quanto na produção jornalística e literária, Karl Philipp Moritz (1756-1793), nos relatos da história da filosofia e da literatura, aparece como um filósofo de filósofos, um escritor de escritores. Viveu praticamente à sombra de outros grandes autores. A partir do começo do século XX, no entanto, sobretudo autores e pesquisadores alemães começaram a tirá-lo da sombra e a reconhecer suas contribuições para o estabelecimento da disciplina da estética, para as reflexões sobre a linguagem, e para a literatura e a pedagogia. Este texto pretende aproximar, por meio da ideia de ornamento, dois campos de suas reflexões: o estético e o psicológico. Se o ornamento é pensado conjuntamente com o belo, e se seu papel é sempre secundário, ou seja, uma parte que compõe o todo, não poderíamos transpor a mesma ideia para o âmbito da psicologia e pensar a relação que há entre um episódio de uma vida e a vida como um todo? É possível falar em ornamentos psicológicos?

### Palavras-Chave

Karl Philipp Moritz. Ornamento. Psicologia.





## O CINEMA DE POESIA DE PIER PAOLO PASOLINI

Sílvia Faustino De Assis Saes

[silviassisaes@gmail.com](mailto:silviassisaes@gmail.com)

### Resumo

No seu ensaio “O cinema de poesia” (1965) Pasolini afirma que a linguagem do cinema é fundamentalmente uma “língua de poesia”, mas reconhece que, historicamente e salvo algumas exceções, a tradição cinematográfica constituída parece ser a de uma “língua de prosa”. Ao tratar da questão acerca de como uma “língua de poesia” pode ser teoricamente explicável e praticamente possível no cinema, Pasolini se inspira no conceito de “discurso indireto livre” e nomeia de “subjetiva indireta livre” o procedimento que define a imagem como um produto do olhar da personagem (em vez da tradicional “câmera subjetiva”). O objetivo da palestra consiste em explicitar de que maneira o “discurso indireto livre” serve a Pasolini como estratégia de subjetivação na composição da imagem cinematográfica, e como isso pode esclarecer o seu projeto de um “cinema de poesia”.

### Palavras-Chave

Cinema. Poesia. Pasolini.



## O CONCEITO DE ALEGORIA EM WALTER BENJAMIN A PARTIR DE “PARQUE CENTRAL”

Francisco Gabriel Soares Da Silva  
[gabrielsoaresfgss@gmail.com](mailto:gabrielsoaresfgss@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar o conceito de alegoria em Walter Benjamin a partir das notas conhecidas como Parque central. Partiremos dos pressupostos apontados pelo filósofo em Origem do drama barroco alemão sobre a definição de alegoria para nortear nosso percurso. Parque central parece possibilitar um certo deslocamento do conceito em relação à produção anterior. Benjamin passar a relacionar o conceito de alegoria ao pensamento do poeta francês Charles Pierre Baudelaire. Defendemos a hipótese de que talvez a alegoria assuma um duplo papel, posto que 1) se apresenta como elemento basilar da construção poética de Baudelaire e 2) a alegoria parece se efetivar para Benjamin como o recurso que permite uma análise crítica tanto da poesia baudelairiana quanto da própria modernidade. Walter Benjamin defende a tese de que seu interesse original na alegoria não é algo que cabe no campo linguístico, mas estaria localizado na seara óptica. A alegoria é compreendida enquanto uma imagem. Supomos que está imagem talvez assuma a forma de uma imagem dialética.

### Palavras-Chave

Alegoria. Imagem dialética. Parque Central.



## O CORPO DE CAROLINA: UMA PROPOSTA FILOSÓFICA DO SENSÍVEL

Fernanda Rocha Da Silva  
[fernandarochas@gmail.com](mailto:fernandarochas@gmail.com)

### Resumo

“O que pode um corpo?” Ainda sem resposta definitiva, essa pergunta habita o pensamento e se desdobra na reflexão sobre o pensar e o fazer filosofia. Filosofia encorpada desenvolvida desde o sentir e que faz do corpo, o seu intermediário empírico. Usar as palavras para emitir “corpos reais”, como uma boa mandingueira que joga com a grafia e inventa outra vida, vida não-orgânica. Habilidade que permite ao pensamento percorrer as linhas sagradas da Filosofia e profaná-la no processo escriturário feminino. É, pois, nesse movimento que a mulher faz do sensível o meio de sacralizar a escrita literária e fazer dela potência criadora de vida. O corpo é instrumento que possibilita a apreensão empírica da realidade, campo de saber e de sentir, essa morada dos afetos. Isso porque “o saber não apenas se adquire, incorpora-se”. E foi incorporando o saber e fazendo brotar os afetos que Carolina Maria de Jesus deu à luz a uma nova vida. Vida literária cunhada no quarto de despejo e que passou a habitar a sala de visitas, ornamentando as veias filosóficas com seu corpo negro reluzente. Corporeidade do saber. Sendo assim, retomamos a pergunta inicial desse texto e acreditamos que o corpo pode, inclusive, saber. E é confiando nisso que apresentamos essa proposta de sentir o corpo literário de Carolina e fazer filosofia sensível, botando o corpo para jogo por essas linhas.

### Palavras-Chave

Corpo. Carolina Maria de Jesus. Pensamento.



## O MODERNISMO NA NOVA TIPOGRAFIA DE JAN TSCHICHOLD

Leonardo Canuto De Barros

[leonardo\\_canuto2@yahoo.com.br](mailto:leonardo_canuto2@yahoo.com.br)

### Resumo

Na primeira metade do século XX, o designer tipográfico alemão Jan Tschichold, inspirado no modelo da Bauhaus, conferiu à tipografia editorial o mesmo estatuto modernista que regia a escola arquitetônica. Sua proposta de uma nova tipografia – também conhecida como tipografia elementar – baseava-se na assimetria, em eixos inclinados e tipos sem serifa, valorizando os espaços em branco, a economia de elementos e o mínimo ruído nas impressões. Tschichold consagrou-se, assim, por unir dois domínios em geral pouco associados: a tipografia e arte. Com efeito, os escritos do designer e sua trajetória editorial revelam que a tipografia é um construto cultural que depende dos princípios artísticos e até mesmo dos valores políticos de uma época. Em um contexto dominado pela força da tradição impregnada do nacionalismo da letra gótica, a nova tipografia de Tschichold foi considerada subversiva e degenerada. Não à toa o designer teve de fugir das perseguições do regime nazista, provando que não só o conteúdo do que é escrito, como também a própria forma das letras, tem o poder de comunicar muito ao leitor.

### Palavras-Chave

Tipografia. Arte. Modernismo.



## O PROBLEMA DOS JARDINS NA ESTÉTICA DE ROUSSEAU

Wilson Alves De Paiva  
[scriswap@ufg.br](mailto:scriswap@ufg.br)

### Resumo

O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) não escreveu nenhuma obra sobre estética, mas no conjunto de seus escritos, desde a crítica que faz às artes, tanto no Ensaio sobre a origem das línguas, quanto no Discurso sobre as ciências e às artes, bem como em toda sua produção musical, teatral e novelística, a natureza se destaca como o elemento referencial de toda imitação. Entre a *natura naturans*, que é a natureza processo, e a *natura naturata*, que é a natureza artifício, o jardim desponta, no pensamento de Rousseau, como uma *natura facti*, isto é, como uma reprodução da natureza e não uma mera imitação. Entretanto, a virtude do artífice se caracteriza pela maior ou menor aproximação do modelo, que é a própria natureza. Por isso que o modelo ideal de jardim é o Eliseu, o jardim-refúgio da novela *Júlia ou a Nova Heloísa*, que imita o jardim inglês, o qual se contrapõe ao jardim francês. Neste último, a topiaria é sua arte maior, isto é, podar as plantas de modo ornamental e simétrico para mostrar o artifício humano sobre a natureza. Enquanto os modernos fazem com que a *natura naturata* oculte a *natura naturans*, sobretudo no modelo francês, em Rousseau é o oposto. Não que ele seja contra o artifício humano, nem contra uma ação virtuosa sobre a natureza, mas a “virtude do jardineiro” na perspectiva rousseuniana, está em ocultar a *natura naturata* pela exuberância da *natura naturans*. De modo que, “virtude” é a palavra-chave para entender a especificidade desse jardim, no sentido de *natura facti*. Na ótica rousseuniana, a paisagem não pode ser vista como espetáculo, como algo a ser pintado e admirado de longe, por meio de sua representação pictórica. É preciso ser experimentada e interpretada pela própria experiência sensível, de forma direta. Nisso reside a originalidade de Rousseau, para quem a experiência estética se desenvolve como uma experiência pedagógica. O que ocorre tanto no Eliseu, do romance *Júlia ou a Nova Heloísa*, como em algumas cenas do romance *Emílio* ou da *Educação*, nas quais o preceptor proporciona ao Emílio, seu aluno, a possibilidade de experiências semelhantes.

### Palavras-Chave

Rousseau. Estética. Jardins.



## O SENTIDO DE POLÊMICA NA CRÍTICA LITERÁRIA BENJAMINIANA: WALTER BENJAMIN LEITOR DE KARL KRAUS

Rodrigo Rocha Rezende De Oliveira  
[rodrigorochadeoliveiracod@gmail.com](mailto:rodrigorochadeoliveiracod@gmail.com)

### Resumo

No momento em que comemoramos as mais novas edições e traduções para os textos do filósofo berlinense Walter Benjamin, especialmente dedicadas ao público brasileiro, claro, não poderia escapar ao trabalho de recepção do seu imenso corpo teórico as páginas dedicadas à uma de suas maiores influências, o intelectual e polemista Karl Kraus. Ao seguirmos, então, as palavras de Kátia Muricy, que dedica à edição do ensaio “Karl Kraus” recentemente traduzido ao nosso público um estudo de grande verve, devemos enfatizar que: “[...] foi em Rua de mão única, de 1927, que Benjamin escreveu, com arte de ourivesaria, a sua magnífica homenagem a Kraus em um texto que Scholem considerou o mais belo dos escritos por Benjamin: “Monumento ao Guerreiro”, até agora o único traduzido em nossa língua” (Muricy, 2022, p. 118). A par do ineditismo em torno do diálogo (Benjamin/Kraus), gostaríamos de nos remeter neste trabalho mais detidamente ao sentido dado à polêmica (Polemik), que também se torna central, a partir dessa aproximação, para construção de uma forma crítica que enxerga o trabalho com a literatura como uma batalha, ou, um engajamento. Se podemos recordar, de partida, o significado radical da palavra pólemos (πόλεμος) que abrange não somente a guerra em si quanto o embate junto a, no texto de Benjamin, o filósofo reconhece em Kraus, antes de qualquer outro motivo, esse ímpeto de anteposição veemente aos mais diferentes modos e meios de violência expostos na/pela linguagem. Para tanto, uma escrita e pensamento complexos entram em ação sob os recursos da polêmica que se tornam um instrumento de resistência, sobretudo, ao fascismo — nas palavras de Benjamin: “Suas polêmicas foram [as polêmicas de Kraus], desde o início, o entrelaçamento mais íntimo de uma técnica de desmascaramento que trabalha com os meios mais avançados, e uma arte auto-expressiva que opera com processos arcaicos. Mas, também nesta zona da ambiguidade, o demônio manifesta-se: auto-expressão e desmascaramento se fundem nela com auto-desmascaramento” (Benjamin, 2022, p. 42). O que revelaria-nos em



primeiro lugar, um caráter de metacrítica presente no pensamento em questão e, depois, uma formulação de escrita performática que entram em jogo nesse contexto para que possamos, enfim, dispor os objetos do campo de batalhas a que nos referimos antes. Dito isso, será a partir de tais pressupostos que iremos relacionar uma investigação em torno do engajamento político literário e a crítica que ambos praticaram.

### Palavras-Chave

Polêmica. Escrita performática. Metacrítica.



## O SONHO: A EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NO DISCURSO FILOSÓFICO DE NIETZSCHE E DIDEROT

André Mesquita Penna Firme

[apennafirme@gmail.com](mailto:apennafirme@gmail.com)

### Resumo

O trabalho a ser apresentado deriva sua problemática de uma referência a Diderot em uma carta de Nietzsche. A carta, tão enigmática quanto elucidativa, nos permite colocar em cena a relação entre os dois autores. A relação tensa entre ambos nos permitirá pensar a relação entre arte e filosofia entre o auge do Iluminismo no século XVIII e sua crise no fim do século XIX. Nessa relação, fica claro que o jogo entre arte e filosofia é, em última instância, o ponto central para se compreender a relação entre o processo artístico e conhecimento do mundo. Em carta a von Seydlitz, ele traça a imagem do que chama de moralité larmoyante “para conversar com Diderot”. Uma análise detalhada da referência mostra que não se trata apenas de um ataque à moral burguesa presente no teatro diderotiano – mas que há, no centro de uma visão e de uma posição sobre o discurso filosófico compartilhada por ambos, a estética da imagem como recurso filosófico. A cena descrita, de um cavalo cuja água é negada pelo seu mestre revela um diálogo filosófico que toma forma através de uma imagem simbólica, quase onírica – muito distante da crítica filosófica que a tradição suporia. Assim, pensar sobre a imagem simbólica em um diálogo entre os dois filósofos significa pensar sobre a relação entre a filosofia e a experimentação com a forma do discurso como a força motriz do pensamento. Trabalhar o caráter artístico da escrita dos dois autores permite-nos considerar esses recursos artísticos do discurso como experimentação artística, segundo o conceito estabelecido na arte contemporânea no século XX. O argumento central da apresentação será o de que, com base na experiência do experimentalismo artístico, seria possível reconhecer nesses trabalhos filosóficos algo do que veio a ser chamado de “experimentalismo”. Os paradigmas da estética do pensamento no trabalho de cada um nos parece ser a maneira de entender essa relação. Nosso principal problema, então, será situar o papel da imagem – e sua associação com os sonhos tanto em Diderot quanto em Nietzsche – dentro de uma forma de pensamento que é experimentada enquanto discurso. É no solo do discurso





que o pensamento se desdobra como experimentação. A experimentação científica, com a qual Diderot está comprometido como filósofo empírico, é transformada na experimentação do discurso filosófico no processo artístico do pensamento. Essa experimentação, sempre impulsionada por uma hipótese filosófica, é entendida como um jogo e como um sonho.

### **Palavras-Chave**

Experimentação artística. Imagem. Nietzsche.



## O SUJEITO ESTÉTICO EM NIETZSCHE: DA CRÍTICA AO DESINTERESSE À REABILITAÇÃO DO EROS NA ARTE

Demétrius Alexandre Da Silva Souza  
[demetriusalexandre.ss@gmail.com](mailto:demetriusalexandre.ss@gmail.com)

### Resumo

A noção moderna de sujeito foi um objeto privilegiado da reflexão de Nietzsche ao longo de toda a sua obra. Na fase madura, essa reflexão é intensificada na medida em que a postulação, na modernidade, de um sujeito concebido substancialmente, como distinto do corpo e a partir de categorias como universalidade e introspecção passa a ser contada como sintoma de um diagnóstico geral da cultura europeia realizado pelo filósofo, segundo o qual os valores que governam a referida cultura promovem a negação e o apequenamento da vida. É, portanto, desde o contexto da discussão a respeito do ideal ascético que pretendemos nos acerrar da crítica de Nietzsche à noção de desinteresse como um atributo do sujeito estético, ponto de partida de nosso trabalho, para, num segundo momento, acompanhar o movimento realizado pelo filósofo, em paralelo a essa crítica, no qual ele intenta remeter a subjetividade estética à sua dimensão corporal, no interior de uma fisiologia da arte em que a incorporação de impulsos e afetos conduzirá à reabilitação de um eros filosófico no campo da arte. Esse itinerário – da crítica ao desinteresse à reabilitação do eros filosófico na arte – pode ser acompanhado seguindo o fio do pensamento nietzschiano entre a terceira dissertação de *A genealogia da moral* e a “psicologia do artista” descrita por Nietzsche em alguns aforismos de *O crepúsculo dos ídolos*: Se na primeira dessas obras, o filósofo identifica na interpretação schopenhaueriana do desinteresse estético uma tentativa por parte de seu antecessor de reprimir impulsos sexuais aflitivos, na segunda ele vai afirmar que o elemento fundamental da psicologia do artista é a embriaguez e que dentre as formas de embriaguez a excitação sexual é a mais primordial e antiga. O estado estético e a arte serão doravante compreendidos não como a suspensão da sensualidade nem, tampouco, como sua expressão natural, direta, mas como sua sublimação ou espiritualização, concorrendo assim para a superação do ideal ascético e à afirmação da vida.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Sujeito estético. Erótica.



## O TEATRO DE VIANINHA NO CPC DA UNE: A MAIS-VALIA VAI ACABAR, SEU EDGAR

Philippe Curimbaba Freitas  
[pcurimbaba@gmail.com](mailto:pcurimbaba@gmail.com)

### Resumo

Apresentada em 1960 em um auditório ao ar livre para um amplo público, sobretudo estudantil, a peça “A mais-valia vai acabar, seu Edgar”, de Oduvaldo Vianna Filho, representa um divisor de águas na história do teatro engajado no eixo Rio-São Paulo. Foi em torno dela que diversos artistas e intelectuais se articularam para criar o CPC da UNE. O objetivo desta apresentação é delinear, a partir de algumas questões mobilizadas por essa peça, o processo de desenvolvimento de teatro político que se estende desde as atividades do Teatro de Arena e chega até o teatro de rua e as peças de “teatro convencional”, escritas para o CPC, destacando suas linhas de continuidade e sua coerência interna. Esse processo será abordado, sobretudo, a partir de dois eixos: o das condições de produção – desde uma produção coletiva no âmbito de um teatro comercial, no Arena, até uma bifurcação, já no contexto de um teatro não comercial, entre peças de rua e peças de salas de teatro – e o da forma – desde a forma dramática, prevalente nas atividades do Arena, até o teatro épico (como é o caso de “A mais-valia vai acabar, seu Edgar”) e as formas do agit-prop, passando por peças para sala de teatro – escritas para se montar no auditório da UNE –, que conjugam expedientes do teatro épico, do dramático e de formas populares, resultando em uma escrita mais complexa, com um maior aprofundamento da matéria histórica. Com isso, pretende-se propor uma porta de entrada para o estudo do pensamento estético e político no âmbito do CPC da UNE, porém articulado a partir de um “objeto” artístico concreto.

### Palavras-Chave

Teatro político. Vianinha. CPC da UNE.



## OBRAS QUEBRADAS, OBRAS CRÍTICAS: CINCO DIMENSÕES CONTRA CINCO DISCURSOS

Daniel Guerra

[freireguerra@gmail.com](mailto:freireguerra@gmail.com)

### Resumo

O trabalho investiga a força crítica de obras de arte contemporâneas a partir da potência da negatividade tal como elaborada por Vladimir Safatle no livro “A Paixão do Negativo”, ao traçar uma ponte entre a pulsão de morte retomada por Lacan e a dialética negativa de Adorno. Para tanto são analisadas cinco obras, propondo, a partir de seu funcionamento, cinco dimensões que, entrelaçadas numa linguagem especificamente estética, podem fazer frente a cinco discursos normativos do mercado de arte. As obras são: Iluminai os terreiros, de Nuno Ramos, Matadouro, de Marcelo Evelin, Quaseilhas, de Diego Araújo, La Bête, de Wagner Schwartz, e Na terra sem males, de Jaider Esbell. As dimensões estéticas propostas são: o acontecimento (baseado principalmente na Ereignis heideggeriana); o Real (tal como apresentado no ensino de Lacan); a cena (a partir das teorias da cena e do método da cena de Rancière); o dispositivo (retomado de Foucault e Agamben); e a fantasia (baseada na noção freudiana e no desenvolvimento lacaniano do fantasma). Já os cinco discursos normativos são: discurso midiático, discurso curatorial, discurso do suposto-fruidor, discurso crítico integrado e discurso teórico mistificador.

### Palavras-Chave

Teoria Crítica. Estética. Arte Contemporânea.



## OS REALISTAS DE WEIMAR

Marc Berdet

[marcberdet@gmail.com](mailto:marcberdet@gmail.com)

### Resumo

Vivemos hoje uma volta ao realismo, tanto do lado dito analítico (Claudine Tiercelin) como do lado dito continental (Quentin Meillassoux). Tal volta provém de uma sorte de sede da metafísica no limiar do século XXI, depois do deserto metafísico do século XX (provocado, de um lado como do outro, tanto por Rudolf Carnap quanto por Martin Heidegger). Essa sede ecoa aquela de um certo tipo de “realismo” que, durante a República de Weimar, impregnou toda uma geração de filósofos (Walter Benjamin, Siegfried Kracauer, Theodor W. Adorno e Ernst Bloch). É um pouco antes da revolução alemã (1918) que Georg Lúkacs traduziu este sentimento comum como a desapareição do sentimento metafísico de unidade e de coerência do mundo. Vamos nos perguntar aqui : 1) Do que se trata este sentimento de desabrigo transcendental cunhado por Lukács? 2) Por que a procura por um abrigo transcendental, que lhe é consequente, torna-se, por meio da crítica ao neokantismo, uma nova forma de realismo, e não um novo idealismo? 3) Por que esse realismo contém algo de curioso, estranho ou até mágico (o Wunder de Wunderrealism, usado por Adorno falando de Kracauer), como se estivesse retendo algo metafísico na própria physis? Neste percurso, tentarei chegar a algumas conclusões sobre o realismo hoje, que também parece resultar de um sentimento de desabrigo transcendental frente à volta do autoritarismo, à violência entre os seres humanos, ao desastre ecológico e à destruição do planeta – mas isso, como Catherine Malabou bem notou, num certo vazio de política, que é possível preencher referindo-se à “constelação filosófica” (Dieter Heinrich) de Weimar que convocaremos aqui.

### Palavras-Chave

Realismo. Weimar. Constelação filosófica.



## PARCIAL, APAIXONADA E POLÍTICA: O SENTIDO DA CRÍTICA DE ARTE EM MÁRIO PEDROSA

Daniel Pucciarelli  
[arelli@gmail.com](mailto:arelli@gmail.com)

### Resumo

Ao iniciar sua coluna sobre artes visuais no *Jornal do Brasil*, em janeiro de 1957, o crítico de arte e militante comunista Mário Pedrosa produziu uma série de textos de teor programático ou metacrítico sobre a própria atividade crítica. Filiando-se explicitamente a uma tradição que remonta pelo menos a Charles Baudelaire, Pedrosa define aí a crítica não como exercício de um ajuizamento estético supostamente neutro e universal, realizado como que de lugar algum. Antes, a crítica é apresentada como prática necessariamente “parcial, apaixonada e política”, explicitamente enraizada em um “ponto de vista” determinado. Não obstante, essa parcialidade da crítica não deveria redundar, no entender de Pedrosa, em perda de sua objetividade ou abrangência, mas, ao contrário, justamente em ganho de objetividade, de reflexividade e autoconsciência. Com isso, o crítico pernambucano não apenas esboçou um conceito de objetividade francamente contraposto à sua compreensão hegemônica no discurso científico, como também atrela imanentemente ajuizamento estético a uma certa concepção de engajamento político. A partir dessas determinações aparentemente contraditórias, a comunicação procurará desdobrar o sentido e a atualidade da crítica em Mário Pedrosa.

### Palavras-Chave

Crítica de Arte. Metacrítica. Arte e Política.



## PETER SZONDI E A SEMÂNTICA DAS FORMAS

Ulisses Razzante Vaccari

[ulisses\\_vaccari@hotmail.com](mailto:ulisses_vaccari@hotmail.com)

### Resumo

Na grande maioria de suas obras, como em *Teoria do drama moderno*, Peter Szondi declara a necessidade de retornar a Hegel em busca de uma compreensão dialética da relação forma-conteúdo na arte. Em oposição à tradição normativa, que deriva a separação teórica dos gêneros poéticos em lírico, épico e dramático a partir da separação rígida e formal de forma e conteúdo, a concepção dialética pensa esses conceitos a partir de sua alternância ao longo da história, perfazendo o que Szondi denomina filosofia da história da arte. Segundo essa concepção, o autor parte da ideia de que as artes moderna e contemporânea são marcadas por uma preponderância da forma sobre o conteúdo, diagnóstico que se encontra igualmente em outros autores da teoria crítica, como Adorno e Peter Bürger. De origem lukácsiana, tal diagnóstico tenta pensar a arte contemporânea a partir da ideia de que a forma passa a ser o conteúdo sedimentado da arte, sobretudo na arte contemporânea. A presente comunicação pretende passar brevemente por alguns momentos dessa concepção, buscando compreender particularmente o modo como Szondi enxerga a origem do épico no teatro moderno a partir dessa dialética forma-conteúdo ou, em suas palavras, a partir da crise da forma dramática tradicional (Renascentista) já a partir de Ibsen.

### Palavras-Chave

Forma e conteúdo. Dialética. Filosofia da história.



## PONTOS DE VIDA PARA UM PONTO DE NÃO RETORNO: PERTURBAR A ESTÉTICA MODERNA NA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Luiza Proença  
[proenca.ml@gmail.com](mailto:proenca.ml@gmail.com)

### Resumo

Publicado por diversos cientistas brasileiros na revista Nature em fevereiro de 2024, o artigo “Critical transitions in the Amazon forest system” discorre sobre a proximidade da Amazônia de atingir um “ponto de não retorno” [tipping point] – termo utilizado para assinalar o limiar crítico em que pequenas alterações provocam mudanças abruptas na resiliência do ecossistema, com consequências drásticas também para o planeta, uma vez que a floresta desempenha um papel crucial para o sistema climático da Terra. Tal limiar é decorrente de “perturbações humanas generalizadas”, como o desmatamento, que causam, principalmente, estresses hídricos e homogeneização florestal. O artigo conclui que se, por um lado, o futuro é incerto, por outro, há possibilidades de resistir a esse contexto por meio da combinação de ações globais (freando a emissão de gases de efeito estufa) e locais (acabando com o desmatamento e promovendo a restauração da floresta). Esta apresentação integra uma pesquisa mais ampla sobre como práticas artísticas poderiam engendrar resistência ecológica, aliando-se aos esforços de cientistas, ativistas e filósofos do Antropoceno. Argumenta que a modernidade, com suas narrativas de progresso, não só impulsionou a exploração da Amazônia, mas também moldou certo imaginário e a subjetividade estética de forma a corroborar a destruição da floresta. Nos interessa pensar sobre a habilidade e limitações da arte em visualizar/representar a Amazônia, respondendo aos desafios que a emergência climática impõe. Discorrendo sobre conceitos científicos como “não retorno”, “descontinuidade”, “resiliência” e, em especial, “perturbação”, o trabalho especula sobre formas de perturbar a sensibilidade colonial/moderna e reorientar a estética para aquilo que nos torna sensíveis à existência de outros modos de vida para além dos Modernos (Latour; Weibel). Assim, propõe reverter a perspectiva de um único ponto crítico de não retorno por meio de uma crítica ou “virada ontológica” das artes visuais que contemple a heterogeneidade amazônica e seus muitos “pontos de vida” (Coccia apud Aït-Touati et al).

### Palavras-Chave

Amazônia. emergência climática. artes visuais.





## POR UM TEATRO NÃO-ARISTOTÉLICO UMA PERSPECTIVA DE BRECHT PARA REFORMAR AS BASES TEATRAIS BURGUESAS

Sergio Carvalho Da Fonseca  
[sergio.fonseca@estudante.ufscar.br](mailto:sergio.fonseca@estudante.ufscar.br)

### Resumo

Última obra de Aristóteles surgida no mundo ocidental, por volta de 1600, a Poética serviu como método de escrita aos autores teatrais. Sua fundamentação, centrada em termos como mimesis e catarse, além da necessidade das unidades de tempo, ação e lugar, para que uma tragédia pudesse ser escrita, conduziu à forma e conteúdo das peças desde o renascimento até, de modo menos frequente, aos nossos dias, sendo tratada como um manual a ser seguido. Devido a isso, o desenvolvimento do drama burguês esteve intrinsecamente ligado às determinações aristotélicas. Tomando a crise do teatro burguês, do modo como foi descrita pelas obras de Peter Szondi, justificam-se o surgimento de textos revisando a Poética como norma estética. Dois exemplos são Apontamentos para uma estética não-aristotélica (1924-25), de Álvaro de Campos e a coletânea dos textos de Bertolt Brecht chamada Estudos sobre teatro. Nessa obra, especificamente em seu escrito Notas sobre a ópera grandeza e decadência da cidade de Mahagonny (1928-29), Brecht tece argumentos àquilo que ele chama de teatro moderno em contraposição à forma dramática, também chamado de teatro burguês. Se Campos mostra uma problemática geral de arte, em relação às definições aristotélicas, Brecht as trata como embasamento àquilo que se denominou como teatro burguês. Porém ambos têm uma chave comum à crítica, a saber, a necessidade de uma arte voltada à perspectiva social do homem. Brecht enfatiza ainda que, tal qual nas mudanças necessárias para que uma sociedade mais justa possa acontecer, no teatro não deve ocorrer tão simplesmente uma transformação, mas uma reforma completa, à qual Brecht deu o nome de teatro épico.

### Palavras-Chave

Estética. Aristóteles. Teatro.



## POR UMA CRÍTICA HACKER-FEMINISTA: MULHERES, ARTE E TECNOLOGIA NA ERA DIGITAL

Juliana De Moraes Monteiro

[judemoraes@gmail.com](mailto:judemoraes@gmail.com)

### Resumo

Em *Gaslight*, filme baseado na peça de Patrick Hamilton, Gas light, Jack Manningham, marido de Bella Manningham, tenta enlouquecer a esposa manipulando lâmpadas a gás. O *gaslighting*, termo produzido a partir da escrita modificada do título do filme, é uma reconhecida técnica de abuso psicológico no qual o abusador distorce ou omite informações em benefício próprio. Em 2022, o termo foi um dos mais procurados do mundo em buscas de pesquisa e começou a extrapolar o contexto da misoginia para ser repensado enquanto uma categoria importante no âmbito da era informacional e do irrestrito uso das tecnologias para enganar e desorientar a percepção visando a interesses exploratórios e extrativistas da cognição humana no século XXI. Esse fenômeno foi analisado por Deivison Faustino e Walter Lippold em *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*, estudo que destrincha o funcionamento do Big Data para a colonização dos dados. Nessa etapa do capitalismo tardio, as gigantes empresas do Vale do Silício assumem o papel de J. Manningham erigindo, no ciberespaço e no cibertempo, uma espécie de realidade que os pesquisadores nomearam como *banóptica*, capaz de identificar prematuramente os indesejáveis e bani-los do sistema a partir de sofisticadas técnicas de antecipação e vigilância que dissimulam sua violência e perversidade constitutivas. Desse modo, os efeitos do colonialismo, do sexismo e da precarização social são cada vez mais tecnologicamente camuflados no jargão neoliberal da era digital. Seguindo a proposta de crítica hacker-fanoniana, detenho-me no problema da violência digital de gênero - como, por exemplo, na robotização servil de vozes femininas como Alexa e Siri - a partir do conceito de anestesia da filósofa estadunidense Susan Buck-Morss desenvolvido em “Estética e anestésica: uma reconsideração de A obra de arte de Walter Benjamin”. Nosso intuito é pensar como o trabalho de artistas mulheres, como Orlan e Vitória Cribb, vem se apropriando de técnicas que mesclam o uso de inteligência artificial nas suas proposições artísticas para violar e denunciar o sistema utilizando-se das



ferramentas tecnológicas desenhadas para oprimí-las, a fim de imaginar um horizonte no qual o desmantelamento das estruturas opressoras dos corpos seja factível e que um real humanismo, sem distinções de classe, gênero e raça, seja filosoficamente pensável em meio a algoritmos, bots, fakes e likes da época infocrática.

### **Palavras-Chave**

Feminismo. Arte. Tecnologia.



## RANCIÈRE E A RECUSA DO PARADIGMA DA REPRODUTIBILIDADE DE BENJAMIN: UMA REVOLUÇÃO SENSÍVEL

Daniela Cunha Blanco  
[danielablanca27@gmail.com](mailto:danielablanca27@gmail.com)

### Resumo

O paradigma benjaminiano da reprodutibilidade técnica como ponto de virada do modo de percepção das artes parece não encontrar resistência nas discussões estéticas em geral. Mesmo que Jacques Rancière insista, há algumas décadas, que tudo aquilo que Benjamin via como novidade no cinema e na fotografia já aparecia, anteriormente, na literatura do século XIX. Para Rancière, uma revolução sensível é sempre anterior à mudança técnica. É sempre uma mudança de paradigma nos modos de percepção que faz com que se torne possível a entrada de uma nova técnica no campo daquilo que percebemos como sendo arte. Assim, o surgimento da ideia de arte que temos hoje e do regime de pensabilidade e de visibilidade que a configura – o regime estético –, se deu, primeiro, na literatura e não nas artes mecânicas como o cinema ou a fotografia. A discussão que afirma a origem de um regime das artes em um ou outro ponto da história, porém, não pode ser reduzida a um simples desacordo em torno de um tema específico; trata-se, antes, de compreender que Rancière recusa todo um modo interpretativo da realidade. Quando Benjamin, afinal, interpreta a reprodutibilidade técnica como causa primeira da mudança na percepção, é uma leitura economicista do mundo que fundamenta seu apontamento. Rancière, por sua vez, como pretendemos defender, ao romper com o marxismo de Althusser, o faz por constatar a necessidade de pensar um modo de interpretação do mundo pautado em uma igualdade radical. Para Rancière, todo o campo teórico da ciência marxista, com suas noções de ideologia, de conhecimento da totalidade e de fragmentação das relações sociais diz respeito a uma divisão entre duas humanidades diversas, entre duas inteligências cuja distância seria sempre intransponível. Assim, nosso intuito será mostrar como a recusa ao paradigma da técnica benjaminiano como ponto de virada do regime das artes diz respeito a essa discussão mais ampla, preocupada em pensar um método fundamentado na igualdade das inteligências. É nesse sentido que as forças enganadoras do capital, como aquelas da técnica, deixam de ter a importância que tem



em leituras economicistas do mundo, e passam a ser secundárias em relação à revolução sensível. Assim, se Rancière desloca o olhar para pensar uma revolução que é sensível, antes de ser técnica, é porque seu método tem como intuito justamente recusar a preponderância da leitura economicista do mundo, bem como sua desigualdade fundamental.

### **Palavras-Chave**

Jacques Rancière. Revolução sensível. Benjamin.



## SUBVERSÕES DA IDEOLOGIA PATRIARCAL DO TEATRO BURGUÊS EM A ÓPERA DOS TRÊS VINTÉNS

Letícia Olano Morgantti Salustiano Botelho  
[leticia.oms@gmail.com](mailto:leticia.oms@gmail.com)

### Resumo

Na segunda metade do século XX, em um contexto de forte crescimento de movimentos sociais em luta por emancipação e reconhecimento de grupos historicamente oprimidos, inserindo-se aqui um crescimento do feminismo nas Américas, temos profundas transformações nos campos da estética e da política. Neste panorama, nas últimas décadas, especialmente a partir de 1970, iniciou-se um movimento de recepção crítica da obra de Brecht numa perspectiva feminista, que poderia ser vista como inserida num processo, característico da arte contemporânea, de acerto histórico de contas com a arte moderna e as suas promessas políticas de emancipação, no contexto do desenvolvimento do capitalismo tardio e do colapso das vanguardas artísticas do início do século XX. Nessa recepção da obra brechtiana pela crítica teatral feminista, principalmente anglo-americana, diversas autoras se apropriaram de conceitos e práticas brechtianas - com destaque para as noções de efeito de estranhamento (*Verfremdungseffekt*) e *Gestus* - para o desenvolvimento de um teatro feminista, crítico de construções sociais e representações ideológicas de gênero, afirmando, porém, que tais críticas não teriam sido postas em prática por Brecht em seu teatro. Respondendo à recepção feminista inicial da obra de Brecht, algumas autoras dedicaram-se, mais recentemente, a uma crítica ao referido lugar-comum da representação supostamente estereotipada da mulher no teatro brechtiano, realizando uma análise mais complexa e detalhada das suas personagens femininas e da problema de gênero em seu trabalho. Buscando contribuir para este debate, pretendemos apresentar uma leitura de *A Ópera dos Três Vinténs*, escrita em 1928 por Bertolt Brecht em parceria com Kurt Weill e Elisabeth Hauptmann, almejando discutir a forma como, no âmbito do projeto estético-político brechtiano de refuncionalização social do teatro, ela satiriza e subverte, em seus diversos âmbitos, a ideologia patriarcal subjacente ao teatro burguês e seus mecanismos ideológicos de representação e percepção.

### Palavras-Chave

Teatro. Política. Feminismo.



## TEATRO ÉPICO E HISTÓRIA EM BENJAMIN E BRECHT

Caio Graco Queiroz Maia

[caiogracoqueiroz@hotmail.com](mailto:caiogracoqueiroz@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo de nossa apresentação é expor a relação entre história e teatro épico, na forma em que esta relação pode ser delineada a partir dos textos de Walter Benjamin e Bertolt Brecht. Em primeiro momento, mostraremos como Benjamin e Brecht defendem o uso crítico e político da história (e do histórico) como conteúdo do teatro épico. Em “O que é teatro épico?” (19XX) Benjamin, citando Brecht, salienta que tal uso, ao permitir a exposição do público ao fato temporalmente distanciado, tornaria mais claro o componente de mutabilidade na história. Em outras palavras, representar a história no palco significaria iluminar a possibilidade de que esta mesma história (mas também a história em andamento, isto é, o presente) acontecesse de forma diferente a partir de ações políticas diferentes. Brecht, em “A nova técnica da arte de representar” (19XX), afirma que todo e qualquer acontecimento representado no teatro épico deve ser historiado. Para Brecht, a historização permite ao público ver o acontecimento marcado pelo aspecto de transitório, de mutável, convidando-o à atitude crítica em relação às ações efetivadas com vistas a outras possibilidades de ação. Em segundo momento, mostraremos como tal ponto de vista, por sua vez, parece encontrar ressonância nas teses sobre história e historiografia de “Sobre o conceito da história” (1940), de Benjamin. Ali também é decisivo que o historiador produza uma história em que os fatos narrados preservem uma condição de abertura à ação, preservem sua condição de agora. Para Benjamin, o historiador não deve produzir uma história em que um fato qualquer ligue-se por causalidade ao fato seguinte, mas sim uma história que imobilize o fato histórico e que aponte para as forças políticas que nele atuam. Em suma, nosso objetivo é mostrar como para Benjamin e Brecht a presença e o uso da história são fundamentais para o teatro épico, principalmente para a realização de suas pretensões políticas.

### Palavras-Chave

Benjamin. Brecht. Teatro épico.



## TRÍPLICE FRONTEIRA SELVAGEM

Verena Maria Soares Than  
[verenathan@gmail.com](mailto:verenathan@gmail.com)

### Resumo

O escritor e poeta Douglas Diegues, imerso na rica tapeçaria linguística da tríplice fronteira desde a infância, proclama que a arte literária do portunhol selvagem é acessível a todos, já que cada indivíduo possui dentro de si uma versão única e não descoberta dessa língua, um tesouro oculto esperando para ser revelado. Nesse sentido, o portunhol selvagem é uma expressão da diversidade intrínseca da linguagem humana, uma manifestação da singularidade da língua que pertence à boca de cada um. Sendo assim, ele é algo mais do que simplesmente uma mistura caótica de espanhol, português e guarani. É uma fonte inesgotável de criatividade e expressão, uma linguagem que está constantemente em processo de transformação e reinvenção, já que cada portunhol selvagem é uma entidade única, uma obra de arte linguística que nunca pode ser replicada exatamente da mesma forma. Ele existe além das restrições impostas pelas convenções ou pelas regras gramaticais; sua essência é fluida e inapreensível, resistindo a ser aprisionada em definições simplistas ou estruturas rígidas. A partir do portunhol selvagem, dos cantos guarani e da obra de Merleau-Ponty, podemos pensar no próprio ser selvagem - que filósofo também chama de ser bruto -, isto é, é aquele que não está reduzido a nossas idealizações e à nossa sintaxe. É o que escapa às limitações das concepções predefinidas e estruturas de pensamento que se manifestam em forma linguísticas gastas. Ele não se encaixa nos moldes estabelecidos por nossa cultura; em vez disso, ele desafia essas normas, revelando-se como uma entidade que transcende as fronteiras do conhecido e do esperado. É preciso que a palavra selvagem seja restituída da sua significação originária, não o seu significado etimológico e filológico que vimos, mas antes que se restitua o que lhe pertence: a selva, a mata, a floresta. O selvagem pertence à mata, este ser indomado e indomável. E ela se permite pertencer também a ele. Não é que outros lugares não lhe caibam, porém é naquele pedaço de mundo que a relação com os sentidos se dão na mais autêntica forma.

### Palavras-Chave

Portunhol selvagem. Merleau-Ponty. Cantos guarani.





## UM NOVO CAPÍTULO NO PARALELO DAS ARTES: PERFORMANCE COMO DISPOSITIVO TRANSARTÍSTICO

Anderson Bogéa

[andersonbogea@gmail.com](mailto:andersonbogea@gmail.com)

### Resumo

A partir da década de 1960, uma tendência forte ao puro nas artes, como evidenciado em C. Greenberg (2011), esgotou-se e a transitoriedade ganhou terreno quando as fronteiras artísticas passaram a ser borradas. Esse cenário coincide e muito com o diagnóstico apresentado por Lucy Lippard, quando afirmou que as artes visuais parecem se deparar com uma encruzilhada com duas estradas que levariam a um mesmo lugar, a arte como ideia e a arte como ação. (LIPPARD & CHANDLER, 2013, p. 152). Diante disso, para pensar um desses caminhos propostos por Lippard, o da arte como ação, recorreremos a alguns sentidos de performance, especificamente, nas obras de Paul Zumthor, *Performance, recepção e leitura* (2018), no qual encontramos a performance como único modo vivo de comunicação poética e, Diana Taylor, em *O arquivo e o repertório* (2013), a qual atesta o privilégio do escrito em detrimento do conhecimento incorporado, e reitera a intraduzibilidade da performance. Se, como diz Platão, em *O Banquete* (1972, 205c), “as confecções de todas as artes são ‘poesias’”, nossa investigação vai em uma direção correta ao identificar a performance não como terra de todos, mas como uma zona franca. A ideia de um dispositivo transartístico ultrapassa os limites artísticos tradicionais, o que demanda uma Estética diferente, talvez uma *aisthesis* da vida cotidiana (Cf. Wolfgang Iser, *Undoing Aesthetics*, 1997), ou talvez um *somaestética* (Cf. Richard Shusterman, *Pragmatist Aesthetics*, 1998). Assim, a performance, sendo ela um episódio na história do paralelo das artes, é entendida como zona franca entre as artes, exigindo que o espectador atue como tradutor para a produção de sentido pela proposição artística.

### Palavras-Chave

Performance. Estética. Filosofia da arte. Dispositivo transartístico. Arte contemporânea.



## UMA ÉTICA-ESTÉTICA-POLÍTICA NOS MUROS: A PICHAGEM E SUAS PRODUÇÕES DE MUNDOS

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano

[viniciuspsicologiapg@gmail.com](mailto:viniciuspsicologiapg@gmail.com)

Brígida Cavalcanti Alves

[brigida\\_cavalcanti@hotmail.com](mailto:brigida_cavalcanti@hotmail.com)

Indianara Maria Fernandes Ferreira

[indianarafdes@gmail.com](mailto:indianarafdes@gmail.com)

Yasmim Nascimento De Oliveira

[yasmimnascimento.yno@gmail.com](mailto:yasmimnascimento.yno@gmail.com)

### Resumo

A queda de uma produção estética que torna passivo os sujeitos que a aprecia, ou que delimita o que pode ou não ser uma obra de arte, vem caindo por terra ao longo dos séculos. Tal queda se faz na sabedoria da emancipação dos sujeitos que agora podem caminhar na direção da produção artística como um campo da livre expressão e que, ao usar dos modos de arte como forma de um dizer de si e do entorno, podem maquinar novos horizontes possíveis de vidas. É dentre dessa produção eruptiva e lavar que insiste em fazer surgir novos mundos, que a pichagem surge como campo amplo de uma produção molecular revolucionária capaz de situar, nos grandes centros urbanos, os horizontes dos conflitos e as violências acometidas pelo capitalismo-colonialista, como também fazer surgir os novos mundos possíveis. São os corpos periféricos, em suas grande maioria negros e negras, que fazem dos muros o surgimento de uma horizontalização da palavra em uma cidade cada vez mais verticalizada em nome das relações monetárias que a consome, podendo através da pichagem enunciar e denunciar as atrocidades da produção subjetiva desse mundo capitalista-colonial. Assim, cartografar essas produções se mostra como um movimento possível para mapear as oscilações revolucionárias que vão, literalmente, se inscrevendo nos muros destes grandes centros urbano. Desse modo, o que uma cartografia dos pichos pode nos fazer experimentar destes mundos prestes a eclodir? Pergunta que só o corpo em produção experimental com essas obras de artes



poderá dizer ao longo de uma pesquisa implicado em um campo amplo em vozes escritas sobre muros. As pretensões deste caminho se objetivam inicialmente com o mapear dessas redes de mundos lavares, como também, compreender esse modo de produção de resistências diante as várias formas de violências dos grandes centros urbanos em nossa contemporaneidade, que pôr compor em uma mão contraria ao capitalismo-colonialista, incide sobre uma produção ética-estética-política produtora de novos mundos.

### **Palavras-Chave**

Estética. Pichação. Produção de mundos.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ESTUDOS CARTESIANOS



## A CONCEPÇÃO DE CORPO NA FILOSOFIA DE RENÉ DESCARTES

Wellington Marques Da Silva  
[wms734495@gmail.com](mailto:wms734495@gmail.com)

### Resumo

Durante séculos, as compreensões sobre o corpo foram sendo forjadas e modificadas por meio do surgimento dos novos saberes, entre elas a concepção de corpo-máquina desenvolvida, principalmente entre os séculos XVII e XVIII, a partir da elaboração de conhecimentos que modificaram a ideia de Homem e a representação do corpo, assim como sua função e lugar na Natureza. Esta pesquisa corresponde a um estudo ontológico do corpo enquanto corpo-máquina, ideal nascente na Europa que, por sua vez, se disseminou como modelo dominante entre culturas, principalmente a partir da filosofia dualista de René Descartes. Em minha apresentação, utilizarei as obras *As Paixões da Alma* e *Discurso do Método* como referências principais, textos fundamentais para compreender a temática proposta por Descartes. Como obras secundárias, irei trabalhar com “*Antropologia do Corpo e Modernidade*” de David Le Breton. Essas fontes serão importantes para uma análise abrangente sobre o tema em questão. No transcorrer dos séculos, diferentes concepções acerca do corpo foram forjadas no Ocidente. Pensemos, por exemplo, nas concepções sobre o corpo, que por muito tempo foram vistas como sagrado e “intocável” e que se firmaram por meio da Igreja durante toda a Idade Média. Neste momento, os saberes sobre o corpo estiveram intimamente ligados ao cristianismo que dele retirava significados, como exemplo, o sangue que era visto como elemento sagrado. Diferente da concepção cristã da Idade Média na qual as doenças e os problemas carnisais eram atribuídos à alma, no pensamento de Descartes, a morte sobrevém através das funções do corpo, quando alguma parte importante do corpo para de funcionar ou se encontra danificada. Aqui a relação da alma com o corpo teve que ser estruturada em termos inéditos. Esse novo pensamento nos remete à ideia de corpo-máquina, na qual Descartes chega a assemelhar os movimentos e partes do corpo similar às características pertencentes a uma máquina. Se na tradição ocorreu uma busca pela definição do Homem a partir de suas qualidades racionais, a proposta mecanicista insere uma nova questão: o corpo-máquina.

### Palavras-Chave

Corpo. Descartes. Corpo-máquina.



## A FENOMENOLOGIA DO AFETO NA FILOSOFIA DE DESCARTES

Wojciech Zbigniew Starzynski

[ursus.brunus@gmail.com](mailto:ursus.brunus@gmail.com)

### Resumo

A filosofia de Descartes é, em um sentido amplo, uma filosofia do afeto, porque o sujeito, o eu, o cogito, é profundamente afetado por suas interações com o que ele não é - o que é dado ou se apresenta a ele. Esta apresentação considera a cuidadosa distinção de Descartes entre a realidade afetiva e os domínios da fisiologia e da causalidade física, destacando sua atribuição distinta do afeto à alma e não à mente. O objeto de interesse de Descartes é o estudo das paixões da alma como manifestações da vida afetiva. A apresentação listará as questões iniciais da fenomenologia do afeto de Descartes: 1. a relação entre o afeto e a vontade. 2. a interação entre o afeto e o corpo próprio 3. a relação entre afeto e ideias 4. a influência única da imaginação nos estados mentais afetivos. Ao explorar essas dimensões, a apresentação abordará a questão mais ampla da vida afetiva em Descartes. Ela examinará se a vida afetiva é caracterizada pelo desenvolvimento de seis paixões principais, se ela se desenvolve como um processo dinâmico e se ela se manifesta como uma luta entre os afetos corporais e intelectuais. Essa análise tem como objetivo fornecer uma compreensão abrangente da contribuição de Descartes para a filosofia do afeto e suas implicações para a pesquisa fenomenológica contemporânea.

### Palavras-Chave

Descartes. Vida afetiva. Paixões da alma.



## A PROPÓSITO DO MEUM CORPUS EM DESCARTES

Alexandre Guimaraes Tadeu De Soares

[alexandregts@gmail.com](mailto:alexandregts@gmail.com)

### Resumo

Procuraremos mostrar como o meum corpus (corpo próprio) integra a união substancial e consegue articular a mente com os corpos externos. A equivocidade do termo corpo em Descartes dificulta entender a diferença que há entre o corpo próprio e o corpo em geral. O corpo em geral se define pela divisibilidade, ao passo que a mente, pela indivisibilidade, pois é próprio do material, tal como Descartes o conceitua, a extensão e sua indefinida divisibilidade. No entanto, embora compartilhe o estatuto do corpo em geral, o corpo humano já apresenta uma unidade que ressoa, de algum modo, a indivisibilidade da mente. Por outro lado, esse corpo humano ainda é um corpo sentido em terceira pessoa, ou seja, descritível pela ciência cartesiana. O corpo próprio que emerge da nossa experiência sensível vivida em primeira pessoa nos apresenta uma unidade muito mais radical que, de certo modo, comunga da indivisibilidade da mente. O estatuto do corpo próprio é, portanto, complexo, pois tem aspectos de intimidade, imaterialidade e indivisibilidade. Essa reflexão nos permitirá, assim, enfrentar a questão da relação entre, de um lado, a mente que imagina e sente e, de outro, o corpus da imaginação e do sentimento em todo o seu alcance: percepção sensível, apetite e paixão.

### Palavras-Chave

Descartes. união substancial. meum corpus.



## DESCARTES E O DESAPARECIMENTO DAS CATEGORIAS DO SER

Francisco Forain De Valentim Calazans Soares  
[francisco.forain@gmail.com](mailto:francisco.forain@gmail.com)

### Resumo

Desde muito cedo o texto cartesiano interdita um determinado método de ordenação e organização do real segundo o qual as coisas são divididas em categorias. Embora faça explícita menção a essa recusa (AT. X, 381), o texto cartesiano é econômico em argumentos. Não há, por parte de Descartes, o desenvolvimento de um raciocínio que explique o desaparecimento das categorias do ser. No lugar da esperada refutação, o leitor de Descartes é simplesmente apresentado a um novo modelo de divisão. Cabe a ele, ao intérprete, recuperar a história dessa ruptura tácita. Essa apresentação, tendo por objetivo oferecer uma narrativa para a ruptura de Descartes com a tradição escolástica, será guiada pela seguinte questão: por que o raciocínio que fundamenta a divisão categorial do ser não se repete em Descartes? Se, como deve ser mostrado, as categorias são engendradas a partir da tese da diversidade dos modos de existência, a qual distingue a substância dos demais acidentes, a compreensão cartesiana da noção de existência promete ser uma boa chave de leitura para a análise dessa ruptura. O que explicaria, portanto, a relutância de Descartes em assumir a existência como critério de diversificação dos entes? A resposta será buscada na postura cética da primeira das *Meditações Metafísicas*. O método da dúvida parece instaurar um ponto de partida para a filosofia no qual as ideias – cuja existência atual, para além do domínio representacional, não está garantida – são os dados imediatos de investigação. Se esse raciocínio estiver certo, os itens aos quais a filosofia cartesiana se dedica são diferentes daqueles da ontologia clássica. Enquanto a tradição classifica e ordena as coisas elas mesmas, a filosofia cartesiana tem por objeto primeiro as ideias. Dada a discrepância dos objetos investigados, é de se esperar que os critérios usados para diversificação dos itens analisados sejam também eles diferentes. Em suma, a postura cética cartesiana, estabelecendo um novo ponto de partida para a filosofia, promove um método investigativo que parece tornar irrelevante a divisão categorial do ser. É a coerência desse raciocínio e suas possíveis consequências que serão objeto dessa apresentação.

### Palavras-Chave

Descartes. Tradição. Ontologia.





## DÉTERRITORIALISER LE MOI

Pierre Guenancia

[pierre.guenancia@u-bourgogne.fr](mailto:pierre.guenancia@u-bourgogne.fr)

### Resumo

Face au risque de perdre l'homme à cause du moi, Pierre Guenancia propose dans son ouvrage d'écarter le moi afin de retrouver l'homme. L'homme sans moi, c'est un pari pour sauver l'identité en la distinguant de l'intériorité – il s'agit moins de se centrer sur soi que de s'ouvrir aux autres –, afin d'en faire une identité non pas meurtrière mais salutaire. Pour ce faire, il faut repenser notre grammaire : « Je » ne se sépare jamais de « nous », le singulier est uni à l'universel. Que signifie un tel résultat, et comment y parvenir ? C'est en repartant de la métaphysique cartésienne, en renouant avec la notion de substance, que Guenancia nous propose de repenser l'identité, afin d'aboutir à une philosophie politique plus humaine. Déterritorialiser le moi. Afin de définir l'homme, l'anthropologie moderne est partie du moi, qui est centre de tout, du moi agité par les passions et orienté par son désir de puissance, tel que le décrit notamment Hobbes : un moi centripète, qui est un tout pour lui-même, et tend à voir les autres comme des obstacles. À cette conception anthropologique fondée sur le moi, Guenancia veut opposer une « conception philosophique et métaphysique » (p. 14) fondée sur le Je, c'est-à-dire sur le sujet qui connaît, sur l'entendement. Une quête d'identité qui s'arrêterait au moi n'aurait là qu'un objet instable, un ensemble d'éléments divers, risquant de se dissoudre dans la pure phénoménalité. Pour aboutir, cette quête d'identité doit trouver la substance, c'est-dire quelque chose de permanent et simple. La métaphysique cartésienne permet de trouver cette chose permanente et simple dans l'âme, définie par son attribut qu'est la pensée. S'inspirant de cette métaphysique cartésienne, Guenancia en emprunte les concepts fondamentaux, mais pour en redéfinir les termes, afin d'échapper aux critiques modernes de la notion de substance : celle-ci n'est pas qu'un « supposé ou fondement commun à des propriétés ou des qualités différentes » (p. 47), auquel cas elle risquerait d'être inconnaissable ; la substance, suivant la formule hégélienne, est avant tout « sujet » (p. 47), ce qui désigne ici le fait de pouvoir inaugurer une action non préfigurée dans la réalité.

### Palavras-Chave

Descartes. Pascal. Je. Moi.



## ESTUDO DA CARTA DE DESCARTES A BANNIUS EM DEFESA DE BOËSSET

Henia Laura De Freitas Duarte

[hlauraduarte@gmail.com](mailto:hlauraduarte@gmail.com)

### Resumo

A comunicação tem como principal objetivo propor um estudo sobre a carta de Descartes a Bannius em defesa de Boësset (1640 –1646?), relacionando o texto com a obra inaugural de Descartes, a saber, o *Compendium musicae* (1618), bem como articulá-los com algumas cartas trocadas com Mersenne e Huygens sobre a música. Para tanto, traçaremos um percurso que consiste em: apresentar o capítulo inicial do *Compendium*, intitulado “O seu objeto é o som”, em que Descartes delimita o objeto da música. Na primeira frase do capítulo o filósofo nos indica a possível relação existente entre o som e as nossas paixões: “Compêndio de Música - seu objeto é o som. O seu fim é para deleitar e mover em nós vários afetos”, no qual ele introduz a relação do som com os sentidos e afetos provocados. No entanto, para que o som seja capaz de despertar em nós “vários afetos” são necessários dois elementos essenciais: o primeiro são as diferenças da duração ou tempo, o segundo são as características do agudo e grave. Responderemos algumas questões que servirão como fio condutor para compreendermos os motivos da escrita dessa carta, bem como o contexto das discussões sobre a música de Bannius e Boësset. Em algumas edições, a carta data do ano de 1640, em outras é levantada a hipótese de ela ter sido escrita em 1646. Pensemos então: por que a carta começaria a circular em 1646? E qual seria a relação dela com as cartas sobre música que foram trocadas entre Descartes e Huygens? No próximo segmento buscaremos responder as seguintes questões: qual é a relação que o conteúdo da carta mantém com certas teorias do *Compendium*? No texto do *Compendium* surge a primeira oportunidade para que Descartes elaborasse suas concepções acerca da Música. Bannius também tem por objetivo explicar a Música de forma científica, demonstrando a relação que pode existir com as paixões. Denominando, inclusive, a sua Música como flexanima e necessária. Feito isso, procuraremos responder: qual a relação da teoria musical de Bannius e as cartas trocadas entre Descartes e Mersenne por volta de 1630? Dessa forma, analisaremos algumas cartas trocadas por eles, em que observamos o desenvolvimento do



pensamento de Descartes sobre a Música e que amplia o horizonte em relação ao que fora escrito no Compendium. Por último, e uma das partes mais importantes desse texto, apresentaremos a carta em todos os seus aspectos musicais, mas, principalmente, no que está em questão: a possibilidade da interpretação de um poema francês.

### Palavras-Chave

Descartes. Compendium musicae. Música.



## EXPLORANDO A QUESTÃO DOS SENTIDOS EM DESCARTES E A PERCEPÇÃO HUMANA NA ÓTICA FÍSICA

Janiel De Oliveira Santos

[janiel.uefs@gmail.com](mailto:janiel.uefs@gmail.com)

Dagoberto Da S. Freitas

[dagoberto.s.freitas@gmail.com](mailto:dagoberto.s.freitas@gmail.com)

### Resumo

René Descartes foi um dos pioneiros no estudo da percepção humana e da relação entre mente e corpo. Sua obra aborda questões profundas sobre como os seres humanos percebem o mundo ao seu redor. Este trabalho busca explorar a visão de Descartes sobre os sentidos e sua relação com a percepção humana, especialmente no contexto do Ensino de Filosofia e Astronomia relacionando o estudo ótica da época com a compreensão do método Cartesiano. Descartes acreditava que os sentidos humanos eram falíveis e não podiam ser confiados como fonte única de conhecimento. Em sua obra *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, ele argumenta que os sentidos podem nos enganar e, portanto, não devemos confiar inteiramente neles para entender o Cosmo. Descartes introduziu o método da dúvida metódica, no qual ele duvidava de tudo que não pudesse ser provado com certeza. Isso incluía a validade das percepções sensoriais. Ele acreditava que, ao duvidar de tudo, poderíamos chegar a verdades indubitáveis através do raciocínio claro e distinto. Para Descartes, a percepção sensorial era mediada pela interação entre a mente e o corpo. Ele propôs que os estímulos externos eram transmitidos através dos órgãos sensoriais até o cérebro, onde eram interpretados pela mente. Essa visão dualista da relação mente-corpo teve profundas implicações em sua filosofia. Descartes contribuiu para esse campo com sua teoria corpuscular da luz, que propunha que a luz consistia em partículas que viajavam em linha reta e se propagavam instantaneamente, na modernidade a ciência avançou muito no estudo de ótica nos apropriando deste conhecimento de ótica junto ao pensamento de Descartes podemos mostrar a relação do método Cartesiano com a nossa condição humana. A teoria de Descartes sobre a luz e a visão influenciou sua compreensão da percepção visual. Ele argumentou que a



percepção visual ocorre quando os raios de luz atingem a retina do olho e são transmitidos ao cérebro, onde são interpretados pela mente, atualmente sabemos o olho se adaptou durante séculos para poder conviver com a luz do sol e existe um limite sensor ocular, é certo que nossos sentidos oferecem dados não tão seguros, mas, necessários. Embora suas ideias tenham sido criticadas e refinadas ao longo dos séculos, seu legado perdura como um marco importante no estudo da mente, do corpo e da percepção e atualmente são imprescindíveis para o estudo da ótica assim como contexto histórico metodológico importante para o ensino de filosofia

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Astronomia. Ótica.



## O DIÁLOGO A BUSCA DA VERDADE PELA LUZ NATURAL COMO CAMINHO PARA COMPREENDER DESCARTES NO ENSINO MÉDIO

Gleyce Kelly De Oliveira Da Silva

[gleycenrs.oliveira@gmail.com](mailto:gleycenrs.oliveira@gmail.com)

### Resumo

A Busca da Verdade pela Luz Natural é um texto que transcende as suas páginas. Apesar de ser um curto diálogo, sua história é complexa. Trata-se de um diálogo escrito pelo filósofo René Descartes, composto por três personagens: Eudoxo, que possui características do próprio Descartes e é o guia do diálogo e condutor da filosofia proposta; Poliandro, o honnête homme, que não tem um profundo contato com o conhecimento nem com a filosofia e, portanto, se dispõe livremente a conhecer; e Epistemon, representado pelo aristotélico, que por já conhecer muito do que os livros contêm, se coloca sempre resistente a novos conhecimentos e à filosofia que Eudoxo proporá. É interessante mencionar que A Busca da Verdade é um texto pouco conhecido e pouco explorado, apesar de conter diversos elementos que mostram uma nova faceta da filosofia cartesiana. Pouco se fala a seu respeito. É possível elencar alguns motivos para isso. O primeiro é, sem dúvidas, a impossibilidade de acesso ao texto inteiramente original. Existem diversas versões disponíveis deste escrito, mas o que se tem de mais próximo ao original são, respectivamente, uma cópia parcial do texto em francês, uma tradução completa para o holandês e uma tradução completa para o latim. Outro fato relevante é a falta de consenso acerca da datação do escrito. As opiniões a esse respeito dividem os comentadores: alguns afirmam e procuram argumentos que a coloquem como uma obra da juventude, enquanto outros se baseiam em argumentos que a estabelecem como uma obra escrita no fim da vida de Descartes. Todos esses fatores motivam e instigam o anseio de realizar uma busca mais detalhada acerca deste diálogo. Tendo isso em mente, nosso objetivo consiste em realizar uma compreensão e análise histórica acerca do diálogo, com o intuito de ampliar a divulgação do texto e oportunizar futuras discussões e estudos sobre ele. Além disso, a partir da análise dos personagens presentes no diálogo, concebemos a hipótese de que este é um texto em que René Descartes exerce, através do personagem Eudoxo, um papel pedagógico de guia e professor em relação ao personagem



Poliandro. A partir dessa concepção, enxergamos diversos elementos que compõem as características de Poliandro, que possibilitam a sua aproximação ao estudante do ensino médio, e entendemos que talvez esse seja o melhor texto para introduzir Descartes no contexto do ensino médio. Por fim, construiremos um produto educacional que consistirá em transformar o diálogo em uma HQ.

### **Palavras-Chave**

Descartes. Diálogo. História em Quadrinhos.



## O DUALISMO CARTESIANO E A PERSPECTIVA DA PRINCESA ELISABETH DA BOÊMIA

Felini De Souza

[felini\\_92@hotmail.com](mailto:felini_92@hotmail.com)

### Resumo

Corpo e alma são considerados os principais conceitos da filosofia de René Descartes. Ela toma o dualismo substancial com tal importância, pelo fato de Descartes estabelecer que esta seria a raiz da árvore da sabedoria, que, a partir desta discussão, se daria a construção dos saberes da mecânica, da medicina e da moral. Tendo em vista esta importante temática, o dualismo cartesiano passa a ser pauta da correspondência trocada entre a Princesa Elisabeth da Boêmia e o filósofo francês. Elisabeth apresenta a Descartes questionamentos acerca de sua teoria apresentada em *Meditações Metafísicas*, com o intuito de compreender algo que, para ela, é inicialmente inconcebível: entender a interação existente entre uma substância imaterial, alma, com uma substância material, corpo. Esses questionamentos levam a pensadora a supor uma certa materialidade (a alma) de maneira que levasse o próprio pensador a não utilizar argumentos que contrariassem suas teses a respeito da física. A finalidade desta discussão se dá no entendimento de uma vida ética e política, pois é por meio de um conhecimento claro e distinto da interação entre as substâncias alma e corpo que será possível pensar em um controle para os desregramentos das paixões.

### Palavras-Chave

Dualismo. Corpo. Elisabeth.





## O ENTRELAÇAMENTO DA EPISTEMOLOGIA E DA MORAL EM DESCARTES

Daniele Pacheco Do Nascimento

[danielepacheco43@yahoo.com](mailto:danielepacheco43@yahoo.com)

### Resumo

Descartes é interpretado, ao longo da história da filosofia, como um filósofo que atribui à alma e, conseqüentemente, às ideias claras e distintas (bem como à obscuridade e confusão das ideias), um papel preponderante. O corpo e – sobretudo – as paixões, embora tenham um lugar de destaque em seu sistema e situem discussões essenciais, parecem ser expostos por uma magnitude diferenciada. Ainda que Descartes tenha escritos específicos sobre o corpo, como o Tratado do Homem e a “Sexta Meditação”, que compõe uma de suas consagradas obras, o filósofo é frequentemente evocado por seu racionalismo, que seria avesso aos elementos sensíveis de nossa experiência. Busco mostrar que o racionalismo de Descartes, assim como o papel singular da alma na epistemologia do filósofo, não devem ser desvinculados das análises a respeito da experiência humana como experiência do composto constituído pela união entre alma e corpo. É preciso desenvolver uma compreensão integrada do pensamento de Descartes, no bojo da qual a epistemologia está intimamente entrelaçada à moralidade, isto é, às reflexões e deliberações sobre o que se deve fazer e como se deve viver. Isto implica reconhecer o lugar de destaque que o corpo e as paixões têm no âmbito da vida prática, estando interligados com a ação da substância pensante a cada ato do pensamento também no que envolve a moralidade. Como objetivo mais específico, procuro analisar como as paixões são originadas segundo Descartes, e de que maneira algumas delas (como a generosidade) passam de paixões a virtudes, pois é em função da ação das paixões e da regulação – ou não – das mesmas que será possível agir do melhor modo possível. Pretendo discutir as relações entre o tópico da regulação das paixões e as máximas para o bem agir apresentadas na Terceira Parte do Discurso do Método.

### Palavras-Chave

Moral. Epistemologia. Generosidade.



## O HOMEM-MÁQUINA: UMA PERSPECTIVA FISIOLÓGICA E MECANICISTA ENTRE GALENO E DESCARTES.

Cicero Laclécio Rodrigues Da Fonseca

[laclercio@hotmail.com](mailto:laclercio@hotmail.com)

### Resumo

No começo do Tratado do Homem, Descartes apresenta uma definição de homem como um composto “de uma alma e de um corpo”, em seguida diz ser “necessário que eu vos descreva, primeiramente, o corpo à parte, depois a alma também separadamente, e, enfim, que vos mostre como essas duas naturezas devem estar juntas e unidas.” Dando sequência à apresentação do seu modelo de homem natural, Descartes trata, no primeiro momento, das explicações do funcionamento do corpo a partir da descrição de suas partes, ressaltando a constituição, a origem e a função de cada uma delas. Essa descrição cartesiana do homem como um modelo natural difere, sob muitos aspectos, da descrição aristotélica; desde a sua composição ao seu funcionamento o que encontramos é amplamente diferente. Isso não se pode dizer quando a confrontamos com a perspectiva do homem em Galeno. Na verdade, mostraremos que o modelo de homem que pensou Descartes tem muito do que foi realizado por Galeno, isso fica claro tanto nas referências em que nossa autor cita o eminente médico antigo, como quando observamos suas próprias concepções de homem. Já em Galeno temos uma interpretação do corpo do homem como uma espécie de equipamento útil à alma. Galeno escreve sobre a utilidade de todas as partes do corpo e como este está sob a dependência da alma. Pois o corpo é um instrumento da alma. Tais equipamentos seriam os meios utilizados pelo homem para sua própria vida, ou mais precisamente os membros e órgãos do corpo que o permitem viver graças ao bom funcionamento desses. Ainda que de modo bastante elementar, Galeno antecipa o que de mais importante se demonstra na fisiologia cartesiana: a mecanização do corpo como fundamental tanto para permitir a vida do homem, quanto para explicá-la de modo natural e não teleológico. Por isso Descartes, que era conhecedor da obra de Galeno, apresenta a comparação a uma máquina ou estátua como a melhor forma de representar o que é o corpo. Ou seja, é preciso simplificar o corpo, daí sua necessidade de separação da alma nesse momento, fazendo isso através



de uma comparação do corpo a um objeto mais simples de se entender, como uma máquina ou estátua. Já é possível observar aqui o delineamento do método, que será exposto posteriormente no Discurso sobre o Método. Esse trabalho pretende então refletir sobre as proximidades e distanciamentos da perspectiva do homem-máquina na obra de Galeno e Descartes.

### Palavras-Chave

Mecanicismo. Galeno. Descartes.



## PERCEPÇÃO E IDEIA EM DESCARTES

João Gabriel Da Veiga De Noce

joaodenoce@gmail.com

### Resumo

Há uma célebre apresentação na Terceira meditação em que Descartes distingue os pensamentos em três. O texto distingue-os, no entanto, em duas etapas. Primeiro Descartes separa os pensamentos em dois: (I) as ideias e (II) “outros [que], em verdade, possuem, além disso, certas formas”. Em seguida, a partir do II, ele faz mais uma distinção que estabelece que: uns são (A) vontades ou [sive] afetos e outros (B) juízos. Essa apresentação está subordinada, nesta altura do texto, à descoberta de em qual tipo de pensamento pode-se se encontrar o erro. Descartes também, ao perseguir o mesmo objetivo (encontrar em qual dos modos de pensar está o erro), propõe, nos Princípios da filosofia, uma distinção entre os tipos de pensamentos. Desta vez, a estrutura do texto é mais direta, Descartes diz que há dois tipos de pensamentos: percepções e vontades; e atribui algumas maneiras de pensar a elas. Portanto, a percepção é o gênero para o ato de sentir, de imaginar, de inteligir puramente e a vontade para ato de desejar de ter aversão, de afirmar, de negar, de duvidar. Nos dois casos, o que se segue é o mesmo: é somente nos juízos que se encontra o erro. Mas a diferença de apresentação é notável. Em primeiro lugar, pode-se perguntar pela total ausência da palavra “ideia” na distinção estabelecida nos Princípios. Em seu lugar, há a “percepção” que, pelo menos, no que concerne à contraposição à vontade e ao juízo desempenha o mesmo papel, isto é, aquilo sobre o que se julga ou aquilo que se quer, em oposição ao próprio ato de julgar e ao próprio ato de querer. Há, portanto, de se perguntar: ideias e percepções, em Descartes, se referem a uma mesma coisa? Apresentado desta maneira, tende-se a responder que sim. No entanto, há uma outra apresentação no texto dos Princípios que parece indicar que a ideia e a percepção desempenham um papel distinto para descobrir se determinada coisa é verdade. Descartes diz: “julga-se facilmente, pelo que se percebe nessa ideia, que Deus [...] é ou existe.” Há, daí, duas coisas distintas, uma é a ideia e outra é a percepção dessa ideia, é a partir da percepção da ideia e não da ideia propriamente dita que se julga que Deus existe. Sob esta perceptiva, pode-se dizer que ideia é aquilo de que se julga e a



percepção é a apreensão pela qual se julga. Tendo em mente essa tensão entre a o uso das expressões ideia e percepção, este trabalho busca estabelecer o que cada um desses termos significa realmente para Descartes.

### **Palavras-Chave**

Ideia. Percepção. Juízo.



## SABEDORIA E DIREÇÃO ESPIRITUAL FILOSÓFICA EM DESCARTES

Evaldo Silva Pereira Sampaio  
[evaldosampaio@ufc.br](mailto:evaldosampaio@ufc.br)

### Resumo

Há certo consenso de que a filosofia moderna se inicia ou advém com Descartes. Mesmo aqueles que contestam tal juízo por vezes se justificam por referência a um ou outro pensador que teria antecipado teses cartesianas como a da substancialidade do ego, a da existência de Deus ou do dualismo entre a mente e o corpo. Assim, a doutrina cartesiana vem sendo retomada, positiva ou criticamente, pelo que nos diz quanto à natureza da realidade ou do conhecimento. Isso sugere um acordo subjacente dos leitores especializados quanto ao que seria a filosofia e, por conseguinte, o cartesianismo, a saber: um discurso teórico. Nada mais compreensível na conjuntura atual em que consideramos que a formação rigorosa do filósofo consiste exclusivamente em apreender e comentar os sistemas ou problemas reconhecidos como “filosóficos”. Todavia, seria esta também a compreensão que Descartes teria acerca da filosofia? Na carta-prefácio aos *Princípios de Filosofia*, ele nos diz que a Filosofia “significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se deve entender apenas a prudência nos negócios, mas um conhecimento perfeito de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta de sua vida como para a conservação da saúde e invenção de todas as artes”. Portanto, conhecer a liberdade da alma ou a existência de Deus não seriam apenas questões absconditas ou um exercício dialético, porém algo que influenciaria a nossa conduta de vida e a conservação da saúde. Como? A minha proposta nesta apresentação é discutir a noção de sabedoria em Descartes e como essa implica uma “atitude cartesiana” concomitante à sua doutrina. A partir da concepção da “Filosofia como um modo de vida” elaborada por Pierre Hadot – e desenvolvida por seus interlocutores –, pretendo propor que o cartesianismo é sobretudo uma “direção espiritual filosófica” a qual abrange necessariamente uma doutrina, mas que não se reduz a esta. Para tanto, seguindo a metodologia historiográfica de Hadot, pretendo analisar as “Meditações Metafísicas” como um “exercício espiritual” que adotou, por exemplo, o gênero textual dos “Exercitia” de Ignácio de Loyola visando não apenas nos apresentar argumentos sólidos quanto a problemas metafísicos, mas sim orientar quanto a como viver.

### Palavras-Chave

Filosofia Moderna. Direção espiritual. Descartes.



## SOBRE A PRECIPITAÇÃO E A PREVENÇÃO

César Augusto Battisti

[cesar.battisti@hotmail.com](mailto:cesar.battisti@hotmail.com)

### Resumo

Descartes afirma, no primeiro preceito metodológico da Segunda Parte do Discurso do Método, que devemos evitar a precipitação e a prevenção, duas das principais causas de nossos erros. O erro da precipitação parece se referir a tudo o que diz respeito a ações e julgamentos feitos antes de se ter chegado à evidência, isso é, antes que seja permitida a apreensão de algo de modo claro e distinto: trata-se efetivamente de precipitar-se, de um ato apressado no julgamento da verdade. O erro da prevenção, por sua vez, consiste em julgar a partir de fundamentos incorporados inadequada e injustificadamente, sem o crivo de uma análise cuidadosa: trata-se de julgar a partir de supostos fundamentos (os famosos prejuízos) recolhidos durante nossa vida, particularmente em nossa infância e pela educação. Conforme aponta Gilson, os remédios para tais erros são, respectivamente, a circunspeção e a dúvida metódica. A circunspeção diz respeito aos cuidados e exames adequados para nada afirmar antes da conquista da evidência. A dúvida permite se livrar dos pressupostos infundados e prejuízos provenientes basicamente da confusão entre alma e corpo e do testemunho dos sentidos. O objetivo da presente comunicação é examinar esse tema, avaliar a abrangência de cada uma dessas prescrições e examinar seu papel (aparentemente negativo) de dizer o que não se deve fazer ou o que se deve evitar fazer.

### Palavras-Chave

Descartes. Método. Evidência.



## SUBSTÂNCIA, NATUREZA E UNIDADE DE COMPOSIÇÃO EM DESCARTES

Mariana De Almeida Campos  
[marianacampos1@gmail.com](mailto:marianacampos1@gmail.com)

### Resumo

Na primeira parte da minha apresentação, eu vou examinar algumas definições de substância que Descartes oferece em sua obra com o objetivo de discutir a questão sobre se os humanos são substâncias. Também estará no horizonte dessa discussão a questão sobre se os corpos particulares e, como consequência, os animais, são substâncias ou modos de uma única substância corpórea. Na segunda parte, eu vou examinar o conceito de natureza e na terceira e última parte o conceito de unidade de composição. A tese que eu pretendo sustentar é a de que embora, em Descartes, os humanos e os animais sejam dotados de naturezas particulares, livremente estabelecidas por Deus, eles não podem ser considerados substâncias cartesianas. Essa tese torna possível desvincular o conceito de substância dos conceitos de natureza e de unidade de composição em Descartes, na medida em que coisas que não são substâncias podem formar unidades de composição e serem dotadas de naturezas. Obviamente a natureza dos animais, no contexto da ontologia cartesiana, precisa ser pensada em termos puramente materiais e mecânicos, ou seja, como uma natureza realmente distinta da natureza humana, mas ainda assim, como argumentarei, o reconhecimento por parte de Descartes de uma natureza nos animais é suficiente para que seja possível diferenciar, em seu sistema filosófico, unidades de organismos (isto é, de animais e humanos), que possuem naturezas, de unidades de máquinas (isto é, de relógios e de órgãos de igrejas, por exemplo), que são desprovidas de naturezas.

### Palavras-Chave

Substância. Natureza. Unidade.





## UNIÃO SUBSTANCIAL E CONHECIMENTO POR SIGNOS EM DESCARTES

Lucca Gadelha Greco  
[luccagreco@gmail.com](mailto:luccagreco@gmail.com)

### Resumo

De acordo com uma interpretação corrente ao menos desde Gilbert Ryle, a doutrina cartesiana está fundada sobre um dogma teórico que ela lega por razões históricas à filosofia da mente e às neurociências. A operação pela qual Descartes cindiria o homem em uma alma cuja essência é o pensamento e um corpo mecânico inapto a pensar repercutiria imediatamente como dificuldade em explicar a causação mental. Seria assim devido à maneira rígida com que Descartes separaria a mente do corpo a nível ontológico, as causas mentais de movimentos corpóreos permanecendo um mistério. Tal versão do dualismo cartesiano se mostra ainda hoje influente em autores de tradições diversas, a exemplo de António Damásio e Noam Chomsky, os quais vêm além disso radicalizá-la: dado que a alma racional só pensaria separada do corpo, a percepção sensível seria uma fonte inferior ou mesmo impossível de conhecimento. Sucede, porém, que a leitura em pauta parece desconsiderar uma porção valiosa do sistema cartesiano concernente à união substancial da mente com o corpo. Embora não resolva o problema da causação mental, sua própria postulação desafia a veracidade de um dualismo estrito e de um menosprezo epistemológico do sensível em Descartes. Nesse sentido, este trabalho sugere que a centralidade da união mente-corpo na filosofia cartesiana pode ser demonstrada pelo problema do conhecimento por signos em *Le Monde* e *La Dioptrique*. Pretende-se primeiro discutir se e de que modo o método cartesiano prevê a obtenção de conhecimento científico pela coisa sensível, uma vez que também lhe reserva críticas notáveis. Um exame do método em sua completude leva em seguida à compreensão da cadeia cognitiva pela qual Descartes advogará ser a alma a sentir, e não o corpo. A descrição plena dos poderes cognitivos segundo a psicologia cartesiana deve encontrar na união da mente com o corpo o fundamento para que a alma racional conceba os objetos externos por meio de impressões a eles correspondentes. E é apenas introduzindo o domínio daquela união que se concebe enfim como os homens têm consciência dos signos e fazem uso deles para comunicar seus pensamentos. Espera-se com isso explicitar a concepção do



homem enquanto união substancial em Descartes, contrariamente à usual imagem do “fantasma na máquina”, e atestar a importância da percepção sensível para sua epistemologia.

### Palavras-Chave

Dualismo cartesiano. União substancial. Signos.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ÉTICA



## A APARÊNCIA DA VIRTUDE

Rafael Graebin Vogelmann

[rafael.vog@gmail.com](mailto:rafael.vog@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho pretendo defender uma forma de sentimentalismo sobre juízos de virtude e vício. Meu argumento será baseado em uma forma de sentimentalismo segundo a qual (i) nossas respostas afetivas são aparências de valor; (ii) aparências de valor são melhor compreendidas como percepções de certas affordances como relevantes para o agente (e, portanto, como destituídas de conteúdo conceitual); (iii) percepções de affordances como relevantes apresentam seu objeto como tendo um significado prático particular para o agente e (iv) conceitos avaliativos são ferramentas para atribuir conceitualmente esse mesmo significado a objetos, pessoas ou eventos. Por exemplo, o medo consiste em perceber certas affordances do objeto da emoção (tal como a affordance de fuga, evitação, etc) como relevantes. Quando o agente percebe essas affordances como relevantes, o objeto lhe aparece como tendo um significado particular: ele aparece como algo a ser evitado, como comandando fuga, etc. O conceito avaliativo de “perigoso” serve para capturar conceitualmente esse significado e atribuí-lo a objetos. Meu objetivo é atribuir esse mesmo esquema sentimentalista a juízos de virtude e vício. Segundo essa proposta, se virtude e vício são conceitos avaliativos significativos para certo agente, então devem corresponder a uma distinção significativa que o agente traça e que lhe aparece na forma de percepções de affordances. Sustento que a distinção entre virtude e vício é uma distinção entre traços de caráter que apreciamos em nós e nos nossos pares e que vícios são traços que repudiamos. Argumento que essa é uma distinção prática que somente um ser confrontado com a tarefa de selecionar parceiros para cooperação traçaria. O ponto da distinção é discriminar entre agentes melhores e piores. E essa distinção só é relevante para um agente que precisa regular sua relação com pares. Sugiro que para esse agente, certos traços de caráter ou padrões de comportamento aparecem como propiciando respostas afiliativas. Outros aparecem como propiciando resposta antissociais. A percepção dessas affordances apresenta o traço de caráter em jogo como uma virtude ou um vício, respectivamente. A reação afetiva que consiste na percepção de um



affordance afiliativa como relevante é, portanto, uma aparência de virtude. Essa reação apresenta seu objeto como tendo um significado particular (como um candidato para associação). E juízos de virtude atribuem conceitualmente esse mesmo significado a seu objeto.

### **Palavras-Chave**

Sentimentalismo. Virtude. Affordances.



## A COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO EU-TU: UM CAMINHO AO RECONHECIMENTO DA DIGNIDADE DA PESSOA

Gabriel Sousa Suzart  
[gabrielss.suzart@gmail.com](mailto:gabrielss.suzart@gmail.com)

### Resumo

A comunicação, como um caminho para o reconhecimento da dignidade humana universal, transcende a mera troca de informações; é uma interação crucial para o desenvolvimento pessoal e humano. Segundo Emmanuel Mounier, ela constitui a base da experiência humana na comunidade, envolvendo empatia, compartilhamento de alegrias e dores, generosidade e fidelidade para com o próximo. Essa interação possibilita a compreensão da singularidade alheia, integrando indivíduos nas dimensões existenciais e incentivando uma postura de abertura ao mundo exterior. Destaca-se, portanto, a importância de promover a comunicação cotidiana, cultivando a escuta ativa, expressão e reflexão para nutrir o respeito mútuo. Tal comportamento, além de impulsionar o avanço em diversas esferas sociais, como política e educação, também contrapõe os malefícios da ausência ou indiferença comunicativa, que propiciam preconceitos, racismo e desvalorização de grupos étnicos e individuais. Neste sentido, sob a perspectiva de Dussel, qualquer inclinação a uma suposta superioridade acaba por despojar o outro de sua relevância e dignidade, ou até excluindo a existência do outro. Contudo, a concepção de Martin Buber sobre a interação Eu-Tu oferece um contraponto ao realçar encontros autênticos embasados no reconhecimento mútuo, sem separação entre sujeito e objeto, isso porque ambos os participantes se envolvem em um diálogo de presença e reciprocidade, reconhecendo a unicidade e individualidade um do outro. Esse diálogo de presença e reciprocidade promove conexões autênticas e enriquecedoras, essenciais para uma existência plena e genuína. Diante disso, esta pesquisa sustenta a necessidade de uma abordagem comunicativa que permeie todas as relações, transcendendo diferenças étnico-raciais, de gênero e outras, visando evitar qualquer perspectiva que encubra ou exclua o outro, reconhecendo real e existencialmente a dignidade da pessoa em todo ser humano, com o intuito de promover o desenvolvimento social e humanitário na atualidade. Ademais, quer-se mostrar que a comunicação, como dimensão intrínseca ao ser humano, contribui para a complementação das relações Eu-Tu, reconhecendo a dignidade daqueles com os quais o Eu se encontra, independentemente das diferenças.

### Palavras-Chave

Comunicação. Eu-Tu. Dignidade da Pessoa.



## A JUSTIFICAÇÃO CONJUNTA DA EUTANÁSIA VOLUNTÁRIA: AUTONOMIA E BEM-ESTAR

André Luiz Lima Cardoso  
[andrell.cardoso96@gmail.com](mailto:andrell.cardoso96@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação buscarei discutir a principal via de defesa da Eutanásia Voluntária, a saber, a justificação conjunta a partir do Respeito à Autonomia e Promoção do Bem-estar. Nossa discussão se dará em dois momentos principais. No primeiro momento, discutirei as condições mínimas para que uma ação seja uma instância de eutanásia voluntária, o que nos permite distinguir o procedimento de outras práticas de cuidado no fim da vida. Três dessas condições dizem respeito ao procedimento em si mesmo, mais especificamente: 1) que o procedimento é efetuado através de uma intervenção médica ou pela suspensão de tratamentos (o que nos permite distinguir as formas ativas e passivas de eutanásia); 2) que o procedimento possui o objetivo de causar a morte do paciente (não sendo algo acidental ou meramente previsto); 3) que a intenção é de respeitar a autonomia do paciente e promover o seu bem-estar (fornecendo a racionalidade para realização da ação). Acerca da voluntariedade do procedimento, defendo que para que esse procedimento seja considerado como voluntário é preciso que o paciente seja capaz de fornecer seu consentimento de forma esclarecida e sem influências indevidas. No segundo momento da apresentação, discutirei acerca da principal justificação ética da eutanásia voluntária, abordando a chamada Justificação Conjunta da Eutanásia (Joint-view). Para essa abordagem, o respeito à autonomia e a busca pela promoção do bem-estar do paciente são as duas condições necessárias e suficientes para justificar o procedimento, mas que isoladamente são insuficientes para tal defesa. Ou seja, para a Abordagem Conjunta não é possível defender o procedimento de eutanásia somente pelo sofrimento do paciente, nem somente pela sua decisão autônoma em morrer, é preciso que ambas as razões estejam presentes. Buscarei então analisar como o respeito à autonomia e a promoção do bem-estar fornecem razões éticas para a realização da Eutanásia Voluntária e quais são os limites dessa abordagem para a discussão ética de outras formas de eutanásia. Abordarei então como a eutanásia não voluntária e a eutanásia justificada pelo Argumento da

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



Vida Completa, apresentam desafios para a Justificação Conjunta da Eutanásia. Busco assim propor um debate acerca da adequação e dos limites da Justificação Conjunta da eutanásia, de modo a contribuir para a discussão ética e política a respeito da morte medicamente assistida.

## Palavras-Chave

Eutanásia. Autonomia. Bem-estar.





## A TEORIA DAS MOTIVAÇÕES HUMEANA E O INTERNALISMO CONTEMPORÂNEO

Bruno Gonçalves Almeida

[bg.almeida26@gmail.com](mailto:bg.almeida26@gmail.com)

### Resumo

A teoria das motivações morais é um dos legados mais persistentes da filosofia de David Hume. De acordo com ela, os juízos morais são necessariamente motivadores e dizem respeito a algum desejo ou sentimento. Consequentemente, a moralidade é concebida como um sistema de imperativos hipotéticos: uma dada ação só é certa ou errada se contrariar ou endossar algum sentimento ou desejo. Desse modo, a razão possui um papel meramente instrumental na ética, sendo capaz apenas de calcular em que medida certos atos vão contribuir para alcançar determinados objetivos, mas incapaz de criticar ou redefinir os desejos que ditam esses objetivos. Na metaética contemporânea, a posição humeana marca uma divisão dentro do internalismo moral, i.e, a tese segundo a qual juízos morais necessariamente oferecem razões para agir. Alguns internalistas, como Bernard Williams e Philippa Foot, se aproximam da compreensão humeana de que apenas algum desejo do agente moral é capaz de explicar uma ação e que, portanto, razões para agir são, em última instância, sentimentais. Já outros, como Michael Smith e Thomas Nagel, divergem desse entendimento e buscam rejeitar a teoria das motivações humeana. Nagel, por exemplo, considera que apenas desejos somados a crenças sobre meios e fins não oferecem uma estrutura satisfatória para a explicação de ações em geral (não somente morais), enquanto Smith chama mais atenção para os conflitos entre a teoria das motivações humeana e juízos normativos. O objetivo desta apresentação é discutir se o internalismo contemporâneo pode ou não pode rejeitar a teoria das motivações humeana. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### Palavras-Chave

Hume. Metaética. Ética.



## ANIMALIDADE HUMANA E NATURALISMO REALISTA EM ALASDAIR MACINTYRE

Jose Elielton De Sousa  
[jose\\_elielton@yahoo.com.br](mailto:jose_elielton@yahoo.com.br)

### Resumo

O filósofo neoaristotélico, Alasdair MacIntyre, propõe, em *Dependent Rational Animals* (1999), uma ética das virtudes naturalista, ancorada na identidade animal do ser humano, juntamente com a vulnerabilidade e dependência às quais estamos submetidos, enquanto animais biologicamente constituídos. Ele reconhece que, ao usar o termo “bem” como referência direta ao florescimento dos membros de algumas espécies animal ou vegetal enquanto membros dessas espécies, está oferecendo uma interpretação naturalista do bem, mas não deixa claro com que tipo de naturalismo está comprometido, não fornecendo maiores explicações sobre o que entende por bem natural e nem apresentando detalhes acerca de como resolver essa questão da relação entre o bem e suas propriedades naturais. Assim, cabe-nos interrogar que tipo de naturalismo MacIntyre endossa. Seu naturalismo atende aos requisitos mínimos de uma proposta naturalista neoaristotélico atualizada? Essas são algumas das questões que analisaremos no decorrer desse texto.

### Palavras-Chave

MacIntyre. Animalidade Humana. Naturalismo.



## AS QUATRO DIMENSÕES DO BEM-ESTAR HUMANO

Marco Antonio Oliveira De Azevedo

[mazevedogtalk@gmail.com](mailto:mazevedogtalk@gmail.com)

### Resumo

Se há um objetivo incontestável na vida esse objetivo é “viver bem”. Todos querem viver bem. Mas em que consiste, afinal, uma vida boa (em contraste com uma vida ruim)? Esse é um dos temas clássicos da ética. Aristóteles iniciou sua *Ética Nicomacheia* dizendo que tudo o que planejamos ou fazemos visa a algum bem. E se não quisermos levar nosso pensamento ad infinitum, deve haver algum bem último a que tudo tende. Conhecer esse bem último deve ser o objetivo da maior das ciências. Esse bem último foi chamado pelos antigos de Eudaimonia, o que muitos traduziram por “felicidade”. Conforme Aristóteles, o que muitos entenderam por felicidade coincide com o que entendemos por “viver bem” e “agir bem”. Nesta comunicação, pretendo iniciar reavaliando as principais teorias, particularmente as contemporâneas, sobre em que consiste uma vida boa. Iniciarei com uma breve revisão das principais abordagens em filosofia sobre o “bem-estar” humano. O objetivo será, a seguir, encontrar qual é ou quais são os elementos fundamentais que caracterizam o que entendemos por bem-estar. A eventual distinção entre “bem-estar” e “felicidade” é um de meus focos de interesse. O que entendemos, afinal, por “bem-estar”? Seria o bem-estar um estado essencialmente “experencial”, ou seria o bem-estar um estado “objetivo”? Novas abordagens sobre o hedonismo defendem que o bem-estar humano é, em última instância, experencial (Crisp, Kraut). Contudo, as teorias do interesse mantêm-se plausíveis. Afinal, é possível dizer de alguém que ele está bem em razão da satisfação de interesses a ele atribuídos. Por exemplo, podemos dizer de uma criança que ela está bem por estar saudável, ainda que isso não lhe proporcione estados experienciais de enjoyment. E podemos, embora isso seja mais controverso, dizer de alguém em coma que está “melhorando”, ainda que ele não possa aperceber-se disso. De todo modo, algumas teorias associam a vida bem realizada como equivalente a uma vida em que os desejos da pessoa se encontram satisfeitos, o que pressupõe algo experencial (desejos), em diferença a interesses, que podem não ser experimentados. Não poderia ser o caso de que tanto hedonistas como teóricos do interesse estejam corretos, em

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



razão justamente de que o bem-estar humano não é redutível a um único aspecto? Em contraste com as chamadas teorias da “lista objetiva”, pretendo apresentar os elementos gerais de uma teoria abrangente que agregue tanto as vantagens do experiencialismo como do objetivismo sobre.

## Palavras-Chave

Bem-estar. Teorias do interesse. Hedonismo.



## COMO AS REDES SOCIAIS PROPICIAM A DISSEMINAÇÃO DE CRENÇAS CONSPIRATÓRIAS

Elizabete Cristina Echer  
[elizabetecristinaecher@gmail.com](mailto:elizabetecristinaecher@gmail.com)

### Resumo

Objetivo apresentar a análise de Sunstein e Vermeule (2008) para compreender a propagação e disseminação de teorias da conspiração dentro das redes sociais, com uma dimensão prática (ético-política). A análise de Sunstein e Vermeule sobre o assunto oferece uma perspectiva valiosa para entender os desafios ético-políticos associados a esse fenômeno. As redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação de teorias conspiratórias, criando um ambiente propício para sua proliferação. Como destacado por Sunstein e Vermeule (2008, p.1), essas teorias podem representar sérios riscos, incluindo a possibilidade de violência, e apresentam desafios significativos para políticas e leis. As transformações comunicativas das redes sociais permitiu que ideias, crenças e informações fossem compartilhadas em escala global. No entanto, esse mesmo espaço virtual se tornou um terreno fértil para a disseminação de teorias da conspiração. O engajamento inicial dos usuários das redes sociais é seguido pela classificação algorítmica do conteúdo e, se positivo, pela amplificação do alcance, criando bolhas informativas. Essas bolhas frequentemente expõem-os a conteúdos que reforçam suas crenças preexistentes, aumentando a probabilidade de aderência a teorias conspiratórias. Além disso, a natureza viral das redes sociais amplifica o alcance dessas crenças, alimentando um ciclo de desinformação e polarização da opinião pública. Os teóricos da conspiração confiam em fontes duvidosas, combinando altos níveis de confiança nessas fontes com a desconfiança nos esforços de desmascaramento feito pelos especialistas (CASSAN, 2016, p.163). Sunstein e Vermeule (2008, p. 3-13) identificam cinco fenômenos explicativos para a propagação das teorias conspiratórias, incluindo epistemologia aleijada, propensão a rumores e especulações, cascatas de conspiração, polarização de grupos e efeito de seleção. Em suma, as redes sociais têm um impacto na disseminação das crenças conspiratórias, representando um desafio significativo para a sociedade contemporânea. É crucial entender esses mecanismos para desenvolver estratégias eficazes de mitigação e enfrentamento desses fenômenos.

### Palavras-Chave

Teorias da conspiração. Redes sociais. Impacto.



## CONCEITOS ESPESSOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Marcos Antônio De Souza Lopes  
[m.antoniofet@gmail.com](mailto:m.antoniofet@gmail.com)

### Resumo

Conceitos avaliativos, normalmente, são distinguidos entre tênues (thin) e espessos (thick). Conceitos como bom, mau, certo, errado e dever são exemplos dos primeiros; ao passo que, coragem, justiça, egoísmo e crueldade exemplificam os segundos. Há um contraste intuitivo entre essas duas formas de conceitos avaliativos. Se, por um lado, os conceitos tênues são puramente avaliativos ou contêm pouco conteúdo descritivo, por outro, os conceitos espessos são mais ricos em conteúdo, uma vez que combinam, ao mesmo tempo, conteúdos avaliativo e descritivo. É justamente esta combinação que atraiu a atenção filosófica para os conceitos espessos na ética. Argumenta-se que eles poderiam ser decisivos em discussões sobre a natureza do pensamento e discursos avaliativos, para responder questões tais como se existe uma distinção robusta entre fatos e valores, se as afirmações éticas desfrutam de um tipo significativo de objetividade, bem como se as classificações avaliativas se relacionam com classificações não avaliativas. O presente trabalho propõe uma introdução aos aspectos centrais do debate atual acerca dos conceitos espessos, especificamente, no âmbito da ética. Recorrendo a Väyrynen (2013, 2016) e a Kirchin (2013, 2017), apontaremos e analisaremos três questões principais que têm orientado os debates, a saber: (i) a questão da combinação: como exatamente os conceitos espessos combinam avaliação e descrição? (ii) a questão da localização: a avaliação de alguma forma é inerente aos conceitos espessos, como talvez um aspecto de seu significado (propriedade semântica) ou ela é apenas uma característica de seu uso (aspecto pragmático)? (iii) a questão da delimitação: como os conceitos espessos diferem dos tênues e de outros tipos de conceitos avaliativos, tais como, as expressões pejorativas ou xingamentos? Concluimos brevemente que com relação à questão (i) o debate atual gerou duas posições distintas, a saber, Separabilistas e Inseparabilistas; com relação à questão (ii) o embate ocorre entre visões Semânticas e Pragmáticas e, finalmente, com relação à questão (iii) por um lado, há aqueles que defendem uma diferença de tipo e, por outro, os que defendem uma diferença de grau.

### Palavras-Chave

Conceitos espessos. Conceitos Tênues. Ética.



## CONTRA A IDEALIZAÇÃO DO DEBATE SOBRE A RESPONSABILIDADE MORAL

Beatriz Sorrentino Marques

[bsorrentinom@gmail.com](mailto:bsorrentinom@gmail.com)

### Resumo

A idealização do debate sobre a responsabilidade moral é um problema que gera assimetrias na responsabilização moral. Para des-idealizar esse debate filosófico, é importante dar ênfase às circunstâncias da ação, o que exige o afastamento da ênfase comumente dada na literatura aos estados mentais do agente. A mudança de foco permite dar lugar às circunstâncias expressas na descrição da ação e possibilita abordar a complexidade de casos em que a ação depende das estruturas sociais, contrastando com como tipicamente são tratadas as descrições de ações na literatura, que mesmo quando envolvem contextos sociais, mantém a discussão nos pormenores dos estados mentais do agente. A investigação de Anscombe sobre ações intencionais oferece uma abordagem que se afasta do paradigma centrado nos estados mentais do agente ao tratar da ação intencional como uma descrição que se encaixa em uma ordem teleológica e impõe exigências de coerência e inteligibilidade para a descrição da ação. Como a satisfação da exigência de coerência depende da inteligibilidade da descrição e de seu encaixe nessa ordem, que visa uma finalidade, a descrição precisa estar de acordo com as circunstâncias da vida humana, suas instituições, convenções e práticas. Não faria sentido, por exemplo, o agente rejeitar a descrição da ação “S firmou seu divórcio” afirmando que não firmou o divórcio e que apenas assinou um papel. Digamos que S é um adulto em poder de suas faculdades, que cresceu em nossa sociedade e trabalha como advogado, portanto, não faz sentido que ele descreva a ação como “apenas assinar um papel” e rejeite a descrição da mesma como “firmar seu divórcio”. É preciso aceitar que, dadas as circunstâncias na qual o papel foi assinado, num cartório, após um pedido de divórcio, num papel em que está escrito que as partes estão divorciadas, é preciso que S aceite que assinou tal papel para se divorciar. Se divorciar é, afinal, a finalidade da ação. Essa abordagem tem repercussões para a responsabilização moral e permite responsabilizar agentes que, segundo a abordagem do enfoque nos estados mentais, poderia evadir a responsabilização, como no caso do



dono de fábrica que paga pouco por trabalhos de alto risco, mas que considera que apenas “dá oportunidade a quem quer trabalhar”. Como a descrição da ação se encaixa numa ordenação que visa extrair o máximo de lucro com o mínimos de gastos, a descrição “explorar” também se encaixa e o agente pode ser responsabilizado por tal ação intencional.

### Palavras-Chave

Anscombe. Responsabilização. Descrições.





## CONTRIBUIÇÕES DA BIOÉTICA CLÍNICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO INTEGRAL DE FILOSOFIA DA MEDICINA

Darlei Dall Agnol  
[ddarlel@yahoo.com](mailto:ddarlel@yahoo.com)

### Resumo

A discussão atual sobre os fundamentos filosóficos da medicina, tanto epistêmicos quanto éticos, gira em torno de duas correntes principais: a Medicina Baseada em Evidências (MBE) e a Medicina Centrada no Paciente (MCP). A primeira guia-se pelos seguintes princípios: (i) as melhores evidências de pesquisas (best research evidence); (ii) o saber especializado dos profissionais da saúde (clinical expertise) e (iii) os valores do paciente (patient values). A Medicina Centrada no Paciente preconiza as seguintes normas básicas: (i) a necessidade de explorar a saúde, a doença e a experiência da enfermidade/mal-estar (exploring health, disease, and the illness experience); (ii) a consideração da pessoa como um todo (the whole person); (iii) a elaboração de um plano conjunto de manejo dos problemas (finding common ground) e (iv) o melhoramento da relação entre o paciente e o médico (enhancing the patient-doctor relationship)). Apesar de alguns filósofos sustentarem a incompatibilidade entre essas abordagens, é possível aproximá-las e mostrar a sua complementaridade. O objetivo do trabalho, por conseguinte, será mostrar os eventuais pontos incompatíveis entre as filosofias da medicina (de fato, a MBE parece usar um modelo biomédico reducionista e a MCP, o modelo biopsicossocial de pessoa), mas também argumentar pela convergência possível entre as duas abordagens. A contribuição do trabalho será, por conseguinte, propor o M.I.M. (Modelo Integral de Medicina) capaz de garantir a cientificidade do cuidado médico bem como o respeito à pessoa do paciente.

### Palavras-Chave

Bioética. Medicina. Cuidado respeitoso.



## DEUS E MORALIDADE: OS PROBLEMAS DA TEORIA DO COMANDO DIVINO

Bruno Dos Santos Queiroz  
araguaribrunosqueiroz@gmail.com

### Resumo

O objetivo deste resumo consiste em discutir os problemas da denominada Teoria do Comando Divino. De acordo com a chamada Teoria do Comando Divino, os mandamentos de Deus são a base da moralidade. Essa Teoria, no entanto, possui duas versões. De acordo com sua forma voluntarista, são os comandos livres de Deus que determinam o certo e o errado. Já de acordo com a versão modificada, os mandamentos, que decorrem da natureza divina, são o fundamento da ética. Embora tenha sido proposta como uma teoria para sustentar a objetividade da moral, a Teoria do Comando Divino acaba sendo uma forma de subjetivismo ético. De acordo com o objetivismo, a ética não depende do endosso de nenhum sujeito, grupo de indivíduos ou cultura. Já, para o subjetivismo, a verdade de um juízo ético se fundamenta naquilo que um sujeito, grupo de indivíduos ou sociedades determinam como certo e errado. Fundamentar a moralidade em Deus é basear a Ética no endosso moral de um sujeito, ainda que seja um sujeito de um tipo especial (Deus). A versão voluntarista da Teoria do Comando Divino torna a Ética arbitrária, já que Deus poderia ter escolhido que os valores morais fossem completamente diferentes do que são. Por outro lado, a versão modificada da teoria demandaria um critério pelo qual pudéssimos julgar que a natureza divina é um paradigma verdadeiramente exemplar da bondade. Para tanto, essa versão modificada teria que apelar para razões encontradas na própria natureza de Deus que servissem de fundamento para ética. Contudo, ao dar esse passo, seria preciso admitir que são essas razões e não a natureza de Deus em si, o verdadeiro fundamento da moral. Se esse é o caso, a própria Teoria do Comando Divino é substituída por uma Ética baseada em razões. Uma Ética desse tipo tem seu fundamento no bom uso da razão. Assim como usamos a racionalidade para aprender verdades matemáticas e lógicas, utilizamos nossa razão para encontrar verdades morais. Achar que o certo e o errado dependem dos comandos de Deus seria semelhante a pensar que a soma de dois mais dois resulta quatro só é verdade porque Deus assim determinou. A Ética precisa ser pensada como uma disciplina objetiva da razão prática, não uma questão de mandamentos divinos.

### Palavras-Chave

Deus. Teoria do Comando Divino. Moralidade.



## DIAMANTES SÃO OS MELHORES AMIGOS DO AGENTE MORAL

Eduardo Vicentini De Medeiros  
[eduardo.vicentini-medeiros@ufsm.br](mailto:eduardo.vicentini-medeiros@ufsm.br)

### Resumo

A compreensão adequada do funcionamento do pensamento futuro episódico e do pensamento contrafactual é parte fundamental para a explicação dos mecanismos de cognição moral e, portanto, parte essencial para a explicação da agência moral em animais humanos. Seja na direção do futuro, seja na direção do passado, o processamento de cenários possíveis de cursos de ação é parte integral da nossa agência com base em valores e preferências. Considerando este pano de fundo integrativo, faremos uma aproximação programática entre aspectos centrais da teoria disposicional do valor (Lewis, 1989) e resultados experimentais sobre a inter-relação entre cognição moral e cognição modal (Phillips J., Luguri J., Knobe, J. 2015; Phillips, J. & Knobe, J. F., 2018).

### Palavras-Chave

Cognição Moral. Cognição Modal. Agência Moral.



## DOXASTIC WRONGING AS HARMFUL RISK IMPOSITION

Vitor Sommovilla De Souza Barros

[vitorsommavilla@gmail.com](mailto:vitorsommavilla@gmail.com)

### Resumo

I offer an account of how merely believing certain things about others is capable of wronging them. The account locates the wronging feature neither in upstream factors (e.g., how the belief was formed or what is the nature of the evidence it relies on), nor in downstream factors pertaining to acts performed on the basis of the wronging belief. I criticize other views that also locate the wrongness in the belief itself and defend the idea that beliefs may wrong because they predispose their bearers to certain kinds of behavior. By believing certain things, we impose risk on others and, for that imposition, we need a justification. I argue that risk imposition without due justification amounts to harming the party under risk. I then go on to explain that doxastic wronging is a case of unjustified risk imposition that occurs when the believer forms and holds a belief in a moral high-stakes situation without enough evidential support. Beyond the main project outlined above, if there is time I also intend to briefly address related issues, such as the possibility of moral encroachment on the rationality of beliefs and the role of (epistemic) virtues in accounting for the purported wrongness of forming and holding certain beliefs about others.

### Palavras-Chave

Ethics of belief. Risk imposition. Moral stakes.



## ÉTICA E ABORTO TARDIO

Alcino Eduardo Bonella

[abonella@gmail.com](mailto:abonella@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação trata do aborto após 20 semanas nos casos permitidos pelo direito brasileiro, quais sejam, gestação com risco de morte para a mulher, fruto de estupro ou de feto com anencefalia. Exceto em dois aspectos fundamentais, o de que não há limite de tempo gestacional nem necessidade de autorização judicial formal para exercer tal direito legal nestes casos peculiares, a reflexão será predominantemente ética, articulando fatos, conceitos, intuições valorativas e prescrições em torno do problema específico do aborto tardio nestas circunstâncias. Há uma perspectiva que chamarei de sensientista perpassando a comunicação. Ela acaba por ser a adotada para a reflexão e suas conclusões prescritivas, mas em parte isso é o caso porque ela é a melhor perspectiva conhecida, se queremos uma análise a avaliação filosófica e bioética sistemática e profunda. Como direi abaixo, há um consenso mais sólido em prol do aborto no início da gestação, que chamaremos de aborto precoce. Mas há menos consenso no caso do aborto tardio.

### Palavras-Chave

Bioética. Fetos. Aborto tardio.



## MAGNITUDE DO DANO DA MORTE CONSIDERANDO O PRIORITARISMO

Aloísio Guimarães Ribeiro

[aloisio044@gmail.com](mailto:aloisio044@gmail.com)

### Resumo

Uma intuição compartilhada por grande parte das pessoas, é que morrer aos 10 anos, com os 10 anos bem vividos, é, normalmente, pior do que morrer aos 80 anos, com os 80 anos bem vividos. É possível explicar o porquê disso de, pelo menos, duas formas. Apelando para o futuro: morrendo aos 10 anos, a quantidade de bem-estar que teríamos caso não tivéssemos morrido é, provavelmente, maior do que se morremos aos 80. A outra apela ao passado: se morremos aos 10, teremos um maior prejuízo porque desfrutamos menos até agora (CUNHA L. C, 2022). A primeira forma, que apela ao futuro, é a influente abordagem do dano da morte como um dano de privação, onde a morte é um dano para um indivíduo pois priva-o de um bem-estar que teria caso não tivesse morrido. A segunda forma, pode ser sustentada pelo prioritarismo, a visão prioritária diz que é mais importante beneficiar um indivíduo, quanto pior for a situação desse indivíduo (PARFIT D, 1991), desse modo, quanto menos bem-estar teve um indivíduo, mais prioridade devemos dar a tal indivíduo. Assim, considerando tais abordagens, para considerar o dano da morte é necessário, considerar dois fatores: (i) o bem-estar passado e (ii) o bem-estar futuro (que o indivíduo teria caso não tivesse morrido). Em alguns casos, considerar esses dois fatores em conjunto é fácil. Caso dois indivíduos tenha o mesmo bem-estar passado, o indivíduo que teria mais bem-estar futuro terá um maior dano da morte; caso dois indivíduos fosse ter o mesmo bem-estar futuro, o indivíduo que teve mais bem-estar passado, vai sofrer um dano menor com a morte; e caso um indivíduo fosse ter mais bem-estar futuro e menos bem-estar passado que outro indivíduo, o primeiro terá maior dano com a morte. Contudo, alguns casos são mais complicados. Imaginemos uma criança que viveu até agora 10 anos (com bem-estar), mas só teria mais 10 anos pela frente, e uma pessoa idosa que viveu 70 anos (com bem-estar) e ainda teria mais 15 anos pela frente. Nesse cenário, caso consideramos apenas o bem-estar futuro a pessoa idosa teria um maior dano, contudo, considerando apenas o bem-estar passado, a criança teria maior dano. Minha



apresentação visa dar algumas alternativas a problemas desse tipo, a partir de fórmulas que poderia calcular a magnitude do dano da morte, levando em conta a abordagem do dano da morte como dano de privação e o prioritarismo. Além disso, visto mostrar implicações de cada fórmula, mostrando algumas consequências de escolher alguma fórmula específica.

### **Palavras-Chave**

Dano da morte. Prioritarismo. Magnitude.



## MUDANÇAS CLIMÁTICAS E O PAPEL DAS VIRTUDES

Denis Coitinho Silveira

[deniscoitinhosilveira@gmail.com](mailto:deniscoitinhosilveira@gmail.com)

### Resumo

O objetivo central desta apresentação é refletir sobre a responsabilidade moral individual com a crise ambiental atual, propondo certas virtudes ecológicas para lidar com esse problema. Para tal fim, inicio defendendo a ética das virtudes como uma abordagem superior aos modelos éticos utilitarista e deontológico para o tratamento das questões ambientais. Após, exploro a pertinência de contarmos com certas virtudes ecológicas privadas para o enfrentamento do problema, tais como benevolência, humildade e, especialmente, frugalidade. Na sequência, investigo a necessidade de contarmos com certas virtudes ecológicas públicas, tais como sustentabilidade e justiça, a fim de identificarmos políticas públicas eficientes nesse contexto. Por fim, aponto para os limites da ética das virtudes, que, em geral, se baseia em uma teleologia robusta que fundamenta as virtudes na ideia da vida boa/racional, e isto não parece adequado à pluralidade contemporânea. Para tratar dessa limitação, proponho um procedimento contratualista para a escolha das virtudes que estaria de acordo com a diversidade.

### Palavras-Chave

Mudanças climáticas. Ética das virtudes. Contrato.





## NÃO CONCORDAM E NEM DISCORDAM, MUITO PELO CONTRÁRIO: EXPLORANDO OS LIMITES DA TERRA GÊMEA MORAL

Ísis Esteves Ruffo

[isis.ruffo@gmail.com](mailto:isis.ruffo@gmail.com)

### Resumo

O realismo moral naturalista combina as teses de que existem valores morais objetivos e que estes valores dependem de propriedades naturais relacionadas ao bem-estar e florescimento humano. Há uma importante objeção às posturas realistas e naturalistas que pode ser sintetizada no chamado argumento da terra-gêmea moral. O argumento, que é um experimento mental envolvendo mundos possíveis, propõe que em uma terra-gêmea, é possível que seus habitantes adotem um sistema moral superficialmente similar ao sistema atual, mas cujos usos de propriedades morais se relacionam a um conjunto de propriedades naturais distinto daquele que ocorre no mundo atual. Neste cenário, é possível que eventos muito similares nestes dois mundos tenham valor moral distinto. Todavia, como o código moral dos habitantes-gêmeos depende de propriedades naturais distintas, não é possível haver acordo ou desacordo moral genuíno entre as práticas morais atuais e da terra-gêmea, porque os grupos não estão se referindo às mesmas propriedades das coisas. Esta possibilidade, todavia, não acomoda a intuição de que existe ou desacordo ou acordo moral genuíno quando uma pessoa afirma e outra nega, ou quando ambas afirmam o mesmo sobre o valor moral de um mesmo tipo de evento. Da forma como apresentado, o argumento da terra-gêmea moral pode ser um desafio para as posturas realistas, porque a variação de códigos morais pode ser uma razão para negar a objetividade dos valores morais, ou sua relação com propriedades naturais. Todavia, há dois caminhos para lidar com a objeção da terra-gêmea moral que podem ser adotados pelo realismo naturalista. No primeiro caso, assumindo que propriedades morais são identificadas a um conjunto de propriedades naturais, a terra-gêmea moral, conforme apresentada, seria uma impossibilidade metafísica, porque qualquer realização natural possível de propriedades morais está, necessariamente, incluída no conjunto que é idêntico à propriedade moral. No segundo caso, é possível defender que propriedades morais não são idênticas a um conjunto específico de propriedades naturais, mas compostas

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



por propriedades naturais. Neste caso, o argumento da terra-gêmea seria ineficaz contra o realismo naturalista, porque a despeito das bases naturais, é possível que os habitantes da terra e da terra-gêmea estejam falando sobre as mesmas propriedades morais que são multiplamente realizadas.

## Palavras-Chave

Terra Gêmea Moral. Realismo. Naturalismo.



## O ARGUMENTO DESMANTELADOR EVOLUCIONISTA DE SHARON STREET E O PROBLEMA BENACERRAF-FIELD

Mariana Marques Burkle  
[mariana.burkle@hotmail.com](mailto:mariana.burkle@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho objetiva investigar uma possível similaridade teórica do Argumento Desmantelador Evolucionista (EDA) de Sharon Street com o problema Benacerraf-Field (1973, 1989). O EDA de Sharon Street (2006) é comumente aceito como um argumento cético a posteriori, ou seja, um argumento que tem como ponto de partida informações oriundas da ciência, especialmente da biologia e da psicologia. Em linhas gerais, O EDA de Street afirma que, a partir da concepção de que a seleção natural moldou o conteúdo dos nossos juízos morais (fundamentação naturalista), podemos inferir que propriedades morais independentes da mente (como afirmado por teorias realistas metaéticas) não podem ter influenciado este processo. O EDA de Street conclui, a partir da teoria da seleção natural, que os juízos morais não podem ser explicados conforme as teorias realistas (a saber, independentes da mente, universais, causalmente inertes, etc.). Logo, o argumento de Street é utilizado em defesa de teorias antirrealistas acerca da moralidade, visto que, supostamente, este argumento inviabilizaria as teorias realistas do valor moral. Contudo, seguiremos Klenk (2017), que afirma que a fundamentação empírica do argumento de Street é dispensável. Para Klenk, o ponto central do argumento de Street é o problema da confiabilidade do conhecimento de propriedades morais construídas conforme as teorias realistas. Se o problema central do EDA de Street é a confiabilidade do conhecimento de propriedades causalmente inertes, independentes da mente, etc., como ressalta Klenk (2017), então mostraremos que este problema já foi lançado anteriormente, no âmbito da matemática, conhecido como problema Benacerraf-Field (1973, 1989). Em linhas gerais, o problema Benacerraf-Field aponta que, devido à natureza das propriedades matemáticas quando construídas de maneira realista, não é possível explicar a confiabilidade das crenças matemáticas. Um tipo de ceticismo oriundo da natureza das propriedades explicadas de maneira realista é instaurado, da mesma maneira que foi realizado por Sharon Street. Assim, concluiremos que o âmbito



da moralidade, aparentemente, possui grandes similaridades com o âmbito da matemática. Por esta razão, mostraremos que o ceticismo moral local buscado por Street, na verdade é um tipo de ceticismo radical muito mais comprometedor do que pensado pela autora.

### **Palavras-Chave**

Evolução. Realismo. Ceticismo.



## O ATO DE REIVINDICAR – UMA INTERPRETAÇÃO HOHFELDIANA

Daniel Simao Nascimento

[danielsimaonascimento@gmail.com](mailto:danielsimaonascimento@gmail.com)

### Resumo

O trabalho procura analisar a diferença entre o que se convencionou chamar de “deveres simpliciter” e “deveres direcionados”. Um dever simpliciter, tal como ele será entendido aqui, é um dever cujas instâncias podem ser expressas na forma: “X tem o dever de fazer F”. Um dever direcionado, por outro lado, é um dever que é devido a alguém. As instâncias de deveres direcionados podem ser expressas na forma: “X tem um dever para com Y de fazer F”. Segundo a interpretação que será proposta aqui, dizer que deveres direcionados são devidos a alguém é dizer que (1) aquele a quem o dever é devido possui algo que é chamado de “reivindicação” sobre esse dever; (2) essa reivindicação está correlacionada com esse dever, podendo essa relação de correlação ser expressa na forma: [a] se X tem um dever de fazer F para com Y, então Y tem uma reivindicação de que X faça F e [b] se Y tem uma reivindicação de que X faça F, então X tem um dever para com Y de fazer F; e (3) que aquele que possui a reivindicação possui, em virtude dessa posse, a posição necessária para reivindicar a performance do dever que lhe é devido. Após considerar algumas objeções a essa interpretação que poderiam ser construídas com base nas obras de Hans Kelsen e Alf Ross, o trabalho se concentrará no desenvolvimento de teses apresentadas por Carl Wellman, Joel Feinberg e Margaret Gilbert para defender a interpretação aqui proposta e propor uma interpretação da racionalidade por trás do ato de reivindicar, das condições em que devemos dizer que reivindicações são justificadas, podem e/ou devem ser retraídas, etc. A discussão será precedida por uma breve apresentação do aparato hohfeldiano de descrição dos direitos individuais, que é o pano de fundo pressuposto pelos principais teóricos que participam até hoje dessa discussão.

### Palavras-Chave

Hohfeld. Dever. Direito. Direcionalidade.



## O CUIDADO RESPONSÁVEL COMO FUNDAMENTO DA MORAL NA ÉTICA FEMINISTA DE CAROL GILLIGAN

Danielly Maia De Queiroz  
[daniellymaia@yahoo.com.br](mailto:daniellymaia@yahoo.com.br)

Viviane Magalhães Pereira  
[viviane.pereira@uece.br](mailto:viviane.pereira@uece.br)

### Resumo

A teoria ética feminista elaborada pela filósofa e psicóloga Carol Gilligan (1936-) assume o “cuidado responsável” como fundamento da moral, compreendido como um princípio que norteia o julgamento moral, potencialmente universalizável por condenar o “ato de explorar e ferir” (GILLIGAN, 2021, p.144). Enfrentando a tradição de pensamento que tem as noções de “dever” e “autonomia” como noções-chave, que se desdobra na concepção ética da justiça, a ética do cuidado de Gilligan assume as noções de “responsabilidade” e de “interdependência”, que se desdobra na concepção ética do cuidado. Ao apresentar a noção de “cuidado” de Gilligan como fundamento da moral, Pereira (2020, p.10) sintetiza que se trata de “uma escolha responsável que não destrói a possibilidade de autoafirmação. Isso significa que Gilligan não desconsidera os ganhos oportunistizados pela ética da justiça, reconhecendo o cuidado como uma noção complementar à noção de autonomia, ou melhor, que abre a possibilidade de defesa de uma “autonomia relacional”. Desse modo, reconhece-se que em sua obra “Uma voz diferente”, Gilligan (2021) desenvolve uma complexa sequência de desenvolvimento moral, que possibilita “esclarecer” a processualidade das perspectivas morais que levam em consideração o contexto, as relações intersubjetivas entre os seres humanos e as emoções e sentimentos morais. Ademais, Gilligan busca “fundamentar” a moralidade em uma “práxis humana determinada”, considerando que se trata não apenas de uma fundamentação legítima, mas igualmente mais ampla, inclusiva e justa. Seu interesse pela “interação de experiência e pensamento” e seu método de escuta das “vozes diferentes” tanto oportunizou a denúncia de teorias androcêntricas, quanto o anúncio de uma nova concepção ética que reconhece a vulnerabilidade humana e a dependência dos vínculos intersubjetivos, bem como reivindica a corresponsabilidade pelas atividades de cuidado desprovidas de egoísmo ou de autossacrifício.

### Palavras-Chave

Ética feminista. Cuidado. Responsabilidade.



## O INFERENCIALISMO NA METAÉTICA: O DESAFIO DA CENSURA E DA RESPONSABILIDADE

Rogério Antonio Picoli  
[rogerpicoli@ufsj.edu.br](mailto:rogerpicoli@ufsj.edu.br)

### Resumo

Neste trabalho, apresento e analiso três tentativas de se estender para o domínio da metaética o inferencialismo de Robert Brandom. O inferencialismo sustenta que o significado de uma asserção é governado por regras inferenciais que, implicitamente, a asserção autoriza ou demanda dos envolvidos. Envolver-se com a linguagem é fazer parte de “um jogo de oferecer e demandar razões” inferencialmente articuladas; isso significa, ser capaz de apresentar outras sentenças que possam servir como razões para a asserção. Nesse sentido, o uso da linguagem permite-nos prever sentenças que implicam outras sentenças. Do mesmo modo, a linguagem permite-nos prever sentenças que são incompatíveis, o que nos autoriza a desafiá-las e a demandar razões dos nossos interlocutores. Para Brandom, tal jogo envolve o inter-monitoramento e atualização contínuos do status e das funções dos participantes no “jogo de oferecer e demandar razões”. Assim, estar no jogo inclui: compromissos, de defender ou de aceitar; direitos, de desafiar e de demandar razões; obrigações, de responder e de fornecer justificativas; bem como, responsabilidades, de manter a coerência, de monitorar e ajustar as respostas e de retificar a posição à luz de evidências. Para o inferencialismo, o significado depende apenas das relações inferenciais que os enunciados mantêm entre si em virtude das regras que governam a prática discursiva. A abordagem torna-se atraente na metaética porque é, por um lado, antirrepresentacionista e, por outro, não mentalista, ou não dependente de estados mentais, como o expressivismo. Assim, o inferencialismo oferece a possibilidade de se contornar tanto o desafio de explicar o significado em termos de uma relação entre linguagem e mundo quanto em termos de estados mentais. Neste trabalho, examino e aponto os limites de três tentativas de se estender o inferencialismo para a metaética: o inferencialismo normativo moral de Joroslav Peregrin; o expressivismo normativo de Matthew Chrisman e o realismo (naturalista) moderado de Christine Tiefensee. O meu argumento é que nenhuma das três tentativas são satisfatórias para lidar com a complexidade da relação entre censura moral (moral blame) e responsabilidade.

### Palavras-Chave

Inferencialismo. Robert Brandom. Papel conceitual.



## O INTUICIONISMO ÉTICO COMO A TEORIA METAÉTICA MAIS ROBUSTA

Matheus Benites

[matbenites112@gmail.com](mailto:matbenites112@gmail.com)

### Resumo

Ao longo da segunda metade do século XX, o realismo moral sofreu um certo ostracismo no mundo filosófico. Defender a existência da objetividade moral parecia, então, algo do passado que filósofos contemporâneos, orientados por uma visão de mundo científico-reducionista, deveriam abandonar. Entretanto, a partir da última década do século XX e ao longo do século XXI, o realismo moral retornou como proposta de diferentes abordagens Metaéticas, como o Naturalismo e o Intuicionismo. A presente apresentação tem como objetivo, portanto, realizar uma defesa do Intuicionismo Ético como a posição Metaética mais robusta. Apoiando-se em argumentos de filósofos contemporâneos como Michael Huemer, assim como de Intuicionistas clássicos como G.E. Moore e W.D. Ross, defende, ao refutar contra-argumentos não-cognitivistas, subjetivistas, niilistas e naturalistas, que o Intuicionismo Ético é a posição Metaética que melhor resiste aos diversos escrutínios e, assim, a mais plausível de ser tomada como verdadeira.

### Palavras-Chave

Metaética. Intuicionismo. Realismo.





## OS PROBLEMAS MORAIS RELACIONADOS À GERAÇÃO DA VIDA HUMANA A PARTIR DA COMPREENSÃO ÉTICA-NEGATIVA

Christyan Marcos Gomes

[christyanmarcosgomes@gmail.com](mailto:christyanmarcosgomes@gmail.com)

### Resumo

A discussão a respeito do problema moral relacionado ao direito de tirar a vida, seja de si ou de outrem, permeia toda a produção da ética filosófica e, mais especificamente, da Bioética, rendendo calorosos debates teóricos. No entanto, esse campo de estudo parece ter esquecido de colocar uma importante pergunta: quais são os problemas morais envolvidos na geração da vida humana? Neste trabalho, buscaremos contribuir com esta discussão a partir da compreensão ético-negativa do Julio Cabrera (2009). Em seu livro *Porque te amo, não nascerás! – nascituri te salutant*, ele nos coloca a seguinte questão: Se “tirar a vida” coloca problemas morais, por que “dar a vida” não os colocaria? Cabrera desenvolve esta discussão a partir da sua ideia de ética negativa, uma forma de pensar moral que vai na contra-mão da tradição da Ética, pois, no lugar do Ser como imperativo fundamental, coloca o não-ser. Nesse sentido, a ética negativa é a ética do não-ser. Para pensar a questão do nascituro, Cabrera propõe uma ideia de moralidade segundo a qual não é correto: 1) dar a alguém algo que consideramos desvalioso; 2) manipular outrem; 3) desrespeitar a autonomia de um indivíduo. Ao analisar a procriação humana, o pensador sustenta que essas três coisas acontecem quando procriamos, sendo assim, a reprodução humana não pode ser justificada moralmente.

### Palavras-Chave

Julio Cabrera. Ética negativa. Geração da vida.



## POR UMA ÉTICA DO ENGAJAMENTO SIMPÁTICO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ADAM SMITH

Thaís Cristina Alves Costa  
[costa.thaisalves@gmail.com](mailto:costa.thaisalves@gmail.com)

### Resumo

Contextos desafiadores - como as situações extremas apresentadas em pandemias, guerras ou pobreza absoluta - são reconhecidos como circunstâncias que desafiam o progresso econômico, social e moral, afetando os seres humanos de maneiras diferentes dependendo da posição social que eles ocupam na sociedade. De maneira geral, as pessoas em condições sociais e psicológicas mais vulneráveis são afetadas mais intensamente em tais situações e têm o risco social potencialmente aumentado. Simultaneamente, tais contextos exigem um compromisso em diferentes frentes: por um lado, os indivíduos são chamados a desenvolver um comportamento humano mais pró-social - aquilo que chamo de engajamento simpático - do que tenderiam a ter em outras circunstâncias. Por outro lado, o Estado é convocado a desempenhar seu papel como ápice institucional que organiza e abre caminho às relações humanas na sociedade com maior vigor. Neste sentido, surge uma tensão entre a dimensão do progresso econômico e humano e o papel do nosso Estado, o que instiga diferentes teorias ou concepções de sociedade. No caso do filósofo e economista escocês Adam Smith, conhecido pelo seu liberalismo e pela sua teoria sobre o progresso econômico, este desafio parece oferecer uma dificuldade para a conciliação desses dois elementos centrais da sua teoria. Considerando esse tensionamento, o objetivo deste artigo é compreender como, num contexto desafiador, o Estado liberal (WN IV.ix,51) pode promover o progresso econômico e o desenvolvimento humano (WN IV. Ix, 63) ao adotar uma ética do engajamento simpático inspirada no pensamento de Adam Smith.

### Palavras-Chave

Engajamento Simpático. Progresso. Vulnerabilidade.



## SEMICOMPATIBILISMO E AUTORIA DE AÇÕES

Fernando Ruiz Rosario

[fernando.rosario@ifmg.edu.br](mailto:fernando.rosario@ifmg.edu.br)

### Resumo

O Semicompatibilismo é uma posição que afirma que a liberdade necessária para a responsabilidade moral pode ser alcançada tanto em cenários deterministas quanto indeterministas. Para isso, é necessário que o agente exerça o controle de orientação, que requer a posse pelo agente de um mecanismo moderadamente responsivo a razões, mas que dispensa o acesso a possibilidades alternativas. John Martin Fischer, ao discorrer sobre as condições para a responsabilidade moral, propõe que um agente seja moralmente responsável se a ação avaliada for consequência de um mecanismo moderadamente responsivo a razões e o agente tenha a posse desse mecanismo. Nesta comunicação, serão discutidas as condições epistêmicas que envolvem a posse de um mecanismo, apontando que se trata de um requisito que exige do agente condições epistêmicas mais rigorosas do que intuitivamente estamos dispostos a requerer em casos comuns de responsabilidade moral. Como alternativa, será apresentada a noção de autoria de ação como um requisito epistemicamente deflacionado em relação à posse, mas adequada para nossas práticas de responsabilização moral. Dessa maneira, será defendido que responsividade à razões e autoria de ação são condições suficientes para a atribuição de responsabilidade moral.

### Palavras-Chave

Responsabilidade. Semicompatibilismo. Autoria.



## SERES SENCIENTES E O DANO DA MORTE

Luiz Felipe De Saibro Dossena

[dossenafelipe@gmail.com](mailto:dossenafelipe@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, busco avaliar as implicações de duas influentes abordagens do dano da morte para o seguinte problema: a senciência é suficiente para que um ser possa sofrer um dano ao morrer? As abordagens discutidas são a Abordagem Comparativa da Vida (ACV) e a Abordagem dos Interesses Relativos ao Tempo (AIRT). A ACV (Feldman, 1992; Bradley, 2009) sustenta que a morte é um dano para um indivíduo se e somente se, e na medida em que, e em virtude do fato de que, ele teria vivido um futuro com bem-estar geral positivo (maior quantidade de bem-estar positivo do que negativo) se essa morte não tivesse ocorrido. Por sua vez, a AIRT (McMahan, 2002; DeGrazia, 2016) sustenta que a morte é um dano para um indivíduo se e somente se, caso essa morte não tivesse ocorrido, ele teria vivido um futuro com bem-estar geral positivo e estaria vinculado consigo próprio ao longo do tempo por relações de unidade prudencial, em especial pela unidade psicológica. Minha apresentação visa introduzir essas abordagens e defender que (a) a senciência é suficiente para que um ser tenha bem-estar, de modo que sua vida pode ter bem-estar geral positivo ou negativo; e (b) a senciência é suficiente para que um ser tenha unidade psicológica ao longo do tempo. Essa segunda alegação é mais controversa, mas será defendida por dois argumentos: primeiro, a senciência gera, no mínimo, uma preferência em evitar a dor e outra em usufruir do prazer, e essas preferências se mantêm ao longo da vida de um indivíduo, de modo que por si só constitui uma forma de unidade psicológica ao longo do tempo. O segundo argumento parte da compreensão da unidade psicológica como um conceito transitivo, de modo que, se há unidade psicológica entre agora (T1) e um momento seguinte (T2), e entre esse momento seguinte (T2) e um momento posterior (T3), então há unidade psicológica entre agora (T1) e o momento posterior (T3), e assim sucessivamente (T4, T5...). A partir dessas considerações, sustentarei que ambas as abordagens levam à conclusão que a morte pode ser um dano para qualquer ser senciência. Essa conclusão, combinada com o princípio plausível de que, se determinada ação causa dano a algum indivíduo há uma razão moral *prima facie*



contra realizar essa ação, conduz a outra conclusão com importantes implicações éticas: há uma razão moral *prima facie* contra matar qualquer ser senciente (nas situações em que a morte é um dano).

### **Palavras-Chave**

Morte. Dano. Senciência.



## TEORIAS GERIAS DE CENSURA APLICADAS A CASOS DE SORTE MORAL

João Victor Rosauro  
[joaorosouro@gmail.com](mailto:joaorosouro@gmail.com)

### Resumo

Desde as publicações de Bernard Williams e Thomas Nagel intituladas “Moral Luck” (1979), o problema da sorte moral tem recebido uma crescente atenção. Casos de sorte moral mostram que mesmo os agentes não tendo controle do resultado de suas ações, circunstâncias em que deliberam, ou de fatores de sua constituição, eles ainda são alvos de juízos morais de censura, e isso parece correto. Entretanto, tal diagnóstico é especialmente problemático porque também acreditamos que as pessoas só devem ser avaliadas pelo que controlam, caso contrário, seríamos injustos em nossas avaliações. Logo, temos um conflito em como pensamos a moralidade e em como a praticamos. Dito isso, o objetivo deste trabalho será de tensionar teorias tradicionais de censura com a sorte moral, concluindo que elas são insuficientes para responder ao problema e também apresentam limitações em sua estrutura frente as objeções do fenômeno. Para atingir esse objetivo o capítulo será dividido em três partes: (i) veremos o modelo de censura de emotivista de R. Jay Wallace, destacando que apesar de conseguir explicar a assimetria de censura em casos de sorte circunstancial e constitutiva, ele não consegue explicar a diferença de censura em casos de sorte resultante devido a sua rejeição a critérios prospectivos da censura. Após, (ii) veremos a influente interpretação conativa de censura de Scanlon, que promove uma abordagem bastante eficiente contra casos de sorte moral. Entretanto, argumentarei que a censura de Scanlon não consegue fornecer critérios coerentes dentro de sua proposta para responder a sorte resultante por rejeitar elementos prospectivos em sua análise. Há também dificuldades com casos de sorte circunstancial e constitutiva, pois apesar de Scanlon defender que cenários contrafactuais não são relevantes para nossas relações morais reais, veremos ainda ser possível manter uma conexão psicológica nesses cenários, viabilizando a censura e levando a um inflacionamento das nossas avaliações. Por fim, (iii) veremos alguns modelos cognitivos, como de Pâmela Hieronymi. Analisaremos que o problema dessa proposta é um foco unívoco em critérios internalistas como, por exemplo, traços de caráter. Respostas cognitivas



apresentam sérios problemas com cenários contrafactuais de sorte circunstancial e constitutiva, pois, não apresentam um critério de prioridade entre esses cenários, tornando a censura ou injusta ou inflacionada.

### **Palavras-Chave**

Sorte moral. Censura moral. Responsabilidade moral.



## TIPOS MORAIS NO REALISMO NATURALISTA

Adelino Ferreira

[adefer86@yahoo.com.br](mailto:adefer86@yahoo.com.br)

### Resumo

O realismo moral naturalista não reducionista é uma tese filosófica que defende, em breves palavras, que propriedades morais existem, são passíveis de descrição em termos naturais, embora não possam ser reduzidas a propriedades naturais. Tal realismo ficou conhecido na tradição metaética como Realismo de Cornell. Como forma de explicitar o que seriam tais propriedades morais, um de seus autores mais proeminentes, o filósofo Richard Boyd, traz o debate sobre tipos naturais para o âmbito da moralidade. Tipos naturais são caracterizados como elementos constitutivos da realidade, agrupados a partir de divisões estabelecidas pela própria natureza e que nos permitem, como é dito em uma expressão significativa, “cortar o mundo nas juntas”. O uso da literatura dos tipos naturais interessa ao realismo moral naturalista não reducionista por possibilitar a descrição de propriedades morais como integrantes do tecido do real, com poderes causais, figurando nas melhores teorias sobre o funcionamento do mundo. Propriedades morais são, então, entendidas como tipos naturais e descritas como tipos morais. O objetivo deste trabalho será, pois, apresentar o modo como Richard Boyd desenvolve o debate sobre tipos morais, em especial a sua defesa das propriedades morais como um agregado de propriedades de florescimento. Serão apresentados um panorama geral dos tipos naturais, a apropriação da literatura sobre tipos para o debate ético e as possíveis vantagens e desafios de se incorporar tal discussão ao realismo moral.

### Palavras-Chave

Metaética. Realismo Moral. Tipos Naturais.





## UMA INTRODUÇÃO À DISCUSSÃO SOBRE ÉTICA NAS ORGANIZAÇÕES DESDE UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

Lucas Taufer  
ltaufer1@gmail.com

### Resumo

Apesar de temas econômicos ocuparem lugar considerável no evoluir da ética filosófica desde suas origens, é apenas a partir das investigações tipicamente modernas que são alçados a posições centrais. E o enfoque no exame de especificidades de problemas envolvidos na atividade de organizações, sobretudo naquelas que se ocupam com a produção, as trocas e a distribuição de bens e serviços, acontece somente com o surgimento da noção de ética aplicada. Um incremento significativo no debate aconteceu ao longo dos últimos cinquenta anos, envolvendo, pela natureza transdisciplinar do tema, contribuições vindas das áreas de ciências sociais e de filosofia. No entanto, se tal transdisciplinaridade também pode ser enunciada como tributária do sentido das abordagens, nestas, majoritariamente normativo, naquelas, descritivo, uma disparidade em favor da apreensão do tema e de seus conceitos principais vem sendo registrada em favor da dimensão descritiva da discussão internacional. Tendo sido a origem deste tema e de seus conceitos, a perspectiva filosófica, principal instância da dimensão normativa, passou a ter um peso menor na configuração do debate contemporâneo. Tal constatação estimulou recentemente uma provocação para a retomada do direcionamento de parte considerável da produção textual para as contribuições da filosofia prática e das teorias normativas aplicadas à compreensão dos fenômenos envolvidos nesta temática. Exemplos estão na “redescoberta” da discussão sobre a constituição ontológica da organização e suas atividades e das possibilidades epistemológicas da aplicação de princípios e conceitos normativos para o exame das questões. Contudo, questões mais específicas, como a estipulação do tipo de responsabilidade, ou mais amplas, como as de justiça, envolvidas na vida organizacional também se destacam neste movimento. A finalidade deste ensaio é, portanto, apresentar ao contexto filosófico brasileiro as principais correntes do debate contemporâneo de perspectivas filosóficas e normativas na discussão sobre “ética nas organizações”, bem como os conceitos fundamentais a



elas relacionados. Elencamo-las em três grupos distintos de questões: i) sobre a natureza do objeto “organizações” e os tipos de abordagens a ele correspondentes; ii) sobre a relação entre os temas “ética nas organizações” e “ética profissional”, e sua respectiva exigência normativa; iii) sobre a definição, explicação e justificação do fenômeno “responsabilidade” em atividades organizacionais.

### Palavras-Chave

Ética Organizações. Ética Aplicada. Normatividade.



## UMA NOVA FORMA DE SISTEMATIZAR O DEBATE META-NORMATIVO SOBRE INCERTEZA AXIOLÓGICA

André Luis Lindquist Figueredo  
[andreluislfigueredo@gmail.com](mailto:andreluislfigueredo@gmail.com)

### Resumo

Os problemas da Ética Populacional, como a problema da mudança climática, exigem que saibamos qual teoria axiológica é verdadeira, se quisermos saber qual decisão é a melhor decisão a ser tomada. No entanto, a literatura sobre axiologia populacional nos mostra que qualquer teoria axiológica é altamente contra-intuitiva e, portanto, aparentemente falsa. Segue-se que nós não temos como ter certeza sobre qual decisão é a melhor decisão a ser tomada. Logo, nos encontramos numa situação de incerteza axiológica. Uma forma de decidirmos racionalmente o que fazer nessa situação é seguir uma abordagem meta-normativa, que diga qual teoria axiológica devemos seguir, mesmo que não tenhamos certeza nela. Proponho, nesta comunicação, defender uma nova forma de sistematizar as abordagens meta-normativas avançadas na literatura, distinguindo-as entre abordagens de atitude teorizadora e abordagens de atitude modeladora. Em suma, a primeira é proposta com a pretensão de ser uma representação geral da realidade meta-normativa, enquanto a segunda tem a pretensão de ser uma representação mais específica e aplicada dessa realidade. Por fim, também defendo a tese de que uma abordagem de atitude modeladora, que chamo de Calibração das Teorias Axiológicas, é em certo sentido mais razoável do que as abordagens de atitude teorizadora, na medida em que ela parece ser mais simples de ser aplicada do que as demais.

### Palavras-Chave

Ética Populacional. Incerteza Axiológica.



## VIESES COGNITIVOS E NEGLIGÊNCIA DO SOFRIMENTO DOS ANIMAIS SELVAGENS: UM DESAFIO PARA A ÉTICA ANIMAL

Ivo Luciano Da Assunção Rodrigues  
[ivo.rodrigues@ifmt.edu.br](mailto:ivo.rodrigues@ifmt.edu.br)

### Resumo

A visão de que o sofrimento dos animais selvagens merece atenção tem sido defendida recentemente, mas ainda é uma minoria entre os ativistas preocupados com o sofrimento animal. Este trabalho visa enumerar razões pelas quais defensores dos animais e aqueles que buscam ser altruístas eficazes podem mostrar resistência à ideia de priorizar o sofrimento dos animais selvagens. Acredita-se que esses vieses tenham o potencial de distorcer consideravelmente as opiniões e prioridades daqueles que possuem uma visão moral imparcial em relação ao sofrimento de todos os animais não humanos. Serão abordados os principais vieses cognitivos que podem impedir a priorização do sofrimento dos animais selvagens, conforme descrito por Vinding (2020). Historicamente, o movimento pelos direitos dos animais tem se concentrado principalmente na proteção dos animais explorados pelos humanos, com pouca atenção dada ao sofrimento na natureza. Isso reflete um viés de momento histórico e status quo, onde a questão do sofrimento dos animais selvagens raramente foi considerada como algo que deveríamos abordar. O histórico importa, pois tendemos a adotar as visões de nossos pares. A intervenção para ajudar os animais é facilmente aceita, mas muitos ativistas têm medo de defender a ideia de ajudar animais na natureza. O descaso com a escala é comum, pois os números de animais selvagens superam em muito os animais de fazenda. A receptividade do público para ajudar animais na natureza pode ser maior do que se imagina. Em resumo, é importante reconhecer e superar esses vieses para efetivamente abordar o sofrimento dos animais selvagens como um tema relevante dentro da ética animal, sem negligenciar a escala do problema. Priorizar essa questão não exclui o apoio a outras causas relacionadas ao bem-estar animal. A superação desses vieses pode abrir caminho para intervenções significativas que ajudem a reduzir o sofrimento dos animais selvagens, contribuindo para um mundo mais compassivo e ético para todos os seres sencientes.

### Palavras-Chave

Vieses cognitivos. Animais selvagens. Ética animal.



## VULNERABILIDADE E JUSTIÇA EM CONTEXTOS DESAFIANTES.

Evandro Barbosa

[ebarbosa@ufpel.edu.br](mailto:ebarbosa@ufpel.edu.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre justiça e vulnerabilidade naquilo que definirei como contextos desafiantes. Contextos desafiantes são definidos como situações complexas e ambíguas onde a tomada de decisões éticas é dificultada por indivíduos com interesses diversos, circunstâncias dinâmicas e a presença de risco e incerteza. Estes elementos exigem uma consideração profunda e flexível dos valores morais e das consequências das ações. Partiremos da concepção de emergência suprema (Michael Walzer e John Rawls) para analisar a concepção de justiça como equidade de John Rawls em contextos desafiantes que envolvem a distribuição equitativa de recursos escassos e a proteção dos direitos humanos, especialmente para os mais vulneráveis.

### Palavras-Chave

Contexto desafiante. Justice. Vulnerabilidade.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ÉTICA E CIDADANIA



## A AMÉRICA LATINA DE ENRIQUE DOMINGO DUSSEL

Alberto Vivar Flores

[alberto\\_vivarflores@hotmail.com](mailto:alberto_vivarflores@hotmail.com)

### Resumo

A América Latina explicitada por Enrique Domingo Dussel na Filosofia da Libertação Latino-americana: é um conceito histórico-filosófico que tenta exprimir uma realidade encoberta pela relação de dominação que se estabelece a partir da descoberta, invasão, conquista e colonização do Continente Americano pela Europa do século XV, isto é, desde o 12 de outubro do 1492. É uma América Latina descoberta, paulatinamente, a partir de sua experiência humana euro-afro-asiática, a qual lhe permite ver uma América Latina na História Universal eurocêntrica de maneira diferente ao modo como nos é ensinada, tradicionalmente, nos livros de História desde o ensino fundamental até o ensino superior nas universidades latino-americanas. Nessa viagem ao exterior da América Latina (1957-1967), descobre uma América Latina ocultada, negada e oprimida pelo colonialismo e imperialismo do logos europeu, mas viva na originalidade de sua cultura e de seu processo histórico. Nesse sentido, América Latina se lhe revela como uma alteridade histórica cultural que resiste e se defende frente ao processo imperialista colonial de tornar tudo o mesmo que Europa e, também, uma exterioridade que se afirma, dialeticamente, em rebeldia frente à pretensão totalitária global europeia. A articulação de uma Filosofia da Libertação desde América Latina, portanto, lhe permite a Enrique Domingo Dussel Ambrosini (1934-2023) elaborar um pensamento crítico contemporâneo de abrangência mundial que, atualmente, se integra ao desenvolvimento da História da Filosofia Universal, colocando ao pensamento latino-americano (costumeiramente visto como mero eco do pensamento europeu) e a Enrique Dussel, pela primeira vez, com presença e importância internacional. A exposição de nossa comunicação pretende colaborar nessa perspectiva filosófica e, ao mesmo tempo, render homenagem post mortem a esse chamado, merecidamente, filósofo latino-americano.

### Palavras-Chave

Filosofia. Dussel. América Latina. Libertação.



## A IRMANDADE DO ESPÍRITO E A ESTRADA DO DESTINO FELIZ, UM OLHAR SOBRE A.A. E A FILOSOFIA

Douglas Jorge Arão

[djarao@gmail.com](mailto:djarao@gmail.com)

### Resumo

No chamado preâmbulo de Alcoólicos Anônimos pode-se ler: Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de pessoas que compartilham entre si suas experiências, forças e esperanças. Com a Pandemia do Covid 19, os grupos foram fechados e as reuniões on-line, como são chamadas, ganharam novo impulso. Posteriormente, foram criados grupos on-line e assistiu-se a um crescimento experimentado apenas nas primeiras décadas da irmandade. A literatura de A.A. conta com uma vasta literatura e o tripé onde se apoia este método terapêutico é (1) a espiritualidade laica (pois A.A. não está ligado a nenhuma seita ou religião), (2) a filosofia prática norte americana, (3) o método dos 12 passos. Conta também com 12 conceitos e as chamadas 12 tradições, inspiradas neste tripé. Fazer uma interface entre os conceitos e tradições de A.A. com a filosofia ética, tem o potencial de entender esta metodologia que, nas palavras dos recuperados do alcoolismo, salva vidas. O trabalho consiste em uma apresentação e análise dos resultados de uma pesquisa através de um formulário eletrônico (Google forms), sobre a experiência de um grupo de membros com o alcoolismo e com sua recuperação e a influência que a literatura da irmandade teve nesta recuperação.

### Palavras-Chave

Alcoolismo. Cidadania. Ética.





## A LÓGICA DO CAPITAL CONTRA A NATUREZA E A SOCIABILIDADE

Antonio Francisco Lopes Dias  
[antoniodias@cceca.uespi.br](mailto:antoniodias@cceca.uespi.br)

### Resumo

Em sentido ontológico, o Capital é um produto e não a causa primeira do mundo natural e das relações e práticas sociais. Entretanto, sua potência e longevidade depende de Ele ser reconhecido como fundamento da Natureza e da sociabilidade. Ou seja: aparecer e ser admitido como gênese e gerente do trabalho, das atividades econômicas, políticas, educacionais... dos homens, atividades essas cujo entrelaçamento conjuntural é determinante de dois mundos: o da vida natural e o da vida social. Se o Capital conseguir se fixar como lógica desses mundos, torna-se, então, o *modus operandi* do *modus vivendi*, o operador dos recursos da Natureza, do trabalho, da vida econômica, política, educacional, cultural etc. Por essas razões, converter-se em lógica do mundo natural e social é a principal meta do Capital. Os apologistas e agentes dessa lógica atuam para garantir longevidade aos interesses capitalistas. Para isto, buscam fazer com que o Capital se estabeleça como princípio ontoepistemológico da realidade em geral; quer dizer: firmar o Capital como fonte de determinação dos rumos da Natureza e do mundo social dos homens. Para obter êxito nesse empreendimento, isto é, para se “materializar”, a lógica do Capital necessita cumprir três tarefas imprescindíveis: 1) converter-se, por meio do aparato do Estado (dos poderes: executivo, legislativo e judiciário) e dos seus agentes (FMI, BM, os indivíduos capitalistas, a mídia golpista e oportunista etc.), em mecanismo lógico motor e organizador das relações entre os homens que vivem em sociedade; 2) exercer total poder sobre a exploração e destinação das riquezas naturais; 3) para viabilizar 1 e 2, utilizar-se de idéias, meios e pessoas para acionar e operar os instrumentos executores e conversores dos interesses egoístas, excludentes e destruidores, que são típicos do capitalismo, em fundamentos de uma “lógica” da natureza e da vida social. Neste nosso trabalho, nosso objetivo é desenvolver essas ideias que aqui apresentamos utilizando exemplos que ilustram como as três tarefas para a concretização e potencialização do capital como lógica da natureza e da vida social têm sido operadas pelos sucessivos governantes dos poderes públicos no Estado do Piauí.

### Palavras-Chave

Lógica do Capital. Natureza. Vida social.



## BOLSONARISMO: PERSPECTIVAS ESTÉTICAS E MORAIS NA CONFIGURAÇÃO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

Alisson Diego Batista Moraes  
[alissondiegobatista@yahoo.com.br](mailto:alissondiegobatista@yahoo.com.br)

### Resumo

O bolsonarismo transcende os limites tradicionais da política, exercendo influência marcante sobre a cultura e configurando a identidade dos movimentos de extrema direita no Brasil contemporâneo. Este estudo propõe investigar dois pilares para a compreensão do movimento político: a estética e a moralidade. Ao se situar em um diálogo transdisciplinar entre filosofia política, ciência política e comunicação, esta pesquisa almeja contextualizar e analisar criticamente esse complexo fenômeno a partir desse duplo olhar. A estrutura binária reflete uma diversidade de características, formas de comunicação, ideologias e perspectivas que sustentam e impulsionam a agenda política bolsonarista antidemocrática. Identificam-se seis elementos nesses alicerces: retórica, patriotismo e religiosidade no contexto estético político; conspiracionismo, vitimismo e ataques às instituições no campo da moralidade. Esses elementos se articulam para distorcer os princípios democráticos e impulsionar a extrema direita em escala global. Ao adotar uma abordagem metodológica qualitativa, incorporando análise de discurso, interpretação crítica de acontecimentos políticos, revisão da literatura e contextualização histórica, este estudo busca ir além das classificações superficiais e estereotipadas do bolsonarismo. O objetivo é demonstrar a importância de analisar essas duas facetas - estética e moralidade - para uma análise mais abrangente desse movimento de extrema direita contemporâneo. No pilar estético, além das análises discursivas sob um olhar político e filosófico, há um diálogo importante com ideias dos filósofos John Dewey e Marshall McLuhan, entre outros autores contemporâneos da Ciência Política. No pilar da moralidade, as investigações derivam de uma diferenciação entre os campos da ética e da moral para, posteriormente, adentrar nas características que forjam um código moral bolsonarista, envolvendo ideias de James Rachels, Stuart Rachels e Slavoj Žižek. Os resultados destacam a persistente influência do bolsonarismo na sociedade brasileira e sua habilidade em moldar a identidade coletiva por meio de uma estética peculiar e um



código moral próprio – estratégias concebidas a fim de minar os alicerces da democracia e aprofundar a polarização política. Para uma compreensão mais substancial do bolsonarismo, é necessário examinar suas raízes e narrativas, indo além da superficialidade. Este estudo pretende contribuir para essa compreensão mais alargada desse fenômeno.

### **Palavras-Chave**

Democracia. Bolsonarismo. Extrema direita.



## CAPITALISMO AUTORITÁRIO-NEOLIBERAL ONTOLOGIA E RELIGIÃO NA DESTRUIÇÃO DA DEMOCRACIA E REIFICAÇÃO

Douglas Rodrigues Da Silva  
[douglasrssi1va85@gmail.com](mailto:douglasrssi1va85@gmail.com)

José Marcos Miné Vanzella  
[jose.vanzella@unisal.br](mailto:jose.vanzella@unisal.br)

### Resumo

O presente artigo, com metodologia de pesquisa bibliográfica filosófica, tem como objetivo contribuir para a compreensão da questão ontológica por trás das bolhas sociais, sua imunização à crítica e sua produção da reificação. Pergunta-se sobre como a partir de Habermas, Dussel e outros é possível identificar uma crítica as ontologias constitutivas das bolhas sociais e contribuir para o tratamento da patologia de imunização à crítica e indiferença frente a reificação e o sofrimento humano. Habermas identifica o erro de Heidegger ao confundir a verdade de enunciados com uma abertura ao mundo ontologizada e deste modo imunizada contra todas as objeções conferindo ao conceito de história do ser sua força de destino. Por sua vez, Enrique Dussel identifica a ontologia como a grande matriz de negação da alteridade. Tem-se a imunização contra a crítica, os gritos de dor, dos miseráveis, desafortunados, torturados e descartados do sistema. Assim como Karl Schmitt mobilizou as forças religiosas, o neopentecostalismo de resultados com sua teologia do poder coroa o processo de imunização e fechamento ontológico. Uma força “revolucionária-reacionária” afirma certa despolitização, também com a substituição de temas da política pela ética. A afirmação da liberdade do indivíduo faz parte da forma como o Neoliberalismo ontologizado, gerencia o sofrimento psíquico. A produção da desagregação da sociabilidade gera um sofrimento que é mobilizado para a indústria capitalista. Esse processo retroalimenta o sistema, com as frustrações produzidas. Sob o discurso de liberdade de ação, liberdade de pensamento, escolha e direitos, se oculta um niilismo ativo com a restauração do poder desumano nu e cru. Porém, esse poder alastrou-se e tornou-se mais invisível com a escravidão auto-imposta descrita por Byung-chul Han, na sociedade do desempenho, onde o único culpado pelo fracasso



do indivíduo parece ser ele mesmo. Intenso explorador de si, o indivíduo renúncia à política em favor dos mercados. O populismo tradicional de direita com o egocentrismo libertário dos teóricos da conspiração que defendem suas liberdades subjetivas contra um Estado de Direito supostamente pseudodemocrático, pode fazer desmoronar o Estado de direito de dentro com as desigualdades sociais e decadência da esfera pública. A correlação de forças e a lógica retroalimentada deste novo populismo de direita apontam para uma brutal reificação dos seres humanos.

### Palavras-Chave

Capitalismo neoliberal. Ontologia. Religião.



## ETICA E CIDADANIA EM ALVARO VIEIRA PINTO

Enoque Feitosa

[enoque.feitosa@academico.ufpb.br](mailto:enoque.feitosa@academico.ufpb.br)

### Resumo

O objeto do presente trabalho é examinar, sob uma perspectiva ontológica, o que é a ética e a cidadania, quais as suas perspectivas e interesses em jogo na reflexão filosófica do pensador isebiano Alvaro Vieira Pinto e como tal reflexão incide em sua perspectiva nacional-desenvolvimentista. O objetivo é verificar, sob o recorte teórico desse filósofo, a atualidade da ideia desenvolvimento nacional numa perspectiva democrática e popular. O problema é: há uma ontologia da nação na obra desse autor? A hipótese defendida é que é impossível termos uma essência concretizada e efetiva sem um projeto que “aponte, já sendo” um desenvolvimento que incorpore a maioria da nação. Esse tipo de projeto não excludente, não alienante, democrático, popular e independente não pode ser apenas formal; antes, expressa uma democracia de caráter material. Quanto ao método, é pesquisa bibliográfica, centrada no pensamento nacional-desenvolvimentista e, em perspectiva filosófica, na tradição filosófica marxista, em diálogo com os autores e autoras da tradição ontológica em filosofia.

### Palavras-Chave

Filosofia Nacional-desenvolvimentismo.



## ÉTICA, SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA EM AMARTYA SEN E HANS JONAS

Candido Luis Teles Da Roza

[cltroza@ucs.br](mailto:cltroza@ucs.br)

### Resumo

Parece sensato dizer que pensar sobre ética e sustentabilidade é refletir sobre a complexidade da existência da vida, em suas mais distintas formas de manifestação, bem como, sobre a responsabilidade com as condições de bem-estar (social e ambiental), de liberdade e com o legado geracional envolvidos. Para tanto, o conceito de vida precisa romper a limitação antropocêntrica (condição para alcançarmos a vida não humana), assim como, a sustentabilidade (conceito ontologicamente vinculado ao futuro) necessita resgatar a preocupação com as condições do tempo presente, um recuo estratégico para que a responsabilidade com o legado geracional alcance êxito. Dito de outra forma, precisamos entender a relação entre ética e sustentabilidade como um requisito necessário para a preservação das condições atuais da vida, incluindo as gerações futuras. Ainda que o conceito de sustentabilidade seja moderno, a sua relação com a ética pode ser encontrada nos antigos escritos gregos, afirmação a ser observada no canto do coral de Antígona de Sófocles. Contudo, é no tempo moderno, mais precisamente a partir da ação humana modificada pela técnica nos últimos três séculos, que a preocupação com a sustentabilidade ganha importância em decorrência dos efeitos verificados sobre a vida no planeta. O processo que desencadeou a discussão moderna entre ética e sustentabilidade está vinculado aos efeitos percebidos, em escala global, da intervenção humana modificada pela tecnologia sobre a dimensão ambiental. Tais efeitos são verificados no locus que alberga a existência da vida e que, por essa, razão, impactam tanto o indivíduo, como as relações em sociedade (o que inclui a economia e o seu papel no sistema de trocas e no estudo da riqueza - em sua íntima relação com os recursos naturais). Outrora, a sustentabilidade requer uma ética reflexiva capaz de orientar a definição dos princípios e dos valores que deverão estruturar a convivência humana na comunidade da vida, bem como, iluminar os caminhos que proporcionem às pessoas acesso às “liberdades substantivas” e à “condição de agente”, em um mundo no qual a sustentabilidade depende de relações

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



complexas, plurais e interdependentes. Nesse sentido, as definições mais amplamente aceitas de desenvolvimento sustentável devem encontrar uma ética construída com cidadania e que é expressa por uma “visão ampla dos seres humanos – uma visão que inclua os agentes cujas liberdades têm valor” (SEN, 2010, Pág.72).

## Palavras-Chave

Ética. Sustentabilidade. Cidadania.





## FETICHISMO E ANTIFETICHISMO NA RELIGIÃO EM MARX E DUSSEL

James Wilson Januário De Oliveira

[jwjosds@yahoo.com.br](mailto:jwjosds@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente trabalho visa tematizar o aspecto antifetichista da religião como forma de uma abertura ao diálogo entre religião e mundo secular. Tal intenção parte da perspectiva aberta pela pós-secularização, a qual admite que as religiões possuem intuições morais que podem colaborar no debate público acerca das mais diversas questões sociais e políticas. Para tanto, adota-se como referencial teórico central as filosofias de Karl Marx e Enrique Dussel com relação ao caráter fetichista e antifetichista da Religião. Desse modo, explicitaremos a ideia de uma religião antifetichista, meta-física, tematizada pela tradição marxista e pela filosofia da libertação latino-americana na análise da sociedade capitalista, o que possibilitaria romper com a oposição unilateral entre secularismo e religião fomentando um processo de aprendizagem mútua. Nessa perspectiva, quais características, qual configuração deve assumir a religião na sociedade pós-secular contemporânea? Como as religiões devem compreender sua relação com as instituições seculares para que um diálogo e um aprendizado mútuo seja profícuo? Nossa hipótese é a de que apenas uma religião antifetichista é capaz de contribuir com os debates e com as questões humanas fundamentais de um mundo pós-secular.

### Palavras-Chave

Religião. Fetichismo. Antifetichismo.



## FILOSOFIA ARISTÓTELICA: ÉTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA MEDIÇÃO DOS CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Cynara Siqueira Pessoa  
cyci.cps@gmail.com

### Resumo

Este trabalho explora as valiosas contribuições do pensamento ético aristotélico na resolução de conflitos em ambientes educacionais. Central para esta análise é a 'Ética a Nicômaco' de Aristóteles, uma obra seminal que discute justiça, bondade, virtude e outros conceitos éticos fundamentais. A relevância desta obra para a função de mediador reside na sua profunda investigação sobre a conduta moral ideal. Um conceito chave a ser entendido é a justa medida aristotélica, que Aristóteles descreve como equilíbrio entre dois extremos, ambos viciosos em relação a uma determinada qualidade. Esta noção é crucial para a aplicação prática da ética na mediação de conflitos escolares. (Aristóteles, 2012). Considera-se que o dever de agir se manifesta na habilidade de se distanciar dos vícios e isso é de extrema relevância na função de um mediador. Afinal, grande parte do processo de mediação está relacionada ao exemplo estabelecido pelo mediador, no qual será o cerne deste trabalho. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral investigar como o pensamento ético de Aristóteles contribui para a mediação de conflitos, assegurando os direitos e a dignidade da pessoa humana no recinto escolar, bem como os objetivos singulares; analisar os fundamentos éticos de Aristóteles na *Ética a Nicômaco*; explorar a aplicabilidade da ética Aristotélica na Mediação de conflitos no ambiente escolar; avaliar o impacto da mediação de conflitos com fundamento na *Ética Aristotélica* na garantia dos direitos e dignidade da pessoa humana no ambiente escolar; compreender a percepção de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a mediação de conflito no ambiente escolar. Dessa forma, para discutir tal temática, utilizou-se como metodologia hermenêutica em strictu sensu, no sentido fraco de sua significação. A proposta de estudo em questão vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Acadêmico em Filosofia, configurando-se como temática central do trabalho dissertativo. As conclusões parciais alcançadas até o momento sugerem a viabilidade de uma compreensão e conhecimento aprofundados acerca da realidade escolar e dos conflitos inerentes a esse contexto.

### Palavras-Chave

Ética a Nicômaco. Mediação. Aristóteles.



## MARX E O PROBLEMA DO ESTADO

Vinicius Silva De Medeiros

[viniciusdemedeiros@outlook.com](mailto:viniciusdemedeiros@outlook.com)

### Resumo

A organização da vida social é uma questão central para o desenvolvimento do pensamento político moderno. Neste caminho, o filósofo alemão Karl Marx compreende a crítica à política no antagonismo entre a vida privada e a vida política dos indivíduos. Essa condição de cisão da vida do homem moderno promove o distanciamento desse sujeito dos problemas fundamentais de sua vida. Com o objetivo de investigar este espaço, pretendemos elucidar as construções teóricas realizadas por Karl Marx acerca do Estado burguês, traçando um percurso que visa se deter sobre suas análises acerca da forma estatal e partir disso problematizar este lugar como destino da vida social no mundo moderno. Intentando revigorar o pensamento marxiano na sua crítica a política, partimos da seguinte questão: o que a proposta de emancipação realizada por Marx no século XIX ainda anuncia para a contemporaneidade? O presente estudo tem o objetivo de refletir sobre Marx enquanto crítico da forma de organização social existente, ou seja, pensando o filósofo alemão distante da pecha a ele atribuída, qual seja: um partidário do Estado.

### Palavras-Chave

Estado. Emancipação. Revolução.



## MIGRAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: O TERRITÓRIO COMO CONDIÇÃO DE INTEGRALIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA

João Paulo Silva Martins

[martins.joao@ufac.br](mailto:martins.joao@ufac.br)

### Resumo

A passagem do século XX para o XXI foi marcada pelo avanço tecnológico, a globalização e a dilatação das diversas culturas por intermédio dos veículos de comunicação e informação, fatores que possibilitaram a expansão de laços internacionais no comércio trazendo inúmeras discussões não só para a economia, mas possibilitando a troca de experiências culturais e políticas, ocasionando debates sobre a possibilidade de universalização do direito por meio de um ideal cosmopolita. Dentre os temas gerados por esta realidade, a migração ganha destaque e divide opiniões. A migração pode ser associada a diversos fatores, dentre os quais – em nossos dias – destacam-se o refúgio por motivos de violência e pobreza, mas também está atrelada à busca de melhorias profissionais e educacionais. No Brasil, em 24 de maio de 2017, foi instituída a Lei de Migração sob Nº 13.445, que versa sobre os princípios norteadores e as garantias do Imigrante em território brasileiro. Embora sendo constituído por diversos fluxos migratórios, ainda há resistência da população quanto ao acolhimento do imigrante, bem como a garantia de direitos equivalentes aos naturais do Estado Brasileiro. Diante dos casos de migração, muito se questiona sobre qual seria o papel do Estado que acolhe, bem como quais direitos, aos migrantes, deveriam manter assegurados. Tal problema, no entanto, não é específico do século vigente, mas lidamos hoje com resultados de discussões sobre o mesmo ao longo da história. O movimento intelectual do século XVIII – intitulado Iluminismo – já havia antecipado tais questões, dentre os teóricos, Immanuel Kant dedicou parte de suas obras à política internacional, nas quais o problema da migração aparece como possibilidade de consolidação do ideal cosmopolita, tomando por pressuposto o princípio de hospitalidade. Por meio do conceito de Cosmopolitismo e do ideal da constituição de uma Paz Perpétua, nos é possível tomar hoje as obras de Kant como base para uma leitura contemporânea do problema da migração e este é, pois, o objetivo do trabalho que aqui propomos. Ressaltamos de antemão que o que se sugere



é uma reflexão sobre o problema da migração a partir dos escritos de Kant, ou seja, não se trata de apresentar as conclusões do filósofo, mas apontar reflexões possíveis após um contato com suas obras de cunho moral, histórico e político.

### **Palavras-Chave**

Migração. Território. Direitos Humanos.



## NECROPOLÍTICA: REPERCUSSÕES DO PENSAMENTO PÓS-COLONIAL NO ATUAL CENÁRIO BRASILEIRO.

Matheus Fidelis Ferreira Ventura  
[matheusfidelisfv@gmail.com](mailto:matheusfidelisfv@gmail.com)

### Resumo

A “necropolítica”, termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe em seu livro homônimo de 2011, é a capacidade de escolha que o soberano possui em decidir entre quem vive e quem morre, essa decisão é um atributo fundamental para a soberania no qual “Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como implantação e manifestação do poder” (Mbembe, 2001, p. 123). Tal finalidade que concerne o interesse na promoção da morte de devidos grupos sociais (sejam eles definidos de acordo com sua etnia, gênero sexual ou classe). Retirando desses indivíduos seu status político, os soberanos encontram formas de eliminar biofísicamente os alvos que eles julgam como “inimigos do Estado”. Apesar de ser um tema polêmico e possuir ações que se apresentam de formas desumanas, os passos da necropolítica sempre estiveram de acordo com a própria humanidade, de modo que podemos percebê-la em várias ocasiões da história de forma totalmente evidente. Para uma melhor compreensão em detrimento do termo apresentado pelo filósofo camaronês, é ressaltado sua relação com o biopoder, termo utilizado por Michel Foucault em seu livro vigiar e punir (1977), que funciona como um mediador na divisão de quem vive e quem morre e o termo de soberania. Mbembe também expõe o estado de exceção e seu mais completo exemplo, as características do necropoder colonial e sua relação com os antigos regimes. Características essas que são suficientes para entender os modos operantes das políticas de guerra, utilizada pelos políticos contra o terrorismo para conduzir a morte de seu inimigo como objetivo primário, ou seja, a guerra se mostra como um elemento favorável para alcançando a soberania, poder exercer o direito de matar. Com base no livro e autores supracitados, serão expostas questões sobre como esta “política da morte” se atrela em nossa esfera política atual e como se conceitualiza, através dela, uma sistematizada “indústria da morte”.

### Palavras-Chave

Política. Filosofia Africana. Decoloneidade.



## O IMPACTO DAS NOVAS MÍDIAS E DA PÓS-VERDADE SOBRE A ESFERA PÚBLICA E O RISCO À CIVILIZAÇÃO DO GÊNERO

José Marcos Miné Vanzella

[enimine@gmail.com](mailto:enimine@gmail.com)

Douglas Rodrigues Da Silva

[douglasrssiiva85@gmail.com](mailto:douglasrssiiva85@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo com metodologia reconstrutiva, tem por objetivo contribuir com a investigação da contradição de uma sociedade mundial integrada pelo sistema económico sob a hegemonia do capital financeiro mundial e da ideologia neoliberal. Questiona-se: Como o ocidente dividido pela atual hegemonia neoliberal conservadora, produz a decadência da esfera pública e coloca em risco a civilização do gênero humano? Com a ascensão das plataformas de tecnologia configurou-se uma nova mídia que não é responsável pelos conteúdos comunicativos produzidos de maneira profissional e filtrados. Ela produz uma fragmentação da esfera pública associada ao mesmo tempo a uma esfera pública sem limites. A entrada da pós-verdade com o efeito de propagação até 14 vezes maior que a verdade produz um grande impacto na esfera pública política. Essas mídias obedecem aos imperativos da valorização do capital. Elas obtêm seus lucros a partir da exploração de dados que colocam a disposição para fins publicitários. Quanto maior for a propagação maiores serão os ganhos. As mídias passam da formação do cidadão para a disputa pela atenção dos consumidores produzindo os fenômenos de intensificação da despolitização e formação de bolhas refratárias às possíveis críticas, porém abertas às esferas mais amplas e assimiladoras das vozes consoantes. Agindo com a dupla estratégia de divulgação de mentiras e ataque contra a "imprensa mentirosa". Elas podem capturar e deformar o sistema político. Essa deformação acontece quando do acúmulo de mentiras se passa para a situação em que os participantes não podem mais identificar as mentiras como tais. Trata-se do caso de esferas públicas disruptivas. Elites que investiam nos aparelhos privados de hegemonia ligados às mídias tradicionais, para propagar seus ideais liberais e libertárias, agora também investem

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



nas “novas mídias” e se associam a líderes demagogos e autoritários. Assim como a imprensa, o rádio e a televisão são responsáveis por corrigir notícias falsas que veiculam, também as plataformas digitais devem ser responsabilizadas. Do contrário o desequilíbrio do o jogo político provocara a decadência da esfera pública, colocando em risco a democracia e a civilização do gênero humano.

## Palavras-Chave

Novas mídias. Pós-verdade. Sociabilidade. Habermas.





## OS DIREITOS HUMANOS SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE GIORGIO AGAMBEN

Amanda Cristina Pacífico  
[amandapacifico15@gmail.com](mailto:amandapacifico15@gmail.com)

### Resumo

A proposta deste trabalho é promover uma análise contemporânea dos direitos humanos sob a perspectiva do pensamento jurídico-político de Giorgio Agamben. O filósofo italiano esclarece que a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 se insere no contexto da transição do Estado real do antigo regime para a soberania nacional no Estado moderno. No entanto, mais do que uma mera proclamação de direitos meta-jurídicos e supra históricos, a Declaração promove a inserção biopolítica da vida humana no aparato do Estado moderno. Surge então a questão: qual é a implicação da vida humana, como mero fato do nascimento, como fundamento do Estado-nação e da biopolítica moderna? Segundo o filósofo italiano, há uma ficção implícita de que o nascimento se torna nação. Com base nessa perspectiva, supõe-se a ineficácia dos direitos humanos e o seu paradoxo em relação à condição da vida humana, especialmente no caso dos refugiados e apátridas, que são destituídos de cidadania. Para Agamben, o nascimento não constitui o sujeito político e livre da nação, mas sim a simples vida humana, inscrita como fundamento da ordem jurídico-política do Estado.

### Palavras-Chave

Direitos humanos. Biopolítica. Giorgio Agamben.



## POPULAÇÃO QUEER E SUA BUSCA PELA EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS

Trícia Beatriz Roza De Oliveira

[triciaroza@gmail.com](mailto:triciaroza@gmail.com)

### Resumo

Subsidiados nos estudos de Gênero, LGTBQIPNA+, na Teoria Queer, buscamos compreender a efetivação da justiça com o perpassar do tempo na cultura e sociedade brasileiras. As desigualdades, as violências atingem milhares de mulheres, crianças, adolescentes e idosos em todo o mundo. Isso decorrente, sobretudo da desigualdade nas relações de poder em virtude da discriminação de gênero ainda presente tanto na sociedade como na família. Historicamente, as experiências advindas pelas vivências autoritárias, violentas da ditadura militar, a padronização dos conceitos, a imposição da heteronormatividade, em especial nas escolas, na preceituação do paradigma binário, faz com que ansiemos pela abertura por uma nova forma de vislumbrar as questões referentes à gênero e sexualidade. As escolas, formadoras de seres humanos, em que vivenciamos omissões, autoritarismos, eivadas pelas máculas históricas, são cúmplices da perpetuação das estigmatizações e humilhações deveras sofridas. Nesse contexto, buscamos, na Literatura, que descreve a sociedade positivada nas legislações em suas devidas épocas, a elucidação dos acontecimentos, período social, histórico com a conseqüente legalização de direitos, com a finalidade de se efetivar o Direito.

### Palavras-Chave

Direito. Filosofia. Gênero. Teoria Queer.



## RELIGIÃO, POLÍTICA E ESFERA PÚBLICA: FENÔMENO RELIGIOSO NA SOCIEDADE PÓS-SECULAR

Antonio Glaudenir Brasil Maia  
[glaudenir@gmail.com](mailto:glaudenir@gmail.com)

### Resumo

A tentativa de pensar o fenômeno religioso ainda se configura como uma questão que desafia a reflexão filosófica em nossa atualidade, seja pela atuação na definição de sentido da existência humana, seja por sua presença ativa na chamada sociedade dos mass media e, de modo especial, as suas implicações na esfera pública, no mundo da política. O debate sobre a presença da religião na esfera pública leva em consideração as implicações do processo de secularização e a pretensão de privatização da religião como ulterior desdobramento de tal processo. Pensar a religião para além do secularismo e o papel que cumpre na sociedade atual ainda permanece uma problemática em aberto, com muitos intérpretes e com contribuições significativas de pensadores das mais variadas matizes sobre a condição extensiva da recuperação/presença do interesse pela relevância pública da religião, que os interpela na reconsideração de categorias fundamentais de análise crítica sobre a religião, não mais sob o prisma da crítica ilustrada moderna que pretendia excluir a religião de todos os aspectos da vida pública. Embora se reconheça o esforço de demarcação das fronteiras entre política e religião, reconhecidas as contribuições da religião para o debate, bem como da crítica do aspecto ideológico que também constitui essas instâncias da vida social, são perceptíveis as tentações de interferências indevidas da religião na política e vice-versa, posturas ainda marcadas pelo fundamentalismo, verdades absolutas e autoritarismo, o que compromete o espaço democrático. Tudo isso significa que a religião é um assunto privado e que o Estado é naturalmente na época pós-metafísica, não para sempre, uma instituição secular que não tem as ferramentas para escolher um mito, uma forma de arte, uma ciência oficial e nem mesmo uma moral, além do que se exige a abertura do espaço máximo para cada cidadão fazer livremente as suas escolhas. A escuta atenta dos sinais dos tempos e a leitura crítica do presente são tarefas irrenunciáveis da Filosofia ante às (inter)faces da religião e da política no mundo marcado pelo pluralismo, em todos os sentidos.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



Discutir a problemática do fenômeno religioso na chamada sociedade pós-secular, como uma tarefa urgente para a filosofia em nossa atualidade. Por isso, pensar a presença da religião na esfera pública ante as implicações do processo de secularização e da pretensão de privatização da religião, constitui objetivo central da presente proposta.

## Palavras-Chave

Religião. Política. Pós-secularização. Filosofia.



## UMA ANÁLISE FUNDAMENTAL DOS DIREITOS HUMANOS NA AMÉRICA LATINA: EMANCIPAÇÃO DECOLONIAL E LIBERTADORA

Felipe Ferreira De Almeida Cruz  
[fellippeofm@gmail.com](mailto:fellippeofm@gmail.com)

Antônio Glaudenir Brasil Maia  
[glaudenir@gmail.com](mailto:glaudenir@gmail.com)

### Resumo

O nosso presente trabalho consiste em apresentar esta análise fundamental que consiste no processo de aplicação dos Direitos Humanos na América Latina. Com a filosofia da Libertação do filósofo Latino Henrique Dussel apresentar uma proposta decolonial e libertadora capaz de fundamentar os Direitos Humanos neste espaço Geopolítico de resistência a contextos atuais de Necropolítica. Nosso objetivo geral parte da abordagem da construção histórica dos Direitos Humanos no mundo e a sua aplicabilidade nos aspectos geopolíticos da América Latina. Para se alcançar dado objetivo optamos por três objetivos específicos, fundamentar uma análise de conjuntura histórica e geopolítica das atuais periferias; Examinar a construção do pensamento filosófico pautado na cultura dos grandes centros necropolíticos de dominação opressora; Apresentar a Filosofia da Libertação como fundamentação teórica descolonizadora e ponto de partida dos Direitos Humanos na América Latina. No que tange ao procedimento metodológico utilizado para alcançar o objetivo investigativo adotamos a pesquisa bibliográfica, tomando como método específico o Hermenêutico. Dentre às etapas e procedimentos de análise o tratamento dos dados deverá obedecer aos seguintes procedimentos metodológicos: Revisão crítica bibliográfica das literaturas disponíveis sobre a análise de conjuntura histórica e geopolítica das atuais periferias; Paralelo comparativo da obra “Necropolítica (2021)” de Achille Mbembe e da obra “Filosofia da Libertação (1977)” de Henrique Dussel para finalidade de observação de como se deu a construção do pensamento filosófico pautado na cultura dos grandes centros necropolíticos de dominação; Prescrição do itinerário de Alejandro Rosillo Martínez “Fundamentação dos Direitos Humanos desde a Filosofia da Libertação (2015) ao apresentar a Filosofia da Libertação como



ponto de partida para a fundamentação dos Direitos Humanos na América Latina. Podemos com esta finalidade traçar uma ampla reflexão que se baseia no aspecto histórico espacial das periferias no que tange a construção de uma ética filosófica da libertação que se fundamenta na esfera constitutiva dos Direitos Humanos atuais, e que não reflete a real realidade latina. Para isso Dussel apresenta a Ética da Libertação que em questão primordial aborda o grande dilema do pensamento dominante do grande centro europeu (eurocentrismo) que serve como modelo referencial para aplicabilidade de Direitos Humanos no território latino.

### **Palavras-Chave**

Direitos Humanos. América-Latina. Libertação.



## VOZES DE UM NOVO MUNDO: RELIGIÃO, UTOPIA E A CRÍTICA AO MODELO DE SOCIEDADE NEOLIBERAL.

Renato Almeida De Oliveira

[renato\\_oliveira@uvanet.br](mailto:renato_oliveira@uvanet.br)

### Resumo

No século XIX Karl Marx afirmava que a religião é o grito da criatura oprimida, a alma de um mundo sem alma. Essa afirmação deixa transparecer um aspecto positivo da religião. E, de fato, existe um elemento positivo nas religiões que precisa ser debatido. Desse modo, o presente trabalho objetiva apresentar o pensamento de alguns teóricos que se opõem ao modelo neoliberal, capitalista, de vida social. A proposta de tais teóricos é romper, do ponto de vista econômico, com a lógica produtivista, acumuladora e financeira, e do ponto de vista político, com os discursos de violência e ódio que marcam a sociedade contemporânea, na qual a vida não é prioridade, mas a reprodução do sistema mercantil e as disputas de poder. Trazemos ao debate autores como Ernest Bloch, Enrique Dussel, René Girard, Juan Luís Segundo e Franz Hinkelammert. Todos eles têm em comum a abordagem do caráter utópico, revolucionário das religiões, as quais trazem em suas cosmovisões, segundo eles, conteúdos subversivos, caracterizados por uma utopia revolucionária. Porém, o que se tem visto é uma instrumentalização do discurso religioso para legitimar pautas conservadoras. É preciso resgatar o conteúdo, a marcar utópica, revolucionária, das religiões como forma de oposição ao inumano, à violência, ao ódio reinante. É com esse intuito que trago o presente tema à discussão, considerando sua relevância no contexto do cenário político brasileiro e internacional do embate entre conservadores e progressistas.

### Palavras-Chave

Religião. Utopia. Crítica ao neoliberalismo.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA





## A AUTONOMIA E A CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE ORGANIZAR O MUNDO

Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado

[marcuspedroza@gmail.com](mailto:marcuspedroza@gmail.com)

### Resumo

A relação entre a construção de um imaginário social o exercício da autonomia e a abertura de lugares de criação de novas significações imaginárias é o alvo dessa pesquisa que coloca também em perspectiva o conformismo generalizado que toma conta da humanidade de tempos em tempos. Para tal toma-se como fio condutor a filosofia de Cornelius Castoriadis e sua crítica ao quadro político contemporâneo assumindo o imaginário social como ponto central para a ação humana e invertendo-se o lugar do imaginário de um produto da experiência individual, como entende a filosofia pelo menos até o século XVIII, para um suporte da experiência humana tanto coletiva quanto individualmente. Ao assumi-la dessa forma as significações imaginárias instituídas são escrutinadas e refeitas ao mesmo tempo que novas surgem no horizonte. Essa pesquisa dialoga fortemente com a tese onze de Karl Marx assumindo para si a tarefa de transformar o mundo e não somente interpretá-lo. Então é necessário reencontrar o lugar da autonomia individual e coletiva para que se possa propor e organizar novas possibilidades de existir. Entender a autonomia conforme Castoriadis é rememorar a necessidade dos seres humanos para entenderem-se como tais criarem mundos e regras para existir e também o lugar da coletividade humana na criação do significado do próprio mundo. Para tanto o lugar central dessa argumentação está para além da criação política de instituições, mas no lugar de criação das significações imaginárias que a sustentam. A consciência da autonomia não é suficiente tampouco o acesso a fatos históricos que tornaram possível mudanças significativas do imaginário instituído, por essa razão a autonomia é um experimento que torna possível a construção e re-construção das significações imaginárias que são, na filosofia de Castoriadis, o fim último da política e da democracia cuja grande novidade está justamente na capacidade de evocar a autonomia e sua potência.

### Palavras-Chave

Imaginário social. Autonomia. Criação.



## A LÍNGUA DO DIREITO: INTERSECÇÕES ENTRE GIORGIO AGAMBEN E YAN THOMAS

Benjamim Brum Neto

[benjamim.brum@gmail.com](mailto:benjamim.brum@gmail.com)

### Resumo

No presente trabalho, argumenta-se que embora os textos de Yan Thomas sobre o direito romano sejam fundamentais para Giorgio Agamben pensar o direito, ainda assim é preciso levar em consideração algumas diferenças fundamentais. Dentre elas, a mais evidente diz respeito ao modo como cada um deles pensa a língua do direito. Nesse sentido, apesar da flagrante dívida que Agamben tem para com Thomas, uma teoria das assinaturas parece ser impensável para o jurista, na medida em que em seu estudo do da língua do direito romano radicaliza a autonomia da língua do direito, de modo a impedir que haja transições semânticas entre diferentes âmbitos, como o do direito, da teologia, da sociedade, da ética, da ontologia e da metafísica. A teoria das assinaturas de Agamben, por outro lado, parece supor que as línguas específicas de cada âmbito do saber são porosas, de modo que os conceitos podem transitar entre eles, carregando, consigo, sentidos prévios de suas respectivas áreas de proveniência. Numa formulação mais simples, parece que enquanto Thomas entende a língua do direito como radicalmente autônoma, Agamben interpreta as diversas línguas disciplinares como línguas técnicas, o que, apesar de sua especialidade (tecnicidade), torna possível um intercâmbio semântico entre nichos. A hipótese do trabalho é a de que o esclarecimento dos pressupostos da teoria agambeniana das assinaturas é fundamental para se entender verdadeiras doutrinas do seu pensamento, como os conceitos de secularização e profanação.

### Palavras-Chave

Língua. Direito. Assinaturas. Autonomia.



## A LITERATURA NO JOVEM MARX

Manoel Messias Rodrigues Da Costa

[messiasnash@alu.ufc.br](mailto:messiasnash@alu.ufc.br)

### Resumo

O trabalho consiste na apresentação da pesquisa dentro de uma abordagem literária em algumas obras do escritor Karl Marx. O objetivo deste trabalho é mostrar o uso da literatura como recurso explicativo na filosofia do autor, destacando a relevância presente ao longo de sua obra, principalmente, nos livros apresentados neste estudo. A metodologia aplicada se caracteriza com uma fundamentação na análise e cruzamento de informações de trabalhos já publicados na área, com aportes na história, literatura, filosofia e em obras do próprio Marx, mostrando um recorte das referências, sátiras, citações e analogias de alguns textos do filósofo, os quais expressam, em seu contexto, o traço, modelo ou vertente do estilo que ele desenvolveu ao longo das narrativas, principalmente depois da desistência de tornar-se um poeta ou literato, porém a influência da poesia e da literatura em sua formação apresenta-se desde a infância, acompanhando-o na adolescência e percorrendo toda a vida acadêmica. Desse modo, o trabalho procura mostrar como a literatura pode dialogar com a filosofia, história, sociologia, economia e outras ciências presentes tanto nos bastidores das academias, como no cotidiano da sociedade. Assim a análise do trabalho possibilita a descoberta e exposição dessa vertente e modelo de metalinguagem, mostrando como Marx se apropria e utiliza, ao longo de sua obra de autores como Cervantes, Ovídio, Cícero, Tácito, Homero, Sófocles, Platão, Dante, Goethe, Shakespeare, além de autores bíblicos, como forma de expor suas teses, utilizando-se da literatura como recurso explicativo para uma melhor compreensão de sua filosofia, fazendo uso sempre de um estilo e modelo de escrita forte e envolvente, presentes ao longo dos textos.

### Palavras-Chave

Literatura. Filosofia. Poesia.



## A PROPOSIÇÃO DE UMA ONTOLOGIA HERMENÊUTICO-NIILISTA EM GIANNI VATTIMO

Adelino Pereira Da Silva

[ade.lino@yahoo.com.br](mailto:ade.lino@yahoo.com.br)

### Resumo

Este trabalho analisa o conceito de *pensiero debole* (pensamento fraco), como proposto por Gianni Vattimo, destacando sua influência na filosofia contemporânea e pós-moderna na defesa de uma nova ontologia. Inspirado por Nietzsche e Heidegger, Vattimo desenvolveu o *pensiero debole* como resposta ao declínio da metafísica tradicional, promovendo uma filosofia que passa a rejeitar verdades absolutas e abraçando a incerteza e a ambiguidade. Este enfoque permite uma abordagem mais inclusiva e diversificada, essencial na pós-modernidade, ao desafiar noções convencionais de verdade e conhecimento. Além disso, o *pensiero debole* tem implicações significativas em política e ética, incentivando abordagens flexíveis e pluralistas, que reconhecem a natureza transitória da verdade e a complexidade das decisões morais. A proposição de Vattimo representa uma nova ontologia hermenêutico-niilista, marcando um movimento para um pensamento e uma ética pós-metafísicos, fundamentais para a compreensão contemporânea da realidade.

### Palavras-Chave

*Pensiero debole*. Nova Ontologia. Gianni Vattimo.



## A RACIONALIDADE DAS FAKE NEWS: ANÁLISE DO DISCURSO DO POPULISMO DIGITAL

Albérico Araújo Sial Neto  
[neto120997@gmail.com](mailto:neto120997@gmail.com)

### Resumo

Os estudos acerca do populismo digital defendem que o uso populista das fake news têm por objetivo o apelo à irracionalidade. Esse apelo contribuiria para uma distinção afetiva e identitária entre os seguidores do líder e a elite opositora. No entanto, tal perspectiva é deficitária em vários pontos, sendo os dois mais importantes: (1) não responde o porquê das fake news populistas serem relativamente imunes à checagem de fatos e (2) não oferece ferramentas satisfatórias de combate a essas fake news. Ademais, essas limitações parecem estar diretamente relacionadas a uma visão filosófica equivocada que analisa as fake news populistas apenas pelos critérios de verdade e falsidade. Por sua vez, no lugar de simplesmente apelar às emoções, defendo que o uso populista das fake news tem origem em uma racionalidade que visa introduzir indivíduos numa determinada visão de mundo cujas regras articulam significados e sentidos atravessando processos de subjetivação. Dessa maneira, a partir das reflexões do segundo Wittgenstein, argumento que o uso populista das fake news visa ao estabelecimento de uma normatividade sobre aspectos do mundo. Isso explica o porquê das fake news populistas produzirem graves consequências ao romper com as fronteiras de articulação entre verdade e política. Nesse sentido, o populismo digital oferece um desafio para as democracias atuais, haja vista que a distinção entre os seguidores do líder populista e a elite deixa de ser apenas identitária e afetiva e passa a ser também normativa.

### Palavras-Chave

Fake News. Normatividade. Populismo Digital.



## A RAZÃO PÚBLICA E O BEM COMUM EM SOCIEDADES SOBRECARRREGADAS COMO A ANGOLANA

Garcia Matondo Vita Big  
[gbige@estudante.ufscar.br](mailto:gbige@estudante.ufscar.br)

### Resumo

Este estudo aborda a dinâmica da razão pública e do bem comum em sociedades sobrecarregadas, como Angola, ressaltando a desigualdade, meritocracia e suas implicações. O objetivo é discutir como alcançar um consenso nesse contexto complexo. A teoria do consenso de sobreposição de John Rawls visa estabelecer princípios de justiça em sociedades diversas, destacando a relevância da razão pública na relação entre governantes e governados. No entanto, em sociedades ricas em recursos como Angola, muitas vezes há falta de políticas públicas eficazes para garantir a distribuição equitativa, resultando em desigualdade social e migração dos cidadãos em busca de melhores condições. O desafio central nessas sociedades não é a escassez de recursos, mas sim a ausência de políticas públicas eficientes para assegurar uma distribuição equitativa. Como mencionado por Sandel, não se trata apenas de quem determina as políticas, mas também de como coexistimos como cidadãos democráticos. Este estudo busca analisar o consenso de sobreposição de Rawls junto ao conceito de bem comum de Sandel, destacando sua importância na governança para alcançar uma justiça social eficaz, considerando as particularidades das sociedades em questão. Para isso, é crucial adotar políticas democráticas viáveis e eficazes, com ênfase na boa gestão e distribuição equitativa dos direitos básicos dos cidadãos. Isso inclui a contribuição dos mais ricos por meio de impostos para beneficiar os mais pobres e promover um sistema de redistribuição de recursos que promova o bem-estar coletivo e combata ativamente as desigualdades. A metodologia deste estudo baseia-se na análise cuidadosa do debate entre Rawls e Sandel, e insights de outros comentaristas, buscando aprofundar o entendimento sobre a razão pública, o bem comum e a justiça social. A liderança política e governamental desempenha um papel crucial nesse processo, devendo agir de forma comprometida com o interesse público, fortalecendo as instituições democráticas e adotando medidas concretas para enfrentar os desafios socioeconômicos e promover um desenvolvimento mais justo e



sustentável, onde não haja vencedores e perdedores, mas sim cidadãos razoáveis e cooperativos, fazendo da diferença uma fonte de criatividade e aprimoramento dos mecanismos democráticos.

### **Palavras-Chave**

Razão pública. Desigualdade. Justiça social.



## ACONTECIMENTO E (IN)FIDELIDADE EM JACQUES RANCIÈRE

Josué Da Silva Bochi  
[josuebochi@gmail.com](mailto:josuebochi@gmail.com)

### Resumo

Atravessados pelo espírito de maio de 1968, mais de uma geração de pensadores atentos aos efeitos deletérios das revoluções burguesas do passado e desajustados em relação às demandas contraditórias do marxismo repensaram o que é ou o que pode ser um acontecimento revolucionário. Na obra de pelo menos três figuras de destaque nas últimas décadas – Alain Badiou, Gilles Deleuze e Michel Foucault –, há esforços de eticização da política, ou seja, de descrição dos modos de vida comprometidos com a verdade bárbara das revoluções e capazes de conduzi-las às últimas consequências. Para Jacques Rancière, no entanto, uma das grandes lições de 1968 é a de que a política é fundamentalmente anti-ética: nunca o “ato de uma subjetividade específica” e sempre uma demonstração da igualdade entre as formas de vida. Em um comentário a O ser e o evento, Rancière é especialmente crítico do gesto de “fidelidade” por meio do qual Badiou formula a relação entre sujeito e acontecimento: “eu diria com prazer que O ser e o evento estabelece um templo para a Fidelidade, um templo que deveria ser visitado com frequência. [...] Minha única ambição [nesse texto] era tirar – ou seja, remover – a minha pedra deste templo”. Removida a pedra do templo da Fidelidade, minha ambição particular é questionar: é possível desenhar ao menos alguns contornos do que seria um modo de vida revolucionário em Rancière? Minha hipótese é de que Rancière sustenta algo como uma fidelidade impura. Distinta da Fidelidade de Badiou assim como da mera infidelidade do “vale tudo” pós-moderno, a (in)fidelidade rancèriana se refere não a um acontecimento particular, mas à era das revoluções como um todo, que, a despeito de todos os discursos dos “pós”, ainda habitamos.

### Palavras-Chave

Acontecimento. Fidelidade. Maio de 1968.





## ANTÍGONA E O DESOBEDECER: UMA REFLEXÃO ÉTICO-POLÍTICA COMO FUNDAMENTAÇÃO PARA UMA DEMOCRACIA CRÍTICA

Pericles Ayres Schutz  
[pericles.schutz94@gmail.com](mailto:pericles.schutz94@gmail.com)

### Resumo

Conjectura-se, no presente trabalho, uma reflexão ético-político-filosófica acerca da estilística conceitual do desobedecer a partir do seu vínculo com a obediência. Diante do cenário contemporâneo de aprofundamento das injustiças sociais, da ampliação das desigualdades econômicas e do desdobramento das crises das democracias ocidentais, questiona-se: em que medida é possível, a partir do desobedecer, pensar filosoficamente uma nova abertura teórica e prática que possibilite a formação de um novo sujeito ético-político voltado para a busca de uma efetiva condição de emancipação da liberdade humana? Antígona foi a heroína sofocliana capaz de abrir o debate em virtude do desobedecer. O trabalho tem como principal objetivo investigar a evidente relação da desobediência de Antígona e de outras particularidades conceituais do desobedecer com a noção do ‘Si Indelegável’ grosniano como critérios para a fundamentação de uma outra possível democracia, a democracia crítica. Para tanto, entrelaçar-se-á, por meio do pensamento de Frédéric Gros, a diferença entre a estilística dos conceitos de obediência e desobediência, interrogando-se sobre as condições éticas e políticas que possibilitam compreender até que ponto desobedecer é factualmente legítimo, eficiente e justificável. Por fim, verificar-se-á em que medida o desobedecer se apresenta como uma alternativa viável para formação de um novo sujeito capaz de construir uma sociedade mais justa.

### Palavras-Chave

Antígona. Democracia. Desobedecer. Ético-político.



## BÍOS POLITIKÓS E LÁTHE BIÔSAS: O PROBLEMA DA POLÍTICA EM ARISTÓTELES E EPICURO.

Izabella Tavares Simões Estelita  
[izabellasilmoes@hotmail.com](mailto:izabellasilmoes@hotmail.com)

### Resumo

A pretensão fundamental desta comunicação é estabelecer a confrontação de dois tipos opostos de concepção acerca do significado da vida política presentes no pensamento grego, a saber: a concepção radicalmente positiva elaborada por Aristóteles, a qual concebe a vida na cidade como um elemento indispensável para a realização da excelência ou virtude humana, e a negativa, preconizada por Epicuro, para a qual a vida política constitui um verdadeiro obstáculo à felicidade do homem e, por conseguinte, algo a ser evitado pelo sábio. Nossa apresentação será organizada, em vista disso, em dois momentos principais: no primeiro deles, investigaremos como Aristóteles pensa a pólis como uma forma de comunidade que tem por meta não apenas assegurar as condições materiais mínimas necessárias ao viver humano, mas também propiciar ao homem um locus superior no qual ele possa efetivar o bem viver, ou seja, a vida boa entendida como a realização da virtude, da racionalidade e do bem. Num segundo momento, abordaremos o pensamento de Epicuro, procurando observar como esse filósofo, assumindo uma posição nitidamente antiaristotélica, concebe a vida política como fonte de inquietações e paixões, considerando que a consecução da vida feliz pressupõe por isso a abstenção dos negócios públicos. Para desenvolver este trabalho recorreremos ao método analítico e estrutural para a leitura da *Política*, principal obra aristotélica sobre a questão que foi delimitada como nosso objeto precípuo de investigação, no intuito de identificar as principais articulações conceituais e argumentativas nela produzidas pelo autor. No caso de Epicuro, analisaremos os textos e testemunhos reunidos na monumental obra de Usener, buscando compreender que tipo de reflexão o filósofo helenístico elaborou acerca do significado da política. Paralelamente a essa leitura das fontes primárias de Aristóteles e Epicuro, realizaremos também uma leitura da bibliografia secundária pertinente ao tema, como, por exemplo, os comentários de Berti, Wolff, Festugière, Salem, entre outros.

### Palavras-Chave

Política. Vida moral. Aristóteles. Epicuro.



## CAPITALISMO PREDATÓRIO E O PROBLEMA DA FALHA METABÓLICA NA SEPARAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E NATUREZA

Cleylson Dos Santos Almeida  
[cleylson.almeida@aluno.uece.br](mailto:cleylson.almeida@aluno.uece.br)

### Resumo

A presente pesquisa discorre sobre como o capitalismo e a falha metabólica estão intrinsecamente concebidos desde sua gênese pela lógica do capital e a ontologia da acumulação e mais valor. Discutimos a abordagem do atual contexto histórico, denominada capitalismo predatório, a fim de investigar o conceito de falha metabólica (FOSTER, 2005) e o que implica esta com a separação entre seres humanos e natureza. Buscamos, nos fundamentos marxianos (MARX, 2007;2010; 2011; 2013), reafirmar a crítica a partir da ecologia de Marx. A pesquisa retoma o problema de ordem ontológica e epistemológica, discutindo os elementos fundantes que constituíram a noção de separação entre seres humanos e natureza e em que se sustenta tal pressuposição. Portanto, concentramos os esforços em desenvolver e sistematizar maneiras de superar as estruturas de dominação e exploração que caracterizam a relação entre seres humanos e natureza, buscando construir uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável. Isso implica repensar outra forma de sociabilidade de progresso, desenvolvimento e bem-estar, reconhecendo a interdependência e a interconexão de sermos essencialmente natureza e objetivamente limitados dentro dos limites circulares da natureza natural. A presente pesquisa tem como perspectiva filosófica contribuir para um desafio atual da condição de existência, que é a destruição da natureza, esta base desta temática tem como horizonte a produção conceitual e política do movimento ecossocialista e busca investigar as mediações sociais, a produção de uma práxis urgentemente transformadora da realidade, considerando a negação da negação e a superação dessa lógica do capital. Para além de uma mera compreensão de mundo, trata-se da materialização de uma ação da práxis, que dê o salto qualitativo para a mudança da realidade e assim da consciência crítica. A sistematização metodológica teve como procedimento a pesquisa bibliográfica, fazendo uso de artigos e textos, através de leituras e fichamentos. A construção das análises permitiu que vinculassem o procedimento da pesquisa qualitativa, a partir da



relação da abstração teórica conceitual refletida na realidade, o que só é possível por meio do método do materialista histórico e dialético. Conduzimo-nos assim por uma análise crítica que se produz por meio da unidade entre teoria e prática (MINAYO, 1996). Destacamos a necessidade urgente de uma superação da sociedade do capital para uma sociabilidade sustentável e racional.

### Palavras-Chave

Capitalismo. Predatório. Falha metabólica.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE MAL EM HANNAH ARENDT E SANTO AGOSTINHO

Lidyane Carla Luz Dos Santos

[lidyane.academic@gmail.com](mailto:lidyane.academic@gmail.com)

### Resumo

Na história da filosofia, há vários pensadores que refletem sobre a questão do mal. Um deles é Santo Agostinho. Santo Agostinho compreende que o mal não é uma criatura ontológica, mas apenas privação do bem. Esse mal não é criação divina, pois Deus é bom, logo não poderia ter criado o mal. Esse mal é fruto puramente das ações humanas, quando o homem escolhe não seguir os desígnios divinos (que são bons). Desta feita, de maneira agostiniana, o mal é o espaço que fica quando não há ser, isto é, o nada. Não há dúvidas que Agostinho influenciou a filosofia de Arendt. Contudo, no que tange ao mal, Arendt rompe com o fio da tradição. Hannah Arendt em 1961 foi a Jerusalém contratada para cobrir o julgamento de Eichmann, um dos nazistas mais conhecidos de sua época, e escreveu sobre ele ao jornal *The New York*. A série de artigos, e posteriormente um livro, escritos por Arendt, gerou grande repercussão e críticas. Segundo Arendt, Eichmann não demonstrava ser uma figura 'monstruosa' ou 'demoníaca', como havia sido retratado nos julgamentos de Nuremberg. Arendt, percebe que Eichmann era apenas um burocrata e estava cumprindo ordens. Assim sendo, pontua que o tipo de mal dele, era um mal comum e sem raízes. Esse mal é verificado por Arendt no regime totalitário. Esse sistema busca primeiro utilizar a manipulação de massa para sanar o pensamento. E posteriormente quando o sistema nazi já está em total poderio, visa sanar a liberdade. Destarte, a pensadora capta que essa é a banalidade do mal, um mal que qualquer um pode executar quando se abstém de pensar criticamente. Ao pensarmos sobre a conexão do pensamento de Santo Agostinho sobre o mal com o de Hannah Arendt. Devemos primeiro pontuar que eles viveram em épocas diferentes. Para ambos os pensadores, esse mal não tem corporeidade, não possui substância, ele é de caráter moral. Em Santo Agostinho, Deus possibilitou o livre-arbítrio, para que cada um agisse livremente. Porém, para Arendt, o mal banal não se conecta a nenhuma religião, além disso ao ser manipulado o indivíduo não usa o livre-arbítrio. O contexto de Santo Agostinho é de fim do império



romano, enquanto o de Arendt é do pós Segunda Guerra Mundial. No tempo de Arendt, Agostinho tornou-se parte da tradição. Arendt, rompe com o fio da tradição e se distancia de Santo Agostinho, visto que a banalidade do mal surge como resultado do horror totalitário, como um mal sem raízes. Logo, na nossa comunicação temos como foco refletir sobre essas visões do mal.

### Palavras-Chave

Mal moral. Banalidade do mal. Eichmann.



## DA EUTANÁSIA AO SUICÍDIO ASSISTIDO

Wesley Torres Da Cruz

[wesley.filosofia@gmail.com](mailto:wesley.filosofia@gmail.com)

### Resumo

A ética deve ser relacionada ao desenvolvimento das práticas virtuosas como controle das paixões (KRAUT 2022). O presente trabalho discute questões acerca da possibilidade de cessar a vida por via do suicídio assistido. Alguns dos argumentos mais relevantes de matrizes filosóficas sobre o tema serão explorados, quando discutirei a diferença entre a eutanásia voluntária e suicídio assistido. Para circunscrever este tema, aparentemente muito amplo, tomarei como fio condutor casos de doentes terminais como o da francesa Chantal Sébire. Ela teve seu pedido para morrer com auxílio de um médico negado pela justiça francesa, mesmo estando ainda lúcida e apresentando quadro de dor aguda-crônico no período do pedido. Argumento que casos dessa natureza seriam paradigmáticos para refutar objeções do tipo “ladeira escorregadia”, por constituírem o que denominarei casos Tipo A, a saber, que reúnem necessariamente todas as seguintes características: é determinado por uma junta médica que a cura da doença terminal é impossível, o paciente deve ser capaz de tomar e comunicar decisões de saúde no momento das avaliações, dor aguda constante, o médico do paciente tem que estar presente e precisa de laudo psiquiátrico e psicológico.

### Palavras-Chave

Eutanásia. Agência. Autonomia.



## DESDOBRAMENTOS POLÍTICOS DE ALGUNS VÍCIOS DO PENSAMENTO – REFLEXÕES A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Paulo Ricardo Gontijo Loyola  
[gontijoloyola@yahoo.com.br](mailto:gontijoloyola@yahoo.com.br)

### Resumo

Para Hannah Arendt, aquele que pensa possui mais condições de resistir a tiranias, pois a própria dinâmica do pensamento o faz evitar condutas que o tornariam vil a seus próprios olhos. Todavia, há certa ambiguidade na situação do homem que se afasta do convívio para dedicar-se à reflexão, pois se por um lado o pensamento insere a pluralidade de pontos de vista na vida mental, por outro é dependente da posição de espectador, que apresenta constante tensão com a posição daquele que age. O espectador – contemplando o todo, mas impossibilitado de ação ou reação imediata – encontra-se numa posição passiva e distanciada, ao contrário do ator, cuja posição é ativa, parcial e interessada. O excessivo apego à posição de mero espectador pode gerar aversão ao agir no sentido arendtiano, o que leva ao isolamento autoimposto. Em vez de refúgio provisório, o pensamento passa a ser morada permanente, caracterizando renúncia à responsabilidade do cidadão (apolitismo) ou mesmo misantropia. E se o pensamento busca se justificar por oposição à ação, dificilmente o resultado será o reconhecimento do valor desta e, conseqüentemente, da vida política. A simples diversidade de pontos de vista entre ator e espectador não impossibilita a compreensão mútua entre quem age e quem pensa, mas certas circunstâncias adicionais podem sobremaneira dificultá-la. No caso de quem pensa, podem surgir hábitos potencialmente capazes de gerar desconfiança ou aversão à ação e, conseqüentemente, à política. Nessa linha de reflexão, denomino vícios do pensamento as variantes deste – modos de pensar – que aumentam a tensão entre pensar e agir. Os vícios aqui tratados estão relacionados à impotência decorrente do isolamento autoimposto pelo pensador. O poder nasce da ação conjunta, da ação em concerto. A impotência significa, assim, a incapacidade de atuar sobre a rede de relações humanas, influenciando-a. A experiência dessa incapacidade gera desconfiança quanto à possibilidade mesma de chegar, por meio da ação, a um resultado satisfatório, bem como quanto à confiabilidade desse meio de intervenção,





desconfiança reforçada pela percepção correta de que nossa ação no mundo das aparências gera reações imprevisíveis e consequências irreversíveis. Lançar um olhar atento sobre esse fenômeno é fundamental para compreender os riscos políticos vinculados à atividade do pensar.

### **Palavras-Chave**

Arendt. Pensamento. Política.



## DISCÍPULOS DE DIONISO: A SABEDORIA TRÁGICA DE NIETZSCHE EM SUA DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICA

Eduardo Carli De Moraes  
[eduardo.moraes@ifg.edu.br](mailto:eduardo.moraes@ifg.edu.br)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a sabedoria trágica proposta por Friedrich Nietzsche (1844-1900), compreendida como tentativa de superação tanto da metafísica quanto do niilismo. Destaca-se a valorização nietzschiana de um pensamento dotado de senso histórico, fiel ao devir ininterrupto do real, o que implica em uma cosmovisão semelhante à de Heráclito (atualizada no pensamento contemporâneo por pensadores como Barbara Stiegler). Defende-se que a posição peculiar de Nietzsche na história da filosofia moral consiste na análise crítica da multiplicidade de diferentes valorações morais, sempre remetidas a suas fontes humanas (demasiado humanas). Através da atenção às circunstâncias e condições de surgimento, desenvolvimento e ocaso dos diversos ideais, valores morais e doutrinas religiosas, procuramos mostrar como Nietzsche constitui uma filosofia que rompe com a noção de valores divinos e imutáveis, além de des-estabilizar crenças em verdades absolutas. De modo a ilustrar o método genealógico nietzschiano em operação, investigam-se fenômenos como o ressentimento e o ascetismo, re-inseridos no fluxo histórico e compreendidos a partir de seus pressupostos psicológicos, fisiológicos e sócio-políticos. Com base em ampla pesquisa bibliográfica da obra de Nietzsche e comentadores (como Jaspers, Wotling, Rosset, Giacoia, Moura, Ferraz, dentre outros), argumenta-se que a filosofia nietzschiana realiza uma ultrapassagem da cisão platônico-cristã entre dois mundos, além de uma superação do dualismo entre corpo e espírito. A filosofia anti-idealista de Nietzsche, avessa ao absolutismo e ao sobrenaturalismo, age como uma “escola da suspeita”, convidando-nos a um filosofar liberto de subserviência, credulidade e obediência acrítica à tradição. A temática da “morte de Deus” e da derrocada dos valores judaico-cristãos, além da concomitante escalada do niilismo, no contexto de uma filosofia que busca sugerir e abrir novas vias para a aventura humana ao mobilizar conceitos como amor fati, além-do-homem e “fidelidade à terra”. Nietzsche é compreendido não somente em seu potencial crítico, demolidor da tradição idealista e metafísica, mas também como criador de uma sabedoria trágica e dionisíaca que se posiciona nas antípodas tanto dos ideais ascéticos quanto dos ideários niilistas.

### Palavras-Chave

Friedrich Nietzsche. Sabedoria Trágica. Discípulos.



## ENTRE ADORNO E FREUD: FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOLOGIA DO FASCISMO

Vinícius Rufino Leal

[vrlpsicologia@gmail.com](mailto:vrlpsicologia@gmail.com)

Reginaldo Aliçandro Bordin

[reginaldobordin@gmail.com](mailto:reginaldobordin@gmail.com)

José Francisco De Assis Dias

[jose.dias5@unioeste.br](mailto:jose.dias5@unioeste.br)

### Resumo

O estudo do fascismo no século XX revela a importância de compreender sua estrutura psicológica, especialmente diante do ressurgimento de movimentos autoritários. Este resumo analisa a psicologia do fascismo através das teorias de Sigmund Freud e Theodor Adorno, dois pensadores que oferecem insights valiosos para essa compreensão. Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), propõe que a dinâmica dos grupos leva os indivíduos a perderem sua autonomia, favorecendo a identificação com líderes carismáticos. Essa identificação é facilitada pela projeção de desejos e fantasias na figura do líder, o que é evidente nos regimes fascistas, onde líderes como Mussolini e Hitler assumem papéis messiânicos. Freud também destaca os instintos de Eros (vida) e Thanatos (morte), sugerindo que o culto à violência no fascismo é uma manifestação do Thanatos coletivo, direcionando a agressividade contra inimigos externos para expurgar demônios internos. Adorno, em *Estudos sobre a personalidade autoritária* (2019), investiga as bases psicológicas do autoritarismo, identificando traços como agressividade direcionada a grupos externos, conformismo, rigidez cognitiva e submissão à autoridade. Ele argumenta que essas características tornam os indivíduos suscetíveis à propaganda fascista, pois valorizam a ordem e a hierarquia propostas pelos líderes autoritários. Adorno também introduz o conceito de bode expiatório, onde a frustração e agressividade são projetadas em minorias, justificando a perseguição e demonização desses grupos. Embora as abordagens metodológicas de Freud e Adorno sejam distintas, elas se complementam ao analisar a psicologia do fascismo. Ambos enfatizam a importância da submissão à autoridade



e da canalização da agressividade, sendo que a figura do líder fascista emprega essas dinâmicas para facilitar a identificação e perpetuar a violência autoritária. Freud foca na estrutura interna da psique, enquanto Adorno examina os aspectos sociais e econômicos, proporcionando uma visão holística do fenômeno fascista. No contexto contemporâneo, a análise dessas teorias é crucial devido ao aumento de movimentos autoritários globalmente, inclusive no Brasil, onde a polarização política e a demonização de opositores são evidentes. A educação emancipatória, proposta por Adorno em Educação após Auschwitz (1955), é vital para combater o fascismo, promovendo conscientização, autonomia, pensamento crítico e tolerância

### **Palavras-Chave**

Psicanálise. Fascismo. Freud.



## EXCOGITAÇÕES SOBRE O PRINCÍPIO DA IGUALDADE EM NIETZSCHE.

Alessandra Peixoto Dos Santos

[al\\_peixoto@yahoo.com.br](mailto:al_peixoto@yahoo.com.br)

### Resumo

Em primeiro lugar, o que se poderia esperar de uma apresentação acerca de Nietzsche quando o tema versa sobre o princípio da igualdade? Partiremos da determinação dos valores, para então dar lugar às críticas acirradas de Nietzsche contra o universo da igualdade, sucedâneo este da moral cristã. Nos deteremos em uma dupla construção do princípio da igualdade: primeiro, a partir do elemento da criação dos direitos em geral; e, em seguida, elaborando uma dimensão moral onde se estabelece a divisão da humanidade em duas metades necessárias: a da moral dos senhores e a da moral do rebanho, ou o instinto gregário. Nietzsche sustenta sua posição do “páthos da distância”, criando um verdadeiro abismo entre os estamentos humanos, prevalecendo, assim, em sua filosofia, uma concepção de ideal aristocrático. Contra todo esforço em manter a conservação da existência a todo custo, com a subtração de um ponto de vista mais afirmativo e potente da vida, Nietzsche vê em ideais como o anarquismo, o socialismo e a democracia, como formas instauradas das assim chamadas ‘ideias modernas’, um modo de instaurar o princípio da igualdade em bases da moral cristã. Do mesmo modo, a Revolução Francesa, ou o Terror, com suas máximas humanitárias: liberdade, igualdade e fraternidade - não passaria de um sustentáculo para sublimações do sentimento egoísta inerente ao homem, que, pretendendo impor a universalidade a despeito das diferenças e singularidades, também teria por raiz afetos cristãos, como a compaixão e a piedade. Desse modo, ultrapassando aquilo que Nietzsche denominou de a “pequena política”, ou seja, para além dos institutos e organizações da modernidade decadente, em especial a democracia, enquanto representante máxima da encarnação do instinto igualitário cristão. O filósofo estaria a se propor a substituição dessa dimensão da mediocridade humana, através daquilo que denominou a “Grande Política”. Nessas bases, haverá a prevalência dos valores globais para as nações, para além de todos os nacionalismos, e, no domínio dos homens, criará a possibilidade da autossuperação por meio de Filósofos-legisladores, que dariam um novo rumo à humanidade. Nietzsche estaria a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



vislumbrar um horizonte mais amplo, em que a política estaria à disposição do desenvolvimento da educação e da cultura, concebendo um processo de autorrealização plena para o indivíduo, promotor de vivências mais criativas e mais humanas.

## Palavras-Chave

Nietzsche. Igualdade. Moral.



## EXISTEM FRONTEIRAS PARA OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS?

Thaline Luize Ribeiro Fontenele  
[thaline.fontenele@ifal.edu.br](mailto:thaline.fontenele@ifal.edu.br)

### Resumo

Diante das inundações ocorridas no Rio Grande do Sul (2024), dos rompimentos de barragens e hidrelétricas, dos incêndios e desmatamentos nos últimos anos, assim como do extrativismo predatório, um fenômeno antigo se consolida, agora apresentado pelo nome de migração ambiental. Esse fenômeno, diferentemente de outros conflitos, segue muitas vezes sem direitos, respaldos e garantias para os humanos e não humanos que passam por essas circunstâncias. Podemos pensar que, os efeitos da falta de reconhecimento da pessoa que se desloca do seu território por conta de problemas ambientais, já revela o conflito não só com relação à fronteira, mas também sobre como pensamos a natureza. Isso envolve perspectivas impregnadas de visões sobre desenvolvimento e progresso, que nos separa diante da natureza e nos coloca diante de outro problema: existem limites para um território? Em termos jurídicos, a demarcação é artificial, mas em termos ambientais, as consequências transcendem essas fronteiras? Com essas questões, o intuito desse trabalho é pensar os efeitos da colonização sobre a invisibilidade dos deslocamentos provocados por mudanças climáticas e desastres naturais, que impossibilita de uma população viver naquela região. O deslocamento forçado vulnerabiliza as pessoas e expõe outras violências, como o racismo ambiental e as desigualdades de gênero, já que as consequências repercutem de forma diferente para a região costeira e ribeirinha, prejudicando principalmente as/os agriculturas/es, comunidades quilombolas, povos originários e comunidades tradicionais, assim como se agrava para mulheres e crianças. As consequências também são ampliadas para animais não humanos, consolidando outras formas de especismos. O conceito de fronteira será pensado como contradição, na perspectiva da professora e escritora chicana Glória Anzaldúa (2020), ou seja, como segregação em termos desses limites traçados na lógica colonial e nesse caso, especificamente, como uma violência diante dos refugiados ambientais, mas também como ruptura, possibilitando a construção de outros modos de vida e identidades.

### Palavras-Chave

Colonização. Fronteira. Migração ambiental.



## IDEOLOGIA, MORALIDADE E DEOCRACIA: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO DAS IDEIAS EM SUA IMPLICAÇÃO ÉTICA/POLÍTICA

Sinomar Ferreira Do Rio  
[sinorrio@yahoo.com.br](mailto:sinorrio@yahoo.com.br)

### Resumo

A proposta desse trabalho é, primeiramente, investigar, junto ao autor Antoine-Louis-Claude Destutt de Tracy, como as ideias são produzidas. Mas essa primeira investigação tem por objetivo pensar as bases da formação moral da vida humana em sociedade. A análise desse processo formador das ideias, em suas implicações na formação da moralidade, visa por sua vez colocar em relevo o conceito de justiça como parâmetro orientador de uma vivência social gestora das condições de felicidade daqueles que integram organicamente essa sociedade em vivência. Seguindo esse pensamento, a análise quer refletir a relação intrínseca entre o conceito de justiça e o de democracia. Essa análise acaba por pontuar que uma sociedade que não se organiza mediada pela justiça, acaba por se resolver em formas não democrática da gestão do interesse público. Colocado desse modo, destaca-se que quando um ato causador de prejuízos, seja sobre um indivíduo ou sobre o bem público, não é devidamente punido pelas regras socialmente estabelecidas, gera-se a sensação de impunidade, provocado uma tendência desviante no interior dessa sociabilidade. Essa injustiça inviabiliza e degrada a instituição de uma vivência democrática ainda mais quando a impunidade se coloca por força de privilégios institucionalizados, gerando desconsideração de muitos no interior dessa vivência social e considerações indevidas a poucos detentores de condições privilegiadas, advindas desse estado de vantagem institucionalizada. Para fundamentar esse arrazoado, a discussão trará primeiro as considerações de Destutt de Tracy para mostrar que as ideias são formadas por meio da sensibilidade humana em suas relações com o mundo, e não antes, de modo a ser a sua base física. Essa apresentação passa pela exposição das faculdades do pensamento que o autor compila em sua obra Ideologia propriamente dita, que são, segundo o autor, quatro: a de sentir as sensações, a de sentir uma lembrança – a da memória-, de sentir relações entre ideias – a do julgamento -, e de sentir desejos – a da vontade. Analisado as operações dessas faculdades, seguiremos para as considerações que o outor faz sobre





a formação da moralidade em seu livro intitulado Quais são os meios de fundar a moral em um povo. A análise dessa obra se mostrará subsídio teórico para o nosso objetivo de mostra a relação entre o conceito de justiça e o de democracia, não somente pela punição ao delito quando praticado, mas antes pela exigência de uma sociedade equitativa.

### **Palavras-Chave**

Sensação. Ideias. Moralidade.



## KANT E A CRÍTICA AO EXPANSIONISMO

Zilmara De Jesus Viana De Carvalho

[zilmara.jvc@ufma.br](mailto:zilmara.jvc@ufma.br)

### Resumo

Objetiva-se examinar o projeto kantiano de paz apresentado em *À Paz perpétua* (1795), assim também como na *Metafísica dos costumes* (1797), mais especificamente nos parágrafos concernentes ao Direito das gentes, a fim de fazer o mapeamento da crítica desferida por Kant às guerras motivadas por propósitos expansionistas. No tocante à primeira obra, notadamente, no segundo artigo preliminar para a paz perpétua entre os Estados, afirma o filósofo que um Estado, grande ou pequeno, que exista de forma independente, não pode ser adquirido por outro. A justificativa para esse artigo se encontra na forma como Kant concebe o Estado, a saber, não como uma coisa, que pode ser disposta dessa ou daquela maneira, mas como uma sociedade de seres humanos, ou seja, o Estado não é uma coisa, não é um solo ou patrimônio, razão pela qual, quando um Estado é anexado a outro é como se fosse arrancado de sua raiz, portanto, como se perdesse sua existência como pessoa moral, passando à condição de coisa, o que contradiz o contrato originário. Tampouco poderia ocorrer uma guerra de extermínio nem de subjugação, o que implicaria que o povo se fundiria com o povo vencedor ou se tornaria escravo, havendo em ambos os casos a aniquilação moral de um Estado, o que iria além do que comporta o conceito do direito das gentes. De certo, que nem mesmo a Federação livre de Estados, que se une contra ataques internos e externos para assegurar o direito de paz, pode ir além disso, portando-se como uma confederação para ataque e expansão interna. Com efeito, se a Federação dos Estados tivesse tais propósitos necessariamente recairia no ciclo de guerras, tão bem apontado pelo filósofo prussiano na *Religião nos limites da simples razão* (1793), assemelhando-se ao que Kant denomina nesta de monstro, ao referir-se a Estados que esperando dominar pela sujeição, acalentavam se tornar uma monarquia universal, devorando, para tanto, todos os vizinhos, até chegar ao ponto da própria dissolução.

### Palavras-Chave

Kant. Guerra. Expansionismo.



## NASCIMENTO DA (BIO)POLÍCIA: FOUCAULT, GOVERNAMENTALIDADE E BIOPOLÍTICA

João Jânio Da Silva Lira  
[joao.janio2016@gmail.com](mailto:joao.janio2016@gmail.com)

### Resumo

Quais as condições de possibilidade pelas quais o mecanismo de segurança policial veio a se instaurar no Ocidente? O que é biopolítica? Existe relação entre a polícia e a biopolítica? O presente trabalho analisa tal problemática a partir dos escritos políticos do filósofo francês Michel Foucault, apresentando sua tese de que a governamentalidade moderna viabilizou a formação de “tecnologias políticas dos indivíduos”, cujo fundamento une o território e a população em objetivos que promovem a polícia como dispositivo privilegiado da lógica da sociedade de segurança. Nesse sentido, biopolítica será compreendida como a generalização da vida humana; e polícia como o “meio” pelo qual se promoveu a generalização da bios. A hipótese sustentada é que os fundamentos epistemológicos encontrados nos escritos foucaultianos permite identificar os meios pelos quais a polícia veio a se instaurar na modernidade, permitindo, assim pensar a polícia para além da imagem vigilante e punitiva, mas mais como um mecanismo sujeitado ao biopoder. Neste sentido que definimos a (bio)polícia, conceito que abrange a literatura foucaultiana sobre o nascimento da polícia no ocidente. Contornando as leituras de *Vigiar e punir* (1975) que reduz a polícia à imagem da vigília e da punição, e abrangendo as ideias desenvolvidas no programa biopolítico foucaultiano, o conceito de polícia ganha novos contornos e profundidade ao ser pensada dentro de uma história da governamentalidade. Assim, este trabalho traz à baila as reflexões aprofundadas de Foucault sobre o nascimento da polícia na modernidade e sua relação com a biopolítica, traçando, com isso, novas leituras do conceito de polícia nos ditos e escritos foucaultianos. Essa pesquisa, portanto, define o conceito de (bio)polícia para dar conta do “tratado sobre a polícia” desenvolvido por Foucault para além de *Vigiar e punir*.

### Palavras-Chave

Biopolítica. Biopolícia. Governamentalidade.



## O CONCEITO DE GUERRA JUSTA NO PENSAMENTO DE NORBERTO BOBBIO: UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA

Reginaldo Cesar Pinheiro

[reginaldocesarpinheiro@yahoo.com.br](mailto:reginaldocesarpinheiro@yahoo.com.br)

José Francisco De Assis Dias

[jose.dias5@unioeste.br](mailto:jose.dias5@unioeste.br)

### Resumo

O presente trabalho tem como tema o conceito de guerra justa na filosofia de Norberto Bobbio, a partir da obra *Una Guerra Giusta? Sul conflitto del Golfo*. O problema central que se apresenta é como determinar contemporaneamente o estabelecimento de critérios éticos e morais que legitimam o uso da força militar em conflitos internacionais. Nesse sentido, é possível estabelecer os seguintes objetivos: a) analisar a concepção da “guerra justa” proposta por Norberto Bobbio; b) identificar os critérios e princípios éticos que fundamentam a guerra justa na perspectiva de Bobbio; c) avaliar a aplicação dos critérios, considerando a complexidade dos conflitos contemporâneos, a legitimidade das intervenções humanitárias, a tecnologia de guerra (informação e desinformação) e o multilateralismo. O estudo será conduzido metodologicamente a partir de uma revisão bibliográfica crítica, tem como referencial principal a obra *Una Guerra Giusta? Sul conflitto del Golfo*. No contexto atual da filosofia política e ética, a filosofia de Norberto Bobbio, sobre a guerra justa, permanece como um ponto de referência fundamental. Os conflitos contemporâneos, caracterizados por sua complexidade e diversidade de atores, suscitam questões profundas sobre a legitimidade do uso da força militar. A discussão sobre intervenções humanitárias, marcada pela necessidade de proteger os direitos humanos em situações de crise, levanta debates sobre soberania estatal e autorização internacional. Além disso, o avanço tecnológico na guerra, com o surgimento de novas armas e táticas, desafia conceitos tradicionais de proporcionalidade e de distinção entre combatentes e não combatentes. Nesse contexto, as instituições internacionais, particularmente as Nações Unidas, desempenham um papel crucial na regulação e na resolução de conflitos. A análise de Bobbio sobre a autorização da ONU para o uso da força militar ganha



destaque diante da necessidade de fortalecer o multilateralismo e a cooperação global. À guisa de conclusão, Bobbio propõe uma abordagem rigorosa e criteriosa para a guerra justa, fundamentada em princípios como a legítima defesa coletiva e a autorização internacional. A aplicação desses critérios levanta questões sobre a sua legitimidade, especialmente em relação ao papel das Nações Unidas, devendo ser repensado continuamente encetando esforços em busca da paz mundial em uma perspectiva pragmática e não utópica.

### Palavras-Chave

Guerra justa. Multilateralismo. Pacifismo.



## O CRISTIANISMO NA ANÁLISE DE MICHAEL FOUCAULT: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Ronan Belo Júnior

[ronanjr.ufu@gmail.com](mailto:ronanjr.ufu@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho investigará a influência do cristianismo nas estruturas de poder, utilizando a abordagem analítica de Michel Foucault. A contextualização histórica destaca a emergência do cristianismo e sua transformação em um dispositivo de poder, permeando diversas esferas sociais. A análise se aprofunda nas práticas disciplinares, relações de confissão e governamentalidade, examinando as transformações litúrgicas e institucionais ao longo do tempo. Ao explorar as obras de Foucault, revelamos como o cristianismo moldou a subjetividade e contribuiu para a manutenção do status quo. Este estudo oferece uma compreensão crítica das dinâmicas entre religião e poder, reconhecendo desafios interpretativos. Concluímos destacando a relevância da análise foucaultiana para uma compreensão mais profunda das interações entre filosofia, religião e sociedade. A ampliação deste texto visa enriquecer a discussão, proporcionando uma análise mais abrangente e detalhada das implicações da influência do cristianismo nas estruturas de poder.

### Palavras-Chave

Cristianismo. Foucault. Poder.



## O DESAFIO DA DEMOCRACIA EM MOÇAMBIQUE NO ATUAL REGIME NA REFLEXÃO DE SEVERINO NGOENHA

Latifo Fonseca

[fonsecamateuscsp@gmail.com](mailto:fonsecamateuscsp@gmail.com)

### Resumo

Quando discutimos a respeito da democracia encontramos elementos fundamentais que indicam a vivência da democracia como forma de governação participativa, e representativa, tolerância política, implementação do multipartidarismo e incentivo da criação de partidos políticos, respeito e convivência sadia entre o governo no poder e a oposição. Contudo, o fenômeno que se vive em Moçambique desde 1994, o ano da realização das primeiras eleições presidenciais e legislativas envolvendo muitos partidos, o clima tem sido de conflitos e guerras quer durante as eleições quer o período pós-eleitoral. Severino Ngoenha, um dos grandes filósofos africanos, especialmente, de Moçambique, tem refletido a questão de se repensar o tipo de democracia que pode servir aquele país. Ngoenha acredita que Moçambique “foi forçado” a aderir a democracia, uma forma de governação que não se resume nas eleições, mas também de várias ações visando o desenvolvimento social, político e econômico do Estado. A pobreza provocada pela guerra civil é acentuada nas áreas sociais principalmente no ensino formal, espaço que deveria ser de educação sobre a cidadania e debates sobre o modelo de governação apropriado para o povo moçambicano. Neste artigo pretendemos apresentar os desafios elencados por Severino Ngoenha que constituem impasse da democracia em Moçambique e o problema dos conflitos e das guerras como consequência da falsa e teórica democracia que o país vive.

### Palavras-Chave

Democracia. Moçambique. Política.



## O OUTRO DO OUTRO E A GOVERNANÇA DIGITAL: A EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO VIRTUAL

Aline Santos Barbosa  
[santos.aline87@edu.pucrs.br](mailto:santos.aline87@edu.pucrs.br)

### Resumo

O presente artigo pretende apresentar considerações éticas-filosóficas a respeito de como mulheres pretas são categorizadas e como decisões tomadas sobre elas em espaços virtuais são advindas de uma sociedade e governabilidade digital com vieses implícitos e explícitos racistas, sexistas e opressores. As referências base para a construção desta proposição serão: “Interseccionalidade” de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge; “A Ordem do Discurso” de Michel Foucault; “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” de Grada Kilomba; e o artigo “Gender shades: Intersectional accuracy disparities in commercial gender classification” de Joy Buolamwini e Timnit Gebru. A metodologia será dividida entre: introdução, relação entre a Filosofia e a Inteligência Artificial, o desenvolvimento do Campo da IA, a contextualização das mulheres pretas na governabilidade digital, as interseccionalidades das mulheres pretas na sociedade e uma proposição crítica e ética de como as existências dessas pessoas podem ser positivamente configuradas. Com isso em mente, será articulada uma teoria crítica-analítica, de forma a questionar os vieses validados como verossímeis pela sociedade e incorporados nos algoritmos. Por fim, o objetivo do trabalho é problematizar a reputação virtual das mulheres pretas e desenvolver uma ferramenta interseccional que as contextualize como corpos vivos e sensíveis no mundo, ocupantes de espaços de falar, lutar e poder. E, que se correlacionam por dinâmicas culturais, políticas e sociais que as identificam, as interpretam e as classificam.

### Palavras-Chave

Mulheres. Viés. IA.





## O TIRANO E A CIDADE: MENTIRA, DESEJOS E PODER. UMA ANÁLISE DO LIVRO IX D A REPÚBLICA.

Jose Alesi Santiago Rocha  
[alesi.santiago@aluno.uece.br](mailto:alesi.santiago@aluno.uece.br)

### Resumo

Uma forma política hereditária ou eleita pelo povo não era o modo como Platão enxergava ser o melhor sistema para governo da pólis. Em A República o filósofo da Academia propõe nos pormenores como se chegaria a um sistema onde governam poucos, mas estes poucos estariam fundamentados na busca pelo Bem intrínseca a eles, na alma (os filósofos). Esta isomorfia se dava na verdade em todos os habitantes da pólis: artesãos, comerciantes, e soldados, que de uma ou outra maneira são necessários para que a vida aconteça ordeiramente. Fora desta relação alma-função, a pólis seria desordenada e a justiça, não se faria presente. Esta pesquisa centra-se na imagem do homem deturpado d' A República: O tirano, e sobretudo em como Platão descreve a gênese psicológica deste e suas características caso chegue ao governo da cidade. O tirano é o antagonismo completo do entendimento de justiça, felicidade e Bem idealizado por Platão, sendo a mentira política ilegítima a forma como o tirano chegaria ao poder e manteria por sobre a cidade um grande mal e infelicidade.

### Palavras-Chave

Platão. Mentira. Tirano.



## PATRIOTISMO E LIBERDADE NA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL

Francisco De Assis Sobrinho  
[diassis.sobrinho@gmail.com](mailto:diassis.sobrinho@gmail.com)

### Resumo

Na obra *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*, a temática do patriotismo é tratada na seção dedicada ao Estado. Hegel apresenta o Estado racional como a realização objetiva e institucional da vida ética, onde o particular coincide com o universal. A filosofia do direito não tem como objetivo uma explicação histórica do Estado, mas sim a compreensão da ideia do direito e sua efetivação. Hegel argumenta que o conceito de direito já está presente no mundo e pode ser apreendido pela filosofia. Nesta comunicação objetivamos apresentar o patriotismo na eticidade hegeliana como expressão das virtudes modernas, bem como, de refletir até que ponto essa concepção de patriotismo nos oferece elementos para compreendermos o papel desempenhado por ele no espectro político de avanço da extrema direita nas sociedades contemporâneas. Para tanto, partiremos da compreensão de que, em Hegel, a vida ética é apresentada como a substância concreta da liberdade, em contraste com a moralidade abstrata. O patriotismo desempenha um papel dentro dessa vida ética, onde os indivíduos pertencem a uma ordem ética efetiva, alcançando sua liberdade subjetiva. Desta forma, ressalta-se a distinção feita por Hegel, entre liberdade moral e liberdade ética. A liberdade moral é desenvolvida na segunda parte das *Linhas Fundamentais Filosofia do Direito* e está relacionada à subjetividade individual e à vontade relacionada a um critério subjetivo de determinar o bem. Hegel critica a ética kantiana, argumentando que falta um critério objetivo para diferenciar as versões do que é considerado como bom. Nosso entendimento é o de que o conceito de patriotismo dentro do contexto da Filosofia do Direito de Hegel não é algo exterior ao indivíduo, mas sim uma disposição interna que surge nos indivíduos que compõem uma sociedade que se relaciona diretamente com o Estado. O patriotismo é, portanto, uma disposição interna dos indivíduos que surge no contexto da vida ética e está relacionado à relação entre o individual e o universal. É resultado de um processo educacional e se manifesta como um hábito adquirido por meio das instituições do Estado. A conclusão a que chegamos é de que na perspectiva da vida ética o



patriotismo atua como elemento que favorece a relação do indivíduo com a coletividade dos cidadãos, resultando no reconhecimento recíproco na efetivação da liberdade e do direito.

### **Palavras-Chave**

Patriotismo. Liberdade. Ética.



## PELA POLÍTICA PERFECCIONISTA: UMA ÉTICA DA DEMOCRACIA

Igor Costa Do Nascimento  
[prof.igornascim@gmail.com](mailto:prof.igornascim@gmail.com)

### Resumo

Stanley Cavell propõe uma perspectiva da vida moral, o “perfeccionismo moral” ou “perfeccionismo emersoniano”, que foi expressa por diferentes autores ao longo da história do pensamento Ocidental, ainda que diferentes entre si, como Platão e Aristóteles, John Stuart Mill e Kant, Nietzsche e Rawls. O que une todos eles, segundo Cavell, é que podemos encontrar, em algumas obras, a ideia de que o eu e a sociedade estão em constante desenvolvimento e que, diante desses encontros e desencontros entre nós e nossa, devemos almejar a transformação e autoconhecimento — tanto autoconhecimento de si quanto de nossa relação com a sociedade. Como o nome “perfeccionismo emersoniano” sugere, a obra de Ralph Waldo Emerson é de particular importância para o pensamento de Cavell. Emerson é um paradigma de autor preocupado com como pode um indivíduo reivindicar sua própria voz no espaço público, buscando sua compreensão tanto em nível pessoal quanto de transformação da sociedade. Tal transformação, em muitos dos autores perfeccionistas, envolve a presença de amigos ou de exemplares, pessoas que nos fazem perceber nossa condição de parcialidade (digamos, de ainda não sermos de forma genuína nós mesmos) e despertam em nós a necessidade de mudança. Os escritos abolicionistas de Emerson refletem esse aspecto. Este trabalho objetiva apontar que, compreendendo o perfeccionismo não como uma teoria moral robusta, mas como uma perspectiva da vida moral preocupada com como um indivíduo pode conhecer melhor a si mesmo e a seu espaço na sociedade, chegamos a uma visão ética que pode enriquecer nossa compreensão da democracia. O perfeccionismo destaca o que podemos chamar de o caráter, digamos, existencial da democracia: é a forma de governo que nos permite sermos quem somos não só por nos fornecer a liberdade negativa de não nos confinar, mas por incluir também a liberdade de nossa jornada pela busca de nossa própria voz. Mesmo que por vezes indivíduos ou políticos reais acabem agindo em nome de seus interesses e debatam com base em razões particulares, a perspectiva perfeccionista argumenta que há um equívoco nestes indivíduos, um desencontro com a própria

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



concepção de democracia, pois eles não percebem que a democracia não pode ser só um arranjo institucional amoral, mas um modo de vida — Cavell parece poder dizer, um modo de conversação, de nos encontrarmos nas palavras uns dos outros, cada um de nós almejando ser uma espécie de exemplar para os outros.

## Palavras-Chave

Perfeccionismo. Stanley Cavell. Democracia.



## PLATÃO E ROUSSEAU: ACERCA DE POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES PARA PENSAR A EDUCAÇÃO ENQUANTO REFORMA POLÍTICA

Márcio Correia Dos Santos  
[marciocorreia29@yahoo.com.br](mailto:marciocorreia29@yahoo.com.br)

### Resumo

Este artigo possui o intuito de analisar a filosofia da educação de Platão e de Rousseau para demonstrar que, em ambos os filósofos, a pedagogia está intimamente ligada com a filosofia política. Na obra *A República*, a partir da construção da cidade ideal, Platão desenvolve seu projeto pedagógico como uma resposta ao contexto político em que vivia. Com foco na ideia de uma formação completa do homem, o objetivo de Platão é demonstrar a possibilidade do filósofo se tornar um governante, somente assim ele poderia manter a cidade justa e feliz. Na *Carta Sétima*, carta em que Platão oferece um relato autobiográfico, observamos que o mesmo tentou aplicar algumas de suas teorias de reforma política apresentadas em *A República* na prática, demonstrando assim que seu projeto político, a seu ver, era possível de ser executado na realidade, ao contrário do ideal popular de que a obra possui inteiramente um caráter utópico. De modo semelhante, Rousseau, na modernidade, apresenta sua teoria educacional centrada na obra *Emílio*, pela qual defende um novo modelo de ensino para que a humanidade saia do estado de decadência moral, ocasionado pelas instâncias e perturbações da sociedade civil, entre elas, a ideia da propriedade privada enquanto direito natural. Na obra, *Emílio* é um personagem cuja trajetória é narrada desde sua infância até a fase adulta. Aqui, Rousseau defende a ideia de que a criança deva ser educada de modo indireto pelo tutor, respeitando as fases do desenvolvimento em que o autor estabelece. Nosso estudo pretende demonstrar que, apesar de terem vivido em épocas distintas, para ambos os filósofos política e educação estão interligados: enquanto a análise política e social aponta um problema, a reforma do sistema pedagógico pressupõe uma solução. Deste modo, acreditamos que a semelhança entre ambos os autores reside numa questão de cunho idealista no que corresponde às duas áreas filosóficas, política e educação, ou seja, ambos compartilham de uma premissa básica para elaborar suas teorias: diante do quadro social e político vivido, como a educação deveria ser estabelecida para resolver nossos problemas sociais? Nossa investigação,



portanto, tem como objetivo comparar as teorias filosóficas dos respectivos autores a respeito da educação para refletirmos acerca do papel de ambas no meio político contemporâneo, afinal, tal como acreditamos, somente a educação é capaz de ‘salvar’ a nossa sociedade de seus problemas.

### **Palavras-Chave**

Platão. Rousseau. Educação.



## POLÍTICA FORA DA HISTÓRIA: WENDY BROWN E AS CONSEQUÊNCIAS DO CAPITALISMO NEOLIBERAL

Cecília Gomes De Sá  
cecilia.gms@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho visa analisar as ideias da cientista política e filósofa Wendy Brown e seu diagnóstico do nosso tempo no que tange a questão da necessidade de renovação política estrutural em virtude dos malefícios gerados pelo capitalismo neoliberal. É possível imaginar alternativas para este modelo econômico e social? Esboçando um breve cenário, a tese orientadora do trabalho será retirada do livro “Politics out of history” (2001) no qual Wendy Brown se debruça sobre os problemas de um suposto falso progresso da história política atual. A autora baseia essa obra em observações sobre uma suposta pretensão de tratar o processo da história como algo que está sempre progredindo. As suas investigações apontam que não é dessa maneira que se pode observar os desdobramentos da história política na nossa sociedade. A autora está preocupada em expor o quanto a vida social humana vem sendo alvo de estratégias perspicazes do capitalismo neoliberal para captura de pautas políticas e impedimentos de reflexão sobre novas possibilidades para a vida coletiva. Brown demonstra forte preocupação com a questão e lança mão de lentes analíticas de diversos autores. Nosso trabalho buscará verificar o que a autora tem a nos dizer sobre o processo de fim da história política associada com preceitos psicanalíticos desenvolvidos por Freud e abordados pela autora no livro; sendo um deles o desejo de ser punido do homem e como isso reverbera no comportamento político em sociedade. A utilização de Freud é marcante nos trabalhos de Brown e visa esculpir um diagnóstico associado com o viés psicanalítico através de uma base teórica consistente e capaz de auxiliar no desenvolvimento de ideias sobre a mentalidade humana. Além disso, vamos traçar as diferenças e semelhanças entre os processos estadunidense e brasileiro sobre a decorrência da história política atual. É mediante este arcabouço teórico que iremos provocar reflexões sobre como escapar do pessimismo e projetar possíveis estratégias políticas a serem desenvolvidas no combate ao sistema capitalista neoliberal, um indutor de diversos problemas como numerosas desigualdades sociais, entre raças, gêneros e sexualidades.

### Palavras-Chave

Wendy Brown. Filosofia Política. Capitalismo.





## POR UMA FILOSOFIA DA CONTRACULTURA

Wander Arantes De Paiva Segundo  
[segundo666hellawaits@gmail.com](mailto:segundo666hellawaits@gmail.com)

### Resumo

Essa proposta trata da investigação dos impactos promovidos pelos movimentos contraculturais, e suas influências no cenário cultural e político ocidental, desde os meados do século XX até os dias de hoje. Os movimentos contraculturais tiveram seu apogeu a partir da década de 1960 e se caracterizam pela mobilização e contestação social através de uma práxis combativa que inclui uma vasta gama de ações que englobam protestos políticos, manifestações artísticas e modos de agir e pensar que demonstram a insatisfação e a recusa de se viver de acordo com as regras sociais, políticas e econômicas propostas pela sociedade capitalista de consumo e amparadas pelo modo de vida burguês que configuram os elementos que moldaram tradição do pensamento ocidental. A intenção de tais movimentos seria a ruptura com esta tradição em detrimento da adoção de um tipo de pensamento que visa estabelecer outros modos de vida e de relações sociais. Define-se “Contracultura” como um conjunto de questionamentos aos valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. Tais questionamentos se dão principalmente devido à exclusão social de grupos, gêneros e etnias das decisões políticas, sendo estes postos à margem da sociedade instituída. Destacam-se como os principais movimentos contraculturais os movimentos pelos direitos dos negros, mulheres, indígenas e LGBTQA+; movimentos de luta popular como o ANTIFA e o Occupy; grupos de ação direta combativa como os Panteras Negras, Baader Meinhof, EZLN e movimentos de cunho estético/político como os movimentos Beat, Hippie, Punk e Hip Hop; além de movimentos pacifistas e em defesa do meio ambiente e dos animais. O objetivo, portanto, é estabelecer um diálogo, de forma sucinta, entre a práxis dos movimentos contraculturais com alguns conceitos e comentários presentes na obra de autores importantes do período que abordaram o tema tais como Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Hannah Arendt. E, num segundo momento, expor a importância fundamental que as ações concretas da contracultura causaram na filosofia contemporânea ao introduzir temas essenciais para a compreensão dos problemas filosóficos atuais tais como a decoloniedade,



interseccionalidade e; assim como a influência deste modelo de práxis nos protestos de rua que marcam o atual cenário político global principalmente na atuação de movimentos sociais e organizações não governamentais na esfera pública.

### **Palavras-Chave**

Contracultura. Marcuse. Hannah Arendt.



## RECONHECIMENTO E REIFICAÇÃO EM AXEL HONNETH

Vitória Arruda Borges

[vitoriaarrudaborges@gmail.com](mailto:vitoriaarrudaborges@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por finalidade analisar de que modo a Teoria do reconhecimento de Axel Honneth e sua atualização do conceito de reificação contribuem para uma reflexão no âmbito da filosofia política. Apresenta-se a ideia de reconhecimento tendo como principal enfoque a obra *Kampf um Anerkennung*, de 1992, na qual Honneth conduz sua compreensão e atualização das questões centrais do reconhecimento. Desse modo, relaciona-se a ideia de reconhecimento com o estudo sobre a reificação, analisando as condições elementares que sugerem uma importância existencial, no reconhecimento prévio do outro como outro de nós mesmos, apresentando uma crítica a fatores reificantes, analisando formas de dominação vigentes e a noção de uma práxis humana distorcida. No âmbito da Filosofia e da Teoria Social e Política contemporânea, a democracia não é apenas uma questão de sistemas políticos, de formas de governo, mas, principalmente, uma questão de reconhecimento social. Atualmente, há uma crescente preocupação sobre a necessidade de garantir o pleno reconhecimento das pessoas, independente de raça, gênero, orientação sexual, cultura, religião ou classe social. Dentre os filósofos contemporâneos, Axel Honneth se destaca na discussão sobre tal questão.

### Palavras-Chave

Reconhecimento. Reificação. Democracia.



## REVOLUÇÃO, VIOLÊNCIA E LIBERTAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICO-COMPARATIVA EM HANNAH ARENDT E ANGELA DAVIS

Antonio Enrique Fonseca Romero

[aromero@uea.edu.br](mailto:aromero@uea.edu.br)

### Resumo

Através da análise crítico-comparativa entre os conceitos de Revolução, Violência e Libertação em Hannah Arendt e Angela Davis, pretende-se pensar neste momento de ataque às instituições democráticas, à diversidade e à pluralidade da sociedade, desde uma perspectiva unívoca, conservadora e autoritária e, sobretudo, desde a apatia dos agentes sociais nacionais, entenda-se, constituinte primário da nação, influenciado pela gigantesca avalanche de desinformação, das fakes news, dos meios massivos de comunicação e suas mais diversas mídias sociais; de tal forma entender e desconstruir como o âmbito do discurso e do debate do espaço público foi tomado pelo social, sem levar à construção do poder transformador da comunidade política nacional e, até, internacional, é elemento imperioso no atual contexto histórico; ainda assim, considera-se com Hannah Arendt sermos contrários ao pensamento de Mao Tse Tung, quando afirmou que “o poder emana do cano de um fuzil”; afirmo que para realizarmos processos revolucionários e de libertação, a luta primeira e, talvez, única seja pelo resgate, valorização e defesa contínua da liberdade, sem o exercício da violência, mesmo que esta seja praticada pelo poder hegemônico ditatorial, autoritário e/ou fascista como instrumento de manutenção da ordem (i)legal favorecedora da sustentação do governo de um líder, não-representativo e não apoiado pelo poder popular, isto é, do povo, como verdadeiro possuidor do poder coletivo, do projeto político da pluralidade, em sua diversidade.

### Palavras-Chave

Poder. Revolução. Violência. Libertação.



## SOB “O GRANITO DO AUTOINTERESSE: O PAPEL DA FILOSOFIA MORAL NA ECONOMIA DE ADAM SMITH

Emmanuel De Oliveira Boff  
[emmanuelb@id.uff.br](mailto:emmanuelb@id.uff.br)

### Resumo

O fato de a antiga versão do “Adam Smith Problem” - relativa à existência de uma suposta incompatibilidade entre a simpatia da “Teoria dos Sentimentos Morais” e o “amor-próprio” da “Riqueza das Nações” - ter sido desacreditado nas últimas décadas não significa que exista uma ligação clara e única entre os dois livros de Smith. Muito pelo contrário: segundo Cremaschi (2010) há pelo menos três formas possíveis de interpretar – ou questionar – a ligação entre as principais obras de Adam Smith. Primeiro, a compatibilidade entre os dois livros é relativa apenas a uma moralidade “mercantil” mínima ou poderia haver um papel maior para uma moralidade baseada na simpatia na “Riqueza das Nações”? Existem “vozes diferentes” (Brown 1994) nos dois livros de Smith? Até que ponto o avanço das práticas de mercado corroi inevitavelmente a capacidade de simpatizar com os menos favorecidos da sociedade? Este artigo argumenta que há, de fato, um papel (implícito) maior para uma ética baseada na simpatia na “Riqueza das Nações” de Smith e que esse papel pode ser formalizado - desta forma, é possível analisar como o “grau de simpatia” que permeia diferentes classes da sociedade pode impactar o crescimento e a distribuição da riqueza. Contudo, apontaremos também uma indeterminação no sistema de Smith: esta indeterminação está relacionada com o ciclo de feedback entre os resultados a longo prazo da “mão invisível” - em termos de crescimento e distribuição - sobre a capacidade de simpatizar com os menos favorecidos socialmente. Para cumprir o nosso objetivo, o artigo ampliará o modelo de “A Riqueza das Nações” de Amadeo e Parcias (1990) para incluir os papéis da simpatia e das instituições no processo de crescimento e distribuição da riqueza das nações. Não obstante a ausência de qualquer menção explícita ao termo “simpatia” na Riqueza das Nações argumenta-se que, em primeiro lugar, a aprovação ética da conduta de interesse próprio no argumento econômico de Smith é crucialmente dependente do conceito de simpatia. Em segundo lugar, apontamos que instituições também estão presentes na teoria de Smith, a fim de



evitar o interesse próprio se transforme em puro egoísmo. Se, como salienta Stigler (1971), “‘A Riqueza das Nações’ é um palácio estupendo erguido sobre o granito do autointeresse”, mostramos que sob esse palácio reside uma filosofia moral baseada no princípio da simpatia e no papel das instituições políticas das diferentes nações.

### Palavras-Chave

Adam Smith. Filosofia Moral. Riqueza das Nações.



## TRANSHUMANISMO, BIOPOLÍTICA E RECONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DAS RELAÇÕES DE PODER

Fernanda Gomes Da Silva  
[fernanda.gdasil@gmail.com](mailto:fernanda.gdasil@gmail.com)

### Resumo

A comunicação busca apresentar uma leitura crítica do discurso transhumanista, ancorada na noção de biopolítica proposta por Michel Foucault. Considerando que o aspecto predominante em diferentes segmentos do transhumanismo é o alargamento das capacidades do ser humano, podemos afirmar que as elaborações e proposições desse conjunto discursivo se fundamentam em uma definição biológica do homem e na defesa de sua transformação – através da genética, da biomedicina e de novas tecnologias – de forma tão significativa em sua extensão e alcance que levaria ao desaparecimento do ser humano como o conhecemos. Essa trama discursiva também mobiliza um sistema biomédico, fomentando por grandes corporações, pelo qual os indivíduos são incentivados a projetar e a aprimorar seus corpos em busca de um ideal produtivo. É a partir desses elementos que nos interrogamos se estaria emergindo, com estes dispositivos, uma nova forma de biopolítica centrada no corpo individual e em consonância com reconfigurações contemporâneas das relações de poder.

### Palavras-Chave

Transhumanismo. Biopolítica. Michel Foucault.



## UMA INVESTIGAÇÃO ÉTICA SOBRE O USO DA FALSIDADE (PSEUDOS) NA FORMAÇÃO MORAL HUMANA.

David Rocha Vasconcelos  
[david.vasconcelos@aluno.uece.br](mailto:david.vasconcelos@aluno.uece.br)

### Resumo

A presente pesquisa tem como principal objetivo entender o que Platão define como mentira nobre ( $\tau\omega\nu\ \psi\epsilon\upsilon\delta\omega\nu\ \gamma\epsilon\nu\nu\alpha\iota\acute{o}\nu$ ) e compreender como identificá-la e distingui-la de outros tipos de mentiras (pseudos) presentes no discurso ético-platônico. Partindo do estudo dos livros II, III e X da obra *A República*, pretendo demonstrar que o filósofo, na medida em que delineia como seria um estado ideal, identifica e aponta para o pseudos como elemento presente na formação dos cidadãos da Grécia clássica. Tendo em vista que não havia ensino público e universal no período helênico, tal elemento se faz presente no principal meio pedagógico da pólis: a poesia (musiké). Partindo da poesia como componente formador, Platão propõe a seleção das histórias (mythos) que devem ser contadas as pessoas, uma vez que, segundo ele, algumas dessas histórias retratam os deuses e os fenômenos da vida de forma equivocada. Para o filósofo, tais histórias que delineiam deuses e fenômenos naturais de forma errada podem ser nocivas para o seu propósito pedagógico. A proposta platônica de selecionar as histórias a serem contadas na formação dos cidadãos implica no reconhecimento, por parte do autor, da importância dessas narrativas para a formação humana e na explanação da tese platônica que afirma que existem pseudos que não só são permitidos moralmente, mas também podem servir como remédio, ser útil aos homens e até mesmo uma mentira nobre ( $\tau\omega\nu\ \psi\epsilon\upsilon\delta\omega\nu\ \gamma\epsilon\nu\nu\alpha\iota\acute{o}\nu$ ). Sócrates afirma que tal remédio deve ser prescrito pelos médicos, ou seja, por aqueles que detêm as competências e o conhecimento necessário para saber quando o pseudos será benéfico e não nocivo. Essa figura, para Platão, é o filósofo. Esta empreitada tem objetiva levantar algumas questões acerca deste assunto, como por exemplo: qual a diferença entre o pseudos contado pelo poeta e pelo filósofo? Por que a mentira contada pelo filósofo é benéfica? Qual o benefício do elemento falsidade na construção das relações éticas e quais as suas possíveis influências (negativas e positivas) na formação das pessoas? Pretendemos demonstrar um horizonte de resposta para essas questões.

### Palavras-Chave

Ética. Platão. Pseudos.





## UMA SABEDORIA PARA OS NOVOS TEMPOS

Pedro Henrique Silveira Rauchbach

[pedrosrauch@gmail.com](mailto:pedrosrauch@gmail.com)

### Resumo

Nosso trabalho tem como intuito observar a possibilidade da filosofia enquanto forma de vida dentro do mundo neoliberal e tecnológico. Para isso, partimos da análise de dois autores que consideramos fundamentais: Byung Chul Han e Pierre Hadot. Han, filósofo coreano contemporâneo, faz análises a respeito da subjetividade neoliberal empreendedora, mostrando como o sujeito neoliberal atual tornou-se seu próprio patrão, na medida em que não reconhece limites para sua autoexploração. Através de uma escrita sintética e objetiva, Han nos mostra como a sociedade do coaching se tornou acima de tudo uma sociedade do cansaço, em que os indivíduos não reconhecem que o verdadeiro mal são eles mesmos e suas práticas exaustivas, a partir do momento em que introjetam o imperativo neoliberal da ação e da conquista a qualquer custo. Esse processo acaba por gerar uma exaustão completa do organismo, a qual o filósofo denomina de violência neuronal, essa violência por sua vez, se manifesta enquanto ansiedade, depressão, burnout, tdah, entre outros transtornos que acompanham nosso estágio civilizatório. Com isso, recuperamos através de Pierre Hadot a concepção de filosofia enquanto exercício espiritual e busca da sabedoria. Segundo Hadot, filósofo e historiador da antiguidade, a filosofia era nos primeiros tempos da Grécia antiga, uma atividade que buscava modificar completamente a psique do indivíduo, transformando sua vida por completo. Ou seja, não era como se convencionou chamar no mundo contemporâneo, uma atividade estritamente intelectual e abstrata, mas sim, uma atividade de transformação pessoal que se utilizava de determinados discursos para a realização dessa tarefa, em suma, sua atividade era mais formar do que informar. Tendo isso em mente, nosso objetivo é tentar compreender se ainda é possível revitalizar uma concepção transformadora da filosofia dentro do contemporâneo. Com isso, questiona-se a possibilidade de se pensar a filosofia como forma de vida e arte de viver dentro e fora do meio acadêmico. Acreditamos que dentro de um mundo em que se tornou comum as pessoas escravizarem a si mesmas, a filosofia enquanto uma busca de independência



(autarquia) e de tranquilidade do espírito (ataraxia), deve ser pensada enquanto uma forma de resistência às subjetividades que nos impõe. Nosso problema se situa em saber se ainda é possível tal perspectiva ou se ela está irremediavelmente fadada ao esquecimento.

### **Palavras-Chave**

Neoliberalismo. Sabedoria. Subjetividade.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ÉTICA E POLÍTICA NA FILOSOFIA DO RENASCIMENTO



## A FORTUNA CAPRICHOSA: TRAGÉDIA GREGA E MAQUIAVEL EM I CAPITOLI

André Luiz França Dourado

[affranca3@gmail.com](mailto:affranca3@gmail.com)

### Resumo

Na obra *I Capitoli*, Nicolau Maquiavel entrelaça reflexões sobre a Fortuna, a força caprichosa do destino, com elementos da tragédia grega, tecendo uma narrativa rica em simbolismo e significado. Através da análise de poemas como *Di Fortuna* e *La Occasione*, é possível desvendar as nuances dessa relação e compreender a visão de Maquiavel sobre a fragilidade da existência humana diante dos desígnios da sorte. Em *Di Fortuna*, Maquiavel personifica a Fortuna como uma deusa inconstante e poderosa, que rege o destino dos homens com arbitrariedade. Essa inconstância é enfatizada pela metáfora da cegueira da Fortuna, que distribui seus favores sem discernir o mérito ou a virtude. A influência da tragédia grega se manifesta na caracterização da Fortuna como uma força implacável e inexorável. Tal como nas peças de Ésquilo e Sófocles, o destino se impõe aos personagens, guiando-os inexoravelmente para seu trágico fim. A impotência do homem diante da Fortuna ecoa o lamento dos heróis gregos, aprisionados em teias de sofrimento traçadas pelo destino. No entanto, Maquiavel não se limita a retratar a Fortuna como uma força cega e incontrolável. Em *La Occasione*, o autor apresenta a figura da Oportunidade, uma divindade fugaz que exige ação decisiva e perspicácia para ser apreendida. Essa personificação demonstra a crença de Maquiavel na capacidade humana de moldar seu próprio destino, ainda que sob a sombra da Fortuna. A relação entre a tragédia grega e o conceito de Fortuna em *I Capitoli* revela a visão complexa de Maquiavel sobre a natureza humana e o papel do destino na vida dos homens. Através da confluência desses elementos, o autor oferece uma reflexão profunda sobre a fragilidade da existência e a necessidade de agir com virtude e perspicácia para enfrentar os caprichos da sorte.

### Palavras-Chave

Fortuna. Tragédia grega. *I capitoli*.



## A LUTA DOS HUMORES E A POSIVAÇÃO POPULAR: UMA HIPÓTESE DE TRABALHO

Carlos Eduardo Ruas Dias  
[carloveduardordias@yahoo.com.br](mailto:carloveduardordias@yahoo.com.br)

### Resumo

O problema dos humores é presente no pensamento maquiaveliano e é um elemento de análise importante para a investigação acerca da participação popular na cena política. No capítulo IX de *O príncipe* é posto que em uma cidade há dois humores distintos: o dos nobres, que querem dominar e oprimir; e o do povo, que deseja apenas não ser oprimido. Isso pode levar à consideração de que o povo é um agente que se apresenta de modo negativo, ou seja, que apenas nega às investidas da nobreza contra a sua liberdade. Sendo assim, a ação popular não pode ser vista como ato político, porque, para sê-lo, deve ser ato positivo de quem está no campo político e não uma reação que visa apenas negar a ação do outro grupo social. Deste modo, o objetivo da nossa proposta de trabalho é mostrar que, em Maquiavel, a ação popular é, sim, ato político. Segundo o autor ressalta nos *Discorsi*, a guarda da liberdade pode ser entregue pelo governante aos cuidados da nobreza ou da plebe, com isso, pode-se dizer que a oposição dos humores é elevada a ao nível da política, porque ao proceder deste modo, ele se torna uma expressão do humor com o qual se identifica.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Povo. Política.



## A PRUDÊNCIA EM MAQUIAVEL

Helton Machado Adverse

[heltonadverse@hotmail.com](mailto:heltonadverse@hotmail.com)

### Resumo

Três livros excelentes têm como tema central o problema da prudência em Maquiavel. Em 1987, Eugene Garver publica *Machiavelli and the history of prudence*, no qual constrói um quadro analítico para capturar o sentido da prudência na obra do florentino: ela não se encaixaria nem em uma ética dos princípios nem em uma ética das consequências, localizando-se em uma região intermediária, onde os princípios são reformulados de acordo com a experiência. Domenico Taranto, em 2003, lança o ótimo *Le virtù della politica*, examinando a inflexão que Maquiavel irá produzir na concepção clássica da virtude. Em grande medida, é também o que faz Felipe Charbel Teixeira, em uma obra de grande força argumentativa e sustentada por admirável erudição, publicada em 2010 com o título *Timoneiros. Retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Seu argumento central é o seguinte: Maquiavel (assim como Guicciardini) teria redefinido o conceito de prudência, conservando alguns aspectos da noção clássica (pois que ela continua sendo entendida como uma virtude) ao mesmo tempo em que introduz uma novidade, qual seja, a desconexão entre a prudência e um horizonte normativo que a subordinaria, como vemos no humanismo renascentista, herdeiro, em larga medida, da filosofia moral clássica, em especial, de Aristóteles e Cícero. Está distante de nossos propósitos contradizer as teses maiores desenvolvidas por esses comentadores. Acreditamos que eles exploram pontos centrais do problema, não apenas ao colocarem em evidência as continuidades e descontinuidades de Maquiavel com o pensamento clássico (antigo e renascentista), mas também em suas conceitualizações da virtude da prudência no pensamento do florentino. É inegável que os três trabalhos contribuem – e muito – para a elucidação de seu significado. Quanto a nós, estamos dispostos a seguir outra via. Nossa hipótese de trabalho é a seguinte: se examinarmos o problema da prudência em Maquiavel à luz da noção de méis poderemos obter certos benefícios epistêmicos e evitar alguns inconvenientes. Com relação aos benefícios, acreditamos que a méis nos conduz ao coração da noção maquiaveliana de prudência; a respeito dos inconvenientes, recorrer



à métiis impede que sejamos vítimas de uma armadilha, a saber, aquela que nos captura toda vez que tentamos penetrar o pensamento de Maquiavel com um instrumental conceitual fornecido pela tradição filosófica.

### **Palavras-Chave**

Maquiavel. Prudência. Métiis.



## A QUESTÃO DO SUICÍDIO NOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

Carlos Vinícius Rovetta Santos

[rovettavinicius@gmail.com](mailto:rovettavinicius@gmail.com)

### Resumo

Montaigne, em seu ensaio “Costume da Ilha de Céos”, dedica especial atenção à questão do suicídio, arrolando num primeiro momento uma série de argumentos a favor e, num segundo momento, outra série de argumentos contrários ao suicídio. Muito se discutiu sobre que tese afinal é defendida nesse ensaio. Alguns intérpretes creem que Montaigne está encampando os argumentos a favor do suicídio, outros que ele está encampando os contrários e ainda há outros que defendem que ele está suspendendo o juízo, à maneira dos céticos pirrônicos. As divergências entre os intérpretes é presumível, pois Montaigne abastece a todos eles com alguma medida de razão. Devemos lembrar ainda que o assunto do suicídio é tocado para mais em vários outros ensaios, não obstante com menos incisão. No entanto, mesmo tendo as outras ocorrências em mãos, a dúvida sobre a posição do autor pode persistir. A admiração por Catão, de um lado, e a proibição do suicídio em “Apologia de Raymond Sebond”, por outro, fazem-nos interrogar sobre se as considerações têm algum compromisso com a coesão. De minha vez, acredito ter razões para sustentar que Montaigne, em primeiro lugar, guarda coesão em suas considerações sobre o suicídio, posto julgar não ter encontrado nenhuma contradição de termos ao longo da obra, sobretudo se nos referirmos aos proferidos pela própria voz do autor, não àqueles dos quais ele diz que outro proferiu. Em segundo lugar, que ele toma uma posição, contrária ao suicídio, tanto se fiando em argumentos tradicionais, como o argumento da pertença, aquele que consiste em se a vida  $V$  de  $x$  foi concedida por outrem,  $d$ , seja um ser divino ou social, então apenas  $d$  teria atribuição sobre  $V$ , como inaugurando um novo argumento na história do suicídio, o argumento da ignorância, aquele que consiste em se  $x$  deseja se livrar do estado  $K$ , e não tendo razões absolutas para acreditar que o estado  $K$  não mude,  $x$  não teria razões para crer que o estado  $K$  poderia mudar a seu favor dentro de um certo tempo.

### Palavras-Chave

Suicídio. Argumento da ignorância. Ceticismo.





## A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA PLATÔNICA NAS ALEGORIAS DE ERASMO DE ROTTERDAM

Sidnei Francisco Do Nascimento

[sidneifn@bol.com.br](mailto:sidneifn@bol.com.br)

### Resumo

Erasmus de Rotterdam (Desiderius Erasmus Roterodamus) escreveu o Adágio 2201, que se intitula Os Silenos de Alcibíades (em latim *Sileni Alcibiadis*), elaborado a partir do diálogo de Platão o Banquete, 215 a – 215 b. O humanista destaca o momento quando Alcibíades toma a palavra e faz um elogio a Sócrates exaltando sua sabedoria, consagrando a filosofia de Platão, em particular aquela que inclui os diálogos essencialmente religiosos e morais, menos os cosmológicos e metafísicos. Erasmo se volta para o passado e se apropria do método de interpretação alegórica desenvolvido por Orígenes, respaldado pela filosofia platônica, para interpretar as Sagradas Escrituras, criticando ao mesmo tempo o método de ensino admitido pela escolástica medieval. O seu interesse pela filosofia platônico-socrática, em especial pelo elogio que Alcibíades fez a Sócrates, incluía uma concepção de mundo “às avessas”, porque se desdobrava na dialética entre a aparência e a realidade, o visível e o invisível, o exterior e a interioridade, a falsidade e a verdade.

### Palavras-Chave

Política. Ética. Religião.



## A VIA EPICURISTA DE LORENZO VALLA

Maria Cristina Theobaldo

[cteofrei@yahoo.com.br](mailto:cteofrei@yahoo.com.br)

### Resumo

O estudo sobre Lorenzo Valla no recém publicado *A ética do prazer: o epicurismo renascente de Lorenzo Valla*, autoria de Ana Letícia Adami, além do ineditismo, enseja a oportunidade para o debate acerca da ética renascentista em uma de suas faces mais polêmicas – a via epicurista - e, enfaticamente, nos conduz à interpretação valliana da participação dos afetos nas escolhas morais. Da análise empreendida pela Autora sobre o *Do prazer* de Valla, consideramos: 1. a querela entre as escolas helenísticas em torna das defesas da honestas e da voluptas - virtude e prazer disputam sobre o verdadeiro e o falso bem – e, dali, para a tese de Valla em defesa do prazer, bem desejável por si e, por isso, estimado o bem maior (*summo bono*); 2. as altercações sobre a prevalência da Retórica à Filosofia e seus desdobramentos a partir da escolástica (filosofia e teologia) e da conjuntura renascentista (retórica e dialética). Tais ponto ousamos acomodá-los numa tópica guarda-chuva tipicamente renascentista: a conversação e seus alcances no ócio e no negócio. São esses mesmos pontos, ainda, nos parece, que Ana Letícia Adami sintetiza e explora na caracterização de Valla no slogan “paladino da arte retórica e guardião do prazer”.

### Palavras-Chave

Valla. Epicurismo. Ética.



## A VISÃO GUICCIARDINIANA A RESPEITO DO POVO NO DIALOGO

Igor Ferreira Fontes  
[igor-fontes@outlook.com](mailto:igor-fontes@outlook.com)

### Resumo

Esta comunicação tem por objetivo delinear a visão apresentada por Francesco Guicciardini no Dialogo del reggimento di Firenze sobre o povo. Ao longo do Livro I, o autor realiza comparações entre um governo popular e um stato stretto (mais precisamente, o governo dos Medici), fundamentando sua argumentação em juízos mais ou menos evidentes sobre o povo de forma geral e, conseqüentemente, sua capacidade de governar um estado. Em primeiro lugar, o povo é apresentado como uma parte da cidade que possuiria tanto desejo de dominar quanto os demais, aproveitando-se da vagueza de termos políticos para garantir o seu predomínio; em segundo lugar, o povo é apresentado como ignorante, passional, facilmente manipulável, sujeito a repetir os mesmos erros, incapaz de julgar adequadamente qualquer coisa que se lhe exija. Como conseqüência de tais ponderações, Guicciardini considera que um governo popular superaria um stato stretto quanto ao número de erros e à sua gravidade, uma vez que o povo, por ser ignorante e desprovido de razão, erraria sempre que a ocasião permitisse, conduzindo o estado a uma situação de desordem e ao risco de perdê-lo.

### Palavras-Chave

Guicciardini. Povo. Stato stretto.



## AGÁTOCLES E SEU ENQUADRAMENTO NA IDEIA DE VIRTÙ

Eurico Pereira De Souza  
[euricodesouza@yahoo.com.br](mailto:euricodesouza@yahoo.com.br)

### Resumo

O trabalho visa apresentar uma análise do capítulo VIII d' O Príncipe, notadamente intitulado " Daqueles que por atos criminosos conquistaram principados." Do ponto de vista mais geral, busca-se compreender a figura de Agátocles e as questões expostas por Nicolau Maquiavel relacionadas a esse príncipe: a ausência de glória, e as mediações referentes ao uso da crueldade. E no viés mais específico, pretende-se, considerando as ações de tal governante, refletir sobre o enquadramento destas na ideia de virtù, e a sua extensão. Identificar certas ações de Agátocles como manifestações da virtù exigiu dos estudiosos muita cautela para distingui-lo daquilo que Maquiavel observou e analisou: se reconhece em Agátocles os esforços da conquista do poder, mas está ausente em suas ações a glória (MAQUIAVEL, 2011). Neste sentido, Capata (2008) e Fournel (2000) delimitam a virtù muito específica de tal governante associada apenas à capacidade militar. Para além disso, estudiosos chamam atenção para tal capítulo d'O Príncipe como um dos mais enigmáticos e interessantes em vista da compreensão da natureza da política, seus alcances e limites, e as mediações necessárias requerida a todo governante. Bignotto (1992) alerta sobre esta parte da obra como o caso-limite da conquista. Sfez (1998), qualifica o referido segmento como a cruz desse tratado político, sugerindo que o texto maquiaveliano oscila entre a exclusão por desaprovação de uma certa tomada do poder, e a aprovação como indicação de uma manifestação da virtù. Capata (2008) emite a sentença de que o caso de Agátocles não trata da virtù no seu limite, isto é, no perímetro onde ela vence a fortuna, mas simplesmente que, Maquiavel propõe analisar mesmo a substância do que é a própria virtù e seu alcance na ação política. E Fournel (2000), no espírito de toda uma tradição interpretativa que fundamenta o predomínio de conexão existente entre os capítulos da obra, sugere que a referência a Agátocles e os temas a ele relacionados, resultaram do auto-engendramento propiciado no texto, a partir do que foi enunciado implicitamente no capítulo VII - sobre a figura de Cesar Borgia - em torno da articulação entre virtù e a crueldade.

### Palavras-Chave

Agátocles. Virtù. Crueldade.



## AS CIDADES IMAGINADAS NO HUMANISMO DA A RENASCENÇA ITALIANA: AS VIRTUDES ENTRE A UTOPIA E A HISTÓRIA

Raul Salvador Blasi Veyl

[raulveyl@gmail.com](mailto:raulveyl@gmail.com)

### Resumo

O Livro XV d'O Príncipe de Maquiavel inaugura uma dissensão entre a "verdade efetiva" (*verità effettuale*) e a "imaginação" (*immaginazione*) (MACHIARELLI, 2018, p. 859) das coisas. Embora a literatura tenda a amenizar uma suposta crítica de Maquiavel à imaginação (LEFORT, 1999, pp.141-178; ADVERSE, 2009, pp. 66-67), o objetivo do presente trabalho é olhar, justamente, para esse contraponto como uma chave de leitura para os escritos políticos do humanismo renascentista italiano dos séculos XV e XVI. Trata-se de, a partir da divergência explicitada por Maquiavel, investigar a possibilidade de se encontrar, nas cidades imaginadas, não um gênero literário como as Utopias, mas um modelo filosófico próprio do humanismo renascentista dos séculos XV e XVI, capaz de conglobar preocupações e caminhos comuns aos problemas de época do homem do Renascimento. O escopo do trabalho é, portanto, evidenciar, nos escritos de autores como Coluccio Salutati (Invectiva contra Antonio Loschi), Leonardo Bruni (Elogio da Cidade de Florença), Matteo Palmieri (Sobre a Vida Civil) e Leon Batista Alberti (Da Arte de Construir) a ideia de que as cidades imaginadas constituem um topos capaz de amalgamar diferentes autores do período, bem como de orientar as formulações filosóficas do humanismo da renascença italiana no que tange às virtudes. As cidades imaginadas, em contraponto às cidades históricas e às cidades utópicas, não são apenas os espaços políticos de atuação do homem histórico, nem mesmo um não-lugar capaz de apresentar a perfeição do convívio em comunidade. Em verdade, elas constituem efetivos modelos filosóficos pensados pelos humanistas da renascença italiana como forma de orientar o cidadão em direção à virtude. No encontro entre o espaço histórico e o imaginado, as cidades emergem como filosofia, em especial no que diz respeito à formação ética e política do homem no humanismo renascentista italiano.

### Palavras-Chave

Humanismo. Imaginação. História. Utopia.



## AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA DE VIAGENS E O ENSAIO DOS CANIBAIS DE MONTAIGNE

Priscila Laiz De Sousa Ramos

[priscilalaizzz@gmail.com](mailto:priscilalaizzz@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho de pesquisa pretende investigar o estudo que Montaigne fez acerca dos nativos brasileiros, em meados do século XVI, e nos deixou como registro em forma de ensaio, em seu ensaio intitulado *Dos Canibais* (I,xxxii), presente em sua obra *Ensaio*. Nossa intenção é tentar elucidar os caminhos que levaram Montaigne a refletir sobre o acontecimento da descoberta da sociedade tupinambá no século XVI e apontar a sua contribuição para o que se entende por subjetividade do sujeito brasileiro na modernidade. Tentaremos traçar uma rota, que vai desde o mergulho pelo desconhecido dos oceanos até as construções de narrativas acerca da América e seus povos, propiciadas pelo olhar mais atento da escrita de literatura de viagens, que relatam as experiências de descobrimento dos viajantes e exploradores no continente americano, sob o ponto de vista da Europa e seus povos. É importante dizer que neste trabalho assumimos a posição segundo a qual Montaigne teria lido os relatos presentes na literatura de viagens (tais como os de Hans Staden, André Thevet, Jean de Lery e Bartolomé de las Casas) além da fonte que o autor menciona em sua obra. Tal posição é endossado por comendadores tais como Lestringant (2006), Souza Filho (2006), Birchall (2007) e Sclarick (2016). Por isso pensamos que seja importante fazer uma avaliação da literatura de viagens que vigorou na época do descobrimento, e que é muito importante para a própria confecção do ensaio *Dos canibais*, para que tenhamos uma noção de como estava sendo formada a imagem do indígena pela literatura da época e como essa imagem está sendo retratada por Montaigne.

### Palavras-Chave

Montaigne. Novo Mundo. Canibais.



## COMENTÁRIO AO LIVRO “PRUDÊNCIA POLÍTICA: DAS ORIGENS AOS GOLPES DE ESTADO”, DE EUGÊNIO MATTIOLI

Matheus Ichimaru Bedendo  
[matheusichimaru@gmail.com](mailto:matheusichimaru@gmail.com)

### Resumo

Em linhas muito gerais, o intuito desse comentário é aproximar e cotejar a tese defendida no livro *Prudência política: das origens aos golpes de Estado*, de Eugênio Mattioli (2024), de alguns aspectos da tese defendida em *La raison du peuple: un héritage de la Révolution française, 1789–1848*, de Frédéric Brahami (2016). Investigando o percurso da noção de prudência no interior de uma longa tradição, que vai da antiguidade clássica às portas da modernidade, o trabalho de Mattioli nos revela uma inesperada conexão entre as noções de prudência e golpe de Estado. Mais do que isso: ele nos mostra que essa conexão se deixa acompanhar (ou é mesmo possibilitada), no plano da ética, pelo desacoplamento das noções de utilidade e honestidade, reunidas por Cícero desde a antiguidade. O operador dessa desvinculação, nos diz Mattioli, é muito mais o maquiavelismo do que o próprio Maquiavel; cuja obra, no entanto, figura como seu solo (ou subsolo) conceitual. Brahami, por sua vez, apoiando-se em trabalhos como os de Timothy Tackett (1996) e Anne Simonin (2008), apresenta uma interpretação da Revolução francesa em que seus traços mais característicos são buscados não nos textos de Jean-Jacques Rousseau, como o “Contrato social”, mas em obras (por vezes pouco conhecidas) como a “*Etocracia*”, do barão d’Holbach. Segundo Brahami, a radicalidade dos eventos revolucionários – que os fizeram ser compreendidos, por seus artífices, como uma “regeneração da humanidade” e, por seus críticos, como uma “ofensa feita ao tempo” – se deve, em grande medida, à afirmação de que é possível (e, mais do que isso, que é necessário) a moral governar a política. Inspirados por obras como a “*Etocracia*” e pela tradição do despotismo esclarecido, a maior parte dos deputados convocados por Luís XVI para os Estados Gerais, em 1788 (que dariam lugar à Assembleia Nacional, em 1789), aspirava a uma regeneração moral do Estado e da sociedade francesas. Aspirava, essa é a hipótese que gostaríamos de investigar, a uma rearticulação do binômio utilidade-honestidade, rompido pelo maquiavelismo e pelas teorias da razão de Estado nascidas em seu bojo.



Se nossa hipótese estiver correta, a ênfase dos jacobinos na virtude revolucionária, a alcunha de o incorruptível atribuída a Robespierre, etc., poderiam ser compreendidos como ecos do maquiavelismo na modernidade; e, por fim, a própria Revolução francesa poderia ser compreendida não como um “momento maquiaveliano”, mas como um “momento antimachiaveliano”.

### Palavras-Chave

Útil-honesto. Maquiavelismo. Etocracia.





## DEBATE DE A ÉTICA DO PRAZER: O EPICURISMO RENASCENTE DE LORENZO VALLA

Ana Leticia Adami Batista

[analeadami@gmail.com](mailto:analeadami@gmail.com)

### Resumo

Herdeiro de uma das mais antigas querelas da história da filosofia, a querela entre filósofos e oradores, conforme o legado dos primeiros livros de Platão, o humanista Lorenzo Valla (1407-57), professor de retórica e conselheiro na corte aragonesa, ousou reativar, em seu próprio tempo, à baila da querela anterior, ainda uma outra: a polêmica entre estoicos e epicuristas. As duas escolas filosóficas do helenismo, que protagonizaram entre si forte oposição, desde o seu nascedouro, são retratadas por Lorenzo Valla em seu diálogo de estreia, aqui comentado, o *Do Prazer*, de 1431. Retor de ofício e convicção, o apaixonado humanista dá a voz às principais figuras de seu tempo, em uma composição vívida e extraordinária, que traz contribuições instigantes não apenas no campo do pensamento filosófico, como também no campo do gênero literário, por sua inovação a demandas da construção do diálogo no Renascimento. Posicionando-se de modo heterodoxo, e até insolente, às então propaladas diatribes incitadas pela tradição escolástica contra os epicuristas, Valla abala a ordem do dia em realizar a defesa de epicuristas contra estoicos. Neste livro, que convido ao debate, *A Ética do Prazer: o epicurismo renascente de Lorenzo Valla* (2023), o jovem humanista elabora uma defesa do prazer como Supremo Bem (*sumo bonum*), segundo a perspectiva de um dos filósofos mais mal afamados da tradição, Epicuro. Aproveitando-se, a um só tempo, da força do poema grandioso de Lucrécio, *De rerum natura*, bem como do ímpeto da notícia de sua recém-descoberta, tentei mostrar neste livro como o esforço valliano, por um lado, na defesa dos epicuristas e do prazer e, por outro, no cuidado extensivo de elaboração retórico-literária se fundem aos interesses humanísticos do jovem logrados por sua reconhecida ousadia.

### Palavras-Chave

Epicurismo. Humanismo renascentista. Retórica.



## DEBATE DE PRUDÊNCIA POLÍTICA: DAS ORIGENS AOS GOLPES DE ESTADO

Eugênio Mattioli Gonçalves

[pu2wik@gmail.com](mailto:pu2wik@gmail.com)

### Resumo

Esta apresentação e o debate por ela proposto se inserem como parte das atividades do GT de Ética e Filosofia Política do Renascimento. Espera-se nessa oportunidade apresentar aos colegas o debate contido no livro recém-lançado *Prudência Política: das origens aos golpes de Estado* (EdUFSCar, 2023). O tema abordado pelo estudo dialoga diretamente com os principais eixos estruturantes do grupo, ao se debruçar sobre a contribuição de diferentes autores para o pensamento político renascentista. Também o retorno ao pensamento clássico, propriamente às origens do conceito de prudência, nos ajuda a retomar o fio de uma tradição decisiva para a compreensão das formulações éticas do início da modernidade, sobretudo tendo em vista as contribuições das correntes da razão de Estado e do neoestoicismo. Nesse percurso, filósofos como Aristóteles, Cícero, Tomás de Aquino, Nicolau Maquiavel, Michel de Montaigne e tantos outros nos ajudam a entender como uma das mais nobres virtudes da Antiguidade se desdobra, na modernidade, nas teorias acerca dos golpes de Estado.

### Palavras-Chave

Prudência. Golpes de Estado. Razão de Estado.



## DIREÇÃO DE CONSCIÊNCIA DO BOM PRÍNCIPE SEGUNDO SÊNECA: NERO DIANTE DO ESPELHO

Taynam Santos Luz Bueno  
[taynambueno@hotmail.com](mailto:taynambueno@hotmail.com)

### Resumo

Partindo da análise do próêmio do livro *De Clementia* e do seu emblemático uso retórico do espelho, o presente texto tem por objetivo suscitar uma reflexão acerca dos exercícios espirituais estoicos – termo cunhado por Pierre Hadot –, especialmente no que se refere à formação moral do governante virtuoso ou, em outros termos, do *bonus princeps*. Por meio do convite à introspecção e ao exame de consciência proposto por Sêneca a Nero, é possível acompanhar um curioso e habilidoso mecanismo de direcionamento de consciência, o qual, de forma educativa, leva o *princeps* a reconhecer sua natureza, suas virtudes e sua clemência ao se deparar com o espelho, para então, em um segundo movimento, transformar esse reconhecimento em uma disposição da alma coerente, reflexiva e, portanto, orientada pela razão nos moldes da filosofia da stoa. Em resumo, é por meio do exame de consciência de Nero diante do espelho que Sêneca propõe ao jovem imperador um movimento educacional capaz de formar moralmente o governante exemplar.

### Palavras-Chave

Sêneca. Clemência. Formação Moral. Virtude.



## DO ANIMISMO AO MECANICISMO: AS CRÍTICAS DE MERSENNE À CONCEPÇÃO BRUNIANA DE ANIMA MUNDI

William D Sversutti

[williamsversutti@gmail.com](mailto:williamsversutti@gmail.com)

### Resumo

Marin Mersenne, em seu livro *Limpiété des déistes, athées et libertins de ce temps*, classificou Bruno como um dos homens mais cruéis que a terra já gerou” e tornou-se um de seus primeiros críticos. Tendo em vista a crescente influência de seu pensamento nos círculos intelectuais de Paris, de modo sistemático, Mersenne procura atacar diversos aspectos da filosofia bruniana, em especial, à sua cosmologia. A presente comunicação pretende avaliar alguns dos aspectos epistemológicos, metafísicos, cosmológicos e políticos das críticas mersenianas à concepção de alma do mundo bruniana. Com fortes tendências racionalistas e cartesianas, Mersenne apoiará suas críticas tanto na não-cientificidade dos postulados brunianos, quanto na defesa de uma concepção de ciência natural fundamentada aos moldes cartesianos. Nossa hipótese de leitura seria a de que tal discussão pode representar um marco na história da filosofia no que se refere à uma mudança de uma cosmovisão animista à uma mecanicista e que essa discussão é capaz de trazer importantes reflexões sobre a atualidade, haja vista que vivemos em um mundo em que o colapso climático e humanitário evidenciam as últimas consequências da adoção daquela mudança de paradigma.

### Palavras-Chave

Animismo. Mecanicismo. Bruno. Mersenne. Política.



## DONATO GIANNOTTI, O EQUILÍBRIO DA REPÚBLICA E A GUERRA

Luis Alves Falcao

[luis.alves.falcao@gmail.com](mailto:luis.alves.falcao@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação visa debater os vínculos entre o sistema teórico-institucional de Donato Giannotti e sua teoria da guerra. Autor menos debatido do renascimento italiano, Giannotti é herdeiro da principal geração de florentinos que pensaram a república naquele país. Diferentemente de autores como Maquiavel, Giannotti retoma os termos clássicos da virtude estoico-ciceroniana e, além disso, aplica-o a um contexto institucional sensivelmente mais rígido do que aquele da geração anterior, ainda que haja proximidades e recepções evidentes. Por outro lado, a recepção da geração de Vettori e Guicciardini em Giannotti aponta para uma maior proximidade nos temas da guerra, particularmente no caso de Maquiavel: a milícia cidadã e participação cívica estão, em ambos, com condições de interdependência. Desse modo, a comunicação objetiva discutir a hipótese de que a estrutura político-institucional da república, sempre voltada para dimensões populares, está em contiguidade com a noção de cidadania na estreita defesa do autogoverno com a população armada.

### Palavras-Chave

Donato Giannotti. República. Guerra.



## ENSAIO E CONFERÊNCIA: DUAS MANIFESTAÇÕES DO JULGAMENTO

Vinicius Duarte

[viniciusspfc034@gmail.com](mailto:viniciusspfc034@gmail.com)

### Resumo

A tentativa de aproximar a conversação com o ensaio não é nova. Villey, em suas notas introdutórias do ensaio “Da arte da Conversação” (III, 08), aponta essa conexão ao mostrar como no método para a conférence está presente, também, o método para a condução do pensamento. Há várias passagens na obra de Montaigne onde ele relaciona o ensaio, quando não a obra Ensaaios, ao fluxo dos seus próprios pensamentos. Repetidas vezes ele nos diz que o ensaio trata da aplicação das faculdades naturais, ao invés das adquiridas (II, 10, p. 114); (I, 26, p. 218); (II, 06, p. 70). Porém, de quais faculdades naturais Montaigne comenta? O que ele tem em mente? Lá Charité (1968, p. 16) argumenta que essas faculdades naturais são o judgement e a memoire. Contudo, a faculdade natural que expõe o essencial do indivíduo não é a memoire e nem seus produtos, science e art, mas o judgement. Lá Charité (1968, p. 17) argumenta que o judgement é um tipo de ignorância que expõe o valor do indivíduo. Essa interpretação pode ser lida em Montaigne onde ele defende a filosofia como ignorância: “[C] ignorância que para concebê-la não há menos ciência do que para conceber a ciência” (E III, 11, p. 369). A ignorância do judgement deve ser o de superar interesses pessoais, preconceitos, paixões e a própria science para alcançar o desenvolvimento moral e individual a partir da autonomia das próprias ideias e da autoconfiança (LA CHARITÉ, 1968, p. 18). O objetivo dessa investigação será o de aprofundar a ideia de Lá Charité que argumenta que o produto da memória é a science enquanto o do judgement é o essay. Nosso objetivo é o de acrescentar que outro produto do judgement é a conférence. A hipótese dessa investigação é apresentar e argumentar que o ensaio e a conferência têm estruturas semelhantes, pois ambos almejam o mesmo propósito, são produtos do mesmo lugar e com isso praticam um mesmo método, embora sejam diferentes atividades do espírito. A metodologia tanto do ensaio quanto da conférence é vista em “Da arte da Conversação” quando Montaigne descreve que seu objetivo está na manière e não na matiere (III, 08, p. 213). Nossa hipótese está em apresentar que tanto o essay quanto a conférence preocupam-



se com a manière, com a forma, e não com a matiere, com o conteúdo. Uma filosofia que se preocupa com as matieres tem como propósito a produção de uma science e, portanto, do desenvolvimento da memória, enquanto o objetivo da filosofia ensaística está no desenvolvimento do julgamento.

### Palavras-Chave

Conférence. Essay. Judgement. Manière.



## FORTUNA E VIRTUDE NA EXPULSÃO DA BESTA TRIUNFANTE (1584) DE GIORDANO BRUNO

Luiz Carlos Bombassaro  
[lcbombassaro@gmail.com](mailto:lcbombassaro@gmail.com)

### Resumo

Em *Spaccio de la bestia trionfante* (1584), Giordano Bruno pretende apresentar seu programa de reforma ético-moral. Partindo da afirmação da corrupção dos valores, da transformação das virtudes em vícios, operada pelo aristotelismo e pelo cristianismo, a proposta bruniana centra-se na reflexão moral e na proposta de expulsar os vícios e reentronizar as virtudes. Apresentada de modo alegórico, a reforma se inicia com um conclave das divindades míticas, uma assembleia de deuses - personagens que representam a situação política e as figuras poderosas do quinhento europeu, marcado por uma crise profunda manifesta especialmente nas guerras de religião. Nesse contexto, para Bruno torna-se imperativo o debate filosófico sobre a multifacetada figura da Fortuna e sua relação com os vícios e as virtudes humanas. Neste artigo pretende-se indicar a necessidade de uma interpretação do texto bruniano que realce a pertinência do (inacabado) projeto de reforma moral no cenário político do seu tempo.

### Palavras-Chave

Giordano Bruno. Ética. Política.





## GIORDANO BRUNO E GOETHE: APROXIMAÇÕES ENTRE O ANIMISMO RENASCENTISTA E O ROMANTISMO ALEMÃO

Willian Ricardo Dos Santos  
willian.ricardo2087@gmail.com

### Resumo

Dentre os diversos pontos de contato entre os dois dos mais exuberantes movimentos culturais do Ocidente, o Renascimento italiano e o Romantismo alemão, destacamos para análise as aproximações entre Giordano Bruno e Goethe. Discutimos suas concepções animistas, naturalistas e o modo como conceberam as ciências naturais. Goethe foi um dos autores alemães que se entusiasmou com as filosofias renascentistas como a de Bruno, seja pela sua cosmovisão monista e vitalista, seja pelo modo ampliado com que entendia as ciências naturais. Bruno defende modos multifacetados do ser humano conhecer a natureza. Sua teoria cosmológica, mesmo estruturada em rigorosas argumentações, inclui o uso da imaginação em criativas representações artísticas. Obtém-se assim uma confluência entre a forma racionalista, a poesia e a representação imagética em um esforço para alcançar a máxima compreensão e expressão da natureza. Assim, filosofia; ciências; artes e espiritualismo se convergem em um amplo projeto de renovação cultural, o qual seria revivido dois séculos depois da trágica morte de Bruno. Em 1789 Jacobi publica partes dos diálogos *A causa, o princípio e o uno* e *Sobre o infinito, universo e mundos*. Como diz Leinkauf (2014), isto “contribuiu de modo essencial para o ‘renascimento’ do pensamento de Bruno com o idealismo alemão, tanto em Schelling como em Hegel”. As ideias de Bruno, portanto, faziam-se presentes quando novas filosofias da natureza eram elaboradas almejando a superação da ciência moderna com suas concepções quantitativa, materialista e mecânica. Ademais, a ciência moderna entraria em um processo gradativo de especificação do objeto de estudo e, conseqüentemente, de especialização da área e do pesquisador. Em reação a essa tendência compartimentada de ciência, Goethe desenvolve uma imensidão de estudos nas mais variadas áreas, da botânica à geologia; da química à física das cores; da arqueologia à antropologia; sem nunca diminuir seu interesse pelas artes. Goethe empenhou-se para “desvelar o véu de Isis” a partir de uma perspectiva estética e teórica que nos remete ao projeto bruniano de que a



natureza é uma totalidade orgânica, com suas inumeráveis partes vivendo em uma interdependência simbiótica. Neste trabalho buscamos identificar alguns dos principais temas e conceitos renascentistas e brunianos que emergem na obra de Goethe para que assim possamos avaliar as semelhanças e as diferenças de suas visões de mundo e de ciência.

### **Palavras-Chave**

Ciência. Poesia. Monismo.



## JOGO DAS PAIXÕES EM MAQUIAVEL: SEUS FLUXOS E REFLUXOS NO REGIME REPUBLICANO

Christiane Cardoso Ferreira

[chris.cardosoferreira@gmail.com](mailto:chris.cardosoferreira@gmail.com)

### Resumo

Nicolau Maquiavel afirma que nas repúblicas há mais vida, mais ódio, mais desejo de vingança. As paixões indicam, por tanto, que há mais expressão e intensidade de afetividade no vivere libero, indicando uma conexão inextricável entre paixões e política. Se comumente se identifica o uso das paixões em política como meio(s) para se atingir outro(s) fim(ns) que não ela(s) mesma(s), em Maquiavel é possível observar este uso, mas não apenas. O desejo de comandar e oprimir – próprio dos grandes – e o de não ser comandado nem oprimido, do povo, são a razão da dinâmica instauradora do político, como afirma Lefort. Logo, partimos desta premissa de que duas paixões estão no fundamento do político. O confronto delas pode gerar três efeitos segundo o secretário florentino: principado, república e licença. Mas, se o desejo popular, de não ser comandado nem oprimido, não garante a fundação/ordenação e manutenção de um regime republicano, o que garantiria? Este trabalho desdobra-se desta pergunta e pretende demonstrar que um fluxo e refluxo de paixões que subjazem as relações humorais e ações políticas numa espécie de jogo em constante mudança e movimento, pode desvelar outras paixões importantes para o fundamento republicano do pensador florentino.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Republicanismo. Paixões.



## MAQUIAVEL E A ALEMANHA RENASCENTISTA: RETRATOS INSTITUCIONAIS, NATUREZA HUMANA E A GUERRA

Bruno Alexandre Cadete Da Silva  
[bruno\\_cadete@outlook.com](mailto:bruno_cadete@outlook.com)

### Resumo

Em nosso estudo sobre o cenário político e histórico da Europa renascentista no interior da filosofia de Maquiavel, encontramos na Alemanha desse período uma estrutura de domínio singular. No caso, a Alemanha renascentista nos fornece elementos essenciais para alguns comparativos com outras regiões europeias examinadas por Maquiavel, em especial, as nações em que as suas formas de governo se constituíam como monarquias - e as suas variações - como a França. As excursões de Maquiavel para a Alemanha têm como um dos principais propósitos, assim como em relação a outras nações, o reconhecimento das forças e da possibilidade de assédio à península itálica pelo Império alemão. Os retratos e discursos de Maquiavel sobre a Alemanha esboçam, em nossa análise, um propósito próximo ao da França renascentista, até mesmo complementar. Notadamente, os retratos, sobre a Alemanha e a França, possuem as suas dissensões. Dentre essas dissensões, as principais recaem sobre as naturezas dos líderes dessas nações, do Imperador alemão Maximiliano I e do rei francês Luís XII, e das estruturas institucionais e internas desses países. Em nosso recorte, evidenciaremos ainda a análise pormenorizada do autor florentino sobre a natureza de Maximiliano I. Apesar de os escritos sobre a Alemanha não mencionarem, diretamente, a fantasia do Imperador, podemos examinar a sua conduta por esse prisma, sobretudo no que se refere aos seus possíveis anseios, a sua imprevisibilidade e a sua força. Neste sentido, devido à posição de liderança de Maximiliano I, criava-se um desafio para todos os agentes, instituições e países europeus que o circundavam, demonstrando, assim, como se fazia necessário para Florença, especificamente, a imprescindível capacidade analítica de Maquiavel, dentre outras medidas, sobre a política externa. Para a nossa investigação sobre a Alemanha descrita por Maquiavel, faremos uso dos seguintes escritos: *Discorso sopra le cose della magna e sopra l'Imperatore*, *Ritratto della cosa della magna* e *Rapporto delle cose della magna*, examinando, assim, esse abreviado arcabouço teórico construído por Maquiavel sobre esse Império, a Alemanha, durante o período em que atuou como segundo secretário da república de Florença.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Alemanha. Retratos.



## MAQUIAVEL E A ARTE DE COMEÇAR

Newton Bignotto

[nbignotto@uol.com.br](mailto:nbignotto@uol.com.br)

### Resumo

Maquiavel precede cada uma de suas obras mais importantes, escritas depois de 1513, de uma introdução, que fornece informações importantes para o leitor. No caso de *O Príncipe*, ele mistura, à dedicatória feita aos homenageados, reflexões sobre o conteúdo da obra e sobre os princípios teóricos e metodológicos que o guiaram. No caso dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, ele inicia os dois primeiros livros, com um proêmio, utilizando-se do primeiro capítulo do livro III como uma introdução ao conteúdo dos capítulos que se seguem. Em *Arte da Guerra*, o proêmio, segue o mesmo padrão de *O Príncipe*, fazendo referência à Lorenzo de Filippo Strozzi e a Patrizio Fiorentino, para quem o livro é dedicado, e às dificuldades teóricas que encontrou para tratar do assunto central do texto. Já nas *Histórias florentinas*, depois de uma dedicatória tradicional, Maquiavel expõe as etapas que seguiu para dar conta do objeto do livro. A hipótese que gostaríamos de defender em nossa comunicação é que por meio dos estudos dos textos citados acima é possível analisar os elementos de continuidade e descontinuidade que ligam os diversos livros. Nossa aposta é que eles fornecem uma visão ampla do percurso teórico do autor e da coerência dos procedimentos teóricos e metodológicos do Secretário florentino ao longo de sua carreira de escritor.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Republicanism. Arte de escrever.



## MAQUIAVEL E A CORRUPÇÃO REPUBLICANA: A PARTICIPAÇÃO POPULAR COMO ELEMENTO DE CONSERVAÇÃO

Lucas Eugênio Rocha Medeiros  
[lucasrochamedeiros@hotmail.com](mailto:lucasrochamedeiros@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da participação popular no republicanismo de Maquiavel, que considera o povo como o melhor guardião de uma república, apesar de estar sujeito à corrupção. No âmbito da teoria dos humores, discute-se como eles podem se corromper e levar à degeneração da república. Destacam-se diferentes interpretações sobre o papel do povo na obra de Maquiavel, dialogando com as críticas de Strauss, que minimiza a valorização maquiaveliana do povo, e as contribuições de Lefort e McCormick, que ressaltam o caráter democrático e popular do republicanismo maquiaveliano. A partir de uma leitura favorável ao lugar do povo, levanta-se a hipótese de que a participação popular é um fator decisivo para mitigar a corrupção do humor popular e frear o humor dos grandes, pois engendra aprendizado e virtude cívica. Retomando a distinção de Ames sobre a participação extra-institucional, que se dá pelos tumultos e pressões do povo por leis, e a participação intra-institucional, que se dá pelas assembleias e recursos legais, defende-se que o exercício político do povo engendra aprendizado sobre os recursos utilizados pelos grandes visando a dominação e os riscos da corrupção republicana. Assim, defende-se que Maquiavel eleva o escrutínio público ao status de um elemento necessário para garantir a sabedoria e o bem comum nas decisões políticas, e que uma república em que o povo possui amplo espaço de participação é mais duradoura e virtuosa.

### Palavras-Chave

Republicanismo. Maquiavel. Participação Popular.



## MONTAIGNE E O ISLÃ

Maria Célia Veiga França  
[lelavfranca@yahoo.com.br](mailto:lelavfranca@yahoo.com.br)

### Resumo

Depois de passar muitos anos estudando a figura do americano construída por Montaigne e seus contemporâneos, propomos um novo percurso, nos interessando desta vez a um personagem da alteridade também conhecido através das viagens: o muçulmano. Muito importante para o século dezesseis, ele não está muito presente nos textos renascentistas estudados em nossos dias. O paradoxo é que naquele período foram publicadas duas vezes mais Turcica do que textos sobre os americanos. Se o turco foi objeto de tamanho interesse por parte do ocidente, a razão para isso está na ameaça constante que ele representava. A queda de Constantinopla nas mãos de Mehmet em 1453 constitui um verdadeiro traumatismo para o ocidente cristão. A tomada do reino da Hungria pelos otomanos em 1541 representa uma ameaça absolutamente clara para o continente. A realidade estrangeira que persegue literalmente a Europa na época de Suleiman não é a do índio nu e canibal, surgido das profundezas da floresta brasileira; trata-se de uma realidade próxima e longínqua ao mesmo tempo, a do turco muçulmano que monta seu acampamento e levanta seus estandartes estampados com o crescente às portas da cristandade. Apesar das palavras relativas à figura do muçulmano utilizadas por Montaigne serem raras nos Ensaios, sua comparação com os textos de seus contemporâneos deixa claro que não somente Montaigne conhecia intimamente as discussões de seu tempo sobre este tema, como também as incorpora nas entrelinhas de seu texto.

### Palavras-Chave

Montaigne. Muçulmano. Império Otomano.



## NATUREZA HUMANA EM MAQUIAVEL

Helder Canal De Oliveira  
[helder.canal@ifmt.edu.br](mailto:helder.canal@ifmt.edu.br)

### Resumo

É comum pensar que Maquiavel entende que o humano é mau por natureza. Inclusive, não faltam trechos em sua obra em que parece corroborar essa percepção. Mas, ao analisar com atenção a sua obra, observa-se que Maquiavel oscila em relação a essa maldade humana, afirmando que os humanos não são nem totalmente maus nem bons. Ora, se há essa oscilação de Maquiavel sobre a maldade humana, como ele aborda essa questão? Qual é o seu entendimento sobre a natureza humana? Por que essa discussão é importante para a ação política? Apesar de Maquiavel tangenciar esse tema, ele é relevante para entender melhor o seu pensamento político, sobretudo para compreender como deve ser o ordenamento e a legislação de um regime político. Assim, diferentemente do que se atribuiu ao florentino, ele pensa que o desejo é inerente e insaciável ao humano, cuja satisfação é limitada. Consequentemente, surgem várias desavenças entre os humanos, que se desdobram em conflitos individuais e grupais. Nestes, o secretário afirma que em todo regime há sempre dois humores, o dos grandes e do povo, que se digladiam na arena política. Os grandes querem dominar e oprimir, enquanto o povo não quer ser dominado nem oprimido. Esses conflitos e a natureza desejante do humano devem ser levados em conta pelo legislador no momento de fundar e ordenar um regime político. Para o Estado ser bem-ordenado, o legislador deve pressupor que os humanos são maus, pois deve pensar nos piores cenários possíveis para não ser surpreendido por acontecimentos não previstos no ato fundacional. Maquiavel pensa assim ao afirmar que todos os humanos serão maus quando tiverem ocasião de serem, mas também diz que eles podem ser bons por necessidade. Esta pode ser dada pelas circunstâncias existenciais, pelo momento ou pela lei. Com isso, percebe-se que o entendimento maquiaveliano sobre o humano é complexo e maleável, pois não há uma ação pré-definida como boa ou má. Tudo depende das circunstâncias objetivas para verificar se a ação política foi boa ou não, isto é, se teve eficácia no alcance de seus objetivos. Isso significa que a bondade e a maldade não são intrínsecas ao humano, pois toda ação política, para Maquiavel, é



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



balizada pelas consequências que acarreta. O que os agentes nesse âmbito devem ter é virtú, ou seja, saber tomar a melhor decisão política para atuar de maneira adequada em um determinado momento. Então, uma ação política que é considerada má pela moral cotidiana pode, ao fim, se mostrar a melhor decisão.

## Palavras-Chave

Natureza Humana. Desejos. Conflitos.



## O CONFLITO POLÍTICO NA HISTÓRIA DE FLORENÇA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO DESEJO POPULAR

Fabiana De Jesus Benetti  
[fabianajbenetti@gmail.com](mailto:fabianajbenetti@gmail.com)

### Resumo

Na História de Florença, a referência mais utilizada para ser falar sobre os grupos antagônicos é aquela que aparece nas primeiras linhas de abertura de terceiro livro. Neste texto, Maquiavel define os desejos de grandes e povo como: desejo de comandar/grandes e o desejo de não obedecer/povo, avaliando o conflito como responsável pelos males da cidade. A declaração de Maquiavel traz um certo espanto quando pensamos no modo como a teoria aparece nas outras obras. Aqui, Maquiavel fala dos tumultos como a causa dos males, das perturbações da vida republicana. Teria Maquiavel mudado de ideia quando da composição desta obra? O autor apresentaria na História de Florença uma nova concepção acerca do valor dos tumultos para a cidade? Esta é uma temática que está presente em debates da atualidade, que colocam em discussão se há ou não, na História de Florença, uma ruptura com o que Maquiavel havia apresentado no Príncipe e nos Discorsi. Se entre os pesquisadores parece ser bastante consensual a positividade com a qual Maquiavel fala dos conflitos nestas duas obras, o mesmo não acontece quando se trata da História de Florença. Para alguns intérpretes, Maquiavel irá abandonar a visão positiva nesta obra, abrindo caminho para uma avaliação de cunho negativo. Suchowlansky, por exemplo, em seu artigo *Citizens, Subjects or Tyrants? The Role of the People in Machiavelli's Florentine Histories*, reconhece a importância do humor popular nas duas primeiras obras, mas demonstra que esta mesma importância não está presente na História de Florença. De acordo com o comentador, tanto no Príncipe quanto nos Discorsi, o humor popular é de suma importância. No primeiro caso, tal humor é um garantidor da segurança do príncipe e da manutenção de seu principado, no segundo caso, o humor popular é indispensável à liberdade da república. Já, na História de Florença, ele indica a existência de um Maquiavel mais crítico, observando que características ligadas à ambição e à violência do povo, tornam difícil diferenciar os humores populares dos humores dos grandes. Sendo assim, a proposta deste trabalho é a de analisar se, na História de Florença, acontece uma mudança na avaliação que Maquiavel faz do conflito político e do humor popular.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Conflito. Desejo Popular.



## O PROBLEMA DA TELEOLOGIA NA FILOSOFIA DE GIORDANO BRUNO

Celi Hirata  
[celi@ufscar.br](mailto:celi@ufscar.br)

### Resumo

Em suas obras cosmológicas, em especial no *De Immenso*, Bruno refuta tanto o princípio aristotélico de que cada coisa, de acordo com a sua essência, aspira ao fim para o qual foi ordenada, como também a concepção platônica de arquétipo e de modelo. Trata-se de demolir as bases da teleologia escolástica e das hierarquias a ela associadas, de acordo com as quais cada ser possui o seu lugar e sua destinação determinada. Mas nem por isso se pode dizer que Bruno rejeita pura e simplesmente toda concepção valorativa da natureza. Antes, o que está em jogo, a nosso ver, é uma remodelação dos valores e o estabelecimento de uma certa concepção de finalidade na natureza, doravante atrelada ao infinito e à valorização da matéria e da vicissitude. A comunicação abordará esse lugar ambíguo da finalidade e da teleologia no pensamento de Bruno, discutindo-a a luz não apenas de seus argumentos cosmológicos como também de sua filosofia moral no *Spaccio de la bestia trionfante*. Pretendemos indicar como são os mesmos valores que estão no fundamento tanto da concepção nolana de natureza como da classificação de virtudes e vícios.

### Palavras-Chave

Teleologia. Infinito. Vicissitude.



## OBSERVAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DO ARREPENDIMENTO EM MONTAIGNE

Sergio Xavier Gomes De Araujo

[sxaraujo@gmail.com](mailto:sxaraujo@gmail.com)

### Resumo

A ortodoxia do Concílio Di Trento marca profundamente a religiosidade católica do século de Montaigne, reforçando o sentimento do pecado e o valor da contrição como elemento fundamental da devoção, consubstanciada nos sacramentos da confissão e da penitência. No capítulo Do Arrependimento ( III.2 ) Montaigne se contrapõe ao dogmatismo de seu tempo admitindo raramente confessar-se aos padres, e questionando a autenticidade de uma fé toda concentrada na observância externa dos ritos e cerimoniais estabelecidos pela Igreja, em nítida contradição com os costumes viciosos do “siècle corrompu”. Trata-se de ocasião particularmente oportuna para que o autor dos Ensaio possa conferir forma por contraste ao seu ethos de sabedoria: em diametral contraponto à condenação do “moy” e ao anseio pela própria reforma interna pela intervenção misericordiosa da Graça, Montaigne se afirma como exemplo de coerência interna, entre aparência e disposições internas; entre a consciência de si e as próprias ações e afecções, mediante a prática dos ensaios de suas faculdades, evocando a virtude dos antigos, como hexis ou habitus segundo a ética aristotélica e a concordância com a natureza de acordo com os estoicos.

### Palavras-Chave

Montaigne. Aristóteles. Contra Reforma.



## A REVOLUÇÃO DA TRADUÇÃO DA POLÍTICA DE LEONARDO BRUNI

Fabrina Magalhães Pinto  
[fabrinamagalhaes@gmail.com](mailto:fabrinamagalhaes@gmail.com)

### Resumo

Já nas suas primeira obras Leonardo Bruni denuncia implicitamente as formas corrompidas da transmissão da língua grega durante a Idade Média. É fato comumente aceito que as traduções brunianas abriram as portas para novas traduções no século XV, impulsionando na Itália um renovado interesse em traduzir e retraduzir Aristóteles, de maneira que até final do século quase todo o corpus havia sido traduzido novamente para o latim. Ao preparar as versões da *Ética*, da *Política* e dos *Econômicos*, o humanista empregou princípios de traduções diferentes daqueles usados pelos medievais, pois, para ele, não haveria a necessidade introduzir transliterações de palavras gregas ou neologismos medievais, como afirma em seu *De interpretatione recta*. O que pretendemos destacar é o surgimento no Quattrocento de uma nova linguagem política que se desenvolve em paralelo com uma nova forma de se interpretar os antigos e, em particular, Aristóteles. A hipótese, portanto, que buscaremos desenvolver é a de que existe no autor um projeto claro de tradução e divulgação da língua e cultura grega associado ao seu trabalho de chanceler florentino, historiador e defensor dos valores republicanos. A nossa pergunta aqui não é apenas por que traduzir a *Política* novamente, mas analisar a necessidade de tornar conhecido um léxico republicano específico para seus contemporâneos no Quattrocento.

### Palavras-Chave

Leonardo Bruni. Tradução. Renascimento Italiano.



## PRUDÊNCIA POLÍTICA E RAZÃO DE ESTADO

Sérgio Cardoso  
[sercard@usp.br](mailto:sercard@usp.br)

### Resumo

Comentaremos o livro “Prudência Política: das origens aos golpes de Estado”, de Eugênio Mattioli Gonçalves (EduFSCar, 2023), que acompanha o conceito de Prudência da Antiguidade Clássica ao século XVII, o momento em que o conceito passa a ser utilizado nas teorias dos golpes de Estado de Gabriel Naudé. Através das análises finas do conceito de Prudência em Aristóteles, Cícero, Thomás de Aquino, Maquiavel, Justus Lipsius, Montaigne e Pierre Charon, podemos acompanhar nesse livro o trajeto que o leva do núcleo das interrogações éticas da tradição ao solo fundamental da razão política moderna. Procuraremos comentar sobretudo o momento sensível desses deslocamentos conceituais que se detectam entre as obras de Lipsius, Montaigne e Charron produzidos no horizonte dos debates do tempo sobre o realismo político e o “maquiavelismo”. O conceito de “prudência mista” de Justus Lipsius, a retomada por Montaigne da discussão dos Antigos sobre o Útil e o Honesto, as inflexões introduzidas por Charron na apropriação desses autores que admira constituem o percurso fundamental da sobreposição da Habilidade (política) sobre a Honestidade, que se manifesta na obra de Gabriel Naudé e leva às teorias modernas da razão de Estado. Pretendemos trazer também para esses comentários o elucidativo capítulo sobre Naudé do livro do Prof. Newton Bignotto “Golpe de Estado: história de uma ideia”.

### Palavras-Chave

Ética e Política. Prudência. Razão de Estado.



## REALISMO E CONFLITO: MAQUIAVEL NA VIRTUE POLITICS DE JAMES HANKINS

Yago Pessoa Lima  
[yplima.ypl@gmail.com](mailto:yplima.ypl@gmail.com)

### Resumo

Ao curso das últimas décadas, o historiador estadunidense James Hankins produziu extensa massa de trabalhos sobre o pensamento político e social de autores humanistas e renascentistas, condensados em *Virtue Politics: Soulcraft and Statecraft in Renaissance Italy* (2019). Em argumentação de fôlego, Hankins apresenta uma compreensão alternativa do pensamento político renascentista, contraposta às posições herdeiras da tese Baron e, de maneira ainda mais ousada, à localização e identificação desses autores à tradição republicana em geral. Na parte negativa, Hankins argumenta que a teorização política sobre a república, ao período, não pressupunha o que classifica como “exclusivismo republicano”, uma teoria da legitimidade que apenas reconhece validade em formas coletivas e participativas de governo. Em sequência, Hankins reconstrói o pensamento político humanista como um projeto pedagógico-moral, que pretende reformar as elites governantes e recuperar a cultura e virtudes greco-romanas. Nosso argumento é que o tratamento interpretativo dispensado a Maquiavel sob esse esquema nos permite localizar suas limitações: ao construir Maquiavel como um pensador em oposição ao projeto moralizante dos humanistas, Hankins não apresenta uma compreensão histórica e conceitualmente substantiva dos elementos que ele mesmo reconhece como proto-maquiavelianos em autores como Leonardo Bruni. Destacamos os temas do realismo e do conflito político como pontos de inflexão das continuidades e afastamentos de Maquiavel em relação a Bruni, de modo que suas teorias podem ser lidas como construções diferentes de compromissos metateóricos sobre o ser da política. Esses compromissos, cremos, ainda que não exclusivistas são melhor caracterizados como de natureza republicana.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Republicanismo. *Virtue Politics*.



## REPUBLICANISMO: DE BRUNI A MAQUIAVEL

Carlo Gabriel Kszan Pancera  
[gabrielpancera@gmail.com](mailto:gabrielpancera@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, pretendemos retornar ao problema geral de caracterização do republicanismo. Lançamos, assim, um olhar para dois dos principais autores da matriz italiana, quais sejam: Nicolau Maquiavel e Leonardo Bruni. Tratamos de apreender alguns elementos de continuidade, mas cuidamos principalmente de reafirmar a centralidade da noção de liberdade, que se encontra na base de uma certa compreensão da tradição republicana, a partir sobretudo das interpretações de Hans BARON (1958) e Quentin SKINNER (1978). A necessidade de se retornar a esta temática, já tratada por outros autores e intérpretes (BIGNOTTO: 2004; CARDOSO: 2004), se nos impõe diante da interpretação de James HANKINS (*Virtue Politics*: 2019), a qual procura dissolver a importância ou mesmo negar a existência de uma tradição republicana, enfatizando para tanto o lugar da virtude em detrimento da liberdade. Na revisitação da questão, buscamos, não negar o lugar da virtude, mas mostrar como ambas as noções, a de liberdade e de virtude, ocupam um lugar que demarca o sentido do termo república e o de republicanismo.

### Palavras-Chave

Republicanismo. Liberdade. Virtude.





## SUBMETTER A FORTUNA, SECUDAR A FORTUNA: NOTAS SOBRE A AÇÃO POLÍTICA EM MAQUIAVEL

Ricardo Polidoro Mendes  
[ricardo.polidoro.mendes@usp.br](mailto:ricardo.polidoro.mendes@usp.br)

### Resumo

A ação política é um dos temas centrais do discurso maquiaveliano e o florentino o aborda segundo o par conceitual virtù e fortuna. O primeiro termo se refere propriamente à ação dos agentes, aquilo que está em sua capacidade de operar no mundo, ao passo que o segundo diz respeito àquilo que os ultrapassa, ou seja, àquilo que está fora do seu campo de ação, em suma: à indeterminação. Nesse sentido, Maquiavel busca compreender como a ação pode obter sucesso diante da fortuna, como ele trata no capítulo 25 d'O príncipe. Ao longo desta parte do texto, o florentino discorre sobre a interação entre virtù e fortuna e como opor-se a ela, e dentre as imagens e exemplos utilizados no capítulo chama atenção a imagem que o conclui, a saber, a imagem do impetuoso que submete a fortuna, bate nela e a maltrata para alcançar o sucesso de sua ação. Ora, mas é possível subjugar a fortuna, subjugar a indeterminação da ação, se esta se empreende em um campo no qual o ator político nunca está sozinho? Em outras palavras: a ação política de virtù seria aquela que irrompe com uma força contra as circunstâncias para dominá-las, e assim, dominar os outros agentes do campo político? Diante dessas questões, pretendemos nos dirigir a outros momentos do texto maquiaveliano, em especial ao capítulo 29 do segundo livro dos Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio, no qual o Maquiavel discorre sobre acontecimentos em Roma que quase levaram à ruína da cidade e faz uma reflexão a respeito dos poderes da fortuna. Ao final do capítulo, Maquiavel tira uma conclusão diversa daquela do capítulo 25 d'O príncipe, pois, agora, ele afirma que não se pode opor à fortuna, mas apenas secundá-la. Assim, nosso objetivo é investigar as relações entre virtù e fortuna, entre a ação e sua indeterminação no discurso maquiaveliano. Defendemos que não é possível subjugar a fortuna em uma relação de força, pois o agente político empreende sua ação em um campo com-partilhado com outros agentes, e portanto, não é apenas pela força que se alcança o sucesso na ação. Antes, é preciso secundar a fortuna, aprender a tecer seus fios sem rompê-los.

### Palavras-Chave

Maquiavel. Ação. Fortuna.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FENOMENOLOGIA



## A ALTERIDADE TRANSCENDENTAL NO “EU POSSO” HUSSERLIANO

Paulo Cesar Gil Ferreira Júnior

[paulocesarovich@gmail.com](mailto:paulocesarovich@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho começa pela investigação do modo como Husserl concebe a percepção sensível a partir de um processo temporal de corporação da consciência, o qual resulta, por sua vez, no que chamaremos aqui de uma correlação transcendental. Queremos dizer com isso que da mesma forma que a consciência ultrapassa seus objetos, ao constituir-se como sua condição de manifestação, também esses objetos se subtraem a e excedem o alcance dessa mesma consciência, por constituírem-se de maneira continuamente sombreada. Do exposto resulta que a realidade só pode fenomenalizar-se modalmente, ou seja, como realidade a cada vez possível, o que constitui um paradoxo do ponto de vista lógico e epistemológico. Mostraremos que essa situação não representa porém nenhum prejuízo para um acesso à realidade, ou às chamadas “coisas em si mesmas”, a não ser que se admita a tese metafísica autorrefutatória de uma realidade que devesse ser acessível em sua inteireza, ou seja, em todos os seus aspectos. Isto porque tal concepção de realidade pressupõe uma consciência exterior que seria incapaz afinal de experimentá-la. É nesse sentido, portanto, que interpretamos a tese do fundamento da experiência no “eu posso”, nas palavras do próprio Husserl, como um “eu posso diferentemente do que eu faço”. E, além disso, se em todo “eu faço”, ou “eu posso” atual, reside um eu posso potencial como horizonte da experiência, temos no seio da consciência transcendental uma experiência latente de alteridade que cremos requisitar um exame cuidadoso.

### Palavras-Chave

Consciência. Realidade. Alteridade.



## A AUTOCONSTITUIÇÃO DO EGO NAS MEDITAÇÕES CARTESIANAS DE HUSSERL

Helena De Lima Gualberto Elias

[helenalgelias@gmail.com](mailto:helenalgelias@gmail.com)

### Resumo

Nas *Meditações Cartesianas* (1931), Edmund Husserl descreve o processo de autoconstituição do ego transcendental, assim como aponta para a possibilidade de uma investigação fenomenológica por uma via ainda mais radical: aquela que rejeita um mundo já constituído. Uma vez que a análise da autoconstituição do ego está apoiada em uma metodologia solipsista, e que este também seria o caminho para perseguir o ideal de evidência fenomenológico de fundamentação, resta-nos a pergunta de como seria possível descrever algo que extrapole o aparecer na consciência, como o sentido outrem. Para explicitar a argumentação de Husserl, diferenciamos os momentos de metodologia estática e de metodologia genética, assim como descrevemos a antecipação do problema do solipsismo e a formulação da questão da alteridade. Nosso objetivo é apontar a abrangência e os limites da explicitação fenomenológica de outrem, problematizando sobretudo a instauração da esfera da propriedade na V Meditação Cartesiana. Além de dar a ver o alcance das discussões suscitadas pela formulação do problema de outrem em Husserl.

### Palavras-Chave

Alteridade. Esfera de propriedade.



## A COGNIÇÃO DE UNIVERSAIS EM BRENTANO E HUSSERL

Flávio Vieira Curvello

[filo.fvc@gmail.com](mailto:filo.fvc@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação pretende examinar como Brentano e Husserl pensam a possibilidade do conhecimento de universais em seus respectivos métodos de investigação da consciência — a saber, a Psicognose e a Fenomenologia. Neste exame, interessa, sobretudo, verificar a possível contribuição teórico-metodológica de Brentano para seu discípulo. A primeira parte da comunicação será dedicada à doutrina brentaniana da indução. Como ponto de partida, serão abordadas as contribuições da *Psychologie vom empirischen Standpunkt* (1874), na qual vemos a indução como método de progressão para os juízos de percepção interna, que devem alicerçar a construção de uma ciência psicológica. Desenvolvimentos posteriores e mais relevantes aqui, contudo, serão encontrados nas preleções intituladas *Deskriptive Psychologie* (1889-1890) e no *Versuch über die Erkenntnis* (1903), nos quais Brentano introduz a decisiva distinção entre indução em sentido estreito e em sentido amplo. A primeira delas é compatível com o factualismo presente na Psicologia explicativo-causal ou genética do séc. XIX. A segunda, por sua vez, busca viabilizar a abstração de conceitos fundados em percepção interna e apoditicamente válidos, sendo praticado no âmbito da Psicognose. Vê-se, com isso, como esta disciplina envolve expressamente a intelecção de universalidades. Na segunda parte, serão consideradas as teses de Husserl sobre a noção de ideação, desenvolvidas nas *Logische Untersuchungen* (1900-1901). Partindo da Segunda Investigação, será examinada a distinção entre visadas individuais, que consistem em atos de consciência direcionados a objetualidades factuais, e visadas específicas ou ideações, que consistem em atos direcionados a espécies ideais, que definem a identidade e os traços necessários de uma dada objetualidade. Em recurso à Sexta Investigação, será possível verificar como Husserl aclara a natureza desta experiência ao situá-la como exemplo especial do que ele chama intenções categoriais — atos de consciência fundados, de ordem superior, que visam formas, critérios de organização e nexos de sentido entre elementos materiais ou sensíveis de nossa experiência. É com base nestas teses, a rigor, que a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



Fenomenologia pode pretender ser uma doutrina das essências de nossas vivências. A conclusão consistirá em um exame comparativo entre ambas as propostas e uma tentativa de mostrar como o entendimento husserliano de ideação tem débitos relevantes para com a indução em sentido amplo brentaniana.

## Palavras-Chave

Fenomenologia. Psicologia descritiva. Universais.



## A DESCOBERTA FENOMENOLÓGICA DA INTUIÇÃO CATEGORIAL E O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

Marcos Aurelio Fernandes  
[framarcosaurelio@hotmail.com](mailto:framarcosaurelio@hotmail.com)

### Resumo

A descoberta da intuição categorial na investigação fenomenológica de Husserl abriu caminho para se ter acesso a estruturas de subsistências ideais. Ela possibilitou ressaltar que tais consistências não são feitas dos atos nos quais elas se mostram, nem podem ser tomadas como meras funções do pensamento ou do sujeito. No modo de intuição próprio da intuição categorial se apresentam tais subsistências ideais. Isso possibilitou também realizar melhor uma pesquisa filosófica das categorias. Uma elucidação fenomenológica da abstração como ideação, como captação da ideia, veio a incidir de modo significativo na questão a respeito do ser ou do estatuto ontológico dos universais, que, na história da filosofia, foi impostada como um insistente problema e até mesmo como uma querela. A negação da realidade dos universais – no sentido da realidade de uma res, de uma coisa –, embora justificada, levou, no entanto, à afirmação de que à consciência do universal não corresponde nada de objetual, e, com isso, barrou o caminho para uma aclaração do ser do ideal. Uma análise intencional dos atos de ideação e de seus correlatos objetuais, porém, desbloqueiam este caminho. Com a ampliação do campo da intuição para além de objetos sensíveis, abrangendo objetos e datidades categoriais, chegou-se a um alargamento também da noção de objetividade. Por fim, a descoberta da intuição categorial possibilitou também um concepção mais aguda do a priori e, com isso, uma investigação ontológica mais bem sucedida. Pretendemos apresentar estes desdobramentos da significação da intuição categorial em referência ao problema dos universais recorrendo a textos de E. Husserl, em especial, às Investigações Lógicas, ao texto impresso postumamente *Experiência e Juízo*, bem como ao texto dedicado às Sínteses Ativas. A análise intencional da consciência de universalidade e a análise da constituição do objeto que nela chega à datidade são fundamentais. Além de retornar a Husserl, iremos também retomar as considerações de Heidegger sobre tais problemas filosóficos.

### Palavras-Chave

Intuição categorial. Ideação. Universal.



## A ENCRUZILHADA DO CORPO EM MERLEAU-PONTY

Vinicius Alves Bastos Medeiros

[viniciusab86@hotmail.com](mailto:viniciusab86@hotmail.com)

### Resumo

Na principal obra de sua primeira fase teórica, a Fenomenologia da Percepção, Maurice Merleau-Ponty assume a experiência corporal como ponto de partida para resgatar o mundo sensível dos prejuízos que a metafísica clássica o relegaram. Por conseguinte, quando admite as limitações do método fenomenológico por este preservar a centralidade da consciência na constituição do mundo, o filósofo francês entende que a fenomenologia permanecia como “filosofia da consciência” e redireciona seu projeto fenomenológico à empreitada ontológica. Disto, surge uma contradição entre os intérpretes merleau-pontianos acerca da continuidade ou ruptura que a ontologia de Merleau-Ponty cumpre em relação à sua fenomenologia. Em vista disso, defendemos que a continuidade no pensamento do fenomenólogo é verificada pelos pressupostos ontológicos do corpo que aparecem ainda na Fenomenologia da Percepção, desabrochando a relevância de uma existência sensível ao mundo e radicalizando-a na reabilitação ontológica do sensível de sua obra inacabada com o conceito de “carne”. Nessa direção, será possível rastrear na descrição do “corpo próprio” os limites da fenomenologia e o esboço estruturante da noção de “carne”, uma aposta conceitual do pensador para destituir seu pensamento dos prejuízos clássicos, central para os manuscritos de sua ontologia madura. Portanto, demonstramos que o corpo é ponto de encruzilhada entre fenomenologia e ontologia no pensamento de Merleau-Ponty.

### Palavras-Chave

Corpo. Fenomenologia. Ontologia.





## A EVIDÊNCIA NA FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL HUSSERLIANA: IMPORTÂNCIA, PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES.

João Marcelo Silva Da Rocha

[joaomarcelos@gmail.com](mailto:joaomarcelos@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho objetiva examinar a tematização do conceito de “evidência” realizada por Husserl em obras fenomenológico-transcendentais. Para tanto, dividimo-lo em três momentos: inicialmente, (1) demonstraremos a importância da evidência como critério metodológico fundamental das descrições fenomenológicas, apontando a sua centralidade na configuração do famoso “princípio de todos os princípios”, estabelecido em *Ideias I* (1913), e do “princípio hodegético do começo”, apresentado em *Introdução à Filosofia* (1922-23). Observaremos também a perpetuação desse entendimento em outros escritos. Em seguida, (2) circunscreveremos o conceito fenomenológico-transcendental de “evidência” em dois sentidos: uma acepção ampla, segundo a qual a evidência é determinada como o ato que, na síntese de preenchimento, realiza a autodoação originária das objetividades intencionadas em geral, e uma acepção estrita, que a define especificamente como o ato responsável pela autodoação originária absoluta, assegurado da apreensão completa e indubitável do objeto ou estado-de-coisas visado. Essas delimitações serão elaboradas com base na análise de caracterizações fornecidas por Husserl desde 1906 (por exemplo, em *Introdução à Lógica e à Teoria do Conhecimento*) até 1936 (em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*) e, conforme destacaremos, constituem um elemento de permanência com relação às definições de “evidência” apresentadas nas *Investigações Lógicas*. Após sublinhar esse aspecto de continuidade vinculado ao conceito, (3) discutiremos uma significativa alteração na compreensão husserliana acerca da relação entre adequação e apoditicidade e, conseqüentemente, na sua compreensão sobre a possibilidade de obtenção de evidências dotadas dessas características, bem como as implicações disso no projeto fenomenológico-transcendental. Percorridos esses três pontos, conforme sugere o título da presente proposta, teremos destacado a importância metodológica da evidência, delimitado os seus sentidos, constatando que sua definição advém da



Investigações Lógicas e permanece na Fenomenologia Transcendental, e identificado uma transformação decisiva na compreensão husserliana concernente à consecução de evidências adequadas e apodíticas. Assim, ao fim, uma exposição abrangente e sistemática da “evidência” em alguns de seus aspectos mais fundamentais, à luz de parâmetros fenomenológico-transcendentais, terá sido proporcionada.

### **Palavras-Chave**

Husserl. Fenomenologia Transcendental. Evidência.



## A FENOMENOLOGIA DA COR CINZA: DOSTOIEVSKI E PETER SLOTERDIJK

Paulo Sérgio De Jesus Costa  
[paulo.costa@ufsm.br](mailto:paulo.costa@ufsm.br)

### Resumo

O propósito do presente trabalho é investigar uma ambiguidade específica relacionada à cor cinza, que na modernidade e pós-modernidade tende a transitar entre diferentes campos semânticos. Nossa hipótese é que a perda de sentido do Absoluto no contexto pós-moderno mantém veladamente uma intuição que sugere a persistência do incondicionado de maneira sutil. A análise fenomenológica da cor cinza ajuda na compreensão dessa vivência que torna-se mais evidente ao comparar certas obras sugeridas. Peter Sloterdijk destaca a cor cinza como uma chave simbólica para a modernidade. Sloterdijk começa com uma referência ao artista Cézanne: “Até que você pinte um cinza, você não é um pintor” (Solange man nicht ein Grau gemalt hat, ist man kein Maler”). Sloterdijk continua: “Enquanto você não tiver pensado no cinza, você não é um filósofo (Solange man das Grau nicht gedacht hat, ist man kein Philosoph.”). Notadamente, um aspecto intrigante de sua análise manifesta-se ao compará-la à presença da cor cinza na tradição russa do século XIX. Entre outras cores, o cinza aparece nas obras de Dostoiévski como primordial, por fugir dos extremos do branco e do preto. As pinturas de Dostoiévski também se caracterizam pela discrição e contenção. São Petersburgo (a cidade de Dostoiévski) é conhecida como a “cidade cinzenta”. Todavia, apesar de o cinza ser uma cor neutra, o fenomenólogo russo Aleksei Losev, seguindo criticamente Husserl e Hegel, enfatiza a relevância do símbolo dos raios do sol poente. Enxergamos tudo “não em si mesmo, não em seu significado objetivo, mas através do prisma do oposto” (Chirkov). A história em “O sonho de um homem ridículo” vai da “indiferença” (“tanto faz- vsicio ravno) ao Absoluto. A narrativa do cinza, contada por Sloterdijk, aborda o caminho do Absoluto à indiferença. Mas na quarta digressão ele volta ao Absoluto. A imagem de Dostoiévski na interpretação do pintor Vasily Perov tornou-se uma espécie de fórmula para uma personalidade pensante na arte russa: o esquema de cores contido do retrato é baseado em uma combinação de tons de branco, cinza, marrom e preto. As posições de Dostoiévski e Sloterdijk sugerem que a cor cinza está ligada à sensação. O mundo contemporâneo pós-moderno parece flutuar nesse mundo cinzento paradoxal das sensações. Mas ao mesmo tempo vive a nostalgia do Absoluto.

### Palavras-Chave

Fenomenologia russa. Estética fenomenológica.



## A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL COMO NOVO HORIZONTE FILOSÓFICO NO SÉCULO XX

Wellington Carvalho De Macedo  
[wellingtoncmacedo@hotmail.com](mailto:wellingtoncmacedo@hotmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem o objetivo de abordar as bases fundantes do pensamento filosófico de Husserl a fim resgatar sua motivação inicial de propor uma fenomenologia transcendental. Husserl entende que a filosofia, por sua própria natureza, deve colocar-se como uma ciência rigorosa, o que significa que seus conceitos, ou melhor, as questões supremas sobre as quais se debruça, devem ser sistematizados a partir de um método seguro e próprio que lhes garantam fundamentação evidente e universal. Para isso, a filosofia precisa seguir normas estritamente racionais, anteriores a qualquer interesse ético, religioso ou de mercado. Associa-se a esses argumentos a máxima de que uma filosofia rigorosa não tem somente a tarefa da mera justificação de conceitos ou fatos. Para Husserl, a filosofia, enquanto ciência de essências, deve percorrer a sistematização de critérios absolutos em função da verdade, buscando-a de forma honesta, sincera e autônoma. Nesse sentido, segundo Husserl, sem uma filosofia autêntica, o sujeito corre o risco de tornar-se um mero resíduo de suas sensações preenchidas pelo mundo dado, limitando-se à facticidade, à contingência e se condenando à inautenticidade. Riscos tornados mais prováveis ainda por causa do positivismo, do psicologismo e do naturalismo. Diante desses pressupostos, Husserl acredita ser necessário, no cenário contemporâneo, resgatar a filosofia enquanto ciência rigorosa que extrapole os limites da compreensão objetivista unilateral das ciências positivas e de todas as cosmovisões que delas decorrem. Isto tanto em seus critérios e métodos investigativos, quanto na própria postura do sujeito frente ao seu mundo circundante. Em última análise, o que está em jogo é a própria vida do sujeito e tudo o que isto implica, como, por exemplo, relações de alteridade e de cuidado com o mundo compreendido como *Lebenswelt* (mundo da vida). Por isso, para Husserl, o resgate da filosofia na contemporaneidade implica abandonar a postura ingênua, aquela que se deixa conduzir pela mera aparência, e assumir uma postura crítica pautada num método universal de pensar e agir autenticamente, ou seja, a fenomenologia transcendental.

### Palavras-Chave

Husserl. Fenomenologia. Filosofia. Ciência.



## A FENOMENOLOGIA E A “NATUREZA FEMININA”: DE EDITH STEIN A SIMONE DE BEAUVOIR

Luciane Luisa Lindenmeyer

[lucianelindenmeyer@gmail.com](mailto:lucianelindenmeyer@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, considero duas das principais análises fenomenológicas da “natureza feminina”: a de Edith Stein e de Simone de Beauvoir. O propósito é o de indicar as evidentes dissonâncias conceituais no que se refere à caracterização de um “devir” feminino e a sua relação com uma certa “natureza feminina”. A fenomenologia é o método filosófico que nos permite pensar criticamente as inflexões históricas acerca da natureza, como um pretense conjunto de disposições comportamentais normativas que condicionariam o horizonte experiencial e o “papel social” dos indivíduos. Esse pressuposto está presente no quadro geral das proposições teóricas de Stein e de Beauvoir sobre a condição feminina. Há, no entanto, divergências explícitas sobre qual seja, para cada uma delas, o horizonte fenomenológico da mulher como um indivíduo social. Enquanto Stein (1996) pensa a natureza feminina não mais determinada pela cosmogonia bíblica, mas ainda com base em um direcionamento pedagógico específico e em demarcações mais acentuadas dos papéis sociais ou, em seus próprios termos, “vocações” específicas e complementares para mulheres e homens; Beauvoir (2009) apresenta uma fenomenologia da diferença sexual por meio da explicitação da não-alteridade entre mulheres e homens e da consequente desproporcionalidade da instituição fenomenológica da intersubjetividade. Do mesmo modo, se em Stein, a natureza, que não é a mesma “natureza permanente” preconizada no mito bíblico de Adão e Eva, é um fator condicionante para uma ontologia da feminilidade, no sentido de que a mulher possuiria características naturais estereotipadas, como a vocação essencialista para o “cuidar” e para o “amor”; em Beauvoir, as supostas atribuições “naturais” que constituem a condição social da mulher são, em verdade, a naturalização de sua subjugação. Subjugação que é o condicionamento masculino, sem reciprocidade, do papel social da mulher. Para que possamos compreender as suas diferentes linhas argumentativas em relação à situação de subjugação histórica das mulheres, precisamos primeiramente reconhecer quais eram as principais questões



filosóficas que as interessavam. A partir disso, o comparativo entre o que cada uma entende como “natureza”, como “imanência” e como “devir” do horizonte existencial das mulheres resulta em um contraste incontornável dos seus preceitos para a tomada de consciência de sua própria condição de corpo sexuado e na constituição significativa de seu fenômeno-mundo.

### Palavras-Chave

Edith Stein. Simone de Beauvoir. Fenomenologia.



## A LIBERDADE EM HUSSERL: INVESTIGAÇÕES PARA UMA ÉTICA FENOMENOLÓGICA.

Victor Henrique Monteiro Alves  
[victor.monteiro@estudante.ufjf.br](mailto:victor.monteiro@estudante.ufjf.br)

### Resumo

A fenomenologia é uma das correntes de pensamento que influenciou a tradição filosófica e seu desenvolvimento no Século XX, principalmente na figura de Edmund Husserl. A corrente apresenta-se por intuito discutir questões que concernem o campo da ética na fenomenologia. Se propõe aqui uma investigação a respeito da noção de liberdade em determinadas obras de Husserl, entendendo que o conceito adotado pelo filósofo encontra inspiração no pensamento leibniziano, na figura da espontaneidade, e também no pensamento kantiano sobre autonomia. Busca-se apresentar esta ideia através de uma definição clara do que esses conceitos representam nas obras de seus respectivos autores e buscando evidências destas inspirações no conceito apresentado por Husserl em textos como no popularmente conhecido por *Krisis*, no *Ideias II*, nos cinco artigos publicados por Husserl na revista japonesa *Kaizo*, onde trabalha aspectos relacionados a uma dimensão ética e prática, e outros posteriores a 1920 que contribuam para a proposta desta pesquisa. A influência do pensamento de Kant, no que concerne a discussão das condições da autonomia através do uso da razão, representada em Husserl pela consciência transcendental, parece poder ser observada no passo 272 do *Krisis*, onde Husserl diz que o indivíduo deve “[...] se dar a si mesmo uma figura livre, autónoma, de um verdadeiro eu que efectivar a razão que lhe é inata, o esforço de ser fiel a si mesmo como eu-razão [...]”(HUA VI, 272, 2008)”; nos artigos publicados na revista *Kaizo*, encontramos também outra passagem que demonstra uma compreensão de que o conceito de espontaneidade inspira a compreensão da fenomenologia do sujeito e de uma dimensão voltada a filosofia prática, onde o filósofo expõe, ao falar das motivações, que “[...] Ora, pertencem às formas da consciência, correspondentemente, da motivação, delineadas a priori na essência da espiritualidade humana, também formas normativas da “razão” e, além disso, existe a priori a possibilidade de as pensar livremente em geral e, de acordo com leis normativas apriorísticas auto-reconhecidas,



nos determinarmos em geral para a prática (HUA XXVII, 9, 2006). Por fim, o intuito é possibilitar a utilização deste arcabouço teórico para pensar, frente a discussões de dilemas éticos contemporâneos, a respeito de possíveis posições que sejam condizentes com uma formulação fenomenológica do conceito de liberdade.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Husserl. Liberdade.





## A PACIÊNCIA COMO FORÇA DE ÂNIMO PARA PADECER A ANGÚSTIA SEM DECAIR NA NÃO-LIBERDADE EM KIERKEGAARD

Marcos Érico De Araújo Silva

[marcoserico@uern.br](mailto:marcoserico@uern.br)

### Resumo

O trabalho será realizado a partir de uma leitura fenomenológica-hermenêutica das obras kierkegaardianas *O conceito de angústia* de 1844 e dos *Discursos edificantes* que tematizam o fenômeno da tonalidade afetiva da paciência. A paciência surge no último (*Adquirir sua alma na paciência*) dos Quatro discursos edificantes de 1843 e nos Dois discursos edificantes de 1844 (*Preservar sua alma na paciência* e *Paciência na expectativa*). Ora, a importância de articular os conceitos de angústia e paciência se deve não só pelo fato de as obras serem publicadas no mesmo ano, mas, também, ou sobretudo, pela proximidade entre a realidade que os conceitos descrevem. É fenomenológica na medida em que procura apreender fenômenos existenciais dando primazia ao fenômeno fazendo com que o conceito surja “a partir do fenômeno”. Além disso, os fenômenos existenciais não se perdem na multiplicidade de descrições particulares, mas, na singularidade do pathos de uma tonalidade afetiva que afeta o indivíduo, a descrição do fenômeno visa o caráter ontológico da experiência de todo homem. É hermenêutica na medida em que, mesmo se colocando na fidelidade do pensador, faz o exercício filosófico-hermenêutico de apropriação dos fenômenos fazendo conexões interpretativas mesmo quando o próprio Kierkegaard não o faz explicitamente. É o que está em causa ao articularmos a paciência como força de ânimo para o indivíduo padecer a angústia sem decair no descaminho da não-liberdade. Existem dois níveis de análise na obra *O conceito de angústia*: (1) a angústia como possibilidade da liberdade e (2) a angústia na experiência ou vivência da liberdade como não-liberdade. A paciência não aparece sob a pena do autor pseudônimo de *O conceito de angústia*. Mas, atento ao método da comunicação indireta, na dialética de obras pseudônimas e assinadas (*Discursos edificantes*), a paciência é a tonalidade afetiva que mais se destaca em 1844. Além disso, a própria etimologia da palavra paciência (*Taalmodighed*, *taalmod*) em dinamarquês, é esclarecedora. *Mod* denota coragem, força de ânimo e *Taal* carrega o sentido de suportar, padecer, sofrer. Temos,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



então, que, paciência é uma tonalidade afetiva que reveste o indivíduo de coragem, de força de ânimo para poder suportar, padecer o pathos de preservar o indivíduo na possibilidade de poder-ser despertada pela angústia. É só na paciência que o indivíduo suporta o itinerário de sua liberdade impedindo que a angústia o conduza para os fenômenos da perda da liberdade.

## Palavras-Chave

Angústia. Possibilidade e Não-liberdade. Paciência.



## A RECONSTITUIÇÃO DO PROBLEMA DA UNIÃO DO CORPO E DA ALMA EM MAURICE MERLEAU-PONTY

Fernanda Elena Tenório Altvater

[fernanda.altvater@ifpr.edu.br](mailto:fernanda.altvater@ifpr.edu.br)

### Resumo

O presente trabalho tem por mote a seguinte pergunta: “É possível aproximar Merleau-Ponty dos problemas clássicos da filosofia? Se, de fato, n’A Estrutura do Comportamento, é possível revisitar o problema clássico da união do corpo e da alma, poder-se-ia fazê-lo sob as mesmas bases? A introdução da primeira tese do autor traz-nos duas perspectivas distintas, as quais refuta: a de que a natureza é objeto da consciência (intelectualismo) e a de que a consciência está inserida na própria natureza (empirismo). Ora, se o mistério da união entre o corpo e a alma permanece, mesmo após a crítica ao criticismo, faz-se necessário revisar a concepção de “corpo”, que se não é integralmente aceita, também não gera grandes divergências entre a filosofia e a ciência. O corpo assume, portanto, papel fundamental na investigação do filósofo. Entretanto, o tempo, a vida biológica e os instintos; que remetem às formas inferiores de comportamento, aparentemente, permanecem inarticulados com a consciência.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Comportamento. Corpo e alma.



## A TEORIA FENOMENOLÓGICA DA SIGNIFICAÇÃO

Diogo Villas Bôas Aguiar

[diogo.aguiar@unicap.br](mailto:diogo.aguiar@unicap.br)

### Resumo

Uma das questões mais caras e mais antigas presente na história da filosofia é, sem dúvida, aquela que pergunta sobre o tipo de objetividade do pensamento humano. Na contemporaneidade, essa questão recebe um tratamento singular a partir do momento em que passa a ser considerada em sua expressão linguística, deixando de depender necessariamente de uma explicitação de um sujeito transcendental moderno. Sobretudo no início do século XX, com o que ficou conhecido como uma virada linguística e com o desenvolvimento da refutação da posição psicologista (ou o anti-psicologismo), o problema da objetividade do pensamento considerado linguisticamente recebeu as exigências de publicidade e, principalmente, de independência de um sujeito particular (psicológico). Assim, assumindo a origem husserliana da fenomenologia, sob o ângulo clássico da formulação que se encontra circunscrita ao âmbito argumentativo das Investigações lógicas, este trabalho pretende produzir um exame crítico sobre o delineamento de uma teoria da significação e como ela depende diretamente de uma ideia de ciência. Pretende-se apresentar a hipótese de que a teoria da significação fenomenológica pressupõe uma identidade transcendente do sentido – uma espécie de entidade ideal dotada de identidade – que garante sua independência em relação aos diferentes atos de enunciação e assegura a objetividade da ciência, constituindo o que podemos chamar de uma teoria fenomenológica do sentido ideal.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Linguagem. Sentido.



## ALUCINAÇÃO E UTOPIA – UMA DISCUSSÃO ENTRE MERLEAU-PONTY E ERNST BLOCH

Jadismar De Lima Figueiredo

[jadismarlima1@gmail.com](mailto:jadismarlima1@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho intitulado Alucinação e Utopia – uma discussão entre Merleau-Ponty e Ernst Bloch, tem como principal objetivo aproximar os conceitos da alucinação, do sonho diurno e do princípio esperança entre os filósofos citados, considerando que ambos elaboram uma filosofia, que apesar de distinta, possui forte relação. A alucinação em Merleau-Ponty consiste em uma reconstrução de recortes que o sujeito que alucina constrói, utilizando todas as experiências passadas que se associam ao conceito de percepção, considerando que há forte relação entre alucinação e percepção. O corpo próprio é o ponto crucial para a compreensão das excitações externas e também dos casos de patologias que provocam a alucinação; Por outro lado, o sonho diurno em Ernst Bloch, se apresenta como as projeções futuras para uma vida mais exitosa, idealizadas pelo homem. O sonho diurno abrange o sonho desperto, que pode ser construído a partir de sintomas negativos - paralisante, fugaz, rude, cômodo, mas também positivo - engajado, responsável, com ações precisas e modeladoras; e o princípio esperança, consistindo na espera de realizações de desejos e vontades, uma vez que o sujeito constrói e vive suas próprias experiências, ora notadas e percebidas, ora distanciadas do instante vivido, porém, todas experimentadas. O conteúdo histórico da esperança, evocado como representações, consiste na cultura humana na relação com o seu horizonte utópico-concreto. Esses conceitos se entrelaçam de tal forma que é possível aproximá-los, uma vez que estão direcionados para o mesmo percurso que é a experiência do corpo de perceber seu instante vivido.

### Palavras-Chave

Alucinação. Esperança. Percepção. Sonho.



## ATITUDE CONCRETA E ATITUDE CATEGORIAL: O PROBLEMA DA FALA NA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO

Daniel Donato Ribeiro  
[danieldonator@gmail.com](mailto:danieldonator@gmail.com)

### Resumo

Ao descrever o fenômeno da fala no capítulo O corpo como expressão e a fala da Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty segue a típica argumentação da obra, qual seja, introduzir o tema pela denúncia das insuficiências do empirismo e do intelectualismo. Embora não sejam simétricas as limitações das duas tendências, ambas não dão conta de superar a divisão entre sentido e palavra que visa ser concluída pelo filósofo. Com isso, recaem em um dos polos da dicotomia que busca ser superada. O problema da separação entre sentido e fala é explicitado através da análise de uma modalidade particular de afasia: a afasia amnésica. O caso que entra em discussão é o da “amnésia dos nomes das cores”: “[o]s mesmos doentes que não conseguem nomear as cores que lhes apresentam são igualmente incapazes de classificá-las segundo uma dada ordem” (Merleau-Ponty, 2018, 239). O filósofo, em um primeiro momento, demonstra pela descrição do caso de afasia analisado, a insuficiência das teses empiristas. A crítica ao intelectualismo, por sua vez, será feita posteriormente mediante a correta interpretação da atitude categorial a qual o afásico não tem acesso. Uma tal atitude não pode ser outro nome dado ao juízo, entendido restritamente como operação do pensamento. A chave para a resposta que daria conta do caso de psicopatologia em discussão estaria na correta interpretação dos dados encontrados pela psicologia que, a despeito da interpretação dos seus autores, já sinalizam a verdadeira causa da doença. Nesta comunicação, propomos uma leitura do caso que é fio condutor do capítulo através de uma análise que centraliza as funções da atitude categorial e da atitude concreta para o entendimento deste problema e de suas consequências no contexto desta obra do autor.

### Palavras-Chave

Linguagem. Experiência. Merleau-Ponty.



## CORPOREIDADE E CAMPO TRANSCENDENTAL A PARTIR DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Scheila Cristiane Thomé  
[thome.scheila@gmail.com](mailto:thome.scheila@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação será o de discutir os possíveis desdobramentos do conceito husserliano de corpo próprio (Leib) tanto na Fenomenologia de Husserl como na apropriação que outros fenomenólogos fizeram deste conceito, especialmente Merleau-Ponty em sua Fenomenologia da percepção. Sabe-se que para Husserl o fenômeno corpo próprio (Leib) permanece como estrato noemático que resiste ao processo de redução à esfera da propriedade (Eigenheit). Ao considerar o corpo próprio como resíduo originário da redução à esfera da propriedade do ego (corpo que é aí entendido como um corpo próprio (Leib) vivo, animado e orgânico e não como mero corpo físico (Körper), estático, inanimado) Husserl destaca que a relação constitutiva do ego transcendental com o mundo se dá primariamente como experiência sensível do corpo próprio que se realiza de diferentes modos em diferentes campos de sensações (como do tato, do olfato, da visão, etc.). Os desdobramentos desta concepção de corpo próprio impactam a própria compreensão do estatuto do transcendental na Fenomenologia husserliana e também na Fenomenologia merleau-pontyana. Procurarei discutir tal impacto no campo fenomenológico especialmente a partir das obras *Ideias II*, *Meditações cartesianas* e *Krisis* de Husserl e *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty.

### Palavras-Chave

Corporeidade. Transcendental. Fenomenologia.



## CORPOREIDADE E SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A FENOMENOLOGIA DO CORPO NA PERSPECTIVA DE MERLEAU PONTY

Frutuoso Helder Gabaglia Rodrigues

[f\\_helder@hotmail.com](mailto:f_helder@hotmail.com)

### Resumo

Como a fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty desafia concepções dualistas tradicionais entre corpo e mente? De que maneira a corporeidade é fundamental para a constituição do sujeito perceptivo e da intersubjetividade? Como a experiência do corpo está entrelaçada com a percepção, a linguagem e a formação do sentido no mundo? Essas são algumas das questões centrais que orientarão esta pesquisa, que visa aprofundar a compreensão da fenomenologia do corpo como uma contribuição significativa para a filosofia existencial. Na complexidade da experiência humana, a relação entre corpo, mente e o mundo que nos cerca é um domínio fascinante e desafiador. Nesse contexto, a fenomenologia do corpo, proposta pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, emerge como um campo de estudo essencial para desvelar as intrincadas nuances dessa interação. O projeto de pesquisa visa explorar e compreender a fenomenologia do corpo segundo a perspectiva de Merleau-Ponty, um filósofo cujas contribuições têm profundas implicações não apenas para a filosofia, mas para uma variedade de disciplinas, incluindo psicologia, neurociência e ética. Além disso, a pesquisa pretende explorar como as ideias de Merleau-Ponty sobre a fenomenologia do corpo podem oferecer insights valiosos para áreas comuns a filosofia, influenciando nossa compreensão sobre temas como a saúde mental, a consciência corporal e a ética do cuidado do corpo. Dessa forma, a investigação visa não apenas esclarecer as nuances da fenomenologia do corpo merleau-pontiana, mas também destacar suas implicações práticas e teóricas para diversas áreas do conhecimento. Ao considerar a contemporaneidade, onde as transformações socioculturais e avanços tecnológicos impactam diretamente a relação que estabelecemos com nossos corpos, a fenomenologia na perspectiva do autor supracitado, oferece um arcabouço teórico único para compreendermos essas mudanças. A Fenomenologia da Percepção, obra seminal de Merleau-Ponty explora a relação intrincada entre corpo e percepção, desafiando concepções dualistas





tradicionais. O filósofo argumenta que a experiência não é separável do corpo, e a percepção é inseparável da ação, introduz o conceito de corporeidade como a encarnação subjetiva, destacando como a experiência do mundo é mediada pelo corpo. Ele aborda a visão, não apenas como um ato visual, mas como um modo de engajamento corporal com o ambiente.

### Palavras-Chave

Corporeidade. Subjetividade. Percepção.



## DO MISTÉRIO À DIALÉTICA: UMA ARQUEOLOGIA DA MORTE E DA FINITUDE EM SARTRE.

Thiago Sitoni Gonçalves  
[thiagositonipsi@gmail.com](mailto:thiagositonipsi@gmail.com)

### Resumo

O mistério da morte em Sartre encontra-se fragmentado em suas diversas obras, ora obedecendo a forma de uma literatura engajada ora fornecendo ao leitor, uma argumentação rigorosamente filosófica sobre sua aparição no movimento intencional no mundo pela consciência, pela intersubjetividade e na formação de grupos. Este trabalho tem, por fio condutor, coletar o amadurecimento das teses deste autor sobre a morte e a finitude, partindo de *O Ser e o Nada* direcionando-se à *Crítica da razão dialética*. A hipótese inicial, pela qual assenta-se este objetivo, é de que em seu tratado de ontofenomenologia, no tocante a estrutura de ser-Para-outrem, categoria que marca a tomada de posição da realidade humana perante todos os mortos, Sartre fornece pistas à coletividades invisibilizadas, desaparecidas nos quais os mortos escolhem seus sobreviventes e estes estão em vínculo indissolúvel com os mortos, relação inseparável, sem brechas para fuga da ação, de posicionamento. Seguramente, assume-se de modo prévio à experiência do enlutamento, um vivido particularmente realizável de descrição pela psicologia fenomenológica de 1930 e de compreensão em sua psicanálise existencial de 1943 por reconhecer na morte um acontecimento absurdo, alienável e inalcançável pela reflexão, entretanto, sentido na carne pré-reflexivamente pela intersubjetividade (diferenciando-se, a rigor, de Heidegger e Scheler), contudo, após esse microcosmo individual, pensa-se em uma viragem de articulações grupais de resistência às contradições e aos projetos-em-comum num campo prático-inerte, que visam aniquilar certos grupos ao invés de outros por práticas de tortura, bem como suicídio grupal, linchamento virtual ou negligência de sua dignidade humana. Se a distinção capital entre morte (evento absurdo fora de nosso domínio) e a finitude (o caráter de ser liberdade, de fazer-se finito pela temporalidade) é datada desde *O Ser e o Nada*, essas distinções pode vir a encorpar novas significações na obra de 1960 por uma postura ética e, sobretudo, política.

### Palavras-Chave

Finitude. Morte. Liberdade.



## DO PENSAR AO TENDER: PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS SOBRE O REALISMO RACIONAL

Federico Ferraguto  
[federico.ferraguto@pucpr.br](mailto:federico.ferraguto@pucpr.br)

### Resumo

A pesquisa tem por objetivo a reconstrução histórica do conceito de tender da consciência em Husserl, partindo de uma problematização do conceito de impulso no realismo especulativo que surgiu da discussão da filosofia de Kant na virada do século XIX. O objetivo é mostrar como esses antecedentes históricos permitem compreender a dimensão não estritamente antropológica atribuída por Husserl ao Trieb e o fato de que, na fenomenologia transcendental husserliana, a razão é compreendida como instinto transformado (HU, XLII, 134). A pesquisa reconstrói inicialmente as etapas que levaram à emancipação do conceito de impulso de um contexto antropológico e biológico, problematiza os conceitos de impulso de matéria e antitipia em Bardili e Reinhold (especialmente no Grundriss der ersten Logik e nos Beiträge reinholdianos de 1801-1803) e encontra, filtrados pelos desenvolvimentos de Lask e Bolzano, traços desses desenvolvimentos na concepção husserliana do juízo (EU, 374). Esse percurso permite mostrar como a abordagem fenomenológica não poderia ser identificada com um materialismo e, ao mesmo tempo, permite da conta da polaridade tipicamente husserliana (Carr, 1997, p. 135) entre a dimensão empírica do sujeito e sua dimensão transcendental nos termos de um “realismo racional”. Com essa expressão, entende-se uma perspectiva que respeita as reivindicações da consciência natural e, ao mesmo tempo, permite que elas sejam visualizadas por meio das faculdades de variação fantástica, ou seja, pela abertura de um horizonte infinito livre da vinculação à percepção sensível típica da filosofia (Reinhold, 1804, 83). Assim, Husserl parece recuperar, de maneira não ingênua, as reflexões que animaram o debate filosófico alemão e que levaram a compreender o impulso, antes como uma força não teleológica típica dos seres vivos e, depois, por meio de uma complexa assimilação especulativa, como um momento fundamental e não antropológico para a articulação concreta da razão, isto que permite a abertura do campo transcendental a uma reflexão sobre suas condições materiais.

### Palavras-Chave

Tender. Realismo. Fenomenologia.



## ENSAIO FENOMENOLÓGICO SOBRE O SUSTO

Anderson Kaue Plebani  
akplebani@hotmail.com

### Resumo

A filosofia muito disse sobre o espanto (*thaumázō* [θαυμάζω]), mas pouco se pronunciou sobre o susto. Aquele repentino sentimento que nos congela e quebra. Este ensaio pretende elaborar uma descrição fenomenológica dos estágios constituintes do susto e, a partir dela, tecer considerações de cunho ontológico. Os estágios da descrição são os seguintes: (i) inicialmente, o momento de tranquilidade, de equilíbrio entre as faculdades do sentir e do compreender, ou entre os modos de fundamentais de abertura do humano em relação ao mundo; (ii) depois, o momento de ocorrência da causa do susto, o evento que pode ser apontado como fator causal do susto enquanto tal; (iii) em terceiro, o momento no qual o sentimento de susto nos invade e com ele se instala uma perturbação na compreensão, uma tensão entre compreensividade e sentimentos; (iv) assustados, ainda passamos por um momento de reapropriação da compreensão do ocorrido e de nosso entorno; e, por fim, (v) a dissipação do sentimento do susto se dá mediante uma progressiva retomada da tranquilidade. Entendendo esses estágios enquanto condições fenomenológicas do sentimento do susto, proponho uma interpretação mais detida nos segundo e terceiro estágios. O objetivo da análise é pôr em questionamento um consenso ou delimitação da ontologia desde Kant. Em uma formulação forte, diríamos se tratar do princípio de imanência dos objetos à estrutura da subjetividade; em uma formulação moderada, podemos dizer se tratar da simultaneidade entre acontecimento e compreensão. Nestes casos, defende-se que o objeto, em última instância, está perenemente vinculado a uma dependência da estrutura da própria subjetividade, consciência ou existência humana. Seja as filosofias transcendental, linguística, hermenêutica, ou inclusive fenomenológica, todas parecem se acomodar nessa delimitação cada uma à sua maneira (o que Quentin Meillassoux chamou de paradigma correlacionista da metafísica moderno-contemporânea). Com a análise pontual daqueles dois estágios destacados em nossa descrição fenomenológica do susto, este ensaio conclui apontando para a possibilidade de que este princípio da imanência encontra no susto um contraexemplo que ou o inviabiliza em geral, ou ao menos o destitui de seu estatuto de universal nos discursos filosóficos.

### Palavras-Chave

Sentiment. Ontologia. Correlacionismo.



## ENTRE O TRANSCENDENTAL E O EMPÍRICO: A INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA NO ENATIVISMO

Pedro Queiroz Feitosa De Albuquerque  
[pedroqfa@gmail.com](mailto:pedroqfa@gmail.com)

### Resumo

Sob pretexto de superar a lacuna entre a experiência humana e a ciência, os enativistas recorrem à fenomenologia. Este trabalho tem como objetivo geral demonstrar que esse espírito persiste desde o princípio da ciência cognitiva enativista até os dias atuais, ainda que não se tenha dado a devida atenção às particularidades epistemológicas que produziram uma variedade de posições enativistas ao longo do tempo. Isso porque a apropriação da fenomenologia, sobretudo da obra de Merleau-Ponty, não se dá do mesmo modo em todos os casos. Na obra seminal do enativismo, de Varela, Thompson e Rosch, encontramos a pretensão explícita de dar uma continuidade propriamente científica a “uma tradição inaugurada por Merleau-Ponty”. Do fenomenólogo francês, ganha proeminência o conceito de ambiguidade do corpo, que por sua vez retrata um duplo aspecto da corporificação: fenomenológico e científico. O conceito é aplicado como chave de leitura à própria atividade ciência, com o propósito de tematizar o direcionamento da consciência do cientista e assim superar a lacuna supracitada pelo reconhecimento de uma circularidade fundamental. Uma posição enativista contemporânea, aqui representada na figura de Gallagher e Zahavi, concebe o encontro entre a fenomenologia e a ciência cognitiva de outro modo. Eles propõem uma interação que se exprime no princípio do esclarecimento mútuo, pelo qual cada disciplina termina por ser aprimorada por uma contribuição de mão dupla. Assim, os insights fenomenológicos estão presentes desde o design experimental, e os resultados empíricos podem servir de incentivo à revisão de descrições fenomenológicas. A hipótese a ser seguida neste trabalho é que, embora ambas as posições se considerem, em algum sentido, continuações da tradição fenomenológica, suas modalidades de apropriação apresentam tamanha dissonância em razão de como cada tese se posiciona frente ao problema do transcendental e do empírico. Dito de outro modo, as razões da discordância residem no modo como cada enativismo, enquanto ciência empírica, tenta (ou não) acomodar as pretensões transcendentais da fenomenologia em suas teses.

### Palavras-Chave

Transcendental. Merleau-ponty. Enação.



## EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA: CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS E DESDOBRAMENTOS FENOMENOLÓGICOS

Alice

[alice.m.serra@gmail.com](mailto:alice.m.serra@gmail.com)

### Resumo

A apresentação abordará algumas considerações críticas à noção de vivência (Erlebnis) e a um sentido clássico de experiência (Erfahrung) e suas limitações, partindo de apontamentos de Walter Benjamin, em especial em Sobre o problema da filosofia vindoura (Über das Problem der kommenden Philosophie, 1917-18) e em outros textos posteriores que tematizam a relação entre experiência e linguagem, vivência e temporalidade. Após indicar em que medida a fenomenologia de Husserl é uma das referências em tais críticas, mas também uma influência nos textos iniciais de Benjamin, serão retomadas algumas das elaborações de Husserl acerca da noção de vivência nas Investigações Lógicas (Logische Untersuchungen) e em análises posteriores, com o intuito de discutir se e em que sentido a fenomenologia contribuiria para reelaborar a noção de experiência, conforme sugere, em especial, L. László Tengelyi no livro Experiência e expressão (Erfahrung und Ausdruck: Phänomenologie im Umbruch bei Husserl und seinen Nachfolgern, 2007).

### Palavras-Chave

Experiência. Vivência. Husserl. Benjamin.



## FENOMENOLOGIA DA PSICOTERAPIA

Leonardo Ferreira Almada

[leonardoferreiraalmada@ufu.br](mailto:leonardoferreiraalmada@ufu.br)

### Resumo

Minha proposta é a de apresentar alguns traços essenciais da pesquisa que estou iniciando, e que, grosso modo, visa a compreender a ideia de psicoterapia a partir de uma perspectiva fenomenológica, isto é, compreendendo-a enquanto possibilidade de transformação vivencial. A obra *Discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*, de Henry Ellemberger, em sua proposta de sobrevoar a história e a evolução da dinâmica psíquica, consegue nos fornecer alguns insights sobre a natureza moderna da psicoterapia, aquela que encontra seus expoentes em Freud, Jung, Adler, Janet. Sob sua inspiração, proponho discutir a marca distintiva da psicoterapia a partir de modos de estruturação da (auto)consciência. O objetivo central é, pois, o de desvendar a ideia de psicoterapia sob a lente da fenomenologia, explorando-a como uma possibilidade de transformação vivencial. Essa análise aprofundada busca: Delinear os diferentes tipos de consciência presentes na experiência psicoterapêutica, como a consciência pré-reflexiva, a consciência reflexiva e a consciência intersubjetiva; Explorar como esses tipos de consciência se relacionam e se transformam ao longo do processo terapêutico; Identificar as características essenciais da experiência psicoterapêutica que contribuem para a transformação vivencial do indivíduo. A pesquisa espera contribuir para uma compreensão mais profunda da psicoterapia como um processo de transformação da consciência. Minha intenção é a de deixar claro algumas hipóteses tanto sobre os mecanismos pelos quais a psicoterapia promove mudanças na vida dos indivíduos quanto sobre a importância da (auto)consciência no processo terapêutico.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Psicoterapia. Vivências.



## FENOMENOLOGIA E SEMIÓTICA: A LINGUAGEM EM HUSSERL

Daniel Angelo Rodrigues Costa

[danrocos@gmail.com](mailto:danrocos@gmail.com)

### Resumo

Nosso trabalho vai desenvolver duas abordagens de Husserl a respeito da linguagem: 1) O a priori Sintático Gramatical (Na Quarta Investigação Lógica). Na Quarta Investigação Lógica, Husserl estabelece as condições de possibilidade do estudo autônomo da linguagem, implementando a velha ideia de uma gramática universal a priori. Aqui a linguagem é um sistema que se contém a si mesmo e que é governado por suas próprias leis, numa abordagem exclusivamente linguística ou gramatical. 2) A Ontologia do uso da Linguagem (Na Primeira Investigação Lógica). É o uso da linguagem no contexto comunicacional, ou seja, envolve os atos cumpridores do significado. Quando um signo é utilizado para expressar algo mais, o propósito é compartilhar esse significado com o receptor, ou seja, evocar no receptor uma representação que confere um significado ou uma combinação de significados. 3) A Linguagem em Outros Textos de Husserl a) Sobre a Lógica dos Signos (Semiótica); b) Lógica Formal e Lógica Transcendental, que contém um apêndice relacionado à teoria da sintaxe desenvolvida na Quarta Investigação Lógica; c) Experiência e Juízo, que reexamina a relação entre o significado estruturado antepredicativamente e sua articulação linguística, predicativa que está no coração da Quarta Investigação Lógica; d) Há ainda textos do Nachlass de Husserl que envolvem a Hua XX/1 (Rascunhos para a revisão do VI Investigação e Prefácio à nova edição das Investigações Lógicas (Verão de 1913)) e a Hua/2 (Textos para a nova versão da VI Investigação: Sobre a fenomenologia da expressão e do conhecimento (1893/94 – 1921)).

### Palavras-Chave

Husserl. Investigações Lógicas. Linguagem.





## FLORESCER NO ANTROPOCENO

Taiara Desirée Tavares De Castro

[contato@taiaradesiree.com](mailto:contato@taiaradesiree.com)

### Resumo

Florescer no Antropoceno representa um “bioma de emoções” que propõe um convite filosófico para repensarmos sobre a força vital que valoriza a consciência sensível no mundo. Esta obra é mais uma brotação – à flor da pele e à flor da razão – de tudo o que venho buscando compreender, na minha breve existência, que se transforma a cada suave passo, na gentil, ecosófica e fenomenológica percepção, que arrisco sugerir como Cosmologia Profunda da Vida. \_\_ Taiara Desirée (Autora) A proteção do meio ambiente e o desenvolvimento de economias sustentáveis, compõem a questão mais importante com que nos deparamos em nossos dias. Nas reflexões aqui desenvolvidas por Taiara Desirée, esta é a questão central, nomeada “ecosofia”. [...] a filosofia se entrelaça com outras áreas teóricas e práticas e pode-se encontrar e eleger novos diálogos e novas perspectivas para descobrirmos um modo de ser-no-mundo que cuide dele como a nossa casa e nosso fundamento de ser. É, sem dúvida, o tema que a filosofia deveria acolher como primordial e do qual não deve se esquivar.” \_\_ Dulce Mara Critelli (Prefácio) “O ensaio de Taiara Desirée cumpre à risca o papel de substanciar a discussão acerca dos desastros naturais e humanos, do tempo presente. Para tanto, recorre a uma gama extensa de pensadores originais e comentadores, de modo a circunstanciar o problema analisado. Todavia, alinhado filosófica e poeticamente, desde o título, ao semear o possível jardim a florescer, do Antropoceno. Um alerta calcado em acumuladas leituras, sobremaneira no pensamento de Arne Næss, margeando a ecologia profunda, e em dados colhidos do noticiário intempestivo dos males do aquecimento global, da poluição, da extinção de espécies, do degelo dos polos da Terra etc.” \_\_ Antonio Valverde (Posfácio)

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Ecologia Profunda. Ecosofia.



## HANNAH ARENDT E LEO STRAUSS: POR UMA FENOMENOLOGIA DO POLÍTICO

Elvis De Oliveira Mendes  
[elvis.oliver@live.com](mailto:elvis.oliver@live.com)

### Resumo

Para muitos intérpretes do mundo anglófono, eles são os dois maiores filósofos políticos do século XX, dada a profundidade e a originalidade de seus textos, sobretudo, a vastidão de temas que eles se defrontam, em especial, as contradições que a própria filosofia e o pensamento político se colocaram na contemporaneidade. Embora não tenham tido nenhuma relação acadêmica, Hannah Arendt e Leo Strauss tem muito em comum. Do ponto de vista biográfico, eram alemães de origem judaica, tiveram uma educação clássica no gynasium e foram alunos de Husserl e Heidegger. Além disso, ambos foram obrigados a fugir para os Estados Unidos como estratégia de sobrevivência diante da propagação dos regimes fascistas pela Europa na primeira metade do século XX, de maneira mais direta a vida dos jovens filósofos judeus foi impactada diretamente pela revolução hitlerista que tornou a Alemanha o centro do antissemitismo europeu. Do ponto de vista intelectual, as similitudes também não são poucas, tanto Arendt quanto Strauss são responsáveis pelo resgate do político enquanto fenômeno radical e peculiar, se opuseram ao economicismo característico da teoria política moderna. Como críticos do racionalismo, viram na racionalidade clássica uma experiência de pensamento mais próxima do político, capaz de proporcionar uma compreensão mais adequada das sociedades e da própria condição humana. Dito isto, a hipótese que pretendo sustentar aqui é que, entre essas supostas convergências há uma ainda mais decisiva, a relação direta com a fenomenologia de Husserl e Heidegger. De fato, é este tema que anima a hipótese fundamental a ser desenvolvida nesta pesquisa. Visto que corroboro com a interpretação de que, Strauss e Arendt desenvolvem não mais uma teoria política, mas sim, uma fenomenologia do político. Para o desenvolvimento da presente hipótese, considero elencar dois pontos sumamente importantes para a minha análise, (1) a relação de ambos os autores com o pensamento clássico (Sócrates, Platão e Aristóteles); (2) a estreita relação com a fenomenologia de Husserl e Heidegger. Assim, na presente comunicação pretendo mostrar que, entre os aspectos que Hannah Arendt e Leo Strauss possuem mais confluência, a proposta de uma fenomenologia do político é o aspecto mais decisivo.

### Palavras-Chave

Arendt. Strauss. Fenomenologia do Político.



## INTERSUBJETIVIDADE, DIALÉTICA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO MÉTODO D

Adriana Paula De Souza  
[drikaa\\_p.s@hotmail.com](mailto:drikaa_p.s@hotmail.com)

### Resumo

Em Sartre, a história objetiva da humanidade está ligada à subjetividade. Ser sujeito é ser um projeto original e concreto a partir do qual todas as escolhas e ações se estabelecem. Impossível separar a ação histórica das motivações subjetivas da intencionalidade. Sartre vincula a teoria à prática, o necessário ao contingente, o absoluto ao Ser-no-mundo. As dificuldades em sala de aula, as carências teóricas dos professores, alunos e alunas, a necessidade de novas metodologias e a descolonização do pensamento filosófico mobilizam ideologicamente este projeto. A atuação do professor de filosofia não está alheio ao contexto histórico e social em que foi construída sua formação, é preciso que, ao buscar compreender o ensino a partir da dialética sartriana, mergulhemos em uma análise que procure aspectos fundamentais do ensino de filosofia, marcações políticas e construções epistemológicas e ontológicas que estão diretamente relacionados com o processo histórico de inclusão da filosofia em solo brasileiro, sua definição e aplicação metodológica no contexto escolar. Parte do objetivo do trabalho é analisar como a intersubjetividade (relação de alteridade e reciprocidade entre as subjetividades) é construída no contexto escolar a partir de suas condições materiais, institucionais e históricas. Para Sartre as relações de alteridade são fundamentais para compreender o vínculo das pessoas em grupos. As relações inter-subjetivas do ambiente escolar são parte fundamental desse trabalho, pois a consciência de si é constituída a partir do ser-para-outro. Na filosofia sartriana, outro se torna condição sine qua non para a minha própria consciência, constituição de identidade e projeto existencial. Levando em consideração as especificações do cenário brasileiro, é de nosso interesse visar o ensino de filosofia como ferramenta crítica que alunos e alunas podem usar para se situarem como sujeitos agentes do mundo, movimentando-se para tomada de consciência de seu projeto existencial. É importante nos preocuparmos com as condições específicas da presença da filosofia nas escolas. Por que a filosofia está presente na escola? Qual a necessidade de manter e ampliar as aulas de filosofia? O que devemos priorizar em nosso trabalho?

### Palavras-Chave

Método progressivo- regressivo. Dialética.



## MERLEAU-PONTY E O TEMA DA EXPRESSÃO EM HUSSERL

Abiatar David De Souza Machado

[abiataarmachado04@gmail.com](mailto:abiataarmachado04@gmail.com)

### Resumo

A meta da exposição é elucidar as relações de diferença e aproximação entre a filosofia da expressão de Merleau-Ponty e as distinções essenciais apresentadas por Husserl na primeira Investigação Lógica, especialmente a distinção entre o signo como expressão (Ausdruck) e o signo como índice (Anzeichen). Trata-se, assim, de descrever como os conceitos husserlianos de expressão (Ausdruck), significação e índice (Anzeichen), bem como o projeto de Husserl para uma gramática pura, influenciam a reflexão de Merleau-Ponty sobre o tema da expressão e da linguagem, especialmente nos textos da fase intermediária (1949-1955). Nessa perspectiva, vamos nos deter principalmente no modo como Merleau-Ponty compreende o desenvolvimento da filosofia da linguagem proposta por Husserl, descrevendo duas tendências que, segundo Merleau-Ponty, são aspectos essenciais dessa filosofia. A primeira tendência refere-se ao esforço de Husserl em situar o problema da expressão no campo das formas puras de significação, seguindo a ideia de que uma fenomenologia da linguagem deve suspender aspectos da experiência que possam impedir a compreensão da significação como forma pura. A segunda tendência, segundo Merleau-Ponty, é a abertura do filósofo alemão para compreender a linguagem como corpo do pensamento. Posteriormente às Investigações, Husserl concebeu a fala e a escrita como maneiras de visar e realizar o pensamento, conferindo-lhes forma e existência intersubjetiva. É essa segunda tendência do pensamento de Husserl que Merleau-Ponty busca fazer aparecer e desenvolver, especialmente pela crítica ao caráter idealista da concepção de expressão husserliana. Por fim, situaremos essa exposição no conjunto da investigação que estamos desenvolvendo, onde buscamos compreender até que ponto a linguagem, em suas formas escrita e falada, pode ser considerada como corpo do pensamento, ou seja, como base e suporte insubstituível para sua existência.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Husserl. Expressão.



## NEUROARQUITETURA E EXPERIÊNCIA HUMANA: PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS DE GOLDSTEIN E MERLEAU-PONTY

Lori Crízel

[loricrizel@icloud.com](mailto:loricrizel@icloud.com)

### Resumo

A arquitetura é um modo de expressão da experiência humana e pode ser analisada a partir de diversas perspectivas, como a fenomenologia e a neurociência. Maurice Merleau-Ponty e Kurt Goldstein são dois filósofos que se destacam por suas reflexões sobre essa experiência. A fenomenologia, segundo Merleau-Ponty, busca compreender a relação entre o sujeito e o mundo. Para ele, a percepção humana é construída a partir da interação do sujeito com o ambiente, e o espaço é compreendido a partir dessa relação. Já Goldstein, em sua teoria do organismo, destaca a importância da percepção sensorial para a formação da consciência e para a compreensão do espaço. A partir dessas perspectivas, podemos compreender que o lugar é uma construção subjetiva e que a arquitetura tem papel fundamental na formação deste construir. A arquitetura pode influenciar e ser influenciada pelas percepções e sensações dos indivíduos que experienciam o espaço construído. A neuroarquitetura, por sua vez, é uma área que se utiliza dos conceitos de neurociência a fim de melhor compreender os efeitos da arquitetura sobre o humano e a atitude resultante desta interação. Sob esse prisma, recentes pesquisas deste campo contribuem significativamente para a compreensão da forma como a arquitetura pode afetar as percepções, emoções e atitudes dos usuários, realçando a compreensão como a arquitetura afeta as percepções sensoriais e a forma como essas percepções estão relacionadas com a memória. Estes estudos imprimem o papel da arquitetura para a formação da identidade individual e coletiva, gerando espaços que promovam a interação social e a colaboração, apresentando também indicadores que mostram como arquitetura pode contribuir para a saúde e o bem-estar. A fenomenologia e a neurociência, quando aplicadas à arquitetura, permitem uma compreensão mais profunda da relação entre o indivíduo e o espaço construído. Nessa medida, sendo o lugar uma construção subjetiva resultante da interação do sujeito com o ambiente, a neuroarquitetura busca então compreender os efeitos da arquitetura sobre o humano, suas percepções do meio que o cerca e suas emoções



elaboradas a partir desta relação. Merleau-Ponty e Goldstein são pensadores que contribuem para esse significativo saldo hermenêutico capaz de promover uma interlocução entre fenomenologia, neurociência e arquitetura, no intuito de motivar inovações no campo projetual, tanto de edificações quanto de espaços urbanos.

### **Palavras-Chave**

Fenomenologia. Neuroarquitetura. Neurociência.



## NOTAS SOBRE O DESTINO DA INTUIÇÃO CATEGORIAL

Daniel

[dguilhermino@gmail.com](mailto:dguilhermino@gmail.com)

### Resumo

A teoria da intuição categorial pode ser considerada uma das contribuições mais decisivas de Husserl para a filosofia contemporânea. Ela aparece pela primeira vez na obra inaugural da fenomenologia, *Investigações lógicas* (1900/1901), mais precisamente na Sexta Investigação, aquela que é considerada por Husserl, segundo o relato de Heidegger, “a mais importante no que diz respeito à fenomenologia” (Heidegger, 2009, p. 7). Em suma, trata-se da teoria que legitima a intuição de conceitos, o que subverteria o esquema kantiano das faculdades da sensibilidade e do entendimento, esquema que restringe a intuição unicamente aos elementos dados sensivelmente e confere ao entendimento o poder de articular tais elementos conceitualmente/discursivamente. Com a intuição categorial, poderíamos falar da doação de conceitos e da intuição de elementos sintáticos, já que a teoria pretende mostrar que a ideia de intuição é muito mais ampla do que aquela até então majoritariamente considerada pela tradição. É digno de nota, contudo, que o capítulo decisivo das *Investigações* para determinar a natureza do conteúdo intuitivo categorial, qual seja, o Sétimo Capítulo, é posteriormente (no prefácio à edição de 1920) considerado por Husserl como incorreto. Em nenhum outro local, todavia, nem nas revisões subsequentes das *Investigações*, nem nas obras futuras, Husserl retoma esse ponto decisivo da teoria. Isso suscita a seguinte questão: é possível encontrar, no desenvolvimento ulterior da fenomenologia de Husserl, um sucedâneo da teoria do conteúdo categorial rejeitada na Sexta Investigação? Essa questão se mostra profícua na medida em que aborda um dos principais sustentáculos teóricos da fenomenologia e confronta sua suposta lacuna – ao menos uma lacuna que não foi diretamente preenchida por Husserl nas suas principais obras. Nessa exposição, pretendemos reconstruir esse problema e apontar para seus possíveis desdobramentos: seja um sucedâneo da descrição rejeitada das *Investigações lógicas* acerca do conteúdo categorial, seja uma reelaboração da intuição categorial que abandone o esquema com o qual ela foi apresentada naquela obra, isto é, que não mais exija um conteúdo representante categorial.

### Palavras-Chave

Husserl. Intuição sensível. Intuição categorial.



## NOTAS SOBRE O PROBLEMA DA GÊNESE E DA ESTRUTURA: O JOVEM DERRIDA LEITOR DA OBRA DE HUSSERL

Jonas Mur

[jmur\\_br@yahoo.com.br](mailto:jmur_br@yahoo.com.br)

### Resumo

Esta comunicação desenvolve algumas hipóteses de leitura do jovem Derrida sobre a fenomenologia de Husserl na década de 1950 a partir de notas de uma pesquisa em andamento. Partiremos da leitura e interpretação de dois textos de Derrida: a sua monografia de 1954 O problema da gênese na filosofia de Husserl (inédito, tradução livre) e o pequeno ensaio de 1959 “Gênese e estrutura” e a fenomenologia. Ambos abordam a obra de Husserl, usando dois métodos de história da filosofia daquele período, o primeiro, que provém do bergsonismo, a partir de uma “simplicidade intuitiva”, original e diretriz que atravessa a obra explicitando-a em toda a sua extensão – ou pelo menos a sua parte já conhecida. Essa intuição filosófica, a partir de um ato criador simples, que pode reduzir a complexidade do sistema a um conceito ou a uma fórmula, manifesta-se na diversidade da obra husserliana. Este primeiro método, que se torna tema de estudo, cremos que é motivado em Derrida a partir de duas fontes, a primeira está em Eugen Fink, sobretudo a partir do seu ensaio incontornável de 1933 A filosofia fenomenológica de Edmund Husserl e o criticismo contemporâneo (inédito, tradução livre), cuja motivação de Husserl é resolver a “origem do mundo” (hipótese de Leonard Lawlor); a segunda, está em Gabriel Marcel, sobretudo a partir do livro de 1935, Ser e ter (inédito em português, tradução livre), cujo livro opõe problema e mistério (hipótese de Edward Baring). A chave de leitura está em entender o problema da gênese e da estrutura sobre a obra de Husserl, a qual a estrutura “neutraliza” a gênese, uma dualidade entre “gênese do sentido” e “sentido da gênese”. O segundo método de historiografia, que supomos no texto de 1954, surge quando, no Prólogo deste, Derrida apresenta a dualidade entre história da filosofia e filosofia (da história) a qual se confrontam a ponto de se compreender uma tentativa de sistematização (mesmo que aberta e aporética em forma de mistério) da obra de Husserl a se realizar, à maneira da década de 1950, quando três figuras eminentes praticavam essa abordagem, a saber, Émile Bréhier, que enfatiza um tempo interior ao





sistema, Martial Gueroult, que analisa a estrutura segundo a ordem das razões e Victor Goldschmidt, que refaz o movimento sucessivo segundo o seu tempo lógico. A aporia de 1954 se encontra em uma dialética originária, e, em 1959, em um debate interno da “estrutura-gênese” que se opõe entre um fechamento e uma abertura.

### **Palavras-Chave**

Derrida. Husserl. Fenomenologia.



## O CORPO PRÓPRIO: SITUAÇÃO E FACTICIDADE EM PERSPECTIVA SARTRIANA

Tiago Soares Dos Santos  
[tiago.soares@ifpr.edu.br](mailto:tiago.soares@ifpr.edu.br)

### Resumo

O corpo tem sido relegado em toda a história da filosofia desde a valorização da alma entre os antigos e medievos no momento em que definem o corpo como algo contrário à realização da essência humana. A dicotomia entre *res cogitans* e *res extensa* em Descartes e a fundação da subjetividade humana em um eu absoluto racional e apenas pensante fez um gradativo e importante esquecimento da dimensão corporal. Tal esquecimento estruturado em uma histórica dualidade reduz o corpo a um estatuto de objeto. Assim, o corpo é caracterizado como um ente exterior, ou seja, como objeto externo de meu ser e não como meu ser. E a consciência se define, então, como algo interno. Meu eu, íntimo, minha primeira intuição daquilo que sou. É no intento de superar essa dicotomia entre corpo e consciência e fazer do corpo algo estrutural daquilo que sou que, pretende-se, à luz da teoria sartriana apoiar o presente estudo. A obra de Sartre representa uma das tentativas teóricas que buscaram promover essa união entre consciência e corpo. Trata-se de considerar não o meu corpo, mas o corpo do outro. Essa postura é uma admissão de que não se entende o corpo como algo meu, constituinte de meu ser. É uma propriedade de meu ser, algo que se possui e que pode se desvencilhar a qualquer momento, algo rechaçado por Sartre porque o meu corpo revela os objetos no mundo e não a si mesmo. Logo, não se apreende o olho vendo, apenas o olho. O corpo não é apreendido enquanto revelador do mundo, mas como coisa no mundo. A mão enquanto escreve não se revela a si mesma, mas sim a caneta e a escrita dos signos. Já o olho e o olhar que apreendeu e revelou a mão escrevendo não aparecem. São reveladores e não revelados ou revelador da consciência em determinado tempo e espaço (SARTRE, 2009). Nessa direção, tem-se a necessidade de examinar o corpo como estrutura do ser-Para-si como um todo, inteiro e indiviso ou uma unidade originária e ontológica. O corpo, portanto, é o meio necessário em que meu ser se manifesta no mundo, é meu ser no mundo. É um modo vivido que não possibilita o conhecimento do corpo próprio e sim o reconhecimento. Eu e mundo

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



constituem uma mesma realidade fenomênica onde o primeiro, situado e livre, atribui sentido e ordenamento ao segundo. Não é possível, portanto, um conhecimento puro e objetivo do corpo nem do mundo. O conhecimento objetivo possível do corpo acontece a partir do corpo do outro e de sua transformação em um Em-si, postura que retira do ser-Para-si a corporeidade.

## Palavras-Chave

Corpo. Consciência. Liberdade.



## O CORPO VIVIDO E A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA COMO TENTATIVA DE “RETORNO AOS FENÔMENOS” EM MERLEAU-PONTY

Bruno Fonseca Ortega  
[bruno.ortegaaa@gmail.com](mailto:bruno.ortegaaa@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho traz uma análise filosófica acerca da tentativa do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty de “retornar aos fenômenos”, ou de compreender a condição de “ser-no-mundo” ou de existência do ser humano pelo usufruto do método de descrição fenomenológica da experiência perceptiva direta do sujeito. De tal modo a centralizar esta investigação na apreensão das atividades intencionais que percorrem a configuração do corpo próprio e do horizonte que acompanha esta experiência perceptiva, a qual culmina em uma auto experiência corporal pré-reflexiva, ou em um processo de corporificação ou habitualização do qual se organiza por meio do esquema corporal e da imagem corporal, ou de abertura intencional do corpo-sujeito com o mundo. Sendo assim, a problemática a ser levantada nesta abordagem é: Como que a partir das bases teóricas do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty acerca da experiência perceptiva e do corpo vivido é possível obter um retorno ao âmbito dos fenômenos? O método utilizado perante o trabalho foi o uso de uma coleta de dados em base de pesquisas bibliográficas e de análises de obras filosóficas, que se interconectam para atingir a finalidade de examinar o assunto presente nesses manuscritos e sistematizá-los, gerando uma nova compreensão acerca do objeto de estudo selecionado. A partir do estudo permitiu-se obter alguns resultados dentre eles está o de que perceber, estar corporificado, estar “em sintonia com o mundo” não são três noções separadas ou separáveis para Merleau-Ponty, mas são três aspectos sobrepostos, interconectados e internamente conectados a existência humana. Por conseguinte, o “retorno aos fenômenos” revela esta unidade sobreposta e interconectada de consciência, corporificação e mundo, manifestada por intermédio da experiência perceptiva corporificada do sujeito ou através de um arco intencional, o qual projeta a situação temporal e espacial do mundo percebido ao sujeito agente. Além de unir os aspectos que fazem parte dos fenômenos, tais como a unidade dos sentidos, da inteligência, da sensibilidade e da motilidade.

### Palavras-Chave

Corpo. Experiência Perceptiva. Merleau-Ponty.



## O MÉTODO DESCONSTRUTIVO [ABBAU] COMO PROPOSTA DE SUPERAÇÃO AO PARADOXO DA CONSTITUIÇÃO

Tássia Vianna De Carvalho

[tassiasete@gmail.com](mailto:tassiasete@gmail.com)

### Resumo

A fenomenologia surge como investigação estática acerca dos atos e vivências. A recondução da investigação à imanência do campo transcendental revela a consciência como fonte constitutiva de toda objetualidade. Tal descoberta desagua em investigações acerca do processo genético de constituição; o processo originário [Urprozess] realizado pela consciência-tempo [Urzeitbewusstsein], que consiste na formação do objeto-temporal [Zeitobjekt] como mero objeto de duração. No entanto, para que tal processo temporalizante seja a origem de toda constituição, é necessário que ele seja constitutivo e não constituído – caso contrário, requereria outro nível anterior que o constituísse, levando a um regresso ao infinito (Hua X). Tal processo só é revelado através de um posicionamento objetivante incidido sobre ele, de modo que tal nível constantemente escapa à consciência em seu teor de originariedade devido à modificação operada pelo próprio visar ativo. Mas, se a fenomenologia – desde a virada transcendental – fundamenta-se no princípio de todos os princípios, a intuição (Hua III, §24), isto a levaria ao limite: visto que o fluxo originário jamais se revela salvaguardado das modificações operadas pelo posicionamento ativo, permanecendo inacessível a uma investigação que se atenha ao dado puro do aparecimento. Para tanto, defendemos – na esteira de pensadores como Bégout (2000), Niel (2013) e Evans (2014) – uma proposta de superação para tal aporia a partir da abordagem metodológica desconstrutiva [Abbau]. Esta consiste em uma redução sistemática dos níveis superiores de consciência através de um dismantelamento regressivo (Bégout, 2000), percorrendo o processo constitutivo em sentido inverso; fornecendo uma apreensão oblíqua e indireta da gênese passiva, em contraste com o que é revelado pelas suas dimensões ativas, consistindo em “um zig-zag entre constituído e que constitutivo” (Neil, 2013, p. 228). Isto nos leva à afirmação da fenomenologia genética como uma fenomenologia explicativa [„erklärende“ Phänomenologie] (Hua XI, 340), visto que a passividade só se revela através da atividade; enquanto uma



fenomenologia estática restringe-se ao seu teor estritamente descritivo, atendo-se ao dado intuitivo. Com isso, demonstraremos que o teor explicativo da fenomenologia genética não deve representar um limite à investigação fenomenológica; mas uma reformulação de seus pressupostos iniciais – o intuicionismo – de modo a incorporar os níveis inferiores de consciência.

### Palavras-Chave

Gênese. Constituição. Explicação.



## O TEMA DA HISTÓRIA E O CONCEITO DE HISTORICIDADE NA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL

Karine Boaventura Rente Santos  
[boaventurarente@gmail.com](mailto:boaventurarente@gmail.com)

### Resumo

Esse trabalho endereça o desenvolvimento do tema da história na fenomenologia husserliana com ênfase na trajetória de elaboração do conceito de historicidade na sua forma final de dimensões generativas presente na última fase do pensamento de Edmund Husserl. Inicialmente a investigação trata do surgimento do tema da história na fenomenologia husserliana por meio da análise de obras da década de 1910 em que se constata os primeiros movimentos de aproximação da temática na discussão do historicismo e na delimitação do lugar da história em relação à filosofia fenomenológica, tais como Filosofia como Ciência Rigorosa (1910-11) complementada pela correspondência Husserl-Dilthey após a publicação dessa obra (1911) e Os problemas básicos da Fenomenologia (1910-1911). Na sequência, o texto tematiza as considerações de Husserl sobre a história na década de 1920 em textos tais como os cinco artigos escritos para a Revista Kaizo (1923-1924), nos quais a história é apontada como campo a ser guiado em conformidade com o funcionamento próprio ao espírito em seus vínculos de motivação ao invés de apenas causalidade, e a obra Meditações Cartesianas (1929), na qual o problema da história é formalizado considerando a sua formação por síntese generativa e no contexto comunitário nos termos a serem desenvolvidos de forma sistemática posteriormente em textos tardios. Aqui o trabalho se volta para A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental e outras produções coetâneas da década de 1930 em que se localiza o tratamento da história e o desenvolvimento do conceito de historicidade de maneira mais aprofundada com base no esclarecimento da síntese generativa e da estrutura das comunidades formadas generativamente. Por fim, o texto se volta para o conceito de historicidade considerando a construção da história enquanto legado de uma comunidade identitária particular construído generativamente cujo conteúdo consiste no legado partilhado intergeracionalmente na unidade do tornar-se composto por motivações, crenças, valores e metas que fornecem a cada um dos indivíduos pertencentes a ela um contexto histórico-cultural orientador da sua ação no mundo.

### Palavras-Chave

História. Generatividade. Historicidade.



## PHENOMENOLOGY AND EPISTEMIC DECOLONIZATION

Bruno Mesquita Soares De Araujo  
[araujobms@gmail.com](mailto:araujobms@gmail.com)

Renata Guadangni  
[guadagdag@gmail.com](mailto:guadagdag@gmail.com)

Ana Fernanda Mendes Costa  
[ana.fe.costa@hotmail.com](mailto:ana.fe.costa@hotmail.com)

Meike Roth  
[meikeroth@protonmail.com](mailto:meikeroth@protonmail.com)

Thuong Giang Luu  
[liushangjiang1995@gmail.com](mailto:liushangjiang1995@gmail.com)

### Resumo

This paper aims to demonstrate how phenomenology facilitates epistemic decolonization. By epistemic decolonization, we understand a process in which colonial structures that tend to objectify particular experiences and perpetuate colonialism in everyday life can be avoided from being legitimized through scientific discourse. For this purpose, this paper is divided into three sections. The first section presents Husserl's phenomenology concerning the relevance of the subjectivity and lifeworld experiences to science. The second section argues that despite Husserl's criticism of psychologism in science, his thinking was nevertheless based on a European telos. Later phenomenologists such as Emmanuel Levinas, Jacques Derrida, and Franz Fanon built on Husserl's phenomenological approach but argued in favor of decolonizing scientific production. The final section examines how phenomenology and social movements influenced each other, extending epistemic decolonization beyond academia and into the realms of sexuality, race, and gender.

### Palavras-Chave

Phenomenology. Epistemic Decolonization. Science.





## POR UMA ARQUEOLOGIA DA NOÇÃO DE MUNDO EM HUSSERL

Raimundo Pereira De Sousa  
[prof.philotheos@gmail.com](mailto:prof.philotheos@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação tem como objetivo principal fazer uma arqueologia da noção de mundo na fenomenologia de Husserl, especificamente o mundo da vida (*Lebenswelt*) na sua obra *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936). A noção de mundo da vida já está presente na fenomenologia de Husserl desde a década de 1910, embora seja mais definida e tematizada na *Krisis* (1936). Na *Ideen II* (1912), a ideia de mundo da vida aparece como mundo circundante (*Umwelt*), um mundo comum de horizonte co-dados (HUSSERL, *Ideen II*, § 50, p. 230). Na obra *Phänomenologische Psychologie* (1925), Husserl usa a expressão mundo da experiência (*Erfahrungswelt*) um mundo circundante comum povoado de objetos, animados e inanimados (HUSSERL, 1925, p. 111). Nas *Meditações Cartesianas* (1931), Husserl usa a expressão mundo primordial (*die primordiale*), mundo da vida concreto (*Konkrete Lebenswelt*), como ambientes culturais diversos que surgem como resultado de configurações humanas da mesma natureza. (HUSSERL, 1931, § 58, p. 173-174). No texto de *Experiencia y Juicio* (1939), ele usa a expressão mundo da vida originário (*ursprüngliche Lebenswelt*). E na *Krisis* (1936), Husserl finalmente usa a expressão mundo da vida (*Lebenswelt*) o único mundo efetivo, universal-comum. Portanto, o mundo da vida é um tema presente permanentemente na filosofia de Husserl, porém, é na *Krisis* que o conceito *Lebenswelt* aparece de forma clara e tematizada, carregado de sentido, como ontologia e intersubjetividade transcendental. Refletiremos o desenvolvimento da noção de mundo nas obras de Husserl, destacando a sua unidade e coerência no pensamento do filósofo. E ao mesmo tempo, iremos refletir a partir de alguns comentadores, o debate sobre a teoria monista e pluralista em relação ao conceito de *Lebenswelt*.

### Palavras-Chave

Mundo. Fenomenologia. *Lebenswelt*.



## REFLEXÕES HUSSERLIANAS: O IMPACTO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA FILOSOFIA DO SÉCULO XX

Carlos Eduardo David Rodrigues Alves

[carlos\\_david@id.uff.br](mailto:carlos_david@id.uff.br)

### Resumo

A presente comunicação visa investigar o impacto decisivo da Primeira Guerra Mundial no itinerário filosófico de Edmund Husserl no século XX. Este estudo divide-se em duas partes essenciais: inicialmente, contextualiza-se a guerra e seus efeitos no pensamento de Husserl; posteriormente, explora-se as Lições sobre Fichte, ministradas pelo autor em 1917-1918, em meio aos estilhaços do conflito. A análise busca evidenciar como a guerra foi um marco na vida e obra de Husserl, impulsionando-o a adentrar mais profundamente nas reflexões sobre a crise cultural e existencial do homem europeu. Durante a Primeira Guerra Mundial, Husserl enfrentou uma época de turbulência pessoal e intelectual, marcada pela perda de entes queridos e pela intensa agitação política e social. Este período desafiador estimulou sua sensibilidade para as questões fundamentais da condição humana e o levou a reavaliar sua abordagem filosófica. As Lições sobre Fichte representam uma tentativa de Husserl de responder aos desafios impostos pela guerra, oferecendo uma análise profunda da crise espiritual e cultural da Europa. A partir desse contexto, Husserl desenvolveu suas primeiras considerações sobre a crise do homem europeu, buscando compreender as raízes e as implicações mais amplas desse fenômeno. Sua reflexão sobre a natureza da cultura e da identidade humana adquiriu uma urgência renovada, refletindo sua preocupação com o futuro da civilização europeia. Portanto, esta comunicação propõe uma investigação aprofundada sobre como a experiência da Primeira Guerra Mundial moldou o pensamento de Husserl e influenciou suas contribuições para a filosofia do século XX.

### Palavras-Chave

Husserl. Primeira Guerra. Crise.



## SUBJETIVIDADE E FANTASIA NA FENONOMELOGIA DA LINGUAGEM: UMA LEITURA DE MERLEAU-PONTY

Marcelo Corrêa Giacomini

[mcgiacomini@gmail.com](mailto:mcgiacomini@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação propõe apresentar, a partir da leitura do capítulo “A ciência e a experiência da expressão” de *A prosa do mundo* ([1969] 2012), dois eixos de reconstituição da leitura que Merleau-Ponty fez da obra de Husserl, no que se refere aos seus efeitos na fenomenologia da linguagem. Um primeiro eixo de leitura corresponde a certa avaliação sobre a primazia da análise semiótica (ou semiológica) e detrimento do estudo semântico da linguagem. A partir da consolidação da pragmática linguística e da separação entre linguística da langue e da parole, em Ferdinand de Saussure, a distância entre destes polos da análise do sentido na linguagem tem se alargado cada vez mais, especialmente após a cisão proposta por Émile Benveniste. A ponto de Giorgio Agamben, recentemente em *O que é a filosofia?* (2022) radicalizar esta separação sustentando que tal cisão (ou entre nome e discurso) é definitiva na questão grega sobre o ser. Husserl, a princípio, estaria localizado em certa vertente semiótica da linguagem, especialmente por sua tentativa de desenvolvimento de uma gramática pura universal, nas *Investigações lógicas* (1901, HUA XIX), como também por certa secundariedade intuitiva dos atos de significação, em face dos atos de percepção e da consciência de imagem. A “fala”, por exemplo, ou estaria sombreada pela descrição fenomenológica do signo, ou seria posta enquanto variante expressiva de uma estrutura lógico-formal da língua. Porém, em um segundo eixo de leitura, quando Merleau-Ponty retoma a questão da fala, em *A prosa do mundo* ([1969] 2012), embora ainda ancorado pela centralidade da percepção na linguagem, e do paradigma do chamado “presente vivo”, são apresentadas duas passagens relevantes para a tese do filósofo francês: a de história interior da linguagem e de subjetividade inalienável da fala. A partir destas duas expressões, propõe-se um caminho de reconstituição da leitura de Merleau-Ponty sobre a temporalidade na linguagem, retomando as *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* (1893-1917, HUA X), no intuito de se discutir especialmente o estatuto



fenomenológico do “já sido” nesta história interior da linguagem, para assim cotejar os textos de Fantasia, consciência de imagem e memória (1898-1925, HUA XXIII), para refletir sobre a “paralelidade” da fantasia e da percepção, onde a primeira é esboçada como “pura possibilidade”, e assim aproximar esta noção do conceito de subjetividade inalienável da fala.

### Palavras-Chave

Subjetividade. Linguagem. Fantasia.



## UMA SUBJETIVIDADE SEM SUJEITO? SARTRE E A NOÇÃO DE PRÉ-REFLEXIVIDADE.

Valerio Cassio Silva De Oliveira Junior  
[valerio\\_kassio@hotmail.com](mailto:valerio_kassio@hotmail.com)

### Resumo

Esta apresentação tem como fio condutor o seguinte problema: em que medida a crítica feita por Jean-Paul Sartre em *A Transcendência do Ego*, à transcendentalização da fenomenologia defendida por Edmund Husserl nas *Meditações Cartesianas*, pode ser compreendida como uma possível crítica aos modelos modernos de subjetividade? O núcleo da crítica de Sartre a Husserl seria o abandono, por parte do alemão, de uma suposta compreensão pré-reflexiva de consciência defendida em *Lições Para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo* em função de uma defesa da presença do ego na consciência enquanto polo unificador e individualizante dos episódios particulares de consciência nas *Meditações Cartesianas*. Sartre argumenta, junto com o Husserl das *Lições*, que a consciência em sua estrutura interna seria capaz de garantir sua unidade e individualidade através duma certa transversalidade proveniente da retenção e da protensão das consciências umas em relação às outras, prescindindo, portanto, do ego como foi defendido, por Husserl, nas *Meditações*. Em *A Transcendência do Ego*, Sartre expõe a sua tese de que o ego não está presente na consciência, mas antes no mundo. Sendo compreendido deste modo, como um objeto do mundo, algo que seria conhecido do mesmo modo que são conhecidos os outros objetos intramundanos; sem privilégios epistêmicos, e através da observação. Não sendo, o ego, idêntico (ou coextensivo) à consciência, ele deixaria então, de possuir os supostos privilégios epistêmicos e conceituais que lhe foram atribuídos na modernidade. Desse modo, *A Transcendência do Ego*, não só seria uma crítica a Husserl, como é também um esforço de Sartre em separar ego e consciência, e assim, separar o psíquico e o transcendental, este último relativo a consciência pré-reflexiva e ou outro, relativo ao ego. Separação esta que constitui em seu sentido profundo, uma ruptura com o modelo que diz que subjetividade e sujeito estão num mesmo nível ontológico e epistemológico.

### Palavras-Chave

Consciência pré-reflexiva. Sartre. Subjetividade.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FICHTE



## A AUTOCRÍTICA DE REINHOLD À FILOSOFIA DO SUJEITO NA FILOSOFIA ELEMENTAR

Ivanilde Fracalossi  
[ivcfractalossi@gmail.com](mailto:ivcfractalossi@gmail.com)

### Resumo

Numa carta para seu amigo Baggesen de fevereiro de 1797, Reinhold confessa que uma revisão de sua Filosofia elementar, realizada para o segundo volume do *Vermischte Schriften*, ressaltou a insustentabilidade do sistema. O mesmo foi dito a Fichte numa carta dias depois. Neste ponto de sua autocrítica, preocupava-se com o problema relacionado ao tema do sujeito, ao fato de não ter conseguido concebê-lo como um mero sujeito ou um eu puro. É neste ponto que este texto deve se concentrar, ou seja, investigar por que Reinhold passou a criticar diretamente o conceito de sujeito conforme estabelecido na Filosofia elementar, concluindo que sua concepção tornou inevitável a pressuposição de uma origem externa e independente do objeto. Com isso, simultaneamente apresentou o problema do objeto e, como consequência, o problema da coisa em si. Isto se torna explícito no restante de suas reflexões autocríticas, nas quais ele tratou de uma tese central da Filosofia elementar, afirmando que uma coisa inconcebível, mas ainda assim existente em si mesma, precisa necessariamente ser assumida. Acreditamos que tal investigação pode justificar a sua recorrência à Doutrina da ciência de Fichte.

### Palavras-Chave

Reinhold. Fichte. Filosofia do sujeito.



## A DEDUÇÃO DA APERCEPÇÃO: METODOLOGIA FILOSÓFICA E TEORIA DA SUBJETIVIDADE NO FICHTE TARDIO

Hans Christian Klotz  
[klotz.chr@gmail.com](mailto:klotz.chr@gmail.com)

### Resumo

Para Kant, a apercepção pura, isto é, a consciência eu penso e a unidade das representações nela envolvida, é o ponto mais alto da filosofia transcendental, sendo, em particular, o princípio da dedução transcendental das categorias. No entanto, isto significa que Kant não considerou necessário nem possível deduzir a apercepção. O princípio formulado no § 16 da segunda edição da Crítica da Razão Pura de que o 'eu penso' deve poder acompanhar todas as minhas representações é uma premissa última do argumento da dedução transcendental das categorias. É uma característica da filosofia tardia de Fichte que o princípio kantiano é considerado central para a reflexão sobre o conhecimento, no entanto, sem ser considerado uma premissa última que não precisa ser deduzida. A intenção de fornecer a dedução da apercepção que não foi dada por Kant agora torna-se um motivo central da Doutrina da Ciência. Assim, na Doutrina da Ciência de 1812, Fichte diz que Kant indicou corretamente o ponto da dedução, isto é, o princípio de que o eu penso deve poder acompanhar todas as minhas representações. No entanto, Fichte acrescenta, Kant apenas adotou esse ponto reproduzindo-o empiricamente a partir da lógica e, desse modo, ficou devendo a sua dedução. A Doutrina da Ciência, diz Fichte, é a entrega posterior da dedução da apercepção que não foi dada por Kant. Como devemos entender o projeto de uma dedução da apercepção que é próprio da filosofia tardia de Fichte? Qual concepção metodológica de 'dedução' Fichte pressupõe ao adotar tal projeto e quais são os argumentos que Fichte utiliza para executar tal projeto? Essas são as questões centrais da apresentação. Uma hipótese norteadora do trabalho a ser apresentado é que o Fichte tardio adotou uma concepção peculiar de 'dedução' que difere tanto da concepção kantiana da dedução transcendental, quanto do conceito de dedução que foi defendido por Reinhold. Segundo o argumento central do trabalho, o entendimento adequado desse conceito de dedução é a chave para entendermos os argumentos que Fichte considera relevantes para a dedução da apercepção.

### Palavras-Chave

Dedução. Subjetividade.





## CONHECIMENTO E RETÓRICA EM NIETZSCHE E FOUCAULT

Gabriel Cunha Hickmann

[gabrielshavo@gmail.com](mailto:gabrielshavo@gmail.com)

### Resumo

Foucault escreve, em “Nietzsche, a genealogia, a história”: “tudo aquilo em que o homem se apóia para se voltar na direção da história (...), trata-se [para o genealogista] de sistematicamente destruir tudo isso” (Foucault, 2000, p. 272). Com efeito, Nietzsche afirmava, já em um póstumo de 1872, que “a filosofia agora pode somente enfatizar a natureza relativa e antropomórfica de todo conhecimento” (FP 19[37]) anos depois, identificaria a filosofia como “a forma mais geral de história” (FP 36[27] de 1885). Recentemente, no entanto, alguns autores têm atentado para o que seriam diferenças importantes entre Foucault e Nietzsche. Assim, Barbara Stiegler defende a “incompatibilidade de saída entre o antinaturalismo nativo de Foucault e sua referência constante à figura tutelar de Nietzsche” (Stiegler, 2016, p. 197), enquanto Jacques Bouveresse afirma que a tentativa foucaultiana de “dissociação (...) do conhecimento com relação à verdade” é um projeto ao qual Nietzsche apenas “pode parecer se entregar” (Bouveresse, 2016, p. 26). Ora, nesse caso, impõem-se duas perguntas: 1) como receber, entre outras, aquelas anotações de Nietzsche, que pareciam identificar a filosofia a um procedimento de tipo eminentemente destrutivo? 2) como explicar a suposta incompatibilidade, assumida por Stiegler e Bouveresse, entre a genealogia foucaultiana e outros momentos do trabalho do próprio Foucault – que, no entanto, seguem referindo o nome de Nietzsche? Se estamos certos, esse segundo problema, ao qual os comentadores citados apenas aludem, poderia, de outro modo, exigir uma sofisticação, via Foucault, de nossa compreensão do pensamento nietzschiano. Nosso trabalho, para além de articular a problemática aqui esboçada, gostaria de arriscar uma solução a partir da tematização, comum a Nietzsche e a Foucault, do caráter inalienavelmente retórico da linguagem, capaz de escancarar a dimensão ativa e dominante das pulsões do corpo.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Foucault. Genealogia.



## FICHTE: REVOLUÇÃO, SUJEITO DE DIREITOS, REFLEXÃO E POLÍTICA NAS CONSIDERAÇÕES DE 1793

João Geraldo Martins Da Cunha

[jgmcunha@gmail.com](mailto:jgmcunha@gmail.com)

### Resumo

É amplamente aceita a tese segundo a qual a posição jusfilosófica de Fichte alterou-se em maior ou menor medida, seja na comparação entre os textos do período de Iena e os posteriores, seja mesmo entre aqueles dos anos iniciais de juventude. Particularmente, quanto ao segundo caso, no que diz respeito à noção de pessoa jurídica, introduzida pelo tratado sobre o direito natural de 1796 e ausente nas Considerações sobre a revolução francesa de 1793. Nesta direção, também é bastante difundida a interpretação segundo a qual a defesa do direito à revolução estaria acompanhada e, no fundo, alicerçada, numa concepção do que poderíamos chamar de individualismo político radical. Pelo menos no sentido de que, nestes termos, inicialmente, Fichte teria concebido o sujeito de direitos como cada um tomado, exclusivamente, em sua individualidade. Uma das premissas – talvez, a mais decisiva – subjacente a esta interpretação é a de que, as Considerações em questão constituiriam, sem mais, uma espécie de “tratado” político; isto é, nelas, Fichte ofereceria, ainda que em esboço, uma “teoria” com o desenho do que poderia ser sua “filosofia política”. Eis o cenário para minha análise sobre as Considerações de Fichte. Delas, farei um recorte bem preciso e, por assim dizer, tratarei apenas de uma questão de método e não, propriamente, de doutrina, i.e., antes que se decida sobre o conteúdo dos termos “individualismo” e “consciência moral” (eventualmente, atomismo político, sujeito de direitos), parece oportuno perguntar sobre o estatuto discursivo das Considerações. Por trivial que pareça, isso não é de somenos, afinal, a despeito das ressalvas iniciais de Fichte, tenho a impressão de que seus intérpretes se apressaram em tomar suas considerações como se elas tratassem de política, i.e., como se constituíssem um quadro conceitual de seu pensamento político ainda que provisório. Ora, segundo Fichte, haveria uma “questão prévia” e é dela que ele pretende tratar; sendo assim, para confrontar o que chamei de leitura hegemônica, gostaria de voltar a isso mesmo que, para ele, Fichte, a questão devesse “vir antes”. Para tanto, restringirei



minhas considerações às páginas introdutórias, tentando mostrar que o estatuto discursivo deste escrito polêmico, antes de constituir um esboço de tratado político, é uma reflexão filosófica. É esta a tese que pretendo defender aqui.

### **Palavras-Chave**

Fichte. Revolução. Reflexão.



## INTERSUBJETIVIDADE COMO FUNDAMENTO DA ESFERA PRÁTICA NO FICHTE DE JENA

Marcos Cesar Paes De Carvalho Filho

[marcospaesfilho@gmail.com](mailto:marcospaesfilho@gmail.com)

### Resumo

Durante o chamado período de Jena da obra de Fichte, o conceito de intersubjetividade opera como aquele que permite à doutrina-da-ciência ocupar o lugar da ciência das ciências em geral. Ou seja: o processo de reconhecimento mútuo e espontâneo mediado pela linguagem possibilitaria a articulação conjunta e teleológica característica do fazer científico, bem como a própria representação da auto-reflexão posta como o estado-de-ação (Tathandlung) que figuraria como objeto da intuição intelectual necessária para a atribuição da certeza a uma proposição particular. A partir de uma perspectiva histórica, nesta apresentação tentaremos mostrar como a hipótese interpretativa acima pode ser identificada já nas primeiras exposições de Fichte enquanto docente em Jena. Cientes das variadas e sinuosas vias de exposição desta hipótese, optamos por priorizar na organização de nossa exposição os escritos programáticos e as exposições públicas de Fichte, de tal modo que, respeitando o princípio de caridade, poderemos ver em que medida a primazia da esfera prática da realidade e a centralidade da intersubjetividade estavam conscientemente indicadas na produção filosófica do autor já em 1794, ano de publicação de sua principal obra: *Fundamentação de Toda a doutrina-da-ciência* (1794-1795). Para isso, centraremos nosso comentário em dois textos: 1) Terceiro capítulo do “Sobre o conceito da doutrina-da-ciência ou da assim chamada filosofia” (1794). Aqui veremos a primazia do prático em sua indissociável relação com o campo teórico e na fundamentação do saber em geral; 2) “Segunda preleção: Sobre a destinação do homem na sociedade” (1794). Nosso foco aqui será o de mostrar como a pergunta pelo critério de delimitação social, presente no quarto parágrafo do texto, se deixa ser lida como preâmbulo da aplicação do conceito de direito no *Fundamento do direito natural* segundo os princípios da doutrina-da-ciência (1796-1797).

### Palavras-Chave

Fichte. Intersubjetividade. Período de Jena.



## INTUIÇÃO INTELLECTUAL DE KANT A FICHTE – DE INTELECTO ARQUETÍPICO À CONSCIÊNCIA DA LIBERDADE.

Francisco Augusto De Moraes Prata Gaspar

[francisco.gaspar81@gmail.com](mailto:francisco.gaspar81@gmail.com)

### Resumo

O texto procura acompanhar os diferentes sentidos que o conceito de intuição intelectual experimenta na passagem da filosofia crítica kantiana para a doutrina da ciência de Fichte. Se, para Kant, essa noção deve ser expurgada da filosofia enquanto um resquício dogmático da metafísica clássica, já que ela descreve uma intuição que, por si só, poderia produzir seu objeto e, por isso, é própria apenas de um entendimento infinito arquetípico, algo impossível para nós, humanos; na doutrina da ciência, ela readquire seus plenos direitos, porém não mais no sentido kantiano: intuição intelectual designará doravante a consciência de si enquanto ser livre que cada indivíduo tem de si mesmo – é uma consciência imediata – e por isso intuitiva – e é uma consciência da liberdade – e por isso intelectual. Não sem razão, Fichte afirmar que, assim concebida, a intuição intelectual não está ausente na filosofia kantiana, mas designa justamente a consciência do imperativo categórico. Ao se acompanhar esse remanejamento conceitual, vislumbra-se destacar um dos motivos centrais que levaram a filosofia kantiana ao pós-kantismo.

### Palavras-Chave

Fichte. Kant. Intuição intelectual. Liberdade..



## O PROJETO DE NAÇÃO ALEMÃ POR MEIO DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DE JOHANN GOTTLIEB FICHTE (1862-1814)

Helio Aparecido Teixeira  
[t.helio@yahoo.com.br](mailto:t.helio@yahoo.com.br)

### Resumo

Fichte é considerado o primeiro pensador moderno a pensar um projeto de nação por meio da educação do povo, e uma educação para todos, matizada por especificidades e competências construídas desde uma formação integral dos indivíduos. Sua proposta é delineada, de forma mais específica, em seu escrito *Discursos à Nação Alemã*, de 1808, na qual ele desenvolve com pormenores sua ideia de nação. A despeito dos problemas que foram levantados posteriormente, relativos a um germen exclusivista que teria redundado em posturas violentas e racialistas de um nacionalismo alemão tanto do período bismarckiano, ainda no século XIX, quanto do período do nazi-fascismo na Alemanha do século XX, presente na proposta de Fichte, suas ideias educacionais continuam possuindo certo vigor. Em especial, sua proposta de uma educação para todos calcada na capacidade humana de aprender a sempre aprender enquanto atividade lastreada pela reciprocidade cognoscitiva de cuja ampliação fenomenológica, postulada pelo diálogo, seria estruturado o saber humano enquanto comunidade-cognoscitiva forjada pela atividade recíproca de contrários, a saber, a dialética do Eu que postula um Não-Eu posto pelo Eu enquanto atividade. Fichte, nos *Discursos à Nação Alemã*, defende uma educação que privilegie a comunidade, o saber voltado para o que é importante, não simplesmente para o que é útil, ou mesmo do interesse do puro egoísmo. O criador do idealismo alemão ao tentar interpretar qual seria o papel da nação alemã no contexto de rupturas e emergência de potências europeias no contexto internacional, conseguiu perceber que uma nação se faz de seres humanos e livros, isto é, de saber, e saber científico. Mais do que isso, Fichte percebeu que a educação constituiria a própria estrutura pela qual uma Doutrina da Ciência se organizaria, uma vez que é desta possibilidade de sempre aprender que se pode aprender que deriva e para qual converge todo saber possível. E isso não é tudo, Fichte postula nos *Discursos* uma proposta pedagógica dialógica cujo respeito à capacidade cognoscente de cada indivíduo é - dentro de uma perspectiva do idealismo - um valor auferido pela consecução de uma autoatividade que derivaria da razão moral enquanto produtora de um ambiente deliberativo.

### Palavras-Chave

Johann Gottlieb Fichte. Educação. Moral.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFAR E ENSINAR A FILOSOFAR



## A CONCEPÇÃO DO CURRÍCULO DE FILOSOFIA DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS.

Wanderlei Pedro De Araujo Silva

[wandanethisto@gmail.com](mailto:wandanethisto@gmail.com)

### Resumo

A presente proposta de pesquisa propõe pensar o panorama do currículo de Filosofia, que atualmente consiste em um referencial para o ensino da disciplina, nas escolas de ensino médio do Estado do Tocantins, bem como as práticas educacionais e as metodologias incorporadas à aprendizagem escolar. Tais questionamentos levam em consideração, a Filosofia como carga horária escolar obrigatória na educação básica, tomando por base, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996) e as mudanças ocorridas com Lei nº 11.684/2008 (Brasil, 2008) que tornou obrigatória a Filosofia como disciplina nos três anos do Ensino Médio e atuais mudanças, presentes na A Lei nº 13.415/2017, a chamada também, de Novo Ensino Médio e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada pelo então Ministro da Educação, Mendonça Filho, em 20 de dezembro de 2017. Essas novas orientações legais para o ensino de Filosofia na escola média brasileira, abriram um precedente para a formulação de novos currículos estruturantes, principalmente para a educação básica nacional, eventos estes, que modificaram drasticamente as condições para a efetivação da Filosofia como disciplina integrada aos sistemas escolares. Ao mencionar o currículo, as práticas e as metodologias, entende-se os elementos fundamentais, capazes de oferecer ao estudante as condições necessárias para contribuir com a elaboração de um saber significativo: um pensar próprio, autônomo, frente às contradições, às ideologias e às estratégias de poder presentes no contexto formativo dos sujeitos, enquanto cidadão, trabalhador, etc, elementos que requerem uma análise etnográfica, crítica e qualitativa. Entender um currículo escolar, bem o norteamento das práticas e métodos de ensino, não é uma tarefa fácil, pois envolve muitos interesses, tanto dos estudantes, dos professores, como dos sistemas de educação, velando em conta os estados, municípios e a diversidade regional brasileira. Temos também, que considerar as constantes mudanças e adaptações, conforme as diversas tendências, as correntes de pensamento e os critérios formativos





estabelecidos, nos mais complexos contextos históricos. Esse estudo, com o recorte no currículo de Filosofia para o Ensino Médio e em observação às práticas educacionais e às metodologias envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, pretende alcançar os mecanismos postos (dados), ou seja suas referências, teóricas, sociais, políticas e econômica.

### **Palavras-Chave**

Educação. Ensino. Filosofia e Currículo.



## A CRISE TAMBÉM É ESTÉTICA: A ESTÉTICA NOS REFERENCIAIS CURRICULARES DESDE A LDB E NO ENEM

Ester Pereira Neves De Macedo

[epnmacedo@gmail.com](mailto:epnmacedo@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, examino a presença dos princípios estéticos, principalmente da Estética da Sensibilidade, nos documentos curriculares produzidos nas últimas décadas, e como ela tem se materializado na prática, bem como a perspectiva para sua continuidade tendo em vista a BNCC e os Referenciais para a Elaboração dos Itinerários Formativos (Portaria 1.432/2018). Defendo neste artigo que, nos mais de 25 anos desde a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), esse princípio não tem recebido atenção proporcional à ênfase a ele dada nos documentos referenciais produzidos no país. Para embasar esse argumento, apresenta-se primeiramente um levantamento da presença dos princípios estéticos nos documentos curriculares produzidos nas últimas décadas. Em seguida, analisa-se como o tema da estética se materializou na matriz e itens de Ciências Humanas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Finalmente, investigou-se a respeito do espaço dedicado a esse tópico na BNCC e nos Itinerários Formativos, de forma a identificar lacunas e possibilidades para esse princípio na iminente reformulação do exame. Constatou-se que, apesar da centralidade do princípio estético nos documentos referenciais desde a LDB, e das contribuições específicas que a filosofia traz ao tema, ao longo de vinte e cinco anos houve apenas cinco itens de filosofia mais relacionados com a estética na prova de Ciências Humanas do Enem. É necessário, portanto, pensar como passar da teoria para prática, não só de forma a desenvolver esse princípio ao longo do Ensino Médio, mas também de forma que o exame reflita importantes princípios curriculares como a interdisciplinaridade, mas também de forma a garantir um espaço dedicado a abordagens especificamente filosóficas de tópicos tais como a estética.

### Palavras-Chave

Referenciais curriculares. Enem. Estética.



## A DIALOGICIDADE E O ENSINO DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Caique Vitor Costa E Silva

[caique.vitor.costa@uel.br](mailto:caique.vitor.costa@uel.br)

### Resumo

O papel da educação filosófica em nossa sociedade é o contribuir com a formação humana num processo de construção da subjetividade. Paulo Freire vai nos dizer que estamos em um processo constante de construção como seres inacabados, de modo que não somos pessoas, mas nos tornamos pessoas. Esse inacabamento é a base para a educabilidade e a filosofia uma fonte de conceitos e perspectivas para o sujeito se compreender e poder decidir neste processo de tornar-se. Neste sentido a educação busca a emancipação pelo diálogo num processo em que o aluno aprende com o professor, assim como o professor aprende com o aluno. Esta interação dialógica é o que há de mais rico na educação, através dela os indivíduos se afirmam e trocam experiências na construção do seu estar sendo com o outro. O presente trabalho tem o intuito de mostrar a importância da dialogicidade no ensino de filosofia com crianças, inserida no processo educacional. É a partir do diálogo que nos construímos como sujeitos éticos e críticos. Na comunicação com o outro nos tornamos pessoa, nos humanizamos. Ao realizarmos o ensino de filosofia com crianças se faz necessária a prática da dialogicidade, de modo a problematizar o mundo e os próprios indivíduos, dar significado e ressignificar os conceitos produzidos pela sociedade, para levarmos os pequenos ao exercício da construção de si mesmos. A criança é dotada de uma curiosidade que anseia o saber, que busca o entendimento do mundo e das coisas que a cercam. É no processo de indagação que a criança torna sua voz ativa, crítica e criativa, buscando a transformação de sua realidade. É na troca com o outro que há a possibilidade de construção de uma sociedade democrática e solidária. O ensino de filosofia pode contribuir para o desenvolvimento dessa curiosidade infantil, apresentando conceitos que as levem ao entendimento humano, na busca da emancipação e expansão de visão de mundo. O propósito é realizar uma análise da dialogicidade na perspectiva de Paulo Freire, Matthew Lipman e Sócrates no ensino de filosofia com crianças e expor a crítica de Jacques Rancière e Walter Kohan ao método socrático, na qual o filósofo francês acredita que Sócrates embrutece os



indivíduos através de seu método dialógico. Portanto, o objetivo é refletir sobre as condições para filosofia com crianças se constituir como campo que colabora para a formação humana das crianças e seu exercício auxiliar o desenvolvimento de um pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

### Palavras-Chave

Diálogo. Ensino de filosofia. Criança.



## A EDUCAÇÃO COMO ARTE EM KANT: A BUSCA PELA PERFEIÇÃO HUMANA

Thomaz Estrella De Bettencourt

[thomazestrella@msn.com](mailto:thomazestrella@msn.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a concepção kantiana de Educação como uma arte voltada para a realização da perfeição humana. Nesse percurso, buscaremos compreender o conceito de arte empregado por Kant e sua relação com a ideia da perfeição humana. Esperamos que ao fim dessa investigação sejamos capazes de identificar as diretrizes gerais de um projeto educacional, em seu sentido prático, segundo a letra kantiana. Consideramos que a pesquisa se justifica não apenas como tentativa de ampliar o carente acervo de trabalhos dedicados ao assunto, mas, sobretudo, pelo tratamento econômico dado pelo próprio autor à questão. Com isso em vista, escolhemos como ponto de partida o texto “Sobre Pedagogia”, em que Kant afirma ser a Educação o processo que permite ao homem tornar-se humano. Sem ela, para o filósofo, não seríamos capazes de sair do estado de selvageria, movidos por nossos impulsos e impossibilitados de desenvolver a razão. No mesmo escrito, encontramos a defesa de que a educação é uma arte que se aperfeiçoa progressivamente a partir da experiência e que busca um fim previamente determinado. O argumento é simples: alguém mais cultivado e experiente será capaz de entender melhor o que deve conter o conceito do modo correto de educar. Parte-se da premissa que, para ensinar corretamente, é necessário ter clareza acerca dos objetivos da educação e, como por essa perspectiva, o objetivo corresponde ao desenvolvimento das disposições naturais do homem, exige-se uma boa compreensão do que seria a perfeição do seu desenvolvimento. Mas, Kant faz uma ressalva: não se deve educar adotando como parâmetro o estado atual do gênero humano, deve-se ter em vista o estado futuro ao qual o ser humano se destina e, portanto, adequado à ideia de humanidade. A advertência é relevante: a educação não pode ser dirigida por objetivos meramente pragmáticos, condicionados pelo contexto de uma época. A finalidade da educação deve estar alinhada ao que se projeta como o melhor estado possível de ser alcançado pelo ser humano. O que não significa que a educação esteja



desconectada da realidade e que não deva ser constantemente aperfeiçoada pela experiência. O descompasso entre teoria e prática sinaliza que a reflexão a partir da prática pedagógica deve fornecer elementos para a permanente revisão da teoria. Com isso se espera que as gerações vindouras não regridam em direção à rudeza ou mesmo à selvageria, mas que progridam em direção ao esclarecimento e à emancipação do homem.

### **Palavras-Chave**

Educação. Arte. Perfeição Humana.



## A EMERGÊNCIA DA DIDÁTICA NO DISCURSO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL

Elisete Medianeira Tomazetti

[elisetem2@gmail.com](mailto:elisetem2@gmail.com)

### Resumo

A proposta de comunicação aqui indicada está vinculada a uma pesquisa em desenvolvimento. A disciplina Filosofia ocupou diferentes cenários e posições no sistema educacional. No entanto, mesmo com tal fragilidade curricular é possível reconhecer a constituição de uma ordem discursiva, afirmativa da necessidade de atentar-se à dimensão didática, ou seja, do como ensinar, do que ensinar e para quem ensinar. Ao longo das últimas décadas a comunidade acadêmica, situada entre o campo da Filosofia e o campo da Educação passou a manifestar suas preocupações sobre a necessidade de se pensar sobre formas mais adequadas e potentes para ensinar filosofia na escola pública brasileira. Com a inclusão da filosofia como disciplina obrigatória, em 2008, a demarcação da necessidade de se pensar em termos de uma didática filosófica foi assumindo contornos cada vez mais visíveis em sintonia com as produções da Argentina e do Uruguai. Em novembro de 2000, em Piracicaba, ocorreu o I Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia. Os textos apresentados e as discussões que se seguiram foram publicados no livro *Filosofia do Ensino de Filosofia*, organizado pelos professores Silvio Gallo, Márcio Danelon e Gabriel Cornelli, pela Editora Vozes. Este congresso é considerado um marco nas discussões sobre Ensino da Filosofia no Brasil, pois, além de demarcar os discursos sobre a necessidade do retorno obrigatório da filosofia ao ensino médio, colocou em destaque, também, o início das reflexões sobre didática da filosofia. Os enfrentamentos e os discursos pela volta da filosofia não deveriam secundarizar a problematização sobre o “Como Ensinar Filosofia” quando de sua volta, que se mirava no horizonte. Entendia-se que as duas questões deveriam ser tratadas conjuntamente. A demarcação da necessidade de se pensar a didática da filosofia nos contornos de uma reflexão filosófica, e não apenas educacional, passava a entrar na ordem do discurso do Ensino da Filosofia no Brasil, assim como havia ocorrido na Argentina e em outros países da América Latina. Certamente tal perspectiva não é hegemônica, pois está ancorada em certas



compreensões de filosofia e de prática filosófica, que compõem o cenário de disputas e de lutas por veridicção. Tais relações entre poder, verdade e saber nos discursos sobre Ensino da Filosofia serão devidamente tratadas ao longo da pesquisa

### **Palavras-Chave**

Didática da filosofia. Ensino de filosofia.





## A ESCOLA PÚBLICA E OS PROBLEMAS FILOSÓFICOS DE NOSSA TERRA

Iraceles Ishii Dos Santos  
[iracelesishii@outlook.com](mailto:iracelesishii@outlook.com)

### Resumo

O que é a escola pública? Um espaço idealmente destinado a troca de saberes onde se reúnem uma grande diversidade de pessoas e realidades num processo sempre dinâmico e variável. Para compreendê-la é preciso sempre voltar a ela, e não tratá-la como algo morto que já foi classificada e seus problemas diagnosticados. A todo instante, mudanças no contexto social, político, econômico, cultural, emocional e espiritual influem diretamente em seus alicerces. Cada sala de aula apresenta de acordo com os presentes um ambiente diverso. É preciso sempre voltar a ela e observar as novas relações que estão constantemente em movimento. Nesse jogo de relações quaisquer mudanças podem resultar em melhores ou piores condições para o ambiente escolar como um espaço de troca de saberes. Nesse jogo de relações, não podemos ignorar o todo das relações nas quais se compreende a escola. Desde a equipe responsável pela alimentação até o grupo de docentes e discentes. Da mesma forma, não é possível ignorar o que apreende em sala e o que se alimenta no intervalo. O ambiente de aprendizagem da escola se constrói com todas as pessoas envolvidas. Fornecer qualidade de vida para todos os setores influi nos resultados, significa compreender o estudante com um todo interligado onde nutrição e apreensão se alimentam juntas. A proposta do presente trabalho é a partir dessa concepção ampla de escola pública, pensar os problemas que emergem nesse espaço como legítimos problemas filosóficos. Em outros termos, encontrar questões que nos vinculam em nossa história, encontrar as raízes que nos conectam e possibilitam enxergar que os problemas que assolam a escola possuem história em nossa história. Num primeiro momento, na seção 1, buscaremos narrar experiências na escola sobre desafios do dia-a-dia escolar que revelam os problemas que fomos ensinados a ignorar. Na seção 2, propomos ver os problemas do ensino de filosofia academicista que impossibilitam o olhar crítico sobre a realidade da escola pública. Por fim, na seção 3, dedicaremos o olhar para uma possível conexão desses problemas encontrados na escola pela história de nosso território com base na narrativa do yanomami Davi Kopenawa.

### Palavras-Chave

Escolar. Ensino de filosofia. Problemas filosóficos.



## A INCLUSÃO PRECÁRIA DE CONTEÚDOS FILOSÓFICOS EM TRÊS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2021

Taís Silva Pereira

[pereira\\_tais@yahoo.com.br](mailto:pereira_tais@yahoo.com.br)

Lucas Da Silva Martins

[lucas.martins.1@aluno.cefet-rj.br](mailto:lucas.martins.1@aluno.cefet-rj.br)

### Resumo

A última edição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) acompanhou as mudanças estruturais em relação ao currículo da educação básica. Especialmente no que tange ao Ensino Médio, refletiu as mudanças geradas pela lei 13.415/17 e a versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018, concebida pela pedagogia das competências. Dentre as diferentes modalidades de obras que foram distribuídas nas escolas do país, o chamado objeto 2 ganhou destaque por substituir os livros disciplinares e se organizar por áreas do conhecimento. No caso da Filosofia, ela integrou as coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), ao lado de Sociologia, História e Geografia. A presente comunicação pretende avaliar o lugar da Filosofia nas obras do objeto 2, a partir da análise de três coleções segundo o registro de maior número na distribuição de exemplares. Se tomará, assim, uma análise a partir do lugar destinado aos conteúdos filosóficos no contexto das competências e habilidades das CHSA. O que se pode constatar no pequeno recorte estabelecido, em diálogo com outros levantamentos já realizados, é o aprofundamento da vulnerabilidade da Filosofia no Ensino Médio por meio de sua inclusão precária também nos livros didáticos, isto é, sua presença em função do atendimento a determinadas competências e habilidades. Uma vez que os produtos educacionais são a materialização de um gesto educativo, a maior política de distribuição de livros do país responde de alguma maneira sobre o papel da Filosofia no percurso formativo das/os jovens, bem como nutre a delimitação do filosófico e não filosófico. Analisar, avaliar e problematizar essa materialização, independentemente da descontinuidade dessa modalidade para o próximo PNLD, possibilita entrever limites e estratégias de se manter o ensino de Filosofia depois do Novo Ensino Médio, ancorado pela BNCC.

### Palavras-Chave

Filosofia. PNLD. Precariedade.



## A PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS E O ENSINO DE FILOSOFIA: PISTAS DE UMA INTERDISCURSIVIDADE

Jonathan Dalla Vechia Bugs  
[jonathan.bugs@acad.ufsm.br](mailto:jonathan.bugs@acad.ufsm.br)

Elisete Medianeira Tomazetti  
[elisetem2@gmail.com](mailto:elisetem2@gmail.com)

### Resumo

Com este resumo objetivamos compartilhar a nossa proposta de pesquisa com a comunidade filosófica do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF, em andamento no âmbito do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Nossa pesquisa tem como tema a Pedagogia das Competências e o Ensino de Filosofia no Brasil. Sua problemática concentra-se no fato de a BNCC ter instituído sua proposta de formação para a Educação Básica com base no desenvolvimento de competências e habilidades, cuja consequência prática é a exigência de que nossos/as professores/as passem a atuar em consonância com o que o documento propõe. Nesse contexto, nos interessa analisar o discurso da Pedagogia das Competências, tal qual ele emerge no contexto das políticas educacionais brasileiras da Educação Básica, de 1990 até a BNCC (2018), em consonância com o discurso presente na literatura do Ensino de Filosofia no Brasil, cujo recorte é o Ensino Médio, que afirma que ensinar Filosofia é ensinar a filosofar. Em estudos preliminares compreendemos que ambos os discursos, desde suas histórias e epistemologias, teorizam sobre os mesmos elementos implicados no processo de ensino e aprendizagem, por exemplo: qual o papel do/a professor/a; o que se requer do/a estudante; como organizar uma aula; qual o lugar dos conteúdos. Assim, passamos a trabalhar com a hipótese de que há relações de proximidade entre o discurso da Pedagogia das Competências e o do Ensino de Filosofia como prática do filosofar desde a escola (isso não significa afirmar que se trata do mesmo discurso ou que um é a causa do outro). Para perseguir (atestar ou refutar) tal hipótese, pretendemos operar uma análise de discurso que tem como inspiração teórica o trabalho de Michel Foucault, seu como de compreender e analisar o discurso. Para nós, interrogar a Pedagogia das



Competências e o Ensino de Filosofia em nosso tempo, nas linhas da história da educação brasileira, tem essa intenção e esse sentido: buscar diagnosticar o presente em que nos movimentamos como pesquisadores/as e professores/as, saber o que significa hoje, em nosso contexto, dizer o que se diz em nome da Pedagogia das Competências e do Ensino de Filosofia, sobre suas possíveis relações e/ou distanciamentos e sobre o que produzem. Um diagnóstico do presente que requer um retorno ao passado a fim de compreender como chegamos onde estamos e quais os possíveis diante do que nos é imposto pela BNCC.

### **Palavras-Chave**

Ensino de Filosofia. Pedagogia das Competências.



## A PRODUÇÃO DE CLIPES MUSICAIS COMO FERRAMENTA DE SENSIBILIZAÇÃO FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO

Santiago Pontes Freire Figueiredo

[profsantiago2013@gmail.com](mailto:profsantiago2013@gmail.com)

### Resumo

O presente relato vem destacar a importância da utilização de métodos que aproximem os estudantes do conhecimento e, neste caso, da especificidade da Filosofia. Para isso, foi desenvolvida uma metodologia que utiliza a elaboração e apresentação de paródias filosóficas, seguidas da produção de clipes, gerando um ambiente lúdico em que a aprendizagem acontece prazerosamente. A ferramenta citada parte da ressignificação de músicas do cotidiano da maioria dos adolescentes no Brasil, fazendo com que sejam transformadas, por parte do professor e dos alunos, em matéria de estudo e memorização dos conceitos filosóficos, além de ser uma forma diferente de apreender aquilo que é ensinado dentro dos muros da Escola Estadual de Educação Profissional Emmanuel de Arruda Coelho, em Granja/Ce. Esta prática é uma das marcas de um ensino que não se mostra engessado ou subserviente do tradicionalismo que, de maneira geral, afasta os educandos do ambiente escolar. Percebê-la [a Filosofia] como uma multiplicadora da oportunidade de tornar-se um ser melhor, menos influenciável, mais crítico, mais cidadão, mais humano. Em tempos de insegurança quanto ao ensino da Filosofia no ensino médio, espera-se demonstrar todo o arcabouço prático a ser utilizado para tornar as nossas aulas mais significativas através do uso das paródias filosóficas em formato de clipe musical.

### Palavras-Chave

Paródia. Clipes Musicais. Ensino de Filosofia.



## A PROPOGAÇÃO DAS IDEIAS NEGACIONISTAS E SEUS IMPACTOS NO ENSINO DE FILOSOFIA

Julio Santos De Carvalho Neto

[julionetojn@hotmail.com](mailto:julionetojn@hotmail.com)

### Resumo

Nosso trabalho, consiste em um estudo sobre os impactos das teorias negacionistas nas escolas e sua implicação no ensino de filosofia. O aumento de ideias negacionistas nos últimos anos, deve-se ao avanço da extrema direita no âmbito da política e, a proliferação das igrejas pentecostais e neopentecostais, aliados ao uso crescente das redes sociais. A principal característica das teorias negacionistas é rejeição de fatos e ideias defendidas como verdades por comunidades científicas e acadêmicas em favor de opiniões convenientes a determinados grupos. Embora notícias dos efeitos negativos das opiniões negacionistas envolvendo professores tenha focado mais no ensino de história e ciências da natureza, a consequência nefasta dessas teorias, não é menos impactante no ensino de filosofia, visto que esta disciplina tem como objetivo a superação do senso comum e, das convicções precipitadas. Desse modo, o ensino de filosofia se torna um obstáculo para más intenções negacionistas. Nosso objetivo, portanto, é, entender o papel da filosofia no combate adesão das ideias e teorias negacionistas entre os alunos, compreendo as aulas de filosofia como espaço de debate e análise rigorosa da multiplicidade de opiniões onde todas estas são colocadas sob o crivo do conhecimento racional e sistematizado.

### Palavras-Chave

Negacionismo. Extrema direita. Ensino de filosofia.



## A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA, O CINEMA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Romualdo Batista Malaquias  
[romualdomalaquias@gmail.com](mailto:romualdomalaquias@gmail.com)

Flávio De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

A pesquisa que estamos desenvolvendo aborda a utilização do cinema como forma de se trabalhar as questões de gênero no Ensino de Filosofia do Ensino Médio. Qual a hipótese? Por exemplo, o cinema tem potencial para provocar o exercício de pensamento filosófico em sala de aula para tratar dos problemas que têm relação com as questões de gênero. Nesse sentido, investiga primeiramente a relação entre o cinema e a filosofia através da produção de conceitos-imagens e problematiza o que são questões de gênero e seu lugar na filosofia. Em seguida, apresentamos a relação entre cinema e questões de gênero, reconhecendo o cinema como recurso didático importante nas aulas de filosofia, ... Porque? . O objetivo geral diz respeito a compreender como, no Ensino de Filosofia, podemos trabalhar questões de gênero utilizando o cinema como recurso metodológico e filosófico, trazendo objetivos específicos, tais como, analisar a relação entre o ensino de filosofia e o cinema; compreender como o cinema expressa os aspectos constitutivos das identidades de gênero. A metodologia utilizada é qualitativa de natureza básica, exploratória e bibliográfica. O referencial teórico resulta de uma articulação entre os conceitos de compreensão do corpo na obra *o segundo sexo* (2016), de Simone de Beauvoir, e a construção de subjetividade na obra *problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018), de Judith Butler; e o de conceito-imagem presente na obra *o cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes* (2006), de Júlio Cabrera.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Questões de gênero. Cinema.



## A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E O ENSINO DA FILOSOFIA

Willian Xavier Lopes

[willian.xavier@acad.ufsm.br](mailto:willian.xavier@acad.ufsm.br)

### Resumo

Este resumo aborda alguns elementos da pesquisa de mestrado, em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa apresenta como tema a relação pedagógica e o ensino da filosofia e tem como objetivo compreender os modos como as relações entre professor e estudantes, nas aulas de filosofia, são nomeadas e explicitadas no contexto da reforma do Ensino Médio. A pesquisa tem caráter teórico-documental. O Referencial Curricular Gaúcho para o Ensino Médio - RCG/EM - (2021) será a materialidade analisada, a fim de identificar como são narrados os sentidos e modos da relação pedagógica para as práticas no ensino da filosofia. No entanto, com vista no trabalho proposto ao XX Encontro Nacional da ANPOF, faremos uma descrição e análise de diferentes entendimentos sobre Relação Pedagógica, a partir da revisão sistemática de literatura realizada. Também será apresentada a análise sobre a ideia de uma nova configuração desta relação no discurso educacional contemporâneo. Na literatura encontramos ao menos três perspectivas de relação pedagógica. A primeira é constituída por uma única voz autorizada – a do professor –, que detém o saber e precisa transmiti-lo para o aluno que não o detém (assimetria). A segunda é entendida quando os saberes dos sujeitos do ensino estão em posição simétrica, é uma relação entre iguais (Freire, 1996) (Ranciére, 2002). Já a relação de exposição reconhece os sujeitos como seres de palavra que se expõem num espaço comum (Masschelein; Simons, 2014), porém, em determinadas posições institucionais. Compreendemos por relação pedagógica a presença de professores e alunos no mundo comum; para fins da nossa investigação, consideramos o filosofar como um processo de criação com o mundo do Outro, é uma tarefa compartilhada (exercício filosófico) entre professores e estudantes. Atualmente, autores como Sibilia (2012) e Biesta (2017) têm apontado dificuldades na construção desta relação, seja pela incompatibilidade entre as novas subjetividades juvenis e a configuração escolar, seja pela influência do pragmatismo educacional. O sentido da escola está vinculado à sua estrutura disciplinar e à centralidade da relação com o





saber. Entretanto, o discurso midiático, responsável pela produção das subjetividades contemporâneas, demanda novas disposições cognitivas, incluindo a exposição à diversidade de informações e a descentralização com o saber, inaugurando outras formas de atuação no espaço pedagógico.

### **Palavras-Chave**

Relação Pedagógica. Ensino da Filosofia. RCG/EM.



## ANÁLISE DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES FILOSÓFICAS DA BNCC

Marcelo Senna Guimaraes  
[marcelo.guimaraes@unirio.br](mailto:marcelo.guimaraes@unirio.br)

### Resumo

O ensino de filosofia na educação básica vem sendo discutido após a promulgação da LDB em 1996 de modo a receber diferentes formulações governamentais de diretrizes para a sua efetivação nas escolas, seja em nível federal ou estadual, especialmente. Nesse período de já quase trinta anos, os documentos curriculares propuseram diferentes maneiras de conceber e organizar o ensino de filosofia, envolvendo competências e habilidades, conceitos geradores, referências de formação, objetivos de aprendizagem, entre outras expressões. Com a Base Nacional Comum Curricular, cuja seção voltada para o ensino médio foi aprovada em 2018, houve o retorno às competências e habilidades, que havia sido a expressão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de 1999, mas posteriormente deixada de lado. As competências e habilidades presentes no documento atual da BNCC são relativas à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, dentro da qual é localizado o componente curricular Filosofia. De acordo com os defensores da formulação de uma base nacional comum curricular, a formulação de competências e habilidades seria necessária para indicar com clareza e com precisão os aprendizados que deveriam ser realizados em cada nível de ensino, de modo a prover orientação para professores e professoras e referência para estudantes. Porém, a formulação que tais competências e habilidades receberam na versão final da BNCC suscita diversos tipos de dúvidas. Primeiro, se elas atendem ao objetivo que foi proposto pelos próprios formuladores; segundo, se demarcam de modo pertinente a área de conhecimentos em questão; por fim, se os componentes curriculares que compõem a área de conhecimento estão adequadamente representados nos itens formulados. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise das competências e habilidades formuladas na BNCC de modo a tentar dirimir essas três ordens de dúvidas anteriormente enunciadas.

### Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Competências. BNCC.



## ANOTAÇÕES SOBRE A PSICAGOGIA COMO EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

Flávio De Carvalho

[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

No pensamento foucaultiano, a Psicagogia, a Parresia e a Aleturgia constituem o território conceitual do Cuidado de Si. São noções pelas quais podemos identificar dois problemas centrais, “o problema da verdade” e “o problema dos processos de formação de subjetividades”. A Psicagogia pode ser entendida como uma forma de fuga dos processos disciplinares e de sujeição, pois tem a potência de mudança e de superação pelo qual o sujeito pode se transformar, é uma forma de autopoiese. Ora, se existe práticas educativas que mantêm os sujeitos em processos de dominação e subordinação, também existe práticas educativas que conduzem a processos de autoconhecimento e autoformação. Diante do exposto, valendo-nos de ferramentas conceituais foucaultianas, vamos discutir as condições de possibilidade para que o ensino de Filosofia seja realizado segundo esse movimento de autoconhecimento e autoformação. Refletiremos sobre o estatuto epistemológico da Psicagogia e também sobre uma forma de transpô-la para práticas educativas próprias da Educação Filosófica. Certas questões que Foucault colocou em seus cursos de 1982 a 1984 se mostram úteis para a nossa reflexão, tais como, quando nos perguntamos quais verdades ou conhecimentos são necessários para liderar a nós mesmos e aos outros ?; que práticas ou exercícios e técnicas são necessários? Essas questões nos levam a refletir sobre o papel do ensino de Filosofia na formação das subjetividades, sobre o papel do professor-filósofo, os momentos favoráveis (kairós) para a realização de “exercícios filosóficos” com as /os estudantes.

### Palavras-Chave

Psicagogia. Educação Filosófica. Foucault. Hadot.



## **AVALIAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM: CAMINHOS A PARTIR DA ABORDAGEM CORPORIFICADA DA COGNIÇÃO**

Manoel Abreu Fernandes

[manoelabreufernandes@gmail.com](mailto:manoelabreufernandes@gmail.com)

### **Resumo**

O debate em torno do ensino de filosofia é dado, comumente, a partir da dicotomia entre “se ensinar filosofia” e “se ensinar a filosofar”. Em linhas gerais, a discussão mobilizada a partir daí aponta para relação entre o conhecimento historicamente sedimentado e seu uso na prática. Assim, a função do ensino de filosofia é dotar os estudantes da capacidade exercitar uma atitude filosófica, que consiste em problematizar e avaliar criticamente o mundo natural e cultural à sua volta. Desta forma, o processo de ensino, em um sentido amplo, deve assumir que a aprendizagem diz respeito à aquisição de práticas socialmente compartilhadas através de estruturas simbólicas (como os discursos filosóficos e científicos) e à capacidade de mobilizá-las em função da necessidade de interpretação e intervenção na realidade. Logo, a capacidade de reconhecer tais estruturas, verificada em testes, provas e avaliações afins, reflete apenas parcialmente o processo de ensino-aprendizagem. Com efeito, o objetivo desta análise é elucidar a relação entre a caracterização de tal processo e a necessidade de se avaliá-lo integralmente. Para tanto, pretende-se explorar como as sistemáticas (ou modelos) de avaliação da aprendizagem, ao operarem uma redução inadequada do processo educativo às arquiteturas curriculares vigentes, demonstram aderir a um lugar comum acerca da mente e da cognição humanas questionável, a saber: a ideia profundamente arraigada de que conhecimento se opera através do processamento, organização e armazenagem de informações semânticas pelo aparato cognitivo de cada indivíduo isoladamente. Em contrapartida, a partir das contribuições da literatura enativista em filosofia da mente e da cognição, sobretudo em sua variante “radical”, elaborada por Daniel Hutto e Erick Myin; bem como das contribuições trazidas pela Teoria da Autonomia Biológica para se pensar os sistemas vivos, buscaremos analisar quais parâmetros devem ser observados para a formulação de modelos de avaliação da aprendizagem condizentes com a posição filosófica de que knowing how (saber como ou saber fazer) é o estado cognitivo paradigmático e, neste



sentido, possibilitador do próprio conhecimento proposicional (knowing that ou saber que), invertendo, assim, a imagem que se formava sobre a mente humana a partir de tal lugar comum. Por fim, pretende-se discutir como a redução dos modelos às arquiteturas impede que essa inversão se efetive, impactando em como se dá o ensino de filosofia e das ciências.

### Palavras-Chave

Enativismo. Mente. Avaliação do ensino.



## CIDADÃO A SERVIÇO DO CAPITAL: OS DILEMAS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA ERA DO CAPITALISMO DA VIGILÂNCIA

Pedro Wilson Nogueira Porto

[pedro.porto@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:pedro.porto@aluno.ifsertao-pe.edu.br)

### Resumo

O ensino da Filosofia tem enfrentado desafios significativos ao longo dos anos, refletindo não apenas na sua organização curricular, mas também na abordagem adotada no ensino médio. Os alunos nessa etapa da educação são cada vez mais expostos a um ensino tecnicista, fortemente influenciado pelos interesses e exigências do mercado global, principalmente em momentos de discussões sobre o “novo ensino médio”. Esta realidade conduz a uma busca incessante por métodos que visam minimizar custos e acelerar processos, muitas vezes negligenciando a verdadeira essência do ensino-aprendizagem. Vivemos em uma época em que a padronização do produto final é predominante, frequentemente alinhada com os imperativos do sistema capitalista, que atualmente adota características dinâmicas e exerce um controle cada vez mais amplo sobre uma população em expansão. Este estudo propõe uma análise dos dilemas enfrentados pelo ensino de Filosofia, à luz da teoria de Shoshana Zuboff sobre a “Era do Capitalismo da Vigilância”. A ascensão desta nova modalidade de capitalismo torna-se cada vez mais evidente, onde a busca por cliques e compartilhamentos é incessante. A autora argumenta que vivemos em uma época em que as empresas buscam incessantemente extrair dados dos indivíduos, transformando cada aspecto de nossas vidas em uma fonte de lucro e controle. Neste contexto, a educação não escapa à lógica do capital, sendo moldada pelas demandas de um mercado voltado para a maximização de dados e a minimização de custos. Diante desse cenário, surge a questão fundamental: o que podemos esperar de uma formação cidadã em um contexto marcado pelo controle e vigilância constantes? A proposta deste trabalho é analisar os desafios enfrentados pelo ensino da Filosofia na contemporaneidade, especialmente no contexto do ensino médio, e refletir sobre as implicações desses desafios para a formação cidadã dos alunos. Pretende-se investigar como a predominância de um modelo educacional voltado para as demandas do mercado e a crescente influência do sistema capitalista afetam o desenvolvimento de



uma consciência crítica e reflexiva nos estudantes. Além disso, será explorada a relação entre o Capitalismo de Vigilância e as práticas educacionais, considerando como a constante busca por dados e informações influencia não apenas o acesso ao conhecimento, mas também a própria construção da identidade e do pensamento autônomo.

### Palavras-Chave

Ensino médio. Capitalismo. Filosofia Política.



## CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO E DE ENSINO DE FILOSOFIA NO PERCURSO PRÉ E PÓS-BNCC

Rubia Liz Vogt De Oliveira

[rubiavogt@yahoo.com](mailto:rubiavogt@yahoo.com)

### Resumo

A atual composição curricular e de conteúdos da educação básica é fixada pela Base Nacional Comum Curricular (2017, chamada de modo abreviado de “BNCC”) – que, embora gestada no governo Dilma, teve sua versão final lançada pós golpe – e pela Lei 13.415/2017, conhecida como “Lei da Reforma do Ensino Médio” – igualmente aprovada sob o governo de Michel Temer. O presente trabalho propõe-se a cotejar o currículo corrente com as concepções de ensino de filosofia propagadas a partir do percurso documental promovido pelo Ministério da Educação entre 1999 e 2013. No período dos primeiros governos progressistas após a redemocratização (2003-2016), e na sequência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei N° 9692/96, conhecida pela sigla “LDB”), foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999 e 2000); as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (2002); as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006); e as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013). Objetiva-se averiguar a relação da Base com esses documentos que a precederam, analisando, sob o prisma da literatura especializada em ensino de filosofia, em que pontos a BNCC avança, e em que aspectos retrocede, observando, especialmente, os eixos, objetivos e conteúdos programáticos da filosofia preconizados nos Parâmetros e os conteúdos e metodologias das Orientações. Como resultados, espera-se ofertar uma avaliação crítica da filosofia em seu percurso pré e pós-BNCC, ponderando, principalmente, currículos possíveis e possibilidades disciplinares para a filosofia em meio à proposta interdisciplinar da BNCC.

### Palavras-Chave

Ensino de filosofia. BNCC. Currículo.





## “CONHECE-TE A TI MESMO”: O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA VALORIZANDO AS VIVÊNCIAS DOS INTERLOCUTORES

Ermínio De Sousa Nascimento  
[herminionascimento@yahoo.com.br](mailto:herminionascimento@yahoo.com.br)

Priscilla Pontes Bezerra Mendes  
[priscilla.prof@hotmail.com](mailto:priscilla.prof@hotmail.com)

Genilson Da Conceição Oliveira  
[genilsonolive15@gmail.com](mailto:genilsonolive15@gmail.com)

### Resumo

O presente resumo considera a afirmação “Conhece-te a ti mesmo”: o exercício da docência valorizando as vivências dos interlocutores, tendo por objetivo mobilizar lembranças, utilizando o método biográfico, para enfatizar “o quê”, “com quem” e “como” aprendemos o que consideramos saber para pensar o ensino e aprendizagem de filosofia. Para isso, indagamos como pensar o ensino de filosofia para pessoas afinadas com a tecnologia? Com a cultura digital? Talvez a escrita de haicai, por se tratar de texto curto para transmitir mensagens ou pôr questões sobre temas diversos, seja relevante para potencializar o ensino entre pessoas que, com frequência, convertem textos escritos em áudios/imagens. Refletir sobre essas questões é uma forma de valorizar o ensino pela experiência, num contexto de formação de professores que tem como público-alvo, jovens do mundo digital. Vale destacar que se na tradição oral a memória é fortalecida naquele que ensina e em quem aprende para a manutenção da cultura e das condições de vida na sociedade; já no mundo digital, as perguntas que se põem são: e a sua memória? Está no seu celular? No card de memória? Nosso convite é para pensarmos a partir de vivências, operacionalizando a afirmação socrática: “Conhece-te a ti mesmo”, enquanto esforço para fazer um exame de si, de experiências, convertendo-as em conteúdo para o pensar. A máxima: “Só sei que nada sei” é modificada para: “Não sei, mas sei quem sabe” para oportunizar um exame daquilo que sabemos até o instante presente e dialogar com o outro para aprender o que ainda nos é desconhecido. Nessa perspectiva, os interlocutores são levados a: inventariar vivências; criar ambientação para a escrita de narrativas



biográficas/filosóficas e elaboração de esquema de sequência didática para promover o ensino e aprendizagem, tendo o projeto de extensão “Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica, do curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, como referência na elaboração e execução de tais atividades.

### Palavras-Chave

Método biográfico. Narrativa filosófica. Haikai.



## CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE BELL HOOKS AO ENSINO DE FILOSOFIA

Lizbeth Kossmann

[lizabethkossmann@gmail.com](mailto:lizabethkossmann@gmail.com)

### Resumo

A questão a que essa apresentação se propõe é: que possíveis contribuições a proposta de sala de aula engajada defendida por bell hooks, tem para o ensino de Filosofia? O objetivo é demonstrar, de maneira introdutória, argumentos centrais da pensadora presentes no livro: “Ensinando a Transgredir: “A Educação como Prática da Liberdade”, na qual bell hooks defende uma educação baseada na prática da liberdade por meio do engajamento dos e das estudantes. Sabe-se que os movimentos brasileiros pela afirmação do ensino de Filosofia e sua legitimidade enquanto disciplina, baseiam seus argumentos no potencial transformador da presença da Filosofia na sala de aula. Este, por sua vez, reside na natureza própria do fazer filosófico que é o de destinar um olhar reflexivo e crítico à realidade incidindo sobre ela de modo consciente e autêntico. Para pensar tais questões e direcionar o olhar as contribuições de bell hooks se irá, num primeiro momento, tratar do conceito de inconformismo, nele, torna-se impositiva a não aceitação de uma educação que receba conceitos prontos passivamente. Na sequência e, de modo complementar, se irá ressaltar a defesa que faz bell hooks à união entre teoria e prática, para que a educação não seja instrumento de manutenção do status quo vivida por meio da opressão às mulheres negras e brancas, grupos marginalizados social e economicamente. E que, esta educação, consiga partir da realidade dos e das estudantes sem afastar o ensino de Filosofia das vivências culturais, políticas, sociais e geográficas das comunidades a que pertence. O pressuposto que se defende neste trabalho é o da universalização do ato de pensar, mesmo que este não siga os moldes da tradição filosófica presentes na história da Filosofia, que por sua vez, foi e ainda é privilégio de poucos. Para concluir, será exposta a ideia de sala de aula engajada e sua proximidade com a aula de Filosofia.

### Palavras-Chave

Sala de aula engajada. Ensinando a transgredir.



## CONTEÚDOS DE ÉTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA: A ÉTICA NA FALA DE PROFESSORES

Tânia Rodrigues Palhano  
[taniarpalhano@gmail.com](mailto:taniarpalhano@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa aqui esboçada fundamenta-se na ética como pertencente à natureza humana, presente em cada pessoa, no fazer profissional, e presente em todo o processo educacional, pautando-o e ajudando a desenvolver as ações humanas. A postura do educador é pautada em uma consciência ética que se transmite por meio do fazer profissional. Com base ao respeito e reconhecimento da importância do outro, a ética é universal ao ser humano, ao ser estabelecido um código de normas morais válidas para todos que vivem em sociedade. A universalidade da ética é pertinente ao ser histórico, é relativo ao homem e sua ação sobre o mundo, em especial, ao contexto em que são realizadas suas ações morais. A presente pesquisa tem por objetivo investigar conteúdos de ética em livros didáticos no Ensino Médio e critérios éticos norteadores da prática de professores de filosofia em escolas estaduais da Paraíba. As linhas gerais traçadas na pesquisa tratam a ética e sua relação com o ser humano, pelo entendimento da posição deweyana da moralidade refletiva e da ética da libertação em Dussel como caminhos de compreensão sobre a teoria ética. E segue com a investigação de conteúdos de ética no livro didático do ensino do médio, o qual apresenta-se como recurso pedagógico orientador de atividades de ensino. E com a análise da prática docente de filosofia no ensino médio, como sujeito que têm em suas atividades de ensino, orientações éticas que norteiam suas ações. A filosofia, então, age como um suporte de construção da reflexão pedagógica e da sua própria crítica filosófica, como reconstrução do pensar racional desenvolvido desde os gregos, ressaltada na modernidade com o racionalismo e o empirismo.

### Palavras-Chave

Ética. Ensino de Filosofia. Livro didático.



## CURRÍCULO, CÂNONE E FORMAÇÃO: QUAL O LUGAR DAS FILÓSOFAS?

Gabriela Da Nóbrega Carreiro

[gncarreiro@gmail.com](mailto:gncarreiro@gmail.com)

### Resumo

Parto do entendimento de que currículo é, assim como a sala de aula, um dispositivo vívido, dinâmico e pulsante do sistema educacional. Enquanto componente vivo, o currículo expressa a função social das instituições onde está inserido integrando o complexo educacional que está envolto de valores pedagógicos, culturais, contextuais, políticos e econômicos que orbitam sob a égide de teorias, filosofias, concepções, crenças. Como território de disputa, o currículo mobiliza conhecimentos legitimando-os ao tempo que desautoriza outros conhecimentos. A constituição dessa autoridade epistêmica que se impõe nos discursos evocados se desenha em moldes de um currículo que ordena, define e controla prática docentes, processos de ensino-aprendizagem, cultura escolar e trabalho pedagógico da comunidade escolar. A noção estigmatizada de um núcleo rígido, impõe ao currículo a sacralização do sistema escolar, reforçando a noção estática das “grades” curriculares, que prendem e impedem o conhecimento e seu trânsito. Me parece que ao conjecturar essa noção de currículo como âmbito de disputa epistêmica – mas também de componente vívido, atravessado pela cultura – muito temos a pensar sobre como se constitui, ou quais valores éticos, políticos e humanos integram a elaboração curricular de cursos de filosofia. O currículo na formação em filosofia, especialmente no Brasil, mantém afinadíssima compatibilidade com a autoridade canônica e a sedimentação da filosofia europeia e norte-americana como vias curriculares incontestáveis. Desse modo vale a indagação: como transitam curricularmente as filosofias outras, produzidas desde outras territorialidades que não exclusivamente europeias e norte-americanas? Ou ainda, por qual brecha escapolem as Filósofas desse gradeamento que protege o currículo de suas filosofias menores, sensíveis e desprovida de razão? A constituição de um currículo que contemple outras Filosofias, e aqui atentamos para a filosofia produzida por mulheres, só se faz possível na crítica ao cânone. A crítica aqui pressupõe a revisitação à verdades, conceitos e modo da escrita filosófica que nos parece arraigados numa inflexibilidade mórbida. Dessa maneira compreendemos que

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



só podemos alterar o currículo, ampliando as bases de leituras filosóficas com Filósofas, se reconhecermos os limites impostos até então pela ideia estática da canonização e suas verdades e pressupostos filosóficos.

## Palavras-Chave

Currículo. Filósofas. Ensino de Filosofia.



## CURRÍCULOS CRÍTICO E PÓS-CRÍTICO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Angelica Alves Valença De Azevedo

[angelica\\_filosofia@hotmail.com](mailto:angelica_filosofia@hotmail.com)

### Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar o currículo de filosofia no Ensino Médio a partir das abordagens crítica e pós-crítica das teorias de currículo. A primeira questiona as estruturas de poder estabelecidas como base da formação educacional e a segunda, além de endossar a perspectiva Crítica de currículo abraça as dimensões de diversidade cultural de base pós-estruturalista e pós-modernista, que visam desconstruir categorizações históricas que estruturaram as relações de poder, a diferença como desigualdade e a colonização epistemológica eurocêntrica que fundamentou a história da filosofia ocidental. As categorias existentes no currículo devem ser identificadas para haja conscientização de onde o professor quer chegar ao ensinar filosofia no Ensino Médio. Dessa forma, a discussão coletiva em torno do currículo demonstra um campo de disputa, de relações e conflitos existente entre várias linhas ideológicas, progressistas e conservadoras, de defesa de interesses diversos que culminam hoje no Currículo de Competências. Essas disputas serão objeto de análise neste trabalho.

### Palavras-Chave

Currículos crítico. Pós-crítico. Filosofia.



## DE-FORMAR A ESCOLA POLICIAL – DESENTENDIMENTO, IGUALDADE E LIBERDADE

José Marcus Guedes De Araújo  
[josemarcusguedes@gmail.com](mailto:josemarcusguedes@gmail.com)

José Teixeira Neto  
[joseteixeira@uern.br](mailto:joseteixeira@uern.br)

### Resumo

A escola evolui para atender às demandas sociais e econômicas. A sociedade busca cidadãos instruídos, com a escola sendo o local de educação dos alunos. A missão da educação é reconciliar a igualdade declarada com a desigualdade existente, visando uma igualdade futura, embora frequentemente não alcançada. A sociedade-escola é esta simbiose fundamentada na desigualdade. No ambiente escolar, os alunos, embora capazes de seguir as instruções dos professores, são considerados incapazes de compreender os materiais didáticos por si mesmos. Isso perpetua a desigualdade, pois tanto a escola quanto a sociedade dependem de certo nível de igualdade para sustentar a desigualdade, enquanto buscam uma igualdade ideal, nunca alcançada. Segundo Rancière (2002), a escola deve ser percebida como parte de uma ordem policial que sustenta a desigualdade na sociedade e na política. A escola, a sociedade e a política são estas instâncias de espaço-tempo em que se nega o que se pratica e almeja-se o que se ignora: “Era bem isto que Jacotot tinha em mente: a maneira pela qual a Escola e a sociedade infinitamente se simbolizam uma à outra, reproduzindo assim indefinidamente o pressuposto desigualitário, em sua própria denegação”. (Rancière, 2002, p. 13). Desta forma, o presente exercício propõe-se a delinear outra escola possível, ou seja, pensar o escolar como um espaço de desentendimento, em que todos tem fala e podem reivindicar sua participação (parte) para expressar-se como iguais. Nesse sentido, essa outra escola possível pensada a partir do desentendimento, atualiza a forma-escola grega como espaço de igualdade e liberdade (Rancière, 2018). Em outras palavras, a escola e a sociedade, símbolos uma da outra, inseridas e partes de um sistema político, não poderiam ser analisadas separadamente; indistintas uma da outra, são como um ambiente de instrução ou perpetuadoras de desigualdades. O





objetivo do artigo é reforçar o anúncio, o que pode um homem, todos podem (Rancière, 2002). Só há ordem social por que existe um mínimo de igualdade, se o professor explica e o aluno “compreende”, se superiores comandam inferiores é por que há um resquício de igualdade que alimenta essa lógica policial desigualitária: “Sem dúvida, os inferiores obedecem na quase totalidade dos casos. Resta que por aí a ordem social é remetida à sua contingência última. A desigualdade só é, em última instância, possível pela igualdade”. (Rancière, 1996, p. 31).

### Palavras-Chave

Filosofia. Desentendimento. Igualdade.



## DESAFIOS DA AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Lucimery Barboza Freitas

[lucimerybarboza@gmail.com](mailto:lucimerybarboza@gmail.com)

Lidiane Brito Do Nascimento

[lidianevaiagrecia@gmail.com](mailto:lidianevaiagrecia@gmail.com)

Valmir Pereira

[valmir@servidor.uepb.edu.br](mailto:valmir@servidor.uepb.edu.br)

Flavio José De Carvalho

[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as práticas avaliativas no processo ensino-aprendizagem que dificilmente faz parte do processo de formação acadêmica, mas ao mesmo tempo em que cobramos da formação acadêmica essa e outras tantas questões, nós enquanto professores de Filosofia não nos atentamos para o processo de formação continuada, uma vez que é no chão da escola, a qual nos deparamos com as diversas realidades. Para refletir nos amparamos na fundamentação teórica Jacques Rancière em sua obra, O mestre ignorante Cinco lições sobre a emancipação intelectual com o intuito de refletir sobre os caminhos da avaliação. A estrutura escolar exige de nós método específico avaliativo quantitativo, a qual objetividade é o requisito central, já que os exames de ingresso na universidade, vestibulares e concursos públicos utilizam-se desse método. Nosso desafio surge quando buscamos compreender o papel do professor diante do ensino-aprendizagem do chão da escola e suas adversidades ao qual se destacam /aos estudantes. Será que o método quantitativo é o melhor caminho para avaliar o estudante, levando em conta que a avaliação de questões de múltipla escolha pode-se chegar ao resultado utilizando a repetição ou mesmo memorização? E a subjetividade como avaliar? Perguntar o que é a avaliação é um dos possíveis caminhos para compreender essa questão, mas ao perguntarmos o que é avaliação podemos nos perguntar o que é Filosofia.

### Palavras-Chave

Avaliação de Filosofia. Ensino. Emancipação.



## DESAFIOS E POSSIBILIDADES: SOBRE COMO AVALIAMOS OS ALUNOS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Raíssa Santana Dos Santos

[aissa-01@hotmail.com](mailto:aissa-01@hotmail.com)

### Resumo

Em pleno século XXI o sistema educacional Brasileiro ainda segue um modelo tradicional de avaliar no ensino de filosofia, o presente trabalho, tem como objetivo repensar sobre os métodos convencionais que ainda são utilizados para verificar como o aluno conseguiu adquirir determinado conteúdo. Sendo assim, esse relato de experiência ocorreu na Escola Estadual Professor Aladim de Araújo especialmente na disciplina de Filosofia nas turmas do ensino médio. Buscamos analisar como esses critérios convencionais podem tirar o perfil da filosofia em fazer com que os alunos criem suas próprias competências do seu posicionamento. Sendo assim, com base em Cerletti (2009) destacamos que a forma de avaliação na filosofia seja contínua, formativa e diversificada. A apresentação enfatiza a importância de critérios mais transparentes para garantir a igualdade no processo avaliativo. Finalmente, propõe-se uma visão do professor como facilitador do aprendizado, que encoraja a originalidade e a expressão individual dos alunos, preparando-os melhor para os desafios intelectuais do mundo moderno, fugindo um pouco do modelo padronizado. O trabalho está em andamento no projeto de mestrado, justificando a necessidade de uma discussão sobre o processo de avaliação com base nos conteúdos filosóficos, colaborando para uma melhor forma de repensar nas práticas avaliativas.

### Palavras-Chave

Ensino. Avaliação. Disciplina de Filosofia.



## DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE PIERRE HADOT E O EPICURISMO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Juliano José Alcantara De Oliveira

[filosofia.profjuliano@gmail.com](mailto:filosofia.profjuliano@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo objetiva discutir sobre as possíveis contribuições do filósofo Pierre Hadot para a educação dos jovens, dentro de uma perspectiva do ensino da Filosofia no nível do ensino médio. Assinalando para uma perspectiva prática, a ênfase será na importância do papel que a Filosofia desempenha para ajudar no desenvolvimento da reflexão crítica (dos educandos), proporcionando um caminho para a autonomia dos alunos. É notório que nos dias de hoje o crescimento das angústias, inquietações e possíveis crises existenciais estão cada vez mais presentes, e, portanto existe a necessidade dos sujeitos (pessoas de modo geral) voltarem a olhar para dentro de si mesmos, com o objetivo de conhecer-se e avaliar-se. Construir suas próprias perspectivas e metas para as suas vidas. E a partir disso, buscamos aprofundar essas lições hadotianas, com mais subsídio ainda, encontrado no pensamento do filósofo grego Epicuro, pois as lições epicuristas se entrelaçam com os exercícios espirituais de Hadot, proporcionando um diálogo filosófico relevante para ajudar no desenvolvimento da autonomia dos sujeitos pensantes (nesse caso os alunos). Com base no exposto acima, partimos da premissa de que todos os seres humanos são dotados da capacidade de filosofar, e com isso são capazes de exercerem autonomia de pensamento, logo, são capazes de serem sujeitos de si mesmos, conhecendo-se se avaliando e se constituindo conforme suas próprias experiências pessoais forjadas no seu próprio modo de viver. Assim, a pretensão aqui proposta, é investigar em que medida a filosofia de Pierre Hadot pode contribuir para ensino de filosofia no contexto do ensino médio. Assim, nas seções que se seguirão, propomos a análise respectivamente: primeiro uma síntese do pensamento de Pierre Hadot, em segundo sobre o que são os chamados exercícios espirituais, terceiro procuramos apontar as proximidades dos exercícios espirituais de Hadot com as lições do filósofo grego Epicuro, enfatizando um diálogo filosófico relevante entre ambos, contribuindo assim no contexto do ensino de filosofia (como subsídio a mais na discussão) e em quarto



tratamos em que medida tanto as lições dos ‘exercícios espirituais’ de Pierre Hadot quanto às lições do filósofo grego Epicuro podem contribuir para o ensino de filosofia, no contexto do ensino médio, e quais as possíveis implicações dentro dessa perspectiva.

### **Palavras-Chave**

Exercícios espirituais. Lições.



## DIREITO AO FILOSOFAR NO BRASIL: ELEMENTOS PARA UM ENSINO DE FILOSOFIA INTERCULTURAL E INTERSECCIONAL

Amanda Veloso Garcia

[amanda.veloso.garcia@gmail.com](mailto:amanda.veloso.garcia@gmail.com)

### Resumo

Toda concepção de ensino de filosofia carrega como pressuposta uma epistemologia, que determina o que significa conhecer, ensinar, aprender, avaliar, bem como o que é conhecimento válido, que tipo de ser humano se busca formar e o que significa filosofar. Diante disso, esta pesquisa pretende discutir o problema “O que envolve o direito ao filosofar no Brasil?”, com o objetivo de propor bases epistemológicas inclusivas e adequadas à realidade brasileira através de um ensino de filosofia ancorado em uma perspectiva intercultural e interseccional. Inicialmente faremos um panorama geral da discussão sobre o ensino de filosofia no Brasil com foco na pergunta “Docentes e estudantes podem ser filósofos/as/es?”, analisando algumas das principais correntes associadas à defesa do ensino de filosofia no país e de que modo estas se relacionam com a produção do filosofar acerca da realidade brasileira. Em um segundo momento apresentaremos um panorama geral da filosofia no Brasil olhando para a questão “Existem filósofos/as/es no Brasil?” a partir de um viés de gênero, raça e classe, discutindo algumas das principais posições e argumentações. Ao final destas análises, apontaremos alguns desafios e caminhos possíveis para um ensino de filosofia a partir do Brasil articulado a seus problemas e territórios. A filosofia ocidental hegemônica carrega uma concepção de humanidade excludente dos povos originários, afro-brasileiros e das mulheres, grupos fundamentais para compreender os problemas e o pensamento produzido no contexto nacional. Defenderemos que só é possível encontrar a filosofia no Brasil fazendo uma virada epistemológica, que exige ampliar os parâmetros sobre o que entendemos por filosofia e filosofar, o que é consequência de uma visão mais ampla de humanidade. Ou seja, o que está envolvido na discussão acerca do direito ao filosofar é um questionamento sobre a superioridade das ontologias ocidentais hegemônicas diante das ontologias “marginais”, como às dos africanos, afrodescendentes, ameríndios, mulheres, pessoas com deficiências, pessoas LGBTQIAPN+. O direito ao filosofar aqui é entendido não apenas no estímulo ao



filosofar como metodologia, elemento bastante defendido na educação básica e bastante restrito no ensino superior, mas com um ensino que tem sua fonte de filosofar a partir de uma perspectiva intercultural e interseccional sobre as pessoas e os problemas que emergem no cotidiano.

### **Palavras-Chave**

Filosofar. Direitos Humanos. Interseccionalidade.



## DISCUTINDO A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA.

Ronildo Alves De Brito  
[prof.ronildobrito@gmail.com](mailto:prof.ronildobrito@gmail.com)

Flávio José De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Movidos pelo problema do ensinar e aprender Filosofia, desenvolvemos um trabalho de pesquisa voltado para o ensino de Filosofia no contexto do Ensino Médio, no qual os processos de ensino e de aprendizagem dessa disciplina são compreendidos como processos de apropriação filosófica por parte dos sujeitos pedagógicos (professores e estudantes) envolvidos na relação didática da sala de aula, processos também entendidos como movimento de transposição didática (fluxo do saber especializado ao saber ensinado). Esse trabalho investigativo diz respeito a uma pesquisa que realizamos durante os estudos no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFCG), entre os anos 2018 e 2022, cujo objetivo principal foi discutir e apropriar-se do conceito de Transposição Didática do pensador francês Yves Chevallard, buscando compreender tal conceito no âmbito do componente curricular Filosofia nas aulas do Ensino Médio, bem como indicar suas contribuições epistemológicas e didáticas no Ensino de Filosofia a partir das quais pudéssemos elaborar uma proposta de intervenção didática constituída por Sequências Didáticas. Isso posto, buscaremos apresentar os resultados obtidos durante nossa investigação acerca do ensino de Filosofia à luz do conceito da transposição didática. No primeiro momento, dedicaremos a demonstrar os pressupostos epistemológicos e didáticos que o conceito de transposição didática apresenta em torno da constituição dos saberes (especializado, ensinável e ensinado) e das práticas/posturas dos sujeitos pedagógicos nas suas relações com esses saberes no ambiente escolar. Em seguida, apresentaremos as compreensões obtidas sobre o ensino de Filosofia, indicando as contribuições filosóficas e metodológicas desse conceito para as aulas de Filosofia no Ensino Médio, compreendendo a transposição didática como um movimento possível de ser desenvolvido por meio da experiência do pensamento, da vivência da construção do





saber filosófico que pode se efetivar por meio da repetição criativa (movimento de apropriação dos problemas e dos conceitos filosóficos na realidade dos estudantes). E, por fim, apresentaremos a pertinência filosófico-didática de nossas Sequências Didáticas como proposta de intervenção filosófica e metodologicamente criativa para o ensino de Filosofia à luz do conceito de transposição didática.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Transposição Didática. Yves Chevallard.



## EDUCANDO PARA A RAZÃO DE SI E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PERSPECTIVA HEGELIANA.

Helder Francisco Bezerra De Barros  
[helderfranciscobarros@gmail.com](mailto:helderfranciscobarros@gmail.com)

Juan Anderson Ferreira Dos Santos  
[andersonjuan376@gmail.com](mailto:andersonjuan376@gmail.com)

Luiz Fernando Maciel Alves  
[luiz.fernando.maciел.29@gmail.com](mailto:luiz.fernando.maciел.29@gmail.com)

### Resumo

Georg Wilhehn Friedrich Hegel (1770-1831), foi um filósofo muito a frente do seu tempo. Tido como um pensador historicocêntrico, debruçou seus esforços sobre o passado da história da humanidade, da história da filosofia e da história das artes. Hegel era um grande conhecedor de sua época, vivendo intensamente seu tempo, concebendo sua filosofia segundo a qual a natureza, a história e o tempo são momentos em que se dá a realização do homem através da consciência de si, sendo esses momentos tidos como contínuos, chamados por Hegel de dialética. Segundo Hegel, a função na qual deve o filósofo se preocupar é a de traduzir seu tempo em conceitos. Criou seu próprio sistema, no qual apresentava um roteiro que explanava os conceitos fundamentais da ciência. Após abandonar a vida de pastor dedicou-se ao ensino. Foi preceptor privado até chegar a função de diretor e professor de ciências filosóficas no ginásio de Nuremberg. Uma de suas preocupações era o lugar da filosofia no ginásio. Mesmo não tendo escrito diretamente nenhuma obra que tratasse da questão educacional ou do ensino da filosofia, seus escritos procuram tratar das preocupações relativas a essas duas questões, especialmente no que diz respeito a formação do homem. Em seus escritos Hegel defendia que o ensino da filosofia precisa se dar como um ensino enciclopédico, no qual se daria como uma educação universal e uma superação da paideia grega e da humanitas medieval. Para Hegel, aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, por um processo mediado no qual a figura do mestre é a de figura central de mediador, sendo necessário, assim, a passagem do indivíduo pelo processo formativo. Contudo, esse processo formativo se daria por



etapas no qual o indivíduo passaria por fases determinadas, entendidas por Hegel já como uma introdução ao pensamento filosófico, para então adentra ao estudo da filosofia.

### **Palavras-Chave**

Educação. Ensino. Filosofia.



## (EN)CANTAR: ENCONTROS COM MANOEL DE BARROS E MÁRIO QUINTANA EM EXPERIÊNCIAS FILOSÓFICAS COM CRIANÇAS

Cristiane Fátima Silveira

[cristianesilveirapedagogia@gmail.com](mailto:cristianesilveirapedagogia@gmail.com)

### Resumo

“Por que desejar a filosofia em nosso mundo atual?” Esta pergunta, provocada por Kohan, tem me movido a pesquisar, a garimpar gestos movidos pela crença de que esse questionamento derivam de um compromisso com a Educação, com a vida e, sobretudo, com as crianças presentes na Educação Básica. Junto a este compromisso, enquanto professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública da cidade de São João del-Rei/MG, venho pesquisando a relação existente entre a Filosofia, a Educação e a Infância, proposta pioneiramente pelo filósofo norte-americano Matthew Lipman, em seu programa denominado “Filosofia para Crianças (FpC)” e, posteriormente, por Walter Kohan, filósofo argentino, o qual propõe uma composição de experiência conhecida por “Filosofia com Crianças (FcC)”. Em 1969, irrequieto por observar os modos de pensar e agir de seus alunos, Lipman organizou o programa de ensino “FpC” com textos que compreendiam as novelas (a serem lidas com as crianças) e os manuais (de uso dos professores), buscando relacionar práticas educacionais com a filosofia e a infância. A partir de tais premissas, Kohan propôs uma releitura da proposta de Lipman, porém não com a estruturação de um programa, mas, sim, com apontamentos presentes em seus próprios textos, a qual foi denominada “FcC”. Nesses apontamentos, constam os momentos necessários para a composição de uma experiência filosófica, os quais são: “disposição inicial”, “vivência/leitura de um texto”, “problematização do texto”, “escolha de temas/questões”, “diálogo” e “para continuar pensando”. Aproximo-me mais da “FcC” proposta por Kohan e há algum tempo a desenvolvo em sala de aula. Junto a ela, no momento denominado “vivência/leitura do texto”, tenho proposto às crianças uma experiência de filosofar com as poesias dos poetas brasileiros Manoel de Barros e Mário Quintana. Em razão dessa proposta, criei um projeto denominado “(En)cantar: a Filosofia e a Poesia na escola”, no qual além de filosofar junto às crianças, tenho as bases dos pensamentos dos poetas Barros e Quintana como potência nos processos de construção de reflexões



acerca da Infância. Vivo minha prática docente como errante, na “errância com conhecimento de causa do que não se tem, do que não há certeza, do erro que faz inventar” (KOHAN, 2013, p. 14). Em minha errância, o questionamento “O que pode a Filosofia, a Infância e a Poesia?” me move a pesquisar e vivenciar infantilmente práticas filosóficas.

### Palavras-Chave

Filosofia com crianças. Infância. Poesia.



## ENSINAR FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA MULTIEPISTEMOLÓGICA

Valmir Pereira

[valmir@servidor.uepb.edu.br](mailto:valmir@servidor.uepb.edu.br)

### Resumo

Sabe-se que o Ensino de Filosofia no Brasil está fundamentado hegemonicamente nos autores eurocêntricos, em conformidade com o que estabelece o Cânone Filosófico, expressando a ideia de que só existe uma filosofia. Em sentido oposto, este estudo discute e propõe o Ensino de Filosofia com diferentes abordagens, trazendo fontes de diversos lugares para dialogar sobre a mesma temática. Desse modo, nossa proposta de ensinar filosofia, só tem sentido se for multiepistemológica. Um dos exemplos da filosofia eurocêntrica difundida no Brasil é ensinar os mitos a partir daquele continente, desprezando os mitos locais e regionais. Do ponto de vista da nossa proposta, devemos colocar os diferentes mitos para que os estudantes possam comparar o que existe lá e cá e sua riqueza epistemológica. Assim, quando a abordagem se referir a criação do mundo, se a tradição apresenta Zeus, temos Tupã e Oxalá. Quando o tema tratar da sabedoria, a tradição tem Atena e nós temos Sumé e Xangô. Se a tradição apresenta Poseidon como divindade das águas, nós temos Iara e Iemanjá. Nesse preciso sentido e direção, a proposta em tela tem como objetivo trazer outras vozes e outras epistemologias para o Ensino da Filosofia. Esta abordagem vai aos poucos descolonizando o currículo eurocentrado e abrindo novas perspectivas para uma filosofia pluriversal, diminuindo os epistemicídios filosóficos e ao mesmo tempo, ampliando a presença dos saberes dos povos originários e afrodiáspóricos na filosofia ensinada no Brasil. Dessa forma, essa pesquisa desenvolve estudos bibliográficos de filósofos e filósofas brasileiros/as sobre descolonização Curricular, Filosofia Brasileira, Patriarcado, Racismo na Filosofia, Epistemicídio Filosófico e Ancestralidade. Assim, o objetivo central desta proposta é apresentar como essas temáticas podem descolonizar o Ensino de Filosofia no Brasil, promovendo um pensamento mais significativo para os desafios contemporâneos. O resultado do estudo aponta para uma produção em que as temáticas abordadas e discutidas no âmbito da Filosofia Brasileira Contemporânea não excluem os aspectos do pensamento eurocêntrico, mas que no diálogo podem conviver a partir da inserção de outras vozes



e outras filosofias nos currículos. A emergência dessas temáticas é parte da história contemporânea do Brasil, e, portanto, não deve ser negada, mas incluída no processo de formação docente, para que as futuras gerações olhem para frente e pensem desde o Brasil, aqui e agora.

### **Palavras-Chave**

Filosofia Brasileira. Descolonização Curricular.



## ENSINO DE FILOSOFIA E LEITURA DO TEXTO FILOSÓFICO EMANCIPATÓRIA E CRÍTICA NA EJA

Sebastião Silva

[sebastiao filo@gmail.com](mailto:sebastiao filo@gmail.com)

Flávio De Carvalho

[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

O presente trabalho pretende discutir os resultados da pesquisa de mestrado realizada no PROF-FILO Campus UFCG, intitulada Pensando a construção do sujeito-leitor emancipatória e crítica, realizada com alunos/as da EJA da Escola Estadual José Miguel Leão, localizada no distrito de São José da Mata em Campina Grande-PB. Nossos objetivos principais na pesquisa foram realizar uma discussão conceitual sobre a emancipação no ensino de Filosofia e construir uma proposta de ensino e aprendizagem de leitura do texto de filosofia no Ensino Médio que possibilitasse que os/as alunos/as compreendessem os conceitos filosóficos de uma forma emancipada e crítica, ou seja, que pudessem exercer durante a leitura do texto filosófico sua autonomia e protagonismo sem que precisassem recorrer ao/a professor/a explicador/a para intermediar sua relação com os conhecimentos filosóficos. Para tal proposta trabalhamos com as ideias de educação para Emancipação de Jacques Ranciere e o conceito de Cuidado de Si de Michael Foucault. A partir de suas ideias e conceitos somadas a metodologia de Silvio Gallo de uma aprendizagem de filosofia como criação conceitual em que pese a experiência do pensar próprio do sujeito, nos permitiu que realizássemos o processo de intervenção com alunos/as da EJA através das oficinas filosóficas. As oficinas filosóficas possibilitaram que esses sujeitos pedagógicos pudessem vivenciar dos conceitos filosóficos através de uma série de atividades de forma ativa, crítica e criativa, inserindo-se no próprio processo do filosofar de uma maneira interessada e significativa,

### Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Experiência do pensar. EJA.





## ENSINO DE FILOSOFIA E RACISMO COMO PROBLEMA FILOSÓFICO – FANON, MBEMBE E SUELI CARNEIRO

Marinês Barbosa De Oliveira

[marinesdias2@gmail.com](mailto:marinesdias2@gmail.com)

### Resumo

A Lei 10.639/2003 trouxe novos desafios ao ensino de filosofia, exigindo crítica às normas que sempre orientaram a seleção de conteúdos, revelou seu caráter geopolítico e corporalístico e denunciou sua cumplicidade na reprodução do racismo epistêmico e na desumanização de sujeitos racializados. Abordar o racismo como um problema filosófico nas aulas de filosofia tornou-se uma necessidade urgente. Este trabalho examina as contribuições de três filósofos a essa questão: Frantz Fanon, Achille Mbembe e Sueli Carneiro. Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, explora o impacto existencial do racismo sobre os povos colonizados, introduzindo o conceito de Zona do Não-Ser. Nesse espaço de desumanização, os negros são reduzidos a objetos pela opressão colonial. Fanon argumenta que o racismo cria uma divisão ontológica que impede a plena humanidade dos negros, levando-os a internalizar uma identidade fragmentada e alienada. Ele defende a desobediência epistêmica e a luta anticolonial como formas de resistir à opressão. Mbembe, em *Crítica da Razão Negra*, amplia a análise de Fanon ao discutir necropolítica e alterocídio. Ele argumenta que o racismo contemporâneo não apenas desumaniza, mas também justifica a eliminação física e simbólica dos sujeitos racializados. Ele explora como o poder colonial e pós-colonial exerce controle sobre a vida e a morte, relegando certos corpos à condição de descartáveis e enfatiza a necessidade de repensar a filosofia para reconhecer e desafiar as violências estruturais impostas pelo racismo. Carneiro, em *Dispositivo de Racialidade: A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser*, utiliza o conceito foucaultiano de dispositivo, um mecanismo de poder que opera em um campo específico do saber. Ela introduz o dispositivo de racialidade, que usa a cor da pele como estatuto e afirma que este está entrelaçado com dispositivo de sexualidade na definição do Eu hegemônico. Carneiro também emprega a teoria do contrato racial de Charles Mills e os conceitos de ôntico e ontológico de Heidegger em suas reflexões. Fanon, Mbembe e Carneiro oferecem um quadro teórico robusto para entender o



racismo como um problema filosófico, nos convidam a reconsiderar as bases do conhecimento e da existência desafiando as estruturas de poder que sustentam a opressão racial. Ao integrar suas perspectivas, podemos desenvolver um ensino de filosofia que não apenas diagnostique a violência do racismo, mas também proponha caminhos para enfrentá-lo.

### **Palavras-Chave**

Ensino de Filosofia. Racismo Epistêmico. Desafios.



## ENSINO DE FILOSOFIA NAS SÉRIES INICIAIS: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PARA ALÉM DO CURRÍCULO POSTO

Heleny Andrade Nunes  
[helenyandrade@hotmail.com](mailto:helenyandrade@hotmail.com)

### Resumo

Ao analisar o currículo que temos e a relação dele com o ensino fundamental, séries iniciais, busca-se compreender como crianças que não são estimuladas a exercitar sua análise sobre os diferentes contextos que lhes são apresentadas desenvolvem ou não as habilidades de analisar, criticar, criar e inventar. Nesta perspectiva, nos permite refletir sobre o ensino de filosofia e as peculiaridades de cada prática de ensino em que corrobora ou não para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Assim, caminhos para superação das dificuldades encontradas, implica em construir uma escola democrática e de qualidade, compreendida na possibilidade do pensamento crítico e autônomo. Primeiro analisamos a formação docente em filosofia e mais especificamente em uma formação filosófica que discuta a filosofia voltada para ensino de crianças em processo de alfabetização, posteriormente o currículo que temos e que negligencia, mesmo que por vezes, a análise, invenção, e a autonomia, favorecendo ao desenvolvimento de habilidades, por vezes decorativas e reprodutoras de conceitos pré-estabelecidos. Assim sendo, a construção de ideias requer o impacto na própria formação e na prática pedagógica cotidiana em sala de aula, pois compreende-se que só é possível ensinar aquilo que sabemos fazer bem feito. É nessa perspectiva que este trabalho permite compreender o relevância do desenvolvimento das habilidades de criação, invenção e reflexão sobre o mundo que cerca a vida de uma criança, do ensino fundamental, séries iniciais. O pensamento filosófico envolve quem ensina e quem aprende, sendo professora da Educação Básica, venho também mostrar que a minha vivência e de outros professores, são permeadas de desafios e superação, diante de um currículo pré-estabelecido. Indicar, através de uma pesquisa, que um estudo pode trazer possibilidades para o desenvolvimento do pensamento filosófico na educação básica, séries iniciais é corroborar e ampliar o olhar de forma a descortinar os olhares, como uma das vias para a melhoria do ensino, da consciência crítica da realidade social, para a construção de uma escola que permita a eliminação do monopólio, ou seja, privilégio exclusivo para uma minoria que concentra o poder político, econômico e social.

### Palavras-Chave

Filosofia. Currículo. Ensino fundamental.



## ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO DE SANTA MARIA DIANTE DO REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO

Katiuscia Da Costa Espinosa

[katicnosa@gmail.com](mailto:katicnosa@gmail.com)

### Resumo

O Referencial Curricular Gaúcho de 2021, alinhado à Base Nacional Comum Curricular advindo da Reforma do Ensino Médio pela Lei nº 13.415/2017, reduziu o espaço da disciplina de Filosofia no currículo escolar ao primeiro ano do ensino médio e com apenas uma hora/aula por semana. A implementação deste documento vêm ocorrendo desde 2022 nas escolas e, por este motivo, emerge a dúvida de como o ensino de Filosofia está sendo pensado, planejado e organizado pelos/as professores/as de Filosofia, das escolas públicas de Santa Maria do Estado do Rio Grande do Sul (RS), diante desse contexto? A partir de alguns argumentos da filósofa Hannah Arendt, entende-se que a retirada das disciplinas de humanidades priva os/as estudantes de acessar conhecimentos, saberes e princípios que lhes dão sentido e pertença ao mundo, o que prejudica sua formação integral, já amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 e reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2012 no nosso país. Sendo assim, o objetivo é compreender como os professores e as professoras licenciados em Filosofia, das escolas da rede pública de ensino médio de Santa Maria/RS, se posicionam, organizam e planejam suas aulas no cenário de implementação do Referencial Curricular Gaúcho. Para isso, está sendo realizada, junto ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisete M. Tomazetti, uma pesquisa empírica, documental e bibliográfica, de natureza qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e posterior organização e tratamento das informações coletadas conforme a Análise Textual Discursiva proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi (2011). A pesquisa iniciou em 2023 e ressalta-se que está em andamento até a data desta submissão.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Referencial Curricular Gaúcho.



## ENSINO DE FILOSOFIA: ENTRE O EMBARAÇO DA NOVA BNCC E A CRIAÇÃO DE CONCEITOS EM PANFLETOS FILOSÓFICOS

Jose Aparecido De Oliveira Lima  
[aparecido.filosofia@gmail.com](mailto:aparecido.filosofia@gmail.com)

Jose Anderson De Oliveira Lima  
[jose.anderson@professor.educ.al.gov.br](mailto:jose.anderson@professor.educ.al.gov.br)

Jose Airton Albuquerque Torres  
[j.airtontorres@hotmail.com](mailto:j.airtontorres@hotmail.com)

Carlos Artur Costa Rodrigues  
[carlos\\_artur16@hotmail.com](mailto:carlos_artur16@hotmail.com)

### Resumo

Nosso falar tem como objetivo tratar sobre as vivências reais dos sujeitos que tem estado fora dos livros e das didáticas da escola básica de educação. Sejam vivências ofuscadas pela positividade idealista ou suprimidas por habilidades e competências que não reconhecem ou sabem lidar com elas. Não podemos esquecer que as narrativas biográficas se apresentam de verdade nas salas de aulas da vida cotidiana, mas podem estar ocultas das diretrizes da nova BNCC/2018. Enfatizamos a relevância de enxergar as discursividades presentes na sala de aula, pois quando enxergamos quem fala, podemos reconhecer as dificuldades encontradas de quem diz algo. Falamos sobre modos diferentes e descentralizados de olhar para as coisas e para o mundo. Desse modo, aqui, defendemos uma educação, e um ensino de filosofia, não na verticalidade da “esperançosa” BNCC/2018, mas na horizontalidade das discursividades que podem provocar um enxergar sempre renovado e apto a reconstruir-se acerca do modo como lidamos com a maneira de ser-estar no mundo. Questões sobre a vida e sobre o viver da vida, recorrem de nosso pensamento: Quais os embaraços de nosso tempo atual? Se tratando de educação, qual educação? A de habilidades e competências? Essa educação prepara-nos para uma perspectiva mercadológica ou existencial? Ora, questionar o mundo a nossa volta se torna o próprio ato crítico de ser-estar no mundo. Uma filosofia que é pobre em experiências sociais empobrece o conhecimento filosófico, especialmente a maneira de lidar com o modo de vida desses sujeitos sociais.



Esse ir além das regulamentações e dos livros didáticos na educação básica tem a ver com a relação da filosofia com o cotidiano dos estudantes; uma filosofia que olha para as narrativas biográficas desses indivíduos fora dos padrões paradigmáticos; um filosofar que problematiza o modo como pensamos, dizemos e vivemos as privações do dia a dia sem as preocupações com modelos ou guias didáticos, pois o questionar da vida deve ser como um ato de respirar. O olhar para a vida é a imagem marcante que deve ficar no estudante. Quando questionamos, qual educação? Carece, desde já, um olhar para o mundo das experiências, para o modo de pensar, de dizer, de viver dos estudantes, o qual possa levar em conta os hábitos, os costumes, os comportamentos e as crenças presentes em suas identidades sociais. Trataremos desse assunto buscando amparo, sobretudo nos pensamentos subversivos de Michel Foucault (2010).

### **Palavras-Chave**

Ensino médio. Filosofia. BNCC.



## ESCREVER A VIDA, LER O MUNDO: O CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA

Flávio Américo Tonnetti  
[flavio.tonnetti@gmail.com](mailto:flavio.tonnetti@gmail.com)

### Resumo

O trabalho pretende discutir o conceito de escrevivência da escritora Conceição Evaristo como possibilidade pedagógica para a realização de uma escrita conectada com a subjetividade dos estudantes. Derivando, a partir de uma aproximação com uma perspectiva existencialista, a possibilidade de disparar a escritura filosófica como exercício crítico de uma escrita de si. Para tanto, pretende-se aproximar a perspectiva prática da escrita literária, conforme pensada pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, da pedagogia freiriana, em que o esforço de ler a realidade permite ao sujeito, a partir de um pensamento crítico, situar-se politicamente de modo a engendrar uma mudança social. Essa aproximação será cotejada com elementos da filosofia de Sartre e Foucault de modo a formar uma base de articulação possível para que professores de filosofia possam posicionar a escrita filosófica como exercício de uma escrita de si. Buscaremos dar alguns exemplos de aplicação desta abordagem a partir do trabalho docente desempenhado no ensino de filosofia junto a turmas de licenciatura.

### Palavras-Chave

Escrevivência. Escrita filosófica. Didática.



## ESPELEOSOFIAS – NOVAS E ANTIGAS MANEIRAS DE SAIR E DE ENTRAR NAS CAVERNAS

Charles Feitosa

[philo\\_bureau@hotmail.com](mailto:philo_bureau@hotmail.com)

### Resumo

“Espeleosophias” são os estudos em torno da imagem da caverna enquanto um símbolo da condição humana, da busca pela verdade ou da natureza da realidade. O subtítulo *Novas e Antigas maneiras de Sair e de Entrar nas Cavernas* indica que o fio condutor será a discussão da atualidade da alegoria platônica da caverna e suas diferentes representações na filosofia, na literatura e no cinema através da história. A alegoria da caverna é uma imagem que se tornou clichê. Platão usa para falar sobre conhecimento e política. A ideia é que as pessoas estão acorrentadas em uma caverna desde que nascem e só conseguem ver sombras projetadas na parede. Essas sombras são consideradas reais pelos prisioneiros, mas não são a verdadeira realidade. A linha principal de interpretação vê a saída da caverna como o caminho para o conhecimento verdadeiro e para a liberdade; das trevas para a luz, de Platão a Adorno, passando por Descartes, Kant, Hegel, Marx, entre outros. Na literatura e no cinema, a alegoria da caverna tem sido usada para falar sobre temas como alienação, opressão e libertação (em filmes como *Matrix*, *O Show de Truman*, etc). No ensino de filosofia, tanto no nível fundamental como superior, a alegoria da caverna é um paradigma para representar a passagem do não-saber para o saber crítico filosófico. Na filosofia contemporânea, entretanto, ocorrem diversas tentativas de ressignificação da alegoria, tanto apontando para aspectos autoritários supostamente implícitos na filosofia política de Platão, como para novas interpretações da caverna, entendida não mais apenas como prisão, onde reina a ignorância, mas também como um lugar de recolhimento e de acolhimento, um lugar de imaginação e de sabedoria, que pode esconder mistérios e tesouros ainda inauditos. O objetivo do projeto das “Espeleosophias” é, portanto, o de promover uma rediscussão da imagem das cavernas, mostrando que não são apenas lugares de não-saber, mas podem ser também espaços férteis para a ética, a estética e a pedagogia.

### Palavras-Chave

Luz. Sombras. Liberdade. Conhecimento. Pedagogia.





## ESTUDO SOBRE A (IN)VISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES NO CURSO DE FILOSOFIA – LICENCIATURA DA UFSM

Thays De Lima Seiffert  
[thayslimaseiffert@gmail.com](mailto:thayslimaseiffert@gmail.com)

### Resumo

Na história da filosofia, o que foi escrito acerca das mulheres provém de textos escritos por filósofos homens, brancos, heterossexuais e europeus. Essa perspectiva masculina e historicamente consolidada, tem consequências diretas no ensino de filosofia na contemporaneidade, o que parece demonstrar a invisibilização das mulheres nos currículos universitários. Num lugar de recusa a esses pensamentos acerca da mulher que as colocam em uma posição distante do fazer filosófico, e ao refletir sobre a necessidade de se repensar o ensino de filosofia no ensino superior, mais especificamente, em relação à formação de professoras e professores de filosofia, é onde urge a sustentação inicial para a presente problematização. A temática de gênero provocou a investigar como esse tema acerca da questão da mulher aparece no Curso de Filosofia - Licenciatura, da UFSM, bem como em seus documentos e nas narrativas de suas alunas e ex-alunas. Ao mesmo tempo em que se busca recuperar um certo panorama histórico do Curso, e da história da filosofia a partir de um viés feminino, intento problematizar os efeitos que o estudo ou não de tais temáticas produzem. Ao questionar a narrativa histórica, social e política consolidada, busco contribuir na reflexão de gênero para o campo educacional e para o ensino de filosofia. Onde, nas raízes do processo de construção do Curso, será possível compreender como (e se) se deram as práticas herdadas, que produzem professoras/es a partir da história do pensamento filosófico ocidental. Para isso é necessário dar vida à problematização acerca da emergência de conhecer e falar de filósofas como sujeitos visivelmente apagadas dessa história. E enfatizar a falta da principal tarefa matricial da filosofia, que é ter experiências com o filosofar. Considerando isso, percebe-se a importância de desenvolver uma crítica acerca da hegemonia masculina no campo filosófico, que ainda hoje continua socialmente dominante e aparece nas diversas formas de ensinar e aprender filosofia. A contínua existência dessa hegemonia me conduziu à escolha do termo '(in)visibilização' no título, na medida em que refere-se à ausência das mulheres



nesse campo, ao mesmo tempo em que coloca em destaque a importância e emergência de pesquisar e falar sobre essa ausência. Dessa forma, ao utilizar esse duplo sentido da palavra, conduzo às possibilidades de repensar as práticas formativas que se deram/dão no Curso referido.

### **Palavras-Chave**

Ensino de Filosofia. Formação. Mulheres.



## EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E EPICURISMO: O CARÁTER EMANCIPATÓRIO DA FILOSOFIA COMO UM MODO DE VIDA.

Antonio Julio Garcia Freire

[antoniojulio@uern.br](mailto:antoniojulio@uern.br)

### Resumo

Esta comunicação pretende abordar os desafios epistemológicos e metodológicos que os professores enfrentam ao ensinar filosofia antiga na educação superior, sob a perspectiva de um processo de ensino e aprendizagem de caráter emancipador. Serão considerados os aspectos que envolvem a complexidade do ensino da filosofia antiga, especialmente a filosofia helenística, a qual compreende uma ampla variedade de objetivos educacionais, recortes históricos, clareza conceitual e epistemológica. No que diz respeito à emancipação intelectual dos sujeitos, destaca-se a importância de refletir sobre os fundamentos teórico-práticos da formação filosófica a partir de uma concepção de filosofia baseada nos exercícios espirituais propostos por Pierre Hadot, que ao articular essa noção com o pensamento das escolas filosóficas da antiguidade – principalmente o estoicismo e o epicurismo - concebe a filosofia como uma terapêutica e um modo de vida para lidar com a infelicidade dos homens e os temores vãos. Como divulgação de um Projeto de Iniciação Científica em andamento, a abordagem da investigação está fundamentada por duas concepções que se articulam: a tese da filosofia como um modo de vida, conforme proposta por Hadot, e a compreensão de aspectos do epicurismo de Lucrecio (séc. I a.C.) como sustentação e defesa desse modo de vida. Nesse sentido, serão desenvolvidas principalmente, mas não exclusivamente, as noções de anima e animus nesse epicurista romano, e como tais conceitos se articulam com a perspectiva hadotiana.

### Palavras-Chave

Exercícios espirituais. Hadot. Lucrecio.



## FAZER CINEMA, PARTILHAR O SENSÍVEL: PENSANDO O MOVIMENTO CINEMATográfico NA EDUCAÇÃO

Thiago Da Silva Barbosa  
[thiago.sbarbosa@ufpe.br](mailto:thiago.sbarbosa@ufpe.br)

### Resumo

O texto que se tece nas linhas a seguir pensa a experiência do cinema nas aulas de História a partir de algumas ideias dos pensadores Gilles Deleuze, Jorge Larrosa e Jacques Rancière. Abordaremos a obra fílmica como bloco de duração/ movimento, pleno de ideias [de cinema] (Deleuze, 1999). Também como experiência estética, ato político de “partilha do sensível” (Rancière, 2005), abertura que demanda novos modos de fazer e sentir o mundo, posicionando a noção de arte – também de ensino [de História] – como algo que se relacione à vida, e de estética como regime onde se articulam diferentes “maneiras de fazer” e “formas de visibilidade” (Rancière, 2005, p. 13). Imersos nesse gigantesco universo de estímulos visuais e sonoros, ante a imensidão cotidiana de informações – entre as quais se inserem os conteúdos curriculares quando tomados de maneira meramente utilitária, como uma espécie de cartilha, ou de lista pré-programável, como se autossuficientes fossem ao processo de construção do conhecimento no âmbito da escola e fora dela – nossa sugestão é que o cinema, em sua potência de subjetivação pela criação em imagens, seja uma pausa para dar a ver imagens outras, que interfiram na paisagem, deem a ver os espaços que habitamos a partir das relações que estabelecemos com o mundo à nossa volta, com o outros, inscrevendo nossos corpos no filme que vemos e fazemos. É por este viés que propomos a introdução do cinema no ato de ensinar: pela experiência de abertura do indivíduo, como marca ou tremor de algo que passa (Larrosa, 2022) e que, talvez possa ser expresso em imagens de cinema; como possibilidade de transformação do já conhecido e de si mesmo, e caminho possível para uma prática do ensinar que abra horizontes, expanda os sentidos, possibilite o conhecimento pelo sentir, que nos dê a ver outras imagens, criando e recriando, a partir do cotidiano, imagens que ainda não existem.

### Palavras-Chave

Cinema. Educação. Experiência.



## FILOSOFANDO COM LUDICIDADE

Simone Gomes

[simonedamast@gmail.com](mailto:simonedamast@gmail.com)

Flávio De Carvalho

[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

O seguinte trabalho é o resultado de uma pesquisa que tem como título *Filosofando com Ludicidade do desencanto ao encanto filosófico* que foi realizada no PROF-FILO da UFCG, que teve como objetivos discutir conceitos como ludicidade, e construir uma intervenção filosófico-pedagógica que teve como público-alvo alunos e alunas de uma escola privada dos anos finais do ensino fundamental 6º e 7ºanos. Todo nosso esforço de pesquisa buscou promover o encantamento filosófico, e foi comprovado que a incorporação de elementos lúdicos pode realmente tornar o processo de aprendizagem de Filosofia mais envolvente e eficaz, incentivando o pensamento crítico e estimulando a criatividade desde tenra idade. Uma das abordagens trabalhadas proposta pelo programa de Filosofia para Crianças de Mathew Lipman oferece uma base sólida para esse tipo de ensino, enfatizando a importância de estimular o movimento do pensar desde cedo. Ao utilizar recursos lúdicos, como jogos e atividades criativas, ofertamos enquanto media-dores/as um ambiente propício para o desenvolvimento do pensamento filosófico, ao mesmo tempo em que tornamos o processo educacional mais acessível e atraente para os estudantes. A proposta de intervenção filosófico-pedagógica vivenciada trata-se de uma metodologia didático-pedagógica que envolve a construção de jogos em quatro etapas dando ênfase na criatividade e no desenvolvimento progressivo do conhecimento filosófico através da ludicidade, tendo em vista que isso é crucial para garantir que os alunos e alunas possam realmente se envolver e aprender de maneira significativa. Desse modo esta pesquisa quer contribuir de forma significativa para a compreensão de como o ensino da Filosofia pode ser adaptado e aprimorado para atender às necessidades e interesses das crianças, promovendo assim o encantamento filosófico desde cedo.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Ludicidade. Encantamento.



## FILOSOFAR E A SALA DE AULA :A REDESCRIÇÃO COMO ABORDAGEM FILOSÓFICA NO ENSINO PRE UNIVERSITARIO

Pablo Andrey Da Silva Santana

[pablosempre@outlook.com](mailto:pablosempre@outlook.com)

### Resumo

Mediante a reforma no ensino médio o estudo visa analisar as possibilidades do ensino e em especial o ensino de filosofia e sua viabilidade dentro da do ensino pre universitário Brasileiro . O Ensino enquanto etapa final da educação básica, tem nas suas funções além do desafio a prerrogativa de consolidar o aprofundamento na formação do educando possibilitando os mesmos possibilidades de adquirir habilidades para o trabalho e para a cidadania, assim deve oferecer condições para uma formação ética e autônoma, além de capacitá-lo a compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos. Tal prerrogativa da ênfase ao grande papel que a Filosofia possui, pois em algumas das diretrizes estabelecidas para o Médio O do Ensino Médio O ponto de partida a proposta teórica de Richard Rorty (2008) que aponta uma Redescrição como proposta metodológica para a filosofia reelaborar sua atuação dentro do novo contexto educacional. A dimensão do trabalho é traçar um processo metodológico que por ventura aproprie o aluno na prática do Filosofar o fazendo ir de encontro com a prática do livre pensar com o objetivo de retirar o caráter passivo do aprendizado para um caráter reflexivo e provocativo com o objetivo de apropriar o fazer filosófico. O estudo compreende que a sala de aula é o espaço propício para dimensionar a práxis filosófica com a realidade social e fazer uma educação transformadora contribuindo com a formação do sujeito e o levando a entender seu papel dentro da sua própria formação e produção de conhecimento

### Palavras-Chave

Redescrição. Filosofar. Ensino.



## FILOSOFIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO ANTIRACISTA: PERSPECTIVAS PARA O ENSINAR A FILOSOFAR

Bruno Cardoso De Menezes Bahia

[brunobahia@ufrj.br](mailto:brunobahia@ufrj.br)

### Resumo

Tradicionalmente, as atividades docentes de Filosofia no Ensino Médio são pautadas em filósofos e filosofias eurocêntricas que nos são exaustivamente trabalhadas nos cursos de licenciatura. A realidade dos estudantes brasileiros, em sua mais diversa pluralidade, muitas vezes se distancia dos problemas levantados pelo cânone acadêmico. Acreditamos, nesse ínterim, que reflexões realizadas a partir da realidade discente seja um primeiro passo de aproximação do estudante com a filosofia e também o desenvolvimento de uma visão crítica de sua realidade. Para tanto, propomos que tradições filosóficas não eurocêntricas também sejam contempladas para que se possa vislumbrar essa realidade distante do velho mundo. A partir do giro epistêmico decolonial, principalmente em relação a um ensino de filosofia que não se pautem em teorias cristalizadas que reafirmem o caráter colonial da educação e da filosofia, pensamos em trazer outros olhares que possam dialogar diretamente com o contexto cultural, social, econômico, ético, estético e político desses estudantes. A identificação dessas filosofias como produto de um pensamento crítico que também pode ser desenvolvido por eles, permite que o conhecimento e a autonomia cidadã se desenvolvam mais facilmente. Neste sentido, defendemos que esse processo possa gerar condições de uma educação antirracista dentro e fora da escola, uma vez que a racialização da pluralidade de grupos que convivem e interagem em nossas sociedades possa ser amenizada, quiçá neutralizadas, com a conscientização e problematização da não hierarquização das culturas, ideia introjetada pela colonialidade presente na exploração territorial e humana pelas sociedades europeias modernas. Por fim, propomos determinados filósofos e filosofias que possam auxiliar nesse processo de uma filosofia da libertação, não somente para os alunos da educação básica, mas também para a formação de professores no nível superior em suas licenciaturas.

### Palavras-Chave

Filosofar. Decolonialidade. Antirracismo.



## FILOSOFIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Rones Aureliano De Sousa

[rones@ufu.br](mailto:rones@ufu.br)

### Resumo

O ensino de Filosofia na Educação Básica no Brasil, sem dúvida, sempre foi e ainda é um grande desafio, especialmente no Ensino Fundamental, uma vez que, os documentos oficiais trazem diretrizes exclusivamente para o Ensino Médio. Esse é um dos motivos que levam muitas pessoas a se perguntarem se a Filosofia pode ser ensinada no Ensino Fundamental. Dessa forma, foi preciso que as instituições que se dispuseram a implantar Filosofia nesta modalidade de ensino elaborassem um currículo e metodologias próprias. Um fator que merece destaque nesta reflexão é que o Brasil, por não possuir uma tradição filosófica, se espelhou totalmente na cultura europeia, deixando de lado várias outras culturas, tais como a brasileira, indígena e latino-americana. O caminho, além de longo é desafiador e, como mostram autores como Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Wanderson Flor do Nascimento e Renato Nogueira, grandes defensores de uma sociedade antirracista, há dificuldades estruturais a serem enfrentadas. O caminho fica ainda mais desafiador, sobretudo, quando trazemos para a discussão se o ensino de Filosofia, desde os primeiros anos do ensino básico, pode contribuir para uma educação não discriminatória, antirracista e que valoriza a diversidade. De acordo com Nascimento (2012), há muitos anos, os movimentos sociais de combate ao racismo têm insistido na necessidade de ressignificar as imagens difundidas das populações africanas - e de seus descendentes - como intelectualmente inferiores, trazendo elementos que desmistifiquem a presença da população negra em nosso país. Desde 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 26-A), determina que em todo o currículo dos ensinos fundamental e médio brasileiros estejam presentes conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, em todos os componentes curriculares incluindo, dessa forma, a Filosofia. A relevância desse trabalho se apresenta em diversos aspectos e um deles é porque destaca os desafios e conquistas daqueles que foram pioneiros na implantação de uma disciplina considerada, por muitos, demasiadamente abstrata para ser ensinada na infância e pré-adolescência. O objetivo deste trabalho é desenvolver possibilidades





metodológicas e de conteúdos curriculares de filosofia para uma educação filosófica antirracista acessível às crianças e adolescentes para que desenvolva nelas o caráter crítico para que as mesmas possam construir com uma sociedade mais ética, tolerante, justa e menos preconceituosa.

### **Palavras-Chave**

Ensino de Filosofia. Educação Antirracista.



## FILOSOFIA PRÉ-UNIVERSITÁRIA COMO LOCUS DA MUDANÇA DA PERSPECTIVA EDUCATIVA GLOBAL

Karen Franklin

[karenfranklin@ufpr.br](mailto:karenfranklin@ufpr.br)

### Resumo

A educação tem sido um dos principais pontos de discussão para a transformação social comprometida com o futuro das sociedades democráticas. Sob a perspectiva de Martha Nussbaum as humanidades, cada vez mais desprestigiadas em sistemas educacionais que visam o desenvolvimento econômico, estão em perigo e comprometem aspectos importantes da formação humana. Os educadores, Dennis Shirley e Andy Hargreaves, indicam que após a pandemia de covid 19 o mundo teve que enfrentar situações que já vinham preocupando educadores, como a desmotivação de estudantes com sua própria formação. A era do desempenho parece ter chegado a seu esgotamento e abriu uma fenda para a necessidade de se pensar em era do engajamento, bem-estar e identidade. Dentre as diferentes perspectivas abordadas, o lugar indicado para algumas mudanças de percurso são os ambientes escolares, especialmente o ensino fundamental e médio. Dentre as possibilidades a iniciação e educação filosófica pode se mostrar uma possibilidade. Pensar em como é possível desenvolver o pensamento, discursos e ações que acolhem os processos democráticos se torna uma função de filósofos e educadores. Buscamos aqui delinear algumas possibilidades para contribuir para o debate educacional e de fomento ao pensamento crítico, engajado e comprometido com o desenvolvimento humano de forma global. Nossa interlocução com diferentes pensadores busca evidenciar como os episódios globais de 2020 (pandemia covid19; eventos climáticos; conflitos bélicos) parecem ser decisivos para que se efetive uma nova postura diante do pensamento sobre a formação humana local e global. Essa postura pode passar por um redirecionamento e enfrentamento conceitual sobre o tipo de cidadão que prevalecerá no século XXI na consolidação de sociedades democráticas, bem como sua motivação para enfrentar e desenvolver ações capazes de mudanças profundas nas sociedades.

### Palavras-Chave

Iniciação filosófica. Educação global. Engajamento.



## FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E GÊNERO: PROMOÇÃO DA IGUALDADE E RESPEITO À DIVERSIDADE

Adenaide Amorim Lima  
[adenaideamorim@gmail.com](mailto:adenaideamorim@gmail.com)

### Resumo

O que é gênero? De acordo com Márcia Tiburi, gênero é uma palavra em disputa: feministas e antifeministas disputa o conceito de gênero. Mas, quais as possibilidades de se trabalhar a questão gênero no ensino de filosofia do ensino médio? Neste texto, apresentamos a perspectiva de dois autores: Alicia Puleo e Ediovani Gaboardi. De acordo com Alicia Puleo, existem quatro possibilidades para se trabalhar a questão de gênero na filosofia: genealogia e desconstrução; constituição de um corpus filosófico não-sexista; reconhecimento das filósofas e debates internos que mostram a força do pensamento feminista no âmbito da filosofia. A genealogia e desconstrução, foco dos estudos de Puleo, consiste em, a partir do discurso filosófico existente, analisá-lo para desconstruí-lo, seguindo a sua genealogia. Inserir filósofas no plano de aula ou resgatar o lugar da mulher na história da filosofia parece ser relativamente fácil. Mas, como trabalhar a desconstrução de gênero? Ediovani Gaboardi aponta saídas possíveis, porém, não muito fáceis. De acordo com o autor, a diversidade de gênero não parece ser um assunto a ser tratado nas aulas de filosofia, entretanto, ao mencionar o artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, ele se lembra de três princípios que orientam o ensino médio: a estética da sensibilidade, a política da igualdade e a ética da identidade. A estética da sensibilidade deve ajudar o aluno a fazer da sua sexualidade e da sua imaginação um exercício de liberdade responsável; A política da igualdade deve combater todas as formas discriminatórias; E a ética da identidade deve estimular o aluno a praticar o humanismo contemporâneo, pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro. Embora as famílias tenham o direito de educar os filhos a partir dos valores e das concepções que consideram melhores, esses elementos não podem ser opostos aos princípios do Estado democrático. Ediovani Gaboardi recomenda ao professor de filosofia trabalhar em conjunto com outras disciplinas. Talvez a maioria dessas informações não seja da alçada da filosofia, mas sem ela o debate talvez não possa prosseguir. Outro passo

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



estritamente filosófico é o do exercício crítico, aplicado diretamente sobre as teses que pretendem demonstrar a obrigatoriedade da correlação direta entre sexo biológico e identidade de gênero.

## Palavras-Chave

Educação. Ensino de Filosofia. Gênero.



## IMPROVISO E PREPARO: ANDANÇAS (IM)POSSÍVEIS DE FILOSOFIAS COM CRIANÇAS NA LATINO AMÉRICA

Robson Roberto Martis Lins  
[robsonlins.uerj.philo@gmail.com](mailto:robsonlins.uerj.philo@gmail.com)

### Resumo

A partir de uma relação própria ou, quiçá, de uma dinâmica de forças não dicotômicas, mas de contingências retroalimentares, pretendemos abordar o exercício de pensar a experiência e experienciar o pensamento a partir das disposições conceitualizadas pelo filósofo Walter O. Kohan. Deste modo, este trabalho pretende ser, sobretudo, um convite ao iniciar constante, a andanças que não buscam pontos de parada e, em lugar deles, como propõe o Subcomandante Marcos: caminhamos não para chegar à terra prometida, e sim porque caminhar é, em si mesmo, revolucionário. Neste sentido, trataremos da apresentação da experiência de Filosofia com Crianças desenvolvida em três escolas no Estado de Boyacá, Colômbia; em um espaço educacional em Montevidéu, Uruguai; e em cinco escolas distribuídas pelo Estado do Rio de Janeiro, Brasil; além de outros espaços de formação e prática de Filosofia com Crianças junto a discentes e/ou docentes pela América Latina, promovidas pelo núcleo de estudos da universidade pública [nome oculto para imparcialidade da comissão de avaliação]. Nas experiências supracitadas, percebemos que pensar e praticar a Filosofia com Crianças ultrapassa a ideia de um ensino de um saber, mas que, além disso, também mobiliza a própria ideia estrutural do que significa pensar-fazer filosofia. Essa contribuição da reformulação que a Filosofia com Crianças, especialmente na América Latina, está umbilicalmente relacionada com o conceito de Improvismo. Deste modo, o que significa estar preparado? O que o presente trabalho pretende evidenciar são os modos como a infância produz improvisos necessários para experimentar as filosofias emanantes das infinitas diferenças reveladas pelos corpos escolares. E são, justamente, nos corpos escolares onde o planejamento, espectro tão presente na durante a formação docente, aparenta mover-se, a partir da Filosofia com Crianças, e dar lugar ao preparo. O que significa preparar-se para dar conta ao (im)possível? Ao desconhecido? Preparar-se a filosofar? Assim passamos a compreender a Filosofia com Crianças a partir de um dos seus requisitos, o improviso.

### Palavras-Chave

Improviso. Infância. Filosofia.



## INFÂNCIAS, FILOSOFIA PARA/COM CRIANÇAS E ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Vitória Albert Sauzem  
[vitoriasauzem@hotmail.com](mailto:vitoriasauzem@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho é parte de uma dissertação de mestrado, em desenvolvimento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria e tem como tema central a filosofia para/com crianças. Durante o desenvolvimento da história da filosofia, nem sempre foi atribuído às crianças e às infâncias um papel relevante. Tradicionalmente colocadas fora do âmbito da filosofia e compreendidas como seres desprovidos da palavra, que ocupam um lugar de inferioridade em relação aos adultos, falar da possibilidade de encontros entre filosofia, infâncias e crianças marcava uma relação suspeita e em muitos casos até de resistência: Seriam, pois, as crianças capazes de filosofar? A partir da criação do Programa de Filosofia para Crianças (PFpC) pelo professor Matthew Lipman, no final da década de 1960, as crianças e as infâncias ganharam maior destaque nessa discussão e a sua relação com a filosofia passou a se modificar. Com a expansão do PFpC surgiram inúmeros desafios teóricos, metodológicos e político-institucionais. As tentativas de superação e de adequação do Programa às especificidades de cada contexto deram origem a outras propostas, como é o caso, no Brasil, do Programa Filosofia com Crianças, desenvolvido pelo professor Walter Kohan. Destaca-se que ambas as abordagens, e respectivos programas, contribuíram para o pensar sobre as relações entre infâncias, educação e filosofia no Brasil. Nossa investigação tem como um de seus objetivos compreender como a presença da filosofia na escola de ensino fundamental contribui para a formação filosófica das crianças e assim legitima a participação destas como produtoras de saber filosófico. Para alcançá-lo foi realizada uma revisão sistemática de literatura que compreende o período de 2017, quando houve a homologação dos documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino fundamental, a 2023, em duas bases de dados distintas, a saber, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o acervo de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



resultados iniciais desta investigação sugerem que há uma grande e crescente produção acerca dos diálogos entre filosofia e infâncias na escola. O detalhamento dos resultados será objeto do texto a ser apresentado no XX Encontro Nacional da ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia.

## Palavras-Chave

Infâncias. Filosofia para/com crianças. Escola.



## INTERDISCIPLINARIDADE E ENSINO DE FILOSOFIA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS ACADÊMICAS

Jonathan Braz De Souza

[jonathan.braz@unesp.br](mailto:jonathan.braz@unesp.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é questionar qual o papel da Interdisciplinaridade dentro do ensino de Filosofia universitário, de modo a investigar quais práticas a sustentam e qual a relação de ensinar e aprender nos cursos de graduação em Filosofia no Brasil ao que concerne às questões voltadas à Interdisciplinaridade? Tal questão possui a sua relevância pois contém o intuito de problematizar o processo formativo, principalmente, ao que envolve o curso de Filosofia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). O curso de Filosofia da UNESP, campus de Marília, contém em sua graduação duas abordagens que parecem manifestar dois modos de lidar e proceder com a Filosofia. De um lado, a abordagem histórico-filosófica, com um teor aprofundado dentro da História da Filosofia e nos grandes clássicos da Filosofia. Do outro lado, a abordagem temática que se afasta da História da Filosofia, de modo a tratar de temas e problemas no âmbito da Filosofia e que, em sua relação com outras áreas do saber, caracteriza-se por um viés temático interdisciplinar. Apesar dessa bipartição, o enfoque deste trabalho atuará dentro das práticas de ensinar e aprender Filosofia a partir da perspectiva temática interdisciplinar, de modo a compreender até que ponto essa abordagem revela-se discrepante do modo histórico. O que está sendo compreendido por Interdisciplinaridade? Quais os pressupostos que sustentam essa abordagem filosófica? Quais práticas operam dentro do cotidiano universitário? Tais questões visam dar luz acerca do processo formativo dentro da UNESP, com o objetivo de problematizar essa abordagem e refletir sobre seus impactos e ressonâncias dentro do processo de formação do discente em Filosofia.

### Palavras-Chave

Interdisciplinaridade. Ensino de Filosofia. UNESP.





## JOGO DA VIRTUDE

Erivelton Rangel Izaias  
[eriveltonizaias@gmail.com](mailto:eriveltonizaias@gmail.com)

### Resumo

Apresentação de um jogo didático como suporte às minhas aulas de Filosofia Prática. Tal jogo terá inspiração em noções clássicas de ética, moral e virtude, buscando colocar o aluno no debate e na experiência com o raciocínio que fundamenta a ação equilibrada. O objetivo geral deste trabalho é retomar a ideia da escola como espaço de construção do bem agir, inspirado na ideia aristotélica de possibilidade de ensinar a virtude para formação do cidadão. O jogo é inspirado no conhecido Jogo da Vida, onde os participantes tomam decisões de acordo com cada jogada. Projetamos um jogo em formato de tabuleiro, com uma versão virtual, que facilite a interação com os meios tecnológicos disponíveis. O objetivo do jogo é o fomento ao exercício mental a partir de alguns conceitos para que o estudante possa ter uma noção mais dialógica e realista das aplicações conceituais, ao transpor as lições teorizadas para sua dimensão prática, desenvolvendo-se assim ferramentas para tomada de decisões críticas em seu cotidiano através do mimetismo do jogo. Trata-se de uma espécie de tabuleiro com jogo em turno (cada participante terá a sua vez à possibilidade de jogada), com desafios baseados em perguntas e respostas, que levam às consequências mais ou menos acertadas. O raciocínio lógico e a ação virtuosa serão a chave de saída para o jogo. A ideia de ensinar a virtude parece hoje como algo utópico ou distante do meio escolar e isso se dá pela frequente ideia de que a ética e a moral, assim como as ações, participam do aspecto opinativo e privado de cada família, grupo ou indivíduo. Desta forma, um jogo poderá servir como ferramenta que aproximará os alunos dos conteúdos e parâmetros requeridos na LDB para as aulas de Filosofia.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Ética. Filosofia Prática.



## LUTA ANTIRRACISTA E ENSINO DE FILOSOFIA

Gabriele Teixeira De Abreu

[gabiabreu.ufc@gmail.com](mailto:gabiabreu.ufc@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho busca pensar o papel do ensino de filosofia diante de todas as lutas que se apresentam na sociedade e se fazem tão urgentes. Lutas por justiça, democracia e respeito aos direitos, mas com destaque, neste momento para a luta antirracista na escola, e o motivo deste recorte é pela amplitude de cada tema que envolve diversas questões que precisam ser pautadas cuidadosamente e com a insistência de uma luta pela vida, porque é disso que se trata quando falamos luta antirracista, é pelo direito de viver. Várias questões surgem e se insurgem ao pensar no problema do racismo e de como a questão é trabalhada na escola, bem como, a relação do ensino de filosofia com a causa, a saber: O que pode a filosofia diante disso? O que pode a filosofia na escola? Qual filosofia estamos fazendo e para quem? Qual o papel da filosofia? Como resistir aos afetos tristes que nos tiram a potência de ação para resistir, lutar, criar na educação? Como podemos construir caminhos possíveis para a criação de práticas de resistência e luta, insistindo na mudança do atual cenário e escrever o novo para um povo por vir. E diante destas questões, sobretudo pensando o conceito de resistência, a questão desse estudo: O que a filosofia e seu ensino têm a ver com o problema do racismo? Este é um problema que atravessa todas as relações e perpassa o espaço escolar de diversas maneiras, portanto precisa ser pauta de debate e ação neste espaço onde a sociedade semeia ideias numa imensa teia dessas milhares de vidas que se conectam. Por isso, falamos aqui da filosofia na escola, reafirmando sua necessidade e importância, e também para demarcar bem este lugar que ainda é ameaçado pelos poderes hegemônicos, mas uma filosofia que não se separa da vida, portanto não silencia diante dos problemas. E pensamos a partir da perspectiva da filosofia da diferença, pensando com filósofos como Deleuze, Guattari, Foucault, Fanon, Mbembe, dialogando com filósofas como Lélia Gonzalez, Bell Hooks e Angela Davis.

### Palavras-Chave

Luta antirracista. Filosofia. Escola.



## MARILENA CHAUI PROFESSORA: A AUTORIDADE CONTRA O AUTORITARISMO

Bárbara Romeika Rodrigues Marques  
[roma.barbara.roma@gmail.com](mailto:roma.barbara.roma@gmail.com)

### Resumo

Considerando a trajetória de mais de quatro décadas de dedicação ao ensino de Filosofia da professora Marilena Chaui (Pindorama/SP, 1941), esta comunicação propõe defender a realização docente como fundamental à experiência filosófica. A partir dos depoimentos de ex-alunos/as, das entrevistas, conferências e escritos de Chaui sobre Educação, busca uma composição didática posta entre a defesa da emancipação intelectual e o enfrentamento à barbárie da irreflexão. O objetivo está em ilustrar uma forma de ensinar Filosofia a partir da qual seja possível reafirmar o elo entre o singular e o plural da expressão. Discute aspectos da relação docente-discente que possibilitem instigar a atividade filosófica para, então, indagar em que medida o trabalho de ensino em Marilena Chaui tece o compromisso em coadunar o instituído e o instituinte com vistas à pluralidade. Situa a escolha desta professora por trabalhar nas aulas um conjunto de autores como Merleau-Ponty, sobretudo na obra “Humanismo e terror”, Espinosa do “Tratado Teológico-Político”, Sartre da “Questão de método” ou o Montaigne da reflexão sobre a tortura e a crueldade – interlocuções conceituais elencadas para explorar aquilo que Chaui destaca como o tema recorrente de sua docência, a saber: as múltiplas formas do autoritarismo. Ao legitimar a possibilidade enunciativa de modo a espalhar, ao mesmo tempo, o enunciado e a chance de enunciar, a intenção da partilha filosófica é a condição basilar das aulas de Marilena Chaui. Desse modo, o elemento estruturador do ensino, em Chaui, constitui o esforço por dinamizar uma seta que não apontará exclusivamente para um suposto falante autorizado e, portanto, não se dará em univocidade, mas que responderá à transformação do conhecimento para que atinja, retorne e seja continuada simetricamente pelo inédito humano. Da trajetória docente em Chaui como obra reverberada na pluralidade, e da partilha filosófica como contraponto à barbárie autoritária, esta comunicação propõe, por fim, a consideração da autoridade docente como indispensável à manutenção do elo entre o singular e o plural da expressão.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Marilena Chaui. Autoridade.



## MAUD MANNONI E A INSTITUIÇÃO EXPLODIDA COMO ATO CRIATIVO

Debora Klippel Fofano

[debora.fofano@prof.ce.gov.br](mailto:debora.fofano@prof.ce.gov.br)

### Resumo

Na medida em que Lacan se esforçou para driblar os efeitos de mestria embutidos em toda instituição, repercutiu a ideia de que os grupos precisam se dissolver de tempos em tempos, para evitar o efeito de cola e identificação. Isso parece estar no horizonte que anima a ideia de Instituição Explodida e dela que pretendo apresentar as investigações orientadas por Maud Mannoni. O estouro da instituição foi pensado para que se evitem exatamente os artifícios ideológicos da experiência cotidiana que demove educação em torno dos discursos de mestria e universitário. Em 1973 ela publicou o livro Educação Impossível, Mannoni pensa a partir daí uma crítica radical às instituições e à escola tradicional, mas se recusa a cair na cilada da falta de acesso ao conhecimento, fechando os olhos para as demandas de tantos sujeitos excluídos em nossa sociedade, por não terem um lugar para viver. Assim, ela retoma a noção que define como “instituição estourada”, para construir uma crítica ao peso da rotina administrativa que tende a criar uma situação que torna impossível toda dialética. Ao preservar os sujeitos da institucionalização, o estouro da instituição permite sua própria negação, o que a torna aberta para funcionar a partir de critérios novos, quando a institucionalização de uma rotina passa a ameaçar a liberdade de ser e viver. Nesse tipo de lugar, abusa-se de tudo o que pode advir de insólito, do inesperado e do fantástico, até daquele inumano no humano. Então, no lugar de oferecer permanência, a explosão estrutural da instituição oferta aberturas para o exterior. A autora repercute um lugar de recolhimento que dialoga com uma parte de fora, com um externo, através de um trabalho ou projeto para além da instituição. Uma posição leva a um questionamento: como pensar numa instituição que, por definição, é um lugar de rotina, mas que seja ao mesmo tempo um espaço de abertura à palavra livre, fora do peso das convenções e interdições sociais”. Tais reflexões ainda repercutem na educação atual e nos fazem refletir sobre a possibilidade de um ato transformador criativo não só no âmbito educacional mas no próprio horizonte social. Trata-se, então, de transpassar a fantasia totalizante de um ideal de educação, para conseguir fazer



dela um acontecimento impetuosamente potente para a modificação do seu estatuto. É preciso pensar com Mannoni na possibilidade de revolucionar por meio de um ato criativo na educação.

### **Palavras-Chave**

Educação. Instituição explodida. Ato.



## MEDITAÇÃO MINDFULNES: UM CAMINHO PARA O FILOSOFAR

Fabio Aguiar Albuquerque

[meditaguiar@gmail.com](mailto:meditaguiar@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pretende relatar uma experiência bem sucedida, agregando Meditação Mindfulness e ensino de filosofia, vivenciada em uma escola da região metropolitana de Recife, e evidenciada em uma dissertação de Mestrado, pelo PROFFILO da UFPE. Neste trabalho foi demonstrado o processo de utilização da meditação Mindfulness como ferramenta possível de ser trabalhada em sala de aula, objetivado além de auxiliar aos estudantes ampliar o foco e a concentração, proporcionando a experiência de contemplação, como propõe Aristóteles em sua explicação sobre a eudemonia, no livro *Ética a Nicômaco*. A eudaimonia aristotélica pode ser atualizada como a compreensão sobre a felicidade e como os jovens podem, a partir de suas realidades cotidianas, podem compreender e experimentar esta felicidade proposta por Aristóteles. Durante o processo, os estudantes foram apresentados à concepção aristotélica de felicidade, o estudo sobre as virtudes e a doutrina do meio-termo, na qual os seres humanos precisam encontrar o caminho da virtude, fora dos excessos, para encontrar equilíbrio em suas vidas e só assim, exercer a contemplação filosófica e encontrar a verdadeira felicidade.

### Palavras-Chave

Felicidade. Virtude. Meditação.



## MULHERES FILÓSOFAS E ENSINO DE FILOSOFIA: PROBLEMATIZANDO O CÂNONE A PARTIR DAS QUESTÕES DE GÊNERO

Gabriela Barbosa De Souto  
[gabrielabsouto@gmail.com](mailto:gabrielabsouto@gmail.com)

Flávio José De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

A prática de ensino pode ser lida como o enfrentamento de duas forças: uma que tenta conservar saberes estabelecidos; outra, que procura transformá-los e renová-los. No ensino de filosofia isso não é diferente, especialmente quando nos deparamos com currículos que pensam a filosofia como o ensino de sua história. De que história da filosofia estamos falando? Que filosofia é esta e quem a produz? Ao tentarmos responder essas questões, nos deparamos, frequentemente, com uma filosofia ocidental sendo contada por uma história que parte de um ponto de vista em que predominam os pensadores europeus. E isto se torna um problema ao excluir desta perspectiva histórica a existência de outras filosofias, localizadas em outros lugares e produzidas por outras pessoas que não os homens brancos situados no norte global. Como transformar o cenário da prática de ensino de filosofia que ainda reproduz esses mecanismos epistemicidas? Partimos de Michel Foucault para entendermos como os dispositivos de controle disciplinaram os corpos e moldaram a nossa sociedade heteronormativa e patriarcal, que é refletida nos espaços de construção do saber. Para isto, dialogamos com Judith Butler para perceber como esta cultura reguladora define os papéis de gênero a partir de suas identidades, determinando quem pode ou não existir, quem pode ou não filosofar. Ao trazer as mulheres filósofas para a história da filosofia, pensamos ser possível não só problematizar o cânone, como traçar possibilidades para transformar o fazer filosófico que se entrecruza com o ensino de filosofia.

### Palavras-Chave

Mulheres filósofas. Gênero. Ensino de filosofia.



## MULHERES NA FILOSOFIA: REFLEXÕES SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO NA PERSPECTIVA EDUCACIONAL DE ROUSSEAU

Erick Newman Silva De Oliveira  
[erick.oliveira@professor.pb.gov.br](mailto:erick.oliveira@professor.pb.gov.br)

Flávio José De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Não é raro ouvir a indagação em sala de aula com relação à participação das mulheres na História da Filosofia. Seja via análise dos livros didáticos, ou através da observação dos autores propostos pelas matrizes curriculares, os quais são ministrados em sala de aula, o fato é que, principalmente no imaginário das estudantes, a filosofia não é algo típico de e para mulheres. Essa inferência só é possível devido a uma lacuna aberta por filósofos que provocaram um epistemicídio – a morte do pensamento produzido por mulheres em várias épocas. Desse modo, partimos do seguinte problema: quais são as concepções de Rousseau que podem ter promovido a desigualdade de gênero e podem ter justificado a não participação das mulheres na Filosofia? Diante desse problema, objetiva-se analisar e refletir sobre algumas concepções contidas no livro V da obra “Emílio ou da Educação”, que podem ter fomentado a desigualdade de gênero e assim contribuído para justificar a não participação das mulheres na Filosofia. Há mais a se observar por trás e nas entrelinhas dos compêndios, manuais e tratados filosóficos do que as ideias primárias que os títulos de grandes obras podem sugerir – o Emílio de Rousseau é um exemplo sugestivo dessa tese – em virtude disso, espera-se confirmar a hipótese de que a proposta educacional que o filósofo genebrino apresenta para a personagem Sofia é injusta, opressora, promotora de desigualdade de gênero e que desconstruir esse imaginário é importante para um ensino de filosofia equânime. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa fenomenológica, a qual possibilita analisar, desconstruir e criar novos conceitos por meio da observação dos fenômenos. Tendo em vista que o Brasil é um dos países onde mais se comete violência de gênero, seja ela psicológica, física, sexual e até mesmo a intelectual – que é expropriação de produções intelectuais por ser





mulher – a presente pesquisa torna-se de grande relevância. É imperativo transgredir certos pensamentos que foram impostos, desconstruir e ultrapassar certas barreiras epistêmicas construídas às custas da opressão de outros que, no recorte desta pesquisa, são mulheres, são filósofas. Espera-se, portanto, como resultado da pesquisa, contribuições como a desconstrução de estereótipos, promoção da igualdade de gênero, fomento ao debate acadêmico sobre filosofia e questões de gênero, a valorização das mulheres, bem como o incentivo à participação na Filosofia.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Gênero. Filósofas.



## NOVAS QUESTÕES SOBRE OS EIXOS DE ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO

José Benedito De Almeida Júnior

[jbeneditoalmeida@gmail.com](mailto:jbeneditoalmeida@gmail.com)

Maria Caroline Galdino Vilela

[mariacgldn@gmail.com](mailto:mariacgldn@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os eixos de organização do conteúdo a partir de algumas novas questões. Entendemos por eixos de organização do conteúdo o fulcro em torno do qual distribuímos os conteúdos filosóficos que pretendemos ensinar. O planejamento de uma disciplina, seja para a Educação Básica ou Ensino Superior, implica em, pelo menos, três aspectos: conteúdo, metodologia de aula e de avaliação. Nesta comunicação não abordaremos os aspectos metodológicos e de avaliação, nosso objetivo será, apenas o conteúdo, ficando estes outros aspectos para serem discutidos posteriormente. Também é necessário, no planejamento, levar em conta os aspectos quantitativos e qualitativos. Os fatores quantitativos são: o calendário escolar ou acadêmico, dias da semana em que daremos aula e a carga horária. A partir destes dados, podemos inserir os fatores qualitativos na organização do conteúdo, isto é, o eixo organizador da disciplina para distribuição dos conteúdos pelo número de aulas que serão, efetivamente, ministradas, ou seja, os dias letivos. Pois bem, temos a possibilidade de três eixos: história da filosofia, temas ou áreas. Nossa tese é a de que abordar por história da filosofia apresenta dois problemas. O primeiro: qual história? Com naturalidade, julgava-se que este termo era sinônimo de história da filosofia europeia, o que hoje, não podemos aceitar. Por outro lado, o eixo História da Filosofia torna o trabalho muito engessado, linear e exige grandes digressões para contextualização. De qualquer modo, as histórias da filosofia podem estar presentes na abordagem pelos outros eixos. Nossa perspectiva, portanto, é que o eixo temático e o eixo por área permitem maior flexibilidade na abordagem dos conteúdos e, principalmente, um diálogo mais direto com a realidade atual das alunas e alunos. Entendemos as áreas da filosofia como Metafísica, Lógica, Teoria do Conhecimento, Ética, Filosofia Política, Estética e outras. Entendemos por temas, por



exemplo, verdade, beleza, liberdade, felicidade, cultura e outros semelhantes. Seja qual for a escolha do eixo, tanto os temas como as áreas estarão presentes. Assim, podemos concluir que os eixos temático e por área permitem um trabalho efetivamente dialógico.

### **Palavras-Chave**

Ensino de Filosofia. Temas. Áreas.



## INTERSEÇÃO ENTRE FILOSOFIA DO MESTRE IGNORANTE DE JACQUES RANCIÈRE À PRÁTICA DA CURADORIA DIGITAL

Alexnaldo Teixeira Rodrigues

[atrodrigues@uefs.br](mailto:atrodrigues@uefs.br)

### Resumo

Este estudo investiga a interseção entre a perspectiva emancipatória de Jacques Rancière em O mestre ignorante e o conceito de Curadoria Educacional no contexto das transformações digitais no aprendizado. Rancière (2022) argumenta que a virtude essencial do mestre é a ignorância, que envolve ensinar o que não sabe, estimulando outra inteligência a se exercitar sem conhecimento prévio. Em um nível mais profundo, o mestre ignorante atua como causa do saber sem transmitir conhecimento diretamente, dissociando maestria e conhecimento. Diferente da maiêutica socrática, que finge ignorância para provocar o saber, o mestre ignorante promove a autonomia intelectual, incitando o discente a aprender por si mesmo. O mestre ignorante postula a igualdade como princípio fundamental, não como promessa de futura igualdade, mas como uma manifestação inicial. Para que o discente siga as instruções do mestre, ele deve primeiro compreender suas palavras, uma ideia que Rancière chama de igualdade das inteligências, indicando que a capacidade intelectual está presente em todos os aprendizados. Garcia e Czeszak (2020) definem a curadoria educacional como uma ferramenta para estimular a inteligência, promover a aprendizagem e incentivar o pensamento crítico por meio do protagonismo discente. Essa abordagem impulsiona os/as discentes a aprenderem de forma autônoma e a se posicionarem como pesquisadores/as. Para os/as docentes, isso permite um diálogo igualitário, devolvendo à transmissão do conhecimento sua natureza poética (Rancière, 2022). Este estudo, realizado nos componentes curriculares Estágio IV, Metodologia do Ensino de Filosofia e Projeto de Extensão Filosofando em Múltiplas Linguagens — CONSEP/UEFS 071/2023, do Curso de Filosofia da UEFS, analisa como essa articulação pode transformar a educação. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica e revisão de estudos que aplicaram essas abordagens na prática educacional. Os resultados preliminares destacam três pontos principais da interseção entre a perspectiva de Rancière e a curadoria educacional: a autonomia do/a discente, a relação não-



hierárquica e o aprendizado ativo e crítico. A igualdade intelectual proposta por Rancière desafia a hierarquia tradicional entre mestre e discente, enquanto a curadoria educacional democratiza o acesso ao conhecimento e envolve os/as discentes na seleção e utilização dos recursos.

### **Palavras-Chave**

Autonomia. Igualdade. Inteligência.



## O CAMPO DO ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Patrícia Del Nero Velasco  
[patricia.velasco@ufabc.edu.br](mailto:patricia.velasco@ufabc.edu.br)

Augusto Rodrigues  
[augustorodrigues094@gmail.com](mailto:augustorodrigues094@gmail.com)

### Resumo

Na história da filosofia universitária no Brasil, o ensino de filosofia só se tornou um problema filosófico recentemente. Entre os anos de 1990 e 2000, inseridos no contexto de debate da LDB/96, uma gama de professoras e professores filósofos entendia a importância não só de reivindicar o retorno da filosofia como disciplina obrigatória no currículo da educação básica, mas também de abrir um novo território de pensamento no qual o ensino de filosofia fosse considerado um objeto de pesquisa filosófica. Iniciava-se no Brasil – em diálogo com os pares latino-americanos – o movimento que inaugurava uma filosofia do ensino de filosofia: entre as frestas abertas por filósofos e filósofas da educação, pesquisadores e pesquisadoras assumiram a problemática de ensinar e aprender filosofia em sua dimensão filosófica. As primeiras duas décadas do século XXI foram marcadas por pesquisas, produções e orientações de pós-graduação desenvolvidas sob a perspectiva em questão, as quais possibilitaram, a partir de 2019, a demarcação de um novo debate, qual seja, a discussão sobre o Ensino de Filosofia agora como campo de conhecimento. Teriam as pesquisas filosóficas sobre ensino de filosofia fomentado a criação de uma subárea de pesquisa autônoma? A presente comunicação tem como objetivo recuperar algumas passagens históricas que podem ajudar a entender a emergência do campo do Ensino de Filosofia como problema filosófico. Para tanto, reconstituiremos alguns momentos do debate sobre a produção acadêmica do ensino de filosofia no Brasil, iniciando pela denúncia presente nas pesquisas de Rodrigo Gelamo a respeito de uma forma hegemônica de pensar e um descaso com a problemática do ensino de filosofia no Brasil. Posteriormente, procuraremos mostrar como as pesquisas de Patrícia Del Nero Velasco problematizam os resultados de Gelamo: dez anos depois da constatação do colega, Velasco reúne parte do acervo sobre a temática para defender não só a existência do campo, como a



possibilidade de discussão de seu estatuto epistemológico. O tensionamento das pesquisas supramencionadas, por fim, permite vislumbramos algumas projeções à problemática do campo do Ensino de Filosofia no Brasil.

### **Palavras-Chave**

Ensino de filosofia. Campo do Ensino de filosofia.



## O CAMPO DO ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Augusto Rodrigues

[augustorodrigues094@gmail.com](mailto:augustorodrigues094@gmail.com)

Patrícia Del Nero Velasco

[patricia.velasco@ufabc.edu.br](mailto:patricia.velasco@ufabc.edu.br)

### Resumo

Na história da filosofia universitária no Brasil, o ensino de filosofia só se tornou um problema filosófico recentemente. Entre os anos de 1990 e 2000, inseridos no contexto de debate da LDB/96, uma gama de professoras e professores filósofos entendia a importância não só de reivindicar o retorno da filosofia como disciplina obrigatória no currículo da educação básica, mas também de abrir um novo território de pensamento no qual o ensino de filosofia fosse considerado um objeto de pesquisa filosófica. Iniciava-se no Brasil – em diálogo com os pares latino-americanos – o movimento que inaugurava uma filosofia do ensino de filosofia: entre as frestas abertas por filósofos e filósofas da educação, pesquisadores e pesquisadoras assumiram a problemática de ensinar e aprender filosofia em sua dimensão filosófica. As primeiras duas décadas do século XXI foram marcadas por pesquisas, produções e orientações de pós-graduação desenvolvidas sob a perspectiva em questão, as quais possibilitaram, a partir de 2019, a demarcação de um novo debate, qual seja, a discussão sobre o Ensino de Filosofia agora como campo de conhecimento. Teriam as pesquisas filosóficas sobre ensino de filosofia fomentado a criação de uma subárea de pesquisa autônoma? A presente comunicação tem como objetivo recuperar algumas passagens históricas que podem ajudar a entender a emergência do campo do Ensino de Filosofia como problema filosófico. Para tanto, reconstituiremos alguns momentos do debate sobre a produção acadêmica do ensino de filosofia no Brasil, iniciando pela denúncia presente nas pesquisas de Rodrigo Gelamo a respeito de uma forma hegemônica de pensar e um descaso com a problemática do ensino de filosofia no Brasil. Posteriormente, procuraremos mostrar como as pesquisas de Patrícia Del Nero Velasco problematizam os resultados de Gelamo: dez anos depois da constatação do colega, Velasco reúne parte do acervo sobre a temática para defender não só a existência do campo, como a





possibilidade de discussão de seu estatuto epistemológico. O tensionamento das pesquisas supramencionadas, por fim, permite vislumbramos algumas projeções à problemática do campo do Ensino de Filosofia no Brasil.

### **Palavras-Chave**

Ensino de filosofia, Campo do Ensino de Filosofia.



## O ENSINO DE FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DE BELL HOOKS: UM OLHAR TRANSGRESSO

Sonia Maria Lira Ferreira

[sonialira.filosofia@gmail.com](mailto:sonialira.filosofia@gmail.com)

### Resumo

Pensar o tema sobre o ensino de filosofia na perspectiva do pensamento de bell hooks, diz respeito, pensar no sujeito mediatizado pelo olhar transgressor, por não se ancorar na educação tradicional que o vê como um ser passivo/não reativo no decorrer da sua formação. Ou seja, significa problematizar a intencionalidade desse ensino que não se pretende mais ancorar numa reflexão crítica que não aborde questões interligadas ao racismo, a classe social, a questão da supremacia branca heteronormativa enquanto questões filosóficas. As perguntas da pesquisa que foram levantadas a partir desse pensar crítico foram as seguintes: Como se constitui o ensino de filosofia nos espaços formativos? Como se percebe a intencionalidade desse ensino enquanto aquele que olha para o sujeito enquanto um ser histórico social? E, por fim, como essas percepções possibilitam e podem fornecer as pistas teóricas e metodológicas para estruturar a licenciatura em filosofia alicerçada numa visão antirracista, multiculturalista e antissexista? Essas inquietações surgiram no decorrer do trajeto das experiências vivenciadas enquanto professora de filosofia, negra e paraibana nos níveis fundamental, médio e superior (o qual, nesse momento, estou inserida) em instituições de ensino público em que são predominante são formadas por pessoas de cor branca e a maioria dos cargos importantes são ocupados por homens e que são brancos. Esse cenário foi o que fundamentou a constituição da problemática da pesquisa que teve como ponto de partida as vivências e conversações. Para que o tema proposto nesse artigo fosse aprofundado se tornou necessário escolher um caminho metodológico: a escolha recaiu no método fenomenológico, por buscar compreender a essência do fenômeno que se mostra no campo das nossas vivências. E, as inquietações que incomodaram e resultaram em reflexões críticas foram alicerçadas na pesquisa bibliográfica que viabilizou a revisão da literatura de (MATTÉI, 2002 (Dalbosco; Mühl; Flickinger (2019) e bell hooks (2017, 2020, 2021, 2022) considerada como um aporte teórico relevante para pensar e apontar possibilidades de um novo viés de discussão

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



sobre a constituição do ensino de filosofia que privilegie as experiências dos sujeitos em processo de formação, suas concepções epistêmicas com as perspectivas antirracista, sexista e multiculturalista no processo da sua formação e as necessidades das/dos estudantes que são oriundos da classe trabalhadora

## Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Educação antirracista.



## O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA REALIDADE SOCIAL DO ALUNO

Jacson Gonçalves De Oliveira  
[gonsalvespb83@gmail.com](mailto:gonsalvespb83@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho dedica-se a estudar a relação entre o ensino de filosofia e a realidade social do aluno dentro do contexto da Escola Cidadã Integral Técnica José Luiz Neto, localizada na cidade de Barra de Santa Rosa-PB. A metodologia usada caracteriza-se como qualitativa, levaremos em consideração o estudo de caso como uma forma de conhecer mais profundamente no objeto de estudo, além disso, para a coleta de dados utilizaremos a análise do discurso aplicado às respostas dos questionários que serão respondidos pelos estudantes. O nosso objetivo é refletir se o uso de um material didático que leve em consideração a realidade social do estudante pode melhorar o ensino filosófico em nossa escola. As partes que integram nossa pesquisa são as seguintes: educação e emancipação, o ensino de filosofia no contexto da educação básica no Brasil, o livro didático no âmbito do ensino médio e o ensino de filosofia e a realidade social do aluno. Teremos como base filosófica o a obra "Educação e emancipação" de Theodor W. Adorno (2008), na qual podemos constatar a necessidade de uma educação para emancipação que significa educar para a autonomia. Essa proposta é difícil de ser aplicada devido à dominação que sofremos do sistema que estamos inseridos, essa dominação acontece inclusive pela produção da Indústria Cultural que absorvemos. Somos levados a reproduzir padrões sociais ferindo assim a nossa autonomia. Diante disso, propomos como ponto de partida para essa educação emancipadora é a realidade social do estudante, no sentido de trazê-la para a reflexão filosófica na sala de aula. Estabelecendo uma conexão entre filosofia e a realidade social discente, tornando um ensino filosófico significativo. Essa proposta tem como obstáculo os livros didáticos utilizados no ensino médio que não abrem espaço para o estudo da realidade dos alunos e a possibilidade de emancipação desses alunos. Cassiano (2013) no livro "O mercado do livro didático no Brasil do século XXI" aponta que o livro didático constitui uma ferramenta de uniformização ideológica. Por isso, a necessidade de um material didático que abra espaço para os elementos da realidade social estudantil.

### Palavras-Chave

Filosofia. Realidade. Emancipação.



## O ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DECOLONIAL

Darcisio Natal Muraro  
[murarodnm@gmail.com](mailto:murarodnm@gmail.com)

### Resumo

Este estudo busca pensar uma concepção de ensino de filosofia como escrita autobiográfica decolonial. A problemática que se objetiva analisar é: em que consiste a escrita autobiográfica decolonial como experiência de pensamento filosófico? Esse trabalho objetiva abordar o conceito de experiência de pensamento filosófico a partir de Dewey, conceituar a escrita autobiográfica com base em Hercing (2011), e analisar as contribuições dos estudos acerca da decolonialidade para pensar o ensino de filosofia com base no pensamento de Mignolo (2001), Quijano (2005) e Santos (2009 e 2022). A metodologia desse estudo consiste em revisão bibliográfica do pensamento dos autores referenciados para compreender os conceitos propostos na problemática em tela num esforço de articulação e ressignificação. Dewey compreende que o papel da filosofia é pensar os problemas da experiência contingente e contextual do sujeito histórico e social, e examinar criticamente conceitos na sua gênese histórica emancipando-os de seus preconceitos e reconstruindo os significados para o modo de agir democrático. O autor sugere o uso do método biográfico para reconstruir a história dessa experiência. O estudo de Hercing (2011) considera que os gêneros literários em filosofia são múltiplos e variados. No campo de autobiografia são elencadas as memórias, confissões, diários, biografias e as próprias autobiografias. Esse estilo discursivo se caracteriza pela exposição da subjetividade e pela reflexão dos problemas contextuais. Em contraste, a normalidade dos textos filosóficos predominante na história consiste em exposições sistemáticas regidas pela neutralidade, objetividade e universalidade que excluem o contexto e o autor como sujeito da enunciação. Na autobiografia, o filósofo busca dirigir sua razão para dar conta da própria experiência e a de sua comunidade na realidade histórico-social. Nesse sentido, o lugar de onde se elabora o discurso filosófico da escrita autobiográfica é central para o pensamento decolonial de Mignolo e Quijano e para a epistemologia do sul e ecologia de saberes de Santos. Nessa perspectiva, o ensino de filosofia se

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



constitui numa atividade de problematização e emancipação da experiência colonizada num trabalho de engajamento crítico na escrita autobiográfica filosófica decolonial como forma de criar a narrativa de outro modo de vida como memória a ser compartilhada e sempre aberta ao diálogo democrático na comunidade.

## Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Escrita. Autobiografia.



## O ENSINO DE FILOSOFIA E A CRIAÇÃO DE CONCEITOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Sérgio Da Costa Santos  
[sergiocostasj@yahoo.com.br](mailto:sergiocostasj@yahoo.com.br)

Flávio José De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Este trabalho é uma apresentação do resultado de pesquisa de Mestrado Profissional da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, cujo tema versa sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Partimos da conceituação deleuziana da Filosofia como uma forma de pensamento que cria conceito. Essa nova concepção de Filosofia suscitou um problema de cunho epistemológico no interior das aulas de Filosofia que é “como construir pensamento conceitual com os/as estudantes do Ensino Médio?”. A nossa hipótese é de que o Ensino de Filosofia pode levar aos/as estudantes do Ensino Médio a fazerem uma experiência do pensamento. E assim problematizar, investigar, criar e recriar conceitos como uma das formas racionais de ordenamento da realidade. Adotamos como referencial teórico a perspectiva filosófica de Deleuze e Guattari na obra “O que é a Filosofia?” e as demais obras de Deleuze como “Diferença e Repetição”, “Mil Platôs”, “Proust e os Signos” e “Lógica e Sentido”. Dialogamos, também, com Sílvio Gallo nas obras “Deleuze e a Educação” e a “Metodologia do ensino de filosofia”. A partir da pesquisa bibliográfica, buscamos apresentar uma proposta de intervenção filosófica a partir das quatro etapas didáticas apresentadas por Gallo na obra “Metodologia do ensino de Filosofia” e acrescentando a quinta etapa, criação nossa, trabalhada com os estudantes da 2ª série do Ensino Médio, durante as aulas de Filosofia. Desse modo, criando um espaço-tempo favorável a experiência do pensamento autônomo e crítico dos discentes nas aulas de Filosofia.

### Palavras-Chave

Ensino. Criação. Conceito.



## O ENSINO DE FILOSOFIA E O CINEMA: O CONCEITO-IMAGEM E A LOGOPATIA EM CABRERA COMO METODOLOGIA

Lucélia Lima Barreto

[luceliaprofilosofia@gmail.com](mailto:luceliaprofilosofia@gmail.com)

Flávio De Carvalho

[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Nossa discussão aborda a utilização do cinema como ferramenta para explorar a linguagem audiovisual de maneira interdisciplinar na escola de período integral. O principal objetivo que é também nosso problema é investigar e estabelecer a conexão entre o cinema e o ensino de filosofia realizando uma investigação histórica e filosófica sobre a linguagem do cinema, utilizando como referencial teórico os filósofos Cabrera e Gilles Deleuze. Nossa hipótese é que o ensino de filosofia por meio do cinema pode provocar o exercício de pensar entre as/os estudantes. Nossa análise inicial investiga a interação entre o Cinema e a Filosofia, por meio da criação de conceitos-imagens, utilizando a logopatia como base metodológica. O embasamento teórico inicial da pesquisa se fundamenta na obra O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes, de Cabrera, O Cinema 1 A Imagem-Movimento, O Cinema 2 Imagem-Tempo de Deleuze, explorando a relação entre conceito-imagem e a logopatia como metodologia filosófica. Inicialmente, em nossa pesquisa é discutido o papel da Filosofia na construção de conceitos, indo além da reflexão tradicional para se tornar uma “fábrica de conceitos” que desafia a criar novas ideias e perspectivas. Os conceitos são vistos como múltiplos e irregulares, conectando-se a problemas não vistos anteriormente. Deleuze & Guatarri (2010) em sua obra O que é a Filosofia? defendem que a filosofia deve ser uma disciplina criadora de conceitos, em constante processo de construção e desconstrução. Por sua vez, podemos perceber que tanto Cabrera quanto Deleuze entendem o cinema como uma forma de arte que utiliza a linguagem visual para contar/criar histórias e transmitir/provocar emoções. A linguagem cinematográfica é um meio influente de transmitir mensagens filosóficas complexas e provocar reflexões sobre a condição humana. A logopatia e o conceito-imagem são





conceitos fundamentais explorados na obra de Cabrera (2012) e que podem auxiliar na compreensão dessas mensagens e reflexões. A logopatia destaca a conexão emocional que as palavras e imagens podem evocar, enquanto o conceito-imagem representa a união entre elementos lógicos e afetivos na criação de significados. Ao explorar a interação entre o conceito-imagem e a logopatia no cinema, somos convidados a refletir sobre a natureza da imagem cinematográfica e sua capacidade única de nos transportar para outros mundos e despertar emoções intensas.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Cinema. Linguagem.



## O ENSINO DE FILOSOFIA ENTRE A PLURALIDADE E O MUNDO DOS HOMENS

Luis Lucas Dantas Da Silva

[lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br](mailto:lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br)

Willamis Aprígio De Araújo

[willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br](mailto:willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br)

### Resumo

O presente trabalho enfatiza uma reflexão sobre a pluralidade como lugar do discurso e da ação, bem como o mundo dos homens enquanto esfera da atividade política. Neste contexto, as categorias – Pluralidade e Mundo – concebidas na teoria de Hannah Arendt, possibilitam uma problematização do ensino de filosofia quando situado no “chão da escola”, capaz de (re)afirmar seu lugar e sua importância nos projetos pedagógicos de cursos, bem como sua própria (r)existência frente os demais componentes curriculares que também almejam sobreviver. É mister ressaltar que a permanência da filosofia na escola perpassa tanto por uma “concepção ideológica” que reflete os desafios na estrutura organizacional dos saberes e competências, como por uma denúncia acerca da própria intencionalidade pedagógica de gestões e práticas de governabilidade. Assim sendo, discutir conceitos arendtianos, refletir acerca da permanência da filosofia na escola e por fim situar onde naquele espaço formal é possível compreender e contextualizar a teoria em questão, vem ser o esforço reflexivo deste texto que não pretende esgotar essa discussão; pelo contrário, vem trazer mais uma defesa de que é na comunidade – educativa – e no mundo dos homens que a Filosofia deve fazer-se presente e permanentemente em atividade.

### Palavras-Chave

Ensino. Pluralidade. Mundo.



## O ENSINO DE FILOSOFIA, PIBID E O PROJETO MACKSTLR DO MACKENZIE: APRIMORANDO SOFKTSKILLS.

Angela Zamora Cilento

[angelazamoracilento@gmail.com](mailto:angelazamoracilento@gmail.com)

### Resumo

Em julho de 2020, com a posse da nova reitoria da Universidade Presbiteriana Mackenzie, houve a proposição de uma nova política educacional – A Aprendizagem Transformadora - que objetiva proporcionar novas experiências de ensino-aprendizagem. Deste momento em diante, tem-se construído coletivamente nos dias que antecedem cada semestre letivo, Fóruns, com vários palestrantes nacionais e internacionais que trabalham com aprendizagem transformadora. Não pretendemos discorrer sobre este referencial teórico em particular, mas nas articulações entre o ensino de filosofia e de modo especial, o Pibid, com as competências-chave que estão sendo desenvolvidas por todos os alunos de graduação no que tange às soft skills. Estas foram selecionadas todo o corpo docente à época após longa reflexão: a) sustentabilidade e bem-estar coletivo, b) competências globais e culturais c) competências técnico-profissionais, d) reflexão crítica e comunicação, e) liderança e competências empreendedoras, f) ética. Pretendemos relatar, inicialmente, portanto, este processo de construção da Aprendizagem Transformada e da produção do e-portfolio que resgata as rubricas de avaliação destas competências durante o período de formação dos discentes para seu ingresso no mercado de trabalho - ainda que, este quesito possa ser avaliado como uma instância secundária. Este relato se propõe a compartilhar com os pares, estas ações, que ao nosso ver são significativas. Porém, antes, nos importa percebermos como a filosofia e seu ensino (e o PIBID) são impactantes – não apenas na apropriação do conhecimento específico que, a priori, por si só já deveria alterar qualitativamente a visão de mundo dos licenciandos, mas na relevância que o exercício contínuo destas softskills e de sua reflexão desencadeiam na sua vida pessoal e na futura vida profissional.

### Palavras-Chave

Ensino de filosofia. PIBID. Programa MackStlr.



## O ENSINO DE FILOSOFIA: ENTRE AS REFORMAS NEOLIBERAIS E A EDUCAÇÃO PELA EMANCIPAÇÃO

Roberta Liana Damasceno Costa  
[robertafilos@gmail.com](mailto:robertafilos@gmail.com)

Thiago Ayres De Menezes Silva  
[ayres-thiago@hotmail.com](mailto:ayres-thiago@hotmail.com)

### Resumo

A reforma do Ensino Médio implantada Lei 13.415/2017 promoveu mudanças estruturais na Educação Básica e nos cursos de Licenciaturas universitários que precisaram reformular seus currículos para serem alinhados a BNC- Formação, atendendo aos princípios de formação da BNCC. Para o Ensino de Filosofia, além das cobranças direcionadas pelas políticas educacionais, veio a demanda dos graduandos e de professores da educação básica, que almejam uma conexão maior entre essas duas etapas de ensino, buscando mudanças diversas no modo de formar professores de Filosofia. Objetiva-se na história do ensino de filosofia, desde a sua obrigatoriedade na educação básica em 2008, apresentar a discussão não somente sobre o lugar da filosofia na sala de aula, a estrutura do currículo de formação dos profissionais, como exaltar a função social do professor-filósofo. Debater-se-á sobre estratégias para a prática docente do ensino de Filosofia que mobilizem uma didática específica, para estabelecer estruturas curriculares consistentes e conscientes da concepção da relação do ensino de filosofia e sua função social. Este trabalho é uma reivindicação de professores, pela cidadania do ensino de Filosofia para que os ditames neoliberais que cercam a elaboração das políticas educacionais não nos sufoquem e nos tornem invisíveis perante normatividades que escamoteiam nossa singularidade.

### Palavras-Chave

Ensino. Formação. Emancipação.



## O ENSINO DE FILOSOFIA: UM DIÁLOGO COM ZADIG OU O DESTINO

Eliane Menezes

[eliane.menezes@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:eliane.menezes@aluno.ifsertao-pe.edu.br)

### Resumo

Pensar a contemporaneidade é concretizar as angústias e anseios que norteiam as relações humanas. Em pleno século XXI o mundo encontra-se em ebulição. Ressoa em nós um sentimento que a rotação do planeta terra está acelerado, o dia que possui um tempo cronológico suficiente para atender as nossas necessidades a uma década atrás, não é mais suficiente. Essa velocidade repercute em todas as instâncias do planeta, sua consequência são as mudanças sociais, ambientais, o consumo exagerado que condicionam as relações humanas fluidas, provocando crise nas relações interpessoais, sociais e ambientais. Reverberando no comportamento humano todos esses elementos potencializam a fragilidade sua fragilidade, de um lado temos a busca incessante pela eudaimonia do outro a sensação de que nada é capaz de encontrá-la. Essa dualidade é comumente trazida para centro de debate durante as aulas de Filosofia propondo uma análise crítica fornecendo subsídios para um olhar de si, seus valores e sua convivência em sociedade. Na busca de fometar esses subsídio filosófico, reflexivo, surge a ideia de utilizar o livro de Voltaire, *Zadig ou o destino*, nas aulas de Filosofia. O livro conta a história do filósofo Zadig, cujo nome significa o justo, é uma grande jornada que percorre o Egito, a Babilônia, a Síria e o deserto. Escrita por Voltaire de modo trágico e desafortunado apresenta a história de Zadig, um homem desafortunado que durante todo o percurso sofre grandes injustiças, surge então, alguns questionamentos durante a análise crítica da história. Afinal, todas as injustiças sofridas por Zadig é consequência de uma má escolha? Ou o destino é o grande vilão da história? Esses questionamentos surgem como contraponto, reflexivo das vivências cotidianas dos adolescentes, que apesar de tempos históricos distantes comunicam-se entre si, poris refletem as inquietações humanas. Toda a análise crítica do conto durante as aulas de filosofia encontra lugar nas vivências dos adolescentes. Essas práticas cotidianas onde os sentimentos e valores dos adolescentes são constantemente colocados a prova, pensar que todas as contradições é um grande infortúnio e que o destino bom e prazeroso nunca está do seu lado, propões uma reflexão sobre suas ações e escolhas.

### Palavras-Chave

Relações humanas. Conflito ético. Voltaire.



## O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE ENSINO NASCIMENTO DE MORAES EM IMPERATRIZ-MARANH

Juscyer Da Silva  
[juscyer@gmail.com](mailto:juscyer@gmail.com)

### Resumo

O presente resumo traz uma breve exposição e releitura do estudo de caso realizado no Centro de ensino Nascimento de Moraes na cidade de Imperatriz-MA. Com abordagem sobre o tema: O processo ensino aprendizagem na prática investigativa da disciplina Filosofia. O trabalho explorou as seguintes discussões: Qual o papel da Filosofia na Educação Básica? Como os alunos iniciantes na primeira série encaram e compreendem esse componente curricular? Analisou-se o que diz o estudo e os dados comparativos pós aplicação da BNCC. Para tanto, verificou-se que o público alvo foi alunos da primeira série do ensino médio, com o principal objetivo de conferir se os mesmos reconhecem a Filosofia como parte de sua formação, elaborado através de questionários e entrevistas, tabulação, gráficos e planilhas dos exames realizados anualmente no ensino médio nas escolas públicas no ano 2016 a 2019, volta-se a interpretar novamente as informações contidas no estudo para verificar se há algo novo, e pode-se constatar que as avaliações na área de Ciências Humanas, aparecem com um percentual abaixo do comparados com estudo anterior. A escola obteve a maior nota no quadro de Média do ENEM/2016 à 2019, com 546,80% de desempenho em ciências humanas; sendo que a mesma em 2020 passa a ser escola em tempo integral e aplicar o Novo ensino Médio, atualmente com a média de 492.04 % no despenho em Ciências humanas, ao confrontar esses dados verificou-se que a disciplina teve um declínio, indicando que embora ainda haja uma considerável aceitabilidade por parte dos estudantes e, que a escola está alinhada as leis de diretrizes e base da Educação refletindo em bons resultados no IDEB-2019. Mas que o esse percentual abaixo indica novos desafios aos professores e as instituições a respeito do Novo Ensino Médio nas áreas de Ciências humanas.

### Palavras-Chave

Aprendizagem. Autonomia. Estudante. Professor.



## O ÓCIO CRIATIVO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE FILOSOFIA EM CONTRAPOSIÇÃO À SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Alex Moraes De Melo

[alexmoraesdemelo.filosofo@gmail.com](mailto:alexmoraesdemelo.filosofo@gmail.com)

Francione Charapa Alves

[francione.alves@ufca.edu.br](mailto:francione.alves@ufca.edu.br)

### Resumo

O presente projeto de pesquisa objetiva desenvolver metodologias de ensino de filosofia com base na análise do conceito de ócio criativo, confrontando-o a sociedade do desempenho. A ideia de ócio criativo tem-se como referência Domenico de Masi. Já por sociedade do desempenho se refere a Byung Chul Han. Para isso, este projeto parte das experiências profissionais do pesquisador que atua sob as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC traz como proposta ao ensino médio a ênfase no trabalho de competências e habilidades, colocando a educação teórica ou disciplinar como um complemento de realização de tarefas práticas. O ensino de filosofia parece diluído diante de tanta demanda, por ter apenas 1h/aula. Os alunos são atingidos por uma carga horária maçante de tarefas, as quais se hiperbolizam no sentimento de que eles são os protagonistas do próprio processo educativo. Porém, esse sentimento de protagonismo ludibria sua condição de cansaço. Com isso, apontam-se os problemas: como a filosofia, mesmo sob os parâmetros da BNCC pode ter papel significativo ao aluno exausto? Em que medida é possível associar os conceitos de sociedade do desempenho ao modelo da BNCC? E, por fim, em que medida o conceito de ócio criativo pode influenciar o ensino de filosofia em contraposição à sociedade do desempenho? Este projeto tem pretensão mesmo de parar o tempo das tarefas e estender o tempo do ócio. Isto significa uma proposta de aumento das horas/aulas de filosofia por meio da promoção eletivas produzidas pelo próprio pesquisador. O ócio criativo é colocado aqui como uma pausa necessária para a contemplação a fim de adquirir conhecimentos.

### Palavras-Chave

Ócio Criativo. Sociedade do Desempenho. Currículo.



## O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO CURSO SUPERIOR COM ENFOQUE NAS CAPACIDADE DE NUSSBAUM

Hélcia Macedo De Carvalho Diniz E Silva

[helciamacedo@yahoo.com.br](mailto:helciamacedo@yahoo.com.br)

### Resumo

No contexto do ensino superior esta investigação com o enfoque na Teoria das Capacidades de Martha Nussbaum insere-se nos diálogos docentes, cujo objetivo é o de apresentar as dez capacidades de Nussbaum e de modo específico aplicar cada uma delas na dinâmica da vida profissional do professor de Filosofia da Educação na universidade. Diante da característica do inacabamento do conceito de dignidade humana e do papel do professor de Filosofia, que é variável, mutável e em constante transformação, pensar em um mínimo necessário como a plena liberdade recai em princípios social, plural, político e formativo, por isso o enfoque nas capacidades combinadas e internas, aquelas que se aplicam nesta investigação, e externas quando da definição metodológica de natureza qualitativa e método de abordagem dedutivo-hipotético. Consiste em uma revisão bibliográfica, cuja mineração de dados tem a base em livros, revistas científicas e Websites. Desenvolve-se uma análise do discurso da filosofia de Nussbaum e suas relações dialógicas com o papel do professor a partir do quadro teórico-metodológico de Mikhail Bakhtin (2013). Espera-se refletir sobre a Educação no ensino superior que prima pelo espaço para a reflexão e a qualidade de vida docente no tocante às capacidades para uma vida profissional digna.

### Palavras-Chave

Professor de Filosofia. Ensino superior. Nussbaum.





## O SEGUNDO SEXO EM SALA DE AULA: INTEGRANDO GÊNERO E FILOSOFIA ATRAVÉS DE BEAUVOIR

Arthur Diego De Sousa Oliveira  
[arthur.diegooliveira@gmail.com](mailto:arthur.diegooliveira@gmail.com)

Flávio José De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Este trabalho pretende apresentar o desenvolvimento de uma pesquisa realizada no âmbito do programa de pós-graduação em Ensino de Filosofia (Prof-Filo), focando na relação entre o Ensino de Filosofia e a questão de gênero. O objetivo primário concentra-se numa discussão conceitual delineado por Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo” e, posteriormente, na construção de um produto filosófico/pedagógico. Assim, este trabalho foca na forma como Beauvoir caracteriza historicamente a mulher como o Outro dentro de uma sociedade patriarcal, relegando-a a um estado de inferioridade nas relações. Esta condição é apresentada não como uma essência inerente a mulher, mas como o resultado de construções culturais e sociais, as quais são sustentadas por interpretações da Biologia, da Psicanálise e do Materialismo Histórico. Compreender essas perspectivas pode enriquecer o Ensino de Filosofia, oferecendo uma visão mais aprofundada das dinâmicas de opressão e emancipação femininas. A metodologia empregada consiste na análise textual bibliográfica de Beauvoir e de outras fontes teóricas relacionadas ao Ensino de Filosofia, aos estudos de gênero e às teorias feministas. Esta abordagem permite uma interpretação das argumentações de Beauvoir sobre a alteridade, inferiorização e possibilidades de transcendência e como isso pode oferecer às/aos estudantes ferramentas críticas para entender e questionar as estruturas de poder e identidade. Os resultados desta investigação destacam a concepção do gênero feminino como o Outro como uma forma de opressão, uma vez que limita as liberdades e oportunidades para as mulheres. Beauvoir também apresenta um caminho para a emancipação, sugerindo que ao rejeitar a passividade e reivindicar sua liberdade e subjetividade, as mulheres podem transcender a sua condição de inferioridade. Este processo é descrito

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



como sendo ao mesmo tempo individual e coletivo, requerendo transformações significativas tanto no plano social quanto estrutural. Ao enfatizar que a liberdade individual é indissociável da liberdade dos outros, promove-se uma noção de independência existencial que pode fundamentar práticas pedagógicas mais inclusivas e conscientes das questões de gênero.

## Palavras-Chave

Ensino. Filosofia. Gênero.



## O TEXTO COMO ELEMENTO CENTRAL NA FORMAÇÃO EM FILOSOFIA: UM OLHAR CRÍTICO PARA A HERANÇA ACADEMICISTA

Artur Smoliak De Oliveira

[artur.smoliak@unesp.br](mailto:artur.smoliak@unesp.br)

### Resumo

O objetivo desse trabalho é explicitar certos pressupostos que a formação em Filosofia carrega e evidenciar a incorporação deles nas práticas dos estudantes. Esse percurso pode nos fornecer pistas para a compreensão das práticas realizadas pelos estudantes quando estes se relacionam com a Filosofia, em seus mais diversos âmbitos. Não se aprende somente os conteúdos em uma aula, mas todo um conjunto de esquemas teóricos, pautas de ações e moralismos que são incorporadas pelos estudantes, moldando a relação do estudante com tudo aquilo que pode ser considerado Filosofia e influenciando, inclusive, a concepção do que é a Filosofia. Para tal, analisa-se a graduação em Filosofia da UNESP-FFC através de relatos de estudantes e de documentos oficiais, comparando-os com uma bibliografia que versa sobre a formação filosófica em Filosofia. A formação acadêmica em Filosofia na Unesp é marcada por duas abordagens filosóficas que se consolidaram historicamente: a abordagem histórico-filosófica e a abordagem filosófico-interdisciplinar temática. Cada abordagem possui suas peculiaridades em relação aos seus objetos de pesquisa, em relação à compreensão do fazer filosófico e ao escopo de temas trabalhados. Essa dualidade alimentou uma disputa departamental que, além de atravessar as décadas, adentra as salas de aulas da graduação. Enquanto a primeira abordagem trabalha com obras consideradas clássicas e ressalta a importância da contextualização histórica e da compreensão das obras no seu tempo lógico, buscando uma leitura mais estrutural dos textos, a segunda enfatiza a interdisciplinaridade da Filosofia, utiliza da história da filosofia como referência e dá maior relevância para os problemas/temas trabalhados do que para a própria história da Filosofia. Essa abordagem dialoga muito mais com temas contemporâneos e autoras vivas. As diferenças metodológicas e filosóficas de cada abordagem são explícitas, porém, o uso do texto filosófico é comum a ambas as abordagens, transcendendo as divergências teóricas e emergindo como elemento central nas aulas, mediando a relação entre professor e aluno. O texto



filosófico é responsável pela especificidade das aulas de filosofia e, de certa maneira, pelo mínimo /filosófico. Essa estratégia formativa traz pressupostos didáticos e educacionais para o ensino da Filosofia, em detrimento de uma proposta filosófica. O texto, que deveria ser a ponte para o filosófico, aparece como limítrofe, formando professores explicadores de textos.

### Palavras-Chave

Texto. Formação em Filosofia. Herança formativa.



## O USO DA TAXONOMIA DE BLOOM NA AVALIAÇÃO DA ANÁLISE DE TEXTOS FILOSÓFICOS NO ENSINO MÉDIO

Rafael Sena Raposo De Melo  
[raposorafael@gmail.com](mailto:raposorafael@gmail.com)

Felipe Matos Lima Melo  
[felipemelounb@gmail.com](mailto:felipemelounb@gmail.com)

### Resumo

Nosso objetivo no presente artigo é, em primeiro lugar, apresentar exemplos de questões que podem ser utilizadas por professores e professoras no ensino médio para exercitar ou avaliar habilidades e competências relativas à leitura de textos filosóficos, a partir da taxonomia de objetivos educacionais de Bloom. Em segundo lugar, procuramos sugerir algumas atividades que podem ser empregadas para desenvolver as habilidades e competências que são pré-requisitos para o exercício da análise, segundo Bloom, a saber, o conhecimento, a compreensão e a aplicação. Além da utilidade no desenvolvimento das habilidades e competências relativas à correta análise de textos filosóficos, o que nos motiva a apresentar esse texto é a dificuldade de adaptar, à realidade de turmas de ensino médio, a maneira como a Filosofia é ensinada nas universidades. Com turmas com um número muito maior de alunos e alunas, é muitas vezes difícil ao professor e à professora de ensino médio fazer uso de questões discursivas, que exigem um tempo maior de correção do que as questões objetivas, isto é, que apresentam alternativas para o estudante. Ao apresentar exemplos de questões objetivas para avaliar a análise de textos filosóficos, nossa intenção é munir os e as docentes com ferramentas que facilitem o seu trabalho e, eventualmente, estimulem o trabalho com esses textos. Por fim, apresentamos um levantamento de antologias de textos filosóficos, que podem ser utilizados para se selecionar de maneira mais fácil excertos relevantes para serem trabalhados em sala de aula.

### Palavras-Chave

Taxonomia. Leitura estrutural. Ensino de filosofia.



## PARA UMA CRÍTICA FILOSÓFICA DO PROJETO DE VIDA

Felipe Gonçalves Pinto

[felipe.pinto@cefet-rj.br](mailto:felipe.pinto@cefet-rj.br)

### Resumo

Pretendemos apresentar os resultados da pesquisa a respeito da presença da noção de Projeto de Vida nos documentos que balizam a Educação Básica no país, da trajetória dessa noção na literatura acadêmica recente e dos livros didáticos de Projeto de Vida para o Ensino Médio contemplados no último edital do PNLD. O Projeto de Vida é um dos princípios norteadores da BNCC que se estabeleceu também como componente curricular obrigatório no currículo das redes estaduais de ensino médio, seguindo recomendação do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED). Antes da Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/17), o Projeto de Vida já aparecera em segundo plano em alguns referenciais curriculares nacionais e foi incluído no currículo de escolas públicas que aderiram ao Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) a partir de 2009 (NASCIMENTO, 2023). Nas recomendações e orientações do Consed para implementação do Novo Ensino Médio (NEM), o Projeto de Vida aparece definido como “trabalho pedagógico”, “percurso de planejamento” e “processo educativo” (CONSED, 2019, p.40), sendo recomendado que ele seja trabalhado “simultaneamente como componente curricular e de forma transversal ao cotidiano da escola” (CONSED, 2019, p.41). Em consonância com esse parecer, o edital do PNLD 2021 estabeleceu a elaboração, compra e distribuição de livros didáticos de Projeto de Vida, ao mesmo tempo em que substituiu os livros didáticos de disciplinas específicas por obras dedicadas a cada uma das grandes áreas. Como não há pré-requisitos específicos de formação para lecionar Projeto de Vida, professoras e professores licenciados em diversas áreas, inclusive em Filosofia, vêm assumindo a docência do Projeto de Vida de acordo com suas disponibilidades, seus interesses e com as pactuações de cada escola. Nesse cenário de mudanças abruptas e de opacidade a respeito do trabalho que vem sendo realizado no âmbito da disciplina Projeto de Vida, o livro didático tende a assumir um papel de maior destaque na orientação. Assim, apresentaremos uma revisão bibliográfica de pesquisas que examinam a introdução do Projeto de Vida nos currículos do Novo Ensino Médio (PONTES, 2021; NASCIMENTO, 2023; BRAGGIO,



SILVA, 2023) e, por fim, complementaremos essa revisão com os resultados de nossa pesquisa sobre as áreas de formação das autoras e autores das 24 obras de Projeto de Vida contempladas no PNLD 2021.

### **Palavras-Chave**

Ensino Médio. Projeto de Vida. Ensino de Filosofia.



## PODER-SABER NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EJA: PERSPECTIVA FOUCAULTEANA

Poliana Coelho Dos Santos

[poliana.coelho@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:poliana.coelho@aluno.ifsertao-pe.edu.br)

### Resumo

As preocupações com os espaços educacionais, em especial as escolas, mobilizam vários personagens – professores e pesquisadores, ligados diretos e indiretamente à educação. O espaço, contrapondo ao tempo histórico, assim como a linguagem, como sistema autônomo, também foram preocupações substanciais na obra do filósofo e historiador Michel Foucault (1926 – 1924). A modalidade EJA, norteadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), busca oferecer o ensino aos indivíduos que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental e Médio, nas idades consideradas apropriadas. Nesse sentido é essencial analisarmos alguns fatores educacionais, associados ao pensamento conceitual de poder em Michel Foucault (1926-1984). Então, o funcionamento da modalidade de ensino EJA, com seus mecanismos e diretrizes, próprios do ensino formal público, provoca, não somente, indagações filosóficas e históricas, sobre a instauração do ensino público, como também desencadeia uma discussão sobre a perspectiva filosófica da disciplina, do ponto de vista foucaultiano. Além disso, agrega-se ao processo analítico, o que Foucault (2012) chamou de “mecânica do poder”, que caracteriza uma espécie de “anatomia política”. Nesse sentido, o presente trabalho busca investigar e descrever desafios do ensino de filosofia na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, baseando-se no conceito de poder-saber, em Michel Foucault. Com isso, pretendemos identificar o caráter imprescindível da filosofia nas análises de possíveis consonâncias e/ou desconformidades entre as esferas burocráticas e disciplinares, atreladas ao Estado e a EJA e as liberdades humanas, nas ações do professor e dos alunos. A metodologia utilizada é de revisão bibliográfica, analítica, descritiva, que procura expor, analisar e descrever problemas circunstanciais do ensino na EJA, articulados com algumas bases teóricas, de literaturas específicas, que tratam de alguns conceitos apresentados no decorrer do trabalho. Concluímos que as tomadas de posições teóricas e práticas ajudam a averiguar amplas variedades de contradições e modificações, relacionadas ao poder-





saber, em distintas amplitudes, em especial, relacionadas à EJA. Além disso, percebemos circunstâncias e relações que formam os complexos quadros socioeducacionais que mobilizam e exigem organizações e participações ativas dos estudantes, a partir das novas compreensões e das descobertas dos professores e dos alunos.

### **Palavras-Chave**

EJA. Saber. Poder.



## POSSIBILIDADES LOGOPÁTICAS NO ENSINO DE FILOSOFIA (1): HEGEL E JUSTIÇA DE MARIA AUGUSTA RAMOS

Suzano De Aquino Guimarães

[suzano.guimaraes@ufpe.br](mailto:suzano.guimaraes@ufpe.br)

### Resumo

O Novo Currículo do Ensino Médio no Estado Pernambuco (2021) nomeia explicitamente o filósofo G.W.F. Hegel (1770-1831) e sua relação com os temas “Cidadania e Estado” enquanto “objetos de conhecimento”. Já o filósofo Julio Cabrera (1944-) apresenta em seu livro “O Cinema Pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes (2006)” a noção de “Logopatia”, na qual razão e emoção são compreendidos como inseparáveis no que diz respeito ao impacto cognitivo-afetivo das imagens na produção cinematográfica. Por fim, a cineasta Maria Augusta Ramos (1964-), em seu documentário “Justiça” (2004), provoca uma reflexão sobre a realidade brasileira expondo o cotidiano de personagens (réus, familiares e operadores do direito) a partir do sistema judiciário. Assim sendo, admitindo o que foi dito acima e considerando a Lei nº 13.006 de 2014 que determina exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, trata-se nesta comunicação oral de, brevemente, enquanto exercício de “filosofar e ensinar a filosofar”, pensar coletivamente possibilidades logopáticas do ensino de filosofia no Ensino Médio, notadamente sobre conceitos fundamentais da filosofia do direito de Hegel.

### Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Hegel. Logopatia.



## PRÁTICA E CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM FILOSOFIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriana Santos Tabosa

[astabosa@gmail.com](mailto:astabosa@gmail.com)

### Resumo

Em 2023, fui responsável por ministrar uma disciplina intitulada, “Prática de Filosofia Política”, com carga horária total de 75 horas. Esta disciplina foi criada a partir da constituição do novo Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura do meu curso, para atender à Resolução Nº 2 do Conselho Nacional de Educação, de 1º de julho de 2015. A disciplina foi configurada como “prática-extensionista” após a publicação da Nota Técnica de Esclarecimento Sobre a Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que permitiu que a carga horária da curricularização da extensão fosse desenvolvida a partir das disciplinas práticas nos componentes curriculares. Ou seja, esta permissão se refere ao Artigo 11, da Resolução CNE/CP nº 2/2019, incisos II e III, o Grupo II e o Grupo III, alínea b. Deste modo, a disciplina deve cumprir o propósito de transpor a ideia de cisão entre teoria e prática, propondo um planejamento didático que possibilite a percepção da articulação entre teoria e prática, característico deste componente curricular. Como também, ela deve cumprir a prática efetiva de extensão, com base no PNE — 2014/2024, na Lei n. 13005/2018, na Nota Técnica do Ministério da Educação sobre a Resolução CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro de 2019, e na Resolução CNE/CSE n. 07/2018. Diante do que orientam as leis, normas, resoluções e instruções normativas sobre o que caracteriza os componentes curriculares práticos e extensionistas, o nosso maior desafio é ajustarmos as disciplinas do curso de Filosofia, para atendermos efetivamente ao que é solicitado sobre a prática e a curricularização da extensão. A proposta deste relato de experiência é, primeiramente, discutir sobre as dificuldades e desafios de cumprirmos a prática e a curricularização da extensão nos cursos de Filosofia. Em segundo lugar, relatar a experiência sobre como pensamos uma possibilidade para desempenharmos, efetivamente, a prática e a curricularização da extensão em uma disciplina de Filosofia.

### Palavras-Chave

Curricularização da extensão. Filosofia. Prática.



## PRODUTO EDUCACIONAL DE FILOSOFIA: O JOGO DA ALETEIA COMO EXEMPLO DE PRÁTICA COM FUNÇÃO PROTRÉPTICA.

Diego Fernandes De Oliveira  
[oliveirafilosofia@edu.unirio.br](mailto:oliveirafilosofia@edu.unirio.br)

### Resumo

Em virtude das discussões em torno de produtos educacionais no ensino de filosofia e sua real relevância como produção filosófica, este artigo busca apontar a possibilidade de que jogos educacionais de filosofia são produções de caráter protréptico, ou seja, para exortar, incentivar, convidar à filosofia e ao filosofar. Essa ideia de produções de produtos educacionais como obras filosóficas com esta finalidade será norteadada pelo indicado no Eutidemo entre 287b a 282d, e também pela existência da obra de Aristóteles com o nome de “Protréptico” que em geral é traduzida por “Convite à filosofia”. A revisão filosófica integrativa determina o conhecimento atual sobre um conceito ou noção específica. O procedimento se dá de modo a realizar a identificação na literatura filosófica, analisar as passagens relevantes e sintetizá-las em resultados deste estudo independente sobre a função protréptica dos jogos na prática de ensino de filosofia, contribuindo, pois, para a possibilidade de repercussão benéfica nas produções para mestrado profissional de filosofia. O método filosófico empregado possui seis fases: pergunta norteadora; amostragem na literatura filosófica; coleta de dados filosóficos; análise crítica do dados; discussão dos resultados e a última fase, que se caracteriza pela apresentação da dissertação filosófica na exploração conceitual ou nocional a fim de responder se “o jogo da Aletheia pode ser considerado como uma prática de ensino de filosofia que possui função de caráter protréptico?” Nietzsche foi uma referência para a leitura do “Eutidemo” de Platão enquanto forma de demonstração ou produção de discurso filosófico e possibilitou extrair a existência de um gênero filosófico voltado para não iniciados em filosofia, ou seja, pessoas que estão tendo um primeiro contato; gênero tal que tem por função a exortação, o incentivo, a sedução, a persuasão ou o convite à filosofia e ao filosofar. As produções dos mestrados profissionais, pelo menos os jogos educacionais, são, ao meu ver, obras filosóficas de função protréptica segundo “anacronicamente” o Eutidemo de Platão.

### Palavras-Chave

Ensino ao filosofar. Produto educacional. Jogo.



## PROF-FILO: DIAGNÓSTICO ENVOLVENDO ASPECTOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS DE FILOSOFIA E INFÂNCIAS

Maria Reilta Dantas Cirino  
[mariareilta@hotmail.com](mailto:mariareilta@hotmail.com)

Maicon Costa Dos Santos  
[djmaiconmcs434@gmail.com](mailto:djmaiconmcs434@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa Pibic/CNPq/Uern, finalizada, etapa 2023-2024, teve como objetivo geral aprofundar pesquisas acerca das ideias de filosofia para/com crianças, respectivamente, em Matthew Lipman e Walter Kohan, no intuito da realização de investigação para elaboração de diagnóstico das práticas curriculares e/ou experiências de filosofia com crianças na educação básica, bem como a identificação de pesquisas em desenvolvimento em âmbito nacional. O período de inclusão das dissertações correspondeu as publicações de 2017-2023 e envolveu 309 dissertações. Os critérios de inclusão foram: análise de títulos, palavras-chave e resumos. Foram identificadas 10 dissertações que denotaram a presença conceitual entre filosofia e infâncias. Com base nos resultados encontrados, podemos concluir que, das 309 dissertações, 9,54% demonstram alguma forma de relação conceitual e/ou prática entre Filosofia e Infâncias. Esse dado é relevante, pois indica uma mudança de tendência, uma vez que, historicamente, no Brasil, a filosofia para crianças tem se efetivado principalmente na rede privada. Podemos afirmar, portanto, que a maioria das pesquisas realizadas pelos/as professores/as pesquisadores/as do Prof-Filo ocorreu em instituições públicas. Quanto as aproximações e distanciamentos entre as 10 dissertações analisadas foi possível identificar que prevalecem como fundamentos teóricos os seguintes autores: Matthew Lipman, como o pioneiro na criação da possibilidade de aproximar filosofia e crianças, bem como temas discutidos no pensamento de Lipman (1990), tais como: comunidades de investigação, pensamento de ordem superior e formação cidadã; Walter Kohan, sendo citado nas temáticas referentes à: infâncias, experiência do pensar com crianças de maneira presencial e on-line. Já de maneira geral, é possível afirmar que, a partir das pesquisas analisadas, as

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



pesquisas envolvendo filosofia e infâncias têm suas práticas predominantemente na segunda etapa do ensino fundamental em escolas públicas nas quais os(as) docentes-pesquisadores(as) exercem suas atividades profissionais.

## Palavras-Chave

Filosofia. Infâncias. Mestrado Profissional.



## QUEM TEM MEDO DO POR QUE? NOVAS DISPUTAS, VELHOS INTERESSES SOBRE O ENSINAR A FILOSOFAR

Matheus Mariano

[humanidadescommatheus@gmail.com](mailto:humanidadescommatheus@gmail.com)

### Resumo

Esta reflexão nasce baseada em um questionamento que a prática docente em Filosofia faz emergir: o que leva adolescentes e jovens negarem-se a questionar? o questionamento aqui referido não se resume ao processo de raciocinar enquadrado em um paradigma ou tradição filosófica específico, mas na operação metal da dúvida ou da busca por algum fundamento que sustente determinada posição. Se pensarmos além dos conceitos de anti-intelectualismo, muito comum em explicações acadêmicas e de intelectuais engajados, e o de alienação sob o prisma marxista como podemos explicar esse fenômeno? Certamente que o fragmento de realidade observado que gerou essa dúvida não resume toda a experiência juvenil do país, contudo fala de uma situação-problema existente em diversas comunidades escolares brasileiras. A resposta provisória expressa nesse texto apela para a soma dos conceitos de Teologia Política e Teologia do domínio na tentativa de explicar a escola como sendo ambiente que compete com a religião na formação dos sujeitos e por isso a Filosofia na escola é posta com rival de uma suposta retidão da fé.

### Palavras-Chave

Escola. Disputa. Racionalização.



## REDE SOCIAL E PRÁTICA DE ENSINO DE FILOSOFIA

Jailma Pereira De Albuquerque  
[jailma16albuquerque@gmail.com](mailto:jailma16albuquerque@gmail.com)

Flávio José De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Considerando os obstáculos encontrados por professores, alunas e alunos diante das práticas de ensino de filosofia, nossa discussão parte da hipótese que inserir o uso das redes sociais no ensino de filosofia vai contribuir no desenvolvimento das/dos estudantes ao proporcionar a aproximação entre a linguagem filosófica e a linguagem no digital. Se o filosofar busca problematizar questões inerentes ao próprio universo existencial das/dos estudantes, a escola precisa oferecer o suporte teórico e metodológico para isto. Nosso objetivo, por isso, será analisar o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs na educação pautado nas reflexões de Pierre Lévy e Michel Foucault levadas para o campo do ensino de filosofia. Assim como, produzir uma intervenção filosófica direcionada para a realidade das/dos estudantes do Ensino Médio da rede pública de ensino, através da produção de vídeos curtos que serão postados nas redes sociais. Partilhamos da ideia de que o uso da rede social contribuirá no desenvolvimento das/dos estudantes ao proporcionar vínculos entre os debates realizados dentro do ambiente escolar com a realidade vivenciada nas redes. Com Pierre Lévy é fundamental pensar com a sua obra *Cibercultura* (1999) e dialogar sobre a relação entre cultura e técnica na experiência do digital. Através do conceito de cibercultura e ciberespaço, propostas pelo filósofo, pensar a relação histórica que o ser humano desenvolve com a técnica. Com Foucault percorremos a história da filosofia moral, analisando a ética do período greco-romano e cristão, distinguindo o desenvolvimento da cultura de si que favoreceu a constituição de uma ética do cuidado. Assim, com Foucault e Lévy pensamos o ensino de filosofia como uma oportunidade de construção da subjetividade do aluno vinculada ao uso consciente da rede e suas tecnologias. Ao favorecer uma relação consciente com as tecnologias, estamos questionando a finalidade dos produtos criados, como sites e aplicativos, e as possibilidades de usos na educação.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Ética. Rede social.





## REFLEXÃO SOBRE AS TEORIAS TRADICIONAIS DO CURRÍCULO E O ENSINO DE FILOSOFIA

Oswaldo Galdino Ferreira Filho  
[osvaldo.galdino@aluno.ufca.edu.br](mailto:osvaldo.galdino@aluno.ufca.edu.br)

Francione Charapa Alves  
[francione.alves@ufca.edu.br](mailto:francione.alves@ufca.edu.br)

### Resumo

Apresentamos nesse trabalho a discussão acerca do sentido da abordagem comportamentalista no ensino de filosofia brasileiro. Nos inícios do século XX, a teoria tradicional do currículo desenvolveu-se numa necessidade de racionalizar o planejamento de ensino, vigorando numa abordagem comportamentalista. Nessa visão, o processo educativo era compreendido na busca do desenvolvimento de aptidões e comportamentos dos indivíduos dentro de uma previsibilidade. Seguiram as teorias críticas e pós críticas que discutiam as perspectivas tradicionalistas de currículo de Bobbitt e Tyler. Rocha concebe a formação educativa na ordem da práxis, logo caracterizada pela indeterminação, tornando estranha a antecipação dos efeitos almejados por um prévio planejamento educacional. Apesar dessas críticas, as conquistas do processo educativo desenvolvido pela visão das teorias tradicionais foram abandonadas por uma perspectiva política e socio-cultural. Nesse sentido, o desenho do currículo no ensino básico provoca uma questão na dimensão do ensino-aprendizagem: o modelo por objetivos comportamentais ainda faz sentido no ensino de filosofia? Dada a complexidade do processo educativo, faz-se necessária uma constante busca por melhores práticas e metodologias de ensino. Nesse itinerário, Rocha convida-nos a pensar o ensino de filosofia na escola média brasileira remetendo-nos à análise do projeto curricular. Nossa metodologia consiste numa pesquisa bibliográfica, sublinhando as teorias curriculares de Franklin Bobbitt e as análises de Lawrence Stenhouse com base na obra de Ronai Rocha. Para além dos amplos ideais educacionais da tradição filosófica da autonomia e emancipação humanas, o pensador faz o convite à análise de temas menores como planejamento e objetivos educacionais de caráter comportamental. Rocha pressupõe haver relevantes contribuições nas



teorias tradicionais do currículo, procedendo com a distinção dos diversos processos encontrados na educação. Sua análise filosófica propõe uma investigação dos aspectos integrantes da práxis educativa: o treinamento, a instrução, a iniciação e a indução. Pretendemos em nossa análise apresentar a discussão do mapeamento das possibilidades de aplicação do modelo curricular por objetivos comportamentais no ensino de filosofia. Diante da atual discussão sobre a reforma do ensino médio e do lugar da filosofia na educação básica brasileira, esperamos contribuir com a reflexão dos aspectos basilares inerentes ao currículo.

### **Palavras-Chave**

Currículo. Ensino de Filosofia. Teoria Tradicional.



## SOBRE PRINCÍPIOS, METODOLOGIAS E TIPOLOGIAS NA SISTEMATIZAÇÃO DE PRODUTOS EDUCACIONAIS DE FILOSOFIA

Joao Andre Fernandes Da Silva

[joao.andre@cefet-rj.br](mailto:joao.andre@cefet-rj.br)

Rafael Mello Barbosa

[rafael.barbosa@cefet-rj.br](mailto:rafael.barbosa@cefet-rj.br)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar o Laboratório de Inteligências Coletivas-LIC(repositório de produtos educacionais), especialmente a sua fundamentação a partir de princípios, metodologias e tipologias específicas. Desta forma, pretendemos desenvolver as seguintes questões: 1-A necessidade de se vislumbrar alguns princípios norteadores sem os quais ficaria difícil a estruturação da plataforma e a sistematização dos produtos didáticos e educacionais. Dentre os princípios, citaremos, aqui: A- o princípio de democratização da produção e do acesso aos produtos didáticos e educacionais dos professores e professoras de filosofia; B- o princípio de registro e publicização dos mesmos; C- o princípio de valorização do trabalho docente desdobrado na importância da plataforma e suas tipologias estarem adequadas às necessidades dos professores e não o contrário. 2-Percorrer dois processos específicos de sistematização de tipologias: o da CAPES(sistematização dos PTTs) e do PPFEN(tipologia interna constituída pelos professores Felipe Gonçalves Pinto e Taís Silva Pereira). Esses exemplos mostram a necessidade de se articular tipologias e metodologias com princípios. 3-Ensaar uma reflexão filosófica sobre a característica autoral destas produções ousando compará-las a obras filosóficas, com a mesma naturalidade que intitulamos alguns livros. Consideramos importante aproximar a noção de produção da noção de criação, muito cara à Arte, à Política e à Filosofia. O objetivo principal aqui é ressignificar a noção de produto desvinculando seu sentido do contexto tecnicista tradicional. 4-Colocar o problema da certificação de produtos/obras filosóficas no contexto do ensino de filosofia. Essa questão implica na reflexão sobre os critérios que nos levarão a hierarquizar os que serão passíveis de aprovação para a certificação e aqueles que não. A dificuldade maior não é chegarmos



a uma conclusão temporária sobre os critérios mínimos no PPFEN, mas na área como um todo. Para que isso ocorra o Laboratório de Inteligências Coletivas-LIC deve auxiliar na propagação do debate em torno da questão “Quais são os critérios mínimos para julgarmos válida (também filosoficamente) um produto, uma obra pedagógica?”. Essas questões foram apresentadas sumariamente na conclusão de um artigo enviado à publicação na Revista Internacional de Filosofia Problemata. Contudo, não eram o objetivo principal do artigo, sendo seu desenvolvimento o objeto desta comunicação.

### **Palavras-Chave**

Filosofia. Ensino de Filosofia. Educação.



## VIVÊNCIA E PESQUISA: MULHERES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Lidiane Brito Do Nascimento  
[lidianevaiagrecia@gmail.com](mailto:lidianevaiagrecia@gmail.com)

Flavio De Carvalho  
[flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br)

### Resumo

Nosso trabalho trata-se da apresentação dos resultados e discussões da pesquisa realizada na Escola Estadual Antônia Guedes Martins no município de Lagoa D'anta no estado do Rio Grande do Norte, pelo programa de mestrado do PROF-FILO núcleo Universidade Federal de Campina Grande. Nossa pesquisa partiu-se da vivência em sala de aula do Ensino Médio com as turmas 3º série com a observação da ausência de referenciais teóricos filosóficos de mulheres, isto é de filósofas. Nesse contexto, desenvolvemos o presente trabalho, utilizando-se da pesquisa-ação com abordagem qualitativa, dispendo-se do questionário como instrumento. Considerando que o Mestrado Profissional em Filosofia tem como objetivo o melhoramento do Ensino de Filosofia na escola em que o/a mestrando/a trabalha, a presente pesquisa visou a elaboração de um produto educacional que possa contribuir para o melhoramento da aprendizagem dos conteúdos trabalhados nas aulas de filosofia. Nosso produto educacional dividiu-se didaticamente de duas formas: a primeira pela verificação do Currículo do Ensino de Filosofia potiguar, onde analisamos se há o lugar de fala das mulheres no Currículo e se tendo é suficiente? E o segundo, experimentamos as contribuições ao Currículo de Ensino de Filosofia potiguar através de oficinas em sala de aula para averiguar o possível lugar de fala das mulheres. No referencial curricular potiguar, há duas habilidades de filosofia das quais colocam-se ao perceber, compreender, criticar e superar os preconceitos e a existência das mulheres filósofas em períodos da filosofia, e a partir daí propomos a intervenção filosófica-pedagógica com execução de três oficinas filosóficas, sob os títulos: Feminismos: tecendo, alinhavando e costurando saberes; Gênero e sexualidade com e a partir de Butler; Uma caixa de ferramenta e Corpos, vivências e expressões de si. Nessas oficinas dialogamos



com Simone de Beauvoir, Judith Butler, Nísia Floresta, Bell Hooks e Michel Foucault. Por fim, chegamos à compreensão que o referencial curricular potiguar pode ampliar e incorporar referências de leitura de mulheres, isto é, de filósofas e para além das mulheres as questões de gênero, nas aulas de filosofia no Ensino Médio e que é possível viver a experiência do pensamento a partir e com as discussões gênero possibilitando um espaço democrático, diverso, criativo e plural.

### **Palavras-Chave**

Pesquisa. Ensino de Filosofia. Gênero.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▶ 04/10/24



Realização



ANPOF  
Associação Nacional de História

Apoio



UFPE



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE PERNAMBUCO



FUNDAÇÃO DE AMPARO  
À PESQUISA DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO



CNPq

## GT FILOSOFIA ANTIGA



## A “PRIMEIRA CIDADE” E OS PRODUTORES NA REPÚBLICA DE PLATÃO

Marcos Tadeu Neira Miranda  
[marcostnmiranda@gmail.com](mailto:marcostnmiranda@gmail.com)

### Resumo

Na construção de uma cidade desde o princípio (ex arkhês: República II 369c9), Sócrates descreve uma comunidade muito simples, composta, em sua formatação essencial (anagkaiotatê: República II 369d11), de quatro ou cinco indivíduos que realizam tarefas específicas e compartilham parte do produto do trabalho com os demais, constituindo uma cidade de produtores (dêmiourgoi) regida pelo que ficou conhecido como “princípio da especialização”: um homem para um trabalho, segundo o que é apropriado por natureza. Tal é a denominada “primeira cidade”. Qual papel ela encena na República? A indagação se justifica, uma vez que essa cidade recebe modificações substanciais. Gláucon a chamará “cidade de porcos” e reclamará a introdução de luxo em seu modo de vida: bens não necessários e variedades (poikilia), segundo a formulação de Sócrates. Embora a considere “verdadeira” e “saudável” (República II 372e6-7), Sócrates aquiesce à demanda de seu interlocutor e passa então a procurar a justiça e a injustiça na cidade “luxuosa”, que, após introduzida a educação para os guardiões, resultará na “bela cidade” (kallipolis). Discute-se, com efeito, o estatuto da primeira cidade no argumento global da República, a relação entre ela, a cidade “luxuosa” e a kallipolis, a pertinência do princípio da especialização como definição da justiça, dentre outras questões. Proponho abordar a “primeira cidade” a partir da identificação do tipo psicológico dos seus habitantes. Estabelecido que se trata de uma cidade de produtores, é possível associar a eles o que Platão diz a respeito da classe dos produtores em outros momentos da obra. Vinculando os produtores aos “amantes do dinheiro e do lucro” (cf. República IX 580d-581e), penso ser possível descrever adequadamente o modo de vida desses homens, ao mesmo tempo em que se desdobram consequências importantes para as questões referentes à justiça, à educação e ao acordo acerca de quem deve governar.

### Palavras-Chave

Platão. República. Política.





## A CRÍTICA AO MONISMO ELEÁTICO NO SOFISTA (244B-245D)

Bruno Loureiro Conte

[conteb@gmail.com](mailto:conteb@gmail.com)

### Resumo

Ao examinar doutrinas sobre o que é (242c4 ss.), o Estrangeiro Eleata e Teeteto discutem os compromissos ontológicos identificáveis em teorias específicas: primeiro, sobre doutrinas cosmológicas pluralistas, depois sobre o monismo, uma teoria que parece ser peculiar aos Eleatas. Este último bloco do texto é frequentemente apresentado como compreendendo dois argumentos: um Primeiro Argumento (244b9-244d13) é geralmente entendido como uma série autônoma de refutações da tese, formulada de várias maneiras, de que tudo é um ou de que existe apenas uma coisa. Nesta leitura, o Segundo Argumento (244d14-245d11) formularia um conjunto independente de argumentos, adicional à primeira série de refutações, lidando com dificuldades mereológicas implícitas pela perspectiva monista. Este artigo desafia essa interpretação dos argumentos e tenta mostrar a dependência do Segundo Argumento dos resultados obtidos de (uma certa leitura do) Primeiro Argumento. Será mostrado que o Estrangeiro tenta esclarecer as condições para uma enunciação consistente da tese monista, elaborando as alternativas que ele teria que escolher para salvar sua teoria; no entanto, ao explicitar esses compromissos, o Estrangeiro prepara a refutação que ocorre efetivamente no Segundo Argumento.

### Palavras-Chave

Eleatismo. Platão. Refutação.



## A DIALÉTICA DO PRAZER NO FILEBO DE PLATÃO.

Adriana Alves De Lima Lopes  
[adrianalp@phb.uespi.br](mailto:adrianalp@phb.uespi.br)

### Resumo

A presente proposta consiste em analisar a relevância do tema do prazer para a constituição de uma vida boa e feliz no Filebo de Platão. Desse modo, tomamos como ponto de partida o debate inicial do Filebo ao discutir o problema do prazer na vida humana, no dilema entre a vida de prazer e a vida de conhecimento como a melhor forma de vida. (Fil 11 a-14b). A vida boa passa a ser defendida como uma mistura entre prazer e conhecimento. A partir disso, o desenvolvimento do diálogo aponta para uma nova ontologia em Platão pela divisão em quatro gêneros: ilimitado (ápeiron), limitado (péras), misto (meiktón) e causa (aitía). Com essa divisão, a proposta socrática pretende apresentar os elementos presentes na composição da vida boa. No entanto, as dificuldades do Filebo em assegurar um lugar para o prazer na vida boa nos revela uma tarefa um tanto complexa. Uma interpretação que pretende dar conta das questões abordadas no Filebo se defronta com a pergunta inicial que conduz a discussão no diálogo. A pergunta feita por Sócrates no início do diálogo requer descobrir em que consiste a vida boa enquanto mistura de prazer e pensamento. A inserção do prazer no seio da discussão realça a proposta dialética esclarecida por Sócrates ao definir os termos da discussão, pois nem somente uma vida de prazer nem somente uma vida de pensamento são suficientes para responder a questão. Desse modo, para estabelecer um discurso no qual o prazer possa ser discutido racionalmente, a saída apontada por Sócrates parte da concepção de um exame entre os diferentes tipos de prazeres. A partir dessa distinção, dissolve-se a identidade do prazer como um bem e este se torna objeto do discurso enquanto multiplicidade dos prazeres. A pretensão de Sócrates no Filebo propõe não somente uma reflexão ética da vida humana, mas propõe também uma reflexão ontoepistemológica a ser discutida no decorrer do diálogo e que, por sua vez, se configura dialeticamente por uma mistura entre prazer e pensamento, um agon que tem como finalidade refletir acerca do modo de vida capaz de trazer mais felicidade aos homens.

### Palavras-Chave

Prazer. Dialética. Platão.



## A EUDAIMONÍA ENTRE O ÓCIO E A DIVERSÃO NA PERSPECTIVA ARISTOTÉLICA

Everton De Jesus Silva  
[evertonjmj@gmail.com](mailto:evertonjmj@gmail.com)

### Resumo

Este estudo se propõe a investigar a concepção aristotélica de eudaimonía, explorando a relação entre o ócio (*scholé*) e a diversão (*paidia*) com base na obra *Ética a Nicômaco*. Aristóteles sustenta que a felicidade não está intrinsecamente vinculada ao entretenimento, mas sim ao tempo livre, compreendido não como inatividade, mas como um estado de reflexão fecunda. Enquanto o ócio proporciona uma realização mais profunda e duradoura, a *paidia* é vista como um meio de aliviar o cansaço do trabalho, mas não como o *télos* da vida humana. Ao contrário do trabalho, o ócio possui um objetivo intrínseco. Entretanto, isso não implica em glorificar a inércia ou a preguiça, pois, para os gregos, a virtude está sempre associada à prática. Daí a sustentação aristotélica de que exaltar a inatividade mais do que a ação não corresponde à verdade, já que a felicidade se encontra na atividade. O Estagirita ressalta a importância do pensamento reflexivo para uma vida plenamente feliz. No entanto, a sociedade contemporânea, caracterizada pelo culto ao trabalho e à produtividade, frequentemente negligencia essa importância, relegando o ócio a um papel secundário em detrimento de atividades mais voltadas para o ganho e o sucesso material. Para aprofundar essa análise, é crucial compreender a distinção entre o ócio e o mero passatempo. Dessa forma, o texto questiona como a sociedade contemporânea compromete a busca pela eudaimonía ao priorizar o trabalho e a produtividade em detrimento do ócio reflexivo, afetando a realização plena do ser humano.

### Palavras-Chave

Diversão. Eudaimonía. Ócio.



## A JUSTIÇA EM ARISTÓTELES: É POSSÍVEL RESGATAR ESSA VIRTUDE PARA O NOSSO CONTEXTO ATUAL?

Gabryela Schneider Gonçalves  
[gabryelagoncalves7@gmail.com](mailto:gabryelagoncalves7@gmail.com)

### Resumo

A virtude da justiça possui muitas características que a torna múltipla, como diz Aristóteles “parece bem que tanto a justiça quanto a injustiça se dizem de muitos modos, porque a homonímia deles é muito próxima [...]” (EN, V, 1129 a30). Isto porque diz-se que é justo tanto quem segue a lei e zela pela igualdade e, ao contrário, é injusto quem não segue a lei e causa a desigualdade. Podemos falar, então, em dois tipos de justiça: a justiça inteira e a justiça particular. Os dois tipos de justiça são virtudes e exercem sua capacidade da relação com o outro. Contudo, a justiça inteira diz respeito a tudo aquilo que concerne ao homem virtuoso e a justiça no sentido particular diz respeito à honra, aos bens ou à sua preservação. É na justiça particular que se encontra o injusto que é injusto unicamente por agir na ganância, que tem como fim último de sua ação o ganho. Ora, o injusto em sentido estrito que age visando sempre o lucro, é o sujeito capaz de transgredir qualquer regra, lei, ética etc. para satisfazer seus desejos e ter prazer com isso. O grande problema consiste no fato de que o ganancioso não possui limites, ele nunca estará satisfeito com o que já é seu. Tal sujeito se encontra em um estado no qual não é capaz de agir visando o bem comum, ele visa unicamente o seu desejo individual não se importando com as consequências que sua injustiça causará, seja em um âmbito maior (quando quem age de tal modo é alguém que ocupa um cargo de poder na pólis), ou em um âmbito menor. O fato é que nos dois casos provoca-se a desigualdade em prol de um único sujeito, uma única vontade. A sociedade moderna é o berço da naturalização desse individualismo, no lugar do télos, temos agora o sujeito de direito. A ética das virtudes, e sobretudo a virtude da justiça, não tem espaço algum dentro do contexto moderno. A tradição que vai contra a filosofia teleológica de Aristóteles aponta a impossibilidade de se ter um bem comum do qual todos possam partilhar e concordar. Para essa tradição, o pluralismo decorrente da modernidade impede qualquer noção de bem que possa ser priorizada entre os indivíduos, o que importa é o direito a individualidade. A consequência disso



é a falência das sociedades modernas, como muito bem apontado por MacIntyre em Depois da virtude. Nesta comunicação, pretendo demonstrar a possibilidade de utilizarmos a concepção de justiça em Aristóteles como uma possibilidade de reflexão para os nossos conflitos sociais.

### **Palavras-Chave**

Justiça. Bem comum. Virtude.



## A MATEMÁTICA DO RACIOCINAR DIALÉTICO EXPRESSO NO TEETETO

Ana Paula De Jesus Carvalho  
[anapaulacarvalho090@gmail.com](mailto:anapaulacarvalho090@gmail.com)

### Resumo

De acordo com Heath (1981, página 353), Platão é o primeiro filósofo a tematizar o conhecimento matemático na sua filosofia, reconhecendo que esse encontro é fundamental para pensar o raciocinar da alma. Partindo desse pressuposto, que a matemática pode ser utilizada como um recurso para compreender o pensamento e o raciocinar da alma, o diálogo escolhido para minha pesquisa é o “Teeteto”, pois a maneira com a qual Platão emprega o recurso das analogias para mobilizar o jovem matemático a responder a questão central – o que é conhecimento? – permite-me investigar o modo como ele pensa filosoficamente questões matemáticas. No diálogo, o emprego das analogias possibilita o exame de um raciocinar próprio da alma, “um raciocinar por analogias”, capaz de deduzir a relação entre dois termos desconhecidos a partir de uma igualdade com termos conhecidos (148 a) na compreensão daquilo que é uma unidade. Destaco especialmente a passagem 148 d, na qual Platão descreve a cena em que Teodoro, mestre de Teeteto, desenha as potências de três pés e a de cinco pés que não são comensuráveis, segundo o comprimento, com a de um pé, e assim tomando cada uma de uma vez, até a de dezessete pés, a qual se detém. A passagem suscita a seguinte questão: por que Teodoro para na potência de 17 pés? Em que medida, a expressão daquilo que não pode ser expresso por inteiro, no caso das potências matemáticas, é compreendido como unidade? Assim, na busca de responder às questões postas, o objetivo desta pesquisa se constrói na investigação deste contexto matemático e como ele reflete o papel da alma no exercício dialético expresso no diálogo.

### Palavras-Chave

Teeteto. Analogia. Matemática. Dialética.



## A NATUREZA (ΦΥΣΙΣ) COMO JUSTIFICATIVA DOS COSTUMES (NOMOI) NO ECONÔMICO DE XENOFONTE

Janaína Silveira Mafra  
[janasmafra@icloud.com](mailto:janasmafra@icloud.com)

### Resumo

Xenofonte foi um dos autores clássicos mais desconsiderados do último século. O descrédito que marcou seus escritos socráticos é uma consequência das conclusões a que chegaram, no começo do século XX, os historiadores que buscavam uma solução à Questão socrática. Segundo L. -A. Dorion, desde as origens dessa Questão, que remontam a um estudo de Schleiermacher, de 1815, o testemunho de Xenofonte foi submetido a duas críticas consideradas por ele como impiedosas: 1) Xenofonte não era um filósofo, mas, sim, um militar e político, desse modo não era um testemunho qualificado para expor as posições filosóficas de Sócrates e 2) Xenofonte se empenhava em defender seu mestre da acusação de ser subversivo, representando a ordem estabelecida e os valores tradicionais. Dorion não só problematiza a solução da Questão socrática proposta por Schleiermacher, que considerava que o Sócrates histórico correspondia essencialmente ao Sócrates dos primeiros diálogos de Platão, como também diz que tais críticas pressupõem uma concepção restrita de filosofia, mais crítica e especulativa do que prática. Segundo ele, Xenofonte tinha por fim mostrar como e até que ponto Sócrates foi útil para os outros e contribuiu para tornar seus companheiros melhores. Em harmonia com Dorion, pensamos que Xenofonte é, sim, um filósofo cuja obra tem qualidades que lhe são intrínsecas e que, além disso, influenciou vários autores da antiguidade, como, por exemplo, os primeiros estoicos. Entretanto, também pensamos que, se, por um lado, hoje a reabilitação dos escritos socráticos de Xenofonte está bastante avançada e o trabalho que está sendo feito nesse sentido já permitiu a Xenofonte recuperar a sua respeitabilidade, por outro lado, não devemos silenciar toda e qualquer problematização do conteúdo de sua filosofia, pois tal tentativa seria tão nociva quanto aquela de silenciar o filósofo. Partindo dessa consideração, o intento de nossa comunicação é mostrar que – embora Xenofonte, no Econômico, estabeleça pela boca de Isômaco qual é o lugar de atuação (χώρα) e quais são as tarefas ou funções (ἔργα) das mulheres no âmbito da cidade, alegando que elas



devem se ater ao interior da casa e exercer as tarefas ou funções que lhe são próprias por natureza ( $\phi\acute{\upsilon}\sigma\epsilon\iota$ ), o que os costumes ( $\nu\acute{o}\mu\omicron\iota$ ) confirmam — o argumento da natureza ( $\phi\acute{\upsilon}\sigma\iota\varsigma$ ) tem nesta obra não só o papel retórico de justificar os costumes ( $\nu\acute{o}\mu\omicron\iota$ ), mas também o de protegê-los de investidas críticas.

### Palavras-Chave

Xenofonte. Econômico. Natureza. Costumes.





## A PRESENÇA DE ΑΙΔΩΣ EM HÉCUBA E AS TROIANAS, DE EURÍPIDES

Vinícius Bastos Ferreira Brantes Ribeiro

[bastos-ferreira@hotmail.com](mailto:bastos-ferreira@hotmail.com)

### Resumo

O presente texto aborda a presença do termo αἰδώς (vergonha) em duas peças de Eurípides, Hécuba e As Troianas, ambas sob o tema do desfecho da Guerra de Troia. Investiga-se até que ponto esse sentimento é capaz de impedir alguém de tratar o outro com impiedade, ou se ter vergonha não é o suficiente para impedir que uma injustiça aconteça. O que um sujeito envergonhado não é capaz de fazer e o que um grupo de sujeitos sem a vergonha é capaz de fazer são dois pontos importantes na reflexão desta pesquisa. A pesquisa leva em consideração não apenas o cenário da peça, o desfecho do cerco de Troia, mas também o cenário sob o qual está inserido o próprio autor da peça; em outras palavras, leva-se em conta o ambiente da peça em si, mas também o momento histórico em que vive Atenas na época, a Guerra do Peloponeso, em que atenienses tratam com crueldade os vencidos, como por exemplo em Mitilene (427 a.C.), Sición (421 a.C.) e Melos (415 a.C.). Um momento histórico de Atenas em que a guerra expressa a miséria humana. O teatro de Eurípides é uma expressão desses sentimentos humanos que tomam a cidade. Diante disso, é importante investigar qual a importância do sentimento de vergonha durante a guerra e durante a democracia. Destarte, será analisada a importância da vergonha e da apresentação dessas peças para o próprio funcionamento da democracia em Atenas.

### Palavras-Chave

αἰδώς. Hécuba. As Troianas.



## ALCESTE COMO PARADIGMA ERÓTICO NO SYMPOSIUM DE PLATÃO

Cristina De Souza Agostini

[cristina.agostini@ufms.br](mailto:cristina.agostini@ufms.br)

### Resumo

No Symposium platônico, a discussão acerca da fêmea, da mulher e do feminino não é esporádica, mas constitui os elogios a Eros, em diversas referências, de todos os convivas e, mais especificamente, aqueles realizados por Fedro, Pausânias e Aristófanes. Com efeito, estes, de maneira exacerbada, conferem tanto ao macho, ao homem e ao masculino quanto à relação pederástica estatuto superior à participação feminina nos modos de apresentação de Eros. Ademais, Fedro, Pausânias e Aristófanes, em certo sentido, concordam que o caráter virtuoso, sob todos os aspectos da virtude, é mais eminente nos homens, sendo que as relações isentas do feminino, sejam mulheres ou deusas com origem materna, são essenciais para a dignidade do caráter masculino. Assim, levando em consideração que Alceste é a figura feminina exemplar, no discurso de Fedro, para todas as mulheres e, contudo, seu comportamento está fundamentado em uma espécie de instituição masculina, a saber, a ‘pederastia’, plasmada no casamento com Admeto, irei elaborar minha análise. Esta abordará, por um lado, como somente a resignificação do mito acerca da rainha permite a Fedro a comparação daquela com Aquiles e, por outro, investiga o modo segundo o qual sua concepção acerca da conduta erótica feminina também resignifica os sintomas e males eróticos sofridos pelas mulheres em acordo com uma tradição que remete aos tratados hipocráticos e à poesia sáfica.

### Palavras-Chave

Feminino. Virtude. Eros.



## ARIMNESTO, FILHO DE PITÁGORAS, PROFESSOR DE DEMÓCRITO

Gustavo Laet Gomes

[guslaet@gmail.com](mailto:guslaet@gmail.com)

### Resumo

No trecho de sua “Vida de Pitágoras” em que trata da família próxima do lendário sábio de Samos, Porfírio reproduz uma notícia obtida através do historiador Dúris de Samos, segundo o qual Pitágoras teria tido um filho chamado Arimnesto, e que este Arimnesto, também de Samos, teria sido professor do abderita Demócrito. Não temos qualquer outra notícia a respeito desse obscuro Arimnesto, que tampouco aparece nas listas de pitagóricos ou nas demais biografias de Pitágoras que chegaram até nós. Essa notícia se soma a outros testemunhos que ocorrem sobretudo em Diógenes Laércio e que parecem ter a finalidade de ligar Demócrito ao pitagorismo. Neste trabalho, ofereço uma possível explicação para a origem desta notícia a respeito das ligações entre Pitágoras, Arimnesto e Demócrito, a partir de outros testemunhos a respeito da família de Pitágoras e das possíveis ligações entre Demócrito e o pitagorismo. Exploro, em particular, a extensa lista de homônimos de Pitágoras apresentada por Diógenes Laércio, além do caso bem mais recente da moeda que traz o nome ‘Pitágoras’ cunhada na Abdera de Demócrito, de onde se extrai ainda mais um homônimo de Pitágoras.

### Palavras-Chave

Arimnesto. Pitágoras. Demócrito. Dúris. Samos.



## ARISTÓTELES E O PROBLEMA DO INTELLECTUALISMO MORAL

Brunno Alves Da Silva

[brunnoalves37@yahoo.com.br](mailto:brunnoalves37@yahoo.com.br)

### Resumo

É notório o interesse na ética aristotélica no cenário da filosofia moral contemporânea como Veatch (1962), Ando (1965), Cooper (1986) e Brodie (1991). Temas ligados à felicidade, ao prazer e a dor, à função humana, a formação do caráter por meio das disposições morais, bem como o problema do fracasso moral, a amizade e a melhor atividade que podemos desempenhar enquanto seres racionais, estão entre os seus interesses. Relacionando esses pontos, queremos examinar a discussão entre Aristóteles e Sócrates em duas dimensões: (i) Na pertinência do relato de Aristóteles sobre Sócrates, para os estudiosos de Platão (Vlastos, 1991; Kahn, 1996, Brickhouse e Smith, 1994). (ii) Para os comentadores do próprio Aristóteles que, em passagens pontuais, buscaram esclarecer qual a postura do Estagirita para com o filósofo de Atenas (Pakaluk, 2005, Irwin, 1999, Monteils-Laeng, 2014). Contudo, não encontramos um texto que aprofunde o intelectualismo moral de forma detalhada numa delimitação da Ética de Aristóteles. Julgamos que, o modo como Aristóteles propõe uma educação das emoções, o hábito, e as operações da razão e do desejo na constituição dos tipos morais ajuda-nos a compreender melhor suas objeções. Pretendemos apresentar uma parte dessa recepção de Aristóteles das doutrinas éticas de Sócrates: os paradoxos ou máximas morais, conforme Lopes, (2017). Haveria uma tendência na literatura filosófica que reforça o entendimento corrente da tradição, bem como, em contrapartida, uma tentativa de revisão desta perspectiva (Penner, 2010, Brickhouse e Smith, 2015, Devereux, 1992). Aristóteles serviria de fonte para ambas, com o que não estamos de acordo. Encaminhamos a problemática alegando que a leitura ortodoxa não estaria equivocada como atestam os intérpretes que pretendem contestá-la. Ela favoreceria uma aplicação razoável de encontro a modelos éticos racionalistas, no que concerne ao postulado moral da suficiência da razão. Em síntese, ao delimitar os referidos “paradoxos”, mostraremos sua recepção em Aristóteles e a presença dessas mesmas máximas nos intérpretes que buscam esvaziar suas objeções.



Como consequência, teríamos ratificada certa a imagem de Sócrates tal como se encontra na tradição bem como corroborada as teses da ética aristotélica.

### **Palavras-Chave**

Aristóteles. Ética. Intelectualismo. Virtude.



## ARTE COMO ESPÉCIE DE SABER HUMANO, EM ARISTÓTELES

Tiago Penna

[penna.tiago@gmail.com](mailto:penna.tiago@gmail.com)

### Resumo

Toda arte (techné) está relacionada à produção (poiésis) de um objeto de arte”, compreendido como “fruto” da atividade artística, tomada como espécie de habilidade (estritamente humana). Tal objeto de arte, (fruto de uma atividade intelectual relacionada à produção do objeto), pode ser compreendido como aquilo que preexiste enquanto forma na mente do artista. Assim, o artífice irá com-por ao fazer a re-união (organizar, ordenar) os elementos constituintes de determinado objeto de arte, conforme tal forma concebida pelo artífice, a partir da matéria oriunda de determinado contexto ou espécie de arte. Tal forma pode ser concebida como juízo geral acerca de determinada classe de seres. Assim, o movimento produtivo (kínesis poietikê) do artista se estabelece a partir da e-labor-ação, por meio de um gênero específico de saber produtivo (epistême poietikê), comprometido como o “ato de produção” (poiésis), encarado como meio de com-posição (poética) de uma substância “produzida” (ousía), compreendida enquanto agregado de matéria e forma: o poema (poiêma), cuja matéria são as palavras, por exemplo. A arte enquanto techné é encarada como a atividade da produção (poiésis) humana que distingue a espécie humana (ânthropos) dos demais seres provenientes da natureza (phýsis). Se, “arte” – em certo sentido – “imita” a natureza, pelo fato de que a produção (poiésis) inerente à arte (techné) é, por analogia, similar à geração dos seres naturais. Por isso, também arte (techné) se apresenta como “disposição” psíquica ou faculdade (dýnamis) intelectual relacionada a um hábito produtivo (héxis poietikê) adquirido & comprometido, portanto, com a produção (poiésis) enquanto capacidade psíquica, intelectual, e portanto, humana, relacionada ao fazer poético ou à “criação” (poiésis) artística, em geral. Portanto, se a arte deriva da experiência, é a partir da experiência adquirida relacionada à determinada atividade artística, inserida em determinado contexto poético (por exemplo), que a arte (techné) poderá ser compreendida como uma espécie de “saber” (epistême), inserida no gênero das ciências produtivas (epistême poietikê).

### Palavras-Chave

Aristóteles. Techné (arte). Poiésis (produção).



## AS SIMILARIDADES ENTRE A ARTE DA MEDIDA NO PROTÁGORAS DE PLATÃO E O MEIO TERMO ARISTOTÉLICO

Gustavo Santos Sousa

[gustavosantos25692@gmail.com](mailto:gustavosantos25692@gmail.com)

### Resumo

Temos como objetivo apresentar as similaridades e as diferenças entre a arte da medida (μετρητική τέχνη) apresentada por Sócrates no Protágoras e o meio termo (μέσον) presente na Ética a Nicômaco de Aristóteles. Sabemos que Platão influenciou Aristóteles, mas essa influência não parece tão explícita. Na filosofia de Platão, a virtude (ἀρετή) é um conhecimento. Contudo, qual tipo de conhecimento que a virtude é, pode nos escapar. Sabendo qual tipo de saber ela é, somos capazes de encontrar uma forte relação com a virtude moral aristotélica. No diálogo Protágoras, somos capazes de obter essa informação. A virtude é o conhecimento chamado de arte da medida. A arte da medida é a arte (τέχνη) referente à medida (μετρητική), que consiste no exame (σκέψις) entre o excesso (ὑπερβολῆς), a falta (ἐνδείας) e a equivalência (ισότητος) em relação ao prazer e a dor. É um conhecimento que mensura os prazeres e as dores imediatos com os prazeres e as dores consequentes. Examina o mais e o menos, o mais próximo e o mais distante, é um conhecimento aritmético (ἀριθμητική). Aquele que erra, erra por ignorância (ἀμαθία). Erra por ser enganado pelo poder da aparência (φαινομένου δύναμις) e confunde o prazer (ἡδονήν) com a dor (λύπην), os bens (ἀγαθῶν) com os males (κακά), e optam por aquilo que não é o melhor. Quem erra contrai maiores males (μείζω κακά) em troca de menores bens (ἐλαττόνων ἀγαθῶν). Erra em mensurar entre o excesso, a falta e a equivalência (ισότητος) em relação ao prazer e a dor, em relação aos bens e aos males. Assim, somos capazes de perceber de imediato algumas similaridades com a virtude moral (ἠθικὴ) aristotélica e algumas importantes diferenças. Aristóteles define a virtude como uma disposição de escolher por deliberação (ἔξις προαιρετική), que consiste em uma mediedade (μεσότητι) relativa a nós. Ela é uma disposição delimitada pela razão (ὠρισμένη λόγῳ). É um meio termo entre dois males (δύο κακιῶν), o mal por excesso e o mal por falta. Aristóteles indica que pelo fato de umas disposições faltarem, outras excederem no que se deve, tanto nas emoções quanto nas ações, a virtude descobre e



toma o meio termo, que não é único, nem o mesmo em todos os casos. O meio termo não é aritmético e não é um conhecimento, mas envolve conhecimento. Assim, nos dois filósofos, a virtude se relaciona com o excesso e com a falta. Em Platão, ela é um conhecimento aritmético, em Aristóteles, ela envolve conhecimento, mas não é ditada por uma razão aritmética.

### Palavras-Chave

Platão. Aristóteles. Virtude.





## BELEZAS INCONTROLÁVEIS OU SOBRE A SEDUÇÃO MONSTRUOSA

Vicente Thiago Freire Brazil

[vicente.brazil@uece.br](mailto:vicente.brazil@uece.br)

### Resumo

No seu *Vidas Paralelas 1.6 - Alcibíades e Coriolano* -, Plutarco cita um defeito de fala do célebre estrategista ateniense que, nas palavras do historiador e do testemunho em geral, o deixava mais belo. É partindo deste dado biográfico trivial que o presente trabalho pretende analisar as belezas anormais, a sublimidade dos monstros, a doçura dos defeitos. Esses aparentes oximoros se materializam de forma indiscutível em alguns seres mitológicos na antiguidade grega - sereias, górgona - mas também, e de modo histórico-material, na figura de Alcibíades. A existência desses seres/personagens/pessoas contradiz de modo frontal o princípio grego do *kalos/belo*, *agathos/bom* e *dikaios/justo*. Monstros belos, falhas sedutoras, pessoas admiravelmente descontroladas, essas serão as figuras analisadas neste curso, assim como o impacto e repercussões coletivo/sociais da apropriação positiva destes atributos reprováveis de modo imediato pelo senso comum. A teoria monstro, ou da monstruosidade, associada às figuras e eventos da antiguidade, constituir-se-á como parte do fundamento conceitual desta pesquisa; em conexão, será adotado como estratégia metodológica o paradigma indiciário de investigação - proposto por Carlo Ginzburg. Fragmentos selecionados de obras da poesia épica e da comédia - Homero e Aristófanes - em interface com textos históricos - Plutarco e Tucídides - e filosóficos - Platão - nos servirão como campo para avaliação das hipóteses de trabalho que serão apresentadas. Como compreender essas belezas amorfas, teratológicas? Qual a função, a finalidade, de construir estruturas imagéticas tão controversas e contraditórias? O que o fascínio pela falha de Alcibíades diz sobre ele?

### Palavras-Chave

Teoria Monstro. Beleza. Sereia. Medusa. Alcibíades.



## COMO ENSINAR AOS QUE NÃO APRENDEM? NATUREZA HUMANA, DOS NOMES E DAS COISAS NO PAPIRO DE DERVENI.

Michel Menezes Da Costa

[michel.erga@gmail.com](mailto:michel.erga@gmail.com)

### Resumo

O poeta mítico Orfeu é considerado pela tradição poética e filosófica como uma autoridade tanto na fabricação quanto na imposição dos nomes (onomata). Desde o “Crátilo” de Platão foi estabelecido no contexto da reflexão filosófica antiga sobre a relação entre nomes e coisas que para se nomear corretamente é necessário conhecer a natureza (physis), seja dos nomes, seja das coisas nomeadas. Na coluna XXII do Papiro de Derveni, o Autor anônimo alude a um terceiro aspecto da natureza que deve ser levado em consideração no processo de nomeação. Trata-se da natureza humana. Com efeito, ele escreve: todas as coisas então [Orfeu] nomeou (onomasen) semelhantemente do modo mais belo que pode, conhecendo a natureza dos seres humanos (ginoskon ton anthropon ten physin), que nem todos a têm semelhante, nem querem todos as mesmas coisas (Col. XXII, 1-3). E, em outra passagem: pois Orfeu chamou (ekalesen) ao pensamento Moira, pois pareceu-lhe ser isto o mais adequado (proferestaton) dentre tudo o que os seres humanos nomearam (anthropoi onomasan) (Col. XVIII, 6-9). Segundo o Autor de Derveni, Orfeu adequa à capacidade limitada dos humanos, qualificados pelo autor em várias passagens do texto e de diferentes maneiras como aqueles que não conhecem (ou ginokontes, Col. V, 6; Col XXIII, 5; Col. XVIII, 14; me ginokoin, Col. XX, 2), não sabem (ouk eidotes, Col. XVIII), não aprendem nem acreditam... não aprendem nem conhecem (ou manthanousin oude pisteousi... me manthanousi mede ginokousin, Col. V, 9-11). Se os seres humanos não são capazes de conhecer, se são marcados pela descrença, ignorância e ganância (apistie de kamathie, Col. V, 10; ypo pleonexias ta de kai ypamathias, Col XXII, 6) como é possível ensiná-los, já que esse é o objetivo do Autor? Buscaria ele ensinar apenas a uns poucos iniciados ou seu objetivo é ensinar aos seres humanos em geral? Como se daria esse tipo de ensinamento? Que lugar a interpretação alegórica dos versos órficos considerados enigmáticos pelo Autor ocuparia nesse processo? Nosso objetivo é responder a essas perguntas a partir da análise de diferentes passagens do texto do



Papiro de Derveni posicionando-o dentro do contexto da querela entre convenção e natureza (nomos x physis) no que diz respeito à questão da relação entre nomes e coisas.

### **Palavras-Chave**

Papiro de derveni. Natureza humana. Nomeação.



## COMO FALAR AO AMADO? DIÁLOGO E EROTISMO NO PRIMEIRO ALCIBÍADES DE PLATÃO

João Ulisses De Sousa Viturino

[julisses.v@gmail.com](mailto:julisses.v@gmail.com)

### Resumo

O diálogo platônico Primeiro Alcibíades foi tido na Antiguidade Tardia como o primeiro diálogo a ser lido e estudado por aqueles que desejavam conhecer a filosofia platônica. Com efeito, seu subtítulo, “Da natureza do homem”, bem como sua classificação como uma obra de gênero maiêutico, dão contornos às questões socrático-platônicas acerca do que é justo, da arte política e do conhecimento de si, fazendo com que o Primeiro Alcibíades preconizasse a utilidade da filosofia à vida política dos cidadãos. É sabido que pesquisadores e comentadores, durante o século XIX, contestaram a autoria do texto, relegando-o à marginalidade. O trabalho que ora se apresenta tem por objetivo evidenciar o caminho da “sedução filosófica” enquanto enquadramento e desenvolvimento do diálogo. Voltamo-nos precisamente, para o prólogo do diálogo (103a-105a), nos passos em que Sócrates se autointitula erastés do jovem Alcibíades, de quem o diálogo é homônimo, na esperança de que, estando ele a princípio na vida política, pudesse ser conduzido, a um tempo, à vida filosófica. Tendo em vista esse universo de sentido, em que o homoerotismo apresenta uma função político-pedagógica proeminente, propomos como hipótese central a ideia de que o Alcibíades ressignifica a prática discursiva própria da paiderastía grega, rearranjando na performance erótica do diálogo as posições firmadas entre erastés e erómenos.

### Palavras-Chave

Erótica. Sedução Filosófica. Platão. Eros.



## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO LITERÁRIO DO DISCURSO FILOSÓFICO

Cesar Augusto Mathias De Alencar

[dealencar.prof@gmail.com](mailto:dealencar.prof@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa se propõe investigar de que maneira é possível pensar o literário do discurso filosófico a partir dos Diálogos de Platão. Os Diálogos, como herdeiros da tradição mitológica, que orienta os percursos da prosa retórico-poética, pretenderam transpor a atividade e a ocupação de Sócrates (chamada *philosophía*) para o âmbito da escrita. Essa transposição será entendida ela mesma como a ocupação literária que se encontra na origem do gênero dos *Lógoi Sokratikoi*, disposta sob a pretensão de conservar a matriz do exame dialógico de Sócrates ao mesmo tempo em que reproduz essa operação com o leitor – valendo-se, para tanto, do efeito performático da cena retórico-poética como essencial ao apelo socrático para a verdade e a recusa da ignorância. A coisa literária em Platão, tentaremos mostrar, parece reatualizar o efeito poético do discurso a partir do interesse reflexivo que a verdade filosófica exige, reatualizando, com isso, a própria condição ritual do discurso filosófico de Sócrates: a de retornar o discurso sobre ele mesmo – no sentido dialético e no sentido rememorativo da expressão. Em outras palavras, o discurso filosófico precisa ser concebido, desde o paradigma do Diálogo platônico, enquanto capaz de realizar a performance do exame de si como um trabalho de reflexão sobre atos e contextos de fala, cujo interesse ético-político e educativo se mostra inafiançável.

### Palavras-Chave

Literário. Educação. Platão.



## CONTROVÉRSIAS NO ARGUMENTO PLATÔNICO DA PARIDADE DE SEXOS EM REPÚBLICA V

Vitória Alexandra  
[vialex.ufpa@gmail.com](mailto:vialex.ufpa@gmail.com)

### Resumo

O projeto político-pedagógico da Kallípolis na República não determina função privativa ao sexo feminino ou masculino, mas ainda, indica que a mulher deve receber uma educação ginástica e musical em comum com os homens para que lhes seja possível exercer a excelência de sua natureza (456e). Ao mesmo tempo em que Platão designa educação e função em comum para homens e mulheres da classe guerreira, o filósofo também evidencia o caráter ambíguo que atribui à mulher em seu projeto de cidade, isto é, apta, por natureza, mas portadora de uma constituição física mais fraca (Rep. V, 455e), bem como a associa ao pensamento mesquinho (Rep. IV, 431c) e às lamentações infundáveis (Rep. VIII, 549 d-e), tornando-se difícil de atribuir um status a elas, já que as mulheres são suscetíveis às paixões, ao passo que também podem ser louváveis, racionais e justas, como é possível observar na figura da guardiã. Dessa maneira, Platão parece se afastar de uma abordagem biológica ao mesmo tempo em que levanta a tese da fragilidade/debilidade do corpo feminino. O objetivo deste trabalho é identificar as ambivalências no texto platônico sobre as mulheres, comparando passos em que Sócrates discute a igualdade funcional em relação ao homem, e outros em que levanta a tese da inferioridade física, a fim de demonstrar a dupla caracterização que o filósofo faz do feminino.

### Palavras-Chave

Paridade. Inferioridade. República V.



## DA PINTURA COSMOLÓGICA AO HIBRIDISMO DIALÓGICO: EMPÉDOCLES ANTES DE PLATÃO

Nelson De Aguiar Menezes Neto  
[aguiarmn@yahoo.com.br](mailto:aguiarmn@yahoo.com.br)

### Resumo

O Fragmento B23 de Empédocles (DK31 B23, in *Simplício, Física*, 259, 27) traça um paralelo entre o Amor e a prática dos pintores. Assim como o Amor mistura os quatro elementos, o pintor combina as cores fundamentais. Isso estabelece a pintura não apenas como uma metáfora, mas também como um modelo para a técnica de criação de aparências. O pintor produz *eídea pâsin alígkia*, ou seja, formas que parecem com tudo (v. 5). As combinações resultantes emergem da harmonia obtida por um processo composicional que se vale de uma seleção restrita de pigmentos multicoloridos, opostos que se justapõem exatamente como sombra e luz. Para além de seu contexto cosmológico, a referência à pintura no Fragmento também indica a natureza metapoética do texto empédocleano, revelando a aplicação metafórica de um paradigma artesanal. Assim como na pintura, as artes miméticas fabricam, acima de tudo, a ilusão de unidade mediante a composição e a organização da multiplicidade. Desse modo, o Fragmento pode ser posicionado nos primórdios de uma teoria da arte representacional, estabelecendo uma ligação direta com a tradição discursiva fundada na produção mimética. Nesse sentido, nosso objetivo específico é ilustrar as conexões possíveis entre o Fragmento 23 de Empédocles e o hibridismo que caracteriza as obras platônicas. Realizando uma análise compreensiva que abrange estrutura, sintaxe e léxico do Fragmento mencionado, nosso propósito é iluminar as possíveis influências da aproximação de Empédocles à pintura sobre o estilo dialógico platônico e sobre as práticas composicionais operadas por Platão. No domínio dos estudos sobre o discurso, a análise sugerida possibilita o estabelecimento dos antecedentes de uma tradição que se materializa em Platão como uma poética da mimesis. Essa poética é caracterizada pela integração de diversos elementos e pela fabricação de formas híbridas harmoniosas, além da produção de semelhança. Com isso em mente, nossa investigação se deterá especificamente nos sentidos dos verbos *poikíllō* e *mígnymi*, bem como no sentido do sintagma *eídea pâsin alígkia*, encontrado no Fragmento.

### Palavras-Chave

Platão. Empédocles. Mimesis.



## DIREITO E JUSTIÇA EM EPICURO

Markus Figueira Da Silva

[markusficus@gmail.com](mailto:markusficus@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de uma investigação em torno das noções de Direito e Justiça no pensamento ético de Epicuro. Uma análise detalhada das Máximas de Epicuro evidencia uma interpretação própria do pensamento epicurista que reúne numa sequência que vai da Máxima XXXI à XXXVIII o interesse em pensar uma questão universal que diz respeito à vida comunitária e o que legitima as diversas convenções acerca do justo e da justiça/justeza. A discussão será em torno do conceito de SYNTHEKÉ (pacto, ou acordo). É preciso atentar para o fato de que no pensamento de Epicuro o termo justo é sempre considerado em relação a um acontecimento particular (singular), ao passo que o termo justiça/justeza é utilizado em outro sentido por outros pensadores. Esta diferença no uso dos termos explicita o interesse de Epicuro no acontecimento concreto e singular em detrimento da noção geral e abstrata. Neste sentido, a noção de justiça é uma consequência do que é acordado pelos indivíduos, em cada situação particular, como o justo. O justo e o injusto devêm de syntheké (pactos, ou acordos), convenionados em cada acontecimento.

### Palavras-Chave

Epicuro. Direito. Justiça. Syntheké.





## EPIGRAMA COMO FONTE: PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A PESQUISA DE FILÓSOFAS ANTIGAS

Carolina Araújo

[correio.carolina.araujo@gmail.com](mailto:correio.carolina.araujo@gmail.com)

### Resumo

Uma das maiores dificuldades do estudo do pensamento filosófico de mulheres da Antiguidade é que os textos delas que nos chegaram foram ou transmitidos por homens ou considerados falsificações. Impõe-se portanto ao estudo deste material não apenas os mesmos desafios da pesquisa de autores fragmentários, como também a desconfiança, de antigos e de modernos, sobre a capacidade de mulheres para o pensamento filosófico. Há algum tempo me dedico ao estabelecimento de métodos de análise das raras fontes que nos chegaram e, nesta comunicação, gostaria de propor um método de inferência das ideias das filósofas a partir de epigramas helenísticos. Eu começo por uma comparação do epigrama de Antípater de Sídón sobre Hipárquia de Maroneia (Antologia Palatina, 7.413) com as informações sobre a filósofa transmitidas por Diógenes Laércio (6.96-97). Em seguida eu analiso o epigrama de Heródico Cratécio sobre Aspásia de Mileto (Ateneu, Banquete dos sábios, 219d) para compará-lo com passagens de Platão (Menexeno, 235e-236a) e Xenofonte (Memoráveis, 2.6.36, Econômico, 3.14) e inferir informações sobre o que Aspásia teria ensinado a Sócrates.

### Palavras-Chave

Epigrama. Filósofas antigas. Metodologia.



## ESCATOLOGIA EM ORÍGENES DE ALEXANDRIA

Leandro Nazareth Souto

[leandronazareth@hotmail.com](mailto:leandronazareth@hotmail.com)

### Resumo

A Escatologia é a parte da Teologia que estuda os últimos acontecimentos na vida da humanidade, isto é, a morte, o juízo, o inferno e o céu. Ela é um tema complexo e controverso, pois envolve questões sobre a natureza humana, a liberdade e o destino. Os antigos gregos trabalharam ao seu modo diferentes teorias para se falar da imortalidade da alma e os seus destinos após a morte. Para eles, a morte era apenas o fim do corpo físico, mas não da alma. O destino da alma depois da morte era incerto. As religiões de mistério trabalharam as diversas visões a partir de cada vertente, Elêusis, Orfeu, Dionísio, Ísis e Mitra. Mas somente no início da Patrística filósofos cristãos, como Orígenes de Alexandria, começaram a refletir sobre o tema para lidar com o início dos debates que começaram a surgir sobre a visão grega e visão cristã dos destinos da alma após a morte, o autor trabalha temas escatológicos em duas obras, o “Tratado sobre os princípios” e “Contra Celso”. O trabalho tem por objetivo mostrar como o autor pensa a escatologia do homem, sua visão de corpo, alma, relação corpo-alma, pré-existência da alma, morte e ressurreição da alma e também a escatologia do mundo, doutrina do logos, apocatástase, restauração universal, consumação final, fim do mundo e o reino de Deus como esperança dos cristãos.

### Palavras-Chave

Patrística. Escatologia. Orígenes de Alexandria.



## FEDRA E A METÁFORA DO EROS NEFASTO

Larissa Caroline Moreira Noleto

[larissa.noleto@ifch.ufpa.br](mailto:larissa.noleto@ifch.ufpa.br)

### Resumo

Na tragédia Hipólito, Eurípides mostra a ambiguidade da alma dos dois personagens centrais, Fedra e Hipólito, o que nos leva a pensá-los sob uma dupla condição, que ao mesmo tempo os une e separa. Por um lado, Fedra, mulher de Teseu e madrasta de Hipólito, cultua Afrodite, a divindade do amor e do desejo sexual, responsável pela paixão desenfreada que nutre pelo enteado. Por outro, Hipólito, cujo apreço por Ártemis, a divindade da castidade e da caça, o leva a desprezar Afrodite, que se vinga dele, despertando em Fedra, um eros nocivo, que se sobrepõe a qualquer valor moral. Numa leitura apressada, poderíamos imaginar que Afrodite age por pura vingança e egocentrismo, mas o seu papel na peça é o de nos lembrar que dentro das normas sociais gregas algo deveria ser respeitado, a saber, o culto a todos os deuses, pois isso significaria que uma vida sem extremos estava sendo seguida, portanto, uma vida virtuosa, já que os deuses representavam todos os aspectos da vida humana. Dessa forma, Hipólito, ao rejeitar a deusa, quebrou a harmonia da vida e precisava ser lembrado que ainda era humano. Fedra também desempenha um papel fundamental, pois é sua personagem quem contrastará com a de Hipólito. Enquanto Fedra representa o erotismo, a paixão avassaladora e irresistível que demonstra a força de Afrodite, Hipólito, por sua vez, representa a castidade e a crença de que isso o eleva moralmente, demonstrando a influência de Ártemis. Portanto, o embate constante da dualidade entre erotismo e castidade será o eixo principal de análise da obra em questão neste trabalho, que tem por objetivo compreender a linguagem metafórica da mesma com a análise da psique de Fedra e Hipólito, fazendo uma leitura das paixões das personagens sob o ponto de vista da concepção do mau amor presente no elogio de Pausânias, no Banquete, de Platão.

### Palavras-Chave

Fedra. Metáfora. Eros.



## FOME DE DISCURSOS: RETÓRICA COMO CULINÁRIA NO GÓRGIAS

Julia Guerreiro De Castro Zilio Novaes

[juliaznovaes@gmail.com](mailto:juliaznovaes@gmail.com)

### Resumo

A apresentação analisará a analogia entre culinária e retórica no *Górgias* de Platão (cf. 447a, 464-5, 518e-519a) como versão da metáfora, ubíqua no corpus, do discurso como alimento. De modo geral, essa metáfora é um recurso emprestado da comédia pelo qual o filósofo censura e ridiculariza dois elementos: (1) o quilate ético-epistêmico do produtor de discursos de qualidade duvidosa, excessiva e variegada, o qual é rebaixado pela associação com a culinária; e, (2) a modalidade desiderativa insaciável e imatura do receptor que sente prazer com esse tipo de objeto. Com base nisso, visarei oferecer, a partir da noção de repleção (*plērōsis*), uma interpretação de porque o filósofo elege o sentido do gosto para descrever o prazer com discurso, ainda que o prazer de ouvir (ou ler) um discurso produzido por outrem derive, em termos físicos, de um atravessamento dos ouvidos (ou dos olhos). Diferente da audição e da visão, o gosto possui caráter avassaladoramente tátil, sendo quase indissociável de experiências de prazer e dor que não só tendem a ser mais intensos como, por isso, desfrutadas além da medida. Para além disso, contudo, o objeto do sentido do gosto, mais do que todos os outros, se torna parte do sujeito percipiente. Esse é um agravante fundamental para compreender a razão do emprego da metáfora, sobretudo nas circunstâncias em que o discurso “degustado” é nocivo.

### Palavras-Chave

Retórica. Culinária. Prazer.



## “HONRADA POR ZEUS”, SOBRE A MESTRA DE SÓCRATES E OS MISTÉRIOS DO AMOR

Eduardo Martino Dolabela Chagas

[edolabela@gmail.com](mailto:edolabela@gmail.com)

### Resumo

Meu intuito neste artigo é explicitar a influência decisiva do feminino na Antiguidade helênica, em particular na tradição filosófica. Na seção I, discuto a importância das mulheres em diversos âmbitos da cultura grega, abordando tradições essencialmente femininas, como os oráculos apolíneos, o menadismo e os Mistérios de Elêusis. Na seção II, menciono a influência de figuras femininas sobre grandes filósofos, especialmente Sócrates. Na seção III, analiso a personalidade multifacetada de Diotima de Manteneia, tal como apresentada no Banquete de Platão. Na seção IV, interpreto a doutrina de Diotima sobre Eros como princípio da jornada filosófica, desde a atração física até a contemplação da Beleza divina. Na seção V, examino elementos adicionais dessa doutrina à luz da evidência sobre os Mistérios de Elêusis, ressaltando sua natureza holística e seus fundamentos femininos. Na seção VI, reflito sobre a supressão das tradições femininas a partir do final Antiguidade por obra da hierarquia eclesiástica cristã, além de defender a realidade histórica de Diotima. Em geral, argumento que a tradição filosófica, em sua origem grega, foi profundamente influenciada por uma perspectiva feminina que engloba os diversos aspectos da natureza humana — físico, emocional, intelectual e místico —, valorizando a união com a natureza e com o divino a um só tempo. Ao que me parece, reconhecer esse legado é crucial para a compreensão da história da filosofia e ainda, como indico brevemente na conclusão, para o seu próprio exercício perante os problemas existenciais contemporâneos.

### Palavras-Chave

Feminilidade. Diotima. Eros.



## IGNORÂNCIA E AKRASIA NO LIVRO VII DA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Reinaldo Sampaio Pereira  
[reinaldo.pereira@unesp.br](mailto:reinaldo.pereira@unesp.br)

### Resumo

Um dos disputados problemas na ética aristotélica consiste em saber se, na *Ética Nicomaquéia*, Aristóteles teria sustentado que a *akrasia* seria resultante de uma falta de domínio do agente moral por causa da fraqueza da sua vontade ou se ela decorreria da falta de algum saber no momento do agente moral agir. Os defensores desta segunda leitura (a qual denominaremos intelectualista), para sustentarem a *akrasia* como resultante da ausência de algum saber do agente moral no momento de agir, apoiam-se sobretudo na passagem EN VII 1145b23-27, onde Aristóteles retoma o questionamento de Sócrates a Protágoras (Protágoras 352b-c) acerca da impossibilidade da *akrasia*. Na controversa interpretação feita pelo Estagirita acerca de tal passagem do diálogo *Protágoras*, os homens agiriam contrariando o que julgam ser melhor por causa da ignorância (*di' agnoian*), o que teria levado Aristóteles a fazer grandes concessões a uma leitura socrática da *akrasia*, segundo uma certa leitura intelectualista. Pretendemos, em nossa apresentação, examinar como o Estagirita entende tal ignorância e, com isso, sugerir que tal entendimento não implica em fazer grandes concessões à interpretação intelectualista socrática da *akrasia*.

### Palavras-Chave

Ignorância. *Akrasia*. Aristóteles.



## IMITAÇÃO DO OUTRO E EXPRESSÃO DE SI NAS TEORIAS ANTIGAS DA COMPOSIÇÃO POÉTICA

Luisa Severo Buarque De Holanda  
[luisabuarquedeholanda@gmail.com](mailto:luisabuarquedeholanda@gmail.com)

### Resumo

Considerando certos trechos-chaves das teorias poetológicas de Aristófanes (Tesmoforiantes), Platão (Rep. III) e Aristóteles (Poética), nota-se uma tensão importante a respeito da própria noção de mimesis enquanto ferramenta de reflexão no campo da produção poética, em especial a dramaturgica. Por um lado, tanto mais mimético é um poeta quanto mais ele mimetiza o que é diferente de si. Encontramos essa ideia, por exemplo, na boca do Agatão das Tesmoforiantes, quando alega que a “imitação captura aquilo que não temos” (v. 155). Ou na boca de Sócrates, quando define a imitação como “tornar-se semelhante a outro na voz e na aparência” (Rep., 393c4). Por outro lado, um poeta mimetiza melhor, ou ao menos expressa melhor, precisamente aquilo que lhe é afim, como diz o mesmo Agatão quando afirma ser necessário “compor conforme a própria natureza” (v. 166). Ou ainda, como sugere Aristóteles ao alegar que a poesia se dividiu em ‘elevada’ e ‘baixa’ segundo os éthe dos poetas (Poet., 1448b26). Nesta comunicação, pretendo abordar a convivência entre esses dois lados da moeda mimética, que soam paradoxais mas parecem ter convivido bem nas teorias poéticas exemplificadas.

### Palavras-Chave

Mimesis. Composição poética. Dramaturgia.



## INTELECTUALISMO SOCRÁTICO NO GÓRGIAS DE PLATÃO

Matheus Jorge Do Couto Abreu Pamplona

[matheusjcap@gmail.com](mailto:matheusjcap@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, analisarei a controversa passagem do Górgias em que Sócrates afirma, contra a opinião de Polo, que oradores e tiranos não possuem poder nas cidades (466a-468e). Em primeiro lugar, reconstruirei o argumento explicitando as premissas utilizadas por Sócrates para refutar a posição de Polo; a seguir, mostrarei que embora o argumento do poder se torne plenamente compreensível somente à luz de um argumento subsequente, qual seja, aquele que afirma que cometer injustiça é o maior dos males (469b) e que quem a comete é o mais infeliz dos homens (472e), o recurso a premissas que ainda não foram totalmente assentidas pelo interlocutor não coloca em risco a validade do argumento avançado por Sócrates. Deste modo, minha hipótese é de que, uma vez tomados em conjunto, ambos os argumentos acabam por revelar um quadro muito mais claro da teoria socrática da motivação, bem como das teses que a ela subjazem e que constitui, a meu ver, o seu próprio fundamento: os paradoxos socráticos. Finalmente, na medida em que se compreende o que são estes paradoxos, pode-se também compreender por que a teoria socrática da motivação é uma teoria fundamentalmente intelectualista.

### Palavras-Chave

Poder. Desejo. Bem.





## LOGOS-PHARMAKON: O DISCURSO EM GÓRGIAS ENTENDIDO COMO DROGA

David Dos Santos Fraga  
[davidsfraga@gmail.com](mailto:davidsfraga@gmail.com)

### Resumo

Górgias, em sua obra, *Elogio de Helena* nos apresenta uma teoria sobre o poder do discurso (logos) como droga (pharmakon). Pharmakon (φάρμακον), em grego, pode significar tanto medicamento, quanto veneno; logos-pharmakon (λόγος-φάρμακον), portanto, é essa dicotomia da droga (pharmakon) que pode tanto ser medicamento ou veneno, dependendo de como é utilizado. O poder da palavra consiste em sua capacidade de mover, convencer e persuadir. Quando a palavra é usada para o bem, ela é um medicamento, pois pode curar e melhorar a condição do indivíduo. Mas quando a palavra é usada para o mal, ela se torna um veneno, pois pode destruir e causar danos irreparáveis. A teoria do logos-pharmakon é uma reflexão sobre o poder da linguagem e a responsabilidade dos oradores em relação ao uso da palavra. Cabe ao orador a tarefa de usar a palavra com sabedoria, respeitando os limites do discurso e evitando o uso abusivo e manipulador da linguagem. O logos entendido desta forma, constitui uma crítica e desafio à noção de verdade construção social e linguística. A palavra é um meio de comunicação que permite a criação de significados e sentidos, mas estes são sempre contingentes e dependentes do contexto em que surgem. A perspectiva de Górgias foi muito criticada por Platão e os filósofos que defendiam a existência de verdades absolutas e universais. No entanto, sua teoria do logos-pharmakon teve uma influência significativa na história da filosofia e da teoria da comunicação. Buscamos, pois, analisar essa perspectiva sofística do logos que entende o Ser como uma esquizofrenia da linguagem ôntica que nunca contenta-se apenas em Dizer mas precisa, sempre, Ser e afirmar “É”/estin (ἐστίν) através da apreensão do inapreensível: o devir. O Discurso/Logos é um senhor soberano com bem dizia Górgias e é através das lentes opacas, cheia de signos da linguagem humana que vemos o mundo, a realidade e como construímos “nosso Logos”, nosso discurso pessoal. O Logos fabrica o mundo como diria Barbara Cassin. E como poderíamos dizer qualquer outra coisa que não fosse linguagem, palavra, logos? Com as palavras



só podemos dizer as palavras e não o Ser/eînai (εἶναι) ou a Verdade/alētheiē (ἀλήθεια) nos diz Górgias em seu “Tratado do Não-Ser”. Portanto, não há uma verdade única e imutável, mas sim uma multiplicidade de possibilidades de interpretação.

### Palavras-Chave

Górgias. Logos-pharmakon. Linguagem.



## O CONCEITO DE STÉRESIS NA FÍSICA DE ARISTÓTELES

Francisco José Dias De Moraes

[fjdmoraes@gmail.com](mailto:fjdmoraes@gmail.com)

### Resumo

A Física de Aristóteles corresponde ao empenho de pensar o ente natural e a natureza em seu todo como sendo, sobretudo e principalmente, forma. Para o Estagirita, é a forma específica que define o ente natural, que, enquanto τέλος, estrutura o devir de modo a que este não se limite a um incessante ir e vir entre contrários, tal como admitido por Platão no Fédon. Haveria assim um ponto de chegada para o devir natural, uma perfeição claramente alcançável, reconhecível, que não deixa de configurar uma destinação invariável, fixa. Ocorre, porém, que esse mesmo modo de pensar a natureza como forma, perfeição e atividade, precisa reconhecer que a natureza também comporta, necessariamente, deformidade, privação, impotência. Desse modo, Aristóteles apresenta a privação como princípio dos entes naturais, juntamente com a forma e a matéria. Enquanto a matéria é, acidentalmente, não ser, a privação é em si mesma não ser (Física, I, 8, 191 b13). Em nossa comunicação trataremos do conceito de privação, tal como ele é empregado por Aristóteles em sua Física, analisando os seguintes aspectos: (a) De que maneira a matéria, como não ser por acidente, se diferencia da privação? (b) Por que Aristóteles considera a privação como sendo, de certa maneira, forma (Física, II, 1, 193 b 18)? (c) Que espécie de contrariedade é a privação, já que em Categorias (13 a17) Aristóteles estabelece uma diferença significativa entre privação/posse (στέρησις/ἔξις) e os contrários? Finalmente, sendo possível falar em posse de uma privação, o que é admitido por Aristóteles em Metafísica, V, 1019 b 6-10, queremos investigar se e de que maneira a privação determina “o ente em potência enquanto tal”, cujo ato é o próprio movimento (Física III, 1, 201 a 27). A privação, neste caso, tal como a estamos concebendo, seria o princípio erótico que faz a matéria “ansiar” pela forma e pelo “possuir-se no fim” (ἐντελέχεια).

### Palavras-Chave

Aristóteles. Física. Stéresis.



## O FILEBO DE PLATÃO: ENTRE A DIALÉTICA, A EPISTEMOLOGIA E A ÉTICA

Lutecildo Fanticelli  
lutecildo@gmail.com

### Resumo

O Filebo de Platão é passível de várias abordagens, entre elas, a hermenêutica, a dialética, a epistemologia e a ética. O que se pretende com esta comunicação é mostrar que o Diálogo é muito positivo como texto sobre dialética. Contudo, uma dialética socrático-platônica, que desemboca numa filosofia da mente (Phlb.35d; 49a) e numa epistemologia. Vale ressaltar que o mero fato, de abordar a inteligência (phronesis/episteme) já abre espaço para uma epistemologia. Platão apresentava temas variados, mas uma coisa parece certa: os temas, propostos nos Diálogos, muitas vezes, parecem ser mero pretexto para esquadriñar problemas dialético-epistemológicos. Com certeza, Platão era um apaixonado por discussões filosóficas desse tipo. E no Filebo ele também segue por esse viés. O tema do prazer, lá posto, está longe de ser um problema preocupado com alguma ética catequizadora. Entenda-se aqui, a dialética como método que conduz à aporia reflexiva, como fomentadora da investigação. Não como método no sentido ascendente ou descendente (R. 511b-c) ou ainda como ciência suprema (R. 534e). Afinal, nada tão positivo do que pôr a própria inteligência à prova, isto é, pô-la contra a hedoné e reconhecer que nenhuma delas, a sós, sai vencedora (Phlb. 27b). Platão no Filebo também quer muito mais deleitar-se com a discussão enquanto meio, do que realmente atingir algum fim. A dialética, de fato, não é erística (Phlb.17a), mas suscita aporias, enquanto beco “sem saída” e enquanto problemas genuinamente reflexivos. A dialética platônica suscita paradoxos que são fecundos como conteúdo filosófico. Em síntese, o que se pretende, é mostrar que as passagens aporéticas (dialético-paradoxais) do Diálogo (Phlb. 36b; 46c-47a; 48a-b;51b.) o tornam contemporâneo e aliado do autêntico espírito acadêmico-científico.

### Palavras-Chave

Aporia. Dialética. Epistemologia.



## O LÓGOS PARMENIDEANO COMO PALAVRA REVELADORA

Raul Mendes De Barros  
[raul.mendes@unesp.br](mailto:raul.mendes@unesp.br)

### Resumo

Costuma ser recorrente a interpretação de que no argumento de Parmênides estaria implícita a defesa da impossibilidade do discurso e pensamento falsos, uma vez que seu conceito de verdade seria uma categoria ontológica do ser. O conceito de verdade ontológica em Parmênides encontraria respaldo numa passagem do Poema (B8.50-51) em que a personagem da Deusa inominada, após uma longa reflexão sobre o conceito de “ser”, diz que ali se encerram “discurso” (lógos) e “pensamento” (nóema) “em torno da verdade” (*amphìs aletheías*), sugerindo, assim, que o ser parmenideano também seria ele mesmo verdadeiro. Com isso, se “ser e pensar são o mesmo” (B3), e se o ser (tomado em sentido existencial) é tudo o que há, então todo pensamento e discurso só serão capazes de pensar e dizer verdades. Esse problema é assumido pelos sofistas até Platão dissolvê-lo, mudando a noção de verdade de uma categoria ontológica para uma espécie de propriedade da proposição, que emerge apenas quando há uma adequação entre “coisa” (ser) e “enunciado” (lógos). Tal ideia está expressa na famosa frase “Teeteto está sentado” (Sofista 263a), considerada verdadeira na medida que diz as coisas que são como são (263b). O eco dessa noção chega em Aristóteles (*Metafísica*, 4. 1011b25-27; 1027b) e é por ele sistematizado. Dizer a verdade torna-se então dizer que “o que é é” ou que “o que não é não é”; enquanto que dizer falsidades torna-se dizer que “o que é não é” ou que “o que não é é”. Entretanto, se por um lado há respaldo para uma leitura ontológica da verdade em Parmênides, por outro a negação da falsidade no discurso (lógos), como sugerem os sofistas e implicitamente Platão, não encontra nenhum respaldo no Poema: a dimensão do erro não só é possível em Parmênides, como é explicitamente exemplificada (B6.4; B8.54). A contradição entre essas duas questões no Poema pode ser solucionada se tomarmos o lógos parmenideano não como um simples enunciado ambivalente (que pode ser verdadeiro ou falso), mas como um discurso superior. Mais precisamente: como uma palavra reveladora da natureza profunda do ente captado pelo “intelecto” (nóos). A presente comunicação, portanto, procurará mostrar os indícios de uma noção mais “forte” de lógos que harmonize essa contradição de leituras no Poema de Parmênides.

### Palavras-Chave

Parmênides. Verdade. Logos.



## O PERIGO DA BUSCA POR OURO EM TEMPOS DE FERRO EM HESÍODO, ARISTÓFANES E PLATÃO

Camila Do Espírito Santo Prado De Oliveira

[camila.prado@ufca.edu.br](mailto:camila.prado@ufca.edu.br)

### Resumo

Em República 546e, Sócrates afirma que a deterioração da bela cidade, fundada no discurso, se dará quando os governantes não tiverem mais espírito de guardiões, nem conseguirem mais discernir as gerações de Hesíodo, misturando ferro com prata, bronze com ouro, gerando, assim, discórdia e guerra. A partir da indicação do texto platônico, nossa pesquisa irá se debruçar sobre a decadência da cidade justa e a sucessão dos regimes da constituição, e da alma, no diálogo platônico, em articulação com a narrativa das cinco gerações em Os Trabalhos e os Dias (vv.106-201). Tal narrativa já havia sido adaptada pelo filósofo, no fim do livro III, em 414d e ss., quando se tratava de apresentar uma nobre mentira, um mito útil para convencer os cidadãos e, sobretudo, os guardiões da cidade justa de que o princípio sobre o qual ela se assentava, a saber: cada um ocupar-se de uma função própria, deveria ser respeitado sob risco da ruína da cidade. Também em As Aves, de Aristófanes, encontramos elementos análogos aos da República: a fundação de uma cidade nas nuvens, pelo descontentamento com a democracia ateniense. A busca por uma nova constituição leva os personagens a estabelecerem, comicamente, uma cidade em que a figura titânica de Prometeu, apresentada na poesia hesiódica, tem função primordial. Após explorarmos as intertextualidades propostas nesta triangulação textual, analisando os elementos comuns aos textos, focaremos na passagem da democracia à tirania. Exploraremos a seguinte hipótese: se o fim da democracia, como tentaremos mostrar, assemelha-se ao fim da idade de ferro, quando não há mais respeito e medida, a tirania sobrevém a partir da busca por uma solução para a decadência experimentada, resultando em um simulacro da aristocracia de ouro.

### Palavras-Chave

Narrativa das Idades. Democracia. Tirania.



## PENSAMENTO E PERCEPÇÃO NOS PARÁGRAFOS 184B-187A DO TEETETO DE PLATÃO

Marciano Romualdo Araujo Cavalcanti

[marciano.cavalcanti@ufpe.br](mailto:marciano.cavalcanti@ufpe.br)

### Resumo

A passagem 184b-187a do Teeteto levanta um argumento contra a capacidade epistêmica da percepção. Ela contém a principal objeção platônica à tese de que conhecimento (epistémé) é definido pela noção de percepção (aisthésis). O argumento funciona da seguinte maneira: dado que apreender o “ser” (ousía) é condição para o conhecimento, conclui-se que a percepção é incapaz de captar o “ser” e que, portanto, não é conhecimento. Embora a identificação entre ambas as faculdades seja negada, há uma disputa sobre o modo que o argumento realiza essa meta. Isso se dá pois se discute o significado que o termo “ser” ganha no respectivo contexto. Em um lado do debate temos os intérpretes não-conceitualistas, que negam o estatuto epistêmico da percepção porque “ser” é entendido como um conceito que, se não fosse apreendido, tornaria os humanos incapazes de produzir julgamentos. Já no outro lado da discussão temos a abordagem realista. Esta compreende que a percepção pode produzir julgamentos, apesar de ainda estar aquém dos critérios platônicos de conhecimento. Estes critérios são satisfeitos justamente pelo “ser”. A comunicação apresenta uma breve revisão da literatura e discute ambas as posições, preferindo a posição realista. No entanto, recusa-se o pressuposto de que a percepção contenha julgamentos.

### Palavras-Chave

Cognição. Conhecimento. Percepção. Teeteto. Platão.



## PLATÃO E A RECEPÇÃO DO ORFISMO

Adail Pereira Carvalho Junior

[adailpereira@frn.uespi.br](mailto:adailpereira@frn.uespi.br)

### Resumo

O tema desta pesquisa tem como proposta estudar e examinar, a recepção da linguagem órfica na filosofia de Platão: uma análise das alterações nos conteúdos próprios da literatura e religião órfica na obra platônica. Tomo como hipótese que Platão em toda a sua obra altera de forma intencional determinados conteúdos inerentes da linguagem órfica transformando-os na elaboração de sua filosofia. A questão é relevante quando posturas extremas dessa interpretação para alguns estudiosos são profundas e para outros essa ligação contamina a filosofia platônica, contudo acredito que filósofo faça uso dessa inspiração para estruturar todo o seu processo de construção no pensamento filosófico – religioso. É notório que na estrutura filosófica platônica identificamos ecos das doutrinas órficas como as questões da alma e corpo, a imortalidade da alma, o modelo do cosmos, justiça e retribuição, iniciação filosófica dentre outros, prática acessível e comum ao imaginário do povo grego, Platão toma posse dessa etimologia comum ao imaginário grego pressupondo algo mais que uma explicação linguística alternativa, definindo os contornos da sua filosofia. O orfismo transporta para a Grécia uma nova concepção de homem e seu relacionamento com o mundo, ele considera o homem como possuidor de uma alma que habita um corpo, imortal, que descendente dos deuses

### Palavras-Chave

Platão. Orfismo. Filosofia.





## PLEONEXIA E DOENÇA NO TIMEU

Admar Almeida Da Costa  
[admarcosta@yahoo.com.br](mailto:admarcosta@yahoo.com.br)

### Resumo

O passo 82 a do Timeu afirma que “De onde provêm as doenças, isso é evidente para todos. Visto que o corpo é composto de quatro elementos – terra, fogo, água e ar – uma doença é gerada pelo excesso ou carência ( $\pi\lambda\epsilon\omicron\nu\epsilon\xi\acute{\iota}\alpha$  και  $\acute{\epsilon}\nu\delta\epsilon\iota\alpha$ ) de algum deles ou por uma mudança de lugar, quando um elemento abandona o lugar que lhe corresponde por natureza para ocupar um que lhe é estranho”. A passagem contém vários elementos que nos ajudam a entender e aprofundar a relação entre Platão e a medicina de sua época. Ao entender a doença como uma desordem causada por algo cuja presença é excessiva, deficitária ou deslocada de seu espaço anterior, Platão dialoga diretamente com uma longa tradição médica que remete, primeiro, a Alcmeão, mas também a Hipócrates. A retomada da noção de doença e de mistura, bem como de alguns termos técnicos caros à medicina faz do Timeu uma obra seminal para entender até que ponto a natureza, o cosmos, o homem e a política se entrelaçam em um amálgama intrigante e dinâmico. A contribuição desse trabalho, porém, se limita a comparar a concepção de natureza humana sadia e doente presente na medicina e mensurar o quanto ela foi adota por Platão.

### Palavras-Chave

Platão. Timeu. Pelonexia. Doença.



## PUDOR E INDIGNAÇÃO: O VALOR MORAL DA COMÉDIA PARA ARISTÓTELES

Felipe Gall

[felipegall@outlook.com](mailto:felipegall@outlook.com)

### Resumo

Tomando como pressuposto a hipótese de que a comédia possuiria, no entender de Aristóteles, uma natureza própria, que diferiria do modo como as peças cômicas eram realizadas em seu tempo, esta comunicação focará em dois pontos. Num primeiro momento, apresentarei brevemente quais seriam os elementos que a comédia, dentro da perspectiva aristotélica, deveria ter em sua forma plena. Em suma, uma análise comparativa com a tragédia tal como tematizada na “Poética” nos indica que a comédia deve envolver três elementos fundamentais, a saber: (1) um enredo (“múthos”); (2) que seja de caráter universal; (3) e que dramatiza o cômico (“geloion”) ao invés de invectivas. A partir deste ponto, defenderei a posição de que a comédia entendida deste modo teria, para Aristóteles, uma grande importância educacional e prática, isto é, tanto ética quanto política, suscitando nos cidadãos os nobres afetos do pudor e da indignação, que seriam as contrapartes espelhadas do medo e da compaixão trágicas, respectivamente.

### Palavras-Chave

Comédia. Pudor. Indignação.



## QUESTÕES SOBRE O INFANTICÍDIO NA MEDEIA DE EURÍPIDES

Ana Flaksman

[anaflaksman@gmail.com](mailto:anaflaksman@gmail.com)

### Resumo

Medeia, na tragédia homônima de Eurípidés, vendo-se traída no laço de *philia* que tem com seu marido Jasão – um laço que lhe é muito caro e lhe custou muito caro –, vingando-se cometendo dois duplos assassinatos, sendo o último deles o de seus próprios filhos. Antes de matar as crianças, no entanto, num célebre monólogo, Medeia hesita, dividida entre matá-las e poupá-las. Esse monólogo já foi lido como se explicasse o infanticídio da seguinte forma: em Medeia estaria acontecendo um conflito entre a razão – que a motivaria a salvar os filhos – e a emoção – que a motivaria a assassiná-los –, e, ao final, a força de sua emoção, de sua ira, prevaleceria. Mas quando nos debruçamos sobre o texto do monólogo e do restante da peça, buscando ver como Medeia expressa suas emoções, argumentos e desejos conflitantes, e buscando entender por que ela termina por consumir o filicídio, podemos perceber que o embate vivido pela personagem é mais complexo, e que o infanticídio não é nem motivado nem explicado pelo simples predomínio da emoção sobre a razão. A pergunta que retorna então, e que norteará esta comunicação, é: por que Medeia afinal mata seus filhos? O que a leva a cometer o infanticídio?

### Palavras-Chave

Infanticídio. Medeia. Eurípidés.



## REFUTAÇÕES AOS PRESSUPOSTOS ÉTICOS DO POEMA DE PARMÊNIDES

Viviane Veloso Pereira Rodegheri

[vivianerodegheri@gmail.com](mailto:vivianerodegheri@gmail.com)

### Resumo

São raras as ocasiões nas quais Parmênides é apontado pela doxografia especializada como um filósofo que estivesse engajado com a discussão ética em seu poema. A presente comunicação pretende se concentrar nas objeções que podem ser direcionadas à tese segundo a qual o pré-socrático efetivamente se obstinasse com a discussão de pautas de cunho ético. Em primeiro lugar, se a ética está vinculada às ações humanas e estas estão subscritas à ordenação cósmica das coisas que são, é pertinente indagar o que constitui isto: o que é. Pode-se discorrer que o ser é em alguma medida compatível com aquilo que plasma o κόσμος (DK 28 B 8,52); entretanto, como o verbo “ser” (εἶμι) e derivados podem não estar acompanhados de sujeito mas ainda assim desempenharem esta função em circunstâncias específicas (Kahn, 1997, p. 201), é complexo determinar com precisão o que é o ser para Parmênides, sobretudo porque este último não fornece qualquer exemplo pontual a respeito. Um segundo problema é aquele que se refere à liberdade do mortal: se suas ações são incapazes de transgredir a ordem cósmica, e se ele está constantemente sujeito à persuasão produzida pelo discurso da deusa (B2,4), em que medida se pode afirmar que o ser humano é livre? Ora, pode-se presumir que Parmênides sequer tenha se indagado sobre isto, visto que o seu poema carece de um vocabulário que se refira explicitamente à liberdade. Um terceiro ponto polêmico a ser analisado é o seguinte: a deusa desempenha um papel de total autoridade sobre o mortal? Faz-se mister sustentar que não, uma vez que ela o incita a discernir (κρίναι) inclusive seu próprio discurso (B7, 5-6); contudo, tanto o contexto histórico de produção mitológica quanto o próêmio podem sugerir o contrário. Um quarto tópico a se examinar refere-se à escolha do mortal sobre as vias disponíveis. Se um dos caminhos, aquele que não é e que não pode não ser (B2,5), não consiste efetivamente numa via (B8,17-18), então sobre o que repousa a decisão (B8,15) do jovem iniciado? A resposta é a de que só existe uma via, a do que é, e a escolha do mortal versa sobre percorrê-la ou não. Tal posicionamento atrai incontáveis dificuldades; entre elas, a pergunta sobre como



descrever o comportamento das multidões. Elas não estariam em nenhuma via? Por fim, pode-se questionar ainda se Parmênides realmente teria se ocupado de reflexões de caráter político em seu poema. A apresentação atual aspira à investigação pormenorizada de cada uma destas questões de viés ético.

### Palavras-Chave

Ser. Mortal. Ética. Parmênides.



## REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO EM PLATÃO

Jovelina Maria Ramos De Souza

[jovelinaramos@gmail.com](mailto:jovelinaramos@gmail.com)

### Resumo

A apresentação retoma a presença de Diotima, inserida no contexto do Banquete de Platão, por meio do discurso rememorativo de Sócrates, dos ensinamentos recebidos da mulher de Mantineia, quando era ainda muito jovem. O jogo cênico entre um discurso masculino que faz alusão aos ecos de fala de uma figura feminina, cujo conteúdo resguarda valores masculinos, me instiga a pensar o estatuto do feminino e do masculino, sob a perspectiva da relação entre o parto no corpo e o parto na alma. Ao longo da análise, pretendo cotejar algumas representações da natureza feminina nos diálogos platônicos, observando o tratamento diferenciado como Platão pensa a questão do feminino, sob perspectivas variadas, como a tese da natureza similar de mulheres e homens, e a polêmica comunidade de mulheres e crianças, contidas respectivamente, na primeira e na segunda onda em República V; ou a tese da diferença de gêneros do Timeu. O viés interpretativo consiste em revisitar o contexto da considerada “questão de gênero” em Platão, a partir das metáforas do parto e da maternidade.

### Palavras-Chave

Feminino. Masculine. Parto.



## REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM NÓSSIS DE LOCRI

Cristiane Almeida De Azevedo

[cris.a.azevedo@gmail.com](mailto:cris.a.azevedo@gmail.com)

### Resumo

Nóssis de Locri, poetisa do século III a.C., é chamada por Antípatro de poetisa de língua feminina (thelýglossos). Os poucos epigramas que chegaram até nós mostram seu universo eminentemente feminino e a influência de algumas mulheres em sua vida: sua avó, sua mãe, Safo. Nóssis também nos fala a respeito de outras mulheres, descreve seus retratos e suas belezas. São descrições tão vivas e repletas de emoções e sentimentos que permitem colocar essas mulheres diante de nós, não seus retratos, mas elas próprias. Se essas figuras femininas são recriadas através de seus quadros, Nóssis novamente as recria com as descrições de seus retratos, não como representações, e sim como presenças. Dos 12 epigramas que temos, quatro nos falam de quadros de mulheres. Nóssis usa como pretexto as pinturas para falar dessas figuras femininas, para falar da beleza, doçura, grandeza e sabedoria. Parece haver nesses epigramas um elogio a mulheres que normalmente não são cantadas e muito menos admiradas por características como a grandeza (μεγαλοφροσύνη) e a sabedoria (πινυτή). O objetivo dessa apresentação é justamente refletir a respeito desses epigramas na tentativa de, através da investigação do trato dado a essas mulheres em seus epigramas, pensar a caracterização de Nóssis como a poetisa de língua feminina.

### Palavras-Chave

Nóssis de Locri. Língua feminina. Epigram.



## SER E NÃO SER, EIS A QUESTÃO: A CRÍTICA DE GÓRGIAS A PARMÊNIDES

Maria Aparecida De Paiva Montenegro

[mariamonte\\_7@hotmail.com](mailto:mariamonte_7@hotmail.com)

Hedgar Lopes Castro

[hedgarrrr@gmail.com](mailto:hedgarrrr@gmail.com)

### Resumo

o presente ensaio integra uma pesquisa que venho desenvolvendo conjuntamente com Hedgar Lopes Castro, meu orientando de doutorado, e nele damos continuidade ao artigo “A lógica do Ser de Parmênides: entre a poesia e a Filosofia”, atualmente no prelo. Nosso intuito é mostrar que a crítica de Górgias a Parmênides reside na diferença da concepção de ambos a respeito do ser: enquanto o eleata supõe o ser como identificado ao pensar e ao dizer, Górgias o entende como aquilo que nos afeta através das coisas que subsistem. Com isto, promove uma inversão dos enunciados centrais do Poema de Parmênides, afirmando que: 1) Nada existe; 2) Se existisse não poderia ser conhecido; 3) Se pudesse ser conhecido não poderia ser comunicado. Tentaremos ainda mostrar que, além de pôr em xeque o projeto essencialista de Parmênides, inaugurando assim a vertente antiessencialista da filosofia, inverte também o movimento do pensamento do eleata: enquanto este mantém a identidade entre  $\Phi\acute{\upsilon}\varsigma\iota\varsigma$  e  $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$  pressuposta pela tradição poética e se vale do estilo poético para estabelecer as regras lógicas da investigação filosófica, Górgias parte de uma reflexão lógico-filosófica para romper a identidade  $\Phi\acute{\upsilon}\varsigma\iota\varsigma$ - $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$ ; porém, retoma outro aspecto da tradição poética, a saber: um certo pessimismo trágico em relação à debilidade epistêmica do ser humano, de acordo com a qual aos mortais não é dado conhecer e tampouco controlar os acontecimentos.

### Palavras-Chave

Górgias. Ser. Não-ser.





## SIMULACROS VENUSIANOS: AMOR E VOLÚPIA NO CANTO IV DE DE RERUM NATURA

Amanda Barbosa Soczek  
[amandabsoczek@gmail.com](mailto:amandabsoczek@gmail.com)

### Resumo

No poema filosófico de Lucrécio, os múltiplos movimentos, percepções e afecções dos corpos ocorrem devido aos simulacros: eles são as matérias espectrais e metamórficas, “imagens” (imago), “membranas” (membranae) ou “cascas” (cortex), que se desprendem dos corpos ou são gerados espontaneamente, invadindo todo o ambiente. Nos últimos versos do Canto IV, após discorrer acerca dos sonhos, Lucrécio se dedica à natureza do prazer e do amor. Assim como ocorre nos sonhos eróticos, a volúpia irrompe com a acumulação e a agitação de sementes e simulacros que fluem e atravessam todos os membros que desejam jorrar. Essas sementes e simulacros são disparadas por um golpe de Vênus. Vênus é quem dá o nome do amor, mas expressa um caráter dúbio e ambivalente, podendo causar grandes sofrimentos naqueles que são atingidos por suas flechas. Sobretudo, o poeta-filósofo parece alertar sobre a ambiguidade e o aspecto paradoxal do amor expresso pela deusa Vênus que, oscilando em suas harmonias, pode tanto ferir quanto curar aqueles que amam. A presente comunicação busca expor algumas dessas imagens venusianas, explorando as diferentes possibilidades de lidar com os simulacros de Vênus. No poema, sugere-se tanto a diversidade dos amores, quanto o afastamento dos simulacros do amor para evitar suas dores, uma transposição desse movimento amoroso para outras regiões do ânimo, uma entrega ao amor comum entre todas as espécies mesmo com seus sofrimentos, ou então, uma relação duradoura entre dois que prospera no hábito e no costume da convivência.

### Palavras-Chave

Lucrécio. Vênus. Simulacros.



## SOBRE A IMORTALIDADE: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE ARISTÓTELES (DE ANIMA III 5) E PLATÃO (FÉDON 79D-E)

Juliana Peixoto

[pjuli.horizonte@yahoo.com.br](mailto:pjuli.horizonte@yahoo.com.br)

### Resumo

O título deste trabalho pode parecer enganoso. Por um lado, como é bem sabido, o Fédon é um diálogo de Platão que conheceu grande fortuna em sua recepção devido, em grande parte, ao tema sensível de que trata, a saber, debate sobre a imortalidade da alma. Ademais, conhecido é que das linhas desse diálogo ressoa um forte eco de doutrinas antigas, possivelmente órfico-pitagóricas, que ajudariam a corroborar opiniões que admitem uma separação entre alma e corpo, bem como a imortalidade da alma. Por outro lado, toda a imortalidade que podemos encontrar na psicologia madura de Aristóteles se restringe a uma única linha de todo o seu tratado sobre a alma. Passo no qual uma atividade anímica, a atividade do intelecto produtivo, é considerada ser imortal. Mas neste mesmo tratado a alma é definida como forma de um corpo, portanto, afigura ser tão mortal quanto o próprio corpo. Parece, assim, ser um esforço infrutífero e inepto tentar aproximar psicologias tão díspares em vários aspectos e mesmo divergentes no tema fulcral da imortalidade da alma. Contudo, entendo que ambas as psicologias buscam soluções diferentes, mas equiparáveis, para um mesmo problema: o de saber como a partir dos dados da sensação é possível produzir um discurso verdadeiro; um problema da ordem do conhecimento. Porquanto, assim como no Fédon, quando a alma está em relação com aquilo que lhe é aparentado (o que é invisível, sem mistura, divino, imortal e inteligível), nessas condições a alma contempla realidades necessárias, também no De anima é a atividade do que é separado, eterno e imortal que apreende de forma sempre verdadeira certos inteligíveis. No entanto, apesar de o Estagirita, assim como Platão, segundo interpreto, também não poder prescindir da noção de imortalidade para a explicação da aquisição de um logos necessariamente verdadeiro, dispensa toda e qualquer teoria da reminiscência, afinal, em sua psicologia o intelecto imortal não produz uma afecção e, portanto, dele não há memória. Pretendo, assim, em alguma medida, colocar em diálogo essas duas psicologias no que julgo que elas tocam e divergem quanto à temática da imortalidade.

### Palavras-Chave

Alma. Imortalidade. Verdade.



## THAUMÁZEIN E A FALTA DE PERSPECTIVA FRENTE A MÁQUINA DO MUNDO.

Jéssica Da Silva Velozo  
[gabsilvavelozo@gmail.com](mailto:gabsilvavelozo@gmail.com)

### Resumo

Drummond, no livro *A rosa do povo*, escreve o poema intitulado *A máquina do mundo*. O poema narra o percurso de um eu lírico desinteressado que caminha por uma estrada de Minas. Em certo momento, ele é contemplado pela aparição da máquina do mundo, compreendida como objeto que contém a verdade sobre todas as coisas. Tal objeto se apresenta a ele a fim de compartilhar todas as verdades universais. Entretanto, esse eu lírico inerte se mostra apático frente à máquina do mundo, recusando-se a acessar o conhecimento precioso compartilhado. Esse poema altamente filosófico expõe um problema presente na contemporaneidade: a apatia dos indivíduos frente a questões epistemológicas a respeito do mundo. Assim como o eu lírico, o cidadão contemporâneo também está apático frente à máquina do mundo, que no presente trabalho se compreende como a tentativa de compreensão do mundo através da investigação filosófica. O ato de filosofar na contemporaneidade, por diversos motivos, se torna um desafio maior a cada dia. Esse é um fenômeno global do nosso tempo. Para compreender esse fenômeno, não parece ser suficiente analisar o contexto econômico e político, que de fato influenciam e muito na viabilização do desenvolvimento do exercício filosófico e na construção do pensamento filosófico em si. Para além dos contextos e do ensinar, o filosofar também carece de investigação. Quando Sócrates, no diálogo *Teeteto* (155 c-d), aponta o espanto, do grego *Thaumázein*, também traduzido como admiração, como precursor da filosofia, é possível identificar que há no desenvolvimento do exercício filosófico elementos que são essenciais para que a investigação filosófica ocorra, sendo o próprio espanto um deles. Entretanto, o espanto carrega consigo uma ambiguidade não tão bem recebida na contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que esse espanto tem a função de impulsionar o agente ao exercício filosófico, ele também pode afastar indivíduos que fogem dos desconfortos que naturalmente surgem no desenvolvimento de um pensamento filosófico. O presente trabalho tem como objetivo analisar e defender a



ideia de que o indivíduo contemporâneo recusa e despreza o espanto por suas características recebidas como negativas e, como consequência, não é capaz de se aproximar do exercício filosófico, o que lhe causa apatia frente à perspectiva de explorar tudo o que a investigação filosófica tem a oferecer.

### Palavras-Chave

Filosofia. Platão. Espanto.



## TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DOS FRAGMENTOS DE FILOLAU DE CROTONA

Erick D'luca

[erickdlucaunb@gmail.com](mailto:erickdlucaunb@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho visa apresentar ao público brasileiro, tanto ao iniciante quanto ao iniciado, uma proposta de tradução e comentários acerca de alguns dos fragmentos de Filolau de Crotona, um pitagórico do séc. V aEC que teve impacto em dois dos maiores filósofos do período clássico: Platão e Aristóteles. Filolau é, inclusive, explicitamente citado por aquele no Fédon. A tradução tem o intuito de preencher uma notória lacuna do estudo sobre o movimento pitagórico e, especialmente, o Filolau de Crotona no Brasil. No exterior, há, desde a década de 90, a emblemática tradução comentada de Carl Huffman dos fragmentos de Filolau de Crotona em inglês. Já no Brasil, uma tradução (parcial) dos fragmentos aparece somente em 2011 na monografia doutoral de Gabriele Cornelli, intitulada *O Pitagorismo como Categoria Historiográfica*, a qual já tem mais de uma década e, também, não se dedica a comentar os fragmentos. Portanto, este trabalho pretende dar continuidade e renovar o trabalho iniciado por Cornelli e Huffman.

### Palavras-Chave

Filolau. Pitagorismo. Tradução.



## UMA DATAÇÃO DO ‘DE MUNDO’: QUESTÕES DE CRÍTICA LITERÁRIA

Silvio Marino

[silviolisbona@yahoo.it](mailto:silviolisbona@yahoo.it)

### Resumo

A presente contribuição visa propor algumas indicações sobre a data e o ambiente de composição do tratado pseudo-aristotélico *De mundo* por meio de uma comparação da poética pressuposta pelo autor no capítulo I. De fato, o “falar de maneira grande e alta” deste tratado encontra um paralelo, por um lado, no *De sublimate*, por outro, no começo das *Naturales Quaestiones* de Sêneca, que apresentam muitos pontos de contato conceituais com o *De mundo* (divisão entre filosofia e outras ciências, ciência do divino, estilo alto para tratar de assuntos naturais, entre outros). Por meio de comparações lexicais e doutrinárias, se mostrará que estes elementos do *De sublimate* e das *Naturales Quaestiones* apontam para um período e um ambiente bem determinados: a Roma entre os séculos I e II d.C.. O *De mundo*, nos últimos anos, foi objeto de um renovado interesse, sobretudo pelas doutrinas nele contidas (a tradução comentada com vários ensaios de Thom: 2014, o comentário coordenado por Gregorić e Karamanolis (2020), a monografia de Brumana: 2023, e dois eventos sobre este tratado: Pisa 2023 e Lisboa 2024). Neste panorama, o principal foco parece se concentrar na discussão das doutrinas contidas no *De mundo*, para tentar achar a qual escola filosófica ele pertença. A resposta dos estudos dos últimos anos é que este tratado é de autoria de um autor peripatético entre os séculos III e II a.C. Todavia, a defesa desta datação não é sustentada por uma análise estilística e doutrinária. Ao contrário, os defensores desta datação devem encontrar a cada vez uma justificação elaborada para mantê-la. Uma datação em torno dos séculos I a.C. e I-II d.C., já sustentada por vários filólogos (como Capelle 1905, Lorimer 1924, Festugière 1946, Tricot 1949, Moreau 1962, Strohm 1970, entre outros) e historiadores da filosofia antiga (como Martano 1975), tem, como vantagem, o fato de ser uma solução mais econômica. Já foi destacado por Barnes (1977) que uma perspectiva de pesquisa é a análise do estilo do *De mundo* – feita por Schenkeveld (1991), mas sem particulares indicações “probantes”. Queremos, portanto, retomar este caminho para propor uma datação entre os séculos I -II d.C. por meio da análise do capítulo I do *De mundo* em comparação com as categorias literárias e o estilo do *De sublimate* e das *Naturales Quaestiones* de Sêneca.

### Palavras-Chave

“De mundo”. Crítica literária. Datação.



## O PAPEL ONTO-GNOSIOLÓGICO DAS ΕΪΔΩΛΑ NA PERCEPÇÃO SENSÍVEL EM DEMÓCRITO

Marcos Roberto Damásio Da Silva

[marcos.damasio@uece.br](mailto:marcos.damasio@uece.br)

### Resumo

Acerca da natureza da percepção sensível, há um conjunto de testemunhos atribuídos a Demócrito que mostram que as funções cognitivas são geradas pelo “contato” (ἀφή, TEOFR. De sens., 55 [DK 68 A135]) entre compostos: sensíveis-inanimados, que ininterruptamente emitem “projéteis” (εἶδωλα, ALEX. De sens., 56, 12 [DK 67 A29]) de si mesmos; e sencientes-animados, adequadamente estruturados com “passagens” (πόρων, PLUT. Quaest. conv. VIII, 10, 2. 734f) que possibilitam a percepção e o conhecimento dos sensíveis pela introdução dos εἶδωλα. Estas, portanto, são finas películas que emanam dos corpos mantendo as suas características sensíveis ao tocarem os órgãos dos sentidos, ou seja, conservam não só a semelhança (ὁμοιότητας) mas também a “forma precisa” (μορφοειδεῖς) dos corpos emanados. Ainda segundo Plutarco, citando um comentário de Favorino, as emissões das εἶδωλα se dão em razão da “grande agitação” (σάλου πολλοῦ) e do “calor” (θερμότητος) próprios dos compostos em razão da aglomeração dos átomos. As εἶδωλα em Demócrito, portanto, revestem-se de um sentido onto-gnosiológico, isto é, são consideradas estruturas idênticas (εἶδος ὁμοία) aos corpos sensíveis que elas representam, como empregado no Etymologicum Genuinum: “Para Demócrito, a emanação mantém a mesma forma das coisas” (δείκελον: παρὰ δὲ Δημοκρίτῳ κατ’ εἶδος ὁμοία τοῖς πράγμασιν ἀπόρροια, Etym. gen. mag., [DK 68 B123]). Neste sentido, o presente trabalho investiga o “antigo argumento de Demócrito” (λόγον τινὰ τοῦ Δημοκρίτου παλαιὸν) em que tanto as sensações como os pensamentos (o que inclui os sonhos) são resultados da penetração das εἶδωλα emanadas pelos corpos externos na estrutura de percepção sensível (αἴσθησις).

### Palavras-Chave

Demócrito. Percepção sensível. εἶδωλα.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA





## A CONDIÇÃO HUMANA E A PSICOPOLÍTICA: REFLEXÕES PARA A GESTÃO DE PESSOAS NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Carolina Martins Da Corte Rocha

[martinscarolina@id.uff.br](mailto:martinscarolina@id.uff.br)

Camila Braga Soares Pinto

[camilabraga@id.uff.br](mailto:camilabraga@id.uff.br)

### Resumo

Nosso estudo propõe realizar uma análise crítica das práticas de gestão de pessoas (GP) à luz das filosofias de Hannah Arendt e Byung-Chul Han. Ao estabelecer uma articulação entre os pensadores, aprofundamos nossa compreensão das complexas dinâmicas humanas e políticas que se manifestam nas organizações contemporâneas. Exploramos os conceitos fundamentais da filosofia de Arendt apresentados em sua obra “A condição humana”, tais como, trabalho (labor, arbeiten), fabricação (work, herstellen) e ação (action, handeln) e os relacionamos com as ideias apresentadas por Byung-Chul Han, acerca do poder (Macht), da vita activa versus vita contemplativa, da psicopolítica (Psychopolitik) e do sujeito do desempenho (Leistungssubjekt). Na obra supracitada, em contrapelo, a politóloga examina o esquecimento do mundo político à luz da ruptura com a tradição filosófica promovendo uma (re)leitura e reabilitação da vita activa, para restituir a validade da ação. A análise integra os conceitos de Han, sobre a sociedade contemporânea em suas obras A Sociedade do Cansaço (2015), Psicopolítica (2018), O que é o Poder (2019) e “Vita Contemplativa” (2023). Para Han (2015), o homem pós-moderno ocupa paradoxalmente o lugar de vítima e de algoz, que por um lado sofre auto reprimendas, está sob constante pressão, tem o seu tempo espoliado, necessita investir em si-mesmo e em sua aparente autonomia. E, por outro, assume a posição de explorador, posto que inexistente uma entidade externa que regule a pressão exercida sobre suas atividades, caracterizando seu isolamento de ações coletivas e políticas. Nessa sociedade, o poder não se limita mais ao controle físico dos corpos (biopolítica), mas como um controle psicológico invisibilizado (psicopolítica), voltado para a maximização do desempenho (constante) e a manipulação dos níveis psíquicos dos sujeitos. A articulação empreendida também



leva em consideração as nuances de análise de cada autor, visto que ambos possuem concepções distintas sobre o conceito de poder e ação, além de interpretarem a esfera da vida activa sob perspectivas diametralmente opostas. Questiona-se se os conceitos de Arendt, centrados na ação e na esfera pública, podem ser incorporados nas práticas de gestão contemporâneas da Sociedade do Desempenho, ou se são utópicos em um ambiente organizacional predominantemente dominado pelo neoliberalismo em que se configura a ausência de um nós-político e o esfacelamento do mundo comum.

### Palavras-Chave

Condição humana. Psicopolítica. Poder.



## A DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL DO LUTO PÚBLICO DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ NA FILOSOFIA BUTLERIANA

Kaline Selmira Da Silva  
[selmiradasilva@gmail.com](mailto:selmiradasilva@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a distribuição desigual do luto público, sob a perspectiva da filósofa Judith Butler, na população LGBTQIAPN+. Entendendo as variantes e os conceitos que englobam uma temática tão ampla e contemporânea, tais como vulnerabilidade, dependência e precariedade. Segundo Judith Butler todos os seres humanos são vulneráveis, o que implica que todos estão suscetíveis a morrer, seja através da violência ou não. Contudo, alguns grupos ou populações estão mais expostos a vulnerabilidade do que outros, isto posto, são induzidos a precariedade seja por meio governamentais ou não. Em outras palavras, são conduzidos a precariedade e a continuar na precariedade, sendo negado a essas populações ou grupos os direitos civis, moradia, comida, mobilidade, empregabilidade e dentre outros direitos. É importante destacar que todos seres humanos além de serem vulneráveis, estão também em condição precária, de alguma maneira se encontram na precariedade. Desde as interações primárias (infância) necessitamos do “toque” do outro, ou seja, dependemos do outro para não sofrer um ato de violência, tornando-nos dependentes, minha existência depende do outro, de um lado para não ser morto, e de outro para ser reconhecido como ser humano. Corpos/sujeitos LGBTQIAPN+ é uma das população que conceitualmente ao redor do mundo mais perseguida, morta e excluída, e, quando morta, pela violência ou não, seu luto público não é digno, as comissões e lamentações são apenas sentidas por aqueles que também se reconhecem como precários e que sabem que se sua vida for perdida também não receberam prontos ou indignações públicas. Os objetivos centrais da pesquisa é analisar a distribuição desigual do luto público nos corpos LGBTQIAPN+ na perspectiva de Judith Butler, contudo, para compreender o luto público, se fará necessário compreender as normas sociais, performatividade e a heteronormatividade, consequentemente, vulnerabilidade, dependência e precariedade. Ou seja, para apreender quais vidas merecem serem vividas e quais merecem morrer. Traçaremos

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



um conceito filosófico no campo ético-político com intuito de debater e demonstrar que contemporaneamente o luto público é uma das grandes temáticas inovadoras para entender o sujeito na sua integralidade.

## Palavras-Chave

Luto. Butler. Precariedade.



## ALÉTHEIA E A CIRCULARIDADE DO SER-AÍ EM MARTIN HEIDEGGER

Andre Christian Dalpicolo

[filosofiapucpr1978@gmail.com](mailto:filosofiapucpr1978@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir em torno da noção de alétheia segundo a filosofia heideggeriana. Para tanto, é preciso desenvolver uma linha de raciocínio que se desdobrará em dois planos distintos. O primeiro deles relatará o vínculo essencial que une ser e verdade a partir das possibilidades projetivas do ser-aí. Convém observar que o resultado desse relato será a compreensão do destino epocal do ser através dos seus períodos de errância. Já o segundo destacará a reviravolta do pensamento heideggeriano por meio da compreensão da essência da Verdade. Como se sabe, esta última se revela a partir do exame do binômio “velamento-desvelamento” do ser. Destarte, esse exame revelará a forma pela qual a tradição metafísica não consegue dar conta da alétheia a partir do esquema sujeito-objeto, já que o conhecimento da realidade não pode ser reduzido ao princípio da *adaequatio rei et intellectus*. Com isso, percebe-se que a tarefa da filosofia é buscar a verdade originária na qual toda verdade ôntica está fundada.

### Palavras-Chave

Alétheia. Ser-aí. binômio desvelamento-velamento.



## ALIENAÇÃO DO MUNDO E DA TERRA E A SOCIEDADE DE CONSUMO EM HANNAH ARENDT

Débora Dos Santos Góis Gondim

[goisdebora@gmail.com](mailto:goisdebora@gmail.com)

### Resumo

Este artigo apresenta a contribuição teórica de Hannah Arendt sobre o significado da alienação do mundo e da Terra, bem como sua relação com a sociedade do consumo. Arendt traz o diagnóstico de uma crise que localiza o ser humano cada vez mais desconectado da Terra, do mundo e da pluralidade humana. Junto a isso, a pensadora política, expõe como a centralidade da atividade do trabalho põe também o consumo no centro de nosso processo vital e de nossas experiências contemporâneas. Durante o texto, ao analisarmos os seres humanos modernos e sua relação com o mundo, conseguimos evidenciar problemas que despertam grandes preocupações frente ao cuidado e responsabilidade com o mundo e com a Terra. Esse movimento de verificar o presente observando eventos passados é uma característica da escrita, assim como da contemplação filosófica e política de Arendt, o que nos faz, por conseguinte, buscar uma articulação constante nas análises que perpassam o movimento da alienação aqui examinado. Baseando-nos principalmente na obra *A condição humana* (2020), mostramos os riscos que o nosso modo de vida moderno acarreta para a existência humana, para o mundo político e para a Terra. Por fim, indicamos que mais que nunca se mostra inadiável a assunção de nossa responsabilidade com o mundo e a Terra, de modo que frente às alienações, é nosso pertencimento ao habitat humano e natural que precisam ser encarados de frente.

### Palavras-Chave

Alienação. Mundo. Terra. Trabalho. Consumo.



## ALTERIDADE EM BYUNG-CHUL HAN: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EROSÃO DO OUTRO COMO EROSÃO DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Eder Aleixo

[aleixo.eder@gmail.com](mailto:aleixo.eder@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação tem por objetivo apresentar e divulgar o conceito de alteridade de Byung-Chul Han, assim como suas análises sobre o lugar contemporâneo das relações com a alteridade e com os fenômenos que tradicionalmente dependem de sua negatividade. Ademais, como ilustração, será abordada a possível relação entre as restrições do acesso à alteridade, como a erosão do outro, e a erosão das práticas criativas na contemporaneidade, tema central da tese em desenvolvimento pelo proponente da comunicação. O recorte do problema a ser explorado na apresentação é delimitado por dois parâmetros extraídos da obra do filósofo coreano-alemão: 1 – o cenário contemporâneo de crise da relação com a alteridade; e 2 – a intensificação deste por meio da digitalização da vida cotidiana exercida pelos novos meios de comunicação, que fundam uma sociedade da informação e seu regime. Cabe salientar que esses parâmetros produzem uma conjuntura de retroalimentação que, cada vez mais, suprimiria as possibilidades de instauração de subjetividades capazes de perceber e defrontar-se com a alteridade. Assim, propõe-se abordar as relações entre a alteridade e o fenômeno da criação à luz do pensamento de Han, que narra o contemporâneo a partir da erosão do outro, isto é, da eliminação da alteridade. Para o autor, hoje, o Eu padece da falta de relação com o que é contrário ao regime do eu, com o que o nega, vivendo em um domínio autorreferente e estreito em relação ao mundo que o isola do outro. Um cenário agravado pelas mídias digitais e pela uniformidade das informações que produzem. Desse modo, intenta-se explicitar como a criação, se passível de salvação, revela-se como um contra que arranca o Eu do ensimesmamento e que pode ser mobilizado para a constituição de um mundo amplo e comunal no qual o Eu e o Outro podem se reencontrar e resistir à própria erosão do Outro.

### Palavras-Chave

Salvação do belo. Regime de Informação. Alteridade.



## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS DA FILOSOFIA DA MORTE EM BYUNG-CHUL HAN

Gladson Pereira Da Cunha  
[gladsoncunha@gmail.com](mailto:gladsoncunha@gmail.com)

### Resumo

Antes de analisar criticamente a cultura ocidental pós-moderna, a morte foi o primeiro tema a ser trabalhado por Byung-Chul Han. A partir de sua crítica ao alcance da superação da metafísica na obra de Martin Heidegger (o pensamento do filósofo de Messkirch foi tema da tese doutoral de Han, defendida em 1994), Han procurou adensar a eliminação da metafísica do tratamento que o pensamento ocidental deu até então ao tema da morte, bem como daqueles temas que derivavam deste. De acordo com Han, a metafísica apareceria nas filosofias ocidentais contemporâneas por meio de uma dinâmica que lhe é própria, isto é, por meio de uma lógica econômica (HAN, 2024). Em linhas gerais, Han (2024) entende que o pensamento ocidental contemporâneo abriga resquícios metafísicos, os quais se manifestam numa tentativa de “acúmulo”, “investimento” e até mesmo “trocas” – conceitos econômicos – que consistem na tentativa de limitar ou ainda mitigar a angústia humana diante da pura negatividade que é a morte (cf. HAN, 2021). Desta forma, Han propõe que “filosofar não é mais do que pensar e comemorar a morte sem véus, não embelezada ideológica ou metafisicamente, [é] o propósito de assumir na consciência em toda a sua gravidade o reprimido da morte” (HAN, 2021, p.11). A economia metafísica da filosofia contemporânea faz com que haja uma espécie de superação da finitude, ressignificando o para além da morte, que para Han é o limite de onde “começaria a natureza indiferente sem recordação nem história” (HAN, 2022, p.231), isto é, o nada, desprovido de qualquer validade ou significatividade. Afinal, a vida estaria aquém do “até a morte”, cuja preposição “até” indica o limite. Ao exercício da filosofia contemporânea de superação da negatividade da morte, Han aplica o termo freudiano trabalho de luto, ampliando-o, fazendo-o significar todo o esforço metafísico-econômico de transformar dialeticamente o negativo mórbido, como o próprio autor diagnostica no pensamento de Kant, Hegel, Lévinas, Derrida, entre outros (cf. HAN, 2021). A busca haniana por um luto luminoso, não econômico é uma tarefa inscrita em





sua discrição do trabalho filosófico. É a busca por uma significação da vida pela luz lançada sobre ela a partir da morte na nudez que lhe é característica, sem quaisquer véus que encubra a sua negatividade. O objetivo de Han é que “a morte resplandeça sobre a vida, e [...] que transforme a vida naquilo que chamamos viver” (HAN, 2021, p.232).

### Palavras-Chave

Morte. Luto. Trabalho de Luto.



## DE DERRIDA A NIETZSCHE: RASTROS E LEITURAS

Leonardo Araújo Oliveira

[leonardo.oliveira@uesb.edu.br](mailto:leonardo.oliveira@uesb.edu.br)

### Resumo

Em *Esporas*: os estilos de Nietzsche, Derrida dedica atenção especial a uma anotação do filósofo alemão, em que ele escreve que esqueceu um guarda-chuva. A partir desse detalhe do cotidiano, há uma conjugação com o problema do estilo. Essa atenção a um relato biográfico, integrado a um problema, a princípio, formal, pode afastar uma leitura de tipo estrutural e induzir uma leitura psicobiográfica do autor. Mas Derrida opera por uma problematização da ideia de biografia, e mais profundamente da noção de autobiografia. Por isso em sua obra *Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*, o pensador franco-argelino questiona também a leitura empírico-genética em história da filosofia. Para pensar como procede Derrida, recorreremos a uma noção derridiana que ajuda a pensar os não-lugares e a desconstrução de dualidades. Trata-se do quase-conceito de rastro. O rastro contribui para pensar a desconstrução da identidade no autorrelato. Em *Ecce Homo*, porquê e quais informações ele seleciona para abordar? O que há de criativo nessa obra quando Nietzsche fala de Nietzsche? O próprio filósofo alemão enfatiza o aspecto seletivo da produção de memória e o aspecto interessado da produção da história e, assim, no processo de lidar com documentos, em realizar a genealogia dos conceitos morais etc. Por isso a problematização da identidade e da origem é compatível com algumas leituras do método genealógico, como a de Foucault, e não é estranha à filosofia de Nietzsche em geral a partir de sua crítica da concepção moderna de sujeito. Os objetivos dessa comunicação são: a) pensar a leitura Derridiana da história da filosofia fora da dualidade entre a leitura empírico-genética e a análise estrutural; b) situar o quase-conceito de rastro no (não)lugar da leitura que Derrida faz de Nietzsche; c) avaliar se é possível encontrar no próprio Nietzsche rastros da ideia de rastro, por meio de problemas em comum com Derrida (como origem e identidade). O movimento desse trabalho pode ser considerado mais negativo do que propositivo. Mas acompanhando em algum nível a desconstrução, tentaremos fornecer passos introdutórios para pensar em que medida a leitura derridiana da história da filosofia



remete ao próprio Nietzsche, em como o rastro permite essa contaminação mútua entre os nomes próprios desses autores que constantemente revisam conceitos de modo afirmativo, isto é, des(cons)truindo e criando a um só tempo.

### **Palavras-Chave**

Rastro. (Auto)biografia.



## DISCUSSÃO SOBRE A TESE DE DAVID STOVE ACERCA DA RACIONALIDADE DA INDUÇÃO

Tiago Azambuja Rodrigues  
azambujaes@gmail.com

### Resumo

No presente trabalho, consagrado ao clássico problema da indução, interroga-se se proposições tais como (1), ‘Todos os corvos observados são pretos’, para (2), Todos os corvos são pretos, realmente pressupõem a uniformidade da natureza, a semelhança entre o passado e o futuro etc., em acordo com o famoso dito de David Hume. Abordase a aporia com base na visão de David Stove, defensor da indução, em que se afirma a racionalidade da indução, asseverando a justificação dos juízos indutivos, seu caráter não contingente (à contra sensu) e verdadeiro, na contramão do “senso comum filosófico” estabelecido desde Hume. Discute-se a matéria a partir da escassa literatura acerca deste argumento de Stove, cuja crítica primacial pretende atacar o argumento e a caracterização stoveana sobre a racionalidade das asserções indutivas em suas bases. Em suas linhas mestras, tal crítica consiste na alegação de que, pelo que é evidenciado e decorre da caracterização do próprio Stove, é uma pressuposição contingente das inferências indutivas que estas são sempre baseadas na total evidência disponível (condição sine qua non para a racionalidade da indução), na medida em que seria falsa a tese de Stove (contra o dito de Hume) de que as inferências indutivas não têm pressuposição continente, sendo então inconsistente toda a argumentação de Stove em defesa da indução. Contrariamente, nossa hipótese é que não foi corretamente compreendida pela crítica a tese de Stove acerca da natureza semântica do condicional. Pois a tese do autor, se devidamente interpretada, significa simplesmente não atribuir valores contingentes, de uma proposição  $r$  posta erroneamente, ao esquema  $p$  é uma razão para crer  $q$ , no qual, ao incorrer no erro de condicional, diz-se  $p$  é uma razão para crer  $q$ , se  $r$  (sendo  $r$  contingente), em vez de dizer que  $p$  não é uma razão para crer que  $q$  e que  $p$  e  $r$  é; sendo a falta de compreensão adequada deste ponto que o faz afirmar que, tal como Stove formula, as inferências indutivas possuem então a pressuposição contingente de não abarcarem toda a evidência disponível. Conclusivamente, indica-se a apreciação posterior do argumento de Stove em prol das inferências indutivas contra Hume, mormente, a sua tese concernente à racionalidade da indução ora descrita.

**Palavras-Chave** Indução. Racionalidade. David Hume.



## ENSAIO SOBRE A LIBERDADE: A SITUAÇÃO

Daila Ataíde Dos Santos

[dailaataide@gmail.com](mailto:dailaataide@gmail.com)

### Resumo

Buscando a compreensão do que é a liberdade desenvolvida (abstrata e prática) por Sartre em seus escritos filosóficos e de ficção, foi escolhida, para este ensaio, a Quarta Parte de “O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica” (1943), intitulada “Ter, fazer e ser” dedicada ao esclarecimento do conceito de liberdade em âmbito prático, isto é, em situação. Os limites frente à liberdade devem ser refletidos. Será que podemos condenar ao escravo a liberdade de Sartre? O escravo é livre para escolher? O objeto a ser apresentado é a “liberdade situada”, precipuamente ela é entendida como atributo e não como Sartre a tematiza, isto é, na ação. Ter, fazer e ser fazem parte dessa categoria de conceitos e nos ajudam a compreender a conduta do para-si, na ação, buscando, inutilmente, determinar-se, haja vista que a liberdade é pura nadificação e, conseqüentemente, não há determinação para o ser do homem. Os limites condicionantes da facticidade estão naquilo que determina o homem historicamente, como o local e a família que o indivíduo nasce, sua aparência física, suas heranças genéticas etc., e essas condições não são suficientes para negar, ainda que seja para o escravo, a liberdade existencial, muito pelo contrário: “as resistências que a liberdade desvela no existente [...] permite-lhe surgir como liberdade”. Transcender é abrir o leque para possibilidades do vir-a-ser humano. Na defesa da posição sartreana da liberdade como inerente à existência humana, de que o homem é livre e é a sua própria liberdade, é preciso ampliar esse argumento para que também seja compreendido que há limites para tal condição humana. A liberdade, seja ela estritamente existencial ou cotidiana, sempre será situada, terá um “limite” para as escolhas livres, uma “relação com a facticidade”. A facticidade parece determinar o que será feito do homem, ou mesmo o que dele já foi feito, dado como ser em-si. Desse modo, compreendendo que a liberdade é dada na situação, segue-se que a liberdade existencial não pode ser alienada nem mesmo em um escravo. Por vezes são destacados problemas que o homem não consegue escapar, uma vez que a situação se encontra neles mesmos. É notório aos seus leitores que Sartre costuma retratar

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



situações tendo em xeque problemas ético-morais. Esses problemas são concernentes: a responsabilidade, a angústia, a liberdade, a “consciência reflexiva” e outros conceitos categóricos indissociáveis à filosofia do autor, de tal forma que são necessários na discussão.

## Palavras-Chave

Liberdade. Situação. Moral.



## FILOSOFIA DA VIDA: A PROPOSIÇÃO PARADIGMÁTICA DE EDGAR MORIN

Juliano Sistererenn

[juliano.s83@hotmail.com](mailto:juliano.s83@hotmail.com)

### Resumo

Nesse resumo apresentamos a ideia de que Edgar Morin desenvolve uma filosofia da vida, a partir de sua noção biológica de sujeito. Essa noção está presente ao longo de toda a obra de Morin, mas ela foi desenvolvida, sobretudo, em O método 2: a vida da vida. Segundo esse autor, sujeito é todo ser capaz de se auto-organizar, na relação com o meio, com o eco, com o oikos, com o outro. Ou seja, todo ser vivo é sujeito, desde uma bactéria até uma orquídea ou um elefante. Acreditamos que não seja por acaso que a grande obra de Morin, publicada em seis volumes, tem como título O método. Essa é uma alusão explícita a Descartes, que escreve O discurso do método, onde esse seu contrarrâneo desenvolve uma filosofia do pensamento, com base na ideia de um sujeito humano cogitante. Se para Descartes o ponto de partida da filosofia é o humano, enquanto um ser pensante, para o Morin o ponto de partida é o ser vivo, sujeito biologicamente computante. Até onde sabemos, esse fundamento filosófico, que está presente em praticamente toda a vasta obra de Morin, ainda é pouco explorado e explicitado pelos seus comentadores. Por isso, juntamente com Jean Tellez, filósofo francês e comentador da obra de Morin, queremos enfatizar que a noção moriniana de sujeito contém uma originalidade filosófica com potencial para questionar os fundamentos antropocêntricos da cultura ocidental, a qual ainda é fortemente influenciada pelo paradigma cartesiano. Nesse sentido, defendemos a ideia de que a filosofia da vida, desenvolvida por Edgar Morin, pode se colocar como uma alternativa à filosofia cartesiana, no sentido de se constituir como um novo paradigma capaz de ampliar os horizontes do ser humano e, ao mesmo tempo, diminuir a distância entre nós e as demais formas de vida que existem na Biosfera.

### Palavras-Chave

Vida. Paradigma. Edgar Morin.



## HANNAH ARENDT E FRANTZ FANON: O QUE É VIOLÊNCIA?

Marcela Da Silva Uchôa

[maruchoa@gmail.com](mailto:maruchoa@gmail.com)

### Resumo

Em *On revolution*, Hannah Arendt dedica todo o segundo capítulo da obra a detetar o que para ela seria o grande problema das revoluções modernas – o que chama de “questão social”. Essa análise, feita à base de um diálogo constante com Marx, mais do que pontuar as críticas que faz a esse motor dos processos revolucionários – a questão social –, irá nos possibilitar identificar a especificidade do modelo de revolução que ela própria acredita e defende, que tem como arcabouço sua defesa republicana. Segundo Arendt, o movimento surgiu na medida que as massas populares invadiram um espaço antes reservado apenas a seres humanos livres (domínio político) (Arendt, OR). Orientadas, sobretudo, por exigências da necessidade – são dotadas de um potencial despolitizador, na medida que agregam elementos da esfera privada (as necessidades vitais) ao espaço político. Defende, ainda, que tais fatores acabaram por tornar esses movimentos revolucionários urgentes, mas também inflexíveis, e inviáveis em contextos nos quais os homens quisessem agir livremente, passando a considerar esse tipo de reação como violenta. Este artigo toma como base as críticas de Hannah Arendt a Frantz Fanon em seu texto *On Violence* e suas implicações associadas as teorias da violência e da política para nossa compreensão da relação entre esses dois fenômenos. Fanon argumenta que a violência é um meio necessário para a ação política; e também que é uma força ou energia orgânica. Arendt argumenta que a violência é inerentemente imprevisível, que o raciocínio meio-fim é, de qualquer forma, antipolítico e que é um erro profundo naturalizar a violência. Avaliamos seus respectivos argumentos concluindo que, em sua rejeição bem fundamentada da naturalização da violência, o entendimento de Arendt sobre a natureza corporificada da violência é menos perspicaz do que o de Fanon.

### Palavras-Chave

Questão Social. Violência. Contradições.





## REPETIÇÃO E IMAGINAÇÃO EM KIERKEGAARD

Claudinei Reis Pereira

[claudnei\\_2012@hotmail.com](mailto:claudnei_2012@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho visa analisar o movimento da repetição subjetiva e objetiva em Kierkegaard a partir do pseudônimo Constantin Constantius, personagem escolhido por Kierkegaard na obra *A Repetição* de 1843. A investigação aspira demonstrar o fracasso do personagem Constantin Constantius, que, ao tentar a repetição autêntica, encontra-se com o grande fracasso de sua ida para Berlim: a impossibilidade da repetição. Dessa forma, dois movimentos serão analisados, a saber: o movimento da recordação e o movimento da verdadeira repetição. Embora sejam direcionados para a mesma direção (passado), eles têm significados distintos. De acordo com Kierkegaard, a verdadeira repetição é a repetição para frente, ou seja, aquela que requer do indivíduo uma transformação e retomada da subjetividade. Em suma, Constantin Constantius não alcançou a repetição subjetiva (autêntica), uma vez que estava mergulhado na teorização (imaginação) da categoria da repetição, isto é, ele buscou a objetividade e não a relação de apropriação com a repetição. Finalmente, cabe-lhe compreender o significado de Kierkegaard para a repetição existencial e espiritual.

### Palavras-Chave

Kierkegaard. Repetição. Constantin Constantius.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA DE EXPRESSÃO FRANCESA



## A FIDELIDADE EM GABRIEL MARCEL: UM ENGAJAMENTO QUE COMPROMETE

Wellington Fernandes Pires

[wellington.pires@ufu.br](mailto:wellington.pires@ufu.br)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar o conceito da fidelidade em Gabriel Marcel em um engajamento que compromete. No tema abordado pelo pensador francês, encontramos três eixos necessários para consolidação de sua filosofia, para que haja o encontro autêntico: amor, esperança e fidelidade. Este último vinculado diretamente ao engajamento, pois orienta-se nunca para si mesmo, mas para o ser (ser tomado), e há uma tensão entre o pessoal e o ontológico que o caracteriza. Marcel reconhece que há fidelidade entre os homens, pois sem ela, é impossível a convivência humana, e quando há fidelidade autêntica, o eu pode transcender o tempo, para além de toda instabilidade do mundo sensível. Se manifesta pela fé, é a ‘presença eternizada ativamente’, a ‘renovação do benefício da presença’. O estudo da fidelidade como ponto necessário para um engajamento comprometido, abordado em textos de Gabriel Marcel como fontes principais O mistério do ser e principalmente na obra Homo Viator, observando as interpretações de Urbano Zilles manifesta-se a ideia central a partir de uma perspectiva fenomenológica-metafísica e da visão de superação das provas com a evocação do outro e sua importância nesse processo, através da alteridade. Confiar é o meio fundamental para que haja uma relação livre e espontânea, e não exista somente o eu em sua individualidade, mas o tu em sua totalidade. Marcel afirma que é necessária uma revelação propícia de ambos para que haja o autêntico, e a liberdade é de suma importância, no encontro a ontologia se revela na experiência concreta. Assim o engajamento do pensamento marceliano será tomado de totalidade em uma experiência integral na “viagem” humana.

### Palavras-Chave

Fidelidade. Marcel. Engajamento.



## A MEMÓRIA NA DISPERSÃO DA TEMPORALIDADE EM MICHEL FOUCAULT

Saulo Albert Andrade Almeida

[sauloalbert404@gmail.com](mailto:sauloalbert404@gmail.com)

Edvania Gomes Da Silva

[edvania.gomes@uesb.edu.br](mailto:edvania.gomes@uesb.edu.br)

### Resumo

Este trabalho analisa a ideia de tempo nos escritos de Michel Foucault, buscando encontrar uma concepção de temporalidade que atravessasse todas as fases da arqueogenealogia do referido autor. Com base nessa problematização, a hipótese aqui formulada é de que o conceito-operacional foucaultiano de domínio de memória viabiliza uma compreensão de tempo na arqueologia, na genealogia e na ética. O percurso teórico-metodológico se inicia com um breve estado da arte sobre autores que analisam a existência de concepções de tempo em Foucault. Em seguida, desenvolvemos uma revisão bibliográfica acerca dos diferentes aparecimentos dessa temática na arqueogenealogia do referido autor, procurando enfatizar conceitos-operacionais foucaultianos que permitem o estabelecimento de relações entre as temporalidades nas diferentes fases da sua obra. Nessa seara, o tempo para a arqueologia, conforme Foucault, não nega que existam relações sucessivas, mas aponta que existem algumas que não o são, colocando-se em suspenso o tema da sucessão como um absoluto, porque o discurso possui as suas formas próprias de encadeamento e de sucessão cujas historicidades diferem de uma cronologia convencional, recusando um modelo uniforme de temporalização. Genealogicamente, a duração escapa porque a tentativa de se conservar o domínio sobre o tempo, a partir dos procedimentos disciplinares que visam um tempo linear e evolutivo, enfrenta modalidades diversas de resistência nessa microfísica do poder como a contramemória e a reconfiguração das rupturas temporais ao decorrer do próprio tempo conforme surgem novas modalidades de sujeito na história. De acordo com o que defende Foucault na elaboração de uma discussão sobre a ética, as práticas de si abarcam uma heterogeneidade de elementos que se faz e se desfaz com o tempo, tempo essa variável,



múltiplo e descontínuo, assim como a própria constituição sócio-histórica da subjetividade. Em síntese, a pesquisa que resultou neste trabalho aponta para a existência de uma dispersão de concepções de tempo em Foucault, o que se relaciona com a forma como esse autor entende os enunciados e os objetos de discurso, ambos considerados múltiplos por ele. Contudo, mesmo havendo rupturas e descontinuidades nessa multiplicidade temporal, a reverberação do domínio de memória, estabelecendo relações de gênese, de filiação e de transformação, relaciona aspectos dessas diferentes materializações do tempo a partir da própria concepção de multiplicidade.

### **Palavras-Chave**

Tempo. domínio de memória. Multiplicidade.



## A NOÇÃO DE PROJETO E A IMPOSSIBILIDADE ONTOLÓGICA DO PARA-SI EM JEAN-PAUL SARTRE

Rene Ferreira Soares  
[rene.lancbio@gmail.com](mailto:rene.lancbio@gmail.com)

### Resumo

O presente estudo evoca análise minuciosa de um importante conceito na filosofia sartreana, a saber a noção de projeto. O pensamento sartreano conhecido por criar, reformular e tratar de múltiplas aporias em seu estudo, tem sobretudo no binômio projeto- liberdade, revelado a centralidade do tema do projeto no pensamento do filósofo francês. Para melhor prescrutarmos a noção de projeto será preciso recorrer a primeira noção sartreana de projeto levantada antes mesmo da publicação de *o Ser e o Nada*, mas propriamente dito na década de 1930 na fase conhecida do autor como fase fenomenológica, noção essa que encontra sua formulação mais radical em *o Ser e o Nada*, sobretudo reafirmando a primeira concepção que lhe foi dada nos escritos anteriores onde ela era concebida como uma forma de negatividade, uma característica fenomenológica para a ação intencional da consciência. Todavia a radicalização dessa noção passa por uma profunda transformação que atravessa o eixo aporetico da metodologia de *o Ser e o Nada*. Será bem no centro da heterogeneidade ontológica do em-si e do para-si enquanto estruturas ontológicas sartreanas que a noção de projeto será compreendida como aquela pela qual a liberdade, a náusea, a existência se orientam. A noção de projeto se define nesse ponto como uma impossibilidade ontológica do para-si diante de si, de sua existência engajada na realidade e na história. O para si sartreano se caracteriza pelo não ser, enquanto o em-si se caracteriza pelo ser, a existência da consciência não pode ser outra coisa se não essa tarefa em buscar ser aquilo que nunca se poderá alcançar. Destarte o entrocamento do tema do projeto junto ao conceito de liberdade constitui o pano de fundo em que o projeto é possível, a liberdade é o campo que o projeto reflete no itinerário da existência humana. A justeza dos métodos fenomenológico e ontológico ao modo de Sartre, clareiam o entendimento para além do conscencialismo husserliano e o facticismo heideggeriano. Intencionalidade estabelece o ponto de partida do projeto e a liberdade o como esse projeto se desenvolve! Outro importante conceito



que se alinha a essa discussão é o conceito de temporalidade de modo que reafirma em sua dinâmica de indeterminação assim como a liberdade as bases pela qual o homem está sempre a fazer-se , criando-se e escapando de si e rumo a si, em direção ao nada que é e que será ! O nada é o modo de ser do para-si, ser do homem no mundo, sendo nada ele poderá ser liberdade.

### Palavras-Chave

Ontologia. Projeto. Liberdade.



## A ONTOLOGIA HISTÓRICA: DE MICHEL FOUCAULT A IAN HACKING

Débora Bráulio Santos  
[debora.braunn@gmail.com](mailto:debora.braunn@gmail.com)

### Resumo

Michel Foucault forjou a expressão « ontologia histórica » para expressar, ao fim de sua vida, o modo como concebia seu trabalho filosófico, referindo-se a uma atividade de diagnóstico do presente e a um ethos filosófico que teriam em Kant seu ponto de emergência. A expressão também foi utilizada para caracterizar, de modo mais geral, toda uma tradição filosófica em oposição a outra, também engendrada por Kant, de uma « analítica da verdade », na qual estaria localizada a filosofia analítica anglo-saxã. Ian Hacking, embora formado dentro desta última tradição, apropria-se da expressão « ontologia histórica » de Foucault para dar nome a seu próprio projeto filosófico. Muito se discutiu, na economia do pensamento de Foucault, o que esta expressão quer dizer, o gesto filosófico e político que ela representa. Mas as razões pelas quais o francês escolheu o termo « ontologia » talvez não sejam assim tão evidentes. Certamente, Foucault quis se referir a algo como « o real » ou « a realidade », e colocando-a não apenas em relação com a história, mas também com a subjetividade, e, sobretudo, com uma certa capacidade produtiva e criativa que os sujeitos podem ter diante das determinações históricas e das tramas de saber-poder. Por que o autor escolheu esse termo? Ele criou uma concepção nova de « ontologia »? Por que Hacking escolheu essa expressão de Foucault? Qual o sentido de « ontologia » na obra do canadense? Em que medida tais sentidos coincidem, divergem, se complementam ou tensionam um ao outro?

### Palavras-Chave

Epistemologia histórica. Ontologia. Política.





## A QUERELA ENTRE COR E DESENHO: JACQUES DERRIDA E O LIMITE DO TRAÇO

Mariana Di Stella Piazzolla

[maridistella@gmail.com](mailto:maridistella@gmail.com)

### Resumo

Jacques Derrida, ao enfatizar em *Memórias de Cego* que trata do desenho e não da cor, adentra, querendo ou não, ao debate – hipoteticamente superado – entre o primado de um ou de outra. Se, por um lado, a maior parte dos textos históricos indicam o desenho como lugar da concepção e da ideia; por outro, a cor esteve por muito tempo sob o ataque daqueles (como Aristóteles e Charles Le Brun) que a entendiam como pura sensibilidade. Segundo Jacqueline Lichtenstein, é somente com o impressionismo que, ao levar à cabo a concepção colorista, se enfrenta os conflitos das supostas fronteiras entre contorno e pintura. No entanto, diz ela, ao passo que os últimos textos importantes sobre o desenho aparecem nos séculos XVI e XVII; do século XVIII em diante, os mais adeptos da cor ganham terreno realçando a primazia da pintura. Quando Derrida comenta o desenho é justamente para dizer de um traço invisível que habita mesmo nas pinceladas. Aliás, se ao desenho se associa o desígnio, Derrida prefere trazê-lo para sua característica insignificante: o traço diferencial. Porque mesmo após o traçado visível, o traço separa algo de um lado e de outro e, desse modo, retrai-se. Nesse apagamento, no intervalo de sua invisibilidade, ele não é nem sensível e nem inteligível. A sensibilidade antes atribuída à cor – esta que seduz, já dizia Agostinho no seu esforço por combater a concupiscência da carne ou, Roger de Piles, para quem a finalidade da pintura é antes iludir os olhos do que convencer com a razão –, é deslocada para a anterioridade da visibilidade do traçado, quando se encontra com a racionalidade comumente associada às linhas do desenho. Ao trazer o desenho para essa temporalidade, é possível encontrar sua origem: os traços delineando a sombra da silhueta do amado de Dibutade, a primeira desenhista. Para guardar na memória algo que ela não vê, a desenhadora cega pode reunir no mito da origem do desenho um olhar que não consiste mais no olhar masculino dominador do objeto, um olhar de cego que sempre foi de cega, não para defender que a pintura, como sensibilidade, dependeria do desenho que agora também não é nem só inteligível nem só sensível,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



mas para assumir a contaminação que em si mesmo não se constitui como objeto, a não ser habitado por essa memória. Assim, o desvio derridiano para a visão da cega como condição de (im)possibilidade desenhar, apresenta, segundo entendo, um novo olhar para a querela em questão.

## Palavras-Chave

Jacques Derrida. Traço. Visão de cega.



## A QUESTÃO DA HERANÇA NO PENSAMENTO DA DESCONSTRUÇÃO

Nathan Braga Fontoura  
[nathanbfont@gmail.com](mailto:nathanbfont@gmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente texto consiste em abordar dois momentos significativos nos quais o filósofo franco-magrebino Jacques Derrida tratou diretamente de um tema que atravessa todo o seu pensamento, embora nem sempre tenha sido explicitamente denominado por ele, a saber: a questão da herança. A partir de seu trabalho filosófico, geralmente intitulado como “pensamento da desconstrução”, podemos pensar a noção de herança como sendo também um quase-conceito que, junto de outros operadores da desconstrução – como, por exemplo, *différance*, espectros, iterabilidade, rastro etc. –, atua sobre a textualidade em geral. Primeiramente, iremos tratar de algumas considerações feitas por Derrida em uma entrevista concedida no final de ano de 1998. Em seguida, discutiremos o texto *Escolher sua herança*, resultado de mais uma entrevista, mas dessa vez realizada em colaboração com a psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco. Partindo desses dois textos tardios do pensamento derridiano, pretendemos explicitar como essa importante noção de herança não só atravessa a sua filosofia em particular, como diz respeito à história e o futuro do pensamento.

### Palavras-Chave

Derrida. Desconstrução. Herança.



## A QUESTÃO DA IMAGEM NA FILOSOFIA LITERÁRIA DE GASTON BACHELARD

Mateus Henrique De Sousa  
[mh.99sousa@discente.ufg.br](mailto:mh.99sousa@discente.ufg.br)

### Resumo

Imagens poéticas são frases ou conjuntos de frases que, unidas, compõe um poema. A imagem foi um grande objeto de estudo de Gaston Bachelard, que entretanto, nunca chegou a precisá-la conceitualmente. O objetivo da presente apresentação é refletir sobre a contribuição que a filosofia literária de Gaston Bachelard trouxe para a crítica literária através do desdobramento do estudo deste objeto. Justifica-se a escolha desse tema pela importância que muito da tradição crítica francesa (e não só francesa, talvez) delega ao filósofo. Para refletir sobre o tema, partirei da bibliografia básica de Bachelard onde encontram-se suas principais reflexões sobre o tema (que se arrastam por quatro décadas, desde *La psychanalyse du feu* (1937) até *La flamme d'une chandelle* (1961)). Para trazer luz sobre os estudos do filósofo e contextualizá-lo em relação à tradição crítica, a obra *La Révolution de Gaston Bachelard en critique littéraire* (1970), de Vincent Therrien, se apresenta essencial. Após trazer à tona a filosofia literária de Bachelard e os seus estudos sobre a imagem, pretende-se apontar o que o filósofo entende pela imagem, propriamente. Os objetivos da presente apresentação são, portanto: contextualizar a filosofia literária de Bachelard em relação à tradição crítica literária através de seus estudos sobre a imagem, e precisar o conceito de imagem enquanto tal. Espera-se reconhecer a partir dos objetivos propostos os elementos que são características essenciais do pensamento literário bachelardiano, possibilitando, assim, o desenvolvimento de futuros estudos sobre essa “vertente” de seu pensamento, que se demonstra pouco desbravada ainda. Entende-se, portanto, que a partir da articulação e esclarecimento da perspectiva bachelardiana sobre a imagem, juntamente com a obra de Therrien, é possível refletir sobre o que seria a suposta “revolução” inaugurada por Bachelard em crítica literária, a partir de seu novo olhar lançado sobre o imaginário e seu produto, a imagem.

### Palavras-Chave

Imagem poética. Gaston Bachelard. Literatura.



## A REALIZAÇÃO DA LINGUAGEM COMO DISCURSO

Jacira De Assis Souza  
[jajauerj@yahoo.com.br](mailto:jajauerj@yahoo.com.br)

### Resumo

A noção ricoeuriana de evento salienta que a sua marca é inerente a pessoa que fala. O evento é essa coisa banal do cotidiano de alguém dizer algo sobre alguma coisa. Nesse momento em que alguém diz algo sobre coisa, algo acontece. O movimento da fala está em curso, a emissão de uma mensagem pondo em evidência um caráter sempre novo da linguagem e um caráter que subjaz permanente. Ricoeur coloca em relevo a diferença entre a noção de discurso e linguagem. Ele afirma que na linguagem o movimento se dá intimamente com os elementos que a compõem remetendo-se uns aos outros em um mesmo sistema. Essa remissão faz com que a língua seja abstraída do mundo, de subjetividade e também do tempo. Ela existe e se inscreve no espaço da relação de seus elementos entre si. Mas o discurso tem por característica ser estabelecido em função de algo, todo discurso é um discurso a respeito de alguma coisa. Ele é naturalmente voltado para fora. Voltado para um mundo que ele irá descrever, representar ou apenas expor, está sempre ao mundo. A realização de um evento traduz a vinda de um mundo à linguagem por meio do discurso. A mensagem só é possível porque existe a língua, enquanto detentora e fornecedora de seus códigos para que haja comunicação. No entanto, é no discurso que há uma profusão de mensagem trocadas. É no discurso que se pode encontrar o mundo ao qual se refere, o outro como seu interlocutor ao qual se dirige, tudo isso pertence ao discurso.

### Palavras-Chave

Ricoeur. Linguagem. Discurso.



## A VERDADE E A IM-POSSIBILIDADE DE CONTAR/DESENHAR O ACONTECIMENTO

Marinazia Cordeiro Pinto

[marinazia@gmail.com](mailto:marinazia@gmail.com)

### Resumo

Em dias em que muito se discute sobre verdades e mentiras, a partir, principalmente, de ‘Memórias de Cego’ (2010) e ‘Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento’ (2012) de Jacques Derrida, discorreremos, nesse trabalho, sobre as implicações, para a noção de verdade, da im-possibilidade de contar um acontecimento. O desenho, a escrita ou qualquer outra forma de escritura, acontece no momento do engeguencimento. Os confrontos entre o visível e o invisível, o presente e o ausente são abordados e suas fronteiras borradas. A linguagem não é uma forma de acessar um real, passível de ser representado. Nessa linha, queremos refletir também sobre a possibilidade da mentira e no como a mentira não diz respeito a algo oposto à verdade. Em sequência tentamos pensar com Derrida, a partir do seu texto ‘A história da mentira’ uma possível diferenciação entre ‘mentira tradicional’ e ‘mentira moderna’. Ainda, no contexto de uma tecnoperformatividade, nos propomos a refletir sobre a questão das fake news. Para essa reflexão, trazemos a noção de fantasia como uma noção que não se refere a uma pura ilusão oposta à realidade. Mas refere-se à realidade como estruturada pela ilusão, em função de uma busca por tranquilidade, propósito e completude no mundo.

### Palavras-Chave

Acontecimento. Liguagem. Verdade.



## ALI ONDE O SOL NÃO BRILHA: VISIBILIDADE E (IN)VISIBILIDADE A PARTIR DE MEMÓRIAS DE CEGO DE DERRIDA

Dirce Eleonora Nigro Solis  
[dssolis@gmail.com](mailto:dssolis@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de discutir a continuidade de minha pesquisa sobre as fronteiras entre a luz e os espectros mais sombrios da não luminosidade, entre a visibilidade e a (in)visibilidade, pela apropriação como metáforas de alguns componentes de pensamento ou temáticas trazidos(as) por Derrida a partir de Memórias de Cego (1991), texto surgido como justificativa para uma série de exposições inauguradas no Louvre de outubro de 1990 a janeiro de 1991 sob o título Partis Pris. A proposta de Derrida, um dos organizadores convidados não-especialistas em arte, mas cujo trabalho intelectual era bastante significativo para este universo, foi, então, escolher o tema da cegueira presente em desenhos e algumas pinturas de artistas renomados. Nada mais instigante que deixar falar através das obras, dos quadros, aquilo que pode ser pensado, sentido, sem ser propriamente visto. Trata-se de, através das artes “visuais”, trazer o tema que parece estar invertido ou deslocado – percebendo-se já a desconstrução – que é o tema do “não poder ver” com os olhos, não poder enxergar. Para tanto irão falar os demais sentidos, principalmente o tato e sua relação imediata com as mãos. Um novo olhar sobre a arte parece derivar de uma situação aporética: o desenho, a pintura que ali estão para serem vistos, trazendo a relação entre o visível e o invisível, a arte visível retratando aqueles que não veem de algum modo com o órgão da visão. Não ver com os olhos, entretanto, significa ver com a alma, ver através da ou de uma ideia, fazendo surgir daí uma relação espectral, o deslocamento espectral do não ver. Os deslocamentos que essa abordagem possibilita, além do visível-invisível, e da cegueira, são os contextos e as noções de cegamento, engeguencimento, ponto cego ou ponto de vista, ruínas. Utilizarei essas noções principalmente como metáforas, porque irei me apropriar de alguns dos elementos trazidos por esse escrito para falar, além de visibilidade- invisibilidade, também da espectralidade, da escritura, da *différance*, o que podemos observar não apenas no contexto estético, mas sobretudo no contexto ético-político caro à desconstrução, num mundo onde nem sempre o sol pode brilhar.

### Palavras-Chave

Cegueira. (in)visibilidade. Desconstrução.



## ATIVIDADE NORMATIVA E MARGEM DE TOLERÂNCIA. SOBRE A NOÇÃO DE SAÚDE EM GEORGES CANGUILHEM

Marcos Bruno Silva  
[marcosbruno2786@gmail.com](mailto:marcosbruno2786@gmail.com)

### Resumo

Em seu livro de 1966, *O normal e o patológico*, Georges Canguilhem afirma que “a saúde é uma margem de tolerância às infidelidades do meio”. A presente comunicação pretende explorar o significado dessa afirmação de uma “infidelidade do meio” na reflexão canguilhemiana sobre a atividade normativa do organismo que, de maneira esquemática, podemos dizer que é como o filósofo entende a saúde. Esta se revela como expressão da normatividade vital imanente ao organismo, que por meio da criação e instauração de normas o leva a resistir às flutuações do meio, que quase sempre representam ameaças à sua existência. Para Canguilhem o organismo saudável é aquele que resiste escapando de boa das situações ameaçadoras mantendo-se vivo e que transforma o meio para obter dele os recursos necessários para sua vida e o desenvolvimento dela. Procuraremos apresentar de que modo Canguilhem articula as noções de meio, vida e norma, a partir dessa “margem de tolerância”, que se nos apresenta como uma chave importante para compreensão de sua filosofia biológica.

### Palavras-Chave

Saúde. Vida. Norma.





## FICÇÃO CLIMÁTICA, NOMADISMO E ALIANÇAS AFETIVAS: EXERCÍCIOS DE DESACELERAÇÃO DO FIM DO MUNDO

Gabriel Cid Garcia  
gcidgarcia@gmail.com

### Resumo

O subgênero 'cli-fi' (climate change fiction) é hoje um fenômeno cultural cujas expressões estão presentes em diferentes formatos. Criado por analogia ao termo 'sci-fi' (science fiction), as ficções que invadem o 'cli-fi' - de forma direta ou indireta - evocam os anseios das mudanças climáticas e do Antropoceno. Quer se apresentem como distopias ou catástrofes, alguns filmes associados ao 'cli-fi' nos levam a habitar um lugar de iminência, desolação, incerteza e ausência de garantias. Nosso intuito é analisar de que modo a ficção climática nos dá a ver, a vivenciar e a pensar questões filosóficas acerca do nosso tempo de catástrofes, ao mesmo tempo em que situamos sua possível contribuição para uma divulgação científica expandida. Por associar o desastre ao próprio pensamento, Maurice Blanchot traz a desorientação para o núcleo fundamental da certeza, da ciência e da razão. Tanto a noção de desastre, em Blanchot, como a de nomadismo, em Gilles Deleuze e Félix Guattari, serão convocadas com o objetivo de pensar componentes dinâmicas e moventes da vida e do pensamento, em contraste com a lógica ocidental e sua característica da negação. Diante dos desastres, das desigualdades e do fim anunciado do mundo (como o conhecemos), de que modo o cinema e a ficção climática nos interpelam? Como situar - em conexão com as artes, a educação, as ciências e a divulgação científica - novas relações entre os seres e o ambiente? A ideia de uma 'inteligência pública das ciências', elaborada por Isabelle Stengers, nos sinaliza caminhos possíveis para repensar, pela chave da desaceleração, tanto a ciência quanto a divulgação científica. Arriscaríamos dizer que a ficção nos permite exercitar a criação daquilo que Ailton Krenak chamou de alianças afetivas, promovendo um vislumbre de fluxos de afetos entre mundos diversos, em mútuo acolhimento de suas diferenças. Por meio delas, tornam-se sensíveis questões que dizem respeito ao Antropoceno, complexificando, por outro lado, a possibilidade de pensar as mudanças climáticas de modo expandido, impelindo-nos à sensibilização e à busca de sentidos outros para problemas que nos são urgentes.

### Palavras-Chave

Cinema. Mudanças climáticas. Gilles Deleuze.



## GOVERNAMENTALIDADE, BIOPOLÍTICA E RACISMO DE ESTADO: UMA ANALISE A PARTIR DOS ESTUDOS EM FOUCAULT

Carlos Eduardo Monteiro De Paiva

[carlospqiva.xp@gmail.com](mailto:carlospqiva.xp@gmail.com)

Júlia Loiola Mapurunga

[julialoiola@hotmail.com](mailto:julialoiola@hotmail.com)

Flávio Maria Leite Pinheiro

[flavio\\_pinheiro@uvanet.br](mailto:flavio_pinheiro@uvanet.br)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é compreender a função do racismo para o estado a partir dos estudos de Foucault, principalmente no que se refere à biopolítica e governamentalidade. Para a elaboração, utilizaremos o método genealógico, conceituado como o conjunto de procedimentos para conhecer o passado com o objetivo de analisar historicamente o surgimento do poder. Em primeiro plano, Foucault, em suas ideias, pressupõe a existência de relações de poder, conceituando o poder como uma prática social e historicamente constituída. Com base nisso, vislumbramos a existência de diversos focos de poder em uma rede articulada que atravessa a sociedade como um todo, não se restringindo apenas ao Estado. A biopolítica surge a partir da existência de um poder soberano, onde o organismo social regula a morte e a vida de seus indivíduos. Assim, verificamos que a biopolítica norteia o controle político sobre os corpos individualizados, bem como sobre a gestão social coletiva, na qual, por meio dos mecanismos da vida biológica dos seres humanos, estes são incluídos na gestão política de um Estado, passando a ser gerenciados e administrados com base nas aspirações do Estado sobre quais grupos sociais merecem viver e quais merecem morrer. A partir disso, observa-se que essas instituições se encontram em um paradoxo, pois como é possível um Estado gerir a vida, ao mesmo tempo que incentiva e proporciona a morte?. Surge, então, o Racismo de Estado, pois trata-se de um mecanismo de expressão do biopoder e de legitimação da morte, visto que parte disso é socialmente aceita como a morte do outro. Nesse ínterim, é estabelecido o direito de matar, seja por meio da invisibilidade ou da privação de



direitos. O sistema capitalista, então, seleciona aqueles que sofreram suas mazelas e funcionam como mão de obra para o funcionamento de suas engrenagens, utilizando métodos colonizados de controle da criminalidade, da loucura e da anomalia. Ao final do presente trabalho, pretende-se relacionar os institutos de biopoder, racismo de Estado e governamentalidade a partir dos estudos de Foucault, com o intuito de comprovar suas relações de interdependência.

### **Palavras-Chave**

Biopolítica. Racismo. Foucault.



## HENRI BERGSON E A PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO

Gisleide Gonçalves De Almeida  
[almeida.go.gisleide@gmail.com](mailto:almeida.go.gisleide@gmail.com)

Álvaro Mendonça Pimentel  
[alvaropimentel1967@gmail.com](mailto:alvaropimentel1967@gmail.com)

### Resumo

Em 1932 Henri Bergson publicou “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, partindo da versão do princípio de tudo: o paraíso e o fruto proibido. Em sua análise, ele enfatiza a reação de Adão e Eva à proibição, ou seja, a desobediência. Recordando o fruto proibido, cuja instância marca o prelúdio da era do conhecimento (do bem e do mal) e, conseqüentemente, o fim do paraíso, Bergson introduz o tema da obrigação moral, instaurando uma interdição sem a qual “teríamos voado de prazer em prazer”. E a interdição primeva é a lei do incesto. Em Totem e Tabu, Freud aborda o horror ao incesto percebido desde o homem pré-histórico. Ele explica que, antes de chegar à escolha final, a barreira contra o incesto promove um desvio da mãe como objeto de amor. No reino animal, todavia, não há incorrência em incesto. Os animais não são seres de linguagem, mas de instinto; e sem linguagem não há interdição possível. Segundo Lacan, “não se deve crer que os seres não falantes, os animais, não sinalizam nada, mas eles não deixam intencionalmente, com o dito, os rastros dos rastros”, enquanto o homem, “o que ele deixa atrás de si é um significante, é uma cruz, é uma barra enquanto barrada”. Sobre essas questões proibitórias, Bergson vai dizer que quanto mais próxima da natureza é uma sociedade, maior será nela a parte do acidente e do incoerente. Entre as tribos primitivas havia uma variedade de interdições, prescrições e superstições muitas vezes incompreendidas, mas que não eram inúteis, uma vez que a obediência de todas as regras, ainda que absurdas, assegurava à sociedade uma maior coesão e garantia da sua sobrevivência. É nesse sentido que age a obrigação moral, brotando do “todo da obrigação” como um impulso para o agir moral. As prescrições de como agir moralmente, a transmissão dos hábitos e costumes de cada povo ocorrem no cerne da sociedade, onde o indivíduo existe enraizado. Miremo-nos no exemplo de Robinson Crusóe: nem mesmo um naufrágio foi capaz de



apagar os seus hábitos adquiridos e arraigados; até como náufrago ele permaneceu em contato com a civilização, através de certos objetos manufaturados recuperados de um navio atracado na costa de sua “Ilha do desespero”. Depois de muitos anos na ilha, ele mantinha, inclusive, os modos aristocráticos à mesa. É nesse sentido que a sociedade age no indivíduo. E essa ação é a obrigação moral que pesa sobre cada um, individualmente, possibilitada pelo hábito de adquirir hábito, próprio dos seres inteligentes.

### Palavras-Chave

Bergson. Freud. Lacan.



## IMAGINÁRIO DA TRANSFIGURAÇÃO DO SERTÃO: ILUMINOLEITURAS EM BACHELARD, DURAND, WUNENBURGER E SUASSUNA

Gabriel Kafure Da Rocha  
[gabriel.rocha@ifsertaope.edu.br](mailto:gabriel.rocha@ifsertaope.edu.br)

### Resumo

Por meio do diálogo entre a estética e o imaginário, ressalta-se que tomando por princípio as Lições de Estética de Ariano Suassuna (1927-2014) cuja morte faz 10 anos em 2024, é possível fazer um paralelismo com Esthétiques de transfiguration de Wunenburger. As iluminogravuras de Ariano formalizam-se uma composição de contrários, em que são expostas características intrínsecas de um barroco que se renova por um impulso armorial. Bachelard em *Paysages - Notes dun philosophe pour un graveur*, Albert Flocon também nos dá um subsídio para análise de gravuras e seus aspectos imaginários. Durand em *A imaginação simbólica* contribui para a compreensão de que a estrutura heróica do imaginário, seja em animais que possuem asas, revelando a sua função de voar, ou como a presença da Onça Caetana, que significa a morte para a cultura sertaneja, há inerentemente em Suassuna uma criatividade da imaginação material num sentido transfigurativo. Nesse sentido, a presente comunicação pretende trazer como resultado a valorização da cultura local e a promoção da criatividade filosófica como impulsionadores da valorização do imaginário pernambucano. Na medida em que a cultura deve ter a filosofia que merece, as pesquisas filosóficas que se debruçam na cultura regional, fazem do imaginário local parte de uma estética universal.

### Palavras-Chave

Estética. Cultura. Iluminogravuras.



## INTERSEÇÕES A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT: NEOLIBERALISMO, BIOPOLÍTICA E COLONIALIDADE

Adriano Negris

[adrianonegris@gmail.com](mailto:adrianonegris@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a racionalidade governamental do neoliberalismo, tal como pensada por Michel Foucault no curso Nascimento da biopolítica (1979), como chave interpretativa para a compreensão dos fenômenos biopolíticos atuais. A partir desse horizonte, devemos considerar que, se as tecnologias neoliberais operam em função da formação do capital humano e a construção de um “bom modo de vida”, por outro lado, essas tecnologias também podem ser vistas como um mecanismo para “fazer morrer” aqueles que são incapazes de se autogovernar. O mercado pode fazer uns viver, mas, do mesmo modo, pode fazer morrer, transformando as estratégias da biopolítica em uma necropolítica, tal como pensada por Achille Mbembe. A necropolítica é uma técnica de poder que está presente na era da governamentalidade neoliberal. Obviamente, ela se manifesta nas zonas periféricas do neoliberalismo, fora do circuito das grandes potências econômicas do planeta. Nessas zonas periféricas, a necropolítica, em tensionamento com outras técnicas de poder, se traduz, por exemplo, no crescente aumento das práticas discriminatórias, no vertiginoso aumento dos discursos de ódio, nos grandes extermínios étnicos ocorridos em várias partes do mundo. Desse modo, nosso trabalho pretende mostrar que a governamentalidade neoliberal abriga duas espécies de técnicas de poder (biopolítica e necropolítica) e que em determinados espaços elas se mostram em constante tensionamento. Assim, veremos que a biopolítica é proeminente nas regiões do globo onde a governamentalidade neoliberal eleva e otimiza as condições vida. Por outro lado, em regiões do planeta como a África e América Latina, é possível vislumbrar a existência de espaços em que a regulação da vida é feita pela morte. Em nossa sociedade determinadas relações de poder produzem o que chamamos de espaços de morte. Esses espaços são uma espécie de continuidade de uma necropolítica que colhe suas raízes a partir do sistema colonial. Dessa forma, operando desde a modernidade, o poder colonial pode ser traduzido como um conjunto de técnicas que objetivam a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



hierarquização da ordem da vida por meio da morte. Com o neoliberalismo, essa tecnologia de morte encontra novas formas de penetrar na sociedade pós-colonial, produzindo novas categorias e outras formas de morrer.

## Palavras-Chave

Foucault. Neoliberalismo. Biopolítica.





## NAS ORIGENS DO CONCEITO DE ESTRATÉGIA DE MICHEL FOUCAULT

Felipe Luiz

[gumapoldo51@yahoo.com.br](mailto:gumapoldo51@yahoo.com.br)

### Resumo

Malgrado algumas ocorrências prévias, é sobretudo a partir de *L'archéologie du savoir* que Foucault passa a utilizar em um crescendo conceitos de origem militar, orientação a qual se salienta nos anos 1970, sobremaneira com o tournant de Foucault rumo à analítica das relações de poder. Ora, malgrado isso, esses conceitos — como tática, estratégia, relações de força e dispositivo — não ganharam nem a atenção merecida, nem uma avaliação minuciosa dos comentadores e intérpretes, com a exceção, talvez, do conceito de dispositivo. Malgrado a recente publicação de Antoniol sobre o tema da guerra em Foucault, malgrado os comentários de Deleuze e Agamben referentes à noção de dispositivo, de forma geral os conceitos bélicos e o belicismo de Foucault restam seara a desbravar, especialmente se considerarmos a publicação ainda em curso de trabalhos inéditos. O próprio Foucault não facilitou o trabalho exegético, na medida em que, ainda que se valha desse rol de conceitos, não especifica bem, tampouco discute sua origem, o que abre espaço às especulações e cuidadoso trabalho, podemos dizer, de genealogia, no cinza do documento e no azul do céu de ideias. Assim, um conceito o qual particularmente nos chamou a atenção foi aquele de estratégia, ao qual já dedicamos o melhor de nossos esforços. Foucault, ele mesmo, em um texto que integra o livro de Rabinow e Dreyfus sobre ele mesmo, nos brinca com uma definição de estratégia, esmiuçando-lhe três acepções, as quais, nos diz se empregaria o conceito atualmente (estamos em 1982). Essa definição, reproduzida por Castro em seu *Vocabulário Foucault*, é, no entanto, incompleta, já que não cobre as cinco noções de estratégia presentes no pensamento de Foucault. Referimo-nos à estratégia tal qual ocorre no livro sobre a arqueologia e àquela que ocorre em alguns textos dos anos 1970, a qual Foucault chama de estratégia sem sujeito. Ao passo que os três significados do termo tais quais apontados no texto de 1982 parecem se referir a Beaufre, o conceito de estratégia sem sujeito se nos assoma como possuindo duas origens possíveis: a noção de fricção, central na teoria de Clausewitz, seja o trabalho de um autor estadunidense muito popular à época, J.C. Wylie, de ampla repercussão no mundo anglófono. O

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



objetivo desta comunicação é debater essas três influências no pensamento foucaultiano concernentes à estratégia, a fim de dirimir dúvidas e apontar novos caminhos de pesquisa

## Palavras-Chave

Michel Foucault. Estratégia. Filosofia de Guerra.



## O ANTI-ÉDIPO NAS MARGENS DA MULTIDÃO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Vladimir Lacerda Santafé  
vladimirsantafe@gmail.com

### Resumo

Em nosso trabalho, pretendemos analisar a produção de subjetividade contemporânea a partir dos conceitos mapeados por Gilles Deleuze e Félix Guattari em “O Anti-Édipo”, em seguida, estabeleceremos vínculos, heterogêneos, entre a multidão e a pobreza. Entre o virtual e o atual da produção subjetiva contemporânea, o movimento dá-se e se efetua, as ideias se misturam aos simulacros que as deformam e sua natureza torna-se impura. A partir deste ponto, o que somos ou o que é já não nos interessa. Mas sim a presença unívoca e múltipla dos seres que nos habitam. Mais ainda, pretendemos, no artigo, ultrapassar a forclusion lacaniana em direção a um conceito que enxerga na psicose, ou na produção de subjetividades desviantes, uma potência, na verdade, a única forma psíquica que pode expressar a verdadeira potência da arte, da vida e da política, além de permitir a ultrapassagem da estrutura que a psicanálise fundamenta enquanto “edifício mental” do sujeito. Em verdade, na dimensão do real, é o Corpo sem Órgãos que constitui o sujeito enquanto tal e suas variações no tecido social. Além disso, como nos lembra Deleuze e Guattari, o inconsciente é uma usina, uma fábrica que envolve produções e antiproduções, sabotagens e controles, e não um teatro representativo. A pobreza, isto é, a carne da multidão que produz a sociedade contemporânea, alicerçada no regime de produção capitalista em sua roupagem imaterial ou cognitiva, é este CsO da imagem que resiste, ela emerge como uma máquina de guerra contra o Estado, pois sua forma é precária e flexível, intensiva e criadora. Mas essa imagem também é pulsional, pois ela mobiliza as forças do inconsciente, e sua potência pode ser considerada, sob certo ponto de vista, morfogenética ou emergente das novas forças do capital e seu regime tecnológico corresponde – o digital e a tecnologia informacional. É um delírio que expressa e organiza nossa maneira de ver o mundo e de sermos vistos, ou seja, uma fábrica de sujeitos ou a produção biopolítica dos indivíduos (dividuais) que compõem a multidão de vozes que traçam os contornos da nova terra.

### Palavras-Chave

Subjetividade. Política. Ontologia.



## O MAU HUMOR METAFÍSICO COMO UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA- PERSPECTIVAS E INCURSÕES

José Marcelo Ramos Siviero

[sivierojm@gmail.com](mailto:sivierojm@gmail.com)

### Resumo

A crítica que Merleau-Ponty dirige a vários fatos e episódios políticos, como as controvérsias acerca dos processos de Moscou no período pós-stalinista e a reconstrução da Europa após a queda do nazifascismo, dispersa em textos como o prefácio dos *Signos*, a análise de *Darkness at Noon* em *Humanismo e Terror* e também várias passagens de *As Aventuras da Dialética*, carregam um tom crítico que propõe desde o princípio uma visão trágica no que diz respeito aos posicionamentos históricos e políticos tomados por várias personalidades e grupos humanos ao longo da história. Propomos uma espécie de mau humor metafísico, não no sentido de uma visão amarga e reativa, com viés reacionário baseada em argumentos conservadores, mas como ênfase na concretude da história e da política, levando em conta fatores contingentes e limitações do próprio engajamento; e metafísico por envolver em sua visão cética e crítica um posicionamento integral de percepção e ação, integrada ao arco intencional descrito pelo corpo, ultrapassada pela fala falante da linguagem ativa e polarizada na exploração do invisível enquanto horizonte de construção política real. Trata-se de compor, no âmbito da filosofia existencialista, a construção de um sentido nascente no entrecruzamento de um mundo consolidado no em-si - conjunto de coisas, episódios e situações reduzidos ao papel de matéria inerte - e na abertura indefinida dos sujeitos enquanto para-si - subjetividade pretensamente livre e soberana - mostrando que esse mau humor permite abrir um mundo solidificado em sua concretude e moderar o ímpeto de uma consciência que se imagina infinita. É apenas desse jogo que se pode fundamentar uma filosofia da história e dos grupos humanos em ação.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. História. Tragédia.



## O SOM DO MUNDO SE DESMORONANDO: ESPECTROS DE DERRIDA EM DYSPHORIA MUNDI DE PAUL B. PRECIADO

João Victor Julio

[joao.victor.julio@uel.br](mailto:joao.victor.julio@uel.br)

### Resumo

Ouviram? Segundo Preciado, esse é o som do mundo se desmoronando (o mundo em pessoa?). *Dysphoria mundi*. Neste GT de Filosofia Contemporânea de Expressão Francesa do XX Encontro Anpof, apresentarei em que sentido o filósofo espanhol Paul B. Preciado afirma que o mundo contemporâneo se encontraria *is out of joint* (fora de sintonia). Para isso, será necessário compreender o deslocamento semântico que o autor opera com o conceito de disforia. Vejamos como isso funciona: Preciado nos leva para o início do século XX, momento em que o conceito teria surgido pela primeira vez, precisamente nos escritos dos psiquiatras germânicos Emil Kraepelin (1856 - 1926) e Eugen Bleuler (1857 - 1939). Em suma, o conceito de disforia passava a designar às desordens emocionais observadas em pacientes com epilepsia. Isso, pois, era comum que esses pacientes apresentassem comportamentos instáveis. Nestes termos, a noção de disforia nasce exclusivamente como um transtorno psiquiátrico. Décadas mais tarde, o conceito de disforia foi paulatinamente assumindo uma outra roupagem, até mesmo desalojando o protagonismo de categoriais como melancolia, histeria, tão presentes nos diagnósticos médicos entre o final do século XIX e o início do século XX; até finalmente ocupar uma posição específica como “disforia de gênero” nos manuais de transtornos mentais do século XXI. Contudo, antes mesmo do conceito de disforia se especificar em disforia de gênero, grosso modo, ele sempre serviu para designar quaisquer desajustes entre a anatomia e a psicologia, tal como um dualismo entre alma e corpo. No próprio exemplo da disforia de gênero, se sustenta toda uma narrativa de que o sujeito disfórico se encontraria fora de sintonia com a sua identidade de gênero (as construções sociais e psicológicas vividas em particular) e suas heranças anatômicas, como se fosse um corpo em conflito com sua mente. É justamente porque o conceito de disforia sempre foi elástico, sendo em si mesmo, disfórico – que Preciado propõe desloca-lo de seu significado como transtorno mental, para “diagnosticar” a condição planetária epistêmico-política como uma disforia generalizada. Seguiremos



nossa argumentação a partir desse cenário, buscando analisar o deslocamento semântico de Preciado numa espécie de economia da *différance*, onde se conserva e suplementa os termos em que se joga. Assim, pretendo rastrear os espectros de Derrida que rondam o livro de Preciado. *Dysphoria mundi*.

### Palavras-Chave

Disforia. *Dysphoria Mundi*. *Diférance*. Derrida.



## OS QUAKERS EM FOUCAULT: VIGIAR, PUNIR E TRATAR A LOUCURA PELAS PRÁTICAS MORAIS E RELIGIOSAS

Wallace De Gois Silva

[wallacegois@aol.com](mailto:wallacegois@aol.com)

### Resumo

Um “Grande Confinamento” ilustra a perspectiva de Michel Foucault sobre as concepções clássicas da loucura e as exclusões em torno dela. O “internamento sem precedentes” operou, a partir do século 17, – em pleno Absolutismo e acender Iluminista – um amplo sequestro institucional, presente em cada monarquia europeia. Pedintes, pequenos infratores, vagabundos, prostitutas estavam, desordenadamente, sob o mesmo teto da racionalidade burguesa que via doentes, velhos, coxos e lunáticos como cidadãos disfuncionais e ociosos. A “desrazão” em Foucault captura o desocupado e pouco útil, que era também um animal selvagem, um não-humano, cuja irracionalidade ameaçava a razão do século 18. Só lhe restava ser confinada, silenciada, desvendada, controlada e, se possível, curada o quanto antes. O cuidado dos “doentes mentais”, se tornaria mais humanista e se espalharia por toda a Europa: em geral abandona as algemas e métodos torturantes, instalando um “tratamento moral”, menos físico e mais psicológico, mental, espiritual. Práticas religiosas como a dos quakers eram facilmente interpretadas como insanas e fanáticas; mas também combinavam ativismo profético e misticismo ético, uma visão dinâmica do mundo. Este grupo britânico inaugurou, no final do século 18, o Retiro de York, que foi objeto de análise em História da loucura. Aos insanos, aplicavam o tratamento moral e a devoção religiosa. Princípios parecidos seriam levados pelos quakers para o novo modelo de encarceramento com celas individuais na Penitenciária da Pensilvânia, no século 19, analisa Foucault em Sociedade punitiva, Vigiar e punir e em Verdade e formas jurídicas. Essa dissidência do anglicanismo emerge espontaneamente no século 17, e exerceria uma vigilância social e religiosa sobre os necessitados. A relação entre experiência religiosa e loucura em sociedades não-conformistas como a dos quakers era vista ou como inspiração do Espírito, ou como potencial loucura. Urgia zelar pela seriedade religiosa e pela legitimidade social frente ao estigma da loucura, considerada uma ameaça à ordem social. Os asilos são erigidos nas mudanças culturais e sociais do



18, e destacaram figuras como o quaker William Tuke, que propunha uma abordagem humanista, mas, a prática era de fazer internalizar medidas coercitivas nos pacientes. O Retiro de York foi uma tentativa humanizadora, contudo, a fronteira entre loucura e comportamento moralmente desviante permaneceria tênue na sociedade vitoriana.

### Palavras-Chave

Confinamento. Quakers. Foucault.





## PARA ALÉM DA PROPOSTA ÉTICA: REFLEXÕES FOUCAULTIANAS SOBRE A GENEALOGIA E O CUIDADO DE SI.

Antonio Alex Pereira De Sousa  
[alexsousa.filosofia@gmail.com](mailto:alexsousa.filosofia@gmail.com)

### Resumo

Este resumo propõe uma análise crítica dos estudos de Michel Foucault sobre o cuidado de si, relacionando-os de forma complexa com sua abordagem genealógica sobre a ética e a noção de desejo. Ao invés afirmar que o cuidado de si foucaultiano é, única e primordialmente, uma proposta ética contemporânea, argumenta-se que os seus estudos são desdobramentos intrincados a suas investigações sobre as formas éticas de agir e as relações de poder que moldam as subjetividades. Destaca-se, com isso, a interseção entre os estudos foucaultianos sobre o cuidado de si e suas análises sobre os regimes de verdade e as relações de poder nas práticas sociais, especialmente quando se pensa a relação entre a noção de desejo na concepção foucaultiana e o que chama de cuidado de si. Isso não exclui a existência, em seus escritos, de problemas e experiências significativas para a ética atual, como a inovadora análise sobre a ideia de espiritualidade. Com isso, buscou-se enriquecer o debate acadêmico sobre as implicações políticas e epistemológicas da obra de Foucault, contribuindo para uma compreensão contextualizada de seu pensamento. Esta análise visa refutar interpretações simplistas acerca dos estudos de Foucault sobre a ética no contexto greco-romano e abrir novas perspectivas de pesquisa. Contribui especialmente para leitores não especializados em Foucault, em áreas gerais das ciências humanas e ciências sociais aplicadas, como educação, ciências sociais, psicologia, artes e direito. A tese, embora pouco desenvolvida em obras sobre ética em Foucault, contesta visões unilaterais, contribuindo no fomento de uma prudência que evite interpretações superficiais, como afirma Celso Kramer quando diz que grande parte dos leitores de Michel Foucault são guiados pelo que chama de Vontade leitora”.

### Palavras-Chave

Michel Foucault. Genealogia. Cuidado de Si.

### PARRESÍA E “ESCRITA DE SI”



Stela Maris Da Silva  
[stela.silva@ies.unespar.edu.br](mailto:stela.silva@ies.unespar.edu.br)

## Resumo

O texto que proponho para discussão no XX Encontro ANPOF situa-se no campo das possíveis passagens e discussões entre arte, literatura e filosofia, no dentro e no fora dessas áreas, ou ainda nas fronteiras. A “escrita de si” e suas estéticas não se caracterizam como um gênero literário ou filosófico, como se poderia pensar inicialmente, e sim por um modo de escrita parte do processo de subjetivação. A atitude-limite do estar nas fronteiras se constitui no deslocar-se, não permanecer o mesmo, e ao mesmo tempo resistir aos modelos e processos de subjetivação que nos aprisionam. As pesquisas de Foucault sobre a historicidade dos modos de ser dos discursos de verdade, sobre a história de produção dos discursos verdadeiros e suas relações com a ética, a estética e a política estão marcadamente explicitadas nos cursos da década de 1980. Entretanto, é no curso de 1983, O governo de si e dos outros, e no de 1984, A coragem da verdade, que ele adentra na discussão do que chamou de ontologia dos discursos de verdade. O dizer verdadeiro, a parresía enquanto atitude ética, ou seja, da verdade de si para consigo, mas também estética, estabelece a relação entre cuidado de si e coragem da verdade como estilo de vida, ao que Foucault chamou de Estética da Existência. Nessa perspectiva, Foucault viu na literatura, chamada por ele de “a Grande Estrangeira” (Foucault, 2016, p. 1602), condições para fazer experiências de pensamento, experiências do jogo do limite e da transgressão, experiências do cuidado de si, experiências da “escrita de si”. Pensar e escrever é deslocar-se, é não permanecer o mesmo, é tornar-se outro. A experiência de escrita de um autor intervém na experiência do autor e do leitor, modificando-os, e, nesse sentido, é parresía, é “escrita de si”.

## Palavras-Chave

“Atitude-limite”. Parresía. “Escrita de si”.



## REFLEXÕES ACERCA DE UMA FILOSOFIA ENGAJADA, A PARTIR DA CONCEPÇÃO SARTRIANA DE LITERATURA

Nicole Elouise Avancini  
[nicoleavancini2@gmail.com](mailto:nicoleavancini2@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação, derivada de nossa dissertação em Filosofia Contemporânea, tem por objetivo explorar a concepção do filósofo francês Jean-Paul Sartre acerca da literatura, conforme sua noção do poder da palavra escrita, em conluio com a interpretação da proposta de um pensamento filosófico engajado com pautas sociais. Após a publicação de seu primeiro grande ensaio, *O Ser e o Nada*, em 1943, Sartre recebe notoriedade por suas propostas, mas também recebe críticas ferrenhas devido a certas concepções – críticas advindas, principalmente, de pensadores religiosos e marxistas. Nessa obra, o filósofo preocupa-se, primordialmente, com sua defesa da liberdade absoluta do ser humano, entendendo ela como um componente ontológico dos seres conscientes, a partir de seus estudos acerca das regiões do ser, o não-ser, o corpo e a facticidade da existência. Um dos críticos mais ferrenhos foi o húngaro Gyorgy Lukács, pensador da linha marxista, que proferiu suas críticas poucos anos após a publicação do ensaio. Por conta da defesa sartriana acerca da liberdade, Lukács afirma que o existencialismo compõe uma filosofia por demais abstrata, deslocada da realidade em que se vivia, e acusa Sartre até mesmo de ser um representante da filosofia do imperialismo e da moral burguesa. Em 1947, Sartre escreve e publica a obra *Que é Literatura?*, em que defende a tese de que a literatura, na forma de romance, deve ser engajada, ou seja, preocupada em identificar e criticar aspectos em que a sociedade falha. A linguagem verbal, a palavra, é uma arma, pois carrega mundos de significados em seus conceitos. A partir da década de 1950, com a leitura e aproximação mais intensa dos ideais marxistas, Sartre deixa de lado a preocupação unívoca com o estudo dos eventos da consciência para focar no engajamento, mas sem esquecer de suas defesas anteriores. Assim, considerando que o filósofo defende uma literatura engajada, propomos as questões: por que ele não defenderia uma filosofia também engajada? Em que consistiria isso, seguindo seus conceitos acerca da linguagem e da liberdade? É possível rebater a crítica de Lukács ao conhecer melhor a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



vida e o pensamento de Sartre, de modo a averiguar que ele nunca foi um filósofo a se manter preso em especulações abstratas, mas, sim, um pensador preocupado com a situação histórica e social em que vivia, sendo, para ele, impossível não pensar e não produzir sobre as guerras e a destruição de valores que acometiam o mundo em sua época.

## Palavras-Chave

Literatura engajada. Facticidade. Marxismo.



## REPENSAR O POLÍTICO: A DESCONSTRUÇÃO E O DIZER POLÍTICO A PARTIR DAS OBRAS DE JACQUES DERRIDA

João Pedro Da Silva Martins  
[jpmartins-12@hotmail.com](mailto:jpmartins-12@hotmail.com)

### Resumo

No ano de 1997, em conversa com Geoffrey Bennington na Universidade de Sussex, Jacques Derrida - à época já conhecido internacionalmente pelo gesto filosófico chamado de desconstrução - debateu rapidamente, mas de maneira bastante direta, as relações entre o seu gesto de pensamento e as demandas do pensamento (do) político. Se era verdade, dizia Derrida por ocasião da discussão realizada, que naquela época os seus trabalhos tematizavam a política mais de perto, por outro lado, também seria igualmente verdadeiro apontar que tudo o que fez estava, de alguma forma, ligado ao político e à questões políticas. Essa tendência, entretanto, não faria ver surgir da desconstrução - ao menos enquanto compreendida por Derrida - uma espécie de nova teoria política que proporia de maneira instrumental novos conteúdos para trabalhar a política de forma técnica. Ao contrário, conforme diz Derrida, se trataria de repensar o político e o que é a política. A diferença se baseia na forma de propor (como) o pensamento. Nesse sentido, se levamos em consideração o que disse Derrida na perspectiva de que a desconstrução está sempre envolvida com o político, poderíamos pensar que, sobretudo em suas obras da década de 1990, trata-se de uma forma de pensar o político que já é deslanchada a partir de um pensamento que sempre envolve o que se poderia chamar por político - que, inclusive, está muito além apenas de questões classicamente chamadas de questões políticas. Esta apresentação, então, aqui, tem por primeiro objetivo debater esse lugar, essa dupla relação com o político que envolve a desconstrução. Para isso procurará debater algumas das obras dos anos 1990 que Derrida poderia afirmar se tratarem de obras que colocam questões políticas mais diretamente sob a luz dessa ligação que atravessaria toda a sua obra, dentro da chamada desconstrução, com o político. Com isso, a apresentação pretende trabalhar sobre a questão: que outras formas de pensar o político são deslanchadas a partir da desconstrução pensando o político de outra forma? Poderemos ver que, se considerados a partir de seu próprio deslocamento, alguns gestos oriundos de textos da desconstrução sinalizam a possibilidade de re-espacializar consideravelmente a tópica e a política da questão política.

### Palavras-Chave

Desconstrução. Política. Poder.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA CIÊNCIA



## A AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS ACADEMIAS CIENTÍFICAS

Kleber Cecon

[kleber.cecon@unesp.br](mailto:kleber.cecon@unesp.br)

### Resumo

Ao se investigar as origens e a formação da Sociedade Científica, geralmente o que se encontra são sociedades ou academias científicas (no plural). Uma breve análise dos nomes das academias científicas mais famosas do século XVII parece indicar uma tendência hetero-organizada, ou seja, que tiveram sua fundação imposta normativamente por agentes controladores externos a elas; a Accademia dei Lincei, fundada pelo nobre Federico Cesi; a Accademia del Cimento, fundada por Leopoldo de Médici como academia da corte da família regente da Toscana; a Académie Royale des Sciences, fundada pelo rei da França Luís XIV; e a Royal Society of London, estabelecida oficialmente como academia real de ciências por Charles II, rei da Inglaterra. Uma análise mais minuciosa, porém, mostra como na verdade essas academias científicas podem ter surgido de forma mais espontânea do que se poderia supor, inclusive, tendo não apenas sua formação, mas até mesmo seu desenvolvimento como resultados de processos auto-organizados.

### Palavras-Chave

Academias Científicas. Sociedade. Organização.



## A FILOSOFIA DA TECNOLOGIA EM EGBERT SCHUURMAN

Wendell Gonzaga Da Paixão

[wendell.spn@gmail.com](mailto:wendell.spn@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o estado da arte e aspectos basilares da Filosofia da Tecnologia do filósofo reformacional Egbert Schuurman. Mais especificamente pretendemos expor a sua crítica ao dilema crítico-otimismo em relação à tecnologia, bem como sua crítica ao tecnicismo. Acreditamos que suas críticas sejam bastante robustas e pertinentes na inquirição de uma filosofia da tecnologia. Destacaremos que esse seu projeto está intimamente ligado ao projeto do seu grande mentor filosófico, Herman Dooyeweerd. Assim, se fará necessária, ainda que de forma bem resumida abordamos ideia centrais desse filósofo e, assim, de posse dessas informações, melhor entenderemos o pensamento de Egbert Schuurman. Porém, antes de adentrarmos na filosofia de Egbert, pretendemos apresentar o seu antecedente histórico-cultural, bem como vemos como se deu a influência de Herman Dooyeweerd sobre Schuurman. Para isso, pretendemos fazer um breve percurso na filosofia da ideia cosmonômica

### Palavras-Chave

Egbert Schuurman. Tecnologia. Otimismo-crítico.





## A NATUREZA FIDUCIÁRIA DO CONHECIMENTO PESSOAL EM MICHAEL POLANYI

Ronaldo Barboza De Vasconcelos  
[ronaldovasconcelos@hotmail.com](mailto:ronaldovasconcelos@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho explora a epistemologia de Michael Polanyi, com ênfase na sua concepção de conhecimento tácito e a natureza fiduciária do conhecimento pessoal. Polanyi argumenta que o conhecimento humano transcende a mera acumulação de fatos objetivos, enfatizando a importância de componentes tácitos e pessoais na aquisição e validação do conhecimento. Ele introduz a distinção crítica entre conhecimento tácito e explícito, sugerindo que grande parte do que sabemos é internalizado de maneira não explicitada e só pode ser demonstrado por meio da ação ou aplicação. Este conhecimento tácito, fundamentado em uma dimensão fiduciária—uma confiança implícita tanto na realidade externa quanto nas capacidades cognitivas do indivíduo—desafia os paradigmas positivistas e objetivistas predominantes na ciência. Além disso, Polanyi ressalta o papel vital da comunidade científica e da tradição na formação e validação do conhecimento, argumentando que a confiança mútua entre os pesquisadores é essencial para o progresso científico. Ao fazê-lo, ele oferece uma visão mais holística e integrada da ciência, que reconhece o papel indelével dos valores humanos, da crença e da confiança no coração da empreitada científica. Este estudo visa não apenas elucidar os principais elementos da epistemologia de Polanyi, mas também demonstrar sua relevância para os debates contemporâneos sobre a natureza do conhecimento, a prática científica e a interação entre ciência, filosofia e ética. Ao enfatizar a dimensão pessoal e tácita do conhecimento, Polanyi nos convida a reconsiderar as bases sobre as quais construímos nossa compreensão do mundo e a interagimos com ele, destacando a intrincada teia de crenças, suposições e confianças que sustentam nossa busca pelo conhecimento.

### Palavras-Chave

Michael Polanyi. Conhecimento tácito. Fiduciário.



## A RELAÇÃO ENTRE AS NOÇÕES CARTESIANAS DE PESO E MATÉRIA

Evandro Da Rocha Gomes  
[evandro\\_rg@hotmail.com](mailto:evandro_rg@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo dessa comunicação é jogar luz sobre um aspecto crucial da teoria dos vórtices de René Descartes, a saber, sua explicação para os fenômenos que posteriormente seriam associados à gravidade. Mais especificamente, almeja-se abordar sua explicação para a queda dos corpos. Descartes não utiliza o termo “gravidade”, mas apresenta uma explicação para a queda dos corpos pesados. É conhecida sua concepção de que a matéria é essencialmente extensão. Essa concepção acarreta algumas dificuldades, como explicar as diferentes densidades dos corpos. Outra dificuldade seria explicar o que determina o peso de um objeto. Sendo assim, Charis Charalampous, filósofo da Universidade de Cambridge, propõe em seu artigo “‘One common matter’ in Descartes physics: the Cartesian concepts of matter quantities, weight and gravity”, de 2019, que sua teoria da matéria poderia apresentar uma solução para essa dificuldade. Ao distinguir três tipos diferentes de matéria, Descartes conseguiria explicar os diferentes pesos dos corpos. Mais especificamente, Charalampous defende que existem três fatores na física cartesiana que determinam o peso de um objeto: a gravidade, a proporção entre as quantidades dos três tipos de matéria dentro do corpo em queda e a quantidade de matéria fina (ou seja, de partículas do primeiro elemento) que está sendo deslocada no espaço. Essa proposta tem o mérito de explicar a queda dos corpos pesados mantendo ainda uma distinção entre o que causa o peso deles e o que os faz cair. Não obstante, ela não é totalmente satisfatória, porque em dado momento o autor aponta para a qualidade massiva de um corpo como fator relevante, na concepção de Descartes, para explicar sua queda, o que acreditamos não poder ser defendido, posto que esse fator não está presente na física cartesiana. Trata-se de um anacronismo, posto que há aqui a atribuição de uma tese a Descartes que só surgiria no final do século XVII. Portanto, essa comunicação apresentará e discutirá a proposta de Charalampous, destacando seus pontos fortes e fracos.

### Palavras-Chave

Descartes. Peso. Matéria.



## COOPERAÇÃO, EVOLUÇÃO E LINGUAGEM

Bruno Guedes Santiago  
[bruno10\\_gs@hotmail.com](mailto:bruno10_gs@hotmail.com)

### Resumo

P. Grice salienta o aspecto cooperativo da linguagem humana. Para o filósofo, diálogos não consistem em uma sucessão de observações desconectadas e isso demonstraria a presença de um constante esforço cooperativo. Assim, Grice determina um princípio geral esperado dos participantes de um diálogo: “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (princípio de cooperação da linguagem). Cientistas, como M. Tomasello e R. Sapolsky, também constataram que a cooperação apresenta-se como elemento central na evolução da espécie humana. Filósofos, como P. Abrantes, também consideram a importância da cooperação no surgimento das culturas e das sociedades humanas. Portanto, ao revisar-se parte da literatura recente, nas mais variadas áreas de estudo, é possível perceber uma mudança no debate, diante da relevância atribuída à cooperação na evolução das espécies. A criação de convenções normativas, morais, linguísticas, dentre outras, são implicações exemplares da cooperação humana. Constatou-se também que uma série de espécies cooperam na natureza. Ocorre que a cooperação humana se diferencia dessa cooperação observada no reino animal. Os seres humanos são capazes de cooperar em larga escala, tanto com parentes quanto com desconhecidos, bem como estamos constantemente aprendendo com nossos semelhantes e transmitindo esse conhecimento. Este conhecimento, acumulado e protegido por uma espécie de efeito catraca, diferencia as culturas humanas das demais, principalmente diante de sua disseminação através da linguagem. Autores como P. Saraiva e P. Abrantes afirmam que a linguagem surgiu com o gênero Homo, de modo que a comunicação observada em outras espécies animais dificilmente pode ser considerada propriamente como linguagem. Outros autores, como N. Chomsky, postulam que a linguagem surgiu apenas com a nossa espécie e sem influência aparente da seleção natural. Mostra-se necessário, portanto, um exame do papel que a linguagem desempenhou na evolução humana, bem como do papel da cooperação para a linguagem humana, diante também da relevância da cooperação na evolução das espécies.

### Palavras-Chave

Cooperação. Evolução. Linguagem.



## DIÁLOGOS ENTRE FICÇÃO CIENTÍFICA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: URSULA K. LE GUIN E HUGH LACEY

Mariana Luppi Foster  
mluppi606@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho relaciona-se a uma pesquisa desenvolvida na área de Literatura em Língua Inglesa sobre dois romances da escritora estadunidense Ursula Le Guin, conhecida principalmente por sua obra no gênero de Ficção Científica. A partir do estudo dessas obras e do gênero como um todo, mostrou-se importante uma discussão acerca do diálogo de obras de Ficção Científica com os temas da Filosofia da Ciência, uma vez que diversas obras do gênero apresentam discussões, mais ou menos críticas, sobre como a ciência se desenvolve, sobre a função social do cientista e sobre a relação entre o conhecimento científico e sua aplicação tecnológica. O presente trabalho, assim, discutirá a construção de reflexões alinhadas à Filosofia da Ciência no gênero da Ficção Científica. Para tal, serão mencionadas obras de autores como Isaac Asimov, Stanislaw Lem e Octavia Butler. A ênfase da análise, porém, será o romance “Os Despossuídos” (1974), de Ursula K. Le Guin. Tal romance pode ser analisado em seu diálogo com as reflexões do filósofo da ciência Hugh Lacey sobre a relação entre valores sociais e valores científicos, com destaque para o questionamento sobre a autonomia, neutralidade e imparcialidade da ciência. Lacey, nessas reflexões, observa diferentes momentos do fazer científico e a relação de cada um deles com os valores sociais. A análise do romance, justamente, mostra como a narrativa acompanha o físico Shevek nos diferentes momentos de desenvolvimento de uma teoria original sobre o tempo. Na fase de seleção temática e desenvolvimento da pesquisa, o personagem entra em conflito com as autoridades informais de seu planeta, a colônia anarquista de Anarres – chegando a sair do planeta para concluir a teoria. Já na fase de divulgação dos resultados, o romance mostra a crise ética do cientista no planeta-mãe, Urras, onde sua teoria torna-se objeto de disputa e de potencial exploração econômica. As crises éticas do personagem, assim, contribuem para a reflexão sobre a prática e os valores científicos e sua relação com diferentes contextos e valores sociais.

### Palavras-Chave

Ficção Científica. Atividade científica. H. Lacey.



## FILOSOFIA DA AGRONOMIA: ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E TRADIÇÕES DE PESQUISA

Leandro Paiola Albrecht  
lpalbrecht@yahoo.com.br

### Resumo

A marcante produção científica da agronomia e seus resultados tecnológicos recentes, como em outras ciências aplicadas, merecem atenção histórica e reflexão filosófica, dada a importância que assume em debates contemporâneos relacionados à fome, à soberania alimentar e à sustentabilidade ambiental. A presente tese investiga elementos epistemológicos da agronomia como ciência, diante dos desafios e soluções que lhe são impostos na história. O problema central da proposta desta tese se concentra em uma investigação sobre a agronomia como ciência, seu desenvolvimento e tradições científicas concorrentes no cenário contemporâneo. Logo, a agronomia como ciência, alvo dessa proposta, torna-se problema a ser estudado, e é importante responder: O que é agronomia? Como ocorre a produção do conhecimento na agronomia? Como se apresenta a questão de progresso e tradições na agronomia? Para que seja possível chegar a estas respostas, é importante investigar e refletir sobre as ciências agrônomicas, sua história, como é produzido o conhecimento, como se organiza, como se desenvolve, como são as tradições, como é a dinâmica das tradições e como se modificam. Na construção da temática, a averiguação das hipóteses inclui a observação histórica e a conversação com autores que se vinculam a discussões mais recentes, dentro da epistemologia das ciências agrônomicas e das agrotecnologias, com uma perspectiva historicista da agronomia, ao utilizar a filosofia da ciência de Larry Laudan. Propõe-se que a agronomia é uma ciência sólida, em progresso a partir da solução de problemas, é marcada por grandes conquistas científicas e tecnológicas, influenciada por valores cognitivos, com diferentes tradições de pesquisa comensuráveis e concorrentes, marcada por uma evolução racional e reticular, de notável importância social e muito prolífica. Entende-se que os desafios prevalentes das ciências agrônomicas, seus momentos, suas tensões, sua evolução, seus dramas, as questões ambientais, sociais, políticas, econômicas e bioéticas, em si, são motivos de intensa ação e debate filosófico. Esses cenários provocativos são pressupostos e



oportunidades na criação de uma filosofia da agronomia, para a qual esse trabalho se prontifica a lançar as bases a partir de discussão de elementos epistemológicos e das tradições de pesquisa nas ciências agrônômicas.

### **Palavras-Chave**

Agrônomo. Epistemologia. Larry Laudan.



## ILYA PRIGOGINE: DO ENCANTO DA TERMODINAMICA AO INDETERMINISMO DA NATUREZA.

Joseph Motema Mampia  
[mampiajoseph@gmail.com](mailto:mampiajoseph@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho examina a contribuição de Ilya Prigogine para alguns domínios das ciências físicas e para a filosofia da ciência. As ideias de Prigogine partem de uma insatisfação intelectual quanto à visão do universo proposta pela física clássica, envolvendo determinismo, reversibilidade e atemporalidade. Nos seus estudos sobre os fenômenos irreversíveis na química e na física de não equilíbrio, Prigogine chegou à conclusão de que o universo é em grande parte indeterminista, possuindo uma irreversibilidade intrínseca a nível microscópico, e que essa instabilidade desempenha um papel construtivo. Reconhecendo que a vida mantém-se em condições longe do equilíbrio, aplica sua concepção filosófica para explicar a vida, a novidade e a evolução, considerando que a desordem pode ser fonte de ordem. Aplica sua noção não-reducionista de irreversibilidade para entender a seta do tempo. Examinando as críticas feitas a Prigogine, conclui-se que a visão tradicional, baseada no trabalho de Ludwig Boltzmann, e a concepção de Prigogine constituem interpretações diferentes a respeito da Mecânica Estatística, do problema da irreversibilidade e da questão da flecha do tempo. O debate não é a respeito dos fenômenos observáveis, mas sobre qual é a melhor maneira de explicar os fenômenos observáveis. Boltzmann adota uma perspectiva realista em relação ao mundo microscópico, ao passo que Prigogine adota uma postura antirrealista, apesar de defender um pluralismo ontológico em seus escritos filosóficos.

### Palavras-Chave

Ilya Prigogine. Indeterminismo. Tempo.



## LA PUREZA DE LAS DEMOSTRACIONES MATEMÁTICAS: SOBRE PRUEBAS DE EUCLIDES Y DE BOLZANO

Jorge Alberto Molina  
[molinaunisc@gmail.com](mailto:molinaunisc@gmail.com)

### Resumo

En los últimos años volvió a discutirse sobre la pureza de las demostraciones matemáticas, (Detlefsen, 2008). Esa cuestión también surgiría en cualquier ciencia que se presente de forma deductiva. El término “pureza”, dicho de una demostración matemática, aparece ya en un artículo de Bolzano, matemático del siglo XIX, Bolzano presenta ahí una demostración totalmente analítica, desprovista de consideraciones geométricas, usando solamente el álgebra y el análisis matemático. Se trataba de una demostración pura de Geometría. Una demostración pura en una ciencia es aquella que usa conceptos y proposiciones sólo pertenecientes a esa ciencia. En verdad esta idea es muy antigua y se encuentra en los Segundos Analíticos, I 7. de Aristóteles. donde afirma que no podemos probar una proposición geométrica por la Aritmética ni se puede probar por la Geometría una proposición aritmética como la que afirma que existe un número cúbico que es el doble de otro número cúbico. Ese principio aristotélico pasó a ser llamado principio de incomunicabilidad de los géneros. Excepciones a ese principio sólo serían admitidas en el caso de que una ciencia estuviese subordinada a otra. Los Elementos de Euclides no obedecen ese principio. Es el caso de las pruebas por superposición en las que Euclides usa el axioma de que cosas que coinciden entre sí son iguales. Aquí nos ocuparemos principalmente de las demostraciones de las proposiciones I,4 y I,8 de los Elementos. En esas demostraciones, Euclides mueve una figura sobre otra para que coincidan. Pero el movimiento no es propio de la Geometría que trata de entes inmateriales sino de la Física. Y el hecho de que ese procedimiento sea realizado solamente tres veces en los Elementos, parecería indicar que Euclides habría tenido recelos en relación a su legitimidad. Proclo en su comentario al libro I de los Elementos de Euclides afirmaba que la Geometría se ocupa de una materia inteligible y que es la imaginación la que realiza ese movimiento que, en verdad, no es físico sino mental. La posterioridad no aceptó esa explicación de Proclo. En el siglo XVI Peletier objetó la demostración





euclidiana de  $I_4$ . Trataremos de determinar que habría llevado Euclides a no aceptar ese principio y a Bolzano a buscar realizarlo, Para ello analizaremos el contexto científico en que fueron producidas esas pruebas y discutiremos sobre la actitud del matemático en relación a ideales epistémicos propuestos por filósofos.

### **Palavras-Chave**

Filosofia de la Matemática. Pruebas matemáticas.



## MUNDOS POSSÍVEIS E A FILOSOFIA DA FÍSICA

Cicera Lima De Araújo

[cicera.araujo1@prof.ce.gov.br](mailto:cicera.araujo1@prof.ce.gov.br)

Job Saraiva Furtado Neto

[job.furtado@ufca.edu.br](mailto:job.furtado@ufca.edu.br)

### Resumo

A ideia dos mundos possíveis manteve-se por muito tempo à parte dos círculos de discussão dentro da comunidade científica. Os embates acerca dos mundos possíveis foram sempre mais comuns (e nem são tão comuns assim) dentro da comunidade da filosofia propriamente dita. No entanto, a interpretação dos muitos mundos da mecânica quântica, proposta por Hugh Everett em 1957, trouxe o tema de volta aos debates na comunidade científica. É importante ressaltar que, muito embora a discussão acerca dos mundos possíveis não esteja tão presente na comunidade científica, o modo de pensar e de operar para o desenvolvimento da ciência, em particular da física teórica, é, de certa forma, inspirada na exploração de mundos possíveis. Este artigo tem como objetivo principal apresentar, de maneira sucinta e intuitiva, aspectos fundamentais da teoria dos mundos possíveis, estabelecendo seu desenvolvimento histórico juntamente com a abordagem formal da teoria e sua íntima conexão com a filosofia da física e com o desenvolvimento científico como um todo. Destinado aos estudantes de graduação em filosofia, física e interessados de modo geral, este artigo visa ser um suporte em língua portuguesa com o intuito de complementar a formação acadêmica do estudante que deseja ter um primeiro contato com a teoria dos mundos possíveis.

### Palavras-Chave

Mundos possíveis. Filosofia das ciências. Lógica.



## O BARCO DE NEURATH, UMA SÍMILE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Davi Da Silva San Gil  
[davi.sangil@ifrrj.edu.br](mailto:davi.sangil@ifrrj.edu.br)

### Resumo

A história do sociólogo, economista e – por assim dizer – filósofo austríaco Otto Neurath (1883-1945) se confunde com a história do positivismo lógico (ou neopositivismo). Entre suas produções em ramos tão diversos quanto a Lógica, a Sociologia e o Design, Neurath tornou-se especialmente conhecido entre filósofos da ciência por ter sido um dos membros fundadores do Círculo de Viena, o principal grupo de filósofos neopositivistas nas décadas de 1920 e 1930. O trabalho aqui proposto consiste em uma reflexão sobre o aspecto mais conhecido do pensamento de Neurath: a chamada “símile do barco” (também chamada de “metáfora do barco”). Em linhas gerais, esta consiste na descrição da situação de marinheiros que, em alto-mar, precisam reconstruir sua embarcação. Sem a possibilidade de estar em terra e escolher as melhores peças, é preciso reconstruí-la com o que há de disponível nela mesma, com todos os defeitos que lhe são próprios. Retomada em 1960 pelo filósofo Willard Quine (1908-2000) no livro *Palavra e Objeto* como afirmação de uma posição anti-fundacionista do conhecimento, o “barco de Neurath” apareceu em três momentos diferentes na obra de seu autor, cada qual subscrito a um contexto próprio de discussão. Assumimos duas tarefas para a presente comunicação, ainda que se tratem de pretensões modestas quando comparadas com o escopo e os méritos da produção intelectual neurathiana. Em primeiro lugar, nos propomos a fazer uma exposição, nos limites impostos pelo contexto da apresentação, dos diferentes contextos em que Neurath retoma sua metáfora. A segunda parte da comunicação, por sua vez, busca justamente identificar, nesses diferentes contextos, a perduração de uma mesma atitude filosófica. Buscamos, por fim, mostrar que a posição neurathiana expressa por sua metáfora (mas não limitada a ela) coloca o autor em uma situação peculiar na história da filosofia da ciência: ao mesmo tempo que foi reputado pela tradição como um dos mais importantes representantes do positivismo lógico, sua perspectiva epistemológica e meta-científica o contrapõe justamente às teses mais comumente associadas ao neopositivismo.

### Palavras-Chave

Positivismo Lógico. Anti-fundacionismo.



## PARA ALÉM DAS DICOTOMIAS: O DEBATE ATUAL SOBRE O REALISMO CIENTÍFICO SEGUNDO KYLE STANFORD

Moacir Dos Anjos Leles Júnior

[leles.junior@hotmail.com](mailto:leles.junior@hotmail.com)

### Resumo

O trabalho que se apresenta tem por objetivo explorar a forma como Kyle Stanford compreende o debate contemporâneo entre realismo científico e antirrealismo, considerando as evoluções significativas que ocorreram nas últimas décadas. De acordo com Stanford, em *Realism, Instrumentalism, Particularism* (2021), a análise histórica da ciência levou a uma suavização das posições tanto de realistas científicos quanto de antirrealistas, resultando no que se pode considerar um consenso emergente, embora não universalmente aceito, entre os participantes de ambos os campos do debate. Este consenso representa um Caminho do Meio, um território compartilhado no qual adeptos de ambas as visões, agora mais próximos em suas concepções do que as suas versões mais extremas ou clássicas, conseguiram avançar juntos – mesmo que muitos ainda retenham os rótulos tradicionais que parecem os separar. Entretanto, Stanford propõe que existe ainda um ponto de discórdia significativo entre aqueles que percorrem este Caminho do Meio, uma diferença que influencia diretamente como a ciência deve ser praticada. Este desacordo persistente desafia especialmente os instrumentalistas, dentro ou fora deste caminho compartilhado, e destaca a importância de se considerar o debate sobre o realismo científico não apenas em termos de posicionamentos teóricos, mas também em relação aos níveis de abstração com os quais abordamos as teorias e crenças científicas. Stanford argumenta que, nesta frente, tanto realistas científicos quanto instrumentalistas moderados podem se encontrar alinhados contra as perspectivas clássicas e as abordagens extremamente particularistas, sugerindo uma aliança inesperada em busca de princípios epistêmicos que orientem nossa compreensão e prática científica em uma variedade de contextos. Esta abordagem recalibrada sugere que o debate sobre o realismo científico não se resume a uma simples dicotomia, mas envolve a negociação de nuances e complexidades que refletem tanto a história da ciência quanto as exigências práticas da investigação científica. A busca por um



caminho equilibrado entre visões extremas, portanto, não apenas fornece um terreno comum para o diálogo, mas também abre novas frentes de discussão sobre como as teorias científicas devem ser avaliadas, interpretadas e aplicadas

### **Palavras-Chave**

Realismo Científico. Antirrealismo. Kyle Stanford.



## PODEM PRÁTICAS CIENTÍFICAS DECIDIR TESES METAFÍSICAS? UM ESTUDO SOBRE MODEL TRANSFER NAS CIÊNCIAS

Pedro Almeida Brandão

[pdrlmdd@gmail.com](mailto:pdrlmdd@gmail.com)

### Resumo

O realismo científico pode ser identificado com algumas suposições básicas: os objetos investigados pela ciência são entidades independentes da mente; proposições afirmadas por teorias científicas são asserções verdadeiras sobre esses objetos; teorias científicas produzem conhecimento sobre esta realidade independente da mente. Esta apresentação questiona se a prática de transferência de modelos nas ciências pode impor desafios a essa visão. Transferência de modelo se refere ao uso de modelos matemáticos ou conceituais, inicialmente desenvolvidos em um domínio científico, para explicar fenômenos em outro domínio, aparentemente não relacionado. Podemos pensar a partir disso alguns pontos: Ambiguidade Ontológica: Usar o mesmo modelo para diferentes fenômenos pode confundir o que o modelo representa. Por exemplo, usar a métrica de Schwarzschild para modelar o fluxo de tráfego pode ser eficaz, mas não seria um exagero afirmar uma semelhança ontológica profunda entre buracos negros e carros? Interpretação de termos teóricos: O realismo científico está ancorado na crença de que termos teóricos em modelos científicos se referem com sucesso a entidades reais no mundo. Se aceitarmos que os termos teóricos devem ser transportados com o modelo, é difícil conceituar como eles podem manter sua integridade referencial quando aplicados a outros domínios. Requerimentos de verdade: Essa transferência necessita de validação no novo domínio, levantando questões sobre os critérios para essa validação. Seria o ajuste empírico, a coerência teórica ou outra medida? A verdade, no sentido tradicional, pode não ser a única ou mesmo a principal preocupação na validação de modelos transferidos. A partir destas considerações, pensaremos se uma prática específica trazida diretamente da atividade conceitual dos cientistas pode decidir em favor (ou, neste caso, contra) de alguma tese na metafísica da ciência. Sugerimos que uma tese realista também pode ser extraída da transferência de modelos, defendendo que as ontologias e propriedades tipicamente envolvidas nesta prática são suficientemente genéricas para que essas



comunalidades sejam um problema para o realismo científico lidar. Desta forma, concluímos generalizando uma tese: para toda leitura não-realista, uma leitura realista igualmente coerente pode ser obtida. Isso destacaria que, por mais fundamentada na prática científica que seja, a metafísica da ciência goza de um nível de destacamento conceitual.

### Palavras-Chave

Transferência de Modelos. Metafísica. Ciência.



## PROSOPOPEIA ANTROPOMÓRFICA

Alexandre Miranda Quaresma De Moura

[aq.escriba@gmail.com](mailto:aq.escriba@gmail.com)

### Resumo

Prosopopeia antropomórfica: Ensaio filosófico sobre inteligência artificial forte, cognição, organismos biológicos e o novo GPT-4: O objetivo deste ensaio é refletir criticamente sobre as possibilidades e limitações da inteligência artificial forte, discutindo o fenômeno da cognição no âmbito dos sistemas orgânicos, e da impossibilidade de ocorrência desta mesma cognição nos sistemas inorgânicos de computar. Filosoficamente, exploraremos a ideia conceitual de ser ontofenomênico, de ser corpóreo subjetivo, vivente, agente no mundo, que protagoniza sua própria existência na realidade, e que por sua vez possui mente, cognição, consciência, intencionalidade e agência, e que se encontra situado topologicamente no espaço-tempo do mundo. Em seguida, faremos o mesmo tipo de análise em relação aos sistemas inorgânicos de IA, abordando questões importantes de sua estruturação interna, a exemplo da ausência de intencionalidade, de agência, de subjetividade e mente consciente, enfim, da ausência das principais características que definem os seres vivos capazes de cognição. Por fim, apresentaremos algumas breves notas críticas sobre AGI, ASI, e o novo GPT-4, bem como sobre seus recentes comentadores.

### Palavras-Chave

IA. Cognição. Filosofia da tecnologia.





## PSICOLOGIZAÇÃO DOS PARADIGMAS COMO PRINCÍPIO DE ANÁLISE DE A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

Matheus Jurandir Moreira  
[matheus.j.moreira@unesp.br](mailto:matheus.j.moreira@unesp.br)

### Resumo

A presente apresentação tem por objetivo argumentar que, apesar de pretensões identificáveis, a principal tese demarcativa da obra *The Structure of Scientific Revolutions (SSR)*, de Thomas S. Kuhn, não encontra sustentação no campo da sociologia da ciência, mas no campo da psicologia das comunidades científicas. Declaradamente, Thomas Kuhn visava oferecer na SSR um critério demarcativo através do conceito de paradigma: a presença de paradigmas na história de um campo permitiria identificá-lo como científico. O termo “paradigma”, por sua vez, é objeto de críticas desde de perspectivas heurísticas, que questionam a sua capacidade de oferecer explicações efetivas para a praxiologia científica; a semântico-linguísticas, que indicam a existência de uma polissemia relacionada ao termo de maneira a questionar a validade de aplicação do mesmo. De fato, mostrar-se-á que é possível caracterizar uma bissemia irresolúvel do termo “paradigma” a partir de uma análise apenas interna da SSR, pois sem ela se sacrificaria interpretações sistemáticas da obra como um todo. Tal bissemia é definida a partir dos seguintes sentidos: (i) paradigma como força (impetus) psicológico coletivo e (ii) paradigma como ilustrações retiradas de manuais científicos. O segundo sentido é crucial para explicar os mecanismos da ciência normal e em que sentido a atividade desempenhada pelo cientista é de inspeção direta de paradigmas à maneira proposta por Kuhn, enquanto que o primeiro sentido explica a transição do período pré-paradigmática para o período paradigmática de um campo. A argumentação a favor desse sentido encontra legitimidade tanto na condição de ser razoável de ser abstraído das descrições feitas por Kuhn para explicar o desfecho do período pré-paradigmática, como permitir interpretações de diversas afirmações da obra de maneira sistemática e sem inconsistências heurísticas e, por fim, evitar circularidades viciosas que surgem em torno da noção de consenso se a remeter a fundamentos sociológicos. Tais razões indicam a ausência de uma hipótese sociológica efetiva na SSR, exigindo a sua



suplantação teórica pela atribuição de capacidades psíquicas aos paradigmas. Por essa razão, defender-se-á que o fundamento das afirmações demarcativas da SSR remete a atribuições psíquicas transferíveis dos paradigmas que alterariam a estrutura social e organizacional de um campo, então se aloca no campo da “psicologia das comunidades científicas”.

### Palavras-Chave

Thomas Kuhn. Paradigma. Comunidades Científicas.



## “RELATIVISM, NATURALISM AND RETICULATION” (1987): LARRY LAUDAN E A IMPORTÂNCIA DESTE DEBATE

Douglas Antonio Bassani  
[douglasbassani@uol.com.br](mailto:douglasbassani@uol.com.br)

### Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar o artigo de Larry Laudan “Relativism, Naturalism and reticulation” (1987) e avaliar a importância deste debate na época. Este artigo aborda temas como a defesa do não-relativismo do modelo reticulado (pelo menos de uma forma de relativismo semelhante as acusações dirigidas a Thomas Kuhn; sobre o problema das supostas “perdas epistêmicas” na ciência; sobre o modelo de racionalidade proposto por Laudan, etc. É importante destacar que parte dos argumentos de seu artigo de 1987 são consideradas respostas aos questionamentos que aparecem em *Relativism and the reticulational model of scientific rationality* (1986) de Gerald Doppelt, dirigidos à obra de Laudan *Science and Values* (1984). Analisaremos também que este debate é também mais amplo, uma vez que não foi apenas tratado no artigo de Laudan de 1987, mas também em outros entre as décadas de 80 e 90. Embora tenhamos um destaque importante sobre os três temas acima, no artigo de 1987, uma vez que ele debate com o de Doppelt. Este é o cenário da proposta, lembrando que as defesas de uma ciência progressiva, da racionalidade da ciência, do modelo reticulado, etc., estarão constantemente presentes nesta pesquisa e análise.

### Palavras-Chave

Larry Laudan. Gerald Doppelt. Modelo reticulado.



## REPENSANDO A EVOLUÇÃO: A SÍNTESE ESTENDIDA COMO NOVO HORIZONTE DO PENSAMENTO EVOLUTIVO

Rodrigo Lima Gonçalves Ferreira Alcides  
[rodrigolgfa.rl@gmail.com](mailto:rodrigolgfa.rl@gmail.com)

### Resumo

Alguns biólogos e filósofos da ciência propõem a necessidade de uma atualização e mudança de valores explicativos na evolução biológica que não é contemplada na síntese moderna. A influência dos fatores ambientais associados à plasticidade fenotípica, ao viés de desenvolvimento, às interações sociais e à cultura são algumas das novas perspectivas que tornam mais complexos os processos evolutivos, necessitando de um aprimoramento na síntese moderna conforme as atuais descobertas científicas. Recentes áreas que compartilham responsabilidades nos processos evolutivos mostram-se, através de novas evidências, relevantes num cenário em que são colocadas como coadjuvantes e que sua negligência prejudica o desenvolvimento do pensamento biológico, são elas: biologia do desenvolvimento, plasticidade fenotípica, herança inclusiva e construção de nicho. Os elaboradores da síntese estendida entendem que a síntese moderna tem um foco “genecêntrico” que não consegue captar toda a gama de processos que orientam a evolução. Os organismos são construídos em desenvolvimento e não “programados” pelos genes, eles constroem e coevoluem com seus ambientes, alterando a estrutura do ecossistema e modificando o processo de seu desenvolvimento. Entende-se que a síntese moderna não é incorreta, mas incompleta. Aspectos da complexidade do desenvolvimento biológico são secundários e apenas resultados na antiga síntese. Na síntese estendida, eles são causas da evolução em como o desenvolvimento físico influencia a geração de variação (viés de desenvolvimento); como o ambiente molda diretamente as características dos organismos (plasticidade); como os organismos modificam os ambientes (construção de nichos) e como os organismos transmitem mais do que genes através das gerações (herança epigenética). O desafio, que divide os pesquisadores, está em mensurar valor explicativo da síntese estendida e se seus aspectos trazem novidades que não são amparados na síntese moderna.

### Palavras-Chave

Evolução. Filosofia da Biologia. Síntese estendida.



## SOBRE A FILOSOFIA DA LINGUÍSTICA DE FERDINAND DE SAUSSURE

Camila Pilotto Figueiredo

[figueiredo.camilapilotto@gmail.com](mailto:figueiredo.camilapilotto@gmail.com)

### Resumo

Sabe-se que a obra a qual conferiu maior notoriedade a Ferdinand de Saussure foi denominada Curso de Linguística Geral. O livro póstumo, publicado em 1916, foi assim nomeado devido aos cursos ministrados pelo linguista em Genebra entre 1907 e 1911. Sabe-se também que o nome linguística geral era institucional, frequente no século XX, mas que Saussure entendia sua reflexão como uma filosofia da linguística (BOUQUET 2004). O presente trabalho tem como objetivo trazer elementos visando a auxiliar na compreensão de que aspectos da teoria saussuriana podem caracterizar uma filosofia da linguística. Primeiramente, será feita uma busca acerca do que se compreendia como a filosofia da linguística ao longo do século XIX. Em seguida, será apontada uma conexão entre a filosofia da linguística saussuriana e o projeto da linguística geral desenvolvido no século XIX. Por fim, será levantada a tese de que a filosofia da linguística saussuriana é uma reflexão epistemológica, que diz respeito a reflexões de fundamento necessárias para a fundação da linguística como ciência, as quais envolvem princípios gerais de método. Nessa reflexão, aquilo que Saussure denomina “princípios semiológicos” terá papel central, pois será através deles, e da investigação de sua natureza, que Saussure compreenderá o funcionamento da língua. A metodologia será de cunho bibliográfico. Na investigação do corpus saussuriano, terá centralidade o Curso de Linguística Geral (2006 [1916]), sendo utilizadas como complementares a obra *Les Sources Manuscrites de Ferdinand de Saussure* (1969) de Robert Godel e os *Escritos de Linguística Geral* (2004 [2002]). Ainda, será feito uso de obras que possam esclarecer a temática do artigo sobre algum aspecto específico relevante, como o *Dictionnaire de l'Académie française* (1878) e o artigo de Claudine Normand intitulado *La généralité des principes* (2000).

### Palavras-Chave

Saussure. Filosofia da linguística. Epistemologia.



## SOBRE AS ORÍGENS DA COSMOLOGIA CIENTÍFICA: A HEURÍSTICA DE EINSTEIN

Danilo Miranda Rodrigues

[danilo.rodrigues@usp.br](mailto:danilo.rodrigues@usp.br)

### Resumo

O conceito de heurística apresenta singular importância nos exercícios de reconstruções racionais de episódios da história da ciência, pois nos leva a investigar as técnicas, modelos e aproximações utilizadas pelos cientistas envolvidos na análise historiográfica em questão. Nos chama a atenção, em relação às origens da cosmologia relativística, o desenvolvimento da Física do século XIX e, mais especificamente, a termodinâmica, a mecânica estatística e a mecânica dos fluídos com seus desdobramentos neste período. Apresentaremos nossa análise de artigos fundamentais de Albert Einstein direcionados a esses campos da física teórica, que datam do início do século XX, com o intuito de verificar possíveis paralelos com seu texto sobre cosmologia, considerado um marco fundamental nessa área. A cosmologia de Einstein articula-se à partir da Relatividade Geral, em que a geometria espacial é diretamente afetada pela ação gravitacional da matéria, o que tornou possível as primeiras especulações teóricas sobre o formato e a dinâmica do universo em bases conceituais mais sólidas, se comparadas com aquelas disponíveis no século XIX. Do ponto de vista heurístico também há que se destacar que, na construção de seu modelo de universo, o mesmo se assemelha a um fluído sem pressão e em equilíbrio, sujeito à distribuição de Boltzmann. A busca por equilíbrio entre a gravidade e a constante cosmológica se assemelha, em grande medida, a uma técnica heurística presente em seu trabalho sobre movimento browniano. No que se refere às técnicas e manipulações algébricas as semelhanças também são muitas, o que evidencia certa integração do desenvolvimento de áreas aparentemente distintas da atividade científica no fértil início do século XX.

### Palavras-Chave

Einstein. Cosmologia. Heurística.



## TENSÕES E AFINIDADES ENTRE O PLURALISMO METODOLÓGICO DE PAUL FEYERABEND E O NEGACIONISMO CIENTÍFICO

Evandro Monea Leal

[evsleal@gmail.com](mailto:evsleal@gmail.com)

### Resumo

Com o presente trabalho queremos analisar as tensões e afinidades entre o pluralismo metodológico, a postura anarquista diante da ciência de Paul Karl Feyerabend, e o negacionismo científico. A partir de análises sobre o trabalho de referências da comunidade científica, como Newton e Galileu, e da busca por uma ciência mais inclusiva e humanitária, o pensador propõe uma recusa a metodologias rígidas e a critérios universais de validação da ciência. Razão, objetividade, teorias fundamentadas em fatos observáveis: para Feyerabend nada disso garante o progresso do conhecimento. Por outro lado, movimentos negacionistas da ciência procuram legitimar suas teorias por meio de canais e métodos alternativos. O movimento vem numa crescente, possivelmente impulsionado, dentre outros fatores, pelo avanço nas tecnologias de informação e comunicação. A eleição do termo pós verdade pelo Dicionário Oxford como termo no ano em 2016 nos parece um marco desse processo. Nosso trabalho é uma busca por compreender o pluralismo do autor de *Contra o método* na tensão entre uma proposta de democracia epistêmica e movimentos hostis ao empreendimento do conhecimento representados aqui pelo negacionismo científico.

### Palavras-Chave

Negacionismo. Pluralismo Metodológico. Feyerabend.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA HISTÓRIA E MODERNIDADE





## A HERMENÊUTICA HISTÓRICA DE HERDER

Júlia Bessada Rodrigues  
[juliaabessada@gmail.com](mailto:juliaabessada@gmail.com)

### Resumo

Para Herder, apesar da história caminhar em direção a um fim, ela apresenta uma complexidade de configurações possíveis. Por mais que a humanidade tenha como orientação universal a busca da felicidade, ela pode ser expressa de diferentes maneiras, conforme cada época e suas configurações. Assim, uma história da humanidade deve abarcar as diferentes expressões entre povos e épocas, de forma que o valor de cada nação deve ser compreendido em si mesmo, e não pela perspectiva do estrangeiro ou pela mera sucessão de eventos políticos e conflitos bélicos. Nossa apresentação pretende mostrar que para o autor, conforme exposto na obra *Também* uma filosofia da história para a formação da humanidade, publicada em 1774, é impossível justificar uma língua ou os costumes de um povo a partir de uma outra. Nesse sentido, pretendemos expor a sua concepção de história conforme a hermenêutica desenvolvida pelo autor, na medida em que pretende apreender outras épocas e nações como uma ferramenta na análise do passado, um método interdisciplinar que vai aliar a análise da linguagem e de dados empíricos na constituição da sua filosofia da história.

### Palavras-Chave

Filosofia da história. Hermenêutica. Romantismo.



## A MODERNIDADE E O DEBATE EM TORNO DOS SENTIDOS DE REPÚBLICA

Saulo Henrique Souza Silva  
[saulohenrique01@hotmail.com](mailto:saulohenrique01@hotmail.com)

### Resumo

Quando estudamos o pensamento político inglês do século XVII logo nos deparamos com uma palavra bastante peculiar às discussões políticas, e empregada ao longo dos diversos tratados da época, a saber, *commonwealth*. Diferentemente de outras tradições de filosofia política, o uso da palavra república não foi amplamente utilizado e assim *commonwealth* acabou por ser o termo pelo qual os filósofos e pensadores da política traduziam o termo latino *res publica* e também se referiam à comunidade e a sua forma de organização social. Sobre isso, é possível argumentar que nem todo teórico da *commonwealth* é necessariamente um republicano, no sentido de defensor de um governo no qual exista um nivelamento social, tanto de direitos políticos quanto de divisão da riqueza, porque o termo é amplamente usado pelas diversas tradições. Assim, existe o movimento republicano, por sua vez, dividido em diversas correntes e também existe a teoria da *commonwealth* que seria uma teoria do estado moderno. Ou ainda, outra possibilidade, é factível supor que nem todo defensor da república seja necessariamente um republicano, no sentido de defensor de causas populares e niveladoras.

### Palavras-Chave

República. Commonwealth. Estado.



## A ÓPERA “A FLAUTA MÁGICA” COMO EXEMPLO DO GÊNERO COMÉDIA SÉRIA

Gabriel Afonso Campos  
[gabriel.afns1@gmail.com](mailto:gabriel.afns1@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa propõe uma análise da ópera ‘A flauta mágica’, composta por Wolfgang Amadeus Mozart e estreada em 1791, como um exemplo do gênero comédia séria, proposto por Denis Diderot no ‘Discurso sobre a poesia poética’, publicado em 1758. Argumenta-se que ambos, Mozart e Diderot, cada um a seu modo e com suas particularidades, são expressão da cultura ilustrada do século XVIII, um deles realizando na ópera aquilo que o outro havia preconizado para o teatro. Este trabalho se limitará a identificar, no enredo da ópera A flauta mágica, elementos que a permitam caracterizar como um exemplo do gênero comédia séria, independentemente da existência ou não de influência direta e identificada de Diderot sobre Mozart. Trata-se de aproximar duas expressões artísticas que se unem pelo seu pertencimento a uma cultura ilustrada que predominou na Europa no século XVIII. Uma interseção entre Mozart e Diderot exige um esforço interdisciplinar de compreensão das mentalidades e das perspectivas políticas, jurídicas, sociais e estéticas do século XVIII. Tal tarefa somente é exequível se se integra conceitos, ideias e ferramentas de diversos campos do conhecimento contra uma tendência pós-moderna de especialização das ciências. Para tanto, a pesquisa se utilizará do método macrofilosófico proposto por Gonçal Mayos Solsona, procurando a síntese mais ampla possível sobre o tema e tratando de forma comparativa, transversal, interdisciplinar e com um mesmo ‘modelo’, questões, relações ou objetos complexos que são estudados pelas diversas ciências especializadas – no caso da pesquisa, a música e a literatura. Conclui-se que Mozart realiza, na ópera, aquilo que Diderot preconiza para os dramaturgos: pintar o quadro das condições reais da natureza humana, em todos os seus detalhes, nuances e aspectos, independentemente da condição política e social das personagens do enredo.

### Palavras-Chave

Mozart. Diderot. A flauta mágica. Comédia séria.



## A PROVIDÊNCIA EM JUSTINE OU OS TORMENTOS DA VIRTUDE DO MARQUÊS DE SADE

Marcelo De Santanna Alves Primo

[marceloprimo@academico.ufs.br](mailto:marceloprimo@academico.ufs.br)

### Resumo

No presente trabalho, trataremos da noção de providência no escrito *Justine ou os tormentos da virtude do marquês de Sade*. No decorrer da história da personagem principal, o marquês afirma que a obra máxima da Filosofia seria desenvolver meios dos quais a providência se serve para alcançar os fins que ela designa a respeito da humanidade. Dessa maneira, daí adviria o ensino de planos de conduta para se seguir adiante perante os reveses mundanos que visam a antecipar a aleatória fatalidade, a despeito de se tentar nomeá-la, conhece-la ou defini-la propriamente. Todavia, uma questão é aventada: mesmo respeitando as convenções sociais e os limites que elas impõem, como acontece de a virtude, por vezes, não ser recompensada pela providência e o vício, por sua vez, ser contemplado por ela? Sade colocará na balança tanto o vício como a virtude e tentará mostrar como é mais preferível e vantajoso pensar e agir em um século corrompido, segundo a sua visão das Lumières. Mais do que isso, nas entrelinhas no romance, são sugeridas as possibilidades de uma vida virtuosa independente dos desígnios da providência que jamais será sinônimo de incorrer em uma conduta viciosa no que concerne à moral e aos costumes.

### Palavras-Chave

Sade. Providência. Virtude.



## ENTRE ANTIGOS E MODERNOS: VICO E A RETÓRICA NO DE NOSTRI TEMPORIS STUDIORUM RATIONE

Eduardo Leite Neto  
[eduardoneto886@gmail.com](mailto:eduardoneto886@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pretende destacar as questões trabalhadas pelo filósofo Giambattista Vico (1668-1744) acerca da retórica no seu escrito de 1709 e a relação com o embate entre antigos e modernos ocorrida em Nápoles. Naquele período, a cidade vivia toda efervescência da influência cartesiana nos métodos científicos e literários que desde a chegada das ideias do filósofo francês na metade do século XVII, proporcionaram aos intelectuais napolitanos novas formas e métodos de interpretação da ciência e da filosofia. Em linhas gerais, é a partir desses objetos que surge o clássico debate napolitano no final do século XVII e a primeira metade do século XVIII, entre antigos e modernos. Por conseguinte, durante esse período Vico elabora o *De ratione*, que apontava problemas acerca do método de estudos exercidos em Nápoles sob viés cartesiano, e buscava através da retórica, equilibrar os excessos do método crítico cartesiano com a atribuição da tópica no aprendizado dos estudantes e nos processos científicos dos homens de ciência daquela cidade. Portanto, o intento de Vico com o *De ratione* era de proporcionar um conteúdo que pudesse colaborar de forma civil e pedagógica à formação e condução de estudos e pesquisas, tanto para estudantes quanto para homens já formados, pois, com o equilíbrio entre a tópica e a crítica, é possível, segundo Vico, estar alinhado com os lugares do argumento/discurso (tópica) e o modo de aplicá-los (crítica).

### Palavras-Chave

Giambattista Vico. Antigos e Modernos. Retórica.



## FILOSOFIA DA HISTÓRIA ENTRE CETICISMO E CRITICISMO

Ana Vitória Tannús Bernardes  
[anavi.bernardes03@gmail.com](mailto:anavi.bernardes03@gmail.com)

Lucas Antônio Nogueira Rodrigues  
[lucasantonio10@live.com](mailto:lucasantonio10@live.com)

### Resumo

Se houve um momento na história do pensamento ocidental no qual as capacidades humanas foram supervalorizadas, com certeza foi enquanto imperava a filosofia cristã. No Medievo, acreditava-se que a fé e a razão juntas conseguiriam compreender os maiores segredos do universo, as verdades reveladas por Deus através dos homens eram não só possíveis, como toda a comunidade política orientava-se para esse tão esperado momento da graça. Santo Agostinho mesmo deixou seus escritos quando contemplou em extase a Verdade. No entanto, a unicidade da filosofia cristã foi se diversificando e foi cada vez mais difícil defender um único caminho para o conhecimento, até que passamos a nos perguntar se o conhecimento quicá era possível. Na modernidade, dois movimentos intelectuais são peças primordiais desse debate o Ceticismo, que têm sua origem ainda cristã, ou melhor, em uma era cristianizada, que vai de Erasmo a Spinoza e o Criticismo de Kant. Ambos colocam a razão sob um tribunal e, por consequência, toda a história e toda a Filosofia da História. A pergunta o que é possível conhecer? está no ceme das querelas da humanidade e o propósito deste trabalho, longe de querer responde-la, é trazer à luz a importância de refazê-la. Diante disso, este trabalho pretende investigar as contribuições do Ceticismo e do Criticismo e as imbricações entre razão, fé e paixão para a construção do conhecimento humano e, mais especificamente, para a Filosofia da História.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Criticismo. Filosofia.



## HISTÓRIA, FILOSOFIA E POESIA: OPOSIÇÕES E COMPOSIÇÕES EM ARISTÓTELES E NO HISTORISMO

Amon Pinho

[amonpinho@yahoo.com.br](mailto:amonpinho@yahoo.com.br)

### Resumo

A presente reflexão visa evidenciar o quanto os fundamentos epistemológicos dos processos (indissociáveis) de cientificização, disciplinarização, institucionalização e profissionalização do conhecimento histórico, no século XIX (não por acaso chamado “o século da História”), encontram-se estreitamente articulados a um movimento de crítica e superação do conceito de História estabelecido pela Poética, de Aristóteles, no século IV a.C., movimento de crítica privilegiadamente protagonizado por autores como Wilhelm von Humboldt e Leopold von Ranke. Ainda que não mencionando a Poética ou o seu autor imediatamente, é palpável a presença determinante de Aristóteles nas entrelinhas de ensaios tão célebres como “Sobre a tarefa do historiador”, de Humboldt, ou “O conceito de história universal”, de Ranke, que *mutatis mutandis* definem a História como uma forma de conhecimento causal, necessária, racional e universal, situada nos antípodas da caracterização que o ceticismo aristotélico atribuía à História como um relato de tipo casual, contingente, ilógico e meramente particular. O mais interessante, todavia, a se notar é o quanto este debate, que se põe nas origens do conceito moderno de História, lança luz 1) em problemáticas persistentes e atuais concernentes à disciplina historiadora, que não por acaso levam historiadores contemporâneos da envergadura de um Carlo Ginzburg ou de um François Hartog a retomarem, de diferentes maneiras, Aristóteles precisamente: o da Poética como o da Retórica; e 2) lança luz igualmente sobre a própria atualidade que, cum grano salis, cabe ao conceito moderno de História que tão finamente definiu esta como sendo simultaneamente arte e ciência. Definição de tipo capital, pois por meio dela podemos apreender a centralidade das relações entre História, Filosofia e Poesia ao longo da história do pensamento histórico-filosófico ocidental, não apenas até os idos de Humboldt, Ranke, Gervinus, Droysen, Mommsen, etc., mas mesmo até aos dias correntes.

### Palavras-Chave

Poética. Aristóteles. Historismo.



## O CONCEITO DE HISTÓRIA EM MAQUIAVEL

Filipe De Almeida Silva  
[lipi.7\\_silva@hotmail.com](mailto:lipi.7_silva@hotmail.com)

### Resumo

No pensamento de Maquiavel, o tema da história tem um lugar fundamental para a sustentação de sua filosofia política, além de sua abordagem em relação à história ser inovadora. No entanto, a forma como o filósofo Florentino concebe a história só pode ser compreendida se articulada com os conceitos de conflito e corrupção, temas igualmente fundamentais para a obra política de nosso autor. O objetivo deste trabalho é articular a leitura que Maquiavel fez da concepção de história em seu tempo, relacionando-a com outros filósofos e historiados da época, para que então seja possível uma melhor compreensão do conceito de História presente em sua obra. Para tanto, analisaremos a leitura que o filósofo faz das duas grandes concepções de tempo e história que o antecede: a noção de tempo circular grega, representada especialmente nas obras de Políbio; e a noção de tempo linear do cristianismo, na expressão que o pensamento político de Agostinho lhe conferiu. Assim, Maquiavel se posiciona diante dessas duas matrizes conceituais para elaborar sua concepção do gênero História como *magistra vitae*.

### Palavras-Chave

História. Corrupção. Conflito.





## O CONCEITO DE ORIGEM RADICAL: JOHN PIZER E WALTER BENJAMIN

Bruno De Souza Pacheco Jalles  
[brunopjalles@gmail.com](mailto:brunopjalles@gmail.com)

### Resumo

Na coletânea de ensaios “Towards a theory of radical origin: essays on modern German thought” John Pizer ousa perguntar se ainda é viável trabalhar com o conceito de origem. Segundo Pizer, a ojeriza à ideia de origem, consensual hoje na academia, seria ironicamente o mito fundacional das chamadas teorias pós-estruturalistas. No paradigma dessas teorias, a natureza essencialmente negativa e relacional do signo implica um perpétuo jogo interpretativo: um signo convoca outro numa cadeia infinito de significações, tornando impossível a fixação de um sentido único e último. Por sua vez, a busca por uma origem seria, conforme tal paradigma, uma tentativa de encontrar um princípio exterior ao jogo dos signos e dele determinante, propondo um fechamento ou um “closure” que encerraria o debate de maneira arbitrária e autoritária. Assim, a procura de um momento originário é normalmente entendida como nostalgia conservadora e idealizadora de um passado mais simples e arcaico, um tempo no qual seria possível identificar os fenômenos em sua pureza anterior à sua entrada na confusão mundana do devir histórico. A ideia de origem tornou-se a bête-noire reacionária, uma violência epistemológica alinhada a projetos politicamente autoritários que deveria ser evitada a qualquer custo. Em contrapartida a tal estado das coisas, Pizer irá propor em seus ensaios o conceito de origem radical. Apelando tanto para o conceito alemão de “ursprung” quanto para a ambiguidade do vocábulo latino “radical”, cujo étimo “radix” tem tanto o sentido de raiz quanto o de originário – mas que no curso da história adquiriu também o significado de subversão e de quebra da normatividade –, Pizer desenhará uma ideia de origem que é necessariamente disruptiva e insurgente. O objetivo deste trabalho é apresentar o conceito de origem radical conforme compreendido por John Pizer, através da constelação que ele articula do pensamento alemão da primeira metade do século XX, em particular das ideias de Walter Benjamin acerca da ursprung, expostas em “A origem do drama barroco alemão”

### Palavras-Chave

Origem. Walter Benjamin. Filosofia da história.



## O CONCEITO DE PESSOA EM LOCKE

Daniel Soares Silveira

[daniel.ss777@hotmail.com](mailto:daniel.ss777@hotmail.com)

### Resumo

John Locke (1632-1704) foi um dos primeiros filósofos modernos a desenvolver uma teoria sobre a identidade pessoal. Sua reflexão sobre esse tema se tornou muito influente, mas também sofreu muitas críticas desde sua publicação na segunda edição do Ensaio sobre o entendimento humano (1694), na qual ele acrescentou o capítulo Da identidade e da diversidade. Nesse capítulo, Locke defende que a existência é o que individua os seres e afirma que a identidade é relativa, isto é, que os critérios de atribuição de identidade variam de acordo ao que a atribuímos. De acordo com o filósofo inglês, a identidade pertence à ideia. Assim, para descobrirmos o que seria a identidade pessoal, é necessário antes analisarmos a que ideia a palavra pessoa representa. Tendo isso em vista, neste trabalho, analisaremos os principais aspectos do conceito de pessoa na teoria lockiana da identidade pessoal; além disso, abordaremos brevemente algumas das principais críticas à teoria lockiana, como a objeção da circularidade e da transitividade.

### Palavras-Chave

Identidade. Pessoa. Identidade pessoal.



## O TRIBUNAL DA RAZÃO: FILOSOFIA DA HISTÓRIA ENTRE CRITICISMO E Ceticismo

Lucas Antônio Nogueira Rodrigues

[lucasantonio10@live.com](mailto:lucasantonio10@live.com)

Ana Vitória Tannús Bernardes

[anavi.bernardes03@gmail.com](mailto:anavi.bernardes03@gmail.com)

### Resumo

Se houve um momento na história do pensamento ocidental no qual as capacidades humanas foram supervalorizadas, com certeza foi enquanto imperava a filosofia cristã. No Medievo, acreditava-se que a fé e a razão juntas conseguiriam compreender os maiores segredos do universo, as verdades reveladas por Deus através dos homens eram não só possíveis, como toda a comunidade política orientava-se para esse tão esperado momento da graça. Santo Agostinho mesmo deixou seus escritos quando contemplou em êxtase a Verdade. No entanto, a unicidade da filosofia cristã foi se diversificando e foi cada vez mais difícil defender um único caminho para o conhecimento, até que passamos a nos perguntar se o conhecimento quiçá era possível. Na modernidade, dois movimentos intelectuais são peças primordiais desse debate: o Ceticismo, que têm sua origem ainda cristã, ou melhor, em uma era ainda muito cristianizada, que vai de Erasmo a Spinoza e o Criticismo de Kant. Ambos colocam a razão sob um tribunal e, por consequência, toda a história e toda a Filosofia da História. A pergunta “o que é possível conhecer?” está no cerne das querelas da humanidade e o propósito deste trabalho, longe de querer respondê-la, é trazer à luz a importância de refazê-la. Diante disso, este trabalho pretende investigar as contribuições do Ceticismo e do Criticismo e as imbricações entre razão, fé e paixão para a construção do conhecimento humano e, mais especificamente, para a Filosofia da História.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Criticismo. Filosofia da História.



## TURGOT E O “PLANO DE DOIS DISCURSOS SOBRE A HISTÓRIA UNIVERSAL”

Fabio De Barros Silva  
[fabiobarros@ufsj.edu.br](mailto:fabiobarros@ufsj.edu.br)

### Resumo

Jacques Turgot (1727-1781) é bastante conhecido por sua passagem pelo ministério das finanças de Luís XVI, entre agosto de 1774 e maio de 1776. O difícil programa de ação que procurou executar pretendia reduzir a dívida pública francesa e atenuar o intervencionismo do estado absolutista, tentando, ao mesmo tempo, modernizar a França e reabilitar a imagem da monarquia. Para isso, adotou uma política de corte dos privilégios usufruídos pelo clero e pela nobreza, e de austeridade/contenção nos gastos da realeza e da corte. Ao atacar algumas das principais mazelas que assolavam a França, Turgot sofreu os impactos das reações nobiliárquicas e clericais e foi destituído do cargo de ministro. Embora próximo dos fisiocratas, as reflexões de Turgot a respeito da Economia situam-se na origem do campo da escola clássica, protagonizada por Adam Smith (1723-1790), razão pela qual ele merece um espaço significativo na história do liberalismo econômico. Nesta apresentação, entretanto, não vamos nos ater aos anos que Turgot dedicou ao serviço da Coroa, seja como ministro (1774-1776), como intendente geral (1761-1774) ou como magistrado (1752-1761). Nosso interesse repousa em seu “Plan de deux discours sur l’histoire universelle” [1751] elaborado quando ele já havia desistido de uma futura carreira eclesiástica e passou a frequentar os circuitos dos letrados, dos “philosophes”. Dessa forma, aproximou-se fortemente da escola fisiocrata e dos idealizadores da “Enciclopédia” para a qual redigiu cinco verbetes. No período em que apresentou seu “Plano”, Turgot encontrava-se vinculado à “Maison de la Sobornne”, onde foi admitido em 1749. O “Plano” revela o quanto Turgot beneficiou-se da filosofia e das discussões a propósito do curso da história humana empreendidas a partir do século XVII. Para ele, o exame da história universal deve abranger “os progressos do gênero humano e suas causas; os estágios iniciais da humanidade”; a formação dos nações; “a origem, as mudanças dos governos”; “o aprimoramento das línguas, da física, da moral, dos costumes, das ciências e das artes”; enfim, “o gênero humano sempre o mesmo em suas agitações,



como a água do mar nas tempestades, em marcha rumo à perfeição”. Assim, “aos olhos de um filósofo”, a história possibilita a descoberta das “causas gerais e necessárias”, as razões “das ações livres dos grandes homens”, a própria “constituição humana” e “os móveis e a mecânica” da moral (Cf. Oeuvres de Turgot, Tome I, 2018, p. 249).

### Palavras-Chave

Turgot. Filosofia da história. Ética.



## VOLTAIRE E O MAL ENQUANTO DIVISOR DE ÁGUAS DE SUA MORAL

Pedro Miguel Sousa Santos

[pedromiguel@ifba.edu.br](mailto:pedromiguel@ifba.edu.br)

### Resumo

O problema do mal é um ponto central no pensamento de Voltaire, servindo como divisor de águas para a reflexão sobre moralidade. Ele aborda como o ateísmo questiona a natureza de Deus diante do mal, levantando a questão crucial: qual a responsabilidade divina em relação ao mal? Em muitas de suas obras, a exemplo do Tratado de Metafísica, Voltaire rebate argumentos confessionais e ateístas, desafiando a visão teísta de um criador benevolente. Ele argumenta que o mal moral é uma quimera, impossível de ser explicado pelo sistema materialista divino. Consequentemente, a ideia de justiça é meramente humana, definida socialmente, não aplicável a Deus. Isso marca a percepção de Voltaire de que o mundo não pode julgar a sabedoria divina, já que a humanidade não tem autoridade para tal julgamento. O problema do mal, portanto, não apenas questiona a existência de Deus, mas também impulsiona uma revisão fundamental das bases da moralidade, levando Voltaire a repensar a relação entre o divino e o humano na construção de um sistema ético.

### Palavras-Chave

Voltaire. Mal. Moral.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO, LATINO-AMERICANA E AFRICANA



## A CONTRIBUIÇÃO DE FRANTZ FANON PARA A TEORIA DE PAULO FREIRE

José Victor Alves Da Silva  
[josev.alves.silva@gmail.com](mailto:josev.alves.silva@gmail.com)

### Resumo

Minha pesquisa dos livros *Os condenados da Terra* de Frantz Fanon e *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire investiga a incorporação da teoria de Fanon em Freire, sob os eixos da crítica à alienação e violência e da proposta de uma pedagogia libertadora. A partir de uma perspectiva anticolonial e de uma apropriação crítica de teorias estrangeiras (existencialismo, psicanálise, marxismo), estes intelectuais conceberam a alienação e a violência como constituinte da relação entre opressor e oprimido, cuja superação exige uma luta organizada e politizada pela humanização de ambos. Dentre as suas semelhanças, destaco a necessidade e qualidade do trabalho de conscientização e a complexidade da violência na constituição de opressores e oprimidos. Investigo também a ocultação ou acobertamento parcial da referência de Fanon na Pedagogia, revelado pela recente publicação do *Manuscritos da Pedagogia do oprimido*. Minha leitura crítica dos *Condenados* e da *Pedagogia* examina suas teses e argumentos em suas conexões contextuais, intratextuais e intertextuais. Para isso, as análises internas das obras são procedimentos indispensáveis, enquanto a investigação é cotejada com outros textos dos autores e em referência aos seus lugares e épocas de produção. Ora negligenciado como uma referência intelectual de Freire, ora superestimado, o legado de Fanon incorporado por Freire pode ser melhor delimitado, explicando questões como por exemplo o quanto sua teoria se embasou na relação senhor-escravo de Hegel ou na burguesia-proletariado de Marx, ou na colono-colonizado de Fanon, entre outras fontes teóricas. Minha hipótese é que, partindo de algumas fontes em comum, Fanon foi mais um teórico de referência para Freire que realizou uma mediação crítica com teorias estrangeiras, contribuindo para um esforço no qual Freire já estava engajado. Assim, busco responder se seriam as críticas de Fanon à educação política e sobretudo às legitimações da violência que teriam sido o seu diferencial para as elaborações de Freire na Pedagogia; evitando associações apressadas como as que atribuem à Fanon uma “forte influência” na análise da relação opressor-oprimido em Freire. Em seu diálogo com Fanon, de todo modo, Freire provocou reflexões construtivas para uma





educação libertadora. Compreendendo politização e violência como pares conceituais complexos, se pode problematizar diferentes formas de condução de projetos políticos e educacionais a partir das discussões feitas pelos dois autores.

### Palavras-Chave

Anticolonialismo. Alienação. Violência.



## A CONTRIBUIÇÃO DO AFROFUTURISMO PARA UM ENSINO DE FILOSOFIA QUE CONTEMPLE A LEI 11645/08

Juliele Maria Sievers  
[juliele.sievers@ichca.ufal.br](mailto:juliele.sievers@ichca.ufal.br)

### Resumo

Esta comunicação visa apresentar uma proposta para aulas de Filosofia que contemple a Lei nº 11.645, que desde 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira. Apesar da efetividade da lei, sua real observância nas escolas encontra obstáculos, já que os cursos de licenciatura em Filosofia não parecerem mobilizados a fornecer uma formação que a contemple de maneira satisfatória. Frente a isso, pretendemos apresentar uma possibilidade de inserção destas temáticas na aula de Filosofia através da abordagem do Afrofuturismo, uma corrente literária do gênero ficção científica que traz a particularidade de colocar como protagonistas personagens negros/as em contextos onde essa população não costuma ser representada, a saber, posições de domínio da tecnologia e autonomia em relação ao seu espaço na sociedade. O Afrofuturismo articula literariamente os aspectos futuristas aos elementos ancestrais do povo negro e indígena, colocando seus personagens em uma posição de centralidade em relação às suas próprias vidas e permitindo a percepção de um mundo onde a população negra e indígena não apenas sobreviveu, mas prosperou através da apropriação da tecnologia, sem desvencilhar-se de seu passado e sua ancestralidade. A adoção de textos literários Afrofuturistas na aula de Filosofia possibilita pensarmos a noção de “escovar a História à contrapelo” conforme sustentava Walter Benjamin em seu “Sobre o Conceito de História” (1940), ou seja, trazer elementos da cultura negra e indígena que sejam outros em relação aos comumente abordados nas escolas (sobretudo centrados nos períodos de exploração da escravidão e genocídios), permitindo que se projete uma perspectiva real de esperança e prosperidade que é pessoal e coletiva, ancestral e tecnológica. Com o Afrofuturismo, o passado histórico de violência não é – pois não deve ser – ignorado, mas sim considerado como um dentre os diversos fatos que podem ser trazidos à sala de aula a respeito destas populações. Entendemos que a inserção dos textos afrofuturistas na aula de Filosofia convém ao desenvolvimento pleno do “estudo da história e cultura indígena e afro-

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



brasileira” através dos conceitos filosóficos que deles emergem, e que podem ser trabalhados de forma transversal, favorecendo um ambiente propício ao desenvolvimento do pensamento crítico e à ampliação do repertório bibliográfico e conceitual vigentes na Filosofia.

## Palavras-Chave

Saberes afrorreferenciados. Ensino de Filosofia.



## A DESCOLONIZAÇÃO CONCEITUAL NO DISCURSO FILOSÓFICO- AFRICANO

Pedro Cebola Mazi  
[pedrocebolamazi@gmail.com](mailto:pedrocebolamazi@gmail.com)

### Resumo

Este artigo subordinado ao tema “A descolonização conceitual no discurso filosófico-africano” parte do reconhecimento de que a filosofia africana enfrenta desafios oriundos de discursos etnocêntricos que buscam marginalizá-la no âmbito do debate científico. Tradicionalmente, os sábios africanos foram marginalizados nesse debate público, rotulados como primitivos, pré-lógicos, supersticiosos, e portadores de discursos considerados irracionais ou mitológicos. No entanto, paradoxalmente, o filósofo ocidental muitas vezes anseia ouvir as vozes dos sábios tradicionais africanos em busca de uma compreensão mais ampla da existência humana. A diversidade cultural é inegável, e a comparação entre culturas não deve ser pautada em termos de superioridade ou inferioridade. Tanto o discurso ocidental quanto o africano representam diferentes caminhos na busca pelo conhecimento. Se durante o período colonial o pensamento africano foi subjugado por várias formas de dominação, incluindo a imposição política, ideológica e linguística, no pós-independência o discurso africano foi enraizado na estrutura conceitual ocidental, exigindo assim uma descolonização filosófica para que possa refletir a realidade do continente. A descolonização conceitual implica libertar a mente africana de modelos e conceitos estrangeiros, muitos dos quais remanescentes do colonialismo. Este estudo se baseia nas contribuições teóricas de diversos filósofos africanos, como Wiredu, Tempels, Hountondji, Nkrumah, Castiano e Ngoenha, e dialoga com outras correntes filosóficas globais. O estudo tem como geral refletir sobre as implicações epistemológicas da descolonização conceitual para fortalecer a posição da filosofia africana no contexto global. Espera-se que essa abordagem promova perspectivas interculturais e forneça uma pedagogia que não apenas critique, mas também proponha critérios para a produção e legitimação do conhecimento periférico. Por meio da máxima ubúntica “eu sou porque nós somos”, busca-se desconstruir os preconceitos negativos sobre a África e demonstrar que diferentes perspectivas são reconciliáveis, enriquecendo assim o



processo de construção do conhecimento. Essa jornada de descolonização conceitual restaura a autoestima do povo bantu, permitindo que eles se reconectem com sua herança cultural de forma reflexiva e crítica. O pensamento africano evolui com filósofos que selecionam e reinterpretam os valores africanos, separando a consciência reflexiva da mitológica.

### Palavras-Chave

Descolonização conceitual. Liberdade. Ubuntuísmo.



## A EDUCOMUNICAÇÃO COMO ALIADA DA PRÁTICA DECOLONIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Diane Andreia De Souza Fiala

[fiala.diane@gmail.com](mailto:fiala.diane@gmail.com)

### Resumo

O artigo trata da temática da educomunicação no ambiente escolar como propiciadora de experiências e ainda brindando oportunidades diversas no processo de divulgação de ações decoloniais. O tema é importante porque segundo Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel (2020, p. 10) o risco que se identifica é o de que “o projeto decolonial se [torne] apenas um projeto acadêmico [...] deixando de lado sua dimensão política, isto é, seu enraizamento nas lutas políticas de resistência e reexistência das populações afrodiáspóricas e africanas, indígenas e terceiro-mundistas”. De acordo com esses autores já é possível encontrar trabalhos acadêmicos cujo título faz referência à decolonialidade e que se restringe a citar autores da rede modernidade/decolonialidade, sem mencionar nenhum autor negro ou indígena, ou seja, “latino-americanos que falam a partir de uma perspectiva da população branca. Em outras palavras, a decolonialidade se torna mais uma moda acadêmica” (Ibidem, p. 10), deixando de ser um projeto de “intervenção sobre a realidade” (Ibidem, p. 10). Por este motivo o ideal é que seja, de acordo com os autores um projeto político-acadêmico, indo além da geopolítica do conhecimento e refletindo também sobre o corpo-política do conhecimento (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2020). Tais argumentos justificam a importância de que a decolonialidade se concretize a partir da ação social. Mas também é possível afirmar que o modelo educativo brasileiro segue o modelo eurocêntrico, dificultando a prática decolonial no ambiente escolar. A partir dessas constatações surgiu o seguinte interrogante de pesquisa: como expandir o conhecimento de ações decoloniais desenvolvidas no ambiente escolar? A hipótese inicial é a de ter a educomunicação como ponto de partida. Neste sentido, Kaplún (1985, 1998, 2001) e Kusch (1976) nos ajudam a pensar, respectivamente, em uma educação comunicante que respeita as origens dos indivíduos no processo educacional. Por este motivo o objetivo geral é apresentar contribuições da educomunicação que a transformam em aliada da prática decolonial no ambiente



escolar. A metodologia incluiu a revisão de literatura sobre o tema e análise do uso de mídias digitais para divulgação de resultados de ações decoloniais executadas durante o pós-doutoramento em Filosofia da Educação. Como resultados parciais destaca-se o fato da educomunicação ampliar o alcance de conhecimento de ações decoloniais desenvolvidas no âmbito escolar.

### **Palavras-Chave**

Educomunicação. Decolonialidade. Educação popular.



## A ETNOCIENCIA DAS MULHERES ANDINO-AMAZÔNICAS: BASE FUNDAMENTAL PARA O BEM VIVER.

Juliana Paola Diaz Quintero

[julianadiazquintero22@gmail.com](mailto:julianadiazquintero22@gmail.com)

### Resumo

Sendo uma filosofia prática e uma normatividade ética baseada na ideia de complementaridade e relacionalidade de todas as coisas e de todos os seres, a concepção quéchua e aimará de uma vida boa, *sumak kawsay/suma qamaña*, atribui um papel fundamental à sabedoria ancestral das mulheres andino-amazônicas. Por sua vez, a partir da Etnociencia entendida como o estudo do conteúdo e organização do conhecimento sobre a natureza em sociedades tradicionais, há toda uma revalorização da sabedoria dos povos indígenas. Esta área do conhecimento que faz parte da antropologia nos permitiu descobrir por exemplo, que as mulheres indígenas são as principais transmissoras e guardiãs da memória oral e do conhecimento ancestral que é transmitido de geração em geração. Nessa ordem de ideias, este trabalho busca evidenciar o papel das mulheres andino-amazônicas na construção cotidiana do bem viver, destacando a importância da etnociencia desenvolvida através de seu extenso e complexo conhecimento botânico, pelo qual garantem a soberania alimentar de suas comunidades e o cuidado e preservação do equilíbrio ecológico dos seus territórios. A partir da minha pesquisa doutoral sobre o *Buen Vivir Andino*, presumo que o conhecimento destas mulheres pode ser uma contribuição inestimável no campo do feminismo decolonial e comunitário e para as filosofias decolonial e do sul, pois abre um amplo cenário no qual a imagem do que é historicamente negado traz consigo novos horizontes de sentido. Por outro lado, tornar visível a ciência do outro/outra é dar voz a uma concepção alternativa de mundo que alberga soluções para a eminente catástrofe ambiental/capitalista e sendo o bem viver um discurso com um matiz marcadamente feminino, é fundamental dar a conhecer a diversidade de elementos que o constituem.

### Palavras-Chave

Etnociencia. Mulheres. Buen vivir.





## A IDEIA DE DESCOLONIZAÇÃO AFRICANA: CRÍTICA AO COLONIALISMO- RACISMO

Fabricio

[professorfabriciors@gmail.com](mailto:professorfabriciors@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho têm o intuito de analisar e de investigar o processo do colonialismo e a relação concebida através dele entre o europeu (colonizador) e o africano (colonizado). Investigaremos também o processo de descolonização do povo africano, tendo o objetivo de responder às seguintes perguntas: Como as Filosofias Africanas tornaram-se as margens do Cânone Filosófico Tradicional? Quais foram e ainda são as justificativas e quais são as formas de sairmos do etnocentrismo eurocêntrico? Qual a importância das Filosofias Africanas no Mundo? Iniciaremos, no primeiro capítulo, a análise de três conceitos: colonialismo, racismo estrutural e violência através do referencial teórico dos filósofos Achille Mbembe, Frantz Fanon, Aimé Césaire e da filósofa Hannah Arendt, com comentários do filósofo e advogado Silvio de Almeida. Isto, para compreendermos como foi concebida a colonização europeia e suas justificativas. No segundo capítulo, trataremos dos conceitos de negritude e de decolonialidade, através da investigadora Zilá Bernd e do filósofo Frantz Fanon, para entendermos o processo de ressignificação do negro no mundo. No terceiro e último capítulo, trataremos o filósofo Ivan Luiz Monteiro, possibilitando concluir a necessidade e a importância do endossamento da inserção da Filosofia Africana na Filosofia Tradicional eurocêntrica.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Decolonialidade. Colonialismo.



## A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE LÉLIA GONZALEZ E ANGELA DAVIS.

Tiliane Cassiano Alves  
[tiliane.cassiano@aluno.uece.br](mailto:tiliane.cassiano@aluno.uece.br)

### Resumo

Trata-se de uma investigação que busca; no âmbito da filosofia social e política, pensar como se constitui uma filosofia feminista negra desde as raízes do movimento junto das intelectuais aqui trabalhadas numa historicidade de ativismo, política e solidariedade coletiva entre lutas brasileiras e estadunidenses que na sua gênese por equidade em discursos contundentes não recorre ao ódio ou ao ressentimento para ser escutada e ao mesmo tempo se volta para os contextos históricos fundamentais, deixando conduzir o manifesto pela visibilidade do testemunho daquelas a quem foi silenciada a palavra e que com suas posturas, propósitos e intenções ecoou e ecoa por suas irmãs com proximidades entre épocas. Sendo um aspecto pertinente compreender como estas análises se constituem a partir da violência histórica marcada nos corpos dos movimentos de resistência, é o núcleo central abordado para uma contribuição teórica e política deslocando-se do eurocentrismo nas referências bibliográficas, embora não querendo fazer uma digressão histórica e sim ir pelo viés do eixo temático da ascensão da mulher negra, a luta pela liberdade e equidade e não caiado pela classe dominante branca ou que se define dessa maneira. Como uma passagem já mencionada por Lélia Gonzalez em *Por um feminismo Afro Latino Americano* os efeitos do racismo é o que considera a nossa fala “emocional”. Ou o que não se percebe é que, no momento em que denunciemos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito mais em quem nos ouve. Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. (2020, p. 43) O desenvolvimento da pesquisa dar-se dentre a exposição da categoria de Amefricanidade tratada por Lélia Gonzalez e o contexto histórico da mulher negra brasileira, dito isso em paralelo temos Angela Davis que traz inevitavelmente no eixo político suas tomadas de posições em relação aos problemas que foram silenciados diante das mulheres negras dos Estados Unidos,



onde surge o Feminismo Negro trazendo contribuições fundamentais a teoria crítica da raça diante das vertentes do movimento e pensamento feminista da luta da mulher negra.

### **Palavras-Chave**

Lélia Gonzalez. Angela Davis. Interseccionalidade.



## AS EPISTEMOLOGIAS DESCOLONIAIS E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE FILSOFIA: LEI 10.639/2003

Rita De Cássia Souza Martins Rita Martins

[mulungumartins@gmail.com](mailto:mulungumartins@gmail.com)

Gabriel Kafure Da Rocha

[gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br](mailto:gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br)

Anna Christina Freire Barbosa

[acbarbosa@uneb.br](mailto:acbarbosa@uneb.br)

### Resumo

Os povos advindos da diáspora africana povoaram o território brasileiro e com seu trabalho, culturas e tradições contribuíram para a constituição da diversidade das identidades nacional. No entanto, as nações colonizadoras desde a época do processo de escravidão dos (as) negros (as) fomentaram e efetivaram estruturas e procedimentos para, de um lado, produzir as lacunas de origem e identidade, e de outro, o acultramento com o firme propósito de apagar as histórias, memórias, e tradições dos(as) africanos(as). A Comunidade Remanescente de Quilombo de São Tomé-BA, lócus dessa pesquisa, é uma das vinte e uma (21) comunidade quilombola reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (FCP) na cidade de Campo Formoso-BA pós Constituição Brasileira de 1988, município parte constituída do Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru Baiano localizado na região noroeste do Estado, caracterizado como Território do sertão e da caatinga do nordeste brasileiro. Dentro desse contexto, o presente estudo propõe-se a identificar e analisar as comunidades remanescentes de quilombos do TIPNI no que tange os saberes tradicionais constituídos, produzidos, preservados e valorizados à luz da diáspora Africana sob as perspectivas do intercruzamento das epistemologias de Fals Borda com a pesquisa descolonial investigación-acción participative (IAP), Frantz Fanon com as obras: Os condenados da terra (1968) e Pele negra, máscaras brancas (2008) e Paulo Freire no bojo das abordagens de educação problematizadora/libertadora e a ressignificação do Ensino de Filosofia sob a égide da Lei nº 10.639/2003. A pesquisa em tela, versará na perspectiva interdisciplinar intercruzando a pesquisa qualitativa com



abordagens da Pesquisa Ação Participante, bibliográfica e documental. Em consonância com o texto dissertativo, o produto final: Museu Virtual que tem no seu acervo fotográfico as manifestações orais e atividades cotidianas das culturais, histórias e memórias da Comunidade Remanescente de Quilombo de São Tomé-BA aludindo uma rede de conexões filosóficas e educativas com vistas a ressignificação da práxis educativa do Ensino de Filosofia e áreas afins sob a égide da Lei nº 10.639/2003 no Colégio Estadual Quilombola de São Tomé-BA.

### Palavras-Chave

Epistemologias Descoloniais. Ensino de Filosofia.



## ASÉ: ESTUDO SOBRE UMA ONTOLOGIA AFRICANA

Quênia Agnes De França Silva

[quenia.agnes@ufpe.br](mailto:quenia.agnes@ufpe.br)

### Resumo

Compreender o culto aos Òrìṣàs é igualmente necessário para um entendimento sobre a representação material do Àṣẹ da Natureza. O transe mediúnico é uma demonstração física de uma experiência metafísica que se dá através do Àṣẹ. Logo, os Òrìṣàs, o transe e o Àṣẹ são a ontologia de base do Candomblé. Sendo assim, a composição metafísica do existir é o Òrìṣà e o transe é a expressão do Àṣẹ no mundo físico. Consideraremos que a oralidade é a constituição fundamental tanto da mitologia quanto da epistemologia do Candomblé, os itãs - histórias sagradas – são a espinha dorsal do desvelamento filosófico africano do Candomblé brasileiro. O Àṣẹ é um dos fundamentos primordiais deste culto, por isso, buscaremos compreender a ontologia do candomblé. Analisando então, esse conceito dentro da filosofia afrodiáspórica e Yoruba. Para compreendermos o culto aos Òrìṣàs é igualmente necessário para um entendimento sobre a representação material do Àṣẹ da Natureza. No candomblé o transe mediúnico, processo pelo qual o médium vira sua Natureza, é uma demonstração física de uma experiência metafísica que se dá através do Àṣẹ. Logo, os Òrìṣàs, o transe e o Àṣẹ constituem a ontologia de base do Candomblé. Sendo assim, a composição metafísica do existir é o Òrìṣà e o transe é a expressão do Àṣẹ no mundo físico.

### Palavras-Chave

Candomblé. Metafísica. Ase.



## AYÜN-ÑUKE-MAPU O SOBRE LA LIBERTAD MAPUCHE EN SU ENCUENTRO CON LA NATURALEZA

Miguel Antonio Ahumada Cristi  
[miguel.ahumada.cristi@gmail.com](mailto:miguel.ahumada.cristi@gmail.com)

### Resumo

Los mapuches son un pueblo indígena sudamericano. Habitan principalmente el sur de los estados de Chile y de Argentina, tierras de las cuales son originarios. Desde las invasiones del hombre europeo, a inicios de la Edad Moderna, que los mapuches vienen siendo amenazados, violentamente, por la cultura occidental. La amenaza tiene una triple esfera, en estrecha relación: es territorial, es étnica y es religiosa. Wallmapu, que significa tierra o territorio circundante, es el nombre que los mapuches otorgaron a su territorio, como símbolo unificador de la protección de su espacio, primero ante el invasor europeo y luego contra los estados nacionales. Procura dar sentido a la defensa y recuperación de su territorio. En otras palabras, es un símbolo de la lucha por la protección de su legítimo espacio geográfico y, paralelamente, de su cultura ancestral. Gracias a que los mapuches siempre tuvieron plena claridad de quienes son, su identidad, cultura y territorio, han podido resistir firmemente a los intentos de invasión armada, colonial y postcolonial, y de la extensión cultural del Occidente europeo. Es por ello que hoy podemos observar cómo han mantenido fuertemente sus creencias, su religiosidad y cosmovisión. Nuestro objetivo es presentar el concepto de “Ayün-Ñuke-Mapu”, cuyo significado es ‘amor a la madre tierra’. Se trata de un eje central de la existencia mapuche, una cosmovisión que expresa, religiosamente, la relación del ser humano con la naturaleza: una íntima conexión de mutuo cuidado. Es en este vínculo donde el mapuche encuentra y da significado a su libertad de ser, como entidad que se constituye al donarse espiritualmente a los elementos del medio natural.

### Palavras-Chave

Mapuche. Ayün-Ñuke-Mapu. Libertad.



## CONCEPÇÃO INTEGRADA ENTRE SER HUMANO E NATUREZA: A FILOSOFIA DE BUNSEKI FU-KIAU

Joana Tolentino

[joana.tolentino@gmail.com](mailto:joana.tolentino@gmail.com)

### Resumo

Vivemos hoje em meio à crise de um modelo de humanidade, que se mostra em diferentes facetas, como crise ambiental e climática, que também é a crise do modelo de produção capitalista, a crise da educação e uma verdadeira crise de valores. E do quanto sabemos que essa crise é um projeto em si, e não a falência de algum projeto que teria ficado pelo caminho. Qual é a reponsabilidade da filosofia por essa crise que desde há muito vivemos? De que modo a filosofia pode contribuir para que consigamos perceber as nuances desta crise? E, principalmente, quais caminhos as filosofias, em sua diversidade, apontam, no sentido de viabilizar outros modos de ser, viver e conviver? A filosofia, em sua herança canônica ocidental, nos legou a cisão entre ser humano e natureza. Esse é um dos maiores obstáculos para uma vida ética, que leve em consideração tanto o humano e sua convivência dentro da própria espécie, mas também toda a multiplicidade de seres vivos que, interligados, proporcionam uma teia de vida e saúde que a tudo sustenta. A tradição eurocentrada, como já tão denunciada, criou hierarquizações que instauraram abismos: pequenas ilhas de ser, em meio a um mar de existências negadas, sob categorias de exclusão e suas intersecções, racializando, genderizando sexualizando e, assim, marginalizando diferentes modos de estar e habitar o mundo. No entanto, é possível identificar na tradição da filosofia africana e afrodiáspórica um caminho fértil para a aprendizagem de outros modos de habitar o mundo, a partir de relações horizontais entre humanos e não-humanos, seres visíveis e invisíveis, abrindo brechas para existências potencializadoras. Nesse estudo objetivamos aprofundar a pesquisa na relação entre ser humano e natureza, a partir de leituras de textos referenciais do filósofo congolês Bunseki Fu-Kiau, que trazem a concepção da natureza como sagrada. Nessa hipótese de trabalho, referenciais da filosofia africana e afrodiáspórica tornam-se elos indispensáveis para concepções existenciais filosóficas que valorizem a convivência nutridora entre diferentes seres vivos, potencializando a energia vital de todas as existências.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Ser humano. Natureza. Fu-Kiau.





## DA DEMOCRACIA À TEOCRACIA: OCASO DA POLÍTICA NO BRASIL

Daniel Pansarelli

[daniel.pansarelli@ufabc.edu.br](mailto:daniel.pansarelli@ufabc.edu.br)

### Resumo

Um dos elementos constitutivos do mito fundador do Brasil é a afirmação orgulhosa e ideologizada de que se trata do maior país católico do mundo. Parte do mito estruturante nacional, tal afirmação tem lastro na história colonial: a Bula Papal Inter Coetera de maio de 1493 dava aos reis de Espanha e Portugal e a seus descendentes direitos sobre as terras, riquezas e povos descobertos e por descobrir, para que se consagrasse ali a fé católica. Os Colégios Jesuítas, espaços primeiros de inserção da Filosofia no Brasil, eram ferramentas para esta tarefa, assim como o eram a guerra, a tortura, a mutilação, o assassinato. A Filosofia e a educação jesuítas, que permaneceram como modelos únicos vigentes por mais de duzentos anos, garantiram pela violência a disseminação católica pelo país, fazendo com que, tal como a língua única havia sido implantada de Sul a Norte, também uma religião geral se fizesse presente no imaginário nacional. Mas aquela ideia sobre o ‘país católico’, antes de ser um fim, parece ter se tornado apenas o solo fértil para uma mudança sutil e relevante que vem se verificando ao longo das últimas décadas: o Brasil ruma a se tornar ‘o maior país cristão’, mas não necessariamente ‘católico’. Se em 1970 os católicos somavam 91,8% da população brasileira, em 2010 já eram apenas 64,6%. No mesmo período, a população evangélica passava de 5,2% para 22,2%, segundo dados do IBGE. Já em 2020, a quantidade de evangélicos alcançava 31%, impulsionada, tal como nas décadas anteriores, pela expansão de um modelo cristão fundamentalista, neopentecostal. Neste último período, também, verificou-se a ampla expansão da presença de líderes religiosos em atuação política institucional, partidária e de governos. São líderes que participam da formação política de seu eleitorado – conservadora e fundamentalista – e depois a defendem na construção dos rumos da política nacional. Constituem aquilo que ficou popularmente conhecido como ‘bancada da bíblia’ no Congresso Nacional e que, ao lado da ‘bancadas do boi’ e ‘da bala’ levam para a prática política brasileira valores ancorados em uma espécie de filosofia política condizente ao modo de produção feudal – que historicamente, no caso brasileiro, sempre fundiu-se como o

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



modo escravagista. A partir destes elementos, pretende-se oferecer uma interpretação da filosofia política brasileira em sua construção rumo à teocracia, amplamente respaldada por cristãos, sejam evangélicos ou católicos.

## Palavras-Chave

Brasil. Democracia. Teocracia.



## DA DEMOCRACIA LIBERAL À REVOLUÇÃO CULTURAL: A TRANSFORMAÇÃO DO PENSAMENTO POLÍTICO DE PAULO FREIRE

Rafael De Oliveira Gonçalves  
[rafael.o.goncalves@gmail.com](mailto:rafael.o.goncalves@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é expor uma análise da transição no pensamento político de Paulo Freire, particularmente a passagem da defesa de uma democracia liberal para a advocacia de uma revolução, conforme expresso respectivamente nas obras *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*. Inicialmente, Freire promove a construção de uma democracia burguesa/liberal, destacando a importância da educação para a liberdade existencial e pessoal. No entanto, em *Pedagogia do Oprimido*, ele enfatiza a necessidade de uma revolução cultural e política para superar a opressão e a dependência das sociedades periféricas em relação aos centros metropolitanos. Freire critica as abordagens reformistas e destaca que a verdadeira transformação requer uma conscientização crítica e contínua dos oprimidos, que deve começar antes mesmo da conquista do poder político. Sua visão de revolução vai além das mudanças estruturais, propondo uma revolução cultural permanente que envolva a sociedade como um todo, promovendo uma constante renovação das relações sociais e superando os mitos que sustentam a opressão. Nesta comunicação, buscaremos mostrar a evolução de Freire como um defensor da democracia liberal para um proponente de uma revolução cultural, sublinhando a educação dialógica como essencial para a humanização e emancipação das sociedades oprimidas.

### Palavras-Chave

Paulo Freire. Democracia. Revolução.



## DESCOLONIZAR-SE TAMBÉM É UM PROJETO POLÍTICO

Eric Botezini Queiroz  
[ericqueiroz200@gmail.com](mailto:ericqueiroz200@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho de pesquisa, busca, não só, ser uma crítica à intelectualidade brasileira e latino americana que se propõem a pensar e encarar a realidade a partir de uma perspectiva pós-colonial, como também tenta reforçar o compromisso que ela deve ter em alicerçar a sua produção a partir da materialidade histórica e cotidiana da população desses países considerados como o Terceiro Mundo ou Subdesenvolvidos, localizados ao sul global. Para tal, reconstruirei os argumentos do filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez, que evidencia a necessidade, tanto da desconstrução do mito eurocêntrico da modernidade (GOMEZ. 2021), quanto demonstrar a importância do domínio de aspectos epistêmicos e culturais - intrínsecos à subjetividade – desempenharam nos projetos de colonização. O produto, de um pensar as relações de Poder, políticas e econômicas macroestruturais, sem considerar a materialidade das subjetividades e os conhecimentos produzidos pelos povos colonizados, só pode ser visto como um pensamento incompleto (GOMEZ. 2021) para qualquer teoria pós e des-colonial. Assim como os diferentes Grupos de Estudos Subalternos e o chamado Modernidade/Decolonialidade, ao qual Santiago se insere e faz referência em suas análises, usam Michel Foucault enquanto uma ferramenta de análise para demonstrar como os saberes e as subjetividades dos subalternizados foram tratados e usados como instrumento de controle e poder (FOUCAULT. 2017) principalmente a partir do século XVI, incorrendo também na associação com o filósofo francês – e outros filósofos da subjetivação como Deleuze e Derrida – às críticas direcionadas ao pensamento marxista e a sua não preocupação com essa dimensão da vida no terceiro mundo. O ponto em questão, não é pensar um projeto de des-colonização enquanto uma ruptura e distanciamento entre esses diferentes linhas, mas trata-lo aliado a um projeto político que dê visibilidade às diferentes formas de ser e conhecer.

### Palavras-Chave

Pós-modernidade. Des-colonialidade. Poder.



## DESESTABILIZAR A HISTÓRIA: UMA IRRUPÇÃO INCA NO PILAR DA HISTORICIDADE

Joaquim Barbosa Dos Santos Júnior

[joaquim.barbosa94@gmail.com](mailto:joaquim.barbosa94@gmail.com)

### Resumo

A recuperação de nossas próprias histórias é um dos esforços intelectuais e políticos mais notáveis no empenho de superar a colonização. Denise Ferreira da Silva (Homo Modernus: para uma ideia global de raça), entretanto, nos alerta para o risco dessa empreitada. Quando proclamamos a autonomia dos povos desde os conceitos habituais (europeus) da história, governados pela transparência, corremos o sério risco de manter normalizado o racismo inventado pelos critérios científicos gestados no século XVIII (Kant e Herder, através das noções de universalidade e historicidade, respectivamente), contando os “outros” da Europa como histórias “menores”, subdesenvolvidas. Herder é descrito por Ferreira da Silva como o pilar da historicidade moderna, mas também é um dos poucos textos na Europa do século XVIII que abomina o empreendimento colonial. Para além do vínculo entre linguagem e razão, Herder possui como um de seus principais legados para a história da filosofia a associação entre as palavras alemãs Volks e Geist: Volksgeist – o espírito do povo. Os povos estariam disseminados pelo globo e cada um deles seria dotado de uma peculiaridade específica, incarnada nos seres humanos através de uma experiência de linguagem, transmitida como uma espécie de “tesouro” ancestral, um acúmulo transmitido e reelaborado através das gerações. Na parte inicial do “Ensaio sobre a origem da linguagem”, de 1772, Herder aponta o peruano Garcilaso de la Vega, filho de uma princesa inca e um colonizador espanhol, como uma referência que teria explicitado os perigos da invasão de uma língua estrangeira no modo de pensar de seu povo. Autor dos “Comentários reais sobre os incas”, Garcilaso tentava resguardar a história peruana ao escrever sobre as histórias, assim como o modo de contá-las, que aprendeu ao crescer perto de sua mãe. Embora esse esforço seguisse o estilo humanista da Europa de seu tempo, era informado por uma tradição que se utilizava dos quipus, assim como da oratória, para transmitir sua história, o que fez sua obra ser desacreditada pela historiografia peruana contemporânea, dada a baixa



confiabilidade dessas fontes (embora tenha sido importante na formação de importantes figuras de resistência, como o de Tupac Amaru II e Carlos Mariátegui). Nos aprofundaremos nessas formas Inca de transmitir a “história” com o intuito de desestabilizar os critérios apresentados por Herder, tendo em vista a maneira como Garcilaso aparece dentro do “Ensaio”.

### Palavras-Chave

História. Colonização. Garcilaso de la Vega.



## ECOFEMINISMO E UMA FILOSOFIA DO TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS COMUNS

Andrei Thomaz Oss-Emer  
[andrei.thomazoss@gmail.com](mailto:andrei.thomazoss@gmail.com)

### Resumo

Neste texto apresentamos uma perspectiva ecológica do trabalho da mulher em relação comunitária e coletiva, no cuidado dos bens comuns, desde uma perspectiva anticapitalista. Pela leitura de Val Plumwood, apresenta-se uma crítica filosófica sobre a estrutura de dominação que molda o pensamento ocidental e consequentemente suas estruturas epistêmicas, com Silvia Federici enfatiza-se a economia oculta no trabalho reprodutivo, produtivo e afetivo da esfera doméstica, o ponto zero da acumulação primitiva e, consequentemente da revolução, pois em diversos lugares e tempos históricos foram as mulheres que garantiram a centralidade dos comuns para a subsistência da vida. Há muito mais do que subsistência nas diferentes formas de viver a agricultura camponesa e comunitária nos muitos pequenos lugares do mundo. É pela capacidade de reproduzir seus modos de existência que o trabalho invisibilizado das mulheres adquire um caráter central para o ecofeminismo e uma ecofilosofia que considera o cuidado com os bens comuns um modo de trabalho indispensável para a preservação da biodiversidade e para a garantia de um futuro que, além de nos livrar do iminente colapso ambiental, concretize a responsabilidade para com a todas as formas de vida.

### Palavras-Chave

Ecofilosofia. Libertação. Agroecologia.



## ENRIQUE DUSSEL E A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA A DESCOLONIZAÇÃO DA FILOSOFIA

Gilmara Natividade Damasceno  
[gilmaradamasceno@outlook.com](mailto:gilmaradamasceno@outlook.com)

Liciane De Souza E Souza  
[licianesouza.prof@gmail.com](mailto:licianesouza.prof@gmail.com)

### Resumo

Enrique Dussel (1934–2023) comprometido com o pensamento/conhecimento crítico libertador, tem como foco principal a crítica ao pensamento filosófico eurocêntrico e aos pressupostos da racionalidade que parte da Europa e é aclamada como universal e unicamente válida. Dessa forma, critica esse sistema-mundo fundamentado em perspectivas cartesianas, pois embora o autor reconheça a relevância da filosofia ocidental, trabalha no sentido de desconstruir binarismos (ser/não-ser; civilizado/atrasado; central/periférico), saberes e epistemologias construídas em pressupostos hegemônicos, logo, universais: etnocentrismo europeu. Evidenciando que a América-latina se guia a partir da referência do europeu, destaca a necessidade de “descobrir a sua realidade oculta” na história Mundial (Dussel, 1995, p. 14). Por isso, propõe a existência de uma filosofia que seja própria da América-latina, não no sentido de universal ou totalizante, mas para evidenciar e valorizar saberes, epistemologias e alternativas ao mundo/moderno/colonial/capitalista, uma filosofia comprometida com “os de baixo”, proporcionando uma leitura crítica do mundo: uma práxis que parte dos oprimidos e tem na libertação e emancipação o seu ápice. O anúncio da filosofia da libertação reivindica o reconhecimento da alteridade e tenciona a colonialidade epistêmica. É sobre este aspecto que se debruça este trabalho, de revisão bibliográfica, cuja problemática é: como Enrique Dussel, com sua Filosofia da Libertação, contribui para a descolonização da Filosofia a partir da América Latina? O objetivo é analisar as contribuições de Enrique Dussel, através da Filosofia da Libertação, para o pensar/atuar à descolonização da filosofia. O estudo traz duas seções: 1-as reflexões do autor acerca da filosofia ocidental, que pensada como única realidade, autodescreveu-se como superior, relegando às culturas não europeias a





condição de “não ser” (Dussel,1977, p.11) e 2- a Filosofia da Libertação e sua ideia de Transmodernidade como projeto político, epistêmico, pedagógico que contrapõe à modernidade/colonialidade por meio do reconhecimento das epistemologias, povos e saberes que ultrapassam a tipificação social europeia e colonialista marcadamente presente nas tradições filosóficas, sociais e educacionais.

### **Palavras-Chave**

Dussel. Descolonização. Filosofia da Libertação.



## FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA: DISCURSO OCIDENTAL EM DIREÇÃO A ÁFRICA E A RESPOSTA AFRICANA

Filipe Joaquim Kalenguessa  
[kfilipejaquim@gmail.com](mailto:kfilipejaquim@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama parcial da exposição das primeiras aproximações da filosofia africana contemporânea, entendendo que, a delimitação da historicidade ou do debate da filosofia africana passa, ou teve, ou continua historicamente vinculado a dois acontecimentos centrais: o primeiro, diz respeito ao discurso ocidental sobre África e o segundo, a resposta dos africanos e não só, sobre tal discurso. No cerne do debate, está o conceito de razão como pedra angular, conceito este que se acredita estabelecer uma diferença entre o civilizado e o incivilizado, o lógico do místico, o belo do grotesco. De modo geral, o discurso dominante imprimiu na modalidade epistêmica uma série de preconceitos que relegou África a um continente sem passado, sem história, sem cultura, sem civilização, mergulhado, de fato, nas trevas e na barbárie. Essa pavimentação, continua até hoje a desempenhar um papel importante na discussão sobre filosofia africana, com especial destaque para o questionamento da sua ontologia, isto é, se existe ou não uma filosofia africana no sentido estrito do termo. Na base do questionamento existem (várias) camadas que quando não percebidas reproduzem na íntegra o preconceito presente no século das Luzes. Nesse sentido, para compreender a dinâmica deste fenômeno, estruturamos o artigo em duas seções: a primeira, sobre o discurso ocidental sobre África e o negro, trabalha a questão das narrativas ocidentais em direção a África e em específico o negro, tomando como elemento algumas passagens de autores ocidentais que apresentaram visões sobre África do ponto de vista depreciativo e caricato, tendo como componente central a negação da racionalidade dos povos africanos. Na segunda seção, abordaremos a resposta africana a este discurso. Para isso, invocaremos um dos principais movimentos que contribuíram para a desconstrução das narrativas ocidentais, a egiptologia, argumentando que o Egito influenciou e contribuiu para o desenvolvimento da filosofia grega e, conseqüentemente, da filosofia ocidental.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Egiptologia. Razão.



## FILOSOFIA AFRICANA DO ANTIGO EGITO: CONCEITOS E ALGUNS PENSADORES

Nazito Pereira Da Costa Júnior

[nazitofilosofo@gmail.com](mailto:nazitofilosofo@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre definição de filosofia e a existência de filósofos do antigo Egito. Nosso objetivo é apresentar as principais fontes de referências históricas e epistemológicas sobre a filosofia, seus conceitos e pensadores do antigo Egito. Partimos da premissa de que é preciso desconstruir a ideia de que filosofia é um conteúdo genuinamente ocidental, eurocêntrico nascido na Grécia. Muitos comentadores e historiadores da filosofia ocidental acreditam que os pioneiros da atividade filosófica no mundo foram os pré-socráticos e os filósofos clássicos da Grécia. Discordamos veementemente dessa crença. Reforçamos neste artigo que a atividade filosófica e seus conceitos já existiam antes dos pré-socráticos, conforme dizem Maulana Karenga, Théophile Obenga, Molefi Kate Asante entre outros. Portanto, serão apresentados aqui os conceitos de filosofia daquela região africana, bem como alguns dos principais filósofos, cujo teor filosófico pode ser aplicado atualmente.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Filósofos do antigo Egito.



## GLOBALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: A MARGINALIZAÇÃO EM UM CONTEXTO PERMEADO POR INTERNACIONALIZAÇÃO

Raiany Evelin Soares Da Silva  
[evelinraiany@gmail.com](mailto:evelinraiany@gmail.com)

Antônia Athom Porfirio Lima  
[athomzinha@gmail.com](mailto:athomzinha@gmail.com)

### Resumo

Estamos em um tempo atravessado por processos de dominação que categorizam as existências e definem mecanismos que condicionam e institucionalizam nossa relação com o conhecimento, os intensos debates acadêmicos atuais têm debruçado esforços para explicar uma libertação desses processos. Aguçando memórias da experiência da nossa existência com o corpo duro e institucional do conhecimento científico, três questões aumentam a crítica ao modelo civilizatório adotado pela modernidade/colonialidade, que formatou outridades e tentou universalizar as subjetividades e a forma de experienciar as relações com a natureza: Dá para escrever sobre universidade sem considerar a contribuição filosófica e institucional que deu bases científicas para o projeto colonial? É possível experiências não ocidentais serem possibilidades de acesso ao conhecimento? Há espaço para outras práticas e referências sem que haja descrédito político e epistêmico? Mobilizada por tais questionamentos, esta escrita contribui para o debate acadêmico e desafia paradigmas filosóficos e políticos que estão colocados para a universidade nesta era. Esta bibliografia não pretende definir nem neutralizar práticas de internacionalização, pelo contrário, é aqui trazida para explicar um projeto moderno de validação da verdade por meio do conhecimento científico, no sentido de um fenômeno constante caracterizado por sua capacidade de se atualizar sem evidenciar suas lógicas racistas, elitistas e coloniais/modernas. A discussão se articula com Quijano (2005) ajudando a argumentar sobre a contribuição da universidade para o eurocentrismo e a violência epistêmica, com Grosfoguel (2016) trazendo as justificativas adotadas pela filosofia moderna na definição do privilégio epistêmico do homem ocidental e sua superiorização por dentro das universidades ocidentalizadas, Maldonado-Torres



(2019) trazendo as nuances da colonialidade, Kilomba (2020) mostrando como se estrutura uma hierarquia violenta que determina quem pode falar as gramáticas da verdade e na crítica de Leal (2020) e Castro (2021) à neutralidades evidenciadas em trabalhos sobre internacionalização como Santos e Filho, (2011) e Knighth (2020). Analisando as contribuições dos referidos autores e autoras observamos que o processo de internacionalização segue pautado em uma narrativa que versa sobre movimentos intelectuais de cooperação entre distintas partes do globo, na verdade camufla mecanismos o qual reforçam todo um discurso hegemônico.

### **Palavras-Chave**

Globalização. Colonialidade. Internacionalização.



## HÁ UMA VOCAÇÃO DECOLONIAL NA FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE WALTER BENJAMIN?

Luciano Gomes Brazil  
[brazil.filosofia@gmail.com](mailto:brazil.filosofia@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho procura traçar uma aproximação crítica entre a filosofia da história de Walter Benjamin e a tese decolonial de Aníbal Quijano. A partir da pergunta principal, título deste trabalho, há uma vocação decolonial na filosofia da história de Walter Benjamin? analiso alguns trechos das teses sobre o conceito de história e procuro cruzar um retrospecto com a tese da colonialidade do poder de Quijano, especificamente a partir da distinção entre a história autêntica, a dos vencidos, e a história inautêntica, dos vencedores. Walter Benjamin se pergunta: com quem o historiógrafo do historicismo sente empatia, e a resposta será: a dos vencedores. Considerando que os que dominam são os herdeiros de todos os que venceram, a aproximação com a colonialidade do poder desenvolvida por Quijano não parece forçada, revelando, talvez, uma vocação decolonial na filosofia da história de Benjamin. Neste trabalho, pretendo analisar esta possibilidade, sua legitimidade e extensão a partir de uma segunda pergunta: que tipos de resultados adviriam de uma autêntica escrita da história?

### Palavras-Chave

Benjamin. Quijano. Filosofia da História.



## HUMANISMO INTERCULTURAL EM RAÚL FORNET-BETANCOURT

Íris Uribe

[irisf.uribe@gmail.com](mailto:irisf.uribe@gmail.com)

### Resumo

O propósito da comunicação a ser apresentada no XX Encontro ANPOF -2024; é pensar um humanismo possível, intercultural, um diálogo entre as diversas formas de compreender o sentido e o fim do humano à luz de Raúl Fornet-Betancourt. A pergunta pela transformação intercultural das diversas concepções do ser humano, motiva outras questões: como se configuram os recursos essenciais de um humanismo que possa ser chamado intercultural? De que maneira sua interculturalidade real, pode oferecer uma alternativa universalmente compatível ante a grave crise de sentido que faz estremecer as sociedades atuais? Diante dessas e de outras reflexões necessárias não há como fugir do desafio de um “humanismo intercultural” que para além de responder ao desafio cultural da globalização em nosso presente, queira, sobretudo mostrar caminhos que tornem possíveis a realização de pertencimentos culturais concretas, e, além disso, ter claro que isso requer renunciar a qualquer fixação etnocêntrica na realização do próprio, para tentá-lo justamente no processo de abertura ao Outro. O “humanismo intercultural” não se concebe nem como uma nova ideologia, nem como uma visão do mundo, mas como um processo de aprendizagem. O perfil desse novo humanismo exige-nos uma reflexão aprofundada.

### Palavras-Chave

Fornet-Betancourt. Humanismo. Transformação intercultural. Crise.



## IYÁ E SENIORIDADE EM DESTAQUE: CATEGORIAS SOCIAIS IORUBÁS EM ANÁLISE A PARTIR DE OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ

Yasmin Alcantara Galvão Pereira

[yasmin.galvao@ufabc.edu.br](mailto:yasmin.galvao@ufabc.edu.br)

### Resumo

Os argumentos de Oyèrónké Oyěwùmí em sua obra *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (1997) fizeram-na amplamente reconhecida e criticada centralmente por dois argumentos. O primeiro é o de que o gênero não era uma categoria originalmente balizadora dos costumes sociais dentre todos os povos, em específico os Oyo-Iorubás. O segundo é referente à sua crítica às teorias feministas corroborarem com a bio-lógica presente na cosmovisão. Embora a autora não afirme ou defenda a destituição da categoria gênero para a restituição dos costumes pré-coloniais iorubanos, ou se posicione contra as feministas, as críticas, sobretudo à *A invenção das mulheres*, compreendem como equivocada a afirmação de que o feminismo coaduna com a bio-lógica presente na cosmovisão, bem como defendem que a socióloga ignora as relações de gênero existentes em seu povo desde antes da colonização. A comparação entre o foco das críticas à Oyěwùmí estarem restritas massivamente sobre dois de seus argumentos e a percepção de que sua análise, além de uma ampla argumentação acerca das estruturas da cosmovisão, também apresenta estruturas sociais autóctones da cosmopercepção Iorubá são diferentes as estruturas sociais que usualmente consistem em análise teórica. A pouca análise filosófica destas estruturas sociais, feita sem a utilização de categorias ocidentais para as compreendê-las, aponta o objetivo deste texto que consiste em retomar o que a autora descreve acerca das categorias sociais de senioridade e Iyá. Muito embora as críticas especificamente à *A invenção das mulheres* sejam um diálogo crítico importante, pois denota a compreensão que vem sendo tida acerca dos argumentos oyewumianos, o foco do presente texto em analisar apenas as categorias autóctones de senioridade e Iyá, consiste em apontar como a relacionalidade da senioridade coaduna com a linearidade de Iyá. Sob a justificativa de que recuperar como foi possível a existência de liames sociais não corporificados consiste em um problema ético relevante, que mesmo sem a pretensão de transpor o gênero, pode





demonstrar que existiram formas de organização não balizadas por tal categoria. Para alcançar tal desiderato, as obras *A invenção das mulheres* e *What gender is motherhood?: changing Yorùbá ideals of power, procreation, and identity in the age of modernity* (2016), serão os referenciais centrais, analisadas em paralelo entre si.

### Palavras-Chave

Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí. Cosmopercepção. Ìyá.



## LIBERDADE E IGUALDADE NA ETIÓPIA: PERCURSOS PELO FILÓSOFO DA CAVERNA YAQOB ZERA

Carlos Getúlio De Freitas Maia

[getulio.maia@ifce.edu.br](mailto:getulio.maia@ifce.edu.br)

### Resumo

Em muitas definições, a Etiópia foi o único território africano não-colonizado pelas agências europeias, um fato que, de si, já chama atenção. A descolonização do pensamento projetada a partir daí ganha, nesse sentido, uma potência própria que nos propõe e requer um posicionamento que também diz respeito à filosofia. O filósofo Yaqob Zera, hermitão de cavernas, propõe uma divisa criteriológica para as religiões da Etiópia, com fortes críticas ao Islã, ao Judaísmo e ao Cristianismo. Seu pensamento sobre igualdade entre gêneros, liberdade como condição humana e o papel da razão (qiné) perante as religiões atraem para o filósofo a ira do Imperador e a perseguição da facção católica. Mesmo assim, e talvez por causa disso, seu julgamento sobre os limites da religião e suas falhas quanto aos costumes, são o foco de sua Investigação (Hateta). Não apenas por anteceder em 150 anos certas verdades autoevidentes do Iluminismo, mas por revelar a potência do pensamento exterior à Europa, Yaaqob Zera tem ainda muito a nos ensinar a pensar de forma livre, autônoma e racional.

### Palavras-Chave

Razão. Igualdade. Liberdade.



## O CÍRCULO DE KASHINDI E OS PILARES DO ETHOS UBUNTU

Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues Dos Santos

[ivanluiz.m@gmail.com](mailto:ivanluiz.m@gmail.com)

### Resumo

Nosso trabalho consiste na análise do conceito ubuntu, investigado pelo filósofo sul-africano, Magobe Ramose, principalmente à acepção ética desse termo a partir da interpretação de Jean-Bosco Kashindi (2017). Trata-se de oferecer uma crítica à esquematização que Kashindi (2017, p.14) propõe a filosofia ubuntu como uma ética africana. Embora não seja o caso de divergir quanto ao caráter humanístico e inclusivo desta filosofia, defendemos que a exposição de Kashindi não alcança demonstrar os elementos estruturais que permitem categorizar o ethos ubuntu. Todavia, mesmo com a dificuldade esquemática, entendemos que o texto de Kashindi aponta para reflexões (partindo de provérbios dos povos bantu) passíveis de consolidar uma explanação da ética ubuntu calcada numa conformação circular nas ações e relações em que o Eu/Nós busca Fortalecer-se/Ser Fortalecido ao Doar/Receber que se retroalimenta na dinâmica Solidária/Responsável, explanação essa que nomeio Círculo de Kashindi. Prede-se com isso demonstrar que este círculo possui quatro princípios constitutivos, a saber, o metafísico, o antropológico, o político e crítico, fundamentos estes que se presentificam por meio do resgate aos provérbios como filosofia da sagacidade.

### Palavras-Chave

Ubuntu. Ética inclusive. Princípios morais.



## O CONCEITO DE FRACTALIDADE A PARTIR DOS TERREIROS DE CANBOMLÉS: REFLEXÕES SOBRE PARADIGMAS AFRICANOS

Thaíssa Alves Gonçalves Silva

[thaissa.agsilva@gmail.com](mailto:thaissa.agsilva@gmail.com)

### Resumo

A proposta do trabalho é compreender melhor uma produção existencial composta por uma perspectiva fractal, onde uma estrutura finita é expressa por um perímetro infinito. Essa formulação, entendida como uma prática do pensamento enterreirado (Nascimento, 2020:200), contribui para pensarmos a formulação epistêmica e filosófica desde uma microestrutura a uma macroestrutura, de forma que estejam integralmente implicadas. Serão exemplos de microestruturas os assentamentos, em relação à macroestrutura dos Orisàs, e também os Terreiros de Candomblés em relação a uma composição cosmológica. Esta abordagem de fractalidade se inspira em Narahara (2022) ao trazer que o corpo humano “pode ser entendido como parte de uma estrutura fractal da qual o terreiro faz parte” (Narahara, s/d), e em Herculano (2022) ao tratar da noção de corpo humano como “o terreiro em sua estrutura microscópica” (Herculano, 2022:79). Portanto, na lógica de produção de relação, tanto o assentamento, quanto o corpo humano, serão fractais da existência dos Orisàs, e também fractais constituintes dos terreiros. A essa multiplicidade existencial, se estabelece uma relação entre unidade e diversidade, sendo essa uma base fundante das filosofias produzidas pelos Terreiros. Parte e todo serão expressões de uma mesma categoria. A ideia principal do presente trabalho é a articulação de existências unas e múltiplas ao mesmo tempo, trazendo uma produção de pensamento a partir da noção de fractalidade e da expressão existencial dos assentamentos, sendo estas maneiras de pensar a produção de pensamentos africanos e conhecimentos acerca de um modo de existir no mundo. Com efeito, “a presença do paradigma africano se atesta pelo posicionamento do corpo no primeiro plano do pensamento cosmológico” (Sodré, 2017:135). Pois o corpo, ara, é ferramenta que define em qual esfera da existência a experiência será dada e quais serão os limites entre estas. Mais do que um corpo físico, mas também um corpo físico. Os assentamentos compõem o corpo-território materializado, da mesma forma que mantém a sua amplitude metafísica, em uma mobilidade existencial que produz uma

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24

Realização



Apoio



flexibilização das consciências, onde nada será estático, senão através da própria inconstância e movimento. Transfluindo somos começo, meio e começo. A ordem pode ser qualquer uma. Para nós, o “conteúdo determina a forma e a forma determina o conteúdo” (Santos, 2023:30).

## Palavras-Chave

Terreiros. Candomblés. Fractalidade. Africanidade.



## O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA: O OLHAR DECOLONIAL PARA DESCOLONIZAR OLHARES

Emanuel Jorge De Oliveira Cunha

[neneujorge@hotmail.com](mailto:neneujorge@hotmail.com)

### Resumo

Nesta pesquisa, apresentaremos uma reflexão filosófica acerca do Ensino da Filosofia Africana sob o olhar decolonial, que tem como finalidade trazer contribuições para pensarmos sobre o quanto a Filosofia Africana foi anulada e excluída da tradição da filosofia e de seu ensino. Em resposta a esse epistemício, traremos a contribuição do estudo da Filosofia Africana em sua legitimidade e epistemologia na perspectiva da ancestralidade, encantamento e alteridade, segundo Machado (2014). Dessa forma, esse estudo quer apresentar algumas causas que levaram a desvalorização da Filosofia Africana no currículo escolar e as possíveis respostas através da resignificação do ensino de Filosofia. A sua construção vai concentrar-se na concepção de uma Filosofia Decolonial, contrapondo-se ao processo de colonização da mente. A pesquisa, por fim, apresenta o pensamento decolonial como caminho possível para o ensino de Filosofia Africana em nossas escolas, a partir da prática de estudos e produções que pense a Filosofia sobre o prisma decolonial para descolonizar os olhares do racismo colonial.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Decolonial.



## POPULAÇÕES INDÍGENAS E RESISTÊNCIA: PODER, BIOPOLÍTICA E VIDA NUA (MERA VIDA)

Raquel Célia Silva De Vasconcelos  
[raquelcsvasconcelos@gmail.com](mailto:raquelcsvasconcelos@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste ensaio é identificar a resistência das populações indígenas à relação entre poder e biopolítica que se apresentam como instâncias delimitantes da vida nua (mera vida). A resistência perpassa as populações indígenas como linhas de fuga ao serem atravessadas pelo poder e pela biopolítica. O direito às suas formas de existência configura a luta pelas relações de pertencimento propiciadas por seus territórios. A biopolítica se expressa no mundo das exceções a partir da afirmação do cálculo que o poder faz sobre a vida das populações indígenas. O poder delinea um jogo de forças que não está restrito a um único ponto de origem quando o campo de forças são desiguais e móveis. O poder é produtivo quando suas relações são imanentes a outras formas de vida que não correspondem à ordem estabelecida que uniformiza e tende a unilateralizar. É a partir da condição de produção do poder que se instala a resistência dos povos indígenas. Os/as indígenas compõem subjetividades que se firmam em grupos e em suas próprias instituições, mantendo entre si relações cujos efeitos de resistências são imediatos. Os povos indígenas vivenciam séculos a partilha das desigualdades e desequilíbrios produzidos pelas relações sócio-econômica e política que impõem gênero e etnia mediado pelo paradigma eurocêntrico que tem no capital sua máxima para a manutenção das tramas complexas do tecido social.

### Palavras-Chave

Resistência. Poder-Violência. (Neo)colonialismo.



## POR UMA FILOSOFIA DO DESENVOLVIMENTO

Breno Augusto Da Costa

[brenobac@gmail.com](mailto:brenobac@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é retomar a constituição da filosofia do desenvolvimento enquanto disciplina filosófica autônoma. Inicialmente apresentarei a proposição da filosofia do desenvolvimento feita pelos filósofos brasileiros Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) e Roland Corbisier (1914-2005), destacando algumas das principais teses relacionadas a este campo. A seguir, discutirei o legado e as desventuras da filosofia do desenvolvimento, relacionando-a à filosofia da libertação e à teoria da dependência. Por fim, discutirei o que significa pensar o desenvolvimento dos países do Sul Global hoje. Minha pretensão é mostrar que mesmo autores e autoras críticos do desenvolvimentismo ingênuo têm contribuições à filosofia do desenvolvimento tal como aventada acima. Para além do neodesenvolvimentismo atualizador do desenvolvimento do subdesenvolvimento, ou seja, da dominação dos países condenados da terra por parte de nações imperialistas e colonialistas; para além da crítica bem intencionada daqueles que sofreram enquanto coletividade e indivíduos os efeitos do desenvolvimento do Norte no Sul; e para além do epistemicídio que vitima intelectualmente a filosofia brasileira; a filosofia do desenvolvimento é aventada como discurso e prática para a libertação do Sul Global.

### Palavras-Chave

Filosofia do desenvolvimento.





## PROTAGONISMOS INDÍGENAS NOS QUADRINHOS BRASILEIROS DE (SUPER)AVENTURAS: SOB A CRÍTICA CONTRACOLONIAL

Carlos Daniel Medeiros

[carlosddesign@gmail.com](mailto:carlosddesign@gmail.com)

Susana De Castro Amaral Vieira

[susanadec@gmail.com](mailto:susanadec@gmail.com)

Fabio Luis Carneiro Mourilhe Silva

[funkstroke@yahoo.com](mailto:funkstroke@yahoo.com)

### Resumo

Esta pesquisa estuda como os impactos do colonialismo no Brasil se manifestam em nossa produção cultural. Mais especificamente, se detém sobre a forma como personagens indígenas têm sido representados no imaginário social brasileiro, usando os quadrinhos nacionais do gênero da aventura e da superaventura como uma amostragem desse fenômeno. A representação de indígenas nas histórias em quadrinhos, complexo sistema de narrativas híbridas de difícil definição, demonstra carregar sub-repticiamente simbologias, ideologias e manifestações que participam de forma contundente na construção histórica da identidade nacional. A partir da pesquisa histórico-bibliográfica do tema, refletirei, com base no pensamento contracolonialista do quilombola Antônio Bispo dos Santos e do indígena Ailton Krenak, como este confronto entre a cultura colonialista e os modos de viver ancestrais dos povos da floresta - os pindorâmicos, afrodiáspóricos e quilombolas – externalizam a questão “quem ou o que é o povo brasileiro?”, no contexto da arte de massa dos quadrinhos. Esta questão, está na raiz do mito fundador do Brasil-nação. Desse modo, esta pesquisa acadêmica se inscreve em um conjunto de trajetórias Investigativas que envolvem os estudos de filosofia e quadrinhos, em que esta mídia funcionará como um dispositivo de análise filosófica do tema em questão.

### Palavras-Chave

Contracolonial. Indígenas. Filosofia. Quadrinhos.



## REDEFININDO O DISCURSO FILOSÓFICO A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

Willames Frank Da Silva Nascimento

[willamesfrank01@gmail.com](mailto:willamesfrank01@gmail.com)

### Resumo

A filosofia da libertação tem apresentado, desde as décadas de 1960 e 1970, uma proposta de redefinição para o pensar filosófico na América Latina. Esta filosofia, como filosofia da libertação, não repete o pensar moderno que parte do Ego conquiro, do ego cogito ou da vontade de poder europeia. Esta é uma filosofia que tem se originado desde a realidade latino-americana, como periferia negada, excluída e que seu povo tem sido marginalizado, oprimido e negado até mesmo em sua humanidade. Nosso objetivo neste trabalho é apresentar o discurso filosófico desenvolvido pela filosofia da libertação, do filósofo Enrique Dussel, na obra “Filosofia da Libertação na América Latina”, como pensar radical que questiona o fundamento do sistema. Buscaremos evidenciar em um primeiro momento o que deve ser compreendido por Libertação no pensamento latino americano. Em um segundo momento, pretendemos apontar para um duplo tipo de discurso filosófico: a) um quefazer filosófico que funciona como fundamentação ideológica do sistema dominante; b) e um outro que vem buscando pensar a partir da exterioridade do Outro, que se encontra na exterioridade do sistema e que possui como critério de verdade a libertação do oprimido. Em terceiro, e por fim, pretendemos mostrar que o único discurso filosófico possível, que pode ser desenvolvido desde a América Latina, é aquele que toma em conta a positividade da exterioridade, levando até o limite máximo a crítica contra todo o discurso hegemônico de dominação, sendo, portanto, um antidiscurso. Qualquer discurso que se proponha como filosofia na América Latina, mas que não tenha como seu conteúdo a destruição (crítica) da filosofia que os oprime e os nega e que não sirva como esclarecimento rumo à libertação do povo latino americano, já é agora e continuará sendo apenas inútil diletantismo.

### Palavras-Chave

América Latina. Libertação. Enrique Dussel.



## VIOLÊNCIA EM FRANTZ FANON E ACHILLE MBEMBE

Matheus Sena Asevedo Campanhã

[matheus.sena@unesp.br](mailto:matheus.sena@unesp.br)

### Resumo

A presente pesquisa possui como objetivo central investigar o conceito de violência em Frantz Fanon e Achille Mbembe, tendo em vista duas dimensões: a primeira é que ambos autores possuem trabalhos filosóficos que partem de reflexões acerca de África; a segunda é que Mbembe possui influências diretas e explícitas de Fanon. Assim, buscamos propor uma análise do conceito de violência que possa ser articulado, principalmente, ao sentido de resistência na dimensão sociopolítica, sendo guiados pela seguinte pergunta: Quais os contornos da relação entre violência e resistência no pensamento de Franz Fanon e de Achille Mbembe? Para tanto, duas obras servirão de ponto de partida para a pesquisa, a saber, *Condenados da terra* de Frantz Fanon e *Políticas da inimizade* de Achille Mbembe. A pesquisa será realizada a partir de uma análise conceitual que pretende recuperar um tema clássico da filosofia, que é a relação entre violência e política, mas que traz para o centro dessa análise a temática étnico-racial que norteia os trabalhos de Mbembe e Fanon. Para o aprofundamento da compreensão mobilizaremos trabalhos de comentadores de ambos os autores, além de outros textos que privilegiam a relação entre Frantz Fanon e Achille Mbembe, sempre dando centralidade ao conceito de violência articulado ao de resistência no interior de um debate étnico-racial.

### Palavras-Chave

Resistência. Política. Raça.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA MENTE E DA INFORMAÇÃO



## A CONSCIÊNCIA NA FILOSOFIA DE JOHN SEARLE

Igor Messias Ferreira Da Costa

[imessias032@gmail.com](mailto:imessias032@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo delimitar a relação proposta por Searle entre a consciência e o cérebro. Explicamos o conceito de consciência na filosofia de John Searle tomado por base a sua teoria da mente biológica, assim como suas implicações e seu impacto nos campos científico e ético. Para tanto, abordamos os desafios enfrentados por Searle em sua tentativa de conciliar a natureza subjetiva da consciência com uma abordagem objetiva, própria do discurso científico. A questão da relação entre a consciência e o cérebro é um dos enigmas mais intrigantes da filosofia da mente e da neurociência. John Searle, com sua teoria da mente biológica, oferece uma visão que sublinha os desafios e implicações que essa relação acarreta. Por isso explicamos a conexão proposta pelo filósofo entre a consciência e o cérebro. De acordo com sua visão, a mente e a consciência emergem a partir de processos biológicos específicos que ocorrem neste órgão. Sua teoria se opõe às abordagens materialistas, que buscam explicar a mente unicamente em termos de processos computacionais ou funcionais, e põe em destaque o elemento biológico que está na sua base. Evidenciamos ainda o modo como a visão de Searle realça a causalidade biológica, argumentando que a mente humana é resultante de eventos neurobiológicos de nível superiores, de grande complexidade. A proposta de examinar o conceito de consciência na filosofia de John Searle surge da necessidade de aprofundar a compreensão de um dos temas fundamentais da filosofia da mente, pois discutimos como o filósofo enquadra a consciência dentro de uma estrutura biológica e lida com questões de causalidade, intencionalidade e subjetividade. Deste modo, examinamos as implicações dessa relação para a compreensão da mente, da cognição e do livre-arbítrio.

### Palavras-Chave

Consciência. Cérebro. Subjetividade.



## A DIRECIONALIDADE EXTERNA DA EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Sérgio Farias De Souza Filho

[sergiofariasfilho@gmail.com](mailto:sergiofariasfilho@gmail.com)

### Resumo

Em seu recente livro *The Metaphysics of Sensory Experience*, David Papineau desenvolve uma visão qualitativa acerca da constituição ontológica da experiência sensorial, de acordo com a qual uma experiência sensorial com certo caráter fenomênico é idêntica a um estado físico interno (provavelmente um estado neural) intrínseco ao sujeito e não essencialmente relacionado a qualquer outro estado. Assim, diferenças de caráter fenomênico nada mais são que diferenças de estados físicos internos. Tal visão qualitativa tem sido atacada por Adam Pautz. Sua objeção é que a visão qualitativa é inconsistente com a direcionalidade externa essencial da experiência sensorial e, posto que há uma forte razão pré-teórica para aceitar tal direcionalidade externa essencial, conclui-se que a visão qualitativa deve ser rejeitada. Pautz chega mesmo a sublinhar que as principais teorias metafísicas da experiência sensorial, como o realismo direto e o representacionismo, satisfazem o requisito pré-teórico da direcionalidade externa da experiência sensorial. O objetivo desta apresentação é argumentar que a objeção de Pautz não é bem-sucedida em demonstrar a inviabilidade da visão qualitativa de Papineau.

### Palavras-Chave

Experiência Sensorial. Direcionalidade Externa.



## A HISTÓRIA E-QUALIA DE ROBERT KIRK CONTRA O EXPERIMENTO ZUMBI

Matheus Pereira Da Fonseca  
[matheuspfonseca@ufrj.br](mailto:matheuspfonseca@ufrj.br)

### Resumo

Desenvolvida por Robert Kirk, a história e-qualia pretende mostrar como as qualias epifenomenais seriam, por definição, o que nos torna fenomenalmente conscientes e, ao mesmo tempo são propriedades incapazes de produzir efeitos físicos, justamente por serem epifenomenais. Por isso, a história e-qualia seria, por esse motivo, incoerente. Mas, dado que a algo ser concebível é dizer que esse algo não pode ser rejeitado a priori, então a história e-qualia é inconcebível, pois é rejeitada a priori por ser incoerente. Para isso, Kirk pede para supormos que os processos eletroquímicos dentro de nossos cérebros que constituem o processamento perceptivo induzam correntes elétricas padronizadas, sem que essas correntes elétricas afetem algo no nosso processamento perceptivo. Uma vez que as correntes elétricas não afetam em nada, não podemos percebê-los, compará-los etc. Os qualias epifenomenais são igualmente impotentes, portanto, devemos sustentar que eles também não podem ser atendidos, notados, comparados uns com os outros etc. Com isso, é possível chegar a primeira premissa do argumento, a saber, (I) a história e-qualia é inconcebível. Para defender o segundo passo, é preciso mostrar que os defensores dos zumbis não poderiam negar que, um item não físico  $x$  que produz consciência, quando adicionado a um mundo zumbi  $w$  produz consciência fenomenal e intimidade epistêmica nos habitantes desse mundo em questão. Ao adicionar  $x$  em  $w$ , obteríamos  $w^*$ , um mundo no qual os habitantes ex-zumbis passam a ter consciência fenomenal e intimidade epistêmica com as suas qualidades fenomenais. Conseguindo isso, Kirk chega à conclusão de que a concebibilidade do mundo zumbi acarretaria a concebibilidade da história e-qualia, à medida que as teses do mundo zumbi são um espelho das teses da história e-qualia, o que nos permite chegar a (II) se zumbis fossem concebíveis, a história e-qualia seria concebível. Tendo provado as premissas (I) e (II), por modus tollens, podemos chegar à conclusão desejada: (III) zumbis são inconcebíveis. O argumento de Kirk pretende mostrar como o experimento zumbi é inconcebível, pois



é rejeitado a priori. A relevância da história e-qualia encontra-se justamente na promessa de ser aquilo que derrubará de uma vez por todas o argumento do zumbi, que está no cerne do problema difícil apontado por David Chalmers em *The Conscious Mind*. O objetivo da apresentação é mostrar o argumento com mais detalhes, apresentando cada tese da história e-qualia.

### Palavras-Chave

Experimento do zumbi. Qualia. Problema mente-corpo.





## A LEITURA DA FICÇÃO, VISTA A PARTIR DA GLOBAL WORKSPACE THEORY DE MICHAEL GRAZIANO

Pedro Ramos Dolabela Chagas  
[dolabelachagas@gmail.com](mailto:dolabelachagas@gmail.com)

### Resumo

Proponho tomar a teoria da consciência de Michael Graziano – a Global Workspace Theory, conforme apresentada em “Consciousness and the social brain” (2013) – como fundamento para uma teoria da leitura da narrativa de ficção. Discutirei como a GWT permite descrever a experiência da leitura como uma sucessão sequencialmente articulada de diferentes estados conscientes, emergentes da semiose do texto. Essa descrição situa a semiose como processo atencional responsável pela construção mental, de cunho imaginativo, dos conteúdos representados no texto, gerando os dados da atenção que, modelados por diferentes “esquemas da atenção” (na expressão de Graziano), originam os estados conscientes sucessivamente experienciados na duração da leitura. Se esses estados variam, é porque vários esquemas da atenção são aplicados à modelagem dos dados emergentes da semiose do texto, engendrando as imagens, afetos e juízos tipicamente associados à experiência da leitura. A apresentação prevê, pois, um breve comentário sobre alguns dos esquemas empregados na leitura, entre os quais se incluem a “folk psychology” (como esquema aplicado à simulação dos estados mentais dos personagens), a enação da ambientação espacial e das experiências corpóreas dos personagens, a emocionalização das situações ficcionais, a atribuição de tons e posturas (stance) aos enunciados, a esquematização moral de ações e comportamentos. Discutirei o apelo do texto a conteúdos de memória do leitor como o gatilho para o recurso a esses diferentes esquemas, cuja aplicação, por esse motivo, é sempre personalizada nalguma medida: cada instância de esquematização assumirá propriedades relativamente diferentes em cada leitor e processo de leitura, ocasionando experiências personalizadas do mesmo texto por leitores diferentes, ou pelo mesmo leitor em ocasiões diferentes. Em suma, se a narrativa de ficção tem o poder de alterar os estados conscientes do leitor, proponho fundamentar uma descrição desse processo na GWT de Michael Graziano, indicando a variedade de esquemas aplicáveis à manipulação dos dados a atenção produzidos pela semiose do texto, a partir de inputs de memória cujo acesso será motivado, em cada leitor, pelo processamento da organização textual da linguagem escrita.

### Palavras-Chave

Global workspace theory. Leitura da ficção. Mente.



## A MENTE ESTENDIDA E ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS METATEÓRICAS EM SUA CONTINUIDADE INVESTIGATIVA

Gabriel Moreira Franciso  
[mofranciscog@gmail.com](mailto:mofranciscog@gmail.com)

### Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar a mente estendida conforme inicialmente sugerida, no final da década de 1990, e discutir algumas das consequências metateóricas em sua continuidade investigativa. Este é um debate em filosofia das ciências cognitivas que busca compreender o sujeito cognoscente em termos de um sistema cognitivo acoplado. A mente estendida compreende que a cognição individual não se restringe aos limites da pele e do crânio, e seria constituída também por objetos localizados no ambiente imediato. É assumido que os aspectos situados e corporificados da cognição são indispensáveis para explicar o conhecimento e a ação do sistema cognitivo. No quadro teórico da mente estendida, a extensão de estados mentais é defendida pelo princípio de paridade. Este é caracterizado por uma argumentação funcionalista em defesa do aspecto estendido da cognição e afirma que estados externos poderiam se tornar constitutivos da mente caso certos critérios sejam cumpridos. Como uma consequência metateórica de sua sugestão, a mente estendida foi dividida em uma segunda onda teórica. Esta segunda onda se contrapõe à ênfase no princípio de paridade em seu momento inicial, e enfatiza a extensão de processos cognitivos a partir do externismo ativo. O externismo ativo se fundamenta na noção de acoplamento para defender o aspecto estendido a partir de uma dinâmica interativa fluida entre o sistema e o ambiente. Outra consequência é a proposta de uma terceira onda teórica distinta das duas anteriores. Na literatura, a formação de uma terceira onda na mente estendida tem sido proposta como uma ênfase, a nível metateórico, na integração do quadro da mente estendida com as perspectivas enativas e pragmatistas da mente. Esta terceira onda permitiria que suas investigações recorressem a uma variedade de perspectivas para abranger a complexidade da cognição. A cognição seria assumida como um fenômeno complexo em que a prática investigativa deveria explorar e integrar perspectivas distintas para atender objetivos explicativos específicos. Nesse sentido, uma perspectiva isolada não seria suficiente para dar conta



da complexidade dos fenômenos cognitivos. Será discutido como essa terceira onda teórica estaria de acordo com um pluralismo científico, e em que medida ela seria contrária ao desenvolvimento de uma teoria unificada nas ciências cognitivas.

### **Palavras-Chave**

Mente estendida. Complexidade. Ciências cognitivas.



## A MODELAGEM COMPUTACIONAL PODE INFLUENCIAR A CONDUTA HUMANA?

Renan Molini Da Costa  
[renanmolini@outlook.com](mailto:renanmolini@outlook.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como intuito explicitar a hipótese segundo a qual técnicas de modelagem computacional podem afetar o processo de constituição de crenças individuais e coletivas. Crenças serão entendidas, no viés do pragmatismo, como hábitos de ação, que podem ser, assim, afetadas por técnicas de modelagem. A técnica de modelização de fenômenos tem sido utilizada como método de mediação do diálogo de indivíduos incorporados e ambientalmente situados. Representar fenômenos sobre a forma de modelos equivale a operar um deslocamento de um problema observado no mundo a ambientes puramente abstratos, utilizando-se de recursos matemáticos e computacionais, para assim simular e analisar as possíveis relações dos elementos que constituem objetos de estudo. Inspirados pelas teorias de Charles Sanders Peirce investigaremos, em primeira instância, o papel das crenças na ação dos indivíduos incorporados e situados em ambientes, a fim de construir a ponte para conjecturar sobre o alcance e pertinência das técnicas de modelagem computacional na conduta, ou seja, no modo como indivíduos habitam espaços. Posteriormente, uma abordagem acerca de como constituem e operam estes modelos será construída para, enfim, operarmos apontamentos das possíveis consequências da ausência de fatos no processo de investigação do mundo e, conseqüentemente, na constituição e fixação de crenças, na conduta humana.

### Palavras-Chave

Modelagem Computacional. Crenças. Cognição.



## A NEUROCIÊNCIA PODE CONCILIAR O DESCRITIVISMO E A TEORIA DA REFERÊNCIA DIRETA?

Francisco Helio Cavalcante Felix  
[felixhelio@yahoo.com.br](mailto:felixhelio@yahoo.com.br)

### Resumo

A interação entre o conhecimento científico e o conhecimento filosófico tem sido fonte tanto de incrementos e sucessos quanto de ruídos e acidentes. Com o tempo, ficou claro que essa relação se configura como inescapável. De um modo particular, a assim chamada tradição filosófica analítica se inter-relaciona com a ciência desde seus primórdios. Nesse âmbito, insere-se a filosofia da linguagem contemporânea. Contudo, como já acontece em áreas como a filosofia da mente ou a filosofia da ação, a ciência, particularmente a neurociência, acrescenta importantes elementos de análise a temas ligados à linguagem. Baseando-se na melhor evidência disponível, sabe-se que há uma sequência temporal de processos cerebrais ligados à linguagem, com uma divisão possível de quatro fases: (1) análise acústico-fonológica; (2) análise sintática inicial; (3) computação das relações entre sintática e semântica e (4) processamento de prosódia. Ainda, o processamento da linguagem não se dá do mesmo modo quando são comparados adultos e crianças. Novos achados mostram que a maneira como se dá a assimilação primeira da linguagem requer uma forte relação com o mundo, com as interações contextualizadas sendo fundamentais para se montar o aparato linguístico semântico, que se tornará estável na vida adulta. O adulto, por sua vez, parece já ter um arcabouço semântico bem estabilizado, que permite trabalhar melhor as relações de regras sintáticas e semânticas. Isso parece mostrar que, a partir de experiências auditivas e motoras, constrói-se um arcabouço linguístico que será utilizado posteriormente de modo mais estável. Tais achados podem ser utilizados para matizar e harmonizar teorias e constructos filosóficos aparentemente díspares acerca da linguagem. É o caso da teoria da referência direta, que parece estar mais ligada à utilização da linguagem na primeira infância e do descritivismo, que poderia se adequar melhor ao modo como se processa a linguagem no adulto. Diante da neurociência, essa oposição teórica parece se dissolver e ambas as hipóteses filosóficas passam a fazer parte, de modo complementar e não excludente, do desenvolvimento



do processamento da linguagem no ser humano. Também o internalismo e o externalismo semânticos podem ser apreciados de modo semelhante. Configura-se, assim, a possibilidade da utilização cuidadosa do conhecimento científico como elemento de qualificação do discurso filosófico acerca de questões complexas.

### **Palavras-Chave**

Neurociência. Filosofia da Linguagem. Significado.



## A PROMOÇÃO DO ENGANO POR MEIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS: PRECONCEITOS E CRENÇAS FALSAS

Mariana Claudia Broens

[m.broens@unesp.br](mailto:m.broens@unesp.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar, a partir de uma perspectiva filosófico-interdisciplinar, implicações epistemológicas da proliferação de textos enganosos em processos de adesão e fixação de crenças/conduita de usuários de tecnologias digitais. Consideramos textos enganosos aqueles que propositalmente promovem o engano de seus leitores. Adotamos a caracterização do ato de enganar proposta por James E. Mahon (2016), para quem tal ato consiste em fomentar propositalmente a aquisição, reforço e continuidade de crenças falsas ou dificultar a aquisição de crenças verdadeiras. A capacidade de promoção do engano amplia-se exponencialmente quando textos enganosos são divulgados por meio das tecnologias digitais. Tais tecnologias se caracterizam por sua ubiquidade e pervasividade, pois estão disponíveis em rede e integradas ao ambiente, sendo necessárias para a efetivação de muitas atividades cotidianas, contando, ademais, com recursos de Inteligência Artificial, em que os sistemas possuem alguma capacidade de ajuste a contextos, não limitando-se a seguir uma programação prévia (Liu, Nakata & Harty, 2010). A hipótese que investigaremos é a de que, na relação de comunicação digital que envolve o produtor de textos enganosos e seu receptor, o sucesso que tais textos têm para criar e reforçar crenças falsas ou dificultar a aquisição de crenças verdadeiras depende da possibilidade de ajuste de tais textos enganosos com crenças preconceituosas já presentes no sistema de crenças/conduita do receptor. A partir de estudos de Epistemologia do Preconceito (Begby, 2021), procuraremos ressaltar que parte do sucesso de textos enganosos sobre as crenças/conduitas de usuários de tecnologias digitais deve-se a que existem formas aparentemente legítimas de justificação epistêmica de crenças preconceituosas.

### Palavras-Chave

Tecnologias pervasivas. Crenças. Engano.



## A RELAÇÃO DE INSTANCIAÇÃO DE PROPRIEDADES PARA EXPLICAR A RELAÇÃO MENTE-CORPO.

Aline Isabel Alves Andrade

[alineisabel2010@aluno.ufsj.edu.br](mailto:alineisabel2010@aluno.ufsj.edu.br)

### Resumo

No artigo “Identity and necessity” (1971) e nas três conferências que compõem o livro “Naming and necessity” (1980), Saul A. Kripke (1940-2022) fez uma distinção importante entre a priori e a posteriori de necessário e contingente. O primeiro diz respeito à epistemologia e o segundo, à metafísica. Kripke dirá, basicamente, que a maneira pela qual conhecemos um fato do mundo não determina se ele é necessário ou contingente. Outra implicação dessa distinção é de que temos “ilusões de contingência” quando examinamos algo que na verdade é necessário, por poder imaginar situações contrafactuais em que aquilo é de outra forma. Mas possibilidade epistêmica, nem sempre é possibilidade metafísica. Kripke por ser essencialista defende que há identidades necessárias que apresentam, nos dois lados da igualdade, aspectos essenciais de uma coisa, como dizer que água=H<sub>2</sub>O. Nos enunciados científicos essas igualdades não apresentam problemas, mas os enunciados de identidade sobre mente e corpo, sim, são problemáticos, porque não comportam a relação mente e corpo, há algo que escapa da identidade. Joseph Levine (1952 - ) em *Purple Haze: the puzzle of consciousness* (2001) concorda com Kripke, a relação de identidade não é suficiente para explicar a consciência, e sugere que ela seja explicada através de uma relação de realização, já que é necessário explicar como uma propriedade instancia outra propriedade. Na comunicação será apresentado esse caminho argumentativo de crítica ao fisicalismo e, principalmente, será explicada a proposta de solução a essa crítica: a relação de realização, sua estrutura e o que requisita para que uma explicação da relação mente-corpo seja satisfatória.

### Palavras-Chave

Fisicalismo. Instanciação de propriedades.





## ABSTRAÇÃO NO CONTEMPORÂNEO

Willian Lopres

[willianlopes3011@gmail.com](mailto:willianlopes3011@gmail.com)

### Resumo

Os gadgets no mundo contemporâneo estão intrinsecamente ligados aos conceitos de estética, filosofia da arte e abstração de maneiras que vão além de sua funcionalidade básica. Ao examinar esses dispositivos, como smartphones, tablets, laptops e wearables, podemos observar como eles incorporam elementos estéticos sofisticados em seu design. A abstração desempenha um papel fundamental no design de gadgets, especialmente em suas interfaces e interações. As interfaces gráficas, compostas por ícones, menus e layouts, frequentemente empregam elementos abstratos para representar funções e informações de maneira simplificada e intuitiva. Por exemplo, um ícone de envelope pode representar e-mail, independentemente da representação literal de uma carta física. No contexto da filosofia da arte, os gadgets também podem ser vistos como objetos culturais que carregam significados e valores além de sua utilidade prática. Eles refletem ideias sobre a relação entre humanos e tecnologia, expressões estéticas da era digital e preocupações éticas e sociais relacionadas ao uso da tecnologia. O design e a funcionalidade dos gadgets não são apenas resultado de considerações técnicas, mas também de reflexões sobre identidade, interação humana, estética digital e impactos sociais e ambientais. Além disso, o contexto em que os gadgets são utilizados e produzidos desempenha um papel crucial em sua interpretação e significado. Eles estão imersos em uma cultura digital em constante evolução, influenciada por tendências globais, valores locais e preocupações emergentes. Tecnologias abstratas, como inteligência artificial, realidade aumentada e interfaces gestuais, expandem ainda mais as fronteiras da interação abstrata entre humanos e máquinas, levantando questões filosóficas sobre cognição, realidade virtual e identidade digital. Portanto, ao considerar os gadgets no mundo contemporâneo, é essencial compreender não apenas sua funcionalidade e usabilidade, mas também sua estética, filosofia subjacente e contextos mais amplos de significado cultural, social e tecnológico. Esses dispositivos são expressões tangíveis da interseção entre arte, tecnologia e sociedade, desafiando-nos a refletir sobre nossas relações com a tecnologia e a natureza da experiência estética na era digital.

### Palavras-Chave

Abstração. Estética. Arte.



## ANÁLISE DA CONCEPÇÃO ECOLÓGICA DA APRENDIZAGEM

Laura Soares Mirandola  
[soares.mirandola@unesp.br](mailto:soares.mirandola@unesp.br)

### Resumo

O objetivo central deste trabalho é investigar a possibilidade de explicar o desenvolvimento da habilidade de aprendizagem através da abordagem ecológica da percepção/ação. A hipótese inicial é que a abordagem ecológica da aprendizagem poderia auxiliar a compreender habilidades perceptuais não mediadas por representações internas, ao contrário das teses defendidas pelo cognitivismo tradicional. Em especial, será tratado o caso de indivíduos afetados por afantasia, isto é, uma condição que impede ou dificulta que indivíduos produzam imagens mentais, mas que, ainda assim, apresentam habilidades linguísticas e cognitivas em geral atribuídas à mediação de representações internas. Indivíduos com afantasia relatam dificuldades para lembrar e conceber subjetivamente imagens de rostos e paisagens familiares, mas seu desenvolvimento não difere substancialmente do desenvolvimento da maioria dos seres humanos. A questão a ser investigada nesta pesquisa é se a abordagem ecológica da aprendizagem poderia auxiliar na compreensão de habilidades de indivíduos afetados pela afantasia. O estudo se concentrará na análise de teses centrais da teoria da percepção/ação e sobre suas possíveis contribuições para a compreensão da afantasia.

### Palavras-Chave

Cognição. Aprendizagem. Afantasia.



## ANÁLISE SOBRE A AGÊNCIA DE DISPOSITIVOS DIGITAIS NA PERSPECTIVA DA TESE DA MENTE ESTENDIDA

Ana Paula De Carvalho Gomes  
[popcarvalho@gmail.com](mailto:popcarvalho@gmail.com)

### Resumo

Ao longo de sua história, a humanidade tem sido constantemente confrontada com questões relativas ao estatuto moral de certas tecnologias que inventa e produz. Recentemente, essa discussão sofreu modificações significativas: ao contrário do que ocorrera até então, os artefatos técnicos, em especial, as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), não podem mais ser vistas como meros instrumentos passivos. Ao contrário, essas tecnologias passam a ser entendidas como possuidoras de algum tipo ou grau de agência, influenciando ativamente a vida humana. Entretanto, sob a perspectiva da ética tradicional, apenas o ato dos agentes ou os próprios agentes podem ser avaliados de forma moral, isto é, serem qualificados como bons, maus ou neutros, enquanto que a avaliação moral dos artefatos técnicos, bem como de seus outputs, se for o caso, é considerada absurda, uma vez que artefatos produzidos ou utilizados não possuiriam agência. Sob essa perspectiva, no entanto, a tese da suposta “neutralidade intrínseca” da tecnologia, tão defendida, por exemplo, pelos defensores do uso de armas de fogo (exemplificada pelo célebre slogan da American National Rifle Association: “Armas não matam pessoas, pessoas matam pessoas”) não se sustentaria, pois acaba atribuindo ao armamento um valor moral, neste caso, o da neutralidade. Desta forma, a maneira mais óbvia de incluir os artefatos técnicos no domínio da moral é considerá-los agentes semelhantes aos seres humanos, na medida do grau de autonomia de que eventualmente possam dispor. Diversos estudos sobre como atribuir valores morais aos artefatos técnicos têm sido elaborados em algumas áreas da filosofia, com especial atenção às TIC. Neste trabalho, propomos analisar a tese da mente estendida, inicialmente defendida por David Chalmers e Andy Clark, como forma de atribuir um certo tipo ou grau de agência às TIC. Na esteira da hipótese da mente estendida, procuraremos mostrar que dispositivos digitais teriam, pelo menos, algum tipo de agência derivada na medida em que tais dispositivos seriam extensões da capacidade de agência humana.

### Palavras-Chave

Tecnologia. Agência. Mente estendida.



## AS HABILIDADES COGNITIVAS DOS PRIMATAS NÃO-HUMANOS NA PERSPECTIVA ENATIVISTA

Thiago Andrade De Oliveira  
[thiago.andradeoliveira@ufpe.br](mailto:thiago.andradeoliveira@ufpe.br)

### Resumo

Esta comunicação defende a hipótese de que as habilidades cognitivas de primatas não-humanos são corporificadas à ação e ao ambiente. Nessa perspectiva, as habilidades de conceitualizar, reconhecer, distinguir objetos, bem como atenção conjunta são dependentes de padrões sensório-motores e ambientais. Assim, defendemos enquanto hipótese que I) os conceitos não são representações mentais, mas habilidades linguísticas compartilhadas publicamente II) que as cognições dos primatas não-humanos são corporificadas, isto é, dependentes da ação e do ambiente III) que há uma continuidade entre a vida, a cognição e a linguagem IV) que primatas não-humanos são Corpos Linguísticos. Assim sendo, lançamos mão do conceito de Corpos Linguísticos, desenvolvido por Ezequiel Di Paolo, Hanne De Jaegher e Elena Cuffari (2018), para sustentar a ideia de que um corpo vivo produz sentido interativamente, uma vez que a linguagem não seria um sistema formal e abstrato de signos, mas, ao contrário, uma prática interativa dinâmica entre corpos linguísticos. Portanto, a cognição e a linguagem não são processos informacionais representacionais internos ao cérebro, mas habilidades corporificadas na ação, no ambiente e no social.

### Palavras-Chave

Habilidades cognitivas. Ambiente. Enativismo.



## AUTOCONSCIÊNCIA E A UNIDADE DA EXPERIÊNCIA CONSCIENTE EM FRANZ BRENTANO E JOHN SEARLE

Tarik De Athayde Prata  
[tarik.prata@ufpe.br](mailto:tarik.prata@ufpe.br)

### Resumo

Em sua abordagem do problema da consciência, John Searle enfatiza seu aspecto fenomenal. Consequentemente, ele considera a “qualitatividade” [qualitativeness] como a propriedade mais fundamental da consciência, propriedade esta que, por sua vez, implicaria a subjetividade e a unidade da experiência consciente. Disso resulta a visão da consciência como um campo unificado, qualitativo e subjetivo (Searle, 2004, p. 154). E sua discussão sobre autoconsciência guarda estreitas relações com a unidade da experiência, pois ele caracteriza a autoconsciência em termos da apreensão implícita dos conteúdos que estão na periferia do campo unificado (cf. Searle, 1992, p. 143), apreensão que ele não explica (cf. Prata, 2017, p. 450). Porém, a visão de Searle sobre a unidade da consciência é problemática, na medida em que ele sustenta um estranho holismo, segundo o qual a consciência parece ser um todo sem partes (cf. Searle, 2002, p. 56). Essas duas concepções obscuras – a respeito da autoconsciência e da relação entre o todo e as partes – são forte motivo para se examinar as ideias de Searle a partir da perspectiva do filósofo alemão Franz Brentano, que ofereceu não só uma concepção a respeito da autoconsciência – tanto em sua forma pré-reflexiva (cf. Brentano, 1924, pp. 179-180) quanto reflexiva (cf. *Ibid.*, pp. 180-181) –, mas também a respeito da unidade da consciência (cf. *Ibid.*, pp. 221-251). Ele argumentou que nossa própria experiência interna mostraria que toda representação de algo implica uma representação de si mesma, constituindo ambas um único fenômeno psíquico. Essa fusão de representações, constituinte da consciência pré-reflexiva, implicaria que toda reflexão sobre nossos fenômenos mentais – que focasse nossa atenção sobre eles – teria que ser operada através da memória. Sobre a unidade, ele enfatiza que ela não deve ser confundida com simplicidade (isto é, ausência de partes). Defendo a tese de que as visões de Brentano sobre a autoconsciência e a unidade da consciência, ainda que tenham seus próprios problemas, são, claramente, superiores à de Searle.

### Palavras-Chave

Autoconsciência. Unidade. Experiência.



## CASOS DE CONTRASTE FENOMENAL E EXPERIÊNCIA DE PROPRIEDADES ESTÉTICAS

Rosi Leny Morokawa  
[rosimorokawa@gmail.com](mailto:rosimorokawa@gmail.com)

### Resumo

No debate contemporâneo em filosofia da percepção, alguns filósofos (Siegel, 2006, 2010; Bayne, 2009; Stokes, 2018; Block, 2014, 2023; Nanay, 2012) têm defendido que podemos perceber ou experienciar as chamadas “propriedades de alto nível”. Essa expressão tem sido usada para se referir às propriedades de tipos naturais, de tipos artefatuais, semânticas, disposicionais, entre outras, que são distintas das chamadas “propriedades de baixo nível”, como cores, formas e propriedades espaciais e de localização. Susanna Siegel (2006, 2010) defende que podemos representar em nossas experiências visuais, para além de cores e formas, propriedades como, por exemplo, ser um pinheiro ou ser uma casa, o que ela chama de Abordagem do Conteúdo Rico. Uma análise da Abordagem do Conteúdo Rico aplicada a casos de estética é feita por Heather Logue (2018). Ela apresenta duas possíveis explicações alternativas para casos de contraste fenomenal de experiências pares, por exemplo, a experiência de alguém antes e depois de adquirir a capacidade de reconhecimento da graciosidade da pirueta da bailarina em uma apresentação de balé. A primeira explicação é a de que o contraste fenomenal pode ser explicado pela atenção direcionada às propriedades de baixo nível. A segunda é a de que o contraste fenomenal pode ser explicado pelas emoções engendradas no espectador ao experienciar a propriedade de graciosidade. Nesta apresentação, tentarei responder as duas objeções apresentadas por Logue, defendendo que: a) somente a experiência de propriedades de baixo nível não explica a diferença do caráter fenomenal em casos de estética; b) mesmo que a experiência de uma propriedade estética, como a graciosidade, venha acompanhada de uma reação emocional, ainda nos falta uma explicação para se experienciamos ou não propriedades estéticas.

### Palavras-Chave

Experiência visual. Caráter fenomenal. Percepção.



## COLETIVOS CONSCIENTES, PROBLEMAS DE FRONTEIRAS E ORGANISMOS

Anderson Luiz Do Vale Fonseca  
[andersonvalefonseca@gmail.com](mailto:andersonvalefonseca@gmail.com)

### Resumo

A ideia de Consciência Coletiva sugere que grupos de indivíduos podem ter experiências fenomênicas compartilhadas resultando em um tipo de unidade fenomênica, semelhante a um único organismo consciente. Este ponto de vista implica que sociedades como os EUA ou a China, ou colônias de formigas, ou de abelhas seriam exemplos de coletivos conscientes; isso inclui, talvez, pessoas com o cérebro dividido, gêmeos craniópagos e, de maneira controversa, cefalópodes. Entretanto, os coletivos não possuem uma conexão física estreita entre suas partes, as quais geralmente estão dispersas, ou separadas; e, quando unidas, ainda preservam uma certa individualidade. Por conseguinte, os coletivos podem ser considerados casos de consciência limítrofe, situando-se em uma zona cinzenta da consciência fenomênica. A concepção de coletivos conscientes é então controversa, uma vez que não há evidências definitivas de uma mente unificada em tais grupos. Este estudo busca, portanto, identificar as características ou critérios que devem ser atendidos para que um coletivo seja considerado genuinamente consciente; tais critérios serviriam como base para analisar grupos que possam não apenas se comportar como uma unidade, mas também sentir como uma unidade.

### Palavras-Chave

Consciência Coletiva. Casos Limites. Organismos.



## COMO NOSSAS EMOÇÕES AVALIAM? IMPLICAÇÕES COGNITIVISTAS NAS TEORIAS AVALIATIVAS DAS EMOÇÕES

Estela Altoé  
[estela@feitoza.com](mailto:estela@feitoza.com)

### Resumo

Como nossas emoções avaliam? O trabalho propõe explorar e problematizar o domínio avaliativo das emoções segundo dois modelos da tradição avaliativa de cunho cognitivista, e implicações dessas abordagens no debate maior sobre a teoria das emoções. Propõe analisar as objeções ao que se convencionou por judicialismo, na filosofia, que identifica emoções a juízos valorativos, como defendido por Robert Solomon e Martha Nussbaum, e as críticas às teorias avaliativas do tipo appraisal, na psicologia, como defendida por Richard Lazarus. As teorias avaliativas, reconhecidas como teorias cognitivas da emoção, advogam que o aspecto fundamental à natureza e função das emoções está em seu domínio avaliativo. Busco argumentar que tais teorias compartilham a visão de que emoções ou são avaliações cognitivas ou são causadas por avaliações que representam significações, propósitos e valores de importância para o sujeito em sua relação com o mundo. A fim de dar relevância ao papel da emoção nas interações sociais, na aquisição de conhecimento e na deliberação moral, utilizam o conceito de intencionalidade para fazerem valer o papel avaliativo, por referência ao conteúdo intencional da emoção em questão, que seria normativamente acessível ao sujeito e passível de correção, na medida em que tal emoção é adequada ou inadequada em relação à situação, como é o caso do medo desproporcional, por exemplo. São também influenciadas por uma visão funcional da mente enquanto processadora de informações. Todavia, sem que haja clareza sobre a complexidade dos diferentes processos informacionais envolvidos e sobre a noção de cognição, acabam por intelectualizar experiências emocionais mais automáticas e perceptuais, e não abordam a fenomenologia da emoção de modo adequado, nem tampouco incluem os processos corporais ativamente nos processos avaliativos. Chamo a atenção para a dimensão normativa das emoções como sendo a maior força da abordagem cognitivista, no entanto, aponto para o benefício de conceber a avaliação emocional como um mecanismo transacional com o ambiente, que perfaz um contínuo entre





formas mais primitivas e complexas de práticas cognitivas (SCARANTINO, 2010), o que pode ser um benefício de visões situadas e corporificadas sobre mente e cognição, visto que geralmente nós performamos práticas cognitivas em um dado contexto, e o fazemos ativamente por meio de nossos corpos e por exploração dos recursos de nosso ambiente.

### Palavras-Chave

Emoção. Avaliação. Cognição.



## CONCILIANDO REPRESENTAÇÕES MENTAIS E COGNIÇÃO 4EA

Carlos Henrique Barth

[carlos@cbarth.me](mailto:carlos@cbarth.me)

### Resumo

No cognitivismo clássico, a cognição tem natureza especular: ela representa o mundo e realiza computações sobre essas representações. Hoje, essa ideia foi largamente deixada lado em favor de concepções incorporadas e integradas (cognição 4EA). Ao tomarmos a relação entre organismo e ambiente como unidade básica de análise, representações tiveram seu espaço clássico tolhido. Autores como Andy Clark tentaram resgatar parcialmente esse espaço argumentando que, mesmo no quadro da cognição 4EA, há capacidades elevadas que só podem ser explicadas com auxílio de representações situadas. Diante disso, o que vemos hoje é uma corrida para formular tratamentos não representacionais a um número crescente de capacidades cognitivas cada vez mais complexas. Nesse cenário, argumento que essa abordagem é inadequada. Representações situadas devem ser tomadas como um recurso explicativo à disposição da ciência. A avaliação sobre se e quando um organismo faz uso desse recurso não deve depender de considerarmos a capacidade em questão cognitivamente básica ou elevada. Tampouco deve ser posta na forma de teses sobre a total implausibilidade (ou, no extremo oposto, sobre a necessidade) de representações. Isso deve ser objeto de pesquisa empírica, mecanismo a mecanismo. Argumento que podemos alcançar esse cenário lidando com duas críticas comuns ao uso de representações: uma aparente dificuldade de naturalização (sintetizada no problema duro do conteúdo) e uma aparente trivialidade que nada agrega à explicação científica. Busco mostrar que o primeiro problema pode ser evitado se ancorarmos o conteúdo representacional na relação matemática de isomorfismo ao invés da covariação causal. Isso permite especificar o conteúdo independentemente do papel funcional que ele exerce no organismo, o que nos compra uma noção puramente semântica de erro representacional (i.e. que não envolve mau funcionamento, condições não ideais, etc.). Pode-se assim articular teses empíricas que distinguem entre o bem/mal representar e o bem/mal explorar a informação representada. Assim, quando envolvidas, representações podem ter um papel explicativo não trivial e indisponível na sua



ausência. Além disso, é possível distinguir empiricamente casos em que o organismo está explorando representações dos casos em que ele explora diretamente informação disponível no ambiente. O resultado é um quadro enriquecido que consegue acomodar representações sem abrir mão de preceitos metodológicos caros à cognição 4EA.

### **Palavras-Chave**

Mente. Representação mental. Cognição 4EA.



## CONSCIÊNCIA E CONTINGÊNCIA

Marco Aurélio Sousa Alves

[marcoarelioalves@ufsj.edu.br](mailto:marcoarelioalves@ufsj.edu.br)

### Resumo

A natureza metafísica das qualidades fenomênicas das experiências conscientes, em particular das experiências perceptuais, continua um problema tão difícil quanto era há 30 anos. Quando tal problema passou a ser chamado de “difícil”, acreditava-se que uma teoria que explicasse adequadamente a relação entre propriedades fenomênicas e físicas estaria no caminho certo. A teoria representacionista prometia fazer exatamente isso, explicando as propriedades fenomênicas em termos de propriedades mundanas que sistemas representacionais naturais evoluíram de forma a rastrear em seus ambientes. Em tal teoria, estados cerebrais são veículos de conteúdos representacionais, e tais conteúdos seriam compostos por propriedades físicas/mundanas que fixam o caráter fenomênico das experiências. Seguindo David Papineau (2021), argumento que a teoria representacionista é insustentável, pois a relação entre propriedades fenomênicas e representacionais é fundamentalmente contingente, e não necessária, como exige tal teoria. Defenderei que as propriedades fenomênicas são propriedades intrínsecas do suporte físico que as realiza. São fundamentalmente propriedades do cérebro. Tal postura metafísica sobre a natureza metafísica das qualidades fenomênicas naturalmente desemboca em um interesse renovado pelos avanços da neurociência da consciência. Após uma breve apresentação das teorias atualmente mais proeminentes, argumento que a ciência da consciência não oferece nem oferecerá os elementos necessários para responder ao problema difícil. Tal problema exige uma relação necessária que nenhuma ciência da consciência será capaz de oferecer. Conforme argumentarei, o caráter contingente da relação entre consciência e propriedades mundanas torna o problema difícil metafisicamente insolúvel, dado o acesso epistêmico que temos às evidências que seriam necessárias para um teoria de escopo universal.

### Palavras-Chave

Consciência. Contingência. Metafísica.



## CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL E COPLEXIDADE: DILEMAS EPISTEMOLÓGICOS E ÉTICOS

Maria Eunice Quilici Gonzalez

[eunice.gonzalez@unesp.br](mailto:eunice.gonzalez@unesp.br)

### Resumo

Os seguintes problemas direcionarão nossa apresentação no contexto de práticas consideradas criativas: (1) Qual é a contribuição das teorias da complexidade para o entendimento do fenômeno de emergência subjacente às tecnologias persuasivas na ação criativa? (2) Quais os possíveis impactos epistemológicos e éticos das tecnologias persuasivas na criatividade humana? Ênfase será dada aos recentes desdobramentos de tecnologias persuasivas sobre Criatividade Digital, com o desenvolvimento de modelos de arte generativa, como o Dall-e 2, um sistema de Inteligência artificial que gera imagens realistas a partir de textos e imagens disponibilizadas em grandes bancos de dados, e o ChatGPT, um modelo de linguagem natural de grande escala que calcula a probabilidade do encadeamento de padrões, estruturas e sequências de palavras na geração de frases e textos, respondendo às solicitações dos usuários. O uso de algoritmos nas tecnologias persuasivas possibilita a geração de tipos padronizados de relação entre seus usuários, alterando muitas vezes regras sociais bem estabelecidas. Nossa hipótese de trabalho é que o diálogo filosófico-interdisciplinar pode contribuir, de forma significativa, para o entendimento de dilemas gerados pela rápida expansão de tecnologias persuasivas que, ao facilitarem, por um lado, o acesso à informação de interesse aos usuários, elas propiciam, por outro lado, a emergência, por vezes inesperada, de atitudes, opiniões e crenças, individuais e coletivas, em desacordo com hábitos e normas bem estabelecidas.

### Palavras-Chave

Criatividade computacional. Complexidade. Dilema.



## DEFININDO A NATUREZA DA CRENÇA: REPRESENTACIONISMO VS. DISPOSICIONALISMO

Alexandre Lohmann Oliveira  
[alemane90@gmail.com](mailto:alemane90@gmail.com)

### Resumo

Na filosofia analítica, o termo “crença” tem um grande destaque nas formulações de várias teses e posições. Este trabalho visa apresentar o debate entre as duas principais teorias acerca da definição da natureza da crença, isto é, a posição representacionista e a abordagem disposicionalista. No atual estado da arte acerca da natureza das crenças, a concepção ortodoxa é a representacionista, que compreende o estado mental de crença como uma atitude proposicional: S crê que P, no qual “S” é o sujeito, “crer” é a atitude e “P” é o conteúdo semântico. Por essa teoria, a crença é uma relação funcional mantida com um conteúdo semântico (representação). Algumas das relações típicas que caracterizariam esse estado mental seriam armazenar, transformar e, eventualmente, acessar o conteúdo. O disposicionalismo acerca de crenças surge em contraposição a concepção representacionista. Essa abordagem sustenta que possuir uma crença é estar disposto a agir e reagir de maneiras definidas em situações determinadas. A fim de trazer outra perspectiva para o debate entre o representacionismo de crença e o disposicionalismo, analiso as disputas conceituais travadas a partir do debate da filosofia das ciências cognitivas entre o representacionismo e o anti-representacionismo. O movimento de incluir o debate acerca da natureza das crenças nos termos dessa discussão pode nos fornecer novos mecanismos conceituais, mapeando o terreno filosófico da metafísica das crenças, e uma distinção precisa sobre a real disputa entre essas teorias concorrentes. Assim, contraste o disposicionalismo com o representacionismo acerca de crença, investigando se o disposicionalismo adota uma posição representacionista ou anti-representacionista no que concerne o debate da filosofia das ciências cognitivas. A partir dessa análise, argumento que o disposicionalismo, na verdade, está mais próximo do representacionismo de crença do que usualmente o debate especializado considera.

### Palavras-Chave

Crença. Representacionismo. Disposicionalismo.



## DURAÇÃO COMO UNIDADE DINÂMICA: UMA ABORDAGEM PARA O PROBLEMA DA IDENTIDADE PESSOAL

Mikael Souza Barra Nova De Melo  
[mikael.melo1402@gmail.com](mailto:mikael.melo1402@gmail.com)

### Resumo

O interesse da apresentação é evidenciar os problemas e impactos provenientes dos critérios substanciais de identificação e dos critérios de continuidade no debate metafísico sobre identidade pessoal. Uma breve apresentação do que é a identidade pessoal entendida como 'A' sendo qualitativamente 'igual' a 'B' em tempos diferentes será percorrida enfatizando que se trata de algo que está para além das características, atributos, experiências, valores e crenças que poderiam definir uma pessoa. Refere-se, portanto, àquilo que permanece, mesmo quando tudo isso muda. Assim sendo, está para além dos contornos que nos individualizam. No decorrer da tradição filosófica, o método analítico teve problemas em abarcar a complexidade da identidade pessoal em seu núcleo, ou seja, o que funda a existência inabalável da pessoa e assegura sua identidade narrativa e demais qualidades. Esse 'algo' nuclear fora até então compreendido e sustentado sob a lei da identidade a qual algo é numericamente idêntico a si mesmo, e assim se desenrolou uma filosofia que há muito não vislumbra uma possibilidade que sustente tamanha amarra metafísica e ao mesmo tempo permita as mudanças que as pessoas sofram sem que isso comprometa sua identidade. Dado isso, a pergunta central da apresentação é: devemos continuar entendendo a identidade em termos de uma persistência no atual sentido de 'aquilo que persiste' ser algo nuclear, que sustenta uma mesmidade substancial de um lado, ou ancorada em uma continuidade de uma unidade estática de outro? Em resposta a ela, é esperado levantar uma abordagem alternativa que elabore os conceitos tão caros ao debate de uma forma que não os deixe reféns da rigidez que se supôs ser necessária para nos apresentar uma resposta satisfatória à questão 'o que eu sou?'. Para isso, o conceito de duração proposto pelo filósofo Henri Bergson é imprescindível para evidenciar essa possibilidade, tais como os conceitos de unidade e memória tratados pelo filósofo, a fim de vislumbrarmos um caminho de estudo que permita a identidade se expressar em seus mais complexos níveis.

### Palavras-Chave

Identidade Pessoal. Duração. Unidade Dinâmica.



## ECUMENISMO ACERCA DA NATUREZA DE CRENÇAS

Rodrigo A. Dos S. Gouvea

[rasgouvea@gmail.com](mailto:rasgouvea@gmail.com)

### Resumo

Em minha apresentação, refletirei acerca da tese de que haja diferentes tipos de crença a partir de distinções entre formas de crer propostas por Bertrand Russell e, especialmente, por Frank P. Ramsey, que qualificou o termo “crença” como ambíguo. Russell (1997 [1921]) defende que o elemento de uma crença que chamamos de crer consiste em um sentimento, e, por haver diferentes formas de sentimento de crença, distingue três tipos de crença: expectativas, memórias e assentimentos (bare assents). Ramsey (1990 [1927]), por sua vez, contrasta crenças cujos fatores mentais são disposições formadas por experiências pregressas e crenças que se compõem de palavras (ditas ou pensadas) unidas por um sentimento de crença. Se a distinção não for meramente aparente entre os três tipos de crença de Russell ou entre os dois tipos de crença de Ramsey, a tese da ambiguidade de “crença” estaria justificada. Diante da ambiguidade de crenças, investigarei se posições centrais e usualmente consideradas antagônicas acerca da natureza das crenças, a saber, o ocorrentismo, o disposicionalismo e o representacionalismo, tornar-se-iam compatíveis. Ao final, contrastarei o ecumenismo de crenças que podemos atribuir a Ramsey (1990 [1926], 1990 [1927], 1990 [1929]) com posições, igualmente ecumênicas, de H. H. Price (1969), Robert Stalnaker (1984) e David. Lewis (1999 [1994]).

### Palavras-Chave

Crença. Sentimento de crença. Representação.





## EMERGÊNCIA DE ESTADOS MENTAIS PELA DINÂMICA DOS ESTADOS NEURAIS

César Daniel Alves Caldeira  
[cesarcaldeira@outlook.com](mailto:cesarcaldeira@outlook.com)

### Resumo

A preservação das constantes temporais que governam as operações cerebrais sugere que os aspectos arquitetônicos do cérebro, como as proporções de tipos de neurônios, tamanho do sistema, conectividade intrínsecas e extrínsecas entre os sistemas, estão subordinados a uma prioridade organizacional temporal. Pode-se dizer que o entendimento das características biofísicas destes mesmos sistemas é o melhor caminho para estudar os mecanismos cerebrais do comportamento cognitivo. Pressupõe-se que a atividade assíncrona característica dos estados neurais reflita a disponibilidade de um maior repertório de padrões neurais, enquanto o repertório reduzido de padrões neurais, durante regimes de atividade neural coletiva síncrona, reflita estados mais pobres se comparados com os primeiros. A hipótese mais aceita para explicar a origem de estados síncronos e assíncronos em uma mesma rede é a de que esses estados dependem da força relativa entre as sinapses inibitórias e excitatórias dos neurônios locais. Em suma, os estados neurais, podem levar a emergência de estados mentais. Muitos dos fenômenos mais interessantes relacionados ao cérebro, desde a percepção até a ação, ocorrem em janelas de tempo relativamente curtas (como milissegundos) sendo as mais relevantes para a investigação da neurodinâmica envolvida na cognição. Examinados a partir dessa perspectiva temporal, os padrões cerebrais que caracterizam esses momentos cognitivos podem ter alguns componentes não oscilatórios ou irregulares, mas são, tipicamente, altamente oscilatórios, por natureza, retornando aos estados anteriores, depois que a informação é processada. Em termos de informação neural, a sintaxe é um conjunto de princípios que permite a geração de combinações ricas a partir de um número limitado de elementos usando um número mínimo de regras. Foi levantada a hipótese de que o elemento fundamental da sintaxe neuronal é um conjunto de neurônios descarregando juntos em um ciclo gama. Do ponto de vista das células-alvo, a atividade coletiva dos neurônios que enviaram o sinal para estas é classificada como um único evento apenas



se seus sinais ocorrerem dentro da janela temporal de integração (10-30 ms; se ocorrerem sinais dentro dessa escala de tempo, eles serão combinados como um evento unitário). Esse empacotamento associa as “letras” dos ciclos para formar uma “palavra” neural. Em resumo, a natureza temporal hierárquica das interações pode refletir um mecanismo de organização sintática.

### Palavras-Chave

Estados mentais. Estados neurais. Neurociência.



## EU E TU: SERÁ QUE FUI A SEGUNDA PESSOA UM DIA?

Juliana De Orione Arraes Fagundes

[julianadeorione@hotmail.com](mailto:julianadeorione@hotmail.com)

### Resumo

Por meio de um entendimento das raízes da capacidade humana de atribuição de estados mentais, certamente vários problemas em filosofia da mente ganharão novos contornos. Quem defende que a atribuição de estados mentais é feita por meio de uma simulação empática a partir da própria subjetividade adota uma abordagem de primeira pessoa da subjetividade e da atribuição de estados mentais. Por outro lado, quem defende que a linguagem complexa e articulada deve começar a ser constituída conjuntamente aos mecanismos de atribuição de estados mentais para que a subjetividade se constitua compromete-se com uma abordagem de terceira pessoa. Há uma tendência recente, contudo, à defesa de uma forma de atribuição de estados mentais anterior à constituição da subjetividade e da linguagem complexa e articulada: seria por meio das experiências emocionais que se dão nas interações diretas corpo-a-corpo. Nesse caso, a abordagem é chamada de segunda pessoa. Vale citar aqui a filósofa argentina Diana Perez. As atribuições de segunda pessoa envolvem a relação interpessoal recíproca, dinâmica e em grande medida transparente. Por meio de seus gestos e expressões corporais, frequentemente não racionalizados e extremamente sutis, temos nossas emoções alteradas. Ao atribuir estados mentais às outras pessoas de forma linguística, fazemos atribuições teóricas com o intuito de explicar e prever os comportamentos observáveis. Porém, quanto essa atribuição é feita de um ponto de vista de segunda pessoa, o sujeito tem suas emoções automaticamente afetadas pelas emoções do interlocutor. Nesse caso, não há atribuições teóricas. O grau de familiaridade que temos com as emoções alheias nas interações face a face é muito alto, reconhecemos essas emoções assim como reconhecemos as nossas. Elas se tornam manifestas para nós, passam a nos constituir. A hipótese a ser explorada é que a segunda pessoa e a primeira pessoa se apresentam fundidas antes que a linguagem seja aprendida, dada a familiaridade com que nossas emoções são alteradas pelas emoções alheias.

### Palavras-Chave

Emoções. Segunda Pessoa.



## EXPLICAÇÕES COMPLETAS DAS AÇÕES

André Leclerc

[andre.leclerc55@gmail.com](mailto:andre.leclerc55@gmail.com)

### Resumo

Sócrates, no Fédon, XLVII, já explica por que ele está ainda na sua prisão esperando a execução da sentença do tribunal de Atenas e não fugindo. São juízos, disse ele, que explica a decisão de ficar, e não o fato de ter pernas que dobram acionadas por músculos. Malcolm (1968) distingue com clareza as explicações de movimentos corporais de explicações de ações. Movimentos corporais necessitam de causas próximas, internas ao organismo, enquanto ações precisam de razões para se tornar inteligíveis. Aqui temos dois explananda. Uma explicação completa leva em consideração a relevância explicativa e causal. Ela deve esgotar todas as questões relevantes sobre a execução de uma ação. Nosso modelo vem da biologia evolucionista, que distingue causas próximas de causas remotas (Ernst Mayr), o que leva, por analogia, a uma distinção como aquela proposta por Fred Dretske entre as causas deflagrantes e as causas estruturantes. A explicação completa de uma ação deve mencionar juízos, crenças, desejos ou intenções que estruturam a sequência de movimentos corporais de maneira significativa.

### Palavras-Chave

Ação. Relevância explicativa. Relevância causal.



## FAKE NEWS COMO UM PROCESSO DE DESINFORMAÇÃO

Marcos Antonio Alves  
[marcos.a.alves@unesp.br](mailto:marcos.a.alves@unesp.br)

### Resumo

Não é recente o uso de desinformação como ferramenta na tentativa de manipulação cognitiva e da conduta, seja em caráter individual ou coletivo. No entanto, é justamente na chamada Era da Informação, na qual se favoreceu maior democratização do acesso e uso da informação, que fenômenos desinformativos ganham força e relevância. Um destes fenômenos são as Fake News, ou notícias falsificadas. Com o aprimoramento de Tecnologias da Informação e Comunicação, elas se tornaram meios difundidos para a tentativa de convencimento social, por exemplo, em eleições políticas. Nosso objetivo, neste trabalho, consiste em sugerir um conceito de notícias falsificadas, expondo suas principais características. Diferentemente de outros fenômenos como o enunciado falso, boato, sátira, as caracterizamos, basicamente, como um processo de desinformação, no sentido de deformação de sinais que, em sua base, possuíam conteúdo informacional. Em nossa perspectiva, notícias falsificadas são adulteração de sinais representativos de fatos, de tal modo que: (i) não possuem base testemunhal, (ii) são transmitidas geralmente via canais não oficiais, sem destino restrito, (iii) são capazes de enganar o consumidor, intencionalmente ou não, (iv) mobilizam emoções, geram ou fortalecem crenças e direcionam a ação. Com base na abordagem informacional de Fred Dretske, procuramos mostrar que tais notícias não são informativas, na sua totalidade, embora possuam uma base informacional. Para este pensador contemporâneo, a informação se apresenta no mundo na forma de uma commodity, sendo transmitida por meio de um sinal, cuja existência independe de sistemas cognitivos. A informação é capaz de dizer algo verdadeiro a respeito do mundo. Dado que a notícia falsificada não diz algo a respeito do mundo, em sua totalidade, tampouco é informativa, mas é carregada de desinformação. Argumentamos ser justamente esta base um dos fundamentos de seu poder de convencimento e direcionamento da ação, ou de fortalecimento de ideologias e de conduta.

### Palavras-Chave

Informação. Notícias Falsificadas. Ação.



## INFORMAÇÃO, NOTÍCIA FALSIFICADA E PERSUASÃO

André Martin De Oliveira Franco

[andre.franco@unesp.br](mailto:andre.franco@unesp.br)

Marcos Antonio Alves

[marcos.a.alves@unesp.br](mailto:marcos.a.alves@unesp.br)

### Resumo

O fenômeno das notícias falsificadas é recorrente ao longo da história da humanidade. Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, potencializaram-se a criação, a disseminação e o consumo delas. Nesse trabalho, buscamos propor um conceito de notícia falsificada, ressaltando a existência, dentre seus elementos constitutivos, de uma base informacional, distorcida através da inserção de ruído e equívoco no processo comunicativo. Por meio de um processo de deformação, uma notícia genuína é transformada em notícia falsificada. Segundo os Oxford Learner's Dictionaries (2024), a notícia consiste em informações novas sobre algo que aconteceu recentemente. São relatos de eventos recentes, transmitidos por jornais, canais de televisão, rádio ou internet. A notícia pode ser sobre uma pessoa, coisa ou evento considerado suficientemente interessante para ser relatado como tal. Para Alves (2022), as notícias falsificadas são adulteração de fatos, de tal modo que elas não possuem base testemunhal, são transmitidas, geralmente, por meio de canais não oficiais e sem destino restrito, são capazes de enganar o consumidor, intencionalmente ou não, mobilizam emoções, geram ou fortalecem crenças e direcionam a ação. Assim, a notícia falsificada é constituída a partir de uma informação que, pela deformação provocada pelo ruído e equívoco, é transformada em desinformação, havendo prejuízo no fluxo informacional, conforme sugerido por Dretske (1999). O equívoco consiste na informação que, apesar de gerada na fonte, não chega ao destino. Já o ruído é o conteúdo que chega ao destino, mas não é proveniente da fonte. A informação, segundo Dretske (1999), consiste em um artefato, em um modo de descrever o significado para algum agente de eventos que, intrinsecamente, não possuem sentido. Ela possui o atributo de ser sempre verdadeira, além de consistir em uma mercadoria, uma commodity. Procuramos argumentar que, considerando a deformação da



informação, uma notícia falsificada, mesmo sendo desinformação no seu todo, , mantém algo de informativo advindo da notícia genuína. É este um dos elementos, justamente, que justificam o seu alcance, poder de persuasão e disseminação por parte de seus consumidores.

### Palavras-Chave

Notícia falsificada. Informação. Notícia.



## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: O ASSOCIACIONISMO VENCEU?

Libni Ewerton Teles  
[libni\\_teles25@live.com](mailto:libni_teles25@live.com)

### Resumo

Aprendemos, ao longo da história da filosofia ocidental, que certos pensamentos surgem, ganham brilho, perdem força, para depois serem resgatados e brilharem novamente. Talvez esse seja o caso do Associacionismo. Originalmente identificado com Hume, a ideia basilar proposta por ele em *An Essay Concerning Human Understanding* descrevia que o conhecimento e as ideias humanas se formam e se conectam com base em impressões sensoriais e nos princípios de semelhança, contiguidade e causalidade. Mais tarde, as primeiras teorias behavioristas incorporavam a ideia central desse pensamento enfatizando a importância do condicionamento e das associações entre estímulos e respostas. Porém, o maior ressurgimento do associacionismo se deu com a teoria do Processamento Paralelo Distribuído (PDP), em que o conhecimento e os processos cognitivos são formados por associações entre elementos simples, capturados por meio dos inputs dos sistemas de Redes Neurais Artificiais. O desenvolvimento dessas ferramentas levou a nova revolução da Inteligência Artificial que estamos presenciando hoje, onde certos comportamentos e ações estritamente identificadas com os seres humanos agora são reproduzidos por máquinas. De fato, parece que logo não existirão limites para o que uma máquina pode ser capaz de reproduzir. Isso significa a vitória do associacionismo enquanto teoria epistemológica? Um olhar mais cauteloso indica que não. Steve Pinker em sua análise da revolução conexionista dos anos 1980 dizia: “[...] Parecem que a revolução conexionista está mais intimamente ligada a uma agenda de reviver o associacionismo como uma doutrina central de aprendizado e funcionamento mental. Como resultado, as discussões sobre o conexionismo envolvem um reexame dos debates sobre os pontos fortes e fracos dos mecanismos associacionistas que eram uma parte importante da teoria cognitiva de décadas atrás”. – PINKER, 1988, p. 2. Assim sendo, cabe investigar se associação de ideias realmente é a alternativa mais viável para a explicação do entendimento humano, ou apenas se trata de um funcionalismo ainda mais sofisticado.

### Palavras-Chave

IA. Associacionismo. Funcionalismo.





## IS ARTIFICIAL AUTHORSHIP POSSIBLE? AN INSTITUTIONAL ANSWER

João Vitor Schmidt

[joaovitorschmidt@gmail.com](mailto:joaovitorschmidt@gmail.com)

### Resumo

The last years saw the introduction some groundbreaking technologies known as Generative Artificial Intelligence Systems (GAIs), capable of generating text (ChatGPT), images (Dall-E, Midjourney), videos (Sora) and music (Suno). These GAIs have staggering capabilities that are closer and closer to human level of creativity. Nonetheless, the question remains whether they can be considered genuine authors of their products, a question that van Woudenberg, R., Ranalli, C., and Bracker, D. (2024) recently attempted to answer negatively. In this talk, I propose a different approach, named institutional account of authorship, following Searles theory of speech acts (1979 and jointly with Vanderveken in 1985) and theory of social institutions (1995, 2010). The institutional account also builds from Uidhir (2013) theory of artistic authorship as a triadic relation between an agent *a*, an work *w* and a type-description *F*. Moreover, he argues that *F* descriptions may vary between weak and strong author relevancy. As every *F*-work that is strong author relevant entails the existence of an author (e.g. a poem), *F*-works that are only weak author relevant do not: they only *prima facie* entail the existence of an author, but not necessarily has one. Moreover, Uidhir's theory is intentional, meaning that to be an author is *ipso facto* to be an intentional agent. A corolary of these principles is that an agent that only *prima facie* has intentions can be, at best, an author of a *F*-work that is only weak author-relevant. With that in mind, I will focus on *F*-types that are institutionally relevant and argue that the institutional account of authorship captures precisely these *F* descriptions. Then, I argue that these institutionally relevant *F*s are strong-author relevant in Uidhir's sense, meaning that to be an author of an institutionally relevant *F* requires more than just *prima facie* authorship. Finally, I will argue that most agent-based AIs, which includes current GAIs, are only *prima facie* intentional agents, meaning that they can only be *prima facie* authors of weak author-relevant *F*s. Since institutional relevant *F*s are strong author-relevant, artificial agents cannot be authors of institutional relevant *F* works. The final question, not answered in this talk, is to



determine which media type generated by GAI are institutionally relevant, although the case can be made that most generative products, particularly the artistic ones, already are.

### **Palavras-Chave**

Authorship. Artificial Intelligence. Institutions.



## KANT ANTI-INTELLECTUALISTA RELACIONALISTA CONTRA O NÃO- CONCEITUALISMO REPRESENTACIONALISTA

Bergkamp Pereira Magalhães  
[bergkamp-logos@hotmail.com](mailto:bergkamp-logos@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é defender que Kant é melhor interpretado com anti-intelectualista relacionalista. Como anti-intelectualista por sua obra conter reinvidicações que argumentam contra o intelectualismo de sua época e como relacionalista por sua obra ser compatível com a Restrição de Generalidade de Evans, de modo que além de se colocar de maneira legítima dentro do debate contemporâneo e em andamento entre não-conceitualismo e conceitualismo, também argumenta contra a visão não-conceitual de conteúdo (representacionalismo) e o conceitualismo. O trabalho procura demonstra a compatibilidade entre a obra de Kant e Evans, mostrando a legitimidade de Kant no debate contemporâneo, bem como pretende e explicar que a visão não-conceitualista de conteúdo - representacionalismo - está correto ao afirmar que Kant não é conceitualista, mas está errado ao afirmar que há possibilidade de conteúdos representacionais não-conceituais próprios das intuições sensíveis passíveis de veracidade ou falsidade (independentemente de julgamentos com conceitos). O equívoco ocorre porque Kant reitera desde o período pré-crítico que os sentidos não erram, muito menos julgam sempre corretamente como afirma o representante do representacionalismo Robert Hanna, porque o julgamento passível de verdade ou falsidade é papel do entendimento, não das intuições. Para compreensão deste problema, este trabalho visa apontar que o debate contemporâneo entre conceitualismo e não-conceitualismo é um desdobramento da discussão mais ampla entre intelectualismo e anti-intelectualismo, cujas reivindicações se transformaram ao longo dos anos e que tem Kant como um dos precursores mais importantes. Para isto, apoiado na visão de Roberto Pereira e Lucy Allais, o artigo visa trazer um direcionamento ao debate contemporâneo a partir da interpretação das intuições sensíveis de Kant como sendo entendidas como modo de doação de objetos que se referem de re aos objetos em oposição à referência de dicto feita pelo entendimento através de julgamentos com conceitos. Ademais, o trabalho procura

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



mostrar que interpretar Kant como anti-intelectualista relacionalista pode enriquecer o debate contemporâneo, dado que o projeto kantiano pretende ir além da relação entre conceitos e percepção.

## Palavras-Chave

Não-conceitualismo. Relacionalismo. Kant.



## MARY E CONHECIMENTO PROPOSICIONAL

João César Ramos Francisco

[jcramosf@hotmail.com](mailto:jcramosf@hotmail.com)

### Resumo

O Argumento do Conhecimento, de Frank Jackson, ainda gera difíceis debates sobre a epistemologia e a metafísica das experiências, e as opções teóricas propostas para lidar com as dificuldades apresentadas não logram grande consensualidade. Jackson constrói um cenário fictício onde uma personagem, Mary, que passara toda sua vida em um quarto em preto e branco, adquire todo o conhecimento descritivo disponível por um corpo teórico que envolve física, química, neurociência etc completas. É não somente intuitivo, mas também extremamente consensual no debate, pensar que, ao sair do quarto e ver cores pela primeira vez, Mary adquiriria um novo conhecimento: o conhecimento de como é ver vermelho (what it is like to see red). Jackson, então, capitaliza sobre tal cenário para concluir que ao ver cores Mary adquiriria novo conhecimento factual não-físico e que, portanto, o fisicalismo é falso. A extravagante conclusão de Jackson não nos interessa muito aqui. O que é central para a presente discussão é que o argumento só pôde ser construído como o foi porque Jackson assume o que chamo de postura proposicional: a posição de que o novo conhecimento de Mary seria ou envolveria necessariamente conhecimento factual/proposicional, i.e. conhecimento de uma verdade sobre o mundo. Propostas antagônicas a essa interpretação sobre a natureza do novo conhecimento de Mary são minoritárias no debate e podem ser encontradas na Hipótese da Habilidade (David Lewis; Laurence Nemirow) e na Estratégia de Acquaintance (Earl Conee; Michael Tye). Neste trabalho investigarei os motivos usuais apresentados ou tacitamente assumidos a favor da postura proposicional. Desses, dois possuem força considerável no debate até hoje. O primeiro é de natureza representacional, sobre conteúdo de pensamento. O segundo é de natureza linguística, sobre o tratamento semântico de frases “wh”. Feita essa exposição, argumentarei contra a postura proposicional, com o intuito de fortalecer posições que usam conhecimento não-proposicional para responder ao argumento de Jackson. Com isso, almejo durante minha participação no evento informar a meus interlocutores sobre o estado da arte das discussões epistemológicas do Argumento do



Conhecimento e explorar alguns dos meus próprios argumentos contra a postura proposicional nesse debate. Espera-se que a apresentação seja capaz de fazer os interlocutores se engajarem na discussão e desenvolverem suas próprias interpretações sobre o problema.

### **Palavras-Chave**

Argumento do Conhecimento. Epistemologia. Mary.



## MENTE E SOCIEDADE EM SEARLE

Igor Matheus Paiva Das Neves Santos

[igormatheuspaiva@gmail.com](mailto:igormatheuspaiva@gmail.com)

### Resumo

No livro *Mente, Linguagem e Sociedade: filosofia no mundo real* (2000) o filósofo John Rogers Searle tem como uma de suas análises centrais a ligação entre a noção de mente e sociedade. De modo que, para o autor, a mente é que vai criar a estrutura geral do universo social – o que ele denomina: realidade social objetiva ou realidade social e institucional. Somado a isso, evidencia-se uma questão importante sobre essa relação, a saber: o confronto entre o objetivo e o subjetivo – ao ponto que Searle propõe uma realidade epistemologicamente objetiva, mas que é constituída por atos ontologicamente subjetivos. Sendo que para discorrer sobre tal discussão, o autor introduz duas propriedades cruciais da mente: a consciência e a intencionalidade – pois é a partir desta ligação que a mente se relaciona com os estados de coisas no mundo real (físico). Logo, objetivamos explicitar, com o presente estudo, como existe uma articulação entre a esfera social e a mental no escopo da filosofia da mente searliana – baseando na relação existente entre os fenômenos mentais e a realidade social.

### Palavras-Chave

Mente. Sociedade. Searle.



## MODELOS DE RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS EMOCIONAIS: UMA CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA E FERRAMENTAL

David Leonardo Barsand De Leucas  
[leucaspsi@outlook.com](mailto:leucaspsi@outlook.com)

### Resumo

A pesquisa sobre expressões faciais e emoções, evoluindo desde Darwin e Duchenne, mergulhou na complexidade dessas interações, culminando em avanços significativos no século XXI com o trabalho de Paul Ekman e o desenvolvimento do Facial Action Coding System (FACS). Este sistema, uma referência na descrição objetiva da atividade facial, abriu caminho para uma análise mais precisa das expressões faciais e suas correlações com as emoções. A tecnologia moderna, através da inteligência artificial e do aprendizado de máquina, expandiu ainda mais as possibilidades de estudo e aplicação prática, dando origem a técnicas como a Análise Automatizada de Expressões Faciais (AFEA), que permite a rápida avaliação e classificação de expressões faciais em emoções básicas. Essa evolução não está isenta de questionamentos, particularmente em relação à universalidade das expressões faciais e sua interpretação automatizada. O debate se aprofunda com as contribuições de pensadores como Jess Prinz, que questiona a universalidade das emoções e propõe que são fortemente influenciadas por contextos culturais, e Peter Goldie, que enfatiza a importância do contexto narrativo na compreensão das emoções. Gilbert Ryle, com sua crítica ao dualismo mente-corpo, sugere uma visão integrada, onde expressões faciais são vistas não apenas como reflexos de estados internos, mas como ações incorporadas em contextos sociais e comunicativos. Os sistemas de AFEA, enquanto avançam, enfrentam o desafio de interpretar a riqueza e a variação das expressões humanas, necessitando considerar fatores além da fisiologia, como as influências culturais e contextuais. O projeto atual busca avaliar a confiabilidade desses sistemas, investigando sua capacidade de diferenciar expressões emocionais genuínas de não emocionais e explorando a interseção entre a experiência emocional biopsicossocial e sua manifestação facial. O objetivo é gerar um entendimento mais nuanciado das emoções primárias e sugerir melhorias para os sistemas de AFEA, contribuindo para debates éticos e legais sobre seu uso e promovendo avanços na área do reconhecimento automático de emoções.

### Palavras-Chave

AFEA. Expressões faciais. Emoção.





## O PRINCÍPIO DE POSSIBILIDADES ALTERNATIVAS EM HARRY FRANKFURT

Fúlvio Anderson Pereira Leite

[fulvioleitepr@gmail.com](mailto:fulvioleitepr@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho investiga a questão da liberdade humana do ponto de vista filosófico, explorando se os seres humanos têm verdadeiramente liberdade em um sentido forte. Inicialmente, define-se liberdade como a capacidade de escolher entre diferentes opções, agindo de forma voluntária e deliberada. Os defensores do livre-arbítrio argumentam que os seres humanos são capazes de escolher ou decidir de acordo com sua própria vontade, sem serem completamente determinados por fatores externos. O debate sobre a liberdade humana e sua relação com a responsabilidade moral é fundamental na filosofia da ação. A discussão gira em torno da questão de se as ações humanas são livres ou determinadas por fatores desconhecidos. A responsabilidade moral é geralmente vista como dependente da existência do livre-arbítrio. O Princípio de Possibilidades Alternativas (PPA) é introduzido como um conceito-chave. Ele sustenta que uma pessoa só pode ser moralmente responsável por uma ação se tiver a capacidade de agir de outra maneira. Este princípio é fundamental para avaliar o compatibilismo, uma posição filosófica que busca reconciliar a liberdade humana com o determinismo. Harry Frankfurt desenvolve argumentos que limitam as conclusões do determinismo, destacando a importância do princípio de possibilidades alternativas (PPA) na discussão sobre a liberdade e a responsabilidade moral. Este trabalho pretende examinar criticamente o PPA, considerando suas implicações para o compatibilismo e apresentando argumentos contra ele. A análise dessas questões contribuirá para uma compreensão mais profunda da natureza da liberdade humana e sua relação com a responsabilidade moral.

### Palavras-Chave

PPA. Responsabilidade Moral. Harry Frankfurt.



## PERCEPÇÃO E ATRIBUTIVOS GERAIS

Tiago Fonseca Falkenbach

tffalk@gmail.com

### Resumo

Na presente comunicação, pretendo revisar e avaliar cinco argumentos em defesa da tese que a percepção pressupõe a aplicação de atributivos gerais. Três dos argumentos são apresentados explicitamente por Tyler Burge, em sua mais recente monografia *Perception: First Form of Mind* (2022). Outros dois são apresentados por Jerry Fodor, em *LOT II* (2008) e ‘Burge on Perception’ (2015). Embora seja um tema recorrente na história da filosofia, a tese ganha novos contornos no contexto da distinção entre registro informacional e conteúdo representacional. Para Fodor, por exemplo, a percepção pressupõe não apenas o registro informacional (‘Dretsikian’ information), mas também atributivos conceituais. Burge (2010, 2018, 2022) critica a concepção de registro informacional sobre a qual Fodor constrói sua argumentação. Além disso, baseado na ideia do caráter nominal, não predicativo, da percepção, Burge defende que os atributivos gerais que constituem a percepção são representações nãoconceituais. Essa concepção não predicativa dos atributivos gerais parece, de fato, ser mais adequada para explicar a natureza da percepção. Não obstante, pretendo defender que são os argumentos de Fodor, e não os de Burge, os mais promissores na defesa de que a percepção depende de atributivos gerais. Ademais, sustentarei que o melhor argumento é aquele que Fodor menos desenvolve, a saber, o argumento baseado na possibilidade da ilusão sensorial. Esse argumento depende de que se reconheça um conteúdo representacional comum entre percepção e ilusão sensorial, mas, como argumentarei, a admissão da tese do conteúdo comum não é um preço alto a se pagar quando se aceita a explicação que Fodor apresenta para um dos casos de ilusão, a ilusão visual de tridimensionalidade (conforme experimento de Béla Julesz).

### Palavras-Chave

Percepção. Atributivos gerais. Informação.



## REPRESENTAÇÃO MENTAL E EMOÇÕES: DA AVALIAÇÃO INCORPORADA À MOTIVAÇÃO IMANENTE, UM PERCURSO PRINZEANO

Yuri Assis Freitas  
yuri.arq@gmail.com

### Resumo

Este estudo acompanha a trajetória percorrida por Jesse Prinz em sua teoria das emoções, desde a teoria original de 2004 sobre avaliações incorporadas (embodied appraisals) até a revisão enativista de sua abordagem, proposta em 2018. O trabalho aborda as críticas recebidas por sua teoria inicial e explora algumas posições teóricas que o levam a abandonar uma abordagem representacional no contexto das emoções. A virada enativista de 2018 responde a essas objeções e busca garantir o aspecto corporificado das emoções. Isso é fundamental para Prinz, que considera a emoção como a percepção das modificações nos padrões corporais. A compreensão desse contexto é relevante para o objetivo deste estudo, que visa iniciar uma investigação sobre o papel desempenhado pela “representação” nas teorias das emoções. O objetivo de apresentar o percurso teórico de Jesse Prinz entre 2004 e 2018, no que se refere à sua proposta sobre as emoções, é conduzir uma pesquisa mais abrangente que busca investigar o papel desempenhado pela “representação mental” nas emoções. As discussões teóricas de Prinz contribuem para essa investigação, uma vez que ele parte de uma teoria fortemente comprometida com a representação, através da semântica informacional (PRINZ, 2004) e posteriormente, rompe totalmente com a representação mental, adotando uma abordagem enativista para compreender as emoções (SHARGEL e PRINZ, 2018). Inicialmente, abordaremos a representação mental, estabelecendo uma compreensão de sua interpretação ao longo da tradição e nas abordagens da filosofia da mente. Em seguida, exploraremos a visão teórica que a representação apresenta para Prinz em 2004, no contexto de sua construção teórica da emoção como avaliação incorporada (embodied appraisals). Após considerarmos essas questões relacionadas à representação, analisaremos o caminho percorrido por Prinz em suas concepções teóricas sobre as emoções, abrangendo o período de 2004 a 2018, discutiremos as objeções recebidas e as respostas oferecidas, delineando um contexto teórico que busca fortalecer nossa compreensão das emoções como



fenômenos incorporados. Por fim, levantaremos algumas breves questões sobre o papel da representação no contexto das emoções, como hipóteses de pesquisa a serem exploradas em trabalhos futuros.

### **Palavras-Chave**

Representação. Emoções. Avaliação Incorporadas.



## SOBRE A DIVISÃO DIGITAL SISTÊMICA: IMPLICAÇÕES EPISTÊMICAS E POLÍTICAS

João Antonio De Moraes  
[moraesunesp@yahoo.com.br](mailto:moraesunesp@yahoo.com.br)

Rafael Rodrigues Testa  
[rafaeltesta@gmail.com](mailto:rafaeltesta@gmail.com)

### Resumo

O acesso à tecnologia digital tornou-se essencial para uma participação completa nos aspectos econômicos, políticos e sociais da sociedade contemporânea. A divisão digital descreve a crescente disparidade entre os membros da sociedade que não têm acesso a computadores e internet e aqueles que têm. Essa divisão vai além da simples posse de tecnologia, abrangendo várias camadas de habilidades digitais dos usuários, que incluem a capacidade de interagir efetivamente online, inserindo-se e engajando-se digitalmente. Levando em consideração as implicações políticas da divisão digital, em linha com os estudos sobre cidadania digital, percebe-se que o acesso significativo permite que os indivíduos tirem vantagens culturais e econômicas do uso das tecnologias digitais. No entanto, para aqueles marginalizados por essa divisão, a tecnologia disponível é frequentemente limitada a formas de entretenimento superficial, não contribuindo para o enriquecimento cultural ou para a melhoria do bem-estar econômico. Um acesso significativo às tecnologias digitais também deve incluir o entendimento dos algoritmos subjacentes de redes sociais e outras fontes online. À medida que as pessoas formam suas crenças com base em informações filtradas automaticamente pela internet, incluindo motores de busca, aquelas na extremidade excluída da divisão digital estão especialmente vulneráveis à manipulação, devido à falta de conhecimento sobre o viés e a incompletude das informações recebidas. As estruturas digitais emergem, assim, como mediadores algorítmicos fundamentais na formação da percepção da realidade. Reconhecemos que a divisão digital pode ser caracterizada como sistêmica. Ela é sistêmica porque permeia todo o ciclo de vida das tecnologias digitais – afetando aspectos éticos do desenvolvimento, design e uso dessas tecnologias – e impacta deliberadamente todos



os usuários, através de estratégias desenvolvidas pelos criadores das plataformas para maximizar a utilização e gerar benefícios econômicos e políticos. Assim, o tópico da divisão digital sistêmica é relativa não apenas ao acesso e à alfabetização digital; a questão central diz respeito à habilidade de pensamento crítico sobre os impactos das tecnologias digitais sobre nossa forma de entender e agir nos ambientes online e off-line. Nesta discussão, exploraremos a natureza sistêmica da divisão digital, considerando seus impactos epistêmicos e políticos.

### Palavras-Chave

Ética Informacional. Divisão Digital. TICs.



## SOLUÇÕES CONTEMPORÂNEAS PARA O FREGES PUZZLE

Victor Angelucci De Moura Sousa  
[victorangelucci1705@gmail.com](mailto:victorangelucci1705@gmail.com)

### Resumo

O Freges Puzzle é um problema conhecido em filosofia da linguagem. É possível resumir-lo da seguinte forma: dadas duas identidades como  $a=a$  e  $a=b$ , é possível que a referência das constantes seja a mesma, mas que haja alguma diferença cognitiva ou informativa entre elas. A solução de Frege foi postular uma semântica bidimensional, inserindo no significado dos termos um elemento cognitivo. Tal solução, depois do desenvolvimento da teoria da referência direta, foi abandonada, deixando o problema aberto à novas soluções. O objetivo deste trabalho é apresentar e avaliar duas soluções diferentes para o problema e que são defendidas por pesquisadores contemporâneos - a saber, a teoria dos arquivos mentais de François Recanati e o relacionismo semântico de Kit Fine. A teoria dos arquivos mentais explora o insight fregeano de postular dois níveis para a semântica, eles aqui sendo a referência e os conceitos conhecidos como arquivos mentais. A novidade está na construção destes arquivos, que enquanto modos de apresentação, são definidos em termos de relações entre sujeitos e objetos (segundo a tradição neofregeana de Evans). Já o relacionismo semântico busca explicar a diferença cognitiva das identidades em termos de diferenças semânticas, mas fundamentalmente relacionais. Assim, a teoria é similar ao russellianismo, que identifica o significado de nomes e/ou constantes com sua referência, mas permite tratar a diferença cognitiva como semântica apenas no nível de relações de coordenação entre instâncias de nomes. Se duas instâncias estão coordenadas, isto é, são transparentes entre si, então não temos ganho informativo ( $a=a$ ); *mutatis mutandis* para a outra identidade. Ao final da apresentação das posições, quero brevemente avaliar se elas são de fato mutuamente excludentes, usando de exemplo o chamado Fregeanismo Mínimo de Aidan Gray. Minha hipótese é que, apesar de um relacionismo e um fregeanismo genéricos serem inconsistentes em conjunto, suas versões nas teorias de Recanati e Fine não o são. Isso se dá pelos interesses teóricos de cada um: explicar o comportamento e as inferências de agentes racionais e desonerar a semântica formal das pressões exercidas pelo problema de Frege.

### Palavras-Chave

Linguagem. Mente.



## TODOS NÓS OUVIMOS UMA VOZ EM NOSSAS CABEÇAS?

Raquel Krempel

[raquelak@gmail.com](mailto:raquelak@gmail.com)

### Resumo

A experiência de pensar em palavras é bastante familiar. Esse fenômeno recebe diversas denominações, como por exemplo ‘fala interna’, ‘voz interior’ e ‘monólogo interno’. Existem duas suposições comuns sobre a fala interna: (1) ela é universal; (2) ela envolve imagens sensoriais (normalmente imagens auditivas). Assim, todos possuem uma voz interna, o que envolve a experiência de “ouvir” palavras na mente. Meu objetivo é discutir essas suposições e os tipos de evidências que podem ser usadas para avaliá-las. Quanto à primeira suposição, Nedergaard e Lupyan (2023) indicaram recentemente que a fala interna não é universal. Eles cunharam o termo “anendofasia” para se referir à falta da experiência da fala interna. Embora chamem a atenção para variações importantes na experiência da fala interior, argumentarei, no entanto, que o questionário que utilizaram não é suficiente para estabelecer que algumas pessoas não têm fala interna (já que ele pressupõe que a fala interna tem um componente auditivo). Quanto à segunda suposição, a visão de que a fala interna envolve imagens pode ser desafiada à luz da afantasia. A afantasia é uma condição caracterizada como uma incapacidade de criar imagens mentais, podendo afetar imagens mentais em todas as modalidades sensoriais (Zeman et al. 2015). Alguns afantásicos totais dizem que às vezes pensam em palavras, mas sem ter a experiência de “ouvir” essas palavras, ou seja, sem imagens auditivas. Se aceitarmos esses relatos, então os pensamentos conscientes de pelo menos alguns afantásicos totais envolvem palavras, mas não envolvem imagens auditivas. Isso desafia a visão de que a fala interna deve envolver imagens sensoriais. No entanto, como irei salientar, os questionários atuais da fala interna não conseguem identificar esta forma de fala interna. A conclusão é que precisamos de uma ferramenta melhor para avaliar as variações na frequência e na fenomenologia da fala interna. Algumas ideias preliminares sobre como desenvolver um questionário mais apropriado são: 1) abordar casos particulares da experiência da fala interna – ao invés de questões gerais sobre essa experiência 2) caracterizar a fala interna de forma que ela não envolva necessariamente um elemento sensorial. Isso





pode nos fornecer uma maneira mais confiável de avaliar as experiências de fala interna. Assim que tivermos clareza sobre a real frequência e variação da fala interior, poderemos tirar melhores conclusões sobre o seu papel na cognição.

### **Palavras-Chave**

Fala interna. Imagens mentais. Afantasia.



## UM ESTUDO ENATIVISTA DOS TRANSTORNOS MENTAIS

Fredson Melquiades De Andrade Junior

[fredxxandrade@gmail.com](mailto:fredxxandrade@gmail.com)

### Resumo

Para o panorama do cognitivismo clássico, a nossa mente está localizada apenas no cérebro, em abstração do corpo e do ambiente em que eles se situam. Porém, a abordagem enativista concebe a mente como corporificada, enativa e situada, o que quer dizer que a cognição é moldada por interações dinâmicas entre o corpo e os ambientes físicos e sociais. Com o consequência disso, buscamos argumentar que se considerarmos que a mente é corporificada e situada, então podemos compreender que transtornos mentais também são. Dentro desse cenário, também podemos argumentar que organismos vivos que vivem em ambientes de estresse, esforço físico e violência sistemática são mais suscetíveis a desenvolverem tais transtornos, uma vez que eles estão imersos nesses ambientes. Para validar nosso argumento, utilizaremos a tese de sense-making (produção de sentido), presente na literatura enativista, que argumenta que produzimos sentido ao nosso mundo de forma corporificada, situada e afetiva. Uma vez que 1) para ter cognição, é necessário ter experiências que partem de um corpo dotado de habilidades sensório-motoras particulares; 2) essas habilidades particulares estão embutidas em um contexto mais amplo, que engloba aspectos biológicos e culturais, que interagem com os seres vivos de forma positiva ou negativa; 3) a afetividade não é algo distinto da racionalidade, tendo em vista que as emoções incluem estados cognitivos de avaliação do ambiente. Dessa forma, adotamos a perspectiva enativista da mente para identificar como é moldado o estado mental das classes sociais desprivilegiadas, que sofrem com medo, fadiga, sentimento de inutilidade e outros tipos de sintomas que podem ser categorizados como doenças mentais. Com isso, buscamos nessa pesquisa expandir o problema dos transtornos mentais para além dos mecanismos neurobiológicos e compreender como as dimensões sociais e políticas contribuem para a formação e a vivência da cognição.

### Palavras-Chave

Enativismo. Transtornos mentais. Cognição.



## VIESES IMPLÍCITOS NA PERCEPÇÃO DA DOR

Daniel De Luca-Noronha

[deluca.11@gmail.com](mailto:deluca.11@gmail.com)

### Resumo

A capacidade de perceber estados mentais que se revelam no comportamento dos outros é constitutiva da cognição social. Um caso interessante é a sensibilidade à dor alheia. Seres humanos são especialmente sensíveis a comportamentos de seus co-específicos que podem ser identificados como dor, tais como determinadas expressões faciais, reflexos de retirada, vocalizações típicas, entre outros. Do ponto de vista epistêmico, alguns pesquisadores ligados ao enativismo afirmam se tratar de um processo confiável, ao menos nos contextos típicos de interação social. Entretanto, pesquisas recentes em ciência cognitiva mostram que a capacidade de estimar a dor alheia mediante a percepção é vulnerável a vieses implícitos. Em particular, alguns grupos étnicos podem ser vítimas de vieses relacionados à atribuição do limiar de dor. Mediante associações espúrias por parte dos percipientes, sujeitos de determinados grupos podem ser concebidos como mais ou menos resistentes à dor. O objetivo da minha comunicação é apresentar o chamado viés de outra raça em situações de estimativas de dor e extrair consequências epistêmicas relevantes.

### Palavras-Chave

Filosofia da dor. Cognição social. Percepção.



## VISÕES DE MUNDO: ALGUNS ASPECTOS DE SUA ESTRUTURA, DINÂMICA E CONTORNOS ONTOLÓGICOS

Filipe Lazzeri  
[filipelazzeri@ufg.br](mailto:filipelazzeri@ufg.br)

### Resumo

A noção de visão de mundo é referida também por termos como ‘cosmovisão’ e ‘concepção de mundo’. Às vezes, além disso, nos deparamos com o uso do termo ‘ideologia’ como se fosse sinônimo de ‘visão de mundo’. Porém, o termo ‘ideologia’ é bastante utilizado, após Marx e Engels, para se fazer remissão crítica, como diz M. Löwy (em *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*), a “uma forma de pensamento orientada para a reprodução da ordem estabelecida”. Já o termo ‘visão de mundo’, como elucida Löwy, é utilizado para se referir simplesmente a um conjunto de ideias amplamente condicionadas pelo ambiente social e que balizam o modo de interpretar a realidade e viver nela. Como coloca Löwy, “Ele circunscreve um conjunto orgânico, articulado e estruturado de valores, representações, ideias e orientações cognitivas, internamente unificado ... por um certo ponto de vista socialmente condicionado”. A literatura sobre a noção de visão de mundo remete a Kant o uso inaugural do termo (em alemão, ‘Weltanschauung’) no contexto filosófico. Contudo, Kant fez um uso passageiro desse termo (a saber, para se remeter ao mundo dos fenômenos, o mundo como experienciado por sujeitos, em trecho da *Crítica da Faculdade do Juízo*). Atribui-se a W. Dilthey um dos primeiros enfoques filosóficos generalizados no conceito, em torno de questões sobre a estrutura (os componentes) e a dinâmica (o desenvolvimento) das visões de mundo. Visões de mundo, sob compreensões diferentes daquelas que se figuram em Kant e Dilthey, viriam a formar a unidade de análise de abordagens que se qualificam como holismos sobre a estrutura da justificação epistêmica e do conhecimento, como no caso da abordagem de W. Quine, embora sob as nomenclaturas de ‘esquemas conceituais’ e ‘rede de crenças’. No presente trabalho, tenho por objetivo: (1) oferecer uma representação dos tipos de elementos constitutivos de visões de mundo, em diálogo com a proposta de Quine e outras; (2) traçar alguns aspectos de sua dinâmica, em suas relações com os conceitos de ambiente e ação, em um balanço crítico do modelo de M. Kearney, retendo



particularmente sua dimensão dialética; e com base em (1) e (2), (3) sugerir uma interpretação de contornos ontológicos das visões de mundo em linha com uma filosofia da mente corporificada-comportamental, em que elas se situam nas próprias interações - dialéticas, não lineares - entre agentes e ambientes, por contraste a enfoques que se atêm ao interior do corpo dos e das agentes.

### Palavras-Chave

Visão de mundo. Mente. Ação.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA NEUROCIÊNCIA, X-PHI, I.A. E NEUROÉTICA



## A ESTRUTURA DAS COLUNAS CORTICAIS NO SISTEMA VISUAL

Lucas De Oliveira Laurindo  
[lucas-laurindo39@usp.br](mailto:lucas-laurindo39@usp.br)

### Resumo

Este é um trabalho de história e filosofia da neurociência, focando a descoberta da estrutura das colunas corticais no sistema visual de animais, feita por David Hubel & Torsten Wiesel (1963), resultando no Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1981, por suas descobertas sobre “o processamento de informações no sistema visual”. Atualmente, os módulos corticais e os modelos colunares são uma das principais representações usadas em Neurobiologia. Examinaremos principalmente as técnicas usadas por Hubel & Wiesel, na Universidade de Harvard, a partir do uso de um ponto ou barra luminosa, uma tela e entendimentos de perspectiva para determinar a localização da luz sob o campo visual, e o uso de microeletrodos de tungstênio associado a um cilindro de pistão hidráulico no cérebro dos gatos, para medir a reação de células únicas ou em conjunto, já que a luz mudava a taxa de disparos dos neurônios. Prosseguindo os estudos das reações celulares, chegaram às regiões corticais e realizaram medições na superfície avaliando a relação entre os modos de disparo de unidades corticais e os estímulos visuais, determinando a partir das medições um mapa “retinotópico” da área visual primária. Realizando medições perpendiculares à superfície do córtex, concluíram que o córtex estriado é organizado em colunas. Ainda, este trabalho se insere em um projeto mais amplo de Filosofia da Mente, que busca entender o campo fenomênico subjetivo (especialmente o visual) como um espaço psicológico que é idêntico a um espaço físico no interior do encéfalo, em um local hipotético a ser chamado de “sensório”, e que acreditamos se localizar no tálamo (uma região subcortical do cérebro). Tal abordagem segue o “isomorfismo psicofísico” de Wolfgang Köhler (1980, p. 40) para a estrutura do campo perceptivo e a “tese do encéfalo colorido” para os quália (Pessoa, 2021). Trata-se naturalmente de uma concepção que divide opiniões, e que foi criticada por Daniel Dennett (1991, p. 107) sob o nome de “materialismo cartesiano”. Exploraremos como a concepção das colunas corticais poderia ser adaptada para a estrutura do sensório visual.

### Palavras-Chave

Visão. Colunas Corticais. Neurociência.



## ESTUDO DE CASO DAS RESPOSTAS DE UMS FILHOTE DE LOBO A UM ESPELHO E SUAS IMPLICAÇÕES À MORALIDADE

Matheus De Mesquita Silveira

[mdm.silveira@gmail.com](mailto:mdm.silveira@gmail.com)

Lori Jean Schmidt

[curator@wolf.org](mailto:curator@wolf.org)

Shannon Barber-Meyer

[shannonbarbermeyer@gmail.com](mailto:shannonbarbermeyer@gmail.com)

Heloísa Allgayer

[heloisaallgayer@gmail.com](mailto:heloisaallgayer@gmail.com)

### Resumo

Uma ferramenta originada de experimentos de teste de marcação de autorreconhecimento (MSR), o uso de espelhos tem sido utilizado em observações etológicas e provou ser instrumental na compreensão das reações comportamentais em diferentes espécies. No entanto, a ausência de reatividade ao espelho em lobos (*Canis lupus*) é incongruente com o papel crucial dos estímulos visuais na dinâmica das alcateias. Existem relatos de cães (*Canis lupus familiaris*) com menos de quatro meses reagindo ao seu reflexo no espelho, mas não havia informações sobre como filhotes de lobo com menos de quatro meses respondiam ao mesmo estímulo. Este estudo tem como objetivo abordar essa lacuna observando as reações de um filhote de lobo ao espelho, focando em observações etológicas em vez do teste MSR. As respostas foram avaliadas ao longo de quatro sessões de aclimatação com um espelho coberto e seis sessões com a superfície reflexiva descoberta. O sujeito inicialmente respondeu ao seu reflexo com ansiedade e evitação do medo. Houve mudança comportamental nas sessões 5 a 6, com respostas variando de ansiedade e aversão-por-medo, para interesse e relaxamento. Nas sessões 6 a 10, houve uma diminuição na intensidade de suas reações negativas e um aumento geral nos períodos de interesse e relaxamento ao longo de cada sessão. O sujeito manteve interações direcionadas, apresentando uma postura mais confiante com teste de patas focado e farejamento no espelho. Uma vez que os dados mostram que esse comportamento desaparece em lobos com pelo menos





14 meses, este estudo visa apresentar dados valiosos para comparações futuras e aprimorar a compreensão do papel dos estímulos visuais no comportamento social dos lobos. A base empírica do estudo será, então, utilizado para avançar sobre o papel de estímulos visuais associados com reações emocionais na dinâmica social e no comportamento normativo de alcateias. Neste caso, será realizada uma reflexão sobre o papel da cognição social na capacidade de realizar distinções de natureza moral com base em respostas associadas com estímulos visuais em espécies de vida social complexa.

### Palavras-Chave

Comportamento social. Reatividade visual. Lobos.



## ISOMORFISMO PSICOFÍSICO

Oswaldo Frota Pessoa Junior

[opessoa@usp.br](mailto:opessoa@usp.br)

### Resumo

A partir de 1861, com G. Fechner, o “paralelismo psicofísico” veio a designar a constatação empírica de que há uma correlação entre os eventos mentais e os eventos corporais, sem uma explicação adicional de porque isso acontece. O conceito foi desenvolvido por vários psicólogos, como G.E. Müller (1896), e acabou recebendo forte oposição de filósofos, sob a acusação de “psicologismo”. Em 1929, o psicólogo gestaltista W. Köhler retomou o conceito, sob o nome de “isomorfismo psicofísico”, indicando que há uma semelhança entre a estrutura do campo fenomênico (visual e dos outros sentidos) e a estrutura do correlato encefálico imediato. Por “estrutura” entendem-se as relações entre as qualidades sensoriais (quália) no campo fenomênico, e as relações entre unidades materiais no encéfalo. Nesta apresentação, exploraremos a tese do isomorfismo nas três vertentes salientadas por Köhler: no tempo, no espaço e na intensidade. O isomorfismo temporal complica-se para eventos que tenham separação menor do que meio segundo (que é o tempo necessário para a formação de uma percepção consciente), e examinaremos como ele deve ser interpretado neste domínio. O isomorfismo espacial, na modalidade visual, é desafiado pelo mapa retinotópico deformado que é medido no córtex visual primário de primatas. Aqui torna-se mais clara a necessidade de se postular um “sensório”, que nas palavras críticas de Dennett (1991, p. 107) consiste de “uma crucial linha de chegada ou fronteira em algum lugar do encéfalo, marcando o local onde a ordem de chegada é igual à ordem de ‘apresentação’ na experiência”. Refletimos sobre a identidade entre o espaço visual psicológico e o correspondente espaço físico no sensório, cuja localização poderia ser em algum núcleo talâmico. Por fim, examinamos o isomorfismo associado à intensidade de um percepto, como o brilho de um ponto luminoso, que pode estar correlacionado ao número de disparos neurais na região encefálica associada ao objeto vivenciado subjetivamente. Köhler salientou que o correlato encefálico imediato de um quale não faz parte do isomorfismo, porque este refere-se a uma propriedade estrutural (Systemeigenschaften) e não a uma propriedade material



(Materialeigenschaften), como os quália. Por fim, examinamos a inferência que Köhler faz do isomorfismo espacial para a tese de que, como o campo visual é contínuo, sua base encefálica também deveria ser, donde conclui que esta base consistiria de campos elétricos secundários no volume do encéfalo.

### Palavras-Chave

Isomorfismo psicofísico. Problema mente-corpo.



## UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS PSICODÉLICA E ONÍRICA

Glescikelly Herminia Ferreira

[gkherminiaf@gmail.com](mailto:gkherminiaf@gmail.com)

### Resumo

As semelhanças entre a experiência psicodélica e a experiência onírica são muitas vezes relatadas por pessoas que se submetem à ingestão de substâncias psicodélicas, mas além da comparação popular, existem evidências científicas do porquê essa semelhança ocorre, principalmente com o uso da psilocibina, encontrada em cogumelos alucinógenos. Os sonhos do sono REM, acompanhado de movimentos rápidos dos olhos, e a ingestão de substâncias psicoativas como o LSD e a psilocibina, induzem efeitos profundos na percepção, na imaginação mental, na ativação emocional, no senso de si e do corpo, e na extinção da memória do medo (Kraehenmann, 2017). Em especial, é a psilocibina que produz as maiores semelhanças na fisiologia e na neurobiologia do corpo, quando comparada aos sonhos do REM. Essa semelhança tem sido investigada por neurocientistas e psiquiatras, desde que Jacobs (1978) propôs um mecanismo neuroquímico comum associado a esses dois estados mentais: a inativação dos neurônios que produzem serotonina no cérebro, o que desinibiria os sistemas sensoriais e emocionais. Mais recentemente, estudos clínicos tornaram claro o potencial terapêutico dos psicodélicos para combater a depressão e a ansiedade, em especial a psilocibina, o LSD e a ayahuasca, cujo princípio ativo é o DMT. Dado que tanto os sonhos quanto os psicodélicos induzem alterações semelhantes na experiência subjetiva, Kraehenmann hipotetiza que os efeitos terapêuticos dos psicodélicos em pacientes psiquiátricos podem ser mediados pelas experiências oníricas dos pacientes durante o tratamento psicodélico. Após analisar a literatura neurocientífica, apresentarei brevemente um projeto de estudo experimental das alterações nos sonhos de sujeitos que ingerem doses controladas de psilocibina. Outro ponto é que o sonho lúcido tem sido apontado com um estado mais próximo dos estados psicodélicos, já que é um estado de sonho em que o sujeito tem consciência de que está sonhando, e portanto recupera habilidades cognitivas do estado de vigília. Investigamos as semelhanças e diferenças entre os sonhos lúcidos e os estados de psicodelia. Examina-se onde o sonho lúcido está em termos de estado de consciência,



discute-se criticamente se ele consiste de um estado híbrido entre sonho e vigília, e analisa-se se ele deve ser considerado um “estado alterado de consciência”, como o é a experiência psicodélica.

### **Palavras-Chave**

Sonho lúcido. Psicodélicos. Consciência.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA RELIGIÃO



## A COSMOLOGIA VISIONÁRIA DE HILDEGARD DE BINGEN

Cecilia Cintra Cavaleiro De Macedo

[ceciliacmcavaleiro@gmail.com](mailto:ceciliacmcavaleiro@gmail.com)

### Resumo

Nascida em 1098, Hildegard foi abadessa, teóloga, filósofa, médica, musicista, entre outras qualificações que lhe podemos atribuir, mas, sobretudo, visionária. Era uma mulher enfermiça, sofrendo de um mal que pode ser entendido como um tipo de enxaqueca violenta ou algo semelhante, e este mal lhe deixava frequentemente acamada, o que favorecia a recepção dessas visões. A partir destas visões que relata no *Scivias*, apresenta um modelo cosmológico que foi posteriormente desenvolvido em linguagem mais racional em sua obra *Causae et Curae*. Este modelo cosmológico delineia um universo totalmente material – o qual descreve inclusive o inferno como uma esfera –, tal como é comum às geografias visionárias encontradas em diferentes culturas. Infelizmente não dispomos de estudos suficientes que nos forneçam referenciais metodológicos para o estudo destes materiais. Aliás, entre os estudiosos, não há sequer estudos que estabeleçam claramente a diferença entre a literatura visionária e a literatura mística em geral. Com exceção de Henry Corbin, que tentou desenvolver um estudo mais específico sobre a literatura visionária iraniana, pouco temos em termos de pesquisas que se dediquem especificamente ao tema. Tentaremos, a partir da contribuição de Corbin, da literatura visionária persa e da literatura profética, precursora de ambas, estabelecer uma distinção, uma identidade própria a estes textos, situando a cosmologia de Hildegard de Bingen, e explorá-la a partir desta identidade.

### Palavras-Chave

Escritos visionários. Cosmologia. Hildegard.



## A FILOSOFIA MONISTA DE PIETRO UBALDI E OS ASPECTOS IMANENTE E TRANSCENDENTE DA DIVINDADE

Alexsandro Melo Medeiros

[alexsandromedeiros@ufam.edu.br](mailto:alexsandromedeiros@ufam.edu.br)

### Resumo

No Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano encontramos a ideia de que monismo se refere aos filósofos que admitem um único gênero de substância. Neste sentido, as ideias do filósofo italiano, espiritualista e cristão, Pietro Ubaldi, bem podem ser caracterizadas como uma filosofia monista. É o próprio filósofo quem afirma, na sua primeira grande obra, *La Grande Sintesi*, que suas ideias correspondem a uma filosofia monista. De acordo com a sua visão monista, não existe uma criação ex nihilo (do nada). Tudo é formado da substância divina. No universo existem três substâncias principais: matéria, energia, espírito, sendo que estas não são senão formas diferenciadas da eterna substância de Deus. O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar as bases desta filosofia monista e como esta visão nos remete aos aspectos imanente e transcendente da divindade. Longe de pensar que sua filosofia possa nos remeter a uma espécie de panteísmo, ao afirmar a ideia de um Deus que “É a criação”, é preciso considerar que além do aspecto imanente, há igualmente o aspecto transcendente da divindade, que O distingue de toda Sua criação. Para falar deste monismo, vamos partir daquilo que Ubaldi chama de a grande equação da substância:  $(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$ . Temos aqui a representação das principais substâncias que compõem o universo: matéria ( $\gamma$ ), energia ( $\beta$ ), espírito ( $\alpha$ ). Sendo que todas elas são originárias da própria substância divina ( $\omega$ ): eis o monismo ubaldiano. Matéria, energia e espírito são três modos de ser de  $\omega$ . A grande equação da substância sintetiza o conceito de trindade, ou seja, o Deus uno e trino, revelado de diferentes formas através das religiões. A ciência de hoje se ocupa de duas destas substâncias, a matéria e a energia, e já compreende como uma pode transmutar-se na outra. Escapa-lhe ainda a substância espiritual. Na obra *La Grande Sintesi* encontramos um estudo aprofundado de cada uma destas substâncias, das quais aqui poderemos apenas esboçar alguns aspectos principais, seja a partir do estudo da fase matéria, da fase energia e da fase espírito. Na composição do universo, tudo está feito de Deus,





formado da eterna e indestrutível substância divina (aspecto imanente), como pura emanção de Seu Pensamento. Mas além desse aspecto imanente há também o aspecto transcendente, pelo qual o Criador não se confunde com a criação: o Espírito, Puro Pensamento, anterior e acima de qualquer criação.

### **Palavras-Chave**

Deus. Monismo. Substância.



## A PRÁTICA CRISTÃ DE SÔNIA MARMELADOVA

Diule Fideles Souza Da Silva  
[fidelesdiule@gmail.com](mailto:fidelesdiule@gmail.com)

### Resumo

Para o presente texto, teremos a companhia de duas obras em especial, *Práticas do Cristianismo* (1850) de Søren Kierkegaard, ou melhor, *Anti-Climacus*, e *Crime e Castigo* (1866) de Fiódor Dostoiévski. Em *Práticas do Cristianismo*, além de fazer a já conhecida crítica da Cristandade, *Anti-Climacus* nos fala do tornar-se cristão a partir do que é mais simples, mas também mais difícil, a vida de Cristo. Então, tendo em vista o que se fala da decisão pela fé e o constante “tornar-se cristão”, apoiados nessa perspectiva estudaremos talvez um dos personagens de Dostoiévski que tem a vida mais miserável. Sabe-se que Dostoiévski criou muitos personagens niilistas, extremamente perturbados, com um quê de masoquismo muitas vezes, mas também criou personagens como Alieksiêi Karamázov e Sônia, que estão tão próximos da figura de Cristo quanto é possível. Portanto, aqui é justamente com Sônia que lidaremos, a responsável por tentar encaminhar Raskólnikov para um caminho de redenção, sendo uma prostituta, bem como uma mulher de muita fé. *Crime e Castigo* nos traz um grande contraste quando o lemos pela perspectiva da crença no divino, vê-se Raskólnikov, um indivíduo acometido pelo desespero e pela angústia, e Sônia, alguém que inesperadamente levará a palavra do envagelho ao herói do romance, e que se destaca não pelo seu pecado, mas por sua fervorosa crença. O percurso de Sônia mostra de maneira muito explícita um princípio básico do percurso do próprio Cristo, a humilhação, que é algo colocado como fundamental em *Práticas do Cristianismo*. Assim como ele mostra também sua decisão por aceitar a fé na encruzilhada e estender a prática dessa fé a outros, mesmo estando diante do grande desespero de Raskólnikov, que é alguém cuja fé se encontra distante. Com isso, exploramos a relação entre a trajetória de Sônia e alguns conceitos estudados na obra *Práticas do Cristianismo*, como o convite e a questão da contemporaneidade de Cristo, também temos de tocar brevemente em outros conceitos advindos de obra anteriores, como o desespero e angústia, que estão bastante presentes em *Crime e Castigo* e são importantes para nosso propósito.

### Palavras-Chave

Crime e Castigo. Cristianismo. Kierkegaard.



## A QUESTÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS: EVIDÊNCIA PARCIAL, DESACORDO E HUMILDADE INTELLECTUAL

Juliomar Marques Silva  
[juliomar7silva@gmail.com](mailto:juliomar7silva@gmail.com)

### Resumo

O intuito desta comunicação é discutir o estatuto epistemológico das crenças religiosas, mais precisamente, acerca das crenças na existência (ou não existência) de Deus. Começo expondo que crenças religiosas deste tipo envolvem no mínimo dois de anuladores da justificação, a saber: evidência parcial e desacordo entre pares. A crença na existência (ou não existência) de Deus, por exemplo, é baseada em evidência parcial. O corpo de evidências em relação à esta questão é enorme, ninguém estaria apto a considerar todas as informações e todos os argumentos acerca deste tópico, o que temos é apenas evidência parcial. O problema da evidência parcial como um anulador da justificação das nossas crenças vem sendo discutido recentemente na epistemologia contemporânea. Além disso, existe um desacordo persistente entre pares epistêmicos sobre a questão da existência de Deus, ateus e teístas nunca chegam a uma resposta definitiva. Este desacordo com pares epistêmicos também seria um tipo de anulador para nossas crenças religiosas. O impacto ou a significância epistêmica dos desacordos entre pares também tem sido um tema bastante discutido em epistemologia atualmente. Portanto, diante desse cenário de disputa e anuladores, irei argumentar que a atitude adequada frente ao desacordo religioso acerca da existência de Deus é uma atitude de humildade intelectual. A humildade intelectual é uma virtude que consiste no reconhecimento ou na aceitação das nossas limitações intelectuais. Assim, independente de termos uma crença a favor ou contra a existência de Deus, ambas as partes nessa disputa deveriam reconhecer suas limitações intelectuais e reduzir a confiança em suas respectivas crenças.

### Palavras-Chave

Evidência parcial. Desacordo religioso. Humildade.



## A RELIGIÃO AMEAÇA A DEMOCRACIA? UMA INVESTIGAÇÃO CONCEITUAL

Camila De Faria Costa De Azevedo

[camila\\_fca@hotmail.com](mailto:camila_fca@hotmail.com)

### Resumo

A religião, como é definida por John Hick, é uma resposta humana ao transcendente e pode ser expressa de variadas formas a partir da visão de mundo de um grupo social. Pensando também na religião como uma atenuadora da ansiedade, é possível que ela, em termos teóricos, ameace um sistema político, em especial, uma democracia? Sendo, então, a democracia a melhor forma de governo possível, pois garante com efetividade os direitos individuais, e um bem que deve ser conservado, como é possível traçar uma relação ideal entre religião e democracia, sem que uma prejudique a outra? Dessa forma, nesse estudo, pretende-se examinar esses dois conceitos principais, bem como seus elementos constituintes, a fim de localizar a existência de possíveis ameaças religiosas num regime democrático. Faremos uso da classificação de tipos religiosos em William Alston — religião sacramental, mística e profética —, identificando quais tipos de religião podem ser perigosos à manutenção do status quo democrático. Conclui-se, inicialmente, que a religião profética, que envolve a noção da palavra divina e de sua difusão, é a mais perigosa dentre os três tipos de Alston, enquanto a religião mística, que é baseada num ritual de união sem palavras entre indivíduo e entidade, ignora todos os aspectos da vida que não dizem respeito à relação divino-indivíduo, inclusive a política. Verifica-se também que a omissão política de um grupo religioso, como os adeptos de uma religião mística, pode afetar negativamente a qualidade do debate público.

### Palavras-Chave

Religião. Democracia. Laicidade.



## A RELIGIÃO ENQUANTO UM FUNDAMENTO PARA O ATEÍSMO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Antunes Ferreira Da Silva

[antunes.ferreira@professor.ufcg.edu.br](mailto:antunes.ferreira@professor.ufcg.edu.br)

### Resumo

Este texto objetiva analisar o valor que Schopenhauer concede à religião dentro de seu organismo filosófico e o quanto a religião consiste num fundamento ao seu ateísmo. A religião é concebida como uma metafísica do povo, que objetiva, por um lado, servir como indicativo de ação para refrear as mentes grosseiras e, por outro lado, consolar a angústia da morte. Ou seja, o ser humano possui uma necessidade metafísica que não pode ser sanada nem pela filosofia nem pela ciência, dada a falta geral da capacidade de entendimento da humanidade e, deste modo, resta à religião essa importante função. Sendo assim, a religião se encontra limitada a entender o sentido alegórico das coisas, jamais seu sentido estrito. Reconhecido o seu valor, é possível encontrar inclusive uma filosofia da religião, haja vista que Schopenhauer aborda os seus problemas tradicionais: a crença na existência de um Deus onipotente, onisciente e onipresente, a questão de fé e da vida após a morte, a existência do mal e a natureza da religião, dentre outros. Sua opção por distinguir as religiões entre otimistas e pessimistas, e não através de seus sistemas de crenças em um (monoteísmo) ou vários deuses (politeísmo), como era comum em sua época, nasce da possibilidade destas religiões entrarem em consonância com sua própria filosofia. Daí sua aversão por aquelas que ele considera otimistas (o politeísmo Greco-romano, o Judaísmo e o Islamismo) e sua predileção pelas pessimistas (o Cristianismo, o Budismo e o Hinduísmo-Bramanismo). Segundo Schopenhauer, o Cristianismo é a continuidade de sua filosofia, especialmente porque entre esta religião e sua filosofia se pode estabelecer a ponte comum da negação da Vontade que, na linguagem religiosa, os cristãos chamam de mortificação. Sua filosofia da religião se torna, então, um argumento complementar ao seu ateísmo, pois é através dela que é possível perceber o valor que ele atribui ao ateísmo, quando indica que uma religião ateia (como o Budismo) possui proeminência sobre todas as demais religiões. É nesse sentido que podemos reconhecer “que Schopenhauer era de fato um ateu, mas não totalmente



desprovido de religiosidade” (Mauthner, 2013, p. 183). A religião, portanto, não se trata propriamente de um argumento contra a existência ou quaisquer dos atributos de Deus. Deste modo, percebe-se que na filosofia de Schopenhauer: “o filósofo deve ser, acima de tudo, um descrente” (Schopenhauer, 2013, p. 219), mas não necessariamente um antirreligioso.

### Palavras-Chave

Schopenhauer, religião, ateísmo



## CHARLES TAYLOR E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

Ricardo Almeida Mota Ribeiro

[gaelicum@hotmail.com](mailto:gaelicum@hotmail.com)

### Resumo

A partir da segunda metade do século XX, multiplicam-se, no âmbito do pensamento social, as contestações à tese forte da secularização. Concomitantemente a este processo de revisão crítica do arcabouço da sociologia clássica, alguns filósofos enfrentarão as questões suscitadas pelas novas pesquisas empíricas com o objetivo de incorporá-las e ultrapassar conceitualizações aparentemente obsoletas. É o caso de Charles Taylor em “A Secular Age” (2007). Este vasto volume guarda um claro paralelismo com “Sources of the Self” (1989), tanto sob o aspecto metodológico, já que ambos os trabalhos se valem da reconstrução histórico-filosófica, quanto nos resultados a que chegam. Em nossa comunicação, pretendemos isolar um fio do emaranhado de explicações histórico-filosóficas tecido tanto em SA quanto em SoS. Nós nos referimos à mudança operada na compreensão do cosmo que permitiu, de acordo com Taylor, que noções como as de poder divino, graça e intervenção sobrenatural se tornassem gradualmente opacas à consciência das elites intelectuais européias. O marco desta transição é a floração do deísmo no século XVIII com a sua ordem providencial e a sua posterior radicalização no iluminismo materialista. Contudo, nos chama a atenção o fato de que se possa encontrar antecedentes desta transição em Thomas Hobbes, pensador que em algumas leituras contemporâneas (é o caso de David Berman) é visto como um dos pais fundadores do iluminismo radical. A ideia da comunicação é, portanto, (1) apresentar a explicação de Taylor para a gradual opacidade dessas noções, utilizando-se para isso, sobretudo, as duas obras citadas, e mostrando as suas consequências decisivas para a leitura que ele faz da secularização religiosa (2) mostrar que Hobbes antecipa, nos termos do próprio Taylor, e malgrado a sua antropologia pessimista e os seus compromissos políticos realistas, a noção de um universo mecânico desencantado onde graça, poder divino e intervenção sobrenatural são esvaziados de seu conteúdo experiencial e reformulados em uma teologia sui generis.

### Palavras-Chave

Secularização. Charles Taylor sobrenaturalismo.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E FÉ NO PENSAMENTO DE SOREN KIERKEGAARD

Andre Arantes Gomes

[andre.gomes@ufu.br](mailto:andre.gomes@ufu.br)

### Resumo

A presente comunicação tem por objetivo analisar a relação entre angústia e fé no pensamento filosófico de Soren Kierkegaard: *Angústia e Fé*, pretendendo-se expor a compreensão dos conceitos que este filósofo concebe e que são pontos centrais em sua obra. Sua filosofia busca compreender o homem enquanto dotado de possibilidades, dificuldades e necessidades de escolhas. Para entender as muitas indicações de Kierkegaard sobre a Angústia e também sobre a Fé, faz-se necessário observar a visão do filósofo sobre o panorama do pensamento de sua época e sua posição crítica frente a tal cenário histórico. Em suas obras eram evidentes o intuito de retirar o homem da ilusão da cristandade, mais precisamente no texto *Ponto de Vista Explicativo de Minha Obra de Escritor*: “[...] toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema de tornar-se cristão, com intenções polémicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a cristandade [...]”, vê-se a crítica à inautenticidade do homem frente a ideia ilusória de que nascer cristão e ser cristão é a mesma coisa. Em *O conceito de angústia*, Kierkegaard explora a angústia como algo que beneficia o indivíduo, definindo-a como a possibilidade da liberdade. Essa possibilidade se manifesta na medida em que a angústia consome suas ilusões, conduzindo-o a um confronto com o infinito. Em sua análise, a angústia é uma característica fundamental da condição humana, resultante da tensão entre o finito e o infinito, o temporal e o eterno. Kierkegaard adverte contra a compreensão equivocada da angústia. Ela não deve ser vista como um mal a ser evitado, mas sim como um aspecto da natureza do ser. Ele argumenta que a angústia surge quando os indivíduos são confrontados com a responsabilidade de escolher entre diferentes possibilidades existenciais e enfrentar o desconhecido. Kierkegaard vê a angústia não como um obstáculo a ser evitado, mas como um catalisador para o desenvolvimento da individualidade e da autenticidade. A angústia, quando corretamente compreendida e utilizada, pode ser um instrumento de crescimento e desenvolvimento pessoal. Kierkegaard desenvolveu um conceito





filosófico para angústia, onde descreveu, em sentido amplo, a atitude do homem que compreende sua situação no mundo. O autor do Conceito de angústia, publicado pela primeira vez em 1844 sob o pseudônimo de Virgilius Haufniensis (O vigilante de Copenhague), apresentava sua obra como um “simples esclarecimento psicológico preliminar

### Palavras-Chave

Kierkegaard. Angústia. Fé.



## CRENÇAS RELIGIOSAS COMO SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO EPISTÊMICO MORAIS

Nicola Claudio Salvatore

[nicolaclaudiosalvatore@googlemail.com](mailto:nicolaclaudiosalvatore@googlemail.com)

### Resumo

Nesse trabalho, pretendo desenvolver algumas considerações do Wittgenstein acerca das crenças religiosas que podem nos ajudar a compreender varias questões da epistemologia da religião contemporânea. Nas suas obras, Wittgenstein aponta varias diferenças entre as crenças religiosas e as demais crenças factuais. A primeira é que as crenças religiosas são parte de uma perspectiva geral pela qual o crente religioso avalia o mundo. Uma segunda diferença é que as crenças religiosas constituem um sistema complexo de referência que informa não apenas o modo de pensar, mas também o modo de agir de um crente religioso. Além disso, diferentemente das crenças factuais, as crenças religiosas não são necessariamente formadas e mantidas por razões epistemológicas, mas podem ter uma ampla gama de origens, epistêmicas e não epistêmicas. De um lado, um relato semelhante mostra as limitações intrínsecas da epistemologia religiosa; dada a natureza complexa e a origem das crenças religiosas, somos forçados a admitir que as considerações epistêmicas por si só não podem forçar um agente a aceitar, rever ou abandonar as suas crenças religiosas. Contudo, essa abordagem tem uma série de implicações promissoras. Em primeiro lugar, pode constituir um forte argumento a favor da racionalidade prima facie das crenças religiosas, que, seguindo esta proposta, são tão infundadas, mas tão epistemicamente justificadas, quanto as crenças básicas das nossas várias práticas epistêmicas. Além disso, a descrição das religiões como “sistemas de referência” pode captar a “multidimensionalidade” das crenças religiosas, que informam tanto o modo de pensar como o modo de agir de um crente – uma comunidade de crenças. Uma consequência deste pensamento é que a racionalidade de um “jogo de linguagem religiosa” deve ser avaliada utilizando uma série de desiderata epistêmicos e morais. Além disso, uma explicação semelhante pode evitar qualquer confusão ilegítima entre o jogo de linguagem religiosa e as nossas práticas epistêmicas, uma vez que o “sistema de referência religioso” e o científico têm preocupações, métodos e, por assim dizer, “áreas de competência” radicalmente diferentes.

### Palavras-Chave

Crenças religiosas. Sistemas de referencia.



## DA INCOMPATIBILIDADE ENTRE TEÍSMO CLÁSSICO E OMNISCÊNCIA

Paulo Vitor Pinho De Siqueira

[paulovitorsiq1@gmail.com](mailto:paulovitorsiq1@gmail.com)

### Resumo

O teísmo clássico e o teísmo neoclássico são duas perspectivas sobre a natureza de Deus. Ambas as perspectivas defendem que Deus seja onisciente, onipotente, omnibenevolente, possua aseidade e, enfim, todos aqueles atributos classicamente pensados de Deus, razão pela qual ambas as perspectivas possuem clássico no nome. Todavia, o teísmo clássico também se compromete com quatro atributos, a saber: atemporalidade, imutabilidade, impassibilidade e simplicidade absoluta. O teísmo neoclássico, por outro lado, se distingue do teísmo clássico por ser uma posição cujos defensores negam pelo menos um desses atributos, podendo negar todos. Na apresentação, pretendo apresentar um argumento primariamente direcionado contra a ideia de que Deus seja atemporal e absolutamente imutável. Esse argumento pretende mostrar que Deus não pode ser onisciente e também imutável e atemporal. A razão para isso, a grosso modo e em linhas gerais, é que  $x$  é onisciente se e somente se  $x$  conhece tudo o que pode ser conhecido. Partindo disso, o argumento estabelece que proposições tensas (proposições relacionadas aos fatos temporais passado, presente e futuro) são proposições que podem ser conhecidas, de modo que um ser onisciente deve conhecê-las, e conhecer tudo o que pode ser conhecido sobre proposições tensas implica em conhecer o valor de verdade de cada uma. Porém, como é bem sabido, o valor de verdade de proposições tensas muda com o tempo. Por exemplo, a proposição irá chover amanhã pode ser falsa hoje, mas verdadeira em outro dia, ou vice-versa. Ora, para que Deus conheça essas proposições tensas, é necessário que Deus mantenha um rastreo cognitivo do valor de verdade delas, porém isso implica em mudança no intelecto divino, o que é contrário à imutabilidade absoluta e atemporalidade divina. Assim, parece haver uma incompatibilidade entre a doutrina da omnisciência e o teísmo clássico, o que não é o caso no teísmo neoclássico, que admite mudança no ser de Deus.

### Palavras-Chave

Teísmo. Omnisciência. Neoclássico.



## É RACIONAL ACEITAR VERDADES REVELADAS?

Irio Vieira Coutinho Abreu Gomes

[iriocoutinho@gmail.com](mailto:iriocoutinho@gmail.com)

### Resumo

A fé cristã afirma que Deus nos revela verdades que não podemos entender definitivamente, mas que devemos aceitar. Um bom exemplo é o livre-arbítrio. Desde Agostinho até nossos dias os filósofos não chegaram a um consenso se somos livres ou não e, depois de Kant, pouca gente acredita que o problema possa ser resolvido. Contudo, há aqui uma questão: é racional aceitar verdades reveladas que nossa razão não alcança? Sim, porque as verdades reveladas transcendem nossa racionalidade. O objetivo desse trabalho é defender que a aceitação das verdades reveladas não compromete a racionalidade. Para tanto, preciso entender como o racionalismo pode compactuar com essas verdades. O tipo de racionalismo mais popular deriva de uma epistemologia evidencialista. Criticarei o evidencialismo por não apresentar as propaladas crenças de tipo básico e defender uma epistemologia “neutra”, capaz de avaliar a verdade ou pelo menos a racionalidade das afirmações. Argumentarei que uma epistemologia livre de pressupostos é impossível, portanto, a avaliação das afirmações fica inviável. O tipo de crença que temos, em termos mais filosóficos, nossa metafísica ou cosmovisão pode nos levar a uns ou outros tipos de conhecimento. A crença cristã de que o mundo foi criado e que somos filhas e filhos de Deus, nos levou ao big bang, a ideia de liberdade pessoal, de filosofia da história, igualdade entre as pessoas e fraternidade universal. O evidencialismo se frustra quando intenta avaliar uma ideia pela sua simples origem. Mas podemos, numa virada pragmática, avaliar uma ideia pelas suas consequências (isso também se aplica à ciência). Se a origem de todas essas ideias, das quais não queremos abrir mão, é religiosa, é inevitável a implicação de que é racional aceitar as verdades reveladas.

### Palavras-Chave

Racional. Revelação. Pragmatismo.



## ESPERANÇA E PROMESSA EM IMMANUEL KANT. ALGUNS APORTES DAS VORLESUNGEN KANTS

Luiz Carlos Sureki

[luiz.sureki@faje.asav.org.br](mailto:luiz.sureki@faje.asav.org.br)

### Resumo

A esperança humana lança-se sobre a felicidade. Se a felicidade representa o objeto da esperança, então ela estimula ou impulsiona a ação do agente movendo-o à consecução de tal objetivo. O problema do impulso para a ação moral reaparece com força nas aulas (Vorlesungen) de Kant. Sob a denominação “Vorlesungen über die Moralphilosophie” estão reunidos, entre outros, textos e anotações de alguns de seus alunos, como Powolsky, Collins, Mrongovius. Pesquisas mais recentes em torno dos assim chamados Post Scriptum Kants têm estimulado os novos estudantes e pesquisadores do pensamento kantiano a revisitarem aquelas questões, por vezes truncadas, encontradas na obra oficial kantiana impressa (Druckschriften), recolocando-as sob nova luz. A ética deontológica de Kant, com seus imperativos categóricos, nos é bem conhecida. Agir moralmente é agir por dever, não pela representação de alguma recompensa de felicidade. Mas, se por relação ao nosso agir, não pudéssemos alimentar esperança alguma de felicidade, seríamos levados a concluir que a moralidade é uma ilusão. Uma vez que a vontade como razão prática deve a priori determinar a ação sem qualquer representação de um propósito específico, o problema da felicidade (Glückseligkeit) voltava à discussão nas aulas de Kant. A presente comunicação pretende mostrar como Kant tentou inicialmente conectar a moralidade e a felicidade e como a esperança pela felicidade ainda desempenha um papel importante na moralidade deontológica kantiana. Em seguida, nos concentraremos na apresentação do problema da conexão entre a moralidade (deontológica-autônoma) e a felicidade (teleológica-heterônoma) e no desenvolvimento do problema, desde o respeito pela lei (Achtung fürs Gesetz), a distinção entre felicidade moral (Wohlverhalten) e física (Wohlbefinden), o ser-digno da felicidade (Glückwürdigkeit), o bem supremo (summum bonum) e suas condições de realização, o que, por sua vez, nos leva aos postulados da razão pura prática: a existência de Deus e a imortalidade da alma. A conclusão deve mostrar como a esperança (Hoffnung) e a promessa (Verheißung) de felicidade estão presentes numa “Religião nos limites da simples razão”.

### Palavras-Chave

Esperança. Promessa. Felicidade.



## EXCLUSÃO E TEOLOGIA POLÍTICA: RELIGIÃO E ALTERIDADE A PARTIR DE ESPINOSA

Douglas Ferreira Barros  
[douglasfbarros@gmail.com](mailto:douglasfbarros@gmail.com)

### Resumo

O objetivo da apresentação é aprofundar um aspecto da exclusão como elemento basilar da teologia política, pela qual se entende a crítica de Espinosa à tensa relação entre religião e alteridade. A exclusão é tema central e um grande desafio dos estudos em humanidades. As diversas teologias políticas, no contexto do debate sobre a soberania na contemporaneidade, têm se ocupado da relação entre religiões e poder, religiões e a prática política, religiões e espaço público. A intenção de nossa pesquisa é mostrar como a exclusão do outro e algumas dimensões da violência que a acompanham podem ser pensadas no contexto dos estudos sobre a teologia política na obra de Espinosa. Pretendemos desenvolver aqui desenvolver breve análise do capítulo 3 do Tratado Teológico-Político (2003). A metodologia de trabalho será a investigação teórica, leitura analítica e interpretação de textos relacionados ao tema. Como conclusão pretendemos apresentar a exclusão como uma consequência pragmática da efetivação de certa vertente da teologia política ou da soberania na contemporaneidade.

### Palavras-Chave

Exclusão. Religião. Teologia Política.



## HABERMAS E RATZINGER: SOBRE PÓS-SECULARIZAÇÃO E A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE HODIERNA

José Carlos Miranda Moura

[josecarlos.deusemais@outlook.com](mailto:josecarlos.deusemais@outlook.com)

### Resumo

O presente trabalho traz a reflexão filosófica de Joseph Ratzinger no que concerne ao diálogo e à contribuição do pensamento filosófico cristão para o mundo hodierno. Tal tentativa estava descartada pelos filósofos no despontar da modernidade com a preponderância da razão sobre a religião. Destarte, a fé foi entendida como uma instância sem razão, tornando-se uma estrutura obsoleta no âmbito intelectual, ocasionando um processo de secularização em muitas sociedades. Porém, nas últimas décadas, filósofos como Habermas, por exemplo, têm reconsiderado a possibilidade de um diálogo entre a religião e o mundo secular, pois a própria filosofia percebeu o retorno da religião na sociedade contemporânea com faces diversas. Isso se tornou um sinalizador de que a filosofia precisaria refletir sobre a religião e os seus predicados. Sendo assim, um recorte necessário a ser inferido é como a filosofia subjacente às concepções cristãs poderia contribuir para a sociedade secular, conduzindo a reflexão na perspectiva de um possível e frutuoso diálogo entre o pensamento cristão e a sociedade pós-secular, assim denominada por Habermas pela característica do retorno da religião hodiernamente, através do pensamento filosófico de Ratzinger, que mesmo sendo conhecido como teólogo, tem domínio e vasta reflexão no campo da filosofia.

### Palavras-Chave

Pós-secularização. Razão. Religião.



## IDEALISMO, MATERIALISMO E SECULARIZAÇÃO

Ramon Bolivar Cavalcanti Germano

[bolivargermano@gmail.com](mailto:bolivargermano@gmail.com)

### Resumo

Partindo da ideia de que podemos entender a tarefa da época moderna como a realização da secularização, apresentamos alguns fatores que julgamos importantes para a compreensão desse fenômeno. Daremos ênfase ao contexto protagonizado por Hegel e pela geração crítica que o sucedeu. Mostraremos como a filosofia do Absoluto tenta superar as divisões entre sujeito e objeto, pensamento e ser, etc., associadas então à filosofia kantiana. O Absoluto põe a sua própria negação (o mundo, a matéria, a finitude) para poder assim assumi-la e superá-la. Essa ideia será criticada por parte da geração imediatamente posterior a Hegel, cujo principal expoente será Ludwig Feuerbach. Além de apresentarmos as linhas gerais da crítica feuerbachiana, mostraremos como Marx e Engels revisam criticamente a filosofia de Feuerbach. Com base nisso, sustentamos que essa viragem materialista sela a derrocada da visão teológica de mundo e, portanto, pode ser posta como o marco (filosófico) de consolidação da visão de mundo secular. Concluímos com algumas considerações gerais sobre a religião em nosso tempo.

### Palavras-Chave

Idealismo. Materialismo. Secularização.





## KIERKEGAARD SOB A CRUZ DE LUTERO: A TEOLOGIA DA CRUZ NO PENSAMENTO RELIGIOSO KIERKEGAARDIANO

Matheus Maia Schmaelter  
[matheus.lc@gmail.com](mailto:matheus.lc@gmail.com)

### Resumo

No Debate de Heidelberg, de 1518, Lutero estabelece o que aí mesmo chamará de teologia da cruz, expressão que, se aparece raras vezes em seus escritos, referencia um conteúdo que perpassará toda sua obra. Em polêmica contra a teologia escolástica à qual, em oposição à teologia da cruz, o reformador identifica como teologia da glória, Lutero desloca o lugar do conhecimento de Deus da razão para a fé. O conhecimento de Deus pela fé se dá diante do Cristo crucificado, onde divino se revela ao ocultar-se sub contraria specie, quer dizer, se os atributos de Deus são força, poder, sabedoria etc., e é assim que a razão o reconhece, no Cristo crucificado o que se encontra é fraqueza, debilidade, tolice etc., de maneira que não se enxerga aí o que a razão compreende como divino, mas há que se crer que Deus está ali, revelando-se nos sofrimentos e na cruz. Mas tal fé só se abre para aquele que primeiro tiver sido esvaziado de toda confiança em suas próprias obras, dentre as quais Lutero conta também a razão. Desse modo, a fé se revela como um abandonar-se total e completamente à obra divina, de modo que, se Deus opera ou não, para ele é a mesma coisa. Quatro séculos mais tarde, Søren Kierkegaard, na obra *Temor e tremor*, de 1843, estabelecerá a fé como uma paixão e, também, um paradoxo, posto que se caracteriza como um duplo movimento entre infinitude e finitude. O indivíduo, na qualidade de cavaleiro da fé, ao resignar da finitude em nome da infinitude, em que se dá a relação absoluta para com Deus, recebe, pela fé, a finitude de volta, num ato gracioso da divindade. Desse modo, ele abre-se à possibilidade da liberdade, de modo a encontrar-se pleno ainda que as possibilidades que finitude apresenta sejam adversas. Já em *Migalhas filosóficas*, de 1844, tal determinação da fé recebe um caráter propriamente Cristão, em que diante do homem-Deus, o paradoxo absoluto, só pode haver fé ou escândalo. Diante das semelhanças entre os pensamentos de Lutero e de Kierkegaard, este trabalho pretende refletir sobre como Kierkegaard se apropria das categorias teológicas luteranas e as aplica à sua filosofia existencial, de modo que, se Lutero é um teólogo da cruz, Kierkegaard bem pode ser um filósofo da cruz.

### Palavras-Chave

Fé. Finitude. Paradoxo. Teologia da cruz.



## MARTIN BUBER E A ESPIRITUALIDADE DA PALAVRA

Willamis Aprigio De Araujo

[willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br](mailto:willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br)

Luis Lucas Dantas Da Silva

[lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br](mailto:lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br)

### Resumo

Buber é um filósofo reconhecidamente como um pensador que vida e obra se confundem. A experiência da relação com a alteridade é da ordem do inenarrável, do indizível, da ordem da vivência dos afetos e do auto reconhecimento pessoal. Assim, diz o filósofo, a experiência do encontro, embora seja fugaz, efêmera, permanece num estado de latência; aguardando um novo pronunciar da palavra, do dizer Tu, para entrar novamente em relação. Buber afirma ser a palavra geradora da relação Eu-Tu, isso porque ele a identifica como a própria criação atuando no seio do mundo. Buber (2010, p.132), atento ao seu tempo, percebeu que: “Os homens do século XVIII arvorava-se autônomo em relação aos deuses e, por isso, padecia do orgulho tipicamente iluminista de caminhar sozinho com sua razão pela noite escura”. Deparava-se com um profundo vazio existencial, sem perceber o quanto, pelo uso solipsista da razão, estava deixando de viver o fenômeno do encontro de ser a ser. Para Martin Buber, a palavra não é uma conjunção silábica que nos proporciona dizer uma coisa, identificar um objeto, decifrar um signo. Segundo Buber (2010, p.143): “a palavra possui uma dimensão ontológica carregada de sentido sagrado, por instaurar a vida na ordem da existência humana”. Ela, a palavra, permiti que nos comuniquemos com o mundo natural e o Tu eterno, possibilitando o encontro entre os homens por meio do fenômeno do dialógico. É, portanto, por meio da palavra, que o espírito de divino se atualiza no tempo e espaço humano. Podemos afirmar, portanto: “Na filosofia do diálogo de Martin Buber, a palavra não é um dado, uma construção social, nem uma representação do sujeito cognoscitivo. Ela é a presença de Deus se revelando ao homem nos acontecimentos do seu dia a dia” (BUBER, 2010, p.147). Em sua obra Eclipse de Deus, Buber questionou acerca da desumanização dos homens presos ao mundo do Isso. Esse fenômeno o imergiu em uma existência trágica, afastando -se da



relação com um Deus vivo que se manifesta na relação dialógica. A resposta humana à palavra com a totalidade do ser é o momento em que Deus, gratuitamente, se alinha à atuação humana, transformando-a em uma práxis divina. Nesse momento, é criada a aliança do diálogo. A inação frente ao mundo, a indiferença aos seus acontecimentos, esquivar-se à responsabilidade e à palavra dirigida, caracteriza o homem como a mais alienada das criaturas.

### **Palavras-Chave**

Martin Buber. Palavra. Espiritualidade.



## MELANCHTHON, RELIGIÃO E ESTADO

Eduardo Gross  
eduardo.gross@ufjf.br

### Resumo

Filipe Melanchthon desenvolveu um pensamento hoje primordialmente lembrado como teológico. Porém, ao mesmo tempo, é reconhecido como destacado humanista. Como professor de filosofia na Wittenberg reformatória, exerceu influência sobre a concepção da relação entre os nascentes Estados modernos e a religião. Seu pensamento, moldado sobre a distinção, tomada de Lutero, entre o âmbito da lei e o do evangelho, pode ser visto, em sua aplicação à relação entre a esfera política e a esfera religiosa, como um tipo de prenúncio da separação entre igreja e Estado que caracterizará a modernidade. Ao mesmo tempo, ele se mantém em tensão com uma perspectiva de simples emancipação entre ambas as esferas. Se o desenvolvimento histórico efetivo acabou significando, em grande parte, uma submissão das novas igrejas oriundas da Reforma aos principados que as protegiam, esses, por sua vez, contavam com a fundamentação teológica e se submetiam ao aval religioso que favoreciam. A hipótese fundamental, é, pois, que a filosofia religiosa de Melanchthon comporta uma ambiguidade entre uma concepção de sociedade estática e uma novidade interna que rompe com essa mesma visão, à medida que contém o germe da defesa da autonomia das esferas. Essa ambiguidade se expressa, por exemplo, na apreciação da liberdade religiosa. Ao mesmo tempo que reivindica tal liberdade, essa não se fundamenta na diversidade de concepções e práticas existentes, mas num ideal religioso compreendido como verdade que tinha se perdido na configuração histórico-eclesiástica de então. De modo que autoridades políticas sejam conclamadas tanto a defenderem a liberdade religiosa de quem representa a verdade religiosa desfigurada quanto a coíberem a anomia que representaria uma variedade de concepções e de práticas religiosas sem critério. O exame dessa hipótese é importante para a reflexão sobre as origens teológicas da concepção moderna sobre a autonomia de esferas que se apresenta como ideal contemporâneo, além de para ajudar a reconhecer ambiguidades intrínsecas à própria concepção moderna. Não por último, a relevância desse tipo de exame no contexto político-religioso brasileiro atual salta à vista.

### Palavras-Chave

Melanchthon. Religião. Estado.



## MORTE DE DEUS EM NIETZSCHE E O ADVENTO DA PÓS-MODERNIDADE.

Hugo Brandão

[hugo.brandao@ifal.edu.br](mailto:hugo.brandao@ifal.edu.br)

### Resumo

O pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche, em suas reflexões filosóficas, inquieta as estruturas humanas, em especial, aquelas que se referem à tradição, dado o grau da complexidade e profundidade do seu discurso. Nietzsche é um sujeito histórico-social e, como tal, sofreu influências da época em que viveu. Em todo seu processo investigativo e de reflexões filosóficas ele presencia e vivencia o surgimento de um novo contexto histórico, isto é, o advento da Modernidade: período que se caracteriza por um espírito de repulsa às questões ligadas à tradição. Para Nietzsche a Modernidade surge no século XVIII com o advento do Iluminismo: No século XVIII e, sobretudo, no século XIX, percebeu-se a decadência de Deus, pouco a pouco sua importância foi diminuindo, tanto para as ciências naturais, quanto para a sociedade, a história e para os indivíduos de uma forma geral. Embora, essa premissa não se aplique de forma generalizada a todos os indivíduos, nem tampouco, a todas as culturas. A decadência de Deus não parece encontrar respaldo exato ao analisarmos a sociedade atual, ao que parece, houve um descrédito na Religião institucional, porém, os indivíduos permaneceram religiosos – como veremos no terceiro capítulo. O “desencantamento” de mundo parecia dado por certo – um mundo sem Deus. Na segunda metade do século XIX levantou-se a hipótese de que Deus tornou-se dispensável. Percebia-se a história e a sociedade como algo entendível e que, em si mesmo, pode se explicar. “Deus está morto” é uma expressão famosa das obras de Nietzsche, contudo, esta afirmação só ocorreu porque houve causas relevantes que, de fato, motivaram ele a proclamar tal expressão. Logo, é primordial esclarecer as causas que levaram o filósofo alemão a ser ousado e proclamar a “morte de Deus”, para isso, precisamos nos redimensionar para a sua época. A Religião perde espaço na Modernidade. Marx, Nietzsche e Freud tornaram clara a grande ilusão que é a Religião, Ricoeur os intitulou de mestres da suspeita (Cf. 1977). A “morte de Deus” não é fácil de ser assimilada. A maioria não consegue compreender tal sentença. Muito improvável que as massas consigam dar conta de entender a problemática da “morte



de Deus". Para Nietzsche, poucos conseguem perceber tal acontecimento, para tanto, é necessário um olhar forte de suspeita e inquietação. Notamos que, em Nietzsche, a "morte de Deus" é um evento inteiramente ligado a "aristocracia" de sua época. Essa aristocracia é justamente representada pelos in

### **Palavras-Chave**

Nietzsche. Pós-modernidade. Morte de Deus.



## NENHUMA CRENÇA RELIGIOSA É OBJETIVA?

Everton Diego Teles  
[everton.\\_teles@hormail.com](mailto:everton._teles@hormail.com)

### Resumo

Nesse estudo, discute-se o problema daqueles que sustentam que não há razão para crenças religiosas serem expressas no debate público de sociedades democráticas, pois consideram todas as crenças religiosas como meramente subjetivas. Crenças meramente subjetivas, são consideradas inadequadas para um debate que trata dos interesses de toda a sociedade, pois o discurso considerado racional para o debate deveria vincular aquilo que é acessível objetivamente por todos. Para discutir esse problema, apresentaremos a seguinte questão: nenhuma crença religiosa é objetiva? Em resposta, sustenta-se a hipótese de que nem todas as afirmações religiosas são meramente subjetivas, e que ao menos algumas tendem a objetividade. Para sustentar essa posição, o estudo divide-se em três momentos: 1º) aponta-se que crenças meramente subjetivas não podem ser compartilhadas de forma proposicional e acessível a todos, pois caracterizam um sentimento que varia de pessoa para pessoa, sendo influenciadas por diferentes fatores (culturais, propriamente religiosos, políticos, geográficos, epistêmicos etc.). Logo, se o debate público implica questões objetivas, crenças meramente subjetivas são irracionais para serem expostas em tal debate; 2º) seguindo algumas ideias de Roger Trigg, especialmente, a partir da obra, *Religious Diversity: Philosophical and Political Dimensions* (2014), defende-se que algumas crenças religiosas tendem a objetividade, e, nesse sentido, não são meramente subjetivas, afetando diretamente o bem e do mal-estar humano. Mesmo que se sustente que tais crenças são irrelevantes para a discussão públicas, isso não garante que tais afirmações não sejam experienciadas objetivamente; 3º) argumenta-se que julgar a participação de alguém no debate público a partir de alguma noção de racionalidade é insuficiente para validar tal participação, pois desconsidera o impacto e a abrangência religiosa na vida das pessoas, nos fazendo fechar os olhos diante da força e da importância das religiões na vida das pessoas. Assim, pretende-se concluir que aqueles que são contra a participação da diversidade religiosa nas discussões públicas, alegando que as afirmações religiosas são meramente subjetivas, privadas ou expressões dos nossos sentimentos estão, no mínimo, equivocados.

### Palavras-Chave

Diversidade religiosa. Debate public. Democracia.



## O ANTIFETICHISMO RELIGIOSO EM HENRIQUE DUSSEL

Antonio Felipe De Sousa

[professorantoniofelipe@outlook.com](mailto:professorantoniofelipe@outlook.com)

Renato Almeida De Oliveira

[renato\\_oliveira@uvanet.br](mailto:renato_oliveira@uvanet.br)

### Resumo

Esta pesquisa busca analisar e aprofundar a compreensão da obra de Enrique Dussel, com foco no conceito de Antifetichismo Religioso. Dussel propõe um projeto religioso antifetichista em suas obras, destacando a relevância política, pedagógica e ética para a América Latina. O antifetichismo religioso, como concebido por Dussel, critica a adoração acrítica das religiões nos sistemas opressores, destacando a fetichização que desvia a atenção do sagrado para elementos materiais. A pesquisa visa investigar as origens, fundamentos e evolução desse conceito ao longo do tempo, examinando criticamente suas implicações para a perpetuação de estruturas de opressão. Dussel também aborda a relação entre religião e poder, especialmente no contexto latino-americano, onde a religião é utilizada para legitimar o poder estatal. Ele propõe uma filosofia da libertação que busca resgatar os valores éticos e solidários intrínsecos às práticas religiosas, desvinculando-as de manipulação e controle. Outro aspecto crucial é a distinção entre metafísica e ontologia na compreensão religiosa de Dussel. Ele critica a ontologia eurocêntrica, destacando a importância da metafísica, que enfatiza a alteridade e a práxis humana, para uma filosofia da libertação autêntica e relevante para a América Latina. A metodologia adotada será analítica bibliográfica, revisando sistematicamente as obras de Dussel e literaturas secundárias pertinentes. A pesquisa incluirá uma análise textual minuciosa, contextualização histórica e integração de literatura secundária, visando contribuir para o debate contemporâneo sobre religião, filosofia e libertação na América Latina.

### Palavras-Chave

Projeto Religioso Antifetichista. Acrítica. Estruturas de Opressão.





## O ASSASSINATO DE URIAS

Otaclio Gomes Da Silva Neto

[pr.otacilio.filosofia@servidor.uepb.edu.br](mailto:pr.otacilio.filosofia@servidor.uepb.edu.br)

### Resumo

Este trabalho investiga o assassinato de Urias mencionado no Antigo Testamento, com o intuito de evidenciar as tensões entre a religião e o poder político. O foco da análise é menos teológico do que crítico, o que permite uma flutuação interpretativa para além do sentido teológico que o texto permite. Nesse aspecto, a ênfase será dada à trama que possibilitou o assassinato de Urias, uma vez que o rei Davi utilizando-se do seu poder e influência política, violou a relação entre Urias e sua esposa Betsabeia, o que sugere também uma violência contra aquela mulher, na medida em que provavelmente ela não teria escolha frente ao suposto assédio do rei. Os nexos entre o poder religioso e o poder político acontecem a partir da intervenção do profeta Natã, cuja narrativa registra a iniciativa de Iahweh em se dirigir ao profeta para apresentar a sua insatisfação para com o rei manipulador e assassino. O véu da maldade é descoberto por meio de uma metáfora na qual o profeta acusa o crime do rei, o que aparentemente revela uma relativa autonomia da influência religiosa sobre o poder político, naquela antiga sociedade de Israel. Situação na qual não se permite efetivamente igualar com narrativas homéricas, nas quais, videntes, sacerdotes e profetas precisavam do aval e do apoio de guerreiros para tornarem públicas as demandas divinas. Como resultado, as narrativas mencionadas sugerem diferentes conexões envolvendo o poder religioso e o poder político, a depender da maneira pela qual cada civilização estava sendo constituída. Além do que, aparentemente, a suprema valoração da força do heroísmo trágico ou uma ética fundamentada em princípios religiosos podem definir qual lugar a religião ocupa na sociedade.

### Palavras-Chave

Religião. Política. Profecia.



## O CONCEITO DE LIBERDADE DE INDIFERENÇA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A RESPONSABILIDADE PELA FALTA

Ana Maria Correa Moreira Da Silva

[wahrheit0@gmail.com](mailto:wahrheit0@gmail.com)

### Resumo

Na obra “Faute et Liberté”, o filósofo André Vergez analisa a questão da responsabilidade moral pela falta e pelo pecado, com base nos conceitos de vontade e livre-arbítrio, que inclui a chamada liberdade de indiferença. Esta pode ser entendida como a que nasce da espontaneidade diante do ato, que se realiza então de modo tão possível quanto o seria seu contrário. A base desse conceito está na possibilidade de agir de outro modo, não sendo o motivo da escolha determinado por nenhuma inclinação ou natureza. A liberdade de indiferença foi defendida, entre outros, por Schopenhauer e Ockham, que a consideravam como o verdadeiro livre-arbítrio que torna o ser humano responsável por seus atos. De modo distinto, se a liberdade decorre da natureza ou essência do indivíduo, então ele não poderia ter agido de outro modo – o que retira a sua responsabilidade pelo ato. Desta forma, uma natureza boa que realizasse ações boas não deveria receber o prêmio por seus atos, assim como uma natureza má que realizasse ações más não deveria receber a punição por seus atos, diante da ausência de mérito e culpa nos dois casos, respectivamente. Nosso trabalho pretende analisar algumas dessas questões.

### Palavras-Chave

Livre-Arbítrio. Falta. Responsabilidade.



## O CONCEITO DE RELIGIÃO

Andrei Venturini Martins

[dreivm@hotmail.com](mailto:dreivm@hotmail.com)

### Resumo

Pode parecer extremamente ousado definir religião. Penso, contudo, que uma definição de um termo tão delicado e fugidio como “religião” geralmente não é empreendida com o objetivo de colocar um ponto final na discussão. Em vez disso, uma definição pode nos ajudar a delimitar parcialmente o termo, auxiliando os pesquisadores da religião a não gastarem sua energia investigativa com um objeto equivocado. Além disso, buscar formas mais precisas de definir religião parece ser algo que faz parte da própria natureza da Filosofia da Religião, já que muitas áreas que investigam o tema religião partem de uma definição tácita da mesma, procurando abstrair aspectos de sua própria área no objeto religião. Este é o caso da Psicologia da Religião, que estuda os aspectos interiores da religião e seus desdobramentos comportamentais, ou da Sociologia da Religião, que estuda a religião como fenômeno marcado pelos símbolos e discursos que dão coesão a grupos e sociedades. No entanto, frente a essas definições de religião, o filósofo da religião se dedicaria a construir uma definição que auxiliasse os pesquisadores a operacionalizar o conceito em suas pesquisas. Tal tarefa não poderia ser muito ampla a ponto de ser desprezível por falta de precisão, nem restrita a ponto de excluir aspectos relevantes de religiões específicas. A partir de algumas definições já propostas ao longo da história, meu trabalho procura investigar algumas propriedades das religiões e, em seguida, apresenta como essas propriedades poderiam ser organizadas a fim de melhor delimitar as pesquisas acadêmicas.

### Palavras-Chave

Religião. Definições. Delimitação de objeto.



## O DIÁLOGO PLATÔNICO E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO

Pedro Aprigio Dos Santos  
[pedroaprigio25@gmail.com](mailto:pedroaprigio25@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação analisa a importância do método dialógico no Ensino Médio para a promoção da tolerância religiosa, tendo como referencial os diálogos na obra: A República. Para conviver em sociedades plurais, ou seja, democráticas é necessário (re)ver, (re)analisar, (re)organizar ideias e valores, e o diálogo se mostra como um dos meios possíveis para isso. O diálogo é necessário em todos os aspectos de nossa vida social e profissional. É necessário dialogar para conhecer, entender e buscar solução para os desafios e problemas individuais e coletivos. A ação dialógica acontece entre mim e o outro, isto é, entre dois agentes, onde há predisposição para a mudança de posição e, assim, ambos podem aprender juntos. Sem isso, não temos diálogos, mas sim, discursos, retóricas e imposições. O Estado brasileiro comporta, atualmente, várias concepções religiosas em virtude da visão e compreensão de Deus/Divindade/Sagrado que não é igual para todos. Diante disso, o diálogo é indispensável para uma convivência pacífica, sobretudo, no ambiente escolar. É essencial a escuta, o respeito, o compromisso em relação à verdade, a outra pessoa, mesmo não acreditando nas ideias que o outro defende, mas na ação dialógica é necessário escutá-la, pois sem a escuta é impossível haver diálogos e tolerância. Essa característica, da escuta de não fugir do tema, de falar a partir da fala do outro e de autocontrole é encontrada em Platão. Ele nos mostra de várias formas que o diálogo se desenvolve por meio da razão. Diante disso, é possível dialogar com as diversas concepções religiosas, lutar contra a desinformação, o preconceito e praticar a tolerância.

### Palavras-Chave

Filosofia. Diálogo. Tolerância. Religião.



## O FUNDAMENTO SENSÍVEL DA REALIDADE SEGUNDO LUDWIG FEUERBACH

Felipe Assunção Martins  
[assuncaofilosofia@gmail.com](mailto:assuncaofilosofia@gmail.com)

### Resumo

O texto visa explorar a discussão em torno da assim chamada “Filosofia da Sensibilidade” de Ludwig Feuerbach, assumindo, contra as interpretações epistemologizantes do pensamento feuerbachiano, uma compreensão ontológica de sua crítica filosófica e indicando, por fim, as transformações que seu ponto de vista, até então, predominantemente antropológico deveria assumir a partir dali. O nosso posicionamento sobre essa questão tentará mostrar que não há nada mais estranho ao espírito dos textos e das intenções de Feuerbach do que interpretá-lo unicamente pelo viés de uma teoria do conhecimento –seja classificando-o como empirista ou como um materialista. Não que a atitude crítica de Feuerbach não alcance também implicações epistemológicas. A relação entre pensamento e realidade, sujeito e objeto, é, como veremos, um ponto importante para as suas teorias. Mas sempre secundário ao fundamento ontológico da realidade.

### Palavras-Chave

Feuerbach. Sensibilidade. Empirismo. Antropologia.



## O MAL COMO EXPERIÊNCIA HUMANA E SEU PAPEL NA FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Agnaldo Cuoco Portugal

[agnaldocp@unb.br](mailto:agnaldocp@unb.br)

### Resumo

O problema do mal na filosofia da religião é normalmente considerado um dos principais, senão o principal, argumento contra a existência de Deus. No entanto, aqueles que passam por um infortúnio, ao invés de passarem a ser ateus ou agnósticos, frequentemente parecem se tornar mais religiosos. Esse parece ser o caso do personagem que dá nome ao Livro de Jó na Bíblia, por exemplo. Nesta apresentação, pretendo explorar aspectos do conceito de mal e defender, em vista das principais teses a respeito (como privação do bem ou como negatividade antitética) uma concepção dele como uma experiência humana. Com base nesse conceito, vou propor outra função para essa noção no debate filosófico sobre o fenômeno religioso. Além do papel de argumento contra a existência de Deus, o mal poderia ser também pensado como ocasião para experiência religiosa. Ao final, vou explorar a possibilidade de que essa proposta alternativa acerca do mal na filosofia da religião seja a mais adequada em vista do conceito de mal apresentado.

### Palavras-Chave

Problema do mal. Filosofia da religião.



## O NÚCLEO ÉTICO TEOLÓGICO NA DIVERSIDADE RELIGIOSA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE VITTORIO HOSLE

Daniel Rodrigues Da Costa  
[dan.costaecosta@gmail.com](mailto:dan.costaecosta@gmail.com)

### Resumo

Vittorio Hösle propõe que a teologia deva ser construída a partir da ética, isto é, que o desenvolvimento de uma consideração sobre o transcendente não deve ser afastado de uma análise ética intrínseca. Em Deus enquanto razão (2022), ele destaca um “núcleo ético-teológico” das religiões que deve ser o elemento central para a compreensão da dimensão dialógica e de fundamentação epistemológica das teologias. Trata-se, então, de uma análise sobre a relação entre ética e teologia, sobre a fundamentação da ética e, por fim, da própria condição da teologia como resposta para a diversidade religiosa contemporânea. No capítulo sobre a relação entre religião, teologia e filosofia, em Deus enquanto razão, Hösle afirma que é traço essencial da religião, em todos os casos, um sentimento de compromisso com um poder que é reconhecido como o último critério de conduta da própria vida; em *Morals and Politics* (2004), ele destaca a moral como um conceito normativo, de dever-ser, e que a análise ética dos fenômenos sociais é uma análise necessária. Assim, aquilo que está introjetado, portanto, nas religiões como seu cerne é de interesse premente da disciplina da ética – “uma ligação da prova ontológica com a prova moral de Deus é indispensável.” (HOSLE, 2022, p. 160). Se a lei moral possui natureza categórica, a sua importância para a teologia racional não pode ser subestimada. As influências de Hösle, especialmente Kant, Hegel e Karl-Otto Apel, apontam para a apreciação de argumentos transcendentais como um bom ponto de ancoragem – talvez o único – para a teologia (HOSLE, 2022, p. 159-160). Ora, se Hösle estiver correto, e toda teologia tiver (deontologicamente) um núcleo ético, ou melhor, se toda teologia puder ser reconstruída de modo a evidenciar seu núcleo ético, o argumento que expõe, então, a fundamentação última da lei moral se torna a chave para explorar a dimensão dialógica que a teologia, então, pressuporia. Nós propomos, assim, investigar esse núcleo ético-teológico e suas raízes kantianas, bem como apresentar os caminhos que essa teoria indica como possibilidades na análise do cenário teológico contemporâneo. Nosso objetivo é propor que a análise da natureza



categoría da lei moral, como defendida por Hösle, possui implicações diretas para as considerações teológicas em geral, e, em específico, para os desafios do diálogo inter-religioso.

### **Palavras-Chave**

Ética. Teologia. Diálogo.





## O PARADOXO DA FÉ E A CRÍTICA KIERKEGAARDIANA À VERDADE OBJETIVA DA CRISTANDADE DINAMARQUESA

Eliabe Lima Caraúba

[contato.eliabelima@gmail.com](mailto:contato.eliabelima@gmail.com)

Gabriel Kafure Da Rocha

[gabriel.kafure@uece.br](mailto:gabriel.kafure@uece.br)

### Resumo

Este trabalho procura examinar o conceito de fé paradoxal e discutir a crítica dialética empreendida pelo filósofo Søren Kierkegaard à verdade histórico-objetiva utilizada pela igreja luterana dinamarquesa. Valendo-se de obras pseudônimas, traçaremos um percurso conceitual em *Temor e Tremor* (1843), fundamentando a fé paradoxal como “salto no absurdo”, evidenciando a singularidade do indivíduo representada na figura do personagem bíblico, Abraão. Para Johannes de Silentio, o pseudônimo que assina a obra, o salto da fé é a abolição da verdade imanente da religião dinamarquesa. Assim sendo, Kierkegaard, objetiva-se com isso, a desestruturação histórico-dogmática da cristandade, exercida por argumentos especulativos-rationais. Doravante, a especulação poetizou a verdade suprimindo assim a fé paradoxal do sujeito. Fundamentado nas reflexões e críticas kierkegaardianas, pretende-se analisar em *Migalhas filosóficas* (1844), a compreensão acerca da problemática da verdade do cristianismo. Johannes Climacus, outro pseudônimo, no início do primeiro capítulo propõe uma pergunta equivalente à da Sócrates contida no *Ménon*, onde é problematizada se a verdade poderia ser aprendida. Sua intenção era criticar a ascensão da não-verdade em direção à verdade empreendida pelo historicismo da igreja dinamarquesa. No entendimento do filósofo Nórdico, os mensageiros da verdade lógico-razional, representados pelos pastores/teólogos dinamarqueses, conduziam o sujeito a iludir-se sobre o que é o cristianismo, visto que, legitimam o paradoxo do cristianismo a um objeto da história e a fé ao conhecimento da verdade especulativa. Na obra *Práticas do Cristianismo* (1850), Anti-Clímacus, também autor da *A Doença para a morte* (1849), destina o polêmico conflito contra a igreja luterana dinamarquesa, contrapondo-se a religiosidade dogmática e as ideias reducionistas da



crisandade com relação a temas como: fé, escândalo, paradoxo. Kierkegaard, destarte, mostra a maneira como a crisandade admira a história sagrada, todavia, distancia-se da contemporaneidade de Cristo, limitando-se a uma espiritualidade vazia da essência do cristianismo. Para o filósofo dinamarquês, o cristianismo havia se corrompido, a saber, a crisandade perdeu sua essência e se tornou mero teatro.

### Palavras-Chave

Fé. Paradox. Verdade.



## O QUE É O HUMANO? UMA LEITURA DE RELIGION AND NOTHINGNESS, DE KEIJI NISHITANI

Antonio Madalena Genz  
[tom.madalena9@gmail.com](mailto:tom.madalena9@gmail.com)

### Resumo

Esse trabalho defende a necessidade de restabelecer uma antropologia espiritual como uma das formas possíveis de se contrapor à narrativa tendencialmente hegemônica do transhumanismo e da Inteligência Artificial. A ideia mecanicista do corpo como uma máquina é conduzida a uma dimensão hiperbólica — ou uma espécie de ‘mau infinito’ — no qual o corpo não é mais necessário e mais que isso não diz respeito à identidade humana. Partindo do pressuposto que a grande questão contemporânea — ou uma delas, pelo menos — é saber hoje o que significa ser um ser humano, esse trabalho pretende fazer uma leitura de Religion and Nothingness, de Keiji Nishitani a partir dessas configurações. Ou seja, não é uma leitura exaustiva do livro de Nishitani, mas, sim, uma leitura que pretende destacar, contra esse pano de fundo do transhumanismo e das distopias relacionadas à inteligência artificial, que, além de ter escrito uma das obras primas da filosofia do século XX (talvez uma obra-prima ainda a ser plenamente conhecida!), nela, pelo seu conhecimento do zen, da filosofia ocidental e, também do Cristianismo, Nishitani nos oferece robustos subsídios de uma antropologia espiritual que mostra o lugar fundamental que desempenha o estar em um corpo, estar em um corpo no mundo, e ser finito nesse horizonte de temporalidade para a identidade humana e sua realização como um ser humano.

### Palavras-Chave

Corpo. Transhumanism. Keiji Nishitani.



## O SAGRADO RIZOMÁTICO: A DEBILIDADE DE DEUS NA PÓS-MODERNIDADE

Carlos Alberto Pinheiro Vieira

[carlos.vieira@unicap.br](mailto:carlos.vieira@unicap.br)

### Resumo

O presente texto propõe-se abordar dois conceitos-chave da filosofia contemporânea: o rizoma, conforme desenvolvido por Deleuze e Guattari, e a ideia de debilidade proposta por Gianni Vattimo. O conceito de rizoma, oferece uma lente poderosa para o entendimento da natureza da realidade e do conhecimento na pós-modernidade. Ele representa um modelo não hierárquico de conexões múltiplas e horizontais entre elementos diversos, em contraste com estruturas lineares e centradas. Essa ideia desafia visões tradicionais de ordem e poder, destacando a multiplicidade, a fluidez e a contingência na construção do pensamento e das relações sociais. Em paralelo, a debilidade de Deus sugerida por Gianni Vattimo aponta para uma interpretação pós-metafísica da fé na era contemporânea. Vattimo propõe que, em um mundo secularizado e pluralista, a ideia de um Deus forte e absoluto ceda lugar a uma noção de divindade que é frágil, contingente e historicamente situada. Essa debilidade não denota ausência ou impotência, mas sim uma divindade que se revela na abertura ao diálogo e na imanência da experiência humana. Assim, neste trabalho, pretende-se investigar como o sagrado, concebido como rizomático, desafia as noções tradicionais de divindade na era pós-moderna. Em vez de uma teologia fixa e unívoca, propõe-se uma abordagem que abraça a diversidade, a complexidade e a fragilidade tanto no âmbito do divino quanto no humano. O Sagrado Rizomático sugere uma visão de religiosidade que se adapta às condições fluidas e pluralistas do mundo contemporâneo, incorporando os princípios da interconexão, da imanência e da transformação constante. Este estudo promove um diálogo fecundo entre filosofia, teologia e cultura, explorando novos caminhos para compreender o papel do sagrado e da fé na contemporaneidade.

### Palavras-Chave

Rizoma. Debilidade de Deus. Contingência.



## PARACONSISTÊNCIA, DIALETEÍSMO E O DEUS CONTRADITÓRIO: UMA AVALIAÇÃO CONCEITUAL

Ricardo Sousa Silvestre

[rss.logos@gmail.com](mailto:rss.logos@gmail.com)

### Resumo

Quando confrontados com a acusação de que um determinado conceito de Deus é contraditório, a atitude padrão entre filósofos e teólogos é tentar explicar a contradição e mostrar que o conceito de Deus em questão é consistente. Isto tem a ver, claro, com a Lei da Não Contradição (LNC). Outra opção, que recentemente tem gerado interesse entre lógicos e filósofos analíticos da religião, é rejeitar tal movimento como desnecessário e defender o que poderia ser chamado de a tese do Deus contraditório. Isto tem parcialmente a ver com o avanço contemporâneo do dialeteísmo e da lógica paraconsistente. A argumentação, no entanto, raramente é desenvolvida em termos conceituais. Em vez disso, ela é desenvolvida em termos ontológicos, como Deus sendo uma entidade contraditória. Por causa disso, ela ignora questões conceituais fundamentais, tornando difícil avaliar o lugar da tese do Deus contraditório no debate filosófico mais geral sobre o conceito de Deus. Meu objetivo neste artigo é analisar a tese do Deus contraditório a partir da perspectiva de uma meta-teoria geral (e, esperase, não-controversa) dos conceitos, bem como da perspectiva de uma abordagem minimamente abrangente da LNC. Meu objetivo é abordar as seguintes questões: Quais são as diferentes maneiras pelas quais podemos compreender a tese do Deus contraditório? Que motivos existem para rejeitar um conceito contraditório de Deus como filosoficamente insustentável? Em particular, quais são as relações existentes entre as diversas formulações da LNC e as críticas padrão contra conceitos contraditórios de Deus? Que movimentos estão disponíveis para se defender de tais críticas? Como é que estes movimentos se relacionam com estas diversas formulações da LNC? E qual relação existe entre paraconsistência e dialeteísmo e esses movimentos defensivos? Qual é o lugar dos conceitos contraditórios de Deus no debate filosófico sobre o conceito de Deus? Para apresentar o que considero ser o melhor movimento disponível do defensor da tese do Deus contraditório, faço uma breve digressão no pensamento do teólogo indiano do século XVI, Jīva Gosvāmī, e no debate Vedānta



sobre a relação entre Deus, o mundo e o eu individual. Visto que muitas das coisas que direi sobre conceitos contraditórios de Deus se aplicam a conceitos contraditórios em geral, um objetivo secundário do artigo é analisar a relação existente entre conceitos contraditórios em geral e a LNC.

### Palavras-Chave

Conceito de Deus. Contradição. Paraconsistência.



## PILARES DO TEMPO: STEPHEN JAY GOULD E OS MAGISTÉRIOS NÃO INTERFERENTES

Maxwell Morais De Lima Filho

[max.biophilo@gmail.com](mailto:max.biophilo@gmail.com)

### Resumo

A visão de que haja um conflito necessário entre a Religião e a Ciência não é vista com bons olhos por Stephen Jay Gould. No livro *Pilares do Tempo*, Gould (2002, p. 11) se refere ao desacordo entre as atividades religiosa e científica como “um debate que só existe na mente e nas práticas sociais das pessoas, e não na lógica ou na utilidade correta desses dois assuntos inteiramente diferentes e igualmente vitais”. Contudo, ele rapidamente nos adverte que reconciliar a Religião e a Ciência não significa unificá-las. Sem se pretender original, ele defende que a legitimidade da Religião está na esfera moral e a da Ciência, no domínio factual. Destarte, a convivência harmônica é garantida desde que se respeitem essas fronteiras. Em outras palavras, o que Gould denomina de “princípio central de não interferência respeitosa” é uma exigência que deve ser cumprida em via dupla, tanto por religiosos quanto por cientistas. O conflito ocorre, precisamente, quando uma esfera transborda de suas verdadeiras balizas e pretende tratar de questões que não lhe dizem respeito. Citemos um exemplo de cada lado. São famosos os casos do movimento criacionista no país de Gould, os Estados Unidos. Um ramo conhecido como Criacionismo de Terra Jovem defende, baseado numa leitura literal da Bíblia, que o nosso planeta tem pouco milhares de anos. Como, de acordo com esses criacionistas, há evidências científicas que corroboram tal interpretação, ela deve ser ensinada nos currículos escolares ao lado da Biologia Evolutiva. O desrespeito da outra extremidade adviria dos cientistas ateus que se utilizam de conhecimentos fáticos com o intuito de abordar temas não empíricos. O posicionamento de Gould é de que inexistiria tal conflito entre a Religião e a Ciência se fossem respeitados os limites temáticos e metodológicos de cada magistério. Segundo ele, o próprio Darwin respeitou essas fronteiras e, portanto, deveria ser tomado como um exemplo a se seguir. É um fato que a Ciência é utilizada para construirmos teorias elegantes que descrevem minuciosamente as leis da natureza. Não obstante isso, mesmo que chegássemos ao estágio de total compreensão dos

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



objetos materiais do Universo, conservar-se-iam intocadas as questões valorativas e de sentido último. O objetivo de nosso trabalho é analisar a concepção de magistérios não interferentes proposta por Gould.

## Palavras-Chave

Religião. Ciência. Magistérios Não Interferentes.





## PLANTINGA: A RELAÇÃO ENTRE NATURALISMO METODOLÓGICO (NM) E NATURALISMO ONTOLÓGICO (NO)

Toni Barros  
[toninatt@gmail.com](mailto:toninatt@gmail.com)

### Resumo

Embora seja difícil dar uma definição precisa de naturalismo na filosofia contemporânea, podemos separá-lo em, pelo menos, dois componentes: um metodológico e outro ontológico (ou metafísico). Segundo David Papineau, no verbete da Stanford Encyclopedia of Philosophy, O componente ontológico preocupa-se com o conteúdo da realidade, afirmando que a realidade não tem lugar para entidades “sobrenaturais” ou outros tipos “fantasmagóricos”. Por outro lado, o componente metodológico preocupa-se com as formas de investigar a realidade e reivindica algum tipo de autoridade geral para o método científico. O filósofo Alvin Plantinga nos artigos *Advice to Christian Philosophers* (1984), *Method and Christian Philosophy* (1988) e *Methodological Naturalism?*(1997) sustenta que o naturalismo metodológico implica o naturalismo ontológico. Podemos chamar esta posição de Primeiro Plantinga. Entretanto, no livro *Where the Conflict Really Lies: Science, Religion, and Naturalism* (2011), ele defende que o naturalismo metodológico não implica o naturalismo ontológico. Podemos chamar esta posição de Segundo Plantinga. Nesse sentido, este texto pretende apresentar estas duas visões de Plantinga sobre a relação entre o naturalismo metodológico e o ontológico e tentar indicar uma razão para tal mudança de perspectiva.

### Palavras-Chave

Plantinga. Naturalismo.



## RELIGIÃO SEM RELIGIÃO: A MORTE DE DEUS E O CENÁRIO RELIGIOSO NA PÓS-MODERNIDADE

Ivanilton Aragão De Moura  
[ivandearagao@gmail.com](mailto:ivandearagao@gmail.com)

### Resumo

Partindo da perspectiva de autores como Gianni Vattimo e John Caputo, que enxergam no anúncio da morte de Deus em Nietzsche o marco do que se entende por pós-modernidade, a presente comunicação traz algumas observações acerca do modo como a religião se manifesta nesse período, principalmente diante do enfraquecimento da noção de verdade absoluta atribuída aos discursos religiosos. Vattimo destaca que o declínio do Deus-fundamento último, outrora ancorado nas certezas metafísicas, possibilita ao indivíduo pós-moderno uma reconexão com a religião interpretada como narrativa, dando espaço ao Deus do livro, do mito enquanto discurso fundante de interpretações possíveis da realidade. Para Caputo, a pós-modernidade é sobretudo um momento de ascensão da hermenêutica, momento em que a premissa de uma teoria da interpretação parece dissolver as pretensões absolutistas da verdade que se estabelece enquanto correspondência. Ainda em seu entendimento, num mundo em que nada escapa aos limites de um contexto, todas as coisas se submetem à possibilidade de recontextualização. Com o pluralismo pós-moderno, ocorre a proliferação de múltiplas narrativas religiosas que não se firmam mais como portadoras de uma verdade única acerca da realidade, mas reivindicam espaço no mercado religioso, oferecendo perspectivas e enredos simbólicos acessíveis para leituras possíveis de mundo, também como produtos disponíveis para o consumo dos religiosos pós-modernos, que podem inclusive mesclar as várias narrativas existentes em prol de uma reconfiguração eclética que seja do agrado individual. Num primeiro momento, a investigação buscará reconstituir o contexto filosófico em que se dá a morte de Deus em Nietzsche, segundo Vattimo, as implicações deste anúncio no conceito de verdade, seus desdobramentos no modo de se pensar Deus e a religião. Num segundo momento, veremos como Caputo encara o conceito de religião, assim como o processo que ele chama de “dessecularização”, para em seguida finalizarmos com uma síntese, considerando os pontos de convergência dos dois autores em torno do que Caputo define como uma religião sem religião.

### Palavras-Chave

Religião. John Caputo. Gianni Vattimo.



## SINCRETISMO RELIGIOSO E RELIGIÃO EM PROCESSO

Paulo Estevo Tavares Cavalcanti  
[pauloyestevao@outlook.com](mailto:pauloyestevao@outlook.com)

### Resumo

O presente trabalho pretende focar na resposta a algumas questões importantes para a compreensão dos mecanismos que movimentam os processos subjacentes à diversidade religiosa. A importância do tema tem suporte na tese de que a religião deve ser entendida como um processo histórico dinâmico em que as intuições humanas sobre as questões existências que envolvem crenças em um ente ou princípio transcendental são atualizadas continuamente a partir do compartilhamento e troca de experiências, crenças e investigações doutrinárias por meio dos diálogos e vivências compartilhadas entre as diversas comunidades religiosas. As religiões possuem o caráter de esforços sistemáticos e contínuos no sentido de compreender questões que tocam os limites das capacidades cognitivas humanas e como tal não podem prescindir das noções de transformação e progresso, como acontece em todas as dimensões da cultura humana. O sincretismo parece ser o modo como as transformações e inovações ocorrem no âmbito religioso, o que nos permite entender as religiões como uma dimensão espiritual humana “em processo” contínuo, o que não significa uma situação caótica, mas pelo contrário, introduz uma noção importante que tem sido parcialmente negligenciada na discussão recente sobre a diversidade religiosa, possivelmente em virtude do peso atribuído a tradição nesse aspecto fundamental da vivência humana. Spica, demonstra que processos sincréticos geram crenças que não podem ser rejeitadas a priori pelo crente religioso, mais especificamente, pelo crente teísta, isso porque, o sincretismo, como prática doxástica e em conformidade com Alston, apresenta alguns critérios de confiabilidade epistêmica, como coerência, estabilidade social e autossustentação significativa. Nesse sentido, a atitude pluralista com relação à diversidade religiosa tem resultado em desenvolvimentos recentes que consideram a ideia de que o sincretismo religioso representa importante papel no surgimento das variações que resultam em mudanças significativas na identidade de doutrinas religiosas constituídas.

### Palavras-Chave

Diversidade. Sincretismo. Religião como processo.



## TEÍSMOS ABERTOS: QUAIS AS VERTENTES DA TEORIA DO DEUS NÃO PRESCIENTE E POR QUE UMAS FUNCIONAM MELHOR

Cristiano Dutra Batista

[cristiano.batista@gmail.com](mailto:cristiano.batista@gmail.com)

### Resumo

O Teísmo Aberto é uma teoria contemporânea libertista, incompatibilista, que defende a ideia de que Deus não possui conhecimento total acerca do futuro, garantindo assim o livre-arbítrio humano. Os argumentos que baseiam essa teoria variam entre aqueles que a defendem, fazendo com que haja diferentes versões para a mesma proposição. Minha comunicação se dividirá em duas partes. Na primeira, farei uma breve apresentação do Teísmo Aberto e dos elementos comuns entre todos os tipos de Teísmo Aberto: a defesa do amor de Deus como motivação para a criação de um mundo em que há o livre-arbítrio e em que não há presciência; a explicação do porquê de o livre-arbítrio ser tão importante em sua cosmovisão; a natureza metafísica das contingências futuras; e como é possível que um Deus onisciente não possua presciência. Na segunda parte partirei dos elementos em comum a qualquer Teísmo Aberto e derivarei deles as três variantes principais desta teoria, a saber: a Presciência Limitada, a Onisciência Bivalente, e a Onisciência Não-Bivalente. A diferença entre essas variantes se dá a partir das diferentes possibilidades combinatórias de elementos argumentativos a fim de explicar o problema da presciência divina versus o livre-arbítrio humano. Tais elementos incluem, mas não se restringem a: as naturezas de Deus e da sua criação, em especial a natureza do tempo; as possibilidades epistêmica, alética e metafísica de conhecimento acerca de contingentes futuros por Deus; o livre-arbítrio humano. A investigação sobre o tempo leva em consideração modelos da conformação do tempo como presentismo, teoria do bloco crescente, teoria do bloco decrescente e eternismo. Sobre as possibilidades de conhecimento sobre o futuro o debate gira em torno da possibilidade de proposições sobre eventos futuros possuir valor de verdade ou não, e se princípios básicos da Lógica, como o do Terceiro Excluído e o da Bivalência, se aplicam a tais proposições. Analisados todos esses elementos ponderarei sobre qual, ou quais, das variantes de Teísmo Aberto melhor se adequam ao seu propósito. Esta apresentação é fortemente influenciada pelo artigo “Generic Open Theism and some



Varieties Thereof” (*Religious Studies*, v. 44, n. 2, p. 225–234, 2008) de Alan R. Rhoda, mas expande sua proposta original trazendo considerações inspiradas em Aristóteles, William Hasker, Jan Lukasiewicz, Guilherme de Ockham, James Rissler, Arthur Prior e Richard Rice, entre outros.

### Palavras-Chave

Teísmo Aberto. Livre-Arbítrio. Filosofia Analítica.



## TRADIÇÃO E EPISTEMOLOGIA: LEVANTANDO PROBLEMAS E APONTANDO CAMINHOS

Victor Hugo De Oliveira Marques  
[diferencaontologica@gmail.com](mailto:diferencaontologica@gmail.com)

### Resumo

A tradição é assumida pela Teologia como um de seus fundamentos epistemológicos, porém, nem sempre é claro como isso deve ser compreendido. Nesse sentido, a presente comunicação se debruça sobre o tema da possibilidade de justificação epistêmica da tradição, explorando os limites e as possibilidades de uma abordagem analítico-epistemológica. O objetivo é mostrar que os limites da justificação inerentes às crenças testemunhais religiosas podem ser resolvidos *prima facie* mudando a perspectiva da análise, isto é, tratando esse tipo de crença a partir da epistemologia social das práticas doxásticas. Seus resultados devem servir de base para uma tese mais ampla que trata dos critérios de justificação de crenças testemunhais religiosas dentro da Epistemologia Analítica da Religião. Para tanto, pretende-se discorrer a respeito de dois pontos: primeiro uma breve fala a respeito do conceito de tradição e sua estrutura fenomenológica: receptor-informante, o referente e o processo de transmissão; por segundo apresentar como a tradição pode ser tratada epistemologicamente a fim de ser confiável e justificada. Acredita-se que o ponto do debate está na compreensão das crenças testemunhais tradicionais a partir da racionalidade histórica que sustenta o caráter historicista da tradição, enfraquecendo sua justificação e colocando-a muito próximo a um relativismo epistêmico. A mudança no tratamento epistemológico parece mostrar que o problema do relativismo é, na verdade, um falso problema, e que sua justificação racionalmente possível.

### Palavras-Chave

Tradição. Justificativa Epistêmica. Relativismo.



## UMA DEFESA FILOSÓFICA DO SINCRETISMO RELIGIOSO

Marciano Adilio Spica  
[marciano.spica@gmail.com](mailto:marciano.spica@gmail.com)

### Resumo

Meu objetivo, neste trabalho, é fazer uma defesa do sincretismo religioso e mostrar que as críticas geralmente direcionadas a tal conceito, na filosofia da religião, são equivocadas. Para fazer isso, num primeiro momento, apresentarei uma discussão sobre a definição de sincretismo e algumas críticas comuns a tal conceito. Num segundo momento, defendo que tais críticas são, em geral, fruto de compreensões equivocadas do próprio conceito de religião. A partir dessa crítica apresentarei uma perspectiva de sistemas de crenças e práticas humanas que podem ser aplicadas na elucidação do conceito de religião. Tal perspectiva tem origem em algumas ideias de Wittgenstein e também em estudos das ciências cognitivas que mostram nossa capacidade de mesclar conceitos a fim de criar novos conceitos. Depois disso, defendo que, se levarmos em conta que a religião é, ela também, um conjunto de crenças e práticas que se modificam com o passar do tempo, os argumentos contrários ao sincretismo não se sustentam. Neste sentido, defenderei que o sincretismo não é, necessariamente, um erro que precisa ser combatido internamente às religiões e que é possível encontrar razões filosóficas para aceitar tal processo no interior de diferentes religiões.

### Palavras-Chave

Sincretismo. Diversidade. Filosofia da religião.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DA TECNOLOGIA E DA TÉCNICA





## A FILOSOFIA TÉCNICA EM GILBERT SIMONDON

Diego Santos Rego  
[diegosrego@gmail.com](mailto:diegosrego@gmail.com)

### Resumo

A partir da nova realidade que se instaura com o mundo das tecnologias, surge uma área dentro da filosofia capaz de investigar não apenas os conceitos tecnológicos e sua contextualização históricas, como também de forma crítica, as vertentes cabíveis ao uso das tecnologias diante da realidade tanto da transmodernidade como da revolução pós-industrial. Deste modo, o filósofo Gilbert Simon busca por meio do seu conceito de técnica e objetos técnicos, criar um discurso no qual de que forma os elementos da realidade técnica estão ligados à condição antropológica. Adotando o nome de filosofia biológica da técnica, percorrendo um caminho diferente de outros filósofos que consideram uma parte independente do todo. Nessa perspectiva, a tecnicidade, as inteligências artificiais e a manutenção desses objetos técnicos propiciam uma reflexão sobre de que forma estes podem ser pensados como realidade contingente ou paralela ao desenvolvimento humano segundo o seu modo de existência, considerando que a técnica não é um conjunto de ideias concretizadas, mas um conjunto de coisas concretas que tem suas próprias leis. (CHABOT, 2003. La philosophie des techniques de Simondon)

### Palavras-Chave

Gilbert Simondon. Tecnicidade. Objetos Técnicos.



## A QUESTÃO DO TESTAMENTO BIOLÓGICO THE QUESTION OF THE LIVING WILL

José Anchieta Arrais De Carvalho

[jacarvalho17@hotmail.com](mailto:jacarvalho17@hotmail.com)

### Resumo

O artigo intitulado A Questão do Testamento Biológico tem como objetivo levantar a discussão sobre o Testamento Biológico diante dos avanços tecnológicos como uma possibilidade de o sujeito manter viva a sua consciência, os seus desejos e a sua forma de pensar mesmo quando ele se encontra num estado de inconsciência, fazendo valer o seu poder decisional, tendo em vista a autonomia do sujeito e o respeito à dignidade do ser humano. Este artigo visa, também, mostrar a origem desta discussão e o seu desenvolvimento até chegar à sua forma escrita para se ter uma maior validade. O avanço tecnológico modificou a forma de pensar e agir do ser humano, o que trouxe implicações diretas na atuação médica, modificando a relação médico-paciente. A tecnologia facilita o desenvolvimento da medicina ao proporcionar intervenções radicais que não seriam possíveis sem o uso da tecnologia. Todavia, o uso da tecnologia em medicina contribuiu para aumentar a desconfiança na relação médico-paciente, o que implica o surgimento do Testamento Biológico por escrito para se ter uma validade jurídica. Além disso, este artigo procura mostrar quais são os limites ou dificuldades para se cumprir tal decisão.

### Palavras-Chave

Testamento biológico. Avanço tecnológico. Sujeito.



## A RELAÇÃO DIGITAL-ANTROPOCENO NA FILOSOFIA DE BERNARD STIEGLER

Pedro Paulo Zanforlin Netto

[pedro.zanforlin@ufpr.br](mailto:pedro.zanforlin@ufpr.br)

### Resumo

Esse trabalho objetiva tratar da correlação idiossincrática que o filósofo Bernard Stiegelger faz sobre a época do Antropoceno e da digitalização do mundo. A especificidade dessa relação nos traz uma leitura diferente do debate clássico sobre o Antropoceno e infere uma preocupação com o início da época digital, relacionada com a automatização do conhecimento e uma consequente ‘perturbação’ do Sistema Terrestre. Essa correlação, como vemos, não parece tão evidente. Para explicitar tal relação, analisaremos o conceito de organologia geral, no qual o filósofo entende que a humanidade é originalmente técnica, composta por três sistemas de órgãos: psicossomático, social e técnico. Num segundo momento, veremos que os órgãos técnicos são concebidos como um *pharmakon*, isto é, são órgãos que compensam a falta originária de qualidades humanas e podem funcionar tanto de forma benéfica quanto de forma prejudicial, alterando, assim, a funcionalidade dos órgãos psicossomáticos e dos órgãos sociais. Para além disso, o trabalho Stiegelger indica que vivemos em uma época hiperindustrializada, na qual a indústria conduz os sistemas técnicos. Nesse sentido, o Antropoceno tem um caráter sistêmico tóxico organológico, ou seja, a industrialização organológica está a destruir os diversos habitat humano, tais como o econômico, o psicológico, o jurídico, o educacional etc., e, está a alterar as funcionalidades do Sistema Terrestre. Por fim, refletiremos sobre a coerência dessa correlação Digital-Antropoceno em Stiegelger e os possíveis desdobramentos desse duplo desafio.

### Palavras-Chave

Transição digital. Antropoceno. Organologia geral.



## A WEAPONIZAÇÃO DA IA E A MORAL HUMANA CONTEMPORÂNEA: PARA ONDE APONTAR OS DEDOS ACUSATÓRIOS?

Luiz Guilherme Bakker De Pinho E Souza

[luizbakker@protonmail.com](mailto:luizbakker@protonmail.com)

### Resumo

A apresentação tem como objetivo tratar da relação entre ser humano e máquina, considerando, especificamente, a popularização de ferramentas baseadas em inteligência artificial. Com tantos trabalhos sobre a IA, é importante também que se considere como as pessoas estão reagindo a ela e o que estão fazendo com ela. O foco, portanto, será voltado mais para o usuário dessa tecnologia. Hoje em dia, é possível encontrar diversos aplicativos e websites que funcionam com inteligência artificial. Certamente, um dos mais populares é o ChatGPT. Seja como for, existe uma miríade de possibilidades de uso de uma IA: o usuário pode ter conversas fictícias com personagens virtuais, criar representações visuais automatizadas, configurar um amigo virtual e até mesmo solicitar textos sobre os mais diversos temas, em vários estilos possíveis, sendo possível, inclusive, emular o estilo de escrita de outras pessoas. Por conta deste amplo leque de capacidades demonstrado pela inteligência artificial, é até previsível que exista um temor cada vez maior sobre certos riscos atrelados a esta tecnologia. Há diversas problematizações a respeito da inteligência artificial, existindo, inclusive, discussões sobre a possibilidade que a IA assuma o controle da humanidade. Não se trata apenas do que a inteligência artificial pode fazer. A questão também envolve o que exatamente pode ser feito com ela. Em casos mais simples, ela pode servir de instrumento para que golpistas enganem outras pessoas. Em casos mais complexos, ela pode controlar tecnologias, tanto no campo civil quanto no campo militar. Em casos como estes, encontrar um responsável pode se tornar uma tarefa bastante desafiadora. Esta apresentação seguirá, assim, uma linha um pouco diferente do habitual: a problematização não será centrada na tecnologia em questão, mas sim na forma como ela está sendo utilizada pelo ser humano em geral. Então, resta indagar: como o indivíduo está reagindo a essas novas tecnologias? Será que a inteligência artificial representa uma ameaça à existência humana em si, ou ela também representa mais um risco à moralidade? Aqui, será realizada uma breve análise do



comportamento das pessoas ao utilizar a inteligência artificial, com o objetivo de convidar a refletir sobre como as novas tecnologias estão afetando as relações interpessoais em um sentido amplo.

### **Palavras-Chave**

IA. Weaponização. Moral humana.



## ALÉM DO HUMANO: CRÍTICA DA RAZÃO TRANSHUMANISTA PARA UMA FILOSOFIA DO DIREITO DO FUTURO

Pedro Henrique Azevedo

[pedrohenrique.azevedo1990@gmail.com](mailto:pedrohenrique.azevedo1990@gmail.com)

### Resumo

O trabalho compartilha os resultados parciais da pesquisa de mestrado em teoria e filosofia do direito, sob orientação da professora Mariah Brochado na cátedra PhiloTech: Filosofia da Tecnologia e do Direito (UFMG). Tal pesquisa está centrada nos aspectos técnicos, éticos e jurídicos de um dos dilemas existenciais desse milênio, verdadeiro desafio civilizatório: o transhumanismo, entendido como tema/problema de fronteira na filosofia da tecnologia. Conceituamos o fenômeno transhumanista como o movimento, doutrina e projeto com vistas à transcendência da natureza e/ou condição humana por intermédio da ciência e tecnologia. Segundo ele, deveríamos buscar um meio de superar e substituir nossas limitações físicas (corpo biológico) por uma versão aprimorada que nos liberte ou emancipe de condicionamentos naturais. Por isso, o transhumanismo liga-se a uma nova razão do mundo: centrada no progresso das ciências e na irreversibilidade dos feitos tecnológicos, ela toma o ser humano como ser análogo à máquina. Em paralelo à humanização da máquina (Inteligência Artificial), o transhumanismo desponta como maquinização do ser humano. Com isso, ele põe em questão um dos pilares fundamentais da civilização ocidental: nossa noção de liberdade, entendida até então como exclusivamente humana. Assim, a empreitada transhumanista nos obriga a responder o que nos torna verdadeiramente humanos - o que está em jogo é o próprio conceito de humano. Se os esforços transhumanistas sugerem um desfecho para a tentativa milenar de vencer a morte, este é o sintoma, como disse o filósofo mineiro Henrique C. de Lima Vaz, de uma crise ética sem precedentes; resultado de um niilismo ético generalizado. Vaz acreditava que conflitos éticos desencadeiam síndromes de crise cujo desfecho geralmente é a invenção de uma nova forma ética de vida. Isto solicita ao direito assumir protagonismo regulatório em diálogo com o estatuto filosófico da ética: a tecnicidade contemporânea impõe à filosofia da tecnologia, à ética e ao direito reflexões sobre temas jamais cogitados. Ao situar o transhumanismo no marco de uma



filosofia da tecnologia, pretendemos descobrir caminhos para enfrentá-lo adequadamente - ética, mas também juridicamente, de modo a responder como devemos agir, enquanto seres livres e racionais, frente ao futuro prometeico prometido pela ciência e pela técnica, para que dele não sejamos feitos reféns quando for tarde demais.

### **Palavras-Chave**

Transhumanismo. Filosofia da tecnologia. Direito.



## APROXIMAÇÕES TEÓRICAS DE LEV SEMIONOVICH VYGOTSKY COM A FILOSOFIA DA TÉCNICA E DA TECNOLOGIA

Leonardo Santos Abreu

[leospook@hotmail.com](mailto:leospook@hotmail.com)

Bruno Vasconcelos De Almeida

[bruvascal66@hotmail.com](mailto:bruvascal66@hotmail.com)

### Resumo

Será possível que a obra de Lev Vygotsky contribua para o campo de estudos da Filosofia da Técnica e da Tecnologia? É o que buscamos investigar neste estudo, recorte de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (PPGET-CEFET-MG), onde procuramos encontrar ideias e pensamentos sobre a questão da técnica presente na obra do psicólogo russo, bem como a problematizar a mediação tecnológica fundamentada nos pressupostos teóricos de tal autor. Os escritos produzidos até o ano de 1928 indicam uma formulação do conceito de técnica, no entanto evidenciam que Vygotsky ainda não se preocupava em fundamentar o percurso histórico da criação e do desenvolvimento de artefatos e a respectiva importância do processo de mediação através de instrumentos e signos na aquisição de funções psicológicas superiores. A fundamentação do conceito de mediação se desenvolve na adesão de Vygotsky ao materialismo histórico e dialético de Marx e Engels, aludindo ao trabalho como ação transformadora do homem sobre a natureza, que por sua vez, viabiliza a união de homem e natureza na criação de cultura e história humana através da atividade coletiva. Como desdobramento conceitual da mediação, percebe-se a utilização do termo “mediação tecnológica” em diversas pesquisas contemporâneas, porém estudos mais apurados alertam para um uso irrefletido do termo e indicam uma descaracterização da base teórica marxista de Vygotsky, visto que o eixo central de análise se desloca do trabalho para inúmeras outras categorias de interpretação, e resultam em um esvaziamento epistemológico de tal conceito. Conforme apontamentos realizados por Molon (2003), é por meio do conhecimento do método de Marx que Vygotsky construiu uma ciência psicológica, entretanto nunca





buscou a psicologia no marxismo nem a aderência de marxismo e psicologia. Em consonância com a proposta de Mota (2018), percebemos que Lev Vygotsky pode ser considerado um psicólogo da técnica e acreditamos que os desdobramentos dos processos mediados por sistemas simbólicos e instrumentais são de grande valia para a área da Filosofia da Técnica e da Tecnologia.

### **Palavras-Chave**

Vygotsky. Filosofia da Técnica e da Tecnologia.



## ARTEFATOS E VALORES: AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DESIGN SENSÍVEL A VALOR

Gilmar Evandro Szczepanik  
[gilmarevandro@unicentro.br](mailto:gilmarevandro@unicentro.br)

### Resumo

O texto procura investigar a relação entre artefatos técnicos e valores tendo como pano de fundo as contribuições genuínas fornecidas pelo programa Design sensível a valor, desenvolvido inicialmente por Batya Friedman na Universidade de Washington no final dos anos 90 e que acabou inspirando e influenciando o debate filosófico transcrito nos anos seguintes. Tal programa representou um esforço pioneiro ao considerar a proativamente os valores humanos em todo o processo de design de tecnologia. Assim, o ponto de partida consiste em assumir a tese de que o design tecnológico tem um papel fundamental no processo de concepção, criação, desenvolvimento e implementação de novos artefatos e dispositivos tecnológicos e esse processo de design encontra-se mediado por valores. Assim, ao pressupomos que a atividade tecnológica é permeada por um conjunto de valores desejamos examinar a natureza de tais valores, explorando primeiramente as estratégias desenvolvidas pelo programa Design sensível a valor para, na sequência, investigar como que os valores podem auxiliar nas escolhas e nos rumos e no desenvolvimento de novas tecnologias, sejam elas compreendidas como artefatos, dispositivos, atividades ou processos. Além de explorar as contribuições que os valores podem dar ao processo de inovação e de desenvolvimento tecnológico, apresentaremos também algumas lacunas que permanecem em aberto e demandam novas investidas dos pesquisadores da área. Agradecimento à Fundação Araucária pelo financiamento da pesquisa.

### Palavras-Chave

Filosofia da tecnologia. Design. Valor.



## AS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA DE GILBERT SIMONDON E AS QUATRO LIBERDADES DO SOFTWARE LIVRE

Antonio Carlos Conceição Marques

[amarques14@gmail.com](mailto:amarques14@gmail.com)

### Resumo

O pensamento Simondoneano trata a tecnologia como ato inserido na cultura. As tecnologias determinam maneiras de pensar, agir e sentir, bem como os próprios sujeitos criam tecnologias de acordo com suas necessidades e desejos. A abordagem filosófica da tecnologia, segundo Simondon deve ser vista como uma maneira de se compreender os processos de individuação, implicados nos artefatos tecno estéticos e seus meios associados. A técnica deve ser vista como um ato, ou a fase de uma atividade de relacionamento entre o homem e seu ambiente, na qual o homem estimula seu ambiente, introduzindo uma modificação nele, essa modificação se desenvolve e o meio ambiente modificado oferece ao homem um novo campo de ação que requer uma nova adaptação e suscita novas necessidades. Nesse sentido, Simondon destaca que devemos pensar uma alfabetização para as tecnologias digitais que deve levar ao entendimento dos engajamentos técnicos e naturais, técnicos e psicossociais e, conseqüentemente, a um dinamismo e transformação cultural e social. A relação entre o pensamento Simondoneano e o movimento de software livre passa justamente pela não-alienação dos objetos técnicos, pois os seres humanos não devem ver esses objetos como limitados, mas que podem ser capazes de darem origem a novas redes de relações com outros objetos técnicos e nesse espaço sensível o ser humano poderá articular seu pensamento e suas memórias para o estabelecimento de novas relações. Já o movimento de Software Livre preza pela liberdade de acesso do código fonte de qualquer software pela comunidade de usuários, no qual qualquer usuário tem o direito de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software. Por meio do software livre surgiram diversos conceitos, filosofias e tecnologias que constantemente mudam o mundo. Tanto no pensamento Simondoneano como no movimento de software livre, o ser humano pode interagir utilizando sua própria memória para estabelecer novas conexões e atribuir significados em função de um contexto de necessidade, podendo ocorrer uma relação de reciprocidade entre ambos,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



objetos e palavras que é oposta à ideia de dominação. Nessas perspectivas, não existe o perigo de nos tornarmos meros operadores de equipamentos tirando deles apenas possibilidades já determinadas, mas propiciando novas narrativas e dando início a um ciclo interminável de produção de sentidos, conhecimentos e expansão da sensibilidade humana.

## Palavras-Chave

Tecnologias. Seres Humanos. Software Livre.



## COLONIALISMO DIGITAL E GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DO DIREITO

Thiago Mota Fontenele E Silva

[thiago.mota@uece.br](mailto:thiago.mota@uece.br)

### Resumo

Nesta comunicação, propõe-se uma análise crítica dos fenômenos contemporâneos do colonialismo digital e da governamentalidade algorítmica no viés da filosofia do direito. O colonialismo digital refere-se à exploração, desigualdade e controle exercidos por atores dominantes em relação aos dados e algoritmos que governam nossas vidas na era digital. Partindo do conceito de “governamentalidade” de Foucault, examina-se como o colonialismo digital constitui um mecanismo de poder que se baseia na produção, distribuição e controle de informações por meio de algoritmos. Em seguida, mostra-se que Antoinette Rouvroy oferece insights valiosos sobre a dimensão jurídica do colonialismo digital, destacando como as normas legais tradicionais muitas vezes não são suficientes para lidar com as complexidades das tecnologias algorítmicas. Ela argumenta que o direito deve ser adaptado para abordar questões como discriminação algorítmica e vigilância em massa. Nick Couldry e Ulises Mejias, por sua vez, contribuem com uma perspectiva crítica sobre como as plataformas digitais e os algoritmos perpetuam uma economia de vigilância que mina a privacidade e a autonomia individual, levantando questões essenciais sobre os direitos digitais e a justiça. Em conclusão, esta comunicação explora como o colonialismo digital e a governamentalidade algorítmica são desafios urgentes para a filosofia do direito.

### Palavras-Chave

Algoritmos. Colonialismo. Filosofia do Direito.



## CORPOARTEFATO: OS PROCESSOS DE ARTIFICIALIZAÇÃO PELAS TECNOLOGIAS FARMACOPONOGRÁFICAS

Ana Clara Acácio Albuquerque  
[albuquerque97@outlook.com.br](mailto:albuquerque97@outlook.com.br)

Bruno Vasconcelos De Almeida  
[bruvascal66@hotmail.com](mailto:bruvascal66@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo desta pesquisa é investigar os processos de artificialização dos corpos trans por meio das tecnologias farmacopornográficas visando mapear os mecanismos de controle presentes nas técnicas de mastectomia e de hormonoterapia a partir da perspectiva da individuação. De acordo com o filósofo Paul B. Preciado, após as teorias pós-humanas, tornou-se evidente a quase irrelevante fronteira estabelecida entre corpos e tecnologias. O autor fundamenta essa hipótese ao pensar tecnologia como produção de naturezas e ao afirmar que vive-se hoje no regime farmacopornográfico - posterior ao período industrial, o qual é levado adiante pelas novas dinâmicas do tecnocapitalismo, da mídia global e das biotecnologias, que por sua vez, desenvolvem técnicas novas para produzir corpos e subjetividades. Em consonância com essa análise crítica contemporânea, para a metodologia, pretende-se realizar uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e um estudo de caso múltiplo com cinco vídeos de usuários cadastrados na plataforma youtube, os quais relatam como aconteceram os procedimentos de mastectomia e de terapia hormonal. O primeiro momento deste trabalho refere-se à sistematização do conceito de corpoartefato que será fundamentado a partir da exposição do pensamento desenvolvido pelo antropólogo Marcel Mauss em seu texto “Técnicas do Corpo” (1936). Nele, de acordo com o autor, o corpo torna-se um objeto técnico por meio das técnicas aprendidas em consonância com novas habilidades. Diante dessa argumentação, utilizar-se-a a concepção de objeto técnico, extraída do pensamento de Gilbert Simondon, desenvolvida especialmente em Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos (MEOT, 1958; MEOT, 2008), em que define o conceito como artefato que apresenta indeterminação em seu processo de finalização, de forma que está em constante transformação, segundo as



relações estabelecidas na individuação. Na sequência, abordaremos conceito/ideia de farmacopornografia no trabalho de Preciado, intitulado *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (2008), a fim de analisar a processualidade das técnicas e tecnologias na produção de corpos. Por fim, na última etapa desta investigação, realizaremos análise dos casos referidos, pela técnica da análise de narrativas.

### Palavras-Chave

Corpoartefato. Objeto Técnico. Farmacopornografia.



## MITOCÔNDRIAS E CLOROPLASTOS NA FILOSOFIA DA TECNOLOGIA: ENERGIA, NATUREZA E CORPO EM MERLEAU-PONTY

Marco Aurélio Martins Rodrigues

[marco@ufu.br](mailto:marco@ufu.br)

### Resumo

Na evolução biológica, as células eucariontes desenvolveram mecanismos biológicos para a produção de energia. Nesta condição, energia é um dos grandes desafios para a humanidade e a vida biológica. Nesse sentido, as células constituíram controles químicos interativos informacionais e sinalizações na membrana celular. Estes, interagem com os meios intracelulares e extracelulares, na produção energética. Então, as células, por sua vez, geram energia por fontes alimentares, onde um composto inicial transcorre por diversas etapas químicas. Assim, foram constituídas vias metabólicas, que sugerem ao longo do tempo evolutivo biológico, a estruturação da Natureza e os corpos vivos. Desse modo, nas condições de geração de energia e constituição de corpos, este trabalho terá como percurso filosófico, comparar e refletir sobre as organelas celulares, mitocôndrias e cloroplastos, inseridas na composição de sistemas energéticos. Desta maneira, estes sistemas direcionaram para o desenvolvimento de uma ‘tecnologia da vida evolutiva’ e organização biológica? Existe uma organização em sistemas energéticos celulares? Para tal fim, será utilizada a obra ‘A Natureza’, do filósofo Merleau-Ponty (2022), no sentido de ampliar a importância da energia. Ainda, nesse tema, Merleau-Ponty, considera o corpo numa totalidade, um sujeito no mundo. Por isso, a importância da energia na evolução dos corpos. Destarte, segundo Merleau-Ponty, o corpo é presença material e física de cada ser humano. Nessa condição, a Natureza é uma ‘multiplicidade de acontecimentos’ correlacionados às causalidades mecanicista e finalista, esta como princípio de organização. Considerando também, dados da Biologia Celular e Molecular, a produção de energia celular provém de moléculas de ATP (trifosfato de adenosina). Ou seja, as mitocôndrias produzem ATP, a partir da energia dos alimentos, por etapas de oxidações que sustentam o processo vital em órgãos e sistemas corporais. Além disso, serão apreciados os cloroplastos, que convertem a energia eletromagnética derivada da luz solar, em energia química, por meio da fotossíntese nos vegetais,





processo essencial para a vida. Por outro lado, há uma hipótese que relata a origem das mitocôndrias e dos cloroplastos, a partir de uma simbiose entre microrganismos autótrofos. Portanto, a necessidade energética possivelmente aumentou durante a evolução biológica celular, para aprimorar a Natureza e a organização dos diversos corpos vivos, em associações energéticas.

### Palavras-Chave

Filosofia da tecnologia. Natureza. Corpo.



## MUNDOS POSSÍVEIS A PARTIR DA TÉCNICA: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA DAS LINGUAGENS DE PROGRAMAÇÃO ORIENTADA

Eder Fabiano Souza Costa

[ederfscosta@gmail.com](mailto:ederfscosta@gmail.com)

### Resumo

A pergunta fundamental que motiva a pesquisa que nos propomos apresentar é: Qual o estatuto ontológico dos mundos criados por linguagens de programação orientadas a objetos? Partindo desta pergunta, outras tantas podem ser suscitadas e almejamos responder, mesmo que parcialmente, durante o debate. Seriam estes mundos: “Virtuais” ou “Reais”; Objetivos ou Subjetivos? Abstratos ou Concretos? Como os autores desde a segunda metade do século XX até o presente têm lidado com os modos de ser das entidades de software? A partir de palavras-chave em uma linguagem de programação (signos, se quisermos), ao ente humano que tem domínio das técnicas de programação, é permitido atuar propriamente no Mundo (entendido no senso comum como “Mundo Real”). Mais especificamente, desde um conjunto de palavras gera-se um código binário, que por sua vez gera instruções mapeadas em sinais elétricos, os quais permitem uma atuação física e concreta no mundo. Entendemos, portanto, que uma atuação concreta se dá a partir das linguagens de programação de software. Para Gilbert Simondon, a Técnica é uma forma de mediação entre homem e mundo. Sintonizados com este autor, entendemos que o homem não apenas habita um mundo. Ele faz mundo! Enquanto Heidegger outorga um estatuto privilegiado à arte como aquela que “põe mundo”, nossa hipótese é de que a Técnica também “põe mundo”, cria sentido, é origem e teatro de mundos concretos. No caso das linguagens de programação orientadas a objeto, pretendemos mostrar que, desde um universo de mundos possíveis (virtuais), pode-se instanciar entidades no mundo real. Essa tensão entre possível, virtual, real e concreto está na base deste trabalho e pretendemos mostrar alguns resultados preliminares que nos ajudem validar ou invalidar a hipótese.

### Palavras-Chave

Ontologia. Técnica. Orientação a objetos.



## O CARÁTER INUMANO DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Jorge Luiz Domiciano

[jorgedomicianoacad@gmail.com](mailto:jorgedomicianoacad@gmail.com)

### Resumo

A pergunta que norteia este trabalho pode ser formulada do seguinte modo: de que maneira é possível caracterizar o processo que conduz o desenvolvimento tecnológico contemporâneo? Esse processo pode ser compreendido de diversos modos, como, por exemplo, a partir de uma interpretação antropológica simplista que o toma como um produto da ação humana soberana e livre. Entretanto, o objetivo deste trabalho é indicar uma interpretação não-antrópica e atenta aos condicionamentos temporais e não-humanos que atuam no processo do desenvolvimento tecnológico. Em nossa perspectiva, concorrem para a condução desse processo, de caráter histórico e evolucionário, uma confluência de temporalidades distintas e de fatores de ordem natural (não inerentemente antrópicos). Julgamos ser possível compreender o desenvolvimento tecnológico de maneira ampla e não redutível à ação intencional e racional humana. Para formular essa posição interpretativa como a nossa hipótese, propomos que o processo do desenvolvimento tecnológico tem um caráter inumano, na medida em que ele tanto se expressa e se produz por meio da ação humana, quanto também guarda uma natureza extra-humana que, se não impele determinadamente essa ação, ao menos nela “toma carona”, veiculando forças e processos criativos e destrutivos que excedem o controle e a consciência humanos. No percurso de nossa exposição, fundamentamos nossa hipótese em três momentos: 1. apresentação da problemática; 2. caracterização do inumano como nome para processos que excedem e ao mesmo tempo se dão pela ação humana; 3. defesa da hipótese de que o desenvolvimento tecnológico moderno possui um caráter inumano.

### Palavras-Chave

Inumano. Filosofia da Técnica e da Tecnologia.



## OBESIDADE TECNOLÓGICA: UMA CRÍTICA AOS BLEFES DA TECNOFILIA A PARTIR DE JACQUES ELLUL

Marcelo Capello Martins

[marcelocapello1998@gmail.com](mailto:marcelocapello1998@gmail.com)

### Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar uma crítica à tecnofilia, isto é, ao discurso cegamente pró-técnica predominante em nosso mundo cada vez mais mediado por tecnologias. Trata-se do discurso que destaca apenas os benefícios da técnica e que a eleva como representante última do progresso humano. Tal discurso se manifesta em vários temas: o transumanismo e a aprimoração total do ser humano; a IA e a Singularidade; a criação de um universo imersivo com a Realidade Virtual; uma organização social mais eficiente e vigilante com o uso massivo de dados; e muitos outros. A apresentação seguirá três passos: a) analisar o conceito inicial de técnica e, então, a tecnofilia; b) discutir a relação entre a tecnofilia e o capitalismo digital e de vigilância; c) apontar para problemas ligados ao vício e contato constante com tecnologias; d) concluir com a necessidade de pensarmos na educação como elemento necessário para lidar com os desafios impostos pelos avanços tecnológicos. O pensador francês Jacques Ellul será a principal referência, dada a extensão da sua obra destinada a pensar o fenômeno da técnica moderna. O conceito de técnica descrito por Ellul será o primeiro ponto a ser elucidado, pois é a partir da definição inicial da técnica que se pode passar ao objeto próprio deste trabalho: a tecnofilia. Ellul é relevante, sobretudo, por ter se destinado a abordar os blefes que compõem o discurso em torno da técnica, em sua obra *The Technological Bluff*. Em seguida, dois filósofos contemporâneos serão relevantes. Evgeny Morozov discute o tema do “solucionismo tecnológico”, merecendo ser lido com maior atenção. Algumas de suas críticas ao discurso neoliberal das Big Techs e do Vale do Silício partem de uma análise da retórica tecnófila de seus agentes. Morozov dá a devida atenção ao importante tópico da relação entre a técnica e o capitalismo, algo que precisa ser explorado ao criticar a inerente tecnofilia dos discursos das Big Techs. O mesmo vale para o sul-coreano Byung-Chul Han, que tem se dedicado a discutir diversos aspectos problemáticos do Ocidente em suas múltiplas obras traduzidas no Brasil. Com a obra de Han, darei maior ênfase ao tema do



entretenimento constante e das redes sociais, algo que o autor aborda em livros como *Infocracia*, *Sociedade Paliativa* e *Favor Fechar os Olhos*. Por último, o educador estadunidense Neil Postman será uma importante referência para elaborar algumas considerações sobre a tecnofilia na esfera da educação.

### Palavras-Chave

Técnica. Tecnofilia. Discurso.



## OS ALGORITMOS NA CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO COMPARTILHADA DE “REALIDADE”

Vagner Gomes Ramalho  
[vagnergramalho@gmail.com](mailto:vagnergramalho@gmail.com)

### Resumo

Os problemas relacionados à noção de realidade são antigos temas das discussões filosóficas. Esses problemas têm motivado novos pressupostos ao longo da História da Filosofia e, atualmente, outro tema ganha destaque no debate contemporâneo: a percepção que temos do mundo está sendo moldada por um aparato tecnológico que possui a capacidade de atuar como elemento fundamental na criação de múltiplas e confusas compreensões sobre a noção de “realidade”. Motores de busca como Google e Bing, por exemplo, destinam-se a facilitar pesquisas por conteúdos disponíveis na internet. No entanto, ao retornarem resultados para as pesquisas realizadas, direcionam a percepção dos usuários a um conjunto de informações selecionadas segundo critérios estabelecidos de forma sistêmica, manifestados pelos algoritmos que os orientam. Ao estabelecer uma parametrização algorítmica, os motores de busca também introduzem um viés de percepção, direcionando a atenção dos usuários para elementos que o sistema considera mais importantes, uma ação potencializada pelo escrutínio prévio dos dados pessoais continuamente capturados. Cada vez mais onipresentes em nossas vidas, esses sistemas adquiriram a capacidade de mediar a relação entre sujeito e mundo, colaborando de forma acentuada para a constituição de perspectivas pessoais por meio dos resultados apresentados com base no mapeamento das interações feitas em rede. Sendo assim, como seria possível que tais sistemas integrassem o resultado buscado senão por meio de um viés de confirmação, resultando não no que se busca, mas no que temos mais chances de interagir? Ademais, se cada usuário corresponde a um perfil continuamente expandido pelo escrutínio exercido por esses sistemas, como ideias absurdas como as diferentes formas de negacionismo e a contínua revisão de fatos históricos bem explicados podem ser combatidas, se o número de pessoas contagiadas por esses vieses aumenta à medida que esses sistemas se tornam mais eficientes? Nesse contexto, é possível supor que boa parte da experiência com o mundo vem sendo mediada por tais sistemas, que possuem



um controle eficaz sobre as informações que temos acesso, potencializando inclusive perspectivas equivocadas sobre o mundo. Diante do exposto, o presente trabalho visa compreender como essas relações são determinantes para a construção das noções compartilhadas de “realidade” e por quais razões é necessário pensarmos esse elemento como um problema filosófico.

### Palavras-Chave

Tecnologia. Algoritmos. Realidade.



## REFLEXÕES SOBRE A GÊNESE TÉCNICA E MATERIAL DO SMARTPHONE: PERSPECTIVA FILOSÓFICA E SÓCIOMATERIAL

Patrícia Maria Weffort Teixeira

[pmweffort@gmail.com](mailto:pmweffort@gmail.com)

### Resumo

Na atualidade, a disseminação e utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação aumentaram significativamente, especialmente com a popularização dos smartphones, cuja capacidade de integrar múltiplas funcionalidades, portabilidade e acessibilidade financeira, inclusive às classes sociais menos privilegiadas. No entanto, a existência desses dispositivos depende de uma complexa invenção humana, combinando elementos extraídos da natureza e transformados em materialidade, integrados a uma estrutura técnica que permitisse seu funcionamento adequado. O propósito deste estudo é investigar a ontogênese técnica e material dos smartphones, buscando a conscientização técnica e material, bem como, a significação social, política, econômica, cultural e ecológica desses materiais. Para tanto, consideramos as contribuições da filosofia de Gilbert Simondon (1924-1989) e da obra *Between Nature And Society: Biographies of Materials* (2022) da filósofa Bernadette Bensaude-Vincent (1949- ). A filosofia simondoniana é relevante para essa investigação uma vez que propõe uma análise dos objetos técnicos a partir do processo de individuação - considerando os componentes naturais que compõem a materialidade do objeto e que favorecem o seu funcionamento técnico - até as diferentes evoluções técnicas dos objetos, as essenciais, portanto técnica, e, as não essenciais, de caráter utilitário. Essas evoluções também podem estar relacionadas à materialidade dos objetos técnicos, de acordo com Simondon, a descoberta de um novo material pode melhorar a capacidade técnica do objeto, assim como, pode apenas estar relacionado a utilidade prática desse objeto. No entanto, compreender a materialidade dos smartphones não basta, é imprescindível uma reflexão crítica sobre os materiais utilizados nos smartphones, considerando as condições de extração dos compostos naturais, bem como os impactos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos disso, sem reconhecer essas inter-relações, torna-se difícil promover a conscientização técnica, material e ecológica dos smartphones. Na contemporaneidade, apesar da racionalização que favoreceu o





desenvolvimento material, técnico, científico e a criação de novos objetos técnicos, estes são frequentemente percebidos como artificiais e dissociados da natureza, potencialmente alienando o ser humano do mundo natural, falta valorizar a realidade humana na esfera técnica e reconhecer a importância dos elementos naturais nestes objetos.

### **Palavras-Chave**

Simondon. Técnica. Materialidade.



## TÉCNICA E AÇÃO HUMANA: UM DEBATE A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Genvaldo Paulino Monteiro  
[genivaldouepb@gmail.com](mailto:genivaldouepb@gmail.com)

### Resumo

Depois do arrependimento do físico Julius R. Oppenheimer sobre o uso da bomba de hidrogênio (1945), a relação entre técnica e política tornou-se tema recorrente no debate filosófico. Chegando o século XXI, deparamo-nos com a emergência de uma nova reflexão sobre os efeitos da técnica no âmbito da ação humana. Um dos dilemas decorrentes dessas mudanças dizem respeito aos efeitos das tecnologias da comunicação, da informação e da biotecnologia nos pressupostos éticos e políticos do agir, suscitando as seguintes indagações: Quais os limites da ação humana frente à hodierna intensificação tecnológica? Qual o significado que esta (ação) vem assumindo no momento em que estamos vivendo um novo estágio da técnica? Partindo dessas questões, propôs-se como objetivo desse estudo: analisar e discutir o sentido ético-político do agir humano no contexto tecnológico atual. Para sua realização, apoiou-se nas reflexões de Hannah Arendt. Segundo a filósofa, a crise do sentido ético-político da ação humana que se manifesta no século XX, possui suas raízes nas descobertas técnico-científicas, a partir do século XVII. Tais eventos, ao afetarem o sentido das atividades essenciais da *vita activa* (trabalho, obra, ação), contribuíram para a insegurança da ação frente aos dilemas decorrentes do avanço tecnológico. É em decorrência dessa condição que emergem da obra arendtiana, temas como: ‘alienação do mundo’, ‘tecnificação da existência’, ‘declínio do homo faber’. Diante disso, buscar-se-á averiguar a capacidade e alcance analíticos do pensamento arendtiano frente ao contexto tecnológico do século XXI.

### Palavras-Chave

Hannah Arendt. Técnica. Ação Humana. Política



## TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUBJETIVIDADE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA FILOSOFIA DA TECNOLOGIA

Ana Flávia Felix Costa  
[anaflavia.rp05@gmail.com](mailto:anaflavia.rp05@gmail.com)

### Resumo

A tecnologia é um dos principais agentes de transformação da sociedade. Ela estabelece mudanças nos mais diversos âmbitos. Diante disso, existem novas formas de conhecer, pensar e afetar. Por isso, ela ocupa um lugar de destaque enquanto tema filosófico e político da atualidade. Diante do exposto, surge a seguinte questão: de que forma, em meio às transformações tecnológicas e da imersão humana no mundo digital, a tecnologia pode interferir e impactar na subjetivação dos sujeitos? Segundo Guattari, a subjetividade é forjada coletivamente por meio das conexões estabelecidas com o outro. Nesse contexto, proponho uma análise que investiga de que maneira a tecnologia, em sua forma atual de desenvolvimento, contribui para a produção de subjetividade, através das relações estabelecidas entre os sujeitos e as tecnologias digitais. Para abordar essa problemática, recorro à perspectiva da Teoria Crítica da Tecnologia. A Teoria Crítica da Tecnologia sustenta que a tecnologia não é um instrumento neutro, desprovido de valores, destinado exclusivamente a atender às necessidades humanas. Logo, argumento que as tecnologias possuem viés, sendo moldadas principalmente por valores políticos e econômicos. Portanto, ao considerar que as tecnologias não são neutras, destaco um paradoxo em relação às tecnologias digitais: enquanto deveriam ser ferramentas de democratização e diversificação, também tendem a padronizar e instrumentalizar desejos e subjetividades.

### Palavras-Chave

Desejo. Filosofia. Tecnologia.



## VULNERABILIDADE COMO CATEGORIA CENTRAL PARA O DESIGN VIRTUOSO: EXPLORANDO A ÉTICA DA TECNOLOGIA

Helder Buenos Aires De Carvalho

[hbac@ufpi.edu.br](mailto:hbac@ufpi.edu.br)

### Resumo

A comunicação propõe que “vulnerabilidade” é uma categoria central requerida para a formulação de uma ética da tecnologia, ou seja, uma ética voltada para uma sociedade tecnológica em que o design dos artefatos tecnológicos seja modulado por uma matriz moral em que virtudes ocupem um papel importante na condução da prática da criação tecnológica. Isso implica distanciar-se da antropologia centrada fortemente na autonomia e liberdade do agente humano e em uma compreensão instrumental da natureza, ambas constitutivas da modalidade moderna de compreensão da tecnologia e sua inserção na vida humana; bem como afastar-se de um conceito de design instrumental e moralmente neutro. Para isso, recorreremos a autores como Alasdair MacIntyre, Hans Jonas, Bruno Latour, Peter-Paul Verbeek, Eric Pommier, Nathalie Maillard, Mark Coeckelbergh e Sébastien Proulx, para apontar alguns elementos teóricos fundamentais para a formulação do conceito de “design virtuoso” como parte de uma ética da tecnologia que pense o cuidado como virtude fundamental diante da vulnerabilidade da vida humana e não-humana.

### Palavras-Chave

Vulnerabilidade. Design. Virtude. Tecnologia.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS FÍSICAS



## A CONCEPÇÃO RUSSELLIANA DE OBJETO FÍSICO

José Marcos Gomes De Luna

[marcos.luna@unicap.br](mailto:marcos.luna@unicap.br)

### Resumo

A apresentação contempla a análise crítica da noção de “objeto físico” de B. Russell na obra *Nosso Conhecimento do Mundo Exterior*. O percurso a ser feito tomará como ponto de partida as dificuldades elencadas para encontrar uma definição adequada para a noção de “objeto físico”. Depois, avançará para a busca de aprofundamentos dos esforços conceituais trabalhados pelo próprio Bertrand Russell em sua epistemologia filosófica. E, chegando ao ponto alto, procura fazer o detalhamento das razões russellianas adotadas por aquele autor para assumir a concepção de “objeto físico” como uma construção lógica. Uma construção feita a partir das séries de perspectivas experimentadas na relação direta com os dados dos sentidos. Consistindo assim numa série de séries, uma verdadeira ficção lógica, uma construção lógica. O que resulta num conceito inovador e aberto ao debate e embates com a física contemporânea e suas necessidades conceituais. Além de estabelecer uma ponte conceitual entre epistemologia, filosofia da linguagem e metafísica no entorno do conceito de “objeto físico”.

### Palavras-Chave

Russell. Objeto físico. Construção lógica.



## A RECEPÇÃO CONTEMPORÂNEA À DIVERGÊNCIA DE KANT E EINSTEIN SOBRE O CONHECIMENTO DO ESPAÇO

Lucas Rodrigues De Oliveira  
[lucas.rodrigues@acad.ufsm.br](mailto:lucas.rodrigues@acad.ufsm.br)

### Resumo

Dentre as seções da Crp, a Estética Transcendental é a que mais tem interpretações divergentes, principalmente por assumir um compromisso com a geometria euclidiana; para alguns, o surgimento da teoria da relatividade representa a superação da geometria euclidiana e, portanto, a superação da filosofia kantiana. A exemplo, o chileno Germán Pino, defende essa perspectiva sob dois argumentos: a) a existência de geometrias não euclidianas refuta a tese de que os axiomas da geometria euclidiana possuem validade apodítica; b) a teoria da relatividade geral de Einstein refuta a tese de que a estrutura espacial do mundo pode ser conhecida aprioristicamente (PINO, 2005). É fato que Albert Einstein se opõe à tese kantiana sobre a possibilidade de conhecermos a natureza do espaço de modo a priori. No entanto, a recepção contemporânea do tema recebe interpretações divergentes entre si, tornando-se um assunto frutífero para definirmos mais precisamente as diferenças conceituais entre a filosofia de Kant e a física de Einstein, sobretudo em relação a concepção de espaço de ambos. A posição kantiana sobre a origem do conhecimento do espaço, tendo como princípio uma mudança na maneira de conhecermos, a qual retira o objeto do centro da investigação sobre a origem do conhecimento voltando-se à razão humana e aos seus elementos, sustenta uma origem apriorística para essa representação. Para Kant, isso decorre graças ao espaço ser a forma pura da sensibilidade, uma intuição pura originada no sujeito, e que corresponde à sua capacidade de representar os fenômenos como fora de si. Nesse sentido, como o espaço tem origem no sujeito, torna-se possível acessá-lo de modo imediato, ensejando a construção de juízos a priori sobre o mesmo sem a necessidade de justificação via experiência. Isso representa um ponto de divergência significativo na física de Einstein, tal que uma das definições primárias para o desenvolvimento de sua teoria estabelece justamente que a determinação da verdade das proposições da geometria depende que elas se refiram a objetos reais: “A noção de “verdade” não se aplica aos enunciados da geometria pura, porque



“verdadeiro” em última análise significa aquilo que está em concordância com algo “real” [...].” (EINSTEIN, 2023). Diante da evidente divergência entre o filósofo e o físico, vejamos como a problemática se desenvolveu no âmago da discussão contemporânea sobre a legitimidade da filosofia kantiana frente o advento de um novo paradigma científico.

### Palavras-Chave

Espaço. Kant. Einstein.





## ASPECTOS FORMAIS DA INTERPRETAÇÃO DE NÃO-INDIVÍDUOS DA MECÂNICA QUÂNTICA

Arthur Loiola Saraiva  
[arthur.saraiva3@gmail.com](mailto:arthur.saraiva3@gmail.com)

### Resumo

Na mecânica quântica, as partículas só podem ser classificadas de duas maneiras: são férmions ou bósons. O primeiro tipo segue a estatística de Fermi-Dirac e o segundo a estatística de Bose-Einstein. Em contraste com a estatística clássica de Maxwell-Boltzmann, as estatísticas quânticas baseiam-se numa afirmação metafísica bastante forte ditada pelo Postulado da Indistinguibilidade (PI): nenhuma medição é capaz de distinguir um estado permutado de partículas do estado original não permutado. Com base em PI, a posição conhecida como Received View (RV) interpreta o postulado como uma restrição aos observáveis do sistema, permitindo assim uma ontologia de não-indivíduos, isto é, entidades sem identidade. Esta perspectiva recebeu uma rigorosa fundamentação matemática através da teoria de Quase-conjuntos (Q-set) em que alguns de seus elementos não podem ser caracterizados pelo conectivo de identidade extensional ' $=$ '; em vez disso, estão eles se relacionam apenas através da noção mais fraca de indistinguibilidade ' $\equiv$ '. Por outro lado, é possível contestar a tese da RV oferecendo uma outra interpretação para o PI que é compatível com a ontologia clássica. Esta segunda posição afirma que os sistemas quânticos são igualmente descritos se considerarmos o PI como uma restrição aos estados disponíveis do sistema. Isto implica que o PI faz referência somente aos estados de ocupação permitidos e nada diz sobre a (não-) individualidade dos objectos que os ocupam. A existência dessa dicotomia se consolidou no trabalho dos filósofos da física, atraindo adeptos para ambos os lados. Só recentemente, no entanto, uma terceira abordagem denominada Alternative View (AV) foi proposta por Dieks & Lubberdink. Para a AV, a discussão anterior se baseava na falsa premissa de que cada partícula é representada por exatamente um fator do espaço de Hilbert em um sistema de muitas partículas. A solução proposta baseia-se em orientar a discussão para estados físicos específicos que determinam se estamos falando de um indivíduo ou de 'um todo indivisível', e defende que não se deve confiar estritamente no formalismo matemático. Para essa



visão, as partículas não são fundamentais, mas sim objectos emergentes. Neste trabalho, exploraremos os aspectos físicos e matemáticos das duas primeiras interpretações do ponto de vista da última, com ênfase na distinção entre a RV e AV. O nosso objetivo é avaliar até que ponto as soluções de RV, apresentadas na linguagem de Q-set, são suficientes para AV.

### Palavras-Chave

Individualidade. Mecânica Quântica. Quase-conjunto.



## ERNST MACH ANDRÉ ASSIS: EMPIRISMO E RELACIONISMO NA FILOSOFIA DO ESPAÇO

Filipe Pamplona Nascimento Gonçalves

[pamplona@hcte.ufrj.br](mailto:pamplona@hcte.ufrj.br)

### Resumo

Conforme o próprio nome da obra prediz, “Space and Geometry in the Light of Physiological, Psychological and Physical Inquiry” (1943 [1906]), neste primoroso trabalho, Mach propõe investigar o problema do espaço “fisiologicamente”, “psicologicamente” e “fisicamente”; estas três abordagens distintas o levam a classificar o espaço em três tipos: fisiológico, geométrico e métrico. Não significa alegar que existem “espaços” diferentes, sim que “o espaço” (real) pode ser abordado por essas três vias, constituindo assim três tipos de conceitos que se distinguem e se relacionam. Desta forma, o autor dá continuidade à análise crítica, empirista e sensorial, iniciada na sua obra predecessora, “The Analysis of Sensations” [1897], desta vez focando-se exclusivamente nos conceitos de espaço e sua relação com a geometria, reafirmando a experiência como a base de todo conhecimento científico, inclusive como a fonte dos conceitos geométricos. Neste trabalho, depois de abordar a Classificação de Mach dos Tipos de Espaço, será apresentada uma possível atualização dela, explorando-se o modo que podemos compreendê-la em face à dual distinção entre espaço físico e espaços matemáticos. Após transportar Mach para atualidade, o objetivo final é mapear os principais aspectos da filosofia do espaço relacional dele que estão em voga, por exemplo, no pensamento do físico brasileiro, André K. T. Assis (UNICAMP), especialmente na sua magna obra: “Mecânica Relacional e Implementação do Princípio de Mach com a Força de Weber Gravitacional” (2013). Neste livro, as interpretações do experimento do balde de Newton com base na mecânica clássica e relativística são discutidas criticamente; em seguida, Assis desenvolve a perspectiva de Ernst Mach e vai além do “Mestre”, trazendo à contemporaneidade o que podemos considerar um derradeiro Tratado de Mecânica Relacional; seus empenhos originais fortalecem a perspectiva relacional do espaço físico, a qual defenderemos. No ano do centenário do grande físico César Lattes, pretende-se com este trabalho homenagear algum dos nossos Lattes vivos! – Assis,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



professor que ao longo da sua brilhante carreira na física teórica colheu todos os desafios da originalidade e do pensamento heterodoxo; enfim, este trabalho é também um tributo ao maestro da Sinfonia Relacional do nosso tempo. Sobre o seu “Ombro de Gigante”, todo relacionista deve se apoiar e ver adiante... Pois em Assis, Mach vive!

## Palavras-Chave

Tipos de espaço. Empirismo. Relacionismo.



## HENRI POINCARÉ E KARL POPPER: ENTRE A VERDADE MATEMÁTICA E A VEROSSIMILITUDE

Onofre Crossi Filho  
[onofre.crossi@ufms.br](mailto:onofre.crossi@ufms.br)

### Resumo

Neste ensaio teórico, tratamos sobre a verdade intrínseca às teorias físicas. Para tanto, adotamos uma perspectiva interepistêmica ao comparar os conceitos de verdade presentes nas epistemologias da ciência de Henri Poincaré e de Karl Popper, respectivamente, a Verdade Matemática (VM) e a Verossimilitude. A VM é o conceito poincareano de verdade única e exata, presente em cada teoria física e que tende a expandir-se com a sucessão entre teorias. Já o conceito popperiano de Verossimilitude, diante da sucessão entre teorias da física, defende a condição permanente de aproximação da “verdade última”, enquanto meta ideal. Desse modo, tomando como exemplo teorias sobre a gravitação universal, segundo a visão poincareana, a VM de Einstein é mais ampla e empiricamente mais precisa que a VM de Newton - que permanece verdadeira e útil -, pois a equação de Newton é um “subconjunto” do cálculo tensorial de Einstein; além disso, do ponto de vista popperiano, a verdade teórica de Einstein está mais próxima da “verdade última” que a verdade teórica de Newton. Assim, qual é a relação entre estes conceitos? Ora, no presente trabalho, defendemos que a Verossimilitude de Popper explora uma visão oposta complementar da VM poincareana. Desse modo, o discurso conceitual/hipotético contido nas teorias da física, quando falseado, pode ser aprimorado ou substituído, podendo, então, aproximar-se da “verdade última” por intermédio de um discurso explicativo mais detalhado das relações naturais. Logo, diante dessa perspectiva, há uma Verdade Conceitual/Hipotética (VCH) constituída por uma parte inevitavelmente perecível - o discurso conceitual/hipotético - e por uma VM necessariamente imperecível que mensura relações naturais verdadeiras, porém, circunscritas à limitada explicação conceitual/hipotética que a originou. Embora a VM seja permanente, só pode ser expandida por meio da ampliação (aprimoramento ou substituição) da VCH. Da perspectiva de Popper, a VCH é uma pseudoverdade, ou ainda, um degrau perecível na escada da construção do conhecimento na física, cujo falseamento possibilita a



construção de um novo degrau para a Verossimilitude. Logo, se para Poincaré, a VM é uma conquista permanente, mas limitada, para Popper, a Verossimilitude é uma meta ideal inalcançável, porém, cada vez mais próxima. A condição comum que permite tanto a Verossimilitude de Popper quanto a expansão da VM de Poincaré é a ampliação da VCH.

### **Palavras-Chave**

Indução Completa. Teoria Física. Verdade Empírica.



## HUMES HYPOTHESES NON FINGO

Silvio Seno Chibeni  
[chibeni@unicamp.br](mailto:chibeni@unicamp.br)

### Resumo

Hume's declaration, in the Abstract, that the author of the Treatise "talks with contempt of hypotheses" should be taken cum grano salis. Although a general restraint against hypotheses was a common methodological stance in early modern philosophy, and an expected element in a project to "introduce the experimental method of reasoning into moral subjects", the actual implementation of the project in the Treatise does not show strict adherence to this empiricist guideline. After a brief review of the typical interpretive positions in the Hume scholarship on the relations between Hume's project and its most likely model, Newton's natural philosophy, I attempt, in this paper, to identify directly a number of passages in the Treatise and in the first Enquiry in which Hume does talk of hypotheses. This survey shows that his view of hypotheses is not uniformly contemptuous. Hypotheses seems to play, on the contrary, a positive role at some key points of Hume's theory of knowledge, and in other parts of his philosophy. Incidentally, further evidence for this interpretation of Hume's statements about hypotheses accrues from the fact that a similar interpretation seems to hold for Newton's philosophy as well.

### Palavras-Chave

Hume. Newton. Hipóteses.



## MECÂNICA QUÂNTICA, COLAPSO E CONSCIÊNCIA: RUMO A UMA INTERPRETAÇÃO DE PROCESSOS

Frederik Moreira Dos Santos  
[fredsantos@ufrb.edu.br](mailto:fredsantos@ufrb.edu.br)

Raoni Arroyo  
[rwarroyo@unicamp.br](mailto:rwarroyo@unicamp.br)

Lauro De Matos Nunes Filho  
[lmnf23@gmail.com](mailto:lmnf23@gmail.com)

### Resumo

A teoria quântica possui admirável consenso acerca de seu sucesso empírico e poder preditivo. Tal sucesso não garante, no entanto, consenso acerca da interpretação metafísica e ontológica de seus fundamentos. Fornecer isso tem sido, na literatura, grande parte dos esforços dedicados à interpretar a mecânica quântica. São dos esforços interpretativos que grande parte dos debates conceituais emergem, dentre os quais situam-se os mais abstrusos. Dentre eles, talvez um dos mais emblemáticos casos seja o da interpretação segundo a qual a consciência humana causa o colapso da função de onda (a assim chamada interpretação da consciência causa colapso, ou ICCC para abreviar). Formulada como uma das primeiras respostas a um dos mais sérios problemas conceituais da teoria quântica ---o problema da medição---, a ICCC coloca fora da descrição física a consciência humana; em nível ontológico, diferente dos objetos quânticos e da aplicação das equações lineares da teoria. A despeito de seu gradual distanciamento de um dos seus primeiros proponentes, Eugene P. Wigner, a ICCC tem sido associada com diversos tipos de dualismo de substância. Do ponto de vista filosófico, interpretações dessa família solucionam o problema da medição na física quântica sobre o preço de herdar o ônus de ter que solucionar o problema mente-corpo na metafísica. Segundo nosso diagnóstico, esse é um dos motivos pelos quais a ICCC é frequentemente descartada como uma opção viável nos fundamentos da mecânica quântica. Sendo esse um problema filosófico, nossa hipótese de trabalho é que uma resolução esteja à disposição na própria filosofia. Um dos pressupostos filosóficos que a ICCC faz, que a leva às consequências dualistas, é a categoria





ontológica de substâncias. Propomos que a ICCC seja interpretada a partir de uma categoria ontológica diferente, viz., de processos. A motivação é que a ontologia de processos de e.g. Whitehead não incorre em problemas do tipo mente-corpo sem, por outro lado, recorrer a atitudes reducionistas. Assim, as perspectivas de uma interpretação da ICCC a partir da categoria de processos, ao invés de substâncias, é promissora. Apresentaremos, nessa comunicação, o início de um programa de pesquisa nessa direção.

### **Palavras-Chave**

Física Quântica. Ontologia Processual. Consciência.



## PROBLEMAS DE TESTABILIDADE NA COSMOLOGIA FÍSICA

Teresa Seabra Antunes  
[tseabra.antunes@gmail.com](mailto:tseabra.antunes@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo caracterizar e analisar o debate contemporâneo sobre os limites de verificação empírica e testabilidade na Cosmologia Física. Debates sobre a cientificidade da Cosmologia muitas vezes destacam a falha das teorias em serem empiricamente testáveis, utilizando-se, comumente, de critérios de verificação inspirados em um falseacionismo popperiano, sobretudo em períodos de rivalidade entre diferentes modelos teóricos. Por meio de uma análise das discussões acerca da viabilidade de verificação empírica ao longo da história do campo da Cosmologia, pretende-se discutir a maneira como o debate em torno da “cientificidade” do campo, em termos da possibilidade de uma testabilidade empírica, de suas entidades está presente não apenas ao longo de toda a construção histórica do campo, mas permanece contemporaneamente. Argumenta-se que, apesar de uma ênfase retórica dada por críticos da Cosmologia à testabilidade, a prática científica e a interpretação do que seria considerável “testável” não são consensos entre cosmólogos e críticos. Uma análise mais cuidadosa do discurso científico acerca de teorias cosmológicas mostra que questões como que tipos de testes não empíricos são válidos no campo. Questiona-se também qual peso dar a eles, se essa testabilidade é estritamente equivalente a uma falseabilidade ou qual o papel de representações teóricas não observáveis, não são bem delimitadas. A falta dessa delimitação do que seria essa testabilidade nos sugere olharmos para a maneira como de fato julgamos o sucesso empírico das teorias físicas. Nesse sentido, a hipótese que orienta a discussão do trabalho é de que, mesmo para teorias cosmológicas em que os critérios de falseabilidade e verificação — em termos popperianos — sejam mais problemáticos, — como é o caso das teorias de multiversos — essas teorias continuam sendo avaliadas de maneira científica criteriosa. Analisando essas discussões à luz da prática científica de fato realizada por cosmólogos, argumenta-se que não há nada de muito “especial” na Cosmologia. Os critérios adotados para escolhas entre teorias, o processo de modelagem da teoria e o processo de confirmação empírica não são tão distantes de outras teorias da Física, apesar das



especificidades inerentes ao campo. Essa análise pode esclarecer questões no debate sobre a testabilidade em Cosmologia, oferecendo uma perspectiva mais alinhada com a prática científica contemporânea.

### **Palavras-Chave**

Cosmologia. Testabilidade. Verificação.



## REALISMO MATEMÁTICO E ONTOLOGIA DA FÍSICA NA TEORIA DOS TRÊS MUNDOS DE ROGER PENROSE

Vinícius Carvalho Da Silva  
[vinicius\\_c\\_silva@ufms.br](mailto:vinicius_c_silva@ufms.br)

### Resumo

Em obras como *The road to Reality*, *Sombras da Mente* e *A mente nova do imperador*, o físico matemático, cosmólogo e filósofo britânico Roger Penrose se debruça sobre a mais tradicional das questões metafísicas: Qual é a natureza última da realidade? Seu objetivo é investigar o nível ontológico fundamental, a tessitura do real em sua dimensão mais básica, para, a partir daí, (re)fundar a física sobre uma base metafísica suficientemente ampla e profunda a ponto de acomodar as relações entre as realidades matemática, física e mental. Sua proposta, que chamamos de Teoria dos Três Mundos, assume um platonismo matemático, de acordo com o qual o “Mundo platônico das formas matemáticas eternas” corresponde ao Mundo 1, o nível ontológico fundamental, a partir do qual emerge e se organiza o Mundo Físico, de natureza espaço-temporal, onde estruturas materiais se formam e tornam-se cada vez mais complexas, até a emergência de formas vivas dotadas de consciência, donde se origina o terceiro mundo, o Mundo Mental, que por sua vez, volta-se, por meio do entendimento, tanto para o mundo físico quanto para o mundo matemático. Sendo assim, apesar de (parecer) haver uma hierarquia entre os três mundos, todos estão entrelaçados, de modo que paradoxalmente cada um parecer emergir, ou ao menos ser objeto de compreensão, a partir de uma pequena parte do mundo precedente, formando um circuito  $M1 \rightarrow M2 \rightarrow M3 \rightarrow M1(\dots)$ . Penrose postula a realidade objetiva dos três mundos, bem como sua unidade em um nível ontológico ainda não compreendido por nós. Sua defesa é a de que tal teoria pode oferecer à ciência a metafísica capaz de sustentar uma “nova física” que abarque tanto o mundo físico quanto o mundo mental, possibilitando, portanto, um tratamento físico da consciência por meio de matemáticas não-computacionais. Nesse trabalho analisaremos a teoria dos três mundos de Penrose, o lugar que o realismo matemático ou platonismo ocupa nela e o paradoxo do ‘emaranhamento’ ou ‘entrelaçamento ontológico’ entre os mundos matemático, físico e mental.

### Palavras-Chave

Realismo matemático. Ontologia. Emergentismo.



## SCHRÖDINGER E A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DAS PARTÍCULAS MATERIAIS: CONTINUIDADE E VISUALIZAÇÃO

Eduardo Simões Silva  
[eduardosimoes@uft.edu.br](mailto:eduardosimoes@uft.edu.br)

### Resumo

Como se sabe, desde que Planck, em 1900, para explicar a distribuição da energia na radiação do corpo negro, derivou uma equação que inaugura a ideia de intercâmbio descontínuo de energia, a noção indiscernibilidade, ou indistinguibilidade, tornou-se central na Teoria Quântica. Com as descobertas feitas por Einstein, em 1905, de que massa ( $m$ ) e energia ( $E$ ) são a mesma coisa e que a luz não era apenas uma onda, mas também se comportava como partículas de energia (fótons), sedimenta-se de vez a ideia do caráter material das partículas. Estas passam a ser tidas como quantidades ínfimas e minúsculas de matéria que compõem os objetos. Com isso, veio a possibilidade de se projetar imagens, sustentadas por uma linguagem matemática manejável com grande precisão, que propiciou os físicos criarem modelos adequados do que eram e como se comportavam tais partículas. A matéria tornou-se, assim, uma imagem da nossa mente, cujas formas geométricas apresentadas não são algo que possa ser diretamente observado nos átomos verdadeiros. Depois de apresentar, em 1926, sua equação de ondas, que descreve a evolução temporal de um sistema quântico de forma contínua e determinística, Schrödinger, já na década de 1950, ainda estava envolto com a defesa da descrição contínua do mundo físico, visto que esta atendia às exigências básicas de seu sistema, sendo a primeira delas, a exigência de visualização (Anschaulich). Para ele, o estado a que a Mecânica Quântica havia chegado, colocava-a numa situação inadmissível ao afirmar coisas do tipo: a) “Que os fatos observados parecem ser incompatíveis com a ideia clássica de uma descrição contínua no espaço e no tempo”; b) “A velha ideia acerca delas (das partículas) era que sua individualidade se baseava na identidade da matéria contida nelas”; c) e “[...] que é necessário existir um substrato material para assumir uma forma”. O que pretendemos apresentar com esse trabalho é que, segundo Schrödinger, todas essas asserções são ilegítimas e que só uma descrição contínua e determinista, por atender à necessidade básica de visualização, demonstrará que um objeto quântico não é um indivíduo, não é material



e, muito menos, que a observação seja capaz de dar uma resposta definitiva sobre a sua forma ou configuração (Gestalt). O problema motivador de suas alegações, portanto, é: “a impossibilidade de uma descrição contínua, sem lacunas e ininterrupta, no espaço e no tempo baseia-se efetivamente em fatos incontroversos?”.

### Palavras-Chave

Partículas materiais. Continuidade. Visualização.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS FORMAIS



## CONTRADIÇÕES IRREALMENTE VERDADEIRAS?

Guilherme Araújo Cardoso

[guilherme.cardoso@ufop.edu.br](mailto:guilherme.cardoso@ufop.edu.br)

### Resumo

O Dialeteísmo (defendido por Priest e Beall, entre outros) tem sido reputado por sustentar uma visão exótica ou excêntrica acerca das contradições, qual seja, que algumas delas são verdadeiras. Por outro lado, seus opositores se apoiam nas muitas versões daquilo que ficou conhecido, desde Aristóteles, como o Princípio da Não-Contradição, segundo o qual, nenhuma contradição é (nem poderia ser) verdadeira. Nesta apresentação, eu tentarei argumentar que o impasse entre Dialeteísmo e Antidialeteísmo está soterrado por uma negligência modal, aquela resultante de se confundir verdadeiro com realmente verdadeiro. Pretendo oferecer uma semântica (paracompleta e paraconsistente), baseada na noção de verdade formulada por Austin (1950) e na Semântica de Situações de Barwise e Perry (1999) na qual algumas contradições são verdadeiras, mas nenhuma contradição é realmente verdadeira, nenhuma proposição classifica uma situação possível (portanto, nenhuma situação real) como sendo contraditória, todas as contradições verdadeiras são apenas irrealmente verdadeiras. Entendo que a posição aqui defendida não pode ser classificada como dialeteísta, mas como uma nova interpretação da Paraconsistência cujos aspectos técnicos e filosóficos gostaria de explorar.

### Palavras-Chave

Contradições. Situações. Paraconsistência.





## ENTRE DIALETEÍSMO E INTERPRETAÇÃO EPISTÊMICA: O CASO DO MENTIROSO

Jéssica Gonçalves Rodrigues  
[jessica.goncalves@discente.ufma.br](mailto:jessica.goncalves@discente.ufma.br)

### Resumo

Segundo a lógica clássica, as contradições são indicativas de que um argumento é inválido, ou seja, possui premissas verdadeiras e conclusão falsa. No entanto, apesar de na lógica clássica as contradições resultarem em falsidades, elas emergem em uma variedade de cenários, desde disputas médicas e científicas até contextos matemáticos. Para lidar com essas situações contraditórias sem tornar o sistema trivial (isto é, sem aceitar que tudo é verdadeiro), foram desenvolvidos sistemas formais paraconsistentes. Um sistema é considerado paraconsistente quando viola a lei da explosão, que diz que a partir de qualquer contradição infere-se qualquer sentença. O surgimento desses sistemas foi crucial para o advento de diferentes interpretações da contradição, como a abordagem dialeteísta de Graham Priest (2006a; 2006b). Essa visão sustenta a existência de contradições verdadeiras (dialeiteias), especialmente evidenciadas pelo paradoxo do Mentiroso. Grosso modo, o paradoxo do Mentiroso é um argumento constituído de premissas verdadeiras, seguido por um raciocínio razoável, mas que leva a uma conclusão contraditória (uma dialeiteia, na visão dialeteísta). Alternativamente, existem abordagens não dialeteístas que rejeitam a ideia de contradições verdadeiras, oferecendo interpretações alternativas. Nesse contexto, exploraremos, de maneira geral, a visão epistêmica de Carnielli e Rodrigues (2019a; 2019b), que considera as contradições como evidências epistemicamente conflitantes, porém não conclusivas. Assim, em tal visão as contradições verdadeiras são intoleráveis. Tendo isso em vista, o objetivo desta comunicação é tentar responder se as abordagens mencionadas fornecem uma explicação adequada para as contradições, como no caso do paradoxo do Mentiroso, ou se nenhuma pode ser considerada uma interpretação suficiente para tal paradoxo, o que, em última instância, pode comprometer a legitimidade da rivalidade entre as duas abordagens.

### Palavras-Chave

Dialeiteísmo. Interpretação Epistêmica. Mentiroso.



## FILOSOFIA EMPIRICAMENTE INFORMADA DA MATEMÁTICA, COGNIÇÃO NUMÉRICA E FENOMENOLOGIA

Wilhelm Alexander Cardoso Steinmetz

[abc120241@gmail.com](mailto:abc120241@gmail.com)

### Resumo

Recentemente surgiram trabalhos na filosofia da matemática empiricamente informada que abordam questões referentes à natureza metafísica e epistemológica dos números naturais e da aritmética ao promover análises detalhadas de dados empíricos provenientes da literatura de áreas como psicologia cognitiva, psicologia do desenvolvimento, linguística cognitiva e antropologia, entre outras. Em tais abordagens, a análise de experimentos do campo da cognição numérica, sobre percepção e individuação de objetos, assim como formação de conceitos numéricos em crianças possui uma importância especial. No entanto, sobretudo no caso de experimentos com bebês e crianças pre-verbais, a interpretação dos resultados é frequentemente objeto de debate nas respectivas literaturas, visto que estas crianças não conseguem verbalizar as suas respostas. Logo, as suas reações (como, por exemplo, tempo de fixação visual) precisam ser cuidadosamente interpretadas. Segundo a visão majoritária na literatura da cognição numérica, humanos possuem capacidades inatas destinadas especificamente ao processamento de magnitudes discretas ou contínuas. Nesta palestra mostrarei como a filosofia fenomenológica, em particular a obra de Merleau-Ponty, pode fornecer técnicas para interpretar os resultados de tais experimentos e iluminar aspectos pertencentes ao nível experiencial de seus participantes. Especificamente, apresentarei o conceito de solicitação e proporei interpretações alternativas de experimentos de cognição numérica com crianças pre-verbais, segundo as quais estas crianças discriminam cenas visuais com um, dois ou três objetos, devido a experiências distintas que diferem em atributos qualitativos não-quantificáveis e não quantitativos. Em consequência, para as interpretações aqui propostas não é necessário postular uma capacidade humana, inata para o processamento de magnitudes discretas ou contínuas.

### Palavras-Chave

Matemática. Cognição Numérica. Fenomenologia.



## FREGE TINHA A LEI BÁSICA V EM MENTE EM DIE GRUNDLAGEN?

Rafael De Araujo Serra  
[rafaelserra19@gmail.com](mailto:rafaelserra19@gmail.com)

### Resumo

Em *Die Grundlagen der Arithmetik* (1884), Frege tentou definir o conceito de número cardinal contextualmente por meio do princípio de abstração conhecido como Princípio de Hume, de acordo com o qual uma igualdade numérica deve ser entendida como uma correspondência um-a-um entre os conceitos envolvidos. O problema de Júlio César mostrou que essa definição falhou em fornecer um significado ao conceito de número, o que levou Frege a uma definição explícita de número em termos de extensões de conceitos. A definição explícita define o número cardinal de um conceito  $F$  como a extensão contendo todos os conceitos que podem ser correlacionados um-a-um com  $F$ . A principal razão de Frege para a adoção da noção de extensão de conceito era que, de acordo com ele, ela aparentemente evita o problema de Júlio César. No entanto, houve um importante segundo motivo por trás de sua adoção da definição explícita: o Princípio de Hume pode ser provado por meio dela. Na visão de Frege, essa é uma característica essencial de qualquer definição apropriada de número, uma vez que o Princípio de Hume, que tinha sido descartado como uma boa definição, é um pilar do projeto logicista: ele representa igualdades aritméticas de uma maneira puramente lógica. Será defendido que a prova que Frege vislumbrou do Princípio de Hume era baseada numa lei lógica que ele ainda não tinha explicitamente formulado: A Lei Básica V. Mais precisamente, a prova esboçada no parágrafo 73 de *Die Grundlagen* se baseia num princípio que governa a relação de identidade entre extensões de conceitos de segunda ordem. Tal princípio é muito similar à Lei Básica V que Frege formulou em *Grundgesetze der Arithmetik* (1893), o que mostra que ele já tinha uma ideia de como seria a sua lei lógica que governa extensões de conceitos. Essa discussão levantará a seguinte questão: se Frege realmente tinha a Lei Básica V em mente em *Die Grundlagen*, como ele poderia formula-la na época por meio do aparato linguístico de sua notação conceitual? A resposta para essa questão revelará que uma possível versão da Lei Básica V em *Die Grundlagen* teria feito uso da noção de Frege de identidade de conteúdo, o que tornaria tal versão diferente em significado da versão posterior.

### Palavras-Chave

Princípio de Hume. Lei Básica V. Prova.



## PARACONSISTÊNCIA E LÍNGUAS NATURAIS

Ederson Safra Melo  
[ederson.safra@ufma.br](mailto:ederson.safra@ufma.br)

### Resumo

Em lógicas não paraconsistentes a relação de consequência lógica é dita explosiva; isto é, qualquer conclusão arbitrária  $B$  é consequência lógica de uma contradição  $A$  e  $\neg A$ . Por outro lado, em lógicas paraconsistentes a relação de consequência lógica não é explosiva. Alguns autores definem lógicas paraconsistentes como lógicas em que é possível raciocinar na presença de contradição sem trivialidade. Nessa linha, Graham Priest defende que há uma lógica subjacente às línguas naturais, e que essa lógica é paraconsistente. O argumento, em linhas gerais, considera que há contradições no inglês e que nem toda sentença do inglês é verdadeira. Com isso, Priest conclui que a lógica subjacente dessa língua natural é paraconsistente. Esse argumento é um caso particular de um tipo de argumento conhecido como argumento mais revelador (most telling argument) para paraconsistência. O argumento mais geral segue a seguinte estrutura: dado que há inconsistência em um dado campo  $K$  e dado que  $K$  não é trivial, devemos reconhecer que a lógica subjacente de  $K$  é paraconsistente. Assim, se tomarmos  $K$  como uma teoria intuitiva da verdade (como aparentemente é a proposta de Priest) teríamos o argumento de Priest que defende explicitamente que a lógica subjacente do inglês é paraconsistente. Em nossa comunicação, iremos defender que o chamado argumento mais revelador é problemático por envolver um tipo de petição de princípio. Além disso, argumentaremos que há ainda mais problemas no caso particular do argumento desenvolvido por Priest sobre a lógica das línguas naturais. Finalizaremos a nossa apresentação com uma parte positiva do trabalho ao defendermos a, partir das ideias de Gilbert Harman, que é mais razoável separar lógica, enquanto teoria da relação de consequência, e teoria do raciocínio (que inclui raciocínios operados em línguas naturais). Concluiremos que o fato das pessoas raciocinarem, a partir de contradição sem trivialidade, em línguas naturais não exige que a lógica das línguas naturais deva ser paraconsistente.

### Palavras-Chave

Línguas naturais. Paraconsistência. Raciocínio.



## PRAGMÁTICA E LINGUAGENS FORMAIS: O CASO DA TEORIA DOS COMPROMISSOS ONTOLÓGICOS DE QUINE

Raphael Kreidelman Kale Torres

[raphaeltorres@id.uff.br](mailto:raphaeltorres@id.uff.br)

### Resumo

Segundo Quine, compromissos ontológicos são os objetos que devem servir como os valores das variáveis das sentenças de uma teoria para que ela seja verdadeira. Para identificarmos os compromissos ontológicos de uma teoria, devemos, então, observar as variáveis quantificadas de suas sentenças. Portanto, devemos admitir a existência dos objetos que servem como os valores das variáveis das teorias que aceitamos como verdadeiras. A teoria de Quine sobre compromissos ontológicos é assumida pela maioria dos pesquisadores como uma teoria estritamente semântica que versa sobre a interface entre ontologia e a teoria da referência. Entretanto, a teoria também possui uma parte pragmática implícita que diz que os únicos atos ilocucionários geradores de compromissos ontológicos são as asserções. Sendo assim, o objetivo desta comunicação é o de apresentar a teoria de Quine como caso paradigmático da dimensão pragmática de linguagens formais. Num primeiro momento, apresentarei a parte semântica da teoria a partir de seus elementos essenciais. Sendo assim, começaremos com a exposição do conceito semântico de compromisso ontológico e sua íntima relação com condições de verdade tarskianas. A partir disso, introduziremos o conceito de existência quineano expresso pelo dito 'ser é ser o valor de uma variável' e a relação entre referência e ontologia. Por sua vez, a constatação de Quine de que só conseguimos determinar instâncias de referência a partir de variáveis, o influencia em sua escolha da notação canônica para que os compromissos de teorias sejam identificados. Em seguida, reconstruiremos a concepção linguística de teorias defendida por Quine e suas peculiaridades. A concepção quineana será contrastada com as de Newton e a dos empiristas lógicos. Em seguida, a partir de evidências textuais e da função do critério, argumentarei pela existência da parte pragmática da teoria e, em seguida, a reconstruirei. Constatando que Quine assume que asserções são os únicos atos de fala capazes de gerar compromissos ontológicos, nos encarregamos de investigar se Quine está correto. Por último, argumentarei que elementos



ilocucionários são indispensáveis em linguagens formais em virtude de seu papel organizacional em teorias axiomáticas. Tais elementos se fazem presentes no momento em que categorizamos diferentes enunciados como axiomas, teoremas, corolários, definições e etc.

### Palavras-Chave

Linguagem Formal. Quine. Pragmática.



## QUINE É UM ANTI-EXCEPCIONALISTA LÓGICO?

Jessica Caren Da Silva Melo

[caren.jessica1@gmail.com](mailto:caren.jessica1@gmail.com)

### Resumo

Uma posição na filosofia da lógica, designada de anti-excepcionalismo sobre a lógica (AEL), compreende que a lógica não é excepcional em relação às demais ciências. De acordo com os anti-excepcionalistas, Quine (1951) é considerado uma das mais notáveis influências sobre a posição, em razão de seus argumentos epistemológicos, como o holismo, o revisionismo, o gradualismo e o não-apriorismo sobre a lógica. Assim, o fato do insight dos anti-excepcionalistas ter sido herdado de Quine, faz com que a maioria da literatura compre a narrativa de que Quine também se classificaria como um anti-excepcionalista. No entanto, o meu objetivo é questionar o status de Quine como um anti-excepcionalista lógico, uma vez que o próprio Quine discordaria de vários pressupostos que o AEL mantém sobre lógica. Embora Quine tenha influenciado o AEL, alegar que Quine seria um anti-excepcionalista é uma deturpação do pensamento quinean além de anacrônico, é uma alegação errônea, dado que a distinção entre excepcionalismo e AEL foi criado pelos próprios anti-excepcionalistas, e o projeto quineano difere do projeto atual AEL defendido por Hjortland (2017), Williamson (2017), Priest (2016) e Martin e Hjortland (2022). Até agora não há nenhuma análise cuidadosa sobre a visão de Quine e sua relação com o AEL. O principal desígnio da pesquisa é examinar qual a visão de lógica de Quine a partir de suas diferentes versões como modo de compreender até que ponto a lógica é considerada uma disciplina metodologicamente especial.

### Palavras-Chave

Anti-excepcionalismo lógico. Filosofia da Lógica.



## SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DE PREDICADOS

Décio Krause

[deciokrause@gmail.com](mailto:deciokrause@gmail.com)

### Resumo

Em vários setores da ciência, em especial nos fundamentos lógicos da física quântica, filósofos têm destacado a relevância de se distinguir entre predicados que permitam caracterizar as entidades tratadas. Nesta apresentação, damos uma ideia da discussão e mostramos como isso traz um problema para a filosofia da lógica e da matemática (ciências formais), verificando que uma classificação de predicados em `predicados A ou `predicados B não pode ser feita sem a consideração da contraparte semântica (e talvez da pragmática) da linguagem em apreço. Indo mais fundo, verificamos que a semântica usual, feita pressupondo-se uma teoria usual de conjuntos, como ZF, assume o fato a ser descrito (begs the question), uma vez que pressupõe, já de início, uma distinção dos objetos que serão classificados como satisfazendo os predicados; por exemplo, ao predicado `A' serão associados os objetos do domínio que (já) são A. Propomos então uma alternativa para essa classificação. De início, consideramos que não sabemos nada sobre os objetos em análise; eles são determinados pelas suas características, descritas formalmente por predicados. Desse modo, os objetos são vistos como objetos nomológicos no sentido de di Francia (1981, 1998), Arenhart (2023). Para tanto, não podemos considerá-los como indivíduos com identidades já previamente determinadas; suas `identidades', ou melhor, suas classificações em tipos de entidades são dadas por leis (pelas leis físicas), descritas por propriedades. Por fim, mostramos como essa visão pode ser útil para uma ontologia de propriedades em física quântica (Lombardi 2023).

### Palavras-Chave

Predicados. Semântica. Identidade.





## SOBRE O EXCEPCIONALISMO

Darlan Rodrigo Campos  
[darlan.rcampos@outlook.com](mailto:darlan.rcampos@outlook.com)

### Resumo

O trabalho pretende oferecer uma alternativa ao Anti-Excepcionalismo Lógico. O Anti-Excepcionalismo Lógico corresponde à ideia de que a lógica é uma ciência tão diferente das outras quanto as outras ciências são diferentes entre si e, por contraste, o Excepcionalismo Lógico corresponde à ideia de que a lógica tem mais diferenças com as outras ciências do que as outras ciências têm diferenças entre si (WILLIAMSON, 2021, p.7). A discussão entre excepcionalistas e anti-excepcionalistas têm ocupado o centro das discussões em epistemologia da lógica com o surgimento de lógicas alternativas e não-clássicas, mas os anti-excepcionalistas não têm dado atenção suficiente para as lições que podem ser tiradas do paradoxo de Lewis Carroll. Este trabalho se propõe a (1) discutir o paradoxo; (2) apresentar diferentes contextos em que o debate sobre a justificação de princípios lógicos surgiu na história da filosofia e, por fim, (3) sugerir uma via aberta ao excepcionalismo a partir da consideração de que a lógica é composta essencialmente de regras de inferência, não de axiomas.

### Palavras-Chave

Excepcionalismo. Anti-Excepcionalismo. Lógica.



## TROPEÇANDO NA EPISTEMOLOGIA: UMA PROPOSTA DE RE-CARACTERIZAÇÃO DO CONHECIMENTO LÓGICO

Evelyn Fernandes Erickson  
[evelyn.f.erickson@gmail.com](mailto:evelyn.f.erickson@gmail.com)

### Resumo

Trabalhos recentes em epistemologia da lógica, apoiados numa abordagem oriunda da filosofia da ciência, tem focado nos tópicos de escolha de teorias, revisão da lógica ou desacordos lógicos. Como tem vindo à tona, defendo que essas abordagens carregam pressupostos metafísicos duvidosos sobre lógica, comprometendo uma teoria do conhecimento lógico com versões diferentes de realismo. O presente trabalho argumenta que ao perder de vista questões tradicionais de epistemologia, as vertentes que propõe aproximar lógica às ciências naturais buscando demonstrar a falibilidade do conhecimento lógico não tem conseguido se livrar do fundacionalismo das abordagens que se propõe a rejeitar. A presente contribuição propõe um retorno às questões de justificação de conhecimento lógico, sob a luz de novas perspectivas na epistemologia, particularmente em reavaliar o objeto de estudo da epistemologia (apoiada em epistemologia do entendimento), reavaliar o sujeito do conhecimento e como esse conhecimento é transferido (apoiada em epistemologia social), para então abordar como o conhecimento lógico está apto a revisão. Propõe-se aqui investigar o que é conhecimento lógico (de que tipo de crença é composto, que pressupostos sobre a verdade são necessários para que haja conhecimento desse tipo) para então propor como conhecimento lógico é falível e revisável.

### Palavras-Chave

Lógica. Epistemologia da lógica.



## UMA SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA EXCLUSÃO DAS CORES NO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN

Luciano Vicente

[lucianovicentesa@gmail.com](mailto:lucianovicentesa@gmail.com)

### Resumo

A teoria do simbolismo do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein e as concepções de nome (Name) —enquanto “nome de algo tipicamente extralinguístico”— e objeto (Gegenstand) —enquanto “referência do nome”— são parasitárias da análise dos elementos fundamentais da linguagem, as proposições (Sätze), primeiramente, em termos de outras proposições e, finalmente, em termos dos elementos sub-proposicionais de proposições completamente analisadas ou elementares (Elementarsätze). Embora seja possível argumentar em favor da teoria atomista do *Tractatus*, dispensando qualquer exemplo explícito de proposição elementar e de nome/objeto (simples) —e. g., em termos de regressão ao infinito ou de círculo vicioso aplicados ao princípio fregeano do contexto (cf., *Tractatus*, 3.3)— e, portanto, prescindindo da realização completa do projeto tractariano de análise da linguagem, o *Tractatus* é explícito (dogmático?) em relação aos nomes/objetos em pelo menos uma ocasião: “Espaço, tempo e cor (ser colorido) são formas dos objetos” (*Tractatus*, 2.0251). Proposições como (1) Tal e tal é azul, (2) Tal e tal é amarelo e (3) Tal e tal é vermelho são inconsistentes entre si e, pelos padrões do *Tractatus*, nem ‘azul’, nem ‘amarelo’, nem ‘vermelho’ seriam nomes simples e, portanto, nomes cujas referências seriam objetos tractarianos. Tal problema é percebido por Wittgenstein e uma tentativa de solução fisicalista é proposta (cf., *Tractatus*, 6.3751). Entretanto, Frank P. Ramsey enxerga mais longe: a solução de Wittgenstein é apenas relativa-provisória e depende da “impossibilidade de uma partícula estar em dois lugares ao mesmo tempo” (Ramsey, 1950, p. 280). Depois de Ramsey, versões generalizadas do chamado ‘problema da exclusão das cores’ estariam na raiz de certos desenvolvimentos da filosofia pós-tractariana de Wittgenstein (cf., “The Color-Exclusion and the Development of Wittgenstein’s Philosophy of Logic” de Oskari Kuusela). À revelia de e paralelamente à tese genético-histórica apresentada na literatura, proponho, por meio da adição de parâmetros dinâmicos, que a tese das cores enquanto objetos



simples é formalmente consistente. Para tanto, “espaço, tempo e cor não seriam todas as formas dos objetos”: cores surgem e desaparecem. Mais especificamente, surgir e desaparecer seriam objetos simples, cuja forma peculiar — e a forma dos objetos simples é sempre peculiar (cf., *Tractatus*, 2.0233)— é irreduzível às demais (espaço e tempo incluídos).

### **Palavras-Chave**

Cores. Objetos simples. Wittgenstein.



## UMA VISÃO INSTRUMENTALISTA SOBRE O CONTEÚDO REPRESENTACIONAL DA LÓGICA

César Frederico Dos Santos

[cesar.frederico@ufma.br](mailto:cesar.frederico@ufma.br)

### Resumo

Na filosofia da lógica atual, duas teses são bastante aceitas: (1) a ideia de que o trabalho em lógica, ou pelo menos na lógica filosófica, consiste na elaboração de teorias sobre a validade; (2) a ideia de que a teorização lógica não é essencialmente diferente da teorização científica. Conjuntamente, essas teses implicam a existência de um objeto de estudo da lógica, isto é, uma realidade que as teorias lógicas visam descrever. Contudo, não há consenso sobre que realidade é essa. Candidatos incluem: um reino de proposições abstratas (Priest); a estrutura formal do mundo (Sher); aspectos da linguagem natural (Shapiro); e aspectos da prática matemática (Martin). Nesta fala, apresento uma visão alternativa, que rejeita as teses (1) e (2) e ao mesmo tempo permite entender por que há tanta controvérsia sobre a realidade subjacente à lógica. Segundo essa visão, o trabalho em lógica não visa a elaboração de teorias—mas antes a criação de ferramentas—e não é similar à teorização científica, sendo mais adequadamente comparado à criação técnica. Essa visão, que qualifico como instrumentalista, entende que o propósito de um sistema lógico é operar como uma ferramenta que auxilia a produção e o reconhecimento de inferências válidas sobre um determinado domínio de aplicação. Vistos como ferramentas, os sistemas lógicos não possuem, propriamente, o propósito de descrever aspectos de qualquer realidade em particular, podendo ser aplicados a diferentes domínios. Contudo, para que sejam bem sucedidos em produzir e avaliar inferências válidas em um domínio particular, precisam levar em conta aspectos próprios daquele domínio. Esses aspectos-chave do domínio de aplicação que o sistema precisa considerar para cumprir seu propósito como ferramenta constituem o conteúdo representacional de um sistema lógico. Assim, é esperado que haja tantas “realidades subjacentes” à lógica quantos são os variados contextos pretendidos de aplicação de ferramentas lógicas. Se o propósito for produzir e reconhecer inferências válidas em linguagem natural, então o sistema terá que se adequar a aspectos da linguagem natural e de seus contextos de uso; por outro lado,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



se o propósito for circunscrito a inferências na matemática, então o sistema terá que se adequar apenas a aspectos da linguagem e do universo matemáticos, e assim por diante. Dito de outro modo, a pluralidade de lógicas e de opiniões sobre qual é a realidade subjacente à lógica advêm dos variados recortes de aplicação priorizados.

## Palavras-Chave

Realismo lógico. Instrumentalismo lógico.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA E DIREITO



## A AMIZADE COMO UMA VIRTUDE REPUBLICANA EM ARENDT

Rosângela Almeida Chaves

[rosangelachaves13@gmail.com](mailto:rosangelachaves13@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem como objetivo tratar da amizade no pensamento da filósofa Hannah Arendt (1906-1975). Embora a amizade não tenha sido explorada de forma sistemática na obra da autora, constitui-se uma questão de suma importância na sua reflexão, que vai adquirindo novas camadas e perspectivas ao longo dos seus livros e ensaios, desde uma dimensão mais subjetiva, a amizade consigo mesmo demandada pela atividade de pensar, passando pela amizade com pessoas próximas, que se avizinha da noção arendtiana de amor, mas não se confunde com ela, pela amizade pensada como fraternidade, que é criticada por ela, até a amizade no sentido da *philia* aristotélica, a amizade cívica entre cidadãos no espaço da política. Nosso argumento é que a noção de amizade em Arendt abre outros caminhos para pensar a política, em que a amizade seja deslocada da esfera privada, da intimidade – a que foi reduzida na modernidade – para o público, realçando formas de relacionamento voltadas para o mundo, para o espaço público, baseadas na solidariedade, na hospitalidade, no respeito. Nesse sentido, a amizade, para Arendt, configura-se como uma virtude eminentemente republicana, uma manifestação do amor mundi. Essa concepção arendtiana da amizade também se contrapõe a modelos tradicionais de organização institucionais estruturados na família, no matrimônio e no parentesco (ORTEGA, 2000). Em *A condição humana*, Arendt denuncia o caráter antipolítico da sociedade moderna, justamente por ela se fundar no modelo da família, “cujos assuntos diários devem ser zelados por uma gigantesca administração doméstica de âmbito nacional”, constituindo “o fac-símile de uma única família sobre-humana”, cuja forma política de organização é a nação (ARENDR, 2012, p. 34). Nesse sentido, a autora é crítica da noção de fraternidade, por ela representar exatamente uma forma de comunidade baseada na identidade entre irmãos que reforça políticas nacionalistas e etnocêntricas, as quais excluem o “diferente”, que não pertence à mesma raça, à mesma religião ou à mesma nação.

### Palavras-Chave

Amizade. Política. Espaço público. Fraternidade.





## A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA ERA DOS EXTREMOS? UMA ANÁLISE MORAL DO MORALISMO DA NOVA DIREITA

Maria Cecília Pedreira De Almeida

[cecylia.a@gmail.com](mailto:cecylia.a@gmail.com)

### Resumo

O século XXI apresenta desafios políticos que por um período pensava-se terem sido ultrapassados. Hoje é possível observar, do ocidente ao oriente, o ressurgimento de extremismos políticos que ameaçam os fundamentos da democracia e da convivência social. Ultimamente tem sido corriqueiro noticiar-se em jornais casos concretos de líderes políticos que exploram o medo, a xenofobia, o nacionalismo e o autoritarismo para promover suas agendas. Este fenômeno não passa despercebido e tem levado antropólogos, sociólogos e cientistas sociais à investigação da dinâmica operada por esses novos agentes políticos, bem como os perigos associados a esses movimentos políticos extremistas. Esta comunicação pretende, a partir da obra de Benjamin Teitelbaum e de outros filósofos políticos, examinar qual é o território filosófico apropriado por estes movimentos extremistas, mostrando que estes frequentemente se valem seja de um “tradicionalismo”, seja de um “realismo filosófico”. O apelo ao concreto, à simplificação grosseira, ao escamoteamento de fatos, prestam-se de maneira muito eficaz à mobilização do medo, do ódio e de preconceitos como afetos políticos. Isto eleva a natural conflituosidade da sociedade a um outro nível: não se trata mais de buscar um consenso ou uma ordem mínima, antes, trata-se, antes, de destruir o que restou de uma sociedade viciosa. Por fim, o trabalho visa analisar como uma pretensa ideia de moralidade– que não raro resvala para o moralismo –, que, por um período se pensou ter sido extirpada da política, está presente de maneira central na ascensão de movimentos extremistas de direita, no mundo e no Brasil.

### Palavras-Chave

Democracia. Violência. Extremismos.



## A FILOSOFIA DO DIREITO NA CONCEPÇÃO DE HABERMAS: SEUS LIMITES NA CONSTRUÇÃO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA.

Caio César Pinto Fernandes

[caio.pinto@aluno.uece.br](mailto:caio.pinto@aluno.uece.br)

### Resumo

Segundo Habermas, a autodeterminação de todos os indivíduos e grupos sociais pode ser assegurada por um direito positivo criado por todos os cidadãos. Daí explicitar o sentido básico da práxis autolegisladora que, na sociedade moderna, se efetiva numa democracia constitucional: o direito democrático e o Estado de Direito Democrático. Se a modernidade apresenta condições normativo-institucionais fundamentais para que os indivíduos e os grupos sociais (cada um em particular e todos em comum) possam autorealizar-se (emancipar-se), em que consistiriam, onde residiriam e de que formas sócio-históricas se revestiriam e como poderiam ser realizadas essas condições político-jurídicas de possibilidade de emancipação? Com o advento das ideias de revisão (atualização) das concepções marxistas (a emancipação humana pela superação do modo de produção capitalista), a partir dos aportes da Escola de Frankfurt, Habermas tentou responder à questão de como poderiam ser realizadas as condições políticas-jurídicas das possibilidades emancipatórias, com a tese de democracia radical (a gênese democrática do direito e do Estado de Direito democrático). Por sua vez, nessa empreitada, Habermas, mesmo enxergando as tensões inevitáveis entre capitalismo e democracia, teria hesitado diante das opções para superar as contradições existentes, não procedendo à uma análise sistemática no que diz respeito às profundas e complexas relações entre a forma jurídica e o modo de produção capitalista. Essa crítica referente à eventual incapacidade da teoria social habermasiana de demonstrar a possibilidade de desenvolvimento de novos arranjos econômicos mais complexos do que o mercado de troca de mercadorias (“déficit de complexidade”) e, portanto, apontar no sentido da emancipação humana, frente às transformações pelas quais o capitalismo tem passado, na busca pela superação dos obstáculos colocados, por seu próprio caminho de desenvolvimento contraditório, constitui a questão principal na abordagem do tema ora proposto.

### Palavras-Chave

Direito. Habermas. Emancipação.



## A IMAGEM FOTOGRÁFICA E A TEORIA DO DIREITO: PARA UMA ONTOLOGIA DA INFORMAÇÃO TÉCNICA

Felipe Guimarães De Oliveira Souza

[felргуima@gmail.com](mailto:felргуima@gmail.com)

### Resumo

A partir de uma reflexão sobre a teoria do direito, pretende-se traçar um panorama geral sobre a informação técnica, entendida, aqui, como toda aquela informação produzida intencionalmente, mas que carrega consigo conteúdo que ultrapassa a intencionalidade; pode ser um texto, uma imagem estática ou sequencial, um modelo, maquete, miniatura, ampliação, mapa, qualquer artifício, seja ele digital ou físico, projetado em texto, som, ou imagem e que tem como característica intrínseca a confusão entre sujeito, instrumento e objeto. Primeiro busca-se demonstrar que a teoria do direito se divide em três vertentes, cada uma delas com formas bastante peculiares de expressar o conhecimento jurídico. Por um lado, há discursos éticos-políticos que informam como o direito deveria ser. Aqui estamos no campo das preferências e, portanto, no campo da estética. Por outro, há discursos descritivos que nos informam como o direito é em determinada sociedade e em determinado tempo histórico, nesta perspectiva estamos no campo epistemológico propriamente dito. Ainda há um terceiro campo, uma terceira forma de expressar o conhecimento jurídico. Trata-se também de discursos descritivos, mas orientado para a crítica. Nesta modalidade, que chamarei de ontológica, preocupa-se em descrever como determinado direito é possível, quais as condições históricas, estruturais, e a quais interesses tal direito serve. Assim como o direito, a informação técnica também pode ser analisada nestes três campos. Parte-se da fotografia, a forma mais primitiva ou originária da informação técnica, o artefato que antecede as atuais inovações feitas a partir de inteligência artificial, para sugerir que tanto a análise estética quanto a epistemológica não adentram as categorias que fazem da foto o produto originário daquilo que chamo informação técnica. Ou seja, todas as discussões que perpassam os dois últimos séculos, que vai da visão mais ingênua da imagem fotográfica como cópia da realidade, passando pela ideia de índice retirada da semiótica de Charles Sanders Peirce, até as mais recentes definições da imagem fotográfica enquanto símbolo, código, não

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



enfrentam os problemas fundamentais que envolvem a ambiguidade ou confusão entre sujeito, instrumento e objeto. Entendo que apenas a análise ontológica é capaz de municiar o estudo das informações técnicas com as ferramentas críticas adequadas. A comunicação é parte de um estudo mais aprofundado com ressonância no campo jurídico e filosófico.

## Palavras-Chave

Informação Técnica. Ontologia. Teoria do Direito.



## A LEGITIMAÇÃO DO DIREITO: A ESTRUTURA DUAL E A VALIDADE DAS NORMAS JURÍDICAS EM HABERMAS

Wendell Sousa Linhares

[wendelllinhares.wsl@gmail.com](mailto:wendelllinhares.wsl@gmail.com)

Luís Alexandre Dias Do Carmo

[alexdiasdocarmo@yahoo.com.br](mailto:alexdiasdocarmo@yahoo.com.br)

### Resumo

Jürgen Habermas, na sua obra *Direito e Democracia: Entre Facticidade e Validade* (1991), constrói uma teoria do direito que contém uma estrutura dual. Tal estrutura tem o condão de fundamentar a validade do ordenamento jurídico, de modo que o autor atribui duas faces ao direito, uma face normativa e uma factual. Habermas aduz que uma norma é válida quando obedece aos preceitos morais (face normativa) e tem uma força vinculatória, que se dá através da positivação (face factual). A face normativa diz respeito à legitimidade moral da norma, ou seja, sua conformidade com princípios universalmente reconhecidos. Vislumbra-se, portanto, uma lei que será legítima a partir de uma razão que a justifique (independente das instituições judiciais e sancionadoras) e lhe forneça bons motivos para obedecê-la, transpassando a ideia de uma obediência limitada a adequação à lei sob o risco evitar uma infração sujeita a sanção. Entrementes, Habermas não prescinde da face factual do direito, postulando que uma lei válida deve ser necessariamente positivada – estabelecida por uma autoridade reconhecida – e coercível. Portanto, a validade da lei está condicionada a presença destes elementos, tendo em seu âmago um fundamento racional e um caráter procedimental de criação da norma, devendo ser produzida por uma autoridade reconhecida, que imprime um caráter coercitivo a esta. Habermas argumenta, portanto, que a validade de uma norma depende da interação dinâmica entre as faces normativa e factual: uma norma só pode ser considerada válida se for moralmente justificável e socialmente eficaz. Assim, o autor propõe um modelo de direito que integra aspectos morais quanto institucionais, promovendo uma síntese entre a coerência normativa e a eficácia prática. No entanto, a validade do ordenamento jurídico proposto pelo autor irá pressupor a existência de um poder político, pois será



através deste se poderá conceber um poder legislativo para a devida criação deste ordenamento, um poder judiciário para a aplicação deste e um Estado que detenha o monopólio do uso da força e a capacidade de garantir a observância do cumprimento das normas legais, sancionando eventuais transgressões a elas. A título de conclusão, Habermas condensa a estrutura dual do direito em seu nominado princípio do discurso, no qual somente são legítimas as leis em que todos os membros da comunidade jurídica podem dar o seu assentimento em um processo legislativo discursivo, que tenha sido juridicamente instituído.

### **Palavras-Chave**

Direito. Validade. Legitimação.



## A LÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO JURÍDICA SEGUNDO CHAÏM PERELMAN

Débora Miriã Gomes Dos Santos

[deborasantos.182@hotmail.com](mailto:deborasantos.182@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho examina a argumentação jurídica conforme o pensamento do filósofo Chaïm Perelman, que, após anos de estudo do positivismo jurídico, desenvolveu uma teoria da argumentação baseada na retórica clássica aristotélica, inovando ao criar a teoria conhecida como Nova Retórica. Essa nova abordagem contrasta com a lógica formal anteriormente utilizada no pensamento jurídico. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu uma nova forma de raciocínio jurídico que desafiava o dogmatismo tradicional. Diferente das escolas positivistas, que viam o direito como uma ciência objetiva, impessoal e atemporal, essa nova abordagem apresentava um sistema jurídico dinâmico. Esse sistema não se esgota na lei, mas incorpora um conjunto de valores que o legislador deve promover, incluindo a justiça. Sua obra “Tratado da argumentação: a nova retórica”, escrita em parceria com a autora Lucie Olbrechts-Tyteca, destaca a lógica que busca desenvolver, evidenciando sua ligação com a construção do direito, que se adapta aos pensamentos, questões e anseios sociais. No livro, ele ilustra a construção histórica necessária para fundamentar a lógica jurídica subjacente. Perelman demonstra de forma concreta que, em matéria de justiça, não existe uma verdade única e absoluta, pois tudo depende e precisa da argumentação. Perelman critica a aplicação do silogismo e dos princípios da lógica formal nas decisões judiciais, apontando que essas abordagens frequentemente resultam em injustiças devido à incerteza quanto à veracidade das premissas. Ele propõe uma lógica jurídica baseada na retórica aristotélica, enfatizando a importância de considerar o auditório a que o discurso jurídico é dirigido, analisando a eficácia dos argumentos, suas técnicas de ligação e dissociação, além das modalidades de raciocínio. A pesquisa concentra-se nos principais conceitos da Nova Retórica de Chaïm Perelman, como o auditório universal, persuasão e convencimento, analisando a lógica jurídica e seu impacto na argumentação no Direito.

### Palavras-Chave

Retórica. Argumentação. Raciocínio Jurídico.



## A PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS EM WOLLSTONECRAFT: UMA ANÁLISE SOBRE O ILUMINISMO MISÓGINO

Yasmine Mendonça Da Silva Pereira

[yasminempereira@gmail.com](mailto:yasminempereira@gmail.com)

### Resumo

Em 1776, foi feita a Declaração de Direitos nos Estados Unidos da América, a qual adotou a liberdade como direito natural do homem. Pouco tempo depois, instaurou-se a Revolução Francesa com sua Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o primeiro documento que criava um rol de direitos fundamentais da burguesia, tais como a participação no governo, propriedade privada e liberdade. Isto é, um documento que assegurava avanços consideráveis na esfera pública. Porém, tais avanços incluíam apenas um sexo: o masculino. Tal pensamento era endossado por filósofos e intelectuais da época, os quais, através dos seus textos e tratados filosóficos argumentavam uma suposta superioridade masculina e justificavam a exclusão de grupos oprimidos, dentre estes, as mulheres. Contudo, a filósofa moderna, antiescravagista e ativista, Mary Wollstonecraft (1759-1797), de forma contrária aos vieses e preconceitos da época a qual estava inserida, destacou-se como um nome de suma importância em um momento singular para a Filosofia e a humanidade: o Iluminismo. É nesta perspectiva que a pensadora, além de criar um dos mais importantes tratados sobre os direitos das mulheres da Era Moderna em um contexto de efervescência política, questiona a constituição vigente, e põe as mulheres em caráter de igualdade no rol dos direitos recém conquistados pelos homens brancos. Nesta pesquisa pretende-se, portanto, apresentar uma perspectiva histórica dos direitos humanos na Filosofia Moderna, salientando a inserção da perspectiva feminista dos direitos humanos a partir dos argumentos wollstonecraftianos, bem como a sua importância na discussão atual do movimento feminista e na conquista por direitos.

### Palavras-Chave

Mary Wollstonecraft. Direitos Humanos. Feminismo.





## AGAMBEN E O ESTADO DE EXCESSÃO: UMA REALIDADE KENOMÁTICO E NÃO PLEROMÁTICO.

Eva Maria Gomes Soares Arndt  
[eva.arndt@uece.br](mailto:eva.arndt@uece.br)

### Resumo

O termo *iustitium* é um conceito do direito romano, oriundo do latim clássico que significa, literalmente, interrupção, suspensão do direito, etimologicamente *iustitium* se diz quando o direito pára, representa um intervalo, uma espécie de seção do direito, implicava uma suspensão não apenas administrativa da justiça, mas do direito enquanto tal. Para Agamben é o sentido desse paradoxal instituto jurídico, que consiste na produção de um vazio político que se deve analisar tanto do ponto de vista da sistemática do direito público, como do ponto de vista filosófico-político. Consideramos que uma análise da tese agambeniana acerca dessa questão é de extrema importância para identificarmos situações e momentos históricos como o nazismo e o fascismo e o totalitarismo no seu real sentido. Assim, pontuar e identificar o caráter extrajurídico do estado de exceção é o objetivo deste trabalho. Para Agamben, o ponto central dessa questão se dá a partir do entendimento do *iustitium* “em que o direito é suspenso”, e, a partir disso, todas as prescrições jurídicas são postas de lado. Nesta realidade, nenhum cidadão romano, fosse este magistrado ou um simples particular teria poderes ou deveres. Portanto, o *iustitium*, enquanto efetivava uma interrupção e uma suspensão de toda ordem jurídica não pode ser interpretado segundo o paradigma da ditadura (considerando-se que na constituição romana, o ditador era uma figura específica de magistrado escolhido pelo consules, cujo império, extremamente amplo, era conferido por uma *lex curiata*), que definia seus objetivos. No *iustitium*, ao contrário, mesmo quando declarado por um ditador no cargo, não existia criação de nenhuma nova magistratura, o poder ilimitado de que gozam de fato *iusticio indicto* os magistrados existentes, resulta não da atribuição de um *imperium* ditatorial, mas da suspensão das leis que tolham sua ação. Nessa perspectiva o estado de exceção não se define segundo o modelo ditatorial, como uma plenitude de poderes, um estado pleromático do direito, mas sim, como um estado kenomático, um vazio e uma interrupção do direito. A importância desse entendimento nos leva a uma correta definição de estados totalitários, de estado de exceção e Estado democrático de direito.

### Palavras-Chave

Estado de exceção. Estado Kenomático e pleromático.



## ASPECTOS IDEOLÓGICOS DO DIREITO SOB A LUZ DA TEORIA DO DIREITO DE EVGUIENI B. PACHUKANIS

Bruno Carniato Dias

[bruno\\_c\\_dias@hotmail.com](mailto:bruno_c_dias@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho orbita em torno dos aspectos ideológicos do Direito evidenciados na obra Teoria Geral do Direito e Marxismo de Evguieni B. Pachukanis. Pachukanis sustenta que o direito é antes de tudo ideologia e devemos interpretá-lo como tal. Nesse sentido, é tomado o exemplo da mercadoria, que tem suas categorias e formas de representação distorcidas e mistificadas, todas estas sendo formulações ideológicas (PACHUKANIS, 2017, p. 98). A maior evidencia disso reside no fato de que a “mera” troca de sistema econômico já modificaria todo o sentido destas categorias (PACHUKANIS, 2017, p. 98). Não obstante, isto não significa que as categorias ideológicas tenham apenas efeitos psicológicos, em verdade, tudo isto ocorre justamente por relações objetivas que são abstraídas ao serem apresentadas em sua forma final. Tal qual os processos econômicos fazem parte de processos e sistemas ideológicos, também operam assim as categorias jurídicas, e, reconhecer que determinados conceitos são ideológicos, não implica a não existência de uma realidade objetiva por trás destes.

### Palavras-Chave

Ideologia. Direito. Marxismo. Filosofia do Direito.



## DO PESSIMISMO AO NIILISMO: COMO O CONSERVADORISMO PODE SE TORNAR AUTODESTRUTIVO

Bruno Cardoni Ruffier  
[bruno.ruffier@ufrgs.br](mailto:bruno.ruffier@ufrgs.br)

### Resumo

Esta apresentação investiga como o pessimismo cultural em certos segmentos do conservadorismo gera uma forma autoderrotável de extremismo de direita. Ao ver seus oponentes políticos como um grupo externo que ameaça os seus valores por meio de uma conspiração abrangente, esse tipo de conservadorismo se convence da necessidade de medidas excepcionais de autodefesa. Nessa mentalidade, a aceleração do declínio civilizacional, supostamente causada pelo grupo opositor, é vista como a única maneira de evitar a concretização dos valores progressistas que, de outra forma, tornariam suas vidas sem sentido. Como apontado por Leo Strauss em sua palestra de 1941 sobre o Niilismo Alemão, a direita alemã da época, certa na mesma lei histórica antecipada por liberais e progressistas de esquerda, mas interpretando-a como degeneração moral, se viu reduzida à afirmação de um grande não! - a destruição do mundo presente e de todas as potencialidades do mundo presente como tal, sem nenhuma ideia clara do que colocar em seu lugar. Essa negação teria se mostrado o único meio eficiente disponível para impedir o advento, de outro modo inevitável, de um futuro comunista-anarquista-pacifista. Partindo da gramática antisemita dos autores da revolução conservadora alemã das décadas de 1920 e 30 que ainda influencia o extremismo de direita hoje - especialmente o pensamento político e constitucional de Carl Schmitt -, este trabalho tem como objetivo ilustrar como o pensamento conservador, quando dominado pela política do desespero cultural e pela crença em um inexorável declínio do Ocidente, se transforma em niilismo político, isto é, em uma vontade do nada que busca a destruição da ordem estabelecida como um fim em si mesma. A partir dessas considerações, concluímos que a visão de mundo pessimista cultural força progressistas a se tornarem conservadores para defender aquelas suas conquistas já incorporadas ao status quo, enquanto transforma conservadores revolucionários, cuja ação política deixa de ter qualquer objetivo além da destruição de tudo, inclusive de si mesmos.

### Palavras-Chave

Pessimismo. Niilismo. Carl Schmitt.



## ENTRE A INCOMPREENSÃO E A INTOLERÂNCIA: AS RAÍZES DO EXTREMISMO

Luiz Paulo Rouanet

[luizpaulorouanet@gmail.com](mailto:luizpaulorouanet@gmail.com)

### Resumo

Evidentemente, discorrer sobre as raízes do extremismo é uma tarefa extremamente complexa. Não se trata apenas de traçar os perfis psicológicos individuais e coletivos por trás do fenômeno do extremismo; é preciso ainda levar em conta fatores sociais, econômicos e geopolíticos que estão envolvidos na questão. Além disso, não é possível efetuar uma generalização, a partir de alguns casos, como se aquilo que se observa em alguns casos valesse para o mundo todo. Em outras palavras, trata-se de tarefa de historiador, compreendido em termos contemporâneos e levando em conta a história e a evolução da própria área de História desde o século XIX até o século XXI (DOSSE, 2017). Um bom lugar para começar, a fim de estabelecer uma base de comparação, seria o clássico de Lucien Febvre, *O problema da incredulidade no século XVI* (FEBVRE, 2009). Neste livro, exemplo da historiografia dos *Annales*, Lucien Febvre mostra como não seria possível qualificar Rabelais de “ateu militante”, uma vez que não haveria, no período, o conceito de “descrença”. Trata-se de uma época de extremos, para utilizar a expressão indicada, embora Hobsbawm vá atribuir esse epíteto ao século XX (HOBSBAWM, 1995). Em outros termos, não haveria espaço para a neutralidade, era preciso tomar um partido. Erasmo de Roterdã, por outro lado, foi exemplo de tolerância no século da intolerância, como se mostrou em outros lugares (p. exemplo, ROUANET, 2000, 2010). Sem ser ateu, como não poderia ser naquele momento, evita aderir firmemente a um partido, a uma igreja, seja a católica, seja a protestante, embora nunca se tenha posto em questão seu cristianismo. Neste texto, portanto, procurar-se-á, a título de ensaio, buscar as raízes do extremismo naquele que, pelo menos na Europa, ficou conhecido como o século da intolerância.

### Palavras-Chave

Extremismo. Incredulidade. Intolerância.



## JUSTIÇA E PUNIBILIDADE SEGUNDO NIETZSCHE

Marília Fernanda Santos Lima  
[fernanda\\_lima25@outlook.com](mailto:fernanda_lima25@outlook.com)

### Resumo

Embora Friedrich Nietzsche seja um filósofo alemão amplamente conhecido por suas fortes críticas à moralidade ocidental, há em seus aforismos, em especial na obra *A Gaia Ciência*, discussões valiosas para o Direito. A perspectiva de Nietzsche acerca dos conceitos de Justiça e Punibilidade fogem da tradição instituída pelos tidos “filosofia do direito”. O filósofo alemão desconstrói a marteladas as ideias até então concebidas sobre justiça, e a razão fim da punibilidade. Valendo-se das suas ideias, presente em toda sua filosofia, de inversão e transvaloração de valores, Nietzsche demonstra que a ideia de justiça vigente é fruto da inversão moral de valores instaurada pelo cristianismo. Segundo o alemão, a pretensão punitiva, proveniente da sociedade, está mais próxima do conceito de vingança do que do ímpeto de se fazer “justiça”. Nesse sentido, este trabalho visa discutir os aspectos da filosofia nietzschiana relacionadas ao campo do Direito, mais especificamente, a visão do filósofo sobre justiça e punibilidade.

### Palavras-Chave

Justiça. Inversão de Valores. Vingança.



## LAW AND VIOLENCE: QUESTIONS FOR THE TRANSNATIONAL UNDERSTANDING OF LAW

Vanja

[vanjagrujicoves@gmail.com](mailto:vanjagrujicoves@gmail.com)

### Resumo

This paper seeks to examine the purposefulness and meaning of the term “transnational” when related to the law and power. It proposes a two-folded conceptual analysis that will serve as a base for the new understanding of state sovereignty and its implications for the relation between power and law. It begins with the readings of Niklas Luhmann and Christoph Menke with the goal to examine the dual form of law and, more importantly, the process of distinguishing the law from the non-law, between which we can observe “a gap”, an empty place, a “formless form” that appears as an abandoned place. Such understanding of the form of law allows us to observe the law as detached from the state, where the violence that fills the gap of law appears as specifically legal violence that shapes the relation between the subjects and law. The main intention of the second part of the work is to examine the alternative understanding of the term “transnational” by creating a dialogue between Jaque Derrida’s notion of capillarity and Nikos Poulantzas re-scaling of the state. The way these authors envisage diffusion of the state and power creates a model that goes beyond the serious limits of the system theory and that communicates to the firstly analyzed form of law and its relation to violence, and thus is capable of offering a model for the transnational understanding of law and constitutionality.

### Palavras-Chave

Form of law. Transnational. Violence.



## NA GÊNESE DO LIBERALISMO AUTORITÁRIO: O CASO DE CARL SCHMITT

Felipe Alves Da Silva  
[felipedasilva.eb@gmail.com](mailto:felipedasilva.eb@gmail.com)

### Resumo

Em 1931, Schmitt introduz o conceito de “Estado total” na Alemanha. Não haveria relação social fora das relações políticas: por trás de todas as relações econômicas, sociais, religiosas e culturais estaria a politização total. O período weimariano introduziu um modelo de Estado total que abandonava a tradicional divisão entre Estado e sociedade, com a direta intervenção estatal em todas as esferas da existência humana de modo a lidar com um aumento dramático nas reivindicações políticas e sociais. Com a introdução desse conceito, Schmitt quer dizer que o Estado alemão seria fraco porque restou incapacitado em dar respostas decisivas a questões radicais. A contraposição à situação que relativizou o poder estatal – já que o Estado encontra-se no mesmo plano que as demais associações que se desenvolvem no interior da sociedade –, exigirá de Schmitt a aposta em um Estado total qualitativo, este sim verdadeiramente forte e autoritário, baseado no mito da autoridade personificada que toma para si a decisão sobre amigo e inimigo, concentrando nele todo o poder da técnica moderna, a começar pelos meios militares e os novos instrumentos de comunicação em massa. Como Schmitt ressalta no período que antecede a ascensão do nacional-socialismo, essa variante qualitativa garantiria, sobretudo, o saudável funcionamento da economia. O discurso antiliberal se volta contra certos princípios do liberalismo, mas o fundamento uniforme do liberalismo ainda se mantém a despeito da diversidade estrutural que o compõe, como a liberdade do sujeito econômico individual em dispor da propriedade privada e a garantia jurídico-estatal dessa liberdade de disposição. A organização econômica privada da sociedade baseada no reconhecimento da propriedade privada e a iniciativa privada do empreendedor se mantém fundamental também ao Estado total. A defesa de um Estado total e autoritário que despolitiza a sociedade, que deixa de mediar todos os conflitos sociais, é um Estado que ainda garante o saudável funcionamento da economia. Aqui se inscreve o que Hermann Heller chamou de “liberalismo autoritário”, o delineamento de uma esfera econômica livre do Estado. Schmitt busca fazer a relação entre um



Estado autoritário que ainda assim garantiria espaço para a economia operar livremente, situando-o, talvez, na gênese do que posteriormente se configuraria como neoliberalismo.

### **Palavras-Chave**

Estado. Economia. Autoritarismo.





## O ESTADO NÃO ÉTICO A PARTIR DE LEITURAS DE HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ

Patrícia Carvalho Reis

[patricia.carvalhoreis@hotmail.com](mailto:patricia.carvalhoreis@hotmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, gostaríamos de analisar o que poderia ser considerado um Estado não ético, a partir de algumas leituras de Henrique Cláudio de Lima Vaz. O filósofo mineiro Henrique Cláudio de Lima Vaz desenvolveu trabalhos importantes sobre Ética e Antropologia. Em seus escritos, também observamos reflexões que nos levam a pensar o que seria um Estado ético e, por conseguinte, um Estado não ético. A partir de algumas categorias, como reconhecimento, consenso e a noção de Bem, gostaríamos de refletir sobre quais as condutas do Estado poderiam ser caracterizadas como violadoras da Ética. Isso nos levará a pensar, num primeiro momento, em certas ideias numa perspectiva mais abstrata, mas, num segundo momento, tentaremos abordar essas ideias numa perspectiva mais concreta quando passaremos a tratar do Estado ético na contemporaneidade. Temos a intuição de que essas ideias estão intimamente relacionadas com a noção de justiça praticada pelo Estado. A nosso ver, Vaz concilia certas ideias defendidas por autores da corrente liberal e o que se tem chamado de corrente comunitarista.

### Palavras-Chave

Estado não ético. Lima Vaz. Política. Ética.



## O FEMINISMO PODE SER CONSIDERADO EXTREMISMO?

Paula Gabriela Mendes Lima  
[lima.paulagabriela@gmail.com](mailto:lima.paulagabriela@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação visa refletir sobre as diversas ondas e vertentes dos feminismos, dialogando-as com a concepção de extremismo político. A ideia é enfrentar as denúncias de que feminismos podem ser formas de extremismos. Será que maneiras radicais de exigir mudanças em prol da promoção da igualdade política de gênero se assemblam, de alguma forma, ao que comumente conhecemos na política como extremismo? Ou essa correlação entre feminismo radical e extremismo é mais um discurso que busca deslegitimar e, de alguma forma, invalidar o debate feminista no espaço público. Busca-se, neste trabalho, levantar perguntas, hipóteses e pensar em possíveis respostas para as perguntas postas. Para tanto, considera-se a mulher no tocante ao seu lugar social e político e como ele é representado e descrito no discurso da filosofia dos direitos humanos. A mulher vem, ao longo do nosso tempo histórico, ocupando o lado negativo, do outro, o lado que se submete ao campo de força de violência e isso é um processo visto, muitas vezes, como natural da sociedade atual. Mas, infelizmente, o que se tem é uma naturalização que precisa ser questionada permanentemente, pois nenhum ser humano deve seguir no caminho do Outro. Questionar e buscar o deslocamento da mulher do lugar do outro para o lugar de sujeito político é uma das finalidades do feminismo e será que é possível esse deslocamento sem extremismo e radicalidade? Esta comunicação quer adentrar neste complexo debate, reconhecendo que não é possível dar conta completamente das respostas postas. Mas o simples fato de enfrentá-las já é uma ação epistemológica interessante para a contribuição dos estudos da filosofia política que pretende pensar o tema da mulher.

### Palavras-Chave

Feminismo. Radicalidade. Extremismo. Violência.



## O PAPEL DA INSITUCIONALIDADE REPUBLICANA EM FACE DA “MENTIRA ORGANIZADA” SEGUNDO ARENDT

Carlos Fernando Silva Brito

[semfernand@gmail.com](mailto:semfernand@gmail.com)

### Resumo

Em *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt demonstra a importância da mentira organizada para a ascensão do movimento totalitário ao governo. Em um ambiente em que a mentira organizada a serviço de movimentos extremistas e autoritários tenha colonizado o discurso que compõe o espaço de relação entre os cidadãos, afirmar a verdade, que para Arendt nunca esteve entre as virtudes da política, torna-se uma autêntica ação de resistência. Interessa-nos, assim, examinar quais os veículos de afirmação da verdade que podemos abstrair do pensamento da autora. Para isso, a partir de seu célebre texto *Verdade e Política*, trabalharemos a hipótese de que a passagem da verdade do seu natural aspecto antipolítico para a sua pertinência política acontece por meio das institucionalidades. Com isso, ensejamos refletir também sobre a importância do fortalecimento das instituições para o enfrentamento da expressão linguística dos regimes autoritários: a mentira organizada, hoje chamadas de Fake News.

### Palavras-Chave

Arendt. Institucionalidade. Mentira. Verdade.



## PARA INVESTIGAR A EXISTÊNCIA DE UMA POSSÍVEL DOCTRINA JURÍDICA DE EXTREMA DIREITA NO BRASIL

Eric Ian Oliveira Guimarães  
[ericguimaraes\\_@outlook.com](mailto:ericguimaraes_@outlook.com)

### Resumo

O presente resumo busca investigar a existência de uma “doutrina jurídica de extrema direita” no Brasil. A pesquisa surge como um desdobramento da dissertação de mestrado do autor, que consistiu na elucidação dos argumentos que fundamentam a regulamentação do homeschooling no Brasil. Nesta, percebeu-se que a defesa do movimento ocorre antes por motivos morais e de mercado do que por razões educacionais. A análise foi desenvolvida à luz do referencial teórico desenvolvido por Wendy Brown (2019), notadamente a partir da denominada “constelação discursiva antidemocrática”, a partir da mobilização conjunta de conceitos basilares do ordenamento jurídico – como família, propriedade, liberdade religiosa, artística e de expressão – para recristianizar a esfera pública e contestar o sentido coletivo e social de legislações, políticas públicas e, em último grau, da própria democracia. A autora desenvolve o conceito à luz de julgados da Suprema Corte estadunidense, e, considerando as diferenças políticas e jurídicas desta em relação ao Supremo Tribunal Federal, foi possível observar que, apesar da menor ingerência destes argumentos na Corte brasileira, há o desenvolvimento de uma “doutrina jurídica de extrema direita” em curso no Brasil, que consiste não somente na mobilização dos conceitos jurídicos citados, mas também na tradução literal de documentos de grupos internacionais. À título de exemplo, cita-se a Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED), organização da sociedade civil que atuou diretamente na regulamentação do homeschooling e realizava traduções de documentos da Home School Legal Defense Association (HSLDA), organização cristã sediada nos Estados Unidos que atua internacionalmente na regulamentação da pauta. Considerando seu caráter transnacional, busca-se compreender de que maneira ocorre o desenvolvimento desta doutrina voltada à proteção jurídica de perspectivas antidemocráticas, religiosas ou mercantilistas, que, conforme Wendy Brown (2019), constituem esta nova diagramação política contemporânea, marcada pela defesa da moralidade e dos mercados



desregulamentados em detrimento de perspectivas democráticas e sociais. Assim, pretende-se investigar (i) os atores responsáveis pelo desenvolvimento desta doutrina de extrema direita; (ii) os fundamentos nela desenvolvidos e suas relações com grupos internacionais; (iii) e, por fim, de que maneira estes argumentos são revestidos juridicamente.

### **Palavras-Chave**

Neoliberalismo. Neoconservadorismo. Extremad ireita.



## PATOLOGIA DA LIBERDADE JURÍDICA EM AXEL HONNETH: UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO DE ÓDIO

Leonardo Rossano Martins Chaves

[lrmc2005@yahoo.com.br](mailto:lrmc2005@yahoo.com.br)

### Resumo

O objetivo do trabalho é analisar a possibilidade de aplicação do conceito de patologia, tal como desenvolvido por Axel Honneth em sua obra direito da liberdade, às hipóteses de discurso de ódio. A pesquisa considera que a estruturação do direito moderno na forma de um conjunto de reivindicações individuais abre espaço não somente para reflexões individuais autocentradas e egocêntricas, mas também para condutas voltadas para a minimização do acesso a direitos por parte de grupos vulnerabilizados em sociedades capitalistas extremamente desiguais. Em contextos nos quais a constitucionalização de direitos representou uma etapa fundamental no processo de juridificação da sociedade, mas que mantêm estruturas marcadas pela desigualdade econômica e social, a concepção de discurso de ódio como patologia surge como uma categoria útil para a crítica social e para o estabelecimento de um vínculo entre as situações de anomia e patologia, em um desenvolvimento teórico que aproveita o potencial crítico da contribuição mais recente de Axel Honneth.

### Palavras-Chave

Patologia. Juridificação. Ódio.



## PLATAFORMAS DIGITAIS E EXTREMISMO POLÍTICO

Marco Antônio Sousa Alves

[marcofilosofia@gmail.com](mailto:marcofilosofia@gmail.com)

### Resumo

Transformações no ecossistema informacional afetam a vida política. Embora muitos concordem com essa afirmação, disso não se segue que se tenha alguma clareza sobre o alcance e o modo como isso acontece, muito menos consensos mais amplos sobre as efetivas repercussões, os eventuais problemas e a melhor maneira de enfrentá-los. Em meio a tantas dúvidas, um fenômeno recente chama a atenção no Brasil e em boa parte do mundo: a intensificação das disputas políticas em um mundo cada vez mais dividido, polarizado, radicalizado e propenso a atos de intolerância, ódio e violência. Verificamos um crescimento de grupos situados nas bordas do espectro político-ideológico, especialmente no campo da extrema direita. É cada vez mais claro que isso se deve, ao menos em parte, ao novo modo como nos informamos, mediados por grandes plataformas e encastelados no interior de bolhas digitais. Essa relação, entretanto, precisa ser mais bem esclarecida e explicada. Esse é o objetivo principal da presente comunicação, que pretende avançar duas teses básicas: (a) as plataformas favorecem a hiperpolarização e a radicalização política e (b) os principais beneficiários desse processo são os grupos de extrema direita, que promovem projetos autoritários e ameaçam as democracias liberais. Pretendemos sustentar essas teses por meio de uma investigação interdisciplinar, envolvendo questões filosóficas, dados comportamentais nos ambientes digitais, pesquisas sobre enviesamento algorítmico, análise do modelo de negócio e das formas de monetização emergentes, assim como estudos voltados para as novas dinâmicas informacionais e as táticas comunicativas e de influência. Pretendemos esclarecer essa relação existente entre plataformas digitais e extremismo político evitando, entretanto, todo tipo de determinismo tecnológico. As bases principais deste estudo passam por Hannah Arendt (a reflexão sobre a relação entre verdade e política), Shoshana Zuboff (a análise do modelo de negócio emergente no capitalismo de vigilância), Letícia Cesarino (a dinâmica antiestrutural, as novas mediações algorítmicas e o processo de desintermediação que promovem desequilíbrios e favorecem os extremos políticos) e Guillermo López

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



García (a compreensão da comunicação política contemporânea envolvendo campanha permanente, pluralismo polarizado, fragmentação do público, sistema midiático híbrido, jornalismo alternativo hiperpartidarizado e ascensão de novos líderes populistas).

## Palavras-Chave

Extremismo. Plataformas digitais. Informação.





## QUAL É O PROBLEMA DA POLARIZAÇÃO?

Cássio Corrêa Benjamin  
[ccbenj@ufsj.edu.br](mailto:ccbenj@ufsj.edu.br)

### Resumo

É geralmente dito, hoje em dia, que a polarização é o grande mal que ameaça a democracia brasileira, além de outras democracias no mundo. O que mais se ouve, portanto, é a necessidade de acabar com a polarização. A partir desse fato, algumas considerações sobre a política serão realizadas. Primeiramente, é preciso analisar de qual concepção sobre política se parte para realizar o diagnóstico da existência de uma polarização e seus problemas. Podemos, então, dividir de forma simplificada as concepções do que é política em um grupo que afirma o consenso e o acordo e outro grupo que parte do conflito. Portanto, uma concepção que inicia pela unidade e outra concepção que afirma a divisão constitutiva. Partindo do segundo modo de percepção da política (política tendo o conflito como o que é primeiro, portanto, uma cisão), alguns problemas podem ser esclarecidos. O verdadeiro problema da polarização é a constituição de dois grupos que são tidos como inimigos, não como adversários. O problema, portanto, não é o conflito (que é constitutivo da democracia), mas o tipo de conflito. Por isso, as eleições acabam por ocupar um lugar central nas democracias, pois são uma disputa institucionalizada em torno da representação. Por isso, também, toda crise da democracia aparece como uma crise sobre o processo eleitoral e a representação política. O horizonte da polarização é inevitavelmente a guerra civil contra a democracia, pois ela não ocorre entre dois grupos de adversários agonísticos no campo da democracia. A polarização ocorre entre aqueles que defendem a democracia e aqueles que querem destruí-la. Sendo assim, o combate à polarização não implica tolerância com aqueles que não aceitam seu jogo típico, mas um combate simbólico e institucional a quem se coloca contra o jogo. O acordo democrático entre grupos distintos, pressuposto do jogo agonístico, foi destruído nos últimos tempos por várias razões. Recompôr tal acordo é uma questão que permanece em aberto. Se isso for possível, implicará o banimento, através da lei, dos que atacam a democracia. A democracia, como toda ordem política, é uma forma fechada, não aberta. Se isso não for possível, a guerra civil é o futuro inevitável.

### Palavras-Chave

Polarização. Democracia. Inimigo.



## REPUBLICANISMO E TI: IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS ALGORÍTMICAS NA CONCEPÇÃO REPUBLICANA DE ESPAÇO PÚBLICO

Rodrigo Ribeiro De Sousa

[rrsousa@unicamp.br](mailto:rrsousa@unicamp.br)

### Resumo

A crescente fusão entre real e digital, proporcionada pelas novas tecnologias da informação, tem impactado sensivelmente a conduta social nas sociedades contemporâneas, acarretando profundas modificações no âmbito da política e do direito. A plataformação da vida e a algoritmização das redes sociais, articuladas com práticas sistemáticas de desinformação, levam o ser humano a uma saturação sensorial cada vez mais intensa, causando-lhe um embotamento das sensações e impedindo-lhe a liberdade de pensamento, erodindo, assim, os pressupostos mesmos da vida política. Partindo da constatação da hipertrofia da esfera privada e do fortalecimento do neoliberalismo propiciados pelo atual estágio de desenvolvimento das tecnologias da informação, de maneira geral, e das redes sociais algorítmicas, de modo especial, o propósito da presente comunicação é o de investigar de que maneira tais tecnologias se prestam ao solapamento das noções republicanas de espaço público e virtude cívica por meio do incentivo à adoção de posições políticas extremistas.

### Palavras-Chave

Republicanismo. Redes sociais. Extremismo.



## REPUBLICANISMO, CONFLITO POLÍTICO E TUMULTOS

Vital Alves

[vitalalves1@gmail.com](mailto:vitalalves1@gmail.com)

### Resumo

O republicanismo se inscreve na história do pensamento político mediante diversas matrizes: a romana, a italiana, a inglesa, a francesa e a americana. Pode-se afirmar que foi na matriz italiana (século XVI) que o “conflito político” e os “tumultos” (romanos) adquiriram uma importante evidência, sendo, posteriormente, também escopo de interesse da matriz inglesa, do século XVII. Entre os expoentes da matriz italiana, sem dúvida, é Maquiavel quem representa uma inflexão ao suscitar rupturas com as concepções políticas antiga e medieval, e não se esquivava do conflito na política, mas o vê como parte do jogo do poder. No século XVII, James Harrington, pensador vinculado à matriz inglesa, sofre uma notável influência do pensamento de Maquiavel. Todavia, apresenta uma interpretação distinta da maquiaveliana no que se refere ao conflito na política. Maquiavel e Harrington não só analisam o conflito político ao examinarem tumultos e sedições como oferecem reflexões e prováveis soluções para a mitigação das contendas ou disputas no âmbito da política. Buscando examinar a presença da questão do “conflito político” no republicanismo tendo Maquiavel e Harrington como companhia, a presente comunicação será dividida em três momentos: primeiro, pretende-se investigar e correlacionar como o “conflito político” se situa nos republicanismos de Maquiavel e Harrington segundo, ambiciona-se examinar quais os instrumentos ou mecanismos políticos sugeridos por esses pensadores para uma condução saudável de eventuais “conflitos políticos”, terceiro, avaliar se as teorias políticas engendradas por Maquiavel e Harrington disponibilizam não só ferramentas teóricas para refletirmos sobre os conflitos políticos no cenário contemporâneo como se apontam caminhos possíveis para enfrentá-los.

### Palavras-Chave

Republicanismo. Matriz italiana. Matriz inglesa.



## RETÓRICA FASCISTA, RETÓRICA DEMOCRÁTICA E A ANÁLISE RETÓRICO-DISSOCIATIVA

Narbal De Marsillac  
[nmfmarsillac@gmail.com](mailto:nmfmarsillac@gmail.com)

### Resumo

O Objetivo do presente estudo é delinear, pelo método da análise retórico-dissociativa, as principais características de uma retórica fascista e de uma retórica democrática. Com isso, procura-se mostrar que, enquanto retórica, a primeira se quer e se apresenta como arretórica. Em outras palavras, adota, enquanto estratégia retórica, a retórica que nega a retórica, apresentando-se, assim, como impositiva como a própria lógica. Ao contrário, uma retórica democrática precisa reconhecer ininterruptamente sua própria retoricidade e precariedade, na medida em que traduz, da melhor forma possível, mas sempre imperfeitamente, a opinião aferida de todos os concernidos. O que as parece diferenciar é que, no primeiro caso, a retórica fascista é metonímica e proléptica, ou, em outras palavras, é a parte que se quer definitivamente pelo todo e que nega seu próprio carácter metonímico e proléptico. Enquanto que, no segundo caso, isto é, da retórica democrática, há o reconhecimento permanente do seu próprio carácter metonímico e proléptico, o que a faz ver a si mesma como, no máximo, representar os melhores resultados até então computados e, portanto, sempre provisórios, no processo propriamente democrático de deliberação política coletiva. Nossa hipótese é que, como queria Nietzsche, a retórica é de fato republicana, mas se e somente se houver uma consciência da importância do ensino, o mais amplo possível, da retórica e, mais precisamente, da análise retórica que possa servir como resistência, indocilidade e antídoto contra todo mau uso e abuso da retórica, entre nós representada pelo renascimento surpreendente do extremismo político autoritário, notadamente de um relativamente recente fascismo em sua forma social e digital.

### Palavras-Chave

Democracia. Fascismo. Retórica.



## ROUSSEAU CRÍTICO DA CULTURA

Ricardo Monteagudo

[ricardo.monteagudo@unesp.br](mailto:ricardo.monteagudo@unesp.br)

### Resumo

Rousseau participava da vida cultural francesa como músico e polemista. Posicionou-se nas Querela do luxo, Querela dos antigos e dos modernos, Querela dos bufões. Adentrou o mundo da teoria social com o prêmio no concurso de Dijon, onde apresentou o Discurso sobre as Ciências e as Artes. Nesse texto, considerou que as ciências e as artes prejudicam os bons costumes, a igualdade social e a justiça. Antecipou uma crítica ao mau uso das artes pelos governos: “As ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas [do que os governos], estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que [os homens] estão carregados”. Curioso paradoxo, pois Rousseau era músico e escrevia operetas. Em outra obra importante, Carta a d’Alembert sobre os espetáculos, o cidadão de Genebra se posicionou contrário à instalação de teatro em sua cidade natal. Suas peças de teatro então não deveriam ser apresentadas numa república calvinista livre? Justamente, estas questões nos obrigam a nos debruçar com mais cuidado sobre este tema. Bento Prado nos mostra que Rousseau pretendia demonstrar a relação entre sociedade e cultura. Assim, a crítica que Rousseau fazia à cultura de seu tempo era devastadora. Ora, após a Revolução Francesa e com os resultados do liberalismo no século XIX e XX, a cultura elevada se popularizou e se vulgarizou. Vimos a massificação da cultura e a mistificação do esclarecimento, como mostra Adorno; vimos o fim da aura, como observa Benjamin. No século XXI, com o neo-liberalismo, a cultura de consumo se converteu no adversário do esclarecimento. A propagação sem controle da falsa cultura nos meios digitais por meio de dispositivos criou uma guerra cultural com o objetivo de falsear a realidade e criar um novo sujeito, o “neo-sujeito”, como mostra Christian Laval. Ora, o que nos interessa mostrar é que Rousseau parece ter antecipado este resultado. Desde o início, a cultura tem o papel ambivalente de produzir a Verdade ou a Falsidade, tem a função de emergir o sublime ou de domesticar a estima. Para o filósofo, a cultura em si mesma não basta, é preciso considerar seu contexto. Em outros termos, a verdade e a justiça, a cultura e a consciência, precisam andar sempre juntas.

### Palavras-Chave

Rousseau. Crítica do iluminismo. Guerra cultural.



## UMA OPRESSÃO EXTREMA - O SILENCIAMENTO DE SI

Helena Esser Dos Reis

[helenaesser@ufg.br](mailto:helenaesser@ufg.br)

### Resumo

Partindo do suposto que a democracia social e política pensada por Tocqueville é incluyente no que diz respeito aos cidadãos marginais das sociedades europeia ou anglo-americana (pobres, operários, camponeses), sua concepção não parece admitir uma integração entre povos e culturas diversas (africanos escravizados, indígenas, mexicanos, árabes). A inclusão de pessoas destes grupos culturais parece ocorrer por meio da sua assimilação e subordinação à cultura democrático-européia e, portanto, tem como consequência o silenciamento destas pessoas, de suas visões de mundo, de seus saberes, de suas possíveis contribuições. Nosso propósito, na presente comunicação, será investigar a assimetria das relações culturais em um espaço político democrático. Iniciaremos confrontando as concepções expressas por Tocqueville em A Democracia na América com outros textos de sua autoria (cartas, relatórios, viagens...) que tematizam as relações entre os povos para, em seguida, discutir as consequências sociais e políticas destas relações assimétricas na vigência atual de inúmeros silenciamentos e opressões.

### Palavras-Chave

Democracia. Silenciamento. Opressão.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA E GÊNERO



## A BUSCA PELO CONHECIMENTO DO EROTISMO E SUA CAPACIDADE INTRÍNSECA SECA NO SER HUMANO

Maria Divanna Da Rocha Santos

[divannarocha@gmail.com](mailto:divannarocha@gmail.com)

### Resumo

O comportamento humano nos leva a questionamentos que nos remetem à essência da busca por significados para o mundo em que vivemos. Nesse contexto surge a temática do erotismo que é uma característica presente e intrínseca a todo ser humano enquanto sujeito dotado de desejos e prazeres. Neste sentido, é tencionado tratar da questão voltada ao âmbito da filosofia de maneira que podem permear o amago erótico do sujeito subjetivo. Não se pode deixar de perceber que o erotismo, enquanto instinto inato, forma e atua na individualidade de todos os seres humanos, às vezes de maneira bem mais contundente do que se possa imaginar. A partir daí, é possível observar que o erotismo permeia a vida social no qual este se encontram, muitas vezes, mediáticos, assim como, as interdições que o circunda, no complexo social no qual estes se encontram, muitas vezes, como protagonista de suas vidas, mais ainda, como meros figurantes dela, subsumidos às imposições engendradas com finalidade mil, na intenção de dominar e/ou suprimir, de maneira perversa, vale salientar, um dos mais sublimes sentimento humano, em nome de uma moral, de uma ética, ou ainda, dos dogmas religiosos: a compreensão de sua identidade – o erotismo-, e de seus diversos desdobramentos, é marcado por uma intensificação da sensualidade e do prazer. Ele enfatiza o papel do excesso e da extravagância na experiência erótica, afirmando que a moderação não tem lugar nesse contexto. Uma das ideias mais controversas de Bataille é a conexão entre erotismo e morte. Ele sugere que, na busca pela continuidade e pela transcendência dos limites individuais, o erotismo compartilha elementos com o impulso para a morte. A experiência erótica extrema é vista como uma forma de confrontar a finitude humana. Contudo, Bataille destaca que o erotismo muitas vezes transcende a comunicação verbal e racional. Explorando a dimensão pré-linguística e visceral do erotismo, onde a linguagem convencional falha em expressar plenamente a intensidade da experiência.

### Palavras-Chave

Erotismo. Filosofia. Bataille.





## A CONSTITUIÇÃO (GENERIFICADA) DO SUJEITO EM JUDITH BUTLER

Cibele Gugel Silva  
gs.cibele@gmail.com

### Resumo

Butler propõe uma teoria do sujeito na qual pensa sua constituição por meio da vinculação da formação da sua psique e do seu senso de “si-mesmo” à existência de determinadas normas sociais, afirmando que toda ontologia do sujeito é também uma ontologia do social. Na sujeição, processo através do qual o sujeito se torna sujeito assim como se submete às leis compartilhadas na sociedade, observa a existência de enquadramentos normativos que determinam sua inteligibilidade enquanto sujeito no contexto do reconhecimento. Busca, portanto, entender como um sujeito se forma, e conclui ser imprescindível compreender os mecanismos sociais que atuam sobre a sua constituição antes mesmo da existência desse sujeito determinado. A performatividade tem como base a teoria dos atos de fala (em que verbalizar determinada coisa é também fazê-la), em que o sujeito aciona, repete e reitera leis sociais, que são históricas e contingentes e, na repetição, se depara com a possibilidade de cumpri-las ou subvertê-las. Insere o sujeito em uma trama complexa de fatores sociais e culturais que estabelece a possibilidade ou não de acesso político ao reconhecimento e condições de manutenção da vida. Sua filosofia dá voz e caminha em direção à ampliação das normas de reconhecimento à existência de sujeitos que não se enquadram nelas, considerados abjetos, tensionando e complexificando a categoria sujeito a partir do que é excluído dela usualmente. Identifica uma vulnerabilidade compartilhada entre todos os seres humanos, podendo ser politicamente aumentada ou diminuída como condição precária de determinados grupos sociais que então se tornam vidas não publicamente reconhecidas. O gênero se torna uma categoria útil de análise da performatividade, uma vez que é necessária uma estilização repetida para um enquadramento de determinada performance de gênero. Ademais, o processo de tornar-se generificado implica processos subjetivos e leis sociais que são explicitados pela autora quando teoriza acerca de determinados sujeitos, tornados abjetos pela sociedade quando não correspondem à congruência cis-heteronormativa entre sexo, gênero e desejo esperada pela sociedade. Essa

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



apresentação tem como objetivo elucidar a ontologia do sujeito proposta por Butler, a partir da sua noção de performatividade, tendo como estratégia a elaboração da sua teoria a partir da abjeção. Para isso, utilizaremos o gênero como exemplo paradigmático para essas categorias de análise.

## Palavras-Chave

Sujeito. Performatividade. Gênero.



## A CRÍTICA DE BUTLER À TEORIA DO FALO EM LACAN

Lucas Rodrigues Caixeta

[lrcaixeta61@gmail.com](mailto:lrcaixeta61@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é demonstrar a crítica de Butler à teoria do “ser” e “ter” o falo. Na obra de Judith Butler, em especial, *Problemas de gênero* encontramos sua crítica à estrutura binária que vivemos. Sua crítica se direciona à teoria do falo de Lacan, nos quais o antropólogo faz uma ressalva em dizer que o termo “falo” utilizado por ele, e consequentemente por Butler, não é no sentido popularmente conhecido de pênis, mas sim de órgão genital definidor, a existência ou ausência dele. Isto, pois, em decorrência dessa teoria que se criara a ideia da necessidade de um indivíduo possuir o falo e o outro de ser o falo. No entanto, essa é uma teoria que parte de um princípio binário onde existe apenas dois tipos de categorias para um indivíduo se encaixar. Esta é uma ideia que se baseia na existência de apenas dois sexos, por isso uma teoria de princípios binários. Por fim, a partir da perspectiva da filósofa Judith Butler, dentro da teoria do “ser” e “ter” o falo, um representa o ser masculino e o outro o ser feminino, e consequentemente, o papel que o ser que “é” o ser que “tem” desenvolvem na sociedade. Em sua obra, a filósofa também faz apontamentos acerca de um provável surgimento dessa estrutura binária que vivemos, fazendo-se questionamentos a respeito da necessidade de precisarmos nos categorizar como seres masculinos e femininos, e dessa forma seguir com o que nos é imposto. Contudo, com base nessa teoria, tem-se uma ideia do que é homem e mulher, definido por aquilo que o indivíduo possui como “identificador” de sexo, ou seja, o órgão genital que é visível e determinante por meio de terceiros ao nascimento; e com isso, como um sujeito é afetado diretamente para desempenhar um papel em sua sociedade, ou seja, nos termos de Judith Butler, como o indivíduo performará seu gênero. Tudo isso por meio de uma perspectiva da estrutura social que vivemos, estrutura essa que é criticada pela filósofa, mas no entanto, a mesma traz essas ideias para elaborar uma crítica a essa forma de pensamento .

### Palavras-Chave

Gênero. Sexo. Falo.



## A EITOLOGIA DA VIOLÊNCIA- PATRIARCADO E CAPITALISMO NEOLIBERAL

Susana De Castro Amaral Vieira

[susanadec@gmail.com](mailto:susanadec@gmail.com)

### Resumo

Dentro dos trabalhos atuais do feminismo do sul, os trabalhos de Rita Laura Segato e Sayak Valencia se destacam pela preocupação que ambas possuem em analisar a violência contra as mulheres dentro do contexto atual do capitalismo pós-industrial nos chamados países do terceiro mundo, como México, Brasil e Argentina. Neste sentido, ambas destoam da interpretação do feminismo hegemônico do Norte segundo o qual os crimes contra as mulheres seriam crimes de ódio, portanto fruto de uma psicopatologia individual. Defendem, ao contrário, que a violência é sistêmica e estrutural oriunda das bases econômicas do capitalismo atual que cada vez mais coisifica os seres e petrifica a capacidade de vínculos e de compaixão. Ambas são céticas quanto a possíveis soluções legais e estatais para o problema da violência de maneira geral, visto que a máquina da burocracia estatal da democracia liberal já estaria contaminada pelo discurso duplo, hipócrita, de repúdio e ao mesmo tempo apoio velado ao narcotráfico e à milícia. Por exemplo, o mesmo Estado Nação, os EUA, que condena as drogas e prega guerra ao tráfico, é o Estado cujos bancos lavam dinheiro do narcotráfico; ou no Brasil, o caixa dois nas campanhas eleitorais conta necessariamente com dinheiro do crime e do narco, portanto a eleição de deputados comprometidos com o comércio ilegal de armas e entorpecentes faz parte do 'jogo democrático' (SEGATO, 2018, p.78). No México, o abandono de políticas públicas para o campo, e a consequente pauperização da população rural, faz com que narcotraficante seja visto como o verdadeiro benfeitor, uma vez que é graças a ele que os camponeses conseguem trabalho e é graças muitas vezes ao narcotraficante que há construção de igrejas, escolas, luz, saneamento básico e hospitais nas comunidades rurais (VALENCIA, 2010, p.35).

### Palavras-Chave

Necroempoderamento. Pedagogia da crueldade. Narco.



## A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE CATHARINE MACAULAY E SUA CRÍTICA AO IDEAL DE ESPOSA SUBMISSA.

Camila Kulkamp

[camilakulkamp@gmail.com](mailto:camilakulkamp@gmail.com)

### Resumo

Este artigo explora a filosofia da educação de Catharine Macaulay, com foco em como sua defesa da igualdade educacional entre mulheres e homens desafia o ideal de esposa submissa, prevalente no cânone da filosofia da educação ocidental, em particular na filosofia de Jean-Jacques Rousseau. Macaulay criticou a ideia de que as mulheres deveriam ser primariamente educadas para serem esposas, mães e filhas submissas, e propôs, em vez disso, uma educação que promove a igualdade intelectual, moral, espiritual e política entre os sexos. Além disso, Macaulay rejeitou a noção de diferenças inatas de caráter entre os sexos e argumentou que a verdadeira sabedoria, essencial para alcançar a felicidade, deve ser ensinada igualmente a mulheres e homens. Ela defendeu que essa educação igualitária é fundamental para reformar as relações conjugais tradicionais e promover uma sociedade mais justa e equitativa, onde as mulheres não sejam consideradas propriedades dos homens, mas sim sujeitos autônomos e cidadãs plenas.

### Palavras-Chave

Macaulay. Educação. Mulheres.



## A FINANCEIRIZAÇÃO DA VELHICE, (MAIS) UM DESAFIO PARA A FILOSOFIA FEMINISTA

Ilze Zirbel

[izirbel@yahoo.com.br](mailto:izirbel@yahoo.com.br)

### Resumo

Nas últimas décadas, o termo financeirização da velhice começou a ganhar destaque nas discussões acadêmicas e públicas, à medida que as sociedades enfrentaram mudanças significativas em seus sistemas de seguridade social e políticas de aposentadoria. O termo faz referência a um fenômeno em que as relações sociais, econômicas e até mesmo pessoais são cada vez mais influenciadas e moldadas por instrumentos e lógicas financeiras. Isso significa que os aspectos da vida cotidiana estão cada vez mais sujeitos a serem quantificados, precificados e negociados como ativos financeiros. Esta comunicação tem por objetivo apresentar algumas pistas de como a filosofia, especialmente a filosofia feminista, pode abordar a financeirização da velhice, considerando as implicações éticas, sociais e políticas desse fenômeno. Fazem parte desse objetivo refletir sobre questões como a mercantilização do corpo e da saúde na velhice, a responsabilidade social em relação ao cuidado nas diferentes fases da vida, formas de redefinir o valor e o significado do envelhecimento na sociedade, dentre outras.

### Palavras-Chave

Envelhecimento. Filosofia feminista. Cuidado.



## A LIBERDADE NA PERSPECTIVA DE SIMONE DE BEAUVOIR E ANGELA DAVIS: ENCONTROS E DESENCONTROS

Manoelly Rodrigues Da Silva  
[manoelly1996@gmail.com](mailto:manoelly1996@gmail.com)

### Resumo

A busca pelo entendimento da liberdade é uma peregrinação cara para a filosofia. Para tanto, esse debate possui, dentre tantos pensadores, o olhar crítico e feminista de Simone de Beauvoir e Angela Davis: duas filósofas que, sem dúvidas, trazem a questão para sua situação no mundo enquanto mulheres. Ambas, fincadas no marxismo, discutem como esse conceito é, além de uma ideia, uma ação. Ser livre parte do pressuposto do engajamento humano, mas enquanto para a primeira, nascemos livres e precisamos tomar consciência disto, para a segunda a liberdade precisa ser uma busca constante. Tendo como encontro a tomada de consciência, o que as diferencia em termos concretos de alcançar a liberdade parte da indissociabilidade de trazer a questão da raça, da sexualidade e de outros atravessamentos sociais que Davis nos fornece. Este estudo se trata de uma iniciativa de complementação do pensamento das duas filosofias para que a conceituação e busca pela liberdade torne-se palpável para todos os povos, e isto, sem dúvidas, permite que a voz do subalterno seja ouvida e defendida, para que haja emancipação humana. Além do mais, ambas autoras partem da crítica à universalização do conceito mulher, compreendendo que ao fazê-lo, naturalizamos e engessamos características e estereótipos que envolvem não apenas as mulheres, mas os seres humanos como um todo. Em razão disso, cabe à teoria crítica feminista e filosófica desvencilhar-nos das amarras das opressões afim de superá-las e fazer da liberdade não um fim em si mesmo, mas uma caminhada rumo à emancipação do saber e do existir humano. A partir da metodologia bibliométrica, pretendo trazer os encontros e desencontros das autoras, tendo como resultado a importância de incluir o debate dos marcadores sociais na reflexão sobre a liberdade, pois, para que haja liberdade é preciso que a mesma seja compreendida em todas as esferas sociais, contudo, não se trata de esvaziar o conceito e singulariza-lo atribuindo-lhe características de uma pós-verdade. Será, no entanto, um trabalho de reflexão, em sua fase ainda inicial, sobre como concretamente nós, enquanto mulheres e enquanto subalternas (os) buscamos uma liberdade que consiga dar conta de nossa existência e que nos possibilite viver livre e autenticamente.

**Palavras-Chave** Liberdade. Filosofia. Feminismo.



## A MULHER CAMINHANTE: CIDADE, GÊNERO E FILOSOFIA

Raíssa Teixeira Almeida De Souza

[raissateixeira@id.uff.br](mailto:raissateixeira@id.uff.br)

### Resumo

Ocupar a cidade, sem necessariamente ter uma tarefa a cumprir, faz parte da construção do Eu, da relação com o outro e do espaço em que se habita, mesmo que não haja uma troca direta entre as pessoas. Estar na presença de estranhos, mas se sentir pertencente ao espaço urbano, é fundamental para uma elaboração psíquica saudável. O problema é que, numa sociedade capitalista que tem fetiche na exclusividade, andar na rua é sinônimo de ser do povo, isso traz duas questões: o entrelaçamento com a classe trabalhadora, vulgo pobres, e em relação às mulheres, que tem no espaço privado o locus de sua existência, estar na via pública retoma o imaginário de que a mulher que anda em via pública é bem público e serve ao bel prazer dos homens. Isto posto, é possível compreender o medo das mulheres em andar na rua, a iminência de ser violentada leva a que se auto-confinem, em um tempo que já muitas mulheres têm o poder de decidir se saem ou não, muitas decidem não sair por terem medo. (Enquanto muitas outras resolvem sair, porque entendem que viver o mundo é fundamental para ser uma pessoa em sua plenitude). Esse medo de ocupar o espaço público leva ao achatamento do Eu — principalmente do Eu feminino, que como consequência retroalimenta a ideia de que mulheres são feitas para o lar e para as questões privadas. Há um afastamento das mulheres dos espaços públicos que demonstra o quanto a sociedade é patriarcal, dominadora e controladora dos corpos, principalmente dos corpos femininos, desviantes e racializados. É claro que há riscos em ocupar as ruas e por isso é importante pensar para quem é feito o espaço público, porém se pensarmos estatisticamente, mais da metade das violências perpetradas contra as mulheres é dentro dos lares, e em contrapartida, quanto mais ocuparmos as ruas mais seguras estaremos. Faça o exercício de observar as pessoas na rua, normalmente a maioria das que circulam ou que param nas ruas são homens, as mulheres costumam estar em casa, ou ocupam espaços públicos que têm estabelecimentos relacionados a produtos de casa, como roupas, mercado e afins, meu papel é perguntar o porquê. O presente trabalho é o início de uma pesquisa que busca



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



entrelaçar os estudos de gênero com a filosofia, a psicanálise e o urbanismo, compreendendo a importância da multidisciplinaridade para pensar o papel da cidade e o lugar das mulheres na sociedade contemporânea.

## Palavras-Chave

Mulher caminhante. Cidade. Psicanálise.



## ANÁLISE COMPARATIVA DA DOMINAÇÃO FEMININA EM LÉLIA GONZALEZ E VAL PLUMWOOD

Caiodê Boa Morte Do Carmo Cardoso

[boamorte.caiode@gmail.com](mailto:boamorte.caiode@gmail.com)

### Resumo

Este artigo tem como intuito contribuir com o debate sobre a teoria da interseccionalidade e feminismo. Para tanto, abordaremos duas autoras, Lélia Gonzalez (1935 - 1994) e a Val Plumwood (1939 - 2008), que, apesar de tocarem em assuntos distintos - respectivamente feminismo negro e ecofeminismo -, elas compartilham o interesse em comum de debater a condição de ser mulher na sociedade contemporânea. Assim, visitaremos passagens das obras “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (1984), de Gonzalez, e o sexto capítulo de “Feminism and the Mastery of Nature” (2003, p. 141-165), de Plumwood, que, à sua maneira, criticam a dominação sobre a mulher através de metáforas com a escravidão brasileira e a exploração da natureza como um paralelo àquilo que seria - assim como o racismo - normalizado para infringir força às mulheres. Nos interessa, aqui, as especificidades dessa dominação sobre as mulheres que as duas autoras elaboram em seus textos, assim como ensaiar as rezadeiras ou benzedadeiras como mulheres que uniriam as propostas do ecofeminismo e feminismo negro. Lélia Gonzalez pensa a questão da mulher negra partindo da colonização das Américas e, em particular, do Brasil, enquanto Val Plumwood abrange sua questão sobre a mulher numa perspectiva global e o quanto que o nosso entendimento sobre o feminino perpassa tanto as categorias de raça, gênero e classe mas também o da natureza (ecologia).

### Palavras-Chave

Interseccionalidade. Opressão. Feminismo.



## BRUXARIA, FEMINISMO E CAPITALISMO: UM DIALOGO ENTRE FEDERICI E STARHAWK

Thiago Felix De Morais  
[thfenix2004@hotmail.com](mailto:thfenix2004@hotmail.com)

### Resumo

O fenômeno da caça às bruxas não foi, segundo Federici, um evento isolado e supersticioso, mas antes um apagamento de vozes que representavam um desafio à estrutura do poder durante a transição econômica para o capitalismo. Foram dois séculos de degradação do feminino que deixaram marcas mesmo em nossa sociedade atual. Tendo como ponto de partida o conceito de que a caça às bruxas constituiu um dos acontecimentos mais importantes no desenvolvimento da sociedade capitalista (Federici, 2019), a presente comunicação visa compreender o processo de revivalismo bruxo iniciado na segunda metade do século XX, com ênfase no movimento feminista neopagão popularizado por Starhawk na década de 70. Seria o movimento de retorno à figura da bruxa uma resposta feminista aos dois séculos de tortura preconizada pela religião patriarcal ou mais um movimento capitalista de territorialização de pautas para a produção de um novo produto de consumo? Na presente pesquisa, nos debruçaremos sobre os paralelos entre as repercussões do processo medieval apontadas por Federici e o retorno das bruxas na contemporaneidade.

### Palavras-Chave

Feminismo. Genero. Bruxaria.



## CRÍTICA AO MODELO DE EDUCAÇÃO PARA MULHERES CONTIDO EM SOFIA (LIVRO V), NA OBRA EMÍLIO, DE ROUSSEAU

Priscila Pereira Novais

[filosofiadossolo@gmail.com](mailto:filosofiadossolo@gmail.com)

### Resumo

Jean-Jacques Rousseau, frequentemente celebrado como um dos fundadores da pedagogia e da democracia moderna, apresentou uma visão detalhada sobre a educação em sua obra *Emílio ou Da Educação* (1762). Neste livro, Rousseau delineia um sistema educacional diferenciado para meninos e meninas, levantando questões significativas sobre igualdade de gênero e cidadania. Este ensaio examina a intenção e o modelo de formação ideal que deveria ser oferecido às mulheres na obra do filósofo, mais especificamente no livro V, intitulado “Sofia”. A questão que norteou este trabalho foi: Qual é o propósito da educação de Sofia? Segundo Rousseau, o papel de Sofia é essencialmente doméstico. Ele argumenta que as mulheres têm uma função natural na manutenção do lar e na educação dos filhos, mas as exclui do espaço público e político. O papel da mulher, para ele, é apoiar o homem, e não competir com ele. Esta visão limita as mulheres a uma função de suporte, negando-lhes a plena participação na vida cívica e política. Nesse sentido, a questão de Sofia ser considerada um sujeito político é crucial para construirmos uma crítica feminista a Rousseau, já que, embora defenda a liberdade e a igualdade no âmbito público para os homens, ele não estende esses princípios às mulheres, além de justificar essa exclusão com argumentos baseados em diferenças naturais entre os sexos, naturalizando a subordinação feminina. Nossa crítica foi construída com o objetivo de compreendermos a razão pela qual o projeto pedagógico elaborado para Sofia não é idêntico ao concebido para Emílio, e que, ao contrário deste último, busca manter a mulher em uma posição de dependência e restrita ao ambiente doméstico, submissa ao marido e filhos, sendo seu propósito de vida ser serva dos outros, limitando sua liberdade de escolha e as várias possibilidades de desenvolvimento futuro – visão comum mesmo na contemporaneidade.

### Palavras-Chave

Jean-Jacques Rousseau. Educação de Mulheres. Sofia.



## DA AMEFRICANIDADE PARA A AMEFRICAJUVENIFEMIGENOCIDIO: ENTRE LÉLIA, SEGATO E A PSICANÁLISE

Renata Renovato Martins  
[renewatomartins@yahoo.com.br](mailto:renewatomartins@yahoo.com.br)

### Resumo

Ao remontarmos às origens do racismo no Brasil devemos considerar, para além das questões econômicas, as articulações ideológicas e os conjuntos de práticas que o sustentam. De acordo com a filósofa Lélia Gonzales, os processos de acumulação do capital, no Brasil, estiveram, desde sua origem, coexistentes sob a hegemonia do capitalismo monopolista, fato este que constata a concentração periférica da população negra, excluída deste sistema de maneira lógica e prática. Em outras palavras, a população negra esteve concentrada em um Brasil subdesenvolvido, em uma lógica pré-capitalista de produção, através de uma intenção silenciosa. Lélia demonstra que o racismo não passa de um arcaísmo, ao atualizar-se em uma persistência histórica que não cumpre as exigências de uma sociedade capitalista moderna e, ao analisar a situação mais específica da mulher negra no Brasil, a filósofa faz referência aos meios mais complexos, invisíveis e, por sua vez, mais eficazes de dominação, a saber: os processos ideológicos construtores de uma narrativa da exclusão, ou melhor dizendo, a lógica da ausência, que resulta em uma discriminação cultural. Este tipo de discriminação se revela na maneira naturalizada de tratar a exclusão dos lugares sociais impostos e aceitos à mulher de cor. Vemos que é nesta narrativa histórica que se revela o seu lugar de assujeitamento, de objeto. Contudo, Lélia ao utilizar a psicanálise como dispositivo para compreensão da neurose cultural brasileira, traçou paralelos desta crítica, para além das fronteiras do Brasil, através de seu conceito de amefricanidade, conceito este que Rita Segato, ao analisar a lógica da violência na América Latina sobre as mulheres, resgata, inscrevendo, nesta relação, a noção de amefricajuvenifemigenocídio. Segato, a partir de suas construções práticas e teóricas da violência, vendo-a ser praticada por homens e sofrida por mulheres como algo comum e consciente, constata que a estrutura da violência masculina de ordem patriarcal, pode ser compreendida através da ideia de um mandato da masculinidade, mantido e sustentado econômica e simbolicamente pela pedagogia bélica da masculinidade, questão esta que dialoga com um arcaísmo simbólico, apontado por Lélia na construção de uma lógica da exclusão.

### Palavras-Chave

Gênero. Amefricanidade. Psicanálise.



## DE VELAR OS MORTOS À PERVERSÃO DO ESTADO: A ANTÍGONA DE HEGEL

Paula Coelho Barroso Magalhães

[paulacbm1@hotmail.com](mailto:paulacbm1@hotmail.com)

### Resumo

No interior da obra hegeliana, haveria dois modos possíveis de ler o significado de Antígona, obra sobre a qual Hegel se debruça no capítulo destinado à eticidade (Sittlichkeit), pertencente à seção “Espírito” na Fenomenologia do espírito. O primeiro, mais óbvio, seria considerar que a tragédia de Sófocles representa um modelo decadente de eticidade, porque a feminilidade que a heroína encarna apenas perverte a comunidade, devido ao seu suposto interesse de preservar a família sob o sacrifício do Estado. A personagem se apresenta como garantidora de um direito da família — o direito ao luto —, o qual oferece a qualificação de “feminino”, por oposição ao direito à guerra, qualificado como “masculino”. Entretanto, o segundo modo mostra-se mais complexo e é nele que apostamos como hipótese. Ora, não é curioso que Hegel posicione o Estado como expressão da autoconsciência do espírito, porém localize o ato ético, o ato dotado de maior consciência, em Antígona? Há aí, então, uma contradição. Trata-se de uma mulher — como tal, estranha à esfera pública —, com atributos de feminilidade, os quais pervertem a noção mesma de Estado como mediação universal das consciências. Entretanto, seu ato carrega consigo o apogeu da consciência de si, na interpretação hegeliana mesma. Essa é a contradição presente no texto de Hegel, a qual pretendemos desdobrar a fim de pensar a relação entre luto, memória e tragédia. Na peça de Sófocles, a personagem Antígona verbaliza que, de qualquer forma, morrerá. Para ela, morrer pela imposição do governante, porém dando o devido enterro ao familiar, configura-se como morte digna — portanto, vida digna. Por isso, a interpretação hegeliana consiste em investir Antígona do poder de guardar a lei divina, de modo que a exigência de universalidade da lei humana se torna inviável. Desse modo, Antígona, como estranha ao espaço do poder se apropria do discurso do tirano, assume a soberania que não lhe era permitida. Antígona passa, portanto, de escrava à condição de senhora. O que era mais feminino se torna viril, quando ela se utiliza de discursos eloquentes, atribuídos tipicamente aos heróis



masculinos. No limite, o que Antígona demonstra é o mútuo imbricamento entre família e comunidade, feminino e masculino, eternidade e morte, imbricamento que, nesse sentido, encontra-se no cerne da dialética da eticidade.

### **Palavras-Chave**

Luto. Gênero. Hegel.



## DEMOCRACIA E FEMINISMO: UM DIÁLOGO ENTRE JANE ADDAMS E JOHN DEWEY

Edna Maria Magalhães Do Nascimento

[magaledna@yahoo.com.br](mailto:magaledna@yahoo.com.br)

### Resumo

Este estudo intitulado “Democracia e Feminismo: um diálogo entre Jane Addams e John Dewey” tem por objetivo desenvolver uma análise sobre o pragmatismo estadunidense, suas teses principais e, sobretudo investigar o papel das mulheres no desenvolvimento e sistematização dessa doutrina. O tema ‘democracia e feminismo’ emerge do diálogo fecundo entre a filósofa norte-americana Jane Addams(1860-1935) e o pragmatista John Dewey(1852-1959). A pesquisa investigou a participação e contribuição de Jane Addams ao movimento pragmatista e discutiu o porquê desta participação não ser referenciada pela historiografia oficial. Busca-se analisar as confluências das ideias da filósofa ao pragmatismo social de John Dewey e sua aderência ao pragmatismo. Pretende-se aprofundar a compreensão sobre a concepção de democracia em John Dewey, entendida como modo de vida, e articular tal concepção aos ideais feministas de Addams. A nossa hipótese de trabalho consiste em argumentar a favor da ideia que tanto a democracia quanto o feminismo convergiram para a construção do pensamento pragmatista e que a presença intelectual das mulheres neste movimento foi de suma importância para o prestígio e a notoriedade que ganhou esta corrente filosófica na primeira metade do século XX. Este legado concorreu para a emergência do movimento intelectual contemporâneo denominado de pragmatismo feminista. Sabe-se sobre a origem do pragmatismo que, em fins do século XIX e início do século XX, mais precisamente, na década de 1870, um grupo de intelectuais de Cambridge, Massachusetts, conduzido por Peirce fundou o pragmatismo. Este grupo, de modo irônico, se autodenominou The Metaphysical Club ou o Clube Metafísico, que é uma referência crítica à metafísica clássica e uma tomada de posição em defesa da filosofia pragmática. O grupo incluía: Peirce, William James, Oliver Wendell Holmes Jr, Nicholas Saint John Green, dentre outros. A intenção do Clube Metafísico foi apontar uma filosofia de base científica para enfrentar as ciladas do agnosticismo filosófico que se mantinha soberbo frente à metafísica tradicional. O





que se constata é ausência de referências intelectuais ou produções acadêmicas de mulheres filósofas. A pesquisa concentrou-se em estudos sobre as mulheres da Universidade de Chicago, sobretudo o pensamento de Jane Addams, e revelou que ao contrário da história oficial, as mulheres, escreveram, pesquisaram, produziram filosoficamente, contribuindo com a sistematização do pragmatismo.

### **Palavras-Chave**

Pragmatismo. Feminismo. Democracia.



## DISPUTAS EM TORNO DE ANTÍGONA: A LEITURA DE JUDITH BUTLER E AS CONTESTAÇÕES DO QUEER ANTISOCIAL

Francisco Das Chagas Alexandre Nunes De Sousa

[alexandre.nunes@ufca.edu.br](mailto:alexandre.nunes@ufca.edu.br)

### Resumo

Antígona de Sófocles é uma das peças mais encenadas e analisadas de todos os tempos. Dentre seus principais comentadores do século XX, temos os argumentos do psicanalista Jaques Lacan em seu seminário VII (2008). Lacan propõe a visão da heroína grega como alguém que leva sua decisão às últimas consequências, ou seja, que não cede em seu desejo através da adesão à pulsão de morte. Tal interpretação gerou uma série de concordâncias e objeções que esta pesquisa mapeou: desde as críticas de Judith Butler, em seu livro “A reivindicação de Antígona” (2000/2022), às respostas de lacanianos ao texto butleriano (Edelman, 2004; Žižek, 2004). Em “A reivindicação de Antígona” (2000/2022), Butler promove uma desconstrução do mito grego para expor as ambiguidades dos vínculos presentes na família de Édipo e, diante da problematização das leituras de Hegel e Lacan, aponta sua própria defesa de outros laços de parentalidade nas sociedades contemporâneas. Assim, enquanto Judith Butler reivindica Antígona como ocasião da emergência de um novo campo do humano, Edelman acusa a filósofa estadunidense de domesticar a radicalidade inumana da heroína grega. Estas ideias estão veiculadas no livro “No future: queer theory and death drive” (2004). É o chamado queer antissocial. Nesta obra emblemática, Edelman (2004) condena o paradigma da futuridade reprodutiva centrado na figura da Criança. Assim, toda a existência social estaria assombrada por esse fantasma reprodutivo de uma sociedade que gira em torno de um futuro heteronormativo. Edelman vê na Antígona de Sófocles um convite à rejeição do futuro diante do abraço da pulsão de morte, diferente de Butler, que teria supostamente caído na ideologia do futurismo quando pensa num parentesco por vir. Logo, Edelman acusa Butler de tornar a heroína grega inteligível em vez de insistir em sua opacidade e monstruosidade. Tendo em vista este cenário, desenvolvemos uma crítica às contestações feitas por Lee Edelman ao livro de Butler. Para tanto, partimos de uma visão de Antígona como sujeita que resiste na subalternidade (Spivak, 2012, 2022; Belo, 2014) e da declaração recente de



Butler (2022) de que é preciso muitas Antígonas para resistir e imaginar um futuro não violento de igualdade radical e liberdade coletiva. Assim, nem todo futuro é sinônimo de heteronormatividade, mas pode ser a indicação de um querer por vir, uma utopia queer (MUÑOZ, 2009).

### Palavras-Chave

Judith Butler. Psicanálise. Queer antissocial.



## DUALISMO FILOSÓFICO MODERNO E BINARISMO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE CRÍTICA NA PERSPECTIVA FEMINISTA

Bárbara De Pina Cabral

[barbara.pcabral@hotmail.com](mailto:barbara.pcabral@hotmail.com)

### Resumo

Este artigo propõe analisar as relações entre o dualismo filosófico moderno e o binarismo contemporâneo, com foco nas perspectivas feministas. Exploramos as nuances desses conceitos e suas implicações para o entendimento da existência. Inicialmente, examinamos o conceito de dualismo moderno enquanto estrutura filosófica que estabelece uma dicotomia entre dois elementos fundamentais. O dualismo tradicionalmente sugere uma divisão entre mente e corpo, bem e mal, espírito e matéria, implicando em uma separação mutuamente exclusiva desses elementos. No entanto, questionamos se o dualismo pode também ser entendido como uma forma de binarismo, especialmente quando há uma hierarquia intrínseca entre os elementos opostos. Por outro lado, analisamos o binarismo contemporâneo sob a lente das teorias feministas, destacando-o como uma estrutura de pensamento que impõe uma divisão rígida e hierárquica entre duas categorias excludentes. Observamos que o binarismo simplifica a complexidade da realidade ao forçar uma classificação em categorias fixas e mutuamente exclusivas. Exploramos as implicações desses conceitos para os estudos de gênero, questionando se todo dualismo implica em binarismo e se, por sua vez, todo dualismo implica em hierarquia. Refletimos sobre como essas estruturas de pensamento moldam as percepções sociais e as relações de poder, particularmente no que diz respeito à construção e perpetuação das normas de gênero. Ao final, este artigo busca contribuir para uma compreensão das interseções entre epistemologia, gênero e poder, incentivando reflexões críticas sobre as estruturas conceituais que moldam nossas percepções e práticas sociais.

### Palavras-Chave

Dualismo. Binarismo. Feminismos.



## DUALISMOS E NATUREZA: UMA LEITURA DE CAROLYN MERCHANT SOBRE MULHERES, CIÊNCIA E CAPITALISMO

Maria Helena Silva Soares  
[helenastraub@gmail.com](mailto:helenastraub@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho analisa a questão dos dualismos característicos da ciência moderna ocidental à luz da obra de Carolyn Merchant, *The Death of Nature: Women, Ecology and Scientific Revolution*(1980). Interessa-nos sua interpretação sobre a dominação da natureza e das mulheres a partir de mudanças de paradigmas provocadas pelas revoluções científicas da ciência nascente. Trata-se de uma transformação da ciência e do mundo ocidental por meio do advento do método científico de Bacon, da racionalidade de Descartes e do desenvolvimento da produção capitalista. Merchant considera que esta mudança substituiu uma visão orgânica do mundo, centrada no papel do cuidado relacionada tanto ao sexo feminino quanto a uma característica intrínseca à própria natureza; por outra, mecânica, que exilava mulheres e a natureza da esfera pública, e as considerava como uma fonte permanente de recurso a ser explorado e como objeto das ciências médicas, jurídicas e políticas. Suas análises perpassam tanto a criminalização e a perseguição de mulheres que foram denominadas bruxas, quanto o modo de produção e reprodução da ciência e do modelo capitalista nascentes que forjavam a nova visão mecânica do mundo. O problema dos dualismos natureza/cultura, feminino/masculino é desenvolvido por Merchant em uma crítica ecofeminista anticapitalista, que entende que a natureza foi atrelada a valores femininos para ser dominada pela ciência, pela tecnologia e pela produção capitalista. Em publicação de 2018, *Science and Nature: past, present and future*, e já no prefácio de 1990 à *The Death of Nature*, Carolyn Merchant afirma que não quis defender, com isso, qualquer retorno a uma visão orgânica do mundo pré-moderno ou pré-científico, mas sim sustentar a urgente necessidade de uma nova forma de solidariedade (*partnership*) entre humanos e a natureza. Para ela, sua obra de 1980 tinha por objetivo analisar como a revolução científica ocorrida no início da modernidade levou a uma mudança de paradigma permitida pela dominação da natureza e das mulheres. Por fim, o presente trabalho se dedicará também a verificar



se e de que modo o trabalho de Merchant pode ainda nos ser útil, como categoria de análise, para pensar os processos de dominação e subjetivação de mulheres em diferentes contextos e implicações de gênero, raça e classe no Brasil.

### **Palavras-Chave**

Ciência. Dualismos. Ecofeminismo anticapitalista.



## É NO CAIR DA TARDE QUE O PÁSSARO DE VÊNUS LEVANTA VOO OU COMO FILOSOFAR COM A VULVA

Aléxia Cruz Bretas

[alexia.bretas@gmail.com](mailto:alexia.bretas@gmail.com)

### Resumo

Em 1949, Simone de Beauvoir formula a pergunta que se tornaria um verdadeiro divisor de águas na história do feminismo contemporâneo: por que a mulher é o outro? Leitora crítica de *O segundo sexo*, Luce Irigaray vai ainda mais longe: por que levantar a bandeira da igualdade, já que as mulheres não seriam nem melhores, nem piores que os homens, apenas diferentes? Com Monique Wittig, contudo, a discussão se complexifica, atingindo um novo patamar cuja perspectiva é dada por um olhar e uma sensibilidade oblíquos em relação ao que se refere como pensamento hétero. Publicado em 1980, o ensaio de mesmo nome postula sem rodeios: as lésbicas não são mulheres. Ou de maneira ainda mais inequívoca: as lésbicas não têm vulva ou vagina. Contrariando o senso comum e a tendência à naturalização da diferença sexual, a autora de *As guerrilheiras* (1969) e *O corpo lésbico* (1973) se arvora contra o estruturalismo de Lévi-Strauss e a psicanálise de Lacan para sustentar uma teoria e uma prática transformadoras que poderíamos chamar “queer” *avant la lettre*. Herdeira do ideário sensualista de maio de 1968, membra de diversos coletivos feministas e marxista por vocação, Wittig nos leva a uma filosofia à flor da pele e, antecipando escritos de autores mais recentes como Judith Butler e Paul B. Preciado, nos convoca a restaurar a potência criativa da imaginação poético-política como arma de combate à linguagem do patriarcado, suas narrativas, personagens e histórias.

### Palavras-Chave

Vulva. Monique Wittig. Feminism lésbico.



## ESTUPRO, ASPECTOS JURÍDICOS E FILOSÓFICOS

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub

[cristianenaa@gmail.com](mailto:cristianenaa@gmail.com)

### Resumo

No Livro I de Cidade de Deus, Agostinho de Hipona aborda o tema do estupro de mulheres, destacando sua complexidade e necessidade de análise detalhada. No presente trabalho, foco no aspecto jurídico-filosófico da crítica de Agostinho aos costumes jurídicos e leis de sua época em casos de estupro. Ele argumenta que tais costumes e leis contribuem para a revitimização das vítimas, bem como para a relativização das penas dos criminosos, perpetuando uma cultura de injustiça e violência contra mulheres estupradas. A análise dessa temática possibilita a identificação das estruturas discursivas que sustentam a revitimização de vítimas de estupro, possibilitando, assim, sua denúncia. Embora o texto estudado date do início do século V EC, seu estudo mostra que ainda reproduzimos os argumentos que reproduzem a violência contra a mulher. Portanto esse estudo pretende evidenciar esse discurso para que o mesmo, sempre que se apresente seja identificado, interrompido, criticado e devidamente recusado.

### Palavras-Chave

Estupro. Revitimização. Agostinho de Hipona.





## ÉTICA DO CUIDADO: PARA ALÉM DA HIERARQUIA DE PAPEIS DE GÊNERO

Zilma Cordeiro Moreira De Sales

[zilma.cordeiro@aluno.uece.br](mailto:zilma.cordeiro@aluno.uece.br)

### Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar a importância dos estudos sobre a ética do cuidado para a filosofia moral, tendo em vista sua contribuição para uma revisão significativa de conceitos tidos como fundamentais para o debate sobre a ação moral. Evidencia-se, assim, a necessidade de reconhecer a existência de diferentes orientações e modos de pensar os problemas morais que não foram considerados relevantes durante a elaboração das teorias éticas tradicionais. A ética do cuidado a partir da abordagem de Carol Gilligan na publicação de *Uma voz diferente*, considerada uma das obras pioneiras no campo das pesquisas sobre a teoria do desenvolvimento moral na contemporaneidade, a levam a concluir que as aclamadas teorias do desenvolvimento moral tidas como tradicionais, ignoraram a moralidade da voz feminina. É notório, segundo Gilligan, a percepção das diferenças entre os gêneros quando observado o privilégio que é dado à voz masculina hegemônica no ponto de partida de tais teorias. Na tentativa de justificar a subordinação das mulheres, as teorias tradicionais apresentam uma lógica de dominação associada a ideia de hierarquização na qual os homens estão situados no topo do poder e é deste lugar privilegiado que criam princípios e deveres para sustentar a sociedade patriarcal. Tal perspectiva, ao ser questionada, favorece o surgimento de uma nova lógica voltada para o cuidado enquanto atividade comum à todos os seres humanos, abrindo caminhos para a formação de novos sujeitos, independentemente da hierarquia de papéis de gênero.

### Palavras-Chave

Ética do cuidado. Gênero. Desenvolvimento moral.



## “EU SOU UMA MULHER”: AS IMPLICAÇÕES DAS CERTEZAS FULCRAIS PARA O FEMININO

Juliany Thainá Tôrres De Lira  
[juliany.thaina@gmail.com](mailto:juliany.thaina@gmail.com)

### Resumo

A mulher cumpria certas funções sociais que pareciam, até certo tempo, estabelecidas e determinadas. No entanto, nas últimas décadas, um importante movimento começou a colocar em xeque as relações de poder. O Feminismo possibilitou que alterações substanciais de ordem sociocultural, política e econômica ocorressem. O sujeito mulher que antes ocupava um papel essencial de privação, submissão e serventia, passava a ocupar espaços públicos e políticos. Esse impacto na sociedade também pôde ser sentido epistemicamente. Isto porque, a epistemologia que antes pensava em um humano “sem rosto”, mas que cumpria os interesses do homem branco, hétero, cisgênero e europeu, agora precisava incluir novos sujeitos. É nessa perspectiva que a presente pesquisa se delinea. Pensar a mulher enquanto sujeito epistêmico, é refletir que ela não é apenas ser autômato, mas ser pensante. Com isso, como saída para a compreensão da mulher epistemicamente, apresento o conceito das certezas fulcrais. Trazidas por Wittgenstein (1969), elas são definidas como certezas responsáveis por formar nossa “imagem de mundo” e permitir a funcionalidade das coisas. Para mais, são conhecidas por serem certezas fixas e básicas, dificilmente colocadas em dúvida. Dessa forma, defendo que, em determinadas situações, a proposição “eu sou uma mulher” se comporta como uma certeza fulcral. No entanto, em outras, ela se coloca apenas como uma proposição epistêmica. Isto porque, a não essencialidade da mulher necessita que essa proposição permita ser revisada. Com isso, além do exame sobre o sujeito mulher no contexto filosófico, histórico e sociocultural, também investigaremos as certezas fulcrais e suas possíveis características necessárias. Utilizaremos, para esse primeiro objetivo, pensadoras como Butler, Beauvoir e Ribeiro, enquanto para o segundo traremos pensadores como Wittgenstein, Sharrock e Scheman. Com essa análise poderemos chegar a uma solução satisfatória, abrindo a possibilidade para que outras proposições com impactos sociais e políticos também sejam examinadas analítica e epistemicamente.

### Palavras-Chave

Mulher. Certezas fulcrais. Wittgenstein.



## FALAR-MULHER: FLUIR ENTRE

Yasmin Santos Abdel Qader

[yasminqader@gmail.com](mailto:yasminqader@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho aborda a obra de três filósofas: Luce Irigaray, Adriana Cavarero e Elizabeth Grosz. O que as conecta nesta pesquisa, eu afirmaria, é a angústia referente a uma certa dificuldade de falar, enquanto mulheres. Irigaray ocupa um lugar central devido a hipótese de que seu método tem bastante a contribuir para nós mulheres a respeito de desenvolvermos nossa própria linguagem. Após me perguntar o que é falar?, alcanço um horizonte que considero potente para o feminismo que é a pergunta decorrente desta primeira: se nós, mulheres, nos deseducássemos em relação a esta linguagem na qual não nos sentimos representadas - uma linguagem que não criamos - e buscássemos falar à nosso próprio modo, como falaríamos? Quais vias de expressão, gestos, seriam, para nós, expressivos? Como o sexo feminino poderia advir à linguagem? Estas perguntas, para serem eficientes, devem alcançar o que profundamente constitui o ato de falar, ou até mesmo escrever: a relação entre a realidade, a materialidade, e sua representação. O que decorre disto é a necessidade de se perguntar quais são as implicações filosóficas da própria formulação da matéria, tal como ela é, tal como poderia ser. Quais são maneiras potentes de representar, que, como diria Irigaray, não congelem o fluxo discursivo, ou o movimento mesmo de de falar? Esta pergunta me leva a outra: falar necessariamente implica representar? Longe de responder estas perguntas, este trabalho desenvolve-se como um ensaio, onde me deixo levar pelo fluxo da curiosidade, ou do espanto (*thaumázein*), diante do que é e poderia ser falar. O falar-mulher comparece aqui como contribuição metodológica para que as mulheres possam iniciar este movimento, ou como fagulha inspiradora que convoque a falar as leitoras que porventura possam sentir-se sem voz, sem linguagem.

### Palavras-Chave

Falar. Parler-femme. Feminismo.



## FILÓSOFAS MODERNAS E TEXTOS IMPERTINENTES

Janyne Sattler

[janynesattler@yahoo.com.br](mailto:janynesattler@yahoo.com.br)

### Resumo

A insurgência contra os diversos mecanismos de exclusão política e intelectual das mulheres durante a Modernidade toma a forma de uma política do texto, da escrita e da linguagem em seu processo de escrita e de impressão de suas próprias ideias e na vasta cadeia editorial por elas massivamente ocupada. Algumas dessas mulheres foram sumariamente ignoradas, e algumas delas foram severamente teimosas (e às vezes felizmente financiadas) em suas empreitadas autorais, mostrando a si mesmas e aos nomes em seus livros. Eu gostaria de tratar dessa última estratégia com o exemplo de Margaret Cavendish e seus vários retratos encomendados para os frontispícios de suas obras, assim como seus muitos prefácios endereçados aos seus leitores e às suas leitoras. Eu gostaria de argumentar que tanto as imagens quanto os prefácios foram especificamente concebidos como instrumento estratégico de afirmação de sua autoridade autoral e cognitiva, e de legitimação de sua autoria e do uso dessa autoria para a afirmação de sua originalidade imaginativa e filosófica. A autora põe em evidência e em ato uma política de escrita insurgente ao seu lugar generificado e performatiza sua própria intelectividade.

### Palavras-Chave

Filósofas modernas. Escrita. Texto.



## GÊNERO E FILOSOFIA: COMPOSIÇÕES CURRICULARES

Josemary Da Guarda De Souza

[josemary@ufrb.edu.br](mailto:josemary@ufrb.edu.br)

### Resumo

O presente trabalho, fruto de uma pesquisa embrionária de doutorado, problematiza a presença de estudos relacionados e/ou produzidos por mulheres no currículo do curso de Licenciatura em Filosofia de uma universidade no interior da Bahia. Uma leitura preliminar aponta que apenas duas autoras figuram como referência básica no referido curso: Hanna Arendt e Virgínia Wolf, nos componentes que versam sobre política e gênero, respectivamente. Nossa perspectiva inicial sugere que as composições curriculares resguardam em suas camadas toda uma gama de subjetivações impostas aos nossos corpos, modos de existir e resistir, padrões de maternidade, de beleza, de luta, modelos duais a partir dos quais nos organizamos social, econômica e historicamente, imputando nossa existência a uma estranha dicotomia biológica dos corpos e da sexualidade, a partir de um estar no mundo condicionado à lógica da violência globalitária (Santos, 2000). Nesta seara, apresentamos dois índices que corroboram com o apagamento/esquecimento das temáticas em relação às mulheres no meio acadêmico; o primeiro deles referente à distribuição de bolsas de Produtividade em Pesquisa cujo percentual entre homens e mulheres, 65% e 35%, respectivamente, revela uma distorção superior a 50%; o segundo sobre a desigualdade de gênero na pós-graduação em filosofia no Brasil revela que apenas 30% das produções são realizadas por mulheres (Araujo et al, 2024). Nossos estudos dialogam com a Filosofia da Diferença, notadamente com os trabalhos de Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault e Silvio Gallo, por abrirem brechas não apenas para uma perspectiva filosófica outra, mas para um estar no mundo no entrelugar da indefinição, do que não está pronto, mas em processo. Ainda em perspectiva inicial, discutimos o conceito de gênero a partir de Judith Butler na obra Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (2010), na qual pretende dissolver a dicotomia sexo-gênero e dos estudos de Simone de Beauvoir, na obra O Segundo Sexo (2019), que apresenta o gênero como construção social e cultural. Por fim, apresentamos as potencialidades de um currículo menor (Gallo, 2003; Paraiso,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



2023) como um dispositivo outro na construção de práticas antipatriarcais que apontem não para a generalidade, mas para a produção de diferenças e microfissuras no cotidiano/currículo acadêmico e, portanto, da dissolução do patriarcado como um agenciamento maior e universal.

## Palavras-Chave

Gênero. Currículo. Diferença.



## GÊNERO E SEXUALIDADE AMERÍNDIA PINDORAMA E SEUS DESVIOS

Aline De Oliveira Rosa

[alinerosamoreira@hotmail.com](mailto:alinerosamoreira@hotmail.com)

### Resumo

A colonialidade moderna e seu ideal ‘civilizatório’ nos roubou nossas culturas, nossas línguas, nossas religiosidades, nossas ancestralidades, outras noções de famílias não nucleares e formas de existências para além do consumismo e extrativismo, assim como também a compreensão de outras sexualidades/gêneros ameríndios - visto que gênero/sexualidade estão no cerne do projeto colonial. Neste artigo apresento exemplos socioculturais nos quais se verificam a presença de culturas que são não-heterocentradas, não-cisgêneros normativas, e não binárias, através da documentação de pesquisadores, sociólogos, historiadores, contos e narrativas orais e escritas das sociedades originárias Pindorama de Abya Yala. Essas outras visões sobre gênero/sexualidade talvez possam ser, de alguma forma, a chave para possíveis respostas e ações de resistências contra a colonização dos corpos, algo que foge a lógica colonial e heteronormativa, binária e dimórfica. É através da retomada das narrativas, que podemos dar seguimento a um movimento libertador, pensando em práticas que decolonializem as relações. Precisamos da coragem necessária para gritar: Basta! Quebrar o silêncio para desmantelar a colonização e o patriarcado no qual estamos inseridas(os)(es). Estudar nossas ancestralidades ameríndias para produzir saídas do binarismo naturalizado sobre gênero/sexualidade, do dimorfismo sobre os sexos e fugir da norma heteronormativa e cisgênera colonialista. Tenho como proposta, a partir da pesquisa feita no doutorado em filosofia que deu origem a tese Imaginários, práticas e experiências de gêneros e sexualidades decoloniais afro-ameríndias não binárias, defendida em 2023 na UFRJ, apresentar outras tantas sexualidade não binárias e suas outras performances de gêneros no território Pindorama e também Abya Yala. Expondo as ações do projeto colonial racista: punições, homicídios e suicídios em massa e as invasões religiosas em territórios indígenas exercida até hoje. Dentre as sociedades originárias indígenas defendo e demonstro que, a partir de diversas narrativas documentadas: os gênero e sexualidades são muitas das vezes uma coisa só nas sociedades ameríndias; aponto uma diferenciação entre dualidade

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



(ameríndia) e binariedade (ocidental-colonial); a não dimorfologia dos sexos presente nas sociedades ameríndias; o trabalho como não hierarquização de gênero e o ‘gênero fazer’, conceito que desenvolvo na tese.

## Palavras-Chave

Gênero. Sexualidade. Colonialidade.





## GÊNERO, CONTRACOLONIALIDADE E RACIALIDADE

Diana Carla Dos Pichinine  
[dianapichinine@gmail.com](mailto:dianapichinine@gmail.com)

### Resumo

1. Pretendemos, nessa comunicação, colaborar com o debate acerca das intersecções existentes entre a experiência colonial e escravocrata e a imposição da “Teoria do Sistema Moderno-colonial de gênero” (LUGONES, Maria. *Colonialidade e Gênero*, 2020) nos países que passaram por essa experiência. Buscaremos traçar uma leitura comparativa entre a mirada decolonial de Maria Lugones e o ponto-de-vista pós-estruturalista acerca dessa interseção, aqui representado por Judith Butler em seu último livro: “Quem tem medo do gênero?” (2024). 2. De Maria Lugones nos interessa mormente sua crítica à teoria de Aníbal Quijano (*Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, 2005). Apesar de ser reconhecida herdeira do conceito de “colonialidade do poder”, a autora feminista observa que falta à essa teoria uma problematização maior do impacto que o entrecruzamento das categorias de raça e gênero causam na visão de mundo das culturas colonizadas. Não que o autor peruano tenha descuidado dessas categorias, mas faltou-lhe a percepção de que é apenas na intersecção dessas categorias que podemos nos aproximar da situação em que se encontram as mulheres do capitalismo periférico. Sem interseccioná-las, Quijano de alguma forma mantém intocada a origem epistêmica europeia dessas categorias. Tomadas em separado essas categorias não nos permitem encontrar o exato lugar de subalternidade da mulher de cor. Lugones realiza, portanto, que a perspectiva de Quijano mantém intacta a compreensão patriarcal e heterossexual “das disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos”. 3. De Judith Butler realçaremos que em sua última fase de produção, a feminista norte-americana, pela primeira vez em sua obra, se atém mais do que às questões relacionadas à performatividade, às questões sociais e políticas que envolvem a concepção ocidental de gênero. Trata-se da fase em que a feminista norte-americana se argui a respeito das questões de gênero sobre “os legados coloniais formativos e de e de suas estruturas persistentes, da história do escravismo e do racismo contra pessoas negras, e das histórias de imigração, diáspora e imperialismo” (Op. Cit, 2024). Diferentemente da mirada acerca do caráter cultural



da definição de gênero e de orientação sexual, Butler se lança às questões relativas às apreciações do tema através de uma olhar histórico e político. Desse modo, observaremos o deslizamento que os conceitos de luto, precariedade e vulnerabilidade sofrem no decorrer de sua obra.

### Palavras-Chave

Colonialidade. Gênero. Contracolonialidade.



## IMAGINAÇÃO E POLÍTICA: O QUE AS DISTOPIAS PODEM NOS DIZER SOBRE O PRESENTE EM CURSO?

Dener Orelo

[orelodener@gmail.com](mailto:orelodener@gmail.com)

### Resumo

Esta apresentação visa expandir conceitos essenciais de minha dissertação, elucidando a performance coletiva dos corpos como intrinsecamente político e normatizado. Destaco que o corpo se torna um objeto político influenciado por normas que definem contextos de performatividade. A partir dessa premissa, emergem três ideias centrais: 1. Restrições nas Percepções e Potencialidades: As normas moldam percepções individuais, limitando expressões autênticas. Podem tanto restringir como incentivar transgressões, revelando o corpo como entidade política em um cenário de conformidade e resistência. 2. O Processo de Conhecimento e Imaginação Sob Influência Normativa: O conhecimento e a imaginação são territórios atravessados pelas normas sociais, conforme delineado por Judith Butler, Michel Foucault e Ursula Le Guin. A imaginação, imersa nas teias de poder, é não apenas moldada, mas também moldadora, refletindo e construindo os discursos que permeiam a performatividade. Nesse contexto, a imaginação é uma arma e uma arena onde as batalhas políticas são travadas. A intersecção entre conhecimento, imaginação e poder revela-se como um campo de disputa onde se negociam os limites da subjetividade e da ação coletiva. 3. A Imaginação como Elemento Político e o Papel da Distopia: A imaginação não está isenta das relações de poder presentes nas dinâmicas sociais. Exemplos históricos e contemporâneos são ilustrativos e pretendo apresentá-los. São dois: no século XVII, o trágico episódio de Salem demonstrou como as brincadeiras e a imaginação infantil desencadearam eventos nefastos e; em tempos recentes, a disseminação da desinformação gerou consequências muito graves, como evidenciado pelos grupos bolsonaristas aglomerados à frente de quartéis e os eventos do fatídico 08 de janeiro. No entanto, não se trata de condenar o imaginar, mas sim de avaliar as direções que a imaginação pode tomar. Isso é particularmente relevante ao considerar que a imaginação, como criadora de ficções, pode seguir rumos diversos: alguns destes podem carecer de relevância para um coletivo consciente e sensível a um planeta vivo.



Dessa forma, a exposição busca explorar a complexa interação entre corpo, normas sociais, imaginação e poder, usando distopias para reflexão crítica e mobilização coletiva. Ao investigar as implicações políticas da performatividade e da imaginação, visa-se a emancipação individual e coletiva diante das complexidades contemporâneas.

### Palavras-Chave

Imaginação. Corpo. Distopias.



## MARGARETH RAGO: A HISTORIADORA FILÓSOFA FEMINISTA BRASILEIRA

Cristiane Maria Marinho  
[cmarinho2004@gmail.com](mailto:cmarinho2004@gmail.com)

### Resumo

A comunicação se propõe, primeiro, a apresentar uma rápida trajetória sobre a historiadora filósofa (ou filósofa historiadora) Margareth Rago, contextualizando seu itinerário teórico e suas pesquisas feministas, bem como sua contribuição para o fortalecimento dos estudos feministas no Brasil. Da mesma forma, será apresentado alguns de seus livros, tanto os autorais quanto os organizados por ela, que tanto impulsionaram as pesquisas de gênero em todo o país. Em suas inúmeras publicações é possível constatar o uso do pensamento de Michel Foucault, seu principal interlocutor filosófico, como ferramenta para pensar o presente do feminismo. É um forte nome na área das pesquisas do feminismo desde 1990. É historiadora, pesquisadora e professora da UNICAMP, uma referência na área de estudo de gênero no Brasil, com reconhecimento também internacional e que muito contribuiu e tem contribuído para a consolidação dos estudos da categoria de Gênero no Brasil. A reflexão sobre o tema da mulher já estava presente no seu livro *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*, de 1985, resultante da pesquisa de Mestrado, quando, ao escrever sobre a importância do anarquismo na formação do operariado brasileiro, no período de 1890-1930, em São Paulo, também traz a presença da mulher operária presa à imagem de mulher “vigilante do lar” e “mãe de família”, mas também questionadora das hierarquias de gênero.

### Palavras-Chave

Margareth Rago. Gênero. Brasil.



## MULHER: CONDIÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ÉTICA OCIDENTAL

Joana De Santana Soares Ribeiro

[joanassribeiro@hotmail.com](mailto:joanassribeiro@hotmail.com)

### Resumo

Nesse trabalho apontamos o sexo como uma violência ética que, normativamente, atravessa a constituição do sujeito do sexo feminino. A filósofa Judith Butler expõe como as categorias de sexo e gênero são a base dos discursos e práticas como machismo, misoginia e homofobia. As mesmas categorias são condição necessária no reconhecimento do sujeito enquanto indivíduo no enquadramento normativo. Butler também discorre sobre o poder discursivo. De acordo com a autora, que retoma a leitura de Foucault sobre o poder discursivo, O discurso, por si, já atende critérios estabelecidos pela matriz heterossexual estruturalista, porém, há uma ficção fundacional operante na efetivação da violência ética, essa ficção se trata do poder produtivo das instâncias normativas. Pretendemos compreender como o sexo designado na coletividade, não se trata apenas de uma violência ética, mas viabiliza a ação política dos sujeitos. Analisaremos de forma crítica as noções de sexo, gênero e sexualidade, através da revisão das suas bases cultural, ética-política, portanto, filosófica.

### Palavras-Chave

Butler. Violência. Gênero.



## MUTAÇÃO E ACONTECIMENTO NO DIAGNÓSTICO PRECIADIANO

Letícia Conti Decarli

[leticiaconti@id.uff.br](mailto:leticiaconti@id.uff.br)

### Resumo

Em *Dysphoria Mundi*, Preciado insiste em um diagnóstico de nosso presente segundo o qual nós atravessamos algo da ordem de uma mutação social generalizada. O livro é atravessado pelo tom de um presente que se tornou estranho, que está fora dos eixos, “out of joint”. Uma tal mutação produz uma crise epistemológica e política do capitalismo que ele chama de petro-sexo-racial, a qual foi acelerada pela crise do Covid-19. Antes de *Dysphoria Mundi*, Preciado já vinha elaborando essa mesma tese que diagnostica uma mutação social do presente, mas o enfoque se dava sobretudo sobre a mutação do regime da diferença sexual. Durante muitos anos, Preciado fez uma análise dessa epistemologia sexual binária de modo a procurar os pontos de descontinuidade que nos fazem diferir dela e, assim, constatar que ela se encontra, no presente, em crise. Nessa comunicação, pretendemos desenvolver a proposta de ler essa mutação à luz do conceito de acontecimento como definem Deleuze e Guattari em “Maio de 68 não aconteceu” com o objetivo de compreender a sua dimensão virtualmente revolucionária. Segundo os autores, o acontecimento se caracteriza como estando em ruptura com as causalidades e determinismos sociais. Isto é, um acontecimento consiste em um desvio em relação às leis de maneira a abrir um novo campo de possíveis. Onde, de um ponto de vista histórico podemos dizer que uma epistemologia está em crise, Preciado enxerga a possibilidade de um processo revolucionário.

### Palavras-Chave

Acontecimento. Mutação. Preciado.



## O DEBATE PÓS-ESTRUTURALISTA NO FEMINISMO: IDENTIDADE E DIFERENÇA

Fernanda Santos Silva

[nndslv1@gmail.com](mailto:nndslv1@gmail.com)

### Resumo

Este artigo situa a relação entre o pós-estruturalismo e o feminismo com foco nas teorias de gênero e na contribuição de Gloria Anzaldúa sobre o surgimento de uma perspectiva interseccional alinhada aos estudos feministas. É importante nesta pesquisa considerar a maneira como as mulheres se identificam etnicamente, entendendo identidade étnica como o uso de termos raciais, religiosos ou nacionais para se identificar e relacionar-se aos outros. Dessa forma, objetiva-se destacar as consequências dos debates pós-modernos e pós-estruturalistas na academia e a abordagem interseccional do discurso feminista que leva em contas as múltiplas opressões das mulheres negras, judias, lésbicas, operárias, do “Terceiro Mundo”, chicanas, entre outras, ou a mistura de todas essas categorias. Partindo do pressuposto de que o surgimento dos debates pós-modernos e pós-estruturalistas na academia norte-americana resultou em uma desestabilização de certezas e desintegração de epistemologias dentro do feminismo, dando início à exploração das diversas opressões decorrentes das diferenças entre as mulheres, este trabalho ressalta a relação entre filosofia e feminismo, gênero e identidade étnica.

### Palavras-Chave

Pós-estruturalismo. Feminismo Negro. Diferença.





## O ERÓTICO E O DESEJO: UM DIÁLOGO ENTRE AUDRE LORDE E DELEUZE E GUATARRI

Pamela Carolayne Oliveira De Souza

[pamelacarolayne1@outlook.com](mailto:pamelacarolayne1@outlook.com)

### Resumo

Nosso trabalho objetiva analisar como o desejo se articula num devir contra-cultural no escrito sobre Os usos do erótico de Audre Lorde (1934-1992) e no capítulo três de *Zami: uma nova grafia do meu nome, uma biomitografia*. Apresentando os aspectos formais e narrativos do texto de Lorde, apontaremos para como seus escritos diagnosticam um tensionamento com a categoria do gênero e com a heteronormatividade. Para tal empreendimento faremos uso das análises deleuzo-guattarinianas presentes em *Anti-édipo* e em *Mil Platôs*, de modo a articular a noção de abnegação apresentada por Lorde com codificação dos fluxos apontada pelos filósofos franceses enquanto caracteres normativos que espelham a sexualidade no âmbito do capital. Se no âmbito do capitalismo o desejo é regulado por códigos que o negam numa espécie de abnegação religiosa, empreendimentos literários como de Audre Lorde configuram no seio dessa sociedade uma explosão de suas categorias que põem em cheque suas normas para o uso dos corpos e para a possibilidade da experiência da sexualidade.

### Palavras-Chave

Estética. Desejo. Erótico..



## O ESTOURO DO CISPATRIARCADO: GUERRA E ABSTRAÇÃO REAL

Agnes De Oliveira Costa

[agnes.oliveira.costa1@gmail.com](mailto:agnes.oliveira.costa1@gmail.com)

### Resumo

Qual a relação entre a formação do cispatriarcado moderno e a revolução das armas de fogo? Em que medida o cispatriarcado surge da formação de uma economia de guerra desvinculada, caracterizada pela corrida armamentista, e que converte o corpo social numa máquina de multiplicação de dinheiro? Tendo tais questões em vista, buscarei analisar a matriz social da modernidade que emerge da relação ontológica entre cispatriarcado, guerra, dinheiro e Estado. Além disso, buscarei argumentar que o prius onto-epistemológico que articula a composição desses diversos elementos é um processo social de abstração real e sua universalidade realmente existente. Ou seja, ao invés de tratarmos a universalidade como um programa moderno ético-político incompleto, excluindo parcelas significativas da humanidade, ou como mero adorno ideológico pelo qual as desigualdades sociais e os interesses particulares de classe são ocluídos, trata-se de remeter a universalidade à relação valor, que emerge com a economia das armas de fogo, como forma universal de vinculação social imposta violentamente. Assim, trata-se do esboço de uma análise genealógica da constituição de uma universalidade objetiva como forma de relação social, que é indissociável de um regime historicamente específico de violência. Tal regime, a meu ver, não só se materializa nas guerras, mas é também sustentado pela diferenciação sexual, bem como racial.

### Palavras-Chave

Guerra. Gênero. Abstração real.



## O HOMEM NA PRADARIA SEM FIM: SOLIDÃO E ETHOS MASCULINO NO WESTERN

Bianca De França Zasso  
[biancazasso@gmail.com](mailto:biancazasso@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho propõe uma investigação da construção do ethos masculino nos filmes de western, partindo de elementos que, de acordo com nossa hipótese de pesquisa, articulam a agência moral deste tipo de personagem. Para esta comunicação, escolhemos a solidão como fio condutor para entender esse processo de construção. Para isso, teremos como base o texto “Do Not Forsake Me, Oh, My Darling”: Loneliness and Solitude in Westerns”, de autoria de Shai Biderman, que integra a importante coletânea de artigos intitulada *The Philosophy of the Western*, organizada pela dupla de autores Jennifer L. McMahon e B. Steve Csaki. Para Biderman, um dos pontos que caracterizam um filme de western é a figura do herói solitário. E esta solidão se faz presente em diferentes momentos das tramas. Um dos finais mais tradicionais do gênero é onde o protagonista parte sozinho depois de cumprir sua missão. Independente das relações construídas com outros personagens, seguir sozinho é a escolha. Mas por que ir adiante apenas com seu cavalo se a trajetória lhe trouxe amigos, amores e até uma proposta de lar? Biderman aponta que é na solidão que está a força do herói. Sua coragem, seja para matar ou para ter sangue frio diante das provocações do inimigo, só existe porque ele não tem com quem contar. E é por não ter nenhum apoio que sua figura transborda segurança, pelo menos do lado de fora. Isso nos leva para a grande questão do texto de Biderman e que também guia nossa investigação: será a solidão ou a solitude que faz o cowboy? Partindo de elementos da *mise-en-scène*, com base em estudos voltados para a Filosofia do cinema, o trabalho busca descrever e compreender os processos de deliberação e agência moral deste tipo de personagem, bem como auxiliar na tipologia dos valores que estes personagens transmitem para suas potenciais audiências. Em especial, analisamos como o elogio da solidão no western organiza as relações destes personagens em três níveis: a) com a natureza, b) com outros personagens masculinos e c) com as presenças femininas nas tramas ficcionais.

### Palavras-Chave

Filosofia do cinema. Western. Ética.



## O MUNDO DOS HOMENS E O SEGUNDO SEXO: DO ESSENCIALISMO DE GÊNERO À TRANSCENDÊNCIA

Lucas Freitas De Araújo  
[lucasfreitasaraujo98@gmail.com](mailto:lucasfreitasaraujo98@gmail.com)

### Resumo

As contribuições de Simone de Beauvoir foram inestimáveis para as novas gerações feministas e os debates internos do movimento. Pois não apenas definiu e criticou o feminismo atual como reformista e sem interesse numa revolução radical - no sentido de alcançar as raízes da opressão sexual - ela também denunciou a falta da participação política de homens dentro do movimento. A autora percebeu a importância da formação da identidade de cada indivíduo como o locus da opressão, na formação da sua subjetividade por meio de uma longa construção sócio-histórica da humanidade baseada em mitos, no poder simbólico dos mitos que aos poucos iam se naturalizando e ligados cada vez mais as crenças religiosas e uma falsa objetividade científica. Na Biologia, o corpo era apenas compreendido como um receptáculo com terminações nervosas controladas por instintos, os quais determinavam as mulheres como instáveis e passivas, a Psicanálise procurava uma natureza feminina no recalque da própria negação da realidade patriarcal na formação da psique feminina quando definiram uma “inveja” ao pênis. Mesmo outros movimentos radicais, como o marxismo acadêmico e ortodoxo, não perceberam a importância da análise da realidade pela ótica do gênero, apenas resumiram a luta feminista a uma luta de classe que teria fim com a superação do sistema econômico capitalista. Para a filósofa francesa, a independência financeira é apenas o início da luta e deve contar com o apoio dos homens, se a cultura é a base da opressão, então os homens também são afetados por esses mitos. São em seus escritos que percebemos as primeiras formações do termo gênero como uma construção da identidade do sujeito baseada nas diferenças sexuais para dominação e exploração de uma casta. Neste sentido, não há Mulher ou Homem como categorias fixas ou fechadas às possibilidades, a autora quebra os paradigmas de uma essência definitiva da identidade para a contínua construção dela na existência e seus projetos (de projetar-se para o futuro).

### Palavras-Chave

Gênero. Sexo. Binarismo.



## O PROBLEMA DO CORPO PARA JUDITH BUTLER

Megue Magalhães De Andrade

[megue3andrade@gmail.com](mailto:megue3andrade@gmail.com)

### Resumo

O trabalho toma como ponto de partida o tipo de crítica que Butler recebe por falta de propositividade política e moral em suas teorias. Diante da acusação de que a desconstrução do sujeito e do corpo criaria uma situação de imobilismo, nosso objetivo é investigar a imagem de corpo nos textos da filósofa e como essa imagem participa da elaboração de sua filosofia ética e política. Primeiramente, delineamos sua noção de corporalidade presente na discussão em torno da ideia de “corpo sexuado”, segundo a qual são os discursos que tornam esse corpo inteligível e significável a partir das marcas de gênero. Butler explica esse processo através da performatividade, por meio da qual a matéria adquire realidade. Isso, entretanto, não significa a desvalorização da matéria e do corpo, mas uma forma de compreendê-los a partir dos processos pelos quais eles podem importar ou não. A partir desse entendimento, analisamos a emergência de uma ontologia corporal fundamentada na noção de relacionalidade e de intersubjetividade. Concluimos, então, que é possível vislumbrar uma teoria ética e política em Butler pautada na noção de interdependência, que emerge de uma reconfiguração das noções de ontologia e de corporalidade, de modo a pautar modos outros de convivência e de corresponsabilização.

### Palavras-Chave

Butler. Corpo. Ética. Política.



## O PROBLEMA DO GÊNERO SEGUNDO O FEMINISMO DE RAIZ

Marília Côrtes De Ferraz  
[mariliacortes@hotmail.com](mailto:mariliacortes@hotmail.com)

Isabella D'aquino Marcondes Noronha  
[i.dmnoronha@gmail.com](mailto:i.dmnoronha@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, pretendemos tornar evidente a importância fundamental do conceito de gênero para nortear uma análise da opressão das mulheres, sob uma perspectiva materialista do feminismo de raiz. Quando o gênero é entendido meramente como uma escolha pessoal ou identidade, em vez de uma ferramenta de poder que hierarquiza os sexos, isso obscurece a luta feminista. A negação de uma realidade objetiva, muitas vezes promovida pelo pensamento pós-moderno, representa um perigo para os movimentos políticos, incluindo o feminismo, ao esvaziar alguns conceitos essenciais. Salientamos que a definição clara de conceitos é crucial para promover discussões significativas e identificar grupos sociais oprimidos. Argumentamos que o movimento feminista, em sua essência, deve organizar-se em torno das semelhanças entre as mulheres, reconhecendo sua condição como uma classe sexual distinta da dos homens. Isso não significa afirmar, tal como Heuchan (2018) nos adverte, que “todas as experiências de mulheres se adequam aos mesmos padrões universais, ou que todas as mulheres têm relativamente a mesma posição nas estruturas de poder mundiais.” Pelo contrário, compreendemos que fatores como raça e classe social, por exemplo, determinam o lugar da mulher no que se refere às estruturas de poder. No entanto, uma vez que a luta das mulheres contra o patriarcado é coletiva, entendemos que a emancipação de opressões sistêmicas não se dará por meio da individualização de questões estruturais. Assim, a unidade que nos une como classe é resultado direto da nossa realidade material, que nos torna alvo do controle patriarcal devido à nossa capacidade reprodutiva e sexual. Para compreender essa ideia, é necessário entender o papel histórico do gênero na opressão das mulheres que, por sua vez, remonta à naturalização dos papéis sociais de gênero ao longo da história. Desse modo, realizamos uma análise terminológica de alguns conceitos essenciais, tais como opressão, subordinação, privação, sexo e gênero para descrever a conjuntura do problema do gênero no contexto da história da opressão das mulheres.

### Palavras-Chave

Gênero. Sexo. Opressão.



## O USO DAS REDES SOCIAIS COMO DISPOSITIVO DE PODER NA SUBJETIFICAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS.

Jaciara Boldrini França  
[sintet.adv.jaciara@gmail.com](mailto:sintet.adv.jaciara@gmail.com)

### Resumo

A temática do trabalho é a análise do uso das redes sociais enquanto dispositivo de poder social, na subjetificação feminina e de seus corpos. A partir da metodologia materialista histórico-dialética, tem-se como objetivo uma análise crítica acerca do surgimento das redes sociais online e como estas são utilizadas enquanto dispositivo de poder, traçando um paralelo sobre o surgimento das redes sociais e a teoria de poder social de Foucault, bem como as sociedades de controle disposta por Deleuze. Busca-se demonstrar como as relações de poder que incidem na sociedade vão se modificando ao longo das transformações sociais, e como estas relações de poder incidem sobre o indivíduo e seu corpo, atuando na construção do sujeito, da subjetividade, objetificação e subjetificação. É notório que as mídias de comunicação, desde as mais antigas até as mais recentes, com o advento da internet, sempre impuseram um controle às mulheres, com imposição de um padrão de feminilidade, de beleza e corpo. Com a facilidade de conexão digital, o alto engajamento das redes sociais e os diversos mecanismos embutidos nestas redes, tem-se a disseminação de formatos e de regras ainda mais potente do que acontecia na era analógica. Adentra-se, como consequência, nas relações de opressão de gênero, especificadamente na construção da subjetificação da mulher e de seu corpo. Entende-se no presente estudo o corpo para além do corpo biológico, sendo reconhecido no presente trabalho enquanto poderoso instrumento de atuação do poder. Neste caminhar, busca-se demonstrar como as redes sociais atuam enquanto dispositivo de poder social, disciplinando, modulando e subjetificando a mulher e seu corpo enquanto produto mercadológico, de forma muito mais efetiva, através da opressão e dominação, com vistas à manutenção do poder social, imputando um padrão inalcançável. Assim, o aspecto relevante deste trabalho é demonstrar que, através das redes sociais online, há a incidência do poder social, de forma muito mais sutil econômica e potente, a atuar na subjetificação da mulher e de seu corpo. Em conclusão, o trabalho traz uma reflexão



acerca da importância de se compreender os efeitos das redes sociais e a necessidade de criação de redes feministas interseccionais, visando o enfrentamento destes efeitos sobre a subjetificação feminina e seus corpos.

### **Palavras-Chave**

Corpos femininos. Subjetificação. Rede Social.





## OPOSICIONALIDADE DIALÓGICA PARA UM PENSAR E UM FAZER INTEGRATIVO

Iarle Sousa Ferreira  
[iarle.ferreira@ifg.edu.br](mailto:iarle.ferreira@ifg.edu.br)

### Resumo

O trabalho, oposicionalidade dialógica para um pensar e um fazer integrativo, apresentará uma proposta com intuito de contribuir com a discussão sobre uma filosofia feminista. A entrada que darei é da relação entre epistemes, saberes localizados e saberes ancestrais, tendo como ponto de apoio os diálogos no sentido verbal, mas também, no sentido dos corpos e suas expressividades. Avalio a necessidade de atualização da palavra “interdisciplinaridade” e “interação” como palavras conceito. Irei sugerir que o prefixo “inter”, que compõe tais palavras, poderá ser compreendido como espacialidade entre as diversas fronteiras, de sorte que nela há possibilidade de abertura para o encontro dialógico que demarca as territorialidades implicadas; o espaço “inter” demarca, também, a junção da fluidez identitária característicos das fronteiras. Na dimensão das fronteiras o espaço “inter” se abre como acolher aquilo que está-aí-defronte, uma vez que o espaço é de posicionamentos e de reconhecimentos, um espaço de oposicionalidade ( Gegenständliche ).

### Palavras-Chave

Epistemologias. Saberes. Inter.



## POLÍTICAS QUEER: HISTÓRICO E HORIZONTE TEÓRICO

Jackison Roberto Dos Santos Pinheiro Junior

[jackyson.junior@gmail.com](mailto:jackyson.junior@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por intuito entender como o termo Queer é apropriado por movimentos sociais, sobretudo nos anos 80, e como essa apropriação leva ao surgimento da Teoria Queer. Para isso é necessário compreender o significado de “Queer”, entender a evolução das pautas dos movimentos de liberação sexual que surgem a partir dos anos 70; e analisar o surgimento da Teoria Queer e quais horizontes teóricos essa linha de pensamento apresenta atualmente. A presente pesquisa apresenta o desenvolvimento da chamada Teoria Queer, que nos últimos anos tem ganhado espaço dentro dos debates sociais, no entanto dentro dos ambientes acadêmicos, sobretudo em filosofia sua aparição ainda é pequena. Desde a prisão de Oscar Wilde em 1894, o termo “queer” fica associado a homossexualidade de maneira pejorativa, e sua apropriação aos poucos vai ganhando espaço nos movimentos sociais, principalmente após o surto do HIV nos anos 1980, quando em busca de uma nova forma de ação política alguns movimentos se apropriam do termo. O que conhecemos como Teoria Queer hoje começa a se desenvolver sobretudo nos anos seguintes. Ainda que sejam inúmeros autores que apresentam suas perspectivas dentro dessa linha de pensamento, aqui será destacado o filósofo espanhol Paul B. Preciado, devido a grande parte de suas reflexões serem um expoente da Teoria Queer nos dias atuais. Ainda que em ascensão, a Teoria Queer apresenta amplo panorama teórico que busca, muito além de ser apenas um conjunto de reflexões, apresentar modos de ser que estão em desconformidade com a normalidade, ampliando a possibilidade da experiência humana, muitos autores contemporâneos tomam suas perspectivas como ponto de suas análises, no entanto, esses debates ainda encontram dificuldade de romperem com as barreiras da universidade em que só autores considerados canônicos parecem ter espaço.

### Palavras-Chave

Teoria Queer. Sexualidade. Paul B. Preciado.



## POR QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PRECISA DO FEMINISMO?

Rafaela Weber Mallmann

[rafa.w.mallmann@hotmail.com](mailto:rafa.w.mallmann@hotmail.com)

### Resumo

A Inteligência artificial está presente em diversas atividades humanas. Um dos principais temas discutidos atualmente diz respeito à opressão algorítmica. Casos comuns podem ser vistos quando o algoritmo favorece homens ao indicá-los para empregos que historicamente tiveram uma proporção maior de homens na profissão, como relacionados à matemática e ciências exatas de forma geral; a saúde também entra na discussão quando algoritmos são programados para considerar que as mulheres possuem menor probabilidade de doenças cardíacas ou outras condições graves pois os dados históricos sobre isso são baseados em estudos realizados em homens; a publicidade online também é uma questão a ser enfrentada, na medida em que determinados algoritmos são usados em plataformas de publicidade online com anúncios direcionados para determinados estereótipos de gênero, como direcionar às mulheres empregos de menor remuneração ou anúncios relacionados a tarefas domésticas e cuidados infantis; o assédio online que ocorre quando os algoritmos em plataformas de mídias sociais falham em detectar conteúdos envolvendo discurso de ódio em relação às mulheres. Existem diversas formas que envolvem a discriminação algorítmica em relação às mulheres, e é por isso que o feminismo é essencial nas discussões atuais envolvendo o uso da inteligência artificial. A IA é uma ferramenta, e com isso é necessário compreender que seu uso pode ser melhorado, tendo em vista que a discriminação que ocorre é resultado das decisões humanas tomadas durante o processo de design e implementação de algoritmos. Com o uso das teorias feministas é possível criar soluções para que não ocorra a discriminação algorítmica, com abordagens que incluam a transparência, com participação pública e com a diversidade na comunidade acadêmica e de pesquisa sobre IA, de modo que possibilite que os sistemas automatizados reflitam uma ampla gama de experiências e perspectivas. O feminismo, portanto, pode ajudar a promover o uso responsável e ético da inteligência artificial para garantir a igualdade de gênero e pensar uma justiça social efetiva. É nesse sentido que o objetivo desse trabalho é demonstrar por que a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



inteligência artificial precisa das teorias feministas, além de evidenciar como se compreendeu a relação entre mulheres e a ideia de racionalidade, partindo do pressuposto de que historicamente as mulheres foram excluídas do campo da razão.

## Palavras-Chave

Inteligência artificial. Feminismo. Discriminação.



## PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO: A EXPERIÊNCIA DA OFERTA DA DISCIPLINA FILOSOFIA E FEMINISMO NA UNB

Ligia Pavan Baptista

[ligia.pavanbaptista@gmail.com](mailto:ligia.pavanbaptista@gmail.com)

### Resumo

A disciplina optativa de graduação Filosofia e Feminismo foi criada, por iniciativa dos professores Ana Miriam Wuensh e Wanderson Flor, em 2012 no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Tendo sido estimulada pela minha participação no GT Filosofia e Gênero da ANPOF, Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e Rede de Mulheres Filósofas da América Latina (UNESCO) da qual faço parte do comitê consultivo, ministrei a disciplina em quatro semestres consecutivos sendo três de forma remota devido à pandemia COVID-19 (2020/2; 2021/1; 2022/2) e um semestre na modalidade presencial (2023/1). O objetivo foi introduzir aspectos filosóficos relacionados às questões de gênero e feminismo abordando, inicialmente, o papel da mulher na filosofia antiga clássica e, em contraponto, sua imagem na filosofia moderna, sobretudo a partir dos princípios da liberdade e igualdade e à crítica dos filósofos contratualistas às teorias do patriarcalismo. O programa igualmente teve como finalidade abordar o pensamento de filósofas que contribuíram e contribuem para o debate atual sobre o tema a partir de suas biografias, trajetórias e obras, apresentar iniciativas, tais como, redes nacionais e regionais, eventos, políticas públicas, legislação e instituições nacionais e internacionais voltadas para a promoção da igualdade de gênero. (O quinto dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável adotada pelos Estados-Membros das Nações Unidas em 2015). A disciplina promoveu o uso de TICs priorizando obras digitais de livre acesso licenciadas pelo Creative Commons, estimulando a utilização de recursos tais como, video aulas, youtube, blogs, portais, revistas e livros eletrônicos dentre outros meios digitais disponíveis. A presente proposta tem o objetivo de avaliar a oferta da disciplina nos quatro semestres em que ministrei a mesma na UnB, tanto remota, como presencialmente e apresentar os resultados positivos e negativos da experiência, assim como os desdobramentos da continuidade de sua oferta pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília para que se consolide a promoção de pesquisas de gênero, tanto ao nível da graduação, quanto de pós-graduação na instituição.

### Palavras-Chave

Filosofia. Gênero. Igualdade.



## QUEERIZANDO A CIDADE: A REVOLUÇÃO DISFÓRICA E A DESTRUIÇÃO DO ESPAÇO PETROSSEXORACIAL

Pedro Ricardo Souza Morais  
[pedroricardosm@outlook.com](mailto:pedroricardosm@outlook.com)

### Resumo

A categoria de espaço pública articula complexas relações de poder, representação, pertencimento, acesso e proibição. É esse o lugar das relações interpessoais, das manifestações políticas, do eco das vozes e dos silêncios. Contudo, a análise do público parece implicar sua oposição com a esfera privada em que circulam o sujeito e suas crenças, modos de vida e de desejo, isto é, quais os sujeitos habilitados para romper o limite do privado para a manifestação pública no campo simbólico e discursivo. Desse modo, o espaço público, em seus monumentos materiais e imateriais não pode ser considerado efetivamente público, isto é, de todos. A ilusão da liberdade de expressão deriva problemas como a liberdade de representação, a liberdade simbólica, a liberdade de bandeiras. Assim, Preciado afirma que o que foi chamado até agora de espaço público é, na verdade, uma grande alucinação do sujeito normado do capitalismo petrossexoracial. A partir disso, afirmamos que a noção de espaço público é representativa de uma noção de sujeito político muito particular – a despeito de sua pretensa universalidade –, o qual corporificamos forçosamente no homem branco, cis heterossexual, válido e nacional. Tal constatação deriva problemáticas de representação política, simbólica e lança luzes sobre uma grande massa de sujeitos não-políticos ou não-sujeitos políticos. O apagamento simbólico dos não-sujeitos da democracia neoliberal implica na tentativa de seu extermínio enquanto possibilidade de vida. Desse modo, é preciso propor uma nova estética urbana que socialize com o sujeito político por excelência a experiência de não-pertencimento e alteridade. É preciso a tomada do espaço público como o reflexo da revolução epistêmica que se aproxima, como a afirmação da resistência anormal dos corpos feminizados, racializados, queer, dos povos indígenas como a revelação de afetos novos e ancestrais, de sua existência e de sua validade simbólica. Nessa revolução simbólica feita pelos sujeitos deslocados e disfóricos, será preciso mais frequente que raro, derrubar estátuas e profanar monumentos.

### Palavras-Chave

Preciado. Política. Queer.



## QUEM TEM MEDO DO TERMO VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA?

Alice De Barros Gabriel  
[alice.gabriel@ifg.edu.br](mailto:alice.gabriel@ifg.edu.br)

### Resumo

Em um texto anterior apontamos aspectos epistêmicos presentes na violência obstétrica. Para isso, utilizamos o conceito de injustiça epistêmica proposto por Miranda Fricker e como tem sido utilizado para reflexões sobre as práticas de saúde na literatura de epistemologia social. O objetivo era apontar que há um aspecto epistêmico em tais violações e que uma mudança na distribuição de credibilidade pode ser relevante para o enfrentamento à violência obstétrica. No presente texto, buscamos revisitar tal provocação, atualizando-a tendo em vista a recente querela quanto a utilização do termo capitaneada pelos Conselhos Federal e Estaduais de Medicina. Entre 2018 e 2023 os conselhos profissionais médicos se mobilizaram contra a utilização do termo violência obstétrica se oposto à legislações que tipifiquem o fenômeno, produzindo documentos e notas. A proposta do presente trabalho é analisar tais documentos utilizando como chave para análise os conceitos de injustiça epistêmica (Fricker) e epistemologias da ignorância - a partir da síntese que Linda Alcoff (2007) propõe das abordagens de Lorraine Code, Charles Mills e Sandra Harding.

### Palavras-Chave

Violência obstétrica. Epistemologia social.



## RECONHECENDO O OUTRO A PARTIR DE JESSICA BENJAMIN E JUDITH BUTLER

Michelle Ulloa Gamboa  
[michelle.ulloa@hotmail.com](mailto:michelle.ulloa@hotmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, exploraremos o debate sobre o reconhecimento a partir de uma perspectiva feminista, utilizando as leituras de Jessica Benjamin e Judith Butler sobre a dialética hegeliana do senhor e do escravo. Investigaremos de que maneira as dinâmicas hegelianas do reconhecimento, presentes na Fenomenologia do Espírito, podem auxiliar na compreensão das formas de dominação de gênero e como os estudos sobre gênero influenciaram esse debate, destacando as contribuições das autoras. Jessica Benjamin, em “The bonds of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of domination” (1998), aborda o conceito de reconhecimento a partir uma visão psicanalítica relacional, da teoria winnicottiana sobre a relação mãe-bebê e de separação entre mundo interno e externo, entre intrapsíquico e intersubjetivo. Por outro lado, Judith Butler, em “Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France” (1987), focaliza o corpo como aspecto central da lógica do desejo na dinâmica do reconhecimento. Ambas autoras partem de leituras distintas da dialética hegeliana, mas consideram o gênero como um elemento importante na análise da noção de reconhecimento. Benjamin transpõe a dinâmica da relação entre o senhor e o escravo para a relação entre a mãe e o bebê, argumentando que essa relação, demanda e submete os sujeitos a algum nível de atividade e reconhecimento. Diferenciando-se, assim, de uma teoria psicanalítica centralizada na figura masculina, na qual a mãe é vista apenas como objeto de desejo. Por sua vez, Butler, explora como o reconhecimento (ou a falta de) atravessa o processo de ser ou tornar-se um determinado gênero, explicando os processos de violência de gênero a partir da luta de vida e morte, isto é, por meio da relação entre o desejo, corpo e reconhecimento do outro. Em sua interpretação, negar o reconhecimento do outro significa negar seu corpo, apaga-lo enquanto ser vivo. Mais que isso, essa negação revela que a violência de gênero emerge de um desejo profundo em manter o binarismo de gênero (mulher ou homem) necessário ou natural.

### Palavras-Chave

Jessica Benjamin. Judith Butler. Reconhecimento.





## SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DO SEXO COMO NATURAL: DESTITUINDO A FRONTEIRA ENTRE TÉCNICA E NATUREZA

Richard Roseno Pires  
[richardsrosenos@gmail.com](mailto:richardsrosenos@gmail.com)

### Resumo

Os estudos queers vem alargando, destituindo, as fronteiras da situação corporal; o sexo passa a ser entendido enquanto efeito de uma inteligibilidade cultural a qual o lê como sendo ele mesmo igual a gênero. Na tradição dos estudos pós-feministas que desnaturalizam o corpo e radicalizam sua estabilidade ficcional, assumindo-se enquanto efeito de investimentos tecnológicos que pretendem garantir a estabilidade corporal a partir de atos performativos reiterados, temos Paul Preciado como norteador-desnaturalizador destes efeitos de natureza. Neste trabalho, pretendo apontar as lentes de análise-pesquisa ao movimento de P. Preciado e Donna Haraway para lançarmo-nos a impossibilidade de sugerir o natural, e apostar na investigação dos meios os quais o natural torna-se possível, e desse modo, sugerir a partir das epistemologias queers, caminhos de análise através dos quais o sexo passou a ser natural(izado) como um ideal regulatório irrefutável e biológico. Assim, sugiro que este ideal heterossexual imaginado no corpo trata-se de uma heterodivisão corporal que somente é possível por deter as tecnologias de significação. Desse modo, esta investigação teórica aposta nos usos subversivos das tecnologias para destituir os pactos de natureza heterossexual-original, pensando que nenhum corpo sexuado pode vir a ser algo nele mesmo, ausente de técnicas, mas sim, trata-se de alto investimento- incitação a produzir, gerir, regular, o corpo em estabilidade-castração sexual. Seríamos corpos híbridos e tecnicovivos que ao assumirmos as relações plásticas e prostéticas podemos tanto desnaturalizar o sexo heterossexual como também contraproduzir multiplicidades sexuais? Desse modo, pretendo neste trabalho, sugerir a potência desnaturalizadora às hierarquias de gênero no Pensamento de Paul Preciado, hierarquias essas que desejam na manutenção do ideal de natureza sexual como ausente de técnicas a impossibilidade do privilégio da norma enquanto natureza originária sexual. Sendo assim, este trabalho percorre o desejo de desnaturalizar a possibilidade do sexo nele mesmo e lança-lo na artificialidade e tecnicidade.

### Palavras-Chave

Teoria queer. Pós-sexo. Contrassexualidade.



## SUBVERSÕES DE MULHERES – RESISTÊNCIAS PARA AFIRMAREM-SE ENQUANTO “UM” NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Marta Alves Lemos

[marta32014@gmail.com](mailto:marta32014@gmail.com)

Junot Cornélio Matos

[junotcmatos@gmail.com](mailto:junotcmatos@gmail.com)

### Resumo

Ao desenvolver o conceito de “Outro”, a filósofa Simone de Beauvoir faz uma análise existencial das bases que justificam a condição de subordinação histórica da mulher nas sociedades patriarcais, que apoiando-se em narrativas, códigos de conduta e costumes, “naturalizam” papéis e comportamentos como femininos, delimitando espaços de vivência e existência da mulher. Sujeitada como “Outro”, a mulher é tornada como objeto de posse do masculino. Objetificada, tornada coisa que pertence ao homem, é convocado a desempenhar determinados papéis em nome de uma “natureza feminina” sendo assim, investida nas funções de procriadora, cuidadora e outras análogas, ocupa lugares que a distanciam do espaço público, deixando-a à margem da tomada de decisões, inclusive daquelas sobre seu próprio corpo. Buscamos apresentar nesse conceito de Outro, a partir de Beauvoir (2019), Gerda Lerner (2019) e Heleieth Saffioti (1987), como a mulher é posta, pelos princípios patriarcais em polos extremos: pecadora – santa; esposa – amante; anjo protetor – porta do diabo: pontos inconsistentes com a realidade humana. Expomos ainda, como pelas injunções patriarcais a mulher é legitimada, ou não, como verdadeira mulher, como feminina; definindo por essa legitimação os espaços a serem ocupados por ela, bem como seu valor perante a sociedade. Essa legitimação e valoração é elaborada a partir das relações que ela estabelece com o macho. É por essas relações, que ela é alocada em um ou outro extremo. Nesse sentido, é alienada de si mesma, como se na “santa” não habitasse desejos carnisais ou na “puta” não residissem anseios sagrados. Exporemos recortes históricos de quatro brasileiras, que na busca da liberdade, de pôr-se como Um, foram consideradas transgressoras, subversivas: Carolina Maria de Jesus, Maria Mariá de Castro Sarmiento, Hilda Hilst e Leila Diniz. Demonstramos que a despeito



das diferenças de época, espaços sociais, culturais e geográficos, essas mulheres contrariaram as expectativas do patriarcado, subverteram sua ordem, abrindo fendas para discussões sobre as limitações alvitradas à mulher para se afirmarem como Um.

### **Palavras-Chave**

Patriarcado. Simone de Beauvoir. Subversões.



## SUSTENTABILIDADE NO SUL GLOBAL: MULHERES E PRÁTICAS DE CUIDADO

Tania Aparecida Kuhnen  
[tania.kuhnen@ufob.edu.br](mailto:tania.kuhnen@ufob.edu.br)

### Resumo

Pensar as relações entre seres humanos e dos seres humanos com outros seres vivos a partir das noções de dependência/interdependência é uma reivindicação central das teorias de ética do cuidado e dos ecofeminismos (Gilligan, 1982, 2011; Warren, 2000; Kheel, 2019; Glazebrook, 2016). Em vez de pautar essas relações unicamente a partir do reconhecimento da autonomia, dos direitos e da aplicação de conceitos de justiça, noções que pressupõem, muitas vezes, separação, distanciamento, divisões e fronteiras, alinhando-se aos dualismo-hierárquicos de valor que estão na base da produção do conhecimento em sociedades ocidentais, os conceitos de dependência e interdependência permitem perceber que as demandas para a promoção da sustentabilidade vão além de objetivos a serem alcançados por meio de ações políticas institucionais. Esta proposta busca discutir a sustentabilidade com base no reconhecimento de que as estratégias a serem desenvolvidas para combater as mudanças climáticas e as tragédias ambientais em curso a ela associadas, precisam considerar uma lógica do cuidado. Por terem sido historicamente associadas à responsabilidade pelo cuidado, as experiências das mulheres podem auxiliar a pensar narrativas contra-hegemônicas as de progresso e desenvolvimento, juntamente com a concepção de práticas sustentáveis no Sul Global. Movimentos sociais como o da Marcha das Margaridas, que promovem a mobilização em torno de uma série de reivindicações das mulheres trabalhadoras rurais, relacionadas com as mulheres da terra, das florestas e das águas, ao resistirem à expansão da monocultura agrícola em larga escala, mantendo formas não lucrativas de produção e reprodução da vida em comunidades tradicionais e territórios compartilhados, levam adiante práticas de cuidado com a natureza. Para além da solidariedade feminista e da formação de alianças de coalizão (Motta, 2021), as mulheres da Marcha das Margaridas protagonizam a resistência à colonização da vida, ao neoliberalismo, ao agronegócio, à separação dualista e hierárquica entre humanos e natureza. Por meio de ações como



a troca de sementes crioulas, a agroecologia, a produção de subsistência, é possível perceber que a sustentabilidade envolve compreender que seres humanos dependem das relações com os seres vivos não humanos. A sustentabilidade deve, portanto, ser uma prática de cuidado responsável pela vida, baseada no reconhecimento da interdependência entre os seres humanos e os outros que não são humanos.

### **Palavras-Chave**

Ecofeminismos. Ética do cuidado. Sustentabilidade.



## TRIBUNAIS PERNAMBUCANOS NA DITADURA MILITAR: ANÁLISE DE DECISÕES SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Ana Luísa Ferreira Da Silva

[analuisa.silva@upe.br](mailto:analuisa.silva@upe.br)

### Resumo

A narrativa histórica do regime militar brasileiro é regida por guerras discursivas no campo da memória. Não há como negar os acontecimentos violentos do regime, mas, ainda é possível discutir o sentido que é dado a determinados acontecimentos. A regência da violência dentro e através de instituições revela, atualmente, potenciais maneiras de desativar discursos e práticas autoritárias que perduram, através de outras roupagens, até o presente momento político. Tais meios evidenciam não só estratégias políticas/econômicas, mas chegam a revelar, por exemplo, que um dos pilares para se firmar enquanto regime era o uso da violência de gênero, inclusive no âmbito jurídico. Ocorre, nesse caso, a produção de um sujeito feminino violado corporalmente – através da tortura – e juridicamente, com as violações de direitos humanos no âmbito processual militar. Nesse sentido, institui-se uma maneira de lidar/enxergar as mulheres militantes. Essa operação com o corpo feminino através do processo pode servir de caminho para refletirmos na forma de apresentação do corpo e como essa forma de apresentação demonstra violência de gênero. Portanto, os tribunais militares são compreendidos, nesta pesquisa, enquanto um regime de poder sobre os corpos feminilizados, uma instituição que capturou e ramificou formas e estratégias de dominação de sujeitos considerados inimigos através do direito. Portanto, nosso objeto de pesquisa situa-se em processos que tramitaram no Superior Tribunal Militar (STM), em sede recursal, e na Auditoria da 7ª Circunscrição da Justiça Militar (7ª CJM), em primeiro grau, que envolveram mulheres presas políticas no Estado de Pernambuco. Ressalta-se que a escolha regional não ocorreu ao acaso. A Comissão Estadual da Verdade Dom Helder Câmara não destinou nenhum capítulo para tratar da violência sofrida pelas mulheres na ditadura, em outras palavras, há capítulos que apuram violações de direitos humanos em diversos campos sociais, exceto no que tange as mulheres. Portanto, pode-se considerar que a narrativa histórica das presas políticas ainda é pouco evidenciada no âmbito da justiça de transição



pernambucana. Nesse contexto, a dimensão de gênero provoca um novo significado na forma de pensar os acontecimentos através de uma narrativa que denuncia e rememora questões específicas sofridas pelas mulheres, indo na contramão da ideia de uma história homogênea e universalista dos fatos.

### **Palavras-Chave**

Ditadura militar. Gênero. Decisões judiciais.



## UM OLHAR FEMINISTA PARA A “CONDIÇÃO DE PÁRIA” NAS NARRATIVAS DE HANNAH ARENDT SOBRE AS MULHERES

Carmelita Brito De Freitas Felício

[carmelita55@ufg.br](mailto:carmelita55@ufg.br)

### Resumo

Apresentar resultados parciais de uma pesquisa à luz de uma “leitura feminista” da vida e da obra de Hannah Arendt tomando por base seus “escritos judaicos” (1930-1960) é um dos propósitos desta comunicação. Dentre eles, destaco o livro *Rahel Varnhagem (1771-1833) – a vida de uma judia alemã na época do romantismo* (1958) e dois textos “menores” (i) *Rosa Luxemburgo: 1871-1919* (1968); (ii) *Isak Dinesen: 1885-1963* (1968). Nesses textos, encontramos uma Arendt solidária com o “destino” dessas mulheres que tinham uma característica comum com o dela próprio: cada qual, a seu modo, era uma excluída, eram párias, não-assimiladas, portanto. Hannah Arendt, como “pária rebelde” e contadora de histórias (Storyteller), ilumina esses nossos “tempos sombrios” com experiências de mulheres que contam como uma vida respondeu ao chamado e ao cuidado com o mundo. No livro sobre a vida de Rahel, por exemplo, Arendt analisa um dos aspectos do complexo problema da assimilação, narrando a sua vida sob o ângulo de uma “tragédia da assimilação”. Narração, contingência e destino formariam, assim, a tríade a partir da qual Arendt pode ser lida também à luz dessa linha que percorre uma singular identificação de seu “destino” com o de outras mulheres e de outras/os párias. Eis aí explicitamente colocada a ideia de reconsiderar a condição das mulheres como “párias, excluídas e abjetas” a partir das margens da teoria política de Hannah Arendt. Com os desdobramentos da pesquisa, porém, fui confrontada com a necessidade de incluir outras “minorias” que o conceito de pária busca abarcar: povos originários, o povo negro, as pessoas divergentes em relação ao padrão heteronormativo de sexualidade, refugiados, apátridas, minorias nacionais, sem estado, que estão “fora da lei” (outlaw), não por terem cometido algum crime, mas porque o pertencimento a um grupo étnico diferente, não soberano, não é reconhecido. Enfim, para dar conta da expansão da análise sobre a “condição de pária”, Hannah Arendt continua sendo uma interlocutora importante, no entanto estou me valendo das contribuições de pensadoras brasileiras





e alhures, do campo da filosofia feminista, que têm se voltado ao trabalho de Arendt com o propósito de fazer uma revisão crítica de sua obra. É a partir daí que “a condição de pária” continua sendo o fio condutor da pesquisa, só que agora amparada em elementos que inserem este trabalho no campo de um “feminismo crítico e autocrítico”.

### Palavras-Chave

Párias. Feminism. Hannah Arendt.



## UMA FILÓSOFA CAMINHANDO NO MEIO DA RUA, EM CIMA DAS PONTES

Anastasia Guidi

[anastasiaitokazu@gmail.com](mailto:anastasiaitokazu@gmail.com)

### Resumo

Já disse Simone de Beauvoir que uma mulher caminhando sem rumo pela cidade tem algo de subversivo. Afinal, no patriarcado as calçadas são reservadas às prostitutas, enquanto o lar é a “fortaleza da mulher honesta”. Nesta fala, tratarei da experiência filosófica de caminhar sem rumo, ou flunar, sozinha ou na companhia dos meus filhos, pelas ruas das grandes cidades brasileiras. Falarei das agruras e descobertas, dos encontros belos e terríveis, e também dos pensamentos metafísicos e políticos que percorrem a mente enquanto as pernas, ritmadas, atravessam o espaço urbano. Falarei de corpo e liberdade, tendo como pano de fundo a experiência de outros caminhantes ilustres, como Walter Benjamin, Simón Bolívar, H. D. Thoreau, Pedro Lemebel e Virginie Despentes. Procurarei trazer à tona algumas reflexões que considero relevantes. O que significa, para uma mulher, caminhar sem rumo? O que há de anticapitalista nessa atividade? Quem pode caminhar? Onde se pode caminhar? Por que importa caminhar? Como a caminhada pode contribuir para a atividade filosófica e a transformação social? Na parte final da minha fala, visitarei aquelas situações em que os carros cedem passagem e os corpos caminhantes tomam as ruas: o Carnaval e as manifestações políticas.

### Palavras-Chave

Feminismo. Direito à cidade. Corpo pensante.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



ANPOF  
Associação Nacional de História

Apoio



UFPE



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE PERNAMBUCO



FUNDAÇÃO DE AMPARO  
À PESQUISA DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO



CNPq

## GT FILOSOFIA E POLÍTICA



## A JUSTIFICATIVA DA TRADUÇÃO DA LINGUAGEM RELIGIOSA NO ESPAÇO PÚBLICO SEGUNDO HABERMAS

José Ronaldo De Oliveira Marques

[j.ronaldomarques@gmail.com](mailto:j.ronaldomarques@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo pretende apresentar a conexão da teoria da ação comunicativa habermasiana com a justificativa da religião no espaço público, de tal forma que também analisaremos a religião no campo da semiótica, visto que a fé é uma linguagem formada pelos símbolos necessita de uma tradução para o “mundo vivendi” da esfera pública. A semiótica nos moldes da teoria linguística ligada será levada em consideração, visto que a religião necessita de uma transcrição para o espaço público. Para melhor compreensão, o intitulado trabalho parte de uma fundamentação da discussão religiosa em sociedades amplamente secularizadas que passaram a lidar com cidadãos religiosos, que tem os mesmos direitos e deveres dos não religiosos que também se inclui gnósticos, agnósticos ateus e etc. Destarte, partiremos dos pressupostos que a linguagem religiosa pertence ao universo dos indivíduos que praticam as religiões, estando os mesmos inseridos na vida pública como cidadãos de estado. Neste ínterim, que a linguagem religiosa necessita de uma tradução uma vez que o fenômeno da secularização não foi o suficiente para dirimir as questões religiosas, porque se tem observado foi um movimento do recrudescimento da religião nas sociedades ocidentais. Segundo Habermas o ponto forte para este movimento foi o 11 de setembro de 2001, com os ataques às torres gêmeas nos Estado Unidos. E também o fortalecimento das práticas de fé com a tentativa de influenciar a vida política, nas chamadas “pautas de costume”. A teoria da ação comunicativa utiliza-se vale de um princípio “D”, ou seja, da discussão pública com a ideia do melhor argumento, que está ligada também a razão pública do tipo kantiana. Tal razão comunicativa, e dialógica se une ao modelo da intersubjetividade sujeito-sujeito. De tal forma, que está teoria vai além de uma relação monológica do sujeito transcendental de Kant sujeito-objeto. O pensamento habermasiano busca conciliar por vias da razão comunicativa entre cidadãos religiosos e não religiosos na esfera pública a colaboração sem afetar as suas identidades particulares. Isso se justifica pelo



fenômeno da pós-secularização segundo a teoria da ação comunicativa, impõe à religião a tradução da sua fé e aos cidadãos não religiosos a assimilação, sem prejuízos para os afetados no discurso, mantendo a cooperação. A razão comunicativa age como descentralizada e possibilita o discurso religioso e o diálogo com o mundo secular no processo de cooperação por meio dos discursos práticos.

### **Palavras-Chave**

Espaço Público. Religião. Linguagem. Habermas.



## A METÁFORA LOCKEANA DO “ESTOQUE COMUM DA HUMANIDADE” (II, 37) EM SEU CONTEXTO COLONIAL

Gerson Tadeu Astolfi Vivan Filho

[gersondadeu@hotmail.com](mailto:gersondadeu@hotmail.com)

### Resumo

Uma das últimas alterações que John Locke operou no Segundo Tratado sobre o Governo (1689), foi a adição de uma passagem relativamente longa que explicita um dos argumentos que sustentariam para ele a legitimidade da apropriação unilateral de terra, nomeadamente o de que “aquele que se apropria de terra mediante seu trabalho não diminui, mas aumenta o estoque comum da humanidade [common stock of mankind]” (II, 37). Ao que se segue uma apologia da produtividade de uma terra “cercada e cultivada (...) em Devonshire”, em oposição àquelas “deixadas em comum (...) na América (...) sem melhoramento [improvement], lavoura ou cultivo”, que seriam incapazes de fornecer aos seus “necessitados e condenados [wretched] habitantes” sequer 1/100 das “conveniências da vida” existentes na Inglaterra. Ainda que discussões clássicas da passagem (MacPherson, Tully, Wood, Cohen) tenham tocado lateralmente na interpretação da ideia de “aumento do estoque comum da humanidade”, apenas recentemente Onur Ulas Ince atribuiu a ela um papel crucial para compreender o texto de Locke. Segundo ele, essa imagem seria um “nexo privilegiado” de articulação entre a premissa teológica da terra como doação divina comum com a prescrição de um ilimitado e contínuo progresso econômico: quanto mais a humanidade expande seu estoque comum através da melhoria (improvement) da terra pelo trabalho produtor de mercadorias, mais se aproximaria de cumprir os propósitos divinos. O modelo monetarizado de exploração da terra (improvement) pelo capitalismo nascente, assim, não serviria apenas como parâmetro avaliativo desfavorecedor das formas indígenas de relacionar-se com a terra, mas encarnaria um projeto de formação de um mercado global produtor de mercadorias dependente da acumulação primitiva através do cercamento de terras em ambas as margens do Atlântico no século XVII”. Não obstante, o sentido da metáfora permanece pouco precisado. Nesta comunicação, portanto, procurarei (i) interpretar a metáfora atentando para as outras aparições de “Stock” e “Common Stock” em Locke e na



literatura econômica da época, e, a partir daí, (ii) testar a precisão da interpretação proposta por Ince, a fim de aguçar a compreensão das conexões entre teologia, teleologia e colonialismo na teorização lockeana da apropriação originária de terra, complementando algumas deficiências de sua análise.

### Palavras-Chave

John Locke. Economia Política. Colonialismo.



## A RADICALIDADE DA FILOSOFIA E O ANTAGONISMO DA CIDADE: AS PROVOCAÇÕES DE LEO STRAUSS

Izabella Corrêa Magalhães Coutinho

[izabellacorrea.qds@gmail.com](mailto:izabellacorrea.qds@gmail.com)

### Resumo

O objetivo principal do trabalho é apresentar, em linhas gerais, um dos aspectos mais decisivos que sustentam a controversa crítica de Leo Strauss ao mundo moderno e à tendência historicista que, segundo o autor, domina o ambiente intelectual contemporâneo e nos evidencia a decadência da filosofia política e seu estado de quase morte. Trata-se de fazer notar como a crítica de Strauss, a partir de uma sofisticada empreitada, se estrutura segundo a retomada do significado mais original da filosofia e da filosofia política, revelando aí a descoberta da categoria de natureza (*physis*) e a radicalidade noética da atividade filosófica, cuja natureza mesma se confronta com a natureza da cidade (*polis*) e com aquilo que a mantém, isto é, a opinião pública, os dogmas públicos, as convenções e costumes (*doxai* e *nomoi*) plasmados na noção de história (*historia*). Na interpretação do autor, a modernidade e a ultramodernidade se qualificam de acordo com uma progressiva mutação do conceito de natureza e um progressivo superdimensionamento da noção de história. Ao longo das ondas da modernidade, o conceito de natureza transforma-se de tal modo que passa a ser compreendido não mais como uma ordem ou padrão superior que nos permite sustentar a busca pelo conhecimento acerca da totalidade, mas como uma espécie de fundo de reserva de um material informe regido por leis mecânicas e que só adquire uma ordem a partir da intervenção humana. Daí em diante, o pensamento filosófico se veria encapsulado não só pela ciência moderna, mas sobretudo pela chamada descoberta da consciência histórica, uma vez que a transformação do conceito de natureza acompanha uma super ênfase na dimensão histórica de todo pensamento humano. Assim, pouco a pouco, a atividade da filosofia é esvaziada de seu caráter transhistórico, transreligioso e suprapolítico, convertendo-se em uma atividade voluntarista ou em mera ideologia. De mesmo modo, a filosofia política torna-se algo impossível, pois que agora já não há qualquer padrão superior que nos permita asseverar juízos políticos ou julgar nossos valores e nossas ações, e já se sabe que todo



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



filósofo político é um filho do seu tempo, respondendo a perguntas do seu tempo. Para Strauss, por fim, borradas as fronteiras entre natureza e convenção, ou entre a filosofia e a história, dissolvida aquela tensão original e constitutiva entre o filósofo e a comunidade política, cai a filosofia, mas cai também a cidade.

## Palavras-Chave

Leo Strauss. Filosofia Política. Modernidade.



## CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM FRANTZ FANON: CAMINHOS PARA DESALIAENAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS

Elza Andrea Dos Santos

[santospelzaandrea@gmail.com](mailto:santospelzaandrea@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa se propõe a analisar o conceito de alienação nas obras de Frantz Fanon, cuja filosofia permanece atual. Para tanto, retomaremos as referências fornecidas pelo autor, almejando apontar as formas como ele se apropria do conceito e como isso influencia a subjetividade e objetividade das pessoas, especialmente as negras, moldando personagens raciais. A alienação participa da estratégia do racismo, transformando-se em um mecanismo racial ao implantar símbolos de subjugação que promove o esvaziamento da essência do colonizado, para preenchê-lo de mistificações que o engendra em ficções raciais conforme as demandas do poder colonial, atuando como um importante instrumento de dominação. A concepção de alienação pode ser aplicada em todas as relações que as pessoas negras estabelecem no seu dia a dia. A guerra colonial e sua brutalidade impõem a criação de mecanismos que justificam a classificação das pessoas negras como inferior, objetificando-a em um processo de desumanização que vem para justificar as práticas violentas e discriminatórias da colonização e do racismo que persiste até os dias atuais. O autor propõe formas de desalienação das pessoas negras, proporcionando condições para o surgimento do “negro fanoniano” que inverte a concepção da raça para sua autodefinição e amplia a esperança do colonizado em romper com as restrições coloniais, pois a liberdade é atmosférica.

### Palavras-Chave

Alienação. Desalienação. Liberdade Atmosférica.



## DEFENDER A SI E AOS SEUS: UMA ANÁLISE POLÍTICA SOBRE AS ARTES MARCIAIS E TECNOLOGIAS DE AUTODEFESA

Felipe Araujo Fernandes

[felipearaujo.fernandes87@gmail.com](mailto:felipearaujo.fernandes87@gmail.com)

### Resumo

Desde os gregos antigos, podemos observar uma atenção para o cuidado de si, nos mais diversos aspectos da vida, como detalhou Foucault, por exemplo. Obviamente que esta atenção não era uma exclusividade dos europeus ou, especificamente, dos gregos. Podemos ver, em outras partes do mundo, um cuidado para consigo mesmo, tanto do corpo, como da mente e até espiritual. Neste trabalho, nos interessa pensar como que diversas artes marciais cumpriram esse papel de nos ensinar a cuidar de nós mesmos. Desde um cuidado mais primário do corpo, como um cuidado de nossa mente (intelecto e emoções). E esse cuidado não se limitava a um mero cuidado de si, em um sentido individualista, mas, se dava de forma concomitante com o meio em que se estava inserido, logo, tinha uma esfera ética/política. Cuidar de si seria inviável sem pensar o cenário em que se estava e, principalmente, sem cuidar daqueles que comporiam seu grupo social. Dessa forma, cuidar de si, implicaria um cuidar dos seus, ou seja, uma atuação para cuidar do grupo social no qual estava inserido, pois, isto implicava efeitos para a tarefa de cuidar de si. No Brasil, como exemplo, após a diáspora africana, os negros desenvolveram técnicas de autodefesa, incluindo práticas de lutas, como a Capoeira. E esta, não se limita a uma defesa pessoal, em um sentido individual, assim como não é apenas uma defesa do corpo. A capoeira é, na verdade, uma tecnologia que possui uma base filosófica, atuando com ferramentas políticas, éticas e científicas, no sentido de proteger os seus praticantes, das adversidades que resultaram da escravidão racista e todo imperialismo capitalista. Nesse sentido, a Capoeira, enquanto arte marcial, atua como um conjunto de ferramentas para o praticante cuidar de si e de nós. Em sua esfera marcial oferece instrumentos para garantir a integridade física, que é requisito primordial para dar as condições do corpo produzir conceitos, ciências e arte. E, concomitantemente, atua como arte, de modo que a vida não é mera sobrevivência instintiva, mecânica, mas, possui uma performance criativa, estética. Assim, buscaremos apresentar conceitos da capoeira

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



que entendemos serem fundamentais para a sobrevivência dessa parcela oprimida da sociedade, em especial os negros. Tais como: ginga, malícia, vadiagem, volta ao mundo, ancestralidade, etc. Esses conceitos nos parecem fundamentais para entender a política no Brasil, em especial as lutas contra as opressões, como o racismo.

## Palavras-Chave

Autodefesa. Capoeira. Política.



## ESFERA PÚBLICA E NORMATIVIDADE DA DEMOCRACIA

Denilson Luis Werle  
[denilson.werle@ufsc.br](mailto:denilson.werle@ufsc.br)

### Resumo

O objetivo da comunicação é mostrar a centralidade do conceito de esfera pública para entender o entrelaçamento tenso das diversas dimensões (moral, institucional e social) da normatividade da democracia. A partir das reflexões de J. Habermas sobre a política deliberativa, desenvolvidas principalmente em *Facticidade e Validade* (1992), pretendo defender a possibilidade de uma teoria crítica da democracia, ancorada em processos sociais efetivos, que articule historicidade, normatividade e poder sem recorrer à canonização da razão comunicativa em critérios normativos universais abstratos e sem perder-se no redemoinho das constatações relativistas e historicistas dos jogos de poder e correlações de forças existentes. A reconstrução habermasiana da gramática da política deliberativa nas sociedades capitalistas democráticas modernas, apresentada em um modelo de circulação do poder político entre esferas públicas informais e formais e a sociedade civil, permite, por um lado, evitar os extremos de um normativismo abstrato impotente e de um relativismo resignado condescendente e, por outro, apontar para a natureza social de uma normatividade democrática que emerge dos processos efetivos mais ou menos institucionalizados de uma rede de negociações e discursos.

### Palavras-Chave

Esfera Pública. Democracia. Teoria Crítica.



## FILOSOFIA COMO CRÍTICA, FILOSOFIA COMO IDEOLOGIA

Daniel Tourinho Peres  
[danieltperes@gmail.com](mailto:danieltperes@gmail.com)

### Resumo

Filósofos costumam se manter distantes de opiniões, e Kant não é exceção. Isso não significa, contudo, que ele se colocava distante do debate público, no qual opiniões são formadas, e basta lembrarmos dos muitos textos de intervenção que ele publicou e aos quais reagiu. Tais textos mostram Kant atento ao curso do mundo e suas circunstâncias. Mas o que é mobilizado com tal atenção? Que elementos estão em jogo, por exemplo, quando Kant muda sua opinião sobre o processo colonial, em geral, e sobre a escravidão, em particular? Parto da distinção kantiana entre princípios transcendentais e princípios metafísicos para então lançar uma luz sobre o que está em jogo nesta questão, a saber, como se dá, no político, a via de mão dupla entre o puro e o empírico. Para tanto, faço uso da noção kantiana de reflexão transcendental, em particular do par conceitual acordo/desacordo, para repensar o estatuto anfíbio do discurso filosófico, a saber: de um lado, discurso normativo; de outro, trabalho de elucidação crítica da própria racionalidade em sentido amplo, isto é, como aquela constelação de representações que atende pelo nome de cultura. Com isso, mostro que é da cultura que, como terreno em disputa, se retira o elemento empírico a partir o qual a metafísica, então como discurso normativo, se apresenta como ideologia. O que defendo é que, no caso de Kant, a mudança de opinião tem um sentido mais profundo: ela apresenta uma nova articulação de forças no âmbito intersubjetivo da cultura.

### Palavras-Chave

Filosofia. Crítica. Ideologia.



## HEGEMONÍA Y SUJETO: LÍMITES Y DESAFÍOS DEL POS-NEOLIBERALISMO PARA LA IZQUIERDA LATINOAMERICANA.

Oscar Pérez Portales

[oscarahportales2487@gmail.com](mailto:oscarahportales2487@gmail.com)

### Resumo

En América Latina el pos-neoliberalismo definió la superación, por proyectos políticos de izquierda, de las crisis sociales neoliberales a partir de políticas públicas. Esta categoría centró también el análisis de las prácticas de los sujetos sociales y los horizontes axiológicos de la transformación política, por parte del Pensamiento Crítico Latinoamericano. La reversión de las políticas públicas y la movilización de un sujeto político en torno a valores reaccionarios marcan los déficits de la políticas pos-neoliberales y los marcos analíticos desarrollados. El presente artículo se centra en una valoración crítica de los límites de la práctica pos-neoliberal a partir de una concepción materialista de la hegemonía. El análisis se basa en una genealogía de las políticas pos-neoliberal, un estudio histórico lógico del contexto y una revisión hermenéutica de los conceptos utilizados en el análisis de la realidad estudiada. La discusión evidencia los límites de la práctica pos-neoliberal centrada en las políticas públicas para alterar el marco de las relaciones productivas, institucionales y axiológicas que caracterizan el modelo neoliberal. Se analizan los límites del diagnóstico crítico sobre el papel de los sujetos sociales en la producción de un nuevo marco subjetivo. La producción de una hegemonía alternativa, como régimen soberano de organización de la relación entre estado y sociedad civil, a partir de nuevas formas de subjetivación política, es una tarea central en la superación de los límites del pos-neoliberalismo.

### Palavras-Chave

Hegemonía. Pos-neoliberalismo. Izquierda.



## IDEOLOGIA E OPINIÃO PÚBLICA: DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DE ROUSSEAU

Luiz Lourena

[luiz.antonio.melo@usp.br](mailto:luiz.antonio.melo@usp.br)

### Resumo

O conceito de opinião pública desempenha papel fundamental na concepção de Rousseau de democracia como soberania popular. Enquanto na filosofia antiga (Platão), a opinião ou doxa é compreendida como um ponto de vista que ainda não constitui por si uma fonte de conhecimento verdadeiro, um juízo que carece de verificação, praticado por aqueles que não possuem a ciência, não podendo, portanto, servir de fundamento para o conhecimento, no século das luzes, a opinião pública, do povo, assume status diferente, passando a ser considerada fonte de conhecimento. Contudo, para Rousseau, é preciso que a opinião pública seja refinada e apurada, caso contrário, tende a se corromper, seja pelas opiniões particulares, seja por falsas considerações acerca do melhor caminho para materialização da vontade geral. Para o filósofo genebrino, o povo, de si mesmo, sempre deseja o bem; mas nem sempre o vê, por si mesmo. A vontade geral é sempre reta; mas o julgamento que a dirige nem sempre é esclarecido, sendo necessário fazer-lhe ver os objetos tais como são, é preciso mostrar-lhe o bom caminho que procura, protegê-la da sedução das vontades particulares, equilibrar o encanto das vantagens presentes e sensíveis com o perigo dos males afastados e ocultos. Daí o papel da ideologia para Rousseau, contribuir para a formação da opinião pública como expressão genuína da vontade geral, e não como expressão de interesses particulares de uma classe ou grupo. Rousseau via no legislador, como Licurgo em Esparta, o responsável por formar o povo para a vida política, isto é, ensiná-lo a perceber os ganhos coletivos advindos das privações impostas pelas leis. O poder soberano pertence ao povo, mas as leis elaboradas por seus representantes devem contribuir para o seu exercício. No século XX, vimos a figura do legislador de Rousseau ser substituída pela figura análoga do intelectual, responsável por formar o povo para a vida política. A polêmica defesa de Platão da união entre verdade e política, bem como a discussão herdada do contexto da revolução francesa no século XVIII, acerca do problema posto pela tomada de partido





dos intelectuais e pela reivindicação do domínio da verdade pelos políticos, continua atual. A presente comunicação pretende retomar os conceitos de ideologia e opinião pública em Rousseau, no intuito de contribuir para o debate contemporâneo sobre a democracia, verdade e política.

### **Palavras-Chave**

Rousseau. Ideologia. Opinião Pública.



## KATECHON: PAULO DE TARSO E OS MEANDROS DA TEOLOGIA POLÍTICA

Oneide Perius

[oneideperius@mail.uft.edu.br](mailto:oneideperius@mail.uft.edu.br)

### Resumo

“O katechon é ‘a questão de fundo’ de toda teologia política.” Estas foram as palavras usadas por Carl Schmitt em uma carta enviada ao filósofo Hans Blumenberg. (apud: MONATERI, 2023, s/p). Se, por um lado, tal afirmação parece ser um pouco exagerada, tendo em vista a vasta multiplicidade de temas e questões que movimentam a filosofia política ao longo dos séculos, por outro lado, faz-se necessária uma cuidadosa investigação do sentido de tal expressão, para que se consiga captar plenamente o seu alcance mais profundo. Especialmente desde a publicação do livro *Teologia Política* de Carl Schmitt em 1922, um amplo debate foi tomando lugar, a ponto de se tornar impensável falar do tema sem discutir as teses do jurista alemão. No entanto, Carl Schmitt, considerado o jurista oficial do Reich, no que se refere especificamente à leitura do *Katechon*, acompanha a longa tradição do catolicismo romano iniciada ainda em Tertuliano, que “identifica esse poder que retarda ou retém o fim dos tempos com o Império Romano.” (AGAMBEN, 2016, p.126). Posiciona-se, dessa forma, em acordo com o argumento que atribui ao poder político instituído uma legitimação religiosa. Veremos, ao longo do texto, como emerge e se torna possível uma outra leitura. Jacob Taubes e Giorgio Agamben são, especialmente, autores que o fazem de maneira magistral. Duas leituras da política se tornarão assim legíveis: “uma leitura messiânica da política e outra *Kathechônica*.” (MATE, 2006, p.50). O percurso de presente estudo, para tanto, iniciará com uma apresentação de uso do termo *Katechon* no contexto teológico da segunda carta de Paulo aos Tessalonicenses. Em seguida, será feita uma breve apresentação de como a tradição do catolicismo se inclinou a entender o termo. Carl Schmitt e sua leitura, especialmente no livro *O Nomos da Terra*, será aqui considerado paradigmático. Por fim, uma leitura crítica, de fundo messiânico, será apresentada como necessária para manter fidelidade à exigência interna do contexto paulino. Jacob Taubes e Giorgio Agamben serão os autores, em especial, que garantirão sustentação hermenêutica para essa tarefa.

### Palavras-Chave

Katechon. Teologia Política. Paulo de Tarso.



## O ADVENTO DO SOCIAL COMO CAMPO SIMBÓLICO, OS CASOS DE MAQUIAVEL, HOBBS E HUME

Maria Isabel Limongi Limongi

[belimongi@yahoo.com.br](mailto:belimongi@yahoo.com.br)

### Resumo

Costuma-se tratar do advento do social (para usar a expressão de H. Arendt) a partir da economia política. A proposta é a de recuar no tempo, a um período anterior à consolidação da economia política como disciplina, para tratar desse mesmo advento por outro viés. Tomando como fio condutor os conceitos de honra, glória e reputação, tal como mobilizados por Maquiavel, Hobbes e Hume, pretende-se mostrar que esses autores pensaram o social como um campo simbólico, em que se organizam alianças, oposições e subordinações, ou seja, relações de poder. Em outros termos, eles pensaram o social de um ponto de vista político, sendo este um ponto de vista alternativo e complementar ao econômico, de acordo com o qual a sociedade é fundamentalmente um “sistema de necessidades” (para usar a expressão de Hegel). No horizonte desta proposta está a necessidade de nos municiar conceitualmente para evitar o “desmantelamento do social” (para usar a expressão de W. Brown) e refletir sobre os processos de transformação social requeridos pela democracia.

### Palavras-Chave

Sociedade. Poder. Signo.



## O DESLOCAMENTO DA QUESTÃO DAS MASSAS DA PSICOLOGIA PARA A FILOSOFIA SOCIAL E POLÍTICA EM W. BENJAMIN

José Wellington Coelho Neto  
[wellington.coelho@aluno.uece.br](mailto:wellington.coelho@aluno.uece.br)

### Resumo

O deslocamento da psicologia das massas de Gustave Le Bon e da metapsicologia das massas de Sigmund Freud (que sai do terreno psíquico e vai para o terreno social) por Walter Benjamin representa uma contribuição importante na compreensão do comportamento coletivo. Benjamin trouxe a dimensão produtiva, histórico-social e a análise do impacto das novas tecnologias para o cerne do debate sobre as massas, enriquecendo a discussão e fornecendo ferramentas para compreender a complexidade desse fenômeno social. Suas ideias são extremamente relevantes para os estudos da psicologia de grupo e da cultura, convidando-nos a refletir sobre os desafios enfrentados pelas sociedades modernas em relação ao comportamento coletivo. A distinção entre massa compacta e massa afrouxada é uma metáfora utilizada para discutir a experiência moderna, especialmente em relação à arte e à cultura de massa. A massa compacta é a natureza homogênea e conformista da cultura de massa e da sociedade de consumo. Representa a uniformidade e a falta de individualidade nas experiências modernas e simboliza a tendência das pessoas a se fundirem em uma massa uniforme, perdendo suas identidades e singularidades em meio às influências da cultura de massa, como a publicidade, os meios de comunicação de massa e a produção em série. A massa afrouxada, por outro lado, representa uma resposta crítica a essa homogeneização. Uma experiência que resiste à uniformidade e que pode ser mais aberta à reflexão individual e à diversidade. Refere-se a momentos em que as pessoas podem se separar da corrente principal da cultura de massa e da conformidade, permitindo a emergência de experiências pessoais e reflexivas. Sugere a possibilidade de resistir à assimilação completa pela cultura de massa e de encontrar brechas para a individualidade e a autenticidade. O proletariado dotado de consciência de classe encontra-se aqui, embora nem sempre seja identificado pelo opressor. Esse é o problema proposto por Freud e Gustave Le Bon sobre a individualidade, a perda da singularidade, a identificação inconsciente etc. Benjamin



traz uma outra forma de identificação numa “massa frouxa”, não imediata. A massa é resultado não só de processos psíquicos, mas de processos históricos (econômicos e técnicos) e Benjamin pensa isso no campo político. É pela via da técnica e da economia, havendo uma forma de massa com consciência de classe, que o elo dessa massa não seria inconsciente, mas consciente, mediada pela linguagem.

### Palavras-Chave

Massificação. Proletarização. Consciência de C.



## O PENSAMENTO COLONIAL DE JOSÉ DE ACOSTA: O REGIME DE TRABALHO COMO MEIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

Francisco Basso Schroeder

[franciscoschroeder1997@gmail.com](mailto:franciscoschroeder1997@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho investiga as relações existentes na América do século XVI entre o projetos catequizador e as justificativas do emprego da mão de obra indígena no pensamento de José de Acosta. Em *De Procuranda indorum salute* (1588), obra na qual teorizado o projeto evangelizador a ser implantado na América, Acosta propõe uma classificação tripartite dos povos bárbaros de acordo com o seu grau de sofisticação cultural. A cada grupo é adequada a aplicação de um método de evangelização de acordo com a posição ocupada na referida classificação. Os povos Inca, observados mais proximamente por Acosta, que exerceu, dentre outras funções na sociedade colonial, a de provincial do Peru, são classificados como ocupantes de uma posição média. Detentores de certa organização política, são, contudo, iletrados e possuidores de costumes tidos como desviados do padrão estabelecido pela lei natural. Para Acosta, devem, portanto, ser submetidos aos cuidados dos espanhóis para que recebam instrução. Nessa senda que é introduzida a justificativa da sujeição dos indígenas ao regime de trabalho. Largados ao ócio e à idolatria, Acosta compreende a sujeição dos indígenas ao trabalho como uma forma de disciplinar os indivíduos e manter a ordem de civil, de modo a promover as condições ideais para a pregação. Dessa forma, ocupar-se-á neste trabalho dos imbricamentos entre os fins evangelizadores e a utilização da mão de obra indígena, a qual assume papel central de estabilizador da república e de promotor da obediência dos indivíduos.

### Palavras-Chave

Modernidade. Colonialismo.



## POLÍTICA, CIÊNCIA E NEGACIONISMO CIENTÍFICO A PARTIR DOS TEXTOS DE CIXIN LIU

Leonardo Rezende Meireles  
[leonardo.meireles@ifce.edu.br](mailto:leonardo.meireles@ifce.edu.br)

### Resumo

A intenção desse texto é discutir brevemente alguns aspectos filosóficos a partir da obra *O Problema dos Três Corpos* do autor Cixin Liu. O fato de ser uma obra literária do gênero de ficção científica, por si só serve para colocar sobre suspeitas a existência de alguns dos eventos históricos e políticos que são retratados no livro. Liu (2016) demonstra como pressupostos políticos e ideológicos podem afetar o modo como teorias científicas amplamente aceitas e comprovadas, podem ser consideradas equivocadas, como, por exemplo, a teoria da relatividade proposta por Albert Einstein. Todavia, a constatação de que tais teorias científicas são falsas não surge com base em estudos, pesquisas ou evidências que as refutem. Elas são consideradas inadequadas porque não coadunam com determinada pressuposição político-ideológica. A aproximação entre a política e o negacionismo científico é caracterizada pelo autor da seguinte forma: se uma teoria científica é contrária ou nega algum fundamento político e ideológico assumido por determinado grupo político, e caso tal grupo político seja extremista, avesso ao diálogo e totalitário, a teoria científica necessariamente será tomado como falsa e será combatida. Ou seja, segundo Liu (2016), um dos princípios essenciais do negacionismo científico tem origens políticas e não necessariamente científicas. Nesse sentido, será que essa tese defendida pelo autor chinês, pode ser comprovada filosoficamente? O negacionismo científico talvez seja tão antigo quanto a própria ciência e a filosofia. Pois, ambas tiveram aqueles que as negaram pelos mais diversos motivos. Contudo, quando o assunto é o negacionismo, a primeira hipótese que poderia vir a nossa mente é a ideia de ignorância, baixo grau de escolaridade e a falta de conhecimento sobre determinado assunto, que poderia justificar porque alguém negue ou acredite em qualquer teoria que seja contrária as leis da ciência. A falta de conhecimento sobre os métodos, das leis e das hipóteses científicas podem ser sim uma das causas do negacionismo. Mas, muito possivelmente a melhor forma de explicar o negacionismo e a adesão a ele seja através de vieses políticos, ideológicos, econômicos e religiosos.

### Palavras-Chave

Ciência. Política. Negacionismo.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA E PSICANÁLISE





## A ESTRUTURA DA PRONÚNCIA: O SUJEITO LACANIANO E SEU LUGAR NA ONTOLOGIA NEGATIVA DO ACONTECIMENTO

Gabriel Loureiro Pereira Da Mota Ramos

[loureiropmramos@gmail.com](mailto:loureiropmramos@gmail.com)

### Resumo

Há já algum tempo trabalhos têm-se dedicado ao que se pode denominar arqueologia filosófica da psicanálise (cf. ZIZEK, 2007; MACGRATH, 2011; FFYTCHÉ, 2011), os quais fornecem testemunho de esforços cujo intuito é articular, por um lado, as estruturas filosóficas que tornam possível a central intuição freudiana, notadamente o inconsciente, ao passo que, por outro, fundamentam filosoficamente a estrutura da subjetividade que resta no coração mesmo da teoria psicanalítica qua teoria do sujeito. Trata-se de apreender as estruturas conceituais pelas quais à subjetividade é reconhecida uma estrutural infinitude, articulada pelos correlatos conceitos de desejo e inconsciente. Diante destas considerações, nosso trabalho objetiva lidar filosoficamente com um específico problema da teoria psicanalítica lacaniana, notadamente o da assim chamada ontologia negativa (cf. SAFATLE, 2007; DUNKER, 2007; MÉNARD, 2004), correlata à determinação do sujeito do inconsciente enquanto barrado e marcado pela estrutural incompletude do desejo. Da discussão deste específico problema, que apresentamos pela análise detida dos seminários 6 e 7 à luz de *Subversão do sujeito* (LACAN, 1998) em diálogo com a bibliografia secundária mais recente (cf. CASSIN, 2012; ADELSTEIN, 2015), avançamos uma tese propriamente filosófica: a estrutura do que denominamos Pronúncia, compreendida enquanto mecanismo da subjetividade desejanter, implica um enlace entre os registros I-S-R cuja constituição infinita oferece resistência a toda possível articulação finita. A esta resistência dita infinita por necessidade estrutural denominamos Encontro Eterno, conceito para cuja construção recorreremos a Alain Badiou (2006, 2018), para quem o Sujeito é ontologicamente definido à luz do conceito de Encontro. Como terceiro e último passo metodológico de nosso trabalho, buscamos compreender como a Estrutura da Pronúncia se insere no quadro das contemporâneas discussões filosóficas relacionadas à ontologia do Acontecimento, como vemos nos esforços de Badiou (2006, 2018) e Romano (2021). A forja do conceito de Pronúncia revela-se, neste horizonte, o

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



metodológico passo necessário à construção de uma ontologia rica, de modo coerente aliás à determinação da infinitude estrutural pela qual é marcada a subjetividade. Se a psicanálise, além de teoria subsidiária à prática terapêutica, possui potencial crítico, é imprescindível sua fundamentação filosófica, esforço para o qual nosso trabalho visa contribuir.

## Palavras-Chave

Ontologia Negativa. Psicanálise. Pronúncia.



## A FILOSOFIA EM SUAS INTERFACES COM A PSICANÁLISE: ESPAÇOS DE DIÁLOGO

Josenildo José Da Silva  
[josenildo.silva@unicap.br](mailto:josenildo.silva@unicap.br)

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo principal a investigação dos fundamentos filosóficos da relação dialógica entre a Filosofia da Religião e a Psicanálise no que se refere ao estudo do fenômeno religioso desenvolvido pela mesma nos escritos de Sigmund Freud. A Filosofia se interessa pela Religião porque nela identifica respostas mais sólidas, mais antigas e mais fidedignas à questão do sentido da existência humana. Justamente neste último ponto é que encontramos a maior contribuição desta pesquisa para a reflexão filosófica na atualidade, que busca oferecer ao ser humano contemporâneo, desejoso de encontrar caminhos que o auxiliem a sair da situação de vazio em que muitas vezes se encontra, indicações e orientações seguras de caminhos de sentido de vida. Quando nos aproximamos dos estudos freudianos sobre o fenômeno religioso, que identificamos como não poucos, percebemos o quanto Freud valorizou a Religião na vida do ser humano, seja no sentido negativo ou positivo. A esse respeito, pode-se analisar as inúmeras cartas trocadas entre ele e Pfister, um grande estudioso da Psicanálise e pastor luterano. Caso não a julgasse um elemento fundamental, Freud não haveria dedicado à mesma, tantos escritos e citações no conjunto de suas obras. E aqui entra o papel da Filosofia da Religião como investigadora que busca encontrar tópicos que lhe possibilitem aprofundar o diálogo com a Psicanálise, não somente a freudiana, e, também, com a Psicologia, como ciência do comportamento.

### Palavras-Chave

Filosofia. Religião. Psicanálise. Sentido



## A INFLUÊNCIA DE SCHOPENHAUER NA CONCEPÇÃO FREUDIANA DE PULSÃO

Rafaela Sorace

[rafaleaosor@gmail.com](mailto:rafaleaosor@gmail.com)

### Resumo

Diante do pioneirismo da filosofia de Schopenhauer em temas como subjetividade, desejo, sexualidade e morte, desenhou-se um novo cenário intelectual para que os pensadores seguintes pudessem desenvolver suas teses sobre a constituição do sujeito. Em minha pesquisa pretendo demonstrar que Schopenhauer e Freud respondem similarmente à questão sobre aquilo que impulsiona o ser humano: este não é mais regido pela razão, como defendia parte considerável da tradição racionalista moderna inaugurada por Descartes, mas sim por um querer – que, vale destacar, não pode ser integralmente conhecido. Para tanto, analiso como ambos autores propõem um psiquismo fragmentado, no qual o intelecto tem papel secundário diante da pulsão (Trieb), uma “força poderosa e irresistível que impele” – conforme definição dicionarizada do termo. Para tratar da possível homologia conceitual, a pesquisa i) apresenta a teoria da pulsão de cada autor, ii) enfatiza como a pulsão, em ambos, aparece relacionada ao corpo, sexualidade, morte e vontade inconsciente, iii) recorre às menções e citações diretas que Freud fez de Schopenhauer em seu texto, nas passagens em que disserta sobre a pulsão, a fim de indicar que o próprio autor reconheceu o filósofo como precursor do tema, mesmo que em alguns momentos alegue não tê-lo lido. As teses desses autores a esse respeito inauguram um campo novo de diálogo entre filosofia e psicanálise. Além disso, a investigação das influências, modificações e renovações das teorias sobre a constituição do sujeito, mais especificamente sobre a pulsão, ao longo do tempo, são relevantes pois possibilitam uma compreensão mais clara sobre a história da filosofia, e também da psicanálise.

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Freud. Pulsão.



## A NEGATIVIDADE ENTRE HEGEL E LACAN

Allysson Anhaia

[zubualves@gmail.com](mailto:zubualves@gmail.com)

### Resumo

Essa comunicação visa discutir os resultados iniciais de uma pesquisa doutoral que tem por objetivo propor uma potência afirmativa a partir da falta lida por uma tradição filosófica que vai de Hegel a Badiou, passando por Freud e Lacan. Nesse primeiro momento da pesquisa nos preocupamos em estabelecer um vínculo entre as teorias de Lacan e de Hegel a partir da noção de negatividade. Acreditamos que isso é possível porque entendemos que a trajetória de Lacan é fruto dos impasses da tradição crítica do racionalismo da modernidade da qual o sistema hegeliano é um dos principais pontos de inflexão, de modo que buscamos sustentar a leitura da teoria lacaniana como um gênero de dialética negativa. Em outras palavras, acreditamos que, pelo menos de um ponto de vista, a teoria lacaniana se vale do mesmo problema da teoria do filósofo alemão no que diz respeito a negatividade. A partir disso se torna possível endossar a tese de Slavoj Žižek, de que Lacan seria uma repetição de Hegel e teria levado o projeto hegeliano para além do próprio Hegel. Essa proximidade entre Lacan e Hegel se dá através da influência da filosofia hegeliana no circuito intelectual francês na primeira metade do século XX, de forma que influencia a interpretação lacaniana do texto A negação (1925) de Freud, do qual se extrai boa parte do que se entende como falta e negatividade na psicanálise lacaniana. Cabe então, nessa comunicação, analisar as duas formas de negação que o psicanalista parisiense herda de Freud, a partir de uma aproximação com a negação no interior da dialética hegeliana, a fim de estabelecer um estatuto da falta, não somente no interior da psicanálise lacaniana, mas também nessa tradição filosófica que aponta para uma potência afirmativa. Essas negações correspondem a: 1) Verneinung (negação) que para o psicanalista parisiense está ligada ao processo que constitui o real enquanto aquilo que está fora da simbolização, como a própria estrutura da resistência neurótica; e 2) Verwerfung (forclusão) que aparece na psicanálise Lacaniana como o princípio genérico da fundação da autoidentidade do eu, uma vez que se dá como uma consequência da maneira de compreender a Verneinung. Além disso, pretende-se apontar como essa negatividade

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



pode culminar em uma potência afirmativa a partir do conceito de acontecimento de Badiou, uma vez tal conceito, que é uma espécie de herdeiro da teoria lacaniana, tem início também na negatividade e pode significar o surgimento do novo.

## Palavras-Chave

Negatividade. Negação. Acontecimento.



## A PRECARIIDADE COMO DIMENSÃO POLÍTICA DO DESAMPARO FREUDIANO

Victor Oliveira Ribeiro  
[victor.oli.r@gmail.com](mailto:victor.oli.r@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho deseja investigar uma dimensão política na noção de desamparo de Sigmund Freud ao flertá-lo com o conceito de precariedade de Judith Butler. Na obra freudiana, o nascimento causa uma forte descarga pulsional cujo frágil aparelho físico-psíquico do recém-nascido é incapaz de processar. Para manutenção da vida, depende o infante de alguém que o cuide, dada sua imaturidade física, estabelecendo-se uma relação de dependência radical com o outro para sua sobrevivência e, *pari passu*, para se constituir enquanto sujeito. Por força deste desamparo físico, emerge um desamparo psíquico representado na necessidade de ser protegido e amado, que se perpetua na vida adulta. Portanto, o desamparo indica uma condição humana inexorável de existência frágil e dependente do sujeito no mundo para com o outro – o que Vladimir Safatle, em *O circuito dos afetos*, designa como insegurança ontológica. Por sua vez, Butler, em *Precarious Life*, trabalha o conceito de precariedade, de acordo com o qual a vida só é possível de ser vivida a partir de condições externas e alheias ao indivíduo. Assim, as relações desiguais e assimétricas de poder aumentam a relação de dependência (e minam a capacidade de agência) dos sujeitos, em especial, daqueles que sejam socialmente mais vulneráveis, i.e., a insegurança ontológica é agravada por uma insegurança social. Destarte, existem pessoas cujas vidas são mais e menos precárias dada a distribuição desigual de recursos, sobretudo no contexto neoliberal, onde determinados grupos sociais são mais atravessados por processos de violências. Diante disso, questiona-se: existem vidas mais desamparadas do que outras? Em um sentido hodierno da palavra, sim, contudo, ao compreendê-lo como condição humana de insegurança ontológica, talvez não, razão pela qual a precariedade pode funcionar como um indicador da insegurança social que agrava a ontológica, minando ainda mais a agência política dos sujeitos precarizados. Ainda que a discussão metapsicológica do desamparo em Freud e o conceito de precariedade de Butler tenham premissas e objetivos diferentes, acredita-se que exista possibilidade de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



aproximação – inclusive, publicações recentes de Joel Birman caminham nesta trilha. Diante disso, deseja-se discutir se o conceito de precariedade butleriano poderia trazer uma dimensão política à condição de desamparo freudiana, destacando-se a insegurança social que agrava a ontológica.

## Palavras-Chave

Desamparo. Freud. Precariedade.





## A PSICANÁLISE TEM MEDO DE GÊNERO? COMPLEXO DE ÉDIPO E IDENTIFICAÇÃO DIANTE DA NÃO BINARIEDADE

Sam Alcântara

[samuelalcantara@gmail.com](mailto:samuelalcantara@gmail.com)

Nádia Laguardia De Lima

[nadia.laguardia@gmail.com](mailto:nadia.laguardia@gmail.com)

### Resumo

Ao tentar cernir o tema do Complexo de Édipo, por consequência, os processos de identificação na formação do Eu, em psicanálise, nos arriscamos a incorrer em, no mínimo, dois movimentos temerários aos inadvertidos, encadear uma série de repetições dada a inflação conceitual sofrida pelo Édipo, bem como tangenciar a problemática com pouco rigor diante das limitações que um pequeno texto comporta. Portanto, aqui pretendemos sublinhar algumas reflexões epistemológicas sobre a importância conceitual do Édipo como pilar central da teoria freudiana, de onde toda referência tentacular que sustenta os axiomas e os léxicos psicanalíticos parte, e apresentar algumas reflexões críticas sobre a manutenção destes mesmos axiomas na teoria psicanalítica diante da atualidade clínica de certas problemáticas, tais como novas configurações familiares, os estudos de gênero e as múltiplas expressões de sexualidade que conformam os processos de identificação do Eu no contemporâneo. Afinal, da clínica, na atualidade, demandas decorrem de escuta com analisantes, adolescentes e jovens adultos, que experienciam, em suas narrativas, sofrimento e angústia diante daquilo que Butler (2021) chama de não-conformidade de gênero, bem como de configurações familiares que desestruturam a centralidade patriarcal monogâmica hegemônica da qual Freud se valeu para construir todo arcabouço psicanalítico e diante da diversidade sexual que as quatro ondas das revoluções feministas introduziram. Ora, se a clínica atual está as voltas com demandas que colocam a teoria psicanalítica a trabalho, tais demandas advêm das mudanças políticas que nosso tempo atravessa. Logo, quais as consequências de um fazer clínico dissociado das dinâmicas de poder que enodam o laço social? Há clínica sem política? Como a psicanálise se situa diante das exigências de nosso tempo? Se o objeto de



estudo da psicanálise é o inconsciente e Lacan o localiza como sendo “a política”, pela lógica, a política deveria ser objeto central de interesse dos psicanalistas. Mas de que política estamos falando? Quais as consequências da manutenção do complexo de Édipo, do falo e de tantos outros axiomas como referência clínica para a psicanálise? É seguindo as interrogações que as novas configurações familiares, homoparentais, não-monogâmicas ou que não respondam a dinâmica hegemônica patriarcal, que os estudos de gênero e as múltiplas expressões da sexualidade colocam à clínica que este trabalho recoloca em potência a psicanálise.

### Palavras-Chave

Gênero. Psicanálise. Complexo de Édipo.



## A PSICOLOGIA PROFUNDA ENTRE NIETZSCHE E FREUD: NOTAS SOBRE POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES

Isadora Petry

[isadorapetry@gmail.com](mailto:isadorapetry@gmail.com)

### Resumo

Partindo do solo da conhecida leitura que Freud faz de Nietzsche, leitura esta que o próprio Freud insiste em negar, como já demonstraram Assoun, Gasser e, na comunidade científica brasileira, Giacóia; a presente comunicação tem por objetivo, em um primeiro momento, examinar e desenvolver as diferenças e semelhanças no entendimento que tanto Freud quanto Nietzsche têm de Psicologia Profunda (Tiefenpsychologie). Em um segundo momento, apresentará como o entendimento de Psicologia Profunda, primeiro com Nietzsche e, depois, com a psicanálise freudiana, colabora para um entendimento quantitativo da relação entre saúde e doença, normal e patológico. Ao examinar textos nietzscheanos que compõem o seu projeto de destruição da metafísica no interior da sua estratégia para reposicionar a Psicologia como a rainha das ciências, em contraste com determinados textos freudianos que se ocupam dos distintos modelos do “aparelho psíquico”, é possível perceber que tanto Freud quanto Nietzsche, a despeito de suas diferenças, não divergiam no essencial: era preciso estabelecer uma teoria quantitativa dos processos mentais, em suma, uma teoria que fosse capaz de abarcar as gradativas nuances entre saúde e doença. Nesse sentido é que pretende-se mostrar, por fim, em que medida e extensão o projeto filosófico de Nietzsche de uma “psicologia das profundezas” é de grande alcance psicanalítico, não apenas para Freud, mas também para nós na medida em que consideramos um frutífero alcance tanto epistemológico quanto clínico na intersecção entre psicanálise e filosofia.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Freud. Psicologia Profunda.



## A QUESTÃO DA REALIDADE NO SURGIMENTO DA PSICANÁLISE

Lucas Valiati

[lvaliati@hotmail.com](mailto:lvaliati@hotmail.com)

### Resumo

Ao leitor de Freud, não é surpresa o fato de que o termo Realidade (Realität, raras vezes Wirklichkeit) seja perene no texto freudiano. Este desempenha um papel articulador desde os primeiros escritos de Freud, os quais envolviam a fundamentação da psicanálise, como Projeto para uma psicologia (1895), até suas derradeiras produções, como no Esboço de psicanálise (1938). Com efeito, ainda que se apresente durante toda a sua obra, o termo não foi conceituado por Freud de maneira propositiva e muito menos recebeu uma circunscrição satisfatória do autor. Assim, não é considerado um conceito objetivamente determinado pelos estudiosos da área. Notamos que a literatura produz e investiga uma série de conceitos relacionados diretamente com a noção de Realidade, como teste de realidade, princípio de realidade, fantasia ou realidade psíquica, não obstante, observamos que investigações diacrônicas sobre a Realidade são raras e a noção de Realidade surge comumente subordinada e restrita em relação a determinados conceitos. Destarte, a presente comunicação tem como objetivo examinar o estatuto da Realidade num primeiro momento de elaboração da psicanálise, isto é, de 1886 até 1896, sobretudo dialogando com as noções de trauma, memória e representação de então.

### Palavras-Chave

Freud. Realidade. Psicanálise.



## A RECEPÇÃO DO CONCEITO FREUDIANO DE SUBLIMAÇÃO POR JOEL WHITEBOOK

Fabiana Carolina Dias  
[fabianacdias13@gmail.com](mailto:fabianacdias13@gmail.com)

### Resumo

Esta apresentação visa explorar brevemente o conceito freudiano de sublimação, e sua recepção no debate filosófico contemporâneo, destacando a abordagem de Joel Whitebook. Examinando a evolução do conceito ao longo das obras de Freud, desde sua introdução em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* até suas considerações em *Moisés e o monoteísmo* entende-se a sublimação como um processo pelo qual pulsões sexuais são deslocadas para atividades socialmente aceitáveis, abordando sua relação com a arte, trabalho e religião. Ao tratar da dimensão psicanalítica da primeira geração da Teoria Crítica, Joel Whitebook destaca a importância da sublimação na transformação das pulsões. A partir de uma leitura de Loewald, ele apresenta duas situações em que o conceito de sublimação se torna necessário para compreender o potencial da teoria freudiana. Primeiramente, o conceito seria o mais adequado para explicar o processo pelo qual o EU é transformado e um maior grau de liberdade pode ser alcançado na cultura. Em segundo lugar, o conceito é crucial para explicar a questão da distorção (*Entstellung*), pois sublimação permite que pulsões inconscientes sejam canalizadas para formas socialmente aceitáveis de expressão, evita que essas pulsões distorçam os processos mentais conscientes e mais avançados. Na prática psicanalítica, a sublimação é fundamental tanto para os pacientes como para os analistas. Para os pacientes, envolve o redirecionamento das pulsões primordiais para atividades socialmente aceitáveis, ajudando na resolução de conflitos e melhorando a auto-expressão. Enquanto para os analistas a sublimação é fundamental para reconhecer como podem utilizar suas próprias pulsões e experiências inconscientes de maneira construtiva no processo terapêutico, para além da simples reação aos sentimentos do paciente. A apresentação visa contribuir para uma compreensão mais ampla das implicações da noção de sublimação na contemporaneidade. Fazendo um recorte que nos convida a reconsiderar a sublimação como um elemento central na dinâmica psíquica e no processo de individuação.

### Palavras-Chave

Sublimação. Pulsões. Cultura.



## A TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL DA MEMÓRIA NOS SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO

Fátima Caropreso

[fatimacaropreso@uol.com.br](mailto:fatimacaropreso@uol.com.br)

### Resumo

A médica e psicanalista polonesa Judith Kestenberg, conhecida principalmente por ser a criadora do método de análise do movimento chamado Kestenberg Movement Profile, conduziu extensas pesquisas sobre as crianças vítimas da perseguição nazista. Em 1974, ela formou, nos Estados Unidos, o Group for the Psychoanalytic exploration of the effect of the Holocaust on the second generation, com o objetivo de investigar o impacto do Holocausto sobre os filhos de sobreviventes, a partir de uma perspectiva psicanalítica. Em 1981, junto com seu marido Milton Kestenberg, ela iniciou o Jerome Riker International Study of Organized Persecution of Children, um estudo de âmbito internacional que entrevistou cerca de 1500 pessoas que, quando crianças, foram vítimas da perseguição nazista. As pesquisas conduzidas por Kestenberg produziram um vasto conhecimento sobre a transmissão transgeracional da do trauma, da culpa e da brutalidade, entre outros fenômenos. O objetivo desse trabalho é apresentar e discutir a teoria sobre a memória e o trauma que pode ser extraída dos dados das suas pesquisas.

### Palavras-Chave

Memória. Holocausto. Trauma.



## ACHILLE MBEMBE: FILOSOFIA, PSICANÁLISE E RACISMO

Benjamim Julião De Góis Filho

[benjamimgois@uern.br](mailto:benjamimgois@uern.br)

### Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo discutir a perspectiva do filósofo Achille Mbembe no seu trato com a psicanálise e o racismo. Na sua obra *Crítica da Razão Negra*, Mbembe busca fundamentar que existe uma razão que é negra. Tal crítica da razão negra se faz no debate, numa apropriação do e com o pensamento europeu. Faz-se necessário destacar também a importância fundamental do filósofo e psiquiatra Frantz Fanon como interlocutor de Mbembe. A presença do tema da sexualidade se remete à psicanálise e ao Fanon. A discussão sobre a psicanálise vem dessa interlocução, o que não quer dizer que ambos não apresentem distanciamentos teóricos quanto à questão, uma vez que ambos estão em tempos diferentes e cada um pensa a psicanálise ao seu modo. A retomada da sexualidade por Mbembe é uma referência explícita ao Fanon, que afirmava ser o racismo colonial originado naquilo que ele chamou de intranquilidade sexual ou de ciúme racial. Fanon acrescenta em *Pele negra e máscaras brancas* que caso se queira compreender bem a situação racial psicanaliticamente, é necessário levar em consideração a importância dos fenômenos sexuais. Dito de modo resumido, Para Mbembe, a origem arcaica do racismo e da negrofobia é o medo da potência sexual atribuída aos negros para a maioria dos brancos. O negro representa o instinto sexual não domesticado.

### Palavras-Chave

Mbembe. Filosofia. Psicanálise. Racismo.



## ADORNO-MARCUSE: CONSIDERACIONES DIALÉCTICAS ACERCA DEL NARCISISMO Y LA ALIENACIÓN EN LA FILOSOFÍA

Fabrizio Fallas-Vargas  
[fv.fabrizius@gmail.com](mailto:fv.fabrizius@gmail.com)

### Resumo

En este trabajo se aborda la unidad tensional entre crítica y alienación que recorre a la Filosofía, como forma de saber (poder) disciplinar e institucionalizada y como disrupción del esquema social y/o su racionalidad técnico-instrumental. En ese orden de ideas se rastrea el (no) lugar de la filosofía dentro del conflicto social y los desafíos que enfrenta en términos de su banalización en formaciones económico-sociales modernas. Se pondera, asimismo, la importancia de la categoría de totalidad que, en Adorno y Marcuse, resulta crucial para comprender desde una perspectiva dialéctica la relación sujeto-objeto, sus derivas estéticas, epistemológicas y políticas al interior de un sistema de dominación. También se explora, con Herbert Marcuse y Theodor W. Adorno, la psicodinámica y función social del sujeto “integrado” y/o “normal” a dicho sistema, en orden a visibilizar la actualidad del planteamiento de ambos pensadores frankfurtianos y la potencia negativa de sus aparatos analíticos.

### Palavras-Chave

Dialéctica. Alienación. Narcisismo.





## ANTÍGONA E A CONTINGÊNCIA DO PARENTESCO

Petra Bastone

[petrabastone93@gmail.com](mailto:petrabastone93@gmail.com)

### Resumo

A filósofa estadunidense Judith Butler em sua obra *A reivindicação de Antígona* (2000) irá elaborar uma reflexão sobre a tragédia de Sófocles pensando a partir da personagem Antígona e o que suas ações representam. Para Butler, Antígona carrega consigo a própria quebra do parentesco. Fruto de uma relação incestuosa, entre Édipo e Jocasta, Antígona é aquela que carrega a transgressão em seu sangue e leva, até sua morte, a representação da “fissura” no parentesco e no simbólico, conceitos que serão repensados por Butler. Ao reivindicar o reconhecimento de seu irmão, prisioneiro de guerra, e lutar pelo direito de sepultá-lo, Antígona afronta a própria lei. Pensando através do estruturalismo de Lévi-Strauss e da psicanálise lacaniana, Butler irá refletir sobre como as normas sociais e simbólicas falham ao enquadrar as diversas formas de existências e de parentesco como inteligíveis ou não. Pretendo com este trabalho expor o protagonismo de Antígona e como sua figura é capaz de questionar leis dadas como inquestionáveis.

### Palavras-Chave

Butler. Antígona. Parentesco. Simbólico.



## APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE A ANTROPOFAGIA DE OSWALD DE ANDRADE E A PSICANÁLISE FREUDIANA

Luciana Cavalcante Torquato  
[lucianatorquato@yahoo.com.br](mailto:lucianatorquato@yahoo.com.br)

Guilherme Massara Rocha  
[gmassara@fafich.ufmg.br](mailto:gmassara@fafich.ufmg.br)

### Resumo

O presente trabalho analisa as relações, aproximações e afastamentos entre a Antropofagia - movimento estético capitaneado por Oswald de Andrade - e a psicanálise freudiana a partir do que o escritor paulista formulou como “ligações estratégicas” que pretendia estabelecer com a disciplina de Viena. Entendendo esta estratégia como a própria dinâmica antropofágica em suas pesquisas e relações de objeto, buscamos investigar de que maneiras, na construção do que delimitou como Weltanschauung antropofágica e de sua utopia matriarcal, Oswald de Andrade se serviu da psicanálise freudiana para apontar algumas saídas para o mal-estar de seu tempo. A partir dos documentos oswaldianos mais relacionados à Antropofagia – sobretudo o Manifesto Antropófago (1928), outros textos publicados na Revista de Antropofagia, e também seus ensaios tardios, como A crise da filosofia messiânica, O antropófago e A marcha das utopias- e tendo as proposições contidas no documento inaugural da Antropofagia como uma linha que atravessa toda a tese, examinamos como (a partir, com e contra Freud) Oswald construiu a utopia antropofágica com destino ao matriarcado de Pindorama, combateu o autoritarismo e a mentalidade reinol, valendo-se do que chamou de “males catequistas” cadastrados por Freud. Foi também a partir de Freud que entendeu a sexualidade na etiologia das neuroses e do recalque como produtor de sintomas. Todavia, como pudemos demonstrar, foi reformatando/antropofagizando Freud que propôs o que ficou estabelecido em uma das fórmulas do Manifesto Antropófago, “a transformação do tabu em totem”. E foi contra Freud que pôde denunciar o universalismo do Complexo de Édipo em seu projeto de descolonização do pensamento e despatriarcalização do mundo. Buscamos ainda demonstrar como tanto Antropofagia quanto psicanálise interpretaram o mal-



estar identitário e civilizatório de seu tempo. Por fim, mas não menos importante, perscrutamos o argumento do poeta Augusto de Campos (1975), para quem a Antropofagia teria sido a “única filosofia original brasileira”, afirmação corroborada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, ambos leitores diligentes de Oswald de Andrade. Algumas questões restam para serem trabalhadas: que efeitos podemos recolher, no campo da disciplina psicanalítica, dessa compreensão da Antropofagia, tanto do ponto de vista teórico quanto clínico? Que posição então podemos conferir à Oswald de Andrade dentro do panorama filosófico brasileiro?

### **Palavras-Chave**

Antropofagia. Psicanálise. Filosofia.



## AS ANIMALS WE ARE CONTINUOUS WITH NATURE

Maria Cristina De Távora Sparano  
[cris-sparano@ufpi.edu.br](mailto:cris-sparano@ufpi.edu.br)

### Resumo

Na via traçada pela dicotomia cartesiana entre pensamento e extensão, o cientificismo purificou o corpo, reduzindo-o a uma máquina que pode ser completamente mapeada, ter seu funcionamento previsto e passível de ser programado, desacreditando de seu “animalismo” e das relações entre consciência e inconsciente. Nossa proposta nesse trabalho é de um outro modelo como alternativa aos modelos de consciência nomeado como Corporificação essencial da consciência. Apresentaremos a natureza da consciência corporificada e suas propriedades, e como essa pode oferecer respostas para a relação mente-corpo e sua ação no mundo. Indagaremos sobre a importância da contribuição do modelo proposto para a filosofia da mente, ao passo em que analisaremos suas teses e a estrutura disposicional dos estados mentais, como crenças, desejos e emoções baseadas em desejos. O movimento dessa proposta vai de “Eu penso, logo sou” para “Eu desejo, logo sou”, evocando sua importância tanto em relação a sua descrição e a sua função, como a sua atuação no mundo. A diferença entre materialismo cartesiano e a tese da Corporificação Essencial da Consciência não se limita ao “cérebro” ou à “matéria” que situa apenas uma parte do cérebro como consciente e descarta seu “animalismo” natural que é essencialmente físico, mas também psicofísico e mental e que, seguindo a direção dos autores Hanna e Maiese (2009) engloba o corpo como um todo e seus desejos. Para muitos, não podemos apresentar uma resposta adequada puramente física de pessoas. Pessoas percebem, têm sentimentos, pensam e agem intencionalmente ou não. Objetos puramente físicos não podem assim agir. Então, qual a diferença entre pessoas e objetos físicos? Essa intrigante questão filosófica recebeu algumas considerações filosóficas e psicológicas que não passam despercebidas, seja pela sua vocação ou pela sua importância para a Filosofia e para a Ciência. Quero aqui incluir também as contribuições da Psicanálise Apenas como inspiração, poderíamos aproximar as novas teses em filosofia da mente de Hanna e Maiese (2009) de pensadores como Freud e Lacan e de seus modelos de mente e de objeto físico, corpos e, com isso, suspeitar, investigar futuramente no desenvolvimento da pesquisa se as teses aqui apresentadas contribuem ao corpus teórico dos autores citados.

### Palavras-Chave

Natureza. Mente. Desejo.



## AS CONSEQUÊNCIAS DO AFASTAMENTO HABERMASIANO DO CONCEITO DE PULSÃO EM “CONHECIMENTO E INTERESSE”

Paula Mariana Entrudo Rech  
[paula.mariana.rech@gmail.com](mailto:paula.mariana.rech@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa se dirige a investigar os motivos que levaram Jürgen Habermas ao progressivo afastamento da teoria pulsional de Freud durante o desenvolvimento de seu projeto contido em *Conhecimento e Interesse* (1968), discutindo suas possíveis consequências. A partir disso, reconstruiremos o debate atual sobre a incorporação da psicanálise na teoria crítica, contrapondo dois de seus principais modelos: o modelo da autorreflexão, proposto por Habermas na referida obra – e que encontra eco em desenvolvimentos recentes de Axel Honneth – e a tentativa de reincorporar a teoria pulsional segundo um modelo kleiniano, desenvolvida por Amy Allen. Partindo dessa interlocução entre psicanálise e teoria crítica, Allen, em seu artigo “Are We Driven? Critical Theory and Psychoanalysis Reconsidered” (2015), debate com Axel Honneth a importância de reafirmar a necessidade da psicanálise para a teoria crítica e leva em conta a teoria das pulsões para uma interpretação correta da psicanálise. Por outro lado, mesmo que Allen concorde com a afirmação feita por Honneth de que a teoria crítica precisa da psicanálise, sobretudo devido a questões metanormativas e explicativas, o que surge como ponto relevante para uma explicação é qual versão psicanalítica deveria ser abarcada pela teoria crítica. Por esse viés, a autora propõe, contra uma interpretação intersubjetiva da teoria das relações objetais de Winnicott, defendida por Honneth, que a versão que melhor cumpriria os objetivos da teoria crítica, principalmente no que concerne a fornecer uma concepção mais realista de pessoa e uma abordagem explicativa mais rica da agressividade e da destrutividade humana, seria encontrada no trabalho teórico voltado às pulsões de Melanie Klein. Dessa forma, pretende-se, por meio da articulação dos pilares psicanalíticos aos pilares da teoria crítica, especialmente pela via dos conceitos de autorreflexão, emancipação e pulsão, estabelecer uma diretriz a partir da qual possamos sobrepujar as lacunas encontradas no projeto habermasiano para, então, partimos em busca de respostas a respeito dos motivos pelos quais a teoria crítica precisa da psicanálise e da versão psicanalítica que deve, afinal de contas, ser adotada.

### Palavras-Chave

Autorreflexão. Emancipação. Pulsão.



## AS EDIÇÕES E REEDIÇÕES DE A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: FREUD EDITOR DE SI MESMO

Andre Medina Carone

[andremedinacarone@gmail.com](mailto:andremedinacarone@gmail.com)

### Resumo

A data oficial da publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900) representa um marco na história da psicanálise e do pensamento de Freud. Entretanto o livro passaria por oito reedições nos trinta anos seguintes, até que fosse publicada em 1930 a última edição autorizada pelo autor - edição mundialmente replicada em traduções estrangeiras e também na língua alemão. Ao final de um percurso editorial longo e polêmico, a edição final passa a contar com mais de cento e cinquenta páginas redigidas em períodos posteriores ao ano de 1900, a célebre data que é associada com frequência ao nascimento da psicanálise. Nossa proposta consiste em apresentar uma leitura das sucessivas versões da seção reservadas aos sonhos típicos (no quinto capítulo do livro), cujo propósito será indicar que o importante comentário de Freud a respeito de *Édipo Rei* de Sófocles não traz qualquer referência ao Complexo de Édipo, e que as sucessivas reedições do livro visavam dois objetivos: acomodar a noção de Complexo de Édipo às formulações originais do texto e demarcá-lo da noção de simbolismo (isto é, a da presença de traços típicos ou invariáveis da vida psíquica) - pois a segunda e a terceira edição do livro reúne a análise do simbolismo e do Édipo Rei em uma única seção, antes que a abordagem psicanalítica do simbolismo seja deslocada para o sexto capítulo na quarta edição, onde ela será abrigada em uma nova seção dedicada única e exclusivamente a este tema.

### Palavras-Chave

Psicanálise. Sigmund Freud. Complexo de Édipo.



## AS MANOBRAS DOS MORTOS: DESLOCAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS A PARTIR DE VINCIANE DESPRET

Aline Sanches

[asanches@uem.br](mailto:asanches@uem.br)

Adriana Barin De Azevedo

[adribarin@gmail.com](mailto:adribarin@gmail.com)

### Resumo

Longe de relegar os mortos ao lugar de memória ou de algo que existe somente na produção psíquica dos vivos, a filósofa Vinciane Despret atribui aos mortos uma existência própria, em uma posição ativa capaz de convocar os vivos a transformar o mundo. Aceitamos o convite da autora para suspender nossos preconceitos culturais e científicos e tecer reflexões sobre algumas questões: qual é o lugar dos mortos na relação com os vivos? Pode-se sustentar que os mortos existem, do ponto de vista filosófico e psicanalítico? Se existem, qual é o seu estatuto ontológico e seu modo de existência? Nosso objetivo é fazer destas questões um motor para problematizar a teoria psicanalítica do luto, na medida em que esta se insere em uma determinada epistemologia científica, que se pretende hegemônica e que reduz a relação com os mortos a um conteúdo psíquico individual. Quando uma interpretação se impõe como único lugar da verdade, arrisca-se a silenciar e apagar outras versões sobre a experiência intrigante e sensível que a relação com os mortos pode produzir, desqualificando-as como falsas, infantis, patológicas e até mesmo, perigosas. Defende-se aqui que a teoria psicanalítica do luto seja apenas mais uma versão no que concerne ao modo de se relacionar com os mortos, versão que pode coexistir com outras. Busca-se aqui apresentar possibilidades epistemológicas para considerar os mortos como ativos e engajados junto aos vivos em ações coletivas, com força política para participar da criação de futuros, e não apenas como reflexo das fantasias e conflitos intrapsíquicos dos vivos.

### Palavras-Chave

Mortos. Epistemologia. Psicanálise.



## AUTORIA DE UMA MULHER: A NOVIDADE DE SABINA SPIELREIN SOBRE DESTRUTIVIDADE E EROTISMO

Priscila Frehse

[priscilafrehse@gmail.com](mailto:priscilafrehse@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho consiste numa exegese do texto *A destruição como origem do devir*, de Sabina Spielrein, com o objetivo de dar relevo ao seu pioneirismo na narrativa sobre a destrutividade implicada no erotismo. Partimos da proposição de Cromberg (2021), que afirma que o conceito freudiano de pulsão de morte recalcou o conceito spielreiniano de destrutividade. A hipótese que pretendemos sustentar é que este texto de Spielrein, inaugura, no campo psicanalítico, a autoria feminina da narrativa sobre o gozo sexual e sobre o amor em sua dimensão destrutiva mas também criativa, com abertura para pensar a destrutividade implicada na sexualidade por uma via distinta da teoria freudiana que a relaciona ao sadismo, masoquismo e a pulsão de morte. Na teoria freudiana, a destrutividade implicada na sexualidade é pensada a partir da literatura escrita por dois homens, Sacher-Masoch e Sade, via a psicopatologia de Krafft-Ebing. Spielrein, de outro lado, afirma que a morte está implicada na sexualidade (a morte de si), está relacionada à criação (à procriação) e também a à indiferenciação e à assimilação ou dissolução: converte o eu em nós, em movimento que vai adiante, morte e vida relacionadas de tal modo que é possível supor um monismo pulsional em sua teoria. Além disso, articula a dimensão do devir na sexualidade à temporalidade e a uma dimensão transgeracional. Por fim, realiza uma análise ensaística da mitologia cristã e da ideia de redenção e sacrifício, uma espécie de ensaio mitológico e bioanalítico, ao modo de Thalassa, de Sándor Ferenczi, e de outros psicanalistas pioneiros.

### Palavras-Chave

Destrutividade. Spielrein. Erotismo.





## CONHECIMENTO, PULSÃO DE SABER E A HIPÓTESE DA PERVERSÃO ORIGINAL

Pedro Monte Kling  
[pmontekling@gmail.com](mailto:pmontekling@gmail.com)

### Resumo

Elemento decisivo na teoria freudiana, a inversão copernicana que coloca a libido no centro dos processos da sexualidade traz uma multiplicidade de questões. Antes de Freud, a pensava-se na órbita de objetos/metastas muito bem definidos; agora, são objetos/metastas nada determinados que orbitam a libido. Como isso é possível? O objetivo desta comunicação é sugerir caminhos para pensar esse novo estatuto, em especial em sua relação com o conhecimento. A libido se torna, se assim pensada, a faculdade perversa por excelência, responsável por eleger objetos e metastas diversos. Parece haver, já na constituição da própria libido, uma espécie de perversão original que a orientaria, perversamente, a perverter. Os ‘Três Ensaio’ apontam um claro caminho em suas numerosas e conhecidas aproximações entre a libido e o cruel. Tais descrições no texto parecem sugerir que, se há nome para essa perversão original, trata-se de sadismo. Se a teoria da sexualidade de Freud de fato realiza uma inversão copernicana, então a libido se torna um novo centro de gravidade – e não é gravidade a mais sádica das leis, aquela que, com força incansável, puxa tudo para si? Instigante, assim, é uma passagem frequentemente negligenciada dos ‘Três Ensaio’, adicionada na edição de 1915 e intitulada ‘A Pulsão de Saber’, em que Freud fala de tal pulsão como uma “forma sublimada de apoderamento” que é “atraída (...), com imprevista intensidade, pelos problemas sexuais, e talvez seja inclusive despertado por eles”. Há aqui a sugestão de um componente epistemológico intrínseco à sexualidade. A sugestão de Freud parece ser que a pulsão de saber é, ao menos em parte, a sublimação de uma pulsão sexual, e, importantemente, que essa transformação conserva um dos elementos constituintes da libido: a vontade sádica de apoderamento. Se correta, essa hipótese é um importante ponto de partida para responder a uma provocação feita por Stanley Cavell ao fim de sua crítica da epistemologia moderna em ‘The Claim of Reason’, de que “é de se esperar que a ideia do conhecimento (...) será erotizada, encenada em formas de vida sexual. (...) Se falamos de perversões da existência

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



humana, isso englobará distúrbios de satisfação não mais sexuais do que epistemológicos”. O que se vê em uma análise atenta dos ‘Três Ensaios’ é algo adjacente a isso: uma epistemologização da ideia de pulsão sexual, encenada em formas de vida filosófica.

## Palavras-Chave

Conhecimento. Epistemologia. Sadismo.



## CORPO TRAÇO MEMÓRIA

Claudia Pereira Do Carmo Murta

[cmurta@terra.com.br](mailto:cmurta@terra.com.br)

### Resumo

CORPO, TRAÇO, MEMÓRIA. Como esses três conceitos se relacionam entre si? O traço é o que faz laço entre corpo e memória. Segundo Freud, o aparelho psíquico se relaciona com o mundo externo via percepção que, desse modo, se apresenta como a porta de contato entre a mente e o mundo. Aos primeiros traços, associam-se outros, que não têm relação imediata com os primeiros, impressos no aparelho psíquico pela percepção. Ou seja, seguindo a construção freudiana, corpo e memória se enlaçam por intermédio dos traços de memória que, via percepção dos estímulos, originários da realidade externa, marcam o corpo e formam redes, representações, tecido do inconsciente. Lacan propõe que o traço de percepção é um significante que se origina da própria experiência percebida, inscrita, transformada e deformada por conexões e associações que criam uma realidade interna inconsciente em paralelo à consciência. A respeito dos conceitos corpo, traço, memória, como o significante se inscreve no corpo? O corpo, afetado por traços significantes, torna-se então falante, pelas contingências do dizer silencioso da pulsão, produzindo acontecimento de corpo, fruto de um discurso sem palavras que deixa efeitos permanentes, nomeados por Lacan como efeitos de gozo. O conceito de sintoma, central nesse processo, ao seguir a pulsão, em seu caminho silencioso, quando esta não se liga a uma representação, revelando-se no corpo. Desse modo, no lugar de uma ideia recalçada, o sintoma incorpora-se, tal como uma palavra sem sentido, uma satisfação pulsional, um gozo distinto do prazer, um sofrimento. O gozo incorporado pelo significante como traço, se inscreve no corpo, enlaçando-se à pulsão. Desse modo, o corpo se sustenta no real do gozo, tal como enuncia Lacan. Como a expressão acontecimento de corpo se inclui nesse processo? Nessa concepção de sintoma, a satisfação pulsional se produz na dimensão do corpo e não no plano das representações. O sintoma impede o movimento pulsional, ao gastar-se no próprio corpo do indivíduo e funciona como contenção da pulsão, evitando o movimento, ao fixar a pulsão sobre o próprio corpo. Assim, no caso da formação de sintomas, o corpo circunscreve circunscreve a pulsão e é a defesa contra a própria

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



pulsão, um processo substitutivo da satisfação da pulsão. Os efeitos que as palavras provocam no corpo, físgam e perturbam o corpo. Trata-se de saber ler os acontecimentos que traçam os sintomas e as letras de gozo com as quais o ser falante se identifica.

## Palavras-Chave

Corpo. Traço. Memória.



## DA TRAGÉDIA À RESISTÊNCIA: ANTÍGONA NA FRONTEIRA ÉTICA/POLÍTICA DO PROGRAMA LACANIANO

Gabriel Henrique Souza Maciel  
[gabriel.henrique\\_souza@hotmail.com](mailto:gabriel.henrique_souza@hotmail.com)

### Resumo

A presente submissão propõe-se a apresentar a obra *Antígona* (1989), de Sófocles, enquanto postulada por Jacques Lacan como a narrativa representante do programa da ética do desejo, apresentado no seu “Séminaire 7” (1959-60/2008). O Psicanalista volta-se para a tragédia sofocliana a fim de demonstrar como a Ética do Desejo é uma ética trágica, mas não determinista nem fatalista. A postura assumida por Antígona deverá ser aquela assumida pelo agente da Ética do Desejo. Na recusa de conformar-se ao exercício do poder de Creonte e ao não abdicar de velar e enterrar seu irmão, Antígona toma para si a responsabilidade de “agir conforme seu desejo”, tornando-se um polo de resistência à lei, que confere direito ao exercício de poder do rei. Buscar-se-á neste trabalho avaliar as potências de se assumir uma ética que tem como representante Antígona e como postulado o “Agir conforme o teu Desejo”, que se formaliza, em um só tempo, sobre a dobra Tragédia/Resistência, estendendo-se da relação Desejo-Sujeito para a relação Sujeito-Outro. É apenas ao final do complexo de Édipo que um sujeito se estabelece, e em duplo movimento, o da simbolização da Lei e o da instauração da Falta. Neste movimento há a conclusão do estágio do espelho, quando o “bolo de carne” (ou seja, o bebê) apercebe-se como o outro do Outro (sendo esse segundo Outro aquele que ocupa a função materna), momento em que o adulto perde a dignidade de “detentor do tesouro significativo” à medida que a criança se vê alienado deste e inicia sua inserção na linguagem. Este momento é caracterizado pela metaforização do significativo fálico, com a entrada da figura paterna na relação. Ao aperceber-se de que nenhum dos três lados pode cumprir a função de ser o Falo para os outros, o recente sujeito se constitui estruturalmente como n-1, falta-a-ser. Neste movimento tem-se a assunção da lei na superação da figura paterna e a simbolização do desejo como metonímia da falta. Neste trabalho buscaremos lançar mão de uma avaliação estrutural da obra trágica, buscando compreender qual o papel que Antígona representa quando estabelecida como “o caso exemplar” da Ética do Desejo, na

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



fronteira teórico/prática da psicanálise e, dentro do espaço prático, na tênue divisão entre o estabelecimento de um Programa Ético e os apontamentos para um horizonte Político que, ao final do “Séminaire 7”, mostra-se mutuamente constitutivo e necessário.

## Palavras-Chave

Antígona. Ética. Desejo.



## DASEINSPSICANÁLISE: FUNDAMENTOS E PRÁXIS CLÍNICA

Manuel Moreira Da Silva

[immanuelmoreyra@gmail.com](mailto:immanuelmoreyra@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho consiste numa exposição sumária da Daseinspsicanálise. Uma nova direção da Psicanálise a um tempo plural ou heterodoxa no âmbito da teoria, precisamente da fundamentação e da produção teórica, mas ortodoxa no âmbito da práxis, no qual reivindica para si a herança da Análise freudiana. A Daseinspsicanálise remonta a contribuições como as de Binswanger e Boss entre outras, imprimindo à Psicanálise uma direção fundada na homologia do antro-po-prático e do técnico; em suma, na relação terapêutica. Desse modo, reivindica para si o legado de Freud e seus principais sucessores, mas também reconhece o fato, verificado por Boss, de uma harmonia (Einklang) da práxis psicanalítica e do entendimento daseinsanalítico do ser-á humano, bem como o de “uma psicanálise ‘guiada por pontos de vista daseinsanalíticos’”, que, para Binswanger, “reage sobre a técnica psicanalítica ela mesma”. Caso em que esta se mostra, enfim, a partir de Caruso, como uma técnica existencial. A Daseinspsicanálise se põe na vanguarda dos tratamentos que ainda se mostram como desafios à psicanálise, sobretudo a clínica de neurodivergentes e portadores de AH/SD. Esses, muitas vezes aprisionados em um diagnóstico que os assujeitam ou limitam a tal ou tal estrutura edípica, quando não a um pool informe de conexões que impossibilita justamente o seu tratamento adequado. Eis aí uma clínica que exige do analista, e mesmo da formação de analistas, um ir-além do “ver microscópico” de Bion e da “escuta ontológica” de Holzhey-Kunz, os quais, porque ainda nos limites do paradigma epistêmico da representação, embora já presentes em Freud e outros, não possibilitam ao analista “não ficar aquém daquilo que o paciente é capaz de perceber”, conforme exigido pela própria Holzhey-Kunz; o que vale de modo ainda mais intenso para o caso dos sujeitos neurodivergentes em geral e AH/SD em especial. O desafio em tela se impõe precisamente em ver tal como o analisante vê, mas para além de uma condição pura e simplesmente patológica, em geral, resultante de uma projeção do analista ele mesmo. De início, o trabalho apresenta o movimento de conformação da Daseinspsicanálise, isto é, o caminho de Freud a Heidegger – ou



da Psicanálise à Daseinsanalyse – e de volta. Ato contínuo, expõe os passos técnicos daquela e a direção da cura, assim como a concepção do ser humano como ser-aí pulsional. Em conclusão, apresenta os limites e o alcance da Daseinspsicanálise no tocante aos desafios da Psicanálise na época atual.

### **Palavras-Chave**

Daseinspsicanálise. Fundamentos. Clínica.





## DO DISCURSO CAPITALISTA À BRANQUITUDE: IDENTIDADE RACIAL E LAÇO SOCIAL

Miguel José Camargo De Jezus  
[camargo.jose00@gmail.com](mailto:camargo.jose00@gmail.com)

### Resumo

Sobre o conceito de discurso na obra de Jacques Lacan, desenvolvido entre os anos de 1968 e 1972, destaca-se quatro pontos: i) é uma forma de laço social; ii) consiste em um aparelhamento do gozo; iii) diz de posições que o sujeito habita na linguagem, sendo estas intercambiáveis e iv) consiste em um lugar onde o sujeito é falado. O discurso capitalista, por sua vez, é definido por Lacan como aquele que não faz laço social - pois nele não há mais sujeito, tudo torna-se objeto do mercado e de consumo. Nesta operação, ocorre uma dinâmica denominada de imperativo de gozo, em que não havendo mais restrições entre o sujeito e o gozo, aparece uma busca incessante por um mais-de-gozar. A partir da compreensão do conceito de discurso capitalista como um solapador da subjetividade, pode-se lançar luz para alguns processos de esgarçamento dos laços sociais, uma vez que ele opera como um regulador das formas de vida a partir dessas dinâmicas (e demandas) de mercado. O objetivo desta pesquisa tem sido investigar, a partir da teoria do discurso capitalista, os tensionamentos políticos das identidades, sobretudo em suas formas de dominação a partir da imposição de identidades hegemônicas, como a branquitude. Portanto, é realizado o cotejamento do conceito de discurso capitalista na obra de Jacques Lacan para leitura dos fenômenos de identificação e formação de identidade racial do sujeito contemporâneo brasileiro, sob a égide de um capitalismo neoliberal. Nesse sentido, busca-se pelas implicações deste discurso nos processos de subjetivação, nas identificações e formação das identidades - sobretudo, as consequências psíquicas e o sofrimento destes processos para os sujeitos racializados. A entrada no debate em Filosofia Política sobre as identidades na contemporaneidade tem sido realizada em diálogo com autoras como Neusa Santos Souza, Isildinha Baptista Nogueira e Lélia Gonzalez - além de Frantz Fanon. Esta comunicação visa apresentar as possibilidades de diálogo entre o conceito de discurso capitalista como um catalisador de formas de dominação e expropriação do gozo do outro, a partir da imposição dessas identidades hegemônicas. Espera-se,



dessa forma, dar um tratamento centralizado para o processo de racialização como um dos pilares da manutenção desse sistema político-social e econômico, baseado na expropriação do gozo do outro e que tem como um de seus objetivos, a produção de um mais-de-gozar.

### **Palavras-Chave**

Discurso Capitalista. Racismo. Identidade.



## DO PSIQUISMO À OUTRIDADE: LEITURAS SOBRE A SINGULARIDADE NA CLÍNICA FREUDIANA

Marcos José Müller  
[marcos.muller@ufsc.br](mailto:marcos.muller@ufsc.br)

### Resumo

Este artigo propõe uma discussão sobre a intersecção entre a filosofia francesa contemporânea e a psicanálise, focada especificamente no tema da “singularidade” na psicanálise, destacando autores como Politzer, Foucault e, especialmente, Merleau-Ponty. Trata-se de pensar como esses autores buscaram retratar o tema da singularidade em Freud. O objetivo é determinar como pode ser definida a singularidade que Freud encontrou em seu trabalho clínico de escuta aos pacientes e em que sentido essa singularidade não se reduz às formulações teóricas posteriormente desenvolvidas pelo psicanalista nos termos de um sistema psíquico – e que Politzer classificou, de forma depreciativa, como uma psicologia abstrata. Meu estudo leva em conta, especialmente, os esforços de Merleau-Ponty para pensar a noção freudiana de singularidade nos termos de uma nova teoria, que ficou conhecida como teoria da outridade, na qual o filósofo aproxima a singularidade à noção de pulsão de morte, antecipando o que anos mais tarde Lacan chamaria de “extimidade”.

### Palavras-Chave

Pulsão. Singularidade. Outridade.



## E A MÃE DE SCHREBER? UMA ABORDAGEM SOBRE AS MEMÓRIAS DO SENATSPRÄSIDENT A PARTIR DO PARADIGMA WINNIC

Caroline Vasconcelos Ribeiro  
carolinevasconcelos@hotmail.com

### Resumo

O livro autobiográfico Memórias de um doente dos nervos foi escrito Daniel Paul Schreber com o fito de comprovar a recuperação de sua capacidade mental e suspender o embargo legal de gerenciar seu patrimônio. De posse desta autobiografia e diante de uma extensa descrição sobre variadas deformações corporais pelos raios milagrosos, Freud escolhe a emasculação como o tema principal do padecimento do Senatspräsident e o interpreta à luz de sua teoria da sexualidade, do complexo de Édipo e da repressão de um desejo homossexual. Sua interpretação articula o papel da figura paterna com Deus e o médico Flechsig. Com vários livros sobre medicina, ginástica e educação, Daniel Moritz Schreber – pai do autor do livro de Memórias – legou ao povo alemão ideias sobre controle corporal, saúde, disciplina, higiene e criação de filhos de acordo com a estrutura e as leis da natureza humana. A faceta de pai severo e disciplinador ficou mais clara depois que Niederland, Franz Baumeyer e Zvi Lothane pesquisaram as ideias e obras de Moritz Schreber, trazendo à baila informações que Freud não dispunha. Os referidos pesquisadores mostraram como o “despotismo pedagógico” deste pai chegou em seu lar e fez com que seus filhos fossem educados sob a batuta de seus preceitos. Para Moritz, os excessos deveriam ser rigorosamente disciplinados, de modo que se um bebê gritasse de fome, não se deveria dar comida imediatamente, cabendo deixar que ele se acalmasse por conta própria. Considerando a figura dominadora do pai e a importância, destacada por Winnicott aos primeiros meses do bebê, nos perguntamos sobre a mãe do Senatspräsident. Por que a menção de Daniel à mãe, Pauline Hasse, é tão sumária em seu livro de memórias? Por que ele não fala da presença dela na infância? Nossa hipótese é que a maternagem, nos primeiros meses, não foi suficientemente boa devido a uma possível depressão de Pauline e à presença onipotente deste pai que entendia que a vida deveria ser rigorosa e disciplinada já desde muito cedo. Com este trabalho, pretendemos pensar, a partir do paradigma winnicottiano, sobre a história de Daniel Schreber. À luz da discussão



kuhniiana sobre paradigmas e do olhar proposto por Zeljko Loparic sobre o uso desta discussão no campo da psicanálise, examinaremos como as experiências de corpo como inimigo, perseguidor e palco de ações de raios nefastos, descritas por Schreber, podem ter relação com uma maternagem que não foi suficientemente boa.

### Palavras-Chave

Kuhn. Paradigma. Schreber. Winnicott.



## ENANTIODROMIA: A OPOSIÇÃO NA PSIQUE HUMANA APLICADA NOS TIPOS PSICOLÓGICOS DE CARL GUSTAV JUNG

Carlos Henrique Jesus De Paula  
[carlos.depaula1997@gmail.com](mailto:carlos.depaula1997@gmail.com)

### Resumo

O problema que se apresenta neste trabalho consiste em como o conceito filosófico do fenômeno da enantiodromia é aplicado em toda a estrutura da psique humana segundo a psicologia analítica. Mais precisamente, no que diz respeito à obra Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung. No caso, em como seus símbolos e imagens operam na esfera pessoal e coletiva dos indivíduos a partir de experiências posteriori e, também, apriorísticas. Como observado, são relações de oposição que firmam um equilíbrio psíquico. Aliás, devido os fundamentos filosóficos ao qual Jung, em suas próprias referências, tem conhecimento, desenvolve-se uma extensa ampliação de conceitos psicológicos – como o inconsciente da psicanálise – e também a criação de conceitos próprios a partir de questões que se formaram das observações empíricas do psicoterapeuta com seus pacientes, como o conceito de arquétipo – do grego arché –, relativo a princípio. Em vista disso, a enantiodromia consiste no significado de correr em sentido contrário. Ou seja, a concepção de que tudo o que existe se transforma em seu contrário. Portanto, tem-se a apresentação da base que percorrerá todo o trabalho que circunda não apenas a estrutura da psique humana, mas cada uma de suas camadas, superficiais e profundas, inclusive dos símbolos formados pelo inconsciente durante os sonhos e dos tipos psicológicos analisados por Jung em consultório. Dessa maneira, a construção de novos conceitos – como já citado – tem por finalidade o desejo em compreender parcialmente o modus operandi da totalidade da psique humana, o que retrata a extensa dificuldade filosófica e psicológica em representá-la, pois, segundo Jung, nossa psique faz parte da natureza, e o seu enigma é, igualmente, sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique, nem a natureza. Este trabalho tem como foco a construção teórica, com apoio da metodologia junguiana, no modo de interpretar as realidades internas e externas ao indivíduo, principalmente ao conhecimento dos tipos psicológicos serem divididos entre tipos racionais – intuição e pensamento, por serem internos – e tipos irracionais – sensação e sentimento, por



serem externos –. Enfim, essa base filosófica que indica como a psique humana é relacionada por um fenômeno, como a enantiodromia, advém das relações opostas entre o consciente e o inconsciente do indivíduo na psique. Dito isso, busca-se compreender e explicitar o conceito do fenômeno da enantiodromia, segundo a filosofia, com apoio em Jung.

### Palavras-Chave

Enantiodromia. Jung. Inconsciente.



## ENTRE O CONFLITO PSÍQUICO E O CONFLITO POLÍTICO: APONTAMENTOS SOBRE DESAMPARO E LAÇO SOCIAL EM FREUD

Marina Santos De Castro  
[scastromarina@gmail.com](mailto:scastromarina@gmail.com)

### Resumo

São muitos os caminhos que podem ser usados para pensarmos a formação da subjetividade humana e de nossas instituições sociais. A filosofia, em especial a moderna, está cheia deles, frequentemente o percurso trilhado é o da consciência, do acordo, ou da excepcional racionalidade humana. Freud, no entanto, escolheu investigar nossa constituição subjetiva e social pela via do sofrimento e encontrou no desamparo uma referência primeira para todos eles. O desamparo revela uma inaptidão individual para a vida, não somente uma fragilidade biológica, mas uma incompletude psíquica e uma necessidade vital de sermos objeto do desejo e do amor dos outros e além, na última fase de sua teoria, uma compulsão essencial para a morte que só pode ser freada por uma dádiva conferida pelo outro. A vida é então um presente. O caminho escolhido por Freud revela uma história do desenvolvimento humano contada não pela via do modelo, mas do desajuste. O sofrimento pode ser lido como uma expressão da resistência à norma que nos oprime. Pelo sofrimento podemos acessar o que precisa ser transformado. Se o mal-estar oriundo do desamparo demonstra os limites do indivíduo, ele também revela a organicidade do coletivo e a inseparabilidade do inconsciente e da cultura. Freud evidencia que nosso aparelho psíquico é continuamente construído por meio da alteridade e não é possível pensarmos esse dado da teoria freudiana sem passarmos pela categoria do desamparo. O objetivo, portanto, é apresentar resumidamente a visão freudiana sobre o desamparo e afirmar sua potencialidade enquanto categoria filosófica. Veremos como o autor defende que as qualidades psíquicas surgidas na dinâmica da horda primitiva são encontradas em outras formas de comunidade e laços sociais, especialmente a partir do que chama de formas sociais simbolicamente paternas. Esta apresentação baseia-se principalmente no estudo de Totem e Tabu (1913), Psicologia de Grupo e Análise do Eu (1921), O Futuro de uma Ilusão (1927) e O Mal-estar na Civilização (1930) para pensarmos o desamparo como categoria mediadora entre conflito psíquico e político no pensamento freudiano.

### Palavras-Chave

Desamparo. Política. Psicanálise.





## EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE E EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA

Weiny César Freitas Pinto

[weiny.freitas@ufms.br](mailto:weiny.freitas@ufms.br)

### Resumo

A Epistemologia da Psicanálise constitui-se como um amplo e variado conjunto de reflexões acerca do estatuto de cientificidade ou da validade do conhecimento geral produzido pelo método, técnica e teoria psicanalíticos. A Epistemologia Histórica, por sua vez, caracteriza-se por ser um campo de reflexão epistemológica que se fundamenta na investigação das condições históricas por meio das quais o conhecimento em geral (o científico entre eles) surge e se desenvolve, mantendo-se e dissolvendo-se na história. A partir dessas duas definições, que não contemplam adequadamente a complexidade e profundidade desses dois programas epistemológicos, pretendo apresentar uma reflexão que articula elementos de ambos. Do lado da Epistemologia a Psicanálise, interrogarei o método epistemológico desenvolvido pela filosofia brasileira da psicanálise, a partir do trabalho de Luiz Roberto Monzani (1946-2021). Do lado da Epistemologia Histórica, tomarei como objeto de interrogação o caso ilustrativo da contribuição de Georges Canguilhem (1904-1995). A mobilização destes dois referenciais será posta a serviço de responder a seguinte questão: Em qual medida a Epistemologia da Psicanálise produzida pela filosofia brasileira se aproxima da Epistemologia Histórica e dela se distancia? Minha hipótese é a de que, embora sejam claras as influências desta sobre aquela, a epistemologia brasileira da psicanálise avança na direção de um programa epistemológico com elementos novos em relação ao programa da Epistemologia Histórica.

### Palavras-Chave

Epistemologia. Psicanálise. História.



## ESTAR-VIVO COMO SENTIMENTO CO-DEPENDENTE

Eder Soares Santos

[edersan@uel.br](mailto:edersan@uel.br)

### Resumo

O sentimento de estar vivo (feeling of being alive/Lebendigsein) é um assunto de interesse da filosofia, pois nos leva a uma discussão sobre a origem do existir e sua continuidade. Este conceito ganhou um maior alcance de investigação a partir da fenomenologia hermenêutica de Heidegger (2001) em *Ser e Tempo*, ao tratar das disposições afetivas (Stimmungen) e, mais recentemente, do surgimento da pesquisa enativista. Na camada mais fundamental da experiência afetiva, encontramos o que pode ser chamado de sentimento de estar vivo: uma autoconsciência corporal pre-reflexiva e não direcionada que constitui o pano de fundo despercebido de todo sentimento, percepção ou ação intencional. Esse sentimento de fundo contínuo do corpo está situado no limiar da vida e da experiência, entre vida e vivência. Trata-se neste trabalho de investigar sobre o sentimento de estar vivo em Winnicott. Num primeiro momento abordaremos a concepção de um sentimento de estar vivo primordial (Damásio); em seguida trataremos do sentimento de estar vivo como um sentimento existencial de fundo (Ratcliffe), na medida em que há um debate se estas concepções vão ao encontro uma da outra. E, por fim, arriscaremos uma interpretação fenomenológica, a partir de uma perspectiva winnicottiana, de que o sentimento de estar vivo é co-dependente.

### Palavras-Chave

Winnicott. Sentimento de Estar Vivo. Heidegger.



## ESTÉTICA DA VULVA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Alessandra Affortunati Martins  
[aaffortunatimartins@gmail.com](mailto:aaffortunatimartins@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de revisitar a primazia do falo em algumas partes da psicanálise freudo-lacaniana e observar as consequências desse lugar para tal edifício teórico-clínico. Escavando diferentes problemáticas que se apresentam nessa arquitetura a partir dos estudos feministas e queer, pretendo rearticular certas proposições freudo-lacanianas partindo de uma forma que esteve sufocada ou amputada nas reflexões de Freud e Lacan: a da vulva. Quais as rearticulações sintático-semânticas exigidas quando se olha para uma imagem que deixa de ser lida como alinhada à da castração ou à da ausência do falo. Se a imagem e a gramática que em torno dela se articulam têm peso para a própria construção conceitual da psicanálise, teremos que revisitar muitos problemas novos. Para começar a enfrentá-los, re-estabeleço sua importância a partir de uma análise estética que engloba Gustave Courbet, Egon Schiele, Duchamp, Ana Mendieta, Juliana Notari e Adriana Varejão. Essas diferentes referências das artes-visuais mostram prismas novos sobre a imagem da vulva na modernidade, abalando suposições abstratas que ganharam estatuto de verdade por uma lógica-formal que apaga certas marcas da história.

### Palavras-Chave

Psicanálise. Vulva. Falo.



## FANTASIA E SEXUALIDADE: A CRÍTICA AO PRINCÍPIO DE DESEMPENHO EM HERBERT MARCUSE

Ciro Augusto Mota Matias  
[ciroaugusto192@gmail.com](mailto:ciroaugusto192@gmail.com)

### Resumo

Marcuse, na sua interpretação do pensamento de Freud, identifica a função crítica da Fantasia na estrutura do aparelho psíquico, na medida da sua vinculação às pulsões sexuais, portanto, a relação entre fantasia e sexualidade indica a possibilidade de reintegração do indivíduo ao gênero humano, quando a fantasia organiza e expressa ao seu modo as demandas represadas do passado sub-histórico do gênero humano; nisso consiste a possibilidade da superação do princípio da individuação repressiva, pois por meio da fantasia e sexualidade o indivíduo irrompe as brechas nas barreiras repressivas do Princípio de Desempenho e dá fluidez às aspirações da pulsão de vida (Eros), ou seja, o período de predomínio do Princípio de Prazer é preservado e com isso o potencial de libertação, o que enseja a hipótese da utopia marcuseana da superação de um princípio de realidade balizado na mais-repressão e exploração. Com isso, este trabalho problematiza a concepção de fantasia em Marcuse ao confrontá-la com a teoria freudiana e analisar a validade de sua hipótese.

### Palavras-Chave

Fantasia. Sexualidade. Princípio de Desempenho.



## FEMINISMO E PSICANÁLISE: ANARQUIA E SUBVERSÃO

João Victor Ponciano

[joaoponcianoup@gmail.com](mailto:joaoponcianoup@gmail.com)

### Resumo

Uma de nossas diversas motivações é a necessidade de criação de espaço de debate científico acerca de problemas filosóficos que até pouco tempo não encontravam a devida visibilidade acadêmica, a exemplo de estudos, sob a perspectiva filosófica, que tocam em questões de gênero. Acreditamos que certas áreas não devem ser monopolizadas, muito menos estereotipadas, como campos de pertencimento estritamente “masculino” ou “feminino, e sim, campos de debates que podem emergir de qualquer lado e encontrar eco. Destarte, no nosso caso, o que queremos é fazer uma leitura que foge do escopo canônico das reflexões postas a partir da psicanálise, visando assim um olhar a partir do feminismo. Optamos aqui em atravessar certas barreiras e estabelecer uma ponte entre o conceito de misoginia e seu possível entrelaçamento com a obra freudiana. Com outras palavras, é de total interesse nosso, no desenvolvimento desta empreitada filosófica, não somente desenvolver uma tese fora de uma estrutura falocêntrica especular, como apontar que a própria psicanálise Freudiana não consegue em determinados momentos ficar livre desse engodo estrutural patológico que é a misoginia. Dessa maneira, nossa intensão é tecer uma leitura feminista de algumas questões posta pela psicanálise, e questionar com as devidas ferramentas epistêmicas, se o discurso freudiano acerca da mulher se encaixa em uma estrutura patriarcal, corroborando assim para um sistema opressivo. Ousamos ainda perguntar, o que tem a haver Freud, ou se quiserem, a psicanálise, com a história massacrante de apagamentos, exclusões e mortes das mulheres no decorrer da história?

### Palavras-Chave

Freud. Misoginia. Feminismo.



## FIDELIDADES ESTATAIS E NÃO ESTATAIS NA INSCRIÇÃO DA SUPLÊNCIA A NÃO RELAÇÃO SEXUAL

Guilherme Arthur Possagnoli Freitas

[guiarthur@hotmail.com](mailto:guiarthur@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem o intuito de apresentar a importância dentro da obra de Alain Badiou sobre as fidelidades ao acontecimento estatais e as fidelidades contra-estatais em conexão com as discussões sobre a possibilidade de pensar um encontro amoroso para além do narcisismo na psicanálise lacaniana. Estabelecendo a partir dos conceitos de Badiou um retorno a Lacan. Nesse intuito, partimos da possibilidade de inscrição do registro do Real proposta por Jacques Lacan no final do Seminário XX - não para de não se inscrever - possível em um encontro amoroso, demonstrando como a passagem da contingência - para de não se inscrever - do encontro amoroso para o regime da necessidade - não para de não se inscrever - apontada pelo psicanalista é complexificada ao considerarmos as diferentes formas de fidelidade a um acontecimento conforme elabora a teoria do acontecimento do filósofo francês. Com isso pretendemos demonstrar como a possibilidade de avançar em um amor para além do narcisismo - necessidade para uma prática clínica lacaniana - reside no tipo de conexão de fidelidade constituída com o acontecimento amoroso. Portanto, a passagem ao regime da necessidade pode representar a inscrição do Real enquanto mera repetição psíquica acomodada aos regimes de saberes, ou significar o acolhimento do Real da diferença sexual. A partir da clarificação dessa possibilidade do Real refundar uma experiência que acolha uma ultrapassagem das repetições narcísicas amorosas, é possível orientar o papel de suplência do amor a ausência da relação sexual adiantada por Lacan, mas redimensionada por Badiou como uma experiência de alcance ontológico, uma experiência produtora de verdades, verdades que fazem furo aos regimes enciclopédicos de saber. Essa verdade, conforme articula Badiou, é a verdade sobre a diferença, rompendo assim com a orientação individual e narcísica de uma relação amorosa, permitindo uma experiência de mundo que possa abarcar a alteridade.

### Palavras-Chave

Jacques Lacan. Alain Badiou. Amor.



## FORMAS NÃO HEGEMÔNICAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E DE AGÊNCIA POLÍTICA E SUAS DINÂMICAS PULSIONAIS

Paula De Toledo Ordonhes

[paula.ordonhes@protonmail.com](mailto:paula.ordonhes@protonmail.com)

### Resumo

Se o neoliberalismo toma como premissa e exacerba a rivalidade e a competitividade, acentuando o solipsismo dos indivíduos, gostaríamos de pensar em que medida espaços de produção de conhecimento e de agência política não hegemônicos podem dar ensejo a outros arranjos relacionais – cooperação, aliança, coalizão –, instaurando dinâmicas pulsionais diversas das que encontramos em centros hegemônicos de poder. Em *Esboço de psicanálise*, escrito em 1938, Freud caracteriza a pulsão (Trieb) como “a suprema causa de toda atividade” (1998, p. 15); em suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, de 1933, o autor define pulsão como “uma determinada quantidade de energia que faz pressão em determinada direção” (1996, p. 105). Em *As pulsões e seus destinos*, de 1915, Freud trata a pulsão como uma “força constante” proveniente “do interior do corpo” (2010, p. 54) que impõe um trabalho ao aparato psíquico humano, articulando-se ao processo somático que a vivifica sem no entanto subsumir-se a ele. A pulsão nomeada como sexual pode ser pensada como uma força de escopo mais amplo do que o sentido atribuído ao termo pelo senso comum; para analisar seu aspecto econômico, Freud formula “a existência de uma energia única nas vicissitudes da pulsão sexual” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 403), que nomeia libido. Avaliamos que a forma de vida instituída pelo neoliberalismo procura deserotizar, ou seja, desinvestir de libido a ação coletiva, procurando atribuir-lhe predicados de desvalor ligados a atributos morais como impotência, fraqueza, acomodação, medo, etc., na mesma medida em que erotiza a competitividade, o empreendedorismo, a liberdade individual. As formas cooperativas e associativas são desqualificadas em prol da erotização da rivalidade; a elevação da concorrência a valor moral despolitiza e desistoriciza as lutas por equidade e a própria noção de desigualdade. Assim, mobiliza-nos o propósito de verificar a possível existência de escapes à captura da libido instituída pelo neoliberalismo, procurando analisar se as alianças formadas em espaços não hegemônicos de produção de conhecimento e de



agência política apontariam para outras possíveis dinâmicas pulsionais. Gostaríamos de investigar manifestações de eroticidade que se diferenciem do erotismo em sua “forma ruínosa” (Bataille, 2017, p. 198), identificado ao programa sadiano e por nós entrevisto no capitalismo financeiro neoliberal e em sua racionalidade (Dardot; Laval, 2016).

### Palavras-Chave

Dinâmica Pulsional. Alianças. Libido.





## HAUNTOLOGIA E PSICANÁLISE. UM PREÂMBULO PARA UMA HERMENÊUTICA DO FANTASMA

Juan David Almeyda Sarmiento

[juanalmeyda96@gmail.com](mailto:juanalmeyda96@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar elementos preliminares para uma hermenêutica sobrenatural, entendida como uma metodologia que se concentra na análise de elementos que escapam à percepção material sensível para se situar em um plano interpretativo entre o sensível e o não sensível. Ou seja, a intenção aqui é apresentar uma maneira de entrar nas lacunas da epistemologia empirista que se concentra no estudo do real a partir apenas do que é concreto para, a partir daí, ser capaz de encontrar um tipo de conhecimento que está localizado além das fronteiras do que é visível/observável por uma ontologia da presença. Assim, para alcançar essa hermenêutica sobrenatural, o texto é dividido em três momentos: no primeiro, a hauntologia (hauntologie) derridiana é usada como uma primeira fonte a partir da qual se articula um andaime conceitual válido para estudar essas não-presenças que têm seu lugar além dos sentidos, daí a figura do fantasma em sua relação com os conceitos de tempo, memória e ausência-presença; na segunda, o trabalho expõe os estudos realizados a partir da psicanálise em relação ao estudo do fantasma (com ênfase nas pesquisas realizadas por Nicolas Abraham e Maria Torok) para entender o fantasma não apenas como um fenômeno psicológico, mas também como um elemento que estrutura a experiência subjetiva e o passado do sujeito. Por fim, a pesquisa aborda a maneira como o fantasma, a partir de seu lugar epistemológico limítrofe, apresenta-se como um objeto de interpretação para aquele que o vivência, dando origem a novos entendimentos subjetivos desconhecidos pelo indivíduo, bem como a uma reestruturação do indivíduo em direção a um horizonte de vida ignorado.

### Palavras-Chave

Filosofia Contemporânea. Psicanálise. Hauntologia.



## JUNTE DUAS FALHAS E NUNCA CHEGARÁ AO UM: NÚMERO, MODALIDADE E FÓRMULAS EM JACQUES LACAN

Izabela Loner Santana

[izabelalonersantana@gmail.com](mailto:izabelalonersantana@gmail.com)

### Resumo

Discutirei os motivos e as razões pelas quais as fórmulas da sexuação, produzidas por Jacques Lacan entre as décadas de 1960-1970 de seu ensino, não são nem binárias nem abrem para uma miríade de outros lados ou semblantes além daqueles que o analista nomeou como homem e mulher, mas que prefiro denominar todo e não-todo. Se essa proposta poderia ser tomada em relação às teorias de gênero, aqui ela é mobilizada na direção de ampliar a interpretação e a leitura das fórmulas para além dos conteúdos sexuentes e, com isso, investigarmos as produções e efeitos da linguagem determinada pelo real a partir de dois semblantes não complementares que emergem por conta de sua própria estrutura não coextensiva ao simbólico. Afirmar que os semblantes não são complementares ou binários não é declarar que são múltiplos. A partir do trabalho de Lacan com a questão do número e da modalidade nas fórmulas, acompanharemos como cada lado falha em fazer Um, não se totalizando ou unificando, e como, por isso, tal 1 nunca poderá acessar o 2, nem mesmo permitir o surgimento do 3, do 4 etc. infinitamente. Em outras palavras, o binário/complementar e o múltiplo são excluídos pois o lado todo e o lado não-todo juntos não fazem 1, ao mesmo tempo que exaurem os lados possíveis exatamente por apresentarem a impossibilidade que marca todo e qualquer lado/semblante. Apesar das figuras e dos temas sexuais e sexuentes que o analista insistiu em costurar com suas fórmulas e com sua lógica, discutiremos o espaço entre o 0 e o 1 escandido pelo real e a compreensão que disso podemos tirar das modalidades lógicas (a releitura lacaniana da impossibilidade e da possibilidade, da contingência e da necessidade), o que nos permitirá discutir a (im)possibilidade de fundar algo na linguagem ou a partir dela que não seja do semblante, que não esteja submetido à marca de incompletude, paradoxalidade e autorreflexão significativa. Assim, o trabalho consiste em esgarçar o semblante, as articulações significantes possíveis, para apreender logicamente e a partir dele o que nele não é determinado pelo simbólico, mas sim pelo real. Tal discussão mostra sua importância não só por

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



determinar a lógica que Lacan fez operar em suas intervenções da segunda metade dos anos 1960 como também por permitir discutir, sob novas bases, velhas questões filosóficas, ontológicas e metafísicas, às quais só poderemos apontar, pelo menos nesta comunicação.

## Palavras-Chave

Fórmulas da Sexuação. Modalidade. Número.



## LACAN COM BATAILLE: A ANGÚSTIA NÃO É SEM RISO

Hugo Ramos Xavier Régis

[hugorxr@hotmail.com](mailto:hugorxr@hotmail.com)

### Resumo

A tradição filosófica ocidental, de modo geral, recorre ao auxílio de uma teoria ontológica do objeto para traçar a diferença entre os afetos da angústia e do medo. Nesse sentido, frequentemente afirma-se que o medo é desencadeado pela positividade da presença de um objeto ameaçador e que a angústia surge diante da negatividade radical do nada revelada pela ausência de objeto. Essa maneira de distinguir medo e angústia não se encontra apenas na tradição filosófica, mas também no discurso psicanalítico desde Sigmund Freud, o qual, a partir de seus casos clínicos, continua definindo o medo pela presença de objeto e a angústia pela ausência radical deste. Entretanto, se nos remetermos ao Seminário X de Jacques Lacan, encontramos o psicanalista propondo uma nova abordagem da dimensão objetual da angústia. Isso é perceptível na sua paradoxal afirmação de que a angústia não é sem objeto, apontado para a presença de um estranho objeto sem consistência objetual responsável por provocar a angústia: o objeto a. Essa nova abordagem apreende a angústia em seu aspecto real e dilacerante, a qual é desencadeada pelo aparecimento do objeto a no instante em que a falta inerente à negatividade simbólica do falo vem a faltar. O aparecimento desse estranho objeto submete o sujeito a uma experiência de dissolução de identificações imaginárias e simbólicas na medida em que ele é exposto à negatividade excessiva do gozo. O conceito lacaniano de gozo é oriundo das reflexões do pensador Georges Bataille sobre experiências limites em que o sujeito lida com o impossível de seu horizonte de possibilidades. Bataille vê no riso a expressão privilegiada dessa experiência limite, uma vez que aparece como uma modalidade excessiva e alegre de angústia. O riso, enquanto angústia alegre, corresponde ao instante em que a dimensão servil do mundo do trabalho, movido pelo interdito da triste angústia de morte, é subvertida pelo aparecimento súbito de um estranho objeto que, de acordo com Bataille, é sem verdade objetiva. Esse objeto seria o responsável por transgredir esse interdito e transformar a angústia impotente e triste em uma angústia excessiva e alegre, em riso. Dito isso, esta apresentação procura mostrar que



o novo conceito de angústia de Lacan, pensado na estreita relação entre o excesso dilacerante do gozo e o objeto a, decorre de sua apropriação das reflexões de Bataille a respeito da angústia alegre do riso em sua relação com esse objeto sem verdade objetiva.

### **Palavras-Chave**

Angústia. Riso. Objeto.



## MACUNAÍMA E O NOME DO PAI – UMA ABORDAGEM GONZALEANA

Taynara De Almeida Rodrigues Soares

[taynalmeida.unb@gmail.com](mailto:taynalmeida.unb@gmail.com)

### Resumo

Partindo de uma reinterpretação da obra brasileira Macunaíma, o objetivo é analisar a entrada do sujeito no campo da linguagem, que necessariamente terá que passar pelo simbólico. A obra de Mário de Andrade será utilizada como um fio condutor para compreender as contribuições do imaginário nacional e seus atravessamentos como parte da nomeação deste Pai. Quem o nomeia? Onde ele se localiza?. O que se pretende investigar são seus desdobramentos nos escritos da filósofa brasileira Lélia Gonzalez. Uma vez que a função paterna exerce aquilo que Lélia evidencia como: “E quando se fala de pai tá se falando de função simbólica por excelência” (GONZALEZ, 2018, p. 90) o que pode ser entendido como uma referência ao Nome do Pai, ou seja, um auxílio na compreensão da Cultura, em relação a essa associação, Lélia diz Como todo mundo sabe, Macunaíma nasceu negro, “preto retinto e filho do medo da noite”. (...) E ninguém melhor do que um herói para exercer a função paterna. (...). Isto sem falar nos outros como Zumbi, Ganga-Zumba e até mesmo Pelé. (...). Eles estão aí como repetição do S1, como representações populares do herói. Os heróis oficiais não têm nada a ver com isso, são produtos da dominação, não têm nada a ver com “a alma de nossa gente”. (GONZALEZ, 2018, p. 90) A proposta é analisar o simbólico mediante ao conflito que provoca, ou seja, o suporte do que entendemos por Cultura, está diretamente ligado com uma estrutura racista e sexista de dominação do Outro, em razão da exclusão que opera sobre determinados sujeitos. A tentativa será dar abertura para a fala enquanto um acontecimento que aponta para a configuração do modo como o simbólico é registrado, e conseqüentemente reconsiderá-lo a partir do contexto político brasileiro.

### Palavras-Chave

Psicanálise. Linguagem. Nome do Pai.



## MASOQUISMO, MANIA, CORPO E VULNERABILIDADE: ENTRE A CLÍNICA E A POLÍTICA

Fernanda Silveira Corrêa

[fernandasilveiracorrea@gmail.com](mailto:fernandasilveiracorrea@gmail.com)

Maria Vilela Pinto Nakasu

[mvilelanakasu@gmail.com](mailto:mvilelanakasu@gmail.com)

### Resumo

O artigo *Em defesa de uma certa autonomia: releitura do masoquismo moral em Freud* (Nakasu e Silva) argumenta em favor da ideia segundo a qual o sintoma masoquista repousaria, em sua gênese, sobre uma tentativa de discriminação do outro, um acerto de contas com o outro, ativo e não passivo em seu funcionamento. Na obra de Butler intitulada *A força da não violência*, a mania é pensada como um desejo irrealista de existir e persistir ao poder tirânico do supereu. Esta tese é adotada pela autora para pensar o modelo de uma utopia com potencial político contra governos tirânicos. Butler também reflete no pós-escrito do mesmo livro sobre as implicações políticas da exposição da vulnerabilidade: denúncia da violência a que se é exposto e, ao mesmo tempo, resistência a ela. Tal premissa assemelha-se à estrutura mesma dos sintomas masoquistas e da mania tal como definidos por Freud. Se a vulnerabilidade não é algo atribuído aos sujeitos (identidades) mas às relações sociais, que colocam os sujeitos em condição de vulnerabilidade separando sujeitos matáveis de sujeitos com direito de viver, este trabalho se propõe a discutir o papel político de resistência, de atividade, e não passividade diante do poder violento, da exposição e da ocupação dos espaços públicos pelos corpos vulneráveis. Pretende-se argumentar que o masoquismo moral, pensado como resistência, discriminação do outro violento, e a mania, como utopia, destruidora do poder tirano, podem nos auxiliar a compreender o papel político da resistência dos corpos considerados “matáveis”.

### Palavras-Chave

Masoquismo. Mania. Corpos Vulneráveis.



## NÃO-DITO ENTRE MÃE E FILHA: TESSITURAS FILOSÓFICAS E PSICANALÍTICAS SOBRE O DESPERTAR DA PRIMAVERA

Gildimar Guilherme Da Silva

[gildimar@live.com](mailto:gildimar@live.com)

Wildicleia De Oliveira Santos Lopes

[wildicleiapsi@gmail.com](mailto:wildicleiapsi@gmail.com)

Junot Cornélio Matos

[junotcmatos@gmail.com](mailto:junotcmatos@gmail.com)

### Resumo

O artigo propõe pensar o não-dito entre a senhora Bergmann e Wendla (mãe e filha), assim como, as forças inconscientes do desejo presente na obra “O despertar da primavera, de Frank Wedekind”, escrita em 1890. A teoria psicanalítica sobre a devastação (Lacan, 1972), examina os impasses e as saídas inventadas por cada uma, circundando as tentativas – feitas pela menina – de encontrar uma alteridade que pudesse tornar possível a criação de seu lugar de mulher no mundo, para além das expectativas objetificadoras de sua mãe. O lugar/ato que buscamos apresentar/descrever sobre a relação de Wendla com a sua mãe, ainda que com inúmeras arestas, está vinculado ao que nos acontece quando a experiência nos toca (Larrosa, 2014), de modo particular – o não-dizer sobre o aborto como o real que foi silenciado – ao que acontece na experiência do despertar em contextos plurais de mundo real e simbólico. Considerando que, se não há ao menos um meio-dito, advindo da mãe, sobre a existência que escapa e transborda aos efeitos de linguagem sobre a representação do ser mulher diante de um coletivo, se o que permanece é o silêncio, então o que resta é a devastação (Miranda, 2017), configurando uma relação que impossibilita trocas simbólicas, estabelecendo-se entre o que há de mais real e funesto em uma experiência (Zalberg, 2003). Utilizando como suporte teórico e metodológico, a análise de conteúdo para categorização e organização dos dados, os estudos de Wedekind (1991) sobre o despertar no romper da aurora, a conceitualização de mestre “possível” Gutierrez (2003), o dizer de Lacan acerca do real do sexo, sobre o qual o adolescente terá que se virar, ato de rebeldia e ousadia onde os atravessamentos





se materializam – presente na obra outros escritos (2003), e por fim o olhar psicanítico da Aberastury & Knobel (2003) sobre a adolescência normal e da Thereza Curi (2006) diante da adolescência na contemporaneidade. As tessituras aqui descritas foram mediadas pelos olhares de dois filósofos e professores e uma psicanalista e professora, como fio condutor para a construção de um modo de dizer as questões subjetivas presentes na adolescência em diferentes formas/tessituras, nesse contexto/modo de vida, a inquietação entre o que acha que se é e o que pode vir-a-ser, um não-dito onde todos podem externar as inquietações para com a vida e o mundo da vida.

### Palavras-Chave

Filosofia. Psicanálise. Despertar.



## NEUROSE, CULTURA E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO DO PENSAMENTO FREUDIANO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Felipe Ravison Paveglio  
[felipepaveglio@gmail.com](mailto:felipepaveglio@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho visa explorar a evolução do pensamento de Freud sobre a interrelação entre neurose, cultura e sexualidade, examinando quatro textos fundamentais: A sexualidade na etiologia das neuroses (1898), Minhas teses sobre a sexualidade na etiologia das neuroses (1906), Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908) e O mal-estar na civilização (1930). Esses textos evidenciam a progressão de suas ideias desde a introdução de conceitos disruptivos até uma crítica detalhada das bases culturais da modernidade. Em 1898, Freud introduz a premissa revolucionária de que a sexualidade é a principal causa das neuroses, desafiando tabus contemporâneos e reorientando a psicopatologia. Esse ponto de partida teórico estabelece a base para o desenvolvimento da teoria da sexualidade infantil e do papel do mecanismo de repressão. No ano de 1906, com um melhor desenvolvimento de sua teoria da sexualidade, Freud abandona a teoria da sedução em favor de uma noção que incorpora fantasias inconscientes e dá uma maior centralidade à repressão. O autor reconfigura a compreensão das origens da neurose, incluindo a sexualidade infantil como um fenômeno complexo e intrínseco ao desenvolvimento psíquico. O artigo de 1908 destaca o papel da cultura e das normas sociais na causa da neurose, algo não considerado anteriormente. Freud oferece uma análise crítica de como as normas culturais reprimem expressões naturais da sexualidade, levando ao adoecimento neurótico. Freud argumenta que a “moral sexual civilizada” impõe restrições que não estão em consonância com as necessidades e impulsos biológicos, que levam a repressão e, conseqüentemente, sintomas neuróticos. Em O mal-estar na civilização (1930), Freud sintetiza sua perspectiva sobre a tensão constante entre as demandas pulsionais e as restrições sociais, discutindo a necessidade da civilização de reprimir aspectos da natureza humana para garantir a manutenção da sociedade — acarretando na disseminação do mal-estar. Sendo assim, após este panorama geral da teoria da neurose de Freud, este estudo propõe refletir a respeito da atualidade da



teoria freudiana, questionando se as psicopatologias continuam vinculadas à repressão sexual em uma era de maior liberdade sexual. Por que o adoecimento psíquico não diminuiu significativamente no Ocidente contemporâneo, apesar de uma aparente liberação das restrições sexuais? Seria a relação entre neurose e sexualidade apenas algo relativo à época de Freud?

### Palavras-Chave

Freud. Neurose. Sexualidade.



## O ANIMAL CORDIAL: MASOQUISMO MORAL E LIMITES DA CIVILIZAÇÃO EM FREUD

Helena Zoneti Rodrigues

[helenazonetirodrigues@estudante.ufscar.br](mailto:helenazonetirodrigues@estudante.ufscar.br)

### Resumo

A presente comunicação buscará abordar uma possível análise do conceito de masoquismo moral sob o prisma da noção de civilização freudiana, expresso nas obras “O problema econômico do masoquismo” (1924) e em “Mal-estar na civilização” (1930), a partir do pressuposto de que a consciência e a moralidade emergem na obra de Freud pela superação do complexo de Édipo, ou seja, pela sua dessexualização. Por outro lado, o masoquismo moral é definido como uma revitalização do complexo edípico, resultando em atos, por exemplo, que culminam em reproches da consciência sádica ou obediência à autoridade parental do Destino. Será discutido se há nesta fórmula do masoquismo, sobretudo o moral, uma incongruência. Considerando que o masoquismo moral é uma revitalização do Édipo, ao mesmo tempo que a volta do sadismo contra a própria pessoa, definido por Freud como masoquismo, faz parte da repressão cultural das pulsões (*kulturelle triebunterdrückung*), segue-se consequentemente que o excesso de cultura ou de civilização atinge seu entrave ou limite em que o indivíduo na cultura, de tão adaptado, conserva-se inapto pela sutileza da amálgama pulsional de Eros e morte. Será analisado como, no interior das obras freudianas, emerge uma dificuldade em lidar com a noção de “resíduo agressivo”, de modo que o masoquismo moral se torna o movimento derradeiro da diferenciação do gênero humano dos animais, estes últimos com a crueldade externalizada e o primeiro com a agressividade voltada a si próprio duplamente - pelo masoquismo erógeno e o masoquismo moral.

### Palavras-Chave

Masoquismo Moral. Civilização. Pulsão de Morte.



## O ARCAICO E A DISPOSIÇÃO À NEUROSE EM SIGMUND FREUD: UM DIÁLOGO COM LUIZ ROBERTO MONZANI

Vinícius Fratta Fritz

[viniciusfrattafritz@gmail.com](mailto:viniciusfrattafritz@gmail.com)

### Resumo

No texto de “A fantasia freudiana”, Luiz Roberto Monzani nos conduz por uma investigação onde o lugar da controversa ‘fantasia’/hipótese filogenética - contida no texto encontrado por Ilse Grubrich-Simitis na década de 1950, intitulado “Übersicht der Übertragungsneurosen”, ou “Neuroses de transferência: uma síntese” - é demonstrado através do exame de alguns textos pontuais da obra de Sigmund Freud. Se se toma a afirmação do comentador de que desde seus primeiros escritos até o fim de sua obra Freud mantém uma certa equação etiológica cuja essência permanece mais ou menos a mesma, sem negar a influência de fatores externos e internos, parece crucial considerar os escritos de 1890 a 1900, de modo a reconstruir as nuances do pensamento do psicanalista a fim de avaliar de que modo a referida hipótese tem relação direta com o trabalho científico inicial de Freud, uma vez que intenta objetivamente responder a problemas teóricos implicados na criação mesma da psicanálise, no contexto específico da passagem da teoria da sedução à teoria da fantasia, o que se dá na última década do século XIX. O presente estudo intenta assim demonstrar a maneira como a circunscrição da psicanálise em torno de seus objetos próprios cria também a condição teórica para que a hipótese filogenética seja concebida posteriormente.

### Palavras-Chave

Freud. Filosofia. Fantasia.



## O CORPO DO BEBÊ ENTRE A MÃE DOGMÁTICA E A MÃE HERMENEUTA: UMA APLICAÇÃO DA REGRA DE COBRE

Mônica Parreiras

[monicaparreiras@gmail.com](mailto:monicaparreiras@gmail.com)

### Resumo

Este artigo tem por objetivo partir da relação triádica Eu-Tu desenvolvida por Gadamer que abarca os três modos do Eu se relacionar com o Tu, para fazermos a intersecção dessa relação com o posicionamento materno frente ao corpo do bebê enquanto um corpo próprio, tal qual preconizou Merleau-Ponty, e que fundamenta nossa tese. Nossas considerações terão suporte na terceira forma da díade Eu-Tu por aportar a importância do reconhecimento materno de um saber que advém do corpo do bebê enquanto lugar da palavra e palco de suas dores e sofrimentos. Abordaremos também a Regra de Cobre, na sua aplicabilidade como forma de retirar a mãe de uma posição dogmática apoiada na cientificidade que objetifica o corpo do bebê, para localizá-la em uma posição hermenêutica, como requisito fundamental para o reconhecimento de um corpo próprio na condição de operador de passagem para o próprio corpo. Por fim, mostraremos que o desenvolvimento de tais pressupostos são norteadores na clínica psicanalítica com bebês, e em nosso projeto de prevenção e detecção do sofrimento psíquico por meio do corpo.

### Palavras-Chave

Corpo do Bebê. Posição Materna. Hermenêutica.



## O CORPO GEOMETRAL

Marcelo Alves Pereira  
[macauefotografia@gmail.com](mailto:macauefotografia@gmail.com)

Ericson Falabretti  
[ericson.falabretti@pucpr.br](mailto:ericson.falabretti@pucpr.br)

Claudia Murta  
[cmurta@terra.com.br](mailto:cmurta@terra.com.br)

### Resumo

Pensar o corpo geometral é dialogar com os pensamentos do filósofo Merleau-Ponty e seu texto *Corpo*, Kandinsky e seu texto *Ponto, linha e planos* e o psicanalista Lacan e seu texto sobre *A esquizofrenia e o olhar*. O texto pretende observar o corpo em uma situação específica: no estúdio fotográfico. A inquietação que transita no texto são questões como *O que é isso? Quem é esse? Quem é esse que habita o isso? Como o olhar organiza o corpo no espaço? O estúdio fotográfico é composto por quatro paredes, equipamentos, iluminação artificial, lentes. O objeto é o corpo nu. Nesse ambiente entra em cena o observador, o fotógrafo e o observado, o corpo-modelo. Seria possível, esse corpo que pela filosofia pontyana não é objeto, uma breve troca de cadeiras entre o corpo-objeto e o corpo-não-objeto? Aqui encontramos um dos pontos importantes dessa contextualização. Kandinsky entra em cena quando ao propor os textos *Ponto, linha e planos* abre clareira para uma associação com a própria prática empírica do corpo. O corpo-ponto. O corpo-linha e o corpo-plano. Assim temos a tensão do ponto, interrupção e ligação como simbolização do corpo, sua expansão pela linha que simboliza os caminhos que compõem o recorte cultural que cada corpo transporta e sua consolidação pelo corpo-plano que apresenta o corpo atual e o corpo habitual. O corpo geometral é texto que pretende dialogar a geometria do corpo e sua interação no mundo. Nesse estudo, o estúdio fotográfico torna-se terreno para corpos iguais e corpos opostos. O corpo, não observado pelo sexo biológico, aqui é fonte para o estudo da geometria e de movimento.*

### Palavras-Chave

Corpo. Geometria. Psicanálise.



## O CORPO LIBIDINAL NA NOSOLOGIA FREUDIANA E NOS ESBOÇOS DO CURSO O CONCEITO DE NATUREZA” (1959-1960)

Josiane Cristina Bocchi  
[josiane.bocchi@unesp.br](mailto:josiane.bocchi@unesp.br)

### Resumo

Este trabalho abordará uma concepção de corpo libidinal, presente na primeira nosologia freudiana das neuroses, em sua conexão com a vida sexual dos neuróticos e neurastênicos. Nos primeiros trabalhos de Freud e na correspondência com W. Fliess, o termo libido é empregado em meio a noções, como: excitações endógenas, tensão somática, anestesia sexual, afeto sexual, por exemplo. Tais elementos correspondem a regimes de excitabilidade física e também psíquica, bem como refletem a ligação entre a libido e as fontes corporais e pré-genitais da angústia. Nos esboços merleau-pontyanos do curso O Conceito de Natureza – Natureza e logos: o corpo humano (1959-1969), o filósofo discute a dimensão libidinal do esquema corporal e apresenta diversas passagens referindo-se ao corpo libidinal como intercorporeidade. Merleau-Ponty diz que Freud é essencial para pensar a endopercepção que interliga um corpo ao outro. A sexualidade é, para ambos, uma esfera irreduzível da vida humana. Vamos explorar as relações entre libido e corpo nos períodos de produção demarcados nesses pensadores.

### Palavras-Chave

Libido. Freud. Fenomenologia.





## O INCONSCIENTE FREUDIANO E OS LIMITES DA CRÍTICA FILOSÓFICA

Reginaldo Oliveira Silva

[rinaldo@uol.com.br](mailto:rinaldo@uol.com.br)

### Resumo

Na elaboração das finalidades da crítica da razão pura, Immanuel Kant separa o que para ele seria a parte negativa da empreitada, a saber, depurar dos seus autoenganos a razão pura, e a positiva, empreender qual seria realmente o lugar da faculdade. Esta divisão parece constituir-se de certa cautela, a fim de conferir à metafísica alguma dignidade científica. Tem-se aí um lugar destinado à crítica, cuja função propedêutica, segundo Foucault, parece determinar doravante o fazer filosófico. Ela seria o exercício de uma atividade cujo fim se estende para além de si mesma, ou seja, se o fim é conduzir a metafísica ao caminho seguro da ciência, nada mais seguro para a razão pura do que cercar-se de um exame das condições que a ela permitem engendrar os conceitos que lhe são próprios. Esta mesma perspectiva, em que o trabalho do negativo dá lugar ao positivo ao qual deve servir, em Nietzsche, algo se acrescenta e ao mesmo tempo completa o sentido expresso em Kant, a saber, que a crítica não serve ao seu próprio tempo. De início, a ideia aí presente pode se apoiar na afirmação do filósofo novecentista de que a sua filosofia somente seria compreendida em 200 anos, daí o caráter extemporâneo que a caracteriza. O que ele afirma sobre a filologia clássica, de que esta se daria “em benefício de uma época vindoura”, não se aplicaria ao todo da sua filosofia, mas sobretudo ao sentido que a crítica adquire na sua obra, por conseguinte, ao caráter propriamente intempestivo de toda a crítica filosófica, aqui pensada como propedêutica. A questão que aqui se coloca, em face desse lugar que a crítica ocupa, o da propedêutica, é em que sentido os dois momentos da obra do Freud, quando ele elabora o conceito do inconsciente, a saber, o da primeira tópica, que vai das primeiras obras até 1917 e 1918, e da segunda, que se inicia em 1920 e tem seu melhor resumo em 1922, poderia vir a esclarecer o sentido da crítica filosófica ocupar o lugar de propedêutica, tanto em Kant quanto em Nietzsche. Trata-se, portanto, de indagar se o inconsciente freudiano permitiria pensar não apenas o sentido propedêutico, em Kant, ou extemporâneo, em Nietzsche, da crítica, mas sobretudo indicar que aí se trata muito mais de um limite, cujo sentido residiria em ter que, antes,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



analisar e compreender uma realidade antes de a transformar. Com Kant, o que conduz a razão aos seus vãos; em Nietzsche, o projeto da transvaloração tal como se inscreve em Além do bem e do mal e Genealogia da moral.

## Palavras-Chave

Psicanálise. Inconsciente. Crítica.



## O NATURALISMO FREUDIANO: REALISMO E HEURÍSTICA NA ELABORAÇÃO DA METAPSIKOLOGIA

Yonetane De Freitas Tsukuda  
[yonetane.tsukuda@gmail.com](mailto:yonetane.tsukuda@gmail.com)

### Resumo

Desde os seus primórdios, Freud concebeu a psicanálise como uma ciência da natureza. A manutenção persistente de uma terminologia fisicalista ao longo das elaborações teórico-metodológicas da metapsicologia demonstra que a sua formação científico-naturalista foi crucial para a criação do edifício epistêmico psicanalítico, não sendo apenas um resquício de suas primeiras investigações neuropatológicas. Entretanto, parte significativa da recepção filosófica da psicanálise frequentemente considera este naturalismo epistemologicamente inadequado, especialmente ao se enfatizar a dimensão da clínica e adotar uma posição explicitamente humanista. O problema é geralmente formulado como uma incompatibilidade entre a especificidade do objeto característico das ciências humanas e a racionalidade naturalista de Freud, apontando uma tensão intransponível entre os registros natural e hermenêutico no interior do seu discurso. A solução proposta seria a reconfiguração do campo psicanalítico, despojando-o do naturalismo freudiano para se ajustar melhor aos critérios metodológicos das ciências humanas. Os resultados desta proposta variam desde uma metapsicologia renovada, reconstruída com base em uma plataforma epistemológica alinhada com as humanidades, até mesmo a possibilidade de uma psicanálise sem metapsicologia. Argumenta-se com a própria afirmação de Freud de que os conceitos metapsicológicos seriam estruturas teóricas provisórias, compostas por ficções heurísticas que poderiam ser substituídas posteriormente em proveito de uma terminologia mais adequada. Esse caráter heurístico da metodologia freudiana permite duas interpretações possíveis: a primeira, esboçada acima, propõe uma leitura antirrealista da metapsicologia; a segunda, conservando o naturalismo em seu bojo, sugere a substituição de certos conceitos metapsicológicos por outros mais alinhados com os resultados da pesquisa neurobiológica, visando preencher as lacunas teóricas da psicanálise sob uma perspectiva realista. Neste sentido, pretendemos discutir em que medida o naturalismo poderia ser relevante para o campo psicanalítico,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



especialmente considerando o crescente interesse dos estudos neurocientíficos pela psicanálise, e particularmente pelos trabalhos neurológicos de Freud. Almejamos, assim, argumentar em favor de uma leitura realista da metapsicologia, ao mesmo tempo em que nos interrogamos se seria possível estabelecer uma articulação entre os registros biológico e hermenêutico em psicanálise.

## Palavras-Chave

Metapsicologia. Naturalismo. Realismo.



## O OBJETO FREUDIANO, O SUJEITO LACANIANO E A CRÍTICA À CIÊNCIA MODERNA

Thiago Rodrigo Brunassi  
[thiagobrunassi@gmail.com](mailto:thiagobrunassi@gmail.com)

### Resumo

Definir um objeto para conhecê-lo implica, na epistemologia moderna, em um posicionamento do Sujeito. Até onde Freud pôde chegar analisando seus pacientes, ou seja, escutando-os de fato em sua prática clínica, esta que era a sua verdade, apesar de suas estruturas conceituais serem reféns do paradigma moderno de conhecimento? Esse lugar, essa possibilidade limite de acesso ao seu objeto, dado o campo epistêmico em que se encontrava, tornou-se a condição a priori para a sua prática clínica. Isso pôde ser teorizado em seu conceito de Transferência? A releitura lacaniana do “objeto” que Freud pôde definir através de sua metapsicologia reconhecia o problema da objetificação resultante da posição do Sujeito da ciência moderna. Dessa forma, pretendemos mostrar de que maneira, no livro “O título da letra”, Labarthe e Nancy demonstram a estratégia lacaniana, antimetafísica, de retornar a Freud através da Verdade de Heidegger. Chamaremos essa estratégia de leitura ontológica do Falo (este que passa a ser conceituado por Lacan como o Significante da Falta-para-Ser). Por fim, considerando tal referência filosófica pós-moderna em Heidegger, vamos esclarecer o “paradoxo” no texto “A ciência e a verdade”, que o próprio psicanalista francês reconhece no que escreve: “O sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência”. Tal esclarecimento nos indicará também uma possível resposta para o posicionamento de Freud em sua prática clínica para uma escuta que seja verdadeira, bem como se esta mesma Verdade, a mesma que justifica a releitura de Lacan do “objeto” freudiano, poderia estar também na metapsicologia do Pai da psicanálise.

### Palavras-Chave

Ciência. Metapsicologia. Verdade.



## O PROBLEMA DA DIFERENÇA PSYCHÉ-SOMA: ENTRE A PSICOLOGIA MODERNA E AS COSMOLOGIAS AMERÍNDIAS

Rodrigo Barros Gewehr  
[rodrigo.gewehr@ip.ufal.br](mailto:rodrigo.gewehr@ip.ufal.br)

### Resumo

Este trabalho visa aproximar-se dos efeitos da partição psyché-soma no pensamento ocidental, notadamente através da psicologia moderna e da psicanálise. Através de um procedimento comparativo, no qual as cosmologias ameríndias serão colocadas em contraste com o pensamento antropológico de autores como Wundt, Freud e Jung, almeja-se pensar as consequências práticas da mundivisão ocidental predominante na ciência moderna não só na leitura do pensamento ameríndio como na própria construção dos modelos psicológicos que servem de base para as práticas clínicas. Com efeito, autores como Wundt, Freud e Jung, para determos-nos apenas em três grandes expoentes do pensamento psicológico ocidental, construíram uma série de reflexões antropológicas, com base nos materiais disponíveis em seu tempo, a partir das quais buscaram dar sustentação histórica e empírica a suas formulações conceituais. Mas até que ponto esse dispositivo se sustenta? Estariam eles, nessas demarches antropológicas, próximos de uma apreensão mais objetiva do funcionamento psíquico, ou antes revelam as posições epistemológicas que vigoraram amplamente no pensamento ocidental, como espécie de metafísica inconsciente de si própria?

### Palavras-Chave

Psyche-Soma. Psicologia Profunda. Epistemologia.



## O RETORNO INFAMILIAR DO NIILISMO

Ulric Gabriel Coutinho Jacob Cabral  
[cabral\\_ulric@hotmail.com](mailto:cabral_ulric@hotmail.com)

### Resumo

O conceito de “Unheimliche” (infamiliar) é elaborado por Sigmund Freud em 1919, referindo-se ao sentimento de angústia e inquietação de quando algo familiar se torna estranho, de quando o mais íntimo do passado recalado retorna e causa medo e horror. O objetivo da pesquisa é apresentar o conceito de “Unheimliche” em Freud e de niilismo em Friederich Nietzsche, expondo as confluências desses termos, e propor uma leitura das intersecções do pensamento freudiano e nietzscheano. Em um primeiro momento, haverá uma explanação do contexto da criação do conceito de infamiliar, mostrando que, com a finalidade de interligar a psicanálise à teoria estética, Freud escreve o texto “Das Unheimliche” onde o psicanalista analisa filologicamente a palavra alemã “unheimlich”, interpolando com a interpretação psicanalítica e investigação estética da literatura “fantástica” do século XIX. Em um segundo momento, haverá a exposição do conceito de niilismo em Nietzsche da forma como é tratado nos fragmentos póstumos 11[335] e 2[127] e no prólogo de “Assim falou Zaratustra” – apesar de Nietzsche não utilizar diretamente o termo no livro, o tema do niilismo é abordado em vários momentos, como será apresentado –. O terceiro momento da investigação será o de interpretar as confluências das obras, articulando os conceitos de vontade de verdade nietzscheano com as fases narcísicas freudianas, relacionando a criação da moral com a temática do duplo, tomando este como a gênese da duplicação do Eu, que resultará na consciência moral e no Supereu. Como argumenta Roberto Machado em “Zaratustra – Tragédia Nietzscheana”, o niilismo é inicialmente tratado de forma negativa, é o pior dos males, uma apatia radical que a humanidade vai experimentar a partir da morte de Deus preferindo, segundo Deleuze, um nada de vontade a uma vontade de nada. No entanto, o niilismo tem um caráter ambíguo, o momento de morte também é o de criação, a percepção de que a existência é vazia de sentido e os homens impuseram valores sobre ela mostra que, na verdade, a ausência de sentido, portanto, o niilismo, é algo que nos é há muito familiar, é o mundo que conhecemos, espaço de criação e valoração, mas que, por conta da vontade de verdade e da criação moral, foi negado e recalado e agora retorna, mas desta vez infamiliar.

### Palavras-Chave

Infamiliar. Niilismo. Psicanálise.



## O SONHAR EM PERSPECTIVA: UM DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E SABER AMERÍNDIO

Avair Guilherme Amaral De Carvalho  
[guilhermecarvalhopsicologo@gmail.com](mailto:guilhermecarvalhopsicologo@gmail.com)

### Resumo

Partindo de duas perspectivas distintas de analisar o significado dos sonhos, sejam elas, a psicanálise e a sabedoria dos povos originários, pretende-se explorar suas diferenças e indagar possíveis complementaridades e coexistências. Enquanto Freud situa o sonho numa esfera intrapsíquica e individual, determinada pelos desejos edípicos e infantis, Kopenawa nos apresenta uma perspectiva coletiva e política do sonhar. Nesta última, sonho e vigília fazem parte de um contínuo, formando um campo de experiência aberto à alteridade e à interação com outras subjetividades humanas e não-humanas. Ao contrastar tais pontos de vista, buscamos construir uma discussão que possibilite situá-las em horizontalidade, em que a psicanálise não se impõe como único saber legítimo mediante um pensamento ameríndio considerado como supersticioso ou primitivo. Assim, objetiva-se alcançar um diálogo que permita à psicanálise escutar, ser impactada e aprender com os saberes dos povos originários.

### Palavras-Chave

Sonho. Psicanálise. Saber Ameríndio.





## O SUJEITO DO INCONSCIENTE DE LACAN ENTRE A LINGUAGEM E REAL

Danilo Martins Vitagliano

[danilovitagliano@hotmail.com](mailto:danilovitagliano@hotmail.com)

### Resumo

No Seminário 11, Lacan postula que um de seus ouvintes, Miller, propusera uma questão sobre se sua teorização do inconsciente psicanalítico a partir da estrutura de uma hiância, na qual poderia ser estabelecida uma função de falta-a-ser, decorreria em uma ontologia. Na ocasião, Lacan respondeu que essa hiância possuiria um caráter pré-ontológico, não instituindo algo que poderia ser estipulado nem no âmbito do ser, nem no do não-ser, mas no do não-realizado. Pois bem, esse trabalho visa adentrar nessa questão, entendendo que é nessa hiância onde pode advir o sujeito do inconsciente, nessa fenda na estrutura da linguagem, no intervalo significante, como nos diz em sua máxima, 'um significante representa um sujeito para outro significante'. Essa ideia é circunscrita por Lacan a partir de sua leitura do estruturalismo, onde se decretava a 'morte do sujeito', de modo que as estruturas seriam determinantes a tal ponto no assujeitamento do sujeito, que não haveria mais o que poderia ser dito propriamente sobre ele. Lacan, contudo, concentra a radicalidade de sua leitura em manter um sujeito como um ponto de indeterminação no meio da mastodôntica estrutura. Para efetuar essa operação, ele recorre a uma de suas mais inovadoras conceitualizações, o real, o qual possibilita que o sujeito não seja postulado no puro assujeitamento. O real, entendido enquanto aquilo que escapa a qualquer tentativa de simbolização, entendido como um impasse na formalização, como algo que 'não cessa de não se inscrever', radica o lugar do sujeito enquanto um vazio, em seu traço de real, constituído nessa hiância. Seria possível estipular então qual posição ontológica acerca desse embate na constituição do sujeito enquanto pura indeterminação? Lacan sempre foi categórico ao dizer que sustentar um ser do sujeito que fosse idêntico a si mesmo seria uma vergonha, chegando a estabelecer um neologismo para isso, *hontologie* (vergotologia). De fato, para sustentar isso seria necessário descartar toda conceitualização que Lacan empreende sobre a falta de identidade do significante e da impossibilidade que o real impõe ao simbólico. Assim, pretendemos pensar o caráter pré-ontológico e não-realizado da hiância como Lacan

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



nos propõe, de um modo que seja fiel à sua aposta de rejeição ao princípio da não-contradição, a partir de seus desenvolvimentos acerca da estrutura significante e do vazio do real e como eles atravessam sua conceitualização acerca do sujeito em sua estatuto de desvanecimento.

## Palavras-Chave

Sujeito do Inconsciente. Real. Ontologia.



## ONTOLOGIA CRÍTICA E CLÍNICA ANALÍTICA

Gabriel De Freitas Gimenes

[gfgimenes@gmail.com](mailto:gfgimenes@gmail.com)

### Resumo

Em alguns de seus últimos cursos, palestras e textos, Foucault pareceu interessado em retornar à resposta de Kant sobre a questão do esclarecimento para articular a função da crítica com a ontologia e caracterizar o que ele denominou uma Ontologia Crítica. A definição kantiana de esclarecimento (“saída de um estado de menoridade”) é compreendida por Foucault como característica de uma atitude crítica, enquanto uma decisão e um exercício de crítica da atualidade, com a consequência de o sentido de crítica ser como que invertido em relação ao seu sentido kantiano: não uma crítica para o estabelecimento dos limites que não poderiam ser ultrapassados para garantir uma legitimidade, mas como um exercício e uma elaboração refletida da própria experimentação de ultrapassagem possível desses limites. Para Foucault, a atitude crítica é instaurada por uma recusa de ser governado: “não ser tão governado” ou “não ser governado desse modo, por esses meios e com esses fins” são algumas das fórmulas que apresenta na palestra “O que é a Crítica”, a partir do que esta é definida como uma virtude, como a prática da “inservidão voluntária” ou da “indocilidade refletida”, ou seja, a crítica enquanto função de desassujeitamento. É justamente nessa recusa e nessa decisão de não ser tão conduzido que Foucault encontra o vínculo entre a sua definição de crítica e a definição kantiana de esclarecimento. Em “O que são as Luzes”, Foucault desenvolve essa argumentação em que articula os temas do esclarecimento, da ontologia crítica, dos limites e sua ultrapassagem, da relação consigo e do exercício da liberdade: “recusar o que somos” ou “deixar de ser o que somos” são as fórmulas pelas quais caracteriza essa ontologia crítica, e acaba por considerá-la um êthos, uma atitude ou uma via filosófica. Por sua vez, na leitura singular que realiza da trajetória intelectual de Foucault, Deleuze indica que é justamente a partir dessa temática da ultrapassagem dos limites que a noção de subjetividade adquire consistência no pensamento foucaultiano, enquanto dobra da força sobre si mesma, que torna possível, nos limites dos saberes e dos poderes, a invenção da dimensão do si, da relação consigo, da produção de modos de subjetivação. Ora, o êthos dessa Ontologia Crítica

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



parece dialogar com prática analítica ao ser considerada desde o campo pulsional, pois a prática analítica assim compreendida é um modo de exercício da crítica, é um campo prático de desassujeitamento e de subjetivação.

## Palavras-Chave

Ontologia Crítica. Subjetividade. Clínica. Pulsão.



## PRESSÃO, REPRESSÃO, EXPRESSÃO – FORÇA, PSIQUISMO E SIGNIFICAÇÃO EM FREUD

Pedro Fernandez De Souza

[pedrofsouza@gmail.com](mailto:pedrofsouza@gmail.com)

### Resumo

O conceito de Verdrängung é central na teoria freudiana; trata-se de um mecanismo psíquico mediante o qual representações conscientes (ou que estão em vias de tornar-se conscientes) são desalojadas da consciência, tendo seu acesso a ela impedido. No português, as traduções mais utilizadas são “repressão” e “recalque”. Nesta apresentação, pretendo trabalhar a noção de Verdrängung a partir de sua afiliação semântica e etimológica com outros termos alemães que compartilham da raiz dr- e que também têm grande importância na teoria freudiana. Com efeito, um dos quatro fatores constituintes de um Trieb (“instinto” ou “pulsão”), estudados por Freud em 1915, é justamente o Drang, que se pode traduzir por “ímpeto”, “impulso” – ou “pressão”. Trata-se do caráter fenomenologicamente perceptível do Trieb, que se faz sentir ao organismo vivo mediante uma pressão ou uma urgência por se livrar da estimulação endógena. O Trieb é uma konstante Kraft (“força constante”), como lemos em 1915, e atua pressionando e urgindo (drängen) o organismo. Ora, por vezes a satisfação de um Trieb é incompatível com algum intento do eu, e por isso ele pode sofrer um destino radical: seu desalojamento forçado da consciência, ato este que Freud denomina Verdrängung – a “repressão”. Ou seja, ao Drang inerente ao Trieb, contrapõe-se agora uma Verdrängung. É curioso notar que Freud por vezes utiliza o termo Unterdrückung (“supressão”) como sinônimo de Verdrängung; nesse termo, tem-se grafada a palavra Druck, que também se traduz por “pressão” (inclusive em seu sentido físico, científico). Em 1915, Freud diz que o reprimido (das Verdrängte) conserva seus investimentos de libido, exercendo portanto continuamente um Druck, à qual a instância repressora (verdrängend) opõe um Gegendruck (“contrapressão”). A disciplina freudiana estuda precisamente os fenômenos nos quais esse conteúdo reprimido consegue emergir na consciência: são os sonhos, os lapsos de linguagem, os esquecimentos, os sintomas neuróticos. Não em vão, cada um desses fenômenos é uma forma com que o reprimido consegue ganhar Ausdruck (“expressão”). Assim, se um

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



sonho ou um sintoma tem um sentido, é justamente porque nele se exprime (ausdrück) um conteúdo reprimido (verdrängt). É notável, pois, como tais processos de fabricação de sentido, ou significação, são em Freud não apenas ligados a processos de força, energéticos, mas intimamente dependentes deles.

## Palavras-Chave

Repressão. Pressão. Expressão.



## PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM FREUD: SUBLIMAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

Guilherme M. Germer

[guilhermeguita@gmail.com](mailto:guilhermeguita@gmail.com)

Fabio Camargo Bandeira Villela

[f.villela@unesp.br](mailto:f.villela@unesp.br)

### Resumo

Visamos contribuir, nessa comunicação, aos estudos sobre os processos de subjetivação em Freud, a partir de um questionamento sobre em que medida a busca da felicidade, analisada em *O mal-estar na civilização, II* (e que consiste mais em um processo de sobrevivência psíquica frente às fontes básicas de sofrimento aos quais o homem está exposto do que em um projeto positivo de realização sua) não se ancora em dois conceitos de sublimação complementares: (1) a que o autor identificou, em *O Eu e o Id*, ao “narcisismo secundário”, caracterizando-o como um processo de identificação do Eu com o objeto de desejo, com vistas a se proteger de sua perda (e do qual se origina o caráter); e (2) a que ele descreveu, em *O mal-estar na civilização*, como o “destino imposto ao instinto pela civilização”, e o “caminho melhor” frente ao isolamento, constituído pela participação na comunidade humana e subordinação civilizatória da natureza à nossa vontade. Propomos testar se ambos os processos podem ser denominados de sublimação primária e secundária.

### Palavras-Chave

Caráter. Identificação. Felicidade.



## PULSÃO E DIALÉTICA EM HEGEL E FREUD

Régis De Melo Alves  
regisalves@hotmail.com

### Resumo

A noção de pulsão [Trieb], conhecida por sua função fundamental na psicanálise, possui uma pré-história no contexto do pensamento filosófico e naturalista alemão, como em Reimarus, Blumenbach, Kant, Schelling e Hegel (quando fala, por exemplo em *Bildungstrieb*, *Kunsttrieb* ou *Naturtrieb*). No entanto, o que parece ser um uso técnico e não problematizado de um termo científico da época incorporado por alguns autores do idealismo alemão, ganha um estatuto bastante diverso quando analisamos sua função metodológica no sistema hegeliano. Diferentemente da acepção usual do termo até então, que poderia ser traduzido como instinto, em Hegel, a *Trieb* e suas variações são encontradas nos três âmbitos do sistema, enquanto pulsão lógica, natural e espiritual, de modo que já não pode ser reduzida ao instinto, uma vez que a pulsão espiritual se distingue da natural. Na lógica, o termo aparece na seção final sobre a ideia, onde é o momento inicial da efetivação da mesma, primeiro de forma imediata na vida, e em seguida de forma refletida no conhecer, que se divide no teórico e o prático, tendo a pulsão para realização como uma raiz comum. Em Freud, a pulsão também aparece como uma forma de raiz entre dois campos, uma vez que é definida como conceito fronteiro entre o anímico e o somático. Porém, diferentemente da tradição que a compreendia como instinto de conservação, Freud, primeiramente introduz ao lado deste, compreendido como pulsão de vida, a pulsão de morte, como dimensão original da noção. Diferentemente da realização da pulsão de autorrealização da ideia em Hegel, que se efetivaria integralmente em seus produtos, sem resto, capaz de ser integrada ao à consciência, a pulsão em Freud conteria este elemento irreduzível à consciência, um resto latente vinculado à tendência de retorno do organismo à homeostase da matéria inorgânica. Após apresentar os aspectos centrais da noção hegeliana e freudiana, defenderemos que a pulsão de morte, como figura primária da concepção freudiana da pulsão enquanto tal, oferece uma figura fértil para a compreensão da própria dialética hegeliana.

### Palavras-Chave

Pulsão. Dialética. Hegel.





## PULSÃO E RECALQUE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE EM FREUD

Tamara Havana Dos Reis Pasqualatto

[tamarapasqualatto@gmail.com](mailto:tamarapasqualatto@gmail.com)

### Resumo

A psicanálise confere um lugar privilegiado ao aspecto sexual da vida humana. Através do conceito de pulsão [Trieb], que é sempre sexual em Freud, constrói-se a ideia de uma “psicossexualidade” que amplia a compreensão que tínhamos do “sexual”. Impossível de ser confundida com genitalidade, a sexualidade é tudo aquilo que a pulsão, considerada força motora do psiquismo, investe. Nessa perspectiva, desde uma obra de arte até um crime é animado pela pulsão, é sexual portanto. Assim, a pulsão estaria por trás de toda a atividade do pensamento. Acontece que a sexualidade é justamente o objeto privilegiado do recalque, que incide sempre sobre os representantes pulsionais. Ao recalcar representantes pulsionais, fantasias, desejos, produz-se também bloqueios onde o pensamento fica impossibilitado de avançar. O presente trabalho pretende investigar a natureza do sexual na psicanálise freudiana, ao mesmo tempo em que se interrogando os motivos pelos quais a sexualidade seria considerada o objeto privilegiado do recalque.

### Palavras-Chave

Pulsão. Recalque. Sexualidade.



## QUANDO O QUADRO SE DESPEDAÇA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS IMAGENS DO HORROR A PARTIR DA PULSÃO ESCÓPICA

Graziele Gonçalves De Lima  
[grazieleglima8@gmail.com](mailto:grazieleglima8@gmail.com)

### Resumo

Lacan, no Seminário 11: Os Quatros Conceitos Fundamentais Da Psicanálise, insere pontos importantes para se desenvolver a relação entre constituição do sujeito e o campo do olhar, pontos que, acrescidos ao esquema óptico, são capazes de elucidar as relações e afastamentos entre órgão corporal, corpo imaginário e pulsão escópica. Lacan argumenta que a verdadeira esquizo (ou divisão) que nos interessa não está na distância entre as formas impostas pelo mundo e a intencionalidade da experiência fenomenológica, que nos limita na compreensão do visível. Em vez disso, ele sugere que a verdadeira divisão ocorre na relação entre o olho e o olhar, isto é, entre o órgão e a pulsão de olhar. Com Lacan, o olhar se desacopla da capacidade física de ver, ela se fará valer no campo do sujeito, como contingência estranha - estrangeira ao sujeito - e simbólica que está associada à falta constitutiva e à angústia da castração. Essa esquizo entre o olho (órgão físico) e o olhar (dimensão simbólica e imaginária) é onde se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico, ou seja, é nessa [di] associação entre a capacidade física de ver e campo simbólico do olhar que se revela a complexidade da experiência visual. Neste trabalho pretendemos discutir a dimensão da pulsão especular em sua relação com as imagens da violência, mobilizando especialmente o conceito de horrorismo trabalhado por Adriana Cavarero e o estudo de Georges Didi-Huberman acerca da imagem. Argumentamos que o registro do horror evoca a dimensão do olho, especialmente o efeito no olhar daquele que vê o ato violento, além disso, o caráter repulsivo dessas evocam a confusão de limites entre o sujeito e objeto. Ao falar do registro do horror, o campo visual está para além de uma simples percepção sensorial, há uma dinâmica pulsional envolvida na erotização da imagem.

### Palavras-Chave

Pulsão Escópica. Horror. Psicanálise.



## RESSENTIMENTO: A VIDA DIANTE DA MEMÓRIA QUE SE REPETE

Roberta Janone Dos Reis E Vaz  
[rjanone@gmail.com](mailto:rjanone@gmail.com)

### Resumo

Planeja-se investigar nesta pesquisa, o conceito de ressentimento nietzschiano em um diálogo com a psicanálise, em especial a concepção de repetição freudiana. Em Freud, o ressentimento não é abordado explicitamente como conceito, porém ele aparece em alguns dos seus textos, quando trata do sujeito que repete uma queixa incessante. Trata-se de um sujeito com uma postura de apiedar-se e encontrar um culpado externo para seu sofrimento. Já em Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, obra em que o ressentimento aparece problematizado de maneira explícita, é plausível notar a importância de dois de seus componentes essenciais: a memória e o impulso. O autor associa o impulso a uma descarga de energia, que pode ser externada ou não. Quando essa descarga não é externada, ela é internalizada e afeta uma possível capacidade de esquecimento. A memória hipertrofiada do ressentido diz respeito a uma impossibilidade de abrir espaço para novas experiências, O homem que não esquece, mantém viva a lembrança de um passado ao qual é capaz de dirigir suas ações futuras. Para a psicanálise, o passado é relevante para considerar o objeto do sofrimento do sujeito no presente. Freud pontua em alguns textos que o sofrimento está vinculado a uma repetição. A questão da memória se faz importante à medida que se indaga que possa haver aspectos no indivíduo que se mantêm de forma repetida em suas vivências, evidenciando uma passividade perante suas escolhas. No que diz respeito a reviver memórias, tanto Freud quanto Nietzsche, mencionam em seus textos a importância da memória e como ela influencia as relações desse sujeito com a vida. Podemos aludir ainda ao conceito de compulsão à repetição que aparece na obra *Além do Princípio de Prazer* de Freud. Essa obra inaugura a definição de pulsão de morte, tal qual a conhecemos hoje. A pulsão de morte aponta para a compulsão à repetição, ou seja, o sujeito repete um lugar de sofrimento, tal como o ressentido repete sua queixa perante a vida. O conceito de repetição na psicanálise freudiana será base para pensar essa posição subjetiva do sujeito de apiedar-se diante da vida e, assim, permanecer em um lugar de repetição passiva. É a partir dessa interlocução que buscamos discutir a questão do ressentimento nietzschiano com a psicanálise freudiana.

### Palavras-Chave

Ressentimento. Freud. Nietzsche.



## SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES HUMANAS E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA EM O HOMEM UNIDIMENSIONAL DE H. MARCUSE

Ramom Gomes Da Silva  
[s\\_ramom@yahoo.com.br](mailto:s_ramom@yahoo.com.br)

### Resumo

O Homem Unidimensional de Herbert Marcuse é uma obra de teoria social, portanto se distancia da metafísica por considerar que as possibilidades de alterações da sociedade estabelecidas podem ser encontradas já no interior da sociedade, dessa forma, a livro traz consigo o diagnóstico da sociedade contemporânea frente às mudanças sociais provocadas pelos altos níveis de industrialização. Nesse sentido a teoria social se nega a aceitar o universo dos fatos dados como pronto e acabado. Marcuse destaca que na sociedade industrial parece ser capaz de conter a mudança social, principalmente mudanças qualitativas nas quais poderiam estabelecer instituições essencialmente diferentes, uma nova direção do processo produtivo, novos modos de existência. Ela, portanto, é uma sociedade rica, capaz de possibilitar uma completa satisfação das necessidades humanas para além dos níveis biológicos. A pergunta central do filósofo é: como podemos falar de libertação onde temos uma sociedade que funciona razoavelmente bem? A sociedade industrial avançada é capaz de satisfazer as necessidades materiais e culturais dos indivíduos e, além disso, criar nossas necessidades (embora sejam falsas) para garantir a integração dos indivíduos no ciclo vicioso do consumo, o que o filósofo destaca é que o problema que estamos enfrentando é a necessidade de libertação não de uma sociedade pobre, não de uma sociedade em desintegração, mas justamente o contrario. Uma das marcas impressas nos indivíduos mediante o surgimento e desenvolvimento do aparato técnico de produção é que antes as pessoas tinha a consciência de sua servidão, logo a libertação partiria desse pressuposto, por isso que não é estranho a afirmação de que as novas formas de controle, servidão e repressão dos indivíduos são tecnológicas, não há libertação como uma necessidade vital. Sob o domínio das falsas necessidades o homem se identifica com o modo de vida imposto, repete e repassa as gerações seguintes de forma a naturalizar a dominação cada vez mais repressiva.

### Palavras-Chave

Falsas Necessidades. Libertação. Servidão.



## SOBRE PRAZER E PULSÃO DE MORTE: É HOBBSIANA A TEORIA FREUDIANA DA CULTURA?

Léa Carneiro Silveira  
[leasilveiralea@gmail.com](mailto:leasilveiralea@gmail.com)

### Resumo

No debate contemporâneo entre psicanálise e teoria crítica, ganhou certo destaque uma discussão a respeito da presença de teses de teor supostamente hobbesiano na teoria freudiana da cultura. Trata-se de uma ideia defendida por Joel Whitebook contra Axel Honneth, quando o primeiro critica no segundo a recusa do conceito de pulsão e, especialmente, do conceito de pulsão de morte. Whitebook sustenta que a virada intersubjetivista, operada sobretudo por Jürgen Habermas e então seguida por Honneth, perde de vista o teor de verdade do hobbesianismo que, no entanto, teria estado presente no pensamento de Sigmund Freud. Parte desse argumento de Whitebook é seguido de perto por Amy Allen: a filósofa concorda que haveria um hobbesianismo no pensamento de Freud, mas discorda da necessidade de preservá-lo como momento de verdade no que diz respeito ao fenômeno da agressividade, pois entende que teses de teor hobbesiano seriam incompatíveis com a teoria crítica em geral e, em particular, com o ideal de emancipação por ela veiculado. De qualquer forma, ambos os autores mobilizam uma mesma forma de se referir ao termo “hobbesianismo”: o termo é empregado em sentido bastante lato para indicar maneiras de pensar certa antropologia que situaria os seres humanos a partir de uma existência individual inicialmente isolada, marcada por tendências antissociais e movida pela busca por realizar objetivos voltados para o próprio benefício. Neste trabalho pretendo sustentar ser apressado enxergar traços relevantes da filosofia de Thomas Hobbes na teoria freudiana da cultura especialmente a partir das referências que aqui encontramos à ideia de natureza humana. As teses de Freud a respeito das relações entre pulsão e cultura são simultaneamente mais que hobbesianas – no sentido de que forças de antissociabilidade entranhadas na natureza humana envolvem torsões que excedem a via dos interesses do eu, não sendo possível assumir aqui, ao menos não apenas, que indivíduos seriam orientados pelo egoísmo sob as balizas do deleite (ou do prazer) – e menos que hobbesianas – no sentido de fazerem

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



parte da natureza humana as pulsões de vida, então responsáveis por impelir os seres humanos ao estabelecimento de laços recíprocos. O interesse da psicanálise para a teoria crítica é ao mesmo tempo claro e tenso. Não é, contudo, a referência a Hobbes o que nos permite trabalhar e complexificar tanto tal clareza quanto tal tensão.

## Palavras-Chave

Psicanálise. Teoria da Cultura. Teoria Crítica.



## STAVRAKAKIS E A ESQUERDA LACANIANA: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PRÁXIS FUNDADA EM UMA ONTOLOGIA NEGATIVA

Arthur Xavier  
arthuroxr@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho tem como tentativa explorar a contribuição de Yannis Stavrakakis para uma filosofia política psicanaliticamente orientada. Apesar de existir uma correlação histórica da união destes dois campos, reconhecida no cenário global da filosofia à partir da Escola de Frankfurt, tentaremos propor um outro caminho possível, vinculado a história da psicanálise lacaniana e seus usos pela teoria política. Stavrakakis identifica um movimento teórico que identifica como “Esquerda Lacaniana”, cuja compreensão varia entre autores como Slavoj Žižek, Chantal Mouffe, Alan Badiou e, Ernesto Laclau. Nos concentraremos, especialmente, da chamada Escola do Discurso de Essex, fundada pelo argentino Ernesto Laclau na década de 80. No esteio desta mesma escola, iremos perquirir desdobramentos do teórico político grego, Yannis Stavrakakis e dos seus diálogos com Ernesto Laclau. Com isso, procuraremos formular em que medida poderia se negociar uma aproximação entre a política e a psicanálise lacaniana, verificando o que de frutífero e compatível há neste tipo de diálogo. Isso é tornado possível na medida em que Ernesto Laclau tem como tentativa maior do seu percurso de trabalho deslocar a questão do populismo do eixo ôntico, tal como é comumente explorada nas ciências políticas, para o ontológico, formulando bases propriamente fundadas em uma gramática do negativo e em uma teoria do discurso. Verifica-se aí uma adequação entre as bases de sua filosofia política com a ontologia proposta pelas figuras do negativo encontradas em Jacques Lacan. Assim, nos concentraremos as adições realizadas à teoria fundada por Laclau, na medida em que consideramos as preocupações de intersecção psicanalítica ainda mais marcada, a partir de Stavrakakis. O autor se atenta, especialmente, para uma práxis que seja tributária do aspecto impossível das ambições totalizantes encontradas nos anseios políticos. Para isso, optamos por mobilizar as tensões dialéticas entre falta e desejo, à fim de estabelecer de que forma a figura do gozo está costurada na relação com o político, utilizando da leitura de dois trabalhos do autor que costuram essa relação, *The Lacanian Left* (2000) e *Lacan and the Political* (1999).

### Palavras-Chave

Ontologia Negativa. Esquerda Lacaniana. Jouissance.



## UM AFETO DESPREZÍVEL: A PRESENÇA DOS MOVIMENTOS INICIAIS DA TEORIA FREUDIANA DA ANGÚSTIA NO PROJETO

Wesley Starley Rubstaine Rodrigues Lima

[lima.starley@gmail.com](mailto:lima.starley@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, parto do pressuposto de que os textos freudianos do período de 1889 a 1898 têm o Projeto para uma psicologia científica (1950/1996) como suporte teórico. Dessa forma, as noções de angústia elaboradas por Freud neste período teriam recebido resguardo teórico dos arranjos e esquemas presentes no Projeto. As possibilidades interpretativas da angústia se resumem a: 1. Um estado emocional que se refere ao afeto da ideia original. 2. O afeto reflexo de um trauma de ordem sexual. 3. Uma condição poderosa do sistema nervoso. 4. Um quantum a flutuar livremente. Visto que em todas estas interpretações a angústia se mantém conectadas com a teoria do trauma, termina-se por interpretá-la (e este é um quinto elemento) como o sintoma nuclear da neurose. É, como reflexo das construções freudianas do período, que se conclui que a angústia é o afeto que sinaliza o trauma. No Projeto, o trauma pode ser relacionado a noções de dor, desprazer e desamparo. Em todas estas noções, encontra-se que a causa de sua origem é o acúmulo da energia (quantum) que percorre o sistema nervoso. Por sua vez, a tendência do aparelho é não deixar que o acúmulo ocorra. O trauma seria assim uma experiência de acúmulo que marcou a memória do indivíduo. A angústia, enquanto afeto que sinaliza o trauma parece ser justamente o afeto desprezível citado por Freud no Projeto, cuja função é justamente sinalizar ao Eu que desloque a representação original da cena do trauma, recalçando-a. A partir desta interpretação, a angústia estaria no cerne de um sujeito cindido, cujas representações podem não ser fiéis à realidade de sua condição afetiva, mas apenas simbolizações reflexas do trabalho de deslocamento representacional. A tradição filosófica moderna partiu do pressuposto de um sujeito cuja base de ação é a consciência, fundamentada no cogito e por isso, racional. Neste sentido, Freud teria se colocado, desde o período inicial de sua teorização, em confronto com a perspectiva cartesiana de sujeito.

### Palavras-Chave

Freud. Projeto. Angústia. Sujeito.





## UM NOVO QUE RETORNA DO PASSADO: O TRAUMA COMO MODELO HISTORIOGRÁFICO EM HAL FOSTER

Guilherme Guimarães Sebastião  
[guilherme.guimaraes@ufabc.edu.br](mailto:guilherme.guimaraes@ufabc.edu.br)

### Resumo

Em diversos textos que publicou ao longo dos anos 1990, Hal Foster, crítico e historiador de arte estado-unidense, aborda as relações entre vanguardas artísticas europeias dos anos 1910 e 1920, como o construtivismo russo e o surrealismo, e determinados movimentos artísticos dos anos 1960 e 1970 que ficaram conhecidos como neovanguardas, tais como a arte pop e a arte hiperrealista. Tais movimentos, que direta ou indiretamente fariam referências às estratégias críticas e estéticas das vanguardas, são rechaçados por uma história da arte que os considera como meramente oportunistas ou ingenuamente farsescos, ao mesmo tempo em que entende que o potencial revolucionário das práticas vanguardistas já haveria se cumprido em sua própria época de advento e, aliás, falhado tragicamente em sua realização. Foster compreende que o modelo historiográfico que embasa tal leitura histórica é informado pelo modelo problematicamente progressivo do sujeito moderno e propõe, então, uma alternativa historiográfica que toma como seu modelo uma noção psicanalítica de sujeito, pensada a partir do conceito de trauma. Para Foster, tal modelo ofereceria uma compreensão mais produtiva e relevante face às complexas relações temporais e semânticas entre as vanguardas e as neovanguardas, reabilitando as potencialidades transformadoras de ambas para a produção e a crítica de arte contemporâneas. Nesta comunicação, pretendo elucidar o movimento argumentativo e o contexto em que se originam tanto a análise quanto a tese de Foster, bem como a maneira com que o autor as elabora a partir de seu referencial teórico psicanalítico, especialmente no que nele diz respeito à teoria freudiana do trauma em dois tempos.

### Palavras-Chave

Trauma. Sujeito Psicanalítico. Neovanguarda.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA E RAÇA



## A ABOLIÇÃO REVISTA POR ZÓZIMO BULBUL NO CINEMA: A RESISTÊNCIA NEGRA ENTRE A ARTE E A HISTÓRIA

Alice Lino Lecci

[alice.lino@yahoo.com.br](mailto:alice.lino@yahoo.com.br)

### Resumo

Nesta comunicação, dirige-se uma crítica a determinados relatos constituintes do documentário “Abolição” (1988) de Zózimo Bulbul, que discorrem sobre as revoltas no período escravocrata, a abolição e o posicionamento do Estado após a emancipação, a fim de enfatizar suas dimensões históricas e políticas. Para tanto, tais depoimentos, majoritariamente de pesquisadores/as e militantes negros/as, foram cotejados com as perspectivas enunciadas no campo da História, da Antropologia e da Filosofia por Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Ynaê dos Santos, Kabengele Munanga e Molefi Kete Asante. Nesta obra cinematográfica, o/a negro/a apresenta-se como enunciador da própria história ao denunciar as injustiças acerca da barbárie escravocrata e racista, ao mesmo tempo em que reivindica equidade em sociedade, sendo que a narrativa áudio-imagética se alinha à certa historiografia erigida sobre a população negra do Brasil. Zózimo propõe, assim, uma representação a contrapelo da experiência de ser afrodescendente, no Brasil, visto que a narrativa apresentada traz à tona fatos negligenciados, por vezes, pouco conhecidos acerca da história população negra brasileira.

### Palavras-Chave

Cinema Negro. Racismo. Afrocentrismo.



## A CONSTRUÇÃO DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: ENTRE GILBERTO FREYRE, MÁRIO FILHO E JOSÉ LINS DO REGO

Leonardo Diniz Do Couto

[leodocouto@gmail.com](mailto:leodocouto@gmail.com)

### Resumo

Para muitas autoras e autores, a ideia de brasilidade entendida como hegemônica até hoje ganha força e se consolida entre as décadas de 1930 e 1940. É um projeto de Estado que se associa à produção da intelectualidade; da imprensa e por aí vai. Trata-se do período em que se encontra o Estado Novo que empreende todo um esforço para assumir a negritude e suas expressões como o samba, a capoeira etc., como símbolos nacionais. É o período em que é publicado e tem grande repercussão o livro *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, que, contra aqueles que estavam empenhados numa “limpeza” racial ou no projeto de embranquecimento da população brasileira, aposta na miscigenação como justamente o caminho para afirmação da identidade deste país, defende a tese de que o Brasil autêntico é aquele que surge da mistura das três raças: do europeu, do africano e do ameríndio. É neste período também que se encontra a produção do escritor e jornalista esportivo Mario Filho que, de seu turno, pretendeu contar para a posteridade a “epopeia” do futebol brasileiro desde seu nascedouro. E esta história que ele pretende contar se entrelaça profundamente com a história da negritude pós-abolição, tendo como pano de fundo a tese defendida por Gilberto Freyre. Mario Filho defende que o futebol, enquanto esporte, é transformado radicalmente o Brasil e isso se dá porque deixa de ser um esporte praticado por brancos ingleses e sua racionalidade, sua rudeza e sua força, para ganhar ginga, emoção e até a irracionalidade dos negros brasileiros. Para o jornalista, o futebol se transforma no Brasil e acaba por impulsionar a transformação do próprio Brasil, que vai se reconhecendo como mestiço e vai conseguindo, palavras de Gilberto Freyre, sublimar os traços especificamente brancos, especificamente pretos e especificamente ameríndios, vencendo finalmente as barreiras de cor. José Lins do Rego, animado com esta ideia, chega a afirmar que o futebol é o espaço impulsionador de cura do que restou de chagas do cativo e que ainda impede a fraternidade de raças. Nesta apresentação, a intenção é reconstruir a imagem idealizada da pessoa



negra e o lugar que lhe é reservado pelos três autores acima citados. Que características eles identificam entre os negros brasileiros que compõem esta brasilidade nascente, quais outras tiveram que ser abandonadas como marcas do africano primitivo. Em suma, quem é este negro que revoluciona e se constrói no futebol brasileiro para estes autores?

### **Palavras-Chave**

Negritude. Futebol. Brasilidade.



## A DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL ENQUANTO CERTEZA FULCRAL

Jefferson Silva De Santana

[jefferson.jss@ufpe.br](mailto:jefferson.jss@ufpe.br)

### Resumo

Esta apresentação dará conta da primeira parte da pesquisa de dissertação de mestrado de mesmo nome. Aqui, sustentaremos que o mito da democracia racial no Brasil pode ser enxergado enquanto certeza fulcral. Tal conceito foi cunhado por Ludwig Wittgenstein em sua obra *Sobre a Certeza* (1969). Em “*Sobre a Certeza*”, Wittgenstein questiona a concepção convencional de bases epistemológicas sólidas e investiga como nossas certezas fundamentais são expressas na linguagem. Ele defende que muitas de nossas convicções têm suas raízes em formas de vida específicas e contextos culturais. Wittgenstein ressalta a complexidade das declarações de certeza e sua estreita ligação com as práticas sociais e linguísticas. No âmago do livro, o filósofo analisa a natureza das proposições certas, explora a relação entre linguagem e conhecimento, e sugere que a confiança em nossas crenças está profundamente enraizada em nossa vivência diária. Nesse sentido, analisaremos as raízes argumentativas que, em nossa concepção, sustentam que no imaginário popular a democracia racial se comporta enquanto uma certeza fulcral. Com destaque basilar para Gilberto Freyre em sua obra *Casa-Grande e Senzala* (1933) e toda a divulgação internacional feita por Freyre dizendo que em nossas terras haveria sim uma democracia racial, posteriormente mostraremos a partir de uma bibliografia de crítica ao mito da democracia racial como isso ocorreu em termos práticos e concretos dentro da sociedade brasileira e como refletiu no cotidiano do povo preto. Por fim, poderemos compreender como a ideia de uma democracia racial no Brasil foi minuciosamente construída dentro de uma estrutura racializada e racializante.

### Palavras-Chave

Democracia Racial. Certeza Fulcral. Wittgenstein.



## A DIALÉTICA DO RECONHECIMENTO DE FRANTZ FANON

José Martins De Lima Neto  
[jmneto@uneb.br](mailto:jmneto@uneb.br)

### Resumo

O que pensa Frantz Fanon sobre o reconhecimento, sobre o reconhecimento do homem negro? Qual seu método, quais suas teses, o que elas expressam? Para ele, o reconhecimento do negro, pelo outro, neste caso o branco, é interdito em um mundo conformado pelo colonialismo. Condenado à queda, ao fracasso, ele é irrealizável, ou pelo menos em *Pele negra, máscaras brancas*, de 1952. A partir de novembro de 1954, tudo oferece a Fanon outra perspectiva. A “explosão” acontece. Ele se muda para a Argélia precisamente no início da Revolução Argelina (1954-1962), logo, se torna embaixador da Frente de Libertação Nacional (FLN), e a possibilidade de libertação torna-se tema central de seus escritos. Nesta comunicação, detenho-me no primeiro livro, para falar da dialética enquanto movimento fenomenológico expresso inclusive no próprio estilo. Assim, destaco aspectos da fenomenologia do reconhecimento tal como expressa em *Pele negra, máscaras brancas*, especialmente por suas considerações no capítulo “A experiência vivida do negro”. Primeiro, apresento sua dialética como emperrada, defeituosa, cuja síntese invariavelmente retorna à tese, o que implica na impossibilidade de realização de qualquer ontologia em uma sociedade colonizada. Destaco, em seguida, o fato de a dialética fanoniana tem a idiossincrasia, como dito, de começar com uma tese negativa do em si, espécie de conhecimento de si em terceira pessoa, e de não haver outro momento de afirmação senão o de si mesmo como forma de se livrar da tese do outro sobre si como corpo-objeto, que seria estranhamente a antítese, uma que não nega diretamente a tese, mas busca em sua própria história e capacidades, apesar da tese, um para si. Terceiro, exponho a fenomenologia de Fanon como descrição do devir negro, ao tratar da série de operações de racialização, desde o esquematismo corporal até uma “historicidade” bestial. E deixo claro que seu objetivo é, sempre foi, o da desalienação do negro, e o de um novo humanismo. Por fim, procuro a singularidade desta dialética, de seu movimento, se comparada com outras desde Hegel. A dialética fanoniana mostra a constituição de um sujeito alienado, amputado, desfigurado, cujo para si está sendo constantemente borrado, e que não cabe bem no mundo.

### Palavras-Chave

Fanon. Violência. Reconhecimento.



## A FILOSOFIA POLÍTICA ANTIRRACISTA DE SUELI CARNEIRO

Vinicius Santana Cerqueira

v225499@dac.unicamp.br

### Resumo

Em *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser* (2023), a filósofa afro-brasileira Sueli Carneiro desenvolve, a partir da noção de “dispositivo” de Michel Foucault, o conceito de dispositivo de racialidade para compreender as múltiplas práticas pelas quais o racismo anti-negro se manifesta no Brasil desde a colonização portuguesa. Em linhas gerais, o dispositivo de racialidade consiste em uma tecnologia de poder instrumentalizada pelas classes dominantes brancas para, de um lado, subordinar, assujeitar e explorar a população afro-brasileira e, de outro, quando não há esse interesse, excluí-la ou exterminá-la. Em diálogo com a teoria do “contrato racial”, do filósofo afro-jamaicano Charles Mills (2023), a filósofa argumenta que o dispositivo de racialidade é, antes de tudo, um contrato racial que, a partir do colonialismo europeu, sela um acordo de cumplicidade e manutenção de privilégios entre os brancos para subalternizar e explorar os povos não-brancos. Um dos principais elementos desse dispositivo é o epistemicídio, que consiste em uma tentativa de assassinato ou sequestro da razão de povos colonizados ao longo da modernidade ocidental, inferiorizando-os intelectual e moralmente. O dispositivo de racialidade produz, em última instância, a interdição de pessoas negras enquanto seres humanos, sujeitos morais, políticos e de direito. Contudo, mesmo diante desse cenário de opressão racial, o movimento negro brasileiro continua construindo estratégias de valorização da nossa negritude, de resistências e luta contra o racismo em prol da emancipação coletiva. Nesta apresentação, tenho a intenção de expor os elementos que considero principais da filosofia política carneiriana presente em *Dispositivo de racialidade*, qual seja, a dimensão diagnóstica do racismo anti-negro brasileiro e a dimensão de agência das resistências negras. Para tanto, em um primeiro momento, analisarei o conceito de dispositivo de racialidade e explicitar a sua relação com o contrato racial e o epistemicídio. Em um segundo momento, busco ressaltar os elementos que caracterizam as resistências negras na luta contra o dispositivo de racialidade em busca da emancipação. Meu objetivo consiste em esboçar como as





resistências negras constroem estratégias para driblar as formas de subalternização e exclusão engendradas pelo dispositivo de racialidade legitimado pelo contrato racial brasileiro.

### **Palavras-Chave**

Filosofia Brasileira. Relações Raciais. Feminismo.



## A GENEALOGIA DA INJUSTIÇA ESTRUTURAL: UM PROBLEMA DE INJUSTIÇA HERMENÊUTICA

Manoel Pereira Lima Junior

[llourencio@hotmail.com](mailto:llourencio@hotmail.com)

### Resumo

Meu objetivo principal, nessa comunicação, é apresentar uma genealogia da injustiça estrutural. Feito isso, pretendo mostrar como essa origem da noção de injustiça estrutural é um problema de injustiça hermenêutica e como tal precisa ser tratado hermeneuticamente a fim de solucionar, ou dissolver o problema. Nesse caso, o problema é que a noção de injustiça estrutural remete a um tipo de injustiça sem sujeito, de modo que se torna um tipo de injustiça sem responsabilização, ou culpabilização, uma vez que o sujeito (ou os sujeitos) da injustiça está dissolvido nas estruturas sociais. Nesse sentido, parte da solução para o problema está atrelada a um rastreio do sujeito desse tipo de injustiça, isto é, alcançar a sua gênese para entender como ele desapareceu conceitualmente no termo estrutural. Depois disso, é preciso preencher a lacuna conceitual ocupada pela noção de injustiça estrutural, de modo que hermeneuticamente estejam dadas as condições para identificar e responsabilizar o sujeito (ou sujeitos) empírico da chamada injustiça estrutural. Por esses motivos mencionados acima, proponho a genealogia como método de investigação filosófica para resolver um problema de injustiça hermenêutica.

### Palavras-Chave

Genealogis. Injustiça Hermenêutica. Epistemologia.



## A IGNORÂNCIA BRANCA DENTRO DO CONTRATO RACIAL DE CHARLES W. MILLS

Fladmylla Ohana De Souza Leite  
[fladmyllaohana@gmail.com](mailto:fladmyllaohana@gmail.com)

### Resumo

A obra *O Contrato Racial* do filósofo Charles W. Mills, publicada originalmente em língua inglesa no ano de 1977 e traduzida para o português brasileiro pela editora Zahar no ano de 2023 é uma importante contribuição aos estudos sobre contrato social, que dentro do cânone europeu são encabeçados por Thomas Hobbes, John Locke e J.J. Rousseau. Apesar das especificidades dos conceitos e linhas de raciocínios dos autores europeus por vezes divergirem, há um denominador comum entre seus estudos contratualistas: não existe um aprofundamento no que tange as relações raciais na sociedade e é nessa vanguarda que Charles Mills trabalha. *O Contrato Racial* pretende fazer uma inovação conceitual à filosofia política, posicionando o estudo das interações raciais no cerne do contratualismo. A obra perpassa alguns pontos-chave como: os fundamentos raciais do Contrato Social; a característica não escrita do contrato; privatização de benefícios; socialização de prejuízos; relações de poder racial; responsabilidade coletiva e ignorância branca, sendo esse último nosso objeto de explanação. A epistemologia da ignorância ou ignorância branca seria, segundo Mills, um mecanismo que invisibiliza para os signatários do contrato racial a própria existência do contrato. Por meio desse mecanismo, as pessoas brancas, signatárias e beneficiárias do contrato racial, não percebem a própria realidade desse contrato. Tal ferramenta de cegueira permite que os efeitos do contrato racial (exploração, subjugação, apagamento, aniquilação, expropriação) se reproduzam sem que as pessoas que dele se beneficiam reconheçam seu funcionamento. Desse modo, pretendemos discutir o conceito de ignorância branca dentro de *O Contrato Racial* segundo Charles Mills com o objetivo de despertar uma consciência crítica e motivar reflexões para desafiar as estruturas de poder que perpetuam as desigualdades raciais em nossa civilização.

### Palavras-Chave

Contrato Racial. Racismo. Ignorância Branca.



## A NEUROSE BRASILEIRA: AS IMPLICAÇÕES DA DEMOCRACIA RACIAL NAS SUBJETIVIDADES NEGRAS

Erico Andrade

[ericoandrade@gmail.com](mailto:ericoandrade@gmail.com)

### Resumo

A neurose pode ser vista por diferentes prismas. É Freud quem primeiramente subverte a semântica do termo neurose para lhe retirar de uma significação estritamente fisiológica, conforme a qual a neurose transcreveria uma relação de correspondência biunívoca entre sintoma psíquico e desordem física, para o circunscrever no domínio dos fenômenos psíquicos, pelo menos no que tange ao seu tratamento clínico. Nessa ruptura, muita coisa está em jogo, e já há, claro, um apontamento para o caráter social da neurose. Freud entende que as neuroses incidem diretamente nos processos de subjetivação das pessoas sem, contudo, diferenciá-las de acordo com a cultura na qual elas ocorrem. Contudo, o austríaco entendia, e ao longo de sua obra fica claro, que as neuroses decorriam de fatores psicossociais, mas ele não considerou as variações culturais de matiz racial na compreensão das singularidades da neurose, porque a sua teoria tinha a pretensão de construir uma topografia universal sobre o funcionamento das neuroses humanas, calcada no modelo edípico. Essa concepção freudiana está na base da autorização, até então vigente em parte da psicanálise brasileira, de que a clínica psicanalítica é capaz de dialogar com as chamadas patologias sociais. Essas patologias estão, por exemplo, presentes numa sociedade capitalista e que se espalha por todo globo terrestre. Mesmo a compreensão de que a psicanálise pode orientar o estudo da neurose por meio de uma abordagem dos efeitos psíquicos produzidos por uma sociedade capitalista, não toca necessária e diretamente as questões raciais. Com efeito, para uma compreensão do capitalismo, o recorte racial, pelo menos no caso do Brasil, parece incontornável. Por isso, não é uma questão de apenas circunscrever a cultura ao sistema econômico e procurar entender como um sistema econômico produz neurose na cultura ocidental. É com essa perspectiva e em diálogo com pensadoras brasileiras que tenciono caracterizar a neurose racial e os seus impactos nas subjetividades negras. Ou seja, as questões de classe foram incorporadas por teorias psicanalíticas por alguns e algumas pensadoras.



Meu ponto é que a virada racial provocada por Frantz Fanon, invariavelmente citado pelas pensadoras brasileiras indicou um novo caminho em direção à racialidade no que diz respeito à caracterização da neurose e do seu impacto nas pessoas negras.

### Palavras-Chave

Raça. Psicanálise. Negritude. Neurose.



## A NOÇÃO DE RACISMO TOROIDAL: UMA ALEGORIA ELTROMAGNÉTICA PARA A COMPREENSÃO DO FENÔMENO DO RACISMO

Guilbert Kallyan Da Silva Araújo

[guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

### Resumo

A questão do Racismo como fenômeno central para compreensão da estruturação do estado brasileiro é um tema amplamente debatido por uma série de autores. Dentre estes, destacam-se Silvio Almeida e Muniz Sodré. O primeiro por conta da noção de Racismo Estrutural, e o segundo pela forma Sistêmica que o Racismo opera no processo de consolidação da realidade brasileira. Entretanto, por mais que ambos atestem a centralidade do colonialismo como fenômeno histórico que engendrou uma diferenciação racial hierarquizada, ambos pecam quanto a dimensão do racismo para com o sujeito. Portanto, proponho neste artigo, através de uma alegoria imagética usando um conceito do eletromagnetismo, uma compreensão que não só descreva a forma como o racismo está entranhando no processo de formação e manutenção do estado, como também apreenda as implicações para o sujeito negro. Assim sendo, busco descrever uma noção sistematize o racismo como estrutura de edificação da realidade e do sujeito, mas não se apresente de forma totalizante, contrapondo os conceitos de Racismo Estrutural e Sistêmico com uma visão Toroidal do fenômeno.

### Palavras-Chave

Racismo Estrutural. Colonialismo. Racismo Toroidal.



## A VIDA EM-COMUM, ALTERNATIVA AO DEVIR-NEGRO EM ACHILLE MBEMBE

José Luís

[joseluismaripe@gmail.com](mailto:joseluismaripe@gmail.com)

### Resumo

Este ensaio pressupõe analisar o projeto ético político sobre a vida em-comum como alternativa ao problema do devir-negro a partir do pensamento de Achille Mbembe. Em sua obra *Crítica da Razão negra*, a qual configura-se como genealogia, questiona e explica as condições de possibilidades do processo racial, sobretudo, dos negros e dos africanos. Examina os paradoxos da racionalidade da modernidade. O facto é que, a europa está mergulhada numa contradição, pois enquanto postula os princípios da igualdade, liberdade e fraternidade entre os homens, ao mesmo tempo promove o “Devir-negro do mundo”. Por devir-negro do mundo entende-se a generalização da produção de negros em nível mundial a partir do exercício de classificação dos homens por meio da raça, desde o primeiro capitalismo, no início da modernidade, até nossos dias. Trata-se das metamorfoses que o conceito “negro” sofre ao longo do tempo, tendo três fases da sua prática. A primeira fase parte do século XV até o XIX, caracterizada pelo Tráfico Atlântico, o momento em que os negros e, sobretudo, os africanos foram transformados em mercadoria, figurando-se em moeda e metal, nascem as ideias de raça, negro e África. A segunda fase parte do século XVIII até ao século XX, caracteriza-se pela contra-ofensiva dos negros, em busca de autonomia e reivindicação do estatuto de sujeitos plenos de mundo, de maneira que a luta anti-racista ganha força. Na terceira fase, a do século XXI, reconfiguram-se os modelos de racialização, e é exatamente nesta que se encontra a era do “devir negro no mundo”, caracterizado pelo Neoliberalismo como herança do colonialismo. Partindo desta compreensão, Como pensar a possibilidade alternativa na superação do devir-negro com vista ao alcance de uma vida em-comum? Para Mbembe levanta é preciso produzir a ideia de que “Existe um só mundo”. É preciso se instaurar um projeto universal de um mundo comum baseado nos princípios de “igualdade das partes” e da unidade fundamental do género humano. Para o efeito, três condições são necessárias. A primeira condição é que, em caso de uma possível resistência em relação a eliminação do racismo, “será

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



preciso continuar a lutar pelo advento de um mundo para além das raças”. A segunda condição é sobre a possibilidade da perpetuação da mentalidade dominada e seleção dos seres humanos, que “será preciso trabalhar com e contra o passado, de tal maneiras que este possa abrir a todos um futuro a ser compartilhado com igual dignidade”. E a terceira condi

## Palavras-Chave

Raça. Devir-Negro. Em-Comum.





## AINU-REPUNKURU DESFAZENDO O AMARELO UNIVERSAL

Umeno Morita

[morita.maria@gmail.com](mailto:morita.maria@gmail.com)

### Resumo

Processos corpóreos em regimes de subjetivação racial percorrem esta comunicação. Mobilizando conceitos de Deleuze e Guattari para propor uma leitura do funcionamento de máquinas abstratas de rostidade (DELEUZE, G., GUATTARI, F., 2012) via subjetivação racial, abrimos o território em que a ficção da raça (MBEMBE, 2018) opera na negociação da categoria de sujeito racial amarelo nipo-brasileiro. Demonstraremos que a categoria racial de “pessoa amarela nipo-brasileira” é uma via de homogeneização e assimilação de diferenciações étnicas do arquipélago unificado pelo Império japonês durante o regime imperial Meiji (1868). Uma máquina abstrata de rostidade assimila rostos e trajetos de corpos Ainu-brasileiros ao que se toma por grupo “nipo-brasileiro”. Na intenção de desfuncionar o mito da democracia racial via experimentação do corpo racializado amarelo e em diferenciação étnica, traçaremos um trajeto de montagens corpóreas que oscilam - codificadas por ambiguidade - na hierarquização de sujeitos raciais. Ora rostificados segundo um fenótipo que não compõe a brasilidade, ora referenciados como modelo para identidades não-brancas, estes corpos são montagens não-brancas, não-negras e não-nipo-brasileiras. Se centraliza na pessoa nipo-brasileira a categoria racial de sujeito amarelo. O sujeito nipo-brasileiro é um “amarelo universal” sobre o qual apresentaremos as complexidades dos contornos sobre sua produção na racialização amarela. AINU-Repunkuru significa “Ainu da diáspora”. AINU é o nome da população originária do território indígena AINU-Moshiri, um território colonizado. O norte da ilha Honshu (províncias de Akita e Tohoku), a ilha de Ezo (província de Hokkaido), as ilhas Curilas e a ilha Sacalia (hoje pertencentes à Rússia) compreendiam a parábola indígena AINU antes da colonização. O regime imperial japonês promove um dos maiores genocídios indígenas do leste asiático e submete grupos AINUS à expulsão compulsória sob a suposta legalidade do Tratado de Amizade, Navegação e Comércio entre Brasil e Japão (1895), tendo por aliado o governo brasileiro que negociava uma força de trabalho de populações que o Japão não quis para a construção de sua identidade nacional. A



governabilidade Meiji negocia, assim, populações indígenas como força de trabalho para as monoculturas da classe proprietária branca brasileira no intuito de substituir uma força de trabalho escravizada em territórios colonizados por brancos europeus.

### **Palavras-Chave**

Amarelo. Racialização. Ainu.



## ALGUNS ASPECTOS FILOSÓFICOS DO PENSAMENTO SOCIAL NEGRO BRASILEIRO

Teófilo Reis

[teofilo.reis@gmail.com](mailto:teofilo.reis@gmail.com)

### Resumo

No presente trabalho, argumento que a democracia racial é uma instância do que Charles W. Mills chamou de ignorância branca, e que tal diagnóstico nos ajuda a compreender aspectos legitimamente filosóficos (sobretudo ontológicos e epistêmicos) do pensamento social negro brasileiro. Início revisitando os dez requerimentos que Mills lista como definidores da noção de ignorância branca. Proponho uma classificação de tais requerimentos em três categorias: necessários, contingentes, e volicionais. Mostro então que a classe dos elementos necessários é suficiente para definir a noção de ignorância branca. Em seguida, revisito o pensamento social negro brasileiro para obter uma caracterização generalista de democracia racial. Utilizando então os argumentos da primeira parte do trabalho, mostro que a democracia racial é um caso particular de ignorância branca. Por fim, retomo a discussão sobre o pensamento social negro brasileiro e aponto como a caracterização da democracia racial como ignorância branca permite uma leitura mais sofisticada de tal campo. Em particular, mostro que algumas contribuições do pensamento social negro brasileiro sobre educação e cultura possuem elementos ontológicos e epistêmicos, e que a caracterização a democracia racial como ignorância branca permite trazer tais elementos para primeiro plano.

### Palavras-Chave

Democracia Racial. Ignorância Branca. Racismo.



## APROXIMAÇÕES ENTRE FILOSOFIAS AFRICANAS, BRASILEIRAS E AFRO-BRASILEIRAS

Bruna De Jesus Silva  
[bruna.djs53@gmail.com](mailto:bruna.djs53@gmail.com)

### Resumo

O presente resumo é parte da pesquisa a nível de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação da UFRJ, no qual analiso criticamente e sob uma perspectiva decolonial e racial o conceito de biblioteca colonial (MUDIMBE, 2019) criado pelo filósofo congolês Valentin Mudimbe. Para o XX encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, será apresentado apenas um recorte da pesquisa, um capítulo final da dissertação. Uma vez apresentado os conceitos centrais e o debate ao qual é inserido, o quinto capítulo é um exercício de aproximação à filosofia brasileira, ou seja, uma aproximação entre as filosofias africanas e as filosofias brasileiras ou afro-brasileiras. No caso, ao revisitar o trabalho intelectual de duas mulheres negras: Helena Theodoro e Sueli Carneiro. Ambas ao longo de suas trajetórias acadêmica, estiveram presentes e dialogaram formalmente com a Filosofia. Nos capítulos anteriores os conceitos de biblioteca, de memória e demais foram desenvolvidos segundo uma exegese à qual qualquer pesquisa deve apresentar. Porém nesse capítulo, além de manter uma análise meticulosa e crítica dos textos, proponho a elaboração de um esboço daquilo que poderia corresponder e compor a ideia de uma biblioteca anti colonial. Por isso, retomar os trabalhos de Helena e de Sueli, produções que indicam e instigam caminhos possíveis, diante de um ciclo de formações intelectuais em que saberes racializados e de gênero são raramente bem vindos. Ou seja, o capítulo é também um convite à fabulação de perspectivas que contrapõem a mentalidade branca e europeia presente nas ciências humanas.

### Palavras-Chave

Filosofias Africanas. Filosofias Afro-Brasileiras.



## BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA: DO RACISMO BIOLÓGICO AO GENOCÍDIO

Ivan Maia De Mello

[filosofenix@gmail.com](mailto:filosofenix@gmail.com)

Raquel Rodrigues Rocha

[raquelrocharodrigues9@gmail.com](mailto:raquelrocharodrigues9@gmail.com)

### Resumo

O trabalho arqueogenealógico de Michel Foucault, sobre a emergência do racismo biológico a partir de uma mutação nas narrativas históricas relativas às guerras das raças, e sua instrumentação no dispositivo do biopoder moderno, encontrou um importante desdobramento na elaboração crítica, feita por Achille Mbembe, da conjunção do biopoder com o necropoder, que emergiu da transformação do antigo poder soberano. Examina-se, portanto, a relação entre essas duas tecnologias políticas - biopolítica e necropolítica - e suas repercussões na atualidade. Isso conduz a examinar a arqueologia do discurso racista, a partir do surgimento do discurso histórico da guerra das raças e sua mutação no discurso do racismo biológico de Estado como base para a dominação colonial, conjunção da normalização que constituiu o racismo biológico com a purificação racial que constituiu o racismo de Estado, segundo Foucault. Veremos como Mbembe retoma essa compreensão foucaultiana da função de morte na economia do biopoder exercida pelo racismo biológico de Estado para formular o que chamou de necropolítica. Destaca-se aí a noção do inimigo ficcional e a necessidade de extermínio, que a soberania, exercida em sua forma tirânica mais perversa, com seu poder de morte, poder de deixar viver e fazer morrer, busca tornar mais eficaz, com meios que a tecnologia política do necropoder instaura. A sofisticação tecnológica que a necropolítica desenvolve para tornar-se mais eficaz no seu poder de morte, busca, segundo Mbembe, eliminar o maior número de inimigos no menor espaço de tempo. Chegaremos, assim, à compreensão das formas contemporâneas de genocídio como resultado das necropolíticas promovidas em contextos como Gaza, Congo, Haiti, Sudão, ou ainda nas periferias urbanas e rurais do Brasil, sobretudo contra negros e indígenas. O presente trabalho pretende explicitar esta relação entre a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



produção histórico-crítica desses autores e elaborar a compreensão do modo como o racismo biológico, surgido com a biopolítica moderna vem servindo ao desenvolvimento da necropolítica, desde os processos de colonização até a sofisticação desta tecnologia política contemporânea produtora de genocídios.

## Palavras-Chave

Biopolítica. Necropolítica. Racismo.



## CRÍTICA DA VIOLÊNCIA RACIAL E CONTESTAÇÃO DE REGIMES DE VISUALIDADE EM BRANCO SAI, PRETO FICA

Pedro Fornaciari Grabois  
[pedro.grabois@ifrrj.edu.br](mailto:pedro.grabois@ifrrj.edu.br)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo investigar a questão da relação entre crítica da violência racial e contestação de regimes de visualidade a partir de um diálogo com o cinema brasileiro e a filosofia contemporânea. Os elementos aqui apresentados são resultados parciais de uma pesquisa em Filosofia desenvolvida junto a estudantes do ensino médio/técnico de uma escola pública. A pesquisa parte da hipótese segundo a qual a contestação de regimes racializados de representação e de práticas de estereotipagem encontrada em algumas obras de audiovisual é uma das condições de possibilidade da crítica da violência racial no Brasil contemporâneo. Em termos metodológicos, o trabalho se divide em duas estratégias: de um lado, uma análise crítica e conceitual de questões e noções mobilizadas por uma série de autores e autoras, tais como Frantz Fanon, Judith Butler, Achille Mbembe, bell hooks e Stuart Hall; de outro, uma descrição e discussão de elementos estéticos, representacionais e performativos presentes em obras de audiovisual brasileiro relacionáveis à cena da violência racial, com destaque para o filme “Branco sai, preto fica” (Adirley Queirós, 2014). A obra mistura documentário, ficção e ficção científica afrofuturista, recontando a história do massacre ocorrido em 1986 no baile do Quarentão na Ceilândia (Distrito Federal, Brasil) a partir dos personagens Marquim, Sartana e Dimas Cravalanças, que se veem envolvidos numa missão de vingança contra a segregação urbana imposta no Distrito Federal. Na história, como não há conciliação possível com o poder instituído, a saída é explodir Brasília com uma bomba sonora feita de música oriunda das periferias brasileiras, como o funk e o brega. Esta obra é aqui situada em torno de elementos estéticos e políticos que podem ser compreendidos como gestos de desobediência no campo do olhar e que configuram uma contraposição direta ao estilo e à narrativa do gênero “favela movies”, marcado pela legitimação da violência e por representações que confirmam lugares de marginalização, estereotipia e criminalização. O trabalho aposta numa perspectiva em que não apenas as bases teóricas e textuais fornecem

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



ferramentas conceituais críticas para pensar o fenômeno da violência racial, mas que é preciso ir buscar em produções audiovisuais novos olhares sobre as possíveis relações entre raça, subjetividade, identidades, corpo, tecnologia e o campo da representação e da imaginação.

## Palavras-Chave

Violência Racial. Visualidade. Contestação.





## CRÍTICA DECOLONIAL DA RAZÃO MODERNA: FILOSOFIA E RAÇA DESDE O SUL

Sergio Dos Santos Gonçalves

[sergiodsg08@gmail.com](mailto:sergiodsg08@gmail.com)

### Resumo

A partir de um ponto de vista do Sul global, o objetivo deste trabalho é pesquisar como a filosofia europeia moderna lida com a categoria da raça. Iremos demonstrar que para produzir uma filosofia desde o Brasil, desde a América Latina e desde o Sul, é preciso assumir a discussão racial já existente na história da filosofia e abordar esta temática de outra maneira. Partindo do pressuposto de que a produção filosófica é uma experiência que depende da localização geopolítica do corpo do filósofo ou da filósofa, compreendemos que a maneira como o Norte global produz filosofia não deve ser replicada em países como o Brasil sem ressalvas. Isso não nos impede de utilizar essas referências, mas se torna necessário que essas não sejam as nossas únicas fontes enquanto filósofos do Sul e que produzem filosofia sobre e para o Sul. Filosofias que passaram tanto tempo discutindo a humanidade, a liberdade, a razão, a política e a ética sempre o faziam sob o ponto de vista de uma pretensa universalidade. Uma ética que possa ser aplicada universalmente, uma política que seja defendida universalmente etc. Entretanto entendemos que essa universalidade é na verdade uma universalidade exclusiva, termo aparentemente contraditório, mas verdadeiro, cunhado pelo brasileiro Pedro Gonçalves. Em sua análise, Kant realiza a distinção de raças que de forma pioneira com motivo único de afirmar a identidade ontológica da raça branca europeia sob o pretexto da negação ontológica das raças não europeias: negros, indígenas ameríndios e asiáticas (as quatro raças que o próprio Kant classifica). Em outras palavras, a distinção de raças feita por Kant coloca pessoas brancas e pessoas não brancas em posições mais ou menos valiosas no que se compreende por humanidade, dignidade e respeito. Para a filosofia moderna, o homem europeu é início e o fim da universalidade da humanidade, da história e do espírito. Nesse sentido, nossa leitura de Hegel não tem a intenção de ser um comentário especialista a respeito do filósofo, mas consiste em capturar como em Filosofia da História Hegel estava propagando ideias que dependem necessariamente de uma fundação eurocêntrica e

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



racista. Se trata de um exercício de descolonização da filosofia que busca estudar filósofos europeus, mas conhecendo e demarcando seus limites. Ao nos entendemos como uma produção de filosofia brasileira e latino-americana, sabemos que não precisamos tomar os filósofos europeus como a única fonte de uma filosofia válida.

## Palavras-Chave

Descolonização da filosofia. Modernidade. Raça.



## DA IDENTIDADE AO DESEJO: ROSTO, TRANSE E ANCESTRALIDADE

Rychard Klysman De Arruda Cintra

[rychard.cintra@ufpe.br](mailto:rychard.cintra@ufpe.br)

### Resumo

Pretende-se desenvolver, especificamente, como a ideia do bem, tal como formulada em obras como *De outro modo que ser ou para além da essência* e *Totalidade e infinito* é devedora de um profundo mergulho no pensamento ocidental a partir do qual um diagnóstico deve ser produzido: a sua cultura reduz o outro ao mesmo, reduz o desejo à identidade, a Etnia à noção de raça e terá, neste campo, a filosofia platônica como grande contribuinte. A partir das obras pretendemos associar a categoria de rosto, cara ao pensamento levinasiano, à ideia do futuro ancestral presente nas obras *Ideias para adiar o fim do mundo* e *Futuro ancestral* de Ailton Krenak. O primeiro passo deverá orientar a pesquisa à reconstrução do chamado método enfático que traduz a recepção do pensamento levinasiano à fenomenologia nos moldes de Husserl e Heidegger, pontuando as intersecções possíveis, bem como as objeções contidas nas obras de Levinas à corrente alemã. Depois, o desafio será reconstruir como Levinas desenvolve a emergência da ideia (eidos) e sua relação com nossas representações em sua metafísica. Assim, temos base suficiente para explorar os caminhos que o levaram a sustentar a bondade como constituição última da subjetividade, isto é, a subjetividade em sua modalidade irreduzível associando-a à experiência do transe, como expressão originária do rosto, presente nas tradições de matriz afro-indígena, sobretudo no Candomblé e na Jurema Sagrada, e sua relação com a resistência à racialização. Tomando como base essa crítica ao pensamento ocidental, alguns parâmetros serão estabelecidos para uma compreensão de como esse movimento intelectual surge no Brasil a partir de uma espécie de ressentimento em relação às instituições e à cultura europeia colonial.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Expressão. Desejo. Ancestralidade.



## DISCURSO DA LEGÍTIMA DEFESA E O CORPO NEGRO COMO CAMPO ESTRATÉGICO DE INTERVENÇÃO ESTATAL

Rosangela Cristina Martins  
[rosangela.martins05@unifesp.br](mailto:rosangela.martins05@unifesp.br)

### Resumo

A presente comunicação oferece uma reflexão sobre como a violência racial perpetrada pelo Estado, fundamentada no escopo da legítima defesa, anula os limites entre o estado democrático de direito e o estado de exceção e, em consequência, produz um corpo-vítima, matável por sua alteridade territorial negra. Em diálogo com Achille Mbembe e outros referenciais teóricos que abordam a violência antinegra como dispositivo colonial, a pesquisa sustenta que a legítima defesa empregada pela polícia brasileira para justificar os assassinatos de civis não é apenas um instituto legal, previsto em lei, mas também o fundamento de um discurso mobilizador da política de extermínio do corpo negro. Dito de outra forma, é uma estratégia de gestão política da morte. Uma aproximação cuidadosa com a realidade brasileira significa dizer que se trata de uma continuidade do genocídio do povo negro brasileiro, como aponta Abdias Nascimento, engendrado pelo sistema jurídico-político que legitima a violência institucional em nome da autopreservação do Estado e de sua ordem. Para tanto, se estabelece um diálogo com o pensamento negro de Denise Ferreira da Silva, Sueli Carneiro, além de teóricos Charles W. Mills e Abdias do Nascimento, para uma interpretação da guerra antinegra como base normativa do direito de matar o sujeito racializado visto como inimigo.

### Palavras-Chave

Necropolítica. Antinegitude. Legítima Defesa.



## E EU NÃO SOU UMA FILÓSOFA? LÉLIA GONZALEZ E A FILOSOFIA AMEFRICANA

Diego Dos Santos Reis  
[diegoreis.br@gmail.com](mailto:diegoreis.br@gmail.com)

### Resumo

A comunicação busca refletir sobre as contribuições de Lélia Gonzalez para se pensar em uma filosofia amefricana e em pretuguês. Busca-se, a partir dos aportes conceituais forjados e propostos pela filósofa, bem como na aproximação de sua trajetória de militância, pesquisa e docência, discutir de que modo seus trabalhos podem ser lidos como exercícios críticos e ensaísticos que tematizam aspectos silenciados da cultura afro-brasileira e das diferentes facetas da dominação racial e sexual, que recobrem o mito da democracia racial no Brasil. Esse exercício pode ser pensado como esforço de redefinição de problemas, abordagens e campos pautados eminentemente por gramáticas coloniais e representações eurocêntricas, no esforço de constituição de uma filosofia amefricana, indissociável do prisma racial. Trata-se de analisar o percurso de quase duas décadas de reflexão empreendido pela filósofa sobre a questão racial brasileira, ao longo do qual a intelectual reivindica a interpretação da história do Brasil em pretuguês, inquirindo o lugar de marginalidade historicamente imposto a sujeitos, territórios e conhecimentos racializados. Ressalta-se, por fim, como nesse redimensionamento radica a força epistêmico-política de seus escritos e de sua ação, em diálogo ativo com a tradição filosófica e epistemológica negro-brasileira, essencial para a descolonização dos corpos e do pensamento, tensionando, no solo da diáspora, modos coloniais dos exercícios de ser/poder/sentir/saber hegemônicos.

### Palavras-Chave

Filosofia Amefricana. Amefricanidade. Pretuguês.



## E MO RÌ O! RE-ORIENTANDO PERSPECTIVAS DO SABER DIANTE DA POÉTICA NEGRA FEMININA E SEUS AFLUENTES.

Andréa Maria Do Nascimento Silva  
[andrea-nascimento@outlook.com](mailto:andrea-nascimento@outlook.com)

### Resumo

Um dia me disseram que a luz do saber estava nas mãos de um deus e de seus escolhidos. Aqueles tinham a pretensa ideia de que o tempo, espaço, ser e conhecer estavam sob o seu domínio. O seu rosto branco não parecia com o meu, o seu lugar era muito diferente e distante do meu. Durante toda nossa caminhada pela vida, além do lugar da diferença e da exclusão, tentam nos impor sua ordem civilizatória obediente como única possibilidade. Mas existe uma força na nossa existência negra que emana do lugar da resistência a essa dominação. O que se apresenta nesta tese é esta força matriz do ser, do saber, de um conhecimento protagonizado por mulheres negras enquanto guardiãs das nossas tradições, saberes, valores e significados. Vista a partir de uma perspectiva que recusa a submissão aos dogmas do pensamento moderno, colonialista, eurocêntrico, de uma casta privilegiada, enquanto padrão único do saber. Que em sua lógica racista e sexista, mantiveram a mulher negra e sua importância na construção da nossa história, cultura e saber invisibilizadas em categorias inferiores. Com isso, busco evidenciar contribuições teóricas, filosóficas, culturais, ancestrais, existentes e resistentes onde encontramos sua força epistêmica enquanto afluente de um conhecimento performado em nosso ser. Edificada sobre os pilares de uma cosmocepção poética que reorienta nossa perspectiva do saber ao trazer a compreensão e materializar um espaço epistêmico que, para além da produção de conhecimento, produz sentidos ao significar as narrativas, práticas e os afetos que visibilizam nossas demandas existenciais e moldam a nossa consciência negra em toda sua plenitude. Sendo assim, como água que abre o seu próprio caminho por entre barreira endurecidas pelo racismo e pela exclusão, o que aqui se segue são confluências que contrariam e subvertem a lógica de visão única do pensamento, onde mulheres negras se erguem enquanto referências na edificação de um saber que se expande para além das fronteiras. A poética desobediente que assenta referências – mulheres negras enquanto sujeitos do conhecimento – e reivindica o espaço epistêmico enquanto afluente da nossa resistência ontológica.

### Palavras-Chave

Mulher Negra. Força Epistêmica. Resistência.



## ENCRUZA: O EPICENTRO DA ENCRUZILHADA PARA POSSÍVEIS EPISTEMOLOGIAS DA DANÇA NEGRO-BRASILEIRA

Maicom Souza E Silva

[maicomssouza@gmail.com](mailto:maicomssouza@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pesquisa o percurso corporal adotado para o processo de compartilhamento de saberes na dança cênica negro-brasileira, abordando possíveis percepções do corpo em uma reflexão acerca de sua presença na dança. O nosso objetivo é reunir as informações que disparam ou incitam a composição gestual, além de dialogar a respeito da propedêutica do movimento na dança cênica negro-brasileira. Dessa maneira, seguimos como caminho metodológico um estudo de caso pautado na observação e descrição do processo de montagem do espetáculo de dança ENCRUZA, bem como na descrição ontológica do movimento, tendo como auxílio a cartografia da encruzilhada e as proposições do conceito de reduto. Ainda dispomos de uma revisão bibliográfica voltada às dimensões ontológicas do corpo e às filosofias negro-africanas e negro-brasileiras elaboradas por filósofos(as) afrodiaspóricos e pensadores(as) que pesquisam a cena, a arte e a estética negra. Como resultados, pretende-se apresentar uma metodologia para pesquisa e elaboração daquilo que vamos denominar de reduto; impulsos poéticos e ontológicos para a articulação de epistemologias na dança.

### Palavras-Chave

Reduto. Corpo. Dança. Filosofias Afrodiaspóricas.



## ENTRE DEVIRES: A NEUROSE CULTURAL NA (RE)PRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA RACIAL NO BRASIL

Adrian Castro Azevedo

[adrian.castro@ufpe.br](mailto:adrian.castro@ufpe.br)

### Resumo

Este trabalho pretende analisar a mobilidade das categorias raciais e sua hierarquização na sociedade brasileira, a fim de identificar a neurose cultural como agravante das relações de violência racial no país. Sobre a suposta mobilidade, observaremos o vínculo do racializado e o substantivo que o subjuga entre devires, na mobilização das noções de “Substantivo Negro” e “Devir-Negro do mundo”, desenvolvidas por Achille Mbembe em *Crítica da Razão Negra*. Em conjunto, a dualidade do devir vai ser exemplificada nas estratégias de embranquecimento da sociedade brasileira, na construção de um pensamento racial hierárquico e eugenista, como aponta Abdias Nascimento em *Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Tendo em vista que a ideia de democracia racial surge juntamente com este pensamento, justifica-se conceber a neurose cultural — exposta por Lélia Gonzalez em *Racismo e Sexismo na Cultura brasileira* — na dinâmica dos devires das categorias raciais. Indo além, pois, se a neurose cultural brasileira de fato é caracterizada pela substituição do racializado por uma fantasia racista no universo simbólico, ela não é outra coisa senão o dínamo da manutenção destas categorias. Tendo isto em vista, o trabalho sustenta a hipótese na explanação do racismo direcionado aos povos originários, comunidades tradicionais e amazônidas sob a categoria racial Índio. Sinônimo de Negros da Terra no pensamento colonial, esta categoria sobrevive nos dias de hoje na constante invenção de um fantasma do atraso e do selvático, utilizada não só para ofender mas também para justificar invasões de territórios, destruição e exploração de recursos naturais, assim como atentados à vida de diversas populações na história do país. Demonstra-se a força desta categoria com exemplos nos meios institucionais, acadêmicos, midiáticos e esportivos, evidenciando a profundidade desta fantasia neurótica na cultura brasileira que, com a hierarquização de racializados através de uma suposta civilidade, vinculada à cultura e ao território, aprofunda a violência racial entre estes. Partindo





destas pontuações, almeja-se deixar nítida a convencionalidade das categorias raciais e suas consequências individuais e coletivas, sociais e psíquicas, demonstrando-se um problema para a pesquisa filosófica e psicanalítica.

### **Palavras-Chave**

Neurose Cultural. Devir-Negro. Violência Racial.



## ENTRE ENCONTROS: CRIOLIZAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO

Renan Goncalves Rocha  
[renan.rocha@ifg.edu.br](mailto:renan.rocha@ifg.edu.br)

### Resumo

Os debates entre Jacques Derrida e Édouard Glissant, Estados Unidos (1992), França (1993) e Itália (2004) marcaram intercessões decisivas entre a desconstrução derridiana a crioulização glissantiana. Apesar de caminhos, linguagens e perspectivas diferentes, isso não impediu os encontros e compartilhamentos de problemas entre os autores. Neste trabalho queremos além de escrever sobre a influência que o pensamento de Derrida e Glissant exercem um sobre o outro, como podemos localizar de forma explícita nos debates realizados entre eles, pretende-se também explorar como os dois filósofos, mesmo com caminhos diferentes, tem intersecções, quiasmas e oferecem um vasto instrumental para pensarmos alguns dos problemas da identidade, da raça e da diáspora em condições pós-coloniais. Um dos caminhos para discorrermos sobre essa mútua influência entre eles são as reflexões de Stuart Hall, sobretudo quando este autor explicita e implicitamente trabalha com as noções de Derrida e Glissant. No texto *Da Diáspora* (2003), por exemplo, Stuart Hall desenvolve um percurso de análises sobre a noção de diáspora, mestiçagem e raça, pelo prisma da *difference* e a desconstrução. Em *Creolité and the Process of Creolization* (2015) Hall leva a fundo a noção de crioulização de Glissant para refletir o problema da relação entre identidade e colonialidade. A hipótese de Stuart Hall é que tanto Derrida quanto Glissant querem sair do essencialismo da raça, da identidade fixa, da determinação colonial da identidade do outro, sua violência intrínseca para a construção da narrativa política da identidade presente na ideia de Nação, e os sérios problemas que essas perspectivas podem produzir. Para Stuart Hall quando essas determinações aparecem nas narrativas jurídico-políticas, institucionais, sociais, históricas, e, também estatais, isto é, como colonialidade que ratifica identidades inventadas como forma de reforço sistemático da Nação, do território e da identidade, está posto aí uma reafirmação e reconstrução permanente de categorias e injunções sociopolíticas coloniais. Assim, para o autor, retomar as intercessões entre desconstrução e crioulização, levando as mais profundas consequências dos aportes teóricos e quiasmas entre essas teorias, nos permitiria reelaborar conceitos, vivências e perspectivas em contextos que são atravessados pela condição pós-colonial.

### Palavras-Chave

Diáspora. Raça. Identidade.



## ESPANDINDO E ESCOPO DO ELIMINATIVISMO RACIAL

Rogério Fabianne Saucedo Corrêa

[rogerio.fsc@gmail.com](mailto:rogerio.fsc@gmail.com)

### Resumo

De acordo com o eliminativismo racial, os termos raciais são carentes de significado, pois não existe nada no mundo que lhes corresponda, e, uma vez que eles causam diferentes tipos de injustiça, então o correto é eliminá-los dos léxicos. A primeira parte desse argumento pressupõe o consenso ontológico. O consenso ontológico é a tese de que não existem raças genéticas. Esta tese foi formulada com base nos resultados das pesquisas em genética populacional dos anos setenta em diante. Se isso está correto, e está, então o escopo do argumento eliminativista restringe-se à concepção genética de raça. Desse modo, se existem outras concepções biológicas consistentes de raça, então é possível que elas escapem da crítica eliminativista. Conseqüentemente, podem existir raças biológicas. Neste texto, analiso as raças cladística e geográfica e mostro que o argumento eliminativista pode ser estendido de modo a colocá-las sob seu escopo. Desse modo, argumento que não é o caso que as raças cladística e geográfica escapam da crítica eliminativista. Portanto, não é o caso que as concepções cladística e geográfica sejam consistentes. Conseqüentemente, não existem raças cladísticas e geográfica.

### Palavras-Chave

Eliminativismo Racial. Raça Geográfica. Cladística.



## ESSENCIALISMO NAS FILOSOFIAS AFRICANAS: ANÁLISE DE UMA TEORIA FIXISTA

Marianne Serafim De França

[marianne.franca@ufpe.br](mailto:marianne.franca@ufpe.br)

### Resumo

O intuito dessa pesquisa visa analisar o tratamento essencialista existente no âmbito das filosofias africanas com o objetivo de introduzir uma investigação acerca da estruturação do pensamento filosófico africano. Submeter à crítica os antecedentes filosóficos que corroboram para a construção do essencialismo identitário a partir da análise e investigação, possibilitando a busca de elementos necessários para a superação do essencialismo existente na filosofia africana. A problemática que permeia a discussão retrata uma inquietude destinada ao enfoque generalizante ocasionado pelo essencialismo. No que tange o problema específico do nosso trabalho, o desafio de romper com a concepção de uma filosofia africana composta por características fixas e imutáveis, dá-se a partir do deslocamento do que se compreende essa filosofia. A proposta baseada na mudança de paradigma circunstancial, direciona a filosofia africana para ocupar uma posição de movimento, ocupando um lugar de encontro. A noção de movimento destina-se ao pluralismo epistêmico.

### Palavras-Chave

Filosofias Africanas. Essencialismo Identitário.



## EXERCÍCIOS DE PODER PRÁTICAS DE RACISMO BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA NO PRESÍDIO FEMININO EM ALAGOAS

Daniela Bandeira De Lima Lucena Brandão

[danielalucena@live.com](mailto:danielalucena@live.com)

### Resumo

Este projeto, em curso para se tornar dissertação de mestrado, explora os conceitos de biopolítica, de Michel Foucault, e de necropolítica, de Achille Mbembe, e a forma como estes dialogam. Demonstra, através dos referidos conceitos, quais são os mecanismos de controle utilizados pelo Estado para segregar e punir os corpos dentro do cárcere, uma vez que o sistema prisional mergulha nas profundezas de tais concepções, ao excluir os desviantes, ao construir a figura da raça ruim, do perigoso, do marginal. O controle desses corpos demonstra o poder exercido pelo Estado através de seus mecanismos de disciplina e dominação. Objetiva-se, com o presente estudo, investigar os conceitos de biopolítica e necropolítica no pensamento dos filósofos Foucault e Mbembe, refletindo sobre as possíveis articulações, bem como aproximá-los para que então se consiga compreender a realidade do sistema prisional feminino em Alagoas, sob a perspectiva do exercício de poder e das práticas de racismo. Pode-se observar que o cárcere é um espaço privilegiado para o exercício da função disciplinar do Estado, que por meio de seu discurso e de seu poder fortalece as políticas de morte (necropolítica) nas sociedades contemporâneas. O biopoder proporciona ao Estado, através das tecnologias de controle de suas populações, o poder de determinar quem pode viver e quem deve morrer, tornando este ato aceitável, embasado no mecanismo da necropolítica.

### Palavras-Chave

Biopolítica. Necropolítica. Poder.



## GENEALOGIA DA EXPERIÊNCIA EM YUDERKYS ESPINOSA MIÑOSO

Jeane Adre Rinquê

[jeanerinque6@gmail.com](mailto:jeanerinque6@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho propõe apresentar e trazer reflexões sobre o método genealógico de experiência proposto pela filósofa dominicana Yuderkys Espinosa Miñoso, descrito no artigo: *Hacer genealogía de la experiencia: el método hacia una crítica a la colonialidad de la Razón feminista desde la experiencia histórica en América Latina*, publicado em 2019. Yuderkys descreve que é possível restaurar algumas questões para pensar o feminismo na América Latina e sua história de dependência, uma vez que nós mulheres em Abya Yala acolhemos compulsoriamente uma razão feminista com pretensões de universalidade. Para pensar como nós tomamos consciência da nossa própria identidade cultural e nossa especificidade como mulheres em Abya Yala, através de uma colonialidade da razão feminista, Yuderkys propõe um método que nos faz pensar nossa condição de sujeita através de uma genealogia da nossas experiências enquanto mulheres no nosso território. O método genealógico da experiência nos conduz a uma reflexão para pensarmos nossos saberes localizados e refletirmos sobre que feministas somos, assim rompendo com o processo colonial vivido e podendo, deste modo, contribuir com a construção de um arquivo de contramemória. A metodologia utilizada é o estudo analítico do tema, considerando aspectos contextuais e históricos dos artigos da autora.

### Palavras-Chave

Feminismo Decolonial. Experiência. Genealogia.



## MESTIÇO: EFEITO COLATERAL DA RACIALIZAÇÃO

Martina Ribeiro Florêncio  
[martina.rflorencio@gmail.com](mailto:martina.rflorencio@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a mestiçagem, que historicamente é compreendida enquanto uma incógnita conceitual e um dilema ético político, como um efeito colateral da racialização. A criação da raça no século XIX e os seus antecedentes, que datam do início da colonização, ocasionou um decaimento existencial no estatuto ontológico dos negros, como afirma Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*. A racialização cria uma lógica de reconhecimento de humanidade baseado no pertencimento ao ideal fictício de raça branca, na qual todos os outros indivíduos que não o sejam, são considerados não humanos. Nesse sentido, a mestiçagem surge como um embaralhamento das linhas raciais, como aponta Kabengele Munanga em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, confundindo o esquema binário que criou os ideais de branco e negro como polos opostos. Nesse sentido, intencionamos expor, através do uso de Fanon e Butler e os seus debates sobre identidade, que o mestiço torna-se, então, um indivíduo cindindo, existencialmente fraturado no mundo colonial, sem identidade e reconhecimento, o que se agrava em um período no qual a identidade tornou-se a moeda principal de assunção de valor na sociabilidade capitalista.

### Palavras-Chave

Mestiço. Racialização. Fanon.



## NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA DE DENOMINAÇÕES DE NÊGO BISPO

Wallace Dos Santos De Moraes

[moraersws@yahoo.com.br](mailto:moraersws@yahoo.com.br)

### Resumo

Antônio Bispo dos Santos ou, simplesmente, Nêgo Bispo foi um dos maiores pensadores autônomos do mundo. Ele se autointitulava um quilombola/lavrador que plantava sementes e palavras, modos de vida e fazia relatoria dessas atividades. Suas ideias advinham das práticas e das observações do cotidiano de seus povos e não das escolas oficiais escrituradas (como ele as denomina). Segundo ele, a arte de nominar é central para a dominação e a educação escolar cumpre um papel fundamental nesse processo. A educação escriturada é baseada no adestramento, que significa a imposição de uma cultura que aceite a desigualdade, a ausência de liberdade, a exploração do trabalho. Essa educação é baseada na obediência, na punição e na constante conferência do adestramento por meio de provas e testes que verificam se os alunos assimilaram as melhores formas de reprodução dos princípios do colonialismo. Para se contrapor a todo esse processo, nas trincheiras da guerra de denominações, ele semeou palavras como biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, contracolonialismo, afroconfluente, envolvimento, biointeração, saber orgânico, transfluência, cosmofobia e outras. Dessa maneira, objetivamos buscar destacar e retomar as contribuições filosóficas de Nêgo Bispo como contraponto fundamental do colonialismo, colaborando para o melhor entendimento do significado de contracolonial.

### Palavras-Chave

Filosofia Negra. Conceitos Quilombolas. Nêgo Bispo.





## “NEGRO PROBLEM” NA SOCIEDADE CAPITALISTA: DU BOIS E FLORESTAN

Larissa Nunes Paiva

[larissanunes.adv@hotmail.com](mailto:larissanunes.adv@hotmail.com)

### Resumo

O presente artigo parte das reflexões realizadas a partir das leituras dos seguintes autores e livros: W.E.B. Du Bois, filósofo americano, em “As almas do povo negro” e “O negro da Filadélfia”; e, Florestan Fernandes, sociólogo brasileiro, “O negro na sociedade de classes” e “Pretos e brancos em São Paulo”. O título “Negro problem”, inglês, que em português significa: problema Negro, assim descrito por Du Bois, era complexo e multifacetado. Negro problem, descreve como para os brancos, ou para a maioria deles, os negros representavam um problema naquela sociedade norte-americana, em contraponto, para Du Bois, problema Negro eram problemas dos seres humanos e que estes eram designados assim por uma sociedade racista, preconceituosa e notadamente, limitava as oportunidades sociais e econômicas aos negros em face da sua cor. O intuito é o de pensar o negro na sociedade capitalista, a partir dos conceitos de classe e raça. Partindo da perspectiva de como a raça estrutura as relações sociais e de como a ideologia do racismo se refaz ao longo do tempo. A escolha dos livros não ocorreu de maneira despreziosa. Nas últimas duas décadas, no Brasil, houve o que se denomina de expansão do ensino superior, isso permitiu que pardos e negros, estudantes de escola pública e pessoas das denominadas classes sociais menos favorecidas, ingressassem nas universidades públicas, permanecessem, se formassem e ingressaram nas mesmas universidades como servidores e professores. Nesse cenário, cresceu o interesse em conhecer autores e obras que não eram estudados na academia, que, historicamente foram esquecidos ou sequer mencionados nos ciclos de estudos, nas bases de pesquisas ou como referências bibliográficas dos cursos oferecidos. Escrever sobre o negro na sociedade capitalista, a partir de Du Bois e de Florestan Fernandes, é primeiro, um ato político para fortalecer os escritos de dois importantes teóricos para a Sociologia; segundo, permite estabelecer um diálogo com as preocupações dos autores, de um lado um americano negro e de outro, um brasileiro branco, mas, ambos, norteados, nessas obras acima descritas, em refletir criticamente sobre o negro na sociedade e de como ele se inseria nela; terceiro, a análise das questões

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



de raça e classe estão descritas nas obras, em que pese dos momentos históricos diferentes, a análise do negro na sociedade capitalista desenvolvida por esses teóricos, possui um potencial transcendência temporal.

## Palavras-Chave

Problema Negro. Racismo. Du Bois. Florestan.



## O AVESSE DA PALAVRA: TESE SOBRE O SILÊNCIO E A ESPERANÇA

Suzana De Alvarenga Lourete  
[suzana.lourete@gmail.com](mailto:suzana.lourete@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa, de modo bem geral, se volta ao problema da racionalidade nas teorias de reconhecimento e de justiça. A partir da tradição da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, analisa-se a ética discursiva desenvolvida na Teoria da Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas. Em especial, como que, apoiado nos conceitos lógicos de identidade e autonomia, Habermas acaba por idealizar uma comunicação autorreferenciada e pouco aberta à alteridade de outras cosmo percepções sobre a realidade. Assim, quando pensamos a vida comunitária (política dos comuns) deixamos de lado interpretações e interações que não se submetem aos princípios da lógica ocidental, tal qual expresso em teorias liberais. Os fundamentos dessa abstração estão naquela tradição burguesa, cuja valorização epistêmica privilegia os processos da racionalidade, de uma estrutura de pensamento autônoma e autenticamente humana de se interpretar a Realidade e, conseqüentemente, de organizar o Mundo da Vida. Como herança colonial, o modo de se fazer teoria crítica se guia pelas análises lógicas da construção social, dos direitos humanos e da própria História. Portanto, as fontes dessas pretensões de legitimidade normativa são conceitos abstratos, extraídos das idealizações iluministas de um humano altivo à Natureza. Essa estrutura do pensar é extremamente apropriada ao capitalismo, mormente em seu estágio atual. As conseqüências climáticas do Antropoceno somado à virtualização de nossas relações intersubjetivas não estão desassociados da evasão dos espaços coletivos e da perda de significado sobre vida política. Portanto, esta pesquisa busca uma metodologia que seja capaz de percorrer esse mundo letrado da filosofia ocidental em seu avesso; na tentativa de compreender como modos de vida silenciados se inscrevem no tempo/história enquanto “filosofias insuspeitas” e se manifestam no Mundo da Vida pelo Encantamento. Por fim, defende-se que a gestão política dos afetos não se pauta pelo ideário liberal do reconhecimento dialético, mas pela capacidade de afetação de uma subjetividade-coletiva e situada, cuja consciência-de-nós se enraíza em Pertencimento. Dessa feita, a Ética do Encantamento se manifesta no Mundo da Vida como modos de nanoresistências cotidianas e de efetivação de Justiça.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Teoria Crítica. Encantamento.



## O BEM VIVER COMO CRÍTICA A COLONIAL-MODERNIDADE

Maria Eduarda Marinho Freire De Andrade

[marinho.freire@ufpe.br](mailto:marinho.freire@ufpe.br)

### Resumo

O trabalho em questão defende que a filosofia do “bem viver” possibilita a superação da concepção moderna de “sujeito”, a medida em que aponta para uma outra “cosmopercepção” da realidade. Para tanto, esta pesquisa possui duas premissas fundamentais. A primeira consiste em compreender como é fundamentado o eurocentrismo da “colonial/modernidade”, tomando como ponto de partida a constituição colonial da categoria raça. Observando, portanto, as limitações presentes na compreensão de sujeito desenvolvidas por essa mesma racionalidade. Já num segundo momento, pretende-se retomar a filosofia do “bem viver” enquanto uma “cosmopercepção” que amplia as possibilidades de reconhecimento das existências subalternizadas pelo regime “moderno/colonial”. Desse modo, o referencial teórico utilizado terá como base um entrecruzamento entre os pensamentos decolonial e contra-colonial, bem como uma fundamentação teórica alicerçada nas reflexões acerca do “bem viver” ou “bien vivir” (expressão andina que originalmente é denominada *sumak kawsay* pela língua quechua), incorporando também artigos e obras de autoria de pensadores indígenas, africanos e quilombolas que se relacionem com a temática.

### Palavras-Chave

Bem viver. Colonial-Modernidade. Raça.



## O CÂNONE FILOSÓFICO E A NEGRITUDE: O DEBATE E AS CONTRADIÇÕES DE UMA AFROPERSPECTIVIDADE

Pedro João Da Silva Bisneto

[78.filosofia@gmail.com](mailto:78.filosofia@gmail.com)

### Resumo

Dentro dos estudos raciais, muitos autores e teóricos veem na negritude o maior movimento político e estético do século XX. Essas definições partem, em sua maioria das vezes, do fato de que, enquanto um marco histórico, a Negritude se propõe a ser uma alternativa que supere uma limitação puramente “identitária”, promovendo um aprofundamento, em um primeiro plano, das questões políticas, ao tentar reformular os processos de formação da nossa condição de vulnerabilidade relacionada às questões raciais, seguido, em segundo plano, de uma realocação das questões metafísicas que, muitas vezes, encontra um encerramento do problema sem considerar um “novo” olhar sobre ele. Por isso que desde seu surgimento, que é delimitado pelo movimento artístico, literário e filosófico criado em Paris por estudantes africanos e afro-caribenhos e pelos movimentos culturais de renascimento do Harlem, esse importante movimento direciona suas críticas às noções impossíveis de serem dissociadas das perspectivas filosóficas, tais como o Iluminismo, a Modernidade, a Democracia, já que se vê com estranheza a manutenção dessas ideias na relação Europa-colonialismo, além, obviamente, da própria História da Filosofia e seus diversos interlocutores, que enxergavam os homens e mulheres negros/africanos como inferiores e, por isso, encontravam justificativa para a colonização, o domínio e a escravidão. No entanto, ao observar bem a tradição envolvida nessa análise, percebe-se também a existência de uma linha mais crítica, a qual observa que o movimento teórico da negritude foi insuficiente para colocar em xeque as violentas contradições do cânone filosófico e suas inúmeras implicações. A prova disso é que um dos resultados mais comuns da posição não-crítica é a tentativa de elaboração de uma vertente afroperspectivista da história da filosofia, que, cheia de boas intenções, na maioria das vezes continua repetindo as mesmas posições da modernidade. Partindo deste conflito, circundamos o objetivo desse trabalho em analisar as contradições dessas delimitações canônicas junto às suas implicações curriculares e de pensamento

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



-, aprofundando a crítica ao movimento da negritude e sua incapacidade prática de formular uma alternativa para a tradição filosófica e, junto a isso, fomentar o debate sobre as alternativas ao cânone filosófico diante das várias vertentes, e suas respectivas limitações, nascidas nos últimos anos.

## Palavras-Chave

Negritude. Cânone. Afroperspectiva.



## O EPSTEMICÍDIO INDÍGENA COMO FERRAMENTA DE PODER PARA O FORTALECIMENTO DO RACISMO NA SOCIEDADE

Daniel Camargo Da Costa  
[daniel.camargo@aluno.uece.br](mailto:daniel.camargo@aluno.uece.br)

### Resumo

O presente objeto de estudo e pesquisa tem o intuito de analisar e expor mecanismos de opressão racistas que vem sendo criados e articulados desde da colonização das américas, mais especificamente no âmbito da sociedade brasileira, sobretudo, na realidade da população indígenas. Tal realidade não é apenas experimentada dentro e fora das aldeias, procurando assim caracterizar como racismo determinadas ações e discursos que aparentemente são erroneamente compreendidos como democráticos e inofensivos, mas que na verdade prejudicam o processo de desenvolvimento sociocultural e de crenças espirituais, com destaque os indivíduos da etnia potiguara. Também pretende-se mostrar que através de mecanismos de invisibilização e silenciamento os saberes contributivos da população indígenas são negados já no início da colonização, fato este que acaba amplificando dois conceitos fundamentais para esta pesquisa: o epistemicídio e a branquitude. Apesar dos debates e discursos denunciante sobre o racismo estejam ganhando espaço na sociedade pos moderna, é notório que existe uma colonização do pensamento que vem desde da colonização, portanto preciso muito esforço político e social para que ocorra de fato se concretize uma sociedade democrática. Buscar-se-á enxergar esse conjunto de dispositivos de poder através de aspectos relativos a categorias como o biopoder e a biopolítica, conceitos-chaves problematizados por Michel Foucault. A partir das teses foucaulteanas pode-se depreender que o Estado é um dos responsáveis pela estruturação e atuação do racismo na sociedade, por meio do uso de teorias, práticas e instrumentos que se estabeleceram como tradicionais e conservadoras, distorcendo os fatos narrados e desinvisibilizando assim as populações indígenas.

### Palavras-Chave

Epistemicídio. Racismo. Branquitude.



## O INEGOCIÁVEL MERGULHO NO MUNDO NEGRO: UMA ANÁLISE SOBRE A (ANTI)DIALÉTICA COLONIAL EM FRANZ FANON

Lucas Silva Santos

[lucas\\_silva\\_santos@live.com](mailto:lucas_silva_santos@live.com)

### Resumo

Ao analisar as transformações históricas perpetradas pela colonização, desde a perspectiva do corpo e do território colonizado, o psiquiatra, filósofo e revolucionário martinicano, Frantz Fanon, nos convida a refletir sobre as condições sócio-psíquicas desse modelo social que aparece, em primeira análise, como determinações ontológicas. Segundo Sekyi Otu (1996), para Fanon, a relação colonial não comporta uma interpretação dialética, como Hegel e Marx interpretara universalmente as relações, mas a lógica silogística aristotélica de contrários. O mundo colonial é um mundo maniqueísta, dividido entre o branco colono e o preto colonizado, como representantes legítimos do bom e do mau. A violência necessária para o estabelecimento do que hoje é entendida como uma sociabilidade moderna, é profundamente anti-negra. Ao analisar fenomenologicamente a raiz que sustenta essa configuração psicossocial, as relações intersubjetivas, enquanto relação atômica dessa problema, Fanon identifica um desvio existencial da consciência preta, exercida pela cultura europeia, como expressão do não reconhecimento da humanidade do colonizado. Esse fenômeno se caracteriza pela objetificação dos corpos negros e suas consequências psicológicas. Entretanto, paradoxalmente, o autor advoga pela defesa desse critério de objetificação, o ser negro ou negritude, como critério necessário para o restabelecimento da dialética, enquanto possibilidade de ação ética no contexto de relações interraciais. Nesse sentido, essa comunicação pretende expor o tratamento dado pelo psiquiatra martinicano, o seu reconhecimento das terríveis consequências psicológicas que a pessoa preta deve sofrer, por não encontrar um ponto ao qual se firmar, em um contexto no qual ser negro significa um defeito. Busca-se também, apresentar sua crítica a esse mergulho na negritude, mesmo considerando como necessário, que está a mercê das astúcias coloniais. Essa é basicamente a questão que mobilizou os esforços do autor para pensar, junto ao marxismo, psicanálise, existencialismo e negritude, uma maneira de libertar o negro dos complexos





produzidos pela brutalidade colonial, proposta teoricamente defendida como a descolonização do ser, a desinterdição (do reconhecimento) da humanidade colonizada.

### **Palavras-Chave**

Colonização. Racismo. Anti-dialética.



## O OUTRO COMO FUNDAMENTO PARA O GENOCÍDIO E O EPISTEMICÍDIO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO

Cláudio Eduardo Rodrigues

[claudio.eduardo36@gmail.com](mailto:claudio.eduardo36@gmail.com)

### Resumo

Sueli Carneiro considera que a concepção e visão de mundo determinante de quem ou o que deve ser incluído ou excluído, viver ou morrer encontra respaldo na tradição filosófica ocidental a partir da sua abordagem como o Outro. Logo, também determina o destino reservado ao Outro. Para Achille Mbembe, os olhos filosóficos e científicos dos brancos e cristãos europeus não viram e/ou se negaram a enxergar o Outro Africano e Afrodescendente, de maneira que essa postura manteve e ainda mantém os povos africanos e afrodescendentes como não figuráveis em todas as dimensões, tornando-se motivação para o genocídio do sangue, da cultura, da ciência e da religião africana, dentre outros fatores que impossibilitaram e impossibilitam à pessoa negra definir à ela mesma e se identificar. No Brasil, esse extermínio foi explicitado por Abdias do Nascimento na década de 1970 através da obra intitulada O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Na década de 1990, Boaventura Souza Santos e seus leitores assinalam que a cultura colonial capitalista estabeleceu a visão de que o Outro e toda sua produção intelectual, cultural e científica são estranhos. Determinado como objeto, o Outro foi, e é, longa, processual, intensa e intencionalmente estranhado até ao ponto de que sua existência individual, social e comunitária – genocídio -, assim como seus modos de ser, saber e fazer fossem eliminados - epistemicídio. Assim, nessa lógica capitalista, o Outro foi subordinado e reduzido à mera mão-de-obra para o enriquecimento da burguesia. Nessa perspectiva, a partir das ideias desenvolvidas por Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Achille Mbembe e Boaventura Souza Santos, o presente trabalho tem objetivo compreender como a questão do outro é elemento fundamental para o genocídio e o epistemicídio de povos africanos e afro-brasileiros.

### Palavras-Chave

Outro. Genocídio. Epistemicídio.



## O PODER CONSTITUINTE EM PRETUGUÊS: DISPOSITIVO DE RACIALIDADE E RESISTÊNCIAS AMEFRICANAS

Malu Stanchi

[malustanchi@gmail.com](mailto:malustanchi@gmail.com)

### Resumo

A tecitura do poder constituinte em pretuguês lança luz à anamnese da neurose racista brasileira, desvelando projetos de Estado solapados pelo dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), ao produzir uma oferenda de elementos para a realização de disputas políticas sobre as humanidades reivindicadas para além da ordem da branquitude. Esta comunicação pretende refletir como a noção de poder constituinte a partir do pretuguês (Gonzalez, 2020) abre o horizonte de disputas das demandas por direitos desde a zona do não-ser (Fanon, 2008), de suas elaborações, gramáticas e elementos de irrupção da ordem jurídica. Se as ferramentas jurídico-políticas sempre se mostraram insuficientes para as lutas por liberdade na Améfrica Ladina, acumpliciando-se com a retórica do poder hegemônico, que contra-poder é/foi este que apresentou alternativas ao projeto brasileiro de nação emergente no séc. XIX? Para o recentramento da discussão sobre poder constituinte (Negri, 2002), interpelo o conceito a partir das dimensões do dispositivo de racialidade, forjando estratégias ao mapeamento dos acordos de exclusão e subjugação das/os negras/os e das interdições e subtrações da cultura, desenvolvimento e civilização do Não Ser como mecanismo de afirmação do Ser. Desde o direito em pretuguês (Pires, 2019), adota-se a premissa referente à limitação da manifestação do poder constituinte, historicamente solapado pela institucionalidade branca que, por meio de práticas discursivas e sócio-políticas, econômicas e culturais respaldadas nas estruturas colonialistas, lançava indivíduos e grupos racializados à esfera do não ser e da desrazão. Para toda violência e usurpação de poder que se perpetua no tempo, no espaço e na história, porém, existe igualmente a engenhosidade de uma resistência potente e permanente, que também se reinventa e propõe, contextualmente, alternativas criativas para a sobrevivência e a luta pelo bem-viver. Parto da hipótese de que as lutas negro-africanas por liberdade no Brasil consubstanciam-se em uma manifestação do poder constituinte nos oitocentos, agindo em um movimento expansivo, de abertura, para a disputa de novas formas de vida,



ao inaugurar campos semânticos e práticos relacionados à liberdade, igualdade, nação, cidadania e povo. Em face da epidermização da inferioridade (Fanon, 2008, p. 28), o poder constituinte em pretuguês materializa-se nas práticas criativas amefricanas (Gonzalez, 2020) de resistência que extrapolam o direito.

### Palavras-Chave

Poder Constituinte. Pretuguês. Raça.



## O PRINCÍPIO DA AUSÊNCIA DO NEGRO: UMA CONVERSA ENTRE WALTER BENJAMIN, GRADA KILOMBA E FRANTZ FANON

Ana Carla Ferreira Dos Santos

[f.ana.carla@gmail.com](mailto:f.ana.carla@gmail.com)

### Resumo

A proposta do texto tem por objetivo fazer um delineamento que traz a aproximação por caminhos distintos do pensamento dos filósofos Walter Benjamin, Grada Kilomba e Frantz Fanon com suas reflexões críticas no que tange ao marginal. Aquele que é deixado de lado num jogo de presença/ausência, onde certas existências são invisibilizadas ao serem apagadas ou ignoradas. Situação em que se encaixa o princípio da ausência do negro, uma das bases fundamentais do racismo na modernidade. Onde as estruturas de poder e dominação vigentes são mantidas. Neste sentido, tratar-se-á de evidenciar o modo como cada teórico apropriou-se de reflexões em seu tempo para revelar a marginalidade. No decorrer desta escrita, o pensamento de Benjamin, Grada e Fanon será apresentado separadamente, para que ao final aproximações e distinções possam ser estabelecidas. O intuito é lançar luz sobre aspectos específicos de suas obras, ao delimitar e esclarecer seus conceitos. Como metodologia será utilizada a análise de textos dos referidos autores. A ideia ainda é de aproveitar o ensejo dos dois pensadores associarem seus pensamentos às questões do seu tempo, apresentar um recorte no qual após a Abolição da Escravatura no Brasil a marginalidade negra é construída, criminalizada e apresenta reflexos até os dias atuais.

### Palavras-Chave

Marginal. Modernidade. Princípio da Ausência.



## ORIXÁS, OS ESPELHOS E O SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA NO C.E.STELLA MATUTINA

Luciano Pires De Almeida

[luciano.lpa@gmail.com](mailto:luciano.lpa@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho parte da experiência dos estudantes de colégios públicos do Estado do Rio de Janeiro, pensando como o ensino de história e culturas africanas e indígenas tem contribuído para o surgimento de novos sujeitos sociais. A partir destas demandas, apresentaremos uma proposta para aprofundar a temática, com uma análise e reflexão sobre os mitos, conteúdo que compõe diferentes áreas do conhecimento escolar. O recorte escolhido foi o mito do Espelho de Oxúm Apará (PRANDI, 2001), juntamente com esta narrativa ancestral apresentamos a obra Órixas de Djanira da Motta e Silva. Estimulamos os jovens com a dinâmica do espelho, com a qual abordamos a temática da identidade e produzimos objetos artísticos em sala de aula. Assim, procuramos pensar e repensar nosso caminho histórico, repleto de contradições, que possibilitou a emergência do estudante periférico, negro, indígena, Lgbtqi+, e quaisquer outros que possuam sinais adscritos, estigmas cravados em seus corpos, tornando suas existências carregadas de lutas e lutos. Estes fazem ecoar um grito reivindicatório dentro e fora dos muros das instituições de educação básica e trazem em seu discurso a musicalidade e as experiências de um saber que nasce nos espaços populares. Para o desenvolvimento desta temática farei em um primeiro estágio, a apresentação de dados coletados junto aos estudantes dos colégios do ensino básico nos quais leciono filosofia; no segundo momento teremos a apresentação de um relato de atividade proposta que foi pensada a partir da linguagem artística visual, onde a imagem assume função pedagógica e provocadora de questionamentos que aprofundam a temática da justiça, da democracia e das africanidades em sala de aula.

### Palavras-Chave

Filosofia Africana. Orixás. Artes Visuais.



## OS CAMINHOS DA AUTODETERMINAÇÃO DO SUJEITO RACIALIZADO: UMA ANÁLISE DA RAZÃO NEGRA

Natália Galvão Azevedo Silva

[nat19agr@usp.br](mailto:nat19agr@usp.br)

### Resumo

Neste trabalho, pretendemos investigar a construção da autodeterminação do sujeito negro, a partir do movimento histórico e político que construiu a ideia de raça, a saber, o colonialismo. Para chegarmos ao problema da autodeterminação deste sujeito, iremos, no primeiro momento, analisar a formação da raça, dentro do contexto da colonização, do escravismo e do capitalismo. Num segundo momento, para explorar a construção desse sujeito racializado em seu movimento para a autodeterminação, será investigada a formação do caráter duplo e cindido desse sujeito, dividido entre a assimilação e a emancipação. Por fim, investigaremos a partir de quais ferramentas políticas e sociais a autodeterminação se manifesta. Para tanto, o projeto estabelece como base teórico-filosófica as proposições de Achille Mbembe, especialmente, em *A Crítica da Razão Negra*. O ponto de partida da nossa pesquisa é a elucidação do que é a raça. Acreditamos que a partir da análise desse “conceito”, poderemos compreender que raça é uma ficção moderna que sustentou a colonização, o escravismo e a formação do capitalismo europeu. Além disso, a partir dessa análise poderemos apreender um sujeito que quer se autodeterminar, e que fica constantemente em torno desse movimento de libertação e assimilação. A construção teórico-filosófica do que é a raça, faz parte de um livro que marca os estudos sobre racialidade no começo do século XXI: *A Crítica da Razão Negra* (2013) de Achille Mbembe. Por isso, escolhemos o Capítulo IV da *Crítica da razão negra* para fazermos a análise da questão que abre nossa pesquisa, pois, é neste capítulo que ele apresenta-nos como o colonialismo concebeu a raça.

### Palavras-Chave

Autodeterminação. Raça. Assimilação. Sujeito.



## PACTOS ECOICOS NO RACISMO

Ialley Lopes Da Silva  
[ialleyl@hotmail.com](mailto:ialleyl@hotmail.com)

### Resumo

A pesquisa tem como objetivo apresentar o conceito de pactos ecoicos no racismo. Com base na filosofia da linguagem, especificamente o ato performativo de fala na perspectiva butleriana, buscamos compreender como as palavras ao e por serem repetidas podem não apenas construir seu significado, mas formular e reformular sujeitos que são deslocados à outridade – conceito discutido por Grada Kilomba – e, consequentemente, relegados a pactuarem-se à branquitude. No intuito de complemento aos pactos narcísicos debatidos por Maria Aparecida Bento e a fim de ilustrar a proposta, utilizaremos como alegoria a mitologia da ninfa Eco e seu encontro com Narciso, considerando que a ninfa é vista como um símbolo de regressão e passividade, amaldiçoada a somente repetir para a manutenção do conforto de quem falar, especialmente de Narciso que desvela a imagem da branquitude. Por fim, enquanto os pactos narcísicos se relacionam a um ideal identitário universal, notamos que os pactos ecoicos se relacionam ao desejo e à subordinação através da linguagem com a finalidade de atualizar a idealização narcísica e espoliar a negritude à outridade.

### Palavras-Chave

Pacto Racial. Filosofia da Linguagem. Performativo.





## PELE NEGRA, DIGITÓPIA E IMAGEM (IN)CORPÓREA DA DIÁSPORA

Luize Santos De Queiroz  
[luizedequeiroz@gmail.com](mailto:luizedequeiroz@gmail.com)

### Resumo

A reflexão seguinte tem como interlocução o texto do cineasta John Akomfrah (2017), chamado *Digitopia* e os espectros da diáspora, publicado originalmente no *Journal of media practice*. Nesta oportunidade exploraremos as encruzilhadas apresentadas pela questão da relação entre o digital e a diáspora no contexto do cinema e o doce delírio de uma ideia fruto desta relação nomeada digitópica. A digitopia, por sua vez, se sustenta pelo desejo de uma imagem que fosse além dos tons corretos da sensometria padrão o que revoluciona a imagem e a constatação da incorporeidade das imagens da diáspora que a antecede. Este impulso digitópico nos conduz ao problema ensaiado sob uma série de questões que ruminamos pela relevância, dentre elas, como podemos alinhar e/ou realinhar a pele do filme (película) à pele do sujeito diaspórico? Como escapar da tirania da sensometria, aos ritmos datados, às linguagens fossilizadas do cinema a passo que se trava a luta urgente contra a escassez, pela sobrevivência, contra a soberania? A incerteza de que se os ritmos da vida pós-colonial seriam capazes de seduzir o aparentemente indestrutível maquinário do cinema se ainda temos a própria vida como questão em jogo. Outra dimensão da digitopia tem a ver com pensar o digital como um espaço de ontologia, de um devir epistemológico e político, bem como de políticas de identidade e de raça. A união entre cinema e a diáspora, parece criar um sentido novo não só do que é o cinema, mas da maneira pela qual podemos defini-lo. Afinal, o cinema de 1890 estaria implicado em uma biopolítica (conforme pensado por Foucault) com um cinema colonial, de tal maneira, que é fácil perceber seu momento eugênico encenado pelos *Travelogues* (um tipo de gênero anterior aos documentários) nos quais os corpos negros eram tanto objetos de fascinação quanto de náusea inquietante. Este momento de insatisfação irrompe em uma nova promessa da relação entre o eu e a imagem em que raça, espaço e digital, transformarão um gesto a princípio pedagógico em posição filosófica.

### Palavras-Chave

Cinema. Diáspora. Digitopia.



## PENSAR A DIÁSPORA: APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE ANGELA DAVIS E MUNIZ SODRÉ

Julia Coelho Gomes Seixas Da Fonseca

[julia\\_coelhog98@outlook.com](mailto:julia_coelhog98@outlook.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a noção de liberdade a partir de uma aproximação entre o pensamento filosófico de Angela Davis e Muniz Sodré. A liberdade, partindo da pessoa negra como sujeito de conhecimento e ação, figuram como centrais no pensamento desses autores. O negro em diáspora, enquanto sujeito histórico, está em atrito com o conceito de liberdade e sua vida é permeada pela não-liberdade. A pessoa negra não é lida como essencialmente livre e nem como pessoa. Para justificar a escravidão, a ideologia dominante elabora a pessoa negra enquanto subumana, isto é, nega a sua humanidade e a reduz à condição de propriedade. Nessa seara, pensar a diáspora traz à tona a situação de opressão da pessoa negra, mas também abre caminhos para pensar em como esse grupo resiste frente à opressão. Tanto em Angela Davis quanto em Muniz Sodré, é possível observar que o conceito de liberdade, está atrelado à ideia de ação, movimento e potência. Para Davis, a pessoa oprimida não é livre porque ela existe enquanto ser humano, ela torna-se livre na medida em que reconhece a sua condição e resiste à ela. Já em Sodré, liberdade, de modo semelhante, aparece como possibilidade de resistir à passividade. A partir disso, a comunicação focará, primeiro, em apresentar as principais noções sobre liberdade que esses autores apresentam, compreendendo os limites e os abusos que perpassam esse conceito; segundo, em mostrar a centralidade da pessoa oprimida e como, a partir do movimento que o oprimido faz, a liberdade pode ser compreendida enquanto resistência. Com isso, é esperado poder apresentar a contribuição da diáspora negra para pensar um conceito tão importante dentro das discussões filosóficas.

### Palavras-Chave

Liberdade. Resistência. Diáspora.



## “PRETO PARADO É SUSPEITO, PRETO CORRENDO É LADRÃO”: CONTRATO RACIAL, NECROPOLÍTICA E GENOCÍDIO.

Gustavo Fontes

[fontesholanda@gmail.com](mailto:fontesholanda@gmail.com)

### Resumo

Como nos ensina Lélia Gonzalez, o pretoquês, em suas expressões e gírias populares, tem muito a contribuir com uma filosofia produzida no Brasil de viés racialmente crítico. Neste sentido, partimos desta expressão tão corriqueira do ‘racismo por denegação’ brasileiro: “preto parado é suspeito, preto correndo é ladrão,” para analisar os índices contemporâneos de mortes de pessoas negras (sobretudo, jovens) por forças policiais, enquanto aspecto de um funcionamento perfeito dos princípios do Contrato Racial (como conceituado por Charles Mills) e da Necropolítica (Achille Mbembe). Para por fim nos deparar com a imposição do conceito de ‘genocídio’ como dado concreto do resultado das supracitadas análises. É bastante interessante perceber que ainda assim, a despeito da concretude de tais fenômenos, convivemos com a constante negação do fenômeno do racismo na nossa sociedade. Neste sentido, pretendemos problematizar um último conceito, o de ‘democracia racial’, que não apenas é a atual versão oficial das relações raciais, como também a mais formidável arma ideológica contra o negro no Brasil (Haselblag). Neste sentido, consideramos por fim que o fantasma político mais presente e atuante na política brasileira, e não apenas a de cunho racial, seja o da “anistia”. Constantemente re-atualizada e ressignificada, para que fundamentalmente, apesar de todas as mudanças, tudo permaneça como está.

### Palavras-Chave

Necropolítica. Racismo. Anistia.



## “QUAL É O MAIS POTENTE DOS AFETOS?”, COSMOFOBIA, COSMOFILIA E CONFLUÊNCIAS

Renato Nogueira

[contatonogueira@gmail.com](mailto:contatonogueira@gmail.com)

### Resumo

Como refazer a questão filosófica sobre a potência dos afetos numa interlocução afroconfluente? A partir dessa formulação vamos polidialogar com filosofias africanas e dos povos originários para lidar com uma breve cartografia dos afetos. Como refazer a questão filosófica sobre a potência dos afetos numa interlocução afroconfluente? A partir dessa formulação vamos polidialogar com filosofias africanas e dos povos originários para lidar com uma breve cartografia dos afetos. Como refazer a questão filosófica sobre a potência dos afetos numa interlocução afroconfluente? A partir dessa formulação vamos polidialogar com filosofias africanas e dos povos originários para lidar com uma breve cartografia dos afetos. Como refazer a questão filosófica sobre a potência dos afetos numa interlocução afroconfluente? A partir dessa formulação vamos polidialogar com filosofias africanas e dos povos originários para lidar com uma breve cartografia dos afetos. Como refazer a questão filosófica sobre a potência dos afetos numa interlocução afroconfluente? A partir dessa formulação vamos polidialogar com filosofias africanas e dos povos originários para lidar com uma breve cartografia dos afetos. Como refazer a questão filosófica sobre a potência dos afetos numa interlocução afroconfluente? A partir dessa formulação vamos polidialogar com filosofias africanas e dos povos originários para lidar com uma breve cartografia dos afetos.

### Palavras-Chave

Cosmofilia. Cosmofobia.



## QUILOMBOS E AQUILOMBAMENTOS: CAMINHOS PARA UMA DEMOCRACIA RACIAL

Brigida Cavalcanti Alves

[brigida\\_cavalcanti@hotmail.com](mailto:brigida_cavalcanti@hotmail.com)

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim

[akarraes@gmail.com](mailto:akarraes@gmail.com)

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano

[viniciuspsicologiapg@gmail.com](mailto:viniciuspsicologiapg@gmail.com)

Indianara Maria Fernandes Ferreira

[indianarafdes@gmail.com](mailto:indianarafdes@gmail.com)

Yasmim Nascimento De Oliveira

[yasmimnascimento.yno@gmail.com](mailto:yasmimnascimento.yno@gmail.com)

### Resumo

A imbricação entre raça e racismo no Brasil se perpetua e tem sido estudada criticamente há anos, indicando ser esta uma nação estruturada a partir de um projeto colonial, cuja as ferramentas de poder e hierarquização foram lançadas para aniquilar a diferença, leia-se diferença a partir do referencial branco-europeu-cristão. Portanto, rever a história deste país não se faz sem crítica a estes analisadores, primordiais para a leitura e construção de novas lentes decoloniais, novas formas de enfrentamento e superação das violências, como afirma o trabalho de Beatriz Nascimento ao apresentar o quilombo enquanto território existencial. Assim, é na contramão da narrativa oficializada sobre o território brasileiro, que nega o racismo e o genocídio negro e indígena no país, que a retórica dos quilombos resiste e nos permite acessar um modus operandi de luta, responsável por arquitetar crises ao sistema colonialista e afirmar outros modos de vida e relação entre os seres, em suas diferenças, de forma orgânica. Aproximar-se desses fazeres contracoloniais, confluentes, na escuta do território e comunidades tem sido a nossa aposta, afinal se faz possível pensar uma democracia racial sem nos aproximarmos das comunidades remanescentes quilombolas? Portanto, este estudo tem buscado, a partir das alianças com estas comunidades, situadas no Rio



Grande do Norte, atentar-se as possibilidades de aquilombar e se envolver com os saberes ancestrais, a fim de aprender sobre as práticas de resistência e enfrentamento a colonialidade hoje. A entrada e estadia nas comunidades tem se dado a partir de um projeto já existente, onde a cada encontro, de comum acordo, em conversas circulares, nos aproximamos da realidade destas populações e das suas memórias, culturas, arte, construções coletiva e reivindicações. Como sinalizou Beatriz Nascimento, importante intelectual brasileira, estudiosa da presença negra no Brasil e da força, longevidade das comunidades tradicionais, o quilombo em nós possibilita a construção de quilombos existenciais, capazes de serem acessados quando narramos e praticamos saberes coletivos, ancestrais, em luta contra as opressões. Aqui, tal como a autora, buscamos e caminhamos nesta direção, acionando estes saberes em seus territórios, não apenas em sua ideia-força, mas na escuta em locus das histórias, atentas a oralidade e na sustentação de outras formas relacionais, caminhos para uma verdadeira democracia racial.

### **Palavras-Chave**

Raça. Aquilombamento. Contracolonialidade.



## RAÇA E COLONIALISMO: UMA CRÍTICA A DEPENDÊNCIA AFRICANA A PARTIR DE MBEMBE E FANON

Jose Luiz Silva Da Costa

[luizcostasilva@hotmail.com](mailto:luizcostasilva@hotmail.com)

### Resumo

Fanon ao explicar que o período pós lutas de libertação em África (que são classificados como pós-colonialismo – teórico e historicamente) afirma que os países colonizadores após sofrerem uma série de derrotas em batalhas e pressões internacionais, foram forçados a aceitar a instauração da soberania nacional dos países africanos (cada Estado teve um processo de luta e negociação diferente), mas não de qualquer jeito, eles conformaram acordos e modelos que deixavam uma série de países ainda dependentes deles economicamente. Então, quando tratamos, nestes termos, a independência foi parcial, pois, a partir, das negociações de independência (fruto da resistência popular) o atrelamento no que tange a concessões de exploração de recursos naturais, a manutenção de uma série de regimes de propriedade privada, a manutenção de bancos captando recursos, deram a tônica nas imposições neocoloniais. Mbembe debate que o processo de descolonização africana ainda está em andamento e assim permanecerá, já que, se misturam uma série de fatores para se pensar numa África autodeterminada. Cabe ressaltar que a maioria das negociações para a libertação dos países africanos veio da instauração do conflito armado entre o povo e o invasor. Então, não houve passividade e nem tampouco diplomacia nesta situação, a Europa reagiu impondo uma brutal máquina de guerra para não perder seu posto de centralidade na exploração das economias locais. A África sempre foi uma das zonas de influência mais visadas do mundo. Assim, uma série de interesses das potências mundiais sempre se voltou para lá, e as guerras de contrainsurgência para manutenção do regime colonial deram a tônica sobre a história dos países africanos. Nos casos de derrota ou pressão internacional, a Europa negociou, sempre visando mais lucro, acordos em que se punha como agente moderador das relações econômico-político das recém “livres” cidades africanas. O nacionalismo (que funcionou como ponto de unidade na luta anticolonial e referência das lutas pan-africanistas), se transformou, nestes casos, em predação intraracial, em formação de novas castas com

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



hierarquia de classes. O DNA colonial parece que havia sido agregado as novas formas de sociabilidade em parcelas signitificativas dos territórios africanos, e por parte de seus povos. Neste texto iremos investigar as causas as causa da manutenção da depedência economica em África mesmo depois da descolinização a partir das críticas de Fanon e Mbembe.

## Palavras-Chave

Dependência. Neocolonialismo. Descolonização.





## RAÇA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE SOB O CAPITALISMO RACIAL

Heitor Moreira Lurine Guimarães

[hguimaraes631@gmail.com](mailto:hguimaraes631@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho é derivado de pesquisa de mestrado atualmente em andamento. Seu objetivo geral consiste em examinar a possibilidade de uma consciência de classe inter-racial sob o capitalismo racial. Por consciência de classe inter-racial entende-se, aqui, o processo pelo qual brancos e não brancos passam a reconhecer o capitalismo como fonte comum de seus problemas, bem como a se aperceber da interdependência de seus respectivos interesses, de modo a comporem uma luta anticapitalista conjunta. Para proceder a essa análise, a pesquisa busca articular três referências teóricas. O primeiro corresponde a certa parte da produção de Nancy Fraser compreendida entre 2014 e 2022, incluindo-se aqui as obras *Capitalismo em Debate*, *Cannibal Capitalism* e um conjunto seleto de artigos que versam sobre a relação entre capitalismo e racismo. O segundo corresponde ao diagnóstico de época apresentado por W.E.B. Du Bois na obra clássica *Black Reconstruction in America*, de 1935. O terceiro é a interpretação feita por Lélia Gonzalez a respeito do capitalismo dependente latino-americano, notadamente artigos das décadas de 70 e 80 em que a autora aborda as noções de “dividendos do racismo” e “amefricanidade”. O interesse pela temática se justifica na medida em que esses referenciais, a despeito da distância temporal, podem ser lidos como formas de abordar a questão racial por meio de uma estratégia argumentativa em comum, qual seja, a de identificar relações de interdependência entre grupos sociais atingidos por formas distintas de opressão. A argumentação apresentada seguirá os seguintes passos. Primeiro, partirei do diagnóstico de Fraser para examinar como o capitalismo, tornando porosa a fronteira entre exploração e expropriação, tende a aproximar objetivamente os interesses de brancos e não brancos na superação do capitalismo. Em seguida, problematizarei esse diagnóstico pela falta de uma explicação coerente sobre a persistência do racismo em vez da materialização da consciência de classe inter-racial. Como alternativa, retomarei análise de Du Bois em *Black Reconstruction*, e de Lélia Gonzalez em escritos dos anos 70, especialmente quanto aos conceitos de salário da branquitude e dividendos do racismo,



respectivamente, para elucidar a funcionalidade do racismo em sustentar o antagonismo entre grupos que teriam todos os motivos para colaborar. Finalmente, abordarei a noção de amefricanidade como possibilidade de superação dos efeitos de fragmentação intraclasse do racismo.

### **Palavras-Chave**

Capitalismo. Racismo. Consciência de Classe.



## RACISMO E BIOPOLÍTICA SEGUNDO NORMAN AJARI

Karina Borges Diaz Nery De Souza

[karinaborges@yahoo.com.br](mailto:karinaborges@yahoo.com.br)

### Resumo

O filósofo afrofrancês, Norman Ajari, é um dos principais autores da corrente afropessimista, que surgiu a partir da Teoria Crítica da Raça, com influência de Frantz Fanon e do movimento Panteras Negras, entre outros. A escravidão é, para o Afropessimismo, o ponto de partida para a escrita e para o pensamento contemporâneos, pois a vida dos(as) negros(as) é e será marcada pela indignidade e pela morte, enquanto o capitalismo e seus dispositivos perdurarem, pois são estruturados pelo racismo. A indistinção entre a vida e a morte é, assim, a forma como a vida negra é inserida nos cálculos políticos (biopolítica) enquanto vida biológica e não vida qualificada. Em seu último livro, *Darkening Blackness: Race, Gender, Class, and Pessimism in 21st-Century Black Thought* (2023), Ajari traz importantes aportes para o conceito de biopolítica. A relação, traçada pelo filósofo, entre biopolítica e racismo é o que nos propomos analisar neste trabalho, a partir, principalmente, do último livro, já citado, e de *La Dignité ou la Mort: éthique et politique de la race* (2019).

### Palavras-Chave

Afropessimismo. Norman Ajari. Biopolítica.



## RACISMO, PSICANÁLISE, RETORNO DO RECALCADO, FREUD, LACAN

Fabiola Menezes De Araújo

[confabulando@gmail.com](mailto:confabulando@gmail.com)

### Resumo

Sobrevivemos, e como aprendemos a sobreviver? Não apenas não sendo racistas, mas sendo anti-racistas. Há mulheres brancas fetichizadas que podem, no deserto da branquidade, funcionar como objetos transicionais para si mesmas. O objeto de si é a boneca narcísica que se constrói em um castelo onde não parece haver racismos, ou mesmo aonde o racismo é bem-vindo: emoldura a exclusividade de sua aparência como branca. Compreende-se que o retorno do recalcado, noção psicanalítica para designar a selvageria da pulsão (Trieb), não se tem como controlar; neste sentido, lemos o retorno do racismo no Brasil como um eterno recalcado à espera de retorno em cada mulher. Neste caso, os relacionamentos tóxicos abundam. Para analisar esse retorno precisamos da argúcia da psicanálise: não podemos sobreviver apenas, mas devemos poder nos utilizar de nosso lado selvagem (Id) para combater o retorno dos racistas. O retorno ao/desde o Complexo de Édipo é chave para podermos, não entender porque isso talvez seja impossível, mas combater os racismos. Mas o selvagem que em nós habita pode estar à serviço deste combate? Visamos explorar essa temática a partir do maior herdeiro da psicanálise: Jacques Lacan e a questão do Real que não habita no Imaginário.

### Palavras-Chave

Racismo. Psicanálise. Retorno do Recalcado.



## REVERSIONISMO: A INACREDITÁVEL CAPACIDADE DO RACISMO DE SE APRESENTAR COMO SEU INVERSO

Fernando De Sá Moreira  
[fernandosm@id.uff.br](mailto:fernandosm@id.uff.br)

### Resumo

Reversionismo não é um conceito filosófico estabelecido. Na verdade, a própria palavra é bem pouco usada. Exceto um uso pouco frequente do termo “reversionismo” no debate religioso e um álbum da banda de rock argentina Canturbe, a palavra praticamente não existe. Contudo, o presente trabalho se esforça na defesa de que há um ganho teórico em cunhar e circular o conceito de reversionismo no debate racial no Brasil e, possivelmente, também em outros debates. A ideia fundamental é que entre os negacionismos existem revisionismos e também reversionismos, às vezes como fenômenos completamente separados, às vezes correlacionados. Um revisionismo expressa a prática de negar conhecimentos firmemente estabelecidos sobre acontecimentos históricos, geralmente com argumentos e práticas sociais inescrupulosas (ao contrário da legítima revisão histórica). As estratégias do revisionismo podem ser várias. O essencial é que seu foco está na mudança na imagem pública dos conhecimentos históricos. Por exemplo, está plenamente estabelecido que houve uma ditadura cívico-militar no Brasil entre 1964-1985, que perseguiu, torturou e matou milhares de pessoas ao arrepio de qualquer legalidade. O revisionista se dedicará, das formas mais absurdas, a negar que essa ditadura tenha existido; ou defenderá que não houve qualquer ilegalidade em seus atos. O reversionismo, por sua vez, não se dedica apenas a transformar a coisa no que ela não é, mas sim luta para transformá-la em seu reverso completo e paradoxal. Ao revisionista basta dizer, contra todas as evidências e conhecimento estabelecido, que, por exemplo, a escravidão brasileira foi branda e que os senhores de escravos eram mormente afetuosos com os negros que escravizavam; ou ainda, que não existe racismo no Brasil. Ao reversionista é necessário ir além: é preciso dizer que a escravidão foi benéfica ao escravizado; ou ainda, que práticas identificadas como racistas seriam, na verdade, realizadas em vista do maior benefício possível para a população negra. O propósito do presente trabalho é definir mais detalhadamente o conceito de reversionismo, explorando os ganhos teóricos de tal conceito.

### Palavras-Chave

Reversionismo. Revisionismo. Racismo.



## SALTOS E CISÕES DA RAZÃO RACISTA: O APAGAMENTO DA FILOSOFIA NEGRA DA PRÁXIS NO PENSAMENTO DE KANT

Josadaque Martins Silva  
[josadaquemartins@usp.br](mailto:josadaquemartins@usp.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é evidenciar o processo de apagamento da filosofia negra da práxis no pensamento de Immanuel Kant. Para tanto, abordaremos dois dos seus textos, nos quais sugere sua análise antropológica sobre raças: Observações sobre o sentimento do belo e do sublime (1764) e Das diferentes raças humanas (versões de 1775 e 1777), além de Resenha do escrito de Moscati (1771). Mostraremos como se forma, no âmbito da filosofia moderna, sobretudo a partir de Kant, uma concepção sobre as raças que classificou e hierarquizou os povos, estabelecendo a racionalidade como atributo primaz dos seres humanos brancos e a irracionalidade, como marca dos povos “selvagens”, vistos, nessa estrutura conceitual, como sub-pessoas (MILLS, 2005). Com isso, Kant desumaniza os povos ditos “selvagens” e nega a eles capacidade racional, filosófica, moral e estética. Se os/as negros/as não possuem racionalidade e tampouco moral, logo, tampouco têm práxis. Dessa forma, sob as lentes kantianas, vai se delineando a prova epistemológica da preliminar diferenciação racial das Observações: se os/as negros/as não têm racionalidade, não têm práxis, doravante, não podem formular uma filosofia da práxis. Veremos como Kant, para fundamentar essa “lógica”, estabelece, em Resenha do escrito de Moscati, a diferença entre o humano e o animal, para depois, no ensaio, Das diferentes raças humanas, pontuar a diferença entre os seres humanos. Seres humanos com o atributo da racionalidade estão geograficamente delimitados a sul da divisa entre a Península Ibérica e o resto da Europa. Nisto, pessoas “sem racionalidade” são excluídas epistemologicamente das estruturas universitárias, circunscrevendo o cânon da universidade ocidental (GROSFOGUEL, 2016). Assim, quando surge a universidade secular e humboltiana, no início do século XIX, a história da filosofia ocidental, na perspectiva hegeliana, torna-se inerente a seu cânon, excluindo desdobramentos de outras leituras filosóficas possíveis do mundo (RABOSSI, 2008). Conseqüentemente, defendemos que essa concepção kantiana das raças resultou na demarcação do que é a filosofia e, portanto, na eliminação da possibilidade de existência de uma filosofia negra da práxis e de qualquer tipo de filosofia da práxis, fora do ethos branco a norte dos Pirineus.

### Palavras-Chave

Raça. Filosofias da Práxis. Negro/a.



## SOBRE A NOÇÃO DE REVOLTA A PARTIR DA OBRA DE CLÓVIS MOURA

Ivo Sousa Ferreira  
[isferreira@unifesp.br](mailto:isferreira@unifesp.br)

### Resumo

O problema filosófico que movimenta este texto é o de abordar como a racialidade, enquanto uma ferramenta da universalidade científica que atua na satisfação das necessidades do Capital, tal como foi formulada por Denise Ferreira da Silva (1963), foi utilizada para restringir, desestabilizar e pacificar as revoltas ao mesmo tempo que se consolidava no período da escravatura brasileira. Deste modo, o objetivo proposto é o de apresentar e discutir a noção de revolta tomando como referência os escritos de Clóvis Moura (1925-2003). Utilizando a imagem de “dívida impagável” elaborada, também, por Denise Ferreira da Silva, enquanto uma performance metodológica, busca-se aqui outros caminhos para tratar a revolta, caminhos que não reproduzam as bases do pensamento moderno e a transformem imediatamente em fatos ou referentes de objetividade, abrindo, deste modo, espaços para o seu potencial transformador. Voltar-se para a obra de Clóvis Moura possuindo estas precauções de método, nos oferece uma leitura sobre a revolta que indique para uma crítica anticolonial do capitalismo e que rompa com os pilares filosóficos-científicos que tornam possível e autorizam a violência racial.

### Palavras-Chave

Revolta. Racialidade. Dívida Impagável.



## SUPREMACIA BRANCA: O SISTEMA POLÍTICO OCIDENTAL E SEUS INSTRUMENTOS (ALTERICÍDIO E BRUTALISMO)

Daniel Christian Dos Santos

[danielchristiansantos7@gmail.com](mailto:danielchristiansantos7@gmail.com)

### Resumo

Segundo Charles Wade Mills, filósofo jamaicano (autor de *O Contrato Racial*, *From Class to Race: Essays in White Marxism and Black Radicalism*, *Radical Theory Caribbean Reality*, etc.), a “SUPREMACIA BRANCA É O SISTEMA POLÍTICO não nomeado que fez do mundo moderno o que ele é hoje” (MILLS, 2023, p.33). Sobre esse sistema político, as ferramentas de opressão utilizadas, como ele se estrutura é o que queremos discutir em nossa apresentação. Discutir a respeito das bases sobre as quais se assentam a supremacia branca enquanto sistema político é um desafio necessário a filosofia. Partir de Charles Wade Mills e buscar a base que fundamenta esse sistema político é uma forma de iniciar esse diálogo necessário no campo da filosofia política que só agora está sendo recepcionado no Brasil (o livro de Mills é de 1997 foi lançado por uma editora no Brasil apenas em 2023). A filosofia por séculos escondeu a supremacia branca de forma a causar a impressão que não existe tal sistema político. A filosofia tratou de demonstrar que a dominação do branco europeu sobre povos não brancos em muitas partes do globo foi ‘natural’ se nos pautar pelo que diz Kant em seu Ensaio estético “Observações sobre o belo e o sublime” e o que diz Hegel em seu livro “A Razão na História: Uma Introdução Geral a Filosofia da História”. Buscaremos apresentar como a história moderna e contemporânea do ocidente está, em muitos aspectos, atrelada a ideia de raça e a filosofia de tradição ocidental não foge a esse padrão. O ocidente é um produto da África e dos africanos se considerarmos que o trabalho constrói o mundo e gera riqueza. Nossa base para argumentar será a história, que a nosso ver é base sólida para demonstrar a prática humana da política. Buscaremos demonstrar como as “descobertas” desencadearam o altericídio - categoria por nós depreendida baseada no livro *Crítica da Razão Negra* de Achille Mbembe - a exemplo da escravização baseada na raça (categoria sociológica se falarmos neste campo da ciência positiva e metafísica se queremos uma abordagem filosófica) e do colonialismo – que europeus classificaram como “missão civilizacional”





epreendida povos não brancos. O brutalismo é o método que se emprega na dominação e desumanização empreendida pelos europeus aonde quer que chegassem. A supremacia branca enquanto sistema político, promove um tensionamento de servidão que opõem trabalhadores e burguesia dividindo trabalhadores em raça o que facilita a manutenção da dominação burguesa.

### Palavras-Chave

Altericídio. Raça. Supremacia.



## TRANSATLANTICIDADES E TRANSMIGRAÇÕES: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO HÍDRICO DE BEATRIZ NASCIMENTO

Marcelo Jungmann Pinto

[marcelojungmann@hotmail.com](mailto:marcelojungmann@hotmail.com)

### Resumo

Na tradição filosófica ocidental, o surgimento da pólis emergiu como marco crucial no pensamento grego. Ao situar-se como o epicentro da vida cívica e social, a pólis tornou-se não só um espaço físico, mas também uma encarnação simbólica das aspirações e dilemas humanos. Desde então, as reflexões acerca do saber político têm na cidade grega o seu paradigma central. Conjunto ordenado de muros capazes de albergar vidas e fluxos em seu interior, a cidade parece revelar também uma estreita relação com a pedra. É com a pedra que damos forma ao espaço. São pedras, quase sempre elas, a delinear o traçado e a direção das ruas, a separar o espaço público do espaço privado. Foi por meio de superfícies minerais que o animal humano inscreveu suas leis. E foi também através delas que o tempo se tornou mensurável. São pedras, ainda, a guardar a memória dos mortos e os primeiros registros de trocas comerciais. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que desde as leituras dos gregos a política põe em obra um projeto de mineralização da vida. Assim fomos acostumados a ver. Está entranhado em nós, calcificando o pensamento. No contexto brasileiro, nenhuma obra foi mais a fundo nesse projeto de mineralização da vida do que aquela realizada por Gilberto Freyre. Adotando como princípio metodológico a ideia de que os objetos carregam em si indícios da morfologia de diferentes culturas, o antropólogo pernambucano interpretou as variações nos objetos materiais, especialmente nas edificações, como expressões de variações na cultura. Esse enfoque parece ser a pedra angular de suas reflexões sobre o poder doméstico-patriarcal que atravessa a formação da sociedade brasileira. O presente trabalho busca pensar a política por outros meios, destacando o contraponto oferecido pelo pensamento da filósofa e historiadora sergipana Maria Beatriz Nascimento. Intelectual hídrica – “Eu sou Atlântica” – Beatriz Nascimento não era afeita aos ressecamentos, nem às calcificações. Importa a ela o movimento e seu curso, não a estagnação. Em contraste com a rigidez da pedra, seu pensamento enfatiza o movimento e a fluidez, trazendo uma perspectiva hídrica para

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



as reflexões políticas. Sua abordagem considera o Mar Atlântico como um vetor cultural entre povos, desafiando o projeto de mineralização da vida ainda em curso. Ao deslocar o foco das análises da pedra para a água, abre-se espaço para novos horizontes analíticos e feitura políticas. É sobre esses horizontes e feitura que se voltará esta investigação.

## Palavras-Chave

Águas. Transatlanticidade. Transmigrações.



## UBUNTU: URGÊNCIA DE UM COSMOPOLITISMO COMUNITÁRIO

Manuel Cochole Paulo Gomane  
[manuelcochol@gmail.com](mailto:manuelcochol@gmail.com)

### Resumo

Ubuntu consiste em duas palavras numa só. O prefixo ubu- e a raiz ntu-. Ubu invoca a ideia do ser, no geral. Este conceito ético enfatiza as alianças entre as pessoas e as relações entre estas. Trata-se de uma categoria epistêmica e ontológica fundamental do pensamento africano dos grupos que falam a língua Bantu. Contudo, o ubuntu não pode ser confundido com gentileza. Gentileza é algo que podemos tentar demonstrar de um modo melhor, mas o ubuntu é algo muito mais profundo e comunitário, que reconhece em todas as dimensões relacionais a humanidade do Outro, sem reduzir a sua própria humanidade. O meu objetivo nesta problemática é o de trazer de forma autorreflexiva e crítica a possibilidade de um discurso conciliatório com tendência a uma alteridade possível, olhando para alguns aspetos da “ignorância branca”. Neste sentido, o presente trabalho procura responder as seguintes questões: como não reduzir humanidade do negro diante do brutalismo e do racismo estrutural? Que janelas ou lições o ubuntu no contexto africano nos oferece ao Negro, num Brasil cada vez mais racializado e identitário? O fio condutor da problemática ou, o mote, é a possibilidade de pensar a tolerância como condição de possibilidade de revestir a nossa capacidade de escuta – humanidade- como herdeiros de uma ancestralidade cuja palavra viva se assemelha ao espírito africano do ubuntu, que é uma das possibilidades de cura cotidiana. A fórmula comunitária do espírito ubuntu pretende ser uma proposta de resistir sem adoecer. Ademais, a concepção do comunitarismo é, muitas das vezes, apresentado no cotidiano como uma simples saída dos “individualismos” para os grupos identitários fechados ao diálogo, aonde a humanidade do Outro não tem espaço para manifestar a sua existência. Neste sentido, o cosmopolitismo comunitário pretende demonstrar que os grupos identitários sem a dimensão humana não são em si “espaços comunitários” no sentido africano do termo. A “autoafirmação do munthu” não deve ser resultado do modo como o Negro se torna o signo de uma alteridade impossível, ou, a própria transgressão da sua dimensão humana. O ubuntu é neste sentido a fuga do negro das “armadilhas da identidade” sem reduzir a sua humanidade.

### Palavras-Chave

Ubuntu. Comunitarismo. Alteridades Possíveis.



## UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DA EXPERIÊNCIA SOCIAL DAS MULHERES NEGRAS A PARTIR DE ANGELA DAVIS

Ana Paula Martins De Souza  
[anapaulla.msouza@gmail.com](mailto:anapaulla.msouza@gmail.com)

### Resumo

Raça, gênero e classe são fundamentos cruciais no que se relaciona para a compreensão das opressões desenvolvidas em nossa sociedade. Cada uma dessas categorias desempenha um papel fundamental na configuração das relações de poder e nas desigualdades que permeiam diversos aspectos da vida das mulheres negras desde o período da escravidão. A análise da de como essas três categorias se interseccionam, contribuem na compreensão das opressões enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade. Em sua obra “Raça, classe e gênero”, Angela Davis enfatiza a intersecção dessas três categorias sociais na experiência das mulheres negras, examinando como o racismo estrutural, o classismo e o sexismo atuam para a exclusão e silenciamento das mulheres negras. A intersecção de raça, gênero e classe resulta em experiências únicas de opressão para as mulheres negras, pois estas enfrentam uma sobreposição de estereótipos e preconceitos que estão fundamentados nas opressões estruturais. E para compreender como essas opressões estruturais afetam as relações sociais das mulheres negras, foi feito um recorte desde o período da escravidão, analisando desde as práticas do colonialismo, que para Davis, a colonização não era apenas uma forma de dominação política e econômica, mas um mecanismo que perpetuava a inferiorização das pessoas de origens não europeias, baseada em ideologias racistas, ao conceito de “branquitude” que desenvolve meios de manutenção das relações de poder que mantem as pessoas brancas no topo da pirâmide hierárquica social. Essas questões são fundamentais entender as manifestações racistas, classistas e sexistas que foram se estruturando e que desenvolveu um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão (DAVIS, 2016, p. 17). A partir disso, destaca-se como raça, classe e gênero foram e são fatores determinantes na exploração e opressões, discutindo a necessidade de um recorte racial dentro do feminismo, que reconhecimento e a transformação das estruturas que marginalizaram as mulheres negras ao longo da história. Os feminismos negros, portanto, vem para lutar pela autonomia sobre suas identidades e escolhas, ao mesmo tempo em que as experiências enquanto sujeitas sociais se interseccionam.

### Palavras-Chave

Interseccionalidade. Mulheres Negras.



## ÚRSULA E SUAS NARRATIVAS: ASPECTOS RACIAIS NA PSICOSE E A ESCUTA CLÍNICA

Amanda Leandro Mões E Silva  
[amanda.moes@upe.br](mailto:amanda.moes@upe.br)

### Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa para o trabalho de conclusão da residência de psicologia em saúde mental, sendo então um estudo de caso, de CAEE: 74226823.5.0000.5192, realizado no intuito de aprofundar os estudos sobre as questões raciais e o entrelaçamento que a racialidade, especificamente dentro das vivências enquanto inserida em uma sociedade pautada pelo racismo estrutural, conforme conceito de Almeida (2019), faz dentro do campo da subjetividade. Para tal, o trabalho foi realizado conforme a experiência de uma mulher negra, aqui chamada de Úrsula, situada pela psicanálise na clínica das psicoses, sendo então atendida em um serviço de emergência psiquiátrica, em seus momentos de desorganização psíquica. A metodologia utilizou a pesquisa documental de prontuários e evoluções, bem como de entrevistas com profissionais para situar as narrativas, associações e interpretações de mundo e de si que a pessoa em questão fez nos processos de internamento. Elencando os aspectos raciais presentes nessas falas, os entrelaçamentos com suas construções de mundo, e de que maneira elas contribuíram para o seu situar-se enquanto pessoa, bem como para as ramificações da racialidade nas construções de vínculo. Esse questionamento surgiu a partir das narrativas de Úrsula nos atendimentos, sua riqueza de associações com aspectos do cotidiano, e por leituras de Almeida (2019), Bicudo (2010), Fanon (2008), Freire Costa (2021), González (2016), Santos (1991), Schwarcz (2012), sobre os aspectos raciais para o negro brasileiro e o entrelaçamento com a subjetividade dos sujeitos, bem como os atravessamentos dessas experiências no âmbito da saúde mental. Por isso, o presente trabalho se insere em mais um dos que buscam complementar para os estudos de quais os aspectos raciais registrados pelas vivências do sujeito, em específico, de uma pessoa em sofrimento psíquico, à luz do escopo da saúde mental, conforme a clínica psicanalítica. Apropriando-se do sujeito do inconsciente a céu aberto, onde a compreensão dos significantes e significados abarcados pelo inconsciente, onde palavra e coisa se unem, e juntas atravessam o sujeito, que nos permite maior acesso a como as experiências penetram a pessoa e pautam sua vida.

### Palavras-Chave

Racialidade. Psicanálise. Saúde Mental.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA



## A AUTONOMIA DA CONSCIÊNCIA EM SARTRE: DETERMINISMO, LIBERDADE E FATALIDADE NO IMAGINÁRIO

Álvaro Itie Febrônio Nonaka

[alvaro.nonaka@gmail.com](mailto:alvaro.nonaka@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação busca compreender se os conceitos de determinismo, liberdade e fatalidade, mobilizados por Sartre, conseguem preservar a autonomia da consciência na obra *O Imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação*. Segundo o jovem filósofo, sua nova teoria da imagem, fundamentada numa “fenomenologia” de inspiração husserliana, pode alterar a concepção de que prevemos o futuro pelo passado, um argumento válido apenas na antiga concepção da imagem-coisa. Como a imagem não é uma coisa, mas um ato intencional, a previsibilidade do futuro pelo passado (determinismo) pode ser rejeitada por Sartre, pois a previsão do real passa a ser determinada pelo irreal. Simultaneamente, Sartre destaca o conceito de fatalismo, a característica essencial de uma consciência aprisionada, exemplificado de forma mais acentuada pelo sonho. Desse modo, demonstraremos que, além desses conceitos, a contingência surge sub-repticiamente, junto com a liberdade, para salvaguardar a autonomia da consciência.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Real. Irreal. Imaginação.





## A EXPERIÊNCIA PROFUNDA DA DURAÇÃO OU A INTUIÇÃO COMO ACONTECIMENTO

Geovana Da Paz Monteiro

[geovana@ufrb.edu.br](mailto:geovana@ufrb.edu.br)

### Resumo

Comumente compreendemos o que seja um acontecimento como a emergência de algo extraordinário a ponto de causar uma mudança de perspectiva, algo capaz de transformar um estado de coisas, inserindo-nos em uma experiência instável e imprevisível. Ora, partindo desse pressuposto, pensar em duração é já colocar-se de saída na ideia do real como acontecimento. Se é assim, embora Henri Bergson não tenha elaborado tal conceito em suas obras, mas partindo do princípio de que a duração apreendida em profundidade revela-se como jorro de imprevisível novidade, multiplicidade qualitativa constantemente renovada, seria então possível entender o pensamento bergsoniano como uma filosofia do acontecimento. A fim de justificarmos essa hipótese, portanto, partiremos do que o filósofo compreendeu por intuição, a experiência profunda da duração. Se a intuição pode ser de fato entendida como um acontecimento raro, inefável, efêmero, é porque ela, sendo o contraponto de uma visão superficial e fragmentada da realidade que dura, extrapola o pragmatismo da inteligência fabricadora e com isso insere aquele que intui na profundidade da duração. Com isto, a fim de mostrarmos que é a intuição o acontecimento que retira o ser humano do automatismo e da superficialidade da vida cotidiana, abordaremos aqui três níveis fundamentais dessa experiência, quais sejam, (a) a intuição da nossa própria duração, também chamada de duração psicológica; (b) a intuição filosófica; (c) e a intuição mística. Para tanto, partiremos do estudo de passagens de textos fundamentais da filosofia de Bergson acerca dessas formas de intuir, a saber, o ensaio *Introdução à metafísica*, a conferência *A intuição filosófica*, ambas recolhidas na coletânea *O pensamento e movente* (1934) e sua última obra, *As duas fontes da moral e da religião* (1932).

### Palavras-Chave

Henri Bergson. Intuição. Acontecimento.



## A FORMA MELÓDICA EM SARTRE: UMA TOTALIDADE RECORRENTE

Ágatha Victória Cavallari Ferreira

[agatha.cavallari@usp.br](mailto:agatha.cavallari@usp.br)

### Resumo

Ao longo do período em que Jean-Paul Sartre publica as suas primeiras obras, chama a atenção o uso recorrente que o autor faz de uma ideia: a forma melódica. As menções de Sartre à noção, a princípio, são singelas. Em geral, menos se trata de um conceito consumado do que de uma metáfora insistente. Mas justamente por seu caráter de insistência em assuntos decisivos para o seu pensamento fenomenológico primaveril, consideramos que o apelo do filósofo francês à noção de melodia não é gratuito; pelo contrário. Embora busquemos salientar o uso de um termo musical, sabemos que Sartre não é considerado um autor assentado nos debates sobre estética. Mas isso não implica que a arte não tenha lugar algum no pensamento sartriano. É reconhecido que discussões sobre a constituição da obra de arte são tomadas no horizonte de considerações do autor, ainda que com menor fôlego. Em especial, no que concerne à música, sabe-se que apesar de sucintas, as reflexões sartrianas sobre o assunto não são menos significativas. Assim, com base no recorte temporal em questão, gostaríamos de realçar duas obras sartrianas em que a noção proposta para análise se apresenta. É sobretudo em “O imaginário” que Sartre tece considerações específicas sobre a arte musical. Todavia, para além das descrições feitas na conclusão do livro, em que a obra de arte é afirmada como um objeto irreal manifestado por um suporte presente no mundo à nossa volta, nota-se que a ideia de melodia já é mencionada na primeira parte da “psicologia fenomenológica da imaginação” sartriana. Ao concluir a descrição sobre a estática da imagem, Sartre declara que a imagem não deve ser compreendida a partir de metáforas espaciais, mas sim como uma consciência *sui generis*. Com base nisso, o autor mobiliza a ideia de “unidade melódica” para caracterizar a imaginação como um todo sintético. Por outro lado, em “A transcendência do Ego”, o filósofo francês aponta a noção de uma totalidade melódica, no contexto em que a constituição do Ego é descrita. Isto posto, em nossa comunicação, gostaríamos de lançar luz à concepção sartriana de consciência e de Ego, segundo a metáfora musical empregada pelo autor. Para tanto, de início, concentraremos nossa exposição na parte inicial e no



segundo momento da conclusão do livro de 1940. Em seguida, abordaremos a temática no interior do segundo capítulo do ensaio de 1936, com ênfase no penúltimo item. Nosso intuito é apontar a importância dos paralelos musicais na argumentação sartriana.

### **Palavras-Chave**

Sartre. Melodia. Consciência.



## A LINGUAGEM INDIRETA E O SILÊNCIO PRIMORDIAL

Bruna Barbosa Retameiro

[brunaretameiro@gmail.com](mailto:brunaretameiro@gmail.com)

### Resumo

Merleau-Ponty inicia ensaio A linguagem indireta e as vozes do silêncio abordando questões relacionadas com a fala, os signos e a linguagem, interrogando a todo instante sobre como ela se forma e adquire um sentido. O sentido, segundo ele, se insere num contexto dialético de imanência e transcendência, que Merleau-Ponty denomina como “tecido da fala”. Esse contexto pode ser, por exemplo, a cultura na qual os signos e, conseqüentemente a linguagem, estão imersos. A linguagem advinda dos signos da cultura constitui o que Merleau-Ponty chama de linguagem empírica. Esta é uma linguagem comum e cotidiana, que tem como único propósito comunicar. Apesar de a linguagem empírica ter um papel importante, assim como a ciência, ela é a “expressão segunda” de algo anterior que não pode ser esquecido, ou nossa vida se encerraria em falsas verdades que nada mais são do que construções. Onde então residiria precisamente a diferença entre a linguagem empírica e a linguagem que Merleau-Ponty denomina de criadora, se ambas se constituem a partir do mesmo “fundo de silêncio”, para o qual o filósofo quer retornar? A diferença está no fato de que a primeira não sabe que é apenas uma construção, mostrando-se como um mundo previamente constituído, acabado e fora de nós, em que apenas habitamos e interpretamos. Já a segunda forma de linguagem se revela como criação, isto é, como um acontecimento, um inacabamento circunscrito ao “mundo originário”. Para Merleau-Ponty, a linguagem criadora não pode ser vista como uma verdade pré-estabelecida, mas como arte. No ensaio, Merleau-Ponty faz referência aos papéis do escritor e do pintor, atribuindo importância os dois, cada um ao seu modo. Porém, há em ambas as possibilidades de expressão, uma autonomia da linguagem na qual tanto o escritor, quanto o pintor, não possui um completo domínio sobre ela. A respeito da pintura, descreveremos nesse artigo, uma experiência narrada pelo pintor Matisse, que Merleau-Ponty também descreve no ensaio A linguagem indireta e as vozes do silêncio. No relato de Matisse é possível perceber que ao observar o movimento do pincel e o gesto da pintura, ele conclui que não tem uma determinação prévia de



significação para a sua pintura. Isso revela porque a significação se faz ao pintar, através do corpo do pintor que movimentava o pincel. Quando a linguagem do escritor também é expressiva, ela também não tem um comprometimento anterior com alguma significação.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Linguagem. Criação.



## A NATUREZA DA TEMPORALIDADE ENTRE CRÍTICA E METAFÍSICA: HENRI BERGSON E KANT

Gabriela Rocha De Almeida

[gabsamd1@gmail.com](mailto:gabsamd1@gmail.com)

### Resumo

A presente proposta objetiva tratar da crítica de Henri Bergson à concepção de ‘tempo’ exposta por Kant na *Crítica da Razão Pura*. Apresentadas no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, Matéria e Memória* e em *A Evolução Criadora*, as críticas bergsonianas acusam Kant de ter “especializado” o tempo, considerando-o um meio vazio homogêneo. Bergson argumenta que a concepção de ‘síntese’ da consciência assumida por Kant, ao reduzir o contato com o real à construção da inteligência, reduz o tempo à atuação simbólica desta. O direcionamento de Kant, no entanto, foi guiado por motivos claros no sentido de fundamentação dos juízos sintéticos a priori, de modo que o tempo enquanto estrutura a priori encontra-se inserido em um projeto influenciado pela ciência pura. Uma vez dada a discrepância entre pressuposições filosóficas distintas, a discussão em torno da concepção de tempo aponta para a base de suas visões sobre em que consiste o conhecimento e sobre o que é Filosofia. Com base em tal cenário, propomos a discussão da possibilidade de legitimação das críticas de Bergson a respeito de seu alcance e de sua limitação.

### Palavras-Chave

Tempo. Metafísica. Criticismo.



## A NOÇÃO DE INTERPRETAÇÃO EM AS PALAVRAS E AS COISAS

Lucas Bittencourt Vasconcellos  
[lucas.bittencourt.vasconcellos@usp.br](mailto:lucas.bittencourt.vasconcellos@usp.br)

### Resumo

Considerando o lugar privilegiado que Michel Foucault confere a Friedrich Nietzsche em seu diagnóstico do sono antropológico da modernidade, este trabalho busca investigar o papel da noção de interpretação, geralmente associada a esse filósofo alemão durante o período arqueológico, em *As palavras e as coisas*. Partindo desse objetivo, pretende-se explicar como as condições de possibilidade da interpretação são dispostas pela constituição da filologia no início do século XIX e, em particular, pela maneira como o problema moderno da significação é formulado por Foucault com base nas implicações da teoria do radical de Franz Bopp. Portanto, argumenta-se que, ao isolar a significação dos verbos nos seus radicais, esse filólogo teria imiscuído uma qualidade verbal no sentido expresso pela linguagem, firmando uma relação entre ela e a vontade humana segundo a qual as palavras conduziriam, por sua própria objetividade, ao poder de falar de um ser que lhes é exterior. Porém, ao ser retomada por Nietzsche, a noção de interpretação exploraria uma dimensão crítica da filologia, com base na qual seria possível demonstrar que a pergunta pelo sentido do ser do homem não pode superar as condições da experiência humana determinadas pela linguagem, porque a possibilidade de perguntar por esse sentido depende do modo como o problema da significação integra o próprio modo de ser das palavras. De modo que, ao destacar o uso nietzschiano da noção de interpretação, Foucault consegue reunir na própria configuração epistemológica da modernidade as condições necessárias para erigir um projeto filosófico que, ao se aproximar de uma reflexão sobre a linguagem, retoma a indagação sobre quem nós somos enquanto se mantém crítico à antropologia.

### Palavras-Chave

Michel Foucault. Friedrich Nietzsche. Interpretação.

**A SUBJETIVIDADE NA ENCRUZILHADA ENTRE LIBERDADE E HISTÓRIA:  
RELEITURAS DO DEBATE SARTRE – LUKÁCS**



Thiago Ayres De Menezes Silva  
[ayres-thiago@hotmail.com](mailto:ayres-thiago@hotmail.com)

Roberta Liana Damasceno Costa  
[robertafilos@gmail.com](mailto:robertafilos@gmail.com)

## Resumo

A problemática da consciência e sua possibilidade de agência no campo de uma história considerada cada vez mais avassaladora caracterizou uma parte substantiva do pensamento filosófico no século XX. Caso especialmente notável quando nos referimos àqueles que buscavam contribuir para uma ampliação da liberdade humana com o seu trabalho, casos como o de Jean-Paul Sartre e de György Lukács, ainda que cada um com tenha construído um percurso particular. Filósofos que discordaram publicamente por diversas vezes, é interessante constatar como compartilhavam muitas preocupações. Nesse trabalho, nos debruçaremos sobre a dialética entre liberdade e determinação histórica a partir da discussão que fez Sartre dessa questão a partir da temática da subjetividade, dando ênfase no papel de interlocutor virtual que Lukács desempenhou no desenvolvimento dessa linha investigativa da obra do pensador francês. Com isso, objetiva-se levantar uma crítica da subjetividade política, compreendendo seus limites e o seu alcance na tarefa da luta política por transformações que efetivem a liberdade humana.

## Palavras-Chave

Filosofia. Política. Subjetividade.





## ALBERT CAMUS E A REVOLTA METAFÍSICA NAS ARTES VISUAIS

Flávio Rocha De Deus  
[deus.flavior@gmail.com](mailto:deus.flavior@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho visa comunicar o papel da arte na filosofia da revolta de Albert Camus, destacando sua conexão com a revolta metafísica. Embora se encontrem algumas interpretações que enxergam, dentro do escopo de *O Homem Revoltado* (1951), a arte como uma terceira forma de revolta, distinta das revoltas histórica e metafísica, pode-se perceber, dentro da própria obra e demais escritos do filósofo, que a arte, como supomos, se mostra, na verdade, como uma variação positiva da revolta metafísica. Para Camus, a revolta metafísica é a insurreição do homem contra a criação. Ela questiona os fins do homem e do mundo, desafiando a deidade em vez de negá-la. É, portanto, o protesto do homem contra a condição ontológica humana. De igual forma, na teoria camusiana da revolta, a criação artística surge da insatisfação com a realidade e da busca por unidade, resultando em um universo alternativo que não prescinde do real. Nas artes visuais, especificamente na escultura e na pintura, Camus enfatiza a criação controlada de universos distintos pelos artistas, refletindo um estilo que ele chama de “fixação”. Esse conceito envolve a captura de um momento de perfeição e imobilidade que unifica e estiliza a realidade. Ele acreditava que a escultura e a pintura poderiam estilizar e aprisionar a essência fugaz da existência humana, proporcionando um instante de perfeição imóvel. Para Camus, tanto a escultura quanto a pintura transcendem a mera imitação da realidade, estilizando e imortalizando momentos significativos que encapsulam a complexidade da experiência humana.

### Palavras-Chave

Revolta Metafísica. Escultura. Pintura.



## ALTHUSSER, FOUCAULT E A QUESTÃO DO SUJEITO NA FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Lorena De Paula Balbino  
[lorenabalbino@hotmail.com](mailto:lorenabalbino@hotmail.com)

### Resumo

O presente projeto de pesquisa visa analisar como a filosofia e a reflexão sobre a política lidam com o problema da constituição do sujeito, particularmente dos anos 1960 ao início dos anos 1980, por meio de noções como assujeitamento, ideologia, modos de subjetivação, saber-poder. O interesse principal é avaliar a contribuição de diferentes ferramentas conceituais e analíticas trazidas pelas filosofias de Louis Althusser e Michel Foucault para o tratamento da questão. Pode-se dizer que os trabalhos de Althusser e Foucault se encontram em um momento singular de transição da filosofia francesa, marcada anteriormente pelas relações entre o existencialismo e o marxismo, no qual as questões em torno dessas relações foram transformadas e deslocadas, dando lugar a um aprofundamento crítico dos problemas caros à esses movimentos. Nesse sentido, enquanto a obra de Althusser faz parte de um movimento de renovação do marxismo, a obra de Foucault inclui um esforço crítico marcado por uma oposição ambivalente a ele e que, para se livrar dela, passa inevitavelmente por uma construção conceitual de adesão e oposição às teses de Althusser. À vista disso, a relação entre filosofia e política passa necessariamente pela interrogação da efetividade das teses marxistas e de seu alcance revolucionário. Por outro lado, a obra desses dois autores é marcada por uma rejeição do problema da existência e por uma crítica à tradição antropológica, o que exige uma reformulação das categorias substancialistas atribuídas ao sujeito. Esta crítica é desenvolvida por meio de uma reflexão sobre as relações entre consciência e alienação, história e processo, poder e saber. Assim, nossa hipótese é a de que essa perspectiva de análise pode ser abordada a partir da ideia de um movimento crítico em três partes: 1) a elaboração em ambos de uma crítica do sujeito substancialista herdado do humanismo clássico que passa necessariamente por uma reelaboração epistemológica das condições históricas dos discursos com pretensão científica; 2) o desenvolvimento de uma reflexão sobre a constituição do sujeito a partir de um processo de assujeitamento que o produz como



efeito; 3) e, por fim, procuraremos mostrar que o problema da efetividade da produção do sujeito aponta para a questão da possibilidade de uma contrapartida “ativa”, seja através de uma “resistência”, seja através de um modo de subjetivação que é um outro modo de conduzir-se.

### Palavras-Chave

Althusser. Foucault. Sujeito.



## ARTE E POLÍTICA MENORES EM DELEUZE: O IMPOSSÍVEL, A FABULAÇÃO E O POVO QUE FALTA NO CINEMA

Silene Torres Marques

[zuca@ufscar.br](mailto:zuca@ufscar.br)

### Resumo

Nosso objeto é apresentar algumas considerações sobre como Deleuze aborda a relação entre arte, política e minorias, em especial, no cinema, a partir de seu livro, “A imagem-tempo”. Nosso ponto de partida é ressaltar que, o que interessa a Deleuze, numa política de minorias, é o conjunto de impossibilidades com as quais elas são confrontadas. Ao contrário da ideia de que a política se move no elemento do possível, Deleuze faz da impossibilidade a condição da política. A impossibilidade de agir e de pensar tem o verdadeiro poder de gênese; a falência do pensamento e da ação força o pensar e o agir e assegura a sua necessidade. Também na arte, a criação não se dá com base nas possibilidades existentes, mas no seu esgotamento, no confronto com o impossível. Em “Kafka: Para uma literatura menor”, Deleuze e Guattari afirmam que a literatura menor tem como primeira característica ser a resultante expressiva traçada a partir de uma série de impossibilidades vinculadas, para Kafka, à situação da minoria judaica de Praga na época do Império Austro-Húngaro. “É preciso falar da criação como traçando seu caminho entre impossibilidades... É Kafka quem explicava: a impossibilidade para um escritor judeu de falar alemão, a impossibilidade de falar tcheco, a impossibilidade de não falar. (...) A criação se faz em gargalos de estrangulamentos. Mesmo numa língua dada, mesmo no francês, por exemplo, uma nova sintaxe é uma língua estrangeira dentro da língua. Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador” (Conversações, p. 171). O que se aplica à criação literária aplica-se a todas as artes, bem como a todas as formas de pensamento e ação. Destacaremos principalmente a abordagem de Deleuze sobre as transformações no cinema, a representação do povo e a fabulação.

### Palavras-Chave

Arte. Política. Minorias. Deleuze.



## AS CIÊNCIAS HUMANAS E A TAREFA DE REAPRENDER A VER O MUNDO

Matheus Hidalgo

[matheushidalgo@gmail.com](mailto:matheushidalgo@gmail.com)

### Resumo

Para Merleau-Ponty, a ausência da clareza e da distinção, marca registrada da experiência perceptiva, antes que um obstáculo intransponível ao conhecimento, instaura a oportunidade mesma de um alargamento da racionalidade para além dos marcos da tradição clássica do pensamento filosófico e científico, segundo as perspectivas antagônicas do empirismo e do intelectualismo, do realismo e do idealismo: quer a ênfase na relação de conhecimento recaia na existência do mundo empírico, ao modo do objetivismo e do realismo, quer recaia nas pretensas capacidades de um puro sujeito cognoscente, ao modo do subjetivismo e do idealismo, tais perspectivas ignoram, cada uma ao seu próprio modo, o primado da percepção, pois partilham de um pressuposto comum, ainda que implícito, acerca da possibilidade de um olhar teórico destacável, e como que fora, do tempo, do espaço e da história. A tese do primado da percepção implica, portanto, no reconhecimento da imbricação recíproca e incontornável entre os domínios da filosofia, de um lado, e o dos demais territórios do saber, ditos não-filosóficos, de outro. O presente trabalho tem como objetivo problematizar as fronteiras entre filosofia e ciências humanas à luz da afirmação segundo a qual “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Percepção. Ciências Humanas.



## CARNE E SEXUALIDADE NA HISTÓRIA DA SUBJETIVIDADE DE MICHEL FOUCAULT

Camila Carpen

[camilacarpem@hotmail.com](mailto:camilacarpem@hotmail.com)

### Resumo

Nosso trabalho tem em vista, a partir da publicação recente de *As confissões da carne* (2017), a exposição das experiências cristã da carne e moderna de sexualidade segundo o plano de uma “história da subjetividade”. Neste contexto, as práticas desenvolvidas por cada uma das experiências compartilham um elemento em comum, o sujeito de desejo/sujeito desejanste. Ao mesmo tempo, são experiências irreduzíveis uma à outra. Nosso objetivo é, tendo em vista que as práticas de poder são sobretudo, práticas de subjetivação, explicitar a singularidade de cada uma destas experiências, demarcando a fundamental relevância da experiência da carne para a formação de um sujeito de sexualidade. É precisamente pelas práticas de subjetivação do cristianismo primitivo, no que tange a produção de uma relação específica do sujeito consigo mesmo, que a modernidade vai explorar e fazer dessa relação o substrato principal de suas tecnologias de poder. Isto é, tanto na perspectiva do poder pastoral cristão, quanto na perspectiva do poder biopolítico, o desejo é o elemento central, instrumentalizado e que organiza ambas as experiências, sendo o desejo a possibilidade de apreensão do sujeito como objeto de conhecimento para si mesmo e para as práticas de poder na modernidade.

### Palavras-Chave

Carne. Sexualidade. Subjetividade.



## DA FIOLOGIA À SEMÂNTICA: METÁFORA E DISCURSO FILOSÓFICO EM NIETZSCHE E PAUL RICOEUR

Leonardo Magalde Ferreira  
[leonardo.magalde@ufabc.edu.br](mailto:leonardo.magalde@ufabc.edu.br)

### Resumo

A presente comunicação possui um duplo objetivo: discutir o posicionamento de Friedrich Nietzsche sobre a relação entre metáfora e discurso filosófico e confrontar suas considerações com os avanços obtidos pelas novas teorias da metáfora, em específico a do filósofo francês Paul Ricoeur. A intuição que norteia nossa abordagem é de que tais interpretações são antagônicas, sobretudo devido as implicações relacionadas à definição de metáfora em cada autor. Enquanto Nietzsche abre mão de um elemento primordial para o funcionamento da metáfora, a saber, o componente semântico em prol do fisiológico, Ricoeur defende ser justamente a abertura semântica proporcionada pela metáfora o seu principal atributo. Neste contexto, entendemos que o movimento operado por Nietzsche resulta em uma interpretação redutora, principalmente quando lembramos que suas considerações sobre a metáfora se dão em um âmbito retórico, não levando em consideração as implicações da metáfora no campo da poética. Em outras palavras, a generalização da metáfora operada por Nietzsche em suas considerações sobre a retórica não deixou espaço para uma leitura atenta deste artifício enquanto componente poético ao passo que, em Ricoeur, há uma intensa ampliação de sentido quando abordada sob este viés. Assim, se considerarmos a metáfora como elemento predominantemente semântico, especialmente em sua vertente poética, entendemos que uma nova relação entre metáfora e discurso filosófico pode surgir. Uma relação pautada principalmente na complementariedade entre discursos, pois caberia à filosofia, segundo Ricoeur, o papel de interpretar a função teleológica da linguagem presente na metáfora poética, visto que, sob essa ótica, sua finalidade seria sempre a compreensão de um novo referente.

### Palavras-Chave

Metáfora. Discurso. Filosofia.



## DA PRESENÇA DESCARNADA À AUSÊNCIA ENCLAUSURADA: A CONSCIÊNCIA CRÍTICA E A EXCLUSÃO DA LOUCURA

Victor Lucas Caixeta

[victor.caixeta.filo@gmail.com](mailto:victor.caixeta.filo@gmail.com)

### Resumo

Em *História da Loucura*, Foucault tem como objetivo principal contrariar a pretensão de objetividade da psiquiatria e da psicologia positivistas nascidas no século XIX, mostrando, na circunscrição de sua constituição a certas condições históricas, o conteúdo precipuamente moral de suas acepções teóricas e práticas. Sem se deter apenas à modernidade, a investigação retrocede a outras épocas para fazer precipitar ali, do interior de todo um conjunto de diferentes percepções e procedimentos – médicos, religiosos, institucionais, artísticos, políticos e filosóficos – acerca da loucura, um movimento de continuidades, descontinuidades, transformações, encobrimentos, disfarces, decisões que culminam neste veredito último de doença mental imputado a ela. Segundo Foucault, uma dessas decisões fundamentais diz respeito à exclusão da loucura do seio da civilização ocidental europeia. Nova concepção, refletida em todas as expressões culturais da chamada idade clássica, aqui a loucura é o não-ser da razão, portanto, sem direito à cidadania, relegada aos espaços do fora, sendo os muros do internamento a representação mais simbólica dessa proscricção. Entretanto, se novidade histórica, tinha na renascença, o tempo precedente, tratamento diverso. Ainda pertencente ao mundo, ali a loucura se dava a uma experiência trágica, que a respeitava como um pervasivo poder cósmico de dissolução jazendo no coração da realidade, e a uma consciência crítica, em que a razão estabelecia com ela, dentro do homem, uma relação de espelhamento, de troca, de acolhimento. Ora, como se deu, pois, a passagem de uma concepção de cumplicidade, fundamental e necessária até, para outra excludente, alienante? O escopo de nosso trabalho é justamente expor, segundo a argumentação foucaultiana, a transformação de uma percepção independente da loucura, que passa a uma imbricação de dependência mútua com a razão, para, logo depois, se perder na anulação e no silenciamento. Para tanto, considerado o ponto chave de tal percurso essa consciência crítica, procuraremos defini-la ressaltando o aspecto ambíguo desta interiorização da loucura no homem, em





contraste com a perspectiva cósmica trágica. É que, se naquela estrutura perceptiva têm-se uma estreita intimidade capaz mesmo de conduzir à confusão entre razão e loucura, por outro lado, é precisamente esse encontro, de implicação moral e com repercussão epistêmica e ontológica, o germe de uma separação que selará o destino de subjugação de uma pela outra.

### Palavras-Chave

Foucault. Loucura. Exclusão.



## DEPOIS DE CANGUILHEM, CANGUILHEM DE NOVO

Philippe Claude Thierry Lacour

[philo@philippelacour.net](mailto:philo@philippelacour.net)

### Resumo

Esses últimos anos, teve uma onda de críticas à obra de Georges Canguilhem, contrastando com as homenagens clássicas ao mestre, sobre tudo no contexto da comemoração do aniversário de O Normal e o patológico. O livro de Élodie Giroux, *Après Canguilhem* (“Depois de Canguilhem”, 2010) é emblemático dessa vertente, característica de uma nova geração de pesquisadores. De fato, vários alunos do filósofo da biologia Jean Gayon (ele mesmo se considerando discípulo de Canguilhem), falecido recentemente, consideraram a obra de Canguilhem de maneira crítica, apontando para as suas lacunas, aproximações, ou simplesmente ou sua dimensão antiga e já superada no olhar dos desenvolvimentos da medicina recente. Porém, a publicação recente das obras completas do filósofo francês, como também a abertura dos arquivos da sua biblioteca, no CEPERC, em Paris. Nessa apresentação, retomarei as principais críticas que foram feitas à obra de Canguilhem, tentando ponderá-las e avaliá-las. Mostrarei, em seguida, em que sentido as intuições fundamentais de Canguilhem permanecem cruciais para nortear uma reflexão contemporânea sobre a medicina e os seus desafios.

### Palavras-Chave

Canguilhem. Críticas. Medicina. Defesa.



## DO IMPULSO VITAL À HUMANIDADE: ENERGIA, TÉCNICA E MÁQUINA NA METAFÍSICA DA VIDA DE BERGSON

Fábio Coelho Da Silva

[fabiocoelho@ufu.br](mailto:fabiocoelho@ufu.br)

### Resumo

O tema da energia aparece em todo o itinerário filosófico de Henri Bergson. Pretendemos evidenciar que há duas maneiras de avaliar essa questão na obra bergsoniana: a primeira consiste em verificar como o filósofo francês estabeleceu considerações sobre teses e hipóteses científicas, tais como, por exemplo, sobre a teoria da conservação de energia; a segunda consiste em examinar como a temática da energia torna-se uma peça-chave para compreender a sua proposta metafísica ou, mais especificamente, como a noção de energia é incorporada para a concepção de uma “metafísica da vida”. É certo que os dois pontos se encontram na perspectiva bergsoniana. Isso porque o advento da ciência obedece à estruturação da “maneira humana de pensar” em seu vínculo com a marcha natural da inteligência. No entanto, para realizar uma espécie de crítica da crítica, que ultrapassa a delimitação de competências das faculdades de conhecimento, a filosofia é compelida a refletir sobre a gênese, o desenvolvimento e a finalidade da própria inteligência. Assim, longe de contribuir apenas para chancelar a consistência de uma teoria científica, a investigação filosófica deve debruçar-se sobre o enraizamento vital da condição humana – sobretudo de sua capacidade de fabricação – com a intenção de investigar como os quadros do conhecimento são arquitetados e como eles excluem um aspecto fundamental da realidade, a saber, a duração. Ao elucidar esse *modus operandi* da espécie humana, a filosofia aproxima-se gradualmente da experiência concreta e profunda das coisas, expondo assim uma espécie de ligação simpática entre interioridade humana e totalidade do Universo. Esse é o fio condutor do ensaio *A evolução criadora*, de 1907, cujo debate com as teorias evolucionistas assume uma posição decisiva para a reestruturação da metafísica e, em especial, como propomos demonstrar, para a compreensão de que a energia é decisiva para os seres vivos. Mais especificamente, em seus diversos desdobramentos, a história da vida progrediu com a obtenção de energia solar pelas plantas, a qual, por sua vez, subsidiou a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



complexidade de órgãos sensoriais, aparelhos motores e sistema nervoso em outras espécies. Por fim, enfatizando a evolução dos animais, examinaremos como a capacidade humana potencializou a utilização e a produção de energia para a invenção cada vez mais sofisticada de máquinas de fabricar máquinas.

## Palavras-Chave

Vida. Energia. Humanidade.



## DON JUAN E A ALTERIDADE INERENTE AO ABSURDO NA FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS

Pablo Petravicius Vieira  
[pablopetravicius@live.com](mailto:pablopetravicius@live.com)

### Resumo

Propõe-se analisar como a imagem de Don Juan, explorada por Albert Camus no Mito de Sísifo, expressa certas disposições éticas fundamentais, assimila e aprofunda a compreensão do sentido epistemológico e metafísico da filosofia do absurdo. Trata-se, à maneira do sedutor, do entendimento de um princípio temporal apercebido no corpo próprio, que contém, de modo elementar e autêntico, a dualidade da vida e constitui, para além de princípios lógicos, a delimitação do próprio campo de possibilidade, diretamente derivado da compreensão ontológica da presença conflitiva diante da própria existência, pendular entre o interior e o exterior, o sentido e a indiferença, a identidade e a estranheza. Assim, Don Juan permite-nos entrever, com alguma nitidez, certas disposições da ética absurda, os valores vitais situados no tempo, no prazer, no corpo, na oposição ao qualitativo nostálgico pela quantidade repetitiva do que não se acumula e do que se perde, isto é, a ausência da genuína esperança, a convicção pela vida diante da clareza mais sórdida do vazio e do absurdo de si mesmo, equilibrada sobre uma presença, fundamental e precária, que entrelaça o sensual e o nostálgico, mas que fundamentalmente reconhece um outro na sua constituição, uma vez que a vida é uma unidade ambígua do tempo, remetendo constantemente a um distinto que não corresponde absolutamente às suas expectativas. Trata-se da consciência de uma verdade que trinca a existência e persiste, aposta na ferida. Afinal, quem, neste mundo desafortado, poderia viver uma existência consagrada ao tempo sem futuro, que em cada momento da vida contenha uma morte e um fôlego para recomeçar uma tarefa insaciável? Como se sustentar diante de uma condição desfavorável, na qual nenhum conhecimento é portador de progresso, senão de consequências fatídicas às quais é preciso aceitar sem, contudo, resignar-se? Trata-se de um raciocínio que entra em conluio com a vida, que conspira com o tempo, no qual cada ato anseie o frêmito de uma doação integral e que, ainda assim, resguarda uma suspeita íntima, afinada com o segredo adormecido das pedras, e cúmplice de uma presença, absoluta na sua



fugacidade. Como pensar a alteridade, que fora o convívio do pensamento com a natureza, sobretudo em Núpcias e o Verão, numa vivência possível e real, onde possamos entrever algumas das consequências éticas da vida de um espírito absurdo? Acaso poderia este espírito nômade, que colhe sem se apropriar, ser livre e, ainda quem sabe, feliz?

### **Palavras-Chave**

Camus. Absurdo. Alteridade.



## ECONOMIA GERAL: DISPÊNDIO, ENERGIA E A PARTE MALDITA

Bárbara De Barros Fonseca

[aburbura@gmail.com](mailto:aburbura@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação visa explorar as origens do conceito batailleano de economia geral. Partiremos da construção da noção de dispêndio e sua relação com a etnografia, além de influências de conceitos freudianos e da luta de classes. Após essa contextualização, analisaremos o caminho trilhado para a virada da economia geral a partir de um paradigma energético. Esse caminho passa pela influência de George Ambrosino, físico nuclear que introduz Bataille em diversas temáticas científicas. A termodinâmica, ciência do calor, exerce um papel crucial nessa virada energética do pensamento batailleano. Trabalharemos essa passagem da mecânica newtoniana para a termodinâmica, que ocorre com a introdução da noção de irreversibilidade e seus consequentes desdobramentos na perda energética e na entropia. Deste modo, analisaremos como Bataille, enfático na crítica ao paradigma utilitário, é influenciado por essa “parte maldita energética”, de uma energia que não é apropriável, que é condenada à perda. Bataille desenvolve sua economia à medida do universo conferindo um caráter ontológico a essa energia excessiva, compreendendo que o surgimento da vida no globo terrestre é originário dessa energia excessiva que não se restringe ao necessário para uma subsistência, mas sempre excede e transborda – como no sexo e na morte -. Desta maneira, Bataille entende a economia geral dentro de um contexto de realização inútil do universo, acarretando numa crítica ao paradigma utilitário que reverberada no âmbito cósmico. Após essa análise do surgimento da economia geral, tentaremos situá-la em relação às economias restritas, destrinchando possibilidades de compreensão dos conceitos dentro da teia ontológica do pensamento batailleano, especulando sobre a possibilidade de um puro dispêndio e a possibilidade da economia geral como um horizonte no pensamento do excesso.

### Palavras-Chave

Economia Geral. Georges Bataille. Excesso.



## EM TORNO DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM BERGSON E BENJAMIN

Tarcísio Jorge Santos Pinto  
[tarcisio.pinto@ufjf.br](mailto:tarcisio.pinto@ufjf.br)

### Resumo

Através deste trabalho procuramos avançar na discussão, que desenvolvemos há um tempo atrás, do conceito de experiência nas obras do filósofo francês Henri Bergson e do filósofo alemão Walter Benjamin. Após o movimento inicial de pesquisa e reflexão realizado naquele momento, motivados recentemente pela convocação, a partir de uma orientação de doutorado, para ministrar uma disciplina de pós-graduação, temos buscado ampliar e aprofundar nossa abordagem. Com este objetivo, além dos textos que já havíamos lido e estamos recentemente relendo, temos pesquisado e estudado novos textos nos últimos tempos. Assim, no horizonte deste novo trabalho que apresentamos à Anpof, tomamos também como referências importantes tanto outros textos da juventude quanto outros textos da maturidade de Bergson e de Benjamin, reconhecendo as relações que têm com momentos determinados de suas histórias de vida e de suas trajetórias intelectuais. É certo que cada um dos dois pensadores contemporâneos elabora uma concepção própria do conceito de experiência, bem como estabelece desdobramentos específicos do mesmo nas diferentes argumentações que desenvolve. Todavia, permanecemos encontrando alguns aspectos de suas concepções que, no nosso modo de ver, convergem e até se aproximam intimamente. Na ampliação do nosso estudo desse referido conceito de experiência em Bergson e em Benjamin, continuamos a abordar sua relação com outros conceitos fundamentais tais como enfocados pelos dois pensadores contemporâneos, a saber, os conceitos de tempo, de memória, de vida, de natureza, de cultura, de história, de arte, de linguagem, de religião, entre outros. Concluimos que, tanto para o filósofo francês quanto para o filósofo alemão, de fato, o conceito de experiência se apresenta como essencial para estruturar muitas das suas ideias marcantes, as quais acabam abrindo perspectivas inovadoras para a metafísica, a teoria do conhecimento, a ética, a estética, a filosofia política, a filosofia da história, a filosofia da linguagem, a filosofia da natureza, a filosofia da religião e, também, como temos procurado explorar, para a filosofia da educação.

### Palavras-Chave

Henri Bergson. Walter Benjamin. Experiência.





## FENOMENOLOGIA DA DIFERENÇA SEXUAL: DE SIMONE DE BEAUVOIR AOS NOSSOS DIAS

Luiza Helena Hilgert  
[luizahilgert@hotmail.com](mailto:luizahilgert@hotmail.com)

### Resumo

Uma das mais valiosas contribuições do feminismo para a filosofia talvez tenha sido a ampliação das perspectivas de compreensão acerca dos mais diversos temas em um contexto mais amplo das discussões teóricas abarcando as visões específicas das mulheres, que foram, como sabemos, historicamente negligenciadas. Simone de Beauvoir inaugurou o que hoje tornou-se conhecido como fenomenologia feminista ao fazer do uso do método fenomenológico existencialista para pensar os fatos e os mitos, além da experiência vivida de ser mulher. A fenomenologia representa a tentativa de superação do problema da universalização da visão particularizada promovida pela história da filosofia por meio da análise das essências e pode ser pensada como a descrição das experiências que são, ao mesmo tempo, individuais e singulares, mas também compartilhadas e genéricas. O que permite incluir as experiências das mulheres em suas investigações. Importante lembrar que essências, em fenomenologia, significam as estruturas que permitem determinado fenômeno, neste caso, se nos referimos ao fenômeno da experiência, da subjetividade generificada, nos referimos à compreensão sobre como essas estruturas se particularizam e se singularizam nos diferentes gêneros. Na aproximação entre fenomenologia e gênero teríamos, então, uma fenomenologia feminista ou, se se preferir, um feminismo fenomenológico. Silva Stoller analisa a origem dessa aproximação e o desenvolvimento da fenomenologia feminista no artigo *What is feminist phenomenology?* e classifica fenomenologia feminista como uma abordagem que trata de descrições da experiência vivida, aplicando o método fenomenológico à pesquisa feminista partindo de um contexto feminista. O objetivo da presente comunicação é apresentar o trabalho de algumas teóricas cujo mote parte de teorias oriundas da aproximação promovida por Beauvoir entre fenomenologia e gênero, por exemplo, Johana Oksala, Sandra Lee Bartky e Iris Young.

### Palavras-Chave

Subjetividade. Corpo. Consciência.



## FOUCAULT E LACAN: ÀS VOLTAS COM A QUESTÃO DO SUJEITO

Raphael Souza Borges Junior  
[rsb-junior12@live.com](mailto:rsb-junior12@live.com)

### Resumo

A questão mais fundamental e que atravessou toda a obra de Foucault sempre foi o sujeito. Sua maior preocupação era, pois, fazer uma crítica do sujeito, que se desenvolve por meio do desfazimento da concepção de um sujeito fundante, originário, transcendental. Ou seja, não há um sujeito preexistente, de onde tudo mais se desenrolaria. Por essa razão, tal crítica gira em torno do problema da constituição: o sujeito é algo constituído. Com efeito, no limiar da problemática do sujeito na trajetória de Foucault, encontra-se uma aproximação com a psicanálise. Sabe-se que Foucault, ao longo de sua obra e de seus cursos, parece ter uma relação ambígua com a psicanálise: ora tem um lugar privilegiado, como em “As Palavras e as Coisas” (1966) e em “A Hermenêutica do Sujeito” (1981-1982), ora é entendida como um dispositivo, e, portanto, como elemento operador de poder, como em “História da Sexualidade – a Vontade de Saber” (1976). Todavia, a crítica de Foucault à psicanálise, por um lado, parece ter determinados destinatários: primeiramente, dirige-se aos pós-freudianos e, em seguida, ao próprio Freud. Por outro lado, o autor parece dar um lugar especial a Lacan: Foucault o vê como alguém que fazia da psicanálise menos um processo de normalização dos comportamentos do que uma teoria do sujeito. De fato, a psicanálise lacaniana, em sentido contrário ao rumo que os pós-freudianos tomaram, intenta o projeto de fazer uma ciência do sujeito e isso se dá a partir do reconhecimento de que o sujeito é inconsciente. Quer dizer, ele não é evidente por si mesmo, pelo contrário, ele se dá a partir de um desconhecimento, de uma negatividade. Aparece, enfim, como algo “desaparecente”. Em Lacan, o sujeito sempre terá o sentido de “vazio” e de “falta-a-ser”. Em primeiro lugar, porque ele é marcado pela ausência e pelo desconhecimento e, em segundo lugar, porque ele é constituído pelo desejo do outro e, por consequência, pela falta. Tendo em vista isso, o objetivo desse trabalho é compreender a forma com que Foucault e Lacan, inseridos em um contexto comum de formação, partem de um problema semelhante, qual seja, o caráter de negatividade de que o sujeito é fundado e, a despeito de seguirem rumos e métodos diferentes, chegam, pode-se dizer, à mesma conclusão: que o sujeito é sempre da ordem da constituição e, por conseguinte, que o sujeito é marcado por um vazio, isto é, por algo que “não é”, por um falta-a-ser.

### Palavras-Chave

Foucault. Lacan. Sujeito.



## FOUCAULT, SER E PENSAMENTO

Rodrigo De Oliveira Figueiredo  
[rodrigo.oliveira.figueiredo@usp.br](mailto:rodrigo.oliveira.figueiredo@usp.br)

### Resumo

Nos anos 80, Foucault passa a utilizar-se frequentemente da noção de ser, seja para pontuar que suas últimas pesquisas buscariam compreender os modos pelos quais o ser foi pensado e problematizado, seja para associar, no curso dado em 1982 no Collège de France, a noção de espiritualidade com uma modificação no ser mesmo do sujeito. Na mesma época, ele insere seu pensamento no interior de uma tradição denominada por ele de ontologia do presente. Posto isso, pretendo balizar minha apresentação pela tentativa de compreender dois problemas: 1) a maneira como Foucault entende a ideia de pensamento em suas pesquisas finais; 2) o sentido da apresentação que ele faz do seu fazer filosófico como um trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento. Nossa hipótese de trabalho passa por uma abordagem do papel de Heidegger para a constituição do pensamento foucaultiano. Tentaremos clarificar, a partir do modo como Foucault se utiliza da abordagem de Heidegger sobre a verdade, o sentido de seus estudos sobre subjetividade e verdade. Longe de representar um deslocamento rumo a temas como o do esquecimento ou da origem, sua reapropriação final de Heidegger parece cumprir um papel estratégico e específico. Mostraremos, ademais, como Foucault inverte a questão de Heidegger sobre a técnica, com ênfase na sua intenção de pensar a especificidade das técnicas correlatas ao “si mesmo” em cada momento de nossa história. Acreditamos que essa ênfase ajudará a compreender por que, afinal, fazia sentido estudar, em uma “história das técnicas de si”, os modos como os antigos problematizavam a própria atividade – isto é, como eles problematizavam seus próprios modos de ser. Ressaltaremos que tal problematização relacionava-se diretamente com a formação de práticas refletidas e voluntárias pelas quais os homens buscavam se modificar, as chamadas “artes da existência”. Percorridos esses pontos, poderemos compreender como, na medida em que se inseria numa tradição crítica do pensamento, Foucault afirmava sua intenção de contribuir para o aparecimento de outros tipos de práticas pelas quais os homens – “nós mesmos” – poderiam tentar modificar-se em seu ser singular. Por meio dessa articulação tardia ontologia e

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



presente, esse pensamento pode ter dado sua contribuição decisiva para uma importante questão filosófica da modernidade, qual seja: em que medida o exercício de pensar a própria história pode abrir espaço para outras formas de pensar – para outras formas de ser?

## Palavras-Chave

Ser. Pensamento. Presente.



## INFLUÊNCIA E CONTRAPOSIÇÃO: ESCOLA DE FRIBURGO E FENOMENOLOGIA EM NASCIMENTO DA BIOPOLÍTICA

Lívia Francisco Arantes De Souza

[liviaarantes@ufscar.br](mailto:liviaarantes@ufscar.br)

### Resumo

Em 07 de fevereiro de 1979, na quinta aula do curso Nascimento da biopolítica, Foucault apresenta o que ele chama de análise estratégica do discurso neoliberal alemão da Escola de Friburgo, com a qual visa identificar três pontos: o objetivo desse discurso, o campo de adversários contra o qual ele se ergue e de que maneira ele atravessa conceitualmente esse campo adversário para alcançar seu objetivo. Esse trabalho ressalta dois aspectos que compõem essa análise: com mais profundidade, o fato de Foucault enfatizar a influência exercida nesses autores pela fenomenologia de Husserl e, de maneira breve, para um aprofundamento posterior, a relação que ele estabelece entre os exercícios empreendidos pelas escolas de Friburgo e de Frankfurt no sentido de oferecerem respostas distintas e opostas, a partir de uma influência weberiana, a questões semelhantes que dizem respeito à irracionalidade do capitalismo. A partir desse panorama oferecido por Foucault, o trabalho coloca em relevo os movimentos realizados nessa aula para, numa mirada retrospectiva e prospectiva de sua trajetória, oferecer apontamentos sobre a relação do discurso analisado por Foucault da Escola de Friburgo e o campo no qual insere suas próprias pesquisas. Para tanto, propomos investigar o papel desempenhado pela fenomenologia de Husserl na contraposição foucaultiana a um tipo de pensamento tido como antropológico.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Neoliberalismo. Economia.



## LE PROBLÈME DE LA PAROLE: A LITERATURA E O ENGAJAMENTO DO ESCRITOR SEGUNDO MERLEAU-PONTY

Iracy Ferreira Dos Santos Junior

[jrgbi@usp.br](mailto:jrgbi@usp.br)

### Resumo

Os cursos Recherches sur l'usage littéraire du langage e Le problème de la parole, ministrados por Merleau-Ponty no Collège de France em 1953 e 1954, testemunham seu inegável apreço pela literatura, ou melhor, pela escrita literária – este lugar onde é possível reunir a experiência individual do escritor e o horizonte cultural e histórico que ele partilha. Como muitos autores de sua época, ele se pergunta: O que é a literatura? Como ela é possível? O que o escritor pode oferecer ao filósofo? Sem dúvida, na modernidade, as fronteiras entre esses domínios do espírito eram porosas e a distinção entre eles, sutil. Isso porque pensar a literatura não estava dissociado das reflexões sobre política e engajamento dos intelectuais, sobre história, linguagem e intersubjetividade, sobre uma teoria da comunicação e da cultura, muito menos sobre o sentido ontológico da própria literatura, o sentido de sua palavra criadora no contato com o ser. Considerando o lugar que a literatura ocupa nesses cursos, desejamos apresentar a compreensão de Merleau-Ponty sobre o engajamento do escritor – iluminado pela pergunta paradoxal “quem escreve? O homem ou o autor?” – para destacar a relação entre obra e vida e demarcar as diferenças em relação à noção de engajamento de Sartre. Para Merleau-Ponty, o homem é um animal de palavras, um ser de fala. No entanto, quando se trata do escritor, mais do que isso, ele é alguém para quem a palavra constitui o próprio sentido da vida, do qual Proust é um exemplo, já que este faz da palavra, como escritura, sua vida. Ou seja, sua vida é inteiramente consagrada à escritura, seu personagem, o narrador, é um homem que descobre pouco a pouco sua vocação de escritor. Tais afirmações colocam em questão a função, a responsabilidade e a condição do escritor enquanto “homem que escreve”, que mantém uma relação com o leitor e com o mundo sensível que apela à expressão. Diante disso, pretendemos mostrar que, para Merleau-Ponty, a partir da obra de Proust, o engajamento é, de imediato, uma maneira singular de viver uma vida na linguagem, mais do que o resultado de uma postura moral ou política adotada pelo



escritor. Em outras palavras, enquanto a questão do engajamento da literatura tem, para Sartre, um sentido existencial, moral e político, para Merleau-Ponty, ela possui um sentido existencial e ontológico, já que o escritor existe como ser de fala, homem da escrita.

### **Palavras-Chave**

Merleau-Ponty. Literatura. Engajamento.



## MERLEAU-PONTY: CARNE E DIFERENÇA

André Dias De Andrade  
[andre-dias@usp.br](mailto:andre-dias@usp.br)

### Resumo

No percurso filosófico de Merleau-Ponty, a distinção entre a ordem humana e a natureza física e animal torna-se cada vez mais elusiva. O autor começa por descrever a encarnação da consciência no corpo em seus primeiros trabalhos e, posteriormente, aprofunda a relação de encarnação do corpo próprio no mundo. Alguns rotularam tal passo dado na sua “última” ontologia como uma forma de anti-humanismo, sugerindo que ele poderia ressuscitar prejuízos metafísicos já enterrados (cf. Lévinas, 1983-4; Deleuze-Guattari, 1992; mas também novos realistas como Harman, 2005). Defendemos que, paradoxalmente, é o surgimento de uma dimensão meta-física no interior da physis, fundamentada em um conceito muito próprio de diferença, que permite compreender a experiência humana dentro desta ontologia. Pensá-la como uma ontologia da diferença possibilitaria dar conta da ontogênese como um todo. Evidentemente, é preciso pensar como a natureza desdobra uma tal capacidade intrínseca de superação, a qual se desdobra em processos distintos de individuação, sobretudo na percepção e na linguagem. Partimos aqui da descrição que Merleau-Ponty realiza das formas (Gestalten) perceptivas e verbais para pensá-las como produtos de processos internos de diferenciação. 1) No nível perceptivo, a diferenciação baseia-se em valências distintivas dentro do campo (em hyleen ou dados sensoriais que funcionam de modo diacrítico), sem a necessidade de estabilização de uma referência única. Este nível parece se estender à totalidade dos sinais e códigos animais. 2) No nível linguístico, a diferenciação opera em equivalências estruturais (signos diacríticos), progredindo em direção à referência propriamente dita ou, em linguagem fenomenológica, à “coisa mesma”. No limite, é possível compreender tanto a unidade quanto a diversidade entre seres a partir destes processos, trazendo à tona a especificidade do ente humano como um tipo de “animal referencial”, sem contudo cortar sua profunda conexão com a totalidade do ser físico e animal, naquilo que Merleau-Ponty denomina “carne” em seus últimos escritos.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Ontologia. Diferença.





## METAFÍSICA, DESCONTINUIDADE E VIDA. BACHELARD, LEITOR DE BERGSON

Fábio Ferreira De Almeida  
[fabio\\_ferreira\\_almeida@ufg.br](mailto:fabio_ferreira_almeida@ufg.br)

### Resumo

O objetivo central da presente comunicação será apresentar a hipótese de que a leitura de Henri Bergson foi determinante na constituição da filosofia de Gaston Bachelard, a despeito mesmo de tudo aquilo que este recusa do bergsonismo. Buscaremos destacar dois aspectos que se nos apresentam como centrais nessa leitura: a reivindicação bachelardiana de uma metafísica, sem o que não poderia haver filosofia, e o tema da vida. Este é, por certo, um dos eixos do livro de 1936, *A dialética da duração*, mas também é uma questão que se pode reconhecer em toda “filosofia literária” de Bachelard, o que, de acordo com nossa hipótese, ressoa aquela presença de Bergson no bachelardismo. A importância da relação entre os dois filósofos tem sido reconhecida há décadas por intérpretes e comentadores. Frédéric Worms, por exemplo, identifica uma “ruptura de Bachelard com Bergson” e a situa no “ponto de unidade da filosofia do século XX na França”. Mas não nos parecer ser assim tão nítido que a “filosofia do não” e do “novo espírito científico” se constitui numa oposição ou ruptura com intuição da continuidade que orienta a filosofia bergsoniana da duração. Parece ser neste sentido que Marie Cariou afirma, em seu estudo *Bergson et Bachelard*, que “a relação de Bachelard a Bergson não é imediatamente clara e distinta”. Bergson foi o único filósofo ao qual Bachelard dedicou uma atenção especial, e a ironia expressa nos títulos da década de 1930, “A intuição do instante” e “A dialética da duração”, não refletem, como tentaremos sugerir, nem um anti-bergsonismo nem um não-bergsonismo do filósofo do repouso. Em um artigo luminoso, escrito para *Encyclopédie Universalis*, Georges Canguilhem afirma que quando Bachelard quis pensar sobre o problema da vida (que ademais é um problema eminentemente metafísico), ele escreveu *Lautréamont*. Esse é, com efeito, o ensaio que, como também buscaremos indicar, permite compreender melhor o sentido do “bergsonismo descontinuo” reivindicado pela filosofia bechelardiana e que se espria tanto por sua epistemologia, quanto por sua meditação acerca das imagens literárias.

### Palavras-Chave

Metafísica. Descontinuidade. Vida.



## O DILEMA DA JUSTIÇA DOS TRIBUNAIS: IMPUNIDADE E VINGANÇA

Paulo Henrique Laurencio Dos Santos

[paulolaurencio@gmail.com](mailto:paulolaurencio@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação faz parte de uma pesquisa maior que busca a possibilidade de uma leitura restaurativa da justiça em Paul Ricoeur e, então, o lugar do perdão na ordem jurídica. Nesse caminho, é fundamental compreender a noção que Ricoeur traz da ação judicial, cujo objetivo seria “transferir os conflitos do nível da violência para o nível da linguagem e do discurso”. Tal dinâmica, assegurada pela proibição da tutela privada e afirmação da legitimidade estatal enquanto titular das ações penais em geral, busca afastar a perspectiva de vingança, incompatível com a justiça, e propõe um percurso dialogal. Ocorre, como aponta Ricoeur, que por uma série de dificuldades no proceder estatal e judicial, o espírito de vingança acaba por persistir no correr da ação penal, cuja sentença acaba por confirmar muitas vezes, dadas suas consequências, o sofrimento imputado ao culpado por conta de seu erro. Diante disso, fica evidente certo fracasso do processo judicial que busca substituir a violência tão própria da vingança por uma dinâmica da palavra, argumentativa. De tal modo, como parte de uma pesquisa maior que busca apontar a possibilidade do perdão na ordem jurídica como uma resposta à questão da vingança, deseja-se nesta apresentação destacar a perspectiva processual penal, ideal e real. De tal modo, objetiva-se inicialmente evidenciar a marcha processual promovida pelo judiciário para questões particulares, especialmente de ordem criminal, na qual o discurso e a palavra se mostram centrais. No entanto, há sempre o risco de se fazer da justiça estatal apenas um meio diferente na busca da vingança, não mais direta mas intermediada por um terceiro. Nesse sentido, mais que responsabilização e reparação, a sentença judicial em vez de por fim, reabre um período de sofrimento a uma das partes como resposta pela sua culpa, sem restaurar propriamente os laços e a paz. A partir da perspectiva de Ricoeur sobre vingança e justiça, deseja-se chegar ao ponto que fica clara a possibilidade do perdão que, em sua concepção e ponderações, pode ser um horizonte, ainda que não específico da ordem da equivalência judicial. O perdão, como perspectiva restaurativa, foca-se em levar a sério a força da palavra no decorrer do processo, e trazer para essa dinâmica



cada vez mais as partes envolvidas, e não apenas os intermediários. A base da presente comunicação são os escritos do autor presentes em O Justo I e II, por meio de pesquisa bibliográfica.

### Palavras-Chave

Justiça. Discurso. Ricoeur.



## O DISPÊNDIO ENQUANTO NOÇÃO: A ORIGEM DO PENSAMENTO ECONÔMICO DE GEORGES BATAILLE

Lauro Eusébio

[lauroeusebio@gmail.com](mailto:lauroeusebio@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho examina os argumentos e o contexto do ensaio *A noção de dispêndio* (1933) em três partes. Inicialmente, reconstituímos a emergência da noção de dispêndio à luz dos ensaios anteriores de Bataille, argumentando que o conceito emerge gradualmente no interior de sua obra. Nestes primeiros ensaios (de 1926 a 1932), é recorrente a temática de comportamentos desviantes aos chamados “princípios superiores”, isto é, princípios que aparecem como limitadores da extensão da experiência humana — na arte, no pensamento e no comportamento social. Essas formulações culminam na necessidade de descrever uma “função social” contrária a esses princípios, estando então em consonância com a disformidade e o despropósito que Bataille entende como característicos do movimento do universo: o dispêndio. Na segunda parte, lidamos com a influência que o ambiente intelectual de Bataille possuiu na redação do ensaio. Discutimos como a gramática marxista do *Cercle Communiste Démocratique*, o grupo político a que ele estava associado naquele momento, foi essencial para a formulação do dispêndio como conceito histórico. Particularmente, a descrição de Bataille sobre o processo histórico do dispêndio e a sua consequente perspectiva revolucionária dissidente assentam-se numa dupla dinâmica de divergência e convergência crítica com o marxismo. Enquanto recupera-se a esquemática marxista da luta de classes, ela é descrita sobre uma perspectiva alternativa. Para Bataille, se é o modo de despender improdutivamente o determinante do sentido que o econômico ocupa nas comunidades, a história das sociedades, antes de ser descrita enquanto a história de seus modos de produção, poderia ser descrita como a história de seus modos de dispêndio. Finalmente, na terceira parte, trata-se da crítica de Bataille à utilidade com base nos aspectos social e histórico do conceito de dispêndio. Para ele, por um lado, trata-se de rever o equívoco do discurso econômico em associar o prazer unilateralmente a uma relação positiva com a riqueza. Afinal, atividades sociais relacionadas aos prazeres mais intensos e presentes em uma



variedade de comunidades históricas dificilmente poderiam ser descritas como utilitárias. Por outro, é necessário também se opor à naturalização dessa associação através do mito do escambo auto-interessado como origem da troca, caso em que as contribuições antropológicas de Mauss assumem um papel primordial.

### Palavras-Chave

Georges Bataille. Dispêndio. Utilidade.



## O EROTISMO NA CATÁSTROFE OU SOBRE A INDÔMITA ALEGRIA EM GEORGES BATAILLE E ARTHUR RIMBAUD

Leandro Assis Santos  
[leandroas30@hotmail.com](mailto:leandroas30@hotmail.com)

### Resumo

Na obra de Georges Bataille (1897-1962), há um profundo enviesamento que busca a descrição da transgressão no seio do interdito. O campo das proibições é delineado como um âmbito excedido e violado, enredado nos dispêndios improdutivo, pela dinâmica que o autor chamou de experiência interior, sendo esse todo estado em que o êxtase e o arrebatamento traduzem vivências nuas, destituídas de amarras e grilhões. Olhando para a literatura (que teceu a fortaleza em que Bataille se resguardava), um dos horizontes mais privilegiados a fim de imergir nesse oceano profundo e abjeto é a obra de Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891). Conforme a leitura a partir de Bataille, a narrativa de Rimbaud instala uma clareira que evidencia que a liberdade humana apenas pode se plenificar no mal, no mais profundo egoísmo e no maior nível de prazer, exercido pela crueldade e pela indiferença. A transgressão, a partir disso, se revelará, aos olhos do filósofo, na esteira de duas indicações, quais sejam, a do terror, que faz rejeitar o ato lúbrico como indecente e imoral, bem como a atração, que não só desperta a curiosidade, contudo impõe respeito e fascínio. É no embate (ou encontro?) entre transgressão e interdito, aliás, que repousa o erotismo, e em sua execução a experiência interior se fortalece e estrutura, urdindo ambiguidades que transitam da dilapidação à festa, da destruição ao gozo, do encanto ao crime. Dessa maneira, cabe a este projeto de pesquisa investigar como a poesia de Rimbaud influencia as conclusões de Bataille, sobretudo quanto a demarcação da transgressão como uma das instâncias em que se abriga o humano.

### Palavras-Chave

Transgressão. Interdito. Erotismo.



## O HORROR DA GUERRA NA CRÍTICA DENUNCISTA DE JEAN-PAUL SARTRE: UM ELO ENTRE A POLÍTICA E A MORAL

Carlos Henrique Carvalho Silva  
[carlosmachiavelli1@gmail.com](mailto:carlosmachiavelli1@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho procura analisar como a relação entre moral e política no contexto da guerra que tem sido ao longo da história humana um processo de sublimação e destruição de valores e sentidos que dão existência a sociedade e ao próprio Estado como elo constituidor da formação social. Além disso, toma como elemento essencial, o tratamento problemático que o ocidente dar ao tema da política e da moral na tomada de decisão sobre os rumos da humanidade, especificamente no que diz respeito ao processo de estabelecimento de atos de guerra e de paz, que muitas vezes são solenemente ignoradas. O autor que tão bem baliza essa relação é Jean-Paul Sartre, que a partir de O diário de uma guerra estranha (1939-40) elabora o que vem a ser uma forte crítica a moral e a qualquer forma de violência, sobretudo, aquela originada em conflito bélico. Tal obra consiste em considerações e relatos existenciais acerca da condição humana do autor no período que se inicia a guerra e também durante o processo inicial da ocupação alemã na França (1940-44). O primeiro dilema que ele aponta sobre a relação política e moral na guerra é vê-la como incerteza que decorre pelo fato de uma escolha que foi obrigada a ser feita. Ninguém em sã consciência gostaria de ir pra guerra e se sentir bem com essa escolha, uma vez que ele se vê obrigado a ir pra guerra, resta-lhe no âmbito do desejo de liberdade, dominar os acontecimentos. As razões para ir para guerra não são razões morais, mas imposições e isto criava um ponto de vista falso de que guerrear contra o nazismo é razão suficientemente moral. Afinal, para Sartre, a guerra é fruto da livre e desimpedida vontade humana ou uma mera prescrição moral que ocorre entre Estados/Países que se provocam e se afetam? A preocupação com o conflito é sempre questionada em vista da condição e do fazer humano. Quanto a este segundo dilema, Sartre sustenta que a moral do ser (individual) deve superar a moral do fazer (social, estatal, etc.) porque prima por um conceito tão caro a sua filosofia: a autenticidade. A moral do fazer seria uma moral da má-fé, do dever pelo dever, que sublima o próprio sentido do Ser e provoca o desvanecimento do ato de se projetar rumo a liberdade.

### Palavras-Chave

Guerra. Política. Moral.



## O PAPEL DAS CIÊNCIAS EM A ESTRUTURA DO COMPORTAMENTO

Christopher Jonathan Moro

[albergemoro@gmail.com](mailto:albergemoro@gmail.com)

### Resumo

O primeiro livro de Maurice Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento* (1942), tem como objetivo compreender as relações entre consciência e natureza. Para tanto, o filósofo francês não se apropria apenas de operadores conceituais provenientes de trabalhos filosóficos, mas, também, utiliza-se de pesquisas científicas. Em vista disso, com o presente trabalho, proponho apresentar o modo como Merleau-Ponty se nutre de observações e concepções oriundas das psicologias behaviorista e gestaltista e da biologia organísmica (como, por exemplo, comportamento, forma e estrutura) para elaborar suas primeiras reflexões e reformular o problema filosófico abordado em sua primeira obra. Com isso, procuro mostrar que o papel exercido pelos trabalhos científicos é basilar à primeira configuração da filosofia de Merleau-Ponty, já que sua formulação não seria possível sem o diálogo estabelecido desde cedo com as ciências. Ora, dado que, ao contrário de outras tradições, o *modus operandi* de Merleau-Ponty não supõe a incomunicabilidade entre ciência e filosofia, ele oferece outra maneira de conceber as relações entre esses saberes, qual seja, a de um envolvimento recíproco inerente a seu desenvolvimento.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Filosofia. Ciência.





## O TRAÇO FALANTE DO VERDADEIRO E DO OUTRO NA ARTE E NA FILOSOFIA DA HISTÓRIA SEGUNDO MERLEAU-PONTY

Adriano Melo Medeiros  
[amigodesophia@gmail.com](mailto:amigodesophia@gmail.com)

### Resumo

No final de 1951, Merleau-Ponty candidatou-se à vaga de professor de filosofia no Collège de France. Para participar deste concurso, ele escreveu um dossiê detalhando sua trajetória, os resultados de seus primeiros trabalhos e uma projeção de suas pesquisas futuras. Para a apresentação do seu trabalho perante a banca examinadora, ele redigiu um segundo texto, no qual retomou as ideias do precedente. Neste, podemos ler que os ensaios *A Dúvida de Cézanne*, *O Romance e Metafísica e Humanismo* e *Terror* apresentam as bases de uma teoria da verdade e da intersubjetividade com a qual ele pretendia elaborar uma solução original para o problema da união da alma e do corpo. Neste contexto, este trabalho pretende evidenciar esta intenção merleau-pontiana. Com uma leitura que qualificamos de fenomenológica, constatamos que o tema do primeiro é estudado na perspectiva do entrelaçamento do eu com o mundo, o do segundo é discutido a partir da relação do eu com o outro, enquanto o terceiro apresenta sua temática a partir do conceito de “estilo de convivência”. Assim, concluímos que a teoria concebida por Merleau-Ponty se apresenta como um desdobramento daquilo que ele chama de “sistema eu-outremundo”.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Intersubjetividade. Verdade.



## O TRÂNSITO ENTRE O CERTO E O PROVÁVEL NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE

Gabriel Gurae Guedes Paes

[ggurae@yahoo.com.br](mailto:ggurae@yahoo.com.br)

### Resumo

Em *O imaginário e Esboço para uma teoria das emoções*, antes da ontologia fenomenológica de *O ser e o nada*, as investigações de Sartre se voltaram para a elaboração de uma psicologia fenomenológica. Seguindo Husserl, o filósofo francês se posiciona contra toda a psicologia que, ignorando a consciência intencional, reduz os afetos, as imagens mentais, os pensamentos, as percepções, as lembranças, etc., a coisas observáveis como fatos psicológicos. Por outro lado, se quer fazer uma psicologia, Sartre não pode ignorar o âmbito factual dos comportamentos observáveis e das reações corporais que correspondem às hipóteses psicológicas. Temos aqui um problema: como tratar de fatos psicológicos sem transformar a consciência em fato psicológico? Para não transformar a consciência em coisa, os dados factuais não podem ser o ponto de partida, mas devem ser organizados a partir de uma eidética que descreve a consciência intencional. Com isso, a psicologia fenomenológica de Sartre se faz como um trânsito entre a descrição fenomenológica da consciência intencional (o certo) e os dados factuais (o provável). Essa estratégia põe em prática algo esboçado pelo próprio Husserl em *Prolegômenos para uma Lógica Pura*, isto é, uma psicologia de fundamentos fenomenológicos. Todavia, veremos que a psicologia fenomenológica sartriana opera esse trânsito entre o certo e o provável sem utilizar-se de uma redução transcendental que elimina a contingência de situações mundanas concretas, o que faz Sartre se afastar do idealismo husserliano.

### Palavras-Chave

Sartre. Fenomenologia. Psicologia.



## OS CONCEITOS BEAUVOIRIANOS DE IMANÊNCIA E TRANSCÊNCIA

Débora Fátima Gregorini

[deboragregorini@hotmail.com](mailto:deboragregorini@hotmail.com)

### Resumo

O ponto central do pensamento existencial beauvoiriano se dá na demarcação da ambiguidade da condição humana. Constantemente a autora lida com pares conceituais que possuem entre si uma tensão, mas que não se subtraem e tampouco se separam. Dentre estes pares está o conjunto imanência/ transcendência. Podemos notar duas principais utilizações deste par conceitual, que se relacionam entre si: uma diz respeito à visão metafísica da abertura da consciência intencional para fora de si; a outra, por sua vez, está relacionada com tipologias que a ação humana pode assumir. No que tange ao viés metafísico, ressaltamos que Beauvoir considera o ser humano carência de ser, não reconhece que haja uma essência humana previamente dada por qualquer entidade ou natureza. Nesse sentido, o movimento existencial humano se inscreve numa dialética entre conhecer o dado do mundo e superá-lo. É no fracasso da síntese do Para-si em Em-si que o homem se afirma em sua existência ambígua. Aqui, a transcendência se inscreve como um projetar-se da consciência na coletividade e na temporalidade, atribuindo sentido humano ao mundo e à sua existência; vislumbrando a sua presença no mundo como presente e futuro, como um movimento constante de fazer-se, sem se encerrar em uma imagem dada de si e da realidade. Na condição de imanência, o mundo se sobrepõe à consciência, tolhendo a condição transcendente de atribuir sentido à existência e de agir e interferir no mundo. No que concerne a segunda aplicação do par conceitual, assimilado às tipologias que a atividade humana pode assumir, trata-se a transcendência como referente às atividades de criação de sentido para a vida, que permitem autoexpressão, e a imanência como alusiva à repetição do que é dado socialmente. Veja, não há apenas uma assimilação às ideias de criação e repetição: para que diga respeito a uma prática puramente de imanência é preciso que a atividade seja fútil, que nela se dispenda tempo e energia sem que nada de novo seja criado. Ao pensarmos transcendência e imanência como tipologias para a atividade humana adentramos ainda no par singularidade/generalidade, haja vista que as atividades imanentes fazem perseverar

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



uma coletividade indistinta. A questão é que deter-se apenas nela aprisiona o humano à generalidade, sem que haja nisso nenhuma inspiração individual ou projeto particular. A transcendência prevê a singularidade rumo à coletividade, contudo, com um retorno para o ser particular.

## Palavras-Chave

Ambiguidade. Imanência. Transcendência.



## OS TIPOS DE MEMÓRIA E O PAPEL DO CÉREBRO EM HENRI BERGSON

Caroline Da Silva Lourenzone  
[c.lourenzone@unesp.br](mailto:c.lourenzone@unesp.br)

### Resumo

Henri Bergson (1859 - 1941) apresenta, em *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (2010), a importância da memória na constituição da personalidade do indivíduo. Ao evidenciar os tipos de memória, Bergson expressa a diferença entre memória hábito e memória espontânea, ou seja, uma memória motora e uma memória espiritual. Para isso, o autor evidencia os casos de afasia e agrafia muito estudados em sua época. A partir destes casos, Bergson destaca o erro da psicofisiologia em levar em conta apenas uma memória capaz de se conformar aos moldes materiais, isto é, do cérebro. No entanto, não é a memória, tão grandiosa, que se acomoda em neurônios; ela, ao que parece, é muito mais abrangente. Bergson usa dos problemas de afasias e agrafias para pontuar sobre a memória das palavras, enfatizando a função do cérebro na dinâmica entre consciência e memória. Neste sentido, encontramos em um dos casos mais famosos do neurologista Oliver Sacks, em *O Olhar da Mente* (2010), exemplificação suficiente para demonstrar a teoria da memória do nosso autor, assim como o papel do cérebro no armazenamento da mesma. Este caso é o de Lillian Kallir, uma exímia musicista que, de repente, ‘perdeu’ a habilidade de ler partituras, marcando um caso específico de alexia musical. A situação, a qual Oliver Sacks considera como a de ‘perder o chão’ é muito característica para a filosofia de Bergson. Leopoldo e Silva em *Tempo: Experiência e pensamento* (2009) também têm a mesma afirmação sobre ‘faltar-nos o chão’. Essas situações são entendidas como ‘perder o espaço’, perder a previsibilidade que tanto nos traz segurança e, segundo Leopoldo, o ‘controle inteligente’ que exercemos sobre nossos atos. De acordo com Leopoldo, Bergson afirma ser na intuição que há o papel central na dinâmica entre o artista e suas mais profundas emoções. Nestas situações incomuns é que experimentamos o imprevisível e são nelas que o artista se deleita para criar aquilo que só ele é capaz de expressar. Nosso objetivo é entender, a partir da filosofia bergsoniana, o caso de Lillian Kallir, usando-o para explicar suas teorias, marcando o papel do cérebro, os tipos de memória e, em certa medida, a intuição e a relação com a criação artística.

### Palavras-Chave

Memória. Cérebro. Criação.



## PASSADO, MEMÓRIA E MUSEU: HISTÓRIA E NARRATIVA NA FILOSOFIA DE SARTRE

Luciano Donizetti Da Silva  
[donizetti.silva@hotmail.com](mailto:donizetti.silva@hotmail.com)

### Resumo

Trata-se de investigar o que é memória na filosofia de Sartre em três aspectos: a História (passado enquanto 'memória'), a Corporeidade (memória incorporada, efetivamente) e os objetos (museu, istos 'memoráveis'), lugares onde o Ser-Para-Si situa-se e se move. A consciência intencional não tem subterfúgios, é transparente para si mesma; mas ela existe no terreno movediço da corporeidade, sua facticidade de ser. E, claro, está sempre à mercê do Outro (Ser-Para-Outro). Não há interioridade, donde memória em Sartre seja a perpétua reconstrução do passado; assim, como contornar o fato de que temos objetos de nosso passado? De que maneira o Ser-Em-Si entra nessa equação, considerando que - por suas características ontológicas - ele é opaco, fechado em si mesmo (é o que é)? Ou, no mesmo sentido, como equacionar a relação que cada homem e mulher tem com sua corporeidade, visto que o corpo carrega marcas e cicatrizes passadas, além de Ethos (habitus?), escolhas repetidas à exaustão, até serem incorporadas? Ou, com respeito a passados longínquos, como pode ser que a história humana (arqueologia, ou astrofísica, por ex.) se imponha como humana história? Repetindo o duplo homem-no-mundo, siameses inseparáveis sob pena de extermínio de ambos (método fenomenológico), também a memória em Sartre se faz por dois meios que, distintos, não se separam jamais: a inserção à fórceps da memória dos homens no plano da aventura individual; as livres escolhas humanas que, coadunadas no Ser-Para-Outro, realizam a memória de cada homem e mulher enquanto história humana e enquanto espaços de memória. Daí se pode entrever o caminho mais próprio para investigar a alienação social da liberdade, que instaurada 'no passado' pelo Ser-Para-Si, o acorrenta; assim, se vem do passado a voz dissonante de controle e limitação da liberdade, é em vista do futuro que a memória poderá ser, efetivamente, 'memorável': homens e mulheres, que fazem a história, e se reconhecem nela (livres).

### Palavras-Chave

Sartre. Memória. História.



## PERCEPÇÃO E LINGUAGEM NO PERÍODO INTERMEDIÁRIO DE MERLEAU-PONTY

Jose Luiz Neves  
[zeluizneves@gmail.com](mailto:zeluizneves@gmail.com)

### Resumo

O tema da linguagem na filosofia de Merleau-Ponty é consequência da tese acerca do primado da percepção e da universalidade do mundo sensível. Para que não termine apontando para um mundo de idealidades para além do sensível, é preciso descrever a linguagem de tal maneira que as significações por ela veiculadas permaneçam enraizadas neste mundo. A primeira maneira de dar conta desse enraizamento, retomando vagamente o programa husserliano de fundação do predicativo no pré-predicativo, procura flagrar no corpo próprio uma intencionalidade original responsável por constituir uma significação existencial ou emocional que, no mundo sensível, prefiguraria a significação conceitual, volatilização da primeira. A saída, porém, encontra dificuldades pois reintroduz teses intelectualistas, condensadas no papel da atitude categorial, das quais o autor pretendia se livrar. É essa solução que será reelaborada ao longo do período intermediário, em particular com a absorção da linguística de Saussure. Por um lado, retomando a tese de que os signos apenas significam pelo jogo de diferenças que estabelecem entre si, e não por qualquer relação direta com o denotado, o autor é levado a recusar a ideia de que a linguagem se meça por um texto original fora dela. Porém Merleau-Ponty recusa também a ideia de linguagem absoluta ou apenas auto-referencial, bem como outras versões mais fracas sugerindo alguma espécie de autarquia da linguagem, no que só poderia ver uma nova espécie de idealismo desta vez linguístico, afirmando contra isso a existência de um mundo do silêncio mais velho que o mundo da expressão e no qual este se funda. A linguagem conserva então dois atributos incompatíveis com a ideia de linguagem absoluta: a função mostrativa de dizer o ser, embora de maneira indireta e alusiva, resumida na ideia de expressão; a relação de fundação em relação ao mundo sensível, na medida em que será apresentada, ainda aqui, como sublimação do lógos endiáthetos. Propomo-nos investigar se os dois passos, a incorporação da linguística estrutural, por um lado, e a manutenção da função expressiva da linguagem bem como sua fundação na experiência sensível, por outro, são plenamente compatíveis entre si, e, em caso afirmativo, como o seriam.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Percepção. Linguagem.



## POR UMA FILOSOFIA SOBRE A EDUCAÇÃO EM SIMONE DE BEAUVOIR

Thais De Andrade Fragas  
[thaisdeandradef@gmail.com](mailto:thaisdeandradef@gmail.com)

### Resumo

Simone de Beauvoir, como existencialista, valoriza a relação entre alteridade e subjetividade desde sua juventude, onde já refletia sobre a formação da consciência. Ela entende que a liberdade do sujeito coexiste desde cedo com fatores como economia, sociedade, cultura e história, moldando sua subjetividade. A convivência com outros sujeitos desde a infância destaca a importância da educação, tema muitas vezes negligenciado por estudiosos, apesar dos esforços de Beauvoir. Ao dialogar com Rousseau, Beauvoir destaca a necessidade de uma educação que promova a liberdade e a autonomia do indivíduo, rejeitando padrões opressivos. Rousseau propõe uma educação negativa, privilegiando a liberdade e a independência da criança, enquanto Beauvoir destaca a importância da experiência sensível na formação da consciência. Ambos reconhecem que a infância é crucial para a construção da subjetividade e identidade. A diferenciação de gênero desde a infância, exemplificada pela imposição do eterno feminino, perpetua desigualdades sociais e limita as possibilidades das crianças. Beauvoir, inspirada por Rousseau, destaca a importância da experiência corporal na compreensão do mundo e na formação da identidade. A educação existencialista proposta por Beauvoir busca promover a autenticidade e a responsabilidade do sujeito, reconhecendo a liberdade individual e a importância do corpo na apreensão do mundo. A presente apresentação, busca, assim, refletir acerca da educação como aquilo que capacita o sujeito a explorar sua identidade, desafiar normas sociais e tomar decisões informadas. Essa abordagem reconhece a singularidade de cada indivíduo e a importância de uma educação que respeite e valorize a liberdade e a autonomia.

### Palavras-Chave

Simone de Beauvoir. Existencialismo. Educação.





## POR UMA HISTÓRIA CRÍTICA DO SUJEITO MODERNO NO PENSAMENTO TARDIO DE MICHEL FOUCAULT

Ronaldo Moreira De Souza  
[ronaldo.mds@outlook.com.br](mailto:ronaldo.mds@outlook.com.br)

### Resumo

Em 1982 Michel Foucault indicara qual teria sido o objetivo de seu trabalho, realizado nas duas décadas precedentes: tratou-se, diz ele, sobretudo, “de produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura”. Esta história, todavia, não implicaria em fazer uma teoria do sujeito, ou uma analítica da subjetividade, mas uma história crítica das práticas de subjetivação presentes no pensamento e na cultura ocidentais, que possibilitasse oferecer uma tentativa de resposta à antiga questão quem somos nós no presente e como nos tornamos quem somos atualmente. E para realizar essa história crítica de nós mesmos, o filósofo voltou à questão da *Aufklärung* kantiana: “o que é a atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis?”, e a deslocou do campo da história para o campo da subjetividade, na forma da pergunta: “quem somos nós?”. Contudo, não querendo saber quem somos nós enquanto sujeitos universais e sim enquanto sujeitos, ou singularidades, que se constituem a partir de suas práticas e experiências históricas. E para realizar esse empreendimento Foucault retorna, nos últimos anos de suas pesquisas, à Antiguidade clássica, isso é, à passagem entre a antiguidade grega e greco-romana, a fim de investigar, nessas culturas, como os indivíduos constituíam a si mesmos como sujeitos de conduta moral, mediante a problematização de seus modos de relacionarem com a sexualidade, com os desejos e com os prazeres. E, a partir dessa problematização que toma o eu como objeto de questionamento, nosso objeto de pesquisa limitar-se-á à compreensão de como se desenvolve um modo de relacionar-se consigo que culmina na formação da moral austera e exigente, que será deslocada pelo pastorado cristão, reelaborada e aplicada como técnica de subjetivação e, posteriormente, estatizada e integrada pela governamentalidade política moderna, para engendrar uma arte de governar que assume a vida dos homens em sua integridade. Dado esse objeto, e considerando a afirmação proferida por Foucault na aula de 12 de março de 1980: “A subjetivação do homem ocidental é cristã, não é greco-



romana”, pretendemos problematizar a maneira como ocorre a apropriação das práticas de governo de si e dos outros da filosofia antiga, sua adaptação e incorporação pelo pastorado cristão, que culmina na formação das técnicas de sujeição da governamentalidade política moderna.

### **Palavras-Chave**

Cuidado de Si. Poder Pastoral. Governamentalidade.



## REFLEXÕES SOBRE O CORPO ESTESIOLÓGICO EM MERLEAU-PONTY

Joao Carlos Neves De Souza E Nunes Dias  
[joao.dias@ichca.ufal.br](mailto:joao.dias@ichca.ufal.br)

### Resumo

Tendo como referência o pensamento de Merleau-Ponty, em particular em “O olho e o espírito”, esse trabalho tem como objetivo evidenciar nuances da noção de corporeidade articulada à noção de estesiologia e suas consequências filosóficas. Nessa obra, a reflexão merleau-pontyana sobre o corpo é tecida na revisão do sentido do ser, que excede os marcos da ontologia clássica, em direção à uma nova ontologia. Na ontologia proposta pelo filósofo francês, o enigma do corpo articula em sua experiência a gênese de um modo de ser e saberes imbricados no sentido bruto, no ser selvagem ou carnal, que tem como solo a facticidade do mundo. Há aqui um mistério a ser investigado, pois o corpo, como sensível exemplar, está na abertura e porosidade que permitem a passagem incessante entre atividade e passividade de si e do mundo, relação especular inscrita na carne. Nesse horizonte o que vemos, por exemplo, quando olhamos a imagem do nosso rosto refletido no espelho de vidro? Na ontologia merleau-pontyana, a pergunta sobre quem vê e quem é visto diante do espelho supera as categorias da distinção sujeito e objeto. Se, por um lado, a visão é compreendida nas filosofias reflexivas como um sentimento da alma colocada em funcionamento pela maquinaria do olho, em contrapartida, Merleau-Ponty compreende a visão como dimensão do ser carnal, princípio originário do corpo sensível e senciente. A experiência especular, portanto, embaralha a ordem de quem vê e do que é visto, do dentro e do fora, articulando o real e o imaginário ao realçar no corpo a dimensão sincrônica de atividade e passividade. Essa duplicidade da capacidade de ver, ou seja, da reflexividade do sentido da visão, potencializa a visibilidade de meu corpo diante de mim mesmo, através da imagem do espelho, ressaltando a passagem entre vidência e visibilidade. Nesse exercício da visão, o corpo é “sensível exemplar”, ao mesmo tempo, vidente e visível para si mesmo. Ao provocar a abertura do “eu posso” corporal, a imagem especular mobiliza o entrelaçamento dos sentidos na unidade do esquema corporal.

### Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Corpo. Estesiologia.



## SARTRE E A CRÍTICA POLÍTICA

Eliana Sales Paiva

[eliana.paiva@uece.br](mailto:eliana.paiva@uece.br)

Rita De Cássia Santos Bittencourt

[ritacsbitencourt@gmail.com](mailto:ritacsbitencourt@gmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente estudo é apresentar a importante contribuição crítica da visada de Sartre na política: a relação compromisso e engajamento. Considerado por Gerassi “a consciência odiada do nosso século” Sartre é um pensador multifacetado: escritor e agente. Nesse sentido, a pergunta: Que contribuição pode ser ressaltada na política enquanto dimensão ética? Pois, especialmente na política esse homem crítico busca, no envolvimento coletivo, debater amplamente e numa imbricação de concepções ambíguas: o Estado Burguês e autogestão; o colonialismo e o anticolonialismo; a censura e a tortura, a alienação e a diversidade em resistir. Para tanto, ele abre o diálogo público em parceria na criação da revista Les Temps Modernes; ao escrever Prefácios dos livros de Memmi e o de Fanon; ao apoiar o Comitê de Djamila Boupoucha ou ao assinar o manifesto do 121; e no enfrentamento de Tribunais. Em que marcadamente expõe as suas reflexões ácidas da situação potencializando alternativas realista e política. Com tais gestos Sartre põe em “xeque” o humanismo burguês no instante da inserção de um humanismo realista associando a uma atitude ética em situação-limite.

### Palavras-Chave

Sartre. Política. Ética.



## SARTRE E A EXPERIÊNCIA DAS CIDADES COMO IRREALIZÁVEL: ENTRE O TEMPO EM PARIS E O ESPAÇO EM VENEZA

Vinicius Xavier Hoste  
[vini17hoste@gmail.com](mailto:vini17hoste@gmail.com)

### Resumo

No Diário de uma guerra estranha Sartre desenvolve, entre tantas reflexões, a noção de irrealizável. Os irrealizáveis são delineados no Diário, mas ganham um aprofundamento posterior em O Ser e o Nada. Nesse primeiro momento, nessa gênese da noção de irrealizável, a reflexão sartreana se desenvolve a partir de uma relação que o filósofo francês mantém com a cidade de Paris. De fato, a partir da aproximação de uma licença de guerra que lhe permitirá visitar Paris por alguns dias, Sartre nutre a esperança de que o reencontro com essa cidade seja algo especial: ele espera viver um “belo” período. Ser “belo” significa que tal período de licença apresentará um tempo totalmente diferente do tempo que se acumulava no cotidiano, do tempo “trivial e amorfo” da guerra. Ora, o tempo que Sartre espera encontrar nessa licença é um tempo semelhante ao que se encontra na arte, “cujo fim já está presente no seu começo”. Se em Paris a expectativa de Sartre é viver uma experiência temporalmente diferente do cotidiano, quando se refere a Veneza, mais de dez anos depois, em A rainha Albemarle ou o último turista, o pensador já não se refere mais a uma relação com o tempo, mas com o espaço nessa cidade tão única. Ora, em A rainha Albemarle não há expectativa de encontrar um tempo diferente do cotidiano, visto que o autor se propõe, antes de tudo, a desmistificar o turista burguês, isto é, aquele que vai às cidades em busca de aventuras do passado, de algo que não há mais ali. Na contramão desse turismo de manual, Sartre tenta mostrar que não há um caminho para se chegar à beleza de uma cidade, e que, quando se trata especificamente de Veneza, essa beleza parece estar sempre em outro lugar, se mostrando, nesse sentido, como um irrealizável. Dessa forma, a beleza que Sartre atribui à cidade italiana possui uma essência fugidia que jamais se mostra totalmente, antes, se esconde nos detalhes, nas insignificâncias, no efêmero, no imprevisto, em suma, em tudo aquilo que não é “turístico”. A partir da exposição desses dois itinerários, o objetivo desta apresentação é mostrar que, apesar das diferenças de abordagem entre os diários, pode-se dizer que estar-em Veneza,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



assim como estar-em Paris, é um irrealizável, pois é algo que existe apenas à distância, ou seja, quando se ordena essa experiência de longe, em uma forma rígida, em uma narrativa que confere a impressão de que sua beleza pode ser “fruída e contemplada” no presente.

## Palavras-Chave

Irrealizável. Tempo. Espaço.



## SARTRE E O ATEÍSMO

Cristiano Perius

[cristianoperius@hotmail.com](mailto:cristianoperius@hotmail.com)

### Resumo

Embora o ateísmo de Jean-Paul Sartre é declarado sem reservas, escrúpulos ou escusas, convém justificá-lo de forma a compreender seus argumentos. Sobre o que se funda o ateísmo de Sartre? De que tipo de ateísmo se trata? O que ele quer nos transmitir? Para desenvolver a resposta a estas perguntas, tomaremos como baliza o debate entre Sartre e Gabriel Marcel. O primeiro é representante do existencialismo ateu. O segundo, representante do existencialismo cristão. O resultado deste confronto é esclarecedor, pois apesar de integrantes da mesma escola de pensamento, defendem posições adversas. Para o exame do ateísmo de Sartre acompanharemos “O ser e o nada” e “O existencialismo é um humanismo”. Para o exame do existencialismo cristão acompanharemos “Os homens contra o humano”, de Gabriel Marcel. A questão de fundo tematiza o conceito de “asseidade” [do francês “aséité”]. Proveniente do latim escolástico, “aseitas” é a composição subjetivada de “ens a se”, isto é, “ser para si”. Para Sartre, o homem representa o ser para si, pois, dotado de consciência, deve assumir a nadificação e criar valores éticos e essenciais ao mundo. Para Gabriel Marcel, no entanto, só Deus é o ser para si, e não convém ao homem tomar para si o que é d’Ele. A partir da diferença de compreensão deste conceito [asseidade] encontramos a defesa do ateísmo do homem e de sua responsabilidade, por parte de Sartre, e a defesa da fé e da religião como forma de conexão com o criador absoluto, por parte de Gabriel Marcel. Depois de bem estabelecer os pontos em debate, a balança pende para o lado de Sartre, pois não se trata da existência ou não de Deus, por melhores que sejam seus atributos, mas do próprio homem em sua indeterminação e drama constitutivo.

### Palavras-Chave

Sartre. Asseidade. Ateísmo.



## SARTRE, A MORAL E A VIOLÊNCIA: VÁRIOS MÉTODOS E O MESMO OBJETO

Paulo Willame Araújo De Lima

[paulow.fin@gmail.com](mailto:paulow.fin@gmail.com)

### Resumo

Jean-Paul Sartre (1905 - 1980) é um autor que até hoje divide interpretações. Desde sua condição de escrita (filósofo, dramaturgo ou escritor, por exemplo) até seus métodos filosóficos e os problemas centrais de sua reflexão. Este trabalho busca se envolver com tais discussões, mas não para findá-las. Pelo contrário, o objetivo aqui é compor leituras e interpretações que nos permita compreender um Sartre filosoficamente estrábico, ou seja, de abordagem diversa e complementar. Não se busca aqui a supremacia entre os métodos filosóficos do autor - como a disputa entre um tal Sartre fenomenólogo ou um Sartre progressivo-regressivo. O interesse de compreender a concepção e aplicação desses métodos se dá no desafio de rastrear quais problemas seguem como constante no pensamento do autor e, assim, qual seu objeto matriz. Neste sentido, será notável que o homem, este nada que projeta-se para o futuro, torna-se ao mesmo tempo sujeito e objeto do conhecimento e da criatividade. Deste modo, independe se o caminho para esta pesquisa se dê via filosofia, via teatro, via literatura, via jornal ou mesmo via a interdisciplinaridade com as “disciplinas auxiliares”. Em textos que caminham às margens e dentro das obras “L’Être et le Néant” e “Critique de la Raison Dialectique” é notável esta preocupação central com a condição humana em situação. Esta pesquisa apresentará alguns desses textos e de comentadores que evidenciam esta compreensão de que existe certo “humanismo crítico” costurando o pensamento sartriano.

### Palavras-Chave

Homem. Situação-Limite. Violência Revolucionária.





## TENSÃO ENTRE LIBERDADE E DETERMINISMO A PARTIR DE SARTRE E SPINOZA

Christian De Sousa Ribeiro

[christiansousa.ribeiro@gmail.com](mailto:christiansousa.ribeiro@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo proporcionar um encontro entre as proposições acerca da liberdade do filósofo racionalista Spinoza (1632-1677), valendo-se de sua obra máxima *Ética* (1667) e de seu não menos importante *Tratado teológico-político* (1670), e o pensamento existencialista de Jean Paul Sartre (1905-1980) presente em suas obras *O ser e o nada* (1943), *O existencialismo é um humanismo* (1946), *Crítica da Razão Dialética* (1960) e *Cahiers pour une morale* (1983). A partir de suas obras *O ser e o nada* e *O existencialismo é um humanismo*, Sartre define o homem como liberdade, visto que a liberdade sartriana é a própria definição do ser humano. Conforme a Thana, “por isso sempre somos livres, por isso nossa liberdade é total mesmo quando o que vemos é a tentativa de destruí-la por completo (seja na tentativa mais pessoal de tentar negar que somos; seja a tentativa social de destruir por meio da violência a liberdade que temos o direito de ser)”. No entanto, essa liberdade que se dá de modo absoluto, em quaisquer condições e em todos os momentos históricos, exige a partir da filosofia sartriana, uma relação com o concreto, com a história humana. Assim sendo, a liberdade sartriana tão radical se realiza no mundo em que vivemos, pois ela só tem sentido como experiência no mundo, o qual se coloca como resistência à minha liberdade. Essa concepção de liberdade em Sartre supõe uma característica fundamental de sua filosofia: tensão e ambiguidade entre liberdade concreta e absoluta, sujeito e objeto, metafísica e história, e ética e estética. Em contrapartida a Sartre e também à tradição, mas guardadas as devidas distâncias históricas e podendo incorrer num anacronismo em relação àquele, Spinoza parece identificar a liberdade com a necessidade, de modo a negar o livre-arbítrio. Para Spinoza, a liberdade é livre de causalidade, pois ela significa conhecer a ordem da natureza, isto é, conhecer a gênese de nossas ideias e dos objetos que a elas correspondem. Significa, portanto, reconstituir a ordem da natureza, a qual é uma ordem causal. Ao longo da *Ética*, Spinoza realiza o caminho que vai de Deus, o qual é a substância infinitamente infinita

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



e possui em si todos os atributos, para os modos, os quais são os seres humanos, limitados no tempo e no espaço, para depois fazer o percurso de volta. Spinoza também define os modos pelos quais somos afetados. E, por último, realiza o caminho que leva o homem da servidão à liberdade.

## Palavras-Chave

Sartre. Spinoza. Liberdade.



## TEUS OLHOS, ESPELHOS DO MEU SER: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALIENAÇÃO E LIBERDADE EM SARTRE

Filipi Silva De Oliveira  
[filipigradim@hotmail.com](mailto:filipigradim@hotmail.com)

### Resumo

Jean Paul Sartre escreveu a peça Huis Clos durante o outono de 1943, em pleno estado de sítio, quando as tropas nazistas ocupavam Paris. A peça, além de ser um marco absoluto na dramaturgia de Sartre, um dos seus maiores êxitos cênicos, representa um diálogo de imagens que agencia com os conceitos que gravitavam na órbita do monumental ensaio O Ser e o Nada (1943). Anos mais tarde, em 1965, Sartre gravou um prefácio revelando as razões que o levaram à criação de Huis Clos: “eu queria dizer que o inferno são os outros”, mas não porque “as relações com os outros são infernais”. Na verdade, “quero dizer que se as relações que estabelecemos com os demais são retorcidas, viciadas, então o outro não pode ser mais do que o inferno”. Desse modo, a “causa ocasional” que levou o filósofo-artista a conceber a peça foram “preocupações (...) nobres” em torno das relações ontológicas e fenomenológicas entre o ser e o nada, como também entre o eu e o outro. Três “mortos” estão confinados dentro de um quarto, o que, a princípio, seria o “inferno”. O “fogo”, e “grelha” não estão lá como evidências que provam que o tormento se efetivará a qualquer momento. Nem mesmo há um carrasco lhes infligindo torturas. O inferno não é uma dimensão física, mas transcendente, e depende das condições em que o eu se exterioriza, e é arrancado de dentro do seu ser-em-si, se posicionando diante do olhar do outro, não como ser, mas como nada. Em Huis Clos, o olhar é o resultado de um ato de liberdade, de transcendência, em que o outro qualifica o eu por meio de um juízo de valor, através do qual esse eu se aliena ao domínio daquele que o visa, estando impossibilitado de conhecer a si enquanto objeto. “Os outros”, afirma Sartre, “são aquilo que existe de mais importante em nós mesmos para nosso próprio conhecimento de nós mesmos”. Autoconhecer-se é conhecer-se mediado pelo olhar do outro: “quando tentamos o conhecimento de nós mesmos, no fundo usamos os conhecimentos que os outros já possuem de nós”. Em virtude disso, analisaremos a dimensão ontológica e fenomenológica em que o eu está confinado eternamente no espelho do olhar do outro.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



De modo que investigaremos nesse trabalho, com base nas obras supramencionadas, até que ponto o eu se responsabiliza por sua liberdade e por seus atos, quando se se dá conta da facticidade infernal que é não ser apenas em-si e para-si, mas também ser para-outro, com toda a angústia e o comprometimento implicados nessa condição.

## Palavras-Chave

Fenomenologia. Ontologia. Ser. Nada. Olhar.



## TOTALIZAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO NA CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉTICA: IRREDUTIBILIDADE DA LUTA DE CLASSES

Igor Martins Diaz Horta  
[igor.mdh@gmail.com](mailto:igor.mdh@gmail.com)

### Resumo

Em meados da década de 1950 a filosofia de Sartre muda de ênfase ao estabelecer um diálogo com marxismo, na qual a história adquire, nesse momento, um papel fundamental em sua filosofia. A obra *Crítica da Razão Dialética* (1960) consiste em sua contribuição metodológica para materialismo histórico em busca da compreensão histórica do homem em sua complexidade existencial. Ao mesmo tempo em que Sartre credita à filosofia de Marx como “a insuperável filosofia de nosso tempo” (SARTRE, 2002b, p. 14), sua reivindicação crítica aos teóricos marxistas consiste nas proposições para que essa filosofia compreenda uma razão dialética renovada e viva, que leve em consideração não somente as determinações econômicas engendradas na objetividade social, mas também busque apreender as subjetividades constituídas e constituintes no processo de subjetivação. Assim, a razão dialética, se se pretende como inteligibilidade sobre o movimento real da história, precisa incorporar uma noção sobre o ser humano irredutível a um saber objetivo, abarcando a esse processo de subjetivação que constitui a singularidade dos indivíduos no movimento da história. A partir da articulação entre as noções totalidade e totalização desenvolvidas por Sartre em seu profundo diálogo com o marxismo na *Crítica*, vislumbramos, como hipótese central, que a noção de subjetivação na práxis social nos fornece uma importante contribuição elucidativa aos debates mais contemporâneos sobre interseccionalidade na luta de classes. A ênfase depositada na complexidade de sobreposições de sentidos que permeiam as singularidades dos indivíduos evidencia a atualidade e potência de sua contribuição para uma dialética viva e real. Nesse sentido, as formulações que Sartre evoca na *Crítica*, ao mesmo tempo em que aponta para a irredutibilidade dos indivíduos ao saber materialista, também nos permite a reflexão sobre a irredutibilidade da luta de classes. Isso evidencia a insuficiência da dialética materialista dogmática em dar conta dos antagonismos sociais percebidos nas várias lutas contemporâneas de grupos ditos como “minorias” em suas especificidades nas lutas emancipatórias no seio da luta de classes.

### Palavras-Chave

Razão Dialética. Subjetivação. Luta de Classes.



## UM CONVITE AO IMAGINÁRIO DOS QUATRO ELEMENTOS: ARQUÉTIPO DOS POETAS EM G. BACHELARD

Pedro Olivieri Fonseca  
[fonsecapolivieri@gmail.com](mailto:fonsecapolivieri@gmail.com)

### Resumo

O presente resumo se estabelece tendo como principal fonte bibliográfica as obras do filósofo francês do século passado chamado: Gaston Bachelard (1884-1962). Em sua filosofia existe um arco de 5 publicações que vão do ano de 1938 até 1947, este arco é direcionado ao estudo dos quatro elementos da matéria (fogo, água, ar e terra), compondo assim a noção de imaginação material que o autor apresenta. Através de uma compreensão da atividade imaginária arraigada na perspectiva dos 4 elementos da matéria, Bachelard, pública pelo menos um livro dedicado a cada um dos quatro elementos. Ele se propõe a analisar a especificidade de cada elemento e do seus respectivos movimentos imaginários, tendo como grande foco a imagem literária, a imagem poética. Para isso, o autor selecionou diversos poemas e poetas da literatura universal, a fim de interpretar as imagens poéticas que eles oferecem como fonte de estudos e interpretação da potência (cri)ativa de cada elemento e de como eles aparecem dentro destas imagens, de quais dinâmicas imaginárias cada elemento pode sugerir quando identificado dentro da poesia. A noção de imaginação material e o estudo da imagem poética em Bachelard, nos apresenta uma espécie de revolução do pensamento filosófico sobre as imagens, uma vez que a tradição tenha enraizado concepção de imaginação na ideia de imaginação visual, sempre pensada através do olhar, das formas, etc. No movimento que o autor chama de “materializar o imaginário” podemos identificar o paralelo que ele traça entre cada elemento e a sua potência poética, no fundo chega a acreditar que existe relação entre a doutrina dos quatro elementos e uma possível doutrina dos quatro temperamentos poéticos. Por isso, sugerimos também a leitura da psicologia de Carl Gustav Jung, para nos ajudar a compreender a relação entre os quatro elementos da matéria e os tipos psicológicos desenvolvidos em sua teoria, sendo eles pensados a partir de alguma atividade predominante e sua representação simbólica de algum elemento, por exemplo: fogo = intuição; água = sentimento; ar = pensamento; terra = sensação.

### Palavras-Chave

Bachelard. Imaginário. Quatro-Elementos. Poética.



## VIENS MON AMOUR CE SOIR: O ESPAÇO PARA MADEMOISELLE KENOPSIA E MADEMOISELLE KENOPSIA PARA O OUTRO

Juliana Oliva

[julie\\_oliva@hotmail.com](mailto:julie_oliva@hotmail.com)

### Resumo

A proposta deste trabalho surge da cena de um filme. Uma mulher que cuida de um edifício abandonado diante de um homem que visita o espaço para realizar um serviço de manutenção. A partir de uma das três visitas que a protagonista de *Mademoiselle Kenopsia* (2023) do diretor canadense Denis Côté recebe no longa metragem, este trabalho tem como objetivo discorrer sobre o corpo vivido de uma mulher no espaço vazio e na presença de outrem à luz da perspectiva fenomenológico existencial beauvoiriana. Diferente da mulher no espaço doméstico das inúmeras experiências descritas e analisadas por Beauvoir em *O segundo sexo*, em que lemos sobre a rainha do lar em meio a pequenas amostras do mundo exterior materializadas nos souvenirs de viagem e a bibelôs belos e frágeis como essa dona da casa, a misteriosa senhorita da cena, em trajes que não apresentam características do que se convencionou identificar como feminino, habita um edifício entre escombros e ruínas e circula por suas inúmeras salas. Entretanto, esse corpo sujeito abandonado parece perceber-se diante da totalidade do espaço no encontro com o outro. O silêncio e os ruídos das cenas iniciais são substituídos pela canção *Possédée* da dupla francesa de música eletrônica Potochkine no momento em que a protagonista encontra o personagem masculino, cuja letra clama pela aproximação do objeto de desejo. Na cena, o homem desejado desvia das investidas da personagem, mas demonstrará um fascínio por máquinas e outros objetos abandonados na sala. O encontro erótico e a oposição entre feminilidade e virilidade na relação de ambos os corpos sujeitos da cena no espaço são alguns dos elementos que tomamos como base para a construção desta fala.

### Palavras-Chave

Corpo. Erotismo. Beauvoir.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA HERMENÊUTICA





## A HERMENÊUTICA DA IDEIA DE PERDÃO EM PAUL RICŒUR

Manoel Coracy Saboia Dias

[manoel.coracy.saboia.dias@gmail.com](mailto:manoel.coracy.saboia.dias@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem por objeto as leituras ricœurianas sobre o perdão a partir dos seguintes textos: “Le pardon peut-il guérir?” e “Sanction, réhabilitation, pardon”, ambos publicados em 1995, e “La mémoire, l’histoire, l’oubli”, publicado em 2000. São leituras, isto é, interpretações, ou, melhor, uma hermenêutica enquanto teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos. Nesses textos, Ricœur explora a relação entre memória, esquecimento e perdão. Ele acredita que o perdão pode desempenhar um papel crucial na cura das “doenças da memória”, a partir de algumas das ideias centrais. Trauma e Vulnerabilidade: as noções de trauma, ferida e vulnerabilidade fazem parte da consciência comum e do discurso cotidiano. Esses conceitos estão ligados à experiência humana e à memória. O perdão emerge desse contexto sombrio, onde feridas e traumas residem. Memória e Esquecimento: a memória não deve ser entendida apenas como um olhar para o passado. Ele rejeita uma compreensão estanque da memória. Em vez disso, ele propõe uma visão fenomenológica do tempo, onde o passado se entrelaça com o presente e o futuro. O perdão não é apenas retrospectivo. Ele também afeta nossas expectativas futuras. Espaço de Experiência e Horizonte de Espera: Ricœur utiliza os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de espera”, propostos por Koselleck. O espaço de experiência refere-se às heranças e traços sedimentados do passado, enquanto o horizonte de espera aponta para o futuro. O presente vivo atua como um intermediário entre esses dois domínios, conectando memória e expectativas. O Papel do Perdão: o perdão não é apenas uma questão de olhar para trás e liberar ressentimentos. Ele também molda nossa visão do futuro. Ao perdoar, redesenhamos nossa memória e nossas esperanças, criando um espaço para cura e transformação. Em suma, Ricœur argumenta que o perdão não é apenas uma questão de reconciliação com o passado, mas também uma forma de curar as feridas da memória e moldar nosso futuro. Ele nos convida a considerar a complexidade da relação entre passado, presente e futuro, e a reconhecer o poder transformador do perdão.

### Palavras-Chave

Hermenêutica. Perdão. Ricœur.



## A PERSPECTIVA COMUNAL NA HERMENÊUTICA GADAMERIANA

Leonardo Marques Kussler  
[leonardo.kussler@gmail.com](mailto:leonardo.kussler@gmail.com)

### Resumo

A filosofia do comum é um tema que ganhou espaço nos estudos filosóficos especialmente nas últimas décadas. Tal interesse se fundamenta, de modo especial, na crítica à exacerbação do individualismo neoliberal e a necessidade de se pensar em outras formas de coabitar o mundo a partir de uma visão que acolhe o outro e propõe ações comunais, projetadas e realizadas em conjunto. Neste estudo, minha proposta é mostrar em que medida a filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer ecoa na perspectiva comunal de autores como Arturo Escobar e Marina Garcés, especialmente a partir dos conceitos de ser-com e fusão de horizontes. Partindo do pressuposto de que a hermenêutica filosófica gadameriana é uma prática, uma postura existencial, meu objetivo é destacar que o modo de ser da hermenêutica não se reduz ao desenvolvimento individual, pois se realiza plenamente na relação e no diálogo corresponsável com o outro. Por fim, ressalto que essa proposta pode trazer novos ares às pesquisas no âmbito da filosofia hermenêutica em seu caráter sociopolítico, especialmente enquanto crítica ao modo de vida individualista, que, historicamente, se mostrou incapaz de solucionar problemas humanitários, sobretudo no contexto de emergência climática global.

### Palavras-Chave

Hermenêutica. Gadamer. Filosofia do Comum.



## AS INFLUÊNCIAS DO LIVRO VI DA ÉTICA A NICÔMACO NO PENSAMENTO DO JOVEM HEIDEGGER

Heldeane Carvalho Santiago

[heldeane.santiago@aluno.uece.br](mailto:heldeane.santiago@aluno.uece.br)

### Resumo

Martin Heidegger (1889 – 1976) incorpora em seus estudos, especialmente aqueles da sua juventude, diversas influências do pensamento de Aristóteles, como pode ser verificado explicitamente tanto em seus primeiros textos quanto em fontes documentais. Esses documentos não apenas apresentam detalhes da sua reinterpretação das obras de Aristóteles, mas também destacam sua filosofia prática e revelam sua apropriação de conceitos fundamentais da filosofia grega antiga, como os conceitos de ser e de práxis. Heidegger tenta estabelecer uma ontologia, ou melhor, uma reflexão sobre o sentido abrangente do ser que, através de uma leitura fenomenológica do livro VI da obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, encontra uma forma de expor a ontologia da vida humana. Sua inovação reside no uso do método fenomenológico como uma ferramenta importante para discutir o fenômeno da verdade levantado por Aristóteles. Esta comunicação tem como objetivo expor o desafio lançado para o jovem Heidegger, neste momento da sua reinterpretação da filosofia aristotélica, de como manter a ideia de ontologia dentro de uma dimensão prática, justificando sua hermenêutica da facticidade.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Jovem Heidegger. Hermenêutica.



## DA PERSPECTIVA DE VIOLÊNCIA EM PAUL RICOEUR À UMA FISIOLÓGIA DO RACISMO

Ozeli Oliveira Dos Santos  
[ozelisantos@hotmail.com](mailto:ozelisantos@hotmail.com)

### Resumo

Esta comunicação visa apresentar um breve resumo da pesquisa de doutorado pensada desde o mestrado com o tema da violência e aprofundada na fase de tese com a proposta de pensar o racismo, a partir da ideia de violência elaborada pelo filósofo Paul Ricoeur. Para o filósofo francês, a violência, se conforma em três planos: o psicológico, relativo às paixões; o das estruturas do terrível, que remete a formas calculadas e hipnotizantes da violência entre os seres humanos; e do Estado, relativo à violência legitimada. Mesmo que Ricoeur não tenha feito um estudo sobre o racismo, visualizamos na sua ideia de violência uma forma de explorar e compreender como o racismo entra em jogo com as três dimensões expostas acima. Esta discussão se fundamenta nas obras principais do filósofo que trata da violência, a obra História e verdade (1968), Leituras 1: em torno ao político (1995) e ainda aprofundaremos a problemática do racismo a partir de literaturas especializadas. Em suma, o objetivo da apresentação, é abrir um diálogo sobre a elaboração de violência em Paul Ricoeur e defender a importância dessa temática para pensar um problema tão caro para humanidade, isto é, o racismo.

### Palavras-Chave

Paul Ricoeur. Violência. Racismo.



## ENTRE SÍMBOLOS E FESTA: O JOGO HERMENÊUTICO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE COMO ACONTECER DO SER

Pedro Julio Santos De Oliveira Arrais

[pedroj.comunica@gmail.com](mailto:pedroj.comunica@gmail.com)

### Resumo

O exercício reflexivo aqui proposto, traz para o centro do debate filosófico a experiência hermenêutica da obra [construto] de arte na contemporaneidade a partir do diálogo com Hans-Georg Gadamer (1900-2002), tomando como força ilustrativa as artes transitórias e de repetição reprodutiva. Recorrendo à tradição da hermenêutica filosófica trazemos como questão norteadora a experiência hermenêutica da arte na contemporaneidade como acontecimento do Ser. Este diálogo hermenêutico tem como ponto de partida o exercício investigativo dos conceitos de Jogo, Festa e Símbolo, discutidos por Gadamer nas obras Verdade e Método I e II (1997) e em textos como Atualidade do Belo (1985) e o Jogo da Arte (1977). Partindo da premissa do filósofo de Marburgo de que o fazer hermenêutico está na práxis, no contato com as coisas do mundo, inclusive no contato com a arte, defendemos a ideia da temporalidade da arte como declaração (Aussage) - acontecimento de Ser - e por conseguinte possibilidade de acréscimos à (auto)compreensão humana. Em seu percurso hermenêutico, Gadamer (1985) apresenta a compreensão e interpretação do ser-no-mundo a partir da experiência humana do sentido, destacando a arte como espaço privilegiado no jogo da vida. Compreendemos que a experiência com o construto da arte na contemporaneidade apresenta-se como espaço de jogo ao encontro e (re)configuração de mundos, por e pela arte. Num sentido mais amplo, destacamos a arte como elemento constitutivo da “vida humana” e por conseguinte fenômeno de força declarativa da verdade, no horizonte da interpretação humana. Intuímos que a atualidade - presente no símbolo - e festividade do espírito atemporal da arte, como defendidos pela hermenêutica de Gadamer (1985;1997;2002), também contingenciadas nos construtos da arte na contemporaneidade, podem desvelar verdades que vão para além do método, do texto e põe em cena significados não apreensíveis pela ciência estética moderna, historicismo ou linguística, mas que perpassam o potencial de (re)apresentação hermenêutica da arte, reconfigurando as questões da estética



filosófica no todo do saber. Assim, o fazer hermenêutico no jogo da experiência temporal declarativa da arte é um caminho para o exercício da (auto)compreensão de si sobre as coisas, e constituição da phronesis, diante da experiência finita do Dasein e o acontecimento do Ser.

### **Palavras-Chave**

Arte. Hans-Georg Gadamer. Hermenêutica Filosófica.



## HERMENÊUTICA A PARTIR DO DIÁLOGO EM PAULO FREIRE

Edson Junior Candatten  
[candatten@gmail.com](mailto:candatten@gmail.com)

### Resumo

O que dá sentido e movimenta a pedagogia freireana é o diálogo, pois uma de suas mais relevantes inspirações foi o filósofo Karl Jaspers, que defendia o diálogo em toda e qualquer situação. Sem a experiência dialógica, a pedagogia permanece instrumentalizada e acaba se tornando um baú de conceitos e práticas para os dias de hoje. A hermenêutica, que buscamos analisar a partir dos textos de Freire, tem no diálogo o ponto de partida central e articulador. Assim, os textos de Freire indicam a relevância do diálogo, seja no contexto educacional, social ou político em que vivemos. Desse modo, busca-se compreender a hermenêutica nos escritos de Freire, o que é um investimento específico para contribuir na compreensão de sua amplitude e complexidade, considerando-se a pluralidade de autores/perspectivas que ele utilizou na formulação de seu pensamento sobre educação. Como maneira de assinalar a diversidade de perspectivas filosóficas em Freire, Torres (1996) utiliza a expressão “fenomenólogo dialético”. Com a expressão ele reconhece elementos da fenomenologia e da dialética no pensamento de Freire. A compreensão da educação freireana tem origens filosóficas cristã (teologia da libertação), existencial e personalista (Mounier, Sartre, Gabriel Marciel e Heidegger), a origem fenomenológica (Edmundo Husserl e Merleau-Ponty) e marxista (Marx, Gramsci, Marcuse, Kosik e Fromm). Evidencia-se que Freire teve influência do marxismo, do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia, tornando possível ser identificados seus conceitos, categorias e argumentações. A pedagogia freireana deve ser vista não somente a partir da influência de diferentes teóricos, mas, sobretudo, por um princípio (arché) destaca (Cunha, 2013). Na perspectiva de Freire, o existir humano carrega a vocação do compromisso com o outro, de responsabilidade não apenas pelo próprio existir, mas também com o existir do outro. Assim, a relação dialógica, em sua intencionalidade, tende para o outro, pois, por meio do diálogo construímos responsabilidades com o outro. Isso significa que é possível uma hermenêutica de Freire a partir do diálogo. Assim, sua filosofia se manifesta na dialogicidade.

### Palavras-Chave

Hermenêutica. Diálogo. Paulo Freire.



## HERMENÊUTICA COMO UMA FILOSOFIA PRÁTICA E A COMPREENSÃO COMO PRINCÍPIO

Micaela Oliveira Bongard  
[bongardmicaela@gmail.com](mailto:bongardmicaela@gmail.com)

### Resumo

Hans-Georg Gadamer (1900-2002) estrutura os seus estudos defendendo que a Hermenêutica não está voltada para o desenvolvimento de uma metodologia sobre como o sujeito entende algo; ele compreende que a interpretação, em si, é o modo como a consciência humana age com a finalidade de compreender tudo aquilo que é percebido por ela, é a interiorização daquilo que lhe é exterior a partir da utilização de uma linguagem comum que - quando são adequadamente aplicadas - possibilitam um entendimento aproximado sobre o mundo. Em seus estudos, Gadamer oferece uma visão contemporânea sobre como a consciência humana interpreta e compreende o mundo, admitindo a compreensão como um princípio hermenêutico, e minuciosidade com a qual ele trabalha, em Verdade e Método, os diferentes conceitos por trás desse processo explicita o mérito desta obra como uma fonte fundamental para uma investigação referente à prática hermenêutica, assim, o objetivo do meu trabalho é a realização de uma apresentação sucinta dos traços essenciais para um estudo sobre a compreensão e sobre a hermenêutica, admitindo-a como uma filosofia prática e participativa, a partir dos estudos sobre os conceitos gadamerianos de “pré-compreensão”, “preconceito”, “tradição”, “formação”, “círculo hermenêutico”, investigando a intersubjetividade e a alteridade presentes na abordagem de Gadamer. E, a partir do reconhecimento da historicidade e do peso significativo que ela possui para a interpretação e para o modo como transmitimos conhecimentos, eu busco trabalhar, também, como os questionamentos que um indivíduo traz à tona, o instiga e o impulsiona a estabelecer laços comunicativos com o mundo e com o outro; como o diálogo intersubjetivo e mútuo promove um meio mais apropriado para o entendimento, e o modo como o ato de exteriorizar os seus pensamentos e de se abrir para acolher as visões do outro, do diálogo em ação a partir do emprego mútuo da linguagem, contribui para a fundamentação e estruturação da compreensão humana; ao entender que, para Gadamer, a compreensão é um acontecimento da linguagem, do





falar sobre o mundo através de sentenças, palavras e sinais; ela é o ato de interpretar, de entender e de aplicar o conhecimento adquirido por meio da relação que o indivíduo estabelece com aquilo que lhe é exterior. É a intersubjetividade em ação, é o diálogo em sua reciprocidade, a compreensão é, assim, a hermenêutica em prática.

### Palavras-Chave

Hans-Georg Gadamer. Compreensão. Diálogo.



## HERMENÊUTICA E ECOLOGIA; SOBRE RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

Luiz Rohden  
rohden@unisin.br

### Resumo

We live in the Anthropocene: although there are still discussions, there is a certain consensus that we live in the Anthropocene, the geological era marked by essentially destructive human action. In etymological terms, Anthropos = Human + Ceno = Era, Period, the concept of Anthropocene is related to the power that human activity acquired until it became a destructive power of the environment on a geological scale (IHU). In Harari's terms, "officially we live in an era called the Holocene. But perhaps it is better to call the era that covers the last 70 thousand years the Anthropocene: the era of Humanity" (HARARI, 2016, 80). What characterizes the Anthropocene is the fact that, "for the first time in the history of the earth, human beings were able to modify the geopolitical environment, modify ecosystems and shift natural processes according to their immediate convenience" (IHU). In other words, "the Anthropocene – the Era of unbridled human domination over the Planet – has been the Era of global warming, ecological degradation and ecocide that is causing the 6th mass extinction of species" (IHU). Assuming that the Anthropocene is governed by a logic that sponsors and generates the destruction of life, we need to understand it in order to replace it with one that protects and maximizes the quality of life and planetary sustainability. 2. What is the game to be played for the quality of planetary life? We need to practice the style of playing based on the following rules: a. incorporate the logic of inclusion and otherness: Subject AND Object, Self AND Nature. 3. Environmental responsibility – the Planet seen as a Garden or a Vegetable Garden: The fact is that "we have developed technologies in a few generations that allow us to drastically alter the biosphere, potentially exterminating ourselves, but we have not developed the supranational institutions that are increasingly necessary" (DASGUPTA, 2017, p. 531) nor do we develop a sense of personal and collective responsibility towards nature. We urgently need to change our playing style and take her as our playing partner, "we must practice the care of the land required of the gardener, we must learn to cultivate what exists independently of our will, we must learn to get closer to the sources of life and understand how death also belongs to these sources

### Palavras-Chave

Hermenêutica. Ética. Ecologia.



## “HOMO INTERPRETANS”: CONSIDERAÇÕES DE JOHANN MICHEL SOBRE O CONCEITO DE UMWELT

Cristina Amaro

[viana.cristina.viana@ichca.ufal.br](mailto:viana.cristina.viana@ichca.ufal.br)

### Resumo

Em “Homo interpretans” (Hermann Ed., 2017), o pesquisador francês Johann Michel lança um olhar antropológico sobre a hermenêutica, buscando elucidar em que medida a interpretação pode ser considerada como uma marca própria do ser humano. Para tanto, percorre seis densos capítulos ao longo dos quais vai delineando seu conceito de interpretação, por meio de aproximações e embates com variadas abordagens. Pretendemos, nessa comunicação, discutir a primeira dessas incursões, em que o pesquisador confronta a noção de interpretação com a ideia de Umwelt, conceito oriundo da etologia (em que se destacam os trabalhos do biólogo nascido na Estônia Jakob von Uexküll), mas que conta também com uma consistente apropriação na filosofia (onde destaca-se, na seara da hermenêutica, a leitura que Martin Heidegger fez do conceito). Percorrendo a ideia de Umwelt em suas várias acepções – seja enquanto o entorno ou ambiente em que um organismo realiza suas funções vitais (abordagem etológica), seja enquanto a mundanidade que fundamenta a ideia de ser-no-mundo (abordagem filosófica) – Johann Michel defende que a atividade interpretativa não é um grau elevado da operação de recorte significativo do ambiente visando a ação, mas sim uma atividade de uma natureza totalmente outra, que não advém de nenhum esquematismo corporal. Nessa abordagem antropológica da interpretação proposta por Michel, três características contribuirão para seu distanciamento da ideia de Umwelt: (i) primazia do símbolo na abertura aos horizontes de sentido; (ii) suspensão reflexiva da compreensão do sentido e (iii) capacidade de auto-interpretação. Pretendemos, nessa comunicação, explorar cada um desses traços propostos por J. Michel, a fim de nos aproximarmos de sua concepção antropológica da interpretação.

### Palavras-Chave

Interpretação. Umwelt. Antropologia Hermenêutica.



## IDENTIDADE E NARRATIVA: PERSPECTIVA RICOEURIANA EM ESTIVE LÁ FORA DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Daniela Sousa Da Rocha  
rochasousad@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar a relação entre os conceitos ricoeurianos Identidade e Narrativa em *Estive lá fora* (2012), romance de Ronaldo Correia de Brito. O filósofo francês Paul Ricoeur inicia seus estudos acerca da narrativa por meio da tese de que esta é responsável por tornar a experiência humana do tempo acessível. Através da tese agostiniana do tempo, Ricoeur nos mostra uma presentificação do passado e do futuro por meio da narrativa. A correlação entre a atividade de narrar e o caráter temporal será defendida por Ricoeur através da construção de um elo que unirá a análise agostiniana do tempo nas *Confissões* e a análise aristotélica da intriga em *Poética*. O sujeito começa a se compreender por meios dos traços temporais presentes nas narrativas, e relacionados às ações narradas. Sendo assim, a identidade pessoal articula-se na dimensão temporal da existência humana. A identidade narrativa da personagem, de acordo com Ricoeur, submete a sua própria identidade a variações imaginativas e que são naturalmente geradas e buscadas. É dentro dessas variações que surgem, em função do tempo narrativo, os polos da mesmidade e ipseidade do personagem. Ambientado no auge da ditadura militar brasileira, a obra literária conta a vida do jovem Cirilo, que saiu do interior do Ceará para estudar medicina em Recife – PE. Em contrapartida, tem a missão de encontrar seu irmão Geraldo, líder estudantil que vem sendo perseguido pela polícia. A hipótese é que verificaremos por meio da narrativa um conflito de identidade em relação ao protagonista do romance *Estive lá fora* devido, principalmente, à mudança de espaço do rural para o urbano, somado às promessas que deveria cumprir e aos confrontos de valores gerados pelos novos hábitos adquiridos com as novas relações estabelecidas. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo de abordagem e sendo assim, diante do tipo de pesquisa a ser desenvolvida será realizada uma análise hermenêutica ricoeuriana. Serão utilizados como base teórica além de Ricoeur (1990, 2007, 2010, 2014), seus comentadores Henriques (2011), Dosse (2022), Gagnebin (1994, 1998, 2016), Nascimento (2009, 2018, 2019, 2021), Carneiro (2009, 2013, 2020), Rossatto (2021) Oliveira (2011, 2013, 2019).

### Palavras-Chave

Identidade. Narrativa. Paul Ricoeur.



## INTERDIÇÃO E EMUDECIMENTO: ELEMENTOS PARA PENSAR AS DIFICULDADES PARA A MANUTENÇÃO DO DIÁLOGO

Weksley Pinheiro Gama  
[weksley.gama@ifes.edu.br](mailto:weksley.gama@ifes.edu.br)

### Resumo

Em Verdade e método Gadamer recorre a Schleiermacher para afirmar que “tudo o que se propõe na hermenêutica é unicamente linguagem” (GADAMER, 1998, p. 557), evidenciando que na hermenêutica gadameriana a linguagem ocupa um lugar central. Além disso, afirma que “no falar real ou no diálogo a filosofia tem sua verdadeira pedra de toque, essa que é a sua, propriamente sua”. (GADAMER, 2007e, p. 111). Vemos, portanto, que o pensamento de Gadamer indica que há uma relação estrutural entre linguagem e diálogo. Contudo, em sua trajetória de pensamento, Gadamer identifica e aborda alguns desafios encontrados quando se busca estabelecer relações dialógicas pautadas pela alteridade. Assim, por mais que saibamos da necessidade de dar lugar ao outro no diálogo, frequentemente nos deparamos com situações nas quais as perspectivas apresentadas por um determinado interlocutor divergem severamente do que é objeto do diálogo, o que é um obstáculo para a manutenção de um diálogo. Para Gadamer, o problema da interdição do diálogo não decorre do fato de que existam divergências sobre o objeto ou situação que motiva falas antagônicas, mas no desejo de validar uma linha de argumentação de modo arbitrário e na efetivação de desvios tão grandes que além de subtrair qualquer correspondência entre o que está sendo dito e o objeto ou situação sobre a qual se fala, já não permite que o ponto de vista divergente seja ouvido. Entrementes, a arbitrariedade muitas vezes decorre da adesão a uma perspectiva quando esta é tomada como inquestionável. Esta postura pode ocasionar falas exaltadas que, de certo, não contribuem para o desenvolvimento adequado de um diálogo fundado na alteridade. Sobre isso Gadamer afirma que “(...) quando alguém se torna insistente em um diálogo com uma excitação desmedida (...) podemos nos sentir no direito de abdicar da tentativa de compreensão”. (GADAMER, 2007e, p. 90). Com efeito, esta comunicação pretende analisar estes e outros aspectos correlatos a esta problemática, buscando indicar implicações do cerceamento dialógico, bem como caminhos para a desinterdição de vias para dar voz aos distintos



modos de lidar compreensivamente com a realidade, contornando a unilateralidade de perspectivas que são impostas em detrimento de outras que, por sua vez, são emudecidas.

### **Palavras-Chave**

Alteridade. Emudecimento. Interdição.



## LITERATURA E MEMÓRIA: HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA OBRA NÃO VERÁS PAÍS NENHUM, DE LOYOLA BRANDÃO

Adriano Carvalho

[acarvalho.acv@gmail.com](mailto:acarvalho.acv@gmail.com)

### Resumo

Trata-se, na presente comunicação, sobre o romance brasileiro publicado por Ignácio de Loyola Brandão (1936- atual), *Não Verás País Nenhum* (1982). Pretende-se discutir a categoria da memória, propor-se-á um diálogo interdisciplinar entre filosofia e literatura, conjugado com os discursos que o narrador-personagem (Souza) constitui para a construção cronotópica do romance. No primeiro momento, como objetivo apresentar-se-á o alinhamento da tessitura da narrativa na constituição da identidade do romance pelo cunho histórico-político no viés jornalístico e como nasceu o romance-reportagem; para então, metodologicamente se discutir sobre a hermenêutica ricoeuriana a partir dos livros *Temps et Récit II* (1985) e *La mémoire, L'histoire, L'oubli* (2007). Posteriormente, aprofundar-se-á na análise do romance, evidenciando suas particularidades quanto à refiguração mnemônica, tendo como principal recurso a concepção bakhtiniana no livro *Questões de Literatura e Estética* (2014), através do romance na categoria de cronotopo que apresenta a relação tempo-espço no âmbito estrito do texto literário. Dessa forma, será evidenciado o modo como a categoria de memória é revelada no universo romanesco destacando assim, sagacidade da obra.

### Palavras-Chave

Memória. Filosofia. Literatura. Romance.



## “... NÃO INSISTAS COMIGO PARA QUE TE DEIXES, ...”: NARRATOLOGIA E TEOLOGIA EM RICOEUR

José Vanderlei Carneiro  
[vanderleicarneiro@ufpi.edu.br](mailto:vanderleicarneiro@ufpi.edu.br)

### Resumo

Narratologia e teologia é um estudo a partir da hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur e núcleo fundamental de toda Teologia. Quais as relações fundamentais entre narrativa e teologia? A reflexão será sobre os processos de elaborações teológicas presente na experiência da leitura e da escuta do texto sagrado como expressões dialógicas da comunidade orante, a partir das noções fundamentais de teoria narrativa e de uma teologia narrativa, constitutivas na hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur. Estas noções nos levam a compreender que os estudos do filósofo francês nos conduzem a uma capacidade de nos reportar ao significado dos eventos narrativos que estão presentes no texto bíblico. A materialidade textual da pesquisa são as seguintes fontes: a) Tempo e Narrativa e Hermenêutica bíblica de Ricoeur e b) livro de Rute in “Texto Sagrado”. O percurso interpretativo se dará em três momentos. O primeiro através da investigação sobre a teoria da narrativa, o segundo em torno dos constituintes de uma teologia da narrativa e por último, um exercício hermenêutico da narrativa do texto bíblico.

### Palavras-Chave

Teologia. Narrativa. Hermenêutica.





## O MÉTODO HERMENÊUTICO DA ESCUTA DE CAROL GILLIGAN

Viviane Magalhães Pereira

[viviane.pereira@uece.br](mailto:viviane.pereira@uece.br)

### Resumo

Há concepções de ética contemporânea que, de algum modo, adotam a hermenêutica como método para a reflexão sobre a moral. Nesta comunicação defenderemos a hipótese de que a ética do cuidado de Carol Gilligan é uma dessas concepções. Como uma alternativa ao método descritivo a priori de Lawrence Kohlberg, e uma tentativa de superar as exclusões provocadas por sua teoria, Gilligan adota em *Uma voz diferente* o que ela chama de “guia de escuta”, ou ainda, “um método relacional centrado na voz”. Com isso, ela termina fazendo ver uma alternativa disponível para a solução madura de conflitos morais, que foi ignorada por autores como Kohlberg, isto é, a orientação para a ação moral a partir do cuidado responsável. Entendemos que o procedimento adotado pela autora é guiado por pressupostos hermenêuticos e que, portanto, seu método de escuta pode ser considerado um método hermenêutico. Isso nos ajuda igualmente a entender melhor como a hermenêutica poderia servir como um método para a ética hoje.

### Palavras-Chave

Hermenêutica. Método. Ética.



## O PAPEL DA TEORIA DO CONHECIMENTO PARA A AUTONOMIA DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO EM WILHELM DILTHEY

Edson Silva De Araújo  
[edson.silva@aluno.uece.br](mailto:edson.silva@aluno.uece.br)

Viviane Magalhães Pereira  
[viviane.pereira@uece.br](mailto:viviane.pereira@uece.br)

### Resumo

Nesta comunicação abordaremos a teoria da compreensão (hermenêutica) de Wilhelm Dilthey (1811 - 1933), explicitando seu papel para uma autonomia das ciências do espírito. Para tanto, é importante destacar que a tradição da hermenêutica é o ponto de partida de sua filosofia, ao invés de ser um ponto de chegada. Ela é definida como a arte de interpretar, remetendo à capacidade de compreender textos e obras de diversos tipos. Na teoria da compreensão de Dilthey, a vivência é posta como o elemento mais básico da compreensão, enfatizando a conexão entre o sujeito e o mundo ao seu redor. Ele propõe uma expansão da hermenêutica de Friedrich Schleiermacher (1768 - 1934), que considera não apenas interpretar a mente do autor, mas também o mundo vivenciado por ele. Essa abordagem visa superar os desafios do conhecimento nas ciências do espírito, encontrando as condições para compreender o mundo histórico em sua complexidade. Em *Introdução às ciências do espírito* (1883), uma de suas principais obras, nosso autor propõe uma alternativa para o problema do conhecimento nas ciências do espírito. Ele discute a autonomia das ciências do espírito em relação às ciências naturais, destacando a necessidade de um método próprio para o estudo dessas disciplinas. Alguns estudiosos, como Wilhelm Wundt, tentam aplicar os métodos das ciências naturais, especialmente da física, ao estudo da psicologia. No entanto, segundo Dilthey, não se deve reduzir os objetos das ciências do espírito para enquadrá-los nos métodos das ciências naturais, pois tais objetos são resistentes à redução, por se tratar de objetos diversos daqueles das ciências da natureza. Portanto, as ciências do espírito devem se pautar pelo princípio da compreensão (*Verstehen*), ao contrário das ciências naturais que se baseiam na explicação (*Erklärung*) através da causalidade. A vivência é base do conhecimento nas ciências do espírito, e a



consciência humana não pode ser reduzida a conceitos abstratos. Em outros termos, a consciência não pode ser definida, mas apenas apontada como um dado último. Já as vivências humanas estão interligadas e formam um todo que pode ser compreendido através do princípio da relação entre partes e todo. Por esse motivo, Dilthey ressalta a necessidade de uma abordagem histórica para compreender as ciências do espírito, destacando a importância da consciência histórica na análise das experiências humanas.

### Palavras-Chave

Compreensão. Ciências do Espírito. Vivências.



## O QUE GADAMER ENTENDE POR FILOSOFIA PRÁTICA?

Roberto Wu

[betowu@gmail.com](mailto:betowu@gmail.com)

### Resumo

A comunicação procura discutir a proposta de uma filosofia prática por Hans-Georg Gadamer, através da análise de seus primeiros textos publicados, que têm por assunto a filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles. A hipótese consiste em que a interpretação sobre os gregos forjou a base ontológica de seu método filosófico, o que se verifica na explicitação dos pressupostos assumidos por esses pensadores gregos em diversos momentos de sua produção intelectual. Em especial, a pesquisa irá se deter sobre o caráter incontornável da *phronesis* aristotélica, o diálogo socrático e a dialética platônica como base filosófica a partir do qual o projeto de uma hermenêutica filosófica, compreendida no horizonte de atuação de uma filosofia prática, pôde ser justificada por Gadamer. Como consequência do gesto gadameriano, a hermenêutica filosófica apresenta uma re colocação dos significados entre o teórico e o prático, ao explorar, por um lado, o campo fenomenológico correspondente à hermenêutica da facticidade heideggeriana, e por outro, o impulso prático dos gregos.

### Palavras-Chave

Gadamer. *Phronesis*. Facticidade.



## RECONFIGURAÇÕES ESTÉTICAS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA POÉTICA ÉTICA NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

Herasmo Braga De Oliveira Brito

[herasmobraga@ufpi.edu.br](mailto:herasmobraga@ufpi.edu.br)

### Resumo

Interpretar também é algo que por meio da nossa cognição realizamos a todo momento, e na narrativa encontramos bons intentos. Devemos lembrar da afirmação de Aristóteles na sua Poética, que os indivíduos são constituídos por narrativas. Dessa maneira, narramos e somos narrados a todo instante. Assim, narrar e interpretar é algo formador da nossa essência e por isso realizamos, somos e presenciamos. Assim, diante de temporalidades específicas requer algumas reflexões elencadas por Paul Ricoeur ao longo do seu trabalho filosófico hermenêutico. Desta maneira, tendo em mente a reflexão em torno da narrativa e das ideias formuladas por Ricoeur, relacionando com as questões da interpretação, do tempo e dos elementos éticos e estéticos, para confrontarmos a convergência nas narrativas diante da composição de uma poética no âmbito do pensamento de Paul Ricoeur, constitui a nossa empreitada. Para tal análise terá a base dos três tomos de Tempo e Narrativa (2010a, 2010b, 2010c), O si-mesmo como outro (2014), e Teoria de Interpretação (2019). A ética presente se faz mediada por uma postura de elaboração de narrativas conscientes, talhadas no momento prévio em que a própria experiência do autor se encontra em miscelâneas e que suas idiossincrasias e as tradições culturais ambientam os seus momentos prévios de reflexão para a escrita (mimese I – pré-configuração), e no momento da elaboração, em que a sua memória cultural irá compor a tessitura da escrita, trazendo em si para o campo das ideias e reflexões no meio da escrita esse compartilhamento e pela sua percepção expansiva de horizontes, e com o seu refinamento artístico a narrativa vai se desenvolvendo (mimese II – configuração), e ao ser possibilitada para outros, essa escrita será recepcionada por ele e obviamente serão captados nas suas subjetividades todos esses elementos que o levarão a reconfigurar diante da narrativa exposta (mimese III) pelo leitor. Em Ricoeur o encontro nas narrativas da ética, estética, hermenêutica de si, reconhecimento de si através do outro, o experimentar em profundidade, o que as narrativas nos apresentam, a qualidade da prosa literária, a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



intuição estetizada, porquanto todas vão na direção de reconfigurar o sujeito, para torná-lo na prática um ser de ação ética com as pessoas, com o mundo, pela ampliação dos seus horizontes hermenêuticos/interpretativos acerca das coisas.

## Palavras-Chave

Poética. Ética. Estética.



## RECONHECIMENTO MÚTUO E O DESAFIO HOBBSIANO DO ESTADO DE NATUREZA A PARTIR DE PAUL RICOEUR

Elton Moreira Quadros

[elton.quadros@uesb.edu.br](mailto:elton.quadros@uesb.edu.br)

Cleiton Jesus Matos

[cleitonjesusmatos@gmail.com](mailto:cleitonjesusmatos@gmail.com)

### Resumo

Na obra *Percursos do Reconhecimento*, Ricoeur revisita a filosofia hobbesiana acerca do estado de natureza, releitura esta que o nomeia de teoria do desconhecimento originário, isto é, uma experiência de pensamento que não resulta de uma observação de fato de um estado, mas através de um exercício de imaginação do que seria a vida humana sem a instituição de um governo estabelecido. O filósofo francês, problematiza a concepção hobbesiana no que diz respeito ao convívio da vida humana em seu início, destacando não partir de um dado empírico, posto que só nos conhecemos como comunidade após a estabelecimento de alguma organização política. Para Ricoeur, as leis naturais elencadas por Hobbes no *Leviatã*, descrevem que o ser humano enquanto comunidade, tem por natureza um signo de desconfiança seguida de medo em relação ao seu semelhante, sobretudo e, em última análise, o medo da morte violenta. Aponta Ricoeur, nestas condições nasce o desejo de segurança, desejo este que gera o contrato social e, por fim, resulta na necessidade e criação de um Estado. Na releitura da teoria hobbesiana do estado de natureza, Ricoeur, destaca a dissimetria em relação a sua teoria de um reconhecimento mútuo, uma vez que este se dá na relação entre o eu, o outro, nas sociedades humanas. A reflexão ricoeuriana, entende que esta relação do mesmo e do outro também pode ser afetada mutuamente, embora ele considere que o reconhecimento pensado enquanto identidade distancia o outro na tentativa de uma afirmação do eu. Ricoeur considera a teoria de Hobbes como um desafio no que concerne as relações humanas em comunidade e, acentua a dificuldade de conceber um reconhecimento mútuo à luz da interpretação hobbesiana do estado de natureza. Nesse sentido, a importância da discussão está no fato de que Ricoeur não pretende negar a existência de uma

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



dissimetria entre o eu e o outro, mas sim refletir sobre o reconhecimento mútuo, para além da lógica do medo presente na concepção do estado de natureza de Hobbes. Do ponto de vista metodológico, buscamos abordar a problemática em questão a partir do método fenomenológico-hermenêutico desenvolvido pelo filósofo francês.

## Palavras-Chave

Comunidade. Dissimetria. Identidade.





## SEXO E GÊNERO NA HERMENÊUTICA DE GEORGIA WARNKE

Cecília Mendonça De Souza Leao Santos

[cecilialeao@gmail.com](mailto:cecilialeao@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho investiga as ideias de “mulher” e “feminilidade” a partir das reflexões apresentadas por Georgia Warnke em “Debating Sex and Gender”. Ao inquirir se o gênero é causado pelo sexo ou se o sexo é determinado pelo gênero, ou, ainda, se ambos conceitos são independentes com incontáveis possibilidades de articulação, a filósofa examina a dicotomia aparentemente insuperável entre natureza e cultura que permeia os debates sobre o intrincado liame entre sexo e gênero e emprega as ferramentas da hermenêutica filosófica gadameriana para pavimentar uma via alternativa. Em oposição à Judith Butler - para quem qualquer tentativa de descobrir a origem da diferença sexual é, em si mesma, construída a partir da ideia social de gênero existente apenas nas relações ou distinções entre feminino e masculino com expectativas e normas específicas estabelecidas socialmente -, Warnke questiona a tese radical do gênero como performance e analisa suas repercussões para os projetos políticos feministas que se ancoram na categoria de mulher. Embora não seja recomendável - tampouco desejável - abandonar a ideia de mulher enquanto categoria política, a autora reconhece as dificuldades e as inconsistências da proposta de um feminismo que, em última instância, busca universalizar o que seriam traços comuns às humanas pertencentes a grupos separados por profundas diferenças culturais, de classe, de raça, de nacionalidades. Como saída, a filósofa propõe que tratemos os conceitos sexo e gênero como interpretações que, como preconiza a hermenêutica filosófica, não se pretendem definitivas, e, portanto, são passíveis se coadunarem em vieses distintos, de modo a dispor de categorias normativas capazes de orientar a discussão pública sem incorrer nas armadilhas das definições essencialistas.

### Palavras-Chave

Sexo. Gênero. Hermenêutica.



## UM DIÁLOGO ENTRE RICOEUR E LACAN ACERCA DA ESPERANÇA E O REAL

René Dentz

[dentz@hotmail.com](mailto:dentz@hotmail.com)

### Resumo

É à luz de um eixo querigmático da esperança e da liberdade que Ricoeur busca uma aproximação “da maturidade” entre filosofia e teologia. O querigma funciona como passaporte para uma nova inteligência. A esperança é uma espécie de “descentramento”, entre metáfora e parábolas, por um lado, e extravagância das coisas narradas e Reino, por outro. Em *O si-próprio no espelho das Escrituras* (presente em *Amour et justice*) Ricoeur afirma algo fundamental a partir dessa relação. Se a função do símbolo em Ricoeur é configurar o espaço do significado, o símbolo em Lacan é desvinculado de qualquer questão de significado. Sua função, diz ele, é até mesmo “não significar nada”. Um confronto estreito entre Lacan e Ricoeur em torno desses três temas – o simbólico, o real e o imaginário – é útil para descrever os possíveis obstáculos da representação em relação à interpretação das alegações escatológicas, pois a imaginação em Ricoeur tem fundamentalmente a ver com o poder criativo (poético-metafórico) da linguagem, enquanto a imaginação em Lacan se refere a um efeito de alienação na imagem que, precisamente, dificulta a criatividade da vida subjetiva. A subjetividade construída no início da modernidade possuía seus fundamentos nos conceitos de interioridade e reflexão sobre si mesma. Na Pós-Modernidade, a externalização e a estetização ganham terreno. Em última instância, um genuíno diálogo entre o teológico e o psicanalítico pode resultar no resgate da dimensão relacional, para além da polarização interioridade/exterioridade. A ênfase radical na interioridade resultou em um esvaziamento da noção de solidariedade e contribuiu para a construção de uma sociedade narcísica. A solidariedade é justamente o resquício das interações de afetos, a partir da presença e do corpo, das singularidades e diferenças. A psicanálise alerta para a relação intrínseca e fundante entre corpo e sujeito. Não podemos pensar um sujeito sem corpo, a não ser se adentramos o campo das negações psicopatológicas. De igual modo, não é possível elaborar uma teologia verdadeiramente pós-moderna sem o corpo, o corpo em sua sexualidade, corpo



enquanto presença no mundo, encarnação. O esquecimento do corpo e mesmo sua negação, resultaram em uma espiritualidade paranoica e repressiva. Dessa maneira, comumente também se esquece o afeto. Afeto é produzido pelo corpo. A questão da afetividade é absolutamente crucial para que se possa ficar no mesmo comprimento de onda dos sofrimentos atuais.

### **Palavras-Chave**

Poética. Metáfora. Liberdade.



## UM POSSÍVEL DIÁLOGO SOBRE O TEMPO NA NARRATIVA DE FICÇÃO ENTRE RICOEUR E BAKHTIN

Rita De Cássia Oliveira  
[rc.oliveira30@yahoo.com.br](mailto:rc.oliveira30@yahoo.com.br)

### Resumo

Nesta Comunicação procuro estabelecer um diálogo entre Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin sobre o tempo como uma das condições à criação do romance. Atenho-me precisamente na concepção de tempo em Paul Ricoeur como desenvolvida em *Temps et récit II*, intitulado: *La configuration dans le récit de fiction*, com a concepção de tempo em Mikhail Bakhtin, contida no livro *Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Este diálogo entre um filósofo francês e um teórico da literatura russo é de minha inteira responsabilidade e justifica-se pela minha pesquisa em defender que existe uma teoria do romance em *Temps et récit*. Neste estágio da pesquisa, concentro-me na questão do tempo como uma condição à criação do romance em Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin, com a observação que em Bakhtin o tempo está intrinsecamente ligado ao espaço e o resultado deste elan recebe o nome de Cronotopo Ricoeur não se refere especificamente ao espaço como faz Bakhtin com o conceito de cronotopo, mas percebo que a noção de jogos com o tempo tratada por Ricoeur, carrega consigo a ideia de espaço, uma vez que os jogos com o tempo exigem o verbo e esse remete à ocorrência de uma dada ação, que necessita sempre do espaço para ocorrer. E o cronotopo, por ser a fusão espaço-temporal, também solicita da língua o emprego do verbo além, propriamente, da simples descrição arquitetônica de um dado espaço. Já, Bakhtin observa que o cronotopo modifica-se no decorrer do desenvolvimento da história da literatura, apresentando-se sob as mais diversas formas. Para Ricoeur, o sistema dos tempos verbais modifica-se de uma língua para outra e não se deixa reduzir à experiência fenomenológica do tempo e nem da distinção intuitiva entre presente, passado e futuro. Essa independência dos sistemas dos tempos verbais favorece a composição da narrativa. Já o cronotopo, para Bakhtin, ocorre na história de modo complexo e descontínuo e é elaborado de muitas formas em sua representação artística a depender do seu gênero. Portanto, prendo-me em estabelecer relações entre os jogos com tempo em Ricoeur com o cronotopo de Bakhtin, como um diálogo pertinente que justifica a minha investigação.

### Palavras-Chave

Tempo. Narrativa. Romance.



## UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE TRADIÇÃO EM HANS-GEORG GADAMER

Saulo Luquini Schetini  
[saulo.schetini@gmail.com](mailto:saulo.schetini@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em analisar e refletir sobre as proposições elaboradas por Hans-Georg Gadamer acerca do conceito de tradição e sua importância no âmbito das ciências do espírito. Para isso, será utilizada sua principal obra, *Verdade e Método*, publicada pela primeira vez em 1960, assim como o trabalho de demais autores que dialogam com a filosofia de Gadamer e com o tema, como Habermas e Heidegger. Em sua análise, Gadamer compreende que o iluminismo criou uma falsa oposição entre tradição e razão, uma vez que ambos se configuram enquanto elementos de importância para o pensamento humano. Admitindo a universalidade da linguagem, característica central da hermenêutica gadameriana, entende-se que a própria razão deve também fazer parte de uma tradição, pois qualquer tipo de razão não poderia existir independentemente de uma escola, de narrativas, de instituições e pessoas que a sustentam, de um momento histórico, geográfico e social delimitado. A tradição é entendida aqui não apenas enquanto um conjunto de discursos, práticas, valores e modos de vida que se encontram no passado. O conceito elaborado por Gadamer identifica a tradição como aspecto atuante no sujeito do presente, como aquilo que sustenta o próprio olhar e constitui a dimensão pré-compreensiva da subjetividade, devendo ser explicitada em função de uma hermenêutica filosófica que preza por colocar os pré-conceitos do intérprete em jogo. Vivemos em um mundo permeado por diferentes culturas e tradições. Cada povo constrói sua identidade histórica, que se expressa em uma variedade de formas. Falar sobre tradição, em sentido amplo, é falar sobre a história do mundo, mas se enganam aqueles que consideram essa história uma voz unívoca que ressoa através dos milênios. Antes, é uma multiplicidade de vozes, que muitas vezes se encontram em diálogo e disputa. Nesse contexto, pode-se entender que de acordo com Gadamer, toda a vida comum dos seres humanos é influenciada pela tradição, tanto no âmbito coletivo quanto individual, tornando-se assim um produto da história efetual, como denominada pelo

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



autor. Isso não significa, entretanto, a adoção de alguma espécie de conservadorismo. Gadamer argumenta que a conservação é uma conduta tão livre quanto a inovação ou a destruição. Reconhecer o elemento da tradição significa perceber-se enquanto ser histórico e admitir a existência daquilo que veio antes, algo necessário tanto para sua reafirmação quanto para a elaboração de antíteses.

## Palavras-Chave

Hermenêutica. Gadamer. Tradição.



## UMA DIMENSÃO POLÍTICA DO RECONHECIMENTO NO PROJETO FILOSÓFICO DE PAUL RICOEUR

Thalyta Cristine Arrais Furtado Araújo De Oliveira

[thalyta.arrais@gmail.com](mailto:thalyta.arrais@gmail.com)

### Resumo

Reconhecer significa no plano filosófico de Paul Ricoeur (2006) entrecruzar aspectos semânticos, epistemológicos, ontológicos, pragmáticos e sobretudo, éticos que vão desde um caminho que parte da identificação pela diferenciação ou exclusão, passando por uma fenomenologia do homem capaz (de reconhecer e ser reconhecido) e suas maneiras de estar-no-mundo e chegando finalmente ao reconhecimento mútuo, onde o si e o outro se entrelaçam e se constituem num plano político. Partimos da premissa de que o contexto contemporâneo está fortemente marcado não por um problema de reconhecimento, mas por sua total negação, onde cada um de nós tomado como corpo político forma um mosaico complexo em que a incompreensão se torna evidente. Desta forma, tentaremos demonstrar que o reconhecimento enquanto uma problemática intersubjetiva mobiliza processos, por isso, é preciso pensá-lo em suas estruturas mediadoras no campo político (das instituições e organizações sociais) e operar num horizonte que vise a reconciliação, numa lógica dialética do consensual-conflitual. Neste caminho, propomos uma reflexão sobre o percurso filosófico de Paul Ricoeur visando encontrar em seu projeto hermenêutico uma dimensão política do reconhecimento capaz de iluminar não só as relações horizontais de pessoa a pessoa (eu-tu), mas com raízes profundas no mundo coletivo. Por um lado, procedemos à crítica e à busca dos limites encontrados no autor, ao não se deter de forma mais contundente às dimensões políticas do reconhecimento em sua obra *Percurso do Reconhecimento* (2006), embora esteja em permanente diálogo com autores com declarada posição, como Taylor (1998) e Honneth (2003). De outro, seguiremos em sua via hermenêutica-antropológica encontrando nesta via um indicativo que nos impulsiona para espaços dialógicos, reconhecendo os limites de nossa interpretação, assim como aceitando as percepções e compreensões do outro, para formalizar vínculos sociais mais humanos. Assim, se a experiência imediata põe-nos em face do conflito e crise que encontra no seu cerne o reconhecimento, o contexto do

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



multiculturalismo e da globalização evidenciam que é necessário repensar a partir de outras chaves de leitura como se dá a relação humana, sem perder no horizonte conceitual a visada pacificadora a que propõe Paul Ricoeur.

## Palavras-Chave

Paul Ricoeur. Política. Reconhecimento.



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA



## A CONCEPÇÃO TOMASIANA DA VONTADE E SEUS ATOS

Márcio Fernandes Da Cruz

[fernandesmedieval@yahoo.com.br](mailto:fernandesmedieval@yahoo.com.br)

### Resumo

A discussão acerca da vontade no âmbito filosófico, nos revela que ainda que muitos pensadores a tenham definido em seus contextos históricos, parece haver em nosso tempo, possibilidades de retomar tal questão, não em sentido conceitual, mas enquanto sustentáculo primordial para compreender as questões que dizem respeito à ética, à liberdade, e mais precisamente ao problema dos atos humanos. Do mesmo modo que Aristóteles desenvolve a estrutura da (deliberação-juízo- escolha), Tomás de Aquino proeminentemente apresenta a questão da vontade como fator relevante e inovador para a compreensão das ações humanas em vista do fim. A vontade (voluntas), parte intelectual da alma, se relaciona ao mesmo tempo com o fim (bonum honestum) e com os meios (bonum utile), como uma inclinação natural do intelecto enquanto princípio movimento das ações humanas. Quanto ao movimento da vontade, Tomás nos elucida que este é causado por Deus e não somente pela potência da própria vontade, num primeiro momento, considera-se que é própria potência da vontade que a move. A respeito dos atos humanos, considera-se duas zonas de ação humana, a saber, os atos interiores e exteriores. Para Tomás, um ato interior procede diretamente da razão prática e da vontade como princípio de toda ação propriamente humana. Não obstante, o ato exterior é a execução da ação pela sensibilidade e as forças corporais que são comandadas pela vontade.

### Palavras-Chave

Atos Humanos. Vontade. Tomás de Aquino.



## A CONTROVÉRSIA ENTRE YOGĀCĀRA E MADHYAMAKA SOBRE A VACUIDADE

Giuseppe Ferraro

[giuseppeferraro2003@yahoo.com.br](mailto:giuseppeferraro2003@yahoo.com.br)

### Resumo

No capítulo VII do Samdhinirmocana-sūtra, o Buda declara que o conceito de vacuidade ensinado na escola Yogācāra deve ser considerado como um terceiro giro da roda do Dharma – logo, uma verdadeira revolução filosófica – que se segue aos dois giros anteriores: o primeiro corresponde, naturalmente, ao ensinamento das “Quatro Verdades dos nobres” e ao resto da pregação “canônica”, que daquelas verdades deve ser considerado um aprofundamento e uma reelaboração. O segundo giro, entretanto, se apresenta como mais problemático, por duas razões: a primeira é que não é claro quem move a roda do Dharma pela segunda vez; em segundo lugar, não entendemos imediatamente em que consiste a diferença entre o conteúdo filosófico do segundo giro e o do terceiro: O Buda, com efeito, afirma que o objeto do segundo giro é também, como no caso do terceiro giro, o ensinamento da “ausência de natureza própria nos fenômenos”, ou seja, a vacuidade. Tanto no segundo quanto no terceiro giro da roda do Dharma, portanto, o objeto do ensinamento é a vacuidade. Contudo, evidentemente, deve-se tratar de duas diferentes versões desse ensinamento – tão diferentes, que os yogācārins consideram sua própria versão como, de fato, revolucionária, base de um novo paradigma filosófico. Na minha comunicação gostaria de argumentar – com base em uma seleção de trechos de fontes primárias – a favor das seguintes quatro pontos: (1) que a vacuidade do segundo giro da roda do Dharma é aquela dos sūtras mahāyāna do ciclo da “Perfeição da sabedoria” (prajñāpāramitā) e de seus interpretes mais imediatos, a saber, os autores da escola Madhyamaka; (2) que os yogācārins entendem e condenam tal vacuidade do segundo giro como um niilismo; (3) que os mādhyamikas têm bons argumentos para se defender dessa acusação; (4) que a versão do Yogācāra da vacuidade leva os autores dessa escola a uma metafísica não dualista, de fato bem diferente da vacuidade “antimetafísica” da escola Madhyamaka.

### Palavras-Chave

Vacuidade. Yogācāra. Madhyamaka.



## A CORRELAÇÃO ENTRE KARMAN, JÑĀNA E AVIDYĀ NAS TRÊS PRIMEIRAS ESTROFES DO ĀTMABODHA DE ŚAṄKARĀCARYA

Pablo Duílio Martins Barbosa Da Silva

[pablo.silva@ufjf.br](mailto:pablo.silva@ufjf.br)

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar, elucidar e correlacionar os conceitos de ação (karman), conhecimento (jñāna) e ignorância (avidyā) mencionados pelo filósofo Śaṅkarācarya nas três primeiras estrofes (śloka) da textualidade denominada Ātmabodha (lit. realização do Ātman). Nessa obra introdutória (prakaraṇa-grantha) à doutrina (siddhānta) do Advaita Vedānta, Śaṅkara sistematiza em 68 estrofes as principais noções da sua filosofia, a qual se fundamenta no princípio ontológico da não-dualidade radical (kevalādvaita), i.é; na concepção de que o Absoluto Brahman constitui a única realidade. Para tanto, o autor recorre pedagogicamente a uma linguagem poética e repleta de analogias (dṛṣṭānta), motivo pelo qual o Ātmabodha é considerado pela tradição um dos textos mais belos compostos pelo filósofo. Não obstante, para um melhor entendimento do significado e da correlação subsumida às noções primárias de ação (karman), conhecimento (jñāna) e ignorância (avidyā), tal qual aparecem nas três primeiras estrofes da obra, deve-se considerar o contexto soteriológico em que se enquadram as escolas do Vedānta (lit. a última parte dos Vedas) bem como quem são os interlocutores para os quais Śaṅkarācarya compõe os versos mencionados. Nesse sentido, os alocutários pretendidos por Śaṅkara são discípulos que possuem os pré-requisitos (sādhana catuṣṭaya) exigidos pela tradição para percorrer com êxito o caminho racional intrínseco à textualidade do Ātmabodha. Com efeito, o estudo tradicional de textos filosóficos introdutórios ao processo de iniciação à doutrina enquadra-se dentro de uma estrutura pedagógica sistemática (guruśiṣyaparamparā), a qual é baseada em uma linhagem dinâmica de ‘mestres realizados’ (acāryas), os quais transmitem o ‘Conhecimento Último’ àqueles ‘discípulos que estão aptos para assimilá-lo’ (adhikārin). Consequentemente, muitos conceitos, como os que se pretende investigar neste estudo, carecem de uma ressignificação que é dada justamente pela condição cognitiva em que se apresentam esses interlocutores específicos. Dessa forma, espera-se com este trabalho, a partir de



uma análise hermenêutica do original em sânscrito do Ātmabodha, contribuir para uma melhor compreensão da obra; contextualizando, esclarecendo e correlacionando os conceitos elementares de ação (karman), conhecimento (jñāna) e ignorância (avidyā), tal como referidos pelo autor nas três primeiras estrofes do texto.

### Palavras-Chave

Vedānta. Ātmabodha. Śāṅkarācārya.



## A DISCUSSÃO SOBRE O INTELLECTO NO DE XV PROBLEMATIBUS DE ALBERTO MAGNO

Matteo Raschietti

[matteo.raschietti@ufabc.edu.br](mailto:matteo.raschietti@ufabc.edu.br)

### Resumo

O tratado *De quindecim problematibus* não se encaixa, a rigor, em nenhum dos gêneros filosóficos canônicos da escolástica presentes na obra de Alberto Magno. Trata-se, de fato, de um escrito ocasional e, mais precisamente, da resposta a um “questionário filosófico” enviado por um confrade, Egídio de Lessines, que se dirige à autoridade do *Doctor universalis* diante da relevância de certas questões filosóficas debatidas em Paris nos anos 1260-1270. Egídio escreve ao mestre alemão não para obter uma simples opinião, mas para pedir uma intervenção decisiva em certas questões que haviam se tornado centrais no debate filosófico e teológico parisiense daqueles anos, manifestando com seu pedido a urgência teórica de tais questões. A data de composição, que foi identificada como 1270, antes da condenação de 10 de dezembro, tem sido uma questão historiograficamente debatida entre os editores e comentaristas modernos do texto. Vale lembrar que essa não foi a primeira vez que Alberto foi convidado a falar sobre um assunto específico. Em 1256, enquanto ele estava na corte papal em Anagni para apoiar a causa das ordens mendicantes, o papa Alexandre IV pediu que ele falasse sobre o tema do destino escatológico da alma individual. Essa intervenção resultou na obra *De unitate intellectus*, cuja tradução e publicação em português foi publicada em 2022, enquanto a tradução do *De unitate intellectus* contra averroistas de Tomás de Aquino, magistralmente traduzida pelo professor Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, está disponível desde 2016. Tomás habilmente aponta como a exegese errônea e imprecisa de Siger de Brabante é o resultado de uma leitura superficial do *De anima* aristotélico, totalmente inadequada e inadmissível para aqueles que, como no caso de Siger, pretendem se apresentar como um exegeta de Aristóteles. Os tópicos em discussão no tratado *De XV problematibus* se relacionam com duas grandes áreas temáticas – a antropologia, por um lado (intelecto, alma, vontade), e o relacionamento entre Deus e o mundo, por outro (criação, conhecimento de Deus, providência, ressurreição) - e podem ser agrupados em sete áreas temáticas



gerais. Um primeiro grupo de questões diz respeito ao intelecto (problemata 1 e 2); um segundo grupo diz respeito à questão da liberdade da vontade e do determinismo astral (problemata 3, 4, 9 e 12); um terceiro grupo diz respeito à questão da eternidade do mundo (problemata 5 e 6); um quarto grupo diz respeito à alma (imortalidade, problema 7); o sofrime

### **Palavras-Chave**

Alberto Magno. Intelecto. De XV problematibus.



## A EXPERIÊNCIA PURA COMO NADA ABSOLUTO E FUNDAMENTO DA REALIDADE NA FILOSOFIA DE NISHIDA KITARŌ

Lucas Emanuel Salviano Murata

[lucas.murata@hotmail.com](mailto:lucas.murata@hotmail.com)

### Resumo

Esta apresentação tem como objetivo principal explorar o conceito de experiência pura (純粹經驗 - junsui keiken) do filósofo japonês Nishida Kitarō — fundador da Escola de Kyoto — como resposta à questão fundamental: qual é o fundamento da realidade? Para tanto, faremos uma análise de sua obra magna, *Investigação sobre o Bem* (1911). Por que é importante estudar este conceito no âmbito acadêmico? Para responder a essa questão, podemos destacar alguns pontos: (1) o conceito permanece relevante no debate filosófico contemporâneo sobre o problema da realidade, intensificado pelo diálogo interdisciplinar resultante dos avanços da física quântica, neurociências e cosmologia; (2) a expansão de novas pesquisas sobre a filosofia japonesa, especialmente sobre a filosofia de Nishida, considerando que a evolução de seu pensamento é um desdobramento deste conceito inicial; e (3) o estímulo ao diálogo entre as filosofias do oriente e do ocidente, com o objetivo de questionar a existência de uma dicotomia real entre essas tradições. O esclarecimento do conceito de experiência pura nesta apresentação será baseado em algumas perguntas fundamentais: Como Nishida define esse conceito em seus escritos? Por que Nishida desenvolveu esse conceito e o que ele esperava alcançar com ele? Quais são as principais dificuldades enfrentadas por Nishida ao elaborar esse conceito? A conclusão que propomos é que a experiência pura é o nada absoluto, compreendido como o fundamento da realidade.

### Palavras-Chave

Experiência Pura. Nishida. Nada Absoluto. Kyoto.





## A EXTENSÃO DO INFINITO: HEIDEGGER E ŚAÑKARĀCARYA EM DIÁLOGO SOBRE O SER PARA A MORTE E O TEMPO

Larissa Dantas Camargo Mello

[dantaslarissa96@gmail.com](mailto:dantaslarissa96@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação realizará uma análise aproximativa entre a concepção desenvolvida pelo filósofo Martin Heidegger, ser para a morte (Das Sein zum Tode) – como parte constituinte significativa do ser-aí (Dasein) – e o complexo epistêmico e hermenêutico implicado nos desenvolvimentos relativos à questão do tempo na filosofia do Advaita Vedānta, conforme deslindado pelo filósofo Śaṅkarācārya. Heidegger argumenta que a morte é uma possibilidade sempre presente no horizonte do  $\neg$ ser-aí, e que molda sua percepção ante outras possibilidades existenciais: “No ser para a morte, o Dasein se comporta em relação a si mesmo como um assinalado poder-ser” (Heidegger, 2012). Isso significa que ao ser consciente de sua própria morte, o ser-aí se relaciona consigo mesmo numa perspectiva que assinala essa possibilidade acima de todas as outras pois a morte é a possibilidade máxima; aquela que castra todas as demais possibilidades. Portanto, ao se colocar diante da própria morte, o ser-aí experimenta uma vivência autêntica, revisitando e reavaliando os modos e significados de sua existência. Já a concepção de tempo em Śaṅkarācārya, no Advaita Vedānta, deve ser compreendida sob o contexto cosmológico da não-dualidade. Enquanto o indivíduo concebe a si mesmo enquanto um sujeito autárquico ante os demais entes que são copartícipes da existência, o tempo é experimentado como morte, i.e., o tempo é a plataforma pela qual o sujeito tenta estabelecer-se como infinito manipulando objetos que no registro de suas relações são compreendidos como pequenas frações de “meus”, como suas extensões privadas. No entanto, essa tentativa é inevitavelmente confrontada pela finitude. Na tradição de Śaṅkarācārya, a perspectiva do tempo está ligada à natureza de Brahman, a realidade última e não-dual. Por meio do comprimento de certos requisitos, num contexto metodológico elucidatório que mira a libertação (mokṣa) do sofrimento (da ignorância), a compreensão do tempo sofre uma alteração: de tempo como morte, o tempo passa a ser compreendido como uma reunião, “desponta deste empreendimento elucidatório do conceito de ‘infinito’ o primeiro nível de



evidenciação do sentido profundo do Tempo como reunião (sangama/samyoga), como celebração e conagração da totalidade dos entes” (Loundo, 2023). Assim sendo, percebe-se que em ambas as esteiras filosóficas, tanto a de Heidegger quanto a de Śāṅkarācārya a compreensão do tempo tem implicações existenciais importantes que serão expostas na futura comunicação.

### Palavras-Chave

Ser Para a Morte. Tempo. Advaita Vedānta.



## A FILOSOFIA ORIENTAL CONTADA ATRAVÉS DE DANMEI: MÓDÀO ZŪSHĪ E ASPECTOS DO DAOISMO CHINÊS

Aline Ribeiro Mendes  
[alinetrix@hotmail.com](mailto:alinetrix@hotmail.com)

### Resumo

Inspirado pela literatura do gênero de leitura japonês yaoi, de romances gays, o danmei corresponde ao “boys love” ou amor entre rapazes. O movimento literário começou a ganhar relevância na China entre o final dos anos oitenta e começo dos anos noventa e corresponde a escrita de novelas – como são chamados os livros do gênero – que descrevem romances idealizados, muitas vezes com elementos fantásticos e místicos, entre homens. Estas novelas tiveram o apogeu de sucesso a pouco mais de dez anos e criou um nicho de mercado que inclui séries, desenhos animados, quadrinhos e uma legião de fãs adoradores de histórias épicas e bem articuladas de amor LGBTQIA+. Uma das principais e mais famosas autoras deste tipo de literatura é a autora chinesa Mò Xiāng Tóng Xiù 墨香铜臭, que escreveu o fenômeno mundial Grandmaster of Demonic Cultivation (魔道祖师 módào zūshī), uma novela fantástica baseada em preceitos do budismo e no caminho do dao, conceitos fundamentais da filosofia chinesa. Este trabalho pretende explicar o fenômeno módào zūshī e em como esta obra desenhou uma fantasia que relacionou filosofia, daoismo e questões sociais da sociedade da China contemporânea. Além disso, a presente comunicação pretende discorrer sobre como a sexualidade é abordada na obra e seus reflexos na China do século XXI e em seus fenômenos sociais.

### Palavras-Chave

Filosofia Oriental. Daoismo. Danmei.



## A GÊNESE DO CONCEITO DE CARIDADE NO PENSAMENTO INICIAL DE SANTO AGOSTINHO

Fernanda Ribeiro De Almeida  
[ribeiroalmeida.fernanda@gmail.com](mailto:ribeiroalmeida.fernanda@gmail.com)

### Resumo

O propósito da minha comunicação consiste em examinar a gênese do conceito de caritas a partir de um recorte na obra de Agostinho, concentrando-se nos escritos do período de Cassiciaco e na obra *De Doctrina Christiana* (397). Para tanto, argumentarei a favor da seguinte hipótese: é possível identificar, nas obras *De Beata Vita* e *De Ordine* (ambas de 386), uma aproximação entre a solução dada pela Hiponense ao “problema da felicidade” com a noção de caridade presente no *De Doctrina Christiana*. Ambas constituem na predileção por um bem permanente, eterno, imutável que implica em uma relação justa com os bens mutáveis - um amor ordenado, fruto de uma avaliação racional. No *De Doctrina Christiana*, Agostinho afirma que “a Escritura não prescreve nada a não ser a caridade” (III, xv), sendo esta o movimento da alma cujo fim é a fruição de Deus. Essa definição se baseia na clássica oposição entre uso e fruição realizada pelo autor, para quem devemos fruir somente daquilo que nos traz a verdadeira felicidade (I, iii), constituindo a fruição na adesão a algo por amor a ele mesmo (I, iv). Nesse sentido, o único objeto capaz de prover felicidade é o Sumo Bem - Deus. No *De Beata Vita*, escrito do período inicial, a trajetória humana é descrita pelo Hiponense como o navegar em direção ao porto da felicidade, que é a filosofia. É ela que nos permite alcançar o bem que não é não passível de ser tomado pela fortuna ou acaso: Deus; sendo verdadeiramente feliz quem O possui (ii, 10-11). Por fim, tratarei do *De Ordine*, obra que aborda de maneira mais direta o tema da providência e na qual a noção de ordem é definida como aquilo pelo qual Deus conduz todas as coisas (II, i, 2) e somente ao segui-la se torna possível alcançar o Sumo Bem (I, ix 27). Para tanto, mais uma vez é necessário recorrer à razão, que permite abandonar o comércio habitual dos sentidos (II, xi, 31), voltando-se do sensível para o conhecimento de Deus, o inteligível. Desse modo, pretendo demonstrar como uma das noções centrais ao pensamento de Agostinho - a de caridade ou amor a Deus - se sustenta em um desenvolvimento filosófico que perpassa o problema da busca pela felicidade e na passagem, através do intelecto, do âmbito do sensível ao inteligível.

### Palavras-Chave

Agostinho. Caridade. Cassiciaco.



## A INCONTINÊNCIA, A ACÍDIA E A AMIZADE NA FILOSOFIA MORAL DE TOMÁS DE AQUINO

Idalgo Jose Sangalli

[ijsangal@ucs.br](mailto:ijsangal@ucs.br)

### Resumo

A proposta de pesquisa concentra-se na ética das virtudes medieval, pontualmente na Suma Teológica e no Comentário a Ética Nicomaquéia, de Tomás de Aquino. Partindo da análise destas obras e com o apoio da literatura secundária busca-se investigar três conceitos da filosofia moral tomasiana que são disposições de caráter e pertencem ao estudo moral dos atos humanos, isto é, a dupla de vícios incontínência e acídia e a virtude da amizade. O que são e o que estes dois tipos de vícios tem em comum, e que tipo de relação ocorre entre eles e com a virtude da amizade na tomada de decisão na ação moral? Dada a condição existencial humana e pela ótica tomasiana, não parece razoável e nem possível realizar ações virtuosas pelo possuidor da incontínência e da acídia, impossibilitando a vida humana boa e feliz. Por outro lado, a possibilidade de mudança de caráter e na forma de agir depende de certas condições do agente precedentes à tomada de decisão de ação. O sujeito incontinente precisa ao menos querer evoluir no sentido de aprender a conter-se nos respectivos desejos viciosos, mesmo que o ideal de caráter virtuoso do agente reconhecidamente temperante possa lhe ser ou parecer inalcançável pela via racional. E, no caso da acídia, o agente deve buscar superar o estado mental passivo, indiferente, preguiçoso e mesmo deprimido, pois compromete a potência deliberativa e turva o sentido e o rumo da vida. Admitindo a possibilidade de mudança de caráter e de ação, então essas situações viciosas podem ser evitadas pela atuação do comando racional, conforme apregoador por Aristóteles e referendado e potencializados por Tomás, porém introduzindo outros recursos conceituais próprios de sua teoria da ação. No entanto, para além de certas virtudes naturais infusas na alma humana, parece que a atuação racional pode e deve receber estímulos e auxílios externos ao agente. Nos casos em que a razão não consegue impor-se, parece que o recurso e o auxílio proveniente da convivência com boas amizades acabam sendo não apenas uma oportunidade contingencial de despertar ou rever valores e conteúdos emocionais, que podem incentivar e

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



potencializar os recursos racionais do próprio agente – no sentido de aprender e de persuadir-se para evitar tais prazeres considerados viciosos –, mas é a principal via natural para exercitar sua própria condição de ser humano.

## Palavras-Chave

Incontinência. Acídia. Amizade.



## A METAFÍSICA SARVASTIVADA E A ANTI-METAFÍSICA MADHYAMAKA – HÁ UMA SAÍDA?

Plinio Marcos Tsai

[pliniomarcostsai@gmail.com](mailto:pliniomarcostsai@gmail.com)

### Resumo

Nāgārjuna no Tratado da Sabedoria Fundamental se posicionou de forma crítica em relação a metafísica que existia no registro de conhecimento da Escola Sarvāstivāda, uma escola indiana tão influente quanto a Theravāda. Ambas, de fato são consideradas primas porque as teorias são tão parecidas que as diferenças podem ser resumidas a uma lista taxonômica de realidades metafísicas-e-físicas chamadas de dharma. Acontece que o tratamento dado pelas duas escolas primas é muito semelhante àquele dado pelo platonismo em relação a essência e existência, e ainda mais parecida com as noções do neoplatonismo sobre essência e existência. Para Nāgārjuna o tratamento dado que se assemelha as noções de essência existência não é outra coisa do que um afastamento da doutrina soteriológica budista tal como concebida pelo fundador, o Buddha histórico (V a.C.). Este afastamento teria se dado por um tipo específico de essencialismo. O ponto de Nāgārjuna é que o sistema essencialista tal como proposto pelas duas escolas primas conduziria para a estruturação de um sistema que regressaria ao monismo, se distanciando do projeto original que era de sustentar os dharmas dentro de um processo interdependente da realidade, focada no intelecto-e-corpo, e sua inseparabilidade. Esta crítica acaba aproximando Nāgārjuna do sistema pré-holístico de Aristóteles na inseparabilidade da forma e matéria. Levantamos em nossa exposição se haveria uma saída para o impasse, se seria possível uma reestruturação unificadora do sistema budista, ou se, na verdade, o impasse é tão radical que as correntes deixariam de dialogar se tornando como que dois sistemas soteriológicos distintos em relação a hermenêutica do sentido do ser e da compreensão da vida que fundamenta aquilo que há de mais central na relação budista com o mundo (saṃsāra-nirvāṇa) que é a noção do eu-como-si-mesmo (ātman) e sua negação (anātman).

### Palavras-Chave

Monismo. Realismo. Holismo.



## A PERDA DA IDENTIDADE JAPONESA (EU) COMO UM PROBLEMA FILOSÓFICO DE KEIJI NISHITANI

Amanda Keiko Yokoyama  
[amanda.keiko.yokoyama@uel.br](mailto:amanda.keiko.yokoyama@uel.br)

### Resumo

Keiji Nishitani é um filósofo que vivencia a modernização e ocidentalização do arquipélago, e junto a isso, a maneira acrítica que os nipônicos passam a adotar aos novos costumes europeus, os ataques das bombas atômicas e a derrota da Guerra, fez surgir a instauração de uma crise espiritual e identitária. O homem deste período oscilava entre o tradicional e moderno, além disso, há uma tentativa de tentar delimitar o que é japonês do que é estrangeiro, especialmente dos elementos culturais e religiosos chineses, como o Budismo, um movimento caracterizado “[...]como um efeito colateral do processo de separação entre o Shinto e o Budismo, no qual os templos budistas passaram a ser atacados e saqueados pelos adeptos do novo Shinto, culminando com o ápice da perseguição em 1871” (GONÇALVES.2011. Pg.181), há uma busca do que é ser nipônico, levando a instauração da crise do Eu Japonês. Entretanto, há um sincretismo religioso entre xintoísmo e zenbudismo no Japão, o “[...] Budismo foi a tal ponto sincretizado com o culto aos kami que não havia separação clara entre suas práticas e concepções (ANDRÉ.2018. Pg.294)”. Nishitani não faz citações diretas sobre o xintoísmo no desenvolvimento de sua filosofia, talvez seja porque naquele período estava em ascensão o xintoísmo nacionalista (...) iniciara um programa de renovação religiosa, cujo eixo era a promoção do Xintoísmo, que se tornou religião oficial do Império. O objetivo era fortalecer essa crença e associá-la ao que seria a verdadeira cultura japonesa, fazendo com que surgisse um forte sentimento nacionalista na população, que passou a cultuar imagens do imperador nos lares, nas escolas e nos mais diversos locais. (PERES, L. A. 2010. pg. 67-68) Por outro lado, fica bem evidente, que as bases para o pensamento de Nishitani foram o zenbudismo e o Budismo Mahayana, utilizando conceitos como sunyata (vacuidade) para definir a natureza do Vazio 空, destacando o conceito do “lugar do Vazio” onde ocorre o encontro do Eu verdadeiro juntamente com o Nada, deste modo, o “[...] O “lugar do vazio” também propiciaria o esvaziamento do ser, ou seja, seria onde o “si mesmo” tornar-se-ia sem fronteiras”(ALMEIDA.2020.Pg.31), sendo simultaneamente auto-esvaziante e criativo, oferecendo uma perspectiva única sobre a identidade japonesa.

### Palavras-Chave

Keiji Nishitani. Vazio. Filosofia Japonesa.





## A PRESENÇA DE AGOSTINHO NOS ARGUMENTOS SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS DO MONOLOGION DE ANSELMO

Manoel Luís Cardoso Vasconcellos  
[vasconcellos.manoel@gmail.com](mailto:vasconcellos.manoel@gmail.com)

### Resumo

O Monologion, primeiro tratado de Anselmo de Aosta (1033-1109), inaugura seu método, segundo o qual todas as conclusões obtidas deverão ser pautadas, a partir do encadeamento das razões necessárias, sem o recurso à autoridade dos Padres ou das Escrituras. A pretensão do autor é tratar *sola ratiōne* da existência de Deus e outras questões afins. Ora, nos primeiros quatro capítulos, o autor apresenta uma série de argumentos que têm como escopo demonstrar a razoabilidade da existência de uma natureza suprema, única suficiente e não causada. A obra, como faz questão de explicitar seu autor, encontra em Agostinho, sobretudo no *De Trinitate*, um parâmetro para a sua correta compreensão. Ora, ao concluir os diversos argumentos sobre a existência de Deus, Anselmo aponta para a existência de um *Summum*, uma noção também encontrada no livro VIII do *De Trinitate* agostiniano. O presente estudo pretende avaliar em que medida a inspiração agostiniana é estruturante na construção dos argumentos, uma vez que Anselmo, ao que tudo indica, encontra também nas Categorias de Aristóteles um precioso referencial teórico para explicar a relação entre a existência derivada das coisas e a existência *per se* da única natureza suprema.

### Palavras-Chave

Anselmo. Monologion. Agostinho.



## A PROBLEMÁTICA 'EXPERIMENTUM-ARS-SCIENTIA' EM TOMÁS DE AQUINO

Andrey Ivanov

[andrey.ivanov@unesp.br](mailto:andrey.ivanov@unesp.br)

### Resumo

A pesquisa visa estudar a transformação da noção de 'ars' do século XII ao XIII, tomando como base os escritos de Hugo de São Vítor e Tomás de Aquino. A entrada do 'corpus' aristotélico na Europa, na segunda metade do século XII, significou uma "virada epocal", dando início ao declínio da noção de 'ars' transmitida de Boécio a Hugo de São Vítor, ligada à antiga concepção das artes liberais e ao programa de teologia, e que abrangia todo o campo humano do conhecimento e das habilitações. No século XIII, a doutrina da 'ars' foi dominada por leituras e discussões dos textos de Aristóteles, que forneceram uma nova problemática: 'experimentum-ars-scientia' segundo a Metafísica (I, 1); 'ars-prudentia' segundo a Ética a Nicômaco (VI, 3-4); 'ars-natura' segundo a Física (II, 8). Os escritos de Tomás, a saber, 'Expositio' sobre a Metafísica (I, lect. 1), 'Expositio' sobre a Ética a Nicômaco (VI, 3-4) e 'Expositio' sobre a Física (II, lect. 13-14), exemplificam de modo particular como a temática aristotélica se impôs em seu tempo. Esta comunicação versará sobre um dos aspectos dessa nova problemática, aquele do 'experimentum-ars-scientia' nos textos de Tomás.

### Palavras-Chave

Experiência. Arte. Conhecimento.



## A PROPOSTA TELEOLÓGICA DE TOMÁS DE AQUINO: A ÉTICA E SUA RELAÇÃO COM AS VIRTUDES

Anderson D'arc Ferreira  
[andersondarc@uai.com.br](mailto:andersondarc@uai.com.br)

### Resumo

O presente estudo refere-se à retomada de algumas pesquisas que desenvolvi anos atrás, quando da realização de meu mestrado em Filosofia ao estudar o papel da prudência em Tomás de Aquino. Diante do cenário hodierno do debate ético, onde cada vez mais se fala na ética das virtudes e em modelos teleológicos, e onde Alasdair MacIntyre assume ser um tomista, a retomada de minhas investigações acerca da teleologia tomasiana se torna premente. Levando-se em consideração a extensa obra tomasiana, optamos por nos focar na Suma de Teologia, em especial a segunda parte, locus de investigação do caminho da criatura racional em direção a Deus. Algumas perguntas ecoam em nossa empresa. O que é a teleologia para o Doutor Angélico? Como o modelo teleológico tomasiano pode nos conduzir ao fim último, que é Deus? Qual o papel das virtudes dentro do sistema ético desenvolvido por Tomás de Aquino? Como as virtudes são divididas? Para buscar uma resposta a essas questões nossa investigação, no presente trabalho, analisará o papel da ética no contexto da Suma de Teologia, bem como apontará como Tomás de Aquino estabelece a estrutura da sua 'lógica da ação humana'. De posse disso poderemos compreender de que maneira o Aquinate estabelece o que são as virtudes, como ele as divide e quais papéis cada uma delas executam em prol da conquista do fim último, da beatidão. Dessa forma, analisaremos o sentido geral da teleologia tomasiana com o objetivo de demonstrar a sua estrutura, seu alcance, seus desdobramentos e implicações.

### Palavras-Chave

Aquino. Ética. Virtudes. Teleologia.



## A UTILIZAÇÃO DA NOÇÃO DE INFINITO POTENCIAL E INFINITO EM ATO POR SANTO TOMÁS DE AQUINO

Maryane Stella Pinto

[maryane.filosofia@gmail.com](mailto:maryane.filosofia@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem como objetivo expor o modo como Santo Tomás de Aquino utiliza a noção de infinito tal como se apresenta na Suma de Teologia, Parte I, q.2, a.3 comparando-a com a mesma noção presente na q.7, a.1. Para isso, em primeiro lugar, apresentaremos as duas noções de infinito utilizadas por Santo Tomás; em seguida faremos a exposição de como Santo Tomás concilia as duas noções a partir de seu Comentário ao livro III da Física. O contexto da q.2, a.3 é a exposição da primeira via da prova da existência de Deus, em que Santo Tomás utiliza a noção de infinito a partir do ponto de vista negativo ou potencial, seguindo de modo fiel a definição de Aristóteles, segundo a qual, sendo necessário que tudo que se move seja movido por outro e que não é possível que esta sucessão de movimento se estenda até o infinito, logo é necessário chegar até algo que não é movido por nenhum outro motor, o motor imóvel, isto é, Deus. Santo Tomás aqui usa exatamente a noção do infinito potencial ou negativo. Contudo, se a série não pode ir ao infinito e deve haver um Ser capaz de mover, mas não carece de movimento, esse Ser é perfeito e infinito, não potencialmente, mas atualmente, isto é, ele é infinito de modo positivo. Essa é a noção, que parece ser contrária a presente na q.2, a.3, que Santo Tomás vai utilizar na q.7., onde ele trata sobre a infinitude de Deus. Etienne Gilson, na obra O espírito da filosofia medieval, mostra que na doutrina de Santo Tomás de Aquino a noção de infinito enquanto referida a Deus tem um sentido positivo em contraposição à noção grega de infinito como algo negativo e irracional. Nosso propósito será, então, mostrar como Santo Tomás concilia essas duas noções aparentemente contrárias, utilizando como um caminho possível o Comentário ao livro III da Física. Com isto pretendemos mostrar que segundo Santo Tomás nosso conhecimento do mundo atinge sempre um limite, um limite que Aristóteles não parece ter percebido, pois para ele o ser está no mundo, contudo é neste limite que Santo Tomás vai operar com as noções de criação e de Ser supremo que é infinito não em sentido potencial, mas em sentido atual.

### Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Infinito. Física.



## AMOR COMO SOTERIOLOGIA: VEDĀNTA E O “DIÁLOGO YĀJÑAVALKYA-MAITREYĪ” DO BṚHADĀRAṆYAKA UPANIṢAD

Dilip Loundo

[loundo@hotmail.com](mailto:loundo@hotmail.com)

### Resumo

O Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad ocupa um lugar elevado no firmamento da tradição filosófico-soteriológica indiana. Além de sua antiguidade incontroversa, que remonta aos tempos pré-budistas, o Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad é considerado por todas as escolas do Vedānta um dos Upaniṣads mais importantes. Ele incorpora, como talvez nenhum outro, o conhecimento fundamental (jñāna) e a disciplina devocional (bhakti) que conduz à Libertação definitiva (mokṣa) da ignorância (avidyā) e do sofrimento existencial (duḥkha). O objetivo do presente artigo é analisar os conteúdos fundamentais do “Diálogo Yājñavalkya-Maitreyī”, que adorna a seção 2.4.1-14 do Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad, e cujo tema principal é o Amor (prīti/sneha). A análise seguirá um viés comparativo, colocando frente a frente as hermenêuticas textuais de duas das principais escolas do Vedānta, a saber, o Advaita Vedānta (Não-Dualidade) e o Dvaita Vedānta (Dualidade) - muitas vezes vistas, em círculos ocidentais, como correntes filosóficas mutuamente excludentes.

### Palavras-Chave

Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad. Vedānta. Amor. Prīti.



## ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE ESTÉTICA COMPARATIVA: ENTRE O TANTRISMO INDIANO E A ESTÉTICA HEGELIANA

Kaique Silva

[kaiqueags2222@gmail.com](mailto:kaiqueags2222@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho busca apresentar uma análise comparativa preliminar entre duas correntes estéticas distintas. Trazemos a estética oriental por intermédio do sistema filosófico e prático do tantra cuja raiz verbal *tan*, significa expandir. Esta raiz também produz a palavra *tantu* (fio ou cordão). O Tantra também pode ser compreendido como um sistema, ritual, doutrina e até como um compêndio. Mais especificamente, no entendimento de (Feuerstein, 1998) “o tantra é aquilo que expande *jñana*, que pode significar conhecimento ou sabedoria”. Enquanto um sistema refinado, filosófico, estético e ritualístico, o tantra foi conceituado pelas tradições Hindus, sobretudo com tantrismo da Caxemira que se desenvolve no século X d.C. Nesse sentido, considera que os ensinamentos revelados tem como ponto de partida uma essência que contém tanto o conhecimento-*jñana*, quanto o poder-*Kriya*. Há aqui problemas complexos, para tanto, como ponto de comparação, precisaremos examinar o conceito dentro de uma estrutura estética, em termos de representação, formação e comparação. Por esse entendimento, a representação na estética tantra expressa-se como uma técnica que se une com uma divinização do corpo, isto é, o corpo é visto por intermédio de uma estética da visualização. Em contrapartida a essa percepção, como ponto de comparação, (Hegel, 2014) em seus Cursos de Estética apresenta a corporeidade humana como algo concreto isto é, para ele, formação e comparação se apresentam através na arte e, especificamente se realiza através da escultura. Neste primeiro estágio no que diz respeito à forma humana, isto é, “um corpo esterométrico meramente segundo a sua Forma”. Para Hegel a ideia de belo artístico está representada como um produto do espírito do próprio tempo, assim ele argumenta que, essencialmente, a escultura, por exemplo, não seria capaz de expressar diretamente as emoções e sentimentos, todavia ela conserva uma presença espiritual do tornar-se humano. Identificamos que a partir das tradições Hindus, no entendimento de Flood (2006), por um lado há “métodos ou tecnologias”



desenvolvidas dentro das tradições tântricas que se propõem em transformar o “corpo tântrico” bem como elevar a e expandir a consciência de cada adepto que pratica; por outro temos um caráter universal contido na escultura cuja representação do “conteúdo espiritual”, para Hegel, expressa-se por meio da “escultura no corporal” em sua filosofia estética.

### **Palavras-Chave**

Estética. Tantra. Escultura.



## AS OITO CONSCIÊNCIAS: INTERSECÇÕES POSSÍVEIS ENTRE FILOSOFIA DA MENTE E PSICOLOGIA BUDISTA NO DEBATE

Guilherme Bessa Ferreira Pereira

[gbessafp@gmail.com](mailto:gbessafp@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho explora as interseções entre a filosofia da mente e a psicologia budista, com foco no problema da conceituação de consciência. Parte-se da premissa de que a filosofia da mente enfrenta o desafio de definir e compreender a natureza, a origem, a função e a causa da mente e da consciência. Estes elementos que permeiam a conceituação de consciência são questões, fundamentalmente, de natureza ontológica e epistemológica. Nesse cenário, este estudo propõe considerar as contribuições da psicologia budista para essa questão. Examina-se, então, os conceitos da psicologia budista sobre consciência, em particular a descrição dos oito tipos de consciência. No que tange os elementos de natureza, origem, função e causa, propõe-se uma reflexão sobre aspectos tais como a relação entre mente e corpo e a natureza da consciência. Além disso, também se considera como possível contribuição da psicologia budista nessa seara o modelo de investigação da consciência que usa a perspectiva de primeira pessoa como modo de experimentar e compreender a experiência consciente. Ao examinar essas questões, busca-se avaliar se os conceitos de consciência presente na psicologia budista podem contribuir para uma compreensão e definição de consciência que seja relevante sob o ponto de vista da filosofia da mente. Debate-se essa possibilidade de interlocução considerando também os aspectos que são divergentes entre as duas tradições, como diferenças significativas em termos de ontologia e epistemologia. A título de conclusão se sugere que a integração de perspectivas budistas pode oferecer novas formas de se conceber mente e consciência, fornecendo insights que possam complementar as abordagens ocidentais. Também se reconhece que há desafios e limitações na reconciliação entre essas diferentes tradições, indicando a necessidade de um diálogo interdisciplinar contínuo para avançar nessa área de estudo.

### Palavras-Chave

Filosofia da Mente. Budismo. Consciência.





## AS PAIXÕES DA ALMA E O APERFEIÇOAMENTO MORAL HUMANO SEGUNDO TOMÁS AQUINO (S. TH. I-II, Q. 22-24)

Rodrigo Aparecido De Godoi  
[rodrigo.godoi@ifsp.edu.br](mailto:rodrigo.godoi@ifsp.edu.br)

### Resumo

Da antiguidade ao desenvolvimento do pensamento contemporâneo, no campo da reflexão filosófica, o tema das “Paixões da alma” foi abordado de diversas maneiras e recebeu respostas múltiplas e divergentes. O assunto foi mencionado por Platão, no diálogo Fedro; por Aristóteles, em suas obras: Retórica e Ética Nicomaqueia; pelos filósofos estóicos, como Zenão e Crisipo, os quais defendiam a supressão das paixões para se alcançar a perfeição moral. Dentre os diversos textos que trataram desse assunto, destaca-se o estudo elaborado por Tomás de Aquino na Prima secundae da Suma de Teologia. De fato, é importante ressaltar que, no prólogo da Prima secundae da Suma de Teologia, o Aquinate estabelece que, após a reflexão acerca de Deus em si mesmo e das coisas que dele procedem, dedicar-se-á ao estudo do homem tomado como imagem de Deus, ou seja, na medida em que o ser humano “é o princípio de suas ações, possuindo livre-arbítrio e domínio sobre suas ações” (S. Th. I-II, Prólogo). A fim de desenvolver essa temática, Tomás de Aquino caracteriza, primeiramente, ao longo das questões 6 até 114 da Prima secundae, o agir humano de maneira geral, e, em seguida, ao longo de toda Secunda secundae, examina as ações humanas nos diversos âmbitos particulares. No desdobramento das questões dedicadas às ações em si mesmas (I-II, q. 6-48), o Aquinate considera não somente as ações propriamente humanas, os atos voluntários, mas dedica um grupo um grupo de 27 questões (q. 22-48), ao que ele denomina “paixões”, as quais podem ser compreendidas como movimentos da potência apetitiva sensível. Desse modo, a partir das duas potências do apetite sensitivo, Tomás enumera, no artigo 4 da questão 23 da Prima secundae, uma lista de onze paixões: seis para a concupiscível (amor, concupiscência ou desejo, prazer, ódio, repugnância, tristeza) e cinco para a irascível (esperança, desespero, medo, audácia, ira). Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar, com base nesse bloco de questões, especialmente, nas questões 22-24 da Prima secundae da Suma de Teologia, a concepção e a enumeração das “Paixões da alma”



segundo a compreensão tomásica, a fim de ressaltar também que, ao longo dessas questões, Tomás de Aquino compreende que as paixões, em si mesmas, não são boas nem más, porém, na medida em que são bem reguladas, ou seja, comandadas pela razão e submetidas a uma reta vontade, adquirem um estatuto moral e podem contribuir para a perfeição moral do ser humano.

### Palavras-Chave

Moral. Paixões da Alma. Tomás de Aquino.



## AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS EM SÃO BOAVENTURA

Paulo Ricardo Martines

[prmartines@uem.br](mailto:prmartines@uem.br)

### Resumo

O tema da existência de Deus é apresentado por São Boaventura a partir de três vias que conduzem o pensamento humano à certeza natural, enquanto adesão firme à verdade que a inteligência conhece, seja segundo as razões eternas, seja por meio de provas demonstrativas. Estas últimas, definidas como três vias para mostrar que Deus existe, consideram respectivamente, o autoconhecimento da alma; o reconhecimento do mundo exterior, na relação entre as criaturas e o criador; e o plano da evidência imediata e suficiente por si para engendrar a verdade indubitável. Será apresentado nesta comunicação o desenvolvimento argumentativo das provas da existência de Deus, segundo São Boaventura, no (1) Comentário às Sentenças (I, distinção VIII) e, (2) nas Questões disputadas sobre o mistério de Cristo (Q. I a.1), duas obras marcadas pela atividade docente do doutor seráfico na universidade medieval. Pretendo mostrar que essas provas, especialmente a terceira, são devedoras da *ratio anselmi*, já conhecida na escolástica medieval latina do século XIII.

### Palavras-Chave

Razão. Fé. Existência.



## AS RAÍZES DO ESTADO LAICO EM MARSÍLIO DE PÁDUA

Marcelo Da Silva Fabres  
[fabresmarcelo@gmail.com](mailto:fabresmarcelo@gmail.com)

### Resumo

A teoria do Estado laico fundamenta-se numa concepção natural e contratualista do poder político, entendido como atividade autônoma no que diz respeito às confissões religiosas. Estas confissões, todavia, colocadas no mesmo plano e com igual liberdade, podem exercer influência política, na proporção direta de seu peso social. A distinção entre clero e laicado exerceu influência constante na cultura política e nas instituições públicas dos países ocidentais. Deve-se dizer, ao se colocar o problema, que se constata uma verdadeira aporia na literatura referente ao Estado laico. E justamente essa discussão, de certo modo contraditória, é o que motiva este trabalho. O termo “laicismo” é usado comumente nos países de língua latina, mas em outras culturas, entende-se esta realidade com o termo “secularismo”. A cultura da Renascença, dando novo valor às ciências naturais e às atividades terrenas, em lugar de valorizar a especulação teológica, provocou, a partir do século XVII, uma gradual separação entre o pensamento político e os problemas religiosos e favoreceu a difusão de uma mentalidade laica, que alcançou sua plena afirmação só século XVIII, reivindicando a primazia da razão sobre o mistério. O princípio segundo “o Estado nada pode em matéria puramente espiritual, e a Igreja nada pode em matéria temporal” é afirmado por Locke na Epistola de tolerância (1689). O Estado laico, compreendido nas expressões “laicismo” e “laicidade” é na pós-modernidade uma reivindicação da maioria das nações, principalmente no que diz respeito à liberdade religiosa dos cidadãos. Note-se que a Declaração universal dos direitos humanos, promulgada em 1948 pela Assembléia Geral das Nações Unidas, reconhece a cada indivíduo o direito à liberdade de religião. Isto significa ter ou não ter uma crença, bem como mudar de religião. A laicidade como característica da maioria dos Estados na atualidade e como discussão nos debates políticos se concretizou a partir do século XVIII, todavia, suas origens ou raízes devem ser buscadas nas propostas políticas do pensamento filosófico grego, como por exemplo, segundo a Política de Aristóteles, onde a cidade se fundamenta na busca do bem comum da multidão. De certo modo, na cultura cristã,



desde sua origem, também já houve a distinção entre religião e estado, conforme está declarado no Evangelho de Mateus: “Dai a Cesar o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

## Palavras-Chave

Estado. Laico. Marsílio.



## ASPECTOS SEMÂNTICOS, ONTOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA VERDADE SUPREMA E DA VERDADE ORDINÁRIA

Eduardo Ramos

[shuniatta@gmail.com](mailto:shuniatta@gmail.com)

### Resumo

Ferraro & Vieira (2016) e Ferraro (2017) apresentam, em geral, cinco interpretações acerca da verdade ordinária (*saṃvṛti-satya*) e da verdade suprema (*paramārtha-satya*): a niilista, a transcendentalista, a analítica, a semântica e a cética – embora seja discutível a segunda classificação dada pelos autores. Diante disso, o problema que este trabalho pretende investigar é o seguinte: qual destas interpretações afigura-se como a mais consistente, de acordo com a visão de Nagarjuna, em *Mūlamadhyamakārikā* (MMK)? Dentre tais interpretações, conforme os dois autores, algumas são facilmente descartadas como incorretas, conforme o espírito de Nagarjuna, a saber: a niilista, a analítica e a cética. Deste modo, restam apenas duas interpretações como as mais prováveis: a transcendentalista (Stcherbatsky, 1927; Poussin, 1938; Murti, 1983; Newland, 1999) e a semântica (Siderits, 2007). Acerca destas duas interpretações mais prováveis, cinco hipóteses serão defendidas no trabalho: (i) a interpretação transcendentalista – corrigida e delimitada aqui à concepção *Madhyamaka*, vinculada a *Je Tsongkhapa*, tal como visto pela Nova Tradição *Kadampa* – é sustentável à medida que nega as posições extremas (niilista e substancialista) e, ao mesmo tempo, afirma uma posição intermediária, que define *paramārtha* negativamente mediante uma “negação não-afirmativa” (Gyatso, 2013); (ii) a interpretação semântica é sustentável porque diz respeito ao conceito de verdade (*satya*), diretamente posto na noção da verdade ordinária e da verdade suprema; (iii) porém, ao contrário de Siderits, a interpretação semântica aqui proposta supõe tanto um aspecto ontológico (i. e., dos entes que compreendem e definem a verdade suprema e ordinária) como um aspecto epistemológico (i. e., das espécies de conhecimento que representam as duas verdades para aqueles entes); (iv) em particular, na concepção semântica aqui defendida, a cooriginação dependente (*pratītya-samutpāda*) deve ser vista tanto como um dos métodos para obter *paramārtha-satya* como um conhecimento especial obtido a partir da observação dos fenômenos ordinários



(externos e internos); (v) por fim, a visão semântica associada à dimensão ontológica e epistemológica, aqui justificada, implica em supor o conceito e a distinção de uma semântica absoluta e inferior (da verdade ordinária) e de uma semântica relativa e superior (da verdade suprema).

### **Palavras-Chave**

Verdade Suprema. Verdade Ordinária. Semântica.



## CONHECIMENTO DOS PRIMEIROS PRINCÍPIOS DA LEI NATURAL SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

João Gabriel Haiek Elid Nascimento  
[gabrielelid@hotmail.com](mailto:gabrielelid@hotmail.com)

### Resumo

Tomás de Aquino é, sem dúvida, um grande expoente da doutrina da lei natural, e a mais madura expressão desse seu pensamento está presente na primeira seção da segunda parte da Suma de teologia, referente ao tratado da lei (I-II, q. 90-97). A lei natural vem definida como a participação racional na lei eterna. Com efeito, a lei eterna é a razão da ordem universal presente na mente divina, a partir da qual Deus cria e governa toda a criação. De modo que a lei natural é o cumprimento racional da ordem promulgada pela razão divina. Formalmente, a lei é uma proposição, mas como ela tem como fim uma ação a ser realizada, e não puramente o conhecimento, isso a torna propriamente um preceito da razão prática. Sendo assim, diz Tomás que os preceitos da lei natural estão para a razão prática assim como os primeiros princípios da demonstração estão para a razão especulativa: uns e outros são conhecidos por si mesmos. É a partir desse paralelismo que ele deriva os preceitos que compõem a lei natural. E, por consequência desse “paralelismo”, acrescenta Tomás que, da mesma forma que a razão teórica possui vários princípios, assim também a lei natural. É nesse ponto que Tomás apresenta uma tese capital para a o conhecimento dos primeiros princípios da lei natural: uma vez que todas as criaturas obedecem à lei eterna através de um princípio interior de operação, chamado inclinação natural, segue-se que tudo aquilo para o qual o homem tem uma inclinação natural, a sua razão naturalmente apreende como um preceito da lei natural. A partir daqui surgem as principais controvérsias entre os estudiosos, pois uma segura compreensão dessa tese exige o conhecimento de desenvolvimentos feitos por Tomás em outros escritos. A presente comunicação tem como objetivo principal apresentar os argumentos de Tomás para embasar a sua tese sobre o conhecimento dos primeiros princípios da lei natural: um conhecimento que se realiza sem discurso, de modo imediato, evidente por si, e segundo a ordem das inclinações naturais. Para tanto, faremos uma breve introdução das principais linhas interpretativas, para depois procedermos à apresentação dos resultados de nossa análise a partir da pesquisa de mestrado.

### Palavras-Chave

Lei Natural. Princípios. Tomás de Aquino.





## CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA NA ANTROPOLOGIA E NA POLÍTICA DE OCKHAM

Cláudio André Lottermann

[freiclau@yahoo.com.br](mailto:freiclau@yahoo.com.br)

### Resumo

Guilherme de Ockham, pensador franciscano do século XIV, desenvolveu o seu pensamento ético a partir de seu contexto histórico e em diálogo com outros filósofos medievais, principalmente Tomás de Aquino e João Duns Scotus. Neste trabalho iremos delinear os principais pontos da ética ockhamiana, considerando os dois grandes blocos de sua obra: os escritos filosófico-teológicos e os escritos políticos. O primeiro bloco de escritos foi desenvolvido até 1328, ano em que, juntamente com outros frades, Ockham foge da Cúria Papal de Avinhão e se acentua a dissidência com o então Papa João XXII. O segundo bloco de escritos foi composto depois desse ano e tem caráter polêmico-político. O Venerabilis Inceptor, em sua reflexão antropológica, afirma que um ato pode ser considerado moral somente se estão presentes os seguintes elementos: a vontade livre, a reta razão e o concurso de outras circunstâncias. São esses três elementos que formam a base da norma moral subjetiva. Por outro lado, existe também a norma moral objetiva, ou seja, é a norma dada por Deus que, conforme a visão ockhamiana, o ser humano pode livremente aceitar ou rejeitar. Desse modo, a ética de Ockham acentua a dimensão da singularidade e pode também ser denominada como uma ética do amor. Nos escritos de caráter político-polêmico, a norma moral subjetiva e objetiva também estão presentes, mesmo que não sejam explicitadas. De fato, o estilo da redação dos escritos políticos é bem diferente dos escritos filosófico-teológicos. Ockham acentua o caráter da reta razão na pessoa humana e, como pensador cristão, acolhe e desenvolve a dimensão da moral objetiva. É interessante notar que o filósofo inglês fundamenta a propriedade privada, a crítica à plenitude do poder papal, também sobre a norma moral. Portanto, a ética no pensamento político de Ockham visa indicar a liberdade individual e a vida em sociedade que deve estar baseada na busca do bem comum.

### Palavras-Chave

Ockham. Ética. Política.



## CONTEMPLAÇÃO AO/DO ALVORECER: BRAHMAN COMO FUNDAMENTO DA REALIDADE

Alina Miranda

[alina.miranda@ufma.br](mailto:alina.miranda@ufma.br)

### Resumo

Atribuído a Śaṅkarācārya (séc. VIII), principal representante da escola Advaita Vedānta, o poema (stotra) Prātaḥ smarāmi é uma meditação sobre a natureza essencial do eu (ātmatattva). Parte da disciplina de vicāra (reflexão), sua recitação pressupõe a prática equilibrada da tríade que sustenta o método racional dos Upaniṣads – a audição dos ensinamentos do mestre (śravaṇa), a reflexão sempre em diálogo com ele (manana) e a reiteração meditativa (nididhyāsana) desses ensinamentos. Smarāmi vem da raiz smr, “lembrar”, e prātaḥ refere-se ao alvorecer, “de manhã”. Essa lembrança matinal tem, pois, um sentido mais profundo do que a trivial função mental da memória: a iminência da vigília, o alvorecer, é também o momento do surgir das coisas. O poema sugere, então, a contemplação do momento originário de todo aparecer, que está sintetizado, conforme os Upaniṣads, no princípio constitutivo de toda a realidade (Brahman) – é Brahman que brilha no coração (hr̥d) de todos os entes. Para a efetivação desse processo, o poema destaca algumas metodologias que têm sido usadas no ensino tradicional, dentre as quais se destaca o “método dos três estados” (avasthātraya) e o “método de Brahman com (saguṇa) e sem qualidades (nirguṇa)”.

### Palavras-Chave

Advaita Vedānta. Método Upanisádico. Prātaḥ Smarāmi.



## “DISPUTATIONES” SOBRE A DIALÉTICA ARISTOTÉLICA NO “CURSUS ARTIUM COMPLUTENSIS” (1624), O.C.D

Estéfano Elias Risso  
[estefano.elias@edu.pucrs.br](mailto:estefano.elias@edu.pucrs.br)

### Resumo

No contexto da Segunda Escolástica espanhola, os Colégios Menores, junto às grandes universidades, se destacaram no ensino e na produção de textos e cursos de cunho filosófico. Diversas das ordens religiosas, buscando uma autonomia no campo intelectual, ordenaram em seus capítulos gerais que fossem compostos cursos de artes (filosofia) e de teologia, que pudessem ser utilizados em sala de aula e que fomentassem uma maior unidade de pensamento aos seus pensadores. Esse foi o caso da Ordem do Carmelo Descalço (O.C.D), fruto da reforma Teresiana do final do século XVI, que ordenou (em 1619 ou 1622) que fosse composto pelos leitores do Colégio Menor de São Cirilo de Alcalá de Henares um Curso de Artes, que ficou conhecido como o “Cursus Artium Complutensis”. Seu primeiro tomo, publicado em sua primeira edição 1624, foi composto pelo Fr. Miguel de la Trinidad (1588-1661), e nomeado “Disputationes in Universam Aristotelim Dialecticam”. Sendo um curso que pretendia seguir uma linha filosófica tomista, foi publicado em 04 tomos, tratando da lógica e da filosofia natural, embora também tenha enfrentado questões metafísicas ao longo de seus tomos. Esse trabalho pretende, de maneira introdutória, de forma a facilitar trabalhos posteriores, apresentar a divisão formal do seu primeiro tomo, que se divide em 20 questões disputadas relativas à compreensão da lógica como (I) um modo de se chegar ao conhecimento (modus sciendi); (II) análise terminística, ou de simples vozes; (III) análise de proposições e (IV) análise de argumentos.

### Palavras-Chave

Cursus Artium Complutensis. Segunda Escolástica.



## ENTRE A CIVITAS E A ECCLESIA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE TOMÁS DE AQUINO

Gabriel Guilherme Frigo

[gabrielfrigo@live.com](mailto:gabrielfrigo@live.com)

### Resumo

O objeto geral de nosso estudo é a filosofia política e jurídica de Tomás de Aquino. Nosso problema de pesquisa transita da relação da civitas com o indivíduo (persona privada) para a relação da civitas com a ecclesia na promoção e busca do bem dos seus membros. Para tanto, reconstruiremos, num primeiro momento (1), alguns pontos fulcrais da categoria Estado em Tomás de Aquino, a saber, fundação, autoridade, exercício do poder e subordinação. Feito isso, ainda deste primeiro ponto (1.1), a luz de autores contemporâneos, como Jacques Maritain e Alceu Amoroso Lima, apresentaremos a crítica e os limites de tal teoria no que se refere a passagem da comunidade para a sociedade, ou seja, em como ocorre a formação da Civitas/Estado. Endossados nestes autores abordaremos os conceitos de Estado, Nação e Corpo Social, na tentativa de propor uma resolução ao problema tomasiano. Por fim, concluindo esta primeira fase (1.2), guiados pelo questionamento de Garrigou-Lagrange: “l’Etat est-il subordonné à la protection des droits des individus, ou au contraire les individus sont-ils subordonnés à l’Etat?”, buscaremos traçar os limites e as barreiras entre o indivíduo e o Estado. Na sequência (2) apresentaremos a concepção tomasiana da relação entre os dois poderes: Igreja e Estado. E nesta, sustentamos que há em germe o conceito de laicidade ou secularidade (2.1). O corpo político é responsável pelas coisas deste mundo, deixando aos religiosos as coisas do mundo vindouro. Michel Villey, nessa perspectiva, afirma que o direito moderno parece dever ao tomismo sua característica mais proeminente: sua laicidade, não porque ignora o sobrenatural, mas porque aposta fortemente na razão humana e na capacidade humana de traçar seu próprio destino em vista do sobrenatural. Chegamos, sendo assim, ao último elemento que pretendemos apresentar (2.2), a saber: a mútua cooperação entre Igreja e Estado. Tal princípio está diametralmente oposto ao princípio da mútua ignorância entre a Igreja e o Estado. Este princípio de mútua colaboração, como elaborado por Jacques Maritain, está assentado na concepção de que as coisas de César e de Deus, distintas em si



mesmas e por si mesmas, não são opostas, mas colocadas em uma relação de cooperação para o bem da pessoa humana. O bem da pessoa engloba tanto o bem comum como o Sumo Bem.

### **Palavras-Chave**

Estado. Igreja. Bem Comum.



## FILOSOFIA, IDENTIDADE NACIONAL E TERRITÓRIO NA FILOSOFIA DE AL-FĀRĀBĪ

Maykel Honney Souza Lobo

[maykelhonney@alu.ufc.br](mailto:maykelhonney@alu.ufc.br)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre filosofia, identidade nacional e território na perspectiva filosófica de Al-Fārābī (871 - 950 d.C. / 260-339 H.). Com base na filosofia política de Al-Fārābī, pretende-se analisar a questão da constituição da Cidade Ideal e da sua relação com a filosofia, a fim de, posteriormente, buscar uma definição para o conceito de Território. Al-Fārābī, seguindo uma linha semelhante à visão platônica exposta na República, argumenta que a fundamentação filosófica é crucial para a constituição da Cidade Ideal. O filósofo argumenta que o melhor regime político, o mais virtuoso, é aquele governado por um filósofo, destacando assim a importância da posição filosófica na identidade de uma nação. Essa visão contrasta com a abordagem jurídica de seu tempo, que dividia territórios com base em diferenças religiosas, como território do Islã e território dos infiéis. A desconsideração da Religião como um elemento essencial para a constituição de um território é uma consequência direta do seu modo de compreender a relação entre o fenômeno religioso e o papel da Filosofia. Para o filósofo, uma religião, para ser virtuosa, deve estar fundamentada em uma filosofia demonstrativa, o que subordina a religião à filosofia. Logo, as religiões, nas cidades, possuem um papel secundário, auxiliando a filosofia na organização do território e no desenvolvimento das virtudes. Por conseguinte, para Al-Fārābī, a questão do território não está ligada a uma religião específica, indicando que a construção de um regime virtuoso não é determinada por uma única religião. Partindo dessas questões, esse trabalho busca definir o conceito de Território na filosofia política de Al-Fārābī, explorando sua relação com a Cidade Ideal e a influência da filosofia na identidade nacional. Para a elaboração do trabalho, foi realizado uma pesquisa bibliográfica tendo como referências principais as seguintes obras do filósofo: Da Política, O Livro das Letras e o Livro da Religião.

### Palavras-Chave

Al-Fārābī. Filosofia. Território. Identidade.



## IDEIAS ETERNAS E A CONSTITUIÇÃO INTELIGÍVEL DO REAL: FUNDAMENTOS DO REALISMO TOMISTA

Jefferson Luis Rodrigues De Farias

[sandaimejef@gmail.com](mailto:sandaimejef@gmail.com)

### Resumo

A Quaestio de Ideis é encontrada na Summa Theologiae (I, q.15) e nas Quaestiones Disputatae de Veritate (q. 3) na esteira da questão acerca do conhecimento que Deus tem da realidade. Deus é absolutamente idêntico a si mesmo, não comportando diferenças. Sua essência é seu ser, por isso ele é o *Esse Seipsum Subsistens*: não há composição Nele. As Ideias em sua mente não são compreendidas enquanto diferenças advindas extrinsecamente à pureza absoluta, pois enquanto formas separadas das coisas, nesse caso, possuem o caráter de definir exemplarmente a essência daquilo que projetam. Por isso, de outro lado, o conhecimento de Deus causa as coisas, como metron. A perfeição do ato de ser, na ordem dos entes finitos, é relativa à forma recebida por cada substância, no modo em que sua essência participa das ideias eternas na mente divina. Assim, a noção de causalidade divina recebe, para além da compreensão de causa eficiente (ordem do ser) e final (ordem do bem), o modo singular de causa exemplar (causa formal, ordem da verdade). Do lado da criatura racional, as ideias são formas pelas quais se conhecem as coisas. Adentramos na realidade pelas semelhanças das formas reais que estão nelas e que criamos em nós pelo *intellectus agens*. Essas formas fazem com que conheçamos a realidade, pois, por elas, o intelecto passa do conhecimento em potência para o conhecimento em ato. Por isso, podemos dizer, com o próprio mestre medieval, que o mundo é algo entre dois intelectos. Um que o condiciona, adequando os entes finitos numa causalidade criadora, e outro que se adequa ao ente finito, formado a partir das ideias divinas. Por isso, a questão acerca das ideias se relaciona intrinsecamente com a da verdade e condiciona a questão mesma pela possibilidade do conhecimento humano.

### Palavras-Chave

Participação. Tomás de Aquino. Razões Eternas.



## O CONCEITO DE VERDADE E A RELAÇÃO ENTRE CERTEZA E CRENÇA EM AL-FARABI

Francisca Galiléia Pereira Da Silva

[galileia@ufc.br](mailto:galileia@ufc.br)

### Resumo

O presente estudo objetiva abordar o conceito de verdade analisando a relação entre certeza e crença na filosofia farabiana. Busca-se, neste sentido, verificar a possibilidade que o ser humano tem, ou não, de identificar o que há de verdadeiro ou falso sobre o objeto conhecido. Trata-se de um exame que se inicia na compreensão de que, para o filósofo muçulmano, todo o conhecimento do objeto se origina na experiência dos particulares, ou seja, por meio dos sentidos. Assim, em uma argumentação que harmoniza elementos platônicos e aristotélicos, o filósofo indica os sentidos como o primeiro passo para o alcance do conhecimento dos universais e aproximação da verdade acerca dos seres. Tendo isto em vista, são identificadas as etapas existentes entre a apreensão dos particulares e a obtenção da verdade, isto é, são destacados os conceitos de crença e certeza como passos que antecedem a apreensão da verdade. De acordo com o que afirma no seu Livro da Retórica, al-Farabi indica que um objeto está, inicialmente, sujeito à crença e, uma vez submetido a um exame minucioso, torna-se um objeto de crença justificada. Somente assim, é possível chegar a uma condição de certeza sobre o objeto. Quando se tem esta certeza (yaqīn), segue-se para a verificação do que é verdadeiro ou falso acerca do objeto. Ressalta-se, aqui, que o conceito de verdade sobre o conhecido vincula-se às categorias de eternidade e necessidade, no qual são incorporadas as condições aristotélicas de imutabilidade. Diante da compreensão da mutabilidade própria da materialidade humana, visamos verificar se há a possibilidade de alcançar o conhecimento verdadeiro de acordo com al-Farabi considerando, em especial, os estudos sobre Os princípios dos seres e o Livro da demonstração.

### Palavras-Chave

Al-Farabi. Verdade. Crença.





## O PAPEL DO INTELLECTO AGENTE NO PROCESSO DE CONHECIMENTO SEGUNDO AL-FĀRĀBĪ

Virginia Braga Da Silva Santos  
[ginnybraga@gmail.com](mailto:ginnybraga@gmail.com)

### Resumo

Abu Nasr Al-Fārābī (872-950) elabora um sistema filosófico no qual a perfeição humana e a felicidade são alcançadas através do conhecimento. A fim de demonstrar a maneira que os seres humanos conhecem, o filósofo árabe propõe que o intelecto humano é inicialmente uma potência apta ao conhecimento, nesse primeiro estágio conhecer significa abstrair a forma da matéria. Ao efetivar a abstração o intelecto sai do estado material e se converte em ato, mas só é atualizado em relação às formas apreendidas, permanecendo em potência a respeito das formas que ainda não adquiriu. Após ser em ato, o intelecto torna-se adquirido quando reflete sobre as formas que já possui, ele as pensa enquanto realidades imateriais e, a partir disso, torna-se capaz de entender formas que nunca estiveram na matéria, nesse último estágio o ser humano alcança a perfeição. Por mais que apresentem uma estrutura hierarquizada, os três intelectos são uma mesma substância que só chega ao seu termo final (intelecto adquirido) por meio de um intelecto que está em ato. Com isso, Al-Fārābī estabelece o Intelecto Agente como responsável pelo aperfeiçoamento humano. Entendendo-se que a felicidade humana está no último estágio do seu intelecto, a função do Intelecto Agente é atualizar o intelecto humano, mas de que modo isso se efetiva? Nos escritos farabianos a resposta é dada a partir de uma alegoria sobre o sol, de modo a sugerir um processo de iluminação, mas de que maneira ela deve ser interpretada? Seria ela um ato direto do Intelecto Agente sobre o intelecto material? Sendo assim, trata-se de um processo independente da vontade humana, como uma determinação? Ou sua atuação seria como um processo instrutivo pelo qual os humanos acendem voluntariamente aos conhecimentos imateriais? Diante dessas questões, objetiva-se a partir deste trabalho definir em que consiste a ação do Intelecto Agente sobre o intelecto humano. Para tanto, serão utilizadas como obras principais a Epístola Sobre o Intelecto (Al-Risāla fī-l-'aql), o Livro da Demonstração (Kitāb al-Burhān), A Cidade Ideal (Mabādī' arā ahl al-madīna al-fāḍila) e o Livro da Política (Kitāb al-siyāsa al-madanīyya). A partir disso ficará esclarecido o sentido de iluminação proposta por Al-Fārābī.

### Palavras-Chave

Intelecto Agente. Intelecto. Conhecimento.



## O REAL E O IRREAL. HEGEL E NĀGĀRJUNA SOBRE A PERCEPÇÃO

[leonarva@yahoo.com](mailto:leonarva@yahoo.com)

### Resumo

Nāgārjuna (c. 150 – c. 250 EC) e Hegel (1770-1831) tematizam o âmbito da percepção com propósitos diferentes. Enquanto este investiga as falhas da consciência (Bewußtsein) ao perceber os objetos, passando ao largo de o que é efetivamente ou realmente o objeto percebido, aquele, por sua vez, aponta as deficiências da teoria (dr̥ṣṭi) que se autocompreende como aquela que alcança o ser real dos objetos percebidos. Embora ambos identifiquem os objetos da percepção como entes envolvidos em uma rede de determinações (Hegel: Verhalten/Verhältnis, relação; Nāgārjuna: pratītya-samutpāda, cooriginação dependente), eles, no entanto, interpretam, de maneira diferente, tal rede. Com efeito, Hegel considera a rede de determinações como o próprio ser do real, ao passo que Nāgārjuna a julga como uma formulação oriunda de um saber convencional que não levanta a pretensão de dizer o que é o real e atua, portanto, como corretivo e crítica àquelas teorias que pretendem afirmar que o ser percebido é o próprio ser do real. O diálogo aqui proposto se concentra no segundo capítulo da Fenomenologia do Espírito (1807) de Hegel – A percepção ou a coisa e o engano, Die Wahrnehmung; oder das Ding, und die Täuschung –, e o terceiro capítulo dos Versos fundamentais do caminho do meio de Nāgārjuna – exame das esferas ou bases sensoriais (āyatana-parīkṣā).

### Palavras-Chave

Consciência. Teoria. Ser Percebido Real e Irreal



## PEDRO DA ESPANHA E AS INTERSEÇÕES ENTRE LÓGICA E LINGUAGEM

Fernanda Arantes Galina  
[fernandaagalina@gmail.com](mailto:fernandaagalina@gmail.com)

### Resumo

Pedro da Espanha, filósofo de identidade debatida do século XIII, tem sua obra *Sumários da Lógica* como o livro base para o curso de lógica na universidade medieval durante séculos. Extensivamente utilizado, Pedro tem o esforço de organizar de uma maneira ordenada e simples aos estudantes, as principais explicações e problemáticas da lógica aristotélica e dos novos desenvolvimentos da lógica medieval, com início dos predicados até as *distributionibus* [distribuições, em tradução livre]. É um livro de estudo de lógica, que demonstra o quão os problemas de linguagem, semântica, sintaxe e interpretação dos termos são problemas lógicos durante os séculos de medievalidade. Pedro, com seu esforço de fazer uma introdução e um estudo de propriedade dos termos e das sentenças, deixa em evidência os principais problemas para os estudiosos das universidades medievais, e o que consistiria no currículo de estudo de lógica a partir do século XIII. Ele organiza e redefine o trabalho realizado por outros filósofos do século XII, como Pedro Abelardo, e retoma as obras aristotélicas *Da Interpretação* e *Refutações Sofísticas*, essa última com caráter central. Mais da metade da obra é dedicada ao problema das falácias, já presente nos trabalhos de Aristóteles, porém com um estudo original e típico do período, ao introduzir a teoria principal de lógica e linguagem a qual será desenvolvida exaustivamente no século XIV: a teoria da suposição. É a partir da teoria da suposição que temos uma nova perspectiva para as análises das propriedades dos termos, e posteriormente, a análise das diferenças entre sintaxe e semântica, e a diferenciação do problema da significação dos termos, em relação à suposição. Por que, para Pedro, precisamos dessa teoria de lógica medieval para resolver o problema clássico das falácias? Quais as vantagens teóricas, metodológicas e educacionais que a teoria da suposição apresenta ao século XIII? Pretendo explorar os *Sumários da Lógica* de Pedro, dando atenção ao capítulo seis - da suposição, e o capítulo sete - das falácias, para apresentar um panorama no ensino de lógica e linguagem na universidade medieval, e a teoria da suposição como base epistêmica para esses dois campos entrelaçados no século XIII.

### Palavras-Chave

Lógica. Universidade Medieval. Pedro da Espanha.



## QUE É NECESSÁRIO PARA A VERDADE DAS PROPOSIÇÕES MODAIS

Umbelina Maria Galvão De Moura

[umbelinna22@gmail.com](mailto:umbelinna22@gmail.com)

### Resumo

Abordarei o capítulo 9 da *Summa Logicae* de Guilherme de Ockham, que se destaca por explicar as propriedades modais e suas implicações nas proposições. A partir deste ponto, irei explorar mais detalhadamente as proposições modais e suas distintas características. O objetivo principal desta análise é elucidar as diferentes nuances da verdade e da necessidade em afirmações modais, destacando como tais proposições podem adquirir significados diversos. Uma proposição modal de primeiro tipo demanda uma análise cuidadosa que distingue entre “composição” e “divisão”, uma vez que o “dictum”, ou seja, a “declaração” ou “ditado”, é tomado de maneira específica. Por exemplo, ao considerar a proposição. Em resumo, o filósofo destaca a importância de entender que uma proposição é universal quando a parte principal dela (o dictum) é o sujeito em relação à proposição inteira, e quando um termo comum, como se em uma proposição universal, é o sujeito em relação à frase subordinada. Isso é suficiente para compreender se uma proposição contingente é verdadeira, impossível, conhecida, desconhecida ou acreditada. No entanto, o autor reconhece que explorar todas essas possibilidades levaria muito tempo, e Ockham não conclui completamente sua investigação neste capítulo.

### Palavras-Chave

Modalidades. Proposições. Verdade. Lógica.



## SEMIÓTICA, DELITOS E POLÍTICA: CONFRONTO ENTRE REALISTAS E NOMINALISTAS NA OBRA O NOME DA ROSA

Cristiano Dias Da Silva

[cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br](mailto:cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br)

### Resumo

Esta pesquisa discute os embates filosóficos entre realistas e nominalistas na representação de personagens da obra *O nome da Rosa*. Nesta abordagem reconhece-se que o personagem Guilherme de Baskerville realiza uma série de investigações semióticas na incessante tentativa de evidenciar enigmas e delitos envolvendo uma série de embates filosóficos, políticos e teológicos. Enfatiza-se ainda o confronto fé e razão ou Igreja e império onde se constrói e desconstrói uma noção de sujeito. Além do realismo e do nominalismo constata-se que outros conceitos de filósofos da modernidade e contemporaneidade entram na órbita do conflito. Dessa forma, a revisão bibliográfica tornou-se o caminho mais viável para a realização desta pesquisa. Enfim, esta discursão evidencia a passagem de uma concepção dogmática, retrógrada e conservadora representada pelo grupo dos realistas e o surgimento de um mundo renascentista confiante na ciência, na diversidade, na abertura e tolerância representado pelos nominalistas. Ilustra-se ainda a passagem de uma visão de sujeito crente em essências imutáveis para um sujeito nihilista descrente nas grandes narrativas.

### Palavras-Chave

Nominalismo. Realismo. Semiótica.

**FILOSOFIA ORIENTAL**



## SOBRE A “RESTITUTIO NA ÉTICA DE JOÃO DUNS SCOTUS: QUAIS BENS DEVEM SER RESTITUÍDOS, E POR QUÊ?”

Roberto Hofmeister Pich  
[roberto.pich@pucri.br](mailto:roberto.pich@pucri.br)

Júlia Sant’ Anna  
[julia.horn@acad.pucri.br](mailto:julia.horn@acad.pucri.br)

### Resumo

Sobretudo no século 13, com o ingresso das obras de Aristóteles no Ocidente Medieval Latino, em particular após a difusão da *Ethica Nicomachea*, foi possível fazer avanços na reflexão formal sobre a justiça – seja como virtude seja como conceito orientador para os vínculos normativos gerais entre seres humanos. Insere-se aqui a interpretação de *Ethica Nicomachea V* e o tratamento da justiça em “geral” e “particular”. No segundo caso, e mais em específico na justiça comutativa, tornou-se um capítulo à parte a compreensão da justiça corretiva – que tanto pressupõe uma teoria dos bens humanos que podem ser “trocados” e “transferidos” quanto uma teoria do dano ao direito a esses bens por parte de agentes. No estudo da filosofia medieval, ainda não houve grande avanço na caracterização de como a doutrina da “restituição” sintetiza os problemas relativos à devolução de bens e reparação de danos. Autores medievais deram grande atenção ao tópico, indo além de sua base aristotélica e no direito romano e canônico. A contribuição dos medievais, como os já citados, teve impacto sobre a ética aplicada da Segunda Escolástica, em torno de temas da ética da guerra, do comércio e da escravidão. Nesse caso, a literatura da Segunda Escolástica resume os dois contextos em que a *restitutio* tinha sido discutida: a teoria da justiça (como em Tomás de Aquino, *Suma de teologia IIaIIae q. 62*) e a doutrina da penitência (como em João Duns Scotus, *Ordinatio IV d. 15*). A doutrina da *restitutio* de Scotus repercutiu na Segunda Escolástica, mas ainda não foi estudada de forma profunda. Neste ensaio, tem-se a meta de explorar o texto de Scotus, caracterizando-o em dois aspectos centrais: (a) o conceito de propriedade e transferência de bens materiais, mediadas pela justiça comutativa, e a sua inserção no sacramento da penitência, que pressupõe percepção de injustiças nas trocas humanas (*Ordinatio IV d. 15 q. 1-2*); (b) a teoria dos



bens humanos que podem ser trocados, tomados ou lesados, constituindo injustiças, a saber, bens materiais externos, bens do corpo, bens espirituais e bens humanos intangíveis (Ordinatio IV d. 15 q. 3-4). O aparato normativo fornecido por Scotus para pensar a justiça nos diversos vínculos humanos e as alegações de restitutio transcendem o seu tempo em importância – afinal, possuir um aparato normativo para pensar conflitos de (in)justiça comutativa e obrigações de justiça corretiva é algo que fala diretamente à filosofia dos dias de hoje.

### Palavras-Chave

Justiça Comutativa. Restituição. João Duns Scotus.



## SOBRE A CLÍNICA FILOSÓFICO-TERAPÊUTICA E A NÃO-DUALIDADE EM FILOSOFIAS OCIDENTAIS E ORIENTAIS

Evandro Vieira Ouriques

[evandro.vieira.ouriques@gmail.com](mailto:evandro.vieira.ouriques@gmail.com)

### Resumo

Compartilho conclusões dos estudos filosófico-terapêuticos transculturais que realizei em 2023-2024 na Índia, sobre o Vedānta e o Budismo Mahayana, e no Japão, sobre o Zen Budismo e a Escola de Kyoto, em pesquisa sênior pós-doutoral no Departamento de Filosofia da Universidade de Paris 8, com Jacques Poulain. Seja na clínica de pessoas ou de redes de pessoas -as “organizações” e “instituições”-, portanto na clínica psicopolítica, já demonstrei anteriormente, com base na condição comunicacional do ser humano, que os problemas tem sempre uma origem filosófica, uma vez que a capacidade de julgar é a única capacidade transcultural propriamente humana, pois sua total fragilidade o obriga a compreender o que sente-pensa, e o que seus interlocutores sentem-pensam, para que seja capaz de fazer o mundo lhe falar de maneira favorável, como consolidado na Antropobiologia Filosófica. Compreender e experienciar esta unidade sem uniformidade e as suas implicações emancipatórias e soteriológicas, que posiciona a Comunicação como o transcampo de convergência filosófica intercultural por excelência, estimula pensar uma Terceira Estrutura da Verdade, não-metafísica e não-pós-moderna, referenciada no estado mental da segurança e da proteção que constitui tal condição. A promessa do não-retorno dos autoritarismos feita pela teoria social e filosofia hegemônicas, malgrado os preciosos avanços, colapsou fragorosamente diante das crescentes e bem sucedidas operações psicopolíticas, estas que ao invés de serem “a maneira como o neoliberalismo se impõe” revelam o que a blindagem dualista hegemônica impede ver e o “Oriente” disponibiliza, como também o fazem, por exemplo, tradições filosóficas pré-colombianas, indígenas e africanas: é a mente, no sentido não-idealista, que determina a qualidade do que se vive. O trânsito ontológico e epistemológico do dualismo para a não-dualidade é o fundamento da terapia psicopolítica, uma terapia filosófica, com a qual contribuo, em um trabalho clínico, para a transformação pragmática da existência sofredora de seres humanos e suas redes. Iniciei esta contribuição à filosofia



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



transcultural em 1970, atento a Sakurazawa Joichi e sua teoria e prática Zen Budista do Princípio Único, entendido como não-substancializado, e de um processo educacional vitalizante, emancipatório e soteriológico baseado na educação simultânea do pensamento, sentimento e vontade, através da prática do autocontrole da alimentação mental e física, respiração e movimentação.

## Palavras-Chave

Não-dualidade. Terapia. Filosofia Intercultural.



## SOBRE ALGUNS ASPECTOS LÓGICOS NA OPUSCULA SACRA DE BOÉCIO

Luana Talita Da Cruz  
[luanatdacruz@gmail.com](mailto:luanatdacruz@gmail.com)

### Resumo

Os escritos da Opuscula Sacra de Boécio não são nem pretendem ser textos de lógica. No entanto, encontramos nestes escritos alguns pontos teológicos cuja fundamentação oferecida por Boécio advém da lógica aristotélica. Isso não é surpreendente, considerando que, conforme algumas cronologias das obras de Boécio tais quais Rijk, 1964 e Savian Filho, 2005, seus comentários lógicos foram, quase todos, escritos antes dos *Septenários* e do *De sancta Trinitate*, escritos estes que utilizamos em nosso estudo. Assim, ainda que tais textos não seja textos lógicos, são textos apoiados fortemente em aspectos lógicos que Boécio incorpora em seus escritos filosófico-teológicos. Ainda que os dois textos mencionados estejam preocupados em justificar artigos da fé e temas filosófico-teológicos, entendemos que Boécio recorre à Teoria da Predicação aristotélica, considerando, ainda, as contribuições de Porfírio à sua interpretação dos predicáveis, bem como à Teoria dos Argumentos Tópicos e aos Silogismos Hipotéticos. Em particular, a utilização dos predicáveis de gênero e diferença específica assim como a distinção entre gênero e espécie e todo e suas partes ocupam um lugar de destaque na argumentação sobre a Trindade e o Bem. Ao analisar a Opuscula Sacra, pretendemos apontar os argumentos lógicos que apoiam o texto. Pretendemos, também, destacar as influências diretas que podem ser percebidas ao longa da argumentação como, por exemplo, Porfírio e Aristóteles. Dessa forma, embora os textos utilizados neste estudo não tenham por objetivo desenvolver aspectos filosóficos originais de Boécio, apontamos, ainda, como sua argumentação mantém-se original, uma vez que recorre a elementos lógicos e filosóficos para apresentar os pontos que defende sobre assuntos de fé.

### Palavras-Chave

Boécio. Opuscula Sacra. Lógica Medieval.



## SOBRE UMA NOVA CONTINGÊNCIA SINCRÔNICA DE OPOSTOS PURAMENTE ATUAIS EM DUNS SCOTUS

Uellinton Valentim Corsi  
[uellinton.corsi@edu.pucrs.br](mailto:uellinton.corsi@edu.pucrs.br)

### Resumo

João Duns Scotus (ca. 1265/66 – 1308), ou Doctor Subtilis, como é mais conhecido, fundamenta a sua ética a partir da definição de vontade. Scotus, em sua teoria da vontade, diferente de outros autores, como Santo Tomás de Aquino, entende a vontade com um forte senso libertário. Ele se concentra no poder para os opostos através de sua própria autodeterminação e contingência, considerando a vontade como a potência racional e ativa da alma humana. Sob essa perspectiva, abordamos os problemas do voluntário e das ações mistas. Duns Scotus, ao compreender as ações mistas, emprega uma voluntariedade em sentido forte, permitindo que a vontade livre se autodetermine mesmo em situações limítrofes. Dessa forma, a presente pesquisa, inicialmente, reconstrói as bases do entendimento sobre o voluntário, involuntário e ações mistas em Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, bem como questiona o entendimento tomista sobre essa última categoria de ações em seu Comentário e em sua Summa. Após a construção dessa base conceitual, partimos para a apresentação e discussão da questão apresentada por Scotus na *Ordinatio* III, d. 15, q. un., na qual se discute o sofrimento de Cristo. Destarte, o terceiro capítulo apresenta uma retomada às principais obras que tratam do pensamento scotista em relação à vontade, o que é crucial para chegar aos dois últimos capítulos desta dissertação, dedicados exclusivamente à análise das nuances discutidas por Scotus na distinção 15 em relação ao problema da voluntariedade e ações mistas no caso de Cristo. Assim, pois, os dois últimos capítulos apresentam uma análise aprofundada dos conceitos apresentados por Duns Scotus, demonstrando que a tristeza está relacionada à vontade, para, finalmente, sustentar a hipótese de uma nova leitura sobre a contingência sincrônica da vontade, que difere daquela desenvolvida por Knuuttila, que lida com instantes de natureza diversos. Essa nova contingência é fundamentada na simultaneidade de opostos puramente atuais, em que a vontade, através da linguagem das ações mistas, introduz atos opostos em simultâneo.

### Palavras-Chave

Ações Mistas. Voluntário. Contingência Sincrônica.



## UMA ANÁLISE ACERCA DO NOME NA FILOSOFIA DE YASUDA RIJIN

Fernando Rodrigues De Souza

[fernandordesouza@yahoo.com](mailto:fernandordesouza@yahoo.com)

### Resumo

Yasuda Rijin (1900-1982) foi um filósofo e sacerdote budista da seita Jodo Shinshu (Otani) e um dos principais pensadores japoneses do século XX. Seu pensamento está situado em um contexto de um Japão influenciado pela globalização e os avanços científicos, a aproximação entre as filosofias ocidentais e orientais, e o surgimento de Novos Movimentos Religiosos, que tornavam as crenças fundamentais da Jodo Shinshu marginalizadas e sem expressão na sociedade. A filosofia de Yasuda Rijin encontra suas influências nas tradições Madhyamaka e Yogachara, e no diálogo entre os pensamentos de seus antecessores Kaneko Daiei e Soga Ryojin, e de Martin Heidegger, Karl Barth e Martin Buber. Suas contribuições foram registradas principalmente entre as décadas de 60 e 70, através de pequenos ensaios e palestras, sendo os principais deles traduzidos e organizados por Paul B. Watt em um livro intitulado *Demythologizing Pure Land Buddhism* (2016). Dentre suas principais exposições está a palestra *A Name But Not a Name Alone* (1960), motivada por uma discussão realizada com o teólogo protestante Paul Tillich sobre as características e a natureza do Buda Amida, sendo realizada em ocasião da comemoração de seu sexagésimo aniversário. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar e discutir o pensamento de Yasuda Rijin sobre a questão do Nome e as influências de Heidegger e Buber expressas em seu pensamento e em diversos momentos da palestra supracitada, apresentando assim contribuições para o debate no campo da Filosofia Oriental.

### Palavras-Chave

Yasuda Rijin. Nome. Filosofia Oriental.



## YUK HUI E A FILOSOFIA CHINESA DO SÉCULO XXI

Antonio Florentino Neto

[floraneto@hotmail.com](mailto:floraneto@hotmail.com)

### Resumo

O filósofo chinês Yuk Hui é um dos mais expressivos representantes da atual geração de pensadores, que abre novos caminhos para um formato radical de se fazer filosofia. Ao vincular o conceito de “cosmotécnica” às cosmologias, linguagens, mitologias, cosmogonias e técnicas de cada povo, ele nos apresenta um radical giro ontológico e amplia ao máximo a definição de filosofia, estendendo-a a todos os povos do planeta. A partir de Yuk Hui a filosofia pode ser compreendida como um fio que costura todos os elementos de determinada cosmotécnica. Fio que deve, necessariamente, existir em todas as culturas, dos Gregos aos Incas; dos Chineses aos Caiapós; dos Alemães aos Guaranis; dos Japoneses aos Baniwas; aos povos da África e de todo planeta. Sem recusar filosofias particulares tais como as concebidas por pensadores do ocidente como Descartes, Kant e Hegel, Hui apresenta uma ruptura com todas as formas de “centrismos”, principalmente com o eurocentrismo, o mais avassalador, e propõe uma nova definição de filosofia, que engloba todas as civilizações e todos os povos do planeta e, assim, lança as bases da filosofia do século XXI.

### Palavras-Chave

Filosofia Chinesa. Cosmotécnica. Diálogo.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA



## A (VERDADEIRA) FILOSOFIA POLÍTICA DE KANT ESTÁ NO JUÍZO REFLEXIONANTE

Bruno Silva Moreira E Silva  
[defanatus@hotmail.com](mailto:defanatus@hotmail.com)

### Resumo

Em Lições Sobre a Filosofia Política de Kant Hannah Arendt sustenta a afirmação de que a faculdade de julgar em sua dimensão determinante serve para dar conta da filosofia moral kantiana que, em Kant, mas não de sua possível filosofia política. O julgar em sua dimensão determinante estaria diretamente ligado à noção de imperativo categórico – que pode ser descrito através da fórmula “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”. Isso significa que devemos agir moralmente sempre em vista de que o produto de nossas ações particulares esteja subsumido a um universal (regra, lei, princípio). Com efeito, mentir ou trapacear seria errado por conta do que a regra “mentir é errado” já prescreveu anteriormente a qualquer ato particular que envolve mentir ou dizer a verdade. O imperativo categórico, segundo Arendt, põe uma ênfase no “obedeça”. O julgar em sua dimensão reflexionante teria outra acepção no sentido de que a ação (particular) não se orienta por um universal para o qual estaria subscrita. Se for o caso de se encontrar algum universal – regra, lei, conceito – equivalente para um ato de julgar particular, isso se daria “pós” e não “pré” julgamento. Arendt fornece o exemplo da rosa: quando dizemos “que bela rosa!” não chegamos a esse julgamento através de um silogismo “todas as rosas são belas; essa rosa é uma flor, logo esta rosa é bela” nem, inversamente, sabemos o “que é a Beleza” através da operação lógica, mas sim do ato de julgar estético de um objeto – que bela rosa! – que é “esta” rosa em particular. Tal estrutura funcionaria também para o que é de âmbito humano, da esfera pública, ou mesmo “político”. Assim como no exemplo da rosa, quando dizemos “a decisão x do governo y é injusta” não chegamos a esse julgamento de afirmar que uma decisão é injusta através de uma derivação silogística do conceito de justiça, mas sim deste ato particular. Há, neste caso, um novo componente de abertura que não há na dimensão determinante, isto é, em vez da obediência a um imperativo, a ênfase recai sobre pensamento e reflexão. Portanto, para Arendt, passa usar a expressão de Linda Zerilli,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



juulgamentos políticos têm a mesma estrutura dos julgamentos estéticos. Nossa apresentação pretende se orientar no sentido de explorar possíveis consequências da tese arendtiana de que a (verdadeira) filosofia política de Kant está no juízo reflexionante.

## Palavras-Chave

Juízo. Política. Belo.





## A ARQUEOLOGIA JURÍDICO-POLÍTICA DA ATIMIA, O CRIME E A ANISTIA: UM DIÁLOGO COM GIORGIO AGAMBEN

William Costa

[william.cstf@gmail.com](mailto:william.cstf@gmail.com)

### Resumo

Partindo da tese de Giorgio Agamben sobre a relação entre vida e direito no mundo antigo – relação essa fundamental para se compreender como, da cesura entre bíos e zoé, emerge a figura da vida nua –, este trabalho pretende propor um debate a respeito de uma categoria com a mesma carga semântica presente na figura do homo sacer e na pena de banimento, a saber: a figura dos atimoi e a pena da atimia. O propósito do trabalho não é o de questionar as razões pelas quais Agamben fora levado a escolher a categoria do homo sacer como figura privilegiada de sua análise, mas, sim, examinar arqueologicamente como a figura dos atimoi desempenha papel igualmente importante para se compreender a relação política entre o direito e vida ou de um tipo de poder jurídico-político capaz de retirar os direitos civis de um cidadão. A partir desse exame arqueológico, buscar-se-á mostrar como, desde as leis de Drácon, a noção de crime – seja como acusação formal, seja como discurso – se torna fundamental para manter o estatuto jurídico-político dos atimoi. Ainda, pretende-se discutir como o crime e a pena da atimia podiam ser revogados a partir do princípio soloniano de restauração de direitos ou, grosso modo, de anistia.

### Palavras-Chave

Atimia. Crime. Anistia. Agamben.



## A CADELA TÁ NO CIO: A AMEAÇA FASCISTA AO ESPAÇO PÚBLICO, REFLEXÕES À LUZ DE HANNAH ARENDT

Ricardo George De Araujo Silva

[ricardogeo11@gmail.com](mailto:ricardogeo11@gmail.com)

### Resumo

O Espaço público em Arendt emerge como o lócus privilegiado dos negócios humanos. Nessa esteira, entendemos que é no espaço público que se desenvolve a liberdade, via léxis e práxis. Todavia, a experiência da violência sistemática, do ódio, como afeto, que indevidamente, anima as relações públicas, e a mentira organizada tendem a desarticular, quiçá destruir o espaço público. O fascismo emerge, disfarçado com couraça de protetor dos bons costumes, da família e da fé. Todavia, sua prática contradiz tudo isso, pois se encontra assentada na violência, na mentira e no ódio ao outro. Esse ódio outro, negando-o como legítimo outro, como o diferente, talvez seja, sua mais flagrante crueldade, uma vez que parte do princípio que o diferente, aos critérios deles, não pode existir. A pluralidade é negada e o espaço público fica alijado de sua configuração, enquanto espaço de acolhimento. Nesse sentido, contrariando essa lógica de horror, o espaço público emerge como local de iluminação, na qual a pluralidade de vozes possibilita um consenso minimante harmônico sem a necessidade de uso da violência, da intimidação ou da mentira.

### Palavras-Chave

Espaço Público. Fascismo. Hannah Arendt.



## A CORAGEM DA VERDADE 40 ANOS DEPOIS: O SEU LEGADO PARA UMA VIDA SOBERANA E A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

Sergio Fernando Maciel Correa

[fer.ser29@gmail.com](mailto:fer.ser29@gmail.com)

### Resumo

O ano de 2024 marca os 40 anos da morte de Michel Foucault, assim como daquele que foi o seu último curso no Collège de France, A Coragem da Verdade. Entre os foucautianos há a defesa da tese de que este curso possui um caráter testamentário filosófico de Foucault uma vez que, ao retomar as raízes da filosofia com Sócrates e o Cinismo, o filósofo inscreve o conjunto de sua obra crítica nesse contexto, operando um desfecho que acaba por se desdobrar em profusões de problematizações sobre os modos de veridicção, as formas de governamentalidade e as técnicas de subjetivação. Nesta comunicação pretendemos discutir sobre a Coragem da Verdade no âmbito de aparelhos e instituições de regulação biopolítica na produção de subjetividades, tendo como aporte de análise o instrumental foucaultiano do curso. A hipótese de trabalho é a de que o mundo só poderá se transfigurar e se tornar outro para alcançar o que ele é, em sua verdade, à custa de uma alteração completa que é a nossa relação conosco mesmo. É neste contexto que trazemos a noção de conversão de si que se refere ao processo no qual os indivíduos se envolvem ativamente na reflexão sobre si mesmos, na busca por uma compreensão mais profunda de suas identidades, desejos e relações com os outros e com o mundo. Tal processo implica em uma constante análise crítica das próprias práticas, valores e modos de ser, com o objetivo de alcançar uma forma de existência política mais autêntica e uma ética do retorno de si para si, o cuidado de si. O Cinismo, de certa forma, promete essa transformação de si e do mundo.

### Palavras-Chave

Verdade. Cinismo. Parresia.



## A DESOBEEDIÊNCIA CIVIL COMO PODER DE REVISÃO CONSTITUCIONAL EM HANNAH ARENDT

Edson Kretle Dos Santos

[edsonkretle@gmail.com](mailto:edsonkretle@gmail.com)

### Resumo

Pretende-se mostrar que em Arendt, a desobediência civil é um caminho de extrema importância no exercício da cidadania, da manutenção e da renovação da ordem institucional. Assim, é um dever cívico reivindicar a garantia de direitos civis e políticos quando as práticas contrárias do poder público se tornam inimigas da liberdade e do bem comum. Desobedecer civilmente quando as leis são injustas é uma forma de preservar a liberdade e os princípios fundacionais de todo e qualquer corpo político democrático. Ao mesmo tempo, as mobilizações necessárias aperfeiçoam o funcionamento do Estado e de suas instituições. Tal constatação fortalece os canais horizontais de poder e de espaços de convivência política entre as pessoas, pois estas, cientes de sua capacidade de mobilização política, deixam de temer a força do próprio Estado e enxergam no semelhante um aliado na luta pela liberdade política. Com isso, Arendt atesta nossas pretensões teóricas ao dizer: “o estabelecimento da desobediência civil entre nossas instituições poderia ser o melhor remédio para a falha básica da revisão judicial” (ARENDR,2015, p.89). Ao mesmo tempo, pretende-se mostrar como esse assunto situa a questão da Política e do Direito no centro do pensamento da autora, indo ao encontro das leituras que enfatizam a dimensão institucional do pensamento arendtiano. A compreensão do sentido dessa démarche teórica tem muito a ganhar quando é introduzida na análise do tema proposto numa perspectiva do Estado de Direito ao problematizar os postulados do direito e da política que os fundam, tais como a submissão ao império da lei, a divisão de poderes, a criação das constituições, a garantia dos direitos individuais e, principalmente, um estatuto político dado somente pelo espaço público. Desse modo, observa-se que a desobediência civil como um procedimento que possibilita a dialética entre as instituições e a ação política, por isso os princípios da fundação são consubstanciados pela Constituição, que representará tanto as forças instituídas como as instituintes na ação e na preservação da liberdade política. Isso permite concluir que o fortalecimento



da participação ativa dos cidadãos se equilibra com as instituições e os princípios fundados e acordados na Constituição e igualmente mostram os limites e as possibilidades que propiciam e expandem o lugar do “agir em concerto” no Estado Democrático de Direito.

ARENDR, Hannah. Desobediência Civil. In: ARENDR, Hannah. Crises da república. 3. ed. São Pau

### **Palavras-Chave**

Desodiência Civil. Revisão Constitucional. Arendt.



## A FELICIDADE PÚBLICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Maria Clara De Oliveira Gomes  
[mariaclaragomes.advogada@gmail.com](mailto:mariaclaragomes.advogada@gmail.com)

### Resumo

Hannah Arendt, filósofa e teórica política contemporânea, revela na obra “Sobre a Revolução” a preocupação em aprofundar os aspectos históricos, sociais e, sobretudo, políticos inerentes aos movimentos revolucionários. Dentre as complexas reflexões e análises da filósofa sobre o tema em questão, emerge um conceito intrigante: a felicidade pública. Arendt, conhecida por desafiar concepções filosóficas convencionais, desenvolve a ideia de que a verdadeira essência da política reside na ação e na participação ativa na esfera pública. Para tanto, Arendt desenvolve análises quanto ao surgimento desse conceito e sua influência no cenário revolucionário americano e francês, destacando sempre a relevância da liberdade e dos poderes de participação e persuasão do cidadão em sua vida política. Nessa esteira, pretende-se explorar o conceito arendtiano de felicidade pública mediante a exploração do conceito de espaço público em Arendt, compreendendo sua aplicação na análise da dinâmica revolucionária americana e o princípio revolucionário francês da liberdade pública, indicando seus pontos de semelhança e divergência. Por fim, pretende-se apurar os argumentos de Arendt acerca da felicidade pública, e como sua perspectiva ímpar desafia concepções convencionais, propondo uma visão da felicidade pública ancorada na participação ativa na vida política.

### Palavras-Chave

Felicidade Pública. Política. Revoluções.



## A FORMA-JACOTOT: UMA ESCRITA IGUALITÁRIA EM JACQUES RANCIÈRE

Taís Araújo

[taisaraujo@gmail.com](mailto:taisaraujo@gmail.com)

### Resumo

Em *O mestre ignorante*, Jacques Rancière apresenta o Ensino universal, uma série de proposições sobre o ato de ensinar elaboradas por Joseph Jacotot, um inusitado professor do século XIX. Lidas frequentemente como métodos, suas afirmações têm sido mobilizadas como instrumentos conceituais para embasar indagações à escola, como, por exemplo, suas críticas contundentes à transmissão de explicações como forma de ensino. Nesta comunicação de pesquisa, pretendemos nos desviar do conteúdo proposicional dos ditos do pedagogo com o objetivo de propor uma leitura da narrativa à maneira de uma “forma-Jacotot”. O deslocamento da literalidade de algumas das suas afirmações nos possibilita interpretar a experiência de Jacotot não como uma teoria a ser colocada em prática, mas antes como uma cena de igualdade. Para Rancière, a cena se tornou uma forma de reflexão, um exercício intelectual a partir do qual a escrita constitui planos de igualdade. Assim, a cena possibilita a leitura de um acontecimento enquanto um conjunto de conexões que definem uma singularidade, sem que haja “uma cena e um por trás da cena, uma caverna e um lugar da verdade”, conforme afirma Rancière em *La Méthode de la scène* de Jacques Rancière avec Adnen Jdey. Desse modo, propomos analisar Jacotot como uma cena, ou seja, como a espessura de um acontecimento singular, a partir do qual não se procurou investigar as causas para as ações da personagem ou contextualizá-lo como se procederia numa análise de história. Tampouco seu intento foi o de propor métodos novos para a educação tradicional, pois Rancière deteve-se sobre os escritos do pedagogo para entranhar-se em uma situação, na densidade da palavra de Jacotot. No entanto, seus escritos não são apresentados sozinhos, pois a sua palavra se cerca de outras, já que nesse mesmo plano de igualdade, Rancière promove um encontro entre o discurso polêmico do protagonista da narração, as suas interpretações de autor, recortes de outros documentos históricos como a parábola do Aventino contada por Pierre-Simon Ballanche na *Revue de Paris*, publicação operária do século XIX. Ao entrelaçar palavras de diferentes atores, a cena destaca uma postura política sobre o



papel dos intelectuais para Rancière, ao mostrar em ato uma maneira de se conceber a teoria como uma aposta na igualdade do ser falante e não enquanto centro ordenador da realidade, ressoando a prática selvagem do coletivo Les Révoltes logiques que diz “que a história seja em cada instante ruptura”.

### **Palavras-Chave**

Jacques Rancière. Escrita. Igualdade.





## A IMPRENSA: DA APOTEOSE À CRISE DO GOVERNO DA OPINIÃO PÚBLICA

Pedro Ivan Moreira De Sampaio  
[ivandesampaio86@gmail.com](mailto:ivandesampaio86@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho apresenta a imprensa como uma instituição de governo tendo como enfoque inicial o final do século XIX e começo do século XX no ocidente. Tomamos o aumento da circulação dos jornais, o advento das comunicações de massa e a formação de grandes conglomerados midiáticos dentro do contexto mais amplo do governo da opinião pública. Inspirado pelo pensamento de Michel Foucault, utilizamos sua noção expandida de governo para compreender a imprensa como uma entidade capaz de regular a circulação da informação e desempenhar um papel significativo na formação dos discursos verdadeiros. Destacamos os escritos de dois renomados jornalistas, Joseph Pulitzer e Walter Lippmann. A referência ao conceito de público nas reflexões de Lippmann e às funções da imprensa segundo Pulitzer, permitem descrever os contornos da instituição da imprensa, desde a reflexão interna a ela própria sobre suas missões, até sua ambição de conduzir os efeitos produzidos no espírito do público. Debruçamo-nos também sobre a estrutura empresarial dos conglomerados midiáticos para revelar os interesses subjacentes à sua atividade. Assim, é possível mostrar que a configuração oligopolística das comunicações foi crucial para assegurar o funcionamento dessa indústria e garantir sua capacidade de governo através dos diferentes meios de comunicação. Por fim, ambicionamos descrever o processo contemporâneo de crise dessa grande imprensa. O advento e a disseminação da Internet são parcialmente responsáveis pelo surgimento de fissuras no oligopólio midiático, permitindo o surgimento de discursos que escapam à mediação da imprensa convencional. Embora isso possa ser visto como a liberação das amarras da imprensa tradicional, essa abertura também se mostrou capaz de comprometer as estruturas de delimitação da opinião pública, dando ensejo à fragmentação da sociedade em grupos que já não compartilham referências comuns para construção do real. À luz dessa problemática, a conclusão deste trabalho menciona o fenômeno contemporâneo das fake news com o propósito de apontar para a possibilidade de a crise da imprensa ser compreendida como um caso particular do fenômeno mais amplo denominado de crise das instituições de governo.

### Palavras-Chave

Imprensa. Opinião Pública. Governo.



## A POLÍTICA DO COTIDIANO: FOUCAULT E O GRUPO DE INFORMAÇÃO SOBRE AS PRISÕES

Anderson Aparecido Lima Da Silva

[anderson.lima@ifsp.edu.br](mailto:anderson.lima@ifsp.edu.br)

### Resumo

Foucault identifica na crise da representação política que se estabelece com os movimentos contestatórios do Maio de 68 francês a expansão do que se compreendia como até então como propriamente político. O que significa destacar o surgimento de novos modos de ação política para além dos quadros de organização e representação da política institucional. Assim como a entrada em cena de novos sujeitos, novas demandas, novos problemas e zonas de questionamentos considerados até então como não-políticos ou infra-políticos. Questões tais como “a família, a vida sexual, a maneira como se tratam os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre homens e mulheres (Dits et écrits, vol. II, p. 473) passaram pouco a pouco a ocupar uma posição significativa no domínio político. A expansão do domínio político, por sua vez, estaria ligada ao desbloqueio de saberes e poderes que, descentralizados, passavam a adquirir concretude. No âmbito dos saberes, adviria a valorização do que designa como “saberes sujeitados”, compreendidos como saberes outrora desqualificados pela hierarquia dos conhecimentos e das ciências, tidos como ingênuos ou inferiores: o saber do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, do delinquente, etc. Junto a este movimento, realocava-se igualmente o modo de compreender o exercício de poder. Tanto o poder do Estado quanto aquele que se exerce no seio do corpo social através de canais, de formas e de instituições extremamente diferentes, como a prisão, o hospital, o asilo. A especificidade desses movimentos se deixava apreender pela irrupção constante e irrefreável de “lutas cotidianas, exercidas pela base” (Dits et écrits, vol. II, p. 146). Nestas declarações, Foucault sem dúvida tem em vista, dentre outros movimentos, a ação do Grupo de Informação sobre as Prisões, do qual foi um dos fundadores e ativistas. O GIP auxiliou na promoção da questão prisional no campo da política por meio de uma inovação, qual seja, a entrada no espaço público de um saber sobre a prisão pautado pela experiência cotidiana e pela tomada da palavra, ao mesmo tempo plural, anônima e logo coletivizada daqueles que eram os alvos mais



diretos da “engrenagem” do poder, os prisioneiros. Acreditamos que, mais do que um capítulo fundamental da política contemporânea, a emergência dessas lutas cotidianas, que Foucault vivenciou e refletiu a partir do GIP, foi elemento precípuo de seu projeto de uma genealogia do poder

### **Palavras-Chave**

Maio de 68. GIP. Genealogia.



## A POLÍTICA QUE VEM E SUA RELAÇÃO COM A ÉTICA DO RESTO: VIAS ARTICULADAS DE UMA POTÊNCIA DESTITUINTE

Paloma Custódio Soares  
[paloma.soares@aluno.uece.br](mailto:paloma.soares@aluno.uece.br)

### Resumo

Com base no diagnóstico crítico de que a vida humana é governada pela articulação de dispositivos biopolíticos e de soberania e que o campo é a figura paradigmática dos efeitos dessa articulação, o trabalho busca compreender a possibilidade de uma política que vem e a viabilidade da ética do testemunho como resistência à política em vigor, a partir das reflexões de Giorgio Agamben. A partir da problematização da realidade da exceção dos campos de concentração - sejam eles os nazistas, sejam eles os campos sionistas em Gaza -, buscaremos explicitar de que maneira a profanação dos dispositivos biopolítico-soberanos pode ser elaborada com base na própria singularidade humana, por meio da noção de potência destituente. A rigor, buscaremos mostrar como essa noção se torna fecunda ao ponto de mover as singularidades em direção a uma política que se faz presente e, ao mesmo tempo, nunca finda em sua chegada. Trata-se, ademais, de sublinhar o pressuposto de uma ética do resto como campo de resistência, isto é, de uma ética elaborada por singularidades que testemunham sobre a *Conditio Inhumana* e, exatamente por isso, podem iluminar - como exemplos - a realidade de como é possível resistir aos dispositivos que capturam e reduzem a vida humana à vida nua.

### Palavras-Chave

Campo. Biopolítica. Testemunho.



## A PÓS-MODERNIDADE E O PROBLEMA DA VERDADE

Rosa De Lourdes Aguilar Verastegui

[rosaguilar@uel.br](mailto:rosaguilar@uel.br)

### Resumo

O objetivo é tratar a verdade na pós-modernidade, como um problema epistemológico e político. Na pós-modernidade surge uma reação à verdade assumida pela ciência, devido à ignorância científica e à influência de grupos de poder. Assim surge a pós-verdade, que não só é um desafio epistemológico que nega a verdade, ela é um mecanismo político que favorece a dominação. Por isso, só podemos entender o desafio epistemológico da pós-modernidade, se é observado com suas implicações políticas. A ideia da verdade relativa por si só não basta, deve-se acrescentar que no discurso da pós-verdade esta ideia precisa de desenvolvimento dentro de um entorno mais amplo. A maior falha na observação da pós-verdade consiste em tratar o fenômeno unicamente como uma manifestação que se refere a uma época que admite argumentos fracamente justificados. A pós-verdade tem influência política, tanto assim que, se alguém pensa que tem uma descrição última e correta da realidade ele sente-se com a obrigação de revelar a verdade para os outros. Historicamente essa atitude conduziu a guerras, colonizações e todos os tipos de formas de controle. Em realidade, o que chamamos de verdade não é uma lista de crenças que descreve a realidade com exatidão, mas simplesmente um conceito regulatório sobre o que deveríamos acreditar, dadas as evidências e critérios de justificação. A história latino-americana ilustra esse fenômeno desde o século XVI, em matéria de imposição das ideias propostas como verdadeiras o Ocidente se tornou o maior exemplo com o projeto civilizatório da colonização. Nossa obrigação, epistêmica e moral, não é revelar a verdade aos demais, mas providenciar os instrumentos para que possamos encontrar o conhecimento, e cabe a cada um de nós procurar as crenças que nos parecem mais bem justificadas, para poder ser consideradas verdades.

### Palavras-Chave

Pós-Verdade. Crise Epistemológica.



## A SINGULARIDADE DOS ACONTECIMENTOS E AS DIFICULDADES DA NARRAÇÃO: ENTRE HISTÓRIA E POLÍTICA

Roan Costa Cordeiro  
[roan.costa@gmail.com](mailto:roan.costa@gmail.com)

### Resumo

A narração dos acontecimentos constitui uma encruzilhada fundamental do pensamento contemporâneo. Diante disso, o propósito desta investigação é encarar as dificuldades da narração surgidas no confronto do pensamento com a singularidade do acontecimento. Para tanto, delimitando o escopo do problema, partimos da mobilização do debate sobre o caráter singular das práticas totalitárias de extermínio nos discursos correntes sobre os genocídios. Em diálogo com as análises de Tzvetan Todorov sobre a narração da Shoá, bem como as de Richard Evans e de Nigel Pleasants sobre o sentido histórico e filosófico da sua singularidade, examinamos a defesa arendtiana do ineditismo do governo totalitário em *As origens do totalitarismo* (1951). Afinal, nessa obra, Arendt enfrentou o acontecimento a partir da sua materialização extrema nos campos de concentração e extermínio, ou seja, dos aparatos construídos para a produção programática da superfluidade humana mediante a destruição completa de seres humanos. Em nossa leitura, o elemento decisivo da discussão no presente depende de compreendermos a sobreposição entre aspectos históricos e políticos, de modo que devemos distingui-los a partir dos cortes abertos pelo próprio acontecimento. Em termos históricos, notamos que a singularidade antes indica que o sentido ou significado do acontecimento se mostra impassível de ser deduzido de quaisquer outros acontecimentos, devendo ser buscado, portanto, na sua manifestação particular na realidade. Dessa maneira, o aspecto “inenarrável” dos acontecimentos assinala não somente o que aparece como algo inédito no mundo, mas antes diz respeito à difícil captura dos acontecimentos na própria linguagem, tal como o atesta a vasta literatura de testemunho. Em termos políticos, por fim, retomando Eichmann em Jerusalém (1963), podemos verificar que há uma “lição” dos acontecimentos condizente ao fato paradoxal de que eles se tornam “potencialidades” da própria ação humana ao acontecerem, assim perdurando como demonstrações, por vezes terrivelmente ameaçadoras, do que os seres humanos efetivamente podem realizar.

### Palavras-Chave

Acontecimento. Singularidade. Narração.



## A SOCIEDADE DISCIPLINAR ENTROU MESMO EM CRISE? UMA REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT

Mabele Batista Freitas

[mabele.batista.33@gmail.com](mailto:mabele.batista.33@gmail.com)

### Resumo

O objetivo principal deste trabalho é fazer um exame filosófico sobre as categorias de punição e vigilância, com base no pensamento de Foucault. O problema de investigação gira em torno da questão da atualidade dessa reflexão, isto é, procura questionar se a sociedade disciplinar fora colmada por uma crise que a fez perder a força de seus instrumentos. Para desenvolver esta investigação, propomo-nos examinar: (1) a relação entre pena, punição e sistema penal, e (2) o vínculo entre vigilância e “docilização dos corpos”. O fio condutor será baseado nas últimas aulas de “A sociedade punitiva” (1973) e na segunda e terceira partes de “Vigiar em punir” (1975). Nossa hipótese é a de que a sociedade disciplinar não perdeu sua força, embora o próprio Foucault tenha argumentado a favor disso no texto “A sociedade disciplinar em crise” (1978). Buscamos sustentar que esse argumento se dirige, como prenota o próprio pensador, para, principalmente, países da Europa e Estados Unidos. No entanto, esse mesmo exame deixa de fora países do Sul Global, onde a disciplina permanece como um dispositivo central.

### Palavras-Chave

Sociedade Disciplinar. Vigilância. Punição.



## AS DIFERENTES VERSÕES DO PROJETO DE AUTONOMIA EM CORNELIUS CASTORIADIS

Alfran Marcos Borges Marques

[alfran@gmail.com](mailto:alfran@gmail.com)

### Resumo

O presente estudo aborda os diferentes aspectos da filosofia política de Cornelius Castoriadis que permitem elucidar a atividade autônoma coletiva, refletida e lúcida a partir da experiência concreta dos dois grandes fenômenos políticos da humanidade, a democracia grega e o movimento operário. Através da política os homens e mulheres alteram o seu modo de ser social-histórico, principalmente pela incorporação de problemas éticos que não são dados necessariamente pelo devir histórico, mas pela pergunta “o que devo fazer?”, permitindo que a reprodução passiva comportamental das sociedades heterônomas seja quebrada. Desta maneira, cria-se a condição para a contínua transformação e criação das significações sociais na sociedade autônoma. A originalidade da democracia grega e do movimento operário contemporâneo atesta a possibilidade do pensar por si mesmo, da isonomia entre todos os cidadãos, da ampla igualdade entre todos os seres humanos. Castoriadis deposita grande esperança que esta longa tradição de questionamento institucional, pensada numa totalidade histórica, sirva de inspiração para o revigoramento do pensamento político e da atividade coletiva humana em oposição às atuais sociedades burocráticas. No entanto, provar-se-á, consultando as próprias fontes históricas e teóricas apresentadas por Castoriadis, que o projeto de autonomia grego e o projeto de autonomia operário lastreiam-se em aspectos radicalmente diferentes do real e do fazer humano, o que justifica a elaboração de duas grandes vertentes na teoria da autonomia castoriadiana.

### Palavras-Chave

Autonomia. Castoriadis. Imaginário Social.





## BIOPOLÍTICA E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIDA

Luis Hernán Uribe Miranda

[luis.uribe@ufma.br](mailto:luis.uribe@ufma.br)

### Resumo

O enigma que subjaz no conceito de biopolítica, seu devir tanatopolítica na modernidade, não é consequência da insuficiência das pesquisas de Michel Foucault ou das diferentes semânticas que esse conceito adquire na obra do filósofo francês. Para Roberto Esposito, a passagem da biopolítica para uma tanatopolítica, é fruto dos desenvolvimentos da biologia moderna e do direito associados à política: o direito de agir sobre a vida como uma política de morte, como uma forma de governar. A presente comunicação tem por finalidade abordar os conceitos de biopolítica e institucionalização da vida a partir de Roberto Esposito tentando mostrar a interligação entre a segunda e terceira fase do pensamento do filósofo italiano. Em que medida, e por quais razões, acontece a institucionalização da vida? O paradigma biopolítico é suficiente para explicar o aumento do racismo, a redução biológica da vida humana, os assassinatos políticos ou as guerras e as violações aos direitos humanos? Nesse sentido, a relação entre biopolítica e institucionalização da vida parece estar no cerne dos desafios da filosofia política contemporânea. Esse percurso filosófico partirá da elucidação dos conceitos de biopolítica, por um lado, e de institucionalização da vida, por outro, para, a partir de Roberto Esposito, apresentar algumas considerações que possam servir para pensar criticamente os problemas acima enunciados.

### Palavras-Chave

Biopolítica. Instituição/Vida. Roberto Esposito.



## CONDICIONALIDADE E INTENCIONALIDADE EM HANNAH ARENDT

Lucas Barreto Dias

[lucas.noglb@gmail.com](mailto:lucas.noglb@gmail.com)

### Resumo

Desenvolvo neste texto uma interpretação sobre o conceito de condição no pensamento político de Hannah Arendt. A hipótese é de que ele provém de uma chave de leitura fenomenológico-existencial, a qual ilumina a teoria política da autora. Arendt faz um deslocamento conceitual: para compreender as atividades humanas, ela rejeita a fundamentação por meio de uma natureza, em seu lugar, a autora lança mão da noção de condição. A partir deste movimento de desnaturalização, penso que a condição humana se apresenta como uma alternativa ao modelo da tradição filosófica, de modo que o conceito se bifurca em duas frentes inter-relacionadas. A primeira surge pela noção de condicionalidade, uma qualidade da existência humana desvinculada de uma natureza, sua situação existencial pela qual é afetada a partir do mundo. A segunda diz respeito à intencionalidade, a qual se relaciona tanto com o modo pelo qual somos sempre vinculados a um mundo que nos aparece intencionalmente, bem como sempre nos movimentamos intencionalmente sob suas condições plurais que nos constituem, embora nunca de modo absoluto. A condição humana se desvela, assim, por uma situação existencial de pertencimento e estranhamento ao mundo, bem como por meio de uma dupla intencionalidade entre pluralidade humana e mundo comum. Deste modo, Arendt assume uma perspectiva distinta daquela realizada pela tradição que critica: em vez de um olhar que se posiciona externamente aos assuntos humanos, a pensadora busca se posicionar como alguém enraizado no mundo e que precisa pensar a partir dele. Defendo, ao fim, que a transição do critério da natureza para aquele da condição auxilia a autora em sua perene tarefa de reconciliação com o mundo, bem como no fato de que, segundo Arendt, somos sempre no plural e pertencemos ao mundo - daí a sua formulação tardia de que somos-do-mundo - em tal medida que tais relações existenciais são doadoras de sentido inelimináveis, doam-se intencionalmente e nos condicionam em alguma medida, ainda que não em absoluto. Essa condicionalidade e intencionalidade é o que torna possível a política enquanto uma forma de existir no plural, ou, ainda, que se baseia sobretudo na pluralidade humana, naquilo que existe entre os seres humanos e não está neles enquanto uma natureza.

### Palavras-Chave

Desnaturalização. Ser-do-Mundo. Pluralidade.



## CRISE ECOLÓGICA E QUESTÕES DE SOBERANIA, COM ARENDT, NEGRI E HARDT

Nuno Miguel Pereira Castanheira  
[npcastanheira@gmail.com](mailto:npcastanheira@gmail.com)

### Resumo

A expressão “crise ecológica” é uma espécie de índice das crises multidimensionais – da natureza e do ambiente, mas também éticas, políticas, normativas, institucionais, de modos de ser – que constituem a nossa atual condição existencial. Trata-se, portanto, do índice da inospitalidade de um mundo criado pelo poder humano – em particular, do Ocidente –, afetando todos os humanos, bem como todas as entidades vivas e não-vivas que partilham a Terra conosco. Por essa e por outras razões, não estranha que toda a política contemporânea se tenha transformado numa ecopolítica. De fato, a crise ecológica forçou todos os setores e agentes políticos – todos nós – a assumirem uma posição a respeito de questões envolvendo a relação entre sociedade e natureza, mesmo – e com particular presença no espaço público – setores negacionistas. Ao revelar que a natureza foi transformada irreversivelmente pelo poder humano, a crise ecológica manifestou o fato de esta mesma natureza – seja ela o que for – ter sido arrastada para o campo da ação humana – ao qual servia previamente de pano de fundo –, não sendo mais sustentável manter a sua pretensa neutralidade em termos éticos e políticos. Não obstante, parecemos continuar a operar de acordo com referenciais conceituais e normativos provenientes do passado que, apesar de cobertos por novas vestes e da constante ênfase do caráter urgente da situação ecológica, talvez sejam mais parte do problema do que parte da solução. Um desses referenciais é a moderna de soberania. Efetivamente, é comum escutarmos que a resposta à crise ecológica acima referida e às diversas crises de que ela é índice passaria por uma reterritorialização como contraparte à desterritorialização realizada pelo processo de globalização. Parte fundamental dessa reterritorialização passaria, por seu lado, pela reafirmação da soberania dos estados, a qual foi diluída no contexto da globalização e do capitalismo na sua forma tardia, o neoliberalismo. Contudo, será que a forma política “soberania” é efetivamente parte da solução? Ou será, se deixada tal como está, parte do problema? Sem pretensão de oferecer uma resposta definitiva, estas são as questões que pretendo debater nesta comunicação, buscando apoio no pensamento de Hannah Arendt, Antonio Negri e Michael Hardt.

### Palavras-Chave

Hannah Arendt. Crise Ecológica. Soberania.



## DA BIOPOLÍTICA DE FOUCAULT PARA A PSICOPOLÍTICA DE BYUNG-CHUL HAN: A NOVA FERRAMENTA DE PODER

Rafael Douglas Sousa De Andrade  
[rafaeldouglassousa@hotmail.com](mailto:rafaeldouglassousa@hotmail.com)

### Resumo

Este artigo visa analisar os seguintes pontos: a tese foucaultiana de disciplina, suas ferramentas de poder e a biopolítica; como houve a mudança social das ferramentas de controle; e, conforme o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han afirma, a superação das teses acerca do poder e do biopoder de Foucault, haja visto diversos fatores, tais como: crises institucionais das ferramentas disciplinares, ascensão da tecnologia – em especial o crescimento exponencial das redes sociais e mídias digitais –, ruptura do panoptismo da vigilância sobre os corpos para a vigilância sobre a psique e a não-completude do novo âmago do neoliberalismo de agir sobre os sujeitos. A metodologia que guiou a pesquisa é teórico-bibliográfica. Concluiu-se na pesquisa que a complexidade em que o neoliberalismo do século XXI exerce o poder, ou seja, em que ele sujeita os indivíduos, está para além da disciplina foucaultiana. Portanto, surge, então, uma nova técnica de sujeição, a psicopolítica silenciosa e afável de Han.

### Palavras-Chave

Biopolítica. Psicopolítica. Formas de Poder.



## DA QUESTÃO SOCIAL À PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM HANNAH ARENDT: POR OUTROS OLHARES

Éliton Dias Da Silva  
[eliton.dias@alumni.usp.br](mailto:eliton.dias@alumni.usp.br)

### Resumo

Este trabalho lança o seu olhar sobre *A Condição Humana* e *Sobre a Revolução*, obras arendtianas, no sentido de pensar o problema da pobreza, da qual derivam outras carências, inclusive imateriais, que se interpõem à participação política, sendo causa determinante nos processos de exploração, marginalização e exclusão ao longo da história. Não obstante, basta uma breve pesquisa para identificarmos intérpretes que alocam o pensamento de Hannah Arendt acerca do tema numa concepção liberal de uma separação radical entre política e economia, como se ela fechasse os olhos para a relevância da questão social em sua estruturação política. Por isso é importante pontuar Hannah Arendt como uma autora de encontros, que pensa entre fronteiras sutis que nem sempre se quedam claras e delimitadas. Por um lado, seu olhar está voltado para as nefastas consequências do uso da “política” como método de resolução forçada dos problemas sociais – expropriações e outras medidas que violam a liberdade – em detrimento de soluções técnicas advindas da administração e da economia. O que as revoluções do século XX trazem é esta visão de que a necessidade deve ser enfrentada como um problema da violação de direitos naturais, “não mais combatida num esforço supremo de libertação”. Essa concepção que reduz a política à natureza, não nasce com Marx, mas já aparecia na Revolução Francesa e tinha o seu substrato na ideia de direito natural expressa na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Nesse ponto, chama-nos atenção a distinção entre “direito natural” e “direitos pré-políticos”, invioláveis e intocáveis pelo governo, uma delimitação que remete à separação entre a esfera pública (governamental) e a esfera privada. Por outro, aponta que a “transformação das condições terrenas” e a “mitigação do sofrimento humano” só é possível através de uma alternativa racional que associe capacidade técnica e deliberação política, o que pressupõe uma capacidade diferente da compaixão e da piedade como forma de se relacionar com o sofrimento e a miséria, a solidariedade, que mantém compromisso com ‘ideias’ – grandeza, honra ou



dignidade. Portanto, defendemos que na estrutura arendtiana, a solidariedade, longe de aparecer como uma ação piegas e espontaneísta pode criar uma “comunidade de interesses com os pobres e explorados” através da restituição da dimensão mundana da economia para a construção de políticas públicas que visem a promoção da cidadania e da dignidade humana.

### **Palavras-Chave**

Questão Social. Solidariedade. Cidadania.



## DEMOCRACIA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Maria Cristina Müller

[cristinamuller@uel.br](mailto:cristinamuller@uel.br)

### Resumo

O tema da presente comunicação é a democracia contemporânea. Questiona-se a democracia no que tange aos seus desafios no contemporâneo. Objetiva-se refletir sobre a liberdade pública, o significado da política e como trazer luz aos desafios da democracia contemporânea. A pesquisa justifica-se diante da perda do envolvimento do cidadão com o mundo público no sentido do triunfo do homem-da-massa. O significado da política é subvertido e o gosto pela liberdade pública eclipsado. A filósofa que empresta seus escritos para tal análise é Hannah Arendt; trata-se de pesquisa básica assentada na revisão bibliográfica. Os textos de Arendt analisam os problemas e perplexidades que ameaçam a política e o mundo contemporâneo caracterizado pela alienação, atomização e massificação. A hipótese liga o cidadão – como aquele que possui “espírito” público, que tem compromisso com a república – com a ideia de bem comum conquistado no domínio público quando há participação efetiva neste espaço. Como resultados demonstra-se a capacidade dos cidadãos empreenderem novas ações no mundo restaurando a dignidade da política. Conclui-se que um dos maiores desafios lançados à democracia diz respeito a compreensão do significado mesmo da política e do gosto do cidadão pela liberdade pública.

### Palavras-Chave

Hannah Arendt. Política. Democracia.



## ECOS NIETZSCHEANOS, PENSAMENTOS NACIONAIS: CRÍTICA, MODERNIDADE E AUTORITARISMO

Henry Martin Burnett Junior

[henry.burnett@unifesp.br](mailto:henry.burnett@unifesp.br)

### Resumo

A pesquisa homônima apresentada nesta comunicação se desenvolve em frentes distintas, interconectadas a partir da obra de Nietzsche e seus reflexos sobre escritores e escritoras brasileiras desde o final do século XIX. Trata-se de investigar obras aparentemente desconectadas que guardam laços de afinidade e precisam ser compreendidas não apenas a partir do que chamamos de recepção de Nietzsche, mas ligadas a um movimento de revisão e formação crítica que vem se construindo ao longo do século xx. A comunicação propõe uma interpretação do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, no contexto da chegada da modernidade no Brasil. Em pano de fundo, a crítica de Nietzsche às promessas da modernidade na Europa. O que o livro de Euclides da Cunha tem a nos dizer, passados mais de 120 anos de sua publicação, é a questão central que motiva esta pesquisa, que envolve ainda Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Davi Kopenawa. Como a ação dos militares, tal como analisada pelo autor, de várias maneiras pode ser interpretada como um rito de entrada do Brasil na modernidade através da implantação da República, e como ainda pode nos explicar passadas tantas décadas. Partindo de uma leitura crítica do livro, analiso a história da formação de nossa crítica, seus percalços e a lentidão de seu amadurecimento.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Modernidade. Euclides da Cunha.





## FÉ E EXPERIÊNCIA POLÍTICA: UM ESBOÇO EM HANNAH ARENDT

Ana Lúcia Feliciano  
[luh.feliciiano@gmail.com](mailto:luh.feliciiano@gmail.com)

### Resumo

Uma investigação acerca da fé [faith] se justifica quando consideramos que em uma anotação de setembro de 1951, Hannah Arendt é precisa ao afirmar que a fé é indispensável para as relações humanas. No tocante à palavra “fé”, no entanto, a teórica política opera um duplo movimento: retira de circulação a acepção teológico-religiosa e, ao mesmo tempo, articula outra concepção. Essa inflexão é necessária, uma vez o objetivo de inserir essa noção no debate político sem, contudo, suscitar qualquer referência à transcendência, ao sobrenatural ou à providência divina. Com efeito, não se trata de lidar com noções religiosas e incorporá-las à política, mas de uma apropriação de caráter secular. O esforço arendtiano é pensar fora [think outside] do contexto religioso, se apropriar do termo “fé” e conferir outro significado a noções associadas a essa experiência, quais sejam, o milagre, a promessa e o perdão. O ponto é que Arendt considera que a fé tem um valor específico do ponto de vista do mundo e, dessa maneira, dentro da política. Nessa perspectiva, a fé aponta para os limites e as possibilidades humanas, além de reforçar que o mundo é algo que sempre nos escapa. O que significa que a experiência da fé não demanda apenas admitir que não sabemos de tudo e não conhecemos tudo, mas pressupõe a aceitação de que a realidade humana permanece contingente e incerta. A despeito das incertezas, entretanto, a fé nos dispõe a acreditar no milagre do novo. Ora, no domínio político, a fé não é uma experiência independente do mundo tampouco remete à confiança em Deus, mas diz respeito às próprias iniciativas humanas. Note-se, de passagem, que os seres humanos não são apenas atuantes, mas também padecem às ações empreendidas pelos outros. Dito isso, a ênfase recai sobre os feitos e sofrimentos humanos, de tal maneira que ao discorrer sobre a questão da fé soa razoável uma reflexão sobre a promessa e o perdão. Arendt desvincula ambas as noções de uma experiência singular e de preocupação com a salvação da alma, reposicionando-as no domínio dos assuntos humanos. Nesse sentido, quando reconfiguradas e compreendidas politicamente, a promessa e o perdão introduzem o elemento da fé no seio das experiências políticas e, de fato, nosso

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



principal interesse é nesta discussão. Ao traçar essa linha argumentativa, pretendemos nos debruçar em uma análise sobre o potencial vinculativo da fé dentro da política, e porque não dizer, no domínio dos assuntos, relações e problemas humanos.

## Palavras-Chave

Experiência. Fé. Política.



## GESTO E PROFANAÇÃO EM WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN

Denise Narli Da Silveira  
denisegrafias@gmail.com

### Resumo

A partir de W. Benjamin e G. Agamben, nos defrontamos com a crise cultural de que sofre o ocidente e suas raízes profundas. Com isso, buscamos nos textos dos autores, subsídios para pensar em como transformar o uso da linguagem estética em artifícios políticos para garantir o desenvolvimento de uma nova experiência que dê ao ser humano a condição de profanar os padrões impostos e, com isso, de se tornar protagonista vivendo com liberdade o tempo de agora. Segundo Agamben (2015), a crise em curso é o motor interno do capitalismo na sua fase atual, assim como o estado de exceção é a estrutura normal do poder político contemporâneo. E tal como o estado de exceção exige que cada vez mais habitantes sejam privados de direitos políticos e que, em última análise, todos os cidadãos sejam reduzidos à vida nua, também a crise, tornada permanente, exige não só que os povos do Terceiro Mundo sejam cada vez mais pobres, mas também que uma percentagem crescente de cidadãos das sociedades industriais sejam marginalizados para o vertiginoso crescimento de poucos líderes afortunados. A profanação, como conceituada por Agamben (2007), segue dando continuidade às reflexões de Benjamin, pois consiste justamente em interromper o continuum da história, romper com a religião do capital, em fazer um novo uso da linguagem (técnica e artística), no sentido de pensar o mundo criticamente e criar novas possibilidades narrativas, estéticas e éticas. Trata-se de fazer novos usos dos dispositivos de forma original e revolucionária. Nesse sentido, os gestos expressivos, poéticos e criativos, são fundamentais para a criação de novas experiências comuns que deem novo sentido à existência humana na terra. Isto significa que a finalidade do utilitarismo econômico, quando profanada, deve retornar ao uso comum das pessoas para uma vida cotidiana emancipada. Ao desmistificar e desativar os dispositivos de poder capitalistas através da profanação, o gesto expressivo e criativo, nesta perspectiva, destaca a fragilidade destas estruturas e revela as possibilidades de resistência que emergem da ação. A profanação é, portanto, um vínculo com a vida que propõe desvios daquilo que outrora fora consagrado pelo capital. Ao analisar,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



portanto, os conceitos de gesto e profanação em Benjamin e Agamben, fica evidente que o gesto expressivo do ser humano, possui o potencial de profanar os dispositivos de poder capitalista da sociedade contemporânea e é extremamente importante para a transformação social.

## Palavras-Chave

W. Benjamin. G. Agamben. Gesto. Profanação.



## GIORGIO AGAMBEN E A ATUALIDADE DA ATIMIA ENTRE REFUGIADOS, APÁTRIDAS E MIGRANTES ILEGAIS

Marcia Rosane Junges  
[mjunges@unisin.br](mailto:mjunges@unisin.br)

### Resumo

Discutiremos a categoria de atimia em Giorgio Agamben, que não se limita apenas à perda de direitos políticos ou jurídicos, mas também envolve uma exclusão fundamental da comunidade política. O filósofo argumenta que a atimia é um estado de exceção que pode ser imposto a certos indivíduos ou grupos pela autoridade soberana, colocando-os em uma posição de vida nua ou desprotegida. Isso significa que essas pessoas são privadas não apenas de direitos formais, mas também de qualquer proteção legal ou reconhecimento social. O estado de atimia pode ser aplicado a diferentes grupos, e neste trabalho nos ocuparemos em específico dos refugiados, apátridas e migrantes ilegais. Agamben pontua que a atimia revela a natureza paradoxal do poder soberano, que tem o poder de decidir quem está dentro e quem está fora da comunidade política, quem possui direitos e quem não possui. A partir disso, refletiremos que a atimia não é apenas uma questão histórica ou política, mas também uma condição contemporânea que se manifesta em diversas formas de exclusão e marginalização presentes na sociedade atual.

### Palavras-Chave

Atimia. Refugiados. Agamben.



## HANNAH ARENDT E O SIONISMO

José Luiz De Oliveira

[jlos@ufs.edu.br](mailto:jlos@ufs.edu.br)

### Resumo

Hannah Arendt em sua Filosofia Política Contemporânea se apresenta como uma das principais pensadoras que trata da “Questão Judaica”. Interessa-nos abordar as análises da autora referentes ao sionismo, sobretudo no que diz respeito à criação do Estado de Israel. Para tanto, em um primeiro momento faz-se necessário explicitar o entendimento de Arendt acerca da *raison d’être* do sionismo. É importante tratar das atividades da pensadora em Paris, de 1933 a 1940, momento compreendido pela aproximação dela ao sionismo. Entretanto, é relevante registrar as críticas arendtianas em torno do objetivo dos sionistas de estabelecer a fundação de um Estado – nação direcionado somente para o povo judeu. Enfim, considerando o conflito Israel/Palestina, ainda sem solução na atualidade, nota-se a necessidade de demonstrar os motivos das previsões de Arendt, já anunciadas em 1948 sobre o fato de Israel ter se tornado um Estado fortemente militarista, configurado por expansão de fronteiras, deixando de lado o ideal de fundação de um Estado binacional árabe - judeu idealizado pela autora.

### Palavras-Chave

Fundação. Israel. Palestina. Sionismo.



## HANNAH ARENDT, PENSAMENTO, JUÍZO E AÇÃO POLÍTICA: INDÍCIOS DE UMA RESISTÊNCIA À BANALIDADE DO MAL

Robério Honorato Dos Santos  
[roberio\\_rh@yahoo.com.br](mailto:roberio_rh@yahoo.com.br)

### Resumo

Em 2023, as obras de Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém* e *Sobre a Revolução* completaram sessenta anos de publicação. Na primeira obra, a autora cunhou a polêmica expressão banalidade do mal, uma noção que será importante para essa comunicação. Ao tratar do pensamento em *A vida do espírito*, Arendt questiona se a atividade do pensamento seria capaz de levar os homens a evitar o mal. A partir dessa questão, a presente comunicação objetiva, em primeiro lugar, investigar o alcance do pensamento em Hannah Arendt em relação às condições que podem levar as pessoas a evitar a prática do mal. Em segundo, questionar acerca das condições de possibilidade de uma resistência política em relação às implicações da banalidade do mal no mundo. Assim, consideramos haver apenas um único objetivo, embora didaticamente elaborado em duas etapas. A nossa hipótese é que, a despeito da importância da atividade do pensamento para resistir ao mal, a resistência que o pensar oferece à banalidade do mal está circunstanciada ao âmbito individual. Dessa forma, procuramos demonstrar que, para resistir politicamente à banalidade do mal, para além da atividade do pensamento em si, outras atividades são fundamentais e urgentes. Quais são, portanto, essas atividades? Trata-se do julgar e da ação política. Defendemos que, na obra de Hannah Arendt, as atividades do pensar, julgar e agir politicamente interseccionam-se, originando desta intersecção um potencial político ampliado, que, a meu ver, responde ao questionamento das condições de possibilidade de resistir politicamente às implicações da banalidade do mal. Desse modo, a questão central aqui é que não apenas é possível resistir à banalidade do mal do ponto de vista individual, mas pensar em formas de resistência no plural, com desdobramentos em espaços públicos, que, por conseguinte, enseja o âmbito da política. Portanto, o potencial político ampliado, ou seja, servir-se do pensamento, do juízo e da ação política, relacionando-os à medida da necessidade para pensar o que estamos fazendo, ajuizar os fenômenos que nos cerca e agir em conjunto constitui o que consideramos ser resistência política.

### Palavras-Chave

Hannah Arendt. Resistência. Banalidade do Mal.



## HANNAH ARENDT: A BANALIDADE DO MAL A PARTIR DO CASO EICHMANN

Vinicius Araujo

[viniciusaraujosilva123@gmail.com](mailto:viniciusaraujosilva123@gmail.com)

### Resumo

Esse trabalho investiga a significação de Banalidade do Mal, em Hannah Arendt, a partir do julgamento de Adolf Eichmann. É traçado um caminho desde as condições para o julgamento até a significação do conceito polido, investigando a pessoa de Eichmann de modo a compreender como um homem comum - diferentemente do monstro que se esperava - se torna capaz de fazer tamanhas atrocidades como o holocausto dos judeus. Portanto, traça-se, a partir de Arendt, quem Otto Adolf Eichmann, tal como seu caminho desde a infância até seu julgamento, buscando encontrar traços que expliquem seus feitos. Considerando que Arendt já fizera um caminho acerca do mal até o cunho desse novo conceito, é importante traçar como foi tal caminho trilhado por ela partindo de Immanuel Kant, falando acerca do Mal Radical, até essa novidade que é a Banalidade do Mal. Desse modo, após apontar a Banalidade do Mal a partir do julgamento e da pessoa de Eichmann, o trabalho investigativo esclarece o caminho histórico acerca do mal que a autora trilhou, assim como as características do Mal Radical e a diferença entre tal e a Banalidade do Mal. Portanto, há uma parte investigativa que trabalha acerca da possibilidade do homem comum - partindo da pessoa e história de Adolf Eichmann - fazer grandes atrocidades pela simples incapacidade de pensar e outra tratando sobre o mal, buscando distinguir os diferentes tipos dentro do pensamento da autora para a melhor compreensão da novidade que se manifesta em Otto Adolf Eichmann com a Banalidade do Mal.

### Palavras-Chave

Banalidade do Mal. Mal Radical. Adolf Eichmann.





## HERANÇAS E SEUS PERIGOS: A RUPTURA DA TRADIÇÃO NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Victor Frohlich Cortez  
[frohlichvctr@gmail.com](mailto:frohlichvctr@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho procura discutir o tema da ruptura da tradição ocidental no pensamento de Hannah Arendt em alguns momentos chave da obra da autora. Partindo de um breve recorte biográfico sobre a pensadora, nosso enfoque principal está na produção de Arendt entre os anos 1940 e 1950 — sobretudo nos textos que a autora escreve antes da publicação de sua primeira obra de maturidade, *Origens do Totalitarismo* (1951), e que de certa maneira servem de preparação tanto para os diferentes exames históricos desse livro quanto para sua compreensão acerca da ruptura da tradição, e na própria obra de 1951. A partir da análise destes textos, busca-se primordialmente compreender como a ruptura da tradição levada a cabo pelo totalitarismo permite compreender que este regime não apenas esgarça certos valores da tradição ocidental que foram sendo pauperizados no decorrer da Modernidade, mas radicaliza alguns preconceitos inerentes a essa mesma tradição, preconceitos sem os quais o regime totalitário não poderia ter surgido. Essa compreensão dos preconceitos inerentes ao pensamento ocidental permite evidenciar como a constatação crítica de Arendt frente à tradição da filosofia política — que teria, em suas respostas elementares, sempre se esquivado da pluralidade humana — leva-a a buscar referenciais que se oponham à tradicional atitude hierárquica entre o filósofo e a coisa política — um dos elementos mais interessantes de sua contribuição intelectual.

### Palavras-Chave

Tradição. Política. Pluralidade.



## MASSA, PROLETARIADO, MULTIDÃO

Jefferson Martins Viel

[jeffersonmviel@gmail.com](mailto:jeffersonmviel@gmail.com)

### Resumo

Na comunicação ora proposta, intento abordar certa concepção de “massa” presente ao longo da filosofia política moderna e a maneira como tanto Friedrich Engels quanto Antonio Negri a rearticulam para conceituar o que entendem como um novo sujeito político. Ao fazê-lo, devo primeiramente destacar o problema da assim chamada “dupla transcendência” da massa, que se postaria a um só passo para aquém e para além da esfera política, a partir de autores tais quais Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau e Georg Friedrich Wilhelm Hegel. Em seguida, almejo sustentar que, a despeito da imprecisão vocabular dos escritos em que isso ocorre, o nascimento do conceito de proletariado em Engels se vincula intimamente com a percepção de uma massificação da esmagadora maioria da sociedade inglesa na esteira da Revolução Industrial. Enfim, pretendo mostrar como, após a derrota das lutas operárias dos anos 1960 e 1970, Negri recupera a noção de massa a partir da leitura de uma “tradição maldita” da filosofia política moderna e a converte em um renovado conceito de multidão. Desse modo, espero assinalar como os conceitos de proletariado e de multidão buscam nomear um sujeito político que se institui desde baixo e, dessarte, não apenas não se subordina às formas tradicionais de comando como se constitui enquanto potência de desarticulação do exercício transcendente do poder político.

### Palavras-Chave

Massa. Proletariado. Multidão.



## MERITOCRACIA E RESENTIMENTO: IMPLICAÇÕES NA DEMOCRACIA

João Pedro Andrade De Campos

[jp.andrade.campos@gmail.com](mailto:jp.andrade.campos@gmail.com)

### Resumo

Liberdade e Reconhecimento são dois conceitos de largo alcance teórico. Mesmo partindo desta afirmação, todavia, facilmente podemos identificar discursos oficiais, de autoridades governamentais, como também de cidadãos dos mais diversos segmentos, endossando o alto valor que sua liberdade possui, bem como reivindicando o reconhecimento de suas características próprias e individuais como invioláveis. Estes movimentos possuem aspectos positivos e negativos para as relações internas à uma sociedade democrática. Neste trabalho, o meu foco é o de pensar dois aspectos que considero negativos e de correspondência direta ao modo como a liberdade, e principalmente, o reconhecimento podem ser explorados e distorcidos. Assim, busco mostrar que em nossas sociedades democráticas contemporâneas a supervalorização de um ideal de autonomia cada vez mais crescente culmina em uma desvinculação dos cidadãos em relação aos seus compromissos uns com os outros. Ainda neste sentido, a elevação das conquistas individuais a um patamar radical contribui para a divisão da sociedade entre aqueles “vitoriosos” e aqueles “derrotados”, “fracassados”. Tendo isto em mente, minha intenção é a de discutir como a meritocracia e o ressentimento convergem para uma deterioração das relações concidadãs e, em última instância, da própria democracia. Estes dois conceitos, a meritocracia e o ressentimento, articulam-se de tal modo que os “vencedores” projetam para si mesmos uma imagem que não pode ser associada àqueles “perdedores” provocando, assim, uma estratificação social baseada em supostas credenciais meritórias que apenas os primeiros possuem. Não obstante, os “derrotados” também projetam uma imagem distorcida de si mesmos, como se não fossem importantes o suficiente para participarem das decisões da comunidade e, assim, o lugar que lhes resta é o de ressentirem a suposta, e autoimposta, exclusão do convívio comum.

### Palavras-Chave

Meritocracia. Ressentimento. Democracia.



## “NÓS, OS REFUGIADOS”: AS INQUIETAÇÕES DE ARENDT E AS ATUAIS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS REFUGIADOS

Thainá Junges Costa

[thainajunges@hotmail.com](mailto:thainajunges@hotmail.com)

### Resumo

Em 2022, o Brasil recebeu 50.355 solicitações de condição de refugiado: pessoas precisando de apoio para aprender um novo idioma, ter acesso a moradia, alimentação e emprego. Arendt relata que os refugiados têm um futuro imprevisível, pois dependem de forças políticas instáveis. Logo, esta pesquisa busca saber: As políticas públicas migratórias brasileiras resolvem as dificuldades expostas por Hannah Arendt no texto *Nós, os refugiados*? Para responder, far-se-á uma análise das principais demandas apontadas por Arendt em “*Nós, os refugiados*” e examinar-se-á as políticas públicas atuais. Arendt expõe que uma vez fora de seus países, os refugiados permanecem sem lar, tornam-se apátridas, perdem direitos humanos e sociais e até a cidadania - que é o direito de ter direitos. Um dos maiores problemas do Direito Internacional dos Refugiados é sua efetivação, porque depende da vontade dos Estados e da conscientização interna. O Brasil está legalmente comprometido com a proteção dos refugiados desde a Convenção de Genebra, em 1951, que reconheceu direitos e deveres dos refugiados após, o Estatuto dos Refugiados regularizou o processo de reconhecimento dos imigrantes o Decreto Legislativo nº 38 de 1957 colocou o Brasil entre os países abertos aos apátridas e a Lei das Migrações marcou repúdio à discriminação e à xenofobia. Apesar disso, o cenário social ainda é precário. O Instituto Ipsos realizou uma pesquisa em 22 países, incluindo o Brasil, e mostrou que 40% defendem o fechamento das fronteiras a refugiados, pois acreditam que a segurança, a ordem interna, os empregos e os benefícios podem ser comprometidos. No âmbito internacional, políticas como as adotadas por Donald Trump, que proibiu a imigração, deportou trabalhadores morando ilegalmente e acabou com a legislação que protegia da deportação os filhos trazidos por imigrantes, influíram negativamente nos demais países, aumentando incertezas e inseguranças. Arendt explica que, para os refugiados, lutar por sua integridade era difícil, pois dependiam de um estatuto social e legal. Hoje, eles possuem direitos, o que ameniza suas inquietações. Entretanto a



legislação não é suficiente enquanto houver casos de xenofobia, obstáculos no processo de reconhecimento de um refugiado, despreparo na área da saúde e da educação, influência negativa de grandes potências e ausência de políticas educativas internas que ensinem que refugiados são vítimas, não causadores de violência, terrorismo, guerra e desemprego.

### **Palavras-Chave**

Refugiados. Brasil. Hannah Arendt.



## O AUTORITARISMO E A CRISE DA DEMOCRACIA: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DO REPUBLICANISMO EM HANNAH ARENDT

Elivanda De Oliveira Silva

[elivandaos@gmail.com](mailto:elivandaos@gmail.com)

### Resumo

A questão que norteia a presente investigação e que pretendemos iluminar é sobre a compreensão da gênese da crise política que afeta as democracias contemporâneas e que tem no crescimento da extrema-direita o seu polo de tensão máxima. Para isso, investigaremos o que as práticas e comportamentos desses grupos têm em comum com o fascismo dos anos 30 e os regimes totalitários do século XX, e o que realmente está em crise: é a democracia que está em crise, ou o sistema neoliberal capitalista, como pensa Wendy Brown e Nancy Fraser? Quais as investidas do liberalismo, ao longo da modernidade, e do neoliberalismo, na contemporaneidade, que criaram as condições sociais e políticas para o desencadeamento dessa empreitada antidemocrática? Dito de outro modo, quais as tensões entre um projeto capitalista de cunho neoliberal e uma política pautada em princípios republicanos democráticos, em que em última instância é o povo qua povo, que decide os rumos da cidade e não o mercado representado pelas elites econômicas com seus interesses privados? Nossa aposta é que o republicanismo, especialmente o que se vincula a Hannah Arendt, é uma teoria política que pode ser fecunda para compreendermos as peculiaridades dessa crise, as circunstâncias que a originaram e uma aposta para reinventarmos uma nova forma de associação política que confronte os pilares dessa política antidemocrática, exatamente, porque percebemos que o alerta de Arendt de que os elementos que permitiram o surgimento de um evento sem precedentes na história, o totalitarismo e a criação dos campos de concentração, não desapareceram com o fim da II Guerra mundial.

### Palavras-Chave

Republicanismo. Democracia. Liberalismo.



## O DIREITO COMO UM CORPO IMUNITÁRIO: UMA ANÁLISE DAS AMEAÇAS AUTORITÁRIAS BRASILEIRAS ENTRE 2019/2023

Antonio Justino De Arruda Neto  
[arruda.neto@ufpe.br](mailto:arruda.neto@ufpe.br)

### Resumo

O objetivo deste texto é compreender as ameaças democráticas no Brasil entre 2019 e 2022, culminando na tentativa de rompimento institucional em 8 de janeiro de 2023. A análise é realizada a partir de um recorte discursivo, considerando o direito como um “corpo imunitário” que protege tanto as instituições políticas quanto aos indivíduos. Baseamos nossa discussão em dois pressupostos, o primeiro da frase de Roberto Esposito: “A primeira imunização é o direito”. Dessa afirmação, derivam dois temas explorados por Esposito: a sobrevivência e o equilíbrio. O primeiro se refere ao corpo biológico, social e político dos indivíduos, enquanto o segundo trata do equilíbrio nas atividades comunitárias. Um segundo pressuposto provém do livro “O Tribunal: Como o Supremo se uniu ante a ameaça autoritária” de Felipe Recondo e Luiz Weber, que aborda as ações de ruptura através das “estratégias antidemocráticas”. Apesar do contínuo sentimento antipolítico, o “bolsonarismo” encontrou um novo alvo: o STF. O capítulo intitulado “O STF versus Bolsonaro” começa com a frase: “o dia deles vai chegar”, proferida pelo então Presidente Jair Bolsonaro em tom de ameaça. Com o inimigo identificado, as crises entre o Executivo e o Judiciário se intensificaram. A resposta do STF foi reafirmar sua competência constitucional e decidir frente às ameaças, utilizando o direito como ferramenta decisória. O objetivo do STF foi reinterpretar conceitos conforme suas estratégias processuais e institucionais. Para fundamentar a nossa discussão, utilizamos as obras de Roberto Esposito e de Felipe Recondo e Luiz Weber. O nosso problema de pesquisa é: “em que medida o direito ainda é um corpo imunitário para combater as ameaças totalitárias no Brasil, segundo Roberto Esposito?” Quanto ao geral é uma compreensão desse problema e articulado com os objetivos específicos são: (1) Identificar o processo de ameaças autoritárias no Brasil, (2) Analisar os eventos de 8 de janeiro como resultado das ameaças de 2019-2022, e (3) Discutir o direito como um corpo alternativo às ameaças democráticas. Esta pesquisa constitui-se em uma revisão bibliográfica, articulada principalmente com os

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



livros “Immunitas: Proteção e Negação da Vida” (2002) e “O Tribunal: Como o Supremo se uniu ante a ameaça autoritária” (2023). Espera-se demonstrar o direito como uma imunização para o exercício político necessário para uma condição de comunidade.

## Palavras-Chave

Roberto Esposito. Imunidade. Direito.





## O FENÔMENO DO MAL BANAL EM HANNAH ARENDT: É O MAL RADICAL, BANAL?

Shênia Souza Giarola  
[sheniagirola@hotmail.com](mailto:sheniagirola@hotmail.com)

### Resumo

A análise proposta por Hannah Arendt sobre a questão do mal tem sido objeto de debates intensos no contexto filosófico. Inicialmente, Arendt lança mão da noção de mal radical para pensar as origens do totalitarismo. Anos mais tarde, a filósofa se depara com um fenômeno novo, denominado por ela de mal banal. Neste momento, abre-se margem para pensar se há uma ruptura entre o mal radical e o mal banal e, conseqüentemente, a existência de uma lacuna no pensamento arendtiano, já que ela não sistematizou a questão, ou se existe uma inter-relação entre os dois fenômenos da maldade e, caso exista, de que tipo. Neste trabalho, temos como objetivo compreender esses fenômenos, bem como analisar se essa compreensão de Arendt implica na invalidação das noções - ou de uma noção - de mal radical e mal banal ou se, pelo contrário, sugere uma interdependência entre as duas dimensões do mal. Vale dizer que, explorar esse dilema e compreender se o mal banal pode ser realmente visto como uma ramificação do mal radical ou se mantém uma identidade distinta é crucial para a compreensão mais profunda das estruturas totalitárias e da condição humana sob tais sistemas.

### Palavras-Chave

Mal Banal. Mal Radical. Totalitarismo.



## O HOMO SACER AGAMBENIANO E A VÍTIMA DO LINCHAMENTO: PARALELISMOS FILOSÓFICO-JURÍDICOS

Tales Araújo Duarte  
[talesduarte.hist@gmail.com](mailto:talesduarte.hist@gmail.com)

### Resumo

O conceito de homo sacer, como instituto do direito romano arcaico escavado pela filosofia política de Giorgio Agamben, nos permite servir de óculos para visualização da materialidade da vida nua. Portador da condição de inclusão-exclusiva, o homo sacer representa a vida humana que é capturada e pari passu abandonada ao império do poder soberano, convertendo-se em vida matável, todavia insacrificável: desprovida de significado político e de proteção na esfera jurídica e religiosa. Carregando a marca da pena sacer esto, ele se constitui num resíduo da exclusão originária, através da qual a vida sacra se torna a substância primeva do poder soberano por meio da *sacratio*. Logo, é a constituição da exceção soberana, como um campo indiscernível num dentro e fora do ordenamento, onde a vida nua do homo sacer se gesta e é exposta a morte inimputável. Esta, conforme Agamben, se firma como paradigma de governo na nova ordem político-jurídica, por meio da decisão que sanciona o desamparo da vida sacra lançando-a ao império do arbítrio da violência que passa a constituir-se norma. A instituição do homo sacer como inimigo, como vida permanentemente exposta à condição de matabilidade, e despida do seu reconhecimento humano, personifica a condição de exclusão e oposição: como ente daninho e perigoso, com status humano reduzido, que deve ser eliminado sumariamente, tendo em vista a preservação da comunidade e a proteção de seus membros, ameaçados pela existência daquele que carrega a marca da condenação sacer esto. Estes elementos nos permitem evidenciar uma profunda relação filosófica-jurídica entre a condição do homo sacer agambeniano e o fenômeno polissêmico do justicamento sumário. Como existência abandonada ao poder soberano da exceção, que destituído de sua condição humana é convertido em inimigo que deve ser eliminado de forma sumária, sem a garantia dos ritos judiciais ou a proteção legal dos direitos. É, portanto, o linchamento uma expressão concreta da vida nua, onde estes aspectos emergem e se manifestam no corpo social e político através da existência

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



matável do homo sacer: o linchado é de sobremaneira o que perdeu o reconhecimento humano e é banido para sempre. Como vida presa ao bando soberano, a vida do linchado está abandonada pelo direito e, contra ele todos agem como soberanos. O homo sacer e o linchado se tornam indistinguíveis, numa vida politicamente excluída e exposta ao império da morte através da violência soberana: matável e inimputável.

## Palavras-Chave

Linchamento. Poder Soberano. Estado de Exceção.



## O LIVRO NÃO PUBLICADO DE JASPERS SOBRE ARENDT: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DO PENSAR ARENDTIANO

Daiane Eccel

[daianeeccel3@gmail.com](mailto:daianeeccel3@gmail.com)

### Resumo

Quando se deslocou para Jerusalém em 1961 a fim de acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann enquanto repórter do *The New Yorker*, Hannah Arendt já havia trocado uma série de cartas com seu antigo orientador de doutorado, Karl Jaspers. Ela já o havia informado de suas pretensões de ir a Jerusalém na condição de repórter e ambos discutiam por cartas as questões legais do julgamento. Jaspers – que de início não estava convencido a respeito da legitimidade de Israel julgar Eichmann – formou parte de um pequeno grupo de amigos que apoiou Arendt antes e durante seu trabalho em Jerusalém. Seu apoio registrado em cartas durante todo o processo não é sinônimo de consenso absoluto sobre as questões que rondavam ao julgamento. Mas tal apoio se revelou significativo quando a controvérsia gerada pela publicação de Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal chegou até a Europa. Os escritos de Arendt chamaram a atenção do Conselho dos Judeus da Alemanha desencadeando uma série de reações contra Arendt, que ela mesma menciona no pós-escrito do seu livro como “campanha organizada”. Especialmente importante para o papel exercido por Jaspers no contexto da controvérsia é a publicação de Golo Mann, ex-colega de Arendt e, como ela, ex-orientando de Karl Jaspers, no *Die Neue Rundschau*, em 1963. As críticas de Mann à Arendt foram recebidas com desacordo por parte de Jaspers, que se sentiu instigado a escrever de um livro sobre o pensamento de Arendt, que em última instância, tratava mais da forma de Arendt pensar do que propriamente do conteúdo do seu pensamento. O que estava em jogo para Jaspers era a abordagem arendtiana dos fatos a partir de um ponto de vista o mais próximo possível daquilo que o sociólogo alemão Max Weber chamava de objetividade científica. O escrito de Karl Jaspers é formado por alguns fragmentos e textos incompletos, que compõem o conjunto de suas 35 mil páginas de escritos póstumos, que vem sendo publicados nos volumes da Gesamtausgabe (Obras reunidas) do autor. Este presente artigo se ocupa com tal texto, ou seja, com a interpretação jasperiana dos escritos de Hannah Arendt que permanece pouco explorada na literatura secundária.

### Palavras-Chave

Karl Jaspers. Hannah Arendt. Metodologia.



## O LUGAR E O LEGADO DA REFLEXÃO DE CLAUDE LEFORT SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

Martha Gabrielly Coletto Costa  
[mcolettocosta@gmail.com](mailto:mcolettocosta@gmail.com)

### Resumo

Tendo em vista a cena filosófica francesa da segunda metade do século XX, o presente trabalho visa circunscrever o lugar e o legado da reflexão de Claude Lefort sobre o vínculo entre direitos humanos e democracia. Os estudiosos do assunto (LACROIX; COLLIOT-THÉLÈNE; MOYN) reconhecem na produção lefortiana do início dos anos 1980 um ponto de guinada na revalorização teórica dos direitos humanos, até então concebidos ora como direitos do homem egoísta (crítica marxista) ora como uma garantia moral do indivíduo contra os poderes do Estado (visão dos nouveaux philosophes). Com base nos ensaios “Direitos do homem e política” (1980) e “Os direitos do homem e o Estado-Providência” (1984), mostraremos que o advento dos direitos humanos é lido por Lefort como sinal da desincorporação do poder e do direito, o que resulta na abertura de um espaço público onde a sociedade passa a deter a prerrogativa de debater e reivindicar a criação contínua de direitos. Concebidos como princípios geradores da democracia, os direitos humanos são referências simbólicas que não apenas modificam a percepção da realidade, mas introduzem uma potência de afirmação de igualdade que contesta o fato bruto da opressão; em outras palavras, são uma gramática de luta sempre em excesso diante da ordem estabelecida, empregada para formular a exigência de sua transformação. Esse novo estatuto dos direitos humanos se articula com a ideia de “democracia selvagem”, expressão cunhada por Lefort para assinalar o movimento da ação social que se opõe ao “domesticado”. O selvagem é a força ambígua que rompe a normalidade, questiona o instituído, impondo-se como palavra e ação transgressoras. Transgressão que, eventualmente, pode se traduzir no alargamento da esfera dos direitos e/ou na mudança da sensibilidade social em torno da legitimidade dos costumes, dos valores ou dos modos de vida. Se a “democracia selvagem” é reconhecida como uma das grandes novidades da reflexão lefortiana (ABENSOUR; CHOLLET; INGRAM), cabe, finalmente, discutir o seu potencial emancipatório diante das complicações do tempo presente, sobretudo diante da ofensiva neoliberal.

### Palavras-Chave

Lefort. Direitos Humanos. Democracia.



## O PROBLEMA DO MAL EM IMMANUEL KANT E HANNAH ARENDT: DO MAL RADICAL À BANALIDADE DO MAL

Larissa Broedel Melo  
[larissa.broedel@yahoo.com.br](mailto:larissa.broedel@yahoo.com.br)

### Resumo

Esta pesquisa tem como temática principal o problema da possibilidade do mal. Para realizar essa investigação, retoma-se duas reflexões de grande relevância na história da filosofia que abordam a questão do mal: a conceituação do mal radical e a denúncia da banalidade do mal; de autoria, respectivamente, dos filósofos Immanuel Kant e Hannah Arendt. Na obra *A Religião nos Limites da Simples Razão*, Immanuel Kant desenvolve o conceito de mal radical, que visa explicar o comportamento humano quando é orientado contrariamente à lei moral. No segundo capítulo do livro, o autor denomina três graus de tal propensão. O primeiro grau é relativo a uma incapacidade de agir em observância das máximas morais adotadas. O segundo grau se dá quando os móveis adotados pelo sujeito não são puramente morais; numa “impureza do coração humano”. O terceiro grau da propensão diz respeito a uma inclinação para a adoção de máximas más, chamado de malignidade ou estado de corrupção. A autora Hannah Arendt desenvolve uma reflexão política acerca dos acontecimentos observados no holocausto e cunha o conceito de banalidade do mal, que denuncia a capacidade humana de inobservância de seus atos e negligência em responsabilizar-se moralmente por eles. Com a finalidade de pesquisar acerca deste tema, a obra *Eichmann em Jerusalém* é escolhida como objeto de análise; o livro expõe o julgamento de um dos principais envolvidos no genocídio judeu. Esta investigação tem como intuito explicar a possibilidade do comportamento humano orientado para a malignidade, tal como desenvolvido por Kant; e, igualmente, explicitar a banalização do mal que é denunciada por Arendt. Para isso, serão revisitados acontecimentos históricos importantes e característicos dos fenômenos comunicados nas teorias formuladas, assim como suas implicações éticas e políticas. Ademais, procura-se verificar as similaridades e disparidades teóricas, a fim de averiguar seus pontos de compatibilização.

### Palavras-Chave

Banalidade do Mal. Mal Radical. Totalitarismo.



## OBEDIÊNCIA E USO PÚBLICO DA RAZÃO EM KANT: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO CASO EICHMANN

Adriano Correia Silva  
[adrianocorreia@ufg.br](mailto:adrianocorreia@ufg.br)

### Resumo

É frequentemente mencionado com entusiasmo – e certa desatenção – a conexão entre esclarecimento e emancipação no texto “Resposta à pergunta: que é o iluminismo?”, de 1784. Entretanto, o texto de Kant começou com a irrestrita obediência cega da minoridade e termina, na era da *Aufklärung*, com a irrestrita obediência raciocinada da maioria. A maioria não afeta a atividade superobediente do oficial/soldado/funcionário, mas permite que ele contribua para aprimorar, pelo raciocínio, o exercício de suas funções. A liberdade implicada no uso público da razão é antes uma liberdade de escrita que não colocaria em risco a obediência e, por conseguinte, a ordem civil, mas antes deveria resultar na ampliação dos conhecimentos e na purificação dos erros que em uma época asseguraria “o avanço progressivo da *Aufklärung*”. Mesmo ao cidadão que paga seus impostos é permitido indicar a “injustiça de tais prescrições” apenas como erudito, não como cidadão. Kant não mencionou uma única situação em que a desobediência seria legítima, falando apenas de uma moralidade interna, como veremos a seguir. Resta que só posso resistir ao despotismo em bases morais e apenas de modo politicamente passivo, sem me opor abertamente, como é o caso na desobediência civil. É inevitável, nesse ponto, que nos questionemos sobre as possíveis implicações do uso público da razão por Eichmann. Enquanto oficial/funcionário, incumbido da logística da deportação para o extermínio, ele jamais poderia desobedecer a qualquer ordem que recebesse, mas enquanto especialista ou erudito ele poderia se dirigir ao público do “mundo letrado” com vistas a aprimorar o exercício da sua atividade e o próprio governo – como o oficial que aponta erros do serviço militar a seu público para que as julgue, sem qualquer prejuízo a sua obediência no exercício dos seus deveres. Focaremos nossa atenção, a partir do Caso Eichmann, na relação entre obediência e uso público da razão em Kant.

### Palavras-Chave

Obediência. Kant. Eichmann.



## PARRESIA ÉTICA, FILOSOFIA CÍNICA E FORMA-DE-VIDA: CONSTITUIÇÃO ÉTICA DA SUBJETIVIDADE E POLÍTICA

Castor Mari Martín Bartolomé Ruiz

[castorbartolome1@gmail.com](mailto:castorbartolome1@gmail.com)

### Resumo

Neste ano, 2024, faz quarenta anos da morte de Foucault e também do último curso que ele ministrou no College da France, sobre a parresia cínica. Neste curso, Foucault apresentou a genealogia da parresia (dizer verdadeiro, ser autêntico) como prática de existência que foi modificando seu sentido desde a parresia política que possibilitava o falar aberto só aos cidadãos, até a parresia filosófica entendida como uma postura coerente com a verdade até o extremo. Foucault debruçou-se de modo muito peculiar sobre a forma de vida das escolas cínicas, analisando como para eles a parresia se tornou o modo filosófico de viver por excelência. A capacidade de viver a parresia como uma forma de existência contrasta com as formas de governamentalização dos comportamentos, amplamente estudadas por Foucault nos anos anteriores, que as sociedades de controle vêm implementando como dispositivos biopolíticos de condução das condutas. Esta exposição propõe revisitar as pesquisas de Foucault sobre a genealogia da parresia a fim de atualizar o debate sobre as possibilidades da autarkeia (domínio de si) como práticas de liberdade dos atuais sujeitos no contexto da intensificação em escala algorítmica dos dispositivos biopolíticos de controle social. Ainda propomos ampliar esta reflexão estabelecendo um estudo comparativo com as pesquisas de Giorgio Agamben sobre a forma-de-vida. Agamben, assim como Foucault, questiona-se sobre as possibilidades de liberdade real nas atuais sociedades de controle comportamental, para tanto propõe que a resistência política não mais pode ficar restrita ao discurso racionalista, mas há que criar e implementar formas-de-vida onde o viver seja inseparável da sua forma. Neste intuito as pesquisas de Agamben se adentram na genealogia, inexplorada, da *regula vitae*, onde durante vários séculos comunidades de vida religiosa se propuseram criar uma forma-de-vida na qual a regra emanasse da vida e não ao contrário, como ocorre com a atual normatização jurídica extrema das nossas vidas. Se as sociedades de controle utilizam-se da normatização capilar dos comportamentos para regradar como devemos nos





comportar em cada espaço social, a *regula vitae* foi uma prática de forma-de-vida que subverteu essa relação, supeditando a regra à vida. As pesquisas de Agamben, contrastadas com as de Foucault, nos oferecem um farto instrumental conceitual para que continuemos a pensar criticamente o nosso presente.

### Palavras-Chave

Parresia Ética. Filosofia Cínica. Forma-de-Vida.



## PROPAGANDA POLÍTICA EM HANNAH ARENDT: COMUNICAÇÃO PERSUASIVA E PADRONIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Aline Maria Ribeiro-Cantu  
[aline.ribeirofilosofia@uel.br](mailto:aline.ribeirofilosofia@uel.br)

### Resumo

Na era digital, com as mídias, redes sociais e as principais fontes de informação na palma da mão, não se pode desconsiderar o impacto das propagandas no comportamento individual. É possível perceber a forte presença que a propaganda desempenha na atualidade, a propaganda pode constituir um papel fundamental na formação da personalidade e da identidade dos sujeitos, bem como da percepção de mundo? A propaganda dita quais são as tendências a serem seguidas, as melhores marcas a serem consumidas, a qual grupo pertencemos e até mesmo em quem votar. Um aspecto de maior importância se dá quando estas propagandas possuem caráter político e podem, se efetivas, comprometer o funcionamento de toda uma sociedade. A propaganda, não busca a pluralidade, mas a unicidade de ideias, o convencimento e a massificação, podendo impactar a percepção de mundo de uma pessoa, modificando suas relações, ao separá-las em grupos, modificando a percepção e afastando o diferente. Sendo assim, temos como objetivo analisar a propaganda em Hannah Arendt. Existem diversas características do governo totalitário, como a modificação do sistema governamental, a duplicação de órgãos, a massificação, o isolamento para que não seja possível se relacionar com o diferente, a ideologia mobilizada por estes governos, o terror que busca subjugar um sujeito já dominado, entre outros tantos pontos que diferenciam esta forma de governo de outras formas já conhecidas como a ditadura ou a tirania, levando Arendt (2012), a descrevê-la como uma nova forma de governo. Contudo, tais aspectos só podem ser colocados em prática quando este governo efetivamente já subiu ao poder e dominou as antigas autoridades de um país, por este motivo, antes de iniciar o processo de dominação total é necessário adquirir adesão massiva da população fazendo com que as ideias do partido pareçam plausíveis, lógicas e necessárias. A adesão massiva mobilizada pela propaganda é diferente dependendo da força do movimento, quanto menor a força do movimento maior são os esforços com propaganda. Partimos de uma pesquisa



bibliográfica das obras de Hannah Arendt: *Origens do totalitarismo* (2012), *Eichmann em Jerusalém* (1999), *A condição humana* (2020 a) e *A vida do espírito* (2020b), como meios para alcançar uma visão ampla sobre a propaganda totalitária. A pergunta que guia esta pesquisa é: Qual é a influência que a propaganda pode exercer na percepção do sujeito de acordo com Hannah Arendt?

### Palavras-Chave

Propaganda. Comunicação. Política.



## REFLEXÕES A PARTIR DA VIOLÊNCIA E NÃO-VIOLÊNCIA EM HANNAH ARENDT

Gil Moraes Monti

[gilmoraesmonti@yahoo.com.br](mailto:gilmoraesmonti@yahoo.com.br)

### Resumo

O objetivo da comunicação é explorar a confluência e os limites que se estabelecem entre a violência e a política, principalmente no que diz respeito a legitimidade do uso da violência nas dinâmicas políticas. A partir da distinção proposta por Hannah Arendt entre violência e política em obras como *Sobre a Violência* e *Sobre a Revolução*, a intenção é explorar as consequências de tal distinção e propor um diálogo com autoras que tem tratado deste tema, tais como: Judith Butler e Adriana Cavarero. Essas autoras ao analisar as crises políticas atuais, encontram na violência um modus operandi de dominação e procuram compreender e desvelar esses dispositivos de dominação por meio da noção de não-violência. Butler aborda a não-violência como uma forma de resistência que busca afirmar potenciais vivos de transformação política. A desobediência civil ou uma greve, por exemplo, não seguem uma orientação violenta necessariamente, mas tem como função revelar essas formas de dominação. Arendt também se debruçou sobre este tema em seus escritos da década de 60. A abordagem arendtiana reconhece a legitimidade do uso de violência quando é usada com fins de liberdade política. O objetivo não é fazer um elogio ou considerar a violência como uma forma de solução política, mas compreendê-la em suas múltiplas manifestações, principalmente em seu potencial de transformar e impactar a vida política. A não violência quando lida como uma espécie de chave de leitura não se expressa como um ato pacifista, mas uma negação do termo que o revela suas próprias raízes e nos ajudam a compreendê-lo tanto epistemologicamente quanto em sua dimensão prática. O ponto não é apenas tentar resolver um possível impasse de interpretação em Arendt, mas ampliar o escopo político até seus limites trazendo a violência para o centro do debate.

### Palavras-Chave

Não-Violência. Política. Hannah Arendt.



## SIN ORDEN NO HAY LIBERTAD: DO ESTADO TOTAL AO NEOLIBERALISMO AUTORITÁRIO

Deyvison Rodrigues Lima  
[donlima86@gmail.com](mailto:donlima86@gmail.com)

### Resumo

O artigo trata da influência do ordoliberalismo alemão na constituição das formas políticas contemporâneas. Tal chave de leitura permite compreender as causas da crise das instituições modernas e o liberalismo autoritário, inclusive como matriz da governamentalidade neoliberal. A hipótese da pesquisa indica que o argumento ordoliberal se insinua da realidade política no século XX e concede um acesso privilegiado para analisar as tendências autoritárias como a expressão do esgotamento da política moderna, a rejeição da democracia e as relações entre liberalismo e teologia política. Afinal, se a economia pressupõe uma ordem, esta seria uma decisão política, não um produto econômico. Na primeira parte, apresenta o argumento ordoliberal em dois momentos: por um lado, a proposta de que a liberdade econômica e a concorrência no mercado se estabelecem como uma prática de governo; por outro, tal prática de governo pressupõe uma autolimitação do próprio estado sob uma administração centralizada. Na segunda parte, avalia a proposta do Estado Total como o resultado das transformações do liberalismo e da intensificação do político na era da técnica até sua versão atual como neoliberalismo autoritário. A frase proferida por Patricia Bullrich, ministra da Segurança de Javier Milei, ao anunciar o protocolo anti-piquetes, “Sin orden no hay libertad”, sintetiza a conclusão, a saber, interpreta a pulsão de ordem do ordoliberalismo na década de 1930 como a tentativa de fornecer um quadro institucional para produzir e assegurar a concorrência por meio de um Estado forte, além de iluminar algumas ambiguidades da relação entre mercado e Estado até sua deriva neoliberal.

### Palavras-Chave

Ordoliberalismo. Neoliberalismo. Estado Total.



## SOBRE A REALIZAÇÃO DOS AFETOS: PARA ALÉM DE UMA TEORIA ARENDTIANA DA AÇÃO

Paulo Eduardo Bodziak Junior

[paulo.bodziak@gmail.com](mailto:paulo.bodziak@gmail.com)

### Resumo

O caráter afetivo da ação humana é tangenciado por Hannah Arendt em diferentes momentos de sua obra. Em seus ensaios sobre a experiência revolucionária ou em homenagem a Lessing, o tema da afetividade é largamente mobilizado, ainda que como tema subsidiário. Pode-se afirmar que o tema ganha centralidade, especialmente para a teoria da ação, quando relacionado ao conceito de princípio de ação, recorrente em diferentes textos da autora desde seus estudos sobre o evento totalitário, mas de articulação pouco elucidada com a atividade da ação propriamente dita. Em linhas gerais, Arendt sustenta a compreensão, inspirada em Montesquieu, de que o princípio não opera como causa ou objetivo final da ação, mas como um parâmetro que acompanha esta atividade humana, tal como foi analisada no capítulo V de *A condição humana*. Uma leitura apressada deste arranjo conceitual pode nos levar a um entendimento meramente normativo do conceito de princípio, algo que a própria autora repele quando afirma serem os princípios de ação mais do que meros motivos psicológicos. No ensaio “Que é liberdade?”, Arendt indica uma objetividade mundana nos princípios de ação, cuja gênese nunca foi propriamente elucidada. Nota-se aqui uma aparente aporia: se os princípios são mundanos, são fruto da atividade humana; mas qual seria a inspiração dessa atividade? Os princípios mesmos? Certamente, essa apresentação pode exagerar em tal simplificação, mas o que efetivamente nos interessa é a indicação da dificuldade inerente à concepção do princípio. Nossa hipótese repousa no entendimento de que o vínculo conceitual dado entre o princípio e a atividade comporta um entendimento complexo, não necessariamente contido no pensamento arendtiano. Nesse sentido, a autora jamais teria enfrentado o tema, afinal, seus interesses repousavam na compreensão de eventos específicos do Século XX. Por essa razão, é importante salientar que esta reflexão de motivações arendtianas, não guarda ambições de elucidação da autora, mas de habitar uma lacuna do seu pensamento. Nos referimos aqui à realização afetiva da ação, tema que, a título de observação, poderia



ser um complemento ao capítulo V de A condição humana. A atividade da ação dota os afetos de sentido, em outras palavras, não é meramente movida por eles, mas os realiza no curso dos processos que desencadeia. Assim, veremos o sentido da realização afetiva como dimensão constitutiva da ação humana.

### **Palavras-Chave**

Hannah Arendt. Afetos. Ação.



## SUJEITO: “DOMINADO” OU “DOMINADOR”? PODER E LINGUAGEM EM FOUCAULT

Juliana Stella De Carvalho Damião

[juliana.carvalho83@icloud.com](mailto:juliana.carvalho83@icloud.com)

### Resumo

O objetivo desse trabalho é proporcionar uma reflexão filosófica no que concerne às relações entre linguagem e os saberes, assim como, as suas implicações na análise do discurso, com base no pensamento foucaultiano. A problemática principal da pesquisa implica entender como a formação da linguagem, em uma perspectiva foucaultiana, pode aprisionar o sujeito e influenciar o seu processo de subjetivação dentro das relações sociais contemporâneas. Analisaremos a literatura “A ordem do discurso”, de Michel Foucault e, diante de sua visão genealógica, discutiremos sobre as contribuições desses estudos para as relações entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam. Na sua pesquisa genealógica, uma das principais conclusões de Foucault é que o poder é capilar e interligado nas relações sociais, pois o autor identifica que ele só existe em relação, mais apropriadamente em um conjunto de relações, entre dominador e dominados. Então refletiremos sobre as concepções de Foucault sobre esse feixe de relações, que cerceiam a linguagem e que delimitam as possibilidades de apresentação do poder, apresentadas de maneira a fazer-nos refletir sobre o conjunto de dispositivos disciplinares – instituidores da “verdade” – que fomentam a produção de um sujeito e, por conseguinte, de sua subjetividade.

### Palavras-Chave

Linguagem. Poder. Sujeito/Subjetividade.





## UM PERCURSO, COM GIORGIO AGAMBEN, PELO FRONTISPÍCIO DO LEVIATÃ

João Lourenço Borges Neto  
[joaolourenco@discente.ufg.br](mailto:joaolourenco@discente.ufg.br)

### Resumo

Em seu livro sobre a doutrina do Estado de Thomas Hobbes, Carl Schmitt sugeriu que a escolha da figura bíblica do Leviatã idealizada pelo filósofo inglês como representação do Estado ocultaria um significado misterioso. Segundo Schmitt, Hobbes, inclinado a véus esotéricos, revelava seus pensamentos parcialmente, abrindo apenas uma fresta da janela para logo fechá-la por medo de tempestades. A partir da sugestão de que Hobbes esconderia através de símbolos o núcleo problemático de seu livro, Giorgio Agamben, em *Stasis: a guerra civil como paradigma político*, desenvolve uma investigação do frontispício da obra *Leviatã* ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. A famosa imagem do soberano formado pelo pacto da multidão de súditos, situado acima de uma cidade vazia, empunhando na mão direita a espada, símbolo do poder real, e na esquerda o báculo, símbolo do poder eclesiástico, segundo Agamben, revelaria um paradoxo oculto no interior do Estado moderno: o soberano é o povo que reina em toda a cidade [*populus in omni civitate regnat*], porém, o povo não deve ser confundido com a multidão que, pactuada, confere unidade à pessoa artificial do soberano. O rei é povo [*rex est populus*] e, nesses termos, povo trata-se de um conceito central no qual Thomas Hobbes era totalmente consciente. A dissolução do corpo político [*body politic*] foi outro ponto fundamental destacado pelo filósofo italiano. Quando a multidão, unida em um só pessoa que confere unidade ao corpo do soberano, se dissolve, isso coincide com a guerra civil e não com o um retorno aquele estado de natureza anterior ao pacto social. Na interpretação de Giorgio Agamben realizada a partir da imagem do frontispício, o Estado idealizado Thomas Hobbes seria antes um artifício ótico capaz de conferir unidade a uma multiplicidade de súditos, mais do que uma máquina que se move por molas e roldanas, tal como o próprio pensador inglês havia afirmado na introdução do *Leviatã*. A presente comunicação, portanto, tem como objetivo expor o dispositivo óptico que, segundo Giorgio Agamben, forma o paradoxo oculto na tradição da política ocidental e se mantém escondido na figura gráfica do frontispício do *Leviatã*.

### Palavras-Chave

Povo. Multidão. Guerra Civil.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT FILOSOFIA, HISTÓRIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA



## A TECNOLOGIA DA PSICOLOGIA: INTRODUÇÃO À CRÍTICA AO TECNOPSI

Wellynton Nardes De Bairros

[wellyntonpsi@hotmail.com](mailto:wellyntonpsi@hotmail.com)

### Resumo

Ao fim do século XX, o referencial da eugenia desloca-se da repugnante violência para um “atraente avanço tecnológico”. Este fenômeno ecoa em algumas práticas de utilização de instrumentos científicos, como observado na História da Psicologia, especialmente quanto aos testes psicológicos, que adotando uma roupagem de “ciência avançada” legitimam ou mascaram ideologias controversas. Se por um lado no século passado os testes psicológicos foram utilizados para justificar preconceitos, argumentam-se: é porque a ciência não era madura ou seus criadores eram tendenciosos; agora, a ciência e as técnicas são avançadas, seus criadores são imparciais e sem plano político-ideológico. Defende-se que o avanço científico neutraliza parcialidades e conferem aos instrumentos uma aura de esterilidade e imparcialidade. É inegável que a ciência já foi utilizada para fundamentar atrocidades contra grupos. Todavia, não podemos esquecer-nos dos projetos que visavam o uso da ciência em benefício da sociedade, basta lembrarmos de Binet ou de Lourenço Filho e a preocupação dos autores quanto à educação, ou então, pensando na atualidade, a utilização de instrumentos psicológicos como apoio para fundamentação de avaliações psicológicas em perícias judiciais, como critério pré-cirúrgico, para licença de registro ou porte de arma, avaliação de candidatos pretendentes da adoção, etc. Os testes psicológicos detêm um potencial ambíguo, podem beneficiar e/ou prejudicar. Nesse contexto, a formação dos psicólogos é retratada como campo de combate aos problemas relacionados à avaliação psicológica, partindo de um discurso que se restringe ao desenvolvimento das habilidades técnicas. Contudo, em nossa perspectiva, o desenvolvimento dos instrumentos e das habilidades técnicas não é, sozinha(s), suficiente para superarmos a problemática da avaliação psicológica; na verdade, entendemos que a tendência tecnicista obstrui as discussões éticas acerca do uso e desenvolvimento das tecnologias da Psicologia. Sob tal perspectiva, a formação com foco na capacitação técnica (visão tecnicista) dos profissionais da psicologia, o qual, neste caso, intitulamos como Tecnopsi ou Técnico da Psicologia, são profissionais

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



formados apenas para executar a técnica; é a técnica guiando ciência, uma prática inspirada na pesquisa das leis sobre adaptação a um meio sociotécnico, uma psicologia instrumentalista.

## Palavras-Chave

Tecnociência. Filosofia. Psicologia.



## O RELATIVISMO DO PROGRAMA FORTE DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Maurício Cavalcante Rios  
[mauricioriosfil@gmail.com](mailto:mauricioriosfil@gmail.com)

### Resumo

Nosso trabalho tem por objetivo compreender o impacto do relativismo do Programa Forte da Sociologia do Conhecimento Científico para a Filosofia das Ciências. Para o Programa Forte, o relativismo representa o conhecimento científico como uma adaptação coletiva da humanidade à natureza. David Bloor apresenta ideias relevantes para a reflexão da aplicação da Sociologia do Conhecimento Científico sobre a ciência na obra *Conhecimento e Imaginário Social*. Essas ideias são observadas nos princípios de causalidade, imparcialidade, simetria e reflexividade, pois conduzem o relativismo a estudos de caso na ciência. Bloor destaca a importância de autores como Durkheim, Mannheim e Merton, sustentando um relativismo que está localizado aos padrões crenças e conhecimentos de uma sociedade e época. Os estudos de caso apontam descrições entre os modelos sociais e modelos científicos. Por sua vez, epistemólogos, como Bruno Latour e Paul Boghossian, consideram o relativismo do Programa Forte como uma espécie de Construcionismo Social. David Bloor rejeita essas críticas, defendendo que o relativismo é oposto do Absolutismo e comprometido com a natureza. Este trabalho apoia-se em campos disciplinares como a Antropologia, Sociologia do Conhecimento, Sociologia do Conhecimento Científico, Sociologia Ciência, Filosofia das Ciências, História das Ciências e campos interdisciplinares como Ciência, Tecnologia e Sociedade e Estudos Sociais sobre a Ciência. O conceito do relativismo é um tema contemporâneo que se envolve com a Educação Multicultural. Temáticas como a tolerância epistêmica e cognitiva, respeito a grupos minoritários e culturas diferentes podem ser aproveitadas para o contexto educacional.

### Palavras-Chave

Relativismo. Bloor. Filosofia.



## QUAIS SÃO OS REFERENTES DOS TERMOS COLIGATÓRIOS NA HISTORIOGRAFIA?

Jerzy André Brzozowski

[jerzyab@gmail.com](mailto:jerzyab@gmail.com)

Emanoela Agostini

[manu.agostini@hotmail.com](mailto:manu.agostini@hotmail.com)

### Resumo

A expressão termos coligatórios foi inicialmente proposta por William Walsh em 1951 para dar conta da prática historiográfica de reunir diferentes acontecimentos e eventos em um processo único, isto é, que pode ser concebido como tendo certa coesão e unidade. Por sua vez, a noção de coligação foi proposta por William Whewell em 1840, na tentativa de explicitar o movimento elucidativo que ocorre na indução científica: não se trata de uma mera justaposição de fatos particulares, mas sim de uma síntese deles em um todo maior que, em algum sentido, não se reduz a suas partes. Exemplos de termos coligatórios na historiografia são Revolução Francesa, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, e Renascimento. Aqui, pretendemos analisar essa classe de termos à luz de diferentes teorias da referência em filosofia da linguagem, conjugada a uma reflexão sobre o realismo e antirrealismo acerca do que seriam seus referentes. Sob uma teoria direta da referência, argumentaremos que os referentes dos termos coligatórios têm de ser entendidos em uma chave realista, como processos históricos individuais e suficientemente coesos para receberem nomes próprios. Como problemas para essa abordagem, mencionaremos as dificuldades de se fixar a referência dos termos coligatórios, e a vagueza dos critérios de identidade dos processos históricos. Por outro lado, uma teoria indireta da referência parece se adequar a uma perspectiva antirrealista sobre os processos subjacentes. Aqui, diremos que os referentes dos termos coligatórios são algo como modelos científicos; porém, são modelos de processos individuais e não de acontecimentos repetíveis. Por isso, os chamaremos de modelos idiográficos. Como problema para essa perspectiva, podemos citar o fato de que talvez ela não capture adequadamente as práticas historiográficas: talvez os historiadores não trabalhem com modelos, mas sim com



explicações causais classicamente concebidas. Em conclusão, argumentaremos que a referência dos termos coligatórios é, em geral, ambígua entre essas duas perspectivas. Portanto, julgamos que a teoria da referência a se adotar neste caso é uma teoria híbrida, com componentes diretos, relativos à fixação da referência, e indiretos, relativos ao caráter representacional abstrato que os termos coligatórios parecem exibir.

### Palavras-Chave

Historiografia. Termos Coligatórios. Referência.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT GENEALOGIA E CRÍTICA





## “ARTE DE SURPREENDER”: GENEALOGIA, ESTILO E PODER

Ricardo Bazilio Dalla Vecchia

[ricardovecchia@gmail.com](mailto:ricardovecchia@gmail.com)

### Resumo

As genealogias, de Nietzsche e Foucault em particular, desenvolvem um novo modus cogitanti que pressupõe e ratifica o esgotamento do expediente mecânico de explicação causal, típico do pensamento moderno. Seu modo de interpretar as transformações históricas tem como índice não mais o fato e sim o poder. Nesta medida, a forma e a função de determinadas instituições, valores e práticas são investigadas e selecionadas pelo genealogista em sua busca por sinais ou sintomas capazes de indiciarem uma determinada configuração de poder, pois como bem nota Deleuze (1962, p. 04): “A história de uma coisa, em geral, é a sucessão de forças que dela se apoderam e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar”. O expediente genealógico dá corpo ao experimento de retratar, reencenar e tipologizar eventos e rupturas que competiram para o atual estado de cristalização de determinados valores, sujeitos, práticas e instituições, em suma, de configurações de poder. E, igualmente, tal experimento é o que dá corpo/corpus à genealogia enquanto prática teórica, razão do neologismo “poderografia” sobre o qual pretendo especular. Minha hipótese é de que há uma relação simbiótica entre método e o objeto na genealogia na medida em que o método é perfilado com o objeto, e o objeto se perfaz pelo método, via escrita polêmica.

### Palavras-Chave

Genealogia. Nietzsche. Foucault. Estilo. Poder.



## CLASSIFICAR O REAL: O CORPO DA DISFORIA DE GÊNERO NO DSM V, UMA REEDIÇÃO DO CORPO HISTÉRICO

Carlos Eduardo Ribeiro

[c.ribeiro@ufabc.edu.br](mailto:c.ribeiro@ufabc.edu.br)

### Resumo

O corpo histórico e o corpo disfórico pertencem a uma mesma tarefa política dentro da constituição do saber psiquiátrico: classificar o real. O corpo histórico foi a resposta a uma longa demanda posta pelo dispositivo psiquiátrico de determinar para si, como ciência, um domínio objetivo de atuação. Um domínio anatomopatológico da doença mental que pode ser acompanhado conforme a história do diagnóstico diferencial em psiquiatria cujo momento culminante foi Charcot. Segundo Foucault, é a batalha entre o neurologista e a histérica nas contra-manobras da Salpêtrière que cumpriram a tarefa de, ao mesmo tempo, legitimar o médico em seu sobrepoder do real assim como levar os corpos históricos, que simulam a doença, a uma atitude de contra-poder. A presente proposta objetiva analisar como este mesmo corpo, na qualidade de demanda por objetividade corporal da loucura, se reedita hoje e recua outra vez sobre a questão da verdade da doença. Trata-se de acompanhar como a discursividade do diagnóstico “disforia de gênero” opera genealogicamente a emersão do diagnóstico diferencial sob a nomeação médico-classificatória do DSM V. Objetivo, portanto, mostrar que há uma clara atualização da tese foucaultiana sobre o poder psiquiátrico segundo a qual o dispositivo psiquiátrico instaura uma clínica que, no limite de seus operadores de cuidado, mostrar-se como uma disputa sobre o real entre o psiquiatra e doente mental. O corpo disfórico escancara o recorrente histórico de um déficit de verdade do discurso médico-psiquiátrico sobre os corpos que fabrica.

### Palavras-Chave

Disforia de Gênero. Psiquiatriação. Foucault.



## ESTILO, ESTILÍSTICA, STILLEHRE: DIFERENÇAS PARA O “GRANDE ESTILO” NA CRÍTICA FILOLÓGICA DE NIETZSCHE

Hercules Garcia Da Silva Neto

[garcia.neto@hotmail.co.uk](mailto:garcia.neto@hotmail.co.uk)

### Resumo

Contemporaneamente, há uma série de estudos da crítica literária e da linguística que, quanto ao assunto do estilo, apontam seja uma separação estanque, seja uma interpolação entre estilística enquanto análise da linguagem e uma doutrina ou teoria do estilo enquanto prática. A hipótese que apresento é que uma compreensão da recepção de Nietzsche do significado de “estilo” (o que o leva a admitir um “grande estilo” já à época de seus estudos e professorado na Basileia) torna-se imprescindível tanto a uma diferenciação quanto a um modo de dar unidade – filosófica – à ultraespecialização moderna dos campos do saber e da atividade humana. Para tanto, recorro especialmente a suas anotações sobre a formação do filólogo ideal e seu principal pressuposto de um preparo filosófico para o contato com a antiguidade. Uma consequência desse preparo, caso feito adequadamente aos modos do Nietzsche filólogo, é o reconhecimento da distância entre antigos e modernos, apesar da importância cultural de tomar a antiguidade clássica como modelo artístico e filosófico de reavaliação e renovação dos padrões modernos de organização espiritual. Um dos problemas identificados por Nietzsche, por exemplo, em seu escrito para uma Enciclopédia da filologia clássica (1870-1), é o “desenvolvimento particular desmesurado” de uma instância única do pensamento ou da atividade humana, no caso, “o [ponto de vista] religioso no início do cristianismo, que nega a cultura e o Estado”. Contra isso, o filólogo, ao expor um modo de preparo filosófico à filologia, exorta que a pessoa formanda contraponha a esse significado destrutivo de um único ponto de vista justo a diversidade cultural em harmonia que encontra na época de Ésquilo, a saber, “o modelo da grande harmonia do ser: [que reúne] um traço piedoso fundamental, profunda consideração do mundo, audaz ponto de vista filosófico, guerreiros, políticos, tudo [em relação] integral e harmoniosa”. Considerando que essa diversidade produza a grandeza de uma cultura multiforme, isto é, transponha uma cultura capaz de integrar e não excluir diferentes pontos de vista, e considerando que



o estilo se produz culturalmente, então o “grande estilo” a ser tomado como modelo viria a ser um modo de reunir diferentes aspectos do contato com a antiguidade e da formação de povos e indivíduos.

### **Palavras-Chave**

Crítica. Hermenêutica. Tradição.



## NIETZSCHE, POLÍTICA CONTRA MORAL

Alice Parrela Medrado  
[alicemedrado@yahoo.com.br](mailto:alicemedrado@yahoo.com.br)

### Resumo

A crítica de Nietzsche à moral se desdobra, na obra madura, na sugestão de que seria possível reduzir a moral à política, tanto em termos descritivos quanto normativos. Essa sugestão é visível tanto no acirramento de sua campanha contra a moral quanto no investimento decisivo no vocabulário do poder, enfim percebido como mais primitivo e explicativo do que prazer e utilidade. Sob esse ponto de vista, o comportamento e as ações poderiam ser explicados em termos de interesses, negociações, alianças, e embates entre impulsos. A noção de vontade de poder funcionaria tanto como um princípio explicativo quanto como um índice de estipulação de valores não morais. A característica não-moral de tais valores envolve, acima de tudo, uma renúncia à pretensão de validade universal. Este trabalho explora os elementos da filosofia nietzschiano que indicam uma tipificação dos terrenos moral e político, levantando questões sobre o sentido do seu abolicionismo moral a partir de sua associação com a tradição do realismo político.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Ética. Filosofia Política.



## O ANTAGONISMO PULSIONAL EM O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Rodrigo Ferreira Dos Santos  
[rfdos-santos@hotmail.com](mailto:rfdos-santos@hotmail.com)

### Resumo

Assumindo a seção 13 de *O nascimento da tragédia*, de Friedrich Nietzsche, como central, o presente trabalho tem o objetivo principal de analisar duas expressões da crítica nietzscheana a uma nova configuração de interioridade emergente em Sócrates. Em um primeiro momento é apresentada a definição de interioridade em NT, a qual é contrastada com o conceito moderno de subjetividade. Em seguida, argumento que, através do primeiro aspecto da crítica nietzscheana, em NT, é possível identificar referenciais fundamentais de uma noção de humano, pensado a partir de pulsões e instintos antagônicos que atuam como forças afirmativas e criativas. Tal noção comparece como parâmetro para a crítica nietzscheana ao que designamos de nova configuração de interioridade emergente em Sócrates. A parte subsequente, a qual consiste no aprofundamento da análise sobre a natureza da relação pulsional que constitui o humano, tem o objetivo de compreender a segunda expressão da crítica nietzscheana. Para tanto, sustentamos que o antagonismo de natureza agonística é uma propriedade fundamental da relação pulsional, e, por isso, cumpre a função de parâmetro avaliativo para a segunda expressão da crítica nietzscheana à emergência da interioridade socrática, que tem como alvo o surgimento de uma subversão de antagonismo, a saber, o dialético. Articulando à pesquisa de Miguel Spinelli (2006) com a interpretação de Wander de Paula (2019), é abordada a função que o daimon de Sócrates exerce na seção 13 da obra inaugural de Nietzsche. A pesquisa lança mão das análises de Oswaldo Giacóia Jr. (1995), William Mattioli (2006) e Paul-Laurent Assoun (1991) referente à noção de *trieb* (pulsão) e *Instinkt* (instinto) no pensamento nietzscheano. Para pensar o modo próprio da relação pulsional/instintiva, em NT, recorreremos, especialmente, à abordagem de Wolfgang Müller-Lauter (2011) sobre os antagonismos na filosofia nietzscheana, além utilizar outros escritos do jovem Nietzsche.

### Palavras-Chave

Jovem Nietzsche. Pulsão. Antagonismo.



## OS IDEAIS ASCÉTICOS E OS IDEAIS MONÁSTICOS

Jonas Rodeghiero

[eurodeghiero@gmail.com](mailto:eurodeghiero@gmail.com)

### Resumo

O que buscamos evidenciar é que existe entre Nietzsche e Agamben uma problemática comum que norteia a produção filosófica dos autores, a saber um conceito geral de “Vida” e os ideais ascéticos. Em uma zona de indeterminação em relação à vida, como produtora da vida nua. Vejamos: “o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida.” (Idem, §13) Ao mesmo tempo em que esses ideais preservam a vida, incutem no indivíduo a vontade de ser outro, de estar em outro lugar, ou seja, apesar de conservar a vida, não a afirma, é uma prática mortificatória. Nietzsche, no hall da filosofia alemã que lhe precedera, trata a temática da vontade. Uma vez que, esse conceito logra posição de destaque no idealismo alemão, faz-se mister encontrar a explicação de como a “vontade”, aparentemente trazida à tona para afirmar o a individualidade e força dos sujeitos humanos, acaba deformada ao ponto de negar a vida. A explicação: o nada. O ideal ascético, a busca por outras coisas que não estão nesse mundo, é o que garante a todos os campos da existência humana negar a vida sem atentar contra ela. É desta forma que se produz a vida nua, de Agamben, uma existência esvaziada de uma forma de vida. Essa prática mortificatória promovida pela ação sacerdotal foi ao longo da história lentamente tomando dimensões globais, a dita mortificação ou a alienação do sentido de vida não é outra coisa senão a dessubjetivação que tanto trata Agamben – como vimos nos primeiros capítulos, sobretudo ao tratar do conceito de “Dispositivo”. O asceticismo garante uma noção de vida contra vida que constatamos no interior do cristianismo. Um pastor forte que cuida dos fracos, um sentido no além para manter uma existência miserável, uma fuga do mundo (como caracteriza boa parte dos movimentos monásticos), ou seja, um tipo de vida que não afirma a vida, mas “Deus”, o nada, a ausência de sofrimento. Nietzsche define como “engenho de consolo” (Idem, §17). A temática da dessubjetivação, importantíssima em Agamben, já nos é trazida aqui pelo filósofo alemão na figura da “educação para o esquecimento de si, alienação do trabalho” (Idem, §18). Mais uma vez veremos no trecho que segue uma definição muito próxima da constatação de Altíssima Pobreza sobre a forma vivendi



monacal. O Ideal ascético significa, sobretudo: “que algo faltava, que uma imensa lacuna circundava o homem” (Idem §28) e é esse ideal que oferecerá ao homem um sentido para sofrer: “Trouxe um sofrimento mais íntimo, mais venenoso e nocivo a vida.

### Palavras-Chave

Ideais Ascéticos. Dessubjetivação. Vida.





## OS IMPASSES DA BIOÉTICA FRENTE AO PROBLEMA DA BIOPOLÍTICA: ENTRE JONAS E FOUCAULT

Carlos Renato Moiteiro  
[carlos.moiteiro@unioeste.br](mailto:carlos.moiteiro@unioeste.br)

Vinicius Gomes Fazuline  
[vfazuline@gmail.com](mailto:vfazuline@gmail.com)

### Resumo

A presente proposta visa analisar os limites do imperativo ético da responsabilidade política, tal como formulado pelo filósofo judaico-alemão Hans Jonas (1903-1993) diante dos desafios emergentes que colocam em jogo a existência de uma vida futura no planeta, em face à ameaça representada pela implementação de uma governamentalidade biopolítica. Analisadas pelo pensador francês Michel Foucault (1926- 1984) em seus cursos proferidos no Collège de France entre 1976 e 1979, a biopolítica caracteriza-se pelo exercício de formas de governo que se estabelecem na combinação de dispositivos do poder soberano e do poder disciplinar que visam não apenas a condução das condutas individuais, mas o controle de toda uma população (ou populações), a partir da inversão do princípio de “deixar viver e fazer morrer”, substituído agora pela premissa de “deixar viver e fazer morrer”. O que se propõe no trabalho é investigar em que medida a responsabilidade política proposta por Jonas como modelo paradigmático para a efetivação do imperativo ético-ontológico da manutenção da vida futura possibilitaria o surgimento de formas totalitárias de poder biopolítico, solapando assim o caráter ético de sua proposição.

### Palavras-Chave

Bioética. Biopolítica. Governamentalidade.



## PODER PASTORAL EM FOUCAULT: ANÁLISE DO PASTORADO CRISTÃO EM TEXTOS PATRÍSTICOS DO SÉCULO I AO III

Renato Carvalho De Oliveira  
[renatoamd@gmail.com](mailto:renatoamd@gmail.com)

### Resumo

O tema proposto é o poder pastoral em textos patrísticos do cristianismo primitivo. No curso de 1980, Du gouvernement des vivants, Foucault fez uma análise mais filológica de palavras cristãs presentes em textos de alguns dos primeiros teólogos cristãos, que viveram entre os séculos I e III. O problema que será discutido, aqui, é de ordem política, e consiste em saber, à luz da analítica do poder pastoral de Foucault, a quais técnicas de poder de constituição do sujeito cristão as palavras cristãs pertencentes ao vocabulário do cristianismo primitivo se remetem. A hipótese é que, no texto de 1980, pode-se caracterizar essas técnicas de poder, seja como ensino, que visa ao sujeito de escolha constituído por um conhecimento prévio, seja como confissão, que visa ao sujeito confessante e objetivado, constituído por uma verdade religiosa construída na relação do sujeito consigo mesmo e com instâncias institucionais. Por isso, a tese a ser defendida é que as técnicas do poder pastoral, no Cristianismo primitivo durante os séculos I e III, são a objetivação do sujeito como um pecador, e a confissão dessa verdade religiosa do sujeito perante o pastor representado na figura religiosa de Deus, do Bispo e da comunidade eclesial. Assim, o nosso objetivo primário é examinar, na primeira parte do texto, a técnica do ensino, e, na segunda parte, a técnica da confissão, como práticas de poder que estão codificadas em termos como batismo, verdade da penitência, prova de si, e assim por diante.

### Palavras-Chave

Poder Pastoral. Cristianismo Primitivo. Patrística.



## TEORIA DOS ILEGALISMOS E PENALIDADE À LUZ DE “SOCIEDADE PUNITIVA” E “VIGIAR E PUNIR”

Cristhiane Lins Bezerra De Almeida

[cris\\_lba@yahoo.com.br](mailto:cris_lba@yahoo.com.br)

### Resumo

A noção de ilegalismo, em Foucault, é central no que diz respeito a compreensão da manutenção da ordem e os castigos decorrentes dela no interior do corpo social. Embora, Foucault não defina com precisão o termo ilegalismo, sabe-se, no entanto, que o ilegalismo exerce uma função de gestão da lei, qual seja, ele media os limites, as fronteiras do legal e do ilegal. O ilegalismo serve muito mais ao “bom funcionamento” da sociedade e da relação das diferentes classes sociais entre si (camponeses, operários, burguesia, nobreza) e, com isso, possibilita a constituição e consolidação de um novo formato de sociedade (passagem do feudalismo para o capitalismo) do que ser somente o mecanismo pelo qual se escapa ao conjunto de regras estabelecido pelo poder soberano. Outro aspecto importante da noção de ilegalismo para Foucault é o caráter positivo do ilegalismo. Positivo porque ele cria, ou pelo menos ajuda a criar, o campo fértil para a emergência de uma nova sociedade, uma sociedade que passa a existir em função dos modos de produção capitalista. Após esses breves esclarecimentos acerca da noção foucaultiana de ilegalismo, é possível tratar mais detidamente sobre esse tema: seu significado e sua importância para a mudança no regime penal a partir do século XVIII e seus efeitos num contexto de mudança estrutural político-econômica da sociedade. Foucault, principalmente em *Sociedade Punitiva*, mas também em *Vigiar e Punir*, explora a noção de ilegalismo voltada para os bens e para os direitos. Ao abordar o tema na perspectiva do ilegalismo de bens e do ilegalismo de direitos, Foucault demonstra que cada um desses Ilegalismos é privilégio de uma determinada classe social, na passagem do Antigo Regime para a Modernidade. Ora, mas o que isso quer dizer exatamente? Isso significa que num contexto em que prevalecia relações comerciais ainda fortemente marcadas pelo feudalismo, comerciantes e artesãos, por exemplo, tratavam diretamente entre si com o intuito de escapar à grande oneração de impostos e taxas que recaía sobre essas relações comerciais. Por outro lado, nobres e senhores feudais que eram responsáveis



por essa cobrança de taxas e impostos e os beneficiados dessa arrecadação, por vezes, toleravam a prática desse ilegalismo porque encontravam nele a possibilidade de exigir do poder soberano mais regalias e privilégios sob a justificativa de suas perdas.

### **Palavras-Chave**

Ilegalismos. Sociedade Moderna. Poder Disciplinar.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT HANS JONAS



## A ATUALIDADE DAS CONSIDERAÇÕES DE HANS JONAS SOBRE A GNOSE

Giovanni Henrique Tremea  
[giovannitrema@gmail.com](mailto:giovannitrema@gmail.com)

### Resumo

As considerações de Hans Jonas (1903 - 1993) sobre o fenômeno gnóstico reverberam até hoje nos ciclos de estudos sobre o tema, desde seu âmbito religioso até suas considerações históricas e filosóficas, mesmo após 94 anos da defesa de sua tese, supervisionada por Heidegger e intitulada como *Der Begriff der Gnosis (A Noção de Gnose)*. Esse prestígio duradouro, no entanto, deve passar pelo teste do tempo. Há de se considerar, por exemplo, se as descobertas arqueológicas mais recentes acerca dos sectários gnósticos da Antiguidade Tardia correspondem ao pensamento de Jonas sobre o fenômeno. Ademais, o viés filosófico da gnose tem sido trabalhado filosoficamente desde então, como na recente publicação do filósofo alemão Peter Sloterdijk (1947 -) *Nach Gott (Pós-Deus)*. Neste sentido, este trabalho pretende apresentar a atualidade do pensamento de Hans Jonas sobre a gnose e o fenômeno gnóstico, indo desde suas inovações essenciais que lhe lançaram como uma autoridade no tema, avaliando ainda o conteúdo de suas principais objeções e, por fim, expondo como, mesmo após quase um século de estudos no tema, as considerações jonasianas seguem atuais.

### Palavras-Chave

Gnosticismo. Existencialismo. Niilismo.



## A ÉTICA DO CUIDADO E A EQUIDADE AMBIENTAL INTERGERACIONAL: UMA CORRELAÇÃO

Sarah Francine Schreiner  
sarahfrancine@yahoo.com.br

### Resumo

O modo feminino de tomar decisões é também qualificado moralmente, e Carol Gilligan, estudando um grupo de mulheres e suas decisões quanto a dilemas reais, notou padrão moral específico seguido por elas em suas resoluções - algo impactante em suas vidas as fazem considerar a afetação de sua atitude em sua rede de convivência, pensando de modo mais coletivo em termos morais que de forma individual. Gilligan desenvolve, assim, a teoria da ética do cuidado e responsabilidade, que pondera haver maior justiça nas relações humanas se a atividade do cuidado ser de responsabilidade de todas as pessoas, e não preponderantemente de mulheres. Esse cuidado das pessoas entre si pode gerar repercussão positiva de responsabilização de todos pelo meio ambiente ecologicamente equilibrado e a continuidade da vida na terra. A emergência climática experimentada na atualidade clama a conscientização ecológica das pessoas da presente geração e a adoção de postura responsável para preservar o meio ambiente para si e para futuras gerações. Esta postura ética envolve a solidariedade entre as gerações presentes e futuras, e trata-se da equidade ambiental intergeracional. Há um viés do princípio responsabilidade de Hans Jonas aqui, o qual envolve uma ética do presente para o futuro. Assim, o estudo questiona a possibilidade da correlação entre a ética do cuidado e responsabilidade e a equidade ambiental intergeracional para extrair eventuais contribuições da teoria de Gilligan para a última. Tendo em vista uma possível da ética do cuidado além do aspecto privado, os objetivos do estudo envolvem definir ética do cuidado e responsabilidade desde Gilligan, conceituar o princípio da equidade ambiental intergeracional, e correlacionar ambas, verificando eventuais contribuições de uma para a outra. Parte-se do pressuposto biocentrado do direito ecológico, pelo qual a pessoa é parte do meio ambiente, e tão importante quanto as outras formas de vida existentes. A metodologia é dialética. Dos resultados, tem-se que a continuidade da vida na terra e a garantia de que não só as gerações presentes, mas



também as futuras possam usufruir de um meio ambiente ecologicamente equilibrado estão interdependentes de que todas as pessoas sejam responsáveis pelo cuidado de si, entre si, e para com o futuro. Vê-se, assim, a cooperação como corolária da ética do cuidado e responsabilidade, sendo esta última uma incentivadora da equidade ambiental intergeracional.

### **Palavras-Chave**

Ética. Cuidado. Equidade Intergeracional.





## CATÁSTROFES CLIMÁTICAS? UMA ANÁLISE SOBRE O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE, A AÇÃO HUMANA E A NATUREZA

Esmelinda Fortes

[esmelinda\\_fortes@msn.com](mailto:esmelinda_fortes@msn.com)

### Resumo

O filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993), descreve em sua obra “O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica” (1979), os desafios da responsabilidade como princípio ético, político e coletivo. Entre os argumentos desenvolvidos pelo autor, está a concepção de que as éticas tradicionais e consequentemente a “vontade moral” estão inseridas, em especial, no âmbito afetivo, ou seja, voltadas para sentimentos que envolvem o amor e o respeito. Desta forma, a responsabilidade ou o ato responsável em relação a algo ou alguém se apresentaria de forma espontânea, como escolha singular, particular de cada indivíduo. Assim, não haveria o fardo ou obrigatoriedade da ação responsável. No entanto, como anuncia Jonas, na referida obra, o progresso técnico-científico instaurado desde a modernidade desdobrou-se de forma avassaladora perante a natureza. O poderio tecnológico traça um novo quadro ético, desvelando a necessidade de um novo princípio que seja capaz de atender as drásticas interferências humanas na natureza. O século 21 inaugura o debate sobre a questão existencial da vida humana no planeta terra, à medida que se torna mais próximo o momento anunciado por Jonas: a possibilidade da não existência de novas gerações. De forma concreta, em 2024 vivenciamos no Brasil a tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul. Evento sem precedentes na região, e possivelmente uma prévia de futuras catástrofes ambientais desencadeadas pela ação humana. Diante deste cenário cabe a indagação quanto à responsabilidade particular de cada cidadão e da ação efetiva do poder público. A obviedade da aplicação de um novo princípio ética se mostra evidente, no entanto, é preciso ainda debruçar-se sobre como por em prática as mudanças necessárias no agir humana. Objetivo, por tanto, refere-se ao debate sobre tal temática e como a reflexão traçada por Hans Jonas pode contribuir para um novo modo de pensar sobre a responsabilidade.

### Palavras-Chave

Hans Jonas. Responsabilidade. Natureza.



## GNOSE E EXISTENCIALISMO: PENSAR OS EXTREMISMOS CONTEMPORÂNEOS ATRAVÉS DA HERMENÊUTICA JONASIANA

André Stock

[andrestock1@gmail.com](mailto:andrestock1@gmail.com)

### Resumo

A precaução que precisamos tomar para pensar as questões da Gnose e do Existencialismo em Jonas depende do exame da publicação, em 1934, de seu texto *Gnosis und spätantiker Geist* que, como sabemos pela carta de 1972 a Heidegger, trata-se do mesmo trabalho de habilitação de Jonas sob a batuta de Rudolph Bultmann e Erich Frank. Recentemente, parte deste texto recebeu uma primorosa tradução para o francês da filósofa e professora de antropologia filosófica Nathalie Frogneux – grande estudiosa belga do pensamento jonasiano da Universidade de Louvain, e responsável pela Escola de Filosofia nessa célebre universidade. Na sua tradução, de 2017, Frogneux publicou somente o capítulo introdutório de *Gnosis und spätantiker Geist*, chamado de “Histoire et méthodologie de la recherche” (História e metodologia da pesquisa), acompanhado de um estudo crítico. Com a tradução do capítulo introdutório e o estudo crítico, a autora pretendeu criar um aparato para que os estudiosos de Jonas possam entender questões variadas do pensamento inicial de Jonas, um dos quais – nas palavras da autora – a sua original hermenêutica. Através da análise do capítulo introdutório do trabalho de Jonas e dos comentários da tradutora e comentadora, procuraremos pensar a relação entre Gnose e Existencialismo na obra de Jonas e se a hermenêutica jonasiana poderia trabalhar como chave teórica para análise de aspectos do *Zeitgeist* contemporâneo, em especial o recrudescimento dos extremismos políticos.

### Palavras-Chave

Jonas. Hermenêutica. Extremismos.



## HANS JONAS E A REABILITAÇÃO DA TELEOLOGIA

Pedro Augusto Jaras Malta  
[pedromalta357@gmail.com](mailto:pedromalta357@gmail.com)

### Resumo

A partir da Revolução Científica, a compreensão da natureza muda radicalmente na modernidade. Uma das principais consequências da ciência moderna foi a negação dos aspectos teleológicos na explicação da natureza. Entendida apenas pelas leis mecânicas em linguagem matemática, qualquer vestígio de interioridade, subjetividade e finalidade foi eliminado da natureza. Nessa perspectiva, enquanto no período antigo Aristóteles tinha introduzido uma concepção teleológica do mundo natural no âmbito do pensamento, a ciência moderna instaura uma ruptura, a qual proíbe a teleologia na explicação do mundo físico. Hans Jonas em sua crítica à ontologia sob herança da ciência moderna, denomina ontologia da morte. Uma vez que a consequência talvez mais grave do dualismo cartesiano é a radical mecanização do mundo, transformando-o em mera res extensa. Além disso, a compreensão dos organismos vivos passou a ser somente a compreensão dos fenômenos físico-matemáticos do mundo, isto é, da matéria inerte. A exclusão, portanto, dos aspectos teleológicos da natureza teve como resultado a ideia de que a natureza está totalmente sujeita a utilização humana sem qualquer tipo de dignidade ou valor. O que levou a humanidade para um contexto catastrófico do agir humano capitalista. Dessa forma, parece fazer muito sentido não somente retornar como também reabilitar a noção teleológica. Partindo do pressuposto que a obra de Hans Jonas tem um fio condutor que une os seus diferentes trabalhos em torno da resolução do dualismo, sobretudo o dualismo moderno, busco defender um aspecto que constitui um solo fértil para a compreensão da natureza: o conceito de teleologia como conceito central para a interpretação da natureza. É, portanto, a partir dessas discussões que tenho como objetivo no meu trabalho apresentar uma proposta legítima de interpretação da natureza a partir do conceito de teleologia.

### Palavras-Chave

Hans Jonas. Teleologia. Filosofia da Natureza.



## HANS JONAS E A TÉCNICA

Joel Bezerra Lima

[jbmengo.lima@gmail.com](mailto:jbmengo.lima@gmail.com)

### Resumo

A técnica permeia quase todas as áreas da existência humana, moldando a forma como a vida é organizada em praticamente todas as suas dimensões. Aprofundar a compreensão do desenvolvimento dela ajudará a entender as bases para a fundamentação da ética da responsabilidade jonasiana. A técnica vem de maneira gradativa, agressiva, científica e utópica, demonstrando sua força diante de uma natureza receptiva. Inicialmente usada para facilitar a vida humana, tem se transformando e expandido suas capacidades em nome de um progresso de cunho apocalíptico, uma habilidade humana capaz de ultrapassar os limites éticos e ambientais. Para Hans Jonas, a técnica, desde os primórdios da humanidade, é concebida como algo vocacional. Para ele, “O homem é o criador da sua vida como vida humana. Amolda circunstâncias conforme sua vontade e necessidade” (JONAS, 2011, p. 180). O ser humano utiliza a técnica como uma habilidade que configura a sua existência, criando impactos individuais e coletivos para atender os “negócios da vida”. A Revolução industrial marcou o início de um engajamento da técnica e o progresso econômico. Neste contexto, a técnica impulsionada pelas ciências naturais, adquiriu um grande poder de intervenção sobre a natureza, permitindo a exploração de recursos naturais de maneira nunca antes vista. A finitude dos recursos naturais não é considerada diante de um futuro indeterminado. As nações são categorizadas pelo nível dos avanços técnicos e científicos, sendo classificadas como desenvolvidas ou subdesenvolvidas. A exploração e a obtenção de benefícios diante do mundo natural acaba sendo o impulso dos estados liberais e expansionistas em busca por poder. Neste contexto, torna-se necessário pensar em uma solução ética e desenvolver uma filosofia da tecnologia, não caindo em narrativas tradicionais, materialistas, racionalistas e idealistas.

### Palavras-Chave

Técnica. Responsabilidade. Ética.



## HANS JONAS E VASILY GROSSMAN: REFLEXÕES ACERCA DA CONDIÇÃO HUMANA APÓS AUSCHWITZ

Roberto Franzini Tibaldeo  
[roberto.tibaldeo@pucpr.br](mailto:roberto.tibaldeo@pucpr.br)

### Resumo

A proposta procura comparar as reflexões sobre a “Shoah” de dois dos mais famosos intelectuais de origem judaica do século XX, a saber, o filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993) e o escritor soviético Vasily Grossman (1905-1964), cujas mães foram mortas pelos nazistas respectivamente em Auschwitz e Berdichev (Ucrânia). Tanto o ensaio de Jonas sobre “O conceito de Deus após Auschwitz” (1987) quanto os romances e relatórios jornalísticos de Grossman, como “O inferno de Treblinka” (1944), “Vida e destino” (1980) e “A Madona Sistina” (1989), são caracterizados por uma investigação minuciosa sobre a ambivalência da condição humana, que tenta lançar alguma luz sobre o abismo perturbador de Auschwitz. Embora nem Jonas nem Grossman se considerassem crentes religiosos, a tragédia da “Shoah” despertou uma reflexão acerca de suas origens judaicas e estimulou pensamentos peculiares e inovadores sobre o significado e a vulnerabilidade da vida, a liberdade humana, a origem do mal histórico, a imortalidade e Deus. A minha proposta procura destacar as principais semelhanças e diferenças entre esses dois autores, que abordaram a questão do pensamento após Auschwitz. Entre as afinidades, tentarei destacar a ambivalência essencial da natureza humana, uma ambivalência que caracteriza a liberdade humana de uma forma peculiar: tanto Jonas quanto Grossman enfatizam que a compreensão da “Shoah” exige a reformulação de conceitos, como liberdade pessoal e humanidade. Esta última não pode mais ser interpretada como algo que simplesmente transcende a história, ou como algo intocado pela imoralidade, maldade e desumanidade. Pelo contrário, Auschwitz significou que o bem e a imagem autêntica do ser humano podem obscurecer-se. E ainda assim – afirmam Jonas e Grossman – é possível preservar a crença na humanidade e no bem.

### Palavras-Chave

Hans Jonas. Vasily Grossman. Condição Humana.



## JUSTIÇA CLIMÁTICA E A QUESTÃO DOS ANIMAIS: #ALLLIFEMATTERS

Jelson Roberto De Oliveira

[jelsono@yahoo.com.br](mailto:jelsono@yahoo.com.br)

Thiago Vinicius Rodrigues De Vasconcelos

[thiagovasconcelosmg@hotmail.com](mailto:thiagovasconcelosmg@hotmail.com)

### Resumo

Analisar o conceito de justiça climática da perspectiva multiespécie, defendendo como esse conceito deve incluir a vida dos animais não humanos, reconhecendo os atos humanos como implicados moral e juridicamente. Parte-se da perspectiva da ontologia da vida proposta por Hans Jonas para afirmar que os animais têm valor em si, sendo a atitude autoafirmativa da vida um testemunho de seu bem, o qual se torna um valor para aquele que pode assumir responsabilidade, o humano. Trata-se, primeiro, de garantir o direito à vida e, conseqüentemente, o direito a uma vida digna a todos os animais. Torna-se uma premissa ética reconhecer as reivindicações de justiça e o direito à proteção dos animais, tanto os domésticos quanto os selvagens. Dado que as intervenções humanas têm comprometido a vida plena, então, em nome da justiça, será necessário que os seres humanos assumam a responsabilidade como um dever de justiça: uma tentativa de corrigir interferências humanas anteriores reconhecendo que o destino dos humanos e outras espécies estão interconectados. Termina-se por afirmar o que Mary Annaïse Heglar sugeriu: ao invés de simplesmente falar em #AllLivesMatters, a crise climática deveria nos fazer pensar que #AllLifeMatters.

### Palavras-Chave

Justiça Climática. Responsabilidade. Hans Jonas.



## LIMIAR DO FUTURO: A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE E A ILUSÃO DO PROGRESSO

Germano Alves Cavalcante

[germano.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:germano.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br)

### Resumo

Este trabalho é uma análise do progresso como ilusão a partir das leituras que Jelson Oliveira faz em sua obra *Moeda sem efígie: a crítica de Hans Jonas à ilusão do progresso* (2023) sobre os livros *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (2006) e *Técnica, Medicina e Ética* (2013). Objetiva-se investigar o progresso como utopia e herança moderna à contemporaneidade a partir das leituras e discussões entre as obras. Discuti-se a crítica da modernidade em seus mais engenhosos e incertos impulsos tecnológicos que impactaram a natureza e ambiental, animal e humana, ainda a a consequência de um ideal que encontra suas raízes da perspectiva baconiana que direciona o saber e o poder para o sempre mais. Infere-se dos excertos e perspectivas teóricas que entre os muitos avanços tecnológicos que têm afetado e modificado à vida humana e em suas múltiplas manifestações, está o progresso de natureza ideológica e como uma herança utópica que reporta ao melhoramento infinito.

### Palavras-Chave

Progresso. Responsabilidade. Melhoramento.



## O ANTROPOMORFISMO METODOLÓGICO DE HANS JONAS EM DIÁLOGO COM AS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS

Michelle Bobsin Duarte  
[michellebobsin@gmail.com](mailto:michellebobsin@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho pretende buscar uma via de diálogo entre o tema do antropomorfismo metodológico de Hans Jonas, através da ideia de “incorporação” da experiência subjetiva do estar vivo dos sujeitos epistêmicos, e a denúncia das pensadoras feministas sobre as supostas objetividade e neutralidade do modelo hegemônico científico (neo-positivista), que tem por pretensão a universalidade, mas acaba por privilegiar uma visão de mundo específica, que é a do homem branco do norte global. O diálogo se estabelece a partir da crítica que o filósofo faz à postura epistemológica moderna que, através do ideal de objetividade, pressupõe a desconexão do sujeito do conhecimento de sua condição de ser vivo. Segundo Jonas, tal postura, que evidencia a construção do conhecimento como despojado da causalidade do corpo, trouxe inúmeros prejuízos à compreensão da manifestação do fenômeno da vida. Algumas pensadoras feministas, como Donna Haraway e Sandra Harding, apontam para o mesmo problema, só que de uma perspectiva que visa denunciar a opressão do patriarcado na construção do conhecimento ao mesmo tempo em que problematizam também os postulados de neutralidade e objetividade nas ciências.

### Palavras-Chave

Hans Jonas. Antropomorfismo. Epistemologia.





## O RIO, A CIDADE, A ÁRVORE - OS ELEFANTES BRANCOS DE UMA CIDADE INTERIORIANA NA PERSPECTIVA JONASIANA

Anderson Fernandes Dos Santos  
[oandersonfernandes@hotmail.com](mailto:oandersonfernandes@hotmail.com)

### Resumo

Contaremos a história de um rio, de uma cidade, de uma árvore e de uma quantidade significativa de elefantes brancos no coração do estado de São Paulo, cenários que se repetem em tantas outras cidades interioranas em todo o Brasil e por todo o mundo. Os mamíferos, comumente amistosos e inteligentes, não possuem parte na problemática que apresentaremos, são apenas mote para a cantiga popular um elefante incomoda muita gente, ainda mais elefantes brancos, que se destacam em meio ao seu grupo e, de longe, são avistados. Observaremos a história da construção de uma cidade de Bauru, que, pela utopia progressista que permeavam muitos dos desbravadores bandeirantes dos séculos XVIII e XIX, é fruto dessa busca desenfreada pela construção civil e da transformação do meio ambiente em ferramentas úteis para essa finalidade. Analisaremos como e onde a ontologia de Hans Jonas, caso fosse conhecida, seria aplicável para que a odisséia das linhas férreas e das vias urbanas não transformasse grandes áreas da cidade em verdadeiros elefantes brancos, problemas reais para as gerações que se seguiram. Por fim, teceremos algumas possibilidades de enxergar em Jonas e no seu Princípio Responsabilidade as ferramentas para enfrentar a causalidade apresentada de maneira ética e como evitar que novos cenários se desenvolvam dessa forma.

### Palavras-Chave

Ética. Responsabilidade. Causalidade.



## POLÍTICAS PÚBLICAS E RESPONSABILIDADE: UMA REFLEXÃO INSPIRADA NO NOVO IMPERATIVO ÉTICO DE HANS JONAS

Flávio José Moreira Gonçalves

[professorflavio@ufc.br](mailto:professorflavio@ufc.br)

### Resumo

A reflexão sobre políticas públicas deve envolver as etapas de planejamento, monitoramento e avaliação. Para a ética da responsabilidade de Hans Jonas, em todas estas etapas – e não apenas na etapa inicial de planejamento - é necessário considerar o futuro como grandeza deontológica. No contexto atual, de antropoceno e crise climática, quando os desafios avolumam-se, mercê da ação humana alargada pela revolução científico-tecnológica e incrementada pelas forças econômicas do mercado na economia capitalista, nunca foi tão necessário que formuladores de políticas públicas norteiem-se pelo novo imperativo ético. Como, entretanto, deverão fazê-lo? Como garantir que o monitoramento e avaliação de tais políticas considere indicadores aptos a favorecer a transição de matriz energética sem comprometer o desenvolvimento humano e a subsistência das presentes e futuras gerações? Estas questões devem ser observadas pelos gestores, tanto no setor público quanto na iniciativa privada. A ética jonasiana pode fornecer base teórica para orientar estas etapas de elaboração e execução das políticas públicas. Eventos recentes, como a pandemia de Covid19 e as crises climáticas que geraram chuvas intensas, elevação excessiva e veloz dos níveis de rios ou dos próprios oceanos, enormes contingentes de mortos, desalojados ou refugiados ambientais, exigem acurácia na detecção de riscos e prevenção de desastres, além de solidariedade intergeracional, proteção dos mais vulneráveis e a garantia de sustentabilidade ecológica. O papel dos agentes públicos e do Estado, nestas circunstâncias, pode superar em muito o egoísmo de agentes do mercado, desde que se compreenda adequadamente a justiça climática na perspectiva de uma democracia social ou socialista. Dos primeiros, há de se exigir em suas ações e tomadas de decisão certa justiça distributiva, dando tratamento diferenciado aos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, visando protegê-los sem que isto implique supressão de sua dignidade, tudo sob o escrutínio do controle social das contas públicas, observando ditames não apenas de responsabilidade fiscal, mas

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



critérios de responsabilidade social e ambiental, os quais devem predominar em catástrofes. Dos últimos, a contenção do impulso que pode conduzi-los a aderir ao cinismo expresso no darwinismo social, aumentando demasiadamente o preço de produtos, sobretudo alimentícios, médicos ou sanitários em situações de crise climática ou desastres ambientais.

## Palavras-Chave

Políticas Públicas. Responsabilidade. Ética.



## REFLEXÕES SOBRE A INTERFACE ENTRE FILOSOFIA E SAÚDE: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE HANS JONAS

Viviane Cristina Cândido  
[candido.viviane@unifesp.br](mailto:candido.viviane@unifesp.br)

### Resumo

A interseção entre filosofia e saúde transcende a objetividade destas disciplinas, demandando a consideração dos sujeitos implicados nesse contexto. Especificamente no campo da saúde, não apenas a Medicina como ciência tem ampliado os horizontes do seu conhecimento como também a prática médica, especialmente diante de desafios como doenças crônicas, cuidados paliativos e o processo de envelhecimento, conduzindo, por sua vez, a uma reconfiguração dos fundamentos da ciência médica. Nesse cenário, o foco se desloca do mero objetivo de cura para a missão mais abrangente de cuidar, levando em conta a totalidade da condição humana. Conseqüentemente, emerge a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e multifacetada na prestação de cuidados de saúde, que considere não apenas os aspectos biológicos, mas também os psicológicos, sociais e éticos. Essa nova abordagem desafia não apenas a prática médica, mas também a própria estrutura epistemológica e ética subjacente a ela, um convite à Filosofia que, por sua vez, também faz uma nova trajetória em que, paulatinamente, deixa o lugar do “puro” conhecimento para o lugar em que este está imbricado na realidade e do qual decorrem ações. É neste contexto que se revela a importância de uma filosofia da saúde, que investigue as complexas inter-relações entre conhecimento médico, ética e política de saúde. Hans Jonas, em sua obra *Técnica, Medicina e Ética*, propõe a reflexão sobre o papel da medicina como ciência e a responsabilidade dos profissionais de saúde na promoção do bem-estar humano. O princípio responsabilidade, delineado por Jonas, ressoa como uma bússola ética fundamental na prática da medicina, incitando uma reflexão crítica sobre as consequências de nossas ações no contexto da saúde. Ao reconhecer a irreversibilidade e o impacto profundo das intervenções médicas na vida dos pacientes, surge a necessidade premente de uma reflexão bioética sólida, enraizada em uma base filosófica abrangente. Assim, este trabalho busca explorar a especificidade de uma filosofia da saúde, à luz do pensamento de Hans Jonas,



delineando a importância crucial de integrar a reflexão filosófica na prática e na teoria da medicina, visando não apenas o tratamento de doenças, mas também a promoção do bem-estar e do cuidado em saúde em sua totalidade.

### **Palavras-Chave**

Filosofia da Saúde. Bioética. Hans Jonas.



## TECNOLOGIA COMO VONTADE DE ILIMITADO PODER EM HANS JONAS

Moisés Aloisio De Sennes Salvador

[moises.sennes@hotmail.com](mailto:moises.sennes@hotmail.com)

### Resumo

Esse projeto possui como objetivo analisar como a tecnologia é uma expressão do niilismo e de que forma ela manifesta a “vontade de ilimitado poder” segundo a filosofia de Hans Jonas, o qual compreende que o niilismo influenciou diretamente a técnica moderna, dado que com o advento da morte de Deus, a vida perdeu sentido e a antiga meta suprassensível deu lugar ao mero exercício do poder, cujo “objeto” é o mundo. Assim, como não existem mais metas a serem cumpridas, a técnica deixou de cumprir o seu fator básico de sobrevivência e passou a expressar o poder, cuja máxima é a tecnologia entregue a si mesma, como uma “empresa” e um “processo” ininterrupto que busca incessantemente se desvincular da ética. Sem nenhum controle ou freio, a tecnologia se caracteriza por uma busca incessante e contínua de mais domínio e poder sobre o mundo por parte do ser humano. Como forma de enfrentamento desse descontrole por parte da tecnologia, Jonas apresenta a ética da responsabilidade, com o intuito de demonstrar para a civilização tecnológica os perigos que a tecnologia já causou e podem causar futuramente – até mesmo ameaçando a existência da vida no futuro. A ética da responsabilidade busca orientar, por isso, os atos humanos a favor da preservação do meio ambiente, fazendo com que o ser humano não coloque em risco a sua própria existência e também toda vida extra-humano no futuro.

### Palavras-Chave

Hans Jonas. Niilismo. Tecnologia.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT HEGEL



## A AGÊNCIA SEGUNDO HEGEL NO CONTEXTO DA FAMÍLIA

Inácio Helfer

[helfer@unisinos.br](mailto:helfer@unisinos.br)

### Resumo

Hegel entende que “o casamento é uma ação ética da liberdade” (FD, § 168) pois não se trata de uma união de pessoas chancelada pela “naturalidade imediata e de seus impulsos” (FD, § 168), ou pela formalidade do conceito de contrato, tal qual pensava Kant na Doutrina do Direito (§ 24), mas por um laço baseado, em primeira mão, no “fim substancial” que consiste no “amor”, na “confiança” e na experiência de vida comunal (FD & 163). Precisamente este laço é tido como o “elemento ético” do casamento, base da constituição da união familiar, que revela a dinâmica mais profunda desta primeira instituição da eticidade hegeliana, seguida pela análise e exposição da sociedade civil e do estado. O estudo visa colocar em relevo o desdobramento da agência humana neste contexto, berço do nascimento, da formação e do apoio mútuo que os homens podem vivenciar. Como afirma Hegel, a “disposição de espírito” que aí se configura para a agência humana é a de “ter a autoconsciência de sua individualidade nessa unidade enquanto essencialidade sendo em si e para si, a fim de ser nela não uma pessoa para si, porém como membro.” (FD § 158). O estudo visa colocar em evidência que a experiência da constituição e da vivência numa família é um elemento crucial para a agir ético da liberdade. Que a liberdade social não se desdobra somente no agir econômico da sociedade civil ou da participação política no estado, espaços em que a agência humana experiencia níveis mais intensos e complexos da sociabilidade humana, mas que ela se efetiva já nesta “substancialidade imediata do espírito”. Quais são, propriamente, suas características fundamentais e sob que aspectos ela se diferencia de alguns pressupostos em vigor na época de Hegel? Diante dos argumentos jusnaturalistas da união familiar puramente formal, do hedonismo sumário que localizava sua base na pulsão sexual e do sociologismo que justificaria a monogamia das uniões familiares devido a quantidade de homens e mulheres serem parecidas, qual foi o argumento hegeliano?

### Palavras-Chave

Agência. Família. Hegel.





## A CONCEPÇÃO HEGELIANA DOS DIREITOS HUMANOS

Marly Carvalho Soares

[marly.soares@uece.br](mailto:marly.soares@uece.br)

### Resumo

Os direitos humanos constituem um ideal comum para todos os povos e nações e como tal se apresentam como um sistema de valores que, sendo produto da ação humana, reflete sua constante evolução, possuindo uma dimensão histórica. O reconhecimento da dignidade humana, núcleo do conceito de Direitos Humanos, exerce uma função orientadora para a ordem jurídica e uma função crítica sobre a ordem existente ao pôr em descoberto os condicionamentos econômicos, sociais e políticos que impedem sua completa realização. O direito diz que o cidadão é aquele que goza dos direitos civis e políticos em um estado, do qual é considerado, no desempenho dos seus deveres, como um membro. Quais são os valores então referenciais para a cidadania? Tudo aquilo que converge para a superação do conceito de inspiração individualista da vertente liberal, isto é, passar da afirmação liberal de direitos para a afirmação libertária da busca de direitos sociais para todos: uma cidadania que desabrocha pela educação e se atrofia pela alienação; uma cidadania que se consegue a superação da dicotomia entre o individual e o social. Mas tal cidadania não se consegue sem profundas transformações de caráter econômico, político e cultural, esferas em que ocorrem processos de dominação. No campo econômico com a inversão de prioridades. No campo político, a cidadania se exerce pela prática democrática nas relações sociais e pela participação nos mecanismos burocráticos das instâncias sociais. No que se refere ao campo cultural, o exercício da cidadania se faz pelo respeito às especificidades de etnia, raça e sexo, sem fechamento excludente dentro destas diferenças. Hegel defende a ideia em que esses direitos são direitos essencialmente políticos, na medida em que eles só existem como direitos concretos e universais dentro do Estado, comunidade ética que representa o espaço concreto da realização da liberdade dos indivíduos. Hegel apontou o caminho a ser trilhado no equacionamento do problema dos direitos do homem postulando, conseqüentemente, a unidade da particularidade e da universalidade através de uma relação ética. A reflexão filosófico-política de Hegel para o momento, continua sendo uma ferramenta indispensável na



concretização desses mesmos direitos em busca da concretização de uma cidadania universal. O estudo centraliza-se no resgate da dialética hegeliana no texto da Filosofia do Direito.

### **Palavras-Chave**

Direito. Liberdade. Dialética.



## A CRÍTICA DE HEGEL À FILOSOFIA DE JACOBI NA FILOSOFIA DO DIREITO

Carlos Alfaro

[arnolfo29@yahoo.com.ar](mailto:arnolfo29@yahoo.com.ar)

### Resumo

Hegel refere-se à boa vontade na observação d do parágrafo 140 da Filosofia do Direito. Consiste em “querer o bem”. Mas este “bem” é uma abstração sem qualquer conteúdo. A vontade utiliza o bem abstrato como critério para qualificar qualquer ação. Dessa forma, ela estabelece se as ações são boas ou não. Mais especificamente, o sujeito da ação afirma que a intenção que motiva a ação é boa. Consequentemente, ele “sabe” que isso é “bom”. As ações de qualquer sujeito podem ser justificadas. Desta forma, não existe um indivíduo mau per se. Do ponto de vista jurídico, a posição desta boa vontade é expressa na frase “o fim justifica os meios”, uma vez que qualquer ação – embora condenável em primeira instância – pode ser concebida como um meio para um fim que a redime. Os fins consagrados pela jurisprudência – o bem-estar pessoal, o bem-estar familiar – podem ser degradados em meios para a realização de um bem supremo estabelecido pela subjetividade. Afirmando que a descrição que Hegel faz desta “boa vontade” coincide em alguns pontos com a filosofia de Friedrich Jacobi. Na verdade, o pensador alemão analisou a obra do autor de Woldemar, e algumas das suas observações são semelhantes às feitas na observação d do parágrafo 140. A saber: a) a referência ao sujeito volitivo que se coloca e percebe acima de qualquer determinação; b) a bondade essencial do homem, que fundamenta as boas intenções da subjetividade em cada ação realizada; c) a rejeição da subjetividade ao direito e à Sittlichkeit. A referência hegeliana a uma subjetividade colocada e percebida acima de qualquer determinação remete-nos a *Glauben und Wissen*, uma vez que Hegel cita textualmente diversas passagens de diferentes obras de Jacobi. Ao se referir à sua moralidade, o pensador suábico se apoia em passagens de An Fichte: obra composta por uma série de cartas endereçadas a Fichte. Jacobi declara que a majestade suprema do homem está acima das determinações legais ou morais. Ao mesmo tempo, a consciência tem a “certeza sagrada” da sua natureza divina; ou seja, ela sente que é o fundamento determinante de todo conteúdo moral e jurídico.

### Palavras-Chave

Subjetividade. Certeza. Intenção.



## A CRÍTICA HEGELIANA A KANT EM FÉ E SABER COMO APLICAÇÃO DE UM MODELO DE CRÍTICA FILOSÓFICA

Iuri Slavov

[iurislavov98@gmail.com](mailto:iurislavov98@gmail.com)

### Resumo

Na presente comunicação, temos dois objetivos. (1) Distinguir o modelo crítico direcionado a um dos alvos da crítica expostos em Sobre a essência da crítica filosófica em geral e sua relação com o estado atual da filosofia em particular (1802/1803), introdução escrita por Hegel e Schelling para o *Jornal Crítico de Filosofia*. A partir disso, (2) mostrar como esse modelo pode ser encontrado na crítica hegeliana a Kant em Fé e Saber (1802/1803). Mais especificamente, seguiremos os seguintes passos. Em primeiro lugar, mostraremos que, dentre os alvos da crítica expostos em Sobre a essência e as formas distintas que o procedimento crítico toma conforme os alvos, é possível delinear um modelo voltado a sistemas filosóficos que apresentam a “ideia da filosofia”. Nestes casos, a crítica se orienta em duas direções: primeiramente, explícita quais são os aspectos especulativos destes sistemas (i.e. onde se faz presente a “ideia da filosofia”); em seguida, a crítica identifica quais são os “subterfúgios” [Winkelzüge] que impedem com que os aspectos especulativos sejam propriamente desenvolvidos. Em segundo lugar, tendo em vista o delineamento do modelo crítico voltado a propostas que apresentam a “ideia da filosofia”, mostraremos como ele é encontrado na crítica hegeliana dos seguintes aspectos da filosofia kantiana em Fé e Saber: quanto aos aspectos especulativos, Hegel aponta para a “identidade de desiguais” que se apresenta na “unidade sinteticamente originária da apercepção” e na “imaginação transcendental”; quanto aos “subterfúgios” que devem ser identificados a fim de que se desenvolva plenamente a especulação, Hegel destaca o caráter dualista do idealismo kantiano, que fixaria como opostos irreconciliáveis, a despeito da síntese originária presente no início da Dedução Transcendental, um “ponto absoluto da eguidade” e uma “multiplicidade absoluta”. Concluiremos, portanto, que uma chave de leitura possível da crítica de Hegel a Kant em Fé e Saber pode ser encontrada em um modelo de crítica filosófica apresentado em Sobre a essência.

### Palavras-Chave

Hegel. Crítica Filosófica. Fé e Saber.



## A DIALÉTICA EM ‘FORÇA E ENTENDIMENTO’: A TAREFA DO CONCEITO EM DETRIMENTO DO CÁLCULO

Lígia Ranara Rocha Paes  
[ligiaranara@hotmail.com](mailto:ligiaranara@hotmail.com)

### Resumo

A ciência moderna se erige a partir da questão dos limites de suas explicações, estes não são acidentais ou provisórios, mas se tornam necessários ao conhecimento científico da época. O problema das forças é justamente o que movimenta esses questionamentos. Se com Galileu e Newton temos um desenvolvimento ainda preliminar acerca desta limitação, com Kant vemos esses limites atingirem seu ápice, com sua Crítica da Razão Pura. No entanto, é com Hegel que percorremos a via crucis, alçando-nos ao nível do conceito ao mesmo tempo que exorcizando o fantasma da coisa-em-si kantiana. É tendo como objeto de estudo a Fenomenologia do Espírito que este trabalho objetiva explicar o capítulo intitulado “Força e Entendimento: fenômeno e mundo suprasensível”, a fim de esclarecer a função que ele cumpre em relação ao todo da obra, bem como precisar o conceito de “força” em relação às disputas em que este capítulo se insere, dando enfoque à crítica hegeliana ao procedimento matemático em contraposição à tarefa do conceito. Gadamer (1976) afirma que dentro da história hegeliana da experiência da consciência esta é uma das seções mais difíceis no contexto do todo, de forma que sua dificuldade reflete sobre a escassez de comentadores. Considerando os poucos comentários existentes e a dificuldade do objeto de trabalho, nota-se a contribuição teórica para o debate no meio acadêmico a partir de sua tarefa exegética. Assim, foi realizado um confronto teórico entre as fontes primárias e secundárias e após compreender o movimento dialético e as contradições intrincadas nesse momento da consciência, deu-se maior ênfase no conceito de força, bem como nas disputas científicas à qual a Fenomenologia do Espírito se insere, a saber, a problemática da apreensão dos fenômenos. Observou-se que em “Força e Entendimento” Hegel pretende iniciar uma dupla investigação: antes de tudo, uma análise dos fenômenos naturais, ou seja, um exame do que parece estar na consciência sensível imediata. O segundo aspecto leva em conta que qualquer análise dos fenômenos, que afirma explicá-los, é forçada a expandir seu horizonte além de sua

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



percepção imediata. Além disso, no que concerne à importância da investigação filosófica, vemos que a partir do conceito de força Hegel se contrapõe ao fisicismo da época, criticando suas explicações descritivas que simplificam a complexidade deste conceito se limitando à linguagem matemática e abrindo mão da tarefa do conceito.

## Palavras-Chave

Força e Entendimento. Conceito. Cálculo.



## A IDEIA DE RECONCILIAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A TRAGÉDIA DO ESPÍRITO NO PENSAMENTO DE HEGEL

William Paniccia Loureiro Junior

[wplj03@gmail.com](mailto:wplj03@gmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é expor a aproximação que o pensamento sobre o trágico e a filosofia de Hegel possuem, partindo, em primeiro lugar, de uma análise do conceito de reconciliação (*Versöhnung*), sua origem nas obras de juventude, particularmente em Frankfurt, sua formulação reelaborada no ensaio Sobre as maneiras científicas de se tratar o direito natural e sua reavaliação posterior na Fenomenologia do Espírito. A tragédia, paulatinamente, tem suas características repensadas entre 1798 e 1806, quando as reflexões hegelianas sofrem um deslocamento: partindo de Shakespeare, migram para Ésquilo e, em seguida, Sófocles. Este movimento é sintomático para se compreender certos fundamentos do pensamento especulativo enquanto tal, a saber, a unificação de opostos cuja raiz se pauta pela literatura trágica. Em seguida, buscamos precisar a importância que as concepções de ação, intenção, memória e rememoração possuem para a filosofia de Hegel, a fim de melhor situar o significado e o limite das ações da consciência e suas correlações com a narratividade da épica, abrangendo as noções entre forma e conteúdo na Fenomenologia.

### Palavras-Chave

Reconciliação. Tragédia. Rememoração.



## A LIBERDADE ENQUANTO RECONHECIMENTO EM HEGEL

Francisco Fabricio Silvino Ximenes  
[fabriciosilvinoximenes@gmail.com](mailto:fabriciosilvinoximenes@gmail.com)

Marcos Fábio Alexandre Nicolau  
[marcos\\_nicolau@uvanet.br](mailto:marcos_nicolau@uvanet.br)

### Resumo

Conceituar filosoficamente Liberdade acarreta um debate profícuo, com conceitos que permeiam entre uma forte abstração e um regular pragmatismo. A verdade, é que a liberdade é uma condição preponderante para a formação da identidade ética, política e ontológica do homem. Para os jusnaturalistas, a liberdade se posta no mundo natural, é imanente. Trazida em seu conceito ontológico, a liberdade seria a condição primeira, o pressuposto da própria condição humana, sem a qual o homem seria reduzido a coisa em si. Mas, é em Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que encontramos o conceito de liberdade enquanto reconhecimento, a liberdade em si e no outro. Em sua obra, Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito, Hegel leva a cabo a ciência filosófica do direito, rechaçando definições lógico formais, decorrentes de uma consciência imediata, capaz de transformar em princípios o que é contingente e arbitrário. É nesta obra, que encontramos o conceito de liberdade longe da concretude do mundo sensível, uma liberdade que se dá em sua determinação negativa, uma liberdade legitimadora. É a partir desse conceito hegeliano, que passamos a compreender inúmeras continências de eventos político-sociais associados à falta de liberdade e de reconhecimento. Em Hegel, ser livre é ser sujeito e vice e versa, não se trata de uma liberdade de escolhas, tampouco de uma liberdade sem limites. A liberdade enquanto reconhecimento é em si e para si, experimenta a abstração, se autodetermina e fica longe de instintos, desejos e tendências superficiais. É somente a partir do conceito de liberdade enquanto reconhecimento nesse grande filósofo, que podemos intuir o estado de totalidade ética hegeliana: o espaço de afirmação da identidade individual, construído do processo especulativo, da relação entre o individual e o particular, da liberdade e não liberdade, da mediação e reconhecimento. Somente é possível pensarmos em uma liberdade autodeterminante, autofundante e autoconstitutiva, se ela for subjacente ao reconhecimento.

### Palavras-Chave

Liberdade. Reconhecimento. Eticidade.





## A MORALIDADE NECESSARIA PARA A EFETIVAÇÃO DA LIBERDADE NA FILOSOFIA DO DIREIRO DE HEGEL

Ismael Azevedo Mota  
[ismael.azevedo@alu.ufc.br](mailto:ismael.azevedo@alu.ufc.br)

### Resumo

Este trabalho tem como propósito a exposição da moralidade, bem como a explanação acerca do Espírito Objetivo no sistema filosófico de G. W. F. Situado na Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compendio (1830) e na obra Linhas fundamentais da filosofia do Direito (1821). Para tanto, empreendeu-se o estudo e pesquisa nessas obras, mostrando o processo do desenvolvimento do Espírito. Foi preciso compreender o lugar do Espírito na Filosofia de Hegel para poder assim analisar a dimensão do Espírito Objetivo e assim demonstrar a moralidade como necessária para a efetivação da liberdade. Assim mostraremos como se desenvolve o espírito na dimensão da moralidade, importante passagem para a efetivação da liberdade, segundo Hegel. Dentro do sistema hegeliano onde tem como momentos a Lógica – Natureza – Espírito, o espírito é o um ponto importante da sua filosofia e também como uma novidade. O espírito se desenvolve como Espírito Objetivo, no estudo do Direito abstrato, Moralidade e na Eticidade que é o momento de entre o espírito Objetivo para o espírito Absoluto na efetivação da liberdade. Nosso trabalho consiste em expor esses desenvolvimentos como acontece na moralidade como um momento para a efetivação da liberdade na forma dialética.

### Palavras-Chave

Direito. Ética. Liberdade.



## A PASSAGEM DA ALMA PARA A CONSCIÊNCIA: O SURGIMENTO DO UNIVERSAL AUTORREFERENTE

Janaina Teodoro Oliveira  
[janainateodoro50@gmail.com](mailto:janainateodoro50@gmail.com)

### Resumo

Nossa proposta é analisar o desenvolvimento espiritual na filosofia hegeliana, compreendendo especificamente como tal processo progressivo fundamenta a passagem da alma para consciência. A teoria hegeliana contempla a autonomia do espírito, a qual se produz a si mesma através de seu outro, na medida em que as características naturais presentes no decorrer da efetivação espiritual são empregadas idealmente, sendo postas pelo espírito na forma do espírito. A alma é um momento relevante do desenvolvimento espiritual, visto que nela a consciência sairá de um estado de inatividade e será finalmente desperta. Buscaremos explicitar que a progressão imanente – característica da negatividade espiritual – fundamenta a passagem do estágio anímico para a consciência, porque é em decorrência da efetivação anímica que se dispõe dos elementos necessários para elaborar uma concepção de Eu. Será trabalho da Antropologia se ocupar do desenvolvimento espiritual, no que tange à “morte” da natureza e à progressiva ascensão do espírito. De acordo com Hegel, o momento do hábito é significativo pela clara intencionalidade da alma em libertar-se da naturalidade, entretanto é igualmente relevante, uma vez que modifica a dinâmica anteriormente estabelecida com as determinações. No hábito as determinações que anteriormente dominavam a alma através de seu “surdo tecer” são nesta ocasião reduzidas a uma determinação passageira. Dessa forma, o hábito dá à alma a potência de reconstruir enquanto idealidade o que imediatamente se dava enquanto naturalidade e imediatidade. A conclusão do processo anímico permitirá que o Eu apareça, pois somente graças à reconciliação estabelecida pela idealidade com a naturalidade observaremos o surgir de uma reflexão sobre si mesmo. Esse voltar-se para si permitirá que o espírito se torne um Eu, isto é, uma universalidade autorreferente que dispõe de si mesmo por objeto. A abordagem em questão visa argumentar como a noção hegeliana de consciência estabelece seus primeiros alicerces através do resultado do desenvolvimento imanente do espírito no estágio da alma.



Conseqüentemente, os momentos percorridos pelo espírito não são guiados por uma concepção mecânica, mas segundo Hegel, as formas subjetivas se modificam à medida que há contato com o objeto.

### Palavras-Chave

Alma. Consciência. Autorreferencialidade.



## A QUESTÃO DA LOUCURA E SUA INVERSÃO HEGELIANA: ASPECTOS DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Felipe Aiello

[felipe.aiello0@gmail.com](mailto:felipe.aiello0@gmail.com)

### Resumo

O presente resumo pretende expor a apresentação de Hegel quanto à razão e à loucura. Em sua Enciclopédia, Hegel opera uma inversão na questão inquietante de sua época: como vem o ser humano a tornar-se louco? Tal questionamento, segundo Hegel, é pervadido por uma série de pressupostos que almejam buscar uma explicação para a loucura e desta forma cristalizá-la. Essa questão, aos moldes em que se coloca, por uma representação natural, é vista pelo prisma da possibilidade da recaída em desarranjo. Assim, se coloca, de maneira a entropar a consciência sã em relação à sua doença por vir, que a espreita enquanto abstração vazia, uma mera possibilidade em seu livre curso. Essa maneira de considerar a loucura em sentido amplo parte do presente, aquilo que o indivíduo tem como objetivo para si mesmo, e o que a ele se apresenta de maneira subjetiva, uma representação. Se é o caso de alguém que se toma por um rei, lhe ocorre que a sua representação é contraditória com relação a sua vida como um todo, a totalidade do que se é efetivamente. Neste caso, a possibilidade não possui fundamento, a não ser aquele da possibilidade universal indeterminada de que um ser humano possa vir a ser rei.

### Palavras-Chave

Hegel. Loucura Objetiva. Razão.



## A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE HEGEL NA FILOSOFIA AMERICANA: UMA LEITURA A PARTIR DE ROBERT BRANDOM

Ana Karoliny Da Costa

[karoliny.costa@aluno.uece.br](mailto:karoliny.costa@aluno.uece.br)

### Resumo

No panorama filosófico contemporâneo, a questão da linguagem no pensamento de Hegel se tornou significativa para algumas interpretações, principalmente no tratamento de questões acerca da intersubjetividade e da dialogicidade da dialética. Esse movimento de retorno ao pensamento hegeliano decorre da interpretação de que, no autor, a linguagem faz parte da prática social humana, o que a situa no âmbito da intersubjetividade, já que se trata de um fenômeno que não é privado. Com base no entendimento da linguagem como prática social, emerge a seguinte questão: o que torna o ser humano capaz de dizer e de pensar que as coisas são de um determinado modo? Em vista disso, é possível evidenciar na articulação de teorias atuais a prevalência de interpretações independentes, nas quais o pensamento hegeliano é retomado. É o que ocorre, por exemplo, no cenário filosófico americano de inspiração analítica. Mediante o exposto, o texto a ser desenvolvido se baseia no filósofo estadunidense Robert Boyce Brandom, para quem o tratamento da linguagem impõe fundamentalmente tomar como cerne as práticas sociais. Nesse sentido, o texto aborda brevemente algumas interpretações do pensamento de Hegel viabilizadas por Brandom. Para tanto, cabe evidenciar algumas convergências, divergências e interconexões entre os dois filósofos, objetivando responder como suas propostas filosóficas explicitam a noção e a função da lógica.

### Palavras-Chave

Hegel. Intersubjetividade. Linguagem. Lógica.



## A SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA TEORIA/MUNDO DE ACORDO COM A LÓGICA HEGELIANA

Leonardo Mietto Roberto

[leonmietto@gmail.com](mailto:leonmietto@gmail.com)

### Resumo

Esse trabalho tem por objetivo expor e demonstrar uma possível solução à dicotomia teoria/mundo de acordo com a perspectiva hegeliana, o que será feito por meio da explicitação das etapas que o pensamento realiza ao apreender o mundo e os objetos, para posteriormente mostrar como as experiências de um Eu pensante – tanto “externas” como “internas” a consciência – são necessárias para que o ser humano se apreenda enquanto um sujeito singular, capaz de subsumir o conceito dos objetos dentro um pensamento complexo que se auto relaciona, mas que não se diferencia, em absoluto, daquilo que é “externo” em relação a consciência, pois a separação entre sujeito e objeto se resolve no conceito de Espírito, a partir do momento em que um Eu ultrapassa a cisão existente entre o pensar e o mundo, justamente porque compreende a conexão entre a Coisa Pensada e o Ser da Coisa – compreensão que está para além da fenomenologia e só pode ser entendida por meio da Lógica. Nesse sentido, trata-se de uma explicitação sobre o desenvolvimento que o pensar realiza em relação a si mesmo enquanto se descobre como uma subjetividade no interior da Razão.

### Palavras-Chave

Conceito. Pensar. Mundo.



## AÇÃO E RESPONSABILIDADE EM HEGEL

Márcia Zebina Araújo Da Silva

[marciazebina@gmail.com](mailto:marciazebina@gmail.com)

### Resumo

A Filosofia do Direito de Hegel está estruturada em três grandes partes. A Moralidade, local em que o tema da ação e da responsabilidade é discutido, está situada entre o Direito Abstrato e a Eticidade. A Moralidade apresenta o conflito entre a atuação da subjetividade livre e a sua realização prática, de modo que muitas das contradições que aparecem nesta esfera só poderão ser resolvidas na Eticidade. A comunicação, nos limites da Moralidade, visa elucidar o significado de Tat e Handlung e as implicações destes termos para diferenciar e explicar a atividade intencional e não intencional e, inclusive, a contingência do mundo que exerce o seu poder sobre o ato praticado. O propósito de elucidar esses conceitos visa investigar a especificidade da atividade implícita em Tat (fazer, praticar), que não tem um caráter intencional, e de Handlung (ação), que envolve a intenção do agente, e quais as consequências desta distinção para pensar a ação e a imputação de responsabilidade em confronto com a objetividade do mundo.

### Palavras-Chave

Ação. Intenção. Responsabilidade.



## AGAMBEN (FOUCAULT) LEITOR DE HEGEL: PARA UMA CRÍTICA AO CONCEITO DE DISPOSITIVO

André Gustavo Ferreira Da Silva  
[andreferreiraufpe@gmail.com](mailto:andreferreiraufpe@gmail.com)

### Resumo

A problemática aqui abordada se refere ao modo pelo qual Agamben (sob influência direta de Foucault) incorpora o conceito de positividade em Hegel na produção da noção de dispositivo (AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. 2009). Defendemos que Agamben, via Foucault, aciona um conceito hegeliano então incompleto. Interpretamos que, no desenvolvimento de seu sistema conceitual, Hegel aprimora chaves filosóficas que não estavam contempladas com a noção de positividade. Neste sentido, tendo abordado a relação entre a religião cristã e politeísmo grego, no que concerne à negação do primeiro modo de eticidade no contexto da formulação da noção de positividade, o pensador alemão ao desenvolver sua reflexão acerca da relação entre subjetividade e objetividade, aprimora a formulação inicial desenvolvendo noções como alienação/estranhamento e espírito, especulando que o espírito objetivo é a negação/exteriorização do espírito subjetivo e, nesta relação, no contexto da alienação/estranhamento entre objetivo e subjetivo, introduz a categoria de movimento ao processo histórico da experiência do espírito absoluto. Assim, Agamben/Foucault ao incorporarem o conceito de positividade à noção de dispositivo deixam ao lado a captura do movimento da história produzida pela experiência humana, que Hegel ventila com suas formulações sobre alienação/estranhamento e espírito. Os contemporâneos ao formularem a noção de dispositivo escorado na de positividade, incorporam consigo as limitações do conceito que o próprio Hegel supera mais adiante em sua obra. Assim, ao definirem dispositivo como mecanismos de subjetivação via uma objetividade que é coercitiva, não incorporam a contribuição hegeliana mais elaborada. Isto é, não incorporam a sinalização de Hegel apontando que a própria experiência no mundo possibilita a tenção que se confrontará com a objetividade instituída. Em suma, a ideia de dispositivo não traz consigo a noção de movimento, isto é, não traz consigo a ideia de que, mesmo diante da coerção dos mecanismos do dispositivo, se dá a experiência de





estranhamento/alienação que engendra outra relação entre objetividade/subjetividade. Neste sentido, acreditamos que a incorporação de elementos conceituais mais aprimorados por Hegel contemplaria melhor as preocupações de Agamben/Foucault com a relação subjetividade/objetividade em termo de uma proposição atual.

### Palavras-Chave

Positividade. Alienação/Estranhamento. Dispositivo.



## APOLOGIA, TERROR, REDENÇÃO: HEGEL E A POLÍTICA NO ESTADO DE DIREITO

Hugo Rezende Henriques

[hugohenriques@ufu.br](mailto:hugohenriques@ufu.br)

### Resumo

A História da Filosofia ocidental tem por um de seus marcos mais importantes a tragédia do julgamento, condenação e morte de Sócrates, magistralmente desenhada nos escritos platônicos. Nesse sentido, uma profunda cisão se expressa no espírito de nossa civilização como aquela havida entre a Razão, mas expressa por sujeitos reais (figuras da história), e o vulgo. Assim, a História do Ocidente talvez possa ser lida como um conjunto de esforços para lidar com o impulso político pela pluralidade e o impulso filosófico pela racionalidade. Tais embates não são desconhecidos pela cultura romana (*senatus vs. populus*), católica (*guelfos vs. guibelinos*), renascentista (descrita por Maquiavel como um embate entre a vontade dos grandes vs. vontade dos muitos), e mesmo moderna (*urbe vs. rex*), que afinal eclodiria na Revolução Francesa, em cujo contexto epocal viveu Hegel. Em favor do vulgo socorre a tradição, os costumes e os mitos, a efetividade enquanto tal, oponente vital da Ilustração, como salienta Hegel (PhG, §538 e ss.), efervecência que reencenaria no Terror a tragédia socrática primordial. Em favor da Razão socorre a intelligentsia e a utopia, o esforço propriamente filosófico de revolucionar pelo trabalho do espírito, fecundando a efetividade com novos vigores e valores. Assim, na construção do Estado pós-revolucionário (o chamado Estado de Direito), tal tensão se apresenta e é percebida por Hegel, que se ocupa dela no comentário ao §544 da Enciclopédia em que compreende que é finalidade central do Estado de Direito emergente impedir que o povo, enquanto vulgo, chegue ao Poder e seja capaz de determinar os destinos do Estado. Da emergência pós-revolucionária do Estado de Direito, poucos poderiam antever a revolução dos meios de comunicação e, correlatamente, da propaganda, que se desenvolveria desde o fim do século XIX, passando pela difusão do rádio, cinema, televisão, internet, celulares e inteligências artificiais. Se tais mecanismos fizeram empoderar o clamor do vulgo por moral, costumes, tradições, o presente trabalho pretende se debruçar nos esforços (técnicos, políticos e filosóficos) envidados da parte



do Estado de Direito e de seus defensores para garantir a necessária e permanente cisão entre estas vontades (massa vs. nação), suas confusões e apropriações no cenário da História Mundial. Assim, espera-se podermos reafirmar os valores democráticos da política e os valores racionais da filosofia em sua necessária dialética no Estado contemporâneo.

### Palavras-Chave

Hegel. Estado de Direito. Política.



## CONCEITOS SISTEMATIZADORES E O SABER DO ESPÍRITO ABSOLUTO COMO ENCICLOPÉDIA DAS CIÊNCIAS FILOSÓFICAS

Ricardo Pereira Tassinari  
[ricardotassinari@gmail.com](mailto:ricardotassinari@gmail.com)

### Resumo

Em publicações recentes, inspirado em estudos e pesquisas sobre a filosofia hegeliana, foi proposto um conjunto de conceitos, denominados de Conceitos Sistematizadores. Tais conceitos possibilitariam ver e constituir a filosofia hoje como um sistema único, tal como particularmente proposto e exigido por Hegel. São eles: (1) realidade para cada um (de nós), (2) filosofia de cada um, (3) filósofo em sentido amplo, (4) grau de elaboração de uma filosofia, (5) Sistema de (todas as possíveis) filosofias, (6) Ilusão Científico-Filosófica, (7) autoconsciência, (8) coisa-em-si, (9) coisa-para-nós, (10) objeto, (11) Sistema das Autoconsciências, (12) Razão, (13) espírito e (14) Filosofia. Eles buscam estabelecer uma compreensão geral, apontando uma possibilidade de lidar sistematicamente com as diversas opiniões, visões de mundo e tipos de conhecimentos e filosofias em uma unidade, e, nesse sentido, possibilitariam ver e tratar a Filosofia como um Sistema. Dentre eles, espírito é compreendido como sendo uma autoconsciência que é capaz de vir a reconhecer a Razão e a si própria dentro da Razão, ou seja, é o ser humano como uma autoconsciência dentro de uma compreensão maior e suprema (possível, atual e real), a Razão. Nesse contexto, a própria Razão pode ser pensada como um espírito, o Espírito Supremo Absoluto, ou seja, como a autoconsciência suprema que conhece (e contém) completamente a si própria e a todos os outros espíritos. Nesse sentido, o Espírito Absoluto seria um Eu que é nós (incluindo nele todas as possibilidades, todos nós, inclusive os do passado, do presente e do futuro) e um nós que é um Eu. Assim, o ponto de vista dos Conceitos Sistematizadores introduz um programa de pesquisa (contínuo e eterno) que consiste em interpretar os vários tipos específicos de conhecimentos e filosofias em termos dos Conceitos Sistematizadores e do Espírito Absoluto, inclusive, particularmente, a própria Filosofia Hegeliana, que inspirou a propô-los. Dando continuidade a tal programa, apresentar-se-á uma interpretação possível da Filosofia Hegeliana em termos dos Conceitos Sistematizadores, mostrando como o conhecimento do Espírito Absoluto pode ser



compreendido como sendo exposto de forma racional e dialético-especulativa na e pela Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830). Será explicado como as divisões da Enciclopédia se relacionam com a própria auto-exposição racional da Razão e do Espírito Absoluto.

### Palavras-Chave

Conceitos Sistematizadores. Filosofia como Sistema.



## CONTRADIÇÃO E SUBJETIVIDADE (DO CONCEITO E DO CAPITAL): MARCOS L. MÜLLER SOBRE A RELAÇÃO MARX-HEGEL

Fábio Mascarenhas Nolasco

[gomanolasco@gmail.com](mailto:gomanolasco@gmail.com)

### Resumo

Buscaremos em nossa exposição desdobrar algumas das principais teses defendidas por Marcos Lutz Müller no célebre artigo “Exposição e método dialético em O capital”, no qual Marcos inicia sua tentativa de desmonte positivo da visão fundamentalmente negativa de Habermas e dos marxistas analíticos acerca de Hegel e, fundamentalmente, de Marx, com o intuito de oferecer um caminho mais bem fundamentado no curso da crítica do Diamat. Tratou-se, de precisar em que medida Marx teria inapelavelmente incorporado aspectos do método dialético hegeliano a bem da escritura de O capital, i.e., a bem da concepção epistemológica e historicamente apropriada do objeto mesmo da economia política: o trabalho abstrato como base social valor e a autovalorização do valor como substrato/sujeito contraditório do capital. Se o jovem Marx da Crítica à Filosofia do direito de Hegel havia acusado a Lógica, e principalmente o ductus regressivo do método dialético especulativo, como a causa fundamental da apologia hegeliana da soberania do príncipe, em oposição à soberania popular – insight feuerbachiano/jovem marxiano diversas vezes recauchutado pelo jovem Lukács, Adorno, Althusser, Habermas et al. –, o Marx maduro d’O capital, por outro lado, definitivamente não apresenta o desenvolvimento das categorias da economia política seguindo ‘apenas’ o ductus progressivo, histórico-temporal, preconizado pelo materialismo feuerbachiano: não começa pelo trabalhador, pelo capitalista ou sua propriedade, mas pela análise da forma-mercadoria como manifestação histórica do valor, o que inegavelmente dá sinais da operatividade do ductus regressivo no modo ou método de apresentação/exposição do objeto. Marx, assim, extrai da casca ideológica o núcleo racional do método dialético especulativo de Hegel, i.e., diferencia e, mais que isso, opõe o caráter heurístico da dialética de Hegel ao caráter expositivo de sua apropriação dessa dialética; e Marcos, ao apresentar tal “virada ao avesso” de modo rigoroso e circunstanciado, evitando o exaurido “expediente”, demonstrava que essa reapropriação tardia de Hegel não fez



d'O capital um espécime do positivismo, ao contrário, deu-lhe os instrumentos que, bem compreendidos, inauguraram para a ciência econômica (contemporânea) a possibilidade de ir além da apologia do existente.

### **Palavras-Chave**

Dialética. Crítica Imanente. Negação Determinada.



## DIREITO À RESISTÊNCIA EM HEGEL

Taiane Andrade Ornelas

[taiornelas@hotmail.com](mailto:taiornelas@hotmail.com)

### Resumo

O direito de resistir à opressão inaugura a origem das constituições democráticas do século XVIII. A Declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789 estabelece que o direito de resistir à opressão é um direito imprescritível do homem. Em sua análise sobre as dinâmicas sociais, Hegel identifica os problemas que se apresentam no âmbito sociopolítico e frustram o estabelecimento de uma comunidade de direitos humanos nas condições modernas. Na medida em que são, de fato, privados dos direitos da personalidade, de bem-estar e de direitos de satisfazer suas necessidades, dos direitos políticos e, assim, privados da liberdade, esses indivíduos são impossibilitados de desfrutar dos benefícios associados ao pertencimento à sociedade para a qual a capacidade de reivindicar e exercer tais direitos é fundamental. O objeto de investigação da pesquisa consiste em identificar se Hegel apresenta a possibilidade dos indivíduos, que têm a violação do seu direito desencadeada pela injustiça em seu sistema de direitos, resistirem à ordem jurídico-política e se essa resistência se configura um direito? Ou mais especificamente, em que termos o valor da resistência pode ser identificado na Filosofia do Direito? Para responder à questão, buscamos identificar as condições de possibilidades legais, morais, sociais e políticas do direito à resistência na teoria social hegeliana. Todavia, ainda que a Filosofia do Direito seja o centro da pesquisa, interessa analisar como certos princípios ou conceitos aparecem em textos hegelianos anteriores e posteriores a 1821. Destarte, apresento, nas determinações do direito nas figurações da liberdade do espírito objetivo – direito abstrato, moralidade e eticidade –, a força e os limites dos direitos que se configuram como violação ao direito; em seguida, investigo os possíveis fundamentos do direito à resistência em suas manifestações: jurídica de legítima defesa quanto à violação dos direitos fundamentais da pessoa; a resistência moral do direito de necessidade constringente (Notrecht), o direito de resistência em casos de extrema pobreza e miséria; e a resistência política às formas de perversão do Estado; por fim, analiso se a oposição à inversão do direito a toda injustiça massiva pode ser legítima ou justificada





através do exame de quais seriam os critérios morais, sociais e políticos delineados no domínio institucional da vida social que possibilitam a manifestação dos indivíduos de resistência em luta pela efetivação dos direitos.

### **Palavras-Chave**

Hegel. Violação do Direito. Resistência. Liberdade.



## FENOMENOLOGIA, LÓGICA E ENCICLOPÉDIA

Agemir Bavaresco

abavaresco@puccs.br

### Resumo

Os pensamentos filosóficos de Hegel são, de um lado, populares fora do mundo acadêmico, pois, comenta-se das contradições da natureza, da sociedade e da razão na história. De outro, à popularidade de Hegel contrasta com a densidade e profundidade de sua filosofia e de sua linguagem com as quais o leitor se depara em seus textos. Podemos aprender com Hegel como a penetração intelectual de nosso próprio tempo presente pode contribuir para assumir uma vida consciente e manter uma consciência crítica. Essa pesquisa justifica-se por duas razões: em primeiro lugar, a Fenomenologia do Espírito, a Ciência da Lógica, a Enciclopédia e os Princípios da Filosofia do Direito, as principais obras de Hegel, foram publicadas pelo próprio Hegel. As palestras sobre a filosofia da história, a estética, a filosofia da religião e a história da filosofia, com as quais ele atuou principalmente na Universidade de Berlim, não foram publicadas por ele, mas por seus alunos. Em segundo lugar, a Fenomenologia, a Lógica e a Enciclopédia constituem a totalidade do sistema de Hegel. Na Fenomenologia, a consciência natural é conduzida ao saber filosófico; a Lógica estabelece o saber do sistema, e a Enciclopédia desdobra o sistema nas ciências filosóficas: a) lógica, 2) filosofia da natureza e 3) filosofia do espírito: espírito subjetivo: subjetividade; espírito objetivo: direito, sociedade, moral e eticidade estatal. A filosofia do espírito objetivo encontra sua versão finalizada nas Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito. A Lógica é a mediação entre a Fenomenologia e a Enciclopédia. A Lógica fundamenta o saber filosófico pressuposto na Fenomenologia; depois desdobra o saber filosófico em suas estruturas de pensamento categoriais, que estão em ação em todas as ciências concretas, especialmente, nas duas ciências filosóficas da Natureza e do Espírito.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Lógica. Enciclopédia.



## FILOSOFIA DA REFLEXÃO E CETICISMO NO JOVEM HEGEL

Diogo Carrerette Santana

[carrerettesantana@gmail.com](mailto:carrerettesantana@gmail.com)

Ricardo Pereira Tassinari

[ricardotassinari@gmail.com](mailto:ricardotassinari@gmail.com)

### Resumo

Georg W. F. Hegel (1770-1831) entrou para a história da filosofia como um dos mais célebres representantes do Idealismo Alemão. Seu idealismo, em particular, no esforço filosófico de fundamentar-se de um ponto de vista absoluto, inapelável, também acabaria por admitir as dicotomias da “filosofia da reflexão”. Esta concepção filosófica fixa uma objetividade absoluta ao entendimento para então suprimi-la, em vista desta fixação mesma posta pelo sujeito, reflexivamente. Hegel compreende esta filosofia como uma “forma imperfeita de ceticismo”, que em sua reiterada asserção da aparência inerente ao objeto, demonstrou que os resultados fixos meramente dispostos ao entendimento nada são capazes de inferir para além da imediaticidade defrontada. Em vista de uma nova perspectiva filosófica, sua concepção teórica propunha admitir um caráter, que não fosse meramente estático, mas também, intuitivo para com o Conceito, que compreendesse que a aparição subjetiva do conceito é parte da sua realidade eterna e imutável. Desta forma, Hegel pôde orientar-se para manifestar filosoficamente que a aparição, longe de manifestar apenas o inverso do Ser, como no âmbito da metafísica clássica, representa com ela o caráter subjetivo da Ciência. Sendo assim, o desafio cético poderia ser lido também como o início de uma filosofia que pretendesse superar o ponto de vista do estrito entendimento, e elevar a filosofia à unidade da razão especulativa, assim legando à aparição relação determinada para com o Absoluto efetivo. Com isso é possível pensar que, longe do ceticismo representar uma temática paralela ao desenvolvimento do Idealismo Alemão, este teria de fato um papel decisivo à conformação do pensamento hegeliano.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Idealismo Alemão. Absoluto. Ciência.



## HEGEL E A ANALÍTICA DA RACIALIDADE DE DENISE FERREIRA DA SILVA

Federico

[sanfede@hotmail.it](mailto:sanfede@hotmail.it)

### Resumo

A confrontação de Ferreira da Silva com o pensamento de Hegel, no seu conjunto, é ampla e profunda, e desemboca numa leitura original. Contudo, a interpretação de Ferreira da Silva me parece ser quase completamente ignorada na literatura sobre Hegel a nível nacional e internacional. Nesta comunicação, espero conseguir mostrar algumas razões pelas quais Hegel é um interlocutor importante para o projeto de Ferreira da Silva e destacar elementos de relevância da leitura da autora para os estudos hegelianos. O projeto ao qual me refiro objetiva pensar uma proposta ética que se preocupa com a emancipação racial/global. Ele nasce de uma pergunta fundamental: por que as mortes (mas também a exploração, expropriação, subjugação, o encarceramento em massa, etc.) de sujeitos racializados não abalam as nossas concepções de liberdade, justiça, bem, direito, etc.? Uma etapa central deste projeto é a escavação das condições de possibilidade teóricas fundamentais que têm levado, em primeiro lugar, ao cenário contemporâneo da opressão racial/global. Tal cenário é lido a partir do prisma da analítica da racialidade, a saber, o aparato de conhecimento fabricado pelas ciências do homem e da sociedade (HM, 23) entre os séculos XIX e XX. Em particular, Ferreira da Silva interpreta a analítica da racialidade como um saber/poder responsável por uma produção específica de diferença entre os seres humanos, que determina a posição subalternizada de determinados indivíduos – especificamente, indivíduos que são produzidos como o/a/\* Outr\* do homem branco europeu. Esta reconstrução é central porque, segundo Ferreira da Silva, um projeto ético que se preocupa com a emancipação racial/global não apenas não deve reproduzir as ferramentas simbólico-cognitivas da analítica da racialidade, mas deve também fugir das bases ontoepistemológicas que estão no seu fundamento, para evitar a reprodução dos próprios efeitos da analítica da racialidade. Começarei abordando a analítica da racialidade, explicando quando ela surge, como ela se gera, e porque ela é central para o projeto de Ferreira da Silva. Reconstruirei algumas linhas fundamentais da interpretação de Hegel oferecida por Ferreira da Silva em *Homo Modernus*, com o



intuito de mostrar em que medida o pensamento de Hegel está relacionado com a analítica da racialidade. Finalmente, destacarei dois temas de reflexão que me parecem relevantes dentro do âmbito dos estudos hegelianos.

### **Palavras-Chave**

Ferreira da Silva. Opressão Racial/Global. Hegel.



## HEGEL E MARX EM UMA EMANCIPAÇÃO PARA ALÉM DA NORMATIVIDADE MODERNA

Polyana Cristina Tidre  
[polyanatidre@gmail.com](mailto:polyanatidre@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho propõe explorar a interpretação alternativa oferecida por Susan Buck-Morss, endossada por Vladimir Safatle, da teoria do reconhecimento de Hegel. O objetivo último é o de responder em que medida alguns aspectos colocados em destaque por essa interpretação, apontando para os limites dos princípios e instituições modernos, reaparecem na crítica de Marx, especificamente em sua crítica à concepção acerca da propriedade moderna representada pela economia política, incapaz de enxergar o caráter contraditório de um movimento que, próprio ao capitalismo, está necessariamente vinculado aos fenômenos de dominação e exploração que marcam, em última instância, o aspecto alienante e fetichizante da economia de mercado capitalista. Colocar a necessidade da superação da escravidão contemporânea a Hegel, isto é, a moderna, no centro da discussão acerca do reconhecimento, implica colocar em questão aquilo que Ludwig Siep denomina o “Projeto da Modernidade”. Pressupondo, como alerta Safatle, uma concepção hegemônica de emancipação e uma metafísica que lhe é inerente, esse projeto dá forte ênfase a princípios, direitos e instituições, que, na concepção de Marx, servem de condição a uma sistemática reprodução das relações de dominação modernas, e, por conseguinte, a uma constante negação de uma verdadeira emancipação. Ainda que o próprio Hegel exerça uma crítica ao “Projeto da Modernidade”, indicando os limites de um reconhecimento da pessoa e da garantia de direitos em termos unicamente jurídicos constituintes de uma liberdade abstrata, ele defende, no entanto, que as reivindicações emergentes da tradição jusnaturalista sejam integradas, como um de seus momentos essenciais, às exigências por um conceito mais largo de liberdade, que, em sua Filosofia do Direito, ele denominará, no âmbito de uma eticidade moderna, de “liberdade concreta”. Marx, no entanto, opondo-se radicalmente à posição de Hegel, mostrará de que modo o problema do reconhecimento do indivíduo como pessoa e do direito de propriedade consiste não em sua unilateralidade, a ser solucionada através



de sua integração a uma noção mais larga de emancipação, mas na própria significação da propriedade moderna como antítese direta da propriedade baseada no próprio trabalho, que “cresce unicamente sobre seu túmulo” através de um movimento sistemático de expropriação.

### **Palavras-Chave**

Hegel. Marx. Projeto da Modernidade. Emancipação.



## HEGEL E O LEGADO DE PENSAR O TEMPO PRESENTE: UMA PROPOSTA A PARTIR DE GONÇAL MAYOS E LIMA VAZ

Gabriel Abrahão Costa  
[gabrahaoc@gmail.com](mailto:gabrahaoc@gmail.com)

Matheus Amaral Pereira De Miranda  
[matheusapdm@gmail.com](mailto:matheusapdm@gmail.com)

### Resumo

Para Hegel, a filosofia deve conceituar o que é, pois o que é, é a razão e, por isso, ela é o “seu tempo apreendido em pensamentos”. Contudo, é inevitável àqueles que estudam Hegel, abordar seu pensamento como ser, mas também inculcá-lo o devir histórico, numa tentativa de captar a própria realidade ao sistema hegeliano. Pe. Vaz elucida-nos os problemas do tempo de Hegel e a proposta de sua filosofia: a progressiva imanentização da razão reflete-se no projeto da Ilustração com o desenvolvimento das ciências crítico-históricas e da própria ciência paradigmática, ressaltando a consciência histórica do homem, mas, paradoxalmente, perdendo-a dentro da entropia do saber finito. O Romantismo surge a Hegel, com o destaque do sentimento religioso popular, a Fé, como efetividade oposta àquela razão cindida ilustrada, pelo que precisa Hegel suprásumi-la numa versão explicitada: o que será o Espírito Absoluto. Ele buscará devolver a unidade à cisão provocada pelo desenvolvimento das ciências do entendimento e a oposição Romântica, criando um sistema da totalidade. Hegel edificou seu sistema que teve influência direta no desenvolvimento do mundo Ocidental, mas, como a realidade opera dialeticamente, o tempo presente já não mais se iguala a outrora. Nos séculos seguintes, as ciências do entendimento evoluíram de maneira exponencial e ocasionaram, em conjunto com outros fatores, a fragmentação do mundo contemporâneo. Para o filósofo Gonçal Mayos, em virtude da hiperespecialização do conhecimento, renunciou-se à reflexão sobre as questões globais. Embora decidamos o destino do mundo, o fazemos irreflexivamente por olharmos o mundo sob uma perspectiva micro, fragmentada, que abdicou do todo para se hiperespecializar. Ou seja, mudamos o mundo sem saber para onde estamos indo e nem onde queremos chegar. Propomos, então, voltar a Hegel,





mas hegelianamente, o que implica historicizar Hegel e rememorar-lo para o tempo presente. Lima Vaz, a quem elegemos para este trabalho, embora e porque tenha um sistema autêntico, rememorou com consciência, e legou-nos, contra a hiperespecialização, que a filosofia reclama a palavra que não seja mera transmissão de técnicas, mas a “palavra na qual o homem mesmo seja proferido, voltada para o encontro e o reconhecimento” (2012, p. 229). Em suma, o trabalho buscará soluções ao problema da fragmentação do mundo contemporâneo teorizado por Mayos, a partir de Hegel, mas dialetizando-o ao tempo presente, cujo alicerce será o pensamento de Lima Vaz.

### Palavras-Chave

Hegel. Metafísica. Hiperespecialização.



## HEGEL E O PANTEÍSMO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FINITO E DO ABSOLUTO

Erika Cipolla

[erikazaki@hotmail.com](mailto:erikazaki@hotmail.com)

### Resumo

Parte considerável da filosofia alemã do final do século XVIII é envolvida por um intenso debate sobre o panteísmo espinosano, para o qual Goethe, Lessing, Mendelssohn e Jacobi contribuem com os primeiros desdobramentos. De um lado da contenda se colocava a preocupação com as ameaças do panteísmo ao teísmo e sua fundamentação moral, vigentes no período e de outro, uma corrente de pensamento que vislumbrava a reconciliação de uma realidade cindida. Tal discussão exerce forte influência sobre o jovem Hegel que, ainda na trajetória de maturação de conceitos que se tornariam parte central de toda sua obra, se apraz de aspectos da teoria de Espinosa. As indicações à teoria hegeliana de um possível espinosismo se respaldam em momentos importantes de sua obra, no que se referem principalmente aos conceitos de finito e do absoluto, desde a publicação da Fenomenologia e que perduram também na Ciência da Lógica. A análise intenta investigar como a problemática da finitude se apoia, prioritariamente, na dúvida central sobre sua capacidade de autoafirmação frente ao infinito, o que poderia aproximar Hegel da concepção panteísta. Ao mesmo tempo em que, inserindo a inquietude da diferença no absoluto – e também no finito – e negando sua estaticidade, se distanciaria da substância espinosista. Pretende-se com a pesquisa incitar novas perspectivas para reflexões, essencialmente sobre as categorias do finito e do absoluto, a partir do reavivamento de tais elaborações categoriais hegelianas na Ciência da Lógica e na Enciclopédia das Ciências Filosóficas, e através da análise minuciosa de uma possível relação às interpretações compreendidas no decorrer do trabalho.

### Palavras-Chave

Hegel. Panteísmo. Ciência da Lógica.



## HEGEL ENTRE PARADOXOS E CONTRADIÇÕES

Gabriel Rodrigues Da Silva  
[gabriel-rs@outlook.com.br](mailto:gabriel-rs@outlook.com.br)

### Resumo

Em primeiro lugar, o objetivo desta comunicação é apresentar uma visão geral da seção dedicada à Escola Megárica nas “Lições sobre a História da Filosofia” de Hegel. Com vista a esse fim, a seção mencionada foi previamente traduzida por nós, minuciosamente analisada e debatida. Nela, Hegel aborda os principais nomes dessa Escola, a saber: Euclides, Ebulides e Estilpo. Todavia, a maior riqueza da seção em questão não é precisamente o estudo histórico desses personagens, mas a avaliação crítica dos paradoxos lógicos. Tanto em sua época quanto em posteriores, a Escola Megárica ficou conhecida por provocar o pensamento por meio de paradoxos. Hegel enfatiza a relevância da contradição e da dialética no pensamento megárico. É desse modo que os paradoxos surgem como uma maneira rápida, clara e, em certo sentido, até mesmo irrefutável, de mostrar a vivacidade dessas categorias. Entretanto, Hegel parece ir além da leitura realizada pelos megáricos, visto que ele transpõe o elemento paradoxal também para a linguagem, investigando a relação entre linguagem, pensamento e realidade. Em segundo lugar, o objetivo desta comunicação é traçar um paralelo entre a seção indicada (Escola Megárica) e a seção dedicada à contradição, presente na “Doutrina da Essência” da “Ciência da Lógica”. Lá, Hegel expõe a contradição não apenas pelo seu lado negativo, que existe e é importante em diversos momentos, mas também a partir de sua positividade. A contradição, em sua plenitude, não é meramente uma conexão falsa e desigual entre elementos incompatíveis, mas uma relação que unifica até mesmo aquilo que inicialmente parecia incompatível e não aproximável. Esse “poder unificador” da contradição é uma de suas características fundamentais. Por isso, ela pode ser considerada como verdadeiramente transformadora. A partir disso, Hegel critica, em sua análise da Escola Megárica, aquilo que chama de “proposição fundamental do entendimento”. Ou seja, a noção de que os princípios da lógica clássica são inquestionáveis e válidos em qualquer âmbito. Isso, por sua vez, repercute no fascínio que o paradoxo nos causa, visto que ele contraria os princípios da lógica clássica. Para Hegel, a noção de que os princípios da lógica clássica são inquestionáveis e válidos em qualquer âmbito é incorreta e, se assim procedermos, seremos incapazes de entender o que há de paradoxal na contradição.

### Palavras-Chave

Hegel. Lógica. Contradição. Paradoxos.



## HEGEL, FERGUSON E A PLEBE RICA

Hernandez Vivan Eichenberger  
[jarivaway@gmail.com](mailto:jarivaway@gmail.com)

### Resumo

Os temas da pobreza e da plebe pobre têm atraído os comentaristas de Hegel preferencialmente. Na presente comunicação, abordarei o verso da plebe pobre, a saber, a plebe rica e as possíveis origens dessa problemática no pensamento de Hegel. Ainda que pareça quase uma contradição em termos, a plebe rica é explicitamente tematizada em lições não publicadas sobre a “Filosofia do Direito”. A hipótese aqui sugerida é que foi a partir da leitura do filósofo escocês Adam Ferguson que Hegel definiu a dimensão conceitual da questão. Para tanto, seguirei em quatro passos: buscarei delinear como aparece a problemática da plebe rica no pensamento de Hegel; investigarei a ideia de “corrupção” em Ferguson a qual, segundo a hipótese, antecipa a noção de plebe rica; em terceiro, brevemente vou justificar a recepção de Ferguson por Hegel; por fim, buscarei fazer uma comparação a fim de justificar a hipótese. O ponto central de Hegel consiste em pensar uma classe cuja riqueza a conduz a uma desvinculação profunda com a eticidade e a uma relação puramente instrumental com o direito (em especial, com a noção de propriedade, a única que assegura seu privilégio). Hegel não hesita em definir a plebe, mesmo a plebe pobre, a partir da noção de “disposição”, o que deve ser entendido no sentido de que não é apenas uma situação objetiva qualquer (a pobreza ou a riqueza) que leva à formação da plebe, mas a disposição subjetiva somada a essa condição objetiva. Por seu turno, com a noção de “corrupção” Ferguson quer enfatizar um traço fundamental da Modernidade, a saber, como o progresso das artes criou condições para um usufruto exagerado do luxo e da riqueza a ponto da perda do espírito público. Ferguson adota como princípio da diferenciação social, grosso modo, o nível de produção alcançado pela divisão do trabalho. Dessa consideração, contudo, não se segue um tratamento laudatório sem mais do desenvolvimento econômico, mas antes a ênfase na ambivalência produzida por essa divisão tanto no que concerne aos assuntos produtivos, a economia, quanto aos assuntos públicos, como por exemplo os problemas ligados à defesa. Nesse sentido, desde a juventude Hegel incorpora a problemática de Ferguson e pensa um sistema conceitual apropriado para pensá-la. Essa preocupação é visível em vários passos de sua trajetória filosófica.

### Palavras-Chave

Plebe. Hegel. Ferguson.



## HEGEL, FILOSOFIA E PRÁXIS: OU “COMO RETORNAR A UMA AÇÃO SOBRE A VIDA DO HOMEM?”

Igor Bessa Dos Reis  
[igorbessareis@gmail.com](mailto:igorbessareis@gmail.com)

### Resumo

Num dos célebres momentos que marcam a passagem de Hegel entre Frankfurt à Jena – seguindo o início do séc. XIX – é significativa sua preocupação com a formulação de um sistema. A totalidade, tal como se fazia ecoar por diversas vozes, se tornava uma questão imprescindível para a caracterização da discussão filosófica da época. A necessidade de formulação de um sistema, que nos idos da virada do século, constituía o início da elaboração de uma filosofia sistemática intimamente preocupada com o problema da totalidade, isto é, com a necessidade de tratamento de um todo imediato através da própria mediação deste imediato, é formulada por Hegel em seu escrito intitulado “Fragmento de um Sistema” [Systemsfragment] em 1800. Numa carta enviada a Schelling no mesmo ano, Hegel comenta a peculiaridade de sua geração, caracterizada pela “necessidade” de formulação de um sistema. A filosofia clássica alemã, debruçava-se não somente sobre o problema da totalidade, sua forma de tratamento, bem como também as soluções possíveis para o problema da coisa-em-si, que acampava o cerne do debate epistemológico acerca da possibilidade de formalização do conhecimento, isto é, de traduzir o conhecimento da totalidade em termos de um conhecimento formalizável, calculável e quantificável. A partir da crítica de Lukács à tentativa kantiana - e da filosofia clássica alemã - de resolução das antinomias envoltas ao problema da coisa-em-si no âmbito da razão prática em sua reflexão sobre a ação, observa-se o diagnóstico de Lukács quanto ao fracasso da tentativa de resolução das antinomias a partir de uma guinada prática. Esta comunicação tem por finalidade, (1) apresentar sumariamente os meandros da discussão esboçada pelas formulações da Filosofia Clássica Alemã, enfatizando a relação entre filosofia e práxis; (2) Situar a posição de Hegel frente a essa discussão, uma vez que, na carta enviada a Schelling, é de suma importância para Hegel a seguinte pergunta: “Como encontrar um meio de retornar a uma ação sobre a vida do homem?”, isto é, em termos de seu projeto filosófico, qual seria o lugar da filosofia



hegeliana para o tratamento do problema da totalidade? em que sentido é desenvolvida essa “ação” sobre a vida do homem em termos de seu projeto filosófico?; (3) Restituir, ao estatuto da discussão proposta por Lukács, uma incursão hegeliana do problema enfrentado pela filosofia clássica alemã, tomando como ponto de partida a reflexão hegeliana sobre a História.

### Palavras-Chave

Filosofia. Práxis. História.



## IMEDIATIDADE E IMANÊNCIA NA CIÊNCIA DA LÓGICA DE HEGEL

Dalmiro Schwartz Lara

[dal\\_sl@hotmail.com](mailto:dal_sl@hotmail.com)

### Resumo

Partindo do modo como Hegel formula o problema do início lógico em seu texto *Com o que precisa ser feito o início da ciência?*, em sua versão de 1832, pretendemos mostrar como a divergência entre comentadores a respeito desse ponto conduz, como uma derivação da análise do problema, ao debate a respeito da alteração de sentido do conceito de imediatidade que ocorre na lógica da reflexão. Esse debate, que no fundo é um debate a respeito da natureza da imediatidade na lógica de Hegel, se revela como uma maneira concreta de colocar o problema da imanência, isto é, o problema da relação do sistema hegeliano com o que se lhe apresenta como exterior, ou, o problema quanto ao grau de abertura ou fechamento desse sistema. A construção do problema será complementada com a exposição sumária dos resultados da leitura comparativa do início da *Doutrina do Ser* e do início da *Doutrina da essência* no que tange à alteração de sentido do conceito de imediatidade. Esses resultados permitem vislumbrar uma possível resposta ao problema colocado.

### Palavras-Chave

Imanência. Imediatidade. Início.



## NOVOS HORIZONTES: HEGEL, LIBERDADE E ESPERANÇA

Dante Alexandre Ribeiro Das Chagas  
[daumti@gmail.com](mailto:daumti@gmail.com)

### Resumo

A realidade é, a um só tempo, imperfeição e possibilidade, um eterno embate entre as nossas carências e desejos e o universo do possível. Houve uma certa tentativa, todavia, de conceber o real como algo unidirecional fruto de uma pseudo-razão-econômica. Da Guerra Fria, chegamos a um resultado também frio e o século XXI é apresentado às juventudes como uma releitura de Dante: “Abandonai a esperança, vós que entrái”. Contudo, parece haver um sentimento comum de que estamos cansados e de que, não apenas merecemos, mas podemos mais do que estão nos impondo. Daí que o resgate do conceito de Esperança a partir da tradição hegelo-marxista nos pareça um caminho fundamental para que encontremos saída para mero conformismo de nosso tempo. Com Hegel, temos o inaugurar de uma época de consciência histórica. Voltar ao filósofo da liberdade e ao seu legado é voltar à historicidade, à imaginação, à dialética, à liberdade e, por conseguinte, ao Estado como espaço de criação cultural e política. Aqui, com sua filosofia especulativa, temos o desvelar de um mundo em incessante e dialética transformação. A esperança certamente não é o princípio fundamental da filosofia hegeliana, tendo em vista que o que orienta o seu pensamento é a Liberdade enquanto meta e as condições de sua efetivação e concretude. Nesses termos, o trabalho se dedica a responder a seguinte pergunta: seria possível relacionar a esperança à ideia de liberdade em Hegel? Para tanto, nos valeremos de uma abordagem macrofilosófica buscando compreender a noção de esperança em Hegel à luz de seu próprio tempo e de sua obra, mas também apontar um horizonte. Assim, concluímos que se assumimos a realidade como dialética, a esperança trata-se de um sentimento de antecipação de um futuro que virá a ser. A Filosofia da história hegeliana é mobilizada pelo anseio e pela realização cada vez mais plena da liberdade. A esperança de uma efetividade mais desenvolvida nos serve de pilar sustentatório para perseguir uma liberdade cada vez mais concreta. Trata-se de um caminho irreprimível. A liberdade efetiva de um momento nos leva a outro momento de também efetiva liberdade. Nisso se dá a dialética da esperança: esse eterno projetar-se coletivo de si, uma busca que parte do que somos para concretizar o que seremos.

### Palavras-Chave

Filosofia da História. Liberdade. Esperança.





## O CONCEITO DE SOCIEDADE CIVIL PARA ALÉM DO LIBERALISMO: A IDEIA DE DIREITOS SOCIAIS EM HEGEL

Ricardo Crissiuma  
[r\\_crissiuma@yahoo.com.br](mailto:r_crissiuma@yahoo.com.br)

### Resumo

O conceito de sociedade civil apresentado por G.W.F. Hegel é considerado um marco do pensamento político contemporâneo. Trata-se, para muitos autores (Manfred Riedel, sobretudo), de uma primeira diferenciação conceitual em relação ao Estado, conferindo estatuto filosófico a uma esfera em que cada indivíduo tem legitimidade de perseguir os seus interesses privados. Toda a esfera da sociedade civil é regida pelo princípio normativo de que seus membros sejam capazes de retirar sustento a partir de sua própria atividade (LFFD §207). No entanto, como se notabilizou, Hegel assume que a sociedade civil não permite que muitos de seus membros estejam à altura deste parâmetro básico, pois a dinâmica que lhe é própria rouba, amiúde, as condições para que eles venham a exercer uma atividade de trabalho. Isso por razão das crises que exterminam o emprego de muitos ramos da produção de mercadorias e jogam amplas parcelas da população para aquém do nível de subsistência (LFFD §244). As corporações aparecem como instâncias capazes de criar uma sociabilidade em que todos os seus membros possam entrar em uma relação de apoio mútuo -- uma sociabilidade responsável por suprir de forma proto-socialista essas condições. Sob esta chave, as corporações dão a pensar se Hegel não fornece para o pensamento político uma ideia de direitos sociais que não se resume a um alívio da miséria e da pobreza mas guarda mesmo o potencial de superar os marcos do liberalismo. O primeiro momento da apresentação será centrado na exposição do conceito de sociedade civil e sua afinidade com a tradição liberal (I), em um segundo momento, o foco vai se deslocar para a dinâmica de crises e o papel da sociabilidade das corporações (II); por fim, trataremos de alguns intérpretes que creditam a Hegel um pioneirismo na ideia de direito social (Hardimon, Kervégan e Nakamura) (III). Neste ponto, serão questionadas as aproximações e diferenças da ideia hegeliana de direitos sociais em relação à concepção consagrada de T.H. Marshall, na medida em que a apresentação passará a lidar com a pergunta: é possível um conceito de direito social sem o conceito de cidadania?

### Palavras-Chave

Direitos Sociais. Sociedade Civil. Corporações.



## O ETERNO RETORNO DA CRISE OCIDENTAL E A MARCHA GEOGRÁFICA DA HISTÓRIA EM HEGEL

José Luiz Borges Horta

[jlhorta@gmail.com](mailto:jlhorta@gmail.com)

### Resumo

A comunicação pretende valer-se da Filosofia de História de Hegel, núcleo principal de seu Sistema, especialmente quando estabelece uma marcha geográfica da História, e aplicá-la ao contemporâneo *Zeitgeist*. Compreendendo a Filosofia de Hegel, talvez possamos olhar por diferentes, ou inclusive melhores, maneiras alguns fenômenos que têm sido chamados de crise ocidental. Pretendemos mostrar que ocidentais é crise desde nossos primórdios, como cultura de dúvida e interrogatório, e também indagar se esta crise contemporânea é ocidental, do pensamento ocidental, ou quiçá só o movimento dialético da história (do pensamento) ocidental. Para tanto, traremos alguns dos mais interessantes intérpretes deste século XXI, alguns mesmo inseridos entre os mais hegelianos dos intérpretes de Hegel. Nós também jogamos com a ideia de felicidade, tratando a confiança na História (marcada por sua racionalidade) e na Razão (marcada por sua historicidade). O que se passa conosco? Por que parece haver uma crise em nossos pensamentos? Os hegelianos são mais felizes? Estão os hegelianos mais felizes que nunca?

### Palavras-Chave

Hegel. Civilizações Ocidentais. Huntington.



## O MEDO QUE LIBERTA É O MESMO QUE APRISIONA? MEDO E RECONHECIMENTO EM HEGEL

Carla Vanessa Brito De Oliveira  
[carlavanessa.lenteazul@gmail.com](mailto:carlavanessa.lenteazul@gmail.com)

### Resumo

A comunicação tem como principal proposta apresentar a experiência do reconhecimento na Fenomenologia do Espírito (1807), por meio do medo, como operador dialético que dirige o sentido do próprio reconhecimento. A experiência, desenvolvida na figura dialética do senhor e escravo em sua articulação com o momento formativo do trabalho, explicita o medo como um operador que anuncia a correção de uma verdade parcial em função da superação de uma certa alienação sustentada pela própria consciência e, conseqüentemente, em função de uma reconciliação do espírito. Nesse sentido, o medo parece dirigir a experiência do reconhecimento por intermédio da fundamental mediação do reencontro da consciência-de-si consigo mesma que, assim, faz do ser-para-si a sua verdade. No entanto, nos desdobramentos da consciência-de-si independente, há um momento de inflexão que refere-se à angústia da consciência infeliz. Essa consciência amedrontada encerra, em si mesma, o drama da cisão entre o Imutável e o mutável, ao mesmo tempo em que se vincula inescapavelmente a este último. A resolução dessa angústia, em contraste com o formar, compreende a completa anulação de si por parte da própria consciência, tendo em vista a sua elevação à universalidade. Embora, na sequência, a razão busque realizar a unidade da consciência-de-si, nosso objetivo é indagar como o medo se inscreve em momentos determinantes da experiência do reconhecimento, conduzindo-a para uma inversão de si mesma que reproduz – ou mesmo dissimula – uma alienação como liberdade.

### Palavras-Chave

Experiência Dialética. Reconhecimento. Medo.



## O ROSTO DO CONCEITO: A FISIONOMIA EM HEGEL

Fábio Pereira Bonafini

[fabiobonafini@usp.br](mailto:fabiobonafini@usp.br)

### Resumo

Na Fenomenologia do Espírito, G. W. F. Hegel dedica uma crítica feroz à fisiognomia, doutrina que visa conhecer o caráter de um indivíduo a partir de seu corpo e rosto. No entanto, na versão final de seu sistema, o filósofo posiciona a fisiognomia em dois pontos cruciais. Ela constitui o momento conclusivo de sua antropologia, na qual Hegel fornece a dedução da consciência desde a natureza. Além disso, ela assume papel central em sua filosofia da arte, em especial na exposição do estatuário grego, o qual Hegel considera a mais perfeita realização do ideal. É preciso lembrar-se que, para o idealismo absoluto, o conceito contém dentro de si todas as suas determinações; igualmente, o conteúdo do processo teleológico já está antecipado na finalidade subjetiva e constitui o fundamento mesmo da contraposição à objetividade pela qual aquela, com seu artilho, o inocula nesta. Sem dúvida, um juízo fisiognômico é um juízo imediato, cuja correção está, no mais, entregue à contingência; além disso, a verdadeira efetividade do caráter não é senão a ação. Mas isso não significa que o conteúdo que se mostra na forma desenvolvida da ação não se mostre também como determinidade simples, e que, já em sua expressão fisiognômica, o ser humano mostre sua elevação sobre a natureza. No mesmo sentido em que se diria, aliás, que o caráter nacional contém o gérmen do qual se desenvolve a história das nações (E §394, Zu). Para compreender essa aparente incorporação da fisiognomia por Hegel, retraçaremos suas relações com a lógica e com a filosofia do espírito.

### Palavras-Chave

Fisiognomia. Filosofia da Natureza .Vida.



## OS FUNDAMENTOS DA CONSTRUÇÃO DO SABER ABSOLUTO NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Robson Caixeta Silva

[robson\\_caixeta@hotmail.com](mailto:robson_caixeta@hotmail.com)

### Resumo

A discussão sobre o papel da 'Fenomenologia do Espírito' na filosofia hegeliana é permeada de diversas correntes de interpretações. Sabemos, contudo, que o intuito primário de Hegel ao escrever a Fenomenologia do Espírito era justamente desenvolver uma ciência do conhecimento que investigasse o processo pelo qual a consciência humana alcança a verdade, de modo que a obra é a descrição dessa experiência da consciência. É claro que Hegel pretendeu também, por meio de sua obra, fazer uma crítica ao método formal usado até então como instrumento externo pelas ciências empíricas e filosóficas, apontando o método dialético-especulativo como um novo caminho para se chegar ao verdadeiro. Tal método é apresentado na Fenomenologia por meio das várias figuras, nas quais Hegel vai apresentando como é que, na descrição da experiência da consciência, passando de uma figura para outra até chegar ao conhecimento verdadeiro, isto é, o Saber absoluto. Por isso, o que procuramos entender nesta pesquisa é justamente quais são os objetivos de Hegel para com a Fenomenologia, quais os seus elementos principais, de modo que se possa traçar os pontos que permitem com que a obra cumpra o objetivo de levar a consciência natural ao Saber absoluto. Esta busca encontra sua validade no fato de que muitos indagam se a Fenomenologia cumpriu seu papel de apresentar o novo conceito de 'ciência', ou se apenas foi substituída posteriormente no sistema hegeliano por outras obras mais coerentes com o pensar de Hegel. A hipótese que defendemos é a de que esta obra alcança o objetivo de pôr a filosofia como saber efetivo, não só como um mero instrumento que separa o saber da verdade, justamente quando chega à apresentação do Saber Absoluto. Para provar tal hipótese serão percorridos três momentos principais: primeiro se analisará a questão do conhecimento como Hegel a expõe em sua obra; depois se apresentará o método dialético-especulativo e sua correlação com o conceito de experiência (Erfahrung); por fim, se analisará o Saber absoluto como resposta à experiência da consciência por meio do movimento dialético. Ao final, será

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



possível entender que a busca pelo saber encontra já nesta obra seu momento fundamental, pois tal busca só pode ter êxito se ela também é entendida como uma busca da totalidade, já que “a experiência que a consciência faz sobre si mesma não pode abranger nela, segundo seu conceito, nada menos que o sistema completo da consciência ou o reino total da verdade do espírito”.

## Palavras-Chave

Fenomenologia. Dialética. Saber Absoluto.



## RECONHECIMENTO SEM ETICIDADE? SOBRE LEITURAS INTRA- E INTERSUBJETIVAS DA CONSCIÊNCIA-DE-SI EM HEGEL

Mariana Teixeira

[mariana.on.teixeira@gmail.com](mailto:mariana.on.teixeira@gmail.com)

### Resumo

A primeira seção do capítulo IV da Fenomenologia do espírito, sobre a consciência-de-si, está entre os textos hegelianos mais conhecidos e influentes: a relação de domínio e servidão (ou a “dialética do senhor e do escravo”, como é comumente chamada) suscitou uma ampla gama de interpretações e serviu de ponto de partida para inúmeras abordagens de filosofia social e política desde Hegel – tanto em tom apologético quanto crítico. Com imagens poderosas, como a da luta de vida ou morte e a do reconhecimento mútuo, os ecos dessa figura filosófica reverberam também em eventos históricos que marcaram época nos últimos cem anos, indo muito além dos arquivos da história da filosofia. Um personagem crucial para a recepção dessa passagem é o russo Alexandre Kojève: radicado em Paris e lecionando na École Pratique des Hautes Études, ele é um dos principais responsáveis pelo renascimento do interesse em Hegel na França a partir dos anos 1930, influenciando decisivamente, por exemplo, a filosofia de Bataille, Beauvoir, Lacan, Merleau-Ponty e Sartre, entre muitos outros. Sua leitura da Fenomenologia centrava-se precisamente na luta por reconhecimento descrita por Hegel no estágio da consciência-de-si como a chave interpretativa da obra hegeliana como um todo, o que permitiu, posteriormente, que essa figura fosse inúmeras vezes tomada como uma espécie de explanação que permitiria compreender os mecanismos subjacentes às relações sociais permeadas pelo exercício do poder e da dominação. No entanto, uma literatura mais recente (por exemplo: John McDowell, Paul Cobben e Pirmin Stekeler-Weithofer) têm defendido uma interpretação alternativa, argumentando que, na topografia da Fenomenologia, essa passagem situa-se em um momento pré-social na trajetória da consciência, já que o mundo ético, a eticidade será abordada por Hegel apenas bem mais adiante, no capítulo sobre o espírito (VI). Isto significa, segundo essa leitura, que a relação de domínio e servidão deve ser tomada não como referindo-se à relação entre sujeitos já socializados, e menos ainda entre grupos sociais, mas sim como uma alegoria utilizada



por Hegel para caracterizar um processo intrassubjetivo, isto é, ainda interno à consciência. Neste texto, mapeio e discuto ambas as leituras – a inter- e a intrassubjetiva – tendo como ponto de referência para compreender suas distintas hipóteses interpretativas o peculiar modo de exposição utilizado por Hegel na Fenomenologia.

### Palavras-Chave

Reconhecimento. Eticidade. Consciência-de-Si.





## UMA CRÍTICA A REATUALIZAÇÃO HONNETHIANA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL

José Elielton Da Silva  
[joseelielton75@gmail.com](mailto:joseelielton75@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apontar as proximidades e os possíveis distanciamentos entre a liberdade na compreensão de Hegel nos Princípios da filosofia do direito e sua reatualização promovida por Honneth em Sofrimento de indeterminação, a partir disso faremos uma crítica aos pressupostos dessa reatualização honnethiana. Para isso, dividimo-lo em duas partes principais: 1) a primeira está destinada em examinar separadamente a compreensão da liberdade na Filosofia do direito de Hegel e no Sofrimento de indeterminação de Honneth; 2) na segunda, abordaremos os principais pontos de intersecção entre o entendimento dos dois autores, bem como aqueles pontos de distanciamento, levando em conta a teoria da virtude aristotélica. Hegel assenta a efetividade da liberdade na eticidade (Sittlichkeit), reatualizando a teoria da virtude aristotélica, sem deixar de mostrar a necessidade da passagem dessa liberdade pelo direito e pela moralidade, aproveitando para mostrar os seus limites nesses dois momentos, promovendo com isso uma crítica à compreensão kantiana. Honneth parte dessa estrutura apresentada por Hegel, não somente para revelar as patologias da liberdade, mas também para formar a sua própria teoria da justiça e da reconstrução normativa, no entanto, sem levar em consideração o pensamento sobre a virtude em Aristóteles. Surge desse confronto alguns pontos que chamam a atenção: as limitações da abordagem de Hegel na eticidade ao tratar da família, da sociedade civil e do Estado; as fraquezas da teoria da justiça honnethiana e da sua reconstrução normativa; e a amplidão da compreensão da liberdade e as patologias da liberdade.

### Palavras-Chave

Honneth. Hegel. Liberdade.



## VISAR DA CONSCIÊNCIA: ENSINO DE FILOSOFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA

Thiago Moura Castro  
[thiogomourac@hotmail.com](mailto:thiogomourac@hotmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa busca propor um método de ensino de filosofia para deficientes visuais, a partir da perspectiva hegeliana. A pesquisa parte do seguinte problema: como ensinar adequadamente filosofia para pessoas cegas e com baixa visão? Um público que na maioria das vezes é desassistido do acesso ao conhecimento filosófico, já que é dado pouco espaço para o mesmo no sistema regular de ensino. Outrossim, muitos professores que trabalham com atendimento especial, especialmente pedagogos, acabam por tratar de temas como Ética e Teoria do Conhecimento, sem o devido rigor filosófico para abordá-los. O desenvolvimento de nossa pesquisa, ligava ao núcleo PROF-FILO da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, revelou que a linguagem se torna, cada vez mais, o caminho e o veículo através do qual é manifesto o desenvolvimento da Consciência. Dessa forma, as bases para nosso método são estabelecidas após buscarmos compreender o início do desenvolvimento da mesma, manifesto através da linguagem. Um primeiro momento que coloca a consciência em movimento de busca pelo conhecimento, uma alienação-estranhamento (*entfremdung*), entendida aqui pelo anseio, a necessidade e disposição para a busca de novas experiências, para que com elas, a Consciência possa se desenvolver. Esse itinerário de desenvolvimento é extraído da obra Fenomenologia do Espírito de Hegel, ele se inicia na superação do “Visar” da Certeza Sensível, passo fundante e necessário para todo o desenvolvimento do Espírito. Dessa forma, a hipótese aqui defendida, é que encontramos na obra hegeliana uma metodologia que pode contribuir com o ensino inclusivo, já que segundo o pensador alemão, além da necessidade de superação da Certeza Sensível, o aprendizado é necessariamente uma atividade mediada, sobretudo através da linguagem. Como produto educacional, desenvolvemos um audiobook intitulado Aulas de Pensamento, sobre temas filosóficos como: O que é Amor? O que é a vida? Etc. O mesmo será disponibilizado gratuitamente para ser utilizado na Educação Básica como ferramenta no Ensino de Filosofia para deficientes visuais.

### Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Certeza Sensível. Linguagem.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



ANPOF  
Associação Nacional de História

Apoio



UFPE



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE  
DE PERNAMBUCO



CNPq

## GT HEIDEGGER



## A DISSOLUÇÃO DO PROBLEMA DO MUNDO EXTERNO A PARTIR DA ANALÍTICA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA

Agda Camila Moura De Oliveira

[agda.camila@ufpe.br](mailto:agda.camila@ufpe.br)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns núcleos conceituais elaborados na analítica existencial heideggeriana enquanto estratégias de dissolução do clássico problema filosófico do mundo externo – em especial, o conceito central de mundo em sentido existencial, tal como entendido dentro do marco teórico da fenomenologia hermenêutica. Para isso, tomarei como ponto de partida a tentativa de prova de Moore dada em seu artigo Prova do mundo externo. Uma vez apresentado o argumento mooreano, procederei metodologicamente na investigação recuperando a noção de mundo cartesiana – que pressupõe a dualidade sujeito-objeto – sob cuja influência Moore se encontrava quando da formulação de sua prova. Estarão dadas, então, as condições ideais para apresentar a estrutura existencial do Dasein e o conceito ontológico-existencial de mundo como sendo os próprios solventes do problema. O (pseudo) problema do mundo externo somente surge em decorrência dos pressupostos modernos da concepção de mundo, como a noção de sujeito-objeto, exterioridade-interioridade, por exemplo. Se nos fosse apresentado um conceito de mundo que não pressupusesse tais noções, o problema se dissolveria. Se é verdade que a noção de mundo heideggeriana não se apoia em pressupostos modernos, mas vê mundo como um existencial, então a analítica existencial heideggeriana é capaz de dissolver tal “problema”. O conceito existencial de mundo heideggeriano não só desfaz o pseudo problema do mundo externo como também é um pressuposto para que se possa entender mundo como os modernos entendem.

### Palavras-Chave

Mundo. Descartes. Heidegger.



## A FUNDAMENTAÇÃO DA TEMPORALIDADE COMUM NA TEMPORALIDADE ORIGINÁRIA EM SER E TEMPO

Alex Antonio Rosa Costa

[alexcosta95@gmail.com](mailto:alexcosta95@gmail.com)

### Resumo

Pretendo analisar as três modalidades da temporalidade apresentadas por Heidegger em Ser e Tempo (temporalidade originária, tempo do mundo e tempo comum) e a tentativa heideggeriana de estabelecer uma relação de derivação entre elas. A defesa de que o tempo originário não é linear nem sequencial soa estranha a qualquer um, afinal estamos acostumados a imediatamente caracterizar o tempo como “sequência de agoras”. Heidegger tenta provar que esse entendimento vulgar, o qual encontra grande ressonância também na filosofia desde Aristóteles, bem como nas ciências naturais, carece de fundamentação fenomenológica. Mais originariamente, encontra-se o tempo do mundo, o tempo dos afazeres cotidianos – hora da aula, hora do almoço, hora do lazer -, constituindo-se de modo significativo, serial (data e extensão) e público (REIS, 2004, p. 117), o qual, por sua vez, fundamenta-se na temporalidade originária do ser-aí. O projeto heideggeriano, portanto, exige a fundamentação de cada um dos modos do tempo no sentido vulgar (passado, presente e futuro) na temporalidade do mundo e, por fim, na temporalidade originária enquanto sentido de ser do ser-aí. Para tanto, precisaremos mostrar, primeiramente, a estrutura da temporalidade originária; depois, a estrutura das temporalidades derivadas; e, por fim, tentar compreender de que modo podemos pensar as temporalidades derivadas enquanto fundadas na originária. Tal tarefa exige que elucidemos o sentido de “fundamentação” em questão. Por último, buscaremos analisar o sucesso ou fracasso da fundamentação em confronto com a leitura de Blattner, em Heidegger’s temporal idealism (1999), segundo a qual todo o projeto da ontologia fundamental que norteia Ser e tempo depende desse empreendimento, posição também sustentada por Robson Reis (2004).

### Palavras-Chave

Temporalidade. Ontologia fundamental. Fundamento.



## A INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA RETÓRICA ARISTOTÉLICA COMO PREPARAÇÃO PARA O OUTRO INÍCIO

Edgar De Brito Lyra Netto

[lyranetto@gmail.com](mailto:lyranetto@gmail.com)

### Resumo

Heidegger retoma sua narrativa sobre a origem do Ocidente em vários momentos da sua obra. Essa origem coincide com o advento da metafísica, entendida como tomada do Ser por espécie de “ente máximo” capaz de servir de termo de regulação da existência humana individual e coletiva. A necessidade de orientação e autorregulação é colocada no centro da cena, coincidindo o Ocidente metafísico com o chamado “humanismo”. Heidegger relaciona a Platão esse momento inaugural, mais pontualmente à sua “Ideia do Bem” como orientação política, pedagógica e existencial. Essa fundamentação seria necessária sobretudo para fazer frente ao relativismo sofístico, que tem seu epítome na morte de Sócrates num julgamento processualmente correto. É nesse contexto histórico que a retórica acaba pejorativamente identificada com a defesa eloquente das opiniões e marginalizada em relação à episteme, conhecimento genuíno e filosoficamente tutelado. *Pari passu*, a verdade perde sua relação com o desvelamento dos entes e passa a ser pensada em termos de fundamento para toda a adequação epistêmica. Fato é que antes da cristalização do seu projeto histórico-ontológico, Heidegger chegou a olhar a retórica com outros olhos, interpretando-a em 1924 como “primeira hermenêutica da existência cotidiana”, existência, bem entendido, de seres fortemente atravessados pelo uso da fala, como eram os gregos antigos. Paralelamente à depreciação da opinião no primado da episteme, Heidegger parece naquele momento enxergar na obra de Aristóteles a importância da endoxa e de um possível outro caminho de lida com o relativismo sofístico, que passaria pelos âmbitos do razoável, do provável, do verossímil, do plausível, ente outros topoi retórico-dialéticos. Esse vislumbre e suas injunções, que estranhamente perdeu atenção após 1924, é precisamente o que exploramos nesta apresentação como possível preparação para um “outro início”.

### Palavras-Chave

Retórica. Aristóteles. Outro início.



## A INTERPRETAÇÃO MEDIANA DA MORTE COMO ENCOBRIDORA DE SEU FENÔMENO

Amanda Victória Milke Ferraz De Carvalho

[mandamilke@gmail.com](mailto:mandamilke@gmail.com)

### Resumo

Na empresa que Martin Heidegger instaura em Ser e Tempo, o ente analisado, ser-aí, precisa ser apreendido em sua totalidade pelo menos uma vez, em seu ser-todo. Esse empreendimento nomeado analítica existencial precisa ser bem sucedido para que a chamada ontologia fundamental possa ser capaz de recolocar a questão do sentido do ser, objetivo do filósofo com essa obra. Ao fazer análise desse ente existente, entretanto, uma barreira aparentemente intransponível se mostra: o fenômeno da morte conjuntamente com sua interpretação mediana. O objetivo desse trabalho é analisar essa interpretação do fenômeno da morte afim de, negativamente de início, aproximarmos do conceito existencial da morte cunhado por Heidegger. Com esse propósito, o caminho trilhado será o seguinte: i) Abordagem breve dos conceitos concernentes diretamente a questão do ser-todo conjugado com a morte: ser-no-mundo, compreensão, cuidado; ii) a interpretação mediana de morte apresentada pelo filósofo; iii) depuração do fenômeno da morte. Tal caminho para lidar com esse objetivo estipulado é necessário pelo modo como ele se apresenta: ser-aí é um ente que precisa ser apreendido em seu todo na analítica existencial, entretanto, o que mantém seu nexos unitário, o cuidado, resguarda um caráter de pendência na existência desse ente. Essa pendência aparentemente somente cessa quando não-mais-ser-aí, significando assim a aniquilação do ser-no-mundo e não mais possibilidade de nenhuma experiência, incluindo a experiência de sua morte, sendo assim, incompleto, não-todo. Assim, a pergunta que se ergue é: É possível apreender o ser-todo do ser-aí? O fenômeno da morte precisa assim ser analisado, depurado para que a empresa avance rumo a um conceito existencial de morte que possibilite, novamente, o sucesso dessa empreitada, ou para que esse empreendimento finde.

### Palavras-Chave

Análítica Existencial. Ser-todo. Morte.



## A NATUREZA ENIGMÁTICA DA COMPREENSÃO DE SER

Monique Costa  
[nique.hb@gmail.com](mailto:nique.hb@gmail.com)

### Resumo

No início da obra *Ser e Tempo*, Heidegger afirma: “Cada um de nós compreende ‘o céu é azul’; ‘eu sou alegre’ etc.” (S.T. § 1, 2012). Com isso, o filósofo pretende descrever o modo com que o mundo nos aparece na vida comum: como desvelado. De imediato e na maioria das vezes não há nada que se aprender, pois as coisas, as pessoas, as palavras já são dotadas de sentido. Temos uma compreensibilidade comum, cotidiana e compartilhada, que está manifesta em todas as nossas ações. Heidegger aponta que esse fenômeno foi o que menos a filosofia deu o devido valor e, assim, demonstrou uma incompreensibilidade sobre o mais compreensível de nossa experiência humana: que os entes já nos aparecem em seu ser. Tal afirmação “[...] deixa manifesto que em cada comportamento ou em cada ser em relação a ente como ente reside a priori um enigma. Que já vivamos cada vez em uma compreensão do ser [...]” (S.T. § 1, p. 39, 2012). Tal enigma que subjaz a todos os nossos comportamentos com os entes, sendo então a priori, é o objetivo de nosso trabalho: a compreensão de ser. Para Heidegger vivemos em uma compreensão de ser: dos entes ao nosso redor e do nosso próprio ser na medida em que estabelecemos comportamentos com aqueles. A compreensão é nosso caráter distintivo enquanto seres humanos e, assim, somos Dasein, possibilidades de ser que se realizam a partir de comportamentos com os entes. Partindo daí, visamos nesse trabalho discutir por meio da noção de compreensão as condições ôntico-ontológicas de possibilidades de comportamento do Dasein com os entes de modo geral: sejam eles entes da ocupação cotidiana, sejam entes que surgem através da teoria, seja mesmo a possibilidade do Dasein se comportar com seu próprio ser. A natureza enigmática da compreensão de ser se dá, por um lado, ela se mostrar como uma compreensibilidade cotidiana em que todos os entes já aparecem como dotados de sentido, por outro lado, porque o indício dessa compreensibilidade atuante é que ela mesma não se torna evidente. Portanto, ao mesmo passo que nos comportemos com os entes, nós nos mantemos em uma compreensibilidade de seu ser que não se mostra de início.

### Palavras-Chave

Martin Heidegger. *Ser e Tempo*. Compreensão de ser.





## A NOÇÃO DE MUNDO EM HEIDEGGER: A TRÍPLICE TIPOLOGIA DE MUNDO

André Prock Ferreira

[andreprockferreira@gmail.com](mailto:andreprockferreira@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma possível interpretação sobre o modo como Heidegger desenvolve a noção de mundo a partir da elaboração da tríplice tipologia dos mundo da vida (Lebenswelt): mundo do entorno (Umwelt), mundo compartilhado (Mitwelt) e mundo do si mesmo (Seblstwelt). Por conseguinte, tal investigação nos possibilitará um primeiro passo na busca por uma sistematização genealógica das formulações conceituais atribuídas a noção de mundo no interior do programa filosófico heideggeriano. A noção de mundo (Welt), compreendida enquanto significatividade (Bedeutsamkeit), exerce uma função decisiva na estratégia argumentativa heideggeriana, perpassando desde os primeiros trabalhos até os escritos tardios. No entanto, no bojo dessa constância da temática da noção de mundo na filosofia heideggeriana é possível identificar: modificações, deslocamento e transformações tanto no que se refere a estrutura das formulações, quanto ao escopo das investigações/interpretações realizadas pelo autor. Daí o motivo para emprendermos uma análise, de caráter exegética, a partir das primeiras preleções ministradas em Friburgo, ou no período denominado de “jovem Heidegger”, visto que nelas encontraremos as primeiras definições e a indicações de elementos e estruturas que serão fundamentais nas argumentações desenvolvida em escritos posteriores. E, especificamente no curso Problemas fundamentais da fenomenologia – GA58 (SW 1919/20), pois é nele que Heidegger inaugura a estratégia metodológica da tríplice tipologia da articulação do mundo uma para indicar possíveis diretivas a serem seguidas para compreensão da vida fáctica (faktisches Leben). Essa mesma tipologia, por sua vez, ganhará novos contornos e fundamentação ao ser esclarecida como inerentes ao próprio existir e não como uma sobreposição, uma hierarquia ou, ainda, um possível ordenamento entre os seus constituintes. A partir dela é possível extrair, ao menos dois pontos importantes no que tange a elaboração da noção de mundo, a saber: i) mundo e significância possuem uma estreita relação e ii) mundo enquanto um

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



horizonte de ocupação. Estes são, portanto, segundo nossa hipótese, os elementos que permitem um primeiro passo para melhor compreender o processo de lapidação e o desenvolvimento das diferentes estruturas argumentativas desenvolvida pelo próprio Heidegger.

## Palavras-Chave

Mundo. Tríplice Tipologia de mundo. Facticidade.



## A POSSIBILIDADE DE FUNDAMENTAÇÃO DE COMPORTAMENTOS MORAIS EM HEIDEGGER

Christiane Costa De Matos Fernandes

[christianecostamf@gmail.com](mailto:christianecostamf@gmail.com)

### Resumo

Na filosofia contemporânea, ao pensar o fenômeno da liberdade humana enquanto condição para comportamentos ético-morais que não recaiam em leituras universalistas e/ou relativistas, é preciso pensar o comportamento e as ações vinculados à normatividade: noção que indica as medidas ou os critérios de correção através de razões que justificam o pensamento e a ação humana, mas essas medidas e esses critérios não podem ser deduzidos de maneira direta das leis naturais, ou, ainda, são irreduzíveis às leis naturais. Embora Heidegger não seja conhecido por ser um filósofo que se deteve em questões ético-morais, nas últimas décadas, trabalhos relevantes foram realizados a fim de investigar e demonstrar a possibilidade de uma fundamentação ético-moral na filosofia heideggeriana relacionada à noção de normatividade como descrita acima. Inspirada em leituras transcendentais da ontologia fundamental, especialmente como a realizada por Steven Crowell, entendo ser possível afirmar que, para Heidegger, o privilégio da atuação em primeira pessoa, central ao método fenomenológico, não diz respeito, de início, a um privilégio epistêmico, mas reside em uma noção ampliada do sujeito a partir da qual o traço decisivo da subjetividade revela-se como práxis e, substancialmente, como práxis orientada segundo uma medida a partir da qual o ente humano, em sentido próprio (aquele que “tem consciência” e responde ao chamado da consciência [§§54-60; SZ]), é capaz de deliberar reivindicando para si ser o agente das ações e oferecer as próprias razões para fazer o que faz. A interpretação de Crowell vincula de modo essencial as noções de autenticidade (Eigentlichkeit) e de responsabilidade (Verantwortlichkeit), de maneira que, em face do caráter transcendental da intencionalidade humana, é preciso reconhecer que, embora a atuação segundo as normas do mundo fático, absorvidas como convencionais pelo “das Man”, seja condição necessária para toda e qualquer performance intencional do ser humano fático, ela não é condição suficiente para a realização intencional em sentido próprio, isto é, segundo a genuína postura em



primeira pessoa. A proposta do presente trabalho é apresentar a interpretação de Crowell acerca da possibilidade de fundamentação dos comportamentos morais em Heidegger e discutir a recente objeção feita Sacha Golob no texto *What does Authenticity Do in Being and Time?* (2024).

### **Palavras-Chave**

Moralidade. Autenticidade. Ser e Tempo.



## A RECEPÇÃO DE KANT NA OBRA HEIDEGGERIANA NO FINAL DOS ANOS 1920

Fernando Costa Mattos  
fcmattos1974@gmail.com

### Resumo

Trata-se de discutir a possível influência direta que Kant teria exercido sobre Heidegger no período entre 1925 e 1929 – tendo em seu centro, portanto, a obra *Ser e tempo* (1927). Discutindo com comentadores que tematizam o assunto, defendendo posições as mais diversas a respeito, eu gostaria de sugerir a prevalência de um diálogo direto com Kant nesse período, perceptível sobretudo no já mencionado livro de 1927 e no chamado *Kantbuch*, *Kant e o problema da metafísica*, de 1929. Longe de esgotar o tema ou defender uma tese sólida, a ideia é simplesmente apontar para uma possível leitura dos escritos heideggerianos desse período que assinala a importância da filosofia transcendental kantiana para a compreensão do *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Levando a sério a indicação de Kisiel em *The Origins of Heideggers Being and Time*, que chama a atenção para o entusiasmo de Heidegger com a releitura da *Crítica da Razão Pura* feita em 1925, pretendemos sugerir, com Chad Engelland (*Heideggers Shadow*), que essa retomada de Kant teve um papel decisivo na elaboração da *Análítica do ser-aí* em *Ser e Tempo*. Isso também permitiria compreender melhor a tentativa de encontrar na imaginação transcendental kantiana, no livro de 1929, um vislumbre da conexão essencial entre sujeito e mundo que Heidegger teria retomado através da noção de ser-no-mundo, tal como desenvolvida na grande obra de 1927. Por fim, entendemos que, a partir dessa hipótese de leitura, pode ser bastante produtiva, em termos propriamente filosóficos, a contraposição (*Auseinandersetzung*) entre esses dois universos filosóficos.

### Palavras-Chave

Heidegger. Kant. Filosofia transcendental.



## A RELAÇÃO ENTRE ARTE E O ACONTECIMENTO DA VERDADE: A CRÍTICA DE HEIDEGGER À ESTÉTICA

Catherine Mesentieri Saliba Daher

[catherinedaher18@gmail.com](mailto:catherinedaher18@gmail.com)

### Resumo

A presente exposição tem como objetivo apresentar e desenvolver a questão que envolve a relação do acontecimento da verdade (aletheia) nas obras de arte, partindo da crítica heideggeriana da estética em seu ensaio *A Origem da Obra de arte* (*Der Ursprung des Kunstwerkes*, 1936) assim como em sua obra *Nietzsche I*, na qual a posição do filósofo alemão Nietzsche é desenvolvida em contraste à posição Kantiana. A análise a ser apresentada transpõe a definição fechada do conceito de arte na modernidade, associando à arte somente o caráter de provedora de experiências prazerosas, notadamente relacionadas ao “belo”, de objeto de pesquisa ou mercadológico. O percurso que faremos acompanhará o trajeto traçado por Heidegger em busca da origem da obra de arte, desde seu retorno às definições gregas de poiésis e techné, à crítica relacionada à indústria da arte na modernidade, assim como o conceito de “beleza” e a primazia dada ao espectador em detrimento do artista. Serão, portanto, desenvolvido alguns conceitos heideggerianos como: Terra (Erde) e Mundo (Welt), o caráter coisal da coisa (Das Dinghaft), a utensiliaridade (Zeug), o produto (Erzeugnis), a desocultação (Unverborgenheit), a criação (Schaffen) e o acontecimento (Ereignis).

### Palavras-Chave

Heidegger. Obra de arte. Verdade. Estética.



## A REPRESENTAÇÃO COTIDIANA DO TEMPO E SUA ORIGEM NA COMPREENSÃO DO SER DO DASEIN

Gilvanio Moreira Santos  
[giovanifilosofia@gmail.com](mailto:giovanifilosofia@gmail.com)

### Resumo

O objetivo do trabalho é apresentar uma breve introdução acerca da noção de temporalidade tanto presente nos textos da fase ontológico-fundamental do pensador alemão Martin Heidegger (1889-1976), como em alguns apontamentos elaborados pelo autor nos Seminários de Le Thor (1969). Tendo em vista o “desvio metodológico” operado no interior da tradição de pensamento que determinou o sentido do ente em geral como presentidade, reduzindo tempo e ser a mera substancialidade, umas das principais metas da obra *Ser e Tempo* (GA 2) é a de uma explicitação do tempo como sendo o horizonte transcendental da questão e elucidação do sentido do ser em geral. Ao indicar que um dos objetivos da obra de 1927 é esclarecer o sentido temporal dos principais caracteres ontológicos constitutivos do ser-no-mundo, Heidegger parte do princípio de que a existência é, acima de tudo, um fenômeno temporal. Portanto, para o pensador, a fim de se tornar clara, a interpretação da temporalidade do Dasein deve começar pelos elementos constitutivos de sua abertura. Afixada a este sentido, a discussão em tela visa problematizar a noção de tempo originário como movimento atrelado ao horizonte transcendental da dinâmica de realização de um ente cujo modo de ser é existência. Para subsidiar a apresentação nos valeremos principalmente das obras: *Ser e Tempo* (GA 02), *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia* (GA 24) e *Seminários de Le Thor* (GA 15, 1969).

### Palavras-Chave

Ontologia. Subsistência. Tempo.



## A VIDA FÁCTICA É CAMINHO PARA SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA NO PENSAMENTO DO JOVEM HEIDEGGER.

Henrique José Praxedes Cahet

[henriquecahet@outlook.com](mailto:henriquecahet@outlook.com)

### Resumo

O tema “A vida fáctica é caminho para superação da metafísica no pensamento do jovem Heidegger” será investigado na lição: A ideia da filosofia e o problema da concepção do mundo [GA 56/57]. Em primeiro lugar, nos perguntaremos: como Heidegger aborda o tema da vida em sentido fenomenológico e desenvolve um caminho para superar a metafísica? O jovem Heidegger acredita que a aceitação do “fluxo da vida” através da fenomenologia é o caminho para superar a “ânsia de generalidade”. A vida fáctica, entendida como existência concreta, desempenha um papel fundamental nessa superação, porque expressa a descrição fenomenológica de uma experiência fundamental, que deve ser compreendida como um modo de ser do aí-ser [Dasein]. No curso publicado em GA 56/57, ministrado em 1919, Heidegger defende que a tarefa fundamental da filosofia é a originalidade fenomenológica. Ele busca compreender o fenômeno em si mesmo, por isso dedica-se ao mostrar-se mesmo do fenômeno através da constatação e a-propriação por meio da pergunta “há algo?”. Desse modo, ele expressa que as respostas não são universais e definitivas. A vida fáctica supera o entendimento metafísico tradicional, mantém o contato com a realidade concreta no cotidiano e estabelece a primazia das relações fácticas a constituir a experiência humana. Assim, compreende-se o mundo numa abordagem não metafísica, porque através dessa abertura originária voltada para o fenômeno constitui a formulação do domínio teórico-formal. Enquanto a metafísica busca a consistência do fenômeno por meio ilusório do realismo ou do idealismo, a fenomenologia heideggeriana suspende o âmbito formal-transcendental através da assunção fáctica do fenômeno, a estabelecer a consistência fenomênica por meio do sentido relacional, que é indicado formalmente pela vida em sua experiência fáctica como ser-no-mundo. Portanto, Heidegger mostra como a existência concreta expressa pela experiência da vida fáctica é a condição de possibilidade para a realização do domínio teórico, da filosofia e da ciência, desconstruindo assim o formalismo





neokantiano e o psicologismo. Dessa forma, demonstraremos como Heidegger desconstrói a intencionalidade de Husserl, transformando-a através da vida enquanto a raiz oculta do que nomeadamente é o indício formal [formale Anzeigen].

### **Palavras-Chave**

Vida Fática. Fenômeno. Método e Filosofia



## A VIRADA ONTOLÓGICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA: A APROPRIAÇÃO HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER

Isadora Franco Felício Dos Santos  
[isa.ffi.12@gmail.com](mailto:isa.ffi.12@gmail.com)

### Resumo

A apresentação tem como objetivo expor a interpretação de Heidegger sobre o termo fenomenologia na preleção de Marburgo de 1924. Esse curso acompanha o desenvolvimento metodológico que Heidegger construía desde 1919 e que acentuava o âmbito fático que foi deixado de lado na tradição ocidental da filosofia. Desde 1922, Heidegger tem como objetivo, além da facticidade, a questão pelo sentido do ser, estabelecendo uma ontologia fenomenológica hermenêutica; e, paulatinamente, se apropria da filosofia aristotélica para constituir o seu próprio significado de fenomenologia, retomando o significado originário de ciência, verdade, erro e fenômeno na filosofia aristotélica. Heidegger tenta atingir o estado de coisas (Tatbestände) dos escritos aristotélicos, na tentativa de descrevê-lo concretamente, resgatando os escritos do filósofo grego da leitura enviesada da tradição. Tal estado de coisas poderia ser recuperado a partir da investigação da palavra e do modo como ela aparece no texto, independentemente da leitura feita pela tradição. Assim, o fenomenólogo interpreta os termos luz, phainon e logos, como também reflete sobre a sensibilidade (aisthesis) no corpo da filosofia de Aristóteles, pretendo expor nessa comunicação essas interpretações. O sentido de logos tem importância cabal nesse curso, tendo o termo um sentido polissêmico de difícil tradução. Heidegger designa logos como falar, um sentido que se mostra fundamental no parágrafo sete de Ser e Tempo. A linguagem para os gregos é, segundo Heidegger, o próprio ser do homem e o seu tornar-se, e não simplesmente uma ferramenta. Neste sentido, o falar aponta para um âmbito originário e que era de máximo interesse ao autor, pois poderia desvelar o ser do Dasein, na medida que estava ligado ao seu ser-no-mundo fático e afastava o sentido de logos como razão, que foi hegemônico na apropriação da tradição do pensamento grego. O logos não é criado do nada, ele não é arbitrário, pelo contrário, ele se origina diretamente do estado de coisas, ele é histórico e se desvela cooriginariamente com o desvelamento do estado de coisas. Neste sentido, ele não depende de um sujeito e nem de concreções abstratas, mas sim da cooriginariedade entre ser-aí e o seu mundo.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Hermenêutica. Ontologia.



## AS CONSIDERAÇÕES DO HEIDEGGER TARDIO SOBRE A ARTE

Vaner Muniz Ferreira

[vanermuniz@usp.br](mailto:vanermuniz@usp.br)

### Resumo

Esta comunicação discute o tema da arte no pensamento do Heidegger tardio. Desde o seu surgimento nos anos 30, a investigação sobre a arte é antecedida pela confrontação com a estética, representada tanto pela interpretação tradicional das obras de arte, quanto pela sua distribuição e armazenamento em museus e galerias como coisas em depósitos. Ao questionamento do fenômeno artístico, na década de 30 bem como de 60, dois eventos servem de propulsores: a perda da capacidade das obras de arte de manifestar o divino e a sua correlativa circunscrição a um âmbito determinado para fruição estética nos circuitos informacionais da civilização planetária. É a combinação deles que produz a necessidade crescente de substituir a falta de saber claro acerca da arte por uma literatura sobre a arte. Apesar de declarar que não vê aonde apontam as vias da arte moderna, Heidegger permanece crente na sua tarefa de dispor o homem ao novo começo. No diagnóstico tardio da situação corrente do mundo, intensifica-se a comparação da arte com o âmbito técnico-científico, em que ela assumiria a tarefa de preparar o homem para sua salvação.

### Palavras-Chave

Estética. Arte. Fenomenologia.



## AS INTERPRETAÇÕES HEIDEGGERIANAS SOBRE A FILOSOFIA PRÁTICA DE ARISTÓTELES: PHRONÉSIS E SOPHÍA.

Saulo Sbaraini Agostini  
[ssagostini@gmail.com](mailto:ssagostini@gmail.com)

### Resumo

Este estudo investiga a inter-relação entre phronésis (circunvisão) e sophía (sabedoria), à luz das interpretações fenomenológicas de Heidegger sobre Aristóteles. A obra Platão: O Sofista (1924/25) é central para esta análise, servindo como base para explorar como Heidegger entende a conexão entre phronésis e sophía no âmbito da filosofia prática aristotélica. O objetivo principal da pesquisa é elucidar os conceitos de phronésis e sophía, conforme apresentados no Livro VI da Ética a Nicômaco de Aristóteles e interpretados por Heidegger, facilitando a compreensão do surgimento da hermenêutica heideggeriana da vida fática. Para alcançar tal fim, o trabalho se propõe a: (i) analisar a interpretação fenomenológica de Aristóteles em Platão: O Sofista, essencial para entender a apropriação que Heidegger faz dos pensadores antigos – sobretudo Aristóteles; (ii) diferenciar logistikón (reflexão) e epistemónikón (conhecimento científico), uma distinção fundamental para a argumentação aristotélica sobre as virtudes dianoéticas; (iii) interpretar a visão de Heidegger sobre as virtudes dianoéticas como formas de alétheuein (desvelamento), tematizando epistéme (ciência), tékhne (arte ou técnica), phronésis, sophía e noûs (pensamento); (iv) identificar a phronésis como elemento essencial do desvelamento; (v) elucidar a relação de primazia entre phronésis e sophía. A importância deste estudo reside na sua capacidade de esclarecer o projeto heideggeriano de desconstrução da história da ontologia, temática que ele desenvolverá mais profundamente em Ser e Tempo (1927). Por meio dessa análise, emergem leituras fenomenológicas que se desviam da tradição, trazendo à luz, a partir da filosofia prática de Aristóteles, conceitos fundamentais para o pensamento de Heidegger. A metodologia adotada abrange a comparação entre as traduções em português e alemão, assim como a análise do texto aristotélico tanto em português quanto em grego. Este trabalho é uma revisão bibliográfica de obras especializadas no pensamento de Heidegger acerca do tema.

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Phronésis. Sophía.



## “ATEÍSMO METODOLÓGICO” OU “INDIFERENÇA”? ANOTAÇÕES SOBRE OS LIMITES DA FENOMENOLOGIA

Renzo Mascote De Andrade  
[renzoandrade8@gmail.com](mailto:renzoandrade8@gmail.com)

### Resumo

É sabido, talvez de cor, por todo e toda fenomenóloga o excerto husserliano localizado no Ideias I em que se toma por base o Princípio de Todos os Princípios. O Parágrafo 24 nos leva à intuição doadora originária, isto é, a autodação das coisas mesmas, as quais devem ser tomadas como elas se dão e nos limites em que elas se dão. As coisas se manifestam, apresentam-se nos mais variados meios: na atualidade “em carne e osso”, na retenção mais ou menos distante, na protensão de ação concreta ou imaginativa, e até mesmo nos livres devaneios da consciência (nos termos de Husserl). Entretanto, o manifestar do sagrado me parece uma aporia, uma vez que ele se dá não aberta e claramente a todo e qualquer um, mas mediante revelação – isto é, se for o caso de haver sagrado. Como lidar com manifestações não compartilháveis? Como ter por objectum aquilo que se me é revelado em solitude, no campo mais íntimo da fé pessoal? A fenomenologia seria capaz de se estender a tais casos? Em seu Relatório Natorp, Heidegger descreve-a enquanto um “ateísmo metodológico”, uma posição talvez compreensível, se levarmos em conta o dito “nos limites dentro dos quais ele se dá”. Ora, se o sagrado não se apresenta per se e não temos como acessá-lo a não ser conforme sua própria revelação dada a alguns ou algumas, de que maneira poderíamos considerá-lo fático? Por outro lado, que fazemos com todas as experiências do sagrado que bilhões de pessoas vivenciam no cotidiano? É o caso de não se investigar o sagrado ele mesmo, mas a manifestação da vida religiosa, como o próprio Heidegger considerou em 1919. Entretanto, a posição heideggeriana do Relatório Natorp é bem distinta de sua afirmação na Carta Sobre o Humanismo em que, escrevendo sobre o dito de Sartre em seu texto O Existencialismo é um Humanismo, afirma que nada está decidido sobre a existência de Deus, a possibilidade ou impossibilidade de deuses, ao que o próprio Heidegger posiciona sua filosofia como “presa à indiferença”, isto é: que haja ou não o sagrado é-lhe indiferente no pensar da verdade do ser. Afinal, podemos afiançar que não há o que não experimentamos ou isso nos demanda fé?

### Palavras-Chave

Fenomenologia. Ateísmo. Religião.



## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SENTIDO DE HABITAR EM HEIDEGGER

André Bambirra Vaillant

[vaillantab@gmail.com](mailto:vaillantab@gmail.com)

### Resumo

Diversas vezes Heidegger utiliza a palavra habitar (Wohnen), ora para caracterizar a relação do homem com a linguagem, ora do Ser com essa última, ora àquela do homem com o Ser. Desde “poeticamente o homem habita” (2012, p. 165; HGA 7, p. 189), trecho de Hölderlin e título de uma conferência de 1951, até a conhecida passagem da Carta sobre o humanismo (1946/47), “A linguagem é a morada do ser. Na habitação da linguagem mora o homem” (2008, p. 326; HGA 9, P. 313/145), Heidegger emprega o habitar em mais de um sentido, aproximando nesse conceito uma série de problemas a que se dedica – o mundo, em que o homem é e pelo qual tudo vem a significar, e a linguagem. Se, por um lado, esse conceito foi muito estudado no que concerne à quadratura e à habitação humana sobre a terra e sob os céus no segundo Heidegger, menos se perguntou pela relação entre o conceito de habitar e a linguagem, ainda que se encontre, sem esforço, diversos exemplos deste emprego na obra do filósofo. Vejamos por exemplo em A essência da linguagem (1959): “(...) o ser de tudo aquilo que é mora na palavra. Nesse sentido, é válido afirmar: a linguagem é a casa do ser” (2015, p. 127; HGA 12, p. 184). Cabe, porém, perguntar se o sentido de habitar é, aqui, o mesmo descrito na conferência de Darmstadt de 1951, ou seja, aquele de “resguardar” – o homem habita e resguarda a terra no mesmo sentido em que o ser habita a linguagem? Alhures ainda, no texto acerca da serenidade (1955), o habitar aproxima-se do sentido de “demorar” junto às coisas. Nesse texto o filósofo aproxima o habitar (Wohnen) da estadia, permanência (Aufenthalt), e de modo análogo, em outro texto acerca da Besinnung (o segundo de Vorträge und Aufsätze), utiliza o termo Aufenthalt (estadia, permanência) da seguinte forma: “O pensamento do sentido, ao invés, nos põe a caminho do lugar de nossa morada” (2012, p. 58; HGA 7, p. 64/65). Assim se pode desenhar a seguinte configuração no pensamento do segundo Heidegger: o homem mora na vizinhança do Ser, na linguagem, a que o põe a caminho o sentido. Desta forma, parece-nos fundamental investigar a relação entre o sentido em geral e o sentido de habitar no segundo momento da obra do filósofo. A presente



proposta de apresentação pretende traçar os parâmetros iniciais de uma interpretação dessa questão. Possui como fim último permitir uma melhor compreensão das afirmações mais poéticas, por vezes mais herméticas, do segundo momento da obra do filósofo acerca da essência da linguagem.

### **Palavras-Chave**

Habitar. Linguagem. Sentido.



## CONSIDERAÇÕES DAS SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS NA COMPREENSÃO DE ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E HEIDEGGER.

Ivo Reis Santos

[kirumoreis@gmail.com](mailto:kirumoreis@gmail.com)

### Resumo

O propósito deste trabalho é destacar a relação entre o pensamento de Søren Aabye Kierkegaard e de Martin Heidegger acerca da concepção de angústia. Ambos os filósofos exploraram profundamente esse tema existencial, cada um em seu próprio contexto e perspectivas filosóficas, Kierkegaard partindo da natureza da angústia, relacionando-a como uma condição da própria existência humana, uma vez que ela está ligada com à liberdade e à responsabilidade de cada indivíduo, Heidegger por sua vez, aborda a angustia através de sua análise fenomenológica da existência humana, como uma revelação do “nada”, destacando a possibilidade de um confronto com a própria finitude ao qual o Dasein esta lançado em seu fundamento de falta. A pesquisa objetiva analisar a aparição desde conceito, entre as obras, O conceito de Angústia (1844) de Søren Aabye Kierkegaard e Ser e tempo (1927) de Martin Heidegger, investigando como essas e outras compreensões de angústia se relacionam e se diferenciam, contribuindo assim para uma compreensão mais abrangente da experiência humana e quais os impactos causados pela angústia.

### Palavras-Chave

Kierkegaard. Heidegger. Angústia.





## DA PRIMAZIA DA CIRCUNDÂNCIA NA ANÁLISE DA MUNDANIDADE EM SER E TEMPO

Olavo De Salles

[olavo.salles144@gmail.com](mailto:olavo.salles144@gmail.com)

### Resumo

O tema deste trabalho é a mundanidade circundante (*Umweltlichkeit*) no âmbito da analítica existencial de Ser e tempo. O fenômeno de mundo tem lugar na questão pelo sentido de ser. Heidegger assevera que mundo tomar parte no ser de nosso ser-aí, o interrogado da questão. O filósofo deixa igualmente claro: mundo como fenômeno não se confunde com as ocorrências de “dentro do mundo”. Mundo remete ao modo de ser ou vir a ser encontrado do ente e igualmente ao modo em que nossos comportamentos o põem a descoberto. Mundo remete ao ser-no-mundo de nosso ser-aí. Nesse contexto, vêm à tona que Heidegger interpreta mundo a partir da circundância. Daí a questão que conduz nosso trabalho: por que a circundância pode tornar compreensível o modo de ser de mundo, a chamada ideia de mundanidade de mundo em geral? Por que na exposição do fenômeno de mundo há uma primazia do mundo circundante? Algumas indicações guiam nossa investigação: a) dadas as instruções metódicas estabelecidas por Heidegger, temos que a analítica tem como fio condutor a cotidianidade mediana, modo em que a existência acontece imediata e majoritariamente. De igual modo, frente ao fenômeno de mundo, há de se tê-lo em vista nessa imediatividade. O mundo imediato do ser-aí cotidiano é o mundo circundante; b) por meio da análise do mundo circundante Heidegger pode conduzir a análise do ser ente intramundano que imediatamente vem ao encontro para o ser-no-mundo com tal. Na mundanidade circundante ele consegue evitar o sobressalto (*überspringen*) no fenômeno da mundanidade; c) a circundância apresenta o incontornável caráter de facticidade da existência. A fim de desenvolver nosso trabalho em vista de nossa questão e de nosso tema, pretendemos desenvolver essas três indicações, aqui apenas esboçadas. O trabalho tem como bibliografia primária Ser e tempo e traz como bibliografia secundária e auxiliar preleções proferidas por Heidegger nas décadas de 20 e 30 e obras e artigos de intérpretes.

### Palavras-Chave

Ser-no-mundo. Mundanidade. Circundância.



## DISCUSSÕES SOBRE A TONALIDADE AFETIVA DO TÉDIO EM HEIDEGGER - UM INÍCIO DE PESQUISA

Klenio Antônio Sousa  
[klenio.antonio@gmail.com](mailto:klenio.antonio@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pretende apresentar um início de pesquisa de doutorado a respeito das diferentes discussões e interpretações sobre o conceito de tédio desenvolvido por Heidegger em sua obra *Os princípios fundamentais da metafísica: Mundo, Finitude e Solidão*, mais especificamente a terceira forma de tédio - o tédio profundo, não se pretendendo aproximá-los ou compará-los, mas tão simplesmente produzir interlocuções acerca dessa tonalidade afetiva fundamental, interagindo com o pensamento de Heidegger e os desdobramentos de sua teoria, pensando o cenário histórico do ser-aí. Heidegger permite a aproximação de profissionais da psiquiatria apresentando seu pensamento. Nesta feita, a psiquiatria se apropriou do pensamento Heideggeriano, entre eles a teoria sobre o tédio, abrindo o caminho, destarte, para a psicologia. Pesquisadores de Heidegger têm se apropriado do conceito de tédio e produzido vasta literatura que discute as colocações do filósofo que propõe o tédio como uma tonalidade afetiva de nosso filosofar atual, desdobrando tal conceito em diferentes interpretações contextualizado em diferentes épocas. Mesmo mais tarde não tendo retornado a esse conceito, percebe-se o impacto das exposições de Heidegger sobre o tédio entre os pesquisadores, o que aponta para uma importância devida que diversos autores têm dado a essa tonalidade afetiva. Diferentes interpretações e nomeações para essa tonalidade têm contribuído para a expansão dos diálogos heideggerianos em um contínuo progresso e evolução de suas teorias, não havendo um engessamento do pensamento heideggeriano, pelo contrário, uma ampliação desse para a interlocução entre pesquisadores modernos e contemporâneos, desde uma interpretação dessa tonalidade afetiva como uma neurose, até uma interpretação do tédio como uma confrontação do ser-aí com sua nadaidade estrutural. A partir de tais colocações, várias questões se interpõem à pesquisa: há evolução no conceito de tédio? Pode-se compreender a retenção do ser-aí como algo patológico em nosso tempo? Pretende-se, portanto, apresentar discussões sobre teorizações e impacto de tais entendimentos sobre o conceito do tédio ao se pensar nossa sociedade contemporânea.

### Palavras-Chave

Tédio. Heidegger. Metafísica.



## GÊNERO E TRANSGRESSÃO DE GÊNERO NO SENTIDO DA NEUTRALIDADE EXISTENCIAL DO SER-AÍ

Pandora Salazar Almeida Da Silva

[pandora.salazar@ufpe.br](mailto:pandora.salazar@ufpe.br)

### Resumo

O gênero tem sido um problema que podemos dizer que houve maior repercussão, a partir do século XX. A conhecida afirmação: Não se nasce mulher, torna-se mulher, de Simone de Beauvoir (1960), tem fornecido fôlego para uma sequência de questionamentos a respeito da natureza do fenômeno do gênero e compreensão da condição feminina. Judith Butler (2003), descrevendo o gênero a partir da perspectiva da Performance, afirma a unicidade da vivência do gênero e sua irredutibilidade a uma identidade fixa, tanto feminina quanto cisgênera. Este texto tem por base uma interpretação fenomenológica a respeito do gênero, descrita por Rodrigo Rizério em *Gênero e Sexualidade à luz da ontologia do Dasein*. Utilizamos a Neutralidade existencial do Dasein para pensar o gênero enquanto disseminação dos modos de ser. Trazemos uma interpretação fenomenológica sobre a Transição de gênero, que destoa das concepções popularizadas a respeito da concepção de tempo linear, do biologicismo quanto por concepções edípicas, onde o binarismo de gênero se insinua categoricamente. Para além desse essencialismo e demarcando o pensamento pós-metafísico, cabe pensar os problemas relacionados à vivência do gênero desde o conceito central de Ser-no-mundo (In-der-Welt-sein) e seus momentos característicos, onde a transição de gênero se evidencie enquanto transgressão do impessoal cisgênero.

### Palavras-Chave

Transfeminismo. Transição de gênero. Fenomenologia.



## GÊNERO: EXISTÊNCIA CORPORIFICADA – A NEUTRALIDADE DO SER-AÍ COMO FUNDAMENTO DA GENERIFICAÇÃO

Gabriela Mesquita Alves De Oliveira

[gabriela.mesquita@ufpe.br](mailto:gabriela.mesquita@ufpe.br)

### Resumo

No parágrafo §10 da obra *Metaphysical Foundations of Logic*, Heidegger vai abordar levemente o problema que anuncia em *Ser e Tempo*, apresentando as noções gerais da questão da transcendência e introduzindo a noção de neutralidade como indicadora de um certo tipo de ausência sexual, ou de gênero no ser-aí. A *Geschlecht* tem um significado múltiplo na tradução, podendo ser interpretado como sexo ou gênero, ou ambos conceitos simultaneamente. De acordo com as indicações do texto, não tendo sido denominado como humano, o ser-aí estaria profundamente separado dos aspectos accidentais que a humanidade poderia proporcionar, entre elas o sexo e o gênero. No entanto, o próprio Heidegger derruba essas pressuposições para demonstrar mais a frente o sentido real da neutralidade. O ser-aí neutro é um aspecto da existência essencial para a analítica existencial, mas não existe de fato. O sentido de neutralidade é o de potência, é o estágio anterior à realização das possibilidades que caracterizam o existir. Ser neutro não é se abster de gênero, sexo, corpo, ética, cultura ou raça, não é se retirar da humanidade completamente e ser para além de acidentes factuais. Ser neutro é o status do ser-aí antes de decair em sua facticidade. O ser-aí neutro se torna fático através da sua característica fundamental de ser-lançado, de acordo com a tendência de se lançar para o mundo. Nesse sentido o ser-aí neutro é aquele que se dá antes de decair em sua facticidade, e aparece sempre como uma forma de acessar o fenômeno em suas estruturas metafísicas. Ao passo que o ser-aí fático, concreto em suas possibilidades, é o existente e que ocorre em um momento posterior à neutralidade. Assim a neutralidade não aparece como característica da existência, mas como uma forma modal de acessar as indicações metafísicas da estrutura do ser que existe. O ser-aí neutro é sexual, mas não enquanto macho ou fêmea, hetero, homo ou bissexual e etc. Mas sim enquanto a possibilidade própria de sexualizar-se. O mesmo pode ser dito para o gênero, o ser-aí neutro é suspenso do gênero em seu sentido arquetípico ou estereotipado, ou seja, não é masculina, nem feminino, ou



ambos. No entanto o ser-aí neutro é constituído de gênero pela possibilidade pura, originária, de generificar-se, de abrir-se para os horizontes mundanos na modalidade do gênero enquanto tal.

### **Palavras-Chave**

Gênero. Neutralidade. Ser-aí.



## HEIDEGGER E A TRADIÇÃO: A SUPERAÇÃO DA MODERNIDADE PARA UM OUTRO INÍCIO

João Gabriel Gomes Paixão  
[jgabrielpaixao@gmail.com](mailto:jgabrielpaixao@gmail.com)

### Resumo

Após *Ser e Tempo*, Heidegger realiza uma viragem em seu pensamento, que é consolidada na obra *Contribuições à filosofia (do acontecimento apropriador)*. Nesta obra, Heidegger trata de uma transição histórica em que a civilização ocidental se despede de sua tradição e se encaminha para um outro início. Heidegger mantém o acento na questão do fim da metafísica, no fim de uma tradição que começa em Platão e termina em Nietzsche (como inversão do platonismo), tradição que se caracteriza como o elemento mais singular da civilização ocidental. Assim, é preciso entender, em primeiro lugar, que, para Heidegger, a história do Ocidente e a história da metafísica se confundem, pois a metafísica moldou toda a topografia intelectual da história ocidental. Em segundo lugar, é necessário demonstrar que a própria metafísica se desconstrói a si mesma incessantemente, este é o seu movimento intrínseco, que Heidegger denomina de niilismo. O sentido de metafísica em Heidegger tem a conotação de uma espécie de crítica imanente implacável da história do pensamento consigo mesmo. A característica niilista do pensamento metafísico, que alcança o seu apogeu no pensamento de Nietzsche (justamente alguém que acreditava ter desconstruído a metafísica ou invertido o platonismo), marca a própria transição histórica, de seu passado remoto até a era contemporânea que Heidegger denomina de consumação da modernidade. Para Heidegger, a ruptura característica da modernidade em relação ao passado e à tradição provém da própria metafísica como um todo (e não apenas da metafísica moderna). O que Heidegger chama de transição para o outro início seria a continuação de um futuro imprevisto da modernidade, em crise com o passado tradicional e consigo mesma. O outro início, portanto, levaria a um afastamento cada vez mais acentuado em relação à tradição e ao sentido da tradição, culminando a uma crise ou desconstrução cujas consequências no pensamento e na história ainda não são inteiramente conhecidas, mas já, de todo modo, decididas. Essa transição é, de certo modo, o fim da tradição ocidental e o início



de outra tradição ou de outra história. Não se trata de um elemento alarmista ou apocalíptico, mas uma espécie de delineamento bastante apurado dos caminhos para os quais a história parece se dirigir. O soterramento definitivo da tradição ocidental marcaria a passagem para um outro início e a despedida do fim do Ocidente.

### **Palavras-Chave**

Outro início. Tradição. Modernidade.



## HEIDEGGER, LEITOR DE DESCARTES: O EGO COGITO COMO ARQUÉTIPO DA AUTORREFLEXÃO FILOSÓFICA

Deborah Moreira Guimarães

[deborahmoreiraguimaraes@gmail.com](mailto:deborahmoreiraguimaraes@gmail.com)

### Resumo

É geralmente a Kant que se costuma atribuir o movimento máximo de autorreflexão da razão. A sua Crítica da razão pura demarcaria o ápice da capacidade (auto)crítica que se volta à investigação e à análise da suposta racionalidade própria ao ser humano. Todavia, tal subjetividade de caráter transcendental não é inaugurada por Kant, pois é a Descartes que ela remonta enquanto movimento inicial de autorreflexão e de fundação prototípica da base comum às filosofias da subjetividade e, por conseguinte, também à fenomenologia que parte da intencionalidade da consciência. Heidegger, ao retomar o ego cogito em Ser e tempo, evidencia o quanto Kant – ao assumir a posição ontológica de Descartes – omitiu a possibilidade de o argumento cartesiano fornecer as bases para uma ontologia do Dasein. Segundo Heidegger, a tarefa de destruição da história da ontologia deve retomar a investigação pelo modo de ser da res cogitans, o que pressupõe a pergunta sobre o sentido próprio ao ser da existência, isto é, à dimensão aberta pelo sum cartesiano. Além disso, tal tarefa requer a “elaboração dos fundamentos ontológicos inexpressos do cogito sum”, o que evidencia a relevância de uma análise mais detida do diálogo presente no parágrafo 6 de ST, que pode ser lido, segundo a nossa hipótese, a partir da tese de que a fenomenologia nasce como uma filosofia da subjetividade debitoria das meditações cartesianas e, mais precisamente, do fato de que Descartes inaugura um novo modo de filosofar que atravessa certo “objetivismo ingênuo” atingindo o “subjetivismo transcendental” sem o qual não seria possível a fenomenologia. Desse modo, visamos: 1) investigar em que medida o ego cogito cartesiano pode ser pensado como arquétipo da autorreflexão filosófica que culmina na fenomenologia e, conseqüentemente, na ontologia do Dasein; 2) pensar como a tarefa de destruição da história da ontologia anunciada em Ser e tempo requer acompanhar o argumento heideggeriano de que é a partir de um modo específico do tempo, o presente, que se orienta a ideia de fundamento incondicionado ontologicamente determinante da res cogitans. Portanto, a retomada do cogito fornece





as bases, mediante a problemática da temporalidade, para o desenvolvimento da ontologia do Dasein a partir do pluralismo ontológico, isto é, nem Kant nem Descartes problematizaram adequadamente o nexu entre o tempo e o “eu penso” que nasce como paradigma na tradição filosófica moderna e se consolida como modelo para as filosofias subsequentes.

### Palavras-Chave

Heidegger. Descartes. Fenomenologia.



## HÖLDERLIN E O LUTO SAGRADO

Robson Costa Cordeiro

[robsoncordeirofil@gmail.com](mailto:robsoncordeirofil@gmail.com)

### Resumo

Em “Hinos de Hölderlin”, ao interpretar o poema “Germânia”, Heidegger identifica uma disposição fundamental presente na origem do dizer poético, que Hölderlin apresenta como sendo o luto sagrado (die heilige Trauer). É sobre o luto sagrado que aqui iremos refletir, procurando seguir alguns dos passos interpretativos dados por Heidegger na análise do referido poema, mas também procurando ver o que foi pensado por Hölderlin a respeito do luto em outros poemas e em alguns dos seus textos teóricos. E como ele qualifica o luto de sagrado, precisamos também, para que possamos minimamente corresponder à sua experiência poética e tocar no cerne do que foi pensado poeticamente por ele a este respeito, colocar a questão acerca do sagrado. Segundo Heidegger, Hölderlin vai compreender a dor do luto não como a lamúria e o lamento da perda ou da proximidade do que nunca é, mas sim como a alegria do abandono dos deuses e do aproximar-se do divino, como o que nunca repousa. O sagrado, por sua vez, diz respeito ao íntegro, o salvo, o curado e restabelecido (heil), que permite desde a ausência a percepção do que escapa, o vestígio deixado pelos deuses foragidos, estabelecendo, desse modo, a integração do homem com o todo do divino como o que também comporta ausência.

### Palavras-Chave

Hölderlin. Heidegger. Luto Sagrado.



## INTENCIONALIDADE E CUIDADO

Lígia Teixeira Freitas  
[ligiatfreitas@gmail.com](mailto:ligiatfreitas@gmail.com)

### Resumo

Com o fim de refundar a Psicologia em uma base empírica, Brentano define como característica dos fenômenos psíquicos em geral o atributo da intencionalidade. Para o autor, os fenômenos psíquicos distinguem-se dos fenômenos físicos pelo fato de se dirigirem a cada vez a uma objetividade imanente, isto é, pelo fato de haurir seu fundamento na percepção interna – a qual constitui o modo de percepção por excelência. O que surge daí não é senão uma cisão entre um âmbito interno e externo, na qual é dada uma primazia ao interno sob o pressuposto de que este nos seria dado de modo imediato, ao passo que não seria certo afirmar a existência real dos fenômenos físicos tal como aparecem para nós. Bem, mas é justamente a tomada do intencional como ponto de partida para a elucidação dos fenômenos psíquicos em geral que Heidegger colocará em questão. A percepção não é, para Heidegger, intencional na medida em que tem por correlato um objeto imanente. Antes, a própria cisão entre interior e exterior, psíquico e físico é trazida à tona como um preconceito fundado no fato de que a tradição passa ao largo da pergunta pelo ser – tanto em geral quanto do ente humano, o ser-aí (Dasein). Com isso, mesmo a fenomenologia acaba por se manter em uma compreensão insuficiente da noção de intencionalidade, a qual é pensada de maneira mais originária a partir da noção de cuidado como o ser propriamente dito do ser-aí. Existir significa ser-para-fora, de modo que toda e qualquer possibilidade de se pensar em um eu que experimenta, a partir de si, o mundo enquanto âmbito exterior, é de saída suprimida. Pensar o ser do ser-aí enquanto cuidado significa pensá-lo a partir da fenomenologização propriamente dita de seu caráter temporal. Buscaremos mostrar, nesse sentido, como a estrutura do dirigir-se-a intencional se encontra ligada ao movimento ekstático próprio ao acontecimento da existência do ser-aí.

### Palavras-Chave

Intencionalidade. Cuidado. Temporalidade.



## NA ESTRADA DO RISCO: INTERPRETAÇÕES FENOMENOLÓGICAS DE “O SENHOR DOS ANÉIS”.

Luismar Cardoso De Queiroz

[luismarpequeno@gmail.com](mailto:luismarpequeno@gmail.com)

### Resumo

Heidegger, nas diferentes fases de sua filosofia, empenhando-se na interpretação fenomenológica de materiais não propriamente filosóficos, haveria de constatar para si que, não pouca as vezes, há mais para se aprender filosoficamente com o que não se propõe como teoria filosófica do que propriamente com os produtos mesmos da filosofia acadêmica. Nosso trabalho ousa trilhar uma destas sendas inusitadas da hermenêutica existencial: as interpretações fenomenológicas de “O Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien, surgem-nos como um inesperado caminho de pensamento, caminho capaz de nos elevar ao território fugaz da analítica existencial do Dasein, e, portanto, ao aberto de uma autocompreensão do ser-aí existente, por ele mesmo, em seu sendo. Demonstraremos que os elementos mithopoiéticos, que tecem a realidade fantástica da obra, encontram-se enraizados numa consistente compreensão ontológico-existencial, e que, sublimam-se na fabulação fantástica tolkieniana, determinações essenciais da existência. Sendo precisamente no faro dessas determinações do modo de ser da existência, determinações que se indiciam nas construções fantásticas de “O Senhor dos Anéis”, que buscaremos, neste trabalho, a partir de uma interpretação fenomenológica dos principais quadros imagéticos que compõem este grande épico, destacar e analisar o modo como a compreensão ontológica da existência autêntica – o ser-aí na compreensão da propriedade de si mesmo – manifesta-se, a partir do fio condutor dos elementos fabulares da jornada épica, como risco. A análise do conjunto de elementos míticos, que compõem a Estrada para Mordor e a jornada rumo à destruição do Anel de Poder, libertará as determinações que definem o fenomenológico aspecto de risco do existir. Veremos que o modo de ser da existência, quando radicalmente assumido em sua propriedade, traz consigo o risco como constitutivo imprescindível do existir autêntico. A Estrada para Mordor, trilhada pela sociedade do Anel, prefigura precisamente este caráter de risco do ser-aí existente, de maneira que, quanto mais empenham-se na fatalidade de ter de caminhar, mais o risco



se intensifica. Uma análise fenomenológica da jornada épica dos pequeninos hobbits, portanto, trará à tona a essencial determinação do risco de estar-lançado na Estrada da existência.

### **Palavras-Chave**

Risco. Estrada. Existência.



## O FENÔMENO DA VISÃO COMO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO-EXISTENCIAL DA INTENCIONALIDADE

Sandro Márcio Moura De Sena

[sandro.sena@gmail.com](mailto:sandro.sena@gmail.com)

### Resumo

Momento integrante da busca pela existencialidade da sensação, tarefa a qual, por sua vez, está inserida no contexto mais amplo de busca pela estrutura ontológica e sentido temporal da juventude, a apresentação tem em vista encontrar o lugar da intencionalidade na existência, modo de ser constituído por uma grande variedade de fenômenos que podem ser caracterizados pelo ser-aquém da consciência, tal como descritos em *Ser e tempo* de Martin Heidegger. Para isso, num primeiro momento, mostro que a arquitetura conceitual desse tratado apresenta uma estranha lacuna, na qual se poderá alocar, uma vez preenchida, os fenômenos intencionais sem nenhuma alteração significativa no todo estrutural do ser-aí. Estabelecida essa possibilidade de alocação, num segundo momento, aloca-se lá, de fato, a intencionalidade, elaborando o seu caráter especificamente visual, traçando paralelos com as possibilidades existenciais da circunvisão (Umsicht) da ocupação junto a utensílios, da consideração (Rücksicht) da preocupação com os outros e da transparência (Durchsichtigkeit) do ser em função de si mesmo do próprio ser-aí. O existencial da visão (Sicht), que deixa vir ao encontro o ente, para ela acessível, em si mesmo descoberto (SZ, p. 147), mostrar-se-á como o fundamento ontológico-existencial da intencionalidade da consciência, cuja possibilidade de dirigir-se para o ente, para configurações ônticas ou para essências (e mesmo para horizontes), se encontra numa relação de dependência ontológica com a luminosidade pré-intencional de caráter compreensivo-afetivo, isto é, com a abertura (Erschlossenheit) do ser-no-mundo.

### Palavras-Chave

Visão. Intencionalidade. Sensação.



## O INCONSCIENTE METAPSICOLÓGICO FREUDIANO COMO APARÊNCIA DO SER-AÍ

Pablo Raphael Ribeiro Dias  
[pbloribeirodiaz@gmail.com](mailto:pbloribeirodiaz@gmail.com)

### Resumo

Um aspecto crucial da fenomenologia hermenêutica é a tese do esquecimento do ser. A análise existencial busca revelar os aspectos essenciais do ser que foram negligenciados. Para Heidegger, a metapsicologia é mais um exemplo desse esquecimento do ser. Nesse contexto, a Metapsicologia Freudiana mantém o ser-aí em seu esquecimento, enquanto a fenomenologia hermenêutica é um método capaz de elucidar os conceitos ontológicos fundamentais dessa metapsicologia. Uma das bases do arcabouço teórico freudiano é a elaboração do inconsciente, sustentada em dois aspectos primordiais: primeiro, como um componente crucial do aparelho psíquico, e segundo, como a base que sustenta todos os dados lacunares da consciência. O objetivo deste trabalho é indicar em que medida o inconsciente freudiano pode ser interpretado como uma aparência do ser-aí. Para tal, utilizaremos o sétimo parágrafo de *Ser e Tempo*, onde Heidegger apresenta os diversos modos de desvelamento dos fenômenos, como mostrar-se, manifestação, anúncio e aparência. Segundo Heidegger, na aparência, há a possibilidade de o ente se mostrar como aquilo que em si mesmo ele não é. Nesse modo de mostrar-se, o ente se faz ver assim como (Heidegger, 2005). A hipótese deste trabalho é que, no edifício metapsicológico freudiano, o ente humano é visto como inconsciente que, ao olhar para o ser-aí em sua psique, aponta o que causaria os fenômenos psíquicos. Em outras palavras, o ser-aí interpretado pela metapsicologia freudiana do inconsciente sustentaria o ser-aí humano em sua aparência, ou seja, o ser-aí como ele não é. Este trabalho pretende indicar que o inconsciente freudiano aponta para uma modificação privativa do fenômeno ser-aí, modificação que Freud chamou de inconsciente ao determinar a essência da psique humana. Portanto, queremos dizer que Freud, ao ver a verdade do ser-aí, a sua psique, conjecturou por meio da aparência, delineada por Heidegger em *Ser e Tempo*, como o fenômeno mostrando-se em si mesmo como ele não é.

### Palavras-Chave

Psicanálise. Fenomenologia. Aparência.



## O LUGAR DA AFETIVIDADE NO ENVIO DO SER

Mariana Marcelino Silva Alvares

[maarimaarcelino@hotmail.com](mailto:maarimaarcelino@hotmail.com)

### Resumo

A questão dos afetos recebeu, em Heidegger, uma dedicada atenção desde seu tratado *Ser e Tempo* (1927). Nesta obra, em que o filósofo se dedica a desenvolver sua analítica existencial, a *Befindlichkeit* (disposição em Schuback; encontrar-se em Castilho) da angústia exerce o papel fundamental de possibilitar ao ser-aí a abertura para as suas possibilidades próprias. Em vista disso, Heidegger se dedica nos §29 e §40 ao exame do encontrar-se, em particular da angústia e do medo. Em 1929, três anos após a publicação de *Ser e Tempo*, Heidegger ministrou o curso intitulado *Conceitos Fundamentais da Metafísica: mundo, finitude e solidão*. Neste curso, o filósofo igualmente se dedica a *Befindlichkeit* para explicitar um caráter fundamental do ente humano a partir do caractere do humor. Neste texto, Heidegger diferencia o modo de ser existencial do ser-aí, da vida animal. Para isso, o filósofo lança mão dos humores da angústia e do tédio como maneira de explicitar o caráter ontológico do ser-aí de ser-no-mundo. Desde o período pré-publicação de *Ser e Tempo* até os anos finais da década de 20, portanto, Heidegger se ocupou em pensar a questão dos humores, sobretudo da angústia e do tédio, enquanto vias de acesso para a adequada colocação da questão do ser. Neste primeiro momento, entretanto, os humores explicitam caracteres próprios do ser-aí, seja a via para sua autenticidade (ST) seja a constituição da transcendência (preleção). Por sua vez, no texto *Serenidade* (1955) Heidegger se dedica à exposição desse encontrar-se (*Gelassenheit*) a partir do envio historial do ser. Portanto, há uma mudança no modo de tratar os humores, e é essa mudança do modo de conceber a afetividade que o presente trabalho pretende explorar. Da passagem de um Heidegger ocupado com a singularidade do ser-aí, em *Ser e Tempo* e nos textos posteriores à publicação do tratado maior, até a reflexão sobre o afeto da serenidade como afeto que faz frente à manifestação do envio historial do ser próprio da era da técnica.

### Palavras-Chave

Angústia. Serenidade. Ser.





## O NADA NO MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE HEIDEGGER

José Henrique Fonseca Franco  
[jose.franco@aluno.ufop.edu.br](mailto:jose.franco@aluno.ufop.edu.br)

### Resumo

A obra *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*) de Heidegger marcou decisivamente os rumos da filosofia no século XX. Estabelecendo com a tradição metafísica ocidental um projeto de destruição e superação, as críticas à tradição consistem na denúncia da transformação do pensamento metafísico em ontoteologia e a supera com a proposta de um método inovador: a analítica existencial. Tal método não tem outra finalidade senão colocar adequadamente a pergunta fundamental, ou seja, a pergunta pelo ser, que é recolocada na forma da pergunta pelo sentido de ser (*Seinsfrage*). Com a reformulação do questionamento ontológico precípua, Heidegger se volta para o ente que coloca a pergunta, aquele que é denominado *Dasein* (ser-aí). Esse ente é o ente para o qual todos os outros entes são, e que realiza suas possibilidades no horizonte do tempo. Para alcançar a pergunta pelo ser é necessário um caminho, um *hodos*, o qual Heidegger não entrega inicialmente o itinerário, a não ser de maneira provisória. O método fenomenológico vai se desvelando frente a analítica existencial, o caminho vai sendo compreendido ao ser trilhado. Uma vez percorrido tal itinerário e com as estruturas do *Dasein* à mostra que é possível ascender à pergunta pelo sentido do ser. No entanto a analítica existencial evidencia que para compreender o ser, precisamos compreender o não-ser, mais propriamente esse em sua forma mais radical, o nada (*das Nichts*). Para Heidegger o nada não é simplesmente um não-objeto, mas uma falta que pode ser experienciada. É a disposição afetiva da angústia que nos coloca diante o nada. É a partir da experiência do nada que a compreensão do ser emerge de maneira mais profunda e genuína. Nesse trabalho explicitaremos a relação entre o nada (*das Nichts*) e o questionamento pelo sentido do ser (*Seinsfrage*), evidenciando como o nada enquanto experiência propiciada pela disposição afetiva da angústia pode ser considerada uma estrutura ontológica fundamental do *Dasein*. Para isso enfatizaremos a explicação do método fenomenológico heideggeriano e como esse almeja retomar a pergunta pelo ser, explicitando a via negativa que é dada pela analítica do *Dasein* e que inevitavelmente passa pela noção de nada presente em *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*).

### Palavras-Chave

Fenomenologia heideggeriana. Nada. Ser.



## O SER-AÍ E O RISO

Carlos Roberto Guimarães  
[betorrancho@yahoo.com.br](mailto:betorrancho@yahoo.com.br)

### Resumo

O objetivo desse trabalho pode, inicialmente, provocar desconfianças, uma vez que o riso não foi um tema abordado pelo pensamento de Heidegger. Por consequência, corre-se o risco de flertarmos com a arbitrariedade de uma leitura que diz mais do que os textos do filósofo permitem. Não obstante tal risco e dificuldade, um fato é incontornável: o riso é uma das faculdades do ser-ai. Não só isto: consoante Aristóteles já o dizia, o ser humano é o único ente que ri. Ou seja, de algum modo o sorriso o singulariza, distinguindo-o dos animais. Em função disso, abordaremos a possibilidade de o riso ser compreendido enquanto um fenômeno que possui lastros mais profundos, não se restringindo, então, a contextos de comicidade simplória e grotesca. O riso seria, nesse caso, um espasmo oriundo da leveza de um estado de alegria – bom humor – perante a gratuidade da existência. Por sua vez, esse estado é desperto pelo acolhimento, por parte do ser-ai, ao apelo do ser. Em suma, pretendemos aventar a possibilidade de o riso ser um eco, ainda que longínquo e periférico, da constituição fundamental do ser-ai.

### Palavras-Chave

Ser-ai. Bom Humor. Riso.



## OS DIÁRIOS DE SYLVIA PLATH À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA

Amanda Caroline Nascimento Lins

[amanda.nlins@ufpe.br](mailto:amanda.nlins@ufpe.br)

### Resumo

A analítica heideggeriana torna manifesta a compreensão do fenômeno da finitude humana de modo mais originário que o das antropologias filosóficas. Em virtude disso, a analítica existencial se mostra anterior às compreensões biologicistas ou mesmo de cunho moralizante que guiam a visão dogmática acerca do suicídio, no tocante às ciências humanas. O presente trabalho pretende 1) explicitar as conquistas sumárias da analítica existencial no que diz respeito ao ente humano, o ser-aí (Dasein), e seu modo peculiar de ser finito e 2) propor os Diários (1950-1962) da escrita confessional de Sylvia Plath enquanto testemunho das teses heideggerianas. Para tanto, cotejaremos os escritos de Plath e a obra capital de Heidegger, Ser e Tempo. Em posse de ambos, examinaremos, num primeiro momento, conceitos ontológico-existenciais centrais para nossa empreitada, tais como impessoal, ser-para-a-morte, verdade e angústia, de modo a responder a pergunta “Quem é o ente que morre?”. Veremos que, no senso comum, o trato com o ente que deseja pôr fim a sua existência é perpassado por um viés profilático e até patologizante e que a fenomenologia hermenêutica, na medida em que é anterior a uma filosofia dos valores, é capaz de promover um paradigma de lida com o mesmo ente de forma radicalmente diversa. Ao final, com a conquista da analítica existencial devidamente explorada, isto é, tendo respondido a pergunta por quem é o ente que morre, mostraremos de que forma as passagens dos diários de Plath testemunham as teses heideggerianas.

### Palavras-Chave

Heidegger. Finitude. Sylvia Plath.



## PENSAMENTO MEDITATIVO E TÉCNICA: O DESAFIO DO INÚTIL NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Luana Alves De Oliveira Augusto

[luana.oliveira.015@ufrn.edu.br](mailto:luana.oliveira.015@ufrn.edu.br)

### Resumo

O filósofo alemão Martin Heidegger foi um dos pensadores mais influentes do século XX, cujas reflexões abrangem desde a metafísica até a fenomenologia, permeando temas como existência, ser e tempo. Um conceito recorrente em sua obra é o do inútil, que ganha significados profundos quando contrastado com a importância do pensamento meditativo em oposição à técnica. Heidegger argumenta que vivemos em uma era na qual a técnica domina nossas vidas. A mentalidade técnica, segundo ele, nos afasta da essência do ser e nos coloca em um estado de alienação em relação ao mundo. Nesse contexto, o inútil ganha uma conotação peculiar: não se trata simplesmente do que é sem valor prático, mas do que escapa à lógica instrumental da técnica, do que não pode ser mensurado ou controlado. Para Heidegger, a técnica reduz o ser humano a um mero recurso, uma engrenagem em uma máquina que visa apenas à eficiência e ao progresso. Nesse processo, perdemos nossa capacidade de contemplação, de nos conectarmos com o mundo de forma autêntica. O inútil, então, emerge como uma ruptura com essa lógica utilitária, como um convite a recuperar nossa relação perdida com o ser. É nesse ponto que o pensamento meditativo assume sua importância. Contrapondo-se à mentalidade técnica, a meditação não busca um fim utilitário, mas sim a contemplação e a compreensão do ser. Ao mergulhar na experiência do momento presente, a meditação nos permite transcender a lógica da utilidade e nos reconectar com nossa essência mais profunda. Heidegger sugere que a meditação nos coloca em contato com o ser-aí, termo que ele usa para descrever nossa existência autêntica e situada no mundo. Nesse estado de ser, não estamos preocupados com objetivos externos ou com a eficiência, mas sim com a plenitude e a autenticidade de nossa experiência. O inútil revela-se, então, como essencial para essa busca, pois é através dele que acessamos uma dimensão de significados que transcendem a mera funcionalidade. No entanto, a importância do pensamento meditativo não reside apenas em sua capacidade de nos reconectar com o ser; ela

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



também nos convida a questionar a própria noção de utilidade. Ao cultivarmos uma atitude meditativa, somos levados a repensar nossas prioridades e valores, a questionar o imperativo da eficiência em favor de uma abordagem mais contemplativa e reflexiva da vida. Isso não significa rejeitar completamente a técnica ou o progresso, mas sim colocá-los em seu devido lugar.

## Palavras-Chave

Técnica. Pensamento meditativo. Inútil.



## POLÍTICAS DO ACONTECIMENTO E AS DERIVAÇÕES DA ÉTICA NOS PROCESSOS DA VERDADE ENTRE MATEMAS E POEMAS

Aline Hamdan

[alinehamdan815@gmail.com](mailto:alinehamdan815@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho trata da ética em Alain Badiou, especificamente a partir dos anos 90, quando o seu conceito é vinculado a um modo de ser do Humanismo. Desta forma, o cerne da questão é a discussão da ética como uma luta contra o mal, um niilismo ontológico. Porém, o que deveria prevalecer era a demonstração da singularização do homem enquanto portador dos processos de verdades, assim, emanaria uma ética perseverante que revela uma universalização radical. Primeiramente este mal é o que mantém o conjunto da humanidade apenas como essencialização do homem biológico contra o maior acontecimento da vida: a morte. Porém, isto significa um cálculo que se enverga para a finitude, então o mal é um valor todo poderoso e imanente. No entanto, pretende-se a disputa da palavra ética como um valor para uma política do acontecimento. No momento propício, haverá essa discussão a respeito do retorno da ética, sua vinculação ao mal e por fim o que determinadas linhas de pensamento definem a “morte do homem”. Há uma linha teórica que refuta o “sujeito-substância” e a pesquisa defenderá um processo histórico sem sujeito. Assim, desenvolve uma genealogia da ética na antiguidade aos dias atuais onde se alterna entre uma ontologia para a morte (doutrina do ser) e uma ontologia da vida (ontologias matemáticas). Assim, procede como ética uma outra forma de construção, um pensamento radical direcionado ao processo das verdades universalizáveis. Por fim, o trabalho desvela a historicidade e da instabilidade que deduzem uma alteridade. Não há consensualidade que não defina os processos de verdade que culminam com o projeto da ética em Badiou e que são importantes na ontologia matemática, na qual o matema supera o poema. Esta é a relação da filosofia ocidental a partir de Heidegger com o niilismo ético, afinal se o ser e o tempo são o nada e a morte é imanente, nada mais importa. A forma como esta verdade se revela seria através da estética, o poema é tratado como um valor, uma verdade, mas seria uma verossimilhança, pode ou não ter relação com os fatos. O ser em Heidegger seria uma organização do sentido da experiência, teria então uma função transcendental, porém, em Badiou, seria uma imanência.

### Palavras-Chave

Acontecimento. Ontologia. Verdade.



## THE ONTOPHOBIC TURN: TOWARDS A “HEIDEGGER RENAISSANCE” IN THE PHILOSOPHY OF TECHNOLOGY

Agostino Cera

[agostino.cera@unife.it](mailto:agostino.cera@unife.it)

### Resumo

My paper sketches a critical historicization of the newest philosophy of technology, starting from the so-called Empirical Turn (according to Hans Achterhuis' definition). My basic assumption is that the philosophy of technology is living an epistemic crisis, in the sense that many prominent scholars in this field don't believe anymore in both “philosophy” (as a form of knowledge) and “technology” (as something in itself). To avoid being deterministic, the current mainstream in the philosophy of technology – particularly the post-phenomenology – has become apologetic, i.e. no longer able to be critical. The hermeneutical hypothesis at the basis of this historicization is that after 40 years the Empirical Turn proved to be an Ontophobic Turn. By this expression, I mean an over-reaction against the transcendental approach (“technology” with capital T), i.e. against Heideggerian/continental legacy in the philosophy of technology. This overreaction consists of the transition from an over-distance to an over-proximity. More precisely, from an almost disinterest in the empirical/ontic dimension of technology (and therefore an over-distance), typical of the “classical philosophy of technology”, to an almost absolute interest in this empirical/ontic dimension (and therefore an over-proximity) with a consequent a priori disinterest in any ontological/transcendental implication of technology. This disinterest finally takes the form of a taboo, i.e. a real Onto-phobia. Given this premise, if “Technology” with capital T becomes nothing, i.e. if the philosophy of technology becomes a problem-solving activity in the presence of concrete problems emerging from the single technologies, then it must be admitted that this activity can be done much better by “experts” (scientists, engineers, politicians...) than by philosophers. The ontophobic turn in philosophy of technology culminates therefore in the disappearance of the reason for a philosophical approach to the question of technology. On this basis, the paradoxical accomplishment of the empirical turn should be the final self-suppression of the philosophy of technology. As a countermovement against this epistemic crisis,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



my proposal is a Heidegger renaissance in the philosophy of technology, that is the recover and preservation of a strictly philosophical barycenter in this field, or better, the acknowledgment of its unavoidable Heideggerian epistemic imprinting.

## Palavras-Chave

Philosophy of technology. Empirical turn.





## TRAVESSIA PARA O POÉTICO: CONFLUÊNCIAS ENTRE AS VEREDAS DE ROSA E O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Nilo Lima Sampaio  
nilolim4@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho objetiva analisar filosoficamente diversos níveis e camadas pelos quais a linguagem se apresenta em Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa (1908-1967). Apoiamos nossa análise na filosofia heideggeriana, mais especificamente na sua segunda fase, caracterizada pela viragem para o poético (Kehre), onde a poesia passa a ter lugar de destaque. Nessa fase de seu pensamento, Heidegger reforça que o ser é “dar-se como presença”, como aparição (alethéa), e a linguagem (lógos) é que possui o poder de trazer para a presença o não-presente, ou seja: o “ser-aparição” dar-se por força da linguagem e na linguagem. Ora, se a linguagem compreende todos os eventos e as possíveis relações entre eles, do mesmo modo que compreende a consciência que o homem tem de si e do mundo, interessa-nos descortinar o modo de existir que é presentificado em Grande Sertão: Veredas. A linguagem que Rosa construiu para compor sua obra, mostra que a coerência da linguagem mantém coerência do próprio mundo. Porém, assumimos que o mundo não possui uma essência universalmente homogênea, cuja materialidade subsiste por si mesma. Antes, o mundo é um conjunto não-quantificável, uma sucessiva série de fenômenos que se presentificam, que vem-a-ser, por meio da linguagem. É a partir deste escopo, que o trabalho investiga as maneiras como a linguagem se dá principalmente no desenrolar da saga do jagunço Riobaldo, procurando demonstrar que através do conceito heideggeriano de acontecimento apropriativo (Ereignis), há um movimento de apropriação de si como resultante do pacto de Riobaldo com o diabo. Notamos que esse foi um pacto com a liberdade da linguagem, e que tanto seu viés linguístico quanto sua busca estão evidenciados em determinados de Grande Sertão: Veredas, como a coragem que falta a Riobaldo; o poder simbólico e ontológico presente em alguns elementos, como no conceito de vereda; os relatos de Riobaldo sobre as travessias dos rios, e a própria concepção dele de vida como travessia. Para além das obras principais, como Ensaio e conferências, A caminho da linguagem, caminhos da floresta, A origem da obra de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



arte e Ser e Tempo, de Martin Heidegger, e obviamente Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, este trabalho foi realizado também a partir de obras de comentadores como A Rosa o que é de Rosa, de Benedito Nunes; O homem provisório no grande sertão, de Manuel Antonio de Castro, e O mundo movente de Guimarães Rosa, de José Carlos Garbuglio.

## Palavras-Chave

Ereignis. Guimarães Rosa. Heidegger.



## UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA SOBRE O PAPEL DOS ALGORITMOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Arlindo Antonio Do Nascimento Neto

[arlindo2911@gmail.com](mailto:arlindo2911@gmail.com)

### Resumo

Objetivo analisar o papel crescente dos algoritmos na sociedade contemporânea, especialmente no contexto da manipulação de dados pessoais, formação da opinião pública e influência nas escolhas políticas. Para tanto, será estabelecida uma conexão entre a discussão apresentada por Heidegger sobre o papel da técnica, da ciência moderna e da cibernética em seus textos *A Questão na Técnica*, *O Fim da Filosofia* e *A Tarefa do Pensamento*, *A Superação da Metafísica* e *Ciência e Pensamento do Sentido*, e a abordagem de Sergio Amadeu da Silveira em seu livro *Democracia e os Códigos Invisíveis: Como os Algoritmos Estão Modulando Comportamentos e Escolhas Políticas*. Assim, buscarei refletir sobre as seguintes questões: Como a crescente dependência e manipulação dos algoritmos estão relacionadas à desumanização e à transformação das pessoas? Como os algoritmos, conforme descritos por Silveira, refletem e amplificam as tendências presentes na modernidade, descritas por Heidegger, especialmente no que diz respeito à manipulação de dados e influência política? Como a ascensão da cibernética, delineada por Heidegger, está relacionada à transformação da relação entre ciência, técnica e filosofia, e como isso influencia a compreensão e organização da sociedade contemporânea? A análise revela que a dependência dos algoritmos está intrinsecamente ligada à desumanização, enquanto eles tratam os seres humanos como meros conjuntos de dados a serem explorados, levando à perda de individualidade. Além disso, os algoritmos refletem e amplificam as tendências modernas, filtrando informações e criando bolhas de opinião, ao mesmo tempo em que a ascensão da cibernética redefine a compreensão social, influenciando a estrutura e a relação da sociedade com a tecnologia e o conhecimento científico.

### Palavras-Chave

Algoritmos. Heidegger. Técnica



## VERDADE E FENÔMENO: DA GÊNESE AUTÔNOMA DA VERDADE NO MUNDO

Marco Antonio Dos Santos Casa Nova

[casanovamarco\\_271@hotmail.com](mailto:casanovamarco_271@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é acompanhar o conceito heideggeriano de verdade, tal como esse conceito se encontra exposto na década de 1920 e tal como ele se consuma em Ser e tempo. Para tanto, o que pretendemos fazer é em primeiro lugar mostrar em que medida Heidegger propõe em Ser e tempo uma compreensão de linguagem fundada radicalmente no modo mesmo de fenomenologização dos fenômenos, ou seja, na estrutura do célebre como hermenêutico. Ao pensar a gênese da linguagem como estruturada fenomenicamente no algo como algo, o pensador transpõe o problema da linguagem do campo de constituição de proposições e juízos para o campo de um acompanhamento originário de fenomenologização das coisas mesmas. Tudo se complica, porém, na medida em que esse movimento precisa lidar com um tipo muito particular de preconceitos que não são expressamente construídos pelos sujeitos dos conhecimentos, mas que atravessam antes de maneira operativa o próprio modo de aparição dos entes na cotidianidade: preconceitos de natureza histórica que condicionam a situação hermenêutica. Com isso, o que pretendemos mostrar é em que medida a absorção inicial em tal capa de preconceitos, ou seja, a inserção da existência no círculo hermenêutico, não implica um abandono da possibilidade da verdade, mas muito mais um questionamento da doutrina da epoché husserliana, com a inserção de um elemento de base existencial nas possibilidades mesmas de descrição da verdade. Tudo, em suma, girará aqui em torno da tríade: coisas mesmas, linguagem e verdade.

### Palavras-Chave

Fenômeno. Linguagem. Verdade.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT HISTÓRIA DA FILOSOFIA DA NATUREZA



## A MORTALIDADE DA ALMA EM ARISTÓTELES E MICHELÂNGELO

Feliciano De Aragão Ponte  
[felicianodearagao@gmail.com](mailto:felicianodearagao@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho visa estabelecer uma conexão interdisciplinar entre o conceito de mortalidade da alma presente em *De Anima* de Aristóteles (384-322 a.C.) e a obra *O Juízo Final* de Michelângelo (1475-1564). A abordagem será realizada por meio da análise das obras e seus autores, contextualizando-os historiograficamente. Serão examinados os trechos e a abordagem aristotélica sobre a relação entre a alma e o corpo, a natureza da alma e sua finitude, bem como suas implicações metafísicas. O contexto histórico do início do século XVI será explorado, destacando suas relações com o conceito de finitude da alma e o juízo final. Além disso, será conduzida uma análise filosófica e iconográfica da obra *O Juízo Final* de Michelângelo, no intuito de promover uma reflexão crítica e filosófica na análise da obra de arte. A proposta busca estabelecer uma conexão entre a aparente contradição entre a defesa da imortalidade da alma pelo artista, em prol da fé, e os conceitos aristotélicos que sustentam a mortalidade da alma. Entretanto, ao aplicar a teoria averroísta de dupla-verdade, como também defendida por Pomponazzi (1462-1525), a investigação encontra uma conexão através da relação metodológica de empirismo. Ambos os trabalhos seriam, então, considerados como utilizando uma metodologia empírica para observar a natureza humana com o objetivo de compreender conceitos relacionados ao mundo imaterial, como a alma. Para aferir as discussões presentes na interlocução entre arte e filosofia, é possível citar o que o filósofo Albert Camus afirma em “[...] só se pensa por imagens. Se você quer ser filósofo, escreva romances” (*Carnets*, 1962, p.63). Na citação, o autor ressalta a possibilidade de uma filosofia que não se limita a uma única disciplina e que pode manifestar-se de maneiras menos abstratas quando incorporadas a formas de expressão, possibilitando assim novas formas de evocações reflexivas. Ao demonstrar a possível interação entre disciplinas e fazer uma análise filosófica a partir de uma perspectiva contextualizada da obra de arte, o trabalho pretende incentivar a interdisciplinaridade em abordagens acadêmicas e colaborações entre pesquisadores de áreas de campos diferentes, além de promover a reflexão crítica ao considerar a arte como meio de transmissão de ideias filosóficas.

### Palavras-Chave

Aristóteles. Michelângelo.



## A NATUREZA E SUA EXPRESSÃO SENSÍVEL EM CARL GUSTAV CARUS

Esdras Arraes

[esdrasarraes@gmail.com](mailto:esdrasarraes@gmail.com)

### Resumo

Essa proposta de comunicação analisa o conceito de natureza postulado pelo médico, pintor e filósofo alemão Carl Gustav Carus. Desde seus primeiros escritos, que datam de 1811, a preocupação reflexiva de Carus reside na busca pela significação original da natureza e como ela se apresenta (*Darstellung*) e representa (*Vorstellung*) sensivelmente, seja em poesia ou pintura. Pretende-se abordar a natureza como crítica ao entendimento iluminista coevo, justamente porque ele a considerou fora do âmbito catalográfico e mecânico, como sugerem os modelos de classificação botânica de Lineu e as imagens inseridas na Enciclopédia de d'Alembert. Para o médico de Leipzig, natureza é algo absoluto, não tem sistema, pois é vida em sucessão ilimitada, causa primeira, imutável e “que sempre existe”. Lança-se luz em dois escritos centrais de Carus - *Briefe über Landschaftsmalerei* e *Zwölf Brife über das Erdleben*. A natureza em Carus fez parte de um momento histórico específico que viria a fundamentar a interpretação de mundo segundo as lentes do Romantismo alemão do século XIX, cujos reflexos ecoam em algumas obras de Alexander von Humboldt e do poeta Johann Wolfgang von Goethe.

### Palavras-Chave

Carus. Natureza. Romantismo.



## DESCARTES E CAVENDISH: SOBRE A NOÇÃO DE MOVIMENTO

Jéssica Kellen Rodrigues

[jessicakellenrodrigues@gmail.com](mailto:jessicakellenrodrigues@gmail.com)

### Resumo

O presente texto tem como objetivo apresentar uma análise aprofundada da noção de movimento no início do período moderno, com um enfoque particular nas contribuições de René Descartes e Margaret Cavendish. A filosofia moderna, especialmente em seus primórdios, é caracterizada por uma intensa produção intelectual, na qual diversos pensadores buscaram repensar as fundações da filosofia natural. A noção de movimento emergiu como um tema central nesse contexto, sendo amplamente debatida e reformulada. Descartes e Cavendish se destacam nesse debate ao tentar compreender e reinterpretar as considerações sobre a natureza. Diante disso, esse texto busca evidenciar os pontos de confluência e dissensão entre as concepções dos dois pensadores sobre o tema do movimento. Para tanto, delimitaremos o contexto intelectual da época, ressaltando a importância atribuída à noção de movimento durante o desenvolvimento das teorias desses autores. Inicialmente, será feita uma contextualização do ambiente intelectual que permeia o período em que Descartes e Cavendish desenvolveram suas ideias, destacando a relevância da noção de movimento para a filosofia natural do período. Em seguida, examinaremos como cada autor concebe o movimento em suas respectivas teorias, detalhando as nuances e particularidades de suas abordagens. Por fim, propomos estabelecer um diálogo entre as teses de Descartes e Cavendish, destacando as divergências e similitudes em suas visões. Ambos sustentam que o movimento é inerente à matéria, contudo, suas concepções sobre a natureza da matéria, a dinâmica do movimento e seus efeitos divergem significativamente. Essas diferenças serão analisadas no texto, proporcionando uma compreensão mais rica e detalhada das contribuições de cada autor para o desenvolvimento da filosofia natural no período moderno.

### Palavras-Chave

Movimento. Matéria. Filosofia da Natureza.



ENCONTRO  
**XX ANPOF**

RECIFE, PE  
30/09 ▶ 04/10/24



Realização



ANPOF  
Associação Nacional de História

Apoio



UFPE



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE PERNAMBUCO



FACULDADE  
CATÓLICA



CNPq

## GT HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL E A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA ANTIGA



## A AISTHESIS NA CONJECTURA DE NICOLAU DE CUSA: A VISÃO SENSÍVEL COMO FERRAMENTA FILOSÓFICA

Marcus Vinicius Carnivali De Araujo

[marcuscarnivali@gmail.com](mailto:marcuscarnivali@gmail.com)

### Resumo

A obra de Nicolau de Cusa se insere na tradição filosófica, dentre outros fatores, pela sua importância no estudo sobre a capacidade do conhecimento humano e seus limites, consolidado no conceito da docta ignorantia, o conhecimento que se aprimora por reconhecer seus limites. Vamos abordar no presente trabalho como, em conjunto a esse estudo epistemológico, Cusa irá construir um estudo estético, abordando o papel do sensível na construção das conjecturas e culminando na articulação da visão diante da pintura na obra *De Visione Dei*. Nosso objetivo será apresentar esse movimento na filosofia neoplatônica que rompe com a ideia do corpo como fonte de engano e se abre para a aisthesis como ferramenta de conhecimento. Cusa, no *De Quaerendo Deum*, nos apresenta o mundo como teofania, uma manifestação do Divino enquanto Princípio, afirmando inclusive que, se o mundo não servisse de auxílio na busca pelo Princípio ele teria sido criado em vão. O sensível, que utilizamos para acessar esse mundo, não pode ser mal ou enganoso por princípio. Tal abertura ao sensível se converte no *De Visione Dei* para uma abertura para a dimensão estética diante da arte. Não só o mundo criado nos servirá de auxílio para a melhor compreensão, mas também a sensibilidade diante daquilo que é criado pelo próprio homem enquanto arte. As questões centrais que guiam o presente trabalho são, portanto: Qual o papel da sensibilidade na construção das conjecturas? O que significa, nessa visão teofânica do mundo, a capacidade humana de criar uma obra estética que pode ser ela também uma ferramenta de manifestação do Princípio? Como Cusa faz uso consciente dessa ferramenta da sensibilidade na construção de sua obra? Para fundamentar nossa apresentação utilizaremos principalmente as obras *De Coniectures*, *De Docta Ignorantia* e *De Visione Dei*, bem como os sermões *Tota Pulcra Es, Amica Mea* e *De Quaerendo Deum*.

### Palavras-Chave

Cusa. Sensibilidade. Conjectura.



## A DOCTRINA DAS IDEIAS EM TOMÁS DE AQUINO

Antonio Janunzi Neto  
[ajneto@uefs.br](mailto:ajneto@uefs.br)

### Resumo

A presente análise examinará a doutrina das ideias de Tomás de Aquino, estabelecendo um contraste com as concepções platônicas e neoplatônicas. Segundo o entendimento consolidado, Aquino se alinha à tradição platônica ao postular que as ideias são exemplares imateriais, imutáveis e eternos das entidades materiais e sensíveis, e que estas residem ontologicamente na mente divina, mais precisamente no intelecto de Deus. No entanto, ele se distancia de Platão ao refutar a noção de que as ideias subsistem per se como Formas, e diverge de neoplatônicos como Plotino e Proclo ao rejeitar a concepção de que a mente divina constitua uma hipóstase subordinada a um princípio metafísico mais fundamental. De maneira distinta ao platonismo e em consonância com Aristóteles, Tomás defende que as ideias não podem existir fora da mente de Deus como formas separadas, mas apenas como atributos divinos inseparáveis da existência de Deus. Uma questão crucial que emerge da teoria do Aquinate sobre as ideias concerne à sua realidade: são elas mais 'reais', ou seja, possuem um grau de existência mais perfeito em comparação com as coisas sensíveis que elas exemplificam? Neste contexto, as interpretações dos comentadores de Platão sobre o grau de realidade atribuído às Ideias se bifurcam em duas principais correntes: uma leitura existencial e uma leitura não existencial e qualificativa. Ao transpor esta problemática para a teoria de Tomás, observa-se que, embora ele reconheça que as Ideias Divinas possuem um tipo de realidade superior em virtude de sua imutabilidade e eternidade na mente de Deus, ele não as considera mais existentes do que as coisas sensíveis de maneira absoluta, preservando assim a integridade ontológica do ente criado. Desta forma, emerge a questão sobre a natureza da realidade e o grau de realidade atribuído às Ideias Divinas segundo Tomás de Aquino. A abordagem do Doutor Angélico sobre as ideias na mente de Deus será articulada primariamente em quatro textos fundamentais: o Comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo, Livro I, Distinção 36; a Suma Teológica, I, questão 15; as Questões Disputadas De Veritate, q.3, art.1; e a Suma Contra os Gentios, I, q.54. Portanto, a análise e potencial resolução da questão proposta serão focadas na exploração expositiva desses textos específicos.

### Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Ideia. Mente.



## A PRUDÊNCIA COMO UMA VIRTUDE INTELLECTUAL NA SUPER ETHICA DE ALBERTO MAGNO

Pedro Konzen Capra  
[pedrokcapra@gmail.com](mailto:pedrokcapra@gmail.com)

### Resumo

Na Europa latina do século XIII, a noção de virtude recebeu atenção de teólogos e mestres da faculdade de artes que tiveram contato com a *Ética a Nicômaco*. Os livros I, II e III, foram introduzidos antes do restante da obra ética de Aristóteles, o que fez com que os pensadores da época se familiarizassem anteriormente com a noção de virtude moral. Mesmo que Aristóteles já fizesse menção às virtudes intelectuais nos primeiros livros, os latinos só tiveram acesso ao tratamento do filósofo grego às virtudes intelectuais quando o livro VI foi disponibilizado através da tradução completa da E.N. de Roberto Grosseteste. Nesse intervalo, a natureza da prudência foi debatida no século XIII a partir de fontes latinas e gregas. De acordo com o pesquisador Anthony Celano (2012), os autores latinos se questionavam se a prudência é uma virtude intelectual ou moral, ao ponto de autores como Roberto Kiwardby a considerarem como sendo tanto uma virtude intelectual quanto moral. É nesse contexto que Alberto Magno escreve a sua *Super Ethica*, o primeiro comentário latino completo da E.N. que se tem registro. Nessa obra, ele se posiciona diante do problema sobre a natureza do hábito da prudência e defende que ela é uma virtude intelectual, excluindo a hipótese de que ela seja uma virtude moral ou que ela pertença a um terceiro ramo de virtudes além das morais e intelectuais. Em síntese, em sua resposta, ele defende que uma virtude pode ser dita intelectual a partir de três fatores, a saber: a parte da alma que o hábito aperfeiçoa, o modo pelo qual o hábito é gerado e, por fim, o objeto do hábito em questão. A prudência compartilha com os hábitos intelectuais as duas primeiras características e compartilha com os hábitos morais a terceira característica (*Super ethica*, VI, l. 1, q. 3). A motivação por trás dessa análise da *Super ethica* está em rastrear o modo como Alberto Magno se posiciona frente ao argumento aristotélico em 1139a11-15, início do livro VI da E.N, em que o pensador grego parece defender uma separação radical entre as partes científicas e deliberativas da alma a partir do seu objeto. Alberto Magno, diferentemente de Tomás de Aquino em sua



Sententia libri ethicorum, não parece comentar diretamente o referido argumento. Porém, o fato de defender que a prudência, apesar de possuir um objeto diferente de outros hábitos intelectuais, deva ser agrupada entre os hábitos intelectuais, pode revelar um posicionamento semelhante ao de Tomás de Aquino.

### **Palavras-Chave**

Alberto Magno. Prudência. Virtude.



## A RECEPÇÃO DE PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA POR TOMÁS DE AQUINO

Saulo Matias Dourado

[saulomdourado@gmail.com](mailto:saulomdourado@gmail.com)

### Resumo

Seguindo o exemplo de seu mestre Alberto Magno, Tomás de Aquino também compôs um estudo de comentários de Os Nomes Divinos de Dionísio Areopagita (atualmente conhecido como Pseudo-Dionísio). Segundo Thierry-Dominique Humbrecht e Carlos Arthur Ribeiro, há uma contribuição original de Tomás a partir da leitura da teologia negativa presente na obra dionisiana. Dionísio, influenciado pelo neoplatonismo, aborda a complexidade da linguagem sobre Deus, argumentando que, enquanto as palavras humanas são insuficientes para capturar plenamente a essência divina, elas podem, no entanto, apontar para aspectos verdadeiros de Deus através de analogias e negações. Aquino busca harmonizar a abordagem mística de Dionísio com sua própria visão teológica, mais sistemática. Ele concorda que a linguagem humana é limitada e que qualquer tentativa de descrever Deus deve reconhecer essa limitação. No entanto, Tomás também insiste que, por meio da razão e da revelação, os seres humanos podem alcançar um entendimento verdadeiro, ainda que parcial, de Deus. Um dos pontos centrais nos comentários de Aquino é sua exploração da teologia negativa que afirma que podemos conhecer Deus tanto pelo que Ele não é quanto pelo que Ele é, quando o próprio Aquino é estruturador de uma teologia como ciência. Tomás enfatiza a natureza supersubstancial da essência divina, sugerindo que ela transcende todas as categorias de substância conhecidas pelos seres criados. Isso introduz uma abordagem teológica que se baseia na revelação para nomear e compreender Deus, reconhecendo simultaneamente os limites inerentes à linguagem e ao pensamento humano. A possibilidade de contemplar verdades divinas através da revelação é apresentada como uma concessão divina que nos permite vislumbrar o divino, embora sempre de maneira limitada e mediada pelas realidades criadas.

### Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Dionísio Areopagita. Teologia.



## AGOSTINHO E A BUSCA DO VERBO PERFEITO

Eduardo Alvim Passarella Freire  
[eduardopassarella1@gmail.com](mailto:eduardopassarella1@gmail.com)

### Resumo

Uma das grandes obras do pensador Agostinho, as Confissões, envolve três elementos: Teologia, Filosofia e Oratória. Em geral, o estudo desses três elementos é feito frequentemente de maneira separada. A Retórica é estudada nas Letras; enquanto teólogo Agostinho é estudado na Teologia, e por fim, a Filosofia faz um grande recorte e se trabalha frequentemente os livros X e XI das Confissões. O presente trabalho pretende tratar desses três elementos constitutivos do pensamento agostiniano de maneira conjunta. Através desse tratamento se almeja chegar à plenitude linguagem. Investigaremos até que ponto Agostinho atinge a perfeição da oratória estabelecendo uma união da Teologia, Filosofia e Retórica. A escolha do trabalho dá-se por razões teológicas e filosóficas, e também por razões retóricas dado que o bispo de Hipona foi intimamente influenciado por Cícero em quem já se encontra questionamentos filosóficos quanto ao escopo da Oratória e suas áreas de abrangência, em especial a Filosofia. O que justifica a presença da oratória estabelecendo uma ponte entre Filosofia e Teologia é o conceito de amor no pensamento de Agostinho. Com efeito, a metáfora do amor é pensada como elemento central da antropologia agostiniana. Isto significa que o ser humano enquanto tal traz em si o pathos, além da razão e da crença, da Filosofia e da Teologia respectivamente. Além da racionalidade o ser humano é, ao mesmo tempo, movido por desejos. Daí a necessidade de considerar a Oratória como elemento essencial para a compreensão das Confissões. Com efeito, o amor constitui para o bispo de Hipona o peso de todas as coisas, tanto terrenas quanto espirituais. Assim sendo, para a compreensão das obras faz-se necessário investigar o estatuto da eloquência em sua união entre razão e linguagem. A conversão filosófica e a conversão a teologia não nos parece um recuo em sua formação retórica, mas uma realização plena. Ele mantém a necessidade de escrever de maneira eloquente, de mobilizar elementos da Oratória para escrever Filosofia e Teologia. São esses elementos que podem nos levar a uma leitura mais aprofundada e esclarecedora deste pensador, uma leitura renovada. Em suma, pretendemos evidenciar o embasamento de seu



pensamento no conceito de uma linguagem eloquente não simplesmente como transmissão de informações, isto é, de comunicação, mas também como potência de criação.

### **Palavras-Chave**

Eloquência. Retórica. Agostinho de Hipona.





## CONHECIMENTO DE SI NO LIVRO X DAS CONFISSÕES: DEUS SUPOSTO SABER

Marcos Antonio José Da S. Leal Jr.

[malealjr71@gmail.com](mailto:malealjr71@gmail.com)

### Resumo

As Confissões, obra escrita por Agostinho de Hipona, tem por um de seus objetivos a tarefa de conduzir ao conhecimento de si através de um esforço profundo de investigação interior, para o qual alerta não ser possível prescindir da memória. Quanto a esta, no capítulo VIII do Livro X, verifica-se-a como: 1) força da natureza humana e do pensamento; 2) capacidade de retomar as coisas na forma de imagens; 3) aptidão em congeminar seu conteúdo, presentificando acepções futuras e vivências passadas; e, 4) misteriosa, pois incapaz de ser apreendida completamente pelo espírito humano - mesmo que a este pertença e sem a qual sequer poderia dizer-se si-mesmo. Deste modo, em diálogo com Deus, Agostinho faz de suas provações sobre a terra uma narrativa vívida – cujo pretexto não é outro senão o da necessidade de curar-se das dores de seu coração e dos desejos de sua carne. Neste sentido, o Livro X das Confissões ocupa um papel central: é o momento da obra em que Agostinho dedicou-se a falar do que lhe concernia em sua atualidade, situando-se diante de si mesmo, escrevendo para alteridade e, sobretudo, orando diante de Deus a quem roga por misericórdia e amor. O contato com Deus, então, a quem Agostinho endereça suas inquietações e angústias, parece constituir-se como baliza desta experiência cuja originalidade está no acesso à interioridade e na catarse da prática narrativa. Por conseguinte, o esforço desta pesquisa está em caracterizar a profundidade alcançada pelas reflexões agostinianas a partir disto que parece permitir ao próprio Agostinho realizá-las: a suposição de um saber em Deus - tal como o conceito lacaniano pressupõe do analisante a suposição de um saber na figura do analista. Com efeito, para Lacan, há na análise uma verdade que se busca, um amor que se demanda e a suposição de um saber dirigido ao analista. É isto que no Seminário Livro XI, capítulo XI, Lacan vai parcialmente discernir como sendo a justificativa pela qual o paciente pode procurar o analista, pedindo-lhe que o cure, mesmo quando seus sintomas implicam na satisfação do prazer. Assim, objetiva-se investigar como que a interioridade examinada por



Agostinho tornou-se vasta pelo recurso empregado por ele na transferência que realiza com Deus, cuja relevância consiste em afastar do bispo de Hipona o orgulho imaginário do eu, revelando, no ato expor-se discursivamente em uma confissão íntima sobre si, uma forma possível de cuidado para com dores que, não sendo do corpo, afligem, antes, a alma.

### Palavras-Chave

Memória. Conhecimento de Si. Suposto Saber.



## DESEMBARAÇANDO NÓS SEMÂNTICOS: A SOLUÇÃO DE TOMÁS BRADWARDINE AO PARADOXO DO MENTIROSO

Yuri Dos Santos Nascimento  
[yurinascimento@id.uff.br](mailto:yurinascimento@id.uff.br)

### Resumo

Nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar a solução do lógico e teólogo medieval Tomás Bradwardine (c. 1290-1349) ao problema contemporaneamente conhecido por “Paradoxo do Mentiroso”. Na literatura lógica medieval, esse paradoxo era o principal representante de uma classe de paradoxos semânticos chamados “insolúveis”. Em sua formulação mais simples, o paradoxo decorre da existência de uma sentença contingente e autorreferencial, como “esta própria sentença é falsa”. A tarefa, então, consiste em saber se a sentença é verdadeira ou falsa. Se é verdadeira, então ela é falsa; mas, se é falsa, então ela é verdadeira. Logo, parece possível concluir que a sentença em questão é verdadeira e falsa simultaneamente. Do ponto de vista da Lógica Clássica, porém, esse resultado é inaceitável, em razão do estatuto fundamental do princípio de não contradição. Com efeito, a solução de Bradwardine rejeita esse resultado indesejado de uma maneira que desperta grande interesse lógico e filosófico, porque ela se mostra, ao mesmo tempo, refinada o bastante para admitir a existência de sentenças autofalsificadoras e robusta o suficiente para impedir que sentenças desse tipo sejam simultaneamente verdadeiras e falsas. Essencialmente, a solução de Bradwardine se baseia em um tipo de teoria pluralista do significado sentencial, segundo o qual o significado total de sentenças é constituído, em geral, por uma conjunção de significados parciais. A estratégia bradwardiniana, então, é demonstrar, com base nessa teoria, que sentenças autofalsificadoras possuem significados contraditórios e, por isso, não podem ter satisfeitas todas as suas condições de verdade, sendo, portanto, falsas. Apesar de sua engenhosidade e de seu impacto decisivo na discussão medieval sobre insolúveis a partir da primeira metade do séc. XIV, a solução de Bradwardine não foi ainda suficientemente apreciada na discussão contemporânea sobre o Paradoxo do Mentiroso. Assim, ao expor a solução bradwardiniana, pretendemos defender a tese de que, a despeito de sua localização temporal, ela enseja reflexões relevantes para o debate atual sobre os conceitos de verdade e significação sentencial.

### Palavras-Chave

Paradoxos. Tomás Bradwardine. Lógica Medieval.



## METAFÍSICA NA OBRA GRAMMATICA SPECULATIVA DE TOMÁS DE ERFURT

Matheus Batista Gomes

[profmatheusbatista23@gmail.com](mailto:profmatheusbatista23@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta apresentação é o de expor algumas considerações sobre o pensamento modista, a partir da gramática especulativa do séc. XIII. Segundo os mesmos, há uma distinção entre os conteúdos mentais e os objetos do mundo. Nesse sentido, indicam e distinguem três etapas no processo de construção de uma oração congruente: os modos de ser (*Modus Essendi*); os modos de entender (*Modus intelligendi*); e os modos de significar (*Modus Dicendi*). Esses são os princípios mais fundamentais do processo de construção de frases, e são também a possibilidade de instituição da gramática como uma ciência autônoma. Preocupamo-nos, pois, em delimitar e explicar com minúcias todo o processo do falar. Todas essas condições dos modistas têm consequências filosóficas, como no campo da lógica – no que tange a possibilidade e definição da verdade e falsidade do discurso –, da metafísica – em relação a ontologia dos objetos do mundo e dos modos de ser no mundo –, e da epistemologia – no processo de aquisição de conhecimento e da subsequente produção de discursos –, que precisam ser trazidas à luz por uma reflexão sóbria, calculada e direcionada à elucidação de tais problemáticas. A exigência de cientificidade marca um ponto de virada na história dos estudos linguísticos da Idade Média, tornando a gramática uma disciplina independente de outras, como a lógica e a metafísica. Como ciência, ela seria fundamentada a partir de princípios, identificados como os modos de significar. Pesquisar sobre filosofia da linguagem é um desafio, haja vista a imensa massa de reflexões já produzidas por pensadores visando a essa temática. O interesse no pensamento presente na gramática especulativa dos modistas se desvela na originalidade e na ruptura com a tradição que seus escritos sugerem. Além disso, pretende-se uma reflexão sobre a disruptiva pretensão de fazer da gramática uma ciência universal que se sobreponha às outras formas do pensamento, como se fosse aquela a origem geradora e possibilitadora de todas essas. Afinal, sem a fala, sem a possibilidade de produção de discursos coesos e harmônicos, passíveis de serem



compreendidos por falantes de uma língua, como poderíamos produzir qualquer tipo de conhecimento sobre o mundo, sobre a estrutura das coisas e sobre nós mesmos? Se aceitarmos os pressupostos de uma gramática universal e ancorada nos princípios dos modistas, temos consequências da ordem filosófica que precisam ser trazidos à tona e refletidas sistemática e minuciosamente.

### **Palavras-Chave**

Filosofia Medieval. Linguagem. Modismo.



## O CONCEITO DE DOM COMO MEDIAÇÃO ENTRE PREDESTINAÇÃO E LIVRE-ARBÍTRIO NAS OBRAS TARDIAS DE AGOSTINHO

Mauro Luiz Do Nascimento Júnior

[mauronascimento@usp.br](mailto:mauronascimento@usp.br)

### Resumo

Esta comunicação pretende investigar a relação complexa entre predestinação e livre-arbítrio nas obras tardias de Agostinho de Hipona, focando no papel do conceito de dom como mediador. Agostinho busca conciliar predestinação divina e liberdade humana, enfatizando a influência da graça divina. As obras *A Predestinação dos Santos* e *O Dom da Perseverança* são os principais pontos de análise, pois nelas Agostinho explora a interligação entre a predestinação e a vontade humana. A graça divina, representada pelo conceito de caritas (amor cristão), age como intermediária entre essas ideias, permitindo aos indivíduos escolher o bem livremente. A pesquisa busca evidenciar que a graça divina capacita a vontade humana e fortalece a escolha pelo bem, mantendo a liberdade individual. Nesses textos, Agostinho afirma que a predestinação é um dom divino que não depende da vontade humana (ao modus vivendi dos santos), mas que o livre-arbítrio também é uma realidade que não pode ser negada. Dito isso, é necessário explicitar de forma mais aprofundada como Agostinho elucida a mediação por meio do conceito de dom entre as aparentes tensões entre predestinação e livre-arbítrio, tendo como pano de fundo a graça divina. Esta comunicação também explora a perseverança como um dom universal, ligado à graça, que sustenta os indivíduos em seu caminho até o fim. Agostinho dedicou boa parte de sua obra a essa questão, especialmente em suas obras tardias, como *A predestinação dos santos* e *O dom da perseverança*.

### Palavras-Chave

Dom. Predestinação. Livre-Arbítrio. Graça.



## O CONCEITO DE MATERIA CAUSAE E A TEORIA DA PARTICIPAÇÃO EM TOMÁS DE AQUINO

Brenda Oliveira

[brenda.oliveira.fsa@hotmail.com](mailto:brenda.oliveira.fsa@hotmail.com)

### Resumo

Quando Tomás de Aquino estabelece a relação causal entre o phantasma e a atividade intelectual tanto no texto da Suma Teológica, q. 84, a.6 quanto no De Verit. q. 10, a. 6, ad. 7, um dos elementos que encontramos em comum nos respectivos textos é a ideia de participação. A noção de causa admitida enquanto ação que o phantasma exerce sobre a atividade intelectual pode ser tomada como a de participação, isto é, ao admitir que o phantasma é a causa instrumental ou parcial da produção da species inteligível, entende-se que o phantasmata participa do processo gnosiológico, o qual tem por resultado a produção de uma species inteligível. Nesse sentido, interessa ao nosso estudo compreender o modo como o Aquinate emprega o princípio da continuidade metafísica, pois o mais elevado de um grau inferior é dito como o que participar de algo do mais baixo do grau superior. O princípio da continuidade metafísica é frequentemente associado pelo Aquinate à participação e, por essa razão, requer uma explicação mais completa sobre a noção de participação. Além disso, percebemos que a aplicação da noção de participação, nos comentários do Aquinate, é rica e polivalente, o que exige um cuidado e atenção mais rigorosa. Em vista disso, trataremos da noção de participação em Aquino com o auxílio de dois intérpretes do século XX, L.-B. Geiger e Cornelio Fabro. Em seguida, passarei a estabelecer a relação entre a noção de participação, no contexto da continuidade metafísica, com a noção de causalidade estabelecida pelo Aquinate para explicar a participação do phantasmata no processo de atualização intelectual, bem como na produção da species inteligível.

### Palavras-Chave

Materia Causae. Participação. Tomás de Aquino.



## O ESTATUTO DO PRINCÍPIO DA NÃO CONTRADIÇÃO NO DE CONIECTURIS DE NICOLAU DE CUSA

Pedro Calixto Ferreira Filho

[pedro.calixto@ufjf.br](mailto:pedro.calixto@ufjf.br)

### Resumo

Trata-se de analisar o estatuto do princípio da não contradição na obra *De Coniecturis* de Nicolau de Cusa, sua fundação, sua pertinência e seus limites. Com efeito, na obra supracitada Nicolau de Cusa, inicia com uma tese segundo todo conhecimento nada mais é que conjectura, donde o título do livro *De Coniecturis*, afirmando que toda afirmação sobre o real é inadequada e que toda negação é pertinente, pois atinge a verdade enquanto que a afirmação apenas nos faz se aproximar do real. O que parece-me interessante é que tal tese inédita se apresenta de maneira frontal com relação ao princípio dos princípios descoberto por Parmênides e reapropriado por Platão em seu *Sofista* e por Aristóteles em sua *Metafísica* gamma, capítulo VII. Trata-se, então, de examinar os fundamentos do conceito de conhecimento como coniectura ou conjetura, a pertinência de tal concepção de conhecimento, sua recusa em conceber o princípio da não contradição como fundamento, pois infundado. Qual seria, então, seu fundamento? Qual sua pertinência? Quais seus limites? Estaríamos diante de uma tentativa de estabelecer uma nova lógica?

### Palavras-Chave

Princípio da Não Contradição. Nicolau de Cusa.





## O SIGNO PARA GUILHERME DE OCKHAM, COMO PROPOSTA DE SOLUÇÃO PARA AS QUESTÕES PORFIRIANAS

Raphael Gargiulo

[raphael.gargiulo@estudante.ufjf.br](mailto:raphael.gargiulo@estudante.ufjf.br)

### Resumo

A questão dos gêneros e das espécies foi tema de disputa, quais no interior de seus questionamentos acompanham a história da filosofia, problemática levantada já na Grécia antiga, em Platão e Aristóteles. Tal problemática ressurgiu na obra de Porfírio, *Isagoge*, escrita no século III D.C. Porfírio levanta uma série de questões quanto à realidade, imanência e transcendência dos universais. No entanto, na presente obra, o filósofo grego se abstém em respondê-las. Eis, pois, a origem da denominada querela dos universais, qual desencadeou no medievo uma profunda discussão, momento em que surgem diversas correntes para propor soluções às questões levantadas pela *Isagoge* e, conseqüentemente, aos universais em si. Mais precisamente, na obra *Isagoge*, Porfírio propõe, já em seu início, um conjunto de questões complexas e exaustivas em si, sendo elas: (1) os gêneros e as espécies existem na realidade ou apenas no pensamento? (2) e admitindo sua existência real, são corpóreos ou incorpóreos? e, ainda, (3) são separados das coisas sensíveis ou estão no interior delas? Malgrado o interesse que expõe em tais questões, Porfírio evita qualquer tipo de asserção, enfatizando que trata-se de questões de uma complexidade tal cuja solução exigiria um esforço intelectual, qual seu interlocutor não estaria apto a concebê-lo. Dentre tantas propostas, surge Guilherme do Ockham, pensador atrelado à linha do Nominalismo. Em suma, esta escola, representada por Pedro Abelardo (1079 a 1142), nega a objetividade dos universais, não admitindo nenhuma objetividade aos mesmos, os concebendo como conceitos mentais. No entanto, essa solução Abelardiana vai ser retomada por Ockham, que apresenta uma nova solução às questões levantadas por Porfírio, O faz elaborando uma solução voltada aos conceitos de signo, linguagem e significações. Eis o que pretende-se demonstrar. Sendo, portanto, o teor teórico que dado por Guilherme de Ockham à linguagem, aos signos e as suas significações, a chave para a compreensão de sua solução à querela dos universais.

### Palavras-Chave

Ockham. Signo. Universais.



## POSSIBILIDADE, CONTINGÊNCIA E PRINCÍPIO DA PLENITUDE NA TERCEIRA VIA

Markos Klemz Guerrero  
[markosklemz@gmail.com](mailto:markosklemz@gmail.com)

### Resumo

Diversos fatores explicam a atração que a Terceira Via exerce sobre estudiosos do pensamento de Tomás de Aquino. Situada em uma obra de maturidade ao longo de célebre apanhado de tentativas de provar a existência de Deus, a Terceira via articula noções modais, temporais e causais visando a estabelecer que há algo na realidade necessário por si mesmo. O foco de nosso exame será o comportamento lógico da noção de possibilidade que serve de ponto de partido para o argumento, bem como a maneira como deve ser interpretada à luz das variadas noções de contingência que podem ser reconstruídas a partir do quadro conceitual de Tomás. Dedicaremos especial atenção à hipótese de que o final da primeira parte da prova, em que se conclui que não se pode admitir que todas as coisas são contingentes, envolve uma aceitação implícita do princípio da plenitude tal como formulado por Hintikka. Trata-se da compreensão das modalidades em termos de frequência temporal, de tal modo que é possível tudo aquilo que ao menos uma vez ocorre e é necessário aquilo que sempre ocorre. Concluiremos que Tomás considera uma caracterização extensional das modalidades por meio da quantificação sobre momentos do tempo, embora não seja obrigado a conceder o princípio da plenitude com todas as suas implicações, nem considere que essa caracterização extensional seja a mais fundamental definicionalmente.

### Palavras-Chave

Contingência. Princípio da Plenitude. Terceira Via.



## POSSÍVEIS LEITURAS DA DOCTRINA DO DUPLO EFEITO NO PENSAMENTO TOMASIANO

Daniel Macedo

[danielmacedolucas@gmail.com](mailto:danielmacedolucas@gmail.com)

### Resumo

O princípio (ou doutrina) do duplo efeito tem por finalidade delimitar diretrizes específicas para determinar quando é moralmente permitido realizar uma ação em busca de um fim bom, mesmo que determinada ação também gere resultados ruins. Em função disso, MANGAN (1949) propôs que a doutrina não seja meramente importante na aplicação da ética teórica, mas também na aplicação da teoria a casos práticos. O princípio do duplo efeito, portanto, pode ser utilizado como um “elo” entre a ética e a própria ação humana. Assim, questões envolvendo eutanásia, greves de fome, ataques militares e até mesmo erros cirúrgicos podem ser iluminados mediante uma atualização do princípio do duplo efeito. A maioria dos eticistas creditam a criação do princípio do duplo efeito a Tomás de Aquino, mais precisamente quando o filósofo formula a ideia de legítima defesa, no a. 7, q. 64, II-II da Suma Teológica. Todavia, embora a doutrina esteja presente no artigo, o ponto principal proposto por Tomás é tratar de homicídios causados em legítima defesa e não fundamentar o princípio do duplo efeito de modo exaustivo. O fato é que muitos passaram a interpretar a doutrina do duplo efeito de modo errôneo. A filósofa G.E.M. Anscombe dividiu os maus intérpretes em dois grupos: os consequencialistas e os “deturpadores da moral católica”. Esses, compreendiam o princípio do duplo efeito a partir de uma psicologia cartesiana, i.e., compreender a intenção enquanto um ato mental. Já as interpretações consequencialistas procuraram igualar as ações acidentais com as ações intencionais. Ao optar por uma das interpretações, o princípio do duplo-efeito é completamente esvaziado, pois se for meramente um ato mental, somente o agente tem acesso à eticidade de seu ato; ao passo que se as ações intencionais e acidentais guardam o mesmo peso, a intencionalidade é completamente irrelevante. Assim, para melhor elucidar possíveis interpretações da doutrina, a interpretação correta do a. 7, q. 64, II-II, da S. Th. deve ser feito sob o olhar de outra passagem da Suma Teológica (Ia-IIae, Q. 20 art. 5), que afirma claramente que se a consequência de um evento foi



pré-concebida, imediatamente essa preconceção adicionou algo de bom ou mau à própria ação. Portanto, o presente trabalho pretenderá explicar as possíveis objeções levantadas ao princípio do duplo efeito, bem como procurará realizar uma correta explicação dele na ética tomasiana, em cotejo com algumas de suas atualizações e recepções contemporâneas.

### Palavras-Chave

Duplo Efeito. Legítima Defesa. Tomás de Aquino.



## RECEPÇÃO DE BOÉCIO NA FILOSOFIA DA MATEMÁTICA DE ROBERTO KILWARDBY E ALBERTO MAGNO

Marco Aurélio Oliveira Da Silva

[silva.marco@ufba.br](mailto:silva.marco@ufba.br)

### Resumo

O objetivo desta exposição é avaliar a recepção da ontologia dos objetos matemáticos presentes nas obras de Boécio por autores do século XIII, como Alberto Magno e Roberto Kilwardby. Por volta de 1250, Alberto Magno produziu seu Comentário à Física e, aproximadamente no mesmo ano, Kilwardby escreveu o *De Ortu Scientiarum*. Nestes textos, é possível observar como a filosofia de Boécio servia como o pano de fundo sobre o qual o pensamento aristotélico, recebido por meio das traduções árabo-latinas, se desenvolveria do ponto de vista metafísico. Alberto e Kilwardby situam-se em campos opostos. O primeiro busca conciliar uma perspectiva boeciana da matemática, vista como independente do movimento, com a teoria do fluxo matemático proveniente do comentário de al-Nayrizi aos *Elementos*. Em relação a Kilwardby, nota-se uma aceitação da teoria boeciana típica. São dignos de nota os dois comentários aos *Segundos Analíticos*, realizados, respectivamente, por Alberto e Kilwardby. Nestes textos, existe uma preocupação marcante com a matemática, de tal forma que se torna possível estabelecer uma comparação entre ambos. Assim, a conjectura de Weisheipl (1958), que sugere ser Kilwardby o principal objeto de crítica por parte de Alberto, adquire verossimilhança. Neste contexto, o presente trabalho poderá avaliar alguns dos meus resultados recentes, considerando o denominado platonismo de Oxford por Weisheipl como uma influência direta de Boécio em Kilwardby.

### Palavras-Chave

Alberto Magno. Roberto Kilwardby. Boécio.



## SEXTUS ARABICUS

Rodrigo Pinto De Brito

[www.rodrigobrito@gmail.com](http://www.rodrigobrito@gmail.com)

### Resumo

Em grande medida graças ao impacto da obra de BROCHARD (1887), os ceticismos antigos, suas peculiaridades e história passaram a ser encarados como temas relevantes, vindo a ocupar certa centralidade nos debates filosóficos da década de 1980 (cf. BURNYEAT, 1983), algo que trouxe grandes avanços para a compreensão do desenvolvimento das várias vertentes cétricas na Antiguidade. Como parte desse empreendimento, surgiram também nos sécs. XX e XXI iniciativas para tentar entender melhor a circulação dos manuscritos antigos que serviam de fonte primária para a recepção dos ceticismos antigos na Modernidade (FLORIDI, 2002), período em que as obras de Sexto Empírico (II-III d.C.) e de Cícero (I a.C.), por exemplo, causaram enorme impacto (POPKIN, 2003; SCHMITT, 1972). Mas, apesar do incremento na qualidade e quantidade de materiais sobre os ceticismos antigos e sua retomada, no que diz respeito à recepção Medieval das fontes antigas pouco se avançou para além de uma espécie de senso comum filosófico que, preconceituosamente, com incômoda frequência trata as filosofias cétricas e os pensamentos medievais como incompatíveis. Aqui, neste trabalho, embora não seja nosso objetivo deslindar as motivações para este preconceito, lidaremos com um caso concreto que pode servir de contraexemplo a ele, desfazendo-o: o caso da recepção de Sexto Empírico por Hunayin Ibn Ishaq (IX d.C.), um pensador de confissão cristã nestoriana ativo em Bagdá e que traduziu para o árabe e para o siríaco obras de autores como Platão, Aristóteles e Galeno. E é então justamente em uma das 150 traduções de obras de Galeno (LAMOREAUX, 2016) – (Sobre as escolas de medicina para os iniciantes) – que encontramos uma menção em árabe a Sexto Empírico, retratado não pela *dynamis* antitética cético-pirrônica que o tornou célebre, mas como alguém que aprimorou a escola médica dos empiristas, levando-a à perfeição (WALBRIDGE, 2014). Quais as consequências deste retrato inusual?

### Palavras-Chave

Sexto Empírico. Galenismo. Hunayin Ibn Ishaq.



## SIGNIFICANDO O IMPOSSÍVEL: JOÃO MAIR SOBRE REFERÊNCIA VAZIA

Guido Jose Rey Alt  
[guidoreyalt@gmail.com](mailto:guidoreyalt@gmail.com)

### Resumo

De acordo com a conhecida fórmula da semântica medieval, uma proposição é verdadeira se as coisas forem como ela significa. O que pode ser significado e o que pode ser verdadeiro? Para o nominalista do século XVI John Mair (1467-1550), devido à força ampliadora da significação, uma multiplicidade de objetos não-reais pode atuar como valores semânticos dos termos significantes, incluindo objetos impossíveis e imagináveis. Esta liberalidade semântica contrasta com a parcimônia ontológica que Mair também herda da tradição do nominalismo Parisiense, rejeitando entidades como os complexos significabilia com base em considerações de simplicidade, e restringindo os portadores de verdade apenas às proposições. O meu objetivo nesta comunicação é mostrar como Mair e os membros da sua rede recorreram a considerações sobre referência vazia e objetos imagináveis para abordar questões fundamentais da semântica medieval, tal como o que torna as proposições verdadeiras ou falsas, e como as suas estratégias para responder a essas questões estão relacionadas com as dos seus precursores nominalistas no século XIV. A este respeito, a palestra também pretende lançar luz sobre a recepção dos pontos de vista de João Buridan por Mair, notando que esta recepção foi fortemente filtrada pela edição das *Summulae de Dialectica* feita por João Dorp de Leiden.

### Palavras-Chave

Lógica Medieval. João Mair. João Buridan.



## TOMÁS DE AQUINO ACERCA DA ESTRUTURA DO IMATERIAL

Vitor Bragança

[vmb@ufg.br](mailto:vmb@ufg.br)

### Resumo

Busco defender algumas hipóteses interpretativas referentes à seção do opúsculo Ente e essência na qual, de acordo com a própria letra do texto, Tomás de Aquino descreve de que modo a essência está nas substâncias separadas [da matéria], ou seja, Deus, os anjos e a alma humana. Em especial, trata-se de tentar tornar mais precisa a compreensão do papel daquilo que ficou conhecido como argumento da multiplicação, do qual resulta que se há algo cuja essência é ser, só há uma tal coisa. Esse argumento é tradicionalmente encarado como suficiente para demonstrar que (i) ser e essência são realmente distintos em algo e, mais, que (ii) são realmente distintos em qualquer criatura, seja ela material ou imaterial, anjo ou homem. Minha leitura vai na contramão da perspectiva tradicional. Por outro lado, não o faz, como a de Joseph Owens, por negar que o argumento da multiplicação seja suficiente para demonstrar (i), mas antes por negar que ele seja suficiente para demonstrar (ii). De fato, é somente ao provar que algo em que ser e essência se identificam é não apenas único, mas necessariamente primeiro na ordem do real, que se exclui a possibilidade de que tal coisa seja um anjo ou um homem.

### Palavras-Chave

Metafísica. Tomás de Aquino. Distinção Real.





## UMA PROMESSA IMPOSSÍVEL? UMA ANÁLISE DO PARADOXO DA PONTE NO SOPHISMATA DE JOÃO BURIDAN

Roberta Magalhães Miquelanti  
[robertamiquelanti@gmail.com](mailto:robertamiquelanti@gmail.com)

### Resumo

Em seu *Sophismata*, Buridan dedica o oitavo capítulo aos insolúveis, isto é, a proposições de difícil interpretação e que colocam desafios para a determinação da sua verdade ou falsidade. Esse capítulo envolve a discussão de diferentes tipos de paradoxos, incluindo o famoso Paradoxo do Mentiroso. No chamado Paradoxo da Ponte, Buridan propõe o casus em que Platão é o guardião de uma ponte, e que ninguém pode atravessá-la sem a sua permissão. Quando Sócrates se aproxima e pede para atravessar a ponte, Platão diz que deixa Sócrates passar se a próxima proposição que ele proferir for verdadeira, mas que o joga na água caso a proposição seja falsa. Sócrates diz então a seguinte proposição: “Você vai me atirar da ponte”. A questão que se coloca é: Platão é capaz de cumprir a sua promessa? Se a proposição proferida por Sócrates for verdadeira, isto é, se Platão jogar Sócrates na água, então Platão não terá cumprido sua promessa de deixá-lo passar, e se a proposição for falsa, isto é, se Platão não o jogar na água, também não cumprirá sua promessa de jogá-lo na água se a proposição for falsa. Neste estudo, pretendemos retomar a análise buridiana desse paradoxo que, além das dificuldades colocadas por uma condicional, a questão da determinação do valor de verdade de proposições de futuro.

### Palavras-Chave

Buridan. Paradoxo. Teorias da Verdade.



## UMA QUESTÃO DE GUILHERME DE OCKHAM (CA. 1286-1347) SOBRE O INTELLECTO, A VONTADE, A VIRTUDE E O ERRO

Rodrigo Guerizoli Teixeira

[rguerizoli@gmail.com](mailto:rguerizoli@gmail.com)

### Resumo

O objetivo de minha comunicação consistirá em apresentar uma leitura preliminar de uma questão disputada por Guilherme de Ockham (ca. 1286-1347) em que se equacionam as noções de intelecto, vontade, virtude e erro. Trata-se, a saber, da oitava das “Quaestiones Variiae, que remete às atividades de Ockham no final da segunda década do século XIV. O título da questão é o seguinte: “Se a vontade pode possuir um ato virtuoso com relação a algum objeto com relação ao qual há erro no intelecto (“Utrum voluntas possit habere actum virtuosum respectu alicuius objecti respectus cuius est in error in intellectu”). Trata-se, pois, de uma discussão em torno ao modo de acordo com o qual se deve avaliar moralmente certas ações humanas que se realizam em desacordo com o que o intelecto, ao cabo de um determinado processo deliberativo, propõe à própria vontade como direção de ação. Noutros termos, trata-se de investigar se a vontade é passível de reprovação moral toda vez que atua no sentido de imperar sobre o corpo fazendo-o realizar uma ação que não encontra respaldo naquilo que o intelecto em sua deliberação prescrevera como aquela a ser realizada. De acordo uma importante tradição, a resposta a essa questão é positiva: a vontade pode até estar na base da realização de um ato contrário ao que lhe fora proposto pelo intelecto; isso, porém, ocorre apenas devido a uma fraqueza, a uma debilidade da vontade, que, como tal, é sempre passível de reprovação. A resposta de Ockham, porém, como buscarei apresentar e analisar, vai numa direção bastante distinta, que -- é claro -- terá não apenas vantagens, mas também suscitará novas questões e problemas.

### Palavras-Chave

Filosofia Medieval. G. Ockham. Teoria da Ação.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT HOBBS



## A ATUALIDADE DE THOMAS HOBBS: ESPERANÇA E MEDO COMO FUNDAMENTO DO ESTADO

Brenda Rayanne Cardoso Neves  
[nevesbrenda57@gmail.com](mailto:nevesbrenda57@gmail.com)

### Resumo

Hobbes destina parte de sua obra magna à compreensão do que é o homem, sem tal compreensão é impossível entender o Estado defendido por Hobbes. Portanto, é necessária uma investigação daquilo que compõe o corpo do estado, que conforme explícito no frontispício da primeira versão do Leviatã: o estado é formado por milhares de indivíduos que compõem uma figura de um só homem artificial. Para defender suas teses, o autor trabalha o ponto de partida da ação do Homem, e aqui está um dos elementos fundamentais de sua teoria, o que torna de suma importância para ser compreendida sua intenção, realizarmos uma observação cuidadosa das Paixões Humanas do que Hobbes defende ser a motivação das ações, que são como uma espécie de dispositivos ativadores para o funcionamento da razão. Hobbes Então apresenta um homem movido pelo princípio do benefício próprio que volta suas ações para a realização de seus anseios, este homem tem como princípio norteador suas paixões, em especial o medo e a esperança. Após essa introdução, trataremos dos objetivos desse trabalho, a) evidenciar o papel das paixões na constituição do Estado em Hobbes, dessa forma pretendemos mostrar a teoria das paixões de Hobbes como o fundamento da sociedade civil. b) Evidenciando também como o medo tem sido mais abordado como elemento constitutivo da passagem do estado de natureza para o de sociedade civil e que a esperança tem sido negligenciada pelos mais diversos autores como uma paixão igualmente importante. c) Apontaremos esperança como paixão igualmente civilizadora como explícita no Leviatã de Thomas Hobbes, e para tal, faremos a crítica da ênfase excessiva no medo. Por fim, pretendemos demonstrar como podemos falar de uma atualidade do pensamento de Thomas Hobbes. Buscando identificar se o tema esperança se relaciona ao reconhecimento das lutas das minorias, para isso procuraremos relacionar o tema da violência, que é tão associado a Hobbes, e o de contrato, ambos tão problemáticos atualmente, com a questão da discussão dos direitos das minorias sociais fundamentada no conceito de esperança.

### Palavras-Chave

Thomas Hobbes. Homem. Paixões. Esperança. Medo.



## A CONDIÇÃO HUMANA NA FILOSOFIA POLÍTICA DE HOBBS: UM RETRATO DO MITO DE PROMETEU

Luiz Carlos Santos Da Silva

[luizsilva@ufu.br](mailto:luizsilva@ufu.br)

### Resumo

A proposta da apresentação consiste em abordar uma análise do conceito de condição humana no capítulo 13 do Leviatã de Hobbes: sobre o estado bélico de natureza. O objetivo é apresentar a miserável condição natural dos homens hobbesianos como o retrato de uma racionalização do mito de Prometeu. Prometeu é considerado por Hobbes (particularmente no capítulo 12 do Leviatã, onde o autor trata da religião), como sinônimo de prudência. A prudência em Hobbes, assim como a experiência, seria mais fundamental para as ciências naturais e para a política do que a própria racionalidade. A razão dos homens hobbesianos seria uma faculdade adquirida através da educação e do costume e não por natureza. Para Hobbes, portanto, as ciências resultariam de um tipo de superação da própria condição humana natural e, por isso, a política, assim como as ciências naturais, deveria resultar das convenções e dos costumes humanos e não da natureza. Em linhas gerais, a comunicação visa explicitar como a racionalização do mito de Prometeu em Hobbes representaria uma substituição da ideia de natureza humana das filosofias tradicionais pelo conceito de condição humana característico da modernidade científica do século XVII.

### Palavras-Chave

Hobbes. Prometeu. Condição humana.



## A TEORIA POLÍTICA DE THOMAS HOBBS E O CAPITALISMO

Márcio Secco

[msecco@unir.br](mailto:msecco@unir.br)

### Resumo

A teoria de Hobbes é frequentemente utilizada como representando uma das primeiras formulações das bases de uma antropologia que serve ao desenvolvimento do capitalismo. O individualismo e a ideia de um sujeito autocentrado cujas ações voluntárias tendem sempre a buscar por benefícios que satisfaçam desejos individuais, compondo a imagem de um ser que age de maneira racional em busca de ganhos, são ressaltados como fundamentos da imagem do homo economicus, tão necessária à articulação dos elementos do capitalismo. Aspectos como a busca infinita por poder, a competição ressaltada como traço característico da natureza humana, o medo e a insegurança que levam o indivíduo a tentar de todas as formas acumular e assegurar suas posses são também apontados como estruturantes para a noção de homem adequada ao modo capitalista. Isso pode levar muitos a acreditarem que a teoria política hobbesiana estaria montada de maneira a receptionar um modo de produção capitalista sem maiores problemas. É muito comum, contudo, que essas análises desprezem outros elementos da teoria de Hobbes que parecem não comportar uma organização capitalista das relações de produção e circulação da riqueza. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns pontos que indicam discordância entre as noções e exigências da teoria política de Hobbes com a forma capitalista. Entre os pontos destaque: - a distribuição do poder no Estado que pode ser abalada pelo acúmulo exagerado de riquezas por grupos privados; - o conflito de interesses entre Estado e corporações que pode afetar a unidade necessária para a estabilidade das relações políticas pelo reforço de interesses privados contra o interesse público; - a noção de propriedade defendida por Hobbes, além de problemas relacionados às corporações multinacionais. A conclusão é que o modelo econômico capitalista não se conforma à teoria política de Hobbes.

### Palavras-Chave

Hobbes. Política. Capitalismo.



## A VERDADE E A MENTIRA NA TEORIA DAS PAIXÕES DE HOBBS

Francisco Luciano Teixeira Filho

[luciano.teixeira@uece.br](mailto:luciano.teixeira@uece.br)

### Resumo

Apresentarei o modo em que a razão pode criar objetos para a paixão. O escopo do estudo é o *Leviatã* (1651), de Thomas Hobbes (1588-1679). Observo que os objetos das paixões são produzidos a partir da imaginação (ou memória), do que participa a razão. A razão, como cálculo de nomes, tem afinidade com a linguagem. Já que a linguagem é um produto do consenso, é relevante considerar que a política, a retórica e a mentira são seus elementos constitutivos. Disso se conclui que a paixão pode ter objetos baseados na mentira, ou seja, pode querer o falso. Diante do exposto, considero que 1) a razão não é par antagônico da paixão; 2) para Hobbes, não se pode conceber uma teoria prescritiva da veracidade das palavras, mas, tampouco, podemos sustentar uma república das mentiras ou, anacronicamente falando, das fake news. Disso, concluo: a ação política concertada, massificada, requer um certo grau de unidade das paixões. A natureza dessa faculdade, porém, é incompatível com tal concerto, senão pela participação da razão e das suas representações. A definição clássica de República, de Sólon e Cícero até Maquiavel e Bodin, exige tal ação voluntária dos sujeitos. Se não é possível confiar na razão infalível, seja do próprio homem ou da graça perene de Deus, resta o perigo da guerra e da morte violenta, pela ausência do Estado. Esse foi o medo que movimentou Hobbes a supor o soberano, inclusive, como senhor da doutrina filosófica, religiosa e moral.

### Palavras-Chave

Consenso. Discurso. Desejo.



## HOBBS E A TÉCNICA

Delmo Mattos Da Silva  
[professordelmo@gmail.com](mailto:professordelmo@gmail.com)

### Resumo

Não há como identificar que a tecnologia seja um problema relevante para Hobbes, a ponto de produzir um objeto singular e especificamente abordado nas suas preocupações filosóficas e políticas. Se há, portanto, uma reflexão sobre a técnica em Hobbes não cabe uma averiguação sobre qual seria efetivamente a sua filosofia da técnica, pois não existe uma filosofia da técnica hobbesiana como há evidentemente no pensamento de Hans Jonas, Heidegger, Simondon e Jacques Ellul. Não obstante, ao verificar o desenvolvimento do projeto filosófico e político de Hobbes as discussões sobre a técnica se fazem presente, seja pela sua aproximação aos preceitos do mecanicismo, seja pela suas determinações acerca da geometria e da física. Nos termos do mecanicismo de Hobbes, a natureza é concebida como uma estrutura mecânica comparável à de uma máquina, em que os fenômenos (incluindo os seres vivos) são susceptíveis de serem reduzidos a um sistema mecânico. A máquina como uma construção artificial, obra do homem, cuja função essencial depende de mecanismos define os contornos da política de Hobbes. Na introdução ao Leviathan o filósofo assinala uma detalhada comparação entre o homem natural e o homem artificial, sobretudo, as partes que compõem o mecanismo natural do homem com as que compõem o mecanismo do homem artificial, concluindo que arte humana é capaz de imitar o produto mais racional da natureza, ou seja, o homem. O caráter artificial do Commonwealth expõe uma determinação da técnica segundo o qual a sua geração é concebida com o resultado de um produto da arte cuja existência é absolutamente dependente da obra humana em oposição ao que é entendido como natural. Diante disso, o propósito da comunicação consiste em discutir os termos da técnica em Hobbes com base no argumento do artificialismo, evidenciando, sobretudo, a racionalidade da criação de um produto político. Para tanto, discute-se o modo pelo qual Hobbes discorre sobre a natureza artificial do Commonwealth, assim como o argumento da necessidade de sua geração e instituição.

### Palavras-Chave

Hobbes. Artificialismo. Técnica.





## O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO EM HOBBS

Clóvis Brondani

[clovis.brondani@uffs.edu.br](mailto:clovis.brondani@uffs.edu.br)

### Resumo

O trabalho argumenta que Hobbes traz à cena a figura da representação para resolver um problema fundamental que está na origem do conflito natural: a guerra de opiniões. O conflito de opiniões revela o problema da falta de unidade das vontades individuais, o que impede o estabelecimento de um acordo natural. O desafio, portanto, é reduzir a pluralidade de vontades a uma só vontade. Contudo, como fazer isso, dado que por natureza não existe a possibilidade de consenso? Se não há possibilidade da existência de um bem comum pré-existente ao Estado a partir do qual se possa estruturar a vida em sociedade. Se é possível dizer que é apenas formalmente que podemos conceber algo comum em torno da estrutura da vontade – o seu objetivo a um bem aparente (L, VI) -, quanto ao conteúdo dessas vontades a variabilidade é infinita, dada a estrutura das paixões concebidas sempre como um modo subjetivo de julgamento. Bem e mal são apenas nomes que os homens dão aos objetos do seu apetite e aversão. Desse modo, a noção de representação virá suprir a falta de um bem comum que possa estar na base de um consenso natural.

### Palavras-Chave

Hobbes. Representação. Soberania.



## O DEUS ENGANADOR DE HOBBS CONTRA O DEUS VERAZ CARTESIANO

Luiz Felipe Sousa Santana  
[l.felipes.santana@gmail.com](mailto:l.felipes.santana@gmail.com)

### Resumo

Nas objeções que Hobbes foi convidado a fazer às Mediações cartesianas uma em especial defenderá que Deus pode sim ser enganador. Essa tese carrega algumas concepções hobbesianas que atravessam a sua epistemologia e sua ontologia, opondo o pensador inglês radicalmente à filosofia do autor das Meditações Metafísicas. A discussão acerca da possibilidade de que a divindade possa ser enganadora está implicada na noção que Hobbes abraça de que Deus é onipotência, que no *Do Cidadão* e no *Leviatã* aparecem na sua declaração de que ele governa o mundo por um poder irresistível, e que não conhece uma lei pela qual esteja submetida a sua vontade. Esse domínio irrestrito não conhece a justiça como nós mortais conhecemos, já que um poder absoluto funda a lei e não é fruto dela. Mas para além das repercussões jurídico políticas da onipotência divina, ela também está aliada a concepção hobbesiana de uma necessidade absoluta de todos os eventos que domina sua controvérsia com o bispo de Derry sobre a liberdade, a necessidade e o acaso publicada em 1656. Na disputa com Bramhall, Hobbes se opõe à doutrina do livre arbítrio e da contingência dos fenômenos alegando que elas contrariam o poder divino e sua onisciência. Na apresentação discutiremos como o Deus enganador de Hobbes expressa a discussão teológica tradicional da divisão entre uma potência absoluta e uma potência ordenada na deidade funda a primazia do poder na constituição da lei e o encadeamento da ordem natural, mas que ao mesmo tempo nega que a natureza divina possa ser um paradigma epistemológico seguro como indica a metafísica cartesiana.

### Palavras-Chave

Epistemologia. Poder. Teologia.



## OS POBRES NA FILOSOFIA POLÍTICA DE HOBBS

Marcelo Alves

[unimalves@gmail.com](mailto:unimalves@gmail.com)

### Resumo

A reação do Conde de Clarendon, em sua crítica ao Leviatã, é bastante reveladora do mal-estar que a teoria política hobbesiana era capaz de produzir na aristocracia de seu tempo. Ele começa falando da ingratidão de Hobbes, da “sua maldade para com a nobreza, de quem sempre obteve o pão que o sustentava”, e passa a denunciá-lo como um “legítimo nivelador [leveller]”, fundamentalmente porque o autor do Leviatã não confere à aristocracia nenhuma precedência, inclusive na política. De fato, a própria ideia de que o poder político não deriva da natureza ou da vontade divina, mas da vontade humana individual expressa por meio de um pacto de união, “nivela” a uma mesma condição, e valor, todos os envolvidos originalmente. Não bastasse isso, aquilo que Hobbes define como o direito natural em nome do qual aquele contrato seria realizado corresponde muito mais às demandas tipicamente populares do que às aristocráticas. Clarendon, na verdade, é bastante perspicaz e sua indignação indica não apenas uma reação instintiva de defesa de classe, mas também o quanto ele percebeu o tremendo deslocamento que a filosofia política hobbesiana operava e as suas consequências políticas e sociais. O contratualismo hobbesiano, ao fazer da preservação da vida um direito natural, a partir e em torno do qual sociedade e Estado são erigidos, acaba trazendo para o centro do pensamento político e social aqueles até então mantidos à margem em outras teorias políticas: os pobres, os commons.

### Palavras-Chave

Hobbes. Pobres [Commons]. Aristocracia.



## POLÍTICA E EDUCAÇÃO EM HOBBS: ANÁLISE DA PARTE II DA OBRA DO CIDADÃO

Rita Helena Sousa Ferreira Gomes

[ritahelenagomes@gmail.com](mailto:ritahelenagomes@gmail.com)

### Resumo

O trabalho que ora submetido faz parte de um esforço maior, desenvolvido ao longo dos últimos anos, de buscar como temas educacionais aparecem na filosofia hobbesiana. Neste caminho investigativo, interessa sobretudo, a intersecção entre educação e política e como uma aproximação do pensamento de Thomas Hobbes pela perspectiva das questões ligadas à educação podem conduzir a uma abordagem mais acurada das ideias do autor inglês. Até então, os estudos realizados adotaram como locus de análise o Leviatã, tendo encontrado nele indícios de que, embora não haja uma discussão direta e específica em um capítulo do livro, a temática da educação é relevante para a proposta política apresentada naquela obra. Visando testar a hipótese de que o problema da educação é fundamental para a filosofia política do filho de Malmesbury, faz-se necessário estender nossas análises aos demais escritos eminentemente políticos de Hobbes, posto que, se nossa suposição tem valor é preciso que neles hajam, pelo menos de forma esboçada, pontos que articulem a educação à boa manutenção do Estado. Desta feita, no estudo ora proposto, pretendemos realizar a leitura e avaliação da obra *Do Cidadão*, em especial da parte II -Domínio, procurando identificar se e como Hobbes discute aspectos vinculados à dimensão educacional e como estes repercutem na estruturação de sua teoria política tal qual exposta naquele momento do desenvolvimento filosófico do autor. Metodologicamente, o estudo se configura como uma pesquisa bibliográfica centrada em uma obra específica, recorrendo a outras produções do autor ou de comentadores apenas esporadicamente. Espera-se, por fim, que o exame levado à cabo pela exploração ora em tela, contribua para uma melhor compreensão da propositura política hobbesiana, abrindo as portas para a elucidação de aspectos da teoria ainda em disputa pelos intérpretes.

### Palavras-Chave

Educação. Política. Filosofia hobbesiana.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT HUME



## A CONCEPÇÃO DO FILÓSOFICO E DO VULGO SOBRE O MUNDO MATERIAL EM DAVID HUME

Wendel De Holanda Pereira Campelo

[wendel\\_filosofia@hotmail.com](mailto:wendel_filosofia@hotmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, irei, primeiramente, apresentar o problema da posição cética ambivalente de Hume, ou seja, em que sentido tal postura abrange um ceticismo pirrônico e um acadêmico. Em seguida, mostrarei que sua atitude cética lhe permite um compromisso prático e atenuado com a crença na realidade independente da mente. Dessa forma, argumento que o compromisso de Hume com objetos independentes da mente está baseado em dois tipos de realismo ou sistemas de realidades: (a) um realismo ingênuo baseado em uma crença vulgar injustificada que identifica percepções e objetos, e (b) um realismo representacional ou sistema filosófico de dupla existência. Em outras palavras, enfatizo que a irresolução sobre a questão filosófica se há ou não corpos não pode ser considerada um caso de aporia ou ceticismo radical, visto que a posição de Hume é compatível tanto com o realismo vulgar quanto com o realismo representacional. Assim, concluo que as concepções sobre o mundo material suscitadas no Tratado da Natureza Humana devem ser lidas sob a ótica de uma espécie de pragmatismo cético, ao invés de um modelo correspondencialista da verdade, no qual percepções corresponderiam a objetos.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Mente. Mundo.



## A CRÍTICA À TEORIA DAS SENSAÇÕES E A NOÇÃO DE EU EM D. J. GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811-1882)

Vinícius França Freitas  
[ffvinicius@yahoo.com.br](mailto:ffvinicius@yahoo.com.br)

### Resumo

o objetivo da presente comunicação é discutir como o filósofo brasileiro Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), o Visconde de Araguaia, fundamenta a sua compreensão da noção de 'eu' a partir de uma crítica a filosofias da sensação como as de John Locke, Étienne Bonnot de Condillac e David Hume. Aos olhos do filósofo brasileiro, o pressuposto de que todo o conhecimento humano começa por sensações conduziria a filosofia necessariamente ao ceticismo, em específico, no caso da presente comunicação, à impossibilidade de se conhecer o eu que realizaria a atividade de pensar. Para Gonçalves de Magalhães, o sujeito da experiência não poderia ser explicado a partir unicamente das sensações. A partir da crítica da 'filosofia sensualista', o filósofo pensa um caminho alternativo para explicar o conhecimento do eu: sua pressuposição como o sujeito de toda a atividade de pensamento. Segundo Gonçalves Magalhães, é absolutamente necessário admitir que, além da sensação, há 'um ser preexistente, dotado de consciência, e de memória, e de uma atividade espontânea'. A discussão da comunicação é desenvolvida sobretudo a partir da leitura da obra Factos do espírito humano: filosofia, publicada pela primeira vez no ano de 1858.

### Palavras-Chave

Eu. Sensação. Ceticismo.



## A DIFERENÇA ENTRE IMPRESSÃO E IDEIA NA FILOSOFIA DE DAVID HUME

Ademir Marcos De Resende Júnior  
[ademir.mrjr@hotmail.com](mailto:ademir.mrjr@hotmail.com)

### Resumo

Impressão e ideia são as duas classificações que Hume apresenta em sua filosofia para as percepções da mente. Ele as separa a partir de dois critérios: vividez e originalidade da percepção, que são apresentados em momentos diferentes e sem estarem conectados pelo autor. Hume afirma de maneira direta que a definição de impressão e ideia está na primeira ser mais vívida e a segunda menos vívida (T.1.1.1.1), utilizando, portanto, o critério da vividez. Apresenta nessa mesma passagem os exemplos de cada tipo: impressão são as sensações dos sentidos e os sentimentos e as ideias as demais percepções (memória das impressões, crenças, imaginação). O filósofo não traz em suas explicações o que a vividez propriamente é, levantando uma questão sobre essa definição. A confusão se dá quando pensamos que ideias podem ser tão vívidas quanto seu par, algo que Hume admite, de certo modo. Ele diz que em situações excepcionais (como no delírio) uma ideia pode ter sua vivacidade muito próxima das impressões; e em todas as nossas crenças, a ideia acreditada é vivificada por uma impressão. Mas mesmo nesses dois casos, o filósofo compreende que a demarcação entre impressões e ideias é ainda possível. Partindo dos outros momentos em que a vivacidade aparece ao longo de seus trabalhos, podemos buscar um entendimento que possa suprimir esse problema e manter a força da definição. Outra maneira de proceder é pelo critério da originalidade da percepção (T.1.1.1.3-9). Hume percebe que todas as nossas impressões simples, isto é, que não podem ser decompostas em outras impressões, possuem uma ideia simples correspondente, e que toda ideia simples tem uma impressão simples de igual conteúdo. Diz ele que as ideias simples são cópias de suas impressões simples correspondentes, enquanto as impressões serão as percepções originais, que não surgem na mente a partir da percepção com mesmo conteúdo mental. Para procedermos com essa explicação, é necessário que busquemos um bom entendimento do princípio da cópia e da simplicidade/complexidade das percepções, além do problema que Hume introduz sobre o matiz de azul para sua própria teoria, da





possibilidade de uma ideia simples aparecer à mente sem ser cópia de uma impressão simples. Meu intuito com esta comunicação está em explorar as duas vertentes de compreensão das impressões e ideias em Hume, vivacidade e originalidade das percepções, investigando quais delas são mais estruturadas com a filosofia do autor para ocupar o lugar de uma definição.

### Palavras-Chave

David Hume. Impressão. Ideia.



## A INTOLERÂNCIA À MELANCOLIA EM DAVID HUME

Cesar Louis Cunha Kiraly  
[ckiraly@id.uff.br](mailto:ckiraly@id.uff.br)

### Resumo

O conceito para entender a história iniciada por Hume, sua acepção não-normativa, como dissemos, é o de acesso especulativo à circunstância. É o caso de o entender como o resultado da prática descritiva de valores implicados em situações em que o estado político aparece; via de regra, em que algum componente restritivo está implicado, ainda que a ocorrência não o seja em si mesma, de modo que se tenha clareza sobre as crenças em questão para o sentido da circunstância. Ainda que seja um salto com muitas redes de segurança, nem um pouco trágico, nesse sentido, o vínculo entre o tempo de regra e o de crença não é evidente, precisando de alguma audácia imaginativa para iniciar uma ponte. No trágico momento em que estamos, saltar, nesse sentido do Hume, não é trágico, trágico é não saltar. Trata-se da necessidade do historiador encontrar a tal da tensão reversa entre crença e regra no evento histórico. Noutras palavras, determinar os contornos e as relações de identificação e reatividade do tipo de melancolia no qual está implicado o estado que investiga. A constituição dos ingleses, como qualquer outra, não-escrita ou escrita, diga-se de passagem, só é relevante para ajudar a determinar o alcance das crenças que eles acham que tem, não as que tem de verdade, claro, estabelecendo um ponto cego, confirmado pelo descompasso entre como se vive, sobre o que os dominantes dizem sobre como se vive e o que é coerente nesta comparação, cuja decifração é possível, não diretamente, mas a partir de alguma mediação, tornando a prática da história uma atividade realmente interessante. Até para que nos coloquemos a pergunta sobre o porquê a política acontecer desse jeito. A vantagem que ela parece obter em acontecer de um jeito e dar a pensar que se crê de outro é o centro da questão da história de Hume. As liberdades inglesas são artefatos que obtêm a adesão de quem delas espera finalidade, mas existem porque não causam um fim, salvo um frágil durante. A constituição possui uso discursivo na história da realização, aquém e além, das instituições, mas é uma instituição como as outras, parece ser justo aceitar.

### Palavras-Chave

David Hume. História. Teoria Política. Melancolia.



## A NOÇÃO DE CIRCUNSTÂNCIA E SUA RELEVÂNCIA NA FILOSOFIA MORAL DE HUME

Carlota Salgadinho Ferreira  
[csalgadinho92@hotmail.com](mailto:csalgadinho92@hotmail.com)

### Resumo

No contexto dos debates sobre a filosofia moral de Hume, surge (entre outras) a questão – epistêmica – de saber se juízos morais detêm valor de verdade, isto é, se são verdadeiros ou falsos. Na presente comunicação, tomo como pressuposto uma interpretação cognitivista, que oferece uma resposta afirmativa a esta questão. Pretendo defender que a noção de ‘circunstância’ é condição fundamental para compreender como o juízo moral só é possível mediante a descoberta de graus de generalidade nas relações causais estabelecidas entre o(s) traço(s) de caráter do agente e o efeito da respectiva ação num espectador que o formula sob o ponto de vista geral. Para tal, mobilizo, apresento e articulo, essencialmente, quatro elementos centrais da filosofia de Hume. O primeiro é a possibilidade de formar regras gerais sobre sentimentos morais – os enunciados da Moral, entendida como uma forma de conhecimento experimental, contida na Ciência do Homem, ciência da natureza humana. O segundo são as noções de ponto de vista comum/geral/desinteressado e a preponderância da simpatia e da comparação para o seu alcance, isto é, para a delicadeza do senso moral. O terceiro é a noção de probabilidade de chances, fundamento dos raciocínios causais em que há a possibilidade uma variedade e complicação de causas e efeitos. O quarto e último é a teoria das ideias abstratas.

### Palavras-Chave

Hume. Ponto de vista geral. Circunstância(s).



## ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE DAVID HUME

Cainan Freitas De Jesus

[cainanfj@hotmail.com](mailto:cainanfj@hotmail.com)

### Resumo

O tema da linguagem não parece na obra de David Hume de forma explícita, não obstante o profundo interesse que suas questões apresentavam no círculo filosófico da época. Este tema aparece como pontas de icebergs aparentemente distintos mas que se conectam em sua profundidade, o que requer ao pesquisador um trabalho delicado para garimpar como as questões sobre a linguagem aparecem no interior do seu discurso. As distinções sobre as funções da linguagem na obra de Hume, apresentam diversos caminhos, que ora servem para solucionar algumas questões sobre os problemas do entendimento, como a vivacidade reduzida das ideias estar relacionada a um desbotamento das impressões, ou na possibilidade cognitiva para a compreensão atomista do simples; mas também estão presentes na solução para o entendimento humano tecer suas relações sociais, como na possibilidade de construção dos juízos morais, distintos dos sentimentos morais, ou na necessidade de formação de uma comunidade linguística para o “cimentar do universo” ser feito com total eficácia. Entretanto, cada solução encontrada vai nos direcionar a outras dúvidas que se ramificam em novos caminhos, por vezes tortuosos, onde cada rumo de decisão escolhida vai causar novos problemas. Assim, nossa comunicação apresentará algumas questões sobre a linguagem em Hume, e os rumos que algumas soluções podem apresentar.

### Palavras-Chave

Linguagem. Entendimento. Sociedade.



## BUFFON LEITOR DE HUME?

Clara Carnicero De Castro  
[clara.castro.puc.br@gmail.com](mailto:clara.castro.puc.br@gmail.com)

### Resumo

A tese de Dario Galvão sobre “A razão dos animais no século XVIII” (USP/Paris 1, 2023) traz, pelo menos, duas pistas da relação entre Buffon e Hume. A primeira vem de Canguilhem, que afirma, em *O Conhecimento da Vida* (1952), que Buffon encontrou Hume na Inglaterra em 1738. A segunda vem da tese de Frank Dougherty, “La Métaphysique des sciences. Les origines de la pensée scientifique et philosophique de Buffon en 1749” (Paris 1, 2002), favorável à hipótese de que Buffon teria lido Hume antes do início da publicação da “*História natural*” em 1749. O objetivo desta comunicação não é propriamente avançar na investigação dessas pistas, mas sim, com base nelas, propor uma leitura do capítulo de Buffon, “Discurso sobre a natureza dos animais” (“*História natural*”, t. IV, 1753), à luz de Hume. Trata-se de um texto bastante enigmático, pois parece retomar a teoria do animal máquina e o dualismo cartesiano. Buffon defende a existência de um homem duplo, provido de um princípio espiritual e de um princípio material. O naturalista insiste na ausência de pensamento e reflexão nos animais, dotados apenas de princípio material: o sentido interno, entendido como cérebro. Contudo, ele recusa a teoria do animal máquina em várias passagens do capítulo, reitera a excelência da sensibilidade dos bichos e coloca em questão a capacidade intelectual dos humanos. Segundo Buffon, demoramos para desenvolver a razão, nós a perdemos facilmente e, quando a temos, nós a utilizamos para melhor sentir as nossas paixões. Somos, portanto, insensatos a maior parte do tempo. E nossos poucos momentos de razão nos são um fardo. Minha hipótese é que Buffon desenvolve algumas noções de Hume a partir da fisiologia. Em vez de explicar o exemplo do cachorro que evita o castigo por meio das transições fáceis da imaginação, Buffon utiliza as relações entre as vibrações dos nervos. Uma vibração causada por uma impressão presente suscita vibrações passadas, que habitualmente precederam essa ação e foram conservadas no sistema nervoso. Em suma, Buffon parece retomar a noção humiana de conjunção constante, mas explica a conexão necessária pela interação entre os nervos e não por uma operação da imaginação.

### Palavras-Chave

Buffon. Hume. Animais.



## CARÁTER DOS HOMENS DE LETRAS NA HISTÓRIA DA INGLATERRA

Alana Boa Morte Café  
[alanabmcafe@gmail.com](mailto:alanabmcafe@gmail.com)

### Resumo

Em composições históricas, figuras políticas são os objetos classicamente representados em perfis de caráter. Nos volumes Stuart da História da Inglaterra, no entanto, Hume inova o uso do dispositivo, empregando-o para avaliar figuras eminentes das artes e das ciências. Na comunicação, apresento o problema formal que Hume busca solucionar com os perfis das artes e das ciências; indico possíveis razões pelas quais os perfis das artes e das ciências se restringem aos primeiros volumes publicados da História; discuto alguns exemplos desse tipo de perfil de caráter. Espero mostrar que Hume recorre a um dispositivo clássico para tratar do estado das artes e das ciências, um tema não tradicional em histórias que, segundo suas convenções, focam a narração de eventos militares e políticos. Já a ausência de perfis de caráter nos volumes antigos e Tudor pode ser indicativa da opinião de Hume quanto à precariedade das artes e das ciências nessas épocas. Finalmente, os exemplos permitem examinar a mistura na avaliação do mérito pessoal e da obra nos perfis, antecipando o perfil que Hume compõe para si próprio.

### Palavras-Chave

História. Perfil de caráter. Artes. Ciências.



## COMÉRCIO E REFINAMENTO MORAL EM HUME

Andreh Sabino Ribeiro  
[sabinoandreh@gmail.com](mailto:sabinoandreh@gmail.com)

### Resumo

O objetivo da apresentação é caracterizar o desenvolvimento humano, especialmente o moral, na filosofia de David Hume a partir do sentido amplo de “comércio”. Começarei justificando minha chave de leitura contra a maioria dos comentadores. Apesar de divergentes entre si, os intérpretes tradicionalmente supõem “comércio” como algo restrito à esfera econômica, dedicando-se mais aos vínculos comportamentais entre moral e economia. Penso, porém, que podemos entender melhor essa ligação se focarmos em princípios fundamentais da própria mente. Possivelmente, a reconsideração do termo “comércio” contribui para o propósito. Coerente com o tempo e a obra de Hume, comércio, enquanto relação de troca genérica entre partes, facilita nossa percepção de que qualquer condição humana, inclusive a de refinamento, depende de uma determinada configuração da mente. A partir da ótica defendida, analisarei alguns textos de Hume, como ensaios e passagens do Tratado. Por fim, sustentarei que o estado mental que Hume sugere como condizente com um juízo moral e um caráter refinados é de, como chamo, reflexão comercial. Tal recomendação do filósofo se distingue consideravelmente de propostas de aprimoramento prevalentes à sua época.

### Palavras-Chave

Hume. Moral. Comércio.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA MORAL DE GEORGE BERKELEY

Jaimir Conte  
[j.conte@ufsc.br](mailto:j.conte@ufsc.br)

### Resumo

George Berkeley em geral não é incluído entre os filósofos que ofereceram contribuições importantes para a filosofia moral. Embora Berkeley não tenha deixado uma obra sistemática e detalhada de filosofia moral, sua contribuição para a teoria moral tem merecido a atenção e o reconhecimento de vários intérpretes. Os pontos de vista de Berkeley sobre algumas questões morais fundamentais, sobre a obrigação e valor moral, aparecem dispersos em várias anotações dos Comentários filosóficos; nos ensaios publicados no *The Guardian*; e de forma uma pouco mais ampla nos três sermões reunidos e publicados sob o título *Obediência passiva* (1712). Na obra *Alciphron* (1732), em particular nos diálogos segundo e terceiro, nos quais Berkeley discute as concepções éticas de Mandeville e Shafsterbury, também encontram-se considerações sobre a moral que dão contornos à concepção moral de Berkeley. Meu objetivo é apresentar e caracterizar a teoria moral de Berkeley com base nos comentários dispersos nestas diversas obras, bem como à luz das teorias éticas de seu tempo e em contraste com elas.

### Palavras-Chave

George Berkeley. Filosofia moral. Utilitarismo.





## DA PROBABILIDADE DA IDEIA DE CAUSA E EFEITO

Pablo Henrique Santos Figueiredo

[pablohsfigueiredo@gmail.com](mailto:pablohsfigueiredo@gmail.com)

### Resumo

O objetivo primário desta comunicação é estabelecer, na medida do possível, o percurso pelo qual a mente humana passa na aquisição do conceito de causalidade, dentro das premissas do Tratado da Natureza Humana. Para atingir este objetivo será necessário, entretanto, entender se é possível que a mente adquira este conceito, isto é, se, atendendo aos princípios fundamentais da natureza humana estabelecidos por Hume no Tratado, podemos, de alguma forma, adquirir a ideia de causalidade. A primeira ocorrência a respeito da causalidade no Tratado acontece no Livro 1, Parte 1, Seção 1, mais precisamente no parágrafo 8, mas trata-se de um uso incipiente e que apenas encerra o raciocínio daquele parágrafo resumindo as impressões como causa das ideias. Na Seção 4, por sua vez, o tema começa a tomar forma e a mostrar suas proporções e cores. Na ocasião, ao tratar dos princípios de conexão ou de associação de ideias, Hume estabelece que uma das três qualidades para associação é a de causa e efeito. A presente comunicação, entretanto, é construída a partir da Seção 2, presente na Parte 3 do Livro 1 e o título da referida seção, a saber, da probabilidade e da ideia de causa e efeito oferece um vislumbre tanto do tema quanto da abordagem a ser feita neste texto: a ideia de causa e efeito, ou, em outras palavras, a ideia de causalidade. O percurso do Tratado será revisitado, dentro deste escopo, de modo a tentarmos esclarecer a respeito da possibilidade de obtermos a ideia de causalidade, sobre por meio de quais mecanismos ela poderia ser adquirida e, acompanhando a Seção 3 da mesma parte, tentaremos entender a “máxima geral da filosofia que tudo que começa a existir deve ter uma causa para sua existência” (TNH 1.2.3.1, grifo presente no original). O próprio texto do Tratado expõe a inconsistência que é, dentro de uma epistemologia empírica, pensar em causalidade enquanto uma necessidade empírica, mas pretendo, neste texto, expor como somos levados a este ponto e como este é um absurdo em termos de fundamentação válida dentro dos preceitos humeanos.

### Palavras-Chave

Causalidade. Epistemologia empírica. Hume.



## GEORGE BERKELEY E O VÉU DAS PALAVRAS: A TEORIA DO SIGNIFICADO NA INTRODUÇÃO AOS PRINCÍPIOS

Isabela Pereira Da Cunha  
[isabelapereirac@live.com](mailto:isabelapereirac@live.com)

### Resumo

Esta comunicação visa apresentar o início da investigação semântica de Berkeley, presente na Introdução ao Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano (1710), e o seu papel no contexto construído por suas preocupações ontológicas, religiosas e empiristas. Em uma nota dos Comentários Filosóficos (1706-1708), George Berkeley declara que o objetivo central de sua filosofia, surpreendentemente, não corresponde à defesa da religião e moral cristã ou ao seu famoso imaterialismo ontológico – temas pelos quais Berkeley é amplamente reconhecido. Em vez disso, o objetivo filosófico de Berkeley é um projeto no âmbito da linguagem. A principal coisa que faço ou que pretendo fazer é apenas remover a névoa ou o véu das palavras, diz Berkeley. Nossa hipótese é que Berkeley, influenciado pela filosofia de Locke, adere à teoria ideacional do significado, na qual as palavras são significadas por ideias na mente do falante. Nesse contexto, a declaração de Berkeley sobre retirar o véu das palavras pode ser interpretada como uma busca por uma cuidadosa consideração da relação entre palavras e ideias, que satisfaz os anseios empiristas de evitar os “abusos da linguagem”. Essa posição é evidenciada na primeira metade dos seus dois cadernos de anotações

conhecidos como Comentários Filosóficos e no texto Dos Infinitos (1707). Entretanto, na segunda metade dos Comentários, Berkeley percebe os problemas que a adesão à teoria ideacional do significado, associada à concepção empírica da origem das ideias, pode causar na significação dos discursos religiosos. A partir disso, defenderemos que Berkeley, na Introdução ao Princípios, se diferencia de seus contemporâneos ao acusar a teoria ideacional de ser uma “falsa filosofia da linguagem”, responsável pela criação de princípios e noções filosóficas errôneas. A investigação sobre a linguagem permite a Berkeley encontrar esses falsos princípios, no caso, a doutrina das ideias abstratas, e estabelecer um dos argumentos a favor do imaterialismo ontológico. Além das críticas à teoria ideacional, defenderemos que Berkeley, a fim de conciliar seus interesses



epistemológicos e religiosos, aponta para uma nova filosofia semântica ao anunciar outras possibilidades, usos e finalidades da linguagem

### **Palavras-Chave**

George Berkeley. Semântica. Linguagem.



## HISTÓRIA E NATUREZA EM DAVID HUME

Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro

[marcos.balieiro@gmail.com](mailto:marcos.balieiro@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de explicar de que maneira Hume teria se posicionado quanto às teorias segundo as quais a história transcorreria nos termos de um grande plano da natureza. Será destacada, principalmente, a maneira como as concepções do filósofo acerca desse tema o diferenciam de pensadores como Turgot e Ferguson, entre outros. O trabalho a ser apresentado terá por objetivo mostrar que boa parte das críticas que Hume faz a teorias que veem na história algo como o desenrolar de um “plano mestre” rumo à perfeição da espécie humana (e, portanto, como algo que pode ser pensado nos termos de uma teleologia) decorre da própria maneira peculiar como a noção de natureza se estabelece na filosofia humiana. Para tanto, dar-se-á atenção não apenas à História da Inglaterra e a ensaios em que Hume valoriza a análise de fatos históricos segundo princípios da natureza humana, mas, também, a textos como *Uma Investigação sobre o Entendimento Humano*, que colaborarão para esclarecer que concepção de natureza pode ser extraída da epistemologia desenvolvida pelo pensador escocês. Espera-se, a partir daí, evidenciar diferenças importantes que Hume teria com relação a boa parte de seus contemporâneos, e mostrar que essas diferenças permitem ver em Hume um autor que tem muito a oferecer ao debate político contemporâneo.

### Palavras-Chave

Hume. História. Natureza.



## HUME E A PRODUÇÃO DE UM CARÁTER VIRTUOSO

Franco Nero Antunes Soares

[fna-soares@gmail.com](mailto:fna-soares@gmail.com)

### Resumo

Hume parece aceitar que a maior parte das pessoas desenvolve um temperamento adaptado as suas contingências sociais. Desse modo, o temperamento humano, ainda que naturalmente herdado, pode ser alterado pela educação da razão e pelo hábito. Se ações virtuosas dependem de motivos virtuosos, então o caráter moral de uma pessoa depende do refinamento de seu temperamento (para aqueles que não são naturalmente inclinados para a virtude). Um problema importante à filosofia moral é que existem aqueles cujo temperamento é ou naturalmente orientado para o vício, ou inclinado a tais ações pelas contingências sociais. Ações virtuosas dependem de um temperamento individual sensível a distinções morais. São nossas distinções morais que carimbam certas ações como vícios ou virtudes. Ações benevolentes, por exemplo, são virtuosas porque produzem distinções morais positivas nos espectadores morais. Ações benevolentes são motivadas pela paixão que Hume chama de benevolência. O fenômeno da moralidade depende, portanto, de nossas capacidades enquanto espectadores morais. Nesse sentido, a produção de um caráter virtuoso depende da soma de um temperamento favorável e do desenvolvimento da racionalidade.

### Palavras-Chave

Hume. Caráter. Racionalidade.



## HUME E AS CIÊNCIAS COGNITIVAS

Flavio Miguel De Oliveira Zimmermann

[flaviozim@yahoo.com.br](mailto:flaviozim@yahoo.com.br)

### Resumo

Ultimamente bastante atenção vem sendo dispensada à relação de Hume com a filosofia da mente e as ciências cognitivas. As ligações de temas da sua filosofia com pesquisas das ciências cognitivas, neurociência e filosofia da mente em geral envolvem a natureza da identidade pessoal (incluindo o problema da consciência), o status da representação mental (a sua teoria das ideias), a controvérsias sobre o inatismo, os problemas do matiz faltante de azul e os relacionados ao ceticismo e à relação mente/corpo. Nesta apresentação, comentarei sobre cada um desses temas, tal como aparecem nos textos de Hume e como estudiosos das ciências cognitivas da atualidade o compreendem. Hume é geralmente visto como um precursor dos estudos científicos sobre a “anatomia da mente” (Tratado 2.1.12) e das investigações acerca do comportamento humano por meio da análise empírica e da observação. Seus estudos sobre as nossas representações mentais partem de uma explicação psicológica a partir de determinados princípios de associação mental. Além disso, sua análise sobre nossa identidade pessoal parte da observação imediata e introspectiva dos nossos próprios pensamentos. Esse procedimento o leva também a inferir que a mente é separada do corpo, embora ele critique a teoria da substância dos modernos (Tratado 1.4.5). Por isso, Hume é geralmente visto como um defensor do “dualismo de feixes” (bundle dualism) – ainda que exista controvérsias a esse respeito. A sua observação sobre o famoso problema do matiz faltante de azul, além de outras passagens também o afastam do materialismo bastante presente na filosofia da mente hoje. Os estudos das ciências cognitivas atualmente não partem, nem consideram muito relevante estudos realizados por mera introspecção – tal como Hume realiza em suas descobertas – e são guiados por experimentos intersubjetivos. O ceticismo de Hume com relação às especulações metafísicas também são de pouca utilidade nos estudos sobre o cérebro da atualidade. Mas, seja devido às suas propostas metodológicas para as ciências do homem, seja devido às suas diretrizes para os estudos da mente, Hume é um dos que mais contribuíram para o nascimento e desenvolvimento das ciências cognitivas da modernidade.

### Palavras-Chave

Hume. Filosofia da mente. Ciências cognitivas.



## O CONCEITO DE ARTIFÍCIO SEGUNDO O LIVRO III DO TRATADO DA NATUREZA HUMANA

Rebert Borges Santos  
[rebertborges@hotmail.com](mailto:rebertborges@hotmail.com)

### Resumo

David Hume, ao discorrer sobre a origem e o funcionamento das sociedades políticas modernas, estabelece um diálogo próximo com outros pensadores do século XVIII. Assim como seus contemporâneos, Hume enxerga a espécie humana como não apenas inventiva, mas também como notavelmente eficiente e engenhosa na resolução dos desafios práticos decorrentes da formação das sociedades as quais ele chama de sociedades sofisticadas. Para Hume, é o artifício que se mostraria capaz de colocar fim ao estado de violência nas sociedades ampliadas pois que a natureza parcial e ambiciosa dos homens, caso não fosse corrigida de alguma forma, só contribuiria para que os homens travassem graves e intermináveis conflitos. A presente comunicação possui, dentro deste contexto, dois objetivos principais: a princípio, ela procurará apresentar o conceito de artifício tal como este encontra-se exposto no Livro III do Tratado da Natureza Humana de maneira um pouco mais detalhada e, em seguida, buscará refletir a respeito das implicações desse conceito para a filosofia política de David Hume como um todo.

### Palavras-Chave

Contratualismo. Artifício. Política.



## O ESTATUTO DO SIMPLES NO TRATADO DA NATUREZA HUMANA

Andrea Cachel

[andracachel@gmail.com](mailto:andracachel@gmail.com)

### Resumo

No Tratado da Natureza Humana, a distinção entre percepções simples e complexas – em sua articulação com o princípio de separabilidade - é estruturante de elementos importantes do sistema epistemológico de Hume, derivando dela grande parte da essencialidade atribuída à atuação da imaginação na constituição dos nossos conteúdos mentais. Longe de ser ponto pacífico entre os comentadores, entretanto, a discussão sobre o estatuto do simples na filosofia humeana ainda mobiliza uma multiplicidade de interpretações, sendo as consequências dessas diversas compreensões decisivas para determinadas problemáticas do Tratado, tais como a internalidade ou externalidade das relações em Hume. Nesse contexto, meu propósito é investigar se o simples na filosofia humeana decorre de uma posição ontológica sobre o real, se consiste em um critério fenomenológico acerca da nossa experiência perceptiva, ou, ainda, se pode ser considerado um resultado de uma análise das percepções. Em outros termos, trata-se de pesquisar se o simples é um dado direto da percepção ou se é um resultado a posteriori a partir da atuação do princípio da separabilidade, cujo fundamento também pode ser posto em questão. E na mesma perspectiva, ponderar, de modo geral, se há uma ontologia humeana que possamos derivar das implicações da sua posição quanto ao simples. Minha intenção, em particular, é mostrar especialmente as dificuldades de compatibilização entre o atomismo humeano e a suposição de que possamos estabelecer relações de semelhança e diferença entre unidades simples, estabelecimento esse, contudo, que parece ser indispensável para justificar várias operações no Tratado da Natureza Humana. Nesse contexto de discussão, também fará parte da análise do problema examinar alguns aspectos do tema da distinção de razão, em Hume, bem como elementos fundamentais de suas problematizações acerca das ideias de tempo e espaço.

### Palavras-Chave

Simplicidade. Separabilidade. Semelhança.





## O PROBLEMA DOS JUÍZOS ANALÍTICOS E DOS JUÍZOS DE EXISTÊNCIA EM HUME E KANT (CNPQ/FAPEMIG)

Marcos César

[SENEDA.mseneda@gmail.com](mailto:SENEDA.mseneda@gmail.com)

### Resumo

Uma passagem decisiva para a compreensão do pensamento de David Hume está na quarta seção da Investigação sobre o entendimento humano, em que o filósofo afirma que podemos dividir todos os objetos da investigação humana em duas classes: relações de ideias e questões de fato. Essa divisão, conhecida entre os intérpretes como o “garfo de Hume”, apresenta uma sistematização bem simples da crítica do princípio da causalidade que se encontra no Tratado da natureza humana. Segundo essa obra, tudo aquilo cujo contrário é possível está no âmbito da probabilidade, a qual corresponde, na Investigação, às questões de fato. O primeiro “dente” do garfo de Hume é circunscrito pelas relações de ideias. É nessa esfera que Hume colocará o conhecimento demonstrativo e, portanto, a matemática. Quando Kant passa a ser reconhecido como um destacado filósofo, no início do período crítico, ele afirma, nos Prolegômenos a toda metafísica futura, que o grande equívoco de Hume foi o de ter alocado a matemática no primeiro “dente” do garfo: nas palavras de Kant, era como se Hume tivesse dito que a matemática opera somente com proposições analíticas. Surge aqui o que poderíamos nomear o “garfo de Kant”, com a matemática alocada no segundo “dente” da bifurcação, aquele que, para Kant, se refere aos juízos sintéticos. A presente análise não pretende comparar os dois autores para ajuizar quem oferece a melhor solução dessa questão; mas tem por objetivo entender de que modo a posição atribuída à matemática implica em soluções bem fundamentadas para a teoria da causalidade, conforme postulada distintamente nos sistemas filosóficos de Hume e Kant.

### Palavras-Chave

Hume. Kant. Causalidade. Matemática.



## O PROBLEMA SER-DEVER SER NO TRATADO DA NATUREZA HUMANA

Paula Campos Pimenta Velloso

[paula.pimenta@ufsc.br](mailto:paula.pimenta@ufsc.br)

Sara Victoria Souza Da Silva

[saravic757@gmail.com](mailto:saravic757@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, procuramos explorar o tratamento dado ao direito na filosofia cética de David Hume, no Tratado da Natureza Humana e nas Investigações sobre os Princípios da Moral. Partimos da conhecida tese de que uma conclusão ética ou julgamento não pode ser inferida a partir de declarações factuais puramente descritivas, e de suas implicações para a abordagem humeana do problema clássico do ser-dever ser. Dedicamo-nos a investigar a possibilidade de, mobilizando a reflexão do filósofo escocês, contribuir para a elaboração do campo que se convencionou referir como teoria do direito. Nesta etapa, apresentamos resultados apenas parciais de pesquisa desenvolvida no âmbito do Laboratório de Estudos Humeanos (LEH), vinculado a Universidade Federal Fluminense (UFF). Mobilizamos protocolos metodológicos qualitativos para desenvolver pesquisa bibliográfica de natureza teórica. Nosso objetivo é contribuir para a investigação sobre o fenômeno jurídico desde as filosofias do conhecimento e moral de Hume.

### Palavras-Chave

Ser. Dever ser. Direito. Ceticismo. David Hume.



## PRINCÍPIO DA CÓPIA COMO SEMELHANÇA E APARECIMENTO

Vinícius Amaral De Sousa  
[sousacicco@outlook.com](mailto:sousacicco@outlook.com)

### Resumo

Este trabalho pretende mostrar que o Princípio da Cópia apenas se sustenta se o critério que permite a correlação entre uma ideia simples e a impressão simples correspondente, de uma-para-uma, for baseado na maneira de aparecimento imediata, forte e vivaz, da relação de semelhança entre tais percepções da mente. Para tanto, inicio o percurso mostrando que, tal como Garrett (2002) argumenta, o Princípio da Cópia possui duas teses subjacentes, a tese da semelhança e a tese causal. A primeira permite que as percepções simples correspondentes se liguem de forma injetiva, o que é absolutamente necessário para evitar que uma ideia simples possua sua origem em uma impressão simples da qual não é uma representação. A tese da semelhança permite que a conjunção constante entre impressão e sua ideia correspondente possa ser traçada, o que é critério para a observação da ordem temporal que estabelece as impressões simples como fonte das ideias simples, ou seja, a tese causal. Contudo, no Tratado, identifico três maneiras da mente operar a relação de semelhança, tanto natural como filosófica, a saber, semelhança por compartilhamento de qualidades, semelhança por pertencimento a um grupo e semelhança por aspecto geral (general appearance). A única que possibilita a similaridade entre percepções simples é a última. Porém, ao seguir a trilha do sentido atribuído por Hume à expressão aspecto geral, percebo que seus usos sempre estão em um jogo com as acepções de appearance como fenômeno, enquanto aparecimento imediato, e aparência no sentido de feição. Dessa forma, a similaridade como aspecto geral não é apenas fruto da feição das percepções relacionadas, mas é também o aparecimento a mente da própria semelhança, uma espécie de sensação de assemelhação que surge quando duas percepções são postas em comparação, possivelmente distinta de uma impressão de reflexão. Para Hume, como está no Apêndice e é ressaltado por Gamboa (2007), a semelhança entre as percepções simples por aspecto geral permite a formulação de infinitas relações, o que pode ser uma dificuldade para o estabelecimento da relação injetiva no Princípio da Cópia, caso não levemos em consideração o aparecimento da

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



semelhança como uma percepção carregada de verossimilitude, de força e vivacidade o suficiente para produzir uma crença em sua necessidade e uma sensação de realidade. Tal leitura do Princípio da Cópia pode ressaltar a importância da noção de aparecimento como fenômeno para o pensamento de Hume.

## Palavras-Chave

Princípio da cópia. Semelhança. Aparecimento.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT KANT



## 1924-2024: 100 ANOS DE “A DOCTRINA DE KANT NO BRASIL”

Pedro Casalotti Farhat

[pedro.farhat@usp.br](mailto:pedro.farhat@usp.br)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é introduzir alguns tópicos da relação das tradições jurídica e filosófica brasileiras com Kant e, assim, ponderar sobre seu possível impacto no desenvolvimento da autocompreensão da filosofia no Brasil. Clóvis Bevilacqua publicou, em 1924, na Faculdade de Direito do Recife, um escrito intitulado “A doutrina de Kant no Brasil”. Este, uma homenagem aos 200 anos do nascimento do filósofo alemão, forneceu o impulso inicial aos embates em torno de uma história da recepção de sua filosofia em terras brasileiras. Retomamos o tema a partir disto, um século depois, mas para refletir sobre o sentido da história de recepção de Kant em nossas terras. Com efeito, buscaremos apontar o nexos que surge entre o aparecimento do estudo da obra do filósofo de Königsberg no Brasil, a reelaboração da atitude perante a filosofia kantiana e a formação de um diagnóstico, ora negativo ora positivo, sobre o próprio fazer filosófico no Brasil. Esboçamos de início o surgimento deste último ponto na “Escola de Recife”, que levanta teses sobre a recepção de Kant no país, negando-lhe algum papel na formação filosófica brasileira e, simultaneamente, apropriando-se dela. Partindo disto, vemos o surgimento, no começo do século XX, da efetiva disputa nos meios jurídicos e filosóficos em torno da recepção do pensamento kantiano. De um lado encontra-se Miguel Reale, que mostra tanto um processo de reconhecimento da necessidade do estudo dos textos de Kant sobre o direito quanto a identificação desta filosofia como um elemento central da formação do pensamento político liberal brasileiro, cujas origens ele remonta ao começo do século XIX. De outro lado, indicaremos a perspectiva de João Cruz Costa e de Laerte Ramos de Carvalho, os quais se apresentaram como relevantes na oposição à Reale, dando ocasião ao ceticismo em torno das origens da filosofia brasileira. Como nosso interesse é apenas direcionado a mostrar o lugar que a própria recepção de Kant ocupa nesse desenvolvimento, voltando à tese de Bevilacqua, pretendemos apenas indicar que tal recepção apresenta uma linha tênue entre a leitura, a revisão e a transformação indiscreta do pensamento kantiano, o qual sempre, em nossa tradição, vinculou-se a



algum interesse prático. Por fim, acaba-se por reforçar a impressão de que receber hoje a filosofia kantiana no Brasil não nos libera de compromissos com as camadas de significação que se sedimentaram na elaboração de nossas filosofias.

## Palavras-Chave

Kant. Brasil. História da recepção.



## A NOÇÃO DE A PRIORI NO PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT: AS APROPRIAÇÕES E AS CRÍTICAS DE MAX SCHELER

Luiza Aparecida Bello Borges

[luizabelloborges@gmail.com](mailto:luizabelloborges@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho alicerça-se em uma tese de doutorado em andamento que visa compreender o teor e a pertinência da apropriação que Max Scheler faz da noção kantiana de a priori para efeito da construção da sua “ética não-formal de valores”, bem como das críticas schelerianas ao apriorismo de Kant. Scheler entende que a coincidência necessária trazida por Kant entre a priori, formal e transcendental implica, na filosofia teórica, em desconsiderar outras regiões possíveis de apriorismo e igualmente universais e necessárias. Ademais, tal coincidência é, segundo Scheler, um impasse na filosofia prática, uma vez que reduz a ação moral ao formalismo da racionalidade. Scheler dedica uma seção da sua obra *Formalism in Ethics and Non-Formal Ethics of Values* (Scheler, 1973) à análise da relação entre o formalismo e o apriorismo. De fato, Scheler se apropria da distinção kantiana entre “forma” e “matéria”, mas é preciso investigar o modo com o qual o filósofo assim o faz. É em razão dessa apropriação que interessa a este trabalho investigar como Scheler sustenta, a partir da referida distinção kantiana, a tese do “a priori material”, fundante da “ética não-formal de valores”. E isso porque, ainda que Scheler assuma a distinção de Kant, confere a ela, ao longo da sua argumentação, um sentido fenomenológico. E ao fazê-lo, ultrapassa a noção kantiana de “matéria”, constituindo o seu sentido próprio, embora mantenha a noção inicial de Kant em seu horizonte argumentativo. A partir da apropriação scheleriana, é possível um retorno aos textos kantianos com o intuito de analisar os usos que Kant faz do qualificador a priori. Seria ele meramente judicativo, isto é, um qualificador de determinados tipos de juízo? E as formas a priori do entendimento são igualmente a priori em relação aos juízos? Quando afirmamos que os juízos analíticos são a priori ou que existem juízos sintéticos a priori, estaríamos conferindo ao apriorismo o mesmo uso daquele que ele possui, por exemplo, na *Estética Transcendental da Crítica da Razão Pura* (Kant, 2018)? A partir da crítica do Scheler ao que ele entende como a coincidência entre o a priori, o formal e o





transcendental na filosofia kantiana, pretende-se, portanto, investigar a legítima compreensão kantiana sobre o apriorismo e quais funções ele adquire no interior das reflexões de Kant.

### **Palavras-Chave**

Apriorismo. Formal. Material.



## AS NOTAS CARACTERÍSTICAS DO CONCEITO KANTIANO DE ORDEM NATURAL

Giovanni Sarto

[g254583@dac.unicamp.br](mailto:g254583@dac.unicamp.br)

### Resumo

O objetivo da comunicação é apresentar e discutir algumas notas características centrais do conceito kantiano de ordem natural. Para tanto, analisaremos a segunda parte do Único Fundamento Possível para uma Demonstração da Existência de Deus de modo a comprovar que a unidade e a necessidade real entre as leis da natureza compõem o conceito kantiano de ordem natural. Na sequência, tomando por base ainda este texto e os escritos do filósofo sobre os terremotos, demonstraremos que também a capacidade de gestar a regularidade e o equilíbrio fazem parte da maneira como o autor o compreende. A exposição terminará com uma referência ao modo como esse conceito será retrabalhado e transformado na Crítica da Razão Pura e na Crítica da Faculdade de Julgar. A partir do Apêndice à Dialética Transcendental, o tema do sistema da natureza passa igualmente a ser relevante para a compreensão do conceito de ordem natural. Por sua vez, no §82 da terceira crítica, Kant revisita o tema das catástrofes naturais e retoma um exemplo chave utilizado em 1763 para tratar da regularidade e equilíbrio na natureza: o curso dos rios. Analisando esses capítulos, conclui-se que, apesar das alterações, o primeiro reafirma a unidade e a relação necessária entre as leis da natureza como notas características do conceito, inscrevendo-os sob a égide da conformação sistemática; enquanto o segundo reitera a pertinência da regularidade e do equilíbrio na compreensão da ordem da natureza. Por fim, é relevante destacar que este desenvolvimento inaugural, que será apresentado na comunicação, pertence a uma pesquisa mais ampla, recentemente iniciada, a respeito do conceito de ordem na obra de Immanuel Kant. Admite-se, como hipótese investigativa, que é indispensável começar pelo conceito de ordem natural para se chegar à compreensão adequada da noção de ordem empregada pelo filósofo. Sustenta-se, por um lado, que as notas características mencionadas são reafirmadas na obra crítica. E, por outro, que a partir da Crítica da Razão Pura, à diferença da obra pré-crítica, a ordem da natureza será concebida como uma ordem racional, estruturada a priori pelo sujeito transcendental.

### Palavras-Chave

Ordem natural. Conceito. Kant.



## CONTRADIÇÃO ENTRE A LIBERDADE TRANSCENDENTAL E A LIBERDADE PRÁTICA: UM PROBLEMA ONTOLÓGICO EM KANT

Marco Antonio Pains Valim  
[marcopains321@gmail.com](mailto:marcopains321@gmail.com)

### Resumo

O problema da liberdade, que perpassa toda a obra crítica de Kant, é o mais sério dentro de seu sistema. Cassirer comenta sobre isso: “Este sempre foi para mim o problema principal de Kant. Como é possível a liberdade?”. Na Crítica da Razão Pura, são propostos dois tipos fundamentais de liberdade: a transcendental e a prática. Na seção da Dialética Transcendental, ambos os conceitos parecem surgir sem complicações em sua relação. A liberdade transcendental é apresentada como: “a faculdade de iniciar por si um estado, cuja causalidade não esteja, por sua vez, subordinada, segundo a lei natural, a outra causa que a determine quanto ao tempo” (A533 B561). A liberdade, enquanto uma ideia transcendental, não pode conter nenhuma determinação empírica relacionada com os eventos causais da natureza, o que implica que a liberdade, neste sentido, é uma ideia da razão pura sobre uma espontaneidade que poderia gerar uma ação por si mesma. Ainda na Dialética, este conceito de liberdade é relacionado com o conceito de liberdade prática, argumentando que: “É sobretudo notável que sobre esta ideia transcendental da liberdade se fundamenta o conceito prático da mesma” (A534 B562), mais ainda, “a supressão da liberdade transcendental anularia simultaneamente toda a liberdade prática” (A 535 B563). A liberdade prática, em si, é apresentada como: “independência do arbítrio frente à coação dos impulsos da sensibilidade” (A534 B562). Ambos os conceitos parecem compatíveis dentro do sistema de Kant. O problema ocorre em outro capítulo, O Cânone da Razão Pura, onde Kant argumenta que: “A questão relativa à liberdade transcendental refere-se meramente ao saber especulativo e podemos deixá-la de lado, como totalmente indiferente, quando se trata do que é prático” (A804 B832), gerando, portanto, uma possível dissonância entre ambos os conceitos. Como consequência da apresentação, abordaremos algumas das elucidações de importantes comentadores de Kant, como H. J. Paton, Lewis White Beck, Henry Allison e Marco Antônio Zingano, que tentaram resolver essa dissonância



conceitual. A partir das possíveis soluções, discutiremos qual seria a verdadeira ligação entre ambos os conceitos de liberdade e como essa ligação implica na concepção ontológica de Kant. Se de fato a liberdade transcendental fosse deixada de lado, é necessário discutir o que essa perda significa para o homem. Caso contrário, o que significa, então, a liberdade transcendental para o homem enquanto ente finito racional?

### Palavras-Chave

Transcendental. Prático. Ontologia.



## DIFERENTES PONTOS DE VISTA SOBRE A LÓGICA KANTIANA: UM EXAME SISTEMÁTICO DA TÁBUA DOS JUÍZOS

Pedro Sol Mendes Meira Santos  
[pedrosoldez@gmail.com](mailto:pedrosoldez@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho sintetiza a pesquisa que realizei nos últimos dois anos de meu mestrado acerca da completude da tábua kantiana dos juízos. Por ser um tema clássico e complexo, os autores que tratam do tema da tábua frequentemente apresentam uma compreensão geral sobre o que significa completude e o que Kant queria com a dita tábua. Como forma de sistematizar, desenvolvi três critérios gerais de completude (Vollständigkeit) a partir do texto kantiano: 1) o critério de unidade, é necessário que haja um único princípio, essencial ao entendimento, que fundamenta toda a divisão da tábua “A filosofia transcendental tem a vantagem, e também a obrigação, de investigar seus conceitos segundo um princípio, pois eles surgem, puros e não mesclados, do entendimento como uma unidade absoluta” (A 67 / B 92). 2) o critério de ordenação, que aqui será compreendido como a justificação da divisão da tábua em quatro títulos principais - com base na afirmação de que uma regra a priori fornece “o lugar de cada conceito puro do entendimento” (Idem). 3) o critério numérico, que é o que Kant mais frequentemente recorre quando fala de completude: este significa que a tábua contém exatamente todos os princípios do entendimento, “nem mais, nem menos” (Kant, 2018A, p. 104); do ponto de vista da pesquisa, ele será entendido como a divisão simétrica em três momentos para cada um dos quatro títulos da tábua. A partir desses critérios, é possível explorar a extensa literatura secundária sobre o tema, onde, dentre os principais nomes, posso citar: Klaus Reich, Michael Wolff, Beatrice Longuenesse e Lorenz Kruger. Desse modo, é possível atravessar a literatura secundária como forma de dar luz ao problema tão presente na literatura pós kantiana - um problema já presente nos contemporâneos de Kant, e que foi enfaticamente denunciado por Hegel, que repete a crítica kantiana às categorias aristotélicas ao afirmar que a própria tábua kantiana dos juízos é uma mera aglomeração empírica e sem qualquer base de justificação.

### Palavras-Chave

Lógica. Completude. Kant.



## FILOSOFIA PRÁTICA E CETICISMO MORAL: SOBRE KANT E HUME

Paulo Roberto Martins Cunha

[cunha.paulo@gmail.com](mailto:cunha.paulo@gmail.com)

### Resumo

O artigo se concentra sobre a discussão a respeito do ceticismo moral, indissociável da descrença na razão. Neste enquadramento, Hume se apresenta como uma figura emblemática, sendo ele representante desse tipo de ceticismo. Recorreremos assim aos argumentos de Kant contra o empirismo, reafirmando a proposta de resoluções dos impasses criados pelo ceticismo por meio da ciência e da moral. 1 Universalidade e Necessidade: Em Kant, a fundamentação da moralidade na razão prática estabelece princípios universais e necessários, respondendo diretamente ao ceticismo moral. O imperativo categórico é independente de sentimentos ou contextos culturais, vinculado a todos os seres racionais. 2 Superação da Falácia Naturalista : Em Kant, a superação da falácia naturalista argumenta que a moralidade não pode ser derivada de fatos empíricos, mas sim de princípios racionais a priori. O dever ser é estabelecido pela razão prática, não pelas observações do mundo fenomênico. 3 Dignidade Humana: A segunda formulação do imperativo categórico reforça a ideia de que cada pessoa possui uma dignidade intrínseca. Ao tratar o outro como fim em si mesmos, Kant oferece uma base moral que valoriza a humanidade universalmente, independentemente das variações culturais ou emocionais. 4 Críticas: Os princípios kantianos são criticados como abstratos e difíceis de aplicar em situações concretas. A rigidez da ética kantiana não acomodaria a complexidade das realidades morais do mundo. Questiona-se se a razão pode realmente ser a única base da moralidade, excluindo sentimentos e contextos sociais das nossas decisões morais. 5 Defesa: A clareza e a consistência dos princípios kantianos proporcionam orientação firme em questões morais, evitando relativismo e arbitrariedade. A insistência de Kant na dignidade intrínseca dos seres humanos estabelece uma base moral robusta que protege direitos e o valor de cada indivíduo, algo particularmente relevante em discussões sobre direitos humanos e justiça. Conclusão: Kant responde ao ceticismo moral fundamentando a moralidade na razão prática, formulando o imperativo categórico como princípio moral universal e necessário. Ao enfatizar a autonomia e a



dignidade intrínseca dos seres humanos, Kant torna a moralidade objetiva e racional, aplicável a todos os seres racionais, portanto uma superação das limitações do sentimentalismo e relativismo moral, propondo uma ética que resiste ao ceticismo e oferece uma base sólida para a moralidade universal.

### **Palavras-Chave**

Kant. Filosofia Prática. Ceticismo Moral.



## HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE: OS REFUGIADOS E O DIREITO COSMOPOLITA KANTIANO

Carolina Paulsen  
[carolina.paulsen@gmail.com](mailto:carolina.paulsen@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pretende investigar o binômio hospitalidade/hostilidade no Direito Internacional do Refugiado à luz do direito cosmopolita kantiano. A tese aqui cogitada é que o ideal de hospitalidade contido nas fórmulas da Convenção Relativa ao Estatuto do Refugiado de 1951 (doravante Convenção de 1951 ou Convenção) contrapõe-se à hostilidade das práticas dos Estados. Para realizar a tarefa proposta, a ligação entre Direito e Filosofia é necessária, pois a ciência jurídica é insuficiente para fornecer uma base teórica sólida que possa justificar as crescentes necessidades de uma fundamentação principiológica da proteção do refugiado em nossos dias. A base teórica utilizada para isso será a filosofia kantiana e os conceitos de hospitalidade e cosmopolitismo, tais como expostos no opúsculo *À Paz Perpétua* (1795), com o intuito de verificar se a proposta de Kant possibilita o resgate da hospitalidade no trato do refugiado. Apesar de mais de duzentos anos separarem a Paz Perpétua da Convenção de 1951, as similaridades entre o direito cosmopolita kantiano e o Direito Internacional do Refugiado são impressionantes. O entendimento de Kant sobre os limites da acolhida devida ao estrangeiro e os direitos articulados na Convenção possuem significativas similaridades. Nem o direito cosmopolita kantiano, nem o Direito Internacional do Refugiado garantem proteção absoluta: não há previsão de um direito à estadia permanente. O direito kantiano não abrange o direito de estabelecer-se em um território. O visitante tem o direito temporário de estadia, direito que perdura somente enquanto perdurar o seu comportamento pacífico. O Direito Internacional do Refugiado, por sua vez, garante o direito de “buscar” asilo, mas não o direito de obtê-lo, dificultando a permanência ou estadia permanente. Nesse diapasão, a presente pesquisa busca resgatar o referencial teórico kantiano, nas vertentes da hospitalidade e do cosmopolitismo, com vistas a viabilizar o diálogo entre o direito cosmopolita e a proteção do refugiado. Diante do atual cenário mundial, é pertinente resgatar o ideal cosmopolita de Kant, a fim de contrastá-lo com a realidade contemporânea, como forma de estimular a possibilidade de uma convivência pacífica e solidária.

### Palavras-Chave

Refugiado. Direito cosmopolita. Hospitalidade.





## KANT E O ESTATUTO DO PERMANENTE NA REFUTAÇÃO DO IDEALISMO

David Barroso Braga

[davidbarroso123@hotmail.com](mailto:davidbarroso123@hotmail.com)

### Resumo

Tendo em vista que Immanuel Kant (1724-1804) na Refutação do Idealismo, texto inserido na segunda edição da Crítica da Razão Pura (1787), preconiza que a determinação empírica da existência (experiência interna) não pode ocorrer independentemente de algo permanente exterior ao próprio sujeito, fica nítido que especificar o sentido que ele emprega à exterioridade do permanente é imprescindível para saber se é possível efetivamente refutar o idealismo cético. Entretanto, delimitar o sentido da exterioridade do permanente não é uma tarefa simples, posto que o idealismo transcendental possibilita empregar o termo “exterior” ou “fora de nós” em dois sentidos distintos: um que depende do modo humano de intuição, em especial, do espaço, tomado como forma a priori da faculdade sensitiva; outro que independe do modo humano de intuição, portanto, não se encontrando submetido ao espaço, ou melhor, não sendo intuído pela faculdade sensitiva. Além disso, a polissemia que Kant atribui ao permanente parece evidenciar uma hesitação que esconde uma certa fragilidade da filosofia kantiana, qual seja: a impossibilidade de ir além do âmbito fenomênico, o que dá azo para as acusações de idealista solipsista. Considerando, pois, que o conceito de algo permanente exterior desempenha um papel central nessa nova tentativa de refutar o idealismo cético, constituindo, nesse contexto, um de seus conceitos originais – já que ele não é sequer mencionado na primeira tentativa de refutar o idealismo, isto é, no Quarto Paralogismo de 1781, e parece possuir uma significação diferente das Analogias da Experiência –, o presente trabalho tem por objetivo delimitar um sentido para o conceito de algo permanente exterior que seja, simultaneamente, 1) compatível com o idealismo transcendental e 2) possibilite refutar o idealismo cético. À vista disso, conclui-se que nenhum dos sentidos que Kant atribui ao conceito de algo permanente exterior (um princípio esquemático, um fenômeno, uma coisa em si) possibilita pacificamente virar o jogo do idealismo cético contra ele mesmo e, desse modo, demonstrar ao idealista cético a realidade do mundo exterior.

### Palavras-Chave

Ceticismo. Idealismo. Permanente. Mundo Exterior.



## KANT ON FACEBOOK

Keberson Bresolin

[keberson.bresolin@gmail.com](mailto:keberson.bresolin@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar o conceito de razão pública kantiana no contexto das mídias sociais. Nesse sentido, definir-se-á a concepção de razão pública kantiana, bem como seus pressupostos. Da mesma forma, demonstrar-se-á que, considerando o *modus operandi* das mídias sociais, Kant não endossaria o argumento, atualmente difundido por parte de usuários, de que a liberdade de expressão seja um direito absoluto. A noção de uso público da razão é definida em termos do alcance da audiência de um ato de comunicação. O uso privado da razão refere-se ao que uma pessoa pode fazer em um cargo ou função civil específica, onde a audiência é restrita. Oficiais, clérigos, funcionários públicos e contribuintes devem obedecer e não contestar as ordens, doutrinas ou regulamentos que regem esses papéis.

Em contraste, o uso público da razão ocorre quando o mesmo clérigo, como um estudioso dirigindo-se ao público em geral, fala em sua própria voz. Para Kant, apenas o uso público da razão nesse sentido pode, se tolerado, produzir um povo esclarecido. Ele elogia a valorização que Frederico, o Grande, dá à liberdade intelectual acima da liberdade civil, atribuindo-lhe o princípio “argumente o quanto quiser sobre o que quiser, mas obedeça!”. Kant sugere que a máxima liberdade civil pode ser prejudicial ao melhor desenvolvimento da liberdade intelectual, e que é apenas dentro da casca dura de uma liberdade exterior restrita que as capacidades humanas de pensar e julgar podem amadurecer em capacidades para agir livremente. Os pressupostos do uso público da razão, tais como a liberdade de expressão, a autonomia, a pluralidade de vozes e visões de mundo, não são plenamente atendidos no mundo das mídias sociais. Isso ocorre porque as plataformas não são isentas de posicionamento, estando frequentemente sujeitas a interesses comerciais e políticos. Além disso, as bolhas algorítmicas criam ambientes homogêneos que reforçam visões de mundo pré-existentes, limitando o confronto crítico de ideias diversas. Nesse contexto, Kant, se estivesse presente nas mídias sociais, jamais diria que estas representam um espaço público autônomo e inclusivo. Ele também não defenderia uma liberdade de expressão

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



absoluta, pois tal liberdade, sem restrições, poderia lesar a dignidade das pessoas. Para Kant, a verdadeira liberdade de expressão deve ser exercida com responsabilidade e respeito pelos outros, garantindo um debate público que promova o esclarecimento.

## Palavras-Chave

Razão pública. Liberdade de expressão. Redes sociais.



## LIBERDADE EM KANT SOB VERIFICAÇÃO DE ADMISSIBILIDADE PELA FILOSOFIA DA FICÇÃO DE VAIHINGER

Thiago Scalser Gomes

[thiego.sg@gmail.com](mailto:thiego.sg@gmail.com)

### Resumo

Na *Crítica da Razão Pura*, Immanuel Kant propõe um trabalho de compreensão dos fundamentos e dos limites da razão a partir da análise de como nossa faculdade do entendimento funciona. Nesse intento, ele evidenciou que a razão humana possui propensão natural à metafísica. Após estruturar a possibilidade de liberdade cosmológica, sem prová-la, Kant utiliza-se dessa para estruturar toda sua filosofia prática. O afastamento de um provável determinismo somado à aparente condição de escolha do ser humano, apresentado por Kant como demandante de fundamentos éticos, não encontra solidez de justificação para sua aceitação. Essa carência de justificativa para tal uso, no entanto, encontra bom embasamento quando observada sob o aspecto da filosofia da ficção. Hans Vaihinger propõe que a ficção, ainda que não possa ser verificada, possui valor positivo ao empregar unidade ao conhecimento. A ficção é função orgânica do pensamento e providencia os meios necessários de superação das dificuldade existenciais, com propósito próprio de desenvolvimento como um fim em si mesmo. O uso correto dessa estrutura mental inescapável, segundo Vaihinger, pode garantir a justificação da filosofia kantiana. Dessa forma, a partir de averiguação da possibilidade de liberdade teórica e prática em Kant, este trabalho apresenta justificativa para admissibilidade prática da possibilidade teórica de liberdade, introduzindo a necessidade e utilidade da filosofia do como se de Hans Vaihinger.

### Palavras-Chave

Liberdade. Ficção. Metafísica. Prática. Teórica.



## MATÉRIA E FORMA DA VALIDADE OBJETIVA DO JUÍZO: A PROPÓSITO DO §19 DO DEDUÇÃO-B

Ricardo Dias De Almeida  
[ricardo.dias@ufca.edu.br](mailto:ricardo.dias@ufca.edu.br)

### Resumo

Para evitar essa distinção estranha ao texto kantiano entre dois sentidos de validade objetiva e, ao mesmo tempo, apreender o deslocamento conceitual que Kant operou entre 1783 e 1787 no concernente à concepção de juízo, apresentar-se-á aqui uma proposta de leitura alternativa. Analisar-se-á aqui o texto-base da discussão, a saber, o §19 da 2ª edição da Crítica da Razão Pura. A peculiaridade da definição de juízo no §19-B consiste concebê-lo como uma ligação entre conceitos na unidade objetiva da apercepção. Essa concepção de juízo se distingue da relação entre representações segundo leis da imaginação reprodutiva (ou associação), cuja ligação depende da unidade subjetiva da consciência. Assim, a relação de associação possui apenas validade subjetiva. Já o juízo, no qual o múltiplo dado na intuição é ligado na unidade objetiva da apercepção, possui validade objetiva, ou seja, suas representações estão ligadas no objeto, sem distinção de estado do sujeito. A princípio, a unidade objetiva da apercepção – e, conseqüentemente, as categorias que a representam enquanto conceitos de coisas em geral – parece ser a condição necessária e suficiente da validade objetiva do juízo enquanto tal. E isto parece justificar a tese de Allison, de que a validade objetiva é uma característica constitutiva do juízo enquanto tal, assim como dar razão a Longuenesse ao dizer que a explicação de Kant parece conferir um “poder exorbitante” à forma lógica do juízo, de tornar uma ligação meramente subjetiva em uma ligação objetiva. Mas há um aspecto da argumentação de Kant que precisa ser notado: que o tratamento da unidade objetiva da apercepção no §18 assim como a explicação da forma lógica do juízo pela referência à unidade objetiva da apercepção no §19 pressupõem um múltiplo dado na intuição sensível que é ligado pela consciência empírica (percepção). E essa pressuposição traz a seguinte consequência: que a forma lógica do juízo e, conseqüentemente, a unidade objetiva da apercepção por si sós não são suficientes para assegurar a validade objetiva de um juízo. Ou seja, a unidade objetiva da apercepção constitui uma condição necessária, mas não



suficiente da validade objetiva de um juízo. Desse modo, a validade objetiva do juízo depende da articulação entre a forma lógica do juízo e a matéria. Então, a forma lógica do juízo não possui por si mesma o poder exorbitante de garantir a validade objetiva do juízo.

### Palavras-Chave

Juízo. Validade objetiva. Matéria/forma.



## NOTAS SOBRE O PAPEL DAS NOÇÕES DE MUNDO E DE SUBSTÂNCIA NA DISSERTAÇÃO DE 1770

Robson Carvalho Dos Santos  
[robson.carvalho.santos@usp.br](mailto:robson.carvalho.santos@usp.br)

### Resumo

Os textos kantianos da década de 1760 são marcados por uma progressiva reformulação do método de abordagem de determinados problemas. Esse processo de transformação pode ser reconhecido de maneira exemplar em textos como a *Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia e da moral*, no qual um dos objetivos de Kant é a distinção entre o método matemático e o método filosófico. No entanto, se considerarmos o *Ensaio de 1768, Sobre o fundamento da distinção das direções no espaço*, esta distinção encontra alguns limites. O problema do *Ensaio* é determinar a natureza de uma noção de espaço que é condição de nossas representações empíricas, mas não pode ser em si mesmo representado por nós, ao mesmo tempo em que também é algo que reconhecemos nas coisas mediante a nossa capacidade de senti-lo como parte de nosso aparato perceptivo. Esta dificuldade denota a insuficiência da distinção metodológica para determinar a natureza do conceito avaliado ao longo do *Ensaio*. Esse texto tornaria evidente, portanto, a necessidade de investigação da natureza das nossas representações com base na possibilidade de determiná-las segundo suas origens em nossas faculdades. Daí que a *Dissertação de 1770, Sobre a forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível*, seja dedicada a analisar as condições de representação das noções de mundo e substância mediante a consideração de suas fontes. É no interior deste quadro teórico que Kant situa o problema do descompasso entre a noção de mundo fornecida pelo nosso entendimento e a noção de mundo que podemos elaborar a partir de nossas condições sensíveis de representar a natureza. Nesse sentido, pretendemos abordar os conceitos de mundo e de substância e analisá-los quanto ao seu emprego no argumento da primeira seção da *Dissertação*, de modo a tecer algumas comparações com o uso que Kant faz da evidência das contrapartes incongruentes e das noções de sentido interno e sentimento no argumento do *Ensaio*. Nosso objetivo é mostrar que é devido a possibilidade de compararmos os problemas enfrentados e os argumentos

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



elaborados por ambos os textos que se pode afirmar também que eles consolidam uma série de mudanças no interior da filosofia kantiana. Dentre tais mudanças destacaremos o amadurecimento do procedimento kantiano de avaliação de teses filosóficas bem como a própria formulação da tese da idealidade das representações da intuição que está presente na Dissertação.

## Palavras-Chave

Kant. Dissertação de 1770. Ensaio de 1768.





## O INTELLECTUAL E O POLÍTICO

Emanuele Tredanaro

[emanuele.tredanaro@ufla.br](mailto:emanuele.tredanaro@ufla.br)

### Resumo

Nesta apresentação, propomo-nos refletir sobre o papel do intelectual e o do político, no pensamento filosófico-político kantiano, com o intuito de mostrar como o filósofo de Königsberg pensa, problematicamente, a transformação da dimensão política. Tentaremos investigar o sentido, os limites e a responsabilidade que inerem ao trabalho do intelectual e ao do político, com base nas sugestões oferecidas por Kant, em seu esforço de compreender quais os atores que incidem nas mudanças sociais em andamento na Europa do final do século XVIII. Aproveitaremos essa análise para mostrar como, na filosofia política kantiana, começa a definir-se aquela consciência pública, que fundamenta e governa as formas modernas do convívio social, no que diz respeito tanto aos saberes, como às práticas políticas. Para tanto, abordaremos, em um primeiro momento, a “Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento”, de 1784, para, depois, transitarmos por escritos que Kant dedica, nos anos seguintes, à reflexão sobre a política, até o “Conflito das faculdades”, de 1798.

### Palavras-Chave

Kant. Política. Intelectual.



## O PARTIDO DA RAZÃO PURA EM SEU USO POLÊMICO

Paulo Borges De Santana Junior  
[pauloemconstrucao@gmail.com](mailto:pauloemconstrucao@gmail.com)

### Resumo

Segundo Gerhardt (1998), se a metodologia transcendental de C1 fosse mais lida, seria bem difícil atribuir à razão pura de Kant uma imagem “separada da natureza humana, da sociedade e da história”. À luz desse comentário, tematizaremos a seção acerca do uso polêmico da razão pura, ressaltando uma limitação de sua imparcialidade. Apesar da tentativa de Trevisan (2015) de enquadrar o uso polêmico da razão segundo um método jurídico, utilizando de maneira elucidativa o recurso – aludido por Kant – do *non liquet*, convém não negligenciar o âmbito histórico-social no qual esse uso polêmico se apresenta e, em especial, o interesse de Kant em se opor ao argumento (difundido entre as autoridades) de que a crítica ameaçaria o bem comum (B774). Leonel R. dos Santos (2014), por sua vez, reconhece uma característica mais *sui generis* desse contexto jurídico que se distingue, por exemplo, do seu papel do tribunal na “Dialética Transcendental”, todavia, acreditamos que submeter esse procedimento jurídico a um gênero da retórica (e aos elementos artificiais dessa técnica) enfraquece a natureza pública e social do texto. Dentro do debate em torno dessa seção sobre o uso polêmico da razão, parece-nos que o modo como Gerhardt explica o lugar do contexto jurídico ressaltando essa dimensão histórica seria o mais esclarecedor. Explorando esse comentário, propomos reconsiderar o lugar da imparcialidade ou da neutralidade do tribunal da razão, compreendendo que, quando está em jogo o contexto histórico, a razão pura precisa ter cuidado de se distanciar do uso cético, o qual, expressando indiferença em relação a respostas na dimensão pública, poderia favorecer “um espírito malicioso e maligno” (B784). Em linhas gerais, nossa hipótese será que, em vez de possuírem uma significação completa proveniente das disciplinas ou das práticas jurídicas, as imagens e conceitos dessa seção específica são instrumentalizados por um interesse de Kant em projetar algumas práticas a serem incorporadas por uma sociedade e um Estado modernos. Caso concordemos que a defesa de algo é, de imediato, sair da condição de neutralidade e assumir um partido, é possível afirmar que Kant, quando define o seu uso polêmico como “a defesa das



suas proposições contra as negações dogmáticas das mesmas [proposições]” (B767), coloca a razão pura na posição de parte. Ou como ainda indica o autor, no uso polêmico da razão não se trata mais da relação entre razão e um juiz, e sim entre a razão e seus “concidadãos” (B767).

### **Palavras-Chave**

Uso polêmico. Modernidade. Tribunal da Razão.



## O PROBLEMA DA LIBERDADE NA CRÍTICA DA RAZÃO PURA: A PASSAGEM DA TEORIA PARA A PRÁTICA

Rafael Tessare Dias  
[rafa.t.dias@gmail.com](mailto:rafa.t.dias@gmail.com)

### Resumo

Kant afirma na Crítica da Razão Prática que o conceito de liberdade, na medida em que sua realidade é provada por uma lei apodíctica da razão prática, constitui a pedra angular de todo o edifício de um sistema da razão pura, e mesmo da razão especulativa. Essa conhecida afirmação, embora enfatize a importância da liberdade para o pensamento de Kant, parece indicar que apenas a segunda Crítica daria centralidade a ela. Contudo, é preciso notar que a liberdade possui centralidade já na Crítica da Razão Pura. Conforme algumas indicações de Kant, a questão da liberdade não apenas constitui o início da filosofia crítica como problema antinômico, mas também possui um grande alcance doutrinal para a primeira Crítica, uma vez que a resolução desse problema diz respeito à própria possibilidade de compreender criticamente a moralidade. Mas, apesar da importância que possui, o conceito de liberdade nessa obra está envolto em uma dificuldade substancial. A saber, o que Kant diz sobre a liberdade no Cânone da Razão Pura parece ser contrário à sua posição na Dialética transcendental. Se é assim, teríamos na primeira Crítica duas teorias da liberdade? A presente comunicação propõe abordar esse problema considerado clássico na literatura kantiana e procura mostrar como o pivô da contradição, o problema de compreender a relação entre liberdade transcendental e liberdade prática nessa obra como um todo, pode ser compreendido também como o problema de relacionar metafísica e moral. Para isso, propomos abordar os dois pontos principais que compõe a suposta contradição entre a Dialética e o Cânone, exaltando a natureza predominantemente metafísica da primeira seção e unicamente prática da segunda. Analisaremos, portanto, a conflituosa afirmação do Cânone, que sugere que a liberdade transcendental é irrelevante para “o prático”, enquanto a Dialética afirma que a liberdade transcendental é parte essencial da liberdade prática (liberdade da vontade). Em seguida, consideraremos as afirmações do Cânone de que a liberdade prática poderia ser conhecida e provada pela experiência, o que parece ignorar os



resultados da Dialética, reduzindo a liberdade prática à causalidade natural. Ao final, tentaremos demonstrar textualmente que a investigação dessa suposta contradição na primeira Crítica, longe de ser mera curiosidade filosófica, auxilia-nos não apenas a compreender o seu notável esforço teórico na Dialética transcendental, mas também a validar um Cânone como fechamento para a obra.

### Palavras-Chave

Liberdade. Antinomia. Cânone.



## O PROJETO CRÍTICO KANTIANO E A IDEIA DE UMA HISTÓRIA UNIVERSAL

João Barreto Leite

[joaobarretoleite@gmail.com](mailto:joaobarretoleite@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem o intuito de investigar como o texto *Ideia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita* está relacionado com o sistema da filosofia crítica Kantiana, principalmente levando em consideração a *Crítica da Razão Pura*. Para realizar tal objetivo, os principais pontos de contato que serão explorados nas obras kantianas são a teleologia da natureza e a teleologia da liberdade. A partir do estabelecimento de um diálogo entre os textos por meio destes pontos de contato, o artigo busca responder se é possível uma leitura da *Ideia* à luz do projeto crítico. Primeiramente, com o intuito de apresentar o texto investigado, o artigo aborda alguns dos principais conceitos envolvidos na argumentação de Kant a respeito da ideia de uma história universal. Dentre os conceitos analisados, vale mencionar: a intenção da natureza, uma intencionalidade racional subjacente a todos os fenômenos naturais e que acompanha a humanidade ao longo da história; e a sociabilidade insociável, o caráter ambíguo das ações humanas ao longo do desenvolvimento histórico da civilização. A partir da análise dos fundamentos da ideia de uma história universal e de uma breve exposição do percurso argumentativo realizado por Kant, é revelado o principal problema metodológico enfrentado pelo filósofo na *Ideia*, o estabelecimento de uma relação entre teleologia da natureza e teleologia da liberdade. O problema sobre como é possível admitir uma intencionalidade da natureza se o texto kantiano também admite a intencionalidade da liberdade. Se as duas formas de teleologia não são mutuamente excludentes, é de suma importância para compreender a *Ideia* que sejam apresentados elementos da filosofia crítica kantiana que expliquem como o filósofo compreendia a coexistência das duas formas de intencionalidade. Após constatar na análise da *Ideia* o problema metodológico que move a investigação, o artigo realiza uma análise de passagens do texto de Kant *Sobre o uso de princípios teleológicos em filosofia*, em que o filósofo, ao defender a possibilidade do uso de tais princípios, nos apresenta dois distintos tipos de finalidade que seriam relativos a cada



um dos tipos de teleologia mencionados. Com base nos elementos ali contidos é possível pensar a concomitância das duas formas de teleologia sem que uma presença constante da intenção da natureza contradiga a possibilidade da liberdade ou contrarie o sistema da Crítica da Razão Pura.

### **Palavras-Chave**

Teleologia. Liberdade. Cosmopolitismo. Razão.



## OS FUNDAMENTOS DA MORALIDADE E DO RESPEITO EM KANT

Amanda Maria De Paulo Silva  
[amandampsilva@aluno.ufsj.edu.br](mailto:amandampsilva@aluno.ufsj.edu.br)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar alguns aspectos do conceito de respeito (Achtung) na doutrina moral de Kant. Para tanto, é preciso investigar as noções de boa vontade, dever (Sollen), obrigação e alguns elementos da doutrina do imperativo categórico. Especialmente importantes são as fórmulas da humanidade e da autonomia do imperativo categórico, que são fundamentais para a compreensão do conceito de respeito. O imperativo categórico é o fundamento principal da doutrina moral kantiana. Sabemos que ele é incondicionado e não necessita de um meio para alcançar seu fim. Ele é pensado de forma a priori e é o único que contém em si o caráter de uma lei. O sentimento de respeito assim como o imperativo não pode ser, segundo Kant, entendido empiricamente. Ele é um sentimento que se autoproduz. Sendo assim ele é conhecido de forma a priori e tem seu fundamento no intelecto humano. E por seu autoproduzir ele seria distinto dos demais sentimentos que nos são recebidos por inclinação ou medo. A lei moral por meio da razão prática seria o fundamento de determinação da ação moral na medida em que afeta a nossa subjetividade pelo sentimento de respeito. Portanto, a função do respeito é a de móbil para assumir a lei em si mesma como uma máxima. Kant também diz que o respeito à lei pode ser colocado como respeito às pessoas pois estas contêm uma dignidade que é inviolável. Desse modo não podemos usar uma pessoa como um meio para alcançarmos um fim, pois estaríamos violando esta dignidade que pode ser “assegurada” pela fórmula da humanidade do imperativo categórico. Pode-se dizer que todos esses pontos sobre o sentimento de respeito se conectam pelo imperativo categórico.

### Palavras-Chave

Ética. Autonomia. Lei moral. Respeito.





## PRECISAMOS DE DEUS PARA O CUMPRIMENTO DA LEI MORAL? UMA ANÁLISE DE CRÍTICAS A DEONTOLOGIA KANTIANA

Leonardo Henrique Miranda Abecassis

[leonardo.abecassis@hotmail.com](mailto:leonardo.abecassis@hotmail.com)

### Resumo

Immanuel Kant argumenta que o dever é a condição do valor moral das ações. Segundo o filósofo, o dever só pode ter sua origem na lei moral, que é prescrita pela faculdade da razão do sujeito, o qual a impõe a si mesmo. Para Kant, motivações heterônomas não configuram critérios válidos aos requisitos da virtude. Nesse sentido, Influências externas, como uma suposta vontade de Deus; e influências internas alheias à autonomia da razão, como paixões e instintos, devem ser desconsideradas. O sujeito virtuoso é aquele que, a partir de sua vontade autônoma, legisla a regra a qual se obriga, e não age apenas conforme esta, mas também pela necessidade de seu cumprimento. Em outras palavras, devemos fazer o certo pela motivação certa. A deontologia kantiana, no entanto, não está isenta de críticas. Neste trabalho, abordaremos duas: a de Elizabeth Anscombe e Marcus Singer. Anscombe aponta que uma lei só tem força sob o pressuposto de um legislador superior. Ele seria, com efeito, a substância da lei e uma garantia de que será cumprida. Na visão da filósofa, a autopercepção do “eu devo fazer o certo” pode até sugerir uma boa ação, mas não tem força para obrigá-la ao agente. Por sua vez, Singer argumenta que existe uma contradição lógica na ideia de obrigar a si próprio. Se tenho uma obrigação para com um terceiro, este tem um direito para comigo, que inclui a retirada desta obrigação. Por consequência, eu me obrigando, tenho o direito de me retirar a própria obrigação, tornando-a inócua, dado que nada me repreenderia pela falha. Dois pontos centrais são colocados. Por um lado, a partir de Anscombe, a lei moral carece de força para garantir o cumprimento do dever. Por outro, a partir de Singer, não há garantia da responsabilização aos que ignoram as obrigações que se impõem. O resultado é que os conceitos fundamentais em Kant acabam por se tornarem vazios, sem impacto real na moralidade dos indivíduos. Uma solução a essa problemática seria a concepção da figura de divindade: Deus. Este cumpriria, assim, o papel de legislador, ao qual o sujeito de fato deve se obrigar; e Ele o responsabilizaria pelo não cumprimento do



dever. A proposta deste trabalho, portanto, é a análise das críticas feitas por Anscombe e Singer, buscando, a partir destas, responder se os conceitos de lei moral, dever e obrigação necessitam de Deus para terem substância ou, conforme Kant, se a própria razão é suficiente para guiar a humanidade no cumprimento das obrigações do dever.

### Palavras-Chave

Moral. Dever. Deus.



## SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O CONCEITO DE CIDADANIA E A REVOLUÇÃO FRANCESA NA FILOSOFIA DE KANT

Lorena Da Silva Bulhões Costa

[lorenablhcosta@outlook.com](mailto:lorenablhcosta@outlook.com)

### Resumo

O tema do presente resumo é a tentativa de compreender a relação entre a ideia de cidadania, em Kant, enquanto um elemento que depende da noção de propriedade, e seu nexos com o movimento da Revolução Francesa. Essa discussão tem como base o debate acerca da natureza que possui a Revolução Francesa, principalmente a ideia de que parte significativa desse movimento foi realizado pela população francesa habitante do campo. Assim, a Revolução pode ser compreendida como um movimento que não possui apenas uma única faceta, mas elementos que versam desde a noção filosófica sobre Iluminismo, até uma certa compreensão sobre a propriedade. Há, portanto, uma revolução burguesa, filosófica e camponesa. Nesse sentido, Lefebvre reflete que uma das características centrais do movimento francês, que não se aplicava ao restante do continente europeu, era o fato de que a população francesa no campo possuía acesso à propriedade, enquanto na Prússia, por exemplo, isso lhes era vedado. Isso lhes deu liberdade para iniciar uma contraposição ao governo da época. Inicialmente, a filosofia de Kant parecia de encaixar na ideia geral de um movimento revolucionário, sendo interpretada de tal maneira pelos democratas que adotavam sua filosofia como base de seu sistema filosófico, como Fichte. Isso ocorreu pelo teor dos seus textos iniciais de filosofia moral, como a Fundamentação e políticos, como Resposta à Pergunta. Contudo, a partir do opúsculo Teoria de Prática, Kant passa a considerar que a propriedade é um elemento central para definir o conceito de cidadania, ao lado das ideias modernas de liberdade e a igualdade. Assim, seu sistema se afasta da natureza de ruptura que possuía, por exemplo a filosofia de Rousseau. A ideia, aqui, é argumentar de forma contrária à leitura proposta por Domenico Losurdo. Segundo o autor, apesar de Kant, em aparência, voltar-se contra a noção de Revolução Francesa, ainda é possível encontrar, de forma implícita, em seus textos, um constante apoio a este movimento político e filosófico. A aparente contradição seria explicada em função da censura vigente à época. Ao contrário dessa compreensão, entende-se que a



teoria de Kant, ao adotar o conceito de propriedade como base de sua noção de cidadania e, portanto, Estado, acaba por negar a própria ideia de Revolução e seu acontecimento mais prático, que ocorria na França. Em suma, esse elemento aparecia como uma forma de manutenção das condições sociais e políticas da Prússia à época.

**Palavras-Chave:**

Immanuel Kant. Revolução Francesa. Cidadania.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT LEIBNIZ



## A ESCOLHA DO MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS À LUZ DA PERFEIÇÃO DIVINA

Danielle Cercal Santos Leal

[mini.leal@gmail.com](mailto:mini.leal@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo aprofundar a compreensão da visão de Leibniz sobre a criação do melhor dos mundos possíveis, com base em obras-chave como a *Monadologia*, o *Discurso de Metafísica*, os *Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal* e os *Princípios da Natureza e da Graça Fundados na Razão*. Primeiramente, são abordados alguns princípios fundamentais da sua filosofia, como o princípio da razão suficiente, o princípio da não-contradição e o princípio do melhor ou da conveniência. Tais princípios são essenciais para a compreensão da perspectiva leibniziana em relação à criação do mundo e sua busca pela máxima perfeição. Em seguida, o estudo investiga de que maneira os atributos perfeitos da natureza divina – entendimento, vontade e poder infinitos – influenciam à concepção do mundo atual. Evidencia uma correlação entre a vontade e o entendimento divinos, estando a primeira subsumida ao segundo, que, por sua vez, obedece às verdades eternas. Além disso, examina os requisitos de existência das essências, como a máxima compossibilidade e a harmonia, a fim de esclarecer a distinção do que é apenas possibilidade no entendimento divino e o que a vontade de Deus efetivamente escolhe para ser atualizado pelo seu poder. A partir disso, vislumbra a estrutura e organização do mundo atual. Ao longo do estudo, conclui-se que Deus, em que pese tenha poder de criar outro mundo, não deveria fazê-lo, sendo a existência do mundo atual uma consequência tanto da adequação de sua vontade ao seu entendimento, quanto de uma decisão moral que busca a máxima perfeição possível. Assim, infere-se que, embora haja uma liberdade metafísica na escolha de criar um mundo ou não, há uma necessidade moral que obriga Deus a criar o melhor mundo possível, isto é, este mundo atual, o existente.

### Palavras-Chave

Melhor dos mundos possíveis. Atributos Divinos.



## A LÓGICA DO ÉTER EM LEIBNIZ

Vivianne De Castilho Moreira

[vivicmor@gmail.com](mailto:vivicmor@gmail.com)

### Resumo

A noção de éter é um dos pontos da discórdia entre Gottfried Leibniz e Isaac Newton. Embora este não tenha chegado a negar essa noção, ele rejeita – ou, ao menos, assim acredita Leibniz – que o éter seja preenchido por corpos. Na contramão dessa tese, Leibniz sustenta que são corpos os componentes por excelência do éter e que é isso o que confere sustentação e consistência à abordagem mecanicista na explicação dos movimentos celestes. Este trabalho é dedicado a examinar o teor da noção leibniziana de éter e buscar reconstruir as razões do autor para adotá-la. Como veremos, essas razões remontam à característica lógica leibniziana; mais precisamente, elas remetem ao tratamento que Leibniz dá à distinção entre proposições essenciais e proposições existenciais. Efetivamente, a noção de éter pode ser compreendida como um desdobramento, na esfera ontológica, da distinção tecida por Leibniz entre essência e existência a partir da noção de análise infinita, sob a chancela da lei de continuidade.

### Palavras-Chave

Leibniz. Continuidade. Éter. Essência. Existência.



## A NECESSIDADE DO MAL NAS TEODICEIAS DE LEIBNIZ E HEGEL

Marcos Fabio Alexandre Nicolau

[marcos\\_nicolau@uvanet.br](mailto:marcos_nicolau@uvanet.br)

### Resumo

Quando R. Descartes levantou a hipótese de um “gênio maligno” em sua filosofia, representando um Deus enganador, simbolicamente demarcou um momento crítico no pensamento moderno sobre o conceito de Deus. Tal postulação remeteu a uma abertura para discursos cada vez mais corajosos e duvidosos sobre a divindade e sua vontade. A imprevisibilidade do ser absoluto quanto à suas ações e objetivos culminou na ferrenha crítica das Luzes à religião e à teologia. Ao buscar a fundamentação da razão, a modernidade ansiou por uma iluminação que os obscuros mistérios da fé impossibilitavam. A Filosofia e a Ciência Moderna desencadearam assim um processo de autodivinização da racionalidade humana, e foi em meio a esse cenário que Leibniz autoproclamou-se advogado de Deus, alegando que este, antes de tudo, é racional, verdadeiro e justo. Para o filósofo seria justamente o conhecimento, o poder e a vontade divinas que viabilizariam a racionalidade humana. Há uma simetria racional entre Deus e homem no projeto leibniziano, por isso levantou-se contra o discurso iluminista de P. Bayle, propondo um otimismo racionalista que terá em G. W. F. Hegel um digno herdeiro. Já podemos antever em Leibniz uma filosofia sintética, universal, que articula a vontade divina com a liberdade humana. A teodiceia leibniziana conduz ao sistema do idealismo absoluto hegeliano, pois estabelecia uma vinculação intrínseca entre razão e realidade (o racional é real, e o real é racional). Não por acaso, o próprio mal é sistematizado, fazendo parte de um todo coerente e funcional. O presente estudo pretende elencar e analisar as similitudes e consequências dos projetos leibniziano e hegeliano de teodiceia, apresentando a hipótese de que há uma ponte que os une enquanto continuidade de uma ideia comum: o mal é parte do todo.

### Palavras-Chave

Vontade Divina. Liberdade. Mal.





## A TEORIA DA IDENTIDADE PESSOAL DE LEIBNIZ NO NOVOS ENSAIOS

Francisco Gabriel Da Alexandria Pires  
[piresalexandria@gmail.com](mailto:piresalexandria@gmail.com)

### Resumo

Pretendemos demonstrar que a crítica de Margaret Wilson, segundo a qual a teoria da identidade pessoal de Leibniz seria incoerente, por sustentar duas afirmações contraditórias, a saber, que eu poderia continuar como a mesma pessoa até mesmo com a mudança de minha alma e que eu sou apenas a minha alma não pode ser aplicada no âmbito dos Novos Ensaios. Pois, ao expor e comentar a teoria da identidade pessoal de Locke, presente no capítulo XXVII do Ensaio, Leibniz, em seu Novos Ensaios, espera, sobretudo, demonstrar que a separação entre a identidade da pessoa e a identidade de uma substância imaterial imutável, que lhe serve de suporte metafísico, é um erro. Para tanto, ele introduz a hipótese de um sistema de matéria, como uma mera máquina dotada de consciência e reflexão, sem que, no entanto, haja uma substância. E apesar da leitura de Leibniz permitir solucionar as duas primeiras críticas mais importantes à teoria da identidade pessoal de Locke: a da circularidade perpetrada por Joseph Butler; e a crítica à intransitividade da identidade da memória feita por Thomas Reid, ao apresentar esta distinção entre identidade real e identidade aparente do eu, se opõe diretamente a Locke. Assim, embora ele reconheça que a separação entre consciência e substância é logicamente correta, porque segundo o poder absoluto de Deus ela é possível, ela não está de acordo com a ordem natural das coisas e, portanto, exceto um milagre, ela não é o caso. Então, a identidade diacrônica da consciência, que reconhece seus atos, pensamentos e memórias como exclusivamente seus, pode ser um critério para a aparência do eu, mas segundo Leibniz, esta identidade da aparência do eu só quando acompanhada da verdade, pode formar a identidade pessoal. Logo, uma máquina dotada de consciência percebe apenas uma representação de sua atividade, e não é capaz de unificar a reflexão de si mesma em momentos temporalmente distantes. A identidade real do eu, portanto, só pode ser garantida por critérios que não sejam, nem subjetivos como parece ser a identidade aparente, nem relativos como os critérios de posição no tempo e espaço, mas sim por algo como uma substância que unifique e permaneça em meio a mudança interna ou externa.

### Palavras-Chave

Identidade Pessoal. Substância. Memória.



## A UNIDADE TEÓRICA LEIBNIZIANA ENTRE A CIÊNCIA DINÂMICA E A MONADOLOGIA

Daisy Poltronieri

[daisy1997poltronieri@gmail.com](mailto:daisy1997poltronieri@gmail.com)

### Resumo

O tema dessa apresentação tem como principal objetivo investigar a força, desenvolvida por Gottfried Wilhelm Leibniz no seu período de transição entre a juventude e a maturidade. Nesse período, Leibniz se ocupava com o problema da força, pois, para ele, ela deve guiar o pensamento a um plano reflexivo em que a metafísica e a matemática seriam conciliadas com as estruturas físicas e mecânicas. Força é para Leibniz um conceito de dinâmica que desvela as estruturas metafísicas da filosofia natural. Nos Espécime de Dinâmica, texto primordial dessa pesquisa, Leibniz discorre de que maneira as estruturas mecânicas do mundo, sobretudo os conceitos de movimento e extensão, estão relacionadas as noções basilares de força. Nesse quadro, Leibniz estabelece dissemelhanças com o pensamento cartesiano e sinaliza os motivos pelo qual não adota os axiomas dessa doutrina. Assim, força em Leibniz tem a função centralizadora da verificação acerca da filosofia natural nos moldes de axiomas e postulados leibnizianos, ao passo em que se vincula ao movimento e a extensão, como item participante de tais naturezas. Por causa disso, a possibilidade da centralização desse conceito na filosofia de Leibniz proporciona amplitude de leitura do tempo em que o autor se localiza na modernidade e os debates acerca da filosofia moderna, bem como um embasamento conceitual para a compreensão da filosofia natural própria de Leibniz. Além disso, força proporciona uma investigação pontual sobre o significado de continuidade e a maneira que o problema da coesão corpórea é definido entre as teses da ciência dinâmica e a Monadologia. Considera-se, portanto, que a centralidade do conceito de força somado a revisão da continuidade constitua uma reforma no caminho investigativo que explora as bases do questionamento moderno acerca da coesão corpórea e que em Leibniz pode ser considerado fundamental para a inadvertida saída do labirinto do contínuo.

### Palavras-Chave

Modernidade. Leibniz. Força. Contínuo.



## ANÇA E REPRESENTAÇÃO: A PERCEÇÃO NA ÚLTIMA METAFÍSICA DE LEIBNIZ

Maria Luiza Lima Seabra

[maluseab@gmail.com](mailto:maluseab@gmail.com)

### Resumo

As percepções desempenham um papel importante já no Discurso de Metafísica (1686), onde são tidas como as representações ou fenômenos que aparecem às substâncias individuais. As percepções são nossos fenômenos”. Sabe-se que Leibniz atribui a substancialidade sobretudo à alma, e reluta em conferir o mesmo título à matéria ou aos corpos. De modo que a importância das percepções, enquanto estados representativos e conteúdos da alma, é acompanhada pela idealidade do mundo material e corpóreo das quais são aparições ou representações. Esta é a posição que Leibniz parece sustentar pelo resto de sua vida, como sugere a carta de 1716 a Dancicourt: E eu creio que não há senão as mônadas na natureza, o resto não sendo senão os fenômenos que delas resultam”. Contudo, as percepções possuem algo de real devido à sua fundamentação na visão de Deus. Ora, podemos dizer que há realidade em nossas percepções, que são percepções bem fundadas, pois Deus as coordena de modo a se entrecorresponderem. Mas esta realidade não põe em questão a idealidade das percepções, o fato de serem nossos fenômenos, ainda que sejam fundamentados por Deus. Mas no Discurso de Metafísica a percepção aparece como correlato de expressão, o que indica que este conceito não diz respeito apenas ao conteúdo representativo da alma, mas desempenha um papel metafísico importante. A percepção responde à exigência das condições de individuação para as substâncias. É através da percepção que uma substância pode se relacionar e se distinguir das demais. Já na fase monadológica, vemos o tema do corpo e, com ele, a percepção, adquirirem uma dignidade maior do que lhes era concedida no período do Discurso de Metafísica. Os corpos, enquanto agregados, são compostos por substâncias simples ou mônadas. Pretendo tratar das nuances de sentido do conceito de percepção em função da centralidade que o problema do corpo assume no pensamento tardio de Leibniz, à medida que a substância individual dá lugar à substância simples ou mônada, e que o vocabulário da predicação e da noção completa perde força, e são



trazidas ao centro do palco as ideias de entelúquia e a definição de substância como ser capaz de ação. Seguimos aqui a hipótese de Fichant, segundo o qual a tese monadológica é desenvolvida em resposta à busca de um fundamento da realidade dos corpos e a tese de Anne Lise Rey de que há uma mutação no conceito de percepção que a torna mais próxima da ação do que da representação.

### **Palavras-Chave**

Mônada. Percepção. Corpo.



## COMENTÁRIOS A CARTA DE LEIBNIZ À PRINCESA SOFIA

Rayane Ribeiro Dos Santos

[rayribeiro425@gmail.com](mailto:rayribeiro425@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é fazer um comentário a carta de Leibniz à Princesa Sofia do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) sobre o espaço e tempo. Nesta carta Leibniz afirma que a matéria é dividida ao infinito, porém não é possível conhecer sua extensão e variedade do autor infinito que seria Deus. Isso não ocorre com o corpo matemático ou o espaço que não tem pontos, assim como o número abstrato tem frações de uma extremidade última maior ou menor. No entanto, não concebemos a menor das frações, nem nada que seja compatível com os pontos ou extremidades do espaço, uma vez que o número não representa nenhuma situação ou relação de existência, o que existe são possíveis. Assim, analisaremos essa correspondência de um ponto de vista realista onde o espaço e tempo não é uma substância, mas sim o fundamento da relação da ordem. Essa ordem não pode ser uma coisa, ou seja, uma substância que exerce uma ação sobre os corpos, ela está no plano dos possíveis que encontra realidade no entendimento divino. Desse modo, pretendemos mostrar que Leibniz entende o espaço como um abstrato real que confere realidade nessa ordem dos possíveis.

### Palavras-Chave

Espaço. Possível. Realidade.



## LEIBNIZ E A DUPLA VERDADE

Cristiano Bonneau  
[crbonneau1@gmail.com](mailto:crbonneau1@gmail.com)

### Resumo

A filosofia de Leibniz nos apresenta, em sua amplitude, uma preocupação em contemplar o universo em sua criação contínua e riqueza manifesta. Propostas constantes de conciliação entre os reinos da Natureza e da Graça, necessidade e contingência, liberdade e determinismo, entre outros, demonstram a entrada de sua filosofia em temas polêmicos e difíceis. Daí derivam as ideias fundamentais, entre outras, como as de possibilidade e de perfeição, que são marcas ontológicas das mônadas em sua dinâmica. Diante disso, pretendemos apresentar uma investigação em Leibniz sobre seu constructo filosófico e se um sujeito pode comportar mais de uma verdade na atualidade do enunciado que ele representa. Essa questão torna-se fundamental na medida em que Leibniz prepara um arcabouço teórico capaz de dar conta dos arranjos monádicos em qualquer uma de suas configurações. E ainda, se as verdades de fato e as verdades de razão são suficientes para estabelecer uma ideia clara e distinta desses arranjos.

### Palavras-Chave

Leibniz. Verdade. Natureza.



## LEIBNIZ E O CORPO: UM PROBLEMA APENAS METAFÍSICO?

Beatriz Cardoso Silveira

[beatriz.cardoso.silveira@gmail.com](mailto:beatriz.cardoso.silveira@gmail.com)

### Resumo

Nossa pesquisa investiga a relação entre Teologia, Filosofia e Política no diálogo entre Leibniz e Des Bosses a respeito da ontologia dos corpos, sobretudo na construção do conceito de vínculo substancial. Propomos, contra certa tradição de interpretação, que o conceito não surge apenas como meio de resolver o problema metafísico do estatuto ontológico dos corpos decorrente da doutrina das mônadas. Ele também pode estar associado a um debate teológico e político sobre a essência dos corpos para tornar inteligível a tese sustentada pelo Concílio de Trento de que na Eucaristia há uma transubstanciação. A tentativa de racionalizar um dos mais importantes sacramentos cristãos vincula-se com o projeto que visava reunificar as igrejas católica e protestante e que teve o sacramento como um de seus grandes entraves teóricos. Leibniz esteve envolvido com o projeto de reunião das igrejas durante mais de vinte anos. No decorrer do tempo o lado católico exigiu que o Concílio de Trento fosse integralmente acatado para que ela fosse realizada. Isso demandou uma reflexão a respeito do conteúdo e validade do Concílio e conseqüentemente à reavaliação dos sacramentos que, como ritos instituídos por Cristo, eram centrais para o exercício da fé cristã. Dentre eles, a Eucaristia ocupava lugar privilegiado porque era o ritual que convidava os fiéis à união e ao banquete em que Cristo era recebido. A polêmica envolvendo o mistério era a tese, defendida pelos católicos e negada pelos protestantes, de que na liturgia havia uma transubstanciação do pão e do vinho na substância do corpo e sangue de Cristo. A crítica sustentava que o corpo, definido por sua extensão, não poderia ocupar dois lugares ao mesmo tempo. Essa definição do que é o corpo foi combatida por Leibniz e dois anos depois da finalização das negociações em 1706, a correspondência com o jesuíta Des Bosses retomou aquilo que foi central para a manutenção do cisma: a inteligibilidade da Eucaristia. Para nós, portanto, as cartas de reunião e a Des Bosses indicam que a questão da ontologia dos corpos tem a metafísica como mastro mas a ultrapassa já que se relaciona também com questões teológicas e políticas. Defendemos que a inserção do conceito de vínculo substancial nas



circunstâncias das negociações de reunião das igrejas favorece a compreensão do que é discutido com Des Bosses e é fundamental para dar legitimidade a um conceito que ao longo dos anos foi alvo de críticas e descredibilidade.

### **Palavras-Chave**

Corpo. Substância. Metafísica.





## O REALISMO DE LEIBNIZ E A METAFÍSICA DE SUA GEOMETRIA

William De Siqueira Piaui

[piauiusp@gmail.com](mailto:piauiusp@gmail.com)

### Resumo

Muitos são os comentadores importantes da filosofia leibniziana que apostaram em seu nominalismo, o que parece bastante evidente especialmente se nos fixamos em seus textos de juventude, destaque para a Dissertação sobre o estilo filosófico de Nizólio, de 1670, mas traz sérios desafios para a interpretação de seus textos de maturidade e gostaríamos de destacar, dentre uma infinidade de outros, o capítulo XI do livro IV dos Novos ensaios, de mais ou menos 1704; o que vai naquele sentido de que existem também muitos outros comentadores importantes que apostaram em seu realismo. O que nos parece tornaria necessário ao menos a defesa um corte epistemológico entre dois períodos distintos de sua produção, se queremos manter certo nominalismo de juventude contra certo realismo de maturidade. É justamente tal embate entre comentadores da filosofia leibniziana que pretendemos enfrentar, pretendemos insistir no realismo de Leibniz e chamar atenção para as consequências interpretativas, para nós mais esclarecedoras, justamente quando se trata de falar da metafísica não só de sua aritmética, como defendeu Barone, mas também de sua geometria, ou seja, de como seu realismo nos permite compreender melhor qual de fato é a metafísica que para ele sustentaria a verdade dos enunciados atuais, feitos em épocas e por matemáticos determinados, dos vários tratados de geometria. Dito de outro modo, acreditamos que somente reafirmando o realismo de sua filosofia podemos compreender adequadamente sua solução do difícil problema do que sustentaria a objetividade da verdade dos enunciados matemáticos, destaque para os geométricos, que de alguma forma dependem da questão da realidade ou não do espaço. Somente depois do detalhamento de tal reafirmação cremos poder oferecer uma interpretação mais adequada de parte da carta de 31 de outubro de 1705 que Leibniz endereçou à Princesa Sofia.

### Palavras-Chave

Leibniz. Metafísica. Geometria.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT LEVINAS



## SENSIBILIDADE COMO NÃO-INDIFERENÇA À VIDA QUE SE APRESENTA COMO ROSTO

Márcio Luís Costa

[marcius1962@gmail.com](mailto:marcius1962@gmail.com)

### Resumo

A atualidade e a relevância da ética se fazem presentes de forma patente, tanto nas micro quanto nas macro relações entre os seres humanos e os diferentes modelos de organização da vida em sociedade. Se tornam cada vez complexas as discussões ao redor da clássica pergunta platônica sobre como devemos viver a vida. Chegamos ao ponto de sermos obrigados a produzir um recuo em relação à pergunta platônica: realmente estamos vivendo a vida? Se o mercado é o adiantamento da guerra de todos contra todos e a moral é uma farsa, então, não estamos vivendo a vida, dessa forma, a pergunta sobre como vivê-la, tem o seu sentido também adiado. A leitura levinasiana da modernidade nos permite afirmar que a perda do sentido ético da vida advém de uma cultura que se produziu e se desenvolveu a partir de uma ontologia que se decantou como modo de vida, como cultura e como sistema, que tende a totalizar as relações humanas, abrindo portas largas para a gestão impune de políticas de exclusão. A indiferença é a medida mesma dessa cultura, cujos micros e macros sistemas se ordenam na forma de totalidades fechadas e excludentes. A exclusão pela indiferença chega aos limites da vida e da morte quando pessoas e coletivos são excluídos da vida pela violência e pela guerra, testemunho bélico de que a insensibilidade mata. Para o pensamento levinasiano, a redenção ética da humanidade passa pela redefinição da medida mesma do humano e essa medida é a sensibilidade como não indiferença. Somente uma subjetividade sensível será capaz de fazer-se cargo eticamente da alteridade, quando no cara a cara de cada dia, recuar frente a prerrogativa da violência ontologicamente legitimada.

### Palavras-Chave

Sensibilidade. Ética. Alteridade.



## A ÉTICA LEVINASIANA COMO UMA JORNADA DO HERÓI: PROPOSTA PARA UMA HERMENEUTICA DA OBRA DE LEVINAS

Pedro Paulo Rodrigues Santos  
[pedrop\\_rodrigues@outlook.com](mailto:pedrop_rodrigues@outlook.com)

### Resumo

Emmanuel Levinas foi um filósofo amplamente influenciado pela literatura, especialmente os clássicos russos. A inquietação existencial das personagens conduziram Levinas na sua tarefa filosófica principal: investigar o sentido do humano. O presente texto investiga os traços de influência da literatura na obra de Levinas não apenas como horizontes de referência, mas como elementos estruturantes do desenvolvimento do pensamento do filósofo desde as suas primeiras obras comentando a fenomenologia de Husserl e Heidegger até sua afirmação de originalidade com obras como *Totalidade e Infinito* e *Outramente que ser*. A hipótese principal a ser demonstrada é que a descrição fenomenológica do sujeito ético é o elemento central da escrita de Levinas e que a subjetividade é, nela, apresentada como uma personagem que se vai contemplando de uma obra a outra em diferentes adombrações que buscam exprimir o sentido do humano naquilo que Levinas chamou de santidade. Para tal, utilizar-se-á a estrutura do monomito, apresentada por Joseph Campbell, como elemento literário cuja estrutura permite realizar aproximações, distanciamentos e comparações com as diversas composições narrativas espalhadas pelo mundo, em diversas culturas. Quanto ao próprio texto de Levinas, sua apresentação será realizada de modo panorâmico, objetivando manifestar que o desenvolvimento da subjetividade ética corresponde às estruturas do monomito. Sendo assim, a ética levinasiana é não apenas uma meta-ética, como também se configura com um elemento performativo de configurações de sujeitos, tal como o é a arte e a literatura.

### Palavras-Chave

Ética da Alteridade. Literatura. Fenomenologia.



## UM TEMPO SINDÊMICO: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE E. LEVINAS

Marina Bortolanza  
[marina\\_borto@hotmail.com](mailto:marina_borto@hotmail.com)

### Resumo

Emmanuel Levinas, traz em sua obra o Ser como o mal, como a Totalidade que destrói e mata toda a beleza e diferença, ou melhor dizendo, como a Totalidade que se determina como o próprio sentido, capaz de submeter a todos à sua razão, provocando uma profunda solidão e exterminando qualquer tentativa de Vida. O filósofo acusa o Ser de ter absorvido o diferente e o novo em uma Totalidade, de ter se firmado em posição de redução do Outro ao Eu, constituindo sempre o Mesmo, firmando-se como senhor de tudo e todos. Segundo Levinas, a Totalidade instalada levou a sociedade a um estado permanente de guerra, revelando uma crise, qual seja, a crise do humano, onde o Outro é tratado como um brinquedo das aventuras do Ser e os indivíduos reduzidos a portadores de formas que os comandam sem eles saberem. E basta que se olhe em torno e se tome consciência para perceber que os sintomas estão em todos os lugares: está na violência gerada por motivos econômicos e na busca da dominação dos territórios e dos corpos; está nas doenças, como a depressão, que nada mais é que a inibição da abertura ao Outro; está no ódio e no preconceito, isto é, na luta do Eu por manter seus próprios conceitos e sua própria razão e soberania sobre tudo e todos; está na pobreza extrema que mata vorazmente; está nos desastres ambientais e climáticos que matam, ferem e desabrigam cada vez mais pessoas no mundo. E entre esses sintomas que afloram se faz necessário enfatizar e pensar a Pandemia de COVID-19, a doença que sufocou a sociedade no início do século XXI, tirando a vida de milhares de pessoas, mudando rotinas, isolando, também fisicamente, a população e espalhando o medo por todo o planeta. Entendida como uma sindemia, este ensaio busca evidenciar que a COVID-19 sintetiza um conjunto de epidemias provocadas pelo modelo de vida da sociedade contemporânea, a qual tem na ontologia sua filosofia primeira e, assim, vive em uma constante crise humanitária ou em uma escassez de ética. Nesse sentido, o objetivo é trazer para a discussão filosófica algumas das causas do surgimento de sindemias e como elas se relacionam diretamente com os sintomas do excesso de Ser na sociedade contemporânea. Para tanto, tem-se como texto base do pensamento a obra do filósofo Emmanuel Levinas, posta em discussão com textos de outros filósofos, cientistas e pensadores contemporâneos.

### Palavras-Chave

Emmanuel Levinas. Totalidade. COVID-19.



## O PENSAMENTO TRÁGICO EM LEVINAS. UM NIILISMO OUTRAMENTE DESDE A ÉTICA DA ALTERIDADE

Nilo Ribeiro Junior  
[prof.ribeironilo@gmail.com](mailto:prof.ribeironilo@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de mostrar que, para além da tradição fenomenológica, a filosofia da alteridade em Levinas se tece como um pensamento trágico. Ao modo do niilismo nietzscheano, a filosofia da alteridade se apresenta como uma maneira crítica ao idealismo moderno do Ser igual ao Pensar. Entretanto, diferente do caminho poético percorrido por Nietzsche, a filosofia levinasiana aproxima do pensamento dialógico de Rosenzweig a partir do qual a ética se erige como uma nova forma de genealogia da moral. Levando-se, portanto, em conta o esforço de reabilitação da vida em torno do corpo a corpo com o Rosto do outro, a filosofia trágica de Levinas propugna um pensamento outramente (po)ético como um sistema narrativo calcado na ideia de uma subjetividade psicótica ao modo da maternidade e da substituição. Desse modo, pretende-se mostrar que a ética da alteridade se erige como um niilismo disruptivo em confronto com o pensamento necrológico e totalizante da filosofia reflexiva. Outrossim, trata-se de postular que a ética da alteridade se erige como uma outra maneira de agir para além do ser.

### Palavras-Chave

Niilismo. Ética. Dialogia. Tragédia. Poética.



## O FENÔMENO ÉTICO-POLÍTICO DA VERGONHA NO PENSAMENTO DE EMMANUEL LEVINAS

George Gomes Ferreira  
[georgegomesf@gmail.com](mailto:georgegomesf@gmail.com)

### Resumo

O sentimento de vergonha se impõe na compreensão cotidiana que temos das relações políticas. Ele não é apenas aquilo que cobramos dos seus principais atores, como parte essencial de sua conduta moral, mas também nos liga mais imediatamente ao significado da vida justa. Porém, desvendar o sentido ético e político da vergonha nos exige compreender a dinâmica subjetiva de nossa relação com o mundo e com os outros. O pensador franco-lituano Emmanuel Levinas se esforçou muito intensamente sobre esse desafio e, em sua obra mais conhecida, *Totalidade e Infinito* (1961), deixou claro que a vergonha é a forma como o sujeito coloca em questão a violência de sua própria liberdade. Levinas é um dos mais contundentes críticos da atividade política, considerando-a o oposto da ética. Assim, a política, ao contrário de pensar ou acolher a alteridade absoluta do Outro, se confunde com o próprio empoderamento do sujeito no exercício de sua autonomia, pela qual uma lei externa deixa de fazer qualquer sentido, e se reduz todo contato com o Outro a uma relação o Mesmo. Mas o que separa o caráter essencialmente vergonhoso da política do sentimento concreto de vergonha que temos em relação às suas práticas? Não seria a vergonha uma forma peculiar de captar o que está para além da necessidade e que enxergaria o bem acima do ser? A vergonha estaria, desse modo, na base da consciência moral e, portanto, da própria responsabilidade pelo outro em Levinas? Analisando desde seus escritos da juventude, nos quais ele aprecia a condição humana na tensa Europa dos anos 1930, até a última fase de seu pensamento, onde ganham destaque os sentimentos de culpa e de consciência pesada (*mauvaise conscience*), o presente estudo procura investigar o desenvolvimento de uma fenomenologia da vergonha em Levinas, como forma de descrever as condições subjetivas das relações ético-políticas. Tal estudo, toma por base o modo como Levinas descreve a gênese e o drama da consciência humana na proximidade do outro, mas também se liga diretamente ao cenário de descrédito no qual está implicada toda atividade política contemporânea, procurando delinear o caráter fundante da alteridade na constituição da ideia de justiça.

### Palavras-Chave

Vergonha. Consciência Moral. Ética da Alteridade.



## O REPENSAMENTO DA ONTOLOGIA NA ÉTICA DA ALTERIDADE DE EMMANUEL LEVINAS

Abimael Francisco Do Nascimento

[mento22000@yahoo.com.br](mailto:mento22000@yahoo.com.br)

### Resumo

Pensar a ética e a ontologia em Emmanuel Levinas nos leva a uma seara complexa, pois, preconizando a ética como filosofia primeira, numa anterioridade radical à ontologia. É neste cenário que ele articula revisões: revisão da fenomenologia, revisão da metafísica e revisão da própria filosofia. Ele reconhece a validade da ontologia, mas condicionada pela antecipação da ética. O ser na ética da alteridade deixa de reger o sujeito, pois o ser passa por uma deposição, sua importância não é suprimida, mas há algo que se mostra mais relevante e se posta diante do Mesmo, que é o outro caminho da ética da alteridade é que o sujeito assuma o outro, não como um encargo posterior ao conceito, mas voltando ao que é antes de qualquer ideia interior que ele possa ter do outro, porque o outro faz o Mesmo ir ao pré-original o outro é exterioridade capaz de retirar o Mesmo do sufocamento experimentado em si e no ser. Na relação face a face a nudez e vulnerabilidade do outro em sua exposição acomete o Mesmo a uma responsabilidade infinita. Ao pensar a evasão do predomínio do ser, Levinas centra a relação no face a face – Mesmo – outro, contudo, há o terceiro, que exigirá uma ampliação da responsabilidade do Mesmo, o que exige o estabelecimento de meios garantidores do bem ao outro e ao terceiro. Esses meios chamamos de instituições e é em razão delas que a ontologia, tão criticada no pensamento levinasiano, é retomada desde uma fundamentação e anterioridade ética. Sanar as instituições da anterioridade da ontologia é um dos empreendimentos de Levinas, por meio da anterioridade da relação face a face, contudo, ao entrar o terceiro surge a questão da prioridade: quem é prioritário o outro ou o terceiro? – para responder a essa questão emerge na relação a ontologia. Levinas, densamente crítico à ontologia, precisa fazer um recuo em seu pensar e assegurar toda a crítica já feita, sem deixar de responder à questão de que haja outros ele costura essa passagem ratificando a ipseidade do sujeito como responsabilidade, resguardando a alteridade, como pressuposto para a justiça na relação com o terceiro, pois a alteridade é a atestação de que há sentidos anteriores à





ontologia. Todo o empenho é não colocar a ética sob ameaça, e, concomitante, suscitar a ontologia com sua objetividade. Ao repensar a ontologia, ele a retoma sob a égide da ética, isto é, pensa uma ontologia “eticizada”.

### **Palavras-Chave**

Ética. Ontologia. Subjetividade.



## A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE ENQUANTO CORPOREIDADE A PARTIR DE EMMANUEL LEVINAS E MERLEAU PONTY

Vitória Jeniffer Gomes Da Silva

[vitoriajeniffer692@gmail.com](mailto:vitoriajeniffer692@gmail.com)

### Resumo

Segundo Emmanuel Levinas, a ética é a filosofia primeira sendo indispensável não apenas para a vida em sociedade, mas para a vida humana considerando que tanto a humanidade quanto a vida em sociedade só são possíveis devido à existência da ética enquanto impossibilidade de violentar, de matar Outrem. Assim, é urgente a investigação a respeito deste campo filosófico. Entendendo a ética enquanto campo que antecede a lógica e que trata de um compromisso anterior o qual a lógica da razão não pode abarcar, esta pesquisa busca investigar como se dá a construção da subjetividade a partir da ideia de que a subjetividade não pertence exclusivamente à lógica racional. Assim, apostamos na ideia de que a subjetividade é construída a partir da participação ativa do corpo, que dotado de intencionalidade pode ser o pilar para o direcionamento da ação do sujeito ao agir responsável na sociedade. Em a fenomenologia da percepção o filósofo contemporâneo Merleau Ponty explicita o seguinte: “Meu corpo é veículo do ser no mundo”. Me relaciono com o espaço e com o Outro inserido neste espaço com o meu corpo. Para Levinas, o Corpo está interligado ao desejo de totalizar e possuir Outrem de uma forma violenta e assim o agir ético se resguardaria ao Desejo metafísico, que por sua vez, conseguiria se relacionar com o outro de uma maneira caridosa devido a sua transcendência. Entretanto, não poderia o desejo-corpo ser interpretado de uma outra maneira? Como o corpo reage ao Outro? O corpo e o desejo-corpo não poderiam também debruçar-se diante das investigações éticas enquanto conceitos centrais para o exercício da responsabilidade diante de outrem? É possível uma ética que parta da encarnação? buscamos responder também a estas questões e para tal faremos o uso do arcabouço teórico de dois pensadores dada a contribuição de ambos para o campo filosófico que investigamos: Emmanuel Levinas e Merleau Ponty a partir das obras centrais: Totalidade e infinito, Ética e infinito, Entre nós: Ensaios sobre a alteridade de Levinas; e A fenomenologia da percepção e a Prosa do mundo de Merleau-Ponty a partir de uma centrada na análise conceitual de ambos



autores visando possíveis aproximações e distanciamentos. Tendo isso posto, analisaremos ainda, dois conceitos que podem contribuir para o aprofundamento da pesquisa: a diferença entre o Toque e a Carícia Onde o primeiro aparece como o exercício de posse ao passo que o segundo seria suave possuindo uma inclinação ética.

### Palavras-Chave

Ética. Subjetividade. Corporeidade.



## ALTEROFOBIA: CAUSAS E IMPACTOS NA ALTERIDADE

Iuri Ribeiro Dos Santos

[irstob@hotmail.com](mailto:irstob@hotmail.com)

### Resumo

A filosofia do século XX, através da reflexão sobre a existência humana, traz uma preocupação com a temática da alteridade, diante do horror das duas grandes guerras mundiais. De modo particular a filosofia francesa, nos legou inúmeras contribuições a respeito do *modus vivendi* dos seres humanos, como seres sociais e capazes de intersubjetividade perante a diversidade e desafios de seu tempo. O filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas tem como ponto de partida de toda sua reflexão uma ética da alteridade acentuando a primazia do campo ético e distanciando-se de todo e qualquer totalitarismo perante o Outro. Este concebe a alteridade na esfera do infinito, pois não se pode abarcar ou limitar a experiência com o outro, somos seres de infinitas possibilidades. Entretanto, na atualidade, perante algumas dificuldades nas relações humanas exacerbadas pelo crescente individualismo e indiferentismo para com o outro gerando aquilo que podemos definir como alterofobia. Tal conceito significa o medo, o ódio ou a desconfiança ao outro, isto acontece por causa de(as): condições socioeconômicas, origem, crenças religiosas, gênero ou sexo, ou somente por acha o outro diferente de si. O extremo da alterofobia com certeza é o altericídio como bem acentua o filósofo camaronês Achille Mbembe em sua obra *Crítica da razão negra* que nos fala sobre o assassinato da alteridade. Para além do medo do outro, em muitas situações e realidades há o extermínio, o assassinato do Outro. Faz-se necessário uma reflexão para que a humanidade desperte-se e reaja a todo tipo de violência contra o outro.

### Palavras-Chave

Alteridade. Alterofobia. Altericídio. Medo. Outro.



## TOTALIDADE E TOTALITARISMO: INTERFACES ENTRE EMMANUEL LEVINAS E HANNAH ARENDT

Luciane Martins Ribeiro

[lucianeribeirofilosofia@gmail.com](mailto:lucianeribeirofilosofia@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo explorar algumas interfaces entre os conceitos de totalidade e totalitarismo a partir das perspectivas filosóficas de Emmanuel Levinas e Hannah Arendt. O arcabouço filosófico desses autores propõe questionar as possibilidades de se filosofar após Auschwitz, considerando as experiências traumáticas e a realidade brutal do genocídio perpetrado na Segunda Guerra Mundial. Levinas, ao abordar a questão da totalidade nos convida a repensar o estatuto da ontologia heideggeriana. Ele destaca a solidão existencial e o anonimato do ser como elementos opressivos que comprometem a condição humana. Em vista disso, o filósofo propõe a evasão como um movimento de resistência ética contra a totalidade do ser, enfatizando a primazia da relação com o outro na preservação da singularidade e da humanidade. Trata-se da abertura para o rosto do outro como um chamado à responsabilidade ética. Uma proposta que visa reconhecer as feridas abertas pela violência quando a bússola da existência aponta para uma única direção, e, diante desse trauma, impulsionar a busca por caminhos que restituam a dignidade da subjetividade e promovam o humanismo do outro homem. Em *Origens do Totalitarismo*, Arendt analisa as raízes históricas do antissemitismo, do imperialismo e a fundamentação do totalitarismo não apenas enquanto um regime político, mas também como um fenômeno mais amplo, diversificado e enraizado em várias dimensões da experiência humana. A filósofa destaca a força da ideologia na mobilização das massas e na manutenção do poder, ao apontar a propaganda e a supressão da liberdade como engrenagens basilares para consolidar o movimento totalitário. Arendt também enfatiza a desumanização perpetrada pelo totalitarismo, resultando na eliminação das singularidades e atomização do humano. Para alcançar nosso objetivo, faremos uma análise dos primeiros artigos que marcam o início da especulação filosófica de Levinas sobre a totalidade: “De L’évasion” de 1935; “Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo” de 1933 e “A ontologia é fundamental?” de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



1951. Em relação ao pensamento de Arendt, nos concentraremos principalmente em seu livro “Origens do Totalitarismo” de 1951, complementado pela consulta à bibliografia de comentadores especializados. Essa abordagem nos permitirá entender mais profundamente as nuances e as relações entre os conceitos abordados, assim como sua relevância para os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea.

## Palavras-Chave

Totalidade. Totalitarismo.



## O SENTIDO DO DIZER HUMANO: UMA HERMENÊUTICA DA ALTERIDADE EM EMMANUEL LÉVINAS

José Rodrigo Gomes De Sousa  
[sousarodrigogomes@gmail.com](mailto:sousarodrigogomes@gmail.com)

Nilo Cesar Batista Da Silva  
[nilobsilva@gmail.com](mailto:nilobsilva@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa tem como finalidade demonstrar que a partir da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas, pode-se conceber uma hermenêutica da alteridade. Lévinas se insere enquanto pensador de nosso tempo a partir de um horizonte reflexivo que está situado em um período entre guerras, marcado pela miséria e pelos totalitarismos emergentes. A sua proposta ética realoca a centralidade do eu e recoloca em cena a figura do outro na sua radicalidade. A virada que o filósofo realiza dentro do pensamento ocidental, além da crítica ao pensamento vigente, retira de sintonia o ser e o seu eixo centralizador reposicionando o outro em seu lugar. Desse modo, abre-se uma fenda para se pensar de outro modo, dando bases para se pensar para além do ser. É por meio do sentido do humano que se dá a condição da possibilidade de toda a significação. Essa significação a qual Lévinas recorre é situada na ética. O itinerário que se pretende realizar para abalizar tal pesquisa parte desde o desejo concebido enquanto erótico, nos primeiros escritos levinasianos, tomando como referências as obras *Da existência ao existente* e *O tempo e o outro*. O desejo encarado como desejo metafísico será abordado a partir de Totalidade e infinito, o desejo posto como categoria de abertura da interioridade para a exterioridade, saída do eu para outro sem que haja uma volta sobre si. Isso implica dizer que a ética é hermenêutica no sentido de que existindo uma relação entre o eu e o outro e a linguagem entendida como ponto de encontro com o outro, essa relação com o outro é linguagem, diálogo. O outro se constitui como palavra ética, enquanto aquele que interpela e a resposta que o eu oferece ao outro é colocada como perspectiva hermenêutica. A linguagem se manifesta através do rosto, rosto este que provoca abertura, rachadura no eu, possibilitando sua saída, mas uma saída sem finalidade, já como resposta a uma responsabilidade



anterior a toda consciência reflexiva. Na expressividade do rosto a linguagem aí se manifesta, não na forma, mas expressividade que não pode ser capturada. Ao colocar esse jogo que a ética provoca, também se quer um distanciamento da concepção usual de hermenêutica, sob a ótica levinasiana a hermenêutica ganha outro sentido.

### **Palavras-Chave**

Dizer Humano. Hermenêutica. Alteridade.





## ÉTICA E SOFRIMENTO HUMANO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA A PARTIR DOS TEXTOS DO CATIVEIRO DE LÉVINAS

Edvaldo Antonio De Melo  
[edvaldoantonio87@gmail.com](mailto:edvaldoantonio87@gmail.com)

### Resumo

O texto visa estudar a imbricação entre a ética e o sofrimento humano sob o viés fenomenológico a partir dos textos de Emmanuel Lévinas gestados no cativo. Partimos de uma pergunta fundamental: como a ética emerge no contexto do cativo? Tendo em vista que desde suas obras iniciais o tema da “ética” está presente em seus escritos, tendemos a considerar os cadernos de cativo como “lugar” onde se evidencia as questões ligadas à violência e ao sofrimento, aliás, do “sofrimento inútil” presente nos campos de concentração. O nosso objetivo consiste em mostrar que a resposta para a violência que gera o sofrimento inútil é ético-filosófica – na relação inter-humana. Fazer uma leitura fenomenológica dos referidos escritos consiste, portanto, numa proposta de ressignificação do sentido da erótica, do trabalho, do medo, da insônia, do corpo/carne, da memória, do horror da guerra, da responsabilidade humana, dentre outros temas, num “de outro modo que ser”. Do ponto de vista metodológico, primeiramente, será feita uma leitura e interpretação dos textos do cativo; em seguida, procurar-se-á descobrir o eixo temático dos mesmos que os liga aos escritos da maturidade do autor, numa démarche filosófica.

### Palavras-Chave

Ética. Sofrimento Humano. Fenomenologia.



## ÉTICA DA ALTERIDADE- O PROBLEMA DA IDENTIDADE EM UMA EPISTEMOLOGIA DE GÊNERO BINARIA E HIERARQUICA

Carla Jeane Helfemsteller Coelho Dornelles

[ccfilos2@yahoo.com.br](mailto:ccfilos2@yahoo.com.br)

### Resumo

A pesquisa, que ora se apresenta, toma como objeto de análise a crítica em relação ao uso da categoria de identidade. Para isso toma como referência as interrelações detectadas entre as proposições filosóficas de Emmanuel Levinas, na obra *Totalidade e Infinito* (1980), e de Judith Butler, na obra “*Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*” (2021). O problema da identidade é uma questão central, tanto na filosofia de Butler, como na filosofia de Levinas, uma vez que a presunção de uma identidade fechada em torno do que lhe descreve, leva a uma realidade ontológica anterior e independente das marcas culturais, segundo Butler; e sujeita à tematização mediante a subordinado do ente ao ser, segundo Levinas. Objetiva-se discutir a imprescindibilidade da superação da categoria de identidade para a construção de uma epistemologia que acolha a multiplicidade radical dos seres vivos e que não mais legitime a violência hétero-patriarcal-colonial, visando a concretude da ética da alteridade.

### Palavras-Chave

Identidade. Episteme Patriarcal. Alteridade.



## EM BUSCA D'ELE: LIBERTAÇÃO E ALTERIDADE

Airan Milititsky Aguiar  
[sreonada@hotmail.com](mailto:sreonada@hotmail.com)

### Resumo

A proposta de investigação aqui encetada busca perceber na tradição judaica — sobretudo na mística formulada em Safed, a Cabala Luriana — aproximações e paralelismos à categoria de Alteridade. Parte-se da possibilidade de sua aproximação e convergência ao conceito síntese de Tzimtzum (contração, retração ou retirar-se) como tópico do trabalho. Neste sentido, faz-se necessário empreender, à mútua simplicidade e complexidade do conceito, o Tzimtzum como uma elaboração da experiência judaica, sua constituição na crítica à violência e ao trauma do exílio, os quais são fundantes de um ethos judaico reelaborado constantemente ao longo de milhares de anos em camadas de comentários ao texto veterotestamentário, reflexivos a esta própria experiência. Essa imensa crônica de um itinerário em busca d'Ele, a alteridade radical, o En-Sof, o Sem-fim, em sua elaboração em solo andaluz/sefarad, ganha contornos fundamentais no livro do Zohar e seu horizonte especulativo, posteriormente, na Cabala luriana. A partir daí que se busca evidenciar paralelismos com questões centrais no desenvolvimento filosófico realizado por filósofos judeus contemporâneos, mormente Emanuel Levinas e Walter Benjamin, visando perceber quais possibilidades de correlações, afinidades eletivas, até mesmo de novos comentários “tradicionais” à mística judaica, suas homologias, rupturas e continuidades são relevantes. Parte-se, portanto, de corpora documentais aparentemente distintos, mas elaborados, ou reelaborados, em uma mesma conjuntura, com relações próximas e até mesmo íntimas entre seus autores. Para a abordagem da mística judaica é incontornável a produção de Gershom Scholem — pedra angular do seu estudo acadêmico, amigo e confidente de Walter Benjamin — figura central nos estudos judaicos no século XX. Autores coetâneos, com relações afetivas e acadêmicas bastante próximas e que partilharam, cada um à sua maneira, experiências traumáticas e dispóricas. Desse modo, são conjunturas que apresentam similaridades significativas — a emergência da modernidade, inquisição; a crise do imperialismo, o nazi-fascismo — que, em sua radicalidade, podem ser vistas como um fundo comum a esses paralelismos e afinidades eletivas.

### Palavras-Chave

Alteridade. Tzimtzum. Mística Judaica.



## ADEUS: O ENSINAMENTO DE LEVINAS A DERRIDA

Jean Pierre Gomes Ferreira

[jepiego@gmail.com](mailto:jepiego@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o ensinamento do adeus em Levinas e Derrida a partir da relação mestre e aluno. Para Levinas, em Deus, a morte e o tempo, adeus quer dizer uma relação com Outrem que é Deus, uma ideia como a ideia do infinito em Descartes que não pode ser reduzida a uma compreensão fenomenológica e ontológica do eu a partir de si mesmo, pois advém do exterior ainda que esteja no interior do eu em si mesmo, que é mais do que o Eu-Mesmo pode compreender e, deste modo, é o ensinamento de que, para além da imanência do Eu-Mesmo, há Outrem, uma transcendência. Em Adeus a Emmanuel Levinas, Derrida diz temer dizer a palavra adeus a Levinas quando acontecesse a morte do mestre e amigo, que sabia que tremeria ao dizê-la, mas que aprendeu com ele a pensá-la ou pronunciá-la de outra forma. Em Dar a morte, retomando o pensamento de Levinas, diz que o adeus pode significar uma saudação ou benção dada, uma saudação ou benção dada no momento de uma separação ou de se deixar alguém e uma relação ao outro, diante de Deus, um a-deus ou para Deus, e adverte que o pensamento de “adeus” em Levinas contesta a primordialidade e finalidade da questão do ser ou do Dasein de Heidegger no qual a morte aparece como aniquilamento. Porém, não fica claro à primeira vista nessas suposições do significado de adeus e em seu comentário sobre a relação com a morte em Levinas qual a outra forma de pensar e pronunciar a palavra adeus que aprendeu com o mestre e amigo. Neste sentido, colocam-se as seguintes questões: qual o aprendizado de Derrida da palavra adeus a partir do ensinamento de Levinas? É do mesmo modo que mestre e aluno dizem adeus? Como dizer adeus ao mestre, a Outrem, a Deus sem temor e tremor? É somente quando Derrida diz o que é Deus para si que é possível pensar sua outra forma de pensar e pronunciar o adeus, no caso, ao dizer que Deus é a possibilidade de guardar um segredo para si, um “eu” absoluto do Eu-Mesmo a quem este testemunha um segredo invisível aos outros, mas visível a si, a subjetividade mais próxima e distante de si. O ensinamento de Levinas a Derrida é, portanto, aprender a dizer adeus, o último ensinamento do mestre ao aluno, a lição



mais difícil de ser ensinada e aprendida, que faz temer e tremer o aluno diante do mestre e que somente é possível ser aprendida com a morte do mestre, dizendo-lhe adeus quando há a separação absoluta e distância infinita do mestre em relação a si na morte e não pode mais seguir seu ensinamento.

### **Palavras-Chave**

Adeus. Ensino. Morte.



## MAIS ALÉM DA ESSÊNCIA: DA TRADIÇÃO PLATÔNICA À ÉTICA DA ALTERIDADE EM LEVINAS

Fabio Caprio Leite De Castro

[facaprio@hotmail.com](mailto:facaprio@hotmail.com)

### Resumo

O livro de Emmanuel Levinas *Autrement qu'êtré – Au-delà de l'essence completa*, em 2024, 50 anos. Desde que foi publicado, o impacto deste texto na comunidade filosófica não cessou de produzir efeitos. É imensa a bibliografia de artigos, teses, comentários a seu respeito. A sua mensagem chega em áreas como a pedagogia, o direito, a psicologia e tantas outras. O intuito deste trabalho é colocar em questão, no contexto da obra levinasiana, a enigmática expressão “ἐπέκεινα τῆς οὐσίας”, formulada por Platão, quando da exposição de Sócrates sobre a Alegoria da Caverna. (*República*, VI, 509b). Entretanto, a proposta não é a de partir da ética levinasiana para pensar a tradição platônica, mas realizar o caminho hermenêutico inverso: o de tomar, primeiramente, a interpretação desta expressão na tradição platônica para, em seguida, oferecer uma análise acerca da radicalidade da mensagem levinasiana sobre “mais além da essência” como “outramente que ser”. Por certo, diante da vasta influência da tradição platônica sobre a filosofia, convém, como primeiro ponto, revisitar, ainda que de modo sumário, as grandes tradições de leitura da filosofia platônica, sobre a doutrina escrita e não-escrita: Academia, neoplatonismo, Schleiermacher e as Escolas de Tübingen e Milão. Com isso, é possível oferecer um apanhado sobre as interpretações acerca do “mais além da essência” até a contemporaneidade. Um desvio breve a essa tradição, no entanto, como segundo ponto, se torna necessário: a passagem pela obra de Martin Heidegger. Ao final dos anos 1920 e início dos anos 1930, Heidegger já tinha uma leitura sobre o problema a que estamos aludindo, sob a perspectiva da “essência da verdade” em Platão. Esta abordagem pretende, em um terceiro ponto, mostrar como a ética de Levinas responde à interpretação de Heidegger e, por meio dele, visa toda a tradição filosófica.

### Palavras-Chave

Além da Essência. Outramente que Ser. Levinas.



## INSUBMISSÃO - NOTAS DE ÉTICA DECOLONIAL EM LEVINAS E BERGSON

André Brayner De Farias

[abfaria1@ucs.br](mailto:abfaria1@ucs.br)

### Resumo

Neste trabalho procuramos mostrar algumas ressonâncias que aproximam as éticas de Levinas e de Bergson a partir de um sentido que parece comum a ambas: a desobediência. Isto parece contraditório a primeira vista, pois tanto na ética da alteridade levinasiana quanto na moral da aspiração bergsoniana, há um sentido profundo e muito verdadeiro de obediência, na forma da passividade e da escuta, verificadas no acolhimento em Levinas e na superabundância em Bergson. Porém, o desenvolvimento dessa noção, talvez contraintuitiva, pelos caminhos dos filósofos em questão nos leva à descoberta de que a ética, deslocada de todo moralismo e compreendida como responsabilidade radical e irrecusável, seja como infinitude, seja como abertura, se revela como uma sabedoria da insubmissão. O estado de escuta em sua radicalidade excepcional seria um gesto desobediente. Para suscitar o problema da obediência, lembramos o conceito de banalidade do mal desenvolvido por Arendt no famoso caso Eichmann, bem como o experimento de Stanley Milgram sobre obediência em contexto de autoridade no campo da psicologia moral. Finalmente, propomos que o caráter insubmisso da ética, remetido aqui a Levinas e Bergson, importa para uma interpretação decolonial desses autores.

### Palavras-Chave

Insubmissão. Levinas. Bergson.



## O SENTIDO DO HUMANO NO PENSAMENTO DE EMMANUEL LEVINAS

Jose Tadeu Batista De Souza

[josetadeuoli@gmail.com](mailto:josetadeuoli@gmail.com)

### Resumo

Grande parte do pensamento de Levinas pode ser interpretado como uma tentativa filosófica de constituir o sentido do humano numa perspectiva diferenciada das formulações plasmadas na filosofia Ocidental, ainda hoje vigentes. Tomando como ponto de partida uma crítica ao primado ontológico defendido pela razão filosófica, desde os antigos gregos, ele propôs o humano como o lugar originário do sentido na expressão sublime do agir ético. A aludida razão compreendeu que a inteligibilidade, no seu mais alto nível, esteve sempre dependente da “atualidade do ser em ato”, da concordância entre termos em torno de uma questão, da relação adequada que se estabelece entre o idêntico e o diferente que podem ser sintetizados em um sistema. Desse modo, um dos termos pode significar o outro e por ele ser significado, perfazendo uma “unidade Lógica da apercepção transcendental”. Sendo assim, em última instância, redundando na identidade do ser ou do ser em ato, como pensou Aristóteles. Nesse estilo de entendimento da racionalidade, Levinas constata a inviabilidade de dizer o humano na sua expressão mais significativa. Sugere, portanto, uma ideia de racionalidade que se põe para além do ser. No seu modo de entender a proximidade com o outro configura-se em uma alternativa possível para dizer outramente o humano na sua mais elevada significação. O texto que aqui apresentamos tem como objetivo apresentar algumas reflexões assentadas no pensamento de Levinas tentando por em evidência o que chamamos de pressupostos sustentadores de sua concepção de homem. Pode-se dizer que a dimensão do agir ético transpassado pela preocupação com a alteridade, se constitui em um solo fértil de onde poderá brotar a pretendida concepção de homem. Em primeiro lugar, faremos considerações sobre o que nomeamos de pressuposto da história. Em segundo lugar, apresentamos o que denominamos de relações com os outros.

### Palavras-Chave

Levinas. Humano. Sentido. Alteridade.



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT LÓGICA



## A LEI DE LEIBNIZ E OS MODELOS PARACONSISTENTES DE ZFC

Aldo Figallo Orellano  
[aldofigallo@gmail.com](mailto:aldofigallo@gmail.com)

### Resumo

São exibidos modelos completos para algumas teorias de conjuntos não-clássicas, onde esas teorias estão basadas nas lógicas  $N_4$ ,  $N_3$  de Nelson y las lógicas  $C_\omega$  y  $C_2$  de da Costa. Estes modelos estão construídos sobre uma semântica de Fidel que são estruturas específicas de primeira ordem no sentido da Teoría de los Modelos. Estas estruturas são conhecidas na literatura como F-estruturas e não são álgebras no sentido da álgebra universal. Com estas estruturas é possível dar Teoremas de Adequação para cada lógica mencionada anteriormente, para o nível proposicional, utilizando as estruturas saturadas como Fidel y Odintsov mostraram. Nesta disertação, começamos considerando Teorias de Conjuntos sobre as lógicas de Nelson e de da Costa usando os axiomas proposicionais para fórmulas de primeira ordem e axiomas da teoria dos conjuntos de Zermelo-Fraenkel. Procurando modelos para estas teorias, construímos como F-estruturas valoradas adaptando a maquinaria desenvolvida aos casos de modelos com valores Booleanos e de Heyting. Neste sentido, podemos citar que a primeira apresentação dos modelos valorados de F-estruturas dada por A. Figallo-Orellano e J. Slagter. Como subproducto, mostramos como é possível apresentar modelos paraconsistentes para ZFC com base na lógica de Costa tratada nesta palestra.

### Palavras-Chave

Lógica de da Costa. Semânticas de Fidel.



## A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E LÓGICA SOB A PERSPECTIVA DE KRIPKE

Martha Kaercher

[martha\\_kaercher@hotmail.com](mailto:martha_kaercher@hotmail.com)

Elenoura Enoque Da Silva

[eleonoura.silva@unicap.br](mailto:eleonoura.silva@unicap.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar alguns elementos conceituais da teoria da referência causal de Kripke sob a perspectiva da lógica modal. O nosso problema consiste em estabelecer a relação entre os elementos da teoria da referência causal de Kripke e a sua semântica relacional. Para atingir o fito de tal investigação, utilizamos a obra *Naming and Necessity* (1980) de Saul Kripke, o seu artigo *A Completeness Theorem in Modal Logic* (1959) e a sua versão ampliada de 1963. A partir da obra, analisamos os elementos da teoria da referência, e a partir dos artigos apresentamos as definições, os teoremas, lemas e corolários necessários e constituintes para a semântica de Kripke. O que torna o nosso estudo relevante é o fato de explicitarmos as relações entre os conceitos da filosofia da linguagem apresentados na obra *Naming and Necessity*, tais como: nomes, designadores rígidos e relação de acessibilidade, com conceitos da estrutura de modelos normais de Kripke para lógica modal, ou seja, a comunicação existente entre duas áreas da Filosofia, a saber: a Filosofia da Linguagem e a Lógica.

### Palavras-Chave

Kripke. Teoria da Referência. Lógica.



## DAS CARACTERIZAÇÕES TIPO-LINDSTRÖM DE ALGUMAS LÓGICAS PROPOSICIONAIS

Diego Pinheiro Fernandes

[dpf@academico.ufpb.br](mailto:dpf@academico.ufpb.br)

### Resumo

Desde a caracterização de M. Otto e R. Piro da lógica modal com modalidade global e do fragmento guardado, seguiram-se alguns trabalhos (e.g.) caracterizando a expressividade de lógicas modais e, recentemente, da lógica intuicionista, todos tendo uma estrutura comum:  $L$  é a lógica mais expressiva que é compacta, tem a Propriedade de União de Tarski (PUT) e é invariante sobre  $X$ , onde  $X$  é uma noção de invariância derivada da bissimulação e adaptada para a lógica em questão. Não está claro se tais requisitos de invariância são adequados e relevantes como propriedades de caracterização. Pode muito bem ser que eles terminem por eliminar lógicas potencialmente concorrentes, diminuindo a significatividade do resultado. Sendo assim, é interessante buscar caracterizações de expressividade que não os envolvam. Em um artigo pouco conhecido, Lindström caracteriza a lógica de primeira ordem apenas em termos de compacidade e PUT. Na apresentação será mostrado que é possível obter um resultado análogo para a lógica proposicional híbrida. Argumentarei que esse resultado pode fornecer ideias para melhorar as caracterizações de expressividade de outras lógicas modais e da lógica intuicionista.

### Palavras-Chave

Teorema de Lindström. Lógica Híbrida.



## DIALETICIDADE EM REDES DIALÉTICAS

Frank Thomas Sautter

[ftsautter@ufsm.br](mailto:ftsautter@ufsm.br)

### Resumo

Recentemente desenvolvi uma ferramenta de anotação daquilo que, na tradição pragma-dialética, denomina-se “discussão crítica”. Essa ferramenta, batizada de “Redes Dialéticas”, dispõe de recursos para a representação algébrica de uma discussão crítica, sob a forma de um grafo tripartido, mas, também, de recursos para a representação gráfica de uma discussão crítica. Ela dispõe de recursos algébricos e gráficos para representar as asserções de um proponente (aquele que sustenta a tese em discussão), as asserções de um oponente (aquele que rejeita a tese em discussão), ações de ataque e ações de defesa, tanto do proponente como do oponente. Nesta comunicação desenvolvo um critério de avaliação do conjunto das ações do proponente e do conjunto das ações do oponente em uma discussão crítica. Esse critério é emprestado do campo jurídico; ele é adaptado de um princípio que opera no Direito brasileiro e que é denominado “Princípio da Dialeiticidade”. Grosso modo, a participação de um agente, seja ele o proponente, seja ele o oponente, é bem avaliada segundo o critério da dialeticidade, se o agente responder a todas as objeções do seu adversário. A implementação desse critério requer a adaptação de conceitos fundamentais da Teoria dos Grafos aos grafos tripartidos das Redes Dialéticas: assim, por exemplo, definiremos vértice fonte do proponente, vértice fonte do oponente, vértice sumidouro do proponente, vértice sumidouro do oponente, caminho em uma rede dialética, etc. A implementação também envolverá a obtenção de um grafo tripartido reduzido em relação ao grafo tripartido original, que facilitará o trabalho de verificação do atendimento ou não atendimento da dialeticidade por parte do proponente e do oponente.

### Palavras-Chave

Discussão Crítica. Grafos. Diagramas.



## DIAMANTES NÃO BRILHAM PARA SEMPRE: A DISPUTA ENTRE HINTIKKA E WEIDEMANN SOBRE MODAIS ARISTOTÉLICOS

Pedro Mendes De Lemos

[pedromendeslemos@gmail.com](mailto:pedromendeslemos@gmail.com)

### Resumo

Em semânticas usuais para uma Lógica Temporal-Modal, como em Kaplan (1978, 1989) e Thomason (1970, 1984), um operador modal de possibilidade – comumente denominado ‘diamante’ – é visto como um operador sentencial quantificando existencialmente sobre um conjunto de possibilidades históricas que compartilham um mesmo passado, mas que diferem em relação ao futuro. Um conhecido enigma envolvendo diamantes históricos concerne certas construções contendo tais modalidades, como conjunções na forma de  $\neg \varphi \wedge \diamond \varphi$ , que glosariam em nível abstrato uma classe de sentenças da linguagem ordinária que soam prima facie incoerentes e inasseríveis sempre que  $\varphi$  é uma expressão direcionada para o futuro e  $\diamond$  estiver fraseado no modo indicativo. Similarmente, é também conhecida uma disputa na literatura sobre se Aristóteles (1) se subscreveria ao Princípio da Plenitude com relação à concepção de possibilidade que ele apresenta na *Metafísica*  $\Theta$  3–4, i.e., se ele se subscreveria ao princípio de que toda possibilidade metafísica genuína deveria em algum momento ser atualizada no tempo (Cf. Hintikka, 1964, 1973, 1981); ou se Aristóteles (2) se subscreveria, na verdade, a uma leitura epistêmica do modal de possibilidade que ele está discutindo na *Metafísica*, divorciando-a da leitura usual metafísica que ele apresenta na discussão sobre futuros contingentes em *De Interpretatione* 9 (Cf. Weidemann, 1987). O presente trabalho detalha o prospecto de adaptar uma aplicação da semântica relativista desenvolvida em Lemos (2016) com amparo em MacFarlane (2003, 2008, 2014), e originalmente elaborada para discutir uma interpretação em DeRose (1998, 1999, 1999) sobre possibilidades epistêmicas e modais fraseados em modo indicativo, para uma nova aplicação e análise sobre esta disputa entre Hintikka e Weidemann.

### Palavras-Chave

Lógica Modal. Semânticas Relativistas. Aristóteles.



## LÓGICA DAS LACUNAS E CONFLITOS DEÔNTICOS ESTRITOS: UMA EXTENSÃO DEÔNTICA DE N4

Lucas Silva Andrade  
[luc.philos@gmail.com](mailto:luc.philos@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho propõe uma extensão deôntica da lógica paraconsistente e paracompleta N4 utilizando a semântica das modalidades deônticas estritas DR. A proposta visa superar duas limitações da lógica deôntica padrão (SDL). A primeira diz respeito à superação das limitações da semântica dos mundos possíveis adotada por SDL. Em DR, ao contrário da semântica de SDL, interpreta-se obrigações e permissões estritamente em relação a um sistema normativo e não em relação à acessibilidade deôntica de mundos possíveis, representando adequadamente circunstâncias em que o sistema normativo é silente quanto a um conjunto de ações, não por insuficiência das normas que valida, como no caso de lacunas, mas por não intencionar regulamentar aquelas ações. Já a segunda diz respeito a superar as limitações do comportamento clássico de SDL, que, ao validar os princípios da consistência e completude normativas, elimina a possibilidade de representar contradições e lacunas em um sistema de normas. Ocorre que sistemas normativos reais, como leis e códigos, podem apresentar insuficiências ou lacunas em cada caso que intencionaram regular e, ao mesmo tempo, normas incompatíveis entre si e que não levam à trivialização, vedando, por exemplo, que diante de conflitos de normas os intérpretes concluam que a lei ou o código permita qualquer ação. Portanto, a lógica deôntica N4-DR: (a) diferencia ações ou omissões que um sistema normativo explicitamente intencionou regulamentar como obrigatória ou permitida daquelas nas quais é silente; (b) representa tanto insuficiências ou lacunas em sistemas normativos nos casos em que há intenção explícita em regulamentar uma ação  $p$ , não se concluindo que  $p$  é permitido ou não, quanto circunstâncias não triviais de conflitos de normas, onde se pode concluir que  $p$  é e não é permitido simultaneamente.

### Palavras-Chave

Lógica Deôntica. Paraconsistência. Paracompletude.



## MODELOS PARA TEORIAS CONTRADITÓRIAS NÃO TRIVIAIS EM LFIS COM SUBSTITUIÇÃO

Marcelo Esteban Coniglio  
[coniglio@unicamp.br](mailto:coniglio@unicamp.br)

Walter Alexandre Carnielli  
[walterac@unicamp.br](mailto:walterac@unicamp.br)

### Resumo

As Lógicas da Inconsistência formal (LFIs) são lógicas paraconsistentes (isto é, contendo uma negação  $\neg$  tal que as contradições não necessariamente trivializam o raciocínio) e que possuem um conectivo adicional  $\circ$  de consistência que permite recuperar localmente a propriedade explosiva da negação. Formalmente: existem proposições  $A$  e  $B$  tais que  $B$  não segue das premissas contraditórias  $\{A, \neg A\}$ , enquanto que toda proposição  $B$  segue das premissas  $\{A, \neg A, \circ A\}$  para toda  $A$ . As LFIs estudadas na literatura podem ser caracterizadas por uma semântica de valorações a 2 valores (0 e 1). Assim, é uma tarefa relativamente fácil encontrar modelos para teorias contraditórias e não triviais a partir dessa semântica. Em geral, as LFIs não satisfazem o princípio de substituição de equivalentes (replacement): se  $A$  e  $B$  são equivalentes, então  $\neg A$  e  $\neg B$ , assim como  $\circ A$  e  $\circ B$ , não são necessariamente equivalentes. Recentemente propusemos extensões para varias LFIs que são baseadas na lógica proposicional clássica CPL (isto é, expandem a lógica CPL) que satisfazem a propriedade de substituição, sendo ainda LFIs com relação aos 2 conectivos novos. Essas lógicas tem uma semântica algébrica muito interessante dada por uma classe de estruturas denominadas BALFIs. Estas estruturas são justamente expansões de álgebras de Boole (os modelos algébricos de CPL) acrescentando operadores  $\sim$  e  $*$  interpretando respectivamente os conectivos  $\neg$  e  $\circ$ . A relação de consequência lógica das LFIs com substituição é, como nas lógicas modais, de tipo local (preservando graus de verdade – degree preserving), em contraste com a semântica de tipo global (preservando a verdade – truth preserving). No presente trabalho analisamos a existência de modelos para teorias contraditórias não triviais em LFIs com substituição. Mostramos que a noção padrão de satisfação de teorias nas semânticas





locais permitem o surgimento de um fenômeno curioso: uma teoria não trivial pode ser ao mesmo tempo insatisfatória. Logo, algumas LFIs com substituição não contêm teorias contraditórias não triviais com modelos. Visando superar esta limitação, propomos a noção de satisfabilidade fraca que permite obter modelos para teorias contraditórias não triviais. Mostramos que uma teoria é fracamente satisfatória se e somente se é não trivial, evidenciando que a noção proposta é conceitualmente interessante. Concluímos que a nova noção de satisfabilidade fraca permite vislumbrar aplicações em sistemas de informação baseados em LFIs.

### Palavras-Chave

Paraconsistência. Modelos de Teorias Contraditórias.



## O ESPELHO TEM DUAS FACES: O PLURALISMO LÓGICO NAS PERSPECTIVAS DE DA COSTA E DE QUINE

Evandro Luís Gomes

[elgomes@uem.br](mailto:elgomes@uem.br)

### Resumo

Em sua perspectiva filosófica essencial sobre a lógica, Newton da Costa (1929-2024) defende uma postura pluralista e dialética. Em “Ensaio sobre os fundamentos da lógica”, da Costa argumenta que a atividade racional produz contextos racionais nos quais vigem três princípios pragmáticos da razão: i) o Princípio da Sistematização: a razão sempre se expressa por meio de uma lógica; ii) o Princípio da Unicidade: em um contexto racional, a lógica a ele subjacente é única; e o iii) Princípio da Adequação: a lógica subjacente a dado contexto racional é o que melhor se adapta a ele. Estes princípios delineiam o que Newton da Costa denomina uma postura dialética quanto às relações entre lógica e razão. Em princípio, argumenta da Costa, há diversas lógicas, todas lícitas do ponto de vista racional. Em contraponto, a posição dogmático-pragmática de Willard Van Orman Quine (1908-2000) impacta o debate acerca da legitimidade das lógicas não clássicas. No célebre “Two dogmas of empiricism”, Quine delineia uma posição mais aberta e a partir da qual se poderia vislumbrar alguma possibilidade de pluralismo lógico. Ao admitir que dados conflitantes da experiência poderiam requerer ajustes no interior do campo teórico, Quine reconhece que as teorias, cujos enunciados são estritamente estruturados por cadeias de acarretamento lógico, deveriam acomodar os novos arranjos. De fato, Quine parece reconhecer a legitimidade da posição intuicionista em face de seu melhor desempenho epistêmico na estruturação dos enunciados da mecânica quântica. Aparentemente, Quine não vê problemas nessa revisão, pois a história da ciência enreda suficientes exemplos de revisão que não foram apenas possíveis, mas mostraram-se necessários. Uma reviravolta nessa postura aparece claramente formulada em “Philosophy of Logic”, no qual Quine argumenta desfavoravelmente acerca da concepção e da edificação de lógicas não clássicas tolerantes à contradição. O embate de Quine é dirigido aos lógicos polivalentes e intuicionistas, mas suas críticas apresentam-se claramente contrárias à então juvenil lógica paraconsistente, que permanece incógnita no texto. A postura de



Quine contrária à legitimidade das lógicas não clássicas assemelha-se, relativamente a consequências negativas para o desenvolvimento da lógica e da ciência, ao vaticínio de Kant que, no século XVIII, decretou que a lógica se encontrava pronta e acabada. Essas posturas se mostraram tão radicais quanto historicamente equivocadas.

### Palavras-Chave

Monismo. Pluralismo Lógico. Paraconsistência.



## O SISTEMA Ł3 COMO RESPOSTA AO DETERMINISMO LÓGICO: ALCANCES E LIMITAÇÕES

Henio Santos De Almeida  
[henio\\_sa@hotmail.com](mailto:henio_sa@hotmail.com)

### Resumo

Dentre os problemas clássicos com os quais a filosofia deve lidar encontra-se, a fortiori *ratione*, o Determinismo Lógico (DL). Trata-se da tese segundo a qual, considerando-se os princípios lógicos da bivalência (PB), do terceiro excluído (PTE) e o da não-contradição (PNC), toda sentença declarativa deve assumir apenas um valor-verdade dentre os dois únicos disponíveis (verdadeiro/falso); é dizer, toda sentença declarativa deve ser verdadeira ou falsa. Se esta postura não diz respeito apenas a sentenças declarativas do presente (o que exige uma atenuação de tais princípios), mas compreende toda e qualquer sentença declarativa, então o problema do DL emerge de tais princípios. Disposto então a dar cabo desta querela, Jan Łukasiewicz (1878–1956) concebeu uma lógica tri-valorada (Ł3) na qual, além dos dois valores-verdade tradicionais (verdadeiro/falso) existe um terceiro (que ele denominou “indeterminado”) no qual se pode alocar as sentenças relativas ao futuro. Contudo, este sistema lógico requer o descarte do PB e, ademais, que o PNC e o PTE deixem de ser “leis” lógicas — em outros termos, deixem de ser tautologias. Diante desta solução é possível questionar o quanto ela é propositiva; é dizer, se de fato é necessário abdicar dos três princípios lógicos ou se haveria alguma outra alternativa que não fosse tão onerosa à Lógica Clássica. Este questionamento levou a dois tipos de objeção ao sistema Ł3: (i) interna — que questionam o próprio sistema (como o fez Gonseth, afirmando que a caracterização formal de seus conectivos era inteiramente incompatível com as formas sugeridas de interpretação do terceiro valor-verdade); e (ii) externa — que questionam a eficácia/necessidade do sistema em relação ao determinismo lógico (como Haack, ao afirmar que o determinismo lógico não se segue do PB e que, portanto, o sistema Ł3 é desnecessário). O presente trabalho visa oferecer: (1) uma análise da relação entre PB e o DL; (2) uma exposição da formulação do sistema Ł3; (3) uma análise da aplicação de Ł3 ao DL; (4) uma exposição crítica dos resultados, mostrando alcances e limitações de Ł3 quando aplicado ao determinismo.

### Palavras-Chave

Lógica Clássica. Lógica tri-valorada. Determinismo.



## SOBRE A INFINITUDE E SEU POSSÍVEL PAPEL NA INCOMPLETUDE DE TEORIAS FORMAIS

Bismarck Bório De Medeiros

[bismarckborio@gmail.com](mailto:bismarckborio@gmail.com)

### Resumo

O trabalho tem por objetivo analisar como as noções de finitude e infinitude dentro de teorias formais podem ter influência no que concerne a capacidade de demonstrarmos através dos axiomas e regras de inferência destas teorias se existe alguma sentença bem formada expressa que não é provável nem refutável em um determinado sistema, ou seja, se a mesma é incompleta. Para isso, faremos uma exposição de certas evidências que nos levam a essa suspeita com relação ao infinito, uma discussão sobre diferentes noções de infinito na literatura contemporânea, e ao final uma abordagem bottom-up de modelos de aritméticas, com a estratégia voltada para análise da passagem do hereditariamente finito e/ou potencialmente infinito ao infinito completado na extensão de teorias. Inicialmente, discutiremos sobre a Tese de Isaacson e abordaremos quatro possíveis evidências ao que denominamos de pervasividade do infinito nas teorias formais: a equivalência entre a Aritmética de Peano e ZF – Infinito; as relações entre o Problema da Parada de Turing e a incompletude; a distinção na aplicação do Axioma da Indução e da regra ômega ( $\omega$ -rule); e a última evidência, que em nossa pesquisa denominamos de lema da codificação, onde para qualquer procedimento de codificação estabelecido para as fórmulas da teoria, o comprimento de suas codificações tendem ao infinito se a iteração de codificação também tender ao infinito – como em casos de autorreferencia ou autoaplicação, por exemplo. Logo após discutiremos sobre as principais distinções – se são identificáveis – entre o infinito como finitude estendida, infinito potencial e infinito atual, voltando-se a comparações de modelos que envolvem aritmética delimitada (Bounded Arithmetic), Aritmética de Robinson (R), Peano (PA), o modelo que contém a regra ômega ( $PA_{\omega}$ ) e por fim ZFC – esta última comparada à teoria conjuntista NF de W. V. O. Quine. Ao final, dissertaremos sobre o status ontológico e epistêmico dos tipos de infinito – pressupostos ou formalizáveis – nas teorias anteriores, introduzindo a noção de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



infinito construtivo, este estritamente dependente de uma teoria formal para ser discriminado das outras noções.

## Palavras-Chave

Incompletude. Infinito. Teorias Formais.



## SOBRE UMA LÓGICA DA INFORMAÇÃO 6-VALORADA EXPANDINDO A LÓGICA DE BELNAP-DUNN

Abilio Azambuja Rodrigues Filho  
[abilio.rodrigues@gmail.com](mailto:abilio.rodrigues@gmail.com)

Marcelo Coniglio  
[meconiglio@gmail.com](mailto:meconiglio@gmail.com)

### Resumo

Lógicas da evidência e verdade (LETs) foram concebidas com o objetivo de formalizar o comportamento dedutivo de evidências positivas e negativas, que podem ser conclusivas ou não conclusivas. Assim, de acordo com a interpretação intuitiva pretendida, uma sentença  $*oA*$  significa que existem evidências conclusivas, positivas ou negativas, para  $*A*$ . Assumimos que evidências conclusivas se comportam classicamente, e  $*o*$  é chamado um operador de classicalidade. LETs também podem ser interpretadas como lógicas da informação, que são lógicas adequadas ao processamento de informação no sentido de tomar uma base de dados como um conjunto de premissas e tirar conclusões a partir dessas premissas de uma forma sensível. Neste caso,  $*oA*$  significa que a informação veiculada por  $*A*$ , positiva ou negativa, é confiável. Nesta comunicação discutiremos a lógica LETF+ e a sua versão quantificada QLETF+, juntamente com um semântica determinística de seis valores obtida por meio de 'twist structures'. Veremos que LETF+ e QLETF+ possuem várias propriedades que nem sempre são válidas em lógicas não clássicas, a saber: propriedade da substituição (replacement), formas normais conjuntiva, disjuntiva e prenexa.

### Palavras-Chave

Paraconsistência. Lógicas da Informação.



## TONK E TOLERÂNCIA LÓGICA

João Daniel Dantas De Oliveira

[dantas.joಾದaniel@gmail.com](mailto:dantas.joಾದaniel@gmail.com)

### Resumo

De acordo com o princípio de tolerância de Carnap, não é função do lógico estabelecer proibições sobre sistemas lógicos. Na sua generalidade, qualquer lógico é livre para criar o seu próprio sistema lógico a partir de qualquer conjunto de regras de inferências lógicas. O significado de qualquer conectivo lógico no sistema é dado pelas suas regras inferenciais (arbitrariamente) sem restrições ao que conta como regras inferenciais adequadas para um conectivo. Uma questão natural que surge disto é se o infame conectivo tonk é tolerável no sentido de Carnap. Este conectivo foi introduzido por Arthur Prior como uma objeção ao que mais tarde veio a ser conhecido como inferencialismo lógico. Este tipo de inferencialismo baseia-se na ideia de que as regras inferenciais de um conectivo num sistema lógico são suficientes para dar o seu significado. Para se opor a isto, Prior definiu o conectivo tonk misturando a introdução da disjunção com a eliminação da conjunção como as regras lógicas de tonk e argumentando que, na presença deste conectivo, um sistema lógico parece levar à sua própria semitrivialidade. Isto é, uma relação de consequência lógica é semitrivial quando ela permite que todas as proposições sejam inter-demonstráveis. Argumentamos, baseado em uma ideia de da Costa, que o tonk é tolerável somente se não gerar semitrivialidade. Nosso argumento é que uma linguagem baseada em uma noção de consequência semitrivial perde a capacidade básica, comum a qualquer linguagem, de distinguir o significado de suas proposições.

### Palavras-Chave

Tonk. Princípio de Tolerância. Inferencialismo.





## UMA SAÍDA INFERENCIALISTA À ARMADILHA DE QUINE

Marcos Silva

[marcosilvarj@gmail.com](mailto:marcosilvarj@gmail.com)

### Resumo

Este artigo oferece uma maneira de dissolver o desafio de Quine (1970) contra a possibilidade de revisão da lógica e da introdução de lógicas deviantes. Em um debate entre lógicos rivais, como entre um paraconsistente e um clássico, segundo Quine, os participantes estariam em uma disputa verbal, mas não percebem isto. Se estão falando de lógicas diferentes, estão falando de linguagens diferentes, logo de assuntos diferentes, e não estariam, de fato, tratando da mesma coisa e, portanto, não há revisão e nem dissenso algum: “change of logic means change of subject”. Chamaremos este argumento de “armadilha de Quine” porque aparenta inviabilizar a revisão da lógica e o debate genuíno entre lógicos rivais. Desafiaremos a visão conservadora de Quine a partir de uma teoria do significado inferencialista conjugada com o expressivismo lógico. Assim, defenderemos que um lógico não-clássico de inspiração inferencialista não precisa tomar o desafio de Quine como algo intransponível para a revisão da lógica. A aparente armadilha de Quine pode ser dissolvida caso tomemos o vocabulário lógico expressando relações conceituais e inferenciais diversas e heterogêneas que já dominamos quando dominamos uma língua natural. Para tanto é importante tomar diferentes sistemas lógicos não-clássicos expressando de maneiras diferentes relações inferenciais não-clássicas presentes em nossas línguas naturais. Desta forma, lógicos rivais podem, sim, se entender e avançar sobre a adequação de uma grande variedade de lógicas rivais usando as línguas naturais como metalinguagem, porque o significado e normatividade de operadores lógicos em sistemas formais são, em última instância, debitários das inferências materiais de línguas naturais.

### Palavras-Chave

Filosofia da Lógica. Inferencialismo. Expressivism.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT MARXISMO



## A ARTE DA GUERRA EM ENGELS E MARX

Hélio Ázara De Oliveira

[helioazara@hotmail.com](mailto:helioazara@hotmail.com)

### Resumo

Ainda é muito pouco conhecido na tradição marxista brasileira o fato de que, no campo dos estudos de estratégia militar, mesmo para autores não marxistas, Friedrich Engels seja considerado um dos maiores autores do século XIX (PARET, 1986). Esse proverbial conhecimento sobre a Arte da Guerra, ao lado do interesse de K. Marx pela diplomacia e pelas relações internacionais, foi o fio condutor de sua cobertura jornalista de não poucas guerras, sempre tendo como horizonte a revolução comunista que deveria ser efetivada pela “crítica das armas”. Participando ou cobrindo as Revoluções de 1848-9, a Guerra Civil Americana, a Unificação da Alemanha e Itália, a guerra Franco-Prussiana, Engels e Marx puderam observar as modificações técnicas, estratégicas e táticas na condução da guerra no século XIX. Diante disso, esta comunicação procura apresentar brevemente o pensamento militar de Engels e Marx, tendo como pano de fundo a Guerra Anglo-Francesa contra a Rússia, de 1853-1856, também conhecida como “a Guerra da Criméia”, uma guerra que Engels e Marx cobriram para o New York Tribune e outros jornais da época.

### Palavras-Chave

Engels. Marx. Guerra. Guerra da Criméia.



## A ATUAÇÃO DOS INTELLECTUAIS ANTE A AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO E DE SENSO CRÍTICO NAS MASSAS POPULARES

Maria Socorro Ramos Militão

[helpramos@yahoo.com.br](mailto:helpramos@yahoo.com.br)

### Resumo

Antonio Gramsci, escreve o seu C12, da obra *Cadernos do cárcere*, tendo como vértebras a concepção de “intelectual orgânico” e de “escola única” e, nele, dedica suas atenções às funções dos intelectuais e ao papel estratégico que as culturas “alta” ou “popular” promovem na política e na sociedade. Seus estudos se iniciam com a análise da história dos intelectuais na Itália e em outros países e o permite traçar um extraordinário panorama sobre o assunto, no vasto material que o leva a criticar autores da filosofia, história, cultura, e etc. O seu objetivo era entender como se organiza a estrutura ideológica de uma classe dominante, tendo como principal instrumento, a imprensa e todo o material que produz para influenciar a opinião pública: jornais, editoras, revistas, a escola em todos os seus níveis, clubes, Igreja, e até a arquitetura e a disposição das ruas e nomes, quer dizer, toda a organização cultural que que movimenta o mundo ideológico. Gramsci dedica atenção especial aos jornalistas de cotidiano com grande inserção nos meios de comunicação de massa, os quais são verdadeiros partidos. Ademais, critica os intelectuais sensacionalistas predominantes na formação do senso comum, financiados por “forças interessadas”, especialmente nos períodos de crises, de confusão política e de “paixões desenfreadas” para degradar “um ambiente de civilização ainda mais fraco e delicado”. Investigar a função desses intelectuais é precisamente o objetivo desse trabalho, tendo em vista analisar o papel deles, na atualidade, e o fato de esse tipo de intelectual desempenhar função estratégica frente à carência ou ausência de educação e de senso crítico nas massas populares, que, não possuindo meios e hábitos “científicos e críticos”, abraçam soluções ilusórias, místicas e extravagantes para os problemas sociais e políticos. No pagfo 24 do C1, indica a produção de romances de caráter popular, que busca deformar e falsificar a realidade visando alimentar uma propaganda ideológico-política. Negligenciada na história da cultura, apesar de seu grande valor, essa literatura indica qual era a filosofia da época e a massa de sentimentos e de “concepção



de mundo” que predominava na “multidão silenciosa”. Incentivada na Itália fascista, essa literatura visava desqualificar e criminalizar o socialismo, bolchevismo e comunismo, tal como ocorre hoje, daí ser importante buscar elucidar o seu grau de complexidade na atualidade. O método que guiará a análise é a filosofia da práxis.

### Palavras-Chave

Gramsci. Intelectuais. Subalternidade.



## A CIRCULAÇÃO DA MERCADORIA E A ORIGEM DO CAPITAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO CAPÍTULO IV DE O CAPITAL

Gutemberg Da Silva Miranda

[gutemg@yahoo.com.br](mailto:gutemg@yahoo.com.br)

### Resumo

O surgimento do capital representa o resultado da circulação da mercadoria, algo que Marx define enquanto o produto final de um processo. O capital surge enquanto produto da forma econômica ou resultado final da circulação da mercadoria, porém, trata-se do resultado material de um processo gerado a partir da troca entre valores-de-uso. A relação entre o dinheiro e o produto final da circulação encontra-se na origem do capital, mas tal relação só pode ser compreendida a partir do que Marx denomina de forma econômica. Pretendemos analisar a relação entre a circulação da mercadoria, o dinheiro e a forma econômica a partir das reflexões de Marx no IV capítulo de O Capital. Marx explica no capítulo IV como se dá a transição de um processo gerado a partir da relação entre forma e materialidade de tal processo envolvendo a circulação da mercadoria e o capital. Nesse sentido, o produto final de um processo gerado representa o resultado de uma forma desenvolvida que Marx denomina de resultado final da circulação desenvolvida capaz de gerar um novo processo. Uma forma econômica capaz de gerar o seu produto final estará presente na origem de algo que a nega e a afirma ao mesmo tempo, ou seja, na origem do capital. Dessa forma, esperamos compreender o resultado da circulação da mercadoria através de sua relação com o conteúdo material da troca dos valores-de-uso e, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento do dinheiro e da forma econômica.

### Palavras-Chave

Marx. Capital. Valor-de-Uso.



## A CRÍTICA DE MARX AO LIVRE CÂMBIO E SUA ANÁLISE SOBRE A DERRUBADA DA LEI DOS CEREAIS

Gleisson José Da Silva  
[gleisson.silva@ufu.br](mailto:gleisson.silva@ufu.br)

### Resumo

Este trabalho visa analisar o discurso de Marx no dia 07 de janeiro de 1848 na associação Democrática de Bruxelas, texto extraído do livro Karl Marx Crítica do Nacionalismo Económico e tem como finalidade apresentar a crítica de Marx sobre a derrubada da lei dos Cereais, na qual ele traz seu entendimento sobre o livre-câmbio. Marx faz uma série de análises sobre o tema, o comparando com as leis protecionistas, as quais favoreciam a indústria nascente do país e colocava a classe Burguesa subjugando a classe proletária e, com o livre-câmbio, a princípio, os preços dos alimentos iriam diminuir, facilitando para a classe proletária, porém, esta, que vende sua mão de obra para o industrial, também é considerada uma mercadoria e, assim sendo, o livre comércio irá também, em um segundo momento, diminuir seu valor recebido, seja de forma nominal e valor real ao mínimo necessário para sua subsistência. No entendimento de Marx, o livre comércio coloca não só uma classe sendo explorada por outra, mas também países sendo explorados por outros, visto que, enquanto uns produzirão mais matéria primas e produtos de gênero alimentício, outros produzem produtos manufaturados.

Desta forma, ele entende que o livre câmbio é destruidor, pois dissolve as antigas nacionalidades e coloca a contradição entre a burguesia e o proletariado em seu extremo. Isso faz, em sua visão até então, que o livre câmbio apressaria a revolução social pois aumentaria ainda mais a exploração do proletário pelo Capital.

### Palavras-Chave

Protecionismo. Livre Câmbio.



## A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO E A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA MATURIDADE DE KARL MARX

Bryan Félix Da Silva De Moraes

[bryanfelix@usp.br](mailto:bryanfelix@usp.br)

### Resumo

Tomando *O Capital*, de Karl Marx e sua crítica do capitalismo como eixo de nossa pesquisa ainda inicial, relacionamos o aspecto prático-restritivo da “experiência de trabalho” do proletariado sob o capitalismo à noção de “ação livre”. Neste trajeto, pretendemos explorar possíveis caracteres que podem ser lidos como éticos ou da ordem de uma filosofia prática - tais como vontade, liberdade e ação - e interpretá-los em face da condição de aprisionamento ou acorrentamento do proletariado sob o capitalismo. Vários intérpretes, como Karl Korsch, de *Marxismo e Filosofia* (1922-1923), interpretam Marx e o marxismo como uma teoria da revolução social, isto é, como uma atividade emancipadora auto-consciente. Mas em *O Capital*, à medida que se apresenta o desenvolvimento do capitalismo, burguesia e proletariado surgem primeiramente a dispor livremente de suas mercadorias no mercado; aparecem como portadores de capital, isto é, como suportes fundamentais e principais do desenvolvimento capitalista. Assim, em certa medida, os indivíduos dessas classes sociais aparecem, respectivamente, primeiro como sujeitos livres, depois como veículos do processo de desenvolvimento da Capital. Os trabalhadores surgem, por isso, com “certa” subjetividade, mas, ao experienciar o processo de trabalho - o trabalho abstrato - tornam-se objetos atravessados pela lógica do valor, parasitados por uma poderosa heteronomia cada vez mais totalizante. Sua habilidade laboral de outrora, seu corpo e espírito tornam-se gradativamente acorrentados. Em sua existência no mundo, sofrem a dor e perda de controle no processo do trabalho alienado. Sua possibilidade de ação livre é reduzida a um antro cada vez mais estreito, até o ponto de estar a sua ação (quase) completamente controlada pelo automatismo desta substância-sujeito. Diante disso, como poderia a crítica de Marx se firmar na história do pensamento anticapitalista como uma teoria da revolução social via atividade política, se em sua obra máxima, os trabalhadores - sujeitos revolucionários - tem sua vida prática obliterada pelo Capital? Ou seja, como passamos da passividade





reificante para a atividade emancipadora? Neste momento, nossa hipótese é de que, para descobrir em detalhe essa passagem é necessário compreendermos o caráter dialético da exposição que passaria, segundo nossas atuais impressões, da passividade determinante à atividade livre, no texto de O Capital, mas, talvez, e também, nos coevos escritos históricos de Marx.

### Palavras-Chave

Experiência. Trabalho. Ação.



## A FILOSOFIA DE LÊNIN

João Quartim De Moraes

[jqmoraes@gmail.com](mailto:jqmoraes@gmail.com)

### Resumo

Durante as últimas décadas do século XIX, o grande cientista austríaco Ernst Mach, cujas descobertas sobre as ondas luminosas e acústicas revolucionaram a física dos fluidos, também se notabilizou por defender um empirismo radical que reduzia a realidade ao que podia ser captado por nosso aparelho perceptivo. Essa posição filosófica, sistematizada nos anos 1880 pelo alemão Richard Avenarius, que a designou pelo termo “empiriocriticismo”, reforçou-se graças à adesão de Mach, cujo merecido prestígio científico contribuiu para a aceitação da proposta filosófica de Avenarius, segundo a qual tudo é relativo à “experiência pura”, portanto à consciência humana, sujeito dessa experiência. Em síntese, pretendendo ultrapassar a polarização subjetivo/objetivo, o relativismo cognitivo de Mach e Avenarius reduzia a natureza a um “complexo de sensações”. O halo de cientificidade que emanava da nova doutrina impressionou muitos intelectuais, notadamente russos, inclusive Bogdanov. Lênin, inteiramente de acordo com Plekhanov nesse assunto, considerava o empiriocriticismo uma modalidade de subjetivismo, portanto de idealismo, que minava a concepção materialista da natureza e da história e proporcionava argumentos para sincretismos filosóficos. Mas ele não se contentou em criticar os epígonos russos do empiriocriticismo. Em 1908, ele redigiu *Materialismo e empiriocriticismo* (publicado no ano seguinte), em que, entre outros, enfrentou o próprio Mach, mostrando que a crítica fácil que este dirigia ao materialismo apenas retomava o idealismo subjetivo dos empiristas britânicos do século XVIII (o irlandês Berkeley e o escocês Hume), não passando de mais uma variação sobre o tema “esse est percipi” (=ser é ser percebido). Eles negam objetividade à matéria em si, reduzindo a realidade às imagens que podem ser captadas por nosso aparelho perceptivo, tudo mais sendo vã metafísica. Lênin discerniu bem o nervo da questão ao insistir em que o princípio filosófico fundamental da posição materialista é a realidade objetiva da matéria. Essencial em sua argumentação é a distinção entre esse princípio filosófico (a realidade objetiva da matéria em movimento, ontológica e temporalmente anterior à consciência humana



que a reflete”) e a construção, sempre aproximativa, do conhecimento físico dos componentes da matéria. Durante as últimas décadas do século XIX esse conhecimento havia sido radicalmente modificado pela descoberta das cargas elétricas das partículas subatômicas.

### Palavras-Chave

Materialismo. Dialética. Análise Concreta.



## A GÊNESE ECONÔMICA E SOCIOPOLÍTICA DO ESTRANHAMENTO PELA MANIPULAÇÃO UNIVERSAL SEGUNDO G. LUKÁCS

Pedro Henrique Pereira

[pedro.h.pereira@protonmail.com](mailto:pedro.h.pereira@protonmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação visamos expor a gênese econômica e sociopolítica do estranhamento pela “manipulação universal, conforme a análise da emergência deste fenômeno desenvolvida por György Lukács em algumas de suas últimas obras e publicações. O filósofo produz esta análise no decurso da década de 60, trazendo-a a público em estudos e entrevistas a partir de 1966, sobretudo em sua última grande obra, Para uma ontologia do ser social, que adotamos como referência principal de nosso estudo. A prioridade ontológica da gênese do estranhamento oriundo da “manipulação universal” reside, para Lukács, nas mudanças econômicas pelas quais o sistema capitalista passou da época d’O capital de Marx ao pós-Segunda Guerra Mundial. Deste modo, apresentaremos inicialmente as bases econômicas do fenômeno, evidenciando o surgimento do que Lukács chamou de “manipulação econômica”, uma forma fenomênica da mediação entre as mercadorias voltadas ao consumo de massas e os milhões de consumidores delas, que acarretará profundas mudanças ideológicas nas sociedades burguesas. Posta a manipulação econômica, passaremos a apresentar as bases sociopolíticas dessa forma de estranhamento. Para Lukács, o conflito sociopolítico entre socialismo e capitalismo travado de 1917 em diante, em suas diferentes fases, levou a manipulação a extrapolar a esfera da circulação econômica e a tornar-se também uma manipulação da vida social e política. Com o nazifascismo, no contexto do entreguerras, emerge uma primeira forma desta manipulação ampliada, porém ainda grosseira, brutal. É somente no contexto da Guerra Fria e, inicialmente, no solo do novo bastião do capitalismo, os Estados Unidos da América, que aparece em forma plena a manipulação da vida social e política, à qual o filósofo do tertium datur refere-se como universal e refinada. Assim, explicitaremos o processo de desdobramento da manipulação situando-o nas diferentes etapas do desenvolvimento histórico do período. Ao longo de nossa exposição das bases econômicas e sociopolíticas do estranhamento pela manipulação



universal, comentaremos também sobre os efeitos estranhadores da manipulação nessas diferentes formas.

### **Palavras-Chave**

Estranhamento. Manipulação. György Lukács.



## A LÓGICA HEGELIANA E A LÓGICA DE O CAPITAL

João Alberto Wohlfart

[joao.wohlfart@fabemarau.pro.br](mailto:joao.wohlfart@fabemarau.pro.br)

### Resumo

A exposição tem como referência o manuscrito marxiano dos Grundrisse. Nessa obra, extremamente densa, Marx expõe a estrutura e os movimentos do capital segundo os parâmetros lógicos da Lógica hegeliana. O objeto da exposição consiste em demonstrar a lógica da exposição marxiana do capital realizada segundo categorias e estruturas categoriais inspiradas no coração da Lógica hegeliana. Para a construção dos Grundrisse, Marx o faz a partir da estrutura da Lógica do Conceito nas categorias de universalidade, particularidade e singularidade, ou universalidade concreta. O desdobramento crítico e conceitual para o movimento e estrutura de constituição do capital realizada por Marx começa pelo momento lógico da universalidade esboçada na constituição do capital a partir do dinheiro. As relações de troca das mercadorias e a sua recíproca mensuração estabelecida a partir dos valores de troca resultam no dinheiro como mediação universal de troca. O dinheiro alcança a verdadeira universalidade quando se constitui como riqueza autonomizada em relação ao processo de troca de mercadorias. O dinheiro se transforma em capital ao passar da condição de mediação para a posição de fim exclusivo do sistema produtivo e de troca. Na lógica do capital, a universalidade se particulariza na divisão do capital em capital fixo e capital circulante e na constituição dos capitais privados. Como a lógica do capital tem como objeto a satisfação dos interesses privados, o sistema de circulação do mercado é o meio universal de satisfação desses interesses. Como particularidade, os capitais privados se entrecrocaram através da acumulação do capital, da concorrência intercapitalista e da concentração dos capitais em poucas mãos. O momento da singularidade caracteriza o capital como um movimento universal, a estrutura móvel da circularidade completa, da qual o capital produtivo, o capital circulante e o mercado global são estruturas constitutivas. Nesse momento, aparece o mercado universal de dinheiro como regulador dos preços, do sistema produtivo, dos salários e da circulação de mercadorias. Através do mercado de dinheiro, o capital se produz materialmente pela indústria e formalmente pela reprodução do valor, especialmente como renda da



terra. Do ponto de vista material, é o momento do capitalismo dos monopólios e oligopólios multinacionais e transnacionais que atropelam os Estados e submetem a política à economia.

### **Palavras-Chave**

Lógica. Mercado. Capital.



## A MATERIALISTA CRÍTICA À RELIGIÃO DE FEUERBACH E MARX

Carlos Alberto Nunes Junior  
[carlosajrnunes@yahoo.com.br](mailto:carlosajrnunes@yahoo.com.br)

### Resumo

A temática em torno da qual se situa esse trabalho é a investigação sobre a crítica à religião que Karl Marx redige nas obras *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) e *A Ideologia Alemã* (1845-1846), esta última em parceria com Friedrich Engels. Entendemos aqui que não há uma sistematização da sua crítica, mas isso não inviabilizou um deliberado exame acerca do que é a religião e qual a sua função na sociedade. Para alcançar o objetivo é necessário, primeiramente, analisar a crítica à religião desenvolvida por Ludwig Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* (1841). A análise feuerbachiana sobre a religião expõe a alienação religiosa do humano que não consegue se identificar com a sua própria essência e a projeta em uma ilusão que será denominada como Deus, de modo que seria preciso superar a religião, por meio do ateísmo, para encerrar a alienação, pois o humano voltaria a se encontrar com a sua essência genérica sem recorrer a um intermediário fictício. O exame feuerbachiano gera um forte impacto em Marx e Engels e não há como compreender a avaliação que estes fizeram sobre a religião sem dirigir-se em algum momento à Feuerbach, inclusive pela confissão de Engels que anos depois declara que ambos, ele e Marx, foram momentaneamente feuerbachianos. Em um segundo momento é preciso compreender o conceito de alienação em Marx, identificando quais seriam as aproximações e afastamentos entre o uso marxiano e o feuerbachiano para o conceito de alienação, pois em Marx a alienação religiosa é um sintoma da alienação do trabalho. Deste modo, não haveria como superar o estranhamento causado pela religião sem superar a forma anterior de alienação, ou seja, em Marx a alienação religiosa não poderia ser superar mediante uma mudança individual de conduta, ao mesmo tempo que Marx é influenciado pelo humanismo feuerbachiano, a ideia que o humano se perdeu de si mesmo e precisa se reencontrar com sua essência. Por fim, entender como Marx e Engels analisam o conceito de ideologia e a sua respectiva relação com a religião, pois a ideologia seria uma representação ideal das explorações materiais, uma forma da classe dominante conseguir perpetuar a sua dominação. Assim, é preciso compreender





qual a origem da ideologia e quais as suas incidências na consciência. Após esses três momentos teremos concluído o rastreamento e análise da crítica à religião no jovem Marx.

### Palavras-Chave

Alienação. Ideologia. Religião.



## A RELAÇÃO DO HUMANO COM A NATUREZA EM MARX E A CRÍTICA AO DESENVOLVIMENTISMO

Leonardo Domingos Braga Da Silva  
[leonardexistimans@gmail.com](mailto:leonardexistimans@gmail.com)

### Resumo

Exporei o resultado de uma pesquisa que venho fazendo sobre a forma de pensar a natureza dentro do marxismo. O título já mostra que se trata de 3 temas: natureza, trabalho (implícito por ser pilar da ontologia de Marx) e desenvolvimentismo. O conceito de trabalho como ontológico, necessário e constitutivo do humano é fundamental ao marxismo. Todavia, se compreendermos esse trabalhar como um negar a natureza para autoafirmação do sujeito no mundo, “luta pela sobrevivência” na qual o humano tenta se livrar das penúrias que a natureza lhe impõe ao formar sociedades (ideia comum e que podemos encontrar em Freud no Mal-estar na Civilização, e outras abordagens próximas ao darwinismo), poderemos facilmente cair numa apologética da destruição da natureza e de sua exploração moderna; de modo que seríamos coniventes com uma leitura de um marxismo vulgar ao defender um aumento fervoroso das forças produtivas como símbolo de progresso e aumento da liberdade humana (livre, então, das penúrias naturais), algo ainda hoje popular entre marxistas como Elias Jabbour (que demonstra a posição em entrevistas). É preciso retornar ao conceito de trabalho da tradição marxiana, buscando explicitar a dificuldade em conceber uma relação do humano com a natureza para além daquele lugar comum de que o humano exerce domínio sobre a natureza. O que tomei de inspiração e ponto de partida foi a crítica de Aílton Krenak (em Ideias para adiar o fim do mundo) à ideologia desenvolvimentista. Após o que confrontei com a obra de Marx, em especial os Manuscritos Econômico-filosóficos (MEF), buscando observar se de fato há desenvolvimentismo e metafísica do conflito entre humano e natureza. Todavia, esse escrito da juventude de Marx ganha nova luz ao ser comparado com suas anotações sobre a ruptura metabólica (no que me baseio em Kohei Saito - O ecossocialismo de Karl Marx- e J.B. Foster -The return of Nature-) que o capital gera necessariamente, causando destruição do próprio pressuposto natural (ecossistema) da vida biológica humana.

### Palavras-Chave

Natureza. Marxismo.



## A TEORIA DA EVOLUÇÃO E O MÉTODO MATERIALISTA DIALÉTICO – DIÁLOGOS ENTRE MARX E DARWIN

Gabriel Pereira Gioppo  
[gabrielprgioppo@gmail.com](mailto:gabrielprgioppo@gmail.com)

### Resumo

Dentro do quadro mais amplo de uma pesquisa sobre as relações entre o marxismo e a teoria crítica, de um lado, e as questões socioambientais contemporâneas, de outro, esta apresentação pretende trazer à tona as articulações possíveis entre a teoria da evolução do naturalista Charles Darwin com o método materialista dialético de Marx e de Engels. As fontes mais importantes, mas não únicas, para este estudo são as obras dos assim chamados ecossocialistas, em especial John Bellamy Foster. O objetivo principal é destacar o papel simultaneamente metodológico e político que a teoria de Darwin terá para o marxismo, sobretudo no sentido de recolocar as bases desta teoria-prática na “história natural” das espécies e para combater interpretações deterministas e teleológicas e, no limite, antropocêntricas da concepção materialista da natureza e história. Para tanto, fundamentada na história das ideias científicas e filosóficas do século XIX, a apresentação será dividida em 3 etapas. Em um primeiro momento, apontaremos a significação filosófica e científica da teoria darwiniana da evolução no século XIX, demarcando sua singularidade em oposição ao fixismo das espécies da teologia natural, bem como a concepção dinâmica de matéria e de vida nela contida. Em seguida, apoiando-se em cartas, prefácios, notas e em outros textos de Marx e de Engels – concedendo especial atenção para a correspondência com Lassalle, a nota sobre tecnologia (n. 89, p.446, capítulo 13, O Capital Livro I) e para o texto de Engels “O papel do trabalho na hominização do macaco” em Dialética da Natureza – a recepção da teoria da evolução nos textos de Marx e de Engels será esboçada nos seus eixos principais, tendo como alvo teórico a relação dinâmica entre o homem e a natureza ou, em outros termos, o papel do humanismo no marxismo. Por fim, pretendemos demonstrar como esta recepção cumpre um papel ao mesmo tempo epistemológico e político na crítica de Marx e de Engels a Malthus – o que nos servirá para diferenciar esta recepção do darwinismo no materialismo histórico dos princípios e efeitos nefastos dos chamados “darwinismos sociais” que tanto afligiram as ciências humanas desde o século XIX.

### Palavras-Chave

Marx. Darwin. História Natural.



## A VIOLÊNCIA SILENCIOSA DO ESTADO CAPITALISTA: UMA RELAÇÃO ENTRE MARX E POULANTZAS

Thiago Oliveira

[thiago.oliveira@unirio.br](mailto:thiago.oliveira@unirio.br)

### Resumo

O presente trabalho pretende estabelecer uma relação direta entre a obra Manuscritos Econômicos Filosóficos de Marx e o texto Poder Político e Classes Sociais de Poulantzas, mostrando como a dupla função do Estado Capitalista, defendida por Poulantzas no seu texto, encontra no conceito e no processo de alienação de Marx o terreno fértil para sua realização. Em conjunto, alienação e a dupla função de isolamento e representação da unidade formam aquilo que chamaremos de “violência silenciosa do Estado Capitalista”. O texto se dedicará a uma análise da falácia histórica por detrás do Estado Democrático de Direito, que parte da falsa equivalência nas trocas que são fundamentais para a reprodução do mais-valor na sociedade do Capital. Nesse sentido, mostraremos que o Estado de Direito nada mais é que uma máscara jurídica para relações de violência e exploração (o que é o mesmo). Partimos, desde já, da seguinte afirmação: violência, Estado de Direito e Capitalismo são formas de apresentação de uma mesma organização social de reprodução da vida material e espiritual. A violência, mais do que parteira da história, se torna elemento fundamental para a manutenção das relações sociais que são inauguradas por processos de rupturas históricas. Enfim, não há capitalismo em todas as suas dimensões se não houver violência em todas as dimensões possíveis daquele momento histórico.

### Palavras-Chave

Marx. Poulantzas. Violência de Estado.



## ADEUS AO PROLETARIADO? UMA ANÁLISE MARXISTA DA CATEGORIA CONTEMPORÂNEA TRABALHO

Enio Calistro De Souza  
[eniocal@academico.ufs.br](mailto:eniocal@academico.ufs.br)

### Resumo

O trabalho mediado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) – plataformas digitais, aplicativos, algoritmos, internet – expande-se, no final do século XX e início do século XIX, modificando as relações de produção e submetendo o homem a condições precárias de vida, que remontam, em alguma medida, ao capitalismo industrial do século XVIII. Visando o aumento do lucro do capital e reprimir as resistências individuais e coletivas (sindical, por exemplo), as TICs ganham um caráter místico, fetichista, que parece naturalizar as novas relações de trabalho, ocultando o proletariado sob as denominações de “autônomo”, “empreendedor”, “empresário de si mesmo”. Dito isso, analisa-se o seguinte problema: as novas formas de trabalho do século XXI, mediadas pelas TICs, ocultam a categoria proletariado marxiana, naturalizando o trabalho enquanto autônomo, intermitente, flexível, informal e sem garantias trabalhistas e previdenciárias, visando aumentar a apropriação do mais-valor, ou seja, de lucro pelo capital? Diante do problema em questão, objetiva-se analisar a categoria contemporânea trabalho, as novas formas de trabalho mediadas pelas TICs, a partir de algumas categorias marxianas e marxistas, a saber: proletariado, teoria do valor, ideologia, linguagem, tecnologia e fetichismo. Para tal fim, utilizar-se-á como ponte epistêmica o método materialismo histórico-dialético. A pesquisa visa a contribuir para uma melhor compreensão do tema e a fomentar resistências, à vista das condições materiais e conceituais que se apresentam, pois, as categorias marxianas não são datadas, apresentando-se enquanto uma possibilidade de problematização não somente do passado, mas também do presente e, quiçá, do futuro, visto que as estruturas socioeconômica, política e cultural são pautadas, na contemporaneidade, embora com maior complexidade, pelo modo de produção capitalista.

### Palavras-Chave

Trabalho. Proletariado. Teoria do Valor.



## ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO CONCEITO DE PROGRESSO EM MARX E ENGELS E NA TRADIÇÃO MARXIST

Pedro Leão Da Costa Neto

[zhores@terra.com.br](mailto:zhores@terra.com.br)

### Resumo

O objetivo da presente comunicação é problematizar a história do conceito de progresso em Karl Marx, Friedrich Engels e no interior da tradição marxista, nos detendo em alguns momentos relevantes da sua trajetória. Como sabemos, o conceito de progresso ocupou um lugar relevante no interior do pensamento histórico e filosófico. Após ter desempenhado um papel positivo e privilegiado na reflexão teórica dos séculos XVIII-XIX; a partir da passagem do século XIX-XX - em estreita relação com as transformações das condições objetivas e subjetivas - o conceito de progresso tornou-se cada vez mais objeto de diferentes críticas. Como não poderia ser diferente, este conceito teve, igualmente, um papel importante nos pensamentos de Marx e Engels e uma complexa trajetória na tradição marxista sucessiva. Primeiramente, procuraremos indicar, que apesar de Marx e Engels não terem nunca desenvolvido uma análise sistemática do conceito, não seria arbitrário afirmar a importância que ele encontrou no conjunto da obra dos dois autores, importância esta, que se manifesta na sua reiterada presença ao longo das suas obras. Um segundo e importante momento desta trajetória foi a crítica sistemática endereçada a ele pelo filósofo francês Georges Sorel no seu livro *Les Illusions du Progrès* (1908) que marcou um ponto de inflexão na sua história. Na sequência, procuraremos fazer uma indicação às diferentes ocorrências deste conceito em importantes autores da tradição marxista do século XX (como por exemplo, Antonio Gramsci, György Lukács, Karl Korsch, Max Horkheimer e Theodor Adorno). Enfim, nos deteremos em duas distintas e importantes referências a este conceito: a primeira, em Walter Benjamin, em particular, nas suas *Teses Sobre o Conceito de História* e, a segunda desenvolvida por Ernst Bloch, em sua *Conferência de 1955 Diferenciações no conceito de progresso*, na qual destacou a sua decisiva importância para o marxismo.

### Palavras-Chave

Karl Marx. Marxismo. Progresso.



## CLÓVIS MOURA E EDUARDO COUTINHO: MEMÓRIAS NEGRAS E SEUS FIOS

Élida Maria Oliveira Do Nascimento  
[ametista\\_19@yahoo.com.br](mailto:ametista_19@yahoo.com.br)

Romero Junior Venancio Silva  
[romerov@academico.ufs.br](mailto:romerov@academico.ufs.br)

### Resumo

No presente ano, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – Neabi - da Universidade Federal de Sergipe (UFS) tem desenvolvido um ciclo de estudos que aborda o marxismo e a questão racial. Nesses estudos temos nos aprofundado nas obras de Clóvis Steiger de Assis Moura, ou como o chamamos, Clóvis Moura (1925-2003), um sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro, nascido no Piauí, que produziu estudos sobre a escravidão e a resistência do (a) negro (a) na formação social brasileira. De muito fôlego, a obra de Clóvis Moura nos oferece uma interpretação do Brasil a partir do lugar do(a) negro(a). Na obra a “História do Negro Brasileiro o autor aborda (a) negro(a) como agente central na formação econômica e sociocultural brasileira, mostrando que, se por um lado, a colonização e o escravismo foram determinantes para sua condição de subalternidade; por outro, o mesmo desenvolveu estratégias de sobrevivência e enfrentamento ao sistema, ao analisar as contradições do lugar do negro na história do País e reconstruir o processo de construção de sua consciência de classe. Na sua reconstrução dialética do lugar do (a) negro (a) na história, Clóvis Moura nos dá recursos heurísticos para compreendermos categorias interpretativas da realidade brasileira como o negro como o grande povoador, a condição do negro escravo e da sua relação dialética com o senhor de engenho, a quilombagem como processo de resistência e rebeldia dentro do escravismo-colonial, as questões culturais e políticas inerentes à formação social brasileira, o contexto sociopolítico que levou à crise do sistema escravista e as diversas formas de organização da cidadania do (a) negro (a). É possível concluirmos que, embora estivesse na condição de exploração e subordinação, o (a) negro (a) no Brasil atuou, nos diversos contextos econômicos, na dialética da luta de classes contra as classes



dominantes e seu aparelho repressivo. Essa tese de Clóvis Moura aproxima-se à abordagem que Eduardo Coutinho (1933-2014), cineasta e jornalista brasileiro, considerado o maior documentarista do cinema brasileiro, faz no filme “Fio da Memória” (1991). Esse cineasta faz um movimento de expressar, através da linguagem cinematográfica, o fio e as costuras do negro brasileiro a partir da narrativa do Gabriel Joaquim dos Santos, um descendente de escravizados.

### **Palavras-Chave**

Marxismo. Memória. Afrobrasileira.





## CONSIDERAÇÕES CRÍTICA À IDEIA DE CAUSALIDADE EM MARX

Gedeão Mendonça De Moura

[gedeaodemoura@gmail.com](mailto:gedeodemoura@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é expor uma ideia de causalidade presente na concepção de Marx, levando em consideração algumas de suas alegações a respeito da história. Precisamente, alegações referentes aos modos de produção como épocas progressivas da sociedade humana, presentes no Prefácio de 1859. Com isso pretendo sustentar que Marx ainda recorre a uma ideia de causalidade em sentido forte, mais próxima das ciências naturais. Penso que a utilização dessa categoria como recurso teórico vai de encontro à ideia de uma filosofia social enquanto ciência social; à qual não é estranha toda e qualquer causalidade, mas convém tomá-la em sentido fraco. Pois tenciono levar em conta a ideia de causalidade sem deixar de considerar a ideia de imprevisibilidade como um marcador significativo no que tange às ciências do homem. Ademais, alerta para o fato de que este artigo é apenas um recorte de uma pesquisa mais ampla que ora desenvolvo. Trata-se, assim, de uma primeira tentativa de firmar uma base a partir da qual pretendo tecer considerações acerca de uma possível utilização tácita da indução por Marx sem o devido recurso à crítica. Logo, este texto se localiza no espaço de uma pesquisa mais ampla, cujo fim é aclarar as possibilidades e os limites da relação entre ciência e metafísica.

### Palavras-Chave

Causalidade. Modo de Produção. Ciência Social.



## CRISE E DESENVOLVIMENTO DA TEORIA MARXISTA NA DÉCADA DE 60

Saulo Lance Reis

[saulo.lance.reis@usp.br](mailto:saulo.lance.reis@usp.br)

### Resumo

A atenção dada à introdução marxiana de 1857 após o XX Congresso é um importante índice de que ele marca um momento crítico para a tradição teórica marxista ocidental. Com a pretensão de discutir os efeitos estritamente teóricos do contexto sobre esta tradição marxista, que reúne autores tão díspares como o são Althusser e Lukács, centraremos na relação de sobredeterminação das “denúncias” de Krushev – fundamentalmente políticas – sobre a doutrina teórica stalinista, processo complexo que culmina, por motivos endógenos ao campo teórico, na exigência de certa refundação das leituras de Marx. A pretensão da exposição será a de discutir certo saldo deste processo, que se faz sentir ainda hoje. Por um lado, as denúncias de Krushev comprovam a incapacidade da doutrina oficial de fornecer inteligibilidade ao processo histórico soviético: a explicitação do caráter autoritário do regime evidencia que as “infraestruturas” largamente socializadas não se refletiam nas “superestruturas”, o que fez da denúncia política também uma crítica à objetividade da teoria stalinista do reflexo – a qual remonta, por sua vez, ao experimentalismo de Engels, em Feuerbach. É esta dimensão teórica da crise no campo marxista a qual levará muitos intelectuais à desconfiança com relação às pretensões da obra marxiana no âmbito historiográfico. Mas este é apenas um aspecto do contexto. Por outro lado, é preciso reconhecer-se também que esta crise foi fundamental para certa “renovação do marxismo”, que se dá num contramovimento teórico centrado na introdução de 57. No contexto, ela operou como pivô de uma reação ao experimentalismo engelsiano adotado pela linha stalinista, um empirismo realista de cunho feuerbachiano cujo alicerce na oposição entre “matéria” e “pensamento” levará a uma oposição igualmente simplista entre “infraestrutura” e “superestruturas”, ambas assentadas numa redução do trabalho marxiano à “inversão materialista” da dialética hegeliana. Veremos que é pelo aporte dado pela introdução de 57 que Althusser e Lukács poderão pensar a partir da distinção e autonomia relativa dos diversos âmbitos de produção social (direito, economia, política...), distinção assentada na diferença entre os diversos



objetos produzidos pelas práticas sociais de objetivação e o que podemos chamar, problematicamente, de objeto real. O objetivo da exposição, assim, é o de explicitar este deslocamento teórico que, por diferentes vias, marcará diversas leituras marxistas contemporâneas.

### Palavras-Chave

Epistemologia. Complexidade. Introdução de 1957.



## DEPENDÊNCIA, SEXUALIDADE E BIOPODER

Luan Moreira Spesani  
[luanspesani@gmail.com](mailto:luanspesani@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo elaborar uma análise econômico-política acerca do fenômeno da pornografia virtual em diferentes plataformas digitais contemporâneas. Do ponto de vista econômico, foi utilizado como aporte teórico a teoria marxista da dependência tal como concebida por Ruy Mauro Marini e seus predecessores, que, por sua vez, utilizam-se da teoria econômica do materialismo dialético tal como concebido por Marx e Engels, e dos desdobramentos da análise filosófica e econômica contida em *O capital* a partir da perspectiva dos países da América Latina. Do ponto de vista político, foi utilizado o método genealógico tal como concebido por Michel Foucault em diversas obras utilizadas como apoios teóricos para o trabalho. Tendo em vista tal base teórica, buscamos traçar o desenvolvimento histórico da indústria pornográfica no capitalismo neoliberal, sua relação com o sistema de dependência econômico-tecnológico global e os mecanismos e dispositivos de poder postos em movimento para a produção de determinadas formas de sexualidade, bem como para a manutenção e ampliação da extração de mais-valor a partir da produção de conteúdo sexual.

### Palavras-Chave

Dependência. Sexualidade. Biopoder.



## DOMINAÇÃO DE CLASSES EM O CAPITAL E NOVAS LEITURAS DE MARX

Zaira Rodrigues Vieira

[zaira.vieira@uemg.br](mailto:zaira.vieira@uemg.br)

### Resumo

De acordo com os autores da crítica do trabalho, especialmente os das Novas leituras de Marx e da Crítica do valor, as classes e a luta de classes são aspecto secundário na obra de Marx, ressaltado por um marxismo exotérico. O marxismo esotérico entende como central o aspecto estrutural da dominação, além de destacar a importância do método n' O Capital. Os primeiros capítulos dessa obra, parte teórica relevante e que suscitou muita polêmica a respeito do método, abordam a mercadoria e a forma do valor. As classes e a luta de classes não aparecem nesses capítulos em que Marx expõe sua teoria do valor, razão pela qual o método de exposição representa um dos argumentos em que se apoia a tese da dominação abstrata segundo a qual a luta de classes é parte do fetichismo da mercadoria. A dominação capitalista é uma dominação de estruturas sociais, ela é temporal, impessoal e, portanto, diversa da dominação de classes. O trabalho expõe a forma como a dominação de classes aparece em O Capital, ressaltando a incoerência dessa leitura bem como a centralidade da categoria força de trabalho. Entende-se que a posição de autores do operaísmo italiano a esse respeito, especialmente a de Panzieri, coaduna-se mais com a realidade pós-industrial na medida em que, distinguindo-se de grande parte dos intelectuais italianos de sua época, que se alinhavam ao idealismo de Croce ou de Gramsci, e sem mitificar a classe trabalhadora como sujeito da história, ela ressalta o antagonismo e a luta de classes, mas também o aspecto despótico da dominação do capital, que tem se mostrado cada vez mais atual.

### Palavras-Chave

Luta de Classes. O Capital. Novas Leituras de Marx.



## É PRECISO TEMPO PARA VIVER: O “ESGOTAMENTO SUBJETIVO” DO MODO DE VIVER CAPITALISTA

Vinícius Dos Santos  
[vsantos1985@gmail.com](mailto:vsantos1985@gmail.com)

### Resumo

Em face de uma sociedade de indivíduos adoecidos, na qual os diagnósticos de transtornos e patologias psíquicas se avolumam, a vida parece ter perdido todo seu potencial significado humano, tornando-se demasiadamente “breve” e “sem sentido”. Mais do que um problema confinado a experiências particulares, porém, entendemos que hoje vivenciamos o reflexo de um problema estrutural, sistêmico, que poderia ser classificado como um esgotamento subjetivo do modo de viver fomentado pelo capital. Esse esgotamento tem como índice existencialmente mais flagrante se dá na percepção generalizada da falta de tempo para viver no sentido forte do termo, isto é, para dotação prática de um sentido propriamente humano ao nosso estar-no-mundo e a seu pleno usufruto. Diante deste cenário, e a partir de algumas considerações de Marx sobre o tema, o objetivo da comunicação é compreender as bases daquele esgotamento, aprofundando, em um primeiro momento, a relação intrínseca entre a dominação capitalista e a captura de nosso tempo de vida. Na sequência, se trata de verificar em que medida a distinção clássica entre tempo de trabalho e tempo livre, na fase hodierna do capitalismo, perde seus principais contornos. Ao final, buscaremos apontar como reivindicações acerca da redução da jornada de trabalho podem servir, mais do que nunca, como linhas de fuga a fim de alicerçar uma nova consciência acerca da necessidade de superar essa mesma dominação, a fim de construir um modo de viver capaz de permitir buscar uma “vida plena de sentido”.

### Palavras-Chave

Jornada de Trabalho. Subjetividade. Tempo.



## EL PAPEL DE JOHN LOCKE EN EL PROYECTO DE LA CRÍTICA DE LA ECONOMÍA POLÍTICA

Hander Andres Henao

[sociologiadialectica11@gmail.com](mailto:sociologiadialectica11@gmail.com)

### Resumo

Não existe praticamente um consenso dentro da tradição do marxismo sobre os fundamentos e bases de sua própria gênese, assim, ao longo destes anos no desenvolvimento da tradição, podem ser encontradas as mais variadas interpretações, ainda com os clássicos textos de Lenin e Kautsky a propósito das “três Fontes do Marxismo”, o certo é que a gênese e desenvolvimento do projeto Crítica da Economia Política é algo que ainda está em disputa no âmbito da tradição do marxismo. Este trabalho é um capítulo de minha monografia, onde procuro novas bases para entender a formação do projeto da Crítica da Economia Política como uma rejeição à racionalidade civilizatória do valor com base no entendimento de uma leitura, pouco revista pela tradição do marxismo, que realiza Karl Marx do pensamento do filósofo inglês John Locke (1632-1704). Marx não terá uma abordagem exaustiva, de tipo filológico e biográfico de Locke, mas um de caráter histórico, que revela o «conteúdo» e «forma» de seu pensamento a partir da construção da «forma de sociabilidade burguesa», não entendendo-a separadamente e de modo singular, mas como estando inscrita no processo genealógico da «Forma de Representação Capitalista». O objetivo foi explorar novas fontes para a compreensão da Crítica da Economia Política a partir da leitura de Marx às abordagens políticas econômicas de Locke, para identificar o fundamento de sua crítica da civilização moderna. As relações entre o liberalismo e o comunismo são centrais nas disputas políticas e econômicas pela hegemonia na luta de classes e, ainda mais, a apaixonante relação entre o pensamento de Locke e Marx a propósito do lugar que tem as sociedades originais do território latino-americano e do terceiro mundo no marco do desenvolvimento da modernidade, permite desvendar as tendências eurocêntricas presentes no liberalismo e a crítica radical que o pensamento crítico de Marx faz a essas tendências. Então, o motivo de nossa aproximação não é propriamente realizar um paralelismo entre ambos autores clássicos, pelo contrário, a ideia é mostrar que ambos se encontram diametralmente em margens ideológicas opostas.

### Palavras-Chave

Marxismo. Liberalismo. Comunidade. Valor.



## FORMA-IDEOLOGIA: PROJETO DE ASSUJEITAMENTO NEOLIBERAL CONTRA A REVOLUÇÃO

Marcelo Micke Doti  
[marcelo.micke@uol.com.br](mailto:marcelo.micke@uol.com.br)

### Resumo

Esta apresentação (e seu resumo) é uma velha pesquisa nova. O paradoxo é plenamente justificado pelo que é a pesquisa e da qual este resumo é sua primeira exposição a um público mais amplo. Trata-se do fenômeno ideológico assumindo contemporaneamente um estatuto de forma-ideologia à semelhança com a forma-mercadoria. E, justamente aqui, o paradoxo é explicado em termos de projeto de pesquisa intelectual e de combate político ao mesmo tempo: a questão ideológica e seus movimentos como processo de estruturação de sujeitos assujeitados não é nova em nossas pesquisas (remontam ao menos ao ano de 1990 quando do ingresso no mestrado em filosofia política na Unicamp sob orientação de Quartim de Moraes); no entanto, as formas atuais de “escravização digital”, de “colonialismo de dados” (Cassino; Souza; Silveira, 2021) e construção de um “cognitariado” (Faustino; Lippold, 2023) são novas. Pior, não apenas são novas como vêm construindo discursos e “lebensformen”, formas de afetividade totalmente ajustadas às técnicas políticas (Stanley, 2019) do fascismo. O enfoque nas novas configurações da submissão, de poder e assujeitamento torna-se central para construir táticas e estratégias de luta dentro do campo revolucionário e emancipatório do marxismo. Os desenvolvimentos do capital e suas formas de acumulação e reprodução aprofundaram as desigualdades que se espriam das mais diversas maneiras estruturando subjetividades e lutas sociais. O neoliberalismo descarrega-se e expressa mais o que realmente sempre foi: tática de luta de classes de tomada dos poderes para o capital contra todas as conquistas populares. Este caminho do entender e desenrolar da forma-ideologia se coaduna com os desdobramentos dos fluxos de capital e sua dominação. Totalidade, então, transparece como o método pelo qual as articulações entre o capital e sua acumulação e os novos assujeitamentos e interpelações constroem as novas formações de extrema-direita a nos mostrar que, sim, o fascismo é sempre uma resposta no horizonte do capital contra as lutas populares: uma “cadela sempre no cio”.

### Palavras-Chave

Forma-Ideologia. Fascismo. Colonialismo digital.





## GYORGY PLEKHANOV LEITOR DE HEGEL

Nilo Sergio Silva Aragão

[niloarag@gmail.com](mailto:niloarag@gmail.com)

### Resumo

As relações entre a filosofia hegeliana e a teoria desenvolvida por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) foram objeto de um longo e controverso debate, que pode ser sintetizado, como uma primeira aproximação ao problema do conteúdo exato dessas relações, da seguinte maneira: o que Marx e Engels achavam atual e válido na filosofia de Georg Hegel (1770-1831)? Como o comunismo crítico de Marx e Engels se pretendia uma teoria da ação política revolucionária, o tema se torna a um só tempo, político e filosófico. Interessa-nos nesse artigo a tentativa do marxista russo Gyorgy Plekhanov (1856-1918) de situar a atualidade de Hegel dentro da herança marxiana e engelsiana, concebida como um materialismo histórico e dialético. Tomaremos como ponto de referência um artigo escrito pelo marxista russo em 1891, justamente para assinalar os sessenta anos da morte de Hegel, para a revista teórica da social-democracia alemã, *Neue Zeit*. Justifica-se a escolha desse texto pela sua profundidade analítica e pela valorização da herança hegeliana, diante daquilo que Plekhanov denuncia como seu esquecimento e sua distorção.

### Palavras-Chave

Materialismo. Dialética. Plekhanov.



## HERMENÊUTICA DA ESPERANÇA E MATERIALISMO: A PROPOSTA DE ERNST BLOCH

Rosalvo Schütz

[rosalvoschutz@hotmail.com](mailto:rosalvoschutz@hotmail.com)

### Resumo

Para o filósofo Ernst Bloch, mesmo que tenham sido gerados para fins de dominação e opressão, todos os produtos humanos carregam em si um potencial que transcende os objetivos instrumentais para os quais foram criados. O que significa que todos eles contêm em si um potencial que aponta para além deles mesmos, para a sua possibilidade de utilização orientada por objetivos e horizontes que não os da dominação, exploração e opressão. Bloch sugere que, liberta da interdição burguesa, diversos excedentes culturais da técnica poderiam ser explicitados de modo a se tornar possível substituir a técnica da dominação hoje vigente por uma técnica da aliança com a natureza. Até mesmo em casos extremos como no da tecnologia que possibilitou a energia e a bomba atômica, Bloch identifica excedentes culturais capazes de viabilizar um mundo mais humano e uma humanidade mais naturalizada. O mesmo pode ser dito de várias outras áreas oriundas das mais diversas capacidades humanas, como Bloch deixa claro em seu Princípio Esperança: arte, arquitetura, medicina, direito, esporte, festas populares, movimentos sociais, dentre outros. Inclusive, ao que parece, a possibilidade de contribuir na reaproximação entre humanidade e natureza, na perspectiva de construção de um lar (Heimat), parece ser um dos principais critérios de identificação dos excedentes culturais. Os conteúdos de esperança presentes nos excedentes culturais, segundo Ernst Bloch, são caixas de tesouros que podem ser perscrutados, prospectados, rastreados e mesmo potencializados pela práxis humana, com ajuda especial das ciências culturais e da filosofia. Quais seriam as implicações da postura teórica decorrente da hermenêutica subversiva para a concepção materialista de Ernst Bloch? Ou, quais as implicações desta hermenêutica para a práxis e até que ponto esta concepção é compatível com a concepção marxiana? Estas são algumas questões que pretendemos tematizar.

### Palavras-Chave

Hermenêutica Subversiva. Utopia Concreta. Práxis.



## IDEOLOGIA E CINISMO A PARTIR DE ZIZEK

Joao Pedro Soares Schmidt

[schmidt\\_jp@hotmail.com](mailto:schmidt_jp@hotmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa inicia-se com a delimitação da seguinte questão, desdobrada do texto do filósofo alemão, Sloterdijk: o cinismo é uma forma de ideologia? E, se aceitarmos a noção de que viveríamos sobre a hegemonia de uma racionalidade cínica, seria igualmente verdadeira a afirmação de que viveríamos em tempos pós-ideológicos? Ocorre que as formulações do mesmo filósofo sobre o tema firmam que o cinismo é algo diverso da ideologia e sim, vivemos em tempos pós-ideológicos. Tanto a conclusão quanto a fundamentação não foram satisfatórias, especialmente por ignorarem deliberadamente a longa tradição de estudos sobre a ideologia desde Marx até nossos tempos. Assim, mobilizou-se o pensamento do filósofo esloveno Zizek para orientar a investigação sobre o cinismo e sua localização no quadro geral das ideologias. Para tanto, esta pesquisa buscou desenvolver e aprofundar aspectos do texto O espectro da ideologia, em especial a proposta de reconstrução lógico-narrativa do conceito de ideologia que atravessa três eixos no esforço de dar conta da multiplicidade de ideias liadas ao conceito de ideologia. São eles: doutrina, crença e ritual. Posteriormente a pesquisa se dedica a caracterização do conceito de cinismo, relacionando-o às condições materiais do neoliberalismo enquanto modelo econômico e estrutura que engendra as subjetividades em nossos tempos. Apesar do pensamento de Zizek sustentar de forma suficiente o caráter ideológico do cinismo, sua argumentação obriga a debater ainda outro tema apresentado pelo autor: as condições de existência e caracterização de um campo não-ideológico. Para tanto, esta pesquisa articula formulações da psicanálise sobre o conceito de realidade e Real para testar a tese zizekiana de que o campo não-ideológico seria o campo do Real lacaniano e, em termos políticos mais adequados para o tema da ideologia, coincidiria com a noção de luta de classes.

### Palavras-Chave

Crítica. Ideologia. Cinismo.



## LOUIS ALTHUSSER E O MOVIMENTO DE OPOSIÇÃO ESTUDANTIL

Milena Morabito

[milenamorabito@gmail.com](mailto:milenamorabito@gmail.com)

### Resumo

Cerca de um ano depois dos acontecimentos de Maio em França, em uma carta dirigida a M.A. Macciocchi, Althusser sente a necessidade de voltar a reflectir sobre o que aconteceu no 68, para evitar que o evento mais importante de Maio, a greve geral de 9 milhões de trabalhadores, passe despercebido. A luta estudantil foi um fenómeno muito importante, mas subordinado à luta de classe dos trabalhadores. Com as suas ações os estudantes pensaram ter reativado a espontaneidade dos trabalhadores e se colocado na avanguardia de maio. Destacando a falta de fusão entre trabalhadores e estudantes, Althusser questiona a eficácia de uma estratégia revolucionária desligada da forma marxista-leninista de organização política, o Partido. No entanto, Althusser também criticou a atitude do partido comunista que, tendo perdido o contacto político e ideológico com os jovens, empurrou os estudantes para o extremismo, uma doença infantil do comunismo. O Movimento foi uma das formas espontâneas de luta de classes conduzida, geralmente em formas utópicas de esquerda, num ambiente pequeno-burguês e provocada pela crise da ideologia burguesa. A situação particular em que ocorreu o levante de 1968 torna o movimento estudantil extremamente progressista. A revolta de Maio foi uma revolta ideológica de massas contra o aparelho ideológico do Estado e precisamente no lugar onde mostra maior fraqueza: os sistemas escolares. Uma análise concreta da análise concreta torna-se portanto necessária para combater as ilusões de Maio, promover a fusão trabalhador-estudante, fazer os estudantes compreenderem a necessidade da subordinação à luta de classe e os trabalhadores compreenderem as razões da revolta ideológica; finalmente, pressionar os partidos comunistas para que assumam as suas responsabilidades políticas e pedagógicas. É na juventude e na uniao da luta de classe ideologica, politica, teorica, economica que reside o futuro de mudanças sociais significativas.

### Palavras-Chave

Movimento Estudantil. Leninismo. Luta de Classes.



## MARX E ENGELS E A FUNÇÃO DE PARTIDO

Fernando Tadeu Mondigaline  
[fernandomondigaline@hotmail.com](mailto:fernandomondigaline@hotmail.com)

### Resumo

Antonio Gramsci foi um pensador marxista italiano que em seus escritos teve preocupação com o que diz respeito à estratégia dos trabalhadores para se tornarem classe dominante e acabar com a estrutura de dominação de classe. Gramsci quando fala de cultura indica a existência do intelectual orgânico. Este se divide em duas categorias: o intelectual orgânico da classe dominante e o intelectual orgânico da classe trabalhadora. O intelectual é o homem que supera o senso comum com a adesão à ciência, mas enquanto ideologia ainda tem algo transmitido, herdado pelos homens, é o conhecimento humano transmitido. Enquanto intelectuais têm uma posição crítica apenas particular, no entanto, enquanto filósofos possuem uma concepção de mundo criticamente coerente na qual não pode faltar consciência histórica. Tão importante quanto saber quem é, é saber de onde veio, das contradições históricas que herdou em sua origem. Percebendo isso o filósofo é o intelectual que sistematiza e organiza o pensamento de um grupo social, o grupo social ao qual pertence sendo assim parte órgão dessa organização, e o filósofo vem a esse grupo social sistematizando sua visão de mundo, organizando o pensamento e apontando a direção ao grupo. O intelectual se percebe como parte de uma força produtiva e supera a visão de mundo herdada pela sociedade e a critica, a sistematiza e a orienta. Gramsci, quando fala em partido ele fala, em partidos os classifica como intelectuais orgânicos coletivos, ou seja, também coletivamente os homens podem superar a cultura herdada, criticando-a, sistematizando o pensamento da massa e orientando a luta e que, por definição, esta é a função de um partido. Gramsci aprofunda o conceito de partido falando que muitas vezes um jornal uma revista ou até uma pessoa podem cumprir a função de partido. Sendo a revista, o jornal, a emissora de rádio, ou TV, também tipode de intelectual orgânico coletivo. Sendo assim Marx e Engels são intelectuais orgânicos e na medida em que escrevem o Manifesto do Partido Comunista cumpriram o que Gramsci define enquanto uma função de partido, são eles que sistematizam e organizam a visão de mundo dos socialistas e comunistas e orientam suas ações políticas.

### Palavras-Chave

Gramsci. Intelectual Orgânico. Partido.



## MODERNIDADE E CONTEXTO COLONIAL EM PROVINCIALIZANDO A EUROPA DE DIPESH CHAKRABARTY

Alan Brandão De Morais

[alan.filos@gmail.com](mailto:alan.filos@gmail.com)

### Resumo

Pretendo analisar o livro *Provincializando a Europa* (2000), de Dipesh Chakrabarty historiador indiano de formação marxista e com contribuições para a teoria pós-colonial e estudos subalternos. Neste livro de título sugestivo o autor busca demarcar os limites da utilização do vocabulário moderno para compreender realidades sociais distintas do contexto de origem do pensamento moderno, a saber, a Europa ocidental do Século XVIII. A universalidade dos valores modernos e, suas expressões políticas como o liberalismo e o marxismo, fez com que as análises e alguns projetos revolucionários em contextos coloniais fossem reduzidos a iterações da luta de classes e história das revoluções europeias como se as ideias pudessem transcender plenamente os seus lugares de origem de forma não problemática. Deste modo, Chakrabarty analisa a necessidade de desinflar o universalismo moderno, sem abandonar seus valores alvissareiros, para analisar como estes valores se confrontam e se articulam materialmente e de forma complexa com as realidades, culturas, modos de vida, categorias e instituições locais - de modo a produzir estruturas de dominação e também estruturas locais de resistência da classe trabalhadora que precisam ser reconhecidas por um marxista comprometido com a revolução nacional de seu país. Chakrabarty concentra seus esforços para apresentar caminhos novos à realidade indiana, porém traz pontuações epistemológicas e metodológicas gerais que podem servir para pensar outras realidades coloniais para destacar a influência das diferenças históricas na construção de um projeto revolucionário de sentido e origem local, porém com horizonte internacional.

### Palavras-Chave

Modernidade. Universalidade. Colonialidade.



## MOISHE POSTONE: UM MARXISMO SEM MARX

Éric Graciano Gaúna  
[ericggauna@gmail.com](mailto:ericggauna@gmail.com)

### Resumo

Nesta pesquisa, investigo a interpretação oferecida por Moishe Postone da obra madura de Karl Marx. O objetivo da análise é expor e avaliar o percurso interpretativo de Postone, o qual busca verificar e evidenciar, em sua obra *Tempo, trabalho e dominação social*: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx, de 1993, que Marx trataria, por um lado, de uma alienação de ordem temporal e abstrata enquanto fundamento do capitalismo; e por outro, da centralidade crítica e primária da categoria do valor em detrimento da categoria do mais-valor enquanto determinante fundamental do modo de produção capitalista. Demonstro, recorrendo principalmente à crítica de Jacques Bidet, Zaira Vieira e Michael Sommer, que Postone oferece uma leitura problemática se avaliada comparativamente à exposição marxiana, tendo por premissa para suas teses um método de leitura da relação entre as categorias fundamentais de Marx o qual não se sustenta diante do que se encontra efetivamente na obra deste último. A consequência da interpretação de Moishe Postone a ser avaliada é a eliminação teórica das relações de classe tanto para a compreensão do capitalismo quanto para um panorama emancipatório.

### Palavras-Chave

Moishe Postone. Abstração. Dominação.



## NEOLIBERALISMO E OS NOVOS FASCISMOS

Magno Francisco Da Silva  
[magno\\_philos@hotmail.com](mailto:magno_philos@hotmail.com)

### Resumo

O artigo intitulado “Neoliberalismo e os Novos Fascismos” visa realizar uma análise da situação econômica e política do capitalismo contemporâneo. Este estudo destaca, com base nas obras de autores renomados como David Harvey, Perry Anderson, Ricardo Antunes, Florestan Fernandes e Vladimir Safatle, as implicações políticas da crise econômica do século XXI e a correlação entre o neoliberalismo e os novos fascismos. O artigo apresenta uma reflexão sobre a atuação da classe trabalhadora e as lutas sociais na contemporaneidade, utilizando como referencial teórico para a análise as ideias dos pensadores Zizek, Coggiola e Giovanni Alves. Além disso, o texto busca estabelecer paralelos e distinções entre o fascismo do século XX e os novos fascismos. Para tal, convoca-se ao debate no texto as ideias de Marx, Dimitrov, Reich, Traverso, Löwi e Adorno. No desenvolvimento das reflexões propostas no artigo, os novos fascismos são caracterizados como fenômenos neoliberais e pós-modernos. Para a conceituação desses fenômenos, o artigo se vale das contribuições teóricas de Otavio Ianni, Marilena Chauí e Carlos Montaña.

### Palavras-Chave

Neoliberalismo. Fascismo. Pós-modernismo.





## O CAPITAL E A CIÊNCIA

Mauro Castelo Branco De Moura  
[mcbmoura2@gmail.com](mailto:mcbmoura2@gmail.com)

### Resumo

Para Marx a moderna produção industrial supõe a ciência como insumo fundamental. A transmutação da base técnica conservadora do artesanato em uma racionalização do processo produtivo só pode ser efetuada com base em procedimentos científicos. O divórcio entre a técnica e a episteme dos antigos helenos transformou-se, na Modernidade, num casamento indissolúvel entre a técnica e a ciência, cujo rebento, a tecnologia, produto da junção entre uma e outra, configura um processo produtivo em permanente revolução. O capital se apodera desta dinâmica das forças produtivas do trabalho humano e a apresenta como se fora um atributo seu. “O modo capitalista de produção é o primeiro em por as ciências naturais a serviço do processo de produção [...]. O capital não cria a ciência, senão que a explora apropriando-se dela no processo produtivo”. A ciência é absorvida pelo capital como força produtiva, apresentando seus resultados (da ciência) como se foram atributos seus (do capital). Neste processo o capital abastarda a própria ciência, orientando seu desenvolvimento, enquanto a submete ao desiderato da valorização do valor. Na verdade, o capital só estimula o desenvolvimento da ciência na medida em que vislumbra a possibilidade de se apropriar de seus resultados e, como contrapartida, dificulta a produção de conhecimento que não se adéque a seus interesses. O mesmo raciocínio vale para o desenvolvimento tecnológico e as mais importantes inovações produzidas ao longo do Século XX, por exemplo, da energia nuclear à computação e ao transistor e da internet às telecomunicações, todas deveram sua origem a aplicações militares. O capital representa hoje um entrave ao desenvolvimento das forças produtivas do trabalho porque tolhe a criatividade humana produtora de ciência e tecnologia, na medida em que as submete a seus interesses. Ademais, o capital ameaça, através do seu desiderato anárquico de valorização ilimitada, as duas únicas fontes de toda a riqueza: os homens, com sua capacidade de trabalho, e o planeta Terra. Ou, nas palavras do próprio Marx: “[...] a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social ao minar simultaneamente as fontes de toda riqueza: a terra e o trabalhador” .

### Palavras-Chave

Capital. Ciência. Tecnologia.



## O CARÁTER FETICHISTA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: AUTONOMIA DA MÁQUINA E HETERONOMIA DO SER HUMANO

Cristian Arão Silva De Jesus

[cristian\\_arao@hotmail.com](mailto:cristian_arao@hotmail.com)

### Resumo

A tecnologia de aprendizado de máquina fez com que as inteligências artificiais aprendessem, de certa forma, por conta própria. Isso fez com que surgisse preocupação e encantamento por uma suposta autonomia dos sistemas automatizados. No entanto, em que pesem os processos de automação, isso não faz com que as máquinas sejam realmente autônomas, ainda que pareçam. Essa aparência de autonomia é sustentada por muito trabalho humano escondido. Por trás do véu tecnológico o que existe é um exército de trabalhadores que sustentam o bom funcionamento dos algoritmos. Esse fenômeno não é uma novidade nem um ponto fora da curva no desenvolvimento da tecnologia. Marx, n' *O Capital*, já havia explicado o processo que transforma os trabalhadores em peças da engrenagem e a maquinaria da indústria em sujeito. Marcuse, dando continuidade a essa ideia, argumenta que disso surgiu uma racionalidade tecnológica que submete os seres humanos à lógica das máquinas. Pretende-se com essa comunicação apresentar as análises desses filósofos sobre essa relação humano-máquina e oferecer uma perspectiva para superar essa inversão que coloca as pessoas à serviço da tecnologia.

### Palavras-Chave

Fetichismo. Inteligência Artificial.



## O CINEMA DE JIA ZHANGKE: REFLEXÕES A PARTIR DA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Julia Almeida Maciel Levy Tavares

[julevy@gmail.com](mailto:julevy@gmail.com)

Sávio Freitas Paulo

[savio.freitas37@gmail.com](mailto:savio.freitas37@gmail.com)

### Resumo

Conhecido por narrar por mais de duas décadas as transformações pelas quais tem passado a sociedade chinesa, colocando as modificações humanas, urbanas e ambientais como personagens de seus documentários e ficções, a obra de Jia Zhangke também se apresenta como um rico mosaico das transformações pelas quais o mundo tem sido afetado. Tian zgu ding (*A touch of sin*), em português, *Um toque de pecado*, foi premiado no Festival de Cannes de 2013 e após uma década do seu lançamento, continua despertando espanto e reflexões. A partir da escolha de algumas histórias de violência que escandalizaram seu país, o cineasta se lançou a pesquisá-las de perto a fim de embasar o roteiro da obra. Algo pouco abordado entre os críticos da película é o fato de ser possível compreender a escalada da violência retratada na China contemporânea através de uma perspectiva alinhada com os fundamentos da crítica da economia política de Karl Marx. As expressões de violência que chocam os espectadores – as mesmas que não chocam em películas de super-heróis, distopias, terror, suspense etc. – possuem um fundamento em comum. Com György Lukács, é possível dizer que todas representam formas do estranhamento (*Entfremdung*), originadas, em última instância, do fato de as relações sociais naquela sociedade (e em praticamente todo o planeta) derivarem da subordinação dos seres humanos à expansão do valor, ao ímpeto expansivo da produção de mercadorias, evidenciado anteriormente por Marx, em *O capital*, sobretudo em sua original teoria do fetichismo da mercadoria e na formulação da lei geral da acumulação capitalista. Ademais, convém registrar que Lukács sustenta, citando trechos do capítulo de *O capital* e dos *Grundrisse*, a íntima relação entre violência e a base econômica. Nesse sentido, o objetivo deste texto é oferecer uma análise sobre o filme *Um toque de pecado*, de Jia



Zhangke, que evidencie sua riqueza e contemporaneidade, justamente por ser possível relacionar a película com os fundamentos da crítica da economia política de Marx e da tradição que o sucede, com ênfase na teoria de seu contemporâneo Lukács. Assim, pretendemos atestar a sensibilidade do diretor em captar por meio de uma obra de arte – ou como diria o autor húngaro, através de uma “forma ideológica pura” – um retrato da fonte e das consequências da violência, em função da continuidade da reprodução da vida social baseada na produção de valor.

### **Palavras-Chave**

Cinema Chinês. Estranhamento. Economia Política.



## O CONCEITO DE NATUREZA EM FEUERBACH E NO JOVEM MARX: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS FILOSÓFICOS

Roberto Alexandre Levy

[robertolevy@ufba.br](mailto:robertolevy@ufba.br)

### Resumo

O presente estudo pretende identificar e analisar as antinomias e contradições nas concepções de natureza em Ludwig Feuerbach e no jovem Karl Marx (até 1844), evidenciando a relação dialética humano-natureza à luz da crise ecológica contemporânea. Este esforço analítico fundamenta-se nas obras seminais de ambos os pensadores: de Feuerbach, destacam-se Pensamentos sobre morte e imortalidade e A essência do cristianismo, enquanto de Marx, os Manuscritos econômico-filosóficos e os Cadernos de Paris fornecem a base teórica. Essas obras compõem o arcabouço pelo qual exploram-se as dimensões materialista e antropológica que ambos atribuem à natureza, sublinhando tanto a continuidade quanto a transformação crítica operada por Marx em relação ao pensamento de Feuerbach. Feuerbach aborda a natureza como essencialmente material e sensível, constituindo a realidade última em contraposição às abstrações idealistas. Critica a desnaturalização promovida pelo cristianismo e argumenta pela imanência da vida e da morte, propondo uma volta ao concreto e ao sensível como fontes de verdade e conhecimento. Marx, por sua vez, embora reconheça a influência feuerbachiana, avança a discussão ao inserir a natureza dentro de uma dialética socioeconômica, onde a alienação manifesta-se não só religiosamente, mas também no plano da produção capitalista. A natureza, para Marx, é simultaneamente campo de exploração e de luta, lugar da alienação do trabalho e, paradoxalmente, da potencial reconexão do ser humano com sua essência genérica através da superação das relações capitalistas. Este trabalho investiga como a interseção das ideias de Feuerbach e Marx sobre a natureza oferece perspectivas cruciais para compreender a crise ecológica atual e confronta o antropocentrismo dominante. Adotando métodos dialéticos, históricos e comparativos, busca-se destacar tanto as influências mútuas quanto as divergências críticas entre ambos, enfocando na transição do idealismo ao materialismo histórico. Ao integrar as análises de natureza de Feuerbach e Marx, o estudo visa enriquecer o debate marxista contemporâneo sobre ecologia, apontando a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



centralidade da relação humano-natureza nas disputas sociais e ambientais. Oferecendo, portanto, uma base filosófica sólida para enredar teoria e prática na resposta aos sérios problemas ambientais da atualidade.

## Palavras-Chave

Natureza. Alienação. Antropocentrismo.



## O FETICHISMO COMO FORMA DE ALIENAÇÃO

Daniel De Melo Sita  
[danielsita@ymail.com](mailto:danielsita@ymail.com)

### Resumo

Nesta comunicação será exposto o conceito de fetichismo de Karl Marx como uma forma mais concreta do conceito de alienação que o autor aborda em sua produção da juventude. O primeiro passo será uma conceitualização da categoria de fetichismo, tal como aparece na seção “O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo” do primeiro capítulo da obra *O Capital* (1867), em seguida uma conceitualização da categoria de alienação conforme sua ocorrência na produção da juventude (1841-1848) de Marx. O objetivo deste trabalho será apontar as semelhanças entre a dinâmica do fetichismo e da alienação, em especial da alienação religiosa, e assim como esta, o fetichismo seria uma representação da alienação humana na consciência, uma objetivação que, de forma autônoma se voltaria e dominaria o sujeito. Da mesma maneira que, estruturalmente, a mercadoria é alienada materialmente no sistema capitalista, idealmente essa mercadoria alienada reproduz uma forma de misticismo acerca de si mesma, um fetichismo.

### Palavras-Chave

Alienação. Fetichismo. Marxismo.



## O GÊNERO EM MARX: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONDIÇÃO DA MULHER NA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Jordânia Araújo

[jordania.araujo@ifba.edu.br](mailto:jordania.araujo@ifba.edu.br)

### Resumo

Este trabalho tem como objeto de investigação a questão de gênero na crítica à economia política de Karl Marx. A partir deste enfoque busco abordar um desafio que ainda permanece em aberto, que consiste em examinar a importância do problema da condição da mulher no pensamento marxiano. Nas chamadas obras da juventude, Marx denunciou as desigualdades de gênero e também apontou como o controle patriarcal sobre a vida das mulheres acontece, sobretudo, na esfera familiar burguesa. Para além disso, o método do materialismo histórico do editor da Gazeta Renana contribuiu para a desconstrução das hierarquias das identidades entre os gêneros. Embora muitos comentaristas marxistas reconheçam as contribuições de Marx, a maioria acredita que a exploração econômica inerente ao sistema capitalista é a principal fonte de toda opressão e desigualdade. Ainda assim, há quem argumente que a teoria marxista tradicional não aborda adequadamente as experiências das mulheres, sendo a obra de Marx amplamente conhecida por suas análises críticas das estruturas econômicas, sociais e políticas da sociedade burguesa. No entanto, suas observações sobre a dominação masculina e a opressão da mulher receberam relativamente pouca atenção. Essa pesquisa se justifica pela necessidade de explorar a questão de gênero sob a perspectiva de Marx, um tema, quase, esquecido nos estudos marxistas. Ao fazer isso, podemos investigar de que forma as questões de gênero são tratadas, ou negligenciadas, por Marx. Essa perspectiva nos ajudará a analisar como os mecanismos de exploração não se limitam apenas às esferas econômicas, mas também permeiam as esferas sociais e as relações de poder em nossa sociedade. Assim, propomos revisitar as bases teóricas do marxismo e realizar uma análise do gênero, o que pode levar a uma transformação nas interpretações convencionais das teorias de Marx.

### Palavras-Chave

Gênero. Marx. Capitalismo.





## O PROBLEMA DA ANTROPOLOGIA EM MARX

Bruno Fernandes

[brunofernandes@estudante.ufscar.br](mailto:brunofernandes@estudante.ufscar.br)

### Resumo

O problema da antropologia nasceu com a publicação dos Cadernos de Paris, do jovem Marx. Essas anotações vieram a público por volta de meio século após a morte do autor, suscitando uma série de debates por parte dos marxistas, que se perguntaram pela sua relação com as obras de maturidade. Concluiu-se, majoritariamente, que as obras de juventude, sobretudo os Manuscritos econômico-filosóficos, apoiavam-se numa antropologia essencialista que trazia sérios problemas para a primeira versão da crítica da economia política, ao passo que as obras de maturidade, como *O capital*, indicava uma superação desse modelo e a realização efetiva de uma concepção materialista da história. Por isso, este último devia ser consagrado como a interpretação mais adequada da sociedade capitalista. Considerando esse debate, procuro traçar a evolução teórica do problema no interior do pensamento marxiano a fim de mostrar que a descontinuidade comumente destacada na obra não está apenas relacionada à adesão do jovem Marx ao pensamento feuerbachiano, mas a incorporação de aspectos fundamentais da lógica hegeliana pelo velho Marx. Com isso, pretendo oferecer as linhas gerais da relação entre marxismo e antropologia e da relação entre Marx e a lógica de Hegel.

### Palavras-Chave

Antropologia. Marx. Hegel.



## O TRABALHO NO NEOLIBERALISMO: RETOMANDO A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA MARXISTA

Tiago Nilo  
tnilo@unisinós.br

### Resumo

A proposta deste pequeno artigo é refletir sobre a categoria trabalho no universo neoliberal. Assim, irei me subsidiar da crítica da economia política marxista com o intento de retomá-la e atualizá-la, sem reinventar conceitos ou revisá-la, mas com o intuito de desenvolvê-la no século presente. O alicerce de minha análise se dará sob dois pontos da crítica marxista, a exploração e a alienação. No primeiro caso pretendo demonstrar como a exploração se intensifica com a precarização do trabalho. Ou seja, o trabalhador precarizado não está respaldado por direitos trabalhistas, sindicalização e estabilidade empregatícia. Isto com a promessa de lucro rápido e intenso, fim de burocracia e patronato. Entretanto, além de não ser assegurado legalmente, o precariado terá sua força de trabalho mais densamente explorada pelo capital, atomizado, inseguro, volátil e com intensa proporção de despolitização com a falsa alegação de ser empresário de si mesmo. É neste ponto que chegamos à segunda consideração da análise, a alienação. Adjunto ao trabalho precarizado surge a ideia do trabalhador como um colaborador, a empresa de si mesmo. A racionalidade neoliberal ordena os meios para que o sujeito se lance na competição, impele o eu para agir sobre si mesmo e sobreviver na competição. O indivíduo é a empresa como fator preponderante em todas as esferas de sua vida. Tudo é gestão de uma empresa, a empresa de si. O autogoverno como governo de si, gera um novo ethos, a simbiose marca e valores do eu. Minha personalidade, minha subjetividade é a marca que estou representando através do serviço prestado. Assim sendo, com o aparecimento do neoliberalismo houve uma reestruturação produtiva que consiste em uma resposta do capital a uma maior integração entre trabalho morto e trabalho vivo. O que se observa é que há uma nova correlação de forças instalada pela hegemonia do capital financeiro e a política neoliberal. Ambas promovem a desregulamentação de mercados de trabalhos, a privatização de empresas e desmantelamento de serviços públicos, a centralização de capitais e a precarização do trabalho, sufocamento do sindicato e desmantelamento de organizações trabalhistas.

### Palavras-Chave

Exploração. Alienação. Neoliberalismo.



## RAÇA, RACISMO E ALIENAÇÃO EM GYORG LUKÁCS

Elaine Cristina Dos Santos Lima

[elainecdsl@gmail.com](mailto:elainecdsl@gmail.com)

Talvanes Eugênio Maceno

[talvaneseugenio@gmail.com](mailto:talvaneseugenio@gmail.com)

### Resumo

O debate sobre a questão racial torna-se cada vez mais urgente e necessário. Todos os dias crescem as desigualdades sociais, provocadas pelas contradições próprias do sistema do capital, de classe, raça e gênero, e com elas, todas as violências, opressões, o encarceramento, a crise migratória e as mais variadas mazelas dessa sociedade. A cada dia surge, de forma popularizada, explicações sobre uma hierarquia natural entre os povos, em que grande parte da humanidade, principalmente os não brancos, são penalizados por sua natureza animalésca, violenta e incivilizados. Essas concepções se disseminam rapidamente de maneira vulgar e palatável entre as populações mais vulneráveis como uma verdade absoluta. Tentaremos demonstrar a falsidade dessas concepções. Esse trabalho parte do ponto de vista da classe trabalhadora, por isso, se alicerça na concepção crítica realizada por Gyorgy Lukács, em duas das suas principais obras, A destruição da razão e a Ontologia do ser social. Partimos da ideia que esse autor traz elementos importantes para o debate dos princípios e da função da ideologia burguês, principalmente no que tange à uma teoria das raças necessárias para classificação dos seres humanos e fragmentação das lutas sociais. Lukács é um daqueles pensadores, no campo do marxismo, que ao analisar as relações sociais, parte do princípio materialista histórico dialético inaugurado por Marx. Por isso, ao compreender a dinâmica próprias dessas relações, não pode deixar de demonstrar que a racialização dos seres humanos, e, portanto, uma teoria das raças, faz parte da tentativa da burguesia de naturalizar todas as desigualdades provenientes da exploração do capitalista. Portanto, esse trabalho é voltado para o debate sobre a possibilidade e a necessidade de se superar a divisão racial entre os povos no sentido de promover a emancipação humana. Nenhum debate acerca da emancipação da humanidade e do elevar-se à generidade humana será possível enquanto tratarmos a



classificação dos seres humanos em raça como algo natural ou enquanto tornar o debate da questão da raça como algo secundário. Mais do que nunca a questão racial se coloca como um limite à emancipação, principalmente com o acirramento dos conflitos sociais num capitalismo em crise, uma vez que é determinada pela divisão social de classes.

### **Palavras-Chave**

Raça. Racismo. Alienação.



## ROBERTO SCHWARZ LEITOR DE GYÖRGY LUKÁCS: ROMANCE E FORMA SOCIAL

Wesley Fernando Rodrigues De Sousa

[wesleysousa666@outlook.com](mailto:wesleysousa666@outlook.com)

### Resumo

A proposta da comunicação é expor, em primeiro lugar, os elementos-chave da teoria estética de Lukács dos anos 1930, cujo centro se dá pela formulação do realismo literário; em segundo lugar, investigar os vínculos que a obra de Roberto Schwarz estabelece com esta teoria. Para explorar esta proposta, abordaremos rapidamente os escritos estéticos e de teoria literária do filósofo húngaro contrastando-os com as premissas teóricas e as práticas críticas de Schwarz, visto que sua recepção no autor brasileiro não é isenta de ressalvas, distanciamentos pontuais, ou afinidades eletivas da filosofia lukacsiana. Os vínculos teóricos que atravessam os escritos de Schwarz se referem ainda a interpretações sociopolíticas e culturais, mediadas por uma assimilação crítica da teoria estética-filosófica de Lukács para o contexto da crítica brasileira no âmbito da literatura e da cultura. Em nossa exposição procuraremos demonstrar os vínculos a partir das categorias estéticas fundamentais, tais como o realismo, forma romanesca e, também, a relação entre arte e sociedade, de tal modo Schwarz se apresenta como leitor de Lukács e influenciado por ele.

### Palavras-Chave

Lukács. Schwarz. Marxismo. Dialética.



## SOBRE A NOÇÃO DE SUBSTÂNCIA E SEUS SENTIDOS NA EXPOSIÇÃO CATEGORIAL DO LIVRO I, DE O CAPITAL

Rafael Versolato Gilberto

[rafael.gilberto@usp.br](mailto:rafael.gilberto@usp.br)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é examinar a noção de substância no interior do Livro I de O capital, de Marx. Ao invés de compreendê-lo como uma exposição organizada linearmente, segundo o princípio de clareza, parte-se do princípio de que cada momento constitui uma significação específica. A noção de substância no interior dessa obra de Marx levanta dificuldades notáveis. A fortuna crítica não apenas tem compreensões diversas do assunto, mas divergentes. A interpretação ontológica a compreende como aquilo que no ser que se conserva através de sua contínua mudança. Em contraposição a ela, a escola althusseriana a compreende como certa fixidez do hypokéimenon, de sorte que ela seria aquilo que não pode ser predicado de outro. No Brasil esse debate apresenta, de um lado, uma aproximação a Hegel, mas situando-o numa tradição que passa por Leibniz, de sorte a guardar relação com um sujeito lógico de predicados. De outro lado, há o esforço de se compreender a substância como uma ontologia do ser social, mas no interior de um esquema operatório. Cada uma dessas respostas tem algo de consistente, recusar uma ou outra implica abandonar parte da solução do problema. A consideração delas em conjunto mostra que se trata de compreender quais os sentidos em que a substância pode ser dita nessa obra. O tratamento adequado da questão exige considerar os distintos níveis de abstração que constituem a exposição do Livro I. Brevemente, a substância é apresentada em níveis distintos pela seção I, que apresenta a aparência imediata do sistema, e pelas seções III a V, que apresentam a sua essência. Além disso, há uma distinção entre esse percurso, que vai da seção I à VI, e a apresentação da substância pela seção VII, quando ocorre a totalização apresentada pelo momento da efetividade.

### Palavras-Chave

Substância. Capital. Modo de Exposição.



## TRABALHO E DIALÉTICA: REFLEXÃO DA CATEGORIA TRABALHO EM HEGEL E MARX

Gustavo Lourenço De Sousa Barros  
[gustavo.lourenco393@gmail.com](mailto:gustavo.lourenco393@gmail.com)

### Resumo

A presente proposta de investigação busca abordar, tendo como base, a obra *Manuscrito econômico-filosófico*, de 1844, em especial o seu capítulo relativo a Crítica da dialética e da filosofia hegeliana em geral a afirmação de Marx sobre Hegel, a saber que Hegel ao conceber na Fenomenologia o trabalho como autoprodução do homem, produção do gênero, se encontra à altura da economia política. De acordo com as formulações marxianas, Hegel apreendeu da economia política o trabalho como a fonte de toda riqueza, a alma da produção. Daí Marx acrescenta que Hegel apenas conhece e reconhece o trabalho em seu sentido positivo e desconsiderou a dimensão negativa, ou seja, o trabalho estranhado, pois concebeu apenas o trabalho abstratamente espiritual, o qual é produção da consciência filosófico-abstrata. É a partir desta afirmação de Marx, que a pesquisa se propõe a estabelecer os limites dessa interpretação ao investigar as obras de juventude hegeliana. Trata-se de demonstrar que Hegel compreendeu criticamente o trabalho da indústria moderna, em especial no período de Iena e explicitar que a crítica de Marx à filosofia hegeliana destaca apenas um momento da compreensão hegeliana sobre o trabalho, ou seja, aquele relativo à Fenomenologia. Contudo, interpretaremos a favor de Marx, apesar dos limites de sua afirmação, isto é, que sua posição não estaria equivocada, já que por mais que Hegel venha a compreender o trabalho como categoria econômica concreta, apenas o faz enquanto abstração, isto é, como atividade da consciência que se desenvolve a fim de alcançar o saber absoluto.

### Palavras-Chave

Hegel. Marx. Trabalho.



## TRABALHO E PROPRIEDADE PRIVADA NOS MANUSCRITOS DE 1844 E NA ONTOLOGIA DE LUKÁCS

Paulo Henrique Furtado De Araujo

[phfaraujo@id.uff.br](mailto:phfaraujo@id.uff.br)

### Resumo

Sustentamos que os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 de Marx se constituem enquanto um dos eixos centrais da estrutura teórica ofertada pelo filósofo magiar em sua Ontologia. É marcante o modo como Lukács, retomando os lineamentos gerais apresentados por Marx em sua polêmica com Hegel e com os jovens hegelianos a respeito da prioridade do ser em si existente em relação às representações do ser, instaura sua figuração de mundo que tem o trabalho humano universal/geral como categoria fundante do ser social e protoforma do agir humano. O artigo procura elucidar as diferenças e semelhanças entre o Marx de 1844 e a Ontologia Lukács a respeito das categorias substância, essência, manifestação da essência, trabalho humano universal/geral, propriedade privada, estranhamento etc. A ênfase recai na centralidade que adquire a propriedade privada e a divisão entre trabalho manual e intelectual, enquanto causas do estranhamento (*Entfremdung*), tanto no Marx de 1844 quanto na Ontologia de Lukács. O contraponto oferecido é a descoberta, feita por Marx e registrada no Livro 1 de *O Capital*, de uma reificação autoestranhadora (o fetiche da mercadoria) e a perda da centralidade da forma jurídica da propriedade para a elucidação da dominação específica da sociedade do capital. O que sugere a necessidade de algumas correções na figuração de mundo ofertada por Lukács em sua Ontologia.

### Palavras-Chave

Marx. Lukács. Propriedade Privada.



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▶ 04/10/24



Realização



ANPOF  
Associação Nacional de História

Apoio



UFPE



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE  
DE PERNAMBUCO



CNPq

## GT METAFÍSICA ANALÍTICA



## A CONTROVÉRSIA DA EXISTÊNCIA VAGA NA MEREOLOGIA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE PANORÂMICA

Felipe Da Silva Avena  
[felipe.s.avena@gmail.com](mailto:felipe.s.avena@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fornecer uma avaliação panorâmica do embate entre os principais argumentos em favor ou contra a aceitação de existência vaga de objetos materiais. A bibliografia estará temporalmente delimitada a textos publicados nos últimos 34 anos. Desta maneira, trata-se de um trabalho de mereologia contemporânea como é entendida na tradição analítica. Qualquer teoria que tente estabelecer ou determinar o comportamento da relação parte-todo encontra-se no campo da mereologia. A partir do século XX que se iniciou um estudo sistemático da relação parte-todo per se. O sistema formado pelas convergências dos trabalhos de Leśniewski, Leonard e Goodman e Alfred Tarski constitui o que se considera Mereologia Extensional Clássica (MEC). O poder expressivo da pura MEC pode nos prover de material muito útil para aplicações na investigação metafísica, mas não é suficiente, apesar de seu virtuosismo formal. A MEC é desafiada pelos princípios metafísicos tomados como ponto de partida de seus críticos. A questão central da mereologia seria determinar os critérios  $\varphi$  que demarcam as condições necessárias e suficientes para que uma coleção  $xs$  venha a compor algo. Peter van Inwagen formula este problema como a Questão Especial da Composição (QEC):  $\exists y$  e os  $xs$  compõem  $y \leftrightarrow \varphi xs$  Isso é: Em que circunstâncias alguns  $xs$  compõem algo? Quando a unidade surge a partir da pluralidade? Qual relação os  $xs$  devem apresentar entre si para que venham a formar um todo? A tentativa de responder ao critério metafísico  $\varphi$  necessário e suficiente para caracterizar uma coleção como um objeto composto obriga van Inwagen a assumir vagueza existencial de objetos materiais. Esta posição pode ser considerada no mínimo polêmica, já que vai de encontro à predisposição da maioria da comunidade analítica. A aceitação do que convencionou-se chamar o argumento da vagueza se baseia na premissa de que a existência não pode ser vaga, relegando a vagueza ao reino da linguagem. Essa postura é figurada por filósofos renomados como David Lewis e Baxter que fazem, respectivamente, declarações tais quais: “Existência

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



não pode ter graus e É absurdo falar que haja existência vaga. Em seu livro *Material Beings* (1990), van Inwagen dedica um capítulo à defesa da plausibilidade da vagueza existencial, tema resgatado ultimamente por filósofos e filósofas proeminentes como Katherine Hawley (2002), Kathrin Koslicki (2003), Theodore Sider (2003), David B. Hershenov (2014), Alessandro To.

## Palavras-Chave

Mereologia. Existência Vaga. Ontologia.



## A TEORIA SEMÂNTICO-ONTOLÓGICA DA VERDADE NA FILOSOFIA SISTEMÁTICO-ESTRUTURAL

Ednilson Gomes Matias

[matiasedn@gmail.com](mailto:matiasedn@gmail.com)

### Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar a teoria semântico-ontológica da verdade desenvolvida na Filosofia sistemático-estrutural (FSE) de Lorenz Puntel. Esta filosofia sustenta a tese de que semântica e ontologia se implicam mutuamente. No entanto, ela rejeita as perspectivas tradicionais da semântica composicional e da ontologia substancialista e propõe como uma abordagem original sua semântica das proposições primas e sua ontologia dos fatos primos. A interconexão entre as dimensões semântica e ontológica tem sua completa realização no conceito de verdade. O desenvolvimento da teoria semântico-ontológica da verdade ocorre em três etapas: na primeira o operador de verdade é aplicado a uma sentença; na segunda esta sentença expressa uma proposição completamente determinada em termos semânticos; na terceira a proposição completamente determinada semanticamente é verdadeira e é idêntica a um fato ontológico. Embora a FSE admita a tese da identidade entre uma dimensão semântica e uma ontológica, ela não se compromete com uma teoria da verdade-como-identidade, uma vez que a identidade ocorre somente na última etapa do desenvolvimento do conceito de verdade. Neste sentido, a investigação da tese da identidade é fundamental para a compreensão da teoria semântico-ontológica da verdade da Filosofia sistemático-estrutural.

### Palavras-Chave

Verdade. Semântica. Ontologia.



## CAUSA FINAL: UMA DEFESA CONTEMPORÂNEA

Caio Cezar Silva  
[caio.czr@gmail.com](mailto:caio.czr@gmail.com)

### Resumo

Em matéria de causalidade, a doutrina das quatro causas constitui uma das contribuições distintivas do aristotelismo: primeiro, temos a causa material, a qual pode ser identificada como a matéria que constitui os particulares, permitindo que estes atuem ou sofram a ação um dos outros. Em seguida, temos a causa formal, as formas ou os universais das substâncias, aquilo em virtude de que a matéria é organizada de acordo com uma certa configuração. Por sua vez, a causa eficiente é a capacidade ou o poder que um dado particular tem de produzir ou suportar mudanças através de relações causais. Finalmente, temos a causa final, geralmente expressa como a finalidade de uma substância ou de uma de suas capacidades. Com relação às três primeiras, as atitudes encontradas na literatura são geralmente positivas, uma vez que cada uma delas é capaz de contribuir para uma explicação do que se possa entender por causalidade, ainda que não nos comprometamos com elas tal como um aristotélico o faria. Com relação às causas finais, porém, a suspeição ainda se faz presente, inclusive por parte de autores simpáticos ao aristotelismo. Portanto, tentarei defender uma solução ambiciosa: proporei que a causa final orienta um dado poder causal em vistas de sua manifestação. Para tanto, começarei fazendo uma breve introdução sobre a doutrina das quatro causas. Em seguida, farei uma breve contextualização das contribuições contemporâneas no âmbito da teleologia. Finalmente, defenderei a noção de causa final em duas etapas: na primeira etapa, retornarei a Aristóteles e argumentarei que a referida teleologia na verdade deve ser entendida como causa final, adotando a compreensão de telos sugerida por Angioni: embora telos possa ser entendido como a perfeição intrínseca mantida por entidades autossuficientes, outro sentido que Aristóteles emprega em sua filosofia da natureza é aquele que identifica telos com um acabamento, uma conclusão. Na segunda etapa, retomarei as contribuições contemporâneas de Nagel, o qual defendia uma noção de processo teleológico a partir de atributos ou características da estrutura interna de uma entidade, e as contribuições de Babcock e McShea acerca da teleologia. Combinando

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



as contribuições destes autores, tratarei de mostrar como a contribuição destes autores já estava contida no framework aristotélico, além de ambas enfatizarem o papel da substância para fins causais e mostrarem a utilidade da teleologia através de sua contribuição causal.

## Palavras-Chave

Teleologia. Causalidade. Aristóteles.



## COMO CONSTRUIR UNIVERSAIS COM BASE EM TROPOS: UMA MANEIRA SIMPLES

Claudio Costa  
[ruvstof@gmail.com](mailto:ruvstof@gmail.com)

### Resumo

A maneira usual de se construir universais com base em tropos é através de conjuntos de tropos precisamente similares entre si. Essa solução cria algumas dificuldades, como a de que similaridades precisas, caso sejam tropos, precisem ser elas próprias precisamente similares entre si, produzindo um regresso ao infinito. Minha aproximação do problema é muito mais simples. Ela é proveniente da razão original pela qual Platão recorreu a universais, qual seja, a necessidade de explicarmos como é possível dizer um de muitos. Para isso não é necessário recorrermos a conjuntos. Basta que tenhamos a memória de um tropo (ou um número de tropos idênticos) e que sejamos cognitivamente capazes de identificar qualquer tropo dado à experiência como sendo precisamente similar ao tropo do qual temos memória. Mesmo que essa capacidade potencialmente gere um conjunto, esse conjunto não precisa entrar em consideração. Minha suspeita é que o apelo a conjuntos por Donald Williams seja advindo da prática comum a nominalistas de apelar a conjuntos de indivíduos como garantia para a extensão de expressões predicativas e que essa desnecessária fixação no conceito de extensão tenha feito escola.

### Palavras-Chave

Tropos. Universais. Ontologia.



## COMPOSIÇÃO COMO IDENTIDADE MULTIGRADUADA

Henrique Formigoni Morais

[h.formigoni@usp.br](mailto:h.formigoni@usp.br)

### Resumo

A mereologia é uma teoria formal das relações entre indivíduos e suas partes que ocupa um lugar central em vários debates filosóficos contemporâneos. Uma dessas disputas diz respeito à controversa alegação de David Lewis de que tal teoria é inocente com respeito a compromissos ontológicos; ao aceitarmos a mereologia, supostamente não incorremos em comprometimentos existenciais novos, independentes daqueles que já tínhamos. Em defesa dessa alegação, Lewis apela para a curiosa ideia de que a relação mereológica de composição é análoga a identidade numérica, uma tese apropriadamente denominada Composição como Identidade. Cada indivíduo é, em certo sentido, idêntico a suas partes coletivamente. Por isso, aceitar a existência do mesmo em adição à existência daquelas é, estritamente falando, redundante. O propósito de nossa discussão é explorar o sentido dessa tese e suas diversas formulações. Focaremos na enigmática noção de identidade multigraduada, isto é, de afirmações de identidade flanqueadas tanto por um termo singular como por um termo plural. Vamos chamar atenção para alguns casos especiais de identidade multigraduada cuja consideração possui consequências surpreendentes para a compreensão da Composição como Identidade.

### Palavras-Chave

Mereologia. Compromisso Ontológico. Identidade.





## COMPOSIÇÃO RESTRITA FENOMENOLÓGICA

Jerônimo Erig Weiller  
[jeronomoeu@hotmail.com](mailto:jeronomoeu@hotmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, defenderei uma resposta moderada à questão especial da composição. A “questão especial da composição” diz respeito a que condições precisam ser cumpridas para que um grupo de objetos componha um novo objeto. Respostas “moderadas” a essa questão afirmam que um grupo de objetos compõe algo em certas situações (discordando, portanto, do niilismo mereológico), mas não em todas as situações (discordando, portanto, do universalismo mereológico); ou seja, não negam a composição, mas afirmam que ela seria “restrita” a certos contextos. Sustento que a composição ocorre apenas quando um conjunto de objetos gera qualia; daí o nome “composição restrita fenomenológica”. Concordo com Sider que teorias sobre os fundamentos da realidade que se utilizem de menos noções (ou “ideologicamente mais simples”), como a noção de parte, são preferíveis às que utilizem mais. Infelizmente não consigo concordar com ele que a noção de “parte” possa ser abandonada, mas, mantendo o espírito do seu princípio de parcimônia, reconheço a composição apenas em casos em que ela me parece indispensável, negando, portanto, a existência de objetos compostos que não gerem qualia. Algumas premissas que pressuponho e que me parecem tornar incontornável o reconhecimento da composição de objetos que geram qualia são: “eu experiencio diversas qualia agora”; “há um mundo físico, distinto das qualia que experiencio, com diversas entidades simples”; “diferentes consciências experienciam diferentes qualia, e eu não experiencio as qualia que elas experienciam”; e “a minha experiência de qualia e as de outras mentes são causadas pelo mundo físico” (ou seja, adoto um epifenomenalismo). Se um conjunto de simples é responsável pelo surgimento de qualia para uma consciência, não vejo como seria possível negar que esse conjunto de simples compõe um objeto. Afinal de contas, os simples conjuntamente causam um epifenômeno e os demais simples ao seu redor não influenciam esse epifenômeno; ou seja, na estrutura básica da realidade, esse conjunto é destacado dos demais simples e, como um todo, causa algo. Para isso, esse conjunto de objetos é tomado como uma coisa, que tem todos esses simples, e não



outros, como partes. Logo, ao menos quando simples geram qualia, eles compõem um novo objeto. Se a composição nunca ocorresse, não é nada claro como simples poderiam causar a sensação de diferentes qualia para diferentes consciências.

### **Palavras-Chave**

Mereologia. Composição. Metafísica.



## GENERALIDADE ABSOLUTA

Daniel Durante  
[durante10@gmail.com](mailto:durante10@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação, pretendo examinar a forte ligação entre metafísica e lógica, enfatizando como ambas podem ser compreendidas como disciplinas que lidam com a estrutura mais geral da realidade. Se do lado da metafísica não há muita controvérsia sobre concebê-la nesses termos, o mesmo não se dá com a lógica. A ortodoxia contemporânea não adere a esta concepção universalista, tratando-a como uma disciplina ligada à linguagem e à racionalidade, não à realidade. Pretendo argumentar em favor da concepção universalista da lógica, mostrando que alguns dos principais sistemas, como a lógica clássica e a lógica intuicionista, respeitam determinados requisitos formais que garantem sua generalidade absoluta: esses sistemas não separam a realidade, tudo que eles afirmam de algum indivíduo vale também para todos os outros. Tal abordagem implica que as proibições e obrigações estabelecidas pelos teoremas lógicos devem ser vistas como aplicáveis a todos os entes, sem exceção, e se é assim, os teoremas lógicos estabelecem as características mais gerais da realidade, aquelas aplicáveis a absolutamente tudo. Argumento ainda que, apesar de amplamente válida, a generalidade absoluta não pode ser demonstrada para todos os sistemas, mas deve ser vista como um critério de logicalidade. Por fim, abordo sobre as consequências dessa aproximação tanto para a lógica, quanto para a metafísica.

### Palavras-Chave

Logica. Metafísica. Universalismo.



## LACUNAS DE VALOR DE VERDADE E OS LIMITES DO MINIMALISMO

Yuri De Lima Rodrigues  
[yurirodrigues329@gmail.com](mailto:yurirodrigues329@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, o tema dos limites do minimalismo será discutido. O minimalismo é uma concepção de verdade que defende basicamente duas teses: (1) o melhor dispositivo disponível para entender o conceito geral de verdade consiste nas instâncias do esquema de equivalência: a proposição de que P é verdadeira sss P, e (2) o conceito geral de verdade não pode ser definido explicitamente. A tese 1 implica que o conteúdo do conceito geral de verdade - aquele que considera todos os usos possíveis desse conceito - não informa nada além daquilo que se sabe a partir do uso comum ou corriqueiro desse conceito, antes mesmo da introdução de qualquer teoria. A tese 2 implica que não é possível fornecer condições necessárias e suficientes que sejam a um só tempo gerais e nos digam a respeito da verdade mais do que o que é captado pelas instâncias do esquema de equivalência. Para abordar o tema acima, o tópico das lacunas de valor de verdade (proposições sem valor de verdade) foi escolhido. Atribuições de verdade a essas proposições supostamente apresentam casos nos quais o conceito de verdade se comporta de uma forma que não pode ser compreendida por meio do esquema de equivalência. Em outras palavras, atribuições de verdade a lacunas de valor de verdade parecem casos de aplicação do conceito de verdade que estão fora do escopo de explicação coberto pelo minimalismo. Segundo Chateaubriand, essa limitação é “[...] o principal problema para a concepção minimalista da verdade [...]” (Chateaubriand, 2011, p. 443, tradução nossa). Serão apresentados (1) o problema acima (o problema de lacuna), (2) os argumentos de Horwich para não admitir lacunas de valor de verdade junto às críticas de Chateaubriand a Horwich e, por fim, (3) a minha resposta a Chateaubriand. Essa resposta consistirá na seguinte observação: (R) Os casos de lacuna de valor de verdade não contam como objetos aos quais o conceito de verdade possa se aplicar. Pelo contrário, a própria definição de lacuna de valor de verdade se faz pela negação dessa aplicação. A limitação que as lacunas impõem ao minimalismo não existe como uma demonstração de incapacidade explicativa e sim como uma forma de melhor delimitação dessa teoria e, por consequência, do fenômeno da verdade.

### Palavras-Chave

Metafísica. Verdade. Minimalismo. Lacunas.



## MODOS DE IMPOSSIBILIDADE

Pedro De Sá Torres Barbosa

[pstb@academico.ufpb.br](mailto:pstb@academico.ufpb.br)

### Resumo

A noção de impossibilidade teve pouco tratamento ao longo da história da filosofia, apesar de ter havido certos esforços para investigar o seu significado. Na maioria dos casos, objetos impossíveis (“aquilo que não pode ser o caso”) são considerados pouco mais que non-sense, ou, quando muito, tratados como desinteressantes, como um resíduo conceitual de estudos em lógica modal. Gostaríamos de argumentar que o conceito de impossibilidade nos apresenta com desafios filosóficos não-triviais, a começar pela sua categorização: uma breve análise poderá mostrar que não é um termo unívoco e isto, mesmo em tratamentos mais formais em lógica modal, pode acabar sendo esquecido ou abstraído. Queremos mostrar que, da mesma maneira que o verbo ‘ser’ admite ‘modos’ (justamente por causa disso), que o conceito de impossibilidade admite várias acepções. Sabemos, ainda que intuitivamente, que o ‘círculo-quadrado não constitui o mesmo modo de impossibilidade de uma afirmação como ‘Donald Trump é o atual presidente dos EUA’. Isto é diferente de discutir questões como contrafactuais (‘Donald Trump poderia ter sido reeleito’), e exige um tratamento específico. Nossa proposta é seguir alguns filósofos meinongianos do séc. XX e XXI que levaram a sério a ideia de Impossibilidade e legaram um framework com o qual pode-se trabalhar esse tema de maneira sistemática. A categorização que pretendemos apresentar se dá em diferentes níveis de ‘força’ e de ‘espécie’, por exemplo, se dizemos que é ‘impossível’ encontrar elefantes em uma determinada região do planeta, entendemos que ela tem uma ‘força’ distinta de dizer que é ‘impossível’ encontrar unicórnios. Entendemos também que é diferente falar em algo que é fisicamente impossível, de dizer que algo é logicamente impossível. As diferentes formas de impossibilidade que pretendemos distinguir e analisar correspondem, em maior ou menor medida, a diferentes modalidades, como o tempo, espaço e sistemas formais. Em nosso trabalho pretendemos analisar de que forma, no modelo meinongiano, a definição de impossibilidade pode ser aplicada e de que forma suas implicações podem ser resolvidas. O conceito de impossibilidade é um dos mais fascinantes e

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



desafiadores da filosofia. Ele levanta questões sobre a natureza da realidade, a possibilidade do conhecimento e os limites do pensamento humano. Acreditamos, nesse âmbito, que o meinongianismo pode contribuir nesse debate, e aqui, buscaremos mostrar como isso ocorre com o meinongianismo modal.

## Palavras-Chave

Impossibilidade. Meinongianismo. Metafísica Modal.



## NOVAS CONSIDERAÇÕES SOBRE COMPOSIÇÃO E EXISTÊNCIA

Rhamon De Oliveira Nunes  
[rhamon.oliveira@gmail.com](mailto:rhamon.oliveira@gmail.com)

### Resumo

O problema da composição mereológica diz respeito a determinar quando objetos compostos (i.e., objetos com partes próprias) passam a existir. No cerne do problema, portanto, encontra-se a noção de existência, de modo que um passo importante para qualquer tentativa de solucionar o problema da composição envolve também a elucidação do conceito de existência. O conceito de existência é um dos mais centrais na história da metafísica ocidental, tendo sido tratado de diversas maneiras ao longo dos séculos. A partir do século XX, na filosofia analítica, a análise quantificacional da noção de existência foi tomada como ortodoxa. Ela é base da ideia quiniiana de que ser é ser o valor de uma variável ligada e, portanto, existência é o que o quantificador existencial expressa. Esta ideia, contudo, surge mais propriamente em Frege, sendo posteriormente desenvolvida por Russell. Mais recentemente, algumas alternativas à ortodoxia surgiram, como o neo-meinongianismo (que entende a existência como um tipo de predicado) e o princípio eleata (segundo o qual apenas entidades com poderes causais existem), dentre outras. Nesta comunicação, pretendo apresentar algumas das principais teorias da existência presentes na filosofia analítica contemporânea a fim de determinar como quais são as suas consequências para o problema da composição mereológica.

### Palavras-Chave

Metafísica. Composição. Existência.



## O PROBLEMA DO LIVRE-ARBÍTRIO PARA DISPOSICIONALISTAS

Pedro Merlussi

[p.merlussi@gmail.com](mailto:p.merlussi@gmail.com)

### Resumo

O objetivo geral deste trabalho é explorar as consequências da visão disposicionalista das propriedades para o problema do livre-arbítrio. Primeiramente, o trabalho investiga como o disposicionalismo afeta a solidez do Argumento da Consequência (que argumenta pela incompatibilidade do livre-arbítrio e do determinismo). Argumenta-se que a resposta padrão, lewisiana, ao Argumento da Consequência não pode ser endossada pelos disposicionalistas sobre as leis, e que há uma formulação plausível desse argumento se o princípio fundamental do disposicionalismo for aceito. Em seguida, o trabalho investiga o que os disposicionalistas poderiam dizer em resposta ao Argumento da Sorte (que argumenta pela incompatibilidade do livre-arbítrio e do indeterminismo). Seria preocupante se esse argumento também fosse válido, pois então seria difícil ver como o livre-arbítrio é metafisicamente possível. O trabalho oferece uma resposta inovadora a esse argumento, construindo sobre a solução de Toby Handfield para uma antiga objeção ao essencialismo disposicional. Mais especificamente, o trabalho mostra que o Argumento da Sorte não é cogente se os disposicionalistas permitirem que as propriedades sejam instantaneamente instanciadas.

### Palavras-Chave

Livre-Arbítrio. Leis da Natureza. Contrafactuais.





## SOBRE A COMPLETUDE DOS OBJETOS FICCIONAIS

Italo Lins Lemos

[italo.lins@ufca.edu.br](mailto:italo.lins@ufca.edu.br)

### Resumo

Amie Thomasson (1999) sustenta que os objetos ficcionais são artefatos abstratos. Eles são artefatos porque são criados intencionalmente por seus/uas autores/as. Eles são abstratos porque carecem de poderes causais e não possuem localização espacial. Nesse sentido, os objetos ficcionais seriam metafisicamente semelhantes às entidades sociais, como os contratos e casamentos. No entanto, um dos desafios postos por Anthony Everett (2013) para o artefactualismo de Thomasson diz respeito à aparente incompletude dos objetos ficcionais. Um objeto  $x$  será incompleto se, para qualquer propriedade  $P$ , não for verdadeiro nem falso que  $x$  exemplifica  $P$ . Por exemplo, segundo Everett, não seria verdadeiro nem falso que o número total de fios de cabelo de Sherlock Holmes seja par (ou ímpar), pois as histórias ficcionais sobre Holmes nada estipulam acerca dessa característica específica do personagem (e o mesmo se aplica para as demais propriedades que não são estipuladas pelas histórias relevantes). Se os objetos ficcionais são incompletos, mas os objetos efetivos são completos, então como os objetos ficcionais poderiam ser efetivos? Contra Everett, sustentarei que os objetos ficcionais são completos. Como argumentei em outras oportunidades (2020, 2023), o adjetivo ‘ficcional’ pode ser usado de ao menos duas formas: intersectivamente e privativamente. O uso será intersectivo se, em uma frase nominal, pudermos inferir o substantivo e o adjetivo. Por exemplo, de “Sherlock Holmes é um personagem ficcional” podemos inferir que Holmes é um personagem e é ficcional. Por outro lado, o uso será privativo se, em uma frase nominal, pudermos inferir apenas o adjetivo. Por exemplo, da proposição metaficcional verdadeira “Sherlock Holmes é um detetive ficcional” não podemos inferir que Holmes seja um detetive, pois artefatos abstratos não têm poderes causais e, em função disso, não podem interagir com o mundo para solucionar um mistério. Isso faz, por sua vez, com que a proposição metaficcional “Sherlock Holmes é um detetive” seja falsa. Analogamente, de acordo com o artefactualista, o valor de verdade do proferimento metaficcional “Sherlock Holmes tem um número par (ou ímpar) de fios de cabelo” será falso, pois artefatos abstratos



não têm cabelo. Portanto, para qualquer proposição  $P$  estipulada por um proferimento metaficcional acerca de um objeto ficcional, ou é verdadeiro que  $x$  exemplifica  $P$  ou é verdadeiro que  $x$  não exemplifica  $P$  - o que evidencia a completude dos objetos ficcionais.

### **Palavras-Chave**

Metafísica da Ficção. Artefactualismo. Completude.



## TEORIAS METAFICCIONAIS REALISTAS

Samantha Toledo  
[samanthat@id.uff.br](mailto:samanthat@id.uff.br)

### Resumo

De acordo com Peter van Inwagen (1977; 1983), perguntar-se sobre que tipo de coisas autores escrevem quando escrevem suas ficções é despropositado porque, em um dado sentido, autores ficcionais não escrevem sobre nada ao escreverem sentenças como (meus exemplos) (1) ‘Cinderela está ao pé da lareira’ (Grimm; Grimm, 2010) e (2) ‘Maria Monforte está ao pé do berço’ (Queirós, 2017). Um resumo plausível é que (1) e (2) não descrevem nem referenciam Cinderela e Maria Monforte e, por isso, não expressam nenhuma proposição sobre elas. Em outras palavras, (1) e (2) tão-somente apresentam ou fazem de conta que asserem proposições — e não propriamente as asserem —, conforme contribuições de Alvin Plantinga (1974), Saul A. Kripke (2011) e J. O. Urmson (1976). Enquanto o terceiro propõe condições necessárias e suficientes da ficcionalidade de narrativas, o primeiro e o segundo desenvolvem teorias referencialistas sobre nomes próprios ficcionais (doravante ‘nomes’) a partir de sua rejeição do argumento descritivista. Em comum, os três defendem a tese do caráter não denotativo de nomes dentro de ficções, como ‘Cinderela’ em Cinderela e ‘Maria Monforte’ em Os Maias. De sua parte, van Inwagen (1977; 1983; 2014) constrói sua tese em favor do caráter denotativo de nomes fora de ficções, como ‘Cinderela’ em (3) ‘O encobrimento e o descobrimento da identidade de Cinderela é um motivo chave da obra homônima’ e ‘Maria Monforte’ em (4) ‘Maria Monforte é pouco aprofundada psicologicamente por seu autor, que jamais lhe dá voz em primeira pessoa’. Ele ignora sentenças na vizinhança de (5) ‘No conto famoso, Cinderela perde um pé de sapato’ e (6) ‘Maria Monforte se enfastia da velha Itália clássica no romance de Eça de Queirós’, em que a denotação de ‘Cinderela’ e a de ‘Maria Monforte’ são possíveis — ou não atuais — porque ‘no conto famoso’ e ‘no romance de Eça de Queirós’ deslocam a intensão (significado) de ‘Cinderela perde um pé de sapato’ e a de ‘Maria Monforte se enfastia da velha Itália clássica’ do mundo atual aos meramente possíveis. Em proveito da simplicidade, considerem-se ‘mundo (possível) atual’ a situação factual expressa pela negação de (5) e (6) e ‘mundo (meramente) possível’ a situação contrafactual

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



expressa por 'Se Cinderela e Os Maias fossem relatos verdadeiros de eventos, então uma jovem chamada Cinderela teria perdido um pé de sapato e outra chamada Maria Monforte teria se enfastiado da velha Itália clássica' .

## Palavras-Chave

Nomes Próprios Ficticionais. Semântica Ficcional.



## ZUMBI FILOSÓFICO, MONSTRO DO PÂNTANO E ONTOLOGIA SOCIAL

Valdenor Monteiro Brito Júnior

[valdenormb@hotmail.com](mailto:valdenormb@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é investigar em que medida os experimentos de pensamento relativos ao zumbi filosófico e ao monstro do pântano em filosofia da mente poderiam afetar conclusões afeitas à ontologia social. O argumento do zumbi filosófico nos convida a conceber seres fisicamente indistinguíveis de nós, mas sem nenhuma experiência qualitativa (qualia). Todas as suas reações físicas, químicas, funcionais e comportamentais seriam indistinguíveis das nossas em contextos nas quais teríamos associado a isso uma experiência qualitativa, mas ainda assim não a teriam. Essa experiência de pensamento criada por Robert Kirk foi grandemente articulada por David Chalmers. Já no argumento do monstro do pântano Donald Davidson nos convida a imaginar se ele mesmo tivesse sofrido um acidente de carro num pântano, cujo choque levasse à formação espontânea de arranjos moleculares que replicassem perfeitamente o corpo e o cérebro de Davidson. Neste caso, o monstro do pântano assim formado não teria história causal e, em razão disso, não poderia apresentar estados cognitivos e significados linguísticos como os de Davidson, mesmo que se comportasse exatamente como ele em consequência de ser uma réplica exata da estrutura físico-química de seu corpo e cérebro. Não apresentaria qualquer intencionalidade mental como aquela que caracteriza nossos estados mentais intencionais e atitudes proposicionais. Em ambos os casos são concebidos seres em tudo similares a seres humanos, da estrutura físico-química ao comportamento, mas que estão destituídos de um componente da mentalidade característica dos seres humanos: no caso do experimento de pensamento do zumbi, da experiência fenomênica; no caso do experimento de pensamento do homem do pântano, da intencionalidade cognitiva. Contudo, ainda não foi discutido na literatura como esses experimentos de pensamento repercutiriam nos modelos vigentes em ontologia social. Ao investigar a estrutura metafísica do mundo social, é comum na literatura especializada que se pressuponha a tese da dependência da mente, segundo a qual as entidades sociais dependem ontologicamente de estados mentais para existirem.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



Dessa forma, discutirei como os resultados de experimentos de pensamento concebendo seres em tudo idênticos a nós, inclusive em interação e comportamento social, mas destituídos de certo componente da mentalidade, têm o condão de afetar e questionar o papel teórico exercido pela mente na constituição ontológica do mundo social.

## Palavras-Chave:

Filosofia da Mente. Ontologia Social. Zumbi.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT MULHERES NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA



## A CONDIÇÃO HUMANA NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA: INTERPRETAÇÕES ARENDTIANAS

Flávio Maria Leite Pinheiro

[flavio\\_pinheiro@uvanet.br](mailto:flavio_pinheiro@uvanet.br)

### Resumo

Hannah Arendt, uma filósofa do século XX, continua a ser relevante na filosofia política contemporânea, especialmente na análise das implicações da tecnologia na sociedade moderna. Arendt destacou a importância da ação política, da esfera pública e da natalidade, conceitos que são essenciais para entender as transformações atuais. A ação, para Arendt, é a expressão da liberdade humana na esfera pública, onde a pluralidade e o diálogo promovem uma democracia autêntica. A natalidade refere-se à capacidade humana de iniciar algo novo, permitindo mudanças e renovação constante. O conceito de banalidade do mal, observado por Arendt no julgamento de Adolf Eichmann, revela como atos terríveis podem ser cometidos de forma rotineira e desprovida de reflexão ética, um alerta relevante na era digital, onde a invasão de privacidade e a desinformação podem se tornar normais. A tecnologia transformou a esfera pública, facilitando a comunicação e a participação política, mas também criando desafios como algoritmos de filtragem e bolhas de filtro que podem limitar a deliberação democrática genuína. A ação política contemporânea, mediada pela tecnologia, deve ser analisada criticamente para garantir que promova liberdade e criação coletiva. As ideias de Arendt oferecem uma lente crítica para compreender as dinâmicas entre tecnologia, política e sociedade, ajudando a enfrentar os desafios da era digital de forma ética e politicamente engajada. A sua ênfase na participação ativa e no discurso autêntico é fundamental para garantir uma esfera pública robusta e uma participação política genuína. Portanto, as reflexões arendtianas são valiosas para abordar de maneira ética e engajada os desafios impostos pela tecnologia na política contemporânea.

### Palavras-Chave

Hannah Arendt. Tecnologia. Interação.





## A CONTRIBUIÇÃO DA EMPATIA DE EDITH STEIN PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E EQUITATIVA

Wallace Lopes E Silva  
[wallacelopes@hotmail.com](mailto:wallacelopes@hotmail.com)

### Resumo

O trabalho propõe uma profunda análise sobre a contribuição da empatia de Edith Stein para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A empatia, entendida como a capacidade de compreender e sentir as experiências e perspectivas dos outros, emerge como um elemento crucial na promoção da solidariedade e da inclusão social. Edith Stein, figura proeminente da filosofia fenomenológica, oferece valiosos insights sobre a natureza e o potencial da empatia em suas obras. Seu pensamento destaca a importância da empatia como uma atitude ética fundamental, capaz de promover uma compreensão mais profunda da pessoa humana e das relações sociais. Por meio da empatia, somos capacitados a reconhecer as injustiças sociais, a enfrentar o preconceito e a discriminação, e a trabalhar pela igualdade de oportunidades para todos os membros da sociedade. A empatia de Stein não se limita ao âmbito individual, mas também se estende à esfera comunitária e institucional, inspirando práticas e políticas que promovam a compaixão, a tolerância e a inclusão. O trabalho busca explorar como as ideias de Stein podem orientar ações concretas e políticas transformadoras voltadas para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Ao final, a análise ressalta o poder e a responsabilidade que acompanham a empatia, enfatizando a necessidade de traduzir essa capacidade em ações concretas que abordem as raízes estruturais da desigualdade e da exclusão social. Por meio do compromisso coletivo com a promoção da empatia, podemos construir um mundo onde os direitos e as necessidades de todos sejam respeitados e atendidos, seguindo o legado de Edith Stein e seu compromisso com uma ética da compreensão e da solidariedade.

### Palavras-Chave

Empatia. Edith Stein. Justiça Social.



## A FELICIDADE DE UMA FEMME DU MONDE

Priscilla Tesch Spinelli

[ptspinelli@gmail.com](mailto:ptspinelli@gmail.com)

### Resumo

Qual é o sentido e o fundamento da advertência feita por Émilie du Châtelet no seu *Discours sur le bonheur*, segundo a qual ela não escreve para todos, mas apenas para les gens du monde? Como a condição em que essas pessoas se encontram é condição para a busca de bens que constituam a sua própria felicidade? Les gens du monde são pessoas em uma situação financeira favorável. A busca por bens que conduzirão à felicidade exigem um certo tipo e grau de liberdade e autonomia, o que permitirá, por exemplo, poder escolher o que, como e quando comer e, principalmente, fazer com que as paixões e os gostos sirvam a sua felicidade. A situação financeira de Du Châtelet e a sua concepção de felicidade demonstram a consciência da filósofa de como as suas próprias circunstâncias informam e apoiam suas reflexões sobre a felicidade. Os conselhos que ela pode dar estão profundamente enraizados nela mesma. Mesmo as concepções de liberdade e autonomia implícitas como necessárias à felicidade não são abstratas e independentes do contexto, mas concretas, localizadas, incorporadas. A sua própria experiência e a capacidade de refletir sobre ela são o ponto de partida do *Discours*, que, portanto, não se anuncia como universal e irrestrito, como fizeram outros textos do seu e de outros tempos. Defenderei que a filósofa está certa ao proceder assim.

### Palavras-Chave

Felicidade. Émilie du Châtelet. Mulheres.



## A FILOSOFIA DE DAMARIS CUDWORTH MASHAM: A PERSPECTIVA DE UMA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Andréa Maria Cordeiro  
[andrea.filosofa@gmail.com](mailto:andrea.filosofa@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho explora as profundas contribuições filosóficas de Damaris Cudworth Masham, uma figura proeminente no período do início da modernidade. As ideias filosóficas de Masham, frequentemente ofuscadas por sua associação com John Locke, oferecem uma perspectiva única sobre questões-chave como identidade pessoal, livre arbítrio e filosofia moral. Ao mergulhar nas escritas de Masham, especialmente sua correspondência com Locke e outros intelectuais de sua época, este trabalho visa lançar luz sobre suas visões distintas e sua relevância para os debates filosóficos contemporâneos. Através de uma análise crítica das obras de Masham, este trabalho busca destacar suas percepções originais e as formas como desafiam pressupostos filosóficos convencionais. Em última análise, esta exploração da filosofia de Damaris Cudworth Masham tem como objetivo aprofundar nossa compreensão da paisagem intelectual do período do início da modernidade e destacar a significância duradoura de suas ideias na história da filosofia.

### Palavras-Chave

Lady Masham. Identidade Pessoal. Filosofia Moral.



## A FILOSOFIA DE MARY BAKER EDDY: CIÊNCIA, RELIGIÃO E CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA FEMININA NO SÉCULO XIX

Raquel Tibery Espir  
[raqueltibery@gmail.com](mailto:raqueltibery@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação resulta da pesquisa realizada para dissertação de mestrado defendida ao final de 2023 na Universidade Federal de Uberlândia e apresenta a vida e obra de Mary Baker Eddy, uma pensadora da segunda metade do século XIX, que fundou a Faculdade de Metafísica de Massachusetts, na região da Nova Inglaterra, Estados Unidos. O objetivo é realizar um resgate filosófico de Eddy à Academia Brasileira, destacando sua relevância e as contribuições que ela oferece ao campo filosófico. Mary Baker Eddy é uma dessas mulheres cujas obras não constam no cânone acadêmico e não são amplamente debatidas nas universidades ou nas salas de aula de História da Filosofia. Entretanto, sua obra é densa e transita entre diferentes áreas de estudo, especialmente a filosofia e a teologia. Ela apresentou um conceito inovador e polêmico para uma sociedade fundamentada em valores protestantes e na moral vitoriana: a maternidade do Deus da Bíblia. Eddy desenvolveu seu próprio conceito de metafísica e criou, a partir dele, um sistema de cura pelo pensamento fundamentado nos escritos bíblicos. Sua obra atraiu milhares de seguidores e fez dela uma das mulheres mais influentes e notórias de sua época. Mary Baker Eddy foi duramente criticada pela sociedade machista de seu tempo, mas ainda assim, se tornou autora de uma vasta obra, incluindo publicações, livros, cartas e textos. Uma biblioteca em Boston, nos Estados Unidos, é dedicada especialmente a ela, evidenciando a importância e o impacto duradouro de seu trabalho. Eddy também criou definições de conceitos fundamentais como Mente, Princípio, Vida, Verdade, Substância, Espírito, Alma, Amor, entre outros, contribuindo de forma significativa para a filosofia. Este estudo adota uma abordagem de atravessamento micropolítico e uma atitude cartográfica, explorando o devir-mulher da filósofa. O trabalho transita pelos principais aspectos da trajetória de Eddy e de seus apontamentos filosóficos, destacando como suas ideias se interseccionam com as teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, além de incorporar leituras de gênero. O objetivo final é reconhecer e

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



valorizar a relevância de Mary Baker Eddy no campo filosófico, promovendo uma discussão mais ampla sobre a inclusão e reconhecimento das contribuições de mulheres na filosofia, e oferecendo um olhar aprofundado sobre sua obra, a partir de suas definições e seu impacto na sociedade de sua época.

## Palavras-Chave

Filósofas. Devir-Mulher. Metafísica.



## A FILOSOFIA DE MARY WOLLSTONECRAFT

Alessandra Carvalho Abrahão Sallum  
[alessandrapsicologa@gmail.com](mailto:alessandrapsicologa@gmail.com)

### Resumo

O presente estudo se propõe a investigar a contribuição de Mary Wollstonecraft à Filosofia, elucidando como suas cogitações avant-garde se inscrevem e perseveram no seio dos feminismos hodiernos. Esta indagação acadêmica se ancora na questão central de como as teorizações pioneiras de Wollstonecraft a respeito da equidade de gênero, a instrução feminina e os direitos civis inalienáveis têm cimentado os alicerces dos feminismos contemporâneos e continuam a influenciar, de maneira indelével, os discursos atuais sobre questões de gênero. A justificativa para tal estudo reside na necessidade de desvelar e compreender as raízes históricas da filosofia feita por e para mulheres, e demais minorias, a fim de reconhecer a trajetória evolutiva dos direitos femininos e os desafios que ainda se fazem presentes, oferecendo, assim, um arcabouço teórico robusto para fomentar a garantia de direitos e possibilidades de cidadania, dentro de sociedades ocidentais marcadas por influências do pensamento eurocentrado e cis heteronormativo. Empregando uma metodologia qualitativa, este estudo se debruça sobre a análise de conteúdo das obras de Wollstonecraft, complementada por uma revisão bibliográfica de estudos secundários que discorrem sobre seu legado filosófico e sua influência perene no pensamento feminista. Adicionalmente, procede-se à comparação entre suas ideias e as manifestações no feminismo latino-americano nascente, representado pela figura de Nísia Floresta, mediante a análise de textos e documentos históricos. As conclusões extraídas deste estudo revelam que Wollstonecraft, com sua crítica incisiva à subordinação feminina e sua defesa eloquente da educação e dos direitos civis como veículos de emancipação, erigiu os pilares fundamentais para inúmeras batalhas feministas subsequentes. Apesar dos avanços tangíveis alcançados na esfera da equidade de gênero desde o século XVIII, seus postulados permanecem surpreendentemente pertinentes, evidenciando uma necessidade premente e contínua de estudo e ação para superar os desafios contemporâneos que ainda se interpõem quando se pensa em questões ligadas à cidadania e gênero.

### Palavras-Chave

Mulheres na filosofia. Wollstonecraft. Feminismo.



## A INFLUÊNCIA OFUSCADA DE AGNES TAUBERT E OLGA PLÜMACHER NO PESSIMISMUSSTREIT

Natalia Mendes

[natalia.nmt@gmail.com](mailto:natalia.nmt@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho trata de uma parte esquecida da história intelectual oitocentista: a que diz respeito à participação das filósofas no debate público e filosófico do pessimismusstreit. Este foi o principal, o mais polêmico e o mais acalorado debate filosófico da Alemanha de 1860 até a primeira guerra. As filósofas Agnes Taubert (1844-1877) e Olga Plümacher (1839-1895) tiveram ampla participação e envolvimento nessa controvérsia. As suas obras alcançaram sucesso de público e amplo prestígio ainda em vida. Não obstante, o papel delas foi completamente ofuscado das histórias-padrão da filosofia. Elas foram completamente eclipsadas da historiografia do período ante à imponência histórica das figuras de Arthur Schopenhauer (1788-1860), Eduard von Hartmann (1842-1906) e, especialmente, Friedrich Nietzsche (1844-1900). Essas duas filósofas organizaram e direcionaram o debate e uma parte importante das críticas ao pessimismo foi direcionada às suas obras. Os seus críticos pensavam, contudo, que estavam dirigindo suas diatribes a homens e não a mulheres. Olga Plümacher e Agnes Taubert ocultam seus gêneros assinando apenas com a inicial do primeiro nome e o sobrenome. Eu pretendo apresentar as evidências textuais e históricas do papel fundamental desempenhado por elas nesta querela e argumentar que elas apresentaram contribuições próprias a partir de Hartmann e Schopenhauer. Olga Plümacher, especialmente, influenciou o trabalho de Nietzsche. Ele detinha uma cópia de seu *Der Pessimismus in Vergangenheit und Gegenwart* de 1883 e, embora nunca a tenha mencionado, é possível encontrar evidências textuais da repetição da sua fraseologia em diversas passagens da *Genealogia da Moral* e da *Gaia Ciência* (Janaway, 2021). Quando as universidades começaram a aceitar gradualmente mulheres, mais filósofas se envolveram na segunda fase da disputa do pessimismo. Helene von Druskowitz (1856-1918), Susanna Rubinstein (1847-1914) e Amalie J. Hathaway (1839-1881) estão na lista das primeiras mulheres a adquirirem doutorado em filosofia nos seus respectivos países (Áustria, Suíça e Estados Unidos) e se

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



envolveram arduamente na recepção da controvérsia alemã. Os estudos sobre essas filósofas são, contudo, escassos, quase nulos e os poucos esforços são problemáticos e insuficientes. O resgate das suas contribuições iluminará, além dos fundamentos filosóficos dessa querela, as razões do processo de apagamento historiográfico das filósofas do século XIX (Ebbersmeyer, 2019; O'Neill, 1998).

## Palavras-Chave

Filósofas. Século XIX. Historiografia. Pessimismo.





## A MULHER COMO ALEGORIA DE UMA HISTÓRIA INVISIBILIZADA

Bárbara Kathleen Nascimento Canto

[barbara.canto1469@professor.educ.al.gov.br](mailto:barbara.canto1469@professor.educ.al.gov.br)

### Resumo

A alegoria por muito tempo foi subestimada, os grandes nomes do romantismo alemão (dentre outros pensadores de outras épocas) esforçaram-se no sentido de depreciá-la como forma estética, felizmente no último século tivemos um resgate deste recurso estilístico e estético. Aqui trataremos a alegoria tal qual Walter Benjamin a pensou, como uma múltipla forma de significação, como um mosaico de possibilidades de interpretações que à primeira vista não se percebe, mas que ao passar um tempo observando, revela-se toda a potência contida na imagem, no texto, etc. Daí nossa intenção de resgatar o papel da mulher ao longo dos séculos como produtora de conhecimentos, científicos, políticos, acadêmicos, das mais variadas formas de arte, mas, que por conta do machismo estrutural que permeia as sociedades de maneira geral, não puderam ter seus nomes ligados aos conteúdos que produziram, ficando à margem dos grandes feitos históricos, invisibilizadas. As camadas de significações encontradas nas alegorias traduzem-se de maneira semelhante ao que aconteceu às mulheres, nossas contribuições existiram, elas apenas foram apagadas, usurpadas, subestimadas, mas estão lá. Portanto se faz necessário apurar a visão, os ouvidos, o tato e encontrar os ecos de toda a produção feminina na história, como forma de reparação histórica, inclusive. Para isso, teremos a companhia de mulheres extraordinárias que nos ajudarão a entender esse processo de exclusão, começando por Flora Tristan, que nos aponta para as consequências de postulados excludentes e em última análise epistemicidas, “não conheço nada de mais poderoso como a lógica forçada, inevitável que decorre de um princípio posto ou da hipótese que o representa”. Do que se segue: “A inferioridade da mulher uma vez proclamada e posta como um princípio: vejam que consequências desastrosas resultam para o bem-estar universal de todos e todas na humanidade.” Passando por Audre Lorde: “Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”. Nesse sentido, o ideal de feminismo que buscamos se baseia na necessidade de libertar todas as mulheres em suas mais variadas representações,



das diversas formas de opressão a que estão submetidas, sejam elas, econômica, social, política, etc. nosso feminismo é portanto, e não poderia deixar de ser, antirracista e sobretudo, anticapitalista.

### **Palavras-Chave**

Alegoria. História. Feminismo.



## A NATUREZA FEMININA EM HILDEGARDA DE BINGEN: A DEFESA DE EVA

Camila Ezídio

[camilaezidio@hotmail.com](mailto:camilaezidio@hotmail.com)

### Resumo

Apesar das concepções de natureza ditas como universais, nas entrelinhas da história da filosofia instituiu-se uma hierarquia de poder político, moral e epistemológico entre a natureza masculina e feminina. O paradigma que divide o mundo — molda as relações e legitima a inferiorização da mulher — está presente nas discussões da filosofia medieval por meio do tema da criação e do pecado original. A literatura dos Padres da Igreja, como Jerônimo, Ambrósio e Agostinho, se esforçava por compreender se a mulher assim como o homem foi criada a imagem e semelhança de Deus, isto é, se ambos compartilhavam de uma mesma natureza racional. Apesar de algumas nuances, quase a totalidade das respostas advindas da interpretação do texto sagrado apontam para uma mesma conclusão: a inferioridade da natureza feminina determinada já na criação e a sua conseqüente culpa pelo pecado original. Revestido de considerações da filosofia antiga e das distintas versões do texto do Gênesis, esse cenário teórico define não só a relação da mulher com o Criador, mas o seu papel no episódio da queda e não só neste: a natureza inferior de Eva e de todas as suas filhas é a fonte do pecado que marcou toda a humanidade, portanto, seu fardo é eterno. Considerando a problemática, esta comunicação tem como objetivo apresentar a concepção de natureza feminina, construída a partir do evento da criação e da queda, em Hildegarda de Bingen. Combinando conhecimentos de caráter visionário e naturalista e retomando algumas ideias agostinianas, Hildegarda nos mostra, em textos como o *Scivias* e o *Causae et Curae*, uma argumentação que nos leva ao entendimento de uma natureza feminina não completamente subalterna a natureza masculina, mas complementar a mesma e cuja culpa do pecado é atenuada. Em suma, pretendemos mostrar que, apesar de não haver um completo abandono da tradição patrística quanto ao tratamento do tema, o pensamento de Hildegarda pode ser interpretado sob a luz da construção de um conjunto de argumentos em defesa da natureza feminina na história da filosofia cuja personagem central, para Hildegarda, é Eva.

### Palavras-Chave

Natureza. Mulher. Criação.



## A SOLUÇÃO DE MADAME DU CHÂTELET AO PARADOXO DE AQUILES

Taís Alves Dias De Azevedo  
[tais.conectando@gmail.com](mailto:tais.conectando@gmail.com)

### Resumo

O Paradoxo de Aquiles provavelmente é o mais famoso dos paradoxos propostos por Zenão de Eleia. Segundo ele, se Aquiles disputasse uma corrida com uma tartaruga, dando-lhe uma vantagem de distância, ele nunca a ultrapassaria. O cerne do paradoxo é que Aquiles deve passar por uma quantidade infinita de pontos antes de alcançar a tartaruga. Quer seja esse um argumento contra a possibilidade do movimento, quer seja contra a infinita divisibilidade do espaço, ele foi debatido ao longo dos últimos 2500 anos e inúmeras tentativas de resolvê-lo foram apresentadas. Duas dessas tentativas são de nosso interesse neste trabalho. Os filósofos J.O. Wisdom e Paul Weiss, por volta de 1940 e de maneira independente, propuseram uma forma de solucionar o paradoxo fazendo a distinção entre ponto matemático e ponto físico: este último tem magnitude não-nula e aquele tem magnitude nula. Se for admitido que existe um tamanho positivo mínimo para que algo seja a magnitude de um ponto físico então pode-se mostrar que o paradoxo fica resolvido. Por certo, ambos os autores assumem que, do ponto de vista matemático, a solução é dada pela Análise Real. Madame du Châtelet, no § 171 de seu livro *Institutions Physique*, trata do Paradoxo de Aquiles. Do ponto de vista matemático, ela afirma que Gregório de São Vicente, servindo-se de progressões geométricas infinitas, foi o primeiro a demonstrar sua falsidade, calculando o ponto exato no qual Aquiles alcança a tartaruga. Além disso, 200 anos antes e de maneira semelhante a Wisdom e Weiss, Du Châtelet também alertava para a discrepância que há entre o que é da ordem da Matemática e o que é da ordem da Física. No referido livro, que é um tratado de Filosofia Natural, ela defende que o paradoxo é resultado da confusão entre as propriedades da extensão matemática e as propriedades da extensão física. Du Châtelet enfatiza que há somente sólidos na Natureza, mas tendo nosso espírito o poder de fazer abstrações, nós podemos considerar o ponto, as linhas e os elementos sobre os quais a Geometria é fundada. Entretanto, pontos só existem na extensão matemática e a infinita divisibilidade, que é válida na extensão matemática, não é válida na extensão física, pois suas divisões têm limites positivos e reais. Apresentaremos sucintamente a solução matemática de Gregório de São Vicente e examinaremos a solução de Du Châtelet ao paradoxo.

### Palavras-Chave

Madame du Châtelet. Paradoxo de Aquiles. Extensão.



## ASPÁSIA E OS SOCRÁTICOS

Inara Zanuzzi

[inarazanuzzi@gmail.com](mailto:inarazanuzzi@gmail.com)

### Resumo

Aspásia foi uma personalidade de renome na cena política ateniense. Nós a conhecemos ainda hoje sobretudo pela sua relação com Péricles, o proeminente general e político no período áureo de Atenas, já que isso a tornou uma personagem recorrente da Antiga Comédia. De outro lado, nós também a conhecemos pela sua participação em diálogos socráticos, associada, portanto, à figura de Sócrates. Com efeito, ela é mencionada em duas passagens de Xenofonte, é a figura central de um diálogo de Ésquines de Esfeto, que leva o seu nome, é dita ser a autora do discurso narrado por Sócrates no Menexeno, de Platão, e em que consiste praticamente todo o diálogo. Podemos acrescentar ainda que Diógenes Laércio atribui a Antístenes uma obra intitulada Aspásia, embora não saibamos se Aspásia é referida aí por sua relação com Sócrates ou com Péricles. É notável, portanto, sua importância nos círculos socráticos. O propósito desta comunicação é lançar luz sobre a contribuição filosófica de Aspásia, particularmente pela sua presença no diálogo de Ésquines. Já Barbara Ehlers, na sua reconstrução deste diálogo, propõe que a figura de Aspásia é essencial para a tese central segundo a qual o amor (eros) possui poder pedagógico no desenvolvimento da virtude pública e privada. Pretendemos aprofundar a hipótese de Ehlers, salientando o papel positivo que desempenha o ciúme na conversa de Aspásia com Xenofonte e sua mulher, retratada no diálogo de Ésquines e transmitida por Cícero. A seguir, iremos questionar as leituras que interpretam o papel atribuído à Aspásia como uma ironia socrática. Na medida em que essas leituras veem com incredulidade o retrato de Aspásia como sábia e instrutora de virtude (para homens e mulheres), elas tendem a diminuir a relevância filosófica da escolha de uma mulher para esta posição. Como conclusão, queremos poder avaliar o papel de Aspásia na história da filosofia socrática.

### Palavras-Chave

Aspásia. Eros. Sócrates.



## AURORA

Naiana Dos Anjos Lustosa  
[naianjoslustosa@gmail.com](mailto:naianjoslustosa@gmail.com)

### Resumo

Devemos, nesse momento, nos preparar para entender como a dimensão subjetiva da escrita que se diz “autobiográfica” serviu para a filósofa María Zambrano como forma de caminho para o encontro do centro de sua filosofia, principalmente no que diz respeito aos seus diários, “delírios”, cartas e poemas, elementos de sua literatura vasta, porém fragmentária. A partir de um movimento de escuta do chamado que a fez participar de forma livre e ativa na construção do pensamento de sua época - nunca esquecendo como essa escuta faz parte de um contexto histórico de diálogo - Zambrano coloca a questão dessa escuta a partir da elaboração da “voz” ou da multiplicidade de vozes: a polifonia que elabora o “ser” que é humano. A escuta dessas vozes daria rumo ao conceito de vocação apresentado pela autora, que teria o significado de “chamado polissêmico”. Essa escuta faria parte da atenção cuidadosa para com os saberes da vida e da experiência, em meio às relações com o outro e com o seu tempo, porém, se concretizando “fora do tempo linear”, através do sonho, do delírio, da literatura e das artes em geral, formas diversas de aproximação do real apontadas pela autora, formas que não se acossam pelo jugo de uma consciência dominadora. Escutar o vocálico, escutar o que nos chega como música: o metafórico, o poético, o lúdico, fazendo-nos lembrar relações já esquecidas e criando, assim, novas forma de ver e ouvir, através de uma filosofia considerada menor ou “inferior” por não se estabelecer por tratados e sim pelo fragmentário; assim teremos nesse ensaio o desenvolvimento desse caminho do começo, do alvorecer, fazendo uso da literatura da autora e suas possíveis relações com outros textos pertinentes, pois acreditamos na importância dessas relações não convencionais com a filosofia. Os textos usados para o desenvolvimento desse ensaio são especialmente: *La Confesión: Género literário y método* (1955) e *O sonho criador* (2005) de Zambrano, nos quais a autora nos apresenta a possibilidade da vida com o que constitui o seu fluxo, traçando um caminho para a recuperação do humano. Faremos relações entre esses textos da filósofa e os fragmentos encontrados em suas obras “menores”, tais como as cartas, poemas, diários



e “delírios”, traçando relações entre a autora e a literatura a partir da análise do texto de Ítalo Calvino: “O rei à escuta” (1995), assim como as relações elaboradas por Adriana Cavarero em “Vozes plurais” (2011).

### **Palavras-Chave**

Escrita. María Zambrano. Vocação.



## CHRISTINE DE PIZAN E DAME PHILOSOPHIE: ENTRE CONSOLAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CRÍTICA

Ana Rieger Schmidt  
[ana.rieger@gmail.com](mailto:ana.rieger@gmail.com)

### Resumo

Nosso objetivo nesta comunicação é duplo. Inicialmente, pretendemos revelar o significado e a importância que Christine Pizan atribui à filosofia na sua obra *L'Advision Christine* (1405). Para tanto, demonstraremos como Pizan emprega textos medievais de autoridade para extrair componentes de sua compreensão sobre a disciplina. Em segundo lugar, ilustraremos como tal compreensão da Filosofia serve como um aspecto central do pensamento de Pizan, particularmente na sua crítica à misoginia nos círculos clericais. Existem dois caminhos filosóficos distintos em *L'Advision Christine*, que Pizan coloca sob a responsabilidade de duas personificações distintas: Dama opinião e Dama Filosofia. Enquanto o primeiro afirma que a felicidade é o resultado de uma vida guiada pela razão, o último demonstra que a investigação filosófica começa com a ignorância e acarreta o risco de erro enquanto luta pela certeza. Exploraremos os dois registros e sus fontes filosóficas, a saber: Boécio e Aristóteles (via Tomás de Aquino).

### Palavras-Chave

Christine de Pizam. Boécio. Aristóteles. História.





## DESAFIOS DO FEMINISMO HOJE: NANCY FRASER INTERPRETANDO TRANSIÇÕES HISTÓRICAS

Niege Pavani

[pavani.niege@gmail.com](mailto:pavani.niege@gmail.com)

### Resumo

A atual fase do capitalismo expõe, segundo Fraser [Fraser e Jaeggi (2020); Fraser (2023)], uma crise de fundo sistêmico e geral de seu funcionamento. Há hoje fissuras e instabilidades não somente na sua dimensão econômica, mas também política, ecológica e reprodutiva - nos métodos regulatórios da produção e acumulação primitiva; na relação da economia e da sociedade com a natureza; nos dispositivos culturais quando pensamos na face reprodutiva da vida, sobretudo no interior da dinâmica social das famílias e a partir dos papéis historicamente constituídos pelo gênero. Considerando os ciclos curtos de estabilidade democrática que temos assistido na última década, cabe recolocar a pergunta feita por Fraser em seus textos da década de 1980 [Fraser (1987); Fraser (1989)]: quais os desafios do feminismo hoje? Quais pautas e agenda colocam movimentos sociais, como o feminista, para tensionar saídas democráticas diante das múltiplas crises do capitalismo e da própria democracia? Para isso, farei uma leitura comparada dos textos dos anos 1980 com os mais atuais de 2020, a fim de localizar identidades analíticas nas formulações de ambos os períodos, entendendo que cada qual expressa um elo com interregnos históricos: a derrota da experiência soviética; o declínio da democracia neoliberal progressista. A sugestão é de que nos texto de 1980, há uma disposição para identificar os corredores de oportunidade permeados de potencial emancipatório naquele período, apesar das crises que atravessavam o capitalismo tardio. Tal potencial residiria numa ampla disputa política das interpretações sociais sobre as prioridades que representam interesses da maioria que constitui grupos historicamente minorizados. Minúcias conjunturais à parte, ao pensar nas saídas para a crise hoje vivida, Fraser segue apontando para a necessidade de disputas contra-hegemônicas, enfrentando duplamente as dimensões de base econômica com as subjetiváveis. Sendo assim, ladearemos as referidas análises da filósofa a fim de detalhar ou descartar a existência de um método que constituiria no acumulado histórico de seus textos, o corpo analítico

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



do pensamento Fraseriano para escrutinar o capitalismo e suas crises, acompanhada de uma inclinação crítica que aponta sempre estratégias de orientação socialista e suas conexões imprescindíveis com a luta social e, em particular, o feminismo.

## Palavras-Chave

Feminismo. Teoria Crítica. Nancy Fraser.



## EM DEFESA DA PLURALIDADE OU DA DIVERSIDADE HUMANA: APROXIMAÇÕES ENTRE HANNAH ARENDT E SUELI CARNEIRO

Nádia Junqueira Ribeiro  
[njunqueiraribeiro@gmail.com](mailto:njunqueiraribeiro@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação apresenta uma das ideias da minha proposta de projeto de pós-doutorado que pretende aproximar as reflexões e críticas de Hannah Arendt e Sueli Carneiro sobre o ideal de humanidade, que nasce no bojo das contradições do Iluminismo. As perspectivas marginais das autoras (a primeira, judia alemã refugiada; a segunda, mulher negra brasileira) parecem confluir numa crítica a uma certa abstração e essencialização na base dos direitos humanos, segundo Arendt, ou na construção do “ser”, de acordo com Carneiro. De um lado, esta abstração parece apagar as particularidades dos seres humanos, resultando numa suplantação da pluralidade ou da diversidade humana. Ao mesmo tempo, a essencialização indica um aprisionamento do ser humano a essas particularidades, como se relacionassem antes a uma natureza, da qual não se pode escapar, do que a uma condição, que apesar de condicionar, não é determinante. A minha hipótese é que ambas as autoras parecem apontar para a necessidade de se afirmar a pluralidade ou a diversidade humana como uma forma de se alcançar um ideal mais alargado de humanidade sem que as singularidades ou particularidades impliquem em essencialização ou aprisionamento. Para isso, ambas as pensadoras apontam para a necessidade de participação política e criticam o caminho do assimilacionismo orientado por saídas individuais. Apesar de Carneiro ter mobilizado o conceito de Arendt sobre raça em “Origens do Totalitarismo” (1951) para sustentar a sua crítica em “Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser” (2023), a minha proposta é propor um diálogo a partir de outro momento desta obra de Arendt, quando a autora alemã empreende uma crítica aos direitos humanos fundados em abstração e essencialismo. Para aprofundar essa reflexão e aproximar à crítica de Carneiro, recupero o pensamento de Arendt em textos escritos na década de 1930: “Iluminismo e a Questão Judaica” “Antissemitismo”, presentes em Escritos Judaicos.

### Palavras-Chave

Pluralidade. Sueli Carneiro. Hannah Arendt.



## ÉMILIE DU CHÂTELET: UMA CERTA EDUCAÇÃO PARA UMA CERTA FELICIDADE

Carlota Ibertis

[carlota.ibertis@gmail.com](mailto:carlota.ibertis@gmail.com)

### Resumo

Entre os escritos do século XVIII sobre a felicidade, o texto de Émilie du Châtelet destaca-se pelo teor experiencial e a perspectiva feminina com os que considera os diferentes aspetos de uma vida feliz. Para a autora, a educação é condição de possibilidade de tal estado. No entanto, a que tipo de educação ela se refere? Certamente não à educação tradicional que a sociedade daquela época entendia como adequada para as mulheres. Com o objetivo de examinar a relação entre educação e felicidade segundo du Châtelet, consideraremos especialmente dois dos seus textos: o Prefácio à sua própria tradução de *A Fábula das Abelhas* de Mandeville e o Discurso sobre a felicidade. Do primeiro, interessam as observações concernentes a uma educação alternativa à da sua época. Do segundo, a sua maneira pessoal de conceber uma vida feliz. Com base no anterior, no presente trabalho buscamos evidenciar que a mencionada relação entre educação e felicidade resulta de uma determinada combinação, por uma parte, do epicurismo com elementos dos, assim chamados por René Pintard, libertinos eruditos do século XVII e, por outra, do empirismo sensualista inspirado em Locke. Autores como Boureau-Deslandes, Fontenelle e Voltaire virão em nosso auxílio para melhor explicitarmos a especificidade da concepção de Émilie du Châtelet.

### Palavras-Chave

Iluminismo. Sensações. Prazer.



## EMOÇÕES EPISTÊMICAS EM ANNE CONWAY

Nastassja Pugliese

[nastassjapugliese@gmail.com](mailto:nastassjapugliese@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho irei reconstruir a epistemologia de Anne Conway procurando mostrar como as emoções possuem um papel central no processo de conhecimento. Para tanto utilizarei a obra *Princípios de Filosofia* mas também a carta escrita para Henry More em 4 de fevereiro de 1675 onde Conway argumenta pela importância da distinção entre melancolia, entusiasmo e inspiração verdadeira. Pois, se por um lado o sofrimento, como ela argumenta, é uma força corporal que conduz a mente à reflexão, por outro, o excesso de sofrimento e mesmo a sua ausência confundem a percepção interferindo na ordem do pensamento. A proposta deste artigo é investigar que justa medida é essa, quais os problemas que decorrem desta priorização do sofrimento, analisando as diferentes emoções epistêmicas por ela propostas. Como objetivo mais geral, procurarei retomar os debates metafísico-epistemológicos no interior do Platonismo de Cambridge para mostrar, assim como argumenta Popkin, que este círculo intelectual constitui uma terceira corrente epistemológica no começo da modernidade, marcada historicamente pela oposição racionalismo-empirismo. Finalmente, procurarei localizar a obra de Conway na história da filosofia e defender sua inserção nos planos de ensino e no currículo.

### Palavras-Chave

Anne Conway. Epistemologia. Emoções.



## ESCRITA E ARGUMENTAÇÃO NOS TRATADOS PROTOFEMINISTAS DE FRANÇOIS POULAIN DE LA BARRE

Carmel Da Silva Ramos  
[ramoscarmel@gmail.com](mailto:ramoscarmel@gmail.com)

### Resumo

Na última metade dos seiscentos, o filósofo e teólogo francês François Poulain de la Barre (1647–1723) publica, em sequência, três tratados que podem ser designados como protofeministas: *Da igualdade dos dois sexos* (1673), *Da educação das damas* (1674) e *Da excelência dos homens* (1675). Neles, procura, em linhas gerais, lançar mão de um arcabouço conceitual cartesiano para pensar a confecção e reprodução do preconceito misógino na sociedade. Além do caráter de denúncia, os textos pretendem defender a igualdade de gênero e a possibilidade de educação formal das mulheres, uma vez que, em suas palavras, “o espírito não tem sexo”. O abandono do viés de gênero é, para ele, uma exigência da própria ciência rigorosa que se pretende livre de preconceitos das mais variadas orientações, sendo aquele que diz respeito à racionalidade e condição das mulheres na sociedade o mais antigo e universal de todos eles. Já foi suficientemente sublinhado pela literatura especializada em torno da obra de Poulain seus comprometimentos teóricos e argumentativos com o pensamento de Descartes, tal como o fizeram Siep Stuurman, Marie-Frédérique Pellegrin e Lisa Shapiro. O objetivo da apresentação, assim, é discutir os possíveis artifícios de escrita e argumentação que poderiam aproximar Poulain da literatura a ele contemporânea. Serão tematizados, nesse sentido, o uso da forma dialógica, materializada na prática da *entretien* em *Da educação das damas*, bem como a introdução de determinados elementos textuais da ordem da ironia e do escárnio em algumas passagens dos dois demais tratados supramencionados. Nossa hipótese é a de que, diferentemente das estratégias argumentativas da também filósofa seiscentista e protofeminista Marie de Gournay (1565–1645), que utiliza, em seu *Igualdade entre homens e mulheres* (1622), o argumento de autoridade numa versão modificada e subversiva, Poulain procura repensar a lógica da autoridade elaborando uma posição de riso diante dela. As escolhas expositivas do autor, por fim, nos encaminharão a uma reflexão sobre o conceito de autoridade tanto no interior da *querelle des femmes* tal como se estruturou no século XVII francês quanto em direção a uma postura crítica das articulações de gênero de modo geral.

### Palavras-Chave

Protofeminismos. *Querelle des Femmes*. Argumentação.



## FÍSICA E METAFÍSICA EM CHRISTINE DE PIZAN

Evaniel Brás Dos Santos

[evanielbras@gmail.com](mailto:evanielbras@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste estudo é investigar a erudição da filósofa escolástica Christine de Pizan (1364-1430), notadamente no âmbito da filosofia teórica, física, matemática e metafísica. Mais precisamente, buscarei evidenciar que “O Livro da Visão de Christine”, II, c. 12 se constitui como uma tradução e adaptação do “Comentário à Metafísica de Aristóteles”, I, l. 12, n. 188 de Tomás de Aquino (1224-1274). A discussão de Christine no capítulo referido transita entre reflexões da física e reflexões da metafísica, aliás, a autora assim procede porque conscientemente adota o modo de filosofar de Aristóteles e Tomás. No primeiro domínio, na reflexão física, a filósofa investiga a ordem da natureza presente na relação entre os quatro elementos sublunares entendidos como corpos simples, ou seja, corpos que não possuem outros corpos como constituintes, quais sejam: terra, água, ar e fogo. No segundo domínio, por sua vez, Christine investiga a ordem metafísica, especialmente pela articulação entre as noções de potencialidade, primeiro princípio, perfeição, simplicidade e “ens” (ente), este último termo, ademais, mantido em latim pela autora no intuito de resguardar seu conteúdo metafísico: “nenhuma coisa é reduzida da imperfeição à perfeição ou da potência (puissance) ao feito (fait) senão por algum ente (ens) existindo (estant) de modo perfeito (de fait parfaite), isto é, por alguma coisa sendo de modo efetivo perfeita (par aucune chose estant de fait parfaite)”. Dentre outras, duas questões podem ser direcionadas ao texto de Christine e sua leitura de Tomás, a saber: (I) o texto dialoga com o problema da natureza do ser (ens) tal como é mencionado por Aristóteles na Metafísica VII, 1?; (II) o texto dialoga com a discussão de Tomás sobre a noção de ser (ens) entendido como ato da essência (actus essentiae)? As respostas a tais questões indicam o grau de erudição de Christine e o quanto a autora se envolveu com indagações complexas no interior da filosofia teórica.

### Palavras-Chave

Potência. Ato. Ente.



## FORMAS SUBSTANCIAIS E FORÇAS VIVAS NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA DE ÉMILIE DU CHÂTELET

Eduardo Ruttko Von Saltiel

[eduardo.saltiel@ufsm.br](mailto:eduardo.saltiel@ufsm.br)

### Resumo

O desenvolvimento da filosofia moderna (em especial a partir do século XVII) testemunhou uma progressiva substituição do conceito de forma substancial pela noção de realidade. Na história desse desenvolvimento, o debate sobre a vis viva (ou força viva) desempenhou um papel importante. O debate concerne ao problema da identificação das leis de conservação que governam os movimentos dos corpos rígidos, tendo sido definitivo da ciência da mecânica ao longo do século XVII. O presente texto investiga de que maneira as Instituições Físicas, obra publicada por Émilie du Châtelet em sua segunda edição em 1742, contribuíram para este debate. Por meio das Instituições Físicas, a autora envolveu-se em uma polêmica pública com o cientista e secretário da Academia das Ciências francesa Jean-Jacques de Mairan sobre o conceito de vis viva. O presente texto examina, em especial, como as Instituições Físicas de du Châtelet tematizaram a polêmica da vis viva e influenciou, por conseguinte, no desenvolvimento da filosofia moderna.

### Palavras-Chave

Vis Viva. Émilie du Châtelet. Realidade.





## HISTÓRIA DA FILOSOFIA, CÂNONE E SEXISMO: NOTAS SOBRE O CASO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Rafaela Missaggia Vaccari  
[rafaelamissaggia@gmail.com](mailto:rafaelamissaggia@gmail.com)

Juliana Oliveira Missaggia  
[jumissaggia@gmail.com](mailto:jumissaggia@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama da posição de Simone de Beauvoir no cânone filosófico. Para tanto, nossa apresentação é dividida em dois momentos. Primeiramente, apresentamos um histórico de como Simone de Beauvoir foi vítima de um inicial apagamento da história da filosofia, indicando eventos que contribuíram de forma significativa para essa exclusão: a omissão de seu nome em compêndios e antologias, incluindo alguns dedicados especificamente ao existencialismo; a irresponsabilidade por trás da primeira tradução do Segundo Sexo para a língua inglesa, na qual parte significativa do livro é excluída e conceitos filosóficos são traduzidos de forma equivocada; a recepção e divulgação deturpada da obra, que envolveu desde comentários jornalísticos imprecisos sobre seu conteúdo, até críticas abertamente sexistas; e a rejeição de ler O Segundo Sexo como um livro de filosofia, motivado pela negação de que temas feministas possam ter conteúdo filosófico. Ao fim da primeira parte, apresentamos nossa hipótese acerca de quais motivos poderiam ser apontados como fatores determinantes para o que identificamos como um movimento de canonização de Beauvoir enquanto filósofa. Na segunda parte, analisamos outros dois aspectos que têm sido investigados pela literatura especializada no que se refere a possíveis motivações para a inicial exclusão de Beauvoir do cânone: a negação de que ela fosse propriamente uma filósofa e sua relação com Sartre. No que se refere ao primeiro aspecto, apresentamos a polêmica em torno do fato de que a própria Beauvoir, durante muito tempo, negou ser uma filósofa, discussão que nos permitirá indicar o que, em nossa leitura, motivou essa postura e sua posterior retratação. Quanto ao segundo ponto, de sua relação com Sartre, mostramos como uma série de motivações sexistas estiveram por trás tanto da

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



diferença de recepção das obras de ambos, como também da interpretação bastante comum de que Beauvoir seria uma seguidora e discípula da filosofia sartreana. O artigo termina com algumas considerações sobre a influência da militância e da teoria feminista em fazer com que Beauvoir integrasse o cenário filosófico geral e a tradição existencialista-fenomenológica.

## Palavras-Chave

Gênero. História da Filosofia. Cânone.



## LIBERDADE DO CORPO E DA ALMA EM MARIA FIRMINA

Elizabeth Matos Dos Santos

[betematoss@hotmail.com](mailto:betematoss@hotmail.com)

### Resumo

O propósito desta pesquisa é estudar a noção de liberdade mediante as ideias humanistas e abolicionistas de Maria Firmina dos Reis (1822-1917) presentes no romance “Úrsula”. Para tanto, nosso texto possui duas partes. Na primeira, mostraremos como o romance “Úrsula” e o conjunto da obra literária de Maria Firmina vem sendo integrada ao movimento que busca resgatar e divulgar as raízes do pensamento brasileiro, nomeadamente no que toca às mulheres intelectuais negras e nordestinas. Com efeito, as ideias de Maria Firmina ecoaram no século XIX em defesa da liberdade e da dignidade humana a que todo ser humano tem por direito, especialmente quando a autora estabelece noções antropológicas enquanto substratos donde ela extrai o conhecimento literário, este, por sua vez, entendido como o modo de reivindicar a justiça humana e transmitir ideias. Na segunda parte, por sua vez, investigaremos as razões pelas quais a liberdade é um conceito filosófico de grande relevância que tem sido objeto de reflexões de renomadas e renomados pensadores no decorrer da caminhada existencial humana. A liberdade, ademais, é um dos temas centrais do romance “Úrsula”, obra na qual Maria Firmina, através de seus personagens escravizados, Suzana e Túlio, realiza sérias reflexões sobre a condição humana, sobretudo quanto aos escravos: “E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena que se lhe ofereceu à vista”. (Úrsula, p. 124). Nesse sentido, investigaremos como a articulação feita por Maria Firmina entre as noções de corpo, alma e escravidão se vincula com a ideia de liberdade humana.

### Palavras-Chave

Liberdade. Corpo. Alma.



## LIBERDADE E REVOLUÇÃO EM ANGELA DAVIS

Laissa Cristine De Oliveira Ferreira

[laissafferreira@hotmail.com](mailto:laissafferreira@hotmail.com)

### Resumo

Em 1971, o Comitê Libertem Angela Davis e todos os prisioneiros políticos publicaram um panfleto intitulado Palestras sobre Libertação durante o período em que a filósofa esteve encarcerada. Com uma formação na Escola de Frankfurt, Davis se propunha em seu curso relacionar textos canônicos de filosofia alemã, como a Fenomenologia do Espírito, com textos considerados literários e autobiográficos de autoria negra, como A narrativa da vida de Frederick Douglass, para abordar um dos temas mais disputados da história do pensamento ocidental, a saber, a liberdade. Este conceito é apontado por ela como essencial ao povo negro, pois este sempre teve o seu acesso negado a este fato que seria condição humana, ao mesmo tempo em que nunca deixou de tentar conquistá-la. Tal apontamento leva Davis a relacionar o conceito de liberdade ao de libertação a partir de um movimento dialético que possibilita o entendimento de que a liberdade é uma luta ativa, algo que pode ser conquistado. E, assim, tendo seu significado positivado por este movimento. Fato é que, com este movimento, Davis traz uma nova leitura para o pensamento ocidental acerca da liberdade, inclui aqueles que foram excluídos da história do pensamento e produz um conceito acessível e de fato universal. E, segundo minha interpretação, traz também uma nova perspectiva ao então - também disputado - conceito de revolução. Isso porque, a filósofa entende que o modo como o povo negro se organizou, criou caminhos para sobreviver, resistir e conquistar sua liberdade para criar um novo mundo, uma nova possibilidade de existência é em si revolucionário. Tendo isso em vista, minha proposta é a de apresentar como a filósofa Angela Davis apresenta o conceito de liberdade a partir de uma ação prática e, portanto, vincula este conceito ao de revolução. Conceito este que se tornou popular para os movimentos sociais nos Estados Unidos na década de 1970.

### Palavras-Chave

Angela Davis. Libertação. Racialidade.



## MENINAS PESQUISADORAS, MULHERES FILÓSOFAS: INICIAÇÃO CIENTÍFICA ENQUANTO RESISTÊNCIA FEMINISTA

Dayane Evellin De Sousa Costa

[dayaneevellin11@gmail.com](mailto:dayaneevellin11@gmail.com)

### Resumo

Reconhecendo a marca das violências que atravessam e estruturam a história brasileira, enquanto pessoas desse tempo, observamos, mais uma vez, esse traço que veio a reboque da ascensão de grupos publicamente contrários à existência e garantias de direitos fundamentais das minorias. É importante ressaltar que eles não sumiram com a derrota da última eleição majoritária e seguem reverberando em diversos ambientes sociais, seus discursos e práticas, e, na escola não é diferente. Ensino de Filosofia, gênero, feminismo, foram temas amplamente atacados, principalmente quando se relacionava à educação, por meio de projetos de leis, falas oficiais, reformas e fake news. Em meio a esse contexto, a ideia desse trabalho surge da minha observação enquanto professora de Filosofia na educação básica pública ao orientar projetos de iniciação científica desenvolvidos por estudantes que escolheram como objeto de estudo questões de gênero, tendo como referencial teórico o pensamento de Filósofas. Para esse relato foram escolhidas três grupos de pesquisadoras, com o objetivo de analisar seus processos e considerações sobre a experiência de pesquisarem sobre o pensamento de mulheres já na escola, bem como suas participações em eventos regionais e nacionais do segmento. Outro ponto a ser compreendido trata da percepção acerca do cenário escolar, no que se refere a epistemologia feminista, antes e depois do início de seus estudos. Contar nossa própria história, dar visibilidade, enaltecer o conhecimento contra-hegemônico é, principalmente, uma ação de resistência (Jorge, 2023). Portanto, foram realizadas entrevistas a fim de dar voz às próprias pesquisadoras, cada uma delas escolheu o nome de uma filósofa enquanto seu nome fictício para resguardar sua identidade. Apesar dessas estudantes estarem inseridas em um contexto educacional onde vivem em um cenário de ações veladas (ou não) de violências que vão desde o assédio no ônibus no trajeto da escola até a tentativa de silenciamento de suas vozes em determinadas aulas, o que pude perceber, no percurso da orientação, foram pessoas que se desconstruíam e se construíam de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



maneira mais consciente, e, tomaram para si a palavra, o lugar do conhecimento e o sentimento de pertencimento ao meio acadêmico antes visto enquanto inalcançável por seus contextos de gênero, raça e classe.

## Palavras-Chave

Educação Básica. Epistemologia Feminista. Filósofas.



## MÉTODO ANALÍTICO EM NEWTON E ÉMILIE DU CHÂTELET

Mitieli Seixas Da Silva  
[mitieli.silva@ufsm.br](mailto:mitieli.silva@ufsm.br)

### Resumo

Émilie du Châtelet é conhecida por ter participado do movimento de popularização da filosofia e física newtonianas no continente europeu no século XVIII. Como parte de sua contribuição, ela traduziu o Principia de Newton e adicionou um extenso comentário dividido em duas partes. Na primeira parte do Comentário, Châtelet apresenta o sistema de mundo e as principais contribuições científicas até as descobertas de Newton e na Segunda Parte, denominada de Solução Analítica, ela apresenta uma solução para as provas sintéticas que Newton apresentou no Principia. Neste trabalho que explorar a compreensão de Newton e de Châtelet acerca do método analítico, sua relação com o uso de hipóteses e com uma visão mais ampla do que consiste o método científico. O trabalho está dividido em três partes: i) introdução às noções de método sintético e método analítico; ii) exame dos textos de Newton e Châtelet onde encontramos considerações sobre método; iii) investigação sobre a Solução Analítica apresentada por Châtelet à luz de suas considerações sobre o método. Na conclusão, esperamos avançar na compreensão da contribuição da filosofia de Châtelet para o desenvolvimento do método científico em sua época.

### Palavras-Chave

Análise. Hipótese. Física Newtoniana.



## MODELO DE FEMINILIDADE CAPITALISTA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE SILVIA FEDERICI

Vitória Elís Martins Fonseca  
[profavitoriaelis@gmail.com](mailto:profavitoriaelis@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar a relação entre o sistema capitalista e o modelo de feminilidade imposto às mulheres a partir da caça às bruxas. Para isso, utilizaremos como fontes as obras *Calibã* e *a Bruxa* (2023) e *Mulheres e caça às bruxas* (2019), da filósofa Silvia Federici, a qual aponta que a degradação da imagem das mulheres realizada por meio da caça às bruxas foi o método educativo responsável por reconfigurar a identidade social, domesticando e submetendo-as a uma nova forma de comportamento por meio de um código ético e moral. Segundo a filósofa, o capitalismo surge a partir de uma contrarrevolução que visava abafar as revoltas do proletariado rural, das quais as mulheres participavam ativamente, representando grande ameaça ao resistirem e se oporem a pauperização e exclusão social. A fim de reprimir esses protestos, retirar a força de sua resistência, desestabilizar os laços comunitários e causar medo, a Igreja em conjunto com a nobreza, instaurou a caça às bruxas entre os séculos XIV - XVII. Assim, definiram as mulheres como a personificação do diabo, com o objetivo de macular sua imagem, considerando-as como incontroláveis, inclinadas ao mal, pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, de “língua afiada”, pervertidas, de desejos insaciáveis, rebeldes, agressivas, fracas do corpo e da mente, desobedientes e insubordinadas. Contudo, de acordo com Federici, entre o final do século XVII e início do século XVIII, o cenário se altera e configura-se o novo modelo de feminilidade, cunhado durante as práticas de tortura contra as bruxas. Este estabelece que a mulher ideal é aquela que é obediente, passiva, casta, de poucas palavras, maternal, submissa, resignada à subordinação aos homens, dedicada às tarefas de casa e confinada a esse espaço, às vezes considerada irracional e assexual. Para a filósofa, esse modelo somado aos traumas ocasionados à psique coletiva das mulheres foram os responsáveis por fundamentar um novo discurso, onde as mulheres são inerentemente inferiores aos homens, pois são consideradas frágeis, emocionais e incapazes de se governar. A partir disso, surge o debate acerca da mulher como Outro, por meio de uma redefinição



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



ideológica do gênero feminino que ressignificou as relações, estabeleceu uma ordem patriarcal, justificou e normalizou o uso da violência contra as mulheres, ao mesmo tempo, cunhou o ideal de dominação e superioridade dos homens e do Estado sobre as mulheres, o qual se estende até hoje.

## Palavras-Chave

Feminilidade. Capitalismo. Federici.



## NÃO SOMOS MULHERES? CONVERSA SOBRE INTERSECCIONALIDADE NA FILOSOFIA FEMINISTA

Ana Amélia Vilar Gouveia  
[anaameliavilar@gmail.com](mailto:anaameliavilar@gmail.com)

### Resumo

Historicamente, o feminismo ocidental foi dominado por mulheres brancas, em sua maioria de classe média alta, o que resultou, por muito tempo, em uma exclusão das experiências das mulheres negras. Na filosofia ocidental não foi diferente, permanecendo em um debate eurocêntrico, centrado na mulher branca e na formação dos cânones. No início do movimento feminista, é sempre lembrado o papel das sufragistas estadunidenses, colocando-as como únicas responsáveis pelas lutas por direitos políticos. Mas e as mulheres não-brancas, não estariam presentes? Ao questionar o lugar da mulher negra na luta feminista, levanta-se o debate sobre a interseccionalidade, analisando como as várias formas de opressão se conectam e afetam significativamente as mulheres não-brancas. Nesse sentido, é trabalhado os conceitos de interseccionalidade, cânones, filosofia feminista. Com o objetivo de compreender como o branqueamento da luta por direitos das mulheres contribuiu para formação dos cânones centrados nas mulheres brancas. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, e tem como base a análise de alguns textos de fundamentação teórica, principalmente aqueles que trazem discursão tanto da filosofia feminista, quanto da interseccionalidade. Os resultados e conclusão desse estudo indicam a necessidade descolonizar horizontes hegemônicos sobre a teoria da interseccionalidade, pois a filosofia feminista pensada de uma forma global, com o objetivo de atender todas as pautas das mulheres no mundo, acaba por fracassar, no momento em que só traz para o campo de discursão e luta a mulher branca, formando os seus cânones nas mesmas. Diante desse cenário surge o conceito de mulherismo africana, que enfatizava as necessidades das mulheres negras que estavam além de uma luta por igualdade ou debate de gênero, mas se respaldava em muita violência e opressão as quais foram submetidas. Buscando meio dessa categoria, estourar a bolha filosófica que concentrava o pensamento filosófico nos anseios das classes hegemônicas.

### Palavras-Chave

Feminismo. Interseccionalidade. Mulherismo.



## NARRAR O EVENTO: COMPREENSÃO DO MUNDO EM HANNAH ARENDT

Cecília Pereira

[cecilia.pereira@aluno.uece.br](mailto:cecilia.pereira@aluno.uece.br)

### Resumo

O que é pensar sem corrimão? Hannah Arendt tentou compreender os eventos de sua época sem um apoio ou sem um corrimão, quando o passado não possui mais autoridade sobre nós, quando “os conceitos que se tornaram ociosos com as rupturas do passado de um século de extremos” (Lafer, 2022) nos forçam a pensar sem corrimão, e segundo Hannah Arendt, nós perdemos esse corrimão. Esta pesquisa tem como objetivo explicar o modo pelo qual Hannah Arendt buscou sua compreensão do mundo, utilizando narrativas capazes de nos mostrar como os homens foram afetados pelo mundo e como o mundo foi influenciado por essas pessoas. Por fim, Arendt nos mostra que, na interseção entre o passado e o futuro, as narrativas atuam na preservação das memórias comuns, aspecto vital para o contador de histórias, resistindo assim ao esquecimento. Estórias ou narrativas contadas por Arendt não são uma tentativa de unir o passado e o futuro, mas uma nova forma de compreensão, uma Storytelling, que ainda pode ser conservada com o tempo, que não avança dialeticamente para o futuro, mas tem seu rosto voltado para o passado (Arendt, 2008).

### Palavras-Chave

Compreensão. Pensar sem corrimão. Storyteller.



## O PAPEL DA CONTEMPLAÇÃO NA FILOSOFIA DA MENTE DE MARGARET CAVENDISH

Milena Louise Laurent Liers Galiano Monteiro Rodrigues

[milenammoreti@gmail.com](mailto:milenammoreti@gmail.com)

### Resumo

Ao longo de suas publicações sobre Filosofia da Natureza, Margaret Cavendish descreveu uma capacidade mental intitulada como Contemplação. Nesta apresentação, discutirei qual o papel que a contemplação ocupa na filosofia da mente de Margaret Cavendish. Sendo ela uma capacidade do intelecto, meu objetivo é discutir se essa capacidade é ativa ou passiva. Em *Philosophical and Physical Opinions* (1655), Cavendish afirma que “The soul of a man is Contemplation, Reason, and imagination” (CAVENDISH, 1655). Sendo a alma humana composta por contemplação, razão e imaginação, Cavendish está sustentando ao seu leitor que a contemplação possui um papel no intelecto humano. Confirmando essa interpretação, em *Fundamentos da Filosofia da Natureza* (1668), a filósofa descreve a contemplação como uma capacidade intrínseca que a mente humana possui de conversar entre algumas de suas partes racionais, ela afirma que “Human Contemplation, is a Conversation amongst some of the Rational Parts of the Human Mind; which Parts, not regarding present Objects, move either in devout Notions, or vain Fancies, Remembrances, Inventions, Contrivancies, Designs, or the like.” (CAVENDISH, 1668). Além da contemplação ter essa capacidade intelectual, quando ela não se depara com um objeto sensivelmente, ela se movimenta, age. De modo que possui tanto pensamentos reflexivos precisos, sérios, quanto pensamentos mais fantasiosos e controversos. Nesse caso, a contemplação parece possuir um papel ativo no intelecto humano. No entanto, em *Fantasia Filosófica* (1653), Cavendish afirma, por meio de uma epístola que “I Contemplating by a Fireside, In Winter cold, my Thoughts would hunting ride. And after Fancies they do run a Race, If lose them not, they have a pleasant Chase. If they do catch the Hare, or kill the Deere, They dresse them strait in Verse, and make good Cheere.” (CAVENDISH, 1653). Nessa epístola, a filósofa parece estar afirmando que a contemplação sofre uma ação do pensamento em vez de executá-la. Vejamos, os pensamentos caçam, e depois de fantasiar, isto é, depois de



contemplarem, eles entram em uma corrida e quando não perdem suas contemplações têm uma boa corrida. E se eles agarram o objeto do pensamento, o vestem, isto é, chegam a uma reflexão. Nesse sentido, a contemplação sofre a uma ação do pensamento, da alma. Com isso em mente, Cavendish, em *Fantasia Filosófica*, parece entender a capacidade contemplativa do intelecto como passiva. Dadas essas considerações, em minha apresenta

### Palavras-Chave

Margaret Cavendish. Filosofia da Mente.



## O PROBLEMA DO LIVRE ARBÍTRIO DAS MULHERES EM ARCANGELA TARABOTTI

Flavia Roberta Benevenuto De Souza

[flaviabenevenuto@gmail.com](mailto:flaviabenevenuto@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de apresentar a discussão acerca da liberdade das mulheres, tal como tratada por Arcangela Tarabotti (1604-1652). Em seu tratado, *Tirania Paterna*, a filósofa veneziana denuncia a arbitrariedade dos pais ao enviar suas filhas para conventos sem o consentimento delas, privando-as da liberdade sem que tenham cometido crime algum. Tarabotti critica a contradição entre a devoção a Deus e o claustro forçado, ressaltando a importância do livre arbítrio, que, segundo ela, é concedido igualmente a homens e mulheres. Sua obra é uma defesa fervorosa da liberdade, feita em meio a um período que deixava as mulheres à margem de uma longa e profícua discussão filosófica em torno de temas como igualdade e a liberdade política. Para defender a liberdade para as mulheres, ela rejeita a ideia de que o convento seja o único local de devoção a Deus, enxergando-o como uma forma de tirania exercida pelos homens sobre as mulheres, indo contra a vontade divina. A partir disso, pretende-se investigar o problema do livre arbítrio de modo a compreender as especificidades das limitações das mulheres, tal como apresentadas por Tarabotti.

### Palavras-Chave

Arcangela Tarabotti. Livre arbítrio. Liberdade.



## O SILENCIAMENTO DE BEAUVOIR: O TEXTO OUTRO DE O SEGUNDO SEXO

Ana Cássia Nogueira Pedrossian  
[ana.nogueiracassia@gmail.com](mailto:ana.nogueiracassia@gmail.com)

### Resumo

Numerosas são as estratégias usadas para excluir as mulheres da prática filosófica, como a negação de sua capacidade racional e a invisibilidade de suas obras. Nas genealogias tradicionais, suas teorias são frequentemente apropriadas por filósofos homens ou enquadradas como subordinadas a algum filósofo homem, um guia e mentor intelectual que nunca era superado por elas. A história de Beauvoir não foge a esse padrão. A recepção de suas obras e de seu pensamento continua a ser um exemplo contemporâneo de como a misoginia e o androcentrismo operam na filosofia e em sua história. Nesse sentido, as polêmicas que cercam as recepções de *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir desde 1949 até a contemporaneidade oferecem insights históricos importantes. Elas não apenas iluminam a presença das mulheres no campo intelectual ao longo das décadas, mas também delineiam a evolução dos temas abordados pela autora ao longo dos setenta anos após a sua publicação. Importa ressaltar que a primeira tradução da obra não foi feita por um filósofo, mas por um zoólogo. A tradução deu origem a um outro livro, um texto que se constituía em oposição ao original. A tradução americana subvertia completamente as noções caras para o entendimento de sua tese, especialmente o conceito de situação. O estado da arte atual dos estudos de Beauvoir revelam que foi somente a partir dos anos 90 é que começou uma recepção crítica justa e apropriada que a obra *O Segundo Sexo* merece. Assim, o objetivo desse capítulo consiste em analisar a recepção crítica de *O Segundo Sexo* mediante as interpretações críticas de pesquisadoras de diversos países que versaram sobre o tema. Trata-se de analisar a história, o contexto político, social e intelectual à época de sua publicação, a fim de investigar as discriminações de gênero no meio intelectual, mais especificamente, na história da Filosofia.

### Palavras-Chave

Simone de Beauvoir. Mulheres na Filosofia.



## O UNIVERSALISMO DE MARY WOOLSTONECRAFT

Yara Frateschi

[yfrateschi@gmail.com](mailto:yfrateschi@gmail.com)

### Resumo

A crise do universalismo não é nova. O problema é que nós contamos uma história enviesada da filosofia, na qual figuram apenas as grandes mentes masculinas. A exclusão das mulheres da história da filosofia e do cânone nos faz pensar que a crise do universalismo é contemporânea, mas se a recontamos com a presença das mulheres filósofas descobrimos que o que hoje chamamos de questão de gênero está em disputa no âmbito da filosofia há séculos e que o falso universalismo está sendo refutado filosoficamente pelas mulheres também há séculos. Contudo, nem sempre a crítica do universalismo excludente converte-se em anti-universalismo. É precisamente isso que interessa a essa pesquisa: investigar a articulação de argumentos filosóficos que recusam a um só tempo o universalismo excludente e o anti-universalismo. Voltarei aos escritos de Mary Woolstonecraft com a esperança de encontrar ali uma tal articulação, com especial atenção à crítica endereçada a Rousseau em *Reivindicação dos Direitos da Mulher*.

### Palavras-Chave

Mary Woolstonecraft. Universalismo. Mulheres.





## PATRIOTISMO E MILITARISMO: A VISÃO MATERIALISTA E ANARQUISTA DE EMMA GOLDMAN

Mariana Lins Costa  
[mariana.lins@uece.br](mailto:mariana.lins@uece.br)

### Resumo

No contexto em que os Estados Unidos despontavam como potência militar global, a pensadora política e militante anarquista Emma Goldman elaborou uma análise cirúrgica do fenômeno do patriotismo. Já antes da entrada dos EUA na Primeira Grande Guerra, ela chamava atenção para o fato de que parte da elite estadunidense estava enriquecendo exponencialmente com “a fabricação de munições e com os empréstimos de guerra aos Aliados” – sob a escusa nobilíssima de “esmagar” os malvados patriotas alemães. A anarquista inclusive anteviu que se o investimento militar se tornasse um programa de ação nacional nos Estados Unidos, o militarismo estadunidense se tornaria muito mais terrível tecnicamente do que o militarismo alemão que declarava combater. E isso porque, nas suas palavras, “em nenhum outro lugar do mundo o capitalismo se tornou tão desavergonhado no seu excesso quanto aqui.” Goldman traz à tona um conjunto de dados bastante robusto com o intuito de provar a relação diretamente proporcional entre o aumento do investimento global em gastos militares (que no período analisado por ela, de 1881 a 1905, bateu recorde após recorde) e o despontar, em cadeia, nos primeiros anos dos 1900, de um tipo específico de patriotismo – presente especialmente nos países em que esses investimentos eram mais expressivos, e dentre os quais ela destaca a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Estados Unidos, Rússia, Itália e Japão. Uma “coincidência” global entre o incremento da histeria patriótica e o aumento progressivo do investimento militar que não foi entendida por ela como acidental ou espontânea. Segundo a genealogia que apresenta, os alemães foram os pioneiros em acoplar o militarismo ao patriotismo das massas por meio de um conjunto de técnicas – que copiadas e replicadas por outras nações, manipularam a simbiose entre patriotismo e clamor público por exércitos permanentes e numerosos e armamentos em quantidades cada vez maiores e mais potentes na sua capacidade de destruição. Que tal lógica haveria de culminar em guerra, em vez de paz como se prometia, ela compreendeu bem. O objetivo do presente trabalho é



apresentar a leitura materialista e anarquista de Emma Goldman do patriotismo como um fenômeno psicológico deliberadamente espreado nas massas para os fins do militarismo – que, segundo também demonstra, trata-se do principal baluarte do capitalismo.

### **Palavras-Chave**

Patriotismo. Militarismo. Anarquismo. Emma Goldman.



## PESQUISA COM CARTAS E O ENCONTRO COM UM ESTILO MULHERIL DE ESCREVER

Renata Morais Lima  
[rmoraislima@yahoo.com.br](mailto:rmoraislima@yahoo.com.br)

### Resumo

No mestrado, escrever cartas para as minhas antigas professoras e professores dos vários segmentos escolares pelos quais passei constituiu uma metodologia de pesquisa. Atualmente, continuo pesquisando com cartas. E por razões que me forçaram a percorrer outros caminhos, devido a Pandemia da Covid-19, a escrita e envio de cartas foi se deslocando para uma coleção de cartas. Dentre as cartas que formam minha coleção, algumas são de livros que têm nas cartas uma temática pujante. As cartas de mulheres são as que me tocam com mais veemência. Sendo as cartas das mulheres negras aguçam uma força que desloca-me para uma busca de algo que ainda não sei o que é. Nesse intuito por me lançar entre mares desconhecidos (ao menos por mim) trago este artigo com o objetivo de produzir um conversa com alguns recortes de algumas destas cartas. Trago a marca de Alice Walker, escritora, poeta e ativista que intitula suas obras como uma escrita mulherista. E o desejo que com a potência da escrita dela produza-se fendas, ao menos nesta mulher branca que pede permissão a ela e a tantas outras para adentrar pelos ensinamentos que elas trazem.

### Palavras-Chave

Mulher Negra. Mulheril. Cartas.



## SARAH CHAPONE E A DEFESA DA LIBERDADE CIVIL PARA MULHERES NO XVIII

Mariana Dias Pinheiro Santos  
[marianadps4ntos@gmail.com](mailto:marianadps4ntos@gmail.com)

### Resumo

Em 1735 Sarah Chapone (1699-1764) escreveu e publicou anonimamente *The hardships of the English laws in relation to wives*. Dedicado ao rei George II e às leis da Inglaterra, Chapone, nesta obra, atenta para o fato de que a situação de “súdito livre” é restrita somente ao sexo masculino, e, alternativamente, as mulheres casadas eram colocadas em uma situação de escravidão. Por meio de exemplos tirados de julgamentos que ocorreram em seu século, a filósofa atenta que os gentlemen eram sempre inocentados pelos juízes, independente dos tratamentos brutais que desferissem contra as suas esposas, mesmo que isso ocasionasse o suicídio da parte delas (isso, segundo a autora, como uma tentativa de libertação da situação de escravidão). O argumento proposto por Chapone, ainda que não fosse comum, não era inteiramente estranho ao século das luzes, visto que periódicos como *Magna Britannia*, em 1718, já haviam notado que as mulheres eram colocadas na situação de posse de seus maridos, e grandes filósofos, como Bernard Mandeville (1670-1733), em sua moral prática para mulheres *The Virgin Unmask'd* (1709), já havia afirmado que o estado de casamento era um estado de escravidão do sexo feminino. No entanto, se em *Magna Britannia* ou no escrito de Mandeville não existe qualquer repreensão dessa desigualdade artificial, Chapone faz uso do conceito de liberdade e do poder paterno proposto por Hobbes, em 1651, para reivindicar a liberdade civil das mulheres, especialmente das esposas, exigindo os direitos de: ir e vir, posses, terras, cuidado dos próprios filhos, finanças e, sobretudo, de um julgamento legal equânime para ambos os sexos. Sendo assim, explicita-se que o objetivo desta pesquisa consiste em apresentar como Chapone mobiliza os conceitos de liberdade e de poder paterno para desenvolver sua defesa de que as mulheres, assim como os homens, devem ser tratadas, legalmente, como súditos livres e independentes da vontade e do jugo dos gentlemen. Espera-se, com esta apresentação, contribuir não apenas para dar voz à primeira reivindicação legal de igualdade civil entre os sexos (Broad, 2015), mas, também, ajudar no alargamento do cânone da modernidade e na reinterpretação do conceito de “polidez”.

### Palavras-Chave

Sarah Chapone. Liberdade. Igualdade.



## VIRTUDE E EDUCAÇÃO À LUZ DOS PENSAMENTOS DE MIA E FINTIS

Gislene Vale Dos Santos

[gislenevaledossantos@gmail.com](mailto:gislenevaledossantos@gmail.com)

### Resumo

O topos da virtude/excelência (arete) acompanha e constitui o que chamamos de História da Filosofia desde os tempos em que não se pensava a partir de um topos, e que a categoria da História, tampouco a da Filosofia, tinha estatuto próprio. Mais que um percurso histórico-filosófico, a questão da virtude acompanha nossa humanidade a partir da expressão da relação entre humanos. Com o objetivo de delimitar a questão, elejo a literatura antiga grega e sua interpretação no interior da história da filosofia para realizar a investigação acerca do tema da virtude. Neste horizonte temporal, geográfico e político, é possível pensar em no mínimo quatro conceitos que dão ancoragem teórica ao fazer que resulta em coragem, temperança, sabedoria e justiça. Neste cenário que tem a virtude no palco, pergunto, como perguntou a personagem Sócrates no diálogo Menon: há virtude para homens e virtude para mulheres? Posta a questão, é no pensamento das filósofas pitagóricas da antiguidade grega que busco elementos para delinear uma resposta e tencioná-la. A literatura antiga e a hodierna se posicionam na disputa ao tratarem do tema. Ao visitar os dois fragmentos do que teria supostamente sido um tratado organizado por Fíntis, Sobre a moderação das mulheres, percebe-se uma curiosa ambiguidade que pode ser explorada à luz dos dados da cultura antiga, mas sobretudo pela demanda de inclusão das mulheres na História da Filosofia e nas salas de aula, hodiernamente. Outra obra a ser analisada é a carta de Mia, para uma amiga, aconselhando-a a bem escolher uma ama para seu filho recém-nascido. A carta de Mia expressa uma concepção de educação dedicada à formação de um caráter harmônico para a criança. Entende-se, com isso, que a carta de Mia busca indicar, a partir de uma compreensão da ordem cósmica, uma postura da condição humana ao educar. Neste interior, educação e virtude entrelaçam-se de modo a uma não poder ser pensada sem a outra.

### Palavras-Chave

Mulheres. Pitagóricas. Virtude.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT NEOKANTISMO E FILOSOFIA DA CULTURA



## A DIMENSÃO NORMATIVA NA FILOSOFIA DA CULTURA DE ERNST CASSIRER

Leonardo Pança

[l201245@dac.unicamp.br](mailto:l201245@dac.unicamp.br)

### Resumo

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar a assim chamada virada ética no programa filosófico do simbólico de Ernst Cassirer como a abertura de uma dimensão normativa para a Filosofia da Cultura. Isso envolve compreender a dimensão prática da filosofia da cultura em sua possibilidade de construção de uma normatividade ética para o programa das formas simbólicas. Na primeira parte, procuraremos compreender a virada ética do período de exílio de Cassirer, baseada na primazia da dimensão mundana ou cosmopolita da filosofia, cujo centro ideal é orientado por ideais éticos, em especial a doutrina dos direitos naturais como direitos humanos, no decurso da obra do filósofo. Na segunda parte desta comunicação, buscamos uma compreensão da ampliação do programa das formas simbólicas na virada ética a partir da obra Axel Hägerström (1939). Nesta parte, colocamos ênfase na dimensão moral da filosofia da cultura, assim como o estabelecimento do direito como forma simbólica. Desse modo, essa parte objetiva compreender as implicações para a virada ética da incorporação dos objetos da filosofia prática no programa filosófico do simbólico. Na terceira parte da comunicação, objetivamos compreender a possibilidade de uma dimensão normativa da filosofia da cultura em seu desdobramento nas obras maduras e póstumas de Cassirer. Essa parte busca apresentar a transformação dos fundamentos simbólicos para um conceito plural e aberto de direitos naturais como direitos humanos através da transformação da imagem de humanidade (com a noção de animal symbolicum em sua antropologia filosófica de 1944) - assim como a centralidade do conceito de liberdade e espontaneidade humana em seu processo de progressiva autolibertação contido na cultura, como respostas ou limites ao perigo do lado reativo dos mitos políticos. A questão central desta comunicação procura apresentar se, e em que medida, Cassirer abriu um espaço normativo para a filosofia da cultura enquanto julgamentos éticos e, com isso, para o estabelecimento da tarefa de construção e reconstrução de uma práxis ética concreta para a filosofia em seu



sentido kantiano mundano. Frente aos perigos concretos da ascensão dos mitos políticos modernos (tema perscrutado na obra póstuma *O mito do Estado* de 1946), Cassirer abriu espaço para a dimensão normativa (ao lado da descritiva) para a atuação prática da Filosofia da Cultura. Apresentaremos em que medida isso se deu e quais as suas implicações filosóficas para o presente.

### **Palavras-Chave**

Ernst Cassirer. Virada Ética. Dimensão Normativa.





## A NOÇÃO DE CRENÇA NO MANUEL DE PHILOSOPHIE MODERNE (1842), DE CHARLES RENOUVIER

Katia Cilene Da Silva Santos

[katia.santos@ufersa.edu.br](mailto:katia.santos@ufersa.edu.br)

### Resumo

Pretendemos apresentar os resultados iniciais de nossa pesquisa, que vem sendo realizada na UFRSA (Projeto de Pesquisa PIH20001-2022, financiado através do edital PROPPG/UFRSA 12/2023). Nesse projeto, realizamos um estudo sistemático da primeira obra de Renouvier, *Manuel de philosophie moderne* (1842), no intuito de compreender a formação de um dos principais objetos de reflexão do filósofo, a saber, a noção de crença. A partir do pensamento de Descartes, Renouvier busca apresentar as origens históricas da Filosofia Moderna e definir o método e os primeiros princípios da Filosofia (1842, p. IV). De sua análise histórica, ele concluirá a existência de diversas contradições na História da Filosofia, as quais, nesse início de sua longa carreira, considera que podem ser conciliadas, por meio de um ecletismo “verdadeiro”, que consiga combinar as duas concepções mais afastadas entre si, o panteísmo e o idealismo. Nesta primeira obra, nascida de um estudo anterior sobre o pensamento cartesiano, Renouvier formula algumas das questões que nortearão suas investigações durante toda a vida, e às quais depois reinterpretará com as contribuições advindas da filosofia kantiana. Dentre essas, está a noção de crença, uma das mais centrais da sua filosofia, a qual pode ser rastreada nesse primeiro trabalho em sua dupla origem. Esse conceito é pensado tendo em vista um problema metafísico colocado pela reflexão cartesiana sobre o método e o problema histórico que a contradição e o princípio de não contradição evidenciam na História da Filosofia. A noção de crença, portanto, une vários pontos da filosofia de Renouvier, notadamente, o fundamento do método teórico e as contradições entre sistemas e no interior deles. Com efeito, essa noção está ligada diretamente à necessidade de se encontrar uma primeira verdade indubitável e a um modo de preservar essa verdade nos raciocínios. Neste ponto de sua trajetória, Renouvier ainda considera que uma conciliação dos contrários é possível, como também a criação de uma via nova para uma nova ciência (Ibid., p. 388). A História da Filosofia, nesse momento, expõe as tendências opostas do espírito humano, que apenas



se expressa de modo fragmentado. Posteriormente, ele reinterpretará essas questões com base nas ideias de Kant acerca das antinomias da razão pura, entendendo que o correto é fazer uma escolha diante das teses contrárias entre si.

### **Palavras-Chave**

Charles Renouvier. Neocriticismo. Crença.



## ARTICULAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E MITO NA CULTURA: FORMAS SIMBÓLICAS E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

José Ygor De Almeida Barros

[ygora.barros@gmail.com](mailto:ygora.barros@gmail.com)

### Resumo

Nesta comunicação pretendo discutir a teoria das formas simbólicas como proposta por Ernest Cassirer (1874-1945) e sua articulação na construção da realidade nas obras *Filosofia das formas simbólicas* (doravante citada como FFS) v. I e v. II, respectivamente, *A linguagem* (1923) e *O pensamento mítico* (1924), além da obra *Linguagem e mito* (1925) e em *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura* (1944). Nestas obras Cassirer propõe uma retomada fenomenológica “à la hegeliana” – como ele mesmo afirma em FFS v. III, *A fenomenologia do conhecimento* –, das condições de possibilidade do conhecimento, i.e., a partir do método transcendental, seu objetivo é construir uma articulação entre linguística, psicologia, antropologia, história e filosofia, além de teorias da física contemporânea – que irremediavelmente atravessam as reflexões do autor –, que dê conta de construir uma unidade epistemológica que não fique presa a fragmentação das especificidades científicas próprias do seu tempo e que, ainda assim, apresentem uma sistemática que possa responder aos problemáticas propostas tanto pela fenomenologia husserliana quanto da ontologia fundamental de Heidegger, isto é, que apresente uma unidade filosófica que não seja tragada pela crise que se dá a partir da evolução científica do final do Sec. XIX. O autor, assim propõe uma retomada histórico-cultural das visões de mundo representadas na história da filosofia e em seu debate com as ciências de seus tempos, bem como um retorno ao Faktum do mito e seu desdobramento em como suas notas características fundamentais se reapresentam em alguns aspectos na cultura que pensou ter se livrado por completo do mito. Nesta comunicação pretendo a partir da filosofia das formas simbólicas de Cassirer uma reflexão de como construímos a realidade e como essa construção advém e impacta na cultura.

### Palavras-Chave

Linguagem. Mito. Cultura.



## CASSIRER E A TÉCNICA COMO FORMA SIMBÓLICA

Alexandre Oliveira Ferreira  
[alexandre.ferreira@unifesp.br](mailto:alexandre.ferreira@unifesp.br)

### Resumo

O objetivo da comunicação é localizar o pensamento do filósofo alemão Ernst Cassirer nas atuais discussões acerca da técnica e da tecnologia modernas. Para tanto, abordaremos dois textos do autor: a preleção “Forma e Técnica” (1930) e o livro *O Mito do Estado* (1945), nos quais o filósofo alemão pensa a técnica no quadro da sua filosofia das formas simbólicas. Nesse sentido, na preleção de 1930, a função simbólica da técnica seria de criar um mundo de objetos que, em sua forma mais desenvolvida e pura, precederia e seria a condição de possibilidade do pensamento teórico e da ciência moderna. Entretanto, o objeto da técnica não se esgota, como o da ciência, na descrição do real, mas antes na projeção de um horizonte de múltiplas possibilidades. A técnica se posta no necessário para, a partir dele e das leis que o regem, galgar o reino do possível e conquistar uma nova plasticidade do mundo: a técnica se submete as leis fixas da natureza para transformá-la em algo passível de múltiplas configurações. A partir disso, serão feitas algumas críticas à posição de Cassirer sobre os aspectos éticos da técnica moderna. Por ver a técnica como axiologicamente neutra, Cassirer acredita que seu telos está, paradoxalmente, na ausência de finalidade. Desse modo, Cassirer vê os males da civilização tecnológica como decorrentes dos fins aos quais ela está submetida e da falta de compreensão dos seus limites e do seu âmbito de atuação, e não como constitutivos de sua essência. Nesse sentido, no livro de 1945, Cassirer vê a ascensão dos regimes totalitários na Europa, nos anos de 1930, como uma infiltração espúria das concepções míticas de mundo e das ideologias totalitárias no interior da sociedade tecnológica, o que a faria servir a fins contrários ao processo civilizatório que se iniciara com o Iluminismo. Na contramão de pensadores como Heidegger, Ellul, Hans Jonas entre outros, Cassirer acredita que a técnica, apesar de sua autonomia no âmbito da cultura, pode ser submetida à vontade e a fins humanos, vendo-a não apenas como “dominadora da natureza, mas também como dominadora das forças caóticas no homem”. Questiona-se, em comparação com outros autores, se Cassirer não padece aqui de um excesso de humanismo que o faz minimizar a autonomia da técnica e o impede de ver nela alguns os fatores de dominação e de ameaça ao humano que seriam constitutivos do próprio fazer técnico.

### Palavras-Chave

Cassirer. Forma. Técnica.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATUALIDADE DA FILOSOFIA DA CIÊNCIA DE ERNST CASSIRER

Ivânio Lopes De Azevedo Júnior

[ivanio@ufc.br](mailto:ivanio@ufc.br)

### Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os aspectos estruturantes do programa filosófico-científico de Ernst Cassirer, bem como analisar sua pertinência para o debate teórico atual. Por se tratar de um pensador que cumpriu várias agendas de pesquisa sobre diversas temáticas, é importante, de saída, termos clareza qual trilha textual ampara este trabalho. Thomas Mormann circunscreve a filosofia da ciência de Cassirer ao período de 1907 a 1937 a partir das seguintes publicações: *Kant e a matemática moderna* (1907), *Conceito-Substância e Conceito-Função* (1910), *A teoria da relatividade de Einstein* (1921), *A Filosofia das Formas Simbólicas- volume III* (1929) e *Determinismo e Indeterminismo da Física Moderna* (1937). Assumindo que este recorte expressa a filosofia da ciência cassireriana, a proposta aqui é explicitar qual o fio condutor desse programa de pesquisa e como, à luz dele, Cassirer foi capaz de fornecer um sentido histórico-sistemático à ciência de seu tempo. Para que, em seguida, se demonstre em que medida suas teses e argumentos ainda preservam sua pertinência filosófica. Se levarmos em conta a querela entre realismo e antirrealismo científicos, o problema matematização e da incomensurabilidade nas ciências, a tensão entre objetividade científica e pluralismo cultural, por exemplo, veremos que filosofia de Cassirer não se mostra apenas atual, mas, sobretudo, se mantém teoricamente potente.

### Palavras-Chave

Cassirer. Filosofia da Ciência. Neokantismo.



## CONTRIBUIÇÕES À TEORIA DO SÍMBOLO E DO MITO EM ERNST CASSIRER

Gustavo De Faria Arruda  
[g169267@dac.unicamp.br](mailto:g169267@dac.unicamp.br)

### Resumo

Encapsulamos nosso principal problema de pesquisa da seguinte maneira: de que modo as teorias do símbolo e do mito são confluentes e complementares nas obras tardias - principalmente na Antropologia Filosófica - de Ernst Cassirer? Nossa defesa aponta para um feixe de possibilidades, as quais apresentamos na sequência. Partindo do *faktum* das ciências empíricas, nos deparamos com a necessidade de estabelecer uma unidade da teoria do mito. Essa unidade deve estar fundada sobre condições de possibilidade a priori à sua compreensão, experiência e expressão. Buscamos, neste ponto, afirmar que a teoria simbólica é transcendental à teoria do mito, garantindo sua inteligibilidade e posicionando-a no sistema teórico da filosofia. Nos baseamos, para além das obras tardias, sobretudo nas obras da década de 1920, *Filosofia das Formas Simbólicas*, nas quais Cassirer expressa que o mito (e não apenas ele, mas, também, a linguagem, a arte, a ciência, etc.) são formas pelas quais interagimos simbolicamente, visando construir e compreender nosso mundo humano comum. A clássica questão antropológica, “o que é o ser humano?”, sobre a busca da definição objetiva do que somos, e que remonta à máxima socrática “conhece-te a ti mesmo”, é outro ponto fundante em nossa pesquisa. Em um primeiro momento a questão enfoca a humanidade em “letras miúdas”, buscando explicar o que o ser humano é enquanto indivíduos que partilham características comuns enquanto espécie. Nesse primeiro momento, a definição cassireriana apoia-se sobre o conceito de símbolo. Num segundo momento, a investigação passa para as “letras maiores”, abrangendo as manifestações culturais, as diversas formas de atuação do ser humano em comunidade e em interação com o mundo que o cerca. Neste segundo momento, as formas simbólicas são escrutinadas. Elegemos a forma simbólica do mito como ponto de partida desta segunda etapa guiada pela máxima socrática por compreendermos sua importância como forma criadora e, segundo *O Mito do Estado*, o emergente risco das técnicas dos mitos políticos modernos. Visando a atualização do problema, nos questionamos qual



a tarefa da filosofia e dos filósofos, perante os momentos de crise nos quais a definição do ser humano é trazida à tona e nos quais a forma simbólica do mito torna-se problemática, não apenas epistemológica e antropológica, mas política.

### **Palavras-Chave**

Cassirer. Símbolo. Mito.



## CRONÓTOPO: O TEMPO SEGUNDO A INTUIÇÃO ATIVA NO PENSAMENTO MORFOLÓGICO DE GOETHE

Marcio Oliveira Souza Da Silva

[marcio04771077@gmail.com](mailto:marcio04771077@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desse artigo é apresentarem em que se constitui a ideia goetheana de tempo, denominado por Bakhtin como sendo um Cronótopo: uma imagem do tempo espacializado e, portanto, do espaço temporalizado. O procedimento dissertativo desse artigo consiste em um descortinamento da apropriação que Goethe faz da filosofia crítica de Kant. Apreensão feita de uma perspectiva que trata a “crítica do Juízo Teleológico” como a primazia basilar de todo o sistema crítico kantiano. Esse descortinar por si só revela a imagem do Cronótopo ao reconfigurar a estrutura intuitiva de Kant. Goethe transforma a intuição kantiana de um órgão cognitivo passivo para um órgão cognitivo ativo. Tal transformação se deve principalmente pela noção de natureza que Goethe possui, distinta da de Kant, a noção goetheana de natureza rompe com a dicotomia transcendental kantiana entre sujeito e objeto. Apropriando-se, pois, do pórtico epistemológico de Kant, Goethe afirma que nossas intuições puras – espaço e tempo – e nossos sentidos são provenientes de um metabolismo entre sujeito e objeto e não somente formas organizadoras que o sujeito adequa sobre os objetos na qualidade de fenômenos tal como na ortodoxia kantiana. A quebra dessa dicotomia substituí a relação transcendental que a epistemologia crítica estabeleceu, por uma relação simbólica conforme o método morfológico de Goethe, o Cronótopo é, portanto, uma imagem simbólica.

### Palavras-Chave

Tempo. Goethe. Intuição. Símbolo.





## DE CASSIRER PARA CASSIRER: METODOLOGIA DE ESTUDOS

Luiz Raimundo Tadeu Da Silva  
[luizrts2000@gmail.com](mailto:luizrts2000@gmail.com)

### Resumo

Esta proposta de comunicação no âmbito dos estudos neokantianos intenta estabelecer uma conexão metodológica e/ou lógica entre os fundamentos do Neokantismo e a ampliação das possibilidades de estudos elaboradas por Ernst Cassirer. Ou seja, articula-se no tripé: método transcendental, estilo de histórico de abordar os problemas e as duas “entradas” analíticas utilizadas por Cassirer (substância e função; símbolo e forma). O mote principal é a proposta de estudar a obra desse filósofo utilizando estes dois movimentos principais de seu pensamento. O neokantismo oriundo da Escola de Baden, que tem como expoentes Windelband e Rickert, é marcado pela busca de solucionar a crise das ciências na virada dos séculos XIX para o XX. Assumiam a necessidade de crítica ao cientificismo e enveredaram esforços para libertar as ciências do espírito do método das ciências naturais. Windelband, por exemplo, propôs princípios para uma ciência que rejeitasse a inflexibilidade do cientificismo e o relativismo defendido pelo historicismo. O neokantismo da Escola de Marburgo foi liderado por Cohen, Natorp e Cassirer. Duas características desta escola são em relação ao conceito e ao modo de fazer filosofia. A filosofia volta ser entendida como uma atividade reflexiva e não a “ciência por excelência” tal como Hegel afirmou. E, a rigor pode-se dizer que os pensadores de Marburgo estavam mais próximos de uma proposta de crítica epistemológica das ciências. O ponto em comum entre as duas escolas é a ideia do “método transcendental” utilizado para analisar as condições e possibilidades do Faktum da ciência e pelo estilo histórico de conduzir as análises. Com o pensamento maduro de Cassirer, o movimento que era chamado caricaturalmente de “mera interpretação exegética da obra de Kant, restrita à epistemologia das ciências naturais” se amplia e se projeta em direção à possibilidade de filosofia da cultura. Entretanto, para um significativo entendimento do pensamento cassireriano é necessário perceber “como” o filósofo estrutura suas ideias. A proposta de imersão no pensamento de Cassirer que ora apresento é articular duas fases do seu pensamento. Pode ser resumida (grosso modo) na expressão: do símbolo à forma assim como da substância à função.

### Palavras-Chave

Substância. Função. Forma Simbólica. Método.



## NOÇÃO DE RAÇA NA GÊNESE DO MITO

Francisco Gustavo De Souza Flor

[franciscomaggots@gmail.com](mailto:franciscomaggots@gmail.com)

### Resumo

Para esta comunicação, iremos apresentar as condições em que a noção de raça pode ser compreendida nos termos da filosofia de Ernst Cassirer. Iremos partir do símbolo mito, tendo em vista a argumentação que autor desenvolve colocando o mito como um dos primeiros estágios da construção humana de objetivação. O mito como parte dos estágios mais elementares de todo conhecimento simbólico carrega em si uma mudança de paradigma, sua forma elementar passa a ganhar um novo desenvolvimento metodológico e sua unidade lógica, que antes se dava apenas em ordenamentos substanciais, agora se desloca para uma estrutura funcional ganhando um aspecto relacional do conceito. Essa nova estrutura funcional tende a um conjunto de novas regras lógicas que possibilitam fundamentar todas as manifestações simbólicas e dá um caráter sistemático para a filosofia Cassireriana. Considerando esses aspectos, notamos que o conceito de raça é abordado por Cassirer ainda em sua noção mítica elementar, no seu escrito póstumo, a saber *O Mito do Estado* (1946), segundo o autor, o campo da política teria sofrido graves alterações e o poder mítico haveria se instaurado como elemento guia da discussão ao invés do pensamento racional. Ao identificarmos essa característica metodológica pensamos em dissertar sobre o problema da raça na gênese do mito, levando em consideração principalmente o segundo volume da *Filosofia das Formas Simbólicas* (1924), neste volume Cassirer dedicou-se ao estudo do mito em sua mais variada característica, cremos ser possível através deste volume demonstrar a estrutura do pensamento mítico evidenciando o ponto que propiciou o culto da raça. A comunicação está organizada da seguinte maneira: A) pretendemos evidenciar o panorama histórico e político em que Cassirer se encontrava para confecção do *O Mito do Estado*, além de seu lugar no programa cassireriano de filosofia B) objetivamos demonstrar as características epistemológicas do conceito mítico, a fim de entender de que maneira é estruturada filosoficamente a noção de raça no *O Mito do Estado*. Neste capítulo, será de suma importância fazermos sempre referência ao debate que Cassirer fez com o filósofo francês Arthur de



Gobineau. Partimos do pressuposto que a melhor maneira para se inferir a noção negativa de raça é comparar a substancialidade mítica com a funcionabilidade científica.

### **Palavras-Chave**

Raça. Ernst Cassirer. Mito. Substância. Função.



## O CHOQUE ENTRE AS CONSCIÊNCIAS [FORMAS SIMBÓLICAS] COMO CHAVE COMPREENSIVA DOS FENÔMENOS TOTALITÁRIO

Henrique Nilo Da Silva  
[h247120@dac.unicamp.br](mailto:h247120@dac.unicamp.br)

### Resumo

A presente comunicação tem como tema a contrariedade das formas de pensamento científico, mítico e religioso nos textos tardios da crítica política de Ernst Cassirer, buscando compreender o nazismo de modo particular e a ascensão dos totalitarismos de maneira geral. Para tanto, analisar-se-á de maneira qualitativa e descritiva os textos *Judaísmo e os mitos políticos modernos* (1944) e *A técnica dos nossos mitos políticos modernos* (1945). Estes são desdobramentos de sua crítica da cultura, *A Filosofia das Formas Simbólicas*, sistematizada na década de 1920. Aqui, seu pensamento foi conduzido por preocupações teóricas e pela pretensão de superar o fracasso da ciência e da filosofia em construir um corpo de conhecimento unificado. Posteriormente, o filósofo percebe que a crescente fragmentação do conhecimento também constitui uma ameaça iminente nas esferas prática e social. Em ambos os textos, ressaltar-se-á a inerente tendência à hegemonia de cada forma simbólica, as antinomias na vida político-cultural e a atualidade e as possibilidades da filosofia cassireriana. Desse modo, as antinomias entre as formas culturais são chaves hermenêuticas para compreendermos como foi possível tanto a vitória da consciência mítica sobre a consciência científica quanto a vitória da consciência religiosa sobre a consciência mítica. Por um lado, justifica-se tal proposta pela versatilidade de conciliar o método idiográfico (real-particular) e o nomotético (ideal-universal) na análise da ascensão do totalitarismo que abalou a crença na racionalidade política. Por outro lado, justifica-se pela possibilidade de problematizar de maneira original as seguintes questões: Como foi possível a vitória do Partido Nacional Socialista? Por que o pensamento crítico não ofereceu resistência suficiente ao totalitarismo? Há outras forças, não racionais, que governam as ações políticas? Seria as crises econômicas, sociais e políticas do período entreguerras que tornou propício o retorno do mito na vida política europeia? Nesta perspectiva, observa-se uma cuidadosa análise da estrutura de cada forma simbólica e a constante busca do equilíbrio entre as forças espirituais mediante uma “visão de



conjunto”, onde tais expressões culturais devem ser colocadas lado a lado em uma totalidade que as sintetize em uma unidade. Assim, o contexto político e cultural brasileiro, marcado por antinomias, conflitos e por uma intensa capacidade de síntese, pode dar as boas vindas à crítica da cultura cassireriana.

### **Palavras-Chave**

Formas Simbólicas. Crítica Política. Totalitarismo.



## RELAÇÃO ENTRE CONCEITO E OBJETO EM ERNST CASSIRER

Francisco De Assis Silva Dos Santos

[franciscosilvaufc@alu.ufc.br](mailto:franciscosilvaufc@alu.ufc.br)

### Resumo

A pesquisa em questão propõe-se a analisar a filosofia de Ernst Cassirer (1874-1945) em seu aspecto lógico e estrutural, especificamente a relação entre conceito e objeto presente em seu projeto filosófico mais relevante, no âmbito da teoria do conhecimento, denominado de Filosofia das Formas Simbólicas. A passagem do conceito-substância para o conceito-função presente na lógica interna das ciências na modernidade restabelece a discussão sobre a construção do conceito, presente no texto *Conceito de Substância e Conceito de Função*. Tal debate estabelece a predominância da lógica relacional em relação à lógica aristotélica na ciência. Assim, é sobretudo na concepção de ciência na modernidade que a relação do conceito com o objeto passa de uma estrutura lógica substancial aristotélica para uma relação funcional e simbólica. Isto é, o conceito passa a ser condição de possibilidade de compreensão do objeto. Assim, o presente texto propõe estabelecer a distinção e transição da relação substancial à funcional, bem como seu teor simbólico no projeto epistemológico do Cassirer. Dessa forma, a relação entre o conceito e objeto, presente essencialmente na obra de 1910 *Conceito de Substância e Conceito de Função*, e no terceiro volume da *Filosofia das Formas Simbólicas: Filosofia das Formas Simbólicas: Fenomenologia do Conhecimento*, são essenciais para tal análise.

### Palavras-Chave

Conceito. Objeto. Cassirer.



## UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DE CASSIRER: GOODMAN ENTRE A FORMA SIMBÓLICA E OS MUNDOS POSSÍVEIS

Vitor Hugo Oliveira Souza

[vitor.hugo@alu.ufc.br](mailto:vitor.hugo@alu.ufc.br)

### Resumo

Neste estudo, realizo uma análise introdutória da concepção de mundos possíveis de Nelson Goodman, correlacionada à filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer. Goodman, filósofo norte-americano, reformula sua teoria sob a filosofia cassireriana, evidenciando discrepâncias com o projeto neokantiano. Embora Goodman e Cassirer representem correntes filosóficas opostas – empirismo epistêmico e idealismo da Escola de Marburg, respectivamente - é possível observar a contribuição de Cassirer para o debate na escola filosófica analítica, especialmente na crítica ao realismo ingênuo. Como parte da metodologia, examinaremos conceitos do texto “Ways of Worldmaking” (1978), e faremos contraposições específicas sob as leituras das principais obras cassirerianas, objetando os pontos de contato e contribuições oriundas da interpretação analítica da “Filosofia das formas simbólicas”. O objetivo é apresentar a recepção e a interpretação analítica das teses cassirerianas e sua contribuição para o pensamento filosófico contemporâneo.

### Palavras-Chave

Filosofia Analítica. Neokantismo. Cassirer. Goodman.



## VIRADA LINGUÍSTICA OU SIMBÓLICA? RECONSTRUÇÃO DO DEBATE HABERMAS-KROIS SOBRE AS FORMAS SIMBÓLICAS

Rafael Garcia  
raroga@unicamp.br

### Resumo

Este artigo tem como objetivo reconstruir a discussão entre Jürgen Habermas e John M. Krois sobre a interpretação da teoria das formas simbólicas e seu lugar no cenário filosófico do século XX, mais precisamente sobre se a filosofia das formas simbólicas ainda deve ser enquadrada como uma filosofia monológica da consciência e se Cassirer toma ou não a linguagem como protótipo para a construção de sua noção de símbolo. Começaremos pelo artigo escrito por Habermas sobre Cassirer, escrito em resposta a Krois, a fim de entender a posição de Habermas, as objeções de Krois e as respectivas respostas e réplicas de ambos. Com isso, pretendemos lançar luz sobre o caminho da interpretação da obra magna de Cassirer, confrontando as críticas lançadas pelo campo teórico da Teoria Crítica. O que desperta o interesse em um debate entre Jürgen Habermas e John M. Krois sobre a filosofia de Ernst Cassirer é o fato de que Habermas dedicou sua conferência de 1995 no Warburg Institute a esse último. É nessa conferência que Habermas expõe com mais detalhes sua interpretação da obra de Cassirer e a situa no cenário filosófico do século XX. No entanto, essa não é a primeira menção de Habermas a Cassirer. Em alguns de seus escritos mais importantes da segunda metade da década de 1960, Habermas considera a filosofia das formas simbólicas de Cassirer como o ponto alto da maturidade na discussão metodológica da filosofia neokantiana da cultura (1968, p. 6), como o primeiro a fazer a transição da crítica transcendental da consciência para a crítica da linguagem (1972, p. 331) e como uma interpretação hegelianizada de Kant (1967, p. 138). Em todos os três casos, Habermas enfatiza a importância da contribuição epistemológica da obra de Cassirer, com ênfase na busca deste último por uma lógica das ciências culturais que buscava estender a unidade original da percepção a uma nova dimensão que é logicamente anterior às operações do entendimento (1968, p. 9). A perspectiva posterior de Habermas, em 1995, parece ter um foco diferente. Nela, Habermas dá mais destaque aos papéis de Warburg e Humboldt na elaboração do programa da filosofia das formas





simbólicas - que ainda permanece no campo da epistemologia - e também discute o legado humanista da filosofia de Cassirer. Essa mudança de perspectiva nos permite lançar luz sobre a recepção do trabalho autoral de Cassirer nos anos após sua morte.

### **Palavras-Chave**

Símbolo. Linguagem. Mito. Função Expressiva.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT NEOPLATONISMO



## A ÉTICA DE PLOTINO E A QUESTÃO DE SUA PERTINÊNCIA FILOSÓFICA

Robert Brenner Barreto Da Silva

[robert.brenner@uece.br](mailto:robert.brenner@uece.br)

### Resumo

O objetivo dessa comunicação é refletir sobre uma interpretação tão recorrente quanto bem respaldada acerca do caráter profundamente contextualizado da ética plotiniana; em outras palavras, a sua pertença quase que exclusiva ao cenário cultural da antiguidade tardia, na esteira do ideal do sábio. É paradigmático que Pierre Hadot, em seu trabalho “Plotino ou a Simplicidade do Olhar”, tenha ponderado que há uma espécie de abismo entre Plotino e o leitor atual. Hadot atenua essa intuição com a ideia de que a mística filosófica constituiria um “chamado”, o qual, nesses termos, permitiria um impacto vivencial contínuo sobre quem medita a respeito das lições das Enéadas. No célebre estudo de John Dillon, cujo título nos provoca ao exame – “Uma ética para o sábio da antiguidade tardia” – o tratado plotiniano é mesmo apreciado, pelo menos quanto ao seu aspecto ético, como se a ele estivesse adequado uma condição de datação. Tendo em mente essas leituras, e a já clássica advertência de Brochard sobre a tentação de querer justificar a história da filosofia a partir de empréstimos contemporâneos, o que nos levaria diretamente ao anacronismo, almejo avaliar essa tese geral a respeito do estatuto da ética plotiniana, revisitando passagens de tratados como I.2, I.4, I.5, III.2, isto é, explorando o tratamento que Plotino confere às virtudes e à felicidade na primeira Enéada especialmente. O exercício especulativo que se propõe é o de problematizar a ética de Plotino, indagando-a quanto a sua pertinência filosófica, leia-se: a hipótese de que a abordagem neoplatônica não seria somente uma ética para o sábio da antiguidade tardia. Se a conclusão for a de que não é possível transgredir essas fronteiras sem que se esbarre em dificuldades interpretativas intransponíveis, ao menos ter-se-á levado ao seu termo uma questão propedêutica: que tipo de investigação se realiza ao estudar a ética plotiniana, isto é, quais são os seus significados e limites discursivos?

### Palavras-Chave

Plotino. Enéadas. Ética.



## CONJECTURANDO O NÃO-CONJECTURÁVEL NO PENSAMENTO DE NICOLAU DE CUSA

Oscar Federico Bauchwitz  
[bauchwitz1930@gmail.com](mailto:bauchwitz1930@gmail.com)

### Resumo

A concepção cusana de conjectura diz algo fundamental sobre o próprio ser humano, a saber, o fato de que através dele e em cada conjectura se manifesta algo verdadeiro. O ser humano está incluído nessa verdade. Apropriando-se desse modo de ser, o humano descobre-se como destino do próprio deus que almeja encontrar. Ele a encontra primeiro nos entes que conhece através das conjecturas e depois naquelas conjecturas que não se referem mais a nenhum ente específico, mas ao não-ente. Estas últimas conjecturam sobre o que não tem medida, nomeiam o que permanece inominável, conseguem dizer algo sobre o princípio não-principiado e, nesse sentido, dizem também algo sobre a natureza humana. Conjecturar o não-conjecturável, abandonando qualquer obstáculo da natureza material e das diferenças inerentes ao finito, coloca o ser humano num caminho em direção a um lugar onde descobre a sua forma de ser como aquela entidade que, apropriando-se de si mesmo, apropria-se do seu criador, ou seja, sendo propriamente humano, estritamente falando, ele nada mais é do que o próprio deus.

### Palavras-Chave

Conjectura. Mística. Antropologia.



## NEOPLATONISMO E CRISTIANISMO: MÍSTICA E MISTAGOGIA EM DIONÍSIO PSEUDO AREOPAGITA

Cicero Cunha Bezerra

[cicerobezerra@hotmail.com](mailto:cicerobezerra@hotmail.com)

### Resumo

O Corpus Dionysiacum é um dos mais importantes e desafiantes casos de pseudografia na história do pensamento ocidental. As referências textuais, consagradas por uma extensa e influente lista de comentadores ao longo dos séculos, do Ocidente ao Oriente, que atribuíram quatro tratados e dez cartas a Dionísio, um autodenominado discípulo de Paulo de Tarso e de um mestre chamado Hieroteu, não só serviram de estrutura para uma complexa cosmovisão cristã que inclui desde aspectos mistagógicos, ontológicos e cosmológicos, como também serviram de base para reflexões radicais sobre a linguagem que culminaram, em grande parte, naquilo a que hoje chamamos misticismo. Neste sentido, falar de Dionísio Pseudo Areopagita, Pseudo Dionísio Areopagita ou Dionísio Areopagita, é referir-se a um corpus textual que continua, ainda hoje, estimulando investigações graças à sua natureza fronteiriça que reúne aspectos filosóficos gregos, particularmente neoplatônicos, e cristãos. Neste trabalho, pretendo expor as ligações entre mística e mistagogia em Dionísio Pseudo Areopagita, privilegiando o carácter teológico-iniciático da linguagem como eixo unificador entre o pensamento neoplatônico cristão e a filosofia de Proclo. Para tanto, me concentro na análise da obra procliana Teologia Platónica como fonte para o texto pseudo-dionisíaco nos seus aspectos iniciáticos da linguagem.

### Palavras-Chave

Proclo. Dionísio Pseudo Areopagita. Neoplatonismo.



## O NÚMERO 1260 E O NEOPLATONISMO MEDIEVAL

Noeli Dutra Rossatto  
[rossatto.dutra@gmail.com](mailto:rossatto.dutra@gmail.com)

### Resumo

O trabalho investiga a função do número 1260 na hermenêutica de Joaquim de Fiore (s. XII). Tal número está referido, sob diferentes grafias, ao longo dos textos bíblicos, entre elas: três anos e meio, quarenta e duas gerações, seis semanas de gerações e um tempo, dois tempos e a metade de um tempo. Nossa hipótese de trabalho é que esse número se deriva dos textos bíblicos, mas encontra correspondência nalgumas sequências da cosmologia neoplatônica alto-medieval. A cifra cumpre com três funções principais na hermenêutica joaquimita: a) primeiro, serve para estabelecer as diferentes medidas da história por três estados (status), sete idades (aetates) e sete subdivisões por conjuntos de vinte e uma gerações (generationes); b) segundo, serve para interpretar as sequências dos sete selos do primeiro e do segundo estados do mundo, indicando os tipos históricos principais; e c) terceiro, está na base das profecias sobre o fim do cristianismo e o começo do novo estado espiritual no ano 1260. Por fim, investigaremos a possível relação entre o número 1260 e o neoplatonismo medieval.

### Palavras-Chave

Neoplatonismo. Joaquimismo. 1260.



## UMA COMPREENSÃO DA ESCRITA COMO ABANDONO DE SI EM ECKHART

Elves Franklin Bispo De Araujo  
[elvesfranklin@outlook.com](mailto:elvesfranklin@outlook.com)

### Resumo

No presente trabalho pretendemos apresentar o que entendemos por escrita do abandono em Mestre Eckhart. Almejamos apontar a estrutura metafísica da divindade em Eckhart e, para tal, nos valemos das fontes eckhartianas, isto é, Plotino, Proclo e Dionísio, o pseudo Areopagita. Também apontamos a distinção que Eckhart faz dos termos como Deus e Deidade, dos quais do primeiro compreendemos como “nome” e, do segundo, “fundo de toda divindade”. Buscaremos mostrar também que Eckhart cria uma certa necessidade da realidade do cotidiano para a sua mística, isto é, uma experiência mística em total conexão com postura de vida. Para tornar clara essa relação, utilizamos o Sermão Marta e Maria e outros sermões. A comunicação será organizada nos seguintes subtópicos: i) a estrutura metafísica da divindade eckhartiana, ii) Deus e Deidade, e, iii) mística e cotidianidade: Marta e Maria. Na primeira sessão, trataremos da distinção entre Gott (Deus) e Gottheit (Deidade) presente nos Sermões alemães como base para a estruturação da experiência de abandono em Eckhart. Na segunda, abordaremos as relações entre Deus, compreendido como Uno, e suas relações com o mundo, em particular com o humano. E, por fim, exporemos as consequências derivadas do estabelecimento dos vínculos entre mística e metafísica como forma de compreensão, não excludente, entre vida ativa e contemplativa em Eckhart.

### Palavras-Chave

Desprendimento. Ética. Mística.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT NIETZSCHE





## A “MENTIRA SAGRADA” EM O ANTICRISTO: A CONTROVERSA ABORDAGEM DO CÓDIGO DE MANU NA FILOSOFIA NIETZSCHE

Joelson Silva De Araújo  
[joelsontoscano@gmail.com](mailto:joelsontoscano@gmail.com)

### Resumo

A moral indiana presente no Código de Manu, para Nietzsche, moral do cultivo, é contrária à moral cristã da domesticação. Ambas são baseadas e se sustentam através do que Nietzsche denomina como mentiras sagradas. Em O anticristo, principalmente nas seções 56-58, Nietzsche faz parecer que considera as sociedades de castas indianas um modelo de sociedade sadia e justa, pois considera que nelas há uma hierarquia que privilegia os mais fortes. No entanto, quando analisamos outras partes dessa e de outras obras, podemos dizer que a questão do Código de Manu e sua mentira sagrada não são simplesmente o que está posto naquelas seções da obra acima citada. Um dos motivos que leva Nietzsche a elogiar tanto Manu, nessas seções de O anticristo, é que ele busca se contrapor ao cristianismo, utilizando uma espécie de retórica, usando outros tipos de moral como referência para realizar sua crítica à moral cristã. Assim, pois, se coloca o objetivo deste trabalho, no sentido de investigar por que Nietzsche elogia o Código de Manu, em O anticristo, nas seções 56-58, e, ao mesmo tempo, critica essa moral do cultivo na maior parte de sua obra. A mentira sagrada postulada no Código de Manu pode ser considerada afirmativa, tipo de mentira forte, em relação à vida, ou, por outro lado, trata-se de um tipo decadente como a mentira sagrada cristã?

### Palavras-Chave

Mentira Sagrada. Moral do Cultivo.



## A CENTRALIDADE DA NOÇÃO DE UNZEITGEMÄSS NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

Rafael Guimaraes Tavares Da Silva  
[gtsilva.rafa@gmail.com](mailto:gtsilva.rafa@gmail.com)

### Resumo

Estudiosos recentes têm explorado cada vez mais a formação filológica de Friedrich Nietzsche para compreender certos aspectos de sua obra filosófica, como fazem James I. Porter e Christian Benne. Com o objetivo de relacionar seus primeiros trabalhos filológicos — publicados entre o final da década de 1860 e o início de 1870 — àquilo que ele desenvolverá em livros publicados nos anos seguintes, como *Humano, demasiado humano* [*Menschliches, Allzumenschliches*] (orig. 1878) e *A gaia ciência* [*Die fröhliche Wissenschaft*] (orig. 1882), gostaria de analisar algumas das notas escritas no ano de 1875, no período de produção do material que o estudioso pretende publicar como a quarta de suas *Considerações intempestivas* [*Unzeitgemässe Betrachtungen*], intitulada “Nós filólogos” [*Wir Philologen*]. Embora o texto tenha sido abandonado nesse estágio de esboço e jamais concluído, ele traz elementos para que se reflita sobre a transformação que o trabalho de Nietzsche experimenta nesse período, com seu abandono gradual da filologia em prol da filosofia. Ler essas notas no âmbito do projeto composto pelas *Unzeitgemässe Betrachtungen* propicia uma análise da noção de *unzeitgemäss* e de sua centralidade no pensamento nietzschiano: esse adjetivo contém as noções de “tempo” [*Zeit*] e “medida” [*Mass*], ainda que regidas pela negatividade do prefixo *un-*; em resistência explícita aos juízos e critérios do tempo presente, Nietzsche assume-se como uma espécie de antimoderno; ele não reivindica, no entanto, que suas considerações sejam inatuais (no sentido de desprovidas de atualidade), nem propriamente “extemporâneas” (no sentido de que seriam precoces ou tardias demais para o tempo presente), mas sim fundamentalmente avessas às modas e aos modismos, hostis às tendências em voga, desejando intervir de forma direta para transformar esse estado de coisas. A filosofia de Nietzsche, fundamentada numa reflexão detida sobre a Antiguidade Clássica, é intempestiva porque parte do passado para se voltar contra o tempo presente, mas sempre em favor de um tempo futuro, demonstrando nessa intempestividade o caráter combativo (“tempestuoso”) de quem reconhece a necessidade incontornável de agir no tempo (isto é, na história).

### Palavras-Chave

Nietzsche. Considerações Intempestivas. Filologia.



## A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE VONTADE DE POTÊNCIA: A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE SOBRE ANAXÁGORAS

Cassiano Lucas Silva Carvalho  
[cassianolucassilva@gmail.com](mailto:cassianolucassilva@gmail.com)

### Resumo

Embora a noção da vontade de potência (*Wille zur Macht*) apareça de forma explícita sobretudo por meio da obra publicada *Assim Falava Zaratustra* (1883), defendemos a tese de que a fonte dos elementos e das características das quais essa noção é constituída remontam também ao período da juventude de Nietzsche. Ao analisar o escrito inédito inacabado *A filosofia na época trágica dos gregos* (1873), temos contato com a perspectiva de Nietzsche sobre os principais filósofos pré-platônicos, dos quais Nietzsche assume abertamente de que se tratam de seus primeiros mestres. Nesse contexto, embora também seja de nosso interesse analisar a perspectiva de Nietzsche sobre os demais filósofos pré-platônicos, nos contentaremos com a análise da perspectiva nietzschiana sobre Anaxágoras. Dito isso, nosso ponto de partida consiste em analisar as possíveis convergências e divergências entre a noção madura da vontade de potência e a perspectiva nietzschiana de Anaxágoras na obra destacada. Para essa finalidade, consultaremos também as menções realizadas por Nietzsche sobre Anaxágoras presentes nas *Lições sobre os filósofos pré-platônicos* (1869-72) e nos fragmentos póstumos do período da juventude (entre 1869 e 1875), com o objetivo de identificar se existe um tratamento distinto entre os escritos destacados e os fragmentos póstumos concernentes à perspectiva nietzschiana sobre Anaxágoras.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Vontade de Potência. Anaxágoras.



## A CRIAÇÃO DE UMA NOVA HUMANIDADE: FRIEDRICH NIETZSCHE E FRANTZ FANON

Ivan Risafi De Pontes

[iresaffi@yahoo.de](mailto:iresaffi@yahoo.de)

### Resumo

Em que medida o pensamento de Friedrich Nietzsche pode ser inserido numa reflexão a propósito da teoria da descolonização de Frantz Fanon? É fato, que uma breve referência a literatura sobre o tema revela uma impressionante ausência de trabalhos a esse respeito. Nossa pesquisa visa refletir sobre a possibilidade de aproximação entre os dois pensadores, mas especificamente por meio do que acreditamos ser o cerne de ambas as obras: a necessidade de criação de uma nova humanidade. Pois como diz Fanon: A descolonização nunca passa despercebida, pois atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, recolhidos de modo quase grandioso pelos raios luminosos da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é indiscutivelmente uma criação de homens novos. Mas essa criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural: a “coisa” colonizada torna-se homem no próprio processo através do qual ele se liberta (FANON, *Os Condenados da Terra*, p. 32). Há de se reconhecer, portanto, a necessidade de análise a respeito de quais elementos do pensamento de Nietzsche podem exercer um efeito esclarecedor e propulsor da concepção descolonialista de Frantz Fanon. Nesse sentido, a tematização de conceitos nietzschianos inerentes à política e à psicologia do homem domesticado e de seu ressentimento abrem espaço para uma análise que deslumbra um universo de questões comuns, que não apenas aproxima os dois pensadores, mas serve de fundamento para a avaliação do efeito contemporâneo de ambos.

### Palavras-Chave

Friedrich Nietzsche. Frantz Fanon. Nova Humanidade.



## A DIMENSÃO MORAL DA LINGUAGEM COMO COMPONENTE (NEO)PRAGMÁTICO NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Jair De Oliveira Duarte Junior

[contatojjunior@outlook.com](mailto:contatojjunior@outlook.com)

### Resumo

Este estudo resulta de uma análise acerca da relação entre linguagem e moralidade na obra de Nietzsche. Nossa investigação propõe que a filosofia nietzschiana, ao examinar a linguagem e a moralidade, identifica a existência de uma dimensão moral subjacente à estrutura proposicional predicativa da linguagem. Esse aspecto da filosofia de Nietzsche parece ressoar na filosofia (neo)pragmática, pois esta consiste na rejeição de fundamentos absolutos e na visão da verdade como uma construção linguística e socialmente contingente, enfatizando a prática e a utilidade das ideias em contextos específicos. Por conseguinte, objetivamos destacar que os argumentos apresentados por Nietzsche ao identificar a existência de uma dimensão moral da linguagem são componentes fundamentais para a filosofia (neo)pragmática. A estrutura argumentativa que apresentamos divide-se em dois momentos. Primeiramente, a partir do que denominamos “acordo metafórico”, Nietzsche identifica que a linguagem e, conseqüentemente, a ideia de verdade, são meras ficções, metáforas, interpretações que se cristalizaram ao longo do tempo. Doravante, essa estrutura metafísico-ontológica da linguagem e seu caráter falsificador (epistemológico) permitiram que a filosofia essencialista criasse um léxico próprio, que na tradição ocidental foi aceito como uma descrição incontestável da realidade. No segundo momento, a partir do que chamamos de referencial valorativo, Nietzsche, com seu perspectivismo e método genealógico, observa que a moralidade atua como produtora de significado das expressões linguísticas. A moralidade, ou, segundo o autor, o instinto de rebanho, utiliza-se da estrutura proposicional predicativa da linguagem para determinar, limitar e circunscrever os sujeitos de uma proposição através de predicções que têm como referência de significação a utilidade e a manutenção do grupo social. Essa visão é consonante com o (neo)pragmatismo, que também rejeita a busca por fundamentos absolutos e verdades transcendentais. Ademais, o perspectivismo de Nietzsche antecipa a visão (neo)pragmatista de que o conhecimento



é intrinsecamente interpretativo. Em conclusão, a filosofia de Friedrich Nietzsche contém diversos elementos que se alinham com os princípios do (neo)pragmatismo. Em particular, ao identificar uma dimensão moral subjacente à estrutura proposicional predicativa da linguagem, o autor oferece as ferramentas fundamentais para o desenvolvimento do movimento (neo)pragmático.

### **Palavras-Chave**

Nietzsche. Pragmática. Linguagem Moral.



## A DOCTRINA NIETZSCHIANA DO ETERNO RETORNO À LUZ DE VIDAS E DOCTRINAS DE FILÓSOFOS ILUSTRES

Joao Evangelista Neto

[joaonetofilosofia@gmail.com](mailto:joaonetofilosofia@gmail.com)

### Resumo

No atual estado da arte da Nietzscheforschung, é praticamente ponto pacífico afirmar que o aspecto cosmológico da doutrina nietzschiana do eterno retorno do mesmo foi elaborado a partir conceitos e termos apropriados da ciência do século XIX – sobretudo de um debate cosmológico em torno das “leis” da termodinâmica. Entretanto, em *Ecce Homo*, Nietzsche admite, explicitamente, que há afinidades entre sua doutrina e os ensinamentos de Heráclito e dos estoicos (Cf. *Ecce Homo*, “O Nascimento da tragédia”, § 3, KSA. 6.313). Seguindo essa pista fornecida pelo autor, já defendemos – em um trabalho publicado anteriormente – que é em Heráclito e nos estoicos que devemos buscar compreender as raízes da doutrina em questão. Na ocasião, sustentamos, portanto, que as formulações “cientificistas” – presentes numa quantidade significativa de fragmentos póstumos – estão estruturalmente assentadas na cosmologia das referidas tradições filosóficas gregas. Na comunicação que agora propomos, tentaremos evidenciar que essa “influência” de Heráclito e dos estoicos sobre Nietzsche foi, em grande medida, direcionada pela leitura que o filósofo alemão realizou de *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres* de Diógenes Laércio. Almejamos cumprir este objetivo por meio do exame do escrito de Diógenes Laércio cotejando-o com os fragmentos póstumos de Nietzsche nos quais o “argumento cosmológico” do eterno retorno do mesmo se faz presente.

### Palavras-Chave

Eterno Retorno. Cosmologia. Diógenes Laércio.



## A LIBERDADE NÃO METAFÍSICA E PÓS-MORAL COMO IDEAL DE AÇÃO EM NIETZSCHE

Ana Teresa Campos Souza

[anacampos.souza12@gmail.com](mailto:anacampos.souza12@gmail.com)

### Resumo

A partir da constatação de Nietzsche – em seus períodos produtivos intermediário e maduro – de que a noção convencional de livre-arbítrio se desenvolveu na história humana como um mero artifício dos sacerdotes ascéticos para conter a ameaça de expansão dos tipos fortes, poderíamos ser levados a acreditar que não resta na obra do filósofo espaço para o desenvolvimento do conceito de liberdade numa acepção positiva. Notamos, contudo, que Nietzsche emprega, principalmente em seus textos maduros, um vocabulário que envolve a palavra “liberdade” e outras que lhes são correlatas. O objetivo desta comunicação é apresentar as razões por que acreditamos que o uso desse vocabulário implica o estabelecimento de uma concepção positiva de liberdade, que, além de se apresentar como um conceito alternativo ao cunhado pela tradição cristã e moral, coloca-se como aquilo que Nietzsche entenderia como um ideal de perfeição e excelência na ação. Em contraposição à concepção convencional de liberdade, que, na perspectiva do filósofo, estaria fundada em falsos pressupostos, que reduziriam o agente a um substrato atomizado, ou à sua pura faculdade racional deliberativa, acreditamos que Nietzsche, ao atrelar sua noção positiva de liberdade a uma nova forma de entender os eventos no mundo e as ações humanas, a saber, a perspectiva da vontade de poder, possibilita inserir, e assim, ressemantizar esse conceito em um cenário não metafísico e pós-moral. De acordo com essa nova ótica, a liberdade passa a ser compreendida segundo uma imagem alternativa do agente, que, agora integrado a um mundo pensado como um continuum de forças em constante embate, estabelece-se como um campo organizacional complexo e hierarquizado de demandas de poder. Por outras palavras, a liberdade afirma-se como uma espécie de conquista por parte de raros indivíduos, na medida em que se configura a partir da combinação (1) de uma certa disponibilidade singular de alguns sujeitos de manter toda sua base orgânica (a racional juntamente com a não racional) hierarquizada segundo uma unidade de propósito (2) com um rigoroso e intensivo disciplinamento





dessa disponibilidade, que manteria o indivíduo inteiramente focado naquelas atividades que levariam estritamente ao engrandecimento de seu organismo e, assim, à afirmação da trama de reivindicações de poder da qual ele é uma parte importante. Justamente por compreender que faz parte desse continuum, isto é, do próprio destino, o sujeito livre o afirma em sua totalidade.

### **Palavras-Chave**

Liberdade. Vontade de Poder. Excelência.



## O VALOR EPISTÊMICO DA TEORIA NIETZSCHIANA DA APARÊNCIA CONSCIENTEMENTE INTENCIONADA

Bruno Camilo De Oliveira  
[bruno.camilo@ufersa.edu.br](mailto:bruno.camilo@ufersa.edu.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar o valor epistêmico da teoria nietzschiana da aparência conscientemente intencionada. O método consiste em selecionar trechos de duas obras nietzschianas escritas no período da sua juventude, intituladas O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo e Sobre verdade e mentira em um sentido extra moral, de outras duas obras escritas no período de transição de seu pensamento, intituladas Humano, demasiado humano, um livro para espíritos livres e A gaia ciência, e de mais duas obras escritas no período mais tardio de sua produção, intituladas Além do bem e do mal, prelúdio a uma filosofia do futuro e Genealogia da moral, uma polêmica, para enfatizar, a partir de um análise teórica das noções nietzschianas de “metáfora”, “mentira” e “perspectivismo”, o modo como a noção de “aparência” foi se desenvolvendo no pensamento nietzschiano até servir para explicar o processo de compreensão humana do mundo. Segundo Nietzsche, não possuímos aparatos biológicos para uma apropriação do mundo, sendo a construção consciente de imagens falsas o máximo que podemos fazer em relação a compreensão do mundo. Esse argumento embasa a teoria nietzschiana que explica que a compreensão do mundo consiste em construir “metáforas” ou “imagens falsas”, em um processo de inventar “mentiras”, que valoriza o “perspectivismo” pelo qual construímos nossas imagens falsas sobre o mundo. O resultado é uma teoria nietzschiana sobre a compreensão humana em que a “aparência” aparece como um elemento indispensável para a linguagem e a epistemologia.

### Palavras-Chave

Aparência. Compreensão. Nietzsche.



## A MORAL COMO PROCESSO DE SUBJETIVIDADE EM NIETZSCHE

Marcos Machado

[mmachadofil@gmail.com](mailto:mmachadofil@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação indicaremos que a partir das críticas que Friedrich Nietzsche realiza na obra Genealogia da moral contra algumas “tipologias psicológicas”, amplamente disseminadoras de formas de existências decadentes, abre-se lacunas para se pensar também outras formas de viver, a partir de outros pressupostos, quais sejam, da noção da vontade de poder e no liame das tensões de forças, as quais em pleno embates necessitam, inicialmente, para fazer emergir vidas com traços saudáveis, operar uma ruptura com as crenças e os valores morais anteriores. Neste sentido, para entender a constituição de “tipos psicológicos” é fundamental considerar a moral como processo de subjetividade e, por conseguinte, produtora de tipologias. Analisando esse movimento sob a dinâmica dos impulsos, dos afetos e vinculado a um conjunto de valores morais, espera-se, dessa forma, demonstrar outras perspectivas psicológicas e, eventualmente, caracterizá-las como criadora de uma vida nutrida por traços saudáveis.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Tipologia. Moral.



## A PSICOLOGIA DA ESPETACULARIZAÇÃO DO SOFRIMENTO

Hailton Felipe Guiomarino

[hailton\\_50@hotmail.com](mailto:hailton_50@hotmail.com)

### Resumo

Em GM II 16, a hipótese para o surgimento da má consciência afirma que a violenta e abrupta inibição da descarga pulsional para fora forçou os indivíduos a redirecionarem a vazão instintiva para dentro de si mesmos. Três são as consequências desse processo. Primeiro, inicia aí a interiorização do bicho homem, o que mais tarde se chamará “alma”. Segundo, surge um novo tipo de sofrimento, “o sofrimento do homem com o homem, consigo”. Terceiro, produz-se a necessidade de inventar um meio para suportar a nova sôfrega condição: a figura do espectador. Nesta comunicação, exploramos panoramicamente o funcionamento psíquico da figura do espectador. Nossa hipótese é que a espetacularização do sofrimento é uma ficção psicológica necessária para sanar o déficit de poder, oriundo do impedimento da descarregar pulsional contra outros indivíduos. Seu funcionamento consiste, sinteticamente, em ficcionar um observador mais poderoso, a exemplo de uma divindade, para que atribua valor positivo e favorável ao sofrimento oculto. Assim, o sofredor justifica para si próprio seu tormento e pode aproveitá-lo para fins de engrandecimento do próprio poder. Ao explorar as implicações desse mecanismo de poder a partir de GM II 7, indicaremos de que maneira, para Nietzsche, o dispositivo da espetacularização seria a explicação psicológica para a origem dos deuses e das religiões, bem como do aperfeiçoamento moral humano. O mesmo dispositivo guardaria, ainda, a possibilidade de uma justificação afirmadora da vida na modernidade. Com essa argumentação, objetivamos mostrar que, para Nietzsche, espetacularizar o inédito sofrimento do homem com seu interior não só foi o motor do desenvolvimento da alma, como também é parte integral do funcionamento psíquico do homem sociabilizado.

### Palavras-Chave

Sufrimento. Espetáculo. Psicologia.



## A RELIGIOSIDADE DIONISÍACA NO PENSAMENTO NIETZSCHIANO

Corina Oliveira Arruda  
[cora.pegasus@icloud.com](mailto:cora.pegasus@icloud.com)

### Resumo

Pensamos sobre a possibilidade de encontrar na obra nietzschiana, uma tentativa de resgate de uma religiosidade pagã, identificada sobretudo pela ideia trágica do deus grego Dionísio. Este projeto de religiosidade dionisíaca apresenta-se enquanto alternativa às formas de niilismos descritas em sua obra, sobretudo como resposta ao esvaziamento de valores, após a decadência da ideia de Deus provocada pelo desenvolvimento da ciência moderna. A partir destas noções nietzschianas, de trágico e de dionisíaco, haveria espaço para se pensar um fenômeno de religiosidade alternativa ao encontrarmos em seu pensamento um resgate de uma visão dionisíaca de mundo. Para Nietzsche, a civilização ocidental havia perdido contato com essa dimensão mais primitiva e irracional da existência, resultando em uma cultura empobrecida e excessivamente racionalizada. O dionisíaco seria necessário enquanto afirmação da vitalidade, dos afetos e do caos criativo. É a dimensão que rompe com os limites da razão e da ordem. Esta expressão acontece como força vital e criativa que contrasta com a razão ordenada de seu polo oposto, o apolíneo. O dionisíaco é associado ao vinho, ao caos, à música e ao êxtase coletivo. Evoca a experiência de dissolução das fronteiras individuais e a fusão com a totalidade do cosmos, que se caracteriza por uma intensa emoção coletiva, música, dança e, muitas vezes, pelo uso de substâncias intoxicantes.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Trágico. Dionisíaco.



## A VIDA COMO CRIAÇÃO EM NIETZSCHE

Leandro Rodrigues De Oliveira

[lrodrigueso@yahoo.com.br](mailto:lrodrigueso@yahoo.com.br)

### Resumo

A noção de criação (schaffung) surge no pensamento nietzscheano como uma dimensão ativa da vida que tem a arte, entendida como a capacidade plástica e inventiva do ser humano, como seu grande estimulante. Nietzsche concebe a vida como o produto mais elevado da natureza, que deve, insistentemente, reclamar o “ato criador” para criar sempre mais vida e em suas mais altas formas de vida. Entretanto, o pensamento Nietzsche se caracteriza, em grande medida, por um confronto contra os filósofos metafísicos que, segundo ele, mantiveram a noção criação presa a uma acepção metafísica para idealizar a existência como uma atividade supra-humana. O modo pelo qual a tradição filosófica teria se constituído, produziu uma inversão da escala dos valores morais, que, ao invés de afirmar à vida como o produto mais elevado da natureza, passou a negar a dimensão criadora que lhe é própria, como potência eminentemente plástica, que é a expressão da vitalidade do ser humano no mundo, dando lugar a um sentido nihilista da existência que prescinde de uma vida decadente. Ao conceber a vida como “vontade criadora” (schaffender Wille), Nietzsche traz à luz o conceito de “vontade de poder” como o lugar do movimento interno e efetivo das “forças orgânicas” do ser humano, como condicionantes da “criação”. Neste sentido, o objetivo deste trabalho será o de demonstrar como Nietzsche pretender operar uma mutação de sentido na concepção metafísica de mundo, que deixou de levar em conta a “vida” como potência eminentemente plástica e criadora da existência. Portanto, concebemos que o conceito de criação se torna central no pensamento nietzscheano, atuando como elemento-chave para o programa da dissolução da metafísica, responsável pela dicotomia entre “criação valorativa negativa” e “criação valorativa afirmativa” com relação ao modo com que se concebe a vida. A superação desta dicotomia colocará em perspectiva que a vida é o maior produto da natureza, e que sua grandeza consiste em afirmá-la continuamente por um ato criador.

### Palavras-Chave

Criação. Transvaloração. Nihilismo.



## A VIRTUDE DOADORA (SCHENKENDEN TUGEND) COMO O MAIS POTENTE DOS AFETOS NO ZARATUSTRA DE NIETZSCHE

José Roberto Carvalho Da Silva

[j.roberto-10@hotmail.com](mailto:j.roberto-10@hotmail.com)

Priscila De Oliveira Silva

[silva.priscilaoliveira@gmail.com](mailto:silva.priscilaoliveira@gmail.com)

### Resumo

É lugar comum entre os estudiosos do pensamento de Nietzsche a compreensão de que o filósofo não apenas desenvolveu um programa crítico com o objetivo de abalar os alicerces da metafísica, ou de simplesmente diagnosticar o esgotamento de suas categorias, como também desenvolveu um programa construtivo, propondo novos conceitos, os quais seriam ferramentas para o projeto denominado transvaloração de todos os valores. Nesse contexto, o presente trabalho tem o objetivo de explorar os sentidos de um determinado conceito do programa construtivo nietzscheano, a saber, o de virtude doadora (schenkenden Tugend), cujas ressonâncias podemos encontrar ao longo da obra Assim falou Zaratustra (1883-1885), sobretudo na primeira parte. Para tanto, dialogaremos com outros intérpretes que também se debruçaram sobre a ideia de virtude doadora, tais como Peter Sloterdijk, Georges Bataille, Georg Simmel e Richard White. Como hipótese principal, entendemos a virtude doadora como sendo um afeto, na verdade o mais elevado (como Zaratustra o elege), à medida que se confirma como um impulso que anseia pela criação a partir de energias que se excedem e se dissipam, ultrapassando a lógica, típica da modernidade, da avidez ou do conformismo de ter, ou da carência de não-ter. Como antítese da virtude doadora, também examinaremos a virtude que apequena (verkleinernden Tugend), e veremos como ambas são melhor compreendidas quando são confrontadas. Em síntese, enfatizaremos a importância dessa confrontação para a filosofia nietzscheana como um todo.

### Palavras-Chave

Transvaloração. Virtude Doadora. Afeto.



## ALÉM-DO-HOMEM E ANIMALIDADE HUMANA EM FRIEDRICH NIETZSCHE

Matheus Becari Dias

[matheus.becari@uel.br](mailto:matheus.becari@uel.br)

### Resumo

Este trabalho busca apontar a inseparabilidade do conceito de além-do-homem em Friedrich Nietzsche com a discussão sobre a animalidade humana. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche apresenta o além-do-homem como um tipo que transcende os valores tradicionais e desafia a noção moderna de humanidade. Ao invés de um idealismo ingênuo, o além-do-homem representa uma nova maneira de sentir, pensar e avaliar, servindo como crítica à complacência da era moderna e destacando a humanidade como um estágio intermediário no processo evolutivo da espécie, sendo, portanto, suscetível a superação. Nietzsche ressalta que o além-do-homem não é um ponto final de uma progressão linear, mas sim uma coexistência entre o animal, o humano e o além-do-homem. Zaratustra valoriza aqueles que buscam a superação, contrastando-os com a figura do último homem, que personifica a mentalidade decadente da sociedade moderna. Além disso, a animalidade não é encarada como algo a ser erradicado, mas sim como uma parte intrínseca tanto do ser humano quanto do além-do-homem, implicando em uma nova relação que tem a natureza animal como aspecto fundamental. No entanto, Nietzsche não promove a bestialidade, mas sim uma reflexão sobre o que constitui ou não a condição humana. Assim, reconhecer a animalidade inerente ao ser humano está intimamente ligado à disposição para o além-do-homem como um de seus aspectos mais relevantes.

### Palavras-Chave

Zaratustra. Humanidade. Animal.





## AMOR, ANTAGONISMO E FISILOGIA EM NIETZSCHE: UMA ANÁLISE DA “ETERNA GUERRA ENTRE OS SEXOS”

Vinicius Souza De Paulo  
[vinicius.beatrix@gmail.com](mailto:vinicius.beatrix@gmail.com)

### Resumo

A comunicação tem o intuito de apresentar uma análise acerca da concepção nietzschiana de amor como uma “eterna guerra entre os sexos”, tal como ela aparece em *Ecce Homo*, especificamente no capítulo *Por que escrevo tão bons livros*, sessão em que Nietzsche evoca toda uma gama de problemas entorno da sexualidade da mulher, ressaltando todo impulso ascético da modernidade, de antinatureza, de supressão de todos impulsos e instintos naturais como um processo de degeneração em curso. Buscaremos argumentar com isso que toda a ideia de guerra, toda ênfase na necessidade de antagonismo na relação amorosa deve ser compreendida mediante esse eixo crítico que se desenvolve no campo de uma análise crítica psicofisiológica do ideal ascético em vigor na cultura moderna, demonstrando, com efeito, que toda essa ênfase no antagonismo da relação amorosa, nesse prisma, no enaltecimento e afirmação do corpo, da sexualidade, dos instintos, da natureza, servem como vetor tonificante de criação, de renovação, de transformação dos valores decadentes da modernidade.

### Palavras-Chave

Amor. Antagonismo. Sexualidade.



## ANALÍTICA DA RECEPÇÃO DO LÉXICO NIETZSCHIANO NO BRASIL

Geraldo Dias

[ger.pdias29@gmail.com](mailto:ger.pdias29@gmail.com)

### Resumo

Cada filósofo possui sua própria linguagem, isto é, os seus vocábulos e expressões particulares. Esta característica é notável na filosofia de Nietzsche, cuja terminologia específica desafia a sua tradução e a sua significação em diferentes contextos culturais. No Brasil, identifiquei uma recepção de Nietzsche a partir do momento em que o léxico de sua filosofia passa a ser integrado ao vocabulário da língua brasileira por meio de neologismos e expressões inéditas. Tudo começou quando o termo *Übermensch* foi traduzido, inicialmente, por “sobrehomem”, depois, por “Pró-homem”, em seguida, por “Super-homem”, após, por “Além-Homem” e, finalmente, por “além-do-homem”. As variações ortográficas desses neologismos eram acompanhadas por variações semânticas. De maneira que essa recepção levanta muitas questões, sendo uma delas de ordem semântica: como essas novas palavras adquiriram os seus significados? Teria sido por meio da transposição de um significado primário, isto é, presente desde o texto do filósofo, para a língua portuguesa? Ou os significados dessas palavras teriam emergido dos usos que se faziam delas no contexto brasileiro? Esta apresentação visa a explorar, mediante uma abordagem analítica, a maneira pela qual esses vocábulos derivados da filosofia de Nietzsche adquiriram os seus significados no contexto brasileiro. Para tal análise, recorro às contribuições de três filósofos analíticos: Ludwig Wittgenstein, com sua concepção do significado como uso em uma forma de vida e seus jogos de linguagem; John Searle, e sua teoria dos atos de fala, para explorar como esses neologismos funcionam na prática discursiva; e Hilary Putnam, cuja ideia de divisão do trabalho linguístico me permite compreender a especialização em torno do léxico nietzschiano.

### Palavras-Chave

Léxico. Nietzsche. Brasil.



## AS NOÇÕES DE LOUCURA NA AURORA DE NIETZSCHE

Lucas Romanowski Barbosa

[lucas\\_romanowski@hotmail.com](mailto:lucas_romanowski@hotmail.com)

### Resumo

Através do subtítulo de *Aurora* (1881), a saber, reflexões sobre os preconceitos morais, Nietzsche nos revela qual será o tema geral dos aforismos da obra. Assim, torna-se importante ter em mente que a moral está, ao menos em algum grau, presente em todo o livro, mesmo que a temática principal de um aforismo ou outro seja algo distinto, como política, arte, religião etc. Anos mais tarde, em sua *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche destaca, na seção 2 do prólogo, que tal obra também tratará dos preconceitos morais; não obstante, a própria *Genealogia* faz referência à *Aurora* em vários momentos. Um deles se dá na segunda dissertação, seção 2, quando o autor utiliza a expressão “moralidade do costume” [sittlichkeit der sitte], direcionando a três aforismos da obra de 1881. Um destes aforismos, §14, se intitula “significação da loucura [Wahnsinn] na história da moralidade”, o que chamou nossa atenção. Partindo da assumida temática que ambas obras possuem, Nietzsche seleciona um aforismo sobre loucura para lançar hipóteses sobre alguns mecanismos dentro da moralidade. Como a loucura, enquanto termo filosófico, pouco é discutido na recepção, um primeiro exame metuculoso nos parece profícuo. Para tanto, neste momento, focaremos exclusivamente na obra de 1881, tangenciando, se possível, apenas os apontamentos que circundam essa época da produção filosófica de Nietzsche. Em *Aurora*, observamos que além de Wahnsinn, há a ocorrência do termo Irrsinn, ambos com a possibilidade de tradução por loucura. Na tradução utilizada, loucura e insânia, respectivamente. Portanto, o que significa a loucura (e os termos próximos) dentro de uma obra que trata dos preconceitos morais? É possível uma unidade dessa noção em *Aurora*? É possível identificar temas correlatos dentro da obra de 1881? Nosso objetivo é destrinchar como tal noção nos é apresentada em *Aurora* e tentar identificar possíveis influências e interlocutores, para, por fim, indicar se há uma noção ou noções sobre o termo e qual a relevância deste para as reflexões sobre a moral.

### Palavras-Chave

Loucura. Moralidade. Tradição.



## CONTRA CELSO E A CRÍTICA AO CRISTIANISMO. POR UMA HERMENÊUTICA DA CRÍTICA NIETZSCHIANA À BURGUESIA

Adilson Felício Feiler  
[feilersj@yahoo.com.br](mailto:feilersj@yahoo.com.br)

### Resumo

Ao se refugiar num vitimismo anárquico e impotente, o Cristianismo acaba assumindo a posição da burguesia cultural decadente, apoiada numa zona de conforto aparente, que se pretende eterna e imutável. Em que medida é possível aproximar as invectivas de Celso de conciliar o monoteísmo filosófico ao politeísmo político da filosofia e do Estado com as críticas ao Cristianismo em seu aspecto moral é uma das metas a qual se propõe esta investigação. Todo o esforço de Celso contra a sedição que envolve a política e a cultura da essência do Cristianismo, a revolta contra a própria essência do Cristianismo se aproxima do problema do ressentimento que se depreende das análises de Nietzsche do Cristianismo como dispositivo de contraforças, ou seja, de sentimentos de vingança e de ódio. A revolta das ações contra as leis do Estado se aproxima do ressentimento em Nietzsche. Por essa razão, as críticas de Celso ao Cristianismo têm em Nietzsche a sua atualização. Consistem estas em críticas no que tange à relação entre Igreja e Estado, precisamente à tendência de imposição da Igreja sobre as questões relativas ao Estado. Portanto, trata-se, em ambos os autores, de uma crítica ao Cristianismo subversivo, de se impor sobre o Estado. E, desta crítica do Cristianismo sobre o Estado, se depreende uma visão de ressentimento, pela incapacidade de interposição de forças capazes de superação. Celso conduz, em seus escritos, uma análise política e cultural da essência do Cristianismo, de modo a perceber como estas influenciam a história do Cristianismo. O Cristianismo é criticado, por ele, por considerá-lo uma religião de torpeza e de sedição, que se constitui em uma ameaça constante ao Estado. Destas análises de Celso, sobre a postura dos cristãos frente a ordem estabelecida, se investe numa aproximação da leitura que contemporaneamente Nietzsche faz sobre a forma que a sublevação dos cristãos assume. Um dos aspectos pelos quais os cristãos reivindicam supremacia sobre a ordem social e política estabelecida é a dimensão de “Reino de Deus”. Por esta expressão, tanto Celso como Nietzsche se investem contra o Cristianismo, acusando-o de abandono e recusa do mundo da vida. Psicologicamente falando, negar o mundo com tudo o que a este pertence, se traduz em ressentimento.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Contra Celso. Cristianismo.



## É O INÍCIO DO FIM QUE COMEÇA: SOBRE O PRÓLOGO DE ZARATUSTRA

Andre Luis Muniz Garcia

[andreimg@hotmail.com](mailto:andreimg@hotmail.com)

### Resumo

Considerada por Nietzsche um divisor de águas em sua obra, pode-se dizer que Assim falou Zaratustra é ainda pouco explorada no que diz respeito aos seus compromissos com iniciativas e tendências da literatura moderna. Já no prólogo, Nietzsche propôs, mesclada a ricas imagens e sofisticação estilística, uma reflexão fundamental sobre a necessidade de se pensar o humano como transição [Übergang] e declínio [Untergang]: “O que de grandeza há no ser humano é ser uma ponte, jamais um fim: o que pode ser amado nele é que ele é uma transição [Übergang] e um declínio [Untergang]” (Za, prólogo 4). Apesar de ter sido muito citada e comentada pela pesquisa especializada, quase nunca são levados em conta os pressupostos estético-teóricos dessa proposta, muito menos foi devidamente observado que ela representava o ápice de um conjunto de ideias que Nietzsche já tinha esboçado em O nascimento da tragédia e que foram de fato experimentadas e amadurecidas nos dois tomos de Humano, demasiado humano, em Aurora e A gaia ciência. Para melhor compreender o alcance dessa reflexão, esta conferência pretende apresentar seus momentos decisivos, focando o forte laço que ela mantém com os interesses de Nietzsche na expressão “moderna” de iniciativas poéticas amplamente praticadas no século XIX.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Zaratustra. Literatura Moderna.



## FALÁCIA GENÉTICA NA GENEALOGIA DA MORAL DE NIETZSCHE?

Leovan Morais Rodrigues Neto

[leovan.rodriques@ufpe.br](mailto:leovan.rodriques@ufpe.br)

### Resumo

A genealogia de Nietzsche é um procedimento histórico-crítico desenvolvido, principalmente, na Genealogia da Moral, a partir do qual o filósofo realiza uma crítica aos valores morais. Para isso, Nietzsche utiliza a história, a filologia e a fisiopsicologia como instrumentos de análise. No mais, o critério avaliativo utilizado pelo filósofo é o conceito de “vida”, compreendida com base na vontade de potência. A partir dessa caracterização do procedimento genealógico, nosso objetivo é responder a questão se Nietzsche comete uma falácia genética em sua avaliação dos valores. Isso porque a citada falácia ocorre quando o valor de algo é determinado a partir de sua origem. Suspeitamos que a resposta para este problema é negativa, ou seja, Nietzsche não comete a falácia genética em sua avaliação naturalista da moral. Como forma de colocar à prova nossa hipótese, dividimos o trabalho em três etapas. Na primeira, apresentamos a leitura do procedimento genealógico de Nietzsche, bem como as ferramentas de análise deste procedimento. Nossa ênfase será no livro Genealogia da Moral. Na segunda etapa, esclarecemos o que constitui a falácia genética, bem como as passagens das quais Nietzsche é acusado de cometer esta falácia. Por fim, indicamos o motivo pelo qual a avaliação nietzschiana não comete falácia genética.

### Palavras-Chave

Falácia Genética. Genealogia. Moral. Nietzsche.



## FICÇÃO E AUTORIA EM NIETZSCHE: O PERSPECTIVISMO SOB SUSPEITA

Joana Brito De Lima Silva

[joanalib@yahoo.com.br](mailto:joanalib@yahoo.com.br)

### Resumo

Em Além de bem e mal, no aforismo 34, Nietzsche lança a intrigante pergunta sobre o mundo que nos concerne ser uma ficção; em seguida, sugere que esse mundo (nosso) seja uma criação fictícia cuja autoria é também fictícia. Trata-se de uma ironia do filósofo para questionar tanto a busca por fundamentações metafísicas (Vontade de Verdade) quanto o Princípio de Causalidade, pois, de acordo com ele, o mundo, a vida e todos os seres e fenômenos são efeitos sem causas ou fundamentos transcendentais (cf. morte de Deus). Através dessa transvaloração filosófica, Nietzsche constrói seu Perspectivismo, uma abordagem formada por múltiplas visadas possíveis para ver e (re)criar valores, sentidos e interpretações. Assim, o objetivo da comunicação é pensar o Perspectivismo de Nietzsche a partir da inseparabilidade entre criação e autoria da criação: ambas são ficções compostas de perspectivas; ou seja, ao colocar em perspectiva a criação do nosso mundo, Nietzsche questiona, também, a própria relação entre sujeito e mundo. Nesse sentido, o filósofo afirma que o conceito de Eu é, também, uma ficção: não há uma unidade subjetiva centrada na consciência e sim uma multiplicidade chamada corpo, a grande razão que faz o eu, conforme discurso “Desprezadores do corpo”, de Assim falou Zaratustra. E esta desconstrução da subjetividade é imprescindível para sustentar o Perspectivismo, pois somente um Eu-múltiplo poderia ver e criar mundos fictícios, compostos de infinitas perspectivas e interpretações. Então, este é o ponto a ser discutido na comunicação: o Perspectivismo é a criação de interpretações e visadas feitas a partir de criações fictícias (corpo-mundo)? Conseqüentemente, colocada essa primeira suspeita, será necessário discutir acerca da escala hierárquica de avaliação e valoração proposta por Nietzsche para confrontar perspectivas e interpretações; e isso nos direcionará a mais suspeitas a serem investigadas: afinal, a vida, enquanto Vontade de Poder, pode ser considerada o único parâmetro válido para avaliar e transvalorar todos valores?

### Palavras-Chave

Nietzsche. Perspectivismo. Valores.



## GOSTO E CONTEMPLAÇÃO – DUAS DRAMATURGIAS FILOSÓFICAS DE NIETZSCHE

Pedro Nagem De Souza  
[pedronagem@hotmail.com](mailto:pedronagem@hotmail.com)

### Resumo

A descrição nietzschiana dos “homens superiores” em GC §301 afirma que estes se distinguem dos outros por “verem e ouvirem incalculavelmente mais e por verem e ouvirem pensando”. Estes “pensadores-que-sentem”, entre os quais o próprio Nietzsche se inclui, seriam os “verdadeiros autores da vida”, produzindo continuamente “o inteiro mundo, em eterno crescimento, de avaliações, cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações”. A criação de valores, na qual a vis contemplativa e a vis creativa se identificam, seria comparável à dramaturgia, estabelecendo a estrutura axiomática do mundo e, conseqüentemente, o horizonte de ação dos atores deste drama. Este aspecto valorativo da atividade filosófica está presente em alguns textos do primeiro período, por exemplo quando, após afirmar que “o conceito de grandeza é mutável, tanto no âmbito moral quanto no estético”, Nietzsche postula que “a filosofia começa por uma legislação da grandeza” (FETG §3). Tal legislação, também descrita como “nomeação”, seria a principal tarefa do filósofo enquanto médico da cultura, trabalhando a favor de sua saúde e unidade interna. Um dos principais companheiros (e rivais) nesta tarefa é o dramaturgo ditirâmico, cuja atividade de “artista verdadeiramente livre” faz dele “o mediador e o conciliador de esferas aparentemente separadas, o restaurador da unidade e da totalidade do poder artístico” (WB §7). O filósofo e o dramaturgo são, assim, figuras distintas identificadas pela sua atividade em comum de médicos da cultura. Na formulação da Gaia Ciência, além da identidade entre as duas figuras sob as rubricas dos “homens superiores” e dos “contemplativos”, há ainda o aspecto do “pensar-sensível”, cuja função no drama da humanidade é tão criativa quanto mais se dirige à valoração e doação de sentido à natureza. Levada às suas últimas conseqüências, a atividade filosófica englobaria contemplação e sensibilidade no próprio ato valorativo, ecoando ainda a formulação do primeiro período na qual “a arte peculiar do filósofo consiste, pois, num apurado discernir e conhecer, num relevante diferenciar” relacionado ao gosto apurado do





filósofo. Neste trabalho, pretendo mostrar as continuidades e deslocamentos entre as duas formulações nietzschianas da metáfora dramática, situando o papel da sensibilidade, da contemplação e da valoração em cada uma, além das mutações do projeto filosófico-cultural de Nietzsche entre esses dois momentos.

### **Palavras-Chave**

Dramaturgo Ditirâmico. Homens Superiores. Gosto.



## HISTÓRIA DA ELOQUÊNCIA GREGA SEGUNDO NIETZSCHE

Martha Solange Perrusi  
[martha.perrusi@unicap.br](mailto:martha.perrusi@unicap.br)

### Resumo

Segundo Nietzsche, os gregos colocaram muita energia na eloquência, arte que sobreviveu, mesmo após a decadência grega, na prosa e na oratória posteriores. Para o filósofo, inclusive, a estilística moderna seria indiretamente dependente dos oradores gregos. O poder do grego fora, para o filósofo, pouco a pouco, sendo sedimentado em sua oratória, de modo que os retóricos antigos teriam controlado tanto “a opinião sobre as coisas” como “o efeito das coisas sobre os homens”, segundo Nietzsche, de fato, além de a retórica ser a culminação da formação do grego antigo, os gregos teriam se dedicado mais à eloquência do que a qualquer outra atividade. Nossa comunicação pretende investigar o texto de juventude de Nietzsche “História da Eloquência grega” (1872-73). Na eloquência, a função expressiva da linguagem se destaca: ritmo, ornamento, beleza, persuasão. Para Nietzsche, o grego prefere ser persuadido a ser instruído e estaria mais próximo da beleza do que da verdade. Como Nietzsche amplifica o lado expressivo da retórica / eloquência, a retórica se torna um artifício que precisa se apresentar por “natural”. As pessoas sabem que estão sendo enganadas, mas não se sentem enganadas, o discurso persuade, é verossímil. Durante a democracia grega antiga, o discurso se tornou o maior instrumento de poder, de modo que o grego aprendeu a suportar opiniões diferentes e a disputar por elas. Para Nietzsche, o “mistério” da arte retórica seria a mediação entre a “naturalidade” e o “artístico” ou artificial. De um lado, a naturalidade pura e simples insultaria os ouvidos estéticos, porém, se consideramos apenas a impressão artística, o discurso soaria por demais artificial, afastando-se da verossimilhança e, por conseguinte, da confiança moral dos ouvintes. O discurso é um artifício de persuasão, mas que precisa conter esse equilíbrio tenso e agônico entre a naturalidade e a elaboração. Os gregos, diz Nietzsche, se sentiam como falantes e ouvintes; devia-se apreciar a escuta tanto quanto a fala e, como ouvinte, apreciar, sobretudo, a arte empregada, isso porque, para o filósofo, a arte retórica seria característica de um povo artista. Para tanto, utilizaremos também passagens de seu “Curso de Retórica” (1872) para analisar as questões pertinentes à eloquência, como também alguns textos de seus escritos sobre a história da literatura grega (1874-76).

### Palavras-Chave

Nietzsche. Eloquência Grega. Retórica Antiga.



## KRIEGS-PRAXIS E O PROJETO DE SUJEITO NIETZSCHIANO EM ECCE HOMO

Thaise Dias Alves

[thaised.alves@gmail.com](mailto:thaised.alves@gmail.com)

### Resumo

Em *Ecce Homo* (1888), a obra que faz parte do período derradeiro de Nietzsche, o filósofo avança com seus experimentos estilísticos para repensar os processos constantes e efetivos que envolvem a relação autor-leitor. Em sua suposta autobiografia, os conflitos (*Wettkämpfe*) internos e externos a escrita nietzschiana aparecem enquanto desejo de comunicar sua “tensão do pathos”. Para o autor, bom é todo o estilo que comunica um estado interior, sem equivocar-se nos signos, no tempo dos signos, ou nos gestos. Assim, Nietzsche acena aos modos de organização interiores a escrita, à medida ou à tarefa de uma ideia de escrita enquanto prática de guerra [*Kriegs-praxis*], voltando-se a concepção de indivíduo e às suas interações internas ao texto enquanto ferramenta prática de união e formação do ser. Assumir que o pensamento se constitui entre disputas contingenciais de forças não seria uma novidade. Esse apreço fica evidente na obra de 1886, *Além do bem e do mal*, com a elaboração da hipótese acerca da vontade de poder. O que se constitui enquanto objetivo do presente trabalho será i) compreender de que maneira Nietzsche desejou relacionar-se filosoficamente com seus antagonistas a partir da escrita e a leitura filosófica, ii) podendo, então, delinear o gosto [*Geschmack*], ou própria individualidade, na disputa entre ideias, o que levaria à transição do plano das convicções ao da unidade, em outros termos, a ideia de constituição de sua subjetividade. O gosto, de acordo com Nietzsche, seria o resultado da assimilação, rejeição e excreção de matérias escritas em nome da saúde. Logo, a metáfora do gosto e da relação autor-leitor estabeleceriam uma ligação intrínseca entre as convicções e as perspectivas que se fundem e constituem uma unidade, um “eu” móvel e multifacetado, que não se estabelece apenas enquanto racional e autorreflexivo, mas como parte de seus antagonismos.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Sujeito. Antagonismos.



## LINGUAGEM E RETÓRICA NA FILOSOFIA DO JOVEM NIETZSCHE

Célia Machado Benvenho

[celia.benvenho@gmail.com](mailto:celia.benvenho@gmail.com)

### Resumo

O interesse de Nietzsche pela linguagem não se concentra em textos específicos e nem mesmo constitui o que poderíamos chamar de uma teoria da linguagem, no entanto, ele se faz presente desde seus primeiros escritos, quando ainda filólogo e recém-nomeado professor de filologia clássica na Universidade da Basileia (1869), e atravessa com persistência significativa e peculiar suas obras. No contexto das reflexões do filósofo sobre a retórica no início da década de 1870, esse interesse se mostra intimamente relacionado com sua reflexão sobre o conhecimento humano e com a concepção de filosofia, a ponto de condicionar a tarefa de compreender as transformações que a linguagem havia sofrido, desde suas possibilidades originais, como uma condição para a compreensão do desenvolvimento da própria filosofia. Neste trabalho, pretendemos analisar as reflexões de Nietzsche sobre a linguagem buscando identificar as possíveis mudanças que delas decorreram e se essas foram significativas a ponto de indicar uma ruptura no modo de pensar de Nietzsche, conforme vinha apresentando até então. Em outras palavras, trata-se de investigar se, no período de 1872 a 1874, ocorreu, de fato, um “giro retórico” em sua filosofia, a partir da relação entre retórica e linguagem, ou se apenas seria um “desvio” episódico, ou até mesmo uma estratégia de argumentação.

### Palavras-Chave

Giro Retórico. Linguagem. Metáfora.



## NIETZSCHE - ENTRE QUATRO TIPOS AFIRMATIVOS: ESPÍRITO LIVRE, ZARATUSTRAS, DIONISO E UBERMENSCH

Lincoln Carvalho

[carvalho.lincoln17@gmail.com](mailto:carvalho.lincoln17@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação refere-se à pesquisa sobre as correlações entre “quatro tipos afirmativos da filosofia de Nietzsche”, na qual se desenvolve uma investigação sobre os tipos: Espírito Livre, Zaratustra, Dioniso e Ubermensch. A pesquisa traz em seu corpo, sob diversos ângulos apontados por seus intérpretes, o entendimento de tipo afirmativo, como sendo aquele que se caracteriza por uma ação criativa e afirmativa diante da vida, potencializadora da vontade. O objetivo principal é descrever os tipos afirmativos destacados, enfatizados nas obras de Nietzsche: O Nascimento da Tragédia, Humano, Demasiado Humano, Assim Falou Zaratustra, Ecce Homo e Crepúsculo dos Ídolos, como referências principais, sem deixar de abordar alguns momentos particulares de referência em outras obras do filósofo. Como objetivos específicos, procuramos apontar as características principais e identificar as relações existentes entre os tipos afirmativos. A metodologia de pesquisa privilegiou a linha interpretativa analítica, dando voz a outros intérpretes brasileiros e estrangeiros que contribuíram para as reflexões apresentadas nesta pesquisa. A pesquisa destaca algumas características fundamentais compreendidas sobre figuras afirmativas, sob o signo “tipo”, que compõem um conjunto tipológico interpretado como uma trajetória do pensamento filosófico nietzschiano. Esse pensamento, expresso na obra de Nietzsche, revela um andamento interessante, desenvolvido até o seu tipo final e sintetizador, representado pela figura do Ubermensch, construída pelo filósofo.

### Palavras-Chave

Tipos Afirmativos. Correlações. Ubermensch.



## NIETZSCHE CONTRA DELACROIX: A DÉCADENCE NA PINTURA ROMÂNTICA FRANCESA?

Alexandre Lettnin

[lettnin@yahoo.com.br](mailto:lettnin@yahoo.com.br)

### Resumo

O trabalho tem como ponto de partida uma reflexão do filósofo Nietzsche presente em sua derradeira obra *Ecce Homo*, a qual é capaz de nos capturar a atenção como se fora um enigmático aforismo: “quem foi o primeiro adepto inteligente de Wagner? Charles Baudelaire, o mesmo que primeiro compreendeu Delacroix, aquele típico *décadent* no qual uma inteira geração de artistas se reconheceu”. A vasta obra pictórica de Delacroix e as suas ações sobre a arte e a cultura de sua época têm um significado muito mais amplo do que particular. Identificam-se com as idéias e os sentimentos de toda uma geração, rebelde aos princípios defendidos pela tradição e aos preconceitos demoradamente constituídos do gosto comum, como apontava Charles Baudelaire, poeta que fora um dos primeiros, mais articulados e mais firmes entusiastas do pintor: “Delacroix era uma estranha mistura de ceticismo, cortesia, dandismo, vontade ardente, astúcia, despotismo e de uma espécie de bondade singular e doçura que sempre acompanha o gênio”. O foco de nossa pesquisa consiste em perscrutar como o problema da *décadence* estaria presente na pintura romântica francesa por meio de Delacroix, justificados por Nietzsche que nos fornece elementos para pensar o encadeamento entre filosofia e arte a partir da relação entre a pintura e o conceito de *décadence* que impregnaria os valores culturais da sociedade parisiense. A passagem do livro de *Ecce Homo* permite que se investigue a Delacroix, perguntando de que maneira ele constitui um ‘típico *décadent*’ e qual seria esta geração de artistas que se reconheceu nele. Constatamos que a perspectiva de um ‘Nietzsche artista’ de fato influenciaria o entendimento do conceito de *décadence* em seu pensamento filosófico. Nietzsche era filho de seu tempo, como ele próprio apontou em suas reflexões no Caso Wagner e, por isso também, constituía um *décadent*. Um *décadent* que, ao passar dos anos, se volta contra a sua própria *décadence* partindo para o confronto: “da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos... – este foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso”. A vertente da pintura



francesa do período romântico vivenciada pelo filósofo de maneira deveras complexa e diversificada, nos capacita a adentrar em possíveis e sintomáticas interpretações do conceito de *décadent*.

### **Palavras-Chave**

Décadence. Pintura. Romantismo.



## “NIETZSCHE E A DANÇA” UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA DA EXPRESSÃO CORPORAL COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

Joana Angélica De Oliveira Farnezi

[joanafarnezi@gmail.com](mailto:joanafarnezi@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa oferece a possibilidade de interseção entre a filosofia de Friedrich Nietzsche e a expressão artística da dança. O tema proporciona a oportunidade de aprofundarmos a compreensão sobre a obra deste autor, esclarecendo suas ideias sobre a metáfora do movimento, analisando suas apreciações sobre o corpo que dança e se expressa de forma genuinamente humana. Para iniciarmos os estudos, será crucial contextualizarmos o pensamento do filósofo alemão, conhecido por sua estilística e reflexões potentes, ofertando um quadro teórico rico para examinarmos a metáfora da dança utilizada em suas obras, como a ilustração da leveza, movimento, criação e riquezas humanas que se encontram na superação de limites, bem como na afirmação da vida. A análise da relação entre Nietzsche e a dança revela camadas profundas de significados que enriquecem nosso conhecimento tanto da filosofia do autor quanto da dança como signo da permanência e fluidez da experiência humana. O problema central da pesquisa, portanto, se apresenta na percepção do aspecto de alternância que perpassa a vida, sendo a dança uma representação simbólica desse movimento e da apropriação da vida em sua potência. Para realizarmos a pesquisa, utilizaremos as citações do autor onde a dança e seus significados complementares se fazem presentes. O objetivo fundamental desta pesquisa é o aprofundamento exegético sobre a confluência entre a filosofia de Nietzsche e a dança. Utilizaremos como base o aforismo “O Canto da Dança” da obra “Assim falava Zarathustra” e as demais citações do autor sobre a dança e o movimento, onde se percebe a expressão artística como interpretação simbólica de uma vida autêntica, autônoma e potente, representando a integralidade e a autorrealização humana.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Dança. Movimento.





## NIETZSCHE E A QUERELA EM TORNO DA COISA EM SI

Arthur Brito Neves

[nevesarthur2015@gmail.com](mailto:nevesarthur2015@gmail.com)

### Resumo

Ao longo de seu desenvolvimento filosófico, Friedrich Nietzsche pondera inúmeras vezes sobre o conceito de coisa em si e seus correlatos, em interlocução direta e indireta com a Crítica da razão pura. Nesse desenvolvimento, há uma pluralidade de usos e experimentações valorativas do conceito em cena, por exemplo, usos positivos (GT), usos negativos (WL/MA) e usos críticos (FW/JGB/GM). Esses usos não são desconexos, porém podem ser separados para fins investigativos, uma vez guiados por questionamentos sobre quais são as estratégias empregadas pelo filósofo a fim de superar o conceito em questão e qual o seu grau de sucesso. Assim, uma das estratégias e das transformações críticas do conceito se dá em *A gaia ciência*, especificamente no aforismo 151, objeto da presente apresentação, cujo argumento denomino de argumento teológico. O seu aspecto “teológico” está na identificação de elementos religiosos que alicerçariam a origem do conceito de coisa em si, uma hipótese em clara oposição à tese de uma necessidade metafísica (*metaphysica naturalis*), presente nas filosofias de Schopenhauer e de Kant. Embora o centro irradiador do argumento teológico esteja no aforismo 151 de FW, há outras aparições da formulação em *Humano, demasiado humano* (§9) e *O andarilho e sua sombra* (§16), os quais apontam como conclusão certo indiferentismo quanto ao conceito e um apelo à necessidade de tornar-nos “bons vizinhos das coisas mais próximas” (*gute Nachbarn der nächsten Dinge*). Se toma-se essa hipótese como válida, Nietzsche se insere em um dos lados da querela em torno da coisa em si (*Der Streit und das Ding an sich*; BONACCINI, 2003) que rejeita a necessidade epistêmica do conceito, como fazem Jacobi, Schulze, Hegel e Mach. Como questão, resta-nos perguntar se, nessa formulação crítica, Nietzsche guardaria aspectos de ineditismo no referido debate.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Kant. Coisa em Si.



## NIETZSCHE E FRITZ K. RINGER: SEMELHANÇAS ENTRE OS FILISTEUS DA CULTURA E OS MANDARINS ALEMÃES

Abraao Lincoln Ferreira Costa

[abraaofilosofia@gmail.com](mailto:abraaofilosofia@gmail.com)

### Resumo

Fritz K. Ringer, na obra *O declínio dos mandarins alemães* (1969), realiza um levantamento de boa parte da comunidade acadêmica alemã desde o final do século XIX até início do século XX. Para Ringer, embora pareça inegável o reconhecimento de o quanto a elite acadêmica daquele tempo exercia profícua influência sobre a Alemanha, era preciso alguns resguardos, haja vista o risco de certas influências pseudo-idealistas afetarem campos estratégicos como os da cultura e da política do país. Aparentemente semelhante à impressão de Ringer, Friedrich Nietzsche, anos antes, havia escrito a *Primeira Consideração Extemporânea: David Strauss, Confessor e Escritor* (1873). Em sua análise, Nietzsche aponta para o problema da superficialidade e da pobreza de espírito de alguns intelectuais, agravando, dessa forma, o problema do adoecimento e da depauperação cultural da época. Diante desse cenário, esta investigação propõe reconhecer a possível interlocução entre os mandarins alemães e os filisteus da cultura, apresentados na filosofia nietzschiana. Desse modo, sugere-se nesse e em outros escritos do filósofo alemão, um pensamento analogamente similar ao trabalho de um médico e, por isso, capaz de diagnosticar os males da cultura germânica em franca decadência que, fortemente influenciada pela rasa intelectualidade dos seus filisteus, levaria o Estado ao agravamento do antisemitismo, cristalizado poucas décadas depois na imagem do Terceiro Reich.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Mandarins. Filisteus.



## NIETZSCHE E O VALOR FILOSÓFICO DA LINGUÍSTICA

Eduardo Nasser

[eduardo.nasser@ufpe.br](mailto:eduardo.nasser@ufpe.br)

### Resumo

Enquanto filólogo clássico, Nietzsche manifesta apreço pela linguística, e isso não obstante a relutância de influentes classicistas defronte o súbito êxito científico e institucional daquela disciplina na primeira metade do século XIX. É no Curso sobre gramática latina, oferecido na Universidade de Basel durante o semestre de inverno de 1869-70, que se faz notar essa posição receptiva, quando Nietzsche se serve do modelo classificatório genealógico e tipológico das línguas elaborado por August Schleicher. Contudo, não se deve assumir que Nietzsche adere de forma irrestrita ao naturalismo linguístico de Schleicher. Primeiro por ele entender que a linguística deve estar sujeitada ao projeto educacional pautado pelo idealismo do clássico, propagado pelos neohumanistas alemães, o que redundava na defesa da superioridade das línguas clássicas na cadeia de desenvolvimento das línguas. Em segundo lugar, e particularmente importante para essa pesquisa, em razão de Nietzsche identificar no método dos linguistas, a linguística comparada, um instrumento de valor filosófico. Através da linguística comparada, a seu ver, seria possível trazer esclarecimentos sobre a natureza do pensamento (num sentido tanto lógico quanto psicológico; tanto ideal quanto concreto), dos impulsos e, no limite, do homem em geral. Perante essa ambiciosa tese interdisciplinar, eu pretendo mostrar que, para concebê-la, Nietzsche teve que operar, mesmo que implicitamente, com um modelo linguístico alternativo ao schleierchiano, mais próximo ao veiculado pela linguística logicista (Becker) e/ou pela linguística psicologista (W. Humboldt). Schleicher restringe a linguística ao âmbito externo das línguas, morfológico e sonoro, alheio à influência do espírito, na expectativa de ali identificar leis; mas o objetivo de retirar implicações filosóficas da linguística só pode ser admissível se se toma a matéria das línguas enquanto expressão do espírito.

### Palavras-Chave

Linguística. Filologia. Filosofia.



## A QUESTÃO DA SUPERAÇÃO DO RESENTIMENTO NO ECCE HOMO DE NIETZSCHE

Guilherme Casiano Lupepsa  
[guilhermelupepsa@outlook.com.br](mailto:guilhermelupepsa@outlook.com.br)

### Resumo

O presente estudo propõe-se a apresentar a questão da superação do ressentimento no *Ecce Homo* de Nietzsche. Para tanto, partindo da análise da Obra, será apresentado o conceito de Higiene como meio para a superação, a qual através do fortalecimento do corpo permitiria o reestabelecimento dos instintos e da faculdade do esquecimento, condição que possibilitaria ao organismo “digerir” os afetos típicos do ressentimento. Como consequência dessa “digestão”, o sujeito seria capaz de atingir a libertação do ressentimento pelo amor fati, o qual segundo hipótese deste estudo desdobra-se em dois aspectos: amor fati do organismo saudável, como leveza e amor ao fato, representado por Dionízio e Zaratustra; e amor fati do tipo mórbido representado por Jesus, como uma espécie de suportar. Em *Ecce Homo*, ao tratar do budismo, Nietzsche aponta à algumas condutas de higiene que permitiriam ao sujeito afastar-se do ressentimento. Para casos mais extremos, o filósofo prescreve que este afastamento deva ocorrer de forma mais severa, equiparando-se a um “fatalismo russo”. Tais métodos visam fortalecer o corpo e impedir a internalização de afetos negativos, de forma a permitir que a faculdade do esquecimento, com auxílio dos instintos, seja capaz de “metabolizar” e esquecer as vivências negativas. Como consequência deste esquecimento, na memória permaneceria apenas aquilo que seria favorável a vida e ao corpo, condição que refere-se a vivência de um estado de amor fati. Contudo, notou-se que Werner Stegmaier ao interpretar a figura de Jesus nas Obras de Nietzsche, indicou que Jesus mesmo vivenciando uma espécie de amor fati pela adoção de hábitos semelhantes a Higiene, permaneceu enfermo e ausente de qualquer forma de Vontade de Poder, tornando-se alguém que desligou-se do mundo e do tempo. Partindo dessa interpretação, será indicado a hipótese do Amor Fati possuir dois desdobramentos. O primeiro em uma espécie de suportar que representado pela figura de Jesus corresponderia a um organismo tipicamente mórbido, mas que vivenciando um constante “fatalismo russo” fora capaz de cultivar um excesso de esquecimento



mantendo-se afastado do ressentimento. O segundo, indicado em Ecce Homo através de Dionizio e Zaratustra, em referência ao tipo Nobre, corresponderia ao organismo tipicamente forte e saudável, capaz de vivenciar o amor fati como leveza, indiferença e amor ao fato.

### **Palavras-Chave**

Ressentimento. Superação. Amor Fati.



## NIETZSCHE E SCHOPENHAUER: SOBRE O SOFRIMENTO NA METAFÍSICA DA ARTE

Clademir Luís Araldi  
[clademir.araldi@gmail.com](mailto:clademir.araldi@gmail.com)

### Resumo

Investigaremos a afirmação de Nietzsche de que o Uno-Primordial (das Ur-Eine) é “o eterno padecente e pleno de contradição” (Nascimento da tragédia, 3), em face de sua apropriação *sui generis* da metafísica schopenhaueriana da vontade. Schopenhauer pondera que a vontade é a coisa em si na relação com os fenômenos, sem destacar a identificação da mesma com o Uno-Primordial. Em sua metafísica da arte juvenil, Nietzsche compreende o Uno-Primordial como “fundo misterioso de nosso ser”, “âmago eterno das coisas” e, de modo reiterado, com a coisa em si, buscando tanto a justificação estética da existência e do mundo, quanto a redenção (Erlösung) do sofrimento primordial na aparência e nas formas artísticas apolíneo-dionisiacas. Os sofrimentos imensos de Dioniso, assim como os sofrimentos indizíveis do gênio e do herói trágico são o estofa através do qual os humanos buscam afirmar e justificar artisticamente seus sofrimentos existenciais. Nossa hipótese é de que essa necessidade metafísica de redenção dos sofrimentos primordiais mascara um dualismo gnóstico – teogônico e cosmogônico -, que está presente também na metafísica de Schopenhauer e no pessimismo romântico alemão.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Schopenhauer. Sofrimento.



## NIETZSCHE E TURIM: AS COISAS QUE NA VIDA MERECEM SERIEDADE

Wilson Antonio Frezzatti Jr.

[wfrezzatti@uol.com.br](mailto:wfrezzatti@uol.com.br)

### Resumo

Em *Ecce homo*, “Por que sou um destino”, Nietzsche contrapõe às noções metafísicas que desvalorizam a vida e que a projetam para um além, “as coisas que na vida merecem seriedade”, a saber, alimentação, habitação, dieta espiritual, clima, etc. Trata-se genuinamente de um cuidado com a saúde do corpo e não com a “salvação da alma”. Em 1888, o filósofo alemão, após vários problemas de saúde, parece encontrar um local ideal para potencializar sua disposição: Turim. Em *Ecce homo* e, principalmente, em inúmeras cartas daquele ano, Nietzsche ressalta como se sente saudável em meio a seu clima, sua culinária, sua arquitetura, sua paisagem e seus habitantes. A cidade italiana, “a única em sintonia com meu coração”, sobrepuja suas preferências anteriores: Nice e Sils-Maria. Essa especial relação entre o filósofo e a cidade não é uma adaptação do organismo “Nietzsche” ao meio, mas uma apropriação dos elementos circundantes para crescimento dos próprios impulsos. Nesse quadro, queremos inserir a investigação fisiopsicológica nietzschiana, entendê-lo por meio da “morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência”.

### Palavras-Chave

Fisiopsicologia. Nietzsche. Turim.



## NIETZSCHE, AGUÇAMENTO DOS SENTIDOS E ALIMENTAÇÃO: POR UMA FILOSOFIA DAS SABEDORIAS DO CORPO

Patrícia Boeira De Souza

[patiboeira@hotmail.com](mailto:patiboeira@hotmail.com)

### Resumo

Em Gaia Ciência, no aforismo 7, intitulado Algo para homens trabalhadores, Nietzsche ao dizer para àqueles que “estudam as coisas morais” que um vasto campo investigativo se abre, haja vista o fato de muitas espécies de paixões ainda não terem sido examinadas, desloca o eixo filosófico, perguntando, por exemplo, pela história da cupidez, pela pesquisa das diferentes divisões do dia, sobre os efeitos morais dos alimentos e evidencia o trabalho que seria dedicar-se àquilo que chama de “diversos climas morais” – seus motivos e diferenças. Desde esses aspectos, a intencionalidade deste trabalho se mobiliza mais especificamente a partir da pergunta realizada nesse mesmo aforismo – “Existe uma filosofia da alimentação? Conhece-se os efeitos morais dos alimentos?” (GC,7) – não com vistas de respondê-las, mas de partir delas motivada, para pensar o funcionamento de automatismos e costumes, e a consolidação de erros que fazem crescer nutrindo “naturezas de instrumento” (GC, 21). Um modo de proceder diagnóstico opera a reflexão, fazendo coexistir a dimensão crítico-descritiva, assim como a abertura de condições de possibilidade para pensar aquilo que ainda é preciso e possível trabalhar no campo filosófico, também para que tais reflexões “encontrem seus pensadores, pensadoras” (GC, 7). Tudo, desde uma perspectiva: a filosofia como arte do bem viver. E no caso deste texto, em seu detalhe e minúcia, ter vistas para “o animal em mim, o animal em nós”, e o que se pode ainda estimular com vistas a transvalorações, transfigurações e descobertas, através de reflexões que possam trazer tais aprendizados à nossa atenção, tais como, o acionamento de inteligências possíveis do corpo, o aguçamento dos sentidos, considerando que há a nossa disposição um sistema sensorial dinâmico, propício para aprender diferenças sutis; bem como outras desenvolturas para o pensamento, que resultem em atenção dedicada a compreensão dos processos assimilatórios e suas complexidades, no campo dos valores e na sua relação com os alimentos.

### Palavras-Chave

Assimilação. Aguçamento. Transvaloração.





## O “INDIVÍDUO SOBERANO” E O PROBLEMA DA AGÊNCIA NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

André Luís Mota Itaparica

[itapa71@gmail.com](mailto:itapa71@gmail.com)

### Resumo

Nietzsche afirma na Genealogia da moral que o processo da moralidade do costume produziu um animal capaz de prometer. Ao fim desse processo, como coroamento e ao mesmo tempo abandono da moralidade do costume (cuja premissa básica é a submissão do indivíduo ao costume comunal), surge a imagem de um indivíduo cuja característica principal é a capacidade de autodomínio, que, ao prometer, está determinando a si mesmo o cumprimento de sua promessa, independentemente de injunções externas. Nietzsche descreve o indivíduo soberano como o homem “livre”, “senhor do livre-arbítrio”, consciente da sua responsabilidade, possuidor da consciência moral. O ponto da discórdia dessas passagens é que Nietzsche utiliza num sentido positivo todo um vocabulário metafísico e moral (como livre-arbítrio e responsabilidade) que ele normalmente, antes e depois da Genealogia da moral, critica ferozmente como formas de ilusão. De um lado, uma série de comentadores toma esse vocabulário literalmente e procura justificar como, mesmo sendo produto de uma história natural e contingente, Nietzsche de fato concebe o indivíduo soberano positivamente. De outro, alguns intérpretes consideram o indivíduo soberano, presente apenas em uma seção da genealogia, como uma ironia ou como uma definição persuasiva, através da qual Nietzsche questionaria a autoimagem do homem como livre e responsável moralmente. Procuramos tomar partido nessa controvérsia, central para entender o papel da agência na filosofia de Nietzsche.

### Palavras-Chave

Agência. Liberdade. Responsabilidade Moral.



## O GÊNIO COMO CONSUMAÇÃO DA NATUREZA: O PERFECCIONISMO DO JOVEM NIETZSCHE

William Mattioli

[william.mattioli@gmail.com](mailto:william.mattioli@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, pretendo tecer algumas considerações sobre a concepção de gênio no jovem Nietzsche e sua relação com as teses que a literatura recente têm identificado como pertencentes à sua ética perfeccionista, sobretudo no Nascimento da tragédia e na terceira Consideração extemporânea: Schopenhauer como educador. Minha leitura se desdobrará em torno da hipótese de que, em diálogo com Schopenhauer, o ideal do gênio como “consumação da natureza”, no jovem Nietzsche, adquire seus contornos no interior de uma teoria normativa de fundo realista e teleologicamente orientada, segundo a qual, nas obras geniais, realiza-se uma finalidade da natureza vinculada à justificação e à redenção da existência. Assim, o gênio aparece como ponto culminante de um processo em que se cruzam a atividade dos impulsos naturais e os empreendimentos culturais humanos, à luz de uma visão soteriológica que concebe a arte como “a tarefa suprema e atividade propriamente metafísica desta vida” (NT Pref.), única capaz de redimir a humanidade como um todo.

### Palavras-Chave

Perfeccionismo. Gênio. Natureza.



## O GOSTO COMO DEFLAGRAÇÃO E LIMITE DA HONESTIDADE INTELLECTUAL EM A GAIA CIÊNCIA

Luiza Fonseca Regattieri  
[luizaregattieri@gmail.com](mailto:luizaregattieri@gmail.com)

### Resumo

Nessa apresentação, trabalho com o exame da consciência intelectual sobre si mesma, descrito em *A Gaia Ciência*, com o objetivo de pensar as consequências do duplo papel do gosto como origem e limite da retidão. A honestidade intelectual é pensada na filosofia nietzscheana como a compreensão de que há um limite no conhecimento. Para Nietzsche o conhecimento se dá pela produção de convenções fictícias. Elas são confirmadas por experimentos de verificação em relação ao mundo que partem de perspectivas históricas e contextuais construídas por nós mesmos. Assim, a honestidade intelectual seria a possibilidade de percebermos o limite de nossa investigação intelectual do mundo. Pontuo, através das anotações de 1880 e *Aurora*, que o cultivo da honestidade intelectual é operado por uma “paixão pelo abstrato [Passion für Abstrakta]” (FP 1880 6[65]) e culmina em uma “nova virtude” (A 456) que é a retidão (Redlichkeit). Nietzsche desenvolve o conceito de retidão contendo, necessariamente, dois sentidos de honestidade: a) “o impulso de retidão [Trieb der Redlichkeit] para comigo mesmo” (FP 1880 6[67]) que é um desejo de não se enganar e b) “de justiça para com as coisas [Gerichtigkeit gegen die Dinge]” (FP 1880 6[67]), que seria o esforço do pesquisador em conceber as características daquilo que se investiga à revelia de seus compromissos morais e/ou religiosos. Conforme Brusotti (1997), esses sentidos fariam da retidão não uma garantia contra a ilusão e o erro, mas um ideal regulador contra o fanatismo e a convicção. Em *A Gaia Ciência*, a retidão ganha mais uma camada e se radicaliza quando Nietzsche a implica contra ela mesma. Nessa dobra da consciência intelectual, o gosto aparece como deflagrador e limite da honestidade. Nietzsche descreve o desenvolvimento da honestidade intelectual como a consequência de um gosto nobre que, injustamente, se convence da universalidade de sua idiossincrasia (GC 2,3). Assim, há um duplo paradoxo: a) a retidão exige uma crítica ao apego pelas crenças, mas surge pelo cultivo de uma crença apaixonada (GC 3); b) a retidão é entendida como uma justiça direcionada às coisas e a si mesmo, mas,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



como coloca Nietzsche, ela é um “desatino [que] está sempre a me convencer de que todo o ser humano tem esta percepção, como ser humano. É minha espécie de injustiça” (GC 2).

## Palavras-Chave

Gosto. Retidão. Consciência Intelectual.



## O HUMANISMO DE NIETZSCHE

Danilo Bilate

[danilobilate@gmail.com](mailto:danilobilate@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o pensamento de Nietzsche como “humanista”. Para tanto, estudamos o significado do termo “humanismo” para os comentadores de Nietzsche, para ele mesmo e para alguns dos autores que ele pôde ler. Quanto ao uso que o filósofo faz do termo, fragmentos da década de 1870 evidenciam que o problema da educação, da cultura e do cultivo são incontornáveis. Mostraremos que o seu humanismo é isento de moralidade, mas que isso se faz ver através do amor ao homem expresso sobretudo em *Also sprach Zarathustra*. A importância dessa obra é dupla: tematicamente, por apresentar a noção de além-do-homem e, mais ainda, por concluir que ela depende da repulsa por um tipo malogrado de homem; e formalmente, por seu estilo poético-filosófico, exemplar da tradição clássica, retomada na aurora da modernidade, pelo Renascimento e pela Ilustração. Em que pese a equivocidade do termo, a preocupação com a formação de um tipo elevado de homem é nítida e inseparável do estilo que Nietzsche imprime a seus textos.

### Palavras-Chave

Além-do-Homem. Nojo. Cultivo.



## O PROBLEMA DA DEFICIÊNCIA E A DIVERSIDADE COMO AUTOSSUPERAÇÃO DA CULTURA EM NIETZSCHE

Gustavo Bezerra Do Nascimento Costa

[gustavobn.costa@uece.br](mailto:gustavobn.costa@uece.br)

### Resumo

Pretende-se aqui pensar o problema da deficiência e da diversidade em Nietzsche, a partir das hipóteses acerca da cultura por ele levantadas em Humano, demasiado humano. Em particular, a partir da necessidade antevista nos aforismos 24 e 25, de se traçarem objetivos ecumênicos como meio de autossuperação da cultura, pelo conhecimento de suas condições de gestação – implicando com isso uma contraposição, manifesta principalmente no aforismo 224, às teorias sócio-darwinistas pautadas no desenvolvimento social a partir da sobrevivência dos indivíduos mais bem adaptados. Pautada por uma leitura de teor naturalista e guiada por princípios, segundo ele próprio, ecumênicos, suas análises, ao mesmo tempo em que demarcam seu posicionamento crítico em relação à sociobiologia spenceriana, forneceria elementos para se pensar uma filosofia da inclusão que tome as deficiências para além de sua compreensão usual, isto é, como carências a serem suprimidas com o recurso ao nivelamento físico e psíquico em relação à mediania do agrupamento social.

### Palavras-Chave

Deficiência. Diversidade. Vontade de Poder.



## O PROBLEMA DA HIERARQUIA NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Ícaro Souza Farias

[ikrofarias@hotmail.com](mailto:ikrofarias@hotmail.com)

### Resumo

É legítimo pensar os homens hierarquicamente? Ou melhor, é admissível estabelecer critérios e, a partir deles avaliar qual modo de ser é superior ao outro? É fato que comumente costumamos estabelecer parâmetros que nos permitem qualificar positivamente ou não uma conduta moral, uma prática cultural, política ou até mesmo um gosto estético qualquer, conquanto nem sempre tenhamos clareza de como fundamentamos tais juízos. Muitos, no entanto, costumam endossar a relatividade dos valores humanos, considerando que não há como aquilatar os modos de ser do homem numa perspectiva hierárquica. Outros não dispõem sequer uma pequena parte do seu tempo para refletir sobre tais questões. Contudo, a pergunta persiste: o modo de viver, pensar e avaliar a vida pode ser pensado sob a ótica da hierarquia? Para Nietzsche, não é só possível como necessário. O ‘problema da hierarquia’ na obra de Nietzsche aparece nominalmente no prólogo escrito em 1886, acrescentado a *Humano, demasiado humano* (1878). No livro em questão o filósofo escreve: “supondo que nos seja permitido, a nós, espíritos livres, ver no problema da hierarquia o nosso problema” (NIETZSCHE. *Humano, demasiado humano*, Prefácio, § 4, p. 13). Nietzsche ressalta que esta questão não poderia ter brotado precocemente, mas sim “ao meio dia de nossas vidas”, onde já tivesse sido reunido um conjunto de experiências – alegria/tristeza, penúria/prodigalidade –, que tivessem sido intensificadas em nós. Vê-se que foi necessário percorrer um caminho, acumular conhecimentos, para enfim poder dizer “Eis aqui um mais elevado, um mais profundo, um abaixo-de-nós, uma longa e imensa ordenação, uma hierarquia que enxergamos: eis aqui – o nosso problema!” (Ibid). Nietzsche neste prefácio elege o “problema da hierarquia” como nosso problema – dos espíritos livres. Partindo da afirmação do filósofo, é possível considerar o referido problema como a questão central de sua filosofia? O termo hierarquia (Rangordnung) não é um dos mais mencionados na obra de Nietzsche. Entretanto, pensar em perspectiva hierárquica é uma prática constitutiva da filosofia nietzschiana.

### Palavras-Chave

Hierarquia. Nietzsche. Tipologia.



## O SENTIDO DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE: UMA FILOSOFIA DE AFIRMAÇÃO DA VIDA

José Antonio Ferreira Da Silva

[j.antonio.ferreira@hotmail.com](mailto:j.antonio.ferreira@hotmail.com)

### Resumo

Este estudo, parte de uma proposta de pesquisa maior, analisa a concepção de sofrimento na filosofia de Friedrich Nietzsche, destacando seu papel na afirmação da vida e no desenvolvimento do além-do-homem *Übermensch*. Nossa hipótese, nesse estudo, é que Nietzsche vê o sofrimento como uma condição necessária e inevitável da existência humana, que deve ser afirmada e transformada em força criativa e que por meio da superação do sofrimento, o indivíduo pode transcender os valores tradicionais e alcançar uma vida autêntica e significativa. A relevância do tema se justifica pela necessidade contemporânea de encontrar sentido e autenticidade na vida. A abordagem inovadora de Nietzsche sobre o sofrimento desafia visões tradicionais e contribui para os estudos filosóficos, além de ter implicações para outras áreas do conhecimento. Nosso objetivo geral, neste trabalho, foi analisar como Nietzsche conceitua o sofrimento como essencial para a afirmação da vida e o desenvolvimento do além-do-homem, investigando a criação de novos valores e uma existência plena. Nossos objetivos específicos incluem: examinar o conceito de sofrimento em Nietzsche, analisar seu papel na formação do além-do-homem, explorar a ideia do eterno retorno, comparar a visão de Nietzsche com outras tradições e avaliar as implicações éticas e existenciais de sua filosofia. A metodologia para nosso estudo envolveu pesquisa bibliográfica, análise textual de passagens-chave das obras de Nietzsche, comparação filosófica com outras tradições, análise contextual de sua vida e reflexão crítica sobre as implicações éticas de sua filosofia. Nietzsche argumenta que a verdadeira grandeza e autenticidade surgem através da confrontação e superação do sofrimento. Ele critica a moralidade cristã por reprimir o indivíduo, propondo uma abordagem afirmativa e transformadora do sofrimento. Em conclusão, depreendemos que Nietzsche oferece uma visão rica do sofrimento, propondo que ele é essencial para a jornada humana rumo à autenticidade e à criação de novos valores.

### Palavras-Chave

Sufrimento. Nietzsche. Além-do-Homem.





## O SPINOZA DE NIETZSCHE, ENTRE OBRAS PUBLICADAS E FRAGMENTOS POSTUMOS

Stefano Busellato

[stefano.busellato@gmail.com](mailto:stefano.busellato@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa que será apresentada tem como objetivo realizar um aprofundamento na relação entre as filosofias de Nietzsche e de Spinoza. Os estudos até agora publicados sobre a temática ocuparam-se sobretudo de esclarecer a natureza da leitura nietzschiana da obra do filósofo holandês, estabelecendo, com alto grau de certeza, que Nietzsche nunca leu diretamente a obra de Spinoza, mas que a conheceu por meio do estudo de Kuno Fischer, *Gedichte der neueren Philosophie* (1854), mais precisamente da segunda edição (de 1865) dessa obra, sobre a qual ele retornou em pelo menos três períodos distintos (1876, 1881, 1887). Esses estudos também identificaram uma série de fontes certas e outras prováveis que contribuíram para moldar a interpretação nietzschiana de Spinoza, mas sobre elas ainda faltam estudos específicos a respeito de autores decisivos que Nietzsche conhecia muito bem e que tratam profundamente da figura de Spinoza, sobretudo dois: Goethe e Schopenhauer. Acima de tudo, porém, faz-se necessário realizar uma investigação que busque esclarecer certas peculiaridades da recepção nietzschiana de Spinoza. Elas serão ilustradas a partir da famosa carta a Overbeck, de 8 de julho de 1885, na qual Nietzsche elenca sete pontos de convergência entre a própria filosofia e a filosofia de Spinoza, chegando a defini-lo como um verdadeiro predecessor [Vorgänger]. Os aspectos problemáticos que emergem dessa carta nos convidam a buscar compreender: 1) por que esse atestado de estima não encontra uma continuação nas obras publicadas posteriormente por Nietzsche, mas, pelo contrário, decreta o início de uma dura crítica à figura spinoziana; 2) as razões pelas quais pode ser traçada uma diferença evidente entre os trechos das obras dedicadas a Spinoza e os fragmentos póstumos no que diz respeito aos juízos e à compreensão de pontos específicos da filosofia spinoziana; 3) os motivos pelos quais os pontos em comum com Spinoza, que Nietzsche declara na carta citada, podem ser verificados em algumas das concepções mais importantes de sua filosofia, mas a sua proveniência seja silenciada. Buscar-se-á, portanto, explicitar a pertinência dessas

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



questões e fornecer algumas tentativas provisórias de respostas possíveis, com a intenção de realizar uma contribuição original sobre o papel que a filosofia spinoziana desempenhou no pensamento de Nietzsche.

## Palavras-Chave

Nietzsche. Spinoza. História da Filosofia.



## O SUPORTE PSIQUIÁTRICO AO ARGUMENTO DE UMA NULIDADE DE PODER NO TIPO FISIOPSICOLÓGICO DO REDENTOR

Wesley De Jesus Barbosa

[wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com](mailto:wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação discutirá como o debate médico e biologizante do século XIX, encontrava-se no desenvolvimento do pensamento de Nietzsche, especialmente na sua tipologia de Jesus. Primeiramente, exporemos a teoria da degenerescência elaborada por Morel para em seguida avançarmos para os conceitos de esgotamento e hiperexcitabilidade, de Féré. Isto porque o milagre de Jesus, ou seja, o reconhecimento de sua condição como idiota, que não reage às ofensas, por uma obstrução fisiopsicológica, oriunda de um processo longo de degenerescência, afirma a vida. Mesmo numa vida degenerada, o tipo Jesus move-se contente, não postergando para o além-mundo a realização de sua existência. A hipótese de, se o tipo Jesus seria desprovido de vontade de poder, fora proposta por Werner Stegmaier, n'As Linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche. Funcionalizando o argumento de que a Redenção do crucificado deu-se por causa de aspectos próprios a seu quadro nosológico. Com a hipótese do tipo Jesus, Nietzsche encampa seu projeto de desvalorização dos valores morais, atacando os fundamentos basilares do cristianismo institucionalizado. Enquanto perspectiva, os apontamentos de Allan Sena sobre o retardo mental de Jesus, não soam blasfematórios, ao contrário, são condições hermenêuticas necessárias ao advento do sagrado. O idiota de Jesus tem sua Redenção na medida que faz de sua degenerescência o suporte de seu encontro com o Pai na sua interiorização de si. Importante salientar que os mesmos traços desenvolvidos por Nietzsche em O Anticristo são encontrados n'O Idiota de Dostoiévski. A hipótese de Sena é que tanto o russo quanto o alemão estavam elaborando suas questões influenciados pelo impacto da psiquiatria do século XIX.

### Palavras-Chave

Degenerescência. Esgotamento. Hiperexcitabilidade.



## OBJETIVIDADE ENQUANTO FENÔMENO ESTÉTICO NA SEGUNDA EXTEMPORÂNEA DE NIETZSCHE

Kirlian Marcel Assis Siquara

[ksiquara@gmail.com](mailto:ksiquara@gmail.com)

### Resumo

A discussão acerca da objetividade [Objectivität] das ciências históricas da época é tratada de maneira direta por Nietzsche na seção 6 de sua Segunda Extemporânea. Lá, Nietzsche equipara a noção de objetividade defendida pela historiografia da época (a qual pode ser caracterizada em sentido lato como positivista) a algo como um “fenômeno estético” [ästhetische Phänomen] de matriz conceitual schopenhaueriana. Esse sentido vem à tona quando Nietzsche qualifica tal fenômeno estético, identificando-o com uma “libertação de interesse pessoal” [Losgebundensein vom persönlichen Interesse]. Uma tal libertação é um dos componentes precisos da conformação mais geral da doutrina de Schopenhauer acerca do poder da intuição [Anschauung]: algo como a possibilidade de que a confrontação com o objeto da fruição estética possa não ser mediada pelo princípio de razão suficiente. Ou ainda, nos termos do Mundo como vontade e representação: que algo como uma intuição estética possa permitir que o sujeito suspenda o princípio de razão suficiente (responsável pelo enquadramento de qualquer objeto segundo a tríade espaço-tempo-causalidade) e, nesse movimento, ao mesmo tempo, ganhe acesso a uma realidade noumenal de sujeito puro do conhecimento, sem mais a adequação do sujeito à vontade e ao interesse próprio. Como se verá no trabalho a ser exposto, Nietzsche caracterizará essa intuição estética schopenhaueriana como algo aos moldes de um estado estético passivo na seção 6 da referida obra, passividade esta que será aquilo que o filósofo também identifica com a historiografia objetiva da época. O objetivo do trabalho será, portanto, explorar as consequências da contraposição desse estado estético caracterizado pela passividade, com um outro, desta vez ativo, que o filósofo defenderá como estado estético adequado para uma saudável apropriação do passado.

### Palavras-Chave

Objetividade. Historiografia. Arte.



## RECONSTRUÇÃO GENEALÓGICA E CRÍTICA FUNCIONAL DA MORALIDADE: UMA TENTATIVA DE BALANÇO

Rogério Antonio Lopes  
[roganlopes@gmail.com](mailto:roganlopes@gmail.com)

### Resumo

Tendo como referência o livro de Bernard Reginster, *The Will to Nothingness* (2021, OUP), procuro oferecer um balanço das vantagens e desvantagens de um tipo de abordagem da genealogia que tem ganhado destaque entre os intérpretes recentes de língua inglesa e que procura mostrar como ela pode ter um potencial crítico (e não apenas explicativo) na medida em que permite oferecer um diagnóstico da funcionalidade e disfuncionalidade de certos valores (morais no caso em questão) a partir de sua capacidade pragmática de responder a certas necessidades de seus adeptos, independentemente do status epistêmico das crenças que os sustentam ou acompanham. A reconstrução de Reginster pretende conferir uma unidade temática à Genealogia da Moral (a partir da tese sentimentalista segundo a qual os valores morais surgem para responder a uma necessidade posta pelo estado afetivo do ressentimento) e oferecer uma resposta para aqueles que pretendem que a genealogia só funciona como uma crítica normativa se ela opera internamente à perspectiva criticada. A leitura de Reginster é filosoficamente sofisticada, mas envolve dificuldades tanto sistemáticas quanto exegéticas que procurarei destacar em minha apresentação. Sugiro, para concluir, que uma abordagem híbrida pode se sair melhor nos dois aspectos destacados.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Genealogia. Análise Funcional.



## RESSENTIMENTO E FASCISMO: COMO NIETZSCHE NOS AJUDA A ENTENDER A ULTRADIREITA ATUAL

Ronaldo Pelli

[ronaldopelli@gmail.com](mailto:ronaldopelli@gmail.com)

### Resumo

O ressentimento vem sendo usado por teóricos variados para explicar a ascensão de grupos de extrema-direita na contemporaneidade, grupos estes que por vezes são chamados e/ou podem ser caracterizados como fascistas ou neofascistas. Embora Nietzsche nem sempre seja mencionado por esses autores, seus pensamentos devem ser vistos ainda hoje como uma ferramenta importante para se entender o ressentimento e, sugerimos, o próprio fascismo. Isso porque Nietzsche foi um dos principais, se não o principal, nome a conceituar o ressentimento, que funcionaria, de acordo com o nosso entendimento, como uma espécie de gatilho do fascismo. Para justificar essa associação, nessa apresentação mostraremos o ressentimento nietzschiano como um conceito composto por variadas forças reativas, por exemplo, a má consciência, o ideal ascético e o próprio afeto do ressentimento. Um afeto que perpassa todas as pessoas, mas que funciona de forma diferente para algumas, exatamente aquelas que Nietzsche caracteriza como fracos ou escravos. Estes percebem que há certas vantagens em permanecer ressentidos: sempre poderão se posicionar como vítimas em relação a outros personagens, exatamente os que Nietzsche chama de fortes ou senhores. É a partir deste mecanismo que o ressentimento se torna um elemento fundamental do fascismo. Porque é de dentro dessa posição ressentida que os fracos e escravos se sentem autorizados a se vingar de seus agressores. É por meio do ressentimento que se elege um culpado vicário que justifica toda a postura reativa e agressiva dos fracos-escravos.

### Palavras-Chave

Nietzsche. Ressentimento. Fascismo.



## SIMULACRO E AMBIGUIDADE EM NIETZSCHE, DELEUZE E KAFKA

Maria Helena Lisboa Da Cunha  
[mlisboadacunha@hotmail.com](mailto:mlisboadacunha@hotmail.com)

### Resumo

Em Platão, o ser do problema é intuído na contemplação da Ideia, sem a mediação da representação ou de qualquer termo médio ainda que o mito, por vezes assuma essa função. Aristóteles critica em seu Mestre um método que opera sem mediação, posto que na lógica (organon), fundada por ele, o raciocínio seria com a mediação do termo médio. Segundo Deleuze, muito mais que o método aristotélico que consistia numa taxonomia comportando uma divisão em gêneros e espécies, a divisão platônica é uma seleção de rivais em que se deve filtrar as pretensões para distinguir o verdadeiro pretendente dos falsos. Na tentativa de demarcar territórios, concebemos a diferença essencial entre Platão e Nietzsche devido ao fato de que para o primeiro o sensível é um obstáculo ao pensamento, a filosofia se erige contra a doxa e não a seu favor, enquanto que para o segundo, ao contrário, o sensível é um estímulo, uma ancoragem não somente necessária e imprescindível, mas a única possível. Reverter o platonismo será, portanto, negar o primado de um original sobre uma cópia, de um modelo sobre uma imagem, glorificando o reino dos simulacros. Para tanto, trabalharemos com os conceitos de simulacro e ambiguidade em Nietzsche, Deleuze e Kafka.

### Palavras-Chave

Simulacro. Nietzsche. Deleuze. Kafka.



## TRESVALORAÇÃO: UMA ENGENHARIA CONCEITUAL?

Daniel Melo Soares

[danielmelo912@hotmail.com](mailto:danielmelo912@hotmail.com)

### Resumo

Alguns comentadores sugerem que o projeto nietzschiano de “tresvaloração de todos os valores” envolve, necessariamente, a criação de novos conceitos e/ou a alteração dos significados dos conceitos já existentes (Elgat, 2012; Clark, 2015; Owen, 2007; Reginster, 2006; Leiter, 2002). Por outro lado, filósofos como Herman Cappelen e David Plunkett (2020), Scharp (2020) e Queloz (2021; 2023) veem Nietzsche como precursor da engenharia conceitual. Em minha pesquisa, uno e sigo as sugestões feitas por ambos na busca de reconstruir a “tresvaloração” como um projeto amplo e radical de engenharia conceitual. Utilizo, principalmente, os livros *Além do bem e do mal* (ABM) e *Genealogia da moral* (GM). Nietzsche avalia negativamente a moralidade cristã hegemônica de sua época e, em seguida, propõe que os futuros filósofos criem novos valores (ABM 211). Em outras palavras, para ele, nosso vocabulário moral precisa ser radicalmente modificado e a filosofia deve ser a responsável por essa tarefa. Há dois momentos principais em seu projeto: (1) o momento crítico e (2) o momento construtivo. No momento crítico, encontramos dois outros momentos: a genealogia (ou engenharia reversa conceitual) (Queloz, 2021) e a crítica epistemológica do fundamento dos valores (uma abordagem tradicional da ética). Nietzsche usa a genealogia para dois propósitos: (a) distanciar seus leitores da confiança e do invólucro afetivo que imunizam seus esquemas conceituais morais da crítica e (b) avaliar o esquema conceitual moral à luz do modo de vida e das circunstâncias em que foi criado, os interesses e as necessidades que mantiveram esses conceitos em uso ao longo do tempo e as consequências de seu uso. Dessa forma, a genealogia funciona como uma propedêutica para a crítica epistemológica tradicional. Também examino os compromissos da abordagem genealógica de Nietzsche: tal como seu peculiar de naturalismo (Williams, 1994) e seu pragmatismo sentimental (Reginster, 2021). No momento construtivo, considero a dupla recomendação de Nietzsche (Clark, 2015): que os filósofos devem dar razões para a aceitação dos conceitos que criam e/ou modificam e, ao mesmo tempo, devem usar vários meios para envolver afetivamente





as pessoas a tais conceitos criados/modificados (por meio da arte, da retórica, da política, da religião etc.) Além disso, Nietzsche também discute quem seriam os responsáveis por mudanças tão importantes nos conceitos de nossa vida moral: sua resposta aponta para os filósofos do futuro.

### Palavras-Chave

Ética. Tresvaloração. Genealogia.



## UM ARGUMENTO PERSPECTIVISTA PARA O DEBATE LER NIETZSCHE NO BRASIL

Pedro Dallacosta Chiarani  
[pedrochiarani@hotmail.com](mailto:pedrochiarani@hotmail.com)

### Resumo

Pretende-se partir de uma breve retomada – guiada pela questão “Ler Nietzsche” – da história da recepção do autor no Brasil, passando por sua primeira recepção pela da Escola de Recife; por sua influência, nas décadas de 20 a 40, no movimento modernista, que, segundo G. Dias, teve consequências para o léxico do português; e pelo início, nas décadas de 70 e 80, dos estudos propriamente acadêmicos sobre Nietzsche no Brasil, influenciados pelas leituras foucaultiana, deleziana e heideggeriana que aqui chegavam e que resultariam na seminal obra Nietzsche. Das Forças Cósicas aos Valores Humanos de Marton – destacada por Silva Jr. como único grande comentário clássico e original, “à Gueroult”, capaz de estabelecer um paradigma para a pesquisa Nietzsche no país –; para, através de uma compreensão – genealógica, poderíamos dizer – do processo histórico que constituiu o Nietzsche que hoje estudamos, chegar à atual discussão acerca das formas de leitura de sua obra e pontualmente contribuir com o debate. Nesse ponto, cerne do trabalho, abordar-se-ão a posição expressa por Marton em “Ler Nietzsche como ‘nietzschiano’: Questões de método”, em que se defende, em consonância com a posição de Montinari em “Ler Nietzsche, o Crepúsculo dos Ídolos” – texto inaugural da questão “Ler Nietzsche” –, a necessidade, baseada nos apontamentos do próprio Nietzsche acerca dos leitores que deseja, de uma leitura filológica de seus textos (ainda que sem negar outras possibilidades de leitura); e aquela explicitada por Nasser em “Nietzsche e a busca pelo seu leitor ideal”, em que, para além desse trato filológico, sustenta-se – como que mesclando à posição montinariana àquela dos receptores franceses (a “caixa de ferramentas foucaultiana”) – a necessidade de, sem abrir mão dessa leitura filológica, se estabelecer também uma interpretação que, compreendendo os aforismos como hipóteses ou experimentos de pensamento a serem desenvolvidos a partir da reflexão do leitor, ultrapasse os limites da obra nietzschiana. Concordando com ambos os intérpretes e reconhecendo que precisamente através dessa elaboração conjunta do tema é que avança a pesquisa

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



Nietzsche, buscar-se-á sustentar, a partir da compreensão perspectivista nietzschiana segundo a qual o conhecimento sempre se dá a partir de um ponto de vista determinado pelos interesses daquele que conhece para sua afirmação enquanto vontade de poder, a possibilidade, também solicitada por Nietzsche, desse trato apropriativo de seus escritos.

## Palavras-Chave

Ler Nietzsche. Perspectivismo. Brasil.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ONTOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS



## A FEITURA DOS SERES E DAS COISAS

Rafael Ávila Matede  
[rafaelmatede@gmail.com](mailto:rafaelmatede@gmail.com)

### Resumo

No candomblé, a possessão e a noção de pessoa que lhe é própria resultam de um processo mais dinâmico do que poderiam supor as teses psicológicas, sociológicas ou estéticas baseadas na noção de indivíduo. Especificamente, trata-se de um processo singular de feitura que visa “produzir tipos específicos de pessoas, não no sentido de gerar ‘personalidades’ ou ‘tipos psicológicos’, mas no de uma atualização concreta de certas concepções simbólicas do ser humano e de seu lugar no universo”. A noção de pessoa no candomblé só pode ser compreendida concretamente por meio da análise dos seus próprios processos rituais de feitura da pessoa em que seus orixás também são feitos. No entanto, antes mesmo do nascimento a pessoa já é o que ela vai se tornar na feitura. O presente trabalho investiga o possível desenvolvimento especulativo desta noção, presente no candomblé, de fazer o que já existe através dos conceitos de atual e virtual em Deleuze e Guattari, bem como os trabalhos sobre a noção de pessoas no candomblé do antropólogo Márcio Goldman e a noção de fatiche do antropólogo Bruno Latour.

### Palavras-Chave

Candomblé. Atual. Virtual. Deleuze. Subjetividade.



## A ONTOLOGIA NEGATIVA DE MARKUS GABRIEL: A PROPOSIÇÃO PRINCIPAL E OS ARGUMENTOS EM SUA DEFESA

Aleph Cedrim Barbalho  
[alephcb@gmail.com](mailto:alephcb@gmail.com)

### Resumo

Markus Gabriel, autor de “Por que o mundo não existe”, 2016 (“Warum es die Welt nicht gibt”, 2013), apresenta a “tese segundo a qual o mundo não existe [...] PROPOSIÇÃO PRINCIPAL DA ONTOLOGIA NEGATIVA”. Assim, se reconhece a necessidade de evidenciar o que Gabriel quer defender com a afirmação de que o mundo não existe e quais as implicações disso em sua teoria. Para tanto, se tem por objetivo esclarecer quais argumentos apresentados por Gabriel na obra dão sustentação à sua ontologia negativa. A resposta à primeira questão se delineia no sentido de demonstrar o que Gabriel entende por “mundo” e “existência” para que conclua que o mundo não existe. A primeira e mais simples delimitação de mundo que se apresenta na obra do autor é a de que o mundo é “como um todo”. Isso se confirma quando Gabriel reconhece certa descrição de Heidegger de que o mundo é “o campo de todos os campos”. Agora, quanto ao problema do que significa “existência” em Gabriel, para que a totalidade não exista, encontra-se que “Algo só existe se ele ocorre no mundo”. Dessa forma, tomando tais definições iniciais de mundo e existência como ponto de partida para uma análise da obra, é possível propor a interpretação de que os argumentos de Gabriel em prol da não existência do mundo se distinguem em cinco categorias não excludentes, mas complementares. Essas, são trazidas à tona como: (I) argumentos metafísicos (sobre a “tentativa de desenvolver uma teoria do mundo como um todo”); (II) argumentos ontológicos (que tratam da “resposta sistemática às perguntas: O que é existência? O que significa a expressão ‘existência?’”); (III) argumentos epistemológicos (a respeito de não se seguir “que todos os campos de objeto sejam apenas projeções humanas”); (IV) argumentos científicos (segundo os quais “O CIENTIFICISMO [...] tese segundo a qual as ciências naturais reconhecem a camada fundamental da realidade [...] é simplesmente errada”); e por último, (V) argumentos teleológicos (em defesa de que “A não existência do mundo provoca uma explosão de sentido”). Cumprindo com essas etapas de investigação, tem-se em vista evidenciar os fundamentos da tese da ontologia negativa de Gabriel e os argumentos erguidos em sua defesa.

### Palavras-Chave

Gabriel. Mundo. Existência.



## A TEORIA DOS QUATRO COSMOGRAMAS E A IDADE DA TERRA

Moysés Pinto Neto

[moysespintoneto@gmail.com](mailto:moysespintoneto@gmail.com)

### Resumo

O presente texto busca apresentar o que irei chamar, de modo simples e direto, teoria dos quatro cosmogramas. Ele colabora para uma área de estudos que poderíamos denominar como “política cósmica”. Trata-se de um esforço de simetrização que abdica do eixo tradicional da filosofia para aventurar-se em especulações que não pressupõem uma fundamentação última, atuando de forma comparativa e relativista. As inspirações deste exercício são Danowski e Viveiros de Castro, 2014; Frase, 2016; Descola, 2016; Latour, 2020; Bensusan, 2020; Strathern, 2019; Sahlins, 2022; Bispo dos Santos, 2019; Krenak, 2020; Charbonnier, Salmon & Skafish, 2016. O século XXI marca a emergência de um novo tabuleiro político a partir da intrusão de elementos estranhos ao universo moderno. Enquanto a Modernidade objetivava exteriorizar o não-humano e fazer da política uma disputa discursiva entre seres racionais – incluída, nisso, sua dissidência pós-moderna – o cenário contemporâneo aponta para a intrusão cada vez maior de agentes não-humanos, além de interações para além da linguagem e da razão, tornando-se mais complexa e ainda difícil de mapear. Antropoceno, inteligência artificial, intrusão de Gaia, automação geral, repovoamento da Terra, queda do céu, renascimento do futuro e pandemia são algumas das palavras que poderiam definir esse novo habitar o mundo, ou os mundos, desafiando as construções que reduziam a política à disputa pelos governos regradas pelos jogos de poder habituais. Agora, as polarizações que invadem agora domínios antes nunca visitados, produzindo a confrontação de modos de existência percorrem e cruzam inclusive a antiga borda que separava natureza e cultura. O texto apresenta, a partir do cruzamento das categorias imanência/transcendência e concreto/abstrato, um mapa dos quatro cosmogramas: indígena, edenista, digitalista e supremacista. Nesse texto específico, procuro explorar a potencial de passagem entre os nomes para a nova Idade da Terra e os quatro cosmogramas: indígena/Chthuluceno - edenista/Antropoceno - digitalista/Capitaloceno - supremacista/plantationoceno.

### Palavras-Chave

Cosmogramas. Política Cósmica.



## A VIRADA ONTOECOLÓGICA NAS ARTES

Cecilia Cavaliere

[ceciliacavaliere@gmail.com](mailto:ceciliacavaliere@gmail.com)

### Resumo

Em “Accepting the reality of Gaia”, a filósofa belga Isabelle Stengers apresenta Gaia como um sujeito-objeto dotado de uma imanência radical que não pode ser acomodada no conceito de Antropoceno, a partir de Lovelock e Margulis. Para ela Gaia é uma fratura epistemológica diante da qual o ocidente não sabe como se mover. Do outro lado do mundo o artista macuxi Jaider Esbell declarou, em entrevista à revista *Arte & Ensaios*, que “no mundo indígena todo mundo é artista”. Essas duas falas parecem distantes, porém ambas tratam de fissuras na linguagem, nas quais o que está em jogo não são apenas culturas ou nomenclaturas, mas metafísicas em conflito. Parto daí para tecer uma leitura do que seria uma virada ontológica nas artes. Este paper se insere nos estudos da virada especulativa nas artes, mais especificamente a virada para o não-humano [nonhuman turn] como uma das maneiras de pensar e viver a emergência ecológica a partir de um olhar multiespecífico, aliado ao pensamento contemporâneo sobre as crises. Junto-me aos esforços pela afirmação de uma prática artística e filosófica implicada com as ciências, com os estudos animais e feministas; não no sentido de uma já um tanto gasta tradução entre esses campos [que vê a arte como grande leitora do mundo], mas no da tentativa de criação conjunta de uma porosidade entre eles e, conseqüentemente, de uma cocriação de outros mundos, em um processo de adensamento da pluralidade de linguagens humanas e outras-que-humanas em práticas contemporâneas. Busco, assim, rever as divisões ontológicas estabelecidas pela tradição rumo à formulação de uma nova ontologia/ecologia [ontoecologia?] das práticas artísticas para além da “vida dos objetos”. A linha de fuga polifônica – ou poliepistêmica – ensaiada pretende retirar o artista de seu lugar (não raro negado) de sustentação da crise – por meio do permanente auxílio das artes, do mercado, do sistema da arte e suas instituições – levando-o antes em direção ao papel daquele que instaura uma insustentação. Não se tratará de discorrer sobre o caráter representativo de uma mesma realidade (a da crise atual) no âmbito da arte, mas de reconhecer suas múltiplas realidades – daí seu caráter ontológico e não somente





epistemológico. Como disse a filósofa Déborah Danowski, “muitos que negam as mudanças climáticas o fazem simplesmente por não suportarem pensar na radicalidade das mudanças necessárias para enfrentá-las”. Podemos dizer o mesmo sobre nosso modo de fazer e pensar arte?

### Palavras-Chave

Virada Ontoecológica. Antropoceno. Arte.



## ALAIN BADIOU: A ONTOLOGIA CONTRA O PARADIGMA EPISTEMOLÓGICO

Lucas Azevedo Maksud  
[maksudlucas@gmail.com](mailto:maksudlucas@gmail.com)

### Resumo

A aposta badiouana na ontologia, preterindo a alçada epistemológica que dominou a cena filosófica desde Kant, contrasta-se nitidamente com as mais variadas formas de se fazer filosofia até o século XX. Retirar o exercício de uma filosofia primeira de sua inevitável correlação com as querelas epistemológicas indissolúveis trazidas por qualquer filosofia crítica a partir do século XVIII é lido imediatamente como um retorno às metafísicas pré-críticas carecidas de autorreflexão subjetiva. Desde então, cada pensamento filosófico buscou a seu modo se afastar da metafísica e muito claramente esse é o caso, inclusive, para a virada ontológica heideggeriana, que mesmo a contragosto ainda carrega muito da centralidade do sujeito. Diante da necessidade de elaboração de uma filosofia afirmativa e de um novo entendimento de negação, a captura da verdade em Badiou passa a se alocar no interior de uma ontologia de sentido reformado. Trata-se de uma ontologia que, em seu procedimento axiomático, possa operar uma noção de ser sob a lei da indiferença de suas proposições, agora proposições demonstrativas e formalizáveis. O ponto aqui é novamente almejar uma configuração para além da lei e de sua transgressão/negação, traçando assim os contornos de uma ontologia subtrativa. Contra qualquer concepção de presença, como em Heidegger, a ontologia subtrativa quer afinal inverter os termos e pensar, ao invés da dimensão antipredicativa do Ser, um ser que ateste a consistência de toda inconsistência, na lide predicativa da linguagem. Nessa intrincada dialética entre consistência e inconsistência (conforme leitura de William Watkin em Badiou and Indifferent Being), trata-se de opor a visão contemporânea de que uma particularidade consistente é inconsistente sob qualquer abordagem ontológica, pela visão na qual, por meio de uma teoria axiomática trazida pela teoria dos conjuntos, objetos inconsistentes podem ser tratados de uma maneira ontológica consistente. Sendo assim, cabe a este trabalho expor a originalidade da tese badiouana da equivalência ontologia=matemática, segundo a qual os múltiplos puros, em sua inconsistência, passam a ser transmitidos em uma linguagem predicativa.

### Palavras-Chave

Ontologia. Teoria dos Conjuntos. Múltiplo Puro.



## AN-ARQUIA COMO PLASTICIDADE ONTOLÓGICA: CATHERINE MALABOU E PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

David Šír

[davidsir93@yahoo.com](mailto:davidsir93@yahoo.com)

### Resumo

A filósofa francesa Catherine Malabou redefine a “anarquia” na filosofia ocidental. Com base em “Le principe d anarchie” (1982), de Reiner Schürmann, ela destaca o papel fundamental de “arché” na Metafísica de Aristóteles, que significa ao mesmo tempo “origem”, “princípio” e “comando”. Arché como Origem ordena o Fim, tornando impossível um futuro que não esteja inscrito no passado. Schürmann mostra o alinhamento de paradigmas “árquicos” na filosofia com hier-arquias políticas, desde o cosmo medieval como uma mon-arquia divina até as hierarquias contemporâneas baseadas em várias noções antro-po-lógicas da “natureza humana”. Schürmann argumentou que Heidegger foi o primeiro a separar a “origem” do “comando”, vendo a origem como um puro vir à presença, desvinculado de qualquer dado ôntico. A origem não pode mais emitir nenhum comando. De forma similar, Malabou vê Heidegger no seu livro “Le change Heidegger” como um pensador da origem plástica ou metamórfica. Para Malabou, essa transformabilidade da origem assinala o “outro início da filosofia” pós-heideggeriano, após o esgotamento do primeiro (“árquico”) início. No entanto, e contra Heidegger, esse “outro início” não deve mais ser pensado como apenas grego. Nesse sentido, acredito que essa an-arquia ontológica pode encontrar uma aliança poderosa no pensamento dos povos indígenas das Terras Baixas Amazônicas, teorizado pelo antropólogo brasileiro E. Viveiros de Castro como perspectivismo ameríndio. O mito ameríndio fala do estado original de in-distinção entre as entidades desse mundo, caracterizado por transformabilidade infinita – no “início”, todos estavam mudando de forma incessantemente. Esse potencial metamórfico permanece sempre presente no mundo de hoje, assim como a ameaça de transformação repentina em animal ou fantasma, e seu potencial explosivo deve ser cuidadosamente evitado pela arte da diplomacia cosmopolítica, bem como utilizado para vários fins (cura, guerra). A esse respeito, Viveiros de Castro chama o perspectivismo ameríndio de “anarquismo ontológico” ou “ontologia contra o



Estado”, pois torna impossível qualquer hier-arquia cósmica: não porque postularia a igualdade do mesmo (como “arché”), mas sim precisamente devido a um potencial metamórfico inesgotável compartilhado por todos. Um igualitarismo cósmico (entre humanos e humanos, entre espécies): não na uniformidade de um princípio, mas sim em um abismo comum de ausência de identidade, que se abre para transformações ainda desconhecidas.

### Palavras-Chave

Malabou. Anarquismo Ontológico. Viveiros de Castro.



## APREENSÃO DA ALTERIDADE NA VIRADA ONTOLÓGICA

Gustavo Cunha Bezerra  
[gcb Bezerra@hotmail.com](mailto:gcb Bezerra@hotmail.com)

### Resumo

Procurarei neste trabalho discutir o papel que os autores da denominada “virada ontológica” atribuem à noção de alteridade. Trata-se de analisar as particularidades desse novo tipo de relação e percepção do outro. Pois, se a antropologia surge a partir do questionamento a respeito do outro, o desenvolvimento desse estudo é marcado por diversas formas de apreendê-lo. No caso dos povos originários, até meados do século passado, a antropologia os caracterizou repetitivamente como primitivos e selvagens, carentes de raciocínios mais apurados, como se estivessem estacionados num longínquo período da história, que seria definida como um constante processo de aperfeiçoamento das habilidades humanas. Entretanto, vertentes mais novas da antropologia buscam superar esta visão um tanto antiquada e mostrar que o pensamento indígena não é obtuso e nem inferior aos do cientificismo moderno: são diferentes, ou, como define Descola, constitui uma ontologia diversa. A percepção de que o nosso modo de pensar é universal (e superior aos outros) tornou-se, nas últimas décadas, um tanto questionável. Os estudos etnográficos, notadamente de Descola e Viveiros de Castro, engajam-se nesse questionamento e, na visão de Bruno Latour, nos mostram a estranheza do olhar ocidental sobre o mundo, que divide-se em dois lados opostos: natureza e cultura. Para Latour, o estranho não é mais o outro, no caso os “selvagens”, mas nós mesmos. A filósofa Isabelle Stengers aponta para essa mesma direção, no sentido de buscar alguma aproximação, ou “criar pontes”, como ela afirma, com o animismo. Stengers, que situa sua prática e tradição ao lado de quem enxerga o animismo como “o outro”, procura, a partir da noção deleuziana de “rizoma”, destacar a necessidade de experimentar modos de existência que divergem acentuadamente do nosso, e de reconhecer que este não é o único, nem o mais verdadeiro. Sobre essa necessidade de escapar do etnocentrismo, o antropólogo Tim Ingold salienta que, mais importante do que conhecer os outros povos, deve-se antes buscar aprender com estes diferentes modos de vida, no sentido de incorporá-los numa forma de viver que nos ajude a enfrentar os desafios postos pela crise climática.

### Palavras-Chave

Animismo. Alteridade. Ontologia.



## ASSEMBLAGENS DE MEMÓRIA, DISJUNTOLOGIA E PLASTICIDADE: DESCONSTRUÇÕES DA METAFÍSICA DA PRESENÇA

Hilan Nissior Bensusan

[hilantra@gmail.com](mailto:hilantra@gmail.com)

### Resumo

O trabalho introduz o realismo espectral formulado no livro *Memory Assemblages* (Bloomsbury, 2024) apresentando uma comparação com a disjuntologia de Fabián Ludueña - que também parte da espectralidade - e com o pensamento da plasticidade de Catherine Malabou - que é herdeira da desconstrução. O realismo espectral das assemblagens de memória argumenta em favor de um pan-mnemismo que associa a memória, sempre composta por uma bifurcação diacrônica entre os polos da retenção e da recuperação, com uma adição assimétrica e irreversível. Esse realismo diacrônico desconstrói a metafísica da presença seguindo passos de Jacques Derrida, bem como de Malabou e de Ludueña entre outros, porém se distingue de cada uma das posições endossadas por esses pensadores. Este trabalho pretende esboçar uma comparação entre este realismo espectral e as posições de Ludueña e de Malabou. A disjuntologia do primeiro deixa pouco espaço para a diacronia sistemática que o pan-mnemismo contempla e a posição de Malabou termina por dar uma ênfase insuficiente na exterioridade que algo como a adição assimétrica e irreversível pode trazer. Ambas posições, no entanto, tem muitos pontos de convergência com o realismo espectral que defendo e são bons parâmetros para entender a posição que elaboro.

### Palavras-Chave

Realismo Espectral. Pan-mnemismo. Presença.



## COMO O REALISMO COMPLEXO PODE CONTRIBUIR COM UMA FILOSOFIA GLOBAL?

Otávio Souza E Rocha Dias Maciel

[oe.maciel@gmail.com](mailto:oe.maciel@gmail.com)

### Resumo

O Realismo Complexo é uma maneira meta-metafísica de congregar, assemblar, sistematizar e propor renovações nas ontologias contemporâneas a partir de autores e movimentos como os Realismos Especulativos, a Filosofia do Processo, a Teoria dos Sistemas, o Realismo Crítico, entre outros. Sua meta não é o estabelecimento de uma doutrina, mas, antes, o traçar de um território filosófico, reterritorializado sob os auspícios e agouros da complexidade criativa e de uma contingência radical. Dentre seus modi operandi, a assemblagem de forças e canalização de alianças é um carro-chefe na criação e na expansão do Realismo Complexo. A proposta desta fala é dupla. A primeira, talvez mais realizável, será apontar como filosofemas metametafísicos modernos, despojados de sua infalibilidade autoconcedida em húbriis, são exatamente o que impedem o florescimento de uma filosofia global. O antropocentrismo, o correlacionismo radical e a bifurcação da natureza – exemplos sob o tema “metafísicas da supressão” – buscam suprimir forçosamente a complexidade e a contingência em nome da homogeneização cosmocida. Tais filosofemas não são compartilhados pelas diversas filosofias mundo afora – o que abre caminho para o verdadeiro despertar de uma filosofia global. Não obstante, uma unidade pela negatividade de filosofemas não é o suficiente. A segunda proposta desta fala, se realizável, é mostrar como pode-se construir pontes e canalizar habitantes para um território diferente, onde ser não-moderno não é identidade, só quesito alfandegário. O trabalho de construção de um mundo comum neste território não passa pela supressão de culturas diferentes, mas de criar uma cultura de uma nova comunidade filosófica (ao menos!) onde novos filosofemas metametafísicos possam reorientar a reterritorialização orientada pela complexidade, pela contingência, pelos humanos como ingredientes do processo, e pela pluralidade de modos de existência como um novo cotidiano.

### Palavras-Chave

Realismo Complexo. Metametafísica. Contingência.



## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE “FAGOLOGIA”

Maurício Fernando Pitta  
[mauriciopitta@hotmail.com](mailto:mauriciopitta@hotmail.com)

### Resumo

Esta comunicação visa desdobrar o conceito de “fagologia”, contribuição principal de minha pesquisa de doutorado, consolidada na tese *O Anti-Orfeu: por uma esferologia do ponto de vista do espectral*, defendida em julho de 2022 pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Motivada por uma provocação de Eduardo Viveiros de Castro — “[...] falar ou comer? a questão de Alice” — em seu prefácio ao livro *Antropofagia, Palimpsesto Selvagem*, de Beatriz Azevedo, a noção de “fagologia” busca suprir, na economia conceitual da tese, a carência de um conceito adequado para designar o caráter geral das relações entre diferentes ontologias, atravessadas cada qual e entre si por uma dinâmica intrinsecamente perspectivista. Desse modo, “fagologia” é um conceito que, ao menos no contexto limitado da tese, veio complementar categorias como “ontologia”, “cosmologia” e “espectrologia”, fornecendo um enquadramento conceitual específico, de pertinência analítica a princípio limitada aos confins da pesquisa em questão, para designar e escalonar diferentes modos de relação entre ontologias e organizar alguns pares conceituais ramificados a partir da relação nuclear “eu–outro”. Nesta fala, considerando a possível relevância do conceito para pesquisas afins, pretendo: (1) apresentar os principais componentes do conceito, organizados em torno dos pares lógos–phágos (modos de relação com a alteridade) e esferologia–espectralidade (planos topológicos); (2) desdobrar sua aplicação em dois tipos ideais simetricamente opostos (a “imunologia” e a “antropofagia”); e (3) articular, na forma dupla de um diagnóstico-prognóstico, a maneira como esses conceitos se relacionam na polarização mesma entre os dois tipos ideais em jogo na tese, bem como em sua dinâmica de contato e contágio cruzado.

### Palavras-Chave

Antropofagia. Ontologia. Perspectivismo.





## DIFRAÇÃO COMO PRÁTICA PÓS-HUMANISTA DE FAZER SENTIDO

Tiago Andrade Da Silva  
[silva.tiandrade@gmail.com](mailto:silva.tiandrade@gmail.com)

### Resumo

A difração como prática de fazer sentido, desenvolvida por teóricas feministas como Donna Haraway e Karen Barad, implica em um tipo particular de leitura de textos e de campos de estudo, na qual as observações feitas a respeito das diferenças que se evidenciam dentro de sobreposições textuais específicas são sempre relacionadas por meio de intra-ações e emaranhados complexos e não-lineares no tempo e no espaço. Donna Haraway, em seus escritos, introduz a difração como uma metáfora que é empregada para mapear o tipo de produção de sentido que decorre das implosões das dicotomias caras ao pensamento moderno, como Natureza versus Cultura e Eu versus o Outro. Karen Barad, ao propor a lente ontoepistemológica do realismo agencial, executa um aprofundamento dessa metáfora na direção da constituição de uma metodologia capaz de orientar a compreensão das práticas materiais-discursivas que fazem sentido no âmbito da ciência, da teoria social, da tecnologia e da natureza. Adotando como ponto de partida a análise crítica de Haraway a respeito do sujeito do conhecimento na ciência, buscamos explicitar alguns motivos pelos quais a difração consiste em uma metodologia pós-humanista de interesse para pesquisas eticamente engajadas com o feminismo, assim como debater resultados obtidos através da aplicação da difração enquanto metodologia de leitura. Mobilizando exemplos sobre como e onde a difração ocorre, pretendemos abordar algumas maneiras em que a metodologia difrativa pode ser útil e quais tipos de padrões de interferência são gerados na tradição filosófica quando se lê textos de maneira difrativa.

### Palavras-Chave

Naturezas culturas. Práticas de Leitura. Feminismo.



## DUAS OU TRÊS HIPÓTESES SOBRE ONTOLOGIA E SINGULARIDADE

Germano Nogueira Prado  
[echtnussbaum@yahoo.com.br](mailto:echtnussbaum@yahoo.com.br)

### Resumo

O propósito trabalho é pensar o lugar da singularidade na ontologia, se é que há algum. Trata-se de investigar se e em que medida o discurso sobre o ente na totalidade ou sobre o ser em geral, que em princípio diz respeito ao mais universal e abstrato, pode dar conta do que é peculiar, ímpar ou, como prefiro descrever, ao menos numa primeira aproximação, daquilo que é “primo”, no sentido matemático, na medida em que, em sua unicidade, se (in)divide por um e por si mesmo — e nada mais. Para elaborar a questão da relação entre ontologia e singularidade avanço duas (ou três) hipóteses principais. A primeira é a de que a singularidade constitui, a um tempo, o fundamento e o limite da ontologia, ao menos na medida em que esta é pensada como discurso e, assim, como linguagem ou forma (de uso) da linguagem. Isso significa que a singularidade é aquilo em que a ontologia encontraria seu fim, em pelo menos dois sentidos. Primeiro, no sentido de que, na proporção em que a finalidade da ontologia é ser um discurso sobre o fundamento, ela encontraria essa sua finalidade em um singular, em algo cujo traço é a singularidade, ou ainda esse próprio traço. Segundo, no sentido de que, ao “tocar” este fim, o discurso ontológico mesmo encontra seu limite, encontrando-se diante do, digamos, “dilema” de que aquilo sobre o que ela pretende falar é justamente do que não é se poderia falar. E isso é assim porque, em linhas gerais, o discurso da ontologia é tecido de universais, de termos gerais, e tratar-se-ia de falar, no sentido mais fundamental, daquilo que seria precisamente o que, a princípio, se subtrai à generalização. Há, todavia, conceitos-limite que, em certa medida sem abandonar sua universalidade (que, assim, talvez devesse ser distinguida da generalidade), de alguma maneira dão testemunho desse limite ao mesmo tempo em que exprimem, ou ao menos indicam, a singularidade — ou as figuras da singularidade — que fundamenta(m) o discurso da ontologia (ou, a cada vez, de uma ontologia). Essa é a segunda hipótese aqui avançada ou, se quisermos, a segunda e a terceira, visto que a proposta é de que (i) há conceitos-limite ou figuras da singularidade desse tipo e (ii) eles são pelo menos cinco, a saber: substância, sujeito,



perspectiva, evento e ideia. De maneira esquemática, as relações de cada uma dessas figuras com a linguagem e, nessa medida, com a ontologia seriam, respectivamente, as de exterioridade, intimidade, alteridade, novidade e totalidade.

### **Palavras-Chave**

Ontologia. Singularidade. Linguagem.



## INTRODUÇÃO À ONTOLOGIA DOS CAMPOS DE SENTIDO

Gabriel Azevedo Cruz  
gabrielgac23@gmail.com

### Resumo

A ontologia dos campos de sentido é o centro da filosofia de Markus Gabriel em seu empreendimento como “Novo Realista”. Dada essa afirmação, ao menos duas perguntas transparecem como importantes de serem respondidas: (1) como Gabriel defende e habilita uma nova postura realista que rompe com o que ele mesmo chama de “realismo antigo” e com posturas “antirrealistas”? (2) como se organiza o sistema filosófico que surge dessa reação, isto é, quais são seus conceitos chaves, o que os justifica e como se relacionam em seu edifício teórico? O presente trabalho tem como objetivo responder ambas questões de maneira mais ou menos interconectada haja vista que a arquitetura conceitual da ontologia de Gabriel é fruto justamente daquilo que ele visa superar em seu diagnóstico relativo a como é abordada a dualidade “realismo/antirrealismo” na contemporaneidade filosófica. Sobre (1) é importante explicitar dois pontos: (a) a rejeição de interfaces que levam à um regresso infinito do “acesso” e (b) a realocação da dubiedade do plano estético/epistemológico para o plano da realidade em geral o que possibilita uma explicação ontológica para o problema do relativismo perceptual e gnosiológico. O ponto (1b) vincula-se ao centro negativo da ontologia dos campos de sentido, isto é, o niilismo meta-metafísico que afirma que “o mundo não existe” em sentido absoluto. Para compreender essa ideia que, segundo Gabriel, não só não se opõe a uma abordagem realista mas também, e principalmente, se configura como essencial para chegar a ser realista de fato, argumentamos que é suficiente uma exposição que explique as premissas do seguinte silogismo: p.1: Existir é manifestar-se/aparecer num campo de sentido; p.2: O mundo não pode, por definição, manifestar-se/aparecer num campo de sentido; C: O mundo não existe. A explicitação do silogismo configura a resposta do ponto (2). Nesta altura terão sido apresentados e definidos termos como “Existência”, “Sentido”, “Campo de sentido”, “mundo” e “Niilismo meta-metafísico” que são absolutamente centrais para a filosofia dos campos de sentido. A base para toda a apresentação é retirada principalmente de *Fields of Sense* (GABRIEL, 2015). Isto posto, a fala pode ser



coerentemente pensada como uma introdução à ontologia dos campos de sentido já que, por um lado, busca justificar a existência da posição (contextualizando o problema que busca resolver) e, por outro, almeja articular suas noções e argumentos chave.

### **Palavras-Chave**

Markus Gabriel. Ontologia. Novo Realismo.



## MARX E O DESTINO DO CAPITAL

Dameres Bastos Pinheiro  
[dameresbastos@gmail.com](mailto:dameresbastos@gmail.com)

### Resumo

Nas últimas décadas vimos surgir uma nova corrente de pensamento político da esquerda, o aceleracionismo. Embora haja ondas com perspectivas e projetos políticos distintos, popularizou-se a definição dada pelo teórico e crítico desta corrente, Benjamin Noys, de que se trata de uma heresia marxista cuja proposta, de aceleração das contradições capitalista levaria a superação do capital, se enquadra em uma “politique du pire”. Como atesta o próprio Noys, tal corrente está fundamentada nos textos de Marx. Diferente das saídas tradicionais da esquerda e do marxismo-dialético, o diagnóstico aceleracionista, de não haver saída ao capital por não haver fluxo mais veloz ou que uma saída deve ser pensada a partir do próprio capital, identifica uma “crise do negativo” e parece apontar para a impossibilidade prática da própria dialética dentro da teoria marxista. Esse diagnóstico de um “realismo capitalista” não parece inescapável, outras duas correntes surgem no horizonte da esquerda e do marxismo, uma de difícil denominação advinda do pensador Derrida em seu texto Espectros de Marx – autor analisado, inclusive, dentro da perspectiva afirmacionista noysiana – e o marxismo analítico, ambas apontam para saídas não-aceleracionistas ao capital e diferem-se das propostas tradicionais. Ainda assim, as três correntes compartilham do diagnóstico de “crise do negativo” e da dialética e parecem apontar para um contexto específico do pensamento ocidental para o surgimento de tais leituras de Marx e para Louis Althusser como pensador determinante. Dessa forma, a proposta deste trabalho é apresentar a pesquisa de doutoramento, em andamento, que tem como enfoque a emergência dessas correntes materialistas, o exorcismo do espírito hegeliano do marxismo sob influência althusseriana, além da assertiva noysiana de que a retirada do negativo da dialética recai em um aceleracionismo e o contraste do marxismo-dialético com o rompimento dos conceitos de alienação e contradição da via aceleracionista, também a possibilidade de uma quarta via de saída ao capital presente no pensamento de Denise Ferreira da Silva e a força de sua análise crítica ao pensamento ocidental que permite outra perspectiva sobre a dialética diante da decolonialidade e de contexto para o surgimento destas leituras marxistas heréticas.

### Palavras-Chave

Marx. Aceleracionismo. Resistências.



## MATÉRIA VIBRANTE: EM BUSCA DE UMA ONTOLOGIA NÃO-ANTROPOCÊNTRICA

Diogo Bogéa

[diogobogéa@hotmail.com](mailto:diogobogéa@hotmail.com)

### Resumo

Em 2007 Meillassoux deu nome a um processo amplamente presente e difusamente experimentado no campo da Filosofia: o predomínio do correlacionismo – a noção, de base kantiana, de que nada podemos afirmar sobre o mundo em si, pois apenas podemos saber o que é o mundo para nós, ou para nossa consciência, ou para nossa linguagem, ou para nossas redes de significação históricas. Meillassoux nomeia também o sintoma fundamental da “revolução” epistemológica kantiana: trata-se de uma contrarrevolução ptolomaica que recoloca o humano no centro da trama universal. Em busca de uma ontologia não-anthropocêntrica, gostaríamos de apresentar o materialismo vital de Jane Bennett. O conceito de matéria vibrante nos permite pensar a materialidade para além da sua relação com o humano. Ao invés de uma matéria inerte aguardando pacientemente até que receba uma forma ideal inteligível para adquirir uma configuração, Bennett nos apresenta uma materialidade viva, dinâmica, que produz composições e recomposições de formas. Da mesma maneira, não se trata também de uma matéria “inanimada” que repousa tranquila até ser “animada” por uma força estranha ou até ser movida por um ser “animado”. A própria matéria vibra e pulsa, produz formas, composições e transformações. Muito nos interessa também o conceito de afeto impessoal utilizado por Jane Bennett para generalizar a noção espinosista de corpo afetivo. Feitos de matéria vibrante, todos os existentes são corpos afetivos, isto é, corpos que podem afetar e ser afetados de muitas maneiras – sem que se saiba de antemão quantas e quais são essas maneiras. Nesse mundo radicalmente imanente, tendem a cair por terra fronteiras muito caras à tradição ocidental tais como vivo e não-vivo, orgânico e inorgânico, humano e não-humano, natural e cultural, animado e inanimado. Fundamentais são as relações entre corpos afetivos nas quais emergem variações mútuas de potência e composições de agenciamentos complexos. Segundo essa concepção, o humano não é o personagem principal da trama universal. Torna-se até difícil buscar definições precisas de “humano”, já que em todo caso trata-se sempre de composições afetivas de elementos e materialidades diversas com seus próprios poderes de afetar e ser afetados.

### Palavras-Chave

Materialismo Vital. Corpos Afetivos. Ontologia.



## O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO CATEGORIA FILOSÓFICA: O PROBLEMA DO ESPAÇO ENTRE MILTON SANTOS E SIMONE WEIL

Matheus Henrique Dos Santos

[m.henriquest@outlook.com](mailto:m.henriquest@outlook.com)

### Resumo

Desde os primórdios da filosofia, o espaço impera como questão irresoluta. Nos últimos séculos, Newton (espaço vazio e absoluto) e Einstein (tempo-espaço relativo à curvatura de um campo) tem destaque na interpelação de uma problemática ainda em aberto, a saber, a ontologia do espaço. Afora o aspecto epistemológico do problema, quanto a natureza e realidade de sua exterioridade e/ou caráter total, é menos evidente sua abordagem somada à ação humana, no processo de sobreposições entre uma natureza social e uma natureza física. Diante disso, o espaço geográfico (sistemas de objetos e ações), que para Milton Santos é meio construído no trabalho pela técnica, direciona uma interpretação do espaço-tempo que busca na filosofia o entendimento da Natureza que se torna social e vice-versa. Para entender sua assunção como categoria filosófica, enfatizamos que a formação socioespacial, dialeticamente entendida, investe-se como estrutura material ao pensamento e, ao mesmo tempo, é submetida à possibilidade de transformação aberta do sujeito com o Mundo. Para Simone Weil, o trabalho tem lugar privilegiado nessa dualidade contraditória entre sujeito e matéria, pois é o aspecto chave para entender o problema do conhecimento através do sentido de transformação do mundo e realização da vida humana em comunidade. Assim sendo, na intersecção do caráter passivo de ser afetado pela exterioridade e o ativo de tentar dominá-la, o entendimento encontra na ação extensiva do corpo uma participação viva impressa no espaço. O produto do trabalho imprime uma relação com a necessidade que, para Weil, é o que indica a ordem verdadeira do mundo, sendo assim, é no espaço produzido que se faz a possibilidade de acesso à realidade. Quando se aliena o sujeito do sentido de seu trabalho e sua construção da sociedade como uma realidade espaço-temporal, perde-se, ou se hipostasia a partir de uma ordem de poder, a possibilidade de um conhecimento verdadeiro e a assunção do valor. Entende-se que essa pesquisa possibilita, a partir de uma retomada do conceito de espaço geográfico como categoria filosófica (iniciada por Milton Santos no





V ENG de 1982 em Porto Alegre), dar fôlego a problemas não só de ordem epistêmica como das contradições entre mente e matéria, sujeito e objeto, razão e experiência, mas aquelas éticas e políticas, como as relativas aos problemas da liberdade e do determinismo, seja em nível social (a guisa da alienação e dominação) ou em nível da condição humana diante do Mundo.

### Palavras-Chave

Espaço Geográfico. Trabalho. Ontologia.



## O MODELO PADRÃO DE ONTOLOGIA SOCIAL E O PROBLEMA DA UNIVERSALIZAÇÃO DO SUJEITO

Irys Luna Alves  
[irysluna@alu.ufc.br](mailto:irysluna@alu.ufc.br)

### Resumo

Um dos maiores recursos filosóficos pode ser também uma fraqueza, a saber, a universalização. A ideia de levantar premissas que contemplam toda a espécie humana permeia a construção do pensamento filosófico desde suas raízes. E isso é um grande demarcador na distinção de um conceito filosófico, no entanto, advogar por uma condição humana universal desemboca em consequências extremas, como a exclusão de diversos grupos que historicamente não participaram do quórum de análise (em geral formado por homens cis, brancos e europeus). Como por exemplo mulheres negras, pessoas trans, populações indígenas. Isso implica que a percepção e atuação no mundo desses grupos sobre a realidade, foi suplantada pela visão dominante e desconsiderada nas análises de nossa sociedade. Dessa forma, as teorias tradicionais, entre elas a ontologia social, mostram-se, se não equivocadas, ao menos incompletas e carentes de um estudo acurado. Pretendo, neste trabalho, discutir como as categorias padrão da ontologia social, como gênero, raça, identidade e as suas respectivas ideias dentro da realidade social podem estar desconsiderando, mesmo atualmente, as diversidade humana e suas especificidades, produzindo assim uma teoria que ajuda a perpetuar conceitos ultrapassados e colaborar em certo nível com injustiças epistêmicas/sociais. A solução, por sua vez, pode partir de uma relação mais estreita com as ciências empíricas, como a própria ciência social.

### Palavras-Chave

Universalização. Ontologia Social.



## O REAL É RELACIONAL: A FILOSOFIA RELACIONAL DE GILBERT SIMONDON NA TESE PRINCIPAL

Matheus Scartezini Pedrini  
[pedrini.coragem@gmail.com](mailto:pedrini.coragem@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objeto de estudo a filosofia relacional de Gilbert Simondon exposta em sua tese principal de doutoramento *A individuação à luz das noções de forma e de informação* (1958), fruto das pesquisas de mestrado. Partimos da noção de transdução para fazer uma análise da tese principal à luz de tal filosofia relacional. Na medida em que Simondon inverte a primazia da noção de indivíduo sobre a noção de individuação, isto é, a gênese do indivíduo, o filósofo suplanta uma relacionalidade para com cada regime de individuação: eis que o real comporta e informa uma relação física, uma relação biológica e uma relação psicossocial (fora a relação técnica). O real é relacional uma vez que a relação é individuação. Acompanhando a leitura da tese, na ordem de apresentação dos regimes de individuação e com auxílio de textos suplementares e complementares à tese, as noções de transdução, de analogia, de allagmática, de relação e de informação triam um caminho relacional da filosofia da individuação de Gilbert Simondon.

### Palavras-Chave

Simondon. Individuação. Relação.



## ONTOLOGIA E UNIVOCIDADE EM GILLES DELEUZE

Glauzer Nascimento

[glauzernascimento@gmail.com](mailto:glauzernascimento@gmail.com)

### Resumo

Na ANPOF, pretendemos nos inserir e nos posicionar no debate acerca do seguinte problema: há uma ontologia em Gilles Deleuze? Para nós, sim, há uma ontologia em Deleuze, a encontramos pela via da univocidade. Nessa direção, em um primeiro momento, pretendemos mostrar que a univocidade é um conceito nevrálgico na obra de Deleuze, ou seja, que circula o seu interior, embora apareça explicitamente somente no livro intitulado *Diferença e Repetição* (essa foi a tese que defendemos no mestrado). Em seguida, pretendemos apresentar o andamento da nossa pesquisa de doutorado cujo o objetivo é analisar até que ponto, na obra de Deleuze, a noção de univocidade se articula com a de virtual. Nossa hipótese, de início, é a de que há uma aliança vital entre esses dois conceitos. Por fim, pretendemos defender que há uma ontologia em Gilles Deleuze, a encontramos pela via da univocidade, caminho até então inexplorado ou mal explorado, mas que talvez seja um dos mais rápidos para a filosofia de Deleuze.

### Palavras-Chave

Diferença. Univocidade. Nevrálgico. Virtual.



## ONTOLOGIA POLÍTICA E O DESAFIO DA MUTUALIDADE

Alyne De Castro Costa  
[alynecosta@gmail.com](mailto:alynecosta@gmail.com)

### Resumo

Na comunicação proposta, abordarei um aspecto que parece crucial para a prática da ontologia política no Antropoceno e seus esforços para favorecer a composição de alianças heterogêneas de construção de mundos. Com base na afirmação de Isabelle Stengers de que a ontologia política é uma questão de compromisso - um engajamento com e para um mundo (2018) -, proponho que esse compromisso seja mais bem compreendido em termos de mutualidade e interdependência, noções que também expressam o que acredito ser o maior desafio político-especulativo para a coexistência de mundos. A hipótese apresentada aqui é a de que, para que as reivindicações do pluralismo ontológico não se restrinjam a uma simples boa vontade manifestada na demanda abstrata por respeito a outros modos de vida (Malcom Ferdinand chama isso de simpatia sem vínculo), precisamos de teorias, especulações e experimentos políticos que nos façam pensar e sentir que os riscos aos quais os outros estão expostos são riscos também para o nosso mundo, consentindo que esses mundos estejam conectados por laços de interdependência. O desafio que surge disso, e que tento responder a seguir, é: existe uma disposição afetiva que nos ajudaria a nos tornarmos capazes não apenas de permitir que mundos divergentes afetem nossas próprias práticas de construção de mundos, mas também de reconhecer e celebrar essas divergências como vitais para nós?

### Palavras-Chave

Ontologia Política. Pluralismo. Mutualidade.



## ONTOLOGIAS CAATINGUEIRAS - FABULAÇÕES ESPECULATIVAS SOBRE VIDA NA CAATINGA

Camila Correia De Almeida  
[almeida.camilac@gmail.com](mailto:almeida.camilac@gmail.com)

Tereza Raquel Arraes Alves Rocha  
[raquelparis8@gmail.com](mailto:raquelparis8@gmail.com)

### Resumo

Esta proposta busca apresentar as trajetórias de pesquisa de duas mulheres, uma indígena e outra negra, que possuem suas investigações, afetos e cismas assentados no bioma Caatinga(s) localizada na região do Cariri, extremo sul do estado do Ceará. No campo da antropologia, a chamada virada ontológica é um esforço de levar a sério o mundo de povos historicamente invisibilizados e suas relações com outros que humanos, numa tentativa de problematizar a relação natureza x cultura no mundo dos ditos modernos, no entanto, os povos da Caatinga permanecem fora do debate. Esse apagamento aponta para a produção de um imaginário colonial racista que relegou a Caatinga a um lugar seco, hostil a qualquer forma de vida e, sobretudo, morto. Para solucionar sua hostilidade, logo se convocou toda sorte de engenharias e práticas ecocidas/epistemicidas para reformar “os Sertões”. Fracassaram. As indomáveis energias climáticas e o bioma em permanente mutação, desconsolam as tentativas modernizadoras de ordenamento e docilização. As populações nativas adaptadas ao bioma produziram e produzem tal fricção e resistência aos projetos coloniais que temos presenciado uma reemergência de retomadas ancestrais, práticas e conhecimentos contra coloniais. Em nossas pesquisas, são justamente as práticas cotidianas consideradas ordinárias e desimportantes que se revelaram campos mágicos, de partilhas e cuidados capazes de desacelerar as forças aniquiladoras do sistema de desencanto, captura e expropriação colono-capitalista. Nosso interesse é apresentar as tessituras de uma discussão fabulativa multiespécie na qual a Caatinga é um mundo vivo, pulsante e compartilha com muitos seres, visíveis e não visíveis, formas outras de habitar a Terra, em especial, as constituídas pelas mulheres caatingueiras. Chamamos para pensar com as dimensões cosmopolíticas



caatingueiras, intelectuais indígenas, quilombolas e afrodiaspóricos pertencentes ao bioma, juntamente com as especialistas da Caatinga, usualmente chamadas de agricultoras familiares. Consideramos que a(s) Caatinga(s) para além de um bioma, compõem as forças de resistência na/da Terra, oferecendo novas perspectivas aos desafios mais-que-humanos que o antropoceno impõe. Afinal, em um planeta cada vez mais quente, quem melhor que os povos caatingueiros, especialistas em germinar vida em altas temperaturas, para apontar experiências outras e possíveis desdobramentos que extrapolam a agência de morte neoliberal?

### Palavras-Chave

Ontologia. Cosmopolítica. Caatinga.



## OS DESVIOS DA PALAVRA POLÍTICA: REPRESENTAÇÃO POLÍTICA EM BRUNO-LATOUR

Tobias Marconde De Carvalho Gomes

[tobiasmarconde@gmail.com](mailto:tobiasmarconde@gmail.com)

### Resumo

A inquietação inicial para este trabalho foi o contato com o conceito de xamanismo presente nos povos ameríndios e definido por Eduardo Viveiros de Castro como a habilidade de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades aloespecíficas, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos. Como nós, Modernos, poderíamos fazer algo análogo ao movimento xamânico, isto é, como poderíamos fazer políticas com os não-humanos? Bruno Latour tenta responder a essa pergunta com sua filosofia política, em textos muito variados e pouco uníssonos como *Irreductions*, *Políticas da Natureza* e *Investigação sobre os Modos de Existência*. No entanto, Latour não elabora muito claramente sobre representação política. Mesmo na sua proposta do Parlamento das Coisas, quem fala são apenas humanos - e é difícil escapar da acusação de que o representado pode ser redutível a uma representação humana. Precisamos responder algumas perguntas: como alguém fala em nome de outro? Como um pode se passar por outro? A hipótese que move esse trabalho é que explorando os mecanismos de representação no Parlamento das Coisas e na obra de Latour de maneira mais geral, é possível responder as questões acima e, além disso, conceituar como linguagem e matéria se tocam. Se a política tem uma importância metafísica - envolvendo humanos e não-humanos, como parece muitas vezes em Latour - seria possível desfazer mais uma bifurcação da Natureza: aquela entre palavra e coisa. Se uma teoria latouriana da representação puder ser generalizada, ela seria o cerne de uma articulação material-semiótica.

### Palavras-Chave

Política. Representação. Não-Humanos.





## PERSPECTIVISMO E PETROPOLÍTICA: O BRASIL NO CENTRO DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Lucas Omer Severen Surjus

[lucas.surjus@ufu.br](mailto:lucas.surjus@ufu.br)

### Resumo

O objetivo desta exposição é mergulhar nas esquematizações tecno-energéticas da petropolítica brasileira, tomando empréstimo da obra *Cyclonopedia* (2007), do filósofo iraniano Reza Negarestani, que pensa o petróleo como uma entidade senciente provida de agência, e contrastar tal entendimento de energia, senciência e agência com aquela do perspectivismo ameríndio - uma elaboração secularizada do pensamento yanomami, a quem a Amazônia e cada uma de seus entes estão eles mesmos vivos, movidos por uma energia sutil a que os yanomami chamam de xapiri. Essas energias sutis, que fazem com que na cosmovisão yanomami os animais sejam, também, humanos, vêm, dizem os xamãs numa iteração ciclonopédica, das profundezas do centro da Terra. A discussão vem a calhar pois o Brasil é um grande produtor de petróleo que, não só posiciona-se geopoliticamente como um ator de destaque no debate da transição energética, também atravessa transições econômicas e culturais que deslocam indústrias da costa para o interior, onde tanto cultura e economia são quase que inteiramente dedicadas à glória das máquinas viciadas em petróleo que trabalham no campo. Vou desenvolver essa “tendência à redundância” do capitalismo tomando emprestado o conceito de brasilianização conforme explanado pelo filósofo Paulo Arantes. Esse processo engatilhou implicações políticas e religiosas imensas, no que não seria um exagero dizer que a principal religiosidade do Brasil hoje é uma versão decaída do catolicismo que na verdade adora as forças hadeanas do petróleo, pois houve, em 2022, bolsonaristas acampando em frente a quartéis militares em Brasília implorando por um golpe de estado e rezando para um pneu. É do meu entendimento que uma transição energética eficiente (uma que não simplesmente substitua extração de petróleo por um aumento em dez vezes da demanda de lítio em 2050, por exemplo, pois qual a diferença para o planeta?) está necessariamente tramada numa virada ontológica que, talvez, o perspectivismo ameríndio pode vir a oferecer. Acredito que esta é a única maneira com que o debate da transição energética

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



pode não incorrer no mesmo tipo de brasilianização que fez com que a discussão referente à crise climática gire em torno de oxímoros, como “desenvolvimento sustentável”, que, informados pelas mesmas aspirações antropocêntricas e prometeicas do capitalismo, nos fazem acreditar que somos uma ameaça para o planeta e não apenas a nós mesmos ou, melhor ainda, a presente ideia de nós mesmos.

## Palavras-Chave

Viradas Ontológicas. Transição Energética.



## PÓS-ESTRUTURALISMO E PLURALISMO METAFÍSICO

Daniel Schiochett

[daniel.schiochett@ufma.br](mailto:daniel.schiochett@ufma.br)

### Resumo

E. J. Lowe, em *The Possibility of Metaphysics*, defende que a metafísica é o estudo sistemático da estrutura mais fundamental da realidade e sugere, em certa medida, métodos de investigação apriorísticos. Essa definição é coerente com a tradição de estilo analítico. Por outro lado, tanto a tradição de estilo continental quanto os filósofos mais avessos a discussões apriorísticas tendem a não concordar com ela. A proposta desse trabalho, de inspiração deleuzo-guattariana, é defender que a metafísica trata, sim, das estruturas fundamentais da realidade, desde que os conceitos de estrutura, fundamento e realidade não sejam entendidos especificamente em termos platônicos ou kantianos. Ambos paradigmas pretendem dar conta do real recorrendo a estruturas ideais ou transcendentais mais fundamentais que garantem o real ou, ao menos, sua inteligibilidade e que, em sentido metafísico, são outra coisa que o mundo a que se aplicam. A metafísica que defendo trata das estruturas do real a partir da coerência de e dos desvios nas suas organizações imanentes e não a partir da chave de um fundamento primeiro ou exterior. Nesta perspectiva, a metafísica trataria do real como uma multiplicidade de estruturas que se sobrepõem, deslizam e se transformam em outras estruturas com níveis de complexidade diversos (pluralismo metafísico). Neste esquema, não há uma única estrutura fundante do real, tampouco uma estrutura transcendente que garanta sua inteligibilidade. Há uma multiplicidade de estruturas que se acoplam umas às outras e reproduzem conexões parciais. A diferença metafísica entre real e seu fundamento metafísico e epistemológico, ao contrário dos paradigmas platônico e kantiano, é trazida para o interior da própria realidade. A metafísica, nesse registro, é o estudo que trata desses planos de consistência imanentes procurando descrever as estruturas pelas quais o real se organiza e desorganiza. À questão epistemológica que daí decorre, respondo que o sujeito, enquanto dotado de estruturas biológicas (corpo com sistema nervoso complexo) e sociais (língua, matemática, Estado etc), compõe essa mesma realidade e, da mesma forma que uma estrutura desliza sobre outra, estas estruturas daí também surgem e aí também se acoplam garantindo

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



o sucesso de suas atividades biológicas, cognitivas, práticas e proposicionais. A metafísica continua sendo o estudo que trata das estruturas fundamentais da realidade e passa a ser novamente uma empreitada possível para o ser humano.

## Palavras-Chave

Estrutura. Imanência. Pluralismo Metafísico.



## RECLAMAR O FEITIÇO, (RE)ENFEITIÇAR OS MUNDOS: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE OS MUNDOS DAS BRUXAS RECLAIMING

João Victor De Almeida Consoli

[jonconsoli27@gmail.com](mailto:jonconsoli27@gmail.com)

### Resumo

Em meio a tempos de preocupação ambiental, em movimentos de luta pelo direitos das mulheres e com o medo dos perigos iminentes de uma possível guerra nuclear e inevitável fim do mundo, uma comunidade de Bruxas surgiu na Baía de São Francisco, Califórnia em meados da década de 80 e compunham um coletivo anarquista para produzir, enquanto militantes, ativismo mágico-político. O coletivo Reclaiming, que posteriormente se estabilizou enquanto uma tradição de bruxaria, cresceu durante seus mais de 40 anos de existência e se espalhou para grande parte do planeta. Podemos pensar junto à Isabelle Stengers que o verbo Reclaim- Reclamar, reivindicar, é uma prática importante em um mundo em ruínas: precisamos alimentar a retomada das conexões parciais e cultivar nossas preocupações sobre aquilo que somos responsáveis e que somos capazes. Esse trabalho surge a partir do diálogo de uma Bruxa Reclaiming brasileira, eu, com outras Bruxas Reclaiming que estão em diversos lugares do mundo. A partir desse diálogo, busco tecer junto a elas o que esse conceito mundo quer dizer sobre as práticas dessa comunidade em três diferentes eixos: a temporalidade, a materialidade e a transcendência; e para além disso, como a magia dessas Bruxas podem nos ajudar a mudar os mundos em que nos encontramos, e, eventualmente, adiar seus fins.

### Palavras-Chave

Reclaiming. Mundos. Regeneração.



## TEMPORALIDADES QUEER DIANTE DO ANTROPOCENO

Ádamo Bouças Escossia Da Veiga

[adamo.veiga1@hotmail.com](mailto:adamo.veiga1@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho objetiva ler elementos filosóficos dos estudos de temporalidade queer a partir das reflexões filosóficas acerca do Novo Regime Climático. O Antropoceno – nome já bem recebido nas humanidades para expressar o período geológico aportado pela ação humana – expressa um colapso das categorias modernas até hoje operantes. Isabelle Stenger, Dipesh Chakrabarty, Bruo Latour, entre outros, identificam no Novo Regime Climático uma reorientação geral do modo como estruturamos, desde a modernidade, as nossas grades conceituais, do mito do progresso à divisão natureza/cultura. Seguindo Denise Ferreira da Silva, gostaríamos de argumentar que a historicidade é um dos fundamentos da produção do sujeito moderno (e, com ele, do mundo moderno). É esta historicidade que se encontra em crise e, com ela, a sua cronormatividade – expressão de Elizabeth Freeman que visa expressar a normatividade na constituição de um regime temporal sócio-político em específico. O mundo moderno se orienta em um horizonte teleológico direcionado pelo progresso e pela continuidade; como coloca Lee Edelman, ele tem como normatividade uma orientação ao futuro duplamente inscrita na existência comunitária e na trajetória individual biográfica onde os indivíduos são impelidos à reprodução sexuada como condição para uma realização social plena no futuro. Com o Antropoceno, esta inscrição de uma temporalidade linear orientada ao futuro entra em crise – aquilo que produz a orientação ao futuro produz, no mundo moderno e no seu movimento próprio, a impossibilidade de um futuro em sua figuração nas aspirações teleológicas modernas. Assim, neste trabalho, gostaríamos de mobilizar, em uma tentativa resposta a esta crise, uma reflexão sobre a temporalidade queer a fim de tentar dar consistência a este novo regime de temporalidade.

### Palavras-Chave

Temporalidades Queer. Antropoceno.



## UM PEDESTRE, NADA MAIS: O CAMINHAR COMO TRAÇO ONTOLÓGICO

Marcos Cajaíba

[professormarcoscajaiba@gmail.com](mailto:professormarcoscajaiba@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa trata sobre o ato de Caminhar enquanto experiência ontológica e a sua relação com os conceitos de Herman Hess (1990) em sua obra homônima. Ao percorrer os 320km a pé, em dez dias, o Caminho da Fé - entre os estados brasileiros de Minas Gerais e São Paulo - considerando o período de preparação e aquele depois do seu desfecho, o pesquisador-peregrino toma como corpus de investigação esta experiência. Além da reflexão conceitual, a partir da revisão bibliográfica, a metodologia tem o próprio caminhar como laboratório de pesquisa, tornando-o como condição espaço-temporal do exercício filosófico. Aqui, caminhar é tido como um ato individual e, também, coletivo, por sua natureza de partilha, de conexão com a physis e a poiesis. É um ato insurgente que pode se colocar como um desafio a maneira contemporânea de viver: precisa-se de pouco para estar a caminho; deseja-se o essencial para o dia; o outro é muito importante para a travessia. Portanto, de condição acessível, caminhar é, por si, um ato também ontológico e, por conseguinte, constituinte do ser que se dispõe a peregrinar, ainda que seja pelo sertão da poesia ou da prosa dourada do sol.

### Palavras-Chave

Ontologia. Caminhada. Peregrino.



## UMA TRIPLA VIRAGEM MATERIAL: CONSEQUÊNCIAS PARA UM POSSÍVEL MATERIALISMO FUTURO

Matheus Henrique Da Mota Ferreira

[matheushmf01@gmail.com](mailto:matheushmf01@gmail.com)

### Resumo

Pensando na explosão de trabalhos, linhas de pesquisa e colóquios <sup>⊗</sup> inclusive esse nosso GT <sup>⊗</sup> que fazem referência a novos materialismos, realismos ou ontologias, encontramos um nó comum que vale a pena investigar. Três nomes em especial se destacam: virada materialista; virada ontológica; e virada especulativa. Nossa investigação pretende lidar com as sobreposições e distinções entre esses movimentos recentes na filosofia e teoria contemporâneas, partindo de três hipóteses: 1. que esse nó comum é composto por três fios distintos <sup>⊗</sup> que identificamos com cada um desses três nomes que aparecem vez ou outra para caracterizar o cenário contemporâneo <sup>⊗</sup>, e que podemos puxá-los tanto para pesquisar suas histórias singulares, como para encontrar seu ponto comum; 2. que esse ponto comum é uma conexão genealógica com o que podemos chamar de ‘materialismo filosófico’, uma hipótese que exige também maior embasamento; e 3. que não há futuro para um materialismo que desconsidere sistematicamente esse triplo movimento contemporâneo. Nossa fala nesse momento focará na exposição da primeira hipótese, apresentando esquematicamente os três vetores <sup>⊗</sup> genérico-sexual; de(s)colonial; (meta-)transcendental <sup>⊗</sup> que mobilizam cada uma dessas tendências no interior dessa tripla viragem mais ampla. Cada um desses vetores esteve por trás de um determinado ‘evento’ no espaço teórico <sup>⊗</sup> difraccional; cosmopolítico; especulativo <sup>⊗</sup>, os quais marcam um certo momento divisor, cujas consequências ampliadas ainda se desenvolvem e se fazem sentir. Ao conjunto dessas consequências damos o nome ‘virada’, associando cada uma das três antes destacadas a um evento e a um vetor particular. Nosso objetivo não é aqui nos aprofundar na segunda hipótese para além de um traçado genealógico ainda lacunar ao redor dos eventos e vetores destacados anteriormente. Essa etapa nos serve também para apresentar brevemente as relações entre essas viradas e o modo como elas têm constituído um campo comum. Em relação à nossa terceira hipótese, a deixamos aqui mais como uma injunção normativa, um chamado a todos aqueles que se consideram



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



herdeiros do materialismo para que ‘peguem em armas’ (crítico-teórico-filosóficas) e ‘se juntem às fileiras’ de sua renovação, o que não se poderia fazer sem um intenso trabalho de transcritica e de reavaliação de suas premissas e sua história segundo as novas ‘perspectivas’ postas por essas viradas © as quais talvez carreguem consigo o futuro dessa tradição.

## Palavras-Chave

Viradas Materialista. Ontológica. Especulativa.



## WHO IS IT THAT ONE MAY BE(COME): ALGORITHMIC RECOMMENDATIONS AND BEHAVIORAL VARIABILITY AS FREEDOM

Felipe Augusto Romão

[felipe.augusto.cmb@gmail.com](mailto:felipe.augusto.cmb@gmail.com)

### Resumo

This work aims to investigate the relations between human users and algorithmic recommendation systems in terms of liberty, autonomy and self-determination by the assemblage of the notions of Plasticity in Catherine Malabou, Transparency and Affectability in Denise Ferreira da Silva and Behavioral Variability in B. F. Skinner. As a starting point, I posit the hypothesis that, by nature of the massive volume of information available in the internet, algorithmic recommendation systems are necessary for the usefulness of the technology though, at the same time, they can be designed in exploitative manners, prioritizing recommendations that value high ratings and predictable responses from its users rather than novelty and exploration of new ideas. This is believed to be what causes the creation of the so-called filter bubbles or ‘rabbit holes’, understood as multiple niche online spaces or communities with little to no contact with each other as a whole, which is of interest for the capitalists behind the platforms, as user retention is greatly valued. At the same time, it is proposed that the mere exposure of novel ideas and spaces may not be an appropriate path for championing the power of self-determination of the users of such technologies, taking into account the critique of the Transparent “I” as described by Denise Ferreira da Silva.

### Palavras-Chave

Algorithmic Recommendation. Affectability. Behavior.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO



## A BIOPOLÍTICA NEOLIBERAL E A TECNOPRECARIZAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Priscila Cespede Cupello  
[cupello.priscila@gmail.com](mailto:cupello.priscila@gmail.com)

### Resumo

Partindo da chave analítica foucaultiana da governamentalidade neoliberal, este trabalho tem por escopo examinar as relações entre a biopolítica e a precarização do trabalho docente no ensino superior no Brasil. Para tanto, propusemos a criação do conceito de tecnoprecarização que abarca três elementos importantes: a heteromação do trabalho (CASILLI, 2019), a “subordinação financeira” (PAULANI, 2017) e a governamentalidade algorítmica (ROUVROY e BERNS, 2015). O conceito de tecnoprecarização do sujeito constitui um problema eminentemente novo, impulsionado pela conectividade reticular característica da Sociedade da Informação e pelo uso ostensivo de algoritmos de inteligência artificial (CASTELLS, 1996; CHRISTIAENS, 2019). Para analisar o conceito de tecnoprecarização em contextos neoliberais, faremos algumas aproximações pontuais entre o pensamento de Michel Foucault e autores de inspiração marxista como Pierre Bourdieu (1930-2002), Antonio Casilli e Leda Paulani. Estas aproximações são embasadas pelo posicionamento de Christian Laval, cuja afirmação elucidada que “longe de se contradizerem, as análises foucaultianas, bourdieusianas e marxistas podiam se combinar no seio de uma nova cultura crítica, sem, para tanto, se confundirem em uma síntese imprecisa” (2020, p. 31).

### Palavras-Chave

Ética. Política. Neoliberalismo



## A CIÊNCIA COMO RELIGIÃO: INTERROGAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS A PARTIR DAS NOTAS DA PANDEMIA DE G. AGAMBEN

Francisco Bruno Pereira Diógenes

[diogenes.bruno@yahoo.com](mailto:diogenes.bruno@yahoo.com)

### Resumo

Este trabalho tem como proposta inicial uma releitura crítica dos pequenos textos de Giorgio Agamben, publicados em formato de notas, em resposta às medidas governamentais adotadas durante a pandemia de Covid-19. Trata-se, aqui, do desenvolvimento de pesquisas anteriormente publicadas acerca da temática, cujos enfoques ora se distinguem. À época, surgiram duras críticas ao ponto de vista do filósofo italiano sobre a governamentalidade do evento pandêmico, apesar de também alguns posicionamentos consoantes e outras oposições mais cautelosas. Algumas daquelas notas, compiladas em *A che punto siamo? L'epimedia come politica* (2020), traziam um tom de denúncia a respeito dos decretos que suspendiam liberdades individuais básicas, promulgados, segundo o autor, injustificadamente pelos poderes executivos de todo o mundo. Logo a avaliação de Agamben mostrou-se completamente equivocada frente às evidências científicas, restando uma sua orientação epistemológica e político-pragmática pouco rigorosa, exageradamente cética, e, em verdade, de cunho “negacionista”. Ocorre que, na discussão levantada pelo filósofo, emergiram temas como a atuação das mídias de massa na divulgação científica e a relação das populações com o conhecimento advindo das ciências, onde destacar-se-ia um caráter verdadeiramente religioso que frequentemente acompanharia essa relação. A esse respeito, em suma, o ferrenho posicionamento de Agamben contra a biopolítica da pandemia acabou por desaguar em certa negação da autoridade epistêmica do saber médico-epidemiológico e, mais ainda, a ciência ganhou estatuto de verdadeira religião na nota *La medicina come religione*. Precisamente esse último ponto constitui o objeto de interesse principal do presente trabalho. Pois, o que significa compreender a medicina como religião, isto é, reconhecer um aspecto religioso em tão importante prática científica contemporânea? Pode-se encontrar algum elemento relacionado à crença na relação humana com o conhecimento científico acumulado? Haveria alguma relação intrínseca entre fé e



conhecimento? E o que dizer dessas questões em relação à obra precedente do autor, ou seja, no que consistem ciência e religião para Agamben? Esses pontos norteiam uma releitura de textos onde o autor transita entre os supracitados temas, desde os anteriores ao projeto nomeado de Homo sacer, até aqueles que mais se aproximam cronologicamente às notas, a partir dos quais, a esta altura da presente pesquisa, pretende-se refletir.

### Palavras-Chave

Pandemia. Ciência. Religião. Biopolítica. Exceção.



## DA EXCEPCIONALIDADE HUMANA: UM ARRANJO DE ELEMENTOS PARA PENSAR EM EDUCAÇÃO

Jimmy Davison Emídio Cavalcanti  
[jimycavalcanti@gmail.com](mailto:jimycavalcanti@gmail.com)

### Resumo

A pesquisa em andamento, da qual tomamos um trecho para este ensaio, atende a um chamado do xamã yanomami Davi Kopenawa (2012). Atende, portanto, a uma multiplicidade de vozes, humanas e não-humanas, que ressoam em suas palavras. O xamã questiona se nós, os brancos, vamos à escola para “aprender a ser destruidor”. Em outra situação, Ailton Krenak (2020), parente e interlocutor de Kopenawa, diz que a educação [dos brancos] chapa as pessoas com ideias e as soltam para destruir o mundo. O presente trabalho discute uma dessas ideias: a de excepcionalidade humana. Com isso, objetiva fazer um arranjo dos elementos argumentativos que lhe dão corpo, ao modo de aproximação ao problema com a Educação. Busca esses elementos em artigos que se dedicam à discussão da ideia. De modo geral, os textos respondem aos eventos sintomáticos do chamado Antropoceno e argumentam a relação entre a assunção da excepcionalidade humana e o cenário de destruição de proporções planetárias. Os elementos argumentativos dessa ideia não estão concentrados em uma área do conhecimento nem se restringem a um período histórico. De acordo com os autores e as autoras dos textos buscados, esses elementos estão presentes na teologia cristã, nas filosofias de Platão, Aristóteles, Descartes e Kant, na sociologia de Durkheim, na Antropologia, e nos estudos de Anatomia, como os de Georges Cuvier – figuras, vale ressaltar, cujos pensamentos têm presença constitutiva na Educação dos “brancos”. Em vista da heterogeneidade dos argumentos, o arranjo tomará forma através de um ensaio, não se configurando, pois, num exercício de exaustão. Ao tentar responder a Kopenawa, o texto se propõe a contribuir para a discussão da excepcionalidade humana no campo da Educação, no qual parece não haver a devida atenção à questão. No ensaio, argumentamos que essa discussão não pode ficar restrita a uma subárea da pesquisa em Educação, como em Educação Ambiental, uma vez que os elementos que corporificam a ideia de excepcionalidade humana têm antecedentes de diferentes áreas do conhecimento.

### Palavras-Chave

Excepcionalidade Humana. Educação. Destruição.



## ILEGALISMOS À LUZ DO NEOLIBERALISMO: UMA LEITURA DAS NOÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE O SUJEITO CRIMINOSO

João Vitor Dos Santos Cruz  
[jaovitorcruz@gmail.com](mailto:jaovitorcruz@gmail.com)

### Resumo

Ilegalismos (preferencialmente utilizada no plural) aparece no pensamento de Michel Foucault no curso do Collège de France A sociedade punitiva, de 1972-1973. Naquele momento, a noção é utilizada para se referir ao processo de lutas políticas entre as classes populares e a burguesia, do qual se constitui a delinquência como tática política da sociedade disciplinar. Encontra-se esta noção também em Vigiar e punir (1975) quando o filósofo estabelece que a nova economia punitiva que deu origem à prisão promove uma nova configuração dos ilegalismos: criminalizam as ilegalidades populares enquanto toleram-se outras que se integram ao funcionamento da sociedade capitalista. O sistema penal constitui um novo sujeito: o delinquente. Quer dizer, um conjunto de problematizações psicológicas, sociológicas e antropológicas do infrator implica numa sociedade panóptica, que produz sujeitos normais e anormais. Já em Nascimento da biopolítica (1978-1979), Foucault, através do conceito de governamentalidade, analisa o neoliberalismo como uma racionalidade que transforma indivíduos em sujeitos econômicos. Nesse caso, o criminoso é concebido como homo oeconomicus. O que isso significa? Para a sociedade neoliberal, segundo Foucault, não interessa a problematização sobre a vida criminosa, mas a forma pela qual seu comportamento pode ser concebido dentro de uma lógica mercantil para que assim seja governado. Nesse contexto, o pensador francês analisa que, em termos de biopolítica, pretende-se regular o campo de criminalidades que serão aceitáveis e permitidas, isto é, um poder que se exerce a partir dos grupos humanos e não mais no corpo dos indivíduos, como no caso das disciplinas. Trata-se de regular a criminalidade pelas regras do mercado, entendendo o próprio campo de atuação do criminoso como mercado do crime. Entende-se que tanto a sociedade disciplinar como a biopolítica estão conjugadas e que os modos de constituição do criminoso continuam vigentes na atualidade, na medida em que as políticas de segurança pública não visam combater, mas administrar e até mesmo permitir campos de criminalidade. Dessa forma, o objetivo da comunicação é apresentar a constituição do sujeito criminoso por meio da noção de ilegalismos entendida no contexto da racionalidade neoliberal.

### Palavras-Chave

Sujeito. Neoliberalismo. Governamentalidade. Poder.





## MATERNIDADE N'O SEGUNDO SEXO

Carolina Antoniazzi

[carolina.antoniazzi@usp.br](mailto:carolina.antoniazzi@usp.br)

### Resumo

Esta comunicação tem como proposta analisar a questão da maternidade presente na obra *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir. Não há dúvidas que esta é uma das obras mais importantes dentro do movimento feminista. Também é certo que para a própria filosofia o pensamento de Beauvoir proporcionou um importante giro epistemológico. Ao questionar certos pressupostos tido como verdadeiros até então, influenciou e fez serem revisitadas muitas teorias até então consolidadas. Em que pese Beauvoir ser bastante crítica em relação a maternidade, é preciso levar em consideração o tempo histórico em que escreve, no qual a pílula anticoncepcional ainda não era inteiramente difundida. Foi apenas na década de 1960 que este método passa a ser símbolo da liberdade sexual feminina, apesar das contradições que tal método envolve, como nos aponta Paul B. Preciado. Beauvoir não desconsidera os métodos contraceptivos, abordando-os desde sua existência na Antiguidade; contudo, segundo ela, foram ignorados até o século XVIII. Assim, de fato, o papel da reprodução toma relevo na vida das mulheres e na obra em questão. De todo modo, pretendemos apresentar o entendimento da obra de Beauvoir que leve em consideração nossa hipótese de leitura, segundo a qual acreditamos que a autora parte do conceito de corpo próprio de Merleau-Ponty para analisar a situação da mulher. Desse modo, buscamos evidenciar que as críticas levantadas por Beauvoir, ainda encontram eco atualmente, já que trata-se de um conjunto de fatores e não deu um suposto destino ou dado biológico. Além disso, também buscaremos evidenciar que a própria autora aponta para caminhos para que tal papel seja desempenhado com maior liberdade dentro da sociedade.

### Palavras-Chave

Maternidade. *O Segundo Sexo*. Simone de Beauvoir.



## MICHEL FOUCAULT: ILEGALISMOS E BIOPOLÍTICA

Samir Haddad

[samirfilo@gmail.com](mailto:samirfilo@gmail.com)

### Resumo

O texto procura expor e analisar as dificuldades que Foucault nos coloca, quando no curso proferido no Collège de France em 1976, publicado em livro como *Em defesa da sociedade* (*Il faut défendre la société*), elabora o conceito de racismo de estado e procura mostrar como o racismo tem por função recuperar o velho direito de morte da soberania. A partir desse contexto perguntamos: como é possível que os estados contemporâneos assumam formalmente e juridicamente a perspectiva igualitária e o discurso da isonomia e, ao mesmo tempo, o racismo ainda possa funcionar como elemento biopolítico que permite ao Estado exercer seu poder de morte? Isto é, como o racismo pode ainda assegurar, usando as palavras de Foucault, “a função de morte na economia do biopoder? A partir de uma apropriação dos conceitos de Foucault, propomos uma hipótese provisória que pode ser colocada da seguinte maneira: seria possível interpretar o conceito de ilegalismo como um conceito também biopolítico. Procuramos analisar o que Foucault chamou de gestão dos ilegalismo (*les Illégalismes*) presentes na sociedade disciplinar como um instrumento, também, biopolítico. A própria expressão *gérer les illégalismes*, aponta para um uso biopolítico além de disciplinar.

### Palavras-Chave

Michel Foucault. Ilegalismo. Biopolítica.



## NO CENTRO DO ESTADO E NA MARGEM DA LEI

Guilherme Castelo Branco  
[guilhebranco@gmail.com](mailto:guilhebranco@gmail.com)

### Resumo

Pensar a vida comunitária no Brasil e na América Latina é uma tarefa complexa. Somos frutos de uma história de opressão. Até recentemente, a questão da vida comunitária estava confinada aos lugares periféricos da vida social e política. Nos últimos anos, no entanto, iniciou-se um ciclo diferente e muitas vezes temporário de atividades comunitárias em nível nacional, com agendas democráticas, que aspiram a inovações no campo do comportamento e da conduta. Entidades representativas de profissionais, educação, tutela, etc., têm sido cada vez mais objeto de mobilização e debate público. São esses espaços de intervenção e debate que tentaremos indicar e problematizar. A vida comunitária tem significados diversos, e cabe agora discutir o alcance da importância da expressão comunitarismo na filosofia política, no tempo de agora. Nada vale tanto como articular vida e pessoas no neoliberalismo. A proposta do Laboratório de Filosofia Contemporânea, vinculado ao PPGF, tem nas questões contemporâneas de filosofia política suas fontes de análise.

### Palavras-Chave

Comunidade. Política. Justiça.



## O GOVERNO DOS DADOS: NEXOS ENTRE BIOPOLÍTICA, SEGURANÇA E ESTATÍSTICA

Gabriel Vilarinho

[gabrivilarinho@hotmail.com](mailto:gabrivilarinho@hotmail.com)

### Resumo

No século XXI, a vida humana é quase por completa gerida por dados, com os quais se pode traçar comportamentos, previsões e prevenções que garantam a compreensão e circulação da população e do mercado. Contudo, sua utilização pode engendrar desigualdades e fragmentações nos campos sociais, econômicos e étnicos. Mais do que controle pelo controle, o uso de dados e cálculos estatísticos no mundo contemporâneo parece indicar uma gestão biopolítica da população que estabelece tanto jogos de verdade quanto mantém em movimento a lógica desigual do mercado neoliberal. Nesse sentido, este trabalho possui como objetivo investigar os nexos entre a biopolítica e a ciência de dados como técnicas do governo contemporâneo das populações. Trata-se de evidenciar como o uso de dados nos dias de hoje é responsável pela produção de verdades e pela manutenção da lógica do mercado neoliberal. O que legitima o discurso dos dados enquanto verdade? De que formas o governo biopolítico faz uso dos dados para promover a gestão neoliberal das populações, e como isso diz o que somos? Para isso, sobretudo, a partir do pensamento filosófico de Michel Foucault, bem como leituras de outros autores e autoras contemporâneas no campo do funcionamento da estatística e da ciência de dados no tempo presente, busca-se destacar o surgimento da biopolítica enquanto prática governamental e a estatística enquanto prática discursiva e saber econômico principal no mundo neoliberal.

### Palavras-Chave

Michel Foucault. Biopolítica. Ciência de Dados.



## UMA ANÁLISE POLÍTICA FILOSÓFICA SOBRE O ENCARCERAMENTO NO BRASIL

Amanda Laporte De Souza  
[amandalaporte27@gmail.com](mailto:amandalaporte27@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, buscamos a necessidade de aproximar as filosofias de Michel Foucault e Angela Davis para examinar e fazer apontamentos acerca da questão do encarceramento feminino no Brasil. Reconhecendo, contudo, a carência de bibliografia filosófica-brasileira para o tema em questão e pontuando a necessidade de reivindicar esse local de responsabilidade filosófica no debate. Ao analisar a abordagem de Foucault sobre o nascimento do sistema prisional, destacam-se lacunas em suas considerações aos corpos e sujeitos envolvidos, especialmente, neste trabalho, no que diz respeito às mulheres. Portanto, argumento que aproximar Angela Davis é essencial para desenvolver melhor a discussão no que concerne ao encarceramento feminino no Brasil. É crucial ir além das interpretações estabelecidas e produzir as relações entre os filósofos propostos, usando a interseccionalidade como ferramenta para analisar a opressão no sistema prisional e destacar o local de invisibilidade que foi dado às mulheres através da história da história da filosofia.

### Palavras-Chave

Prisão. Filosofia. Gênero.



## POR UMA FILOSOFIA DO RISCO: APONTAMENTOS CRÍTICOS A PARTIR DE FOUCAULT

André Saldanha Costa  
[andresal288@hotmail.com](mailto:andresal288@hotmail.com)

### Resumo

A proposta a ser desenvolvida toma como premissa a afirmação de Merleau Ponty que exorta a necessidade de reaproximar a filosofia da teoria social. Neste sentido o presente trabalho é uma contribuição que busca analisar, criticar e refletir sobre a sociologia do risco e a teoria da sociedade de risco mundial, elaborada e desenvolvida pelo sociólogo alemão por Ulrich Beck cotejando-a com o a filosofia de Michel Foucault que pretende fazer emergir a violência oculta das instituições aparentemente neutras. Destarte, tomamos como indicio para esta reflexão a generalização do conceito risco em diversos discursos peritos - tais como o discurso econômico, jurídico, político, médico etc.- assumindo que tais práticas discursivas são incapazes de reconhecer a vinculação do conceito risco com uma governamentalidade liberal que disciplina e organiza o exercício de saber/poder destes mesmos campos epistêmicos. A dialética entre segurança e liberdade, que caracteriza o início da modernidade é substituída pela unidade risco e segurança, o que aponta um novo conjunto de problematizações para o desenvolvimento dos processos capitalistas e novos desafios para diagnosticar o presente.

### Palavras-Chave

Governamentalidade. Risco. Liberalismo.



## SELF E INDIVIDUALIDADE: INTERSEÇÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DA LEITURA DE BAUMAN E TAYLOR

Jeferson Ferreira De Freitas

[jeferfreitas@uol.com.br](mailto:jeferfreitas@uol.com.br)

### Resumo

A busca pelo entendimento do self relacionada a questão da individualidade e da identidade está presente no contexto da modernidade perpassando os campos da Filosofia, da Sociologia e da Psicologia. Transitando entre estes três campos do saber estão as contribuições de dois pensadores. De um lado o polonês, Zygmunt Bauman e do outro o canadense Charles Taylor. Ambos recebem influências destas áreas para tratarem a respeito deste tema. Bauman fala do self a partir da questão da Modernidade Líquida. A liquidez do presente tornou as relações fluidas. A sensação de incerteza gera insegurança e como cada indivíduo é fruto das interações sociais e estas não são mais fundadas na solidez, a mudança obriga cada um a “re-construir” sua identidade, adequando-a de acordo com as necessidades. O self, é a percepção do eu a partir daquilo que o eu acha que o outro pensa sobre si. O self se constrói a partir das interações sociais. Neste sentido, como no tempo presente as interações sociais são fluidas e conduzidas pelos interesses do mercado, cada indivíduo vai construindo sua individualidade a partir das múltiplas facetas deste self. Ele vai dizer que cada indivíduo carrega consigo “selves” prontos para serem mudados de acordo com as conveniências. Com isso, deixam de existir a identificação dos indivíduos com lugares ou pessoas, desaparecendo também o sentimento de pertencimento. A não identificação e pertença, fazem com que as interações sociais fiquem superficiais o que dificulta o identificar-se ou autoconhecer-se pois, para isso, depende-se da interação profunda com os outros na sociedade. Por outro lado, Taylor diz que o self é fruto das relações dialógicas. É construído a partir do processo de autointerpretação. Porque para ele, o ser humano é um ser que se autointerpreta. Ela acontece a partir da formação da identidade e do reconhecimento. E a formação da identidade depende do reconhecimento do outro. O reconhecimento só pode acontecer através das relações dialógicas. Além disso, o self se constrói a partir de uma questão moral, onde através da relação dialógica, todos os preceitos, são repassadas dos pais para os filhos e assim

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



de geração em geração, onde, mesmo após a morte daqueles, todas estas instruções continuam a repercutir no interior de cada um. E mesmo se tratando de tempos tão incertos, conhecer-se a si mesmo é possível graças ao processo de reconhecimento mútuo. Onde cada um é guiado pelo sentimento moral ou voz formada em seu interior.

## Palavras-Chave

Self. Individualidade. Identidade.





## VIDAS DESEJANTES, VIDAS INDESEJÁVEIS - PENSAR COM FOUCAULT

Regiane Lorenzetti Collares  
[regiane.collares@ufca.edu.br](mailto:regiane.collares@ufca.edu.br)

### Resumo

No acionamento e, em certa medida, na produção do desejo da população, Foucault não deixa de observar a entrada em cena das tecnologias de governamentalidade cada vez mais astuciosas e sutis. Nesse cenário, quais seriam então os estratagemas contemporâneos para se despertar a centelha do desejo de cada indivíduo e, quiçá, de uma coletividade? Esta talvez seja uma das questões mais instigantes tratadas no curso *Segurança, Território e População* (1977-1978), ao passo que aí se destaca a compreensão de que os desejos teriam também suas zonas porosas, sofrendo interferência de fatores externos. Vislumbrando-se, portanto, um lado espontâneo, impreciso, e outro lado influenciável, artificial, da condição desejante de todo indivíduo, os mecanismos provindos de regimes neoliberais passariam a aprimorar dispositivos que cada vez mais nos conduziriam (ludibriariam) para algo que já seria de antemão constituído para parecer interessante. Considerando-se também a ambivalência dos desejos que atravessam a população, tanto no que é capaz de nos aliançar enquanto humanidade, como no que nos desagrega e nos leva ao embate como inimigos, procurar-se-á nesta comunicação abordar algumas das estratégias da biopolítica contemporânea no que diz respeito à produção paradoxal de vidas desejantes e de vidas indesejáveis.

### Palavras-Chave

Desejo. População. Biopolítica.



## ŽIŽEK E A IDEOLOGIA

José Alcides Hora Neto  
[josealcidesufs@gmail.com](mailto:josealcidesufs@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa, intitulada *Žižek e a Ideologia*, tem por objetivo empreender uma análise da originalidade do tratamento conferido por Slavoj Žižek ao conceito de ideologia tendo em vista a forma que o conceito foi utilizado historicamente, sobretudo por Louis Althusser, desde a sua formulação em Marx. A partir da leitura dos textos dos filósofos em questão, pretendemos construir um aparato teórico capaz de fornecer algumas hipóteses interpretativas que possibilitem a ampla compreensão do conceito de ideologia. Žižek recusa a aposta althusseriana da possibilidade de determinação positiva de um discurso sem sujeito capaz de separar a ciência da ideologia. Para ele, é preciso assumir uma postura ética diferente diante do problema que é assumir um ponto de vista não ideológico. Nesse sentido, a defesa de Žižek é que a ética da separação da psicanálise lacaniana pode ser mais frutífera numa investigação acerca do funcionamento da ideologia. Essa ética da separação preconiza a não obliteração da distância entre a realidade e o Real. Com efeito, a análise de Žižek propõe que a crítica da ideologia desvende qual é o cerne pré-ontológico da ideologia, ou seja, trata-se de revelar qual é a matriz formal a partir da qual ela surge. Nesse sentido, a sua inovação consiste em explicar que não é na realidade, mas no Real que se deve buscar este ponto de referência extra-ideológico. Da lacuna entre a realidade e o Real, emergem certas aparições espectrais que evidenciam a existência da dívida simbólica, e é deste ponto, do reconhecimento de que a realidade tem a estrutura de uma ficção e traz consigo a necessidade de aparições espectrais do Real não simbolizado, que deve ser empreendida a crítica da ideologia; crítica essa que, em Žižek, assume a forma da análise espectral do conceito e representa uma inovação em relação à tradicional leitura sintomal da ideologia. Assim, com essa nova forma de apreender o conceito, a ideologia é revitalizada e se torna útil para entender fenômenos contemporâneos, como, por exemplo, a racionalidade cínica. Desse modo, discutiremos a importância da retomada do conceito de ideologia em Žižek para o pensamento contemporâneo.

### Palavras-Chave

Žižek. Althusser. Ideologia.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT PENSAMENTO DO SÉCULO XVII



## A FINITUDE EM PERSPECTIVA: A GRANDE SUBVERSÃO DE ESPINOSA

Ericka Marie Itokazu  
[marie.ericka@gmail.com](mailto:marie.ericka@gmail.com)

### Resumo

Contrapondo-se a toda a tradição para a qual faz sentido a célebre expressão ciceroniana de que toda a vida dos filósofos é uma preparação para a morte (*Tusculanas Disputationes*, I, XXX, 74), Espinosa nos apresenta uma completa inversão de peso profundamente existencial ao afirmar, de modo igualmente expressivo e contundente, que não há nenhuma coisa em que o homem livre pense menos do que na morte, e sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida (*Ethica* IV, Prop. 67). Estaríamos corretos se concluíssemos que a questão estaria posta somente no objeto ao qual se dedica o pensamento, se uma meditação sobre a vida ou sobre a morte? O que gostaríamos de propor para esta comunicação trata-se menos de uma questão sobre o objeto da reflexão e sim sobre o seu fundamento: o conceito de finitude. Sob uma nova perspectiva, talvez pela primeira vez na história da filosofia, Espinosa desvinculará a finitude daquilo que tradicionalmente a caracteriza: a mortalidade, o efêmero, a fragilidade da impotência existencial. E se é assim caracterizada, é porque carrega consigo a negação do polo oposto que a institui: a realidade mesma posta positivamente na imortalidade, na eternidade, a fortaleza da potência essencial do ser, em suma, na realidade do infinito positivo. Embora se congratule o Grande Racionalismo Seiscentista pela introdução do conceito de infinito positivo ou o absolutamente infinito, é preciso voltarmos a análise para aquilo que dele Espinosa se diferencia: uma filosofia da finitude positiva no interior do infinito positivo. A oposição infinito-finito parece ser tão injusta quanto desigual na determinação de seus polos, afinal, a infinitude não somente se opõe à finitude, mas desqualifica-a ao dela retirar todas as propriedades que caracterizariam positivamente sua existência, propriedades essas restritas ao polo oposto. Não há equivalência possível se os termos em relação negam-se reciprocamente, não há comensurabilidade entre a negatividade da finitude frente a infinitude positiva. Eis porque afirmamos que Espinosa nos oferece uma subversão de fundamento ontológicos. E se recusa da reflexão sobre a finitude como mortalidade ou efemeridade



encontra-se na Ética IV, é porque a inovação subversiva já se encontra na Ética I: na definição do que é ser coisa finita é fundamento, origem e ponto de partida da gênese para uma outra perspectiva da finitude, ou melhor, para utilizar uma expressão de André Tosel, para uma outra (in)finitude.

### **Palavras-Chave**

Espinosa. Finitude.



## A POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DOS FENOMENOS DA NATUREZA EM JOHN LOCKE

Ronaldo José Moraca  
[ronaldo.moraca@ufms.br](mailto:ronaldo.moraca@ufms.br)

### Resumo

A partir das teses desenvolvidas pela filosofia de John Locke o conhecimento, antes pensado como certo, seguro e definitivo pelas teorias clássicas, torna-se passível de ser analisado a partir de graus. Na perspectiva gnosiológica lockiana, o conhecimento derivado do entendimento depende das ligações que ocorrem entre as ideias. E essas ligações nem sempre são diretas; em alguns casos, o conhecimento do objeto se dá de forma indireta. A partir dessa distinção Locke estabelece os diferentes graus de conhecimento por ele denominado de: intuitivo, demonstrativo e sensível. Mostraremos que a filosofia da natureza, na concepção de Locke, possibilita o chamado conhecimento sensível, isto é, aquele que remete diretamente à existência dos objetos particulares tal como se apresentam à percepção e à consciência. No entanto, explicitaremos em nosso trabalho que tal conhecimento está bem distante da generalidade e certeza pretendida pela explicação científica. O conhecimento sensível está mais em conformidade com a percepção da existência atual de um dado fenômeno no mundo, e não parece corresponder à concepção de conhecimento como propõe Locke, a saber: "...a percepção da conexão e acordo, ou do desacordo e incompatibilidade, em quaisquer de nossas ideias." (Ensaio, IV, pg 525). Desta forma, cabe em nosso trabalho explicar as razões que tornam a posição lockiana, acerca da possibilidade de a filosofia natural compreender a realidade, algo muito particular e bem diferente do que comumente é admitido nos debates epistemológicos. Admitimos que tal explicação passa pela classificação que Locke faz acerca da conexão entre as ideias. Sabemos que ele distinguiu quatro tipos de conexão, "identidade ou diversidade", "relação", "coexistência ou conexão necessária" e "existência real". As proposições acerca da realidade, geradas por essas conexões, se aproximam de um dos graus de conhecimento por ele listados. O que explicitaremos é: por que as proposições geradas pela filosofia da natureza não estão vinculadas a um tipo de conhecimento que pode ser chamado de certo e seguro? De que forma, Locke justifica que a clássica

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



ideia de episteme não está ao alcance dessa filosofia? Por fim, será possível compreender como a clássica teoria das ideias presente na filosofia de Locke possui como consequência estabelecer, de maneira clara e definitiva, até onde o entendimento pode alcançar um conhecimento seguro e o que pode ser concebido como provável na esfera do saber.

## Palavras-Chave

Entendimento. Episteme. Filosofia da Natureza.



## A QUESTÃO AUTORIDADE EM MALEBRANCHE: ENTRE A REPÚBLICA DAS LETRAS E O CORPO POLÍTICO

Sacha Zilber Kontic  
[szkontic@gmail.com](mailto:szkontic@gmail.com)

### Resumo

A questão autoridade é um tema caro a Malebranche, e um tema que se apresenta de modo multifacetado. Fiel a sua filiação cartesiana, o filósofo denuncia constantemente os perigos de submeter a razão à autoridade da escolástica e, em última análise de Aristóteles. Todavia, a essa espécie de autoridade intelectual o autor acrescenta, no Livro II da Recherche, o problema da autoridade política. Na presente comunicação, pretendemos analisar de que modo o oratoriano pode pensar os mecanismos imaginativos que produzem formas tão distintas, embora aparentadas, de submissão à autoridade, a saber, a submissão aos autores célebres ou reputados, e a submissão aos príncipes e às autoridades políticas. Veremos que esse mecanismo depende daquilo que Malebranche chama de imaginações fortes, isto é, imaginações que por um jogo linguístico ou social são capazes de se comunicar de uma pessoa a outra. Essa explicação nos permitirá compreender de que maneira torna-se possível estabelecer uma analogia entre o corpo político e a República das Letras, mostrando como ambos decorrem de um jogo da imaginação que, amiúde, se opõe à razão.

### Palavras-Chave

Malebranche. Autoridade. Imaginação.





## APONTAMENTOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS NO TRATADO POLÍTICO DE ESPINOSA

Fran De Oliveira Alavina  
[fran.alavina@ufvjm.edu.br](mailto:fran.alavina@ufvjm.edu.br)

### Resumo

A partir do texto *Maquiavel: a dimensão econômica do político* (1974), Lefort nos aponta que se deve reconhecer, na obra do pensador florentino, “(...) os momentos em que a análise política implica uma visão econômica”. Não poderíamos fazer desse apontamento, uma indagação ao texto espinosano: em quais momentos do *Tratado Político*, as questões expostas implicam a economia? De fato, não são raras as ocasiões argumentativas do *Tratado Político*, nas quais as razões políticas são também questões econômicas. Espinosa apontaria tais elementos econômicos, em especial, acerca das questões em que o Estado faz uso de impostos e tributos para sua manutenção organizativa. Tal não suporia que Espinosa leva em consideração certa concomitância da organização da vida econômica e da vida política? Escrito antes que a Economia se autonomize da Filosofia Política, é preciso extrair do texto espinosano aquilo que não é apenas de valência política. Tratar-se-ia de elencar quais dimensões econômicas estão implicadas na arquitetura da monarquia e da aristocracia. Haveria um substrato econômico típico de cada uma dessas formas de governo? Tal é a hipótese interpretativa proposta.

### Palavras-Chave

Filosofia. Política. Economia.



## COMMERCIIUM E NEGOCIAÇÃO DA POTÊNCIA DE AGIR NA FILOSOFIA DE ESPINOSA

Marcio Francisco Teixeira De Oliveira

[franciscomarciorj@gmail.com](mailto:franciscomarciorj@gmail.com)

### Resumo

Na Ética, Espinosa afirma ser “totalmente impossível que não precisemos de nada que nos seja exterior para conservar o nosso ser, e que vivamos de maneira que não tenhamos nenhuma troca com as coisas que estão fora de nós” (SPINOZA, 2008, p. 287) [EIVP18Esc.] [grifo nosso]. No texto em latim, o autor usa a palavra *commercium*. Evidentemente, Espinosa não está discutindo sobre a compra e venda de produtos. Isso talvez explique a escolha da palavra “troca”, em vez de “comércio”, na tradução de Tomaz Tadeu (2008). Contudo, considerando o conjunto da obra, o uso de “comércio” – presente nas traduções de Antônio Simões (1973) e do Grupo de Estudos Espinosanos da USP (2015) – é mais preciso. Este trabalho procurará ressaltar a importância do *commercium* para as dinâmicas conativas da coisa finita, abordando sua articulação com a noção de negociação da potência de agir. Etimologicamente, negociação significa negação (*nec*) do ócio (*otius*). Como será explicitado, tal negociação deve ser vista como tensionamento natural entre seres finitos mais ou menos complexos. Neste tensionamento, os seres exercem um direito natural de oposição e/ou de convergência. A partir do Tratado Político, a afirmação de que a paz não é ausência de guerra pode ser articulada com a visão maquiavélica de que o ócio é o estado político oposto à guerra. Para Espinosa (EIIIP7), o que constitui a essência atual da coisa finita é o *conatus* (esforço) e não o *otium* (a negação do conflito). Como se sabe, para Espinosa, mesmo coisas muito potentes podem ser destruídas, porque sempre existirá um ser mais potente que outro (EIVAx.); assim, humanos ou não, seres finitos são vulneráveis e sem qualquer excepcionalidade. O gozo de uma potência maior ou menor dependerá de alianças e resistências empreendidas pelos indivíduos em *commercium*. Mais que simples trocas, as dinâmicas conativas são constituídas por uma negociação ininterrupta que visa a afirmação da potência de agir.

### Palavras-Chave

Comércio. Negociação. Potência de Agir.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUSÊNCIA DA DEFINIÇÃO DE DEUS NO CAPÍTULO I DO BREVE TRATADO DE ESPINOSA

Iago Orlandi Gazola  
[iago.gazola@unesp.br](mailto:iago.gazola@unesp.br)

### Resumo

Por toda a obra de Espinosa, encontramos o cuidado com o tema da definição, com o que deve ser a legítima definição, ponto de partida, com efeito, da Ética. No primeiro capítulo do Breve tratado, intitulado Que Deus existe [é], no entanto, não há uma definição formal de Deus. Nesse sentido, cabe-nos questionar os motivos dessa ausência. Apresentaremos, primeiramente, a excepcionalidade que envolve o Breve tratado em sua aparição ao público em meados do século XIX, o que nos abrirá o horizonte das discussões a respeito do problema. É a partir do contexto do aparecimento dos manuscritos holandeses do Breve tratado que poderemos compreender as divergências de interpretação da questão entre os comentadores que se debruçaram sobre a questão. Nosso objetivo é apresentar as diferentes soluções, dando especial atenção à leitura de Filippo Mignini, e, estabelecendo um diálogo mais estreito com esse último comentador, oferecer nossa contribuição para um maior esclarecimento a respeito desse problema e, a partir da nossa leitura, a respeito do lugar do Breve tratado no desenvolvimento da filosofia espinosana que culminará na Ética. Cremos que a questão se faz relevante para compreendermos as mudanças que Espinosa operará no interior da teoria da definição.

### Palavras-Chave

Definição. Deus. Ontologia. Existência.



## CRÍTICA À MORAL E ÉTICA DA AUTOAFIMAÇÃO E DA AUTENTICIDADE NA FILOSOFIA DE LA ROCHEFOUCAULD

Jéssica Barros Silva  
[jessicafree@gmail.com](mailto:jessicafree@gmail.com)

### Resumo

François VI, duque de La Rochefoucauld (1613-1680) fez parte do movimento intelectual que ficou conhecido como “os moralistas franceses”, que reúne autores do século XVI ao século XIX que formaram uma tradição humanista com foco na subjetividade humana. Após aposentar-se de sua longa carreira como militar e conspirador político, o duque escreveu uma coleção de aforismos que tornou-se célebre na literatura francesa, intitulada de: “Reflexões ou Sentenças e Máximas morais” no qual a moral de seu tempo é criticada a partir de um viés psicológico. A partir de suas observações do comportamento humano, La Rochefoucauld propôs uma concepção de homem pautada no amor-próprio que o levou a colocar sob suspeita as motivações morais comumente declaradas por seus contemporâneos. Para La Rochefoucauld, nossas virtudes são, na maioria das vezes, nada mais do que vícios disfarçados, e nossa subjetividade está toda alicerçada na ação de nosso amor-próprio que nos faz agir sempre em função de nosso próprio interesse. A partir dessas premissas, demonstraremos como o duque constrói uma filosofia moral que busca denunciar as hipocrisias dos homens e defender uma ética da autoafirmação e da autenticidade pautada no autoconhecimento e inspirada na “virtu” dos guerreiros latinos, em consonância com os valores da nobreza dedicada ao militarismo da qual ele fazia parte.

### Palavras-Chave

Moral. Amor-próprio. Autenticidade.



## DA EUGENIA TEOLÓGICA À EUGENIA CIENTÍFICA: A FILOSOFIA DE MALEBRANCHE COMO UM PONTO DE TRANSIÇÃO

Jeferson Da Costa Vaz

[jeferson.2004@outlook.com](mailto:jeferson.2004@outlook.com)

### Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de investigar como se deu a transição de argumentos eugenistas com base “teológica” para argumentos com base “científica” no contexto da dominação colonial e do regime escravista no século XVII. Trata-se de uma denúncia dos dispositivos epistemológicos forjados para promover crimes como a escravidão e a colonização. Compreendemos por argumentos de base “teológica” aqueles que se assemelham ao de Padre António Vieira (1608–1697) em seus Sermões (1679), comparando o sofrimento de pessoas escravizadas com a Paixão de Cristo. Por argumentos de base “científica” entendemos aqueles pautados na frenologia, a exemplo daqueles de Robert Knox (1791–1862) e Lapouge (1854–1936). Nossa hipótese é a de que a filosofia de Nicolas Malebranche (1638–1715) exerceu um papel nesta transição, uma vez que influenciado por uma base teológica de um lado, e pela fisiologia cartesiana de outro, sugeriu uma teoria da degenerescência que estabeleceu Adão como o homem puro e todos/as os/as seus/suas descendentes como consequências impuras em decorrência do pecado original e de questões fisiológicas na relação entre um/a nascituro/a e sua mãe. Este argumento nos permite, inclusive, perceber o caráter machista e misógino desta produção, pois segundo ele os “defeitos” existentes numa criança seriam um reflexo dos pensamentos de sua mãe. Haveria, sendo assim, uma relação entre a mãe e o feto de modo que as emoções dela influenciariam na formação fisiológica e emocional da criança. Logo, a degeneração da humanidade seria culpa de Eva que, segundo a narrativa bíblica da tradição judaico-cristã, seria a primeira mulher a ter uma função materna no mundo. Neste sentido, acreditamos que entre a eugenia pautada numa pretensa “teologia” e a eugenia pautada numa pretensa “ciência”, há a filosofia de Malebranche que propôs uma explicação genealógica da humanidade que justificou uma degenerescência de cunho tanto “teológico” como “científico-fisiológico”. Este trabalho será dividido em três partes. Na primeira parte o nosso intento é debater como as doutrinas eugênicas



pautadas na “teologia” e na “ciência” foram defendidas. Em seguida, propomos uma análise da genealogia degenerativa de Malebranche. Por fim, nosso objetivo é examinar como isso pode ter justificado o crime da escravidão, impactando diversos povos colonizados. Com isso, a intenção é acusar como as doutrinas eugenistas se apropriaram da filosofia de Malebranche para justificar a colonização.

### **Palavras-Chave**

Eugenia. Degenerescência. Ciência. Malebranche.



## DIREITO E LIBERDADE DE OPINIÃO NO TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO DE ESPINOSA

Luís César Guimarães Oliva

[icoliva@uol.com.br](mailto:icoliva@uol.com.br)

### Resumo

O objetivo da comunicação é explorar a noção de liberdade enquanto parte da essência intransmissível do conatus humano. Não estamos falando da plena liberdade do sábio, que poucos têm, mas de uma liberdade de pensar conforme seu próprio engenho, sua própria índole, e não apenas conforme o engenho do soberano, ainda que este tenha o poder de definir o que é justo e piedoso. Examinaremos as bases ontológicas deste tipo de liberdade, bem como suas consequências políticas tal como apresentadas no capítulo final do Tratado teológico-político. Como pressuposto desta discussão, teremos de passar pela noção espinosana de direito, bem como pelos limites da transmissibilidade do direito, em contraste com a filosofia de Hobbes, cuja noção de contrato envolve uma transferência de direitos muito mais radical. Ao definir o direito como potência, e esta como a essência do homem, Espinosa dá a chave para a compreensão de sua crítica a Hobbes, bem como esboça uma superação da ideia de contrato social.

### Palavras-Chave

Espinosa. Liberdade de Opinião. Direito.



## INFLUÊNCIA DO ESTOICISMO NA FILOSOFIA MODERNA: A INTERFERÊNCIA DE EPITETO EM DESCARTES

Marcelo F Ribeiro De Oliveira

[marcelofonsecardoliveira@gmail.com](mailto:marcelofonsecardoliveira@gmail.com)

### Resumo

Este artigo tem dois objetivos que se confluem: 1) retomar a questão da recepção do estoicismo na filosofia moderna primeira, ressaltando o neo-estoicismo enquanto fato historiográfico formativo em alguns dos principais filósofos dos fins do século XVI e primeiras décadas do século XVII. Apesar da avalanche de estudos sobre a influência da tradição cética neste período, os estudos sobre a presença do estoicismo e a formação do neo-estoicismo são anteriores e ficaram em segundo plano, nas últimas décadas; 2) convencer sobre a interferência (desde que pouco apontada pelos principais scholars, alguns sendo relutantes em aceitar esta interferência), por assim dizer, do Manual (Encheiridion), do escravo filósofo Epicteto (1-2 d.C), na formação da epistemologia cartesiana. Parece inédito o argumento que sublinha a referência indireta às Meditatio, do estóico e rei filósofo Marco Aurélio, enquanto inspiração ao texto máximo e marco principal da constituição da epistemologia moderna; as Meditações (1641), de Descartes. Concluo que a epistemologia de Epicteto, que configura mais uma técnica de pensamento (peritrope ou recursividade, dentre outras técnicas introspectivas que serão revistas e analisadas aqui), tem interferência na epistemologia moderna, mas que este fato não a eleva ao nível da metafísica tradicional. Ou seja, a epistemologia, como disciplina incipiente e que pretendia substituir a metafísica tradicional, sendo instituída ao nível ad hominem (apesar da universalidade do Cogito), não alcança os sistemas de metafísica clássica.

### Palavras-Chave

Historia da Epistemologia. Estoicismo. Descartes.





## INQUIETUDE E DESEJO EM PASCAL

Rodrigo Hayasi Pinto  
rhayasi48@gmail.com

### Resumo

O objetivo de nossa comunicação é fazer uma discussão sobre a questão do desejo, presente na obra *Pensamentos* de Blaise Pascal. Essa questão aparece nos fragmentos vinculados ao *Divertimento* e à *Imaginação*. Segundo Pascal, o homem busca no âmbito do divertimento, o qual pode ser interpretado como sendo qualquer forma de entretenimento, uma espécie de autossatisfação, vinculada à conquista de um determinado objeto do desejo, pois “um divertimento mole e sem paixão o aborrecerá. É preciso que se entusiasme e se iluda a si mesmo, imaginando que seria feliz ganhando o que não desejaria que lhe dessem”. (Br.139). No entanto, dirá Pascal “a vontade própria não se satisfará nunca, mesmo que tenha poder sobre tudo o que deseja” (Br.472), com efeito, na concepção voluntarista de Pascal, não existe um bem absoluto, funcionando como uma espécie de causa final, levando o ser humano a uma satisfação completa. Nesse sentido, poderíamos ser levados a pensar que a reflexão de Pascal acerca do desejo, ao se afastar da possibilidade do finalismo em termos causais, se aproximaria de outros pensadores do século XVII. Hobbes e Espinosa, por exemplo, vão fazer uma reflexão sobre a dimensão do desejo a partir da ideia de causa eficiente e não de causa final. Ambos pensam o desejo tendo como causa primordial o princípio de conservação (*conatus*), causa motriz da vontade, que leva o homem ou a perseverar em seu ser (Espinosa) ou a buscar o benefício próprio (Hobbes). Tais noções, levariam o homem a uma espécie de autossatisfação (Hobbes) ou a um estado de plenitude do ser (Espinosa). No entanto, Pascal se afasta desses autores, pois, para ele, do mesmo modo que em relação ao soberano bem, inexistente a possibilidade de se pensar o desejo nos moldes da causa eficiente, responsável por levar o homem à satisfação do desejo. Na visão do autor jansenista, não há um referencial para se pensar o desejo, tanto no sentido da conquista de um bem absoluto, quanto no sentido de fundamentar o desejo numa causa primeira. Seguindo essa linha de raciocínio, ele concebe a própria natureza humana, que poderia ser pensada como o fundamento e o princípio do desejo, como esvaziada de sentido ontológico, devido à corrupção decorrente do



pecado original. Logo, a falta de sentido, presente na natureza humana, tem como principal consequência, uma concepção vinculada ao desejo, marcada pela inconstância. O que pretendemos discutir é justamente a questão da inquietude, presente no voluntarismo de Pascal.

### Palavras-Chave

Desejo. Inquietude. Natureza Humana.



## VIRGINIA WOOLF E ESPINOSA: UMA INTERSEÇÃO SOBRE A IMAGINAÇÃO E A SENSIBILIDADE NA FORMAÇÃO DE UM NÓS

Viviana Ribeiro

[vivianamribeiro@gmail.com](mailto:vivianamribeiro@gmail.com)

### Resumo

Virginia Woolf durante o período entreguerras do século XX publicou romances e ensaios cuja dimensão política requer exame. Uma vertente das pesquisas realizadas, sobretudo na área dos estudos literários, se dedicou a analisar e enfatizar o caráter feminista da escritora. No entanto, existe um aspecto de sua obra e de seu pensamento político ainda pouco abordados: o fato de que seu feminismo e sua análise da condição das mulheres na sociedade são atravessados pela ascensão do fascismo na Europa e o acontecimento das duas Guerras Mundiais. Trata-se, portanto, de uma produção literária que expressa os grandes temas sociais e políticos da época e que de maneira original entrelaça o fascismo, a misoginia e a guerra. Nesse contexto histórico e em busca de trazer à luz essa relação recíproca imanente entre fascismo, misoginia e guerra, em três ensaios – Carta introdutória à Margaret Llewelyn Davies (1931), Três Guinéus (1938) e Pensamentos de paz durante um ataque aéreo (1940) – um aspecto singular do pensamento político da autora que sobressai é o problema da constituição de um nós. Sob o som das bombas, Virginia despendia suas energias pensando sobre a necessidade de refundarmos um nós. Um nós não bélico, não patriarcal, não tirânico. Para ela, a condição de possibilidade da criação de um nós reside na sensibilidade e na imaginação. Uma sensibilidade e uma imaginação não embrutecidas. A partir destas proposições políticas, pretendemos estabelecer uma interseção Espinosa – Virginia Woolf a partir da Teoria da Imaginação para recolocar o problema da função e da imprescindibilidade da imaginação e da sensibilidade na organização da vida social e política.

### Palavras-Chave

Imaginação. Woolf. Espinosa.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT PENSAMENTO FILOSÓFICO BRASILEIRO

2212

Caderno de Resumos do XX Encontro ANPOF

Vol. 1 – Grupos de Trabalho

DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.116>



## “A FILOSOFIA NO BRASIL”, DE SYLVIO ROMERO – DESAFIOS E DELEITES DE UMA EDIÇÃO CRÍTICA

Tomás Troster  
[ttroster@gmail.com](mailto:ttroster@gmail.com)

Roger Xavier  
[rogerxavierrx22@gmail.com](mailto:rogerxavierrx22@gmail.com)

### Resumo

Publicado em 1878, o livro “A Filosofia no Brasil”, de Sylvio Romero (1851-1914), é a obra inaugural da historiografia da filosofia brasileira. Se Romero foi o primeiro a se dedicar ao estudo de diversas obras filosóficas produzidas por autores nacionais, paradoxalmente, ele também foi acusado de criar “uma escola de desprezo em relação à filosofia brasileira”. O objetivo desta apresentação é destacar algumas das limitações e das qualidades do livro de Romero, no qual trabalhamos durante mais de três anos, para produzir uma edição crítica, que agora vem à luz, com mais de mil notas ao texto, índice onomástico, bibliografia, onze sínteses biográficas (dos dez autores criticados na obra e do próprio Romero), prefácio e apresentação da edição, além de uma esclarecedora introdução de Júlio Canhada e uma lista de toda a produção bibliográfica de Romero. Além de relatar algumas das aventuras vividas durante o extenso processo de pesquisa, também pretendemos apresentar os principais desafios encarados e compartilhar um pouco dos aprendizados e deleites que tivemos nesse trabalho.

### Palavras-Chave

Romero. Filosofia Brasileira. Edição Crítica.



## A FUNDAMENTAÇÃO IDEONÔMICA DA ÉTICA SEGUNDO LIMA VAZ

Delmar Araujo Cardoso  
[delmar.cardoso@unicap.br](mailto:delmar.cardoso@unicap.br)

### Resumo

Todo o itinerário filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) culminou na formulação de sua *Ética Filosófica*, obra que ganhou edição enfeitada em um único volume em 2023, por Edições Loyola. O texto está articulado em três partes: introdução geral, sinopse histórica e parte sistemática. A comunicação terá como objeto de investigação apenas a parte sistemática. Nessa parte, o autor ouro-pretano propõe uma fundamentação da moralidade, o qual ele qualifica como ideonômico, vale dizer um princípio que compreende tanto um abordagem a priori da ética, quanto uma abordagem a posteriori. Nesse sentido, tal fundamentação implica numa ancoragem do ponto de vista teórico numa reinterpretação original da tradição aristotélica, considerando que a assim chamada ética do bem possui em sua essência um aspecto que pode ser qualificado como subjetivo. Está subjacente a essa concepção da ética um método dialético, inspirado em Platão e em Hegel, o que significa uma abordagem com característica também originais. Este princípio ideonômico tem seu zênite na afirmação da pessoa moral que se sabe capaz de relação tanto consigo mesma, bem como com o meio ambiente, como os outros sujeitos e com a transcendência.

### Palavras-Chave

Lima Vaz. Ética. Fundamentação Ideonômica.



## A MORALIDADE EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H., DE CLARICE LISPECTOR

Marília Murta De Almeida  
[mariliamurtaa@gmail.com](mailto:mariliamurtaa@gmail.com)

### Resumo

Clarice Lispector, em *A paixão segundo G.H.*, desenvolve uma noção de moralidade que se mostra ambígua e de difícil apreensão. Nessa noção está implicada uma relação com duas outras ideias também sutilmente desenvolvidas pelo texto do romance, a de neutralidade e a de demoníaco. Pretendo, portanto, apresentar uma explicitação dessas noções, o que levará a uma formulação ética que pode ser creditada à trama de *A paixão segundo G.H.* Nesse romance a ação é mínima. A personagem narradora, de cujo nome só sabemos as iniciais G.H., relata o que lhe aconteceu na véspera: decide fazer uma limpeza no apartamento, começando pelo quarto da empregada que tinha deixado o emprego; encontra o quarto surpreendentemente limpo, mas com uma barata no guarda-roupa; fecha a porta do guarda-roupa na tentativa de matar a barata, mas ela fica presa e semiviva; G.H. permanece longo tempo no quarto olhando para a barata e vive uma experiência interior que repercute em todo o seu modo de vida; enquanto relata, reflete sobre o que viveu, de modo que o relato é acompanhado de intensa elaboração que podemos chamar de filosófica. Ao longo dessa elaboração, aparecem as noções referidas acima de moralidade, neutralidade e demoníaco, que pretendo tratar trazendo-as para o campo propriamente filosófico, com claras implicações para uma compreensão ético-antropológica. A experiência subjetiva vivida por G.H. a leva ao questionamento da moralidade que vinha sendo reguladora de sua vida anterior. Faz parte da experiência a aproximação do que chama de neutro e que seria, ao mesmo tempo, a qualidade intrínseca a tudo o que existe e a fonte do amor que a tudo atinge. Entretanto, essa aproximação, em que pese seu poder autenticamente transformador, leva também ao risco de se cair no demoníaco. Pretendo desenvolver a hipótese, ancorada no texto do romance, de que o neutro leva ao risco ético do demoníaco por sua dimensão potencialmente destruidora dos laços sociais, indispensáveis para a construção de um mundo ético. Quanto ao contexto do GT Pensamento Filosófico Brasileiro, este trabalho visa contribuir para o crescente campo das relações entre filosofia e literatura, tratando de, mais uma vez, explicitar a potência filosófica da literatura de Clarice Lispector.

### Palavras-Chave

Moralidade. Neutralidade. Demoníaco.



## A PROPÓSITO DO TÓPICO “EXÍLIO”: DE GONÇALVES DIAS A PAULO MENDES CAMPOS, E ANTONIO RISÉRIO

Antonio José Romera Valverde

[ajrvalverde@uol.com.br](mailto:ajrvalverde@uol.com.br)

### Resumo

Temporizemos. O poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, de 1843, e o ensaio “Instinto de Nacionalidade”, de Machado de Assis, de 1873, por hipótese, demarcam os contornos iniciais da compreensão da formação do Brasil contemporâneo, aos indícios do atributo de brasilidade e de saudades da pátria. Entanto, o tópico “exílio” tem sido reelaborado por poetas singulares. Assim, o ensaio analisa as alternâncias estético-políticas dos retoques de tal invenção. Desde o poema inaugural de Gonçalves Dias ao de Paulo Mendes Campos (1988), replicado, parafraseado e parodiado pelos poemas de Casimiro de Abreu (1855), Oswald de Andrade (1925), Murilo Mendes (1930), Carlos Drummond de Andrade (1945), Vinicius de Moraes (1949), Mário Quintana (1962), José Paulo Paes (1973), Roberto Schwartz (1974), Cacaso (1985), Ferreira Gullar (2000). Com remissões às canções “Sabiá”, de Chico Buarque e Tom Jobim (1968), e “Back in Bahia”, de Gilberto Gil (1972). Encerrando com o “Poema da Catequese”, de Antonio Risério (1996), - contraponto à temática de fundo do ensaio.

### Palavras-Chave

Canções do Exílio. Desterro Brasil.





## ÁLVARO VIEIRA PINTO E SUA ONTOLOGIA DIALÉTICA DOS MODOS DE SER DA CONSCIÊNCIA NACIONAL BRASILEIRA

Joel Decothé Junior  
[joeldecothe@yahoo.com.br](mailto:joeldecothe@yahoo.com.br)

### Resumo

A comunicação trata do pensamento do filósofo brasileiro Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987) um dos mais relevantes intérpretes que nos oferece uma ontologia da reconstrução filosófica da realidade nacional brasileira. Nesta pesquisa proponho o processo de compreendermos como Vieira Pinto articula a sua ontologia dialética dos modos de ser da consciência nacional brasileira de forma crítica. Particularmente, o interesse se dirige às concepções de consciência que o filósofo brasileiro explicita em sua obra “Consciência e realidade nacional” de 1960. Me deterei aqui na articulação dos modos dialéticos da consciência ingênua e crítica. As demandas da consciência ingênua estão dadas em face das categorias de sociedade, desenvolvimento, política e conjunção entre a massa e o pensamento brasileiro. A consciência crítica, em sua densidade ontológica, nos conduz a tratar das categorias de objetividade, historicidade, racionalidade, totalidade, atividade, liberdade, nacionalidade e articulação dos princípios de uma política nacionalista. A questão específica deste trabalho é a seguinte: por meio de quais razões podemos compreender a dialética dos modos de ser e pensar ontológicos da consciência da realidade nacional desde a periferia do sistema-mundo? A relevância de tal investigação se dá em razão da necessidade de podermos contribuir com a construção da filosofia no Brasil, tendo em vista o diapasão aporético das relações entre política e cultura brasileira. Portanto, estritamente dizendo, a questão a ser investigada é a de que maneira podemos enfrentar o problema da distinção dos modos ontológicos de constituição da consciência nacional. A plausibilidade desta pesquisa encontra-se na problematização que a filosofia vieirista nos oferece para pensarmos criticamente a realidade nacional. Tudo isso está posto diante dos espólios da ditadura civil e militar, da colonialidade e autoritarismo que historicamente se evidenciam como patologias sociais em nosso país. A estratégia metodológica de trabalho constitui-se em fazermos uma pesquisa de ordem bibliográfica e interdisciplinar, visamos estabelecer um diagnóstico do tempo

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



presente mediante o debate racional que toma como fonte a tradição filosófica brasileira e o corpo da obra de Vieira Pinto. Pretende cotejar o tratamento do problema da ontologia dialética dos modos de ser da consciência nacional como contribuição e produção crítica no âmbito das pesquisas no campo do Pensamento Filosófico Brasileiro.

## Palavras-Chave

Ontologia. Dialética. Consciência Nacional.



## ALVARO VIEIRA PINTO: NOTAS SOBRE CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA E ENSINO DE FILOSOFIA NO CURSO DE 1958

Pedro Erginaldo Gontijo

[pgontijo@unb.br](mailto:pgontijo@unb.br)

### Resumo

Ao menos desde que o Prof. Dr. Rodrigo Marcos Jesus (UFMT), em suas atividades de pesquisa junto ao arquivo pessoal do Prof. Michel Maurice Debrun, encontrou o programa de aulas e aulas taquigrafadas do curso regular de 1958 ministrado por Álvaro Vieira Pinto, cresce o interesse por mais esse material que compõe o acervo de suas ideias. Pretende-se apresentar uma síntese das ideias apresentadas no programa sobre as concepções de filosofia e de ensino de filosofia e tecer comentários sobre a presença dessas ideias em outras obras de Vieira Pinto dialogando com a produção de comentadores/as sobre sua obra. O curso previu 16 aulas e apresenta 13 transcrições das aulas iniciais. Nessas aulas Álvaro Vieira Pinto apresentou uma concepção do que significa para ele a Filosofia, fazendo críticas a algumas outras visões. Procurou introduzir alguns aspectos originais na discussão da Filosofia na tradição ocidental e do que seria o próprio conteúdo da Filosofia. Já na apresentação do programa lista os temas que pretendia desenvolver sobre a filosofia: filosofia como saber, ética e como caminho de salvação. Vieira Pinto apresenta também sua visão sobre a relação entre a Filosofia e a história da Filosofia e um posicionamento sobre a posição da Filosofia no contexto da cultura, mostrando a Filosofia como um produto cultural. Entremado nesse conjunto de aulas Vieira Pinto também apresenta algumas ideias sobre o ensino da filosofia, questionando o problema filosófico do ensino, graus de profundidade no ensino e a distinção da filosofia em nível secundário e nos cursos superiores.

### Palavras-Chave

Vieira Pinto. Filosofia Brasileira. Ensino.



## AS IDEIAS FILOSÓFICAS DE MATIAS AIRES E O ILUMINISMO CATÓLICO

Rafael Penido Vilela Rodrigues  
[rafaelpenidodh@gmail.com](mailto:rafaelpenidodh@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem por objetivo discutir as ideias do filósofo setecentista luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), traçando um contraponto com o contexto intelectual lusitano da época, marcadamente influenciado pelo Iluminismo de orientação Católica, que se aproximou mais do modelo italiano do que do francês. A ideia é trazer para o debate não só as tensões e aproximações da antropovisão de Matias Aires com relação aos ideais iluministas, mas, acima de tudo, destacar o problema da classificação do filósofo dentro dos quadros da Filosofia em Portugal e no Brasil, analisando um pouco mais de perto conceitos como “ecletismo” e “estrangeirado”, com a intenção de trazer à luz o espírito filosófico que perpassava o autor. A proposta é desconstruir aquilo que a grande maioria dos historiadores da Filosofia setecentista luso-brasileira insistiam em fazer: ignorar pensadores como Matias Aires, atribuindo valor apenas a certas figuras – como Luís António Verney – que foram valorizadas por serem “precursores” do espírito liberal em Portugal. É fato, porém, que a filosofia airesiana é nitidamente cética e pessimista, eleitivamente influenciada pelo moralismo francês do século XVII, mas nem por isso o autor deixou de discutir com a Filosofia de seu tempo, inclusive com aquela que prevalecia ao norte dos Pirineus. Apesar de não atribuir à razão um valor semelhante àquele otimismo gnoseológico que imperava na cultura enciclopedista francesa, ele se deteve com clareza sobre o problema da igualdade entre os homens, nivelando-nos por baixo, afirmando que estamos sujeitos às mesmas paixões e às mesmas vaidades. Matias Aires fez isso sob os olhares da Santa Inquisição, precisando ser prudente muitas vezes – especialmente no que tange à Providência Divina. Ele também não deixou de driblar o absolutismo esclarecido e a força política do Marquês de Pombal, tecendo uma crítica ácida e eloquente sobre o modo de vida do antigo regime e as vaidades da nobreza. Além disso, Matias Aires assume um claro ideal reformador, apresentando críticas ao ensino filosófico de seu tempo, demonstrando o mesmo pedagogismo vigente na obra de Verney. Nota-se, portanto, que é fundamental abrir a discussão acerca da classificação filosófica e da importância do primeiro filósofo nascido em terras brasileiras, levando em conta a consistência e o conteúdo de sua obra.

### Palavras-Chave

Matias Aires. Iluminismo Católico. Vaidade.



## AS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS DO CONCEITO DE CULTURA DE TOBIAS BARRETO

Leonardo De Sousa Oliveira Tavares  
[lsotavares@outlook.com](mailto:lsotavares@outlook.com)

### Resumo

O ensaio que pretendemos apresentar é dedicado ao conceito de cultura desenvolvido por Tobias Barreto e às implicações que esta concepção é capaz de oferecer ao exercício filosófico. O autor da *Relatividade de todo Conhecimento* (1883) apresenta-nos um modo de conceber a cultura que tem muito a contribuir até mesmo para a caracterização filosófica deste termo. Em sua fase neokantiana, a tematização da cultura é marcada por uma reflexão que transpõe os limites da filosofia do direito para avançar na direção da epistemologia e da antropologia filosófica, no ato inaugural do que será conhecido como culturalismo, por uns admitido como uma escola filosófica e por outros reconhecido como uma influência teórica decisiva para a formação de alguns dos maiores jusfilósofos brasileiros. A partir de uma interpretação de cinco textos escritos durante o Período do Recife, esclarecemos os efeitos da centralização do conceito de cultura para o discurso filosófico de Tobias Barreto e para toda filosofia que se disponha a acordar do sono cultural da reflexão humana. Dentre outros textos, em *Dissertação de Concurso* (1882), *Recordação de Kant* (1887) *A Irreligião do Futuro* (1888) e, principalmente, em *Glosas Heterodoxas* (1884-1888), ao definir a cultura como o resultado da liberdade humana que culmina na efetivação da sociedade, a filosofia barretiana abre-nos um horizonte de consideração da cultura como o solo incontornável de todas as realizações humanas. Se nenhum valor capaz de guiar a humanidade surge como um incriado na história das civilizações, é pelo fato de que há um processo de cultivo infinito por meio do qual a humanidade é livremente efetivada, numa constante negação da natureza, em um embate de forças antagônicas, a partir do qual há um grande esforço para fazer triunfar os valores da cultura vigente. Diante da descrição barretiana do conceito de cultura e das suas implicações, somos convidados ao exercício de pensar em que medida a própria filosofia é um objeto esclarecido da cultura que se volta para si mesma, num esforço contínuo para delinear as leis eternas da humanidade que, repetidas vezes, brotam do solo cultural das relatividades.

### Palavras-Chave

Barreto. Cultura. Culturalismo.



## ASPECTOS DA FILOSOFIA DE FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS

Guilherme Henrique Borin  
[guilherme-borin@hotmail.com](mailto:guilherme-borin@hotmail.com)

### Resumo

A presente comunicação apresenta a pesquisa em andamento no âmbito dos estudos sobre o pensamento filosófico brasileiro, especialmente, no que tange a filosofia colonial. As pesquisas nessa temática ainda apresentam significativas lacunas devido à falta de edição de grande parte das fontes primárias. Dai ser frequentemente tratada com reducionismo pela bibliografia e permanecer bastante desconhecida. Nesse sentido, propomos discutir uma das mais significativas produções filosóficas do período colonial brasileiro: o manuscrito *Philosophia Platonica seu cursus philosophicus, Rationalem, Naturalem et Transnaturalem Philosophiam, sive Logicam, Physicam et Metaphysicam completens* do frade beneditino, Gaspar da Madre de Deus, datado de 1748. Trata-se de uma obra dividida em dois tratados, um de Lógica e outro de Filosofia Natural. O tratado de Lógica se subdivide em sete livros, dentre os quais, o sexto, que conta com cinco capítulos. O capítulo segundo deste sexto livro é intitulado sobre o nome, o verbo e oração (*De nomine, verbo et oratione*). Considerando esse capítulo em especial e os conceitos ali elaborados como nosso objeto de pesquisa, levantamos o seguinte problema: quais as concepções subjacentes aos conceitos de nome, verbo e oração elaborados por Frei Gaspar da Madre de Deus? Para responder a esse questionamento, foi preciso realizar a edição dessa parte do manuscrito através da *Crítica Textual*. E no sentido de analisá-la, lançamos mão dos seguintes procedimentos: contextualização histórica através de pesquisas bibliográficas, revisão sistemática da bibliografia disponível sobre a filosofia de Frei Gaspar e; análise doutrinal dos conceitos mobilizados por Frei Gaspar, em meio as definições e discussões sobre as noções de nome, verbo e oração. Esperamos que essa pesquisa possa trazer aprofundamentos significativos à discussão acerca da filosofia colonial brasileira.

### Palavras-Chave

Escolástica. Filosofia Colonial. Beneditinos.



## BARTHOLOMEU DO PILAR E A RECEPÇÃO COLONIAL DE JOHN BACONTHORPE

Alfredo Storck

[alfredostorck@gmail.com](mailto:alfredostorck@gmail.com)

### Resumo

O objetivo de minha fala é abordar a influência carmelita no Brasil colonial e será dividida em duas partes. Na primeira, enfocarei a figura do bispo do Pará, Bartolomeu do Pilar, e seu papel no contexto colonial brasileiro. Na segunda parte, discutirei o *Cursus Philosophicus Baconicus*, escrito no Colégio Carmelita de Belém do Pará em 1732 por Bartolomeu do Pilar. Trata-se de um dos mais antigos manuscritos contendo um *Cursus Philosophicus* completo, vale dizer, que contém os três anos de formação em filosofia: Primeiro ano: Lógica seguindo o *Órganon* de Aristóteles; Segundo ano: Ciências Naturais (Física, De Caelo, De Mundo); terceiro ano: Metafísica. O foco da apresentação será a Lógica e o modo como os conteúdos são estruturados. Em particular, será dada especial atenção para a noção de distinção intencional tal como interpretada por Bartolomeu do Pilar a partir da obra de John Baconthorpe (1290-1347), autor pertencente à ordem dos Carmelitas e figura que ainda merece ser melhor estudada entre os autores medievais.

### Palavras-Chave

Bartholomeu do Pilar. John Baconthorpe.



## COSMOGONIA E SUBJETIVIDADE EM EVALDO COUTINHO

Thiago Andre Moura De Aquino

[thiago.maquino@ufpe.br](mailto:thiago.maquino@ufpe.br)

### Resumo

Pretendo examinar, na apresentação, a cosmogonia proposta por Evaldo Coutinho na sua obra *A Ordem Fisionômica* e outros textos complementares. O pensador pernambucano elaborou uma concepção de subjetividade desde a experiência estética com mundo, retomando, ao seu modo, a tese, originalmente lançada por Demócrito, de que o ser humano é um microcosmo. No livro, *O Lugar de Todos os Lugares*, que desempenha o papel de introdução hermenêutica ao sistema, Coutinho afirma que toda consciência é demiúrgica. Em cada eu, se forma um cosmo à escala humana, ou seja, conforme às restrições da finitude. Nas palavras do autor: O absoluto do ser está adstrito ao efêmero de minha vida. O mundo que nasce no eu é um microcosmo, um mundo pequeno reunido na continência da consciência singular. Na apresentação, pretendo indicar que sentido pode ser dado ao conceito de criação nos termos da cosmogonia subjetiva. Seguindo o fio condutor da própria noção grega de cosmo na acepção de ordem, arranjo, organização, buscarei determinar os possíveis princípios de formação do mundo no eu. Em especial, tempo, espaço e legislação serão considerados enquanto estruturas determinantes do universo fisionômico.

### Palavras-Chave

Coutinho. Cosmogonia. Estética.





## DE LIÇÃO EM LIÇÃO A CORUJA ENCHE O PAPO: REFLEXÕES A PARTIR DA COLEÇÃO “10 LIÇÕES”

Thiago Luiz De Sousa

[thiago-luiz-sousa@hotmail.com](mailto:thiago-luiz-sousa@hotmail.com)

### Resumo

Assim como a galinha enche seu papo aos poucos, absorvendo cada grão de alimento que encontra, a coruja, ou melhor, o aspirante na filosofia avança rumo à sabedoria absorvendo e refletindo sobre cada lição, cada ideia, cada argumento que encontra em seu estudo, uma vez que o mais autônomo dos filósofos não se vê isento da história da filosofia. No Brasil, a Editora Abril, por meio da coleção “Os Pensadores”, desde a década de 70, procura proporcionar o acesso aos textos “fundamentais” da história da filosofia, dedicando cada volume a um filósofo específico e incluindo uma introdução contextualizando sua vida e obra. Porém, como observam Marque e França (2023), há, em especial, nesta coleção, um duplo apagamento, o de mulheres e judeus, que reflete o pensamento patriarcal e cristão de nossa sociedade. Desde 2007, graças ao impulso do trabalho de Flamarion Tavares Leite junto com a Editora Vozes, podemos contar com a coleção “10 Lições”, que, por sua vez, busca apresentar introduções acessíveis e concisas a grandes pensadores, tendo como enfoque especial os da “tradição” filosófica. Embora o ponto de arranque desta coleção seja um volume dedicado a Kant, escrito pelo próprio Flamarion, podemos constatar, dentre os volumes, a presença de um autor judeu, Erving Goffman, e de mulheres, Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, além disso, vale ressaltar a presença inclusive de um brasileiro, Paulo Freire. Se, por um lado, nos distanciamos de certos apagamentos, por outro, constatamos a ausência de pensadores(as) pretos(as), o que reflete uma lacuna que existe em muitas coleções de filosofia tradicionais e ainda o pensamento de nossa sociedade. Sendo assim, partindo de uma análise comparada, nosso trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre o “cânone” filosófico que a coleção “10 lições” está, aos poucos, propondo aos aspirantes do filosofar no Brasil, tendo como algumas das perguntas: (i) as lições dos não-filósofos(as) devem ser contados nesta lista que indica um “cânone”?; (ii) quais apagamentos que existem ou persistem?; (iii) quais apagamentos que necessitam ser superados mais urgentemente?. Refletir sobre estas



questões faz com que questionemos: se é necessário um “cânone” para se ensinar filosofia, para qual a filosofia que se encaminha os(as) (futuros(as)) filósofos(as) no Brasil?

### **Palavras-Chave**

Filosofia no Brasil. 10 lições. Tradição.



## FILOSOFIA, CÂNONE E GÊNEROS LITERÁRIOS

Ivan Domingues

[domingues.ivan3@gmail.com](mailto:domingues.ivan3@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de pensar a relação entre a filosofia, o cânone ocidental e os gêneros literários, à luz da relação entre pensamento e linguagem, cuja unidade era central no logos grego e foi perdida no curso dos séculos, ao dar vazão às ideias de filosofia pura e pensamento puro. Para tanto, serão consideradas, por um lado, as diferentes formas de expressão literária do pensamento (discurso) filosófico, focalizando a primeira grande bifurcação entre o poema e a prosa filosóficas na Grécia antiga, com a preferência no curso dos séculos recaindo sobre a prosa em suas diferentes modalidades ou formas de expressão, com outras tantas n.... furcações, vazadas em diferentes escritas ou escrituras e justificando a ideia de literatura filosófica, com seus diferentes gêneros e estilos: o diálogo ou a dialogia, em que se guarda a marca da fala e da elocução oral, o tratado ou a tratadística, levando aos grandes sistemas filosóficos, como no idealismo alemão, bem como o ensaio e a ensaística, o solilóquio, a meditação, o aforismo ou a aforística, assentado não em proposições, como no tratado, mas em máximas. Por outro lado, será levado em conta o tripé semiótico autor-obra-público, ao considerar a relação do filósofo com a sua audiência e a recepção da obra, abarcando o público anônimo e o círculo dos iniciados, os discípulos chegados e os alunos distantes, os colegas ou os pares, juntamente com a obra e suas diferentes extrações: o manual ou compêndio de ensino, o livro de divulgação, o livro autoral, as antologias, as revistas e os artigos filosóficos dos dias de hoje, na esteira dos journals e dos papers científicos. O grande desafio será estender às discussões ao Brasil e à filosofia brasileira.

### Palavras-Chave

Filosofia. Cânone. Gêneros Literários.



## FILOSOFIA, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO ISEB

Rodrigo Marcos De Jesus

[rodrigomarcosdejesus@yahoo.com.br](mailto:rodrigomarcosdejesus@yahoo.com.br)

### Resumo

Este trabalho insere-se nos esforços de análise, de revisão e de sistematização de estudos e atividades em torno da filosofia brasileira e do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Objetiva investigar o debate sobre filosofia, desenvolvimento nacional e educação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros, em especial as ideias de Álvaro Vieira Pinto. Apresenta uma visão geral e contextualizada do ISEB; examina a ideologia do desenvolvimento e o papel da educação na concepção de Álvaro Vieira Pinto e caracteriza o modelo de ensino de filosofia praticado no instituto, comparando-o com outros modelos de ensino filosófico em disputa nos anos 1950-60. Destaca como fonte de pesquisa as “Aulas do Curso Regular de Filosofia” ministradas por Álvaro Vieira Pinto no ISEB, material inédito e em fase de edição. A metodologia adotada envolve pesquisa bibliográfica e análise conceitual, tomando como aportes teóricos a Filosofia da Libertação, o Pensamento Decolonial e a nova historiografia sobre filosofia brasileira e latino-americana.

### Palavras-Chave

ISEB. Álvaro Vieira Pinto. Ensino de Filosofia.



## HISTORIOGRAFIA DA DESQUALIFICAÇÃO DA FILOSOFIA BRASILEIRA

John Karley De Sousa Aquino

[john.aquino@ifce.edu.br](mailto:john.aquino@ifce.edu.br)

### Resumo

A tese de que no Brasil não existe e nem poderá existir filosofia brasileira remonta ao século XIX, aos autores Tobias Barreto e Silvio Romero. Tobias Barreto na obra “Questões Vigentes”, em um artigo dele sobre o Kant afirma o seguinte, que “não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo como no domínio filosófico”. Ou seja, brasileiro supostamente seria inapto para a filosofia. Ou ele não faz ou quando ele faz, ele faz muito mal feito. Silvio Romero, um continuador e discípulo de Tobias Barreto, é o iniciador da historiografia sobre a filosofia brasileira. Sua obra Filosofia no Brasil de 1878 inicia a historiografia da desqualificação que perdura até hoje nos cursos de filosofia existentes no Brasil. Segundo Angélica Lovatto, a historiografia da desqualificação consiste dizer que determinado autor não tem padrão científico e que sua produção intelectual é irrelevante. Nosso objetivo é expor como se constitui e se consolidou esse discurso historiográfico que nega seu próprio objeto de estudo, no caso a filosofia brasileira.

### Palavras-Chave

Filosofia Brasileira. Filosofia. Brasil.



## LIMA VAZ E A QUESTÃO DO MARXISMO

Claudia Maria Rocha De Oliveira

[claudiamroliveira@gmail.com](mailto:claudiamroliveira@gmail.com)

### Resumo

Lima Vaz foi acusado algumas vezes de ser marxista. Contudo, a sua posição é crítica em relação ao marxismo. O que ele pretende é elaborar uma filosofia cristã atenda a realidade histórico-social. Pretendemos, então, apresentar a posição de Lima Vaz em confronto com o marxismo. Procuraremos mostrar por que esse diálogo era importante no contexto das décadas de 50 e 60, no Brasil. Para Lima Vaz há uma contradição fundamental entre pensamento cristão e marxismo. Essa contradição impede que o pensamento cristão possa se nutrir dessa perspectiva ideológica. Logo, os cristãos precisam pensar a partir de outras bases seu engajamento político. Nesta leitura se fundamenta, por exemplo, a crítica feita por Lima Vaz à teologia da libertação. A necessidade de distanciar o pensamento utópico do pensamento cristão, faz com que Lima Vaz escreva então vários textos sobre cristianismo e consciência histórica. O pensamento cristão pode ser capaz de consciência histórica sem que para isso seja necessário aderir a perspectivas imanentistas.

### Palavras-Chave

Pensamento Cristão. Marxismo. Lima Vaz. Crítica.



## O SOLIPSISMO DE EVALDO COUTINHO: NOTAS SOBRE A VIDA E A SUBJETIVIDADE CRIADORA

Alécio De Andrade Silva  
[alecio.menefi@gmail.com](mailto:alecio.menefi@gmail.com)

### Resumo

Nessa apresentação analisaremos a tese central sobre a qual se funda a ontologia do filósofo brasileiro Evaldo Coutinho, o solipsismo. A partir de suas obras *O Lugar de Todos os Lugares* (1976) e *A Artisticidade do Ser* (1987) apresentaremos uma concepção ontológica na qual a subjetividade assume o distinto lugar de criação. Mas o que significa criação? Para elaborarmos uma resposta a esse questionamento, analisaremos os conceitos de filosofia e de arte, num primeiro momento, para explorarmos aquilo que caracteriza o fazer filosófico e o fazer artístico enquanto tal, a intuição. Veremos, com efeito, como é possível distinguir esses dois fazeres, o filosófico e o artístico, a partir do conceito de matéria. Assim, concluiremos que criação é a junção de uma intuição, o sentimento de mundo que empele o filósofo e o artista a criarem, e uma matéria, o substrato escolhido para a respectiva confecção. Em seguida, trataremos da função que o conceito de criação exerce no solipsismo de Coutinho e como ele se relaciona com outros dois conceitos, a visão e o conhecimento. Mas que solipsismo é esse? Em que ele se difere dos demais? Veremos que se trata de um solipsismo inclusivo que tem o eu criador como substância fundamental para existir ou criar o mundo fisionômico. Isto é, a realidade é entendida enquanto criação de uma única subjetividade, o eu criador. Este eu que cria assume também a condição de mantenedor ou de continente de sua obra. Equivale, assim, com a devida prudência, em relação a essa ontologia, ao nome de Ser ou de substância. Por outro lado, a sua morte, a morte fisionômica, o perecimento de toda a realidade, equivale ao Não-ser. O adjetivo 'inclusivo' que caracteriza o solipsismo de Coutinho tem por objetivo incluir as demais subjetividades em seu sistema. Qual é o estatuto das outras pessoas? Como dar conta do problema da alteridade partindo de uma visão de mundo solipsista? Mostraremos, em resposta a isso, a possibilidade de haver criações dentro da criação. Desse modo, as outras subjetividades compartilham com o eu criador um determinado grau de criação ou de existenciamento, ainda que não concorram,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



absolutamente, com o lugar sui generis de criador último. Por fim, apresentaremos uma análise sobre o conceito de vida. Nessa ontologia, a vida é entendida enquanto uma obra de arte, um drama teatral.

## Palavras-Chave

Eu Criador. Mundo Fisionômico. Solipsismo.





## PANIS SPIRITUALIS ET PHILOSOPHICUS: A PADARIA ESPIRITUAL E SUA RELEVÂNCIA FILOSÓFICA NO CEARÁ

Francisco Jose Da Silva  
[franz.silva@ufca.edu.br](mailto:franz.silva@ufca.edu.br)

### Resumo

O presente artigo pretende abordar a relevância da Padaria Espiritual como movimento literário cearense no final do século XIX, explorando sua concepção e características como mote para explorar suas potencialidades filosóficas. Na segunda metade do século XIX, Fortaleza vive sua belle époque e conseqüentemente o surgimento de movimentos artísticos e culturais que se inspiravam nos ideais de modernidade europeia, entre os quais destacamos a Academia Francesa (1873), o Clube Literário (1886) com suas respectivas publicações. A Padaria Espiritual surge no final do século XIX como uma “agremiação de rapazes de letras e arte” cuja concepção está na contramão dos movimentos literários aburguesados, de caráter sério e ligados aos ideais civilizatórios europeus. Em 1892, 30 anos antes do Modernismo e da Semana de 22, a Padaria Espiritual assume o ideal modernizante (sem deslumbramento e ufanismo), com destaque para a valorização da cultura popular e a identidade nacional, mas sempre em tom jocoso e gaiato próprio do cearense. O “Pão” da Padaria Espiritual será para nós como “Panis philosophicus”, servindo como mote para uma filosofia cearense de cunho popular, gaiata e não acadêmica. Os padeiros dessa agremiação irreverente são os “bardos da canalha”, avessos ao coquetismo intelectual e a xenofilia reinante.

### Palavras-Chave

Literatura. Padaria Espiritual. Filosofia.



## POSITIVISMO E EVOLUCIONISMO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO BRASILEIRO

Luis Rosenfield

[luis.rosenfield@gmail.com](mailto:luis.rosenfield@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho busca apresentar uma análise do significado do positivismo filosófico de matriz comtiana no Brasil do final do século XIX, partindo dos pressupostos da história das ideias filosóficas e reconstruindo certos debates e interpretações sobre o fenômeno da recepção do pensamento de Auguste Comte. O positivismo filosófico marcou a história brasileira nas décadas de 1870 e 1880, período de crise aguda da instituição da escravidão que terminou com o golpe militar de 1889 e a queda da monarquia. No caso brasileiro, o positivismo tornou-se uma filosofia materialista baseada na mudança, no reformismo e na lapidação das instituições tradicionais, chegando a flertar com intuições revolucionárias: defendia abertamente a abolição da escravidão como imperativo moral e político; defendia a República como diretriz para a ação política e social; e defendia o estabelecimento do federalismo como bandeira para a reorganização nacional. Isso não significa que todos os abolicionistas, republicanos e federalistas fossem adeptos do positivismo comtiano, mas o positivismo, como sistema de pensamento político-filosófico, inspirou em grande medida a ação de homens focados na mudança institucional que levaria à superação do que eles consideravam o estado metafísico e ao desenvolvimento em direção ao estado positivo.

### Palavras-Chave

Positivismo. Evolucionismo. Eugenia.



## THESES LOGICALES: O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS EM BENTO DA FONSECA

João Paulo Maciel Lima  
[jpmlima98@gmail.com](mailto:jpmlima98@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação versa sobre uma pesquisa, ainda em andamento, a respeito do pensamento filosófico brasileiro do período colonial. As opiniões referente a esse período, geralmente não são baseadas em um verdadeiro estudo das fontes, uma vez que este se encontra ainda incipiente e processual. Dessa forma, esta pesquisa se posiciona no estudo das fontes primárias, a saber, de um manuscrito inédito do século XVIII intitulado *Theses Logicales* de autoria de um professor jesuíta do Colégio do Maranhão chamado Bento da Fonseca. O manuscrito consta de cinco teses, e a tese investigada tem o título de *Pro Universalibus in communi* onde trata do problema dos Universais. O intuito da da pesquisa é analisar os conceitos presentes no manuscrito e verificar as posições filosóficas tomadas por Bento da Fonseca. Para esse fim, primeiramente o manuscrito será editado de acordo com o método da crítica textual. Em segundo lugar será feita uma contextualização histórico-filosófica, com subsídio da pesquisa bibliográfica, a fim de identificar as semelhanças e contrastes das posições tomadas por Bento da Fonseca em relação ao *Cursus Conimbricenses* e ao seu mestre Rodrigo Homem, também professor do Colégio do Maranhão. Por fim, após esse procedimento de caráter geral e externo, o manuscrito será analisado a partir da análise doutrinal. Esta pesquisa visa desvelar um fragmento do pensamento filosófico brasileiro resgatando uma reflexão que estava engavetada nos arquivos da Biblioteca de Évora, para, assim, contribuir na construção de uma Filosofia Colonial.

### Palavras-Chave

Bento da Fonseca. Filosofia Colonial. Universais.



## UMA FONTE FILOSÓFICA PARA O “INSTINTO DE NACIONALIDADE” DE MACHADO DE ASSIS

Alex Lara Martins  
[alex.lara@ifnmg.edu.br](mailto:alex.lara@ifnmg.edu.br)

### Resumo

Do ponto de vista da historiografia literária, Machado de Assis mobilizou os conceitos de “instinto de nacionalidade” e “sentimento íntimo”, nos textos “O instinto de nacionalidade” e “O passado, o presente e o futuro da literatura”, para analisar o paradigma da literatura romântica e seus pressupostos de nação e originalidade. Do ponto de vista filosófico, no entanto, esses conceitos vinculam-se à vertente eclética-espiritualista brasileira erigida por autores como Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e Monte Alverne. O objetivo dessa comunicação é rastrear essas fontes e suas repercussões nos textos críticos de Machado de Assis, demonstrando a sua capacidade reflexiva de ressignificar conceitos filosóficos ao realizar a crítica a circunstâncias literárias locais. Magalhães utiliza o conceito de “instinto oculto” para descrever certa força irracional moldada pelo ambiente da natureza que impele os indivíduos à religiosidade cristã e à originalidade artística. A hipótese central é a de que Machado de Assis reinterpreta esse conceito como uma forma de se afastar tanto das postulações literárias do romantismo quanto das teorias filosóficas ecletistas.

### Palavras-Chave

Machado de Assis. Instinto. Ceticismo.



## USOS FILOSÓFICOS DO BIOGRÁFICO: FARIAS BRITO

Julio Miranda Canhada

[juliocanhada@yahoo.com.br](mailto:juliocanhada@yahoo.com.br)

### Resumo

Neste trabalho examinarei os procedimentos discursivos pelos quais Raimundo de Farias Brito (1862-1917) constrói sua voz de filósofo. Sua obra é extensa, começando pela série Finalidade do mundo e terminando com O mundo interior. Nela, mantém um diálogo, muitas vezes indireto, com filósofos brasileiros do século XIX, como Tobias Barreto e Sílvio Romero. Isso já revela a existência de um campo filosófico brasileiro com um conjunto recorrente de questões e problemas, em um período anterior à profissionalização universitária em filosofia. Além dessa linhagem brasileira oitocentista, meu interesse será também analisar sua apropriação de outros autores europeus, no sentido da incorporação de procedimentos fundadores de uma voz autoral filosófica. Ao falar “eu” em seus textos, Farias Brito tanto se inspira em testemunhos próprios do debate filosófico brasileiro de fins do século XIX e começo do século XX, quanto em autores consagrados do debate europeu. Essa difícil e, ao mesmo tempo, interessante posição de um filósofo em um país de origem colonial, na passagem do Império para a República, em que o ofício de filósofo se apresentava sem garantias quanto à sua legitimação, vale a pena ser analisada visto o estranhamento que ela nos apresenta hoje. Investigar as razões desse estranhamento, procurando escapar às armadilhas do anacronismo, é um caminho proveitoso que nos leva a repensar os modos de legitimação filosófica do presente. Além disso, faz-nos refletir sobre os possíveis usos do biográfico no discurso filosófico.

### Palavras-Chave

Farias Brito. Filosofia Brasileira. Autoria.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT PLATÃO E O PLATONISMO



## A CONSCIENTE INSUFICIÊNCIA DO MÉTODO PLATÔNICO N' A REPÚBLICA

Maicon Reus Engler  
reusengler@gmail.com

### Resumo

Nesta comunicação, pretendo comentar a consciente insuficiência com que Platão descreve seu empreendimento teórico ao construir a cidade ideal, n' A República. Platão dá várias indicações metodológicas ao longo dos Diálogos. Na República, em pelos dois momentos fundamentais, ele reclama da insuficiência de seu método e deixa claro ao leitor as razões desse fato. O primeiro momento encontra-se no livro IV. Platão distingue aqui dois caminhos: o mais curto, que foi seguido até então e que o é ao longo da obra; e o mais longo, aquele que seria verdadeiramente adequado para tratar das questões em jogo. O caminho mais curto é insuficiente porque procede por hipóteses e permanece no interior de hipóteses. Logo, seu início é posto, e suas conclusões mais não fazem do que demonstrar, de forma circular, aquilo que já fora assumido. Ele procede, portanto, como uma demonstração matemática. Como será visto, trata-se de uma construção analógica, como se fora uma semelhança de triângulos, em que a dialética dianoética é utilizada. Em segundo lugar, no livro VI, Platão admite que não pode oferecer senão uma imagem do Bem, o que, todavia, não é suficiente para apreendermos sua natureza. Essa insuficiência é explicitada também na linha dividida, quando Platão deixa claro que o método utilizado na construção da cidade ideal não atinge o princípio/fundamento e ela, por conseguinte, não é erigida a partir da mais elevada forma de dialética, aquela que é propriamente filosófica. O objetivo dessa comunicação é mostrar que Platão é consciente desses fatos e propõe uma solução no interior da própria obra: ao supor a existência do filósofo, único indivíduo da cidade-ideal que possui duas funções, ele projeta a superação do método imperfeito da diánoia e abre caminho para a dialética propriamente filosófica, aquela realizada apenas pelo noûs.

### Palavras-Chave

República. Diánoia. Noûs.



## A DYNAMIS E A INSTAURAÇÃO ONTOLÓGICA NO SOFISTA DE PLATÃO

Josias Israel Ferreira Alves

[josiasisrael54@gmail.com](mailto:josiasisrael54@gmail.com)

### Resumo

Esta apresentação faz parte da minha pesquisa de doutorado e pretende abordar um dos pontos principais dessa atual pesquisa. Pretendo apresentar o importante papel que a nova definição de ser como dynamis apresentada no Sofista (247e) desempenha na nova ontologia exposta no diálogo. Antes dessa passagem, no entanto, o Estrangeiro de Eleia empreende uma investigação que visa colocar sob exame as principais teses ontológicas daquela época. Essas teses apresentadas pelo Estrangeiro são reunidas por grupos caracterizados, em um primeiro momento, pelo número de princípios admitidos - pluralistas e unitaristas (242c-245d) - e, em um segundo momento, pela natureza desses princípios - “materialistas” e “amigos das formas”, passagem conhecida como gigantomaquia (246a-249b). Ao longo da investigação, cada uma das teses ontológicas apresenta uma série de contradições, que levam o Estrangeiro e Teeteto a proporem uma nova concepção de ser, a saber, a de que ser é uma dynamis de agir (poein) e sofrer (paschein). Assim, tenho por objetivo destacar a importância que essa nova concepção de ser como dynamis possui na instauração da ontologia dos gêneros supremos (mega gene) no Sofista.

### Palavras-Chave

Dynamis. Ser. Ontologia.





## A EPISTEMOLOGIA DO BELO NA TEORIA PLATÔNICA DE ÉROS

Jéssyca Aragao De Freitas

[jessyca.freitas@uece.br](mailto:jessyca.freitas@uece.br)

### Resumo

A pesquisa propõe uma leitura unificada dos diálogos platônicos sobre o amor, com o objetivo de compreender a importância do belo na epistemologia platônica. Para tanto, demonstramos como a concepção antropológica desenvolvida Banquete coaduna com um projeto filosófico e educacional fundamentado nas concepções de amor, beleza, bondade e conhecimento. O belo, assim como o bem, desempenha um papel fundamental nesse projeto, atuando como critério moral e instrumento epistemológico para ascensão às formas inteligíveis. Durante esse percurso, abordaremos o conceito de éros e de kalokagathia na poesia grega, além de explorarmos conceitos-chave para o pensamento platônico, como reminiscência, contemplação, participação e predicação. A análise do estatuto de independência do Belo culmina no estabelecimento de uma relação de bicondicionalidade entre o belo e o bem no âmbito moral, evidenciado ainda as distinções ontológicas entre o Belo e o Bem-em-si no âmbito inteligível. Por fim, a pesquisa destaca a interdependência entre razão e desejo na teoria platônica de éros, na qual a *bíos* filosófica representa a consumação desse projeto de vida.

### Palavras-Chave

Belo. Bom. Éros.



## A IDEIA DO NOME: ENTRE O CRÁTILO E O TEETETO

Cássio Mercier Ramos  
cassiomr123@gmail.com

### Resumo

Este trabalho se propõe a uma investigação acerca dos limites da linguagem na filosofia de Platão. Com efeito, o diálogo Crátilo divide a composição dos nomes em uma matéria (ἐξ οὗ, 389c) e uma ideia ou forma (τὸ τοῦ ὀνόματος εἶδος, 389a) que lhes é atribuída, deixando no ar o enigma de se esta ideia de nome é única para todos os nomes ou múltipla. Importantes autores como Sedley (2003) e Ademollo (2011) seguem por esta última via, sem, porém, justificarem de forma satisfatória a consequente multiplicação das ideias que daí poderia derivar-se. Com efeito, se há uma ideia para cada nome, e há um número indefinido de nomes possíveis, como evitar que haja um número igualmente indefinido de ideias? Nessa linha, gostaria de buscar uma fundamentação diferente para a ideia do nome, que justifique a sua multiplicidade, sem cair em uma multiplicação indefinida do mundo inteligível. Para tanto, buscarei defender que a ideia do nome não deve ser lida como uma ideia platônica propriamente dita. Efetivamente, há mais de um uso para o termo “εἶδος” na obra de Platão, e o Teeteto 203e dá testemunho disso ao tratar de uma ideia, presente nas sílabas, e que surge a partir da combinação das letras (ἐξ ἐκείνων ἐν τι γεγονὸς εἶδος, ἰδέαν μίαν αὐτὸ αὐτοῦ ἔχον, ἕτερον δὲ τῶν στοιχείων). Acredito que esta ideia nas sílabas pode servir de modelo para compreender a ideia do nome no Crátilo, iluminando de uma forma totalmente nova a comparação com o artesão de cardas no famoso trecho 389c-d. Outra vantagem de minha leitura é que ela pode explicar melhor o seguimento da discussão da ideia de nome na seção etimológica do diálogo, algo que é muito mais trabalhoso de se justificar partindo de uma visão que toma a ideia de nome de maneira totalmente independente da materialidade fonética, como em Mikeš (2024).

### Palavras-Chave

Ideia do Nome. Crátilo. Teeteto.



## A RACIONALIDADE POLÍTICA EM PLATÃO A PARTIR DO PROBLEMA DA ORDEM: DA ORDEM CÓSMICA À ORDEM DA PÓLIS

Andre Azzi Barreto

[andre.assibarroto@gmail.com](mailto:andre.assibarroto@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho visa investigar a relação entre ordem política e ordem da alma e ordem cósmica no pensamento de Platão, com especial interesse em como aparecem nas obras República e Timeu. Dessa relação depende a possibilidade de inteligibilidade do mundo, mas também, segundo Platão, a compreensão racional da própria política, recorte que interessa à pesquisa que se propõe. Em questão está a própria condição de possibilidade de uma filosofia e ciência política racional e, do ponto de vista da historiografia do pensamento filosófico, como Platão dialogou com a herança que o precedeu para estabelecer seu próprio pensamento político, especialmente o pitagorismo. Se existe um ordenamento que subjaz a realidade social, apreendê-lo, compreendê-lo e explicá-lo é essencial e em Platão parece haver a afirmação de que não apenas esse ordenamento social existe, como guarda relação com a própria ordem cósmica, de modo que a realidade social não pode ser explicada sem que se compreenda a relação dinâmica entre elas, seja também para compreender seu funcionamento orgânico e sua racionalidade, e até mesmo para aprimorá-lo a partir da reflexão, da ciência e da filosofia política.

### Palavras-Chave

Platão. Ordem. Política.



## A VIRTUDE COMO OBJETO DA DIALÉTICA EM PLATÃO

José Saulo Nogueira Dos Santos

[filosaulo@gmail.com](mailto:filosaulo@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho investiga como a dialética platônica pretende contornar o relativismo e a ambiguidade que existem em algumas concepções, vigentes em seu tempo, de virtude e justiça, tal como sustentadas por sofistas, poetas ou pela moral convencional. Com a sofística emergem problemas a respeito da possibilidade de dizer o ser das coisas, no contexto em que se observa um processo de laicização na polis. Se anteriormente Alétheia vigorava como palavra dos mestres da verdade, os espaços de debate que surgem com a ascensão da democracia proporcionam ambientes em que o logos passa a depender de sua própria capacidade de convencimento e não da autoridade de quem fala. A autonomia do logos, que nos sofistas é elevada ao seu máximo, apresenta uma série de problemas éticos e epistemológicos, entre eles um relativismo ético, de que Trasímaco é exemplo, compondo um contexto em que a ética passava por uma crise. É nesse quadro que Platão se defronta com a sofística, tentando contornar seu relativismo, buscando uma alternativa capaz de sustentar uma ética universalizável, em suas investigações sobre a virtude (areté). Através da pesquisa bibliográfica de livros de Platão, principalmente *Mênon* e *República*, bem como de diferentes comentadores, buscaremos caracterizar a resposta platônica em suas estratégias para construir uma definição alternativa de virtude (areté).

### Palavras-Chave

Dialética. Virtude. Justiça.



## ALMA AUTOMOVENTE, PSICAGOGIA E AUTOPERSUAÇÃO NO FEDRO DE PLATÃO

Pedro Mauricio Garcia Dotto

[pmgdotto@archai.unb.br](mailto:pmgdotto@archai.unb.br)

### Resumo

A alma (psychē) é definida na Palinódia do Fedro como um princípio de automovimento perpétuo (245c5-246a2) e a retórica é definida na segunda parte do diálogo como uma arte de condução das almas (psychagogia) por meio do discurso (261a7-b2; 271c10-d2). Nesta apresentação, nosso escopo será analisar a relação entre estas duas definições do Fedro, considerando que a alma é o objeto da retórica apreendida como psicagogia (270c10-d2; cf.; 271a4-8; 271d1-3; 273d8-e1), ao mesmo tempo em que intentaremos sistematizar a gramática da persuasão e expor o seu funcionamento no diálogo. A exposição de que a alma constitui uma fonte de movimento perpétuo (245c5-246a2) sugere que o interlocutor não é um objeto inteiramente passivo da atividade retórica, tendo em vista que manteria uma certa autonomia e responsabilidade sobre a direção de seu próprio movimento. Sendo assim, analisarei as implicações decorrentes da demonstração lógica da alma como uma fonte de movimento contínuo para a compreensão da retórica na segunda parte do diálogo Fedro. Em última análise, argumentarei que se a natureza intrínseca da alma reside em seu movimento autogerado, então ela jamais se apresenta como um ente completamente inerte ou um instrumento passivo, suscetível de ser meramente manipulado pelo retórico. Como a Palinódia narra, erôs representa o impulso interno das almas que, em última análise, encaminha-as para a contemplação das Formas, enquanto o logos atua como a autoridade capaz de orientar o erôs de uma alma em uma direção específica, desde que esse logos seja reconhecido por essa como possuidor de tal autoridade. Assim, o movimento autônomo da alma, que essencialmente é erôs em busca da contemplação das Formas, mostra-se profundamente vinculado à capacidade do logos de redirecionar o movimento das almas, conforme a concepção de retórica psicagógica. Além disso, o automovimento da alma é alegoricamente representado na Palinódia como uma carruagem alada puxada por dois cavalos antagônicos (2463a3-e3; 253c7-256e2). Esta descrição da organização tripartida da alma



pode sugerir que a retórica psicagógica pode tomar como objeto partes da alma ao invés da alma como um todo. Em suma, interpreto o conflito interno à alma, ilustrado na alegoria da carruagem alada, como um sinal de que a retórica psicagógica pode voltar-se para o interior do agente, isto é, a autopersuasão é apresentada como uma ferramenta para a constituição virtuosa da alma.

## Palavras-Chave

Platão. Fedro. Persuasão



## AS EMOÇÕES DE CRÍTON: UMA CONVERSA ENTRE MESTRE E DISCÍPULO

Pablo Roberto Da Silva

[pablo.rsilva@outlook.com](mailto:pablo.rsilva@outlook.com)

### Resumo

O Críton de Platão apresenta um momento importante da filosofia platônica. A personagem principal dos Diálogos, Sócrates, foi condenada à morte e está em cárcere, quando seu discípulo e amigo, Críton, vai até a prisão para tentar persuadir o filósofo a fugir e prosseguir com sua vida. A personagem que empresta seu nome à obra tenta convencer o seu amigo a fugir da prisão com uma proposta de suborno e vida em outras cidades. O discípulo é também amigo íntimo e parece ter argumentos sólidos. Observa-se que Críton não está agindo conforme os ensinamentos de Sócrates, e parece todos os ensinamentos do filósofo foram esquecidos por ele(49b). Eis então a questão fulcral deste trabalho: o que fez Críton esquecer todos os ensinamentos de seu mestre? A partir desse ponto entendemos que Críton agiu sob forte emoção ao querer tirar seu amigo da prisão, pois é o último momento que o discípulo terá para tentar persuadir Sócrates a não acatar a decisão do tribunal. Ademais, a personagem está convicta de que Sócrates sofreu uma injustiça ao ser condenado e permanecer na prisão seria, assim, um erro grave. Compreende-se que Críton agiu irracionalmente, esquecendo o que de fato aprendeu com Sócrates. A hipótese defendida é que isso tudo foi motivado por suas emoções, que fazem com que ele não pense racionalmente e por fim apresente o plano de fuga para Sócrates, indo contra os princípios do filósofo e os seus ensinamentos. Desta maneira, o papel do filósofo neste diálogo é então apresentar para seu amigo o motivo de prosseguir na prisão e por fim ingerir a cicuta. Neste momento, os ensinamentos do filósofo são passados para o seu amigo de maneira direta, pois Sócrates explica para Críton que os seus ensinamentos devem permanecer vivos, já que ele não estará mais. Portanto, esta comunicação tem como objetivo apresentar o motivo que fez Críton agir sob fortes emoções, esquecendo os ensinamentos do seu mestre e amigo e tentando persuadi-lo a ir contra os ensinamentos que professou a vida inteira.

### Palavras-Chave

Emoção. Aporia. Sócrates.



## AUTOCONHECIMENTO, CUIDADO E RESPONSABILIDADE: O PRIMEIRO ALCIBÍADES COMO PARTE DE UM PROJETO

Francisco De Assis Vale Cavalcante Filho

[fravcf@hotmail.com](mailto:fravcf@hotmail.com)

### Resumo

A seguinte comunicação tem em vistas apresentar o diálogo Primeiro Alcibíades no horizonte de um projeto que Platão elabora em Apologia de Sócrates e amplia pelo programa de investigação em República e Leis. Este principia com a evidência do conflito de interesse entre cidadãos e Estados. Minha hipótese é que para filósofo Atenas padece a ausência de uma formação para a cidadania e segue nos limites de paideia poética cuja ideia de excelência não é política. Para ilustrá-lo, plasma uma imagem literária de Alcibíades que, mesmo quando não nomeado, parece ser visado enquanto destino exemplar, promissor e trágico, análogo ao da juventude ateniense. Ao seu desejo de assenhorear-se da palavra que conduz a polis, Sócrates antepõe autoconhecimento e responsabilidade. Convida-o a exercer justiça e autodomínio sobre si, enquanto forças capazes de regular na alma uma vida saudável e na cidade uma política lúcida. É preciso investigar-se, achar-se ou ao menos formular uma noção de “si” e conhecer o próprio desejo, para que alguém possa cuidar de si mesmo.

### Palavras-Chave

Cidadão. Educação. Excelência.





## DA IMPOSSIBILIDADE DA PRÁTICA FILOSÓFICA PELO AMANTE DO POVO EM PLATÃO

Francisca Andréa Brito Furtado  
[andreafurtadoufc@gmail.com](mailto:andreafurtadoufc@gmail.com)

### Resumo

Selecionamos para essa análise, duas passagens na obra platônica nas quais a possibilidade de se apaixonar pelo povo ateniense apresenta-se como situação que aparentemente a incompatibiliza com a prática filosófica. A primeira consta em Górgias (481d-482e), a segunda em Alcibiades I (132a). Apesar de serem argumentos socráticos em circunstâncias diferentes, em ambos os casos, Platão faz uso de metáforas eróticas e há menção à figura de Alcibiades. Por amante do povo aqui nos referimos àqueles que orientam seus discursos no sentido de obter aceitação pública, essa definição se ampara no trecho selecionado do Górgias (481d-482e), nele os retores, na figura de Cálicles, são apresentados como amantes do povo em oposição aos filósofos – amantes da filosofia. Lemos o recorte do Alcibiades em que se evidencia o risco desse tipo de enamoramento (132a), a partir dessa mesma definição, de forma que a questão posta naquele contexto é precisamente que apaixonando-se pelo povo, Alcibiades se perca em relação à prática filosófica. Nossa proposta visa investigar uma possível interconexão entre as duas passagens que possa fortalecer a hipótese de que apaixonar-se pelo povo configura um problema para o exercício da filosofia.

### Palavras-Chave

Amante. Política. Retórica.



## DIALÉTICA E PHRÓNESIS NO POLÍTICO DE PLATÃO

Weriquison Simer Corbani

[corbani.filo@gmail.com](mailto:corbani.filo@gmail.com)

### Resumo

O Político é um diálogo que trata especificamente do conhecimento político. Lá o Estrangeiro diz que o melhor (ἄριστος) não é o fortalecimento das leis (τοὺς νόμους), mas do homem que exerce com sabedoria (φρόνησις) o cargo de rei. Está pressuposto nessa afirmação que o saber deve estar acima da legislação na tomada de decisões de uma comunidade política. Sabemos que a questão do conhecimento assume um lugar de centralidade nos diálogos de Platão. Desde o Protágoras, passando pelo Mênon e a República, a relação entre virtude (política) e saber é fundamental para garantir a ordem pública. No entanto, esses diálogos não mostram como dá essa relação. Na República, Platão introduz a relação entre as virtudes e a tripartição da alma (427e-433 c; 439 d-e), cuja parte racional é uma espécie de guia para as demais, mas o diálogo não aprofunda a discussão em torno da ação do filósofo na vida prática. Nossa hipótese é que a articulação entre virtude e conhecimento é alcançada somente no Político, quando a ciência do rei, através da dialética e da phrónesis, entrelaça as diferenças e produz a unidade política da virtude.

### Palavras-Chave

Virtude. Dialética. Phrónesis. Platão. Político.



## DO ESPANTO À VERTIGEM: NOTAS SOBRE THAÛMA E DÍNE EM EMPÉDOCLES E PLATÃO

Alexandre Da Silva Costa  
[kaligraphia@yahoo.com.br](mailto:kaligraphia@yahoo.com.br)

### Resumo

Pretende-se expor e analisar as semelhanças textuais e contextuais entre duas passagens específicas das obras de Empédocles e de Platão, nomeadamente, o fragmento DK 31 B35 e a célebre passagem do Teeteto (155c-d) em que Platão atribui à capacidade de espantar-se (tò thaumázein) a origem da experiência e da atividade filosóficas. Nessas passagens o uso dos termos thaûma (espanto; prodígio) e thaumázein (espantar-se; admirar-se), por um lado, e díne (vórtice) e skótos (vertigem), por outro, convergem entre si, associando-se diretamente, justo em torno a dois temas também partilhados por suas filosofias: a consideração sobre a (contínua) origem do cosmo - o que nos leva também à presença de Empédocles no Timeu - e sobre a origem e o efeito do filosofar, uma experiência eminentemente thaumática para os dois autores. A estreita relação entre as duas passagens caracteriza uma interlocução formal da obra de Platão para com a de Empédocles, constituindo não apenas um exemplo da recepção platônica do seu pensamento, mas também do quanto essa recepção se realiza, ao menos neste caso, por intermédio de assimilações efetivamente positivas de sua filosofia.

### Palavras-Chave

Empédocles. Platão. Thûma.



## DOIS AMORES, DUAS RETÓRICAS (E DOIS RÉTORES APAIXONADOS): PARALELISMOS RETÓRICO-ERÓTICOS NO FEDRO

André Bomfim Mynssen Coelho  
[andremynssen@yahoo.com.br](mailto:andremynssen@yahoo.com.br)

### Resumo

Propõe-se interpretação do Fedro de Platão a partir da identificação – tanto nos três discursos da primeira metade do diálogo (230e-257b), quanto na investigação da segunda metade (257b-279c) – de dois eixos conceituais contrastantes – fundados na dicotomia ontológica ser-parecer, central à filosofia platônica. O eixo criticado ao longo da obra é composto por um “certo amor sinistro” (σκαίον τινα ἔρωτα, 266a), uma retórica (ῥητορικὴ) que é “rotina atécnica” (ἄτεχνος τριβή, 260e) e um rétor que é mero “autor de discursos” (λόγων συγγραφέα, 278e): sendo os três fundados nas aparências e, sobretudo, na busca acrítica por prazer (exemplo de aparência do bem). O amor sinistro, exposto no discurso de Lísias e no primeiro discurso de Sócrates, é baseado sobretudo no prazer a partir de um corpo belo. A retórica atécnica, por sua vez, busca a persuasão (πειθειν, 260a), mas não através do conhecimento da verdade (ἀλήθεια, 260a): propõe levantamento sobre o verossímil (εἰκός, 272e), sobre aquilo que aos muitos parecerá mais verdadeiro (259e-260a, 272d-273a etc.). E o rétor criticado, por fim, é aquele que usa dessas aparências de verdade no seu discurso (260a-c, 273b-d etc.) para conquistar o que irrefletidamente lhe parece bom – no caso exemplificado na figura de Lísias, para conquistar os prazeres que viriam da relação com o jovem Fedro. O outro eixo, longe de criticado, tem seus componentes amplamente louvados pelos personagens do diálogo. O amor “direito” (δεξιᾶ, 266a), introduzido pela palinódia socrática (244a-257b), é dito “divino” (θεῖον, 266b) e originado do vislumbre e lembrança da genuína Beleza – e do desejo de a ela se alçar novamente. A retórica deste eixo – técnica, e, portanto, contrária à outra – é fundada, não só em talento natural, como também em “ciência e exercício” (ἐπιστήμην τε καὶ μελέτην, 269d), buscando a verdade através da dialética e moldando seus discursos sem jamais perdê-la de vista. O rétor-filósofo (278d), por último, exemplificado na figura do próprio Sócrates, visa, não o mero prazer passageiro proporcionado pela beleza de corpo alheio, mas a contemplação da verdadeira Beleza e a atração, de outras



almas dela saudosas, ao caminho do seu (re)conhecimento. Pretende-se argumentar, portanto, que o Fedro não se opõe ao amor, à retórica ou aos rétores. Sugere o diálogo oposição, na verdade, apenas ao amor, à retórica e aos rétores vergonhosos, equivocados.

### Palavras-Chave

Amor. Retórica. Fedro.



## EROS E ARETÉ NO DIÁLOGO O BANQUETE DE PLATÃO

Vanessa Da Silva Dias  
[vdvanessadasilva@gmail.com](mailto:vdvanessadasilva@gmail.com)

### Resumo

O Banquete de Platão ao longo dos anos vem sendo objeto de intensos debates e análises devido à sua abordagem de temas que vão desde o eros (amor) até a filosofia moral e epistemológica. Um aspecto notável e profundamente entrelaçado na narrativa é a exploração da relação entre eros e areté (virtude ou excelência) pelo próprio Platão. O eros, tradicionalmente associado ao desejo erótico e à atração física, é tratado como uma força motriz que transcende ao simples desejo e está intrinsecamente ligado à busca pela excelência moral. Dito isso, diante de algumas pesquisas que nos ajudam a compreender a areté no pensamento de Platão, tais como, artigos, teses, entre outros, falta uma análise mais detida sobre essa relação entre eros e areté na obra supracitada, ao passo que a areté é essencial na formação do homem e conseqüentemente do filósofo na Grécia, e como o Banquete versa sobre a contemplação do belo em si por meio da ascese essa discussão carece de uma atenção mais detalhada. Contudo este estudo tem o desígnio de investigar essa relação, que muitas vezes não é explicitamente problematizada, entre eros e areté no referido no diálogo platônico. Para isso, analisaremos a ascese do eros ao longo da obra, desde as concepções de amor existentes na época até a apresentação de sua essência. Destacaremos a presença da areté nos discursos que antecedem o de Sócrates, bem como exploraremos os debates sobre a natureza e o ensino da virtude no diálogo Mênon. Além disso, analisaremos o discurso de Sócrates-Diotima no Banquete, buscando responder a seguinte questão: Seria a ascese do eros demonstrada em tal obra no discurso Sócrates-Diotima, uma resposta à Menôn, sobre o que seria um mestre virtuoso, sendo ainda a confirmação de que a virtude (areté) não pode ser ensinada? A pesquisa também visa identificar a quem Sócrates-Diotima-Platão se refere ao falar da relação entre o belo em si e a virtude verdadeira, e o belo em si e as sombras de virtudes. Com base em uma análise pormenorizada dos discursos presentes no Banquete, buscamos preencher lacunas existentes na compreensão da relação entre eros e areté nesta obra de Platão.

### Palavras-Chave

Eros. Areté. Banquete.



## GLÁUCON, ESCULTOR DOS HOMENS JUSTO E INJUSTO: SOBRE O PASSO 361D DA REPÚBLICA DE PLATÃO

Lethicia Ouro De Almeida Marques De Oliveira

[lethiciaouro@yahoo.com.br](mailto:lethiciaouro@yahoo.com.br)

### Resumo

A primeira referência à arte escultórica da República aparece no contexto da exigência da apresentação dos homens justo e injusto em si mesmos. Trata-se de retirar da justiça as recompensas e, da injustiça, as punições. Trata-se de limpar ou polir (ekkathairo) esses homens como se fossem estátuas (andriás). Assim Sócrates compreende o procedimento de Gláucón no início do Livro II. Dado esse contexto, vemos que a arte é aí usada como revelação do ser, de quem são esses homens, e não do que aparentam ser. Essa visão se distingue de uma leitura mais difundida de que a arte em Platão seria uma imitação longe da realidade. Ao contrário, é o real por ela exposto, e um real filosófico; e não a revelação de uma verdade relativa a uma divindade grega, como era o caso na Grécia de Platão. Trata-se de uma reformulação da religiosidade, da confecção de estátua filosóficas. Estátuas que representam o que vem sendo apresentado pelo discurso: justiça e injustiça em si. Há um aspecto 'plástico' na filosofia; ao falar ela molda. E o seu moldar mostra a felicidade como contentamento em limites harmônicos, como o dos corpos esculpidos na Grécia Clássica.

### Palavras-Chave

Platão. República. Arte.



## HOMERO E O SONHO DE SÓCRATES NO FÉDON

Beatriz Cristina De Paoli Correia

[beatriz@letras.ufrj.br](mailto:beatriz@letras.ufrj.br)

### Resumo

A descrição dos sonhos em Homero possui características muito próprias e que foram determinantes para a representação dos sonhos em autores de épocas subsequentes e dos mais diversos gêneros. Embora seja difícil falarmos em uma concepção homérica dos sonhos, é fato que o poeta mobiliza uma série de elementos narrativos, os quais posteriormente aparecem em outros textos, colocando-os a serviço, sobretudo, da transmissão de uma mensagem. Não sem razão, os sonhos tipicamente homéricos são denominados de sonhos mensageiros. A mensagem transmitida pode ou não ter um caráter profético e são, no mais das vezes, mensagens divinas. Como diz Aquiles na *Ilíada*, os sonhos vêm de Zeus (I, 63). Alguns elementos do modelo homérico dos sonhos estão presentes nos sonhos de Sócrates tanto no *Crítón* quanto no *Fédon*, especialmente se pensarmos em sua função comunicativa. Em um e outro sonho, Sócrates recebe uma mensagem onírica. Se, no *Crítón*, o sonho parece prescindir de interpretação, o mesmo não se dá no *Fédon*: qual é, afinal, o sentido dessa mensagem recebida que exorta Sócrates a escrever poesia? Buscando, portanto, reconhecer as diferenças e as similitudes entre a representação dos sonhos em Homero e em Platão, investigaremos os possíveis sentidos do sonho de Sócrates no *Fédon*.

### Palavras-Chave

Sonhos. Homero. Platão.





## IMAGEM, PARTICIPAÇÃO E COGNIÇÃO EM PLATÃO

Renato Brandao

[renatomatoso@gmail.com](mailto:renatomatoso@gmail.com)

### Resumo

Tanto a metafísica quanto a teoria do conhecimento platônica estão profundamente ligadas à ideia de que o mundo das coisas sensíveis depende do mundo das Formas. A maneira precisa por meio da qual essa dependência se configura, no entanto, tem sido matéria de amplo debate. A linha dividida (Rep. 509d6-511e4), por exemplo, explica essa relação por meio da relação de dependência existente entre sombras e reflexos e os objetos que geram essas sombras ou reflexos. Esse tipo de explicação, contudo, foi obscurecida em interpretações recentes, que propõem uma interpretação menos gradualista da metafísica e da teoria do conhecimento platônica (cf. Smith, 2018). Em minha apresentação, proponho uma interpretação da metafísica platônica em que tanto o conhecimento como a opinião são colocados sobre o mesmo tipo de objetos F. Tem-se uma opinião sobre F sempre que se apreende F por meio de seus efeitos, e tem-se conhecimento sobre F sempre que se apreende o próprio F. Tentarei demonstrar as vantagens desse tipo de interpretação para uma melhor compreensão da metafísica platônica e de passagens desafiadoras dos diálogos.

### Palavras-Chave

Platão. Imagem. Formas. Cognição.



## NO 'BATUQUE DO TAMBOR' DE PLATÃO: TRANSPOSIÇÕES DE RELIGIÕES MISTÉRICAS EM SYMP. 210E6-211B7

Andre Da Paz  
a.dapaz@pm.me

### Resumo

Essa comunicação tem por objetivo discutir transposições platônicas de religiões místicas no Banquete e suas consequências à interpretação de sua filosofia. Especificamente, voltaremos nossa análise para Symp. 210e6-211b7 à luz, por um lado, do momento em que tal trecho é desenvolvido (os 'Grandes Mistérios', 209e5-212a7) e, por outro, dos recursos usados por Platão na descrição da visão do belo em si. Nesse momento do diálogo, Platão utiliza um vocabulário técnico dos Mistérios Eleusinos (μυηθείης· τὰ δὲ τέλεα καὶ ἐποπτικά: Symp. 210a1, cf. τοῖσι μύστ[ε]σ[τ]ιν καὶ το[ῖ]ς[τ] ἐπ[ὶ]όπτεισιν: IG I<sup>3</sup>B 9-11) para descrever o modo correto (ὀρθῶς 210a2, a5, a6, e3, 211b5 e b7) de proceder a uma 'potencial' transformação em 'μύστης' e 'ἐπόπτης' nos 'Grandes Mistérios' de Diotima. Platão inicia a construção desse momento com um optativo potencial, μυηθείης, diretamente seguido por uma dezena de verbos subjuntivos (210a2, a4, a6, c1, c3, c6, c7, d3, d5, d7, e3, e4) e dois optativos (210a2 e b5), conduzidos por 16 condicionais (209e5, a2 x3, a4, a6, b2, b8 x2, c2, c3, c5, c7, d6, e3) até o ponto do célebre 'ver de repente' (εξαίφνης κατόψεταί: 210e4), 'visão' construída em uma subordinada indefinida condicional, num contínuo bloco governado por um δεῖ γάρ (210a4) impessoal. Em seguida, a descrição da visão do belo em si, chamado por Diotima de divino (θεῖον καλὸν 211e3), é apresentada por Platão sem nenhuma condicional, subjuntivo ou optativo, num momento em que a prosa grega deixa a cena para dar espaço a uma construção semelhante a odes corais em hinos. Nessas 14 linhas, as construções de Platão fazem Diotima invocar o divino para o texto (cf. Ar. Ran. 326-29, 333-34, 345-47, 376, 394, 410 e Eur. Bacch. 80, 106-7, 160-61, 380-81), num ritmo cuja 'batida' é gradualmente acelerada de acordo com a força da descrição metafísica a sintonizar os μύσται em sua ἐποπτικά filosófica. Após essas 14 linhas, 'de repente' a prosa grega retorna com as condicionais, subjuntivos e optativos (211b5, b6, b7, c3, c8, d2, d3, d4, d7, d8, e4; 212a2, a3 e a6). Com efeito, propomo-nos a identificar e comentar o uso filosófico de tais recursos por Platão nesse momento do texto, a fim discutir como



tal análise da transposição de elementos religiosos historiograficamente marginalizados, encontrados no núcleo desse texto, pode contribuir para a discussão de questões centrais à filosofia de Platão, como a aquisição de conhecimento e relação do ser humano com a natureza metafísica da realidade.

### Palavras-Chave

Platão. Banquete. Mistérios.



## O LOBO INFELIZ: A TIRANIA NA REPÚBLICA DE PLATÃO

Jean Carlos Herpich  
[jean.herpich@ifpr.edu.br](mailto:jean.herpich@ifpr.edu.br)

### Resumo

A apresentação busca mostrar que o tema da tirania representa um dos fios principais da República. E é, portanto, um ponto de vista crucial para compreender seu argumento político e ético. Os objetivos da apresentação podem ser resumidos em três pontos: (i) mostrar como o tema da tirania perpassa o diálogo da República como um todo; (ii) defender que as análises políticas da tirania nos livros VIII e IX servem indiretamente como crítica à democracia; (iii) destacar qual é a desarmonia estrutural que define a alma do tirano. A tirania é, para Platão, o regime extremo por excelência, a fronteira da política e da civilização. O tirano encarna o negativo, a barbárie, e por isso Platão o define como o completo antípoda do filósofo. A engenhosidade de Platão ao tratar a tirania na República está em reconhecer na tirania um ideal de realização pessoal, paradoxalmente comum no contexto da democracia ateniense. Embora o tratamento conceitual da tirania seja realizado apenas nos livros VIII e IX, a tirania é introduzida como problema já no livro I, quando Trasímaco ferozmente invade o diálogo e elogia a tirania, que representa “o máximo de felicidade ao homem injusto”(344a-b). O argumento de Trasímaco é retomado no livro II por Gláucon, que desafia Sócrates a provar “que a justiça vale mais do que a injustiça”(367e). O problema apenas é resolvido no livro IX com a demonstração da infelicidade do tirano e nas considerações finais do livro X sobre seu destino após a morte. Assim, podemos dizer que a República tanto começa quanto termina abordando o problema da tirania. Nos livros VIII e IX da República, Platão expõe sua elegante teoria da evolução dos regimes. Ele faz coincidir cada regime com um tipo específico de homem, que, por sua vez, possui uma natureza particular, marcada por certos desejos e por um certo arranjo estrutural da alma. O que se destaca na apresentação da tirania como regime político é, em primeiro lugar, sua gênese. A tirania nasce da degeneração da democracia. O tirano surge como um protetor do povo contra a ameaça oligárquica, mas, assim que possível, transforma-se de cão protetor em lobo selvagem. No tirano, a igualdade de desejos que caracterizava a alma do homem democrático é substituída pelo domínio



de um único desejo, o erótico. Isso o torna um indivíduo menos livre e mais infeliz, pois sua alma sempre insatisfeita vive em um estado contínuo de desordem e injustiça. O medo permeia sua existência, tornando-o o mais infeliz dos homens.

### **Palavras-Chave**

Tiranía. República. Democracia. Felicidade. Platão.



## O PROBLEMA DA UNIDADE TEMÁTICA DO FEDRO DE PLATÃO

Reginaldo Ferreira Rodrigues

[renaldrig@hotmail.com](mailto:renaldrig@hotmail.com)

### Resumo

A presente comunicação tem como objetivo dar uma resposta para a querela da unidade temática do fedro de platão, haja vista tratar-se de um diálogo que apresenta multiplicidade de temas e uma heterogeneidade de gênero textual, o que foge “aparentemente” à escrita e ao método platônico de filosofar. Para tanto, sugerimos uma leitura que perpassa a fragmentação dos temas: éros, retórica, filosofar, psikhagogia, alma, beleza, dialética e mostre que há uma unidade que pilota todos os temas presentes na obra em estudo. Nossa análise parte de uma perspectiva hermenêutica que leva em consideração, além da leitura tradicional dos diálogos, analítica-hermenêutica-lógica, os elementos literários e dramáticos do texto. pois, acreditamos que serarar fragmentos do contexto dialógico perde-se muito da compreensão da leitura da escrita platônica. consideramos que esse olhar ilumina os recantos obscuros que mostram os nós e ligações dos temas. isso implica uma consideração que contemple a natureza de cada tema, ligado ao seu contexto histórico, presente no tecido textual, através dos elementos que compoem a cena de cada conversação. no caso particular do fedro, considerado por muito tempo um diálogo escorregadio, irá nos ajudar a buscar as “articulações naturais” de seus temas e suas partes que se conectam formando um todo, um organismo argumentativo.

### Palavras-Chave

Unidade. Discurso. Heterogeneidade Temática.



## OS CORPOS E AS ALMAS DE SÓCRATES NO BANQUETE E NO FÉDON

Fernanda Israel Pio

[frrpio@gmail.com](mailto:frrpio@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho proponho uma análise da relação entre corpo e alma da personagem Sócrates e o desenvolvimento do tema da imortalidade nos diálogos Fédon e Banquete de Platão. A escolha destes dois diálogos se deve ao interesse de investigar a comunhão de temas entre eles, especialmente no tocante à discussão sobre a imortalidade, e de compreender o uso da corporeidade em ambos os textos. A investigação percorre os conceitos relacionais de corpo e alma delineados em cada diálogo com o intuito de compreender como se relacionam com o tratamento do tema da imortalidade. As descrições físicas da personagem Sócrates se destacam nessa dimensão corpórea. A hipótese é de que emergem em cada um destes diálogos múltiplos Sócrates, diferentes inclusive na relação entre corpo e alma. Vemos, por exemplo no Banquete, um Sócrates já maduro lembrando o jovem Sócrates e discursando sobre reprodução e imortalidades, no Fédon encontramos um condenado à morte que consola os amigos diante do perecimento iminente de seu corpo. Do reconhecimento da multiplicidade na caracterização da personagem de Sócrates se desprenderia a possibilidade de oferecer elementos novos para uma interpretação filosófica dos diálogos Fédon e Banquete tanto se observados em sua individualidade quando em relação.

### Palavras-Chave

Platão. Corpo. Alma.



## OS TECIDOS DE PLATÃO

Salma Soria

[salmasoria@gmail.com](mailto:salmasoria@gmail.com)

### Resumo

Na reprodução da dialética socrática-platônica, é possível observar que Platão recorreu a termos e noções da tecelagem e vestimentas em diversas obras, apontando no fazer do tecido e no vestir da roupa curiosas compreensões filosóficas. No exemplo mais notório, encontrado em Crátilo, a palavra lançadeira se institui lançadeira por analogia à sua natureza: enlear os fios com a finalidade de exprimir peças do vestuário ou qualquer outro tipo de têxtil (388a). A lançadeira é a imitação da forma. Em A República, Platão divide o mundo entre o Inteligível ou Mundo das Ideias, onde há o modelo de todas as coisas; a outra metade platônica é o Sensível, da doxa, acessível aos sentidos no mundo das Formas. Após entrelaçar trama e urdidura do sensível, Platão não abandona os fios dos tecidos. Espalham-se por vários outros diálogos e obras. Este trabalho apresenta algumas dessas passagens para refletir o porquê Platão utilizou-se das nomenclaturas dos objetos vestíveis como instrumentos de construção do pensamento filosófico.

### Palavras-Chave

Platão. Tecidos. Roupas.





## PAIDEÍA FILOSÓFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INTERROGAÇÃO DO SENTIDO DA DOCÊNCIA

Silvana Bollis

[silvana.bollis@ufg.br](mailto:silvana.bollis@ufg.br)

Liliane Barros De Almeida

[liliane.cardoso@ueg.br](mailto:liliane.cardoso@ueg.br)

### Resumo

Este texto é fruto da pesquisa bibliográfica sobre a paideia platônica, iniciada no curso de mestrado, ancorada em textos clássicos, como *A República*, e constantemente revisitada no exercício da docência, na tentativa de responder às inquietações da prática pedagógica principalmente, no trabalho com os Fundamentos da Educação. O objetivo deste estudo é apresentar conceitos da filosofia grega e, ao mesmo tempo, relacioná-los às nossas experiências em sala de aula, na formação de professores. Formar professores nos diversos cursos de licenciatura requer a compreensão do que é a educação e os compromissos exigidos pelo ofício da docência, que precisam ser assumidos como interrogação constante do seu sentido. Apresenta-se o conceito de paideia, no intuito de contribuir para o debate da formação do homem virtuoso no movimento histórico que explica a mudança de significado da areté, ἀρετή em três perspectivas distintas: a paideia homérica, a dos sofistas e a filosófica. O estudo demonstrou que a παιδεία remete à interrogação do sentido da formação humana, em uma perspectiva que amplia o horizonte de compreensão da educação por meio do olhar da filosofia, capaz de transcender os limites da escola e da universidade ao fazer-se éthos, ἔθος constitutivo da nossa humanidade, portanto, é um conceito clássico e atemporal que nos desafia a pensar criticamente os problemas da educação, da cultura e da sociedade atual.

### Palavras-Chave

Paideía. Cultura. Sociedade.



## PARA UMA TRADUÇÃO BÁRBARA DE PLATÃO

Gabriele Cornelli

[gabriele.cornelli@gmail.com](mailto:gabriele.cornelli@gmail.com)

### Resumo

Platão em sua invenção da escrita filosófica em forma de diálogo escolhe palavras bárbaras, no sentido que Foucault (1981) dá ao adjetivo: bárbaras em contraposição às palavras técnicas, bizarramente construídas, da linguagem oficial. Bárbaras por não dizer claramente o que significam, não aceitarem ser retiradas da familiaridade do uso comum. Bárbaras porque acolhedoras da ambiguidade inerente ao movimento de um sentido que é sempre, continuamente, apreendido e perdido. Bárbaras, finalmente, porque estrangeiras à linguagem do poder. Platão, ao inventar a filosofia, não quis inventar uma linguagem técnica e bizarra. As palavras de Sócrates, “seu jeito de falar”, lhe bastam. Qualquer reflexão sobre a tradução de Platão, creio, não pode evitar esta intenção programática do autor. E nem precisamos do Fedro e sua oposição à escrita para enxergar isso.

### Palavras-Chave

Platão. Fédon. Tradução. Metafísica.



## PARTO DE IDEIAS: A EPISTEMOLOGIA PLATÔNICA COMO METÁFORA SEXUAL

Renilson Bail

[renilsonbail1914@gmail.com](mailto:renilsonbail1914@gmail.com)

### Resumo

Apresenta-se uma interpretação do significado da metáfora sexual implícita à célebre analogia com as parteiras do Teeteto. O argumento é que, sendo o “método socrático” ilustrado como uma prática intelectual análoga a um parto, merece atenção especial o fato de que o “parto de ideias” é apenas uma das etapas de um processo cuja estrutura foi extraída dos estágios da reprodução sexual humana. Salvo exceções, os intérpretes costumam partir de uma compreensão provisória – a suposição de que o objetivo da metáfora das parteiras era ilustrar o procedimento socrático como forma de ajudar o interlocutor a dar à luz as ideias – e, então, desenvolvem não mais que extensas análises lógicas, geralmente assaz rigorosas, dos argumentos de Sócrates. Com isso, perde-se de vista que se trata de elaborada alegoria sexual composta por elementos dispersos em vários diálogos. Destarte, o *διαλέγεσθαι* repete, no nível simbólico, as etapas que compõem o exercício da sexualidade: 1. sedução (e.g. *Tht.* 145e8-146a8); 2. inseminação (ver e.g. *σπέρμα* em *Tht.* 149d5-e5 e *Phdr.* 277a1); 3. gestação (i.e., tentativa de responder às perguntas socráticas); 4.1 aborto (*Smp.* 203b9: *ἀπορίαν*; 203e4: *ἀπορεῖ*) ou 4.2 parto; e, quando há parto de um filho genuíno 5. criação. Conclui-se com uma discussão dos objetos da *διάνοια* (*Resp.* 510d6; 511a3-b2; 511d2-5) como circunscritos ao estatuto de produção conceitual genérica (*γένος*, “conceito”), termo empregado em alguns diálogos como sinônimo de *ἰδέα* e *εἶδος* (*Prm.* 129c2: *τὰ γένη τε καὶ εἶδη*; *Sph.* 254c3-4: *τῶν εἰδῶν τῶν μεγίστων λεγομένων ἅττα*; 254d4-5: *μέγιστα μὴν τῶν γενῶν*). Embora “inteligíveis”, devem ser distinguidos dos objetos do *νοῦς*, as Ideias transcendentais (cf. *Resp.* 533c7-8): conforme Sócrates diz em *Tht.* 150b9-c3, a parte mais elevada de sua “técnica (*τέχνη*) é testar (*βασανίζειν*) de múltiplos modos (*παντὶ τρόπῳ*) se o entendimento dos jovens (*τοῦ νέου ἢ διάνοια*) pariu (*ἀποτίκτει*) simulacros ou falsidades (*εἰδῶλον καὶ ψεῦδος*) ou algo fértil e verdadeiro (*γόνιμόν τε καὶ ἀληθές*). Logo, a refutação incide sobre a *διάνοια* e, ao abortar hipóteses falsas, prepara o estudante para a visão de objetos que não estão

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



sujeitos ao processo geracional pressuposto como matriz de compreensão do método socrático. A visão das Ideias inspira um outro tipo de criação ou produção: discursos que educam os jovens (Smp. 210d5-6) bem como a verdadeira excelência (Smp. 212a2-5), sendo esses os filhos genuínos do amante do saber (φιλόσοφος).

## Palavras-Chave

Sócrates. Maiêutica. Ideias.



## POLÍTICA E RETÓRICA NO GÓRGIAS DE PLATÃO

Luiz Rodolfo Godoy Michetti  
[rodolfomichetti@hotmail.com](mailto:rodolfomichetti@hotmail.com)

### Resumo

A oposição entre filosofia e retórica é bastante conhecida dos leitores de Platão. O tema é explorado em vários contextos nos diálogos, mas podemos dizer que poucas vezes a contenda atinge a dramaticidade e o teor político que vemos no *Górgias*. Isso porque a retórica é discutida no diálogo sempre em sua proximidade com a prática política da pólis, seja no seio das instituições democráticas, seja pela aspiração política – e autoritária – dos pupilos e admiradores de Górgias. Nosso trabalho procura evidenciar aspectos importantes de como a imbricação entre retórica e política é trabalhada no diálogo a partir da pergunta que faz Sócrates sobre qual é “o poder da arte do homem [Górgias]” (447c1-2). Sócrates emprega duas palavras-chaves para a compreensão dos termos em que o problema está sendo posto: “poder” (*dynamis*) e “arte” (*tekhné*). Apesar de ser inicialmente tomada como uma prática provida de técnica e poderosa em seus artifícios persuasivos, logo o filósofo afirmará que a retórica é o “simulacro de uma parte da política” (463d2-3) e que por ser desprovida de técnica sua prática não passa de “experiência e rotina” (463b3-4). A explicitação da crítica que Sócrates faz à retórica e que negará a ela o estatuto de *tekhné* nos permite ligar organicamente diversas faces da filosofia platônica no diálogo, sendo três de especial relevância para nosso propósito: 1) a diferença entre o modo discursivo filosófico e o retórico; 2) as implicações epistemológicas em se tomar a retórica como uma *tekhné*; 3) a problemática moral e política, posta sobretudo pela imbricação entre democracia e retórica bastante evidenciada no diálogo. Portanto, nesse contexto pretendemos mostrar como o domínio de atuação da retórica - tal qual propagada por seus operadores - se dá no interior das instituições democráticas atenienses, de modo que a retórica pode ser entendida como um importante aspecto da crítica platônica à democracia – e dos perigos desta redundar em regimes tirânicos.

### Palavras-Chave

Política. Retórica. Górgias.



## POR UM LADO, UM ELOGIO DE HELENA, POR OUTRO, UMA COMÉDIA DE CADELAS LACEDEMÔNIAS

Daniela Brinati Furtado  
[danibrinati.f@gmail.com](mailto:danibrinati.f@gmail.com)

### Resumo

O paralelo entre os textos de Górgias e o diálogo Parmênides de Platão não é algo novo. Mathilde Brémond (2019, *Mélistos, Gorgias et Platon dans la première hypothèse du Parménide*), por exemplo, aponta para as semelhanças entre o Tratado do não ser e a primeira hipótese explorada pelo personagem Parmênides (137c3-142c). Apesar de eu estar de acordo com a pesquisadora de que há, de fato, uma recepção do Tratado no Parmênides, eu gostaria de propor a possibilidade de explorar nuances interpretativas deste diálogo em paralelo com o Elogio de Helena. Em minha tese, investigo como o Elogio tem o Poema de Parmênides e o *Dissoi Logoi* como potenciais interlocutores. Nela, demonstro como Górgias desafia uma certa concepção de que o logos é capaz de expor uma aletheia que não lhe é própria, abordando temas que aparecem tanto no Poema quanto no *Dissoi Logoi*. Partindo da afirmação gorgiana de que o kosmos do logos é a aletheia (EH, §1) – logo, uma aletheia própria ao logos – realizo um contraste desta com a posterior (§13) descrição dos logoi das assembleias (ἀγών), que persuadem sendo escritos (γράφω) com tekhnē, mas sem dizer (λέγω) aletheiai, o que indica que o logos não necessariamente apresenta verdades – infiro que tais verdades seriam próprias ao que existe de uma maneira distinta do logos e, portanto, ele não estaria comprometido com elas. Diante disso, nesta comunicação detenho-me na passagem 128b7-c3 do Parmênides. Nela, Zenão diz que Sócrates não percebeu (αἰσθάνομαι) completamente a aletheia de seus escritos (γράμματα) apesar de ele perseguir bem (μεταθέω) e rastrear (ἵχνεύω) o que ele disse (λέγω), como as cadelas lacedemônias. Ora, a escolha das palavras por Platão me parece próxima da de Górgias, de modo que buscarei compreender essa fala de Zenão a partir do Elogio de Helena. Minha proposta complementa, ainda, o paralelismo entre o Parmênides e o Tratado do não ser, pois Zenão ainda diz (128c6-d2) que a aletheia de seus escritos visa ajudar os logoi de Parmênides que são alvo de comédias que apontam para consequências ridículas e contraditórias da sua suposição se é um (εἰ ἔν ἐστι). Ora,



essa é exatamente a primeira hipótese explorada por Parmênides que Brémond demonstrou ter uma estrutura muito próxima do Tratado e, portanto, vem ao encontro de minha triangulação entre essas obras, hipótese que julgo propícia para discutir com meus pares neste oportuno momento.

### **Palavras-Chave**

Platão. Górgias. Verdade.



## SÓCRATES E ESOPPO: SABEDORIA E DISCURSO ENTRE OS EURETES

Leonardo Guimarães Da Costa

[leonardogcosta21@gmail.com](mailto:leonardogcosta21@gmail.com)

### Resumo

No Fédon, Platão utiliza exemplos notáveis de sabedoria, como a sofística e a tradição popular, para reforçar a filosofia como a forma de sabedoria universalmente aceitável. Com a inclusão do célebre fabulista Esopo na narrativa, Platão associa Sócrates à tradição dos eureses, os sábios sem voz, elevando a sabedoria de sua personagem para além da esopiana. Com isso, Platão legitima a filosofia como uma sabedoria acessível e profunda, apresentando Sócrates como o verdadeiro ideal filosófico a ser seguido e admirado. Este trabalho procura demonstrar como Platão, ao legitimar a sabedoria filosófica como superior e convencionalmente aceita, garante uma herança filosófica ao narrar os últimos dias de Sócrates, um novo tipo de herói — o herói filosófico —, que é morto injustamente, inserindo-o na tradição dos grandes homens do passado que morreram como *phármakos*. Essa demonstração literária acontece em um ciclo apolíneo narrado na Apologia, no Críton e, por fim, no Fédon. Buscamos demonstrar como essa tradição da morte envolvida em um contexto apolíneo se aproxima da tradição da morte esopiana e como, através dela, Platão alça o seu Sócrates a um status heroico, resguardando a vida e a continuidade segura da Academia, lugar onde se perpetua a sabedoria e o logos imortal socrático.

### Palavras-Chave

Platão. Fédon. Esopo.





## SÓCRATES VIAJANTE: QUATRO IMAGENS

Gilberto De Melo Caldat  
[gilbertomcaldat@gmail.com](mailto:gilbertomcaldat@gmail.com)

### Resumo

Em célebre passagem sobre a vida de Sócrates, Diógenes Laércio diz que o filósofo ateniense nunca saiu de sua cidade natal a não ser para algumas expedições militares, o que não deixa de causar surpresa ao biógrafo dos pensadores ilustres, uma vez que a maioria dos filósofos antigos, segundo o autor, tinha por hábito viajar. Tal imagem de Sócrates pode ser, no entanto, vista a contrapelo caso levemos em conta o personagem socrático da República de Platão, uma vez que esse se apresenta, em mais de uma ocasião, como uma espécie de viajante. Mas que tipo de viajante o personagem de Sócrates encarnaria, afinal, na República platônica? Ora, tentamos aqui responder a tal questão, dizendo que ele encarna ali, não somente um, mas um quádruplo viajante: o primeiro é um duplo dos heróis Odisseu, Hércules e Orfeu a perfazer uma catábase, junto com Glauco, ao porto do Pireu; o segundo perfaz um nauta que, sob o peso dos remos da segunda navegação, atravessa cidades e ondas invisíveis de paradoxo; o terceiro é um theorós que, com prerrogativas de ordem epistemológico-políticas, nos é apresentado na célebre alegoria da caverna; o último, espelhando o primeiro, perfaz enfim uma anábase em retorno à acrópole.

### Palavras-Chave

Sócrates. Viagem. Platão.

XX ENCONTRO  
ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT RAÇA, GÊNERO E CLASSE



## A DISSIMULAÇÃO COMO PEÇA FUNDANTE DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

Daiane Soares Dos Santos  
[daisoares.s@gmail.com](mailto:daisoares.s@gmail.com)

### Resumo

Podemos encontrar na literatura desenvolvida por Machado de Assis o caminho para desvendar as regras do jogo que fundamentam a construção e o desenvolvimento da sociedade brasileira. O bruxo do Cosme Velho desvelou o papel ocupado por cada grupo no jogo político e social na segunda metade do século XIX, colocando à nossa disposição as regras e chaves de análise que possibilitam refletirmos e enxergarmos os espaços reservados a cada peça pertencente a esse tabuleiro. Assim, nos dispõe as relações de poder, os disfarces e subterfúgios utilizados para manter cada camada no seu devido lugar, impossibilitando mudanças, limitando e manipulando sua movimentação. Em seus textos, refletiu e legou a possibilidade de pensarmos, com ele, a construção da cultura brasileira e os aspectos da formação de uma sociedade marcada, por exemplo, pela escravidão e, mesmo após a sua abolição legal, por uma divisão hierárquica baseada em um marcador racial. A forma utilizada por Machado de Assis para denunciar as violências que marcavam as relações inter-raciais é o ponto que queremos refletir nesta comunicação. Utilizando a ironia como método escolhido para desvelar os problemas sociais que acometiam o seu contexto histórico, a dissimulação desponta como *modus operandi* de uma sociedade que intentava encobrir não somente a crueldade da desumanização provocada pela escravidão, mas também era utilizada com a intencionalidade de transmitir uma imagem que não corresponde à realidade e garantir a manutenção de uma estrutura sustentada pelas desigualdades sociais.

### Palavras-Chave

Machado de Assis. Dissimulação. Raça.



## A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DO VALOR NOS TRABALHOS DOMÉSTICOS NÃO REMUNERADOS

Camila Guimarães Garcia  
[camiggarcia@hotmail.com](mailto:camiggarcia@hotmail.com)

### Resumo

Este texto se refere ao resumo do projeto de pesquisa de mestrado que tratará da questão do valor nos trabalhos reprodutivos não remunerados sob a ótica de Silvia Federici e de Marx. Embora o patriarcado não tenha surgido com o capitalismo, é importante reconhecer que a situação das mulheres foi profundamente afetada com o seu advento, que aparece como verdadeiro movimento de controle dos seus corpos e submissão de suas capacidades. Com a ruptura do modelo de sociedade feudal e o surgimento da sociedade capitalista viu-se o fortalecimento do conceito das famílias nucleares e o conseqüente isolamento das mulheres ao ambiente doméstico. Suas atividades se concentraram à procriação e à realização de trabalhos reprodutivos sem remuneração. Estes trabalhos não assalariados foram perversamente travestidos, ao longo da história, como atributos inerentes à natureza feminina, como funções de afeto, de amor, instinto etc. Sem dúvida, uma construção argumentativa perversa para justificar a exploração e a submissão feminina no seio da sociedade capitalista. E ao mesmo tempo, muito vantajosa para a manutenção do sistema capitalista que se vale da força de trabalho gratuita para produção da mercadoria - força de trabalho. Ocorre que, ao pensar no trabalhador assalariado como o centro da estrutura capitalista, Marx (O Capital-Livro I, 2022) acaba por não reconhecer, nem os trabalhos reprodutivos feitos sem remuneração por mulheres, tampouco os trabalhos realizados por pessoas escravizadas, como bases estruturantes desse sistema. Nota-se, porém, que a quantidade de trabalho não pago que o capitalismo extrai dos trabalhos reprodutivos realizados por mulheres é ainda maior do que a exploração da mais-valia visto que não há nenhuma espécie de contraprestação na produção da mercadoria mais importante para o Capital que é “mercadoria-pessoa”, a força de trabalho. Para Silvia Federici, estes trabalhos produzem valor para o capital na medida em que produzem e reproduzem força de trabalho, ou seja, formam “mercadorias – pessoas” para manutenção do sistema capitalista. Desse modo, crucial compreender o quanto a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



produção de valor e mais-valor acentua a desigualdade dos sexos na medida em que as mulheres, além de exercerem trabalho reprodutivo não remunerado, também reproduzem a força de trabalho para o capital, que por sua vez, se vale dessa força de trabalho gratuita para produção de mercadoria.

## Palavras-Chave

Valor. Trabalho. Reprodutivo.



## A POESIA EM QUESTÃO – UM DIÁLOGO ENTRE MARIA ZAMBRANO E MARTIN HEIDEGGER.

Doriane De Araújo Chaves  
[doriane.philos@gmail.com](mailto:doriane.philos@gmail.com)

### Resumo

Neste trabalho, pretendemos alargar a compreensão da poesia discutida por Maria Zambrano e Martin Heidegger. Para realizar nosso intento, iniciaremos a investigação tomando a pergunta pela centralidade que a questão da poesia assumiu para ambos os filósofos no decorrer de seus pensamentos e em que medida encontram convergência. Zambrano, na obra *Poesia e Metafísica* (2008), empreende uma comparação crítica entre o que seria o espírito poético e a metafísica. As duas matrizes teriam origem no mesmo solo originário, o êxtase admirativo, que é sempre desencoberto toda vez que algo aparece. No entanto, o acontecer de ambas ocorre de formas diferenciadas. De um lado, a metafísica busca uma unidade absoluta que dê conta de reduzir a realidade a uma linearidade clara e distinta, se mostrando num logos fundado por uma violência ascética, a qual gerou a possibilidade da pergunta enquanto fundamento puramente racional, visando à ordenação lógica e metódica do pensamento. No outro lado, a poesia reflexiona o que aparece entrelaçado com o mistério que vêm com as coisas, sem se desviar da densidade que os espaços sombreados trazem. Justamente, a poesia se mescla com a multiplicidade sem nela se perder, o espírito poético acolhe o aparente deixando à mostra a conexão com tudo o que acontece como abertura. Por seguir essa direção de entrelaçamento com o múltiplo, o obscuro e o ilimitado, a poesia pode se entregar à profunda voz do coração, que, como a entranha mais profunda de todas, abre espaço para a razão poética. Em Heidegger, encontramos a centralidade da questão poética na viragem (kehre) do seu pensamento. Após a profunda crítica sobre a técnica e seus efeitos extremos, refletidos tanto pela razão objetificante quanto pelo pensar que calcula, o filósofo propõe que a poesia possa ser devolvida novamente à terra, habitando-a, e justamente numa época em que ela não pareça mais fazer sentido algum. Abrir espaço para a escuta da palavra poética é também possibilitar a abertura para o sentido e a verdade do Ser que se mostram como linguagem poética criadora. Nesse movimento, a renúncia e a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



esperança surgem como aquelas capazes de expressar o espírito poético, outrora experienciado pelos pensadores originários. O poeta é aquele que pode ouvir e enviar a palavra poética que avisa sobre o perigo que cresce ao tempo em que também pode escutar sobre o que (nos) salva, como observou Hölderlin.

## Palavras-Chave

Poesia. Zambrano. Heidegger.



## A PRÁTICA DE LIBERDADE: A CORAGEM DE ERGUER A VOZ

Ana Lúcia Dos Santos E Santos

[lourinha.ana@hotmail.com](mailto:lourinha.ana@hotmail.com)

### Resumo

A presente comunicação toma como mote a compreensão a respeito da efetivação da prática de liberdade, sobre o viés da parresía e da coragem de erguer a voz, tão necessário para lidar e resistir aos modos de opressão na sociedade atual. Para tanto, buscamos estreitar os laços entre as teorias da pensadora estadunidense bell hooks e o pensador francês Michel Foucault, tendo como perspectiva criar resistências e problematizar os modos de dominação que ditam como o indivíduo deve ou não agir. Enquanto Foucault nos apresenta as relações de poder e as várias ferramentas que nos possibilitam resistir ao exercício do poder moderno e aos questionamentos a respeito do sujeito e dos modos outros de subjetivações, tomando como campo de análise a parresía - fala franca, bell hooks nos convida a pensar uma autotransformação, autorecuperação do indivíduo, tendo como ponto central a saída da condição de objeto - que é oprimido e dominado, para tornar-se sujeito, para a possibilidade de mudança e transformação crítica. Trata-se de aproximar e também de confrontar essas problematizações em busca de mecanismos e estratégias que nos coloque diante de uma prática efetiva de liberdade, que nos dê condições de resistir e desenvolver uma atitude que seja crítica, autônoma e aquilombada. Assim, nos apropriamos da leitura que Foucault faz da parresía cínica, a qual se apresenta por meio de um combate, para pensar os modos de resistências possíveis na contemporaneidade, tendo como ponto a atualização cínica as estratégias defendidas por bell hooks. A teórica nos auxilia a pensar a ação constante de uma postura crítica que busque problematizar os diversos modos de exercício do poder dentro da sociedade. Que se dá a partir de uma fala aberta, como assinala a própria teórica que aqueles de nós que resistem e se rebelam, falem aberta e honestamente sobre nossas vidas e a natureza de nossas lutas pessoais. Com efeito, resistimos e agimos de modo crítico quando nos desafiamos e pressionamos as barreiras dominadoras e opressoras, sejam elas de raça, de classe ou de sexo, criamos uma alternativa radical, pois expomos todo esse aparato por meio de questionamentos e posicionamentos críticos. Precisamos nos encorajar a sermos





críticos de nossa situação, numa condição de atitude crítica. Pois, a estrutura que mantém a dominação, que sustenta o racismo, o machismo, a homofobia e a exploração de classe precisa ser quebrada, o que será possível a partir da efetivação da prática de liberdade.

### **Palavras-Chave**

Liberdade. Resistência. Parresía. Subversão.



## A PRODUÇÃO DA “NEGRA MULHER” A PARTIR DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO SOBRE O CORPO: UM ESTUDO FILOSÓFICO

Jackeline Da Silva Gomes

[jackeline.gomes@ufba.br](mailto:jackeline.gomes@ufba.br)

### Resumo

Neste trabalho busco fazer uma reflexão acerca da produção “da mulher negra” a partir do conhecimento científico sobre o corpo. Assim, desenvolvo um estudo filosófico para refletir como um dos aspectos tão fundantes na construção dos sujeitos sociais e suas subjetividades na nossa sociedade - que é o conhecimento acerca da biologia humana - contribue na construção do que é “ser mulher negra”. Partindo do a priori, que “ser negra”, assim como, “ser mulher” são uma série de construções sociais, históricas e políticas. Assim, estabeleço um olhar interseccional sobre as instituições de ensino e produção do conhecimento científico. As faculdades de medicina e os institutos de biologia, por exemplo, ensinam e produzem conhecimento sobre os corpos das mulheres negras. Como essas instituições são formadas? Quais as referências? Quem são ou quem é o sujeito social que produz este conhecimento, historicamente? Foram perguntas importantes para compreendermos a ontologia dos conhecimentos produzidos, visto que, o sujeito que produz é peça fundamental nas metodologias, resultados, pareceres e socialização dos conhecimentos científicos. Nos debruçamos sobre a Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX, que foi uma instituição que produziu conhecimento científico e promoveu educação não só aos sujeitos de sua comunidade interna, mas à toda sociedade, vociferando superioridade europeia. Consideramos que esta instituição de ensino e produção do conhecimento tinha o racismo como regra. O racismo, como forma de desigualdade concreta, implica a existência de dispositivos institucionais que atribuem identidade, de modo que funciona não só como aniquilação física, extermínio letal de um corpo ou de um povo, ele também funciona na morte simbólica e social, e tem efeitos sobre as subjetividades, inferindo certa organicidade das subalternizações.

### Palavras-Chave

Ontologia da Ciência Moderna. Ser Mulher Negra.



## A TERCEIRA RESPOSTA-OCASIÃO – A GUERRA EM HOBBS

Simony Silva Campello  
[simony.campello@usp.br](mailto:simony.campello@usp.br)

### Resumo

Quando mapeamos o conceito de guerra em Michel Foucault, as análises se voltam a identificá-la a partir da inversão de Clausewitz, de que a política é a guerra continuada por outros meios, ocorrendo na obra Foucault de maneira mais profunda a partir da segunda metade dos anos de 1970. A tese se estabelece, na proposta da hipótese Nietzsche, apresentada por Foucault no curso: Em defesa da sociedade, ministrado no Collège de France, no ano de 1976. Porém, o presente artigo se propõe a analisar a temática da guerra a partir de um aspecto trabalhado por Foucault de maneira negativa, isto é, na negação da paternidade da teoria da guerra em Hobbes. Para compreender essa hipótese apresentada pelo Filósofo e de que forma ela está diretamente relacionada com o problema da verdade, com a disciplina, a bioplítica e o racismo de Estado, temos que suspender a afirmação de Foucault e voltar nosso olhar para a sua crítica da guerra e da guerra civil em Hobbes, objeto de estudos das primeiras aulas do curso: A sociedade punitiva, ministrado no Collège de France entre os anos de 1972 e 1973. O objetivo dessa transgressão das observações do Filósofo é em primeiro lugar captar os elementos que integram a identidade do indivíduo em Hobbes e de que forma eles caracterizariam uma teoria do valor através da honra e da glória. Em segundo lugar, analisar a guerra civil não mais como uma guerra de todos contra todos, mas de associação coletiva que coloca como objetos de empoderamento o poder e seus mecanismos coercitivos, caracterizando assim, também uma forma de resistência. Posteriormente, observar de que forma a soberania não representaria mais a suspensão da guerra civil, conforme propõe Hobbes, mas a sua reativação, como uma forma de exercício perpétuo da coerção e legitimação do poder a partir do estabelecimento da delinquência. Deste modo, planejamos entender de que maneira, na gênese de uma genealogia da guerra, presente no curso A sociedade punitiva, Foucault já começa a caracterizar o problema da produção da anormalidade por meio da figura do delinquente, em detrimento a um gênero de vida normativo que deve ser preservado. Modificando a visão do poder, não mais como um poder dado de maneira



vertical ou de uma super estrutura. Mas que se torna difuso nas massas, atravessando os corpos e perpassando as instituições e os dispositivos que os produz e os faz circular.

### **Palavras-Chave**

Guerra. Poder. Soberania.



## A VOZ OCULTA: A FILOSOFIA DE MARÍA ZAMBRANO SOBRE A MULHER

Solange Aparecida De Campos Costa  
[solange@phb.uespi.br](mailto:solange@phb.uespi.br)

### Resumo

María Zambrano, uma filósofa espanhola do século XX, aborda a questão da mulher com uma profundidade que entrelaça filosofia, poesia e política. Suas reflexões centram-se na identidade e na condição feminina, oferecendo uma crítica ao papel tradicional da mulher na sociedade e propondo uma visão emancipadora e transformadora. Zambrano trata de temas como a importância da participação da mulher na vida pública, a exploração e sua condição de objeto em relação ao homem, a necessidade da emancipação econômica como primeiro passo necessário (mas não o único suficiente) para a libertação das mulheres e a violência de gênero. A filósofa realiza também uma análise ontológica da existência feminina, para ela, a mulher tem uma relação intrínseca com o tempo e a natureza, sendo capaz de vivenciar e compreender o mundo de forma mais intensa e duradoura. Esse entendimento é frequentemente suprimido pela cultura patriarcal, que valoriza a razão e a objetividade masculina, relegando a subjetividade feminina a um segundo plano. Além disso, Zambrano critica a visão utilitarista da mulher, onde seu valor é frequentemente medido em termos de utilidade prática, seja no âmbito doméstico ou profissional. Ela argumenta que essa perspectiva desumaniza a mulher, ignorando sua profundidade existencial e espiritual. Em contrapartida, Zambrano advoga por uma revalorização da subjetividade feminina, reconhecendo a importância de suas contribuições culturais, filosóficas e artísticas. Outro aspecto importante nas reflexões de Zambrano é a conexão entre a opressão das mulheres e a crise espiritual da modernidade. Ela vê na subjugação feminina um sintoma de uma sociedade que perdeu contato com aspectos essenciais da existência humana, como a ternura, a compaixão e a transcendência. Assim, a libertação das mulheres é também um caminho para a renovação espiritual da humanidade. O objetivo deste trabalho é apresentar a compreensão zambraniana sobre a mulher a partir de vários excertos produzidos por ela ao longo da vida, caracterizando sobretudo a potência emancipadora de sua perspectiva.

### Palavras-Chave

María Zambrano. Mulher. Emancipação.



## CONEXÕES ENTRE O NEOLIBERALISMO, PRISÕES E RAÇA

Simone Borges Dos Santos  
[simone.bsantos72@gmail.com](mailto:simone.bsantos72@gmail.com)

### Resumo

Esse trabalho tem o objetivo de observar, desde a perspectiva de Angela Davis, como a criminalização dos negros faz parte do projeto neoliberal de criação de castas, confinadas nos guetos, sob programas de “lei e ordem”, graças ao programa ideológico e às políticas de segurança, que substituem o Estado liberal de bem-estar social. Aprofundamos as considerações de Davis à visão filosófica de Achille Mbembe sobre o liberalismo, ao estudo jurídico de Michelle Alexander, e às pesquisas sociológicas de Loïc Wacquant sobre a criminalização dos pobres (e negros) como projeto constitutivo do neoliberalismo. Mbembe, através de uma análise ético-política, amplia o debate sobre o avanço do neoliberalismo e sua relação com o racismo, em que mostra que desde a ascensão do Iluminismo, os lemas liberdade, igualdade e fraternidade foram fortalecidos. O novo status quo, entretanto, prescindiu da questão racial. Alexander, do ponto de vista jurídico, faz uma descrição geral das prisões e sua relação com o neoliberalismo. A lei, em teoria, não faz distinção entre negros, chicanos, povos originários e brancos. Todavia, elas foram criadas com o objetivo explícito de estabelecimento (ou manutenção) de castas desde o critério racial. A prática atua na fiscalização e punição de corpos não brancos. Wacquant observa os meios utilizados pelo capitalismo que contribuíram para o depauperamento dos povos racializados, tornando-os alvos inequívocos para o sistema carcerário. Presídios e penitenciárias funcionam, ora como local de despejo de detritos sociais, ora como força de trabalho barata e rentável ao capitalismo. Davis trata dos limites da imaginação, quando uma vida sem a existência das prisões tornou-se inimaginável. Compreendendo que a instituição prisão é direcionada, em quase sua totalidade, às pessoas racializadas, a indústria do aprisionamento é, dessa forma, sustentada por um projeto capitalista que prevê a lucratividade em detrimento da dignidade do indivíduo. O surgimento de um complexo penitenciário-industrial, acompanhado de campanha ideológica, são usados para convencer que a raça é um marcador de criminalidade. Trata-se de problematizar a essencialização do jovem negro como sujeito criminoso, a naturalização dos guetos



como local de origem da violência, os mecanismos dessa naturalização que envolvem as representações midiáticas e as práticas policiais, a partir da crítica de Angela Davis ao enquadramento da raça no cerne do neoliberalismo.

### **Palavras-Chave**

Neoliberalismo. Prisões. Raça.



## CORPO E SEXUALIDADE NO MARXISMO: ENCONTRO E DESENCONTROS

Angelica Antonechen Colombo  
[angelica.colombo@ifpr.edu.br](mailto:angelica.colombo@ifpr.edu.br)

### Resumo

As práticas de controle dos corpos datam desde tempos remotos e se intensificam a partir do surgimento da acumulação primitiva de capital, etapa necessária ao desenvolvimento do capitalismo. O controle da propriedade privada, dos meios de produção e da força de trabalho, foram os caminhos pelos quais a sociedade patriarcal justificou o controle sob os corpos, a partir do controle das práticas sexuais e conjugais, como a heterossexualidade, a monogamia e o casamento, e também do controle reprodutivo. Nas sociedades capitalistas, a organização da reprodução social é intensificada a partir das relações de opressão de gênero, sexo, raça e classe — principalmente em uma perspectiva heteronormativa —, utilizando disso para gerar mais opressão e exploração. Para reforçar a hipótese deste trabalho, reitera-se que a sexualidade também se estrutura a partir de uma divisão sexual do trabalho resultado de uma formulação dominante masculinista e hétero baseada em princípios essencialistas, dos quais imperam opressões em diferentes níveis, como, por exemplo, nas estruturas de salários e regime de trabalho desiguais, na violência contra as mulheres e aos dissidentes de gênero, na vulnerabilidade de indivíduos periféricos, na racialização e generificação das práticas sexuais e no controle reprodutivo. Portanto, para fortalecer os debates a partir do referencial marxista, é necessário identificar as políticas antagônicas e as causas mais ocultas das relações de poder pelas quais os corpos e as práticas sexuais são normalizadas a fim de elaborar estratégias efetivas de mudanças na luta contra ideias hegemônicas da sociedade capitalista e heteropatriarcal. Dito isso, o presente trabalho será estruturado a partir de uma crítica à heteronormatividade, base da sociedade capitalista, a fim de compreender a exploração, opressão e agressão sexual de corpos distintos. Para isso, se apoiará nas obras de Silvia Federici (2017; 2023) e Monique Wittig (2022) para desenvolver as discussões que competem a essa problematização. Como resultados, espera-se encontrar/desencontrar os debates sobre corpo e sexualidade no marxismo.

### Palavras-Chave

Marxismo. Sexualidade. Corpo.





## COSMOPOLÍTICA DO LUTO: O ETHOS DA NÃO-VIOLÊNCIA E A SALVAGUARDA DO FUTURO

Cassiana Lopes Stephan

[cassianastephan@yahoo.com.br](mailto:cassianastephan@yahoo.com.br)

### Resumo

Na obra *The Force of Nonviolence* (2020), mais precisamente no capítulo “To Preserve the Life of the Other”, Judith Butler analisa a relação entre a paranoia e a violência, mostrando-nos em que medida a constituição de uma psiquê paranoica incita e é incitada pela dinâmica do racismo de Estado e do imperialismo colonialista. Nesse mesmo capítulo, Butler também reflete sobre aquilo que chamo de “cosmopolítica do luto”, proposta que deve ser compreendida a partir do imaginário da equanimidade social tal que instanciado pelo princípio que postula que as vidas têm igual direito ao luto. Segundo Butler, a prática da cosmopolítica do luto demanda a constituição do ethos da não-violência e enseja a salvaguarda do futuro, já que nos permite prever e evitar o dano que ainda está por vir. Com base nisso, meu objetivo é, em primeiro lugar, o de indicar os principais elementos que constituem a cosmopolítica do luto para, em seguida, explicar de que maneira o imaginário político de igualdade radical no direito ao luto desmobiliza o dinamismo paranoico que configura a violência social. Para tanto, levarei em consideração as interpretações que Butler desenvolve das análises de Melanie Klein acerca do vínculo entre mania e luto. Assim sendo, recorrerei a dois ensaios de Klein reunidos no compêndio *Amor, culpa e reparação* e outros ensaios 1921-45 (2023): trata-se, pois, de “Amor, culpa e reparação” (1937) e “O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos” (1940). De modo geral, concebo que a caracterização psíquica e social da cosmopolítica do luto me permitirá indicar a tridimensionalidade interativa da atitude crítica que incita e é incitada pelo ethos da não-violência, cuja constituição parece depender, conforme Butler, da interação entre a reflexividade, a imaginação e os afetos do amor e da raiva.

### Palavras-Chave

Não-violência. Luto. Salvaguarda.



## CRÍTICA DA RAÇA E CRÍTICA DO CAPITALISMO EM ACHILLE MBEMBE

Elielvir Marinho Do Nascimento

[elielvirmarin@gmail.com](mailto:elielvirmarin@gmail.com)

### Resumo

O fenômeno do racismo é, notadamente, uma das preocupações centrais da obra do filósofo camaronês Joseph-Achille Mbembe. A compreensão da natureza, duração, amplitude e mutações do fenômeno racial e de suas implicações políticas é, sem dúvidas, a mais notória contribuição do autor da Crítica da Razão Negra para o debate filosófico acerca do mundo contemporâneo, com fortes ecos no cenário filosófico brasileiro. Mas, como esse autor articula a crítica da raça com a crítica do capitalismo? Partindo dessas considerações, este trabalho objetiva abordar a relação entre racismo e capitalismo, utilizando como principal aporte teórico o ensaio Crítica da Razão Negra de Achille Mbembe. Para esse intento, procuramos estabelecer diálogo entre o pensador camaronês e algumas pensadoras e pensadores brasileiros. Dessa maneira, pretende-se delinear os principais contornos de uma genealogia crítica da raça, privilegiando a análise das relações de constituição mútua entre racismo e capitalismo. Num primeiro momento, situa-se o trabalho de Mbembe no campo da filosofia crítica da raça. Num segundo momento, retoma-se a definição da raça como tecnologia política colonial articulada às estratégias de dominação de classe e exploração dos recursos naturais. Em seguida, apresenta-se um esboço da gênese do negro enquanto sujeito racializado. Por fim, analisa-se o conceito de razão negra ressaltando os aspectos antirracistas e anticapitalistas que, conforme se pretende argumentar, lhe são inerentes.

### Palavras-Chave

Crítica da Raça. Razão Negra. Antirracismo.



## DISSIDÊNCIA EM CORPO BRANCO – PACTO NARCÍSICO E EXPERIÊNCIA NÃO-BINÁRIA

Stefano Dazzi

[stef.dazzi@hotmail.com](mailto:stef.dazzi@hotmail.com)

### Resumo

A apresentação visa expor a ideia de “Pacto Narcísico da Branquitude” (Cida Bento) como demarcadora de um dos limites da dissidência de gênero enquanto vivida por corpos brancos. Para isso, serão expostos brevemente os entendimentos da pessoa autora quanto à teoria Queer (Judith Butler e Paul B. Preciado), suas atualizações em contextos sudakas (Jota Mombaça) e textos sobre a produção do outro como corpo racializado (Sueli Carneiro). Há entre corpos brancos um pacto não verbalizado, uma cumplicidade quase automática de identificação que Cida Bento chama de “Pacto Narcísico da Branquitude” (2022). A partir dessa perspectiva, um corpo desviante de gênero pode, ainda que considerado anormal ou abjeto dentro da normatividade cis-hetero, permanecer firmando acordos não-verbais oriundos do pacto da branquitude, sendo reconhecido como sujeito pertencente àquele grupo específico de pessoas: os brancos. “Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele” (BENTO, C. 2022, p. 18). Isso pode ser percebido em diversas ocasiões cotidianas e, deste modo, também pode ser combatido cotidianamente. Algumas dessas situações serão apresentadas ao longo da fala.

### Palavras-Chave

Não-binaridade, Branquitude. Queer.



## FETICHISMO, REIFICAÇÃO E SUBJETIVIDADE NEGRA: MARX E FANON EM DIÁLOGO

José Anderson Dos Santos Bezerra  
[j.anderson12@hotmail.com](mailto:j.anderson12@hotmail.com)

### Resumo

A proposta desse trabalho é abordar os reflexos do modo de produção capitalista na subjetivação em pessoas de pele negra. Para abordar tal problema, neste trabalho em específico, se recorre a possibilidade de estabelecer um diálogo entre teorias de Karl Marx e Frantz Fanon. Esses dois autores, embora tenham escrito sob o contexto de crítica ao modo de produção capitalista – sendo o primeiro uma das maiores referências sobre o assunto – nem sempre são lidos em associação, apesar de existir um elo entre eles. A tarefa que se propõe para este trabalho não é apontar conclusões a partir do diálogo conceitual entre Marx e Fanon, mas de fato investigar a viabilidade de colocá-los em diálogo sobre um elemento específico: a subjetivação de pessoas negras forjada no contexto de opressão racial imposta pelo modo de produção capitalista, amplamente analisado por Marx e compreendido por Fanon como um “complexo de complexos”. Por estes motivos, foi escolhido mobilizar a categoria fetichismo, desenvolvida por Marx em O capital I, como parâmetro conceitual para entender os reflexos da sociabilidade burguesa. É destacado como Fanon caracteriza, entre outros aspectos, o complexo de inferioridade como uma constante subjetiva na vivência de pessoas negras. Atribuí-se à prisão ancestral dos escravizados pelo colonialismo a vivência como inferior. Por tais razões, esse trabalho defende que em Marx se encontra uma formulação conceitual para o entendimento do exposto: o fetiche da mercadoria. O passado ancestral relatado por Fanon delegou as pessoas negras uma condição de pessoa-mercadoria, por um lado, recorrendo a Marx, participando da geração do valor, por trabalhar, por outro lado, permeada pelo fetiche, por ser tratada como mercadoria. Conclui-se, portanto, que o complexo de inferioridade que explica a subjetividade negra, como dissertou Fanon, pode ser melhor explicado pelo conceito de fetichismo, tornando as pessoas de negra, dentro da sociabilidade burguesa, pessoas-mercadoria.

### Palavras-Chave

Marx. Fanon. Fetichismo.



## GÊNERO E RAÇA NAS PERIFERIAS DO CAPITALISMO.

Mirian Monteiro Kussumi.Monteiro

[kussumi@gmail.com](mailto:kussumi@gmail.com)

### Resumo

A tradição do feminismo marxista possui como problemática central a exploração das mulheres. Seja pelo trabalho doméstico (que as marxistas associaram à categoria de Reprodução social), seja pelo trabalho mal remunerado e precarizado, as mulheres compreenderiam um dos grupos mais vulneráveis sob o ponto de vista laboral – o que levou as feministas de tendência marxista a considerar uma divisão de gênero do trabalho. Entretanto, tais formulações teóricas originalmente teriam minimizado o problema racial no que se refere à exploração: embora o recorte racial ganhe hoje mais destaque, essas relações não foram devidamente abordadas, sobretudo no que se refere à realidade dos países periféricos globais. O presente trabalho busca discutir como, no sistema capitalista, haveria um tipo de exploração do trabalho que conjugaria tanto uma questão racial como de gênero, principalmente nos países com passado colonial que hoje se configuram como as periferias do capitalismo. Tais relações exploratórias determinariam, portanto, uma divisão racial e de gênero do trabalho a partir de um escala mundial.

### Palavras-Chave

Gênero. Raça. Capitalismo.



## GILDA DE MELLO E SOUZA E A FILOSOFIA NO BRASIL

Silvana De Souza Ramos

[ramos.si@usp.br](mailto:ramos.si@usp.br)

### Resumo

Gilda de Mello e Souza (1919 – 2005) foi a primeira mulher docente contratada pelo Curso de Filosofia da USP, em 1954, vinte anos após a fundação deste. Em razão dos obstáculos que enfrentou por ser ensaísta, estudiosa de Estética e mulher, ela construiu uma carreira marcada por transbordamentos diversos, os quais lhe permitiram desenvolver suas reflexões de modo bastante original. A origem social relativamente privilegiada lhe trouxe oportunidades ímpares, a começar pelo fato de que, para elaborar seus primeiros escritos, ela pôde desfrutar, desde a infância, da orientação de Mário de Andrade (1893-1945), de quem era prima em segundo grau. Quando contava com doze anos de vida, Gilda se mudou para a cidade de São Paulo, no intuito de dar seguimento aos estudos, tendo vindo morar na casa do primo Mário, de onde saiu apenas para se casar, em 1943, com o sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1918-2017). A pensadora ingressou na USP em 1937, tornou-se bacharel em Filosofia em 1939, e licenciada em Filosofia no ano seguinte. Uma década depois, em 1950, ela defendeu sua tese de doutorado em Ciências Sociais, orientada por Roger Bastide (1898-1974), sobre o tema da moda na sociedade burguesa do século XIX. A ensaísta fez parte da geração que produziu a revista *Clima*, publicação que inaugurou certo estilo moderno de crítica de arte no Brasil. Nos últimos anos de seu trabalho como docente, entre 1969 e 1972, em plena vigência de uma ditadura civil-militar no Brasil, ela presidiu o curso de Filosofia, tendo sido a principal responsável por uma espécie de refundação deste, a fim de resguardá-lo em sua autonomia frente a ameaça do então reitor Miguel Reale (1910-2006) de designar-lhe um interventor. No mesmo período, em 1970, ela fundou a revista *Discurso*, ainda hoje o periódico mais importante do Departamento de Filosofia da USP. Por fim, tornou-se uma grande estudiosa da obra de Mário de Andrade. Ao longo desse trajeto, foi capaz de alcançar uma forma madura e original de pensamento estético e de crítica de arte. E se hoje nos interessamos tanto por sua figura feminina, quanto por sua obra, isso se deve ao fato de que seus ensaios expressam, no seio do trabalho filosófico, uma forma singular de abordagem da



Estética, em geral, e dos temas modernistas, em específico. Tendo em vista a trajetória intelectual e a obra de Gilda de Mello e Souza, nosso objetivo é fazer uma reflexão sobre o elo entre a filosofia feita no Brasil e a experiência brasileira.

### **Palavras-Chave**

Gilda de Mello e Souza, filosofia, gênero.



## INDÍGENAS EM CONTEXTO URBANO: UMA LUTA PELA DEMOCRACIA

Ddamires Dos Santos França  
[damiresifcs@gmail.com](mailto:damiresifcs@gmail.com)

### Resumo

A presença indígena nas cidades sempre foi constante mas permanentemente invisibilizada pela ideia da mestiçagem que apagou a identidade étnico-cultural dos seus descendentes ou pela ideia, quase totalizante, de fuga ou expulsão dos povos originários para regiões de florestas do interior do território brasileiro. Atualmente, segundo o IBGE, houve uma ampliação em 87% de indígenas autodeclarados no último censo indicando uma valorização na retomada étnica no país. Dos 1,69 milhão de indígenas, a grande maioria concentra-se nos centros urbanos em busca de melhores condições de vida e de acesso a políticas públicas como segurança alimentar, educação, saúde e proteção física em decorrência, muitas vezes, de conflitos socioambientais e territoriais que têm se multiplicado nas últimas décadas de estímulo ao desenvolvimentismo Antropoceno pautado numa monocultura da mente da sociedade capitalista ocidental. No entanto, a auto afirmação, a auto organização, o sentimento de pertencimento a uma comunidade e a uma força ancestral que os povos originários preservaram têm incomodado com a sua mera permanência no cotidiano das cidades. Estes corpos diferentes, com cultura, hábitos e epistemologias diferentes são percebidos como estranhos que precisam ser transformados em Iguais para poderem conviver na lógica do consenso, da unidade fabricada por aqueles que têm medo e ódio à democracia e prometem restaurar a lei e ordem da vida tradicional e hierárquica numa sociedade cada vez mais vulnerável. O estado de apreensão e medo das classes ansiosas e cansadas do mundo contemporâneo em relação ao diferente vem se agravando devido ao ressurgimento de sentimentos de incerteza no futuro, insegurança e dissolução de laços de solidariedade. Neste contexto hostil da cidade, os povos indígenas, ao produzirem diversas falas e visões de mundo, buscam ser ouvidos e conviver de forma compartilhada o território urbano. A capacidade que muitos povos pindorâmicos possuem em compartilhar os espaços a partir da visibilização das diferenças e da diversidade de vidas mantendo o apreço ao diálogo e ao encontro respeitoso com o Outro pode ser uma resposta ao modelo de segurança de condomínio, à violência fruto da mixofobia e, talvez, uma chance à democracia que é arte de viver na diferença.

### Palavras-Chave

Indígenas. Contexto Urbano. Democracia.





## MARILENA CHAUI: REPRESSÃO SEXUAL E AUTORITARISMO NO BRASIL

Cleiton Zóia Münchow

[cleiton.munchow@gmail.com](mailto:cleiton.munchow@gmail.com)

### Resumo

Em *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*, livro publicado em 1984, a filósofa Marilena Chaui afirmou que, no caso específico do Brasil, a crítica da repressão sexual pode ter um alcance insuspeito, pois, aparentemente pontual e localizada, acabou por revelar-se capaz de atingir as estruturas da sociedade brasileira em seu conjunto e alcançar o processo de formação de seu “autoritarismo generalizado, no qual os chefes de Estado se assemelham a patres familiae e os pais de família se assemelham a chefes de Estado”. Em nosso trabalho, a partir da leitura de algumas obras de Marilena Chaui, nos dedicaremos a pensar a respeito da relação entre repressão sexual e autoritarismo na sociedade brasileira. Para cumprir nossos objetivos investigativos, nos interrogaremos sobre as determinações da especificidade do autoritarismo brasileiro e sobre sua lógica de funcionamento. Essas interrogações, como veremos, nos levarão a pensar sobre o lugar da família na sociedade brasileira, a racionalização e o duplo nó.

### Palavras-Chave

Repressão sexual. Autoritarismo. Brasil.



## MISTERIOSAS, SOTURNAS, NOTURNAS, VAMPIRAS: A POÉTICA NEGRA FEMINISTA COMO H(ORÍ)ZONTE RADICAL

Diogo Oliveira. Francisco  
[diogooliveira@gmail.com](mailto:diogooliveira@gmail.com)

### Resumo

Em *Kindred*, ficção-científica da autora norte-americana, Octavia Butler, a protagonista, Dana, é uma escritora negra, que vive na Califórnia da década de 70. No dia em que completa 26 anos, sente uma tontura em casa e num piscar de olhos acorda em uma plantation na cidade de Maryland, no sul escravagista dos Estados Unidos no início de 1800. Ao longo da narrativa, Dana transita quase sempre sem escolha entre o passado e o presente, sempre que a vida de Rufus Weylin, o herdeiro branco da fazenda para onde a personagem é transportada, e também seu antepassado. Ou seja, sempre que o homem branco está em perigo, Dana é obrigada a abandonar alguma autonomia para se reencontrar com a escravidão - dela e de seus iguais. Acontece que, assim como Dana, desconfio que outras pessoas negras experienciam viagens no tempo, basta perceber o quanto um certo passado que não passou aparece como um tema comum da elaboração intelectual negra. Com isso em mente, como realizar a tarefa de interromper as viagens no tempo (ou a violência), abandonar o posto de objeto e decretar o apocalipse do mundo como o conhecemos - uma vez que uma contra-História não seria suficiente? Beatriz Nascimento vislumbrou uma possibilidade para, coletivamente, existir no/apesar da sucursal do inferno colonial, a tarefa seria buscar aventuras de vida mais voláteis, leves e misteriosas, como alguns animais, para, se tivermos realmente que influenciar mudanças na humanidade, não colocar a violência como uma reprodução alimentada pelo revanchismo. Encontro na Poética Negra Feminista, de Denise Ferreira da Silva (2019), um esboço desta possível existência soturna, vampiresca, repleta de vida, fresca. O conceito mobiliza o racial como uma estratégia política moderna com o intuito de reclamar, demandar a restauração do valor total expropriado das terras da nativa e do corpo da escrava (Silva, 2019, p. 87), radicalizando o contra ataque ao modo de representação (e suas pressuposições filosóficas) que produzem estes significados e significantes da negritude, como apontados por Nascimento e Fanon, que justificam o assassinato de pessoas negras e indígenas sem que isso desencadeie alguma crise ética (2019, p. 86).

### Palavras-Chave

Teoria Crítica Racial. Colonização. Ética.



## MONSTRUOSIDADES DE MICHEL FOUCAULT A SUELI CARNEIRO: DO ANORMAL E INTERDITO, AO NÃO-SER

Rahfa Borges Vitorio  
rahfavitorio@gmail.com

### Resumo

A monstruosidade em *As palavras e as coisas* (1966) está restrita ao estudo sobre a História Natural, essencialmente centrada na distinção das espécies, gêneros, etc., como afirma Foucault sobre o primeiro monstro, no livro *Os anormais* (1975) – já introduzido no período genealógico. Neste curso, proferido no Collège de France, Foucault identifica duas fases da monstruosidade: a primeira, que vai da Idade Média ao início do século XVIII, onde prevalece um discurso sobre o monstro, objetivado como transgressão das leis naturais. A segunda, que surge a partir do século XVIII, registra o monstro na figura do criminoso, ou seja, no âmbito de um discurso jurídico/moral que leva o indivíduo a se tornar um fora-da-lei, um desviante no comportamento. No entanto, surge a figura do “monstro humano” como noção essencialmente jurídica, no decorrer do século XIX, responsável por ser um dos elementos que configuram o domínio da anomalia. Esse domínio perpassa o construto biológico, pois “o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza”. A monstruosidade, nesse momento, é registrada como infratora das leis jurídicas e naturais em sua existência mesma. Sueli Carneiro em *A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser* (2020), faz uma importante menção a esse texto, quando acena que o negro não é. Ao evidenciar as interdições ao sujeito pelo dispositivo de racialidade, afirma que: “o negro é interditado enquanto ser humano, enquanto sujeito, enquanto sujeito de direito, enquanto sujeito moral, político e cognoscente.” A filósofa brasileira explicita que na construção do Outro como ameaça e perigo, a interdição nega a plena humanidade e inscreve o negro nos termos da animalidade. Carneiro coaduna com Foucault ao citar o princípio de inteligibilidade do monstro, ele representa o grande modelo de todas as discrepâncias. Daí a relação que passa a ser intrínseca entre a ideia de monstruosidade, da genealogia da anomalia e o indivíduo anormal, o que deve ser corrigido. Por conseguinte, é imprescindível analisar tais concepções por lentes interseccionais, da mesma forma com a qual Sueli Carneiro constantemente alude em seus trabalhos.

**Palavras-Chave** Monstro, Interdição, Não-Ser.



## NÃO HÁ CRÍTICA DO CAPITALISMO SEM CRÍTICA DO PATRIARCADO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DE MARX E FEDERICI

Marina Paes Maurício Muniz

[p.marina.muniz@gmail.com](mailto:p.marina.muniz@gmail.com)

### Resumo

Procura-se estabelecer um vínculo entre a contribuição deixada por Silvia Federici em *Calibã e a bruxa* com a crítica da economia política de Marx, encontrada de forma acabada em *O Capital*, provocando alguns tensionamentos entre a perspectiva adotada por Federici e a do marxismo não-tradicional, conhecido por centrar sua crítica do capitalismo no tipo de riqueza que é específico desta sociedade, o valor. Ao mesmo tempo que se ressalta a grandiosidade da contribuição deixada por Federici a respeito das pré-condições históricas para a ascensão do capitalismo, busca-se trazer para o foco a crítica da produção - mais especificamente, da forma como nos auto produzimos nesta sociedade. Com Federici, enfatiza-se que além da colonização, da escravidão e da privatização de terras na Europa, a caça às bruxas também foi um dos pilares para a ascensão e consolidação da sociedade em que vivemos. Seu objetivo era colocar a procriação a serviço da acumulação capitalista. A institucionalização do controle do Estado sobre o corpo de pessoas com útero se deu devido a necessidade de que estas procriassem para aumentar a população e, conseqüentemente, o número de pessoas que não teriam outra opção além de vender sua força de trabalho para sobreviver. É neste mesmo momento da história que o trabalho doméstico e reprodutivo é invisibilizado e desistoricizado. Enfatiza-se que o capitalismo, desde o princípio, emerge para submeter-nos a uma lógica em que somos reduzidos à condição de meros trabalhadores, mantenedores da ininterrupta reprodução do ciclo do capital. Se todos fomos reduzidos a tal condição, no caso das pessoas com úteros, fomos reduzidas à condição de máquinas de reproduzir. Ou, em outros termos, máquinas de (re)produzir mão-de-obra. A autonomia sobre nossos próprios corpos nos foi tomada. A maternidade, em grande parte dos casos, tornou-se compulsória e, mais do que isso, tornou-se trabalho. Nossos úteros foram colocados à serviço do capital. Por fim, defende-se que a luta feminista tem de ser anticapitalista, pois trata-se da luta pela emancipação de todo o gênero humano das condições postas pela lógica do capital.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



Com Marx, Roswitha Scholz, dentre outros teóricos da Crítica do valor, defende-se que para libertar a humanidade dessa lógica patriarcal e capitalista é necessário mudar a forma como nos auto produzimos, é preciso livrar-nos de trabalhar nos termos da produção de mercadorias, é preciso abolir o trabalho produtor de valor.

## Palavras-Chave

Capitalismo. Patriarcado. Feminismo.



## O CORPO NEGRO COMO TERRITÓRIO QUE MANIFESTA E PERCEBE O MUNDO CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA ENCRUZILHADA

Thais Cristina Ximenes Viana  
[thaisximenes2016@gmail.com](mailto:thaisximenes2016@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta pesquisa de mestrado é buscar entender o corpo negro como território fenomenológico, o qual percebe o mundo a partir da encruzilhada, tendo a Filosofia Africana e Afrodiáspórica como fundamento. Tal objetivo também se apresenta como problemática filosófica, ao entender que a contemporaneidade remonta conhecimentos tradicionais de grupos que foram marginalizados e desumanizados pelo racismo a partir da expansão do capitalismo, possibilitando, assim, que debates fenomenológicos sejam interpretados e entendidos a partir do corpo negro e suas vivências na colonialidade para além do racismo. A colonialidade é um sistema de opressão diferente do colonialismo, pois, mesmo sustentado pela dominação de um grupo por outro, tem a raça como fundamento da opressão. Assim, como salienta o filósofo Thiago Dantas (2018, p. 28): “[...] acrescenta-se outra forma de controle: a colonialidade. Esta difere do colonialismo, pois trabalha com a questão de raça como eixo de manutenção ou expropriação. A compreensão do corpo negro como objeto e não como sujeito faz parte da performância do sujeito branco e a manutenção do racismo, esse sujeito branco é lido como ser humano por se enquadrar no discurso universal ocidental, fundamentando em filósofos como Descartes, herdando os privilégios desse sistema colonial. Portanto, como o corpo negro não corresponde ao modelo universal do que é um ser humano racional, que é algo imposto pelo ocidente, ele se torna a outridade, estando sempre à margem e vulnerável: “Dentro desta infeliz dinâmica, o sujeito negro torna-se não apenas a/o ‘Outra/o’ – o diferente, em relação ao qual o ‘eu’ da pessoa branca é medido, mas também ‘Outridade’ – personificação de aspectos repressores do ‘eu’ do sujeito branco” (KILOMBA, 2019, p. 37-38). Neste estudo o território não se resume à um espaço geográfico, o corpo-território em África e em diáspora se semeia histórias e produz conhecimento e cultura em movimento, o território não é fixo: “o território do corpo negro concretiza-se através de possibilidades de contexto e abre-se à aventura do contato e da



transformação.” (DANTAS,2018, p.189). E, logo, a filosofia africana existe a partir desse corpo e seus movimentos que se inscrevem como território, a partir da “deriva”, “do entre-lugar”: “O corpo ancestral é a reunião desta filosofia, desta cultura bem como o resultado desse movimento de contatos e conflitos que se deram e se dá na esfera social, política, religiosa e corporal” (OLIVEIRA,2007,p.101).

### **Palavras-Chave**

Filosofia Africana. Corpo Negro. Encruzilhada.



## O METABOLISMO DO CAPITAL E A HIERARQUIZAÇÃO DOS CORPOS

Márcia Dos Santos Fontes

[ms-fontes@bol.com.br](mailto:ms-fontes@bol.com.br)

### Resumo

É possível afirmar, com base na análise marxiana acerca das determinações metabólicas do capital, uma hierarquização dos corpos produzida e reproduzida por esse metabolismo ou, ao contrário, enquanto um poder impessoal, sua compulsão é cega e indiferente em relação às especificidades dos corpos reduzidos a valores de uso? É possível encontrar na ampla tradição de estudiosos e estudiosas marxistas posicionamentos a partir de um e de outro lado dessa questão. Isto é, teóricos que enfatizam a especificidade da forma abstrata, impessoal e estrutural do capital como uma dominação universal da forma valor à qual todas as pessoas estão sujeitas. Portanto, um poder que transcende diferenças de classe e mais ainda diferenças intraclasse. No contraponto, teóricos e teóricas que aprofundam e especificam, por meio da teoria do valor, lugares, posições, atribuições a que diferentes agrupamentos de corpos estão socioeconomicamente destinados dentro das dimensões de uma divisão internacional, racial e sexual do trabalho, demonstrando como as diferentes opressões podem ter sua unidade identificada no modo de operacionalização do capital. Buscaremos analisar tal questão a partir de três vias: 1º) O advento histórico do capital conforme identificado por Marx no processo, sem precedentes, da cisão corpo-terra, ou seja, da separação entre uma ampla quantidade de indivíduos das condições objetivas para sua reprodução, a partir dos cercamentos e colonizações, conforme sistematizado no Livro I d'O Capital; 2º) O contraste entre a indiferença do capital em relação aos valores de uso no âmbito da circulação (uma vez que toda mercadoria é forma fenomênica do valor) e a não indiferença em relação aos valores de uso no âmbito da produção, onde os aspectos materiais, qualitativos que formam as partes do corpo de trabalho do capital, incidem no cálculo e no tempo de produção e reprodução, e como este contraste se reflete no valor de uso específico que é a força de trabalho humana (tempo de estudo, habilidades, destrezas, especialidades etc.); 3º) As funções que as hierarquizações de corpos exercem no organismo estruturante do capital. Nossa análise terá como base a obra de Marx, ampliando-a, todavia, por meio





das confluências das obras de Silvia Federici (2017), Heleieth Saffioti (2013) e Lélia Gonzalez (2018), no intuito de demonstrar como as hierarquizações de corpos mantêm relações dialéticas com as determinações essenciais do modo de produção que as produz e/ou as redefine.

### Palavras-Chave

Marx. Corpo. Capital.



## O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E O TRABALHO FEMININO NO BRASIL

Domitila Moaris Sana  
[domitilams@gmail.com](mailto:domitilams@gmail.com)

### Resumo

Pretende-se com este texto abordar como o surgimento modo de produção capitalista potencializou as opressões de raça e gênero, criou formas específicas de relações entre as diferentes classes sociais e as implicações destas opressões no tocante ao trabalho feminino. Segundo Silvia Federici, o processo de acumulação primitiva se iniciou na Europa no século XVI e foi pautado na tríade exploração de terras, colonialismo e remodelamento do sexismo. As classes dominantes, num processo de contrarrevolução, efetuaram concomitantemente a privatização de terras e a expulsão dos camponeses delas; a dominação de povos a serem explorados (captura de povos da África e opressão dos povos indígenas nas Américas) e, o cercamento do corpo das mulheres por intermédio de uma grande caça às bruxas. Durante esta campanha de degradação, as mulheres foram então submetidas a uma nova divisão sexual do trabalho: os corpos das mulheres passaram a ser destinados aos serviços de cuidados e reprodução de novas gerações de força de trabalho. Embora a opressão de gênero e a inferiorização da mulher não tenham sido concebidas pelo capitalismo, este ampliou as opressões, que perduram até os dias atuais. Neste contexto é que a socióloga Heleith Saffioti advoga a tese de que “o modo de produção capitalista alija a força de trabalho do mercado, especialmente a feminina” (SAFFIOTI, 2011, p. 1530), sendo as mulheres são desvalorizadas em dois planos, no superestrutural, diante da subvalorização de suas capacidades (mística da inferioridade feminina) e no plano estrutural, ao serem situadas periféricamente no sistema de produção (funções subalternas, trabalhos precarizados, trabalhos que são extensão dos trabalhos reprodutivos). Por fim, a partir das pesquisas empíricas constantes do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM 2024), elaborado pelo Ministério das Mulheres e Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, serão tecidas discussões a fim de demonstrar que a tese de Saffioti, cunhada no final da década de 1960, permanece atual. E que também o modo de produção capitalista aprofunda as opressões de gênero, raça e classe tal como

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



percebem ambas autoras, Saffioti e Federici. Como referências teóricas principais foram utilizadas as obras: *A mulher na sociedade de classes* e *O poder do macho*, de Heleith Saffioti e *O calibã e a bruxa*, de Silvia Federici.

## Palavras-Chave

Capitalismo. Gênero. Trabalho Feminino.



## O PAPEL DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DO CAPITALISMO

Julian Samacá Pulido

[juliansto@gmail.com](mailto:juliansto@gmail.com)

### Resumo

No contexto da modernidade, o papel da mulher passou por mudanças significativas ao longo do tempo. Historicamente e desde os primórdios, as mulheres foram excluídas do pensamento do capital, tornaram-se parte fundamental do sistema de produção, sendo relegadas aos papéis maternos e reprodutivos, também ao cuidado e ao serviço aos homens e à família, sob parâmetros moralistas e de bom comportamento institucionalizados e patrocinados pelo Estado e executados pela igreja em nome da fé, que tenta extinguir todas as vozes e movimentos de revolução que as mulheres (movimentos feministas) poderiam empreender. Surge então a chamada caça às bruxas. O texto tem como objetivo destacar o papel das mulheres na mudança do feudalismo para o capitalismo por meio das principais obras de Helen Saffiotti, Silvia Federicci e outras autoras feministas. É importante mostrar como a produção capitalista perseguiu, condenou e assassinou muitas mulheres. Alcançando a opressão em relação à classe, raça e gênero; destaca que dentro dessa historicidade ao longo da construção da sociedade moderna, a caça às bruxas, a escravidão, a maternidade e o casamento foram estabelecidos para o controle e a base fundamental do capital, que deu origem, entre outras coisas, à divisão sexual do trabalho e a outras opressões, como o racismo, o patriarcado, o machismo, a violência de gênero, entre outras.

### Palavras-Chave

Capitalismo. Gênero. Bruxas-mulheres.



## O QUE SIGNIFICA TER UMA CONSCIÊNCIA MESTIZA NO PAÍS DA FALSA DEMOCRACIA RACIAL?

Annelise Schwarcz  
[schwarczanne@gmail.com](mailto:schwarczanne@gmail.com)

### Resumo

Gloria Anzaldúa – autora chicana e queer, criada no Texas, fronteira entre o México e os E.U.A. – propõe uma consciência mestiza: uma consciência marcada por uma síntese impossível entre referenciais distintos. Filha de mãe mexicana indígena e pai espanhol; indígena mexicana para os anglos, mas estadunidense entre os mexicanos. É a partir da identidade fraturada e da paisagem recortada por fronteiras que se insere a produção de Anzaldúa. A qualidade mestiça, enquanto mera condição biológica ou aparência física, dá lugar a uma nova epistemologia: uma consciência mestiza que recusa binarismos e opera a partir de conflitos, acolhendo as contradições e habitando os entrelugares das categorias que norteiam os debates de raça, gênero, sexualidades e classes. Me interessa importar seu conceito e avaliar o que significa ter uma consciência mestiza no país da falsa democracia racial. Uma vez que a miscigenação no Brasil, quando não à base de estupros, ocorreu muitas vezes sob a ideologia de embranquecimento, o termo “mestiça” é frequentemente associado a violências físicas e psicológicas deixadas pela herança colonial. Quem discursa muito bem sobre o tema é a contemporânea de Anzaldúa, Lélia Gonzalez – pensadora brasileira, ativista feminista e antirracista e fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU). Gonzalez explica que a incorporação de tal ideologia à subjetividade hegemônica teve como consequência a construção de um entrave para a mobilização dos movimentos relacionados às minorias raciais, uma vez que muitos indivíduos pertencentes aos grupos não-brancos não se identificam como homens e mulheres marcados como racializados, assim como muitas pessoas não reconhecem o racismo em seus atos e nem conseguem falar sobre o racismo no Brasil, a não ser pela via de sua negação (“não existe racismo no Brasil”). Disso decorre o que Gonzalez denomina “neurose cultural brasileira”: o negar-se negro, mas conter em sua origem a presença da negritude. O desafio que se impõe é a conquista da consciência racial, mas é justamente a figura do mestiço, no Brasil, que é associada à falta de consciência racial. Diante do racismo à

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



brasileira – disfarçado pela denegação e cordialidade –, como se reconhecer como racializada/o ou discriminada/o e se insurgir contra o racismo? Como combater um mecanismo introjetado e maquiado pelo véu da falsa democracia racial? E, para além da macropolítica, como podemos abordar a questão do sujeito que ocupa o limiar entre raças, hoje, no Brasil?

## Palavras-Chave

Consciência Mestiza. Gloria Anzaldúa. Lélia Gonzalez.



## O RELATAR A SI MESMO COMO PRÁTICA DECOLONIAL: MULHERES FORA DE QUADRO

Taís Souza Sales De Lima

[taissslima@gmail.com](mailto:taissslima@gmail.com)

Daniele Lemos Moreira

[danidelemos\\_sociologia@outlook.com](mailto:danidelemos_sociologia@outlook.com)

### Resumo

O paradigma da decolonialidade nos interpela a pensar e repensar os aspectos tradicionais da produção ocidental do conhecimento, lançando luz a discursos – que pautados nessa matriz vigente – assumiram estatuto de verdade. Esses discursos, por sua vez, produzem ontologicamente os sujeitos, invisibilizando as margens historicamente condicionadas por dinâmicas de poder específicas. Inaugura-se, assim, tanto o sujeito neutro e sem marcas – aquele cuja universalidade balizou até aqui o normativo – quanto o sujeito marcado pela anormalidade ou pela abjeção. É neste sentido que nós, mulheres marcadas, interseccionadas pela racialização e pela patologização dos nossos corpos, objetivamos nesse artigo, especialmente a partir das reflexões da filósofa Judith Butler, refletir sobre o “relatar a si mesmo” como uma nova forma de produzir conhecimento que tensione os limites tradicionais entre sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, normalidade e anormalidade. Convocamos assim os nossos corpos, experiências e trajetórias como ponto de partida não só para pensar outra possibilidade epistemológica, mas, especialmente, pensá-la e expô-la como uma questão intrinsecamente ética e política.

### Palavras-Chave

Decolonialidade. Gênero. Corpo.



## O TEMA DA COOPERAÇÃO ENTRE BUTLER E FEDERICI

Raffaella Limone

[raffaelladianalimone@gmail.com](mailto:raffaelladianalimone@gmail.com)

### Resumo

No *Corpos em aliança* e a política das ruas, Judith Butler aborda o tema do encontro dos corpos físicos no espaço público, afirmando de modo geral que sua dimensão expressiva e emocional, no espaço público, não pode ser reduzida à mera linguagem, pois são eles mesmos corpos, ainda que mudos, falantes e questionadores, se reunidos no espaço público. O texto torna-se então uma oportunidade para a autora chamar a atenção de todos para o problema da precariedade e da vulnerabilidade como um problema intrinsecamente ligado ao corpo. Isso ocorre porque em nossa vulnerabilidade individual e social cada “eu”, para Butler, pode discernir uma sensação de precariedade que está realmente implicada em um mundo social e econômico mais amplo. Para Butler, a questão só pode ser resolvida através do reconhecimento da necessidade na liberdade, da dependência na esfera da independência e, portanto, do reconhecimento de nossa vulnerabilidade mesmo quando pensamos que estamos vivendo uma vida livre da simples satisfação da necessidade. A vulnerabilidade e precariedade de nossos corpos deve, portanto, ser entendida como transversal a toda a esfera social e o denominador comum será justamente o corpo em relação à esfera social. Para Butler, portanto, o momento do público não é a possibilidade de alcançar o oposto da precariedade (portanto, alcançar a segurança), mas é o momento em que se realiza a união/aliança de muitas precariedades e vulnerabilidades, e o reconhecimento de sua interligação. As vulnerabilidades que compartilhamos, diz Judith Butler, então, são a base dos laços sociais que podem gerar uma verdadeira união entre os corpos. Ser vulnerável significa, portanto, estar aberto ao mundo social. Para além de uma visão puramente operáista feminista de Silvia Federici, o que podemos imaginar do ponto de vista filosófico é inerente ao horizonte de valores que podem ser construídos e imaginados contra a captura da nossa capacidade de cooperar e criar pontos em comum. Além da prática revolucionária, é possível pensar com Butler que uma aliança desta classe subalterna híbrida contemporânea só ocorrerá através do reconhecimento mútuo da





nossa humanidade, distante das técnicas e tecnologias do conhecimento. Partindo destas premissas proponho desenvolver uma comparação sobre o tema da cooperação entre Butler e Federici.

### **Palavras-Chave**

Cooperação. Butler. Federici.



## OBJEÇÕES DE BUTLER À PROPOSTA DE MACKINNON PARA A REGULAÇÃO DO ASSÉDIO SEXUAL

Rafaela Dos Santos Oliveira

[rafaelaoliveira@usp.br](mailto:rafaelaoliveira@usp.br)

### Resumo

No segundo capítulo de *Desfazendo Gênero* (2004) Judith Butler aborda as regulações de gênero, normas sociais que delineiam comportamentos e identidades de acordo com categorias binárias de gênero. Nesse contexto, Butler critica a análise de Catharine MacKinnon sobre o fenômeno do assédio sexual, enquanto ato de dominação sexual que constituiria o significado social de ser um homem determinando a condição de subordinação coercitiva que constituiria o significado social de ser uma mulher. Butler contesta esse determinismo rígido, que assimila qualquer expressão da sexualidade a posições rígidas de dominação e subordinação e tais posições à construção das categorias binárias de homem e mulher. Butler aponta que essa conta determinística fornece uma visão totalizante da heterossexualidade e do binarismo de gênero. Alternativamente, Butler propõe que o gênero não só é uma norma reguladora, como também uma norma que se produz a serviço de outros tipos de regulações - como, por exemplo, a da sexualidade. Essas regulações, por sua vez, trazem consigo certas normas tácitas de gênero. O gênero se constitui, entretanto, para além da subordinação sexual. De outra forma, ter um gênero significaria já ter entrado numa dinâmica heterossexual de subordinação, o que nem sempre é o caso. Para Butler, cabe à teoria queer contemporânea separar a sexualidade do gênero, de modo que ter um gênero não pressuponha o engajamento com práticas sexuais determinadas. O gênero não é redutível a uma heterossexualidade hierárquica. O risco que se corre, segundo Butler, ao adotar uma concepção da sexualidade na qual o gênero é o efeito oculto da subordinação heterossexual é o de reforçar as mesmas concepções de gênero e de sexualidade que se deseja questionar. Assim, a regulação que busca meramente coibir o assédio sexual realiza de forma paralela a produção dos mesmos parâmetros de personalidade que pretende combater.

### Palavras-Chave

Assédio sexual, regulações de gênero, Butler.



## OPRESSÕES DE RAÇA, GÊNERO E CLASSE: TEM SOLUÇÃO?

Maria Cristina Longo Cardoso Dias

[crislongo@gmail.com](mailto:crislongo@gmail.com)

### Resumo

Inferiorizações de imensos contingentes populacionais são constantemente produzidas e reproduzidas, no modo de produção capitalista, para o benefício de uma pequena minoria da população. O racismo, como o conhecemos, foi gestado durante o processo de acumulação primitiva de capital com a escravização de povos negros e indígenas como forma de marcar o rebaixamento dessas pessoas, a fim de vulnerabilizá-las para que fossem mais facilmente exploradas. A opressão de gênero foi remodelada, ao longo da formação do modo de produção capitalista, com o processo de caça às bruxas em uma campanha de perseguição de mulheres e homossexuais, a fim de garantir que a reprodução da força de trabalho ocorresse. Por fim, a opressão de classes é o resultado da constante expropriação dos frutos do trabalho de homens e mulheres. Essas e outras formas de opressão são constantemente reproduzidas e se retroalimentam simbioticamente, neste modo de produção, para o privilégio de uma minoria. Autoras como Lélia Gonzalez, Silvia Federici e Alexandra Kollontai apontam algumas saídas para acabar com essas opressões.

### Palavras-Chave

Opressões. Raça. Gênero. Classe. Capitalismo.



## PODEMOS DECOLONIALIZAR A HERANÇA KANTIANA?

Maria Clara Marques Dias

[mcdias1964@gmail.com](mailto:mcdias1964@gmail.com)

### Resumo

O artigo analisa a compreensão de moralidade fornecida por Kant em sua Fundamentação da Metafísica dos Costumes, de forma a examinar sua possível contribuição para uma filosofia crítica do saber de matriz colonial. Para tal, distingue a tentativa kantiana de resgatar a pretensão de validade universal de nossos enunciados morais e os conteúdos universais fixados pela tradição filosófica de matriz colonial, da qual a filosofia kantiana é um dos principais pilares. Em seguida, propõe uma reconstrução do Imperativo Categórico e uma redefinição dos indivíduos aos quais devemos respeito ou consideração moral, capaz de ampliar o escopo da moralidade a todos os seres humanos, animais não humanos e outros sistemas funcionais complexos, tais como o meio-ambiente e obras de arte. Desta forma, o artigo procura suprimir hierarquias que até hoje sustentam a subordinação de diversos indivíduos ou grupos a seres supostamente racionais e livres, cujas características foram naturalizadas e elevadas ao topo de uma hierarquia de saber e poder.

### Palavras-Chave

Decolonialidade. Universalidade. Inclusão.



## POLÍTICAS CORPORAIS EMANCIPATÓRIAS DO FEMINISMO NEGRO FRENTE AO RACISMO GENDERIZADO NO BRASIL

Helena Barriga Mutran Klöppel

[helenamutran@gmail.com](mailto:helenamutran@gmail.com)

Loiane Da Ponte Souza Prado Verbicaro

[loianeverbicaro@uol.com.br](mailto:loianeverbicaro@uol.com.br)

### Resumo

A prática de algumas “políticas corporais” empreendidas pelo feminismo negro, acumuladas a partir de “aprendizagens experienciais”, oriundas de um “conhecimento autodefinido” advindo das vivências das mulheres negras, as quais experienciam de modo diferenciado o racismo genderizado é o escopo principal desta pesquisa. Quando o racismo está entrecruzado com o sexismo há a “produção de efeitos específicos” sobre os corpos das mulheres racializadas como o das mulheres negras: não ocorre apenas uma sobreposição estanque de opressões, mas há uma interação entre as ideologias e as estruturas de dominação (Kilomba, 2019, p. 98-99). Portanto, o estudo das opressões de raça e de gênero são inseparáveis e serão utilizados para analisar não apenas os efeitos deletérios que o racismo genderizado provoca sobre as mulheres negras, mas sobretudo estudar a capacidade de agência e mobilização delas desde o espaço privado ao público, da capacidade de, através da autodefinição, da autorrecuperação e da produção de um discurso sobre si mesmas, suportarem e transcenderem os limites das opressões interseccionais como as de raça e gênero, encontrando no coletivo forças para a criação de novas vivências opostas à objetificação como “mulas do mundo”. Criam assim, “novas ontologias corporais e do eu” (Hooks, 2019, p. 23-24), transcendendo o lugar de vítimas e sobreviventes para ocuparem o lugar de ativistas criadoras de novas imagens coletivas sobre a história presente das mulheres negras (Hill Collins, 2019, p. 181-182), formando uma “consciência coletiva e autodefinida das mulheres negras” (Hill Collins, 2019, p. 181) bem como gestam políticas corporais de resistência eficientes na luta contra o poder assujeitador, inovando com alternativas de resistência ao poder no lugar do aprisionamento do corpo à sujeição racista-sexista. Metodologicamente, a pesquisa é



de natureza exploratória e de cunho bibliográfico, baseada nas obras de Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, bell hooks, Patricia Hill Collins, Neusa Santos Souza, Silvia Federici, dentre outros teóricos, priorizando autoras negras justamente porque vivem o que teorizam. Objetiva-se assim costurar teorias que pensem a raça, o gênero e os corpos das mulheres negras dentro de uma sociedade estruturada em sistemas múltiplos de opressão como o do racismo genderizado, os seus efeitos e políticas corporais de resistência específicos produzidos pelas mulheres negras coletivamente articuladas.

### **Palavras-Chave**

Políticas Corporais. Feminismo Negro. Resistência.



## POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DOS DOCUMENTOS DO ENSINO PARA A ELABORAÇÃO DE UM CURRÍCULO DECOLONIAL

Karoline Torres Ferreira Sabry Monroe

[karoltorresufc@gmail.com](mailto:karoltorresufc@gmail.com)

Débora Dos Santos Góis Gondim

[goisdebora@gmail.com](mailto:goisdebora@gmail.com)

### Resumo

O texto que se anuncia apresenta uma proposta de análise sobre as possíveis contribuições das prescrições apontadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) para a construção de um currículo de ensino que possua uma proposta decolonial. Nossa pesquisa deseja elencar exemplos de prescrições presentes nos documentos norteadores do ensino brasileiro, que colaboram para a construção de um currículo do ensino antirracista, emancipador e decolonial a partir do conceito de texto, visto que a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo e pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são um simulacro. Como referencial teórico, utilizaremos os conceitos de trabalho prescrito do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2006), corroborando com a concepção de pluralidade humana da filósofa política Hannah Arendt (2020) correlacionando com a tese do Pacto de branquitude de Cida Bento (2022) aliados com a concepção de texto proposta pela Linguística Textual (ADAM, 2019, BAKHTHIN, 1997, AMOSSY, 2017 CAVALCANTE, 2016). Como processo metodológico, foi realizada uma análise documental compilando as contribuições do documento e estabelecendo uma breve análise à luz dos conceitos propostos. Nossa compreensão sugere que essas orientações são essenciais para a mudança esperada na educação brasileira e na práxis do professor do ensino básico dos Ensino Fundamental Anos Finais.

### Palavras-Chave

Ensino. Documentos. Decolonialidade. Educação.



## PRECARIEDADE, INTERDEPENDÊNCIA E VÍNCULO ÉTICO-POLÍTICO A PARTIR DO PENSAMENTO DE JUDITH BUTLER

Arlindo Américo Tavares Martins Júnior

[arlindomartinsjunior@gmail.com](mailto:arlindomartinsjunior@gmail.com)

### Resumo

No transcorrer do trabalho filosófico de Judith Butler seu entendimento sobre a precariedade tem tido uma elementaridade substancial: é a partir dela que existimos no mundo e é através de sua indução desigual que determinados corpos são condicionados a tipos específicos de violências sistêmicas e institucionais. Nesse sentido é que a autora aponta que a precariedade é uma rubrica que une mulheres, pessoas trans, queers, racializadas, migrantes, refugiadas, com habilidades diferenciadas e/ou em vulnerabilidade econômica a outros grupos sociais e formas de vida que apresentam dissonância à universalidade do sujeito individualista do heterocis-patriarcado - que sustenta o Neoliberalismo enquanto sistema de reconhecimento de “vidas vivíveis” em detrimento a “vidas matáveis”. A análise da precariedade enquanto condição que une os viventes pode ser compreendida ainda como ponto de partida para o que Butler sintetiza como interdependência: estamos constantemente interligados uns aos outros. E fundamentalmente precisamos estar para que sobrevivamos e para que tenhamos a possibilidade da pervivência. O vínculo ético-político se constitui, então, como um acontecimento pré-contratual, mesmo que o próprio contrato, por vezes, não o reconheça. As questões “como devo viver?” e “como podemos viver juntos?”, igualmente, estão imbricadas. Por conseguinte, este ensaio sistematiza as elucubrações butlerianas para os conceitos enunciados e analisa os seus entrelaçamentos nos textos mais recentes sobre o tema publicados pela autora - desde *Vida Precária: os poderes do luto e da violência* (2004) até *A força da não Violência: um vínculo ético-político* (2020).

### Palavras-Chave

Precariedade. Interdependência. Judith Butler.





## PROTAGONISMO DAS MULHERES ATENAS MARANHENSES NO ENSINO SUPERIOR DE FILOSOFIA

Isabel Cristina Costa Freire

[filocoruja@yahoo.com.br](mailto:filocoruja@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente artigo investiga acerca de MULHERES ATENAS MARANHENSES: trajetória das mulheres na Filosofia e memórias das primeiras professoras do Departamento de Filosofia da UFMA. Pesquisa vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Mulher e Relações de Gênero (GEMGE), cujo objetivo foi analisar a atuação e os desafios das primeiras professoras do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão neste espaço, por meio de suas narrativas, destacando seu protagonismo e possíveis contribuições no referido espaço. Teve como objetivos específicos: revelar o percurso das mulheres na História da Filosofia, bem como os discursos. O percurso da pesquisa foi pensado e construído reproduzidos sobre elas; reconhecer a presença e a participação da mulher no Ensino Superior brasileiro, com destaque para o Curso de Filosofia da UFMA; identificar a presença feminina no corpo docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, no ano de sua criação, 1979, buscando compreender como se configurou este ingresso; e descrever as memórias de mulheres professoras de Filosofia e os desafios por elas vivenciados no decorrer de suas profissionalizações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo. Realizou-se entrevista semiestruturada com seis docentes, registrando-se as narrativas com os pressupostos da História Oral de sua atuação no exercício de magistério. Dentre outros autores, este estudo fundamenta-se em: Chartier (2010), Le Goff (1996), Motta (2003), Menezes (2002), Nunes (2000), Pacheco (2016), Perrot (2005), Rosa (2012). Por meio das categorias: Mulher na Filosofia, Memória, Docência e Gênero, percebeu-se a trajetória das mulheres na Filosofia, bem como a atuação das primeiras professoras do Departamento de Filosofia da UFMA, calcada nas compreensões diferenciadas dessas docentes quanto à condição de ser mulher no exercício da profissão, em um espaço majoritariamente masculino. Também foram observadas as diferenças nas vozes epistêmicas, devido a suas origens sociais e razões para a escolha da profissão, que

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



impulsionaram o protagonismo delas nos variados contextos do Ensino Superior. Elas venceram os desafios nas relações de gênero, foram entusiastas no exercício de sua profissão e buscaram qualificar-se para melhor desempenho na docência, utilizando os diálogos investigativo, nas reuniões e na organização de eventos acadêmicos.

## Palavras-Chave

Mulher na Filosofia. Memória. Docência. Gênero.



## REFLEXÕES SOBRE A DIVISÃO RACIAL E SEXUAL DO TRABALHO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NO BRASIL

Isabela Alline Oliveira  
[isabelaalline96@gmail.com](mailto:isabelaalline96@gmail.com)

### Resumo

A antinomia capital-trabalho como forma permanente de organização da produção de mercadorias baseia-se num conjunto complexo de relações que se estende pelo tecido social. Para organizar a produção social da riqueza e regular sua distribuição desigual, o capitalismo opera a partir da divisão social do trabalho. Do ponto de vista da esfera de circulação de mercadorias, essa divisão explica como são atribuídas as funções entre indivíduos de uma sociedade. No capitalismo em expansão toda força de trabalho é imprescindível, como também toda redução de custos é uma forma de maximizar a produção de mais valor. Por isso, desde o surgimento do capitalismo é possível perceber uma ampliação da força de trabalho assalariada na Europa, concomitante à restrição das mulheres à esfera dos trabalhos reprodutivos e da subjugação de comunidades inteiras ao trabalho escravo, em diferentes partes do mundo, especialmente na colonização das Américas. O capitalismo vale-se da hierarquização dos trabalhadores para produção de mais-valor, isso explica porque o capitalismo atrelou-se de forma simbiótica ao sexismo e ao racismo desde a acumulação primitiva. No âmbito da troca de mercadorias, há lugares sociais de trabalho que vão se delimitar por uma hierarquização baseada em critérios de classe, raça, gênero e etnicidade. Por isso, Lélia Gonzalez vai dizer de uma divisão racial e sexual do trabalho na sociedade brasileira em que às pessoas negras são fixados os piores postos de trabalho, as piores remunerações, o desemprego e o encarceramento. Do ponto de vista ideológico, o racismo e o sexismo explicam a genealogia de privilégios como transferência de capital econômico, social, cultural e político. Neste trabalho pretende-se elencar alguns argumentos acerca da divisão racial, sexual e étnica como forma social da divisão do trabalho, para refletir as desigualdades na pós-graduação em filosofia no Brasil. Como referências teóricas principais, citamos: Primavera para Rosas Negras, de Lélia Gonzalez; Raça, Nação, Classe: as identidades ambíguas, de Etienne Balibar e Immanuel Wallerstein; e a Mulher na Sociedade de Classes, de Heleieth Saffioti. Este

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



trabalho tem subsídio na análise de dados sobre gênero e raça nas teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação brasileiros de 1987 a 2021. Para isso, construímos um painel na ferramenta Looker Studio, utilizando informações diretamente extraídas da plataforma de dados abertos da CAPES.

## Palavras-Chave

Racismo. Sexismo. Filosofia



## REVISITANDO O CONCEITO DE GÊNERO PELO VIÉS DA HETERONORMATIVIDADE

Juliana Ortégosa Aggio

[juortegosa.aggio@gmail.com](mailto:juortegosa.aggio@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo revisar o conceito de gênero a partir da crítica feminista lésbica ao feminismo hegemônico da chamada segunda onda, que desconsiderou a heterossexualidade como um problema, o que reflete precisamente a sua força e seu caráter compulsório. Diante dessa desconsideração do elemento da heterossexualidade para pensar o gênero mulher e o apagamento da existência lésbica, as feministas lésbicas fazem com que o feminismo se reveja a partir da seguinte pergunta: para se tornar mulher é preciso se tornar hétera? A resposta a essa pergunta traz dois elementos inovadores e incontornáveis pelo feminismo lésbico: (i) a determinação do gênero mulher pela heterossexualidade compulsória, e (ii) a existência lésbica como resistência a ser valorizada como uma estratégia de libertação de todas as mulheres. Para tanto, pretendo expor o argumento central de que a heterossexualidade é compulsória na medida em que não se reduz a uma mera prática sexual, mas deve ser compreendida enquanto instituição social, política e econômica, segundo Adrienne Rich, regime político que institui um modo hegemônico de pensar, segundo Monique Wittig, sistema sexo/gênero para Gayle Rubin, e padrão normatizante que determina o binarismo de gênero, segundo Judith Butler. Por fim, fica a pergunta sobre a possibilidade de superação da opressão de gênero: ou bem apostamos numa sociedade sem gênero, como o fez Wittig e Rubin, ou com múltiplos gêneros, como propõe Butler. Cabe ainda refletirmos se ao feminismo lésbico faltou considerar a heterossexualidade como sendo estruturada no poder colonial e suas implicações a partir dessa leitura do feminismo decolonial.

### Palavras-Chave

Feminismo Lésbico. Gênero. Heterossexualidade.



## TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL E INTERSECCIONALIDADE: CONVERGÊNCIAS E CISÕES

Letícia Carvalho Dos Santos  
[leticia22741santos@gmail.com](mailto:leticia22741santos@gmail.com)

### Resumo

O século XXI foi palco para a popularização do debate em torno da noção de interseccionalidade. Seja na especificidade do ambiente acadêmico ou além deste, esse conceito se consolidou quase como sinônimo da abordagem analítica que compreende o aspecto relacional e mutuamente determinado entre as dimensões de gênero, raça, classe, nacionalidade, dentre outras. Nesse sentido, apresenta-se a interseccionalidade como contribuição relevante aos estudos feministas, espaço no qual passou a representar uma mudança de paradigma metodológico e teórico — e, sobretudo, a ideia radical de que “o sujeito” do feminismo é, na verdade, “os sujeitos”. Não obstante tamanha difusão do conceito, vêm-se desenvolvendo uma gama de teorias paralelas que também fornecem ferramentas analíticas para pensar a questão das opressões (e como essas se relacionam com a exploração capitalista). Uma delas é a Teoria da Reprodução Social (TRS) que, tendo se desenvolvido a partir da síntese entre marxismo e feminismo, propõe uma teoria unitária como método de acepção da totalidade social, partindo da relação capital/gênero, para negar a então suposta dicotomia entre estas categorias. O que nasce do encontro entre essas duas correntes do pensamento feminista? Algumas teóricas da TRS, como Cinzia Arruza, propõem uma leitura crítica do potencial explicativo da interseccionalidade, enquanto outras, a exemplo de Susan Ferguson, tentam construir uma leitura integrativa das duas matrizes. Afinal, há sentido e objetivo para tal integração teórica? Essa é a questão que permeia e motiva este trabalho.

### Palavras-Chave

Teoria da Reprodução Social. Interseccionalidade.



## UMA FILOSOFIA ESTÉTICA DO SAMBA A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DO UBUNTU NA OBRA DE MOGOBE RAMOSE

Janaína Souza De Queiroz

[jana.sq@gmail.com](mailto:jana.sq@gmail.com)

Ericson Savio Falabretti

[ericson.falabretti@pucpr.br](mailto:ericson.falabretti@pucpr.br)

### Resumo

A presente proposta de estudo tem como base reflexiva a pesquisa do filósofo sul-africano Mogobe Ramose sobre o conceito de ubuntu, pressuposto ontológico do mundo da vida nas culturas africanas (RAMOSE, 2005, p.30), com o intuito de reunir subsídios para uma estética do samba – estética essa que, hipótese nossa, é uma síntese, uma expressão dialética da diáspora afrobrasileira em diferentes instâncias, sejam elas musicais, comunitárias, intelectuais. A ontologia e epistemologia ubuntu, do ser-sendo em totalidade e unidade direcionadas ao descobrimento, formulada pelos povos bantu, implica em desdobramentos em todas as faces da vida e permite o estudo de infinitos temas a partir dessa compreensão de mundo. Mogobe Ramose descreve o ubuntu como a base da filosofia africana. O autor também argumenta que a árvore do conhecimento africano surge do ubuntu e é conectada a ele, a compreensão do ser e existir, ou seja, da onto-logia ubu-ntu, perpassaria a compreensão de saberes produzidos pelos povos africanos, no continente e fora dele. Na introdução do livro “African philosophy through Ubuntu”, Mogobe Ramose argumenta que “estamos apresentando a filosofia africana desde dentro”, e que “cada capítulo é uma proposta de desenvolvimento temático com base no ubuntu”. A seguir, porém, Ramose reconhece, que “estamos cientes que a ausência de um capítulo sobre arte é uma omissão compreensível”, mas não imprescindível (RAMOSE, 2005, p. 4, tradução nossa). O filósofo reconhece, portanto, a importância de um aprofundamento do tema da estética ubuntu. Embora não tenha realizado essa tarefa, Ramose estimula a que alguém o faça. A oportunidade de reflexão sobre uma estética ubuntu, trazida pelo texto, se alia a curiosidade da autora deste excerto acerca do que poderia ser entendido como uma filosofia do samba. Haveria algo presente no samba, seja ele canção, pagode,

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



reggae, jazz, partido alto, duro ou de roda que conecte essa elaboração estética do povo negro na diáspora brasileira com a sabedoria ancestral presente na árvore do conhecimento africano? Poderia, por exemplo, a clave, o ritmo raiz, o padrão percussivo base, ser materialização sonora do ubuntu, ser água que alimenta a árvore do samba com um contínuo de valores africanos ancestrais?

## Palavras-Chave

Ubuntu. Estética. Samba. Mogobe Ramose.





## UMA RAZÃO PARA O GÊNERO

Luís Fernando Crespo

[crespo.lf@gmail.com](mailto:crespo.lf@gmail.com)

### Resumo

Para além do discurso de gênero desenvolvido por teorias filosófico-sociológicas, que, ainda que não restritivas, repousam no discurso racional de modelo científico, importa também a tentativa de abarcar a vivência da própria pessoa. Em períodos anteriores, o raciocínio binário estabelecia apenas as categorias “homem” e “mulher” como suficientes para falar do ser humano; atualmente, tal ideia se expande em possibilidades outras, como “cis” e “trans” gêneros, como formas de se estar no mundo (sem se dimensionar as diferentes formas de tratar a sexualidade e a orientação sexual). Porém, ainda é notório o destaque em categorizações que não têm como deixar de ser estanques em suas definições, como se fossem mônadas e a vivência pessoal pudesse ser entendida como um tipo de homogeneidade interior. No entanto, assumindo-se a vivência interna de gênero e orientação sexual como uma intuição que a pessoa tem de si, vê-se manifestar uma interioridade que, ao invés de homogênea, é plena heterogeneidade, segundo Henri Bergson. A pergunta que resta e dirige essa proposta é: qual racionalidade é mais adequada para se falar desse âmbito de problemas, buscando-se chegar à vivência pessoal? As diferentes teorias que buscam abordar o conjunto de questões relacionadas à problemática de gênero se deparam com um objeto relativamente novo, enquanto conhecimento filosófico, já que não se constituía como objeto em outros momentos; mas a vivência não é nova, pois a pessoa sempre soube de si. Questiona-se, aqui, o alcance da razão poética diante da necessidade de tocar as questões existenciais da pessoa. Lançamos mão de duas críticas ao modelo de razão: uma, a partir de Martin Heidegger (1889-1976), e outra, de María Zambrano (1904-1991) que, de maneira geral, entendem que o modelo de racionalidade assumido como próprio ao filosofar foi restritivo, porém, de modos diversos: enquanto Heidegger afirma que o desvio na busca pelo ser se deu quando a metafísica se perdeu na multiplicidade dos entes, Zambrano entende que a filosofia perdeu a verdade do mundo, justamente, por não considerar a multiplicidade, objetivando alcançar uma unidade que, segundo ela, implica um tipo de violência sobre o real. O pensamento de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



Henri Bergson (1859-1941) serve como suporte teórico para pensar a intuição que a pessoa tem de si, e o de Paul Beatriz Preciado (1970-) auxilia-nos na compreensão da violência do modelo racional tradicional quando se volta para o objeto “gênero” e suas respectivas questões.

## Palavras-Chave

Gênero. Intuição Racional. Razão Poética.



## VOZ, CORPO E PERFORMATIVIDADE: POR UMA SUBVERSÃO ESTÉTICA ÀS DINÂMICAS DE SUJEIÇÃO

Bruna Rodrigues Dias Testi

[bruna.testi@gmail.com](mailto:bruna.testi@gmail.com)

### Resumo

A presente proposta de comunicação dedica-se à apresentação da noção de performatividade de identidades, na sua aproximação e afastamento do conceito de performance, no sentido teatral, e também à investigação de como podemos ensaiar performances outras, capazes de subverter a normatividade estruturante. Por meio de articulações entre a teoria queer de Judith Butler com as teóricas da performance Erika Fischer-Lichte e Leda Maria Martins, pretendo investigar em que sentido podemos fazer de performances cênicas e dos ritos sociais um ponto de partida para pensarmos estratégias subversivas às dinâmicas de sujeição que determinam e orientam a formação das identidades. Para isso, adotarei como objeto estético a performance da dramaturga belorizontina Grace Passô, “Vaga Carne”, buscando acessar, a partir dos dispositivos cênicos da obra, as possibilidades de superação de uma estruturação subjetiva e retroalimentada performaticamente. Na peça de Grace, há uma voz protagonista e o corpo da atriz é apresentado inicialmente como cenário. Em seu livro “Estética do Performativo”, Fischer-Lichte argumenta a favor do uso da voz como dispositivo capaz de apontar para a contradição existente no próprio processo de significação da realidade, visto que a voz já é linguagem, sem antes ter de ser significante. Nesse mesmo sentido, a autora demonstra como a virada performativa teatral, com a body-art, colocou o corpo em evidência, assim como privilegiou as dissidências à norma estruturante em detrimento da sustentação de uma construção simbólica de ficção. Enquanto Leda Maria Martins argumenta que o corpo é, por excelência, o local da memória, e resgata, por meio de rituais de povos originários, as possibilidades subversivas na própria experiência corpórea. Butler, por sua vez, ao propor a investigação dos processos de performatividade das identidades, pretende sobretudo orientar um redirecionamento de perspectiva para o interior das mesmas, em contraposição ao gesto de investigar as dinâmicas sociais que orientam a tal performatividade, como se o corpo, que se forma por essa dinâmica, fosse uma folha

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



em branco ou pudesse ser lido como dissociado do seu próprio processo de elaboração. Ao assumir a força e potência que partem do próprio corpo que performa a identidade e sobretudo entendê-lo a partir da sua atividade e materialidade, passamos a pensar epistemologias outras e a buscar acessar no próprio processo que inaugura a identidade a possibilidade de sua superação.

## Palavras-Chave

Performance. Feminismo. Gênero. Raça.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT ROUSSEAU E O ILUMINISMO



## A DEMONSTRABILIDADE DA MORAL E A INTOLERÂNCIA AOS ATEUS EM JOHN LOCKE

Felipe Matos Lima Melo  
[felipemelounb@gmail.com](mailto:felipemelounb@gmail.com)

### Resumo

Em *A Crise da Consciência Europeia* (1948), Paul Hazard sustenta que muitas das ideias iluministas já estavam presentes em alguns pensadores que publicaram suas principais obras no final do século XVII, como Espinosa, Pierre Bayle e John Locke. Tomando como pano de fundo as contribuições de Locke para pensar os potenciais da razão humana na construção de um acordo entre os seres humanos em relação às questões morais, o objetivo do presente artigo é reconstruir os pressupostos da tese lockeana da demonstrabilidade da moral no *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. Essa questão se torna patente quando consideramos a proscrição dos ateus da sociedade política na *Carta sobre a Tolerância*. Ao sustentar que “os que negam a existência de Deus não devem ser de modo algum tolerados”, Locke apresenta, além de um argumento religioso, um argumento político. Para ele, o ateísmo solaparia as promessas, pactos e juramentos, que são “os vínculos da sociedade humana”. Uma vez que o filósofo britânico defende, em seu *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, que a existência de Deus é passível de um conhecimento demonstrativo e que Deus é o fundamento da verdadeira moral, o ateísmo torna-se sinônimo de irracionalismo e de imoralidade. Por outro lado, como ressalta Silva (2018; 2022), é necessário reconhecer que, na mesma obra, ao negar a existência de ideias inatas, inclusive a de Deus, Locke estabelece o ateísmo como uma condição natural da humanidade. Entretanto, ainda segundo Silva, esse “ateísmo antropológico” não implica em amoralidade, uma vez que os relatos de viagem estudados por Locke indicam que os povos ateus não são privados de ideias morais. Essa aparente incongruência de uma relação necessária entre a crença em Deus e a moralidade explica-se pela genealogia das ideias morais desenvolvidas no *Ensaio*, a qual é necessária analisar, se quisermos compreender a base da intolerância aos ateus na filosofia de John Locke e, assim, os fundamentos de um discurso moral compartilhado para o filósofo inglês.

### Palavras-Chave

Ateísmo. John Locke. Moralidade.



## A DESCOBERTA AUSTRAL DE RÉTIF DE LA BRETONNE: ENTRE O ANTICOLONIALISMO E O IMPERIALISMO BENEVOLENTE

Renato Moscateli

[rmoscateli@hotmail.com](mailto:rmoscateli@hotmail.com)

### Resumo

Entre as críticas feitas por autores das Luzes às práticas políticas de sua época, a denúncia dos males do colonialismo ganhou espaço nas obras de autores importantes. Na teoria republicana expressa por Rousseau no “Contrato Social”, por exemplo, encontra-se uma concepção de liberdade política que requer a reciprocidade de direitos e deveres entre aqueles que compõem um Estado legítimo, de modo que a condição livre de uns não seja obtida mediante a submissão de outros, uma tese que, no pensamento do genebrino, também se estende à relação entre os Estados, o que resulta em duras condenações ao “direito de conquista” que supostamente legitimava a dominação imperialista e a escravidão impostas pelos europeus a outros povos. O “Suplemento à viagem de Bougainville”, de Diderot, por sua vez, utiliza o caso dos taitianos, recentemente “descobertos” pelos exploradores da Europa no Oceano Pacífico, para colocar em evidência um contraste crítico entre os costumes deles e os dos franceses, alertando para os inúmeros males que a chegada dos estrangeiros poderia causar nessa comunidade ao colonizá-la e desagregar seu modo de vida. Juntando-se a esses philosophes mais ilustres, Rétif de la Bretonne escreveu um romance que fornece mais elementos para essas censuras ao colonialismo exploratório europeu, mas, ao mesmo tempo, não deixa de levantar questionamentos relevantes sobre o tipo de imperialismo benevolente que propõe em seu lugar. Trata-se de “A descoberta austral por um homem voador”, em que o autor transita entre a narrativa utópica e os primórdios da ficção científica para relatar as aventuras de seu protagonista, Vitorino, cuja invenção das asas artificiais lhe dá a superioridade tecnológica mediante a qual ele consegue obter os recursos necessários à fundação de uma sociedade bem-ordenada, primeiramente em um monte remoto na França, e depois em uma ilha nos mares do hemisfério sul. Ao conduzir suas viagens, Vitorino encontra diversos lugares ainda desconhecidos de seus conterrâneos, habitados por povos exóticos que ele decide abarcar e proteger em seu novo império, sem incorrer



nas mesmas práticas violentas dos europeus, pelo menos em seu anseio manifesto. Assim, o objetivo deste trabalho é tomar a obra de Rétif como fonte para discutir questões pertinentes às múltiplas facetas do colonialismo no séc. XVIII, confrontando as possíveis contradições entre seus discursos justificatórios e suas formas de atuação, ou ainda entre os meios e os fins nele envolvidos.

### Palavras-Chave

Rétif de la Bretonne. Colonialismo. Utopia.





## A FILOSOFIA E OS SELVAGENS: MONTAIGNE, LAHONTAN E ROUSSEAU

Mauro Dela Bandera Arco Junior  
[maurodelabandera@yahoo.com.br](mailto:maurodelabandera@yahoo.com.br)

### Resumo

Profusas personagens conceituais compõem o elenco da nossa imaginação filosófica, incluindo, os canibais de Montaigne, um chefe Huron/wendat de Lahontan, cavalheiros persas de Montesquieu, uma princesa inca de Mme. de Graffigny, um ancião taitiano de Diderot, o bom selvagem e os selvagens de Rousseau, dentre tantas outras. Aparentemente haveria a presença, para alguns irrelevante ou não constitutiva, de muita não filosofia que habita no interior da filosofia. Da presunção vem a régua usada para separar a filosofia da não-filosofia, um gesto eminentemente político que dá continuidade à construção da imagem dos indígenas pela privação dos atributos espirituais ocidentais; se outrora fora decretado que os nativos não tinham nem Fé, nem Lei, nem Rei, logo, não estranha que tampouco tivessem Filosofia. Contudo, o pensamento indígena, antes de indicar uma falta incontornável ou um estágio embrionário em direção à plenitude das instituições europeias, é pura positividade, pois o fato do espelho não devolver a nossa imagem não significa que não há nada para ser visto, como bem mostrara Pierre Clastres. Dito isto, trata-se aqui de construir um antídoto antinarcísico contra as miragens da ausência a partir da análise das personagens ameríndias reais ou fictícias presentes nas obras de Montaigne, Lahontan e Rousseau. Podemos formular o problema da seguinte maneira: em que medida seria possível estabelecer uma filosofia política indígena?

### Palavras-Chave

Filosofia Ameríndia. Política. Selvagem.



## ACERCA DA PROPRIEDADE PRIVADA: ROUSSEAU LEITOR CRÍTICO DE LOCKE

Lucas Mello Carvalho Ribeiro

[lucasmcr@yahoo.com.br](mailto:lucasmcr@yahoo.com.br)

### Resumo

A introdução da propriedade privada é um ponto de inflexão na história hipotética traçada por Rousseau. As relações sociais, já iniciadas, são completamente reconfiguradas por esse advento. Mais especificamente, é apenas devido à marcada desigualdade econômica que segue a partição das terras entre proprietários e supranumerários que uma conflitualidade exacerbada se instaura entre os homens, tornando imperativo a celebração de um contrato que estabilize o convívio social pela via da ereção de um poder político soberano. Dada a centralidade do problema, Rousseau não poderia deixar de investigar a questão da propriedade também sob um prisma moral-normativo. Para o genebrino, seria possível admitir uma regulação pré-política das relações de propriedade? Haveria critérios de legitimação da propriedade privada anteriores ao estado civil e ao direito positivo? A posse factual poderia ser reivindicada como direito já no estado de natureza? O presente artigo busca responder tais perguntas por meio de um diálogo entre Rousseau e o principal representante da tradição jusnaturalista no que que concerne a essas questões – John Locke.

### Palavras-Chave

Rousseau. Locke. Direito de Propriedade.



## ANTROPOLOGIA E CULTURA EM ROUSSEAU E KANT

Pedro Paulo Da Costa Coroa

[ppaulocoroa@gmail.com](mailto:ppaulocoroa@gmail.com)

### Resumo

Parece-nos tranquila ideia de que o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre homens funciona, na filosofia de Rousseau, funciona como uma espécie de base histórico-evolutiva à destinação última, por assim dizer, de todo seu esforço reflexivo – refiro-me ao Do contrato social e ao que ele simboliza em termos de humanização da nossa espécie Mas isso pode nos levar a uma questão que não aparece explicitada em sua obra e sim na obra de Kant, seu mais famoso admirador: a relação entre antropologia, cultura e teleologia. Afinal, como não referir tudo o que há de mais importante – como a educação – no “sistema” rousseuniano à ideia de que o homem só pode ser reconhecido em sua singularidade em meio ao “reino da natureza” quando tem a possibilidade de controlar sua vontade por meio da razão. E, evidentemente, isso implica em dar um passo além da vida natural, como se tivéssemos adquirido, graças a nossa liberdade, um poder de extrapolar a própria natureza, abrindo espaço à cultura e, com ela, dando uma dimensão à nossa existência inconcebível a outro organismo vivo no mundo. Gostaria de explorar essa questão tomando como fio condutor algumas considerações interessantes que Kant nos propõe em sua Crítica do Juízo teleológico, muito estimulante para a reflexão sobre a natureza humana.

### Palavras-Chave

Teleologia. Cultura. Antropologia.



## AS RELAÇÕES ENTRE O AUMENTO DA DESIGUALDADE SOCIAL E O AVANÇO DA VIOLÊNCIA NA OBRA DE ROUSSEAU.

Rafael Cavalcante De Messias

[rafachla@gmail.com](mailto:rafachla@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste projeto é compreender a origem e os fundamentos da violência gerada pelas desigualdades sociais, a partir da perspectiva de Jean-Jacques Rousseau, um dos principais filósofos do Iluminismo. Para isso, será feita uma revisão bibliográfica das obras de Rousseau, especialmente o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, publicado em 1755. Nessa obra, Rousseau defende que o homem, no estado de natureza, era livre, feliz e dotado de um amor de si, que consistia na preservação de sua existência e na compaixão pelos outros seres. Porém, com o advento da sociedade civil, o homem passou a desenvolver um amor próprio, que o levou a buscar a estima e o reconhecimento dos outros, gerando vaidade, inveja e competição. Além disso, a instituição da propriedade privada criou uma desigualdade artificial entre os homens, que se tornaram dependentes uns dos outros e sujeitos à violência e à opressão. Assim, Rousseau propõe um contrato social que restabeleça a liberdade e a igualdade naturais dos homens, mediante a renúncia à propriedade particular e à submissão à vontade geral. A hipótese deste projeto é que a violência produzida pelas desigualdades sociais é uma consequência da alienação do homem em relação à sua natureza e à sua liberdade, e que a mitigação para esse problema passa pela reforma das instituições sociais e pela educação moral dos indivíduos.

### Palavras-Chave

Rousseau. Desigualdade Social. Violência.



## ATUALIZAÇÃO DA CRÍTICA DE PLATÃO POR ROUSSEAU NO ENSAIO DA IMITAÇÃO TEATRAL

Luciano Da Silva Façanha  
[lucianofacanha@hotmail.com](mailto:lucianofacanha@hotmail.com)

### Resumo

A negatividade da mimesis teatral tratada por Rousseau na Carta a d'Alembert Sobre os Espetáculos recebeu um tratamento pormenorizado num pequeno texto intitulado *De l'imitation théâtrale* (Da imitação teatral), composto no mesmo período. Contudo, não se sabe por quais razões, o autor acabou não incluindo no libelo. A Carta a d'Alembert sobre os espetáculos lançou Rousseau no papel de um Platão moderno, que defendia uma república calvinista contra a corrupção. De fato, no ensaio acrescentado *Da imitação teatral*, Rousseau apela diretamente a Platão, desenvolvendo comentários tirados do segundo livro das *Leis* e décimo da *República*. Mas, o interessante é que Jean-Jacques, além de acompanhar e remontar a condenação de Platão aos poetas, no livro X da *República* (595a-608b), explica e justifica a crítica platônica a mimesis, sem deixar de incluir alguns outros pontos, como uma espécie de atualização à sua negatividade mimética em relação à cena teatral do século XVIII. Dessa forma, apresenta-se a atualização crítica realizada por Rousseau, que numa espécie de modernização e se referindo à sua “República imaginária”, Genebra, comenta sobre as leis úteis e apropriadas à natureza do homem, e introduz um primeiro ponto da República de Platão, em pleno século XVIII, sobre a importância dos “limites à licença dos poetas”, assumindo, de forma radical, sua crítica aos Autores Dramáticos.

### Palavras-Chave

Rousseau. Platão. Teatro. Filosofia. Literatura.



## COLATERALIDADE ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM: UMA ARGUMENTAÇÃO FUNDAMENTADA EM JEAN JACQUES ROUSSEAU

Kellen Aparecida Nascimento Ribeiro  
[kellen.nascimento@gmail.com](mailto:kellen.nascimento@gmail.com)

### Resumo

Propomos aqui tecer pontuais considerações acerca de algumas concepções cunhadas por La Boétie, principalmente no tocante à ideia da Servidão Voluntária. Tendo como pano de fundo leituras prévias das argumentações sobre linguagem e educação em Rousseau que nos levaram a refletir sobre a ideia de educação presente nos escritos de La Boétie, bem como, nas argumentações sobre linguagem de Wittgenstein. Em particular, a argumentação de La Boétie que versa a respeito da ideia de que os homens são o que a educação faz de cada um. Destarte, surge a indagação: a educação em La Boétie é, então, entre outras coisas, instrumento de perpetuação da servidão? Tal linha argumentativa fez-nos refletir sobre o papel da educação para o autor, assim como para Rousseau e, para além disso, intentamos trazer, transversalmente, a concepção de linguagem, já que esta é, no Emílio, condição necessária para a formação – educacional, ou não – do homem. A linguagem é frequentemente concebida como meramente indicativa dos signos correspondentes a determinado conceito (ou ideia) acerca do pensamento, correspondendo apenas à uma relação linguagem–mundo. Nosso fio condutor será a argumentação de que aprendemos a partir da compreensão de um todo da capacidade da linguagem: tudo aquilo que é dito, mas também o que é ensinado como costume ou cultura, os códigos sociais internos que não são ditos, mas que regem comportamentos, como defende Wittgenstein através da concepção de jogos de linguagem. A educação é também o conhecimento escolarizado tal qual pensamos quando nos remetemos a este termo, entretanto, a ideia de educação é infundavelmente mais extensa que este reducionismo que comumente a atinge. Acerca destes pontos ancoramos nossas argumentações, discorrendo sobre as concepções de linguagem e educação a partir de um prisma amplificado. No qual retornamos à premissa inicial, presente em La Boétie, de que a educação pode ser utilizada para perpetuar a opressão, refletindo sobre a refutação desta, pois, se é possível perpetuar servidão, seria também, igualmente possível, educar para a liberdade?

### Palavras-Chave

Linguagem. Educação. Rousseau.



## COMENTÁRIOS SOBRE A NOÇÃO DE ORIGEM EM CONDILLAC E ROUSSEAU

José Paulo Da Silva Filho  
[jpsfpaulofilho@hotmail.com](mailto:jpsfpaulofilho@hotmail.com)

### Resumo

Começo, nascimento, germe, princípio de qualquer coisa: essa é a definição do verbete Origem encontrada na Enciclopédia. É a partir desse conceito/procedimento que Condillac e Rousseau desenvolvem, com objetivos distintos, o que, grosso modo, denominamos história conjectural das origens (o primeiro no Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos e no Tratado das sensações; e o segundo no Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens). Conhecemos a posição privilegiada que a “busca pelas origens” ocupou nas Luzes, configurando o “espírito do século”, como escreve Starobinski, e observaremos, nessa apresentação, como foi articulada a noção de origem nos dois autores. É incontestável a influência de Condillac sobre Rousseau que, como sugere Monzani, parece retomar, no Discurso sobre a desigualdade, o “sujeito tal qual ele tinha sido deixado por Condillac ao pôr o ponto final no *Traité des Sensations*”. Porém, ao “concretizar” as abstrações de Condillac, Rousseau modifica o conceito de maneira curiosa e torna problemática a suposição de uma continuidade quanto ao método entre os dois autores. A influência de Condillac e a alteração feita por Rousseau são o mote desta apresentação.

### Palavras-Chave

Ilustração. Origem. História Conjectural.



## CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU E PAULO FREIRE: PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA.

Stieven Max Dos Santos Nascimento  
[stievenmax1996@gmail.com](mailto:stievenmax1996@gmail.com)

### Resumo

Jean – Jaques Rousseau (1712 – 1778) e Paulo Freire (1921 – 1997) De períodos históricos diferentes, porém ambos compartilham o fio condutor da formação humana, de uma antropologia educacional, que emana do princípio de experiência para a construção da razão, construção de uma práxis educadora. Primeiramente Rousseau vê na democracia uma das formas de governo abordadas, Do Contrato Social, a fundamentação da igualdade e liberdade, podemos ver como construção coletiva. Inclusive Paulo Freire (1987, p. 57), na pedagogia do oprimido, Diz: “Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira.”. Na perspectiva da formação do sujeito que perpassa por uma educação, uma educação dogmática infligiria os conceitos de liberdade ou a possibilidade de uma prática democrática. Uma educação para a liberdade é um dos aspectos, na obra O Emílio ou da Educação, que constata a maneira autônoma do infante como educando, que terá três tipos de educação, e será educado para viver em sociedade, contudo: Para Rousseau a educação tinha uma conotação essencialmente política. A formação do Emílio é uma educação para a liberdade e o exercício da cidadania”. (FREITAG,1996, p. 88) teorizando a vida do indivíduo em sociedade, a educação tem um papel, colocada por Rousseau, como; “arte de formar os homens” (ROUSSEAU, 1967, p. 6). Desta arte construtiva, Moacir Gadotti (2004, p. 21) comenta o princípio de experiência contida na filosofia rousseuniana de modo; “Rousseau deu uma grande contribuição à pedagogia da existência. O que interessava a Rousseau era a vida concreta, cotidiana, o homem concreto. Ele abriu as grandes perspectivas para a pedagogia da existência”. Assim como a educação antropológica é guiada da relação mutua da vida e obra de Paulo Freire, em seus escritos, é comentada também por Moacir Gadotti (2004, p. 10) “Aprendemos com a própria vida, ensinava Paulo Freire. Nada melhor do que mostrar o que aprendemos com ela, por meio dela, para descobrir o sentido da educação que deve estar centrada na vida”. A relação hermenêutica dos autores busca na contribuição de uma educação afim de evidenciar a liberdade construída pelo caminho da emancipação sobretudo da liberdade.

### Palavras-Chave

Educação. Emancipação. Autonomia.





## ECOS DO PENSAMENTO DE ROUSSEAU NOS PROJETOS PANAMERICANO E ANFICTIÔNICO DE BOLÍVAR

Evaldo Becker

[evaldobecker@gmail.com](mailto:evaldobecker@gmail.com)

### Resumo

Nosso objetivo nesta comunicação, é examinar alguns aspectos da presença de Rousseau na vida e nos escritos de Simón Bolívar. Para tanto, iremos focar inicialmente na influência da pedagogia rousseuniana na formação de Bolívar, seja por meio da ação de Simón Rodríguez ou, diretamente, via a leitura do Emílio. Apesar do fato de tal percurso já ter sido examinado por vários leitores de Rousseau e de Bolívar, nos parece ser fundamental revisitá-lo, para, em seguida, avançarmos na reflexão acerca da presença das ideias de Rousseau nas concepções políticas e internacionalistas de Bolívar. Ao final do Emílio, obra lida e meditada por Bolívar, ao tratar da formação final do seu aluno imaginário, no momento que antecede sua entrada na vida civil, Rousseau examina alguns elementos acerca da organização interna de um Estado-Nação legítimo e avança para o cenário das relações interestatais. Após criticar as ideias de Grotius e Hobbes, Rousseau examina em passant as ideias federativas e seus limites, e para tal serve-se do Projeto de paz perpétua de Saint-Pierre. O que se percebe é que Bolívar, ao formular seu próprio projeto anfictiônico, para além das ideias dos antigos pensadores gregos, examina também os projetos federativos modernos, dentre os quais destaca-se aquele de Saint-Pierre; tal como citado na Carta da Jamaica, de 1815. Ao formular a crítica do utopismo inerente ao projeto do abade, Bolívar repete, utilizando-se praticamente dos mesmos termos, a crítica exposta pelo próprio Rousseau, autor do resumo ou Extrato do Projeto para tornar perpétua a paz na Europa que foi o escrito responsável por disseminar e dar a conhecer as ideias federalistas e pacifistas de Saint-Pierre, mais que o próprio texto do autor. Nesse sentido, nos concentraremos sobretudo no pensamento acerca das relações internacionais bolivarianas, enfatizando a presença de Rousseau neste âmbito, procurando evidenciar a ideia segundo a qual Bolívar supera e oxigena os projetos federalistas Europeus, adaptando-os aos interesses latino-americanos, e porque não dizer, mundiais.

### Palavras-Chave

Rousseau. Bolívar. Federalismo. Liberdade.



## INFÂNCIA E MODERNIDADE EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Maria Do Socorro Gonçalves Da Costa

[maria.sgc@ufma.br](mailto:maria.sgc@ufma.br)

### Resumo

O presente trabalho visa trazer uma breve discussão sobre infância e modernidade em Jean-Jacques Rousseau. Abordará essa concepção a partir de seu romance pedagógico *Emílio ou Da Educação*, obra que teve grande impacto na pedagogia do período e tornou-se referência para a educação da criança nos séculos subsequentes. A metodologia empregada será de cunho bibliográfico, consistindo em análise e interpretação textual da obra, principalmente o que é abordado entre os livros um, dois e três, utilizando-se comentadores que também tratem tanto da temática na modernidade como da infância em Rousseau; apresentar as inovações e repercussão que Rousseau fomentou entre os educadores do período e entre os filósofos da educação na modernidade. Questionar pelo impacto que a obra de Rousseau causou na modernidade e posteriormente, é retornar ao autor e verificar a peculiaridade de seu modo de educar infantil num período em que na história da educação, a criança não tinha protagonismo. Num período marcado por teorias educativas como a de John Locke, Rousseau apresentará categorias próprias à infância, e modo específico de aprender e ensinar ao empreender suas teorias filosófico-pedagógicas numa criança fictícia e investi-la de sua maneira de pensar a educação humana desde a primeira infância.

### Palavras-Chave

Infância. Modernidade. Rousseau.



## JEAN-JACQUES ROUSSEAU E O LUGAR ESTRATÉGICO DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS EM SUA OBRA

Arlei De Espíndola  
[earlei@sercomtel.com.br](mailto:earlei@sercomtel.com.br)

### Resumo

A comunicação tem por objetivo o pensamento em torno da relação que se pode estabelecer entre o esforço despendido na escrita de *As confissões* (1782) de Rousseau, tomando-a enquanto referencial maior dos textos que buscam demonstrar seu interesse de produzir, de desenvolver, desde o olhar acerca da natureza humana, um autoconhecimento ou o saber mais elaborado acerca de si mesmo, a partir da pretensão de transparência, do agir sincero consigo mesmo. Junta-se a isso toda uma série de escolhas feitas, em especial, a posteriori, como: a) Viver, em título de exemplo, afastado da sociedade, tendo a vida retirada como fonte, herborizar, apreciar a existência de modo simples e com a natureza, cultivar a vida frugal. b) Ocupar-se com a leitura e a escrita literária, seguir lidando com música e explorando esta linguagem cuidadosamente, tendo-a enquanto grande referência, muito por conta da esfera da melodia, exercitar-se, também, noutras formas de arte. c) Desenvolver seu espírito, um tanto semelhante, aos dos questionados Philosophes, seus pares, de exímio Encyclopediste, articulando-se na construção de verbetes, sobretudo, de música. Pois tudo isso significa um recurso, vale dizer, para lidar com as consequências, notadamente, de seus projetos que produziram efeitos catastróficos sobre seu cotidiano e seu existir neste meio, isto é, no quadro do ancien régime, impactando-o seriamente, trazendo resultados não previstos que o exigiram encontrar formas adicionais para administrá-los, manifestando a consciência própria, ao final, do homem moderno, que ele não recusa de todo, de modo a seguir minimamente ileso. Esta é uma razão principal para este conjunto de textos serem incluídos no todo de sua obra, que constitui uma unidade. Além do que, situando-os desta forma, nós passamos a entender e a acessar o rol de alternativas que se abre em sua escrita para administrar sua vida concreta. Mas também aparece o fato, por outro lado, de apresentar outros modos de avaliar o fracasso dos projetos teóricos desenvolvidos, tanto político quanto pedagógico, com o surgimento de outros recursos que convidaram a considerar a



dimensão ética , nela identificando o calor da dissidência, da resistência, do recurso novamente à arte, à música, à herborização, à vida retirada, enfim, a estas alternativas, grosso modo, julgadas enquanto cuidado de si, juntamente com o destaque de uma ponta de otimismo, pois algo do humano virtual parece esperar para ser ativado, aguardando a oportunidade.

### **Palavras-Chave**

Transparência. Liberdade. Obstáculos.



## MONTESQUIEU, A IGUALDADE DEMOCRÁTICA E A QUESTÃO (RE)DISTRIBUTIVA

Ciro Lourenço

[cirolourenco@gmail.com](mailto:cirolourenco@gmail.com)

### Resumo

Como definido em *Do espírito das leis*, a mola propulsora da democracia é a virtude do cidadão, a qual, por sua vez, é entendida como o amor pela igualdade. A igualdade pode ser compreendida como o igual status dos cidadãos perante a lei, mas também tem como princípio o amor pela frugalidade, isto é, o desejo pelo que é minimamente necessário para a totalidades dos cidadãos. O amor pela igualdade e pela frugalidade devem ser, portanto, estabelecido pelas próprias leis e o espírito do legislador deve considerar que “toda desigualdade na democracia deve ser extraída da natureza da democracia e do próprio princípio da igualdade” (EL, V, V). O caráter normativo, enfim, da igualdade decorre da própria natureza da democracia, de modo que a partilha dos bens produzidos pelo Estado impõe-se como um mecanismo necessário de prevenção da desigualdade e corrupção da democracia. Segue-se, então, dois pontos essenciais para a manutenção da igualdade democrática discutidos por Montesquieu e que devem ser considerados: o direito sucessório e a tributação do luxo. Partindo, assim, dessas considerações sobre a natureza da democracia e o princípio da igualdade, pretendemos com essa comunicação discutir as consequências (re)distributivas do princípio da igualdade democrática e, mais especificamente, como a redistribuição das riquezas do Estado é uma função capital da justiça num governo democrático.

### Palavras-Chave

Montesquieu. Democracia. Justiça Distributiva.



## NATUREZA E HUMANIDADE EM ROUSSEAU: POSSIBILIDADES DE UMA ÉTICA AMBIENTAL

Priscila De Oliveira Silva  
[silva.priscilaoliveira@gmail.com](mailto:silva.priscilaoliveira@gmail.com)

José Roberto Carvalho Da Silva  
[j.roberto-10@hotmail.com](mailto:j.roberto-10@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho objetiva investigar o estatuto da natureza enquanto norma primeira que deve funcionar como referência para a existência humana a favor de uma relação harmoniosa com o ambiente, isto é, identificar uma ética ambiental em Rousseau. A metodologia adotada é a pesquisa descritiva e de cunho bibliográfico com as leituras de livros e artigos concernentes ao tema proposto. A atenção dada à relação natureza e humanidade perpassa toda a obra rousseauiana. Nos primeiros parágrafos de Emílio, Rousseau identifica o jardim barroco como o símbolo da miséria de seu tempo. O valor da diversidade biológica é suplantado pela luta social do reconhecimento. Em Júlia ou A Nova Heloísa, o jardim de Júlia é o local onde habitam a pureza e o amor impossível por Saint-Preux. Aqui, as vaidades, os desejos terrenos e ambições são deixadas de lado. Por isso o jardim é artificial, ainda que Júlia tenha organizado de acordo com a natureza: trata-se de uma homenagem à virtude, não à inocência. Ser virtuoso é agir contra as paixões mais violentas, mesmo agindo contra as ambições. Ainda em a Nova Heloísa, impossibilitado de realizar materialmente seu amor com Júlia, Saint-Preux peregrina rumo às montanhas suíças, experienciando uma espécie de processo catártico. Ao menos temporariamente, o contato com a natureza desfoca suas questões pessoais mais violentas. Em Os devaneios do caminhante solitário, Rousseau apresenta seus estudos sobre botânica como uma forma de refúgio do mundo social, e um religamento com a natureza. A humanidade está contaminada pelas disputas sociais, pela vaidade, e ambição. O interesse desinteressado pela natureza nos oportuniza a alegria da vida que a sociedade maculou. Mais do que isso, Rousseau compreende que o todo deve ser mais importante do que as partes, isto é, os interesses em comum, para o bem coletivo, devem suplantarem os interesses individuais.

### Palavras-Chave

Rousseau. Ética. Natureza.



## O ESTADO ROUSSEAUÍSTA EM SUA ORIGEM

Kauana Brito Niz

[kauananiz@gmail.com](mailto:kauananiz@gmail.com)

### Resumo

A argumentação rousseauiana contida no Discurso sobre a desigualdade, parte de um artifício da razão, o estado de natureza, para examinar a desigualdade que se apresenta. Com isso, descreve os diversos infortúnios que causara, o afastamento do estado de natureza, bem como, o aparecimento do Estado. Este trabalho tem como objetivo investigar a hipótese agrária sobre a origem do Estado apresentada no Segundo Discurso. Tendo como fio condutor a ideia de que sua instauração não é compreensível e esperável, mas resultado de um “mau encontro” ou de um “funesto acaso”. O procedimento metodológico foi de carácter bibliográfico com a leitura do Segundo Discurso e também textos que versam sobre a filosofia rousseauiana e a questão do aparecimento do Estado. A leitura e discussão desse material teve como guia o método estrutural de leitura, tal como definido por Goldschmidt, Gueroult e outros. A aparição histórica da agricultura exerce um papel central na gênese hipotética da desigualdade e da sujeição política. Para que constitui-se a propriedade privada – fator necessário a fundação da sociedade civil – houveram uma série de acontecimentos, aquisições e transformações anteriores. Dentre estas, está o desenvolvimento da agricultura de cereais, da metalurgia e do âmbito moral. A agricultura aparece, na primeira parte do Discurso, acompanhada de uma aura de mistério quanto a sua instituição. Pois, segundo a cronologia apresentada ainda nesta parte, ela era desnecessária. Os indivíduos tinham condições materiais suficientes para sua subsistência e não necessitavam de uma extensa produção. Portanto, a agricultura cerealista marca a produção em larga escala que só poderia se efetivar com a ideia da propriedade privada já iniciada, e a exigência de um trabalho penoso que os indivíduos no estado de natureza não se submetiam ou negavam. Desta forma, houve uma mudança no modo de produção que coadunou com a instituição do poder político.

### Palavras-Chave

Segundo Discurso. Agricultura. Poder Político.



## O ESTATUTO ANTI-ETNOCÊNTRICO DE ROUSSEAU A PARTIR DA CARTA A D'ALEMBERT SOBRE OS ESPETÁCULOS

Irlene Veruska Batista Da Silva  
[irleneveruska305@gmail.com](mailto:irleneveruska305@gmail.com)

Luciano Da Silva Façanha  
[luciano.facanha@ufma.br](mailto:luciano.facanha@ufma.br)

### Resumo

O objetivo é realizar uma explanação sobre a crítica realizada por Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) ao etnocentrismo francês tendo por base a obra Carta a d'Alembert sobre os espetáculos (1758) – doravante Carta. A Carta nasceu em resposta a um verbete chamado Genebra escrito na Enciclopédia pelo filósofo Jean le Rond d'Alembert (1717-1783). Em Genebra, d'Alembert exaltava as qualidades do teatro e sugeria inaugurar uma companhia de comediantes na cidade homônima. Nesta obra, Rousseau defende Genebra da instalação do teatro francês, contrariando a atitude etnocêntrica dos franceses – por serem que Genebra precise do modelo de civilidade e de progresso da França. Para o genebrino, cada lugar possui o que é suficiente e necessário culturalmente ao seu próprio povo. É isso que os tornam singulares, pertencentes às suas pátrias. Na polarização do teatro e da festa, Paris e Genebra o autor para descrever o lugar dos espetáculos na sociedade e o papel que pode ser atribuído a eles. Através desse contraponto está embutida sua posição anti-etnocêntrica. Em termos de perspectiva metodológica, propomos lançar um olhar sobre a obra de Rousseau a partir da perspectiva de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) - inaugurada no texto Rousseau, fundador das ciências do homem (1962) – para refletir sobre a possibilidade hipotética de um estatuto anti-etnocêntrico na obra do genebrino. Lévi Strauss, em suas obras, utilizou e atualizou o pensamento antropológico do genebrino para fundar bases da sua antropologia estrutural. Ele viu em Jean-Jacques Rousseau um etnólogo capaz de fazer o século XX pensar sobre formas de dominação e aniquilamento dos povos, bem como sobre o racismo. Um dos principais resultados que a nossa pesquisa permite apontar é que na Carta a constatação da diversidade dos povos deve imprimir e corresponder uma multiplicidade de espetáculos; a





particularidade de cada povo choca-se com a perspectiva iluminista de universalização de um modelo de homem e de civilização – notadamente, europeus; e representa um rompimento intelectual com os philosophes do Iluminismo, especificamente com Denis Diderot (1713-1784) e François-Marie Arouet, conhecido como Voltaire (1694-1778).

### Palavras-Chave

Rousseau. Etnocentrismo. Teatro. Carta a d'Alembert.



## O NASCIMENTO DA RAZÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA NOÇÃO DE COMPARAÇÃO EM ROUSSEAU

Gabriel Von Prata Lazaro

[von.prata@unesp.br](mailto:von.prata@unesp.br)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar o conceito de razão na antropologia de Rousseau. Para tanto, analisa-se o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, no qual percebe-se que a razão desenvolve-se historicamente segundo as necessidades e de acordo com o contato com outros indivíduos. Esse desenvolvimento, na passagem para o estado social, é constatado a partir da capacidade de comparar. A noção de comparação serve de guia para compreender o desenvolvimento da razão e seus aspectos antropológicos. Ela evidencia o processo de reconhecimento do outro, necessário para a formação da moralidade. Dado que Rousseau deixa evidente que o ser humano em estado de natureza é guiado por seus princípios naturais, a saber, a piedade, amor-de-si e a perfectibilidade, compreende-se que a comparação racional só pode vir a surgir de acordo com a atividade destes princípios naturais que guiam o ser humano. Destaca-se que, se a piedade natural é um transportar-se para o outro que sofre, a partir dela pode-se investigar o surgimento da racionalidade e consequentemente da moralidade, dado o exercício da comparação. Ou seja, a piedade natural é o guia que permite explorar o desenvolvimento da comparação moral e, consequentemente, analisar os desdobramentos das paixões e faculdades sociais, uma vez que Rousseau evidencia que é da piedade que surgem todas as qualidades sociais. Assim, o presente trabalho tem por itinerário traçar o desenvolvimento antropológico da razão segundo a atividade da comparação moral de acordo com os princípios naturais do ser humano descritos no Discurso sobre a desigualdade e posteriormente no Emílio.

### Palavras-Chave

Rousseau. Razão. Comparação.



## OS FUNDAMENTOS DA OBEDIÊNCIA POLÍTICA EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Pedro Augusto Pereira Guimarães

[pedrobaependi@hotmail.com](mailto:pedrobaependi@hotmail.com)

### Resumo

É comum encontrarmos no direito natural moderno, pensadores que defenderam uma compatibilidade entre os preceitos da lei natural e a moral do evangelho. O problema é que caso ocorra um conflito normativo entre a religião e o Estado, isto é, as duas instituições obrigam ou proíbem ações contrárias, pode provocar instabilidade política e conflitos sociais. Hobbes (1588-1679) percebeu muito bem a gravidade dessa situação quando afirmou no “Do cidadão” [1642] que “se um mandar que se faça certa coisa sob pena de morte natural, e outro a proibir sob a pena de morte eterna, e ambos tiverem direito a dar essas ordens, seguir-se-á não apenas que os cidadãos, embora inocentes, serão todos eles puníveis de direito, mas ainda que a própria cidade estará completamente dissolvida”. Essa consciência política de Hobbes foi elogiada por Jean-Jacques Rousseau (1712-1768) no último capítulo “Do contrato social” [1762] no qual o nosso autor afirmou que Hobbes foi o único pensador cristão que percebeu bem o mal e o remédio ao propor reunir as duas cabeças da águia, isto é, a igreja e o Estado. A partir desse debate no direito natural moderno, que, como sabemos, resultou no desenvolvimento do conceito de Estado laico, formulamos o seguinte problema: Qual é o fundamento da obediência política em Rousseau? A nossa hipótese é a de que ao reconhecer no “Emílio” [1762] a lei natural como um dos fundamentos da obediência política, Rousseau estabeleceu uma tensão com o texto do “Contrato” no qual ele apontou uma incompatibilidade entre a moral cristã e as virtudes cívicas exigidas pela República. Portanto, o objetivo deste trabalho é explorar essa tensão a fim de identificar o (s) fundamento (s) da obediência política em Rousseau.

### Palavras-Chave

Lei Natural. Obediência. Igreja. Estado.



## POSSÍVEIS RESSONÂNCIAS ENTRE AS FILOSOFIAS DE ROUSSEAU E DELEUZE

Caio Cezar Pontim Scholz  
[cezar.cs@hotmail.com](mailto:cezar.cs@hotmail.com)

### Resumo

Este estudo se dedica a abrir uma via de mão dupla entre as filosofias de Rousseau e de Deleuze, a fim de buscar nuances que ressoam entre os pensamentos de ambos os autores. Esse inusitado encontro entre filosofias de períodos históricos distintos pode ser delimitado e consolidado por evidências textuais, tanto de modo direto quanto de modo indireto. Diretamente, tais evidências se encontram, primeiro, em algumas breves e esparsas menções de Deleuze sobre Rousseau em seus cursos sobre Spinoza (1978-1981) e, também, em uma referência a Nova Heloísa (1761), presente no início da obra *Diferença e Repetição* (1968). Ainda de modo direto e com maior ênfase, outras evidências são encontradas no próprio curso de Deleuze sobre a filosofia política de Rousseau (1959-1960) e, posteriormente, no texto: *Jean-Jacques Rousseau – Precursor de Kafka, de Céline e de Ponge* (1962). Por outro lado, de modo indireto, algumas evidências são encontradas nas trajetórias de Salinas Fortes e Bento Prado Jr., pois ambos foram pesquisadores da filosofia de Rousseau e tradutores de textos de Deleuze. Nesse sentido, no texto *A força da voz e a violência das coisas* (1998), Bento Prado Jr, ao interpretar o *Ensaio sobre a origem das línguas* (1781), de Rousseau, também faz algumas breves e esparsas menções a Deleuze. Ainda indiretamente, é notório, atualmente, um aumento em pesquisas acadêmicas que promovem relações entre as filosofias de Rousseau e Deleuze, principalmente no sentido de utilizar recursos da filosofia de Deleuze para interpretar textos de Rousseau. Diante desse cenário, este estudo, ainda em estágio inicial, pretende explorar tais evidências, a fim de vislumbrar possíveis ressonâncias entre ambas as filosofias. O que pode ocorrer em uma via de mão dupla, tanto no sentido de investigar possíveis influências da filosofia de Rousseau na filosofia de Deleuze quanto no sentido de lançar novas luzes de interpretação sobre a filosofia de Rousseau, a partir do modo próprio de fazer filosofia proposto por Deleuze.

### Palavras-Chave

Filosofia. Rousseau. Deleuze.



## ROUSSEAU E A CONTRADEMOCRACIA

Claudio Araujo Reis

[reis@unb.br](mailto:reis@unb.br)

### Resumo

Utilizando-se do conceito de “contrademocracia”, tal como proposto por Pierre Rosanvallon em seus estudos sobre as “mutações da democracia”, esta comunicação pretende discutir alguns aspectos da teoria política de Rousseau, tomada como sendo uma das primeiras teorias modernas da democracia (se não for a primeira). Pretende-se discutir, inicialmente, que a consciência dessa dimensão “contrademocrática” do exercício da soberania popular já estava presente na teoria rousseauiana. Para além disso, pretende-se defender, a partir de uma leitura da teoria política de Rousseau com o filtro do conceito de “contrademocracia”, que levar em conta essa dimensão “contrademocrática” é fundamental para se colocar adequadamente a questão sobre a natureza, o alcance e os limites da autoridade democrática, assim como sobre o sentido de um possível “autoritarismo democrático” – questão que está no centro de vários debates contemporâneos sobre a teoria e a prática democráticas, sobretudo aqueles organizados em torno da categoria de “populismo”.

### Palavras-Chave

J.-J. Rousseau. Democracia. Contrademocracia.



## SUBJETIVIDADE E AÇÃO POLÍTICA EM ROUSSEAU E MARCUSE

Jacira De Freitas

[jacira.freitas@unifesp.br](mailto:jacira.freitas@unifesp.br)

### Resumo

O texto aqui apresentado dedica-se a discutir o problema da supressão da sensibilidade e da dimensão erótico-estética, como intensificação dos instrumentos de controle social. A discussão que insere a questão da sensibilidade se faz a partir do pensamento de Rousseau (obras políticas e *Devaneio do Caminhante Solitário*): o enfraquecimento da esfera da sensibilidade se dá no decorrer do processo em que as faculdades mentais e intelectuais se desenvolvem e os desejos se ampliam. Esse processo favorece a sujeição da instância interior dos indivíduos às imposições do mundo à sua volta, dando lugar ao predomínio de forças externas, denominadas por Rousseau tirania da opinião. Minha hipótese é que esse movimento de autoabandono e sujeição à opinião pública - já vislumbrado por Rousseau como algo nefasto para a humanidade - será capturado por forças externas para sedimentar o controle social das consciências. Esse controle torna-se cada vez mais amplo e explícito nas sociedades modernas e contemporâneas. E se as forças externas adquirem um poder incomensurável no controle da consciência humana isso se dá pelo fato de a dominação não se constituir num processo meramente exterior, mas por superar as fronteiras do corpo e instalar-se na dimensão da psique humana, na qual se constitui a heteronomia. Para compreender como se dá esse processo de perda da dimensão interior e como operam os mecanismos que atuam dentro ou à margem das instituições sociais para garantir o controle social e a adesão dos indivíduos, o debate aqui proposto recorre a algumas passagens das obras de Freud (*Psicologia das Massas*) e de Marcuse (*Eros e civilização*). A questão é elucidada a partir da relação entre sensibilidade e política em Rousseau e do mecanismo marcuseano de mudança subjetiva como motor de transformação social, pela reativação da dimensão erótico-estética. A discussão a respeito da supressão da sensibilidade e da dimensão erótico-estética, que conduz à intensificação dos instrumentos de controle, permite assim redimensionar o potencial corrosivo de projetos políticos autoritários na constituição da esfera psicoemocional dos indivíduos e, em consequência, sua ação política.

### Palavras-Chave

Rousseau. Marcuse. Subjetividade.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT SCHOPENHAUER



## A CONTRIBUIÇÃO DE SCHOPENHAUER PARA A IDEIA DE “MENTE CORPORIFICADA”

André Henrique Mendes Viana De Oliveira

[andylantista@gmail.com](mailto:andylantista@gmail.com)

### Resumo

O reconhecimento do corpo como base fundamental de significação do mundo, tal como lemos no §18 de O mundo como vontade e como representação, é uma tese cuja validade é reforçada pela neurociência mais recente. Neste trabalho pretendemos mostrar como a filosofia de Schopenhauer traz contribuições para a ideia de mente corporificada. Para isso, apresentaremos a princípio a crítica de Schopenhauer ao dualismo que concebe mente e corpo como realidades distintas, e em seguida indicaremos como sua filosofia sugere uma materialização do sujeito transcendental. Por fim, discutiremos como a noção de mente integrada ao corpo pode abrir um novo horizonte temático ao possibilitar a relação entre filosofia da mente e o campo da filosofia prática. O que buscaremos destacar é que a ideia de uma mente corporificada pode permitir uma compreensão mais biologicamente fundamentada do agir moral e político dos indivíduos, na medida em que passarmos a entender que suas ações são (também) os produtos de organismos que querem; e esse seu querer é a expressão de determinadas “razões” (ou valores) construídas ao longo de toda a trajetória multifatorial que constitui a existência de cada organismo e de cada grupo de organismos.

### Palavras-Chave

Corpo. Mente corporificada. Vontade.





## A DÚPLICE CONSIDERAÇÃO DO MUNDO: UMA ARQUITETÔNICA SCHOPENHAUERIANA

Dax Moraes

[dax.moraes@ufrn.br](mailto:dax.moraes@ufrn.br)

### Resumo

É bem conhecida a apreciação de Schopenhauer relativamente ao estilo gótico da arquitetura kantiana, como consta no apêndice da obra capital dedicado à crítica de sua filosofia (W I, p. 509), sua peculiar satisfação pela simetria que replica uma ordenação em sub-ordenações, tão diversamente da grandiosa simplicidade encontrada na arquitetura clássica dos gregos. Mas não será que alguma simetria não é também encontrável na doutrina schopenhaueriana? Não seria seu pensamento único exposto como que um entablamento assentado sobre colunas dispostas em paralelo e, mais do que isso, não em nível único, e sim compondo andares, de maneira piramidal? O trabalho pretende demonstrar que o modo dúplice de consideração do mundo, o do conhecer e o do querer, tão contraditórios entre si quanto indissociáveis na medida em que, apenas organicamente juntos, vencem a unilateralidade dos demais sistemas filosóficos, tem sua duplicidade replicada e espelhada em diversos graus de aprofundamento. Tal consideração tem em vista explicitar a interrelação e interface de elementos doutrinários que são objeto de perene confusão e mesmo de acusações de contradição dirigidas ao filósofo desde o tempos mais remotos de sua recepção.

### Palavras-Chave

Coisa em si. Transcendental. Empírico.



## A FILOSOFIA COMO CIÊNCIA E COMO ARTE

Ana Carolina Soliva Soria

[anasoliva@ufscar.br](mailto:anasoliva@ufscar.br)

### Resumo

A presente proposta visa investigar, na obra de Schopenhauer, como a filosofia intui, fixa em conceitos e comunica a genuína objetividade do mundo, sua essência. A filosofia, tal como anunciada pelo autor, é o espelhamento do mundo e reflete sua organicidade em um conceito adequado que relaciona reciprocamente o todo e as partes de seu pensamento. Para alcançar esse saber, a filosofia não deve se colocar apenas como ciência, mas também como arte. Essa questão recai sobre uma série de pontos conflituosos na filosofia de Schopenhauer, a saber: 1. Como intuir e conservar abstratamente a essência do mundo, estando ela fora da representação? 2. Sendo a linguagem, submetida ao princípio de razão, consegue comunicar a organicidade do mundo sem corromper a relação mútua entre todo e partes? 3. Estariam as faculdades humanas em um jogo especial para que o reflexo do mundo em conceitos mantenha-se fiel à própria coisa refletida? Tal como entendemos, Schopenhauer terá de propor uma separação entre intelecto e vontade individual, que é acompanhada de uma nova consciência, propriamente humana, denominada consciência reflexiva (Besonnenheit), pela qual se alcança a visão clara da perfeita objetividade do mundo.

### Palavras-Chave

Linguagem. Organismo. Besonnenheit.



## A GENIALIDADE SERIA UM GRAU DE NEGAÇÃO DA VONTADE?

Selma Bassoli

[selma.bass@gmail.com](mailto:selma.bass@gmail.com)

### Resumo

Para Schopenhauer, o gênio e o santo representam pontos culminantes do desenvolvimento da sua filosofia, visto que eles são considerados os únicos seres humanos capazes de alcançar uma forma superior e extraordinária de conhecimento, que só é obtida através de uma mudança na forma como usualmente se conhece. Apesar de ambos serem capazes de alcançar uma forma de conhecimento modificado, eles não se situam na mesma posição em uma escala hierárquica, pois o santo desfruta de uma posição superior à do gênio. Esta superioridade se deve ao fato de que o santo é o único capaz de um feito realmente incomum e de valor incomensurável: a negação da vontade. Mas, como a negação da vontade pelo santo pressupõe uma mudança na forma de conhecimento que também é pressuposta para o gênio, encontramos a interpretação que considera a atividade do gênio artístico como sendo um grau inferior de negação da vontade. A inserção da atividade do gênio em uma escala de graus ou estágios de negação da vontade pode ser considerada um recurso interessante e útil para destacar uma semelhança existente entre os dois; mas o uso dessa estratégia de interpretação também pode obscurecer outros aspectos existentes na relação entre essas duas figuras, prejudicando a compreensão do significado da genialidade e da santidade segundo a concepção do próprio Schopenhauer. Tendo em vista o risco da utilização dessa forma de interpretação, eu pretendo colocar em questão a genialidade como um grau de negação e, especialmente, a existência de graus de negação da vontade na filosofia de Schopenhauer.

### Palavras-Chave

Gênio. Santo. Graus de Negação da Vontade.



## A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A IMITAÇÃO DO MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

Jefferson Silveira Teodoro

[vontadeerepresentacoes@yahoo.com.br](mailto:vontadeerepresentacoes@yahoo.com.br)

### Resumo

O tempo presente é marcado pela transição para a quarta revolução industrial, a qual é caracterizada pelos expressivos avanços na inteligência artificial generativa e pelo aprendizado de máquina. Isso significa que os sistemas computacionais são agora capazes não somente de arquivar e processar dados e cálculos, mas também de aprender a simular comportamentos intelectuais humanos no âmbito do conhecimento discursivo e mesmo da empatia. O que podemos ver é a sofisticação daquela ideia cartesiana sobre a possibilidade de autômatos, que se antes eram imaginados apenas com caráter mecânico, começam agora a ganhar alguma proximidade com nossas atividades mentais mais complexas, em conformidade com o que previu Turing em meados do século passado. Mas no que este cenário pode se relacionar com o mundo como representação e porque este texto propõe a reflexão sobre a I.A como base para uma nova categoria de seres representantes? Nas linhas do pensamento de Schopenhauer, a perspectiva do mundo como representação corresponde ao mundo do conhecimento, onde os animais são definidos como aqueles capazes de representar. Neste cenário, o ser humano tem como diferencial a disposição racional que permite representações de representações, conceitos. Ou seja, nossa humanidade e o fazer filosófico e científico que a acompanha está vinculada à capacidade de operar com conceitos. Pois bem, é certo que máquinas, independente de seu nível de inteligência artificial, nunca serão vivas. Assim como é certo que elas conseguem operar em progressivos níveis com conceitos, logrando literalmente conversar conosco sobre eles produzindo discursos e imagens. É necessário aqui considerar que se por um lado não há sensibilidade nestas máquinas, algo fundamental para o animal que representa, por outro lado é cada vez mais possível também emular sensações a partir de sensores em corpos andróides, visto que sistemas de esqueletos elétrico-mecânicos já são uma realidade. Dessa forma, posto que podemos supor que máquinas com sistemas computacionais capazes de aprender e



operar com conceitos são, no nível do conhecimento racional, superiores aos animais irracionais, não estaríamos diante da possibilidade de considerar uma nova categoria intermediária de seres representantes operando com inteligência artificial, a qual estaria situada entre a representação dos animais não racionais e a representação racional dos seres humanos ?

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Representação. IA.



## A MONARQUIA NA TEORIA DE SCHOPENHAUER: UM PROBLEMA OU UMA SOLUÇÃO?

Vinícius Edart

[f.vinicius.edart@gmail.com](mailto:f.vinicius.edart@gmail.com)

### Resumo

Nesta apresentação, pretendo apresentar a defesa que o filósofo faz da monarquia no §62 d'O Mundo, no capítulo 09 do Parerga (§126 e §127), no capítulo 06 da Metafísica dos costumes, demonstrando como os objetivos do Estado se harmonizam com o sistema político que Schopenhauer defende. Em seguida, pretendo construir algumas possíveis objeções à defesa da monarquia em uma análise estrutural de sua filosofia. Por fim, buscarei responder aos questionamentos levantados, ainda de modo estrutural, com vista na pergunta 'o pensamento único se mantém?'. O sistema republicano não era bem-visto por Schopenhauer, considerado antinatural, enquanto que, por outro lado, o filósofo não escondia sua preferência pelo regime monárquico por considerá-lo, entre outras razões, um sistema natural adotado por diversos animais não-humanos, como as formigas e as abelhas. No entanto, a defesa da monarquia permite algumas objeções dentro de sua própria filosofia, como a relação entre a satisfação dos desejos do rei para que aja de maneira desinteressada para com seus cidadãos e a insaciabilidade da vontade, além de uma possível oscilação entre a monarquia constitucional (1819) e a monarquia hereditária (1848), indicando talvez uma 'evolução' do pensamento. Por fim, caso uma ou mais objeções desta natureza sejam consistentes, a pergunta que se segue é: ainda é possível falar em pensamento único em Schopenhauer?

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Monarquia. Pensamento único.



## A MÚSICA EM SCHOPENHAUER COMO FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DA DOUTRINA DOS AFETOS

Isaú Ferreira Veloso Filho  
[zaubob@yahoo.com.br](mailto:zaubob@yahoo.com.br)

### Resumo

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer é uma figura enigmática na história da filosofia, levantando questões pouco peculiares à tradição, dentre elas: a reflexão sobre a filosofia Zen Budista. Sua filosofia serviu de referência para importantes pensadores como Nietzsche e Freud, este último, na construção do conceito de libido. Dito isso, direcionando ao intento desta apresentação, cabe ressaltar que seu pensamento filosófico evidencia o conhecimento intuitivo como modo de se atingir o númeno kantiano, consolidando a arte, em especial a música, como um dos fundamentos epistemológicos para tal tarefa. Nesta apresentação buscaremos desenvolver a hipótese de que ao tratar a respeito da música, como meio de se atingir a essência do mundo, isto é, à ideia, Schopenhauer acaba por justificar filosoficamente a relação inerente entre afetos e consonâncias musicais proposta pelos músicos e filósofos da Doutrina dos Afetos. Assim, buscaremos mostrar a proximidade entre a metafísica- imanente de Schopenhauer, com os conceitos de Vontade (coisa-em-si) e Ideia (essência), com a relação perfeita entre afetos e música proposta pelos músicos do século XV ao XVIII.

### Palavras-Chave

Vontade. Música. Doutrina dos Afetos.



## A PRIMEIRA CLASSE DE OBJETOS PARA O SUJEITO EM SCHOPENHAUER

Paulo Rodrigues Souza Do Nascimento

[paulord2@hotmail.com](mailto:paulord2@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a primeira classe de objetos para o sujeito, tal como é explicada por Schopenhauer na obra *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*, de 1813. Nesta obra, Schopenhauer classifica os tipos de objetos para o sujeito, sendo a primeira classe as representações intuitivas, empíricas e completas. Trata-se dos objetos físicos, que se relacionam no espaço e no tempo pela lei da causalidade, que compõe a matéria das ciências naturais, como a física e a química. Todo o conhecimento das representações é governado por princípios a priori no sujeito e cada representação possui um correlato subjetivo de acordo com sua classificação. O princípio de razão que rege a primeira classe de representações para o sujeito é o princípio de razão suficiente do devir, *principium rationis sufficientis fiendi*. Estas representações, portanto, são opostas aos conceitos mediatemente pensados e abstratos, porque elas são imediatas; elas contêm espaço e tempo como suas condições formais, preenchidas pela matéria que as tornam perceptíveis; elas se originam de uma estimulação sensorial, não surgem por meras conexões de pensamentos e constituem a realidade empírica a partir das leis do tempo, espaço e causalidade, sendo transcendentais, ou seja, condicionadas pela cognição do sujeito.

### Palavras-Chave

Representação. Intuição. Princípio de Razão.





## CORRESPONDECIALISMO E CONTEXTUALISMO NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

Paulo César Oliveira Vasconcelos

[paulocesaroliveiravasconcelos@gmail.com](mailto:paulocesaroliveiravasconcelos@gmail.com)

### Resumo

Uma análise do papel da linguagem na filosofia de Schopenhauer pode fornecer a chave para a compreensão do sentido metafísico do mundo. A dificuldade está em explicar como é possível ao indivíduo conhecer sobre a essência íntima do mundo, a Vontade, considerando que esta não é submetida ao princípio de razão e, por conta disso, não pode ser determinada por nenhuma de suas quatro raízes. Estando todo o conhecimento possível ao sujeito sob a jurisdição do princípio de razão, como é possível sustentar a afirmação de que no homem, a Vontade conhece a si mesma? A presente pesquisa pretende responder a essa questão no contexto da virada linguística (linguistic turn), levando em consideração a crítica à metafísica e mesmo à própria concepção de filosofia feita pela primeira geração dos chamados filósofos analíticos da linguagem, representados nesse estudo pelo primeiro Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus*. Para tanto, será de suma importância a consideração do impacto das teses tractatianas no Círculo de Viena, haja vista o caráter antimetafísico do movimento. Trata-se de submeter a filosofia de Schopenhauer ao crivo do paradigma da linguagem, situando-o no debate contemporâneo. A partir do primado da intuição como fonte de todo conhecimento do mundo, tanto como Vontade quanto como representação, é possível postular dois momentos na filosofia Schopenhaueriana: um momento epistemológico e um momento metafísico. No momento epistemológico, Schopenhauer estabelece que a linguagem é ontologicamente representação de representação, assumindo assim uma noção correspondencialista semelhante a concepção tractatiana da linguagem como figuração de fatos. No momento metafísico, Schopenhauer concorda com Wittgenstein que, sendo a linguagem figuração/representação, nada se pode conhecer além daquilo que é o caso. No entanto, ao contrário das teses tractatianas que confundem o que é a linguagem com a totalidade de suas funções, Schopenhauer admite uma concepção contextual e intersubjetiva da linguagem ao explicar a maneira como se aprende uma



língua estrangeira, evidenciando a dimensão pragmática da tradução. Assim, será possível afirmar um critério de objetividade para se falar do sentido do mundo para além do sentido referencial, onde a intuição direta do ser subjetivo, comum a todo sujeito pode ser problematizada e atribuída sentido, revelando o momento em que a Vontade conhece a si mesma.

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Metafísica. Linguagem.



## MÉTODO E INTERPRETAÇÃO NA SCHOPENHAUER-GESELLSCHAFT

Luan Corrêa Da Silva  
[luanbettiol@gmail.com](mailto:luanbettiol@gmail.com)

### Resumo

A presente proposta objetiva delinear três tradições metodológicas gerais da Schopenhauer-Gesellschaft e as suas consequências para a interpretação do texto schopenhaueriano: 1) o método estrutural ou sistemático; 2) o método histórico-crítico e 3) o método hermenêutico. A hipótese central é a de que o método hermenêutico, fundamentado inicialmente por Daniel Schubbe em *Philosophie des Zwischen* (2010), permite-nos melhor compreender alguns impasses da letra schopenhaueriana e, por isso, representa um avanço metodológico para as pesquisas sobre o filósofo. O pressuposto é a tese hermenêutica que o método utilizado para ler um texto filosófico implica num modo também distinto de compreendê-lo e, portanto, possui consequências teóricas. Nas pesquisas sobre Schopenhauer, a leitura sistemática ainda é predominante. No entanto, embora já se tenha avançado em relação à importância das pesquisas histórico-críticas, pode-se dizer que a interpretação de Schopenhauer ainda não atingiu a sua maturidade. A vantagem do método hermenêutico reside na delimitação da etapa propriamente interpretativa do texto, capaz não apenas de um melhor esclarecimento metodológico, mas, também, de fazer avançar as pesquisas sobre o filósofo.

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Interpretação. Hermenêutica.



## O ARTISTA RACIONAL NO PENSAMENTO DE SCHOPENHAUER

Gleisy Picoli

[gleisypicoli@yahoo.com.br](mailto:gleisypicoli@yahoo.com.br)

### Resumo

O objetivo da minha apresentação é fazer uma leitura da § 190 dos Primeiros Manuscritos de Arthur Schopenhauer, com o intuito de investigar por que o autor chama o filósofo de artista racional [Vernunftkünstler], assim como afirma que “o objeto da filosofia, da arte cujos meros materiais são os conceitos, é somente a Ideia (platônica). Portanto, o filósofo apreende as Ideias” (HN I, p.117). Mais precisamente, tenho por propósito examinar de que modo podemos considerar esse artista racional no pensamento schopenhaueriano, tendo em vista que o autor defende em sua obra capital, O mundo como vontade e representação, que a arte não é racional, e sim intuitiva. Se o filósofo trabalha com conceitos, que são produtos da razão, então, seu papel não seria, no fundo, diferente do papel do artista? As seções finais do livro IV de O mundo..., quando dogmas cristãos – tais como: graça, renascimento, redenção, pecado original etc. – aparecem no discurso filosófico de Schopenhauer, podem nos fornecer uma luz sobre esse ponto.

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Artista racional. Religião.



## O MUNDO COMO VONTADE, REPRESENTAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO: MOTIVOS E CONTRAMOTIVOS NA(S) DISPUTA(S) DIGIT

Felipe Durante

[xfelipedurantex@gmail.com](mailto:xfelipedurantex@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo, a partir da leitura e análise das obras de Schopenhauer – em especial a terceira edição d’O mundo como vontade e representação (Die Welt als Wille und Vorstellung) de 1844, Sobre o Fundamento da Moral (Über die Grundlage der Moral) de 1840, Parerga e Paralipomena (Parerga und Paralipomena) de 1851, e das notas de aula do autor sobre ética, A Metafísica dos Costumes (Metaphysik der Sitten) de 1820, avaliar a disputa de motivos e contramotivos que atuam nos indivíduos e as suas consequências para a vida em sociedade, considerando, dessa vez, o uso das redes sociais. Este esforço compreende as seguintes etapas: (i) exegese da bibliografia primária, i.e., dos textos citados acima e (ii) leitura e análise de comentários pertinentes acerca da filosofia política, do direito e social do filósofo bem como de textos pertinentes ao assunto. Com isso, espera-se pensar a atualidade do autor e suas contribuições em um campo do debate extremamente atual e problemático, cuja vastidão e implicações ainda não podem ser vistas com clareza.

### Palavras-Chave

Teoria do Caráter. Motivação. Vida em Sociedade.



## O PROBLEMA DA PERSPECTIVA OTIMISTA DA FELICIDADE E O PESSIMISMO EUDEMONOLÓGICO EM SCHOPENHAUER

Alex Nascimento Andrade Dos Santos

[andrade.alex@gmail.com](mailto:andrade.alex@gmail.com)

### Resumo

Todos, ao menos uma vez, procuraram ou pensaram sobre uma fórmula para alcançar a felicidade. É um tema que nunca será superado e que permanecerá em evidência. Diante disso, a questão que fica é: a felicidade plena é possível? Todos desejamos saber o que deve ser feito para escapar das dores do mundo e sermos felizes de verdade.

Segundo Byun-Chul Han, o excesso de otimismo ou positividade é a enfermidade fundamental do século XXI. As enfermidades psicológicas são decorrentes da competição em busca de ascensão social através do esforço pessoal, o que só resulta em frustração e solidão. De acordo com Han, a psicologia positiva (uma área de estudo dentro da psicologia que se concentra em elementos que prometem trazer a felicidade às pessoas através do otimismo e de comportamentos considerados positivos) transforma experiências traumáticas em estímulos para o aumento do desempenho e da resiliência. A dor é, frequentemente, evitada por ser considerada um sinal de fraqueza. Para Schopenhauer, a felicidade jamais será obtida de modo duradouro devido a eterna insatisfação do nosso querer. Com isso, o alemão sistematiza o pessimismo filosófico em sua metafísica imanente segundo a qual nenhum objeto pode dar fim ao nosso desejo, pois o desejo satisfeito logo dá lugar a um novo, afinal, o sofrimento é inerente à vida. Contudo, o filósofo não deixa que sua filosofia se limite a um quietismo ao trazer o conceito de sabedoria de vida nos Aforismos para a sabedoria de vida. Segundo ele, “O desconhecimento dessa verdade (o efeito quimérico dos prazeres), favorecido pelo otimismo, é a fonte de muitas desgraças”. Apesar de reconhecer que o mundo é, essencialmente, sofrimento, o pessimismo, enquanto práxis, visa uma vida “menos pior”. A oposição apresentada pelo alemão consiste em rejeitar o otimismo ilusório e adotar uma postura pessimista-não quietista, ou seja, uma postura pessimista que reconhece a impossibilidade de fugir do sofrimento, mas que, ao mesmo tempo, não implica uma postura passiva diante da vida. A sabedoria de vida seria uma conta no qual o resultado sempre visasse o efeito do “menos



sofrível”. Dessa forma, este trabalho planeja apresentar o problema da busca pela felicidade através da ideologia otimista da Psicologia Positiva e contrapor o pessimismo eudemonológico schopenhaueriano.

### **Palavras-Chave**

Schopenhauer. Pessimismo. Felicidade.



## POR UMA METAFÍSICA NÃO DOGMÁTICA: UM DIÁLOGO ENTRE SCHOPENHAUER E HORKHEIMER

Isabela Guimarães De Almeida Franzoi  
[isabelafranzoi@gmail.com](mailto:isabelafranzoi@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho pretende elencar algumas sintonias entre a tese da necessidade metafísica do ser humano desenvolvida por Arthur Schopenhauer no mundo como vontade e representação e a ideia do apelo ao inteiramente outro defendida na filosofia tardia de Max Horkheimer, em dois momentos. No primeiro, serão elencados os motivos trazidos por Schopenhauer para defender por que o ser humano é, essencialmente, um animal metaphysicum, dentre eles a sua capacidade de espantar-se com a própria existência, reconhecendo-se diante da injustificabilidade da miséria e finitude da vida. Para o filósofo, desse espanto surgiria a necessidade metafísica, e, em decorrência dela, os sistemas filosóficos e religiosos, cujo traço comum é o de elevar os seres humanos acima de si mesmos e de sua existência temporal, uma vez que investigam a positividade da dor como o malum metaphysicum característico de toda a existência. No segundo momento, trabalharemos com a crítica horkheimeriana da razão instrumental, na qual o filósofo denuncia a predominância do positivismo na análise técnica e impessoal da experiência e lamenta o desaparecimento dos sistemas metafísicos objetivos no estudo dos fenômenos sociais, tal como a moral, a arte e a religião. É neste período que Horkheimer propõe, com recurso a um tipo de teologia negativa, o apelo a um mundo inteiramente outro respaldado na rememoração dos horrores da realidade presente, perspectiva que evitaria o esquecimento, a apatia social e a repetição do sofrimento socialmente condicionado, além de abrir espaço para dinâmicas mais harmônicas e menos destrutivas dos seres humanos entre si e com a natureza. Defenderemos, ao final, como, para ambos os filósofos, os sistemas metafísicos não-dogmáticos são indispensáveis para o desenvolvimento de um senso de compaixão e solidariedade, uma vez que possibilitariam a identificação do sofrimento compartilhado e o reconhecimento dos limites da razão, além de ensinarem o pensamento crítico em direção ao existente e a transformação daquilo que é empiricamente possível.

### Palavras-Chave

Pessimismo. Teoria Crítica. Teologia Negativa.





## PRESENÇA DO PENSAMENTO SCHOPENHAUERIANO NA CONCEPÇÃO FREUDIANA DE HOMEM

Janaina De Lima Veiga  
[nainave@uol.com.br](mailto:nainave@uol.com.br)

### Resumo

A presente pesquisa aborda o tema da presença do pensamento schopenhaueriano na concepção freudiana de homem. Possui como objetivo, em termos gerais, constatar aproximações entre conceitos de Arthur Schopenhauer e de Sigmund Freud para a concepção de homem. Para tanto, parte-se da questão de como se deu essa influência das teorias do filósofo sobre as do pai da psicanálise. Insere-se a pesquisa no contexto do diálogo entre filosofia e psicanálise. Busca-se: a) identificar o ponto de vista acerca de homem para o filósofo Arthur Schopenhauer com base nos principais conceitos de sua metafísica da vontade; b) trazer citações, da obra do psicanalista, sobre os pontos de vista do filósofo destacados por Freud, c) examinar aproximações conceituais schopenhauerianas e freudianas na concepção de homem. Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada com investigação nas fontes primárias e secundárias, em periódicos e livros digitais e físicos. No decorrer do trabalho foram apresentados alguns resultados. Observou-se que tanto o homem schopenhaueriano como o freudiano, com a admissão do inconsciente pelos dois pensadores, são tidos como alguém que não possui o controle total de seu psiquismo. Ao considerar a loucura como um mecanismo de defesa, Schopenhauer parece antecipar a ideia de recalque criada por Freud. Ambos os autores destacam os impulsos sexuais como algo que interfere nas realizações dos seres humanos. Na perspectiva schopenhaueriana, o homem submete-se à necessidade e à satisfação; em correspondência, na freudiana, à pulsão e à satisfação. À necessária e difícil convivência entre os homens, constatada pelo filósofo, o pai da psicanálise recorre ao identificar a hostilidade no modo como as pessoas se comportam afetivamente umas com as outras. Concluiu-se que há perspectivas na metafísica da vontade de Schopenhauer, as quais o próprio Freud reconheceu como predecessoras de concepções na sua metapsicologia, embora o psicanalista, vez ou outra, tente se esquivar de que teve influência do pensamento schopenhaueriano. Assim, através da presente pesquisa, espera-se ter colaborado para que teorias psicanalíticas alcancem uma compreensão mais aprofundada de seus fundamentos.

### Palavras-Chave

Homem. Schopenhauer. Freud.



## SCHOPENHAUER E A CRÍTICA DA CATEGORIA KANTIANA DE CAUSALIDADE

Thiago De Souza Salvio  
[thiago.salvio@ufabc.edu.br](mailto:thiago.salvio@ufabc.edu.br)

### Resumo

Partindo da interpretação da ‘Crítica da filosofia kantiana’ (apêndice do primeiro tomo de O mundo como vontade e representação) bem como algumas passagens ao longo da segunda edição do tratado Sobre a quadrúplice raiz princípio de razão suficiente (§21 e §23), que contém a remissão à importantes refutações, de modo que, o âmago da crítica de Schopenhauer, de maneira enfática se concentra na argumentação contra a categoria kantiana de causalidade. Todavia, procurar-se-á então, deslindar três momentos, a saber, primeiro: de adesão aos princípios fundamentais, admitindo os méritos e a importância das descobertas de Kant e seu idealismo transcendental de acordo com a demonstração do conhecimento apriorístico, como condições de possibilidade da experiência; em segundo lugar, nos atentaremos aos “passos em falso”, apontando as incongruências e erros propriamente ditos; por fim, pretende-se evidenciar que, a polêmica dirigida contra as falhas de Kant, dizem respeito à dedução das categorias puras do entendimento tal como são fundamentados na Analítica dos conceitos, elementares na Lógica transcendental, notoriamente alterada na segunda edição da ‘Crítica da razão pura.

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Idealismo transcendental. Causalidade.



## SERIA A METAFÍSICA DE SCHOPENHAUER UM LIMITE PARA A SUA ÉTICA?

Jaqueline Engelmann

[jqengel@gmail.com](mailto:jqengel@gmail.com)

### Resumo

Em um artigo intitulado *Die beiden Grundprobleme der Schopenhauerschen Tierethik*, publicado em 2008 no volume 89 da *Schopenhauer Jahrbuch*, Frank Brosow salienta a grande influência de Schopenhauer no desenvolvimento da posterior ética animal, enfatizando que a filosofia europeia anterior ao filósofo não havia conseguido conceder um estatuto próprio aos animais, carecendo de uma abordagem crítica sobre a relação entre humanos e animais. Porém, seu propósito maior é demonstrar que a propensão metafísica e a negação pessimista do mundo podem ser considerados dois problemas fundamentais da ética animal de Schopenhauer, relativizando a importância da ação moral e retornando a uma visão antropocêntrica. Em nossa exposição pretendemos mostrar por que não concordamos com esse aspecto da interpretação de Brosow. Para tanto, nos alicerçamos na compaixão como fundamento não apenas da moral em geral mas também da ética animal em particular e concebemos a indiferença ascética como um ultrapassamento da própria moralidade.

### Palavras-Chave

Ética. Metafísica. Compaixão.



## SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO ORGANISMO EM SCHOPENHAUER

Lívia Ribeiro Lins

[liviaribeiro862@yahoo.com.br](mailto:liviaribeiro862@yahoo.com.br)

### Resumo

A comunicação visa a exposição do pensamento schopenhaueriano acerca da formação dos organismos. De acordo com o filósofo, no organismo podemos perceber a vontade em um de seus mais elevados graus de exposição. Em cada uma de suas partes é possível perceber o querer que determina sua forma. Essa complexa elaboração é esboçada já na atração dos genitores para fazer surgir um indivíduo com determinada compleição. Sob o ímpeto volitivo, os genitores são atraídos por quem possa atenuar seus defeitos na próxima geração e, dessa forma, atendem às demandas da espécie. O filósofo adere à noção de força vital para explicar como o organismo é formado: essa força impele o sangue, elemento inicial na formação de um novo ser, a se movimentar formando vasos, se condensando para a formação de músculos, definindo tamanho e forma dos membros pelo curso das artérias etc. A força vital atua impulsionando o sangue em seu percurso na formação de cada parte, sem interferência exterior. Depois do organismo formado, essa força continua atuando para manter o funcionamento adequado do corpo, nutrindo suas várias partes. Além disso, quando o corpo sofre com alguma desordem ela direciona seus esforços para a parte danificada, a fim de restaurá-la. As várias funções desempenhadas pelos sistemas do corpo demandam dessa força e no descanso do indivíduo ela direciona todo seu empenho para a regeneração das partes necessitadas. O direcionamento para fora é algo secundário, menos importante que a formação e manutenção do próprio organismo. Assim, sob o domínio da vontade a complexa elaboração do organismo é conduzida.

### Palavras-Chave

Organismo. Vontade. Força Vital.



## SOBRE ALGUNS TEMAS SCHOPENHAUERIANOS NA SEGUNDA EXTEMPORANEA DE NIETZSCHE

Kleverton Bacelar Santana

[kbacelar@ufba.br](mailto:kbacelar@ufba.br)

### Resumo

Essa comunicação pretende analisar os temas schopenhauerianos na Segunda Consideração Extemporanea (Da utilidade e desvantagens da História para Vida) de Nietzsche apontados desde a época de sua publicação pelos Wagner (Richard e Cosima) e investigados pela tradição dos comentadores de Nietzsche, desde a época das grandes monografias até hoje. Do quadro leopardiano que abre o escrito até os remédios propostos contra o excesso da história diagnosticado por Nietzsche na cultura alemã de sua época, passando pela discussão com o membro metafísico da “escola de Schopenhauer”, trata-se de examinar também os motivos anti-schopenhauerianos desse escrito que prefiguram a filosofia histórica desenvolvida por Nietzsche após seu afastamento de Wagner e do autor de O Mundo como Vontade e Representação. Após uma rápida exposição sobre as três formas de história onde a vida encontra a sua utilidade (monumental, antiquária, crítica), das consequências nefastas do excesso de história (enfraquecimento da personalidade, ilusão de justiça, ceticismo, etc.) e dos conceitos do aistórico, histórico e supra-histórico, portanto dos temas centrais da segunda extemporanea, retonarei a algumas teses de O Nascimento da Tragedia e das duas ultimas extemporâneas para chegar ao núcleo da liberação do espírito: a filosofia histórica.

### Palavras-Chave

Nietzsche. História. Schopenhauer.



## TEORIA E PRÁTICA EM SCHOPENHAUER

Flamarion Caldeira Ramos

[flamarioncr@yahoo.com.br](mailto:flamarioncr@yahoo.com.br)

### Resumo

A caracterização do que Schopenhauer entende por “ética” não é tão simples como possa parecer à primeira vista. Sua concepção de ética se distancia tanto da concepção de Aristóteles quanto a de Kant. Se neste último temos uma ideia de saber prático que busca efetivar na existência uma vida virtuosa e feliz, em Schopenhauer a ética se define por seu afastamento resoluto de qualquer saber prático. E também negará a tese kantiana segundo a qual a razão pura pode ser prática. O filósofo critica a ideia de uma ética como “saber prático” por duas razões: em primeiro lugar, a filosofia, mesmo a ética, é sempre teórica, pois a vontade como coisa-em-si é livre e não poderia ser determinada a agir por nenhum conhecimento abstrato; em segundo lugar, qualquer moral baseada em motivações racionalmente justificáveis recai em alguma espécie de egoísmo, num pragmatismo da razão do qual o ponto de vista superior da razão filosófica substancial se distancia. No início do quarto livro de *O Mundo como Vontade e Representação* diz o autor: “a parte seguinte da nossa consideração, de acordo com o modo comum em que as pessoas se expressam, poderia chamar-se filosofia prática, em contraste com a parte teórica tratada até agora. Na minha opinião, contudo, toda filosofia é sempre teórica, já que lhe é sempre essencial manter uma atitude puramente contemplativa, não importa o quão próximo seja o objeto de investigação, e sempre inquirir, em vez de prescrever regras. Tornar-se prática, conduzir a ação, moldar o caráter: eis aí pretensões antigas que uma inteligência mais perspicaz fará por fim a filosofia abandoná-las. Pois aqui, quando se trata do valor ou ausência de valor da existência, da salvação ou da perdição, os conceitos mortos não decidem, e sim a essência mais íntima do homem” (MVR, § 53). Schopenhauer ainda diz na sequência do texto que esperar que nossos sistemas morais e éticos criem indivíduos virtuosos, nobres e santos seria tão tolo quanto esperar que nossas estéticas produzam poetas, artistas plásticos e músicos. Se a filosofia dever ser teórica e não prática, isto é, se sua postura deve ser contemplativa e não estratégica, se é na vida espiritual que se encontra ao menos uma chance de escapar ao tormento da dor e do



tédio e se a reflexão ética se encaminha para uma vitória do conhecimento sobre o impulso cego e irracional, poderíamos então concordar com a caracterização de Rüdiger Safranski da filosofia de Schopenhauer como um elogio da vita contemplativa.

### **Palavras-Chave**

Schopenhauer. Teoria. Prática.



## TIPOS DE RAZÃO E CRÍTICA DA LÓGICA PESSIMISTA DE SCHOPENHAUER

Matheus Silva Freitas

[silvafreitasmatheus@hotmail.com](mailto:silvafreitasmatheus@hotmail.com)

### Resumo

Schopenhauer é considerado uma espécie de arquipessimista e fundador do movimento classificado como “pessimismo filosófico moderno”, por sua pretensão inovadora de sustentar, de maneira completamente sistemática e objetiva, que o não ser é melhor do que o ser. De acordo com essa linha interpretativa, a sistematicidade e a objetividade do pessimismo schopenhaueriano derivam de sua metafísica da Vontade. Entretanto, dois outros grupos de estudiosos seguem direções totalmente diferentes desta. Um deles não nega o pessimismo de Schopenhauer, mas o atribui predominantemente a razões subjetivas, como o seu comportamento melancólico desencadeado sobretudo pela relação conflituosa com a sua mãe; o outro grupo sequer toma Schopenhauer como um pessimista, e sim, ao contrário, como um otimista, numa indicação de que nos faltam critérios claros e explícitos para compreender o que seria o pessimismo desse autor. O presente trabalho defende que há, sim, uma “lógica” pessimista objetivamente articulada no interior da doutrina da Vontade de Schopenhauer. Todavia, as razões ou argumentos que compõem essa lógica, por mais que estejam muito bem concatenadas no sistema filosófico schopenhaueriano, não dependem dele. Já sabemos que alguns dos seus argumentos para explicar a dinâmica do sofrimento devem ser creditados, antes, à tradição estoica. Com o auxílio de manuais de teoria da argumentação, pode-se identificar na lógica pessimista de Schopenhauer tipos comuns ou “esquemas de argumentação”, que representam estruturas argumentativas usadas nos mais variados contextos, do senso comum à argumentação legal e científica. O primeiro objetivo deste trabalho é explicitar em quais tipos de razão enquadram-se os argumentos pessimistas de Schopenhauer. Esse modelo de análise ainda prevê, para cada um dos “tipos de razão” identificados na argumentação de um autor, uma lista de “questões críticas” que ele precisa responder, a fim de ser consistente com a lógica interna de seus raciocínios (WALTON et al, 2008, pp. 308-346). Por isso, o segundo objetivo deste trabalho é apresentar uma crítica dos tipos de razão pessimistas em Schopenhauer. Desse modo, espera-se garantir que o pessimismo schopenhaueriano seja analisado de uma maneira mais refletida e de acordo com as razões filosóficas que compõem o seu próprio plano argumentativo.

### Palavras-Chave

Schopenhauer. Pessimismo. Análise Argumentativa.





## UM MUNDO ANGUSTIADO: SCHOPENHAUER E KIERKEGAARD DIALOGANDO COM AS CRISES DA ATUALIDADE

Nahor Lopes De Souza Junior  
[nahor.junior@pucpr.edu.br](mailto:nahor.junior@pucpr.edu.br)

### Resumo

Várias “crises” afetam a contemporaneidade, em diversos níveis e situações: existenciais, intelectuais, sociais, políticas, bélicas, religiosas, culturais, etc. O mundo pós-Segunda Guerra alterou o paradigma de pensar em si e nas escolhas individuais e coletivas. Sem aprofundar o conceito de “crise”, mas focando em suas consequências, o presente trabalho quer trazer à tona os pensamentos de Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Søren Kierkegaard (1813-1855) para a compreensão das angústias humanas frente às citadas manifestações nas crises do mundo contemporâneo. Tanto Schopenhauer quanto Kierkegaard, que viveram no mesmo período histórico, tiveram a influência hegeliana, posteriormente criticando-a, para interpretar o mundo à sua volta. Kierkegaard, leitor de Schopenhauer, o citando algumas vezes em seus Diários, compartilha parte da visão pessimista do pensador alemão dentro do contexto de sua decepção com a religiosidade formal. A insatisfação com o mundo, uma proposta de Schopenhauer na sua obra principal *Die Welt als Wille und Vorstellung* (O mundo como vontade e representação, 1819) e também em outras, é deveras apresentada sutilmente nas redes sociais, nos bancos escolares, nos noticiários cotidianos que versam sobre a violência. Por isso, a origem da angústia, diante desse quadro trágico, é certa. Kierkegaard também faz uma leitura da angústia, mas no aspecto da mesma ser inerente à humanidade, como visto em *Begrebet Angst* (O conceito de angústia, 1844). A multiplicidade de escolhas impulsionada por uma realidade imagética e consumista, nos faz fadados ao desespero, e a liberdade diante das opções é angustiante. Esse cenário, aparentemente “sem saída”, nos dá diversos elementos para pensar também o sentido existencial dentro dos conceitos de Schopenhauer e Kierkegaard bem como pistas de resistência intelectual e moral. Apesar de algumas divergências conceituais, podemos afirmar a atualidade do pensamento de Schopenhauer e Kierkegaard diante de um mundo cheio de angústias e opções infinitas, e compreender processos psíquicos e sociais diariamente recorrentes.

### Palavras-Chave

Angústia. Crise. Sentido.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT SEMIÓTICA E PRAGMATISMO



## A DIMENSÃO DIAGRAMÁTICA DO GESTO: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCIANA

Renata Silva Souza  
[renatynhass@hotmail.com](mailto:renatynhass@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é investigar os processos criativos vinculados aos processos representacionais subjacentes aos gestos corpóreos. Nesse cenário, investigaremos as seguintes questões: 1) de que forma conceber a dimensão heurística e cognitiva de gestos a partir da noção de diagrama? 2) A linguagem gestual da dança traria subsídios para compreendermos a importância dos gestos no âmbito dos processos criativos? Como observado pela filósofa Marie Bardet (2014), pouco se refletiu, na história da filosofia, acerca das relações entre pensamento e gestos. A pensadora em questão ocupou-se de discutir esse tema no âmbito da dança, arte essa que, em nosso entendimento, pode ser pensada, de igual maneira, como uma forma de gesto artístico no qual o dançarino incorpora certas estruturas de pensamento em seus movimentos em cena. Do latim 'Gestus', a palavra gesto, em português, possui uma polissemia que lhe é intrínseca, podendo significar desde movimentos corpóreos que carregam significados específicos a uma dimensão metafórica, que não necessariamente se manifesta e se encerra nos movimentos do corpo. Tomamos a noção de gesto no seu sentido usual, vinculando-a às possibilidades de expressões corpóreas que carregam dimensões simbólicas significativas. Pelo prisma dos estudos da semiótica peirciana, a suposta hierarquia entre palavras e movimentos gestuais é suprimida, sobretudo quando se insere, a partir de tais estudos, o conceito de signo, conceito esse responsável pela realização da mediação entre um objeto e as possibilidades interpretativas a serem geradas na mente de um dado intérprete. Nesse contexto, um gesto pode ser pensado enquanto signo à medida em que é capaz de veicular ideias complexas através do movimento corporal, e/ou de mediação de sentimentos específicos. Um gesto corpóreo capaz de veicular ideias complexas, em nosso entendimento, pode ser lido, a partir da semiótica peirciana, como um signo diagramático. Os diagramas, de acordo com Peirce, são signos capazes de representar por semelhança as relações ou estruturas subjacentes a um objeto, malgrado nem toda



representação diagramática diga respeito a um objeto existente no mundo fático, ficando reservado a ela a dimensão do possível, vinculada ao mundo da imaginação. Argumentaremos que a noção de diagrama pode fornecer subsídios importantes acerca da reflexão relativa à dimensão cognitiva do gesto, dimensão essa que tem uma de suas maiores expressividades no âmbito da dança.

## Palavras-Chave

Diagramas. Gestos. Semiótica.



## A DINÂMICA DO INTERESSE COMO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DA MENTE EM ARE WE AUTOMATA? EM WILLIAM JAMES

Alexsandro Rodrigues Dos Santos

[alexro2017santos@gmail.com](mailto:alexro2017santos@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem como tema A dinâmica do interesse como processo de estruturação da mente em Are we automata? (1878) - Elementos pragmáticos em William James. Ele é parte de minha dissertação ainda em elaboração, cujo tema: Interesse e o processo de estruturação da mente em William James. O objetivo principal é mostrar, em linhas gerais, como se dá a dinâmica do interesse como processo de estruturação da mente no artigo de James Are we automata. O Artigo Are we automata? é fruto de uma publicação no periódico Mind (1878). Posteriormente, em 1890, o texto compõe o capítulo V, "The Automaton-Theory", em The Principles of Psychology (1890). O artigo Are we automata? Constitui o elo de conexão que mostra a presença da noção de interesse entre as fases da psicologia e filosofia de James e, com efeito, alternativa à noção de automatismo comportamental. Especificamente procuro desenvolver uma relação deste artigo com outra obra de James, Pragmatismo, publicado em 1907. Destacando, principalmente, as conferências: O que significa o pragmatismo; e Pragmatismo e senso comum. Neste percurso, temos a dinâmica do interesse que é central para James, pois é um elemento de distinção no processo de estruturação da mente; como também, o interesse é uma exigência vital que se desenvolve de forma dinâmica entre organismo e meio; e por fim, a dinamicidade do interesse mostra ser a mente ativa e seletiva em atividade prática. William James estudou medicina em Harvard, onde ensinou fisiologia, psicologia, especialmente a psicologia experimental, e também filosofia. Após vir da Europa, começou a ensinar psicologia em Harvard a partir de 1875, fundando o primeiro laboratório de psicologia dos Estados Unidos. James escreve sua obra magna The principles of psychology, publicado em 1890. Em 1907, publicou o Pragmatismo. Mas defendeu sua versão do pragmatismo elevando a forma 'radical' do seu empirismo, exposto na sua última fase de seu pensamento, em uma coletânea Ensaios em Empirismo radical (1904 [1911]), publicado postumamente. O senso comum entende o termo "interesse" como meramente fruto da vontade, da

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



faculdade mental. Diferentemente, como noção central no pensamento de William James, a noção de “interesse” possibilita duas questões fundamentais: em que consiste a noção de interesse? E em que sentido o interesse se desenvolve na dinâmica de estruturação da mente? A partir desta perspectiva, James mostra ser este termo fundamental em seu pensamento intelectual.

## Palavras-Chave

Interesse. Mente. Prática.



## A MATEMÁTICA DA LÓGICA DE CHALES PEIRCE: UM ESTUDO DE MINUTE LOGIC

Tobias Augusto Rosa Faria

[tobiasfaria@icloud.com](mailto:tobiasfaria@icloud.com)

### Resumo

Este trabalho examina o terceiro capítulo de *Minute logic*, de Peirce (1902). Inicia-se por uma exposição da classificação das ciências proposta pelo autor, na qual fica consignado o papel fundamental da matemática, que se distingue da lógica. Isso leva à questão de como pode a matemática preceder, do ponto de vista fundacional, a lógica. Para abordar esse tópico, é estudado o primeiro ramo da matemática, chamado por Peirce de “matemática da lógica”, que contempla as matemáticas dicotômica e tricotômica. A primeira se assenta na hipótese de que há dois valores de verdade, a partir da qual são estabelecidas as asserções possíveis, a algumas das quais Peirce atribui símbolos específicos, com os quais indica ser possível construir qualquer proposição. A segunda, por sua vez, se assenta na hipótese de que há três valores, que Peirce muito sucintamente discute mediante apresentação de tabelas-verdade para os operadores booleanos de adição e multiplicação. Consoante a classificação das ciências proposta pelo autor, essa tríade de valores embasa as três categorias fenomenológicas da primeiridade, segundidade e terceiridade. Fica evidenciado que a matemática da lógica de Peirce se confunde parcialmente com o que contemporaneamente se considera a lógica matemática. Além disso, *Minute logic* registra uma conjectura a respeito da lógica trivalente, que Peirce veio a introduzir posteriormente.

### Palavras-Chave

Lógica. Matemática. Peirce.



## COMENTÁRIO À TRADUÇÃO DE L'ESPACE ET LES SIGNES DE RENE THOM

Arthur Araujo

[aart037@gmail.com](mailto:aart037@gmail.com)

### Resumo

O ano de 2023 marcou o centenário de nascimento do matemático francês René Thom. Reconhecido por seu trabalho inovador em topologia, Thom se notabilizou por considerar que os problemas da biologia teórica encontram um paralelo com essa área da matemática. No final dos anos 60, ele apresenta um modelo topológico de aplicação à biologia. A ideia é que o processo de morfogênese poderia ser interpretado como uma reconstrução de formas espaciais. Usando a linguagem da topologia, Thom explora o problema de origem e sucessão das formas segundo uma intuição original: todas as formas de vida – incluindo formas linguísticas – incorporam formas espaciais. É em torno dessa intuição que Thom construirá um programa semiótico. Antecedido por sua obra *Stabilité Structurale et Morphogénèse* (1972), em que Thom desenvolve sua teoria matemática das catástrofes, no ensaio *L'espace et les signes* (1980), objeto da tradução, ele reafirma sua compreensão de que a significação sempre está associada a um lugar no espaço. Nesse ensaio, em particular, Thom considera a classificação triádica de Peirce (ícone, índice e símbolo) segundo uma representação vetorial. Mais do que considerar uma tal representação, Thom avança seu projeto de uma compreensão ampla da significação segundo bases topológicas. Ampliando a teoria da significação de Uexküll, Thom entende que a noção mesma de significação carece de sentido se a ela não se atribui uma dimensão espacial.

### Palavras-Chave

René Thom. Topologia. Semiótica. Significação.





## FAKE NEWS, TEORIAS DOS ATOS DE FALA E USO DA LINGUAGEM NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Luiz Claudio Inocencio

luizclaudioinocencio@hotmail.com

### Resumo

O tema proposto para essa apresentação refere-se às fake news, teorias dos atos de fala e uso da linguagem nos meios de comunicação. Para essa abordagem, o trabalho de pesquisa se pautará na obra de John Langshaw Austin Quando dizer é fazer: palavras e ação relacionando com o uso das fake news. Porque suspeita-se que este problema precisa ser melhor compreendido nos dias atuais, haja vista a diversidade de efeitos produzidos pelos meios de comunicação quando da emissão de um enunciado. Por esta razão buscou-se essa aproximação com a obra de Austin procurando indícios de atos de fala que possam nos subsidiar a pesquisa, e que nos permitam uma melhor compreensão das fake news. E nesse horizonte indagar sobre os seus efeitos produzidos no mundo em que vivemos, e em que medida podemos identificar um contributo da presente obra para se compreender esse fenômeno. Essas inquietações nos faz pensar os efeitos produzidos nas pessoas em virtude do enunciado proferido. Essas manifestações que resultam do proferimento realizado será o nosso guia de investigação para tentar, na medida do possível, identificar o que está impregnada em uma mensagem enviada nos meios de comunicação. E dessa forma, tentar responder a pergunta: O que faz com que pessoas aceitem e propaguem as fake news? Neste sentido esta abordagem busca uma melhor compreensão das fake news em paralelo com as teorias dos atos de fala presentes na obra de Austin. E com isso também surge uma nova maneira de analisar a linguagem pautada nos efeitos produzidos na comunicação e o poder de manipulação, que causa uma gama de interpretações negativas na nossa sociedade. O que permeia esse horizonte investigativo é a busca para identificar quais os efeitos que são produzidos na sociedade e as suas conseqüências que a partir das fake news podem ser geradas. Assim sendo, investigar as fake news será o direcionamento da pesquisa, tentando, em certa medida, mostrar o caráter relevante de tais aspectos para um novo horizonte da linguagem midiática, que agora se mostra mais acessível ao público através dos meios de comunicação



disponível. Trata-se de uma nova forma de análise de um problema que surge nos dias atuais por novos ângulos, onde os elementos investigados passam a ser analisados dentro de um determinado contexto social e os efeitos produzidos por personagens reais através dos meios de comunicações. Pois julgamos que desta forma teremos uma compreensão mais rica sobre as fake news.

### **Palavras-Chave**

Linguagem. Comunicação. Fake news.



## O HILEMORFISMO LINGUÍSTICO SAUSSURIANO NA FORMALIZAÇÃO SEMIÓTICA DE LOUIS HJELMSLEV

Alexandre Sales Macedo Barbosa  
[alexandreclbarbosa@gmail.com](mailto:alexandreclbarbosa@gmail.com)

### Resumo

No Curso de linguística geral (CLG) do linguista Ferdinand de Saussure, é célebre a frase que diz que a língua é forma e não substância. No entanto, o dinamarquês Louis Hjelmslev, que se propõe desenvolver a teoria linguística saussuriana através da Glossemática, percebe uma ambiguidade na acepção de língua ao longo do CLG que afeta as relações entre forma e substância, e encontra três acepções diferentes: língua como forma pura, como forma material e como conjunto dos hábitos. Com a posterior introdução da noção de matéria ao lado de forma e substância, o dinamarquês completa, na semiótica, uma tríade com longa tradição na história da filosofia, notadamente na ontologia aristotélica, mas que poderíamos rastrear até o Platão do Timeu, que postula três gêneros ontológicos fundamentais: “aquilo que devém, aquilo em que algo devém, e aquilo à semelhança do qual se cria o que devém” (Timeu, 50d). A partir dessa nova configuração tripartite, poderíamos reformular a célebre frase saussuriana e dizer que a língua é forma, mas também substância. Isso abre a teoria da linguagem para um hilemorfismo “duplamente duplo” — como o double-pince de Deleuze e Guattari (1980) — primeiramente entre expressão e conteúdo, como em Saussure, depois entre forma e substância, formando assim os quatro estratos de que fala Hjelmslev (1954): forma da expressão, substância da expressão, forma do conteúdo, substância do conteúdo. Ao descrever os diferentes tipos de relações entre os estratos, o dinamarquês define a forma como uma constante e a substância como variável, aproximando-se, a nosso ver, da definição platônica do Timeu; para tornar mais explícitas e unívocas essas relações, utilizamo-nos da formalização simbólica que propõe Hjelmslev. Esta mostrou que a relação entre forma e substância é arbitrária não apenas para a expressão — o que já é indicado pela própria separação entre fonética e fonologia como áreas claramente delimitadas —, mas também para o conteúdo, o que implicaria, a nosso ver, uma necessidade de cindir a semântica em duas partes segundo o modelo destas duas áreas. Da relação arbitrária entre forma do conteúdo e



substância do conteúdo inferimos por fim uma segunda conclusão, mais fundamental: a de que a própria existência da semiologia em Saussure depende desta arbitrariedade, uma vez que sistemas semióticos distintos não se resumem a expressar os mesmos conteúdos semânticos por meios diferentes, mas implicam toda uma forma do conteúdo própria para cada um.

### **Palavras-Chave**

Hjelmslev. Semiótica. Hilemorfismo.



## SOBRE A COEXISTÊNCIA DE ELEMENTOS CÉTICOS E PRAGMÁTICOS NO PENSAMENTO DE RUSSELL.

L. A. Saran

[lucasasaran@gmail.com](mailto:lucasasaran@gmail.com)

### Resumo

Já em *The problems of philosophy*, Bertrand Russell parece mostrar certa simpatia pelo tipo de ceticismo que, por vezes, é associado à dúvida metódica cartesiana. Esse tipo de simpatia (pela dúvida cartesiana) parece ressurgir, mais tarde, nas célebres conferências sobre atomismo lógico de 1918 e, pelo menos enquanto objeto de debate, em obras maduras como *An Outline of philosophy*; pode-se, portanto, conjecturar que há algum grau de ceticismo que, possivelmente, segue a evolução do pensamento russelliano. Isso fica ainda mais claro quando se pensa que o filósofo inglês (Russell) sofreu, a partir de determinado momento da evolução de suas ideias, influência empirista de autores como Hume e Berkeley, de modo que, se há elementos de um tipo de ceticismo nesses autores, talvez haja mais razões para se pensar aspectos céticos em Russell sob diversas perspectivas. Por outro lado, ao aderir ao monismo neutro a partir da década de 20 do século passado, Russell aparenta ter incorporado aspectos pragmáticos no seu pensamento, uma vez que a referida doutrina (monismo neutro) se beneficiou de posturas oriundas de autores como Dewey e James (empirismo radical). Levando-se em conta essa situação, o objetivo desta comunicação consistirá em aprofundar o entendimento dos elementos céticos do pensamento de Russell e avaliar a forma como tais elementos céticos podem, principalmente nas obras que aparecem a partir da adesão ao monismo neutro, coexistir com elementos pragmáticos. Para tentar concretizar esse objetivo, esta comunicação tentará dar conta de três eixos: o primeiro eixo consiste na exposição dos elementos céticos de linha cartesiana e/ou empirista presentes em boa parte do processo do desenvolvimento da filosofia russelliana; o segundo eixo consiste em uma consideração a respeito das influências pragmáticas que – tendo origem, principalmente, no empirismo radical de James e em Dewey – estão presentes no monismo neutro das obras maduras de Russell; o terceiro eixo consiste no próprio debate a respeito da possibilidade de coexistência dos elementos céticos e pragmáticos nas perspectivas do filósofo inglês em questão.

### Palavras-Chave

Russell. Ceticismo. Pragmatismo.



## UMA LEITURA POLITIZADA DA TEORIA SOCIAL DA LÓGICA DE PEIRCE

Cassiano Terra Rodrigues

[casster@ita.br](mailto:casster@ita.br)

### Resumo

É nos três textos anti-cartesianos de Peirce, integrantes do conjunto que veio a ser conhecido pelo rótulo de Série cognitiva, que encontramos algumas das teorias mais importantes do autor, por exemplo, a do pensamento signo, a da verdade como convergência, a da comunidade científica de investigação e a teoria social da lógica. Todas essas teorias, se bem ainda de maneira incipiente, estão umbilicalmente ligadas e constituem um eixo sistemático incontornável da filosofia de Peirce. As implicações lógicas e epistemológicas dessas teorias foram objeto de intenso debate na filosofia contemporânea, nem sempre com o devido crédito a Peirce. No entanto, nem o contexto e muito menos as implicações políticas dessas teorias receberam a mesma atenção. Proponho recuperar o contexto sócio-histórico em que Peirce desenvolveu suas ideias como forma de interpretação mais informada de suas ideias, nos seguintes termos. Evidentemente, as ideologias e crenças pessoais de todo filósofo só interessam na medida em que aparecem em sua obra. Mas seria possível separar completamente vida e obra dessa forma? Como os contextos nacionais podem ressignificar a obra? O caso de Peirce é emblemático: se, por um lado, é verdade que ele retirou de seus textos passagens inteiras flagrantemente sexistas e racistas, tendo em vista a publicação, também é inegável que deixou intactos trechos condizentes com a ideologia do destino manifesto, então hegemônica nos EUA. Em 1893, quando revisou esses textos para um possível projeto de livro, essas passagens permaneceram intactas. Na minha leitura, não é possível defender que se tratam apenas de exemplos ingênuos ou metaforicamente inócuos. Defendo que é possível supor que a comunidade sem nome e sem self, imaginada por Peirce como infinitamente capaz de aprender, seria não apenas científica, mas uma metáfora da própria nação estadunidense, na qual as individualidades e particularidades seriam aglutinadas indiferentemente, a ponto de ser anuladas ou dissolvidas. Dado o elogio ao realismo escolástico na resenha das Obras de Berkeley, não é difícil identificar, aqui, algo como uma síntese conciliadora, ou silenciadora, de inspiração hegeliana, ainda que a dialética pareça ter sido deixada



de lado. Mas a contradição, não: se a obra de Peirce não pode ser considerada como esvaziada de teor político e sociológico, sua capacidade crítica frente à mitologia do progresso inexorável é inegável e ainda pode ser valiosa para o nosso tempo.

### **Palavras-Chave**

Lógica. Realismo. Política. Peirce. Ciência.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



## GT TEORIA CRÍTICA





## A CRÍTICA COMO O EXERCÍCIO DA FORMA ABERTA: BENJAMIN E O ROMANTISMO DE JENA

Maria Clara Rodrigues Rocha  
[mariaclararrocha1411@gmail.com](mailto:mariaclararrocha1411@gmail.com)

### Resumo

A comunicação tem como proposta a tentativa de pensar o lugar do incômodo que as leituras de Benjamin proporcionam, a forma aberta trabalhada pelo autor como fio condutor de sua obra, não ironicamente inacabada. Na companhia de seu texto sobre o Romantismo, a ideia é tecer uma reflexão que é sempre tensionada na estrutura da própria obra ao formular “algo”. Acreditamos que esse algo é o que perpassa toda sua obra. Esse espaço entre um método Benjaminiano que dialoga com a noção de Fragmento Romântico, não é algo novo, mas, certamente, para o leitor inicial, ainda se esconde por trás da poesia e encantamento mágico na leitura dos textos de Benjamin, mesmo porque tal recurso lhe é inerente, enquanto forma de exposição. O mais interessante nesse recorte é a tentativa de apresentar esse método que não se pauta em uma antecipação pura, mas pela ideia de fenômeno, mais precisamente, na experiência. Apresentar o método Benjaminiano só é possível a partir desse exercício. Nesse processo a chaga que se abre é como que a falta, e então a completude é posta para fora do jogo. A incompletude do método que aparece nas críticas de Adorno como falta de mediação, é nada mais do que a aproximação da filosofia com o que nos é congênito e mundano, elemento sem o qual a própria filosofia perde-se em sua busca. É a partir da forma aberta que tem seu germe da filosofia romântica, que o conceito de reflexão e crítica aparecerá na obra de Benjamin. Por fim, podemos discutir a experiência da leitura como medium de reflexão já anunciava o papel do materialista das Teses sobre o conceito de história, e a potencialidade de implodir o continuum da história por meio das ruínas de nosso presente; só esse olhar atento ao mundo e suas contradições poderia ser o sujeito da frase “Cada época sonha a seguinte”, podemos repetir para fixar a tarefa à “filosofia por vir”, que se assemelha em larga medida ao “materialista dialético” de seu último texto.

### Palavras-Chave

Benjamin. Forma Aberta. Crítica.



## A DETERMINABILIDADE ATIVA COMO CONDIÇÃO PARA UM NOVO PRINCÍPIO DE REALIDADE

Ana Carolina Meinerz  
[carolmeinerz@gmail.com](mailto:carolmeinerz@gmail.com)

### Resumo

Nossa pesquisa tem como objetivo repensar o novo princípio de realidade indicado por Marcuse a partir do conceito de determinabilidade ativa estabelecido por Schiller. Para tanto, nossa hipótese é que não apenas o conceito de determinabilidade ativa ajuda a explicar o novo princípio de realidade, mas também possibilita sua realização. Marcuse defende, ao longo da obra *Eros and Civilization*, a possibilidade de uma reorganização da estrutura pulsional a fim de que seja menos repressiva. No novo princípio de realidade, a determinabilidade ativa se comporta como uma força transformadora capaz de romper com as estruturas opressivas coletivas e individuais e redefinir a relação entre o indivíduo e a sociedade, superando a alienação e conquistando uma existência não reificada. A determinabilidade ativa como fundamento para um novo princípio de realidade é uma abordagem que promove a liberdade positiva (a realização das próprias potencialidades e a determinação das próprias ações) e a busca por uma existência autêntica. Essa combinação de ideias propõe uma nova perspectiva para a compreensão do mundo e das relações humanas, oferecendo uma alternativa ao modelo dominante de realidade construída sob a repressão. Nesta nova perspectiva, impera a razão sensível em detrimento da razão instrumental, partindo do entendimento de que a determinabilidade ativa permite a des-sublimação da razão e a auto-sublimação da sensualidade, levando à anulação dos constrangimentos e coerções das dimensões da vida humana. Pela razão sensível, a realidade não é construída e compartilhada a partir da renúncia do prazer, uma vez que é possível observar o telos da razão sem contradizer o telos da sensibilidade ou vice-versa. Para Marcuse, a origem da razão está na pulsão de vida e é a seu favor que a razão deve trabalhar.

### Palavras-Chave

Liberdade. Realidade. Arte.



## A ESFERA PÚBLICA NO CAPITALISMO TARDIO: DUAS CONCEPÇÕES NA OBRA DE JÜRGEN HABERMAS

Pedro Pacheco E Zan  
zanpedro32@yahoo.com.br

### Resumo

Esta comunicação tem por objetivo comparar duas concepções de esfera pública na obra de Habermas: 1) em *Mudança estrutural da esfera pública*, de 1962; 2) na sua *Teoria da ação comunicativa*, de 1981. Como pretende-se defender, em ambas o autor se encontra confrontado pelo problema de se pensar as condições de possibilidade e a função da esfera pública no contexto do capitalismo tardio. Por um lado, Habermas identifica a derrocada do modelo burguês de esfera pública com o surgimento do Estado de bem-estar social e a consequente intervenção estatal na sociedade civil, ofuscando a distinção entre os âmbitos público e privado. Nesse contexto, a esfera pública perde sua função, tornando-se apolítica e um instrumento de propaganda. Já de outro lado, Habermas se propõe a retomar as reflexões sobre a esfera pública nesse contexto histórico, a partir de um quadro teórico renovado. Com o quadro da ação comunicativa, o autor entende ser possível um diagnóstico menos pessimista sobre a posição da esfera pública no capitalismo tardio, defendendo sua existência enquanto zona de conflito em que os imperativos sistêmicos e comunicativos se chocam e os efeitos patológicos da colonização do mundo da vida podem ser percebidos e tematizados. A partir dessa comparação, esta comunicação se propõe a pensar as rupturas, continuidades e impactos dessa nova concepção de esfera pública para a teoria habermasiana.

### Palavras-Chave

Esfera Pública. Teoria Crítica. Jürgen Habermas.



## A GÊNESE DA MODERNIDADE: LEITURA DE HORKHEIMER DA NATUREZA DOMINADA PELO PROCESSO TECNOLÓGICO

Uilson De Meneses Hora

[uilsonmh@yahoo.com.br](mailto:uilsonmh@yahoo.com.br)

### Resumo

A reflexão e a possibilidade de explicar no contexto estudado por Horkheimer como se dá o processo de dominação da natureza e o debate sobre o conceito de razão, estabelecendo uma relação natureza/homem. Horkheimer tem na razão instrumental como uma ponte que liga ao processo de transformação racional, no qual o homem detém o conhecimento necessário para a dominação da natureza. Com o objetivo de entender os caminhos percorridos pelo filósofo e como ele chegou ao conceito de natureza dominada e da razão, este artigo busca fornecer uma maior inteireza ao texto, divididos em duas partes. Na primeira, será desenvolvido a partir da leitura de Horkheimer da natureza dominada pelo processo tecnológico e social da sociedade e como a razão tem um papel primordial na aceleração das transformações da natureza. Na segunda, pretendemos analisar o processo da razão na construção do domínio e da emancipação do ser. Horkheimer apresenta nos estudos da filosofia crítica como é possível uma construção da racionalidade tanto para o bem como para o mal. Com isso, esperamos colaborar com o debate, envolvendo o processo de dominação da natureza e sobre a razão nos estudos desenvolvidos por Max Horkheimer. A crítica a esse processo consiste em analisar e apontar para as consequências de um modelo de racionalidade em que o homem abra caminhos para transformações que possam atingir um estágio que coloque em risco todo o planeta.

### Palavras-Chave

Horkheimer. Natureza. Razão.



## A PSICANÁLISE COMO MOMENTO NÃO-IDÊNTICO EM ADORNO

Carine Gomes Cardim Laser

[carinelaser@gmail.com](mailto:carinelaser@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar o lugar da pulsão (Trieb) na filosofia de Theodor Adorno, centrando a discussão na pulsão como natureza interna, e buscando colocar em evidência este conceito psicanalítico pouco estudado na obra do frankfurtiano. Parto da ideia base de que Adorno percebe no espírito da filosofia moral kantiana que os sujeitos só deixariam de ser um pedaço da natureza quando refletem sobre si mesmos e tomam consciência de si como um pedaço da natureza. Tal ideia não teria sido, no entanto, realizada pela filosofia kantiana em sua aversão à consciência de si e seu modelo racional absoluto. Considerando que esta natureza, que pode ser percebida por uma autoconsciência, seja da ordem do somático, ou da natureza interna pulsional, podemos considerar a importância deste conceito para a filosofia adorniana e sua concepção de natureza e liberdade. Porém, esta forma de se pensar a natureza não deve ser simplesmente uma tomada de consciência do pulsional. Busco evidenciar que a única possibilidade de se saber como um pedaço da natureza é pela expressão negativa da pulsão, que, no somático, aparece como o que não se pode ter total consciência, ou o seu momento não idêntico.

### Palavras-Chave

Psicanálise. Teoria Crítica. Pulsão.



## A TRAJETÓRIA POLÍTICA-FILOSÓFICA DO ETHOS: DO UTILITARISMO EM KANT AO RECONHECIMENTO EM HONNETH

José Aldo Camurça De Araújo Neto

[aldolike@gmail.com](mailto:aldolike@gmail.com)

### Resumo

A questão da ética na modernidade ultrapassa a esfera de qualquer análise, interpretação. Mesmo porque a separação entre o conteúdo de nossas ações e os impactos de tal conteúdo nos sentimentos de paixão, inclinação e desejos humanos não foi por acaso. Nenhum filósofo algum tentou mediar, dar respostas satisfatórias ao problema de se efetivar ou não uma normatividade ética de caráter universal. Para tanto, tentativas não faltaram quanto à possibilidade de se buscar uma ética de caráter normativa, estrutural. Tanto é assim que a presente exposição pretende abordar dois modelos interpretativos de se buscar um ethos coletivo. Modelos estes baseados na filosofia moral de Immanuel Kant (1724-1804) e na filosofia política de Axel Honneth (1949-). Apesar de épocas distintas, Kant e Honneth possuem visões próprias, específicas a respeito deste percurso ético. O primeiro analisa o conteúdo de nossas ações a partir da máxima que a determina. Ao cumprir a máxima de abrangência universal, Kant defende a tese do cumprimento desta norma a partir do postulado do imperativo categórico. Imperativo esse que não possuía possibilidade alguma de exceção ou mesmo que não pudesse ser exercido, praticado. O segundo, por sua vez, admite que as experiências de desrespeito estimulam o indivíduo nas lutas/pautas identitárias de se alcançar o reconhecimento. Categoria essa fundada a partir da premissa de uma intersubjetividade interacional oriunda do déficit social/sociológico das patologias sociais das experiências de desrespeito. Numa palavra, a proposta de ethos nos dois autores possuem um ponto em comum: a autonomia humana frente às interferências externas das inclinações (Kant) ou mesmo dos limites do desrespeito (Axel Honneth). E será esta dicotomia argumentativa, aparentemente irreconciliável, que será o fio condutor do presente artigo. Em que medida a noção de ethos está presente na filosofia kantiana e honnetiana, respectivamente.

### Palavras-Chave

Ethos. Autonomia. Reconhecimento.



## A TRANSNACIONALIZAÇÃO DA JUSTIÇA EM NANCY FRASER

Beatriz Furlan De Carvalho  
[bf.carvalho@unesp.br](mailto:bf.carvalho@unesp.br)

### Resumo

No presente contexto, situado entre reivindicações cada vez mais acirradas por igualdade e reconhecimento de novos movimentos sociais e também ofensiva neoliberal, a ascendente globalização expõe cada vez mais os limites das democracias liberais e dos territórios nacionais em lidar com as questões e os dilemas da justiça atual. É através dessa perspectiva, que a filósofa e teórica social feminista Nancy Fraser propõe-se a repensar os rumos da democracia e da justiça, reconsiderando os limites dos Estados-nação. A autora compõe seus trabalhos através de influentes diálogos que tece com teorias de outros autores, em especial, o filósofo e sociólogo de tradição frankfurtiana, Jürgen Habermas, e o conceito que o autor concebe de esfera pública. Segundo a autora, a ideia habermasiana de esfera pública é indispensável à teoria social e prática política democrática, no entanto, há que se fazer uma reconstrução crítica dessa ideia para que ela seja apta a teorizar os limites das democracias realmente existentes. As críticas de Fraser a concepção habermasiana, se concentram principalmente na desigualdade de acesso à esfera pública, posteriormente a autora consubstancia seus entendimentos em uma teoria de justiça, que inclui redistribuição de renda e reconhecimento de status -norteados pelo princípio paritário- como componentes essenciais. Em um segundo momento, Fraser amplia sua teoria para incluir uma terceira dimensão: o político. A justiça que anteriormente se situava dentro do enquadramento Keynesiano-Westfaliano, se torna insuficiente para dar conta dos novos dilemas de um mundo globalizado. O passo agora é identificar as violações e ameaças que impedem alguns sujeitos de atuarem como pares nos processos de tomada de decisão. A autora localiza sua concepção de justiça através da radical interpretação democrática do igual valor moral, nesse sentido o princípio paritário, se concebe como uma prática normativa que pretende sobrepujar os obstáculos impeditivos dos sujeitos atuarem como pares na interação social, para Fraser superar as iniquidades significa dismantelar todas as injustiças institucionalizadas até mesmo transcender os Estados nacionais.

### Palavras-Chave

Justiça. Teoria crítica. Feminsimo. Nancy Fraser.



## ADORNO E A PROMESSA DE FELICIDADE EM SUA TEORIA ESTÉTICA

Victor Hugo Amaro Moraes De Lima

[victorecreio@hotmail.com](mailto:victorecreio@hotmail.com)

### Resumo

Esta comunicação tem como objetivo interpretar a ideia de “Promessa de felicidade” na teoria estética de Theodor Adorno. Busca-se inicialmente retratar as origens deste dito, que irão ser encontradas em Stendhal, sendo posteriormente interpretadas por Nietzsche e Baudelaire, chegando na configuração trazida por Adorno. Após esta reconstrução, iremos debater como esse dito é interpretado na literatura secundária, a partir de Martin Jay, Richard Wolin e James Finlayson. Iremos concordar com a definição de Finlayson, sobre a interpretação “tradicional” deste dito em Adorno. Ela afirmaria que a arte se encontra suprimida pelos pressupostos sociais da Indústria Cultural, que reforçam a ideia de prazer “imediato” em relação às obras. Tal diagnóstico implica que a felicidade imediata trazida pela Indústria Cultural é falsa, fetichista: a arte, como mercadoria, teria que unicamente “satisfazer” uma demanda de prazer. Entretanto, se a obra de arte manter a negatividade do mundo em si mesma, realizando uma “negação determinada” dos pressupostos da Indústria Cultural, pode-se reencontrar seu potencial crítico: ao se distanciar de outros tipos de objetos instrumentais, a promessa se realiza a partir da noção de que a arte aponta para uma realidade outra, na utopia. Apesar de ser uma interpretação consolidada, Finlayson aponta que ela estaria incorreta. Ela estaria recorrendo ao erro de ser uma interpretação a-histórica, formulando que em determinado momento na sociedade, poder-se-ia alcançar uma felicidade não imediata pela arte, entretanto, sem ponto de referência histórico para afirmar tal posição. Finlayson, buscando resolver o elemento “a-histórico” nesta interpretação, propõe que Adorno não se refere à utopia neste dito, mas sim, aos movimentos modernos de arte da Europa, cujas obras abrigariam a “negação determinada” da sociedade, que a arte deveria realizar. Esta comunicação propõe criticar a interpretação de Finlayson, a partir do texto “A arte é alegre?” de Adorno, afirmando que a “felicidade” proposta na arte moderna não é satisfação imediata, mas sim, uma operação de tensão entre felicidade e infelicidade. A felicidade não sobrevive imobilizada no modernismo europeu, pois ela é mobilizada com a





seriedade, com o sofrimento. Assim, a promessa de felicidade é quebrada, pois ela nega o presente, não sendo “a-histórica”: a obra de arte incorpora em seu material a verdade da impossibilidade da felicidade imediata, quebrando a promessa para ser fiel a si mesma.

### **Palavras-Chave**

Teoria Crítica, Estética, Theodor Adorno.



## ADORNO E OS IMPASSES DE UMA CRÍTICA DO CONTEMPORÂNEO

Bruno Carvalho Rodrigues De Freitas

[brunocarvalhorf@gmail.com](mailto:brunocarvalhorf@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação tem como objetivo convidar para debater a atualidade da crítica social adorniana. Para isso, recapitularemos inicialmente alguns traços distintivos do seu procedimento crítico. O ponto de partida será o conceito de crítica imanente. Pretende-se mostrar que Adorno reorganiza esse conceito contra três outros tipos de crítica: a crítica cultural tradicional (que adere à noção de cultura que critica), o reacionário e o marxista (que rejeitam a cultura, mas por motivos opostos). Na sua análise das possibilidades da crítica social, ele mobiliza, além de uma certa noção dialética de imanência, as noções de exagero e sofrimento. Nossa época, por outro lado — e essa é hipótese que se pretende discutir — se organiza de forma tal que cria um embaraço exatamente nesses pontos. Considerada de forma enfática, essa noção pressupõe uma certa configuração da ideologia que talvez não esteja mais presente, pelo menos não plenamente. A imanência implicava um olhar para o não-integrado, o não-idêntico. Isso conduzia à crítica das formas de sofrimento, às quais a crítica propunha emprestar sua voz. Para analisar esse processo de dominação com tendência à integração total na sociedade administrada, Adorno enfatizava a necessidade do momento retórico da crítica. Atualmente, o fundamento da ideologia mais refinada é a autocrítica sistemática. A indústria cultural, por exemplo, de maneira recorrente se constitui pela paródia de suas próprias regras. Além disso, a disputa política não se organiza mais pela retórica da hipocrisia, mas sim pelo cinismo. As políticas públicas ditas focalizadas se organizam em torno de conceitos como reconhecimento e vulnerabilidade, que destacam a dimensão social do sofrimento e sua gestão. Diante disso, ainda é possível sustentar algum tipo de crítica para o contemporâneo? Se sim, quais transformações ela necessita? Seria ela ainda imanente? O sofrimento ainda seria o motor da crítica?

### Palavras-Chave

Adorno. Crítica. Contemporâneo.



## ALIENAÇÃO E POBREZA NOS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE MARX

Roan Matthaeus Chimello Dias

[chimello.dias@unesp.br](mailto:chimello.dias@unesp.br)

### Resumo

Esta pesquisa objetiva analisar as categorias de alienação e pobreza na obra dos Manuscritos econômico-filosóficos de Marx, ressaltar a relação de ambas e buscando verificar a possibilidade de identificação de uma enquanto dimensão da outra. Para isso, serão investigados os cadernos do escrito, em especial determinados capítulos, e obras específicas de Fanon, Haber, Jaeggi e Mészáros com o intuito de expandir a compreensão destas formulações marxianas e reconhecer como são apropriadas por outras correntes ou pensamentos. A investigação passará pelas considerações das quatro formas de alienação descritas por Marx, seu desenvolvimento interno na obra e como se relacionam com proposições acerca da produção, particularmente considerando a pobreza, para seguir com estas análises complementares, que possibilitarão uma retomada do texto marxiano, de forma a responder a pergunta chave que orienta a linha de pesquisa: “a alienação, considerada a partir da noção de perda, pode ser concebida como uma dimensão da pobreza? Se sim, em quais sentidos? Se não, em quais sentidos?”

### Palavras-Chave

Alienação. Pobreza. Manuscritos de 1844.



## AS NOVAS TAREFAS DA FILOSOFIA MARXISTA SEGUNDO GEORG LUKÁCS

Mateus Soares De Souza

[mateusflf@gmail.com](mailto:mateusflf@gmail.com)

### Resumo

No dia 29 de Janeiro de 1949, Georg Lukács, apresentava, para a Sociedade Francesa de Filosofia, uma conferência cujo título era “Os novos problemas da filosofia hegeliana” Ao lados de nomes como Jean Hyppolite, Jean Wahl e Émile Bréhier, Lukács pôs-se a debater os resultados de sua pesquisa sobre o jovem Hegel, originalmente escritos 10 anos antes, mas só publicados em 1948. Esta conferência, publicada originalmente no segundo número Bulletin de la Société Française de Philosophie, Paris, no ano de 1949, apresenta 3 grandes momentos argumentativos: (i) a relação de Hegel com a economia política; (ii) a influência da percepção política de Hegel na formulação de estudos de juventude, até a Fenomenologia do espírito; (iii) como as categorias de exteriorização [Entäußerung] e memória/interiorização [(Er)Innerung] são categorias fundamentais pra se pensar a alienação [Entfremdung] e seu vínculo com a teoria marxista do fetichismo. Ao fazermos isso, pretendemos explorar o princípio metodológico que guia Lukács: ler Hegel com os olhos de Marx. Este princípio nos permite destacar três objetivos de Lukács: a) a necessidade de se realizar o que ele chama de uma filosofia a partir do ponto de vista do presente – e como essa perspectiva está vinculada a um entendimento da história enquanto um “movimento total”, composto por tendências e que permitiria, por isso, realizar uma filosofia crítica; b) que, partindo desse princípio, é possível enxergar em Hegel, lineamentos e tendências que influenciarão a formação da crítica no próprio Marx. Com isso, Lukács busca alinhar Marx à tradição clássica alemã em um movimento que contraria a leitura soviética da época; c) esse movimento permite ver em Hegel, especialmente no Jovem Hegel, até a sua Fenomenologia, a formulação de categorias que seriam fundamentais para o desenvolvimento da teoria de Marx, como por exemplo o trabalho e a alienação. Tomando este percurso em um contexto mais amplo, pretendo indicar que os objetivos de Lukács, antes de serem apresentar “os novos problemas da filosofia hegeliana” como sugere o título da conferência, seria os de



apresentar “os novos problemas da filosofia marxista”. Ou formulado de outra maneira: Lukács busca chamar atenção para o aspecto filosófico da teoria marxiana como sua contribuição específica para o movimento que o autor denomina de “renascimento do marxismo”.

### **Palavras-Chave**

Lukács. Método. Dialética. Marxismo. Jovem Hegel.



## AS TRANSFORMAÇÕES E AS CRÍTICAS À IDEIA DE PATOLOGIA SOCIAL EM AXEL HONNETH

Luís Henrique Da Costa Leão

[luisleao@id.uff.br](mailto:luisleao@id.uff.br)

### Resumo

Este trabalho consiste em uma leitura da teoria social crítica de Axel Honneth buscando também situar o debate acadêmico que as suas noções de patologia social (PS) retomaram no âmbito da Filosofia Social. O objetivo foi explorar a noção de patologia social em Axel Honneth e perceber as reações de outro(a)s autore(a)s a essa conceituação. Para delimitar sentidos, fronteiras e transformações do termo PS em Honneth realizei uma pesquisa de natureza exploratória e cunho bibliográfico que teve como materiais-fonte obras do autor e de comentaristas que problematizaram suas noções sobre patologia social. Me dediquei à leitura das obras “Crítica do Poder” (1993), “Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais” (2015a), “Reificação” (2018), “Sofrimento de indeterminação” (2007), “O Direito da Liberdade” (2011) e “A ideia de socialismo” (2017) e em textos específicos como “Pathologies of the social: The past and present of social philosophy” (1996), “A Social Pathology of Reason: On the intellectual legacy of Critical Theory” (2004) e “As enfermidades da sociedade: Aproximação a um conceito quase impossível” (2015) para, em seguida, apresentar os debates de autores e autoras críticos às concepções de PS a partir de publicações em artigos e livros. Este trabalho permitiu observar que a expressão PS tem emergido no trabalho de Honneth de várias maneiras predominando um sentido relativo, inicialmente, aos déficits do reconhecimento nas esferas do amor, do direito e da solidariedade, seguido da ideia de bloqueios da razão, realização humana e da liberdade social, e mais recentemente, aparecendo de modo mais contundente a ideia de disfuncionalidade do organismo social. Essa trajetória tem aquecido o debate na filosofia social e muitas críticas de autores como Bressiani (2013), Campello (2017), Smith (2017), Zurn (2011, 2015); Teixeira (2016); Särkelä; Laitinen (2018), Thompson (2018); Harris (2018, 2019); Verovšek (2019), Freyenhagen (2015) e Safatle (2018; 2019). Os principais eixos dessas críticas dizem respeito aos limites da teoria do reconhecimento em relação à redistribuição; as relações entre patologia social e



biopolítica; o debate das patologias sociais como transtornos de segunda ordem e as insuficiências e limitações do organicismo de Honneth (a refração reformista da adoção de Honneth faz do organicismo e a visão estreita a respeito do que de fato é o ser orgânico).

### **Palavras-Chave**

Honneth. Patologia Social. Teoria Crítica.



## ASPECTOS FILOSÓFICOS DO GENOCÍDIO

Mariana Fidelis Jerônimo De Oliveira

[fidelis.mariana@hotmail.com](mailto:fidelis.mariana@hotmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa tem como ponto de partida a investigação sobre os pressupostos filosóficos do genocídio dentro das reflexões de Theodor W. Adorno a respeito do holocausto. A escolha da Dialética Negativa como obra principal justifica-se pela sua ênfase nos elementos formais de análise do fascismo, descortinando nas Meditações sobre a metafísica a relação entre genocídio e o pensamento da identidade. Este esforço em delinear o conceito adorniano de genocídio coloca-se em função de uma investigação mais ampla acerca de sua atualidade e abrangência: é possível falar, a partir da obra de Adorno, de uma lógica do genocídio válida para experiências históricas similares? Como objetivo principal, pretendemos investigar até que ponto é possível estender as considerações adornianas sobre o genocídio judeu à reflexão sobre outras experiências históricas de genocídio, como no caso da invasão colonial nas Américas ou das experiências contemporâneas de extermínio negro nas periferias do mundo. Com isso, pretendemos avançar na compreensão do genocídio, ontem e hoje, contribuindo também para o seu enfrentamento social.

### Palavras-Chave

Adorno. Genocídio. Identidade.





## CAMINHOS PARA ATUALIZAÇÃO DA TEORIA CRÍTICA À LUZ DA EXPERIÊNCIA URBANA NO BRASIL

Lorenzo Bicca Estivallet  
[lorenzoestivallet@gmail.com](mailto:lorenzoestivallet@gmail.com)

### Resumo

O questionamento que guia esta pesquisa pode ser sintetizado na seguinte pergunta: quais as consequências de refletir criticamente sobre as especificidades da experiência urbana brasileira para elaboração de uma teoria crítica? O contexto específico da segregação socioespacial no Brasil oferece o caso privilegiado para apreender a dinâmica da desigualdade social — com base em categorizações sociais de gênero, raça, classe, etnia, dentre outras —, em conjunto com a dinâmica urbana que lhe é própria. Para pensarmos a imbricação entre cidade, teoria social e política, a exploração do potencial crítico tem como fio condutor a atualização de modelos teóricos que buscam realizar uma tarefa dupla em relação à sociedade, tanto analítico-descritiva quanto crítico-normativa. Buscaremos incidir no campo mais amplo da teoria crítica e, ao mesmo tempo, oferecer aportes específicos para o debate sobre a produção da cidade, considerando as conexões entre abordagens filosóficas e sociológicas. Deve-se enfatizar que a pesquisa dialoga com o debate da teoria crítica, considerada tanto em seu sentido estrito, vinculada à Escola de Frankfurt, quanto em seu sentido alargado, que tem na recepção da feminista norte-americana um de seus principais exemplos. Desse modo, destacamos que uma das contribuições esperadas é o cotejamento teórico entre distintos campos da pesquisa social, demarcando a possibilidade tanto de compatibilização quanto de identificação de limites intransponíveis entre as diferentes literaturas recuperadas. Pretendemos desenvolver um enquadramento teórico autoral, na medida em que a reconstrução dos textos será empreendida em função das especificidades do processo de segregação socioespacial brasileiro. Acreditamos que o objetivo de tematizar a espacialidade das interações sociais nas cidades brasileiras deve implicar na incorporação à teoria social da materialidade das tensões entre esfera pública e privada; do questionamento acerca das dimensões de poder nas relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade; e da crítica às formas de apropriação alienada do trabalho humano conectadas com a

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



produção financeirizada do espaço urbano, tendo em vista a atual etapa do capitalismo neoliberal. Ao considerarmos o vínculo entre injustiças urbanas e desigualdades sociais, almejamos discutir a interdependência da segregação socioespacial brasileira com os arranjos políticos, econômicos, culturais e jurídicos que a formam.

## Palavras-Chave

Teoria crítica. Experiência Urbana Brasileira.



## COMO CRITICAR UMA CONTRADIÇÃO? A TEORIA CRÍTICA DO JOVEM MARX

Felipe Taufer

[fe.taufer@hotmail.com](mailto:fe.taufer@hotmail.com)

### Resumo

Alguns comentadores procuraram os “fundamento normativo da crítica” nos textos do “jovem Marx” (Marcuse, Lukács, etc.). Não só os Manuscritos de 1844 chamaram a sua atenção, mas as também as cartas dos Anais Franco Alemães de 1843. Para todos, elas representam um ponto interseccional entre filosofia, crítica e política. Heinrich, em *A Ciência do Valor*, não apresentou uma interpretação diferente. Limitou-se a contrastar o humanismo da crítica da alienação com a análise imanente de *O Capital*. Fraser ressuscitou o slogan das cartas, “autocompreensão [...] da época sobre suas lutas e desejos”, e enfatizou que ali encontra-se a fórmula da teoria crítica. As três recepções comungam em ressaltar os aspectos normativos do diagnóstico de Marx. Em primeiro lugar, criticarei o núcleo interpretativo comum das três interpretações com base em um escrutínio conceitual e contextual das cartas. Depois, afirmarei que Marx lida ali com questões que a teoria crítica chama “normativas”, mas que ela não leva em conta que Marx expõe as dificuldades da fundamentação normativa. Valerei-me de uma incursão pelas cartas de 1842 que criticam o normativismo de Meyen e sua categoria *Das Sollen ist*. Enfatizarei que é somente levando a sério este contexto que pode-se compreender o conteúdo das cartas de 1843. Isolarei, então, o retrato que Marx faz da intersecção mencionada e destacarei seu ponto nodal é a denúncia de “contradições” entre a “destinação ideal” e os “pressupostos reais” da vida social (MEGA2 I/2, p. 487-488). Terceiro: lembrarei de quatro noções de contradição que encontramos na obra de Marx (argumentativa, disfuncional, histórica e imanente) e defenderei que aqui se trata da imanente. Proponho, por fim, que o distintivo das cartas é que Marx levanta e responde “como criticar uma contradição?”. Oferecerei três razões para tal hipótese: (i) a tarefa da “filosofia crítica” consiste na autoconsciência do que se luta contra e que esse objeto é contraditório; (ii) a denúncia de “contradição” entre “destinação ideal” e “pressuposto real” da vida social é uma má compreensão do que é a “contradição”, pois ela está no objeto e não entre ele e seu ideal; (iii) a denúncia não percebe o aspecto



imane da contradição e essa é a razão de seu reformismo político. Terminei minha comunicação realizando a sugestão que Marx apenas oferece uma resposta no Manuscrito de Kreuznach: criticar uma contradição consiste em demonstrar sua gênese, necessidade e em explicitá-la (MEGA2 I/2, p.101).

### **Palavras-Chave**

Normatividade. Contradição. Crítica.



## CONTRA DIAGNÓSTICOS DE TEMPO

Amaro De Oliveira Fleck  
[amarofleck@hotmail.com](mailto:amarofleck@hotmail.com)

### Resumo

Nessa apresentação defendo a tese de que o conceito de diagnóstico de tempo (Zeitdiagnose) se transformou em um jargão que mais atrapalha do que esclarece, tanto no que se refere a trabalhos historiográficos sobre a teoria crítica, quanto com relação a tentativas de formular uma teoria crítica de nossa situação presente. Para sustentar minha hipótese realizo uma breve análise da trajetória desse conceito, com foco, sobretudo, em dois momentos cruciais: I. Sua aparição na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, nos anos 1920, e as críticas dirigidas a ela pelo jovem Max Horkheimer, no início dos anos 1930; II. A recuperação do conceito por Jürgen Habermas em artigos do começo da década de 1970, e sua sucessiva disseminação através da historiografia sobre a teoria crítica feita pelo “grupo de Munique”. Concluo argumentando que o conceito de diagnóstico de tempo tende a criar situações estanques, paralisadas, revelando-se regressivo quando comparado ao conceito mais dinâmico de tendência.

### Palavras-Chave

Diagnóstico de Tempo. Teoria Crítica.



## COOPERAÇÃO SOCIAL COMO CRÍTICA DO DEVER: LIMITES DE UMA TEORIA COSMOPOLITA DE COMBATE À POBREZA

Matheus De Vilhena Moraes

[matheus.vilhena@unesp.br](mailto:matheus.vilhena@unesp.br)

### Resumo

Uma das formas de compreender as análises contemporâneas sobre a pobreza é através do olhar da filosofia política que, em grande medida, tem privilegiado abordagens orientadas primordialmente por teorias normativas, deixando a margem elementos importantes presentes nas dinâmicas sociais. Thomas Pogge, um dos teóricos contemporâneos mais relevantes nesse campo, propõe uma tese cosmopolita para combater a pobreza global, baseada nos direitos humanos e no dever negativo de justiça. Contudo, a proposta de Pogge parece também reproduzir certa marginalização das dinâmicas sociais, especialmente quando compreendemos os limites da noção de cooperação social mobilizada por ele. Nesse sentido, este projeto de pesquisa visa investigar esse aspecto da teoria de Pogge com intuito de explicitar sua compreensão de cooperação social para, em seguida, analisá-la criticamente a partir de uma abordagem mobilizada pelos textos de Franck Fischbach. O autor francês argumenta que a competição na sociedade capitalista fragilizou a cooperação social. Assim, ressignificá-la, ele mostra que é essencial repensar a relação entre trabalho e trabalhadores. Esse é um dos caminhos, segundo Fischbach, que podem promover uma renovação da cooperação social, da autonomia e da democracia e, conseqüentemente, ampliar o potencial crítico das análises sobre a pobreza. Finalmente, este projeto busca explorar como uma noção mais complexa de cooperação social pode, ao mesmo tempo, apontar os limites da proposta de Pogge para combater a pobreza global e promover uma compreensão mais crítica e politicamente promissora das dinâmicas sociais e da busca por justiça global. A pergunta que servirá como guia é a seguinte: Como a cooperação social, pensada pelo olhar da filosofia social, pode contribuir para a crítica de uma proposta de combate à pobreza orientada por uma abordagem cosmopolita guiada pelo princípio do dever?

### Palavras-Chave

Pobreza. Franck Fischbach. Thomas Pogge.



## CRISE DA DEMOCRACIA E TEORIA CRÍTICA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE NANCY FRASER

Marcelo Sevaybricker Moreira

[marcelomoreira@ufla.br](mailto:marcelomoreira@ufla.br)

### Resumo

O trabalho busca analisar comparativamente a literatura especializada sobre a crise das democracias contemporâneas e a abordagem da filósofa estadunidense Nancy Fraser sobre esse tema. Para tal, este trabalho divide-se em três partes. Na primeira, é realizado um balanço do debate sobre a crise das democracias, de 2016 (quando ocorreu a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, marco fundamental desse debate) a 2023, discorrendo sobre diversos autores e obras do campo das ciências sociais e da filosofia. O propósito dessa primeira parte é identificar as principais linhas de interpretação nesse debate ainda em curso. Na segunda parte do trabalho, avalia-se sinteticamente alguns textos de Nancy Fraser sobre a crise da democracia que, na sua compreensão, só pode ser devidamente compreendida a partir da sua relação com outras formas de crise social (econômica, climática, do cuidado), desencadeadas, sobretudo, pelo capitalismo neoliberal. Para tal, a pesquisa se debruça fundamentalmente sobre três livros recentes da filósofa: *Capitalismo em debate*, *O velho está morrendo e o novo não pôde nascer* e *Capitalismo canibal*. Na terceira e última parte, o trabalho procura comparar o debate sobre a crise das democracias com a perspectiva de Fraser, situando a sua abordagem nesse debate e ponderando se a sua teoria crítica é uma abordagem mais realista e menos ingênua em relação ao que está ocorrendo nas democracias contemporâneas.

### Palavras-Chave

Nancy Fraser. Teoria crítica. Crise da democracia.



## CRÍTICA DO CAPITALISMO E LUTAS DE FRONTEIRA EM NANCY FRASER

Nathalie A. Bressiani

[nathalie.bressiani@ufabc.edu.br](mailto:nathalie.bressiani@ufabc.edu.br)

### Resumo

O objetivo desta apresentação é explicitar, por meio de uma reconstrução da trajetória teórica de Nancy Fraser, a centralidade que a política e a teoria social desempenham em sua teoria crítica do capitalismo. Para isso, passo por cada um dos três momentos da produção de Fraser. 1) Com base nos trabalhos publicados por Fraser até o início dos anos 1990, defendo que seu ponto de partida nesse momento é a emergência das lutas pelas necessidades, isto é, de disputas políticas a respeito da interpretação de quais são as necessidades que devem ser satisfeitas e de como elas devem ser satisfeitas. Mostro, então, que, para Fraser, essas disputas surgem no contexto de um capitalismo administrado pelo Estado – que se caracteriza pelo surgimento do social e pela politização da economia, do pessoal e do doméstico – e devem ser compreendidas como lutas de fronteira em cujo horizonte está um socialismo democrático que leva em consideração as dimensões de raça, classe e gênero. 2) Em seguida, passo à análise dos trabalhos publicados por Fraser entre os anos 1990- 2000, período caracterizado pela consolidação de uma hegemonia neoliberal progressista que deslegitima as lutas por necessidades, reprivatizando a economia e o doméstico/pessoal. Mostro, então, que, para Fraser, o que explica essas transformações no vocabulário político é o ressurgimento de um liberalismo econômico globalizante, no qual a economia é reprivatizada e avança tanto sobre a esfera do pessoal/doméstico quanto sobre a política, cujo escopo é reduzido. É a esse cenário que a autora se contrapõe ao problematizar o recuo emancipatório do imaginário político pós-socialista, e passa a enfatizar a necessidade de repolitização da economia com o objetivo de corrigi-lo. 3) Analisando, por fim, os textos publicados por Fraser após 2007-8, procuro mostrar como a crise altera esse cenário, ao provocar rachaduras no discurso neoliberal, que começa a perder sua hegemonia. Nesse contexto, o espaço para a política se amplia novamente e as lutas de fronteiras voltam a surgir. Mostro, então, que, para Fraser, esses novos desenvolvimentos políticos podem ser explicados por uma teoria multidimensional das crises cujo ponto de partida é uma compreensão do capitalismo



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



enquanto ordem social institucionalizada. Por fim, defendo que, para Fraser, as lutas de fronteira só se tornam efetivamente transformadoras quando escapam de uma postura meramente defensiva e assumem a forma de lutas de classe.

## Palavras-Chave

Capitalismo. Lutas de Fronteira. Nancy Fraser.



## DA TEORIA DA JUSTIÇA À TEORIA DAS CRISES: A CRÍTICA DO CAPITALISMO DE NANCY FRASER

Ivan Rodrigues

[ivanrsfilho@hotmail.com](mailto:ivanrsfilho@hotmail.com)

### Resumo

Em Nancy Fraser, a crítica do capitalismo democrático administrado pelo Estado de bem-estar social realizou-se, sobretudo, como uma crítica das injustiças econômicas (de distribuição), culturais (de reconhecimento) e políticas (de representação) que caracterizaram a sociedade capitalista durante a segunda metade do século XX. A crítica do capitalismo neoliberal, entretanto, passou a realizar-se, em Fraser, sobretudo, como uma crítica das crises econômicas, socio-reprodutivas, ambientais e políticas (de legitimação) que caracterizam a sociedade capitalista durante o século XXI. Fraser procede, portanto, a fortes deslocamentos conceituais e explicativos que, em última análise, concernem a uma mudança de diagnóstico de tempo. As questões principais que, envolvidas nessa mudança teórica, serão examinadas neste artigo são as seguintes: (1) Por que Fraser considerou necessário deslocar-se da teoria da justiça para a teoria das crises? (2) A teoria da justiça foi abandonada por Fraser? Se não, de que modo a teoria da justiça pode, em Fraser, conectar-se com a teoria das crises? (3) Como se relacionam, em Fraser, a teorização das injustiças de representação e a teorização das crises de legitimação? Há avanços de clarificação conceitual e explicativa na passagem daquela teorização para esta? Há avanços de contribuição intelectual para as lutas anticapitalistas nessa passagem? (4) Que limites teóricos e práticos há na teorização das crises de legitimação?

### Palavras-Chave

Nancy Fraser. Capitalismo. Injustiça. Crise.



## DISSONÂNCIAS EM TORNO DE KAKFA: A CRÍTICA LITERÁRIA DIALÉTICA EM WALTER BENJAMIN E THEODOR W. ADORNO

Luciana Molina

[lucianamqueiroz@gmail.com](mailto:lucianamqueiroz@gmail.com)

### Resumo

Pretende-se nesta comunicação investigar as diferenças e similaridades entre a análise da ficção de Kafka no ensaio de Walter Benjamin, “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte”, e no de Theodor W. Adorno, “Notas sobre Kafka”, bem como costurar relações entre essas críticas e as respectivas reflexões estéticas de ambos os autores. Espera-se que essa abordagem contribua para o mapeamento de diferentes problemáticas e conceitos nos dois filósofos, ao mesmo tempo em que analisa o legado de ambos para um modelo de crítica literária dialética. Enquanto Benjamin enfatiza “trabalho” e a relação de Kafka com narrativas tradicionais, a exemplo das fábulas e dos aforismos, Adorno discute o caráter “enigmático” de Kafka e seus vínculos com a reificação. Com isso, pretendemos discutir como o posicionamento de Benjamin compreende Kafka como um herdeiro da problemática baudelairiana da perda de experiência, bem como a crítica de Adorno se vincula a uma ponderação específica acerca do moderno e do modernismo e da relação entre essas duas noções e a arte nova.

### Palavras-Chave

Enigma. Reificação. Trabalho.



## DO APEGO À SUJEIÇÃO: SOBRE O SUJEITO SUBJUGADO EM JUDITH BUTLER

Cristina De Oliveira Figueiredo  
[cristinadeoliveira00@hotmail.com](mailto:cristinadeoliveira00@hotmail.com)

### Resumo

A Vida Psíquica do Poder: Teorias da Sujeição faz parte de um projeto teórico e político orquestrado por Judith Butler. Esta obra oferece uma articulação das explicações políticas da subjetividade, apresentando argumentos que insistem na necessidade de o pensamento político contemporâneo considerar o desempenho subjetivo nos discursos de poder. Central a este argumento é o desenvolvimento da teoria de Butler sobre a formação do sujeito. O núcleo desta obra é a ideia foucaultiana de que devemos entender a sujeição como um processo constituinte dos sujeitos, ou seja, de como o poder molda os sujeitos. Para Butler, o sujeito é uma manifestação material do poder. Se as condições de poder persistem, elas devem ser reiteradas, e o sujeito é o lugar dessa reiteração. O poder, assim, constitui e é constituído pelo sujeito. Para que o poder possa agir, afirma Butler, deve haver um sujeito. Logo, para compreender o funcionamento do poder, é necessário entender sua atuação na subjetividade. A teoria da subjetividade é, portanto, também uma teoria do poder, pois não é possível teorizar o poder sem teorizar o sujeito. Sendo assim, o problema teórico central da obra é compreender a relação entre o funcionamento do poder e a formação da subjetividade. Para isso, Butler argumenta que é necessário examinar a relação entre o processo de tornar-se subordinado ao poder e o processo de tornar-se sujeito. Portanto, para compreender a formação do sujeito na teoria butleriana, é essencial entender os processos de sujeição. Butler expande a noção foucaultiana de sujeição para incluir a análise de como os sujeitos subordinados se apegam emocionalmente e se investem psiquicamente em sua própria subordinação. Este apego apaixonado é essencial para a formação do sujeito, que se desenvolve por meio de relações de poder internalizadas. Butler argumenta que a sujeição é um processo pelo qual o poder social se torna parte da identidade do sujeito. Esse poder, inicialmente imposto, é internalizado e transformado em um componente crucial da identidade do sujeito. Em vista disso, o objetivo do texto é analisar os modos pelos quais os sujeitos se apegam



apaixonadamente à sujeição e acabam desejando-a. Para tanto, é necessário (i) reconstruir a explicação de Butler sobre as dinâmicas psíquicas da sujeição e (ii) analisar a relação entre dependência e subordinação.

### Palavras-Chave

Sujeito. Sujeição. Dependência.



## DO TRABALHO ALIENADO AO JOGO: MARCUSE E A ATIVIDADE HUMANA ENQUANTO MEDIAÇÃO

Kadú Leandro Firmino  
[kadu.lf.96@gmail.com](mailto:kadu.lf.96@gmail.com)

### Resumo

Nessa comunicação, apresento algo que minha pesquisa tem mostrado ser um fio condutor que liga a interpretação de Marcuse sobre a dialética em Hegel e Marx à sua própria proposta de teoria crítica, apresentada em *Eros e civilização*, i.e. o conceito de trabalho. Esse fio começa com a mediação enquanto atividade própria da Vida no jovem Hegel, que logo se revela em sua forma própria à vida humana enquanto trabalho. Através do trabalho são postas as mediações entre sujeito humano e objeto, e entre individualidade e universalidade. No entanto Hegel percebe que essa característica mediadora do sujeito consciente não se realiza plenamente no trabalho universal e abstrato que produz mercadorias, pois este tem como premissa a separação entre o sujeito que produz e o objeto produzido. Objetificado como mercadoria, o trabalho se universaliza em um sistema de trocas também abstrato, cujo funcionamento caótico parece ser regido por uma necessidade cega com a força de uma lei natural. O trabalho, deste modo, empobrece aquele que trabalha - não só estreita as condições para seu autodesenvolvimento enquanto sujeito consciente, como atua contrariamente a isso. É isso o que já percebe Hegel em sua juventude, e que viria a ser aprofundado décadas depois por Karl Marx. Este último, por sua vez, reivindica a necessidade de que o sistema de relações produtivas seja retirado de seu estado de inconsciência e seja apropriado pelo sujeito humano para que se torne efetiva a qualidade consciente de sua atividade. Tal como o interpreta Marcuse, Marx mostra que essa passagem representa a transição para o início da história efetiva da humanidade, e que ela depende da abolição do modo alienado de trabalho. Em *Eros e civilização*, Marcuse parece dar continuidade a esse raciocínio quando propõe que a atividade humana sob uma realidade emancipada já não teria a forma do trabalho, mas a do jogo. Superando a dominação que separa sujeito e objeto, o ser humano jogaria com as potencialidades de um e outro em sua atividade emancipada, ligada fortemente à estética. Esta proposta é parte do resultado de uma pesquisa de mestrado amparada pela FAPESP (processo nº 2021/14480-0).

### Palavras-Chave

Trabalho. Mediação. Emancipação.



## DONNA HARAWAY, TEÓRICA CRÍTICA

Virginia Helena Ferreira Da Costa

[virginia.costa@usp.br](mailto:virginia.costa@usp.br)

### Resumo

A comunicação irá expor um desenvolvimento ainda inicial dos estreitos vínculos que a filósofa e bióloga Donna Haraway estreita com as duas extremidades da Teoria Crítica, a saber, a primeira geração, bem como a sua última. O intuito é entender uma das possíveis filiações da autora, que se autointitula teórica crítica, ao Instituto de Pesquisas Sociais e seus desdobramentos contemporâneos. Para além da crítica diagnóstica de Haraway - que não abandona o foco em Freud e Marx -, a exposição desenvolverá um debate eminentemente epistemológico: o presente recorte pretende relacionar os princípios desenvolvidos tanto em “Teoria tradicional e teoria crítica” (1937) de Max Horkheimer, bem como concepções acerca do positivismo na obra de Theodor Adorno, com as críticas manifestadas ao sujeito neutro e incorpóreo da ciência criticado por Haraway. Em especial, as noções de dominação da natureza via uma subjetividade centrada nos “purismos” da identidade serão caras à autora a partir de perspectivas de visualização (projeção, espelhamento, perspectiva). Tal relação entre teoria e empiria, ou entre sujeito e objeto, terá como resultado final uma teoria crítica eticamente engajada cujos desdobramentos emancipatórios serão bem próximos aos de uma concepção queer e instável de subjetividade, tal qual desenvolvida por Judith Butler.

### Palavras-Chave

Donna Haraway. Teoria Crítica. Epistemologia.



## EMOÇÕES NO DEBATE PÚBLICO: JUSTIÇA E CRISE DA DEMOCRACIA

Mariana Kuhn De Oliveira  
[marianakoliveira@gmail.com](mailto:marianakoliveira@gmail.com)

### Resumo

Pessoas que defendem a taxação da riqueza são frequentemente ditas invejosas por seus oponentes. Já pessoas que se opõem a ações afirmativas que visam a integrar mulheres e pessoas negras em universidades ou postos de poder são tidas como ressentidas. Essas, é claro, não são autodescrições, já que tanto no primeiro quanto no segundo exemplo, as pessoas provavelmente se diriam como indignadas. Indignação, inveja, ressentimento, desrespeito, entre outras são, nesse sentido, emoções políticas e que contêm em si um julgamento sobre a justiça de um caso. Além de considerações inescapáveis sobre a justiça, o uso das emoções no discurso pode também ser retórico, afinal a acusação de que alguém é invejoso ou ressentido ajuda a afastar os argumentos dessa pessoa, que passa a ser vista como emotiva e irracional. A presente pesquisa busca apresentar uma leitura do uso das emoções no debate nos termos recém descritos e a explorar as consequências do diagnóstico de problemas sociais a partir de um vocabulário das emoções e de seu uso retórico.

### Palavras-Chave

Diagnóstico de tempo. Emoções políticas.





## ENCRUZILHADAS DA IMAGINAÇÃO: ENTRE A LIBERTAÇÃO E A DOMINAÇÃO

Gabriel Ramponi

ramponigabriel@gmail.com

### Resumo

A apresentação trabalhará a imaginação como contradição que se move entre potencialidades históricas de libertação e dominação. Para tanto, serão mobilizadas fundamentalmente duas obras de Herbert Marcuse, *Eros e Civilização* e *O Homem Unidimensional*. A partir dessas obras, é possível compreender a imaginação como elemento constitutivo da realidade. Entende-se com isso que a imaginação participa ativamente tanto do que pode ser quanto daquilo que é. Portanto, tanto daquilo que pode ser mobilizado por interesses de manutenção do status quo quanto por forças de transformação social. Essa tensão pode ser observada nas formulações mesmas do autor. A hipótese com que trabalharemos é precisamente a de que o potencial da estética e da imaginação desvelado em *Eros e Civilização* faz com que o autor contemple também a possibilidade desse potencial como sendo o de dominação, em *O Homem Unidimensional*. Em *Eros e Civilização*, a imaginação aparece como veículo libertário, ganha amplitude epistemológica e instituinte de novas imagens de mundo; em *O Homem Unidimensional*, precisamente por manter a imaginação em posição privilegiada em seu potencial criador, é que Marcuse adverte para o risco destrutivo de sua libertação em contexto repressivo, onde novas imagens seriam imagens de dominação. Ainda, deve-se dizer que essas obras do autor são vistas, por vezes, como otimista — no caso de *Eros e Civilização* — e a outra pessimista — *O Homem Unidimensional*. Pretende-se apresentar uma alternativa à essa leitura dos “humores” do autor, sem nos filiarmos também apenas à leitura das obras a partir dos contextos históricos a que cada uma se destina. Nossa hipótese é de que se ganha mais — ou melhor, potencializam-se os argumentos do autor — se as lermos como complementares, em que uma corresponde à necessidade lançada pela outra, reciprocamente. Em outras palavras, o diagnóstico lido como “pessimista” de Marcuse em *O Homem Unidimensional* pode ser compreendido a partir da amplitude que o autor concede aos conceitos de “estética” e “imaginação” em *Eros e Civilização*; por



outro lado, sua conclusão em O Homem Unidimensional, da necessidade de alteração do direcionamento das mesmas “Estética” e “Imaginação”, de um redirecionamento consequente e “racional” do aparato produtivo, seria pressuposto para a potencialidade “otimista” de Eros e Civilização.

### Palavras-Chave

Imaginação. Marcuse.



## EXPERIÊNCIA DE INDETERMINAÇÃO: LIMITES E POTENCIALIDADES DO DIAGNÓSTICO DE AXEL HONNETH

Heribaldo Lopes Maia Neto  
[maia.heribaldo@gmail.com](mailto:maia.heribaldo@gmail.com)

### Resumo

Desde a publicação de *Luta por Reconhecimento* por Axel Honneth em 1992, surgiu um vasto debate, abrangendo questões intelectuais e práticas. Esses debates, alimentados por diversos conflitos sociais, levaram Honneth e outros pensadores da teoria crítica a reavaliar a sociedade, destacando a dominação e as influências libertárias. Este diálogo com teóricos anteriores, como Adorno, Horkheimer e Habermas, visa examinar a natureza da crítica social no contexto de novos conflitos e movimentos sociais. Honneth, ao lidar com o legado da teoria crítica, busca compreender as inconsistências teórico-normativas dessas dinâmicas sociais e identificar lacunas emancipatórias, conforme exigido por Horkheimer em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. Para tal, Honneth reconstruiu o conceito hegeliano de reconhecimento, partindo de uma concepção do social constituído pelo conflito. Assim, ele forneceu uma gramática filosófica que, a partir do diagnóstico de déficits de reconhecimento, analisa a motivação dos sujeitos que lutam por vínculos sociais mais justos e livres. Diante da necessidade de aprofundar suas formulações, Honneth também apontou um diagnóstico das impossibilidades de realização de uma compreensão de liberdade social, identificando concepções parciais de liberdade que produzem patologias sociais. O modelo “ex-negativo” de diagnóstico de Honneth é produzido a partir da indicação do não cumprimento das promessas normativas de reconhecimento e liberdade, para, a partir disso, reconstruir os potenciais de liberdade e reconhecimento. Por outro lado, Judith Butler critica Honneth por não ser suficientemente crítico, argumentando que ele não investiga profundamente o pano de fundo que estrutura as relações de reconhecimento e liberdade, o que limita seu diagnóstico. Diante desses debates, analisaremos as vantagens e os limites do conceito-diagnóstico de sofrimento por indeterminação proposto por Honneth. Este trabalho abordará alguns pontos fundamentais para o desenvolvimento do debate: I) Expor o desenvolvimento histórico e teórico da teoria crítica e seu imperativo de emancipação;



II) Examinar as formulações de Axel Honneth sobre sofrimento de indeterminação e as críticas de Butler; III) Reconstruir o conceito de sofrimento por indeterminação à luz das críticas de Butler, usando o conceito de experiência para radicalizar seu potencial crítico-emancipatório; IV) Analisar a experiência depressiva como exemplo de sofrimento de indeterminação.

### Palavras-Chave

Honneth. Indeterminação. Emancipação.



## EXPERIÊNCIA, FILOSOFIA E VERDADE NA REFLEXÃO BENJAMINIANA

Iasmin Leiros Sarmiento Da Silva

[iasminleiros@gmail.com](mailto:iasminleiros@gmail.com)

### Resumo

Em um exercício de conexão entre os conceitos de “experiência”, “filosofia” e “verdade”, este trabalho investigativo traz reflexões introdutórias que evidenciam os fundamentos filosóficos da teoria benjaminiana. O interesse de Walter Benjamin pela relação entre o antigo e o moderno, rastreável desde os seus textos de juventude até os seus escritos mais tardios, é o elemento principal que determina a centralidade do conceito de experiência em sua obra. De forma mais específica, trata-se de um interesse de investigação que acompanhou o autor em um tema prioritário próprio de seu tempo: o enfraquecimento da experiência e a transformação do modo de transmissão de saberes. Quando se trata de analisar o conceito de experiência sob essas duas perspectivas (antigo e moderno), percebe-se que o enfraquecimento da experiência na modernidade leva Benjamin a estudar as diferenças entre a “experiência antiga” e a “experiência moderna”. Dessa forma, apresenta-se primeiro, a centralidade do conceito de “experiência” tanto na crítica benjaminiana à teoria do conhecimento, como no desenvolvimento da concepção de “filosofia enquanto exposição da verdade”. Em um segundo momento, com base na análise benjaminiana sobre as condições de experiência, busca-se expor o movimento da forma filosófica a partir da concepção de filosofia benjaminiana que se apresenta enquanto “exercício filosófico”. Ao mesmo tempo que ocorre a centralidade do conceito experiência para Benjamin, ao longo de seus estudos é também possível identificar que o filósofo se dedicou à tarefa de devolver à filosofia a reflexão sobre a sua forma de exposição; assim, diante dos desafios de seu tempo, Benjamin buscou construir um programa filosófico com características histórico-filosófica (ao refletir sobre a experiência moderna) e crítico-epistemológica (ao pensar os modos filosóficos de exercício da verdade). Essas características são analisadas em dois principais textos de Benjamin, “Sobre o programa da filosofia por vir” (1917-1918) e o prefácio ao livro *Origem do drama barroco alemão*, a saber: “Questões introdutórias de crítica do conhecimento (ou “Prólogo epistemológico-crítico”) (1925). O tensionamento entre as noções de

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



experiência, filosofia e verdade, abre-se em um debate sobre a proposta de um pensamento sistemático próprio da teoria benjaminiana, ou, dito de outra forma, reflete sobre “a tarefa central da filosofia por vir” benjaminiana.

## Palavras-Chave

Experiência. Filosofia. Walter Benjamin.



## FETICHISMO E NATURALIZAÇÃO EM KARL MARX

Gabriel De Oliveira Brito  
gabrieldob2203@gmail.com

### Resumo

Tomar como natural aquilo que é produto humano é uma das modalidades de dominação social mais intensas. Isto porque, na medida em que constitui a própria estrutura da percepção, a naturalização impõe à condição de servidão uma clausura brutal. A experiência está organizada de tal maneira que é percebida como algo dado e cuja dinâmica é imutável, eterna. A possibilidade da concepção da realidade social noutros termos é o equivalente da concepção da ideia de lançar para cima uma caneta e que ela não comece a cair tão logo tenha alcançado a altura máxima. Atestada a gravidade do fenômeno cujo termo naturalização nomeia, parece adequada uma análise da tese marxiana do fetichismo da mercadoria, isto é, de que uma série de inversões que constituem o processo de troca mercantil numa sociedade capitalista resultam numa naturalização desse mesmo processo. A análise que Karl Marx faz da forma de valor simples exprime o sentido do que ele chama de objetividade social do valor. Nela, demonstra que o valor de uma mercadoria só pode ser expresso por outra e que, portanto, seu valor alça estatuto objetivo somente quando está numa relação social com outra mercadoria. Sua exposição revela pelo menos três peculiaridades dessa relação. A primeira é a de que o valor de uma mercadoria a é expresso pelo valor de uso (i.e. pelo corpo) da mercadoria b tomada como equivalente; a segunda, portanto, que o trabalho abstrato contido em a é manifesto pelo trabalho concreto que produziu b; e, por isso e por fim, que o trabalho social é a forma que assume o trabalho privado. A teoria marxiana do valor possui a qualidade de procurar indicar, ainda que implicitamente, a maneira pela qual a forma-mercadoria organiza a experiência perceptiva ao refletir aos seus produtores seus caracteres sociais como se fossem naturais. Quero, com a exposição, responder à questão: qual o nexos entre as inversões expostas por Marx e a naturalização do modo de produção e reprodução capitalista?

### Palavras-Chave

Fetichismo da mercadoria. Naturalização. Karl Marx.



## HÁ MUITAS ALTERNATIVAS POSSÍVEIS: SABERES SITUADOS E EMANCIPAÇÃO EM HARAWAY

Allan Cavalcante Lira Magalhães

[allan.c.lira@gmail.com](mailto:allan.c.lira@gmail.com)

### Resumo

A partir de Haraway (2023), analiso possibilidades emancipatórias para o sujeito, a sociedade e a natureza, através da reconstrução do conhecimento e seus pressupostos via discursos situados. O discurso moderno, enquanto gramática que legitima a vida no capitalismo, afirma a partir de pressupostos universais e objetivos versões que naturalizam e normativizam o sujeito e a sociedade como opostos à natureza, concebida, por sua vez, como objeto passivo e sujeito à dominação do homem. Este discurso, que concebe sujeitos calculistas e maximizadores, é radicalizado no neoliberalismo, na medida que petrifica como verdade universal uma concepção do ser humano baseada na concorrência. Por sua vez, a concorrência torna-se o único princípio capaz de realizar a potência humana e de promover a interação social. Não há, assim, outra alternativa: sujeito e sociedade estão, ambos, espelhados na imagem do mercado. Haraway, nesse sentido, demonstra como estudos bem financiados da primatologia foram instrumentos importantes na afirmação de uma natureza humana e de sociedade baseados na competição e na dominância. A autora reforça que o conhecimento só pode ser objetivo enquanto situado, responsabilizável e interligado por redes de conexão que o tornam, como saber sobre o mundo, consistente. Nesta perspectiva, o sujeito de conhecimento não é universal: “o eu que conhece é parcial em todas as suas formas, nunca terminado ou total [...] ele é sempre construído e costurado de forma imperfeita e, portanto, capaz de se juntar a outro” (Haraway, 2023, p. 393). Também a natureza, como objeto do conhecimento, não é estática, nem passiva: ela é agente da constituição do saber. Com os saberes situados notamos, portanto, que dispomos não de uma, mas de muitas alternativas situadas possíveis. Por isso toda afirmação totalizante do que significa ser “ser humano” é uma fábula violenta que se impõe sobre experiências particulares diversas. Notamos, também, que a natureza não-humana não pode ser um instrumento a serviço da emancipação de humanos, mas também, agente que a almeja. A partir de outras alternativas possíveis - outras



# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



ontologias, outras perspectivas - podemos conceber uma vida possível a longo prazo no mundo, ao perceber a natureza enquanto parceira e a cooperação (não a competição) como critério de harmonia social, tendo como exemplos próximos o movimento zapatista, o MST no Brasil e as demais práticas de agricultura familiar, como as comunidades das quebradeiras de coco babaçu.

## Palavras-Chave

Saberes Situados. Haraway. Emancipação.



## HABERMAS E O NEOCONSERVADORISMO

Felipe Moralles E Moraes  
[felipe.moralles@gmail.com](mailto:felipe.moralles@gmail.com)

### Resumo

É comum interpretar a obra de Jürgen Habermas como presa ao contexto político do constitucionalismo democrático europeu e dos movimentos sociais da segunda metade do sec. XX, em contraposição a diagnósticos mais sombrios sobre a extrema-direita e sobre a radicalização da dominação capitalista (e.g. Cook, 2004; Safatle, 2019). Essa é uma leitura empobrecedora – para não dizer errada – deste teórico crítico (Pinzani, 2009; Brunkhorst, 2013). Neste trabalho, pretendo demonstrar como o diagnóstico sobre o neoconservadorismo não apenas acompanhou, como também foi determinante para algumas das transformações internas à obra habermasiana. Desde os primeiros textos, Habermas tem plena consciência dos perigos que se renovam sem cessar nas democracias de massa submetidas ao processo de valorização do capital (1963). Inicialmente, agarra a teoria do conhecimento com o diagnóstico de que as ciências sociais se esvaziavam de conteúdos normativos, como resultado de uma consciência que havia se tornado cínica (1976). Interrogado mais tarde sobre o motivo de uma teoria da racionalização da sociedade, responde: “eu levei a sério pela primeira vez as ideologias neoconservadoras que emergiram mais ou menos desde 1973, não me limitei a dar de ombros com a vivência de *déjà vu*, e passei a considerar a entrada em cena desses liberais tardios militantes... como o signo de uma situação climática geral” (1985). Não foram poucas as discussões em que precisou se livrar dos “gases de um passado mal digerido que emanam periodicamente do estômago da República Federativa” (1999). Em intervenção recente, reconhece que as reações à sociedade moderna preparam o “terreno fértil para um novo fascismo” (2016). Introduzindo compilação de textos, externa o motivo da persistência de mentalidades autoritárias na Alemanha: “a confrontação política com o fato de que nossa população largamente apoiou o regime nazista permanece para nós mais do que somente um tópico entre outros até os dias de hoje” (2018). Portanto, proponho acurar a leitura. Sustento que o neoconservadorismo é um dos motivos para a transformação interna da obra habermasiana – tanto para a retomada da teoria da razão na Teoria da ação

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



comunicativa (1981), quanto para a aproximação com as teorias da justiça em Facticidade e validade (1992). Busco esclarecer quais são as contribuições e os limites do diagnóstico de Habermas sobre o neoconservadorismo para a compreensão dos atuais movimentos massificados de extrema-direita.

## Palavras-Chave

Neoconservadorismo. Habermas. Extrema-direita.



## HÁBITOS DE ESCUTA, LIKES E DISLIKES: AS ORIGENS DE ON POPULAR MUSIC, DE ADORNO

Bruno Pimentel Franceschi Baraldo

[brunobaraldo@gmail.com](mailto:brunobaraldo@gmail.com)

### Resumo

Essa pesquisa toma como objeto de investigação o ensaio *On Popular Music* (1941), de Theodor W. Adorno, através de consultas ao acervo pertencente ao Adorno Archiv, em Berlim, viabilizadas pelo recebimento de benefício no âmbito do programa CAPES-Print. Lá, foi possível localizar diferentes versões do artigo, anteriores à versão final, publicada em 1941 na edição de número 9 da *Zeitschrift für Sozialforschung*. Apenas com a publicação tardia dos *Current of Music*, em 2006, - escritos por Adorno no período em que se dedicava aos estudos sobre rádio, em Nova Iorque, e até então inéditos - descobriu-se que o texto que veio à público em 1941 era, na verdade, apenas um excerto de um estudo maior originalmente intitulado *Listening Habits: An analysis of Likes and Dislikes in Light Popular Music*. No trabalho junto ao arquivo, constatou-se a existência de diferentes versões desse documento, que nos permitem não somente reconstituir aspectos do processo de desenvolvimento das principais ideias do artigo - como os conceitos de padronização e pseudo-indivuação, que permaneceram importantes no raciocínio adorniano, ou a substituição de 'light popular music' por 'popular music' -, mas propiciam um enquadramento mais adequado de *On Popular Music* no contexto da pesquisa de Adorno sobre o rádio e, como indica o título original do estudo, sobre as condições em que se dão a audição musical no contexto da radiodifusão que, então novidade recente, alterava radicalmente a relação das pessoas com a música. Da análise de *Listening Habits* descobre-se ainda que a tipologia de ouvintes musicais apresentada por Adorno décadas mais tarde na sua *Introdução à Sociologia da Música* teve ali a sua primeira redação, evidenciando o vínculo de '*On Popular Music* com *Tipos de comportamento musical*, de 1962, cujas abordagens nos interessa comparar. Junto dos documentos do período, encontramos, também, páginas de anotações tipografadas inéditas com o título *Notes on criteria for determining types of listening to music*, que ajudam a esclarecer a metodologia por trás da formulação dos tipos. Consultamos, ainda, correspondências trocadas entre membros do grupo de



Princeton que detalham as divergências metodológicas entre os pesquisadores americanos, de orientação empirista, e a abordagem teórica de Adorno. Por fim, perguntamos: ao pensar as condições de formação do gosto, entendido como like, o Adorno de 1940 tem algo a dizer sobre nós?

### Palavras-Chave

Theodor Adorno. Audição Musical. Rádio.



## HISTÓRIAS DA ESCOLA DE FRANKFURT: PERSPECTIVAS SOBRE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR DE TEORIA CRÍTICA

Silvio Ricardo Gomes Carneiro  
silvio.carneiro@ufabc.edu.br

### Resumo

Desde o centenário do Institut für Sozialforschung (1923-2023) chama a atenção a perspectiva aberta por esforços para uma gênese histórica do movimento que ficou conhecido como Escola de Frankfurt. Destacamos ao menos os seguintes: *Imaginação Dialética* (1971) de Martin Jay; *Organização social e Experiência política* (1978) de Helmut Dubiel; *A Escola de Frankfurt* (1986) de Rolf Wiggershaus; *Escola de Frankfurt, vidas judaicas e antisemitismo* (2015) de Jack Jacobs; *Grande Hotel Abismo* (2016) de Stuart Jeffries; e, mais recentemente (2024), as conferências de Sarah Speck sobre uma história feminista do Institut. Mais do que descrições de contextos históricos que forjaram a instituição de pesquisa, acreditamos que as narrativas históricas presentes nestas obras trazem elementos interessantes para uma reflexão sobre a teoria crítica enquanto projeto de grupo. De antemão, podemos afirmar que essas fontes históricas auxiliam a compreender como os textos de cada autor da teoria crítica apresentam uma posição de diálogo interdisciplinar com seus colegas. Analisar essas dimensões nos parece fundamental para entender que a teoria crítica – a despeito de suas individualidades – é um exercício de pensamento em rede. Além disso, é possível dizer que cada versão histórica sobre o empreendimento frankfurtiano carrega consigo um recorte particular que – cada qual a seu modo – explicita procedimentos teórico-críticos, destinos de pesquisas empíricas, mas também apagamentos de personagens que marcam sua formação histórica. No fim das contas, diante tantas perspectivas, cabe a pergunta: o que é fazer uma história da Teoria Crítica?

### Palavras-Chave

Frankfurtianos. Interdisciplinaridade. História.



## INTERVERSÃO [UMSCHLAG] E RETROVERSÃO [ZURÜCKSCHLAG]: PARA A LÓGICA DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

Felipe Ribeiro

[feliperibeiro1848@gmail.com](mailto:feliperibeiro1848@gmail.com)

### Resumo

A apresentação visa contribuir para pensar o estatuto lógico da tese central da Dialética do esclarecimento: a unidade entre mito e esclarecimento. Para tanto, cabe se atentar à terminologia empregada no livro para exprimir tal unidade. Apesar da variedade de termos presentes, destaca-se a ideia de interversão [Umschlag] do esclarecimento em mito, um termo canônico da lógica dialética. Recorrendo a como Ruy Fausto expõe a centralidade dessa noção para a dialética marxista, e traçando comparações com a Dialética do esclarecimento, buscaremos precisar com mais rigor algumas teses centrais do livro. De modo geral, cabe pensar a relação entre mito e esclarecimento por meio das noções de posição e pressuposição: se o esclarecimento interverte em mito, é porque este sempre esteve lá, no esclarecimento, como pressuposição. Todavia, feitas as aproximações, será necessário explorar as divergências. E, para tanto, a atenção à terminologia continuará servindo de guia. Pois, além da interversão, Horkheimer e Adorno definem a relação entre mito e esclarecimento como de retroversão [Zurückschlag]. Não se trata, agora, apenas de definir a passagem de uma pressuposição a uma posição, mas de uma passagem que é ao mesmo tempo a regressão a um estágio anterior de desenvolvimento, ainda que afetada pelo estágio posterior. Nossa hipótese é que, por meio da retroversão, o livro concebe um processo que se inspira na lógica da interversão e na ideia psicanalítica de regressão. O que só pode ocorrer se a passagem do mito ao esclarecimento for também um processo de repressão. Deste modo, buscaremos defender que a noção de retroversão é central para entender a Dialética do esclarecimento, sua relação com a tradição dialética e o momento onde inova em relação a ela. O que também permitirá, como conclusão, pensar a respeito de como se define, no livro, a possibilidade de uma alternativa à dialética entre mito e esclarecimento. Trata-se de argumentar que, enquanto na sua exposição, a Dialética do esclarecimento apresenta a interversão do esclarecimento no mito sem atenuações, ela o faz com a intenção de, na prática, suscitar a necessidade de



interromper a interversão. Enquanto para muitos críticos o livro é incapaz de definir o lugar do qual realiza sua crítica, buscaremos mostrar que se trata de definir, ao contrário, o regime temporal da crítica, isto é, a urgência de intervir na e barrar a retroversão.

### **Palavras-Chave**

Adorno. Horkheimer. Dialética do Esclarecimento.





## JUSTIÇA E CAPITALISMO EM NANCY FRASER

Cristiele De Amorim Trindade  
[cris.amorim.trindade@gmail.com](mailto:cris.amorim.trindade@gmail.com)

### Resumo

A filósofa e teórica crítica Nancy Fraser é conhecida principalmente por sua contribuição nos debates contemporâneos sobre justiça social, redistribuição e reconhecimento elaborados entre 1995, com a publicação do artigo “From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a post-socialist age”, e 2003, com a publicação do livro *Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange*. O desafio de sua teoria da justiça passa por identificar as múltiplas facetas da injustiça mostrando que ela implica unir redistribuição e reconhecimento, bem como refletir a respeito das dificuldades encontradas quando se busca articular essas duas dimensões. Atualmente, no entanto, a preocupação central da autora não é mais o desenvolvimento de sua teoria da justiça. Pelo menos desde 2018, com a publicação do livro *Capitalism: a conversation in critical theory*, Fraser se mostra interessada em elaborar um projeto de crítica do capitalismo que o pense não apenas em seu aspecto econômico, mas enquanto uma ordem social institucionalizada que estabelece relações contraditórias com suas condições de possibilidade: a reprodução social, as relações raciais, a política e a natureza. Esta pesquisa investiga o percurso intelectual de Nancy Fraser de modo a buscar compreender como as questões que constituíam preocupação central no contexto da teoria da justiça, sobretudo o princípio normativo de paridade de participação, aparecem em sua teoria crítica do capitalismo. Para isso, propomos uma análise dos textos referentes ao período de formulação da teoria da justiça, de 1995 a 2003, principalmente o livro *Redistribution or Recognition?*, e dos textos referentes à formulação da teoria crítica do capitalismo, que comportam o período de 2008 a 2018, com destaque para o livro *Capitalism*, onde a autora melhor desenvolve sua teorização a respeito do capitalismo contemporâneo.

### Palavras-Chave

Teoria crítica. Teoria da Justiça. Capitalismo.



## LEVANDO MEAD ADIANTE: EXPLORANDO O BEHAVIORISMO SOCIAL NA TEORIA DO RECONHECIMENTO DE AXEL HONNETH

José Lourenço Neto  
[neto.lourenco326@gmail.com](mailto:neto.lourenco326@gmail.com)

### Resumo

O tema central dessa pesquisa é a análise da influência do behaviorismo social de George H. Mead na obra *Luta por Reconhecimento* (*Kampf um Anerkennung*, 1992) do filósofo Axel Honneth. Em especial, a discussão de algumas passagens conceituais que ela carrega, como a ideia de que o processo de formação da identidade e da unidade da personalidade – que é chamada de Self – baseia-se na premissa de que um indivíduo só pode compreender ou perceber a si mesmo por meio de suas interações com um mundo circundante. Trata-se, na verdade, de um recurso que Honneth se propõe para, segundo ele, despojar a ideia de autoconsciência de sua natureza meramente metafísica, desta forma, podendo suscitar uma teoria tangível que explique a formação de uma comunidade política por meio da figura do Outro, o que é estranho, mas que impõe uma delimitação existencial aos sujeitos. Na ocasião, Honneth compreende essa “indesejável metafísica” presente nos textos do filósofo Hegel durante seu período em Jena (1800-1806), que servem de ponto de partida para sua teoria de sociedade. Navegar entre a abordagem mais naturalista e pragmática do psicólogo behaviorista e os escritos tidos como metafísicos de Hegel é a forma pela qual é possível delinear um processo histórico de socialização que nos leva a compreender a transição de um organismo com simples propriedades fisiológicas, que apenas reage a estímulos do seu ambiente, para um sujeito dotado de uma verdadeira necessidade de ser reconhecido como um cidadão. Entretanto, a reflexão sobre o pensamento de Honneth acerca de Mead suscita uma questão de tese intrigante: como ele consegue articular autores de diferentes períodos e contextos, todos abordando temas notavelmente similares? Seria essa articulação meramente uma composição de conceitos possivelmente vistos como antiquados e ultrapassados da Filosofia da Consciência, combinados com terminologias mais contemporâneas aceitas pela academia para criar teorias sociais? Mead é suficiente para sua teoria do reconhecimento?

### Palavras-Chave

Honneth. Mead. Autoconsciência.



## NARRATIVAS SILENCIADAS

Ricardo Araujo Dib Taxi

[ricardoadt@gmail.com](mailto:ricardoadt@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel das narrativas de grupos oprimidos na construção de conceitos fundamentais da teoria crítica, tais como opressão e emancipação. Partindo da ideia benjaminiana de tradição dos oprimidos, bem como no apelo narrativo e literário presente ao longo da obra desse autor, busca-se dialogar com obras como a *Crítica dos Afetos* de Filipe Campello, bem como com obras da teoria crítica da raça que utilizam a metodologia do chamado *storytelling* para construir teorias emancipatórias baseadas nas narrativas de grupos oprimidos. Ao mesmo tempo, como uma espécie de tensão crítica, o trabalho trará também a crítica a esse caminho, manejada geralmente do ponto de vista daqueles que entendem que muitas vezes os grupos oprimidos não percebem a própria opressão é que é necessária uma gramática que fale sobre esses grupos, embora lhes seja de certo modo externa. Assim, o trabalho se situa exatamente a tensão entre a necessidade e a impossibilidade de falar pelo outro, além de questionar as limitações do poder nomeador dos conceitos em abarcar a realidade, o que talvez possa ser suprido em se levando a sério a complexidade das narrativas dos grupos.

### Palavras-Chave

Narrativa. Emancipação. Silenciamento.



## NATUREZA E DOMINAÇÃO SOCIAL: PARA UMA LEITURA ESPECULATIVA DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

Pedro Pimenta Barbosa De Sousa

[pedro\\_pimenta@tutanota.com](mailto:pedro_pimenta@tutanota.com)

### Resumo

É Habermas quem inaugura a interpretação que depreende, da “Dialética do Esclarecimento” (Adorno e Horkheimer, 1947), uma crítica à dominação carente de normatividade, na medida em que o seu discurso seria desdobrado sem qualquer princípio orientador, o que resultaria em uma apresentação da modernidade burguesa como absolutamente impermeável a qualquer prática emancipatória. A dominação social seria fruto de um processo genealógico a envolver não apenas as determinações específicas da sociedade capitalista, mas o desenvolvimento do sujeito abstrato e da empresa civilizatória como um todo. Como resposta, é comum que os intérpretes do texto busquem historicizar o seu argumento, restringindo-o a uma dialética interna à modernidade burguesa. Contudo, uma interpretação adequada do texto depende de uma consideração do problema da dominação da natureza, que é ao mesmo tempo dominação da natureza externa pela técnica, e da natureza interna pela renúncia pulsional enquanto condição para a vida em sociedade. Defendemos que esse problema antropológico, que envolve a recuperação de um itinerário histórico-natural que antecede as formas de dominação especificamente modernas, não é incompatível com uma crítica adequadamente justificada. Se Adorno e Horkheimer vinculam a dominação a certas determinações antropológicas que extrapolam a especificidade da modernidade burguesa, eles não deixam de apontar também para o caráter obsoleto que tais determinações assumem no âmbito da inédita totalização social que a modernidade burguesa leva a cabo. Mas a totalização social da modernidade se comporta de modo similar a uma totalidade natural – segunda natureza que transfigura determinações históricas e contingentes em determinações quasi-naturais, isto é, determinações que se apresentam como imutáveis, e que repetem a dominação, outrora determinada pela presença real da natureza como totalidade ameaçadora e insuperável, de forma cega e compulsória. Trata-se, enfim, de apresentar uma interpretação viável da obra, capaz de enfatizar tanto a importância de seu argumento

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24

Realização



Apoio



antropológico, manifesto enfaticamente no tema da dominação da natureza, quanto a dimensão historicamente específica de sua crítica, que denuncia a dominação em sua contingência, apesar de sua pregnância irracional. A nossa interpretação permite ainda recuperar o desiderato de rememoração da natureza no sujeito, o que desvela, contra as suas interpretações dominantes, o impulso utópico e emancipatório da obra.

## Palavras-Chave

Esclarecimento. Natureza. Dominação Social.



## O CONCEITO DE INTEGRIDADE CORPORAL EM DRUCILLA CORNELL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS

Igor Beltrão Castro De Assis

[ibeltraoca@gmail.com](mailto:ibeltraoca@gmail.com)

### Resumo

Integridade corporal é um conceito que foi e continua sendo usado na teorização feminista sobre questões corporais. Questões relacionadas a temas como autonomia reprodutiva, estupro e aborto, entre outras, foram analisadas com a ajuda desse conceito, que pode ser empregado de maneiras diferentes. Pretendo examinar o entendimento do conceito de integridade corporal e suas implicações políticas a partir do uso do conceito por Drucilla Cornell, filósofa, advogada e ativista feminista estadunidense para quem o corpo não pode ser separado da mente. Proteger a integridade corporal significa proteger as possibilidades de imaginar o eu como um todo. A autora baseia sua concepção de integridade corporal na psicanálise. Para ela, a personalidade é um processo que nunca termina, e a integridade corporal não significa apenas a ideia de inviolabilidade física, mas refere-se à imaginação e à compreensão que a pessoa tem de seu corpo, seus limites e características. Uma característica importante dessa linha de pensamento é que o corpo e a mente não podem ser separados. A integridade corporal não é algo que a pessoa possui, mas um processo que precisa de proteção e reconhecimento de outros, incluindo o Estado e o sistema jurídico. Nesse pensamento, o sujeito não é uma unidade coerente e integrada (embora deva ser tratado como tal), mas um projeto contínuo que se desenvolve ao longo do tempo, no qual a fragilidade e a natureza complexa da pessoa são enfatizadas.

### Palavras-Chave

Integridade corporal. Psicanálise. Feminismo.



## O DIREITO PARA JUDITH BUTLER: PODER, SOBREVIVÊNCIA, TRANSFORMAÇÃO

Mariana Pimentel Fischer  
[marianafisch@gmail.com](mailto:marianafisch@gmail.com)

### Resumo

Neste artigo, examinarei as ideias de Judith Butler sobre o direito. A tarefa não é trivial, já que a filósofa estadunidense muito escreveu sobre ética e política, mas não desenvolveu de forma detalhada suas ideias acerca do campo jurídico. Buscarei organizar seus argumentos por meio da proposição de três figuras em que apresenta o direito: poder, sobrevivência e transformação. Considerando que Butler, desde o início de sua trajetória, ressalta as ambivalências daquele campo; não pensarei as três figuras de maneira estática, mas as reconstruirei com base em ênfases em determinados papéis que o direito pode vir a desempenhar em contextos diversos. Tentarei defender, ao final, que certas normas jurídicas podem ter uma relação peculiar com a ética na medida em que asseguram a possibilidade de contestar e, potencialmente, desfazer o próprio direito. Procurarei ainda indicar, no decorrer do artigo, caminhos para futuras pesquisas que poderão ser realizadas no Brasil. Espero ajudar investigadoras e investigadores brasileiros de diversas áreas, como direito e filosofia, a se apropriarem de reflexões da estadunidense de modo a desenvolver pesquisas atentas ao nosso contexto, à ação de movimentos sociais e à virtude presente em um direito a questionar.

### Palavras-Chave

Direito. Poder. Sobrevivência. Transformação.



## O QUE VEM DEPOIS DA CRÍTICA DE(S)COLONIAL?

Filipe Augusto Barreto Campello De Melo

[filipebcampello@gmail.com](mailto:filipebcampello@gmail.com)

### Resumo

Ao longo de abordagens associadas ao debate pós-, contra-, anti- ou decolonial, vemos diferentes modos de colocar em xeque supostas noções de universalidade e racionalidade que seriam, na verdade, excludentes - o problema de quem é reconhecido como capaz de falar em nome da razão. Enquanto se tenta superar o que foi chamado de injustiça epistêmica, permanece em disputa se conceitos como objetividade, universalidade ou verdade ainda podem ser relevantes, especialmente diante de contextos de relativismo moral, notícias falsas, negação da ciência, etc. Nesta apresentação, tomo como ponto de partida tais tensões, discutindo como cosmovisões periféricas - de forma mais propositiva, como é possível encontrar em pensamentos ameríndios - podem contribuir diante do esgotamento (e, portanto, da crise) do nosso vocabulário e imaginação políticos. Vou propor que tais cosmovisões, por um lado, colocam em questão as imagens e narrativas que temos à nossa disposição, onde o horizonte semântico que articula nossas práticas também nos convida a viver de forma imaginativa e esteticamente com diferentes maneiras de ser e falar o mundo. Por outro lado, esse esforço também pode ser visto como um esforço em direção a um pluriversalismo, sem com isso abdicar de um terreno comum para crítica. Uma tentativa de, por assim dizer, salvar a razão dela mesma, mais uma vez.

### Palavras-Chave

Racionalidade. Cosmovisões. Universalismo.





## PATOLOGIAS SOCIAIS E A GRAMÁTICA SOCIAL DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Wesley Fernandes Araujo Freire

[wesley.fernandes@ufma.br](mailto:wesley.fernandes@ufma.br)

### Resumo

O trabalho discute a compreensão da invisibilidade, do sofrimento, da humilhação e seus efeitos deletérios sobre a saúde mental de pessoas em situação de rua como forma de vida reificada, conceitos insuficientemente esclarecidos pela literatura sobre o sofrimento psíquico e alienação. Partindo das contribuições da Teoria Crítica da sociedade, pretendo avaliar os ganhos epistêmicos de uma Psicologia social ancorada no materialismo interdisciplinar diante da demanda por compreensão de estereótipos, preconceitos e discriminação como representações de patologias sociais. Nesse sentido, indago quais as implicações da invisibilidade social de pessoas em situação de rua para a formulação de políticas públicas em saúde mental? Consequentemente, os objetivos deste trabalho são (a) analisar os efeitos morais, ético-políticos e psíquicos das patologias sociais da pobreza, da invisibilidade, do sofrimento e da humilhação sobre a saúde mental das pessoas em situação de rua, (b) explicar a invisibilidade social a partir do déficit sociológico da representação social das pessoas em situação de rua pelas instituições sociais e políticas, (c) identificar as patologias sociais associadas à situação de rua como forma de vida reificada e (d) apontar a importância das políticas públicas no âmbito da saúde mental para pessoas em situação de rua. A metodologia fenomenológico-reconstrutiva do problema central, dos objetivos e conceitos tematizados orientou a crítica da literatura utilizada. Considero, finalmente, que a invisibilidade, o sofrimento e a humilhação impostas às pessoas em situação de rua representam formas de desrespeito que violam, privam de direitos, degradam a identidade pessoal e agravam o sofrimento psíquico destes indivíduos.

### Palavras-Chave

Patologias Sociais. PSR. Vida Reificada.



## POBREZA, DINÂMICAS PRÁTICAS E TEMPO: APONTAMENTOS SOBRE CRÍTICA SOCIAL E RELIGIOSIDADE

Helio Alexandre Da Silva

[helio.alexandre@unesp.br](mailto:helio.alexandre@unesp.br)

### Resumo

Se uma das formas de compreender o neoliberalismo é enxergá-lo como uma forma de vida, ou de racionalidade guiada, entre outras coisas, pela centralidade da competição individual, talvez seja um bom caminho tentar olhar para as formas concretas com que ele se manifesta nas periferias das grandes cidades do Brasil. Propor uma abordagem dessa natureza é um modo de se ocupar de dois temas centrais para a crítica social, a saber, as formas com que a opressão tem sido subjetivada nos territórios periféricos das grandes cidades brasileiras e os contornos políticos que essa subjetivação é capaz de produzir. Nesse sentido, minha proposta nesse trabalho é seguir esse caminho a partir da análise do livro de Bruno Paes Manso, *A fé e o Fuzil*. O problema central que mobilizou esse trabalho, publicado em 2023, foi entender a relação entre a conversão produzida, entre os criminosos, pela fé pentecostal e o movimento que fez com que a cidade de São Paulo, a partir dos anos 2000, abandonasse o posto de “uma das cidades mais violentas do mundo” e se tornasse “a capital com a menor taxa de homicídios do Brasil” (Manso, 2013, p.19). Contudo, meu intuito é menos perseguir os argumentos que o autor apresenta para compreender essa transformação, e mais pensar esse trabalho recente como uma forma de compreender, um pouco mais de perto, como o enfrentamento da pobreza, por parte dos mais pobres, nas periferias das grandes cidades, está diretamente ligado a uma sociabilidade construída por dinâmicas que reúnem, a um só tempo e de modo bastante particular, valores cristãos e imperativos estruturais do mercado. Naturalmente, a relação entre capitalismo e cristianismo protestante não é uma novidade para a crítica social, no entanto, compreender as dinâmicas sociais concretas com que esse fenômeno social aparece atualmente, especialmente nas periferias das grandes cidades brasileiras, parece se manter como objeto de um profundo interesse crítico.

### Palavras-Chave

Crítica social. Neopentecostalismo. Pobreza.



## POR UM UNIVERSALISMO NEGATIVO: REARTICULAR CRÍTICA, NORMA E UTOPIA EM FACE DO CAPITALISMO ATUAL

Leonardo Jorge Da Horapereira

leonardojorgehp@gmail.com

### Resumo

Axel Honneth propõe em *O Direito da Liberdade* uma abordagem da teoria da justiça como análise da sociedade, inspirando-se no modelo hegeliano de reconstrução da eticidade moderna presente na Filosofia do Direito. Ele argumenta que uma das principais limitações da filosofia e teoria política contemporâneas é sua distância em relação à análise da sociedade, resultando numa fixação excessiva em princípios puramente normativos. A proposta de Honneth busca superar esse problema através da reconstrução normativa da eticidade moderna, mantendo, ao mesmo tempo, a tarefa normativa da teoria da justiça. Assim, diagnóstico e norma estariam em uma relação mais equilibrada e adequada a uma teoria crítica da sociedade. Contudo, essa proposta tem sido alvo de críticas, incluindo a acusação de conservadorismo normativo (cf. Schaub 2015, entre outros), que ecoa críticas ao modelo hegeliano da Filosofia do Direito. É como se, no balanço entre imanência e transcendência, a primeira tivesse ganhado preponderância excessiva sobre a segunda. Ou ainda, para retomar a tipologia de Seyla Benhabib, tudo se passa como se a utopia tivesse passado ao segundo plano em favor da crítica e da norma, desequilibrando a relação entre estas três dimensões da teoria crítica. Isso levanta a questão: o projeto de articular tão intimamente teoria política e análise da sociedade é inerentemente problemático? Nesta comunicação, exploraremos, em caráter preliminar, uma alternativa ao modelo honnethiano, focalizando na articulação entre negatividade em relação às normas institucionalizadas e imaginação institucional. Trata-se da defesa de um universalismo negativo como, ao mesmo tempo, diagnóstico crítico do capitalismo contemporâneo e perspectiva normativa que busca ampliar as fontes de nossas energias utópicas, para além do repertório moderno ocidental.

### Palavras-Chave

Universalismo negativo. Capitalismo. Modernidade.



## POR UMA ABORDAGEM HABERMASIANA DA NÃO VIOLÊNCIA

João Francisco De Siqueira Rodrigues  
[jfdesiqueirarodrigues@gmail.com](mailto:jfdesiqueirarodrigues@gmail.com)

### Resumo

É possível que as sociedades humanas atinjam uma condição de não violência? Se à violência física antecede a violência verbal, seria factível excluir aquela que se manifesta no debate público? Se essa tarefa for realizável, de que maneira a exclusão poderia ser feita sem que se incorresse em uma potencial censura aos participantes do debate? Para responder a essas perguntas, é preciso buscar, primeiramente, uma delimitação de conceitos que permita estabelecer, com alguma segurança, quais os limites de atuação do instrumento a ser utilizado para dirimir ou eliminar o problema social que se pretende enfrentar. Sob uma perspectiva habermasiana, a distinção entre violência e não violência deve ter um enquadramento jurídico. Ao refletir sobre a desobediência civil, Jürgen Habermas escreve o texto *Direito e violência – um trauma alemão*, no qual o autor defende que a delimitação do conceito de violência não deve ir além daquilo que a tipificação penal define; assim, aquilo que a lei não estabelece como prática violenta deveria ser tomado como ação não violenta. Isso vale para o caso da desobediência civil, que pode mesmo impor certas formas de coerção sem, contudo, haver uma expressão de violência na ação – como é o caso dos sit-ins, que impedem a passagem de transeuntes ou motoristas pela simples ocupação do espaço, sem com isso conferir qualquer ameaça à integridade física e mesmo patrimonial das pessoas. Para que se possa estabelecer um mecanismo de exclusão da violência no debate público, parece adequado, como instrumento, um princípio que pudesse ser aceito por todos os agentes racionais participantes em uma interação discursiva de troca de ideias. Nesse sentido, o princípio do discurso (princípio D) apresenta-se como o melhor candidato a fundamento de um debate que comporte ideias que possam ser defendidas publicamente, pois sua estrutura formal não permitiria a adoção de um conteúdo que não pudesse ser universalizado. Dito de outro modo, o princípio do discurso proposto por Habermas em *Facticidade e validade* pode servir de critério de avaliação para ideias colocadas em discussão pública, de modo que aquelas que tivessem um conteúdo que afetasse negativamente outros participantes do debate seriam formalmente deslegitimadas e, conseqüentemente, excluídas.

### Palavras-Chave

Habermas. Princípio do discurso. Não violência.



## POR UMA CONCEPÇÃO FEMINISTA DE SELF E AGÊNCIA: SEYLA BENHABIB E A ESTRUTURA NARRATIVA DE SELF E AÇÃO

Jéssica Omena Valmorbida

[jevalmorbida@gmail.com](mailto:jevalmorbida@gmail.com)

### Resumo

O objetivo desta comunicação é analisar o modelo narrativo de constituição da identidade e da agência na obra de Seyla Benhabib. A hipótese que guia nosso trabalho é a de que uma abordagem narrativa é profícua para responder a reivindicação feminista de engendramento e situacionalidade do self, ao mesmo tempo que amplia noção de agência. A mudança de uma concepção de um self abstrato para um self situado e formado intersubjetivamente requer uma mudança na noção de agência que, em Benhabib, é entendida como a capacidade de se distanciarem de seus contextos e criarem novas combinações a partir dos códigos existentes e da narrativa única de sua história de vida – e não como uma escolha individual autônoma. A narratividade fornece um modelo de agência sem perder de vista o engendramento, situacionalidade e heteronomia do self. Ao resguardar a capacidade de resistência de um self situado e heterônomo, Benhabib amplia a agência ao torna-la possível em contextos nos quais ainda há subjugação de gênero.

### Palavras-Chave

Seyla Benhabib. Agência. Self. Narratividade.



## PROGRESSO, PESSIMISMO E CRÍTICA: UMA RESPOSTA INFERENCIALISTA À CRÍTICA DO PROGRESSO DE AMY ALLEN

Saulo Monteiro Martinho De Matos

[saulomdematos@gmail.com](mailto:saulomdematos@gmail.com)

### Resumo

Amy Allen, em seu livro “The End of Progress”, apresenta dois sentidos básicos de progresso. De um lado, “progresso” pode fazer referência a um fato histórico, no sentido do alcance de um grau ou nível mais elevado no âmbito de um processo histórico. Por outro lado, “progresso” pode significar um imperativo político-moral que nos compromete com uma certa avaliação positiva acerca de um processo histórico. Segundo Allen, a teoria crítica precisa abandonar qualquer metodologia que implique uma visão de progresso, pautada em uma reconstrução unitária da história em níveis de desenvolvimento, e, além disso, que o princípio do progresso deve ser tratado de modo prospectivo, gerando comprometimento com a reflexão crítica das relações de poder e dominação existentes na sociedade, evitando qualquer ponto de vista neutro ou de separação entre facticidade e validade. Dessa forma, a normatividade das reivindicações sociais, denominada de contextualismo acerca da validade normativa, pode ser realizada sem um passo ou argumento transcendental. A hipótese deste estudo é que o pragmatismo inferencialista de Robert Brandom responde às principais objeções de Allen ao papel do conceito de progresso na justificação de reivindicações sociais, sendo capaz de acomodar os principais elementos do seu contextualismo, sem abandonar o papel central do conceito de progresso na justificação. Para tanto, a estratégia do texto é trabalhar com um dos poucos exemplos fornecidos por Allen em seu livro: a demanda por reconhecimento jurídico do casamento entre pessoas do mesmo gênero (same-sex marriage). Ao cabo, o texto conclui evidenciando um possível paradoxo decorrente da tensão entre o pessimismo (filosófico) decorrente da rejeição - mesmo que parcial - do progresso e a necessidade do progresso para a justificação de reivindicações sociais, isto é, a sensação de que uma narrativa progressista dificilmente pode ser convincente hoje em dia e, ao mesmo tempo, o fato de que a principal gramática de reivindicações sociais ainda depende dessa narrativa progressista. Na esteira do pensamento de Brandom, uma possível



saída a esse paradoxo é voltar à alegoria da confissão e do perdão na Fenomenologia do Espírito de Hegel, a fim de compreender que a busca pela unidade pode sempre falhar, tornando a justificação, em certo sentido, negativista.

### **Palavras-Chave**

Crítica do Progresso. Amy Allen. Robert Brandom.



## PSICOLOGIA DAS MASSAS E FASCISMO: UMA DISCUSSÃO SOB A ÓTICA ADORNIANA

Renata Dias Ribeiro  
[renatalhp@hotmail.com](mailto:renatalhp@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é discutir o modo pelo qual Theodor Adorno recebeu e se apropriou das teses sobre a psicologia das massas para produzir um quadro de reconhecimento dos líderes fascistas e agitadores. Para tanto, nos serviremos primariamente das obras: *A Teoria Freudiana e o Padrão de Propaganda Fascista*, de 1951 e *Aspectos do novo radicalismo de direita*, de 1967. Em primeiro momento, justificaremos a escolha de Theodor Adorno como ponto de partida, ao invés de outros filósofos da teoria crítica que incorporaram o freudismo em sua compreensão dialética do social. Tal justificativa se relaciona ao fato de que nos interessamos não só pelo avanço nas formulações de um quadro teórico de referência da propaganda e agitadores fascistas. Nos interessamos também pela base psicanalítica que explica a eficácia das técnicas aplicadas, bem como os diversos aspectos que compõem um cenário ideal para que a virtualidade do fascismo transporte-se para o real. Certamente é a obra *A Teoria Freudiana e o Padrão de Propaganda Fascista* que nos fornece uma síntese, ou seja, uma tomada em conjunto que dê conta tanto dos expedientes de toda propaganda fascista quanto de uma leitura apropriada da psicanálise freudiana que busque explicar a coesão das massas e a eficácia dos expedientes de sublevação. Em segundo momento, gostaríamos de tratar de um avanço na discussão adorniana a respeito das massas, qual seja, que o fascismo não se realiza somente na dimensão psicológica. Tal perspectiva nos permite dizer, à luz das obras de 1950 e 1967, que a eclosão do fascismo não ocorre apenas a partir das palavras e fórmulas de um líder mal intencionado. É preciso considerar outros aspectos, quais sejam, as condições materiais de um povo em determinado período, o ponto de vista psicológico, inseparável do social, a propaganda, bem como a tendência do fascismo a “se autonomizar dos interesses econômicos fundamentais” (Adorno, 2020, p.49). Nesse sentido, consideramos que pensar o fascismo é pensar um estado de coisas de diversas ordens.

### Palavras-Chave

Adorno. Psicologia das Massas. Fascismo.





## QUAIS OS CAMINHOS PARA SE PENSAR A RESISTÊNCIA NO MODELO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL ADMINISTRADO?

Virgínia Alves

[virginia.alves@ufabc.edu.br](mailto:virginia.alves@ufabc.edu.br)

### Resumo

O conceito de autopreservação é imprescindível a qualquer indivíduo. No entanto, no mundo administrado ele possui um caráter distinto, que é cada vez mais presente no indivíduo atomizado: tudo aquilo que é indicado como finalidade do indivíduo [seja sua saúde, prazer ou riqueza] é significado somente por sua potencialidade funcional. Esse ímpeto de sobrevivência torna-se dependente da adaptação do indivíduo ao modo de produção contemporâneo. Nesse cenário, não resta, então, ao indivíduo qualquer resquício de espontaneidade, ao contrário, essa foi substituída por uma série de reações mecanizadas que o impelem a descartar qualquer espontaneidade que possa vir a prejudicar aquilo que não é preocupação do modo de produção contemporâneo. O sujeito, capturado pela civilização, se reduz a um objeto desta, isto é, há uma coisificação do sujeito, concretizando o mais antigo medo da civilização e o que ele buscou sempre escapar: “o medo de perder o eu” (Adorno, Horkheimer, 2006, p. 39). Suas reações não são meramente mecanizadas, os indivíduos não possuem mais traços de personalidade forte e integrada: ele adapta-se à situação em que está inserido. Desde a infância, o indivíduo é ensinado que diferentes situações requerem dele valores diferentes: cada vez mais entrelaçado à sociedade em que está inserido, o indivíduo se vê perdendo a sua individualidade, o seu próprio “eu”. Sua vida torna-se produto da sociedade administrada: suas escolhas [tanto profissionais quanto pessoais] são influenciadas, direta e indiretamente, pela ordem social vigente. Sabemos que a dissolução do sistema existente é uma condição necessária para a mudança social, mas, a pré-condição para a mudança da ordem social estabelecida é o homem livre. Diante desta proposição dialética, como podemos pensar a emancipação e seus elementos necessários, para além disso, como podemos a possibilidade de emancipação dentro da sociedade administrada? Se coisificação do sujeito o mantém na posição de “indivíduo médio” incapaz de conceber juízos valorativos ou, até mesmo, pensar por conta própria e tomar suas próprias decisões, como é possível

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24



Realização



Apoio



pensar a evolução da mudança social e do aparato técnico da sociedade, se a sociedade caminha, gradativamente, para a total incorporação do indivíduo? É possível acreditar que o homem, diante do novo modelo de organização social, encontra liberdade o suficiente para desenvolver sua subjetividade e forjar uma autonomia bem-estruturada?

## Palavras-Chave

Emancipação. Indivíduo. Sociedade.



## RECONHECIMENTO E LIBERDADE SOCIAL: EXPLORANDO AS RAÍZES ROUSSEAUNIANAS DO PENSAMENTO DE HONNETH

Guilherme De Sá Nunes  
[guilherme\\_sa3@hotmail.com](mailto:guilherme_sa3@hotmail.com)

### Resumo

Em que pese Hegel seja uma figura proeminente em suas obras, Honneth demonstrou adesão à interpretação de Neuhausser que elege Jean-Jacques Rousseau, com seu conceito de amor próprio, como um precursor da teoria do reconhecimento. Tal circunstância pode ser uma surpresa para aqueles que estão familiarizados com as pesquisas anteriores de Honneth sobre o assunto, uma vez que embora ele tenha trabalhado sobre o reconhecimento durante anos, Rousseau nunca desempenhou um papel significativo em seus textos. Neste sentido, cabe aqui pontuar que o filósofo frankfurtiano, desde os seus primeiros escritos até os mais recentes, não se aprofundou com maiores considerações a respeito deste tema. Ademais, somente veio assim proceder quando publica em 2012 o artigo *Untiefen der Anerkennung*. Das sozialphilosophische Erbe Jean-Jacques Rousseau, ou seja, no ano seguinte à publicação de *O direito da liberdade*. Neste artigo, por sua vez, é onde Honneth demonstra adesão à exegese conferida por Neuhausser de que Rousseau seria um dos precursores da teoria do reconhecimento. Ante o exposto, considerando que tal mudança de perspectiva se deu após a publicação de sua última grande obra e na qual, por sua vez, é desenvolvido o conceito de liberdade social, surge a seguinte questão: a filiação de Honneth à interpretação de que Rousseau é um dos precursores da teoria do reconhecimento seria suficiente para concluirmos que tal mudança teria o potencial de produzir transformações significativas no seu conceito de liberdade social desenvolvido em *O direito da liberdade*? Nossa hipótese é de que muito embora a adesão à tese de Neuhausser tenha ocorrido após a publicação do livro de 2011, entendemos que o conceito de liberdade social já traz em si implicitamente os pressupostos da teoria política de Rousseau, ainda que Honneth não tenha abordado tal questão direta e expressamente. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é apresentar uma linha de raciocínio que possa demonstrar a hipótese anteriormente aventada.

### Palavras-Chave

Liberdade social. Reconhecimento. Amor próprio.



## REDISTRIBUIÇÃO E RECONHECIMENTO EM NANCY FRASER: UM DESAFIO DEMOCRÁTICO PARA A TEORIA CRÍTICA

Margareth Rodrigues Coelho Vaz  
[megcoelho\\_vaz@hotmail.com](mailto:megcoelho_vaz@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo da apresentação é a exposição dos resultados da pesquisa de mestrado, concluída em 2023. Essa pesquisa tem como objeto explorar o dualismo perspectivista de Nancy Fraser na teoria crítica que corresponde à articulação dos processos de correção de injustiça da redistribuição e do reconhecimento. A investigação pretendeu encontrar o lugar que os conceitos de redistribuição e reconhecimento ocupa na teoria crítica que se pretende romper com a tendência universalista e essencialista de justiça social. Para tanto, é essencial compreender que Fraser recusa a ideia habermasiana do papel autônomo da economia, da burocracia estatal, e da colonização do mundo da vida e a normatividade focada no reconhecimento de Axel Honneth. Pela análise metodológica de luta de fronteira, a pensadora qualifica simultaneamente as demandas por injustiça econômica e cultural como referências empíricas e teóricas para contestar as relações de poder (classe e status), que se institucionalizam e dificultam a participação de grupos sociais nos atos deliberativos e defende a teoria bidimensional de justiça, alinhada à norma de paridade participativa, designando que o desafio das instituições seja fugir do entrincheiramento da alienação social e da reificação na promoção de políticas de inclusão social. Observamos que há um novo projeto em curso da pensadora na teoria crítica, abandonando o debate entre redistribuição e reconhecimento e a perspectiva normativa de justiça de cunho bidimensional, desenhando uma concepção ampliada de capitalismo, mas que expõe a mesma correlação em relação ao diagnóstico do funcionamento do capitalismo, integrando a dinâmica econômica do capitalismo com as relações interpessoais.

### Palavras-Chave

Redistribuição. Reconhecimento. Nancy Fraser.



## REPENSANDO O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL A PARTIR DA LITERATURA PERIFÉRICA

Franciele Bete Petry  
ffpetry@yahoo.com.br

### Resumo

O conceito de indústria cultural formulado por Adorno e Horkheimer foi fundamental para a compreensão das dinâmicas de formação no século XX e também para as transformações da cultura no século XXI, principalmente, devido aos avanços tecnológicos que instauraram novas formas de comunicação e interação digital. Em geral, os estudos inspirados pela Teoria Crítica seguem uma tendência de crítica negativa da cultura, já que essa seria, predominantemente, orientada pela lógica capitalista que impediria a produção e a fruição artísticas autênticas. Contudo, há possibilidades de matizar a crítica à indústria cultural considerando que o fenômeno por ela abarcado é ambivalente. O presente trabalho pretende repensar o conceito de indústria cultural a partir dessa perspectiva, a qual encontra expressão no Brasil, por exemplo, na crítica cultural de Roberto Schwarz, dirigida à literatura, ou na de José Miguel Wisnik, voltada à música. Suas interpretações mostram, tal como defendia Adorno, o potencial da crítica cultural imanente para enfrentar as tensões e contradições presentes nas dinâmicas sociais e que ganham materialidade em obras e fenômenos da cultura. O trabalho investiga a hipótese de que existe na cultura brasileira elementos formativos de resistência às diferentes maneiras pelas quais a dominação se reproduz socialmente. Eles estariam presentes em abordagens artísticas que se apresentam como contra hegemônicas, buscando dar expressão a conteúdos e vozes silenciadas ao longo da história. O trabalho toma como objeto a literatura periférica, a qual busca uma expressão estética própria, dissonante, relativa à posição de enunciação e da autoria, apresentando uma experiência social por meio da voz de seus autores capaz de trazer à cena literária novas possibilidades formais. A partir dela, abre-se a possibilidade para a interpretação e compreensão de dinâmicas sociais marginalizadas no Brasil, assim como de modos de subjetivação capazes de revelar relações de dominação em suas diferentes expressões e formas de resistência a elas.

### Palavras-Chave

Indústria cultural. Literatura periférica.



## SOFRIMENTO SOCIAL COMO INSATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES DO EU

Bruno Gomes Dos Santos

[bruno.gomes-santos@unesp.br](mailto:bruno.gomes-santos@unesp.br)

### Resumo

O projeto pretende construir uma análise sobre algumas dinâmicas constitutivas do sofrimento social, de tal modo a considerá-lo primordialmente como uma experiência social negativa. Nesse sentido, terá destaque uma compreensão que enxerga o sofrimento social a partir de sua ligação com a negação de um conjunto de necessidades fundamentais que garantem ao “eu” certa unidade, inspirado na apreensão que Emmanuel Renault faz compreensão marxiana de necessidade presente nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos. Vale destacar, contudo, que essas necessidades fundamentais devem ser consideradas não como traços naturais, cristalizados e imutáveis, mas como tendências que se desenvolvem em íntima relação com a evolução ou regressão das próprias dinâmicas sociais. Essa análise deverá incidir a partir desse espírito mais amplo e da consideração segundo a qual o sofrimento social pode ser tomado como “método de investigação de expectativas subjetivas ligadas a certas experiências sociais negativas”, para que seja possível, por fim, analisar os impactos do sofrimento social em termos de necessidades não satisfeitas.

### Palavras-Chave

Sufrimento Social. Necessidades. Pulsões.



## TEORIA CRÍTICA E O MERAMENTE EXPERIENCIADO: UMA LACUNA NA OBRA DE NANCY FRASER?

Gustavo Frota Lima E Silva  
[gustavolimaesilva@gmail.com](mailto:gustavolimaesilva@gmail.com)

### Resumo

O enraizamento empírico das reflexões normativas representa uma das características centrais da Teoria Crítica. Nas obras que se filiam a essa tradição, há o esforço pelo estabelecimento de uma dialética de imanência e transcendência, que se expressa por meio de um intervalo a ser preservado entre, por um lado, as normas e por outro, os contextos sociais que lhes dão origem. A força radical e a orientação para a emancipação da tradição crítica dependem, portanto, dessa abertura dialética em que se assume uma espécie de superávit de validade normativa frente à realidade social imediata, sem que se perca de vista o caráter reflexivo e historicamente enraizado de todo o empreendimento teórico. Esse caráter reflexivo da Teoria Crítica expressa-se pelo compromisso de que as perspectivas e experiências sociais de sujeitos vitimados por processos de opressão e dominação sejam, de certo modo, representados em termos filosóficos. Assim, a perspectiva do teórico deve estar relacionada, de maneira dialógica, às perspectivas participantes. O presente trabalho busca analisar o modo como tal empreendimento teórico-dialético é figurado no pensamento de Iris Marion Young. Em especial, pretende-se, seguindo Lois McNay, estabelecer uma crítica à tendência contemporânea de pensadores ligados ao campo crítico de desconsiderar a importância das experiências vividas e, deste modo, trair os compromissos teóricos da tradição em favor de uma “crítica guiada por paradigmas”. Trata-se, portanto, de investigar a categoria de experiência no âmbito do pensamento de Fraser e de explicitar a desconfiança professada pela autora em relação ao que denomina de “meramente experienciado”. Busca-se, assim, apontar uma possível lacuna crítica no pensamento de Fraser, bem como indicar os modos pelos quais uma consideração mais cuidadosa da categoria de experiência poderia supri-la.

### Palavras-Chave

Experiência. Teoria Crítica. Nancy Fraser.



## TEORIA DA EVOLUÇÃO SOCIAL E MATERIALISMO HISTÓRICO

Rafael Palazi

[palazirafael@gmail.com](mailto:palazirafael@gmail.com)

### Resumo

A discussão sobre a teoria da evolução social aparece com relevância no texto de Habermas Para a reconstrução do materialismo histórico, de 1976. O primeiro objetivo de recorrer a uma teoria da evolução é, de modo reconstrutivo, demonstrar o caráter limitador do próprio materialismo histórico naquilo que esse conceito tem de mais elementar: pensar a questão da emancipação nas sociedades capitalistas. Para esse fim, Habermas se coloca a tarefa de questionar os seus pressupostos e entende o materialismo como uma questão teórica. Com isso, a realização daquilo que o materialismo histórico propõe como uma sociedade livre de classes, necessita como pressuposto teórico, a saber, do conceito de trabalho como produtor das contradições que levariam à superação de determinadas contradições imanentes ao modo de produção capitalista. Com isso, a força motriz de transformação contida na noção de trabalho também levaria a postulá-lo como propriamente motor de uma evolução propriamente social. Com razão, uma tal discussão abandona o conceito natural de evolução, como aquele descrito por Darwin, apresentando a evolução social, mediada pelo trabalho, como compreensão filosófica da direção adequada da história, produzida pelos seres humanos. Neste trabalho, temos por objetivo lançarmos luz sobre como e porque Habermas acredita que a abordagem do materialismo encontra limites explicativos para essa mesma compreensão evolutiva. Para isso, exporemos uma incursão no pensamento de Habermas no que diz respeito à teoria da evolução social sem que propriamente o sentido da história seja postulado pela necessária evolução das forças produtivas e meios de produção. Nesse sentido, é importante a transição das noções de reconstrução como provenientes do próprio materialismo histórico, mas em direção à própria noção de desenvolvimento de estruturas de consciência moral. Conforme parece ser o caso, o objetivo uma tal teoria leva adiante o impulso do próprio materialismo, a saber, encontrar bases que justifiquem a superação da dominação. Por outro lado, o modo como tais justificativas são construídas passa a depender da reconstrução da espécie a partir de uma perspectiva alargada, que culminou em sua teoria da ação comunicativa.

### Palavras-Chave

Materialismo. Evolução. Filosofia da História.





## TÜRCKE, FLUSSER E A MORDIDA DO CACHORRO: IMPLICAÇÕES DO VÍCIO EM IMAGENS PARA O ESTUDANTE DE MÚSICA

Emerson Campos Gonçalves  
[emerson.goncalves@fames.es.gov.br](mailto:emerson.goncalves@fames.es.gov.br)

### Resumo

A imagem do cachorro morderá no futuro? Em ensaio publicado em 1983, Vilém Flusser partiu dessa questão (mais distópica do que propriamente ontológica) para apresentar reflexões sobre o poder que a transposição das imagens do papel para suportes digitais e voláteis (e a sua conseqüente multiplicação) exerceria sobre o homem do futuro – ao fim e ao cabo, todos nós, viventes do século XXI. Em sua previsão, o teórico asseverava que, uma vez eletromagnetizadas e independentes dos objetos de referência, essas imagens condicionariam uma inversão no vetor de significação, tornando-se elas próprias a “realidade” que antes representavam. O objetivo deste trabalho é oferecer uma resposta à questão proposta por Flusser a partir do mundo hodierno, tomando como referência o pensamento de Christoph Türcke, que, com a sua Filosofia da Sensação, constatou que a multiplicação de imagens técnicas digitais produziu uma Sociedade Excitada, que tem como característica a crescente dependência (vício) de estímulos imagéticos. Para discutir as implicações objetivas dessa mordida, isso é, as conseqüências da substituição contínua do mundo objetivo por representações imagéticas que se multiplicam nas redes sociais como se fossem autopoieticas, construiu-se um debate com estudantes de um curso superior de música – organizado na forma de grupo focal – sobre as implicações da Sociedade Excitada em seu cotidiano. Observou-se no grupo que a necessidade de adequação às imagens estereotipadas – incentivadas pela Indústria Cultural por meio de seus operadores – é motivo de sofrimento e angústia entre os estudantes, uma vez que a expectativa de alegria/sucesso presente nas redes é muito diferente do cotidiano de dificuldade e enfrentamentos que a realidade objetiva impõe. Nesse sentido, uma primeira conclusão aponta para o risco de adoecimento desses estudantes, dada a necessidade de substituição quase constante do mundo real por sua representação. Isso positiva a resposta à questão de Flusser, uma vez que os simulacros produzidos pela Sociedade Excitada se tornam responsáveis por modelar a ação e a experiência mais íntima em cada um de nós, possibilitando, de certa forma, que a imagem do cachorro também seja capaz de morder.

### Palavras-Chave

Vício em imagens. Sociedade excitada. Ensino.



## UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA CRÍTICA MARCUSEANA E O PENSAMENTO DOS POVOS TRADICIONAIS BRASILEIROS

Thais Gobo Miota  
[gobotata@gmail.com](mailto:gobotata@gmail.com)

### Resumo

Esta comunicação como tema a relação entre a filosofia de Herbert Marcuse e a sabedoria ancestral dos povos tradicionais brasileiros. A tese principal é a de que, em Marcuse, a emancipação da humanidade depende da mudança na relação entre a humanidade e a natureza, tanto externa quanto interna. Doravante, a tese secundária é a de que os povos tradicionais possuem em si, de maneira teórica e prática, o que se faz necessário para que essa mudança ocorra. O objetivo, portanto, é pensar uma realidade mais feliz e mais livre para todos os seres, um novo Princípio de realidade sensível a partir da confluência de saberes, distantes formalmente e muito próximos em relação à subversividade dos conteúdos. A nossa proposta é uma confluência prospectante a partir de mundos não iguais, não-idênticos. A hipótese é a de que os povos tradicionais brasileiros – os indígenas, os quilombolas – compõem o hodierno Sujeito histórico revolucionário apresentado por Marcuse em Um ensaio sobre a libertação, pois possuem em si o pensamento autônomo e solidário, imprescindíveis para a construção de uma nova realidade. Os povos tradicionais, que recusam desde sempre o sistema opressor capitalista e todos os moldes forjados pela cultura ocidental, são a mais alta expressão da nova sensibilidade e da Grande Recusa marcuseana. São os povos que, além de resistirem ao modelo produtivista exploratório de trabalho do sistema no qual estamos inseridos, denunciam diretamente o distanciamento histórico que tem ocorrido entre humanidade e natureza e, conseqüentemente, toda a destruição que advém com este afastamento. Ademais, tanto os indígenas quanto os quilombolas expressam uma linguagem contrária ao logos da dominação, fora do sistema. Nesse sentido, apresentam uma verdadeira terapia linguística, tal qual propõe Marcuse. Somente um povo que não possui o pensamento alienado pela sociedade estabelecida é capaz de subverter a linguagem de modo a ensaiarmos a libertação de todos os oprimidos e condenados da Terra, assim como a da própria Terra. A raiz da revolução pode estar no desenvolvimento de uma linguagem que não seja composição verbal do



Establishment. Destarte, um diálogo entre os povos tradicionais e Marcuse tem a potencialidade de descolonizar o pensamento filosófico ao mesmo tempo em que nos ajuda a pensar uma nova realidade.

### **Palavras-Chave**

Marcuse. Povos Tradicionais. Teoria Crítica.



## UM ESTUDO DA INTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE REPRESSÃO FREUDIANO EM EROS E CIVILIZAÇÃO

Thomas Henry Von Mettenheim

[thomasmettenheim@gmail.com](mailto:thomasmettenheim@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa pretende investigar as interpretações do conceito freudiano de repressão (*Unterdrückung* ou *Verdrängung*) enquanto mais-repressão e princípio de desempenho nos primeiros capítulos de *Eros e Civilização* de Marcuse. É a partir do epílogo *Crítica do Revisionismo Neofreudiano*, ao destacar os aspectos ideológicos que foram tanto introduzidos pela psicanálise à teoria social quanto para a própria teoria freudiana, que Marcuse procura evitar uma interpretação extrínseca ou substituta dos textos freudianos originais, reconhecendo a profundidade deste alcance teórico e crítico que se mantinha ainda indiferenciado nessas obras, especialmente as que propunham análises da cultura. Assim, nota-se que sua atualização do conceito, a partir das origens onto e filogenéticas da repressão nos textos sociais freudianos, nasce enquanto crítica imanente, historicizando o princípio de realidade ocidental (de desempenho) dentre outros possíveis e discernindo um “excesso” repressivo (mais-repressão) inerente à história do capitalismo, e não da civilização em geral, pautado pela organização repressiva da sexualidade em favor do aumento da produtividade do trabalho e da dominação de classes. Nossa hipótese será que, mesmo que dentro do recorte estrito proposto de *Eros e Civilização*, acompanhar o conceito de repressão neste modo específico de incorporação da psicanálise revelado pela crítica aos neofreudianos, conservando o conflito e sua potência crítica, mas sem se restringir a uma pura negatividade e ao pessimismo sugerido em *Mal Estar da Civilização*, servirá para revelar o sentido propositivo e emancipatório desta interpretação em relação a outras oferecidas pela teoria crítica das obras freudianas, especialmente as propostas por Adorno e Horkheimer.

### Palavras-Chave

Marcuse. Repressão. Crítica.



## UMA INTROMISSÃO CRÍTICA? PAULO FREIRE E O COLAPSO DO POPULISMO NO BRASIL

André Sznajder

[andresznajder@yahoo.com](mailto:andresznajder@yahoo.com)

### Resumo

Se Paulo Freire é extraordinariamente conhecido nos quatro cantos do mundo como uma figura de grande importância para a educação, passar os olhos por seus textos pode nos causar certo estranhamento. Nesse sentido, nossa investigação terá como um de seus principais objetivos levantar algumas hipóteses sobre o papel que as influências filosóficas assumem no sistema teórico construído por Freire entre 1959, data de publicação de sua tese de concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, “Educação e atualidade brasileira”, e 1968, data de publicação da “Pedagogia do oprimido”. Ao longo do nosso percurso, teremos atenção especial para o modo pelo qual Freire assimila suas principais referências teóricas para formular seus conceitos de mutismo (e cultura do silêncio) e conscientização. A comparação do papel que desempenham tais conceitos no sistema montado em “Educação e atualidade brasileira” e “Pedagogia do oprimido” nos levará a refletir sobre a evolução das ideias de Freire e a estabelecer certa periodização de sua produção teórica. Para estabelecer as diferenças entre as abordagens desses conceitos que nortearão nossa investigação a análise da assimilação de Freire do pensamento filosófico nos será fundamental. Nesse sentido, pretendemos analisar tanto a recepção freireana da ideologia do desenvolvimento, tal como exposta por Álvaro Vieira Pinto em “Consciência e realidade nacional”, quanto a crítica da reificação desenvolvida por Gyorgy Lukács em “História e consciência de classe”. Por fim, nossa análise da evolução intelectual de Freire nos levará a levantar algumas hipóteses sobre o processo de radicalização política e intelectual dos anos 1960 no Brasil, situando Freire como um autor em franca interlocução com a esquerda católica e como uma testemunha do colapso do populismo no quadro da modernização periférica.

### Palavras-Chave

Revolução. Luta de classes. Modernização.



## UMA QUESTÃO DE APRESENTAÇÃO?! AS CONDIÇÕES DE FUNDO DO CAPITALISMO EM DEBATE

Victória Santos De Faria Veloso

[victoria.sanroc@gmail.com](mailto:victoria.sanroc@gmail.com)

### Resumo

Tomando como ponto de partida a fase mais recente do projeto teórico de Nancy Fraser, caracterizada por uma crítica ampliada das sociedades capitalistas e das transformações associadas ao recrudescimento do capitalismo financeirizado, pretendemos explorar o pano de fundo metodológico em torno de sua conceituação de capitalismo, exposta especialmente em *Capitalismo em Debate: Uma Conversa na Teoria Crítica* (2020) e *Cannibal Capitalism: How Our System Is Devouring Democracy, Care and the Planet – And What We Can Do About It* (2022), onde o plano econômico produtivo das referidas sociedades está imbricado no que a autora denomina de “condições de fundo”, que são, ao mesmo tempo, necessárias e canibalizadas pela ordem social hodierna, a saber, capitalista. Para tanto, procuraremos justapor suas considerações a respeito das “condições de fundo” aos debates feministas marxistas em torno do lugar da opressão de gênero na crítica ao capital. Afastando-se de “teorias dos sistemas duplos ou triplos”, que apresentam de modo fragmentário diferentes tipos de opressão e dominação como conectadas a sistemas autônomos, a inflexão que nos interessa busca a unidade dessas relações discretas no seio das sociedades capitalistas. Ademais de seu método de exposição — que destaca como condições de fundo as esferas da: reprodução social; ecologia; política e a expropriação — não restar sem controvérsias, esta “questão de apresentação”, modo como a filósofa estadunidense descreve em entrevista à Verso Books - *Nancy Fraser on Capitalism, Gender, Oppression, Marxism, and the Post-Left Populist Moment* (2023), nos parece um caminho profícuo capaz de elucidar aspectos relevantes a respeito da i. historicidade do modo de produção capitalista e sua relação constitutiva com a dissolução de formas de vida social e unidades prévias, desbancando expectativas a respeito da autossustentabilidade e autonomia da esfera econômica ii. para além do recorte histórico, nos permite ir ao encontro de uma sistematização do capital que estenda o gesto marxiano de investigação das moradas



ocultas do capital, irrompendo a ideia de um capitalismo indiferente às relações de gênero, raça, etc. iii. ilumina cenários de luta, que não são devidamente explicitados por um único expoente de dominação, em um quadro de convergências potenciais, sem subsumir uma forma de contestação social à outra.

### Palavras-Chave

Nancy Fraser. Capitalismo. Condições de Fundo.



## VELOZES E FURIOSOS: CRÍTICA DO POPULISMO EM HARTMUT ROSA

Thor João De Sousa Veras

[thor.verass@gmail.com](mailto:thor.verass@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de reconstruir e avaliar o diagnóstico do populismo de ultradireita e a crítica deste fenômeno enquanto regressão democrática na modernidade tardia a partir da teoria crítica de Hartmut Rosa. Para isso, procura-se analisar o vínculo entre o fenômeno de alienação causada pela aceleração das sociedades contemporâneas (a dinâmica veloz da globalização econômica da forma de vida neoliberal) com o autoritarismo de lideranças autocráticas e populistas de direita (a fúria e o ódio populista contra minorias e imigrantes) em três momentos: primeiro, através da investigação das causas econômicas, políticas e, sobretudo, socioculturais, que permitiram a ascensão de plataformas de ultradireita. Esse processo se estrutura em três dimensões: pelo crescimento econômico, a inovação cultural e a aceleração técnica. Essa fatores moldam e, ao mesmo tempo, cindem a realidade política e cultural contemporânea entre uma escalada de crescimento e progresso e uma imobilidade institucional e estrutural. As disfunções nestas dimensões, conforme argumenta Rosa, passam ser vistas como formas de dessincronização ou alienação. Em um segundo momento, explicitando a crítica normativa que Rosa elabora para considerar esse fenômeno como eminentemente regressivo, pelo fato de produzir um silenciamento sistemático e uma incapacidade própria do indivíduo em produzir sua própria voz na promessa de onipotência de líderes autocráticos. Logo, a assimilação do indivíduo em uma totalidade nacionalista homogênea faz perder a sua própria capacidade de autoeficácia de autotransformação necessária para uma relação de emancipação ressonante. Por fim, o último momento trata de avaliar as potencialidades e os limites da solução de Rosa para o problema da patologia da aceleração que impulsiona as lideranças populistas ao redor do mundo: a ideia de uma democracia ressonante, cujo forma bem sucedida de autoeficácia coletiva centraria em torno de um “bem comum democrático” como uma criação de eixos de ressonância: um eixo social, baseado nas relações entre pessoas, um eixo material, que corresponde a relação das pessoas com seu mundo comum, e um eixo existencial, que responde a relação do mundo, história,





natureza e a vida como um todo. O resultado desses eixos é um espírito comunitário como uma capacidade e abertura das pessoas e da cidade a ressonância como uma forma de autoeficácia coletiva democrática.

### **Palavras-Chave**

Populismo. Aceleração. Ressonância.



## VIGILÂNCIA, CAPITALISMO E A CORROSÃO DA LIBERDADE SOCIAL

Felipe Gonçalves Silva  
[goncalves.silva@ufrgs.br](mailto:goncalves.silva@ufrgs.br)

### Resumo

Os estudos sobre vigilância crescem significativamente no interior das ciências sociais contemporâneas, refletindo o desenvolvimento acelerado de tecnologias digitais de monitoramento e controle, sua conexão estrutural com formas de reprodução capitalista baseadas na extração de valor de dados pessoais e sua penetração cada vez mais ampla em dimensões capilares da interação social. À luz de seu compromisso metódico continuado com a “dimensão temporal da verdade”, sobretudo naquilo que exige a elaboração de diagnósticos sobre as formas de dominação vigentes, é notável que a teoria crítica não tenha ainda produzido reflexões de impacto nos estudos da vigilância. A comunicação busca trazer contribuições a uma crítica negativa da vigilância voltada a seus efeitos disruptivos nas condições sociais de manutenção da ordem democrática. Para isso, busca-se integrar as análises de Christian Fuchs sobre a vigilância, pautadas na crítica da economia política e nas características distintivas do capitalismo informacional, com o projeto de atualização da eticidade democrática defendido por Axel Honneth em *O Direito da Liberdade*. A combinação desses dois aportes teóricos nos auxilia a pensar a vigilância como fontes de patologias sociais inerentes ao capitalismo informacional, as quais nos remetem a modos sistemáticos de corrosão das condições sociais de exercício das liberdades democráticas.

### Palavras-Chave

Vigilância. Capitalismo. Liberdade social.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 ▸ 04/10/24



Realização



Apoio



## GT TEORIAS DA JUSTIÇA



## A CATEGORIA DO SOCIAL ENQUANTO MEDIAÇÃO DECOLONIZADORA PARA UMA POLÍTICA PÚBLICA EMANCIPATÓRIA

José Henrique Sousa Assai

[jhs.assai@ufma.br](mailto:jhs.assai@ufma.br)

### Resumo

Levando em consideração os pressupostos mais fundamentais de uma teoria crítica (diagnóstico, análise e correção) e o substancial conceito do “Social” – entendida, resumidamente, pelas práticas, instituições e relações sociais – para a filosofia social, esta pesquisa pretende demonstrar que o “Das Soziale” não se funda apenas em um construto analítico sociopolítico; mas, sob o esteio de uma concepção decolonial, ele “deve-ser” compreendido também como medium possível para o pensar/agir de uma filosofia endereçada à emancipação. Nesse sentido, a crítica se assenta no argumento de que o conceito do “Social” seria insuficiente para responder às tentativas postulatórias de emancipação já que se consubstancializa em uma perspectiva “tradicional” e anglo-saxã de teoria crítica (kritische Theorie) e, portanto, deficitária para uma realidade social carente de política(s) pública(s) promotoras da justiça social. Daí a importância do rearranjo da ideia do Social para que se estabeleça uma teoria crítica dedicada à emancipação na qual tome por mediação a política pública enquanto orientação à justiça social.

### Palavras-Chave

Emancipação. Crítica. O Social.



## A DUPLA CRISE DO CAPITALISMO NEOLIBERAL: UMA AVALIAÇÃO DAS ALTERNATIVAS DE HABERMAS E STREECK

Tiago Mendonça Dos Santos  
[mendoncadossantos@gmail.com](mailto:mendoncadossantos@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa parte do diagnóstico da dupla crise do capitalismo neoliberal, uma crise que é tanto econômica, quanto também democrática, como aponta Wolfgang Streeck e que se faz manifesta desde a crise econômica de 2008. O projeto da globalização neoliberal foi abruptamente interrompido não somente em razão do retorno das crises econômicas, mas também em razão da crise democrática nascida de cidadãos que não mais acreditam nas promessas da globalização e que, pelo contrário, se sentem ameaçados por ela, assim como também por outras pautas voltadas à maior inclusão e redução das desigualdades promovidas pelos mesmos governos democraticamente eleitos que implementaram medidas de caráter neoliberal. xEsta pesquisa avalia duas possibilidades de solução, a partir do debate entre Jürgen Habermas e Wolfgang Streeck, conforme empreendido nos últimos anos. Ao avaliar essas duas propostas, indico uma “solução para cima” (Ausweg nach oben), sob a forma da proposta habermasiana de democratização transnacional, que se faz manifesta em dois níveis, um é o projeto relacionado à integração europeia e outro é o projeto relacionado com a democratização das relações internacionais. O outro caminho avaliado é a “solução para baixo” (Ausweg nach unten), apresentada por Wolfgang Streeck e representado no que o autor chama de o modelo de Estado e de relações internacionais keynesiano-polanyiano. Streeck aponta para uma forma democrática de Estado e de relações internacionais entre Estados que por um lado enfatiza a relevância da tomada de decisão a nível nacional, como o foro ainda capaz de ser democrático no contexto atual e que, por outro lado, abre a possibilidade para a integração internacional a partir do planejamento regional. Com esta pesquisa pretendo avaliar criticamente ambos os projetos assim como apontar para qual deles pode representar uma alternativa ao contexto presente, se alguma destas duas propostas se mostrar capaz de apresentar uma solução realizável. No trabalho aponto que embora Streeck tenha um diagnóstico que traduz bem os desafios do tempo presente, não foi capaz de apresentar uma



proposta de solução, a vista principalmente da falta de um fundamento normativo para sua proposta, bem como para uma definição robusta de democracia. Habermas, criticado por Streeck por tentar conformar a realidade à sua teoria, apresenta, todavia, uma proposta que ainda é mais realista que a streeckiana.

### **Palavras-Chave**

Neoliberalismo. Governança global. Democracia.



## A RECEPÇÃO À PAZ PERPÉTUA: JURGEN HABERMAS

Charles Feldhaus

[charlesfeldhaus@gmail.com](mailto:charlesfeldhaus@gmail.com)

### Resumo

Este estudo pretende reconstruir e examinar os aspectos centrais da recepção de *À paz perpétua* de Immanuel Kant pelo filósofo e sociólogo alemão Jurgen Habermas a partir do aniversário do bicentenário da obra de Kant em *A inclusão do outro* até textos mais recentes como *Entre naturalismo e religião*, *Ocidente dividido*, *Sobre a constituição da Europa* entre outros. Habermas, inicia sua recepção de *À paz perpétua* apontando sua atualidade em vários aspectos, mas ao mesmo tempo apontando para certos aspectos ultrapassados da proposta pelo distanciamento histórico de dois séculos. Nos livros subsequentes, Habermas trata inicialmente das mudanças ocasionadas pela mudança de postura dos Estados Unidos da América após o ataque terrorista de 11 de setembro e o retorno do espectro de objeções realistas (como as de Carl Schmitt) ao regime dos direitos humanos no direito internacional estabelecido mais robustamente após o final da Segunda Guerra Mundial. Além disso, se poderia dizer que este trabalho busca aprofundar a investigação, após a reconstrução da recepção habermasiana do opúsculo kantiano, sobre os efeitos no diagnóstico habermasiano da consolidação do projeto kantiano considerando a guerra entre Ucrânia e Rússia e entre Israel e o grupo terrorista do Hamas e outros eventos recentes que consideram novos delineamentos no comportamento de entes nacionais na esfera internacional. Convém observar que o afastamento norte americano da proeminência no processo de consolidação do projeto de uma ordem mundial pacífica aconteceu mais fortemente com a reação com Al Qaeda e na invasão de maneira unilateral, sem considerar os procedimentos estabelecidos pela Organização das Nações Unidas da qual eram pais fundadores. Se poderia dizer que a postura norte-americana desde então tem se aproximado mais da proposta rawlsiana de uma sociedade dos povos do que da proposta habermasiana de um governo mundial sem Estado mundial.

### Palavras-Chave

Direito Internacional. Paz Mundial. Realismo.



## AS TRANSFORMAÇÕES DO CONCEITO DE PSICOLOGIA MORAL NA OBRA DE JOHN RAWLS

Northon Dos Santos Bernardes  
[northon.bernardes@gmail.com](mailto:northon.bernardes@gmail.com)

### Resumo

O Liberalismo Político (LP), uma reunião de conferências de John Rawls, marca um movimento de reformulação do pensamento do autor que ficou conhecido como o seu “giro político”. A cidadania, nesse novo momento, se torna a especificação do conceito político de pessoa mais apropriada a uma concepção de justiça que parte da ideia fundamental da sociedade como um sistema justo de cooperação entre iguais que se relacionam através de um ideal de reciprocidade. O objetivo da presente pesquisa de doutorado, ainda em desenvolvimento, é mapear as instâncias desse domínio político ao qual pertence o cidadão no pensamento rawlsiano. A hipótese provisória propõe que o domínio político pode ser compreendido metodologicamente através de três instâncias de realização: representação, identificação e reconhecimento, cada uma conectada, respectivamente, às etapas do argumento realizado na posição original, à etapa do consenso sobreposto e à teorização da razão pública. Nesta apresentação, pretendo tratar apenas um dos pontos do meu projeto de tese, a saber, as transformações do conceito de psicologia moral no pensamento rawlsiano, desde uma descrição da nossa propensão natural ao desenvolvimento de princípios morais e da nossa motivação a agir de acordo com eles em Uma Teoria da Justiça até a ideia de uma concepção filosófica e normativa de psicologia moral derivada de uma concepção política de pessoa no Liberalismo Político. Pretende-se demonstrar que a transformação da concepção de psicologia moral no pensamento de Rawls deriva não só de uma mudança de “foco” do autor (seja esse foco a legitimidade da autoridade, ou o desenvolvimento de um republicanismo cívico, como propõem alguns intérpretes) mas, na verdade, de uma mudança na forma pela qual Rawls passa a interpretar os objetivos da filosofia política. Tomando a tarefa prática da reconciliação como chave de leitura, pretendo demonstrar que as transformações do “giro político” do autor, entre elas as transformações do conceito de psicologia moral, possuem raízes em uma interpretação contemporânea específica da filosofia política hegeliana.

### Palavras-Chave

Rawls. Psicologia moral.





## BIOMELHORAMENTO HUMANO: REGULAÇÃO E GOVERNANÇA COMO TECNOLOGIAS DE PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL

Murilo Mariano Vilaça  
[murilo.vilaca@fiocruz.br](mailto:murilo.vilaca@fiocruz.br)

### Resumo

A importância de abordar os impactos sociais das tecnologias de biomelhoramento humano (HETs), notadamente em termos de justiça social, está consolidada no debate (Jensen et al., 2018). A variedade de HETs, suas possíveis aplicações e convergências, mas, principalmente, o escopo dos seus impactos (benéficos e maléficos) sobre a condição humana estimulam um complexo debate sobre o futuro da humanidade, constituindo-se em um tópico central da filosofia prática (Rueda, 2023). Neste trabalho, proponho-me a pensar sobre como os desafios relativos à regulação e governança das HETs são, em larga medida, desafios de como promover a justiça ou, pelo menos, como não agravar as injustiças já existentes ou criar novas formas de injustiça por meio delas. Uno-me, então, a um conjunto de pesquisadores/as que têm se interessado em refletir sobre os impactos sociais (positivos e negativos) das tecnologias, via abordagens antecipatórias e futuristas minimamente realistas (Danaher, 2021; Hopster, 2022; Danaher & Hopster, 2022; Umbrello et al., 2023; Rueda, 2024). Minha abordagem incluirá: (1) comentários sobre a relação entre mudança tecnológica e disrupções sociais, destacando que disrupções podem ser boas ou más (Hopster, 2021a; 2021b); (2) apresentação de um quadro sinóptico das HETs, dos seus diversos tipos e propósitos (Jensen et al., 2018); (3) delineamento de uma paisagem das questões das éticas, legais e sociais relativas às HETs; (4) mapeamento das propostas de regulação e governança das HETs e os respectivos desafios enfrentados; (5) apresentação da estrutura básica que proponho para a regulação e governança das HETs, no contexto das sociedades liberais, democráticas e capitalistas. A proposta de estrutura básica que apresentarei reúne um conjunto de princípios, normas, orientações e instituições éticas e políticas, visando a defender a adoção de um novo marco normativo deontológico no plano internacional – Jus cogens – (U.S. Transhumanist Party, 2018); a enfrentar o problema do desenvolvimento anárquico-libertário (deregulated free market oriented) do human enhancement (Haiden, 2021); a preencher lacunas das abordagens

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



predominantes (dyadics) (Hopster & Mass, 2023); bem como a refletir sobre a proposta da nova abordagem da governança, tendo em vista que qualquer proposta deve ser não apenas teoricamente válida, mas implementável/operacionalizável na prática, combinando aspectos de escopo local e global (Conley et al., 2020; Morley et al., 2021).

## Palavras-Chave

Biomelhoramento humano. Regulação. Governança.



## CÓDIGO DE FONTE ABERTA E EQUILÍBRIO REFLEXIVO

Jaison Matias Partchel

[partchel.j@gmail.com](mailto:partchel.j@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste texto é apresentar uma proposta de solução para o problema da explicabilidade em ferramentas de tecnológicas que usam inteligência artificial (IA) usando o equilíbrio reflexivo como justificção para o uso de código aberto em ferramentas de interesse público. O problema a ser enfrentado versa sobre a desconfiança existente quanto aos cenários de caixa preta muitas vezes evocados quando se questiona acerca das razões de um resultado (output). Tal situação gera desconfiança nos agentes e reduz a confiança em tais sistemas. Dois estudos de casos serão usados: carros autônomos e perfilamento social. Espera-se que essa abordagem possibilite mais confiança nesses sistemas que, inevitavelmente, serão cada vez mais usados nos nossos arranjos sociais. As duas hipóteses levantadas foram consideradas da seguinte forma. Primeiro procurou-se mostrar o porquê que algoritmos não satisfazem uma visão de “neutralidade” e sofrem, na realidade, do mote “tal criador, tal criatura”, pelo menos da forma como hoje são desenvolvidos. A segunda hipótese, a do espelhamento humano, foi contestada fazendo uso da caracterização do que constitui inteligência. Nós certamente postulamos uma verdadeira IA nos moldes de como nós agimos. Este texto mostrou-se cética sobre a possibilidade mesma de ser desejável que esse seja o caso para uma IA, quanto mais uma IA “ética”, pois não se concede que esta reúna os requisitos suficientes para agência moral.

### Palavras-Chave

Open-source. Equilíbrio Reflexivo. Explicabilidade.



## CONTRIBUIÇÕES DE JOHN RAWLS: CRÍTICA ÀS TEORIAS METAÉTICAS E CONSEQUENCIALISTAS DO UTILITARISMO

Anne Caroline Moreira Gonçalves

[anne-42@hotmail.com](mailto:anne-42@hotmail.com)

### Resumo

John Rawls, renomado filósofo político do século XX, criticou vigorosamente as teorias metaéticas consequencialistas, notadamente o utilitarismo clássico, por sua abordagem que coloca primariamente as consequências das ações em detrimento dos direitos individuais e da justiça distributiva. Em sua obra seminal *Uma Teoria da Justiça*, Rawls argumenta que o utilitarismo falha ao não fornecer uma base sólida para garantir a proteção dos direitos fundamentais, permitindo potencialmente a supressão dos direitos de minorias em prol do bem-estar da maioria. Além disso, ele contesta a concepção utilitarista de justiça, que não considera a distribuição equitativa da felicidade. Em contraposição, Rawls propõe sua teoria da justiça como equidade, que estabelece princípios fundamentais de justiça baseados na garantia das liberdades básicas para todos os indivíduos, independentemente de suas circunstâncias, e na organização das desigualdades sociais de modo a beneficiar os menos favorecidos. Essa crítica e proposta alternativa representam contribuições significativas para o pensamento político e ético contemporâneo. Em um mundo cada vez mais complexo e interconectado, a crítica de John Rawls ao utilitarismo ganha relevância renovada. Ao explorar as implicações éticas e políticas da priorização das consequências das ações sobre os direitos individuais, refletimos sobre como essa crítica ressoa em nossas sociedades contemporâneas. Assim, podemos analisar como as ideias de Rawls podem informar atualmente debates sobre justiça social, distribuição de recursos e tomadas de decisão política, ajudando a construir uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

### Palavras-Chave

John Rawls. Equidade. Utilitarismo.



## DEMOCRACIA, PROGRESSO E REGRESSÃO EM TOCQUEVILLE

Juliano Cordeiro Da Costa Oliveira

[julianocordeiro81@gmail.com](mailto:julianocordeiro81@gmail.com)

### Resumo

O trabalho objetiva investigar a relação entre democracia, progresso e regressão em Tocqueville. Há, a nosso ver, no filósofo francês, uma dinâmica entre o progresso político, social e econômico, bem como uma crise que se instaura a partir das novas demandas surgidas ao longo desse processo, haja vista uma nova sociedade que não eliminou as contradições de seu passado, ao mesmo tempo que não oferece respostas para os problemas de sua época. A democracia, nesse sentido, poderia desenvolver formas despóticas e regressivas. Não se trata, em Tocqueville, de uma simples oposição entre democracia e autoritarismo. Pelo contrário, a democracia, à luz de contradições econômicas, políticas e sociais existentes, desenvolveria, no interior de suas instituições, formas despóticas de poder e autoritarismo. Tocqueville, no segundo volume de “Democracia na América”, ressalta a existência de um indivíduo autossuficiente, que determina seu próprio destino. Entretanto, é essa mesma sociedade centrada no indivíduo que faz com que haja a possibilidade do aparecimento de formas radicais de individualismo, colocando em questão a perspectiva do bem comum. Tocqueville, aqui, apontaria para a possibilidade de uma corrosão dos laços sociais e de solidariedade, numa época em que o indivíduo é elevado à instância primeira da vida democrática. O interesse pela vida coletiva rapidamente é substituído pela busca incessante dos pequenos prazeres materiais e individuais, fazendo com que os sujeitos se sintam cada vez mais indiferentes com a política. Pode-se até, diz o filósofo francês, ter eleições periódicas; porém, a sociedade encontrar-se-ia cada vez mais apática e fechada em interesses individuais, abrindo caminho para aquilo que denomina de “despotismo doce”, típico das sociedades democráticas. Além disso, Tocqueville, em “Democracia na América”, problematiza como a matança dos povos indígenas na América, a herança da escravidão e a existência ainda dos exércitos em plena democracia, poderia colocar em perigo a própria democracia, tal qual um passado que se instaura nos tempos da igualdade. Daí falarmos de um progresso na democracia e, ao mesmo tempo, da possibilidade de uma

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



regressão. Trata-se, aqui, de uma abordagem pouco levada em consideração no debate público e filosófico acerca de Tocqueville, sendo de fundamental importância para a Teoria Crítica e as Teorias da Justiça.

## Palavras-Chave

Tocqueville. Democracia. Regressão.



## DEMOCRACIA, TRABALHO E ALIENAÇÃO DO TEMPO

Odair Camati  
ocamati@ucs.br

### Resumo

Cada vez mais parece existir um afastamento da sociedade civil do exercício político cotidiano, intensificando os problemas da democracia atual. São variados os diagnósticos que visam compreender esse problema. Para recuperar a política seria preciso separar democracia e mercado, além de ocupar melhor e ampliar as instituições de representação e de fiscalização, contudo isso ainda seria insuficiente. Três pontos podem ajudar nesse diagnóstico. Primeiro, a questão do trabalho e sua relação com a democracia, segundo os conceitos de alienação e aceleração e, terceiro, as condições de participação democrática das pessoas “sem tempo”. Cada um dos aspectos, a partir de suas particularidades, mostra que os problemas da democracia estão relacionados aos problemas da organização econômica e que buscar uma separação estanque não ajuda tanto em termos teóricos, quanto em termos práticos. O objetivo é dar um passo além e pensar possíveis potenciais de crítica, ou causas do problema acima apresentado. Vamos tratar do trabalho tendo Honneth como ponto de referência porque o filósofo crítico se propõe a pensar na relação entre trabalho e democracia. Na sequência nos propomos a analisar os conceitos de alienação e reificação ainda com Honneth como balizador, mas trazendo também Hartmut Rosa para o debate. O objetivo é identificar potenciais de crítica, partindo de diagnósticos relacionados aos problemas da democracia e com isso identificar potenciais de emancipação e consequente recuperação da própria democracia. A motivação de fundo para esse trabalho se encontra na afirmação habermasiana de que teoria democrática e crítica do capitalismo podem andar juntas. (Habermas, 2023). Buscaremos compreender a relação entre exercício da democracia e a organização do tempo, verificando em que medida a tese de Kevin Elliott (2023) pode ajudar na compreensão do momento atual da democracia. A tese consiste em afirmar que, se a estrutura das instituições democráticas mudasse no sentido de permitir que “pessoas ocupadas” pudessem participar nas deliberações de forma mais rápida e menos burocrática, haveria um incremento de participação melhorando a qualidade das

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



decisões. Pretendemos mostrar que não se trata apenas de uma mudança na forma das instituições, trata-se também, se o objetivo for uma retomada da sociedade civil, de uma melhoria geral das condições de vida das pessoas, incluindo as condições materiais básicas e as condições de participação democrática.

## Palavras-Chave

Democracia. Trabalho. Alienação do tempo.





## DESAFIOS DAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DA JUSTIÇA DE MARTHA NUSSBAU

Gilson Carreira Junior  
[gilson.carreira@gmail.com](mailto:gilson.carreira@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho, ora em resumo, pretende examinar os desafios das democracias contemporâneas nos contextos de crescente espetacularização da política e novas relações de autoritarismos, a partir da filosofia política, conhecida como abordagem das capacidades de Martha Nussbaum. A filósofa argumenta que o objetivo fundamental das sociedades deve ser promover nos indivíduos todas as capacidades humanas fundamentais, como saúde, educação, autonomia e participação política. No entanto, as democracias contemporâneas estão sendo assombradas por uma série de desafios que minam essas capacidades e ameaçam os princípios democráticos, assombrados pelo autoritarismo e a política como holofote midiático. Este processo tende a se estruturar com base em uma massificação comportamental, tendo como dispositivos de controle a limitação de capacidades de exercer autonomia e participação ativa na vida política e cultural, ferindo diretamente a elaboração de Nussbaum. As teorias da justiça de pensadores como John Rawls (2016), Amartya Sen (2011) e Martha Nussbaum (2013; 2014) oferecem uma base sólida para a defesa dos direitos individuais, da igualdade e da liberdade, fornecendo um arcabouço conceitual para combater a opressão e a injustiça. As teorias da justiça de Martha Nussbaum, em particular, sua abordagem das capacidades, destacam-se por sua ênfase na promoção das capacidades humanas fundamentais como um aspecto central da justiça social. Nussbaum argumenta que as sociedades democráticas devem se preocupar não apenas com a distribuição de recursos materiais, mas também com a garantia de que todos os indivíduos tenham as capacidades necessárias para viver uma vida digna e autônoma. Por fim, a autora destaca a importância do cosmopolitismo (NUSSBAUM, 2013), enfatizando o reconhecimento da humanidade compartilhada de todos os seres humanos, independentemente de suas origens ou identidades. Isto, oferece uma resposta ética à exclusão e à intolerância promovidas pelos regimes totalitários. Somente através do compromisso com os valores democráticos e da solidariedade global podemos enfrentar os desafios do presente e construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

### Palavras-Chave

Martha Nussbaum. Democracia. Teorias da Justiça.



## DESENVOLVIMENTO, DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL: NORMATIVIDADES EM DISPUTA

Ulysses Ferraz De Camargo Filho

[ferraz.ulysses@gmail.com](mailto:ferraz.ulysses@gmail.com)

San Romanelli Assumpção

[srassumpcao@iesp.uerj.br](mailto:srassumpcao@iesp.uerj.br)

### Resumo

A presente proposta de trabalho pretende apresentar, comparar e problematizar as normatividades, ontologias e epistemologias das teorias do desenvolvimento humano, do desenvolvimento sustentável, da democracia e da justiça social tendo como eixo estruturador da discussão a relação entre teoria ideal, teoria não-ideal, teoria explicativa e descrições empíricas. A aposta teórica é que a comparação entre estes campos teóricos permite aprimorar (1) o entendimento da normatividade inescapável à conceituação do desenvolvimento e da democracia (que é fundamental tanto para a filosofia, quanto para a história, a economia e as ciências sociais) e (2) a compreensão das exigências justificatórias postas para as teorias da justiça. Ambos os aprimoramentos nos permitirão (3) refletir sobre (3.1) as críticas normativas que o campo das teorias do desenvolvimento humano e sustentável e (3.2) o campo das teorias democráticas dirigem ao campo das teorias da justiça social, bem como fazer o caminho inverso e (4) formular críticas às normatividades dos campos das teorias do desenvolvimento humano e sustentável e das teorias da democracia a partir da perspectiva da justiça social. A exploração de (1), (2), (3) e (4) nos levam à defesa teórica de que (5) a relação adequada entre os campos do desenvolvimento humano, desenvolvimento sustentável, democracia e justiça social é de complementaridade e não de oposição, como usualmente defendido pelos autores dos três primeiros campos.

### Palavras-Chave

Desenvolvimento Humano. Democracia. Justiça Social.



## POR UMA FILOSOFIA POLÍTICA E TEORIA DA JUSTIÇA AUTORAL E SITUADA

André Luiz Souza Coelho  
[prof.andrecoelho@gmail.com](mailto:prof.andrecoelho@gmail.com)

### Resumo

A comunicação fará algumas incursões provocativas sobre as responsabilidades da Filosofia Política e da Teoria da Justiça no Brasil contemporâneo, tocando não apenas nos tópicos que deveriam ser privilegiados, mas também no caráter autoral, situado e contra-hegemônico que deveria ser imprimido à reflexão filosófica. Encontros como o da Anpof são ocasiões que nos ajudam a formar uma imagem ampla do que tem sido o campo da filosofia no Brasil. E essa imagem não cessa de ser preocupante. Não apenas a maior parte de nossa produção está voltada à interpretação, análise e discussão das ideias e teorias de autores estrangeiros, como a pauta dos temas relevantes é quase que inteiramente determinada pelo que tem sido discutido nos departamentos de língua inglesa, francesa e alemã. No caso da Filosofia Política e da Teoria da Justiça, a situação chama mais atenção. Dado o contexto, global e local, de crise dos modelos e instituições políticas, de aceleração dos efeitos da hegemonia neoliberal, de radicalização das visões políticas à direita, de timidez imaginativa e propositiva da esquerda, de urgência das pautas do ambiente, da guerra, do gênero, da raça e de outras identidades subalternas etc., é no mínimo notável a insistência do campo em só tratar dos tópicos clássicos em seus autores clássicos de sempre, antigos e atuais, ou incorporar ao cânone as obras e autores estrangeiros novos apontados como relevantes pelo olhar internacional. Para explicar por que isso acontece, a comunicação levará em conta nosso contexto periférico no Sul Global, que, na Filosofia, nos submete a um padrão de colonialidade intelectual, pois (1) torna o discurso filosófico que oferecemos à sociedade limitado à exegese, comentário, comparação e crítica de autores, obras e teorias produzidas no eixo Europeu-Occidental e Norte-Americano e (2) tanto desencoraja uma troca mais produtiva com nossos irmãos latino-americanos e africanos, quanto desestimula uma produção intelectual original voltada para o contexto local. Levará em conta também nosso cenário de emergência de olhares e vozes subalternas historicamente silenciadas (feministas, negras, descoloniais, queer



etc.), que perturbam a narrativa padrão da Filosofia e reclamam tanto um reexame crítico da História da Filosofia sob novas perspectivas, quanto uma mudança dos modos de fazer Filosofia que não apenas faça justiça a essa pluralidade de pontos de vista, mas também não reproduza ingenuamente o fio do discurso hegemônico e excludente.

### **Palavras-Chave**

Filosofia Autoral Situada. Colonialidade.



## EDIÇÃO GENÉTICA HUMANA E HABERMAS: É POSSÍVEL UM DEBATE SOBRE SEUS IMPACTOS DISRUPTIVOS?

Mariana Viale Pereira  
[mari\\_viale@hotmail.com](mailto:mari_viale@hotmail.com)

Murilo Mariano Vilaça  
[murilo.vilaca@fiocruz.br](mailto:murilo.vilaca@fiocruz.br)

### Resumo

Um tópico central do debate filosófico atual se refere à edição genética humana. Habermas assumiu uma perspectiva bioconservadora e há razões para contestar boa parte das suas alegações, mas, nossa hipótese é que parte das suas preocupações pode contribuir para a eliciação do debate. Propomos uma abordagem do debate ético-político sobre a edição genética humana, focalizando seus efeitos sociais disruptivos para a integração social via vínculos de dependência recíproca e solidariedade. Considerando a nova mudança estrutural da esfera pública e os atuais entraves ao funcionamento da política deliberativa, abordamos como os fenômenos que operam essa mudança podem sobrecarregar a esfera pública e obstruir parte considerável dos elementos-chave para solução pacífica de conflitos e busca de justificação de normas em geral. Inicialmente, consideramos as regras gerais de deliberação moral desenvolvidas por Habermas. Na situação de fala ideal, a ênfase do diálogo estaria em alcançar um consenso mínimo argumentativo, tendo em vista uma norma universal. Isso se daria a partir da política deliberativa, que, quando ausente um consenso de fundo, precisaria ser compensada pelo caráter dialógico da formação pública da opinião e da vontade. No cenário atual, identificamos a dificuldade prática de operacionalização de tais regras e do processo deliberativo, o que embaraça o debate em torno da discordância razoável sobre os usos das tecnologias genéticas. Habermas, então, conduz-nos a dois impasses: (1) a esfera pública fraturada e sobrecarregada epistemicamente ainda exerce a função de garantir a força integradora e a autonomia da prática do entendimento entre os cidadãos?; (2) como deliberar sobre os usos de uma tecnologia tão poderosa e enfrentar seus possíveis negativos efeitos disruptivos, no plano social? Utilizando os dados sobre a opinião pública no Brasil produzidos no



Projeto SIENNA, um claro desafio na busca de consensos racionais sobre tecnologias avançadas é que os cidadãos debaterão sobre algo que não conhecem o suficiente, em meio à sobrecarga de informações (infodemia) própria do fenômeno da digitalização, à crise da deferência epistêmica, à polarização e à crise de confiança. Concluímos que, em sociedades democráticas e plurais atuais, podemos carecer de meios adequados para considerar as diversas opiniões sobre as tecnologias disruptivas, problema político que nos conduziria à adoção de uma postura crítica nem tecnofílica, nem tecnofóbica.

### Palavras-Chave

Edição Genética Humana. Habermas. Esfera pública.



## HOW TO SET THE RIGHT LEVEL OF COLLECTIVE WORRY ABOUT THE THREAT OF EXTINCTION

Nicholas Agar

[nicholas.agar@waikato.ac.nz](mailto:nicholas.agar@waikato.ac.nz)

Murilo Mariano Vilaça

[murilo.vilaca@fiocruz.br](mailto:murilo.vilaca@fiocruz.br)

### Resumo

The uncanny abilities of ChatGPT triggered a great deal of speculation about artificial superintelligence (ASI). One of the most important is: How can humans regulate something that is, by definition, so much more intelligent than us? Discussion of the dangers of ASI has occurred across the academy, giving rise to a noisy debate in which Hollywood imagery features in a remarkably uncritical and even sensationalist way. AI takes on the role of a charismatic extinction threat, attracting unwarranted attention. It seems clear that if an artificial superintelligence does arrive and is human unfriendly – it behaves as the supercomputer Skynet in the Terminator movie franchise does, seeking to send humanity extinct – then that would be very bad indeed. In this paper, we frame the question of how much we should worry about an ASI in the terms offered by the psychologist Elke Weber. Weber is interested in our collective response to climate change (Weber, 2010). She describes us as drawing on a “finite pool of worry”. She says “[...] the amount of attention available to anyone to process the vast amount of information potentially available on innumerable topics is small and very finite.” Weber asks how much of an individual’s finite pool of worry should be allocated to climate change. We ask about the claim of the AI Apocalypse on our collective finite pool of worry. We present the AI Apocalypse as a charismatic extinction threat. We make a distinction between intrinsic and extrinsic causes of changing the claim of an extinction threat on our finite pool of worry. An intrinsic cause of change offers evidence which justifies the change in concern. An extrinsic cause of change does not provide this evidential basis. We argue that the charisma of Hollywood extinction threats such as the AI Apocalypse suggest that we worry about it more than we should.

### Palavras-Chave

Artificial Superintelligence. Climate Change. Threat.



## INJUSTIÇA RACIAL E NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA NO BRASIL

Francisco Antonio Da Silva Filho

[ochicofilho@gmail.com](mailto:ochicofilho@gmail.com)

### Resumo

A partir da noção de que “a justiça jamais se experimenta diretamente. A injustiça, em contraste, é experimentada diretamente, e é por meio dela que formulamos a ideia de justiça” (FRASER, 2012, p. 267), podemos perceber que ao longo da tradição filosófica as autoras e autores estavam pensando as dinâmicas de injustiça de suas épocas a partir de um diagnóstico. Isso significa que o debate sobre justiça não se refere apenas “ao conteúdo normativo, mas também com relação à fundamentação metódica de uma teoria filosófica de justiça política e social (FORST, 2018, p. 9), isto é, no nosso caso, que reflita sobre a situação contemporânea e o processo real de violência estatal sobre grupos subalternos-racializados; crise de imigração e xenofobia, além dos processos excludentes de participação política que atingem esses grupos e como eles são inseridos – ou não - na esfera pública. Buscaremos responder a seguinte pergunta: quais as relações entre neoliberalismo e injustiça racial no Brasil? A atual fase do capitalismo, o capitalismo financeiro ou neoliberalismo, apresenta alternativas ilusórias aos movimentos sociais, principalmente à negritude, no contexto do que Fraser chamou de “neoliberalismo progressista”, aquele que em aparência levanta pautas de reconhecimento e por vezes de igualdade, mas construindo alianças com grupos do capital e da grande mídia que são responsáveis pela precarização, encarceramento em massa e endividamento da população negra. A partir da obra “Racismo estrutural”, de Dennis de Oliveira, proponho uma análise do desenvolvimento do neoliberalismo progressista no Brasil.

### Palavras-Chave

Capitalismo. Racismo. Teoria Crítica.





## JUSTIÇA COMPARATIVA: A TEORIA DA JUSTIÇA DE AMARTYA SEN

Mateus Soares Flores

[mateusflores32@gmail.com](mailto:mateusflores32@gmail.com)

### Resumo

O intuito deste trabalho é apresentar a teoria da justiça elaborada no livro *A ideia de justiça*, pelo filósofo e economista Amartya Sen. Busco evidenciar as principais características e fundamentos desta teoria, bem como apontar as vantagens desta em relação às concepções de justiça precedentes. A estrutura argumentativa do autor parte do pressuposto de que uma teoria racional e razoável deve servir de base para questões de racionalidade prática. Para isso, é necessário que ela seja capaz de fornecer tanto critérios de avaliação objetivos, que ajudem a identificar as injustiças existentes, quanto de refletir sobre os meios adequados para a redução das diferentes injustiças e a expansão das situações de justiça. Tal argumentação faz com que o filósofo indiano siga por um caminho diretamente oposto às concepções de justiça mais tradicionais, que têm o seu foco em procurar e determinar uma caracterização das sociedades e instituições perfeitamente justas. Essa posição é denominada pelo autor como as teorias do institucionalismo transcendental. Para Amartya Sen, o problema de tais teorias é a sua preocupação excessiva na busca da justiça perfeita. Como consequência, essas teorias acabam reduzindo a realidade aos seus próprios conceitos, gerando um forte paroquialismo procedimental que, na prática, resulta em mais situações de injustiça do que de justiça. Por outro lado, Sen denomina a sua abordagem como uma concepção de justiça comparativa. Ela possui um grande foco tanto em comparações entre diferentes posições e diferentes realidades quanto nas realizações sociais das diferentes sociedades. Basicamente, o autor parte do entendimento de que a justiça não deve se limitar à reflexão dos governos e instituições, tais como elas deveriam ser, mas também deve dar mais atenção à qualidade de vida e aos comportamentos reais dos indivíduos. Para Sen, uma teoria da justiça razoável não deve ser indiferente ao modo como as pessoas realmente vivem.

### Palavras-Chave

Amartya Sen. Teoria da justiça. Institucionalismo.



## O DEBATE ENTRE LIBERAIS IGUALITÁRIOS E LIBERTÁRIOS: REFLEXÕES SOBRE AUTONOMIA E SEGURIDADE SOCIAL

Laís Cristina Rocha De Jesus

[laisjuly.1992@gmail.com](mailto:laisjuly.1992@gmail.com)

### Resumo

Como as sociedades democráticas contemporâneas têm como característica fundamental o pluralismo, não é surpresa que surjam, no âmbito da esfera pública, discussões sobre qual deve ser o limite do poder do Estado, qual é a melhor forma de governo, e quais princípios básicos devem orientar a constituição de uma ordem política para assegurar os princípios de liberdade e igualdade aos cidadãos. A presente pesquisa busca, neste sentido, examinar as justificativas que são apresentadas por vertentes clássicas do debate liberal contemporâneo, como a de Robert Nozick no livro *Anarquia, Estado e Utopia* e a de John Rawls em *Liberalismo Político*. Além de apresentar os argumentos libertários, que repudiam quaisquer interferências do Estado na vida privada dos indivíduos, o objetivo de nosso trabalho é o de mostrar que a proposta liberal igualitária rawlsiana consegue assegurar com mais efetividade os direitos dos indivíduos respeitando sua autonomia. A pesquisa é, portanto, voltada para uma análise filosófica das convicções normativas que fundamentam os princípios e argumentos morais que, do ponto de vista liberal, deveriam orientar as estruturas políticas, econômicas e sociais em uma dada sociedade.

### Palavras-Chave

Rawls. Nozick. Liberalismo.



## O DISCURSO MALTHUSIANO NO ENSAIO SOBRE A POPULAÇÃO E A CONDENAÇÃO DO POBRE

Sandra Eloisa Pisa Bazzanella  
[sandra.bazzanella@hotmail.com](mailto:sandra.bazzanella@hotmail.com)

### Resumo

A presente proposta visa analisar o percurso discursivo malthusiano a respeito da pobreza na obra *Ensaio Sobre a População* em duas das edições desenvolvidas por Thomas Malthus: uma edição de 1798 e outra de 1803. Essa proposta está circunstanciada no âmbito do estudo do discurso moderno sobre a pobreza e suas implicações contemporâneas. Por isso buscamos, especificamente, analisar de que modo o *Ensaio* de 1798 apresenta a existência da pobreza enquanto fruto de leis naturais e vícios humanos, para, a partir de 1803 reforçar o aspecto vicioso do pobre, ensejando e reforçando a moralização desse fenômeno. Na edição de 1798, Malthus apresenta a pobreza enquanto resultado da dinâmica de duas leis: a) o alimento seria necessário aos humanos e b) haveria, na trajetória humana, a tendência à reprodução da espécie. Do descompasso entre os níveis de crescimento populacional e dos itens de subsistência, se alterariam também os salários, a oferta de emprego e as condições de mantimento das diferentes camadas sociais, sendo os pobres os mais afetados com a escassez de alimentos e emprego. Nesse âmbito atuariam dois freios à reprodução. Um preventivo (causado pela previsão das poucas condições futuras à subsistência da família) e um positivo (advindo de uma presente dificuldade de subsistência). No âmbito do discurso malthusiano, entretanto, apenas as classes médias estariam sujeitas aos obstáculos preventivos. Isto pois as Poor Laws impediriam que sujeitos sentissem os obstáculos da pobreza tão logo se anunciassem. Esta lacuna discursiva (que restringe a atuação de uma lei natural a um grupo específico) enseja uma das mudanças observadas no *Ensaio* de 1803, a saber, a atribuição deliberada de ignorância e má reflexão aos sujeitos pobres. Segundo Malthus, além de não pouparem seus rendimentos e destinarem seus salários ao prazer próprio, os pobres, por falhas próprias de caráter e na ausência de restrições morais se eximiriam da própria responsabilidade pela pobreza de que seriam vítimas, ignorando o obstáculo preventivo. A sequência argumentativa malthusiana que culmina na condenação do

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



pobre enquanto sujeito vicioso não pode ser ignorada pela Filosofia Política, sobretudo nos debates em relação à pobreza. Isto pois o discurso aporóforo que perpassa políticas sociais mundo afora contém heranças modernas e, enquanto não for compreendido e, se necessário, criticado, impede que se destine a devida atenção às causas da pobreza.

## Palavras-Chave

Pobreza. Malthus. Modernidade.



## O PROBLEMA DA DISTINÇÃO ENTRE TEORIA IDEAL E TEORIA NÃO IDEAL EM RAWLS

Antonio Frederico Saturnino Braga  
[antoniofsbraga@uol.com.br](mailto:antoniofsbraga@uol.com.br)

### Resumo

A proposta da comunicação é elaborar a distinção entre teoria ideal e teoria não ideal presente na obra de Rawls. Pretendemos ir além das indicações do próprio Rawls, com o intuito de tornar essa distinção mais fecunda para benéficos desenvolvimentos do seu pensamento. Recorreremos ao aporte de duas propostas conceituais externas a Rawls. (1) Recorreremos ao conceito de “ideal facticamente influente” presente na obra de Habermas. (2) Recorreremos ainda à distinção proposta por Hamlin e Stemplowska (H&S) entre “teoria ideal” (como polo de uma linha contínua cujo outro polo são as teorias “não ideais”) e, por outro lado, uma “teoria dos ideais”. Cabe destacar que, enquanto o ideal facticamente influente de Habermas tem um caráter formal, constituindo-se em um princípio formal das discussões práticas facticamente empreendidas pelos participantes da esfera pública, os ideais da teoria dos ideais de (H&S) têm um caráter conteudístico, eles são valores conteudísticos em torno dos quais gira a atividade reflexiva do teórico; nesse contexto, entretanto, é essencial destacar que a atitude do teórico pode remeter à atitude do participante, o que significa que seu interesse primordial não é defender monologicamente uma determinada teoria normativa, mas apresentar uma proposta conteudística para os coparticipantes das discussões públicas. Com base nesses dois aportes, a obra de Rawls pode ser apresentada da seguinte maneira. Partindo do ideal formal da razoabilidade, o teórico-participante propõe que os valores fundamentais de uma sociedade justa são os valores da liberdade, igualdade e cooperatividade, defendendo uma determinada maneira de articular esses valores. Nos termos de (H&S), isso seria uma teoria do ideal. Entretanto, ao contrário do que sugerem esses autores, penso que, com base na obra de Rawls, é possível considerar a viabilidade como um tipo de valor, na medida em que a proposta de compreensão e articulação dos outros valores é essencialmente afetada por considerações de viabilidade. O contínuo “teorias ideais – não ideais” diz respeito, não a considerações de viabilidade externas à teoria pura do ideal, mas ao



modo mais esperançoso ou cético de configurar considerações de viabilidade internas à teoria do ideal. As considerações de viabilidade remetem não apenas às restrições impostas pelos “fatos”, mas também à esperança de que os ideais articulados pelo teórico-participante possam efetivar-se dentro do terreno da intersubjetividade.

### **Palavras-Chave**

Rawls. Teoria Ideal. Utopia Realista.



## O RESGATE DA FRATERNIDADE POLÍTICA

Moara Ferreira Lacerda  
[moara.lacerda@gmail.com](mailto:moara.lacerda@gmail.com)

### Resumo

O inventário da filosofia política ocidental tem se desenvolvido com base nos valores de liberdade e igualdade, os quais se transformaram em princípios dificilmente desassociados das principais questões enfrentadas pela filosofia política, como as questões de justiça social, a relação entre perfeccionismo e liberalismo e os valores constitutivos da comunidade política liberal. Houve, entretanto, certo desdém com relação à fraternidade. Seja por uma associação com as teorias de amizade cívica ou com o sentimento fraternal cristão, pouca tem sido a atenção dada à fraternidade política, de cunho emancipatório e universalista, nascida com a Revolução Francesa. Apesar disso, a fraternidade não tem sido inteiramente negligenciada. Rawls, em sua obra “Uma teoria da justiça”, associa o princípio da diferença com o princípio da fraternidade. Para ele, o princípio da diferença expressa o significado fundamental da fraternidade do ponto de vista da justiça social, uma vez que corresponde ao seu significado natural: a ideia de não permitir vantagens maiores a menos que seja para garantir o bem daquele que está em pior situação (2016, p. 125-127). Outro acadêmico que visa posicionar a fraternidade no centro das democracias liberais é Angel Puyol. Puyol busca demonstrar que a fraternidade ocupa uma posição central na teoria de Rawls (2019, p. 133) e que trata de um “direito individual de receber bens básicos que otimizam as expectativas dos menos favorecidos em uma sociedade desigual governada pelo princípio da diferença” (2019, p. 129, tradução nossa). Ele defende que só se consegue alcançar a melhor interpretação que se possa dar à liberdade e à igualdade, dentro da tradição liberal, por meio da combinação desses ideais com o ideal da fraternidade (2019, p. 63). Partindo-se desta concepção, este trabalho visa compreender no que consiste a fraternidade política enquanto princípio associado ao princípio da diferença e como isso afeta a comunidade política liberal tradicionalmente associada às liberdades individuais e ao atomismo do agente moral. Afinal, o que devemos uns aos outros enquanto membros de uma comunidade liberal? Se a pouca atenção dada à fraternidade enquanto categoria política é sintoma do entendimento

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 > 04/10/24

Realização



Apoio



de que ela não seria essencial para as democracias liberais, os dilemas hoje enfrentados pelo liberalismo nos fazem disputar esse posicionamento com a seguinte pergunta: quanto de ausência de fraternidade política uma democracia liberal é capaz de suportar?

## Palavras-Chave

Justiça social. Liberalismo Político. Comunidade.





## OS DIREITOS DO CÉREBRO: OS NEURODIREITOS COMO UM DIREITO FUNDAMENTAL

Alex Da Silva Moreira

[alexmoreira.advogado@gmail.com](mailto:alexmoreira.advogado@gmail.com)

Murilo Mariano Vilaça

[murilo.vilaca@fiocruz.br](mailto:murilo.vilaca@fiocruz.br)

### Resumo

Diante da crescente influência das tecnologias na esfera cognitiva dos indivíduos (tecnologias conhecidas como neurotecnologias ou Brain-Computer Interface – BCIs), surge a necessidade premente de discutir o direito de autonomia individual sobre nossos próprios processos mentais (YUSTE et al, 2021). Este estudo propõe uma reflexão sobre a positivação dos neurodireitos como um direito fundamental relacionado ao domínio cerebral e mental de uma pessoa (IENCA, 2021). O cérebro é o alicerce de todas as nossas atividades mentais, desde pensamentos e percepções até emoções e memórias. Todas essas funções mentais são resultado da complexa interação entre os neurônios e circuitos neurais que operam de maneira coordenada e interconectada (YUSTE et al, 2021). No Brasil, entre outros direitos, temos os direitos fundamentais à liberdade de pensamento e expressão (BRASIL, 1988). O avanço das BCIs levanta a questão sobre os neurodireitos (como o direito à privacidade mental), considerando que sua garantia torna-se crucial, pois tais tecnologias têm o potencial de impactar profundamente a privacidade, autonomia e integridade mental dos indivíduos. Nesse sentido, legislações que visam a proteger o cérebro têm sido criadas. Por exemplo, isso se tornou uma realidade no Chile, por meio da Lei nº 21.383. No Brasil, temos uma proposta sobre o tema, a saber, o projeto de Lei nº 2.174 de 2023 e o projeto de Lei nº 522 de 2022. Nesse trabalho, abordamos como a positivação dos neurodireitos, como direitos fundamentais, pode impactar a legislação brasileira, considerando os avanços das neurotecnologias e tomando como parâmetro a Emenda Constitucional chilena. Para isso, seguimos tais passos: (1) contextualizamos o surgimento dos neurodireitos (YUSTE; GENSER; HERRMANN, 2021); (2) apresentamos sua classificação e divergências conceituais (IENCA, 2021); (3)



apontamos as questões éticas e legais; (4) expomos os desafios no contexto brasileiro diante da legislação chilena, que será tomada como parâmetro desse estudo. Em conclusão, os projetos brasileiros avançam na proteção dos neurodireitos, mas enfrentam desafios. O Chile já incorporou essas proteções na Constituição, garantindo maior reconhecimento. No Brasil, a implementação, fiscalização e consenso político podem ser obstáculos a serem superados. A integração das novas normas com a legislação existente exige ajustes, o que evidencia a complexidade de regulamentar avanços tecnológicos e proteger os direitos fundamentais.

### Palavras-Chave

Neurodireitos. Direitos Fundamentais. Bioética.



## PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO: A ORDEM SOCIAL CAPITALISTA E A CRISE DO CUIDADO

Pamela Pereira Prestupa  
[pamelaprestupa@gmail.com](mailto:pamelaprestupa@gmail.com)

### Resumo

A crise do cuidado na ordem social capitalista está intrinsecamente ligada ao que Nancy Fraser (2020) chama de “pré-condições não econômicas” que possibilitam a manutenção do capital. A primeira delas é a reprodução social, que se refere a todo o trabalho não remunerado de cuidado, vinculado majoritariamente as mulheres, e que é essencial à criação e manutenção tanto da produção econômica quanto da vida humana. A falta de reconhecimento do cuidado como trabalho oficial resulta em uma desigualdade estrutural na distribuição das responsabilidades de reprodução social, especialmente o acúmulo de jornadas de trabalho. Aliado a isso, o não reconhecimento do cuidado como trabalho faz com que haja a sua desvalorização, sendo a parcela do trabalho de cuidado terceirizada realizada em troca de baixos salários. Essa desigualdade é exacerbada pela segunda condição de possibilidade do capital: o confisco de riqueza de povos expropriados, que cria condições de desigualdade e sujeição a comunidades não-brancas e colonizadas. Além disso, a extração indiscriminada dos recursos naturais, terceira condição, impacta diretamente a crise do cuidado ao afetar o ambiente e a capacidade de prover cuidados adequados. A exploração desenfreada dos recursos naturais em prol do lucro resulta em danos ambientais que prejudicam a saúde e o bem-estar dos indivíduos - em especial aqueles que já vivenciam a falta de recursos materiais, agravando a crise do cuidado. Por fim, a falta de políticas públicas adequadas de cuidado contribui para o cenário de desestabilização da reprodução social, estando diretamente vinculada à quarta pré-condição: o poder público. Isso reflete a priorização dos interesses econômicos em detrimento das necessidades humanas básicas, apesar da necessidade intrínseca da reprodução social e do próprio poder público para a manutenção do capital. Todas essas condições são cruciais para a acumulação capitalista, porém, ao mesmo tempo, são esgotadas e desestabilizadas por ela, resultando em crises sociais, políticas e econômicas. Além disso, essa dinâmica também contribui para a subordinação de gênero, a dominação imperial racial, a injustiça ambiental e a violação da liberdade política de todos.

### Palavras-Chave

Capitalismo. Reprodução Social. Feminismo.



## QUAL NORMATIVIDADE? UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA RAWLSIANA TARDIA

Jorge Armindo Sell  
[jasellvaires@gmail.com](mailto:jasellvaires@gmail.com)

Fernando Luís Steidel  
[fernando.ls08@aluno.ifsc.edu.br](mailto:fernando.ls08@aluno.ifsc.edu.br)

### Resumo

Pretende-se examinar a importância de uma teoria normativa de justiça para uma sociedade democrática refletindo sobre a obra tardia de John Rawls. Para tal, acolhe-se críticas colocadas pelas chamadas “teorias não-ideias” da justiça, que questionam o valor de idealizações acerca do justo face à atualidade política. Notoriamente, Rawls se tornou filósofo central na contemporaneidade com a publicação de obras como *Uma Teoria da Justiça* e *O Liberalismo Político*. Nelas, argumenta sobre os vínculos entre justiça e democracia, bem como sobre o papel da teoria moral dentro da deliberação política dos cidadãos. Para Rawls (2001, p. 4), a tarefa normativa de uma teoria da justiça (pelo menos, uma das quatro tarefas mencionadas pelo filósofo nesse trecho), consiste em mostrar como uma sociedade democrática é possível dentro das condições históricas modernas, caracterizadas pelo fato do pluralismo. Trata-se de uma tarefa conceitual, pois supõe que a filosofia é capaz de articular valores como liberdade e igualdade de uma maneira capaz de alcançar o consenso de cidadãos, os quais que divergem entre si de maneira “profunda e irreconciliável” (ibidem, p. 3). Trata-se de uma tarefa normativa, pois nela a filosofia se dedica a fundamentar juízos sobre o valor de certa concepção de justiça democrática para os cidadãos democráticos aos quais esta se destina. Várias críticas foram feitas em relação à obra de Rawls, uma delas com respeito ao caráter excessivamente abstrato e ideal das teorias da justiça. Para Williams (2005), ao se dedicar a descrever as instituições de uma sociedade perfeitamente justa, a justiça como equidade assumiria que a tarefa política de construí-las já teria sido realizada, colocando a política depois do consenso moral prévio. Mills (2005) também critica o método de reflexão rawlsiano, que colocaria as abstrações idealizadas perante à realidade que se pretende abordar, ela mesma imperfeita e repleta de injustiças. Se



essas críticas estão corretas, a teoria normativa da justiça não apenas negaria a natureza própria da política como também não teria como responder aos desafios que dela decorrem. Em vez de meramente realizar uma comparação entre teorias ideais e não ideais da justiça, pretende-se abordar a justiça como equidade sob a premissa de que ela não se deixa conter inteiramente sob as essas duas categorizações, aceitando as críticas acima como convites para revisitá-la.

\*Financiado pelo CNP- Edital 01/2024/PROPPI/PIBIC-EM

### **Palavras-Chave**

Justiça como equidade. Normatividade. Conflitos.



## RAWLS E A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO CIDADÃO POLÍTICO

Celso De Moraes Pinheiro

[celsopinheiro@ufpr.br](mailto:celsopinheiro@ufpr.br)

### Resumo

De acordo com Rawls, a preocupação de uma sociedade democrática com a educação reside exclusivamente na formação do futuro cidadão. Não cabe ao Estado promover, por meio de suas políticas educacionais, uma educação que afete ou determine a vida de seus futuros cidadãos para além de sua identidade política. Isso porque as instituições públicas não têm o direito de formar ou reforçar valores, ideais ou culturas não públicas. Assim, uma educação que vise à formação em valores e tradições deve permanecer restrita à esfera da escolha privada. Com isso, a promoção da autonomia não entraria nos planos educacionais do Estado, uma vez que a autonomia individual é vista, por Rawls, como um ideal ético privado. Partindo de tais considerações, a ideia central desse texto é verificar se não é possível tornar compatível a promoção da autonomia com a formação do cidadão. Considerando a valorização do pensamento crítico apresentado por Rawls, não seria a educação o caminho para a formação desse pensamento? E, se sim, não seria aqui necessário um elemento ético? Tais questões irão nortear o trabalho que se segue a fim de verificar a possibilidade de uma educação que almeje, além da formação do cidadão político, o desenvolvimento da autonomia individual.

### Palavras-Chave

Rawls. Cidadania. Educação.



## REVISITANDO O EQUILÍBRIO REFLEXIVO AMPLO NUMA TEORIA CRÍTICA DA IA

Nythamar Hilario Fernandes De Oliveira Junior

[nythamar@yahoo.com](mailto:nythamar@yahoo.com)

### Resumo

A Inteligência Artificial (IA) e as novas tecnologias de informação, através de plataformas digitais globais, integram um número exponencialmente crescente (com mais de 4 bilhões de usuários) de comunidades virtuais e redes sociais, utilizando também big data, a Internet das Coisas e inovadores recursos interativos. Se postularmos que a inteligência humana é o que permite a execução de tarefas como a percepção visual, o reconhecimento de fala, a tomada de decisões e a tradução entre idiomas, a IA poderia ser entendida como um complexo técnico-teórico de sistemas computacionais e de novas tecnologias e algoritmos que otimizam a capacidade de aprender e executar tarefas cognitivas levando a resultados com grande precisão e celeridade em ambientes materiais e virtuais, incluindo o aprendizado de máquina (machine learning), o aprendizado profundo (deep learning) e o aprendizado por reforço (esses dois últimos são geralmente incluídos numa visão abrangente do primeiro). A fim de lidarmos com os inúmeros desafios normativos e problemas ético-morais neste cenário, enfocando a questão crucial do alinhamento de valores numa perspectiva teórico-crítica (em autores como Marcuse, Habermas e Feenberg), gostaria de postular a hipótese de trabalho que parte do déficit fenomenológico da teoria crítica para propor uma tentativa de solução numa abordagem procedimental do chamado equilíbrio reflexivo amplo, aproximando os modelos algorítmicos dos modelos normativos de inspiração rawlsiana, viabilizando destarte uma leitura naturalista da fenomenologia moral, contraposta a modelos normativistas e fisicistas.

### Palavras-Chave

IA. Teoria Crítica. Equilíbrio Reflexivo.



## TEORIA ESTÉTICA DO DIREITO: A JUSTIÇA ICONOLÓGICA

Pedro Augusto Simões Da Conceição

[sdm.pedro@gmail.com](mailto:sdm.pedro@gmail.com)

### Resumo

A ideia de uma justiça que gravita em torno da norma domina a teoria do direito desde que Savigny perdeu sua batalha na tentativa de encontrar um direito vivo e dinâmico, irreduzível à codificação. A centralidade da norma, com a qual o próprio positivismo jurídico se confunde, torna-se o eixo reitor da definição de direito e de justiça, mesmo sob as perspectivas mais recentes de uma teoria dos princípios (os quais são vistos como espécie de norma) ou mesmo de um direito achado nas ruas (que vai se preocupar por compreender a normatização de subconjuntos sociais). A partir desse amálgama, direito e justiça se tornam indissociáveis do próprio paradigma normativo e a norma, por sua vez, torna-se um objeto de conhecimento, levando a dogmática jurídica a um status de teoria pura capaz de ditar o certo e o errado em termos de conhecimento da norma, de sua interpretação e aplicação. O ápice dessa teorização, em nossa tradição brasileira, pode ser representado pela Introdução à Teoria do Direito de Sampaio Ferraz e seus três paradigmas: técnica, decisão, dominação. Em contraposição, proponho, a partir de meu estudo de doutoramento, uma volta ao paradigma de Savigny pela via da estética kantiana. Meu estudo toma como pressuposto o esgotamento dos paradigmas normativos na definição de direito e justiça e propõe uma teoria do direito ainda pautada em uma teoria do juízo, mas não mais um juízo de conhecimento sobre a norma e sim um juízo reflexivo sobre as situações complexas que se apresentam ao jurista. Nesse cenário, assim como o esteta pode diferenciar a arte da situação não-artística a partir da reflexividade do pensamento que não dá nada ao conhecimento (na ponte entre moral e saber definida por Kant na analítica do belo), o jurista reflete sobre situações complexas-caóticas da vida identificando o jurídico a partir de ícones definidos historicamente como institutos jurídicos. Mais perenes e relevantes que os textos legais, os institutos se mostram como verdadeiros ícones, atravessando gerações, escolas jurídicas, sistemas legais e trazendo uma potência significativa não-textual, força fantasmagórica, como definia Warburg. Meu estudo também leva em consideração os paralelos possíveis com





a iconologia de Belting. Nesse contexto, a aproximação do jurista às situações da vida se torna estética e sua percepção de justiça é construída como adequação a partir do estudo dos institutos, sua história, seu peso e impacto na vida social.

### **Palavras-Chave**

Teoria do Direito. Estética (Kant). Iconologia.



## THE PRIORITY OF LIBERTY IN JOHN RAWLSS THEORY.

Julia Sichieri Moura  
[juliasmoura@gmail.com](mailto:juliasmoura@gmail.com)

### Resumo

The idea of lexical priority and the priority of liberty are key elements of Rawls particular conception of justice (TJ, 77). Based on this idea, Rawls will develop an understanding of the ordering of equal basic liberties, fair equality of opportunity, and the difference principle. The fact that there are priority relations between different principles is what makes Rawlss theory an alternative to utilitarianism, which aims to reduce all considerations to one principle of justice. The meaning of the priority of liberty will therefore depend on how the first principle is specified. By understanding Rawlss theory as a whole, with the changes and revisions that have been made, it is possible to clarify the meaning of the priority of liberty as well as the challenges of a liberal conception of justice framed in this way. In this context, my aim in this paper is twofold: first, to map some of the changes in the specification of the first principle of justice in Rawls theory. Second, to clarify the idea of lexical priority, arguing for the importance of this idea not only in an ideal theory, but also in the unfavourable conditions of a non-ideal theory.

### Palavras-Chave

Liberty. Lexical Priority. Rawls.

# XX ENCONTRO ANPOF

RECIFE, PE  
30/09 - 04/10/24



Realização



Apoio



## GT WITTGENSTEIN



## A CRÍTICA DO ISOMORFISMO PSICOFÍSICO NAS REMARKS ON PHILOSOPHY OF PSYCHOLOGY DE WITTGENSTEIN

Thiago Ferreira Dos Santos

[th.ferreira@ufpr.br](mailto:th.ferreira@ufpr.br)

### Resumo

Os §§903-8 do texto *Remarks on the Philosophy of Psychology* vol I (TS229 1947) apresentam uma série de observações de Wittgenstein acerca da questão da correlação entre processos físicos e mentais, mais precisamente sobre a noção de isomorfismo psicofísico, noção esta largamente aceita nas definições tradicionais do mental e defendida por psicólogos da Gestalt, como Köhler. Entre os §§903-4 o filósofo apresenta suas observações quanto ao conceito de pensamento e, nos §§905-8 a aplicação de suas objeções ao conceito de memória. A temática discutida em torno dos §§903-8 apresenta uma abordagem menos usual no modo de trabalho de Wittgenstein, uma vez que não parte de seu caráter metodológico, mas direciona suas críticas diretamente a teorias estruturalistas e representacionistas da mente e cérebro, dando menos ênfase a linguagem como usualmente se apresentam outros exemplos relacionados ao mental trabalhados pelo filósofo. Para desenvolver o debate sobre o tema apresentado nesse grupo de parágrafos, propomos discutir entre os §§903-4, as diferentes leituras de MCGUINN (1984), MCDONOUGH (2004) e HARK (1995); em seguida, entre os §§905-8 discutiremos as leituras de MOYAL-SHARROCK (2009), STERN (1991) e BENNETT; HACKER (2003) no intuito de pensar uma leitura moderada das observações de Wittgenstein desse grupo de parágrafos e, explicitar que, ainda que sua filosofia da psicologia, em última instância, se construa a partir de suas reflexões sobre a linguagem e observações do uso de nosso vocabulário psicológico, o conteúdo de suas observações nesse grupo de parágrafos não é de caráter metodológico, mas questiona diretamente a plausibilidade de certas teses fisiologistas quanto à relação mente-cérebro.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Filosofia. Psicologia.



## A ÉTICA EM WITTGENSTEIN NA OBRA DA CERTEZA

Valério Hillesheim  
valeriohill@gmail.com

### Resumo

O objetivo do trabalho é apresentar a concepção de ética em Wittgenstein na obra *Da Certeza*. Grande parte dos estudos sobre ética em Wittgenstein estão centrados em sua Conferência sobre Ética. A proposta desta comunicação é mostrar que, embora as referências sobre ética, na obra *Da Certeza*, sejam, praticamente inexistentes, o tema e os problemas da ética continuam como preocupação essencial do autor, a partir da análise do papel gramatical das proposições, enquanto expressam valores ou juízos morais. Em sua análise terapêutica das proposições, Wittgenstein distingue a necessidade natural da necessidade valorativa, ação fundamental para evitar as confusões conceituais de ordem naturalista, psicológica e cultural. O ponto de partida de sua análise conceitual e terapêutica é a concepção de filosofia como prática, como ação, afinal, “as palavras também são atos”. Nessa perspectiva, os jogos de linguagem expressam modos de agir, a partir de um sistema de referência imbricado com as formas de vida. Com isso, o problema do sentido da vida e da vida feliz estão no centro da finalidade da análise conceitual. Dissolver os mal-entendidos e mostrar como os valores objetivos da ética estão na base de uma vida que vale a pena ser vivida é uma atividade fundamental da filosofia. A relevância e a atualidade deste trabalho situam-se, justamente, neste ponto, pois visam esclarecer o sentido dos valores morais objetivos em vista de uma vida autêntica, em conformidade com o que dá sentido à vida e permite ao ser humano fazer uma experiência de vida que seja feliz, como se fosse possível a seguinte descoberta: qual é a vida da vida ou qual é o sentido da vida.

### Palavras-Chave

Ética. Terapia. Valores. Sentido da vida.



## A INTENCIONALIDADE EM LUDWIG WITTGENSTEIN

Wilton Lins Júnior

[wilton.linsjr@gmail.com](mailto:wilton.linsjr@gmail.com)

### Resumo

Inicialmente, a comunicação visa problematizar o tema da intencionalidade na obra investigações filosóficas de Wittgenstein. Consiste em saber o que é a intencionalidade? Qual a diferença da sua concepção de intencionalidade em detrimento a outros filósofos, saber no Wittgenstein tardio em que base está fundamentada sua noção de intencionalidade? Está estritamente compreendida na linguagem. Além disso, Wittgenstein deu grande atenção a esse tema, desde o início da sua investigação filosófica, a depender do seu período de desenvolvimento filosófico, essa noção passou por mutações em seu entendimento, acerca do problema da intencionalidade, o objetivo proposto aqui é dissecar esse conceito presente nas investigações filosóficas, obra que marca um ponto disruptivo no seu pensamento. a intencionalidade aborda uma questão importante no que toca a intencionalidade nas investigações filosóficas de Wittgenstein, que é o problema da correspondência entre a realidade e o pensamento. A intencionalidade é um caminho de resposta a esse problema, não só de Wittgenstein, mas da tradição filosófica como um todo.

### Palavras-Chave

Intencionalidade. Linguagem. Investigações.



## COSMOVISÃO (WELTBILD) E DESACORDOS PROFUNDOS

Marcus José Alves De Souza

[marcus.souza@ichca.ufal.br](mailto:marcus.souza@ichca.ufal.br)

### Resumo

A comunicação tem como proposta avaliar o papel do conceito de cosmovisão (Weltbild) a partir das ocorrências no Da Certeza de Wittgenstein estabelecendo articulações da proposta de explicação epistemológica do filósofo. Nesta avaliação, pretende-se argumentar que este conceito joga um papel importante na determinação da certeza, como um conjunto de proposições fulcrais ligadas à certeza e, com isso, também determina melhor significado dos desacordos profundos e de sua superação, indicando que, a depender da amplitude lógica que der ao conceito de cosmovisão, ele afeta a possibilidade ou não de superação dos desacordos profundos. Assim, é necessário retomar o status conceitual das proposições fulcrais (Hinge Propositions) no contexto da cosmovisão (Weltbild) e com este último conceito se relaciona ao conceito de forma de vida. Por fim, argumentar pela possibilidade de existir cosmovisões em desacordo participando de uma mesma forma de vida, o que exigirá uma configuração consistente do conceito de forma de vida.

### Palavras-Chave

Weltbild. Desacordos profundos. forma de vida.



## É POSSÍVEL QUE HINGES SEJAM PROPOSICIONAIS E EPISTÊMICAS?

Mateus Da Silva Alves  
[mateuszoo@gmail.com](mailto:mateuszoo@gmail.com)

### Resumo

A obra tardia de Wittgenstein, o *Sobre a Certeza*, é um catalisador de discussões importantes em filosofia. Interessado em debates estimulados por escritos de G. E. Moore (1873-1958), o pensador austríaco dedica parte do seu texto a esclarecer confusões entre as noções de conhecimento e certeza. No livro de Wittgenstein há o desenvolvimento do conceito central de certeza fulcral ou proposição dobradiça (hinge proposition). Uma das leituras sobre a noção central, realizada por Moyal-Sharrock (2015; 2017), fornece características gerais das hinges. Entretanto, um exame cuidadoso revela a possibilidade de tensionar as características indicadas, indicando sua implausibilidade. Características como as de ser 1) não epistêmica e 2) não-proposicional podem ser revistas se analisadas a partir de um aporte teórico diferente do apontado por Sharrock, que comporta uma abordagem referencialista. A presente proposta, então, busca articular uma leitura inferencialista semântica e expressivista lógica, a partir de Robert B. Brandon para rearticular as características das hinges. Com o trabalho busca-se defender que é possível estabelecer as características de ser 1) epistêmica e 2) proposicional a partir da plataforma teórica inferencialista. Assim, situada longe de uma tradição representacionista e platônica tal como concebida pela intérprete de Wittgenstein. Portanto, busca-se com a reelaboração a possibilidade de avançar em questões importantes na obra do pensador austríaco, tais como o estabelecimento de distinções mais finas e rigorosas e a revisão de certezas fundamentais. Conseqüentemente, formando um aporte teórico que serve como base para avançar em outros problemas filosóficos, como casos de dissensos e outros debates epistemológicos.

### Palavras-Chave

Hinges. Inferencialismo. Wittgenstein.





## ENTRE DEFINIÇÕES E EXEMPLOS: REFLEXÕES WITTGENSTEINIANAS SOBRE O CONCEITO DE CULTURA

Thauan Santos Soares

[thauan.santos.soares@uel.br](mailto:thauan.santos.soares@uel.br)

### Resumo

Este artigo busca investigar a complexa questão da definição do conceito de cultura à luz da filosofia de Ludwig Wittgenstein. Inicialmente, iremos explorar a abordagem wittgensteiniana em relação à natureza dos conceitos linguísticos e como essa perspectiva dificulta uma definição precisa e unívoca do termo cultura. Ao examinar as ideias de Wittgenstein sobre linguagem e significado, pretende-se demonstrar como os conceitos culturais são intrinsecamente ligados à prática e à linguagem contextual, o que torna difícil qualquer definição fixa e universal. Em seguida, vamos analisar a crítica de Wittgenstein à construção de sistemas teóricos na filosofia e como isso levanta dúvidas sobre a possibilidade de capturar a complexidade da cultura por meio de uma teoria cultural abrangente. Ao questionar a ideia de que a cultura pode ser encapsulada em um conjunto de proposições teóricas ou modelos explicativos, Wittgenstein desafia a noção de que é possível uma compreensão total e objetiva da cultura. Por fim, examinaremos o papel específico das Observações Sobre o Ramo de Ouro de Frazer no pensamento de Wittgenstein, destacando como ele contesta uma definição problemática de cultura apresentada por Frazer. Ao longo deste estudo, procuramos oferecer uma análise aprofundada dos desafios enfrentados ao tentar definir cultura dentro do quadro conceitual wittgensteiniano, e como esses desafios têm implicações significativas para a antropologia contemporânea e os estudos culturais em geral.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Conceitos. Cultura.



## FENOMENOLOGIA E INTENCIONALIDADE NAS FILOSOFIAS DE WITTGENSTEIN E HUSSERL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Marcio Rodrigo Mello  
[marciormello@hotmail.com](mailto:marciormello@hotmail.com)

### Resumo

O texto das Observações Filosóficas (*Philosophische Bemerkungen*) de Wittgenstein nos oferece a oportunidade de entender um importante passo do seu percurso teórico: um momento no qual aparece uma forma de “fenomenologia”, que exige um “elemento de intenção”, sem o qual toda a linguagem entraria em colapso (PhB §20). Este momento, localizado no que se convencionou chamar de um “período intermediário”, se desenvolve no contexto da reavaliação das proposições do *Tractatus Logico-Philosophicus* por parte do autor, no qual alguns conceitos foram repensados, enquanto outros, novos, vêm de diferentes origens, carregadas de surpreendentes influências. Tal é o caso dos conceitos de intencionalidade de Husserl e Brentano. É importante aqui notar a centralidade deste “elemento de intenção” das PhB e seu papel imprescindível como um conceito de intencionalidade na nova filosofia da linguagem de Wittgenstein a partir de 1929. É inegável que Wittgenstein teve contato com as ideias de autores da fenomenologia, como podemos encontrar hoje em registros de conversas com Waismann, Schlick e outros membros do Círculo de Viena. O propósito deste trabalho é localizar essas possíveis influências sobre Wittgenstein, com atenção especial na filosofia de Husserl, traçando paralelos entre estes conceitos de intencionalidade tal como aparecem nas *Investigações Lógicas* e nas *Observações Filosóficas*. Ao alcançar esse objetivo será possível encontrar novos pontos importantes de diálogo entre a fenomenologia e a filosofia da linguagem.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Husserl. Fenomenologia.



## O CONTEXTO DA DISCUSSÃO SOBRE ASPECTOS NA FILOSOFIA DA PSICOLOGIA DE WITTGENSTEIN

Thiago Andrade Ferreira Dória

[thiagoafdoria@gmail.com](mailto:thiagoafdoria@gmail.com)

### Resumo

Ludwig Wittgenstein discute intensa e extensivamente o tema da percepção de aspectos entre 1946 e 1949, em uma série de textos sobre a filosofia da psicologia. Nesta discussão, os vários fenômenos relativos ao notar o aspecto originam um problema que assume a forma de um paradoxo: em certo sentido, nada muda quando notamos um aspecto, mas tudo se torna diferente. Por exemplo, quando vemos uma semelhança em dois rostos, ou a cabeça de um pato onde antes víamos a de um coelho em uma figura ambígua, o objeto parece continuar sendo o mesmo, embora a vivência que temos dele tenha mudado. E se quiséssemos revelar para outrem o que vemos após essa mudança, uma cópia do que está diante de nossos olhos seria insuficiente, pois apenas reproduziria algo que poderia ser visto de diferentes formas, não necessariamente daquela forma que almejávamos com nossa revelação. Que experiência é esta, então? Qual é sua natureza e quais são suas implicações conceituais? Em nosso trabalho, procuramos contextualizar as observações que giram em torno destas questões no corpus wittgensteiniano, explorando principalmente a relação que elas guardam com o método filosófico consolidado na Parte I das Investigações Filosóficas, bem como o que as singulariza em meio ao tratamento de conceitos psicológicos.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Filosofia da psicologia. Aspecto.



## O DEBATE ENTRE FREGE E WITTGENSTEIN SOBRE A NOÇÃO DE FATO NO TRACTATUS

Araceli Rosich Soares Velloso

[ar.velloso@gmail.com](mailto:ar.velloso@gmail.com)

### Resumo

Pretendemos apresentar um modo de evitar a alegação de inconsistência que teria sido feita por Frege em carta a Wittgenstein em relação aos primeiros cinco aforismos do Tractatus. Queremos propor uma interpretação para a forma como Wittgenstein interpreta “fatos” como “o que é o caso” neste início do Tractatus que mostre a incorrectude dessa alegação. Queremos também defender que essa não foi a intensão de Frege com seus comentários. Os cinco aforismos em discussão são: 1, 1.1, 1.2, 2.01, 2.011. A inconsistência que poderia aparecer numa certa leitura conjunta desses cinco axiomas é a seguinte: no aforismo 2.011 temos que as “coisas” são constituintes de outras “coisas” e que o complexo resultante da composição de “coisas” é um “estado de coisas”. Nos §§1.0 e 1.1 temos que “fatos” são “a ocorrência de um estado de coisas”. Portanto, como o vocabulário escolhido pelo próprio Wittgenstein sugere, teríamos de ter uma relação de parte e todo entre os seguintes 3 elementos: coisas, fatos e mundo. Assim: se as coisas são partes do estado de coisas, e se a totalidade dos estados de coisas formam a totalidade das partes constituintes do mundo, então o mundo também deveria ser a totalidade das coisas! A dificuldade diante desse argumento é a sua conclusão, ela contradiz o que é dito em 1.1: o mundo não é a totalidade das coisas! Para lidar com essa dificuldade, defenderemos que no Tractatus fatos não devem ser considerados como coisas que possam ser divididas em partes. O mundo se divide em fatos, mas os fatos não se dividem em coisas, apenas estados de coisas podem ser divididos dessa maneira. Estados de coisas por sua vez podem ser o caso ou não ser o caso. Como “ser o caso” pode ser visto como um predicado universal que afirma a ocorrência de certo conteúdo, podemos considerar que a expressão “ser um fato” seja simplesmente um outro modo de expressar esse mesmo predicado universal “ocorre”. Nossa interpretação assume dois pressupostos: uma posição não referencialista sobre o que é dito a respeito de fatos e coisas em 1.1, priorizando o sentido da proposição em relação a referência das partes; uma proposta fregiana de não confundir porções



espaço temporais do mundo com aquilo que podemos recortar e chamar de objeto em determinada situação. Distinguiremos também dois níveis lógicos no Tractatus: o nível extensional e o nível mereológico. Nenhum desses níveis, contudo, estará comprometido com a ideia de que objetos estejam na base da ontologia tractariana.

## Palavras-Chave

Wittgenstein. Frege. Fato.



## O DISCURSO MORAL E SUAS POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO NO SEGUNDO WITTGENSTEIN

Mirian Donat

[donat@uel.br](mailto:donat@uel.br)

### Resumo

Nas Investigações Filosóficas Wittgenstein apresenta uma concepção da linguagem em que o significado das palavras vai se fixando ao longo do tempo, sempre em relação às ações e práticas humanas no mundo, de acordo com os jogos de linguagem em que as palavras são usadas. Nesse sentido, o discurso moral é ele também resultado dessas ações e práticas com os quais estamos inseridos. Nesse particular jogo de linguagem, as palavras estão envolvidas com ações tais como acusar, julgar, valorar, absolver, condenar e assim por diante. Para desempenhar adequadamente essas ações precisamos de um repertório de conceitos que receberam sua significação em uma forma de vida específica e que, nesse contexto, organizam e permitem o funcionamento dos jogos de linguagem morais. O objetivo desse trabalho é mostrar que, apesar desse repertório conceitual ser aparentemente sistemático e fixo, levando muitas vezes a considerar Wittgenstein um conservador em termos de moralidade, na verdade essa é uma perspectiva que nos permite pensar as possibilidades de mudança e transformação em nossa linguagem moral. As formas de vida, tal como os jogos de linguagem, comportam uma abertura que permite aos sujeitos o seu questionamento e a formulação de novos significados para os conceitos ali presentes. Longe de pensar sujeitos condicionados e determinados em sua ação pelas regras de uma forma de vida, Wittgenstein nos leva a considerar o papel de cada sujeito no desenvolvimento de conceitos que vão instituir a moralidade em sua forma de vida. Para que isso seja possível, precisamos de sujeitos livres, responsáveis e autônomos, o que para Wittgenstein é resultado de um processo educativo a que cada um tem a obrigação de dedicar-se.

### Palavras-Chave

Discurso moral. Formas de vida. Transformação.



## O WAISMANN DE WITTGENSTEIN E WAISMANN

Mauro Luiz Engelmann

[mauroengelmann@ufmg.br](mailto:mauroengelmann@ufmg.br)

### Resumo

O que se pode fazer com Waismann e o Wittgenstein de Waismann? Essas perguntas são feitas aqui tendo em mente a publicação de Friedrich Waismann: *The Open Texture of Analytic Philosophy* (Palgrave Macmillan, 2019), Dejan Malkovec e Stewart Shapiro (eds), o primeiro livro publicado até o momento que é dedicado exclusivamente à filosofia de Waismann como um todo. O Wittgenstein de Waismann é o tema de artigos de, por exemplo, Schroder/Tomany e Coliva; a filosofia de Waismann, no sentido de que é indiscutivelmente originalmente diferente das visões de Wittgenstein, é o tema de artigos de, por exemplo, Lavers, Shapiro/Roberts, Russell, Heuer e Priest; finalmente, Waismann e o Wittgenstein de Waismann são discutidos juntos por Limbeck-Lilenau e Morris. Às vezes, os autores superestimam a posição filosófica de Waismann e, às vezes, ocorre o contrário. Essa situação reflete o fato de que as respostas às nossas perguntas estão entrelaçadas, emaranhadas e mutuamente dependentes. Pretendo mostrar que em meio às variações de Waismann dos temas de Wittgenstein, havia um tema central do empirismo lógico: a teia da ciência. Com isso, tenho em mente como a ciência funciona dada a posição relativa da lógica, da geometria, da física, da biologia, da filosofia, da história, da sociologia e assim por diante. Assim como outros membros do Círculo, Waismann tinha sua própria visão pessoal, apesar de certos acordos básicos entre eles. A teia da ciência era a questão central para ele, e a influência de Wittgenstein sobre ele foi filtrada por esse tema positivista básico.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Waismann. Ciência.



## PERSUAÇÃO EM WITTGENSTEIN: APORTES PARA A SUPERAÇÃO DE CONFLITOS ENTRE FORMA(S) DE VIDA

Marcelo Ferreira Ribas

[marceloferreiraribas@hotmail.com](mailto:marceloferreiraribas@hotmail.com)

### Resumo

A concepção de persuasão é, seguramente, uma noção interessante da filosofia de Ludwig Wittgenstein [1889-1951] que ainda não mereceu a devida atenção dos estudiosos do pensamento do autor. Na obra *Sobre a Certeza (SC)*, o filósofo reflete persuasão como sendo a capacidade de influenciar no sentido de provocar no sujeito uma radical transformação em sua imagem de mundo; conseqüentemente, o resultado desse processo é que o persuadido acaba por substituir a sua própria imagem pela imagem de mundo do persuasor. Todavia, essa mudança não se efetiva no nível da argumentação, mediante o recurso à exposição de razões e o emprego de demonstrações e provas, o que caracterizaria, antes, a ideia de convencimento em vez de persuasão. Em vez disso, persuade-se à medida que se procura apresentar aspectos de uma imagem de mundo; desse modo, o sujeito passa a se abrir a outras possibilidades de perspectivas da realidade. O persuadido é interpelado a substituir a sua própria imagem de mundo por aquela que lhe foi apresentada, e isso ocorre porque, por si mesmo, passa a considerar como sendo mais adequada a nova imagem que lhe foi proposta. Com isso, gesta-se uma mudança significativa de comportamento, uma vez que se passa de uma atitude dogmática para uma atitude aberta e democrática de compreensão e de organização de nossas experiências de mundo. Nesse sentido, entende-se que a concepção de persuasão em Wittgenstein pode ser um expediente importante para superar embates entre diferentes imagens de mundo, oriundas de experiências distintas – diferentes forma(s) de vida – uma vez que é capaz de influir enormemente na substituição de pontos de vista e, conseqüentemente, de atitudes dos sujeitos. Assim, aquele que é persuadido passa a ser “[...] levado a ver o mundo de maneira diferente” (SC, § 92), sendo este o resultado esperado do processo persuasivo.

### Palavras-Chave

Persuasão. Imagem de Mundo. Forma(s) de vida.





## REGRAS MATEMÁTICAS, REALIDADE E A RELAÇÃO DE SATISFAÇÃO

André Da Silva Porto  
[andre.porto.ufg@gmail.com](mailto:andre.porto.ufg@gmail.com)

### Resumo

Nossa apresentação oferece uma rápida visão geral da filosofia madura da matemática de Wittgenstein e será baseada em um recente capítulo sobre essa parte da filosofia de sua filosofia em um volume comemorando os 70 anos de publicação das Investigações Filosóficas. Em nossa apresentação iremos nos concentrar especialmente nas diferenças entre a interpretação tradicional tarskiana da semântica das declarações matemáticas e a interpretação proposta por Wittgenstein. Procuraremos argumentar que haveria uma grande proximidade entre a proposta do filósofo para aquela semântica e a ideia de “forcing” de introduzida por Cohen e Kripke na década de sessenta. Se essa proposta de aproximação da abordagem filosófica de Wittgenstein se mostrar adequada, isso ofereceria importantes conexões entre a filosofia daquele autor e importantes trabalhos no contexto recente da discussão sobre os fundamentos da matemática. Em particular, o problema dos avanços matemáticos e a ideia de “Mutação Semântica” apareceriam, tanto na abordagem de Wittgenstein, quanto na de Cohen e Kripke. Por fim, isso poderia vir a ter um importante papel na tarefa de romper o relativo isolamento que ao qual a filosofia da matemática de Wittgenstein tem sido submetida.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Filosofia da Matemática. Semântica.



## SOBRE A VERDADE E A CERTEZA EM WITTGENSTEIN

Wagner Teles De Oliveira  
woteles@gmail.com

### Resumo

Nos textos sobre a certeza, Wittgenstein lança mão da ideia de uma sistema de proposições, uma espécie de sistema de referência do pensamento e da linguagem. Essa ideia tem alguma centralidade naqueles textos sobretudo porque se relaciona diretamente com a noção de 'imagem de mundo', em torno da qual capítulos importantes de suas observações filosóficas sobre a certeza se organizam. Como é natural, a ideia de sistema tem amplos efeitos. Um deles é a certeza lógica como compromisso prático com um conjunto de juízos, não com este ou aquele juízo considerados isoladamente. Na medida em que Wittgenstein entende se tratar de empregar juízos à maneira de princípios de juízos, parece ser natural supor que um tal sistema de referência consiste num conjunto de pré-condições do sentido lógico. Mas se for mesmo assim, como entender então a afirmação de que a verdade de proposições empíricas pertence ao sistema de referência? A dificuldade, nesse caso, não diz respeito apenas ao quanto a separação entre sentido e verdade seria posta contra a parede. Nem deve se deter no quanto ameaçaria a distinção entre proposições da experiência e proposições da lógica. Afinal, na pior das hipóteses, resta para essas situações a alegação de que a obra tardia de Wittgenstein teria se desgarrado de sua obra inicial. Além do mais, as observações de Wittgenstein sobre a certeza preservam a distinção entre proposições da experiência e proposições da lógica. Talvez apenas tenha passado a encará-la como uma forma de gradação gramatical, que torna possível discerni-las entre aquelas cuja falsidade pode muito bem ser admitida sem efeitos drásticos, e aquelas cujo acerto de contas com a experiência poderia implicar revisão do sistema de referência. A questão é o lugar reservado à verdade nos jogos de linguagem, pois a ideia de sistema proposicional tem implicações sobre o que se compreende ser a concordância entre as proposições e os fatos, pois é fonte de determinação da evidência, além de consequências acerca do que nos dispomos a considerar como verdadeiro ou falso.

### Palavras-Chave

Certeza. Verdade. Sistema de Referência.



## SOBRE O SIGNIFICADO DA PALAVRA “DOR” NO CONTEXTO DAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE WITTGENSTEIN

Priscilla Da Veiga Borges  
[priscilla\\_veiga\\_borges@ufg.br](mailto:priscilla_veiga_borges@ufg.br)

### Resumo

Wittgenstein, no parágrafo 244 das Investigações Filosóficas, faz uma pergunta que, à primeira vista, parece ser relativamente simples: “Como as palavras se referem a sensações?” Mas, ao longo da tradição filosófica, essa pergunta se mostra bastante complexa em razão de seus desdobramentos céticos. Tradicionalmente consagrou-se a ideia de que o significado das palavras em geral ocorre por associação a entes físicos, abstratos ou mentais. A palavra “cadeira”, por exemplo, tem significado na medida em que se refere a um determinado objeto, a saber, uma cadeira. Segundo essa tradição, no caso das sensações o significado das palavras, como é o caso da palavra “dor”, será definido por uma amostra interna. Gilbert Ryle na obra *The Concept of Mind* chamou esse entendimento de “doutrina oficial” e vemos os aspectos dessa doutrina refletidas em sentenças do tipo “somente eu sei o que estou sentindo, ninguém mais sabe”; “a dor que eu sinto não pode ser sentida por mais ninguém”, demonstrando que a dor é geralmente tida como uma sensação não compartilhada e incomunicável. O caráter isolado e hipoteticamente privado da dor direciona para um subjetivismo do significado em relação à palavra dor, tornando a questão colocada no § 244 das Investigações Filosóficas até mesmo trivial, uma vez que, para boa parte da tradição filosófica, a ideia de isolamento da dor não é questionada, por ser bastante intuitivo supor que somente a pessoa sente suas dores. Sendo assim, a pergunta sobre a referência da palavra dor para essa tradição somente pode ser uma resposta subjetiva, pressupondo que cada pessoa possui sua amostra interna para a palavra “dor” e acesso privilegiado a essa mostra. Nossa hipótese de trabalho para esse problema passa por considerar o que Wittgenstein desenvolveu ao longo dos parágrafos 244 a 315 das Investigações Filosóficas, encaminhando a questão para uma proposta intersubjetiva de fixação do significado das palavras sobre sensações. Uma vez que, se a fixação do significado das palavras relacionada às sensações fosse subjetivo, como quer a tradição filosófica, estaríamos diante de um cenário de



incomunicabilidade radical, pois não teríamos parâmetros para saber o significado das sensações e nem mesmo para ensinar aos outros, ou seja, para comunicar aos outros. Nesta comunicação vamos tratar da possibilidade de fixação intersubjetiva trazida pela segunda parte do parágrafo 244. Argumentaremos que essa possibilidade surge como alternativa mais viável.

### Palavras-Chave

Palavra dor. Intersubjetivo. Wittgenstein.



## TÉCNICAS DE AJUSTE DA LIDA: UM DIÁLOGO ENTRE ALVA NOË E WITTGENSTEIN

Diogo De França Gurgel  
[diogo.gurgel@gmail.com](mailto:diogo.gurgel@gmail.com)

### Resumo

Em “Concept Pluralism, Direct Perception, and the Fragility of Presence” (2015), Alva Noë recorre ao aparato conceitual cunhado por Wittgenstein para delinear a sua posição acionista (uma espécie de enativismo moderado). De acordo como o autor, o conceito de técnica proposto por Wittgenstein nas Investigações Filosóficas (dentre os apontamentos sobre a gramática do “entendimento” - PI §§198-199) abre espaço para um pluralismo conceitual, o qual, com as devidas complementações, admite casos híbridos entre a cognição básica (de cunho perceptual) e a cognição superior (de cunho proposicional). De modo mais preciso, Noë assume que o domínio de uma habilidade perceptual (o que incluiria, assim entendo, o ver-como) permitiria ao agente engajado em determinadas práticas acessos mais eficazes ao ambiente e ajustes de lida. Ele toma esses acessos como casos de “compreensão perceptual” (perceptual understanding – NOË, 2015, p.13). No presente trabalho, pretendo, em um primeiro momento, submeter a exame os méritos e deméritos dessa aplicação do conceito wittgensteiniano de técnica. Em um segundo momento, faço considerações sobre as possíveis contribuições dessa abordagem para um problema exegético bem conhecido entre os comentadores e estudiosos da obra de Wittgenstein: para além da tarefa terapêutica de combate de abusos e mal-entendidos produzidos pela teorização, quais seriam propriamente as tarefas positivas da investigação gramatical? Nesse momento da apresentação, travo diálogo com Hacker em seu texto “Philosophy: A Contribution, not to Human Knowledge, but to Human Understanding” (2009).

### Palavras-Chave

Técnica. Compreensão perceptual. Enativismo.



## TER EM MENTE, FORMA DE VIDA, WITTGENSTEIN

Jose Maria

[jose.maria@unicap.br](mailto:jose.maria@unicap.br)

### Resumo

Tanto o processo como se desenvolve a compreensão, como o universo em que se desenvolve esse fenômeno inerente ao ser humano, sempre foi um ponto que inquietou a Filosofia. Dessa inquietação pode-se inquirir: quais as condições de possibilidade em que repousam a compreensão? Do contrário, o que poucas vezes se atentou foi ao uso que fazemos de tal termo, e isso fez com que o tirasse de seu contexto e investigá-lo como algo que se relaciona diretamente com algum processo mental, na mente, portanto, interno ao sujeito que raciocina. Essa linha de investigação gerou alguns questionamentos, e um deles relaciona-se ao que se segue: se a compreensão e os processos nela envolvidos se dão no interior, na mente, como ter acesso a eles? Seria possível saber o que o outro tem em mente, objetivamente falando? Pretendemos com esse trabalho apresentar o papel desempenhado pelo verbo *meinen* (ter em mente) na argumentação de Wittgenstein, e sua relação com os processos mentais, nas Investigações Filosóficas. Para tal, analisaremos a mesma obra com a finalidade de apresentar as conclusões feitas pelo filósofo austríaco, quanto da análise de sua gramática, uma vez que a expressão ter em mente permeia toda a obra mencionada. Outro dado, e que ao nosso ver permite compreender genuinamente o termo anterior, refere-se à expressão *lebensform* (forma de vida), como condição de possibilidade em que, tanto o verbo *meinen* encontra seu uso mais autêntico, como também o fio condutor que torna possível entender o conjunto das próprias Investigações.

### Palavras-Chave

Ter em mente. Forma de vida. Wittgenstein.



## TRÊS MOMENTOS NA RECEPÇÃO DAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE WITTGENSTEIN

Marcelo Carvalho

[carvalho.marcelo@unifesp.br](mailto:carvalho.marcelo@unifesp.br)

### Resumo

A leitura contemporânea das Investigações Filosóficas de Wittgenstein é marcada pela intrincada história inicial de sua recepção. Este processo pode ser dividido em três grandes etapas. A primeira delas, marcada pela influência de N. Malcolm, aborda o livro de Wittgenstein a partir de recortes e temas (como o chamado argumento da linguagem privada), sem uma abordagem de conjunto de sua articulação e de suas concepções. Em uma segunda etapa, estabelece-se uma leitura mais acadêmica e escolar do conjunto do livro e de sua relação com os demais escritos de Wittgenstein, como observamos nos trabalhos de A. Kenny, P. Hacker e G. Baker. Estas leituras são marcadas, entretanto, por um horizonte kantiano, sobretudo em P. Hacker, e por uma leitura ainda pouco crítica da relação entre as Investigações e os escritos do período intermediário. Em uma terceira etapa da recepção da obra de Wittgenstein, que tem em sua origem um trabalho mais cuidadoso de compreensão do material de seu período intermediário (1929-1935), se explicita um horizonte de leitura mais original e mais capaz de explicitar as concepções maduras de Wittgenstein, como elas aparecem nas Investigações Filosóficas. Nesse contexto encontramos os trabalhos de J. Medina, D. Stern e M. Engelmann, entre outros.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Filosofia da linguagem.



## UM MODELO WITTGENSTEINIANO PARA OS PROBLEMAS DA VAGUEZA

Thiago Pereira Maia  
tthiagopmaia@gmail.com

### Resumo

Um dos conceitos mais interessantes e negligenciados no contexto da discussão de Wittgenstein sobre “semelhanças de família” (Investigações Filosóficas 65-88) é o de “traçar limites” [Grenzen ziehen]. Ao discutir as “bordas borradas” [verschwommenen Rändern] dos conceitos, Wittgenstein sugere que podemos traçar diferentes limites para cada conceito de acordo com nossos propósitos específicos em cada contexto. O conceito resultante desse processo, com limites rígidos, difere dos usos comuns dos termos, os quais não possuem regras que delimitem todos os casos possíveis. Defendo que Wittgenstein antecipou alguns elementos do debate atual sobre os problemas da vagueza, como a ideia de precisificação - equivalente ao seu “traçar limites” - e soluções posteriores para os problemas da vagueza semântica como as propostas por Braun e Sider (2007), Ludwig e Ray (2002) e Salles (2021), mas que suas contribuições para esse assunto não são devidamente reconhecidas. Desenvolvo as propostas Wittgensteinianas em um modelo para a vagueza que fornece uma resposta simples e satisfatória para seus principais problemas. Enquanto discussões modernas têm focado na vagueza quantitativa - relativa a conceitos cuja aplicação é indeterminada para uma sequência de itens que variam gradativamente - e no paradoxo de Sorites, os conceitos presentes nas Investigações Filosóficas são especialmente úteis para analisar casos de vagueza qualitativa. Meu modelo propõe que a vagueza qualitativa pode ser analisada como indeterminação sobre quais propriedades de um conceito em uma rede de semelhança de família são relevantes para sua aplicação em cada contexto.

### Palavras-Chave

Wittgenstein. Semelhanças de família. Vagueza.



É com grande satisfação que apresentamos este Caderno de Resumos dos Grupos de Trabalhos (GTs) do XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, realizado entre os dias 30 de setembro e 4 de outubro de 2024, em Recife. O volume traz os resumos dos trabalhos apresentados nos GTs durante o evento. Este evento é um marco significativo no calendário acadêmico da filosofia brasileira, congregando pesquisadores de todo o país e do exterior, comprometidos com o avanço do pensamento filosófico e a integração entre as diversas áreas do conhecimento.

Os Grupos de Trabalho desempenham um papel essencial no Encontro, reunindo pesquisadores em torno de temáticas variadas e proporcionando um espaço privilegiado para o intercâmbio de ideias e discussões aprofundadas da área. Cada GT é formado por um Núcleo de Sustentação, composto por estudiosos nacionais e internacionais, cuja expertise está ligada a programas de pós-graduação filiados à ANPOF. Com 73 GTs ativos, este evento reflete a diversidade e a riqueza da produção filosófica contemporânea, fortalecendo os laços acadêmicos entre pesquisadores de diferentes instituições e regiões.

O XX Encontro da ANPOF não se limita à apresentação de trabalhos. Os GTs são responsáveis também por mesas temáticas, minicursos e uma série de atividades voltadas para o aprofundamento das discussões filosóficas, promovendo o diálogo e a construção de conhecimento de forma colaborativa e inclusiva. Este Caderno de Resumos é, portanto, um registro do dinamismo que caracteriza os debates filosóficos no Brasil e uma demonstração do vigor da comunidade acadêmica em nossa área.

Esperamos que este volume seja uma fonte rica de consulta e reflexão, contribuindo para o desenvolvimento contínuo da Filosofia em nosso país.

Boa leitura e um excelente Encontro a todos!

*Solange Costa*

